5º CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AMBIÊNCIAS

5TH INTERNATIONAL CONGRESS ON AMBIANCES

08 a 11 OCT 2024 • LISBON - RIO DE JANEIRO• PORTUGAL - BRAZIL

SENSORY EXPLORATIONS

AMBIANCES IN A CHANGING WORLD

VOLUME 2

RIO de JANEIRO

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

ambiances

RÉSEAU INTERNATIONAL

INTERNATIONAL NETWORK

UFRJ

Edited by
Mohammed Boubezari
Cristiane Rose Duarte
Ethel Pinheiro

ISBN 978-989-757-300-2

© International Ambiances Network, 2024.

Cover Design © Inês Torres

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced in any form or by any means without the written permission of the authors and the publishers.

5º CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AMBIÊNCIAS

5TH INTERNATIONAL CONGRESS ON AMBIANCES

SENSORY EXPLORATIONS

AMBIANCES IN A CHANGING WORLD

Lisbon and Rio de Janeiro, October 8th to 11th.

Edited by
Mohammed Boubezari | Cristiane Rose Duarte | Ethel Pinheiro

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

ambiances
| RÉSEAU INTERNATIONAL
INTERNATIONAL NETWORK |

UFRJ

RIO DE JANEIRO SESSIONS

1798 RXX

VARIED AMBIANCES

1800 Neurourbanism integrated to the city's sensory image and "aging-in-place": designing responsive environments to active aging | Neurourbanismo integrado à imagem sensorial da cidade e ao "aging-in-place": projetando ambientes responsivos o envelhecimento ativo
Ciro Férrer Herbster Albuquerque | Zilsa Maria Pinto Santiago

1814 A sensitive look at space beyond visual coordinates: a creative experience with architecture students | Um olhar sensível do espaço para além das coordenadas visuais: uma experiência criativa com alunos de arquitetura
Natália Moraes | Karoline Campana | Rovenir Duarte

1824 The importance of listening in the collective construction of urban design quality parameters for social housing | A importância da escuta na construção coletiva de parâmetros de qualidade de desenho urbano para habitação social
Maria Lucia Pecly

1834 Urban design code. A teaching experience in the city of Rio de Janeiro | Urban design code. Uma experiência didática na cidade do Rio de Janeiro
Gustavo Carvalho Pimenta | Maria Angela Dias

1844 Sensitive analysis of an amazonian landscape: landscape architecture workshops as a teaching-learning strategy for the design process and landscape reading | Análise sensível de uma das paisagens amazônicas: oficinas de arquitetura da paisagem como estratégia de ensino-aprendizagem do processo de projeto e leitura da paisagem
Rachel Sfair | Arthur Moreira | Rafaela Santos | Sebastião Guimaães

1856 How the choice of materials in the built environment influences health and well-being: the case of wood | Como a escolha dos materiais no ambiente construído influencia a saúde e bem-estar: o caso da madeira
Erich Shigue | Akemi Ino

1874 Ambiances and social representations: possible theoretical-methodological articulations | Ambiências e representações sociais: possíveis articulações teórico-metodológicas
Rafaela Teti Tibúrcio Maia | Marília Cavalcanti Farias

1884 R31

AMBIANCE AND ARTI AMBIÊNCIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

1886 Sensory dimension in the urban environment: olfactive marks in the neighborhood Ingahurco-Ambato | Dimensão sensorial no ambiente urbano: marcas olfativas no bairro Ingahurco-Ambato
Adriana Camila Andrade León | Paola Cristina Velasco Espín

1896 About the concept of pixelgram and pixelgraphy - the image of artificial intelligence | Sobre os conceitos de pixelgrama e pixelgrafia - a imagem da inteligência artificial
Filipe Mattos De Salles

1904 Intelligent abstractions: the impact of physical ai on architectural design | Abstrações inteligentes: o impacto da physical ai no design arquitetônico
Ioanna Sotiriou

1916 Another body sense: perception of cities from the sensitivity of the spiritual body | Um outro sentido corpóreo: percepção de cidades a partir da sensibilidade do corpo espiritual
Thiago Augusto Karl de Araújo | Luciano Falcão da Silva

1930 Trans(form)city: tensioning artificial intelligence in a methodological experiment | Trans(forma) cidade: tensionando a inteligência artificial em um experimento metodológico
Melanie Martins Barroso | Valci Rubens de Andrade

Contents - Rio de Janeiro

1942 R33

AMBIANCE AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE

1944 Displacements and singularities of the ambiences of Santa Maria de Jetibá | Deslocamentos e singularidades dos ambientes de Santa Maria de Jetibá
Agda Carvalho

1952 Challenges of full-time education in a municipal school of a residential condominium in Barra da Tijuca: hostility, stigmatization, and segregation of public spaces | Desafios da educação de tempo integral em uma escola municipal de um condomínio residencial na Barra da Tijuca: hostilidade, estigmatização e segregação dos espaços públicos.
Rogério Correia da Silva | Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

1966 Social sustainability, through universal design in the urbanization of slums | Sustentabilidade social, por meio do desenho universal na urbanização das favelas
Dênis Albert Oliveira

1976 Living ambiances in the mobility era: the perception of "being at home" in contemporaneity | Ambiências do morar na era da mobilidade: a percepção de "estar em casa" na contemporaneidade
Estela Almeida

1990 For an Atlantic Forest in the cerrado: a concrete displacement for the modernist capital | Por uma Mata Atlântica no cerrado: um deslocamento concreto para a capital modernista
Andréa Gonçaves Moreira Bernardes

200 Between the local and the foreign: perception and movement in the different ways of inhabiting the contemporary city | Entre o local e o estrangeiro: percepção e movimento nas diferentes maneiras de habitar a cidade contemporânea
Fernanda Silva Freitas | Cristiane Rose Duarte

2014 Desired and desiring cities: constructed ambiances in displacement | Cidades desejadas e desejantes: ambiências construidas no deslocamento
Fernando Mathias | Ilana Sancovschi

2024 Analysis of infrastructure and accessibility in urban public transport in the city of Campos dos Goytacazes - RJ | Análise da infraestrutura e acessibilidade no transporte público urbano da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ
Felipe da Silva Nunes | Aline Couto da Costa | Luciano Falcão da Silva

2038 Displacement of childhoods in the city: trajectories and subjectivities in the study of two municipal schools in the west zone of Rio de Janeiro | Deslocamento das infâncias na cidade: percursos e subjetividades no estudo de duas escolas municipais da zona oeste do Rio de Janeiro
Mariana Coviello Rei Rebelo Pereira | Luiza Helena Ferraro | Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

2052 History, memory and characteristics that make up the ambiances of Frei Caetano Brandão square, in Belém-Pará. | História, memória e características que compõem as ambiências da praça Frei Caetano brandão, em Belém-Pará.
Marina Monteiro Berredo Reis | Marcelo Pereira Lourinho | Luiz de Jesus Dias da Silva

2062 An invisible city: sensitive cartographies of the space inhabited by homeless people | Uma cidade invisível: cartografias sensíveis do espaço habitado por pessoas "sem teto"
Ethel Pinheiro Santana | Bianca Teixeira Rocha | Brenda Lúcia da Costa Romão | Rachel Silveira Alves

2076 Compulsory displacements, ambiances, and traditional communities: the case of the cajueiro community, rural zone ii of São Luís/Ma | Deslocamentos compulsórios, ambiências e comunidades tradicionais: o caso da comunidade do cajueiro, zona rural ii de São Luís/Ma
Isabela Sousa

2090 Walking through the neighborhood: a research experience with students from a public school in São João de Meriti, baixada fluminense. | Caminhando pelo bairro: uma experiência de pesquisa com estudantes de uma escola pública em São João de Meriti, baixada fluminense.
Diogo Dutra de Souza

2100 From line to space: atmospheres and intentionality at oriente station | Do traço ao espaço: atmosferas e intencionalidade na estação oriente
André Vaillant | Fernanda Freitas

2112 R34
AMBIANCES AND SOCIAL IDENTITY

2114 Social relations and interaction with the built environment in a standard design school in Rio Grande do Sul | As relações sociais e a interação com o ambiente construído em uma escola de projeto padrão no Rio Grande do Sul
Lisiê Kremer Cabral | José Henrique Carlucio Cordeiro

2128 The experience of place and the meanings of cultural heritage | A experiência do lugar e os significados do patrimônio cultural
Clarice Futuro Mühlbauer

2142 Festive ambiances through two perspectives: the case of holy week in Ouro Preto | Ambiências festivas através de dois olhares: o caso da semana santa em Ouro Preto
Júlia Beatriz De Souza Briet da Silva | Patrícia Regina Chaves Drach

2154 City and memory located by "memory palaces" of the military dictatorship in RJ | Cidade e memória situadas por "palácios de memória" da ditadura militar no RJ
Ávila/Pamela Paris | Pinheiro/Ethel

2164 Atmospheres of the place – relation between rite and architecture: the case of capela universitária Jesus Mestre | Atmosferas do lugar – relação entre rito e arquitetura: o caso da capela universitária Jesus Mestre
Carolina Bini | Maristela Moraes de Almeida

2176 Recife, ambiances, and stubbornness: a recognition of the existing ambiances in the film "amor, plástico e barulho" (2015) | Recife, ambiências e teimosia: um reconhecimento das ambiências existentes no filme "amor, plástico e barulho" (2015)
Lígia Maria Mello Dias | Felipe Pereira Gonçalves

2188 Suture of memories: A phenomenological approach to the berlin wall memorialspazieren in Berlin | Sutura de memórias: Uma abordagem fenomenológica do memorial do muro de Berlim
Niuxa Dias Drago | Daniella Martins Costa

2204 Grupo escolar de São João da Bocaina: representations of São Paulo school architecture in the early 20th century | Grupo escolar de São João da Bocaina: representações da arquitetura escolar paulista do início do século XX
João Gonçalves Neto | Paulo César Castral

2216 Ambience in a brand's communication process.Promoting social changes at vale encantado cooperative | A ambiência no processo comunicacional de uma marca. Promovendo mudanças sociais na cooperativa vale encantado
Stella Hermida | Lucy Niemeyer

2228 Project intervention in the national institute of cardiologia (inc) nursing sector: a participatory project action from the health professionals perspective. | Intervenção projetual no setor de enfermagem do instituto nacional de cardiologia– inc: uma ação projetual participativa a partir da perspectiva dos profissionais de saúde.
Stella Hermida | Gilberto Rangel

2240 The collective imaginary in the way of living riverside: Maria Petronilia's legacy | O imaginário coletivo no modo de morar ribeirinho: o legado de Maria Petronilia
Leticia Martel Kuwahara | Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa | Anna Beatriz Ferreira

2254 The playful claim of the place: cartography of ambiances given new meanings through the games of teenagers on the outskirts of São Gonçalo- RJ | A reivindicação lúdica do lugar: cartografia de ambiências ressignificadas a partir das brincadeiras de adolescentes na periferia de São Gonçalo- RJ.
Felipe de Oliveira Barros Lima | Ethel Pinheiro Santana

Contents - Rio de Janeiro

2266 Walking and recording: a theoretical-methodological reflection on landscape and memory relations around textile factory Bangu-RJ | Caminhando e registrando: uma reflexão teórico-metodológica sobre as relações de paisagem e memória ao redor da fábrica de tecidos Bangu-RJ.
Lígia Castanheira Magalhães | Ethel Pinheiro Santana

2278 The role of ambiance in the [re]construction of fans' identity through traditions in new soccer arenas | O papel da ambiência na [re]construção identitária dos torcedores através das tradições nas novas arenas de futebol
Natália Rodrigues de Melo | Cristiane Rose Duarte

2292 Ambiance and symbology in the religious space: Christ the redemptor cathedral – Boa Vista/roraima | Ambiência e simbologia no espaço religioso: catedral Cristo redentor-Boa Vista/roraima
Carlos Teodoro Olivares Olivares | Aline Calazans Marques

2304 Ambiances of violence and fear in the favelas of Rio de Janeiro: how urban planning used the perception and representation of these territories to legitimate its actions | Ambiências de violência e medo nas favelas do Rio de Janeiro: como o planejamento urbano utilizou da percepção e da representação desses territórios para legitimar suas ações
Gabriella Oliveira | Andrea Rego | Juliana Oliveira

2318 Ambiances of incarceration and prison architecture of female units: a systematic literature review | Ambiências do cárcere e arquitetura prisional de unidades femininas: uma revisão da literatura
Eduardo Sanches Salsamendi | Mauro Santos

2330 Urban landscape: how can the construction of an identity and belonging be understood through the environment of the "butecos" of a minas gerais' city? | Paisagem urbana: como a construção de identidade e pertencimento pode ser entendida através da ambiência dos "butecos" de uma cidade mineira?
Letícia Santos | Moacir Moreira | Luca Raposo | Ana Aparecida Barbosa Pereira

2342 Sensitive teaching-learning ambiances: the impacts of sensory processing disorders on the behaviors of autistic students | Ambiências sensíveis ao ensino-aprendizagem: os impactos dos transtornos de processamento sensorial nos comportamentos dos educandos autistas
Juliana Christiny Mello da Silva | Sylvia Meimaridou Rola | Paula de Castro Brasil

2356 The riverside identity and belonging to the place in the face of changes in the space of the vila da barca community in Belém do Pará | A identidade ribeirinha e o pertencimento ao lugar frente às mudanças no espaço da comunidade de vila da barca em Belém do Pará
Fernanda Leticia Santos de Sousa | Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa | Luiz De Jesus Dias da Silva | Leticia Martel Kuwahara

2370 Searching for ambiances of brazilian a&u graduations: initial reflections | Em busca das ambiências de cursos de au brasileiros: reflexões iniciais
Natalya Souza | Gleice Elali

2384 Local development, community, and football club: a possibility - perspectives from associação atlética desportiva ferroviária vale do Rio Doce | Desenvolvimento local, comunidade e clube de futebol: uma possibilidade - perspectivas a partir da associação atlética desportiva ferroviária vale do Rio Doce
Joyce Zaninho | Renata Hermanny de Almeida

2398 R36

BEYOND THE PREDICTABLE: EXPLORING AMBIANCES IN EVERYDAY LIFE IN CITIES

2400 The presence of the belém porto futuro urban park as an agent of sensitive experiences in the amazon from the perspective of neuroarchitecture | A presença do parque urbano belém porto futuro como agente de experiências sensíveis na amazônia sob a ótica da neuroarquitetura
Manuela Oliveira Pollhuber | Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo

2414 Music in everyday life of urban ambiances: some considerations | Música no cotidiano das ambiências: algumas reflexões
Lucas Yudi Moriya Sampaio

Contents - Rio de Janeiro

2426 The ephemeral city of waste: ethnotopographies of invisible layers of the city. | A cidade efêmera do lixo: etnotopografias de camadas invisíveis da cidade.
Mariana Agum | Cristiane Rose Duarte

2440 River, industry and city: the different appropriations of public open spaces in barreira cravo neighborhood, volta redonda (RJ) | Rio, indústria e cidade: as diferentes apropriações dos espaços livres públicos no bairro barreira cravo, volta redonda (RJ)
Bruna De Paula Almeida | Vera Regina Tângari

2452 The indoor and the outdoor: the subjective emotional conditioners involving the residential space and the child's experience in the urban environment | Da porta pra dentro e da porta para fora: os condicionantes subjetivos emocionais que envolvem o espaço residencial e a experiência da criança no ambiente urbano
Laura Franca Lelis Bezerra | Marthina de Albuquerque Silva | Valéria Rodrigues Teles | Thaísa Francis César Sampaio Sarmento

2464 The way home: the relation of appropriation of spaces by women victims of domestic violence | O caminho de casa: as relações de apropriação dos espaços por mulheres vítimas de violência doméstica
Nátaly Carvalho | Ethel Pinheiro Santana

2478 Suburban madness: disruptive ambiances | Loucura suburbana: ambiências disruptivas
Rafael Alves Corradi | Raquel Xavier Laffite | Luíza Campiti Braga | Camila Gavazzi Felix

2490 Urban environments: characterization of the historic center of Florianópolis/SC | Ambiências urbanas: caracterização do centro histórico de Florianópolis/SC
Ernestina Rita Meira Engel | Almir Francisco Reis

2502 From experience to ambiance: field report for theoretical assimilation | Da experiência a ambiência: relato de campo para assimilação teórica
Alice Araújo Gonçalves | Isabella Pontellobahia

2516 Ambiance, emotional accessibility in the living environment perceived by elderly people in the context of aging in place | Ambiência, acessibilidade emocional no ambiente de morar percebido pela pessoa idosa no contexto do ageing in place
Ana Cristina Claudino de Melo | Angelina Dias Leão Costa | Bruna Ramalho Sarmento | Raiany da Silva Santos

2530 Sensitive palimpsest: an analysis of the ambiances of liberdade's square in Petrópolis - RJ | Palimpsesto sensível: uma análise das ambiências da praça da liberdade em Petrópolis - RJ
Yasmim do Prado | Bárbara Thomaz | Glaucineide Coelho | Henrique Zachoval

2542 A look at the ambiances, uses and perceptions in Nauro Machado square - in the historic center of São Luís | Um olhar sobre as ambiências, usos e percepções na praça Nauro Machado - no centro histórico de São Luís
Diego Roland

2556 The silences of Fátima: body experiences in the carioca soundscape | Os silêncios de Fátima: experiências corpóreas na paisagem sonora carioca
Pedro Saldanha | Andrea Queiroz Rego

2566 Ethnographing senses: reading gastronomic environments in Belém-PA | Etnografando sentidos: leitura de ambiências gastronômicas em Belém-PA
Juliane Oliveira Santa Brígida | Marina Monteiro Berredo Reis | Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa

2580 Maternal ambiances: the perceptions and sensations of strolling with a baby in parque tamandaré, in campos dos Goytacazes (RJ) | Ambiências maternas: as percepções e sensações de passeios de carrinho com uma bebê no parque tamandaré, em campos dos Goytacazes (RJ)
Jasmine Andrade Sanz

2592 Street market and port ambiances in the eastern amazon: ethnographing symbolic places of sociability in riverside cities | Ambiências de feiras e portos na amazônia oriental: etnografando lugares simbólicos de sociabilidades em cidades ribeirinhas.
Luiz De Jesus Dias da Silva | Juliane Oliveira Santa Brígida | Letícia Martel Kuwahara

Contents - Rio de Janeiro

2606 Resignifying ways of living on the water: riverside environments in the vernacular spaces of Igarapé Sapucajuba, Belém-PA | Ressignificando os modos de morar sobre as águas: ambiências ribeirinhas nos espaços vernaculares do Igarapé Sapucajuba, Belém-PA.
Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa | Leticia Martel Kuwahara | Bárbara Faciola Pessôa Baleixe da Costa

2618 Gap-territories: process of appropriation of public space by app delivery workers in the city of Rio de Janeiro | Territórios-brechas: processo de apropriação do espaço público pelos entregadores de aplicativo na cidade do Rio de Janeiro
Cândida Zigoni de Oliveira Landeiro | Cristiane Rose Duarte

2630 R37

CITY, FOREST ATMOSPHERICS OF CULTURAL AND ENVIRONMENTAL ACTIVISM

2632 Constructing of meaning through narratives: a case study of the Piraquê-Cabuçu river in Guaratiba | A construção de significado por meio de narrativas: um estudo de caso do rio Piraquê-Cabuçu em Guaratiba
Mylenna Linares Merlo | Fabiana Ferreira de Carvalho | Giulia Figueiredo Ferreira | Osvaldo Moura Rezende | Aline Pires Veról

2646 Urban village ahain aam and the indigenous territorial recovery movement in arie Paranoá Sul - DF | Aldeia urbana ahain aam e o movimento de retomada territorial indígena na arie | Paranoá Sul - DF
Andrade, Liza Maria Souza | Silva, Ariadne Moraes | Oliveira, Luana Figueiredo de Carvalho | Loureiro, Vânia Raquel Teles

2660 Ribeirinha ambiences: life and memory in living on the waters and living in the forests. | Ambiências ribeirinhas: vida e memória no morar sobre as águas e viver das matas.
Matheus Silva Azevedo | Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa | Juliane Oliveira Santa Brígida | Luiz de Jesus Dias da Silva

2672 Urban ambiances of a disputed territory: accounts of the experience of a photographic workshop walking through the historic center of Recife | Ambiências urbanas de um território em disputa: relatos da experiência de uma oficina de caminhar fotográfico pelo centro histórico do Recife
Iana Bernardino | Marília Farias

2686 From bare land to the greenwood: the role of social mobilization in transforming the image of serra da Posse | Do vazio ao bosque: o papel da mobilização popular na transformação da imagem da serra da Posse
Beatriz de Medeiros Corrêa | Denise de Alcantara Pereira

2700 Overflows: cartographic expressions from the dwelling along veados's stream margins in Presidente Prudente/SP | Transbordamentos: expressões cartográficas do habitar as margens do córrego do veado em Presidente Prudente/SP
Vitória Lisirée Passarini | Hélio Hirao

2710 R39

CREATIVE AMBIANCES IN PUBLIC SPACES

2712 (Re)connecting with nature: a biomimetic and human-centered approach to a sustainable architecture | (Re) conectando com a natureza: uma abordagem biomimética e centrada no ser humano para uma arquitetura sustentável
Mauro Costa Couceiro | Carina Vieira de Oliveira

2724 Creative ambiances and open-ended urbanism: rethinking public spaces in vulnerable urban contexts | Ambiências criativas e urbanismo open-ended: repensando os espaços públicos em contextos urbanos vulneráveis
Bruno Ragi Eis Mendonca | Vera Regina Tângari | Silvano de La Llata

2740 An attractive place: a reflection on the spontaneous use of the CCSP | Sempre vivo: reflexão sobre a ocupação espontânea do CCSP
Beatriz Maia Popazoglo Perez

2752 Ambiences and neuroarchitecture in the specialized center for autism spectrum disorder in the Amazon | Ambiências e neuroarquitetura no centro especializado em transtorno do espectro autista na Amazônia
Maria Helena de Souza de Vilhena | Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo

2764 Feira do Lavradio: a gathering of cultures and traditions that transform the urban space | Feira do Lavradio: um encontro de culturas e tradições que transformam o espaço urbano
Ana Carolina Cruz Morais Aguiar | Cristiane Calzavara Machado | Gabriella Bertero Soto

2772 Neurourbanism integrated with lost nature in the contemporary city: unclosing the potential of biophilic design in the squares of the city of fortaleza (ce) through the decade of healthy aging | Neurourbanismo integrado à natureza perdida na cidade contemporânea: desvendando o potencial do design biofílico nas praças da cidade de fortaleza (ce) mediante à década do envelhecimento saudável
Ciro Férrer Herbster Albuquerque | Zilsa Maria Pinto Santiago

2786 Street - a place for playing: a tactical urbanism action at community beira rio 2 | Rua – lugar do brincar: uma ação de urbanismo tático na comunidade beira rio 2
Bruna Cavalcante | Luiz Guilherme Rivera de Castro

2800 Understanding creative ambiances based on behavior settings analysis | Compreensão de ambiências criativas com base na análise de behavior settings
Gleice Azambuja Elali

2812 Ludus as possibility: observing recife's playgrounds | O ludus como possibilidade: observações em parques infantis do Recife
Mateus E. C. Maia

2824 Playing to transform: playfulness, safety, and autonomy in the co-creation of childhood plazas in Recife – PE | Brincar para transformar: ludicidade, segurança e autonomia na cocriação das praças da infância no Recife - PE
Dayse Luckwü Martins | Elisa Soares de Melo | Matheus Vinícius Sabino de Barros

2834 Creative ambiances in open public spaces: design guidelines for a more lively, healthy and inclusive city | Ambiências criativas em espaços públicos abertos: diretrizes de projeto para uma cidade mais viva, saudável e inclusiva
Alessandra Gobbi Santos | Hugo L. Farias | Thatiane Carvalho Rocha

2848 Sustainable school ambiances: an analysis of the integration of Reggio Emilia pedagogy with AQUA-HQE environmental certification | Ambiências escolares sustentáveis: uma análise da integração da pedagogia de Reggio Emilia com a certificação ambiental AQUA-HQE
Juliana Christiny Mello da Silva | Paula de Castro Brasil | Sylvia Meimaridou Rola

2862 R40

EXISTENTIAL CORPOGRAPHY

2864 Festive territorialities and activisms: space and the body as mediation | Territorialidades festivas e ativismos: o espaço e o corpo como mediação
Flávia Barroso | Simone Luci Pereira | Allen El Hage | Sabrina Santiago

2876 Systems of sensitivity in art and architecture: Lina Bo Bardi´s oficina theater in São Paul | Sistemas de sensibilidade na arte e na arquitetura: o teatro oficina de Lina Bo Bardi em São Paulo
Evelyn Furquim Werneck Lima

2888 Ecological issues of atmospheric sensibility | Questões ecológicas de sensibilidade atmosférica
Jean-Paul Thibaud

2902 Inebriated ambiances: an ethnographic study through drunken eyes | Ambiências embriagadas: um estudo etnográfico pelos olhos bêbados
Laura de Siqueira Duarte | José Renato Lopes Erthal

2920 Cartografia vibrante com músicos e poetas nas ruas do Rio de Janeiro | Vibrant carthography wiht musicians and poets in the streets of Rio de Janeiro
Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama

2930 Ambiances and retro-prospective surveys or the forgotten ecologies of the southern Grenoble | Ambiências e investigação retro-prospectiva ou as ecologias esquecidas do sul de grenoble
Nicolas Tixier | Stella Maris Veiga

2944 Ambiances in bosque do imperador's square: corpographies of use and occupation dynamics in Petrópolis – RJ | Ambiências na praça do bosque do imperador: corpografias da dinâmica de uso e ocupação em Petrópolis - RJ
Henrique ZachovalBárbara Thomaz | Patrícia Drach | Glaucineide Coelho

2956 R41

EXPERIMENTATIONS, DRIFTS AND DEAMBULATORY POETICS

2958 Ambiances on stage: a study of the sensitive scenographic experience from the mimesis of lapa in the setting of ópera do malandro | Ambiências em cena: um estudo da experiência cenográfica sensível a partir da mimese da lapa no cenário da ópera do malandro
Giovanna Casado | Bárbara Thomaz

2970 Citizen beauviala wandering and filming the street | Citizen beauviala flanando e filmando as ruas
Vanessa Nicolazic | Vincent Sorrel | Nicolas Tixier

2984 Urban routes, artistic activation and ephemeral ambiances | Percursos urbanos, ativação artística e ambiências efêmeras
Laís França Silva | Rachel Nunes Merlino Fernandes

2998 Exposed art and hidden city: murals and urban landscape on Avenida Rodrigues Alves | Arte exposta e cidade oculta: murais e paisagem urbana na Avenida Rodrigues Alves
Gabriel Girnos Elias de Souza

3012 D e s v i a d a : an urban-artistic experience | D e s v i a d a : uma experiência artística-urbana
Ruth Kipper Aguilar | Marina Sorquini Grossi | Rodrigo Gonçalves dos Santos

3024 The landscape regenerative project as a pre-designed improvisation for a transformative sensory experience | O projeto regenerativo da paisagem como improvisação pré-concebida para uma experiência sensorial transformadora
Wiem Alimi | Faten Hussein

3036 The walking and the (re)signification of the urban space in the center of Florianopolis: aesthetic and affective mapping | O caminhar e a (re)significação do espaço urbano no centro de Florianópolis: mapeamento estético e afetivo
Julia Medeiros Alves | Gabriela Ferreira Ávila | Rachel Lopes Fernandes Fonseca | Maíra Longhinotti Felippe

3050 Walking in the shadows: cartography of a railway co-inhabited by the ruins of progress | Caminhando pelas sombras: cartografia de uma linha férrea coabitada pelas ruínas do progresso
Álvaro Araújo | Gabriel Schvarsberg

3064 Erring as an urban experience: walking practice as a way of apprehending the place and its sensitive dimension in Santo Antônio and São José, Recife-PE | Errar enquanto experiência urbana: a prática do caminhar como forma de apreensão do lugar e sua dimensão sensível em Santo Antônio e São José, Recife-PE.
Julyana Alecrim Borges | Natália Miranda Vieira-de-Araújo

3078 Cartographies of wandering: methodological experimentations | Cartografias do errar: experimentações metodológicas
Letícia Castilhos Coelho | Patrícia Luana Costa Araujo | Helena Guaresi Portela | Emilyn da Silva

3090 Spazieren in berlin: walking to re-connect with berlin with the company of Franz Hessel | Spazieren in berlin: caminhando para re-conhecer berlim na companhia de Franz Hessel
Daniella Martins Costa

3104 Drift in three acts | Deriva em três atos
Fernanda Pacheco Dias

3116 The search for an absent place: the use of drifts and drawings as a methodology for urban interpretation | A busca de um lugar ausente: o uso das derivas e dos desenhos como metodologia de interpretação urbana
Rodrigo Kamimura | Ethel Pinheiro Santana | Fernanda Silva Freitas

3130 Mapping urban landscapes. Copacabana, a case study based on the psycogeographies produced by cinema. | Cartografando paisagens urbanas.Copacabana, umcaso de estudo a partir das psicogeografias produzidas pelo cinema.
Andrea de Almeida Rego

3142 Walking between the common and the poetic: reinterpreting the city of São Lourenço through poems, experiences, and conversations | Caminhar entre o comum e o poético: ressignificando a cidade de São Lourenço entre poesias, experiências e conversas
Vitor Maciel de Britto Cunha | Giselle Arteiro Nielsen Azevedo Azevedo

3154 R43
INSURGENT URBAN NARRATIVES IN/FROM THE POST-PANDEMIC WORLD

3156 Pandemic and platformization: hyper-hybridization as a physical-symbolic modifier of the house-city binomial | Pandemia e plataformização: a hiper-hibridização como modificadora físico-simbólica do binômio casa-cidade
Leonardo Valbão Venancio | Bruno Massara Rocha | Marcela Alves de Almeida

3170 Salve o teu carnaval: urban transformations and memory in momo celebrations in Olinda (PE) | Salve o teu carnaval: transformações urbanas e memória nos festejos de momo em Olinda (PE)
Julia Medeiros AlvesvMaíra Longhinotti Felippe

3184 Dialogues between regenerative architecture and the demands of the field | Diálogos entre arquitetura regenerativa e as demandas do campo
Fernanda Barcellos | André Carvalho | Fernanda Barcellos | André Carvalho

3198 The materialized light: synesthesia, presence and alterity | A luz materializada: sinestesia, presença e alteridade
Nathália Moreira Carvalho

3210 Pandemic and ecological awareness: urban agriculture´s women in greater Florianópolis, Brazil. | Pandemia e consciência ecológica: as mulheres da agricultura urbana na grande Florianópolis, Brasil.
Larissa Siqueira Chaves | Soraya Nór

3218 Nature-based solutions in the entrequadras of ceilândia: catalogue of socio-ecological patterns to combat environmental racism and climate change | Soluções baseadas na natureza nas entrequadras de ceilândia: catálogo de padrões socioecológicos para enfrentamento ao racismo ambiental e às mudanças climáticas
Beatriz Vicentin GonçalvesvLiza Maria Souza de Andrade | Vânia Raquel Teles Loureiro | Ricardo de Sousa Moretti

3232 A bittersweet ambience experience: the pandemic situations of inhabiting the party | Uma agridoce experiência das ambiências: as conjunturas emergenciais possíveis de habitar a festa
Luiza de Farias Melo

3244 For other urban ecologies: autonomy and involvement in an agroecological community in the context of socio-environmental vulnerability | Por outras ecologias urbanas: autonomia e envolvimento em uma comunidade agroecológica em contexto de vulnerabilidade socioambiental
Gabriel Schvarsberg | Cecília Silva FreitasvShaiane Suzano SiderisvMaria Rita Freitas do Nascimento

3256 Kalunga urbanism: sustainability, ancestry and identity | Urbanismo kalunga: sustentabilidade, ancestralidade e identidade
Angélica Azevedo e Silva | Liza Maria Souza de Andrade | Caio Monteiro Damasceno | Solange Clemente

3270 Ambiances and regenerative culture: learning with collective living environments of a brazilian ecovillage | Ambiências e cultura regenerativa: o que ensinam os ambientes coletivos de convivência de uma ecovila brasileira
Juliana Viégas Valverde | Gleice Azambuja Elali

3284 R44

SPACING OUT IN THE CITY: URBAN IMAGINARIES AND AMBIANCES

3286 Ambiances at feira da glória: narratives through the walk | Ambiências da feira da glória: narrativas através do caminhar
Lia Maria Gomes Bahia | Nátaly Carvalho

3296 The new environments in the conurbation process of três rios - Paraíba do Sul, RJ | As novas ambiências no processo de conurbação de três rios - Paraíba do Sul, RJ
Rebeca Barbosa da Costa Carvalho | Virginia Maria Nogueira de Vasconcellos

3308 In between: pauses, breaths and landscapes | Entre: pausas, respiros e paisagens
Luciano Mouassab Chalita

3324 The rhythms of the brazil avenue: between maré and manguinhos - Rio de Janeiro/RJ/BR | Os ritmos da Av. Brasil: entre maré e manguinhos - Rio de Janeiro/RJ/BR
Maria Cristina Coelho Duarte

3336 The public space in" black mirror": an analysis from the look of Hannah Arendt and Kenneth Frampton | O espaço público em "black mirror": an analysis from the perspective of Hannah Arendt and Kenneth Frampton
Leticia Maria da Silva Felize | Marcelo Pereira Colucci

3346 Corpo presente, past and future: narratives of the occupied space | Corpo presente, passado e futuro: narrativas do espaço ocupado
Ana Luiza Rodrigues Gambardella | Paulo César Castral

3358 The walking act and the public space | O ato caminhante e o espaço público
Dayse Luckwü Martins | Lúcia Leitão Santos

3370 A screenshot of the printed version: urban sensibilities recorded in contemporary images | Um print do impresso: sensorialidades urbanas registradas nas imagens do contemporâneo.
Luiza de Farias Melo

3380 To walk through São Paulo: the urban imaginaries of movie dementia (1987) | Caminhar por São Paulo: os imaginários urbanos de filme demência (1987)
Giulia Montone

3392 Artistic images, urban imaginaries and "spacing out" in the city | Imagens artísticas, imaginários urbanos e o espacejar na cidade
Lúcia Leitão Santos | Marília Farias | Julieta Leite

3402 Archaeological walking program. A report of walking experiences | Programa de caminhada arqueológicas. Um relato de experiências do caminhar
Ricardo Luis Silva

3416 Imaginary, culture and identity: a search for the memory of praça da Várzea | Imaginário, cultura e identidade: uma busca pela memória da praça da Várzea
Manuela Lima da Silva | Paulo Trajano dos Santos Neto | Emmanuel Simões de Oliveira

3428 Near and inside the city: records of an ethnographic experience about housing disinterest in the bairro do recife | Perto e dentro da cidade: registros de uma experiência etnográfica sobre o desinteresse habitacional no bairro do recife
Nícolas Mateus Macêdo Teixeira | Virgínia Pitta Pontual

3442 R45

SPATIALITIES OF PARTICIPATION: OTHER SYSTEMS OF SENSIBILITY BETWEEN ART AND ARCHITECTURE

3444 Textures of a scrapyard | Texturas de um ferro-velho
Yasmine Abbas | Dk Osseo-Asare

3456 Colors and social identities | Cores e identidades sociais
Sharon Avital

3466 Itacaré dance festival: an emancipatory ambiance | Festival de dança itacaré: uma ambiência emancipatória
Fabiana Dultra Britto | Verusya Santos Correia

3478 Ambiences of dissent: the memorial to the murdered jews of europe in Berlin | Ambiências do dissenso: o memorial de Berlim aos judeus assassinados na europa
Flávia Martini Ramos

3492 The genesis of urban walkography to the verbolary: mapping actions | Da gênese da caminhografia urbana ao verbolário: mapear as ações
Lorena Maia Resende | Eduardo Rocha | Taís Beltrame dos Santos

3506 Performative actions as (counter) productive positions: agent bodies, participation, and intersubjectivity in reflecting on the meanings of places | Ações performativas como (contra) posicionamentos produtivos: corpos agentes, participação e intersubjetividade na reflexão sobre os sentidos dos lugares
Julia Delmondes Freitas de Santana | Fabiola do Valle Zonno

3520 R46

SYMPATHY, VULNERABILITY, AND AMBIANCE CREATION

3522 Multimethod approach in air quality analysis: health and well-being in educational environments. | Abordagem multimétodos na análise da qualidade do ar: saúde e bem estar em ambiências educacionais.
Cláudio Lima Ferreira | Virgínia Célia Malaquias da Costa | Ana Marta Aragão Grimm | Ana Gabriela de Macedo

3536 The resounding of ruins as a creative medium for ambiance improvisation | O ressoar das ruínas como meio criativo para a improvisação de ambientes
Evangelia Paxinou | Nicolas Remy | Petros Flampouris

3548 Sympathy radio for vulnerabilities of listening | Rádio simpatia para vulnerabilidades de escuta
Evangelia Paxinou | Nicolas Remy | Petros Flampouris

3560 Homeodynamic ambiances: contributions to the health, well-being, and quality of life of human beings and the planet | Ambiências homeodinâmicas: contributos à saúde, bem-estar, e qualidade de vida do ser humano e do planeta
Rachel Zuanon | Claudio Lima Ferreira | Evandro Ziggiatti Monteiro

3574 The dynamics of spontaneous and induced occupation in the practice of walking | A dinâmica da ocupação espontânea e induzida na prática da caminhada
Taiane Alves

3584 Engagement in felt relationships: ana mendieta's artistic work as a possibility of engagement to create empathy with materials and ambiences | Engajamento nas relações sentidas: o trabalho artístico de ana mendieta como possibilidade de engajamento para criação de empatia com os materiais e ambiências
Lia Maestrelli Bizzo

3598 The everyday experience of Brexit in the media ambiance or when the public sphere becomes unbearable | A experiência cotidiana do Brexit no ambiente dos media ou quando a esfera pública se torna insuportável
Paulo Gajanigo

3608 Affective atmospheres in vulnerable environments | Atmosferas afetivas em ambientes vulneráveis
Cybelle Salvador Miranda

3618 Autistic childhood and the right to the city: an inclusive approach to urbanism | Infância autista e o direito à cidade: uma abordagem inclusiva ao urbanismo
Nikson Dias de Oliveira | Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

3626 Playing and the city's free space | O brincar e o espaço livre da cidade
Nikson Dias de Oliveira | Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

3632 Analysis of the conditions of alterity and belonging in a corporate space in the city of Goiânia | Análise das condições de alteridade e pertencimento em um espaço corporativo da cidade de Goiânia
Nathalia Tiago dos Reis | Wagner De Souza Rezende

3644 R49

TO SPEAK OF ONESELF IS TO SPEAK OF THE WORLD: AUTO-ETHNOGRAPHY, MEMORIES AND AMBIANCES

3646 Preservation of geometric memory of architectural heritage: challenges and limits | Preservação da memória geométrica do patrimônio arquitetônico: desafios e limites

3658 Plural lanscapes:brasilia and teotihuacan. Memories and ambiences:interconnecting times, cultures, spaces and enjoyment | Paisagens plurais: brasília e teotihuacan. Memórias e ambiências: interconectando tempos, culturas, espaços e fruição
Andréa Gonçaves Moreira Bernardes

3672 "I never forget that i feel": poetic revisitations of casa Jean Bitar/colégio atual and of the research on modern architectural culture in Belém-PA-Brazil | "Nunca me esqueço de que sinto": retomadas poéticas da casa Jean Bitar/colégio atual e da pesquisa em cultura arquitetônica moderna de Belém-PA-Brasil
Rebeca Dias | Celma Chaves

3686 Worldviews condensed in the tile panel kilomètre 47, by Maria Helena Vieira da Silva | Visões de mundo condensadas no painel kilomètre 47, de Maria Helena Vieira da Silva
Helio Herbst

3698 The construction of the memory of pain: the case of brumadinho memorial, Brazil | A construção da memória da dor: o caso do memorial brumadinho, Brasil
Paula Pereira dos Passos | Ethel Pinheiro Santana

3708 House, temple or factory? The essence of sensation in Le Corbusier's dwelling machine | Casa, templo ou fábrica? A essência da sensação na máquina de morar de Le Corbusier
Luís Henrique Stroschoen da Cunda

3720 Spaces and spatiality, movement and emotion: architecture, the puzzle and the identity of the self | Espaços e espacialidade, movimento e emoção: a arquitetura, o enigma e a identidade do eu
Luís Henrique Stroschoen da Cunda

3732 R50

URBAN AMBIANCES AND AFFECTION: METHODOLOGICAL PROPOSALS

3734 Ephemeral ambiances in Goiania's downtown | Ambiências efêmeras no centro de Goiânia
Wagner Rezende | Hitalo Montefusco

3748 Cultural mapping: maps and urban narratives to safeguard carmo's religious routes | Cartografias do afeto: narrativas para salvaguarda dos percursos religiosos de carmo
Rachel Silveira Alves | Daniel Athias de Almeida

3758 Ambiances and urban ethnotopographies in Rio Pomba-MG: notes on perceptions and conviabilities in praça doutor Último de Carvalho | Ambiências e etnotopografias urbanas em Rio Pomba-MG: notas sobre percepções e conviviabilidades na praça doutor Último de Carvalho
Lia Maria Gomes Bahia | Rubens de Andrade

3776 Sound representations of carioca's children | Representações sonoras das crianças cariocas
Victória Ferreira Robadey Carvalho | Maria Eduarda De Araújo dos Santos | Andrea Queiroz Rego

3788 Urban project as a wandering process: the case of méier - experimentations on suburb of Rio | Projeto urbano como processo errante: o caso do méier - experimentações no subúrbio carioca
Letícia Castilhos Coelho | Patrícia Luana Costa Araujo | Lucas Fernandes Miranda Lopes da Silva | Vitória Ribeiro

3798 Entertainment and resistance: (re)imagining the ambiences in the city of consumption | Entretenimento e resistência: (re)imaginando as ambiências na cidade do consumo
Vinícius Dias Lopes | Maria Catharina Reis Queiroz Prata | Fagner das Neves de Oliveira

3812 Strange bridges methodology | Estranhas pontes metodológicas
Fernanda Pacheco Dias | Thereza Christina Couto Carvalho

3826 The walking through affect in railway contexts: Ourinhos, Botucatu and Bauru/SP. | O caminhar através do afeto em contextos ferroviários: Ourinhos, Botucatu e Bauru/SP
Helio Hirao | Carolina Silva Tarocchi | Marina Biazotto Frascareli

3838 Peripheral cartography: bodies, spaces and affections | Cartografia periférica: corpos, espaços e afetos
Anna Carolina Alvarado Madureira | Gabriel Schvarsberg

3848 Workshop “cio da terra - exploring the colors of the “sertão”: an experience report” | Oficina “cio da terra - explorando as cores do sertão: um relato de experiência”
Paulo Trajano dos Santos Neto | Emmanuel Simões de Oliveira | Manuela Lima da Silva

3860 City by the “Branco River”: affectivity of central public spaces in Boa Vista | Cidade à beira do Rio Branco: afetividade de espaços públicos centrais em Boa Vista
Sued Trajano de Oliveira | Ethel Pinheiro Santana

3872 Oh, what a pain, it takes me out of this torpor. Come, my love, come sing and love Salvador. | Ai, que dor, me tira desse torpor. Vem, meu amor, vem cantar e amar Salvador.
John Max Santos Sales

3886 Be affected: a methodological experience of the walk in the city of Goiás | Ser afetada: uma experiência metodológica do caminhar na cidade de Goiás
Ana Vitória Freitas da Silva | Gabriel Teixeira Ramos

3896 Sonic mapping:a method for analysis of the soundscape of the railway suburb in Rio | Grafias sonoras: um método para análise da paisagem sonora do subúrbio ferroviário carioca
Ingrid de Souza Soares | Andrea Queiroz Rego

3904 Design for the urban ambiance: the timeless character of Christopher Alexander’s patterns | Projeto para a ambiência urbana: o caráter atemporal dos patterns de Christopher Alexander
Marcos Viriato | Silvia Pina | Evandro Monteiro

3916 Opportunities for research on the atmosphere and thermal comfort sensation in outdoor green areas | Oportunidades de pesquisa sobre a atmosfera e a sensação de conforto térmico em áreas verdes externas
Ana Paula Webber | Karoline Louise Campana | Rovenir Bertola Duarte

3926 R51

EDUCATIONAL VIRTUAL ENVIRONMENTS, AMBIANCE SIMULATION AND NEW FORMS OF INTERACTIONS IN TEACHING AND LEARNING ARCHITECTURE, URBANISM AND LANDSCAPING

3928 Immersion at mineral speed | Imersão em velocidade mineral
Yasmine Abbas

3940 Ambiance and environmental comfort of liturgic spaces: a didactic experience in teaching architectural design in the professional master’s degree | Ambiência e conforto ambiental de espaços litúrgicos: uma experiência didática em ensino de projeto de arquitetura no mestrado profissional
Glauce Lilian Alves de Albuquerque | Tadeu Filemon de Medeiros de Lima

3954 Potential ambiances in student design: analysis of final undergraduate works in architecture and urbanism with a focus on sensoriality | Ambiências potenciais em projetos estudantis: análise de trabalhos finais de graduação em arquitetura e urbanismo com enfoque na sensorialidade
Renato de Medeiros | Luciana de Medeiros

3968 Navigating ambiances: videogames as a pedagogical method for teaching architecture and urbanism incorporating sensory and interpretative aspects of space | Ambiências navegantes: videogames como método pedagógico para ensinar arquitetura e urbanismo incorporando aspectos sensoriais e interpretativos do espaço
Thiago dos Santos Rangel | Regina Mapua Lim | Ethel Pinheiro Santana

3982 Self-regulated learning: ambiance in architecture and urbanism education | Aprendizagem autorregulada: a ambiência no ensino de arquitetura e urbanismo
Patricia Ceroni Scarabelli | Cláudio Lima Ferreira

3996 Educational virtual environments: Reflections on virtual design studios | Ambientes virtuais educativos: Reflexões sobre os ateliers virtuais de projeto
Maísa Veloso

4008 Reports of a field journal: an immersion experience in Maré-RJ through the practice of cartography | Relatos de um diário de campo: uma experiência de imersão no bairro Maré-RJ através da prática da cartografia
Rafael Ferreira Diniz Gomes

RIO DE JANEIRO SESSIONS

Index of Authors
VOLUME 1 | RIO DE JANEIRO

1800 Ciro Férrer Herbster Albuquerque
1800 Zilsa Maria Pinto Santiago
1814 Natália Moraes
1814 Karoline Campana
1814 Rovenir Duarte
1824 Maria Lucia Pecly
1834 Gustavo Carvalho Pimenta
1834 Maria Angela Dias
1844 Rachel Sfair
1844 Arthur Moreira
1844 Rafaela Santos
1844 Sebastião Guimaães
1856 Erich Shigue
1856 Akemi Ino
1874 Rafaela Teti Tibúrcio Maia
1874 Marília Cavalcanti Farias
1886 Adriana Camila Andrade León
1886 Paola Cristina Velasco Espín
1896 Filipe Mattos De Salles
1904 Ioanna Sotiriou
1916 Thiago Augusto Karl de Araújo
1916 Luciano Falcão da Silva
1930 Melanie Martins Barroso
1930 Valci Rubens de Andrade
1944 Agda Carvalho
1952 Rogério Correia da Silva
1952 Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
1966 Dênis Albert Oliveira
1976 Estela Almeida
1990 Andréa Gonçaves Moreira Bernardes
2000 Fernanda Silva Freitas
2000 Cristiane Rose Duarte
2014 Fernando Mathias
2014 Ilana Sancovschi
2024 Felipe da Silva Nunes
2024 Aline Couto da Costa
2024 Luciano Falcão da Silva
2038 Mariana Coviello Rei Rebelo Pereira
2038 Luiza Helena Ferraro
2038 Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
2052 Marina Monteiro Berredo Reis
2052 Marcelo Pereira Lourinho
2052 Luiz de Jesus Dias da Silva
2062 Ethel Pinheiro Santana
2062 Bianca Teixeira Rocha
2062 Brenda Lúcia da Costa Romão
2062 Rachel Silveira Alves
2076 Isabela Sousa
2090 Diogo Dutra de Souza
2100 André Vaillant
2100 Fernanda Freitas
2114 Lisiê Kremer Cabral
2114 José Henrique Carlucio Cordeiro
2128 Clarice Futuro Mühlbauer
2142 Júlia Beatriz De Souza Briet da Silva
2142 Patrícia Regina Chaves Drach
2154 Ávila/Pamela Paris
2154 Pinheiro/Ethel
2164 Carolina Bini
2164 Maristela Moraes de Almeida
2176 Lígia Maria Mello Dias
2176 Felipe Pereira Gonçalves
2188 Niuxa Dias Drago
2188 Daniella Martins Costa
2204 João Gonçalves Neto
2204 Paulo César Castral
2216 Stella Hermida
2216 Lucy Niemeyer
2228 Stella Hermida
2228 Gilberto Rangel
2240 Leticia Martel Kuwahara
2240 Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
2240 Anna Beatriz Ferreira
2254 Felipe de Oliveira Barros Lima
2254 Ethel Pinheiro Santana
2266 Lígia Castanheira Magalhães
2266 Ethel Pinheiro Santana
2278 Natália Rodrigues de Melo
2278 Cristiane Rose Duarte
2292 Carlos Teodoro Olivares Olivares
2292 Aline Calazans Marques
2304 Gabriella Oliveira
2304 Andrea Rego
2304 Juliana Oliveira
2318 Eduardo Sanches Salsamendi
2318 Mauro Santos
2330 Letícia Santos
2330 Moacir Moreira
2330 Luca Raposo
2330 Ana Aparecida Barbosa Pereira
2342 Juliana Christiny Mello da Silva
2342 Sylvia Meimaridou Rola
2342 Paula de Castro Brasil
2356 Fernanda Leticia Santos de Sousa
2356 Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
2356 Luiz De Jesus Dias da Silva
2356 Leticia Martel Kuwahara
2370 Natalya Souza
2370 Gleice Elali
2384 Joyce Zaninho
2384 Renata Hermanny de Almeida
2400 Manuela Oliveira Pollhuber

Index of Authors
VOLUME 1 | RIO DE JANEIRO

2400 Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo
2414 Lucas Yudi Moriya Sampaio
2426 Mariana Agum
2426 Cristiane Rose Duarte
2440 Bruna De Paula Almeida
2440 Vera Regina Tângari
2452 Laura Franca Lelis Bezerra
2452 Marthina de Albuquerque Silva
2452 Valéria Rodrigues Teles
2452 Thaísa Francis César Sampaio Sarmento
2464 Nátaly Carvalho
2464 Ethel Pinheiro Santana
2478 Rafael Alves Corradi
2478 Raquel Xavier Laffite
2478 Luíza Campiti Braga
2478 Camila Gavazzi Felix
2490 Ernestina Rita Meira Engel
2490 Almir Francisco Reis
2502 Alice Araújo Gonçalves
2502 Isabella Pontellobahia
2516 Ana Cristina Claudino de Melo
2516 Angelina Dias Leão Costa
2516 Bruna Ramalho Sarmento
2516 Raiany da Silva Santos
2530 Yasmim do Prado
2530 Bárbara Thomaz
2530 Glaucineide Coelho
2530 Henrique Zachoval
2542 Diego Roland
2556 Pedro Saldanha
2556 Andrea Queiroz Rego
2566 Juliane Oliveira Santa Brígida
2566 Marina Monteiro Berredo Reis
2566 Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
2580 Jasmine Andrade Sanz
2592 Luiz de Jesus Dias da Silva
2592 Juliane Oliveira Santa Brígida
2592 Letícia Martel Kuwahara
2606 Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
2606 Leticia Martel Kuwahara
2606 Bárbara Faciola Pessôa Baleixe da Costa
2618 Cândida Zigoni de Oliveira Landeiro
2618 Cristiane Rose Duarte
2632 Mylenna Linares Merlo
2632 Fabiana Ferreira de Carvalho
2632 Giulia Figueiredo Ferreira
2632 Osvaldo Moura Rezende
2632 Aline Pires Veról
2646 Andrade, Liza Maria Souza
2646 Silva, Ariadne Moraes
2646 Oliveira, Luana Figueiredo de Carvalho
2646 Loureiro, Vânia Raquel Teles
2660 Matheus Silva Azevedo
2660 Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
2660 Juliane Oliveira Santa Brígida
2660 Luiz de Jesus Dias da Silva
2672 Iana Bernardino
2672 Marília Farias
2686 Beatriz de Medeiros Corrêa
2686 Denise de Alcantara Pereira
2700 Vitória Lisirée Passarini
2700 Hélio Hirao
2712 Mauro Costa Couceiro
2712 Carina Vieira de Oliveira
2724 Bruno Ragi Eis Mendonca
2724 Vera Regina Tângari
2724 Silvano de La Llata
2740 Beatriz Maia Popazoglo Perez
2752 Maria Helena de Souza de Vilhena
2752 Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo
2764 Ana Carolina Cruz Morais Aguiar
2764 Cristiane Calzavara Machado
2764 Gabriella Bertero Soto
2772 Ciro Férrer Herbster Albuquerque
2772 Zilsa Maria Pinto Santiago
2786 Bruna Cavalcante
2786 Luiz Guilherme Rivera de Castro
2800 Gleice Azambuja Elali
2812 Mateus E. C. Maia
2824 Dayse Luckwü Martins
2824 Elisa Soares de Melo
2824 Matheus Vinícius Sabino de Barros
2834 Alessandra Gobbi Santos
2834 Hugo L. Farias
2834 Thatiane Carvalho Rocha
2848 Juliana Christiny Mello Da Silva
2848 Paula de Castro Brasil
2848 Sylvia Meimaridou Rola
2876 Evelyn Furquim Werneck Lima
2888 Jean-Paul Thibaud
2902 Laura de Siqueira Duarte
2902 José Renato Lopes Erthal
2920 Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama
2930 Nicolas Tixier
2930 Stella Maris Veiga
2944 Henrique Zachoval

2944 Bárbara Thomaz
2944 Patrícia Drach
2944 Glaucineide Coelho
2958 Giovanna Casado
2958 Bárbara Thomaz
2970 Vanessa Nicolazic
2970 Vincent Sorrel
2970 Nicolas Tixier
2984 Laís França Silva
2984 Rachel Nunes Merlino Fernandes
2998 Gabriel Girnos Elias de Souza
3012 Ruth Kipper Aguilar
3012 Marina Sorquini Grossi
3012 Rodrigo Gonçalves dos Santos
3024 Wiem Alimi
3024 Faten Hussein
3036 Julia Medeiros Alves
3036 Gabriela Ferreira Ávila
3036 Rachel Lopes Fernandes Fonseca
3036 Maíra Longhinotti Felippe
3050 Álvaro Araújo
3050 Gabriel Schvarsberg
3064 Julyana Alecrim Borges
3064 Natália Miranda Vieira-de-Araújo
3078 Letícia Castilhos Coelho
3078 Patrícia Luana Costa Araujo
3078 Helena Guaresi Portela
3078 Emilyn da Silva
3090 Daniella Martins Costa
3104 Fernanda Pacheco Dias
3116 Rodrigo Kamimura
3116 Ethel Pinheiro Santana
3116 Fernanda Silva Freitas
3130 Andrea de Almeida Rego
3142 Vitor Maciel De Britto Cunha
3142 Giselle Arteiro Nielsen Azevedo Azevedo
3156 Leonardo Valbão Venancio
3156 Bruno Massara Rocha
3156 Marcela Alves de Almeida
3170 Julia Medeiros Alves
3170 Maíra Longhinotti Felippe
3184 Fernanda Barcellos
3184 André Carvalho
3198 Nathália Moreira Carvalho
3210 Larissa Siqueira Chaves
3210 Soraya Nór
3218 Beatriz Vicentin Gonçalves
3218 Liza Maria Souza de Andrade
3218 Vânia Raquel Teles Loureiro
3218 Ricardo de Sousa Moretti
3232 Luiza de Farias Melo
3244 Gabriel Schvarsberg
3244 Cecília Silva Freitas
3244 Shaiane Suzano Sideris
3244 Maria Rita Freitas do Nascimento
3256 Angélica Azevedo E Silva
3256 Liza Maria Souza de Andrade
3256 Caio Monteiro Damasceno
3256 Solange Clemente
3270 Juliana Viégas Valverde
3270 Gleice Azambuja Elali
3286 Lia Maria Gomes Bahia
3286 Nátaly Carvalho
3296 Rebeca Barbosa da Costa Carvalho
3296 Virginia Maria Nogueira de Vasconcellos
3308 Luciano Mouassab Chalita
3324 Maria Cristina Coelho Duarte
3336 Leticia Maria da Silva Felize
3336 Marcelo Pereira Colucci
3346 Ana Luiza Rodrigues Gambardella
3346 Paulo César Castral
3358 Dayse Luckwü Martins
3358 Lúcia Leitão Santos
3370 Luiza de Farias Melo
3380 Giulia Montone
3392 Lúcia Leitão Santos
3392 Marília Farias
3392 Julieta Leite
3402 Ricardo Luis Silva
3416 Manuela Lima da Silva
3416 Paulo Trajano dos Santos Neto
3416 Emmanuel Simões de Oliveira
3428 Nícolas Mateus Macêdo Teixeira
3428 Virgínia Pitta Pontual
3444 Yasmine Abbas
3444 Dk Osseo-Asare
3456 Sharon Avital
3466 Fabiana Dultra Britto
3466 Verusya Santos Correia
3478 Flávia Martini Ramos
3492 Lorena Maia Resende
3492 Eduardo Rocha
3492 Taís Beltrame Dos Santos
3506 Julia Delmondes Freitas de Santana
3506 Fabiola do Valle Zonno
3522 Cláudio Lima Ferreira
3522 Virgínia Célia Malaquias da Costa
3522 Ana Marta Aragão Grimm
3522 Ana Gabriela de Macedo
3536 Evangelia Paxinou
3536 Nicolas Remy
3536 Petros Flampouris
3548 Evangelia Paxinou
3548 Nicolas Remy

Index of Authors
VOLUME 1 | RIO DE JANEIRO

3548 Petros Flampouris
3560 Rachel Zuanon
3560 Claudio Lima Ferreira
3560 Evandro Ziggiatti Monteiro
3574 Taiane Alves
3584 Lia Maestrelli Bizzo
3598 Paulo Gajanigo
3608 Cybelle Salvador Miranda
3618 Nikson Dias de Oliveira
3618 Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
3626 Nikson Dias de Oliveira
3626 Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
3632 Nathalia Tiago dos Reis
3632 Wagner De Souza Rezende
3658 Andréa Gonçaves Moreira Bernardes
3672 Rebeca Dias
3672 Celma Chaves
3686 Helio Herbst
3698 Paula Pereira dos Passos
3698 Ethel Pinheiro Santana
3708 Luís Henrique Stroschoen da Cunda
3720 Luís Henrique Stroschoen da Cunda
3734 Wagner Rezende
3734 Hitalo Montefusco
3748 Rachel Silveira Alves
3748 Daniel Athias de Almeida
3758 Lia Maria Gomes Bahia
3758 Rubens de Andrade
3776 Victória Ferreira Robadey Carvalho
3776 Maria Eduarda De Araújo dos Santos
3776 Andrea Queiroz Rego
3788 Letícia Castilhos Coelho
3788 Patrícia Luana Costa Araujo
3788 Lucas Fernandes Miranda Lopes da Silva
3788 Vitória Ribeiro
3798 Vinícius Dias Lopes
3798 Maria Catharina Reis Queiroz Prata
3798 Fagner das Neves de Oliveira
3812 Fernanda Pacheco Dias
3812 Thereza Christina Couto Carvalho
3826 Helio Hirao
3826 Carolina Silva Tarocchi
3826 Marina Biazotto Frascareli
3838 Anna Carolina Alvarado Madureira
3838 Gabriel Schvarsberg
3848 Paulo Trajano dos Santos Neto
3848 Emmanuel Simões de Oliveira
3848 Manuela Lima da Silva
3860 Sued Trajano de Oliveira
3860 Ethel Pinheiro Santana
3872 John Max Santos Sales
3886 Ana Vitória Freitas da Silva
3886 Gabriel Teixeira Ramos
3896 Ingrid de Souza Soares
3896 Andrea Queiroz Rego
3904 Marcos Viriato
3904 Silvia Pina
3904 Evandro Monteiro
3916 Ana Paula Webber
3916 Karoline Louise Campana
3916 Rovenir Bertola Duarte
3928 Yasmine Abbas
3940 Glauce Lilian Alves de Albuquerque
3940 Tadeu Filemon De Medeiros de Lima
3954 Renato de Medeiros
3954 Luciana de Medeiros
3968 Thiago dos Santos Rangel
3968 Regina Mapua Lim
3968 Ethel Pinheiro Santana
3982 Patricia Ceroni Scarabelli
3982 Cláudio Lima Ferreira
3996 Maísa Veloso
4008 Rafael Ferreira Diniz Gomes

RXX

VARIED AMBIANCES

CHAIR Luiz de Jesus Dias

This session brings together papers that could fit into different thematic axes of the event, and have been submitted either to a general session or revised from their original sessions, precisely because they contain responses that offer a diverse panorama of the scope of studies on Ambiances. Thus, the RXX session moves through scenarios that encourage thinking about social representations as a basis for methodological developments, quality parameters for urban design, creative teaching experiences and the choice of materials for human well-being, composing a rich mosaic of possibilities to continue reflecting on the role of Ambiances as a preponderant element for a changing world.

RXX

NEUROURBANISM INTEGRATED TO THE CITY'S SENSORY IMAGE AND "AGING-IN-PLACE": DESIGNING RESPONSIVE ENVIRONMENTS TO ACTIVE AGING

NEUROURBANISMO INTEGRADO À IMAGEM SENSORIAL DA CIDADE E AO "AGING-IN-PLACE": PROJETANDO AMBIENTES RESPONSIVOS AO ENVELHECIMENTO ATIVO

Ciro Férrer Herbster Albuquerque
Arquiteto e Urbanista, Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Design, Programa de Pós-Graduação de Arquitetura, Urbanismo e Design (PPGAU+D)
Universidade Federal do Ceará (UFC)
ciro.ferrer@hotmail.com

Zilsa Maria Pinto Santiago
Arquiteta e Urbanista, Doutora em Educação e docente do Programa de Pós-Graduação de Arquitetura, Urbanismo e Design (PPGAU+D)
Universidade Federal do Ceará (UFC)
zilsa@arquitetura.ufc.br e-mail

ABSTRACT

According to UN-Habitat and the World Health Organization, it is estimated that by 2050, 68% of the world's population will live in urban areas, with 22% being 60 years of age or older. Neurourbanism, an interdisciplinary field, studies how urban environments affect the brain and human behavior, integrating knowledge from neuroscience, psychology, urbanism and architecture to understand the interactions between the built environment and cognitive, emotional and social functions. Following the method of integrative literature review on neurourbanism, "aging-in-place" and sensory image, the aim is to investigate the main urban factors that influence healthy aging, considering the sensory experiences of the elderly population. The convergence of this knowledge seeks to assist in the development of urban interventions responsive to healthy aging. As a result, although there is growing recognition of the importance of sensory experiences mediated by urban atmospheres, it is necessary to consider the active participation of elderly people in the development of walkable, welcoming and safe city projects for the urban population.

KEYWORDS: neurourbanism. sensory image. ambience. aging-in-place. healthy aging.

RESUMO

Segundo a ONU-Habitat e a Organização Mundial da Saúde, estima-se que até 2050, 68% da população mundial residirá em áreas urbanas, sendo que 22% terá 60 anos ou mais. O neurourbanismo, campo interdisciplinar, estuda como os ambientes urbanos afetam o cérebro e o comportamento humano, integrando conhecimentos de neurociência, psicologia, urbanismo e arquitetura para compreender as interações entre ambiente construído e funções cognitivas, emocionais e sociais. Seguindo o método de revisão integrativa de literatura sobre neurourbanismo, *"aging-in-place"* e imagem sensorial, objetiva-se investigar os principais fatores urbanos que influenciam o envelhecimento saudável, considerando as experiências sensoriais da população idosa. A convergência destes conhecimentos busca auxiliar na elaboração de intervenções urbanas responsivas ao envelhecimento saudável. Como resultado, embora haja um reconhecimento crescente da importância das experiências sensoriais mediadas pelas atmosferas urbanas, faz-se necessário considerar a participação ativa da pessoa idosa na elaboração de projetos de cidades caminháveis, acolhedoras e seguras à população urbana.

PALAVRAS-CHAVE: neurourbanismo. imagem sensorial. ambiência. *aging-in-place.* envelhecimento saudável.

1. INTRODUÇÃO

Conforme o *World Cities Report 2022,* estima-se que até 2050, 68% da população mundial viverá em áreas urbanas. Esse crescimento urbano substancial está transformando significativamente o ambiente global, expondo cada vez mais pessoas aos riscos à saúde associados às áreas altamente urbanizadas. Variáveis como iluminação, poluição do ar e sonora, aumento da temperatura local e diminuição de áreas verdes têm sido relacionadas a uma maior prevalência de condições como depressão, ansiedade e distúrbios do sono, afetando negativamente o envelhecimento saudável da população (UN, 2023; Kim, Yeo & Lim, 2024). Paralelamente, o envelhecimento populacional é uma realidade crescente globalmente. Até 2030, a Organização Mundial da Saúde estima que uma em cada seis pessoas terá 60 anos ou mais, e até 2050, a população idosa representará 22% da população global (OMS, 2020). No Brasil, os idosos já compõem 15,6% da população, segundo o IBGE (2023), e estima-se um envelhecimento ainda mais acelerado em comparação com a média mundial (UN DESA, 2024). Este fenômeno é acompanhado por um aumento significativo na multimorbidade, com dois ou mais problemas de saúde crônicos afetando cerca de 67,8% dos brasileiros com mais de 50 anos, o que ressalta a necessidade de compreender a influência dos aspectos da neurociência e da gerontologia ambiental para mitigar fatores de risco, como sedentarismo, depressão e isolamento social (De Almeida *et al.,* 2020).

O conceito de "envelhecer no local" ou "*aging-in-place*" destaca-se como uma abordagem crucial para promover a segurança, independência e qualidade de vida dos idosos. Isso implica adaptar tanto o ambiente físico quanto o social para atender às necessidades biopsicossociais do envelhecimento, incluindo alterações nos sistemas sensoriais que são típicas dessa fase da vida (OMS, 2005; Iecovich, 2014). A ambiência dos espaços urbanos, definida como a percepção sensorial e emocional do ambiente através dos sentidos, desempenha um papel fundamental na experiência urbana. Elementos como luz, som, temperatura, cheiros, texturas e cores influenciam significativamente as emoções, comportamentos e bem-estar das pessoas (Merleau-Ponty, 1962; Damásio, 1997; Arbib, 2021). A percepção sensorial urbana, ou "imagem sensorial", integra todas as experiências sensoriais vivenciadas em um ambiente, desde visuais até táteis e gustativas, e desempenha um papel central na forma como os indivíduos interagem e se sentem conectados ao espaço urbano (Lynch, 1960; Pallasmaa, 1996). Com o envelhecimento, as alterações sensoriais tornam-se particularmente críticas, influenciando profundamente a interação dos idosos com o ambiente construído. Modificações na visão, audição, olfato, paladar e tato podem transformar drasticamente a percepção e segurança de um ambiente para os idosos (Biglieri & Hartt, 2023). Neste contexto, o neurourbanismo emerge como uma abordagem interdisciplinar essencial, integrando conhecimentos da neurociência, arquitetura e urbanismo para melhor compreender e projetar ambientes urbanos que promovam o bem-estar físico e mental dos idosos (Adli *et al.*, 2017). Portanto, a investigação contínua sobre a relação entre ambiente urbano, envelhecimento

ativo[1] e saúde torna-se crucial para desenvolver estratégias de planejamento urbano que criem cidades mais inclusivas e adequadas para todas as idades.

2. OBJETIVO E METODOLOGIA

O presente estudo objetiva analisar o conhecimento do neurourbanismo aplicado à imagem sensorial da cidade e ao "*aging-in-place*", a fim de investigar a influência dos componentes urbanos na promoção do envelhecimento ativo da população idosa mediante às modificações sensoriais. O estudo faz-se relevante pelo fato da literatura sobre experiências sensoriais de idosos e intervenções urbanas ser escassa (Vincent & Hartt, 2024). Para preencher essa lacuna, vislumbra-se propor estratégias de intervenções urbanísticas baseadas em evidências que sejam responsivas ao envelhecimento saudável e qualitativo desta faixa etária da população.

A investigação centra-se no tema "Neurourbanismo integrado à Imagem Sensorial da Cidade e ao *Aging-in-place*", norteada pelas questões "Como intervir na ambiência da cidade de forma responsiva às modificações sensoriais decorrentes do envelhecimento humano? Como a infraestrutura urbana pode capacitar os indivíduos a envelhecerem em suas próprias casas e comunidades, de forma independente e segura, pelo maior tempo possível?". Dessa forma, a Revisão Integrativa de Literatura (RIL), proposta por Botelho, Cunha e Macedo (2011), teve como objetivo analisar estudos recentes que tratam desse tema, com foco na compreensão de quais mudanças dos aspectos compositivos da ambiência urbana são capazes de promover melhorias no processo de envelhecimento saudável em países em desenvolvimento. Levou-se em consideração o comumente negligenciamento às necessidades biopsicossociais deste grupo populacional em meio ao elevado crescimento da infraestrutura urbana nos últimos anos. As palavras-chave foram definidas e o operador booleano "AND" foi escolhido. Dessa forma, foram compostos seis grupos: *City* "AND" *Aging* "AND" *Neuroscience*; City "AND" *Active Aging*; *City* "AND" *Neuroscience* "AND" *Active Aging*; *Senses* "AND" *Built Environment* "AND" *Active Aging*; *Senses* "AND" *Ambience*; *Ambience* "AND" *Urban Planning* "AND" *Active Aging.*

As buscas foram realizadas entre os meses de novembro de 2023 e março de 2024, nos Periódicos CAPES. Artigos das bases de dados PubMed, ScienceDirect, Springer, Nature, Taylor & Francis, Oxford Journals, BMJ Open Access, Sage Premier, Social Sciences, Emerald Complete Journals foram incluídos no estudo. Os critérios de inclusão foram artigos cujos temas envolvessem a influência dos componentes da paisagem urbana em áreas externas no envelhecimento saudável da população idosa. Como critério de exclusão foram eliminados os artigos que não atendiam aos requisitos: a) idiomas: inglês e português; b) busca de artigos; c) período: últimos

1 Refere-se a um processo de otimização das oportunidades de saúde, participação, aprendizado ao longo da vida e segurança a fim de propiciar melhorias na qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem. Busca mitigar os quadros de envelhecimento patológico, como quadros neurodegenerativos, promovendo o bem-estar físico, psicológico, cognitivo e social da população idosa, permitindo-a manter a autonomia e a independência pelo maior tempo possível (OMS, 2005).

cinco anos (2018-2024); d) filtrado por pares; e) exclusão de publicações repetidas. Os 100 artigos foram avaliados na seguinte ordem de leitura: 1) título; 2) resumo; 3) conteúdo. Para isso, estruturou-se uma tabela no *Excel Online* com as categorias: número, título, objetivo, métodos, resultados, contribuições, relevância para a presente pesquisa. Os artigos selecionados foram, após leitura completa, distribuídos em três grupos: totalmente relevantes (azul); parcialmente relevante (amarelo); não muito importante (vermelho). A Figura 1 ilustra o caminho e os resultados do processo de filtragem de artigos.

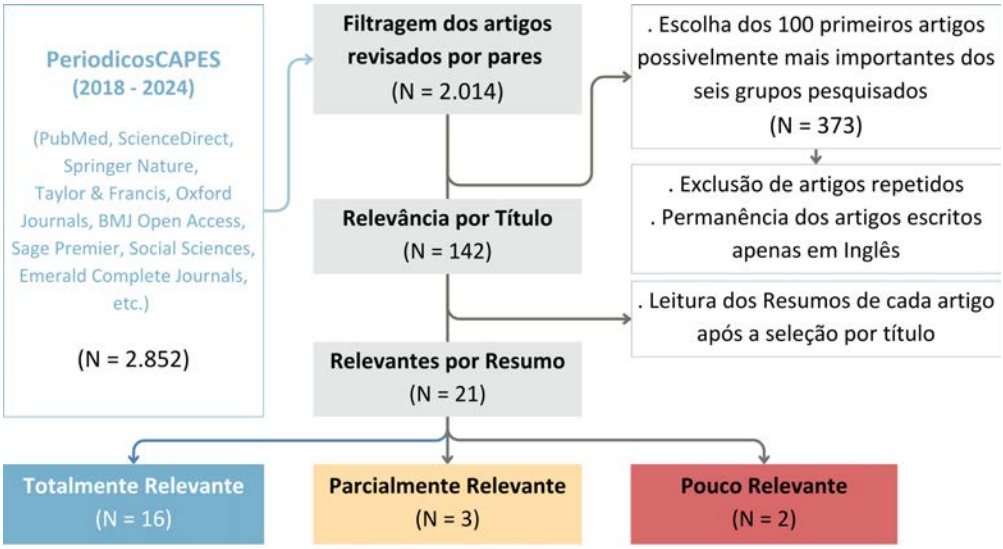


Figura 1. Síntese do processo de filtragem da Revisão Integrativa de Literatura (RIL).
Fonte: Autores (2024).

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

As atmosferas urbanas são compostas por uma variedade de fatores extrínsecos que moldam o contexto de vida das pessoas, desde o ambiente construído até as relações sociais, valores, políticas sociais e de saúde, sistemas de suporte e serviços implementados (Iecovich, 2014). Esses fatores, juntamente com aspectos socioeconômicos, psicossociais, comportamentais e biológicos, contribuem para a complexidade dos determinantes do envelhecimento saudável, acumulando-se especialmente na fase avançada da vida, quando a população idosa tende a residir a maior parte do tempo no interior das habitações, implicando tantos nas capacidades intrínsecas[2] quanto funcionais[3] (OMS, 2020). Mediante aos estímulos

2 A OMS conceitua Capacidade Intrínseca (CI) como o resultado da soma e da interação das capacidades físicas e mentais do indivíduo e suas interações com os fatores ambientais relevantes. Cinco domínios-chave foram elencados como essenciais para o envelhecimento bem sucedido: locomoção, vitalidade (energia e equilíbrio), cognitivo, sensorial (visão e audição) e psicológico (OMS, 2020).

3 Habilidade para realizar atividades que possibilitam à pessoa cuidar de si mesma e viver de forma independente em um determinado ambiente construído. Mesmo com a fragilidade na CI, o ambiente construído possibilita compensar os déficits fisiológicos esperados pelo envelhecimento. Sua mensuração tem sido foco no exame do idoso e em um indicador de saúde mais amplo que a morbidade, pois se correlaciona com a qualidade de vida (OMS, 2020).

sensoriais advindos das atmosferas urbanas, dos 21 estudos analisados, apenas 4 abordaram o neurourbanismo, sendo a maioria destinada a discutir o estado atual dessa área do conhecimento. Apesar da ausência de estudos específicos sobre os a influência da percepção sensorial da cidade pelas pessoas idosas na perspectiva do neurourbanismo e da falta de diálogo direto com políticas globais de envelhecimento propostas pela OMS, como "Envelhecimento Ativo" (2005), "Cidade Amiga da Pessoa Idosa" (2008) e a "Década do Envelhecimento Saudável" (2020), a presente revisão possibilitou a sistematização de cinco categorias sensório-espaciais urbanas para formulação de proposições relevantes para pesquisas futuras.

3.1 Smellscapes: percepção olfativa da pessoa idosa

As "*smellscapes*" ou "paisagens olfativas" referem-se ao conjunto de cheiros que formam a identidade olfativa de um ambiente, podendo ser naturais, como o aroma de flores e árvores, ou artificiais, como cheiros de comida, produtos de limpeza ou poluição (Xiao *et al.*, 2021). A pandemia de COVID-19 destacou a importância do olfato, visto que a anosmia — perda parcial ou total do olfato — foi um forte preditor da infecção pelo vírus. Embora a perda temporária do olfato tenha sido uma experiência negativa, um estudo de Herz e Bajec (2022) revelou que, quando solicitados a desistir de um sentido, a maioria dos participantes optou pelo olfato. No entanto, participantes idosos mostraram maior resistência em abrir mão deste sentido, devido à sua maior compreensão do comprometimento sensorial e das implicações da anosmia (Herz & Bajec, 2022). Determinados cheiros, como café, vinho ou tinta, podem evocar memórias fortes da infância em idosos, sendo essas memórias olfativas mais intensas e transportadoras do que aquelas evocadas por estímulos visuais ou verbais (Cha *et al.,* 2021). Este fenômeno levou à investigação sobre o treinamento olfativo como forma de melhorar o funcionamento cognitivo em adultos mais velhos com doenças neurodegenerativas como a demência. Embora em estágios iniciais, o treinamento olfativo mostrou melhorias significativas na memória, depressão, atenção e funcionamento da linguagem (Cha *et al.*, 2021; 2022).

O olfato pode regular a interação humana com o ambiente construído, conectando emocionalmente as pessoas ao lugar através do processamento sensorial e ajudando a construir a identidade sensorial de cada ambiente (Olszewska-Guizzo *et al.*, 2023; Xiao *et al.*, 2021). Os planos diretores das cidades brasileiras focaram-se no controle de odores desagradáveis, como esgoto e poluição, enquanto intervenções urbanísticas vinculadas às paisagens olfativas podem melhorar o bem-estar, conforto, pertencimento e caminhabilidade nas áreas urbanas. Com a globalização tornando as cidades mais homogêneas, os cheiros podem adicionar personalidade e valências emocionais únicas aos ambientes urbanos, promovendo segurança e bem-estar subjetivo (Marquez, 2018). Estudos indicam que idosos detém de processamento do olfato mais aguçado em ambientes naturais. A exposição à natureza tende a diminuir o estresse crônico, apoiar o restauro cognitivo e reduz o risco de transtornos mentais, alinhando-se ao conceito de "*Design* Biofílico", que visa melhorar a experiência do usuário na atmosfera citadina através da incorporação de elementos naturais (Olszewska-Guizzo *et al.*, 2023).

3.2 A imagem sensorial do paladar da pessoa idosa

O sistema olfativo (olfato) e o sistema gustativo (paladar) estão estreitamente interconectados, pois o aroma dos alimentos influencia significativamente o sabor percebido e os desejos alimentares. Ambos desempenham um papel crucial na percepção do sabor (Freitas & Py, 2022). Estudos sobre a perda de olfato e paladar devido à infecção por COVID-19 identificaram uma forte correlação entre a perda desses sentidos e o aumento dos quadros de ansiedade e depressão (Dudine *et al*., 2021). A pandemia destacou o impacto considerável que esses sentidos têm na percepção ambiental, ressaltando a necessidade de investigar como o paladar pode ser integrado aos ambientes urbanos de maneira mais significativa para os usuários. O paladar é uma dimensão essencial da paisagem sensorial urbana, permitindo detectar alimentos ou líquidos estragados e contribuindo para a percepção da qualidade e valor nutricional. Além disso, o paladar desempenha um papel indispensável na qualidade de vida, permitindo que os indivíduos desfrutem do que consomem (Choi *et al.*, 2023). Para pessoas idosas, sabores mais intensos podem ser necessários para navegar e experienciar os ambientes gustativos urbanos. Pesquisas indicam que, com o avanço da idade, o limiar de detecção do paladar aumenta (Freitas & Py, 2022), significando que adultos mais velhos necessitam de uma concentração maior de sabor para perceberem o gosto do que consomem. Isso pode colocar os idosos em risco de subnutrição ou desnutrição, já que alterações sensoriais podem contribuir para a insipidez dos alimentos, levando à redução do consumo (Freitas & Py, 2022).

Embora a capacidade de detectar doçura e acidez não diminua significativamente com a idade, a capacidade de detectar sal e amargor diminui. Consequentemente, os idosos podem desenvolver uma preferência por alimentos mais salgados, doces e com maior concentração de gordura, o que afeta tanto o envelhecimento saudável quanto a formação da imagem sensorial da habitação e da comunidade local (Choi *et al.*, 2023). No que tange à relação entre pessoa idosa, paladar e intervenções urbanas, atualmente há uma escassez de literatura específica sobre essa experiência sensorial no ambiente construído. Uma área de pesquisa que pode estar vagamente ligada ao sentido do paladar é o uso de ambientes alimentares de varejo pela população idosa. Finlay e colaboradores (2021) demonstram que visitas regulares do público idoso a restaurantes de seus bairros podem ser benéficas tanto para a saúde cognitiva quanto para o engajamento social. O valor de frequentar estes restaurantes para os idosos baseia-se amplamente na familiaridade, conforto, entretenimento e oportunidade de socialização com amigos, associando-se diretamente aos pilares da política do "Envelhecimento Ativo": saúde, participação sociocultural e cívica, segurança e aprendizagem ao longo da vida (OMS, 2005).

3.3 *Soundscapes:* percepção auditiva da pessoa idosa na cidade

A perda auditiva, ou presbiacusia, é uma alteração comum no envelhecimento, caracterizada pela dificuldade em perceber sons de alta frequência. Isso complica a compreensão da fala em ambientes ruidosos, como ruas movimentadas

ou transportes públicos, podendo levar ao isolamento social e à redução da capacidade de responder a sinais auditivos importantes, como buzinas ou alertas de segurança (Freitas; Py, 2022). Contudo, essa mudança auditiva é muitas vezes vista negativamente, em vez de uma transição natural dos sentidos que pode facilitar novas experiências. Vincent e Hartt (2024) relataram que o canto dos pássaros é essencial para a experiência positiva ao ar livre de pessoas idosas. A mesma sensibilidade ao ruído de fundo levou à diminuição do bem-estar do participante no ambiente construído e à melhoria do bem-estar do participante no ambiente natural (Vicent & Hartt, 2024). Tais descobertas sugerem que a incapacidade dos idosos de discernir a estimulação auditiva não é necessariamente um declínio, mas uma modificação fisiológica esperada pelo envelhecimento. Assim, as experiências sensoriais de valência positiva ou negativa são determinadas pela ambiência que envolve a pessoa idosa.

Pesquisas indicam que adultos mais jovens possuem maior proficiência em ignorar ruídos de fundo, uma capacidade que diminui com a idade. Embora tanto jovens quanto idosos exibam a mesma resposta neural a um estímulo sonoro, os jovens se adaptam melhor, enquanto os idosos permanecem sensíveis ao nível sonoro. Herrmann, Maess e Johnsrude (2018) elucidam que adultos mais velhos têm mais dificuldade em ignorar ruídos de fundo, o que afeta negativamente seu funcionamento executivo e aumenta sua vulnerabilidade a acidentes de trânsito. No entanto, essa sensibilidade pode também propiciar experiências positivas. Por exemplo, estudos mostram que idosos são mais propensos a perceber sons de pássaros em parques urbanos e considerá-los agradáveis, resultando em experiências mais positivas nesses ambientes (Uebel *et al.*, 2022). O maior processamento sensorial dos idosos permite vivenciar os sons da natureza de maneira mais vívida, estabelecendo conexões mais fortes com o ambiente natural e experimentando maior relaxamento. Nos últimos anos, o som e as paisagens sonoras urbanas têm recebido maior atenção na pesquisa de planejamento urbano. Com o crescimento acelerado das cidades, há uma conscientização crescente sobre a poluição sonora e seu impacto no bem-estar urbano e nas doenças neurodegenerativas (Yang *et al.*, 2022). No entanto, ainda existe uma lacuna significativa entre a pesquisa sobre paisagens sonoras e sua aplicação prática nas políticas locais. Pesquisas no Reino Unido revelam que, apesar das recomendações, governantes locais frequentemente citam evidências científicas limitadas e prioridades concorrentes, como poluição do ar e mobilidade urbana, como razões para não incorporar o planejamento de paisagens sonoras em suas agendas (Yang *et al*., 2022).

3.4 Experiências urbanas mediadas pelas percepções do olhar envelhecido

A visão propicia ao usuário a representação visual do espaço e possui implicações significativas para a formação da identidade sensorial da cidade e, consequentemente, a criação de atmosferas urbanas (Sussman & Hollander, 2021). Pesquisas como a de Hollander & Sussman (2020), utilizando tecnologia de rastreamento ocular,

revelam que o planejamento de atmosferas urbanas embasadas na neurociência tendem a provocar reações mais positivas nos pedestres do que aqueles com *design* convencional. Elementos como bordas bem definidas e fachadas semelhantes a rostos atraem mais a atenção dos pedestres (Hollander & Sussman, 2020). O estudo de Vincent & Hartt (2024) relatou as percepções e experiências de idosos com relação ao espaço urbano, refletindo a orientação visual do cérebro humano para a percepção do espaço e tradução de significados através da interpretação visual. Foi observado que o olhar envelhecido prefere apresentações visuais simples e objetivas, com *affordances* qualitativas, sem estímulos distrativos. Fotografias de cenários de natureza com alto contraste visual foram processadas positivamente, enquanto imagens de espaços desorganizados, como estacionamentos de centros comerciais, foram associadas a desafios de mobilidade e navegação (Vincent & Hartt, 2024). Tais aspectos, quando não considerados no planejamento urbano, refletem negativamente no "*aging-in-place*" tanto dos atuais e dos futuros idosos que envelhecem na cidade. Dessa forma, passa a ser crucial reconhecer a sensibilidade ao contraste, pois sua redução pode afetar a navegação segura em ambientes construídos. Recomendações incluem o uso de cores contrastantes em escadarias, passarelas e desníveis, sinalização de alto contraste, apresentações visuais simples, cores de comprimento de onda longo (quentes) e iluminação direcionada de baixa intensidade, proporcionando melhores condições de processamento visual por parte da população idosa na caminhabilidade urbana (Hollander *et al.*, 2020).

3.5 Referências táteis e espaciais da população idosa na cidade

Pessoas idosos tendem a apresentar menor sensibilidade ao toque, à detecção de variações de temperatura, texturas e pressões, o que pode afetar a percepção de superfícies e a segurança ao caminhar, aumentando o risco de quedas em pavimentos irregulares ou escorregadios. Essas mudanças impactam o equilíbrio, uma vez que o sistema somatossensorial, responsável pela percepção do toque, temperatura, posição do corpo no espaço e sensação de dor, declina com a idade (Freitas & Py, 2022). Esse declínio, juntamente com a diminuição do sistema vestibular, que regula o equilíbrio e a orientação espacial, coloca a população idosa em maior risco de quedas (Frangos *et al.*, 2023). Pesquisas sugerem que a percepção somatossensorial nos membros inferiores tende a ser mais crucial para o controle do equilíbrio do que a idade cronológica. Diferente dos outros sistemas sensoriais que dependem de órgãos específicos, o sistema somatossensorial está distribuído por todo o corpo, oferecendo oportunidades promissoras para intervenções urbanas responsivas ao envelhecimento ativo. Compreender como o corpo percebe o espaço mediante o envelhecimento pode melhorar o equilíbrio funcional dos idosos e criar conexões mais profundas entre o cidadão e a ambiência urbana (Frangos *et al.*, 2023).

Neste contexto, pesquisadores utilizam duas referências espaciais para descrever a relação entre pessoas e espaço: egocêntrica, baseada na localização de algo em relação ao próprio corpo, e alocêntrica, baseada na localização de algo em relação a

outros objetos. Pessoas com visão tendem a usar referências alocêntricas, enquanto pessoas sem visão usam mais referências egocêntricas (Ladyka-Wojcik & Barense, 2020). A composição do ambiente construído pode influenciar diretamente essas referências espaciais, dependendo de variáveis como tamanho do espaço, estrutura geométrica, complexidade e marcos disponíveis. Estudos mostram que a precisão da referência alocêntrica é menos afetada pela idade, enquanto a referência egocêntrica melhora até os oito anos e declina após os sessenta. Idosos tendem a depender mais de referências alocêntricas, especialmente na presença de marcos visuais, auditivos, olfativos ou gustativos. Mediante a grupos focais, idosos demonstraram habilidade em mapear ambientes usando esses elementos com alta precisão, revelando a importância de marcos e sinalização consistente para a mobilidade e engajamento comunitário. Essas descobertas destacam a necessidade de planejadores urbanos considerarem o sistema somatossensorial e as referências espaciais ao criar atmosferas seguras, convidativas e navegáveis para a população idosa (Ladyka-Wojcik & Barense, 2020). Ao incorporar elementos que facilitam a percepção tátil e espacial, é possível qualificar o processo de "*aging-in-place*" e, portanto, promover o envelhecimento ativo.

4. CONCLUSÃO

Embora os estudos sobre neurourbanismo sejam recentes, a análise da literatura acerca da pessoa idosa, das atmosferas urbanas e das experiências sensoriais na cidade, juntamente com os conhecimentos da neurociência, revela que os sentidos desempenham um papel crucial nas experiências cotidianas dos idosos em relação ao espaço e lugar, além de modificarem-se ao longo da vida de cada indivíduo. Em termos auditivos, a população idosa enfrenta dificuldades em filtrar ruídos de fundo, sendo o barulho do tráfego um dos principais estressores urbanos. No entanto, essa mudança pode também intensificar experiências sensoriais em ambientes naturais, sugerindo que o design auditivo do ambiente é determinante para a qualidade das experiências sensoriais. A visão também sofre modificações com o tempo, com a sensibilidade reduzida ao contraste resultando em declínio na consciência espacial e mobilidade limitada. Intervenções no desenho espacial da cidade, como iluminação adequada, sinalização de alto contraste e uso de cores quentes, podem melhorar a acessibilidade do ambiente construído para idosos com desafios visuais.

A literatura sobre os sentidos do olfato e do paladar é escassa. O olfato pode evocar memórias e sentimentos de nostalgia, enquanto o paladar nos idosos exige uma maior concentração de sabores. Em termos de planejamento, é importante considerar espaços sociais como cafés e restaurantes, que promovem a interação social através da comida e bebida. O tato, com um declínio nos sistemas somatossensoriais associado à idade avançada, aumenta o risco de quedas. Recursos de acessibilidade no ambiente construído podem minimizar esse risco. Pesquisas também indicam que idosos tendem a usar um quadro de referência alocêntrico, o que pode guiar planejadores urbanos a criar ambientes com marcos claros. Por fim, pesquisas

adicionais sobre a relação entre os sentidos, idade e espaço podem contribuir com a prática de projetos urbanos responsivos ao envelhecimento ativo, apoiando as necessidades biopsicossociais da população. Para configurar um processo de "*aging-in-place*" qualitativo, torna-se essencial reconhecer que o processamento sensorial dos componentes urbanos modifica-se com a idade, conformando novas imagens sensoriais urbanas. A integração de métodos de coprodução em pesquisas e planejamentos pode incluir a população idosa nas decisões cívicas aplicadas ao design do ambiente construído, adicionando uma nova dimensão ao planejamento urbano. Mediante o conhecimento da neurociência e da gerontologia ambiental aplicadas às intervenções urbanísticas, as condições para o neurourbanismo qualitativo são criativas, destacando a necessidade de pesquisas nestas áreas para construir ambiências responsivas ao processo inexorável do envelhecimento humano nas cidades.

5. BIBLIOGRAFIA

Adli, M. *et al.* (2017). Neurourbanism: towards a new discipline. *The Lancet Psychiatry, 4*(3), 183–185. https://doi.org/10.1016/s2215-0366(16)30371-6

Arbib, M. A. (2021). *When Brains Meet Buildings: A Conversation Between Neuroscience and Architecture.* Oxford University Press.

Biglieri, S., & Hartt, M. (2023). The "Double Risk" of Aging: Examining Vulnerability and (Un)supportive Built Environments in Canadian Cities. *Canadian Journal on Aging,* 1–15. https://doi.org/10.1017/s0714980823000429

Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. de A., & Macedo, M. (2011). O Método Da Revisão Integrativa Nos Estudos Organizacionais. *Gestão E Sociedade, 5*(11), 121. https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220

Cha, H., Kim, S., Kim, H., Kim, G., & Kwon, K. (2022). Effect of intensive olfactory training for cognitive function in patients with dementia. *Geriatrics & Gerontology International, 22*(1), 5–11. https://doi.org/10.1111/ggi.14287

Cha, H., Kim, S., Seo, M., & Kim, H. (2021). Effects of olfactory stimulation on cognitive function and behavior problems in older adults with dementia: A systematic literature review. *Geriatric Nursing, 42*(5), 1210–1217. https://doi.org/10.1016/j.gerinurse.2021.07.003

Choi, I., Demir, İhsan Ekin , Oh, S., & Lee, S.-H. (2023). Multisensory integration in the mammalian brain: diversity and flexibility in health and disease. *Philosophical Transactions of the Royal Society B, 378*(1886). https://doi.org/10.1098/rstb.2022.0338

Damásio, A. R. (1997). *O erro de Descartes : emoção, razão e cérebro humano.* Publicações Europa-América.

Damásio, A. R. (2018). *A estranha ordem das coisas*. Editora Companhia das Letras.

De Almeida, M. G. N. *et al.* (2020). Lifestyle factors and multimorbidity among older adults (ELSI-Brazil). *European Journal of Ageing, 17*(4), 521–529. https://doi.org/10.1007/s10433-020-00560-z

Dudine, L. *et al*. (2021). Investigation on the Loss of Taste and Smell and Consequent Psychological Effects: A Cross-Sectional Study on Healthcare Workers Who Contracted the COVID-19 Infection. *Frontiers in Public Health, 9,* 666442. https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.666442

Finlay, J. *et al.* (2021). Neighborhood active aging infrastructure and cognitive function: A mixed-methods study of older Americans. *Preventive Medicine, 150*, 106669. https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2021.106669

Frangos, E., Graf, C., & Samaras, N. (2023). Functional Aging: Integrating Functionality to a Multidimensional Assessment of Healthy Aging. *Current Gerontology and Geriatrics Research, 2023*, 1–6. https://doi.org/10.1155/2023/9409918

Freitas, E. V. De , & Py, L. (2022). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Guanabara Koogan.

Gibson, J. J. (1979). The ecological approach to visual perception. Psychology Press.

Herrmann, B., Maess, B., & Johnsrude, I. S. (2018). Aging Affects Adaptation to Sound-Level Statistics in Human Auditory Cortex. *The Journal of Neuroscience, 38*(8), 1989–1999. https://doi.org/10.1523/jneurosci.1489-17.2018

Herz, R. S., & Bajec, M. R. (2022). Your Money or Your Sense of Smell? A Comparative Analysis of the Sensory and Psychological Value of Olfaction. *Brain Sciences, 12*(3), 299. https://doi.org/10.3390/brainsci12030299

Hollander, J. B., & Sussman, A. (2020). *Urban Experience and Design*. Routledge.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023). Censo: número de idosos no Brasil cresceu 57,4% em 12 anos. Governo Federal, Brasil.

Iecovich, E. (2014). Aging in place: From theory to practice. *Anthropological Notebooks, 20*(1).

Kim, Y., Yeo, H., & Lim, L. (2024). Sustainable, Walkable Cities for the Elderly: Identification of the Built Environment for Walkability by Activity Purpose. *Sustainable Cities and Society, 100*, 105004–105004. https://doi.org/10.1016/j.scs.2023.105004

Ladyka-Wojcik, N., & Barense, M. D. (2020). Reframing spatial frames of reference: What can aging tell us about egocentric and allocentric navigation? *WIREs Cognitive Science*. https://doi.org/10.1002/wcs.1549

Lynch, K. (1960). *The image of the city.* The MIT Press.

Mac Domhnaill, C., Douglas, O., Lyons, S., Murphy, E., & Nolan, A. (2021). Road traffic noise and cognitive function in older adults: a cross-sectional investigation of The Irish Longitudinal Study on Ageing. *BMC Public Health, 21*(1). https://doi.org/10.1186/s12889-021-11853-y

Marquez, A. (2018). *The Smell of the City.* Akna Marquez. https://www.aknamarquez.com/blog/2017/6/14/the-smell-of-the-city

Merleau-Ponty, M. (1962). Phenomenology of Perception. In *PhilPapers*. Atlantic Highlands, New Jersey: The Humanities Press. https://philpapers.org/rec/MERPOP

Olszewska-Guizzo, A., Sia, A., & Escoffier, N. (2023). Revised Contemplative Landscape Model (CLM): A reliable and valid evaluation tool for mental health-promoting urban green spaces. *Urban Forestry & Urban Greening, 86*, 128016–128016. https://doi.org/10.1016/j.ufug.2023.128016

OMS - Organização Mundial da Saúde (2005). Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

OMS - Organização Mundial da Saúde (2020). *Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030: Plano de Ação*. Organização Mundial da Saúde. ISBN: 9789240017900.

Pallasmaa, J. (1996). *The eyes of the skin : architecture and the senses*. Academy.

PNS - Pesquisa Nacional de Saúde (2020). Percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões 2019. IBGE, Rio de Janeiro, 113p.

Sussman, A., & Hollander, J. B. (2021). *Cognitive architecture : designing for how we respond to the built environment*. Routledge.

Uebel, K., Rhodes, J. R., Wilson, K., & Dean, A. J. (2022). Urban park soundscapes: Spatial and social factors influencing bird and traffic sound experiences. *People and Nature, 4*(6), 1616–1628. https://doi.org/10.1002/pan3.10409

UN DESA - United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2024). World Population Prospects 2024: Summary of Results (UN DESA/POP/2024/TR/NO. 9).

UN - United Nations (2023). World Cities Report 2022. United Nations Human Set. Programme (UN-Habitat).

Vincent, E., & Hartt, M. (2024). Ageing and the sensory city. *Town Planning Review, 95*(2), 175–195. https://doi.org/10.3828/tpr.2023.37

Xiao, J., Aletta, F., Radicchi, A., McLean, K., Shiner, L. E., & Verbeek, C. (2021). Recent Advances in Smellscape Research for the Built Environment. *Frontiers in Psychology, 12*. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.700514

Yang, D., Liu, X., Ren, Z., & Li, M. (2022). Relation between Noise Pollution and Life Satisfaction Based on the 2019 Chinese Social Survey. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 19*(12), 7015. https://doi.org/10.3390/ijerph19127015

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RXX

A SENSITIVE LOOK AT SPACE BEYOND VISUAL COORDINATES: A CREATIVE EXPERIENCE WITH ARCHITECTURE STUDENTS

UM OLHAR SENSÍVEL DO ESPAÇO PARA ALÉM DAS COORDENADAS VISUAIS: UMA EXPERIÊNCIA CRIATIVA COM ALUNOS DE ARQUITETURA

Natália Moraes
Mestranda
Universidade Estadual de Londrina
natalia.mafemo@uel.br

Karoline Campana
Mestranda
Universidade Estadual de Londrina
karoline.campana@uel.br

Rovenir Duarte
Professor Doutor
Universidade Estadual de Londrina
rovenir@uel.br

ABSTRACT

Representational thinking dominates disciplinary spatial knowledge in architecture, limiting how the world can be understood. This approach prioritizes visual coordinates (Deleuze, 2021) over corporeal experience. This work incorporates Non-Representational Theory, focusing on the relationship between body and affect, and aims to explore affect in constructing spatial knowledge, deepening discussions around the 'image without resemblance' (Deleuze, 2021). It examines the theme of 'tactile variations' through an experiment of action research. The outcomes include a produced image that contrasts with Deleuzian discussions about the 'image without resemblance' and Non-Representational Theory. Despite attempts to measure and use recognized representational methods of understanding space, some small conflicts emerged that offer insights into how spaces can be comprehended beyond visual coordinates.

KEYWORDS: visual coordinates. affect. image without resemblance. Non-Representational Theory.

RESUMO

O pensamento representacional se mostra dominante no conhecimento espacial disciplinar na arquitetura por limitar forma como o mundo pode ser conhecido. Neste pensamento, a coordenada visual (Deleuze, 2021) impera em detrimento da experiência corpórea. Soma-se a esta discussão, a Teoria Não-Representacional com a relação entre corpo e afeto. Este trabalho, para investigação do afeto nos processos de construção do conhecimento espacial, busca aprofundar discussões sobre a "imagem sem semelhança" (Deleuze, 2021). Para isso, toma-se a etapa com o tema "variações táteis" do experimento realizado em pesquisa-ação. O resultado desta etapa, finalizada com a produção de uma imagem, é contraposto às discussões deleuzianas sobre "imagem sem semelhança" e Teoria Não-Representacional. Foi possível perceber que embora tentassem medir e recorrer a formas de apreensão do espaço reconhecidas e representacionais, pequenos conflitos se instauraram, que podem ajudar a pensar e discutir o modo como os espaços são conhecidos além da coordenada visual.

PALAVRAS-CHAVE: coordenadas visuais. afeto. imagem sem semelhança. Teoria Não-Representacional.

1. INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, com a filosofia platônica, o pensamento representacional se faz marcante no Ocidente como fundamento da sociedade e da cultura (Watson, 1995; Haddad, 2012). Um grande aumento deste pensamento se observou desde o Renascimento, quando, com o surgimento da perspectiva, a busca pela Verdade deu-se pelas coordenadas visuais, com o principal correspondente da realidade (Pérez-Gomez, 2000). Isso refletiu no poder do conhecimento atribuído à visão, que desde a filosofia platônica negava a experiência corpórea como capaz de alcançar algum tipo de Verdade.

Em oposição, o filósofo pós-estruturalista Deleuze (1974) defendeu um caminho pela "reversão do platonismo", ou seja, divergir do pensamento representacional e de suas motivações platônicas: na prevalência da essência frente à aparência, do inteligível ao sensível, da ideia à imagem, do original à cópia e do modelo ao simulacro. Opôs-se, assim, a uma imagem que anseia pela Verdade por meio da semelhança, a "imagem com semelhança", apontando outra com o propósito de expressar e produzir a partir das puras sensações: a "imagem sem semelhança" (Deleuze, 2021). Esta imagem buscaria, ao invés de repetir as semelhanças aparentes, seguir uma lógica não representacional, evitando a subordinação às coordenadas visuais na sua produção (Deleuze, 2021) e, então, condizente às sensações e dimensões intensivas. Soma-se a essa discussão a Teoria Não-Representacional (Thrift, 2008), que acrescenta a relação do corpo e do afeto, na busca por entender como os corpos se encontram.
Assim, esse trabalho buscou aprofundar discussões sobre a chamada "imagem sem semelhança" e o entendimento da dimensão afetiva na ruptura das coordenadas visuais. Apresenta-se aqui um recorte de um experimento realizado com estudantes do curso de Arquitetura, com o tema das "variações táteis", dedica a imagem do espaço do professor em uma sala de aula.

2. METODOLOGIA

Este trabalho parte de uma pesquisa maior, com caráter fortemente exploratório na busca pela chamada "imagem sem semelhança" (Deleuze, 2021), voltada para os processos de conhecimento espacial em arquitetura, com o caso do espaço do professor em uma sala de aula. Adota-se a estratégia da pesquisa-ação (Reason & Bradbury, 2001), com um grupo de cinco estudantes de Arquitetura do 4º ano, para aprofundar o entendimento do auxílio do fazer manual no conhecimento espacial na ruptura das coordenadas visuais. O experimento foi organizado em cinco etapas cíclicas (Mello et al, 2012), que seguem a proposta da pesquisa-ação fundamentada em uma ação horizontal (Almeida, 2019) e reflexiva (Reason & Bradbury, 2001). Seu aspecto cíclico proporciona um replanejamento das ações realizadas, permitindo abrir a novas direções e dinâmicas (Wadsworth, 1998). Na primeira etapa propôs-se que os alunos desenvolvessem uma imagem representacional da sala, "com semelhança", para então, nas outras quatro etapas girarem em torno do conceito de "imagem sem semelhança". Neste trabalho, será descrita a segunda etapa do experimento,

que abordou o tema das "variações táteis". O experimento envolveu a observação-participante, com registros fotográficos e fílmicos. A discussão foi baseada no confronto dos resultados obtidos no experimento com a revisão bibliográfica sobre "imagem sem semelhança" de Deleuze (2021) e Teoria Não-Representacional (Thrift, 2008).

3. AS COORDENADAS VISUAIS E O CAMPO DISCIPLINAR DA ARQUITETURA: O CORPO E O AFETO COMO RUPTURA

O campo disciplinar da Arquitetura, em seu pensamento representacional, apresenta-se de forma intensa através da dominância visual, desejando enquadrar a realidade em um papel por meio de projeções (Pérez-Gomez, 2000), chamadas coordenadas visuais (Deleuze, 2021). Tal dominância reforça a ideia da visão como o sentido mais confiável para se conhecer o mundo e se aproximar da Verdade (Haddad, 2012), enquanto os outros seriam apontados como enganosos e instáveis (Sales, 2006). Esta visão é consagrada no Renascimento com a perspectiva linear associada diretamente à óptica (Pérez-Gomez, 2012), aos raios de luz das projeções (Evans, 2000), assim, as coordenadas visuais conectariam os olhos ao mundo das dimensões verdadeiras (Figura 1), onde as linhas se encontram subordinadas aos pontos e à semelhança (Deleuze e Guattari, 2012).

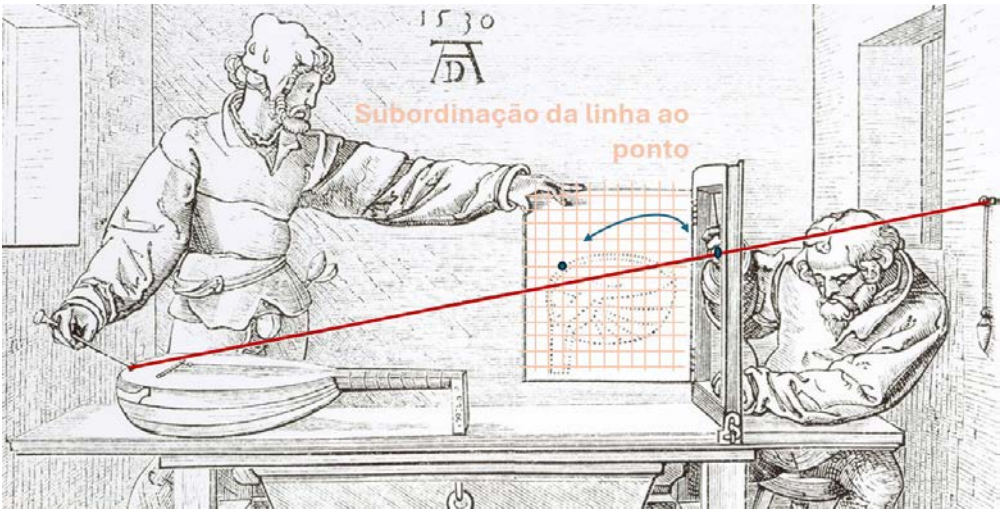


Figura 1. A ideia da coordenada visual perseguida no Renascimento.
Fonte: Imagem modificada pelos autores (2024).

Em busca de ir além, Deleuze (2021) aponta o rompimento das coordenadas visuais como um caminho para a experiência sensível do corpo, assim, defende a mudança da óptica da visão para o háptico. Trazer essa postura para a visão, mostra-se como "um tato do olho" (Deleuze, 2021, p. 221), ao buscar romper a distância característica

do conhecimento visual que proporciona um enaltecimento do simbólico e da representação. Desse modo, introduz uma experiência o significado dado, em prol de algo que Pallasmaa (2017) chama de fusão multissensorial complexa, capaz de sentir e perceber atmosferas e ambiências. Como Pallasmaa (2011) observa em outro momento, enquanto a visão distancia o sujeito do mundo, por meio de uma interiorização mental, o tato traz a possibilidade de aproximação e contato com o ambiente.
A proposta de uma experiência sensível do corpo e aproximada vai ao encontro da crítica da Teoria Não-Representacional (Thrift, 2008), com um dos seus pilares no conceito do afeto. No questionamento da representação, tal teoria traz o afeto como uma força a ser exercida no encontro entre corpos, de modo a ser percebido nestes uma variação de intensidade e de estado relativos à sua realidade (Yonezawa, 2015). Por isso, o afeto é caracterizado como transpessoal; não-cognitivo e relacional entre corpos (Buser, 2014). O corpo se destaca na investigação afetiva, pois o mundo é lido pelas diversas direções das relações provocadas entre estes corpos (Deleuze, 1997), onde um corpo afeta e é afetado (Deleuze, 2002).

A relação dos afetos encaminha a discussão para as dimensões intensivas, assim, no lugar da precisão extensiva dos desenhos em perspectiva ou projeção, onde uma linha se subordina ao ponto, de modo dimensional e extensivo, discute-se as qualidades intensivas, um intenso sentimento de passagem (Deleuze & Guattari, 2012) que aceita a ambivalência. Como explica Lorimer (2005), trata de encontros fugazes, pré-cognitvos e intensidades afetivas.

4. EXPERIÊNCIA CRIATIVA COM OS ALUNOS DE ARQUITETURA: UMA APROXIMAÇÃO TÁTIL AO ESPAÇO

A etapa do experimento abordada, com o tema “variações táteis”, discute a produção de uma imagem do espaço do professor de uma sala de aula, apoiada com materiais como papel, tecido, linhas e tinta. Nesta etapa, a intenção foi expressar esse espaço pelo tato através da exploração de aspectos como, por exemplo, texturas e intensidade de calor.

Após registros visuais representativos nas etapas anteriores (Figura 2), um dos alunos (Figura 3) foi vendado e foram realizadas três atividades: 1) sentir a lousa e a mesa pelo tato; 2) localizar-se por meio da escuta e 3) desenhar na lousa às escuras. O aluno vendado, inicialmente, foi girado para desorientação e o primeiro objeto que tocou foi a lousa, que não reconheceu.

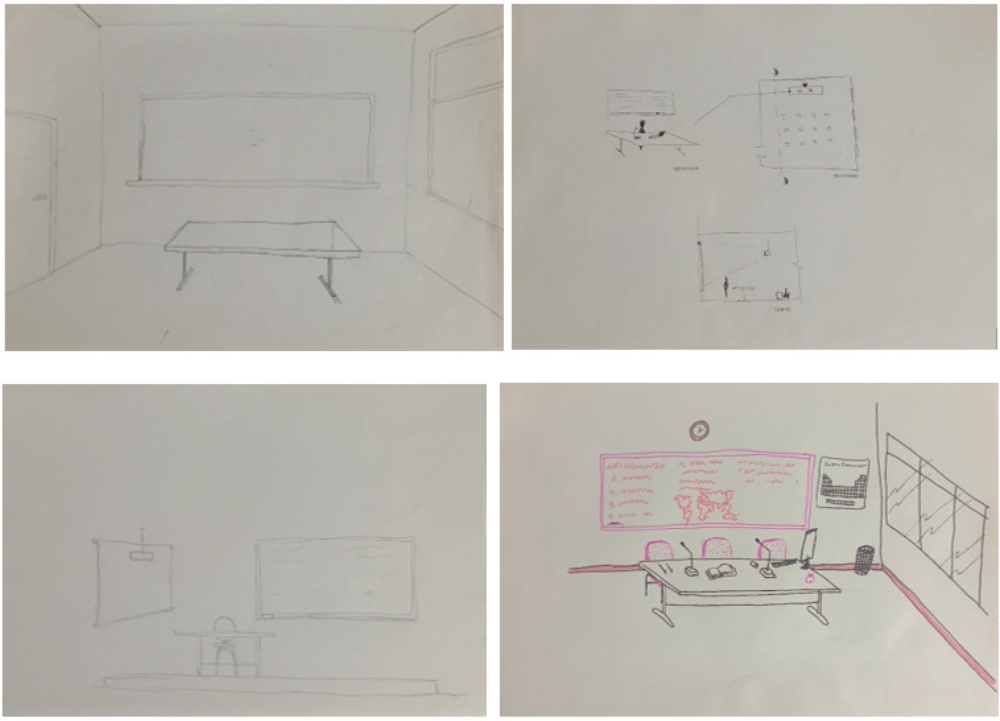


Figura 2. Imagens representacionais realizadas pelos alunos na Etapa Prévia do experimento.
Fonte: Acervo dos autores (2024).

1) Sentir a lousa e a mesa pelo tato: Logo quando ele tocou a lousa, começou a descrever o que sentia com palavras como: “frio”, “delicado” e “macio”. O aluno apontou que, antes de tocar em algo, sentiu-se receoso no ambiente. Ao ser questionado se achava a lousa maior ou menor do que tinha na memória, ele respondeu maior, tentando medi-la com o corpo. Em relação à mesa, ao buscar dizer se parecia maior ou menor, o aluno tentou medi-la com seus braços, mãos e pés, desistindo ao tentar medir o seu maior lado. Logo depois, no lado menor, o mede com o auxílio de unidades corpóreas. Ele identifica que a mesa aparenta ser bem maior que antes e da mesma altura, sentindo a mesa com palavras como “mole” e “frágil”. Por fim, tentou tocar os pés da mesa, na busca por travessas intermediárias, que não existiam, surpreendendo-se pelos pés serem compostos de plástico além de metal.

2) Localizar-se por meio da escuta: O aluno vendado sentou-se na cadeira, e cada pessoa se posicionou em diversos lugares da sala, emitindo sons que reverberava nos diversos materiais e geometrias da sala, a formar a chamada atmosfera acústica (Böhme, 2000). Desse modo, o aluno verificava se conseguia localizar-se. No começo, o aluno vendado acertava o local de onde os outros alunos estavam, mas aos poucos, ao ser adicionado mais falas e ser percebida uma outra atmosfera, ele começou a demonstrar confusão em relação à sua própria localização.

3) Desenhar na lousa: O aluno antes de iniciar o desenho, buscou localizar-se no espaço disponível da lousa. Após desenhar, retirou a venda e respondeu às perguntas feitas, disse que havia desenhado uma coruja, que achava que tinha a localizada mais ao centro da lousa, com um corpo mais redondo que oval.

Figura 3. Aluno vendado medindo a lousa, a mesa e desenhando.
Fonte: Acervo dos autores (2024).

Ao fim, os demais alunos produziram uma imagem a partir das informações derivadas dos afetos e das sensações emitidas pelo vendado (Figura 4). Detectou-se nesta produção o retorno aos códigos como a cor verde e cinza dos tecidos para lousa e mesa, mas ao mesmo tempo, comentou-se de sensações do toque do tecido como justificativa. Não se observou os conflitos e ambivalências dos sentidos visuais prévios e táteis finais.

Figura 4. Imagem produzida pelos alunos não vendados na Segunda Etapa do experimento.
Fonte: Acervo da autora (2024).

5. DISCUSSÃO

No experimento, é possível perceber como a apreensão tátil abriu o conhecimento para além das imagens prévias, que assumiam a frente da percepção de fato. Por exemplo, o aluno vendado se surpreende algumas vezes sobre preconcepções que tinha sobre os objetos, como a existência de travessas nos pés da mesa, ou ainda, tensões advindas das dimensões sensíveis, de modo que uma lousa pode se mostrar fria, delicada, mole e frágil.

Na mesma direção, destacou-se a tensão entre as dimensões extensivas e intensivas relacionadas respectivamente com a visão e o háptico. Se por um lado as coordenadas visuais demandavam distância, precisão e correspondência com uma única verdade objetiva, por outro, a apreensão tátil recorreu à aproximação ao ambiente, subjetividade e ambivalência. Isso foi observado quando o aluno identificou a mesa e a lousa com tamanhos variáveis, ou seja, o que havia visualizado frente ao tocado, apresentando-se maiores na condição tátil. Assim, o aluno vendado buscou transportar os dados intensivos para os extensivos, ao buscar padrões numéricos a partir do uso do próprio corpo como medida dos objetos. Após expressão de confusão, apontou os objetos como maiores do que ele se lembrava. Em nenhum momento apontou que as duas percepções poderiam ser aceitas ambivalentemente, ainda refém de uma única verdade extensiva.

Quando o aluno tentou se localizar no espaço pela audição, viu a necessidade de recuperar diversas coordenadas visuais pela memória, já que não conseguia identificar e reconhecer os sons para se localizar. A partir dos sons emitidos, foi criada uma nova atmosfera acústica (Böhme, 2000), gerada pela sobreposição de sons, cuja percepção lhe causou confusão e sensação de estar perdido. Tal fenômeno pode estar relacionado com reverberações da sala, com uma ambiência formada por materiais com pouca absorção, porém, também pode estar relacionado com um processo de adaptação, enquanto o aluno começava a “ver” com a audição. Como explica Böhme (2000), as pessoas são afetivamente influenciadas pelas vozes que ouvem, modificando a própria existência corporal no espaço, formando uma atmosfera. No desenho elaborado na lousa, fora do controle visual, pode ser observado que a mão agiu fora do acordo de imposição dos olhos e das coordenadas visuais, mas a crítica após o desenho feito reforçou a necessidade de expressar algo submetido ao visual, seja nas formas como na localização do desenho na lousa.

Por fim, sobre a produção de uma imagem pelos alunos que não realizaram a apreensão tátil, foi clara como as informações derivadas dos afetos e das sensações tiveram pouca materialização, retornando aos códigos e convenções. Assim, se é fato que a imagem realmente pouco mantém relações de semelhança, além dos códigos das cores, tão pouco consegue agregar as relações de sensação levantadas pelo aluno vendado. Esse acontecimento ressalta as características transpessoal, não-cognitiva e relacional entre corpos (Buser, 2014) dos afetos e evidencia a particularidade da experiência sensível do aluno vendado, como a dificuldade de transposição de dados sensoriais (Paterson, 2007).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de ampliar as formas de conhecimento espacial limitadas pela representação e pelas coordenadas visuais, um exercício tátil foi realizado tomando o objeto de uma sala de aula para conhecimento e produção de uma "imagem sem semelhança". O experimento demonstrou conflitos entre as percepções prévia visual e a posterior tátil, em oposição ao vínculo de semelhança, aparentemente indestrutível, como meio de alcançar a Verdade. Com a visão suprimida, outros sentidos de forma háptica emergiram, evidenciando os afetos e as sensações, como também, a mudança da percepção do ambiente. Ainda que o número pequeno de participantes se mostre como uma importante limitação de pesquisa, ressalta-se que, provavelmente devido ao arraigamento do pensamento representacional, e busca por formas reconhecidas, transparece uma resistência da percepção mais geral do corpo. No entanto, acredita-se que esses pequenos conflitos podem ajudar a pensar e discutir o modo como os ambientes são apreendidos por meio da dimensão intensiva e de suas atmosferas. Por isso, eles podem contribuir para o conhecimento dos ambientes além da coordenada visual por suscitar processos criativos e imaginativos. Principalmente, no contexto do ensino e formação de Arquitetura, onde o pensamento representacional é intensamente presente.

7. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

8. BIBLIOGRAFIA

Almeida, M. L. (2019). Diálogos sobre pesquisa-ação: concepções e perspectivas. São Carlos: Pedro & João Editores.

Böhme, Gernot. (2000). Acoustic atmospheres: a contribution to the study of ecological aesthetics. In: Soundscape : Journal of Acoustic Ecology, 1 (1).

Buser, M. (2014). Thinking through nonrepresentational and affective atmospheres in planning theory and practice. Planning Theory. 13(3).

Colebook, C. (2000). Questioning Representation. University of Wisconsin Press. 29(2), issue 92.

Deleuze, G. (1974). Lógica do sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, (do original Logique du sens, 1969).

Deleuze, G. (2002). Espinosa: filosofia prática. SP: Escuta.

Deleuze, G. (2021). Pintura: el concepto de diagrama. (2 ed.). Buenos Aires: Cactus.

Deleuze, G. e Guattari, F. (2012). Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 3. São Paulo: Editora 34.

Evans, R. (2000). The Projective Cast: architecture and its three geometries. Massachusetts: MIT Press.

Haddad, A. B. (2012). A visão sensível como imagem da visão dos inteligíveis. Trans/Form/Ação, Marília, 35 (3), 3-20.

Lorimer, H. (2005). Cultural geography: The busyness of being "more-thanrepresentational." Progress in Human Geography, 29, 83–94.

Mello, C; Turrioni, J; Xavier, A; Campos, A. (2012). Pesquisa-ação na engenharia de produção: proposta de uma estruturação para a sua condução. Produção, 22(1), 1-13.

Pallasmaa, J. (2011). Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman.

Pallasmaa, J. (2017). Space, Place, and Atmosphere: Peripheral Perception in Existential Experience. In:

Böhme, G. Atmospheric Architectures: The Aesthetics of Felt Spaces. London: Bloomsbury Publishing, 18-41.

Paterson, M. (2007). The senses of touch: haptics, affects, and Technologies. NY: Berg.

Pérez-Gómez, A. & Pelletier, L. (2000). Architectural representation and the perspective hinge. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, London, England.

Perez-Gomez, A. (2012). The historical context of contemporary architectural representation. In: Ayres, P. Persistent Modelling. London: Routledge Taylor & Francis Group.

Shusterman, R. (2000). Performing live: aesthetic alternatives for the ends of art. NY: Cornell University Press.

Reason, P. & Bradbury, H. (2001). Handbook of action research: participative inquiry and practice. Sage Publications, Thousand Oaks.

Sales, A. C. S. (2006). Platão e o simulacro: a perspectiva de Deleuze. Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. Seropédica, RJ, EDUR, 28(21), 01-08.

Thrift, N. (2008). Non-representational Theory. Space, Politics, Affect. Oxon: Routledge.

Wadsworth, Y. (1998). What is participatory action research? Action Research International. Paper 2.

Watson, R. (1995). Representational Ideas: from Plato to Patricia Churchland. Springer Science + Business Media Dordrecht.

Yonezawa, F. H. (2015). Só a alegria produz conhecimento: corpo, afeto e aprendizagem ética na leitura deleuzeana de Spinoza. Educação: Teoria e Prática. 25(48). 186–199.

RXX

THE IMPORTANCE OF LISTENING IN THE COLLECTIVE CONSTRUCTION OF URBAN DESIGN QUALITY PARAMETERS FOR SOCIAL HOUSING

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA NA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE PARÂMETROS DE QUALIDADE DE DESENHO URBANO PARA HABITAÇÃO SOCIAL

Maria Lucia Pecly
Professora Associada/ Doutorado
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo- Universidade Federal do Rio de Janeiro
mlpecly@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The article will seek to understand the participatory process as the basis for the collective construction of an Urban Design Code (UDC). City models based on top-down decisions in the 1960s led us to utopian urban plans that did not consider the new vision of urban quality as a collaborative construction process. Collective construction thinking starts from a system where decisions come from the bottom up, where visions are shared with the aim of creating a good place to live.

The purpose of the article is to look at the methodology of urban planning based on a change in social dynamics and seek to understand the open system proposed in Massive Small Changes as a well-defined system, but with its permeable limits capable of absorbing new ideas, the objective of the article is seek to systematize community participation in the UDC construction process.

KEYWORDS: community participation. urban design code. social housing.

RESUMO

O artigo vai procurar compreender o processo participativo como base da construção coletiva de um *Urban Design Code (UDC)*. Os modelos de cidade baseados em decisões de cima para baixo na década de 1960 nos levaram a planos urbanos utópicos que não consideravam a nova visão da qualidade urbana como um processo de construção colaborativa. O pensamento da construção coletiva parte de um sistema onde as decisões vêm de baixo para cima, onde visões são compartilhadas para criar um bom lugar para se viver.

A proposta do artigo é buscar na metodologia do planejamento urbano baseado numa mudança da dinâmica social e buscar compreender o sistema aberto proposto em *Massive Small Changes* como um sistema bem definido, porém com seus limites permeáveis capazes de absorver novas ideias, o objetivo do artigo é procurar sistematizar a participação comunitária no processo de construção do *UDC.*

PALAVRAS-CHAVE: participação comunitária. Urban Design Code. habitação social.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida em parceria com duas Universidades, a Oxford Brookes University e UFRJ trata da qualidade do espaço público da habitação social e o objetivo do artigo é procurar sistematizar as metodologias de participação comunitária no processo de construção coletiva no projeto de habitação social. O artigo vai trazer dois exemplos na Inglaterra para destacar essa abordagem. O *UDC (Urban Design Code)* é uma importante ferramenta de projeto, com uma metodologia estruturada no processo e no produto, tendo como foco a participação comunitária. E como segundo exemplo, vamos destacar a pesquisa de Kelvin Campbell (2018), que trabalha com a ideia de um sistema aberto que busca minimizar os conflitos, e defende que o governo e as pessoas podem trabalhar em conjunto visando atender à necessidade das futuras gerações.

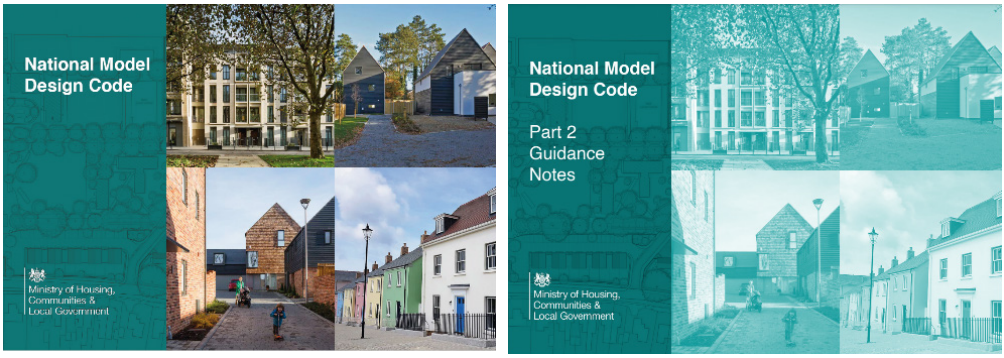


Figura 1. Manual do Governo inglês do modelo do UDC
Fonte: https://assets.publishing.service.gov.uk/media/611152f98fa8f506ca458925/NMDC_Part_1_The_Coding_Process.pdf
https://assets.publishing.service.gov.uk/media/6111531fd3bf7f043c4badd1/NMDC_Part_2_Guidance_Notes.pdf

Campbell defende que, acima de tudo, o desenho urbano deve ser um processo generativo, de onde a forma emerge. A discussão sobre o futuro dos novos modelos de urbanização nos faz questionar a necessidade de um urbanismo mais focado no processo coletivo, quando as decisões são construídas de baixo para cima ao invés do modelo de urbanização de cima para baixo, onde os grandes planos que atendem a concentração de interesses econômicos, que construíram ao longo do tempo espaços sem qualidade, diversidade e vitalidade. Alguns fatores vêm tendo destaque no processo de codificação de projetos inovadores, o tempo de maturação do projeto, a possibilidade de flexibilização ao longo da implantação e a participação comunitária.

Making a Massive Small Change trata da emergência da mudança da abordagem na construção de lugares bons para se viver, Campbell (2018) defende que os governos sozinhos não conseguem resolver os problemas complexos das cidades, a proposta de criar um sistema onde o governo e as pessoas possam trabalhar juntos, para atingir transformações que nenhum dos dois conseguiria fazer sozinho, é um processo inovador. A metodologia proposta por ele parte da ideia de reconciliação

de conflitos e potencialidades entre os sistemas *Top-Down* e *Botton-Up* no planejamento urbano. Ele propõe um planejamento urbano focado numa mudança da dinâmica social e tenta construir no sistema aberto, onde existe uma participação efetiva dos *stakeholders*, o sistema é bem definido, porém com limites permeáveis capazes de absorver novas ideias.

> Na prática, os grandes Master Plans falharam - porque eles criaram uma ordem totalitária, não uma ordem orgânica. Eles são muito rígidos; eles não conseguem se adaptar facilmente às mudanças naturais e imprevisíveis que inevitavelmente surgem na vida da comunidade (Campbell, 2018).

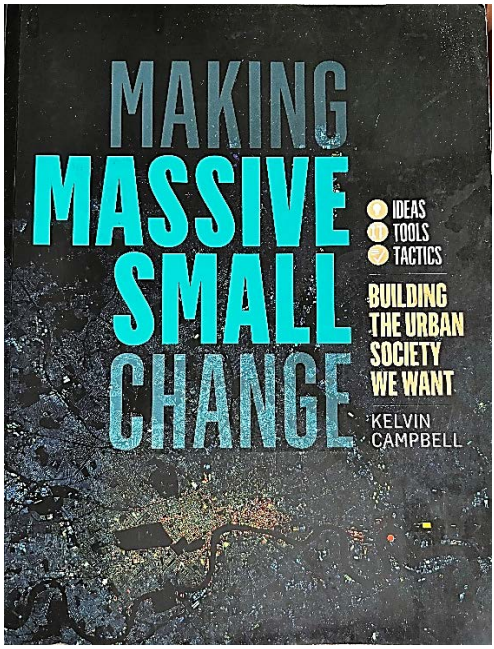


Figura 2. Capa livro Making Massive small change.
Fonte: CAMPBELL, Kelvin, (2018). Making Massive Small Change. Chelsea Green Publishing, London.

O artigo vai procurar destacar a importância da participação comunitária no processo de *UDC* na Inglaterra e também buscar compreender através da pesquisa de Campbell (2018) a importância da reconciliação de conflitos, da escuta atenta e da divisão de responsabilidades entre as ações do governo e os *stakeholders.* Campbell argumenta que ações rígidas, com decisões de cima para baixo, falharam ao longo do tempo, *Masterplans* ficaram inacabados, a crise da habitação aumentou progressivamente, o meio ambiente está sob ameaça e os pobres ficaram ainda mais pobres.

2. O PROCESSO PARTICIPATIVO NA HABITAÇÃO SOCIAL UTILIZANDO A METODOLOGIA DO URBAN DESIGN CODE

2.1 A participação comunitária no processo do *Urban Design Code*

Na Inglaterra as discussões de pré-aplicação num processo de *UDC* são fornecidas para que os candidatos busquem entender melhor as necessidades reais e as propostas de desenho urbano para aquele determinado local, portanto, quando os desenvolvedores solicitam a permissão do plano para aprovação do projeto, eles já elaboram, em parceria com as autoridades locais, uma orientação detalhada para as diretrizes do projeto.

Ian Bentley (1985)[1] chama atenção para a importante relação entre o "produto", que classifica como o resultado final do projeto construído e o "processo", que trata das relações entre os diferentes atores envolvidos, como arquitetos, desenhistas urbanos, engenheiros de tráfego, investidores, proprietários da terra, poder público e a comunidade. Bentley destaca também a importância da governança e a gestão desse processo, desde a concepção, participação comunitária até a aprovação do projeto. A última etapa dessa sequência é o acompanhamento e o controle de qualidade dos projetos executados.

A codificação de desenho urbano com ênfase na HIS é um manual de boas práticas e controle eficaz, que engloba tanto a governança como, a conciliação na disputa de interesses econômicos dos investidores, de interesses políticos, de interesses dos usuários e da equipe de profissionais envolvidos no projeto; como também assegura a qualidade do produto final entregue, auxiliando no controle das etapas de execução, através da definição de um *Masterplan* com definição das diretrizes projetuais, das etapas de execução e estudo de viabilidade econômica.

1 Bentley, Ian et all. (1985). *Responsive Environments. A manual for designers*. Architectural Press, Oxford.

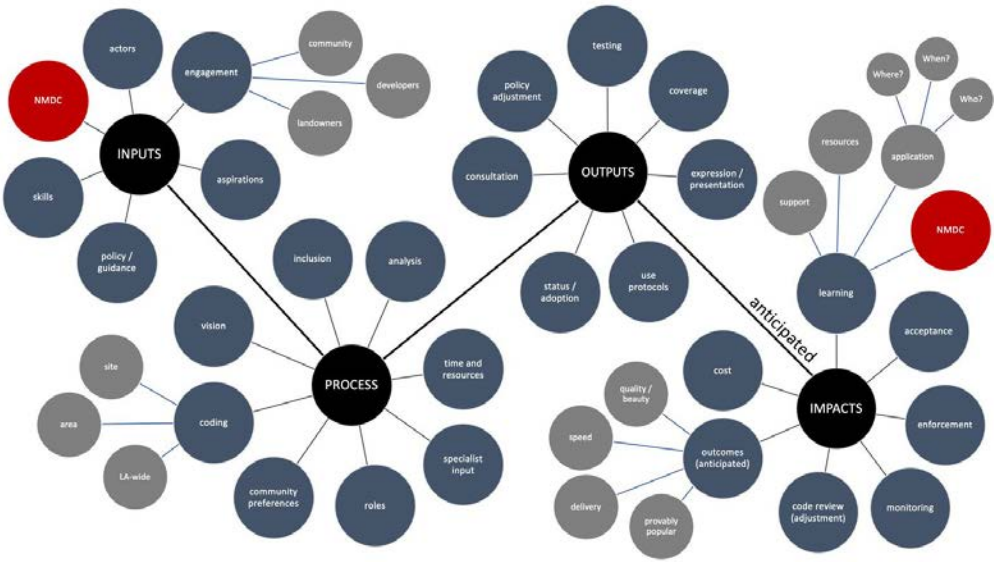
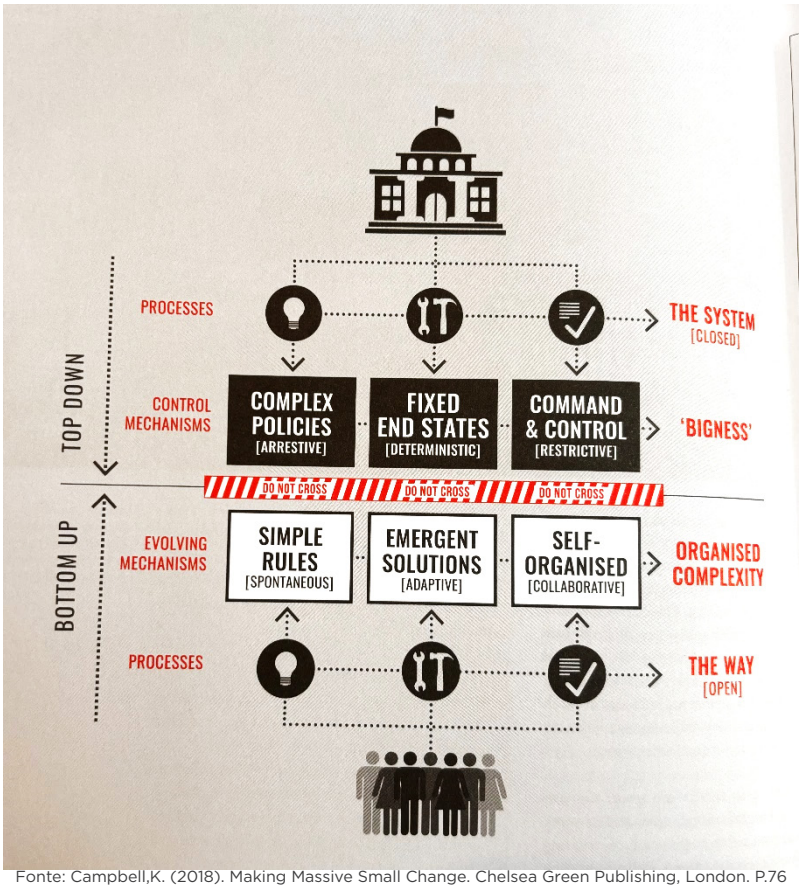


Figura 3. Diagrama do processo do UDC. Matthew Carmona, Wendy Clarke, Brian Quinn, Valentina Giordano UCL Fonte: UCL The Bartlett School of Planning. DESIGN CODE PILOTS, MONITORING AND EVALUATION, Commissioned and facilitated by the Planning Advisory Service (PAS) on behalf of the Department for Levelling up, Housing Communities (DLUHC), Março 2022. file:///C:/Users/mlpec/Documents/BROOKES%202023/BIBLIOGRAFIA%20pesquisa%202023/POLITICAS%20PUBICAS%20HIS%20UK/NMDC_M_E_final_report_v5.pdf

3. A CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA QUE VISA AS SOLUÇÕES COLETIVAS

3.1 A experiência do *Massive Small Change*

É preciso ver a crise de habitação sob uma nova perspectiva. Hoje em dia, devemos envolver as pessoas como parte da solução e ver as ideias inovadoras como uma oportunidade de troca e construção do conhecimento coletivo (*crowdsourcing*). As cidades e seus problemas já estão lá, não podemos fazer uma *tábula rasa* e começar de novo, segundo Campbell a complexidade dos problemas urbanos pode ser parte da solução, a regeneração de edifícios não utilizados pode trazer vitalidade para as áreas circundantes e preservar a identidade e a alma do lugar. A cidade é como um organismo vivo, está sempre em transformação, é preciso permitir que adequações sejam feitas ao longo do tempo na implantação de novos projetos, de forma que atenda à necessidade dos moradores locais.



Fonte: Campbell,K. (2018). Making Massive Small Change. Chelsea Green Publishing, London. P.76

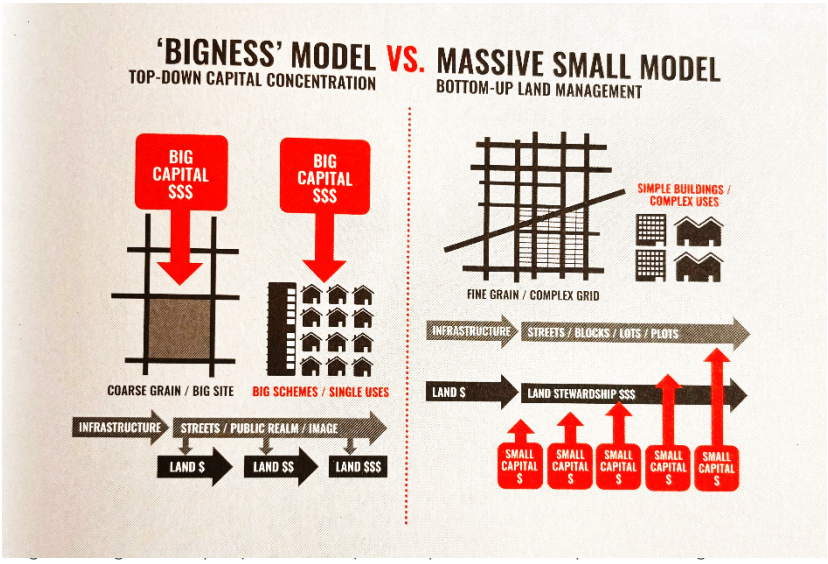
Campbell defende que criar muitas normas, regras e políticas de qualidade pode congelar a espontaneidade de um crescimento orgânico. A ideia central da pesquisa pode ser uma nova maneira de olhar a cidade, não como uma ordem estática, mas como um sistema vivo no qual podemos criar uma condição de protocolos públicos para operar princípios que permitam que as pessoas se envolvam e interfiram no processo de design. O percurso da investigação iniciou-se com a proposta do *Smart Urbanism,* o livro foi publicado inicialmente num modelo de fonte aberta, onde o debate foi estimulado por meio de um grupo criado no LinkedIn visando criar uma sociedade urbana com mais qualidade, onde ideias inovadoras e criativas eram estimuladas para criar bairros mais comprometidos com o desejo dos seus moradores. Milhares de pequenas mudanças eram propostas nos grupos, cidadãos ativistas tomavam a iniciativa e um ia ajudando o outro, usando a tecnologia para engajar outras pessoas. A comunidade começou a demandar propostas para a rua nos seus bairros, ou em um edifício em desuso, saindo do modelo estabelecido pelo modelo convencional de projetar espaços públicos. Muitas vezes a voz das pessoas é

calada pelo sistema de projeto convencional que traz soluções prontas, de cima para baixo, sem dar a oportunidade da comunidade de manifestar.

No Brasil, quando assistimos a um processo participativo, muitas vezes já é para apresentar o projeto pronto e simplesmente comunicar aos atores interessados quais serão as ações a serem tomadas pelo poder público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento do *Massive Small Changes,* traz luz para uma nova abordagem possível na construção de um sistema de projetos urbanos coletivo, que visa aumentar a participação comunitária em todas as etapas do processo. A possibilidade de juntar pequenas mudanças para grandes transformações corrobora com as ideias do Arquiteto brasileiro Jaime Lerner, que defendia a acupuntura urbana como uma potente ferramenta de transformação através de pequenas intervenções que tinha um impacto em grandes áreas do entorno.



da terra do modelo bottom-up.
Fonte: Campbell,K. (2018). Making Massive Small Change. Chelsea Green Publishing, London. P.57

A proposta de uma transformação social com a ideia de pequenas intervenções se tornarem grandes, a *scaleability* defendida por Campbell (2018) traz essa visão de uma cidade mais humana, onde as pré-existências ambientais fazem parte da identidade e da alma do lugar, a força de regeneração de edifícios em desuso pode ativar todo o bairro, promovendo um crescimento saudável e vibrante nas intervenções propostas nesse modelo de projeto coletivo. As qualidades defendidas pelo autor trazem a possibilidade de criar uma plataforma de qualidades urbanas que possa ser replicada em diferentes locais, a possibilidade de trocas de experiências e informações é outro

ponto a ser destacado no seu método.

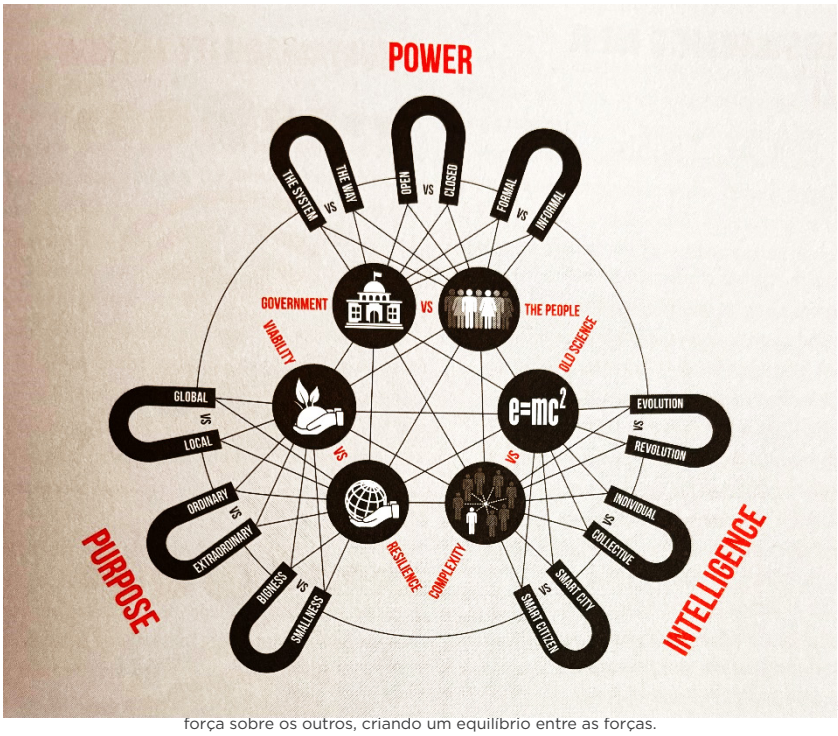


Figura 6. erce uma força sobre os outros, criando um equilíbrio entre as forças.
Fonte: Campbell,K. (2018). Making Massive Small Change. Chelsea Green Publishing, London. P.69

A ideia de uma estrutura aberta de escolhas, que simultaneamente cria padrões como a criação uma plataforma, sugere que em diferentes camadas possam ser trabalhadas individualmente no sistema de autoconstrução ou de forma coletiva, num sistema de cooperativa que reponde por um grupo de pessoas, ou mesmo na visão de incorporadores e investidores que podem ser atendidos por essa metodologia, quando um grupo de lotes pode ser adquirido para construção de um empreendimento. O sistema possibilita também apresentar padrões de tipologias de projeto, desde que considerem a flexibilidade de transformações. A ideia de criar diferentes tipologias que podem ser combinadas para criar quadras com diferentes formas, possibilita que a diversidade tipológica possa ser replicada em diferentes assentamentos, sempre permitindo a flexibilidade de alterações ao longo do tempo e também a alteração de materiais de fachada, bem como modificações internas em cada unidade.

O que podemos destacar como aprendizado no *Massive Small Changes* é a opção do usuário ter escolha, ter liberdade de tomar decisões e a oportunidade de participar do processo que exerce a escuta dos usuários através da construção coletiva urbana.

5. BIBLIOGRAFIA

Alexander, C. (1987) A new theory of urban Design. Oxford University Press, Oxford.

Bentley, I. et al. (1985). *Responsive Environments. A manual for designers*. Architectural Press, Oxford.

Campbell,K. (2018). Making Massive Small Change. Chelsea Green Publishing, London.

Carmona, M. et al (2003). *Public Places. Urban Spaces. The Dimentions of Urban Design.* Architectural Press, Oxford.

Ellin, Nan. (2006) *Integral Urbanism.* Routledge Group. New York.

Ghel, J. (1971) *Life between buildings.: Using public Space*.Arkitektens Forlag, Skive.

Mumford, Eric. (2009) *Defining Urban Design. CIAM Architects and Formation of a Discipline*, 1937-69. Ed. Library of Congress Cataloging.

Mumford, Eric; SARKIS, Hashin; TURAN, Neyran. Josep Lluís Sert. (2009)*The Architect of Urban Design,* 1953-1969. Yale University and Harvard University.

LINKS INTERNET:

Urban Design Principles (UDC1) (2019). Disponível em agosto de 2023
http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20170130153122/
https://udc.homesandcommunities.co.uk/urban-design-compendium?page_id=3892&page=2

Llewelyn-Davies & Alan Baxter Associates. (2000). *Urban Design Compendium*. Disponível em Agosto de 2023: https://pt.slideshare.net/ZaynabRadi/urban-designcompendium-manual

Ilustrated Urban Design Principles (2010). Disponível em https://www.london.ca/business/Planning-Development/urban-design/Documents/Illustrated-Urban-Design-Principles.pdf
https://www.london.gov.uk/press-releases/mayoral/record-17bn-deal-for-new-homes

RXX

URBAN DESIGN CODE. A TEACHING EXPERIENCE IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO

URBAN DESIGN CODE. UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Gustavo Carvalho Pimenta
Mestre em Arquitetura. Professor Assistente
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil
gustavopimenta@fau.ufrj.br

Maria Angela Dias
Doutora em Engenharia de Produção, Professor Titular Emérito
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
magedias@gmail.com

ABSTRACT

This article presents the results of a teaching experience using the Urban Design Code methods, adopted in England. In this report, this experience takes place in the neighborhood of Santo Cristo, in the area once called Porto Maravilha, where the municipal government proposes its revitalization. In a classroom exercise, the group of students, after studying the existing morphology and apprehensions of the location, developed a sequence of parameters under urban guidelines any new development should follow so that the urban space of that area could present, after built and occupied, all the ambiences and spatial relationships proposed by the developed code. The aim of this research is to apply the methodology and in its developments propose adaptations to the realities of the municipality, so that they can be better developed and presented as a development method for future urban planning.

KEYWORDS: urban planning. Urban Design Code. *Porto Maravilha*. Revitalization

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma experiência didática que utiliza os métodos do *Urban Design Code,* adotados na Inglaterra. Nesse relato, essa experiência ocorre no Bairro de Santo Cristo, área denominada Porto Maravilha, na qual propõe-se uma revitalização da área pelo governo municipal. Num exercício de sala de aula, o grupo de alunos, após um estudo da morfologia existente e de apreensões do local, desenvolveu uma sequência de parâmetros com diretrizes urbanísticas que qualquer novo empreendimento deveria seguir para que o espaço urbano daquele recorte pudesse apresentar, depois de construído e ocupado, todas as ambiências e relações espaciais propostas pelo código desenvolvido. Pretende-se com essa pesquisa aplicar a metodologia e em seus desdobramentos propor adaptações às realidades do município, de modo que possam ser melhor desenvolvidas e apresentadas como método de desenvolvimento para planejamentos urbanos futuros.

PALAVRAS CHAVE: planejamento urbano. *Urban Design Code*. Porto Maravilha. Revitalização.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo é parte da pesquisa de doutorado do programa de pós graduação em arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do grupo de Pesquisa Educação do Olhar, coordenado pela professora Maria Angela Dias.

Entendemos que é um grande desafio desenvolver um desenho urbano que propõe a revitalização de uma determinada área da cidade já consolidada, mas que com o passar dos anos foi se apresentando como uma região degradada, desvalorizada e com todas as suas características que levam preocupação não somente para os governantes, mas também para as pessoas que precisam de alguma maneira acessar aquela região ou mesmo para aquelas que alí vivem. A metodologia do *Urban Design Code* vem se apresentando como uma resposta a esse desafio. O seu processo de trabalho reúne diversos saberes com a intenção de criar códigos ou regras de ocupação urbana e é adotado em regiões da cidade de Londres, na Inglaterra, visando a assegurar a qualidade do ambiente urbano por meio da participação da comunidade diretamente envolvida e visando ao cumprimento de sua implantação à risca (Pecly, 2023). Embaby (2015) nos confirma esse conceito na utilização dessa metodologia quando coloca:

> ""o desenho de um novo empreendimento pode ser planejado e regulamentado para alcançar maiores resultados qualitativos." [tradução do autor] (Embady, Mohga E., 2015)

Embaby (2015) afirma ainda que a metodologia consegue promover a conservação urbana e a identidade local, melhorar o carácter urbano e o sentido de lugar, alcançar um ambiente construído de alta qualidade além de ajustar e identificar os princípios de harmonia urbana.

Sua implantação vem transformando áreas antes desvalorizadas ou abandonadas em uma nova região completamente reformulada, priorizando a qualidade do ambiente urbano.

Nessa experiência didática, dentro da disciplina de doutorado, os alunos foram convidados a simular a aplicação da metodologia do *Urban Design Code* numa área desvalorizada do centro da cidade do Rio de Janeiro, o bairro de Santo Cristo, inserida no plano do Porto Maravilha. O Porto Maravilha é uma operação urbana consorciada (Rossi, 2015) um projeto de planejamento urbano lançado em 2009 (De Oliveira, 2024) que, apesar de as circunstâncias terem sido questionadas por vários pesquisadores, seu real objetivo e suas metodologias, essa operação possui como objetivo principal revitalizar a área portuária da cidade capital do Rio de Janeiro com a implementação, entre outras, de novas estruturas viárias, de transporte, moradia, comércio, lazer e cultura.

A região é caracterizada pelos antigos galpões que existiam para dar apoio ao porto e pelas moradias ainda existentes e remanescentes. Hoje essa região é alvo de uma

proposta de reestruturação e revitalização com projetos de novos traçados de vias e construção de alguns condomínios residenciais verticais de grande porte, bem como de empreendimentos comerciais.

2. OBJETIVOS

O objetivo principal do trabalho é aplicar uma metodologia de planejamento urbano que vem demonstrando efeitos positivos (Embaby, 2015) na Inglaterra e em outros países e, desse modo, fazer o grupo de alunos não somente de arquitetos, mas com diferentes formações, se interessarem pelo tema. Isso faz com que um maior grupo de profissionais de diferentes áreas se aproximem e trabalhem em conjunto e fique mais próximo da realidade do trabalho desenvolvido em outros países.

No Brasil, uma grande dificuldade na implementação de projetos urbanos é o tempo. Em projetos de longo prazo, a nossa política de troca de governo impossibilita a continuidade desses projetos como fora planejado no governo anterior. Desta forma, uma outra finalidade é desenvolver um debate de qualidades para a cidade com uma proposta de projeto que trabalha levando em consideração as opiniões, necessidades e desejos das pessoas que moram e tabalham na região, criando regras que consigam garantir que o que fora proposto será efetivamete cumprido, independente do prazo ou de qual governo esteja na gestão da cidade. Além disso, pode-se capacitar novos profissionais para implementar a mesma metodologia em projetos de revitalização de novas áreas no Brasil.

Importante salientar que a proposta implementada pelo *Urban Design Code* não é a de projetar o espaço urbano nem as edificações que o compõem, mas de definir determinadas regras para que, ao se projetarem as vias, as quadras, os espaços livres, ou seja, ao se projetar o espaço urbano e suas edificações, esses projetos tenham diretrizes a serem seguidas para que as qualidades definidas sejam efetivamente atingidas. Como isso tem sido uma realidade alcançada na implemetação de tal metodologia na Inglaterra e em outros países, é desejável que a mesma metodologia possa ser aplicada também no Brasil.

3. METODOLOGIA

Utilizando os conceitos do *Urban Design Code*, dividiu-se o trabalho em duas etapas: a primeira com aulas expositivas onde foram apresentados os fatos históricos que fizeram o governo da Inglaterra propor essa solução urbanística e aulas expositivas demonstrando a aplicação desse método em alguns pontos da cidade de Londres. Em algumas aulas houve a participação de três pesquisadores que também estudam o *Urban Design Code* na *Oxford Brookes University* como o professor Ramin Keivani, que nos apresentou o histórico do início da adoção do *Urban Design Code* na Inglaterra, a professora Laura Novo de Azevedo, brasileira, que apresentou algumas diretrizes para definirmos as qualidades que devemos adotar no projeto e a professora Regina

Mapua, filipina, que nos apresentou os trabalhos desenvolvidos por seus alunos na adoção dessa metodologia no levantamento da morfologia dos lugares. Feitas as explanações em três aulas, o grupo de 19 alunos foi convidado a desenvolver uma análise da área proposta para o trabalho com visitas em pequenos grupos. Esses grupos deveriam desenvolver uma análise perceptiva e transformá-la em um mapa de sensações, através do conceito de ambiências urbanas, onde percepções individuais da cidade apresentam uma contextualização sensível do local (da Silva,2020). Essas sensações estariam relacionando e determinando o tipo de ambiência que cada espaço vivenciado traduzia para cada indivíduo. Essas sensações foram descritas, por exemplo, como tranquilidade ou medo e insegurança ou mesmo sensações de excesso de ruído ou de calor, sensações como aridez ou conforto motivado pela vegetação, entre outras. Todas as sensações foram registradas conforme os grupos caminhavam pelas calçadas e ruas da região estudada. Essas sensações foram registradas e depois traduzidas em símbolos conforme eram repetidas pelos indivíduos. Várias sensações iguais foram registradas nos mesmos locais e, com isso, pode-se determinar no mapa (Figura 1) onde aquelas sensações foram registradas e que tipo de ambiência estava sendo percebida.

Figura 1. Mapa de sensações apreendidas pelos alunos em percursos pela área de estudo.
Fonte: autor (2024).

Após análise desse mapa de sensações, o grupo deveria propor uma ideia de Vision para a área e desenvolver as qualidades que pretenderiam alcançar. A *Vision* é, dentro da metodologia, a determinação do que se pretende para aquela região, qual vai ser a espinha dorsal para objetivar as qualidades propostas.

Num primeiro momento, as ideias de *Vision* e qualidades se confundiram para o grupo de alunos, sendo necessária uma retomada em sala de aula para demonstrar que a *Vision* é o conceito que se quer dar ao espaço trabalhado e as qualidades seriam os objetivos qualitativos que se desejam alcançar. Para então, na etapa seguinte, desenvolver os códigos necessários para que se pudesse atingir cada qualidade desejada.

Foi então definida a *vision*, que é o plano diretor, a ideia central que estrutura todo o planejamento (Embaby, 2015), que no caso deste trabalho foi definido e intitulado como Um Lugar de Valorização da Cultura e da Moradia: integralizar novos e antigos moradores como uma comunidade ativa. Definida a *vision,* foram determinadas as diretrizes qualitativas a serem atingidas: conectividade, diversidade, permeabilidade, segurança, flexibilidade, vitalidade e sustentabilidade. As qualidades são definidas em resposta às avaliações feitas do local, onde ficam evidenciadas as potencialidades, as forças do lugar e os problemas a serem resolvidos.

Para o desenvolvimento do trabalho foram necessárias algumas reuniões presenciais e outras por vídeo conferência. Nessas reuniões foram definidos grupos de trabalho menores com o objetivo de otimizarem as tarefas. Como facilitador, foram utilizados dois *softwares on-line* colaborativos que poderiam ser trabalhados por cada membro remotamente em tempo real. O primeiro deles foi o Miro e o outro foi o Canva que serviu para montarmos a apresentação.

3.1 Resultados

O trabalho concluído foi apresentado no formato em pdf, criado diretamente do software Canva (Figura 2) em 39 páginas dividido em três partes sendo: Introdução com a contextualização da área a ser trabalhada, sua localização e características morfológicas, apresentando suas qualidades e potencialidades numa matriz FOFA e o mapa de sensações (Figura 1). A segunda parte foi a apresentação da *Vision,* determinada como: Um Lugar de Valorização da Cultura e da Moradia: integralizar novos e antigos moradores como uma comunidade ativa. Essa determinação faz parte da metodologia, onde a comunidade e os agentes interessados na revitalização da área desenvolvem, através das análises do local, suas possibilidades, potencialidades e através da participação da comunidade definem qual vai ser a diretriz principal para a região. Na sequência, para atingir objetivo da *Vision,* foram determinadas as qualidades a serem alcançadas. Na Figura 3, apresentam-se as diretrizes e as suas respectivas qualidades que foram então definidas como: conectividade, diversidade, permeabilidade, segurança, flexibilidade, vitalidade e sustentabilidade. Para cada uma dessas qualidades, apresentou-se os códigos que os projetos, a serem desenvolvidos na área, deveriam adotar para que fossem garantidas e atingidas as qualidades propostas (Figura 4).

Figura 2. Exemplo de pranchas apresentadas e desenvolvidas no aplicativo on-line Canva.
Fonte: autor (2024).

Figura 3. Diretrizes e qualidades elaboradas pelos alunos para a área de estudo.
Fonte: autor (2024).

Figura 4. Exemplo de uma qualidade e os códigos que deverão ser contemplados pelos profissionais que irão projetar os espaços, com apresentação de referências projetuais.
Fonte: autor (2024).

Para cada qualidade a ser alcançada, existem inúmeros códigos que podem ser elaborados de modo a garantir sua implementação quando os projetos forem elaborados e executados. O grupo pode perceber que um mesmo código pode ajudar a atender a mais de uma qualidade. Por exemplo, o código que define como atender à qualidade fachadas ativas, dentro da diretriz vitalidade. Esse código é apresentado de maneira que informe, para quem for projetar, quais diretrizes a serem seguidas para que as fachadas sejam efetivamente ativas, ou seja, determina que naquelas construções devam existir, por exemplo, comércio no pavimento térreo voltado para a rua, comércios que promovam o convívio, restaurantes, cafés e até mesmo a utilização de mesas e cadeiras nas calçadas. Desta forma, esse código vai atender tanto à diretriz qualitativa da vitalidade quanto à diretriz qualitativa da segurança, pois essa determinação vai provocar, naquela via, movimento de pessoas e atividades, proporcionando vitalidade e, com ela, maior segurança.

O fato do trabalho ser desenvolvido para uma disciplina com carga de 45 horas e muitas aulas expositivas, ofereceu poucas oportunidades de encontros para desenvolver o trabalho presencialmente. O tempo foi entendido como pouco e um limitador para que se desenvolvesse um maior número de qualidades a serem elaboradas, o que num trabalho real seria em maior número. Poderíamos elencar algumas outras qualidades não trabalhadas como: densidade, característica das construções, estacionamentos públicos de carros e bicicletas, hierarquia de vias, entre outras.

Um fator que colaborou bastante para o desenvolvimento da proposta para esse ensaio de *Urban Design Code* foi o guia National Model Design Code (Londres, 2021), que oferece diretrizes de como os envolvidos no planejamento podem utilizar a metodologia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado no capítulo anterior, chegou-se ao resultado esperado com o desenvolvimento das diretrizes qualitativas, definidas as qualidades a serem atingidas e finalmente os códigos. Não na mesma proporção de um projeto real, mas uma pequena amostra do que de fato se desenvolve nas cidades onde se aplicaram o *Urban Design Code*. Fato é que, abre-se um modo novo de se pensar o planeamento do espaço urbano. Numa tarefa em sala de aula pode-se destacar que um dos grandes desafios foi desenvolver em um único trabalho com dezenove alunos de diversos períodos e ainda os de outras áreas, do quarto, oitavo e nono períodos, alunos de mestrado e doutorado, como também, de outras cidades do país. Contudo, o *Urban Design Code* também é desenvolvido por um grupo igualmente grande de pessoas de diferentes formações e diferentes níveis de graduação.

As dificuldades de se reunir numa mesma data, as dificuldades de entendimento de que tarefa cada indivíduo iria assumir, as discussões em cima das diferentes ideias, são alguns dos desafios encontrados pelo grupo. Foi somente depois de definidas as qualidades a serem atingidas e dividindo o grupo em pequenos subgrupos que o trabalho começou a tomar forma.

Para que o trabalho pudesse se desenvolver de forma remota e colaborativa, optou-se pelo software Canva, que permite montar apresentações com o trabalho pela internet de maneira simultânea e colaborativa. E para as reuniões, utilizou-se o *Google Meet.*

Como as propostas de *Urban Design Code* são trabalhadas e apresentadas sem projetos especificamente, mas com referências projetuais e muitos diagramas e desenhos, foi possível, nesse trabalho, se aproximar bastante do trabalho real desenvolvido nos exemplos apresentados em sala. Para uma real aplicabilidade da metodologia, se faz necessário aprofundar-se mais nos diversos exemplos já desenvolvidos em várias cidades do mundo e entender melhor as reais necessidades das pessoas que vivem na área, seja trabalhando ou morando, haja vista que um dos grandes diferenciais dessa metodologia de trabalho e planejamento urbano, é levar em consideração as necessidades de quem já habita o local.

5. BIBLIOGRAFIA

da Silva, L. O. M., & de Siqueira Duarte, C. R. (2020). Ambiências urbanas no behaviorismo espacial e na fenomenologia da percepção. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), 18, 1-15.Embaby, M. E. (2015). *Urban Design Code as a New Guiding Tool for Urban Development. Egypt International Journal of Engineering Research & Technology* (IJERT) ISSN: 2278-0181 IJERTV4IS060765. Vol. 4.

De Oliveira, A. B. (2024). Porto Maravilha: alegoria de um Brasil em desencontro com o Brasil. Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, *[S. l.]*, v. 21, n. 51, p. 137–153, 2023. DOI: 10.12957/rep.2023.72470.

PECLY, M. L. V.; PINHEIRO, E. (2023). Sustentabilidade social: A experiência do *urban design code* aplicado na habitação social no Rio de Janeiro. Encontro Latino Americano e Europeu sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, p. 1-13.

Rossi, B. S. de C. (2022). O URBANO NEOLIBERAL: analisando a participação do capital internacional no Porto Maravilha do Rio de Janeiro. Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 9, nº 19, pp. 12-38.

Londres. (2021). *National Model Design Code. Ministry of housing, communities & local government.* Disponível em: https://www.gov.uk/government/publications/national-model-design-code. Acesso em: 13 jul. 2024.

RXX

SENSITIVE ANALYSIS OF AN AMAZONIAN LANDSCAPE: LANDSCAPE ARCHITECTURE WORKSHOPS AS A TEACHING-LEARNING STRATEGY FOR THE DESIGN PROCESS AND LANDSCAPE READING

ANÁLISE SENSÍVEL DE UMA DAS PAISAGENS AMAZÔNICAS: OFICINAS DE ARQUITETURA DA PAISAGEM COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO PROCESSO DE PROJETO E LEITURA DA PAISAGEM

Rachel Sfair
Profª Drª do Magistério Superior
Universidade Federal do Pará
rachelsfair@ufpa.br

Rafaela Santos
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Pará
rafa.arquitetura33@gmail.com

Arthur Moreira
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Pará
aqueiroz42@gmail.com

Sebastião Guimaães
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Pará
gmrssebastiao@gmail.com

ABSTRACT

The present work seeks to a discussion how to think about free spaces beyond the physical-functional issues in the teaching-learning process of landscape architecture. Located within the Belém campus of UFPA, the Sapucajuba watercourse and its surroundings were used as a study space. Supported by experiences in teaching, research and extension in the 2023 school year, landscape architecture workshops were held as a methodological resource for a sensitive analysis of the landscape, with the aim of developing an empathetic reaction of students to the panorama of Sapucajuba, uniting affective and sociocultural characteristics to the physical context of the environment. Thus, bibliographic, iconographic and semi-structured form applications complement the repertoire of this research, highlighting the didactic role of workshops in landscape architecture as an incentive to theoretical discussion and recognition of the social relevance, the formal aspect, the multisensory and constructive dimension of the landscape work.

KEYWORDS: Amazonian identity. Landscape architecture. Project process. Landscaping workshop. Ambience in the landscape.

RESUMO

O presente trabalho busca desenvolver uma discussão sobre como pensar os espaços livres para além das questões físico-funcionais no processo de ensino-aprendizagem de arquitetura da paisagem. Para tanto, localizados dentro do campus Belém da UFPA, utilizou-se como espaço de estudo o Igarapé Sapucajuba e suas imediações. Apoiadas em experiências em ensino, pesquisa e extensão no ano letivo de 2023, realizaram-se oficinas de arquitetura da paisagem como recurso metodológico para uma análise sensível da paisagem, com o intuito de desenvolver uma reação empática dos discentes para com o panorama do Sapucajuba, unindo características afetivas e socioculturais ao contexto físico do ambiente. Assim, pesquisas bibliográficas, iconográficas e aplicações formulários semiestruturados complementam o repertório desta pesquisa, destacando o papel didático das oficinas em arquitetura da paisagem como incentivo à discussão teórica e ao reconhecimento da relevância social, do aspecto formal, da dimensão multissensorial e construtiva da obra paisagística.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade amazônica. Arquitetura da paisagem. Processo de projeto. Oficina de paisagismo. Ambiência na paisagem.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, ao longo do tempo, a natureza se alterou radicalmente. As cidades brasileiras cresceram ignorando as realidades morfológicas e culturais de cada uma delas. A expansão dos espaços urbanos sem o devido conhecimento dos valores da cidade (ecológico, físico, social etc.) traduz-se na destruição de recursos ambientais e ecológicos do território, na degradação da saúde mental e física de sua população, na decadência cultural, na ampliação da criminalidade e da marginalidade social (Magalhães, 2001).

Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), o ensino-aprendizagem em arquitetura da paisagem na disciplina de Paisagismo, configurou-se em sala de aula (abordando conceitos, teorias e estudos de caso) e, também, em visitas técnicas, palestras e oficinas, apoiando-se em bibliografia de autores e diversos documentos que exploram o tema da arquitetura da paisagem a partir de diferentes óticas, a fim de que as questões físico-sociais pudessem ser olhadas de forma equilibrada.

A partir de um estudo teórico-empírico, os elementos de análise paisagística demonstram que a interdependência entre forma (configuração espacial) e conteúdo (relações sociais) são diferentes em quantidade e qualidade. Nesse contexto, o estudo da arquitetura da paisagem, ao buscar a compreensão de determinada combinação de elementos físicos e sociais, levando em consideração sua totalidade, aproxima-se mais de uma preocupação Holística do que do Empirismo, visto que este trabalho se utilizou, de amplos estudos teóricos, mas também de pesquisas bibliográficas, iconográficas e aplicações de formulários semiestruturados, levantamento florístico e análises visuais dos espaços livres. Diante desse cenário, o objetivo do trabalho foi destacar o papel didático das oficinas em arquitetura da paisagem como incentivo à discussão teórica e ao reconhecimento da relevância social, do aspecto formal, da dimensão multissensorial e construtiva da obra paisagística. Para tanto, as discussões na disciplina de Paisagismo, no ano letivo de 2023, buscaram o entendimento de que para projetar a paisagem atual de um determinado espaço livre não basta só uma análise da leitura da paisagem no que tange aos aspectos físicos, mas necessita também de uma análise sensível do lugar, considerando os aspectos sociais presentes na configuração da paisagem amazônica.

Assim, justifica-se as atividades desenvolvidas a partir das oficinas de arquitetura da paisagem como recurso metodológico para a análise sensível de uma das paisagens da Amazônia brasileira na área do Igarapé Sapucajuba, localizado no campus de Belém da UFPA. Essas oficinas vêm como um modo de sensibilizar os estudantes, promovendo um elo entre o Sapucajuba e os alunos da disciplina de paisagismo, entendendo que os discentes estão relacionados à universidade e ao igarapé, bem como fazê-los com que desenvolvam uma reação empática, evocando memórias subjetivas, unindo características sensíveis, socioculturais ao contexto físico do ambiente.

2. ENSAR A ARQUITETURA DA PAISAGEM PARA ALÉM DE QUESTÕES FÍSICOFUNCIONAIS NO ENSINO DE PAISAGISMO

Apreender os espaços livres de uma cidade a partir da arquitetura da paisagem, identificando os valores e/ou significados da configuração espacial e de seus elementos da paisagem, em meio ao modo como se relacionam entre si e com a sociedade, é uma forma de contribuir para planos e projetos urbanísticos e sociais que visem não só a conservá-los, mas principalmente a integrá-los à vida contemporânea.

Observar um determinado espaço livre "[...] significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interação e contradição." (Santos, 1988, p. 46). Nesse sentido, no ensino de Paisagismo, pensar a arquitetura da paisagem para além de questões físico-funcionais implica analisar o espaço livre, levando em consideração tanto as suas formas físicas (configuração espacial e paisagem) como o seu conteúdo (relações sociais), visto que são partes do mesmo espaço, isto é, do espaço livre.

Em face dos desafios de nossa época, o ensino de Paisagismo, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA) buscou compreender as formas físicas do espaço livre a partir da compreensão teórico-conceitual das questões relativas à arquitetura da paisagem, em contexto internacional, nacional, regional; iniciou o entendimento de que a ação projetual não é estática, mas dinâmica (Steinitz, 2009); buscou compreender o nascimento desse profissional de landscape architect e a evolução do conceito de paisagem ao longo do tempo, tendo em vista o seu desenvolvimento sustentável (Magalhães, 2001). Além disso, apresentou um panorama geral da história da arquitetura da paisagem, no Brasil e no mundo, entendendo continuidades e rupturas nas soluções formais compositivas e repertórios vegetais (Panzini, 2013; Macedo, 1999; Malamut, 2014), assim como buscou compreender as questões relativas às relações sociais a partir de um olhar sensível do lugar, identificando as representações sociais, etnográficas e as análises visuais dos espaços livres (Duarte & Pinheiro, 2019, 2020).

No entanto, foram fundamentais para a concretização do estudo dos aspectos físicos-sociais dos espaços livres a realização das oficinas de arquitetura da paisagem, na Cidade Universitária, localizada na Amazônia brasileira, no bairro do Guamá, em Belém do Pará. Esse campus por ser um território paisagisticamente rico em cultura e biodiversidade nativa foi um dos motivos pelos quais a prática projetual, a partir da oficina em arquitetura da paisagem, foi um esforço tanto para salvaguardar a identidade de uma dessas paisagens amazônicas, quanto para buscar soluções projetuais, físicas e sociais, adequadas ao lugar.

3. OFICINAS DE ARQUITETURA DA PAISAGEM COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE SENSÍVEL DE UMA DAS PAISAGENS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

As atividades práticas da disciplina de Paisagismo, que integram a grade de disciplinas do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, foram realizadas durante o ano letivo de 2023 por meio de oficinas na área de Igarapé Sapucajuba, com atividades de preservação e manutenção do local, a fim de sensibilizar e conscientizar os discentes a respeito da importância desse espaço livre. O primeiro contato dos discentes na área foi realizado no dia 20 de abril de 2023 e teve como principal objetivo levá-los a fazerem um diagnóstico da área.

Ademais, considerou-se relevante como objeto de estudo da disciplina de Paisagismo o Igarapé Sapucajuba, por se tratar de uma área dentro da própria Cidade Universitária da UFPA, acessível aos alunos que, por meio das oficinas tiveram uma imagem mais realista desse ambiente. Essa análise tornou-se fundamental não apenas no campo acadêmico, mas também no individual dos participantes da oficina, já que o ambiente que se torna claro e conhecido (legível) pelo usuário intensifica a profundidade e a intensidade da experiencia humana, para além do espaço físico (Lynch, 2022). Assim, como mostra a imagem abaixo (figura 1), a UFPA está inserida em uma região de mata, rodeada por inúmeras espécies de animais e plantas, na qual se observa também o curso do Sapucajuba (em azul), que se encontra no Setor de Saúde da Universidade.

Figura 1. Localização do Igarapé Sapucajuba na UFPA.
Fonte: Elaborado por Sebastião Guimarães (2024).

O primeiro contato dos discentes com o Sapucajuba contou com a colaboração dos professores da disciplina de Paisagismo e com o apoio da técnica administrativa da UFPA Gina Calzavara, responsável pelas áreas de bosque da UFPA. Ao longo do desenvolvimento das oficinas, houve também debates com os professores a respeito do programa de necessidades do projeto paisagístico. A participação ativa dos discentes possibilitou a realização de levantamento de dados e entrevistas com os demais usuários da área. Ao todo, foram entrevistadas 80 pessoas, em sua maioria estudantes da UFPA, mas também servidores da universidade, pacientes dos hospitais e clínicas universitárias, entre outros (figura 2).

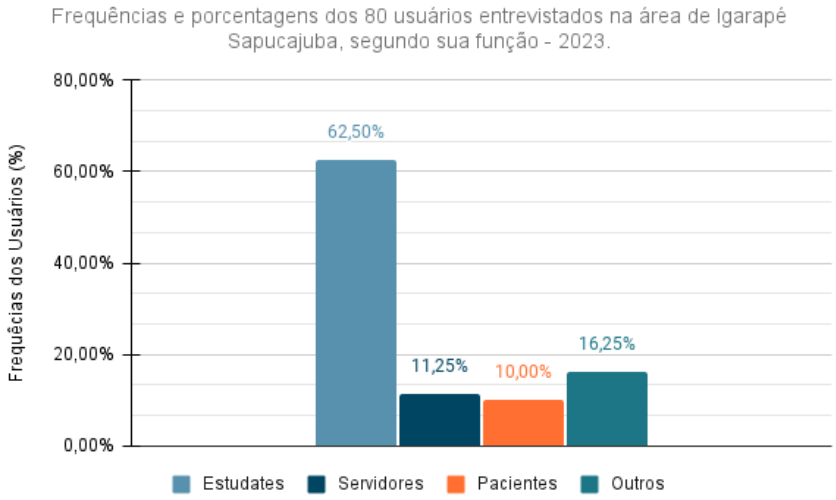


Figura 2. Gráfico de Usuários.
Fonte: Elaborado por Rafaela Santos e Pedro Eduardo (2024).

Durante as entrevistas, os usuários foram questionados a respeito de sua frequência ao local. Foi observado que cerca de 40 por cento transitam pelo local quase todos os dias (figura 3). A maioria também revelou que considera o local perigoso e, entre as sugestões de melhorias para a área, os entrevistados destacaram que gostam do local por estarem em contato com a natureza, porém é uma área muito úmida e alagadiça, sem espaços cobertos, sem acessibilidade e que gostariam de encontrar mais calçadas, bancos e melhor iluminação, para que o local seja mais utilizado pelos usuários.

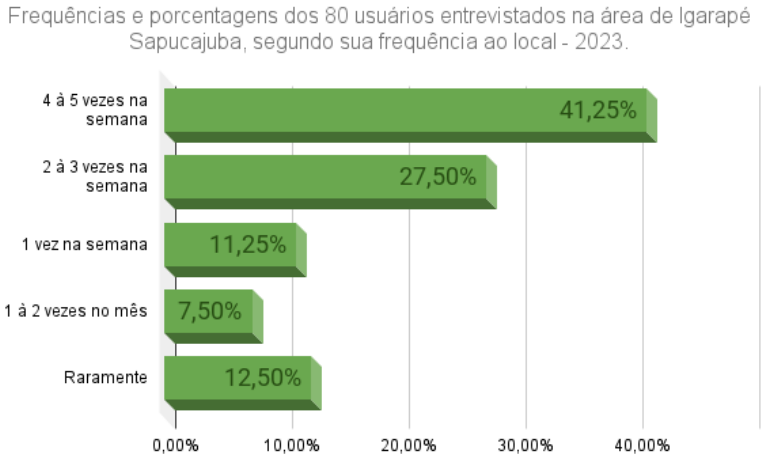


Figura 3. Gráfico de frequência que os usuários passam pelo Sapucajuba.
Fonte: Elaborado por Rafaela Santos e Pedro Eduardo (2024).

Portanto, com os resultados obtidos das entrevistas, e após a análise da paisagem, foi realizada pelos discentes a criação do programa de necessidades que deu início ao processo projetual paisagístico da disciplina. Com isso, ocorreu a aprendizagem da necessidade de uma análise realista sobre o ambiente em que se trabalha, para o entendimento das dinâmicas que ocorrem e que vão além da compreensão do espaço físico-estrutural, isto é, uma análise sensível do ambiente em questão, pois "[...] a cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado" (Lynch, 2022, p. 11).

3.1 Levantamento florístico

Devido ao fato de a área do projeto paisagístico estar dentro dos limites da Universidade, as visitas ao Sapucajuba ocorreram frequentemente. Dessa forma, foi possível a realização, de maneira prática e contínua, de algumas etapas do pré-projeto paisagístico, como o levantamento florístico, que é o reconhecimento e a localização da flora no local, por meio de incursões em meio a mata densa, com os discentes vestidos adequadamente para essa atividade. Com a colaboração da engenheira florestal Tatiana Castro, catalogaram-se as espécies, identificaram-se as espécies vegetais pela morfologia das raízes aparentes, folhagem, tronco, como também se anotaram, seguindo uma numeração fixada na planta, características da copa, diâmetro e disposição no espaço. Além dessa catalogação das espécies, ocorreu a medição da distância entre as árvores, para adequar o projeto à realidade espacial do local, fazendo com que as árvores não deixem de ser agentes importantes para a concepção projetual (figura 4). Junto à oficina de levantamento florístico, os estudantes se dividiram em pequenos grupos para que, de forma coletiva, pudessem realizar os reconhecimentos do local, cujosresultadosse converteram em estudos

sobre a morfologia do rio, catalogação de mais espécies amazônicas, levantamento dos mobiliários existentes ao longo do igarapé e diversos desenhos sobre a paisagem.

Figura 4. Levantamento Florístico.
Foto: Arthur Moreira (2024).

Os discentes puderam identificar a flora do igarapé por suas características únicas e marcantes, por exempo, a árvore Assacu (Hura crepitans L.), a qual chamou a atenção por ter seu tronco coberto de espinhos e pela sua utilização na construção de canoas pela comunidade indígena e de moradia em casas flutuantes pelos povos ribeirinhos do Norte.

Assim, com o conhecimento técnico das plantas e sua função na cultura dos povos tradicionais e indígenas da região norte, os estudantes puderam criar laços identitários com o Sapucajuba, desenvolvendo uma empatia social com o espaço e o fortalecimento de suas percepções sobre o lugar, tendo noção de sua própria identidade e dos espaços vividos de forma individual e coletiva (Duarte, Miranda, Pinheiro & Silva, 2023). Ao fim do levantamento florístico, foi feito um mapa (figura 5) com as espécies encontradas no Sapucajuba, importantes para o reconhecimento visual do local.

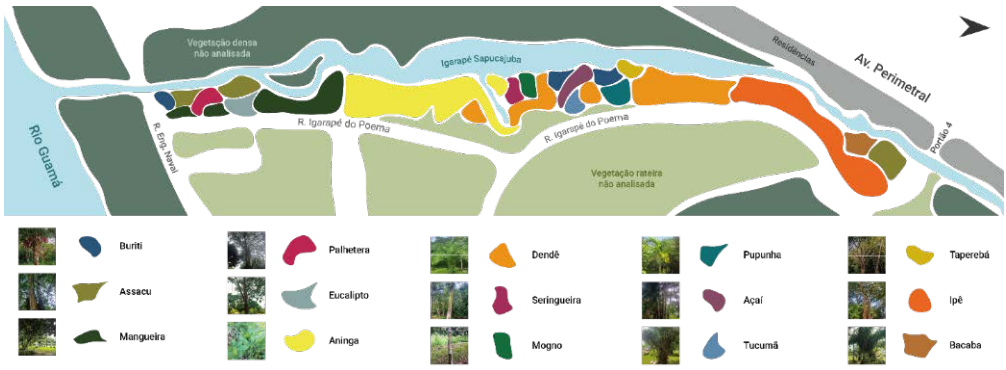


Figura 5. Espécies predominantes no entorno do Sapucajuba.
Fonte: Elaborado por Sebastião Guimarães (2024)

Ficou evidente a sensibilização dos discentes para a diversidade de espécies que se desenvolvem em ambiente amazônico, ao observarem que a paisagem a qual compõe os arredores do igarapé do Sapucajuba não é unicamente uma porção de mata sem identidade, mas sim um maciço verde composto por uma rica biodiversidade amazônica. Essa atividade permitiu que os alunos percebessem que as espécies cultivadas, ao redor do Sapucajuba, possuem tonalidades afetivas, subjetividades, marcas identitárias e culturais (Duarte et al., 2023) que constroem a paisagem amazônida. Além disso, com as atividades práticas e o ensinamento de identificação das espécies se combate a cegueira botânica[1].

3.1 Oficina de manejo de produtos orgânicos no cuidado da vegetação incidente no perímetro do igarapé

O entorno do Igarapé Sapucajuba, para além das espécies catalogadas no levantamento florístico, possui também um arranjo vegetal formado por arcos de bougainvilles posicionados estrategicamente (figura 6) com o intuito de atenuar o uso do entorno como "estacionamento comodismo" (figura 7), no qual os veículos estacionam dentro de áreas verdes, o que dificulta a passagem de pedestres e o desenvolvimento da vegetação no local. A ocorrência desses estacionamentos se dá a partir da demanda de prédios sedes de faculdades próximas que não possuem vagas para estacionar. Além disso, o arranjo vegetal torna-se obstáculo também aos pedestres em determinadas áreas, de forma proposital, tendo em vista a existência de espécies animais no local que, por vezes, podem oferecer riscos à segurança e ao bem-estar dos transeuntes, se colocados em situações de conflito. A estrutura do arranjo vegetal é composta por camburões cortados ao meio, nos quais são colocados os bougainvilles e os insumos necessários para seu desenvolvimento. Há, também, no entorno desse igarapé áreas de solo instável devido ao regime das marés no igarapé (figura 8).

Figura 6. Barreira verde formada por bougainvilles. / Figura 7. Estacionamento comodismo. / Figura 8. Áreas de cheia do igarapé.
Foto: Giuliana Lima (2023). / Foto: Giuliana Lima (2023). / Foto: Ana Cláudia Cardoso (2024).

O adubo orgânico utilizado na oficina de manutenção dos bougainvilles tem origem na própria universidade. Organizados pela administradora do espaço ITEC cidadão,

1 Cegueira botânica é a "[...] dificuldade de perceber as plantas no seu cotidiano; enxergar as plantas como apenas cenários para a vida dos animais; ignorar a importância das plantas nas atividades diárias; não perceber a importância central das plantas para os ciclos biogeoquímicos [...]" (Katon; Towata; Saito, 2013, p. 179).

Gina Calzavara, os resíduos coletados de algumas das faculdades são direcionados aos pátios de compostagem (figura 8), onde recebem o devido tratamento até estarem prontos para a aplicação. A oficina de manutenção do cinturão verde em torno do Sapucajuba foi introduzida como experiência de extensão no ano de 2023, com o intuito de propor uma análise sensível, mas também crítica da paisagem, evocando questionamentos acerca dos usos dos espaços, do cuidado com a paisagem em geral – no tocante à biodiversidade e à cultura local – e ainda sobre a maneira como é feita a manutenção do local. Dessa forma, após uma breve conversa introdutória desses tópicos, com o auxílio técnico de prestadores de serviços que auxiliam na manutenção dos bosques da UFPA, os participantes da oficina iniciaram o processo de adubação da vegetação (figura 10), que consiste de forma geral em cinco etapas: retirada da proteção natural de folhagens secas de bambus; movimentação da terra; inserção do composto orgânico; irrigação dos bougainvilles; recolocação da proteção com as folhagens de bambu.

Figura 9. Baias de compostagem. / Figura 10. participantes durante a oficina.
Foto: Sebastião Guimarães (2023). / Foto: Sebastião Guimarães (2023).

4. CONCLUSÃO

Atualmente, muitos espaços livres brasileiros sofrem com uma crescente perda da capacidade de se manter vivo e atrativo, em meio às transformações de uso do solo, provenientes da dinâmica da cidade contemporânea. Esses espaços livres, assim como a área do igarapé do Sapucajuba, nos dias de hoje, necessitam não só de soluções que atendam as demandas culturais, sociais e ambientais, mas também que mantenham diálogo com o entorno imediato.

As oficinas de arquitetura da paisagem colocaram, por um lado, em prática o ensino da sala de aula e, por outro, sensibilizaram os estudantes, ao promoverem um elo – como memórias subjetivas e as características sensíveis, socioculturais do contexto físico do ambiente – entre o Sapucajuba e os alunos da disciplina de Paisagismo, no entendimento de que os discentes estão relacionados à universidade e ao igarapé. O vínculo criado possibilitou uma sensação de pertencimento ao lugar e de leitura

sensível às necessidades do local e das pessoas que o frequentam, descortinando o ambiente por meio de uma análise empírica e de vivência no espaço.

Ainda como parte do produto dessas experiencias fora de sala de aula, observou-se nos discentes o entendimento de conceitos, valores sociais adquiridos ao longo do tempo, necessidades e práticas que ultrapassaram uma análise apenas de formas e de aparências. Nesse sentido, a aproximação com uma paisagem em potencial para um projeto paisagístico possibilitou a percepção de uma dimensão mais próxima de um projeto real, com usuários e problemas não fictícios, possibilitando, assim, a elaboração de soluções práticas e factíveis.

Assim, essas dinâmicas e experiencias vividas em tal ambiente possibilitaram uma maior legibilidade dessa paisagem tão conhecida, mas, até então, pouco vivenciada pelos discentes. Esse reconhecimento da área tornou-se um marco fundamental, não restringindo-se apenas à disciplina de Paisagismo, mas constituiu um aprendizado sobre analises sensíveis que serão fundamentais para todo e qualquer caminho que os alunos venham a seguir, seja como profissionais, seja em suas próprias vivencias como indivíduos, ao ressaltar uma ideia de arquitetura da paisagem que leve em consideração tanto aspectos físicos e funcionais quanto sociais, valorizando as memorias, as experiencias humanas, sem deixar de lado a preservação das características amazônicas.

4. BIBLIOGRAFIA

Duarte, C. R. S. e Pinheiro, E. (orgs). (2019). Arquitividades . Subjeteturas - metodologias para a análise sensível do lugar. Arquitividades . Subjeteturas - Metodologias Para a Análise Sensível Do Lugar.

Duarte, C., & Pinheiro, E. (2020). Arquitetura, Subjetividade E Cultura: Cenários De Pesquisa No Brasil E Pelo Mundo.

Duarte, C. R., Miranda, C., Pinheiro, E., & Silva, L. J. (2023). Experiência do lugar arquitetônico (1st ed.). Rio Books. Retrieved from https://www.perlego.com/book/4193222 (Original work published 2023).

Katon, G. F., Towata, N., & Saito, L. C. (2013). A cegueira botânica e o uso de estratégias para o ensino de botânica. In III Botânica no Inverno (pp. 179-182).

Lynch, K. (2022). A imagem da cidade. WMF Martins Fontes.

Magalhães, M. R. (2001). A arquitectura paisagista: morfologia e complexidade. Lisboa: Editora Estampa.

Santos, M., & Elias, D. (1988). Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. Editora Aucitec.

RXX

HOW THE CHOICE OF MATERIALS IN THE BUILT ENVIRONMENT INFLUENCES HEALTH AND WELL-BEING: THE CASE OF WOOD

COMO A ESCOLHA DOS MATERIAIS NO AMBIENTE CONSTRUÍDO INFLUENCIA A SAÚDE E BEM-ESTAR: O CASO DA MADEIRA

Erich Shigue
Doutorando
Instituto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo (IAU-USP)
erich_kazuo@usp.br

Akemi Ino
Professora livre-docente
Instituto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo (IAU-USP)
inoakemi@sc.usp.br

ABSTRACT

This article investigates the influence of wood application in architectural environments on human health and well-being. Through a systematic literature review, a range of effects associated with wood in the built environment was identified, including stress reduction, induction of relaxation states, fatigue reduction, and overall well-being improvement, as well as enhancements in sleep quality and body temperature regulation. Wood also contributes to the improvement of indoor environmental quality (IEQ) by regulating humidity and ambient temperature, and positively impacting the quantity and composition of volatile organic compounds (VOCs), thereby creating more comfortable and balanced indoor environments. However, the amount of evidence for certain effects is limited, and there is a wide range of variables that influence the outcomes. This underscores the need for further research, as well as the standardization of methods and measurements. Despite these challenges, wood holds significant potential for creating healthier environments.

KEYWORDS: indoor environmental quality (IEQ). architecture and health. healthy materials. wood. biophilia

RESUMO

Este artigo investiga a influência da aplicação de madeira em ambientes arquitetônicos sobre a saúde e bem-estar humano. Através de uma revisão sistemática da literatura, foi identificado um conjunto de efeitos associados à madeira no ambiente, como redução de estresse e indução a estados de relaxamento, redução de fadiga e melhoria do bem-estar, melhoria da qualidade do sono e regulação da temperatura corporal. A madeira também é capaz de contribui para a melhoria da qualidade do ambiente interno (QAI) ao atuar na regulação da umidade e temperatura ambiente, além de contribuir positivamente sobre a quantidade e composição dos compostos orgânicos voláteis (COVs), criando ambientes internos mais confortáveis e equilibrados. No entanto, a quantidade de evidências para determinados efeitos é pequena e existe uma ampla diversidade de variáveis que influenciam os resultados. Isso indica a necessidade de mais pesquisas, além da padronização de métodos e medidas. Apesar dos desafios, a madeira possui um potencial significativo para a criação de ambientes saudáveis.

PALAVRAS-CHAVE: qualidade do ambiente interno (QAI). arquitetura e saúde. materiais saudáveis. madeira. biofilia

1. INTRODUÇÃO

O ambiente construído exerce uma influência significativa na vida das pessoas, afetando diretamente comportamentos, percepções e o bem-estar geral. Conforme descrito por Juhani Pallasmaa os espaços arquitetônicos não são meras caixas sem vida, mas sim agentes que guiam e estimulam ações, interesses e emoções (Academy of Neuroscience for Architecture, 2014). Este entendimento tem se expandido,

evidenciado pelo crescente número de pesquisas, com destaque para os trabalhos na área de psicologia ambiental e neurociência aplicada à arquitetura. A partir do aumento da quantidade e robustez das evidências, diversas certificações ambientais como LEED e BREEAM, já incorporam critérios avaliativos acerca dos impactos ambientais sobre a saúde (World Green Building Council, 2014). Além disso, teorias como a Biofilia emergem com intensidade a partir de estudos que trazem indicativos contundentes de que a integração de elementos naturais nos espaços construídos pode promover uma melhoria qualitativa na vida dos ocupantes (Wilson, 1984).

Dentro desse amplo contexto, os materiais de construção emergem como variáveis críticas na configuração dos ambientes e, consequentemente, de seus efeitos sobre as pessoas. A madeira, em particular, destaca-se pelo pioneirismo na investigação dessa temática e pela crescente quantidade de pesquisas, sendo provavelmente o material com maior número de estudos publicados relacionados aos seus efeitos na saúde e bem-estar humano. De acordo com estudos, a mera presença de madeira no ambiente é capaz de impactar positivamente à saúde de seus ocupantes (Burnard; Kutnar, 2015; Alapieti et al., 2020). No entanto, existe uma falta de clareza acerca da forma com que a madeira pode ser benéfica à saúde, e do grau de confiabilidade desses dados.

Este artigo busca explorar como a madeira, utilizada nos espaços construídos, influencia a ambiência e afeta a saúde e o bem-estar humano. A relevância dessa pesquisa se reflete na necessidade de identificar quais são os efeitos que a madeira é capaz de causar sobre o ambiente e seus ocupantes que, por sua vez, podem trazer benefícios à saúde.

2. OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo sistematizar os efeitos causados pela madeira sobre o ambiente construído e seus ocupantes, e analisar como esses efeitos podem impactar a saúde e o bem-estar. A proposta consiste em elucidar os impactos à saúde que a escolha dos materiais no ambiente podem causar e que existem materiais, como a madeira, que são capazes de influenciar positivamente a saúde.

3. MÉTODO

A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão sistemática da literatura. As bases de dados utilizadas incluíram Scopus, Web of Science, PudMed e Google Scholar. Os critérios de inclusão abrangeram estudos que analisaram a relação entre a presença de madeira no ambiente construído e seus efeitos na saúde e bem-estar. Não houve a delimitação do tipo de ambiente e, portanto, estudos focados em ambientes residenciais, comerciais e educacionais foram considerados, refletindo a diversidade de contextos em que a madeira pode ser aplicada.

Foram feitas duas abordagens investigativas: 1) de que maneira a madeira aplicada no ambiente causa efeitos no ser humano; 2) de que maneira a madeira aplicada no ambiente causa efeitos ao próprio ambiente. A natureza dessa abordagem consiste em compreender, por um lado, os potenciais efeitos sobre a saúde humana causados pela presença de madeira no ambiente e, por outro, compreender como o próprio ambiente é afetado pela presença do material com o intuito de buscar elucidar de que maneiras a madeira é capaz de causar os efeitos identificados.

O processo de seleção dos estudos seguiu um protocolo rigoroso para garantir a relevância e a qualidade dos resultados. Inicialmente, foram identificados mais de 200 estudos, dos quais 28 foram selecionados após uma avaliação detalhada dos critérios de inclusão. Estudos em que houve a exposição da madeira aos participantes de forma isolada, não havendo aplicação do material no ambiente, não foram incluídos. Por exemplo, alguns estudos investigaram os efeitos do odor da madeira, em outros os participantes foram solicitados a olhar para uma amostra de madeira. Como o foco foi compreender a interação do material inserido no ambiente construído, em que o material adquire uma forma e uma função claras, esses estudos não foram inclusos nesta análise.

Entre os dados extraídos dos artigos houve foco especificamente sobre os resultados, embora tenha sido identificado que existem variáveis que exercem influência sobre estes resultados e que devem ser levados em consideração, como será discutido mais adiante. O intuito foi levantar quais foram os efeitos medidos em cada estudo e se os resultados para tais efeitos foram positivos ou não.

4. RESULTADOS

Foram identificados 28 estudos que atenderam a todos os critérios de inclusão estabelecidos, entre os quais nota-se uma ampla diversidade de dados mensurados, tanto psicológicos quanto fisiológicos, que se relacionam diretamente à saúde e bem-estar. Em função da natureza distinta desses dados, eles são apresentados de forma separada na Tabela 1, classificados entre: efeitos fisiológicos, psicológicos, comportamentais e ambientais. Para simplificar a visualização foram adotados símbolos para representar cada uma dessas categorias, conforme ilustrado a seguir:

○: Efeitos fisiológicos ☐: Efeitos psicológicos ◇: Efeitos comportamentais △: Efeitos ambientais

Na Tabela 1 a coluna "Efeitos" se refere aos efeitos que foram mensurados, enquanto a coluna "Result." indica se, para cada efeito, o resultado encontrado em cada estudo foi positivo (sim) ou negativo (não).

Nº	Título	Referência	Efeitos	Result.
1	A pilot study examining the suitability of the mental arithmetic task and single-item measures of affective states to assess affective, physiological, and attention restoration at a wooden desk	(Lipovac; Žitnik; Burnard, 2022)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do estado de humor ☐ Melhoria do desempenho em atividade cognitiva	○ Não ☐ Não ☐ Não
2	Association of wood use in bedrooms with comfort and sleep among workers in Japan: a cross-sectional analysis of the SLeep Epidemiology Project at the University of Tsukuba (SLEPT) study	(Morita et al., 2020)	○ Melhoria da eficiência do sono ☐ Melhoria da percepção da qualidade do sono ☐ Percepção positiva de conforto	○ Não ☐ Sim ☐ Sim
3	Behavior Changes in Older Persons Caused by Using Wood Products in Assisted Living	(Anme et al., 2012)	☐ Percepção de melhoria de qualidade de vida ◇ Melhoria da interação social, e autoexpressão	☐ Sim ◇ Sim
4	Cardiorespiratory Interaction and Autonomic Sleep Quality Improve during Sleep in Beds Made from Pinus cembra (Stone Pine) Solid Wood	(Grote et al., 2021)	○ Relaxamento fisiológico ○ Melhoria da eficiência do sono ☐ Redução da percepção de estresse ☐ Melhoria da percepção da qualidade do sono ☐ Melhoria do bem-estar	○ Sim ○ Sim ☐ Não ☐ Não ☐ Sim
5	Effect of desk materials on affective states and cognitive performance	(Lipovac et al., 2020)	☐ Melhoria do estado de humor ☐ Melhoria do desempenho cognitivo	☐ Não ☐ Não
6	Effects of Inhalation of Emissions from Cedar Timber on Psychological and Physiological Factors in an Indoor Environment	(Azuma et al., 2016)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do estado de humor	○ Não ☐ Não

7	Effects of redecoration of a hospital isolation room with natural materials on stress levels of denizens in cold season	(Ohta et al., 2008)	○ Relaxamento fisiológico ○ Aumento da temperatura corporal ☐ Melhoria do conforto térmico △ Aumento da temperatura do ar △ Melhoria da umidade relativa	○ Sim ○ Sim ☐ Sim △ Sim △ Não
8	Effects of volatile sesquiterpenes from Japanese cedarwood on visual processing in the human brain/ an event-related potential study	(Nakashima et al., 2023)	○ Aumento da atividade cerebral ☐ Melhoria do desempenho cognitivo △ Melhoria da qualidade do ar	○ Sim ☐ Não △ Sim
9	Gender differences in human psychological responses to wooden indoor environment	(Shen; Zhang; Lian, 2021)	☐ Melhoria do estado de humor	☐ Não
10	Gender differences in the psychophysiological effects induced by VOCs emitted from Japanese cedar (Cryptomeria japonica)	(Matsubara; Kawai, 2018)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do desempenho cognitivo	○ Sim ☐ Não
11	Human physiological responses to wooden indoor environment	(Zhang; Lian; Wu, 2017)	○ Relaxamento fisiológico ○ Aumento da temperatura corporal ☐ Redução da fadiga	○ Sim ○ Não ☐ Sim
12	Human stress responses in office-like environments with wood furniture	(Burnard; Kutnar, 2020)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do bem-estar	○ Sim ☐ Não
13	Influence of wood wall panels on physiological and psychological responses	(Sakuragawa et al., 2005)	○ Relaxamento fisiológico	○ Sim
14	Interior wood use in classrooms reduces pupils' stress levels	(Kelz; Grote; Moser, 2011)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do desempenho cognitivo ☐ Redução da percepção de estresse	○ Sim ☐ Não ☐ Sim
15	Investigation variance in human psychological responses to wooden indoor environments	(Zhang; Lian; Ding, 2016)	☐ Melhoria do estado de humor ☐ Redução de fadiga	☐ Sim ☐ Sim
16	Physical workplaces and human well-being: A mixed-methods study to quantify the effects of materials, windows, and representation on biobehavioral outcomes	(Douglas et al., 2022)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria da criatividade △ Melhoria da qualidade do ar	○ Sim ☐ Sim △ Sim

17	Physiological effects in humans induced by the visual stimulation of room interiors with different wood quantities	(Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2007)	○ Relaxamento fisiológico	○ Sim
18	Physiological Effects of Visual Stimulation by a Japanese Low Wooden Table: A Crossover Field Experiment	(Ikei; Jo; Miyazaki, 2023)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do estado de humor	○ Sim ☐ Sim
19	Psychological and Physiological Effects in Humans Induced by the Visual and Olfactory Stimulations of an Interior Environment Made of Hiba (Thujopsis dolabrata) Wood	(Kimura et al., 2011)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do estado de humor	○ Sim ☐ Sim
20	Psychological and physiological effects of a wooden office room on human well-being: Results from a randomized controlled trial	(Ojala et al., 2023)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do estado de humor ☐ Melhoria da atenção	○ Não ☐ Sim ☐ Sim
21	Psychological and Physiological Effects of Japanese Cedar Indoors after Calculation Task Performance	(Bamba; Azuma, 2015)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Redução de fadiga	○ Sim ☐ Sim
22	Solid fir furniture reduces Strain during and after concentration periods	(Kelz et al., [s.d.])	○ Relaxamento fisiológico ☐ Redução da percepção de estresse ☐ Melhoria do desempenho cognitivo	○ Sim ☐ Sim ☐ Sim
23	The Visual Effects of Wooden Interiors in Actual-size Living Rooms on the Autonomic Nervous Activities	(Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2002)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do estado de humor	○ Sim ☐ Não
24	Visual effects of interior design in actual-size living rooms on physiological responses	(Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2005)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do estado de humor	○ Sim ☐ Não
25	VOCs emitted from Japanese cedar (Cryptomeria japonica) interior walls induce physiological relaxation	(Matsubara; Kawai, 2014)	○ Relaxamento fisiológico ☐ Melhoria do desempenho cognitivo	○ Sim ☐ Não

26	Wood and Its Impact on Humans and Environment Quality in Health Care Facilities	(Kotradyova et al., 2019)	○ Relaxamento fisiológico △ Melhoria da qualidade do ar	○ Sim △ Sim
27	Wood in the Human Environment: Restorative properties of wood in the built indoor environment	(Fell, 2010)	○ Relaxamento fisiológico	○ Sim
28	Wooden Indoor Environments' Restorativeness	(Dematтè et al., 2022)	☐ Melhoria do desempenho cognitivo	☐ Sim

Tabela 1. Lista dos artigos identificados, os efeitos mensurados e os resultados obtidos.
Fonte: Autor.

É importante salientar que a classificação dos resultados foi feita de forma binária, com a resposta sendo "sim" ou "não". No entanto, cabe destacar que isso não significa que um resultado positivo seja equivalente entre os diversos estudos pois não foi levado em consideração a intensidade do efeito. Outro ponto relevante reside no fato de que, entre as medidas fisiológicas, diferentes parâmetros foram utilizados como indicadores de um mesmo efeito, embora com frequência apenas um desses parâmetros tenha apresentado resultado positivo. Neste contexto o resultado foi classificado como "sim" quando ao menos uma dessas medidas foi positiva. Portanto, o resultado "sim" descrito nas tabelas se trata de uma simplificação que pode englobar uma ampla diversidade de nuances. Dito isto, a Tabela 2 a seguir contém a síntese dos efeitos medidos, separados por tipo de efeito, além de um quantitativo de resultados positivos e negativos.

Indicador	**Efeitos**	**Sim**	**Não**
○ Efeitos fisiológicos			
Relaxamento, redução de estresse e aumento de bem-estar	Relaxamento fisiológico	18	3
Qualidade do sono	Melhoria da eficiência do sono	1	1
Produtividade e desempenho	Aumento da atividade cerebral	1	0
Regulação térmica e conforto	Aumento da temperatura corporal	1	1
△ Efeitos psicológicos			
Relaxamento, redução de estresse e aumento de bem-estar	Melhoria do estado de humor	4	6
	Redução da percepção de estresse	2	1
	Melhoria do bem-estar	1	1
	Redução de fadiga	3	0
	Percepção de melhoria de qualidade de vida	1	0

Qualidade do sono	Melhoria da percepção da qualidade do sono	1	1
Produtividade e desempenho	Melhoria do desempenho cognitivo	2	6
	Melhoria da atenção	1	0
	Melhoria da criatividade	1	0
Regulação térmica e conforto	Melhoria do conforto térmico	1	0
	Percepção de conforto positiva	1	0
◇ Efeitos comportamentais			
Sociabilidade	Melhoria da interação social, e autoexpressão	1	0
△ Efeitos ambientais			
Qualidade do ambiente interno (IAQ)	Melhoria da qualidade do ar	3	0
	Aumento da temperatura do ar	1	0
	Melhoria da umidade relativa	0	1

Tabela 2. Síntese dos efeitos identificados e da quantidade de respostas positivas e negativas.
Fonte: Autor.

Cabe destacar que, devido à variabilidade das medidas, métodos de medição e do desenho experimental, a comparação entre os resultados é limitada. Com frequência, mesmo quando o efeito mensurado era o mesmo, os instrumentos de medição empregados foram distintos. Por exemplo, diversos estudos investigaram se o contato com a madeira poderia causar alterações no estado de humor. Porém, foram usados diferentes questionários entre os estudos como indicadores do mesmo efeito. Por razões como esta, a síntese de resultados apresentada contém limitações. No entanto, ela foi feita com o intuito de estabelecer uma base de dados preliminar (baseada no estado da arte) acerca dos efeitos gerais da madeira sobre a saúde. Ressalta-se que, para futuros estudos a utilização de medidas e métodos padronizados irá facilitar e proporcionar mais robustez para análises como esta.

4.1 Efeitos sobre o ser humano

Com base nos dados levantados, é apresentado a seguir a descrição de cada efeito induzido pelo contato com ambientes contendo madeira.

4.1.1 Relaxamento, redução de estresse e aumento de bem-estar

Nota-se que a grande maioria dos estudos teve entre, ao menos um de seus objetivos, investigar se o contato com a madeira é capaz de reduzir o estresse e proporcionar estados de relaxamento e bem-estar. Esse efeito foi mensurado em particular através de medidas fisiológicas, aparecendo em 21 (75% do total) estudos. O efeito de relaxamento fisiológico foi mensurado através de parâmetros como pressão arterial, variação da frequência cardíaca, atividade cerebral no córtex pré-frontal e níveis de cortisol. Como resultado, apesar da variabilidade nas variáveis experimentais, o efeito de relaxamento foi observado de forma significativamente consistente, com 85% dos

estudos encontrando resultados positivos. Por outro lado, as medidas psicológicas foram mensuradas com uma frequência muito menor e, em geral, apresentaram resultados menos consistentes. Destaca-se a melhoria do estado de humor, que foi investigada em 10 estudos, tendo sido identificado resultados positivos em apenas 4 deles.

É relevante destacar que em dois estudos o resultado das medições fisiológicas apontou para a direção oposta, sugerindo que os participantes entraram em um estado de excitação ao invés de relaxamento (Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2005; Ojala et al., 2023). Embora esse resultado seja minoritário, existe a necessidade de investigar em quais condições a presença de madeira pode agir como estimulante.

4.1.2 Qualidade do sono

Apenas dois estudos investigaram se a presença de madeira pode afetar positivamente a qualidade do sono, sendo que em ambos foram coletados dados fisiológicos e psicológicos. Curiosamente, os estudos tiveram resultados opostos, com divergências entre o resultado da medida fisiológica e psicológica. Em um deles, não foi observada melhoria na eficiência do sono medida pela medida fisiológica, porém foi reportado através de questionário uma melhor qualidade do sono em ambientes com madeira, havendo uma correlação positiva entre o aumento da quantidade de madeira no dormitório e a percepção de qualidade do sono (Morita et al., 2020). Já no outro estudo em que foram criadas duas camas idênticas, uma feita de madeira sólida e outra de um componente à base de madeira reconstituída, foi identificado que dormir na cama de madeira sólida melhorou a eficiência do sono embora, segundo o resultado dos questionários, os participantes não tenham percebido diferenças na qualidade do sono entre as duas camas (Grote et al., 2021). Devido à pequena quantidade de estudos e à falta de consistência nos resultados, a evidência para este efeito é limitada.

4.1.3 Produtividade e desempenho

No que se refere à aumento de produtividade e desempenho, há estudos que sugerem que o contato com a madeira é capaz de melhorar a capacidade de foco e atenção, resultando na melhoria do desempenho em atividades cognitivas. No entanto, entre os 8 estudos que investigaram esse efeito, apenas 2 (25%) obtiveram resultados positivos, o que sugere baixa evidência para este efeito. Cabe destacar que, alguns estudos apontaram que a melhora no desempenho foi melhor após um período de descanso no ambiente com madeira (Kelz et al., [s.d.];Ojala et al., 2023). Muitos dos estudos não incluíram esse período de descanso, o que pode ter impactado os resultados.

4.1.4 Regulação térmica e conforto

A madeira é frequentemente associada à palavra "*warm*" em inglês, que pode ser traduzida como "morno" em termos de temperatura, mas também pode ser interpretada como "aconchegante". Dois estudos investigaram a capacidade da

madeira em regular a temperatura corporal em ambientes frios, sugerindo que a presença do material é capaz de melhorar a percepção de conforto térmico e, em um deles, também de aumentar a temperatura corporal (Ohta et al., 2008). Devido à falta de estudos e variabilidade dos resultados, a evidência para este efeito também é baixa. Destaca-se que foi investigado apenas o efeito da madeira em aumentar a temperatura corporal no contexto de ambientes frios. Não houve estudos que investigaram se a presença de madeira também é capaz de aumentar a temperatura corporal em ambientes quentes.

4.1.5 Sociabilidade

Embora apenas um único estudo tenha avaliado o potencial efeito da presença de madeira no ambiente sobre o comportamento, o estudo conduzido por Anme et al. (2012) sugere que o material pode influenciar positivamente a sociabilidade e a capacidade de autoexpressão. É necessário levar em consideração que o experimento foi realizado apenas com participantes idosos (de 71 a 96 anos) vivendo em uma mesma moradia assistida. Apesar das limitações, esse resultado é relevante dado que é sabido que manter vínculos sociais é essencial para a manutenção da saúde física e mental, sendo particularmente relevante entre idosos (Waldinger; Schulz, 2023).

4.2 Efeitos da madeira sobre o ambiente

Além dos efeitos sobre as pessoas, três dos estudos levantados também realizaram a medição de dados ambientais, visando investigar se a presença de madeira também era capaz de causar efeitos mensuráveis sobre o ambiente. Como resultado, foi identificado a melhoria da qualidade do ar através da redução de compostos orgânicos voláteis (COVs) nocivos à saúde em todos os estudos (Nakashima et al., 2023; Douglas et al., 2022; Kotradyova et al., 2019). Um estudo investigou os efeitos sobre a umidade do ar e a temperatura ambiente, tendo identificado que o ambiente com madeira apresentou temperatura ligeiramente mais elevada em comparação ao ambiente sem madeira. No entanto, não foi identificado alterações sobre a umidade (Ohta et al., 2008). Após uma nova investigação sobre as bases de dados, foram levantados outros estudos que corroboram esse achados sobre a influência da madeira sobre o ambiente.

4.2.1 Alteração da quantidade de concentração de COVs

A superfície porosa da madeira, associada à sua estrutura celular possui a capacidade de absorção e adsorção de água (propriedade de higroscopia), como também de compostos orgânicos voláteis (COVs) presentes no ar. De acordo com estudos, a madeira pode contribuir para a melhoria da qualidade do ar ao adsorver COVs potencialmente nocivos à saúde, reintroduzindo-os gradativamente ao ar em concentrações menores (Niedermayer et al., 2013). Deste modo, é possível a redução ou eliminação de sua toxicidade, tendo em vista que cada substância possui um valor de concentração limítrofe a partir do qual passa a oferecer riscos à saúde.

Apesar disso, cabe destacar que a própria madeira é em si uma fonte de emissão sendo, em alguns casos, bastante significativa. O estudo de Mhuireach et al. (2021) comparou as emissões de COVs de quatro materiais de construção: madeira, concreto, gesso e terra. Os resultados apontaram que a madeira apresentou emissões substancialmente mais altas em comparação aos outros materiais. No entanto, é necessário levar em consideração não apenas a quantidade de COVs, mas também a sua composição. A madeira emite principalmente COVs naturais, os quais em geral oferecem riscos muito menores à saúde. Por exemplo, as madeiras de coníferas podem emitir quantidades muito elevadas de COVs, porém compostos predominantemente por terpenos (Mhuireach et al., 2021; Czajka; Fabisiak; Fabisiak, 2020). Encontrados principalmente em plantas, os terpenos são uma grande classe de compostos orgânicos naturais. Há, inclusive, estudos que investigam efeitos benéficos à saúde através dessas substâncias.

Em um estudo, o limoneno, um monoterpeno comum, mostrou reduzir a inflamação pulmonar alérgica além de sintomas da asma em camundongos, sugerindo efeitos de mitigação de doenças respiratórias inflamatórias. O α-pineno, muito abundante em madeiras de coníferas, também apresentou atividade anti-inflamatória (Kim et al., 2015). Em outros estudos, triterpenos isolados mostraram atividade citotóxica em células de câncer de mama (Pérez et al., 2017) e de câncer de fígado (Thoppil; Bishayee, 2011), indicando um potencial benefício em prevenção e tratamento contra o câncer.

Por outro lado, produtos à base de madeira, como painéis de partículas e MDF, apresentam emissões significativas de formaldeído, substância reconhecidamente cancerígena, oriunda principalmente dos adesivos utilizado, como as resinas de ureia-formaldeído e melamina-ureia-formaldeído (Roffael, 2006).

4.2.2 Regulação da umidade do ar

Embora o estudo de Ohta et al. (2008) não tenha identificado alterações sobre a umidade do ar no ambiente com madeira, outros estudos sugerem que a capacidade higroscópica da madeira é capaz de reduzir as flutuações de umidade do ar, ao atuar como uma espécie de esponja. Quando a umidade do ar se eleva a madeira armazena água em sua superfície e estrutura e quando a umidade diminui a água é dessorvida de volta ao ambiente, mantendo a umidade relativa a níveis moderados (Glass et al., 2010; Hoadley, 2000). De acordo com Hartley e Hamza (2016) a percepção de que ambientes com superfícies de madeira tendem a apresentar uma sensação de maior conforto e bem-estar se deve em partes à capacidade da madeira de manter uma umidade relativa estável.

4.2.2 Regulação da temperatura do ar

De acordo com estudos, a troca de umidade entre a madeira e o ambiente devido à higroscopia também é capaz de influenciar a sua temperatura devido à conversão de calor latente. Quando a umidade do ar aumenta, a madeira absorve vapor de água, um

processo endotérmico que retira calor do ambiente, resultando em um resfriamento. Inversamente, quando a umidade do ar diminui, a madeira libera vapor de água, um processo exotérmico que libera calor no ambiente, resultando em aquecimento. Esses processos ajudam a estabilizar a temperatura do ambiente ao longo do tempo (Kraniotis et al., 2017; Kraniotis e Nyrud 2015). Segundo Alapieti et al. (2020) a troca de calor latente pode resultar na economia de energia quando associado a sistemas de ventilação mecânica, sendo que o maior potencial de ganhos reside em ambientes de clima quente e úmido. De acordo com estimativas, a economia para o arrefecimento poderia ser entre 5 e 30%.

5. DISCUSSÕES

Os resultados revelam que os efeitos da madeira associados à saúde são, em muitos casos, promissores. Fica evidente que não há apenas um, mas uma multiplicidade de efeitos causados pelo uso de madeira no ambiente arquitetônico que podem ser positivos para a saúde humana. Destaca-se que esses efeitos foram observados tanto ao mensurar dados (fisiológicos e psicológicos) sobre as pessoas que ocuparam tais espaços, quanto do próprio ambiente. Ou seja, a madeira possui propriedades que são capazes de influenciar o ambiente e que, por sua vez, exerce influência sobre seus ocupantes. Um exemplo disso pôde ser observado no estudo que identificou que dormir em camas de madeira resultou em aumento da eficiência do sono. Esse efeito foi atribuído aos COVs emitidos pela madeira utilizada nessas camas (Grote et al., 2021).

O efeito com maior destaque foi a redução de estresse e a indução ao relaxamento, investigado em mais de 20 artigos com uma taxa significativamente alta de resultados positivos para as medidas fisiológicas. Por outro lado, os resultados não foram tão consistentes a partir das medidas psicológicas. Possivelmente esse efeito é muito sutil, a ponto de não ser facilmente perceptível de forma consciente. Há, inclusive, estudos que apresentam divergências nos resultados entre as medidas psicológicas e fisiológicas, o que corrobora para essa hipótese (Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2005). Há que destacar, no entanto, que houve falta de mais dados de medidas psicológicas para se analisar esse fenômeno com maior profundidade.

Além da redução do estresse, outros efeitos também foram reportados como melhoria da qualidade do sono, melhoria da sociabilidade, aumento da produtividade e sensação de conforto. Porém, apesar dos resultados positivos as evidências para esses efeitos são, em geral, muito escassas. Isso impede a generalização desses achados, sendo necessário mais estudos para tornar as evidências mais robustas. Essa área de pesquisa é relativamente recente e ainda pouco explorada, havendo uma quantidade muito limitada de estudos realizados.

Outro ponto que merece atenção se refere às variáveis experimentais. A variável mais citada entre os estudos se refere aos parâmetros mensurados. Em muitos

estudos, principalmente ao medir efeitos fisiológicos, houve uso de múltiplos parâmetros os quais apresentaram resultados divergentes entre si (Burnard; Kutnar, 2020; Kotradyova et al., 2019; Matsubara; Kawai, 2018; Bamba; Azuma, 2015; Fell, 2010; Ohta et al., 2008; Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2007). É possível que isso tenha ocorrido porque cada parâmetro possui diferentes sensibilidades, tornando-os mais ou menos aptos para captar as nuances dos efeitos causados pelo contato com um ambiente contendo madeira. Também é possível que outros fatores possam influenciar determinada medida e que necessitam ser considerados durante o planejamento do experimento.

Além dos parâmetros mensurados, foram reportadas outras variáveis que influenciaram os resultados, incluindo o gênero dos participantes (Shen; Zhang; Lian, 2021; Matsubara; Kawai, 2018) e suas preferências individuais (Sakuragawa et al., 2005), a espécie de madeira (Burnard; Kutnar, 2020) e a forma com que o material é aplicado no ambiente (no que se refere ao design) (Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2002; Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2005), além da quantidade de madeira no ambiente (Tsunetsugu; Miyazaki; Sato, 2007) (Kimura et al., 2011). Nos estudos levantados acerca dos efeitos da madeira sobre o ambiente também foi reportado como fator de influência o tipo de madeira, se natural ou industrializado a partir da madeira.

Portanto, os estudos revisados indicam que os efeitos da madeira são altamente dependentes do contexto, incluindo fatores como o tipo de madeira, o tratamento superficial e o ambiente em que é aplicada. Por exemplo, enquanto alguns estudos mostram que a madeira pode melhorar a qualidade do ar interno, outros sugerem que certos tipos de madeira, especialmente quando fazem uso de determinados produtos químicos como resinas, podem emitir COVs prejudiciais à saúde. Por este motivo, se faz necessário a padronização de métodos para estudos futuros, tanto em relação à forma com que os experimentos são desenhados, quanto aos parâmetros mensurados e as medidas utilizadas. Adicionalmente, é imperativo haver o controle e descrição das variáveis experimentais, desde dados relativos aos participantes, ao tipo de madeira, acabamento e a forma com que o material é utilizado no ambiente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de madeira no ambiente construído apresenta uma série de potenciais benefícios para a saúde e bem-estar dos ocupantes, mas a área ainda requer mais investigações para que esses benefícios possam ser plenamente constatados e compreendidos. Ressalta-se arquitetos e designers devem considerar a madeira como um material essencial para a criação de ambientes saudáveis, mas que a escolha do tipo de madeira e sua aplicação devem ser feitas com base em evidências científicas robustas.

A pesquisa destaca ainda a importância de metodologias padronizadas e amostras mais representativas para estudos futuros, que possam validar e ampliar os achados

preliminares. Além disso, é fundamental que as diretrizes para o uso da madeira em ambientes construídos considerem as variáveis contextuais, como o tipo de madeira, o tratamento aplicado e as características dos ocupantes. Com essas considerações, será possível maximizar os benefícios da madeira na arquitetura, contribuindo para a criação de espaços que promovam a saúde e o bem-estar de seus ocupantes.

7. BIBLIOGRAFIA

Smith, J. D. (2018). The Art of Writing: A Comprehensive Guide. Publisher.

Academy of Neuroscience for Architecture. (2014). Juhani Pallasmaa, Keynote: Imagination and Empathy. https://www.youtube.com/watch?v=hnsvTrCtuuQ

Alapieti, T., Mikkola, R., Pasanen, P., & Salonen, H. (2020). The influence of wooden interior materials on indoor environment: a review. European Journal of Wood and Wood Products, 78(4), 617–634. https://doi.org/10.1007/s00107-020-01532-x

Anme, T., Watanabe, T., Tokutake, K., Tomisaki, E., Mochizuki, H., Tanaka, E., Wu, B., Shinohara, R., Sugisawa, Y., Tada, C., Matsui, T., & Asada, S. (2012). Behavior Changesin Older PersonsCaused by Using Wood Products in Assisted Living. Public Health Research, 2(4), 106–109. https://doi.org/10.5923/j.phr.20120204.07

Anme, T., Watanabe, T., Tokutake, K., Tomisaki, E., Mochizuki, H., Tanaka, E., Wu, B., Shinohara, R., Sugisawa, Y., Tada, C., T., M., & S., A. (2012). Behavior Changes in Older PersonsCaused byUsing Wood Products in Assisted Living. Public Health Research, 2(4), 106–109. https://doi.org/10.5923/j.phr.20120204.07

Azuma, K., Kouda, K., Nakamura, M., Fujita, S., Tsujino, Y., Uebori, M., Inoue, S., & Kawai, S. (2016). Effects of inhalation of emissions from cedar timber on psychological and physiological factors in an indoor environment. Environments - MDPI, 3(4), 1–13. https://doi.org/10.3390/environments3040037

Bamba, I., & Azuma, K. (2015). Psychological and Physiological Effects of Japanese Cedar Indoors after Calculation Task Performance. Em Journal of the Human-Environment System (Vol. 18, Número 2).

Burnard, M. D., & Kutnar, A. (2015). Wood and human stress in the built indoor environment: a review. Wood Science and Technology, 49(5), 969–986. https://doi.org/10.1007/s00226-015-0747-3

Burnard, M. D., & Kutnar, A. (2020). Human stress responses in office-like environments with wood furniture. Building Research and Information, 48(3), 316–330. https://doi.org/10.1080/09613218.2019.1660609

Czajka, M., Fabisiak, B., & Fabisiak, E. (2020). emission of volatile organic compounds from heartwood and sapwood of selected coniferous species. Forests, 11(1). https://doi.org/10.3390/f11010092

Demattè, M. L., Zanetti, M., Urso, T., & Cavalli, R. (2022). Wooden Indoor Environments' Restorativeness. Forests, 13(12). https://doi.org/10.3390/f13122073

Douglas, I. P., Murnane, E. L., Bencharit, L. Z., Altaf, B., Costa, J. M. dos R., Yang, J., Ackerson, M., Srivastava, C., Cooper, M., Douglas, K., King, J., Paredes, P. E., Camp, N. P., Mauriello, M. L., Ardoin, N. M., Markus, H. R., Landay, J. A., & Billington, S. L. (2022). Physical workplaces and human well-being: A mixed-methods study to quantify the effects of materials, windows, and representation on biobehavioral outcomes. Building and Environment, 224. https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2022.109516

Fell, D. R. (2010). Wood in the Human Environment: Restorative Properties of Wood in the Built Indoor Environment. University of British Columbia.

Glass, Samuel V, Zelinka, & Samuel L. (2010). Wood Handbook, Chapter 04: Moisture Relations and Physical Properties of Wood.

Grote, V., Frühwirth, M., Lackner, H. K., Goswami, N., Köstenberger, M., Likar, R., & Moser, M. (2021). Cardiorespiratory interaction and autonomic sleep quality improve during sleep in beds made from pinus cembra (Stone pine) solid wood. International Journal of Environmental Research and Public Health, 18(18). https://doi.org/10.3390/ijerph18189749

Hartley, I., & Hamza, M. F. (2016). Wood: Moisture Content, Hygroscopicity, and Sorption. Em Reference Module in Materials Science and Materials Engineering. Elsevier. https://doi.org/10.1016/b978-0-12-803581-8.02219-0

Hoadley, R. B. (2000). Understanding Wood - a craftsman's guide to wood technology. The Tauton Press.

Ikei, H., Jo, H., & Miyazaki, Y. (2023). Physiological Effects of Visual Stimulation by a Japanese Low Wooden Table: A Crossover Field Experiment. International Journal of Environmental Research and Public Health, 20(14). https://doi.org/10.3390/ijerph20146351

Kelz, C., Grote, V., & Moser, M. (2011). Interior wood use in classrooms reduces pupils' stress levels. Em Proceedings of the 9th Biennial Conference on Environmental Psychology (p. 1–2). http://proceedings.envpsych2011.eu/files/doc/342.pdf

Kelz, C., Moser, M., Lackner, H., & Avian, A. ([s.d.]). Solid fir furniture reduceS Strain during and after concentration periods Hypotheses. www.humanresearch.at

Kim, D. S., Lee, H. J., Jeon, Y. D., Han, Y. H., Kee, J. Y., Kim, H. J., Shin, H. J., Kang, J., Lee, B. S., Kim, S. H., Kim, S. J., Park, S. H., Choi, B. M., Park, S. J., Um, J. Y., & Hong, S. H. (2015). Alpha-Pinene Exhibits Anti-Inflammatory Activity Through the Suppression of MAPKs and the NF-κB Pathway in Mouse Peritoneal Macrophages. American Journal of Chinese Medicine, 43(4), 731–742. https://doi.org/10.1142/S0192415X15500457

Kimura, A., Sugiyama, H., Sasaki, S., & Yatagai, M. (2011). Psychological and Physiological Effects in Humans Induced by the Visual and Olfactory Stimulations of an Interior Environment Made of Hiba (Thujopsis dolabrata) wood. 木材学会誌, 57(3), 150–159.

Kotradyova, V., Vavrinsky, E., Kalinakova, B., Petro, D., Jansakova, K., Boles, M., & Svobodova, H. (2019). Wood and its impact on humans and environment quality in health care facilities. International Journal of Environmental Research and Public Health, 16(18). https://doi.org/10.3390/ijerph16183496

Kraniotis, D., & Nyrud, A. Q. (2015). Moisture buffering, energy potential and VOC emissions of wood exposed to indoor environments. https://www.researchgate.net/publication/283267222

Kraniotis, D., Nyrud, A. Q., Englund, F., & Nore, K. (2017). Moisture buffering, energy potential, and volatile organic compound emissions of wood exposed to indoor environments. Science and Technology for the Built Environment, 23(3), 512–521. https://doi.org/10.1080/23744731.2017.1288503

Lipovac, D., Podrekar, N., Burnard, M. D., & Šarabon, N. (2020). Effect of desk materials on affective states and cognitive performance. Journal of Wood Science, 66(1). https://doi.org/10.1186/s10086-020-01890-3

Lipovac, D., Žitnik, J., & Burnard, M. D. (2022). A pilot study examining the suitability of the mental arithmetic task and single-item measures of affective states to assess affective, physiological, and attention restoration at a wooden desk. Journal of Wood Science, 68(1). https://doi.org/10.1186/s10086-022-02042-5

Matsubara, E., & Kawai, S. (2014). VOCs emitted from Japanese cedar (Cryptomeria japonica) interior walls induce physiological relaxation. Building and Environment, 72, 125–130. https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2013.10.023

Matsubara, E., & Kawai, S. (2018). Gender differences in the psychophysiological effects induced by VOCs emitted from Japanese cedar (Cryptomeria japonica). Environmental Health and Preventive Medicine, 23(1). https://doi.org/10.1186/s12199-018-0700-9

Mhuireach, G., Dietz, L., Griffiths, W., Horve, P. F., Laguerre, A., Northcutt, D., Vandegrift, R., Gall, E., & Van Den Wymelenberg, K. (2021). Differing effects of four building materials on viable bacterial communities and VOCs. Developments in the Built Environment, 7. https://doi.org/10.1016/j.dibe.2021.100055

Morita, E., Yanagisawa, M., Ishihara, A., Matsumoto, S., Suzuki, C., Ikeda, Y., Ishitsuka, M., Hori, D., Doki, S., Oi, Y., Sasahara, S., Matsuzaki, I., & Satoh, M. (2020). Association of wood use in bedrooms with comfort and sleep among workers in Japan: a cross-sectional analysis of the SLeep Epidemiology Project at the University of Tsukuba (SLEPT) study. Journal of Wood Science, 66(1). https://doi.org/10.1186/s10086-020-1852-y

Nakashima, T., Sun, M., Honden, A., Yoshimura, Y., Nakagawa, T., Ishikawa, H., Nagano, J., Yamada, Y., Okamoto, T., Watanabe, Y., Yasunari, S., Ohnuki, K., Fujimoto, N., & Shimizu, K. (2023). Effects of volatile sesquiterpenes from Japanese cedarwood on visual processing in the human brain: an event-related potential study. Journal of Wood Science, 69(1). https://doi.org/10.1186/s10086-023-02083-4

Niedermayer, S., Fürhapper, C., Nagl, S., Polleres, S., & Schober, K. P. (2013). VOC sorption and diffusion behavior of building materials. European Journal of Wood and Wood Products, 71(5), 563–571. https://doi.org/10.1007/s00107-013-0713-4

Ohta, H., Maruyama, M., Tanabe, Y., Hara, T., Nishino, Y., Tsujino, Y., Morita, E., Kobayashi, S., & Shido, O. (2008). Effects of redecoration of a hospital isolation room with natural materials on stress levels of denizens in cold season. International Journal of Biometeorology, 52(5), 331–340. https://doi.org/10.1007/s00484-007-0125-4

Ojala, A., Kostensalo, J., Viik, J., Matilainen, H., Wik, I., Virtanen, L., & Muilu-Mäkelä, R. (2023). Psychological and physiological effects of a wooden office room on human well-being: Results from a randomized controlled trial. Journal of Environmental Psychology, 89. https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2023.102059

Pérez, A. J., Pecio, Ł., Kowalczyk, M., Kontek, R., Gajek, G., Stopinsek, L., Mirt, I., Stochmal, A., & Oleszek, W. (2017). Cytotoxic triterpenoids isolated from sweet chestnut heartwood (Castanea sativa) and their health benefits implication. Food and Chemical Toxicology, 109, 863–870. https://doi.org/10.1016/j.fct.2017.03.049

Roffael, E. (2006). Volatile organic compounds and formaldehyde in nature, wood and wood based panels. Holz als Roh - und Werkstoff, 64(2), 144–149. https://doi.org/10.1007/s00107-005-0061-0

Sakuragawa, S., Miyazaki, Y., Kaneko, T., & Makita, T. (2005). Influence of wood wall panels on physiological and psychological responses. Journal of Wood Science, 51(2), 136–140. https://doi.org/10.1007/s10086-004-0643-1

Shen, J., Zhang, X., & Lian, Z. (2021). Gender differences in human psychological responses to wooden indoor environment. European Journal of Wood and Wood Products, 79(1), 217–226. https://doi.org/10.1007/s00107-020-01561-6

Thoppil, R. J., & Bishayee, A. (2011). Terpenoids as potential chemopreventive and therapeutic agents in liver cancer. Em World Journal of Hepatology (Vol. 3, Número 9, p. 228–249). https://doi.org/10.4254/wjh.v3.i9.228

Tsunetsugu, Y., Miyazaki, Y., & Sato, H. (2002). The Visual Effects of Wooden Interiors in Actual-size Living Rooms on the Autonomic Nervous Activities. Journal of Physiological Anthropology and Applied Human Science, 21(6), 297–300. http://www.jstage.jst.go.jp/en/

Tsunetsugu, Y., Miyazaki, Y., & Sato, H. (2005). Visual effects of interior design in actual-size living rooms on physiological responses. Building and Environment, 40(10), 1341–1346. https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2004.11.026

Tsunetsugu, Y., Miyazaki, Y., & Sato, H. (2007). Physiological effects in humans induced by the visual stimulation of room interiors with different wood quantities. Journal of Wood Science, 53(1), 11–16. https://doi.org/10.1007/s10086-006-0812-5

Waldinger, R., & Schulz, M. (2023). The Good Life: lessons from the world's longest scientific study of happiness. Simon & Schuster.

Zhang, X., Lian, Z., & Ding, Q. (2016). Investigation variance in human psychological responses to wooden indoor environments. Building and Environment, 109, 58–67. https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2016.09.014

Zhang, X., Lian, Z., & Wu, Y. (2017). Human physiological responses to wooden indoor environment. Physiology and Behavior, 174, 27–34. https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2017.02.043

RXX

AMBIANCES AND SOCIAL REPRESENTATIONS: POSSIBLE THEORETICAL-METHODOLOGICAL ARTICULATIONS

AMBIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Rafaela Teti Tibúrcio Maia
Arquiteta e Urbanista, Mestra em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
rafaela.teti@ufpe.br

Marília Cavalcanti Farias
Arquiteta e Urbanista, Doutoranda em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
mariliacavalcanti.f@gmail.com

ABSTRACT
This article aims to elaborate on the possible contributions of the study of social representations in the research of urban environments. In this interdisciplinary proposal, we first present the context of the emergence of the study of social representations and their basic concepts, through the contributions of the social psychologists Serge Moscovici and Denise Jodelet. Then, we brought the experience as a starting point for a theoretical-methodological articulation between social representations and urban ambiences. The results show that these articulations are anchored in the symbolic value attributed by experience in its cognitive and socially shared dimension. Thus, we present possible methodological ways to investigate the symbolic contents that structure urban environments through the study of the city as an object of social representation.

KEYWORDS: ambiences. social representations. experience. methodology.

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo elaborar sobre as possíveis contribuições do estudo das representações sociais na investigação das ambiências urbanas. Nesta proposta interdisciplinar, tratamos primeiro de apresentar o contexto de surgimento do estudo das representações sociais e os seus conceitos básicos, através das ponderações dos psicólogos sociais Serge Moscovici e Denise Jodelet. Em seguida, trouxemos a experiência como ponto de partida para uma articulação teórico-metodológica entre as representações sociais e as ambiências urbanas. Os resultados alcançados apontam que essas articulações se ancoram no valor simbólico atribuído pela experiência em sua dimensão cognitiva e socialmente partilhada. A partir disso, apresentamos os possíveis caminhos metodológicos para se investigar os conteúdos simbólicos que estruturam as ambiências urbanas através do estudo da cidade como objeto de representação social.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. representações sociais. experiência. metodologia.

1. INTRODUÇÃO
O presente artigo tem como objetivo elaborar, sob o ponto de vista teórico-metodológico, as possíveis contribuições do estudo das representações sociais na investigação das ambiências urbanas. Essa articulação surgiu da demanda por melhor apreender a dimensão subjetiva que transpassa a experiência do lugar somada ao reconhecimento das contribuições de abordagens interdisciplinares, principalmente daquelas advindas do campo da psicologia e da sociologia, em interação com o espaço urbano. A fim de explorar tais contribuições, encontramos na Psicologia Social uma lente promissora.

A Psicologia Social sofreu influências do pensamento interacionista e transacional que marcou a Psicologia Ambiental a partir da década de 1980, onde se reconhecia que o indivíduo e o ambiente se definiam mutuamente (Jodelet, 2002). Desde então, o estudo dessa relação com o ambiente foi se expandindo e, através da Teoria das Representações Sociais, foram tecidas articulações por meio das representações e das memórias sociais ou coletivas. Essa aproximação foi fortalecida na elaboração sobre as representações do espaço como representações sociais (Milgram & Jodelet, 1976) e no estudo da experiência vinculada às representações sociais desenvolvido por Denise Jodelet (2005).

Por meio dessa concepção surgiram as primeiras questões e provocações teórico-metodológicas que constituem o ponto de partida para a construção deste artigo: a partir do entendimento de que as ambiências são construídas pelas pessoas e pelas suas experiências, de que forma o estudo das representações sociais poderia auxiliar a identificar os aspectos que estão envolvidos no processo de formação das ambiências? Sendo assim, poderíamos também dizer que as ambiências são constituídas como tal porque partem exatamente de uma construção social compartilhada e construída entre os indivíduos?

Buscando explorar tais questões primárias, desenvolvemos este texto em duas partes. Em um primeiro momento, apresentamos o estudo das representações sociais e as bases sobre as quais ele se estrutura, destacando o contexto de seu surgimento e os seus conceitos básicos, bem como a sua relação com a experiência. Em um segundo momento, trouxemos a experiência como ponto de partida para uma articulação teórico-metodológica entre o estudo das representações sociais e das ambiências urbanas, onde destacamos o valor simbólico atribuído a partir da dimensão cognitiva e socialmente partilhada.

2. O ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O estudo das representações teve a sua origem no final do século XIX e início do século XX a partir das formulações iniciais dos sociólogos Marcel Mauss e Émile Durkheim. No artigo "Representações individuais e representações coletivas", publicado na *Revue Métaphysique et de Morale* (1898), Durkheim aborda as representações como entidades espirituais, que constituem tanto a vida mental dos indivíduos, como a vida coletiva das sociedades. Ele defendia uma separação radical entre as representações individuais e as representações coletivas. As investigações desenvolvidas por Durkheim foram responsáveis por montar as bases para o estudo das representações sociais desenvolvido pelo psicólogo social Serge Moscovici.

Na obra *La psychanalyse, son image et son public* (1961), Moscovici rompe com a rigidez da postulação de Durkheim ao deixar de considerar o sujeito apenas como um aparelho intra-psíquico e passa a reconhecer também a sua participação como produtor e produto de uma determinada sociedade (Santos, 2005), a partir dos

processos de comunicação. Dessa forma, ele conseguiu avançar e definir com maior precisão as representações sociais, fazendo dela base de uma psicologia social do conhecimento.

Para Moscovici, as representações sociais são "uma forma de conhecimento particular, cuja função é elaborar comportamentos e permitir a comunicação entre indivíduos" (1961, p.26). Em outras palavras, podemos dizer que essas representações se referem ao conhecimento produzido pelo senso comum, cujo propósito vai além do tornar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, familiar; mas é também "uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico" (Duveen *in* Moscovici, 2015, p.21).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) surge, portanto, como abordagem teórico-metodológica cuja proposta básica é a busca por compreender o processo de construção social da realidade (Berger & Luckmann, 2003). Ela objetiva investigar conteúdos, princípios de apropriação, comunicação dos conhecimentos e penetração da linguagem científica nos grupos sociais e na mídia (Moscovici, 1961). O fenômeno estudado pela TRS são as teorias de senso comum – as representações sociais – que se originam de um objeto polimorfo e que só existe quando "se encontra implicado, de forma consistente, em alguma prática do grupo, aí incluída a da conversação e a da exposição aos meios de comunicação de massa" (Sá, 1994, p.42).

No texto "Experiência e representações sociais" presente no livro *Experiência e Representação Social: questões teóricas e metodológicas* (2005), a psicóloga social Denise Jodelet elabora sobre a relação entre as representações sociais e a experiência. Segundo ela, essa relação acontece a partir da dimensão cognitiva da experiência que "favorece uma experimentação do mundo e sobre o mundo e contribui para a construção da realidade segundo categorias e formas que são socialmente dadas" (2005, p.32). Desse modo, a experiência social "só começa a existir na medida em que é reconhecida, compartilhada e confirmada pelos outros" (Jodelet, 2005, p.33) o que a faz ser "marcada pelos aspectos sociais de sua enunciação e de sua comunicação" (*ibidem*).

3. AS AMBIÊNCIAS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

As notas teóricas sobre as representações sociais apresentadas anteriormente nos permitem lançar luz sobre as suas possíveis articulações com o estudo das ambiências. Essas articulações podem ser tecidas desde o primeiro olhar para as representações como entidades espirituais, proposto por Durkheim; ao estudo das representações sociais, defendido por Moscovici e elaborado por Jodelet. Em nosso

percurso investigativo, destacamos a experiência como elemento articulador dessa relação, mais precisamente a sua dimensão cognitiva e socialmente partilhada que resulta na atribuição de valor simbólico presente tanto nas representações sociais, como nas ambiências.

A dimensão cognitiva da experiência é apresentada por Jodelet como uma construção da realidade formulada a partir de "pré-construções culturais e de um estoque comum de saberes que vão dar forma e conteúdo a essa experiência" (2005, p.33). Essa dimensão cognitiva também é vista no estudo das ambiências, já que elas são reconhecidas a partir do seu compartilhamento (Thibaud *apud* Duarte et al., 2007), havendo a passagem da dimensão sensível para a dimensão cognitiva (Amphoux *apud* Duarte et al., 2007).

Ao abordar a dimensão cognitiva da experiência percebe-se que há uma conexão intrínseca com sua dimensão socialmente partilhada, comum às representações sociais. Nesse sentido, segundo Jean-François Augoyard, para que possamos falar em ambiências é preciso que haja a "possibilidade de interação entre a percepção, as emoções, a ação dos usuários e as representações sociais e culturais" (Augoyard *apud* Duarte 2007, p.4). Ainda, segundo ele, a ambiência deve ser entendida também como "um instrumento social no espaço" (*ibidem*).

No livro *A Experiência do Lugar: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências* (2023), as autoras e o autor pressupõem a dimensão cognitiva da experiência na compreensão das ambiências e também apontam para o caráter socialmente partilhado. No capítulo "Experiência e Significação", com o aporte de David Le Breton, explicam que o ser humano "faz do mundo uma medida de sua experiência e o torna comunicável aos outros, imersos como ele no centro do mesmo sistema de referência sociais e culturais" (Le Breton 2016, p.12 *apud* Duarte, 2023). Mais à frente reforçam essa temática ao interpretar a experiência do lugar a partir de uma ação construída e compartilhada culturalmente, pressupondo um "sistema de comunicação recíproca":

> A experiência do Lugar não pode ser, portanto, desprovida de valor. Não se trata de uma soma de sentidos ou percepções que acontecem em um determinado lugar, mas uma dimensão portadora de significados. Trata-se de uma ação construída e compartilhada culturalmente. Surge, assim, uma relação que pressupõe um sistema de comunicação recíproca onde o Outro contribui com o sujeito para atribuir fundamento e significado à sua existência encarnada no mundo (Duarte et al., 2023. Grifos nossos).

A citação acima coloca a experiência de partilha social imbricada a um valor simbólico por reconhecer que ao tratar das ambiências não se abarcam apenas as percepções sensíveis, mas especialmente essa incorporação de significados a partir da experiência vivida e compartilhada. Entende-se, desse modo, que ao "atribuir

fundamento e significado", os sujeitos atribuem valor simbólico à sua experiência do lugar.

O valor simbólico também pode ser percebido em Thibaud (2012) e Norberg-Schulz (1999) a partir da noção de caráter. Em Thibaud, o caráter é posto como um valor atribuído, sendo parte fundamental na composição de uma ambiência:

> [...] ambientar um território supõe não apenas controlar os parâmetros físicos de um meio ambiente construído, mas de dotar esse território de um determinado caráter, de um certo valor emocional e existencial. Toda ambiência mobiliza as experiências vividas e as maneiras de se estar juntos (Thibaud, 2012, p.32).

Em Norberg-Schulz, o caráter é considerado uma dimensão existencial básica do que ele chama de "genius loci"[1] ou "espírito do lugar": "'Estar em um lugar' significa algo mais que um fato de localização; implica primordialmente a identificação com o caráter específico dos lugares [...]"[2] (1999, p.227). Essa identificação, por sua vez, ocorre através da percepção simbólica, que tem a linguagem como mediadora na transmissão de sua representação através das gerações.

Desse modo, para Norberg-Schulz (1999) o caráter é determinado pela revelação de um significado particular, onde os significados existenciais se manifestam como caracteres. Esses caracteres são categorias sincréticas, por serem manifestações de significados, que podem também representar-se mutuamente. Portanto, ele aponta para um caminho metodológico ao dizer que o caráter é uma totalidade inconfundível, que só pode ser apreendido a partir de conceitos qualitativos:

> Esses conceitos abarcam todas as dimensões básicas dos objetos e referem-se simultaneamente aos significados e às suas manifestações físicas. O modo mais eficaz para chegar a conceitos qualitativos relevantes consiste no estudo da história do simbolismo não descritivo (Norberg-Schulz, 1999, p.227)[3].

Assim, a partir da experiência como elemento de articulação entre as representações sociais e as ambiências, posto a sua dimensão cognitiva e socialmente partilhada que resulta na noção de valor simbólico apresentada, reconhecemos na Teoria das Representações Sociais um possível caminho interdisciplinar a fim de investigar as ambiências urbanas. Para isso, tomamos a cidade como objeto de representação social, já que as representações do espaço são também representações sociais

1 O "genius loci" ou o "espírito do lugar" se refere à "essência do lugar" (Norberg-Schulz, 2017 [1980], p.11 *apud* Nesbitt, 2008, p.443) e compreende a "criação de um "outro" ou um oposto com o qual a humanidade deve se defrontar a fim de habitar" (Nesbitt, 2008, p.443). Para Norberg-Schulz, o homem habita quando está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um determinado caráter ambiental, implicados pelas funções psicológicas de "orientação" e "identificação": "Para conquistar uma base de apoio existencial, o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como está em determinado lugar" (Norberg-Schulz apud Nesbitt, 2008, p.455).

2 Tradução própria.

3 Tradução própria.

(Milgram & Jodelet, 1976) e reconhecemos nela um elo fundamental de expressão dos conteúdos simbólicos que estruturam as ambiências. Essa articulação foi organizada em um esquema visual apresentado abaixo (Figura 1).

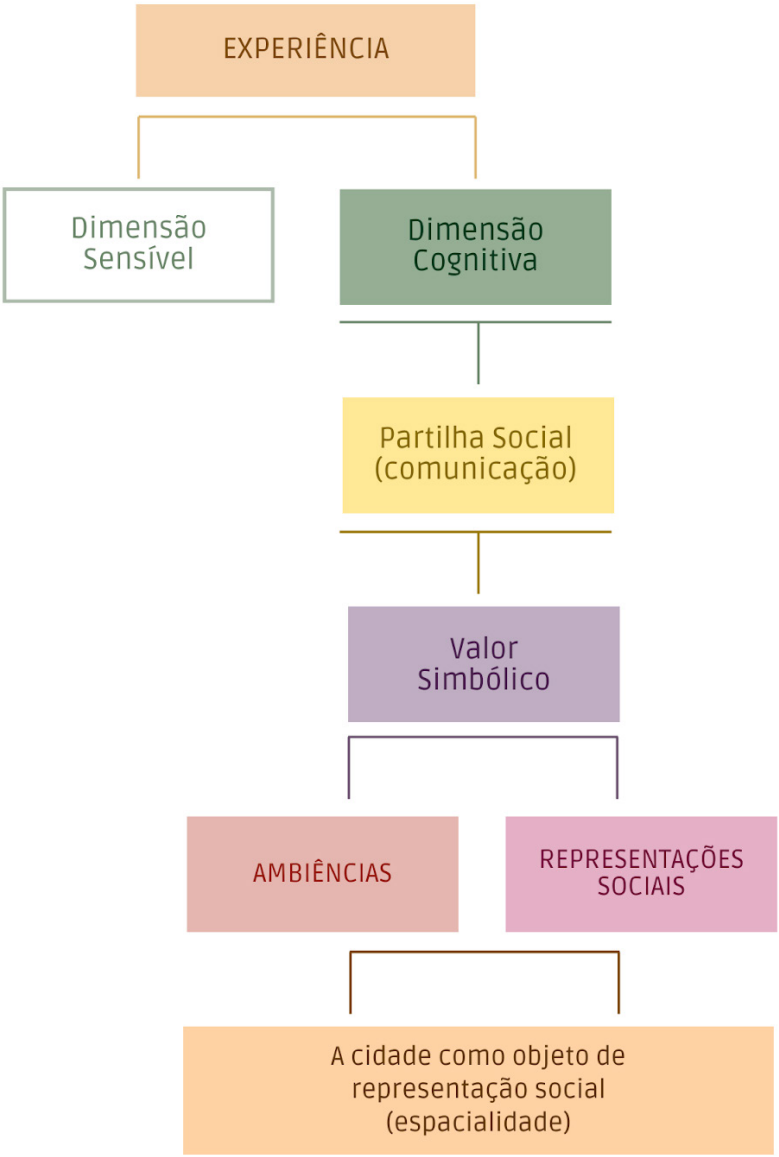


Figura 1. Articulação entre as ambiências e as representações sociais.
Fonte: Elaboração das autoras (2024).

Ao considerar o nosso interesse em uma investigação qualitativa, identificamos dentro da Teoria das Representações Sociais a abordagem sociogenética, também conhecida como culturalista, onde se busca o "alcance do fenômeno no que diz respeito às condições e os processos implicados na emergência das representações, ou seja, tentando entender suas forças geradoras" (Ribeiro; Antunes-Rocha, 2015, p.408). Nessa abordagem, portanto, se investiga de modo aprofundado os dois mecanismos de construção de uma representação social: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem é definida como a ação de "[...] classificar e dar nomes a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras" (Moscovici, 2015, p.61). Nesse caso, o objeto é enquadrado em uma categoria conhecida a partir de um reajuste do mesmo. A objetivação, por sua vez, é o ato de "[...] transformar algo abstrato em algo quase concreto; transferir o que está na mente em algo que exista no mundo". Dito de outra forma, é "reproduzir um conceito em uma imagem" (Moscovici, 2015, p.71-72). Esse processo transforma o desconhecido em familiar, tornando-se um atributo real para o sujeito.

Para se pesquisar no campo da Teoria das Representações Sociais é preciso ter em mente o que Moscovici chamou de "politeísmo metodológico", ou seja, não existe um único método, mas ele varia a depender do objeto analisado. Contudo, hoje é possível citar três métodos de coleta de dados importantes no estudo das representações sociais: as entrevistas, a associação verbal e os questionários; considera-se também como complementares o uso de elementos iconográficos (desenhos, fotos, pequenas filmagens etc.) (Ribeiro; Antunes-Rocha, 2015, p. 408). O método de análise de dados, por sua vez, tem-se destacado no campo a análise de conteúdo inspirado em Bardin (2010), bem como a análise de organização de conteúdo e de identificação do núcleo (*ibidem*).

O estudo das ambiências, portanto, está associado a conteúdos de valor simbólico coletados e interpretados a partir do método traçado. De modo a exemplificar, destacamos a pesquisa realizada por Milgram e Jodelet em Paris. Foi dessa pesquisa que nasceu a proposta de Jodelet de "abordar o estudo da produção e das significações do espaço urbano em termos de representação socioespacial, que viria a completar as abordagens de tipo semiótica ou simbólica" (Jodelet, 2002, p.35). Nessa pesquisa, os autores tomaram como base instrumental mapas de Paris com divisões da cidade em distritos e bairros. Esses mapas foram apresentados aos entrevistados a fim de verificar os níveis de conhecimento e interesse da população em relação aos diferentes bairros da cidade (*ibidem*, p.36).

Para isso, foram feitas entrevistas onde os participantes foram questionados sobre o que eles mais conheciam dos bairros e qual o bairro preferido. Os resultados apontaram para uma diferença entre os bairros mais conhecidos e os preferidos. Os

bairros mais conhecidos eram normalmente aqueles do desenvolvimento econômico e social e os preferidos eram os bairros situados nas proximidades da origem da cidade. Além disso, o estudo permitiu identificar os distritos que foram rejeitados na classificação, sendo eles justamente aqueles que se localizam para além do limite do antigo *Mur des Fermiers Généraux,* um muro que foi completamente destruído no fim do século XIX e onde não restam vestígios. Esse dado despertou como "testemunha de um vestígio da memória social inconsciente, correspondendo à reorganização do espaço parisiense, uma 'arrumação' simbólica efetuada sob a direção de Haussmann [...] (Jodelet, 2002, p.36).

As contribuições dessa pesquisa apontam para a importância da memória na estruturação da experiência da cidade para Jodelet (2002, p.36). Em nossa investigação, essa memória que afeta a experiência da cidade — que foi percebida e expressa no estudo das representações sociais — também é elemento importante na constituição das ambiências.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, destacamos sob o ponto de vista teórico-metodológico as possíveis articulações entre o estudo das representações sociais e a investigação acerca das ambiências urbanas. Essas articulações se ancoram no valor simbólico atribuído a partir da experiência em sua dimensão cognitiva e socialmente partilhada.

Dessa forma, entendemos que um aprofundamento no estudo das representações sociais da cidade — a partir das contribuições tecidas por Jodelet — se apresenta como uma interessante lente interdisciplinar a contribuir com a investigação das ambiências urbanas e, consequentemente, com a ampliação das fronteiras de conhecimento no que tange a dimensão subjetiva da arquitetura e da cidade.

Por meio deste artigo, portanto, buscamos motivar os profissionais arquitetos e urbanistas a explorarem as potencialidades dos estudos apresentados. Visamos estimular não apenas o desenvolvimento de outras pesquisas nesse campo, mas também a sensibilização em suas práticas profissionais, inspirando uma percepção da espacialidade que os envolve para além de seus aspectos formais, reconhecendo que a cidade é, também, um objeto de representação social. Convocamo-los, portanto, a conhecê-lo como tal.

5. BIBLIOGRAFIA

Berger, Peter L.; Luckmann, Thomas. (2003). A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes.

Duarte, C. R., Miranda, C., Pinheiro, E. & Silva, L. (2023). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books.

Duarte, C. R., Brasileiro, A., Santana, E. P., Paula, K., Vieira, M., Uglione, P. (2007). O Projeto como Metáfora: Explorando Ferramentas de Análise do Espaço Construído. In Duarte, C. R., Rheingantz, P. A., Azevedo, G., & Bronstein, L. (Orgs.), O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Durkheim, E. (1898). Représentations individuelles et représentation collectives. Revue de Métaphysique et de Morale (t. VI.). In Sociologie et philosophie. Paris: PUF.

Castro, R. V. (2014). Prefácio. In Almeida, A. M. O., Santos, M. F. S., Trindade, Z. A., (Orgs). Teoria das Representações Sociais 50 anos. Brasília: Technopolitik.

Jodelet, D. (2002). A cidade e a memória. In Del Rio, V., Duarte, C. e Rheingantz, P. (Eds.). Projeto do lugar. Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Contra Capa, Río de Janeiro.

Jodelet, D. (2005). Experiência e representações sociais. In De Stefano Menin, M. S.; Shimizu, A. M. (Ed.). Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas. Casa do psicólogo.

Milgram, S. & Jodelet, D. (1976). Psychological maps of Paris. In H.M. Proshansky & L.V. Rivlin (Eds.), Environmental Psychology, People and their Physical Settings (pp. 104-124). New York: Holt, Rinehart & Winston.

Moscovici, S. (1989). Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire. In Jodelet, D. (Ed.), Les représentations sociales (p.62-86). Paris: PUF.

Moscovici, S. (1961). La psychanalyse, son image et son public. Paris: Presses Universitaires de France.

Moscovici, S. (2015). Representações sociais: investigações em psicologia social / Serge Moscovici; editado em inglês por Gerard Duveen. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Norberg-Schulz, Christian. (1999). Arquitectura Occidental. Barcelona: Gustavo Gili.

Norberg-Schulz, C. (2008). Genius loci: towards a phenomenology of architecture (1979). Historic Cities: Issues in Urban Conservation. In NESBITT, K. (Ed.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura (2a edição). Editora Cosac Naify.

Ribeiro, L., Antunes-Rocha, M. I. (2016). História, abordagens, métodos e perspectivas da teoria das representações sociais. Psicologia & Sociedade, 28 (2), 407-409.

Sá, C. P. (1994). Sur les relations entre représentations sociales, pratiques socio-culturelles et comportement. Papers on social representations 3(1), 40-46.

Santos, M. F. S. (2005). A teoria das representações sociais. In Santos, M. F. S.; Almeida, L. M. (Eds.). Diálogos com a teoria das representações sociais. [s.l.]. Editora Universitária UFPE.

R31

AMBIANCE AND ARTI
AMBIÊNCIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

CHAIR Rubens de Andrade

This session explores and showcase cutting-edge AI tools and techniques in architectural and urban projects, specifically focusing on ambiances. On one side, there are capabilities for rapidly simulating thermal, aerodynamic, acoustic, and solar studies. On the other, the creation of images involves reference systems (phenomenological) encompassing ambiances from shared heritage or personalized approaches.These applications encourage us to delve deeply into the theme of ambiances, whether through a sensory or instrumentalized approach..

R31

SENSORY DIMENSION IN THE URBAN ENVIRONMENT: OLFACTIVE MARKS IN THE NEIGHBORHOOD INGAHURCO-AMBATO

DIMENSÃO SENSORIAL NO AMBIENTE URBANO: MARCAS OLFATIVAS NO BAIRRO INGAHURCO-AMBATO

Adriana Camila Andrade León
Architect
Independent researcher
ca264890@gmail.com

Paola Cristina Velasco Espín
Facultad de Arquitectura y Construcción
Universidad Tecnológica Indoamérica
pvelasco5@indoamerica.edu.ec

ABSTRACT
Smell is essential in urban experience; it links memories, emotions and space. This study investigates the olfactory characteristics of the Ingahurco neighborhood, rebuilt after the 1949 earthquake in Ambato. Four environments were analyzed: a busy area, a commercial area, a green area and a residential area where typical local dishes are sold. Through olfactory walks and field diaries, the characteristic odors were collected and processed in cartographies and in a smell roulette, demonstrating that the most representative odors come from emissions, waste, nature and food. Two types of interviews assessed satisfaction and experience in the urban environment. The results indicate that commercial areas and those with greater vehicular traffic present a mixture of odors from emissions and waste, creating an unpleasant experience. Meanwhile, the green and residential areas with smells of nature and food offered a positive experience. The study revealed the neighborhood´s distinctive olfactory landscape and opportunities to improve the unpleasant sites.

KEYWORDS: olfactory landscape. smellwalks. sensory experience. olfactory marks. scent wheels.

RESUMO
O olfato é essencial na experiência urbana, ele liga memorias, emoções e o espaço. Este estudo investiga as características olfativas do bairro Ingahurco, reconstruído após o terremoto de 1949 em Ambato. Foram analisados quatro ambientes: uma área movimentada, uma comercial, uma área verde e uma residencial onde se vendem pratos típicos locais. Por meio de caminhadas olfativas e diários de campo, foram coletados os cheiros mais característicos. Os dados foram processados em cartografias e roletas, demonstrando que os odores mais representativos provêm de emissões, resíduos, natureza e alimentos. Duas entrevistas avaliaram a satisfação e a experiência no ambiente urbano. Os resultados mostram que áreas comerciais e com maior tráfego veicular apresentam uma mistura de odores provenientes de emissões e resíduos, gerando uma experiência desagradável. Enquanto isso, as áreas verde e residencial com cheiros de natureza e comida proporcionaram uma experiência positiva. O estudo revelou a paisagem olfativa distintiva do bairro e as oportunidades para melhorar as áreas menos agradáveis.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem olfactiva. passeios olfativos. experiência sensorial. marcas olfativas. roletas de aromas.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO
“The senses that a person possesses play a fundamental role in the relationship between people and place, this long-term relationship establishes meaningful identities in the physical environment and creates a sense of place” (Davidson & Milligan, 2004). A smell plays different roles in the experience and generates behavioral changes (Henshaw 2013; Xiao, Aletta & Radicchi, 2022). Odour is important for the

sustainable development of cities and therefore urban planning must consider the importance of this sense. Research shows that each sense provides a distinctive sensory experience, sight and hearing pick up distant emotions, while smell, touch and taste are activated by closeness and are connected to our emotions (Smith & Susan, 2001). Images facilitate immediate recall, but the olfactory impression remains in the memory for much longer (Herz y Engen, 1996).

The literature on the urban sensory environment has reported odour from the air quality perspective, referring to negative aspects such as a bad odours and means to control it, while there is very little research on positive aspects of smell (Degen, 2014) even though odours are unavoidable in pleople´s daily lives and in the urban environment of different cities (Rodaway, 1994). The study of the olfactory landscape in cities is closely connected to health and wellbeing, although in sensory studies it is almost absent as the priority is usually design that provides visual or tactile sensory experiences.

The concept of olfactory landscape was first proposed by Porteous (1985) who investigated the experience of a place through smell and demonstrated that an olfactory landscape really does exist. In later research, “olfactory geography” is a term used by Rodaway (1994) to demonstrate the connection between smell, smell sources, people, and place on a regional scale. Henshaw (2013) suggested that olfactory landscape research can be developed in different contexts by focusing on people’s experience through olfactory walks.

2. OLFACTORY LANDSCAPES AND THEIR REPRESENTATION

Piñero (2022) describes that the sense of smell indicates dangerous situations and that certain smells help identify friends, enemies, predators and prey. Human beings have very little awareness of the urban olfactory landscape; however, psychology studies show that people remember 35% of what they smell and only 5% of what they see. The aromas make the biolandscape memorable because they evoke memories, the sense of smell “remembers” the past in such a way as to recreate very vivid feelings and sensations. The evaluation of odors has a subjective charge and is related to people’s personal, inherited or learned histories, what is pleasant for some, for others could be unpleasant. Therefore, smellscapes are often associated with moods and emotions and with natural environments and their components.

In each city, neighborhood or place it is possible to recognize an olfactory landscape that is recorded in the memory and allows one to locate certain specific points, seasons of the year or celebrations. McLean (2019) mentions that sensory maps demonstrate the world as it is qualitatively experienced, combining aesthetics with empirically perceived data sets to represent temporally specific personal realities and defend the world as individually constructed. Many sensory maps are exploratory and artistic in nature; one of the first written western olfactory maps was created in

1790 when the Paris professor of public hygiene, Jean-Noel Hallé and his assistant undertook an olfactory walk along the Seine. Similarly, the olfactory cartography Pestilent Disease Mist of Bethnal Green of 1848 by Hector Gavin depicts the paranoia of odors in the air as carriers of disease and pestilence by exhibiting a visual brown stain indicating stagnant air.

Mapping involves activities such as collecting odors, classifying them, representing them graphically and displaying them in different contexts. Currently, olfactory maps can be represented in different ways such as smell maps that use odor samples taken directly from the area, tactile odor maps that use the materiality of the original odor sources and 2D visual odor maps. These are tools to explore olfactory perception using data collected by one or more individuals relying on various methods including social media (McLean, 2019).

Porteous (1985) mentioned that to carry out olfactory landscape research in the real world, "olfactory walks" are necessary, going against odor research in laboratories. Perkins and McLean (2020) indicate that in the last decade of the 20th century and the first two decades of the new millennium, researchers have increasingly addressed the everyday aspects of odors in society and culture demonstrating that sensory studies have emerged as an important interdisciplinary field.

3. METHODOLOGY

This study was carried out in the city of Ambato- Ecuador, in the Ingahurco neighborhood, one of the first to be rebuilt after the 1949 earthquake. The city's air is monitored at the GADMA Sur municipal station where concentrations of carbon monoxide, nitrogen dioxide, ozone and particulate matter are recorded (GAD Municipality of Ambato, 2020). In Ecuador, air quality is measured daily by The Weather Channel and AccuWeather, however there are no records of olfactory marks in the urban space.

To collect the data, a group of five participants carried out olfactory walks in four routes using field diaries to write down the smells perceived and graph the memories they had with the smell and the place. The diary had ten most common odor families in the urban environment taken from the odor dictionary of the authors Quercia, D. Schifanella, R. Aiello, L. McLean, K, 2015 so that participants could add a descriptor. The participants were interviewed about their liking of the smell and the place before and after the walk, ten commercial store owners were interviewed on the four routes to register their experience in the urban environment. Finally, the specialist in the study and representation of olfactory landscapes, Dr. Kate McLean, was interviewed to record her experience and methodologies in the study of sensory landscapes. The results are organized in maps that show the olfactory marks of each route, the experience, liking and memories that the participants had during the walks and in a general smell roulette of the neighborhood.

4. RESULTS

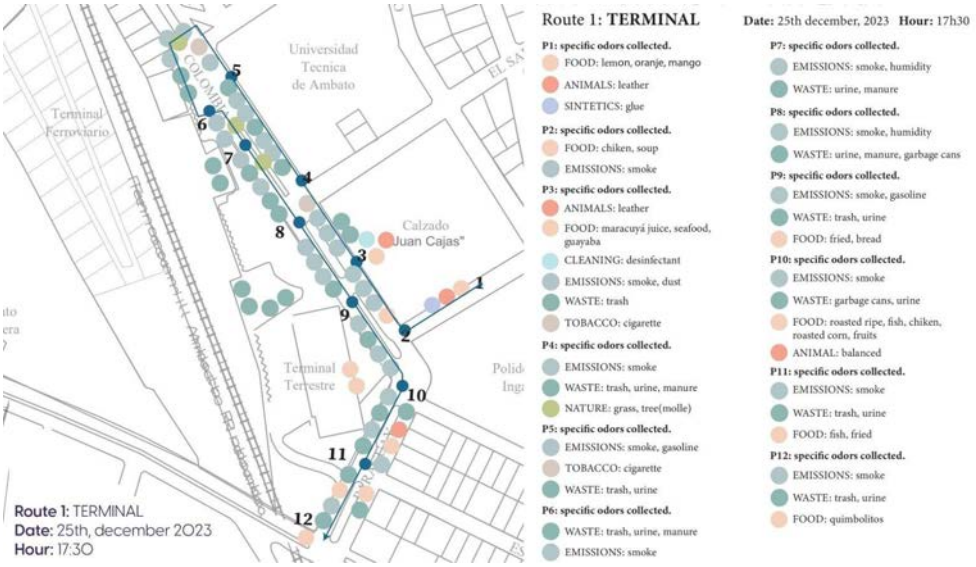


Figure 1.

The distinctive scents of route 1 came from emissions (smoke, petrol, dust), waste (rubbish, organic waste) and food (fruit, soup, roast, bread). Sporadic odours were found from nature (floral, grass, trees), animals (leather, animal feed), cleaning (disinfectant), tobacco and synthetics (glue).

Figure 2.

Recurrent scent marks on route 2 came from emissions (smoke, petrol, smoke, dust, sweat), waste (organic waste, rubbish, debris) and food (fruit, roast). Occasional odours came from cleaning (disinfectant) and synthetics (plastic, textiles).

Figure 3.

The recurrent odors of route 3 came from nature (trees, grass), emissions (smoke, petrol, dust, humidity) and waste (organic waste, rubbish), while sporadic smells came from food (roasts, spices).

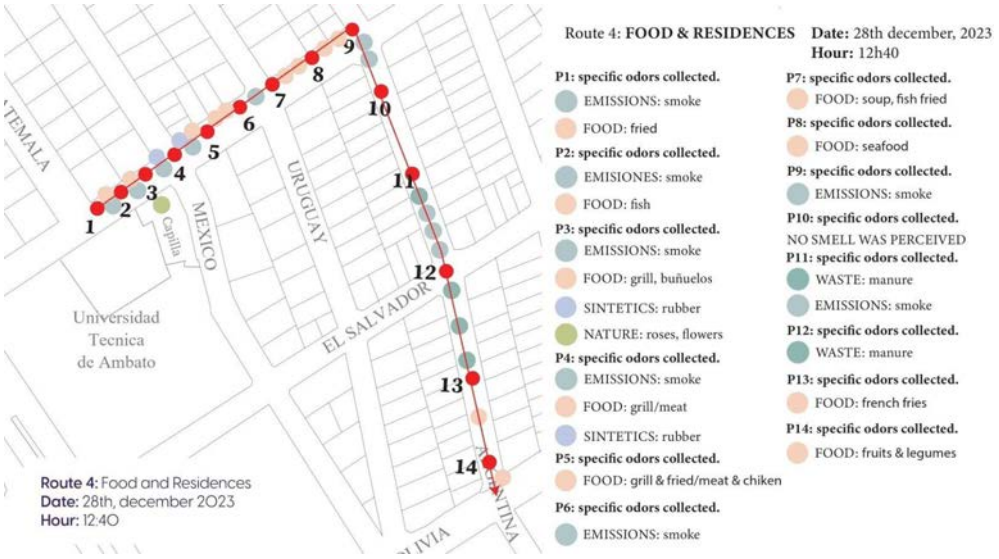


Figure 4.

The recurrent odours on route 4 came from food (fruit, vegetables, roasts, fried food, soup) although sporadic odours of waste (organic waste), emissions (smoke), synthetics (rubber), tobacco, cleaning (disinfectant) and nature (floral) were also recorded.

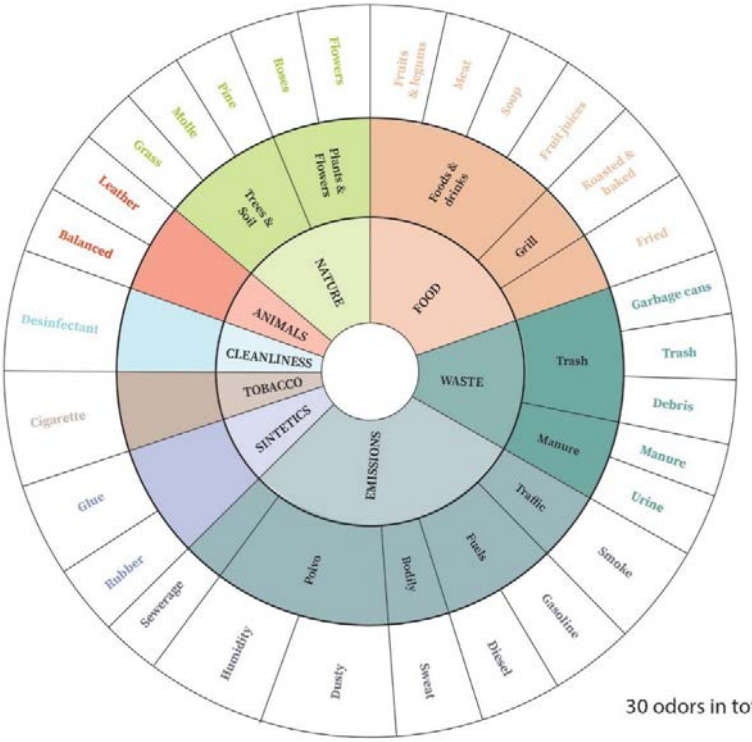


Figure 5. General smell roulette of the four routes of the Ingahurco neighborhood

The smells of the neighborhood are presented in a roulette that shows the most characteristic smells come from food, waste and emissions.

Figure 6. General map of emotions, like and dislike of the smell and the place by the participants

Figure 7. General map of emotions and experience in the urban environment by commercial store owners

Routes 1 and 2 provided a negative experience regarding smell and urban environment likeability due to the unpleasant mixture of smells and unhealthiness. While routes 3 and 4 offered a positive experience, although in the park there is displeasure due to the rancid smell of the lagoon.

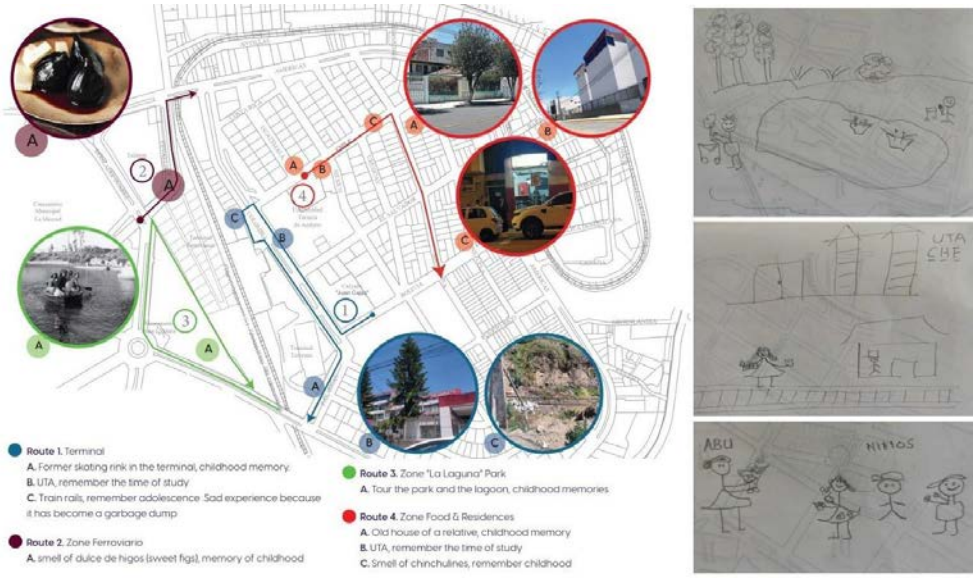


Figure 8. Memories of the participants during the walks

During the walks, the participants remembered their childhood and adolescence because in the past they lived in the neighborhood. In their field journal, they recorded their memories of the lagoon, the train tracks, and the smell of sweet figs.

5. DISCUSSION

Identity aspects of the neighborhood were identified, such as its traditional gastronomy, its textile and footwear local trade. During the research, participants and residents demonstrated their emotions and the enjoyment they had of the place, revealing both their positive and negative experiences. The memories of the participants were activated when they toured the spaces and smelled the gastronomy, remembering the past and bringing with them a feeling of sadness because pollution and bad odors are a current problem in the sector. These data from sensory experience could inform qualitative indicators to analyze and plan the urban landscape.

This study is a capture of the moment, since the sensory experience will be different in the future, however, the olfactory landscape of the neighborhood indicated that it is necessary to address waste management, control vehicle emissions, monitor the production and selling of food and recover abandoned infrastructures. These factors affect the quality of life of the inhabitants and their experience in urban space.

There were challenges during the walks because the participants had to recognize the environment with smell foregrounding the information received through the nose, therefore finding different results, affections, emotions and words, so it was important

to debate and compare responses collectively. For future research, it is important to involve more people in the walks, include new routes and expand the study to other areas of the city. Likewise, new questions could be added to the interviews about which odors could be preserved and which should be included in the sector.

6. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Ambato, M. d. (2020). Monitoreo Calidad del Aire. https://gobiernoabierto.ambato.gob.ec/monitoreo-calidad-del-aire/

Davidson, J., & Milligan, C. (2004, December 4). Embodying emotion sensing space: introducing emotional geographies. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1464936042000317677

Degen, M. (2014). The Everyday City of the Senses. In Cities and Social Change: Encounters with Contemporary Urbanism, edited by E. McCann and R. Paddison, 92–111. London: Sage.

Henshaw, V. (2013, September 25). Urban Smellscapes. Understanding and Designing City Smell Environments. https://www.routledge.com/Urban-Smellscapes-Understanding-and-Designing-City-Smell-Environments/Henshaw/p/book/9780415662062

Herz, R. S. Engen, T. (1996, September). Odor memory: Review and analysis. https://doi.org/10.3758/BF03210754

McLean, K. J. (2019, January). NOSE-FIRST. Practices of smellwalking and smellscape mapping. https://researchonline.rca.ac.uk/3945/1/McLean_Kate_PhD_Thesis_Nosefirst.pdf

Perkins, C, McLean, K. (2020). Smell walking and mapping. https://pure.manchester.ac.uk/ws/portalfiles/portal/176317151/2020_PerkinsMcLeanSmellwalking_2020.pdf

Piñero, M. V. (2022, July 1). Percepción de Paisaje. file:///C:/Users/ca264/Downloads/PI%C3%91ERO%20M%20VIRGINIA_COHORTE%202015%20DOCUMENTO%20DE%20TESIS%20-%20DIGITAL.pdf

Porteous, D. (1985). Smellscape. https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/030913258500900303

Quercia, D., Schifanella, R., Aiello, L. M., & McLean, K. (2015, may 16). Smelly Maps: The Digital Life of Urban Smellscapes. https://arxiv.org/pdf/1505.06851.pdf

Rodaway, P. (1994, August 10). Sensuous Geographies. Body, Sense and Place. https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203082546/sensuous-geographies-paul-rodaway

Smith, K. A., and Susan. (2001). Emotional Geographies. Transactions of the Institute of British Geographers 26 (1): 7–10. doi:10.1111/1475-5661.00002.

Xiao, J., F. Aletta, and A. Radicchi. (2022). Editorial: Smells, Well-Being, and the Built Environment. Frontiers in Psychology 13: 1664–1078.

R31

ABOUT THE CONCEPT OF PIXELGRAM AND PIXELGRAPHY - THE IMAGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE

SOBRE OS CONCEITOS DE PIXELGRAMA E PIXELGRAFIA - A IMAGEM DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Filipe Mattos de Salles
Livre-Docente
Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas
fmsalles@unicamp.br

ABSTRACT
Digital photography has brought new conceptual challenges to the production of images, and, consequently, a review of conceptual paradigms with regard to the image obtained by the camera obscura process. Currently, this review still manifests itself in another, deeper stage, based on images constructed by Artificial Intelligence (AI), removing the material ballast from simulacra of physical objects, and placing a new perspective of understanding: images constructed by algorithms based on descriptive commands. Before being interpreted as photographic falsehoods, they are also means of expression and have meaning, including aesthetic expressions, and it is up to us to find their place in the production of contemporary images. This article aims to make a proposition about what this place is.

KEYWORDS: Digital Photography. Artificial Intelligence. Pixelgraphy. AI. Image and representation.

RESUMO
A fotografia digital trouxe novos desafios conceituais para a produção de imagens, e, consequentemente, uma revisão dos paradigmas conceituais no que diz respeito à imagem obtida pelo processo de camera obscura. Atualmente, tal revisão ainda se manifesta num outro estágio, mais profundo, a partir de imagens construídas por Inteligência Artificial (IA) tirando o lastro material de simulacros de objetos físicos, e colocando uma nova perspectiva de entendimento: imagens construídas por algoritmos a partir de comandos descritivos. Antes de serem interpretadas como falsidades fotográficas, elas são também meios de expressão e possuem significação, incluindo expressões estéticas, e nos cabe encontrar seu lugar na produção da imagem contemporânea. Esse artigo tem por objetivo fazer uma proposição sobre qual é esse lugar.

PALAVRAS CHAVE: Fotografia Digital. Inteligência Artificial. Pixelgrafia. IA. Imagem e representação.

1. INTRODUCTION
In its chronology, physical-chemical photography, the first to be developed in the mid-19th century, had different uses and attributes, but all equally characterized by the photosensitivity factor of the support, which allowed the recording of ordered light under certain conditions, either as originals obtained in the darkroom, or as copies, or from adjacent techniques (rayography or photogram, cyanotype, bichromate gum, etc.).

These techniques, of what we today generically call 'analog photography',[1] lasted for more than 150 years, until, at the end of the 20th century, the advent of a new

1 It is necessary to point out that this is a generic denomination, as there are several other subdivisions within this spectrum, such as artisanal photography, historical/alternative processes (pin-hole, solargraphy, etc.) in addition to the common processes of 'industrialized' photography.

photographic technique based on electromagnetic processing (so-called 'digital photography'), brought new challenges to the understanding of these images.

In terms of poetry, digital photography proved to be highly differentiated due to its extreme flexibility: due to an immaterial support, a numerical base encoding shapes, image manipulation became anathema to the credibility that photography previously enjoyed - albeit illusory.[2]

As a result, many theorists set out to review fundamental paradigms that supported the photographic image in its essence, to identify new reasons and new uses. Digital support even allowed exponentially greater dissemination and sharing than physical supports allowed. These principles are still valid and still in use; They will most likely never cease to exist physically, because even if technology advances and it becomes increasingly simple to obtain an excellent image, it is still necessary to obtain shapes through obscure cameras that work as simulacra of our eye: they intend to store the feelings and emotions experienced.

But what is currently being presented, through Artificial Intelligence (AI) technology, is the possibility of obtaining images that do not come from dark cameras, but rather from the immense deposit of images on the web: combinations based on algorithms instructed to obey a command, an order, a prompt.[3] Based on this order, a description, however vague, the AI, through its programming, 'assembles' the image, pixel by pixel, so that it resembles photographic images. At this point, we are faced with the problem of differentiating what is of 'photographic' origin (in this context: it came from an ordered light capture) and what is of 'pixelgraphic' origin (digitally constructed from pre-existing electronic images of any kind). And so, the need arises for a specific terminology that allows such differentiation, without it being intended to be limiting or inhibiting in terms of creativity and expression.

2. NEW NOMENCLATURE

The need for a specific nomenclature for the image derived from algorithms is necessary for two fundamental reasons: the first is that, although it is a composition based on algorithms, it is caused by some intention, some command, some need, which, from an ontological point of view, makes it a 'legitimate' image as much as any other, which can (and actually is) used as a base or as a final product technically and aesthetically.

The second is the ethical problem, which arises from the first, since photography that uses a camera obscura presupposes an 'operator' (Barthesian terminology),

2 Aspects of the illusion of photographic 'certainty' have been discussed in depth in my previous work (Author, 2016 & 2018)

3 Of course, such algorithms can be programmed to create any type of image, including pictorial images that even simulate the texture of paints and other materials. This just depends on the programming, but our intention here is to analyze the photographic image specifically.

who would be behind the camera, or who would have to position a camera in some environment and control the shooting, in a specific condition of time and space. And, even if the image does not have a 'decisive moment' (Bresson, 2004) - in the case of pictorialist photography - a possible observer may not perceive a difference between two images of different origins. And yet, it is important to delimit the use of such an image, in the sense that the possibilities of each one are different, but equally legitimate. It is not possible to compare both with the same parameter. If there is no such differentiated use, an image created by artificial intelligence will always have the stigma of a 'fake photograph'.

We suggest, at this point, the use of the nomenclature 'pixelgraphy' to construct 'pixelgraphic' images, since they are based on this type of construction. These images function as simulacra, including photographic images, but do not use the darkroom to obtain their originals.

Some examples of how this technology has been explored (Fig.1), still in a very experimental way, like all new technologies:

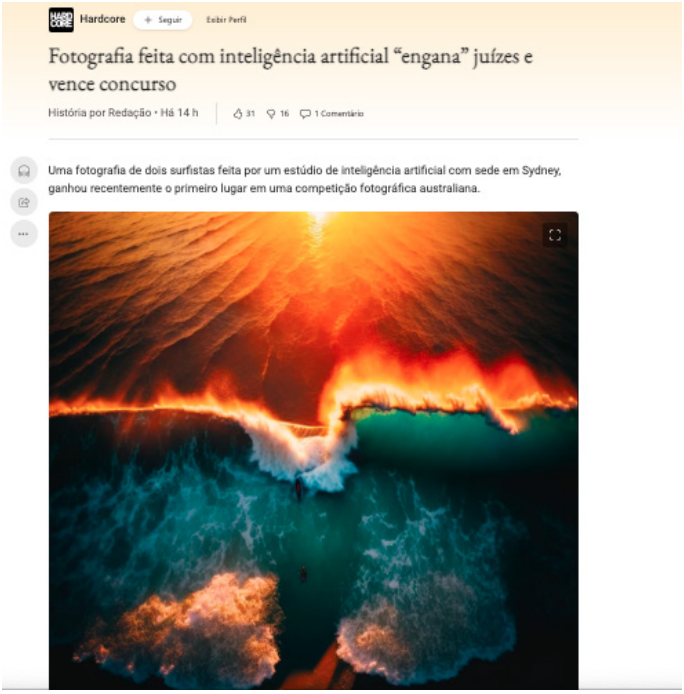


Figure 1 - Screenshot of a report on the winning pixelgraphic image of a photographic contest. The image was created by the Absolutely AI Studio, based in Sydney (2023), and the report announces "Photograph made with Artificial Intelligence 'fools' judges and wins competition'. Source: Surf Hardcore (2023)

Figure 2 - Image by Boris Eldagsen (2023) created by AI, simulating a classic photograph from the end of the 19th century, resembling an Ambrotype/Ferrotype or Collodion. It was also the winner of a photographic competition, and its author also refused the prize after revealing it to be a pixelgraphy.
Source: Nexo Jornal (2023)

In the case of figure 1, the report informs that the image chosen is in reality an image constructed by AI (therefore, a 'pixelgraphy'), but this differentiation was not in the regulations, probably due to the lack of nomenclature for differentiation of such images. Figure 2 is also quite characteristic, and leaves us in doubt about the real nature of the image. Upon knowing that it is a pixelgraphy, the classic Barthesian paradigm (Barthes, 1984), the 'that was', as well as Sontag's (2004) analysis that photography provides evidence, ceases to exist, opening us to a new interaction and interpretation of such images. Images like these, especially of the type in figure 2, have enormous aesthetic potential to be explored, and because of this we can say that they are legitimate, as they express and mean, but are only produced from other enunciation paradigms than those already consecrated.

3. HISTORIC

The problem is not new, it has been discussed throughout the 20th century and even involved photography itself in its early days. We are well aware of the countless critical stances in relation to the 'newness' of the photographic image (still treated at that time as Daguerreotypes, Calotypes, Ambrotypes or Heliographs), in which its position as an image with aesthetic potential was harshly fought. This same reason

guided 19th century critics, treating photography as a kind of automatic image, capable of being recorded without any knowledge of drawing, and, therefore, any effort. Unworthy. Baudelaire will say: 'the refuge of failed painters' (an allusion to Daguerre himself).

Photography was then seen as a magically constructed image, without technical knowledge, comparatively speaking in relation to the immediately closest practice known: painting and drawing. It took a long time for critics and theorists to realize that it was another medium, with other responsibilities and a particular aesthetic, and that a technical comparison between the two media is not relevant. Now, it is this same photograph, previously rejected, that rejects, an image equally constructed 'effortlessly' or without any technique, based on a collaborative construction between algorithm and program user.

The fact that there is no photographer directly behind the creation of the image implies the same 19th century idea that there is no painter or artist creating the image, it is 'just' someone pressing a button. The case of pixelgraphy resides in exactly the same paradigm. It's just someone typing a command, and the image comes out ready.

This also seems to be the reaction of a large part of the public in relation to the image constructions made by AI, which, for this reason, tends to consider them false photographs. But, in the same way that (today we recognize) there is a photographic technique, in which the photographer 'chooses' angles, framing, types of light, exposure, textures, contrasts, etc., today this same technique can be applied through descriptions of models in information inputs - command prompts - and, we add, also, in the case of pixelgraphy, there is a deliberate 'choice' between several prompt returns, always presupposing a conscious action in the last instance.

4. VARIOUS APPLICATIONS

Even if we consider aspects of technical ease, the fact is that we have to face a clear technological reality: mobile devices today present digital photographic images of incredibly elaborate quality, precisely because they add AI elements to their programming. The use of such tools is widespread and increasingly constant, meaning that literally any user without technical knowledge can have an image of amazing technique as a result. For a large part of the public, this means a gain in quality resulting from the technologies at our disposal, facilitating the objective and direct representation of thought models without needing in-depth specific knowledge.

Another interesting case is that of a camera, called Paragraphica, which does not photograph with lenses, but with constructions of locations using AI, as shown in the report captured in figure 3 below.

Figure 3: Report from the digital periodical Deccan Herald (2023) about a camera 'without lenses'. Source: Deccan Herald

5. CONCLUSION

Above all, the point is that such images also mean. This legitimizes them as images, regardless of what they are called. Image theories prominent at the end of the 20th century, such as those of Susan Sontag (2004), Vilém Flusser (1985) or Roland Barthes (1984), now need to be updated to deal with these new developments, but the fact is that they exist and are being disseminated at a dizzying pace. They already belong to our daily lives, but they are not yet properly established, mainly as an academic and historical concept. And, just as cinema needed to find its language beyond theater, and photography beyond painting, pixelgraphy will certainly also find its space, in due time necessary for the complete assimilation that an image may not be created from models and material objects.

6. BIBLIOGRAPHY

Barthes, R. (1984). A Câmera Clara. Nova Fronteira

Bresson, H.C. (2004). O imaginário segundo a Natureza. GG

Deccan Herald (2023). **Paragraphica: This innovative AI camera without lens can take breathtaking image** *https://www.deccanherald.com/technology/paragraphica-this-innovative-ai-camera-without-lens-can-take-breathtaking-images-1224152.html*

Flusser, V. (1985). Filosofia da caixa preta. Hucitec

Nexo Jornal (2023). **Fotógrafo ganha prêmio com imagem de inteligência artificial.** *https://www.nexojornal.com.br/extra/2023/04/18/fotografo-ganha-premio-com-imagem-de-inteligencia-artificial*

Salles, F. (2016). A ideia-imagem - forma e representação na fotografia moderna. Appris

Salles, F. (2018). A Selfie e a Pós-Fotografia: Considerações Psicológicas. Revista Discursos Fotográficos, Londrina, PR, v.14, n.24, p.13-34 DOI: 10.5433/1984-7939.2018v14n 24p13.

Sontag, S. (2004). Sobre Fotografia. Companhia das Letras

Surf Hardcore (2023). **Fotografia feita com inteligência artificial engana juizes e vence concurso** *https://hardcore.com.br/fotografia-feita-com-inteligencia-artificial-engana-juizes-e-vence-concurso/*

R31

INTELLIGENT ABSTRACTIONS: THE IMPACT OF PHYSICAL AI ON ARCHITECTURAL DESIGN

ABSTRAÇÕES INTELIGENTES: O IMPACTO DA PHYSICAL AI NO DESIGN ARQUITETÔNICO

Ioanna Sotiriou
PhD Candidate
Department of Architecture, University of Thessaly
M.Arch, University of California, Berkeley
jsotiriou@berkeley.edu

ABSTRACT

This paper examines the potential influence of physical AI on architectural theory and production, suggesting a shift from style-focused analyses towards a multisensory spatial awareness approach. The research draws comparisons with linear perspective as a mathematical system for spatial understanding, investigating physical AI's processes of abstraction, tokenization, and interpolation at city, building, and subject scales. This analysis seeks to contribute to the development of theoretical frameworks for considering physical AI in architectural discourse. The study indicates that physical AI's semantic approach may facilitate connections between spatially separate and diverse elements, potentially incorporating ambiance as a defining factor in the formation of spatial contexts within AI pipelines. This technology, which is not specific to any particular subject, offers an alternative to conventional spatial concepts, suggesting possibilities for adaptable, context-sensitive environments that extend beyond visual aspects. By outlining a theoretical framework for physical AI's role in architecture, the paper considers its potential to contribute to the creation of nuanced spaces that respond to various sensory inputs.

KEYWORDS: Deep Learning. Abstraction. Sensors. Artificial intelligence. Physical AI. Spatial Intelligence. Embodied Agency.

RESUMO

Este artigo examina a potencial influência daPhysical AI na teoria e produção arquitetônica, sugerindo uma mudança de análises focadas no estilo para uma abordagem de consciência espacial multissensorial. A pesquisa estabelece comparações com a perspectiva linear como um sistema matemático de compreensão espacial, investigando os processos de abstração, tokenização e interpolação daPhysical AI nas escalas de cidade, edifício e sujeito. Esta análise busca contribuir para o desenvolvimento de estruturas teóricas que considerem aPhysical AI no discurso arquitetônico. O estudo indica que a abordagem semântica daPhysical AI pode facilitar conexões entre elementos espacialmente separados e diversos, potencialmente incorporando a ambiência como um fator definidor na formação de contextos espaciais dentro dos fluxos de IA. Esta tecnologia, que não é específica a nenhum sujeito particular, oferece uma alternativa aos conceitos espaciais convencionais, sugerindo possibilidades para ambientes adaptáveis e sensíveis ao contexto que se estendem além dos aspectos visuais. Ao delinear uma estrutura teórica para o papel daPhysical AI na arquitetura, o artigo considera seu potencial para contribuir na criação de espaços nuançados que respondem a vários inputs sensoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem Profunda. Abstração. Sensores. Inteligência Artificial. Physical AI. Inteligência Espacial. Embodied Agency.

1. INTRODUCTION

The combined history of Artificial Intelligence (AI) and architecture is relatively short, beginning in 1970 with the embracing of semantics as one of the driving forces behind the built form (Chaillou, 2022). Today, primarily driven by the release of generative AI applications such as Midjourney, DALL-E, and ChatGPT, the focus of situating AI in architectural production has shifted to a more technical domain. For example, conditional generative models are studied as architectural assistants in the early-stage design phase, where the contours of a design concept are not yet precise (Steinfeld, 2022). Others have used neural style transfer techniques to experiment with novel styles (del Campo, 2022). Research has also been conducted in merging AI tools with existing Building Information Modeling (BIM) platforms (Liang et al. 2024) and in streamlining early-stage planning, as seen in products such as Rayon (2023), Maket (2019) and Snaptrude (2017).

Such research promises to advance architectural representation and production through changes in design methodologies. However, deploying AI within the existing borders of its capabilities as a tool of generative design and automation risks restricting the theoretical trajectory to a narrow slither of an expeditiously growing technological apparatus. The reduction of parametricism to a style (Schumacher, 2009) and its ideological amputation from deconstructivism offers a historical precedent of such restriction.

Continuously expanding our understanding of the capabilities of neural networks leads to novel investigations of the physical world beyond its visual appearance and a reframing of AI from a “tool for” to a “condition of” space production that recognizes ambiance as an integral part of any spatial context and understanding. An example of such investigation focuses on fusing AI with multimodal sensing to extract semantic understandings of the physical environment. Foundation models, classified in the broader category of “physical AI,” are trained to perceive and reason about the physical world in real-time through collecting, processing, and contextualizing heterogeneous sensor data from multiple sources such as cameras, lidar, mmWave radar, ultrasonic, accelerometers, and thermal sensors. The output of this apparatus can be similarly multimodal, ranging from algorithmic commands designed for machine-to-machine communications to real-time insights expressed in natural language.

Physical AI acts as an intermediary between the observer—human or non-human—and their environment, where spatial awareness is ultimately negotiated. As such, we hypothesize that it carries a dormant formal lexicon that incorporates architectural form and atmospheres into a cohesive whole and, as such, can meaningfully inform architectural thinking and production. Thus, this research shifts from style-focused AI and architecture analyses to propose theoretical foundations for physical AI as a new paradigm for mathematically organizing, producing, and occupying a space that exists as a multisensory reality. To do so, it examines physical AI’s abstraction,

tokenization, semantic organization, and interpolation, comparing them with linear perspective to develop new frameworks for architectural discourse across city, building, and observer scales.

2. LITERATURE REVIEW

In June 2024, Nvidia CEO Jensen Huang stated, “The next wave of AI is physical AI,” describing it as a total of models that autonomously perform complex real-world tasks (Nguyen, 2024). Indeed, the development of contextualized spatial awareness for human and non-human agents has grown significantly in recent years. Various fields contribute to physical AI, creating diverse terminologies reflecting specialized intelligence. This paper will now define “physical AI” within this fragmented landscape by examining its specific key applications closer.

Situating physical AI within the context of an enabled mechanical body aligns with its initial conception (Miriyev et al., 2020). Terms like “spatial intelligence” (Fei Fei, 2024) and “embodied agency” (Burchfiel et al., 2023) have been used in the field of robotics to describe robots with contextualized spatial awareness in industrial and domestic environments. Similarly, in extreme environments, sensor fusion and deep neural networks (DNNs) enhance data interpretation and obstacle avoidance by visualizing in real-time environments that have been difficult to navigate intuitively (Rajani, 2023). Terminology shifts when interfacing with human operators. In military applications, this concept is termed “deep sensing” by Palantir (2024) or “AI-enabled context fusion” (Weiner et al., 2024). These descriptors focus more on defining the nature of the data and the system design rather than the actions of such intelligence, which range from reducing the cognitive load on human operators to enhancing situational awareness for better real-time operations.

Advancements in AI require models that process multimodal data for comprehensive spatial understanding. The introduction of Transformers (Vaswani et al., 2017) revolutionized AI with self-attention mechanisms, enhancing context comprehension in natural language processing (NLP). This foundation extended to static images (ViT), audio (Wav2Vec2), and video (ViViT). Multi-purpose models like Perceiver IO (Jaegle et al., 2022) and Newton AI (Archetype AI, 2024) further this by handling diverse inputs—text, images, audio, and video—within a unified framework, paving the way for generalized spatial awareness.

The seamless processing of multimodal sensor data within a single embedded space of codified semantic values, combined with its real-time processing capabilities, represents a significant leap forward for context-aware environments. Past efforts have focused on defining context-aware spaces, emphasizing toolkits, ontologies, methodologies, and abstractions for system design (Padovitz et al., 2004). These approaches often target spatial applications in pre-existing environments, rendering architecture a rather scenographic role (Michalakis et al., 2021). Nevertheless, despite

the evident spatiality characteristic of this emerging technology, and due to the relatively recent development of the field, more research needs to be conducted to situate physical AI within architectural theory and production.

3. THEORETICAL FRAMEWORK

This paper seeks to address this gap by examining how physical AI can fundamentally inform architectural production, positioning it as an integral component rather than an ancillary consideration of the conceptualization of space. This paper employs historical analogy by drawing on theoretical analyses of linear perspective to develop a new framework for understanding physical AI in architecture. It examines physical AI's abstraction, tokenization, and interpolation processes, compares them with the perspective's spatial logic, and maps these insights to propose a comprehensive framework integrating physical AI into architectural discourse.

3.1 Physical AI

At its core, physical AI operates as an abstraction mechanism, generating approximations of reality by selectively excluding the accidents of sensing. These "approximations" arise because reproducing realities within the domain of physical AI does not require a faithful replication of all captured environmental information. Instead, it depends on extracting sufficient data to infer the underlying principles that generate those realities (Domingos, 2015; al.). This epistemic abstraction addresses the challenges of spatial representation and reproduction within high-dimensional spaces through sensing, tokenization, and interpolation processes.

3.1.1 Sensing

At the initial level of data collection and processing, machine learning (ML) and deep learning (DL) merge with sensor networks in order to bolster the latter's adaptability to environmental shifts, optimize the identification, and induce predictive capabilities at the hardware level (Chen et al., 2024). Sensor results are also refined algorithmically by incorporating additional, often unrelated datasets to add context to the sensed data, making the information semiotically scalable (Duives, 2019).

Abstraction is also deployed at these initial stages to make sensing more targeted. For example, extracting relevant features from raw data to reduce complexity while retaining essential information for further processing. In DNNs, abstraction is achieved through layers of neurons that progressively capture higher-level features of the input data. For instance, initial layers might detect edges and textures in image processing, while deeper layers identify more complex structures, such as shapes and objects (del Campo, 2022).

3.1.2 Tokenization

Physical AI systems abstract raw sensor data into uniform representations via tokenization, whereby multiple modalities are encoded into mathematical representation units known as tokens. For instance, tokens can be words or subwords with semantic meaning in NLP. These tokens are fundamental for further processing, transforming diverse data types into a standard format suitable for neural network processing (Baltrusaitis et al., 2017).

At the next step, tokens are assigned semantic boundaries when transformed into embeddings—assigned numerical vectors that spatially relate them to each other based on recognized semantic information. These vectors are mapped into a high-dimensional latent space, where heterogeneous data is organized semantically, enhancing the system's ability to manage and interpret diverse sensor inputs uniformly and effectively (Baltrusaitis et al., 2017).

Beyond its role as a space for semantic organization, it can also be interpreted as a domain of probable forms existing in high dimensions (Koh, 2022). Indeed, it becomes evident that such latent space is an abstract multi-dimensional space containing feature values that cannot be interpreted directly but encodes a meaningful internal representation of externally observed events. Each representation naturally holds a certain level of disposition, as defined by Keller Easterling (2021), while proximity, in this sense, indicates semantic correlation that is equally in a state of constant flux as the occasional query of the user defines it. In other words, the latent space becomes the topos of designing dispositions par excellence—realities existing in the state of digital atmospheres that are yet to be materialized.

3.1.3 Interpolation

The final functionality involves generating outputs of various modalities facilitating communication between the AI system and the observer. The transition from high-dimensional data to low-dimensional outputs requires sophisticated interpolation methods. By estimating missing information from neighboring data, physical AI reconstructs aspects of reality lost during the compression process. It pulls information and runs probabilistic methods within the limits of its established world models—abstractions of the world that DDNs have formed during their training. Because of this function, large language models such as ChatGPT have been compared to lossy compression algorithms as they retail information imperfectly, losing nuances and details while often repackaging biases (Chiang, 2023).

3.2 Physical AI & Linear Perspective

Linear perspective and physical AI represent different spatial ideologies: the former as discrete, visually apparent objects and the latter as sensory data aggregates. Both embody conventions with inherent biases and subjective understandings of reality (Goodman, 1968; Elkins, 1994). Perspective, aligned with the human gaze, transcends mere representation, serving as a conceptual tool for spatial organization. Scholars

like Panofsky (1991), Holm (2010), Lefebvre (1974), Crary (1992), Damisch (1995), Aureli (2023), and Elkins (1994) suggest it is a profound code for understanding spatial relationships within cultural and mental contexts. Most importantly, in such readings, linear perspective acquires the role of a deep knowledge code of organizing space, treating the latter as a measurable continuum populated with quantifiable entities (Lukács, 1972; Aureli, 2011).

To compare linear perspective and physical AI, we examine them across three scales: city, building, and subject, analyzing scholars' insights and their applicability to physical AI in architectural theory and practice.

3.2.1 The City

Central to linear perspective in urban design is the concept of "associations." Perspective establishes bodies as distinct entities with defined limits, forming an order of combinations (Damisch, 1995) where meaning arises from the relationships between forms and the whole (Goodman, 1985). Here, the association of bodies in space becomes an object of design. Under this imperative, arranging streets and squares in alignment with public buildings and political institutions ultimately allowed cities to gradually become institutionalized as knowledge and power centers (Lefebvre, 1974). Additionally, the ability to design at such a scale transformed the notion of urbanization as a condition of limitlessness where the architect's scope extends to the conception of the organism as a large-scale infrastructural system (Aureli, 2015).

Associations in physical AI are crucial. However, physical AI uses semantic rather than visual principles to build context by integrating sensorial information and spatial ambiances, which are assigned equal value with visual queues (e.g., form). Moreover, unlike linear perspective, which relies on physical proximity for cohesive synthesis, physical AI enables associations between distant entities across various sensory domains, as the TITAN project exemplifies, where data from terrestrial to space levels is integrated (Palantir, 2024). This semantic approach facilitates a more limitless, planetary-scale spatial awareness system where atmospheres are captured and processed in a similar fashion to the concrete and the purely visual.

3.2.2 The Building

In linear perspective, the concept of limitlessness and expanded architectural thought manifested in highly syntactical architecture at the building scale, evident in 15th-century works like Filippo Brunelleschi's, where buildings are seen as expandable systems rather than finite artifacts (Aureli, 2015). Similarly, as seen in the works of Georges-Eugène Haussmann (1853-1870), facades organized decorative elements on individual buildings. They aligned them across multiple structures using the vanishing-point principle to create a coherent whole (Lefebvre, 1974).

The advent of physical AI fundamentally alters syntactical architecture, shifting the focus from grammar to semantics. This transition allows for creating and analyzing architectural forms based on their meanings rather than their structural rules (Chaillou, 2022). This paradigm shift suggests a change in the organization of architectural spaces, as a semantic approach can reveal a gradient structure of meaning instead of organizing entire building programs around distinct and clearly defined limited "usage" categories.

An illuminating example comes from the field of affective computing and emotion research. Hume's (2014) Semantic Space Theory (SST) represents a paradigm shift in understanding emotions by mapping them within a high-dimensional space using multimodal sensed data. This approach reveals that emotions are significantly more complex than traditionally thought and exist on a gradient rather than as discrete categories, with occasional distinct peaks. This nuanced representation supports the preservation of complex emotional meanings and validates theoretical claims.

3.2.3 The Subject

Linear perspective is a system constructed on a singular focal point around which reality is organized: the human eye. Succeeding a tradition of pre-Copernican totality, linear perspective replaced synoptic apprehensions of space with subjective views legitimized via their affinity with the human gaze. In this context, space is conceived through the line of sight, permanently anchored on an invisible and privileged point where space and subject ultimately collapse (Holm, 2010).

Architecture was ideated and materialized under this imperative of linear perspective, perfectly evidenced in how Brunelleschi's naves position the observer as the privileged focal point from which the entire space is constructed and occupied (Holm, 2010). This positioning creates a controlled, uniform spatial experience, allowing for replication and the later concept of architecture as a mass-produced commodity (Aureli, 2023). Additionally, occupation occurs visually, with space unmodified by the observer's sensory input, existing independently of the subject's presence. This approach defines space through visual relationships unaffected by the observer's sensory and physiological apparatus.

Analyzing physical AI from a similar point of view reveals some exciting theoretical departure points that favor the importance of ambiance in architectural production. First and foremost, physical AI generates abstract space by managing agent relations without a defined subject. Concurrent realities, atmospheres, and perceptions can be taken into consideration simultaneously. Moreover, as evidenced by the plethora of terminologies and applications associated with the apparatus of physical AI and its multimodal generative capabilities, the technology supports subject-agnostic applications addressing robots, systems, and humans alike. However, even though it creates general behavioral models that provide contextual spatial awareness without needing an observer with a defined nature, these models are still imbued with and

propagate human biases to a certain extent (Ferrer et al., 2022). Furthermore, the aggregation of spatial data reveals a rhizomatic topology with flexible observer locations, exemplified by the "Semantic Lenses" concept (Archetype AI, 2024), which indicates the presence of a subject with a choice. This marks a shift from the traditional linear perspective, which provided standardized, singular, and objective spatial depictions (Panofsky, 1991).

4. DISCUSSION

Physical AI presents a paradigm shift in the conceptualization of "spatial intelligence", redefining it to encompass non-visual elements, such as the sensory and experiential qualities of spatial ambiances, as integral components in the construction of effective spatial contexts. As such, it could be potentially transformative in architectural production, departing from past, visual-centric approaches by embracing a multi-dimensional, subject-agnostic view of the world, catering to human and non-human perspectives alike. This paradigm shift facilitates real-time, dynamic spatial awareness and interaction, contrasting with classical architecture's fixed, visual-centric, and human-centric nature.

This evolution necessitates rethinking architectural principles, emphasizing flexibility, adaptability, and integration of diverse sensory inputs. Unlike linear perspective, which standardizes space based on a singular viewpoint, physical AI leverages the fluidity of semantic associations to generate complex, multifaceted, gradient, and information-rich spatial contexts. This enhances the design process and aligns architecture with contemporary society's increasingly interconnected and data-driven nature.

Furthermore, the subject-agnostic nature of physical AI addresses biases and expands the potential for inclusive design, ensuring that spaces are responsive to varied and oftentimes concurrent and overlapping sensorial needs and perspectives. This forces the community to consider utilizing physical AI to design environments where the subject can be a hybrid of machine and human while also reconsidering the definition and meaning of ambiance and spatial atmospheres under such light.

We now wish to acknowledge some limitations in this preliminary conceptual analysis. While acknowledging the bias in retrospectively analyzing linear perspective, this paper focuses on how perspective indirectly influenced architectural production rather than its social context. We prioritize these architectural analyses to pragmatically situate physical AI within architectural theory at this first initial stage of our research. Consequently, discussions on physical AI and the sociopolitical context are excluded from this paper, though they remain of utmost interest for future research. Finally, while we acknowledge the strong interrelation between perspective, labor, and capital (and its subsequent implementation to the contemporary issue of physical AI), we have yet to explore this complex topic in detail here. This subject demands comprehensive examination beyond the scope of this paper, which will nonetheless be an integral part of the research to come.

5. CONCLUSION

This research explores the transformative potential of physical AI in architecture, proposing its capacity to inform architectural thinking through advanced, multimodal spatial comprehension and abstraction. By drawing parallels between physical AI and linear perspective, the study identifies crucial theoretical frameworks for integrating physical AI into architectural discourse, emphasizing semantic associations as design objects and the shift from discrete categorizations to continuous perceptual gradients.

Future research should empirically validate this theoretical framework through case studies that integrate physical AI into early architectural design phases, focusing on linking the ability of physical AI to equalize atmospheric information with purely visual, contributing to the establishment of ambiance-centric processes and outcomes at a schematic design stage. Interdisciplinary studies combining AI, architecture, and cognitive science could further elucidate physical AI's impact on spatial awareness and user experience at a post-construction stage. Virtual and augmented reality experiments may offer additional insights into physical AI's applications in dynamic, interactive environments where resulting affect and emotion states can be captured, measured and re-introduced to the AI pipeline as meaningful feedback.
This study contributes to the theoretical understanding of physical AI in architecture by identifying key intersections between architectural theory, ambiance studies, and AI. By establishing analogies with historical paradigms like linear perspective, it proposes foundational elements for a comprehensive framework integrating physical AI into architectural theory. This approach paves the way for innovative, context-sensitive architectural strategies that leverage AI's multisensory spatial analysis capabilities.

BIBLIOGRAPHY

Archetype AI. (2024). Semantic Lenses. Archetype AI. *https://www.archetypeai.com/semantic-lenses*

Aureli, P. V. (2023). Architecture and Abstraction. MIT Press.

Baltrusaitis, T., Ahuja, C., & Morency, L. P. (2017). Multimodal Machine Learning: A Survey and Taxonomy. IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence, 41(2), 423–443. *https://doi.org/10.1109/TPAMI.2018.2798607*

Burchfiel, J., Feng, S.,(2023, December 7). Towards Large Behavior Models: Versatile and Dexterous Robots via Supervised Learning [Seminar Presentation]. MIT Embodied Intelligence, Cambridge, MA.

Chaillou, S. (2022). Artificial Intelligence and Architecture: From Research to Practice. Birkhäuser.

Chen, L., Xia, C., Zhao, Z., Fu, H., & Chen, Y. (2024). AI-Driven Sensing Technology: Review. Sensors, 24(10), 2958. *https://doi.org/10.3390/s24102958*

Chiang, T. (2023, February 9). ChatGPT is a blurry JPEG of the web. The New Yorker. https://www.newyorker.com/tech/annals-of-technology/chatgpt-is-a-blurry-jpeg-of-the-web

Crary, J. (1974). Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the Nineteenth Century. The MIT Press.

Damisch, H. (1995). The Origin of Perspective. The MIT Press.

del Campo, M. (2022). Neural Architecture: Design and Artificial Intelligence. Applied Research & Design.

Duives, D. C., Wang, G., & Kim, J. (2019). Forecasting Pedestrian Movements Using Recurrent Neural Networks: An Application of Crowd Monitoring Data. Sensors (Basel, Switzerland), 19(2), 382. https://doi.org/10.3390/s19020382

Domingos, P. (2015). The Master Algorithm: How the Quest for the Ultimate Learning Machine Will Remake Our World. Basic Books.

Elkins, J. (1994). The Poetics of Perspective. Cornell University Press.

Ferrer, X., van Nuenen, T., Such, J., Cote, M., & Criado, N. (2021). Bias and discrimination in AI: A cross-disciplinary perspective. IEEE Technology and Society Magazine, 40(1), 72-80. https://doi.org/10.1109/MTS.2021.3056293

Fei Fei, L. (2022, November 22). How AI will change the world [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=y8NtMZ7VGmU

Goodman, N. (1985). How Buildings Mean. Critical Inquiry, 11(4), 642–653. http://www.jstor.org/stable/1343421

Holm, L. (2010). Brunelleschi, Lacan, Le Corbusier: Architecture, Space and the Construction of Subjectivity. Routledge.

Jaegle, A., Borgeaud, S., Alayrac, J. B., Doersch, C., Ionescu, C., Ding, D., Koppula, S., Zoran, D., Brock, A., Shelhamer, E., Hénaff, O., Botvinick, M. M., Zisserman, A., Vinyals, O., & Carreira, J. (2022). Perceiver IO: A general architecture for structured inputs and outputs. arXiv. https://arxiv.org/abs/2107.14795

Karniadakis, G.E., Kevrekidis, I.G. &Lu, L. (2021). Physics-informed machine learning. Nat Rev Phys 3, 422–440. https://doi.org/10.1038/s42254-021-00314-5

Koh, I., (2021). AI-Architects Panel Discussion Venice Architecture Biennale [Video]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=gl8KkeJW9sY

Lefebvre, H. (1974). The Production of Space. Wiley-Blackwell.

Liang, J., Zhong, X., & Koh, I. (2024). BRIDGING BIM AND AI: A Graph-BIM Encoding Approach For Detailed 3D Layout Generation Using Variational Graph Autoencoder. In N. Gardner, C. M. Herr, L. Wang, T. Hirano, & S. A. Khan (Eds.), Proceedings of the International Conference on Computer-Aided Architectural Design Research in Asia (pp. 221–230). Association for Computer-Aided Architectural Design Research in Asia. https://caadria2024.org/

Lukács, G. (1967). History and Class Consciousness: Studies in Marxist Dialectics. Merlin Press.

Michalakis, K., Christodoulou, Y., Caridakis, G., Voutos, Y. & Mylonas, P. A Context-Aware Middleware for Context Modeling and Reasoning: A Case-Study in Smart Cultural Spaces. Appl. Sci. 2021, 11, 5770. https://doi.org/10.3390/app11135770

Miriyev, A., & Kovač, M. (2020). Skills for physical artificial intelligence. Nature Machine Intelligence, 2(11), 658-660. https://doi.org/10.1038/s42256-020-00258-y

Nguyen, P., (2024, July 11). The next wave of AI: How robots are becoming more like humans. Quartz. https://qz.com/ai-next-wave-robots-nvidia-jensen-huang-blackwell-rubin-1851515953

Palantir. (2022). TITAN: Deploying the Army's first AI-defined vehicle. Palantir Technologies. https://www.palantir.com/offerings/defense/titan/

Panofsky, E. (1991). Perspective as Symbolic Form. Zone Books.

Padovitz, A., Loke, S. & Zaslavsky, A. (2004). Towards a Theory of Context Spaces 1. 38-42.

Rajani, H., Gracias, N., & Garcia, R. (2023). A convolutional vision transformer for semantic segmentation of side-scan sonar data. Ocean Engineering, 286(Part 2), 115647. https://doi.org/10.1016/j.oceaneng.2023.115647

Schumacher, P. (2009). The Parametricist Manifesto. Journal of Architectural Design, 79(4), 14-17. https://doi.org/10.1002/ad.912

Steinfeld, J. (2020). Drawn, Together. ACADIA 2020: Distributed Proximities / Volume I: Technical Papers [Proceedings of the 40th Annual Conference of the Association of Computer Aided Design in Architecture (ACADIA) ISBN 978-0-578-95213-0]. Online and Global. 24-30 October 2020. edited by B. Slocum, V. Ago, S. Doyle, A. Marcus, M. Yablonina, and M. del Campo. 282-289. https://doi.org/10.52842/conf.acadia.2020.1.282

Vaswani, A., Shazeer, N., Parmar, N., Uszkoreit, J., Jones, L., Gomez, A. N., Kaiser, Ł., & Polosukhin, I. (2023). Attention is all you need. arXiv. https://arxiv.org/abs/1706.03762

Weiner, D., Smith, R., & Hughes, T. (2024). AI-Enabled Fusion in Military Applications. Defense Technology Review, 32(1), 75–91. https://doi.org/10.1016/j.dtr.2024.01.007

R31

ANOTHER BODY SENSE: PERCEPTION OF CITIES FROM THE SENSITIVITY OF THE SPIRITUAL BODY

UM OUTRO SENTIDO CORPÓREO: PERCEPÇÃO DE CIDADES A PARTIR DA SENSIBILIDADE DO CORPO ESPIRITUAL

Thiago Augusto Karl de Araújo
Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias - PPGAU
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
thiago@karl-araujo.com.br

Luciano Falcão da Silva
Doutor em Engenharia Civil / PUC-Rio
Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico / Docente do PPGAU
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
lfalcao@iff.edu.br

ABSTRACT

This work questions the limits of human sensations in relation to urban experiences, whether the body, the skin, the spirit, the being, or any other origin or environment. It examines how perceptions arising from literature about spiritual cities can interact with experiences with contemporary city designs, their environments, bodies and senses. To this end, the authors selected descriptive excerpts of environments and cities and submitted them to the image generation tool by Artificial Intelligence. From the results, it is sought to discuss whether the memories reserved in the spiritual body, or soul, as Hermann Ebbinghaus, a theorist of Psychology, brings it, can be responsible for the reproduction on the earthly plane, of the sensations desired and experienced on the spiritual plane. The analysis of the images provoked reflections on the architectural references, as well as on their efficiency for users' perceptions in an environment built on these bases.

KEYWORDS: cities. urban experience. spiritual cities. Spiritism. urbanity. urban design.

RESUMO

Este trabalho questiona quais são os limites das sensações humanas em relação às vivências urbanas, quais sejam o corpo, a pele, o espírito, o ser, ou qualquer outra origem ou meio. Para tal, examina como as percepções advindas da literatura espírita kardecista sobre as cidades espirituais podem interagir com as experiências nas cidades contemporâneas, seus ambientes, corpos e sentidos. Para tal, os autores selecionaram trechos descritivos de ambientes e cidades e os submeteram a ferramenta de geração de imagens por Inteligência Artificial. A partir dos resultados, busca-se discutir se as lembranças reservadas no corpo espiritual, ou alma, como traz Hermann Ebbinghaus, teórico da Psicologia, podem ser responsáveis pela reprodução em plano terreno, das sensações desejadas e vividas no plano espiritual. A análise das imagens provocou reflexões acerca dos referenciais arquitetônicos, assim como na eficiência destes para as percepções dos usuários em um ambiente construído sob essas bases.

PALAVRAS-CHAVE: vivência urbana. cidades espirituais. Kardecismo. urbanidade. desenho urbano.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Hermann Ebbinghaus, teórico da Psicologia, as sensações que formam, nos indivíduos, as suas experiências, são produzidas em parte pelos seus órgãos corporais materiais a partir de estímulos exteriores e, por outra, pela sua reação frente aos impactos nervosos. Esse conceito genético, construtivo e hipotético, é uma contraposição ao conceito trazido por Whilhelm Wundt, seu professor, que diz que sensação é um estado simples, consciente e descritivo. Deste último, trata a fenomenologia, que se separa das formas usuais na psicologia, pois se

ocupa exclusivamente das essências e não das existências, das descrições, e não das explicações (Ortega y Gasset, 2011). O ser consciente consiste exclusivamente e precisamente no ser pensado. Quando se vive algo, o percebido a partir de experiências anteriores é o que importa. Em ambientes urbanos, os cidadãos percebem a cidade de acordo com suas próprias sensações, criando em seu imaginário uma representação desta cidade. Este trabalho questiona, portanto, quais são os limites das sensações humanas em relação às vivências urbanas, quais sejam o corpo, a pele, o espírito, o ser, ou qualquer outra origem ou meio. Com isso, traz como referência de cidades uma mediação entre o ser físico e o ser espiritual. O objetivo geral deste trabalho é examinar como as percepções advindas da literatura espírita kardecista sobre as cidades espirituais podem interagir com as experiências com os desenhos contemporâneos de cidade, seus ambientes, corpos e sentidos. Busca-se com isso, a experiência em reunir áreas de estudo de sensibilidade do corpo espiritual, cidades e Inteligência Artificial (IA). A escolha se dá pela grande quantidade de documentação publicada acerca das cidades espirituais, desde a codificação da Doutrina Espírita por Allan Kardec no século XIX, com caráter científico, religioso e filosófico. Grande parte possui autoria de Francisco Cândido Xavier, conhecido popularmente por 'Chico Xavier', expoente espírita brasileiro com publicação vasta - 450 livros desde 1952. O estudo sobre as cidades espirituais contidas neste trabalho tomou por base os livros Moradas espirituais: visitas a 20 colônias espirituais (Damo, 2014) e Moradias Espirituais (Loureiro, 1995), analisando passagens que relatam os aspectos mais relevantes das cidades espirituais, tais como aspectos urbanísticos, sistemas de transporte, rotinas de seus moradores, e aspectos de organização e gestão pública em geral.

Este trabalho, parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado, se dá, em primeira etapa, por meio de seleção da bibliografia adotada para este trabalho e da extração de trechos descritivos de ambientes e cidades. Em etapa posterior, os trechos das publicações selecionadas foram submetidos à ferramenta de IA Midjourney, selecionada por, após alguns ajustes e testes, apresentar resultados satisfatórios e convergentes com os *prompts* de comando para geração de imagens. A escolha da IA se justificou pela acessibilidade à tecnologia, pela possibilidade do uso direto dos textos descritivos e por reunir, a partir do treinamento de *software*, um grande conjunto de referências de cidade. Os resultados, então, foram analisados segundo a compreensão estética, urbanística e emocional pelos autores. A partir dos resultados, busca-se discutir se as lembranças reservadas no corpo espiritual, ou alma, como traz Ebbinghaus, podem ser responsáveis pela reprodução em plano terreno, das sensações desejadas e vividas no plano espiritual, e com isso, compreender de forma mais aprofundada se os aspectos urbanísticos ou projetuais das cidades espirituais que proporcionam as melhores experiências sensoriais no indivíduo podem ser um caminho para cidades e espaços saudáveis e acolhedores.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O mundo espiritual

Desde a publicação na França pelo pesquisador Hippolyte Léon Denizard Rivail, através do pseudônimo de 'Allan Kardec', do livro 'LE LIVRE DES ESPRITS' (Kardec, 1857) a Doutrina Espírita tem se difundido pelo mundo, com inúmeras publicações que aprofundam em aspectos distintos o entendimento sobre 'a vida após a morte'. Passagens em publicações variadas relatam aspectos sobre a vida nas ditas 'cidades espirituais' descrevendo como se dá o trabalho, a remuneração, aspectos do cotidiano, e demais questões que envolvem uma suposta continuação de vida da consciência humana após a morte do corpo físico.

Segundo relatos psicografados, nestas cidades, após a morte do corpo físico, os indivíduos se agrupariam em comunidades que são exemplos de organização, de urbanismo e de gestão pública, e onde o foco principal é o acolhimento e instrução em busca de progresso mútuo e cooperativo.

No livro 'A vida além do véu', o autor, Reverendo Owen (1998) descreve características da vida cotidiana nas cidades espirituais, onde pessoas são recebidas, seja para tratamento em postos de auxílio, seja para seu estudo e aprimoramento ou para abrigo temporário, descrevendo com detalhes aspectos das residências e da vida cotidiana de seus habitantes: "[...] Nossa ocupação varia de acordo com a necessidade daqueles a quem auxiliamos. É variado, mas dirigido para a elevação dos que ainda estão na vida terrena. [...]". E ainda: "[...]Sobre nosso lar. É muito brilhante e lindo, e nossos companheiros das esferas mais altas têm sempre vindo a nós para nos animarem a seguirmos em nosso caminho para frente. [...]"

No seu livro 'Cidades espirituais', Loureiro (1995) relata como se dá a organização social, política e administrativa das cidades espirituais, descrevendo como é a organização hierárquica e como as atividades internas são geridas através de núcleos especializados:

> "[...] onde há agrupamentos de indivíduos, impõe-se o estabelecimento de uma estrutura organizacional, onde as pessoas se orientem dentro da coletividade de que fazem parte. E esses padrões sociais são levados para o Além, por Espíritos ainda ligados á sociedade terrestre e que, por esse motivo, anseiam por um referencial comunitário. [...]".

Publicações do meio espírita citam com recorrência que nossas cidades do plano terreno são 'cópias imperfeitas' das cidades espirituais, que seguem lentamente um processo evolutivo no caminho do que já foi implementado no plano espiritual. Este processo evolutivo das cidades se daria através fundamentalmente dos processos de reencarnação de indivíduos que após suas experiências de refazimento nas comunidades espirituais voltariam ao mundo terreno trazendo em seus subconscientes os aspectos da vida espiritual e de suas experiências nas

comunidades. Essa observação trazida pela Doutrina Espírita caminha em paralelo aos estudos da fenomenologia, assim como dos estudos da consciência humana como uma estrutura moldada a partir de experiências anteriores vividas pelo indivíduo.

2.2 Imagens de IA a partir de prompts de comando

A geração das imagens pela ferramenta de IA *Midjourney* seguiu um procedimento específico na elaboração de seus *prompts* de comando. A sequência de montagem levou em consideração as características das cidades relatadas na literatura estudada através de palavras-chave, adicionadas na íntegra do *prompt,* e os parâmetros gerais para as imagens, como alta definição e perspectivas, conforme requerido para entendimento da IA. A seguir, um exemplo de trecho da literatura espírita usado como base para elaboração de prompt de comando:

> "Localizada e uma região geomagnética do planeta, a Colônia tem caminhos de ondas magnéticas que levam a toda parte, como se fossem uma antena de grande potência, para emissão, e recepção planetária."[...];"Seu aspecto estrutural apresenta amplas avenidas, com construções à direita de quem entra no sentido Norte. Sem espaço vago, esses edifícios vão posicionando-se um ao lado do outro, até fazerem um contorno mais amplo." (Damo, 2014).

Após a tradução para o inglês, para melhor adaptação pela ferramenta, o trecho destacado deu origem ao seguinte exemplo de prompt de comando para inclusão na ferramenta de IA:

> "ultra-realistic image, cinematic aerial view, layered cities connected by a spiral rainbow translucent in outer space, buildings with conical shapes, cities with wide avenues, buildings have conical shapes located on the right side of the entrance avenue, with large gardens in the surroundings, background planet earth, - ar 16:9 --s 250 --v 6.0 –".

Os comandos "*ultra-realistic image, cinematic aerial view*" foram usados no início dos prompts de comando que demandavam imagens mais amplas com maiores perspectivas dos espaços a serem visualizados, enquanto os comandos "- ar 16:9 --s 250 --v 6.0 –" foram usados sempre ao final do prompt para definir o tamanho da imagem, resolução e versão da ferramenta de IA a ser utilizada, respectivamente.

3. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

A seguir, apresentamos os trechos selecionados da bibliografia adotada, eventuais imagens desenhadas por psicografia, e os resultados gerados pela ferramenta de IA.

3.1 Colônia Nova Esperança

O trecho extraído que descreve a Colônia Nova Esperança diz que:

> "Localizada em uma região geomagnética do planeta, a Colônia tem caminhos de ondas magnéticas que levam a toda parte, como se fossem uma antena de grande potência, para emissão, e recepção planetária."[...];"Seu aspecto estrutural apresenta amplas avenidas, com construções á direita de quem entra no sentido Norte. Sem espaço vago, esses edifícios vão posicionando-se um ao lado do outro, até fazerem um contorno mais amplo." (Damo, 2014).

A Figura 1 abaixo foi utilizada na capa do livro 'Moradas Espirituais' (Damo, 2014) e representa a 'Colônia Nova Esperança' e foi confeccionada sob a supervisão da autora, as Figuras 2, 3 e 4 foram geradas através de IA com base nos trechos publicados e suas principais características.

Aspectos estéticos e urbanísticos semelhantes a outras colônias são percebidos nas imagens geradas, como a presença abundante de áreas verdes que permeiam as edificações, vias expressas integrando todas as áreas da colônia com uma geometria planejada, uma área central que parece concentrar a administração pública e é envolta por uma segunda camada de prédios de maior porte mais próximos às vias ,expressas. Esta, por sua vez, é envolta por uma terceira camada de edificações de menor porte, que parece compor as zonas residenciais.

Percebe-se uma ideia de planejamento urbano com caracteristicas similares ao que é praticado em conceitos adotados no plano terreno, principalmente quando avaliamos aspectos relativos à eficiência do transporte público, à localização de de zonas administrativas, de serviços, e residencial, entre outros.

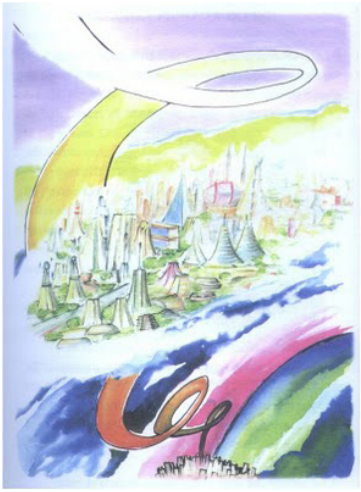


Figura 1. Representação feita a mão da Colônia Nova Esperança. Fonte: Damo (2014)

Figura 2. Imagem 01 gerada por IA da Colônia Nova Esperança. Fonte: Arquivo pessoal

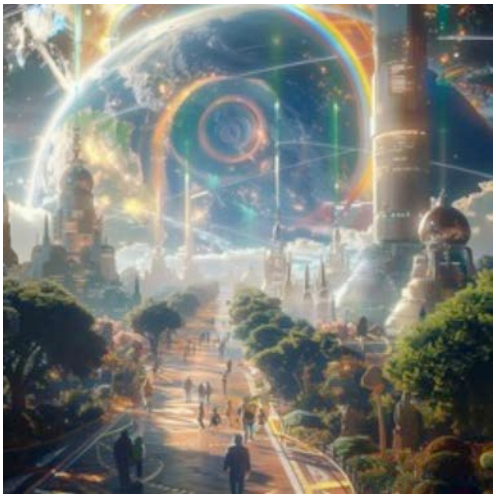


Figura 3. Imagem 02 gerada por IA da Colônia Nova Esperança. Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4. Imagem 03 gerada por IA da Colônia Nova Esperança. Fonte: Arquivo pessoal

3.2 Colônia Regeneração

Segundo a literatura espírita, a colônia Regeneração localiza-se sobre a cidade de Goiânia, GO, e Brasília, DF, e oferece principalmente setores de atendimento hospitalares e faculdades, onde os cursos ministrados visam à educação regenaradora do espírito. Além da educação, a colônia oferece serviço especializado para espíritos multilados no perispírito[1] que envolvem setores distintos para tratamento fluídico concentrado, academias, e locais para prática de esportes.

1 Perispírito é o envoltório semimaterial, também chamado corpo fluídico ou etéreo. Nele se encontra todos os órgãos e estruturas biológicas necessários à vida no plano físico, daí ser considerado modelador do corpo físico (Kardec, 1857).

O seguinte trecho foi utilizado como fonte para a ferramenta de IA:

> "apresenta características de uma cidade planejada. Amplas avenidas com canteiros centrais e árvores bem cuidadas, altura mediana e quase todas floridas.". E ainda conta que "as salas de tratamento fluídico apresentam variedades de cores, e os espíritos permanecem ali, por tempo determinado,..." e "há uma aparelhagem variada. Torna-se difícil descrevê-la, porque vai desde as conhecidas na Terra, até outras ainda estranhas. A de reconstituição de membros foi uma das que mais me chamaram a atenção." [...]" (Loureiro, 1995).

Com base nas descrições contidas no livro 'Moradas espirituais' elaborou-se o *prompt* de comando base para geração de imagens aéreas da colônia Regeneração, seguindo a metodologia deste trabalho. As figuras 5 e 6 a seguir mostram, à esquerda, o desenho realizado por psicografia, contido na referência, e à direita, a imagem gerada pela ferramenta.de IA.

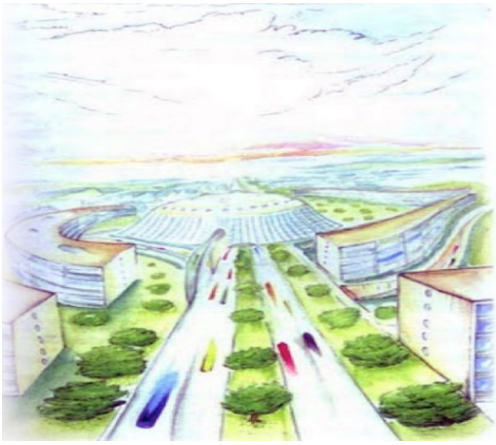


Figura 5. Representação feita a mão da Colônia Regeneração. Fonte: Damo (2014)

Figura 6. Imagem gerada por IA da Colônia Regeneração. Fonte: Arquivo pessoal

Notam-se características urbanísticas similares à cidade anterior, como as amplas avenidas, edificações de maior porte às margens das avenidas expressas, presença de áreas verdes ao entorno das edificações, veículos de transporte de alta velocidade cruzando a cidade.

3.3 Colônia das Flores

Segundo a literatura espírita, a Colônia das Flores localiza-se sobre a parte central do estado de Santa Catarina e etende-se até o norte do estado de Goiás sobre a cidade de Alto Paraíso de Goiás. Damo (2014) a descreve da seguinte forma:

> "As flores estão presentes em todos os cenários...","As edificações, sejam elas hospitais, escolas, laboratórios e residências, são sempre cercadas de esplêndidos jardins, muito bem cuidados, sem falar dos parques e praças, onde a beleza se torna difícil de descrever.", "Há um suave perfume no ar e uma sensação de paz e harmonia, á medida que se adentra a Colônia.", "Á noite são essas flores que iluminam a Colônia um jogo de luz e cores indescritíveis, formando caminhos nas largas avenidas da Colônia, como se fossem estrelas de encantadora luminosidade."[...].

A partir do *prompt* baseado nesta descrição, a ferramenta de IA gerou a imagem mostrada a seguir, à direita, e que pode ser comparada à imagem desenhada pela médium, à esquerda.

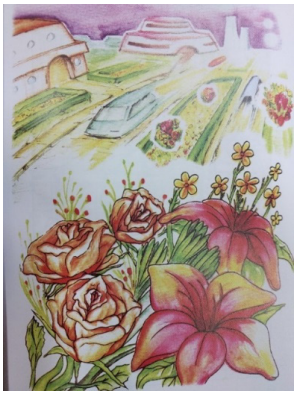


Figura 7. Representação feita a mão da Colônia das Flores. Fonte: Damo (2014)

Figura 8. Imagem gerada por IA da Colônia das Flores. Fonte: Arquivo pessoal

A Colônia das Flores nos traz uma reflexão mais latente em particular acerca do paisagismo praticado atualmente no plano terreno tanto em residências como em espaços públicos. Segundo relatos na literatura, as cidades espirituais apresentam frequentemente um paisagismo baseado em variedades de cores e frutos - avenidas floridas intercalam-se em alguns casos com árvores frutíferas - promovendo uma ligação constante entre a presença dos jardins e as sensações de paz e harmonia. Esta referência pode trazer uma indicação para uma paisagem mais convidativa no plano terreno. Buscar as sensações da consciência humana através da beleza de jardins floridos e da oportunidade de colher um fruto em um espaço público podem ser questões a serem consideradas quando se busca uma melhor aceitação dos usuários nos espaços públicos e até mesmo na decisão de investimento por empreendimentos privados.

3.4 Colônia do Sol Nascente

Segundo a bibliografia adotada, a Colônia do Sol Nascente localiza-se sobre a área sudeste do estado de São Paulo, e tem como finalidade principal o socorro espiritual aos desencarnados suprindo-lhes várias necessidades. Damo (2014) relata que: "[...] a Colônia é muito arborizada e suas construções redondas alternam-se com jardins, fontes luminosas que, constantemente, jorram água colorida pela luz do sol, além de amplas avenidas onde é comum a presença do "aérobus", conduzindo quem entra e quem sai." [...].

As imagens a seguir mostram o desenho feito pela médium e o resultado apresentado pela ferramenta de IA, respectivamente. As imagens da Colônia do Sol Nascente trazem uma análise sugestiva sobre a forma orgânica das edificações, o que por sua vez remete a utilização de materiais mais avançados dos que os utilizados atualmente nas edificações do plano terreno, com predominância de materiais metálicos e materiais transparentes que nos remetem ao vidro ou acrílico. Remete a construções baseadas em elementos industrializados, construções modulares e outras técnicas inovadoras utilizadas majoritariamente em países desenvolvidos. Uma vez que a literatura espírita indica que nossas cidades são cópias imperfeitas das cidades espirituais e que, progredimos a passos lentos para uma semelhança com elas através dos processos de reencarnação de engenheiros e arquitetos que trazem em sua consciência os nortes estéticos e construtivos das cidades celestes, questionamos se não seria a indústria de manufatura a futura base da construção civil. Conhecer o caminho natural evolutivo dos processos de construção pode fomentar a aceleração deste processo na priorização de bases projetuais dedicadas a construções modulares, e com emprego de materiais pré-moldados, que tragam mais agilidade de montagem e construção, sustentabilidade ambiental, certa mobilidade dos blocos construídos no caso de necessidade de mudança de locação e significativa redução de custos.

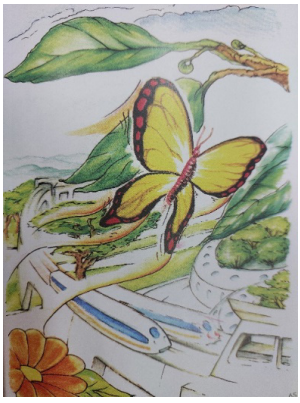


Figura 9. Representação feita a mão da Colônia do Sol Nascente. Fonte: Damo (2014)

Figura 10. Imagem 1 gerada por IA da Colônia do Sol Nascente. Fonte: Arquivo pessoal

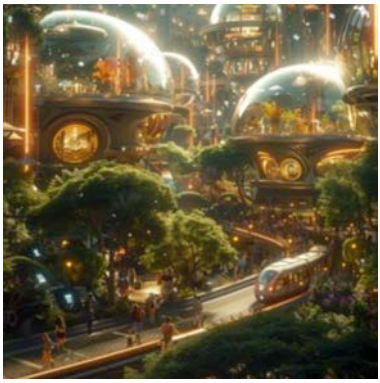


Figura 11. Imagem 2 gerada por IA da Colônia do Sol Nascente. Fonte: Arquivo pessoal

3.5 Colônia Morada do Sol

Segundo o livro 'Moradas espirituais' (Damo, 2014), a Colônia Morada do Sol localiza-se sobre a área leste do território brasileiro, estendendo-se do norte da Bahia, próxima da cidade de Altamira, indo até a área norte do estado de Pernanbuco, sobre a ilha de Itamaracá, e é descrita como uma colônia dedicada ao estudo e aprimoramento dos espíritos que lá buscam seu progresso pessoal, além de abrigar equipes espirituais de amparo e assistência para portadores de doenças tropicais, atendendo todo o planeta. Diz a autora:

> "De espaço em espaço existem praças – lugares abertos entre as construções – [...]","Nessas praças erquen-se colunas semelhante a um edifício redondo de dez andares. Na ponta dessas colunas, há um refletor giratório, semelhante a um Sol de traçados artísticos que se acendem, naturalmente, nas "nove" horas diárias em que Sol se ausenta da colônia."

As imagens a seguir mostram o desenho feito pela médium e o resultado apresentado pela ferramenta de IA, respectivamente.

Figura 12. Representação feita a mão da Colônia Morada do Sol. Fonte: Damo (2014)

Figura 13. Imagem gerada por IA da Colônia Morada do Sol. Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14. Imagem 2 gerada por IA da Colônia Morada do Sol. Fonte: Arquivo pessoal

A Colônia Morada do Sol ilustra uma questão intrigante sobre a finalidade de algumas colônias ou cidades espirituais. A literatura espírita esclarece sobre a existência de cidades dedicadas ao estudo, à pesquisa, à comunicação, outras dedicadas a tratamentos de saúde específicos como doenças nos rins, doenças no coração, reabilitação de pacientes com amputação ou necessidades físicas especiais, entre outras finalidades específicas. Além do objetivo comum a todas, dão condições para o progresso coletivo e mútuo baseado no amor e na caridade.

4. CONCLUSÕES

A análise das imagens provoca até o momento reflexões em campos distintos da arquitetura e urbanismo. Um fato que se destaca na primeira análise dos resultados é que as imagens geradas por IA possuem clara semelhança aos desenhos feitos a mão sob a supervisão dos médiuns que vivenciaram as experiências de visitas as colônias através de processos de desdobramento[2]. Ressalta-se que os desenhos feitos a mão não foram utilizados na geração de imagens por IA.

Com base na teoria de Wundt nos questionamos sobre o espaço temporal que gravaria as experiências humanas em suas consciências. Seriam as sensações humanas frutos de experiências vividas exclusivamente no plano terreno? Bases projetuais direcionadas às sensações descritíveis conforme considerações de Wundt e demais teóricos do campo da fenomenologia, a partir de experiências no plano terreno podem não ser as únicas na ativação das 'sensações' que fomentariam as decisões do indivíduo, de por exemplo, adquirir ou alugar um imóvel, utilizar ou não determinados espaços públicos. Utilizar-se dos aspectos 'espirituais' das sensações de indivíduos 'gravadas' na consciência humana pós experiências no mundo espiritual como referências projetuais urbanísticas e arquitetônicas poderia alterar os níveis de aceitação do público-alvo para determinados ambientes construídos. Supomos

2 Processo de afastamento do corpo espiritual do corpo físico preservando a ligação entre eles, pode ocorrer de forma natural ou induzida (Kardec, 1857).

que as experiências vividas nas condições do corpo físico e do espiritual poderiam formar a composição total da base das sensações advindas das experiências que balizariam as percepções do indivíduo perante os desenhos contemporâneos de cidade, seus ambientes, corpos e sentidos.

Conhecer melhor a organização espacial das cidades e suas funções principais nos traz a reflexão os modelos atuais de gestão pública em termos de organização e centralização da oferta de serviços. Atualmente, no mundo terreno, verificamos serviços públicos concentrados nas áreas centrais das cidades, verticalização das edificações em detrimento aos espaços públicos de convívio, sem o acompanhamento da implantação de serviços eficientes de transporte. Será o encurtamento das distâncias a direção que deve ser tomada no planejamento das cidades? Observando conceitos de gestão pública baseados nas cidades espirituais, supomos características urbanísticas com locação de serviços especializados fora das regiões centrais e de maior movimento, de forma descentralizada, e aliada ao acesso com transportes públicos expressos, onde as regiões centrais são ocupadas apenas pelas áreas de tomada de decisão e o seu entorno seja preenchido pelas zonas residenciais, mantendo o público de interesse próximo as zonas administrativas e de tomada de decisão. Este modelo se relaciona diretamente com as relações de poder da sociedade, em como se dá a interação entre a população em geral e a equipe de líderes e de governança. Além disso, destaca-se maior integração dos espaços públicos com a natureza através do paisagismo, e com ambientes construídos que resgatam a sensação humana de paz e tranquilidade. As interrelações humanas (ou espirituais) são estabelecidas e cultivadas em espaços livres deste tipo e percebe-se uma arquitetura que conhece e prioriza a base das sensações humanas moldadas nas experiências do indivíduo.

Espera-se que o entendimento mais aprofundado das características arquitetônicas e urbanísticas das cidades espirituais, e sua avaliação com uma pesquisa semiestruturada seja importante para compreensão de como ativar as sensações dos indivíduos com base em suas experiências no mundo espiritual, conforme apresenta a doutrina espírita Kardecista.

5. BIBLIOGRAFIA

Damo, V. A. (2014). *Moradas espirituais: visitas a 20 colônias espirituais.* Catalão: Auta de Souza.

Kardec, A. (1857). *Le Livre des Esprits.* Paris: Lake.

Loureiro, L. (1995). *Moradas espirituais.* São Paulo: Mnêmio Túlio.

Ortega y Gasset, J. (2011). Sobre o conceito de sensação. *Revista da Abordagem Gestáltica*, pp. 217-223. Fonte: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200013&lng=pt&tlng=pt

Owen, R. G. (1998). *A vida além do véu.* Rio de Janeiro: FEB.

R31

TRANS(FORM)CITY: TENSIONING ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN A METHODOLOGICAL EXPERIMENT

TRANS(FORMA)CIDADE: TENSIONANDO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM UM EXPERIMENTO METODOLÓGICO

Melanie Martins Barroso
Mestranda
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROARQ-UFRJ
melanie.barroso@fau.ufrj.br

Valci Rubens de Andrade
Professor Doutor
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROARQ-UFRJ
andrade.rubens@gmail.com

ABSTRACT
Starting from the hypothesis that the belief in technological determinism generates speculation and misuse of Artificial Intelligence platforms, this study uses action research to formulate the methodological experiment "Tensioning AI". The objective is to challenge the power structures underlying algorithmic visual language and promote a critical perspective on its implementation in society, pointing to possible paths and questions about its impact and use. This process aims to broaden contemporary critical thinking about technologies and their socio-urban attributions, contributing to a broader understanding of the impact of technological perception applied to architectural studies. It is expected that the results will provide a deeper reflection on the control of the use of technological tools and how this use can directly affect people's lives.

KEYWORDS: artificial intelligence. cybercity. cyborg. chatGPT.

RESUMO
Partindo da hipótese de que a crença no determinismo tecnológico gera especulações e mau uso das plataformas de Inteligência Artificial, este estudo utiliza a pesquisa-ação para formular o experimento metodológico "Tensionando a IA". O objetivo é desafiar as estruturas de poder subjacentes à linguagem visual algorítmica e promover uma perspectiva crítica sobre sua implementação no ambiente de ensino, apontando possíveis caminhos e questionamentos sobre seu impacto e utilização. Este processo visa ampliar o pensamento crítico contemporâneo acerca das tecnologias e suas atribuições sócio-urbanas, contribuindo para um entendimento mais amplo do impacto da percepção tecnológica aplicada aos estudos de arquitetura. Estima-se que os resultados proporcionem uma reflexão aprofundada sobre o controle do uso das ferramentas tecnológicas e como esse uso pode afetar diretamente a vida das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: inteligência artificial. cibercidade. ciborgue. chatGPT.

1. INTRODUÇÃO
A perspectiva de que as inovações tecnológicas são as principais impulsionadoras de mudanças socioculturais, é conhecida como Determinismo Tecnológico. De acordo com esse entendimento, o desenvolvimento e a disseminação de novas tecnologias possuem um poder intrínseco de moldar a sociedade independentemente das escolhas humanas ou das condições sociopolíticas, simplificando a complexidade da relação entre tecnologia, cultura e sociedade. Na busca por recortes contemporâneos, onde fosse possível observar tais fenômenos, encontram-se os parâmetros de investimentos das empresas do setor de tecnologia, frequentemente chamadas de *Bigtechs.* Essas gigantes, estão investindo bilhões de dólares em Inteligência Artificial (IA), acirrando uma competição pela supremacia no campo, e moldando o futuro da cidade e da economia global. As consequências dessa corrida, estão começando

a se manifestar, com questões urgentes sobre privacidade de dados, automação do trabalho, desigualdade econômica e no impacto da IA na sociedade com uma distinção geralmente associada à ideia de que a tecnologia salvará as cidades.[1]

Arquitetos e urbanistas possuem o método de trabalho e conhecimento disciplinar, desafiado pela percepção derivada da linguagem algorítmica dos meios tecnológicos, principalmente nos dias atuais, utilizando *softwares* digitais de modelagem 3D, ou integrando cidades com Inteligência Artificial. Visto a realidade apresentada, torna-se necessário aplicar o conhecimento disciplinar e engajamento cívico para apoiar o desenvolvimento e a discussão adequados de ferramentas orientadas por dados, considerar tanto seus vieses quanto seus potenciais, e promover uma maior alfabetização digital e criticidade. Logo, propor uma abordagem de *Trans(Forma) Cidade,* significa considerar um dispositivo de atuação que se dissemina como uma mola propulsora com o objetivo de decantar a qualidade técnica desses novos instrumentos, fortalecendo o controle democrático sobre eles e, libertando-os da aliança com o Determinismo Tecnológico. Diante dessa proposta, foi elaborada uma pergunta como enclave que será aprofundada no corpo deste artigo: *Como podemos conceber a arquitetura como ferramenta disciplinar em um momento de crença no determinismo tecnológico?*

As reverberações teóricas utilizadas, foram viabilizadas através da abordagem metodológica da Pesquisa-Ação. Esta metodologia, comumente creditada a Kurt Lewin, na década de 1940, combina teoria e prática com o objetivo de promover mudanças organizacionais, defendendo que a pesquisa acadêmica se torna mais eficaz quando os próprios participantes estão ativamente envolvidos na identificação e resolução de problemas em suas comunidades ou organizações. Portanto, para incorporar a Pesquisa-Ação, foi fundamental elaborar a abordagem metodológica *Tensionando a IA*, envolvendo oito graduandos do curso de História da Arte na Escola de Belas Artes, em debates, trocas, e exercícios, desenvolvendo um pensamento crítico e coletivo a respeito dos ruídos que surgem através da manipulação dos *Softwares* de Inteligência Artificial. Esse experimento resultou na montagem de uma Exposição Virtual, nomeada: *Alterações Visuais: Trans(Forma)Cidade.*

2. ENCONTRO COM A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O conceito de Inteligência Artificial surge do desafio humano, de tentar entender a maneira como se dá o pensamento, com o objetivo de reproduzir um ser pensante. É o meio tecnocientífico que tenta desenvolver máquinas inteligentes e autônomas, com base no raciocínio lógico, funcional e racional. Talvez o registro mais antigo que temos próximo de uma Inteligência Artificial, foi quando Aristóteles questionou

1 Esse pensamento, tem base nas visões das Smart Cities, onde existe um determinismo tecnológico que pressupõe que as tecnologias auxiliam no desenvolvimento das cidades. "As Smart Cities fariam uma cidade à prova de erro porque previsíveis — quando justamente o erro, tomado como desvio, é tido como possibilidade de dissenso no mundo contemporâneo. Há ainda que se destacar que, no discurso hegemônico sobre Smart Cities, a cidade é apresentada como um objeto de consumo e não um espaço compartilhado, de conflito e de disputa" (Beiguelman, 2020, p. 07).

se um objeto poderia executar sua função sozinho, imaginando uma vassoura que limpasse sozinha uma sala. Mas foi em 1943, final da Segunda Guerra Mundial, que a ideia de Aristóteles ganhou um protagonismo, quando Warren McCulloch e Walter Pitts escreveram um artigo que transformava as redes neurais do cérebro humano em modelo matemático, simulando uma possível estrutura de raciocínio artificial, que imitasse o sistema nervoso. Uma possibilidade de reproduzir a forma de pensar artificialmente.

Em 1950, Alan Turing, considerado o pai da computação, desenvolveu o teste de Turing, para responder uma indagação que o acompanhava: Uma máquina consegue imitar o pensamento humano?[2] O resultado do teste originou a principal ideia do que é a inteligência artificial: processamento de linguagem natural: fazer o computador imitar a linguagem humana. Em 1956 o termo é cunhado pela primeira vez na conferência de *Dartmouth*, que teve pensadores como Claude Shannon e Marvin Minsky. A conferência originou o seguinte pensamento: cada aspecto de aprendizado ou outra forma de inteligência pode ser descrita de forma tão precisa, que uma máquina é capaz de reproduzir.

Em 2023, o *Chat Generative Pre-trained Transformer* (GPT), iniciou sua jornada em rede aberta pela *OpenAI*, suscitando diversos questionamentos sobre como sua aplicabilidade afetaria a área do conhecimento, principalmente em escolas e universidades.[3] Com o objetivo de incorporar essa ferramenta no processo de Pesquisa-Ação, desenvolvemos o *Experimento: Tensionando a IA,* desafiando os estudantes a explorarem suas potencialidades e limitações a partir de cinco exercícios, buscando desenvolver uma metodologia crítica, com os seguintes objetivos: *i)* Dominar o uso da linguagem codificada. *ii)* Aplicar os conhecimentos nos *softwares* de Inteligência Artificial. *iii)* Debater sobre sua aplicação no ambiente.

A Inteligência Artificial é mais uma ferramenta em desenvolvimento que pode ser incorporada às nossas rotinas diárias. Em vez de tê-la como uma ameaça, devemos reposicioná-la na vida, como sugere Bergson: "As origens dessa mecânica são talvez mais místicas do que se pensa; ela não encontrará sua direção verdadeira, não prestará serviços proporcionais à sua potência, a menos que a humanidade que ela curvou ainda mais à Terra chegue por ela a se aprumar e a contemplar o céu" (Bergson,1932, p.256).

---

2 O teste se procedeu da seguinte forma: Existiam três personagens: o interrogador, o humano e a máquina. O interrogador está do lado de fora, de frente para duas portas fechadas, em cada cômodo está respectivamente a máquina, e o ser humano. O interrogador envia uma pergunta digitada em uma máquina de escrever para ambos. Esses, responderão as perguntas, também em uma máquina de escrever. Com os resultados, não era possível distinguir qual era qual.

3 Segundo Barbrook, esses debates foram potencializados nas mais diversas esferas da sociedade, desde plataformas nas redes sociais, como também, em quadrantes relativos a grupos de cientistas, políticos e universidades. O conteúdo dos debates muitas vezes foi distanciado do que de fato era esse processo estruturalmente e como ele era uma resposta a um longo processo que a sociedade já vivia desde as contribuições da Segunda Guerra Mundial.

3. EXPERIMENTO METODOLÓGICO: EXERCÍCIOS[4]

3.1 Exercício I: *Semântica*

> De que modo é possível falar sobre os limites da inteligência artificial, se consideramos que esta é mais suscetível a mutações do que a inteligência humana – cujos mecanismos, por sua vez, ainda estamos longe de compreender inteiramente? Ou, em outras palavras, como podemos falar sobre o limite de algo que é praticamente ilimitado? (Hui, 2016, p.109).

Proposta: O Exercício I, nomeado de *Semântica,* teve como objetivo: introduzir a ferramenta do *Chat GPT* aos estudantes e explorar a criatividade da produção textual utilizando a plataforma. A partir das leituras sugeridas[5], os estudantes foram instruídos a escrever suas considerações em um texto livre. Em seguida, formularam comandos ao *Chat,* visando obter respostas da máquina, semelhantes às suas próprias produções.

Considerações sobre o Exercício: Os resultados obtidos por toda a classe, embora formulados a partir de comandos distintos, apresentaram respostas similares devido à proximidade semântica dos conceitos-chave. Dessa forma, para aprimorar os *prompts,* foi necessário ajustar a seleção das palavras e estabelecer uma estrutura precisa que garantisse um vocabulário adequado, especialmente nas categorias voltadas à semântica. Vale destacar que apesar dos aplicativos oferecerem fórmulas textuais "prontas", as respostas não estavam pré-determinadas. Portanto, o que passou a nos instigar, foi o interesse na construção das perguntas, gerando um convite ou uma provocação à máquina. Para ilustrar esse processo, apresento uma matriz que sintetiza o contato entre alguns dos estudantes e o *ChatGPT:*

Estudante	Prompt
Bento	"Em um parágrafo, delire sobre a relação entre a internet, as cidades e suas culturas".
Guga	"Faça um poema sobre o conceito de hyperlog de Byung Chul Han".
Liz	"Componha uma música de funk sobre a questão das cidades ciborgues. Deve ser escrita como as melodias tropicalistas".

Tabela 1. Quadro síntese dos prompts gerados no Exercício I: Semântica
Fonte: Material produzido na disciplina de Estágio Docência, por mim. (2023).

Diante desta primeira camada proposta pelo Exercício I, os marcadores colhidos pelas devolutivas dos trabalhos nos conduziu à reflexão de que, embora a IA possa emular um tom de comunicação humana, ela ainda deixa vestígios que revelam suas

4 O material do Experimento inserido nesse artigo, é uma versão resumida da metodologia,resultado de minha pesquisa de Pós-graduação. Os nomes apresentados para os alunos, foram substituídos por nomes fictícios.

5 A aula havia sido sobre a Cidade-Ciborgue, a partir dos capítulos, Cultura Híbrida e Hyperlog, do livro: hiperculturalidade: cultura e globalização, de Byung Chul Han, e o capítulo Galáxia, do livro Cidade-Ciborgue: a cidade na cibercultura, de André Lemos.

origens maquínicas, criando lacunas perceptíveis nos textos. Quanto mais elaborados e complexos os *prompts*, melhores são os resultados obtidos. Essa interação inicial entre IA e graduandos, constituiu o primeiro objetivo da metodologia: *i)* Dominar o uso da linguagem codificada.

3.2 Exercício II: *Ficção*

Quando os carros apareceram tememos pelo futuro dos cavalos. Com as Inteligências Artificiais, os cavalos somos nós (Victor Mattina, 2024).

Proposta: No Exercício I, percorremos um caminho que envolveu: conhecer e estabelecer uma ordem de uso da ferramenta e ainda, dar conta do que era possível alcançar com o que a plataforma tinha a oferecer. Nesse sentido, se estabeleceu uma escala distintiva por parte dos estudantes das vantagens e desvantagens do *Chat,* ou seja, dimensionar de fato o que a IA , provisoriamente, teria a oferecer, através da linguagem textual. Portanto, para o segundo exercício, nosso objetivo foi trabalhar com ferramentas de IA, para a produção de linguagem visual, criando ficções a partir dos comandos. A proposta do Exercício II, foi articular padrões, recorrências e modelos de imagens, ora investigando questões relacionadas à composição visual, à autenticidade, reprodutibilidade e autoria, ora apontando para as distorções que geram ruídos na escolha algorítmica. Para exemplificar esse processo, apresento o resultado do exercício do aluno Marcos, que optou por testar as ferramentas, gerando uma contraposição entre os aspectos utópicos e distópicos da relação entre cidade e tecnologia. Para gerar as imagens, o aluno utilizou a plataforma *Wombo.art:*

Prompt 1: “Cidade utópica com robôs de tecnologia super avançada”

Prompt 2: “Cidade distópica com robôs de tecnologia super avançada”

Tabela 1. Imagens produzidas para o Exercício II.
Figura 1/Figura 2. Cidade Utópica/Cidade Distópica.
Fonte: Marcos (2023). Material produzido na disciplina de Estágio Docência. (2023).

Considerações sobre o Exercício: Ao manipular as antíteses e construir imagens ilusórias, miragens, onde quase sempre vemos o que queremos, Marcos foi entendendo o que as ferramentas poderiam proporcionar ao olhar. São imagens marcadas por uma luz fria - como a de telas de monitores e aparelhos eletrônicos - que ofuscam o olhar e funcionam quase como espelhos, ao mesmo tempo em que nos fazem acreditar na possibilidade de certa religiosidade ou de um caráter fantástico/onírico presente ali. Concluímos, no Exercício II, que as imagens geram inevitavelmente ruídos, que podem ser interpretações ambíguas ou detalhes que não são imediatamente claros.

3.3 Exercício III: *Ruído*

> A tecnologia em si mesma não é neutra, carrega formas particulares de conhecimentos e práticas que se impõem aos usuários, os quais, por sua vez, se veem obrigados a aceitá-las. Alguém que desconsidere essas dinâmicas e subestime a tecnologia como manifestação meramente instrumental acabará adotando uma abordagem dualista. Essa falha de interpretação, esse engano, se tornou uma verdade necessária no século XX (Hui, 2016, p.9).

Proposta: Com base no texto fornecido para a leitura da aula, *Paisagens do Amanhã: Supercomputadores, Pós-modernidade e Robocops*[6], os estudantes foram incitados a identificar o aplicativo que mais estava presente em seu cotidiano e, uma palavra-chave que refletisse seu grau de interação com o mesmo. Esses disparadores, funcionaram como *prompts* (comandos) para a elaboração de uma composição gráfica através das plataformas de IA. Nosso objetivo era produzir um volume significativo de imagens, explorando a ferramenta de forma extensiva, visando refinar tanto a habilidade dos estudantes quanto a precisão da ferramenta. Este constituiu o segundo objetivo da metodologia: *ii)* Aplicar os conhecimentos adquiridos nos *softwares* de Inteligência Artificial. Para ilustrar a maneira como o exercício prosseguiu, vamos observar três imagens dos estudantes, que utilizaram o **Disparador 3**, onde o aluno Luli, identificou o **Moovit** [7] como aplicativo, delegando a ele, o verbo: **planejamento**.

---

6 A aula sobre as Paisagens do Amanhã, se deu a partir dos capítulos:Ascensão do Vale do Silício, do livro, O triunfo da cidade, por Edward Glasser. E como texto complementar foi sugerido, os capítulos: A rede digital e O tempo, do livro, As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática, de Pierre Lévy.

7 Moovit é um aplicativo de mobilidade urbana que utiliza dados em tempo real para fornecer informações sobre horários, rotas e condições de tráfego, ajudando os usuários a planejar suas viagens de forma mais eficiente.

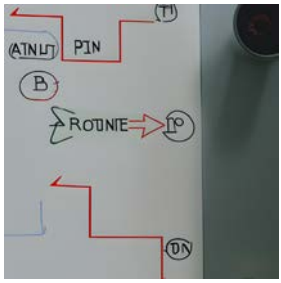
Luli: "Pessoas que planejam o seu dia com a ajuda de tecnologia em uma sociedade conectada."	**Marcos:** "O planejamento como peça crucial para uma cidade sustentável e melhorada".	**Rute:** "Planejamento através da tecnologia e do ciborguismo".
		

Tabela 2. Imagens produzidas para o Exercício III.
Figura 1/Figura 2/Figura 3. Exercício Ruído.
Fonte: Luli, Marcos, Rute (2023). Material produzido na disciplina de Estágio Docência. (2023).

Considerações sobre o Exercício: Ao observar a produção das imagens geradas no exercício, discutimos a capacidade do *software* em interpretar e executar os comandos fornecidos, ajustando-se aos respectivos bancos de imagens. Tendo em vista o nível de detalhamento e ruído das imagens geradas, identificamos algumas áreas que aparecem desfocadas ou indefinidas. Dentre essas indefinições, foram identificados aspectos negativos da ferramenta, reproduzindo, e até reforçando certos padrões, como por exemplo: a predominância de pessoas brancas nas composições imagéticas, a questão de gênero evidente nos casos onde homens apareciam ocupando trabalhos reconhecidos, a esterilização dos espaços públicos, e o próprio padrão europeu nos traços fisiológicos. Esses ruídos identificados, nos levaram ao seguinte questionamento: que tipo de *Paisagens do Amanhã* estavam sendo representadas por essas imagens? Certamente, a ferramenta - a depender de sua agência - pode acabar reforçando alguns padrões estabelecidos. A interpretação de todo esse processo nos levou a perceber que o banco de imagens limitado da *web,* e o mau agenciamento da ferramenta, tem gerado imagens de IA, apresentando casos de reforço ao preconceito e à criminalização. Enquanto não alimentarmos um banco de imagens, com paisagens de diversidade cultural, étnica e identitária, a imaginação é limitada a um conjunto de imagens pré-dispostas, fazendo com que os signos se misturem, e ao invés de expandir, retraem o olhar. Para concluir esse exercício, foi importante a produção desses múltiplos de imagens, para entender que apesar do alcance ilimitado da ferramenta, precisamos manter o olhar crítico para além de sua competência, expandindo a capacidade imaginativa e aprimorando o agenciamento das ferramentas, de forma descentralizada.

3.4 Exercício IV: *Sensível*

> Falar sobre os limites da inteligência artificial não significa mostrar quais são os pontos fracos da inteligência da máquina, o que ela não poderia, não pode e nunca poderá fazer. As máquinas são parte dos aspectos da evolução que os seres humanos foram capazes de controlar, mas do qual estão gradualmente perdendo o controle. Mostrar os limites da inteligência artificial não fará com que as máquinas possam ser controladas de novo, mas é algo que libertará a inteligência das máquinas dos vieses de certas ideias de inteligência – e, desse modo, possibilitará a concepção de novas ecologias políticas (Hui, 2016, p.110).

Proposta: Uma vez identificados os ruídos e as tendências esterilizantes pré programadas dos *softwares,* o exercício IV precisou voltar o olhar humano à paisagem, buscar outras rotas e friccionar o real, atingindo o sensível e a subjetividade. Para tal expansão, foi sugerido aos estudantes, destacarem pelo menos seis proposições apresentadas para o conceito Ciborgue, e a partir delas, criar um conjunto de seis composições gráficas. Essas composições, deveriam ser registros autorais, fotografias, pinturas ou diálogos: elementos do cotidiano real tangível. Uma vez reunida a coleção de registros, elas deveriam ser inseridas no *software* de IA, para que a ferramenta gerasse uma imagem de representação dessas observações. O exercício IV, teve como proposta: devolver à máquina o olhar sensível humano, e dela, voltar a friccionar. Ao redimensionar o olhar para as reações artísticas dos próprios estudantes, tanto a qualidade das imagens geradas, quanto a perspectiva crítica foram notavelmente potencializadas, desenvolvendo camadas profundas e sensíveis. Para exemplificar esse exercício, selecionamos uma composição de cada aluno, ilustradas na tabela a seguir:

Imagem Produzida pelo aluno	**Imagem Produzida pela IA**
Título: Contextos Ciborgue	**Aluno:** Marcos
Prompt: "Espaço transformado pela tecnologia em razão do movimento, no estilo SteamPunk"	

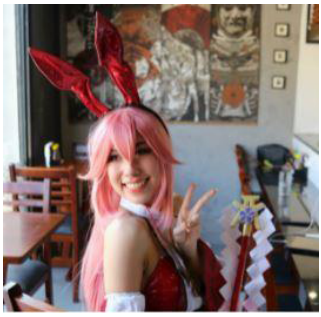
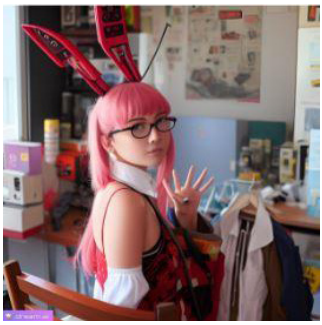
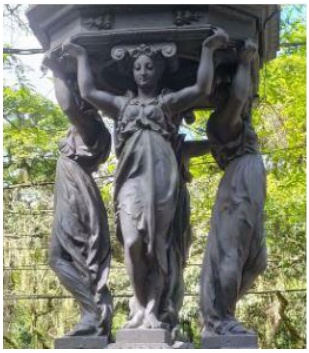
Título: A revolução Ciborgue	**Aluna:** Rute
Prompt: "Ciborgues também podem ser uma espécie diferente?"	
	
Título: Inserção de dispositivos nanotecnológico	**Aluno:** Ágata
Prompt: "Experimentalismo humano de embriões: um laboratório para produção de clones."	
	

Tabela 3. Imagens produzidas para o Exercício IV.
Figura 1/Figura 2/Figura 3/Figura 4/Figura 5/Figura 6. Exercício Sensível.
Fonte: Marcos, Rute, Ágata (2023). Material produzido na disciplina de Estágio Docência. (2023).

Considerações sobre o Exercício: Ao reverter a abordagem e fornecer à máquina elementos gráficos oriundos da observação humana, potencializamos os ruídos nas imagens geradas, conferindo-lhes intencionalidade. Este processo transforma os borrões em provocações deliberadas. Portanto, através de um misticismo e de uma inconclusão propositada, as imagens convidam à ficcionar, a partir das referências pessoais sensíveis dos observadores, o que abriu diversas possibilidades, ajudando os estudantes a se expressarem, se identificarem e se reconhecerem como corpos ciborgues.

3.5 Exercício V: *Projeções*

Proposta: Ao percorrermos o caminho entre a interação humano x máquina, passamos por vários processos de aprendizagem e troca. Sendo assim, fechamos nosso ciclo de 12 aulas, apontando para o último objetivo do experimento metodológico *Tensionando a IA,* que apontava para: *iii)* Debater sobre sua aplicação no ambiente. A proposta do exercício final, pedia aos estudantes que eles construíssem um texto síntese, abordando quais foram os ganhos e os avanços dos desdobramentos das discussões realizadas ao longo do semestre. A seguir, apresento o depoimento de Rute:

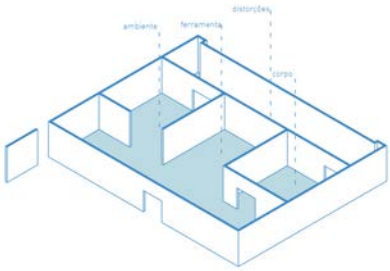
> Todos estamos cercados por tecnologias de diversos campos. Uma roupa é uma tecnologia, óculos e lentes de contato são tecnologias, uma bolsa é uma tecnologia. Todos esses objetos que usamos e vemos todos os dias, são criações, que não nasceram conosco. Por que alguém que faz uso desses objetos não poderia ser considerado ciborgue? De quais tecnologias estamos falando para transformar alguém em um ser modificado? O meu trabalho e hobby foi permanentemente afetado pelo questionamento pós-humano, tanto que algumas vezes me peguei pensando se o *cosplay* faria de mim uma transumana (dúvida que ainda perdura em alguns momentos). Creio que cada pessoa trouxe para si e para o seu dia a dia um pouco desses questionamentos que acabam por influenciar nossa própria personalidade e imaginário. (Rute, 2023).

4. EXPOSIÇÃO ALTERAÇÕES VISUAIS: TRANS(FORMA)CIDADE

A partir dos diálogos em sala, constatamos um movimento meticuloso dos estudantes em se apropriar das leituras e traduzir as teorias em trabalhos instigantes no campo das artes visuais ampliadas. Diante dessa realidade, vislumbramos a oportunidade de realizar uma curadoria dos trabalhos apresentados ao longo do semestre, organizando uma exposição virtual. O resultado dessa curadoria, reúne a produção imagética de seis estudantes, além da obra: *Crise e Observação,* do artista convidado Victor Mattina[8]. Ao divulgar nossas ideias, pretendemos fomentar um discurso mais amplo sobre os papéis desejados e indesejados proporcionados pela IA.

> A exposição apresenta a possibilidade de pensar poéticas para subverter a programação generativa de imagens por meio da linguagem aplicada nos *softwares.* Através desses dados, gerados enquanto rede integrada digital, podemos achar pistas nas presentes imagens, de códigos que estão mergulhados em significados, dos quais as turvas bordas entre o real e o irreal são desafiadas no rejunte da realidade, não de maneira aleatória, mas ciente do resultado de uma programação que é responsável pela forma que a informação é organizada e reorganizada e principalmente transmitida (Guga, 2024).

8 Victor Mattina é um artista contemporâneo nascido no Rio de Janeiro, com formação em Design. Seu trabalho abrange diversas mídias, incluindo pintura, vídeo e texto, explorando a fotografia, computação gráfica e imagens geradas por inteligência artificial.



Imagens da Exposição: Alterações Visuais:trans(forma)cidade, produzidas por Melanie Martins.
Fonte: Melanie Martins (2024). Material produzido para exposição virtual. (2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, diversos fatores envolvem o medo do avanço incontrolado da IA. Entre esses fatores, a manipulação da informação e a falta de cuidado no uso das ferramentas expõem uma questão sociotécnica presente na sociedade muito antes das programações com redes neurais avançadas. Após a conclusão dos exercícios, verificamos que a integração da inteligência artificial no contexto educacional despertou nos estudantes um senso crítico e político em relação à influência da IA no cotidiano. Durante todo o experimento metodológico, foi possível explorar a relação imagética no campo ampliado da arquitetura e nas artes visuais, desafiando as estruturas de poder subjacentes às ferramentas tecnológicas. Este estudo contribuiu para uma compreensão mais ampla do impacto da tecnologia na vida urbana, capacitando-nos a entender, questionar e moldar as transformações tecnológicas iminentes. Portanto, a *Trans(Forma)Cidade* é uma tentativa de integrar essas ferramentas no ensino da arquitetura, com o objetivo de transcender a noção de progresso enraizada nos conceitos de determinismo tecnológico.

6. BIBLIOGRAFIA

Barbrook, R (2009). Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global.

Beiguelman, G. & Alonso, A. (Eds.). (2020). Smart Cities, Smart Virus: Tecnoutopias do novo normal. Vírus, n. 21. *http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/secs/submitted/virus_21_submitted_1_pt.pdf*.

Glaeser, E (2016). O triunfo da cidade. BEí.

Han, B (2019). Hiperculturalidade: cultura e globalização. Vozes.

Hui, Y (2020). Tecnodiversidade. Ubu Editora.

Lemos, A (2004). Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. Galáxia, n. 8. *https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1385.*

LÉVY, P (2001). Cibercultura. Editora 34.

Mattina, V (2024). Nós, os cavalos: considerações sobre Inteligência Artificial geradora de imagens. Victor Mattina Site/Escritos, Fevereiro de 2024. *https://www.victormattina.com/escritos*.

R33

AMBIANCE AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE

CHAIRS Ilana Sancovschi
Fernando Mathias

In this session, we propose to explore the various displacements—temporal, spatial, and socio-cultural—that environments can undergo and how they contribute to the (re)affirm tion of historical and environmental heritages, or, conversely, to the negotiation of belongings and identities of segregated and displaced groups in cities and the world.

R33

DISPLACEMENTS AND SINGULARITIES OF THE AMBIENCES OF SANTA MARIA DE JETIBÁ

DESLOCAMENTOS E SINGULARIDADES DOS AMBIENTES DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

Agda Carvalho
Doutora
Universidade de Vila Velha
Instituto Mauá de Tecnologia
agdarcarvalho@gmail.com

ABSTRACT

This reflection observes the manifestations that navigate between traditions and ancestries by focusing on the continuity of a cultural heritage and its implications during the displacement and reorganization of immigrants in diffetent environments. Santa Maria de Jetibá is considered the largest Pomeranian community in Espírito Santo, starting its first immigration in 1859, departing from the former Pomerania, located in the north of Poland and Germany, on the southern coast of the Baltic Sea. Addressing aspects of ambiances is relevant because it is conditioned by individual experience and the demands of the space-time experienced by the sensitive and by geopolitical and social tensions. The experience and capture of ambiences and aspects of Pomeranian culture result in the video art *PLATZ,* from 2024, which develops an interpretation of the singularities of the sense of place, of a culture that remains alive in Brazil, and from a locality that no longer exists as a geographical unit in Europe.

KEYWORDS: displacement. Santa Maria de Jetibá. pomeranian culture. Ambiences.

RESUMO

Esta reflexão observa as manifestações que trafegam entre as tradições e ancestralidades ao enfocar a continuidade de uma herança cultural e suas implicações, durante o deslocamento e reorganização de imigrantes em outros ambientes. Santa Maria de Jetibá é considerada a maior comunidade pomerana do Espírito Santo, iniciando sua primeira imigração, em 1859, saindo da antiga Pomerânia, situada ao norte da Polônia e Alemanha, na costa sul do mar Báltico. Tratar dos aspectos das ambiências é relevante pois está condicionada com a experiência individual e as demandas do espaço- tempo experimentado pelo sensível e por tensões geopolíticas e sociais. A vivência e captura de ambientes e aspectos da cultura pomerana resultam no videoarte *PLATZ,* de 2024, que desenvolve uma leitura das singularidades do sentido de lugar, de uma cultura que ainda permanece viva no Brasil, e parte de uma localidade que inexiste como unidade geográfica na Europa.

PALAVRAS-CHAVE: deslocamento. Santa Maria de Jetibá. cultura pomerana. ambientes.

1. INTRODUÇÃO

As dinâmicas territoriais atreladas aos deslocamentos humanos estão impregnadas de diversas histórias que partem e elaboram durante o percurso uma variedade de tramas culturais, sociais, econômicas, bem como, reconhecem de fenômenos geográficos e climáticos, com peculiaridades circunstanciais e imprevisibilidades dos tempos e contextos. As mudanças de território revelam conflitos, vivencias e comportamentos que resultam na mistura, na fusão, na mescla de ambientes e de suas práticas, que reorganizam os modos de viver e os modos de produção a partir das manifestações

e atitudes que representam a continuidade da herança cultural em outro território. Esta condição aponta a possibilidade de um inesgotável encadeamento de eventos e ações, em resposta a justaposição de fatos e singularidades, e está conectada com o evento que ocasionou o deslocamento de indivíduos e/ou grupos, em decorrência de conflitos e/ou esperança de um novo lugar. Neste processo ocorre o enfrentar e vivenciar outros territórios.

As ações geram histórias e práticas que, com o tempo, desdobram-se em comportamentos, objetos, edificações, hábitos alimentares, sonoridades, rituais que apresentam os vestígios de uma ancestralidade e/ou continuidade destas características no tempo, mesmo que reorganizados e redesenhados a partir da experiência em outra localidade.

Esta reflexão observa as manifestações que trafegam entre as tradições e ancestralidades ao observar a continuidade de uma herança cultural e suas implicações, durante o deslocamento e reelaboração em outro território. Santa Maria de Jetibá é considerada a maior comunidade pomerana do Espírito Santo, iniciando sua primeira imigração, em 1859, saindo da antiga Pomerânia, situada ao norte da Polônia e Alemanha, na costa sul do mar Báltico. A cidade leva nome do Rio Santa Maria que é formado pelos riachos da região (Granzow, 2009) .

Os objetivos desta abordagem se debruçam no reconhecimento das histórias da cultura pomerana e na compreensão da sua continuidade e singularidade em outro ambiente, para apresentar a reflexão e a leitura da memória de um tempo e espaço, por meio da reflexão e realização do trabalho denominado Platz, 2024. A proposição resulta no vídeo que discute o significado dos objetos, edificações, ou seja, modos de viver da comunidade pomerana, que se manifestam na justaposição de tradições entre os detalhes, minúcias e subjetividades de um lugar. A discussão da ressignificação dos ambientes acontece com a sobreposição de fatos que remetem ao lugar que está em sintonia com o sentido colaborativo de permanência de sua história.

Na comunidade pomerana os acontecimentos e fatos permanecem na memória e com o tempo os vestígios de um tempo vivido se encontram nas brechas, nos cantos, nos encontros, nas festas, nas celebrações e no dialeto que se propaga nos ambientes e elabora a dinâmica de uma comunidade. Como aponta Segaud (2016), os sistemas continuamente estão se movimentando, e o deslocamento e mobilidade de pessoas reorganizam os desejos, as vontades, e acumulam experiências e na coexistência apresentam intersubjetividades.

2. ENTRE AMBIENTES

Transitar entre ambientes, nesta discussão, trata da observação e percepção da cultura pomerana, que despertou a leitura que é “predominantemente sensível e mais proximamente conectada à natureza imediata, afetiva e multi-sensorial de

tal experiência" (Thibaud, 2012, p.4). As relações estabelecidas entre as diferentes ambiencias absorve os rastros de uma vivência, no caso da cultura pomerana, é importante enfatizar o exercício da oralidade, que leva ao resgate da memória pela comunidade que mantém viva o ensino do pomerano nos ambientes familiares e escolares.

A discussão dos ambientes como desdobramento do deslocamento humano é complexa pois aponta possibilidades atreladas aos acontecimentos geopolíticos e suas singularidades comportamentais que estão conectadas com o coletivo, e nesta condição, revelam marcas e condutas que se configuram nas distintas ambiências. Como as ações radicais em territórios que são invadidos, tomados, corrompidos e consequentemente transformados sobre o propósito da soberania, que desperta a busca de outro lugar e o enfrentamento da imprevisibilidade pelos imigrantes e suas histórias (Carvalho & Ferri, 2017). É relevante destacar que a inexistência da Pomerânia como unidade geográfica localizada na Europa entre a Alemanha e a Polônia ocorre desde a Segunda Guerra Mundial (KLAUS, 2009). Desta forma, com a imigração de pomeranos para o Brasil, especificamente a que reside em Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo, temos a maior comunidade pomerana em terras Brasileiras.

O termo *povo tradicional pomerano* ou *povo pomerano* é utilizado para se referir aos descendentes de pomeranos como grupo, conforme reconhecimento a partir dos Decretos Presidenciais nº 6.040/2007 (institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais) e nº 8.750/2016 (institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais). (Bérgamo, 2018, p. 17)

Em 1850 os primeiros colonos adentram as terras brasileiras, iniciam as conquistas da mudança de ambiência e encontram resistência, nos diferentes contextos, para manter as particularidades ancestrais, mesmo com as dificuldades do deslocamento, relacionadas com a instabilidade das perspectivas sensoriais presentes no inesperado, no percurso acontece a orientação da organização do espaço, priorizando o lugar de cada um tanto individualmente como coletivamente. Como aponta Careri (2013, p.27) "O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência". Com a insistência e dedicação enfrentam situações que se transformam e se reorganizam durante a trajetória para manter as singularidades presentes nas celebrações religiosas, nas histórias de casamentos, na festa da colheita e na conexão com o modo de vida rural.

O pomerano é um povo que trabalha e auxilia a comunidade em construções e atividades por meio de mutirões. Cultiva a terra, aprecia e cuida da natureza (Granzow, 2009). As organizações dos ambientes tanto externo como internamente está relacionado com o entendimento do posicionamento do homem nas diferentes situações. " Assim , tratar das orientações do espaço e dentro do espaço é entender

como o homem, em todos os tempos e em todas as sociedades, procura se posicionar da melhor forma possível em relação ao seu entorno, ás suas representações do universo". (Segaud, 2016, p.164)

O empenho da comunidade pomerana em manter suas tradições é explicitado nas ações cotidianas da comunidade e em eventos comemorativos que relembram a história e aspectos e atividades que ainda estão presentes na comunidade. E apresentam aspectos que estão presentes nos ambientes contemporâneos da comunidade, mas também, existe uma dedicação em cultivar a memória de ações que divulgam as memórias e o modo de viver tradicional do povo pomerano. Como a casa pomerana da família de Marineuza Plaster Waiandt, que mantém as caracterísitcas tradicionais de seus ambientes. Figura 1

Figura 1: Ambiente que apresenta a organização do quarto e dos móveis da família.
Forte: Arquivo da autora,2024.

Em 2024 ocorre a 35º Festa Pomerana, na cidade de Santa Maria de Jetibá, com apresentações musicais, desfiles, danças folclóricas, competições e o desfile Histórico e cultural pomerano com a participação da comunidade para a propagação da cultura e do dialeto pomerano. Também ocorre a coroação da rainha e princesas que apresentam informações sobre a cultura e domínio do dialeto pomerano. E uma adesão durante o evento com o uso de trajes típicos e divulgação de comidas como o Brote de milho e o bolo ladrão. Os ambientes são construídos afetivamente com as celebrações e estão conectados com o viver em comunidade. Como o casamento pomerano que acontece com a colaboração da comunidade no preparo e na participação do evento na totalidade, com as atividades de cozinhar, comer e dançar, ou seja, todos os momentos que integram uma cerimônia são realizados colaborativamente. O significado dos ambientes está impregnado das historias não só das famílias dos noivos, mas de todos os convidados. A sala dos bolos, por

exemplo, é um ambiente que exala um aroma doce e envolvente representando o envolvimento de cada família, que é mais do que um convidado, pois participa ativamente dos acontecimentos. Figura 2

Figura 2: Organização do ambiente da Sala dos bolos.
Fonte: Arquivo da autora,2024.

3. PLATZ: LUGARES POMERANOS

O vídeo *Platz* (2024) busca evidenciar as singularidades da cultura pomerana que ainda permanecem nos espaços e que no decorrer do tempo se transformam e se adaptam com as interferências e situações dos ambientes. Desta forma, a edição apresenta uma narrativa que sobrepõe os fenômenos que estão conectados com as imagens dos espaços e as sonoridades dos ambientes, fusiona fragmentos das celebrações e dos relatos capturados, estes lembram o passado, mas, ao mesmo tempo, sinaliza direcionamentos futuros com os sonhos e desejos de uma permanência de uma música, um dialeto, um ritual. *Platz* resulta da captura de imagens e sons, organiza uma sequência que "tende a ressaltar o caráter contextual de qualquer experiência estética, na imersão do sujeito sensível no mundo circundante com o qual ele ou ela está envolvido." (Thibaud, 2012, p. 4)

> (..)o verdadeiro patrimônio pomerano está representado nas coisas simples de seu dia a dia: no moedor de café, na peneira de fubá que faz o *Brot*, no ralador de feijão, na xícara de porcelana, na bíblia em alemão antiga e mantida em sua família, no ferro a vapor, entre outros artefatos do seu cotidiano. São objetos herdados de suas mães e avós, passados de geração em geração, que perpetuam a memória pomerana e constituem seus verdadeiros bens culturais. (Kiister, 2024, 170)

A proposição surge de uma investigação e faz uma seleção qualitativa, resgata detalhes e a atmosfera sensível das ambiências, que emergem da percepção do entorno e das coisas. A leitura subjetiva do contexto, do significado do espaço em conexão com a memória, dialoga com as histórias da cidade de Santa Maria de Jetibá, bem como, com as variáveis apresentadas com o levantamento bibliográfico, a coleta de dados, o registro imagético e o reconhecimento das práticas significativas da cidade. Para tanto, simultaneamente, temos a pesquisa teórica, o estudo de campo, os depoimentos, e o registro de momentos que revelem a experiência da essência do território, ou seja, perceber e capturar os diversos vestígios que possibilitem identificar as sobreposições das histórias particulares que na mistura apresentam o sentido da cultura pomerana, que está impregnada nos ambientes familiares e púbicos, e assim, permanece presente no dia a dia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que expor a diversidade de aspectos e transformações da cultura pomerana na visão/percepção sensível, parte da experiência de acontecimentos com suas imprevisibilidades e mutações. O trabalho de video arte *Platz* reflete sobre a essência do que permanece e o que se transforma com o deslocamento, por meio de imagens fotográficas e videográficas, passado e presente se entrelaçam entre as sonoridades dos distintos ambientes. Neste sentido, a reflexão reconhece que histórias resgatam memórias de um tempo e espaço, neste caso, a cidade de Santa Maria de Jetibá, por meio das imagens dos objetos e ambientes, ou seja, dos modos de viver, que se manifestam na justaposição das tradições com a complexidade contemporânea, e se revelam na potência dos detalhes, minúcias e subjetividades. A experiência da história de um espaço geográfico e social que trata de narrativas que percorrem os ecos do deslocamento de uma cultura, e apresentam a organização dos ambientes que evidenciam o aspecto individual e coletivo, em uma comunidade que segue reconhecendo o significado da memória e das tradições. Desta forma, acontece o despertar da percepção das singularidades do outro, sobre o lugar de cada um nos ambientes da comunidade pomerana e a relação com o meio e suas representações.

5. BIBLIOGRAFIA

Bérgamo, S. C.; Fonte, S. S. D (2018). Identidade pomerana [recurso eletrônico]: uma viagem formativa desvelando conflitos soterrados . Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo.

Borges, M. C. (2018). Desafios da educação contemporânea. In J . Silva & A. Lima (Eds.), *Educação no século XXI* (pp. 89-112). São Paulo: Saraiva.

Careri, F. (2013). *Walkscapes: O caminhar como prática estética.* Barcelona: Gustavo Gilli.

Carvalho, A., & Ferri, E. (2017). NÓS entre OUTROS: corporeidades e circunstâncias territoriais. In *Anais do 16º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia: #16.ART: Artis intelligentia: IMAGINAR O REAL* (pp. 693-698). Porto.

Granzow, K. (2009) Pomeranos sob o cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Kiister, K. F. da S. (2024). *Memórias de Jequitibá: História Oral e Patrimônio Cultural Pomerano da comunidade Luterana de Santa Maria de Jetibá* (Master's thesis, Universidade de Vila Velha, Espírito Santo).

Manzini, E. (2008a). *Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais.* Rio de Janeiro: E-Papers.

Massey, D. (2008). *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Mattos, C. L. G. (2011). A abordagem etnográfica na investigação científica. In C. L. G. Mattos & P. A. Castro (Eds.), *Etnografia e educação: conceitos e usos* (pp. 49-83). Campina Grande: EDUEPB. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books http://books.scielo.org.

Saramago, L. (2008). *A topologia do Ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martim Heidegger.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.

Segaud, M. (2016). *Antropologia do Espaço – Habitar, Fundar, Distribuir, Transformar.* São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

Souza, B. (2021). A influência da tecnologia na educação. *Revista Brasileira de Educação,* 26(4), 512-530. https://doi.org/10.1590/s0100-15742021000400006

Thibaud,J.P.(2012) A cidade a través dos sentidos. Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, 2012, 18, pp.1-16. (hal-00980748)

PLATZ (2024) [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=HoZwYSRncB0

R33

CHALLENGES OF FULL-TIME EDUCATION IN A MUNICIPAL SCHOOL OF A RESIDENTIAL CONDOMINIUM IN BARRA DA TIJUCA: HOSTILITY, STIGMATIZATION, AND SEGREGATION OF PUBLIC SPACES

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE UM CONDOMÍNIO RESIDENCIAL NA BARRA DA TIJUCA: HOSTILIDADE, ESTIGMATIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.

Rogério Correia da Silva
Professor Doutor em Educação
Universidade Federal de Minas Gerais
rogex.correia@gmail.com

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
Professora PROARQ/Universidade Federal do Rio de Janeiro
Doutora em Engenharia de Produção
giselleartEiro@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The present case study was carried out in 2023 at the Professora Dídia Machado Fortes Municipal School, located in a gated community, in the Barra da Tijuca region, City of Rio de Janeiro. It aimed to investigate the relationship between the school and the surrounding community and the challenges in building a comprehensive education project and the use of open spaces in the city. The students live in neighboring neighborhoods and the enclosure of a park within the condominium, transformed into a "pet square" was what mobilized the case study. As a methodology, we observed the moment they left school and interviewed the principal. The results allowed us to better measure the segregation of the condominium's public spaces for student use and the difficulty of dialogue with residents, thus posing a challenge for the school when implementing actions to establish its educational territory.

KEYWORDS: Integral education. childhood. case study. educational territory. open spaces.

RESUMO

O presente estudo de caso foi realizado no ano de 2023 junto à Escola Municipal Professora Dídia Machado Fortes, localizada em um condomínio fechado, na região da Barra da Tijuca, Cidade do Rio de Janeiro. Teve como objetivo investigar a relação entre a escola e a comunidade do entorno e os desafios na construção de um projeto de educação integral e uso de espaços livres da cidade. Os estudantes habitam bairros vizinhos e o cercamento de um parque dentro do condomínio, transformado em uma "praça de pets" foi o que mobilizou o estudo de caso. Como metodologia, realizamos observação do momento de saída da escola e entrevista com sua diretora. Os resultados nos permitiram dimensionar melhor a segregação dos espaços públicos do condomínio ao uso dos estudantes e a dificuldade de diálogo com os moradores, constituindo assim um desafio para escola ao implementar ações de constituição de seu território educativo.

PALAVRAS-CHAVE: educação integral. infância. estudo de caso. território educativo. espaços livres.

1. INTRODUÇÃO

Um dos principais desafios para a construção de uma proposta de educação integral e por consequência, para o reconhecimento da escola como articuladora de territórios educativos, se dá justamente na dificuldade da própria escola em "romper seus muros e destrancar seus portões", levando seus alunos a se apropriarem e viverem a experiência educativa da vida na cidade (Azevedo, 2016). Para que isto aconteça a escola precisa estabelecer um diálogo com espaços que ela via anteriormente como hostis, como as ruas, o bairro ou mesmo a própria cidade. Todavia, como reagiríamos se ao invés da escola, a comunidade de seu entorno fosse o agente que impedisse que as crianças da escola tivessem vivências de uso dos espaços públicos,

caracterizando-os como território educativo? Talvez seja este um dos principais desafios vividos pela Escola Municipal Professora Dídia Machado Fortes, localizada dentro de um condomínio de alto luxo na região da Barra da Tijuca, Cidade do Rio de Janeiro. O presente estudo é parte integrante da pesquisa desenvolvida pelo Grupo Ambiente Educação denominada "Mapeamento afetivo dos territórios educativos do Rio de Janeiro: interlocuções e redes alinhadas aos objetivos de desenvolvimento sustentável"[1].. Caracteriza-se como um exercício de devolutiva dos resultados da segunda versão do Mapeamento afetivo realizado em 2022 junto às escolas participantes[2]. O desdobramento desta pesquisa tem resultado em uma série de oficinas realizadas em escolas da 7ª CRE Coordenadoria Regional de Educação, com o objetivo de aprofundar os dados obtidos a partir de um processo participativo com a comunidade escolar. A pesquisa iniciou-se no ano de 2023 e participaram deste estudo de caso, estudantes de arquitetura e alunos de pós-graduação do PROARQ, além das coordenadoras do Grupo Ambiente e Educação (GAE) e do Grupo Sistema de Espaços Livres do Rio de Janeiro (SEL) e PROLUGAR. Tal estudo teve desdobramentos em um projeto de pós-doutoramento no qual buscava investigar metodologias que incentivassem a participação e o protagonismo das crianças na criação de espaços livres voltados para o brincar.

A 7ª CRE[3] havia sido escolhida desde o início do projeto para ser o território desta nova etapa da pesquisa, dada a complexidade, amplitude e diversidade que esta região possui, seja em seus aspectos geográficos, políticos, econômicos e sociais. Avaliando seus aspectos urbanísticos, "além de marcada pela multiplicidade de paisagens e características morfológicas, é também um forte eixo de expansão e renovação urbana que opera no município" (AZEVEDO, 2023). A seleção desta escola se deu a partir da consulta à 7ª CRE para que auxiliasse o grupo de pesquisa na escolha das escolas. Assim sendo, foi-nos apresentada a Escola Municipal Professora Dídia Machado Fortes, situada na Barra da Tijuca, dentro do Condomínio Alfa Barra II.

O condomínio está localizado na Barra da Tijuca, na Av. Lucio Costa, esquina com a av. Ayrton Senna, entre a praia da Barra e a Lagoa de Marapendi. É composto por um conjunto de 11 blocos de apartamentos, coberturas e apart-hoteis e oferece vários serviços de lazer aos seus moradores sendo o clube um de seus principais espaços. Possui uma pequena área comercial com restaurante, padaria, farmácia, sacolão e uma paróquia de Nossa Senhora da Vitória. O condomínio também possui duas praças (Praça Advogado Heleno Claudio Frag e Praça Ministro Victor Nunes Leal) e

1 Pesquisa coordenada pela professora Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

2 Na pesquisa sobre mapeamento afetivo da cidade do Rio de Janeiro as crianças eram solicitadas a responderem a duas questões, fossem na forma de desenho ou escrita. A primeira questão estava relacionada a sua percepção do caminho que fazia da sua casa até a escola. A segunda questão estava relacionada ao que a criança desejava de mudança para o percurso que ela havia descrito anteriormente. Participaram desta pesquisa crianças do 3º e do 5º ano do ensino fundamental de cada escola que se voluntariou participar da pesquisa.

3 "A região que configura a 7ª CRE abrange parte da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, incluindo os bairros de: Anil, Barra da Tijuca, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia, Gardênia Azul, Itanhangá, Jacarepaguá, Praça Seca, Rio das Pedras, Taquara, Pechincha, Tanque, Vila Valqueire, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena"(GAE, SEL, PROLUGAR, 2023).

um parque (Parcão do Alfabarra) para usufruto direto de seus moradores. No espaço próximo ao parque e ao comércio, ficam localizadas as duas escolas municipais do condomínio: a Escola Municipal Professora Dídia Machado Fortes e a Escola Municipal Professora Zuleika Nunes de Alencar. A primeira atende os estudantes da Educação Infantil ao 6º ano do Fundamental e a segunda atende estudantes do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Uma terceira escola havia sido planejada para ser construída no local, mas diante da sua não construção o espaço acabou se transformando na quadra de esportes das escolas, espaço livre também compartilhado com os moradores do condomínio. Pode-se entrar no condomínio utilizando duas portarias, na Av. Lucio Costa ou na av. Ayrton Senna. Existem guaritas em ambas as entradas com vigilância 24 horas, câmeras e cancelas(Figura 1).

Figura 1 Localização das duas escolas municipais e demais espaços livres e estabelecimentos do condomínio Alfabarra II. Fonte: Google earth.

O fato mais emblemático que indicou ser a relação entre escola e moradores do condomínio marcada pela hostilidade foi a notícia que recebemos do cercamento de um parque dentro do condomínio que havia defronte as duas escolas para ser transformado em uma "praça de pets", destinada ao uso exclusivo dos cachorros dos moradores do condomínio. Tal fato aconteceu em 2018. Por que um condomínio cercaria um parque público para transformá-lo em uma praça para cachorros, em detrimento das crianças das duas escolas que dele usufruíam? Por que uma praça exclusiva para pets? A criação da praça de pets seria apenas uma desculpa para impedir a presença e o convívio dos moradores do condomínio com as crianças das duas escolas?

2. METODOLOGIA

Para conhecermos um pouco mais a Escola Professora Dídia Machado Fortes e compreendermos um pouco melhor como se dava esta relação da escola com o condomínio e os desafios na constituição de seu território educativo e de uma proposta de educação integral para seus estudantes realizamos um pequeno estudo de caso. A fim de aprofundar nestas questões realizamos dois pequenos exercícios. Um primeiro exercício foi de observar o entorno da escola, sobretudo no momento de saída da escola. A observação estaria centrada nas relações entre os estudantes da Escola Didia e os habitantes do condomínio. O lócus de observação seria o portão, as ruas e calçadas do entorno da escola. Buscamos em Jane Jacobs (1961, apud Choay, 1979), arquiteta e urbanista norte-americana a justificativa para endossar nosso foco nas ruas e calçadas. A autora busca analisar a relação entre a circulação das pessoas e o sentimento de confiança ou insegurança que isto causa, tendo as ruas e calçadas como lócus da vida na cidade. Assim ela escreve:

> Uma palavra designa este sentimento: a confiança. Em uma rua, a confiança se estabelece através de uma série de numerosos e minúsculos contatos, dos quais a calçada é o cenário (...) a maior parte destes atos e ditos são manifestamente triviais, mas a soma deles não o é. Ao nível do bairro, o conjunto dos contatos fortuitos e públicos, geralmente espontâneos, é que cria nos habitantes o sentimento de personalidade coletiva e acaba por instaurar esse clima de respeito e de confiança cuja ausência é catastrófica para uma rua, mas cuja procura não poderia ser institucionalizada (Jacobs, apud Choay, 1979, p. 295)

Desta forma, estávamos interessados em observar se neste momento quando as crianças saiam da escola como elas ocupavam os espaços públicos localizados no entorno da escola e como se dava a interação com os moradores do condomínio. Um segundo exercício foi a realização de uma entrevista com a diretora da escola. Construímos três questões relativas a relação da escola com os moradores do condomínio e aos desafios da construção de uma proposta de Educação Integral. Dentre elas, solicitamos mais detalhes da história do cercamento do parque. Estes dois pequenos exercícios ocorreram entre novembro e dezembro de 2023, logo após a conclusão das oficinas. Passamos agora a apresentar um resultado deste levantamento.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA E RESULTADOS

Na época de nossa pesquisa a Escola Dídia atendia cerca de 478 estudantes da Educação Infantil ao 6º ano do ensino fundamental e funcionava em turno estendido (7 horas). Era considerada pela secretaria uma escola que ofertava um ensino de excelência, tendo os melhores desempenhos das escolas de anos iniciais do município, segundo a avaliação do MEC (8,2 Ideb de 2019 e 6,8 em 2021). A edificação é composta por um prédio de arquitetura singular assinado pelo arquiteto Luis Paulo Conde,com sua construção finalizada no ano de 1984. Possui uma estrutura de 3

pavimentos em tipologia de pátio central, com 12 salas de aula, uma biblioteca e um auditório. A escola completará neste ano de 2024 40 anos de fundação. O que despertou nossa curiosidade inicial em relação à comunidade escolar da Dídia foi que as crianças que lá estudavam, em sua maioria quase absoluta não moravam no condomínio, nem em suas proximidades.

Em nosso primeiro levantamento das turmas participantes das oficinas e, mais tarde confirmada pela direção da escola, constatamos que os alunos da Dídia eram moradores de bairros vizinhos à Barra da Tijuca, como Cidade de Deus, Jacarepaguá, Gardênia Azul, Freguesia, Taquara. Segundo havia nos informado sua diretora, a escola atendia crianças de classes sociais diversas, mas em sua maioria a classe média baixa e a população de baixa renda. A escola reunia assim, estudantes de bairros que configuram a 7ª CRE[4]. Esses bairros apresentam condições econômicas cuja precária forma de vida contrasta com o alto padrão do condomínio fechado onde a escola está situada. Por não morarem no condomínio ou em suas proximidades, as crianças fazem o trajeto de casa até a escola de carro, transporte escolar ou público, mas raramente a pé. Este dado contrasta com o resultado encontrado na maioria das respostas das crianças no segundo mapeamento em relação às escolas da 7ª CRE, já que uma quantidade expressiva dos estudantes disseram realizar este trajeto a pé (GAE/SEL/PROLUGAR,2023). Com relação ao mapeamento afetivo chamamos atenção para um ponto interessante presente no relatório final de pesquisa; as informações a respeito da percepção das crianças da Escola Didia sobre a cidade, em que enfatizaram problemas como violência urbana, lixo nas ruas, aumento considerável da pobreza etc diziam muito mais a respeito do seu local de moradia ou do percurso que as crianças faziam de suas casas até a escola, mas pouco diziam da relação das crianças com o entorno imediato a escola.. Como afirmam Taiarol e Faria (2023), pelo fato da escola estar situada dentro de um condomínio fechado que contava com um grande aparato pessoal e tecnológico voltado para o monitoramento e vigilância do local, a fim de proteger e desestimular qualquer forma de violência que venha a acontecer contra seus moradores, as crianças da Dídia encontravam-se num ambiente relativamente seguro (e acrescentaríamos limpo, arborizado e bem cuidado). No entanto, a escola vivia as contradições de estar situada num ambiente que também segregava, pois era um território restrito para um público seleto, e assim com pouco diálogo e abertura que pudesse viabilizar uma proposta de educação integral com o direito da criança ocupar os espaços livres e públicos ofertados pela cidade.

A diretora é professora da rede municipal do Rio de Janeiro há 35 anos, quase todos atuando como professora dos anos iniciais e coordenadora pedagógica na escola Professora Dídia Machado Fortes. Por também ser moradora da zona oeste do Rio de Janeiro (bairro Curicica) desde quando começou sua carreira como professora e a sua formação em História lhe proporcionaram um conhecimento e a construção

4 Em nossas turmas da oficina predominavam estudantes moradores dos bairros Gardênia Azul, Cidade de Deus e Rio das Pedras.

de um olhar bastante aguçado e crítico em relação ao seu papel como educadora de crianças pertencentes às camadas populares e aos desafios colocados a ela como gestora de uma instituição escolar dentro de um condomínio de alto luxo. A diretora resumiu a relação entre a escola e os moradores do condomínio como uma relação marcada por momentos bons e ruins, utilizando aqui suas próprias palavras, uma relação marcada por "altos e baixos". Com a diplomacia que o seu cargo lhe exige, mas com bastante ironia, a diretora procurou palavras que melhor definissem esta relação, não optando pela palavra hostilidade como havíamos proposto a ela. Segundo ela, os moradores do condomínio possuem certa "animosidade" em relação a presença das crianças da escola. Animosidade foi uma palavra escolhida e utilizada como recurso eufemístico de substituição de outra palavra para amenizar a sua crítica mais dura sobre como ela definiria esta relação. Animosidade para não falar abertamente de Rejeição. "Assim, eles têm muita... Não vamos falar rejeição que é uma palavra bem forte, eles têm muita animosidade com as crianças, né; vamos ser educados" (entrevista diretora, 2023).

Os fatos que ela utilizou para embasar sua percepção eram as constantes reclamações que recebia, feitas pelos moradores sempre acusando as crianças por algum problema que tenha ocorrido no espaço. "Tudo de errado que acontece no condomínio foram as crianças", desabafa, expressando um sentimento de certa desconfiança dos moradores do condomínio em relação às crianças da escola. De fato, este sentimento e preocupação já havia sido verbalizado também por outros profissionais alguns dias atrás quando iniciavamos as observações pelo entorno da escola. Segundo eles, os moradores "chegam a mudar de calçada quando cruzam com elas (as crianças da escola) no caminho". Neste dia, a informação que trouxemos dizendo que havia crianças na praça do coreto acabou gerando preocupação por parte da diretora. Neste primeiro dia de observação, pudemos obter muitas informações todas relacionadas a relação das crianças da escola com o condomínio. Muitas delas confirmavam a existência de um clima tenso de desconfiança dos moradores em relação aos estudantes e o uso das áreas livres do condomínio. Recuperando o texto de Jacobs era bastante claro o sentimento dos moradores em relação as crianças segundo as professoras. Muito longe de ser um sentimento de confiança, o ato dos moradores mudarem de calçada para evitarem o contato com os estudantes e a troca de olhares com as crianças trazia o sentimento de desconfiança e insegurança. O sentimento de hostilidade estava presente nestes gestos. Este sentimento acaba também gerando uma vigilância por parte da escola. Como a escola acabava respondendo pelas ações das crianças também em seu entorno, mesmo sabendo de que se tratavam das crianças da outra escola, a diretora havia ficado preocupada com o estado de conservação da praça após a passagem dos adolescentes, como se já premeditasse futuras queixas por parte da administração do condomínio. É importante dizer que isto não acontecia apenas com as crianças da Dídia. Também ocorria com os estudantes da Escola Zuleica. De fato, a relação das crianças e professoras das escolas com o condomínio poderia ser definida como bastante tensa, quando as reclamações e queixas se assomavam a constantes exercícios de

vigilância, controle e segregação de espaços públicos do condomínio exercidos por seus moradores sobre as crianças de ambas as escolas.

3.1 "Meus alunos não são cocô!": o cercamento do parque e a criação da praça para pets

O caso escolhido para analisar esta relação de animosidade dos moradores do condomínio em relação às crianças e adolescentes das escolas foi o fechamento do parque. Segundo nos contou a professora, o cercamento do parque ocorreu em 2018, quando ela era ainda coordenadora pedagógica da escola. Embora alguns acontecimentos já anunciassem que algo iria acontecer, a notícia chegou de repente, sem qualquer aviso oficial

> Diretora: Eles estavam colocando a grade, aí era cada vez mais difícil a gente entrar... até que as crianças vieram falar 'tia, a gente não pode entrar mais não, agora lá é pra cachorro'. (...) Então é assim, as áreas aqui foram sendo cercadas, eu falo isso porque eu já falei isso com a Suzy, me doeu muito, cercarem aquela área ali do outro lado... o cachorro...Entendeu? "Ah, mas você pode ficar, seus alunos podem... você pode ir lá com seus alunos" Eu não... falei pra ele: Eu não vou para um lugar que tem cocô. Meus alunos não são cocô.

Foi assim que a professora descreveu como recebeu pelas próprias crianças, bastante pesarosa e inconformada, a notícia do cercamento do parque. A expressão de desabafo e inconformidade da professora quando se recusou utilizar o novo espaço diz muito do uso dos espaços livres dentro do condomínio. "Meus alunos não são cocô!" revela a tensão e o posicionamento da escola diante da decisão do condomínio quando as crianças perderam a prioridade em relação ao uso da praça em detrimento dos cachorros. A diretora poderia ter dito que as crianças não são cachorros para utilizarem a praça, mas ela foi mais critica ao comparar as crianças não aos animais que lá circulavam, mas aos excrementos que eles deixavam quando utilizam a praça. Pensamos nas práticas bastante disseminadas nos dias de hoje dos animais de estimação serem tratados como filhos. Se pensarmos nos cachorros como filhos, enaltecendo ou incentivando sua humanidade (Kulik, 2009), esta espécie animal, aos olhos de seus donos não seria muito diferente das crianças humanas, contrariando a visão da diretora. Neste sentido, numa sociedade em que estimula-se a humanidade dos animais de estimação, a "nova praça para pets" que impede as crianças de a freqüentarem reduziriam-nas a uma categoria abaixo dos próprios animais, abaixo dos humanos? A decisão do fechamento da praça nos revelou um segundo componente desta relação que era a dificuldade da comunicação entre a escola e a administração do condomínio marcada pela ausência de um espaço de diálogo. A administração do condomínio não havia informado a escola o motivo do cercamento do parque até as crianças descobrirem seu novo destino. Segundo a professora a relação com a administração do condomínio era sempre unilateral. Para qualquer movimento de saída das crianças da escola para qualquer espaço do condomínio ela avisava a administração o fato com antecedência. Todavia, ela não

era comunicada dos eventos promovidos no condomínio que afetavam diretamente a escola como missas realizadas na igreja vizinha. Esta ação de controle e vigilância da circulação dentro do condomínio não atingia apenas as crianças. As professoras da escola assim como qualquer um que vá visita-la eram obrigados a se identificarem na portaria de entrada do condomínio. Esta ação de intimidação, controle e vigilância era para todos que não sejam moradores do condomínio. Voltando ao tema do nosso estudo, pudemos concluir que a decisão do condomínio de fechar o parque para as crianças e transformá-lo em uma praça para cachorros buscava solução para um problema que se arrastava fazia alguns anos. Segundo nos informou a diretora, o parque era freqüentado por estudantes das duas escolas. Elas frequentavam o parque principalmente nos horários que antecediam a entrada e a saída das duas escolas.

Identificamos dois motivos principais que levaram o condomínio a fechar o parque. O primeiro são as freqüentes reclamações feitas pelos moradores de depredação do espaço pelos estudantes das duas escolas que gerava custos ao condomínio, uma vez que era ele o responsável financeiro e executor das manutenções periódicas do parque. O segundo (e mais difícil de identificar) foi a necessidade por parte dos moradores de evitar o convívio com os estudantes das duas escolas. Importante considerar que as escolas, por suas simples presenças no condomínio, constituíam um território educativo no seu entorno, sendo o parque um importante espaço livre e local de circulação, convivência e de socialização das crianças e adolescentes das duas escolas. Talvez seja necessário neste momento, apresentar os conceitos que adotamos para território e território educativo para que possamos melhor esclarecer os desafios colocados para esta escola. Por educação integral compreendemos a pratica educativa comprometida com o desenvolvimento pleno das crianças em todas as suas dimensões (física, afetiva, cognitiva, ética, estética e política). Ela ocorre a partir da articulação entre os diversos saberes (da família, da escola, da comunidade e da região em que a criança se insere) tendo a escola não só como um dos saberes, mas como principal articuladora desses processos de aprendizagem. Chamamos de território a construção social de um espaço físico, constituído através e múltiplas apropriações, individuais e coletivas, delimitando assim os marcos de sua identidade cultural. Por território educativo as zonas subjetivas deste território construídas e delimitadas pela qualidade das relações nele existentes e pelas ações individuais e coletivas que definem o grau de apropriação e pertencimento dos sujeitos àquele lugar (Azevedo, et al, 2020). Neste sentido, a educação integral ocorreria a partir da articulação promovida pela escola dos diversos atores e saberes presentes neste território e comprometidos com a formação integral da criança, constituindo assim um território educativo. Uma definição mais clara do como se constitui este território educativo e nas possibilidades de articulação dos diversos saberes e atores nos foi dada por Azevedo et al (2020)

> Pensamos então o território educativo como um conjunto de relações, interações e contradições que envolvem uma diversidade de atores em um contínuo movimento e interlocução. Esse coletivo constitui uma rede social composta pela escola como um centro irradiador, pelos percursos, pelos espaços livres e também pelas instituições parceiras, que constituirão lugares pedagógicos construídos pelo cotidiano da escola e do bairro onde se localiza, qualificado por valores colaborativos e relações de convivialidade entre vizinhos (Vidal, 1997). Reconhecer o território como uma rede é compreender quais são os atores que a constituem e como se dão as associações entre eles (Azevedo et al, 2020)

Interessante recuperar a fala da professoraao se referir a circulação das crianças pelo condomínio antes do fechamento do parque. Ela avaliava como positivo para as crianças a presença do parque, mas que trazia aos moradores do condomínio um incoveniente: "só que ficava muita criança por aqui andando". Isto queria dizer que as crianças circulavam pelo condomínio e o parque foi escolhido não apenas como local de espera, mas como local de encontro, lazer e convivência. Cabe a nós questionarmos sobre as perdas significativas deste parque para o brincar e a socialização das crianças. Não tínhamos mais o espaço aberto às crianças para observar o uso e apropriação por elas daquele ambiente. Todavia, podemos imaginar que qualidades o parque teria e que situações poderia oferecer as experiências das crianças. Considerando a ideia de que a ambiência tem conseqüências sobre nossa conduta e nosso estado corporal, atuando em nossa sensibilidade e motricidade (Thibaud, 2018), podemos afirmar que, diferente da proposta dos seus cuidadores que viam no parque um espaço de encontro e contemplação de uma natureza bela e intocável, as crianças da Didia tinham um ponto de vista diferente dos adultos sobre aquele espaço e como ocupá-lo. O ambiente ao ar livre, com a presença de plantas ornamentais e árvores, áreas sombreadas, piso gramado e bancos era um convite aberto a curiosidade, a exploração e brincadeiras das crianças. Longe da vigilância dos adultos e na presença de seus coetâneos, aquele espaço se tornava o ambiente propício para as brincadeiras livres e explorações corporais do grupo. As árvores, os bancos de cimento e os demais elementos da praça ofereciam assim para as crianças vários *affordances,* ou seja, vários recursos para suas brincadeiras[5]. O parque poderia assim ser qualificado como um ambiente belo, alegre e de grande movimentação; um ambiente rico em cheiros, cores e texturas. As explorações das crianças deixavam muitas marcas, sinais da intensa movimentação delas e de uma apropriação ativa daquele espaço. Pelas queixas dos administradores do condomínio do desgaste da grama e das plantas não deixavam dúvidas de que aquela praça tinha um lugar especial na vida das crianças da escola. A permanência das crianças e adolescentes no parque do condomínio acabou gerando um problema. Seus moradores não tolerariam a presença e circulação das crianças e adolescentes por outros espaços que não fossem o próprio prédio e quadra das escolas. As escolas ainda eram toleradas por confinarem crianças e adolescentes em espaços isolados

5 Conceito cunhado por Gibson, trata da relação organismo e percepção do ambiente fazendo referência específica ao agente, expressando possibilidades de ação oferecidas pelo ambiente (Oliveira e Rodrigues, 2006)

dos moradores. Todavia, o parque proporcionava o risco (indesejado) do encontro e do convívio entre os dois grupos e era sem dúvida o espaço livre dentro do condomínio que possibilitava o encontro entre os estudantes das escolas e os moradores do condomínio. Os conflitos e reclamações eram frutos deste encontro. A presença e a convivência diária dos moradores com crianças e adolescentes negros e pobres da cidade ia contra a própria concepção do condomínio fechado que seus habitantes idealizaram.

Para Teresa Caldeira (2011), autora do livro "Cidade de muros, crime, segregação e cidadania em São Paulo", os condomínios fechados são uma versão residencial de uma nova forma de segregação nas cidades contemporâneas. Constituem uma residência de prestígio para as camadas sociais mais abastadas da cidade, oferecendo segurança, isolamento, homogeneidade social, conforto e serviços exclusivos. Para a autora os condomínios chamados por ela de "enclaves fortificados"

> ... são propriedades privadas para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito, ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade" (...) São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção a rua, cuja vida pública rejeitam explictamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem regras de inclusão e exclusão (Caldeira, 2011, pp. 258-259).

Os moradores do condomínio buscavam a segurança dos muros altos e da vigilância como medida contra o crime e a cidade violenta. Os condomínios conferem também status social a seus moradores (enclausuramento, isolamento, restrição e vigilância), símbolo de diferenciação social e meio para afirmação da distancia e desigualdades social. Esta concepção se estrutura a partir dos valores de distinção e discriminação social (a busca pelo distanciamento dos outros extratos sociais mais pobres, fortalecendo a idéia de uma clara divisão social), segregação territorial (estabelecendo uma barreira física entre os moradores do condomínio e os moradores pobres da cidade, aliado a um forte e ostensivo sistema de vigilância) e discriminação social (retirando do seu convívio diário a presença de pessoas provenientes de outros extratos sociais). Pensando nesta definição do que chamamos do território do condomínio talvez necessitemos mudar nossa definição de espaço livre ou espaço público nestes locais. Segundo Caldeira os condomínios fechados geraram uma mudança na qualidade dos espaços públicos da cidade, constituindo tais espaços como o oposto daquele que se espera de uma sociedade democrática. Desta forma, seriam eles definidos como espaços semi-publicos (propriedades privadas com uso público), constituindo ambientes socialmente homogêneos, pois proporcionam a vivência entre pessoas seletas, ao mesmo tempo que retiram da convivência diária as interações indesejadas, o movimento e a heteregeneidade social, características presentes na vida da cidade. Talvez por esta definição possamos melhor compreender a necessidade não revelada dos moradores do condomínio. O espaço do parque considerado pelos moradores um espaço semi-público não

estaria mais sujeito às regras de convivência dos espaços públicos da cidade, aberto a todos, mas sim, para uso exclusivo dos moradores do condomínio, principalmente aqueles que criam cachorros. Se os condomínios são uma negação e uma ruptura com o resto da cidade e com o estilo moderno de vida que tem como pressuposto o espaço público aberto à livre circulação, podemos perceber o quanto é difícil e problemático a circulação das crianças da escola neste espaço. A convivência dos habitantes do condomínio com as crianças e adolescentes da escola seria marcada por interações em que predominam a suspeita e a restrição; hoje sem o espaço do parque, os raros momentos de encontro entre os estudantes e os moradores aconteceriam no momento de chegada e saída nos passeios próximos as escolas onde ficam estacionados os escolares.

Relataremos aqui um pouco da observação da saída dos estudantes de ambas escolas. Observando a saída da escola o que mais nos chamou a atenção foi a intensa movimentação de crianças, carros e adultos na avenida defronte as duas escolas. A saída das duas escolas acontecia simultaneamente, todavia os estudantes da Escola Zuleica começaram a sair primeiro. A rua se tornou um mar de crianças e seus uniformes. Havia uma grande concentração de pessoas próximos aos portões da Dídia, adultos e crianças e uma movimentação constante na rua defronte a escola e nas calçadas e ruas que levavam para a portaria da av. Ayrton Senna. Ouvia-se ao longe o som do burburinho das conversas e risadas das crianças e jovens. Da abertura dos portões até a saída do último ônibus ou carro, tudo aconteceu em pouco menos de 30 minutos. As crianças pouco tempo permaneciam em frente a escola durante o horário de saída da escola. Com poucas exceções, percebemos que as crianças pouco exploravam, circulavam e se apropriavam dos espaços livres no entorno da escola. Se pudéssemos analisar os fluxos de circulação das crianças no momento da saída, ou elas saíam imediatamente em direção a portaria do condomínio (fluxo em flecha) ou em direção aos ônibus escolares (filas, pequenos aglomerados de crianças encostadas nas grades e calçadas). Somente alguns poucos adolescentes da Zuleica circulavam pelos espaços livres do condomínio ou permaneciam na quadra enquanto aguardavam a chegada dos adultos. As crianças da Escola Didia permaneciam confinadas no pátio interno da escola até a chegada dos responsáveis. Observou-se a pouca presença dos moradores do condomínio neste momento da saída das escolas. Como pudemos mais tarde perceber, as queixas, reclamações e ações de segregação de espaços públicos do condomínio para impedir a presença e seu uso pelas crianças das escolas municipais iam para além do cercamento do parque. Elas ocorriam em relação a todos os espaços públicos do local. Na entrevista descobrimos que a quadra de futebol era objeto de disputa entre a comunidade do condominio e a escola, gerando um novo tensionamento. O que gerava o tensionamento era que segundo a diretora, as direções das escolas já haviam solicitado reformas no espaço para melhor atender seus estudantes durante as aulas de Educação Física como cobertura, banheiros, bebedouros, segmentação do espaço em quadras menores. Todavia as reformas não foram atendidas e a comunidade do condomínio que também utilizava o espaço era a principal opositora, chegando a realizar um movimento para impedir as reformas solicitadas pelas escolas, com a conivência dos órgãos públicos.

3.2. Desafios de uma educação de tempo integral

A Escola Didia é signatária e defensora da proposta de uma educação integral para suas crianças. Neste sentido, uma peça importante para a defesa de uma educação integral seja a constituição de um território educativo tendo a escola como sua principal articuladora. A experiência da Escola municipal Didia Machado Fortes nos desafia a repensar o conceito de território educativo e o direito da criança a viver a cidade. Se a definição de um território educativo pressupõe que as crianças e adultos construam relações de pertencimento, apropriação e identidade com o lugar em que vivem, o que observamos na experiência das crianças da Didia é o sentimento de "estranhos no ninho", a experiência similar as pessoas que foram desterradas, levadas a um lugar em que não sentem pertencentes a ele. Não descartamos a forte relação de identidade e pertencimento que as crianças possuem com a escola, mas talvez uma das experiências mais fortes que elas vivenciem ao frequentarem uma escola dentro de um condomínio fechado seja a experiência da segregação do espaço e do preconceito e a discriminação. Neste sentido, realizar o exercício da escola transpor os seus muros para constituir este território educativo teria seus riscos. Não um risco à segurança das crianças, mas ao confronto com forças contrárias que dizem a todo momento que elas não pertencem àquele lugar. Neste sentido, a imagem que mais se assemelha ao papel da escola professora Didia Machado Fortes para as crianças que atendem seja a de um quilombo ou ilha. Se o condomínio cria estratégias para se protegerem das crianças e as terem sob controle, a escola as protegem até onde pode do risco à estigmatização.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso realizado na Escola Municipal Professora Dídia Machado Fortes trouxe muitas informações relevantes que nos ajudam a pensar na discussão sobre a Educação Integral e a formação das crianças e o direito a cidade. Eles nos permitiu dimensionar melhor a situação vivida pela escola em um condomínio fechado, no que diz respeito especificamente a segregação dos espaços públicos e as dificuldades de reconhecer e implementar ações que reconheçam a escola como uma importante instituição e articuladora de um território educativo. Pelas evidências apresentadas dentre elas o fechamento de um parque publico para transformá-lo em uma praça para pets e as disputas em relação ao uso da quadra de esportes revelam uma tensão nesta relação marcada por um clima de "animosidade" e "rejeição". Em relação aos desafios para construção de uma Educação Integral na escola nos preocuparam especificamente as mudanças recentes da política educacional do município que reforçam ainda mais o confinamento (que já acontece) das crianças da escola, onde lhe são retiradas o direito ou a possibilidade de diálogo maior com a cidade.

5-BIBLIOGRAFIA

Azevedo, G.; Tangari, V. R. Flandes, A.(2020). O habitar das infâncias na cidade: territórios educativos como uma forma de resistência. Desidades, no.28, set./dez. https://doi.org/10.54948/desidades.v0i28.40425

Azevedo, G. A(2019).Sobre o habitar da criança no espaço público: desenclausurando a infância. In Azevedo, G. A. (org). Dialogos entre arquitetura, cidade e infância. Territorios Educativos em ação (pp. 22-35). UFRJ/FAU/PROARQ.

Caldeira, T. P. R. (2011). Cidade de Muros: crime segregação e cidadania em São Paulo. Editora 34; Edusp.

Choay, Francoise(1979). O urbanismo, utopias e realidades uma antologia. Perspectiva.

Feliz, R. C. R. P., & Bernardo, E. S. (2023). O Tempo Integral na Educação Carioca: Das "Escolas do Amanhã" ao Turno Único. Educação, 48(1), e63/1–26. https://doi.org/10.5902/1984644467188

GAE; SEL;PROLUGAR.(2023). Relatório parcial do 2º Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro. UFRJ.

Kulick, D. (2009). Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. Mana, (15), 12, 481-508. Doi: • https://doi.org/10.1590/S0104-93132009000200006

Oliveira, F. I. da S.; Rodrigues, S. T. (2006). Affordances: a relação entre agente e ambiente. Ciência & Cognição. V. 9, 120-130, Nov. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000300013 .

Rheingantz, P.; Azevedo, G. A.; Brasileiro, A.; Alcantara, D. de; Queiroz, M.(2009). Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. v.1. FAU-UFRJ.

Silva, M. C. G. (2018). A educação integral: a escola como direito na perspectiva da humanização e da cidadania. Filosofia e Educação., v.10, n.1, 136-153. DOI: 10.20396/rfe.v10i1.8652002

Taiarol, Sofia V.; Faria, Viviane C. (2023). Educação Integral e territórios educativos. Vivencias infantis e entendimento da paisagem. Trabalho de conclusão da disciplina Avaliação de desempenho do ambiente construído e da paisagem. PROARQ, UFRJ.

Thibaud, Jean-Paul.(2018). Ambiência. In: Cavalcante, S.& Elali, G. A. Psicologia Ambiental. Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente (pp.13-25). Vozes.

R33

SOCIAL SUSTAINABILITY, THROUGH UNIVERSAL DESIGN IN THE URBANIZATION OF SLUMS

SUSTENTABILIDADE SOCIAL, POR MEIO DO DESENHO UNIVERSAL NA URBANIZAÇÃO DAS FAVELAS

Dênis Albert Oliveira
Mestrando em Arquitetura e Urbanismo
PPGAU-UFF Universidade Federal Fluminense - Niterói
albertarquiteto@gmail.com

ABSTRACT

The article investigates the application of Universal Design principles in the urbanization of slums and its impact on social inclusion and sustainability. Based on a literature review and case study analysis, it examines inclusive architectural and urban interventions and how their effects can significantly improve residents' quality of life, foster community cohesion, and promote social peace. The creation of accessible public spaces, active community participation, the reduction of social barriers, and the promotion of health, education, and sustainable income generation are fundamental to the success of these interventions. However, implementation faces challenges such as a lack of financial resources, cultural resistance, and the need for technical training. It concludes that, although there are obstacles, the application of Universal Design is an effective strategy for transforming slums into more just and equitable AMBIENareas, and it suggests recommendations to strengthen community participation, seek partnerships and project funding, train professionals, and raise community awareness.

KEYWORDS: universal design. urbanization of slum. social inclusion. Sustainability. ambiances.

RESUMO

O artigo investiga a aplicação dos princípios do Desenho Universal na urbanização que envolve as ambiências das favelas e seu impacto na inclusão e sustentabilidade social. Com base em uma revisão bibliográfica e análise de casos de estudo, nas intervenções arquitetónicas e urbanísticas inclusivas, e como seus efeitos podem melhorar significativamente a qualidade de vida dos moradores, fomentar a coesão comunitária e promover a paz social. A criação de espaços públicos acessíveis, a participação comunitária ativa, a redução de barreiras sociais e a promoção da saúde, educação e geração de renda sustentável são fundamentais para o sucesso dessas intervenções. No entanto, a implementação enfrenta desafios como a falta de recursos financeiros, resistência cultural e necessidade de capacitação técnica. Conclui que, embora haja obstáculos, a aplicação do Desenho Universal é uma estratégia eficaz para transformar favelas em áreas mais justas e equitativas, e sugere recomendações para fortalecer a participação comunitária, buscar parcerias e financiar projetos, capacitar profissionais e sensibilizar a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: desenho universal. urbanização de favelas. inclusão social. Sustentabilidade. ambiências.

1. INTRODUÇÃO

A formação das favelas resulta de processos históricos de urbanização e exclusão social (Leeds, A. & Leeds, E. 2015). A aplicação do Desenho Universal na urbanização dessas áreas apresenta um desafio global significativo. A aplicação dessa metodologia apresenta-se como uma estratégia promissora para promover ambientes de inclusão e a sustentabilidade social, nestes ambientes dinâmicos e humanos no contexto urbano (Rego 2009). Este artigo investiga o impacto das intervenções arquitetônicas e urbanísticas inclusivas nas favelas e como essas melhorias podem influenciar as ambiências dos indivíduos da comunidade e da qualidade de vida, possibilitar a geração de renda sustentável e promover a paz social.

A urbanização dos ambientes de favelas é uma questão complexa que envolve aspectos sociais, econômicos e da natureza. As favelas, ou assentamentos informais, são caracterizadas por alta densidade populacional, infraestrutura inadequada, falta de serviços públicos essenciais e condições de moradia precárias. A humanização desses ambientes visa melhorar as ambiências dos moradores, conectando-as ao tecido urbano formal e garantindo o acesso a direitos básicos e espaços seguros.
O Desenho Universal, um conceito que se originou na década de 1980, visa criar ambientes construídos que sejam acessíveis e utilizáveis por todas as pessoas, independentemente de suas capacidades físicas, sensoriais ou cognitivas. A aplicação do Desenho Universal em contextos das ambiências em favelas é especialmente relevante, pois essas áreas frequentemente abrigam uma diversidade de moradores, incluindo idosos, crianças e pessoas com deficiência, que enfrentam desafios adicionais devido à falta de acessibilidade.

A inclusão social e a sustentabilidade são pilares fundamentais do Desenho Universal. A inclusão social busca garantir que todos os indivíduos, independentemente de suas características ou condições, possam participar plenamente do ambiente comunitário. A sustentabilidade, por sua vez, envolve a criação de ambientes não apenas acessíveis, mas também ambientalmente responsáveis e economicamente viáveis a longo prazo (Afonso 2006). Este artigo explora como o Desenho Universal pode ser uma ferramenta poderosa para alcançar esses objetivos na humanização das ambiências dos moradores nas favelas.

A aplicação dos princípios do Desenho Universal nas favelas, além de melhorar a qualidade de vida dos moradores, também pode contribuir para a redução da pobreza e de ambientes socialmente desiguais, mas com potencial a ser ampliado. Estudos como os de Perlman (2010) e Valladares (2005) destacam as características das favelas, entre elas a resiliência destas comunidades, assim a criação de espaços inclusivos e acessíveis pode promover a integração social, fortalecer a coesão comunitária e fomentar o desenvolvimento econômico local. A humanização das ambiências nas favelas, quando realizada de maneira inclusiva e sustentável, pode transformar áreas marginalizadas em áreas mais vibrantes e resilientes.

Este estudo é relevante não apenas para profissionais de arquitetura e urbanismo, mas também para formuladores de políticas públicas, organizações não-governamentais e a sociedade em geral. Ao destacar a importância da construção de ambientes de inclusão e da sustentabilidade na urbanização de favelas, espera com este artigo possa contribuir para a construção de cidades mais justas e equitativas.

2. OBJETIVOS

Este estudo visa investigar a aplicação dos princípios do Desenho Universal na urbanização de favelas, focando em como essas práticas podem melhorar a acessibilidade, promover a inclusão social, oportunizar a geração de renda sustentável e contribuir para, fomentar a sustentabilidade social, possibilitar a geração de renda e a paz social, visto que a violência é reflexo das desigualdades, a medida que a diferença de qualidade entre as ambiências diminuem, a segurança pública tende a melhorar (Sinhoretto 2015).

Fornecendo uma compreensão inicial das práticas e impactos do Desenho Universal na urbanização das ambiências nas favelas na busca de uma integração com a sustentabilidade, ajudando a oferecer informações complementares para futuros projetos e políticas públicas. A compreensão desses objetivos permitirá desenvolver estratégias mais eficazes para enfrentar os desafios da urbanização das ambiências das favelas. Além disso, contribuirá para a promoção de uma cultura de inclusão e sustentabilidade na arquitetura e no planejamento urbano. Esperamos que este estudo inspire novas abordagens e inovações no campo da urbanização de assentamentos informais, promovendo a justiça social e a equidade.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica, focada exclusivamente em fontes escritas. A pesquisa foi conduzida utilizando bases de dados relevantes para o campo da arquitetura e urbanismo, incluindo artigos acadêmicos e relatórios de instituições.

3.1 Revisão Bibliográfica

A revisão bibliográfica abrangeu uma ampla gama de fontes, incluindo livros, artigos de periódicos, teses e dissertações, e relatórios de organizações não-governamentais e governamentais.

3.2 Análise Documental

A análise documental focou em identificar práticas de Desenho Universal implementadas na urbanização de favelas e os impactos dessas práticas na qualidade de vida dos moradores. Foram consideradas variáveis como acessibilidade, participação comunitária, integração social, saúde, segurança e educação.

3.3 Casos de Estudo

Foram analisados vários casos de intervenções em ambientes urbanos em favelas, buscando práticas que exemplificam a aplicação acessibilidade na urbanização destas áreas, mas a questão do Desenho Universal não é abordado como temática das intervenções. Esses casos foram analisados para tentar identificar os fatores de sucesso na implementação de melhorias nas ambiências nestes recortes do espaço geográfico e os desafios enfrentados. Entre os casos analisados estão intervenções em favelas no Brasil, África do Sul, Índia, Medellín e outras regiões que enfrentam desafios semelhantes. Podemos constatar melhorias significativas nos tratamentos dos espaços, mesmo sem estas intervenções estarem voltadas para o Desenho Universal, e os benefícios que ele pode trazer para a sustentabilidade destes espaços e para além.

4. RESULTADOS

Segundo a Organização da Nações Unidas - ONU (2013) teremos 3 bilhões de pessoas vivendo em favelas até o ano de 2050. Isso mostra a importância das pesquisas voltadas para o estudo das ambiências em favelas, e que a implementações do Desenho Universal na urbanização destas áreas conduz a melhorias sustentáveis significativas, bem como na qualidade de vida dos moradores, e que estes benefícios se irradiam para além das comunidades envolvendo seu entorno. A seguir, são apresentados os principais benefícios observados:

4.1 Acessibilidade

A criação de espaços públicos acessíveis e a melhoria nos acessos às habitações emergiram como elementos-chave para o sucesso das intervenções nestas ambiências.

A acessibilidade é um dos princípios fundamentais do Desenho Universal. Em muitos assentamentos informais, as condições físicas dos espaços dificultam a mobilidade, não apenas para pessoas com deficiência, mas também para idosos, crianças e mulheres grávidas. A implementação de soluções acessíveis, como rampas, calçadas niveladas e adequadamente dimensionadas, pontos de ônibus acessíveis e sinalização clara e intuitiva, são essenciais para garantir que todos os moradores possam se deslocar com segurança e autonomia.

A criação de ambientes públicos acessíveis não apenas melhora a mobilidade, mas também promove a inclusão social. Parques, praças e áreas de lazer acessíveis incentivam a interação social e a participação na ambiência comunitária, fortalecendo os laços sociais e a coesão comunitária.

4.2 Participação Comunitária

A participação ativa da comunidade nos processos decisórios é essencial para o sucesso das intervenções. A inclusão dos moradores em todas as etapas do projeto, desde o planejamento até a execução, garante que as soluções propostas sejam adequadas às suas necessidades e expectativas. Isso promove um maior senso de pertencimento e responsabilidade comunitária.

A participação comunitária é crucial para a sustentabilidade das intervenções na ambiência de cada um. Envolver os moradores no processo de tomada de decisão não apenas assegura que as soluções sejam apropriadas às suas necessidades, mas também promove um senso de propriedade e responsabilidade. Em muitos projetos de urbanização de favelas, a falta de envolvimento comunitário resulta em soluções que não são mantidas ou utilizadas de maneira eficaz. Exemplos de práticas bem-sucedidas de participação comunitária incluem workshops, assembleias comunitárias e comitês de moradores que colaboram diretamente com os planejadores urbanos, arquitetos entre muitos outros profissionais que podem ajudar criando um ambiente multidisciplinar e diverso.

A participação comunitária também facilita a identificação de soluções inovadoras e adaptadas ao contexto local. Os moradores, por sua experiência cotidiana, possuem um conhecimento valioso sobre as necessidades e desafios da comunidade. Integrar esse conhecimento ao processo de planejamento pode resultar em ambiências mais eficazes e sustentáveis.

4.3 Redução de Barreiras Sociais

As intervenções devem contribuir para a redução das barreiras sociais nos ambientes, promovendo a inclusão e a integração social. A criação de espaços públicos inclusivos, como praças, parques e centros comunitários, promovem a convivência e a interação entre diferentes grupos da comunidade.

Em muitos ambientes de favelas, a segregação espacial e social resulta em barreiras que dificultam a integração de diferentes grupos sociais. O Desenho Universal busca eliminar essas barreiras, criando ambientes que são acessíveis e utilizáveis por todas as pessoas, independentemente de suas características ou condições.

A transformação das ambiências eliminando todos os tipos de barreiras é um aspecto fundamental para a promoção da inclusão e ajudar a fortalecer a sustentabilidade.

4.4 Saúde e Bem-estar

As condições das ambiências dentro da habitabilidade, juntamente com saneamento básico e acesso a serviços de saúde, entre outros, contribui para o aumento da qualidade de vida e do bem-estar dos moradores. As intervenções também devem incluir a promoção de atividades físicas e a criação de espaços de lazer e convivência, esses espaços não apenas incentivam a prática de atividades saudáveis, mas também promovem a socialização e a integração comunitária.

A saúde e o bem-estar dos moradores são diretamente impactados pelas suas ambiências, pelos lugares onde passam boa parte do tempo, e onde se busca o acolhimento individual ou familiar, que é geralmente na sua habitação. Em muitos assentamentos informais, a falta de infraestrutura adequada resulta em condições insalubres que afetam negativamente a saúde dos moradores. A implementação do Desenho Universal na urbanização de favelas pode contribuir para a melhoria das condições de toda a cidade, devido a redução da alta procura dos serviços públicos, como o de saúde, por exemplo.

4.5 Educação e Capacitação

A educação e a capacitação são elementos essenciais para a geração de renda sustentável e a promoção da paz social. As ambiências podem ir de encontro a promoção da educação e cultura acessíveis, gerando possibilidades que todas as crianças, jovens, e até mesmo adultos, tenham entrosamento com a educação e cultura de qualidade, independentemente de suas condições. Além disso, a oferta de programas de capacitação profissional e de desenvolvimento pessoal contribui para o empoderamento dos moradores, aumentando suas oportunidades de emprego e melhorias de renda de forma sustentável.

Essas iniciativas também têm um impacto positivo na redução da violência. A cultura, educação e a capacitação promovem o desenvolvimento de habilidades e competências que são essenciais para a inclusão social e econômica. Moradores capacitados e empregados estão menos propensos a se envolver em atividades antissociais e ou criminosas, contribuindo para a promoção da paz social.

4.6 Geração de Renda Sustentável

A geração de renda sustentável é um aspecto crucial para a viabilidade a longo prazo das intervenções nas ambiências urbanísticas das favelas. A criação de polos de atendimento ao microempreendedor, oferta de capacitação profissional e a ambiências correlacionadas aos espaços comerciais acessíveis, são estratégias eficazes para promover o desenvolvimento econômico local. Essas iniciativas permitem que os moradores desenvolvam atividades econômicas locais, fortalecendo a economia comunitária e aumentando sua autonomia financeira, estas atividades podem não só atenderem as próprias comunidades, como podem ser potencializadas a extrapolar o espaço da comunitário e se irradiar provocando os interesses para além da ambiência comunitária.

Além disso, a geração de renda sustentável contribui para a melhoria das condições de vida dos moradores. A capacidade de gerar renda de maneira sustentável permite que os moradores invistam em melhorias em suas habitações, educação e saúde, promovendo o desenvolvimento das ambiências sociais e econômicas da comunidade como um todo.

4.7 Paz Social

A participação coletiva e a melhoria do bem-estar social dos moradores contribuí para a redução dos conflitos e a promoção da paz social. O engajamento comunitário e a criação de espaços públicos inclusivos fortaleceram as tranças sociais e a coesão comunitária.

A paz social é um objetivo importante das intervenções urbanísticas inclusivas. A participação social e a melhoria das condições de vida dos moradores contribuem para a redução dos conflitos (Freire 2001). Em muitos assentamentos informais, a falta de oportunidades e as condições precárias de vida resultam em altos níveis de violência e criminalidade. A implementação do Desenho Universal na urbanização, que envolve as ambiências das favelas e ajuda promover a coesão das comunidades e a sua integração, assim ficam menos propensas a conflitos e mais capazes de resolver problemas de maneira pacífica e colaborativa, contribuindo para a criação de ambientes mais seguros e inclusivos, promovendo a paz social.

5. DISCUSSÃO

5.1 Desafios

5.1.1 Recursos Financeiros

A implementação de soluções baseadas no Desenho Universal pode demandar investimentos significativos de capital técnico/intelectual. A falta de recursos financeiros e de gerir um corpo técnico multidisciplinar para intervenções a nível de microacessibilidade dentro de um contexto amplo e diverso, é um dos principais obstáculos para a realização dessas intervenções em larga escala. A busca por fontes de financiamento e a implementação de parcerias público-privadas são estratégias que podem ajudar a superar tantos desafios.

5.1.2 Resistência Cultural

Em algumas comunidades, pode haver resistência às mudanças propostas pelas intervenções e suas relações com a ambiências urbanísticas inclusivas. A sensibilização e a educação da comunidade são essenciais para superar essa resistência e garantir a aceitação das soluções propostas, sendo importante ter no corpo técnico profissionais que possam ajudar a evitar a solastalgia dos afetos das mudanças.

5.1.3 Capacitação Técnica

A aplicação do Desenho Universal numa conjuntura sustentável na intervenção das ambiências nas favelas, requer conhecimentos técnicos especializados. A capacitação de profissionais de arquitetura, urbanismo entre outros profissionais, formando um grupo multidisciplinar, para um acompanhamento contínuo das execuções, são ações fundamentais para a implementação eficaz das intervenções.

5.2 Recomendações

5.2.1 Fortalecimento da Participação Comunitária

Incentivar a participação ativa dos moradores em todas as etapas dos projetos, pode ser afetiva a ambiências, garantindo que as necessidades da comunidade e expectativas sejam consideradas. A criação de comitês comunitários e a realização de workshops e assembleias para promover a participação comunitária são de suma importância.

5.2.2 Parcerias e Financiamento

Buscar parcerias com organizações não-governamentais, instituições de pesquisa, e o setor privado para viabilizar o financiamento e a implementação das intervenções focando afetar ambiências, e gerar propostas em conjunto com a comunidade. As parcerias público-privadas podem ser uma estratégia eficaz para mobilizar recursos e expertise.

5.2.3 Capacitação de Profissionais

Investir na capacitação de profissionais de arquitetura, urbanismo, construção civil e outros profissionais para garantir a aplicação efetiva dos princípios do Desenho Universal em cada ambiente da comunidade. A oferta de cursos de formação e programas de treinamento pode contribuir para o desenvolvimento das competências necessárias dentro das próprias comunidades gerando afetos as ambiências.

5.2.4 Sensibilização e Educação

Promover campanhas de sensibilização e educação da comunidade e seu entorno, para garantir a aceitação e o engajamento dos moradores nas intervenções de urbanísticas inclusivas. A comunicação clara e a transparência no processo de tomada de decisão são essenciais para construir a confiança da comunidade.

6. CONCLUSÃO

Este estudo reafirma a importância da aplicação dos princípios do Desenho Universal na humanização a fim de afetar ambiências em favelas, promover inclusão e sustentabilidade social. Recomenda-se fortalecer a participação comunitária, buscar parcerias estratégicas e investir na capacitação de profissionais. Áreas para futuras pesquisas incluem a avaliação longitudinal dos impactos dessas intervenções e a exploração de novos modelos de financiamento. As intervenções urbanísticas inclusivas podem melhorar significativamente a qualidade de vida dos moradores, promover a geração de renda sustentável e contribuir para a paz social. No entanto, a implementação dessas práticas enfrenta barreiras significativas, que podem ser superadas por meio do fortalecimento da participação comunitária, parcerias e financiamento, capacitação de profissionais e sensibilização da comunidade. Este estudo contribui para a construção de cidades mais justas e equitativas, oferecendo perspectivas de pensar para futuros projetos e políticas públicas.

A falta de diretrizes de intervenções técnicas especificas de urbanismo para atuação em áreas de favelas, contribui para dificultar a aplicação das melhores e soluções, mesmo num universo de infinitas possibilidades, um estudo catalogando as intervenções a nível de microacessibilidade em áreas de favelas será um avanço na promoção de afetos a cada ambiência na intervenção, com o objetivo de aprimorar a sociedade na obtenção de mais espaços universais e sustentáveis.

Este artigo espera gerar possibilidades nas afetuosidades espaciais compostas, mas também no espacial constituído como urbano, e por suas particularidades além das características físicas, imateriais, atmosféricas, sensoriais, dinâmicas e morais. Além da distribuição da composição espacial material, a ambiência nos eleva a hábitos de vivenciamento que se liga ao apoderamento, ao arranjo, as percepções do corpo, aos afetos das pessoas que se envolvem na experiência que podem se mudar ao toque de cada intervenção.

7. BIBLIOGRAFIA

Afonso, Cintia Maria (2006). Sustentabilidade: Caminho ou utopia? São Paulo: Annablume, 2006. ISBN 85-7419-588-X

Freire, Paulo (2001). A pedagogia da libertação em Paulo Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2001. (Série Paulo Freire)

La Rocca, F. (2010). Ambiências climatológicas urbanas: pensar a cidade pós-moderna. Comunicação E Sociedade, 18, 157–164. *https://doi.org/10.17231/comsoc.18(2010).994*

Leeds, Anthony & Leeds, Elizabeth (2015). "A Sociologia do Brasil Urbano". 2nd ed. Rev. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2015 432p ISBN 978-85-7541-574-0. DOI 10.7476/9788575415740

Sinhoretto, Jacqueline; LIMA (2015), Renato Sérgio de. Narrativa autoritária e pressões democráticas na segurança pública e no controle do crime. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 5, n. 1, jan.-jun. 2015, pp. 119-141.

ONU 2013. *https://brasil.un.org/pt-br/63114-onu-3-bilh%C3%B5es-de-pessoas-viver%C3%A3o-em-favelas-em-2050-se-mundo-n%C3%A3o-enfrentar-r%C3%A1pida-urbaniza%C3%A7%C3%A3o*

Rodrigues, Mônica Soares (2018). Políticas públicas e sustentabilidade para o turismo nas favelas cariocas. 2018. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

R33

LIVING AMBIANCES IN THE MOBILITY ERA: THE PERCEPTION OF "BEING AT HOME" IN CONTEMPORANEITY

AMBIÊNCIAS DO MORAR NA ERA DA MOBILIDADE: A PERCEPÇÃO DE "ESTAR EM CASA" NA CONTEMPORANEIDADE

Estela Almeida
Doutoranda
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PROPAR
estela.sdealmeida@gmail.com

ABSTRACT

In contemporary times, everyone is on the move. The digital technological revolution has greatly increased the physical and psychological mobility of individuals, and such complexity makes it impossible to treat displacements merely as movement. Although this already significantly affects spatial apprehension, there is an existential shift encompassing sociocultural aspects. Where everyone is on the move, the figure of the house symbolically weakens, generating consequences for the way individuals relate to living. Under an excess of mobility, combined with the ideology of the present and the dematerialization of things, the contemporary subject demands other mechanisms to develop the perception – spatial/temporal/symbolic – of "being at home". Given the premise of an ontological update and domestic restructuring, a theoretical review is proposed regarding the symbolic meanings of contemporary displacement and the immaterial dimension of living. The aim is to consider the possibility of living ambiances at the juncture of displacement – the perception of "being at home".

KEYWORDS: mobility. technological revolution. contemporaneity. existential living. "being at home". ambiances.

RESUMO

Na contemporaneidade, todos estão se movendo. A revolução tecnológica digital ampliou em demasia a mobilidade física e psíquica dos indivíduos, e tal complexidade impossibilita tratar os deslocamentos meramente como movimentação. Embora esta já afete expressivamente a apreensão espacial, há um deslocamento existencial englobando aspectos socioculturais. Onde todos deslocam-se, a figura da casa fragiliza-se simbolicamente, gerando consequências na maneira como os indivíduos relacionam-se com o morar. Sob um excesso de mobilidade, aliado à ideologia do presente e à desmaterialização das coisas, a contemporaneidade tecnológica demanda outros mecanismos para o desenvolvimento da percepção – espacial/temporal/simbólica - de "estar em casa". Diante da premissa de uma atualização ontológica e reestruturação doméstica, propõe-se uma revisão teórica acerca dos significados simbólicos do deslocar-se contemporâneo e da dimensão imaterial do morar. Busca-se ponderar sobre a possibilidade de ambiências do morar na conjuntura dos deslocamentos – a percepção de "estar em casa".

PALAVRAS-CHAVE: mobilidade. revolução tecnológica. contemporaneidade. morar existencial. "estar em casa". ambiências.

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, todos estão se movendo. Turistas excitados; migrantes fugindo de crises humanitárias; viajantes permanentes em trabalho remoto; errantes buscando subsistência; executivos visando negócios; trabalhadores em deslocamento cotidiano nas metrópoles; sujeitos imersos no maior dos fluxos – o digital.

A mobilidade faz parte do desenvolvimento humano, mas ser móvel é inerente ao sujeito cosmopolita que surge com a modernidade, quando se associa mobilidade, liberdade e urbanidade (Cresswell, 2006). Gradativamente, o indivíduo vai do cidadão universal que se desloca em busca de progresso; passando pela figura do migrante, relevante na formação da sociedade global; até culminar no turista, ápice da mobilidade moderna.

Kant (1784) já tratava sobre a ideia do cosmopolita universal ao pensar o progresso moral. A abordagem considera o sujeito como um cidadão do mundo, independentemente de sua pátria e origem cultural. Seria necessário transcender as fronteiras nacionais e as tradições locais para a consolidação de uma ética humanitária, guiada para o progresso comum e dignidade humana. Tal noção funcionaria como antídoto do medo do outro, do estranho, que é potencializado com o surgimento das metrópoles.

Aproximando-se do século XXI, as fronteiras físicas e culturais dos países enfraquecem-se. Não por princípios igualitários, como almejava Kant, mas para viabilizar o intenso fluxo de mercadorias e informações do mundo globalizado. As viagens são trivializadas e o turismo de massa explode. O deslocamento torna-se menos um meio do que o objetivo em si. E essa conjuntura é potencializada pela ênfase que a virtualização alcança a partir da tecnologia digital, ampliando em demasia a mobilidade física e psíquica dos sujeitos.

Em verdade, nota-se uma mudança ontológica. Da combinação entre mecanização humana e humanização da máquina, surge a noção do ser contemporâneo como uma espécie de ciborgue (Haraway, 2000). E é essa realidade que interroga a ontologia humana:

> Não mais estruturado pela polaridade do público e do privado, o ciborgue define uma pólis tecnológica baseada, em parte, numa revolução das relações sociais do oikos – a unidade doméstica. (Haraway, 2000, p. 43)

Tal complexidade contemporânea impossibilita tratar os deslocamentos meramente como movimentação. Embora esta já afete expressivamente a apreensão espacial, há um deslocamento existencial, englobando aspectos socioculturais e impactando a percepção temporal. Visto que a mobilidade não apenas expressa, como determina modos de vida, é crucial compreendê-la por meio de seus significados.

Onde todos deslocam-se, a figura da casa fragiliza-se gradativamente. A célebre análise do lar feita por Bachelard (1957) torna-se cada vez mais apartada da realidade contemporânea. Não há tempo para demorar-se nos cantos refúgios. E os objetos perdem seu valor concreto e simbólico, substituídos por outros mais atualizados. Ou mesmo somem, absorvidos pela tecnologia. A cultura ocidental estabeleceu com a casa uma relação de apropriação e pertencimento que demanda permanência e afetividade com as coisas. Mas a contemporaneidade tecnológica, sob um excesso de mobilidade, aliado à ideologia do presente e à desmaterialização das coisas, demanda outros mecanismos para desenvolver a percepção – espacial/temporal/simbólica - de "estar em casa".

Diante da premissa de uma atualização ontológica e reestruturação doméstica, propõe-se uma revisão teórica acerca dos significados simbólicos do deslocar-se contemporâneo e da dimensão imaterial do morar. Serão alinhados o conceito de mobilidade como forma de estar no mundo com o pensamento filosófico sobre o morar imaterial e o âmbito invisível. Busca-se ponderar sobre a possibilidade de ambiências do morar na conjuntura dos deslocamentos – a percepção de "estar em casa".

Perante grandes e constantes transformações, o estudo das Ambiências pode auxiliar na compreensão da atualidade móvel e transitória. Amálgama de elementos materiais visíveis e sensações subjetivas invisíveis, partir dessa abordagem significa também pensar a ocupação de espaços enquanto impregnação no sujeito e maneira de ser no mundo.

2. MOBILIDADE COMO FORMA DE ESTAR NO MUNDO

A mobilidade ainda é reiteradamente tratada de forma restrita, como oposição ao conceito de lugar – entendendo este como algo delimitado e estável. Aprofundando o tema, Cresswell (2006) parte da dualidade traçada entre espaço e lugar para elaborar uma diferença fundamental entre movimento e mobilidade. Enquanto o primeiro refere-se ao deslocamento em si, o segundo teria camadas socioculturais acrescidas, atrelado a um contexto de poder. Movimento seria uma noção abstrata, referindo-se à localização, ainda que em dinamismo. Já mobilidade seria o equivalente dinâmico do lugar, um processo imbuído de significado, composto de elementos do espaço-tempo social. Essa diferenciação é essencial no debate da cidade contemporânea: para além do deslocamento, considera a mobilidade como uma forma de estar no mundo.

O movimento é um fato da vida, corpos são móveis. Mas, a partir da capacidade de mobilidade inerente ao sujeito, há uma contínua construção social que lhe confere múltiplos significados possíveis. Como por exemplo, na atual e complexa dinâmica social, é possível conhecer as especificidades do mundo quase em inércia absoluta (com exceção dos dedos que percorrem telas); como também é possível deslocar-se por todo o globo vivenciando em cada um dos lugares visitados as mesmas coisas, oriundas de um processo de homogeneização. A significação faz com que o movimento (físico ou existencial) seja superficial ou íntimo.

Como o sujeito é um ser condicionado, tudo com o qual verdadeiramente entra em contato converte-se em uma condição de sua existência (Arendt, 1958). Se a ideia de imobilidade dificilmente faz sentido no mundo cotidianamente percebido em movimento (Bauman, 1999); e como o indivíduo contemporâneo vive intensamente a mobilidade de múltiplas formas, isso torna-se inerente à sua essência. Logo, assumindo a mobilidade como parte substancial da existência humana contemporânea, é também a partir dela que os lugares se configurarão.

Ao pensar no simbolismo do Lugar na constituição do sujeito, a casa é tida como território basilar de identidade. Por isso, é consequência da explosão da mobilidade a mudança na maneira como os indivíduos relacionam-se com o espaço doméstico. Não serão abordadas aqui as implicações imediatas resultantes do deslocamento físico de determinado sujeito ou grupo, mas acerca do impacto psíquico que uma sociedade, constantemente impelida a mover-se, enfrenta para estabelecer a percepção de "estar em casa".

Nesse sentido, pode-se retomar o período de êxodo rural ocorrido por volta do século XVI, que resultou em significativa acentuação da mobilidade. O então desenvolvimento de novas tecnologias diminuiu a necessidade do trabalho manual, levando muitas pessoas para as cidades, em busca de oportunidades. É fundamental notar que, muito mais que gerar o aumento do deslocamento, a intensificação da mobilidade nesse momento foi um grande passo no processo de desenraizamento humano. Se mover até o meio urbano significou lançar os indivíduos a outra estrutura de vida, muito diferente daquela estabelecida há séculos (Cresswell, 2006). Esse desenraizamento não é apenas oriundo da mudança do lugar de origem, mas também da profunda desconexão com a terra. A casa onde coabitavam gerações, fonte de preservação da vida, não era mais suficiente na lógica funcional moderna. E a rotina diária regulada pela natureza foi substituída na cidade pela sistematização do dia através do relógio. Tempo e espaço capturados e alienados em um processo físico, mas prioritariamente psíquico de mudança de lugar.

A terra como sinônimo de existência – vida comunitária/familiar; produção de subsistência, conexão com os ciclos naturais – é abandonada pela sobrevivência. Produzir se torna mais vital que existir em seu próprio lugar. Desde então, com o aprofundamento da modernidade, o enraizamento humano vem sendo mitigado de múltiplas formas. E a partir do momento em que se é desenraizado, não há limites para a ampliação da mobilidade.

> Pensar a mobilidade no espaço, mas ser incapaz de concebê-la no tempo, essa é finalmente a característica do pensamento contemporâneo preso na armadilha de uma aceleração que o entorpece e o paralisa. (Augé, 2010, p. 102).

Moramos e enraizamos nos lugares, mas também no tempo. A noção de pertencimento e reconhecimento que embasa a morada se relaciona à memória

construída e à capacidade dos lugares em invocar sonhos e imaginações (Bachelard, 1957), a prospectar cenários. Todavia, a partir da aceleração que é própria da contemporaneidade, há o surgimento de um espaço-tempo em que o presente é perpétuo, ao qual Augé (2012) se refere como ideologia do presente. Este presente não é resultado do processo gradual de maturação do passado, nem é capaz de prenunciar possibilidades futuras. É, ao mesmo tempo, impensado e impensável. Sugere um curioso paradoxo: à medida que a mobilidade espacial se alastra, há uma espécie de imobilidade temporal. A dificuldade de apreensão de um mundo sob a velocidade dos avanços tecnológicos, um mundo a ser consumido instantaneamente. Preso em um eterno presente em movimento, o sujeito contemporâneo se vê desenraizado do seu passado e privado do futuro.

A mobilidade como forma de se situar no tempo e espaço, como experiência vivida, é uma referência imprescindível na compreensão da relação entre indivíduo contemporâneo e lugar, já que reproduz e acentua a disparidade social característica destes tempos. Se outrora considerava-se o estabelecimento do lugar como condição do sujeito, agora a capacidade de mover-se também detém essa conotação de poder. Para Bauman (1999), a mobilidade é o mais poderoso fator de estratificação mundial, polarizando a sociedade em duas realidades: a extraterritorialidade da elite que circula sem restrições; e a territorialidade forçada dos demais, que sofrem impedimentos e/ou rejeição ao buscar outro lugar. Ambas as situações estariam desconectadas do âmbito doméstico: uma sob a forma de liberdade tóxica e a outra como uma fixação aprisionada.

3. SER E ESTAR PÓS-REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Historicamente, novos modos de mobilidade são elaborados pela tecnologia em uma relação que não se resume ao encurtamento das distâncias: também introduz outra percepção espacial. O mundo não é percebido da mesma maneira após o advento das paisagens aéreas ou borradas, oriundas da altura e velocidade dos veículos. E, através da intensa circulação imagética dos lugares, o turismo ganhou outra conotação: não conhecer, mas experimentar o que já se conhece.

Os efeitos do processo de virtualização pelo qual passa a contemporaneidade também não se restringem ao fluxo de informação e comunicação (Lévy, 1996), atingindo a constituição do estar coletivo. É nesse sentido que a virtualização propõe uma nova cultura, novos meios de organização social, influenciando expressivamente na formação do sujeito contemporâneo. A ordem digital, que "descoisifica" o mundo a partir da informatização (Han, 2022), promove um abalo no processo estabilizador da vida por meio das coisas do mundo (Arendt, 1958).

Para Haraway (2000), trata-se de uma mudança ontológica. Uma realidade pós-humana baseada na íntima relação que os sujeitos estabeleceram com a tecnologia que, de tão difundida no cotidiano e corpo, torna impossível distinguir o que é

exclusivamente humano e máquina. Sujeitos que habitam paralelamente ambientes naturais e fabricados, oriundos de uma sociedade que atenua a fronteira entre o que é físico e o que não é. Diante das máquinas que rodeiam e do que o indivíduo se transformou a partir de tantas extensões, a indagação paira menos sobre a tecnologia do que sobre quem somos nós nessa realidade.

> O virtual [...] por sua repercussão social, cultural, científica ou política, assinala um novo paradigma da relação do homem com o mundo. Introduz rupturas simbólicas inéditas cuja natureza antropológica é colocada em questão em sua capacidade de estabelecer ligação e dar sentido e gosto de viver na escala do indivíduo, mas também na da sociedade (Le Breton, 2003, p. 24).

Para Le Breton (2003), a ruptura ontológica se dá na definição do sujeito pela relação corpórea com o mundo. A contemporaneidade em seu traço excessivamente tecnológico, que trata a tecnociência como o progresso científico capaz de libertar o sujeito das amarras do corpo, acentua o processo de repulsa[1] a ele, agora dito anacrônico. Enquanto a inteligência artificial espanta por sua precisão, o corpo – imperfeito, suscetível à dor e à morte – se torna precário e incompatível. Esvaziado de seu sentido e valor, é percebido destrinchado, fragmentado como resultado de todo o processo moderno esquadrinhador.

O corpo passa a se limitar como suporte do sujeito, uma matéria na qual se incute a identidade. Deixa de ser o centro propagador da existência, dissocia-se do ser. Esse imaginário redefine as condições de existência: a aversão ao corpo resulta do medo da morte. O corpo é o lugar da morte no indivíduo (Le Breton, 2003). Sendo a morte fundamentalmente atrelada às trocas simbólicas existenciais[2], a depreciação do corpo faz parte do esvaziamento do mundo simbólico como organizador social (Baudrillard, 1991).

4. O LUGAR NO MORAR IMATERIAL, A MORADA EXISTENCIAL

Compreender a mobilidade como uma forma de experienciar o lugar não é uma negação do conceito de Lugar, mas uma adequação ao que é viável na contemporaneidade. A partir de Tuan (1983), considera-se o Lugar como produto da capacidade de significação de um espaço, com o qual o sujeito estabelece uma relação íntima. Contudo, o autor também aventou a noção de pessoa como lugar (ou lar), ideia que considerava difícil de ser aceita pela importância dada à permanência. Tuan ponderou que um lugar por si só pouco pode oferecer além de abrigar a intimidade de uma relação humana. Na ausência de contato, o espaço tende a perder em significado e a tornar a permanência hospitaleira em hostilidade (Derrida, 2003).

---

1 No mundo ocidental, desde a Antiguidade há a ideia de um corpo imperfeito que atrapalha o desenvolvimento da alma. A concepção religiosa alça essa suspeita a uma espécie de aversão, inserindo-a na oposição traçada entre o Bem e o Mal.

2 Como afirmara Flusser (2011, p. 53): "'viver' significa ir em direção à morte".

Nessa direção, Fuão (2017) entende o lugar como o próprio indivíduo: o ser, a existência. A interioridade existencial permite a existência do lugar, que dá sentido ao espaço. Os lugares só têm significado a partir de nós. Por isso, o sentido do lugar não depende da materialidade e fixidez no espaço físico, mas da capacidade do indivíduo expressar sua existência, podendo fazê-la de maneira estável ou transitória. Ainda assim, somos permanentemente produzidos pelo lugar onde construímos a morada que nos representa. Tais significados nos marcam como lugares enquanto somos construídos pela morada.

Como o lugar é o ser, o Outro também é lugar. A convivência entre a própria interioridade e a externalidade do Outro faz com que se transite por esses lugares outros, bem como se acolha os outros em seu lugar. Aterra-se o lugar, a existência, quando há possibilidade de abertura ao Outro. O sujeito é e estabelece seu lugar através do encontro com o Outro. Por isso, a casa é, antes do espaço físico, o lugar simbólico que permite a hospitalidade. A percepção de "estar em casa" – o *chez-moi* de Derrida - é o lugar originário, sendo ela ainda existente ou não.

A relação entre a morada e a essência do ser foi aprofundada por Heidegger (1954) em um texto até hoje fundamental no campo da Arquitetura. No debate sobre a crise habitacional no pós-guerra, em um contexto de cidades destruídas, êxodo rural e crescimento das áreas urbanas, não só faltava teto para muita gente como também havia a pretensão de construir-se um novo morar, aquele que supostamente seria compatível com o indivíduo do século XX. No entanto, embora o debate estivesse atrelado à escassez de residências e a incompatibilidade das tipologias formais com os usos domésticos das metrópoles emergentes, Heidegger deslocou a problemática para um aspecto preliminar: antes de entender a moradia como necessidade básica humana, seria necessário compreender o verdadeiro sentido do morar.

No contexto da acentuada mobilidade do século XXI, o pensamento de Heidegger se faz imprescindível no debate sobre moradia. Considerando os deslocamentos cada vez mais constantes – forçados ou intencionais –, a questão do morar volta-se não só para a condição física, mas sobretudo para o âmbito existencial.

Heidegger ponderou acerca do que somos a partir de uma constituição integrada com o meio, não havendo uma essência originária a partir da qual nos relacionaríamos com o mundo. Não somos e então nos relacionamos, mas somos fundamentalmente o que se constitui no interior dessas relações. A própria apropriação da relação com o mundo nos coloca como seres ativos nessa construção, conscientes do modo de ser no mundo.

No texto em questão, a teoria se direciona ao significado de morar[3] e construir. Heidegger questiona o morar como simples objetivo do construir, expandindo o

3 Será utilizada a palavra **morar** no lugar da tradução original de *wohnen* para **habitar**, seguindo a releitura de Fuão (2016). O autor entende que, no português do Brasil, a palavra **habitar** é menos utilizada no sentido do viver do que de maneira formal científica. Ao optar por **morar**, vale-se do significado imbuído nesta palavra para interpretar o texto de maneira mais compatível com o sentido trabalhado por Heidegger. Mais do que uma mera tradução, essa interpretação é importante porque Heidegger desenvolve o conceito justamente a partir da linguagem.

conceito para além da materialidade. Considera o morar de maneira mais abrangente, relacionado a uma condição de pertencimento – algo como a percepção de "estar em casa". Nesse sentido, pode-se ao mesmo tempo morar e não morar nas construções. Ou seja, residir sem estabelecer a morada. Há uma diferença entre residir e morar. Embora as residências sejam importantes para prover tranquilidade, não garantem necessariamente o morar. Em contrapartida, lugares que não são residências podem produzir o morar, ou seja, a percepção de morada existencial.

Heidegger busca o significado de tais ações na linguagem, pois esse seria o acesso à essência das coisas. E a partir do antigo alto-alemão conclui que construir significa morar. Diferente da acepção de morar como representação de um comportamento específico e isolado, a correlação originária entre construir e morar diz justamente sobre o caráter essencial intrínseco a ele: o indivíduo é enquanto mora. Constrói-se a partir da capacidade de morar, da relação genuína com o lugar. Logo, morar é o modo de ser e estar no mundo. Ainda na linguagem, Heidegger busca a essência do morar relacionada à permanência: o *de-morar-se.* Ao associar o morar à paz de um abrigo e à permanência pacificada "na liberdade de um pertencimento", infere-se que o morar prescinde do caráter físico interiorizado. O espaço não estaria em oposição ao indivíduo, seria inerente a ele. Nem exterior, nem interior. No morar, o indivíduo tem sobre si espaços decorrentes de sua de-mora junto às coisas e lugares. Seu ser é de acordo com esses espaços. É no de-morar-se que o morar consiste no resguardo da essência do mundo, sua característica fundamental.

Sendo o *construir* possível a partir da aptidão do *morar,* é necessário pensar continuamente sobre a morada. Para Heidegger, a escassez em torno dessa ponderação seria o cerne da crise do morar, que jamais seria solucionada através de conjuntos habitacionais. Ou seja, de somente construções físicas. É preciso buscar constantemente a essência do morar, pois a inépcia em relação ao âmago da crise já seria o próprio desenraizamento humano.

5. A CASA-PERCEPÇÃO: ACESSANDO O INVISÍVEL ATRAVÉS DAS AMBIÊNCIAS

Ponderando acerca da morada contemporânea em seu aspecto ontológico, buscou-se aqui amparo na filosofia para subsídios primordiais sobre o morar como experiência existencial. Aproximando a questão ao âmbito empírico da Arquitetura, encontra-se no estudo das ambiências uma perspectiva de aprofundar espacialmente essa questão subjetiva.

Segundo Duarte (2013), a pesquisa sobre ambiências surge da incapacidade de apreender o espaço somente através de seus aspectos funcionais e formais. Uma ambiência seria composta de fatores que, além da materialidade do espaço físico, considera a experiência vivida e compartilhada pelos indivíduos (Thibaud, 2011), englobando sensações térmicas, lumínicas, sonoras, e também culturais e subjetivas

(Duarte, 2010). Ao considerar os aspectos sensíveis e dinâmicos dos lugares, possibilita a aproximação de experiências sensoriais, vinculando-se ao corpo. A percepção do mundo através das ambiências ocorre tanto pela impregnação do corpo na ambiência, quanto pela impregnação da ambiência no corpo. Ou seja, a ambiência não é objeto da percepção, ela afeta a percepção.

Na contemporaneidade, o próprio processo de percepção humana sofre um impacto, causado pela passagem da vida em um mundo das coisas para o mundo das informações (Han, 2022). Essa transição se relaciona com a depreciação da percepção (que apreende as coisas) e a priorização da racionalização (que processa informações). O interesse existencial também se desloca das coisas para as informações (Flusser, 2011), o que se reflete na exaltação de experiências instantâneas. As coisas (incluindo as casas), permeadas de afeto e significados, são banalizadas, tendendo a perder o valor simbólico.

Para Merleau-Ponty (1964), a percepção é um evento de diferenciação que parte de uma base comum, e que em dado momento se torna visível. O âmbito invisível, que embasaria todas as experiências, seria uma dimensão sensível conjunta que habita e sustenta o mundo, tornando-o visível. Ao invés da ideia de percepção como fenômeno para consciência individual, dar-se-ia no acesso ao invisível, através da integração ao mundo. Paralelamente, Augoyard (2008) afirma que as ambiências possuem caráter invisível, tanto por ser difícil explicá-las, como por ser possível não as perceber. Em geral, não são percebidas por atuarem como um pano de fundo do mundo, sempre estão aí. Em confluência, pode-se dizer que das ambiências (invisível) surge a percepção dos lugares (visível).

Nota-se que a percepção espacial a partir das ambiências seria originalmente compartilhada: uma subjetividade que emerge de uma atmosfera comum. Essa condição faz com que as ambiências sejam mais relacionadas ao contexto urbano coletivo. No entanto, considerando que estar inserido em uma ambiência é uma maneira de estar com o Outro (Duarte, 2010) e que uma ambiência é tida como agradável quando reconhecida (Thibaud, 2011), entende-se que também funcionam como elo de apropriação entre sujeito e morar em uma conjuntura de indefinição temporal e espacial, inclusive no âmbito público/privado. Afinal, para além de fixar-se, a morada é sempre uma coabitação (Fuão, 2016) – seja o Outro uma pessoa, animal, objeto – e um lugar habitual por haver reconhecimento, como aquilo já absorvido ao ser.

> O lar não é lugar fixo, mas ponto de apoio merecedor de confiança. Ter perdido o lar não é ter abandonado um lugar, mas ter que viver em um lugar inabitual, portanto inabitável. Ter que viver em ambiente no qual não nos reconhecemos. (Flusser, 2011, p.89)

Ainda em paralelo com a fenomenologia, a impregnação nas ambiências se conecta com o processo que Merleau-Ponty chamou de fé perceptiva. Essa seria uma forma

de aproximação do sujeito com o mundo de maneira sensível, possibilitando sua exploração internamente. O estar no mundo não se relacionaria ao saber, a entendê-lo; mas se conectaria a um tipo de fé, de forma a não ser passível de distinção o visível – tido como verdadeiro – e o não visível. A esse mundo que abrange visibilidade e invisibilidade, é a fé perceptiva que promove uma abertura que garante o acesso às duas dimensões: inteligível e sensível. Ao passo que a reflexão acessaria a verdade a partir de uma neutralidade que converteria a percepção do mundo em percepção-reflexiva, na fé perceptiva há uma percepção bruta que preserva a conexão com o mundo. Ao contrário da ideia de dominação do mundo através do pensar, a abertura ao invisível, propiciada pela fé perceptiva, convida à significação. Envolvida constantemente pelo mundo sensível, a vida seria uma mistura coesa de presente e passado; corpos e espíritos. Logo, essa abertura não seria uma ilusão, mas a própria conexão com a existência.

Tal distinção remete à pesquisa arquitetônica da casa subjetiva feita por Brandão (2002), que parte do desdobramento do conceito de "em casa" enquanto território (Deleuze & Guattari, 1997). A possibilidade de uma real singularidade no morar estaria expresso nesse sentir-se "em casa", que é primeiro uma percepção pura. Somente em seguida emergiria o senso de propriedade a partir da reflexão, transformando-a em "minha casa". O expressivo (fé perceptiva) que antecede o possessivo (percepção-reflexiva): "'Estar em casa' é de outra natureza, da ordem da expressividade, da arte de morar" (Brandão, 2002, p. 65).

6. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Com o aprofundamento do processo moderno – e, por consequência, da desigualdade – atinge-se na contemporaneidade a generalização da mobilidade como dinâmica de vida. A sua atualização no contexto digital expõe a ambiguidade desse fenômeno que abarca a coletividade: enquanto alguns vão em direção ao universal, o abismo social amplia-se, isolando ainda mais os excluídos. Em um ambíguo *modus operandi,* a existência móvel é uma espécie de *Zeitgeist* paradoxal do século XXI. Há o aumento vertiginoso dos deslocamentos forçados entre os pobres, enquanto vê-se propagada a liberdade de deslocar-se pelo mundo entre aqueles que podem pagar. Entre eles, uma numerosa massa que se projeta nas classes mais abastadas e tenta viver uma suposta flexibilidade, fundada na negação da possibilidade cada vez menor de se enraizar na era da casa mercadoria.

A profundidade das transformações acarretadas pela revolução tecnológica, que expande em grande escala a mobilidade física e psíquica, também interroga e atualiza a ontologia, reestruturando a cultura. É a partir dessa dimensão que o sujeito se restabelece, alterando pontos cruciais da existência. Mais do que evidenciar-se como traço basilar da atual configuração sociocultural, a mobilidade, com toda a sua complexidade, diversidade e multiplicidade de causas e desdobramentos, tem como ponto convergente a dissipação da ideia da casa como sustentáculo da vida. Se o

lar fixo-estável-hereditário se enfraquece simbolicamente na contemporaneidade, reduzindo a casa ao caráter material em uma ênfase mercadológica e especulativa, o âmago do morar gradativamente se fundamenta em bases imateriais que interpelam sobre o que ainda representa a morada.

O alinhamento dos temas *mobilidade como forma de estar no mundo* e *morar imaterial* expõe a ampliação do conceito de Lugar. Bem como a consolidação do lugar estável foi central para a experiência humana no mundo, cada vez mais a mobilidade desempenha essa função. Para além da localização física, a contemporaneidade evidencia o Lugar em seu caráter dinâmico e prioritariamente existencial. A importância de pensar o morar a partir da linguagem seria uma forma de reparar a significância perdida com a desassociação entre ele e a constituição do ser. Mais do que uma questão semântica, demonstra o alheamento da noção do morar enquanto traço fundamental da constituição ontológica.

Diante da dimensão íntima e essencial que possui o morar para o sujeito, o meio invisível, base da existência, aponta o caminho de casa na contemporaneidade: da casa-percepção. Na ausência de uma casa fixa e duradoura que proveja reconhecimento através do âmbito material, a impregnação nas ambiências é uma possibilidade de construções subjetivas em relação ao morar. Principalmente no contexto de transitoriedade e efemeridade, no qual nem sempre há materialidade suficientemente simbólica para sustentação da percepção doméstica. Por promover a conexão com o âmbito invisível, compensando a racionalização tecnicista contemporânea, as ambiências seriam como uma chave de acesso para emergir a pura percepção de "estar em casa", a partir do estar no mundo de forma sensível.

As ambiências são como âncoras do morar na era da mobilidade. Mesmo em uma sociedade extremamente móvel, a origem do sujeito é sempre em um lugar: a casa, o colo da mãe, a paisagem. A estrutura psíquica está fortemente atrelada ao que se apresenta como abrigo no início da vida, e isso não se limita a localizações, podem ser também pessoas, objetos, rotinas. Ao deslocar-se pela cidade ou pelo mundo, o sujeito carrega em si os cheiros, sons, texturas que formaram sua essência. Em seus pousos, ainda que breves, sempre há a chance de uma ambiência lhe afetar, identificando aquilo que já foi construído outrora, e modificado a todo instante.

Assim como o Lugar também é constituído a partir do Outro, o "estar em casa" passa pela hospitalidade. A profusão da mobilidade instiga uma pretensa liberdade individual que, de fato, é a intensificação do desenraizamento humano. A dinâmica coletiva das ambiências indica que o "estar em casa" não é um habitar a si, mas um morar no outro. Na contemporaneidade móvel, faz menos sentido pensar o morar a partir de casas esvaziadas do que de cidades abertas. De lugares outros que, através do encontro, façam emergir a sensação de acolhimento típica do lar, mas não restrita a ele. Primordialmente, lar é abrigo do coletivo: a tribo, a comunidade, a família... Se havemos de nos mover, que sirva para enxergar a Terra como o lar que abriga a todos.

7. BIBLIOGRAFIA

Arendt, H. ([1958] 2007). A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Augé, M. (2010). Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EDUFAL; São Paulo: UNESP.

Augé, M. (2012). Para onde foi o futuro? Campinas: Papirus.

Augoyard, J. F. (2008). Conference Inaugurale: Faire une ambiance?. 1st International Congress on Ambiances. *https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00833922*

Bachelard, G. ([1957] 1978). A Poética do Espaço. São Paulo: Abril Cultural.

Brandão, L. (2002). A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo: Perspectiva.

Baudrillard, J. (1991). Simulação e Simulacros. Rio de Janeiro: Relógio d'água.

Bauman, Z. (1999). Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar.

Cresswell, T. (2006). On the move: mobility in the modern western world. New York: Routledge.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). Mil Platôs: Vol. 05. São Paulo: Editora 34.

Derrida, J. & Dufourmantelle, A. (2003). Da Hospitalidade. São Paulo: Editora Escuta.

Duarte, C. R. (2010). Percursos, Escritas e Novos Olhares para o Pesquisador em Arquitetura. In: V. R. Tângari Et al. (org.), A pesquisa em arquitetura: caminhos e proposições. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ.

Duarte, C. R. (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. Em J. P. Thibaud & C. R. Duarte (org.), Ambiances en partage: pour une écologie sociale de la ville sensible. MetisPresses.

Flusser, V. (2011). Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Annablume.

Fuão, F. (2016). Construir, morar, pensar: uma releitura de 'Construir, habitar, pensar' (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. Revista Estética e Semiótica, 6(1), 01-30.

Fuão, F. (2017). OUTRO LUGAR, o lugar do outro. *https://fernandofuao.blogspot.com/2017/12/outro-lugar.html*

Han, B. C. (2022). Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis: Editora Vozes.

Haraway, D. (2000). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica.

Heidegger, M. ([1954] 2002). Construir, Habitar, Pensar. Em: Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes.

Kant, I. ([1784] 2011). Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. São Paulo: Martins Fontes.

Le Breton, D. (2003). Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus.

Lévy, P. (1996). O Que é o Virtual. São Paulo: Editora 34.

Merleau-Ponty, M. ([1964] 2003). O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva.

Thibaud, J. P. (2011). A Sonic Paradigm of Urban Ambiances. Journal of Sonic Studies, 1(1), 1-14. *https://hal.science/hal-00980746*

Tuan, Y. F. (1983). Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel.

R33

FOR AN ATLANTIC FOREST IN THE CERRADO: A CONCRETE DISPLACEMENT FOR THE MODERNIST CAPITAL

POR UMA MATA ATLÂNTICA NO CERRADO: UM DESLOCAMENTO CONCRETO PARA A CAPITAL MODERNISTA

Andréa Gonçaves Moreira Bernardes
Mestre Doutoranda
CEUB - Centro Universitário de Brasília
andrea.bernardes@ceub.edu.br

ABSTRACT
How would the professionals in charge of the creation and construction of Brasilia see the Cerrado? How twisted bush to be felled for the implementation of leafy trees, typical of the Atlantic Forest? In the period of the Brazil Empire, a lot of effort was spent in wanting to implant French gardens in Brazil, especially in the capital Rio de Janeiro, a performance criticized a posteriori by the modernists of the Carioca School. But in Brasilia, in the 1960s and 1970s the practice was of felling the Cerrado and systematic planting of exotic trees to the biome, from the Atlantic Forest,; practically nullifying the low and twisted trees seen as “good bush to burn”.

KEYWORDS: cerrado, landscape, environmental history, landscaping and environments, ambiances.

RESUMO
Como veriam o Cerrado os profissionais encarregados da criação e da construção de Brasília? Como mato retorcido a ser derrubado para a implementação de arvores frondosas, típicas da Mata Atlântica? No período do Brasil Império, muito esforço foi despendido ao querer implantar jardins franceses no Brasil, principalmente na capital Rio de Janeiro, atuação esta criticada a posteriori pelos modernistas da Escola Carioca. Mas em Brasília, nas décadas de 1960 e 1970 a prática foi de derrubada do Cerrado e plantação sistemática de arvores exóticas ao bioma, oriundas da Mata Atlântica, praticamente anulando as árvores baixas e retorcidas vistas como “mato bom de queimar”.

PALAVRAS CHAVE: cerrado, paisagem, história ambiental, paisagismo e ambiências.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO
O chamado paisagismo francês ou *jardin à la française* nasce no século XVII, inspirado no renascimento italiano como por exemplo no Horto botânico de Pádua de 1545. O exemplo principal do paisagismo francês seria justamente o complexo de Versalhes, cujo modelo integral (arquitetura/urbanismo/paisagismo) seria exportado para o mundo ocidental, alcançando inclusive os trópicos. No período do Brasil Império, muito esforço foi despendido ao querer implantar nos trópicos jardins franceses; as espécies exóticas vindas de navio da Europa definhavam fragilizadas pelo sol imperante dos trópicos. Afinal, se a primeira missão artística/científica/educacional de 1816 tinha vindo da França de Napoleão, porque não implantar aqui os jardins de Versalhes?

A primeira capital foi Salvador no litoral da Bahia e a transferência para a segunda, o Rio de Janeiro na Baia de Guanabara também no litoral, se deu devido à proximidade com a região das chamadas Minas Gerais para escoar as riquezas vindas pela Estrada Real. A ideia de transferência da capital da mais próspera colônia portuguesa para o

interior do território colonial surgiu ainda no século XVIII com o Marques de Pombal, visando estar mais protegida dos invasores. Mas essa iniciativa somente viria a se concretizar no século XX, já com um país soberano e livre, que continuava buscando símbolos para sua soberania nacional. Arquitetos pensadores brasileiros almejavam criar uma referência de identidade nacional através de um novo paisagismo/arquitetura no século XX. Autêntico, não atrelado aos ditames estéticos europeus, utilizando plantas nativas da paisagem exuberante da mata atlântica. Estavam entusiasmados com a prática vigente na cidade do Rio de Janeiro, ainda capital federal da República, de conquistar terreno para o exuberante e inovador paisagismo modernistas brasileiro, capitaneado por Burle Max, que utilizava de maneira acertada espécies vegetais autóctones. Era uma vitória nacional da incipiente arquitetura modernista brasileira frente ao modismo do tradicional paisagismo neoclássico francês.

Mas no Distrito Federal recém-criado, nos idos da década de 1960, eles foram os mesmos que derrubaram o cerrado e plantaram sistematicamente gramíneas e arvores exóticas ao cerrado, oriundas da Mata Atlântica, implantando o exaltado paisagismo de Burle Marx; praticamente anulando as árvores baixas e retorcidas vistas como mato. O Planalto Central era um vazio demográfico a ser vencido como uma das últimas barreira para o controle do território. O cerrado era praticamente invisível aos olhos dos paisagistas especializados em mata atlântica que trouxeram e implantaram milhares de mudas exógenas[1] ao bioma da nova capital. Foram muitas camadas de ambiências significativas que se deslocavam rumo ao planalto central, onde a cobertura vegetal virgem foi encarada como *mato retorcido bom de queimar*; limpar a área para as frondosas árvores, típicas da Mata Atlântica.

2. COLONY AND EMPIRE: DIFFERENT ENVIRONMENTS / COLÔNIA E IMPÉRIO: DIFERENTES AMBIÊNCIAS

A visão da terra como de ninguém, somente uns índios nus que andavam por ela, era a visão de mundo portuguesa quando chegaram a costa brasileira. Assim, a decepção foi o primeiro impacto de fundo por não acharem ouro em comparação com as descobertas espanholas de grupos urbanizados, povos pré-colombianas que já dominavam com maestria os processos da metalurgia. Primeiramente precisamos nos concentrar sobre o entendimento da paisagem para a espécie humana. Somos parte da Natureza ou simplesmente nos colocamos acima dela e nos julgamos donos de tudo? Essa pergunta é essencial para entender tano o uso da terra pelos povos originários, quanto a decepção portuguesa por não ter achado ouro de imediato.

O conceito de *ambiências* como atmosfera resultante do somatório de parâmetros objetivos e subjetivos do *lugar* acrescidos da arquitetura/urbanismo como artefato cultural (Duarte) extrapola, ressignifica as análises reducionistas dos aspectos

1 Trata-se da chamada Crise das Árvores – onde milhares de cássias tiveram que ser retiradas.

somente físicos destes mesmos artefatos. Essa abordagem de ambiências resulta muito assertiva para este tema, visto que depende de vários pontos de vista, assim como de elementos humanos e não humanos. Vários ângulos possíveis dos espaços analisados são colocados em um holofote que vai sendo direcionado para um a um dos diferentes aspectos: socioeconômico, cultural, territorial, geográfica e de representação.

Simmel (1913:07) ressaltou o que diferencia a *natureza* do sentido de *paisagem:* seria justamente **a ação de demarcar**, seja com o olhar ou com o desenho/pintura; o fator diferenciador seria então o limitar da parte para que "se torne um outro todo independente". Para Simmel o surgimento desta demarcação, o surgimento da ideia de paisagem na vida cotidiana se deu a partir da ação artística de representação de paisagens naturais na pintura da idade moderna. Os artistas neoclássicos cristalizavam em imagens os novos significados e conteúdo do século XVIII. Graças à disseminação deste novo motivo pictórico, uma percepção de paisagem como natureza demarcada haveria se popularizado, quando muitos artistas passaram a apresentar o bucolismo, as paisagens da vida campestre e os costumes rurais como meio ideal. Este espírito neoclássico havia chegado ao Brasil pelas mãos da Missão Francesa de 1816.

Inserir paisagens na pintura significou bem mais que um novo motivo pictórico. Fruto do pensamento Iluminista racionalista, a pintura de paisagens plasmava em várias camadas pictóricas as também várias camadas existencialistas e de visão de mundo que emergiam, mudanças de paradigma que revelavam novas abordagens, novas éticas. Antes considerada como verdade imutável da criação divina, a natureza passou a ser considerada como o ambiente para a existência humana, não mais um paradigma estático, mas um todo que poderia e deveria ser parcelado, interpretado como objeto de pesquisa para diferentes maneiras de acessar um conhecimento. A observação do mesmo horizonte poderia ter diferentes propósitos: ciência ou filosofia, arte ou religião: as paisagens estariam em constante mutação de acordo com quem as olhava. (SIMMEL. 1913:12).

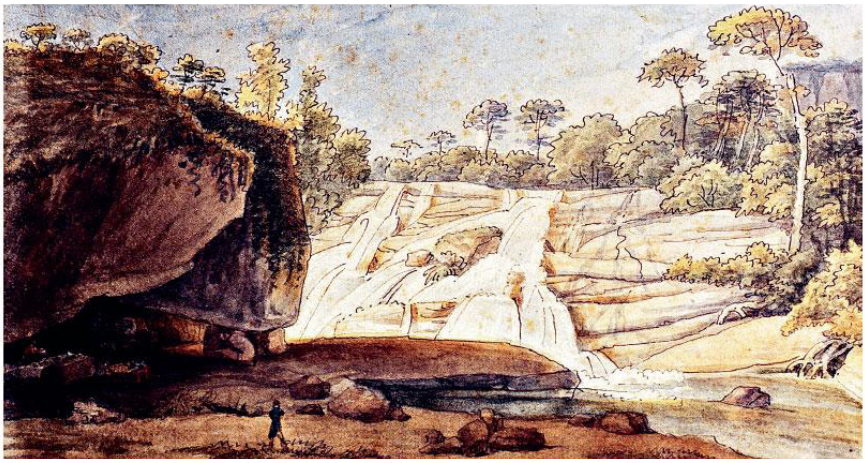


Fig. 1 Cascata grande da Tijuca 1816-1820. Paisagem de Jean Debret. Fonte: Debret (2015).

Este estilo neoclássico/romântico de pintar paisagens disseminou-se na Europa do século XVIII e posteriormente chegou também às colônias de além-mar, principalmente nas colônias da América do Norte. Quando o homem se apropria da paisagem natural para o uso primordial da sua espécie em detrimento das outras espécies selvagens, estaria alterando a configuração natural, controlando a natureza com a domesticação de plantas e animais e gerando uma nova paisagem alterada, a paisagem rural, onde há uma sensível redução no número de espécies diferentes. Estaria reconfigurando a natureza original, a wilderness, com a projetação de espaços paisagísticos. Quando a ocupação humana se intensifica, a variedade de espécies diminui e ocorre um aumento praticamente exponencial do número de indivíduos da mesma espécie, a humana.

Fig. 2 Projeto paisagístico em Petworth (1751) do arquiteto e paisagista britânico Lancelot Brown (1716-1783).
Fonte: foto: Roger Turner, Capability Brown and the eighteenth-century English Landscape (Nueva York: Rizzoli, 1985).
Disponível em https://www.arquine.com/lancelot-brown-y-la-capacidad-del-lugar/

Os espaços urbanos, as cidades, são produto de ocupação humana, são construções culturais que nos distinguem como espécie humana. Pensamos na cultura como as "teias de significados" de Geertz (1978)[2] e podemos sugerir uma análise da paisagem urbana como reflexo plástico e concreto de diferentes culturas, já que cristaliza estruturas de significação; tratar as mudancas na paisagem urbana como evidências históricas da ambiência. Outros animais sociais também constroem espaços de uso comum, como os cupinzeiros, por exemplo. Mas, a interferência humana no espaço natural, criando a paisagem urbana, decorre da visão de mundo de um povo, de

2 "Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado".

sua expressão cultural, reproduzindo na construção as diferentes necessidades e maneiras de lidar com a vida, seja material ou intelectual. Refletirão sempre as circunstâncias histórico-políticas, socioeconômicas e ambientais, que se cristalizam a partir de um referencial cultural de uma sociedade e justamente serão marcadas pelas diferenças existentes nas maneiras de lidar com a urbes. Os traços identitários das populações também podem ser notados no tecido urbano, na teia emaranhada de alterações da paisagem natural em paisagem urbana.

Traçados urbanísticos podem ser lidos como textos, tramas que contemplam a cultura, a concretização do sistema econômico, político e socioambiental de povos, onde relações de poder urbanísticos expressam o controle social do espaço. Espaços urbanísticos são, por excelência, palco de manifestações, espaços de memória; como advoga Nora (1993):

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (p. 9).

Aqui se faz necessário um maior aprofundamento nas considerações sobre o espaço urbano, a paisagem urbana. Caldeira (2007) pondera que "estudar a trajetória de um espaço urbano não se resume a um exercício cronológico de momentos urbanos" (p. 9) e nos apresenta a filósofa francesa Anne Cauquelin, que introduziu a noção de "eixo do tempo urbano". Nas palavras de Caldeira (2007): "O 'eixo do tempo urbano' é apreendido como o eixo de construção da memória urbana: a cidade é representada por um corpo simbólico regida por mitos recorrentes" (p. 9). São várias camadas de conteúdo.

Paisagem não é somente o aspecto mecânico do espaço em si, mas sim uma superposição de ambiências, sistemas simbólicos conectados diretamente à cultura idiossincrática, já que grupos diferentes dentro de uma mesma geração interpretam de maneira distinta a mesma paisagem. Podemos incluso inferir que muitos exercícios de poder, como por exemplo políticas públicas nascem influenciados por estas várias interpretações de paisagem.

O século XIX testemunhou transformações absolutamente paradigmáticas para o mundo ocidental, mudanças que, consolidadas, resultaram na formação do mundo contemporâneo ocidental. No início deste século XIX deu-se a vinda da família real para o Brasil, mas precisamente em 1808. Com a vinda da Missão Francesa em 1816 inicia-se o Ensino de nível Superior no Brasil, onde a cadeira de arquitetura foi ocupada por Grandjean de Montigny. (Telles, 2008). Respirava-se neoclássico em todas as esferas artísticas: arquitetura, paisagismo, pintura, escultura, música, etc. Os jardins recortados compostos a duras penas com muda originadas da Europa que

vinham de navio. De um lote de 10.000 mudas, em geral se aproveitava menos de 3.000 e os anúncios nos jornais locais davam notícia de todas as oportunidades para montar seu belo jardim francês a peso de ouro. Como nos conta Dourado (2023), o sol dos trópicos castigava as plantas de origem europeia.

Fig. 3 Projeto paisagístico do Vale do Anhangabaú de autoria de Joseph Bouvard. Fonte: Dourado (2023:139)

3. DEMARCATION AND TRANSFER OF THE NEW CAPITAL / DEMARCAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DA NOVA CAPITAL

A chamada Comissão Cruls, partiu do Rio de Janeiro dia 9 de junho de 1892 chefiada pelo astrônomo e geógrafo belga Luiz Cruls. Composta por 22 pesquisadores veio de trem, pela ferrovia Mogiana até Uberaba, dali seguiu em montaria com 9.640 kg de equipamentos. Percorreram quatro mil quilômetros, em sete meses de trabalho: de Uberaba a Pirenópolis, passando por Vila Formosa de Imperatriz, hoje Formosa e Santa Luzia, hoje Luziânia. Fizeram minuciosos levantamentos geográficos, geológicos, climáticos, botânicos e minerais; tudo registrado em diários hoje guardados pelo Arquivo Público de Brasília. O relatório final indicou uma área com 14.400 quilômetros quadrados, adequada para a futura Capital, área esta que ficou conhecida como "Quadrilátero Cruls". Ao conhecer o Cerrado, Ernst Heinrich Georg Ule (1854 – 1915) botânico alemão da 1ª Missão Cruls anota em sua caderneta: **árvores medíocres.** Esse esteriótipo ficaria impregnado por muito tempo! Já na 2ª Missão Cruls, foi o botânico francês Auguste François Marie Glaziou, quem identificou o leito seco de um lago antediluviano e indicou as condições favoráveis à criação do Lago Paranoá, por meio da possível construção de uma pequena barragem.

Já no século XX, quando se davam os preparativos para a trasnferencia da capital a a comissão de demarcação contratou o levantamento aerofotogramétrico pela firma

Cruzeiro do Sul e a interpretação das fotografias aéreas pela firma Donald J. Belcher and Associates. Que afirma em seu relatório que as árvores do cerrado, baixas ee retorcidas são da melhor qualidade. Mas esta constatação foi ignorada, porque em duas décadas , de 1960 a 1980, os serviços de Parques e Jardins de Brasília se empenhou enormemente em trazer para a capital milhares de mudas exóticas, em grande parte oriundas da Mata Atlàntica.

A paisagem de Brasília no início era o vazio. Será mesmo? O inventor de Brasília, o arquiteto Lucio Costa, muitas vezes menciona o cerrado como vazio: "Brasília existe onde há poucos anos só havia deserto e solidão" (Costa, 2018:301). E enfatiza que cada quadra deveria ser marcada por espécies vegetais diferentes, árvores de grande porte, quase todas exóticas. No levantamento de Pinto e De Andrade Franco (2021) as plantas exóticas mais usadas foram:

> o flamboyant (*Delonix Régia* Raf), os angicos (*Anadenanthera macrocarpa* Benth), o cambuí (*Peltophorum dubium* Taub), a sibipiruna (*Caesalpinea peltophoroid*es Ducke), a clitorea (*Clitorea racemosa* Benth), a albízia (*Albizia lebbeck*), o jacarandá-mimoso (*Jacaranda mimosaefolia* D. Dom) e as cássias (*Cassia macrantera* DC e *Cassia siamea* Lam). (...)A Crise das Árvores atingiu maiores proporções no ano de 1976. O total de mudas de cássias plantadas, as árvores mais atingidas pelo ataque dos besouros, chegou a mil e oitocentas por toda a capital, mas a infestação levou à "morte de aproximadamente 50 mil árvores adultas.

Não adiantou muito a lição porque as exóticas cássias foram substituídas pelos flamboyants, mais exóticos ainda. Mesmo entre os criadores da cidade e aqueles que implementaram os parques e jardins não havia consenso em que áreas florestar ou deixar extensos gramados. Como podemos observar nestes croquis de Burle Max para o paisagismo do Eixo Monumental que foi vetado decididamente por Oscar Niemeyer.

Fig. 4 Projeto de Burle Max para o paisagismo do Eixo Monumental vetado por Niemeyer. Publicado Correio Braziliense em 31/01/2009.

Fig. 5 Projeto de Burle Max para o paisagismo do Eixo Monumental vetado por Niemeyer. Publicado Correio Braziliense em 31/01/2009.

4. CONCLUSION / CONCLUSÃO

As diferentes percepções sobre a paisagem do Planalto Central resultaram em políticas públicas díspares que impactaram e seguem impactando a vida de todos os que aqui habitam. Essas diferentes visões do passado sobre a importância e abrangência do ecossistema cerrado poderão vir a afetar nosso futuro, já que a introdução de vegetação exótica ao cerrado segue em curso, além de que a falta de compreensão sobre as implicações de sua derrubada sistemática ao sistema hídrico regional e nacional, já se mostra visível no processo de assoreamento da Estação Ecológica de Águas Emendadas.

7. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

CALDEIRA, Júnia Marques. *A praça brasileira: trajetória de um espaço urbano - origem e modernidade.* 2007. UNICAMP. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilia/trabalhos/OCR_CALDEIRA.pdf Acesso em 22 Jul 2020.

CRULS, Luiz. *Relatório Cruls.* Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central. Brasília: Senado Federal - Conselho Editorial, 2003; MOURA, Hastimphilo de. *Cadernetas da Missão Cruls - 1892 - diário n.º 1*. Brasília: APDF, 2006.

DEBRET, Jean Baptiste. O Rio de Janeiro de Debret: Coleção Castro Maya. Museus Castro Maya, 2015.

DOURADO, Guilhe32rme Mazza *Belle Époque dos Jardins.* São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

DOURADO, Guilherme Mazza. Belle époque dos jardins. Editora Senac São Paulo, 2023.2023

DUARTE, Cristiane. Moldagem do lugar; remoldagem do olhar. em Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura a antropologia. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

GEERTZ, Clifford *A Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NORA, Pierre; "Entre Memória e História: a problemática dos lugares". Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PEIXOTO, Gustavo Rocha *Reflexos das Luzes na Terra do Sol: Sobre a teoria da arquitetura no Brasil da Independência: 1808- 1831.* São Paulo: ProEditores, 2000.

PINTO, Marina Salgado; DE ANDRADE FRANCO, José Luiz. Os agentes não humanos na construção da paisagem da Cidade-Parque: História da arborização de Brasília (1960-1980). Revista Maracanan, n. 26, p. 327-349, 2021.

TELLES, Ângela Maria Cunha da Motta *Grandjean de Montigny: Da arquitetura revolucionária à civilização nos trópicos.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

R33

BETWEEN THE LOCAL AND THE FOREIGN: PERCEPTION AND MOVEMENT IN THE DIFFERENT WAYS OF INHABITING THE CONTEMPORARY CITY

ENTRE O LOCAL E O ESTRANGEIRO: PERCEPÇÃO E MOVIMENTO NAS DIFERENTES MANEIRAS DE HABITAR A CIDADE CONTEMPORÂNEA

Fernanda Silva Freitas
Doutoranda
PROARQ / Universidade Federal do Rio de Janeiro
fernanda.freitas@fau.ufrj.br

Cristiane Rose Duarte
Professora Doutora
PROARQ / Universidade Federal do Rio de Janeiro
cristiane.duarte@fau.ufrj.br

ABSTRACT

Resident, local, foreigner, traveler, tourist... Who inhabits the contemporary city? This question leads us to explore the complex layers of urban identities and belonging, understanding the different ways of inhabiting the city. Heidegger (2002) asserts that dwelling is essential to human existence, influenced by both material and immaterial factors. Ingold (2015) describes this dwelling as an engagement between subject, space, and culture. Dwelling is an interaction beyond permanence, shaped by perception and movement. Pallasmaa (2018) argues that our body amplifies the sensations of lived spaces, defining our identification with urban ambiances. This identification differentiates permanent and temporary inhabitants, reflected in the various interactions with the city. This paper proposes the idea of an "urban impregnation gradient," based on the degrees of intensity of ambiances described by Thibaud (2013). This gradient seeks to clarify the characteristics of different forms of inhabiting the city, considering permanence, movement, and the intensity of experiences.

KEYWORDS: Inhabiting. Subjectivity. Perception. City.

RESUMO

Morador, local, estrangeiro, viajante, turista... Quem habita a cidade contemporânea? Essa pergunta nos leva a explorar as complexas camadas de identidades e pertencimento urbano, compreendendo as diferentes maneiras de habitar a cidade. Heidegger (2002) afirma que o habitar é essencial para a existência humana, influenciado por fatores materiais e imateriais. Ingold (2015) descreve esse habitar como um engajamento entre sujeito, espaço e cultura. O habitar é uma interação além da permanência, moldada pela percepção e movimento. Pallasmaa (2018) argumenta que nosso corpo amplifica sensações dos espaços vividos, definindo nossa identificação com as ambiências urbanas. Essa identificação diferencia habitantes fixos e temporários, refletido nas diversas interações com a cidade. O presente trabalho propõe a ideia de um "gradiente de impregnação urbana", baseado nos graus de intensidade das ambiências descritos por Thibaud (2013). Esse gradiente busca esclarecer características das diferentes formas de habitar a cidade, considerando permanência, movimento e intensidade das experiências.

PALAVRAS-CHAVE: Habitar. Subjetividade. Percepção. Cidade.

1. INTRODUÇÃO

A pergunta “Quem habita a cidade contemporânea?” nos leva a explorar as diversas formas de vivenciar as ambiências urbanas, considerando as complexas camadas de identidades e pertencimento presentes nas cidades. Ingold (2015) caracteriza o habitar como um engajamento contínuo entre sujeito, espaço e cultura, enquanto Heidegger (2002) vê o habitar como essencial à existência humana, abrangendo fatores materiais e imateriais. Esse habitar permite desenvolver identificação e orientação, criando nossa noção de mundo ou “espaço existencial”, conforme aponta Norberg-Schulz (1975).fixoou temporário no espaço.

Para além da noção de permanência, é imprescindível considerar a subjetividade como uma condição que molda nossas percepções em relação às cidades. Pallasmaa (2018) destaca como o nosso corpo é uma régua sensorial e física dos espaços que vivenciamos e que o papel dos espaço é amplificar essas sensações. Essas sensações delineiam os contornos dos lugares e influenciam a maneira como nos identificamos com as ambiências urbanas, como construímos ressonâncias afetivas, diferenciando um morador local de um estrangeiro, um turista ou um nômade, e refletindo-se nas diversas formas de interação com a cidade.

A ambiência é aqui compreendida como conjunto espacial que inclui tanto o ambiente físico quanto suas características imateriais, sensoriais, morais, atmosféricas e dinâmicas. Ela envolve a forma como as pessoas se apropriam e arranjam o espaço, afetando seus sentidos e emoções. Embora muitas vezes se pense que a ambiência depende de dados objetivos como luminosidade e temperatura, é a percepção subjetiva desses dados que realmente a define, variando conforme as capacidades sensoriais e culturais de cada indivíduo.

A partir dessas sensações, propomos a ideia de um “gradiente de impregnação” urbana, baseado nos graus de intensidade das ambiências sugeridos por Thibaud (2013). Esse gradiente, tecido pela multiplicidade de experiências na cidade, ilumina as características das diferentes formas de habitar a cidade, considerando permanência, movimento e intensidade das vivências.

2. O HABITAR NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Heidegger (2002) inicialmente associa o habitar com o construir, mas também o define como um conceito autônomo essencial à existência humana. Ele sugere que “o homem é a medida que habita”, enfatizando a ligação intrínseca entre o sujeito e o espaço. Essa ideia ressoa com Merleau-Ponty (2006), para quem o habitar envolve a maneira como o corpo se relaciona com o espaço, sendo este a nossa primeira morada no mundo. Bachelard (2008) acredita que o habitar é um ato de enraizamento e criação de significado, onde o ambiente da casa com seus

diferentes andares e cômodos se torna o ponto central da memória, da imaginação e da existência humana. Em sentido geométrico semelhante, Norberg-Schulz (1975) aborda o habitar através da determinação de um caminho vertical que centra a experiência humana no espaço, cria referências e determina o "espaço existencial". Tanto na concepção de Bachelard (2008) quanto nas ideias de Norberg-Schulz (1975), o habitar está relacionado a uma maior centralização e individualidade do sujeito, tanto em relação ao espaço quanto em relação a outros sujeitos.

Mais do que uma linha vertical isolada ou centralizada no espaço, Ingold (2015) desenvolve a noção de linha que, além de não ser isolada, não é verticalizada e tem o potencial de criar conexões com outros caminhos. Ao representar cada organismo como uma linha, entende-se que

[...]não existe interior ou exterior, e nenhum limite separando os dois domínios. Pelo contrário, trata-se de uma trilha de movimento ou crescimento. Cada uma dessas trilhas revela uma relação. Mas a relação não é entre uma coisa e outra – entre o organismo "aqui" e o ambiente "lá". É, antes, uma trilha ao longo da qual a vida é vivida. (Ingold, 2015, posição 2294)

O habitar se manifesta no encontro dinâmico dessas diversas linhas em movimento constante, formando uma malha conceituada por Ingold (2015). Essa malha representa um guarda-chuva conceitual que abrange questões de pertencimento e identificação, distinguindo as experiências de habitantes fixos e temporários na cidade contemporânea. É nesse encontro de linhas que ocorre a integração do sujeito com o espaço e com outros indivíduos.

Figura 1 - Representação gráfica do conceito de malha, criado a partir das linhas que conformam os movimentos do habitar na cidade.
Fonte: Ingold, 2015, posição 2322

Ao entendermos o habitar como condição humana, também precisamos compreender quem habita e como as cidades são percebidas e vivenciadas através das suas diferentes ambiências.

A cidade, mais do que a casa, é um instrumentos de função metafísica, um instrumento intrincado que estrutura poder e ação, mobilidade e troca, organizações sociais e estruturas culturais, identidade e memória. Constituindo, sem dúvida, o mais significativo e complexo artefato humano, a cidade controla e atrai, simboliza e

representa, expressa e oculta. Cidades são escavações habitadas da arqueologia da cultura, expondo o denso tecido da vida social. (Pallasmaa, 2017, p.47)

Pallasmaa (2017) descreve uma cidade que reflete a contemporaneidade globalizada, onde o encurtamento das distâncias e a aceleração dos deslocamentos comprimem tempo e espaço. Isso facilita a troca de informações e ideias, promovendo hibridização cultural e desafiando identidades estáticas (Hall, 2005). Esse contexto dá origem a novas formas de habitar e questiona conceitos de lugar, pertencimento e movimento nas cidades. Hoje, muitas pessoas habitam várias cidades ao longo da vida, moldando identidades múltiplas e experiências urbanas distintas. Essa situação exemplifica o habitar deslocado, em constante movimento, onde as pessoas habitam no ato de estar em casa, mas também fora dela. Ao observar essas dinâmicas percebemos alternância, em diferentes escalas, do que Hall (2008) chama de raízes e rotas, afastando-nos da fixação e nos levando para um cenário de constante movimento. Intricados em identidades cada vez mais polifônicas e fluidas, os habitantes tentam se organizar em grupos a partir de diferentes processos de identificação e pertencimento.

Compartilhar os mesmos "mapas de significado" nos dá um senso de pertencimento a uma cultura, cria um vínculo comum, um sentimento de comunidade ou identidade com os outros. Ter uma posição dentro de um conjunto de significados compartilhados nos dá um senso de "quem somos", "onde pertencemos" - um senso de nossa própria identidade. (Hall, 2008, p. 265)

Esse pertencimento não está necessariamente ligado a um ponto ou lugar fixo, mas pode estar também em movimento. Para Heidegger (2002), um motorista na autoestrada poderia se sentir em casa, ou seja, encontrar identificação dentro do movimento. A forma como Ingold (2015) enxerga o habitar também evidencia o papel do movimento nessa condição humana, visto que, para o autor, "[...] estabelecer um caminho através do mundo é habitar" (Ingold, 2015, posição 393).

Entendemos que a compreensão dos espaços e sua transformação em lugares tem papel fundamental no habitar da cidade contemporânea. A partir de Tuan (1983) entendemos que o lugar é o espaço dotado de significado, vivenciado e percebido. O lugar também funciona, segundo Hall (2008), como uma garantia de pertencimento. Para a criação de lugares, Tuan (1983) destaca que a repetição da experiência e a permanência em um local seria essencial. O permanecer, a pausa no movimento, seria determinante para que processos de identificação e pertencimento se desenrolassem. Porém, na contemporaneidade essa pausa no movimento tem ganhado outras características que, muitas vezes, rompem com a noção de tempo.

Ingold (2015) defende que as vidas não são vividas dentro desses lugares, mas "através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares" (posição 4363). O autor entende que a criação desses lugares, a experiência na cidade e o

próprio habitar está na peregrinação e na experiência corporificada que o movimento promove. Assim, o habitar se encontra nos caminhos entre os lugares. Com isso, entendemos que a criação de lugares não vai se desenvolver apenas na pausa ou no passar do tempo, mas também nos encontros e na intensidade das experiências somado aos significados já atrelados ao espaço.

A criação de lugares em movimento se faz uma percepção adaptada à realidade contemporânea, visto que a mobilidade e o fluxo das pessoas pela cidade são características fundamentais do habitar atual. Tal posição permite o contato direto do corpo com o espaço, traduzindo o habitar em uma experiência corporificada que informará processos de identificação e pertencimento.

3. MOVIMENTO E PERCEPÇÃO

Considerando a importância do movimento pela cidade como um fator fundamental para diferenciar as experiências dos diversos habitantes, entendemos que o encontro do corpo com a cidade possibilita que o sujeito vivencie a cidade a partir de sua própria percepção. Essa posição é compartilhada entre habitantes fixos e temporários, porém, a interpretação dessas percepções e os movimentos desencadeados por elas serão bastante distintos.

Um habitante fixo consegue diferenciar caminhos mais curtos, mais práticos, eficientes ou seguros pela cidade com base na repetição da experiência urbana cotidiana. Ao repetir caminhos, testar alternativas e colecionar vivências em um mesmo lugar, o movimento do habitante fixo é guiado pelos mapas perceptivos criados ao longo de um período. Para esse habitante, o letreiro iluminado não chama tanta atenção como a ausência de uma barraquinha ambulante do lugar que frequentava todos os dias.

> É importante ressaltar, porém, que a passagem do tempo não está unicamente ligada duração da pausa que Tuan (1983) considera essencial para a criação de lugares. Um experiência marcante, ou a sensação geral de um espaço, quando entendido também como atmosfera, não está ligada apenas à sua duração, mas também a características da intensidade dos acontecimentos e a sua singularidade (Sumartojo & Pink, 2019). Assim, é possível entender que, em certas situações, habitantes fixos e temporários também podem ter movimentos guiados pela intensidade de uma experiência, mesmo que essa seja efêmera.

Os habitantes temporários exploram a cidade e absorvem suas impressões, porém com uma familiaridade limitada. Isso influencia sua interpretação dos caminhos e lugares de maneira distinta dos habitantes fixos. Sem a repetição das vivências, eles recorrem aos mapas digitais para encontrar atalhos na cidade, muitas vezes mais curtos e menos enriquecedores em intensidade de experiência. Em ambos os casos, o corpo desempenha papel crucial como mediador da percepção e equalizador da intensidade das experiências.

> [...] confronto a cidade com meu corpo: minhas pernas medem a extensão da arcada e o comprimento da praça; meu olhar projeta inconscientemente meu corpo sobre a fachada da catedral, e vagueia pelas cornijas e contornos, tateando para definir o tamanho das saliências e reentrâncias; o peso do meu corpo encontra com a massa de uma porta; e minha mão agarra a maçaneta, polida por incontáveis gerações, enquanto adentro o escuro vazio que há por trás da fachada. A cidade e o corpo se complementam e definem mutuamente. (Pallasmaa, 2017, p.50-51)

Esse trecho nos faz refletir sobre como a percepção dos caminhos é subjetiva, mesmo quando o corpo serve como medida. Quanto mais tempo vivencio a cidade, mais específicas se tornam minhas sensações e percepções de distância, ritmo e tempo. Uma experiência de caminhada em Faro, Portugal, ilustra esse encontro do habitante temporário com um novo espaço urbano. Uma caminhada inicialmente curta até o centro comercial revelou-se uma jornada que atravessava a cidade, uma distância que um morador local provavelmente perceberia de forma diferente, dada a escala urbana do lugar.

Tanto o movimento quanto a percepção são fatores subjetivos na vivência da cidade contemporânea. Habitantes fixos e temporários têm o potencial de experimentar a cidade com grande intensidade e singularidade, e essas ambiências guiam seus movimentos urbanos. A maneira como essas ambiências são percebidas e interpretadas varia, e a familiaridade com o lugar contribui para essa diferenciação.

4. ENTRE O LOCAL E O ESTRANGEIRO

Um dos pilares do conceito de habitar é o habitante, que vivencia a cidade diariamente. No entanto, esse conceito também abrange outras figuras representativas do habitar contemporâneo. O movimento nos leva a questionar a solidez de uma identidade, revelando diferentes graus de movimento. O habitante pode ser mais fixo ou transitório, mais familiar ou estranho, mais engajado ou espectador, dependendo da relação que estabelece com a cidade. Ser morador ou local implica uma grande familiaridade e identificação com a cidade, enquanto ser estrangeiro, turista ou visitante presume uma relação mais breve. Essa distinção entre habitantes fixos e temporários é destacada por Elliot e Urry (2010), que mostram que alguns habitantes em constante movimento dependem de outros que "imobilizam" parte de suas vidas, prestando serviços locais e vinculados a um ponto fixo.

Nesse contraponto, também surge a noção do "estrangeiro" investigada por Simmel (2008) que nos permite iniciar um espectro desses diferentes habitantes da cidade contemporânea. Para o autor, o estrangeiro é alguém que vem de fora, mas permanece dentro de uma comunidade sem se assimilar completamente. Ele está fisicamente presente, mas não é considerado um membro pleno da comunidade. O estrangeiro possui uma relação de proximidade e distância com os membros da comunidade. Ele está próximo o suficiente para interagir e participar da vida social, mas distante o suficiente para ser visto como diferente ou "outro".

Ainda assim, esses tipos de estrangeiros também se diferenciam entre si, exatamente pela forma como se relacionam e se posicionam em relação ao espaço urbano. Para Urry & Larsen (2021) o turista "é uma espécie de peregrino contemporâneo, procurando autenticidade em outros 'tempos' e em outros 'lugares', longe de sua vida cotidiana." (p.37-38). Essa busca sempre envolve um retorno ao seu local de origem, e por isso, quando estão inseridos em uma cidade desconhecida, se posicionam como habitantes temporários. O movimento pela cidade existe, mas é guiado por uma projeção da experiência da cidade. Ao se deslocarem pela cidade, buscam alcançar essa experiência projetada e eventualmente se permitem surpreender pelos acasos que a cidade promove ao contornar as experiências criadas para o que Urry & Larsen (2021) chamam de "olhar do turista".

Ao falar de viajantes e tentar diferenciá-los do turista tradicional, abrimos uma nova perspectiva para compreender outros comportamentos contemporâneos observados em habitantes temporários. Ao tentar se destacar do turismo generalizado, alguns grupos buscam por uma permanência mais longa em destinos desconhecidos com a intenção de escapar da superficialidade de algumas experiências turísticas, almejando um contato mais prolongado e profundo com a cidade. Muitos viajantes compartilham suas experiências nas redes sociais e um deles, após permanecer por um mês em uma nova cidade, afirmou que "o viajante é o turista que recolhe o lixo"[1] . Isso destaca um novo tipo de habitar temporário, onde há uma intimidade e identificação com a cidade, apesar de ser efêmero. Enquanto um turista busca experiências de lazer sem se preocupar com o funcionamento cotidiano da cidade ou seus impactos a longo prazo, um viajante prolongado busca estabelecer vínculos mais profundos, assumindo responsabilidades e comportamentos semelhantes aos de um morador local. Entretanto, esse habitante temporário não é visto como local, ou mesmo morador. E nesse caso, entram as diferenças entre os tipos de habitantes fixos da cidade contemporânea.

Ingold (2015) explora a relação entre movimento e lugar ao descrever o morador como alguém confinado a um espaço específico, cuja vida se desenvolve dentro de limites físicos definidos. Para entender essa estase no movimento urbano contemporâneo, é crucial examinar a qualidade e intensidade dessas experiências e considerar como o tempo influencia essa pausa. Quanto tempo é necessário para que um habitante seja considerado um morador? Como podemos qualificar essa pausa para compreender melhor as relações de identificação e pertencimento dos habitantes com a cidade?

Para responder a essa pergunta, analisamos a ideia de "local". Segundo Buhr (2015), ser um local depende do nível de familiaridade e intimidade com a cidade, adquirida ao viver nela por um período suficiente. Locais possuem conhecimentos práticos que facilitam o movimento pela cidade, distinguindo áreas seguras, melhores rotas e horários. Essa familiaridade permite aos locais realizar atividades que os "não-locais"

1 Trecho retirado do vídeo publicado na página @noplansfortmr, em 26 de maio de 2024. Disponível em: < *https://www.instagram.com/p/C7cpZeOPfky/*> - Acesso em 10 de junho de 2024.

não conseguiriam. A maneira como os locais percebem e se movem pela cidade é diferente da dos turistas, pois os locais se orientam por mapas mentais e afetivos, enquanto os turistas utilizam mapas geográficos para se guiarem. Ao considerarmos nossa relação com o espaço urbano onde vivemos como dependente de um tipo específico de conhecimento local, os locais são aqueles capazes de se movimentar de maneira fluida, eficiente e com menos dificuldades. Assim, os locais abraçam a pausa proposta pela ideia de morador, ao mesmo tempo que se movimentam pela cidade criando seus próprios mapas referenciais, determinando lugares e delimitando a cidade através das suas percepções constantes e cotidianas.

Categorizar rigidamente as experiências de cada grupo reduziria a riqueza das múltiplas vivências urbanas, características do mundo globalizado e de identidades fluidas. Então, para entender a relação desses habitantes com a cidade, nos inspiramos no trabalho de Thibaud (2013) e adotamos a noção de um gradiente de impregnação urbana. Esse conceito permite compreender os diferentes tipos de habitantes em relação à intensidade e singularidade das experiências vividas na cidade.

5. GRADIENTE DE IMPREGNAÇÃO URBANA

Para tentar abordar a riqueza e das subjetividades presentes nas vivências urbanas dos diferentes habitantes da cidade contemporânea sugere-se então, a ideia de um gradiente de impregnação urbana. Este gradiente não visa categorizar, mas sim criar um espectro que considera tempo, movimento e intensidade da experiência. Esses elementos ajudam a entender como os habitantes se identificam como fixos ou temporários, influenciando a construção de identidade e pertencimento através da intensidade das experiências individuais.

A topofilia proposta por Tuan (2012) ajuda a compreender a relevância da intensidade da experiência para os processos de identificação e pertencimento com o lugar. Ele sugere que quanto mais intensa e rica a experiência, mais profundo será o sentimento de apego e pertencimento a um lugar. A intensidade da experiência, então, está mais pautada na relação que o sujeito estabelece com o espaço do que com a passagem do tempo propriamente dita.

Projetando essas ideias em autores que contextualizam a contemporaneidade e a globalização, se torna necessário destacar a dinâmica fluida dos espaços que promovem essas experiências intensas. Duarte et. al (2023) ressalta o caráter dinâmico da construção do Lugar arquitetônico, que se dá através de uma constante moldagem, que é relacional, material e afetiva.

Diante desses fatores, o exercício da criação de um gradiente de impregnação urbana se torna uma forma de tornar visível as reflexões propostas até aqui. Inspiradas pelo trabalho de Thibaud (2013), o gradiente busca dispor em um plano de análise os habitantes fixos e temporários, abordando as figuras do morador, local, viajante e turista.

Inicialmente, o gradiente de impregnação urbana nasce de uma compreensão e análise das ambiências de um lugar. Segundo Thibaud (2013) essa análise pode ser desmembrada em três fios: a injunção, o convite e a impregnação. Aqui, nos atemos ao último fio, a fim de entender o papel desses gradientes de intensidade no habitar da cidade contemporânea.

> [...] o terceiro grau de intensidade de uma ambiência decorre da impregnação. Aqui, temos de nos haver com uma grandeza infinitesimal, extremante discreta, apenas perceptível e mais progressiva. Contrariamente às duas linhas de força precedentes, esse desenvolvimento da condição motora não se manifesta de maneira pontual e localizada; é mais difuso e distribuído, bem como mais difícil de evidenciar nas descrições dos percursos. (Thibaud, 2013, p.123-124)

O autor explora como o comportamento no espaço urbano reflete-se em mudanças de ritmo, direção e ajustes físicos para superar obstáculos. Ele argumenta que absorver a cidade implica em experiências intensas que influenciam nossa percepção e movimento, fomentando identificação e pertencimento. Essa imersão revela diferentes comportamentos entre habitantes permanentes e temporários, cada experiência enriquecendo nossa compreensão do habitar contemporâneo.

Ao construir o nosso gradiente de impregnação urbana dispomos as quatro figuras habitantes da cidade sobre os eixos do tempo e do movimento, entendendo que, quanto menor o tempo em uma cidade, mais longe aquele habitante estará da fronteira entre habitantes fixos e temporários. Assim, moradores e locais possuem um contato de longa duração com a cidade, em relação à viajantes. Porém, ao considerar a intensidade da experiência, esses pontos se tornam manchas mais amplas e com menos limitações, podendo questionar os limites entre habitantes temporários e fixos.

Turistas geralmente exploram a cidade rapidamente em um tempo limitado, adotando uma perspectiva consumista que resulta em experiências breves. Aqueles que adotam um ritmo mais lento podem vivenciar experiências mais profundas, desenvolvendo familiaridade com o lugar. De forma semelhante, viajantes que passam mais tempo em uma cidade podem experimentar uma conexão mais profunda com a comunidade local, enriquecendo suas experiências.

Um “local” é um residente estável que explora a cidade o suficiente para desenvolver seus próprios mapas mentais. Quanto mais tempo permanece na cidade, suas experiências se intensificam, pois seus mapas mentais são construídos com base na repetição de vivências e na exploração de diferentes partes do ambiente urbano. Similarmente, um “morador” pode ser alguém que frequenta menos áreas da cidade, muitas vezes permanecendo no mesmo bairro ou região por longos períodos. Essa rotina constante em um ponto específico do espaço urbano modula a intensidade de suas experiências. A intensidade das vivências revela se esses habitantes são mais permanentes ou temporários na cidade.

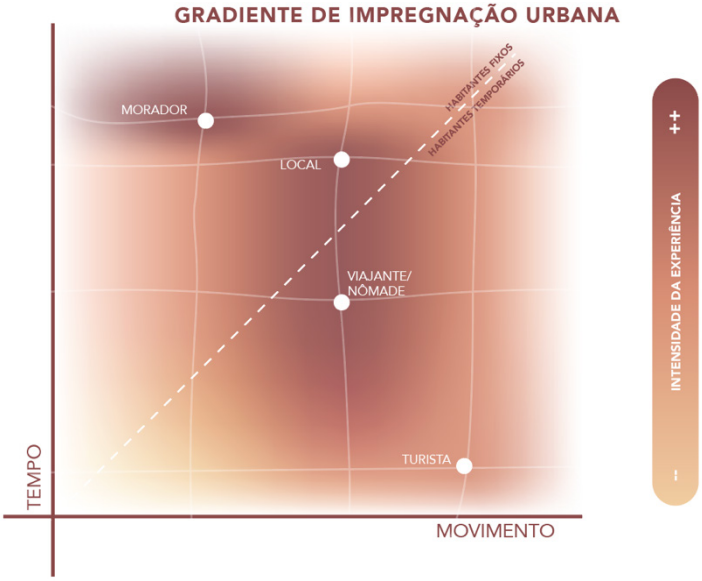


Figura 2 - Gradiente de Impregnação Urbana e a sua relação com habitantes fixos e temporários da cidade contemporânea.
Fonte: dos Autores (2024)

Representado graficamente, este gradiente propõe o encontro das linhas apresentadas por Ingold (2015) em uma malha que evidencia as diferentes intensidades da experiência do habitar na cidade. Trata-se, então, de uma tentativa de visualizar as diferentes formas de habitar a cidade contemporânea. Uma imagem certamente não esgota as subjetividades presentes na experiência individual, mas nos ajuda a construir novas reflexões sobre como a cidade é vivida hoje e como o contexto globalizado tem transformado, criado e recriado os habitantes da cidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de habitar vai além da ocupação física do espaço, sendo uma condição fundamental da existência humana que se conecta à experiência corpórea e à relação com o ambiente, conforme discutido por Heidegger (2002) e expandido por Ingold (2015). Nas cidades contemporâneas, o habitar se manifesta tanto na permanência física quanto no movimento e na percepção, desafiando noções tradicionais de lugar e pertencimento. Essa visão destaca a importância das experiências individuais na formação de uma malha urbana de significados compartilhados entre diferentes tipos de habitantes.

Os habitantes fixos desenvolvem um entendimento intuitivo dos caminhos e ritmos da cidade, criando um mapa afetivo que orienta seus movimentos e decisões, enquanto os habitantes temporários, como turistas, dependem de ferramentas digitais para

navegar. A interação física e sensorial com a cidade permite que tanto habitantes fixos quanto temporários criem suas próprias linhas urbanas, ainda que de maneiras distintas. Pallasmaa (2018) observa que o corpo se torna uma extensão do espaço, medindo e interagindo com ele de maneira tátil e visual.

São as linhas e malhas que nos ajudaram a visualizar o "gradiente de impregnação urbana", no qual a intensidade das experiências vividas é colocada sobre o mesmo plano do tempo e do movimento presente no habitar. Ao deixar-se impregnar pelas ambiências urbanas, um habitante consegue se identificar como figura fixa ou temporária do espaço urbano. O objetivo do gradiente de impregnação, não é, portanto, criar uma delimitação para essas maneiras de habitar a cidade, mas sim evidenciá-las sobre a luz dos mesmos fatores para que as análises das percepções de cada habitante também considerem essas reflexões para compreender processos de identificação e pertencimento com um lugar. Cabe ainda ressaltar que as quatro figuras utilizadas aqui (morador, local, viajante e turista) não esgotam e nem pretendem abarcar as outras múltiplas faces que habitam a cidade.

A cidade não é desenhada e percebida como cenário fixo, mas sim um espaço dinâmico constantemente recriado através das experiências e percepções de seus habitantes. A diversidade de perspectivas, seja a do habitante fixo ou do temporário, enriquece a compreensão das ambiências urbanas e evidencia a complexidade das relações entre o sujeito e o espaço. Em última análise, é essa interação contínua entre o corpo e a cidade que define e redefine o espaço urbano contemporâneo, tornando-o um lugar de constante transformação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

7. BIBLIOGRAFIA

Bachelard, G. (2008). A poética do espaço . Martins Fontes.

Buhr, F. (2015). Becoming local: Migrant spatial integration as a skilled practice. Integrim Online Papers, 4, 1-11.

Duarte, C. R., Miranda, C., Pinheiro, E., & de Jesus Silva, L. (2023). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books.

Elliott, A., & Urry, J. (2010). Mobile lives. Routledge.

Hall, S. (2008). New cultures for old? In T. Oakes & P. L. Price (Eds.), The cultural geography reader (pp. 264-274). Routledge.

Hall, S. (2005). A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A.

Heidegger, M. (2002). Construir, habitar, pensar (M. S. C. Schuback, Trad.). In Ensaios e conferências. Vozes.

Ingold, T. (2015). Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes.(Edição Kindle)

Merleau-Ponty, M. (2006). Fenomenologia da percepção. Martins Fontes.

Norberg-Schulz, C. (1975). Existencia, espacio y arquitectura. Editorial Blume.

Pallasmaa, J. (2017). Habitar. Editorial Gustavo Gili.

Simmel, G. (2008). The stranger. In T. Oakes & P. L. Price (Eds.), The cultural geography reader (pp. 311-315). Routledge.

Sumartojo, S., & Pink, S. (2018). Atmospheres and the experiential world: Theory and methods. Routledge.

Thibaud, J. P. (2013). Ambiências de passagem – figuras, condutas, medidas. In C. R. Duarte & R. de Villanova (Eds.), Novos olhares sobre o lugar: Ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia (pp. 101-129). Contra Capa.

Tuan, Y. F. (2013). Espaço e lugar: A perspectiva da experiência. SciELO-EDUEL.

Tuan, Y. F. (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Scielo-Eduel.

Urry, J., & Larsen, J. (2021). O olhar do turista 3.0 (L. Abramowicz, Trad.). Sesc São Paulo.

R33

DESIRED AND DESIRING CITIES: CONSTRUCTED AMBIANCES IN DISPLACEMENT

CIDADES DESEJADAS E DESEJANTES: AMBIÊNCIAS CONSTRUIDAS NO DESLOCAMENTO

Fernando Mathias
Doutorando em Arquitetura
PROARQ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
fernando.mathias@fau.ufrj.br

Ilana Sancovschi
Doutora em Arquitetura
PROARQ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Ilana.sancovschi@fau.ufrj.br

ABSTRACT
The paper analyzes from a group of night cyclists in the city of Rio de Janeiro the desire for cycling and the ambiances created, shaped and experienced. We investigate how the forms of belonging and identifications emerge during cycling contribute to the desired cities. Based on participant observation, we followed the group weekly for a period of two years, and we brought as object of analysis a ride that took place in January 2024, containing parts from field diary and photographic records. For considerations from the analyzed material, were pointed to ambiences floating and moving places, such as cyclists.

KEYWORDS: Ambiances. Displacement. Cyclists. Cities.

RESUMO
A pesquisa analisa a partir de um grupo de ciclistas noturnos na cidade do Rio de Janeiro o desejo pelo deslocamento pedalado e as ambiências criadas, moldadas e vivenciadas. Investigamos como as formas de pertencimento e identificações que emergem durante as pedaladas contribuem para as cidades desejadas. A partir da observação participante, acompanhamos o grupo semanalmente por um período de dois anos, e trazemos como objeto de análise uma pedalada ocorrida em Janeiro de 2024, contendo trechos do diário de campo e registros fotográficos. As considerações do material analisado apontam para ambiências flutuantes e moventes, tal como os ciclistas.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências. Deslocamento. Ciclistas. Cidades.

1. INTRODUÇÃO
Partindo da premissa de que o deslocamento é uma condição das cidades contemporâneas, o qual interfere diretamente nas experiências espaciais vivenciadas, propomos neste trabalho falar sobre sua relação com as ambiências, as quais envolvem os desejos e identidades presentes na esfera coletiva da cidade. Neste trabalho apresentamos parte de uma pesquisa de campo que acompanhou um grupo de ciclistas noturno nos seus percursos pela cidade do Rio de Janeiro . O grupo se reune com o objetivo primeiro de pedalar para pontos de interesse comum na cidade, em outras palavras, lazer. Nesse contexto, nos indagamos ao longo da pesquisa: o desejo pelo deslocamento pedalado cria novos lugares de pertencimento? ou ainda, o deslocamento provoca uma ambiência de desejo e pertencimento?

O uso de bicicletas para a melhoria da mobilidade urbana é uma pauta atual nas cidades contemporâneas e "globalizadas", e aos poucos vem sendo considerada em políticas públicas e privadas nos grandes centros urbanos. Tal movimento já foi apontado há mais de uma década pelo antropólogo Marc Augé (2010), no que diz respeito a nossa consciência ecológica e social, cada vez estamos mais conscientes de habitar um corpo físico ameaçado, dado a crise climática. Muito embora tenha

crescido o número de ciclistas circulando nas ruas do Rio de Janeiro[1], usar a bicicleta como meio de deslocamento cotidiano pode ser um grande desafio. Para esses deslocamentos, é necessário encontrar trajetos seguros em meio aos perigos da cidade, superar obstáculos físicos como ruas esburacadas, excesso de trânsito e carros (entre outros), além da ausência de infraestrutura cicloviária que atenda de forma ampla a cidade.

É interessante notar que ao se deslocar no período noturno, em busca de lazer - da cidade desejada - , o grupo de ciclistas pesquisado encontra desafios diferentes daqueles enfrentados no cotidiano diurno de deslocamento na cidade. Há também uma relação específica e partilhada entre esses indivíduos, uma relação de territorialização responsável por ditar modos de apropriação do espaço e normas de socialização entre os envolvidos. A partir da vivência em grupo os ciclistas passam a identificar lugares onde se sentem mais ou menos a vontade, ou mesmo pertencentes; aprende-se caminhos alternativos e/ou caminhos mais fáceis e seguros, absorvem modos de enfrentar o deslocamento diurno cotidiano, abrindo assim a possibilidade de uma cidade desejante e a concretização de uma cidade desejada. Nesse sentido, acreditamos que a vivência experienciada pelo grupo em deslocamento é acompanhada por uma ambiência de desejo que propícia a construção de pertencimento a cidade.

Na primeira parte do artigo falamos sobre as ambiências como portadoras de desejos, tendo dessa forma papel importante na construção de pertencimento aos lugares e a cidade. Para além disso falamos dessas ambiências na relação com os deslocamentos físicos a exemplo de nossa pesquisa. A segunda parte do artigo trata da metodologia de pesquisa utilizada em campo, que busca olhar para as ambiências na experiência vivenciada por ciclistas na cidade do Rio de Janeiro. Na parte final do artigo, trazemos exemplos da pesquisa de campo onde percebemos ambiências que consolidam uma “cidade desejante” na vivencia urbana desses individuos.

2. DESLOCAMENTO E AMBIÊNCIAS DE DESEJO E PERTENCIMENTO

O termo deslocamento no senso comum se remete ao sentido de movimento, mudança e locomoção. Na física, o deslocamento de um corpo no espaço se define pela variação de posição desse corpo em um intervalo de tempo. Assim, entendemos o deslocamento como uma relação espaço-temporal. No entanto, o conceito de deslocamento em outras disciplinas pode assumir um caráter mais subjetivo, se relacionando intrinsecamente com construção identitária e com a criação de territórios. Na psicanálise, o deslocamento funciona como um mecanismo para elaboração do sonho. (Almeida, 2016)

---

1 Ver: *https://mobilize.org.br/noticias/13489/de-bike-ao-trabalho-rio-e-a-2a-do-mundo-em-novos-ciclistas.html*

Em nossa pesquisa, procuramos olhar para o termo deslocamento dentro dessa complexidade de sentidos. Entendemos que para o grupo de pedal, deslocar-se se relaciona diretamente com o movimento dentro da cidade, a relação espaço temporal se coloca em destaque, afinal o grupo se reune pelo desejo do deslocamento pedalado. No entanto, ao observar o grupo de dentro, nas suas relações internas e suas relações com a cidade, vemos emergir lugar, um território que se constrói com o desejo pelo espaço da cidade, a cidade desejada, a partir da autonomia de locomoção noturna, sociabilidade e viabilização financeira do lazer.

De acordo com Tuan(1983) lugar é o espaço atribuido de valor e significação, processo este que acontece por meio da experiência. No caso do nosso estudo, a experiencia espacial acontece em deslocamento. Nesse contexto, para estudar esse lugar de desejo constituído nas pedaladas, para encontrar essa cidade desejante e desejada, foi necessário olhar para o espaço a partir de uma complexidade que incluísse as subjetividades, as sensorialidades e o movimento da experiência. Ao entender as ambiências como uma experiencia que envolve as práticas e está relacionada às sensações e percepções do corpo no espaço (Thibaud, 2011), foi possível encontrar nela elementos de desejo pela cidade que apontam para a construção de um pertencimento a esse lugar simbólico.

3. A PESQUISA

3.1 Metodologia de pesquisa:

Inserida no campo da Arquitetura e Urbanismo, e buscando estudar as ambiências e as dimensões subjetivas dos espaços, a pesquisa que está na base deste artigo faz uso da "etnotopografia" ideia em continuo desenvolvimento pelo LASC (Duarte, 2006; Pinheiro, 2011) , que aplica e desenvolve "ferramentas que têm base no leque interdisciplinar das ciências humanas, porém adaptadas à linguagem e à sensibilidade próprias a pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo" (Duarte, 2006).

Uma vez que a proposta da pesquisa estava em apreender e estudar as ambiências em deslocamento vivenciadas por ciclistas em seus trajetos pela cidade, o deslocamento junto com esses ciclistas tornou-se uma condicionante para nós. Desta forma, optamos por integrar um grupo de ciclistas noturno para que pudéssemos, de dentro, aplicar uma observação participativa nos trajetos praticados pelo grupo, de onde resultaram cadernos de campo, fotografias e vídeos utilizados para uma análise posterior.

O grupo de ciclistas que integramos para a observação nesta pesquisa é um grupo de pedal antifascista, nesse sentido o grupo possui visões políticas bastante específicas que influenciam diretamente no uso e nos deslocamentos nos espaços urbanos, sempre se posicionando contra ideologias supremacistas, racistas, xenófabas, etc. O grupo se reúne todas as terças-feiras a noite para percorrerem trajetos diversos na cidade. O ponto de encontro é a praça da Cinelândia, na região central da

cidade. Neste local é colocado em votação o destino da pedalada, sendo que os destinos precisam se intercalar entre as regiões da cidade a cada encontro, sendo assim contempladas todas as regiões da cidade, sem preconceitos (Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste). Normalmente os destinos têm como objetivo o lazer, assim são buscados locais onde pode-se comer ou beber por um preço acessível, ou ainda fumar sem problemas. No verão, são destinos comuns as praias e cachoeiras.

A seguir apresentamos alguns trechos de um caderno de campo de janeiro deste ano, assim como alguns registros fotográficos, onde é possível verificar ambiências em deslocamento portadoras de desejo que estabelecem de alguma forma um ancoramento em determinados locais e por fim acabam por construir uma relação de pertencimento a cidade.

3.2 Cidades desejantes: uma ambiência de apropriação e pertencimento a partir dos pedais

Como objeto de análise para este artigo, foi escolhido um caderno de campo de janeiro de 2024 com registros fotográficos e textuais, em uma abordagem da experiência segundo Walter Benjamin (2013). O percurso como de costume se iniciou na praça da Cinelândia, no centro da cidade, com destino a Praia da Bica, no bairro da Ilha do Governador na zona norte do Rio de Janeiro.

Na figura 01 é possível verificar todo o percurso feito por nós, desde a saída de casa passando pela praça da Cinelândia, onde o grupo se concentra; o deslocamento até a Ilha do Governador, assim como o percurso de volta. Nos 59,84km percorridos, o autor e o grupo atravessaram diversos bairros da cidade, passando por ruas pequenas, vias expressas e chegando a uma das orlas da cidade. Nesse sentido pode-se dizer que a experiência vivenciada nesse trajeto é uma experiência de sensações e sentimentos que variam junto com o deslocamento do grupo. A ambiência, que "se desloca junto com o grupo", vai se transformando a partir dos espaços construídos vivenciados a cada centímetro percorrido.

Figura 01: Trajeto percorrido pelo pesquisador, com saída e retorno para Vila Isabel (morada do autor), com indicação dos locais dos registros fotográficos apresentados a seguir (02,03,04)
Fonte: Autor (2024)

A concentração do grupo na Praça da Cinelândia (Figura 01) no momento da votação do destino a ser traçado no dia do pedal, apresenta uma ambiência de familiaridade e propriedade do espaço, misturando um clima de descontração e ansiedade pela escolha do destino. O grupo que já está habituado com o local, se insere no espaço da praça com facilidade, se apropria do mobiliário público e ocupa uma boa área com o emparelhamento de suas bicicletas. Cria-se desta forma um lugar territorializado, onde é possível sentir-se pertencente pela união do grupo, mas também pela possibilidade de uso coletivo do espaço urbano, que apresenta condicionantes como iluminação apropriada, segurança, mobiliário adequado para uso, etc. A lista dos destinos a serem votados costuma apresentar cerca cinco a oito locais da cidade, com direito à segundo turno para os dois mais votados. É possível a ocorrência de desentendimentos, por exemplo, quando um destino escolhido não é de agrado de determinado ciclista e este não se submete à participar do pedal.

Figura 02: Apresentação dos destinos a serem votados
Fonte: Autor (2024)

Após elegido o destino, é designado voluntariamente quem será o "coelho" (ciclista na frente do pelotão, responsável por mostrar o caminho aos demais) e "tartaruga" (ciclista no fim do pelotão, a fim de garantir que ninguém fique para trás). Essas atitudes já apontam para a criação de uma ambiência de cooperação. Pode-se dizer que a ambiência que envolve grupo ao longo do pedal é flutuante e aspectos como a velocidade dos pedais ou do deslocamento, sinalizações verbais ou gestuais entre os integrantes do grupo, conversas, formação de duplas ou grupos, assim como a desaglutinação do grupo, fazem parte dessa ambiência que passa a compor o espaço urbano vivenciado. Para garantir o desejo do grupo pelo deslocamento na cidade, é importante o não interrompimento do movimento, sendo necessário que carreguem consigo água, celular com aplicativo strava e acesso ao grupo de whatsapp do pedal, kit remendo, câmara extra, bomba de ar e mais algumas ferramentas.

Figura 03: Momento de saída da ponte do BRT, em direção à Praia da Bica
Fonte: Autor (2024)

A figura 02 retrata um dos momentos de parada do grupo. O local escolhido foi a ponte estaiada Pereira Passos, conhecida como ponte do BRT (Bus Rapid Transit). A ponte, que é de uso exclusivo do BRT e ônibus alimentadores[2], naquele momento já não tinha grande movimento, apenas raros ônibus passavam e nesses momentos era possível sentir o tremor da ponte. Interessante notar que a circulação em grupo pela ponte principalmente a parada do grupo neste local, só aconteceu porque estavam no período noturno; uma experiencia de cidade que não acontece durante o dia. Nesse sentido, percebe-se ali uma ambiência desejosa de uso livre dos espaços, de contemplação, de tranquilidade.

> "Além de nós, também estavam ali alguns pescadores, era por volta de 22h. Sem avisar ninguém, D. sacou duas latas de spray e começou a pixar na ponte seu vulgo "DEPRE", outro ciclista, G., se animou com a ideia e também pediu o spray emprestado, juntos pixaram o nome do grupo do pedal e alguns símbolos de raios." (Registro do caderno de campo, janeiro 2024).

A partir do relato de campo acima, vemos também que esse desejo pela cidade "ideal" se materializa na necessidade da demarcação de um território, do aprisionamento daquela ambiência única experienciada naquela noite. Na parada, o grupo descansou, contemplou o espaço, mas também fez sua presença permanecer contínua no local através da pixação.

Figura 04: Emparelhamento de bicicletas na Praia da Bica na Ilha do Governador
Fonte: Autor (2024)

> "Ao chegar no fim da orla da Praia da Bica, após o último quiosque, encostamos as bicicletas para sentar na mureta, alguns foram até ao quiosque do lado para comprar bebidas e comidas, fui junto com D. à um quiosque do lado, pegamos as bicicletas e fomos comprar um refrigerante de 2L e alguns saquinhos de amendoim e partilhamos com outros ciclistas.... enquanto conversávamos, um cara sem camisa,

2 Ver: *https://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4751991*

> de bermuda tactel e chinelo se aproximou para comentar sobre as bicicletas, ele falava tanto que não era possível comentar sobre o que ele falava. Dizia fazer parte da ACIG, Associação de Ciclismo da Ilha do Governador. O sujeito conversava muito comigo, nesse momento V. e I. saíram de perto, mais tarde brincaram "deixamos você de bucha" (Registro do caderno de campo, janeiro de 2024).

É chegado o local de destino, a Praia da Bica. Diferente da praça da Cinelândia, esse local não é habitual do grupo de ciclistas. Foi escolhido como um local de destino pelo desejo de desfrutar de um novo espaço da cidade que oferecesse lazer, contemplação, bons preços e um local tranquilo para fumar. Os ciclistas chegam ao local já se apropriando do espaço, o emparelhamento das bicicletas é ostensivo e ocupa boa parte da calçada, a mureta vira um local de descanso e conversa. No entanto, apesar de parecer um grupo desejoso de uma cidade inclusiva, vemos pelo relato de campo acima que o grupo carrega consigo um território simbólico difícil de ser atravessado por qualquer um. Quando um ciclista não integrante do grupo tenta uma aproximação, o grupo repele esse sujeito, deixando claro que apenas a bicicleta não é suficiente para integração e socialização com grupo. Variantes como estética, dia, horário e local de partida do pedal se apresentam como excludentes iniciais a outros ciclistas.

Próximo das 02h da manhã o percurso se encerra, o retorno é marcado pela dissolução da ambiência em trânsito, o grupo reduz de tamanho à medida que se aproximam as residências dos ciclistas o ritmo do pedal em que algum momento da noite foi intenso passa a ter sua cadência desacelerada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiencia de campo vivida por nós nesses dois últimos anos, nos mostrou que no grupo, cada pedalada traz algo instigante para a próxima, seja o reencontro, a superação de distâncias, conhecer novos lugares, são elementos contidos em um desejo maior, reconhecer-se em diferentes pontos em uma mesma cidades, o reencontro consigo e a possibilidade de partilhar em grupo as conquistas de lugares territorializados (e que por vezes parecem intransponiveis ou inpenetráveis) e as possibilidades em reterritorializar frente aos desafios confrontados nos deslocamentos diários. Desse modo, atribuímos para esse modo de deslocamento apresentado e ambiências vividas uma linha de conexão entre os espaços habitados, linha essa caracterizada pelos sentimentos de conforto e segurança, e não obstante a predileção por lugares financeiramente viáveis aos membros do grupo, nesse sentido podemos afirmar que a ambiência se desloca com o grupo, em seu formato flexível e móvel.

Pode-se dizer que cada ciclista que frequenta o grupo porta consigo códigos comuns, no que diz respeito a como se deslocar na cidade e onde frequentar. Nesse sentido, a ida à Praia da Bica apresentou a partilha do alcance e permanência de um grupo em determinado espaço-tempo, sendo possível tecer relações de proximidade entre os

ciclistas e reafirmação do grupo enquanto unidade, fosse na pixação na ponte ou ao repelir um indivíduo externo que se aproximou para conversar.

Podemos afirmar que o desejo pelo deslocamento pedalado tem a potência de criar lugares de pertencimento por meio de ambiências de uma cidade desejada. São acessados novos pontos de vista sobre a cidade cotidiana, de forma individual e coletiva, o percurso partilhado leva o grupo a alcançar o destino desejado, o que nos rememora o errante e Arquiteto Francesco Careri ao trazer a cidade também como palco para o relacional e simbólico ao atravessar o espaço. (Careri, 2015)

Através do deslocamento em grupo pela cidade, foram atravessados bairros e lugares de experiências bastante dispares, que usualmente não se conectam dentro da cidade, seja pela falta de proximidade ou pelas diferenças socioculturais que abrigam. No entanto, vemos surgir por meio das ambiências em deslocamento uma linha de conexão entre esses espaços, o percurso costura um lugar democrático para o grupo, onde se pode a exemplo da pesquisa de campo, encontrar lugares confortáveis, seguros, financeiramente viáveis para "habitar". A cidade desejada se constitui em um lugar que se desloca com o grupo, lugar que não existe na rigidez do espaço, nem em uma localidade fixa.

5. BIBLIOGRAFIA

Almeida, S. R. G. Deslocamento In: Coser, S (Org.). Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos. EDUFES, 2016.

Augé, M. Por uma antropologia da mobilidade (BC Cavalcanti & RRA Barros, Trad.). 2010.

Careri, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética. GG, 2015.

Duarte, C.R. Análise etnotopográfica do lugar. Projeto de Pesquisa CNPQ. Rio de Janeiro: LASC-Proarq-UFRJ, 2006.

Duarte, C.R. Moldagem do lugar; remoldagem do olhar. In. Duarte, C.R.; Vilanova, R. Novos olhares sobre os lugares: ferramentas e metodologias da arquitetura à antropologia. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013; pp. 27-46.

Pinheiro, E.S. Dimensão subjetiva e cultural das ambiências: Ferramentas etnotopográficas na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: LASC-ProarqUFRJ, 2011.

Thibaud, J.P. A Sonic Paradigm of Urban Ambiance. Journal of Sonic Studies, volume 1, nr. 1. 2011. Disponível em: . Acessado em 17/10/2015

Tuan, Y.F. Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel,1983.

R33

ANALYSIS OF INFRASTRUCTURE AND ACCESSIBILITY IN URBAN PUBLIC TRANSPORT IN THE CITY OF CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA E ACESSIBILIDADE NO TRANSPORTE PÚBLICO URBANO DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

Felipe da Silva Nunes
Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias - PPGAU
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
arquitetofelipenunes@yahoo.com.br

Aline Couto da Costa
Doutora em Arquitetura / PROARQ - UFRJ
Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico / Docente do PPGAU
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
aline.c@gsuite.iff.edu.br

Luciano Falcão da Silva
Doutor em Engenharia Civil / PUC-Rio
Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico / Docente do PPGAU
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
lfalcao@iff.edu.br

ABSTRACT

For an accessible city, its public spaces must allow people with disabilities or mobility restrictions to travel safely and independently, thus establishing a more democratic city. Public transport is essential for the population to make their daily journeys; therefore, it is necessary that the access and urban infrastructure of public facilities are prepared and responsive, meeting the spatial needs of users. This article aims to present an accessibility assessment of the existing infrastructure at the urban bus terminal located in the central area of the city of Campos dos Goytacazes, RJ. The evaluation was carried out through a technical visit and evaluation, with information divided into three components: travel, use, direction and communication, on whether accessibility standards were met. The results found demonstrate that there are physical spatial barriers in the studied environment.

KEYWORDS: displacements. urban mobility. urban public transport. accessibility. urban infrastructure.

RESUMO

Para que uma cidade seja acessível, é necessário que os seus espaços públicos possibilitem deslocamentos com segurança e autonomia pelas pessoas com deficiência ou com restrições de mobilidade, compondo, assim, uma cidade mais democrática. O transporte público é essencial para que a população faça diariamente os seus deslocamentos, sendo assim, é necessário que os acessos e a infraestrutura urbana dos equipamentos públicos estejam preparados e responsivos, atendendo assim as necessidades espaciais dos usuários. Este artigo tem por objetivo apresentar uma avaliação de acessibilidade da infraestrutura existente no terminal rodoviário urbano localizado na área central da cidade de Campos dos Goytacazes, RJ. A avaliação foi realizada por meio de visita técnica e avaliação, com preenchimento de informações divididas em três componentes: deslocamentos, uso, orientação e comunicação, sobre se atendimento às normas de acessibilidade. Os resultados encontrados demonstram que existem barreiras físicas espaciais no ambiente estudado.

PALAVRAS-CHAVE: deslocamentos. mobilidade urbana. transporte público urbano. acessibilidade. infraestrutura urbana.

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2015 foi promulgada a lei Federal 13.146, de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) (BRASIL, 2015). No seu artigo 46, assegura o direito ao transporte e à mobilidade a todas as pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida em igualdade de oportunidades com os demais cidadãos, por meio de identificação e eliminação de todos os obstáculos e barreiras ao seu acesso, incluindo os veículos de transporte, ponto e paradas de ônibus e os terminais.

Para que uma cidade seja acessível, é necessário que os seus espaços de uso comum, pertencentes ao poder público ou à iniciativa privada, permitam o seu uso com autonomia, segurança e qualidade por qualquer indivíduo da sociedade, possibilitando assim uma cidade mais democrática. A relação indivíduo-espaço, embora diferente em cada situação, não deve impedir ou dificultar o uso pleno do espaço público das cidades, para qualquer grupo socioculturai.

Campos dos Goytacazes, cidade com população de 483.540 pessoas, localizada na região Norte do Estado do Rio de Janeiro tem a característica de ser o município com a maior extensão territorial do Estado, com 4.032,47 quilômetros quadrados, segundo o Censo 2022 do IBGE. A cidade possui atualmente o distrito sede e mais treze distritos (figura 1), sendo o distrito de Santa Maria, o mais distante, estando a 70 km de distância da sede municipal.

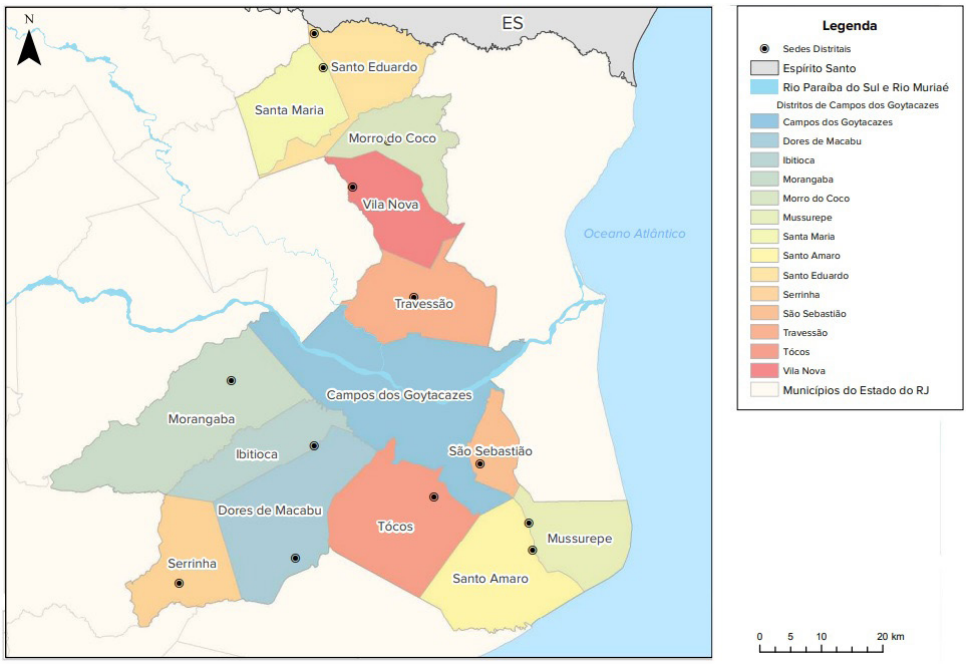


Figura 1. Mapa distrital da cidade de Campos dos Goytacazes.
Fonte: (Centro de Informação e Dados de Campos (CIDAC), 2018)

A história do transporte coletivo da cidade, assim como a capital do estado, iniciou-se com a implantação dos bondes de tração animal e posteriormente, dos bondes elétricos, importante modal de transporte e considerado um dos protagonistas das principais mudanças urbanas e sociais desta cidade, sendo responsáveis por fomentar o crescimento e suas conexões territoriais. A partir de 1935 destacam-se os *auto-omnibuss*, posteriormente substituídos pelos ônibus que, até os dias de hoje, suprem o transporte coletivo na cidade de Campos dos Goytacazes, responsável pela comunicação de todos distritos e localidades até a sua área central.

Para que qualquer deslocamento no espaço urbano seja realizado com conforto, segurança, dignidade e autonomia pela população, seja ela de qualquer grupo social, seja com deficiência, ou com restrições de mobilidade - como por exemplo uma mulher grávida ou uma pessoa idosa - a estrutura de transporte deve oferecer acessibilidade integrada, inclusive garantindo o acesso de todos os cidadãos aos veículos de transporte coletivo e, consequentemente, aos serviços públicos e privados ofertados pela cidade.

O objetivo geral deste trabalho é colaborar para promoção de espaços públicos acessíveis na infraestrutura da Cidade de Campos dos Goytacazes, tendo como recorte a região do centro da cidade, cujas principais avenidas são parte importante do sistema de deslocamentos do transporte coletivo urbano, e verificar o atendimento do terminal rodoviário urbano central, Luís Carlos Prestes, às normativas e legislações vigentes referentes às condições dos acessos e acessibilidade.

Como metodologia para a realização do trabalho foi adotada primeiramente a revisão de embasamento teórico através de revisão de literatura do tema estudado e análise de documentação e informações de legislação, para posterior realização de visita técnica de campo para levantamento, aferições e registros fotográficos da infraestrutura do terminal.

O método de avaliação utilizado no processo de levantamento e avaliação de ambiente construído fundamentou-se pelo apresentado por Dischinger et al. (2014) que inclui uma classificação que considera as limitações do cidadão em conjunto com as características espaciais do local, e que define os componentes da acessibilidade espacial em quatro categorias: orientação espacial, comunicação, deslocamento e uso. Os pontos selecionados para análise foram: acesso, passeios e área de circulação, pontos de embarque e desembarque de passageiros, sinalização, calçadas e seus rebaixamentos, faixas livres de circulação de pedestres e faixas elevadas, semáforos, o focal de pedestre e as respectivas sinalizações, mobiliário inserido no espaço urbano e a presença de sanitários.

A partir da metodologia adotada, foi elaborada uma planilha de avaliação adaptada pelos autores tornando-a compatível com o ambiente construído no espaço urbano do terminal e seu entorno, utilizando também como referência o trabalho realizado por Vasconcellos, (2011), além das normas NBR9050/2020: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos públicos (ABNT, 2020), que trata da acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, e a NBR 16537/2024: Acessibilidade – Sinalização tátil no piso (ABNT, 2024), referência técnica no desenho universal e projetos acessíveis.

2. A ACESSIBILIDADE NA INFRAESTRUTURA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Em muitas cidades brasileiras, pode-se destacar como um desafio presente a inclusão de parcela da população na dinâmica das cidades, trazendo a acessibilidade como um fator importante da mobilidade urbana. Com a adoção eficaz e efetiva de políticas de acessibilidade no espaço urbano, o gestor público promove inclusão social e oportunidades para toda a população respeitando os seus direitos fundamentais. No último Censo, realizado em 2022, foi apresentado que a população com deficiência no Brasil é de cerca de 18,6 milhões de pessoas possuindo idade igual ou maior que dois anos de idade (IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2022).

De acordo com a Lei Federal nº 13.146/2015 (BRASIL, 2015), em seu artigo 3º, a acessibilidade é definida como:

> "possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com modalidade reduzida" (BRASIL, 2015).

Pode-se destacar que a acessibilidade, na prática, é quando a pessoa com deficiência tem a capacidade de se deslocar pelo pela cidade, seja na região central ou seus bairros e distritos, alcançando a rede de serviços e todos os espaços públicos, com a utilização dos meios de transporte disponíveis, mesmo peatonal, de forma independente, e que as barreiras existentes na cidade, os entraves ou obstáculos não atrapalhem a sua circulação.

A Lei Federal nº 13.146/2015 (BRASIL, 2015) define barreiras como:

> "qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que possa limitar ou impedir a participação social da pessoa, a fruição e o exercício do seu direito a acessibilidade, a circulação com segurança, entre outros."

E ainda classifica as barreiras em barreiras urbanísticas - aquelas existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo; barreiras arquitetônicas; barreiras no transporte - existentes nos sistemas e meios de transportes, nas comunicações e na informação; barreiras atitudinais e barreiras tecnológicas.

Segundo o caderno 5 do Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana (BRASIL, Ministério das Cidades, 2006), o conceito de desenho universal está associado à "concepção de espaços, artefatos e produtos que propõem atender simultaneamente

todas as pessoas, com as suas diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável. O desenho universal caracteriza os elementos ou soluções que compõem a acessibilidade." Na concepção e especificações dos espaços públicos deve prever a sua utilização por qualquer indivíduo com autonomia e segurança.

Os usuários do transporte coletivo público se inserem neste contexto na necessidade de um sistema de transporte coletivo eficiente e acessível. Quando todos os seus elementos são planejados desde sua concepção e implantação seguindo o conceito do desenho universal, cumprem um papel importante na dinâmica das cidades, garantindo e o respeito aos direitos fundamentais e o uso pleno pelos seus cidadãos, com deficiência ou não. As cidades devem priorizar medidas de desenho universal que garantam acessibilidade, conveniência, conforto e sem barreiras de qualquer categoria.

A acessibilidade espacial, segundo (Dischinger et al., 2014), significa que além do usuário conseguir fazer seu deslocamento e chegar até o local desejado, o ambiente deve ter condições e atender a requisitos básicos para atendimento de pessoas diversas e que esta possa realizar todas as ações necessárias, conseguir de maneira independente obter informações das atividades e localização, vivenciando os espaços urbanos e utilizando os equipamentos com total independência.

3. OBJETO DE ESTUDO

A escolha do local de aplicação da metodologia se deu por ser o terminal que reúne o maior número de linhas de ônibus do município, por sua localização central, e pelo seu contexto histórico. O grau de relevância e conhecimento para uma grande parcela da população de Campos dos Goytacazes também foi considerado.

3.1 O transporte coletivo na cidade de Campos dos Goytacazes

O transporte coletivo de passageiros na cidade de campos dos Goytacazes inicia- se com a implantação dos bondes de tração animal pela empresa "Companhia Ferro Carril de Campos", com a criação da primeira linha em 1873, fazendo a ligação entre a recém-criada Estação Ferroviária do Saco até a Praça São Salvador. Havia carros para o transporte de pessoas e carros para o transporte de bagagens.

Em 1913 a recém nomeada Comissão de Saneamento iniciou um plano de melhorias urbanas, remodelando a cidade. Diversas obras fruto deste plano foram inauguradas em 5 de novembro de 1916 na gestão do prefeito Luiz Sobral, com a ilustre presença tanto do presidente do Brasil, Wenceslau Braz, quanto do Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha. Dentre as inaugurações mais aguardas, estava a que marcava o início de operação dos bondes elétricos da Cia. Brasileira Tramway Luz e Força (CBTLF).

Com a evolução da tecnologia, os trólebus foram os sucessores do serviço dos bondes elétricos na cidade e em 1953, a Secretaria de Viação e Obras públicas do Estado do Rio de Janeiro realizou a substituição dos bondes elétricos por ônibus elétricos.

A primeira linha de funcionamento dos trólebus, em 1958, ligava a praça São Salvador à Estação Leopoldina, via Rua Alberto Torres. Logo em 1959, houve o seu prolongamento até a rua Tenente Coronel Cardoso, tornando-a assim uma linha circular. Os serviços de transporte coletivo de trólebus da cidade foram encerrados no ano de 1967, com a efetivação da empresa pública de Serviço de Viação Campos, a SVC, criada para substituir as linhas de bondes e as linhas de transporte por trólebus.

Neste período já existiam os ônibus a diesel de empresas privadas inseridos no transporte coletivo da cidade, atendendo alguns percursos na área central, na baixada campista e as viagens aos distritos do município. Da década de 70 até o começo dos anos 90, além das empresas privadas de ônibus em Campos, operava também a Companhia de Transportes Coletivos dos Estado do Rio de Janeiro, a CTC, uma empresa pública.

A cidade de Campos dos Goytacazes, tem uma distribuição territorial extensa, e seus atuais treze distritos e suas respectivas localidades são distantes do distrito sede central, além de possuir inúmeros bairros localizados na região periférica da cidade. Nestas localidades, uma parcela considerável da população precisa fazer diariamente os deslocamentos, quer seja de sua residência até o seu local de trabalho, lazer ou suas necessidades de acesso aos equipamentos inseridos na região central. Como cidade média, este é um desafio peculiar a ser enfrentado pelo poder público, o de ofertar um meio de circulação por transporte público e digno. Atualmente o serviço é ofertado através de concessão a empresas e cooperativas do transporte público com a utilização de ônibus, microônibus e vans, e que trazem diversos problemas de regularidade, consistência e qualidade no serviço prestado.

3.2 O terminal rodoviário urbano no centro da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ

Observamos que o transporte coletivo na cidade de Campos dos Goytacazes se concentra em sua grande parte, desde o início de sua implantação, na região central da cidade, no entorno da Praça São Salvador, principal praça da cidade, e local de início ou destino das linhas, desde bondes, trólebus e ônibus.

Nessa praça, existiu na década de 30, um terminal de passageiros de ônibus, ao lado da igreja, mas ao final da década de 50, com a implantação dos serviços de transporte coletivo do sistema de trólebus na cidade, foi construído o terminal de passageiros no entono do chafariz belga da Praça, atual trecho da Praça Quatro Jornadas. Com o fim do serviço de sistema de trólebus, este terminal foi para atender aos ônibus (Figura 2) cujas linhas saiam dos bairros e tinham como destino a região central da

cidade. Tanto as empresas de transporte coletivo privadas quanto a Companhia de Transportes Coletivos dos Estado do Rio de Janeiro, a CTC, utilizavam o terminal.

Figura 2. Antigo Terminal de Ônibus na praça Quatro Jornadas no Centro de Campos dos Goytacazes nos anos 70. Fonte: Pimentel (2024).

Em 13 de setembro de 1990, foi inaugurado o novo terminal de ônibus central da cidade, o Terminal Rodoviário Urbano Luís Carlos Prestes, construído e administrado pela Prefeitura do Município e funciona até os dias de hoje como principal local de embarque de passageiros que utilizam o sistema de transporte público do centro para os bairros. Está localizado na avenida XV de novembro e Av. Nelson de Souza Oliveira, antiga Av. Rui Barbosa, em uma extensão de aproximadamente 400 metros na calçada da margem direita do Rio Paraíba do Sul, ao lado do dique de contenção do rio. O Terminal é um espaço aberto de circulação, e consiste em 21 abrigos de passageiros em concreto armado e cobertura em telhas de fibrocimento. Também conta com uma edificação que abriga um sanitário coletivo feminino e um masculino. Seus abrigos estão dispostos em 3 trechos conforme mostra a figura 3, sendo que no primeiro trecho existem 8 abrigos, no segundo trecho, o sanitário público coletivo e mais 7 abrigos e por último, o terceiro trecho com 6 abrigos de passageiros. Este terminal urbano central tem a característica de ser um ponto de parada, pois ele é aberto e o controle de acesso ao transporte é feito dentro dos veículos. Os trechos e seus pontos ordenam as linhas conforme o destino, agrupando os coletivos das empresas e consórcios.

Figura 3. Imagens dos 3 trechos existentes do Terminal rodoviário urbano Luís Carlos Prestes estudado. Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de imagem área do Google Earth, 2024.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O terminal é caracterizado pela predominância de demanda de passageiros nos primeiros horários da manhã, no começo da tarde e no final da tarde, horários que coincidem com a entrada e saída de profissionais do trabalho, escolas, universidades e faculdades. Observa–se uma grande quantidade de alunos e idosos.

Para a análise e avaliação do terminal, foram considerados seus 3 trechos. A figura 4 apresenta o cabeçalho da tabela desenvolvida pelos autores a partir da adaptação de Dischinger et al. (2024) e Vasconcellos (2011). A tabela possui 70 quesitos de acessibilidade avaliados em cada ambiente e é dividida em 3 grupos de análise sendo o primeiro: acessos e passeios externos, onde foram verificados itens como faixas de travessia de pedestres; as condições do revestimento do piso; aplicação do piso tátil; a existência de faixa livre na calçada; rebaixamento das calçadas em pontos destinados a travessia pública; vagas e os acessos de veículos. No segundo grupo foram avaliados os itens de mobiliário urbano presentes no espaço estudado, sua localização e tipos. E por último, o terceiro grupo trata dos sanitários acessíveis, sua presença, características e parâmetros. Observa-se também na figura 4 que os grupos e seus respectivos itens são acompanhados de uma indicação da classe de componentes espacial de acessibilidade relacionado, que são: deslocamentos, uso, orientação e comunicação.

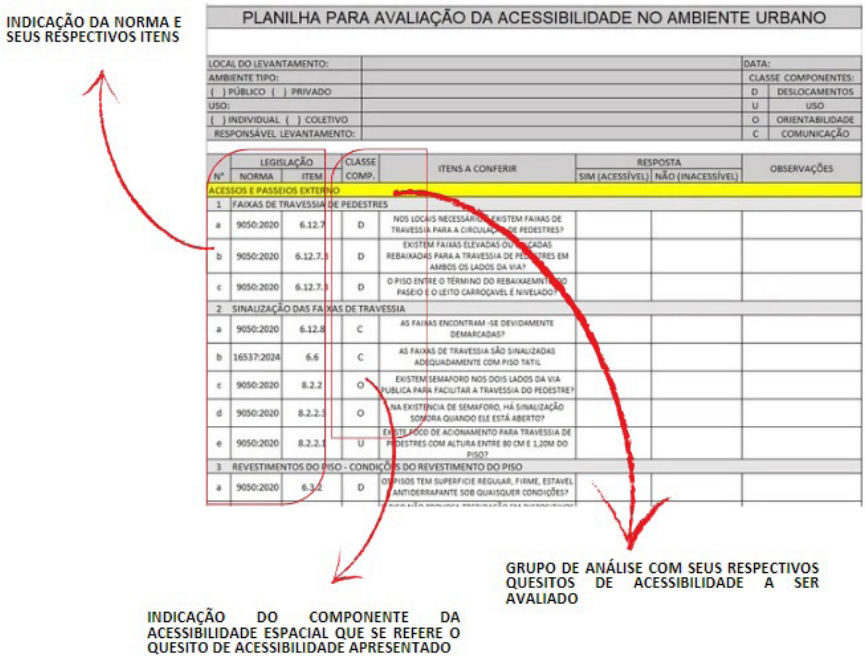


Figura 4. Recorte do cabeçalho da planilha técnica usada para avaliar o Terminal rodoviário urbano Luís Carlos Prestes estudado. Fonte: Elaborado pelos autores, adaptado de Vasconcellos (2024)

As vistorias técnicas resultaram no preenchimento de 3 tabelas, uma para cada trecho do terminal, e foram complementadas com registros fotográficos, como forma de ilustrar o local e aferições de medidas. O preenchimento da planilha considerou como resposta, o atendimento ou não os quesitos das respectivas normas da ABNT, para cada pergunta dos grupos e seus respectivos quesitos.

Podemos observar que componente deslocamentos em todos os trechos estudados, os trajetos que os usuários fazem por calçadas, travessias e passeios públicos, os primeiros elementos de utilização até se chegar efetivamente ao terminal, apresentam piso irregular, falta de rota acessível por piso podo tátil, tanto piso guia como piso de alerta, ausência rebaixamento das calçadas e canteiros centrais da avenida e, na faixa de cruzamento de pedestres, falta de faixa elevada e de semáforos com avisos sonoros. O piso existente nos 3 trechos do terminal não é ideal para ambientes onde é necessário ter a faixa livre de pedestres com a implantação de rota acessível, pois não é plano, apresenta ressaltos e imperfeições, não é antiderrapante em qualquer situação e apresenta irregularidades.

Na avaliação dos componentes comunicação e orientação foi constatada a ausência de identificações do ambiente, não possibilitando assim uma interação ente os usuários e o local de uso. Nota-se que as informações gráficas nas plataformas não

estão atualizadas, não existe a universalidade na comunicação, painéis informativos tanto com elementos sonoros ou audiovisuais, além da falta de mapas, pictogramas e elementos que ajudariam o cidadão no reconhecimento do ambiente e melhor compreensão do espaço em que está inserido. Não há, portanto, como propiciar maior independência e autonomia à pessoa com deficiência. Observamos também a completa ausência no espaço, de borda de sinalização tátil de alerta a 50 cm do leito carroçável, à frente do espaço dos abrigos de passageiros ao longo de toda a extensão do terminal.

No componente uso, podemos identificar que os mobiliários contidos no terminal não estão com características ergonômicas que atendam os usuários. Como mostra a figura 5, isso foi verificado no banco e assento dos passageiros, que está numa posição que impede o uso da rampa de acesso para cadeirantes, na altura da plataforma de embarque, na cobertura insuficiente para proteger os passageiros das intempéries, na ausência de bancos para obesos e de área exclusiva destinada a pessoas com mobilidade reduzida próxima aos assentos. Nota-se a presença, em todos os trechos do terminal, de carrinhos fixos de ambulantes no local, localizados dentro do espaço de passagem dos pedestres, a faixa livre.

Não há, próximo ao terminal, vagas exclusivas para idosos ou pessoas com deficiência, sinalizadas e dentro da normativa. Também existe um conflito nos acessos de veículos estacionados no cais à beira do rio Paraíba do Sul, entre a circulação de pedestres nos passeios de acesso ao terminal, e o fluxo de automóveis, pois os acessos ao estacionamento seccionam a calçada do terminal, criando desnível e sem a implantação de rampas, de rebaixamento de calçada ou de faixas elevadas.

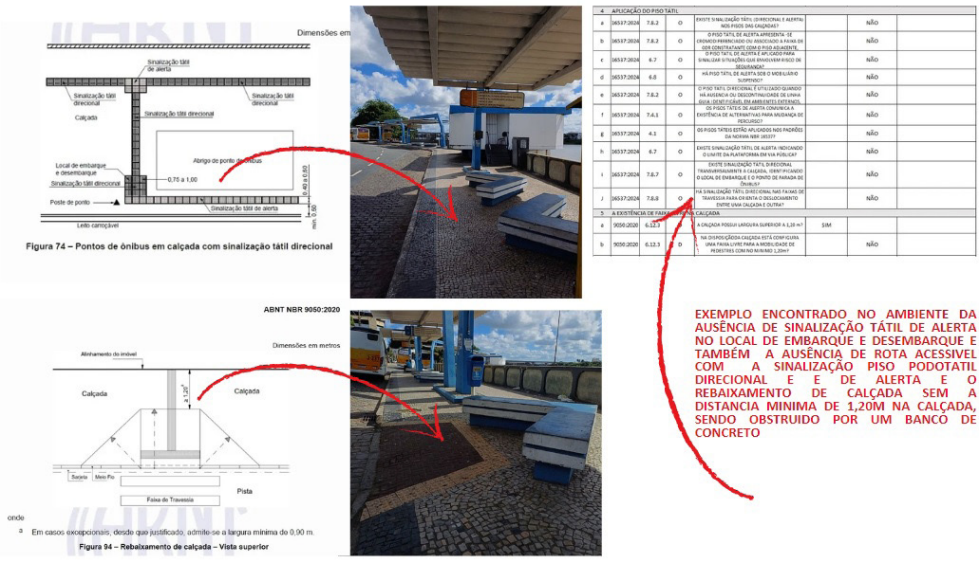


Figura 5. Exemplo de requisitos de acessibilidade analisados na área estudada do Terminal rodoviário urbano Luís Carlos Prestes. Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

Na avaliação do grupo 3, sobre Sanitários acessíveis, constatou-se a inexistência de sanitários masculinos e femininos acessíveis no terminal. Existe apenas um sanitário coletivo masculino e outro feminino entre o primeiro trecho e o segundo trecho, mas em desnível, sendo que, para seu acesso, é necessário subir seis degraus de escada com corrimão simples.

6. CONCLUSÃO

O terminal estudado é uma edificação com mais de 30 anos de uso, e que sofreu inúmeras manutenções ao longo do tempo, mas que, até o momento, não recebeu obras para atualizar a sua infraestrutura, a fim de adaptá-la às normas de acessibilidade pertinentes e necessárias. É necessário um melhor planejamento da infraestrutura do terminal rodoviário Urbano Luís Carlos Prestes, para que o espaço possa ser um ambiente inclusivo e apto a receber toda a população com conforto. A implantação de normas de acessibilidade não diz respeito somente a veículos, principalmente ônibus, uma vez que o simples acesso aos mesmos já apresenta barreiras. É necessária uma visão sistêmica dos requisitos de mobilidade, inclusão e promoção da cidadania.

Através deste estudo, o método adotado permitiu identificar de forma objetiva os problemas apresentados, que se fizeram presentes em todos os componentes de acessibilidade avaliados na infraestrutura do terminal estudado. A partir do entendimento das deficiências e potencialidades encontradas no espaço urbano analisado, é possível, para o gestor público, definir ações que sejam seguramente efetivas e que esta avaliação de acessibilidade possa seguir de exemplo para outros espaços urbanos de uso coletivo na infraestrutura de transporte coletivo urbano nesta cidade.

6. BIBLIOGRAFIA

ABNT. (2020). *NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.* Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas.

ABNT. (2024). NBR 16537: Acessibilidade - Sinalização tátil no piso – Diretrizes para elaboração de projetos e instalação. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas.

BRASIL. (6 de julho de 2015). Fonte: Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência): *https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm*

BRASIL, Ministério das Cidades. (2006). Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana. Caderno 5: Implantação de Sistemas de Transporte Acessíveis. Brasília.

Centro de Informação e Dados de Campos (CIDAC). (2018). Perfil dos Bairros. Fonte: *https://cidac.campos.rj.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/Perfil-dos-Bairros.pdf*

Dischinger, M., Ely, V. M., & Piardi, S. D. (2014). Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos: Programa de Acessibilidade às Pessoas com Deficiência ou Mobilidade Reduzida nas Edificações de Uso Público. Florianópolis: MPSC.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2022). Censo demográfico de 2022, Cidades: Campos dos Goytacazes. Fonte: *https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/campos-dos-goytacazes.html*

Pimentel, J. (2024). Fonte: Campos dos Goytacazes em Fotos: *https://camposfotos.blogspot.com/2010/09/foto-de-joao-pimentel.html*

Vasconcellos, B. C. (2011). A construção de um método para avaliação do ambiente construído (tese de doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

R33

DISPLACEMENT OF CHILDHOODS IN THE CITY: TRAJECTORIES AND SUBJECTIVITIES IN THE STUDY OF TWO MUNICIPAL SCHOOLS IN THE WEST ZONE OF RIO DE JANEIRO

DESLOCAMENTO DAS INFÂNCIAS NA CIDADE: PERCURSOS E SUBJETIVIDADES NO ESTUDO DE DUAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO

Mariana Coviello Rei Rebelo Pereira
Mestre em Arquitetura
Programa de Pós Graduação em Arquitetura, PROARQ, UFRJ
Mariana.coviello@fau.ufrj.br

Luiza Helena Ferraro
Mestre, Doutoranda em arquitetura
Programa de Pós Graduação em Arquitetura, PROARQ, UFRJ
luiza.ferraro@fau.ufrj.br

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
Doutora, Professora Associada FAU/UFRJ
Programa de Pós Graduação em Arquitetura, PROARQ, UFRJ
gisellearteiro@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article aims to explore the relationships between displacement and subjectivities from the perspective of children regarding their journeys from home to school. The methodological design is based on data construction from the research project Afective Mapping of the city of Rio de Janeiro, in which children from municipal schools express perceptions and desires based on what they see, hear, and feel during these journeys. The two schools selected for this study are located in the West Zone and differ in their territorial units in the Taquara and Barra Tijuca neighborhoods, implying different modes of travel predominantly used by the children. The results enable reflection on the various socio-territorial realities and their relationships with transportation modes, and how these influence perceptions and appropriations of public space, including identification with and belonging to the area.

KEYWORDS: Childhoods. affective mapping. Rio de Janeiro. displacements. subjectivity.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar as relações entre o deslocamento e as subjetividades, a partir da perspectiva das crianças sobre seus percursos casa-escola. O desenho metodológico utiliza como base a construção de dados do projeto de pesquisa Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro, onde crianças de escolas municipais expressaram sobre percepções e desejos, baseados no que elas veem, ouvem e sentem, durante esse caminho. As duas escolas selecionadas para aprofundamento estão localizadas na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, e se diferenciam pelas unidades territoriais que estão inseridas, nos bairros Taquara e Barra Tijuca, implicando em diferentes modalidades de deslocamento predominantemente utilizadas pelas crianças. Os resultados permitem pensar as diferentes realidades sócio-territoriais e suas relações com os tipos de modais e, como esses influenciam nas percepções e apropriações do espaço público, inclusive no que se refere a identificação e o pertencimento com o local.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. mapeamento afetivo. Rio de Janeiro. deslocamentos. subjetividade.

1. INTRODUÇÃO: O DESLOCAR DAS INFÂNCIAS NA CIDADE

O ser humano percebe o mundo por meio da sua corporeidade. Sua natureza eminentemente ativa provoca compreender suas relações por processos de deslocamentos, baseado na experiência sensível de afetar-se com o outro, sendo esse também o território. Portanto, para compreender um espaço urbano, não podemos assumir uma postura de neutralidade e distanciamento, mas como um espaço encarnado (Thibaud, 2004), que só existe com presença e a ação dos indivíduos que o habitam.

Por isso, considerar todos os indivíduos torna-se fundamental para o processo de construção de uma cidade mais humana e democrática. As crianças, por exemplo, nos mostram outras percepções e vivências, e experienciam a cidade de uma maneira diferente – talvez mais sensível e com outros "espaços e tempos", percebendo "brechas" e nuances que os adultos não percebem mais. Assim, estudar as infâncias em seus territórios é a oportunidade de se debruçar em outras leituras de mundo, aliadas às relações e ambiências. Para Thibaud (2012) a ambiência pode ser definida como o espaço-tempo experimentado pelos sentidos. Em suma, um processo dinâmico, que nasce do encontro entre os aspectos físicos do espaço e subjetivos da corporeidade, e que se torna possível a partir da experiência vivenciada.

Existe uma série de condições para que um determinado fenômeno seja classificado como ambiência, dentre elas, "a possibilidade de interação entre a percepção, as emoções, a ação dos usuários e as representações sociais e culturais" (Paula, 2008, p. 30). Assim, entende-se que o mundo se estrutura em torno de um centro corpóreo e sensorial (Pallasmaa, 2013), como uma inteligência do mundo, uma teoria viva aplicada ao seu meio ambiente. No entanto, os modelos contemporâneos de planejamento urbano trazem incongruências à dimensão humana e suas subjetividades, principalmente a de crianças e jovens, cada vez mais expostas às problemáticas inerentes a esses contextos, como os fenômenos urbanos de superpopulações, tráfego, poluição, insalubridade e insegurança (Sarmento, 2018).

Tonucci (2020) aborda tal aspecto, amparado pela construção histórica, ao dizer que a cidade, nas instâncias políticas e de planejamento, foi sendo adaptada a partir de um modelo de cidadão, com características e necessidades restritas ao gênero masculino, branco, adulto, trabalhador e motorista de automóvel. Todos os grupos sociais que divergiam dessa concepção foram colocados à margem da sociedade, impossibilitando a plenitude de seus direitos básicos garantidos e, assim, restringindo suas experiências. Entre esses grupos excluídos do pensamento e das decisões urbanas estão as crianças, cada vez mais distanciadas dos espaços livres, confinadas em espaços intramuros, para sua segurança e disciplina.

A partir desses entendimentos, o presente artigo tem como objetivo explorar as relações entre o deslocamento e a composição de subjetividades, a partir das

diferentes perspectivas das crianças, decorrente das formas que realizam seus percursos de casa à escola. É durante esse caminho cotidiano que se formam relações importantes com o espaço público urbano e com o outro, e se abrem brechas para compartilhar novas representações de memórias, subjetividade e experiência, em uma vivência de troca sensível e educativa com a cidade. Ao mesmo tempo, a presença das crianças brincando e andando pelas ruas é um indicador urbano positivo de qualidade ambiental (Tonucci, 2005).

Dessa forma, tomamos como conceito norteador o território educativo, reconhecido como "um espaço ativo e dinâmico, construído social e tecnologicamente, formado por humanos e não humanos, capaz de gerar efeitos educativos e influenciar ações" (Azevedo *et al.,* 2016, p. 23). A concepção deste território tem como centro a escola, mas não se restringe a ela. Essa instituição adquire um papel de articuladora e passa a atuar em rede. O território educativo reconhece a importância das dinâmicas e experiências pessoais e coletivas no espaço urbano, abrangendo significados, símbolos e subjetividades, incorporando também o entendimento das crianças como cidadãos de direitos à cidade, bem como na sua formação integral. Gerson (2021, p. 90) relaciona ainda a importância da membrana urbana escolar, compreendendo que o diálogo da escola com os espaços livres do entorno e vizinhança "complementam suas funções educativas, recreativas e sociais, realizando uma transição entre o espaço da casa e da escola."

Desta maneira, a ideia de territórios educativos para além da rede territorial e da centralidade da escola, compreende os deslocamentos das crianças e seus corpos e experiências como construtoras de ambiências. Isso se fundamenta na compreensão da dimensão sensível se transformar em dimensão cognitiva, ou seja, a partir do momento que são vivenciados e compreendidos, os locais urbanos passam também a serem olhados, apropriados e cuidados.

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS: MAPEAMENTO AFETIVO DO RIO DE JANEIRO E O APROFUNDAMENTO DAS PERCEPÇÕES

Ao discutir as concepções de ambiências, Duarte (2003) destaca que essa está mais próxima no campo empírico do que teórico, e isso nos leva a questionar a própria maneira como as reflexões deste trabalho se estabelecem. A questão constante da pesquisa "Como compreender as percepções das construção de ambiências urbanas das crianças?" utilizou diferentes percursos para ser respondida. Como suporte principal para a compreensão das relações entre o deslocamento e as subjetividades, o desenho metodológico foi construído com base na ideia da cartografia (Deleuze e Guattari, 1995) apreendida como a investigação de um processo, ou seja, se interessa pelas maneiras de realizar os percursos e não necessariamente pelo local de chegada.

A discussão gerada neste trabalho tem como suporte básico o projeto de pesquisa "Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos do Rio de Janeiro: interlocuções e redes alinhadas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável" e seus desdobramentos. A pesquisa tem como ponto fundamental a atividade denominada Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos do Rio de Janeiro[1], onde se questionava às crianças das escolas municipais da cidade sobre percepções e desejos, baseados no que veem, ouvem e sentem, durante seus caminhos entre a casa e a escola. Seu principal objetivo é garantir maiores oportunidades de participação das crianças e jovens nas políticas públicas da cidade, além de compreender o território a partir dos olhares e experiências dessa geração.

A participação dos estudantes ocorre por meio das respostas para duas questões, e a primeira delas, sobre a percepção de seus percursos, é o foco das reflexões deste trabalho: "Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.". Como forma de investigar as informações registradas pelas crianças, foram definidas categorias de dados, como: aspectos urbanísticos e infraestrutura; equipamentos; comércio, serviço e indústria; espaços livres e áreas verdes; acessibilidade; mobilidade; mudança climática; conforto ambiental e saúde; conforto afetivo/cognitivo; recreação e lazer; aspectos sociais, econômicos e culturais; e segurança e violência. Para este trabalho se concentrou maior atenção às categorias de mobilidade e aspectos cognitivos. A primeira trata dos meios de transporte e suas condições, como infraestrutura dos modais e tempo de deslocamento. Enquanto a segunda retrata aspectos do campo afetivo, como emoções e sentimentos.

Como desdobramento dessa pesquisa e com o objetivo de aprofundar os dados obtidos na atividade, o Grupo Ambiente Educação (GAE) desenvolveu oficinas de Educação Urbanística e Ambiental[2] em escolas municipais de ensino fundamental, com recorte geográfico específico na 7ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) (Figura 1), região de muitos contrastes na morfologia da paisagem (Pereira, 2022). Nessas oficinas, o diálogo direto com as crianças por meio da escuta ativa, utilizando diferentes dispositivos, permite entender e aprofundar a realidade territorial de seus percursos cotidianos.

A escolha de escolas em contextos bastante diferenciados, parte do pressuposto que as diferenças territoriais implicam em diferenças experienciais e perceptivas das crianças. Entre as 113 escolas situadas na 7ª CRE, participantes da pesquisa no ano

1 A atividade foi desenvolvida pelos Grupos de Pesquisa Ambiente-Educação (GAE) e Sistema de Espaços Livres (SEL-RJ), ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ); em conjunto com a Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio do Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados (SUBPAR) e a Secretaria Municipal da Casa Civil (CVL). A atividade foi aplicada em 2019 e 2022, sempre no dia 8 de novembro, instituído como Dia Mundial do Urbanismo, instigando nas escolas da rede municipal pensar em temas urbanísticos e ambientais sobre/para seus caminhos cotidianos.

2 Oficinas de Educação Urbanística e Ambiental são atividades lúdicas e participativas, que visam aprofundar os resultados obtidos com o Mapeamento Afetivo, integrando os conhecimentos do campo da Arquitetura e Urbanismo, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e os saberes das vivências cotidianas dos estudantes, visando ampliar discussões sobre a cidade.

de 2022, duas escolas são utilizadas na discussão deste trabalho: a Escola Didia Machado Fortes, na Barra da Tijuca, onde foram realizadas oficinas no segundo semestre de 2023 e a Escola Rosa do Povo, no bairro da Taquara, em que foram feitas atividades no primeiro semestre de 2024.

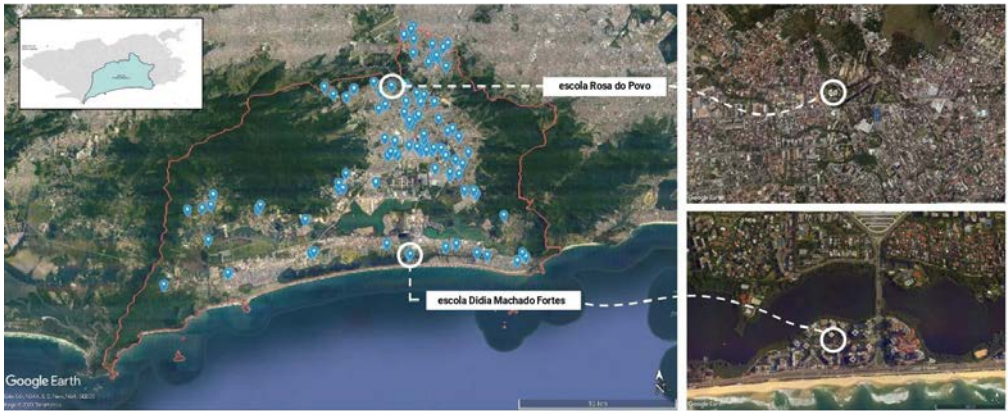


Figura 1. Localização da 7ª CRE na cidade do Rio de Janeiro (em destaque no alto à esquerda). As Unidades Escolares (UEs) da 7ª CRE participantes no Mapeamento Afetivo (à esquerda), com destaque para o entorno territorial das escolas estudadas (à direita).
Fonte: GAE/SEL-RJ/PROAMB, DataRio, Google Earth Pro (2024).

Compreende-se que essas iniciativas promovem diálogos entre a arquitetura e urbanismo, as políticas públicas, o ambiente construído, a educação e as experiências subjetivas das cidades, evidenciando as crianças e jovens como agentes transformadores da realidade atual, de forma a contribuírem com a construção de cidades e comunidades mais justas, sustentáveis e inclusivas.

2.1 Recorte de estudo

A Escola Municipal Professora Didia Machado Fortes, na Barra da Tijuca, tem sua estrutura e história relacionadas ao contexto de urbanização desse bairro, por meio Plano Piloto de Lúcio Costa, onde a principal característica consistia na formação de núcleos autônomos, onde se poderia viver sem precisar de grandes deslocamentos (Pereira, 2022). A escola está situada no loteamento Alfabarra II, tratado como um condomínio e destinado a pessoas de classe média alta.

Nesse cenário, a realidade se impõe de forma diferente daquela planejada: os estudantes que frequentam o equipamento educacional residem em áreas distantes da escola, contrariando também a lógica comum da relação escola-casa. Em geral, as crianças moram em outras localidades da zona oeste da cidade como Pechincha, Cidade de Deus, Gardênia, Anil, Rio das Pedras, Curicica e Freguesia, distantes ao menos 8 km da escola, implicando na necessidade de deslocamento por veículos motorizados. Essa dinâmica ocorre pela opção dos responsáveis em matricular as crianças nesta escola, considerada de boa qualidade e distante dos problemas sociais das regiões onde residem.

Por outro lado, a Escola Municipal Rosa do Povo está situada no bairro da Taquara, região que também teve seu processo de ocupação mais significativo em décadas recentes, porém seu território era constituído de áreas de fazendas. Por não possuir a lógica modernista de ocupação, tem seu território configurado a partir do parcelamento do solo de grandes glebas e antigos caminhos existentes. Isso se reflete em vias de pequeno e médio porte, poucas avenidas estruturadoras, verticalização ainda pouco acentuada e um equilíbrio entre áreas de classe média e baixa, oscilando também maior e menor densidade populacional. Nesse contexto, os estudantes dessa escola residem na região próxima à instituição, sendo quase a maioria no mesmo bairro.

3. PERCURSOS E SUBJETIVIDADES: TRILHAS DE UMA ANÁLISE SENSÍVEL DO LUGAR

Partindo da ideia que a forma de deslocamento tem um impacto significativo no registro das experiências e percepções das crianças, verificou-se preliminarmente o tipo de transporte[3] utilizado no trajeto casa-escola, nas duas escolas objeto do estudo. Observou-se que os estudantes da Escola Didia Machado Fortes fazem uso predominantemente de condução — transporte escolar particular — para se deslocar à escola. O restante utiliza ônibus ou carro e apenas uma criança informa que se desloca a pé. Enquanto os estudantes da Escola Rosa do Povo se deslocam, em sua maioria, a pé, seguido por crianças que realizam o percurso de carro ou ônibus. Essa primeira constatação abre precedente para investigar melhor o que as crianças escrevem e desenham sobre seus caminhos cotidianos, a fim de perceber se existem de fato distinções nas subjetividades registradas, provocadas pelas diferentes formas de deslocamento.

No que diz respeito à mobilidade, é preciso reconhecer sua importância dentro das expertises da arquitetura e urbanismo, bem como no funcionamento da cidade. Sua influência no habitar urbano é manifestada na relevância das percepções abordadas pelos estudantes, tanto aqueles que se deslocam por automóveis quanto aqueles que percorrem as ruas a pé. Nas respostas das duas escolas, os veículos automotores são apontados como um problema. A quantidade de veículos nas ruas, o excesso de velocidade, a falta de respeito dos motoristas à sinalização viária e o estacionamento irregular nas calçadas, interrompendo o fluxo dos pedestres, são apontados pelas crianças como aspectos impactantes na ambiência do lugar.

Apesar de a pergunta disparadora questionar o que as crianças “sentem” nesse percurso, associado, portanto, aos aspectos cognitivos e afetivos, pôde-se perceber que, em geral, as crianças da Escola Didia manifestaram poucos elementos associados a isso. Diferente da Escola Rosa do Povo, onde se apresentou uma boa quantidade

3 Foram analisadas 302 fichas, sendo 154 fichas da E.M. Didia Machado Fortes e 148 da E.M. Rosa do Povo. Nesse universo, os participantes são crianças do 3º e 5º ano do ensino fundamental, as quais possuem entre 8 e 12 anos.

de respostas manifestando determinados sentimentos. No Mapeamento Afetivo, esse aspecto foi mais detalhado, procurando definir se a forma de expressão da criança fazia referência a medo, alegria, segurança, paz, amor, raiva, tristeza ou outras questões associadas. Nesse sentido, é importante destacar que mesmo as crianças da Escola Rosa do Povo ao expressarem mais seus sentimentos, não apresentaram somente questões positivas, relatando também medo e insegurança. O fato de estarem expostos, corpo a corpo nesses território urbanos, provoca sensações que, muitas vezes num transporte, acabam ficando mais distantes.

Adentrando particularmente em cada contexto, revelou-se que os desenhos e/ou palavras dos estudantes da Escola Didia, expressam fortemente o contexto rodoviarista ao qual estão sujeitos. É importante enfatizar que mesmo o contexto imediato desta escola, dentro de um condomínio, seja convidativo para a vivência, por conta da quantidade de espaços livres, essa situação não é aproveitada pelas crianças. Um primeiro fator são os horários da escola (turno integral) e do transporte, os quais as crianças não podem optar, impossibilitando que tenham momentos para circular por esses espaços livremente. O segundo é a hostilidade do espaço e da comunidade ali residente com a escola e com seus estudantes.

Essas questões acentuam ainda mais as abruptas diferenças, principalmente em relação à infraestrutura urbana, entre o lugar onde está situada a escola e os lugares em que moram. Podemos compreender que isso provoca situações como a ausência das sensações de conforto e pertencimento, por exemplo. As crianças, nesse caso, têm ainda mais intensa a sensação de emparedamento, pois tem suas atividades restritas a poucos lugares específicos - casa, escola e no máximo a quadra poliesportiva - e tem sua mobilidade imposta e restrita. Essa confluência de fatores, impede que as crianças organizem seus espaços, construam a "sua cidade", provocando dificuldades de compreensão espacial e conhecimento da cidade (Tonucci, 2005).

Alguns exemplos ilustram o que é representado por muitas crianças na Escola Didia Machado Fortes. O desenho à esquerda (Figura 2), apresenta o caminho percorrido com referências a edificações marcantes na paisagem —, como a Vila do Pan e o Terminal Alvorada —, elementos de infraestrutura como pontes e o nome dos bairros. Nessa mesma perspectiva outras crianças fazem menção a diversos equipamentos de escala significativa no espaço urbano como: Cidade das Artes; redes de supermercados por atacado; shoppings; "Estúdios Globo"; condomínios —expressando de forma genérica o expressivo número de edifícios—; e outras infraestruturas viárias como túnel e viaduto. Também fazem referência a espaços livres como a praia ou a "praça", sem serem específicos.

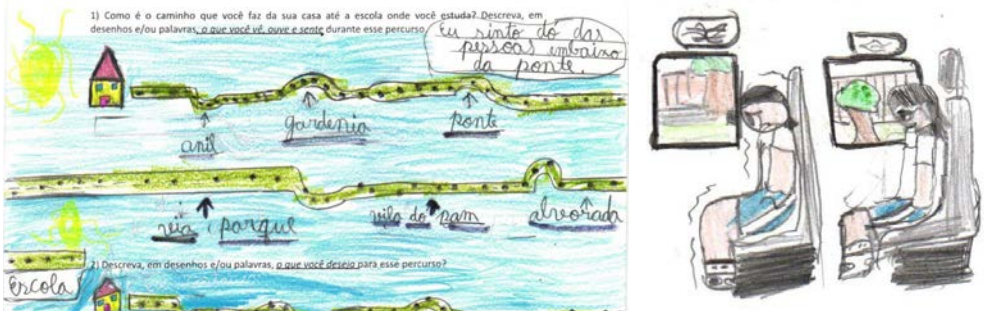


Figura 2. Recortes de respostas do Mapeamento Afetivo de estudantes da Escola Professora Didia Machado Fortes. Fonte: Acervo GAE/SEL/PROAMB (2024).

O desenho à direita (Figura 2) ilustra, assim como em outros desenhos, a cidade a partir da janela do ônibus, situando em primeiro plano a experiência de estar neste modal e a cidade como um cenário visto da janela. Ambos, demonstram o distanciamento e a experiência da cidade como espectadores. Algumas crianças, mesmo no contexto do transporte por veículo, expressam sobre sensações e sentimentos vivenciados dentro do transporte como o "barulho das pessoas falando"; "crianças falando alto e gritando"; e outros aspectos sonoros como: "barulho do ônibus" e "a buzina tocando". Junto a isso, dão ênfase a elementos estruturantes da mobilidade, como ruas, avenidas e veículos automotores.

Essas questões, no geral, revelam a formação da ambiência dentro do ônibus, que não é a ambiência da cidade. Não passa despercebido dos relatos das crianças problemas cotidianos como lixo, buracos, trânsito, animais abandonados ou pessoas em situação de rua, porém, esses estão sempre acompanhados da experiência automobilística e de certa forma, distantes da realidade sensória. A distância é também relatada e percebida no sentido deste espaço/temporal do percurso, ao comentarem, por exemplo, que "sentem sono" durante o caminho ou expressarem claramente que "o caminho é bem demorado".

Em contrapartida, na Escola Rosa do Povo, o relato das crianças evidencia outra escala de percepção. Os estudantes destacam edificações corriqueiras, que não tem um impacto significativo na paisagem pela sua estrutura física. As crianças descrevem, em sua maioria, edificações pelo seu uso, geralmente do cotidiano familiar, com referência às padarias, mercados, barbearia, parquinho, igreja e outros comércios e equipamentos locais (Figura 3).

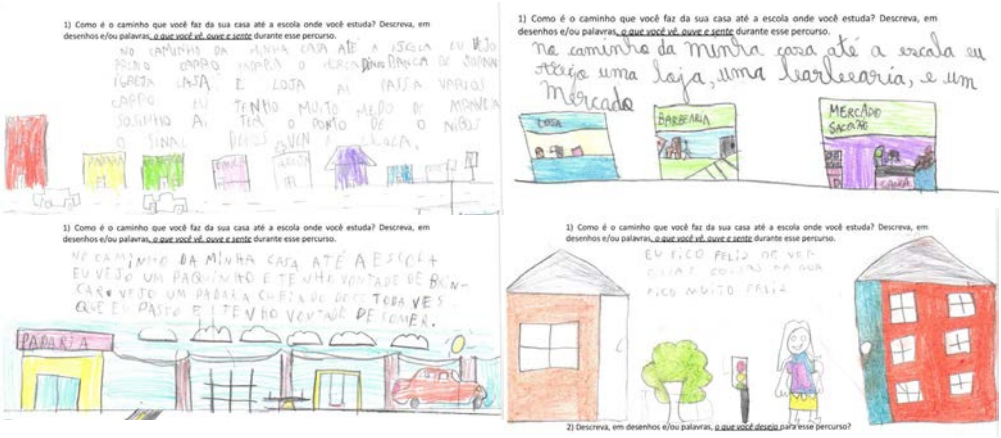


Figura 4. Recortes de respostas do Mapeamento Afetivo de estudantes da Escola Rosa do Povo.
Fonte: Acervo GAE/SEL/PROAMB (2024).

Esses exemplos aguçam as reflexões sobre quais situações muitas crianças são submetidas. Em um momento do desenvolvimento da vida que deveriam ter estimulado sua autonomia e reflexão crítica, essas crianças são tolhidas pelas conflituosas imposições das formas de planejamento, situações sociais e deficiências territoriais. Conforme Tonucci (2005), a oportunidade de percorrer as ruas sozinhas é uma forma de conhecer o ambiente e é uma exigência importante para o crescimento social e cognitivo da criança. Quando isso é compreendido como um compromisso da sociedade, cria-se uma atmosfera segura e saudável, que fortalece o cuidado e uso desses espaços.

4. CONSIDERAÇÕES SENSÍVEIS E DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS

Os resultados deste trabalho permitem pensar as diferentes realidades sócio-territoriais e suas relações com os tipos de modais e, como esses influenciam nas percepções e apropriações do espaço público, inclusive no que se refere a identificação e o pertencimento com o local. Contribuem também para entender os marcadores sociais os quais as crianças estão sujeitas, como gênero, idade, raça e classe, e como esses influenciam no habitar e se deslocar na cidade. Por isso, para além da ideia clássica de deslocamento, pensado a partir da mobilidade, consideramos pensar nesse movimento sensível, de transformação, de entender as infâncias como agentes cidadãos e transformadores dos seus territórios. Além disso, a prática da cartografia, por si só, já avança no entendimento de deslocamento, no sentido de que a qualquer momento estamos sujeitos a mudar a rota, por conta própria ou intempéries do espaço-tempo, e por isso não cabe ficar atrelado às concepções pré-definidas e certezas de onde vamos chegar.

Diferente de estar dentro de um transporte motorizado, onde se encontram no lugar de espectador da paisagem-veloz, no caminhar a criança se torna condutora dos seus próprios passos —e tempos —, explorando e impregnando-se do que se encontra ao redor, e isso faz com que o processo seja tão ou mais importante que o destino final. Esse é um dos princípios fundamentais do território educativo. A cidade tem o poder de educar, mas para isso é preciso que as crianças vivenciem o território, tendo autonomia, acessibilidade, segurança e tempo de pausa para apreender as subjetividades, e do seu modo, sintam-se pertencentes a esse todo social. Assim como coloca Duarte (2003), “os processos de apropriação do local urbano passam pelo reconhecimento da realidade sensorial das ambiências da cidade.” Desta maneira a ideia de pertencimento e identidade, provoca naturalmente um senso de comunidade e consequentemente apego e cuidado com o lugar.

A partir da concepção dos territórios educativos, a análise realizada reforça a diferença entre uma escola inserida num território constituído por espaços livres públicos facilmente acessíveis e outra escola que não possui essa interação. Essa distinção limita e empobrece as possibilidades e experiências dos diálogos da escola com a cidade (Gerson, 2021). Mais que isso, essa diferenciação dos tipos territoriais, implica na experiência para o acesso desse, o que impõe a escolha por determinado modal, que distancia da experiência de usufruir com a corporeidade as ruas, espaços públicos por excelência.

As distinções deste diálogo território-escola ilustram a ideia de Membrana Urbana Escolar, (Gerson, 2021), sendo a Escola Didia Machado, uma membrana sólida e impermeável, enquanto a Escola Rosa do Povo, uma membrana porosa e mais facilmente permeável. Essa definição pode ser considerada, não só pelos equipamentos e a dinâmica do entorno adjacente, mas um fator imposto pelo modo de deslocamento que as crianças devem optar para acessar o equipamento escolar.

A ideia de ambiência enquanto construção da percepção sensível dos lugares nos instigou a investigar a impressão dos territórios a partir de diferentes escalas e velocidades. Enquanto atributo para ser considerado nas discussões do planejamento urbano, a forma como cada um percebe os lugares, nos impõe considerar as entrelinhas, muitas vezes negligenciadas, o que nesse trabalho significou considerar a perspectiva das crianças.

A pesquisa, que soma observações de diferentes atividades, mostra que a grande diferença entre estudantes que realizam seus deslocamentos a pé e com o transporte motorizado se revela na sua posição enquanto cidadão. Enquanto os estudantes da Escola Rosa do Povo, ao relatar as situações urbanas, se colocam dentro daqueles problemas, revelando mais claramente como as atinge e como participam dessa problemática, os da Escola Didia Machado Fortes demonstram a cidade como um cenário, e se colocam como espectadores desse espaço urbano. Isso está atrelado a distância e velocidade com o veículo, que afasta também o corpo das crianças e a noção do outro e do sentido da vida coletiva nos espaços urbanos.

Por fim, é de extrema importância ampliar os estudos e práticas entre o campo de planejamento urbano, políticas públicas, pesquisa e as narrativas das infâncias, como forma de contribuir com a qualidade de vida, do lugar e do direito à cidade. Procurar responder a pergunta sobre a construção de ambiências urbanas das crianças se mostra múltipla e que nesta pesquisa teve como suporte uma atividade ampla e uma aproximação mais direta em oficinas com as crianças. Nesse sentido, a metodologia empregada se mostrou bastante satisfatória. Mas, enxerga-se que sua potência está em um processo mais duradouro, por meio do reconhecimento da Educação Urbanística e Ambiental nas escolas, como meio que possibilita a educação crítica e cidadã sobre o ambiente construído, sempre pensado de forma territorializada – agenciada de pertencimentos e identidades – em conjunto com os aspectos tangíveis, a relação afetiva e as ambiências.

7. BIBLIOGRAFIA

Azevedo, G; Tângari, V. & Rheingantz, P. (Orgs.). (2016). Do espaço escolar ao território educativo: O lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade. Rio Books.

Deleuze, G.; Guattari, F. (1995). Mil Platôs. Ed. 34.

Duarte, C. R. (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. Em THIBAUD, JP. e Duarte, C. R. (Orgs.), Ambiances urbaines en partage. (pp 21-30). Metis-Presses. *https://lasc.fau.ufrj.br/artigos.*

Grupo Ambiente Educação; Grupo Sistemas de Espaços Livres-RJ (2020). Relatório técnico do Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos da Cidade do Rio de Janeiro: Crianças e jovens pensando no futuro da cidade. *http://www2.gae.fau.ufrj.br/relatorios-de-pesquisa*

Gerson, G. C. (2021). Territórios educativos e infâncias: vivências das crianças nos percursos entre casa e escola (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Pallasmaa, J. (2013). A imagem corporificada: Imaginação e imaginário na arquitetura. Bookman.

Paula K. C. (2008). Pela câmera: delineamento metodológico de uma etnografia dinâmica. (tese de doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Pereira, M. (2022) O território educativo e suas linhas de fuga: práticas infantis nos trajetos casa-escola na 7ª CRE na área de planejamento 4 do Rio de Janeiro (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Sarmento, M. J. (2018) Infância e cidade: restrições e possibilidades. Educação, 41(2), 232-240. *https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317*

Thibaud, JP. (2004). Une approche pragmatique des ambiances urbaines. Em Chelkoff, G., Amphoux, P., & Thibaud, J. (Orgs.). Ambiances en Débats. (pp. 145-158). Ed. A la Croisée.

Thibaud, JP. (2012). A cidade através dos sentidos. Cadernos PROARQ, 18, 1-34. *https://doi.org/10.37180/2675-0392*

Tonucci, F. (2005). La città dei bambini: un nuovo modo di pensare la città. Ed. Latterza.

Tonucci, F. (2020). O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. Práxis Educacional, 16(40), 234. *https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i40.6897*

R33

HISTORY, MEMORY AND CHARACTERISTICS THAT MAKE UP THE AMBIANCES OF FREI CAETANO BRANDÃO SQUARE, IN BELÉM-PARÁ.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E CARACTERÍSTICAS QUE COMPÕEM AS AMBIÊNCIAS DA PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO, EM BELÉM-PARÁ.

Marina Monteiro Berredo Reis
Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
FAU/UFPA – Universidade Federal do Pará
marinaberredoreis@gmail.com

Marcelo Pereira Lourinho
Mestre em Arquitetura e Urbanismo Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
PPGAU/UFPA – Universidade Federal do Pará
marcelolourinho.arquitetura@gmail.com

Luiz de Jesus Dias da Silva
Doutor em Antropologia Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Prof. Dr. FAU/PPGAU/UFPA – Universidade Federal do Pará
ljds@ufpa.br

ABSTRACT
This article seeks to record the impressions absorbed by the ambiance present in Praça Frei Caetano Brandão, located in Belém do Pará, which, as it is located at the initial point of the city's founding, converges many present and forgotten historical impressions of popular memory, as well as the aspects that shape the present and perceptible ambiences in situ in contemporary times. Making use of the concepts of ambience, displacement and Open Cities, the space will be analyzed and how the concepts contribute to the formation of the ambiance that exists today in the historic site of Northern Brazil. Remembering its historical past with its exaltations and forgetfulness, its living present and analyzing a possible position for the future.

KEYWORDS: Praça Frei Caetano Brandão, Ambience, History, Memory, Belém do Pará.

RESUMO
O presente artigo busca registrar as impressões absorvidas pela ambiências presentes na Praça Frei Caetano Brandão, localizada em Belém do Pará, na qual, por estar localizada no ponto inicial de fundação da cidade, convergem muitas impressões históricas presentes e esquecidas da memória popular, assim como os aspectos que modelam as ambiências presentes e perceptíveis in loco na contemporaneidade. Fazendo uso dos conceitos de ambiência, deslocamento e de Cidades Abertas, será analisado o espaço e como os conceitos contribuem para a conformação das ambiências existentes, hoje, nesse sítio histórico do Norte do Brasil. Lembrando do seu passado histórico com suas exaltações e esquecimentos, seu presente vivo e analisando um possível posicionamento de futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Praça Frei Caetano Brandão, Ambiência, História, Memória, Belém do Pará.

1. INTRODUÇÃO
Registrar de modo holístico a percepção sobre a espacialidade da Praça Frei Caetano Brandão, no Centro histórico de Belém do Pará, é o que se objetiva neste artigo, considerando sua evolução histórica até a contemporaneidade e suas ambiências como lugar arquitetônico. Essa pesquisa faz parte de um estudo mais abrangente sobre as ambiências da cidade de Belém, empreendida pelo Laboratório Ambiências Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia - LASSAM. Para sua realização, se procedeu inicialmente a pesquisa bibliográfica, em seus aspectos históricos, conceitos de ambiências e de lugar arquitetônico, através de Duarte et al (2022) e pesquisa etnográfica em campo, a partir da observação direta e de entrevistas de pessoas no lugar objeto de estudo, a Praça Frei Caetano Brandão e seus arredores circunscritos no centro histórico de Belém.

Escrever sobre a cidade de Belém e registrar suas ambiências é exercer a liberdade de pensar e amadurecer ideias que poderão tornar-se agentes de melhoria para a cidade "é o que fazem os textos [...]: eles alteram a maneira como vemos o mundo também como atuamos nele" assim como citado por Puncher (2019). Sendo assim, trabalha-se para, em um cenário otimista e capaz, "construir hoje o futuro de amanhã" como dizia Oscar Niemeyer.

Assim sendo, por meio da pesquisa bibliográfica, pesquisa histórica e pesquisa etnográfica em campo, utilizando-se de observação e entrevistas no lugar que atua como objeto de estudo, a Praça Frei Caetano Brandão e seus arredores inscritos no Centro Histórico de Belém do Pará, consubstanciou-se neste trabalho, acerca do tema levantado a percepção sensorial do sítio em uma dimensão que contemple suas aberturas e restrições urbanas.

As peculiaridades de uma cidade são realidades importantes, relevantes e construtivas para os moradores e visitantes desta, visto que:

> "Toda cidade do planeta é um recanto de produção e reprodução social, histórica e cultural, que faz com que ao tempo em que haja tantos elementos comuns, a partir de cada gênese, existam as especificidades locais e consequentemente as dinâmicas físicas ou espaciais movidas pelo meio social em constante evolução, o qual faz, ao longo desse interstício, o arranjo das particularidades de cada urbe. Nesse sentido, toda cidade tem seu centro histórico elementar que dá partida ao crescimento evolutivo físico, com sua dinâmica social e paisagística, a qual vai resultar no seu conjunto característico." (SILVA, 2019, p.18)

A análise das ambiências ocorre de maneira constante na discussão do artigo, ao longo do correr do texto, será explanado várias vieses que corroboram para a análise das ambiências no contexto do estudo da construção subjetiva e cultural do espaço (Duarte et al, 2022) . A percepção das atmosferas exigiu a apreensão em campo do ambiente da praça, "isso se dá porque as ambiências só podem ser compreendidas por meio da experiência do corpo no lugar" conforme Duarte et al (2022). Sendo assim, a técnica escolhida foi a observação etnográfica empreendida *in loco,* no qual se percebeu e se experienciou as percepções expostas no trabalho.

Com efeito, o ambiente, o lugar e a região são algumas particularidades das quais podem ser objeto de estudo e pesquisa voltada para a singularidade local. Neste artigo, a visão abordada é o recorte da ambiência existente na Praça Frei Caetano Brandão, a partir de uma análise histórica e à luz dos pensamentos dos sociólogos Richard Sennett e Marc Augé, que desenvolveram conceitos e linhas de raciocínio sobre o espaço e que dialogam com as ambiências com naturalidade por se enquadrar como o oposto de uma cidade aberta, que "implica um sistema de adequação entre o estranho, o curioso e o possível", conforme citação de Richard Sennett (2018). Contudo, esse recorte só pode ser entendido tendo em vista a

análise que circunscreve o ambiente em análise, sendo ele o Centro Histórico de Belém do Pará e a dialética de seu desenvolvimento, construção e desconstrução ao longo do tempo.

A HISTÓRIA COMO CONTEXTO

Remontar a história em volta da Conjunto arquitetônico da Praça Frei Caetano Brandão (PFCB), que hoje, segundo o IPHAN, é um espaço público tombado em 09 de julho de 1964 na cidade, e que embeleza o conjunto arquitetônico do complexo feliz lusitânia, nos leva a revisitar uma Belém que nasce no forte do presépio como marco de defesa e colonização na Amazônia, entrelaçada no contexto social, histórico e político envolvidos pelos poderes militar e administrativo exercidos pela coroa portuguesa e a relação interpolar com a Igreja. Assim, o que mais tarde viria a ser o largo da Matriz, foi a primeira janela de extensão do território fora dos muros do forte e o início de um processo primitivo de formação urbana da cidade.

É relevante voltarmos o olhar para a história desse lugar que anos mais tarde viria se tornar Largo da Matriz, pois abrigou uma função distinta como da atualidade, e quiçá assombrosa de um passado apagado ou esquecido, que poucos conhecem ou fazem memória. Elizabeth Soares (2009) faz memória sobre esse início de formação e desenvolvimento da cidade do Grão-Pará e das primeiras configurações espaciais em torno do forte, e a partir dali deu-se a expansão e exploração das terras rememorando a história que pouco se conhece, sobre este sítio, que no processo de colonização, foi utilizado como o "largo de festas, suplícios e execuções" assim como falado por Soares (2009), e assim, nesse espaço descampado, de uso popular, foi erguido o primeiro pelourinho da cidade, como instrumento de dominação e poder político de caráter punitivo.

Soares (2009) ainda relata que o pelourinho era um instrumento de aplicação de sentenças públicas, onde o povo podia acompanhar os açoitamentos dos condenados, aos domingos, em frente à Igreja, às vistas de quem quisesse prestigiar. Esta realidade foi rompida por insistência dos sacerdotes que se queixavam ao rei pedindo a transferência daquele instrumento para outro lugar, visto que não era agradável este tipo de cena diante de um espaço religioso. Este pedido foi atendido anos mais tarde, e projetado uma praça de mercado chamada de praça do pelourinho destinada a esta finalidade.

Dados do Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE), revelam que foi por meio da Resolução número 54 de 24 de Março de 1899 que se estabeleceu a decisão de erguer a praça onde então era o largo. Cláudia Nascimento (2012), vai relatar que a praça primeiro foi denominada como Praça das Armas, pois foi espaço de acolhimentos dos soldados de Francisco Caldeira Castelo Branco, fundador da cidade. Foi somente em 1900 que foi erguido um monumento, no local, em homenagem ao sexto bispo do Pará, Dom Frei Caetano da Anunciação Brandão, sendo este uma figura de grande valia na história de Belém e que, posteriormente,

veio dar nome a praça por decisão do então intendente Antônio José de Lemos, simbolizando um marco transitório entre a "velha cidade colonial dos largos à moderna Belém do rico período da borracha, com suas belas praças e bulevares" (Nascimento, 2012).

Transformações e reformas espaciais ainda aconteceram na praça ao longo dos anos, que alteram sua configuração paisagística e descaracterizando o que outrora representava, nos tempos de Largo da Matriz ou Largo da Sé, até chegar na organização que encontramos atualmente, porém sem romper com a basilar história e influência que carrega para o marco inicial de Belém.

Figura 01– foto da praça com vista para a Catedral da Sé.
Fonte: Instituto Moreira Sales, (1910)

Figura 02 – foto da praça com vista para a estátua de Frei Caetano Brandão.
Fonte: Instituto Moreira Sales, (1910)

Desta maneira, vemos um cenário completamente diferente do que temos atualmente, e que um dia foi um espaço carregado de negatividade e dor, passado e quase esquecido ou pouco divulgado abrindo um hiato entre um largo do que é o que já foi. Notoriamente, neste sentido, as ambiências desse local, em um passado primitivo, intercalou entre a dualidade dos que sentiam prazer em assistir as cenas de açoitamento dos condenados, ainda na função de pelourinho, e de repúdio e indignação de quem não se agradava de tal evento, tal qual era o posicionamento dos sacerdotes da época. Vemos percepções distintas, geradas de uma mesma realidade, sob perspectivas opostas. Com as transformações espaciais e sociais ao longo dos séculos e outras funções que deram ao espaço, temos um patrimônio que carrega hoje a finalidade de despertar encantamento e beleza gerando percepções sensoriais e emoções que divergem de uma realidade antiga de Belém.

Figura 03 - Foto da praça Frei Caetano Brandão com vista para a Baía do Guajará Fonte: IPHAN

AS AMBIÊNCIAS PELOS VIESES DOS DESLOCAMENTOS E DA CIDADE ABERTA.

Com a apreensão das ambiências, e levando em consideração que o sítio da praça tem relevância tanto histórica, sendo ela tombada pelo IPHAN em 1964, quanto cultural, por exemplo por se localizar em frente a Catedral da Sé, o espaço sedia o ponto de saída do Círio de Nazaré, procissão religiosa de mais de 200 anos que é reconhecida como Patrimônio Imaterial do Brasil. Também, possui uma enriquecedora área para desfrute da área verde da cidade, ela foi relacionada com alguns teóricos urbanos que tratam de teorias que constatam de fatos sociais urbanos impregnados na atmosfera que podem ser analisados em quando boas qualidades a serem preservadas, assim como pontos apropriados para serem evoluídos.

Graças a essa cristalina importância da praça para a construção da memória dos belenenses e para o conhecimento de qualquer interessado, os processos tradicionais de resguardo das reminiscências do sítio de importância histórica já estão consolidados. Porém, partindo do viés da apreciação da ambiência, analisa-se na praça duas diferentes formas de apreensão sensitiva e intelectiva do lugar arquitectónico que serão discutidos nos próximos parágrafos.

Com efeito, sob a concordância pessoal apreendida *in loco*, a observada e a apreendida na pesquisa etnográfica, foi captada que a noção de alteridade pessoa-lugar ocorre de forma gradativa de acordo com o vínculo direto do passante com o sítio. Essa alteridade é relevante para a caracterização da ambiência de um lugar, pois

> "A força da alteridade está nas relações intergeracionais e transculturais nas quais ela se sustenta, e que criam as condições subjetivas de afetação e empatia com o outro e com os lugares.Ao desenvolver empatia espacial o indivíduo se predispõe ao compartilhamento de experiências." (Duarte et al, 2022, p.134)

com isso, simbolicamente fazendo a pessoa se sentir parte da história do lugar, ocupando-o e resguardando-o. O cidadão, quando inserido e como agente na dinâmica da ambiência, vive em meio a ciclos de deslocamentos intra urbanos que comunicam os lugares aos quais ele desenvolve sua vida e atividades no cotidiano, esses deslocamentos são analisados por Augé como identificadores de lugares e de não-lugares, classificados de acordo com relação homem-lugar.

Dentro da perspectiva de Augé de e do ser ou não um lugar, a praça revela a existência de dois prismas de ambiências, um no qual ela é "lugar", constituída pela existência do vínculo espacial das pessoas que trabalham em suas calçadas laterais, fazendo com que pela rotineira permanência, surja uma qualidade identitária e relacional, assim como identificado por Augé, além da dimensão histórica do ambiente "o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima", conforme Marc Augé (2010). Nesse espaço, constitui-se mediante ao tempo de permanência, o vínculo do indivíduo com o lugar, sendo assim, estar na praça constitui-se em um fim, e não em um meio para chegar a outro ambiente. A ambiência apreendida por esse grupo de pessoas é a melhor possível, sendo considerada agradável, calma, segura, entretanto, sem a percepção do significado histórico e social que a Praça Frei Caetano Brandão tem para a cidade de Belém.

Em outro viés dos deslocamentos de Marc Augé, foi observado nas investigações etnológicas dentro das ambiências da praça, a existência do não lugar. Essa atmosfera é marcada pelo fluxo acelerado, alerta, desconfortável e embotada das pessoas. Esse grupo de indivíduos não tem como finalidade o estar na praça, pois não têm um vínculo direto com ela, a nao ser o de caminho, o de meio para chegar a um fim, sendo ele dividido entres as várias possibilidades de edificações atrativas do entorno, como a Casa das Onze Janela, Museu de Arte Sacra, Forte do Castelo

e a Igreja e Museu de Santo Alexandre, pontos captadores de intenção de visitação do entorno, que fazem parte do conjunto arquitetônico e urbanístico da praça. Esses pontos focais são de extrema importância para cidade de Belém, mas identifica-se o questionamento, por que a ambiência da praça torna-se pouco atraente para as pessoas que não trabalham no entorno? Como área verde da cidade, por que esse ponto por si só não se caracteriza como uma força centrípeta de atração de um público de frequentadores?

Pensando em aberturas urbanas, analisa-se a existência não aproveitada de um potencial urbano da praça. O conceito de cidades abertas versa sobre a existência do enriquecimento da vivência humana em uma cidade por meio da diversidade de oportunidades, cenários e possibilidades que o urbanismo dela é capaz de oferecer. Assim como apresentado nos estudos de Sennett, 2018, no qual expõe em seu livro o trecho em que diz "a cidade é um lugar complexo, o que significa que é cheio de contradições e ambiguidades. A complexidade enriquece a experiência; a clareza a empobrece". Conectando esse raciocínio ao tema das ambiências, é possível fazer um paralelo que demonstra que as cidades abertas são enriquecedoras, inclusivas e potencializadoras na criação e manutenção de atmosferas, pois as complexidades se distinguem de um padrão, resgatam memórias e criam vínculos entre as pessoas e os lugares. Conforme Duarte et al (2022):

> "a possibilidade de estabelecer o cruzamento de diferentes narrativas de sujeitos, cujas experiências demonstram pontos de vista distintos, a fim de produzir uma configuração minimamente compreensível do Lugar arquitectónico [...] Dentre os 'fios' da memória, as arquiteturas proporcionam pontos de ancoragem."

Tal percepção tem a ideia oposta de cidades fechadas, na qual a padronização e a previsibilidade são características intrínsecas ao urbanismo, favorecendo uma permanência automatizada nos ambientes, pois eles são previsíveis e simplificados. Favorecendo o passar pelo lugar e não o estar nele.

Nesse sentido, é possível abrir um paralelo que engloba a não existência de ambiência complexa para os transeuntes sob o ponto de vista histórico e cultural, pois a praça não contém nenhum símbolo que remonte o passado enquanto pelourinho da cidade. Essa falta afasta a criação de uma ambiência que abrace a população descendente dos povos escravizados no passado do Brasil, fazendo reverberar apenas a ambiência religiosa, em que se sente o apelo espiritual e apaziguador católico, além dos apelos comerciais e culturais das edificações que se localizam no entorno da praça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - POR UMA PAISAGEM CONSCIENTE E MAIS APRAZÍVEL

Dentre as muitas ambiências de Belém, com relevância de serem estudadas como fenômenos, estão as do Centro Histórico e no meio dessas, estão as atmosferas do seu núcleo de fundação, cujo desenvolvimento iniciou a história contada da cidade.

Esta pesquisa, ainda em andamento trouxe neste artigo, registros das ambiências da praça Frei Caetano Brandão, tanto as percebidas pelos autores, como as declaradas, informalmente por transeuntes.

Assim, foi observado que esse logradouro público, que fica no centro do núcleo de fundação da cidade, funciona estruturalmente, mais como um corredor de distribuição espacial, onde pessoas passam ou mesmo estacionam seus veículos, para ir a outro setor desse complexo, como a Igreja da Sé, Igreja de Santo Alexandre, museus, Forte do Castelo e casa das onze janelas ou mesmo para tomar uma água de coco, fazer um lanche nas diversas barracas instaladas nas suas calçadas periféricas, quase nunca para ir à praça, com exceção do segundo sábado e domingo do mês de outubro, onde a praça fica repleta de fieis que acompanham a trasladação e o Círio de Nazaré .

Com a investigação no deslocamento dos transeuntes, não se observou, em várias incursões realizadas, pessoas indo para a praça com foco na permanência nela, usando-a apenas como meio para se chegar aos pontos turísticos anexos ao conjunto arquitetônico. Nesse sentido, esse espaço da cidade se caracteriza como um "não lugar" para grande parte do público, como visto no texto.

Embora tenha sofrido intervenção no traçado e paisagismo no final da década de 1990 e início dos anos 2000, o logradouro continua bem conservado, mas não se aproveitou para, nessa intervenção, fazer referências simbólicas ao ambiente de açoite dos povos escravizados no século XVIII. Com isso, propõe-se que, fazendo uso do prédio inscrito no conjunto arquitetônico e urbanístico da Praça Frei Caetano Brandão, Colégio Jesuítico de Santo Alexandre, em que está localizado o Museu de Arte Sacra do Pará, se crie um monumento ou quadro que represente esse passado histórico.

Também, percebeu-se que não há vestígio da arborização frondosa, existente no passado, em um período anterior ao ano do tombo, 1964, da praça, como constatado na imagem das figuras 1 e 2 no texto. Assim, contrastando bastante com a solução atual do paisagismo, onde se optou pelo plantio de espécies arbustivas nos limites dos canteiros para com os limites dos caminhos pavimentados, formando uma cerca nos grandes gramados. Realizando o antigo costume portugues de "'limpar as vegetações' como se fosse 'algo sujo', era comum também em outras colônias portuguesas", como citado por Cardim (2022), como é demonstrado na realização do atual paisagismo, que além da pouca disponibilidade de bancos, que em conjunto, tornam a estada na praça menos convidativa.

Esta pesquisa pode incentivar a novas pesquisas, a novas reflexões quanto ao futuro dessa praça, que mesmo tombada pelo patrimônio histórico, merece ser inserida como um lugar de contemplação, mas também de estar, dentro da cidade aberta, provendo um clima agradável e mais sombreado. Fornecendo ao espaço

um paisagismo sustentável, fazendo com que a paisagem seja multifuncional, com o intuito de criar áreas verdes que beneficiem humanos e ecossistemas simultaneamente (Cardim, 2022).

Sendo assim, faz-se a sugestão de ser proposta uma adequação ao paisagismo que privilegie e convide o transeunte a vivenciar plenamente uma ambiências mais aconchegante da Praça, com espécies nativas que podem promover um maior sombreamento nos miolos dos canteiros, mas que não retirem o protagonismo do monumento de Frei Caetano Brandão, que caracteriza e dá nome ao lugar. Concluindo assim o raciocínio do presente artigo.

BIBLIOGRAFIA

Soares, E. N. (2009). Largos, coretos e praças de Belém– PA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).. C. (2012). Praça Frei Caetano Brandão. *https://marcosdotempo.blogspot.com/2012/08/praca-frei-caetano-brandao.html*. Acesso em: 10 jun.

2024., B. C. (2009, 16 de fevereiro). Depoimento: Bartolomeu Campos de Queirós - Escritor. Belo Horizonte-MG: Circuito Liberdade [Vídeo]. Youtube. *https://www.youtube.com/watch?v=VcRsJhNP4z0* .

Duarte, C. R. et al. (2022). **Experiência do Lugar Arquitetônico**: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books.

Silva, L. J. D. et al.(2021). **Percepção do ambiente construído:** por mais humanização em arquitetura e urbanismo. Paka-Tatu.

Soares, E. N. (2009). Largos, coretos e praças de Belém. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).Monumentos de Belém. (s/d). Universidade Federal do Pará, Monumento A Frei Caetano Brandão: Homenagem No Berço Da Cidade. *https://www.monumentosdebelem.ufpa.br/index.php/monumento/frei*

_____. Conselho Municipal de Belém. (1900). Leis e Resoluções Municipais Codificadas na Administração Municipal do Senador Antônio Lemos. *http://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/legislacoes/leis-e-resolucoes-municipais-1899/82/*

Miranda, C. S. (2006). Cidade Velha E Feliz Lusitânia: Cenários Do Patrimônio Cultural Em Belém. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará. Belém.Augé, M. (2009). Não Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Revista Aurora, 8(01), 139-144. *https://doi.org/10.36311/1982-8004.2014.v8n01.4711*.

Lourinho, M. P. (2024). Percepções Das Ambiências Na Arquitetura Sacra: Uma Análise Sensível na relação dos usuários com o Estar/ Permanecer/Retornar À Igreja Nossa Senhora Do Carmo Em Belém-. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém.

Cardim, R. (2022). Paisagismo sustentável para o Brasil: Integrando natureza e humanidade no século XXI. Olhares.

R33

AN INVISIBLE CITY: SENSITIVE CARTOGRAPHIES OF THE SPACE INHABITED BY HOMELESS PEOPLE

UMA CIDADE INVISÍVEL: CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS DO ESPAÇO HABITADO POR PESSOAS "SEM TETO"

Ethel Pinheiro Santana
Arquiteta e Urbanista, Professora, Doutora
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PROARQ
ethel@fau.ufrj.br

Bianca Teixeira Rocha
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo,
pesquisadora de Iniciação Científica
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PROARQ
bianca.rocha@fau.ufrj.br

Brenda Lúcia da Costa Romão
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo,
pesquisadora de Iniciação Científica
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PROARQ
brenda.romao@fau.ufrj.br

Rachel Silveira Alves
Arquiteta e Urbanista, mestranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU / PGPP
rachel.alves@fau.ufrj.br

ABSTRACT

When mapping spaces called “invisible”, one can see the inhospitality practiced in some Latin American cities and how this “invisible city” is much more associated with urban neglect of homeless people than with their effective invisibility. The current scenario of post-COVID19 cities was the trigger for the research entitled “Affective Cartography” (in Rio de Janeiro) to look at the daytime routes and nighttime spaces occupied by people who find their survival on the streets – and they experience different environments based on community life. Through in situ verification, it has been possible to map neighborhoods in RJ in which these people build an affective and geographic territory, as well as construct a wandering map that will ultimately establish an affective cartography (Rolnik, 2007). The research, therefore, compiles manifestations of this “invisible city” by “aimless bodies”, contributing to increasing social sensitivity and design commitment for contemporary urbanism.

KEYWORDS: Ambiances. Affective Cartography. Ambulation. Invisible City. Aimless bodies.

RESUMO

Ao mapear espaços intitulados “invisíveis”, percebe-se a inospitalidade praticada em algumas cidades latino-americanas e como essa “cidade invisível” está muito mais associada à negligência urbana com pessoas em situação de rua, do que com a sua efetiva invisibilidade. O cenário atual das cidades pós-COVID19 foi o estopim para que a pesquisa intitulada “Cartografias Afetivas” (no Rio de Janeiro) se voltasse para verificar os trajetos diurnos e os espaços noturnos ocupados por pessoas que encontram, nas ruas, sua sobrevivência – e experimentam diversas ambiências baseadas na vida comunitária. Por meio da verificação in situ, tem sido possível mapear bairros do RJ em que essas pessoas constroem um território afetivo e geográfico, assim como construir um mapa-deambulante que consagrará, por fim, uma cartografia afetiva (Rolnik, 2007). A pesquisa, assim, compila manifestações dessa “cidade invisível” por “corpos sem rumo”, contribuindo para ampliar a sensibilidade social e o compromisso projetual para o urbanismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências. Cartografia Afetiva. Deambulação. Cidade Invisível. Corpos sem rumo.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho visa incrementar o escopo de metodologias para a abordagem em espaços públicos no Rio de Janeiro - RJ, mapeando a configuração daqueles espaços intitulados “invisíveis”, uma vez que são fabricados pela presença de corpos que deambulam pelas ruas e buscam habitar a cidade enquanto a vida cotidiana está “em repouso”. Essa abordagem ganha validade a partir da análise das ambiências urbanas no cenário das metrópoles pós-COVID 19, atingidas pelo aumento da pobreza e de ocupação das áreas centrais livres.

No Rio de Janeiro, o Censo de População de Rua 2022 da Prefeitura identificou 7.865 pessoas, um aumento de 8,5% em relação a 2020, tais dados não são precisos e diversas entidades civis de apoio estimam mais de 10.000 pessoas sem abrigo na capital do RJ. Tal quantidade de pessoas "de rua/na rua", afrontadas pela dinâmica dos usos formais e ocupacionais da cidade, acordado a falta de políticas públicas e insuficiência dos planos urbanísticos em inserir essas pessoas como parte das discussões de desenvolvimento humano/urbano nas cidades, as coloca em um lugar de invisibilidade.

O universo inicial desta pesquisa foi composto pela observação de dezenas de pessoas que utilizam o "edifício dos Correios", no Centro do RJ, local que muitas vezes é repetido ou revezado como forma de proteção desses corpos chamados "sem rumo", e deambulam regularmente por longas distâncias com rumo pré-definido, construindo territórios a partir de sua experiência corporal e, assim, instituindo uma cidade invisível.

Em constantes sondagens por diversos bairros no RJ, desde a primeira incursão a campo no Centro do RJ, os integrantes da pesquisa verificaram outros bairros em que o pernoite de pessoas em situação de rumo ocorre com frequência, e também demonstram uma busca de inserção desse "corpo sem rumo" na cidade, durante o período diurno, como forma de sobrevivência.

Assim, este estudo pretende observar a aplicabilidade de alguns conceitos, como o de apropriação (Fischer, 1994), território e afetividade (Tomkins, 2015; Anderson, 2006). Visa também explorar os percursos peatonais traçados por pessoas em situação de rua, preferencialmente aqueles que acontecem durante as suas atividades diurnas, sendo os mesmos identificados nas entrevistas semiestruturadas a partir de seus pontos de pernoite. Deste modo, busca-se fundar material plausível de influência para a revisão de políticas públicas, contribuindo para aprimorar projetos urbanísticos e da paisagem urbana, e também aqueles que possam proteger e salvaguardar os entrelaçamentos sociais, culturais, patrimoniais e sobretudo humanos.

A pesquisa apoia-se em análise de cunho interdisciplinar, a partir de estudo de campo com utilização de fotografias, gravação audiovisual, croquis de campo, entrevistas semi-estruturadas e georreferenciamento de dados, além de atividades de acolhimento e de abordagem sensível que visam facilitar o processo de mapeamento com ética, respeito e adaptabilidade às exigências de sondagem.

Utilizando a noção de Empatia Espacial (Eisenberg e Strayer, 1987; Duarte et al., 2015), a pesquisa trata de compilar as manifestações dessa "cidade invisível" por "corpos sem rumo", contribuindo para ampliar as diretrizes de projetação de espaços sensíveis através de propostas para o urbanismo contemporâneo.

Tão logo, é desejo produzir um mapa-deambulante, construindo, assim, um potencial de síntese às dinâmicas dos locais/bairros que a mobilidade desses corpos constrói em um território e identificar quais significados são revisados a partir dele. Assim,

apesar dos paradigmas entendidos de uma sociedade dirigida por grupos sociais hierarquizados, a pesquisa tem demonstrado que o uso e ocupação da cidade como um todo são os vieses que permitem interpretar um território.

2. SOBRE ESPAÇOS PÚBLICOS, CARTOGRAFIAS E AMBIÊNCIAS

O habitante das cidades contemporâneas, e suas maneiras de habitar, desejar e perceber o espaço urbano (em constante desenvolvimento), são a matriz da arquitetura e do urbanismo, enquanto realidade humana, constructo cultural, e reflexão de uma subjetividade. Tal matriz vem sendo estabelecida como parâmetro para "(...) a construção de um campo científico interdisciplinar que, comprova-se refletido em diversas produções que associam a arquitetura e urbanismo ao campo da sociologia urbana, da antropologia, da psicologia e também da geografia" (Pinheiro, 2010). Pensar a ambiência como essa 'materialidade' que possibilita analisar tais relações de forma transversal, nos recortes espaciais das cidades, é o primeiro viés contributivo desta pesquisa para o aprimoramento da vida em sociedade, objeto maior de interesse da área de arquitetura e urbanismo.

Ainda, um pouco além, é possível afirmar que o espaço de uso cotidiano e de vivência só pode ser impresso e compreendido em seu valor emergente, ou seja, através do caráter coletivo e dinâmico que as novas interferências políticas e sociais constroem. A necessidade de uso da esfera pública e coletiva como forma de entender a mesma cidade é colocada como desafio aos projetos e ideários urbanísticos da contemporaneidade, principalmente derivados de (muitas) revisões das teorias situacionistas e do papel imprescindível da geografia humanista na compreensão do corpo e da interação homem-ambiente.

Na conceituação de espaço público há de se estabelecer, segundo Lavalle (2005, p. 37), "três dimensões do 'público' correlacionados com seus adjetivos do mundo 'privado': 1. Público versus privacidade, intimidade ou sociabilidade primária; 2. Público versus propriedade ou interesse particular e 3. Público versus não difundido, de conhecimento particular ou restrito".

Nesta pesquisa, a ideia de corpo de rua/corpo na rua é colocado como forma de equipar um pensamento não hegemônico, invertendo a lógica de que uma pessoa que "está na rua" não tem escolha ou solução, pois, ao contrário, pequenas incursões por bairros cariocas, já realizadas com o apoio da Organização Não-Governamental "SOVAMOS-RJ", desde 2021, tem demonstrado que existem inúmeros motivos para que pessoas estejam na rua, justificando o termo "em situação de rua" e ampliando a compreensão de que a deambulação por espaços livres constrói um novo tipo de cidade: aquela que se fragmenta das noções formais de seu planejamento.

O mapeamento dos corpos – por meio de uma Cartografia Afetiva – permitirá evidenciar esta cidade "invisível", posto que não está defronte aos olhos, mas oculta,

para que sobreviva. A cartografia que esta pesquisa lida é, sem dúvida, baseada no preceito primordial de um cartógrafo: representação geométrica simplificada de um território por meio de plantas, mapas e cartas. Mas, um pouco além, busca o mote da afetividade: o mapeamento das relações estabelecidas com os sentidos humanos e pelas apropriações dos corpos nos espaços. Deste modo, a pesquisa se fortalece no trabalho de Suely Rolnik, com o livro "Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo" (1989), que inaugura uma pesquisa basilar na análise dos processos de subjetivação do corpo feminino, ao elencar 24 personagens possíveis de "noivinhas", de acordo com as linhas de desejo e os afetos de cada personagem.

A mudança de perspectiva no modo de se olhar os espaços livres/públicos das cidades nos últimos vinte anos trouxe o fortalecimento de uma abordagem existencialista, fenomenológica e encarnada dos lugares de convívio, que acabou por solidificar expressões de apropriação e usos diferenciados em espaços, além de movimentos mundiais pela busca de um mundo socialmente, tecnologicamente e economicamente sustentável.

Ainda assim, o número de pessoas em subcondições de vida urbana aumentou dramaticamente no Brasil. O IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), divulgou um primeiro estudo em 2016 que indicava cerca de 101.854 pessoas vivendo em situação de rua no Brasil. Já no estudo de 2020 o número da população em situação de rua teve um aumento de 140% entre 2012 e março de 2020, subindo para 222 mil pessoas, ainda antes da Pandemia pela COVID-19, como aponta o IPEA: O estudo aponta ainda desafios trazidos pelo contexto da pandemia do Coronavírus: a população em situação de rua cresceu 140% a partir de 2012, chegando a quase 222 mil brasileiros em março deste ano, e tende a aumentar com a crise econômica acentuada pela pandemia da Covid-19. (IPEA, 2023).

A quantidade de pessoas que perambulam pelas ruas não pode ser camuflada simplesmente por uma noção de "invisibilidade" que ganham pela maioria da sociedade civil e governamental. Obviamente, esta invisibilidade é seletiva. Igualmente, os Planos Diretores e o Planejamento urbano das cidades precisam confrontar tal situação e dialogar com a natureza, a qualidade e as respostas possíveis, diante da impossibilidade de abrigar todos os corpos no espaço público. Neste sentido, esta pesquisa busca colocar o mapeamento das ambiências vividas por esses "corpos sem rumo" como um holofote sobre a realidade sensível de "habitabilidade" de tais pessoas, suas deambulações e concentrações, e mais: suas experiências.

A comunicação do corpo com o espaço e o tempo históricos, e a postura individual adotada por cada sujeito em seu espaço de (sobre)vivência, tem motivado a maior parte das incursões nas teorias arquitetônicas sobre a complexidade e o futuro das cidades – estas, em profusa escala de modificação. Neste enredo, corpo e cidade são encarados como um espectro de amplas possibilidades que se mesclam na noção contemporânea de subjetividade.

Para aproximar esta pesquisa de sua finalidade, a pesquisa qualitativa se mostra ideal, se compreendermos que os estudos de ambiências permitem adotar ferramentas variadas como: exploração fenomenológica, entrevistas abertas ou semiestruturadas e leituras etnográficas usualmente consolidadas em sensações-síntese dos usuários das cidades. As narrativas, igualmente qualitativas, permitem um maior detalhamento da experiência espacial desses usuários a partir da observação direta de grupos pelo pesquisador e sua interpretação cultural; o sentimento espacial do pesquisador, também qualitativo, pode ser compreendido por um viés corpográfico de imersão no ambiente, dialogando com uma perspectiva fenomenológica do espaço, dada pela experiência espacial subjetiva.

Portanto, com foco em tais interações, e mais especificamente nos estudos sobre a vivência nas cidades contemporâneas, os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – LASC/UFRJ tem apontado para a grande importância do estudo das ambiências urbanas para a democratização das cidades, visto que a interação do ambiente com o indivíduo (enquanto ser cultural) permite a construção e o planejamento de territórios diversificados, agradáveis, propícios ao convívio, à segurança, às construções identitárias e memoriais – cruciais para a fundação de cidades que afetam e são afetadas por seus usuários.

3. METAS E PERCURSOS DA PESQUISA

A pesquisa, que começou a ser desenvolvida em 2019 sob o título "Cartografias Afetivas. mapeamento da vitalidade urbana no cenário das ambiências contemporâneas", apoiada pela FAPERJ, teve como meta revisar e estruturar metodologias etnodinâmicas que favorecessem a compreensão sociocultural do vínculo com determinados espaços livres públicos (praças, becos, calçadas, largos), ou seja, os fragmentos livres que são apropriados pelo uso coletivo, na esfera pública, numa leitura focada às consequências e revisões das formas de "construir lugar".

O mapeamento do vínculo afetivo atrelado a tais espaços urbanos surgiu como mola-mestra durante a Pandemia. A revisão dessa pesquisa guarda-chuva para a análise das deambulações e permanências das pessoas em situação de rua chega nesta fase, intitulada: "CARTOGRAFIAS AFETIVAS DE CIDADES INVISÍVEIS", que tem como objetivo geral desenvolver cartografias sensíveis que permitam evidenciar as formas de ocupação, nas metrópoles, por pessoas em situação de rua, começando pelo RJ. Por fim, como meta vislumbrada, espera-se atuar na revisão de políticas públicas voltadas à qualidade dos espaços livres públicos, para aprimorar as práticas sociais cariocas – ação já iniciada em parceria com a Prefeitura do RJ, para a análise de algumas praças na zona sul.

O conjunto de pesquisas que têm se debruçado sobre o problema da população em situação de rua no Brasil demonstra que as pessoas nesta categoria são diversas entre si, e mapear tais "personagens" e seus itinerários de usos (Fig. 1 e 2), no e spaço público urbano, permitirá reconhecer caminhos possíveis para um urbanismo solidário, voltado para a solução de corpos, e não para a manutenção exclusiva de máquinas.

Fig.1: Mapeamento dos focos de permanência noturna no Centro do RJ, Gamboa, Tijuca, Botafogo e Copacabana. Fonte: autores, 2024.

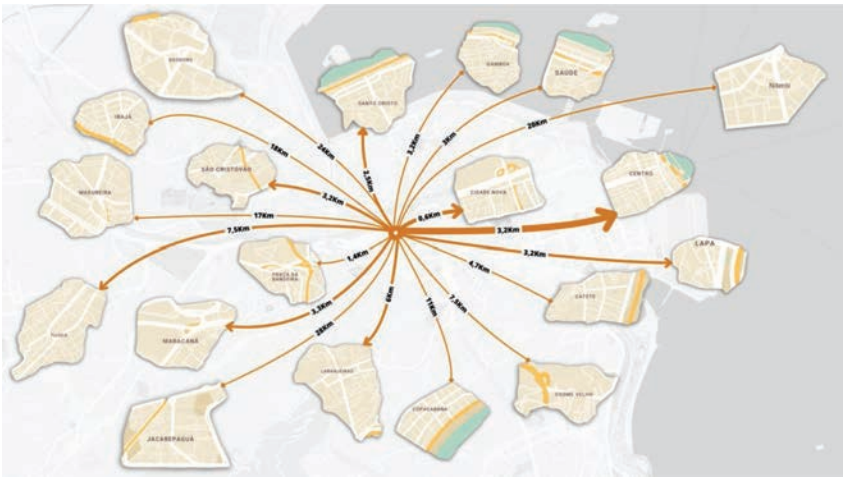


Fig.2: Mapa do RJ com recorte de bairros indicando o último local de residência e atividade diurna dos informantes na primeira visita de campo, realizada no Centro do RJ. Fonte: autores, 2023.

Muitos são os fatores que constroem a categoria "situação de rua", tais como: falta de oportunidades no mercado de trabalho, pertencimento aos menores estratos sociais, rupturas familiares, perda da autoestima, doenças mentais, dependência química, entre outras. No entanto, todas têm em comum o elevado grau de vulnerabilidade e o apelo ao espaço públicos e aos agentes (em maioria não governamentais) para sobreviver na metrópole. Também é importante ressaltar que a condição de vulnerabildiade é uma das mais combatidas, desde 2015, pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – lançados pela ONU.[1]

1 https://brasil.un.org/pt-br/sdgs

4. ETAPAS DE SONDAGEM, MÉTODOS E ANÁLISES PRIMÁRIAS

Para a realização da pesquisa, o contato de forma ética e também mapeada dos pontos de acesso a pessoas em situação de rua, além de oportunidade de maior comunicabilidade mediada por assistentes sociais, torna as etapas de cartografia dessas deambulâncias muito mais precisas e adequadas. A Plataforma Brasil já aprovou a consonância ética da pesquisa, portanto, ao buscar a consolidação de métodos de análise e de possibilidades de mapeamento de espaços sensíveis – espaços em que as relações sociais e identitárias são fortalecidas por um algum agente empático, produzido pela alteridade – esta pesquisa busca questionar os processos comumente empregados na produção de planos/propostas urbanísticas para as cidades contemporâneas.

Analisar esses estratos da cidade, por meio das ambiências consoantes aos usos desenvolvidos por pessoas em situação de rua, tem enriquecido as sondagens por espaços públicos no RJ e exigido uma metodologia bastante estratificada. Por isso, o processo metodológico se baseia em três etapas sequenciais, numa primeira fase:

1. busca direta da localização de pessoas em situação de rua pelo RJ, por meio de saídas a campo em horários noturnos e com o auxílio de transporte fretado para a comodidade e segurança da equipe(Fig. 3);
2. acolhimento e conversa direta com os interlocutores, com fornecimento de alimentação e de material explicativo sobre a pesquisa (Fig. 4);
3. aplicação de entrevista semiestruturada, visando mapear os pontos de permanência noturnos e as deambulações diurnas/vespertinas, além de registros das narrativas pessoais (Fig. 5 e 6).

Fig.3: Fotografia da localização noturna registrada na primeira visita de campo, realizada no Centro do RJ (à esq.). Fonte: autores, 2024.
Fig.4: Alimento fornecido na etapa de conversa direta (à dir.). Fonte: autores, 2024.

Fig.5: Entrevista direta com os interlocutores, realizada no bairro Copacabana, RJ. Fonte: autores, 2024.
Fig.6: Entrevista direta com os interlocutores, realizada no bairro Tijuca, RJ. Fonte: autores, 2024.

Através da apuração dos resultados obtidos nas análises (por meio de registros gráficos – croquis, gravações audiovisuais e entrevistas) são delimitados os dados necessários para a interpretação do ambiente sensível.

Após esta primeira fase, a segunda fase buscará realizar entrevistas abertas com algumas personagens mapeadas na fase anterior, seguindo para a entrega de "kit de desenho" (cadernos e lápis coloridos), para que seja devolvido o protagonismo àqueles que conformam a pesquisa e para que esses interlocutores construam seu próprio caderno de campo da cidade, que será apresentado à equipe de pesquisadores em momento oportuno, além da oferta de adesivos plásticos "auto-descolantes" (como chamamos na pesquisa), para que os interlocutores colem-no em suportes espaciais que indiquem os locais por onde tal população de rua passou durante o dia. O adesivo conterá uma frase de efeito, como: "a cidade não é casa", de modo a popularizar a pesquisa e construir um sentimento de (re)descoberta dos lugares, dando visibilidade à sociedade civil sobre a ocupação desses espaços por pessoas em situação de rua.

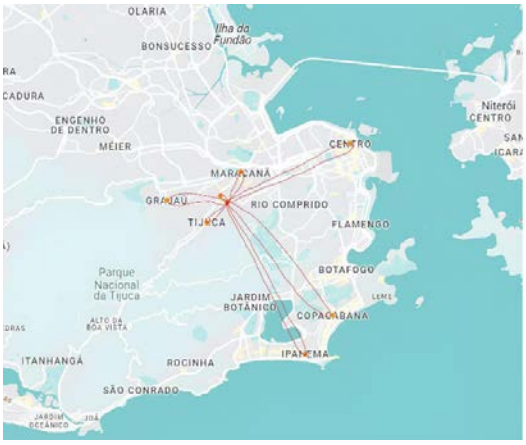
O método, em sua primeira fase já desenvolvida, está sendo aplicado em diversos bairros da capital do Rio de Janeiro, sempre com o apoio da ONG "SOVAMOS-RJ", e já consolida respostas obtidas nos bairros Tijuca, Vila Isabel, Centro, Gamboa, Botafogo e Copacabana. Já num primeiro contato, em formato de entrevista, foi observado na região do Centro do RJ e em outros bairros visitados (Gamboa, Tijuca e Copacabana) que existe uma rotina ou um motivo para o deambular, que se manifesta diante das mais diferentes atividades praticadas pelos nossos interlocutores. Os percursos citados fazem parte da paisagem cotidiana dos interlocutores, que há anos seguem utilizando o mesmo espaço como local de pernoite.

A ação de cada corpo na rua, apontada pelos interlocutores, mostrou também uma outra situação. Ao ser questionado sobre a cenário atual na qual o indivíduo abordado na rua se encontra, muitos listavam alguns pontos onde realizavam as suas atividades diurnas e o objetivo definido de realizar alguma função laboral, muitas vezes realizada de segunda a sexta, como por exemplo, comércio de doces, entregador de comida, reciclador, guardador de automóveis e biscateiro. A ideia de que a perambulação é uma ação descompromissada foi abolida, diante desses relatios, uma vez que muitos não voltavam para suas casas e permaneciam na rua até que a semana de trabalho fosse concluída.

Essa confirmação permitiu evidenciar que muitos interlocutores não se consideram pessoas em situação de rua, e sim trabalhadores “da rua”, com problemas econômicos e de mobilidade urbana. A grande totalidade desses reside na Zona Oeste, na Baixada Fluminense e outros municípios circunvizinhos, que se encontram longe da área onde o trabalho de rua se desenvolve.

A partir do vínculo já percebido entre a rua e os interlocutores, foi possível contruir um mapa-deambulante, como que ‘alças’ (de ir e vir) entre o desejo/necessidade de deambular e o ato de retornar. O ir e vir expressa o desejo do corpo que a cidade realiza. A partir dos dados fornecidos pelas pessoas em situação de rua nos cinco 6bairros já analisados, em horário noturno, desenvolvemos as primeiras cartografias – que marcam pontos de interesse pessoal na cidade, muitas vezes associados a um local de trabalho, fornecimento de comida, visita à família, retorno a sua casa original ou visita aos amigos. É possível identificar a partir desses mapas-deambulantes as diferentes distâncias que alguns desses entrevistados percorrem durante um único dia para que no fim do mesmo, retornem ao lugar de pernoite compartilhado pelo grupo:

Fig.7: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas no Centro (à esq.). Fonte: autores, 2024.
Fig.8: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas na Gamboa (à dir.). Fonte: autores, 2024.



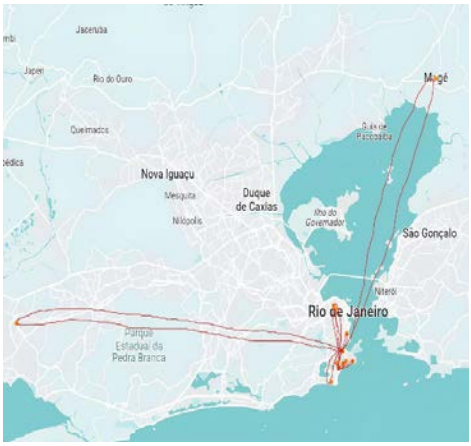


Fig.9: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas na Tijuca (à esq.). Fonte: autores, 2024.
Fig.10: Mapa-deambulante extraído a partir de entrevistas realizadas em Botafogo e Copacabana (à dir.).
Fonte: autores, 2024.

De acordo com os interlocutores abordados até o presente momento, o "estar na rua" pode representar uma situação de emprego temporário, viabilização do mercado das drogas ilícitas, curiosidade, possibilidade de aumento da renda familiar, carência, falta de moradia, ou até mesmo uma forma de "ensinar sobre a vida", como é o caso do pai que leva seus filhos para passar grande parte do dia na rua, porque considera válido que suas crianças vejam pessoas trabalhar de forma digna, e se afastem do cenário no qual sua casa, dentro da favela, está inserido.

Essa realidade mostra, principalmente, que a vida "nas ruas" da cidade não é desprovida de propósitos ou de ambições, mas, se subjuga às condições temporárias que são incutidas a quem não encontra outra solução (nem governamental, nem civil) para mudar a sua vivência imediata. Neste sentido, diversas ambiências comunitárias são construídas para preservar esses corpos.

5. BREVES CONSIDERAÇÕES

A rua tem sido, para nossos interlocutores, abrigo econômico, político e suporte social diante da falta de políticas públicas e assistenciais adequadas, com real ênfase após a Pandemia pela COVID-19. Entretanto, a rua não se anuncia como um espaço acolhedor de fato, mas revela as ambiências da necessidade, da dureza, da aspereza do concreto e da forma como a mesma é politicamente entendida: para abrigar aqueles que "sobram".

A princípio, é observado um certo prazer no caminhar, como instrumento de liberdade das pessoas em situação de rua, mas não advindo de uma escolha eletiva de estar na rua. De posse desses dados, uma cartografia afetiva urbana poderá delinear o vínculo "habitável" do espaço público em locais e momentos diferentes da rotina da cidade, através de um "olhar sensível" (Rolnik e Guattari, 2011).

A síntese do método construído em “Cartografia de Cidades Invisíveis” permitirá, ao final da pesquisa, previsto para 2026, a representação final por meio de esquemas gráficos georreferenciados e análises sensíveis que evidenciarão o padrão de circulação e permanência de pessoas em situação de rua em determinados espaços físicos da cidade, reforçando o valor dos aspectos sensoriais das ambiências urbanas e promovendo a visibilização de uma cidade ocultada pela falta de políticas públicas ou inadequado planejamento urbanístico. Através dessas análises sensíveis, dispostas pelas narrativas, será possível mapear determinados tipos de pessoas “na rua”, ou mais especificamente, mapear as personagens, uma vez que só é atribuída uma figura-personagem quando existe uma ação do corpo pela cidade.

6. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio financeiro para a realização dessa pesquisa a partir das seguintes fontes: FAPERJ processo E-26/201.276/2021 – JCNE, FAPERJ processo E-26/210.067/2024 e Edital PIBIC/UFRJ processo CEG/CEPG nº 521/2022.

7. BIBLIOGRAFIA

Anderson, B (2006). Becoming and being hopeful: towards a theory of affect. In Environment and Planning: Society and Space. Volume 24 (pp. 733-752).

De Paula, K (2008). Pela Câmera: delineamento metodológico de uma etnotopografia dinâmica (tese de doutorado). Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ.

Duarte, C (2015). A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. Em Revista Projetar. Outubro, 70-76. Natal: UFRN.

Duarte, C.; Brasileiro, A.; Pinheiro, E.; Paula, K.; Vieira, M. & UGLIONE, P. (2007). O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construido. Em Duarte, CR.; Rheingantz, PA.; Bronstein, L. & Azevedo, GA. (Orgs.). O Lugar do Projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. 1 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Duarte, C. & Pinheiro, E. (Orgs.). (2019). ARQUItividades e subjeTETURAS. Metodologias para a análise sensível do lugar. Rio de Janeiro: Riobooks/FAU-UFRJ.

Duarte, C. & Pinheiro, E. (Orgs.) (2020). Arquitetura, Subjetividade e Cultura. Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo. Rio de Janeiro: Riobooks/PROARQ.

Duarte, C.; Miranda, C.; Pinheiro, E. & Silva, LJ. (2022). Experiência do Lugar Arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Riobooks.

Fischer, G (1994). Psicologia social do ambiente. Lisboa: Instituto Piaget.

G1. Número de pessoas em situação de rua no Rio aumentou; maioria é preta ou parda e possui baixa escolaridade.*https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/14/numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-no-rio-aumentou-maioria-e-preta-ou-parda-e-possui-baixa-escolaridade.ghtml*

Hall, S. (1990). Representation: Cultural Representations and Signifying Practices (Culture, Media and Identities Series). London: Sage Publications.

Lavalle, AG (2005). As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. Espaço & Debates 46. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. 25(46), 33-44.

Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (2023). Síntese da Política para População de Rua. *https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/sumario#:~:text=A%20Pol%C3%ADtica%20Nacional%20para%20a,pelos%20%C3%B3rg%C3%A3os%20do%20Governo%20Federal*

Pinheiro, E.S. (2010). Cidades Entre: Dimensões do sensível em arquitetura ou a Memória do Futuro na construção de uma cidade (tese de doutorado). Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ.

Rolnik, S (2007). Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina Edit.

Tomkins, S (2015). Affect, Imagery, Consciousness. New York : Springer Publishing Company, 4 volumes.

R33

COMPULSORY DISPLACEMENTS, AMBIANCES, AND TRADITIONAL COMMUNITIES: THE CASE OF THE CAJUEIRO COMMUNITY, RURAL ZONE II OF SÃO LUÍS/MA

DESLOCAMENTOS COMPULSÓRIOS, AMBIÊNCIAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: O CASO DA COMUNIDADE DO CAJUEIRO, ZONA RURAL II DE SÃO LUÍS/MA

Isabela Sousa
Advogada, mestranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
isabelamcamara@icloud.com

ABSTRACT

This study aims to investigate compulsory displacement resulting from socio-environmental conflicts caused by the installation of mega-projects, which transform traditional territories and communities. For these communities, the territory goes beyond geographic space, including the feeling of belonging and culture as identity. The case of the Cajueiro community on Maranhao Island (MA) exemplifies this scenario, facing significant challenges due to the imminent installation of a private port. The objective is to analyze how such displacements, used as expropriation processes, change the ambiance of these territories. The methodology involves ethnographic techniques and the analysis of power relations in Foucault (1979) for a critical analysis of the social, political and economic dynamics involved. This research aims to understand the experiences lived by affected communities and the resistance strategies adopted, revealing the mechanisms of power and exploitation underlying compulsory displacements.

KEYWORDS: displacements. ambiances. traditional communities. socio-environmental conflicts.

RESUMO

Este estudo visa investigar os deslocamentos compulsórios resultantes de conflitos socioambientais provocados pela instalação de megaempreendimentos, que transformam os territórios e comunidades tradicionais. Para essas comunidades, o território vai além do espaço geográfico, incluindo o sentimento de pertencimento e a cultura como identidade. O caso da comunidade do Cajueiro na Ilha do Maranhão (MA) exemplifica esse cenário, enfrentando desafios significativos devido à iminente instalação de um porto privado. O objetivo é analisar como tais deslocamentos, usados como processos expropriatórios, modificam as ambiências desses territórios. A metodologia envolve técnicas etnográficas e a análise das relações de poder em Foucault (1979) para uma análise crítica das dinâmicas sociais, políticas e econômicas envolvidas. Essa pesquisa visa entender as experiências vividas pelas comunidades afetadas e as estratégias de resistência adotadas, revelando os mecanismos de poder e exploração subjacentes aos deslocamentos compulsórios.

PALAVRAS-CHAVE: deslocamentos. ambiências. comunidades tradicionais. conflitos socioambientais.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda os deslocamentos compulsórios enfrentados pelas comunidades tradicionais da Zona Rural II de São Luís/MA, devido à implantação de megaempreendimentos visando ao desenvolvimento econômico. Estas comunidades, estabelecidas por décadas na região, são forçadas a abandonar não apenas suas moradias, mas também seus modos de vida que incluem práticas agrícolas, aspectos culturais e religiosos profundamente enraizados.

A formação da identidade dessas comunidades e sua relação com o território estão intrinsecamente ligadas ao conceito de ambiência, sendo um elemento fundamental. Os deslocamentos compulsórios transformam as condições físicas, mas também redefine as interações individuais com o espaço. A Comunidade do Cajueiro exemplifica esse impacto, enfrentando há anos disputas devido à instalação de um porto privado, o que levou à migração forçada da maioria de seus residentes.

O artigo se concentra na análise dos impactos dos deslocamentos compulsórios sobre os territórios tradicionais, explorando os conflitos de interesse e as dinâmicas de poder na Zona Rural II de São Luís/MA. Além disso, investiga as estratégias de adaptação e resiliência das comunidades diante dessas mudanças, utilizando o estudo de caso da Comunidade do Cajueiro. A pesquisa utiliza uma base teórica diversificada, incorporando conceitos de autores como Medeiros (2015), Heidrich (2015), Duarte (2013), Vazzi (2018), Arcangeli (2020), Sousa (2020), entre outros, e adota metodologia etnográfica de documentos para examinar as resistências das comunidades tradicionais frente à imposição de empreendimentos que afetam seu território e ambiência.

2. TERRITÓRIOS TRADICIONAIS E AMBIÊNCIA: DEFINIÇÕES E CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A discussão sobre comunidades tradicionais, inicialmente, permeia o conceito de território em conexão com a produção do espaço, contando com os entendimentos de diversas áreas do conhecimento das ciências sociais. Os resultados emergentes a partir das múltiplas definições contribuem para aplicações em diversos contextos, inclusive, no caso em análise. A definição de território em relação a ocupações tradicionais perpassa uma multiplicidade de sentidos e concepções, em virtude da própria complexidade das particularidades que formam as conjunturas espaciais (Sousa, 2020).

Relacionando território ao sentido de existência, Medeiros (2015, p. 215 e 216) aborda que o primeiro não se dissocia da concepção de espaço, sendo ambos, um conjunto formado a partir de identidade e apropriação em virtude de ritos, valores, crenças, culturas e costumes identificados na construção do sentido de pertencimento. Ainda, no que tange a apropriação enquanto domínio, Heidrich (2015, p. 272) traz a noção

de que no território também perpassa a ideia de poder em relação ao apoderamento para sua constituição e adequação, no território "precisa-se ocupar, ter posse, fazer uso e conceber a ocupação e o uso", o que acaba por refletir na concepção de territorialidade enquanto ação cíclica.

A compreensão do território e da territorialidade é crucial para compreender as resistências enfrentadas por comunidades tradicionais como o Cajueiro. Esses elementos destacam os pilares da identidade dessas comunidades e sua profunda conexão com o entorno. Para os moradores, o vínculo com seu espaço transcende a simples posse, incluindo um forte senso de pertencimento. Como agricultores, extrativistas e pescadores, sua relação com a natureza vai além da exploração de recursos como *commodities* capitalistas, refletindo uma interação íntima e sensível com o ambiente onde cresceram e se desenvolveram.

A partir da noção de particularidades que formam o sentido tradicional do espaço, somando-se aos contextos de resistências e modificações no entorno, emerge a ideia de territórios tradicionais e ambiências. De antemão, o significado atribuído à ambiência nesta pesquisa é o descrito por Bestetti (2014, p. 603) como "cenário onde se realizam relações sociais, políticas e econômicas de determinados grupos da sociedade, sendo uma situação construída coletivamente e incluindo as diferentes culturas e valores", ou seja, aspectos materiais e aspectos morais -, valores subjetivos que também contribuem para a formação do espaço físico - o que incluiu a participação na construção do mesmo.

Somando ao primeiro sentido, Duarte (2013) traz ambiência enquanto um processo sensível entre quem o corpo que o compõe a partir da apropriação do espaço, sendo inclusive um conceito que se compreende muito mais no campo empírico do que no teórico. Ainda, em outro momento, Sancovschi e Duarte (2017) aproximam o conceito de ambiência a um movimento no qual o indivíduo, atribui a partir da experiência, significados e valores que caminham para uma identificação, ou seja, enquanto formação de uma subjetividade própria.

Tanto o sentido de território quanto o de ambiência apresentados acima contribuem para a construção de comunidade tradicional nesse estudo, principalmente relacionando a experiência do Cajueiro na Zona Rural II de São Luís em face à construção de um porto privado. Ainda, é necessário o caminho de entendimento conceitual para a abertura da discussão sobre a modificação desses espaços e conjunturas a partir de expropriações e sobreposições motivadas por sobreposição de megaempreendimentos em territórios tradicionais.

3. A RELAÇÕES DE PODER E OS CONFLITOS DE INTERESSE ENVOLVIDOS NOS PROCESSOS DE DESLOCAMENTO COMPULSÓRIO NA ZONA RURAL II DE SÃO LUÍS/MA

A compreensão de que o conceito de ambiência se conecta ao de apropriação e modificação do espaço nos direciona a abertura da discussão sobre expropriação enquanto um processo de deslocamento compulsório, com foco em alguns casos ocorridos na Zona Rural II de São Luís/MA, território que desde os anos de 1970 vem sendo arena de conflitos socioambientais em face a construção de empreendimentos privados vide a suposta localização geográfica privilegiada e possível potencial de crescimento industrial, e assim, vem proporcionando modificações concretas nas ambiências dos territórios tradicionais ali fixados (Sousa, 2024, p. 1378).

Os discursos proferidos pelo Estado e os investidores do Capital, a maioria estrangeiro, em nome do "desenvolvimento" são o alicerce para o direcionamento dos empreendimentos e também mecanismos de reprodução de estruturas expropriatórias. No para o campo de disputa, colocado por Sbrana (2017, pgs. 71 e 72) com um duplo significado de região e território, o que se sobressaem são embates pautados em um poder simbólico em Bourdieu[1] Para além disso, a autora identificou que a natureza dos conflitos na localidade rural da Ilha vai além das vias estritamente possessórias, sendo também, conflitos por poder, a partir da coexistência de agentes sociais com diferentes valores e sentidos a serem atribuídos na apropriação do espaço, como nos exemplos concebe em sua pesquisa:

> [...] Enfatizamos o poder de nomeação que os grupos possuem em relação a um mesmo espaço e como o poder está ligado a distintos projetos que transformam a feição da Zona Rural II de São Luís, ora concebendo-se como uma reserva extrativista, ora como uma Zona Industrial e Portuária, ou outras denominações. Estas distintas nomeações variam em seu poder de acordo com as posições ocupadas pelos agentes no campo político, cada qual com seu capital, possuindo pesos diferenciados de acordo com sua natureza (capital econômico, cultural, político [...] (Sbrana, 2017, p. 72).

Para além disso, também importa ressaltar a postura do Estado em relação às ambiências e o desenvolvimento da Zona Rural II de São Luís. Arcangeli (2020, pgs. 104 e 105) buscou demonstrar que os discursos pautados em "área propícia para a receber de grandes empreendimentos" na verdade se pauta em um desmonte que o próprio governo mantém, com ausência de políticas públicas e aparelhos essenciais como escolas, postos de saúde, linhas de transporte público, fomentando ainda mais a desigualdade com o espaço urbano. O autor ressalta que tal contexto, na verdade,

1 O conceito de poder simbólico que Sbrana (2017, p. 72) utiliza é o de Pierre Bourdieu (2011b) se volta a disputa entre agentes no espaço social em busca de se apropriar e dar um novo significado ao território, contando com manifestações de poder, capitais e valores diversos. A autora aborda a definição ao tratar justamente pelas disputas pelo território da Zona Rural II da Ilha do Maranhão por diversos projetos apoiados pelo estado e o capital privado.

é justamente o fomento que o capital precisa para se fixar, ou seja, o Estado ao invés de conceder a região o mínimo para uma existência digna, na verdade, se alia ao lado contrário.

A partir do exposto por Sbrana, cabe o aprofundamento na conjuntura apresentada pela mesma, a dualidade de significado do espaço da zona rural II - e consequente agente de modificação das ambiências do território. Alguns grandes projetos são primordiais para compreender a conjuntura da região enquanto complexo industrial e portuário: o Distrito Industrial de São Luís (DISAL), criado em 1980 é composto por diversas empresas nacionais voltadas para exploração de minerais[2], como por exemplo, a Vale e a Alumar, e o Porto do Itaqui, importante complexo portuário, inaugurado em 2013, voltado para a logística de escoamento de cargas a nível mundial.

Em diferentes momentos, diversos projetos causaram modificações latentes em territórios tradicionais da Zona Rural II, como traz Sbrana (2017) com a Comunidade de Igaraú, a Comunidade do Boqueirão com o Porto do Itaqui (Santana, 2018, p.12) e a Vila Madureira, desapossada pela Termelétrica do Porto do Itaqui no ano de 2009, culminando em deslocamentos compulsórios sem consulta prévia ou processos legais e modificações significativas na natureza: desmatamento e poluição em diversos níveis - inclusive na bacia que banha a localidade, a Baía de São Marcos.

A desapropriação e deslocamento da comunidade Vila Madureira possui interessante desdobramento, merecendo destaque específico. O processo de instalação da Usina Termelétrica do Porto do Itaqui, projeto voltado para geração de energia, relacionado à logística industrial da Ilha de São Luís, teve início no ano de 2007, com operações em funcionamento apenas em 2011. No entanto, a expropriação dos moradores da Vila Madureira se deu em 2009. Os moradores da comunidade tradicional foram remanejados através de um projeto de reterritorializaçao sob responsabilidade da ENEVA/MA, uma das empresas de energia incluídas no projeto da termelétrica, para o município de Paço do Lumiar/MA (Correa; Marques, 2017, p. 212 e 213)

A transposição das 95 famílias ocorreu através da construção de um complexo residencial e polo agrícola - voltado supostamente para o fomento do modo de produção dos moradores - formado por moradias padronizadas, com uma mobília básica e uma área de 57 m^2, denominado Vila Canaã. Algumas problemáticas assolaram esse processo, como por exemplo: a ausência de autonomia na escolha do nome do novo "bairro" de moradia, a distância da área do condomínio em relação ao centro do município - a chamada "civilização", o que culminaram graves consequências, sendo a maior delas, o abandono das moradias no complexo residencial, (Correa; Marques, 2017, p. 213 e 214)

2 O Distrito Industrial de São Luís (DISAL) foi instituído pela Lei Estadual n.o 7.646 em 1980, localizando-se no Maracanã, com uma distância de 18 km do Porto do Itaqui. O intuito de sua criação foi o de possibilitar a necessária infraestrutura às indústrias e empresas localizadas no Estado. Em 2019, o governo Flávio Dino, instituiu a partir da Lei Ordinária n.o 11.013, de 24 de abril do mesmo ano, o Novo Complexo Industrial e Portuário do Maranhão, agora, o DISAL soma-se a estrutura portuária da Ilha, compreendendo o Porto do Itaqui e adjacentes, sendo inclusive, administrado pela EMAP.

Esses processos constantes de mudanças na região em decorrência de empreendimentos pautados no desenvolvimento, refletiram no outro ponto de significado: a Zona Rural II enquanto um espaço que busca a concreta proteção através de uma Reserva Extrativista, a fim de conservar as ambiências que formam as partículas sensíveis do território tradicional. A Reserva Extrativista Tauá-Mirim (RESEX) é o reflexo da resistência dos moradores das comunidades pertencentes à região. O projeto da RESEX engloba 12 comunidades tradicionais[3], os 15.000 mil habitantes (dado do início dos anos 2000) pertencentes a Zona Rural II de São Luís/MA (Arcangeli, 2020, p. 182).

A proposta da RESEX abrange a proteção de 16.663,55 hectares, com processo administrativo no IBAMA em andamento, incluindo audiências públicas realizadas e laudo técnico identificando os ecossistemas a serem preservados. No entanto, o governo estadual, especialmente durante o mandato de Roseana Sarney de 2007 a 2014, se opôs à criação da RESEX, alegando sobreposição com a região portuária da Ilha do Maranhão, o que gerou controvérsias e debates entre os defensores da reserva – que para a concretização do projeto, até acordaram em suprimir parte da RESEX (Arcangeli, 2020, pgs. 187 e 188).

No entanto, até hoje a RESEX não se concretizou, apesar da constante luta de seus apoiadores – reconhecidos enquanto um povo de resistência. Ainda, com o passar dos anos, a localidade continuou a sofrer com a chegada de novos empreendimentos, responsáveis por impactar diretamente as ambiências da localidade. Os resultados dessas modificações no território são, como explicitado no escopo deste artigo, os deslocamentos, sejam eles compulsórios ou voluntários, devido às apropriações por outros agentes em um mesmo espaço, geralmente em um contexto de poder que se sobressai, e a inviabilidade do modo de vida tradicional devido a poluição da natureza que é primordial para os moradores da região.

4. OS IMPACTOS DOS DESLOCAMENTOS COMPULSÓRIOS NA VIDA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS NA ZONA RURAL II DE SÃO LUÍS/MA: O CASO DA COMUNIDADE DO CAJUEIRO

Há 10 anos é o conflito no Cajueiro, comunidade tradicional que conta com 350 famílias pertencentes a Zona Rural II da Ilha do Maranhão, que possui destaque entre os movimentos sociais e a sociedade ludovicense. O território da praia de Parnauaçu é sondado para receber um porto privado com o objetivo de auxiliar no escoamento de *commodities* desde o ano de 2011, em primeiro lugar, com a empresa Suzano Papel

3 Sendo elas: Vila Maranhão, Cajueiro, Rio dos Cachorros, Taim, Porto Grande, Limoeiro, Anadiba, São Benedito, Vila Conceição, Parnauaçu, Madureira e Camboa dos Frades.

e Celulose[4]. No entanto, de fato, só em 2013, as negociações se concretizaram, com as empresas WTorre, WPR Gestão de Portos LTDA e BC3 Hub Multimodal[5], iniciando o fatídico conflito socioambiental em face a construção do empreendimento e da posse/propriedade de 200 hectares de terra (Sousa, 2020), como pode se identificar na imagem:

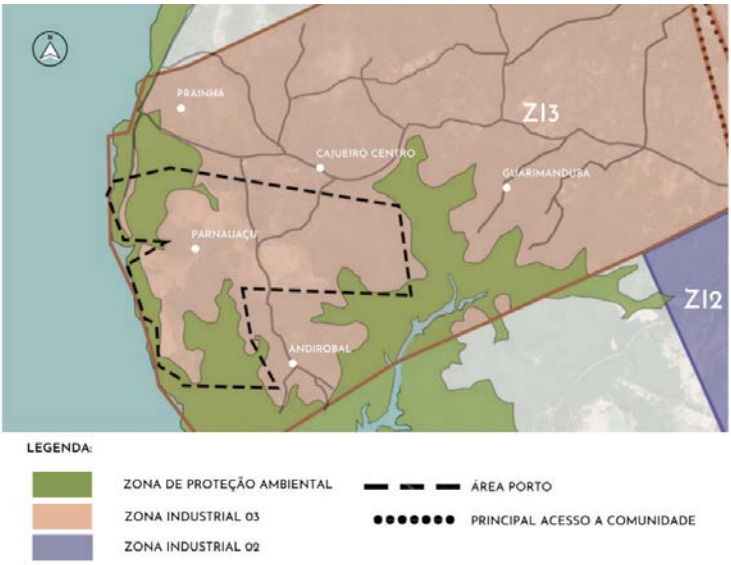


Figura 1: Área de implantação do Porto São Luís.
Fonte: Alves (2020).

As transformações das ambiências no Cajueiro se deram, a priori, a partir das posturas de entrada assumidas pelas empresas no território, visto que o espaço antes tranquilo passou a ter uma agitação constante devido aos burburinhos relacionados a compra de parte do território de Parnauaçu para o Porto São Luís. A consequência do negócio jurídico foi a presença de jagunços, segurança particular e até a própria polícia militar, acionados pelas empresas, como forma de proteção da área específica. O incômodo se tornou latente na comunidade, como demonstra o relato em uma audiência pública realizada em 2014, presente no blog "Cajueiro Resiste":

4 Vazzi (2019, p. 107) narra que foi em meados do ano de 2011 o início do contato da empresa Suzano Papel e Celulose, importante grupo econômico que explora o nicho com plantações de eucalipto principalmente na região do Baixo Parnaíba Maranhense, com o território da praia de Parnauaçu, localizada na o Cajueiro, para a fixação de um porto privado com objetivo de auxiliar no escoamento de seu produto fim. A empresa não chegou a concretizar o projeto por resistência dos moradores, entretanto, com o apoio do Estado, a mesma ainda conseguiu a desapropriação de toda a área da comunidade tradicional. O referido ato administrativo foi levado a juízo e anulado, motivo pelo qual a Suzano não prosseguiu com o empreendimento portuário.

5 Se faz importante para a compreensão da configuração do empreendimento a apresentação de cada empresa e qual o papel desempenhado no projeto do Porto São Luís. Primeiramente, a empresa BC3 HUB Multimodal Industrial LTDA se fez importante na proposta enquanto promitente compradora da área destinada à recepção do porto privado. A Wtorre, empresa do ramo de engenharia, representa uma outra empresa, de nível nacional e internacional, de logística e infraestrutura no Maranhão, no caso, a WPR – no estado, denominada como WPR Gestão de Portos LTDA. Ambas as empresas brasileiras, representam um conglomerado de empresas internacionais, sendo a principal, enquanto maior acionista do empreendimento até o ano de 2022, a China Comumunications Construction Company (CCCC) (Sousa, 2020).

> (...) Além de se sentirem aterrorizados com a presença do que consideram uma verdadeira milícia armada, os moradores passaram a conviver com cancelas proibindo o livre acesso em seu território, coação para venda de imóveis na região e com a tentativa de criminalização, com abertura de ações judiciais contra moradores e militantes sociais (...)

Desde 2014 até hoje, o negócio jurídico liderado pela WPR resultou em disputas fundiárias e deslocamentos compulsórios. A empresa buscou proteger sua propriedade através de ações judiciais possessórias contra os supostos "invasores", solicitando a imissão de posse e remoção das pessoas da localidade. Esses conflitos judiciais aumentaram a pressão sobre os moradores do Cajueiro, que, apesar da regularização pelo ITERMA[6] com um título condominial, enfrentam incertezas legais, resultando em despejos ou acordos financeiros sob o pretexto de "compensação" para deixarem suas residências (Sousa, 2020).

As modificações nos biomas existentes no território do Cajueiro também foram latentes e diretamente conectadas aos deslocamentos dos moradores da região. Sousa (2020) discorre sobre os avanços nos processos burocráticos para a fixação do Porto São Luís, apesar de todo um contexto de resistência contra o empreendimento[7], que culminaram no lançamento da pedra fundamental no ano de 2018, cerimônia que marcou o início das obras, e consequente desmatamento de uma área de 18 hectares de terra na região da Praia de Parnauaçu, como se pode perceber nas imagens que traçam o paralelo entre os anos 2013 e 2023:

---

6 Para entender o conflito pela terra entre moradores da comunidade tradicional e empresas representantes do Porto São Luís, é crucial explicar a situação legal da área do Cajueiro. As famílias da comunidade que a anos lutaram por anos pela regularização das terras, principalmente através de articulações políticas, desde de 1998 os pedidos de visibilidade da demanda chegavam aos governantes, sendo um das promessas feitas na reeleição da governadora Roseana Sarney no referido ano. Assim, no mesmo período os moradores conquistaram o título condominial, na modalidade assentamento rural regularizado no Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA), sendo oficialmente registrado no 2º Cartório de Registro de Imóveis de São Luís apenas em 2001 (Vazzi, 2018, p.106)

7 Os esforços de resistência diante da sobreposição de territórios tradicionais por empreendimentos privados em São Luís são reconhecidos pela sua luta em prol da proteção das causas ligadas ao meio ambiente e aos modos de vida centenários. Nesse contexto, surgiram em momentos distintos o Movimento Reage São Luís e o Movimento em Defesa da Ilha, com pautas e componentes semelhantes. Entre 2001 e 2005, nas comunidades do Taim e Rio dos Cachorros, localizadas na Zona Rural II de São Luís, um projeto para instalar uma usina siderúrgica integrada, viabilizado por atores internacionais através da Vale do Rio Doce e do Estado do Maranhão, mobilizou moradores, lideranças locais, sociedade civil, academia e associações em resposta às injustiças percebidas naquela época. Esse movimento culminou na formação do Movimento Reage São Luís, estudado detalhadamente por Elio de Jesus Pantoja Alves em sua tese de doutorado (2014). Outra mobilização social que emergiu diante de um conflito socioambiental foi o Movimento de Defesa da Ilha (MDI), que se deu no ano de 2015. No referido período, a Prefeitura de São Luís buscava alterar o Plano Diretor, lei estadual nº 4.669/06, visto que de acordo com o Estatuto das Cidades (Lei n. 10.257/2001), após 10 anos de vigência, precisa de uma revisão. Assim, o projeto buscava revisar totalmente a lei de zoneamento, parcelamento, uso e ocupação do solo da ilha, com uma proposta de transformar a Zona Rural Oeste, especificamente – onde se localiza a Zona Rural II (Itaqui-Bacanga) e o seu conjunto de comunidades tradicionais – em zona urbana, tornando-se um empecilho para a criação da RESEX Tauá Mirim (Sant'Ana Júnior, 2016).

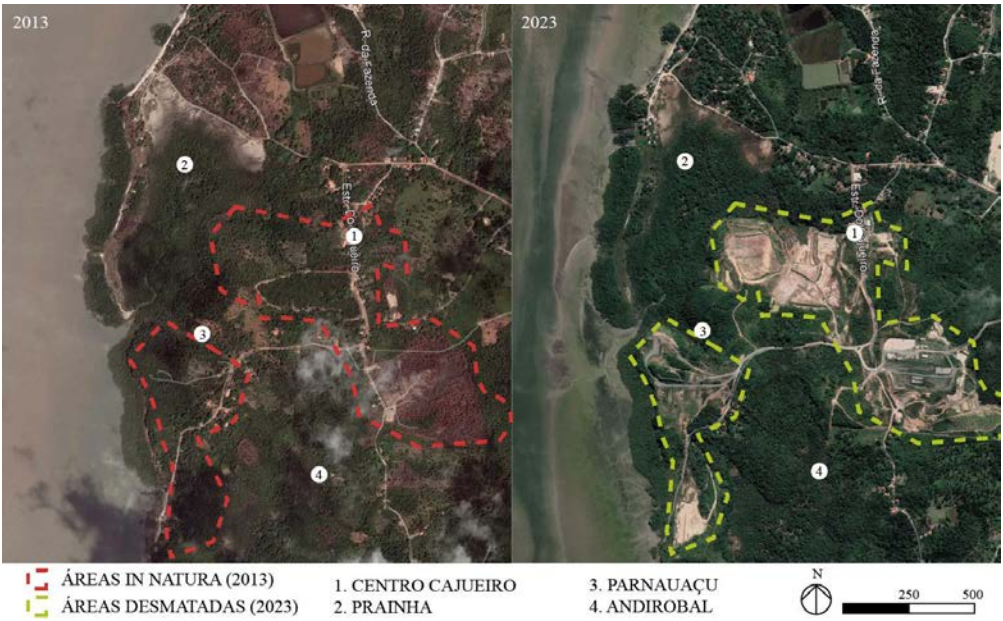


Figura 2: Mapa comparativo da área da praia de Parnauaçu, Cajueiro, entre os anos de 2013 e 2023.
Fonte: Autora (2024).

Em 2019, após o início dos desmatamentos no ano anterior, uma determinação judicial favorável à WPR resultou na reintegração de posse apoiada pela Polícia Militar, afetando 28 famílias e levando à demolição de suas moradias supostamente localizadas em área da empresa. Esse evento exacerbou a insegurança das famílias, gerando manifestações contra o governo estadual, uma carta de entidades nacionais e internacionais ao então governador Flávio Dino pedindo a suspensão da ação judicial, além de denúncias de irregularidades apoiadas pela Defensoria do Estado, a Ordem dos Advogados e a Comissão Estadual de Prevenção à Violência no Campo e na Cidade (COECV) (Arcangeli, 2020, p. 159-161).

Hodiernamente, diversas alterações burocráticas e legais impactaram na concretização do porto privado. Apesar de toda a conjuntura de desmatamentos e deslocamentos compulsórios, ainda há moradores incansáveis na defesa da comunidade tradicional, como é o caso de seu Joca, residente há mais de 40 anos na região e um dos últimos moradores que resistem ao empreendimento privado. Todavia, a permanência do morador se vincula a uma gama de violências que diminuíram sua qualidade de vida, visto que as partículas sensíveis que formam o território tradicional sofreram alterações em face a toda disputa de poder pela apropriação do mesmo – o mesmo que fez com que outros moradores saíssem de suas terras pra sempre.

5. CONCLUSÃO

Diante dos impactos socioambientais, como por exemplo os deslocamentos compulsórios, causados pelos conflitos em face a fixação dos deslocamentos compulsórios sobre as comunidades tradicionais da Zona Rural II de São Luís/MA, especialmente evidenciados no caso da Comunidade do Cajueiro, torna-se evidente a complexidade das interações entre território, ambiência e identidade cultural.

A análise das definições fundamentais de território e ambiência, se tornou essencial para a percepção de que esses conceitos não apenas descrevem, mas também sustentam a vida e a cultura dessas comunidades. Os processos de deslocamento compulsório, motivados por discursos pautados no "desenvolvimento" enquanto sinônimo de crescimento econômico interesses políticos, não afetam apenas as estruturas físicas dos territórios tradicionais, mas também minam as bases simbólicas e sociais que sustentam as comunidades.

Nesse contexto, é crucial considerar não apenas os impactos imediatos sobre as condições de vida, mas também as dinâmicas de poder subjacentes que perpetuam esses processos expropriatórios. Compreender os impactos nas ambiências dos territórios tradicionais vai além da análise superficial dos aspectos físicos, envolvendo também a preservação das identidades culturais e das relações históricas que ligam os indivíduos aos seus espaços de pertencimento.

Assim, se espera que a presente pesquisa contribua para as reflexões acerca do contexto das grandes modificações já concretizadas no território nacional a partir de todo o embate relacionado à fixação do porto privado na região. Tais transformações, podem ser consideradas, inclusive, irreparáveis, visto que foram cruciais para a mudança nas ambiências e no próprio modo de vida dos moradores do Cajueiro, no entanto, ainda há possibilidade de mobilização e resistência.

6. BIBLIOGRAFIA

ARCANGELI, S. C. **Cajueiro: - a luta de uma comunidade pelo direito de existir.** São Luís: Sunndermann, 2020. 276 p.

ALVES, E. de J. P. **Repertórios e argumentos da mobilização política: um estudo sobre o Movimento Reage São Luís em São Luís-MA.** Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2014. BRASIL.

ALVES, T. M. S. A. **Reestruturação urbana da comunidade do Cajueiro em São Luís**. / Thássia Manoelle Silva Alves. __ São Luís, 2020.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia,** [S.L.], v. 17, n. 3, p. 601-610, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). *http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083*.

CORREA, M. C. C; MARQUES, A. R. O processo de implantação da Termelétrica do Itaqui, São Luís-MA e a sua influência na dinâmica territorial da Vila Nova Canaã, Paço do Lumiar-MA. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 12, n. 28, p. 203-233, 31 dez. 2017. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlandia. *http://dx.doi.org/10.14393/rct122810*.

CERRADO, Campanha em Defesa do. SEU JOCA, MORADOR MAIS ANTIGO DO CAJUEIRO, ESTÁ SOB AMEAÇA DE SER EXPULSO DO TERRITÓRIO. **Campanha Cerrado Org**. Brasil, p. 1-1. 11 dez. 2020. Disponível em: *https://campanhacerrado.org.br/noticias/219-seu-joca-morador-mais-antigo-do-cajueiro-esta-sob-ameaca-de-ser-expulso-do-territorio*. Acesso em: 12 jul. 2024.

DUARTE, C. R. Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. In: THIBAUD, J-P; DUARTE, C.R. **AMBIANCES URBAINES EN PARTAGE**. Genebra: Metis-Presses, 2013. p. 21-30

HEIDRICH, Á. L. (org.). Conflitos territoriais na estratégia da preservação da natureza. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Território e territorialidade: teorias, processos e conflitos**. Rio de Janeiro: Consequencia Editora, 2015. p. 1-386. (1).

MEDEIROS, R.M. V. (org.). Conflitos territoriais na estratégia da preservação da natureza. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Território, espaço de identidade.** Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 1-386. (1).

SANCOVSCHI, I.; DUARTE, C. R. O Poder das narrativas sobre ambiencias culturais na construçãode territorialidades e identidades: retratos da vida judaica na obra de bashev singer. **Laborátorio de Pesquisa**: Arquitetura, Subjetividade e Cultura, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-6, jan. 2017. Disponível em: *https://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2017-023/08d599554ce2ca1257901257259121d5.pdf*. Acesso em: 08 jul. 2024.

SANTANA, R. N. do N. 6° ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIA, 16., 2018, Vitoria-Es. A**nais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Socia**: EXPANSÃO CAPITALISTA NO GOLFÃO MARANHENSE E UNIVERSOS

PORTUÁRIOS SEGREGADOS EM SÃO LUÍS: NOTAS SOBRE O PORTO MULTIMODAL DE SÃO LUÍS. Vitoria-Es: Ufes, 2018. 19 p. Disponível em: *https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22339*. Acesso em: 08 jul. 2024.

SOUSA, I. M.C. "COMUNIDADE DO CAJUEIRO LUTA CONTRA CONSTRUÇÃO DE PORTO EM SEU TERRITÓRIO": COMO A ZONA RURAL II DA ILHA DO MARANHÃO TRANSFORMOU-SE EM UM DOS PONTOS FOCAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO MARANHÃO SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA LATINA E CARIBE, 5., 2023, Belém-Pará. **Anais [...]** Belém-Pará: Naea, 2024. 317 p. Disponível em: *https://sialat2024.com.br/wpcontent/uploads/2024/07/ANAIS_COMPLETO_2024.pdf*. Acesso em: 06 jul. 2024.

SOUSA, I. M.C. **DIREITO E DESENVOLVIMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO: os reflexos da atuação Judiciária no conflito socioambiental da Comunidade do Cajueiro e WPR.** Monografia apresentada ao curso de Direito - UNDB, 2020.

SBRANA, T. S. de J. **"E deu nome a todas as coisas": as relações entre violência, território e desenvolvimento na formação da Zona Rural II de São Luís, Maranhão – 1996-2015. Dissertação (Mestrado) – PPGHIS, CCH-UFMA, São Luís/MA**, 236 f, 201.

VAZZI, V. P. **"Quem não pode com a formiga não assanha O Cajueiro": necropoder, margens e interstícios da judicialização do conflito socioambiental na Comunidade do Cajueiro, em São Luís – MA**. 2017. 308 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

R33

WALKING THROUGH THE NEIGHBORHOOD: A RESEARCH EXPERIENCE WITH STUDENTS FROM A PUBLIC SCHOOL IN SÃO JOÃO DE MERITI, BAIXADA FLUMINENSE.

CAMINHANDO PELO BAIRRO: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM SÃO JOÃO DE MERITI, BAIXADA FLUMINENSE.

Diogo Dutra de Souza
Mestrando em educação
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
dutra.diogo@outlook.com

ABSTRACT
This paper presents preliminary considerations about a master's research experience conducted in a public high school in São João de Meriti, in the Baixada Fluminense region. The research was inspired by Jean Paul Thibaud's commented path methodology. Preliminary analyses suggest that although the commented path is a powerful research tool in the field of social sciences and education, its applicability must take into account the socio-spatial context and the institutional environment in which the school is situated.

KEYWORDS: city, neighborhood, school, parcours commenté.

RESUMO
Este trabalho apresenta considerações preliminares acerca de experiência de pesquisa em mestrado desenvolvida em uma escola pública de Ensino Médio em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. A pesquisa teve como inspiração a metodologia de percurso comentado de Jean Paul Thibaud. Análises preliminares sugerem que embora o percurso comentado seja uma potente ferramenta de pesquisa no campo das ciências sociais e educação, sua aplicabilidade deve considerar o contexto socioespacial e o ambiente institucional no qual a escola está inserida.

PALAVRAS-CHAVE: cidade, bairro, escola, percurso comentado

1.INTRODUÇÃO
Trata-se de experiência de pesquisa de mestrado, em curso no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) desenvolvida na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ), sob a orientação da Prof. Dra. Leticia de Luna Freire, e vinculada ao Núcleo de Pesquisa Educação e Cidade (NUPEC), o objetivo principal é investigar e compreender as práticas, os usos e as representações do espaço urbano por jovens estudantes de uma escola pública no município de São João de Meriti, tendo como escala geográfica de observação e análise o bairro e a escola.

Tomando por orientação e inspiração teórica a metodologia de percurso comentado, desenvolvida por Jean Paul Thibaud (2001), e adaptada a realidade pesquisada, foram realizadas, no ano de 2023, duas caminhadas pelo bairro com dois grupos de estudantes do Ensino Médio do CIEP 397 Paulo Pontes, em São João de Meriti.

As caminhadas tiveram como objetivo captar as experiências e percepções dos jovens em relação ao bairro onde está situada a escola, o qual também é o local de moradia da maior parte dos estudantes. Ambos, bairro e escola, são considerados enquanto dimensões do vivido no cotidiano da cidade.

2. O PERCURSO COMENTADO COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA NA ESCOLA.

O percurso comentado é uma estratégia de pesquisa desenvolvida por Jean Paul Thibaud, e consiste em investigar as ambiências dos espaços habitados das cidades através da percepção sensorial dos participantes. Thibaud considera que a materialidade do espaço urbano "passa pelo crivo da percepção sensorial e revela as qualidades do que é vivido no ambiente construído" (Thibaud, 2012, p. 18).

No processo de planejamento e elaboração do percurso, Thibaud propõe ainda a construção de um protocolo de itinerários urbanos de modo que ao longo do percurso os participantes alterem o trajeto inicial, o que permitiria acessar a experiência sensorial do morador da cidade, "não apenas na percepção situada, mas também na percepção em movimento" (Thibaud, 2001, p.5, **nossa tradução**).

Em direções similares à proposta de Thibaud, Jolé (2005) e Freire (2021) sugerem ferramentas metodológicas que busquem compreender as relações dos habitantes das cidades, e com a cidade, a partir do "andar coletivo" (Jole, 2005) e do "andar junto" (Freire, 2021).

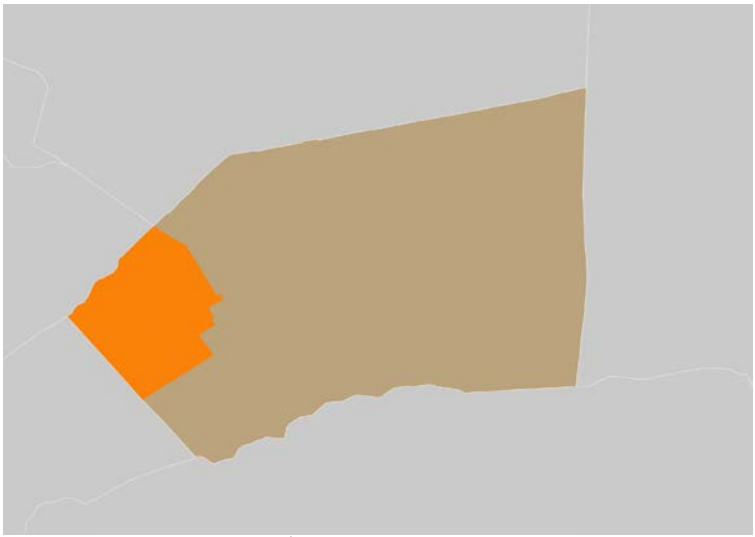
Em Lopez (2008), a escola e a educação possuem uma clara base territorial que é dada pela articulação dos diferentes fatores da vida social, política ou cultural. A vizinhança, como um espaço em que se estabelecem modos únicos de articulação dos diferentes fatores da vida social, política ou cultural, aproxima as escolas e as crianças, que são diferentes e que se relacionam de modo diferente com essas instituições.

3. CAMINHANDO PELO BAIRRO: CIRCULAÇÃO, PRÁTICAS E USOS DO ESPAÇO.

A experiência de pesquisa ocorreu no CIEP 397 Paulo Pontes (Imagem 1) localizado no bairro Éden (Imagem 2), no município de São João de Meriti (Mapa 1). Trata-se de uma escola em nível médio integral da rede pública estadual de educação do Estado do Rio de Janeiro, e onde atuo desde 2014 como professor de Geografia. Daí surge o interesse pela espaços pesquisados.

Participou da pesquisa um grupo de 12 estudantes divididos em grupos de 5 (cinco) e 7 (sete), sendo 11 moradores do bairro ou do entorno da escola.Em relação a faixa etária, esta varia entre 16-19 anos, sendo um com 16 anos, oito com 17 anos, um com 18 anos e um com 19 anos de idade.

Imagem 1 – CIEP 397 Paulo Pontes.
Fonte: Do autor, 2023.



Mapa 1 Bairro de Éden no contexto de São João de Meriti.
Fonte: Do autor, 2023.

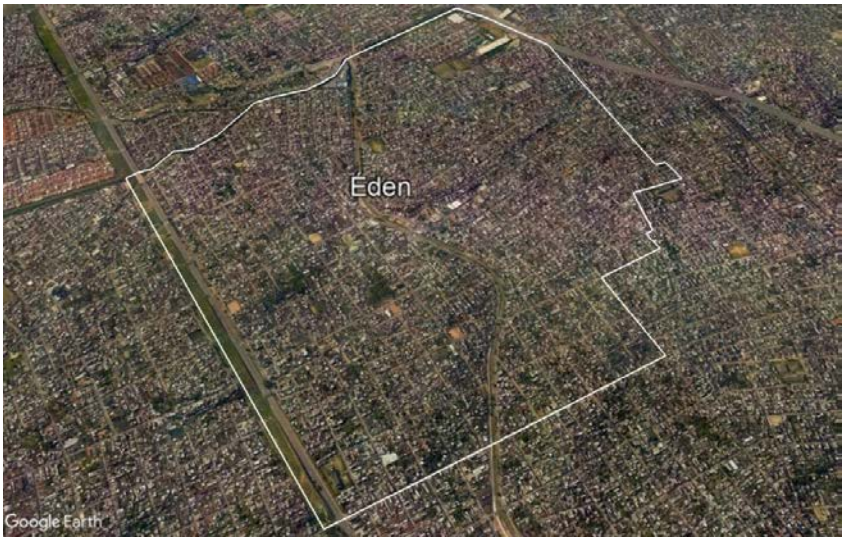


Imagem 1 – Bairro de Éden, em São João de Meriti – RJ.
Fonte: Google Earth.

Para a análise dos percursos, optei por considerar a tipologia das figuras de percurso (THIBAUD, 2013), bem como as falas dos participantes durante o trajeto, assim como a elaboração de mapas afetivos do bairro, baseada na metodologia dos mapas sociais, como forma representação do espaço vivido.

Sendo assim, a tipologia das figuras de percurso nos permite analisar a "complexidade do trajeto, ritmo e postura do passante, tipo de caminhada e atitude, número de sequência que compõe o percurso, natureza da atividade, forma espacial e duração do trajeto" (THIBAUD, 2013, p. 108).

Chamarei de Grupo I (Imagem 3) os cinco estudantes que participaram da caminhada no dia 31 de julho de 2023, com início às 09:30 e término às 11:30 (Imagem 4). Portanto, com duração de uma hora e trinta minutos, aproximadamente.

Imagem 3 – Grupo I. Orientações iniciais sobre o trajeto.
Fonte: Do autor.

De acordo com a observação da figura de percurso (Figura 1) do Grupo I, nota-se que a circulação se concentra próxima ao entorno da escola. Na fala dos participantes, a razão para a escolha de tal trajeto envolve os seus locais de moradia e de alguns amigos. Assim, pensando as figuras de percursos, as praças e ruas surgem como local de consumo (lanches, em geral) e de passagem. Na tipificação do percurso, predomina a figura do avanço rápido, caracterizado pela "ausência de acontecimentos relevantes ou cenas notáveis" (THIBAUD, 2013, p.109), durante a maior parte da caminhada.

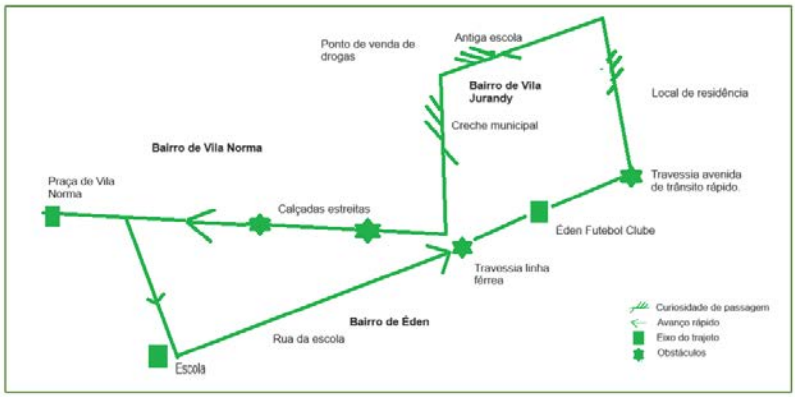


Figura 1 - Figura de percurso – Grupo I.
Fonte: Elaborada com base em Thibaud, 2013.

Os passos do grupo foram interrompidos, algumas vezes pela presença de obstáculos, dentre os quais podem ser citadas as ruas não sinalizadas (Imagem5) e a linha férrea que corta a avenida, e por onde caminhar merece atenção redobrada.

Imagem 4 – Início da caminhada. Rua da escola.
Fonte: Do autor, 2023.

Imagem 5 – Travessia da avenida principal.
Fonte: Do autor,2023.

Em determinados trechos surge a figura da "curiosidade de passagem", que marca a presença de signos ou sinais no espaço tornando o percurso "mais atraente e cativante" (idem), como o local de moradia de um dos participantes, sua antiga escola, e também a experiência negativa relatada por duas jovens ao entrarem por uma rua "errada" e se deparar com ponto de venda drogas.

Assim sendo, em relação ao Grupo I, em uma tipificação mais geral, poderíamos concluir com a figura de trânsito curto, "uma vez que convoca a um trajeto bastante limitado" (THIBAUD, 2013, p.110), revelando uma dimensão mais objetiva das práticas e usos do espaço: ir à escola, a casa do amigo, comprar lanches, etc.

A representação do bairro, ao que parece está associada a aspectos negativos, tais como a precariedade de infraestrutura e de equipamentos urbanos, ausências, pobreza e violência. A relação com a escola é um dos principais elos de articulação com a cidade. Do ponto de vista do grupo analisado, a ambiência do bairro se caracteriza por sua monotonia e clima de insegurança, não tendo muito a oferecer em termos de oportunidades de ascensão social.

No dia 08 de agosto de 2023 participaram da caminhada os integrantes do Grupo II (Imagem 5), formado por sete estudantes. A caminhada teve duração aproximada de 2h30min, com início às 14:30 e término às 17:00.

A tipificação do percurso (Figura 2) realizado pelo grupo revelou eixos de trajetos mais estruturados entorno de lugares ligados ao lazer, locais de moradias e curiosidades de passagem, como praças (Imagem 6), comércio local (Imagem 7), bares. A praça do centro de bairro aparece como local voltado tanto ao lazer quanto ao consumo.

Em diversos seguimentos, o percurso assume a figura da pausa, revelando situações ou acontecimento de interesse envolvendo os lugares, como local de moradia em uma

comunidade, onde certa vez uma estudante revelou ter passado por situação de risco em função de confronto armado entre traficantes e policiais enquanto voltava da escola.

Imagem 5 - Caminhada com o Grupo I
Fonte: Do autor, 2023.

Imagem 6 - Chegada a Praça de Éden.
Fonte: Do autor, 2023

Imagem 7 - Caminhada pelo calçadão de Éden.
Fonte: Do autor, 2023.

Figura 2 - Figura de percurso – Grupo II.
Fonte: Elaborada com base em Thibaud, 2013.

Um dos trajetos escolhidos pelo grupo foi à uma comunidade chamada Barreira (Imagem 5). O nome do local é bastante sugestivo por tratar-se de uma localidade que tem como vertente à beira de um penhasco e de onde é possível ter uma visão panorâmica de parte dos municípios e bairros do entorno.

Imagem 5 - Visita à comunidade da Barreira.
Fonte: Do autor, 2023

As características do local foram ressaltadas pelos participantes, como a situação precária das casas e a presença de lixos. Os participantes também chamaram a atenção para a presença de muitas casas abandonas com a presença de rachaduras. Segundo informaram, as famílias haviam saído desses locais em função dos riscos de deslizamentos de terra em épocas de chuvas mais fortes.

Umas das participantes se referiu ao local como um "patrimônio" do bairro. Perguntada sobre o que seria um patrimônio, ela respondeu ser "*pela vista privilegiada que dá pra ter do lugar*". Na comunidade também se localiza um ponto de venda de drogas. Perguntei a uma das participantes se havia algum tipo de risco ou restrição em relação ao local e fui informado não haver já que estávamos acompanhados de pessoas conhecidas.

Em geral, o bairro aparece como um território de ocupação ampla, onde a circulação é marcada pela presença de espaços afetivos (imagem 6 e 7) e de socialização mais intensa. Durante o percurso, predominou atmosfera de entusiasmo e orgulho por poder apresentar o bairro à escola, - embora na condição de pesquisador, como professor, em vários momentos minha presença estivesse relacionada à figura de autoridade da própria escola.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

A título de conclusão, algumas considerações devem ser feitas acerca da atividade que fora desenvolvida. A primeira delas envolve o "sair da escola". Ao que parece, há uma tendência ao "enclausuramento" que hoje envolve as instituições de ensino formal na cidade, principalmente a escola. O enclausuramento ao qual me refiro diz respeito ao distanciamento em relação ao seu entorno imediato, negando a importância da relação entre a escola e o bairro no processo educativo.

Como a atividade envolve a caminhada, a observação e o relato, é necessário que seja desenvolvida com grupo reduzido de pessoas, considerando que as ambiências da cidade interferem na escuta e no registro por parte do pesquisador.

Assim, recomenda-se que o percurso seja complementado utilizando-se outros métodos de pesquisa. Para esta, foram elaboradas rodas de conversas e oficinas de cartografia afetivas a fim de aprofundar as observações realizadas durante as caminhadas.

Por fim, a caminhada pelo bairro se apresenta como uma potente ferramenta de pesquisa no campo educacional por desvelar as dinâmicas entre sujeito, espaço e escola em contexto urbano, considerando que os estudantes se constituem em verdadeiros elos entre a cidade e a escola.

7.BIBLIOGRAFIA

Carlos, A.F (2007). O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

Freire, L.L (2021). Entre a casa e a escola, a cidade: o 'andar juntos' como estratégia de pesquisa com criança. Áltera, João Pessoa.

Jolé, M. (2005). Reconsiderações sobre o 'andar' na observação e compreensão do espaço urbano. Caderno CRH, Salvador.

Peregrino, M. (2010). Trajetórias desiguais: um estudo sobre os processos de escolarização pública de jovens pobres. Rio de Janeiro: Garamond.

Thibaud, J.P. (2001). Les parcours commentés. Grosjean, M. Thibaud, J.P. L`espace urbain en méthodes, Editions Parenthèses. https://www.editionsparentheses.com/l-espace-urbain-en-methodes

Thibaud, J.P. (2012). A cidade através dos sentidos. https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/18.

Thibaud, J.P. (2013). Ambiências de passagem - figuras, condutas, medidas. In: Duarte, C.R. *et al (org.)*. Novos olhares sobre o lugar, ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia. Rio de Janeiro, FAPERJ.

Lopez, N. A escola e o bairro: reflexão sobre o caráter territorial dos processos educacionais nas cidades. *In: A cidade contra a escola?* Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. (2008). RIBEIRO, L.C.Q. KATZAMAN, R. (org). l : FAPERJ ;Montevidéu, Uruguai :IPPES, 2008.

R33

FROM LINE TO SPACE: ATMOSPHERES AND INTENTIONALITY AT ORIENTE STATION

DO TRAÇO AO ESPAÇO: ATMOSFERAS E INTENCIONALIDADE NA ESTAÇÃO ORIENTE

André Vaillant
Architect, Master of Arch.
Arquiteto, mestre em arquitetura
Universidade Federal de Minas Gerais
vaillantab@gmail.com

Fernanda Freitas
Doutoranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro
fernanda.freitas@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This work presents a comparative study of the ambiances of Santiago Calatrava's Oriente Station (Lisbon, 1998) in relation to the architect's design sketches. The goal was to understand the relationship between the line and the intentionality in the drawing, and the characteristics of the constructed space, focusing on elements such as lighting, soundscape, appropriations, and flows. Various records of the building and its use were analyzed, including photographs, videos, and reports collected during the Sensorial Workshop organized by Universidade Lusófona de Lisboa at the event Back to the Human Scale - Rethinking Living Spaces For Tomorrow (November 2022 to February 2023).

KEYWORDS: Santiago Calatrava. Atmosphere. Sketches. Design.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo comparativo das ambiências da Estação Oriente, de Santiago Calatrava (Lisboa, 1998), em relação aos croquis projetuais do arquiteto. O objetivo foi compreender a relação entre o traço e a intencionalidade no desenho, e as características do espaço construído, com foco em elementos como iluminação, paisagem sonora, apropriações e fluxos. Diversos registros do edifício e sua utilização foram analisados, incluindo fotografias, vídeos e relatos coletados durante a oficina Sensorial Workshop, organizada pela Universidade Lusófona de Lisboa, no evento Back to the Human Scale - Rethinking Living Spaces For Tomorrow (novembro de 2022 a fevereiro de 2023).

PALAVRAS-CHAVE: Santiago Calatrava. Atmosfera. Croquis. Projeto.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das reflexões desenvolvidas durante o Sensorial Workshop, promovido pela Universidade Lusófona de Lisboa no contexto do encontro Back to the Human Scale - Rethinking Living Spaces For Tomorrow, realizado entre Novembro de 2022 e Fevereiro de 2023, e que teve como objeto o estudo da estação Oriente de Santiago Calatrava (1992).

Localizada em Lisboa, a estação Oriente será aqui analisada a partir de duas lentes: as atmosferas do ambiente construído e a expressão gráfica da concepção de projeto. Para a análise do ambiente construído, este texto se utiliza do conceito de atmosfera de Gernot Böhme (2017a; 2017b) para discutir as experiências sensoriais vivenciadas nos espaços arquitetônicos da estação. O registro preferido para esta análise inicial são fotografias e frames de vídeo. A seguir, para entender a expressão gráfica e sua relação com a experiência do espaço, serão utilizados desenhos e croquis realizados durante o projeto. Através da análise desses elementos, busca-se compreender como as características arquitetônicas da estação Oriente influenciam

nossas percepções e emoções, relacionando traços e objetivos desenvolvidos ainda na fase de concepção e seu posterior impacto na análise do ambiente construído.

2. A GARE ORIENTE E SUAS ATMOSFERAS

Inaugurada em 1998 para atender à demanda da Expo 98, a Gare Oriente foi projetada através de um concurso envolvendo diversos arquitetos. Com três pavimentos dedicados aos modais de transporte: ônibus, metrô e trem, a estação possui mezaninos intermediários com lojas e serviços. Sua arquitetura, em aço e vidro, apresenta linhas curvas e ritmadas, destacando um grande pórtico central que percorre toda a extensão da estação, além de dois braços laterais que abrigam plataformas e acessos. As plataformas de ônibus e trem, totalmente brancas, parecem flutuar, criando uma sensação de leveza e movimento.

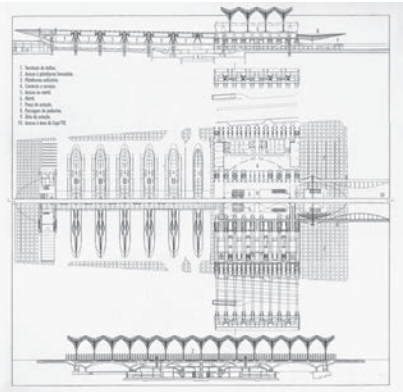


Figura 1 (à esq.) - Cortes e Planta Baixa da Estação Gare Oriente.
Disponível em: https://bit.ly/3L2O3rk - Acesso em 03 de março de 2023.
Figura 2 (à dir.) - Estação Gare Oriente, em Lisboa.
Disponível em: < https://bit.ly/3LCBT9h> - Acesso em 13 de março de 2023.

O projeto da estação Oriente visa criar um espaço amplo e iluminado que integra diversas modalidades de transporte. A estrutura, refletindo a "poesia estrutural" de Calatrava, usa elementos estruturais de forma expressiva, tornando-os centrais no projeto. Inspirada em formas arbóreas e com arcos ogivais, a estação utiliza eficientemente os materiais, oferecendo ampla cobertura. A composição de arcos cruzados em diferentes ângulos e alturas resulta em uma estrutura complexa que remete à arquitetura valenciana.

A análise da construção baseia-se nas três principais características das atmosferas defendidas por Böhme (2017a; 2017b): sinestesia, características sociais e movimento. Estas serão examinadas a partir de fotos e vídeos turísticos ou cotidianos, coletados online em plataformas como Youtube e blogs de viagem, e que mostram registros feitos por visitantes e frequentadores do local. Os vídeos selecionados visam promover um "walkthrough" pelo espaço, abrangendo diferentes andares e modais. Para uma análise detalhada, utilizamos as visões seriais propostas por Cullen (1983),

que permitem visualizar a transformação das atmosferas como um todo. Esta ferramenta foi escolhida por possibilitar uma reconstrução da experiência visual do movimento humano. Nestas visões, a paisagem urbana surge fragmentada por uma sequência de sons e imagens, sendo a percepção sequencial fundamental para a compreensão e apreciação da cidade.

A partir da análise dessa experiência e dos relatos dos autores dos vídeos, buscamos apresentar fatores sinestésicos e características sociais do edifício. A sinestesia refere-se à qualidade sensorial que as atmosferas evocam nos indivíduos, sendo experimentadas por meio de todos os sentidos de forma interdependente. As características sociais dizem respeito à influência das atmosferas nas interações sociais, moldando o comportamento e as interações entre as pessoas. O movimento destaca a natureza dinâmica das atmosferas, constantemente transformadas por mudanças no ambiente físico, nas percepções individuais e nas interações sociais. Assim, as atmosferas são experiências sensoriais complexas, influenciando percepções e interações sociais, e estão em constante mudança.

As atmosferas são, portanto, experiências sensoriais complexas, que influenciam as percepções individuais e as interações sociais e estão sempre em constante transformação. Uma das características sociais destacadas por Böhme é a capacidade dos espaços de criar uma atmosfera de convívio, de comunicação e de interação social. A estação Oriente é um exemplo, pois foi projetada para ser um grande ponto de encontro e conexão entre as pessoas, proporcionando um ambiente dinâmico e propício para a convivência social. Podemos vê-lo, por exemplo, no grande vão central em mezanino que unifica visualmente os três andares ao redor de uma espécie de grande saguão que funciona como praça. A passagem principal por ali faz com que se encontrem e se vejam, através dos três andares, os passantes em sua comuta diária, sobretudo quando têm de mudar de meio de transporte. Na análise das características sociais da atmosfera do local foi possível identificar uma forte influência da setorização geral do projeto. Ao concentrar a área de serviço e comércio nos andares intermediários, Calatrava consegue abrir átrios nos fluxos de passagem e produzir locais intermediários de permanência. Interessa notar como Calatrava divide, no projeto, as circulações de pessoas: no eixo horizontal tudo parece ser guiado pelos fluxos necessários dos pedestres entre os modais de transporte – nesse eixo acontecem corredores distributivos de plataformas e metrô; as circulações verticais, porém, são concentradas estrategicamente em pontos que se abrem em espaços amplos de convergência e visibilidade – nesse eixo (vertical) o projeto é setorizado por função, com um meio de transporte em cada andar. Além de aliviar os congestionamentos de pessoas, essa estratégia projetual cria regimes de encontro, visibilidade e iluminação vinda do nível térreo pelo vão do mezanino até o subterrâneo.

A multiplicidade de locais para se sentar e reunir faz com que a dinâmica desses andares seja bastante diferente daquelas vistas nas plataformas superiores. Junto aos

usos, a escala e o pé-direito desses ambientes também sugerem uma desaceleração que se torna convidativa junto ao mobiliário proposto. Enquanto as plataformas contam com grandes estruturas brancas e abertas, os andares intermediários recebem menos influência da luz externa, mesmo que ainda bem iluminados naturalmente. Nos andares intermediários é possível observar um maior número de pessoas sentadas, seja devido a alguma atividade específica ou mesmo como local de espera. Apesar da existência de mobiliário para espera nas plataformas, a dinâmica dos usuários nos andares intermediários faz com que estes tenham uma atmosfera onde a permanência prevalece em relação a transitoriedade.

Figura 3 - Exemplos de apropriação nos andares intermediários da estação (A e B). Disponível em: < https://flic.kr/p/2nWSaXk>- (à esquerda); < https://flic.kr/p/zrGxeR> (à direita). Permanência e apropriação nos andares intermediários feito por artistas de rua (C). Captura de Tela feita em vídeo disponível em: < https://youtu.be/WEmDmYde3BU> - Acesso em 13 de mar. de 2023 – Acesso em 13 de mar. de 2023. Presença da materialidade da pedra e vidro como elementos de conexão entre interno e externo (D). Disponível em: <https://flic.kr/p/6o6XY1> - Acesso em 13 de março de 2023.

A estação Oriente também funciona como bom exemplo de espaço sinestésico, pois o projeto utiliza formas curvas, arcos e uma grande quantidade de luz natural para criar uma sensação de amplitude e conforto. Esses estímulos variam de acordo com a setorização geral do projeto. Há também uma variedade sonora bastante perceptível entre as plataformas dos modais de transporte e os andares intermediários: enquanto nas plataformas do metrô os sons ambientes são reduzidos e eventualmente cobertos por uma música vinda da própria estação, nos andares intermediários há um aumento no ruído geral do espaço devido ao número de pessoas que circulam e falam no ambiente fechado. Apesar disso, é comum nos andares intermediários, apesar da sonoridade, que haja artistas de rua performando (figura 3). A comparação com as plataformas do metrô, que também contam com música, porém difundida à distância, por rádio, é inevitável. Trata-se de duas atmosferas distintas. No caso dos artistas de rua, a especificidade desse fenômeno se dá pela presença de outras pessoas e a forma com que elas ocupam e interagem com esse espaço simultaneamente ao evento da música. Há ainda um outro tipo de sonoridade: o ruído externo, incorporado tanto nas plataformas de ônibus quanto na parte superior aberta das de trens. Nos terminais rodoviários o ruído é maior, já que as plataformas se encontram distantes da rua. Perto dos ônibus e no térreo, o som dos automóveis é audível o tempo todo.

Ainda dentro da sinestesia presente na atmosfera da estação, há uma particularidade sensível e tátil que ao mesmo tempo integra e limita os diferentes espaços deste local: a escolha dos materiais em cada andar. Nas plataformas de trens e nas de ônibus há a

presença de grandes estruturas metálicas brancas que comunicam leveza reforçada pela permeabilidade à luz dos vidros que sustentam. Todo esse cenário compõe uma atmosfera clara e iluminada. Porém, ao entrar nas áreas internas e nos andares intermediários é possível observar uma mudança no material estrutural do aço para o concreto[1]. Aqui, além do material, o peso visual das estruturas também transforma a experiência do espaço. Ao invés de estruturas que traduzem leveza e transparência, o concreto aparente robusto traz solidez e opacidade, uma iluminação indireta, filtrada pelos recortes, reflexões e aberturas. Nesse âmbito, há dois elementos que promovem a conexão entre esses espaços: o vidro e as pedras (figura 3). O vidro é utilizado nas coberturas das estruturas metálicas, mas também nos guarda-corpos que conectam passarelas, passagens e escadas internamente, bem como nas vitrines das lojas que dispõem os corredores. Diferente do metal, que se limita a área externa, o vidro é convidado a entrar na estação, assim como os seus usuários. Esse mesmo movimento se repete com o revestimento em pedra instalado nos pisos. Ele acontece tanto no nível da plataforma dos ônibus quanto na plataforma dos trens criando uma conexão através da materialidade que se traduz também em atmosfera. No acesso às plataformas de metrô essas pedras aparecem como detalhes nas paredes que se curvam transformando-se também em mobiliário, e consequentemente em área de permanência.

Figura 4 - Visão Serial construída a partir de capturas de tela em vídeo de Walktrough. Destaca-se os contrastes entre vistas externas e internas. Disponível em: <https://youtu.be/AGoDPbWOXrQ> - Acesso em 13 de março de 2023.

Finalmente, a estação Oriente também é um exemplo de espaço que se relaciona com o caráter de movimento das atmosferas em geral, na medida em que foi projetada para promover a fluidez e a mobilidade dos usuários. O projeto utiliza uma estrutura aberta, com espaços amplos e vazados, que permitem uma circulação livre e intuitiva. Essa circulação acaba traduzindo elementos do movimento que podem ser utilizados para a compreensão e análise da atmosfera do lugar. É através do movimento que percebemos uma mudança significativa na iluminação e na escala dos ambientes, criando noções de contraste. Além do contraste material, ao observar o movimento de usuários descendo e subindo as escadas, alternando entre modais e plataformas, percebe-se uma iluminação mais baixa nos andares intermediários, enquanto há uma profusa iluminação natural a partir do momento em que os andares das plataformas de trem e ônibus são acessados. A partir do movimento observa-se uma mudança

1 Esse contraste de materiais é utilizado em diferentes projetos de Calatrava. A presença do concreto próximo ao solo e a opção por estruturas metálicas brancas que buscam maior verticalidade reforçam o caráter leve do material ao mesmo tempo que solidifica as sensações do ambiente construído no nível do solo.

na verticalidade do projeto, que também se movimenta e cresce conforme o usuário flui pelo espaço. O movimento nos leva a observar a alternância de atmosferas em lugares com maior ou menor fluxo de pessoas. Os andares intermediários contam sempre com a movimentação dos usuários que estão aguardando pelo transporte ou mesmo fazendo compras, visto que há alguns acessos ao Shopping Center Vasco da Gama. Esses acessos também são mais movimentados quando localizados nos andares intermediários e internos, se comparados às passarelas que se estendem na porção externa da estação.

3. DINÂMICA E TRAÇO

Um bosque de árvores e um soneto de Fernando Pessoa – assim Santiago Calatrava descreve o ponto de partida do projeto da estação Oriente (2017, p. 19). O projeto comporta pelo menos três linguagens e ambiências distintas: os espaços abertos à frente do edifício, que servem de plataforma aos ônibus urbanos, com seus toldos semelhantes à coluna vertebral e suas costelas; as plataformas de trens na parte superior, sob o bosque de pilares metálicos que seguram a cobertura de vidro; os interiores de concreto, com estruturas tubulares bastante mais robustas. Projeto de 1994, ou seja, da primeira década da carreira do arquiteto, nele vê-se esboçar todo o vocabulário de Calatrava, como notaram Tizonis e Lefaivre (2001b, p. 10), fortemente marcado pelas analogias – no caso, as três principais na obra do arquiteto: o corpo humano, as árvores e o movimento das forças, compondo, cada uma, uma das três ambiências distintas da estação.

A analogia mais sutil é, talvez, a terceira; para entender essa representação do movimento enquanto estrutura é preciso – como faz McQuaid (1993, p. 13), "o movimento como forma"[2] – tanto simplesmente sentir as formas como mais ou menos aerodinâmicas (pelo seu traçado e pelos movimentos que impõem aos olhos), quanto imaginar o percurso das cargas até o solo. O elemento mais evidente dessa composição são os robustos pilares da parte interna, que funcionam como arcos e descarregam aos pares, em "V", na base. Sua assimilação à viga a partir de um abaulamento de sua extensão torna-os traços diagonais a quase 45° na parte interna superior da estação. Essa curvatura desenha a parte superior da silhueta de um olho humano visto de frente, como em outros projetos do arquiteto (Stadelhofen, 1990), mas também cria a sutil sensação de que os pilares pendem sobre os passantes – esse pendor aparente torna esse elemento estrutural visualmente leve e sugere o movimento de um lançamento ou sobrevoo, sendo o pássaro também uma analogia recorrente em toda a obra de Calatrava (como em Lyon Saint-Exupéry, 1994).

Esses três modos de compor os espaços possuem em comum, dentre outros aspectos, que o pensamento que os anima é o desenho. Calatrava (2017, p. 23, 24 e 26) descreve seu procedimento como "abstração" das formas naturais – não

2 Todas as traduções no corpo do texto são nossas, conforme o idioma da edição citada.

simplesmente analógico, mas analítico; uma "redução". Em outras palavras, não se trata da forma da árvore, por exemplo, mas de seu funcionamento[3]. A depreensão esquemática da forma através de seu funcionamento, porém, é puramente desenho, e é o desenho que permite a assimilação de ambas: função é forma. Essa síntese – que o arquiteto mesmo descreve em *Drawing, building, reflecting* (2017, p. 23) – permite-nos entender a afirmação de McQuaid (1993) acerca do movimento enquanto forma:

> Embora a natureza seja a inspiração estrutural de Calatrava, ele não imita nenhuma forma orgânica particular. Em vez disso, ele observa o forte movimento visual em objetos naturais que deriva do fato de que suas formas são vestígios das forças físicas que os criaram. (MCQUAID, 1993, p. 13)

Os croquis de Calatrava frequentemente apresentam vetores, setas que indicam movimento, mesmo quando se trata de estruturas estáticas. Em alguns casos esses vetores podem indicar o pensamento estrutural do arquiteto, o caminho das cargas, mas frequentemente são o movimento sugerido pela forma. Esse movimento também é por vezes indicado no próprio objeto desenhado, pelo traçado mais grosso e rápido, por exemplo, em que está presente o rastro do movimento da mão. A síntese operada por Calatrava entre forma e funcionamento se dá, portanto, no raciocínio visual próprio do croqui, em que a abstração da forma (por redução) é puramente analítica. Forma, para Calatrava, é desenvolvimento espacial; dinâmica é expressão.

O que une, porém, os temas dessas analogias? A coluna vertebral e suas costelas, um bosque de árvores, as forças físicas tornando-se visíveis? Mutuamente apontam para uma ideia do que seja "estrutura". Não se trata aqui do sentido primeiro de peças de sustentação de um edifício. Ainda que Tizonis e Lefaivre (2001b) tenham razão quanto à analogia como modo de raciocínio criativo, não é tanto para os objetos que lhe servem de estudo que Calatrava aponta, mas para essa mesma racionalidade própria da criação: não se trata de uma analogia enquanto simples transposição de ideias ou decalque de elementos, mas de desenvolvimento. A forma é como uma determinada função se desenvolve no espaço. O radical indo-europeu mais antigo de "estrutura" (*sterh*) diz justamente "espalhar"[4]. Esse raciocínio é muito semelhante àquele desenvolvido pelos futuristas italianos ao tentarem capturar o movimento de um objeto no espaço, registrando, por exemplo, a velocidade e o automóvel simultaneamente, um pelo outro. A forma do movimento compõe o objeto no espaço. Pensemos por exemplo nas *linee forza* (linhas de força) de Boccioni. Vejamos:

---

3 "I have long been asked about the forms my buildings represent, but I wish them to be read as pure abstractions". CALATRAVA, 2017, p. 26.

4 Também o osso que reúne as costelas na frente do peito, oriundas, cada par, de uma vértebra distinta, é o esterno, do mesmo radical, ou seja, a partir de onde as costelas se espalham e alcançam cobrir a extensão necessária à proteção dos órgãos vitais.

> O gesto que devemos reproduzir na tela não pode mais ser um momento fixo no dinamismo universal. Deve ser simplesmente a sensação dinâmica ela mesma. De fato, todas as coisas movem-se, tudo corre, tudo está em rápida mudança. (Boccioni et al., 1910)[5].

O gesto gráfico aproxima-se do processo de pensamento dessa maneira. Pensar uma forma é decompô-la, girá-la, projetar as linhas de seu contorno e unir as faces que compõem seus lados, entendendo seu fechamento. O traço, assim, percorre o papel sugerindo os movimentos da própria compreensão intra-mental – da própria coisa como se forma e acontece no mundo, como a percebemos. O movimento da mão que desenha transpõe pelo seu rastro também algo do movimento dos olhos que percorrem o objeto para entendê-lo. Nesse mesmo manifesto recordam os futuristas que sequer um objeto estático é visto como parado, pois que o movimento dos olhos do observador faz surgir e desaparecer suas partes. A palavra que mais se aproxima de "estrutura", nesse sentido, é "dinâmica", em que o grego δύναμις diz, justamente, capacidade, aquilo que algo faz. E o que permite, em arquitetura, a passagem de uma coisa à outra, é a própria gestualidade implicada no traçar.

4. MATÉRIA E SENTIDO

Em suas aulas no MIT, Calatrava diz o seguinte:

> Continuando com a ideia da árvore – uma ideia que é muito geral, na minha opinião –, nós construímos a estação de trens Oriente em Lisboa. Ali eu usei o mesmo vocabulário, escolhendo-o especificamente porque a cidade de Lisboa não é somente muito bela, como também tem o caráter muito, muito leve das cidades na costa do Atlântico. O espaço é muito transparente, com uma bela qualidade de luz. Nesse contexto, eu não quis fazer uma estrutura muito robusta, como em Lyon, mas uma mais delgada – uma estrutura aberta em que de um lado passem os trens e do outro haja uma vista. (KAUSEL; PENDLETON., 2002, p. 91)

O arquiteto claramente refere-se à plataforma de trens no nível superior da estação. Com os pilares metálicos longos e a cobertura leve, permitindo um baixo diâmetro das peças, a estrutura ergue-se muito acima da linha do horizonte sem perturbar a vista. Abaixo, porém, peças de sustentação robustas se fazem necessárias. McQuaid (1993, p. 10) chama atenção para a importância da junta estrutural nas transições entre materiais na obra de Calatrava. Nesse caso, entre o metal e o concreto. O desenho também muda – os pilares da plataforma compõem uma malha quadriculada de hastes retilíneas, enquanto os pilares internos da estação, em concreto, funcionam como séries de arcos pareados em "v", até os corredores subterrâneos do metrô, no andar inferior, em que os passantes são acolhidos pelas paredes maciças dos arrimos

---

5 "The gesture which we would reproduce on canvas shall no longer be a fixed moment in universal dynamism. It shall simply be the *dynamic sensation* itself. Indeed, all things move, all things run, all things are rapidly changing". Il manifesto tecnico della pittura futurista. Boccioni, Carrà e Russolo, 1910. In: DANCHEV, 2011, p. 15. Tizonis e Lefaivre (2001, p. 15) comparam Calatrava a um surrealista, quando na verdade seu procedimento se assemelha mais ao dos futuristas.

de concreto, escultoricamente inclinadas. Da leveza do ar "transparente" de Lisboa, em que Calatrava se esforça por preservar a permeabilidade visual, a cada nível mais abaixo, em direção à terra, expandem-se os elementos estruturais em resposta ao maior esforço, até as paredes de arrimos maciços dos corredores do metrô, no subsolo. A transição entre metal e concreto responde tanto à necessidade de maior compressão, quanto a uma mudança de significado. A tectônica é, em Calatrava, expressiva. Não por acaso, sua primeira aula no MIT (2002, p. 13) inicia com esse tema: "Penso que um ótimo primeiro passo para se entender a arquitetura seja entender o que é o concreto, o que é o aço, o que é a madeira, como usá-los, o que eles significam". A estação, porém, nunca parece visualmente pesada – as formas aerodinâmicas dos elementos estruturais e o uso ativo das paredes (McQuaid, 1993, p. 15 – "living walls"), que se "movem" com sua inclinação nos corredores, criam uma leveza somente possível graças à plasticidade do concreto. Essa estratégia estética contorna e transforma as sensações espaciais, tal que o material mais espesso possa ainda assim parecer leve e arrojado, ressaltando uma das características do concreto (a plasticidade) sobre outra necessidade estrutural (a robustez). Nos desenhos do arquiteto vemos o intento consciente nessa direção através do traçado de formas contínuas e fluidas entre si (fig. 6).

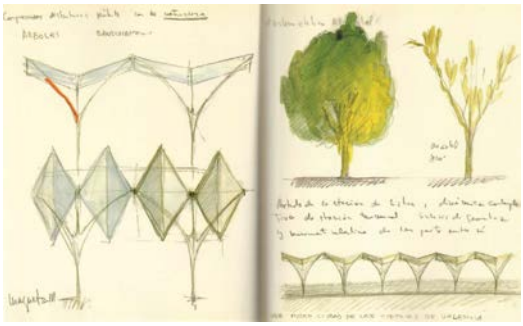


Figura 6 (à esq.) – secção lateral da estação Oriente. Croqui do arquiteto. Santiago Calatrava, 1992[6]
Figura 7 (à dir.) – esboços de Santiago Calatrava, 1992. TIZONIS, LEFAIVRE, 2001 (p. 274-275).

Da mesma forma que a estrutura se altera fundamentalmente na passagem entre níveis e materiais, o traço no desenho a acompanha: os elementos verticais da plataforma de trens são representados com linhas precisas e retas, quase à régua, com uma única camada de azul; as formas interiores da estação, porém, aparecem em traços gestuais contínuos. A mudança de significado na passagem entre essas estruturas dá-se pela relação interior x exterior e as analogias com que dialogam. A estrutura mais leve e alongada lança-se para cima, na plataforma de trens, para desobstruir a visão, mas é, como diz Calatrava, um bosque. O interior e, sobretudo, o subterrâneo, não podem ser bosque. Suas formas remetem à caixa toráxica com os arcos pareados como vértebras passando por cima dos corredores centrais em mezanino. Isso também aparece nos desenhos das secções laterais (fig. 7). As formas

6 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Documento registrado sob a chamada: PT/AMLSB/PAE/GFOT/01/108/028297. Consultado em março de 2023.

interiores são mais abstratas, falam das forças e solicitações a que respondem e subvertem, enquanto o aberto expande, amplifica, a vista se alonga à imensidão. A analogia abstrata das forças demonstra uma abordagem logicamente mais introspectiva nos interiores fechados, enquanto a plataforma remete a elementos da natureza de modo mais figurativo (fig. 7).

As analogias de Calatrava, portanto, não englobam simplesmente as formas que decompõem e analisam, mas também aquelas entre aberto e fechado, dentro e fora. O próprio espaço faz parte do arcabouço conceitual, suas características e configurações sugerem as analogias que se traduzem mormente nos movimentos das peças estruturais. McQuaid (1993, p. 11) chama atenção para o fato de que Calatrava em geral desenha mais em secções (cortes) do que em qualquer outro modo. No caso da estação Oriente, porém, chamam atenção as vistas aéreas (fig. 8 e 9):

Figura 8 e 9: vistas aéreas frontais a e b; Santiago Calatrava, 1992.

As vistas aéreas com um único ponto de fuga central atestam a importância dessa visibilidade ampla, a bem dizer panorâmica, que atravessa o edifício. A perspectiva infinita funciona mesmo como um vetor dessa visibilidade que orienta o projeto – duas linhas centrais inclinam-se rumo à fuga formando um "v" invertido, em ambas as figuras 8 e 9, que divide o desenho no sentido de seu eixo de simetria. Trata-se da intenção de incorporar o longe e a distância ao projeto. Na figura 8 o arquiteto chega a representar o perfil das montanhas que circundam Lisboa abaixo das campânulas de vidro dos seus pilares-árvores. Na figura 8, representa o próprio horizonte, campo e colinas, atrás da estação. Em ambos os desenhos é notória a presença de árvores, como manchas verdes verticais ao redor do edifício, como para reforçar a associação. O espaço enquanto dimensão retorna nesses desenhos como configurador mesmo da forma engendrada – o aberto da paisagem é o continente da envoltória edilícia. O modo como Calatrava pensa as perspectivas – aéreo, central, frontal, infinito – dá a ver a orientação fundamental desse projeto para a vista. Se Calatrava parece projetar por vetores, com seus traços gestuais e setas, o vetor da estação Oriente é certamente aquele que impulsiona para o além do ar lisboeta, através dos bosques, rumo às colinas.

O arquiteto fala do ar da cidade e desenha em sobrevoo a sua estação, demonstrando a centralidade desse elemento para a sua concepção. Trata-se de ainda mais uma analogia. A ao conjunto "ar, leveza, vista", respondem pilares delgados brancos, etc.

5. CONCLUSÃO

A estação Oriente é um projeto rico em ambiências distintas. Conscientemente, opera com pelo menos três modos e estratégias distintos: por graus de interioridade, do mais público e aberto, dos pontos de ônibus frontais, até o mais interno, com os acessos subterrâneos ao metrô, passando por um nível medial das plataformas de trens na parte superior. Cada uma dessas ambiências se caracteriza por formas próprias de iluminação, ventilação e acústica, além de uma relação particular com os usos e atividades que dispõe. Nesse artigo procuramos buscar os aspectos conscientes dessas atmosferas nos desenhos do arquiteto; tentamos aferir quanto das atmosferas configuradas no espaço construído podem ser antecipadas no desenho - e manter-se na passagem de um a outro. Via de regra, as ambiências são, em geral, resultado de um conjunto de fenômenos concretos e específicos de um lugar. Nesse sentido, não são simplesmente transponíveis para outra linguagem - desenho não é edifício e vice-versa. Nessa dicotomia, procuramos entender as relações possíveis entre essas duas dimensões. No caso da estação Oriente, percebemos como uma série de modos de traçar e figuras de linguagem e pensamento permitem que intuições e percepções do arquiteto se articulem com os dados do espaço real, possibilitando um grau significativo de consciência e aproximação entre desenho e espaço construído, no sentido da percepção subjetiva (algo que talvez se possa chamar consistência).

6. BIBLIOGRAFIA

Albornoz, C; Calatrava, S. *Santiago Calatrava*: drawing, building, reflecting. Frankfurt: Thames & Hudson, 2017.

Böhme, G. (2017a). *The Aesthetic of Atmospheres*. New York: Routledge.

Böhme, G. (2017b). *Atmospheric Architectures*: The Aesthetics of Felt Spaces. Basel: Birkhäuser.

Cullen, G., De Macedo, C. L., & Correia, I. (1983). *Paisagem urbana.*

Danchev, A. (2011). *100 artist's manifestos: from the futurists to the stuckists*. London: Penguin Books.

Kausel, C., & Pendleton, A. (2002). *Santiago Calatrava: conversations with students: the MIT lectures.* New York: Princeton Architectural Press.

McQuaid, M. (1993). *Santiago Calatrava: structure and expression.* New York: MoMA.

Tzonis, A., & Lefaivre, L. (2001a). *Santiago Calatrava's creative process part I: fundamentals*. Basel: Birkhäuser.

Tzonis, A., & Lefaivre, L. (2001b). *Santiago Calatrava's creative process part II – sketchbooks*. Basel: Birkhäuser.

R34

AMBIANCES AND SOCIAL IDENTITY

CHAIRS Cristiane Rose Duarte
Ethel Pinheiro

This thematic session invites reflection on the processes of identity construction that have environments as their agents of narrative creation and anchoring for individual and collective stories in cities. From football fan groups to territorial claims that seek in the characteristics of lived space the necessary adherence to shape the group, including suburban raves and carnival association groups, the aim is to confront cases where the environment is foundational to the collective experiences that evoke the awareness of being part of a system of social relations and everyday interactions among people who share the same symbolic universe.

R34

SOCIAL RELATIONS AND INTERACTION WITH THE BUILT ENVIRONMENT IN A STANDARD DESIGN SCHOOL IN RIO GRANDE DO SUL

AS RELAÇÕES SOCIAIS E A INTERAÇÃO COM O AMBIENTE CONSTRUÍDO EM UMA ESCOLA DE PROJETO PADRÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Lisiê Kremer Cabral
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
lisikcabral@yahoo.com.br

José Henrique Carlucio Cordeiro
Mestre em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pelotas
joseccordeiro@yahoo.com.br

ABSTRACT

The intention of this paper is to identify how the ideological discourse of the Vargas Era has been materialized in the standard design school buildings for 500 students built in 1930 in Rio Grande do Sul. The question is: how the school building of the Getúlio Vargas period has repercussions in its environment today? The work was carried out through a case study, with a phenomenological approach, using as methodology the architectural tour proposed by Le Corbusier. The use of the same architectonic design installed in different locations was a means of standardization and uniformity of the people who used these spaces. This practice, together with the imprint on the architecture of the authoritarian characteristics of the Brazilian government, even in the past, conditioned the social behavior and presented the potential for surveillance of society, thus being the school building used as a political instrument of the government of the time, with effect on the perception of its inhabitants nowadays.

KEYWORDS: standard schools. school architecture. school space. architectural tour.

RESUMO

A intenção desse trabalho é identificar como o discurso ideológico da Era Vargas se materializa nas edificações escolares de projeto padrão para 500 alunos construídas em 1930 no Rio Grande do Sul. Pergunta-se: de que forma a edificação escolar do período getulista repercute na atualidade em sua ambiência? O trabalho foi realizado através de um estudo de caso, com abordagem fenomenológica, utilizando como metodologia o passeio arquitetônico proposto por Le Corbusier. A utilização do mesmo projeto arquitetônico instalado em diferentes localidades foi um meio de padronização e uniformização das pessoas que utilizaram esses espaços. Essa prática, junto à impressão na arquitetura das características autoritárias do governo brasileiro, mesmo do passado, condicionaram o comportamento social e apresentaram o potencial de vigilância da sociedade, sendo dessa maneira, o prédio escolar utilizado como instrumento político do governo de uma época, ainda com efeito na percepção de seus habitantes atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: escolas padrão. arquitetura escolar. espaço escolar. passeio arquitetônico.

1. INTRODUÇÃO

Uma construção é projetada com intuito de atender às necessidades das pessoas e de acordo com sua finalidade serão dispostos e propostos ambientes, consolidando circulações, permanências e restrições. Os espaços serão validados pela interação entre os corpos, constituindo os conceitos de ambiência e espacialidade. As relações do homem com o ambiente, seja nas formas e padrões, na presença ou ausência de objetos, constituem um processo de relação entre cultura e arquitetura (Zevi, 2009;

Cavalcante; Elali, 2011). Contudo, o processo de apreensão do ambiente construído ocorre de maneira que extrapola a materialidade da construção. A edificação expressa sua presença através de seus cheiros, de sua textura, dos sons de seu meio e de tudo aquilo que a remete ao ser que a habita (Duarte; Pinheiro, 2013).

O projeto para instituições de ensino, durante a Primeira República (1889-1930), com a valorização da educação, passou a atender diretrizes progressistas de higiene e conforto para os prédios dos Grupos Escolares (Ermel, 2017). Essas construções, representantes do ideal republicano, contavam com salas de aula e espaços administrativos, com plantas simétricas e imponentes fachadas neoclássicas (Kowaltowski, 2013). A partir de 1930, no governo de Getúlio Vargas, atendendo à modernização, as escolas direcionaram-se a um novo método pedagógico em que o programa foi ampliado. As edificações passaram a considerar espaços para sala médica e odontológica, museu, biblioteca, entre outros (Cabral, 2020).

Nesse ínterim, na década de 1930, o engenheiro João Baptista Pianca, funcionário da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, elaborou propostas para prédios escolares com projeto padrão, com adaptações em diferentes modelos, de acordo com o número de alunos. Entende-se por projeto padrão a reprodução do projeto arquitetônico de uma edificação em diferentes localidades (Frampton, 2003). Percebe-se que as instituições de ensino passaram por modificações políticas, pedagógicas e sociais que podem ser observadas em suas edificações (Cabral, 2020).

Sabe-se que o projeto arquitetônico estabelece as relações do homem com o espaço, definindo o modo como ocorrem os deslocamentos, acessibilidades ou restrições espaciais, e, consequentemente, atuando nas sensações e na percepção espacial das pessoas. O espaço arquitetônico em utilização consolida a projeção de sensações e experiências dos seres humanos sobre o objeto construído, carregando a arquitetura de estímulos e ambiências, de interpretações e valores próprios para quem a habita (Duarte; Pinheiro, 2013).

Assim, embasando-se na ideia de que "[...] no espaço coincidem vida e cultura, interesses espirituais e responsabilidade sociais" (Zevi, 2009, p. 217) e na dissertação de Cabral (2020), acredita-se que os projetos para escolas padrão, realizados pelo engenheiro Pianca, apresentam em seus espaços delimitações impostas com a intenção de condicionar e moldar o comportamento dos estudantes. Logo, surge a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a edificação escolar do período getulista repercute na atualidade em sua ambiência?

Dessa maneira, o objetivo desse trabalho é identificar como o discurso ideológico da Era Vargas se materializa nas edificações de projeto padrão para 500 alunos idealizadas por Pianca na década de 1930 e como o sujeito que transpassa pelo prédio escolar sente esse discurso. Fundamentando-se no passeio arquitetônico proposto por Le Corbusier, será realizada análise fenomenológica, aplicada em um

estudo de caso, do projeto de uma dessas escolas. O objeto de estudo consiste no Grupo Escolar Ponche Verde (1936), localizado na cidade de Piratini/RS. Observa-se que um dos pesquisadores estudou durante toda sua infância e adolescência em uma escola padrão de Pianca, de modo que se assume que as impressões pessoais dos autores estão amalgamadas com os resultados obtidos.

2. ESPAÇO E PERCEPÇÃO

A arquitetura propõe espaços que podem ser experienciados e ocupados pelas pessoas, possibilitando a vivência e interação direta com a obra. Esses espaços são conformados por altura, profundidade e largura, e podem ser compreendidos através da exploração e reconhecimento realizados pelo movimento do homem (Zevi, 2009), o qual percebe o espaço através de cinco sentidos e o interpreta conforme suas vivencias sociais (Pallasmaa, 2011). [...] em arquitetura, o conteúdo social, o efeito psicológico e os valores formais se materializam todos no espaço. Interpretar o espaço significa por isso incluir todas as realidades de um edifício (Zevi, 2009, p. 192).

Contudo, o espaço construído participa de uma combinação que o sobrepõe: a ambiência. Pode-se entender ambiência como o resultado da interação entre o espaço físico e os elementos da presença humana, como elementos sensíveis, sociais e atributos culturais que decorrem dessas relações pessoa-pessoa e pessoa-ambiente. As ambiências atuam como um elo que conecta as diferentes sensações vivenciadas pelos habitantes dos espaços em determinadas circunstâncias e permitem que as pessoas percebam e construam sua interpretação do mundo (Lira, Duarte, 2013).

Uma construção é o somatório de diversos valores, sejam sociais, políticos, econômicos, técnicos, artísticos e espaciais. Os ambientes são o reflexo do contexto histórico, palco de narrativas coletivas e culturais, protagonistas da arquitetura e são constituídos a partir da intenção do projetista, das relações sociais e da interpretação de seus usuários (Zevi, 2009). O que se percebe do espaço não são apenas os estímulos que ele provoca nos seres humanos, mas também objetos e acontecimentos do passado, inseridos em um dado contexto da história, já dotados de significação (Thibaud, 2004), que convidam a outras ressignificações.

O projeto de arquitetura é constituído pela organização e distribuição de diferentes ambientes. O programa de necessidades, define, em parte, como devem ser propostos e organizados os setores. Esses espaços, posteriormente ocupados, produzem locais de permanência ou de circulação. Por meio das relações entre os indivíduos que transitam por essas áreas compreende-se o conceito de ambiência e do movimento dos corpos através do espaço surge o conceito de espacialidade (Aguiar, 2006).

A percepção do espaço é realizada através da presença corporal, os sentidos são expostos a experienciar diferentes sensações e de acordo com a individualidade de cada pessoa a interpretação dos ambientes será distinta. A arquitetura representa

as características culturais e sociais de um determinado tempo e lugar, as quais modificam-se continuamente e são reinterpretadas de maneira contínua por meio da percepção do corpo. A construção irá delimitar os movimentos e o comportamento, e esse preenchimento do espaço pelo homem gera relações que extrapolam o limite físico e mensurável (Pallasmaa, 2011).

A forma de um espaço interfere de maneira objetiva e subjetiva nas atitudes humanas, podendo transmitir sensações de movimento, pausa, agitação, tranquilidade, clausura, liberdade, entre outros. Conforme Aguiar (2006, p. 74) "a espacialidade, portanto, não é neutra, ela pode colaborar ou emperrar o desempenho do corpo". O edifício acaba por orientar a movimentação e, por sua vez, a percepção do corpo. O ambiente influencia certos comportamentos humanos, que por sua vez provocam mudanças no próprio ambiente e nas interações sociais ali presentes. A relação pessoa-ambiente possui um caráter cultural e dialético. Assim, o indivíduo molda o ambiente ao mesmo tempo em que é moldado por ele (Cavalcante & Elali, 2011).

O uso da edificação determina suas áreas, formas, tamanho de vãos para iluminação e ventilação, o tipo de mobiliário, possibilitando que o ambiente atenda aos parâmetros do programa de maneira confortável, considerando, também, questões de caráter cultural. Essas características configuram o espaço, o qual encontra-se relacionado à escala e à forma plástica (Tedeschi, 1978). Quando o regramento é bem definido, há a delimitação dos espaços e dos distanciamentos (Foucault, 2018).

A concepção de um projeto arquitetônico está relacionada ao contexto histórico, político e social e de acordo com a localidade e as intenções do projetista apresentará variações, podendo, através de alguns elementos, expressar sensações de controle, criando dependências e moldando condutas. Conforme Tedeschi (1978, p. 256) "*todo se integra en la experiencia del espacio. En ella el edificio se anima humanamente y puede entrar al mundo del arte* [...]".

Assim, o espaço construído interfere na percepção do homem, atuando como ferramenta de domínio, disciplinando e condicionando comportamentos. No entanto, a experiência no espaço, ou seja, a ambiência, não está restrita às condições do ambiente construído, mas as extrapola, atribuindo significados em função das relações sociais e culturais que ocorrem nesse ambiente.

3. O ESPAÇO ESCOLAR

Ao longo da história, a arquitetura do ambiente escolar teve duas tendências principais: de um lado, o desejo de controle e disciplina, exercidos através de espaços bem determinados com projetos baseados no isolamento autônomo e, de outro, as influências das teorias pedagógicas, que valorizam mais a criatividade e a individualidade do ser humano, percebidas na arquitetura através do surgimento de espaços para desenvolvimento intelectual e social (Kowaltowski, 2013).

Os prédios públicos escolares, além de cumprirem às necessidades pedagógicas, atuam na padronização do comportamento por meio de significados coletivos, atendendo aos ideais do Estado, fixando-se como locais de memórias. A organização interna dos espaços e as delimitações de horários são instrumentos de controle e coerção, o que mostra a relação entre espaço e tempo. Os professores, para os alunos, são personagens que delimitam respeito e autoridade, e o prédio escolar materializa esse sentimento (Escolano, 2017). A localização e o posicionamento da escola na urbe, o desenho do prédio, seus elementos simbólicos e decorativas implicam em interpretações e significados, tanto culturais como pedagógicos (Lombardi; Nascimento, 2004).

No espaço escolar, o método disciplinar ocorre através da organização dos espaços, estabelecendo-se um limite entre o ambiente interno e externo da edificação, no cumprimento de horários, na organização dos estudantes em séries, classes e filas. A escola tornou-se uma máquina de ensino, com ambientes funcionais e hierárquicos, os quais otimizam o tempo e os movimentos, através de associações operatórias, definem lugares e seus valores. Essas organizações atuam de forma discreta e subjetiva na conduta do ser humano (Foucault, 2018).

Durante o governo de Vargas, na década de 1930, estavam sendo construídos prédios públicos imponentes com uma linguagem progressista, que possuíam a intenção de marcar o momento político. Nesse cenário, o sistema educacional brasileiro foi reformulado para facilitar o acesso à educação, de maneira que foi elaborado um novo programa escolar com o intuito de formar uma unidade nacional através de conceitos cívicos e morais (Cabral, 2020).

No Rio Grande do Sul, foi implementado um programa de escolas padrão com projetos de arquitetura idealizados pelo engenheiro João Baptista Pianca (Cabral, 2020). O engenheiro Pianca, formou-se em Engenharia Civil em 1915 e, em 1919 iniciou suas atividades na Secretaria de Obras Públicas de Porto Alegre. Nos anos de 1930, Pianca desenvolveu projetos para grupos escolares, dentro da linha do monumentalismo autoritário, que seriam implementados em todo o estado do Rio Grande do Sul (Weimer, 2004).

4. METODOLOGIA E OBJETO DE ESTUDO

O conceito de passeio arquitetônico, proposto por Le Corbusier, indica que o espaço deveria ser experenciado através do movimento entre eixos direcionais, os quais possuem gradações de maior ou menor acessibilidade, que direcionam os indivíduos de acordo com as intenções e objetivos idealizados pelo projetista no ambiente. “A ordenação é a hierarquia dos eixos, logo a hierarquia dos fins, a classificação das intenções” (Le Corbusier, 2013, p. 133).

Fundamentando-se na teoria do passeio arquitetônico de Le Corbusier, será realizada uma análise fenomenológica de uma escola padrão para 500 alunos, considerando

as percepções do observador/pesquisador, através da leitura e experimentação subjetiva, em que serão trançados possíveis percursos e suas relações imateriais com o espaço construído, registrando-se os deslocamentos e as sensações do corpo. Foi realizada visita com caminhada arquitetônica no Grupo Escolar Ponche Verde, objeto de estudo de caso desse trabalho, além da análise das plantas, imagens das fachadas e da ambientação de interiores. A visita ocorreu no segundo semestre de 2021, no horário das atividades da instituição, durante o período da tarde, sendo conduzida por uma funcionária da escola.

As escolas padrão para 500 alunos apresentam planta simétrica em forma de U, dois pavimentos, fachada neoclássica com colunas e frontão. Foram identificadas seis instituições com esse mesmo padrão nas cidades de Osório, Taquara, Dom Pedrito, Vacaria, Santa Vitória do Palmar e Piratini (Cabral, 2020).

O prédio do Grupo Escolar Ponche Verde (Figura 1), localizado em um lote de esquina, no município de Piratini/RS, foi inaugurado em 1936, atendendo às carências dos serviços educacionais da comunidade. O edifício escolar, quando comparado às demais construções da cidade, em maioria residências com um ou dois pavimentos, fica evidente pelo grande porte, tornando-se uma referência local.

Figura 1 - Prédio da escola, 1936, RS.
Fonte: Acervo da escola (2021).

Observa-se a relevância dessa instituição de ensino para a população de Piratini, a qual está presente no cotidiano dos alunos e professores, durante festividades culturais, marcando momentos e memórias coletivas. Essa escola foi escolhida como objeto de análise, pois está localizada em um centro histórico e, também, por possuir suas características originais preservadas.

5. PASSEIO ARQUITETÔNICO

O projeto das escolas padrão para 500 alunos (Figura 2) foi organizado entorno de um eixo horizontal, e a partir dessa definição os demais ambientes foram dispostos. Observam-se dois eixos principais, o do acesso principal, no sentido vertical com três pontos de parada e o da circulação, na direção horizontal, também com três pontos de parada, onde encontram-se as escadas que levam ao segundo pavimento. Os deslocamentos secundários conduzem às salas de aula, de leitura, médica, diretoria e banheiros.

Figura 2 - Plantas dos pavimentos do Grupo Escolar Ponche Verde.
Fonte: Desenho das plantas 5º CROP, esquema dos autores (2021).

Quando a planta passa a ser representada em sua volumetria, percebe-se que a imponência da escola é consolidada. A fachada com arquitetura Neoclássica direciona aos valores adotados na Primeira República e coloca o prédio escolar como representante do Estado. O telhado cerâmico aparente, que em 1936 estampava o nome da cidade, apresentado na figura 2, é uma característica que aproxima a construção da escola às tradicionais residências que ficam ao entorno da instituição.

O sujeito disposto em frente ao acesso principal da escola (Figura 3), tem sua primeira impressão, nesse momento de pausa, de apreensão, respeito e temor. A escola tem sua própria força de gravidade que atrai o caminhante. A massa edificada, as dimensões das aberturas e das colunas e o ordenamento da fachada evidenciam que o espaço exige respeito. Ainda assim, se ouvia gritos no pátio, das crianças correndo, porque

uma escola não deixa de ser escola, por mais vestida de honrarias que esteja. Ao movimentar-se, subindo os degraus, para entrar na edificação, extrapola-se o limite de ambiente exterior-interior, e ainda no hall de entrada, visualiza-se a sala da diretora, a autoridade máxima, reforçando sentimentos de vigilância, obediência e submissão. Se no lado de fora ouvia-se a dinâmica escolar, no lado de dentro ouvia-se o silêncio.

Figura 3 - Implantação e acesso principal do Grupo Escolar Ponche Verde.
Fonte: Acervo da autora (2021).

Os indivíduos têm uma conduta fora da escola e ao entrar na edificação é moldada aos padrões impostos pela construção e pelos costumes sociais, impondo-se a um outro comportamento. A delimitação do muro de divisa e do pátio da instituição consistem em espaços de transição da atuação de quem está fora para quem está dentro. A frase estampada no frontão do acesso principal "trabalho tudo vence" pode ser interpretada como um comunicado à população, de que no ambiente de ensino existem regras e normas, que devem ser cumpridas através do trabalho, sendo o ensino e os exercícios necessários ao bem da nação. O discurso do governo na época de implementação da escola ainda implica no cotidiano escolar. Tornou-se hábito lê-lo no frontão da escola, apesar das mudanças pedagógicas e sociais que ocorreram ao longo dos tempos.

No ponto central do prédio, saindo do hall e dirigindo-se ao espaço da circulação, tanto no sentido da direita como da esquerda, o caminhante encontra um longo trajeto que o levará até as salas de aula, às escadas de acesso ao segundo pavimento ou às saídas para o pátio. Esse ponto é um local de escolha de caminhos e de encontros entre pessoas. Por mais fria que a escola seja, situada no extremo sul do Brasil, com piso de granitina e amplas aberturas, ainda assim emana aconchego do

relacionamento entre crianças e professores. Há uma sensação contraditória, por vezes dicotômica e por outas dialética, na interação entre ordem e disciplina com acolhimento, atenção e carinho.

No segundo pavimento ocorre semelhante situação, pois os ambientes de uso comum à comunidade escolar, a sala médica e a biblioteca, encontram-se no eixo da construção e são ocupados por funcionários da escola. Ao pisar no segundo andar o sujeito terá as opções de entrar nas salas de aula ou mover-se até o centro do edifício para acessar os espaços específicos. Independentemente da direção tomada, a pessoa chega em um ambiente controlado por alguma autoridade escolar, sejam eles os professores, diretores, bibliotecários ou monitores (Figura 4). Nota-se que o programa escolar e o posicionamento de seus funcionários reflete o aspecto contrastante entre o acolhimento e o controle em relação aos alunos.

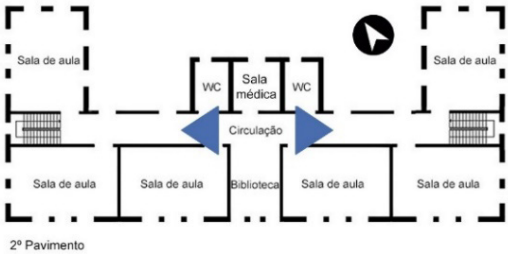


Figura 4 - Planta do 2º pavimento, escada e circulação do Grupo Escolar Ponche Verde.
Fonte: Acervo da autora (2021).

A construção marcada por sua horizontalidade, conta com grande quantidade de janelas nas suas quatro fachadas. Todas as áreas ocupadas por salas de aula, com

faces voltadas para a rua, possuem janelas, variando entre três, cinco e até sete aberturas em um único espaço. No ambiente da circulação, em função da quantidade de aberturas, ocorre uma interseção entre áreas opacas e permeáveis, encontrando-se as primeiras em menor quantidade, conferindo uma sensação de higiene e transcendência ao indivíduo que se movimenta pelas escadas e pelo corredor. A grande quantidade de visuais entre ambiente interno e externo, ao contrário de um local reservado e íntimo, pretende comunicar e mostrar-se acessível.

6. CONSIDERAÇÕES

Esse estudo comprova que a relação entre a intenção de um projetista, a interação e contexto social e as interpretações dos sujeitos que habitam o espaço constituem a ambiência e a espacialidade. Referente à instituição escolar analisada, as intenções de seus idealizadores podem ser percebidas através dos eixos de deslocamento propostos. A época autoritária que o país vivia no momento de implantação da escola reflete na sua arquitetura. A imponência e o respeito que o prédio exige são exemplos desse caráter disciplinar.

Quando o sujeito entra na escola, suas atitudes devem ser condizentes ao espaço construído, seguindo as orientações impostas pelo prédio e por aqueles que coordenam a instituição. As caraterísticas do edifício, externas e internas, remetem a sentimentos de enaltecimento à educação e à higiene. A demonstração de poder e superioridade, transmitidas pela construção, imponente e sofisticada à época, representam os ideais de governo frente à população, evidenciando a relação entre cultura e arquitetura. Através da materialização do contexto histórico e social, criaram-se espaços que impõem delimitações, moldando comportamentos com intuito de controle social, por meio do ensino e do trabalho, sem perder o sentido de acolhimento e atenção à criança proporcionados pelas pessoas que colocam a escola em funcionamento.

Podem ser identificadas a austeridade da fachada, a rígida simetria em planta e a definição de um partido que prioriza as circulações. A movimentação interna é realizada através de eixos principais e secundários. Nas escolas para 500 alunos de Pianca existe um eixo principal horizontal, consolidado em uma ampla circulação que possibilita a variedade de vãos para ventilação e iluminação e fortalece a horizontalidade do prédio. Porém, quando esses corredores, compridos e estreitos, possuem pouca iluminação criam espaços contínuos e sombrios. Observa-se que na visita os ambientes eram claros e iluminados. No programa dessas escolas estão presentes áreas como o hall de entrada, sala médica e biblioteca, destacando-se a relevância e influência desses novos espaços nas questões de convívio social e higiene.

A escola padrão analisada, enquanto ambiência experimentada, é resultado da combinação entre o contexto sociocultural, político e educacional ao longo das épocas.

De modo, que ainda nos tempos atuais, o edifício condiciona a movimentação das pessoas através de seus espaços, delimitando e influenciando modelos de conduta. Os resultados desse trabalho vão ao encontro da pesquisa de Cabral (2020), sobre as escolas com projeto padrão elaboradas pelo engenheiro Pianca entre os anos de 1940-50 no estado do Rio Grande do Sul. O projeto padrão, entendido como uma opção para economia e otimização das construções, é, do mesmo modo, um meio de padronização e uniformização. Essa prática, aliada às características autoritárias inseridas nos projetos arquitetônicos, condicionaram o comportamento social e apresentavam o potencial de vigilância da sociedade, sendo dessa maneira utilizada como instrumento político do governo da época.

Portanto, chega-se a conclusão de que a experiência sensível que ocorreu no ambiente escolar analisado foi a percepção de sua ambiência, resultado da construção das memórias e do imaginário somado às leituras e releituras do espaço, impregnando-o de interpretações e significados, percebidos através do corpo de quem sente essa construção.

7. BIBLIOGRAFIA

Aguiar, D. (2006). Espaço, corpo e movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. Revista Arqtexto, UFRGS, 8, 74-95.

https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22238/000570380.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Cabral, L. K. (2020). Arquitetura Art Déco nas escolas do Rio Grande do Sul no período do Estado Novo (1930-1950) (dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Cavalcante, S. & Elali, GA. (org.). (2011). Temas Básicos em Psicologia Ambiental. Vozes.

Duarte, C. R. & Pinheiro, E. (2013). Imagine uma tarde chuvosa... Pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. Salvador. Anais do 6º PROJETAR.

Ermel, T.F. (2017). Arquitetura escolar e patrimônio histórico-educativo: os edifícios para a escola primária pública no Rio Grande do Sul (1907-1928). Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Escolano, A. (2017). A escola como cultura. Alínea.

Foucault, M. (2018). Vigiar e punir: Nascimento da prisão. Vozes.

Frampton, K. (2003). História Crítica da Arquitetura Moderna. Martins Fontes.

Kowaltowski, D.C.C.K. (2013). Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino. Oficina de textos.

Le Corbusier (2013). Por uma arquitetura. Perspectiva S.A.

Lira, E. M. R., & Duarte, C. R. S. (2013). Na Busca por Cidades Possíveis: As Ambiências e a Subjetividade como Pilares dessa Possibilidade. Cadernos De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo, 13(1), 14.

Lombardi, C.J. & Nascimento, M.I. (org.). (2004). Fontes, história e historiografia da educação. UEPG.

Pallasmaa, J. (2011). Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Bookman.

Tedeschi, E. (1978). Teoría de la arquitectura. Nueva Visión.

Thibaud J. P. (2004). De la qualité diffuse aux ambiances situées, La croyance de l'enquête, Paris: Editions de l'EHESS, pp.227 – 253. Raisons Pratiques

Zevi, B. (2009). Saber ver a arquitetura. Martins Fontes.

Weimer, G. (2004). Arquitetos e Construtores no RS 1892-1945. UFSM.

R34

THE EXPERIENCE OF PLACE AND THE MEANINGS OF CULTURAL HERITAGE

A EXPERIÊNCIA DO LUGAR E OS SIGNIFICADOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Clarice Futuro Mühlbauer
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
clarice.muhlbauer@fau.ufrj.br

ABSTRACT
This paper aims to present how the tools and methods adopted in research conducted at the Laboratory of Architecture, Subjectivity, and Culture (LASC) of the Graduate Program in Architecture at the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Rio de Janeiro (PROARQ/FAU/UFRJ), which explore the experience of Place through the study of ambiances, contribute to revealing subjective aspects that underpin the interpretation of the meanings attributed to cultural heritage assets. Additionally, we seek to demonstrate how this contribution can be integrated into value-based heritage practices.

KEYWORDS: cultural heritage. experience of Place. ambiances. values-based approach.

RESUMO
Esta comunicação tem como objetivo apresentar como as ferramentas e dispositivos adotados em pesquisas realizadas no Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC) do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU/UFRJ), que exploram a experiência do Lugar através do estudo das ambiências, contribuem para a revelação de aspectos subjetivos que fundamentam a interpretação dos significados atribuídos aos bens do patrimônio cultural. Além disso, buscamos demonstrar como essa contribuição pode ser integrada às práticas patrimoniais baseadas em valores.

PALAVRAS-CHAVE: patrimônio cultural. experiência do Lugar. ambiências. abordagem baseada em valores.

1. INTRODUÇÃO
Em um mundo caracterizado por sistemas complexos e interdependentes, onde nossas ações podem tanto fortalecer quanto comprometer nossa capacidade de adaptação às transformações pelas quais o planeta passa, reconhecemos o papel fundamental do campo do patrimônio cultural na transição para padrões de vida mais sustentáveis. Essa transição requer a colaboração entre a sociedade, governos, setores privados, organizações não governamentais e demais atores que detenham alguma responsabilidade diante dos bens e seus contextos, estabelecendo metas conjuntas e ações interconectadas. Compreendemos que a contribuição para o desenvolvimento sustentável não é apenas uma responsabilidade ética do setor do patrimônio, mas também se tornará uma necessidade vital a longo prazo, especialmente diante de cenários que tornam cada vez mais desafiador justificar os investimentos públicos para sua preservação.

Trata-se de um cenário que exige continuamente que os profissionais do campo compreendam as diversas interações entre o patrimônio e as dimensões políticas, econômicas, sociais e ambientais mais amplas, esclareçam como esses fatores se relacionam e tomem decisões baseadas nessa compreensão. Os arquitetos podem desempenhar o papel de facilitadores dessa colaboração e são chamados a entender e esclarecer as múltiplas interações das dimensões que afetam e são afetadas pelo patrimônio cultural. Isso inclui atuar em colaboração com as comunidades para explorar o que é significativo para elas ao invés de apenas informá-las (Clark, 2019). Essa abordagem pressupõe considerar de forma indissociável os aspectos tangíveis e intangíveis dos bens culturais, bem como estabelecer a cooperação entre as disciplinas envolvidas na preservação do patrimônio cultural.

A presente comunicação apresenta parte da reflexão conduzida no mestrado acadêmico sobre a prática profissional no campo do patrimônio cultural no Brasil, motivada pela busca por estratégias mais humanizadas e sustentáveis para a preservação de seus bens. A partir de experiências recentes[1] em processos de gestão da conservação, como a participação na elaboração de *planos de conservação*[2] no contexto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), identificamos possíveis caminhos que promovem a participação de múltiplos interessados, repensando abordagens antigas onde recursos excessivos — financeiros, intelectuais, políticos e ambientais — eram destinados a intervenções repetitivas, nem sempre eficazes ou reconhecidas pela sociedade.

Para trilhar esses novos caminhos, é essencial entender o que é significativo para as pessoas e por quê, utilizando esse conhecimento para guiar as decisões relacionadas à conservação do patrimônio cultural. Nessa perspectiva, o estudo investiga como as pesquisas qualitativas realizadas no Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC) do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU/UFRJ), que exploram a *experiência do Lugar* através do estudo das *ambiências,* contribuem para revelar aspectos subjetivos que fundamentam a interpretação dos significados atribuídos aos bens reconhecidos como patrimônio cultural.

Além disso, busca-se demonstrar como essa contribuição pode ser integrada às práticas patrimoniais baseadas em valores, especialmente aos processos de elaboração de planos de gestão da conservação. O plano de gestão da conservação, ferramenta recomendada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e também indicada na *Política de Patrimônio Cultural Material* (PPCM) do IPHAN, deve apresentar de forma clara a importância de um

1 Experiências conduzidas pela Coordenação Geral de Conservação do Departamento de Patrimônio Material, das quais a autora dessa comunicação participou através de consultorias no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica entre o IPHAN e a UNESCO, como: a elaboração do "Plano de Conservação para o Conjunto da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres e Morro da Baleia", Ilha do Mel, Paranaguá/PR (2021) e o acompanhamento da elaboração de subsídios para o desenvolvimento de planos de conservação para as fortificações brasileiras que formam o conjunto candidato a patrimônio mundial.

2 Plano de gestão da conservação ou plano de conservação é uma ferramenta baseada na proposta "Conservation Plan" de James Semple Kerr (2013).

bem reconhecido como patrimônio cultural com base nos significados atribuídos pelos diversos interessados. Um de seus principais elementos é a *declaração de significância*, utilizada como referência para o desenvolvimento de diretrizes para a conservação dos atributos (elementos objetivos), nos quais os significados (fatores subjetivos) se manifestam, em ações futuras de reparo ou de alterações.

Apresentaremos a seguir a abordagem proposta pelo grupo LASC e alguns pontos destacados das pesquisas analisadas. Na sequência serão trazidas as contribuições dessas pesquisas para as práticas patrimoniais baseadas em valores e as considerações finais.

2. A EXPERIÊNCIA DO LUGAR

A equipe do LASC conduz pesquisas e análises sobre a inter-relação pessoa-espaço construído, a partir de uma abordagem fenomenológica da arquitetura. Interessados no conjunto formado por suas características sensoriais e simbólicas, além dos aspectos e elementos físicos básicos, seus pesquisadores trabalham na análise de fatores de ordem subjetiva e cultural que participam da construção do Lugar, da identidade espacial, da memória e da relação social dos praticantes da cidade, tendo por objetivo a compreensão arquitetônico-urbanística do fenômeno sociocultural e socioespacial. Buscam entender os mecanismos pelos quais um espaço físico pode ser percebido de diferentes maneiras, dependendo dos usos e dos tipos de interação com o ambiente, e como essas percepções podem resultar em Lugares diversos e/ou sobrepostos.

Duarte (2013) considera que muitas vezes os espaços criados pelas pessoas contradizem as informações que elas sustentam com suas palavras, colocando em xeque algumas metodologias tradicionalmente empregadas para o estudo das relações entre a sociedade e seus ambientes construídos. Apresenta a possibilidade de adoção de um estudo de cunho etnográfico aliado à metodologia tradicional de pesquisa em arquitetura, oferecendo ao arquiteto-pesquisador a oportunidade de conectar as práticas sociais ao contexto onde ocorrem. Ao participar das ambiências em estudo, o arquiteto-pesquisador registra sua experiência em campo utilizando fotografias, descrições, croquis, entre outros métodos. Isso auxilia na captura das estratégias espaciais elaboradas pelas pessoas que habitam os Lugares, constroem relações sociais, estabelecem coerência e atribuem significado aos espaços. (Duarte, 2011).

As ambiências são conceituadas como aquilo que surge da combinação entre as propriedades físicas circundantes (espaço) e a corporalidade do indivíduo, com sua capacidade de sentir e se mover, somadas a uma tonalidade afetiva (Augoyard, 2008). Atuam como o meio de conexão entre as diferentes sensações vivenciadas no Lugar em situações específicas e como indutoras de interpretações de significados, permitindo a comunicação de uma variedade de elementos simbólicos por meio de uma linguagem que não se limita ao verbal, mas transcende as dimensões estabelecidas por palavras e textos transmitidos ao longo das gerações.

Como abordagem metodológica o grupo de pesquisa propõe a *Análise Etnotopográfica – Etnopografia*, que pode ser definida como um conjunto de diversos métodos de viés etnográfico que visam compreender as ambiências, funcionando como uma "etnografia espacial" destinada a captar os usos, valores e significados dos ambientes construídos (Melo, 2019). Trata-se de uma metodologia aberta, interdisciplinar e em constante expansão, que se desenvolve através das inquietações e análises emergentes nas interações sensíveis dos pesquisadores e seus campos imersivos.

Carvalho (2019) argumenta que, no campo da pesquisa qualitativa, a etnotopografia utiliza uma abordagem indutiva, ajustando as questões ao longo da investigação para alcançar uma compreensão mais abrangente do problema. Sugere que uma abordagem "naturalista e interpretativa", focada na interpretação dos fenômenos com base nos significados atribuídos pelos sujeitos em seus próprios ambientes naturais, é ideal para uma análise holística e sensível das ambiências. Análise que considera não apenas os indivíduos e suas ações, mas também as interações e influências mútuas entre os indivíduos e o espaço.

Com base no conjunto de pesquisas qualitativas realizadas pelos pesquisadores do grupo LASC, foram analisados três trabalhos focados na experiência do Lugar, selecionados pelos seguintes critérios: desenvolvimento por pesquisador(a) arquiteto(a) e urbanista; ter como objeto de pesquisa ao menos um bem reconhecido como patrimônio cultural; e adoção da pesquisa de viés etnográfico como base metodológica. A variação na escala dos objetos estudados também foi um fator considerado nessa seleção. Como as pesquisas foram realizadas no campo da arquitetura, consideramos interessante analisar abordagens aplicadas a objetos com diferentes características, ampliando assim a exploração proposta. A seguir, veremos que cada pesquisadora adotou um conjunto diverso de dispositivos para conduzir suas análises e interpretações.

2.1 nos Terreiros de Umbanda

Claudia Castellano de Menezes (2012) desenvolveu a dissertação de mestrado acadêmico ***Agô, Inaê! Odoyá! Arquitetura e Construção Cultural do Espaço dos Terreiros***, concentrando-se na análise de conjuntos de edificações que abrigam terreiros de Umbanda, um no Rio de Janeiro/RJ e outro em Magé/RJ. A Umbanda é uma prática reconhecida como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial tanto pelo município quanto pelo estado do Rio de Janeiro. Menezes utilizou como métodos: a observação etnográfica, a análise etnográfica, entrevistas informais, diário e croquis de campo, fotografias autorais, além de pesquisa bibliográfica e iconográfica. Como suporte para apresentação de sua análise, fez uso de representações gráficas em plantas, intervenções gráficas em fotografias autorais e diagramas.

Destacamos o caráter interdisciplinar da abordagem proposta, que permitiu a captura de aspectos não verbalizados e até de elementos invisíveis que fazem parte da prática ritual. O texto de Menezes mostra o entrelaçamento dos elementos materiais

e imateriais que envolvem as atividades religiosas e não religiosas no espaço do terreiro. Sua pesquisa revela como pequenos gestos e elementos sutis demarcam os limites do espaço sagrado e como essa passagem acontece e é percebida a partir dos comportamentos rituais. Menezes transforma sua análise em elementos gráficos, transpondo, por exemplo, os níveis de acesso para a planta baixa, relacionando através de cores as áreas permitidas para cada grupo. Por meio de seus relatos podemos compreender as características físicas do espaço, mas também como a luz muda, como as pessoas se movimentam, os cheiros que permeiam os espaços (velas, alimentos, incensos, etc.) e os sons dos instrumentos e cânticos. No *Mandala* (representação gráfica) a pesquisadora faz uma síntese, onde ficam registrados os elementos e movimentos ritualísticos.
Como exercício de identificação de significados e seus atributos destacamos:

- a *ligação do plano terrestre com o plano divino,* cujo atributo – o eixo central - só é revelado a partir do movimento dos praticantes ao seu redor;
- o *lugar de nascimento, renascimento e reconhecimento do Outro,* espaço físico ressignificado por meio da sobreposição dos tempos, representação dada por meio do movimento anti-horário dos corpos ao redor do eixo;
- o *Espaço ritual,* materializado pelas pessoas trajando as vestimentas brancas em gestos rituais.

2.2 no Parque das Crianças

A pesquisa denominada ***Espaço de Lazer Infantil Acessível – Uma Intervenção no Parque do Flamengo***, desenvolvida no mestrado profissional por Luciana Bernardes Secron (2019), está focada no *Parque das Crianças,* uma parte do *Parque do Flamengo,* localizado no Rio de Janeiro/RJ. Trata-se de uma área que possui tombamento municipal e federal, além de estar inserida no polígono reconhecido como Patrimônio Mundial. Secron faz uso de ferramentas como percursos comentados, mapeamento das manifestações, desenhos dos participantes (maioria formada por crianças) e croquis de campo. Utiliza como suporte para representar suas impressões e análises tabelas com cruzamentos de dados qualitativos/quantitativos e mapas.

Com o olhar voltado para o valor de uso atribuído ao bem, Secron vai em busca de dados que permitem avaliar onde estão as vulnerabilidades e os potenciais desse valor a partir da percepção dos participantes com relação aos atributos (elementos físicos e setores do parque).

Através da pesquisa de Secron é possível identificar pontos como:

- o *simbolismo do Lugar,* confirmado através dos desenhos de participantes que representaram os elementos da paisagem: Pão de Açúcar, Enseada de Botafogo e a vegetação do Parque;
- o *significado social no uso do parque*, enfatizada pela proposta de acessibilidade universal e a devolução do uso original ao Pavilhão Japonês enquanto apoio ao público visitante.

2.3 no Carnaval de Olinda

A pesquisa conduzida no mestrado acadêmico por Luiza de Farias Melo (2022), intitulada ***Ambiências Carnavalescas Sublimantes: A experiência da virtualidade e o papel do desejo nas festividades de rua em Olinda,*** explora a representação do Carnaval do Sítio Histórico de Olinda em ambientes digitais. O estudo abrange tanto o *Sítio Histórico de Olinda* (SHO), reconhecido como patrimônio nas três esferas governamentais e como Patrimônio Mundial, quanto o *Frevo,* registrado como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Também investiga dois Patrimônios Vivos do estado de Pernambuco: a *Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense* e o *Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda*.

O contexto da pandemia proporcionou uma oportunidade para a pesquisadora estudar como as experiências de carnavais anteriores no SHO foram transpostas para o ambiente digital. Com a suspensão temporária da festa e a ausência dos corpos no espaço público, Melo registrou como a evocação da celebração revelou um conjunto de gestos, sons, lembranças de cheiros e sabores que emergem da relação dos participantes com o local.

Em suas análises são destacadas as experiências passadas da comunidade nos espaços públicos, percorrendo ladeiras, becos, cruzamentos, largos e praças, onde suas fronteiras se diluem em uma massa de corpos interagindo. É possível observar as relações sociais entre os moradores e os cortejos, que ao encontrarem uma casa aberta no SHO, saúdam as famílias e são saudados por elas. Além disso, compreende-se como se forma a atmosfera sonora durante a passagem das agremiações, revelando como os brincantes associam certas músicas a pontos específicos do sítio, como em frente às sedes das troças, ou ao chegarem em largos ou praças.

Para sua investigação, Melo se utiliza de métodos e dispositivos como a etnotopografia, etnografia em ambientes digitais e plataformas sociotécnicas, cartografia sentimental e o percurso narrativo-peripatético. Como suporte para suas análises faz uso de relatos entremeados com capturas de telas (*Print Screen*), transcrições de chats e colagens.

Como principais significados identificados através de sua pesquisa destacamos:

- a indissociabilidade do Carnaval de Olinda de seu Sítio Histórico (SHO);
- as relações sociais entre os moradores e os cortejos, que ao encontrarem uma casa aberta no SHO, saúdam as famílias e são saudados por elas;
- as atmosferas sonoras de certos pontos do SHO que se transformam durante a passagem das agremiações, relacionando músicas e Lugares.

3. CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA PATRIMONIAL BASEADA EM VALORES

Clark (2019) propõe a adoção do termo "prática patrimonial" como forma de incluir tudo o que estiver relacionado à preservação do patrimônio cultural e ao envolvimento com pessoas dentro e ao redor desse patrimônio, com o objetivo de mantê-lo para o futuro. Ela assume que com o passar do tempo as coisas mudam e que, apesar de nem sempre podermos impedir ou reverter essas mudanças, podemos direcioná-las para preservar o que é importante para nós. Nesse sentido é preciso entender o que as pessoas valoram (quais significados atribuem) e por quê, e usar esse entendimento para orientar a tomada de decisões referentes à conservação do patrimônio cultural.

Os valores e significados são sempre atribuídos com base em critérios e interesses historicamente determinados pelos indivíduos, sugerindo que qualquer processo de atribuição de valor aos bens culturais é relativo. Portanto, a resposta do indivíduo não é apenas pessoal, pois ele está inserido em uma época e, como ser social, faz parte de uma rede de relações dentro da sociedade. Está imerso em uma cultura da qual se alimenta espiritualmente e sua avaliação das coisas, ou seus julgamentos, estão de acordo com regras, critérios e princípios que não são inventados ou descobertos pessoalmente, tendo, portanto, uma significação social (Vázquez, 2003; Avrami et al., 2000; Duarte et al., 2022).

A abordagem baseada em valores é uma resposta à crescente complexidade do campo do patrimônio cultural, colocando o bem patrimonializado no centro, relacionando-o com todo contexto que o cerca, afetando e sendo afetado por diversos fatores e atores. É uma abordagem que orienta as mudanças ao invés de evitá-las. Ganhou destaque a partir da publicação da *Carta de Burra,* elaborada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS Austrália em 1979, que advoga pela avaliação do significado de um Lugar com base nos valores atribuídos por todos os interessados, não apenas por especialistas. Meneses (2012) chama esse movimento de "deslocamento de matriz do valor cultural", reforçando a compreensão de que o significado de um bem cultural não está na materialidade da coisa em si, mas nas práticas sociais que o envolvem. O documento australiano propõe ainda o uso de uma declaração de significância como base para diretrizes de gestão da conservação. James Kerr desenvolve esse conceito em seus trabalhos sobre planos de conservação, promovendo uma abordagem sistemática para o desenvolvimento de planos que considerem os valores culturais de um Lugar de patrimônio para a sociedade. Kerr parte da premissa de que os membros de uma sociedade atribuem diversos valores ao patrimônio (UNESCO Brasil & IPHAN, 2016). Completamos essa premissa considerando que a compreensão dessa diversidade apoia processos decisórios mais inclusivos, com maior probabilidade de ressonância com a sociedade na qual o bem está inserido.

Não está estabelecido, pelos documentos e recomendações internacionais ou nacionais, um método único específico para promover a participação e contribuição de

diferentes atores no processo de elaboração de um plano de gestão da conservação. O que se identifica é uma variedade de experiências ao redor do mundo, que envolvem uma combinação diversa de métodos e ferramentas, tais como entrevistas, questionários, assembleias, grupos focais, pesquisas etnográficas, cartografias, entre outros. Esses métodos podem ser ajustados conforme os recursos disponíveis e as características de cada bem cultural e das partes interessadas.

Consideramos importante ressaltar que, no Brasil, o cenário para a elaboração de planos e projetos, seja no âmbito governamental ou não, nem sempre conta com o orçamento ideal. A realidade das instituições, na maioria dos casos, é de equipes reduzidas e sem tempo exclusivo para o trabalho contínuo de elaboração de um plano. Condições adversas exigem criatividade para encontrar caminhos possíveis e Kerr (2013) aponta como direção a participação de um pequeno número de profissionais, mas que esses tenham múltiplas habilidades. Nesse sentido, identificamos que as pesquisas conduzidas no LASC propõem a utilização de ferramentas, métodos e dispositivos baseados em múltiplas disciplinas permitindo que um pesquisador sintetize conhecimentos diversos.

Pesquisas etnográficas aplicadas à arquitetura, como as mencionadas, abrem caminhos para cumprir o que Morin (2007) defende: unir o que está separado e discernir o que é inseparável, por meio de processos que exigem separação, redução, seleção, classificação, hierarquização, mas também, e principalmente, organização, conexão, integração, ampliação e integralização. Os resultados das pesquisas analisadas oferecem dados, informações e reflexões que apoiam a identificação e interpretação dos valores e significados atribuídos ao patrimônio cultural, integrando seus aspectos tangíveis e intangíveis.

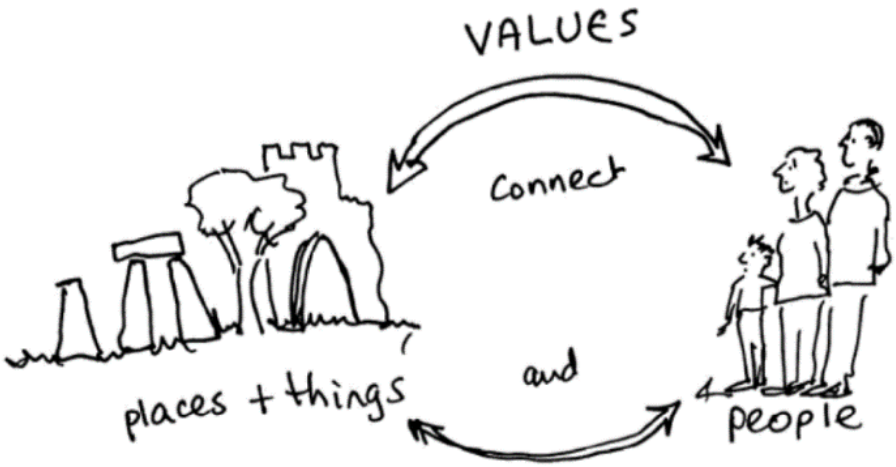


Figura 1 - Ilustração que Kate Clark usa em seu livro como esquema para demonstrar que a conexão das pessoas com as coisas e Lugares se dá através do processo de atribuição de valores. Fonte: Clark (2019, p. xxi).

O estudo dos bens culturais a partir da experiência do Lugar confirmou que as práticas, usos e funções que patrimônio desempenha na sociedade fornecem relevantes informações sobre sua importância, representando a verdadeira razão para sua conservação (Avrami et al., 2000). Observamos que, por meio da dinâmica de atribuição de valores, as pessoas estabelecem conexões com os objetos e os Lugares. As setas usadas por Clark (2019) na [Figura 1], demonstrando essa ligação, também ilustram o processo de interação que Duarte (2011) descreve em seu conceito de "moldagem do Lugar", no qual a sociedade influencia os Lugares que reconhece, e esses Lugares, por sua vez, contribuem para a identidade ou reconhecimento da sociedade de alguma forma.

Nesse contexto, as três pesquisadoras incorporaram algum grau de errância, permitindo-se serem influenciadas pela experiência fenomenológica e subjetiva. Elas buscaram entender o contexto e adaptar suas ferramentas e dispositivos, ou até mesmo encontrar outros mais adequados para complementar suas análises, mantendo-se abertas para compreender e considerar as informações emergentes, ativando sua sensibilidade para captar tudo o que fosse percebido (Rolnik, 2016). Dessa forma, entendemos que a capacidade de cada pesquisadora, de fazer associações e interpretações mais ou menos complexas, depende de sua bagagem de experiências e de sua disposição em se abrir para o outro.

As habilidades ativadas para percepção de pequenos movimentos e gestos carregados de significado, evoca uma analogia que Sennett (2019) utiliza para ilustrar as "habilidades dialógicas" como forma de cooperação entre as partes. O autor descreve como uma parte significativa da cooperação entre músicos, nos ensaios, se dá por meio de gestos como movimentos de sobrancelhas, olhares, entre outros. Quando um músico deseja explicar algo a outro, ele toca um trecho da música para que o outro possa interpretar o que gostaria de dizer. Sennett enfatiza precisamente como a comunicação não verbal pode ser uma parte integrante dos processos de cooperação.

A aplicação das técnicas adotadas pelas pesquisadoras tem o potencial de ampliar as habilidades sociais dos arquitetos, capacitando-os para uma escuta atenta e para agir com sensibilidade. Isso envolve identificar pontos de convergência e gerenciar discordâncias, considerando outras perspectivas sobre determinado bem. Essas habilidades podem ajudar os arquitetos, como agentes do patrimônio cultural, a atuarem como facilitadores em processos de cooperação, interagindo com pessoas de diversas formações e especialidades, bem como com um amplo grupo de interessados. Além disso, contribuem para uma mudança de paradigma que passa a considerar outras visões de mundo além do pensamento eurocêntrico (Guizzo, 2021), movendo-se em direção à alteridade e compreendendo a sustentabilidade como algo além da simples mitigação de grandes impactos.

A postura flexível encontrada nas pesquisas, que permite a deriva e o descobrimento do caminho durante a caminhada, sugere uma forma de abordagem que também

pode ser aplicada para os processos de elaboração de planos de gestão da conservação, uma vez que os cenários em que são aplicados podem ser múltiplos e dinâmicos, o que demanda uma adaptação dos dispositivos que serão utilizados. Alguns contextos podem exigir uma participação intensa de atores locais, instituições governamentais, entre outros, enquanto outros podem ser mais restritos a um grupo fechado, com poucas interferências externas. À medida que a aproximação ocorre, as definições vão sendo moldadas em resposta à complexidade de cada bem cultural, que pode variar desde um sítio urbano ou conjunto arquitetônico até um complexo de bens materiais e imateriais, envolvendo múltiplos atores e disputas de narrativas. Em suma, cada contexto ou ecossistema indicará quais atores devem ser convidados a colaborar com o processo e quais conhecimentos precisarão ser acionados para apresentar respostas às questões apresentadas pelo Lugar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação social no Brasil, conforme prevista na *Constituição Federal de 88,* ainda está em processo de desenvolvimento. Embora existam áreas onde ocorre, na maioria dos Lugares ainda há muito a ser feito. A combinação da abordagem baseada em valores e dos estudos das subjetividades representa um progresso significativo em direção a uma ampla colaboração no campo do patrimônio cultural. A consideração integral de todos os aspectos dos Lugares permite o surgimento de novas manifestações e nos prepara para interpretações mais amplas, que não se limitam mais aos valores culturais restritos pelas concepções tradicionais de história e arte, conforme previsto por Fonseca (1998).

Os métodos propostos pelo LASC, para análise e interpretação das ambiências, são então considerados relevantes para a ampliação do conjunto de ferramentas e dispositivos disponíveis para os arquitetos que atuam na preservação do patrimônio. Como vimos, a abordagem centrada na experiência do Lugar facilita a integração dos aspectos tangíveis e intangíveis do patrimônio cultural, permitindo a compreensão mais profunda de sua função diante da sociedade. Facilita também a promoção de uma abordagem integrada e participativa na gestão do patrimônio cultural, fornecendo informações complexas sobre o ecossistema no qual o bem está inserido.

Pesquisas que buscam, com foco na sustentabilidade, transcender as fronteiras disciplinares, promovendo diálogos entre diferentes saberes (Leff, 2008) e ampliando os horizontes da investigação acadêmica, são de extrema relevância para o campo do patrimônio cultural. Ao apontarem para a transdisciplinaridade, essas pesquisas abrem caminho para a construção de abordagens integradas e integrais, que consideram a participação de diversos atores nos processos decisórios que afetam nosso cotidiano e moldam o mundo em que vivemos.

5. BIBLIOGRAFIA

Augoyard, J. F. (2008). La construction des atmosphères quotidiennes : l'ordinaire de la culture. Culture et Recherche. n° 114-115, 58-60.

Avrami, E. & Mason, R. & De La Torre, M. (2000). Values and Heritage Conservation. Research report. Los Angeles: The Getty Conservation Institute.

Carvalho, N. (2019). Subjetividade e Métodos: A Etnotopografia e a apreensão do invisível em ambiências noturnas. Em C. R. Duarte & E. Pinheiro (org.), Arquitividades-Subjeteturas. Metodologias para análise sensível do Lugar (pp. 155-171). Rio de Janeiro: PROARQ / RioBooks.

Clark, K. (2019). Playing with the Past: Exploring Values in Heritage Practice. New York: Berghahn Books.

Duarte, C. R. S. (2013). Moldagem do Lugar; remoldagem do olhar. Em C.R. Duarte & R. De Villanova (org.), Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia (pp. 27- 46). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Duarte, C. R. S. (2011). Moldagem do Lugar; remoldagem do olhar. (Tradução do artigo publicado no livro) Em Em R. De Villanova & C.R. Duarte (org.), Regards sur l´Habiter - Outils et méthodes, de l' architecture aux sciences sociales. Paris: Le Manuscrit.

Duarte, C. & Miranda, C. & Pinheiro, E. & Silva, L. J. (2022). Experiência do Lugar Arquitetônico Dimensões Subjetivas e Sensoriais das Ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books.

Fonseca, M. C. L. (2000) Referências Culturais: Base Para Novas Políticas de Patrimônio. Em IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC: Manual de Aplicação. Brasília: Iphan.

Guizzo, I. (2021). Uma reforma curricular recente e a necessidade de avançarmos ainda mais em um pensamento diverso e conectado com o território. Arcos Design. Rio de Janeiro, v. 14, n.2, 7-19. *https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2021.69150*

Kerr, J. S. (2013). Conservation plan. A guide to the preparation of conservation plans for places of European cultural significance. Australia ICOMOS, 7 ed.

Leff, E. (2008). Discursos sustentables. México: Siglo XXI Editores.

Melo, L. F. (2022). Ambiências Carnavalescas Sublimantes: A experiência da virtualidade e o papel do desejo nas festividades de rua em Olinda (dissertação de mestrado em arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Melo, N. R. (2019). [Con]viver e [Trans]formar pela ambiência. Metodologias para o espaço construído. Em C. R. Duarte & E. Pinheiro (org.), Arquitividades- Subjeteturas. Metodologias para análise sensível do Lugar (pp. 135-150). Rio de Janeiro: PROARQ / RioBooks

Meneses, U. T. B. (2012). O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Em FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., Ouro Preto, 2009. Anais [...] (pp.25-39). Brasília: Iphan.

Menezes, C. C. (2012). AGÔ, INAÊ! ODOYÁ! Arquitetura e Construção Cultural do Espaço dos Terreiros (dissertação de mestrado em arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Morin, E. (2007). Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 3ª edição.

Rolnik, S. (2016). Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina.

Secron, L. B. (2019). Espaço de Lazer Acessível: uma intervenção no Parque do Flamengo (dissertação de mestrado profissional em projeto e patrimônio). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Sennett, R. (2019). Juntos [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 1ª ed. *https://www.google.com.br/books/edition/Juntos/AU-QDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover*

Unesco Brasil & Iphan. (2016). Gestão do Patrimônio Mundial Cultural. (Manual de referência do Patrimônio Mundial). Brasília: Unesco Brasil & Iphan.

Vázquez, A. S. (2003). Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 24ª ed.

R34

FESTIVE AMBIANCES THROUGH TWO PERSPECTIVES: THE CASE OF HOLY WEEK IN OURO PRETO

AMBIÊNCIAS FESTIVAS ATRAVÉS DE DOIS OLHARES: O CASO DA SEMANA SANTA EM OURO PRETO

Júlia Beatriz de Souza Briet da Silva
Mestranda
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
julia.briet@fau.ufrj.br

Patrícia Regina Chaves Drach
Professora Doutora
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
patrícia.drach@fau.ufrj.br

ABSTRACT

Festivities, rites and celebrations are present in all the cultures and are responsible for offering moments of rupture with the monotony of daily life. Within this context, Catholic festivities stand out, showing an interesting expansion of the Christian sacred space beyond its conventional physical structures. During the event, public spaces become living stages for religious expression, creating new ambiences, inducing individuals to create a meaningful connection with the space, even those who are unfamiliar with it. Therefore, the research's aim is to analyze how residents and tourists perceive and interact with public spaces during the festivities. The Holy Week celebrated in Ouro Preto (MG) was chosen as a case study because of its potential to catalyze emotional bonds, belonging to public spaces and heritage preservation. Through the qualitative method, this study hopes to offer a large view of the sensations that permeate this festive period.

KEYWORDS: Ambiances. Festivities. Identity. Holy Week. Ouro Preto.

RESUMO

Festas, ritos e celebrações estão presentes em todas as culturas e são responsáveis por oferecerem momentos de ruptura com a monotonia do cotidiano. Dentro desse contexto, as festividades católicas se destacam, evidenciando uma interessante expansão do espaço sacro cristão para além de suas estruturas físicas convencionais. Durante o evento, os espaços públicos tornam-se palcos vivos da expressão religiosa, criando novas ambiências, induzindo os indivíduos a criarem um vínculo memorativo com o espaço, mesmo aqueles que não possuem familiaridade. Portanto, o objetivo da presente pesquisa é analisar como o morador e o turista percebem e interagem com os espaços públicos durante uma festividade. A Semana Santa celebrada em Ouro Preto (MG) foi escolhida como caso de estudo pelo seu potencial catalisador para laços emocionais, pertencimento ao espaço público e preservação do patrimônio. Através do método qualitativo espera-se com esse estudo oferecer uma visão ampla das sensações que permeiam esse período festivo.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. festividades. Identidade. Semana Santa. Ouro Preto.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

From birth to death, every individual's life is marked by shared events. Ranging from family celebrations to major events on a global scale, festivities play a significant role in celebration, unity, and collective expression in cities. They offer the experience of belonging to groups with shared values and emotions, allowing the transmission of values, traditions, and identities across generations.

Among their various forms, religious celebrations stand out, particularly due to the strong connection between religion and festivities (Durkheim, 1989). Aiming to honor deities, commemorate sacred events, and mark important dates in the religious calendar, these celebrations reaffirm participants' faith and promote a sense of social cohesion and community belonging. In Brazil, despite being defined as a secular state by the Constitution of the Republic of the United States of Brazil of 1891, its calendar remains partially governed by the Catholic Church, making Christian celebrations continue to be considered holidays or optional days off.

One of the most notable Christian celebrations is Easter. Marked by Christ's Resurrection, Easter is preceded by Holy Week, which begins on Palm Sunday, celebrating Jesus' triumphant entry into Jerusalem, and ends on Easter Sunday. During this week, the Church organizes a series of events and rituals to remember the last days of Jesus Christ's life, his passion, death, and resurrection.

Among Brazilian cities known for hosting tourists and this celebration, Ouro Preto in Minas Gerais is always mentioned (Bispo, 2024). Characterized by its colonial architecture and baroque churches, the celebration of Holy Week in the Historic Center transforms the city of Ouro Preto into a stage of intense devotion and tradition, offering a unique experience for both its residents and tourists.

Mobilizing various city actors, from public authorities to local residents, Holy Week is one of the moments that most highlights the Roman Catholic Church's appropriation of the public spaces in the Historic Center of Ouro Preto. During the week, rituals, processions, prayers, sacred enactments, and the making of carpets—a tradition in the city since the 18th century—are carried out in the streets, squares, and open spaces of the city, stimulating the emergence of new atmospheres in the center.

When public spaces host festivals, they become even more vibrant due to the diversity of bodies, emotions, and social interactions, transforming into a suitable place to explore the sensory and emotional experiences of the space. Reinforcing the continuity of cultural and spiritual traditions, festive ambiences are characterized by materializing the sense of belonging to the city, linking the tangible, i.e., the architecture and spatial configuration of a particular space, with the intangible, the senses, practices, and values associated with the celebration. This sense of belonging is crucial for heritage sites as it helps prevent the phenomenon of 'museumification' (Choay, 2001) of these centers.

Given this, the aim of the present research is to analyze the festive ambiences perceived by residents and tourists during the traditional Holy Week festival in the Historic Center of Ouro Preto, in the state of Minas Gerais. For this purpose, a collection of accounts and photographic records of sensory experiences captured through drifts (Debord, 1954) by researchers in 2022 and 2024 was used, with one researcher acting as a resident and the other as a tourist, respectively. The choice of

this method is justified by the need for direct and sensory experience in generating knowledge about spatial issues. Immersive experience allows for capturing the subtleties of festive atmospheres and provides an authentic understanding of both perceptions, ensuring a continuous and in-depth understanding of changes and evolutions in perceptions over time.

2. THE SETUP OF HOLY WEEK IN OURO PRETO (MG)

Holy Week is a Christian festival organized by the Brotherhoods, characterized as lay religious associations, since the early days of Vila Rica D'Albuquerque (later Ouro Preto) (Lopes & França, 2023). Considered one of the main events in the life of the gold mining metropolis in the 18th century, it was (and continues to be) responsible for filling the city's colonial streets with worshipers, especially during its famous processions. In Figure 1, there is a photographic comparison of the Resurrection Procession in the years 1956 and 2024, highlighting the continued interest of the population in the procession.

Figure 1/Figura 1. Resurrection Processions in Ouro Preto in 1956 (left) and 2024 (right).
Source: Tibor Jablonsky (1956) e Authors' collection, respectively. / Fonte: Tibor Jablonsky (1956) e Acervo dos autores, respectivamente.

Regarding its dynamics, it adheres to traditions, with the responsibility for organizing the event alternating annually between the Parish of Nossa Senhora da Conceição and the Parish of Pilar. This arrangement arose from the rivalry between the most influential settlement of the time (Antônio Dias and Pilar). Thus, the parish for the year is responsible for organizing theatrical presentations, liturgical rituals, music, processions, and performances, many of which occur beyond sacred spaces, occupying various public spaces throughout the city.

In Ouro Preto, the event's manifestations begin on Friday of Sorrows inside the church with Masses and continue through Saturday of the Steps, during which the community and faithful are invited to participate in the Deposit Procession, where

the images of Our Lord of the Steps and Our Lady of Sorrows are carried separately. Shortly after, Palm Sunday is marked by the Meeting Procession (Figure 2), which culminates at Tiradentes' Square, considered the most prominent public space in the city, with its presence in the daily life of Ouro Preto's residents being undeniable (Silva et al., 2023).

Figure 2/Figura 2. Meeting Procession in Ouro Preto.
Source: Ane Souz (2016). / Fonte: Ane Souz (2016).

From Monday to Holy Wednesday, it is possible to attend various Masses held in the city's churches and also participate in the Stations of the Cross. On Holy Tuesday, there is also the visitation of the Stations of the Passion at the Church of Nossa Senhora do Carmo. On Holy Thursday, in addition to the solemn Masses, there is the Torch Procession (Figure 3), which features a reenactment of the arrest and imprisonment of Jesus Christ.

Figure 3/Figura 3. Torch Procession in Ouro Preto.
Source: Authors' collection. / Fonte: Acervo dos autores.

On Good Friday, also known as the Friday of the Passion, various events take place in the city of Ouro Preto, including: the Stations of the Cross, a penitential walk, liturgical actions, the presentation of biblical figures, and the Ceremony of the Descent from the Cross (Figure 4). This event is traditionally celebrated alternately between the Courtyard of the São Francisco de Assis' Church and Plaza of Rosário.

Figure 4/Figura 4. Presentation of the Biblical Figures and Ceremony of the Descent from the Cross during Holy Week in Ouro Preto at the Courtyard of the Church of St. Francis of Assisi (left) and at Largo do Rosário (right).
Source: Authors' collection / Fonte: Acervo dos autores.

Shortly after, Holy Saturday is observed, marked by the Easter Vigil and the traditional creation of devotional carpets (Figure 5). Although the Roman Catholic Church traditionally makes these carpets during the Corpus Christi celebration, they are also made in the city of Ouro Preto during Holy Week. It is believed that this practice is due to the Eucharistic Triumph procession, the first significant religious event in Vila Rica D'Albuquerque, which featured sculptures and sacred objects in the decoration of its streets (Lopes & França, 2024).

Figure 5/Figura 5. Creation of devotional carpets during Holy Week in Ouro Preto.
Source: Ane Souz (2018). / Fonte: Ane Souz (2018).

Holy Week in Ouro Preto concludes on Easter Sunday with a festive Mass at the parish of the Brotherhood responsible for organizing Holy Week that year, followed by the Resurrection Procession (Figure 6). During this procession, members of the churches and their organizing Brotherhoods Walk over the sawdust carpets made the night before, followed by the community and procession participants, marking the end of Holy Week in the municipality.

Figure 6/Figura 6. Resurrection Procession in Holy Week of Ouro Preto.
Source: Ane Souz (2019). / Fonte: Ane Souz (2019).

3. THE FESTIVE THROUGH THE RESIDENT'S PERSPECTIVE

The celebration of Holy Week in the Historic Center of Ouro Preto is a period of profound significance for the residents, marked by traditions that involve the entire community. The creation of devotional carpets is an emblematic moment, generating intense pride and significant collective participation. Many residents engage in this tradition, both familial and communal, as those who do not belong to traditional families are always invited to collaborate through religious institutions, the city hall, and even by neighbors. On the night of making the carpets, a strong sense of unity and belonging can be detected along the entire route, with the community gathering and helping each other to create true works of art in the public streets of the center.

Another significant aspect for the residents is the presentation of biblical figures. Individuals dressed in the garments designated by the Church are introduced to the community individually. It is interesting to note that the selection of who will portray each figure is made in advance, often involving a long-standing family tradition. After this presentation, the figures process through the streets along with the population and the present religious institutions. Both of these moments notably emphasize the value of local culture, social interaction, and the promotion of a sense of belonging. These characteristics are important for historic centers as they engage the community in the preservation and conservation of heritage.

During the event, the historic center becomes busier. Businesses extend their operating hours, contributing to an unusual nocturnal liveliness outside festivities periods. This characteristic influences the creation of nighttime ambiences, not only by promoting social interaction but also by enhancing the feeling of security. With more people walking through the streets, the female population tends to feel safer since many of the streets in the center, besides being narrow and lacking strategic escape points, also have unsatisfactory lighting. Thus, an increase in the number of unaccompanied women walking the streets is noticeable, along with a significant rise in activities and social interactions in public spaces.

The dynamics of automobiles also change drastically. The main streets of the historic center are temporarily blocked, and parking along these streets is prohibited, causing significant inconvenience for residents. The predominantly one-way streets in the center experience heavy traffic impacts, as detours alter and usually lengthen routes. The situation worsens with the influx of tourists, resulting in more vehicles and difficulty finding parking. This condition directly affects many residents, as many houses in the area do not have garages. On the other hand, the absence of vehicles on the streets allows for greater appropriation of public spaces by pedestrians, creating a more conducive environment for social and cultural interaction.

Moreover, the constant presence of church bells, already a notable characteristic of the city, becomes even more intense. During Holy Week, the number of bell rings increases significantly, doubling compared to other times of the year. Although residents are accustomed to the bells in their daily lives, this increased frequency causes some discomfort. However, there are no official complaints, as this auditory tradition is an integral part of the local cultural identity and reinforces the festive nature of the period.

Finally, it is interesting to note that many residents decorate their houses with fabrics on the windows, changing colors as the days pass (red/purple and white, respectively), especially those located on the procession routes, such as Conde de Bobadela Street and Getúlio Vargas Street. These decorations not only beautify the city but also demonstrate the residents' involvement and devotion to the religious and cultural traditions of Ouro Preto. The decorations become a symbol of hospitality and welcome, reinforcing the community identity and festive spirit that permeates Holy Week.

In conclusion, from the resident's perspective, Ouro Preto transforms its Historic Center into a vibrant scene of traditions that reinforce the sense of community and belonging, primarily through the creation of carpets and biblical presentations. Additionally, the intense movement in the streets, the residents' adaptation to traffic changes, and the increase in bell rings contribute to a festive experience that revitalizes the city. To summarize the ambiences observed during Holy Week as discussed in this chapter, a visual montage (Figure 7) was created to encapsulate the main aspects analyzed.

Figure 7/Figura 7. The Holy Week of Ouro Preto by resident's perspective.
Source: Authors' collection / Fonte: Acervo dos autores.

4. THE FESTIVITY THROUGH THE TRAVELLER'S PERSPECTIVE

Upon arriving in the Historic Center of Ouro Preto during Holy Week, tourists are immediately immersed in an ambience of profound religious and historical significance. The first evident contrast is the union of colonial architecture with the intense religiosity that permeates the city. The numerous churches and the temporary adornments scattered throughout the center, such as the cross in front of the Inconfidência's Museum and the fabrics on the colonial windows, create ambiances filled with Catholic faith.

Additionally, for tourists, Holy Week in Ouro Preto reveals a vibrant and lively historic center. The city, usually quieter during the rest of the year, transforms into a stage of continuous activities. The religious festivities, combined with the presence of a large number of visitors, fill the streets, squares, and churches with life. The impression left is of a place where history, tradition, and religiosity are constantly pulsing, offering ambiances rich in culture and spirituality.

Another striking point is the generational diversity witnessed during the event. There is a harmonious mix of different ages participating in the festivities, from children helping to create the carpets to elderly people watching the processions. This intergenerational coexistence, combined with the presence of these generations in the procession that traverses the steep streets of the center, enriches the visitor's experience, providing a more complete view of the event's significance for the local community.

The nighttime events during the festivities are particularly notable. The street lighting, the sound of the bells, and the nighttime processions create fascinating ambiances for visitors. This nighttime liveliness is a contrast to the usual calmness of the city's nights outside the festive periods. Social interaction intensifies, with tourists and residents sharing spaces and experiences, contributing to a sense of belonging and integration.

In summary, for tourists, Holy Week in Ouro Preto is a unique opportunity to experience a celebration that blends faith, culture, and history. The city, with its colonial architecture and rich religious tradition, offers a unique setting for an immersive and unforgettable experience. The strong presence of religion, the diversity of activities, and the interaction with the local community make this time of year a special moment for those seeking to understand Ouro Preto's cultural roots more deeply. In Figure 8, a visual montage can be seen that synthesizes the main aspects analyzed, highlighting the tourist's perspective on the festivity.

Figure 8/Figura 8. The Holy Week of Ouro Preto by the tourist's perspective.
Source: Author's collection. / Fonte: Acervo dos autores.

5. CONCLUSION

The analysis of festive ambiances during Holy Week in the historic center of Ouro Preto reveals the richness of experiences for both residents and tourists. For the residents, the festivity brings changes in urban dynamics, such as alterations in traffic flow and increased bell ringing, as well as promoting intense community participation in the creation of sawdust carpets. These changes strengthen community bonds and the sense of belonging, temporarily transforming the daily routine. For tourists, the festivity offers an immersion into the local history and religiosity. The colonial architecture and baroque churches serve as stages for processions and nighttime events, creating a vibrant and unforgettable experience.

This duality of perceptions is crucial to understanding the importance of festive ambiances in historical heritage contexts. Religious celebrations prevent the emptying of historic centers, keeping them alive and dynamic throughout various times of the year. From an architectural and urban planning perspective, the analysis of these ambiances is valuable, as it highlights the need to integrate cultural practices and local traditions into the planning and preservation of historic urban spaces. The festivities, by occupying and temporarily transforming public spaces, demonstrate the importance of urban planning that accommodates these dynamics.

Finally, the sensory immersion methodology used in this research provides a deeper understanding of spatial and social interactions. In summary, Holy Week in Ouro Preto exemplifies how festivities can transform historic centers into places of intense cultural experience, reinforcing community identity and tourist appeal, ensuring that these spaces remain dynamic and vibrant.

6. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Bispo, C. (2024). Confira dicas de cidades para visitar na Semana Santa. Ministério do Turismo. *https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/confira-dicas-de-cidades-para-visitar-na-semana-santa.*

Choay, F. (2001). A alegoria do patrimônio. UNESP Press.

Debord, G. (1954). LE JEU PSYCHOGÉOGRAPHIQUE DE LA SEMAINE. Potlatch, Internationale Situationniste, 1(0).

Durkheim, É. (1989). Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Paulinas Press.

Lopes, M. B. & França, T. F (2024). Revestindo os trajetos da fé: Os tapetes devocionais como marca da paisagem na Procissão da Ressurreição em Ouro Preto MG. Vitruvius, 24(286.03). *https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.286/8978.*

Silva, J. B. S. B. & Torres, Y. Q. A. & Bueno, F. A. B. & Araújo, A. V. (2023). Praça Tiradentes, em Ouro Preto/MG: dimensões historiográficas e simbólicas em seu cotidiano. In Anais do XX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. *https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st06-47.pdf*

R34

CITY AND MEMORY LOCATED BY “MEMORY PALACES” OF THE MILITARY DICTATORSHIP IN RJ

CIDADE E MEMÓRIA SITUADAS POR “PALÁCIOS DE MEMÓRIA” DA DITADURA MILITAR NO RJ

ÁVILA/Pamela Paris
Doutoranda
Programa de Pós-graduação em Arquitetura/UFRJ
pamelap.avila@gmail.com

PINHEIRO/Ethel
Professora/ Doutora.
Programa de Pós-graduação em Arquitetura/UFRJ
ethel@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article explores the relationship between urban space and memory, focusing on the impact of the Military Dictatorship in Brazil (1964-1985) on Rio de Janeiro. The study investigates how the urban fragmentation resulting from this period reflects the absence of a consolidated narrative and the difficulty of constructing a collective memory. Using the "Memory Palace" method, the article analyzes narratives of individuals who lived through the dictatorship, showing how these testimonies redefine places, reject oblivion, and highlight the city as a space emotionally charged with memory. The research emphasizes the importance of narration in identity construction and the preservation of collective memory, addressing the complexity of urban history and the different dimensions involved. The analyzed testimonies reveal how certain locations become "memory palaces," anchoring traumatic experiences and influencing individuals' perceptions of urban space. This interdisciplinary study sheds light on new ways to understand the relationship between urban space and memory through personal and historical accounts.

KEYWORDS: Memory. Urban Space. Memory Palace. Narratives. Military Dictatorship.

RESUMO

Este artigo explora a relação entre espaço urbano e memória, focando no impacto da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) no Rio de Janeiro. O estudo investiga como a fragmentação urbana resultante desse período reflete a ausência de uma narrativa consolidada e a dificuldade de construir uma memória coletiva. Utilizando o método do "Palácio de Memórias", o artigo analisa narrativas de indivíduos que viveram a ditadura, mostrando como esses testemunhos redefinem lugares, rejeitando o esquecimento e destacando a cidade como um espaço de memória emocionalmente carregado. A pesquisa destaca a importância da narração na construção da identidade e na preservação da memória coletiva, abordando a complexidade da história urbana e as diferentes dimensões envolvidas. Os testemunhos analisados revelam como certos locais se tornam "palácios da memória", ancorando vivências traumáticas e influenciando a percepção dos indivíduos sobre o espaço urbano. Este estudo interdisciplinar lança luz sobre novas formas de compreender a relação entre espaço urbano e memória através de relatos pessoais e históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Espaço Urbano. Palacio de Memórias. Narrativas. Ditadura Militar

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

O estudo do espaço urbano não se limita às barreiras físicas, mas transcende fronteiras conceituais, explorando a interseção entre pensamento e espaço. Nesse contexto, James Joyce nos ensina a incorporar essas dimensões no manuscrito de seu famoso livro Ullyses, quando cita que: “Locais lembram eventos” (Apud Herring,1972, p.119).

Joyce, assim, nos mostra que o estudo do espaço urbano pode ser entendido como uma expressão do pensamento humano que atua como mediador entre o individuo e os lugares, entre a experiência e a memória, especialmente numa análise crítica da Arquitetura e Urbanismo. Essa dimensão imaginativa não apenas influencia o ambiente construído, mas também molda nossa percepção e compreensão do mundo habitado.

Elkin (2022), por sua vez, mostra que quando lemos em Baudelaire “uma cidade muda mais depressa do que o coração humano”, de certa forma evidencia que este autor está discutindo a velocidade das mudanças que o desejo humano não consegue dar conta, forças que vão além da capacidade individual de interpretar e colecionar imagens da cidade. Esses vestígios são de certa forma, reflexos da identidade que poderíamos ter tido no passado ressignificando uma sociedade em seus territórios. Na rua não somos mais “totalmente nós” – nos tornamos “funções da paisagem urbana” (Wolf,2014, p.225).

Nesse cenário, este artigo busca explorar a relação entre o estudo do espaço urbano e a construção da memória, especialmente na narrativa da Ditadura Militar ocorrida no Brasil entre 1964 e 1985.

A fragmentação urbana resultante desse período reflete a ausência de uma narrativa consolidada e a dificuldade de construir uma memória coletiva que permita entender as diversas Ambiências construídas por esses espaços traumáticos (Uglione, 2008). Nesse contexto investigativo, o espaço urbano se torna uma ferramenta na reconstrução dessa memória, revelando as complexas interações entre espaço, história e narrativa pelos “palácios” identificados por pessoas que viverem a Ditadura no Rio de Janeiro.

Existe uma percepção da cidade que transcende, que se transforma em uma conexão visceral, enraizada na atmosfera, e que Virginia Woolf (2017) demonstra por percepções onde aquela pausa, aquela profunda consciência de sua inevitabilidade, destaca os limites que cercam a existência de cada indivíduo, mesmo diante da inexorável extinção. Ao explorarmos a cidade, alcançamos um ponto em que não apenas reagimos, mas interagimos, somos transformados por esse contato constante. Woolf nos recorda que há algo fisicamente absorvente que nos conecta ao pulsar da cidade, moldados pela qualidade da luz, do ar, das ruas (Apud Elkin, 2022).

É objetivo desta pesquisa apresentar também como o estudo do espaço urbano pode se resumir em mapeamento, no campo da memória, pelo Método do “Palácio de

Memórias" (Agostinho, 1955), por meio das narrativas daqueles que testemunharam a Ditadura Militar. Os testemunhos redefinem os lugares, rejeitando o esquecimento, mostrando que a cidade narrada é feita por esses "palácios" densos e pujantes, muitas vezes indesejáveis e às vezes até ausentes, mas que aparecem nas narrativas com a força do medo. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, este artigo lançará luz sobre as novas formas de compreender a relação entre o espaço urbano e a memória, a partir de algumas narrativas memoriais de indivíduos, que despejam a carga emocional de cada lugar em um discurso de lembranças em vida.

2. NARRATIVAS DA DITADURA MILITAR

O que seria contar uma história, ou o que é contar a história? O que isso significa? Para que serve? Por que essa necessidade, mas também muitas vezes essa incapacidade de narrar?

A resposta para essas perguntas define a questão que nos envolve e nos mostra a importância da narração para construção do indivíduo. Essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada pela palavra de um passado que se apagaria no silêncio e no esquecimento.

O ato de narrar, por sua constante presença em diversas configurações humanas ao longo da história, e enquanto modo de expressão e de construção de sentido parece ele mesmo carregar, através de palavras, sons e gestos, a própria sagacidade do mundo. O processo de tecelagem de histórias tem como uma de suas mais notáveis características o fato de colocar lado a lado elementos percebidos como diversificados.

Cidades não são constituídas apenas por ruas, praças e edifícios, mas também, e, sobretudo, por pessoas e eventos, que agregam valores e ancoram lembranças nos espaços urbanos. É possível refletir sobre narrativa, memória e corpo para conseguir a interpretação do espaço que, construído, se transforma em um "arquivo de memória".

Através de atos de memória o passado se faz presente, de certa forma alterado pelas lembranças "inventadas", e se reflete nos corpos/indivíduos. Sendo assim, a memória possui um lugar e este se encontra inscrito no espaço que apresenta inúmeras temporalidades. A partir das narrativas de memórias de indivíduos que vivenciaram o período da Ditadura Civil Militar por meio do estudo dos relatos à Comissão Nacional da Verdade, a autora propõe a aplicação do método do "Palácio de Memórias" e, a partir dele, o mapeamento dos lugares que ancoram as memórias desses indivíduos na cidade do Rio de Janeiro.

Como mapear algo invisível? Esses lugares de ancoragem são antes de tudo restos (cf. Nora, 1997) e nessa dialética da memória podem ser gradualmente produzidos pelos usos deliberadamente marcados contra o risco de esquecimentos.

A memória produzida e reproduzida nas narrativas também pode ser encarada como um remédio para esse esquecimento, buscando assegurar que acontecimentos nefastos do passado não se repitam. O ato de lembrar é uma experiência de ressignificação, reconhecimento e recriação dos acontecimentos e de si mesmo. Nessas narrativas resgatadas dos indivíduos, em que o passado se faz presente de forma transfigurada por meio de lembranças encobridoras de atos de memória, a história é reinterpretada e traduzida em linguagem, construindo Ambiências Memoriais – termo que denota o papel de presencialidade da memória numa experiência sensorial da dor, pelas ambiências da cidade marcadas pelos relatos de quem experimentou a ditadura no Rio de Janeiro.

2.1. A ditadura no Rio de Janeiro

O primeiro ato da ditadura, conhecido como Ato Institucional n. 1 (AI-1), foi promulgado pela Junta Militar em 9 de abril de 1964. O objetivo declarado do golpe de 1964 era barrar o avanço do comunismo no Brasil e restaurar a democracia em um período de dois anos. Logo em seguida, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, que era o principal candidato à reeleição, foi destituído, acusado de corrupção e de conluio com comunistas. No primeiro teste eleitoral em 1965, os candidatos apoiados pelos militares não venceram em Minas Gerais e na Guanabara, levando à emissão do AI-2. Com isso, os partidos políticos foram dissolvidos, o Poder Judiciário sofreu intervenções e novos processos de cassação foram instaurados. Carlos Lacerda, governador do Rio e um dos principais apoiadores do golpe, foi inesperadamente destituído.

O golpe, que inicialmente contava com o apoio de governadores, se transformou em um movimento exclusivo dos militares. O novo partido governista, a Arena, não conseguiu consolidar seu poder e enfrentava derrotas nos estados mais populosos. A insatisfação dos militares levou à promulgação do AI-3, que estabeleceu que a eleição dos governadores fosse indireta, realizada por colégios eleitorais, e que os prefeitos das capitais e cidades de segurança nacional seriam nomeados. No mesmo ano, o AI-4 revogou definitivamente a Constituição de 1946 e instituiu uma nova. O golpe, na verdade, não seguia um plano pré-determinado, mas respondia a circunstâncias e oportunidades que surgiam. (Paiva, 2015)

Passadas mais de três décadas do fim da ditadura civil militar, as marcas da presença do terror do Estado permanecem ancoradas em palácios de memória em diferentes espaços da cidade do Rio de Janeiro. A presente pesquisa busca, assim, identificar nas narrativas de indivíduos que vivenciaram o período seus "Palácios de Memórias" da repressão na cidade.

3. "PALÁCIOS DA MEMÓRIA" DA DITADURA MILITAR

Segundo Paul Ricoeur (2007), Santo Agostinho usa a expressão "vastos Palácios de Memórias" como um embrião de onde surgiria a memória, a partir de uma interpretação que leva à espacialização. Se levarmos em consideração que o filósofo,

ao tratar da relação entre memória e identidade, aponta como função das lembranças perpetuar uma ideia de identidade de um indivíduo no tempo, essa abordagem ganha importância por retirar a memória do âmbito individual e enfatizar os espaços de preservação da memória coletiva.

> Com Agostinho, a memória passou a penetrar o homem interior sendo reposta pelos estímulos do exterior, assim como se espera da reminiscência. Mas foi também a partir dele que a memória ganhou status de entidade estática, pronta a ser recuperada quando da manipulação das lembranças. (Pinheiro, 2010)

Mais de trinta anos após o fim da ditadura civil-militar no Rio de Janeiro, as memórias do terror imposto pelo Estado ainda estão presentes em locais que se transformaram em verdadeiros "palácios da memória" na cidade do Rio de Janeiro. Analisando as entrevistas, relatos da comissão nacinal da verdade e ate trechos literarios que abordam esse periodo da historia, a autora encontrou relatos que evocavam dolorosamente aquele período sombrio, trazendo à tona lembranças marcantes da Ditadura Civil-Militar. Alguns trechos desses depoimentos são reveladores da capacidade dos lugares de aprisionar vivências ou de trazer à tona lembranças de eventos passados:

> Morávamos numa casa de dois andares, na esquina da Rua Delfim Moreira com a Almirante Pereira Guimarães, em frente à praia. Na época, uma transversal tranquila, com casas de classe média e sobrados, onde crianças brincavam e jogavam bola na rua. (...)No Leblon, Zona Sul carioca, meu pai, engenheiro, f oi preso por militares em casa e levado a unidades da Aeronáutica e depois do Exército (...) O feriado de 20 de janeiro de 1971 é um dia que não tem fim. Demoramos para entender por que esse dia existiu e foi daquele jeito. Depois de caminhar na orla, meu pai se deitou no sofá do escritório de casa, acendeu um charuto e começou a ler jornais. Minha mãe lhe fez companhia. O telefone tocou pouco depois das dez da manhã. A voz de uma mulher pediu nosso endereço para entregar uma encomenda do Chile. Ele não notou nada de anormal e deu. Meia hora depois, seis sujeitos armados em trajes civis cruzaram o quintal. Tensos, como se invadissem um aparelho subversivo. Entraram pela porta dos fundos da casa de esquina. Cruzaram a cozinha, apontando metralhadoras para a empregada, Maria José. Mandaram erguer as mãos. Calma, calminha... Nossa casa ficava na esquina da Almirante Pereira Guimarães com a Delfim Moreira. O portão de entrada era na Guimarães. O da garagem, na Delfim Moreira. O endereço era Delfim Moreira, 80. Existe ainda. Não a casa, o endereço, um prédio preto, de poucos andares, construído no boom imobiliário que desfigurou o Leblon dos anos 80. Um edifício escuro, que lembra um caixão, com um jazigo, uma pedra preta em frente, e que ficou anos em reforma, corroído pela maresia. Sei porque toda vez que passo em frente dou uma boa olhada. Olá, antiga casa. Olá, antigo garoto. (Paiva, 2015, p. 105-121)

É possível observar na narrativa apresentada por Marcelo Rubens Paiva em seu famoso livro “Ainda Estou Aqui” (2015), que, sempre ao relatar a prisão de seu pai e suas memórias desse período, ele menciona o bairro do Leblon (zona sul do Rio de Janeiro) como o ponto central de suas lembranças, onde localizava-se sua residência e local da prisão de seu pai. Esse lugar não é apenas associado aos eventos que lá ocorreram, mas também é profundamente marcado pelas experiências traumáticas vividas pelo autor, que persistem na memória e têm influência significativa em sua vida até os dias atuais.

Segundo Paiva (2015), o passado preserva-se por conta própria, acompanhando-nos ao longo de toda a vida. Nosso cérebro é projetado para armazenar o passado e evocá-lo quando necessário, ajudando a esclarecer situações presentes. Sem esse mecanismo cerebral, teríamos a impressão de que o passado ainda está ocorrendo, o que poderia nos levar à loucura. O fundamental não é a lembrança, mas como você interage com ela hoje.

A aplicação do método do “Palácio de Memórias” revela como os lugares físicos podem atuar como âncoras poderosas para as vivências humanas, permitindo a materialização e a organização das lembranças. Este método, que utiliza a visualização de espaços arquitetônicos para armazenar e recuperar memórias e destaca a importância do ambiente na formação e preservação da identidade individual e coletiva. Ao associar memórias a locais específicos, os indivíduos podem acessar suas lembranças de maneira mais estruturada e detalhada, facilitando o processo de recordação e oferecendo uma maneira tangível de lidar com o passado.

Além disso, o método do “Palácio de Memórias” é particularmente eficaz na evocação de eventos traumáticos, permitindo que os indivíduos confrontem e processem experiências dolorosas de forma mais segura e controlada. Os lugares associados a essas memórias traumáticas servem como pontos de referência que ajudam a trazer à tona emoções e detalhes específicos, muitas vezes suprimidos ou fragmentados. Esta abordagem não apenas facilita o enfrentamento e a compreensão das experiências passadas, mas também pode contribuir para a cura e a ressignificação dessas vivências, permitindo que os indivíduos integrem essas memórias de forma mais saudável em suas vidas atuais.

A questão da elaboração do passado, de particular interesse na pesquisa proposta, é abordada por Theodor Adorno (1995). Judeu e sobrevivente do Holocausto, a exigência de não esquecimento, para o filósofo, não é um apelo a comemorações solenes; é, muito mais, uma exigência de análise esclarecedora que deveria produzir instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente.

Da mesma forma que é impraticável a reconstrução diária da memória é também impossível a sua destruição completa. Para elaborar como luto ou resistência a repressão política que marcou o período da ditadura civil militar no Brasil, é indispensável, pensar o lugar político da memória sem ignorar o passado.

Segundo Ogawa (2021) em seu famo livro "Polícia da Memória", as memórias não são algo que se acumule simplesmente. Elas vao se transformando, mudando de lugar com o tempo, desaparecendo aos poucos. Não são, por assim dizer, arrancadas com raiz e tudo. Mesmo as coisas esquecidas deixam algum traço em algum lugar do coração. Como pequenas sementes que ao serem despertadas, voltam a crescer. Mesmo quando a memória em si desaparece, ela deixa em seu ligar alguma coisa: um tremor, uma dor, im prazer ou uma lagrima.

As cicatrizes produzidas pelo esquecimento e pelo silêncio podem levar à reatualização das dores individuais e coletivas. Com o intuito de estabelecer pontes entre o passado e o presente, pretendemos trazer à tona a discussão sobre as disputas pela memória da ditadura civil militar (1964-1985), especificamente no que se refere aos lugares que são referências para os indivíduos que vivenciaram pessoalmente a repressão que marcou o período.

4. ESTUDO DO ESPAÇO URBANO NO CAMPO DA MEMÓRIA

A história urbana é complexa e diversificada, com diferentes lugares e espaços afetados de maneiras variadas durante a ditadura civil-militar no Rio de Janeiro. Alguns locais importantes foram preservados como patrimônio histórico, mantendo viva a memória dos eventos e lutas daquele período. Por outro lado, alguns espaços foram perdidos ao longo do tempo devido ao desenvolvimento urbano, negligência ou intencionalidade.

Elkin (2022) nos mostra que certos lugares não perderam sua carga emocional: é preciso que algo inesperado acenda uma faísca. Um rosto inesperado. Uma música. A agua de colônia de alguém. Mas esses sinais que entram na frequência pessoal de um individuo; não significariam muita coisa para outra pessoa. Todos temos sinais próprios, que estamos ouvindo ou tentando não ouvir.

A época da ditadura teve um impacto significativo na produção da cidade e na preservação ou negação de espaços públicos importantes. Isso reflete as políticas e ações do regime, bem como suas consequências na configuração espacial da cidade. No entanto, é essencial abordar criticamente a questão espacial e considerar as diferentes dimensões envolvidas. Alguns lugares foram marcados pela violência direta e pelo poder de repressão, enquanto outros serviram como palcos de protestos e resistência. Essas diferentes realidades coexistem e carregam consigo as memórias conflitantes daqueles tempos – até hoje pouco detalhados e encerrados nos estudos urbanísticos.

A cidade do Rio de Janeiro pode ser vista de forma fragmentada, com espaços que representam tanto a opressão quanto a resistência. Através de relatos, testemunhos e estudos históricos, podemos entender essa fragmentação e a complexidade da

história urbana. Esses elementos nos ajudam a compreender as várias dimensões daquele período e suas implicações na configuração e memória da cidade.

> Uma inserção da memória na cidade que, sem ter um olhar pessimista sobre o aspecto caótico das configurações urbanas modernas, acena para a riqueza de lugares, de espaços que se voltam ao passado não como espelho (JEUDY, 2005), como reflexo para alguma identidade perdida, mas como inscrições tipológicas "tradicionais" a serem trazidas para a (re)construção atualizada de mundos onde a vida real do homem com suas necessidades cotidianas de expressão e comunicação estejam presentes. (Uglione, 2008).

Uglione (2008) aborda que ao examinar a fragmentação e a irregularidade da vida urbana moderna, Simmel (1987) observa as impressões que esta cidade deixa na subjetividade de seus habitantes. Segundo ele, a concentração de imagens e a "violência inesperada dos estímulos" – características intrínsecas dessa cidade – exigem um enorme gasto de energia psíquica. Consequentemente, o indivíduo, em uma postura defensiva, adota uma atitude blasé: uma pessoa cuja capacidade de reagir aos estímulos excessivos é reduzida, um sujeito que se "desconecta" do mundo como uma forma de adaptação à realidade transitória da cidade moderna. A atitude blasé, previamente descrita por Benjamin (2000), refere-se ao efeito "narcótico" que a cidade moderna exerce sobre o indivíduo. Este, como um flâneur, encontra-se imerso no ambiente luminoso e veloz da cidade – embora diferindo do flâneur da Paris de Baudelaire, que se diluía de forma tranquila e disfarçada na multidão de uma sociedade ainda emergente em relação aos processos de automação e industrialização. Na cidade moderna, os sentidos do indivíduo são entorpecidos pelos constantes estímulos provenientes da velocidade, do inesperado e dos contínuos "choques" da vida contemporânea.

5. CONSIDERAÇÕES FINAS

O estudo do espaço urbano transcende as barreiras físicas e se entrelaça profundamente com as memórias e experiências dos indivíduos que vivenciaram a ditadura civil-militar no Brasil. A relação entre espaço e memória revela-se complexa, especialmente em contextos traumáticos onde a arquitetura e o urbanismo servem como testemunhas silenciosas da história. A cidade do Rio de Janeiro, com suas ruas, praças e edifícios, carrega marcas indeléveis desses períodos sombrios, transformando-se em "palácios da memória" que evocam tanto a repressão quanto a resistência. Esses espaços urbanos são mais do que simples cenários; são repositórios de experiências vividas e, através das narrativas dos sobreviventes, tornam-se veículos para a compreensão e reinterpretação do passado.

Ao explorar as interações entre o espaço urbano e a memória, fica evidente a importância de preservar essas lembranças para evitar a repetição dos erros do passado. A aplicação do método do "Palácio de Memórias" permite destacar a

capacidade dos lugares de ancorar vivências e trazer à tona as memórias de eventos traumáticos. A cidade moderna, com suas rápidas mudanças e estímulos incessantes, muitas vezes obriga os indivíduos a adotar uma atitude blasé como mecanismo de defesa. No entanto, ao investigar e documentar essas memórias, criamos pontes entre o passado e o presente, possibilitando uma análise crítica que enriquece nossa compreensão do espaço urbano e suas múltiplas temporalidades. Dessa forma, reafirmamos a importância de reconhecer e valorizar as memórias coletivas na construção de um futuro mais consciente e informado.

6. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Adorno, T. W (1995). O que significa elaborar o passado. In: _____. Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Agostinho, S (1955). Confissões. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa.

Benjamin, W (2000). Obras escolhidas III: Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense.

Elkin, L (2014). Flâneuse. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Fóforo, 2022.

Woolf, Virginia. O Valor do Riso e Outros Ensaios. Traduzido por Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify.

Herring, PF (1972). Joyce's Notes and Early Drafts for "Ulysses". Charlottesville University Press of Virginia.

Ogawa, Y (2021). Polícia da Memória. Traduzido por Andrei Cunha. Editora Estação Liberdade.

Paiva, MR (2015). Ainda estou aqui. Rio de Janeiro: Objetiva.

Ricoeur, P(2007). A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp..

Pinheiro E (2010). Cidades 'ENTRE'. Dimensões do Sensível em Arquitetura ou a Memória do Futuro na Construção de uma Cidade - Rio de Janeiro: UFRJ/FAU.

Uglione, P (2008), Arquivo mnemônico do lugar: memória e histórias da cidade – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU.

Woolf, V (2017). Mrs. Dalloway. Penguin Classics.

R34

ATMOSPHERES OF THE PLACE – RELATION BETWEEN RITE AND ARCHITECTURE: THE CASE OF CAPELA UNIVERSITÁRIA JESUS MESTRE

ATMOSFERAS DO LUGAR – RELAÇÃO ENTRE RITO E ARQUITETURA: O CASO DA CAPELA UNIVERSITÁRIA JESUS MESTRE

Carolina Bini
Doutoranda, Arquiteta e Urbanista
PósARQ – Universidade Federal de Santa Catarina
arqcarolinabini@gmail.com

Maristela Moraes de Almeida
Professora Doutora, Arquiteta e Urbanista
PósARQ – Universidade Federal de Santa Catarina
arqtela.ma@gmail.com

ABSTRACT

This article investigates architecture as experience, searching to interpret the relation between rite and architecture through the atmospheres of the place. The case of the Capela Universitária Jesus Mestre at the campus of PUC in Curitiba-PR, Brazil is presented. The theoretical moment searches the role of phenomenology in the architecture, and the empiric moment, from the systematic observation, described the tangible and intangible Chapel characteristics. Furthermore, a semi structured interview with the project author of the Chapel, verified the results, with demonstrated that the different moments of the rite and the people`s journey, connect the elements with the space, composing the environment and bringing meaning to the place. Therefore, it was understood that the relation between the rite and architecture – through sensible qualities – expresses the atmospheres of the place.

KEYWORDS: architecture. rite. phenomenology. atmospheres. sacred space.

RESUMO

Este artigo investiga a arquitetura como experiência, buscando interpretar a relação entre rito e arquitetura através das atmosferas do lugar. Apresentamos o caso da Capela Universitária Jesus Mestre no campus da PUC em Curitiba-PR, Brasil. O momento teórico do estudo buscou o papel da fenomenologia na arquitetura, e o momento empírico, a partir da observação sistemática, descreveu as características tangíveis e intangíveis da Capela. Ainda, uma entrevista parcialmente estruturada com o autor do projeto da Capela, constatou os resultados encontrados, que demonstraram que os diferentes momentos do rito e do percurso das pessoas, conectam os elementos com o espaço, compondo o ambiente e trazendo significado ao lugar. Portanto, entendemos que neste estudo de caso a relação entre rito e arquitetura – através de qualidades sensíveis – expressam as atmosferas do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura. rito. fenomenologia. atmosferas. espaço sagrado.

1. INTRODUÇÃO

O ato de projetar pode ser considerado um dos ofícios essenciais entre os tantos que cercam a vida humana. Colocar-se no lugar do outro e, por meio do desenho e da modelagem, direcionar o percurso, posicionar os elementos de um ambiente, imaginar as atividades que ali acontecerão, é uma tarefa desafiadora. Mais desafiador ainda, é buscar aproximação aos fenômenos que intencionalmente desejamos que sejam propiciados pelo espaço para criar um ambiente sensível, permitindo às pessoas experienciar o lugar.

Um dos caminhos para interpretar as particularidades do lugar – apresentado neste artigo – é a consideração não somente do espaço físico necessário para os acontecimentos, mas também a consideração dos ritos que organizam as atividades. Essa abordagem faz com que o lugar seja observado através da relação entre pessoas e ambiente, com atenção aos fenômenos que possibilitam as experiências vivenciadas no lugar.

Questionamos, portanto, como projetar a relação das pessoas com o espaço, tanto em funcionalidade como em significado. O lugar que, a partir da ótica do ser, é percebido pelos fenômenos que expressam a arquitetura como uma experiência. Uma das linhas de pesquisa que dá suporte a esse enfoque, é a fenomenologia, ou o estudo dos fenômenos, que pressupõe a vivência do espaço de forma consciente, e tem a experiência da própria pessoa como referência. Portanto, este artigo investiga a arquitetura como experiência, buscando interpretar a relação entre rito e arquitetura através das atmosferas do lugar.

Neste trabalho, e a partir do enfoque fenomenológico, atentamos para fenômenos que possibilitam a comunicação entre pessoas e ambientes por meio de um rito. O rito pode ser conceituado, neste caso, como a organização de atividades em uma determinada sequência, refletindo em objetos e em gestos a representação de símbolos, que dão significado ao lugar e ao acontecimento.

Um rito pode refletir um modo de vida ou um determinado comportamento das pessoas, por meio das emoções e sentimentos concedidos à tal atividade. Os ritos acontecem tanto em situações corriqueiras, como ao acordar, levantar-se, arrumar-se e sair de casa, como em momentos marcantes, representando a passagem de um momento a outro da vida, por exemplo, através de histórias, objetos, gestos, ou simbolizando, no caso deste artigo, características religiosas.

O espaço sagrado é um dos lugares em que a manifestação dos ritos se mostra de maneira direta, pois tem os símbolos como principal conexão entre o sagrado e o profano. Nesses lugares, os ambientes expressam o significado da religião e da história através dos objetos, seus materiais e sua relação com as pessoas.

A partir da pesquisa sobre o espaço sagrado e o rito, interpretamos como as atmosferas do lugar revelam a relação entre rito e arquitetura no espaço sagrado, estudando o caso da Capela Universitária Jesus Mestre, projetada por Manoel Coelho, no campus da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR, na cidade de Curitiba – PR, Brasil. Antes de ir a campo, realizamos a revisão de literatura (Laville & Dionne, 1999), com enfoque nos temas discutidos até aqui: rito; arquitetura como experiência, espaço sagrado; associados ao contato direto entre pessoas e ambiente.

Partindo da base teórica, demos início a parte empírica do trabalho, a partir de uma leitura sensível. Utilizando a observação sistemática (Richardson, 1999), a

Capela foi reconhecida em um estudo exploratório. Neste artigo, apresentamos os procedimentos metodológicos de observação sistemática através de categorias fenomenológicas (Bula, 2015), relacionando-o com a entrevista parcialmente estruturada (Laville & Dione, 1999) realizada com o autor do projeto da Capela, como forma de dar suporte à pesquisa e interpretações, entendendo a relação entre rito e arquitetura no espaço sagrado.

Ao final, uma reflexão é apresentada, a partir de achados interpretativos com considerações gerais e específicas, que permitiram, através de uma leitura sensível, entender a relação entre os diferentes momentos, do rito, dos gestos, dos percursos e atitudes das pessoas, revelando as atmosferas do espaço.

2. CONSTRUINDO ATMOSFERAS: A FENOMENOLOGIA NA ARQUITETURA

A arquitetura tem papel primordial na relação entre pessoas e ambiente, pois dá condições para que atmosferas e atividades aconteçam a partir de configurações espaciais, que permitem a experienciação do espaço. Por isso, a arquitetura como experiência (Mccarter & Pallasmaa, 2012), ou como vivência (Bollnow, 2008; Rasmussen, 1998;) é abordada, investigando qualidades sensíveis no espaço.

A fundamentação teórica, neste trabalho, buscou discutir autores na arquitetura que defendem a fenomenologia e a estudam tanto teoricamente, quanto aplicada ao processo de projeto, pesquisando de que forma esses profissionais entendem a arquitetura como experiência. A fenomenologia estuda intenções (Cerbone, 2014), que são ações conscientes do indivíduo ao se relacionar com o ambiente e com seus objetos (Sokolowski, 2000).

Mais do que apenas direcionar as pessoas de um espaço a outro para cumprir tarefas do cotidiano, a arquitetura é intrinsecamente sensível e se refere à experiência do indivíduo em relação aos espaços, de modo que características e qualidades sensíveis do lugar revelam sentimentos nas pessoas através de experiências.

Arquitetos fenomenólogos, como Pallasmaa (2011), Zumthor (2009), Holl (2016), defendem que a vivência do espaço é fundamental para que se perceba o mundo, encontrando as atmosferas do lugar através da leitura sensível que potencializa as conexões entre o ser e seu habitat. Assim, a arquitetura pode ser observada, descrita e interpretada a partir de fenômenos, ou seja, a partir do momento em que a pessoa se relaciona com o ambiente, está se relacionando com a arquitetura. Isso indica que a arquitetura media os fenômenos entre as pessoas e o espaço, compreendendo as experiências no ambiente construído.

Nessa linha, a arquitetura se torna atemporal e considera, além da forma e da função, a experiência. Cria, a partir de metáforas, lugares para a existência do ser no mundo

(Pallasmaa, 2011) e prioriza a experiência direta, sensorial do espaço, dos materiais e da luz (Ibelings, 1998). Nesse sentido, a arquitetura se constitui de atributos sensíveis que emocionam pela experiência de vivenciar um espaço.

A vivência ou experiência com o local é essencial para sua leitura sensível. Entre esses espaços, o espaço sagrado é o lugar que o indivíduo procura para reencontro e conectividade com o transcendente (Eliade, 1992), se relacionando com símbolos e ritos para remontar histórias e criar experiências significativas através da relação entre se e ambiente.

2.1 O rito e sua relação com o espaço sagrado

O espaço sagrado é um dos lugares onde mais se estabelecem conexões – entre as pessoas e o transcendente – e onde o ser se aproxima de sua essência (Otto, 1985), do ser no mundo (Heidegger, 2002), tornando o corpo o centro do mundo das experiências (Merleau-Ponty,1999).

A organização de um espaço pode acontecer por meio de um rito, que para Rapoport (1984) é uma necessidade do ser humano. Um rito é configurado pela sequência de atividades que acontecem em um espaço, gerando significados. "Ele pode ser individual ou coletivo, mas sempre permanece fiel a certas regras que constituem o que há nele de ritual, como um gesto ou uma palavra" (Cazeneuve, 1985, p.10).

A arquitetura media tal relação, ao possibilitar a conexão entre pessoas e objetos através da concepção do projeto arquitetônico, responsável pelo planejamento dos lugares onde o rito acontecerá. Os detalhes e características do espaço determinam e direcionam a sequência dos acontecimentos. Essas características, que podem ser chamadas de qualidades sensíveis, permitem observar, além dos atributos materiais, os imateriais, que ao vivenciar o lugar são percebidos por meio das atmosferas do ambiente.

Buscamos entender, nesse viés, a função do espaço sagrado, que é um lugar de celebração e reverência dos seres humanos ao divino, um ambiente que o indivíduo frequenta quando tem necessidade de procurar sua essência, e o local que habita quando dá prioridade às emoções e experiências, através do rito. Essa compreensão passa por investigar a experiência espacial nos ambientes construídos a partir da relação entre o corpo humano e a arquitetura (Almeida, 2001).

Por meio dessa vertente de pesquisa, são interpretadas qualidades sensíveis no espaço sagrado – lugar que conecta o indivíduo com sua essência – procurando entender a relação entre rito e arquitetura. O estudo a seguir se direciona para o rito no espaço sagrado católico, que se mantém presente como a religião mais pregada no mundo. Estudamos, a partir daqui a arquitetura desse espaço e o desenvolvimento do rito nas celebrações, observando a relação das pessoas com os objetos no ambiente sagrado.

3. LEITURA SENSÍVEL DO LUGAR: A CAPELA UNIVERSITÁRIA JESUS MESTRE

A parte empírica do trabalho se deu com o estudo de caso da Capela Universitária Jesus Mestre, localizada no campus da PUC-PR, na cidade de Curitiba. Após aprofundar os conceitos na teoria, este espaço sagrado foi vivenciado para aplicar a teoria em campo. A partir de um estudo exploratório, houve a aproximação com a Capela, para exploração das características sensíveis por meio de categorias fenomenológicas (Bula, 2015) do lugar, que resultaram em um quadro síntese sobre os atributos materiais e imateriais do ambiente.

De modo a constatar as percepções em campo, uma entrevista parcialmente estruturada foi realizada com o arquiteto catarinense que atua em Curitiba, Manoel Coelho, autor da Capela, que descreveu o edifício a partir das pranchas do projeto original, de 1985. O entrevistado relata detalhes únicos que proporcionam a compreensão dos detalhes do lugar.

3.1 A Capela

A contemplação do espaço sagrado requer concentração e interiorização por parte do espectador. A conexão com o lugar é a primeira etapa para que essa manifestação se torne possível, através das dinâmicas humanas que ali acontecem. Essa ligação se faz possível não apenas pelos atributos físicos do espaço, como o edifício, seu entorno e localização, mas também pelos atributos que o conformam indiretamente, como a história do lugar e sua relação com as pessoas que o frequentam.

Dessa maneira, procuramos, a partir de detalhes do ambiente, interpretar sua essência observando tanto aspectos materiais como imateriais, que para Holl (2016) podem ser, por exemplo, a tectônica do material, a luz, os cheiros ou as texturas. A relação entre essas características cria as atmosferas do ambiente, tornando-o especial para um uso.

A Capela Universitária Jesus Mestre (Figura 1), localizada na área central do campus da Universidade, possui frente para uma praça seca. Sua lateral esquerda fica próxima da biblioteca local, sua lateral esquerda se aproxima de um bosque e os fundos do edifício se aproxima do limite do lote com a via pública. Em diagonal, na parte frontal direita, a cruz (mais alta do que a edificação), simboliza e apresenta o espaço sagrado ali existente.

Figura 1 - Capela Universitária Jesus Mestre. Fonte: autoras (2019).

O edifício em si, visto de frente, tem a forma bidimensional de um retângulo e tridimensionalmente, forma trapezoidal. A fachada frontal, em concreto aparente, é filetada por um ritmo de vitrais coloridos, que só é interrompido pela marquise da porta de entrada, que dá acesso ao interior do lugar. Os vitrais, que por fora embelezam a Capela, por dentro permitem a iluminação natural, que dependendo do horário, possibilita diferentes efeitos de luz e sombra coloridos no interior e exterior da edificação.

3.2 Categorias fenomenológicas e a entrevista com o arquiteto

Para descrever de forma sensível o edifício, utilizamos as categorias fenomenológicas como direcionamento, de modo que a aproximação em etapas com o entorno, o exterior do edifício e seu interior, pudessem ser percebidos de forma detalhada. Para melhor entendimento, um quadro síntese (Tabela 1) foi desenvolvido, apresentando as categorias, as descrições da exploração e observações das autoras. O quadro apresenta as diferentes observações durante os horários de celebração na Capela, tanto nos finais de semana como em dias de semana, em períodos diurnos e noturnos. Além das categorias fenomenológicas fundamentando a vivência e observação da Capela, também apresentamos uma coluna com os relatos do próprio arquiteto, Manoel Coelho, concedidas em entrevista parcialmente estruturada, constatando detalhes da edificação a partir das lembranças do processo projetual.

A partir da observação e descrição dos ambientes e seus elementos por meio das categorias fenomenológicas, pudemos vivenciar o espaço sagrado e seus ritos. Esses ambientes e objetos permitem que as pessoas se desprendam de seu cotidiano para se conectar com o divino. As características materiais e imateriais apresentadas no quadro síntese, possibilitaram observar as percepções quanto ao espaço de forma sensível.

Através das cores, texturas, formas e configurações do espaço e da luz, temperatura, sons, ritmo, proporções e escala que os ambientes propiciam, há a compreensão do lugar. Se percebe aqui a relação do responsável pelo projeto, que foi fundamental para o resultado como espaço sagrado.

Conexão com o lugar: ancoragem	Ambiente	Paisagem	O campus da PUC-PR em Curitiba está localizado próximo ao acesso principal da cidade, facilitando a chegada de alunos, professores e visitantes pela Av. Imaculada Conceição. Da rua, a partir da calçada é possível enxergar a fachada posterior da Capela (oeste), que tem três metros e meio de altura. Essa não se destaca na paisagem, pois o estacionamento de veículos que fica entre a Capela e a calçada dificulta a visão. Quando se acessa o campus e se vê a Capela a partir da Praça da Cultura, seu entorno é repleto de vegetação, enquadrando a geometria retangular do volume do edifício, que na fachada leste tem aproximadamente dez metros de altura. O cruzeiro, ainda mais alto é o principal símbolo sagrado no exterior da Capela.	
		Clima	Na data da exploração, o dia amanheceu nublado, com o céu em tons de cinza e predominância de nuvens. A temperatura era de três graus, com baixa umidade do ar. Durante a manhã, a fachada leste, que contém o acesso principal, se iluminou com os primeiros raios de sol. Ao passar das horas, por volta das 9h, as nuvens desaparecem, o sol surgiu e a paisagem da Capela se transformou com o céu em tons de azul. Durante o meio dia o sol predominou e a temperatura aumentou para 10 graus. Depois das 15h, a intensidade da iluminação natural diminuiu por conta da orientação do sol à oeste, que se escondeu entre as árvores na parte posterior da Capela. Às 17h, o sol desapareceu atrás da Capela e ao anoitecer o frio aumentou. As luzes externas e internas da Capela se acenderam e proporcionaram outra visão da fachada e volumes.	
		Conexão com o lugar	A localização da Capela em relação ao entorno é estratégica, pois fica na Praça da Cultura, que é considerada o centro cívico do campus, contemplando além da Capela, o prédio administrativo e a biblioteca, servindo de passagem para os demais blocos de ensino. Parte do fluxo de pessoas que acessa a Universidade caminha em frente a Capela e algumas delas desviam o caminho para acessar o espaço sagrado.	Relato do arquiteto: *"Era a ideia de chamar as pessoas, de viver gente de todos os ângulos, de várias categorias sociais"*
	Contexto	Relação com o entorno	A Capela se conecta com um amplo espaço aberto, a Praça da Cultura. No lado esquerdo da Capela fica localizado o Museu Universitário, que é tombado como patrimônio histórico estadual por abrigar anteriormente o hipódromo da cidade. Uma concha acústica foi adicionada ao museu, já que o antigo hipódromo possui uma grande arquibancada externa. Além dessa edificação, há a biblioteca, maior edifício da praça. Projetada pelo mesmo arquiteto da Capela, tem seu limite de acesso alinhado com a Capela, pois a ideia do arquiteto era que a Capela não perdesse a atenção para o novo edifício. No lado direito da Capela, existem bancos de contemplação para um bosque. Um dos limites desse lugar de permanência é a fachada lateral (sul) do edifício em estudo. Em dias quentes esse ambiente é fresco. No dia da exploração, realizada no inverno, as pessoas não permaneciam no bosque nos horários observados. Do outro lado da praça, de frente para a Capela está o edifício administrativo da Universidade. A localização da Capela reflete sua importância no campus, como um lugar de contemplação e reflexão na Universidade.	Relato do arquiteto: *"Então aqui era essa ideia da praça toda, ligando com a concha acústica, e aqui não tinha a biblioteca ainda. A biblioteca apareceu depois. Eu tive muita preocupação... a biblioteca tive muito in loco com o Irmão Clemente, com a trena na mão, porque me preocupava... eu não queria que a biblioteca passasse dessa linha da Capela, e acabou passando um pouco... ela tem um recuo, então não... eu não queria que ela ofuscasse a Capela. Queria que ela formasse o conjunto todo."*
		História	Concluída em 1985, é significativa para a Universidade, pois ganhou o título de pontifícia no mesmo dia de sua inauguração. Projetada pelo arquiteto Manoel Coelho, reflete a história da Universidade e da religião católica em seus símbolos e na arte sagra presente em seu interior.	
		Cultura local	A maior parte dos estudantes e integrantes da Universidade são católicos e participam das atividades realizadas pela Capela. Observou-se a demonstração da fé da comunidade acadêmica em todo o tempo de permanência na Capela, assim como da comunidade que pode frequentar livremente o edifício.	
Espaço e tempo: movimento	Espaço	Cenários e perspectivas	Perspectivas foram consideradas importantes para a observação do lugar através de cenários. Esses, foram baseados nas distâncias recomendadas por Gehl (2010) a partir da escala humana.	
	Tempo	Tempo de percurso	Diferentes percursos foram realizados na Capela. Se observou que os indivíduos que contemplam o espaço sagrado caminham devagar e parecem estar em reflexão. Geralmente, o percurso dura menos de um minutos, e o indivíduo se acomoda nos bancos ou se ajoelha no presbitério (em frente ao altar ou ao tabernáculo). A maioria das pessoas acessa a Capela e se direciona aos bancos da nave central. Algumas pessoas, mais emotivas, acessam a Capela e se direcionam para o tabernáculo, onde se ajoelham e fazem uma oração breve, mas mais perto dos símbolos sagrados. Os indivíduos que se direcionam a secretaria geralmente andam mais rápido e em uma única direção.	Relato do arquiteto: *"Então, essa expressão dela, essas placas, é como se a Capela estivesse chamando as pessoas. Vinde a mim. Vinde por todos os lados."*
Material e imaterial: qualidades sensíveis	Material	Textura	Os materiais naturais são predominantes na Capela. O piso utilizado na nave e no presbitério são de diferentes padrões de granito, assim como a sédia, altar, ambão e tabernáculo. A madeira é o material dos bancos e do forro. Também compõe o desenho da porta e dos mobiliários existentes na Capela. O concreto é utilizado como estrutura e revestimento de forma aparente e polida. Os materiais forjados, como a cruz, a pia batismal, a lâmpada do santíssimo em metal e os vitrais são feitos à mão, considerando a forma tradicionais de produção. Cada material é visto em sua forma natural, verdadeira.	Relato do arquiteto: *"Então eu acho que...o material concreto eu sempre gostei muito do concreto, é um material natural, que não precisa de revestimento, foi de execução um pouco difícil, por causa daquelas placas inclinadas...O granito do piso.. é eterno, para a vida toda."*
		Cor	As cores na Capela são neutras, valorizando os símbolos sagrados de cores vivas e brilhantes, como o dourado. Tons terrosos fazem menção à natureza através do piso de granito, da madeira dos bancos e forro, do amarelo nas pinturas e do vermelho ao azul nos vitrais.	
	Imaterial (luz, som, temperatura)	Luz	Durante o dia, a visão do edifício se destaca com a forma da fachada, através dos brises em diferentes ângulos. Os vitrais são vidros escuros para quem vê de fora, mas internamente a iluminação natural é filtrada pelas cores dos vitrais, que vão dos tons de amarelo, passam pelo marrom, laranja, vermelho, verde e azul e refletem diferentes cores no piso polido em granito. Durante a noite, acontece o efeito contrário. Os materiais se tornam opacos e as luzes internas iluminam os vitrais na visão do exterior. A iluminação interna é indireta, através de spots de luz instalados no forro de madeira. A iluminação do presbitério é projetada para direcionar a luz nos símbolos sagrados, criando um foco e uma atmosfera de reflexão.	Relato do arquiteto: *"As placas e tal e principalmente na fachada principal, né, que é a que dá para a Praça Cívica, onde ela tem essa forma, um trapézio. Alguns chamam de triângulo, mas não tem triângulo nenhum. É um trapézio. Tanto no sentido espacial, volumétrico, quanto se você olhar nas fachadas laterais.* *Os vitrais eram aquela ideia da transparência e da*
		Som	A propagação do som é distribuída de forma uniforme no ambiente da Capela através de caixas de som discretas instaladas no forro. Os ruídos externos são diminuídos pelas paredes espessas de concreto, criando uma atmosfera de contemplação e reflexão.	
		Temperatura	Internamente, o clima se altera, pois a Capela possui espessas paredes e teto rebaixado, criando um microclima. No verão a Capela é fresca, mas no inverno se torna mais fria, pois sua concepção permitiu grande altura no centro. A ventilação natural circula pelas aberturas nos vitrais.	
	Composição	Escala	Em relação ao campus universitário, a Capela se conecta com os demais edifícios e acolhe o pedestre em sua escala humana. Quando o indivíduo acessa a Capela, é recebido por um pé-direito baixo, e depois a altura aumenta no centro e no presbitério do edifício.	Relato do arquiteto: *[...] "como essa fachada principal ela é mais alta e tal, aquela entrada, de pé-direito mais baixo[...]que você entra num túnel e de repente oh, tem uma surpresa."*
		Proporção	Em relação ao outros edifícios do campus, suas dimensões são pequenas, mas pode receber aproximadamente 500 pessoas. E em relação à escala humana, foi dimensionada para receber pessoas e quanto mais próximo do sagrado, mais alta é a Capela.	
		Elementos Simbólicos	O altar, ambão e tabernáculo são considerados por Pastro (2014) como os elementos fundamentais de uma celebração cristã. Para Moraes (2009), a pia batismal também deve ser considerada como um dos elementos principais. Na Capela, esses elementos são posicionados no presbitério, que se localiza no centro do espaço, e os bancos e cadeiras são direcionados a ele. A iconografia também faz parte dos símbolos, assim como o próprio edifício, que é considerado um espaço sagrado e por si só já representa comportamentos.	Relato do arquiteto: *"Aqui o projeto da pia batismal, ficou muito bonito essa concha de cobre. Você olha ali e tá na cara que é a pia batismal e fica na entrada, no começo da vida."*
Atmosferas	Dinâmicas humanas	Atividades	As atividades que possuem movimentação e maior fluxo de pessoas na Capela acontecem durante as celebrações. Os gestos e mudanças de comportamento dos participantes movimentam o espaço sagrado, como a caminhada até o presbitério para receber a comunhão e o cumprimento entre pessoas em partes do rito. Quando não há celebração, as atividades são voltadas para os objetos simbólicos, e as pessoas geralmente refletem nos bancos ou no presbitério, com movimentos mais calmos.	

Tabela 1 - Quadro síntese das categorias fenomenológicas, com descrições da exploração, descrições das autoras e relatos do arquiteto Manoel Coelho. Fonte: autoras, a partir de BULA (2015).

Segundo o relato do arquiteto, projetar é *"uma coisa intuitiva, que parece muito natural. No momento que você enfrenta um problema de arquitetura, você vai procurar saber",* e pensar sobre o espaço sagrado, "é um tema aparentemente pequeno, simples, mas é um negócio muito complicado. Você criar um espaço onde a pessoa...mergulha no seu interior, procurando se aproximar das coisas que a pessoa acredita, das coisas que são superiores...não é nada fácil. E isso não tem uma forma definida."

Logo, não é somente a partir do volume, da forma física da edificação, que se define a experiência desejada. São os fenômenos, ritos que ali acontecem que configuram as atmosferas, trazendo o simbolismo e os significados ao lugar, criando as experiências na arquitetura, que para fazer sentido, precisa da vivência das pessoas. "É que a arquitetura é feita para o cidadão, para a pessoa, se não, ela não existiria...sem a presença da pessoa não há arquitetura".

Portanto, os sentidos, o corpo, a presença, se fazem necessárias no rito, pois os gestos fazem parte do simbolismo e ato celebrativo. As mãos, por exemplo, quando se erguem, simbolizam a súplica ao divino. Quando se estendem, abertas, se oferecem em oferta e, quando se juntam, significam recolhimento. Ao se sentar, as pessoas participam do ritual com atenção e escuta. Ao ficar de pé, indicam disposição à participação. Quando estão de joelhos, parecem homenagear. Os sinais, também fazem parte do rito. Traçar o sinal da cruz parece trazer a conexão entre o transcendente e o ser humano (Araújo, 2009).

Outras partes do corpo e outros sentidos também são aguçados, como os olhos, assim como os ouvidos. É importante que a pessoa veja movimentos, assim como é importante que perceba os ruídos do ambiente, detalhes que complementam o ritual. O olfato, paladar e tato também se fazem presentes, com a imposição de mãos, toque e ingestão de elementos sagrados.

As minúcias e particularidades da vivência na Capela formularam como resultado, achados interpretativos, que demonstram a importância da relação entre pessoas e ambiente. Para que um rito aconteça, é necessário que um lugar adequado exista para abrigar as pessoas e atividades, e aí está o papel da arquitetura que media os fenômenos no espaço.

4. ACHADOS INTERPRETATIVOS

Os dados apresentados interpretaram o ambiente a partir de fenômenos, que são percebidos de forma diferente por cada pessoa. Os achados interpretativos, específicos e gerais, mostram o que conquistamos de informações e contribuições a partir de uma leitura sensível do ambiente.

4.1 Achados interpretativos específicos

Esse trabalho permitiu investigar a arquitetura como experiência, vivenciando um espaço sagrado. Essa vivência, sintetizada em um quadro de categorias fenomenológicas, que apresentou as qualidades sensíveis, gerou como achado um mapa síntese (Figura 2) indicando as atmosferas encontradas no ambiente da Capela. O conjunto de atmosferas encontradas na Capela, desperta sensações no espaço, conectando as pessoas através de qualidades materiais e imateriais – sensíveis – com o sagrado. Sensações de conexão com o lugar, concentração, reflexão, contemplação, acolhimento, expansão, são proporcionadas pelos acontecimentos e consequentes comportamentos determinados pelo lugar.

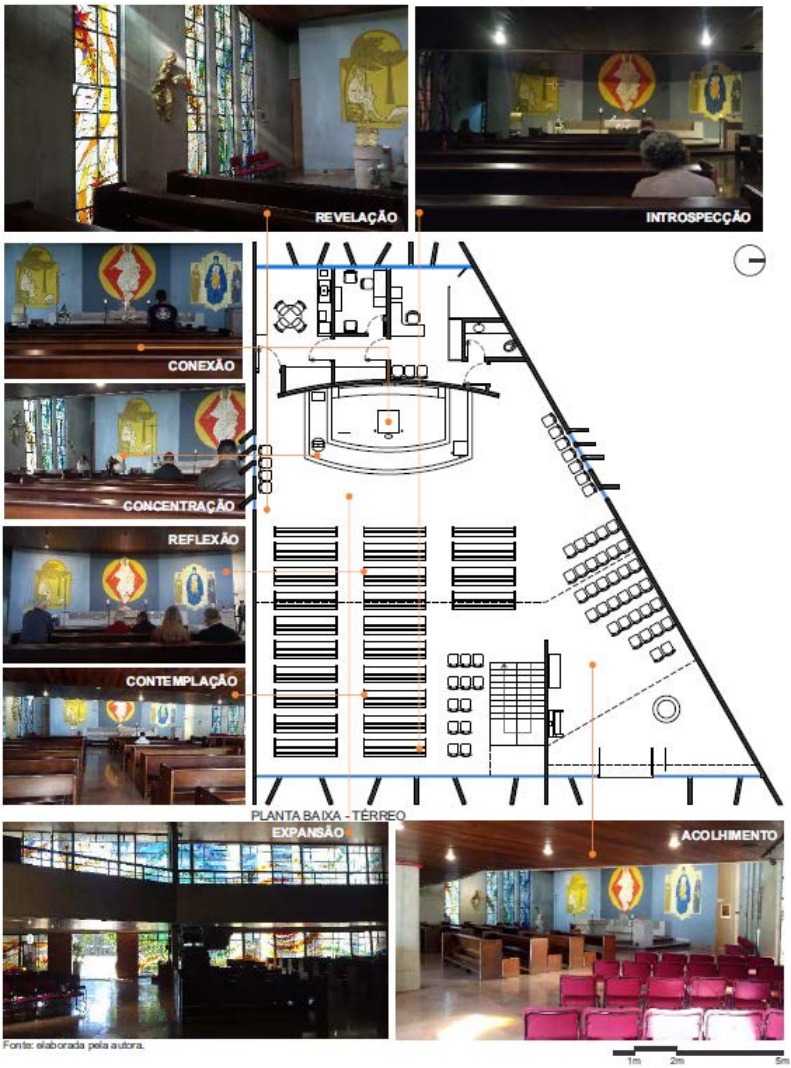


Figura 2 - Mapa síntese das atmosferas presentes no ambiente da Capela. Fonte: autoras (2019).

O conjunto de atmosferas encontradas na Capela, desperta sensações no espaço, conectando as pessoas através de qualidades materiais e imateriais – sensíveis – com o sagrado. Sensações de conexão com o lugar, concentração, reflexão, contemplação, acolhimento, expansão, são proporcionadas pelos acontecimentos e consequentes comportamentos determinados pelo lugar.

4.2. Achados interpretativos gerais

Os achados gerais, consideraram as contribuições que podem ser encontradas tanto no espaço do estudo como em outros espaços. A partir do estudo da fundamentação teórica e com base nos principais autores que apoiaram o estudo, Pallasmaa (2011), Zumthor (2009) e Holl (2011), entendemos a fenomenologia e sua relação com a arquitetura como as experiências que uma pessoa possui ao vivenciar um lugar por meio de sua percepção, constatando que "a arquitetura cria estruturas e horizontes para percepção, experiência e entendimento e, consequentemente, em vez de ser o produto final, tem um papel essencialmente mediador" (Pallasmaa, 2018, p.105).

Questionamos como projetar a relação das pessoas com o espaço, com o objetivo de investigar a arquitetura como experiência, buscando interpretar a relação entre rito e arquitetura através das atmosferas do lugar. A intenção foi responder à pergunta por meio de observações dos materiais e objetos e sua relação com as pessoas e atividades.

Mas percebemos que além deles, eram as qualidades intangíveis do lugar que propiciavam as atmosferas do espaço, ou seja, um conjunto de atributos, materiais e imateriais, davam sentido, por meio da arquitetura, às atividades que ali aconteciam. Como resposta, temos que a relação entre rito e arquitetura – através das qualidades sensíveis – expressam as atmosferas do lugar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho estivemos investigando a arquitetura como experiência, interpretando a relação entre rito e arquitetura através das atmosferas do lugar. Através do estudo de caso da Capela e do apoio do autor do projeto, revelaram-se as atmosferas do lugar por meio de uma leitura sensível, que considerou as qualidades do ambiente e as dinâmicas das pessoas. Como principal consideração, constatamos que o experienciar da arquitetura se dá através das atmosferas do lugar, reveladas por características materiais e imateriais do lugar, por meio da relação entre arquitetura e rito.

6. BIBLIOGRAFIA

Almeida, MM (2001). Da Experiência Ambiental ao Projeto Arquitetônico (tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Araújo, CSF (2009). Apresentação. Em Moraes, FF, O Espaço do Culto (pp. 9-11). Loyola.

Bollnow, OF (2008). O Homem e o Espaço. UFPR.

Bula, NN (2015). Arquitetura e Fenomenologia (dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Cazeneuve, J (1985). Sociologia do Rito. Res.

Cerbone, DR (2014). Fenomenologia. Vozes.

Heidegger, M (2002). Ensaios e Conferências. Vozes.

Holl, S (2011). Cuestiones de percepción. Gustavo Gili.

Holl, S (2016). El Croquis: Steven Holl. Em Zaera-Polo, A, Arquitetura em Diálogo (pp. 238-275). Ubu.

Ibelings, H (1998). Supermodernismo. Gustavo Gili.

Laville, C, & Dionne, J (1999). A Construção do Saber. Artmed.

Mccarter, R, & Pallasmaa, J (2012). Understanding Architecture. Phaidon.

Merleau-Ponty, M (1999). Fenomenologia da Percepção. Martins Fontes.

Otto, R (1985). O Sagrado. Imprensa Metodista.

Pallasmaa, J (2011). Os Olhos da Pele. Bookman.

Pallasmaa, J (2018). Essências. Gustavo Gili.

Rapoport, A (1984). Introdução à Arquitetura. Campus.

Rasmussen, SE (1998). Arquitetura Vivenciada. Martins Fontes.

Richardson, R (1999). Pesquisa Social. Atlas.

Sokolowski, R (2000). Introdução à Fenomenologia. Loyola.

Zumthor, P (2009). Pensar a Arquitetura. Gustavo Gili.

Zumthor P (2006). Atmosferas. Gustavo Gili.

R34

RECIFE, AMBIANCES, AND STUBBORNNESS: A RECOGNITION OF THE EXISTING AMBIANCES IN THE FILM "AMOR, PLÁSTICO E BARULHO" (2015)

RECIFE, AMBIÊNCIAS E TEIMOSIA: UM RECONHECIMENTO DAS AMBIÊNCIAS EXISTENTES NO FILME "AMOR, PLÁSTICO E BARULHO" (2015)

Lígia Maria Mello Dias
Doutoranda em Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ligia.dias@fau.ufrj.br

Felipe Pereira Gonçalves
Mestrando em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco
felipe.pgoncalves@ufpe.br

ABSTRACT

A film production often has an intrinsic relationship with its setting or the city where it was produced. Through the movement-images (Deleuze, 1998) projected on screens, the viewer is able to evoke smells, sweat, recreate movements, and hear the sounds and noises of the environments. This article seeks to consider how the representation of urban ambiances from the experience of cinema as a device enhances the environmental and identity characteristics of its character-inhabitants, by taking ambiances as an indispensable instrument for the constitution of a situated subject. After all, the place is not just a collection of coordinates, but a juxtaposition of sensitive qualities that reveal the gesture by putting the body in motion (Thibaud, 2002). In this way, some ambiances of the city of Recife portrayed in *Amor, Plástico e Barulho* (2015) by Renata Pinheiro will be discussed, how they conform and affect the population that inhabits them.

KEYWORDS: brega. periphery. sounds. Ambiances. show

RESUMO

Uma produção cinematográfica possui, muitas vezes, uma relação intrínseca com o seu cenário ou a cidade onde foi produzida. Através das imagens-movimento (Deleuze, 1998) projetadas nas telas, o espectador é capaz de evocar cheiros, suor, recriar deslocamentos e escutar os sons e barulhos dos ambientes. Este artigo busca pensar sobre como a representação das ambiências urbanas a partir da experiência do cinema como um dispositivo que potencializa as características ambientais e identitárias dos seus personagens-habitantes, ao tomar as ambiências como um instrumento indispensável para a constituição de um sujeito situado, afinal, o lugar não é apenas um apanhado de coordenadas, mas uma justaposição de qualidades sensíveis que revelam o gesto ao colocar o corpo em movimento (Thibaud, 2002). Dessa maneira, serão discutidas algumas ambiências da cidade do Recife retratadas no filme *Amor, Plástico e Barulho* (2015) de Renata Pinheiro, como elas se conformam e afetam a população que as habitam.

PALAVRAS-CHAVE: brega. periferia. sons. Ambiências. show

1. INTRODUÇÃO

Uma produção cinematográfica possui, muitas vezes, uma relação intrínseca com o seu cenário ou a cidade onde foi produzida. No Recife, a história de amor existente entre o cinema e o espaço urbano é registrada através de diversas produções, dentre elas é possível destacar *Febre do rato* (2012) e *Amarelo manga* (2003) de Cláudio Assis ou *O som ao redor* (2013), *Aquarius* (2016), *Recife frio* (2009) e, mais recentemente, *Retratos fantasmas* (2023), todos dirigidos por Kleber Mendonça Filho.

As obras escancaram as relações entre o Recife e os seus habitantes ao mesmo tempo em que deixam registrados nas telas os encantamentos, abandonos e degradações da cidade. Através das imagens-movimento (Deleuze, 1998) projetadas nas telas o público é capaz de evocar cheiros, sentir suor, recriar deslocamentos e escutar os sons e barulhos dos ambientes. Ainda que as estratégias cinematográficas utilizem um superlativo das suas qualidades e imperfeições, ou até mesmo um humor que constrói a narrativa dessa ambiência por dissonâncias, essa potência do cinema revela o Recife que habita no imaginário coletivo.

Este artigo busca pensar sobre como a representação das ambiências urbanas a partir da experiência do cinema como um dispositivo que potencializa as características ambientais e identitárias dos seus personagens-habitantes, ao tomar as ambiências como um instrumento indispensável para a constituição de um sujeito situado. Dessa maneira, serão discutidas algumas ambiências da cidade do Recife retratadas no filme *Amor, Plástico e Barulho* (2015) de Renata Pinheiro, como elas se conformam e afetam a população que as habitam.

O filme se passa predominantemente em uma favela da zona sul da cidade e mostra o cotidiano de um grupo de pessoas que sonham em fazer sucesso através da música brega[1], uma preferência local. As situações urbanas construídas por essas ambiências registradas através das imagens-movimento provocam gestos dos seus personagens-habitantes e mostram como o lugar é carregado de qualidades responsáveis por dar corpo a essas pessoas. Afinal o lugar não é apenas um apanhado de coordenadas, mas uma justaposição de qualidades sensíveis que revelam o gesto ao colocar o corpo em movimento (Thibaud, 2002).

Para isso, pretende-se fazer um apanhado teórico que entrelace conceitos-chave que serão guias nessa observação do filme, tais quais ambiência e as suas qualidade sensíveis, pois eles são tomados aqui como expressão da vida urbana (Thibaud & Thomas, 2004), a questão do gesto como resultado de uma incorporação de uma ambiência e criação de identidade de um grupo (Rolnik, 2006) e a imagem-movimento (Deleuze, 1998) como a expressão da indivisibilidade do processo temporal de afetação, incorporação e expressão do espaço pelo sujeito. Segue-se um processo

1 Gênero musical surgido na periferia da cidade do Recife. Sua origem é caudatária do movimento da Jovem Guarda, perpetuada por artistas locais e considerada por alguns como de baixa qualidade, cafona, chinfrim, por isso sua denominação. Seu maior expoente talvez tenha sido o "rei" Reginaldo Rossi (DIARIO DE PERNAMBUCO, 2020).

reflexivo sobre as qualidades sensíveis das ambiências selecionadas no filme e suas relações com a identidade dos seus usuários. Utilizar o cinema como uma ferramenta de reflexão sobre as ambiências urbanas e os seus habitantes é uma maneira de utilizar uma expressão artística como instrumento ativo para pensar o habitar a cidade.

2. BREVE ENTRELAÇAMENTO TEÓRICO

Estar na cidade implica uma relação do sujeito com diversas características desse espaço, alguns constroem uma relação mais distante, desviam seus corpos dos jogos das ruas, esquinas e becos, enquanto outros constroem uma relação tão intrínseca que os limites entre o dentro e o fora, a casa e a rua se tornam nebulosos, deixam de existir (DaMatta, 1997). Talvez esse seja o caso da maioria dos moradores das favelas brasileiras que, devido a vulnerabilidade e precariedade habitacional, acabam por habitar a rua como uma extensão da sua intimidade. É isso que é observado no filme trabalhado neste artigo, um emaranhado de corpos enraizados nas ambiências urbanas. E o enraizamento aqui não é tomado como rigidez ou imobilidade, mas um movimento conjunto, uma coexistência profunda, no qual a ambiência habita o corpo na mesma medida em que esses corpos habitam esse espaço. Assim, para olhar as ambiências do filme *Amor, Plástico e Barulho*, primeiro será pensada como a ambiência é compreendida aqui neste texto, em seguida essa noção se cruzará com a questão identitária do habitar e da sua materialização no corpo. Enfim, o conceito de imagem-movimento do filósofo Gilles Deleuze (1998) será mobilizado como um caminho para olhar os movimentos e os barulhos existentes em cena.

Inicialmente, pode-se partir da ideia de ambiência como um caminho para pensar sobre como as características espaciais estão afetando os corpos não somente sob os aspectos sensíveis de um espaço (luzes, sons, cheiros), como também "sócio-culturais e físicos (a movimentação das pessoas, o suporte espacial)" (Duarte, 2013, p. 1). Dessa maneira, olhar para as cenas desenroladas em um filme para pensar as ambiências e a sua relação com os sujeitos é observar como as características sensíveis se sobrepõem nesse espaço, juntamente com o olhar voltado para o suporte arquitetônico e urbano mostrado e suas relações sociais. Além disso, vale a pena ressaltar como a ideia de ambiência urbana evoca a experiência sensível do sujeito e um tipo de urbanidade encarnada, a qual "assume diferentes formas dependendo da cidade escolhida (...). Em outras palavras, a ambiência permite distinguir e especificar modos de existência da cidade" (Thibaud & Thomas, 2004, p. 103).[2]

Para pensar sobre as ambiências que se conformam nos espaços urbanos alguns cuidados são necessários, entre eles a noção de que a ambiência urbana é "um processo, mais do que um estado, um devir mais do que algo dado" (Thibaud & Thomas, 2004, p. 113). Assim, olhar para as ambiências que se compõem na cidade

2 Traduzido pelos autores do francês: il en va du modèle d'urbanité tel qu'il s'incarne dans une ambiance. Si celle-ci prend des formes différentes selon la ville choisie (...). En d'autres termes, l'ambiance permet de distinguer et de spécifier des modes d'existence de la ville.

é refletir a partir de três camadas de conformação (Duarte, 2013; Thibaud & Thomas, 2004): o conjunto de suas modalidades do sensível; a articulação das dimensões sociais, espaciais e sensíveis; e a mobilização da emoção no sujeito. Ao entender e reconhecer uma heterogeneidade presente no espaço e nas experiências, mas também pontos de confluência.

A partir dessas camadas de reflexão sobre o espaço, ou seja sobre a ambiência e a afetação dos seus habitantes por suas qualidades ambientais, é possível vislumbrar construções de narrativas, as quais contam a história de um lugar e, mais importante, a história da relação das pessoas com esse lugar. Uma maneira de lançar um olhar sensível para o espaço e refletir sobre o processo de construção de uma corporeidade, uma identidade, na qual a ambiência é uma parte fundamental. "Trata-se de construir paciente e metodicamente os fios narrativos de uma determinada situação. Os fios que tecem uma leitura específica e popular, pois trata do cotidiano de cada um"[3] (Tixier, 2020, p. 292). E essa leitura parte justamente da relação do corpo com o espaço, da construção desses personagens que é - talvez seja até mesmo possível de afirmar - inseparável desse lugar.

Em uma pesquisa realizada na cidade de Salvador, na Bahia (Thomas, 2012), foi pensado um método através da utilização do vídeo para dar corpo a um ambiente asseptizado, uma ambiência que passava por um contexto de forte monitoramento das forças de segurança. É interessante trazer esse exemplo aqui para indicar mais uma vez essa coexistência corpo e espaço e chamar a atenção para os instrumentos de controle de um lugar a partir do monitoramento corporal. Dessa forma, nas favelas brasileiras, esses espaços que nascem de composições de malhas espontâneas, construídas a partir de muita luta e resistência, o controle acontece de maneira distinta da cidade formal. Talvez, esteja aí a liberdade encontrada nos corpos que habitam essas ambiências para costurar o íntimo com o público. Inclusive com a possibilidade de moldá-las ao seu bem querer através de suas características sensíveis e relações sociais. No caso do filme aqui trabalhado, o som - ou o barulho - é esse fio condutor de resistência, identidade, característica ambiental e espaço.

Tudo isso é aqui apreendido a partir do conceito potente para pensar sobre o cinema de imagem-movimento (Deleuze, 1998) visualizado na tela. A imagem-movimento parte da ideia de uma indivisibilidade da ação, do gesto, ou seja, do fazer do corpo e todas as características ambientais que o acompanham e o constituem. Pensar sobre o filme *Amor, Plástico e Barulho* a partir da dimensão da ambiência é pensar em toda uma constituição ontológica do morador da periferia do Recife, que nessa indivisibilidade do cotidiano é retratado em todo o seu potencial sonoro. Dessa forma, o texto parte para uma reflexão mais aprofundada do filme trabalhado a partir da construção de um fio narrativo (Tixier, 2020) entrelaçando com esses pontos de reflexão teórica aqui apresentados as cenas que registram a vida dos personagens e as ambiências

3 Traduzido pelos autores do inglês: It is about patiently and methodically building the narrative threads of a given situation. The threads that weave a specific and popular reading, as it deals with everyone's daily life.

habitadas. Uma tentativa de aproximação dessa constituição tão complexa de sujeitos e espaços, mas ao mesmo tempo tão atraente como os seus barulhos.

3. HABITAR NO BARULHO: O SOM COMO UMA COSTURA ENTRE AMBIÊNCIAS E CORPOS

Antes mesmo de pela imagem, o filme *Amor, Plástico e Barulho* se inicia pelo som, em um movimento inverso ao próprio título da obra. Enquanto os realizadores são exibidos em um fundo preto, o brega toma conta dos ouvidos dos espectadores que já antecipam alguns cenários, sejam eles de natureza estética, social, econômica ou espacial, os quais começam a dar o tom das ambiências que serão retratadas. O som, no entanto, não é nítido. Ele é reverberado em um ambiente específico: enquanto o *brega-funk*[4] toca, ao fundo escutamos barulhos de conversas, passos, carros de som fazendo propagandas, gemidos, vômito, escarros, descarga e água corrente. Em um banheiro precário de meia parede de azulejo amarelo pouco saturado, quase desbotado, reboco inacabado e louça marrom, duas mulheres usando roupas curtas, reveladoras, baratas e brilhantes são descortinadas. Jaqueline, uma cantora de *brega* que alcançou relativo sucesso em declínio e Shelly, uma admiradora e ambiciosa dançarina que deseja seu minuto de fama compartilham o vaso sanitário e o espelho e sincronizam o gesto de retoque no batom (Figura 1). O banheiro da casa de *show* onde talvez alguns minutos atrás possa ter recebido apresentação da banda *Amor com veneno* fica, sem sombra de dúvidas, em algum lugar de muito pouco privilégio na cidade do Recife, onde a trama se passa.

Figura 1. Shelly e Jaqueline.
Fonte: Filme Amor, Plástico e Barulho (2015).

4 Gênero musical que deriva do brega incorporando alguns elementos do funk carioca, como a batida eletrônica.

O início do filme já anuncia a confusão de camadas responsáveis por compor as ambiências desse bairro da periferia da zona sul do Recife. O entrelaçamento entre características sensíveis e relações sociais compõem um espaço que representa a realidade de muitas áreas periféricas da cidade do Recife, espaços esses responsáveis por impregnar nos corpos dos seus habitantes e criar praticamente uma ontologia própria guiada pelo som. Alguns do brega - como no caso do nosso filme - outros das igrejas protestantes, dos carros de som ou das conversas. A briga pelo privilégio de ser escutado é forte nesses espaços e o filme a retrata bem, tanto ao sobrepor os sons urbanos nas cenas, como na disputa entre as personagens principais Jaqueline e Shelly para serem a próxima voz do brega. Observar esses barulhos ou fenômenos de superfície (Thibau e Thomas, 2004) é começar a desvelar as ambiências desses espaços a partir da tensão entre o clima físico e o clima social.

A casa da produtora *Cia do Amor* (responsável por gerir a carreira de artistas do *brega*), onde moram as protagonistas e alguns dos integrantes da banda *Amor com Veneno* fica localizada em uma periferia da zona sul da cidade do Recife próxima ao Parque dos Manguezais, no bairro do Pina. É nesta residência/pensão, que funciona como uma espécie de centro de treinamento de imersão, onde o grupo convive e ensaia antes de suas apresentações. Os quartos dos moradores são simples, mal iluminados e até têm carência de ventilação natural. A cama de Jaqueline é seu colchão no chão, a cortina de Shelly é um lençol estampado. Tudo isso é conectado por um corredor externo onde existe um sofá azul e que liga os cômodos enfileirados à rua. Um movimento linear em direção ao espaço público costurado por sons de vassouras arranhando o chão, músicas tanto utilizadas nos ensaios quanto para trilha sonora da faxina, a televisão ligada e uma senhora, a gestora do espaço, que sempre cantarola hinos evangélicos ao realizar os seus serviços diários.

O bairro, como muitos outros das periferias brasileiras, é composto de um traçado irregular, orgânico. Suas ruas são estreitas, em alguns momentos aparecem quase sem calçadas com o avanço das construções sobre o espaço público. Muitas residências ainda guardam a aparência do tijolo de barro de oito furos, sem retoques, às vezes somente uma pintura de cal é suficiente. Outras "se atualizaram" e são revestidas por materiais impermeabilizantes para combater a umidade e a maresia. A densidade é alta. Muitas edificações são conjugadas, dividem a mesma parede, sem recuos, muitas delas atingem dois e outras alcançam até quatro pavimentos. Do jeito como a configuração se dá, os barulhos se confundem. É possível que os vizinhos escutem uns aos outros. Suas músicas, conversas, brigas, festas, comemorações, até as televisões na hora do programa de auditório *Brega Show,* em que a banda *Amor com Veneno* se apresenta[5]. Na rua, os comerciantes locais utilizam carros, motos ou bicicletas de som para realizar propaganda, informar promoções e atrair clientela. A vida é agitada na periferia. As pessoas estão na rua indo ou voltando do trabalho, fazendo compras na venda mais próxima, encontrando os vizinhos e parando para

5 Paródia de alguns programas que eram veiculados na programação vespertina da televisão recifense como Tarde Legal com Marcos Silva, da TV Nova Nordeste, e o Muito Mais, da Tv Jornal, afiliada ao SBT.

uma conversa casual, as crianças estão correndo, andando de bicicleta ou jogando bola. Cadeiras nas calçadas não são incomuns. O final da tarde, com a temperatura e claridade mais amenas, parece ser um bom momento para colocar algum assunto em dia com quem passa ou apenas para observar o movimento, um hábito corrente em cidades do interior.

Importante apontar um aspecto interessante na obra de Renata Pinheiro, a diretora decidiu, não deliberadamente, incluir um comercial de televisão da construção de um novo empreendimento comercial do grupo JCPM, "onde o Capibaribe se encontra com o Atlântico, nasce o maior presente que a cidade já ganhou, o mais belo *shopping* do Brasil, o *shopping* Rio Mangue"[6]. Para além do *merchandising*, o filme traz imagens da construção do empreendimento enquanto a personagem Shelly caminha de volta para casa depois de ir às compras. A imagem da massividade, imponência e grandiosidade dos diversos pavimentos de estacionamento em contraste com as construções simples do entorno enquanto trabalhadores da obra retornam aos seus afazeres é complementada pelos sons de estaca, batidas de martelos, máquinas, motores e conversas ao fundo.

A imagem do contraste entre a produção do mercado imobiliário e a composição informal da cidade é repetida novamente ao incluir o momento de lazer do trio Jaqueline, Shelly e Rubi, o coreógrafo da banda que tinge os pelos de loiro, na praia do Pina[7] quando enquadra os personagens em primeiro plano enquanto ao fundo vemos as edificações simples da favela e um edifício em altura moderno de fachada em vidro, uma torre corporativa, mais um empreendimento do grupo JCPM. "Segunda-feira é só pobre na praia, já repararam? Garçom, cabeleireiro e manicure" (Figura 2). Assertivamente, a diretora inclui o processo de transformação pelo qual a cidade do Recife passa no momento que desenrola sua história. Para além de sua produção musical, a periferia está no centro das discussões urbanas, sob os holofotes de investidores imobiliários, políticos e estudiosos.

6 O shopping na cidade do Recife se chama, na verdade, Rio Mar. entro de cada

7 É conhecida na cidade por ser o local de lazer de pessoas de baixa classe social. O responsável por isso se deve ao fato de que os valores cobrados pelos comerciantes nas areias são mais acessíveis em relação às do seu vizinho, bairro de Boa Viagem, e sobretudo, existir um estigma devido à proximidade com a comunidade de Brasília Teimosa caracterizada como Zona de Interesse Social pelo Plano Diretor do Recife.

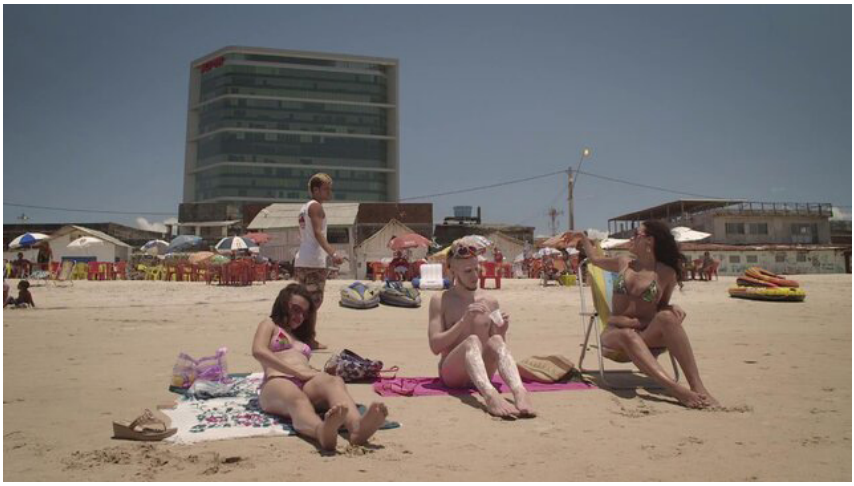


Figura 2. "Segunda-feira é só pobre na praia".
Fonte: Filme Amor, Plástico e Barulho (2015).

Essa contradição é repetida ao serem retratadas as festas e os bares nas quais os personagens circulam, pois parecem acontecer em espaços igualmente periféricos em que o mobiliário são cadeiras e mesas de plástico, assim como os copos. A calçada e a rua se transformam em extensão desses espaços, nelas comerciantes informais aproveitam o movimento gerado pelas atrações e dispõem "carrinhos de cachorro quente e de espetinho - todos oferecendo cerveja barata a R$ 1,50 (o latão de 500 ml)" (Soares, 2012, p.56). A dualidade entre os espaços formais produzidos por um mercado imobiliário e os espaços informais tange tanto as ambiências construídas, como o corpo dos personagens, os quais vivem nessa contradição desejante de um *status* social conquistado através da produção da música *brega*, um ritmo periférico difundido na cidade mas estigmatizado por sua elite econômica.

A negação da cultura do *brega* pela classe abastada talvez se dê pelo seu alto teor sensual/sexual. As letras das músicas muitas vezes ultrapassam os amores e desejos platônicos e evocam gemidos, duplos sentidos ou até mesmo imagens eróticas como no refrão da música *Babydoll* de Michelle Melo e Banda Metade "E Quando você toca em mim ah ah ah ah/Eu fico toda molhada/Te juro fico logo afim ah ah ah ah/Eu fico arrepiada". A atmosfera do clube noturno onde o *brega* é atração é sexualizada ainda pelos espaços dos clubes noturnos onde o flerte, o toque, o cheiro, a troca de olhares, a dança, o esfregado são estimulados e incentivados pelos gestos, pelas roupas reveladoras, pelas letras das canções e pelos espaços mínimos. Não por acaso Pinheiro usa uma suave transição entre um beijo de Shelly e Allan em uma pista de dança de uma casa de *show* para a cama de um motel onde consumam o ato pela primeira vez.

4. CONCLUSÃO

As imagens-movimento projetadas pelo filme expressam a partir da sua indivisibilidade do gesto construído junto aos espaços cruzados tanto pela cidade, como pelos imóveis privados uma dicotomia entre formal e informal, o desejo por uma constituição ontológica igualmente contraditória no que diz respeito a *status,* poder, sexo e fama. Tudo isso é costurado por sons, barulhos, os quais caracterizam e potencializam as ambiências de tal forma que toda essa contradição constitui uma identidade da periferia da cidade do Recife. Reconhecendo suas alteridades, mas sobretudo uma coletividade.

O exercício de pensar a cidade a partir de suas ambiências é uma oportunidade para relacionar as características sensíveis de um espaço com suas relações sociais e culturais e lançar esse olhar a partir de um filme constrói a possibilidade de refletir profundamente sobre questões relacionadas ao habitar essas ambiências e o que as constituem no seu cerne. Dessa forma, o filme *Amor, Plástico e Barulho* se mostrou um suporte interessante para conduzir essa narrativa situada e pensar sobre a constituição da identidade coletiva de moradores das periferias da cidade do Recife, mais precisamente na favela do Bode, no bairro do Pina. É importante chamar atenção para a maneira como essa narrativa caracteriza um grupo sem desconsiderar as suas alteridades e muito disso é feito a partir do som.

Essa característica marcante das ambiências apresentada e trazida já desde o título do filme - o barulho - é a responsável por construir uma coletividade ao mesmo tempo em que mostra suas diferenças. O barulho foi considerado aqui como a principal característica dessas ambiências, é possível afirmar que ele dá o tom a todas as outras camadas que as compõem, sejam elas as precariedades ambientais, as transformações espaciais, a existência dos personagens nas cenas. Assim, os diferentes sons que acompanham as imagens-movimento constituem uma ambiência coletiva, a do barulho, mas cada som representa uma singularidade. A estaca que constrói um novo edifício, um trator que destrói edificações, uma senhora que canta músicas cristãs, um grupo que ensaia uma coreografia ao som do brega, as crianças que brincam na praia. A confusão composta pelos diversos sons representa a identidade dessa ambiência coletiva, ao mesmo tempo em que mostra a singularidade dos seus habitantes.

Usar o entendimento do que é uma ambiência com toda a sua complexidade e potência em conjunto com esse olhar lançado para um filme se apresentou como um caminho rico para pensar sobre a cidade. Talvez começar a reconhecer essas características espaciais e sociais a partir de um olhar sensível, o da ambiência, pode contribuir para pensar alternativas para as precariedades existentes nessas periferias sem desconsiderar o que constitui a sua identidade.

5. REFERÊNCIAS

DaMatta, R. (1997). A casa e a rua. Rocco.

Deleuze, G. (1998). L'Image-mouvement: cinéma 1. Les Éditions de Minuit.

Recife comemora o Dia Municipal da Música Brega. Conheça a história do ritmo. *https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/02/recife-comemora-o-dia-municipal-da-musica-brega-conheca-a-historia-do.html#:~:text=O%20ritmo%20surgiu%20em%20uma*.

Rolnik, S. (2006). Cartografia sentimental. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Soares, T. (2012). Conveniências performáticas num show de Brega no Recife: Espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriguetes e cafuçus. Em Revista Logos: Comunicação e Entretenimento: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens. Vol. 19, Nº 1.

Thibaud, JP e Thomas, R. (2004). L'ambiance comme expression de la vie urbaine. Cosmopolitiques. Cahiers théoriques pour l'écologie politique, n. 7. p. pp. 102-113. *https://archive.boullier.bzh/cosmopolitiques_com/cosmopolitiques_com_archive_boullier_bzh_Thibaud%20et%20Thomas%207.pdf*.

Tixier, N. (2020) Heritage/Fiction. For a retro-prospective of dwelling-in-ambiances. In: Proceedings of the 4th International Congress on Ambiances, Alloaesthesia: Senses, Inventions, Worlds. Réseau International Ambiances. p. pp. 290-295. *https://hal.science/hal-03220312/*.

Thomas, R; Da Rocha, M.I.C.M. e Júnior, O.A.W (2012). Fazer corpo, tomar corpo, dar corpo às ambiências urbanas. Redobra, n. 10, p. 86-93. *https://shs.hal.science/halshs-04628722/document*.

R34

SUTURE OF MEMORIES: A PHENOMENOLOGICAL APPROACH TO THE BERLIN WALL MEMORIALSPAZIEREN IN BERLIN

SUTURA DE MEMÓRIAS: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO MEMORIAL DO MURO DE BERLIM

Niuxa Dias Drago
Doutora
UFRJ/FAU/DHT/PROARQ
niuxadrago@fau.ufrj.br

Daniella Martins Costa
Doutora
UFRJ/FAU/DHT/PROARQ
daniella.martins@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This paper focuses on the Berlin Wall Memorial (1998-2012) located on Bernauer Strasse, in the city center. We will approach the phenomenological experience through the path that crosses the Memorial and leads to the invigorating experience of the Mauer Park, with the assistance of Norberg-Schulz (1973) and Pérez-Gómez (2016) concepts. We aim to understand how the project transforms the generic idea of the Wall into a concrete experience for tourists and new generations of Berliners, capable of evoking existential meanings. We use the real or narrated presence of three elements - the wall, the tower and the earth - to analyze this place of memory conquered from the violent real estate speculation that tends to occupy every gap in the city.

KEYWORDS: Berlin Wall Memorial. Urban Memory. Phenomenological Experience

RESUMO

Este trabalho debruça-se sobre o Memorial do Muro de Berlim (1998-2012) localizado na Bernauer Strasse, no centro da cidade. Abordaremos a experiência fenomenológica do percurso que atravessa o Memorial e desemboca na revigorante experiência do Mauer Park, com auxílio de conceitos desenvolvidos por Norberg-Schulz (1973) e Pérez-Gómez (2016). Pretende-se entender como o projeto transforma a ideia genérica do Muro numa experiência concreta para os turistas e as novas gerações de berlinenses, capaz de evocar significados existenciais. Utilizamos a presença real ou narrada de três elementos - o muro, a torre e a terra - para analisar este lugar de memória conquistado à violenta especulação imobiliária que tende a ocupar todas as brechas da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memorial do Muro de Berlim. Memória Urbana. Experiência Fenomenológica

1. INTRODUÇÃO

Pivô da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi laboratório das duas grandes ideologias que existiam por trás dos conflitos do século XX: o neoliberalismo capitalista e o comunismo de Estado. Após o fim da guerra, o país foi dividido entre as quatro potências vencedoras: Inglaterra, França, Estados Unidos e União Soviética. Os soviéticos tomaram a parte oriental do território, dentro do qual estava a cidade de Berlim, também dividida em quatro setores. Com o acirramento da Guerra Fria, e unificação dos três setores ocidentais da cidade, o governo da então República Democrática da Alemanha, ameaçada pelo enclave capitalista dentro de seu território, e pela emigração de seus habitantes, iniciou a construção de uma barricada impedindo o trânsito de seus cidadãos para a Berlim ocidental, de onde podiam voar para os países do bloco capitalista da Europa. Essa infame barreira que dividiu a cidade ficou mundialmente conhecida como “Muro de Berlim”, e existiu

na paisagem de uma das maiores capitais da Europa entre 1961 e 1989, quando foi demolida durante a unificação da Alemanha.

Tratava-se, na verdade, de dois muros paralelos de concreto entre os quais uma faixa de "vazio" foi criada para interposição de obstáculos, torres de vigia, pista de ronda policial e postes de iluminação, criando um rasgo no tecido urbano da cidade. Este rasgo derrubou casas, interrompeu vias e atravessou até mesmo um cemitério, obrigando ao translado de sepulturas. A violência e aleatoriedade do traçado que cortou o exato coração de Berlim, via de regra diagonal à sua morfologia, está gravada em linhas que seguem estampadas no piso das principais vias e praças com a inscrição "Berliner Mauer". Diversos antigos módulos de concreto do muro podem ser vistos em diferentes partes da cidade, como na Potsdamer Platz, na Alexanderplatz e, em especial, no que ficou conhecido como East Side Gallery, com o maior trecho de muro preservado, onde grafites restaurados lembram a barreira que a população transformou em mural artístico.

Além destes, o mais relevante projeto sobre a memória da divisão desenvolveu-se entre 1998 e 2012, ao longo da antiga área do muro na Bernauer Strasse, (Ladd, 2018) num memorial construído em diferentes etapas. A primeira intervenção reconstruiu um trecho do muro, que deve ser visto desde o terraço do centro de documentação, onde também há uma exposição. Esta intervenção foi acrescida de outras, como a reconstrução da Capela da Reconciliação, transformando a faixa ainda desocupada do antigo vazio entre muros num parque de memórias. Este complexo memorial segue por cerca de 1,5 Km até se juntar ao Mauer Park, um grande parque urbano criado pela população após a queda do muro, com mutirões de plantação de árvores e ocupação por feiras.

2. BERLIM E SUAS VÁRIAS CAMADAS

As origens da cidade de Berlim remontam ao século XIII, (Balfour, 1990) e ela passa por diversas reconfigurações e expansões políticas e territoriais em sua história. Logo em seus primórdios, se une à vizinha, a pequena Cöln, (Stöver, 2012) dando origem à região que hoje conhecemos como Mitte, o centro antigo da cidade. Outros pequenos povoados vão sendo anexados à cidade, mas ela só ganha ares de capital em 1871, com a unificação da Alemanha sob o Império Prussiano. (Stöver, 2012; Adam, 2023) O século XIX trouxe para Berlim, como em outras capitais europeias, grandes transformações. O desenho da cidade sofreu intervenções drásticas, materializadas pela abertura de grandes boulevards, e celebradas no desenho perfeitamente ortogonal sobre a malha urbana antiga.

Após a 1a Guerra Mundial, em 1919, nasce a breve República de Weimar, mas a cidade leva um tempo para começar a se figurar uma grande metrópole mundial. (Stöver, 2012) A euforia dura até a primeira metade do século XX quando, a partir de 1933, o Partido Nazista sobe ao poder com a ideologia oficial do Nacional-Socialismo, que

fragmenta a imagem da Berlim cosmopolita. (Seldin, 2015) Esse capítulo da história alemã deixa marcas profundas em Berlim. Como resultado dos anos na 2a Guerra Mundial, a cidade perde capacidade de produção industrial local, muitas vidas, e cerca de 1,5 milhões de habitantes ficam sem casa. (Seldin, 2015; Stöver, 2012) Mais de um quarto de todos os edifícios da cidade foram destruídos ou danificados gerando aproximadamente 75 milhões de toneladas de detritos. (Moss, 2020).

Com o fim da 2a Guerra Mundial, a Alemanha foi dividida entre os aliados vencedores: Inglaterra, França, Estados Unidos e União Soviética. Pouco tempo depois, em 1949, nasceram a República Federal da Alemanha (RFA, a oeste, juntando os territórios das potências ocidentais e sob domínio militar dos Estados Unidos) e a República Democrática Alemã (RDA, a leste, sob domínio militar da União Soviética). Em 1953, aconteceu o primeiro levante popular da RDA, resultando em 39 pessoas mortas por tropas soviéticas. (Schwochow, 2023) O levante teve como resposta a restrição da circulação dos alemães do leste para o ocidente, acusado de ter implantado insufladores na sublevação para desestabilizar o governo da RDA. Berlim ocidental, um enclave da RFA dentro do território da RDA, transformou-se, então, num portal para atingir o ocidente por avião - já que contava com dois aeroportos - ou pelas autopistas e ferrovias autorizadas que a ligavam ao território da RFA.

As restrições para circulação entre as partes oriental e ocidental de Berlim foram se impondo fisicamente, inicialmente com rolos de arame farpado e barricadas, e finalmente com a construção de um "muro", iniciada em 1961. Nas zonas rurais, foram usados cercas, barricadas e cães de guarda, mas, na zona urbana, a vigilância era intensa. Muros de concreto fecharam a passagem através de ruas e nas bordas do rio Spree, e as casas "no caminho do muro" foram inicialmente lacradas e posteriormente derrubadas, conforme se criava a faixa de segurança que impedia os orientais de se aproximarem do muro. Nesta faixa, foram construídas torres de vigia, postes e holofotes, barricadas, cercas elétricas e vias de patrulha. Em 1989, quando o muro caiu, 12.000 homens e 500 cães patrulhavam a faixa de fronteira e 274 torres de vigia cercavam Berlim Ocidental. 75 túneis subterrâneos haviam sido cavados e 132 pessoas haviam morrido tentando atravessar a barreira. A linha de 160 km percorrida pelo "muro" continha 45 mil módulos de concreto pré-fabricados. Esses módulos, de 2,75 toneladas e 3,5 metros de altura, formavam a linha mais externa da faixa de proteção que fraturou a cidade, e eram vistos apenas pelos habitantes da Berlim Ocidental. (Schwochow, 2023)

Essa faixa de "cidade morta" tinha entre 50 e 150 metros de largura, atingindo sua largura máxima na região entre a Potsdamer Platz e o Portão de Brandemburgo, dois dos portões de acesso à antiga cidade, e áreas ainda muito emblemáticas. Significa dizer que a fratura dividia a cidade no limite do seu centro antigo, buscando desestruturar o território e as memórias da nação alemã, e fazendo com que a cidade se reconfigurasse mais uma vez. A parte oriental ficara com o núcleo mais antigo, gerando um "centro periférico" e o lado ocidental precisava inventar um novo foco

para as atividades centrais. Assim, a recente e elegante avenida Kurfüstendamm e o entorno do Zoológico da cidade ganharam status de "símbolos da vida na cidade" ocidental. (Adam, 2023, p.121)

3. JUNTANDO FRAGMENTOS (OU, OS SIGNIFICADOS DO MURO)

O Muro de Berlim provocava um apartamento, o isolamento de um enclave não desejado num território onde, ao contrário dos preceitos capitalistas, a circulação e a comunicação livres não eram valorizados. Ao contrário das antigas muralhas que protegeram Berlim até 1860, das quais um pequeno trecho está ainda preservado perto da Alexanderplatz, o muro não foi construído para proteger a população dentro dele, mas para isolar num gueto os habitantes considerados "perigosos". Invertia, assim, o dentro e o fora, e o significado primitivo da muralha citadina. Talvez cientes desse desvio, as autoridades orientais jamais se referiam à estrutura como "muro", mas como "barreira de segurança antifascista". (Ladd, 2018, p.18) O uso do muro pelas autoridades ocidentais não era também desprovido de certa crueldade, já que preferiram explorar sua imagem como propaganda anticomunista, ao invés de negociar para impedir sua construção. (*idem,* 22)

Durante os anos em que existiu, o discurso oficial dos poderes políticos que ali se confrontavam entendia o muro também como uma "barreira temporal". Enquanto os orientais o justificavam para manter distantes as "atávicas forças do Ocidente" numa continuação da luta da classe trabalhadora contra a burguesia, os ocidentais identificavam o muro como um símbolo do autoritarismo e "o líder comunista da Alemanha Oriental, Walter Ulbrich, como um sucessor de Hitler". Assim, "Tanto o Leste quanto o Oeste concordavam que o muro era uma barreira temporal, dividindo o passado do presente, e que do outro lado estavam os herdeiros não redimidos de Hitler." (*idem,* p.23) Dentro deste contexto, as mortes, tanto para escapar do muro quanto para protegê-lo, foram relembradas em suas bordas, transformando o muro, precocemente, numa espécie de memorial.

Ironicamente, o muro também serviu para resgatar a imagem alemã no ocidente. "Os cidadãos da cidade dividida eram as mais proeminentes vítimas da Guerra Fria. O sofrimento dessas vítimas redimiu todos os alemães." (*idem,* p.29) O muro pôde transformar-se num símbolo do nacionalismo alemão em busca da reunificação de sua população, ou do resgate dos alemães sob o totalitarismo comunista, e era o único nacionalismo possível sem remexer memórias e temores recentes. O muro deu ainda, às potências ocidentais, a oportunidade de responsabilizar exclusivamente a URSS pela arbitrária divisão da Alemanha após a guerra. Seja como for, ele permitiu ressignificar as cicatrizes da guerra e manter acesa a esperança de uma nova reconfiguração da cidade e do país. Voltando a encontrar-se, os habitantes das duas Berlins – e das duas Alemanhas - encontrariam o ponto comum de sua comunidade, algo que haveria de ter resistido ao totalitarismo soviético e à globalização do

consumo e da cultura capitalista (especialmente norte-americana). O escritor oriental Lutz Rathenow classificou o muro como um "zipper", que ligava os alemães, ainda que os dividindo. (*idem*, p.30)

4. MEMÓRIAS DO MURO

No final dos anos 1980 o "bloco comunista" mostrava sinais de enfraquecimento, o que levou à abertura política e eleições livres nos países que compunham a então chamada "cortina de ferro": Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Bulgária, Romênia e Alemanha Oriental. Numa histórica noite de novembro de 1989, o Muro de Berlim simbolicamente "caiu" e começou a ser derrubado pelos habitantes dos dois lados da cidade. Os governos das duas Alemanhas assinaram o acordo de unificação em outubro de 1990 e a própria União das Repúblicas Soviéticas chegaria a um fim em 1991.

Durante os primeiros anos da reunificação, o ímpeto de destruição do Muro era absoluto e seus pedaços começaram a ser guardados ou vendidos como relíquias, sendo ainda hoje possível comprá-los em lojas da cidade. Dois anos depois da queda, como já era difícil identificar onde a barreira havia estado, surgiram as primeiras ideias de preservação. Parecia ainda cedo, no entanto, para definir o significado do muro na Alemanha recém-unificada e conceituar um memorial. Ladd (2018) expõe as controvérsias de discursos nacionalistas que consideravam o muro uma prova da "inquebrável unidade do povo germânico" que a ele resistiu (Berliner Morgenpost *apud* Ladd, 2018, p.32), ou mesmo a ironia das camisetas impressas quando a euforia da reunificação assentou, com os dizeres "quero meu muro de volta", revelando os conflitos entre "Ossis" e "Wessis" no novo mercado de trabalho alemão.

Preservar o Muro significava definir significados e valores que se desejava remeter ao futuro, numa cidade onde a identidade e a história permanecem em disputa. Enquanto o tempo não ajudava a definir esses valores, partiu do Deutsches Historisches Museum a iniciativa de preservar uma seção do muro e sua faixa de proteção: módulos de concreto, cercas, poste de luz, arames farpados e torres foram desmontados e guardados, com o objetivo de serem posteriormente remontados, e essa foi a semente do Memorial do Muro na Bernauer Strasse (*idem*, p.33), o maior dos diversos memoriais hoje existentes.

Atualmente, todo a fronteira do muro está transformada numa trilha circular da capital alemã. A "Trilha do Muro" (Mauerweg) é um trajeto de 160 Km, que pode ser percorrido a pé ou de bicicleta. O projeto, executado entre 2002 e 2006, é dividido em 14 trechos onde foram protegidos os restos de 16 torres de vigilância e diversos pedaços ainda existentes do antigo muro. Jardins, totens informativos, memoriais aos mortos e desenhos de piso que recompõem a fronteira foram instalados ao longo da trilha. Segundo o website do projeto, "Trechos de interesse histórico, onde ainda se encontram restos ou vestígios do Muro, alternam-se com percursos

panorâmicos que evocam a alegria da unidade recuperada do país." A trilha unifica diversos monumentos, como a East Side Gallery, os restos de módulos do muro em Potsdamer Platz e Leipziger Platz, os Checkpoints, restos do muro junto ao complexo "Topografia do Terror", os módulos do muro no MauerPark e o Memorial do Muro em Bernauer Strasse, de que tratamos, e que foi fruto de um concurso internacional realizado em 1994.

5. O MEMORIAL DO MURO DE BERLIM NA BERNAUER STRASSE

O local escolhido para a construção do memorial é, curiosamente, um dos poucos trechos da cidade em que o Muro margeava uma rua (a Bernauer Strasse) por cerca de 1,5 Km, tornando-se, do lado ocidental, um elemento quase naturalizado, como o muro de uma ferrovia ou uma barreira natural. Já do lado oriental, os edifícios que davam sobre a Bernauer Strasse tiveram, inicialmente, suas portas frontais lacradas. Das janelas, os orientais ainda podiam ver os bens e propagandas da cidade ocidental e, após a fuga de mais de 50 pessoas por um túnel sob a rua, em 1964, toda a margem oriental da Bernauer Strasse foi demolida ou os edifícios isolados dentro de uma faixa de segurança.

A ideia da construção do memorial, ocupando uma longa faixa de terra onde antes havia a zona de segurança do muro na Bernauer Strasse, retomada com um concurso em 1994, enfrentou obstáculos. Havia o interesse de planejadores e incorporadores de usar a área para a expansão da via e construção de blocos residenciais (projeto que já estava em curso e é visível ao caminharmos pelo memorial). O hospital de alienados Lazarus Schulen era contra a reconstrução do trecho do muro (do outro lado da rua), argumentando que afetaria a saúde mental de seus internados. O pastor da Igreja de Santa Sofia, cujo cemitério havia sido atropelado pela faixa de segurança do muro, obrigando ao traslado de sepulturas, foi à Justiça reclamar a terra expropriada pela antiga RDA, argumentando que o memorial representaria uma "segunda dessacralização do cemitério". (Ladd, 2018, p.34)

Embora o Governo Federal tivesse aprovado o projeto, apenas em 1998 o trecho do muro com os elementos de sua faixa de segurança foi reconstruído, enclausurado, na Bernauer Strasse, para ser observado do terraço do centro de documentação, do outro lado da rua. (figura 1) "Mas esse projeto, premiado, se mostrou silencioso e inacessível, incapaz de invocar a verdadeira experiência do Muro [...]. Gradualmente, o memorial na antiga "faixa da morte" foi se tornando mais expansivo e exploratório." (*idem*, p.239) No ano 2000, a comunidade cristã construiu uma capela sobre o local da antiga Igreja da Reconciliação que havia ficado isolada na faixa de segurança durante mais de 20 anos, e fora destruída pela RDA em 1985. Só em 2012, após a incorporação paulatina de diversos trechos, o memorial foi considerado concluído. Nele, diversas evidências da existência do muro e da cidade que ele buscou apagar se recolocam diante da percepção sensível dos visitantes.

Figura 1. Vista do trecho reconstruído do muro desde o terraço do Centro de Documentação do Memorial do Muro de Berlim.
Fonte: Niuxa Dias Drago (2024)

6. A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Em "Attunement" (2016), Pérez-Gómez nos explica como a arquitetura foi impactada pela substituição da percepção sensível dos fenômenos por uma consciência isotrópica, construída sobre um espaço cartesiano, matriz tridimensional que busca isolar o raciocínio em relação à sensorialidade. Ele afirma, no entanto, que a retomada da fenomenologia está calcada em comprovações científicas de que a percepção humana é uma complexa rede de sensações e reflexões, que atravessam todos os nossos sentidos simultaneamente, e permite reconectar-nos com significados essenciais concretizados nos lugares.

Norberg-Schulz (1973) diferencia espaços de lugares, pois esses últimos manifestam, em seu "caráter", um significado particular. Esse caráter pode ser natural, ou determinado artificialmente através de articulações formais, como ""clausura", "abertura", "amplitude", "limitação", "obscuridade", "iluminação", ou seja, qualidades que dependem da modelação plástica, da proporção, do ritmo, da escala, das dimensões, dos materiais e das cores." O caráter é o que dá sentido aos espaços e permite que o homem o habite (Heidegger) ou, em outras palavras, conquiste, ali, um "equilíbrio existencial". (p.441)

Ambos os autores desenvolvem sobre significados ligados à condição humana sobre a terra. O eixo vertical, claramente relacionado ao corpo do homem, nos leva da terra sólida à sublimação do céu, ou vice-versa, enquanto o plano horizontal abriga o campo de exploração do homem, e a profundidade transforma o percurso e o movimento em desejos primordiais.

O projeto do memorial como um percurso, e não apenas ponto (centro) ou imagem (mesmo considerando todo o poder das imagens expostas ao longo desse percurso), traduz uma abordagem fenomenológica, já que o homem reconhece o espaço não apenas visualmente, mas também, e acima de tudo, através do movimento. Transformar a "largura" da antiga barreira em "profundidade" é uma das principais qualidades do memorial. A mesma faixa que servia para interromper o movimento e a profundidade do olhar, é redirecionada, transformando-se numa "profundidade" vivenciada, não apenas espacialmente, ou seja, como percurso, mas na ativação de memórias e descobertas, permitindo reconstruir um "lugar". "A "profundidade" é, acima de tudo, a dimensão dos anseios e do amor humano, que dificilmente pode ser entendida como análoga a "perspectiva", um enigma que se manifesta em todas as culturas humanas através de sua arquitetura [...]." (Pérez-Gómez, 2016, p.151)

7. CAMINHANDO PELO MEMORIAL - O MURO, A TORRE, A TERRA

O parque desenvolve-se linearmente por sobre a antiga faixa de segurança do Muro de Berlim. Ao longo deste "percurso memorial" é possível experienciar a matéria do muro de diversas formas, que contemplam momentos diferentes de sua história. No trecho inicial do parque, em frente ao hospital Lazarus Schulen, uma parte da barreira de concreto (apenas a faixa exterior, no alinhamento da Bernauer Strasse) foi repristinada. Os módulos de concreto armado trazem as marcas dos grafites e das picaretas de 1989, que deixaram expostas as barras de ferro que os estruturam. Percorrendo algumas dezenas de metros, esse trecho, ainda que bordeado pelas áreas verdes do parque, prepara o visitante para o desconforto que se seguirá, no trecho do muro reconstituído que deu origem ao memorial.

Ali, onde um plano de aço interrompe o percurso do parque, a continuidade só pode ser lida pela fila dos enormes postes de iluminação da faixa de segurança que, já presentes no primeiro trecho do parque, continuam após a barreira, por dentro da faixa reconstituída que não podemos acessar, apenas espreitar por pequenas frestas. Nesse ponto, somos levados a deixar o parque, saindo pela direção ocidental (já que do lado oriental nos deparamos com o cemitério). Esta única saída possível nos obriga a uma dupla travessia: a travessia simbólica da barreira de concreto (da qual falaremos adiante), e a travessia da antiga porta do cemitério, reconstruída para evidenciar a sobreposição arbitrária do muro sobre ele. Chegando à calçada da Bernauer Strasse, único caminho possível, contornamos o trecho reconstruído e vivenciamos o muro como o faziam os habitantes da antiga Berlim ocidental: com toda a violência da sua escala, do seu concreto cru marcado pela umidade do tempo, que denuncia a longevidade daquela arbitrariedade (figura 2).

Figura 2. Trecho do Muro reconstituído no Memorial da Bernauer Strasse. O trecho é isolado por planos de aço escovado e não pode adentrado, apenas contornado, como nesta imagem, ou visto de cima, como na figura 1. Fonte: Niuxa Dias Drago (2024).

Antes e após essas seções reconstituídas do muro de concreto, e no pequeno trecho que leva à porta do cemitério, a faixa lindeira é marcada por uma sensível recomposição da fronteira, construída com postes de ferro em camada única ou dupla e com espaçamentos irregulares, permitindo o atravessamento por corpos de todos os tamanhos. (figura 3) Essa linha de postes pode nos remeter à armação do concreto, mas subverte o ritmo constante e mudo ditado pela pré-fabricação dos antigos módulos do muro. Eles propõem uma nova "harmonia", reclamam a nossa percepção e convidam a um atravessamento simbólico, a uma sutura, que pode também ser sentida como uma purgação. O sentimento mobilizado pela sensação de atravessar esta barreira com nosso próprio corpo, no local onde antes havia um muro inexpugnável que tantos desejaram atravessar, não pode ser traduzida em palavras, e certamente não afeta apenas aos berlinenses. É possível sentir ali um sentido existencial concretizado na arquitetura do lugar, capaz de abrigar nossos desenhos e nos permitir "transformar" o espaço. (Norberg-Schulz, 1973, p.438)

Figura 3. Reconstituição do limite do muro feita com postes de aço.
Ao fundo, o centro de visitantes do Memorial do Muro de Berlim.
Fonte: Niuxa Dias Drago (2024).

Outro símbolo primordial presente no percurso do parque é o eixo vertical, concretizado em três elementos: as torres de vigia, os postes e o mirante. Para Norberg-Schulz (1973), "A dimensão vertical representa uma ascensão e uma descida, e desde tempos remotos foi considerada a dimensão sagrada do espaço. Representa um percurso até uma realidade "superior" ou "inferior" à vida diária." (p.439) As torres da faixa de segurança do muro, bem como os postes, subvertem por completo este sentido de ascensão. Existiam para vigiar, controlar e desterrar. A única torre que concretizava um sentido existencial (a da Igreja da Reconciliação), foi derrubada e não foi reconstruída.

Dois elementos, porém, mobilizam o sentimento do eixo vertical em contraposição às torres e postes originais. Um deles é a torre de aço colocada sobre o local de uma antiga vigia, na esquina da Brunnenstrasse. Formada por 4 arestas soltas, deixando o centro vazio, a nova torre pode ser atravessada. De longe, aparece como um elemento compacto mas, ao nos aproximarmos, se preenche de céu, retomando o sentido de conexão cósmica.

O outro importante elemento vertical do parque está alocado do outro lado da Bernauer Strasse. Trata-se do mirante, colocado sobre o centro de documentação, para que dele possamos enxergar a faixa de proteção enclausurada no trecho de muro reconstruído e inacessível para quem percorre o parque. De cima desta "torre", nos sobrepomos aos antigos vigias do muro. Somos nós quem os observamos desde o presente, ou seja, desde o futuro do "Muro de Berlim". De lá de cima, a "espessura do tempo" (Pérez-Gómez, 2016) se concretiza, e destitui de qualquer significado possível aquela estrutura, congelada num passado que agora parece remoto. Os planos laterais que delimitam o trecho reconstruído, internamente de aço escovado,

contribuem para dar ao conjunto um ar de "objeto não identificado" pousado no solo de Berlim. (figura 1) A estrutura que um dia roubou à cidade o sentido daquele lugar é hoje o "objeto estranho", incapaz de concretizar qualquer sentido.

A terra se torna um elemento significativo desde o primeiro trecho do parque memorial, no qual se contrapõem um sistema político e um sistema religioso, dois sistemas simbólicos que entenderam a terra sobre a qual pisamos de maneiras diferentes. Para o governo da República Democrática Alemã (RDA) a terra foi ali tratada como área de segurança, elemento de uma tecnologia de proteção; para a Igreja, a terra é o solo sagrado, onde os corpos de gerações de cristãos encontraram seu destino, retornando ao pó do qual Deus lhes dera a vida. Norberg-Schulz argumenta que o primeiro é um sistema "descritivo" e o segundo, um sistema "não-descritivo", ou "expressivo". No primeiro "se propõem o conhecimento teórico e instrumental mediante abstrações e generalizações sistemáticas complexas", no segundo, "operam (...) generalizações de caráter mais "concreto", para afirmar as totalidades e os processos que parecem inerentes à natureza e à vida humana." (1973, pp. 437-438)

Neste sentido, o projeto do memorial, enquanto intervenção arquitetônica, revela os significados existenciais religiosos em outra chave, e "concretiza uma situação vital", retomando, naquele trecho, o sentido ontológico da terra, e fazendo-nos sentir que estamos sobre o solo sagrado que abrigou antepassados dos atuais berlinenses, aos quais se juntam as vítimas do muro. Sublimadas em fotografias translúcidas, elas aparecem em nichos dispostos numa parede, como numa espécie de ossuário. Essa disposição recompõe também um muro simbólico, como se a lembrança das mortes evocasse uma fantasmagoria, um novo muro de lamentações, que não apenas remete à barreira de concreto, mas permite de fato vê-la, através dos rostos dos que morreram tentando ultrapassá-la. (figura 4)

Figura 4. Nichos com fotos, nomes e datas de morte das vítimas das tentativa de atravessar o muro. As fotos, translúcidas, permitem ver o muro repristinado ao fundo. Fonte: Niuxa Dias Drago (2024).

Mais adiante reencontramos o mesmo embate, no trecho em que a Capela da Reconciliação foi colocada sobre o lugar da antiga Igreja da Reconciliação. A nova capela renuncia à verticalidade da antiga igreja neogótica para buscar um "centro", um equilíbrio, que, no entanto, permanece instável como o momento presente, no limiar entre o passado e o futuro. Os sinos estão colocados no solo, e protegidos por uma longa caixa vazada, feita de varas de madeira, como uma torre tombada. A capela é composta por duas peles: a mais externa é leve, diáfana, da mesma matéria da "torre tombada". Ela remete à antiga igreja, pois recompõe seu eixo, onde, no interior, está recolocado o retábulo do antigo altar. A segunda, mais interna, é maciça, feita de terra apiloada, e exibe suas camadas como o caule de uma palmeira. Essa igreja nova, que nasce do solo como uma árvore por dentro de um antigo casco, tem o eixo levemente deslocado em relação à forma exterior em que está inscrita. Este desequilíbrio, que traduz um desejo de movimento, transparece no espaço intersticial entre as duas peles, constantemente transformado pela luz, onde cadeiras nos convidam a contemplar o parque através da pele de madeira. A tensão se revela por completo no interior das paredes de terra, onde vibramos entre dois eixos, dois altares, entre o passado e o presente, e onde a dimensão vertical, concretizada pela luz que incide sobre a pia batismal, finalmente nos possibilita encontrar um "centro" e, com ele, a "reconciliação" entre o passado e o presente, o ocidente e o oriente, realizada no momento presente. (figura 5)

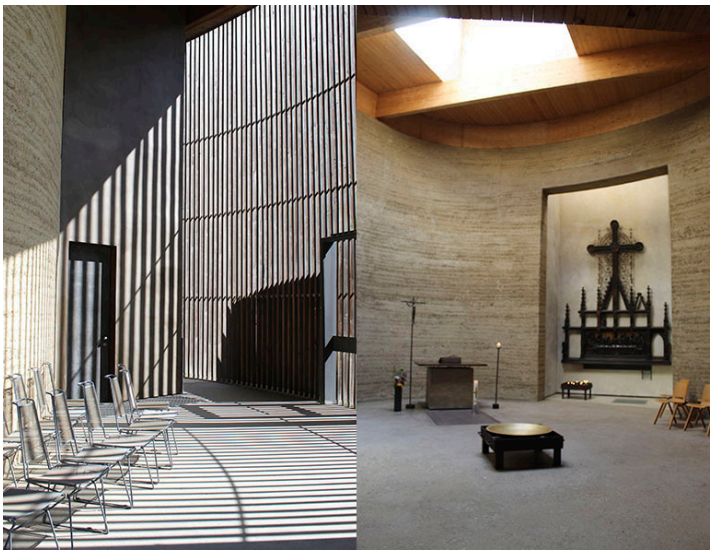


Figura 5. Capela da Reconciliação. Espaço intersticial, entre as duas fachadas e interior da capela, com dois altares em direções diferentes e a bacia do batismo sob uma «torre de luz ». Fonte: Niuxa Dias Drago (2024).

A terra nos revela ainda, ao abrir-se numa janela arqueológica, outras camadas do passado. Tanto quanto o cemitério, as fundações das antigas casas da fachada oriental da Bernauer Strasse evidenciam que a terra que pisamos abrigou vida e morte antes de que ali se fizesse um "vazio". Aos contornos dos antigos imóveis desenhados ao longo do parque em linhas metálicas sobre a grama, contrapõe-se à eloquente

enunciação das pedras desenterradas. Nenhum real valor arqueológico explica a inserção desta janela rasgando o solo, senão a mobilização de um sentimento de passado no presente, passado que a terra protegeu do apagamento para nos revelar agora, permitindo-nos reconstruir um sentido de lugar.

Seria importante ressaltar ainda que o percurso do parque continua por trechos mais "espremidos" entre lotes açodadamente vendidos para empreendimentos imobiliários, o que, ironicamente, nos mantém atentos ao sentido ontológico da terra como um bem comum. O ponto final do percurso vai desembocar no Mauerpark, um grande espaço de respiro que nos lembra também que, ali, as diversas camadas da cidade foram se transformando, passando de pátio de trens da antiga Nordbanhof a zona de controle da "faixa da morte" e, após a queda do muro, cobriu de vida as camadas anteriores pois, num gesto simbólico de esperança no futuro, os moradores locais plantaram ali as primeiras árvores. (Mauerpark. s. d.)

8. CONCLUSÃO

O Memorial do muro nos propõe um percurso transformador de um trecho de "cidade morta" num lugar de reconhecimento, onde é possível construir-se um "espaço existencial" para a Berlim contemporânea. Essa potência de transformação da cidade pode ser vista não apenas no trecho do parque linear que acompanha a Bernauer strasse, mas especialmente no Mauerpark, ponto de chegada do percurso que se abre neste espaço verde amplo. Ali a cidade foi sendo transformada, de corredor de conexão através dos trilhos de trens, a corredor da morte, dividindo a cidade, seus moradores e suas histórias, e finalmente em espaço de encontro e convívio.

Esta capacidade que a cidade tem de se transformar é carregada de grande simbolismo e prova que, ao mesmo tempo em que transformamos a cidade, somos por ela transformados. Assim, se "o homem só conquista o equilíbrio existencial quando consegue dar ao seu lugar um caráter concreto e significativo" (Norberg-Schulz, 1973, p. 440), o projeto do Memorial do Muro de Berlim, ao invés de "enunciar" certezas políticas, propõe a reapropriação existencial de um antigo "vazio" através de elementos profundamente significativos. Graças a sua construção, as áreas livres que desapareceriam sob a ocupação de edifícios particulares podem propor uma nova existência aos berlinenses, para que eles possam seguir se lembrando, com a ajuda de sua cidade e, mais uma vez, transformar a sua história.

9. BIBLIOGRAFIA

Adam, C. (2023). Berlin, a Short History. BeBra Verlag.

Balfour, A. (1990). Berlin, the politics of order: 1737-1989. Rizzoli International Publication.

Norberg-Schulz, C. (1973) El Significado en la Arquitectura Occidental. Summa.

Ladd, B. (2018) The Ghosts of Berlin. The University of Chicago Press.

Moss, T. (2020) Remaking Berlin: a history of the city through Infrastructure, 1920-2020. The MIT press.

Pérez-Gómez, A. (2016) Attunement: architectural meaning after the crisis of modern science. The MIT Press.

Seldin, C. (2015) Da Capital de Cultura à Cidade Criativa: Resistências a Paradigmas Urbanos sob a Inspiração de Berlim. (tese de doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro.

Schwochow, J. (2023) Entender el Muro de Berlín. Schwochow Visual Histories.

Stöver, B. (2012) Kleine Geschiste Berlins. C.H. Beck oHG

Mauerpark. (s. d.). *https://www.mauerpark.info/geschichte/mauerpark*

Mauerweg. (s. d.). Berlin.de. *https://www.berlin.de/mauer/mauerweg*

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) [Código de Financiamento 001] através do Programa-Capes: PRINT - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO, EDITAL Nº 41/2017 - ALTERAÇÃO V/2018 - PRINT CAPES_ PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PROFESSOR VISITANTE JUNIOR NO EXTERIOR – 2023 (Daniella Martins Costa) e de missão apoiada pelo projeto CAPESPRINT1045736P (Niuxa Dias Drago).

i Todas as citações diretas foram traduzidas pelo(a)(s) autor(a)(s) - (TA)

R34

GRUPO ESCOLAR DE SÃO JOÃO DA BOCAINA: REPRESENTATIONS OF SÃO PAULO SCHOOL ARCHITECTURE IN THE EARLY 20TH CENTURY

GRUPO ESCOLAR DE SÃO JOÃO DA BOCAINA: REPRESENTAÇÕES DA ARQUITETURA ESCOLAR PAULISTA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

João Gonçalves Neto
Mestrando em Arquitetura e Urbanismo
IAU-USP
joao.goncalves.neto@usp.br

Paulo César Castral
Professor Doutor
IAU-USP
pcastral@usp.br

ABSTRACT

The school buildings constructed by the state government between 1890 and 1930 mark the urban landscape of central areas in various municipalities of São Paulo. This text discusses the spatial representations of the sensory experiences of the place, based on interviews conducted with users of one of the elements of this set. These constructions, listed as state heritage in 2010, represent the westward colonial expansion and the beginning of republican public education in the State of São Paulo. The categories expressed about the building, however, refer to the affective, aesthetic, and sensory experiences of the users, especially those who studied at the school where they currently work. In these cases, the values presented in the discourses about the place, rescuing memories, represent collective stories spatially contextualized in an early 20th-century ambiance project.

KEYWORDS: School (architecture). First Republic. Cultural heritage.

RESUMO

Os edifícios escolares construídos pelo poder público estadual entre 1890 e 1930 marcam a paisagem urbana dos centros em vários municípios paulistas. Este texto discute representações espaciais de experiências sensíveis do lugar, partindo de entrevistas realizadas com usuários de um dos elementos desse conjunto. Essas construções, tombadas estadualmente em 2010, representam a expansão colonizadora a oeste e o início da educação pública republicana no Estado de São Paulo. As categorias enunciadas sobre o edifício, contudo, se referem às experiências afetivas, estéticas e sensoriais dos usuários, principalmente daqueles que estudaram na escola onde trabalham atualmente. Nesses casos, os valores apresentados nos discursos sobre o lugar, resgatando memórias, representam histórias coletivas espacialmente contextualizadas em um projeto de ambiência do início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Escola (arquitetura). Primeira república. Patrimônio cultural.

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, discutem-se representações enunciadas por usuários de um edifício, onde vivem seus cotidianos, que se referem a suas experiências sensíveis desse lugar. O edifício em questão é um prédio público onde existe uma escola municipal, parte de um conjunto projetado por arquitetos-engenheiros, em sua maioria imigrantes europeus, e construído, no início do século XX, pelo Departamento de Obras Públicas do Estado de São Paulo (Wolff, 1993). Em função de seus valores históricos, culturais e arquitetônicos, estudados no processo n. 24929/1986, esse edifício foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) (São Paulo, 2010). Questionam-se valores atribuídos contemporaneamente a esse edifício, comparando-se o conteúdo de publicações oficiais sobre as experiências de lugar e enunciados produzidos pelas pessoas que o frequentam. Sendo o espaço escolar uma das dimensões da cultura escolar (Viñao Frago, 1993), as ambiências percebidas e produzidas por esses usuários são transmitidas aos estudantes do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, que também percebem a realidade em que estão inseridos.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a salvaguarda do patrimônio cultural e natural mundial está relacionada à produção de cidades sustentáveis, um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ONU, 2015). Dentre as estratégias de preservação das referências culturais de comunidades, grupos e indivíduos a educação patrimonial e o inventário participativo possibilitam que se identifiquem elementos que compõem seus repertórios culturais. No caso da escola, os adultos operam sistemas simbólicos utilizando a obra arquitetônica como dispositivo de pensamentos, julgamentos e ações, que tendem a ser incorporados pelas crianças de cinco a onze anos, por intermédio do espaço. Desse modo, identificar quais propriedades são representadas contribui para compreender o processo de circulação dos símbolos que constituem esse lugar. O enfoque na representação das referências culturais, relacionando-as ao espaço interno de uma obra arquitetônica, pode favorecer o uso educativo do patrimônio na percepção de experiências sensíveis e apontou a relevância de aspectos materiais e imateriais – platibanda, janelas, porão, imponente, acolhedor e arejado, propriedades enunciadas por seus usuários –, na percepção das atmosferas do espaço escolar.

Figura 1. Fachada principal do edifício escolar tombado.
Fonte: Autoria própria, 2023.

Compreende-se a ambiência como o espaço-tempo sensorialmente experimentado associado a questões estéticas sobre atmosferas, "os primeiros fatos da percepção" (Böhme, 2013, p.23, tradução nossa). "Definida como a atmosfera moral e material que circunda um lugar ou uma pessoa, a ambiência é precisamente a noção que questiona essa divisão [entre sujeito e objeto] e impulsiona sua desconstrução" (Thibaud, 2012, p.10). Pretende-se, então, apresentar uma leitura sensível e crítica do meio ambiente urbano, discutindo os efeitos e implicações de seu modo de produção, considerando que "a maneira pela qual a percepção humana se organiza – o meio em que ocorre – não é apenas naturalmente, mas também historicamente determinado" (Benjamin, 2021).

> Ao dar ao ambiente sensível uma dimensão sócio-histórica (a estética da modernidade), ao introduzir questões éticas na avaliação estética das áreas urbanas (estética ambiental) e ao caracterizar nossas maneiras de experienciar e fabricar o mundo sensível (a estética das ambiências), essas abordagens nos permitem desenvolver modelos que deem sentido às mudanças urbanas atuais. Como tais, elas nos ajudam a examinar como a ambiência influencia a atual ecologia urbana dos sentidos (Thibaud, 2012, p.11-12).

Em 1903, Georg Simmel publicou *As grandes cidades e a vida do espírito,* considerando que "os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida" (Simmel, 2005). Os grupos escolares constituíram o espaço-tempo

da infância na cidade, "a criança, enquanto durava sua escolaridade, era submetida a uma disciplina cada vez mais rigorosa e efetiva, e essa disciplina separava a criança que a suportava da liberdade do adulto" (Ariès, 1986, p. 191). Os grupos escolares, instituições de ensino público primário (Figura 2), começaram a ser difundidas nas zonas urbanas do território paulista nos primeiros anos da república (Gordinho, 2013; Wolff, 2010; Corrêa, 1991), marcando "uma nova técnica para apropriação do tempo das existências singulares; para reger as relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação da duração; e para inverter em lucro ou em utilidade sempre aumentados o movimento do tempo que passa" (Foucault, 1999, p. 133).

Figura 2. Turma do 1º Ano de 1914 no Grupo Escolar de São João de Bocaina.
Fonte: Acervo do Museu Municipal de Bocaina, 2023.

A implantação das instituições de instrução primária é concomitante à economia cafeeira, à implantação da linha férrea, à chegada de imigrantes europeus, à alteração da função eclesiástica e à expansão territorial a oeste (Prado Júnior, 2012; Miceli, 1985; Milliet, 1982).

> A gênese do Estado é inseparável de um processo de unificação dos diferentes campos sociais, econômico, cultural (ou escolar), político etc., que acompanha a constituição progressiva do monopólio estatal da violência física e simbólica legítima. Dado que concentra um conjunto de recursos materiais e simbólicos, o Estado tem a capacidade de regular o funcionamento dos diferentes campos, seja por meio de intervenções financeiras (como, no econômico, com auxílios públicos a investimentos ou, no campo cultural, os apoios a tal ou qual forma de ensino), seja através de intervenções jurídicas (como as diversas regulamentações do funcionamento de organizações ou do comportamento dos agentes individuais) (Bourdieu, 2008, p.51).

O Estado de São Paulo, por meio do Departamento de Obras Pública (DOP), contratou um conjunto de engenheiros arquitetos formados na Europa para projetar edifícios cujas dimensões e ornamentações destacavam-se na paisagem urbana (Corrêa et al., 1991; Gordinho et al., 2013; Wolff, 1993, 2010). Essa ação se deu no intervalo de tempo em que o número de municípios paulistas duplicou e, em mais de um terço das cidades foi implantado pelo menos um edifício destinado ao modelo de Grupo Escolar. Acompanhando as tendências escolares francesas e estadunidenses, os Grupos Escolares reuniam as escolas isoladas existentes, apresentando, no tecido urbano, uma nova espacialidade em questões formais e funcionais. Entre 1901 e 1915, José van Humbeeck atuou no DOP, tendo projetado mais de 30% dos edifícios escolares do conjunto construído no período pelo Estado de São Paulo. Sendo um imigrante belga, Humbeeck reproduziu suas referências culturais nos edifícios que desenhou, o uso de lambrequins de madeira, por exemplo, é um dos elementos que compõem a atmosfera de vários galpões externos em seus projetos (Figura 3).

Figura 3. Galpão externo do Grupo Escolar de São João de Bocaina.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bocaina, 2023.

O projeto do Grupo Escolar de São Pedro, desenvolvido em 1909, foi replicado em outros dez municípios, inclusive no Grupo Escolar de São João da Bocaina, objeto de estudo do presente texto. A vila de São João da Bocaina, elevada à categoria de cidade em 1906, teve o grupo escolar inaugurado em 1913. Considera-se que "os espaços arquitetônicos [...] são sem dúvida os componentes mais importantes da simbologia do poder, em razão mesmo de sua invisibilidade" (Bourdieu, 2013, p.135) e que a história foi objetivada nas coisas – as adições, subtrações, alterações e reformas nas construções – e incorporadas, sob forma de *habitus,* nos modos de agir, julgar e perceber (Bourdieu, 1989).

> Em uma sociedade onde a transmissão da cultura é monopolizada por uma escola, as afinidades profundas que unem as obras humanas (e, é claro, as condutas e os pensamentos) encontram seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir conscientemente e, também, em parte, inconscientemente, o inconsciente ou, mais exatamente, de produzir indivíduos dotados desse sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente enraizados) que constituem sua cultura ou, melhor, seu *habitus,* em resumo, de transformar a herança coletiva em inconsciente individual e comum (Bourdieu, 1967, p. 147 - 148, itálico do autor, tradução nossa)

2. MÉTODO

Lefebvre (1946, p. 47) explica que o processo primário de produção do significante verbal é acompanhado por um processo secundário de concatenação dos signos que não é suficiente para explicar o discurso. Outros elementos dão sentido ao discurso, como valores e normas sociais, que são incorporados em palavras-chave, símbolos e imagens fortes, em suma, em representações. A comparação entre os valores atribuídos ao lugar, tanto na literatura consultada quanto nos dados das entrevistas, revela pontos de intersecção, como interesse histórico, monumentalidade e ornamentação. Considerando as representações dos usuários sobre esse elemento do patrimônio cultural paulista, observa-se um caso particular de tentativa de construção da identidade estadual por meio da padronização das ambiências no espaço escolar, no entanto, as identidades produzidas referenciam experiências e relações locais. Problematiza-se o espaço escolar vivido e representado por seus os usuários adultos, servidores públicos da Secretaria da Educação que trabalham para a Prefeitura Municipal, realizando a mediação entre a sede de uma escola municipal dos anos iniciais do ensino fundamental e as crianças (5–11 anos).

As propriedades culturais representadas, são descritas como constituintes da ambiência desse espaço, reforçando sua importância histórica e arquitetônica. Para compreender como um grupo de pessoas percebe ambiências cotidianas, atribuindo sentido à experiência sensível, utilizou-se uma estratégia de pesquisa qualitativa (Wang & Groat, 2013). Focando nas representações orais das experiências sensíveis de lugar, inicialmente foram aplicadas entrevistas estruturadas a 33 servidores públicos da prefeitura municipal (May, 2004, p. 146). Posteriormente, foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas para aprofundar a compreensão das representações do edifício (May, 2004, p. 148). As gravações dessas entrevistas foram transcritas e analisadas, fornecendo meios de entender como as pessoas percebem o espaço, e as razões por trás dessas percepções (May, 2004, p. 172). Os resultados das entrevistas foram codificados e analisados com base no que foi representado. Embora as representações espaciais não sejam, por si, suficientes para elucidar a obra arquitetônica, elas são, segundo Lefebvre (1983), essenciais porque se ligam à prática, à produção e à criação, nesse sentido, elas foram agrupadas em categorias associadas à noção de espírito do lugar (Norberg-Schulz, 1980), presente

também na Declaração de Quebec (Icomos, 2008), e, posteriormente, aproximadas das ideias de atmosfera, problematizada por Böhme (1993), Kepczynska-Walczak e Walczak (2015), e de ambiência discutidas por Chelkoff (2018), por Simonnot, Balaÿ, e Frioux (2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Bocaina fica localizado a nordeste de Jaú, no interior do estado de São Paulo (Figura 4.1). Pedro Alexandrino é o único distrito bocainense, situado próximo à rodovia SP-255. A cidade de Bocaina pode ser dividida em duas regiões: a mais antiga, a leste, próxima ao encontro de dois córregos tributários do rio Jacaré Pepira, e a região mais nova, a oeste, onde o desenho da malha urbana se difere da região anterior (Figura 4.2). Além do edifício escolar, na Igreja Matriz de São João Batista há um conjunto de telas do Benedito Calixto, representando cenas religiosas, também tombado pelo Condephaat. Em Bocaina, há três escolas públicas dos anos iniciais do ensino fundamental: a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professora Dalila da Silva Afonso, que funcionava no distrito de Pedro Alexandrino e foi transferida para a zona sul da cidade; a EMEF Maristela Marta Moretto, atendendo a região mais nova da zona urbana, e a EMEF Deputado Leônidas Pacheco Ferreira, a única cujo edifício é tombado. Esse edifício, onde funcionou o Grupo Escolar de Bocaina até a década de 1970, está localizado próximo à prefeitura, à câmara municipal, à igreja matriz e à antiga estação ferroviária (Figura 4.3).

Figura 4. Aproximações sucessivas em direção ao Grupo Escolar de São João de Bocaina.
Fonte: Elaboração própria a partir de Google Maps, 2024.

Os servidores públicos que trabalham na EMEF Deputado Leônidas Pacheco Ferreira entram na obra arquitetônica pela Rua 7 de Setembro, passando por um jardim com bastante vegetação, sobem a escadaria frontal, dentro do corredor que estrutura a circulação interna, rumam ao local específico de trabalho. Os estudantes passam por outra experiência espacial: entram na escola pela Rua Tiradentes, o caminho é, sequencialmente, ao lado da quadra coberta, por dentro do galpão externo, pelos corredores internos, rumo às salas de aula (Figura 4.4). Atualmente, as pessoas adultas que usam esse edifício trabalham para a prefeitura municipal e passam grande parte de seu cotidiano nesse lugar centenário. Além das professoras, coordenadoras e diretoras, foram entrevistados servidores administrativos, auxiliares de limpeza e merendeiras. Sinteticamente, o projeto inicial dessa obra foi estruturado em um corredor em "H" ao longo do qual se distribuem oito salas e pelo qual pode-se acessar o pátio, composto por um galpão coberto, com cozinha, sala de professores e um palco, e uma área descoberta. A esse bloco antigo, adicionou-se uma quadra coberta, duas salas de aula e uma sala para a secretaria. Pelas ruas, ou se vê muros ornamentados ou a fachada principal: um jardim no primeiro plano, mastros no meio e a composição edilícia ao fundo.

A primeira entrevista, realizada com trinta e três servidores públicos, resultou em uma lista de 159 itens sobre características lembradas do edifício escolar, com cada resposta associada ao cargo profissional e à escolaridade dos respondentes. O perfil amostral abrange, em sua maioria, mulheres (84,85%), brancas (78,79%), casadas (72,73%) e católicas (73,73%) com idade entre 50 e 59 anos (39,33%). Todas as pessoas entrevistadas são paulistas, com 63,64% nascidas em Bocaina, seguidas por Jaú (12,12%), São Paulo (9,09%) e Dourado (6,06%). As demais cidades de origem incluem Bauru, Dois Córregos e Piratininga, com uma pessoa cada. A pluralidade de municípios de origem indica movimentos no território, seguidos por certa estabilização: na data da entrevista, quatro pessoas moravam em Jaú e todas as outras em Bocaina. A segunda entrevista foi realizada com nove integrantes do conjunto anterior, permitindo uma elaboração mais detalhada das respostas. O primeiro conjunto de entrevistas, que questionou usuários sobre características lembradas do edifício, pode ser resumido em duas respostas principais: "Antigo mas conservado" e "Imponente". As pessoas descreveram elementos construtivos (platibanda, escadarias, assoalhos) e ambientes (salas de aula, pátio, quadra), relacionando-os às grandes dimensões espaciais (espaços amplos, janelas, portas e paredes altas), aos significados atribuídos à experiência sentida (acolhedor, arejado, bonito, velho) e a temporalidades escolares (infância, recreio, desfiles). Na segunda rodada de entrevistas, pessoas que estudaram no edifício há mais de trinta anos comentaram sobre a existência de árvores, alterações no número de salas no lote, mas destacaram a permanência da dinâmica entre prédio e pátio. Elementos de madeira foram mencionados repetidamente, incluindo esquadrias, forro, piso, portas e lambrequins. Uma das entrevistadas cursou até a oitava série nesse edifício. O porão, sobre o qual circulavam lendas, passou nos anos 2000 por reformas para ser utilizado como salas de informática, biblioteca e almoxarifado, mas, após reformas de acessibilidade, continua interditado.

Os usuários do edifício têm relações afetivas com ele, e a linguagem arquitetônica, representada por elementos construtivos e ambientes, é vista como referência cultural. A amplitude dos espaços, o pé-direito alto e o assoalho, associados à ideia de monumentalidade, são percebidos e referenciados como distintos de outras construções. Os enquadramentos das janelas e suas vistas são características que compõem a ambiência escolar. As representações realizadas sobre o grupo escolar por seus usuários qualificam e complexificam os valores que constam na resolução de tombamento. A experiência espacial nessa obra arquitetônica ocorre dentro do edifício, com destaque para as salas de aula e porão, alguns elementos construtivos como assoalho e pé-direito alto. Ela acontece também por fora, em duas escalas: 1) pela entrada de alunos, aproximando-se pelos fundos, e 2) pela entrada de servidores, aproximando-se pela frente. Nesse texto, discutiu-se acerca de usuários que entram pela frente do edifício, os elementos percebidos (platibanda, janelas, ornamentação, por exemplo) é condicionada pelo percurso realizado. Características quantitativas do espaço (grande, amplo, alto) são coerentes com a monumentalidade pretendida na época da construção, a percepção da atmosfera e suas representações (imponente, assustador, acolhedor) relacionam-se às trajetórias de cada servidor que usam a obra de modos particulares. Além das características espaciais atribuídas, destacam-se marcas de temporalidade (infância, recreio, festas juninas) e relações sociais (escola dos filhos, local de trabalho).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se apresentar e discutir representações que usuários de um edifício realizam sobre ele, buscando identificar categorias comparáveis à sua origem histórica. As representações investigadas referem-se a um conjunto de pessoas localizadas no tempo e no espaço, que frequentam cotidianamente esse local. É possível concluir que por meio das ambiências nessa obra arquitetônica, percebidas por meio de experiências sensíveis de seus usuários cotidianos, que as propriedades atribuídas à obra se relacionam principalmente às lembranças, seja de outros usuários, seja de elementos visíveis da construção, ambos deslocados espacial e temporalmente. A permanência de seu papel histórico molda a partilha de outros significados, construindo relações afetivas muito locais e particulares, mesmo que distantes do discurso autorizado e da imagem de uma nação. Essa construção escolar, cujo projeto foi repetido em dez outras cidades, pode condicionar ambiências semelhantes em diferentes locais em função da coincidência entre a espacialidade construída (simetria, divisão, ordenação) e a instituição de ensino com ritmos e temporalidades próprias. No entanto, percebe-se também que a vontade coletiva de salvaguarda desse objeto se justifica pela rememoração de relações sociais de comunidade, grupos e indivíduos espacial e temporalmente localizados. No presente estudo, em função da metodologia adotada, foi possível inferir acerca das relações dialógicas entre as diversas dimensões coletivas de identidade e as dimensões pessoais de pertencimento demonstradas na partilha de lembranças, que permeiam a constituição de sentido de tais ambiências. Uma investigação acerca

da imagem institucional do ensino, praticada atualmente pelo Estado, pode lançar luz nas condicionantes dadas pelas relações de poder entre os agentes escolares (professores, alunos, servidores de apoio etc.) que, percebendo ambiências e representando-as por meio de narrativas espaciais situadas em tempos anteriores, podem tensionar as relações dialógicas inferidas no presente estudo. Nos campos da cultura e da educação, os símbolos republicanos podem ter sua monumentalidade problematizada, a partir da experiência sensível com a obra, envolvendo novas narrativas, disputas e hegemonias.

5. BIBLIOGRAFIA

Ariès, P. (1986). História social da criança e da família (2ª ed). Guanabara.

Benjamin, W. (2021). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. L & PM.

Böhme, G. (1993). Atmosphere as the Fundamental Concept of a New Aesthetics. Thesis Eleven, 36(1), 113–126. https://doi.org/10.1177/072551369303600107

Böhme, G. (2013). Synaesthesiae within the Scope of a Phenomenology of Perception. Wolkenkuckucksheim, 23–33. https://cloud-cuckoo.net/fileadmin/issues_en/issue_31/artikel_boehme.pdf

Bourdieu, P. (1989). O poder simbólico. Difel/ Bertrand Brasil.

Bourdieu, P. (2013). Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. Estudos Avançados, 27, 133–144. https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300010

Chelkoff, G. (2018). Expérimenter l'ambiance par l'architecture. Ambiances. Environnement sensible, architecture et espace urbain, 4, Artigo 4. https://doi.org/10.4000/ambiances.1558

Corrêa, M. E. P., Mello, M. G. de, & Neves, H. M. V. (Orgs.). (1991). Arquitetura Escolar Paulista: 1890-1920. Fundação para o Desenvolvimento Escolar.

Cullen, G. (1983). Paisagem urbana. Edições 70.

Foucault, M. (1999). Vigiar e punir: Nascimento da prisão (20º ed). Vozes.

Gordinho, M. C., Cannabrava, I., Teodoro, M., & Assencio, V. (2013). Patrimônio escolar: Uma saga republicana. Terceiro Nome.

Icomos. (2008). Declaração de Québec sobre a preservação do "Spiritu loci". https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf

Kepczynska-Walczak, A., & Walczak, B. M. (2015). Built heritage perception through representation of its atmosphere. Ambiances. Environnement Sensible, Architecture et Espace Urbain, 1, Artigo 1. https://doi.org/10.4000/ambiances.640

Lefebvre, H. (1983). La presencia y la ausencia: Contribución a la teoría de las representaciones. Fondo de Cultura Económica.

May, T. (2004). Entrevistas: Métodos e processos (C. A. S. N. Soares, Trad.). Em Pesquisa social: Questões, métodos e processos (3ª ed, p. 145–172). Artmed.

Miceli, S. (1985). A elite eclesiástica brasileira (1890-1930) [Tese apresentada ao concurso de livre docência em sociologia]. Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Milliet, S. (1982). Roteiro do café e outros ensaios: Contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil (4. ed). HUCITEC Instituto Nacional do Livro - INL.

Norberg-Schulz, C. (1980). Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Rizzoli.

ONU. (2015). Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nações Unidas Brasil. https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel

Prado Júnior, C. (2012). História econômica do Brasil (43º ed). Brasiliense.

Resolução SC n. 60, que dispõe sobre o tombamento de um conjunto de escolas construídas pelo governo do Estado de São Paulo entre 1890 e 1930, de 21 de julho de 2010, Diário Oficial Poder Executivo 112 (2010).

Simmel, G. (2005). As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Mana, 11(2), 577–591. https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010

Simonnot, N., Balaÿ, O., & Frioux, S. (2016). L'Ambiance et l'histoire de l'architecture: L'expérience et l'imaginaire sensibles de l'environnement construit. Ambiances. Environnement sensible, architecture et espace urbain, 2, Artigo 2. https://doi.org/10.4000/ambiances.742

Viñao Frago, A. (1993). Del espacio escolar y la escuela como lugar: Propuestas y cuestiones. Historia de la Educación, 12, 17–74. https://revistas.usal.es/tres/index.php/0212-0267/article/view/11367

Wang, D., & Groat, L. N. (2013). Architectural research methods (Second Edition). Wiley.

Wolff, S. F. S. (1993). As Escolas Públicas Paulistas da Primeira República e seus Arquitetos. PosFAUUSP, 4, Artigo 4. https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i4p91-106

Wolff, S. F. S. (2010). Escolas para a república: Os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. Edusp.

R34

AMBIENCE IN A BRAND'S COMMUNICATION PROCESS.PROMOTING SOCIAL CHANGES AT VALE ENCANTADO COOPERATIVE

A AMBIÊNCIA NO PROCESSO COMUNICACIONAL DE UMA MARCA. PROMOVENDO MUDANÇAS SOCIAIS NA COOPERATIVA VALE ENCANTADO

Stella Hermida
Arquiteta e Urbanista
Doutor em Ciências da Arquitetura (PROARQ/FAU/UFRJ)
Professor Adjunto da Escola de Belas Artes (EBA)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
stella.hermida@eba.ufrj.br

Lucy Niemeyer
Designer
Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC- SP)
Professora do Programa de Pós Graduação em Design (ESDI)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
lucy.niemeyer@gmail.com

ABSTRACT

We understand the built environment and its generated ambience as an integral part of a brand's identity communication system. In this context, the built environment acts as a communication channel, while its ambience serves as the transmitting message, capable of conveying the brand values that will be understood and experienced. Thus, we see the built environment as both a design product and a phenomenological place. Therefore, Charles Sanders Peirce's Semiotics (1893-1914) provides the theoretical framework for the research, offering foundations and applicable techniques. Semiotics enables the design products creation that clearly express a brand's values within a communication process. Another research theoretical foundation was Design for Social Innovation, supported by participatory tools. Participation arose from the direct involvement of cooperative members in decision-making processes for developing the Cooperativa Vale Encantado brand.

KEYWORDS: ambiences. communication. brands. semiotics. social design. participatory process.

RESUMO

Compreendemos o ambiente construído e sua ambiência gerada como parte integrante do sistema de comunicação de identidade de marcas. Nesse contexto, enquanto o ambiente construído atuaria como um canal de comunicação, a sua ambiência assumiria o papel da própria mensagem transmissora, capaz de difundir os valores da marca que serão compreendidos e vivenciados. Assim, entendemos o ambiente construído como produto de design e lugar fenomenológico Portanto, a Semiótica de Charles Sanders Pierce (1893-1914) seria o aporte teórico da pesquisa fornecendo fundamentações e técnicas nela aplicáveis. A Semiótica, possibilitamos a concepção de produtos de design que tornem explícitos os valores de uma marca presentes num processo de comunicação. Outra fundamentação teórica da pesquisa foi o Design para a inovação social, apoiado em ferramentas participativas. A participação foi gerada a partir do envolvimento direto dos cooperados nos processos de tomada de decisão para a concepção da marca da Cooperativa Vale Encantado.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. comunicação. marcas. semiótica. design social. processo participativo.

1. INTRODUÇÃO

Por meio de dinâmicas participativas e uma equipe multidisciplinar composta por estudantes de Design e Arquitetura, buscamos o entendimento da identidade da Cooperativa Vale Encantado, localizada no Alto da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro. Nosso objetivo era promover uma mudança social naquela comunidade a partir da compreensão daquele lugar e das pessoas que ali vivem.

A pesquisa amparou-se na definição proposta por Manzini (2017), que destaca a natureza interdisciplinar do Design social e situa o Design estratégico como uma disciplina relevante para a sua efetivação. Sendo assim, múltiplas disciplinas do Design dialogaram entre si para a concepção da marca, sua estratégia e implementação tanto no sistema de identidade visual quanto no ambiente construído do restaurante e sua ambiência comunicadora.

A hipótese da pesquisa foi o entendimento de que o Design de interiores e o Design estratégico atuariam como ferramentas de linguagem no projeto, possibilitando que os aspectos significativos do ambiente construído do restaurante, por meio de sua ambiência gerada, fossem percebidos pelos seus frequentadores. Desta forma, os aspectos significativos seriam planejados ainda na fase preliminar do projeto numa intenção consciente do projetista de planejamento da mensagem transmissora do discurso de identidade da marca Cooperativa Vale Encantado.

A Metodologia foi estruturada em sete fases principais:
Aprofundamento do conhecimento teórico sobre o tema proposto; Implementação de técnicas de pesquisa junto aos cooperados e projetistas (dinâmicas participativas); Avaliação dos resultados; Elaboração da estratégia de marca e de propostas preliminares de projeto; Execução do projeto de Design de interiores do restaurante, planejamento da ambiência almejada e elaboração da identidade visual e suas aplicações; Conclusão / Relatórios.

A partir da compreensão daquele lugar urbano único e de sua comunidade, a pesquisa pôde promover uma ambiência sensível integrada a outros elementos de comunicação da marca criada. Juntos proporcionaram à comunidade local um maior entendimento de seu serviço prestado solidificando sua imagem coorporativa e dotando o restaurante da cooperativa de uma ambiência capaz de comunicar e transmitir características fortemente já encontradas nesta comunidade, tais como: agradável,sustentável,rústico, familiar, caseiro e que promove o bem-estar.

2. O ESTUDO DE CASO – A COOPERATIVA VALE ENCANTADO

A Cooperativa Vale Encantado pertence à comunidadede mesmo nome e possui algumas peculiaridades, possibilitando torná-la estudo de caso da pesquisa:

2.1 A sua localização

Está inserida no Parque Nacional da Tijuca, uma área de preservação ambiental, e possuiuma vista deslumbrante para a Zona Oeste da cidade. Tais especificidades evocam uma ambiência relacionada ao caráter de rusticidade pela sua inserção na floresta, provocando o afastamento de seu restaurante das ambiências urbanas recorrentes, deslocando-o para um outro lugar, único e singular na cidade do Rio de Janeiro.

2.2 Os cooperados/moradores são descendentes de três famílias fundadoras da Comunidade Vale Encantado,os Medeiros, Barros e Martins Leão.

Estas famílias se instalaram no local no início do séc.XIX para trabalhar nas lavouras de café que dizimaram, na época, a vegetação nativa da Floresta da Tijuca. Posteriormente, houve o plantio de flores na região e, por último, a extração de granito. Atualmente, a comunidade trabalha promovendo o turismo e busca a sua permanência nesse lugar por meio da sustentabilidade,preservando-o e gerando empregos na cooperativa (BBC,2022). Por sua configuração social e sua história, a Comunidade Vale Encantado se destaca de outras comunidades da cidade do Rio de Janeiro pela união entre seus moradores, proporcionando assim, uma ambiência de familiaridade ao local e a atmosfera caseira.

2.3 A Sustentabilidade como princípio da Cooperativa

Por meio de uma culinária criativa, que utiliza os recursos da Floresta da Tijuca– como o coração da bananeira e a jaca verde –a cooperativa visa gerar empregos dentro da própria comunidade.

Manzini e Meroni (2009) expõem que cada vez mais é evidente a necessidade de mudança de estilos de vida e dos modelos produtivos para reduzir o impacto ambiental. Sendo assim, a geração de empregos numa comunidade com escassez de meios de transporte para acessá-la, busca garantir e preservar as famílias naquele lugar alicerçando suas características de familiaridade e atmosfera caseira.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A ambiência e o processo de comunicação dos valores de uma marca

Num processo comunicacional em design o projetista constitue o lugar que denominamos de Gerador. Seria o Gerador a partir de seu repertório cultural e conhecimento técnico que conceberia o produto de design com aspectos subjetivos, qualitativos, que viabilizam a sua comunicação. (Niemeyer, 2007). Esses aspectos serão algo destinado não somente ao usuário do produto, mas a uma série de indivíduos que não necessariamente o utilizarão.

Contudo, esses indivíduos reconhecerão e atuarão para que o produto estruture um processo de identificação, segundo a autora. Sendo assim, Niemeyer sugere o termo Interpretador para ser empregado nesse processo ao invés de destinatário, classificando o Interpretador como não sendo um único indivíduo, mas múltiplos sujeitos, consumidores ou não do produto. O Gerador e o Interpretador são os interlocutores do processo de comunicação. São elementos ativos no envio e recebimento da mensagem transmissora do discurso de identidade de uma marca. São ativos, pois o processo de comunicação não ocorre de forma linear onde o Gerador efetua uma mensagem que é transmitida por meio de canais de comunicação a um Interpretador. A autora aponta a alternância de posições entre o Gerador e o Interpretador. Desta forma, o processo comunicacional dos valores de identidade de uma marca é dinâmico demandando uma constante avaliação de sua imagem coorporativa.

Isso ocorre, pois a imagem corporativa é justamente resultante do processo de semiose institucional (Chaves, 2005) portanto, é um elemento externo à instituição. Tem o fator tempo e espaço como fundamento. Por mais que a elaboração das mensagens de identidade de uma instituição, busquem implementar de maneira eficaz e veloz os valores de identidade da marca nos diversos canais de comunicação institucionais, somente a vivência do produto ou serviço pelo interpretador que se constituíra a imagem institucional.Assim, sendo esse elemento converte-se em um signo em constante geração de intérpretes do processo de semiose institucional.

A semiótica, por meio de suas fundamentações e de técnicas aplicáveis nela baseada, pode nos auxiliar na concepção de produtos de design que tornem explícitos os valores de uma marca presentes no processo de comunicação entre o produto e seu destinatário (interprete) (Niemeyer, 2007). Se dotarmos, portanto, a imagem corporativa de uma empresa, no caso específico, da Cooperativa Vale Encantado, com os fundamentos teóricos semióticos, poderemos facilitar ou evidenciar a transmissão de representações de valores dessa corporação entre os elementos de sua marca e seus interpretes.

Portanto, quando nos referirmos ao ambiente do restaurante da Cooperativa na presente pesquisa, estamos nos referindo a uma edificação que gera um ambiente construído planejado para transmitir aos interpretes significações de uma marca por meio de ambiências sensíveis. Significações essas, que são oriundas da vivência por esses indivíduos desse lugar da marca. O fato de ser transmissor de significados entranha no ambiente do restaurante sua função comunicativa própria do produto de design, um canal transmissor. O fator comunicacional o vincula à marca, por conter e transmitir seus valores, constituindo a ambiência gerada como a própria mensagem a ser compreendida e vivenciada.

Bense, em sua teoria do objeto (apud Walther-Bense, 2000), caracteriza os objetos de design como sendo construídos, pois não são 'dados' como os da natureza. São

antecipáveis, isto é, são planejados, mas não são completamente determinados pelas suas funções técnicas. A indeterminação ocorre porque os objetos de design possuem um conteúdo estético responsável por uma diferenciação do produto de design dos produtos com estética convencional já instituída no meio social. Seria o conteúdo estético também responsável – entre outros fatores – pela comunicação de sensações próprias de uma primaridade, de um olhar que leva em consideração as 'aparências do signo; que possuem como fundamento qualidades de aparência do signo, que podem se assemelhar a outras qualidades de aparência' (Santaella, 2007), ou seja, as experiências singulares de vivência do cotidiano de cada interprete, gerando emoções por similaridades, gerando prazer.

Bense (apud Walther-Bense, 2000), propõe outras classificações para o objeto de design. Para o autor, esse objeto se apresenta como um signo complexo, que abrange as três classes sígnicas principais. Trata-se de um objeto que possui três referências:

1. 'A **dimensão material**' também chamada de hilética: contempla os meios materiais empregados no objeto de design[1], refere-se à primaridade ('pertence a um ente que existe independentemente por si mesmo. Peirce denomina-a "qualidade de sensação"');
2. 'A **dimensão morfética**' ou semântica: a produção efetiva do produto de design, podendo ser usada e consumida. Refere-se à secundaridade (onde 'pertencem experiências', que são sempre dependentes do espaço e do tempo';
3. 'A **dimensão sintática**' ou sintética: relacionada à funcionalidade técnica do objeto de design. Refere-se à terciaridade (onde 'pertence a tudo aquilo que é determinado por uma maneira de ser'.

'A dimensão pragmática do objeto de design, seu emprego, seu uso percorrem as três dimensões mencionadas que constituem o objeto de design.'

Bense em analogia ao sistema da criação de Pierce propõe em relação ao objeto de design, que a dimensão sintética (meios funcionais) unida à dimensão hilética (materiais empregados) produzem a dimensão morfética, ou seja, o objeto de design propriamente dito. Em correspondência a esse esquema, relacionamos o ambiente construído e sua ambiência gerada:

A terciaridade pertence a tudo aquilo que é determinado por uma maneira de ser, portanto, refere-se ao ambiente construído e suas demandas funcionais e as necessidades de seus usuários. 'O objeto de design passa a funcionar como objeto de uso da "satisfação" de "necessidades".' (apud Walther-Bense, 2000). Qual a função daquele ambiente em relação ao sistema produto-serviço da marca? Quais valores da marca estão sendo reafirmados pelas ambiências vivenciadas? Que horizontes de

1 Entende-se pelo autor, objeto de design como produto de design e conseqüentemente, membro do sistema produto-serviço de uma marca.

expectativas dos usuários da marca as ambiências estão preenchendo? O ambiente construído e sua ambiência gerada como reafirmações sociais de uma maneira de ser e se comportar.

Ao tratarmos da terciaridade aplicada ao ambiente construído, em relação aos valores da marca representada, devemos pensar nos valores regulares presentes nesse ambiente. Nesse caso, em um ambiente de venda dos produtos da cooperativa e do consumo de alimentos produzidos por ela, o que se pretende evidenciar é a sua indução ao consumo. A sua função técnica é a venda dos produtos da cooperativa, sejam os doces ou a culinária criativa que oferecem. Como então está representada nesse ambiente essa ação de consumo? Por meio da distribuição espacial dos componentes do ambiente construído relacionados a contemplar necessidades, ou seja, relacionado às atividades nele desempenhadas. Os Mobiliários e acessórios de arte, os produtos em exposição, os percursos tanto quanto os fluxos traçados pela disposição do layout e pela organização dos produtos expostos são dispostos sempre com a intenção clara de proporcionar ou facilitar a aproximação e o consumo dos produtos da marca.

A primaridade sugere um olhar que leva em consideração as aparências do signo. É responsável pelas primeiras impressões provocadas no indivíduo receptor da mensagem da marca. Seriam os meios materiais do ambiente construído capazes de gerar as ambiências sensíveis ainda num âmbito de possibilidade de percepção. Essa impressão decorre da observação e vivência de materiais, cores, formas, volumes, texturas, luminosidade de superfícieis, etc..

A secundaridade onde 'pertencem experiências', que são sempre dependentes do espaço e do tempo'. Experiências que proporcionam sensações que podem se destacar umas às outras de acordo com fatores ambientais e temporais presentes em seu intérprete (o indivíduo que vivencia as experiências) no momento do processo de semiose (processo de comunicação).

Ou seja, o restaurante da cooperativa (o ambiente construído) é um elemento da marca projetado com uma determinada função técnica, aliada às diretrizes de ordenamento do espaço e escolha de materiais, formas ,cores,mobiliários e acessórios mas que, ao transmitir os valores de sua marca pelas ambiências geradas, está sujeito às interpretações de cada indivíduo que o vivenciará naquele determinado momento. Como um produto de design, por meio de analogias, na relação com o seu interprete, evidencia e ignora a cada instante, na comunicação pela sua ambiência, o discurso de identidade da marca que representa. A compreensão de sua mensagem não é por meio simbólico, ditatorial de interpretações, senão capaz de sugerir múltiplas possibilidades e descobertas em sua relação com o receptor desse processo de comunicação. Estabelece-se assim, um ambiente de visibilidade da marca (Ferrara, 2002), um 'momento de verdade' (Demetresco, 2007), na relação da marca com seu Interpretador.

3.2 O Design social

Manzini (2017) aponta que 'no século XXI, a inovação social estará entrelaçada ao design não só como estímulo, mas também como objetivo. ''Não se trata de uma nova disciplina: é simplesmente uma das maneiras pelas quais o design contemporâneo está se manifestando.' Ao promoverem o design para a inovação social (termo por ele cunhado), os designers 'devem usar suas habilidades e competências em design para reconhecer casos promissores quando e onde eles aparecem, bem como para promovê-los. Isto é, ajudá-los a serem mais acessíveis, eficazes, duradouros e replicáveis.' Nessa intenção, a interdisciplinaridade, característica do design, manifestada pelo processo de co-design, foi necessária na promoção do design para inovação social do estudo de caso escolhido para a pesquisa. Apoiada nas expertises oriundas das disciplinas do Design de interiores, Design de produto, do Design de serviço, do Design estratégico e no estudo de ambiências sensíveis. O processo de co-design corroborou na conceituação do projeto e no planejamento da linguagem a ser empregada capaz de transmitir o discurso de identidade da marca.

Manzini (2017) julga particularmente relevante ao design para inovação social duas disciplinas: o Design de serviços (para conceber e desenvolver ideias de solução que levam em conta a qualidade das interações envolvidas) e o Design estratégico (para promover e apoiar parcerias entre os diferentes atores envolvidos).'O design de serviços é uma área emergente, focada na criação de experiências cuidadosamente planejadas, por meio do uso de uma combinação de mídias tangíveis e intangíveis. Isso oferece inúmeros benefícios à experiência final do usuário, quando aplicado a setores como varejo, bancos, transportes e saúde. O design de serviços, enquanto prática, geralmente resulta no design de sistemas e processos que têm como objetivo oferecer ao usuário um serviço holístico.'*The Copenhagen institute of interaction design* (Stickdorn,2008)

3.3 O processo participativo

O processo participativo, segundo Sannoff (1988), determina que a participação é gerada a partir do envolvimento do público direto nos processos de tomada de decisão. Nesse processo 'os cidadãos compartilham as decisões sociais que determinam a qualidade e o rumo de suas vidas. Isso requer a disponibilização de meios de comunicação eficazes para fornecer bases adequadas para a participação do cidadão no design.' Nessa contextualização, o processo participativo aplicado na pesquisa atuou como ferramenta do Design de serviços, na coleta de dados que fundamentaram o conceito e, consequentemente, a criação da estratégia da marca da Cooperativa Vale Encantado e a linguagem a ser empregada em seus elementos de comunicação.

Para capturar a identidade do lugar é necessário conhecer a história, o presente e as expectativas das pessoas que ali vivem. Portanto, propusemos um processo no qual o desenvolvimento de projetação é baseado em técnicas de aproximação com o destinatário. Por meio de dinâmicas participativas, os interesses, expectativas e anseios da Cooperativa Vale Encantado foram diagnosticados. A partir desses

resultados, obtivemos as bases conceituais para o desenvolvimento do projeto da marca Cooperativa Vale Encantado. Foram propostas as seguintes dinâmicas: Dinâmica 1: Conhecendo o passado, presente e futuro; Dinâmica 2: Caracterizando o destinatário, a ambiência, o mobiliário, os acessórios de arte decorativos e os revestimentos e, por fim, a Dinâmica 3: Reconhecendo seu discurso: slogans e palavras-chaves.

3.3.1 Dinâmica 1: Conhecendo o passado, presente e futuro.

A partir dos questionamentos: Como era?, Como é? e Como vai ser? Foram distribuídos aos moradores post-its onde memórias sobre a comunidade e anseios sobre o restaurante da cooperativa puderam ser identificados. As lembranças, registros e anseios, foram organizados junto com os moradores. Os aspectos mais recorrentes foram destacados em consenso com os participantes.

Conhecendo o passado: Como era? Resultados obtidos: Paz, Tranquilidade; Natureza; Comunidade unida, próxima; Carência de transporte; Plantações (flores, legumes e verduras); Bares; Pedreira; Havia trabalhadores temporários; Famílias fundadoras: Medeiros, Barros e Martins Leão; Martins Leão: Primeiro Proprietário.

Conhecendo o presente: Como é? Resultados obtidos: Ausência de serviços; Tranquilidade, Natureza; Falta de trabalho; Evasão de moradores não naturais; Permanência dos moradores descendentes das famílias fundadoras; Poucos atrativos turísticos; Cooperativa gera união da comunidade.

Conhecendo o futuro: Como vai ser? Resultados obtidos: Cooperativa gerando emprego de forma sustentável; Serviços com atrativo turístico.

Como conclusão da primeira dinâmica proposta, a partir dos aspectos mais recorrentes levantados, o objetivo da comunidade é fazer do espaço da cooperativa um ente gerador de emprego de forma sustentável, em especial, utilizando o seu potencial turístico. Para isso, precisamos conhecer o público que frequentará aquele lugar assim como as atividades que nele ocorrerão.

3.3.2 Dinâmica 1: Conhecendo o passado, presente e futuro.

Após a dinâmica realizada com os post-its, deu-se início a segunda dinâmica. Nessa fase foram distribuídas sobre a mesa, diversas imagens de diferentes atividades. Em seguida, foi pedido para que cada participante, membro da cooperativa, selecionasse as imagens de atividades que pudessem identificar os usuários do restaurante da Cooperativa Vale Encantado.Feito isso, foi montado um painel reunindo todas as imagens escolhidas. Montado o painel, foram destacadas as imagens das atividades que mais se repetiram dentre as escolhidas pelos participantes da cooperativa, caracterizando assim, esse destinatário como sendo um indivíduo que poderia desempenhar ou vivenciar as atividades de: Ciclismo; Turismo; Atividades ao ar livre; Música; Encontros; Reunião de pessoas de diversas tribos, sem preconceito.

Na segunda fase da dinâmica 2, foram distribuídas sobre uma mesa imagens de ambientes de restaurantes e solicitado aos participantes que selecionassem as que melhor representassem suas expectativas quanto a estética e ambiência a ser implantada. Foi montado um segundo painel contendo as imagens escolhidas.

O ambiente seria um local de encontro numa ambiência que transmitisse tranquilidade, aconchego e acolhimento a partir de materiais naturais e com acabamento rústico das superfícies. Essa mesma ambiência estaria presente no terraço ao ar livre da Cooperativa.

Posteriormente, nessa mesma fase, foram distribuídas sobre a mesa imagens de mobiliários pertencentes a um restaurante, como mesas e cadeiras. Foi solicitado aos participantes que escolhessem as que melhor compusessem a ambiência.

Como conclusão dessa etapa, os mobiliários propostos foram os em madeira com acabamento rústico, em sua forma natural ou trabalhada com a utilização de fibras naturais e alguns estofados.

Ainda nessa etapa, foram dispostas, posteriormente, imagens de elementos, acessórios de decoração, incluindo iluminação, utensílios e componentes para o serviço de mesa, para que os participantes selecionassem as que julgassem mais adequadas à ambiência. Foi montado, então, o terceiro painel.

Como conclusão a ornamentação sugerida seria a partir do reaproveitamento de potes e garrafas atuando, por exemplo, como suporte de flores e velas, além de luminárias que proporcionariam uma iluminação indireta. Para o serviço de mesa seriam utilizados artefatos em madeira, cerâmica e vidros.

Posteriormente, em outra atividade foram distribuídas sobre a mesa, imagens de revestimentos de piso, paredes e tetos além de opções de tecidos para forração.

Foi solicitado, novamente, aos participantes que selecionassem as imagens que melhor representassem suas aspirações sobre os revestimentos que seriam aplicados ao local.

Os revestimentos escolhidos de piso seriam em madeira, cimento queimado e pedras. Nas paredes, revestimentos em madeiras reaproveitadas, pedras, tijolo aparente e pintura. No teto, forros de fibras naturais de madeira pintada.

3.3.3 Dinâmica 3: Reconhecendo o seu discurso de identidade.

Nessa dinâmica, foram dispostos slogans e, posteriormente, palavras sobre as mesas para que os participantes fizessem as seleções representativas de seu discurso ao se referirem à ambiência do restaurante da Cooperativa Vale Encantado.

As expressões verbais selecionadas estavam relacionadas à singularidade, à relação próxima com a natureza, à informalidade, constituindo, a partir desses termos, uma experiência única.

4. CONCLUSÕES FINAIS

As etapas da dinâmica participativa revelaram uma forte relação de união entre a Comunidade e a Cooperativa já presente em sua história, além de apontar suas características de identidade como acolhedora, familiar e sustentável. O conjunto de dados apurados contribuiu significativamente para elaboração de uma estratégia de marca amparada num conceito diretamente ligado às pessoas e aquele lugar. O instrumento serviu também para reafirmar o discurso e características de identidade da cooperativa e suas qualidades ambientais. Por meio da seleção de imagens escolhidas, foi possível materializar a ambiência gerada a partir da expressão cromática do projeto; especificação de materiais, revestimentos; mobiliários e acessórios e tipos de iluminação.

O discurso de identidade, as qualidades ambientais que o traduziam, a ambiência do restaurante, a identidade visual e suas aplicações foram apresentadas e discutidas com os cooperados e, posteriormente, o projeto do restaurante foi executado de forma colaborativa com os estudantes envolvidos. A ambiência gerada e vivenciada pelos freqüentadores do restaurante alcançou sua eficácia comunicacional a partir de relatos coletados posteriores à implementação do projeto. Ao final da pesquisa, constatou-se a importância do protagonismo dos cooperados, por meio do processo participativo. Estes protagonistas foram inseridos no centro das discussões, tanto nas fases de coleta de dados e compreensão da problemática de projeto, quanto na fase de concepção de estratégias de marca e de conceituação de ambiências como mensagens transmissoras do discurso de identidade da marca Cooperativa Vale Encantado.

5. BIBLIOGRAFIA

BBC News Brasil (2024). Como uma pequena favela no Rio de Janeiro construiu sua própria rede de esgoto. *http://www.bbc.com/portuguese/brasil-61835087*.

Chaves, N (1990). La imagen corporativa: teoria y metodologia de la identificación institucional. Ed. Gustavo Gili.

Demetrsco, S (2007). Visual merchandising e marketing de moda. Em COBRA, M. Marketing & Moda (pp.201-209)

Manzini, E (2017). Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para inovação social. Ed. UNISINOS.

Manzini, E & Meroni, A (2009). Design em transformação. Em KRUCHEN, L. Design e território: valorização de identidades e produtos locais (pp. 13-16). Ed. Studio Nobel.

Niemeyer, L (2007). Elementos de semiótica aplicados ao design. Ed. 2AB.

Margolin, V. & Margolin, S. (2002). A "Social Model" of Design: Issues of Pratice and Research. Design Issues, 18(04), 24-30.

https://direct.mit.edu/desi/article/18/4/24/60066/A-Social-Model-of-Design-Issues-of-Practice-and.

Santaella, L. (2007). Semiótica Aplicada. Ed. Thompson Learning.

Stickdorn, M. (2014). Isto é design thinking de serviços. Ed. Bookman.

Sanoff, H. (1988). Participatory Design in Focus. Architecture & Comportement / Architecture & Behaviour, 4 (1), 27-42.

https://www.epfl.ch/labs/lasur/wp-content/uploads/2018/05/SANOFF.pdf

Walther-Bense, E. (2000). A Teoria Geral dos Signos. Ed. Perspectiva.

R34

PROJECT INTERVENTION IN THE NATIONAL INSTITUTE OF CARDIOLOGIA (INC) NURSING SECTOR: A PARTICIPATORY PROJECT ACTION FROM THE HEALTH PROFESSIONALS PERSPECTIVE.

INTERVENÇÃO PROJETUAL NO SETOR DE ENFERMAGEM DO INSTITUTO NACIONAL DE CARDIOLOGIA– INC: UMA AÇÃO PROJETUAL PARTICIPATIVA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE.

Stella Hermida
Arquiteta e Urbanista
Doutor em Ciências da Arquitetura (PROARQ/FAU/UFRJ)
Professor Adjunto da Escola de Belas Artes (EBA)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
stella.hermida@eba.ufrj.br

Gilberto Rangel
Designer Industrial
Doutor em Design(PPGD-PUC-RIO)
Professor Adjunto da Escola de Belas Artes (EBA)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
gilbertorangel@eba.ufrj.br

ABSTRACT

Health institutions play a significant role in the promotion, prevention, diagnosis, treatment, and medical research. This article presents the research developed at the National Institute of Cardiology (INC) in Rio de Janeiro, a reference hospital for complex heart diseases involved in academic and professional training. The School of Fine Arts at UFRJ, through the extension project – Design de Interiores do Bem – was requested to intervene and improve some INC sectors. Using a participatory and structured methodology, the student team conducted analyses, participatory dynamics, and interviews to develop an interior design project concept that could create a sensitive ambiance for this place. The result, presented and discussed with INC professionals, highlighted the importance of involving healthcare professionals and students in project decision-making, promoting a more welcoming ambience that provides well-being.

KEYWORDS: interior design. project methodology. participatory process. hospital ambiences.

RESUMO

As instituições de saúde desempenham um papel significativo na promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento e pesquisa médica.Este artigo apresenta a pesquisa desenvolvida no Instituto Nacional de Cardiologia (INC) no Rio de Janeiro, um hospital de referência em doenças cardíacas complexas, envolvido em formação acadêmica e profissional. A Escola de Belas Artes da UFRJ, através do projeto de extensão – Design de Interiores do Bem – foi solicitada para intervir e melhorar instalações de alguns setores do INC. Utilizando uma metodologia participativa e estruturada, a equipe realizou análises, dinâmicas participativas e entrevistas para o desenvolvimento de um conceito de projeto em Design de interiores capaz de gerar uma ambiência sensível aquele lugar. O resultado, apresentado e discutido com os profissionais do Inc destacou a importância do envolvimento dos profissionais de saúde e estudantes nas tomadas de decisões do projeto e promoção uma ambiência mais acolhedora e que proporcione bem-estar.

PALAVRAS-CHAVE: design de Interiores. metodologia de projeto. processo participativo. abiências hospitalares.

1. INTRODUÇÃO

As Instituições de Saúde são organizações ou estabelecimentos que desempenham papel significativo no campo da saúde. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) denomina as EAS como Estabelecimento Assistencial de Saúde, para todos os estabelecimentos que prestam serviços de atendimento à saúde no Brasil: “sejam eles públicos, privados, civis ou militares, incluindo aqueles que exercem ações de ensino e pesquisa” [...] (Brasil, 2011). Demaneira geral são ambientes complexos envolvidos em atividades relacionadas à promoção, prevenção, diagnóstico,

tratamento e pesquisa médica. Além disso, são ambientes que possuem riscos de várias ordens, tais como, risco biológico, risco químico, risco radioativo etc. Isso impõe observação constante do usuário quanto à sua segurança, para não adentrar em áreas ou ambientes que possam comprometer sua integridade física. (Rangel, 2016).

O objeto de estudo (território) desse artigo é o Instituto Nacional de Cardiologia – INC, Estabelecimento Assistencial de Saúde localizado no Rio de Janeiro, capital. Trata-se de um hospital de referência do Ministério da Saúde no tratamento de alta complexidade em doenças cardíacas, atuando com destaque há mais de 40 anos, em procedimentos hemodinâmicos, cirurgias cardíacas de alta complexidade (incluindo as neonatais) e transplantes. O INC também atua como formador de profissionais através dos programas de Residência Médica, Enfermagem e Farmácia de excelência.

Os fatores humanos que ocupam as EAS, como é o caso do INC, são classificados como clientes de saúde (pacientes), acompanhantes, visitantes e membros do corpo profissional/assistencial (funcionários, enfermeiros, equipe médica etc.). Nessa classificação identificam-se como usuários externos os pacientes não internados, os acompanhantes e os visitantes. Os usuários internos são os pacientes internados e os membros do corpo profissional / assistencial. (Bross, 2013)

A complexidade da EAS não se apresenta apenas nas estruturas físicas, na diversidade dos equipamentos, tecnologias e nas mais variadas funções que exerce. Também está relacionada aos confrontos emocionais dos membros do corpo funcional que se deparam com as mais diversas situações em sua jornada de trabalho. Dados recentes sobre o INC, relatam que a unidade dispões de 165 leitos, sendo 60 de UTI, com quatro mil internações anuais, 1.200 cirurgias e 50 mil consultas médicas.

Diante desse cenário, a Escola de Belas Artes (EBA- UFRJ), por meio do projeto de extensão Design de Interiores do Bem, foi procurada pelos gestoresdo INC, no sentido de promover uma melhor “ambientação” das instalações internas da unidade. O desafio foi enfrentado por um grupo de estudantes universitários, por aproximadamente um ano, formado na sua maioria por alunos do bacharelado em Design de interiores e Arquitetura, com o objetivo de propor correções de não conformidades identificadas nas instalações

internas da edificação, especificamente no setor das enfermarias. O objetivo central do projeto concentrou-se na busca por prover soluções que visassem proporcionar melhorias relacionadas ao conforto, segurança e bem-estar dos usuários internos (pacientes e membros do corpo funcional) e externos. Trata-se essencialmente de uma ação de intervenção por meio do Design de interiores onde realiza-se uma “atividade projetual multidisciplinar, envolvendo em seus processos a criação de ambientes internos, compreendendo o estudo do clima e a identidade de seus usuários, que se revela por meio de características, volumes, elementos específicos, mobiliários e superfícies.” (Brooker & Stone, 2014).

A atividade de extensão Design de Interiores do Bem visa criar oportunidades de ação em ambientes não ficcionais, na qual através de uma proposta multidisciplinar os estudantes podem experienciar situações reais e identificar não conformidades. Propostas de soluções de projeto que assegurem a correta interpretação das necessidades do território (INC), dos usuários, das funções pré-estabelecidas, assim como, do estudo das ambiências sensíveis, apontam para o objetivo central desse estudo. Nesse cenário o ambiente assume papel protagonista no sentido de ser um facilitador ou dificultador para realização das atividades (Villarouco, 2008). O processo transcorre através da aplicação de uma metodologia projetual estruturada, amparados pelas Normas Regulamentadoras específicas desse campo de trabalho, proporcionando ao corpo discente uma possibilidade ímpar, dentro de um ambiente acadêmico, de ampliação do seu olhar direcionando também para a responsabilidade social.

Neste breve artigo será apresentado ao leitor o percurso metodológico da intervenção realizada no INC, onde através de uma metodologia de projeto, os estudantes transcorreram etapas, partindo-se da análise do território, passando-se pela identificação dos usuários e suas caracteriística de identidade, as funções estabelecidas de cada setor e o estudo das ambiências na promoção de bem-estar nesse lugar profissional. O trabalho é concluído com a apresentação de uma proposta de projeto de apresentação (Estudo Preliminar).

2. A TERRITORIALIDADE NO AMBIENTE PÚBLICO

A territorialidade é um conceito originário da etologia que atravessa o campo da psicologia e permite compreender as interações sociais e a apropriação do entorno físico. “Na psicologia, como na antropologia e na geografia, o ponto central é o comportamento humano, que se manifesta por meio do esforço coletivo de um grupo para converter esse entorno em seu território.” (Higuchi & Theodorovitz apud Little, 2002).

Conforme veremos mais a frente os usuários do INC, membros do corpo profissional / assistencial da instituição, revelaram forte apreço pelo seu lugar de trabalho e todas as relações construídas naquele espaço. A ideia de ordenamento territorial é um atributo que costuma ser constituído por pessoas que ocupam determinados espaços, onde identifica-se controle de acessos e ainda se estabelece o senso de apropriação e o apego ao lugar. A literatura específica desse tema afirma que esses processos de vivências promovem sentimentos de pertencimento e identidade de lugar, as quais são parte integrantes das territorialidades existentes no ordenamento do espaço.

Neste aspecto o tempo de existência da relação entre usuários e o ambiente é um ponto relevante, além da identificação particular de cada pessoa com o lugar. Higuchi e Theodorovitz (2028) afirmam que o território “impregnado de significados, símbolos e imagens, é formado em um lugar, como produto da apropriação e do controle por parte de um determinado sistema social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição.”

Nobert-Schulz (2013) aponta que lugares constituem um fenômeno qualitativo cujos componentes cores, materiais, formas e texturas de tudo aquilo que neles está incluído contribuem para sua existência como fenômeno. Ele evidencia o caráter totalitário, expõe uma visão unívoca, segundo a qual todas as "coisas" que constituem "o lugar" colaboram para sua qualificação. Dessa forma, lugares, já possuem uma qualidade ambiental, que é a sua essência, num tempo anterior à sua relação com seu público, usuários que o vivenciarão. Nesses termos, destacamos o planejamento das qualidades do ambiente de Design de interiores, momento que antecede a sua produção/ construção ou adequação espacial. Seria nessa fase de projeto antes de sua construção e materialização que haveria o planejamento da ambiência sensível almejada.

O autor contribui ainda que quando o homem habita, o mundo se torna um "interior". Porque "interior" é o próprio mundo (a casa), já que habitar é o "modo" como os homens são na terra. Dessa forma, caracteriza-se o ambiente construído na sua condição totalitária e complexa, em que todos os lugares e coisas qualificam a sua essência (ambiência sensível) Sendo assim, a ambiência planejada, ainda na fase de projeto do ambiente de Design de interiores, dificilmente é gerada por meio de um único caráter , pois "um caráter é uma totalidade complexa, e um adjetivo sozinho não pode dar conta de mais de um aspecto dessa totalidade" (Nobert-Schulz, 2013).

3. METODOLOGIA PROJETUAL

A partir da demanda apresentada ao grupo de estudantes da atividade de extensão Design de Interiores do Bem, conforme orientação dos coordenadores do projeto estabeleceu-se o percurso metodológico organizado em seis etapas: (1) revisão bibliográfica dos temas pertinentes ao projeto; (2) análise das necessidades (funcionais e subjetivas) dos membros do corpo profissional/assistencial do INC; (3) análise global do ambiente (setor de enfermarias); (4) estabelecimento de um conceito e partido do projeto; (5) desenvolvimento de propostas (estudo preliminar); (6) projeto de apresentação.

3.1 Etapas do processo metodológico aplicado

3.1.1 Revisão bibliográfica dos temas pertinentes ao projeto

O ponto de partida para realização do projeto foi a implementação de uma extensa revisão literária sobre projetos de interiores em estabelecimentos assistências de saúde. O processo transcorreu através de leituras, elaboração de seminários e grupos de discussão. Os temas estudados durante o levantamento bibliográfico abrangeram: procedimentos de projeto e materiais específicos para EAS; normas técnicas para projetos nos EAS, conforme estabelecido pelo Ministério da Saúde; NBR 9050 – acessibilidade nas edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos; notas técnicas quanto ao sistema de prevenção a incêndios, sinalização de segurança e iluminação de emergência, e por fim, nota técnicas sobre recomendações para prevenção de proliferação de bactérias nos EAS.

3.1.2 Análise das necessidades e características de identidade dos membros do corpo profissional/ assistencial do INC.

Nesta etapa inicia-se a etapa descritiva da pesquisa. Esta etapa foi dividida em duas subfases: inquirição através da dinâmica do processo participativo em design e a elaboração e aplicação de questionário junto aos membros do corpo profissional / assistencial do INC.

Conforme amplamente reconhecido no campo do Design, o processo participativo em design sugere uma abordagem que envolve a colaboração ativa das pessoas envolvidas aquele lugar diretamente com as tomadas de decisão do projeto. Essa técnica reconhece que os indivíduos que irão usar, vivenciar ou ser impactadas por uma ação de design possam, contribuir ao resultado final. Dessa forma, suas necessidades e aspirações aquele ambiente projetado tornam-se verdadeiramente efetivadas.

As ações aplicadas durante o processo participativo em design no INC foram: planejamento e preparação, pesquisa e coleta de dados; ideação. (Douglas Schuler & AkiNamioka, 1993). Nesta etapa participaram diversos profissionais do Instituto (setor administrativo e assistencial). Por meio de uma dinâmica participativa Conhecendo o Passado, o Presente e o Futuro, averiguou-se junto aos profissionais inquiridos sobre a relação individual de cada pessoa com a instituição. Os profissionais eram livres para expressar em post-its os seus sentimentos, memórias e anseios sobre a instituição. Ao final foi elaboramos um painel com todos os textos entregues, onde realizou-se uma ampla discussão sobre os assuntos abordados. Todo o processo foi registrado para análise posterior e serviu para a fundamentação do conceito de projeto a ser implementado.

A segunda abordagem foi realizada através da técnica de inquirição, através de questionário. Conforme explicam Marconi e Lakatos (2002) "é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador." A elaboração do questionário requer dedicação e observância quanto ao objeto de estudo e os objetivos da pesquisa. A formulação das perguntas deve ser bem planejada e organizada em temas distintos, para que funcione de forma eficaz. Nesse sentido, foi elaborado um questionário do tipo perguntas fechadas com alternativas dicotômicas e múltipla escolha.

A composição do documento foi organizada através dos seguintes temas: a) identificação e características do perfil funcional do (a) usuário (b); aspectos positivos e negativos sobre a atividade funcional que realiza; (c) sobre o ambiente de trabalho (fatores ambientais: iluminação, ruído, temperatura e odores); (d) sobre mobiliário, equipamentos e acessórios existentes; (e) acessibilidade e ergonomia; (f) percepção ambiental (avaliação do usuário sobre sua percepção em relação aos aspectos qualitativos do ambiente, sua ambiência: acolhedora, aflitiva, agradável, calmante, confortável, emocionante, estimulante, impessoal, relaxante, sombria (g) e por fim, a qualidade visual percebida (avaliação dos atributos: coerência, complexidade moderada, naturalidade, conservação, abertura visual, significado histórico).

Neste último tema do questionário, avaliou-se a qualidade visual percebida a qual depende, em parte, de fatores perceptivos/cognitivos dos respondentes. Conforme explica Costa (2020) onde "por definição há um julgamento emocional que envolve avaliação e sentimentos." O autor prossegue e cita os estudos de Ward e Russel (1981), que examinaram a questão e estabeleceram quatro dimensões: agradável, excitante, emocionante e relaxante. (Costa, 2020 apud Ward e Russel, 1981 e Nassar, 1988a). O questionário foi aplicado junto a 32 membros internos do INC entre profissionais administrativos e assistenciais. Os resultados da inquirição serão apresentados mais a frente.

3.1.3 Análise global do ambiente (setor de enfermarias)

Nesta etapa os estudantes são provocados a realizar uma análise aprofundada das condições físicas do ambiente. Neste caso trata-se do 8º e 9º pavimentos da edificação onde estão concentradas as enfermarias masculinas e femininas. A análise é realizada através da técnica de observação meticulosa das instalações. Realiza-se também medições e registros de imagem. É verificado a existência ou não de condições de acessibilidade, bem como as tipologias de revestimentos (planos verticais e horizontais), mobiliário e esquadrias. O setor de enfermaria é composto por: hall dos elevadores; chefia médica; de sala dos médicos; leito tipo (quarto duplo); leito tipo (quarto simples); posto de enfermagem; sala dos médicos; chefia médica; vestiário e sala de convivência. Apesar dos gestores fornecerem as plantas arquitetônicas da edificação, foi realizada uma medição completa do local, pois as mesmas estavam em desacordo com o espaço físico atual. Fez a opção de trabalhar com o leito tipo para que a proposta do mesmo fosse replicado em toda planta.

3.1.4 Elaboração de conceito e partido

Os resultados das análises dos dados levantados (investigação sobre membros internos; função e território), na metodologia de planejamento espacial, produzem um número elevado de informações que o estudante deverá fazer uso para a elaboração do conceito de projeto.HIGGINS (2015) defende o conceito como "ideia abstrata ou geral que contribua para as decisões tomadas durante o processo de projeto de modo que o resultado construído se torne mais coeso." Como ponto de partida, a autora sugere que os profissionais podem buscar inspiração ao analisar as partes componentes do projeto, podendo ser destacado alguns aspectos, tais como: o cliente; o programa de necessidades; o local (território) ; a estratégica do projeto.
O partido é um termo recorrente da arquitetura que descreve uma série de determinantes estéticos, que constituirão a linguagem de projeto a ser estabelecida. O partido corresponde à materialização do conceito e das qualidades ambientais que proporcionarão a vivência da ambiência sensível. Trata-se de uma consequência dos dados levantados e analisados na fase anterior, traduzidos em um conceito e em qualidades ambientais que agora se materializarão de forma plástica. Para tanto, serão concebidos os elementos estéticos do projeto, tais quais: volumes, aspetos formais e suas composições, materiais e acabamentos assim como, a estética de mobiliários e equipamentos, a expressão cromática do projeto e soluções de iluminação e layout capazes de gerar atmosferas (qualidades ambientais almejadas).

3.1.5 Desenvolvimento de propostas (estudo preliminar)

O processo de projetação em design de interiores desenvolve-se em progressão, avançando sobre o grau de definição da solução do problema de projeto, no sentido de atender demandas específicas. O estudo preliminar pode então ser entendido como o desenvolvimento natural do conceito e partido, avançando nesse processo de pormenorização. Em geral o estudo preliminar deve contemplar as análises de: layout; melhor aproveitamento energético (iluminação e ventilação); existência de fontes de ruídos; melhores soluções ergonômicas e de acessibilidade; melhor aproveitamento da paisagem externa; mobiliário e/ou equipamento e ainda, algum item existente a ser aproveitado; materiais e tratamentos de superfícies que melhor materializem o conceito do projeto e promovam a ambiência almejada; análises das intervenções no ambiente considerando limitações como: vigas existentes, aspectos de segurança com possíveis atualizações para gás, elétrica, lógica, prevenção de incêndio e segurança; da relação dos aspectos culturais e pessoais do usuário com as possibilidades do projeto.

3.1.6 Projeto de apresentação

Em geral o anteprojeto deve apresentar como o conceito será traduzido no projeto; articulação das funções de ambientes / setores; estudo de fluxo; tipologia construtiva; configuração de esquadrias e vãos de passagem; acessos; indicação de equipamentos a ser utilizado (sem detalhamento específico); soluções de volume, plástica, forma; definição geral de materiais, texturas, proposta cromática utilizada; estudos de iluminação e atmosfera pretendida; e ainda, relacionamento entre o ambiente interno e a paisagem externa; esboço geral das especificações. Esta etapa marca o final do desenvolvimento projeto e é finalizada com a apresentação da proposta de projeto aos demandadores do INC.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Dinâmica do processo participativo em design

A primeira técnica de inquirição junto aos membros internos do INC, através da dinâmica do processo participativo em design revelou desejos particulares e coletivos do grupo de profissionais que participaram da atividade. Alguns aspectos foram revelados com maior ênfase como: sentimento de “acolhimento” dos membros externos e internos da unidade; valores relacionados à “responsabilidade social” e valoração da “gestão participativa”. Também foram revelados valores como “tradições” e o “relacionamento interpessoal” entre os membros internos.

4.1.1 Técnica de inquirição – questionário

O total de entrevistados nessa etapa do trabalho foram de 32 profissionais, das mais diversas áreas do INC (administrativos e assistencial de saúde). O tempo de relação de trabalho dos funcionários identificados foi na sua maioria foi de cinco a 17 anos. De maneira geral os fatores ambientais (iluminação, ruído, temperatura)

foram classificados como suficientes pelos inquiridos. Aspectos como organização e assepsia da unidade foram destacados como atributos mais importantes no ambiente de trabalho. A maioria dos inquiridos apontaram que as instalação internas da unidade são “um pouco inclusivas”.

Sobre a investigação dos aspectos subjetivos a pesquisa revelou as seguintes informações: a maioria dos respondentes apontou como “satisfeito” seguido imediatamente por “pouco satisfeito sobre o seu ambiente de trabalho; expressiva maioria dos inquiridos apontam o ambiente de maneira geral como “acolhedor.” Sobre o tema “a influência da aparência visual do ambiente de trabalho para realização das tarefas”, ampla maioria dos inquiridos “concordaram totalmente” e “parcialmente.” Ampla maioria dos inquiridos acreditam que o atributo“agradável” é considerado como um dos atributos mais importantes sobre o ambiente de trabalho. Quando inquiridos sobre a “qualidade visual percebida”desejada para um novo ambiente de trabalho, os atributos “coerência formal” e “manutenção” foram os atributos mais destacados pelos participantes.

5. PLANEJAMENTO DAS AMBIENCIAS DO PROJETO

Os resultados levantados após a definição do problema, a análise global do ambiente e do quadro geral de informações, produzem um número elevado de dados que os estudantes devem aprimorar e reorganizar através do briefing. É fundamental a análise atenta do designer de interiores para destacar os aspectos que irão de fato contribuir com soluções projetuais adequadas e descartar informações que podem não ser necessárias para esta fase. Desta forma, foi possível a elaboração de uma ideia conceitual de projeto baseada na construção de “relações entre pessoas” – aspecto essencial na cultivação de um ambiente acolhedor para todos os usuários do lugar – priorizando valores de compreensão e empatia, gerando um fluxo contínuo de ações positivas recíprocas.

Após a definição do conceito de projeto, chega-se na etapa de elaboração do painel semântico (mood board). Alguns designers de interiores realizam uma tradução de suas ideias para o projeto, através de painéis visuais que têm a função de transmitir a atmosfera pretendida do conceito de projeto. Trata-se de uma representação visual de informações que busca organizar e apresentar conceitos, ideias ou sensações de forma clara e significativa. Esses painéis costumam ser elaborados de forma livre. Essa abordagem visual facilita a identificação de padrões estéticos e diretrizes que constituirão a linguagem do projeto, permitindo uma compreensão mais rápida e intuitiva do conceito elaborado, além de estimular a ação criativa do designer.
Desta etapa em diante inicia-se o processo de elaboração gráfica do projeto. Sempre com o olhar atento às demandas dos usuários (expostas no processo inicial de inquirição) os estudantes elaboraram croquis, onde a criatividade e as soluções técnicas devem ser compartilhadas. O trabalho funciona aos moldes dos escritórios de projeto, visto que é uma ação colaborativa entre estudantes (com diferentes

formações e olhares), sob a coordenação de professores experientes. A expressão formal e cromática do projeto, assim como a especificação de revestimentos dos planos horizontais e verticais, foram cuidadosamente planejados no sentido de proporcionar as qualidades ambientais e ambiência almejada. Também buscou-se atender necessidades objetivas, como melhorias de layout, distribuição de mobiliário e equipamentos, organização dos espaços e melhor uso da área física possível. Todo esse processo está ancorado nas rígidas normas técnicas de projeto em ambiente hospitalar, com o objetivo de afastar ao máximo a possibilidade das proliferações de bactérias e vetores de contaminação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado final foi apresentado e discutido com membros do INC em ampla reunião aberta onde os estudantes explanaram suas ideias e debateram a proposta projetual com os profissionais presentes. Durante a apresentação foram externadas os desafios do projeto, como por exemplo, o número de equipamentos necessários para os atendimentos nos ambientes de posto de enfermagem, sala dos médicos e leitos. Todos os espaços muito exíguos e com elementos estruturais imutáveis. Também foi observado a altura do PD dos corredores, o que necessitou uma intervenção mais cuidadosa dos ambientes, devido ao número elevado de tubulações e cabeamentos. As não conformidade foram identificadas e tratadas.

A busca por soluções projetuais de ambientes internos, a partir de ações corretivas, por si só, apresenta-se como desafio na busca da melhor solução projetual. Quando a ação é realizada por estudantes com formações diferenciadas (embora, mesma área afim) o processo se torna mais desafiador, contudo, apresenta níveis elevados de conhecimento realizados pelo rico pelo processo de trocas.Ao final do trabalho constatou-se a importância do protagonismo, por meio do processo participativo,de usuário (s) (neste caso membros internos do INC), inserindo-os no centro das discussões projetuais, na fase de concepção de ideias e de conceituação do projeto do ambiente construído.

7. BIBLIOGRAFIA

Bross, J. C. (2013). Compreendendo o edifício de saúde. Ed. Atheneu

Brooker, Graeme; Stone, S. (2014). O que é design de interiores. Tradução: Botelho,A. Ed. Senac

Costa, Lourival F(2020). Ergonomia do ambiente construído e qualidade visual percebida Em MONT'ALVÃO C. & VILLAROUCO, Vilma (orgs.) Um novo olhar para o projeto. (pp. 12-27).Ed. 2AB

Gibbs, J (2014). Design de Interiores. Guia útil para estudantes e profissionais. Tradução Claudia Ardións. Gustavo Gili, 2014.

Douglas Schuler e Aki Namioka.(1993).Participatory Design: principles and practices. New Jersey – USA: CRC press.

Higgins, I. Planejar espaços para o design de interiores (2015). Tradução: Salvaterra,A. Ed.G.Gili,

Higuchl, Maria Inês G; Theodorovitz, Igor José (2018). Territorialidade(s). Em

Cavalvante, S.; Elali, G.A. (Orgs). Psicologia Ambiental: conceitos para a

leitura da relação pessoa-ambiente (pp.228-236). Ed. Vozes

Marconi, M. de Andrade & Lakatos, E. M. Técnicas de pesquisa. (2002). 5a Ed. Atlas.

Nobert-Schulz,C.Em Nesbitt,K (2013). Uma nova agenda para arquitetura: antologia teórica (1965-1995). (pp 443-460). Cosac Naify.

Rangel, Marcia M (2016). Projeto cromático para sistemas informacionais: proposta para o uso da cor em wayfinding para estabelecimentos assistenciais de saúde. (tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Villarouco, Vilma. Andreto, Luiz (2008). Avaliando desempenho de espaços de trabalho

sob o enfoque da ergonomia do ambiente construído. Revista Produção, 18(03)

ABERGO

R34

THE COLLECTIVE IMAGINARY IN THE WAY OF LIVING RIVERSIDE: MARIA PETRONILIA'S LEGACY

O IMAGINÁRIO COLETIVO NO MODO DE MORAR RIBEIRINHO: O LEGADO DE MARIA PETRONILIA

Leticia Martel Kuwahara
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
leticiakuwahara25@hotmail.com

Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFPA
cintiadasilva@live.com

Anna Beatriz Ferreira
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UFPA
cps.annabeatriz@gmail.com

ABSTRACT

Through ethnographic incursions, this study is developed based on the memory of a riverside spatiality, with the objective of surveying the history and describing the culture and experiences based on the speeches and meanings of the place of the Maria Petronilia Community of Porto Ceasa, located in riverbank in the city of Belém-PA. In this sense, we understand the relevance of the resident population for the perpetuation of traditional Amazonian practices inherited from the matriarch and founder of the community, a female figure who resists through the collective imagination of her family, inhabitants of the place, who preserve the environment and the Amazonian vernacular culture.

KEYWORDS: Maria Petronilia community. riparian habitat. collective memory. riverside environments.

RESUMO

Por meio de incursões etnográficas desenvolve-se esse estudo embasado na memória de uma espacialidade ribeirinha, com o objetivo de levantar o histórico e descrever a cultura e vivências a partir das falas e dos sentidos do lugar da Comunidade Maria Petronilia do Porto Ceasa, localizada na margem do rio Guamá na cidade de Belém-PA. Nesse sentido, entende-se a relevância da população residente para a perpetuação das práticas tradicionais amazônicas herdadas da matriarca e fundadora da comunidade, figura feminina que resiste através do imaginário coletivo da sua família, habitantes do lugar, os quais preservam o meio ambiente e a cultura vernacular amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: comunidade Maria Petronilia. habitat ribeirinho. memória coletiva. ambiências ribeirinhas.

1. INTRODUÇÃO

A investigação sobre um imaginário parte da memória de um grupo de pessoas com vínculo familiar compreendido pelos traços que ecoam e sustentam a vida em coletivo, assim como a identidade e consequente legado da matriarca e fundadora da comunidade. Maria Petronilia dos Reis Santos, nascida em 1929, natural de Santa Izabel do Pará, iniciou a ocupação por volta de 1940, onde atualmente se compõe a comunidade popularmente denominada pelo seu nome. Nesse processo, ela desenvolveu atividades integradas ao meio para garantir sua morada e a constituição de sua família.

Por conseguinte, a formação do imaginário coletivo traz o entendimento da espacialidade a partir das falas e paisagens experienciadas na pesquisa etnográfica, que tem os sujeitos enquanto portadores da história do lugar, bem como seus hábitos, tradições e cultura. A inquietação por compreender a comunidade em questão está relacionada à localização geográfica e ao cenário formado por particularidades amazônicas, em que a forma de habitar na floresta e no rio revelam os hábitos sustentáveis que mantém a área ambiental e a cultura tradicional ribeirinha na região metropolitana de Belém, o que é denominado pela pesquisa como estudo das ambiências ribeirinhas.

Além disso, a apreensão do modo de morar e da espacialidade se consolidaram a partir do vínculo parental que se perpetuou ao longo do tempo na família. Assim, busca-se compreender o que constitui a identidade social da comunidade Maria Petronilia enquanto modo de vida ribeirinho? Para tanto, são trazidos conceitos e reflexões no estudo de caso apresentado, a fim de contextualizar o que envolve as ambiências ribeirinhas no processo dessa pesquisa etnográfica, envolvendo a "Experiência do Lugar Arquitetônico" de Duarte et al (2023) ao entendimento do sentido de ribeirinidade, modo de morar ribeirinho, memória e identidade cultural na Amazônia e comunidade ribeirinha.

Isto posto, a formação dessa identidade da comunidade está intimamente aliada às memórias que se preservam, e para Assman (2016) a memória é sintetizada através da identidade e do tempo em três dimensões: pessoal, social e cultural. Ou seja, em cada indivíduo estão salvaguardados fragmentos, os quais ao serem socializados formam a identidade cultural.

Nesse sentido, a memória atua como um baú de lembranças tecendo um fio narrativo que conecta ao passado e através dela é possível construir a identidade individual e coletiva, moldando a percepção de si e do grupo que participa. À vista disso, o objetivo dessa pesquisa é compreender os processos e memórias presentes intrinsecamente entre indivíduo-espaço, os quais corroboram para a construção da identidade cultural do lugar utilizando a "força de um corpo, que relativiza os acontecimentos e os lugares" (Duarte et al, 2023, p. 143) como o principal portador das lembranças.

Como lugar de estudo em questão, a comunidade tradicional denominada Maria Petrolina, está situada a 5 km do bairro do Curió-Utinga, núcleo urbano da capital paraense, apresenta esse vínculo com a memória coletiva muito latente. Com aproximadamente sete décadas desde a sua implantação, a comunidade perpetua a história e legado da matriarca, os quais permanecem vivos nas lembranças, falas e discursos dos moradores de diversas gerações.

Esta pesquisa se propõe a etnografar as vivências dos atores sociais que residem na comunidade a fim de apreender as ambiências ribeirinhas por meio da pesquisa qualitativa, em que desenvolve-se descrições, histórico e dados a partir dos sentidos do lugar, com imersões, observações diretas, registros fotográficos e entrevistas abertas.

Dessa forma, o estudo buscou, mediante os conceitos e métodos de abordagem utilizados no Arquivo Mnemônico do Lugar (Uglione, 2008), descrever a comunidade através das narrativas que foram sendo contadas pelos moradores e o entendimento do que era comum, o que ensejou a formação de um imaginário dos seus habitantes "a partir da força que tomavam no conjunto de narrativas" (Uglione, 2008, p. 147). Além disso, o retrato por meio da oralidade e das práticas cotidianas permitiu evidenciar o que a autora denominou como "traços" para coadunar a partir da repetição, coletivo e do conjunto, e assim compreendê-los como legado.

2. REMINISCÊNCIA DO LUGAR

A reminiscência vem provocar os sentidos de um passado a fim de reconstituir as memórias do lugar e construir a narrativa da história de uma espacialidade peculiar amazônica. A partir do entendimento de Assmann (2016, p. 117) sobre Halbwachs de que a memória subordina-se ao coletivo e à interlocução, compreende-se que a capacidade de "viver em grupos e comunidade" constitui a memória, a qual só se valida se for difundida. Logo, para Uglione (2008, p. 90) a memória "seria a faculdade sensível de conservar o passado" e a "reminiscência seria a faculdade intelectual de evocar voluntariamente esse passado".

Nesse sentido, a história da comunidade é montada a partir das memórias dos descendentes, daquilo que de alguma forma veio a ser provocado nas pessoas através dos pesquisadores, rememorando a forma de ocupação da área pela Maria Petronilia, as atividades desenvolvidas e como as relações afetivas influenciaram na perpetuação das práticas ribeirinhas. Além disso, os valores intangíveis e símbolos representativos das vivências são apreendidos para a formação da narrativa, através das casas em madeira sobre palafitas, estivas como vias de acesso, plantações de açaí e o movimento dos barcos e das águas (Figura 1).

Figura 1. Habitação ribeirinha e plantação de açaí
Fonte: Kuwahara (2024)

A princípio a percepção sobre as causas para que o lugar seja conservado, tradicional e restrito ao núcleo familiar eram as formas de acesso terrestre serem limitadas, a distância de uma pista principal, o entorno compreendido por uma densa vegetação e a desembocadura para o rio explicariam a coesão das memórias tão nítidas em todos os interlocutores da pesquisa, assim como a coincidência ou não na manifestação de apreço na entonação dos discursos. Além disso, Maria Petronilia faleceu há apenas 3 anos, aos 92, deixando 8 filhos, netos e bisnetos que conviveram e cuidaram em conjunto da matriarca durante a doença como forma de reconhecimento e retribuição ao caráter acolhedor de suas relações, conforme afirma bisneta de 12 anos.

Adentrando aos olhares etnográficos de convívio direto e conversas entusiasmadas dos filhos, netos e bisnetos nota-se a relevância dos modos de viver nas memórias que formaram as identidades pessoais, sociais e culturais ao longo do tempo e que se perpetuam nas gerações próximas que também já praticam e demonstram interesse nas atividades enquanto portadores desse legado.

A história se inicia a partir da necessidade de moradia para abrigar a família da dona Maria Petronilia, que na década de 1940 se muda da Vila Caraparu, em Santa Izabel, e se estabelece em uma área próxima à comunidade, onde atualmente se localiza a CEASA (Central de Abastecimento S/A) e sofre remoção. Com isso, ela pede a concessão de uso para ocupar parte do terreno pertencente à Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), localizado na beira do rio Guamá, e "limpa" a área para construir sua habitação. Todo esse processo ela realiza sozinha, uma vez

que seu marido, seu Gaudêncio Francisco, havia se acidentado na carvoaria de sua propriedade e ficou impossibilitado de trabalhar e realizar serviços braçais.

Assim, ela se insere nesse habitat muito semelhante ao que deixou para trás na Vila Caraparu, composto por mata, rio e várzea e implica práticas ribeirinhas para viver sobre essa área inundável, propícia para a produção do açaí, que se tornara sua principal atividade, assim como a pesca artesanal de peixe e camarão.

Isso se dá pois, de acordo com Uglione (2008, p. 106), "(...) uma pessoa em relação a um lugar sente-se orientada nesse lugar, ela sabe onde está e/ou identifica-se com ele, ela gosta, ela sente-se bem nesse lugar", e por isso a escolha da área influenciada pelos fatores ambientais e conhecimentos de mundo, que norteiam seu modo de vida.

Nesse sentido, a partir do modo de morar ela imprime a territorialidade que torna-se a identidade do lugar, como explica Flores (2006, p. 5) "significa a caracterização de uma noção de territorialidade, onde as relações sociais e a localidade estão interligadas, fortalecendo o sentido de identidade, e refletindo um sentimento de pertencimento". Essa noção é formada a partir da permanência das práticas no grupo, certificando a identidade através da memória.

Azeredo (2016, p. 208) ao explanar sobre o morar afirma que: "Nesses espaços são construídas identidades individuais e sociais, num processo de significação do território que os sujeitos se apropriam e dominam". Desse modo, pode-se apreender que o espaço que Maria Petronilia firmou morada com a família foi apropriado e adaptado ao modo de vida do espaço-tempo natural, transformando-o em lugar e empregando a identidade que condiz com as condições ambientais, o que Rente Neto e Furtado denominam de ribeirinidade.

> O termo ribeirinho, contudo, busca identificar um perfil sociocultural de grupos caboclos que se estabeleceram às margens dos rios, num espaço dinâmico que articula as relações de sociabilidade e culturais dentro das particularidades desse espaço, onde a marca dessa configuração pode ser vista nos comportamentos, na maneira de viver, em sua alimentação, nas crenças, em sua religiosidade etc., específicos daquele espaço. (Rente Neto e Furtado, 2015, p. 160)

A comunidade não surge enquanto necessidade de ser de fato comum, em regime de aglomerado, e sim pela unidade de habitação da Maria Petronilia com sua família. No entanto, o tempo e o crescimento dos filhos demandou a construção de outras unidades habitacionais que abrigasse a formação dos novos núcleos familiares. Assim, ao explanar sobre a casa e o morar, Azeredo (2016, p. 215) coloca acerca das relações socioespaciais que estão imbricadas a materialidade da moradia, afirmando que é um ambiente onde são estabelecidas as noções de lugar e entorno, bem como as conexões pessoais, entendendo que na casa "(...) identidade e pertencimento

se estabelece por meio de vínculos de ordens variadas e combinadas, sejam eles geográficos, econômicos, políticos, sociais, culturais, familiares".

Através das imersões etnográficas foi possível apreender a atmosfera do cotidiano com os relatos acompanhados das vivências, os quais afirmam que os sons das florestas e dos rios, a quietude da vida em função da maré e da mata e a vizinhança completamente familiar mantém o lugar e a permanência deles. O que se aplica ao que Bauman (2003, p.7-8) cita ao falar desse sentimento de estar em comunidade:

> (...) a comunidade é um lugar "cálido", um lugar confortável e aconchegante (...) Aqui, na comunidade, podemos relaxar - estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros. Numa comunidade todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós

Dessa forma, a partir do vínculo familiar é possível compreender que o modo de morar ribeirinho se consolida não só em regime habitacional e práticas cotidianas, mas também nas relações e atmosfera do lugar que se estabelece e formam a identidade social. Além disso, o simbolismo do rio, da mata e do sistema construtivo palafítico de madeira molda todo o espaço e estabelece uma unidade identificável daquela população pertencente. Portanto, de acordo com Duarte et al (2023) a arquitetura é o cenário das memórias e é nela que o indivíduo ancora as reminiscências.

3. TERRITORIALIDADE DA COMUNIDADE RIBEIRINHA MARIA PETRONILIA

Para Hostensky (s/d.) a formação da identidade está intrinsecamente ligada aos aspectos territoriais e à percepção de pertencimento a um lugar específico. E a arquitetura, sendo o cenário das memórias ancora as experiências do indivíduo, e para Duarte et al (2023, p. 146) o Lugar Arquitetônico formado sob esse viés se consolida através do "(...) cruzamento, superposição e conectividade com as memórias de outros sujeitos, adquirindo assim coerência, a qual pode ser reforçada pelos signos materiais (...)".

Ao explanar sobre cultura e memória Assmann (2016, p. 118) coloca que ela "(...) existe somente em interação constante, não apenas com outras memórias humanas, mas também com "coisas", símbolos externos", o que para este estudo é trazido para o âmbito espacial, arquitetônico, urbanístico paisagístico, que simbolizam a ribeirinidade, que são encontrados no objeto de estudo que representam a presença da memória e da cultura amazônica.

Sendo um grupo social com vivência à margem de cursos d'água, Rente Neto e Furtado (2015) afirmam que ser ribeirinho está estreitamente relacionado ao comportamento do rio, o que também define os principais subsídios culturais (Figura 2). Assim, o cotidiano da prática social é condicionado ao regime das marés, e com isso as relações sociais, histórias e atividades econômicas, como afirma Rente Neto e Furtado (2015, p. 167):

> (...) o rio é também um importante ambiente de lazer e sociabilidades, uma vez que os convidados para a festa utilizam-no previamente como lugar de trocar conversas e, consequentemente, compartilhar informações sobre atividades de trabalho e assuntos de família, de paragens distantes e diferenciadas, bem como para o lazer através de brincadeiras e histórias de lendas e mitos.

Figura 2. Aspectos simbólicos do sentido de ribeirinidade
Fonte: Kuwahara (2024)

Nesse sentido, a comunidade é composta em regime de aglomeração espontânea, está situada à margem direita do rio Guamá, e possui cerca de 90 famílias distribuídas em 64 residências interligadas por estivas de madeira (Figura 3). A comunidade se configura como ribeirinha amazônica tradicional, e que apesar da proximidade com o núcleo urbano os atores sociais consideram-se como moradores rurais, com modos de agir e fazer ligados ao rio e aos igarapés que entrecortam a área.

Figura 3. Acesso por estivas
Fonte: Kuwahara (2024)

As habitações palafíticas apresentam características estilísticas próprias, com detalhes em madeira, varanda frontal, grandes aberturas e beirais, o que auxilia nas condições de conforto térmico e proporciona o aproveitamento da ventilação natural (Figuras 4 e 5). Para além disso, Salgado e Carvalho (2017, p. 82) colocam a relação de lar palafítico e patrimônio material familiar que essas construções representam, assim como também as circunstâncias socioeconômicas e ambientais da autoconstrução, como uma solução de moradia para as condições naturais dessas áreas.

Figuras 4 e 5. Habitações vernaculares sobre palafita em madeira
Fonte: Kuwahara (2024)

A divisão dos lotes é determinada de forma orgânica, pelos próprios moradores, uma vez que a Embrapa demarca o seu território e o da comunidade como um todo, não assegurando posse, afirmando ser de resolução familiar essa divisão. Assim, através do ato de roçar o quintal, bem como as plantações de açaí determinam as propriedades individuais de terreno (Figura 6), práticas herdadas da Maria Petronilia que inicia o processo de ocupação e demarcação através da limpeza da área.

Figura 6. Açaizeiro determinando limites
Fonte: Kuwahara (2024)

Por essas razões, de acordo com o citado anteriormente sobre o sentimento de comunidade, os moradores temem e não admitem a entrada de novos habitantes que não pertençam a família e nem a venda das casas. Nesse sentido, a permanência da comunidade familiar, garante o sentimento de estabilidade e segurança sobre a salvaguarda e continuação desse legado, de suas formas de viver, da posse da terra e dos açaizais, embasados na ideia da sociabilidade e do bem comum. De acordo com relatos de uma das netas da matriarca é possível apreender o ser/pertencer indissociável em relação ao território por meio das falas “nós vivemos do açaí” e “a gente tem que lutar, porque isso aqui é nosso”.

4. NASCIDO E CRIADO

Ao abordar acerca do que intitula como “Memória-Identidade” Uglione (2008, p. 107) argumenta sobre o pertencer, que fortalece o sentido de comunidade ao abranger sentimentos comuns. Essas memórias estão implícitas em “pontos de referência” que ligam os atores sociais, criando a identidade através da memória. Nesse sentido, a pesquisa apurou em conversas com os diversos moradores/familiares da fundadora

da comunidade, de faixa etárias distintas, que há discursos-sentimentos habituais acerca do lugar-persona Maria Petronilia.

Uglione (2008, p. 94) afirma que "o arquivo é um dispositivo de escrita de histórias da cidade através do qual uma memória inventiva, ficcional e desejante "monta" significações para a vida". Essa pesquisa traz os marcos, lendas e causos que formam a trama biográfica da Maria Petronilia, que está imbricada à espacialidade, ao lugar e ao modo de morar ribeirinho.

> Práticas familiares ritmadas por espaços e relações, onde o bairro, a rua e a casa se interligam num cotidiano repleto de história e memória. Memória dos lugares, do corpo, olfativa, gustativa... Dão ênfase às "artes do fazer" e aos "modos de ação" ao revelarem que o que interessa ao pesquisador do cotidiano, é o invisível... (Azeredo, 2016, p. 212)

Nesse sentido, duas perguntas realizadas durante entrevistas abertas que incitaram o título desse tópico são: "Você mora desde quando na comunidade?" e "Qual sua relação com Maria Petronilia?" e a obtenção das respostas se conectam pela repetição e tonalidade com que são proferidas. Para a primeira as respostas são diretas: "Sou nascida e criada", e para a segunda as respostas são sempre sonorizadas com suspiros e a afirmação: "Ah, ela me criou!". E a partir daí as histórias e saudações acerca da matriarca começam a ser evocadas de modo a difundir sua importância enquanto laço afetivo familiar e para a consolidação do território e práticas.

Como mencionado, moradores de diversas idades apresentam esses discursos proferidos, em que os bisnetos reproduzem as práticas introduzidas no cotidiano, e também contam ou ainda tiveram participação dela em suas vidas. Para Assmann (2016, p. 122) "Esses "laços afetivos" emprestam especial intensidade às memórias. Lembrar-se é uma realização de pertencimento (...)", assim como o autor afirma que as dinâmicas cotidianas descendentes são capazes de assegurar esse vínculo, bem como manter vívida essas memórias.

Nesse sentido, dentre as atividades desenvolvidas por ela está a pesca, plantação, colheita e venda do açaí, a lavra e cuidados com o terreno, e também era a parteira da comunidade. Assim, a produção do açaí permanece como a principal fonte de renda e alimento dos moradores da comunidade, herança forte da fundadora, a qual iniciou a plantação na área do terreno, colheita e destinação do fruto, bem como a transmissão da prática aos descendentes diretos que por conseguinte foram perpetuando.

Além disso, a principal via de escoamento do açaí, e acesso a serviços é o rio (Figura 7), assim como também envolve a pesca de peixe e camarão, que é outra atividade de renda e sustento alimentar perpetuada, realizada com o matapi, instrumento de origem amazônica utilizado como armadilha para a pesca do camarão (Figura 8). Em todas as relações com o lugar nota-se a relevância do elemento hídrico para

esse modo de vida, que segundo Rente Neto e Furtado (2015, p. 171) "(...) a natureza desponta como um agente portador de cultura, isto é, como elemento que é parte da cultura desses grupos, ativa e passivamente (...)".

Figura 7. Rio como meio e o barco o principal transporte
8. Matapi
Fonte: Kuwahara (2024)

No decorrer do trabalho é notória a legitimação da identidade do lugar refletida no termo "nascido e criado", repetidamente pronunciado pelos moradores, o qual representa a relação deles como um lugar de origem. Nesse sentido, os aspectos descritos para a formação da narrativa do lugar, pelos interlocutores da pesquisa, só se confirmam pelo pertencimento, afeto e legado ribeirinho, informações que somente podem ser transmitidas por quem nasceu na comunidade e foi criado por Maria Petronilia, e por isso o receio e a não adesão a moradores não pertencentes à família.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento de que a composição de uma identidade social e cultural está atrelada ao território se confirma no estudo apresentado, uma vez que o sentido de ribeirinidade dos habitantes está diretamente relacionado ao vínculo da fundadora da comunidade com o espaço, que por conseguinte influenciou na consolidação do lugar. Uma vez que, tendo o território como o contato material, o espaço que se constitui a comunidade é a principal lembrança que estrutura o legado da Maria Petronilia.

Nesse sentido, o estudo certifica o que Assmann (2016) afirma sobre a memória enquanto identidade, sendo ela que permanece mesmo após o esquecimento, uma vez que está relacionada ao pertencer, aos valores e ao conhecimento sobre si. E por

isso, os sentimentos comuns levaram a culminância dos dados da pesquisa como um legado, bem como a conclusão acerca da força do imaginário coletivo como capaz de estabelecer o território enquanto patrimônio e a territorialidade como relevante para a manutenção do ciclo natural do espaço-tempo.

Com isso, a comunidade compreende a relevância de também portar a comunidade como um legado frente ao apreço que possuem pelo vínculo afetivo e de sangue com Maria Petronilia, e tudo o que fez e representou naquele ambiente familiar, o que pôde ser evidenciado pelas falas de Aline (bisneta, 12 anos) "todo mundo que tá aqui é sangue dela" e Beatriz (neta) "quase todos nós nascemos nas mãos dela", ao mencionar o ofício de parteira da Maria Petronilia.

Por fim, através da oficina de educação ambiental realizada com as crianças, como parte do projeto desta pesquisa, notou-se o breve entendimento da nova geração de como devem tratar do lugar onde vivem. Além disso, também manifestam suas percepções sensoriais sobre os fenômenos e o ritmo natural do espaço para a realização das práticas tradicionais, que já fazem parte do cotidiano delas.

6. BIBLIOGRAFIA

Assmann, J. (2016). Memória comunicativa e memória cultural. História Oral, 19(1), 115-128.

Azeredo, V. G. (2016). Significados da casa e do morar. Revista Vértices, 18(2), 207-219.

Bauman, Z. (2003). Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Zahar.

Duarte, C. R. Miranda, C. Pinheiro, E. & Silva, L. J. (2023). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books.

Flores, M. (2006). A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento–uma visão do estado da arte. Santiago, Chile: RIMISP.

Hostensky, I. L. (S/D). Educação Patrimonial, Diversidade e Meio Ambiente. IPHAN.

Rente Neto, F. & Furtado, L. G. (2015). A ribeirinidade amazônica: algumas reflexões. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), 24(24), 158-182.

Salgado, V & Carvalho, B. (2017). Habitar Sobre Pilotis: A Moradia Vernácula Ribeirinha No Contexto Urbano Da Amazônia. Criar com a Natureza, Viver com a Natureza-Turismo: Impactos nos Territórios e Paisagens-Tecnologias de Ontem e de Hoje: As Vertentes da Sustentabilidade, 4, 80-93.

Uglione, P. (2008). Arquivo Mnemônico do Lugar: memória e histórias da cidade. (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

R34

THE PLAYFUL CLAIM OF THE PLACE: CARTOGRAPHY OF AMBIANCES GIVEN NEW MEANINGS THROUGH THE GAMES OF TEENAGERS ON THE OUTSKIRTS OF SÃO GONÇALO- RJ.

A REIVINDICAÇÃO LÚDICA DO LUGAR: CARTOGRAFIA DE AMBIÊNCIAS RESSIGNIFICADAS A PARTIR DAS BRINCADEIRAS DE ADOLESCENTES NA PERIFERIA DE SÃO GONÇALO- RJ.

Felipe de Oliveira Barros Lima
Mestre em Arquitetura
PROARQ – FAU/UFRJ
e-mail: felipe.lima@fau.ufrj.br

Ethel Pinheiro Santana
Doutora em Arquitetura
PROARQ – FAU/UFRJ
e-mail: ethel@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article approach the relationships of appropriation of the place of peripheral young people who find in playfulness strategies to overcome the lack of local infrastructure. As a case study, we observe, through the figure of epiphany, the ambiences and interactions in the places symbolized by a group of boys who live in an old Navy complex, today disfigured and abandoned by the public authorities. This occupation is located in the Complexo de Favelas do Salgueiro in São Gonçalo, one of the most stigmatized communities in Rio de Janeiro. In this way, we aim to map the sensitive ambiances that change based on the daily gestures of these teenagers. To do this, we used participant observation and affective cartography in the community, mapping the connections between young people and their leisure places, with an emphasis on processes, rather than representations of objects (Passos, Kastrup and Escóssia, 2015. p.53). Our research points out that the way these teenagers understand and give new meaning to their territory resonates with a new state of place (Thibaud, 2021), producing new urban becomings in the construction of ways, traced by the inscriptions of their experiences (Ingold, 2015). Thus, we find in the representations that arise from the interaction of these adolescents with the environment, notes for understanding these processes of constant (re)affirmation of belonging.

KEYWORDS: ambiances. territories of play. urban becoming. outskirts. affective cartography.

RESUMO

Este artigo aborda as relações de apropriação do lugar de jovens periféricos que encontram na ludicidade estratégias para contornar a carência de infraestrutura local. Como estudo de caso, observamos, a partir da figura da epifania, as ambiências e interações nos lugares simbolizados por um grupo de meninos que habitam um antigo Conjunto da Marinha, hoje descaracterizado e abandonado pelo poder público. Essa ocupação situa-se no Complexo de Favelas do Salgueiro em São Gonçalo, uma das comunidades mais estigmatizadas do Rio de Janeiro. Desse modo, objetivamos cartografar as ambiências sensíveis que se diferenciam a partir dos gestos cotidianos desses adolescentes. Para isso, recorremos à observação participante e à cartografia afetiva na comunidade, mapeando as conexões entre os jovens e seus lugares de lazer, com ênfase nos processos, mais do que em representações de objetos (Passos, Kastrup e Escóssia, 2015. p.53). Nossa pesquisa aponta que a maneira como esses adolescentes compreendem e ressignificam o seu território, ressoa com um novo estado de lugar (Thibaud, 2021), produzindo novos devires urbanos na construção de vias, traçadas pelas inscrições de suas vivências (Ingold, 2015). Assim, encontramos nas representações que surgem da interação desses adolescentes com o meio, apontamentos para a compreensão desses processos de constante (re)afirmação do pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. territórios de brincar. devir urbano. periferia. cartografia afetiva.

1. PRELÚDIO

Como a nossa proposição parte da experiência do lugar urbano, entendemos que os dilemas da vida em uma sociedade desigual compõem um quadro desafiador para a qualidade dos espaços públicos e, por consequência, para a possibilidade de vivências emancipatórias. Diversos autores (como Haesbaert, 2021 e Abreu, 2013) abordam o tema do desequilíbrio das condições socioespaciais brasileiras e suas raízes históricas que demonstram um impasse estrutural de grandes proporções. Neste trabalho, focamos no papel das relações entre indivíduo e grupo, território e lugar, brincadeira e resistência, como partes de um outro processo que compõe ambiências e possibilita a manifestação de diferentes devires comunitários, especialmente no recorte da juventude.

Maurício de Abreu (2013) aponta que as questões da evolução urbana não podem considerar a organização social apenas pelo prisma econômico pois há uma complexa rede de agentes e condicionantes envolvidos nas escolhas e medidas que conformam as nossas cidades. Por isso, para compreendermos a situação do "Conjunto da Marinha", Lugar do nosso estudo de caso, precisamos considerar que ele faz parte do bairro Palmeiras que, por sua vez, pertence a uma das áreas mais periféricas do Município de São Gonçalo, na porção Leste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Essa contextualização é essencial pois constatamos uma relação de dependência socioespacial multiescalar, ao passo que o Complexo de Favelas do Salgueiro, onde se situa o Conjunto da Marinha, possui uma posição subordinada dentro de um Município também subordinado no cenário do Leste Fluminense. Assim, nosso lugar em questão poderia ser chamado de "periferia da periferia", território de exclusão ou de "esquecimento".

Em Lima (2024) abordamos com mais detalhes o histórico de formação do Complexo. Neste artigo nos basta destacar que o Conjunto da Marinha ou apenas "A Marinha", como é muitas vezes chamado, surgiu a partir de um empreendimento imobiliário de nome original "Conjunto Grumete Sandoval Santos". Sua edificação foi realizada na década de 1980 (Graciano, 2013) pela CONCIC ENGENHARIA S.A, através de um contrato de empreitada global acordado com a CCCPMM[1] que previa a construção de mil casas no bairro Palmeiras, em São Gonçalo, destinadas a servidores da Marinha do Brasil. Contudo, o empreendimento apresentou sérios problemas de infraestrutura e não teve a conclusão dos serviços de saneamento básico, resultando no abandono institucional e no esvaziamento parcial, durante o qual alguns moradores foram indenizados enquanto outros tiveram apenas prejuízos de diversas ordens. Com o tempo, o local foi tomado por facções do narcotráfico e se intensificou o processo de degradação do bairro a partir das violentas disputas territoriais que se seguiram.

1 Caixa de Construções de Casas para o pessoal do Ministério da Marinha.

É neste cenário de guerra que se encontram as crianças e adolescentes que escolhemos como interlocutores entre 2019 e 2024. O grupo acompanhado é constituído por cerca de 15 meninos de 8 a 15 anos, atendidos por uma ONG, residentes em diferentes setores do Conjunto da Marinha, que tem aproximadamente 0,3km^2 de área ocupada. Com eles, realizamos algumas oficinas em grupo e inúmeras conversas informais tendo na observação participante nossa melhor ferramenta de aproximação. A partir destas experiências recorremos à cartografia afetiva para compreendermos as interações entre os meninos e o lugar em que vivem, ilustrando as territorialidades que compõem os seus processos cotidianos de apropriação, desapropriação e resistência.

2. SOBRE AS "REGRAS" DO JOGO

Para compreendermos a relação pessoa-lugar é primordial abordarmos o conceito de território. A maioria dos autores tende a resumir a questão no esquema da territorialidade como sendo um conjunto de processos que envolvem a manifestação do poder sobre determinado lugar, instaurando uma espaço-temporalidade permeada por contratos e disputas entre indivíduos e grupos. A teorização do território é um debate amplo muito bem trabalhado em Saquet e Sposito (2015) que apontam para a dificuldade de se circunscrever o termo. Para a nossa pesquisa, nos apropriamos sobretudo das definições de Haesbaert (2021) que reconhece no território a demarcação de espaços de vivências para além das ações dos indivíduos e entidades mais poderosas, considerando todos os agentes que compõem as redes das relações sociais. Bom, se entendemos que o "lugar" é um "espaço" significado, ao qual se atribui sentido, um "lugar" apropriado se torna território. É neste esquema que reside a importância dos territórios: são lugares necessários à vida, ao reconhecimento e constituição de grupos, onde encontramos as condições de suas vivências, onde os processos encerram e inauguram novos modos de ser no mundo.

Estas condições territoriais não são fixas e estão em constante revisão. É no encontro e na sobreposição de territórios que vemos se desenvolver o cotidiano. Haesbaert (2021) afirma que a desterritorialização é sempre sucedida de uma nova territorialização, ou seja, a mudança de condições de ser impele outras adaptações e acordos, nem sempre voluntários, rumo a novas condições, não necessariamente melhores. Se essas dinâmicas são inevitáveis e sempre influenciadas pelo poder, a distribuição desproporcional nesta relação é fortemente percebida nas periferias urbanas.

Reconhecemos, entretanto, que é nesse locus de disputa onde encontramos gestos de insurgência que subvertem as condições das trincheiras territoriais. Huizinga (2000) nos propõe o jogo como uma forma de resistência. "(...) uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a 'representar' uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa" (Huizinga, 2007. p. 16

e 17). Esta é, de fato, uma estratégia muito conhecida pelas crianças, que constroem habilmente um arcabouço de novas maneiras de ver o mundo. A brincadeira também tem uma grande relação com o sentimento de pertencimento pois através da ludicidade as crianças reinventam o lugar, conferindo novos usos a elementos banais da paisagem, que se tornam fascinantes.

A brincadeira muda completamente a ambiência do lugar e é a partir deste sentimento de "ser aí" que nos familiarizamos com o meio compartilhado (LASC, 2008). Thibaud (2012) ao afirmar que "esquematicamente, pode-se dizer que uma ambiência é o que dá vida a um meio ambiente, o que lhe confere um valor afetivo" (Ibid., p.32) propõe que introduzamos "o plano afetivo na composição dos espaços urbanos". Portanto, entendemos que ação lúdica das crianças as permite "compor com tons afetivos" uma nova cena cotidiana. Esse partido foi adotado por Aldo van Eyck e sua equipe durante as remodelações realizadas na Amsterdam pós Segunda Guerra Mundial. Entre 1947 e 1978, Van Eyck desenhou mais de setecentos playgrounds que foram construídos em terrenos vazios da cidade (Oudenampsen, 2011), gesto que devolveu às crianças o seu protagonismo na revitalização urbana, no encantamento das ruas. Esses territórios de possibilidades demarcados pelos playgrounds são um exemplo frutífero do tipo de estratégias de ação pautadas no compromisso ético que temos exposto aqui. Segundo Thibaud (2012), "as práticas habitantes são constitutivas de uma ambiência. Elas fazem parte de sua dinâmica interna, revelando o potencial sensível dos lugares" (Ibid., p.34). As ambiências lúdicas viabilizadas pela presença dos meninos expressam no Conjunto da Marinha, um outro modo de ser do espaço público, apesar dos dilemas territoriais ali encontrados.

3. CURADORIA

Nossa pesquisa se desenvolve pelo método qualitativo tendo na Observação Participante a estratégia de aproximação com nossos interlocutores. Mónico et al. (2017) apresenta esse método como forma privilegiada de compreender uma realidade, a partir do contato horizontal, cotidiano. Complementarmente, Tim Ingold (2015) propõe uma forma de pesquisa, uma antropologia gráfica, que "não visaria a uma descrição completa do que já existe, ou já existiu, mas a se unir a pessoas e outras coisas nos movimentos de sua formação. Essa união é uma prática de observação". Ele afirma ainda que "Observar não é tanto ver o que está "aí" quanto observar o que está acontecendo. Seu objetivo, portanto, não é representar o observado, mas participar com ele do mesmo movimento generativo" (Ingold, 2015. p. 319). Por isso, como é impossível esgotar a descrição e os desdobramentos de uma ambiência, ou catalogar de maneira completa as âncoras do pertencimento do lugar, o pesquisador encontra na própria experiência os atravessamentos afetivos necessários à ambiciosa disposição de representar uma vivência em determinado território. Assim, experienciamos uma travessia (Augoyard, 2019).

> Uma travessia, porque as atmosferas cotidianas com sua infinita variedade não se deixam capturar facilmente, e porque seu início e seu final frequentemente escapam à nossa capacidade de dominar a situação. Porque os esforços de objetivação e categorização interrompem o fluxo do sensível e dissolvem o sabor da tonalidade do momento. Porque as atmosferas nos capturam com mais frequência do que nós somos capazes de capturá-las. (Augoyard, 2019. p.11)

Então, nos resta o desafio de tornar essa experiência comunicável, pois "é a memória que se tem da experiência sensível do Lugar que dará a ele sua conformação" (LASC, 2008. p.1). Deste modo, buscamos nas conversas com nossos interlocutores e no reconhecimento dos nossos próprios atravessamentos o recurso de nossa comunicação. Ribeiro et al. (2001) sugere a cartografia como resposta à necessidade de leitura desta experiência em contextos de desigualdades geradas pela atual influência do capitalismo neoliberal na nossa organização social (Ibid., p.35) — condição em que se enquadram as periferias fluminenses. Kastrup e Passos (2013) sugerem a cartografia a partir de um plano comum entre o pesquisador e seus interlocutores, pois "acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo (...) (onde) composições e recomposições de singularidades têm lugar" (Ibid., p.264), onde se opera a comunicação entre essas singularidades. Na disposição do "pesquisar com", um primeiro obstáculo que surge é o da aproximação, somos indivíduos de fora do grupo observado, querendo diminuir ao máximo os estranhamentos que tanto atrapalham a imersão que nos é necessária.

Quando falamos de cartografias afetivas, a condição subjetiva do pesquisador deve ser considerada, nossos repertórios influenciam diretamente nas relações de simbolização da experiência. Portanto, cartografar afetos é falar também da experiência do próprio pesquisador, essa cartografia se apresenta como uma prática metalinguística. Já em campo, depois de alcançada uma relação de aceitação em meio ao grupo, começam a surgir episódios espontâneos na convivência e, assim, temos lampejos de pequenas descobertas que vamos chamar aqui de "Epifanias", tomando o termo emprestado de James Joyce (2018). A coleção destas epifanias nos permite compor uma narrativa do lugar a partir de seus vestígios simbólicos, das trocas, das pistas que se revelam a nós (no tempo certo), misturadas a todo o sítio de experiências anteriores que constituem matéria indelével de quem somos e do modo que vemos hoje.

Em nossa cartografia afetiva buscamos colecionar, então, pequenas experiências ordinárias, assim como quem "colhe" poemas e inspirações. Por volta de 1901, Joyce começou a registrar cenas banais que ele chamou de "epifanias" (Joyce, 2018. p.103). Em nota na edição brasileira o organizador Tomaz Tadeu nos lembra que a palavra tem origem no termo grego "epifaneia" que traz o sentido de "revelação", "aparição" ou "manifestação", na cultura helenística a palavra passou a designar todo o tipo de manifestação de uma divindade aos mortais. Na literatura joyceana a epifania ganha um sentido secular ao representar situações banais do dia a dia, muitas vezes fazendo referências a lembranças da juventude do autor, que viveu em Dublin, na Irlanda.

No nosso trabalho, nos apropriamos dessa carga emotiva de fascínio pelas cenas cotidianas que, sob um olhar atento, revelam mundos semânticos extremamente ricos. Assim, usamos as epifanias tanto como descobertas literárias e expressivas, como descobertas do cotidiano que nos afetam e despertam novos conceitos.

> É o momento que chamo de epifania. Primeiro reconhecemos que o objeto é uma coisa integral, depois reconhecemos que ele é uma estrutura complexa organizada, na verdade, uma coisa: finalmente, quando a relação entre as partes está refinada, quando as partes estão ajustadas ao ponto especial, reconhecemos que ele é aquela coisa que é. Sua alma, sua quididade, salta em nós desde o revestimento de sua aparência. A alma do mais comum dos objetos, a estrutura que é assim ajustada, nos parece radiante. O objeto atinge sua epifania. (Joyce, 1963; 2018b. p.213)

Sem querer assumir uma postura positivista de conhecimento pleno de um objeto, podemos retirar do trecho acima a epifania como ideia de uma tomada repentina de consciência acerca de um fato, uma característica, afeto ou fenômeno. Apresentamos abaixo três exemplos de modos de ver um acontecimento que acreditamos estarem imbuídos de um semelhante espírito: epifanias assim, como descobertas, da ludicidade criativa, própria do poeta, próximo da criança.

3.1 EPIFANIA 23

> Isso não é dançar. Desce até à frente das pessoas, menininho, e dança para elas. . . . Ele sai correndo vestido de preto, leve e sério para dançar diante da multidão. Não há nenhuma música para ele. Começa a dançar bem no fundo do anfiteatro com um movimento lento e elástico dos braços e das pernas, passando de um movimento ao outro, com toda a graça da juventude e da distância, até ficar parecendo um corpo em rodopio, uma aranha girando no espaço, uma estrela. Desejo gritar-lhe elogios, gritar orgulhosamente por sobre as cabeças da multidão "Vejam! Vejam!. . . . . Seu dançar não é o dançar das meretrizes, a dança das filhas de Herodias. É um dançar que se ergue do meio do povo, repentino e jovem e másculo, e tomba de novo à terra num trêmulo soluçar para morrer sobre seu triunfo. (Joyce, 2018a. P.59)

3.2 O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

> (...)Dou respeito às coisas desimportantes
> e aos seres desimportantes.
> Prezo insetos mais que aviões.
> Prezo a velocidade
> das tartarugas mais que a dos mísseis.
> Tenho em mim esse atraso de nascença.
> Eu fui aparelhado
> para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.
(Barros, 2015. p. 122).

3.3 CRIANÇA DESORDEIRA

Toda pedra que ela encontra, toda flor colhida e toda borboleta capturada já é para ela o começo de uma coleção e tudo aquilo que possui constitui para ela uma única coleção. Na criança, essa paixão revela o seu verdadeiro rosto, o severo olhar de índio que continua a arder nos antiquários, pesquisadores e bibliômanos, porém com um aspecto turvado e maníaco. Mal entra ela na vida e já é caçador. Caça os espíritos, cujos vestígios fareja nas coisas; entre espíritos e coisas transcorrem-lhe anos, durante os quais o seu campo visual permanece livre de seres humanos. Sucede-lhe como em sonhos: ela não conhece nada de permanente, tudo lhe acontece, pensa ela, vem ao seu encontro, se passa com ela. Os seus anos de nômade são horas passadas na floresta de sonhos. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, consolidá-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas precisam transformar-se em arsenal e zoológico, museu policial e cripta. 'Pôr em ordem' significa aniquilar uma obra repleta de castanhas espinhosas, que são as clavas medievais, papeis de estanho, uma mina de prata, blocos de madeira, os ataúdes, cactos, as árvores totêmicas e moedas de cobre, que são os escudos. A criança já ajuda há muito tempo no armário de roupas da mãe, na biblioteca do pai, enquanto que no próprio território continua sendo o hóspede mais instável e belicoso. (Benjamin, 2002. p. 107)

4. EM CAMPO

Encontramos no lugar do Conjunto da Marinha um território marcado pelos conflitos armados, fragmentado em fronteiras de reivindicações e carente de infraestrutura. Uma paisagem com precária intervenção humana, permeada pela natureza, com limites imprecisos que ora se afirmam em pistas de asfalto empoeiradas, ora se esvaem em mangues e charcos pantanosos. A presença dos vigias do tráfico intimida. As crianças, porém, brincam em meio a tudo isso, reterritorializando lugares carentes, instaurando outras espaço-temporalidades, na dinâmica própria dos jogos infantis. Em uma das nossas experiências de campo com o grupo focal de meninos, iniciamos uma conversa sobre a vida no Complexo do Salgueiro. Atentos, eles introduziram o tema da brincadeira como momento mais significativo do cotidiano, rapidamente (e espontaneamente) começaram a descrever o lugar a partir do lazer que lhes era

possível no espaço público da comunidade. Um trecho desta conversa é apresentado no relato do sábado, 16 de março de 2024, a seguir:

> **Perguntamos:** "Vimos que vocês estão combinando de se encontrar depois das nossas atividades, o que vocês vão fazer para se divertir?"
>
> —Ir pra lagoa!
>
> **Perguntamos:** "E como vocês vão para lá?"
>
> —Pega o pistão[2] , passa a segunda ponte, pega a direita e entra pelo mato.
>
> —Mas se seguir o pistão até lá na frente vai parar no presídio...
>
> **Perguntamos:** E como é lá?
>
> —Todo mundo aqui brinca na lagoa!
>
> —A lagoa é grande, mas só em uma parte pode tomar banho, a outra parte tem muita lama e sanguessuga. A água é meio suja, mas lá é legal.
>
> —Lá tem muito colchão de mola, ele é bom pra pregar peça, os moleques acham que é chão de mato normal e quando pulam, afundam na lama até a cintura! A gente também amarra o mato no caminho para os outros tropeçarem quando vierem correndo.
>
> —Na lagoa tem tipo uns morrinhos da onde a gente pula pra dar mergulho.
>
> —Quando tem muita mutuca (mosquitos grandes) querendo te pegar, você tem que mergulhar pra se esconder na água.
>
> —Também faziam guerra de lama na lagoa, mas os caras da boca falaram que não pode porque tem o perigo de acertar um olho e machucar.
>
> (trecho de conversa durante oficina de grupo focal. Lima, 2024. p.111.)

Figura 1. "A Lagoa", localizada a 2,9km de distância do Conjunto da Marinha, um percurso de 40min de caminhada.
Fonte: Intervenção autoral sobre mapa do Google Earth. (2024).

E assim continuamos por cerca de uma hora a conversa sobre como aproveitar o tempo livre e se divertir na comunidade.

2 A comunidade chama de "pistão" a estrada UHOS construída para as operações da Comperj, ela liga o Complexo petroquímica ao Píer da Praia da Beira, em Itaoca. A estrada hoje está abandonada e tem sido usada como rota logística do narcotráfico, não é um lugar seguro para transitar.

5. ALGUMAS EPIFANIAS

Observamos a partir das interações feitas em campo com os meninos que o sentimento de pertencimento parte das histórias vividas no lugar, que acrescentam camadas de significados em um encadeamento de eventos pessoais. Concordamos que é a leitura que se faz a partir da memória sensível (LASC, 2008) que conforma constantemente o senso de espaço de vivências (Haesbaert, 2021) na base do reconhecimento territorial que confere identidade aos diferentes grupos sociais e indivíduos. Encontramos na relação entre lugar e território, o espaço de apropriação que possibilita o "ser" em seu sentido pleno. A partir dos "territórios de brincar" as crianças encontram uma forma de resistência, se colocando no espaço e reivindicando a participação na vida comunitária.

Nesta operação, as ambiências são modificadas e temos um novo meio de experimentação e possibilidades. Os sentimentos podem ser outros, territórios se materializam e grupos de crianças formam novos times, novas irmandades, ressignificando cenários de precariedade urbana e instaurando dimensões afetivas. É claro que acordos sempre são necessários, que novos conflitos acontecem, mas tudo isso é parte do jogo.

Um exemplo desta ressignificação está na modificação que ocorre com o "pistão". Esta estrada que inicialmente foi construída para fins logísticos da Comperj levou a inúmeros alagamentos na comunidade devido a problemas no escoamento das águas da chuva. Esse símbolo do esquecimento público em relação à população local, que também mostra o fracasso da operação que prometia avanço econômico, se tornou também um símbolo da tomada de território pelas facções criminosas. O pistão foi dominado como rota logística do narcotráfico ligando as comunidades do Salgueiro e de Jardim Catarina, um percurso perigoso. Porém, acima destes dilemas, as crianças ressignificam esse "front" ao tornarem a via uma avenida de aventuras, uma trilha para a Lagoa, um ponto de encontro, de cruzamento de mundos, de possibilidades de vivências. O pistão, com suas pontes e curvas, "aponta o caminho" e, assim, se torna uma outra coisa.

Nossa pesquisa aponta que a maneira como esses adolescentes compreendem e ressignificam o seu território, ressoa com um novo estado de lugar (Thibaud, 2021), produzindo novos devires urbanos na construção de vias, traçadas pelas inscrições de suas vivências (Ingold, 2015). Assim, encontramos nas representações que surgem da interação desses adolescentes com o meio, apontamentos para a compreensão desses processos de constante (re)afirmação do pertencimento. A interação dos corpos no espaço é capaz de produzir novos lugares. Com o exemplo da lagoa vemos o resultado de pequenas intervenções em uma paisagem natural que se modifica ao adequar-se às atividades do brincar. Assim, apresentamos uma de nossas epifanias:

5.1. CRIANÇA TERRITÓRIO

Primeiro, temos um campo coberto de mato, limpamos a área e cavamos alguns buracos, a chuva se encarrega de enchê-los de água. É uma região alagadiça, não importa o propósito original das escavações, a natureza modifica seus resultados. A região é propícia para os eventos que se seguem.

Temos agora algumas valas com água, a imaginação se presta a transformá-las em lagoa, a relação espaço-corpo-natureza-imaginação produz o lugar de brincar.

Logo a brincadeira se expande, "e se pudéssemos pular ainda mais alto dentro da lagoa? A bomba d'água seria ainda mais potente". São feitos, então, pequenos montes de terra que cumprem a função de trampolins. Poucas modificações transformam aquele campo em parque aquático.

A lagoa agora atrai crianças de vários lugares, de terras distantes. Começam a surgir novos caminhos, novas trilhas pelo mato. O pistão aponta a direção, ao sair da estrada novas brincadeiras surgem. Os corpos em contato com a vegetação ressignificam a natureza, as heras se tornam armadilhas, as plantas rasteiras viram "colchão de mola" e as trilhas ganham outra dimensão.

As guerras de lama, os mergulhos furtivos na água turva, as competições de corrida com obstáculos, os pique-pegas, elegem exploradores e aventureiros.

Há uma grande poesia no habitar o lugar, em ser criança.

E assim, o ato revolucionário da brincadeira dá concretude ao devir-ambiente, a realização do potencial imaginativo que encontra na criança o agente de criação do lugar. As intervenções no espaço ampliam suas possibilidades. A arquitetura do ordinário se torna, então, ferramenta essencial para novas vivências, mas não falamos de um ofício formal e, sim, daquele mais elementar, presente no imaginário coletivo, que surge a partir das necessidades latentes de quem habita o território.

6. BIBLIOGRAFIA

Abreu, Maurício de. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

Augoyard, Jean-François. Uma travessia das ambiências... In: RESSENSIBILIZANDO CIDADES ambiências urbanas e sentidos: anais da conferência internacional de 2019. 1.Ed. Cristiane Rose de Siqueira Duarte e Ethel Pinheiro Santana (orgs.). Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2019.

Barros, Manuel de. O apanhador de desperdícios in: Meu quintal é maior do que o mundo: Antologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Benjamin, Walter. Rua de mão única. In: Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

Graciano, Matheus. Palmeiras. Sim São Gonçalo. São Gonçalo, 23 de julho de 2013. Disponível em: <https://simsaogoncalo.com.br/palmeiras/>. Acesso em 18 de julho de 2024.

Haesbaert, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s) colonial na "América Latina". 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

Huizinga, Johan. Homo Ludens. 4. ed. São Paulo - SP: PERSPECTIVA S.A., 2000. 158 p.

Ingold, Tim. Estar vivo: ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

Joyce, James. Epifanias. Organização, tradução e notas Tomaz Tadeu. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a.

Joyce, James. Sthephen Hero. Org.: Theodore Spencer, John Slocum e Herbert Cahooon. Nova York:New Directions, 1963. In: Epifanias. Organização, tradução e notas Tomaz Tadeu. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b.

Kastrup, V.; Passos, E. Cartografar é traçar um plano comum. Fractal: Revista de Psicologia, v.25, n. 2, p. 263-280, 29 ago. 2013. Disponível em: *https://periodicos.uff.br/fractal/ article/view/4942*.

LASC. Era uma Vez um Lugar: análise das ambiências por meio do estudo da memória sensível. Projeto de Pesquisa Conjunta. Cristiane Rose Duarte e Ethel Pinheiro Santana. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

Lima, Felipe de Oliveira Barros. CIDADE DAS BORDAS: cartografia de territórios fabricados a partir das representações sociais de adolescentes da Comunidade Palmeiras - São Gonçalo. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/ UFRJ. Rio de Janeiro, 2024.

Mónico, Lisete S.; Alferes, Valentim R.; Castro, Paulo A.; Parreira, Pedro M. A observação par ticipante enquanto metodologia de investigação qualitativa. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais-CIAIQ, [s. l.], ano 2017, v. 3, p. 724-733, 12 jul. 2017. Disponível em: *https://ludo media.org/publicacoes/livro-de-atas-ciaiq2017-vol-4-engenharia-tecnologia/*. Acesso em: 24 abr. 2024.

Oudenampsen, Merijn. A cidade como playground. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 3, p. 52 55, jul. 2011. Acesso em: 20 de junho de 2024.

Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Ribeiro, A. C. T.; Barreto, A. R. S.; LOURENÇO, A.; Costa, L. M. C.; Amaral, L. C. P. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. Cadernos Ippur, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 15, n. 2, p. 33-52, 2001. Disponível em: *https://revistas.ufrj.br/index.php/ippur/issue/viewFile/281/91*. Acesso em: 14 mar. 2022.

Saquet, Marcos Aurelio; Sposito, Eliseu Savério. (Orgs). Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos. 2ed.Rio de Janeiro: Consequência editora, 2015.

Thibaud, Jean-Paul. O devir ambiente do mundo urbano. UFBA. Redobra 9, Bahia, 2012. p.30-36.

R34

WALKING AND RECORDING: A THEORETICAL-METHODOLOGICAL REFLECTION ON LANDSCAPE AND MEMORY RELATIONS AROUND TEXTILE FACTORY BANGU-RJ

CAMINHANDO E REGISTRANDO: UMA REFLEXÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA SOBRE AS RELAÇÕES DE PAISAGEM E MEMÓRIA AO REDOR DA FÁBRICA DE TECIDOS BANGU-RJ

Lígia Castanheira Magalhães
Arq. & Urb., mestranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ
ligia.magalhaes@fau.ufrj.br

Ethel Pinheiro Santana
Arq. & Urb., Professora, Doutora
Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ
ethel@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article explores the relationships between landscape and memory in the context of the Bangu Textile Factory, located in the West Zone of Rio de Janeiro. The growth of the neighborhood around this architectural element, the forms of occupation and use of spaces according to identity relations promoted by a unique cultural dynamic (and distant from the center of the state capital) ensure conditions of analysis that become rich due to their transformations. Economic, morphological, and cultural changes over the past 40 years have transformed ways of life in the neighborhood, although its past still evokes nostalgic feelings among many inhabitants. Recognizing the importance that the built environment plays in shaping the identity of places, influencing the work of memory that assigns meanings to spaces, and using an ethnotopographic approach, the study investigates how identity dynamics are shaped by the interaction of residents with urban spaces and the remnants of the old factory in the landscape.

KEYWORDS : landscape. memory and identity. ethnotopography. Bangu, Rio de Janeiro.

RESUMO

Este artigo explora as relações entre paisagem e memória no contexto da Fábrica de Tecidos Bangu, situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O crescimento do bairro em torno desse elemento arquitetônico e as formas de ocupação e uso dos espaços, de acordo com relações identitárias promovidas por uma dinâmica cultural própria (e afastada do centro da capital do estado), garantem condições de análise que se tornam ricas por suas transformações. As mudanças econômicas, morfológicas e culturais nos últimos 40 anos transformaram os modos de vida no bairro, embora seu passado ainda evoque sentimentos saudosistas por muitos habitantes. Reconhecendo a importância que o ambiente construído desempenha na formação da identidade dos lugares, influenciando o trabalho da memória, que atribui significados aos espaços e utilizando a abordagem etnotopográfica, o estudo investiga como as dinâmicas identitárias são moldadas pela interação dos moradores com os espaços urbanos e os resquícios da antiga fábrica na paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem. memória e identidade. etnotopografia. Bangu, Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

O ambiente construído tem papel importante na construção de identidades, dando margem à construção de lugares e partilha dos processos de memória, por lembranças de um passado vivido de forma coletiva. Essas memórias permitem atribuir significados aos Lugares, enriquecendo a relação do sujeito individual e coletivo com o espaço, por meio de símbolos de valor que vão além da experiência direta funcional, e se instalam pela cultura e pelas relações sociais, usos e apropriações. Portanto, pode-se dizer que a construção de uma identidade, além de ser territorial, é emocional: constrói-se não somente dos aspectos físicos, mas das relações e dados históricos que são sobrepostos às vivências.

Suzanne Seagert (1981) afirma que podemos analisar o meio-ambiente (em particular, o ambiente construído), como material, artefato e matriz. Para a autora, ele seria material porque o espaço construído define para o sujeito oportunidades e imposições, limitação para suas ações e ação para realização dos objetivos. Seria artefato visto que é produzido pelo homem e materializa as relações e modelos culturais de uma época e de um tempo determinado no ambiente e nas práticas sociais. Por fim, seria matriz, uma vez que pode gerar/desencadear, a partir das suas transformações, novos modelos de vida e de relações.

Nesse contexto, as relações com a memória e com o jogo de identidades locais traz à tona uma teia de significados que pode ser entendida como uma matriz, um padrão de gestos, que indicam afetos partilhados. Para estudar essas relações foi escolhido o bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, não apenas pela relação de vida que a primeira autora tem com o território, mas também por apresentar importância histórica, paisagística e patrimonial dentro do que se entende como paisagem suburbana[1]. Seu contexto urbano e a caracterização de sua identidade foram influenciados pelo modelo fabril implementado na região, que teve a sua consolidação ocasionada pela antiga Companhia Progresso Industrial do Brasil – popularmente conhecida como Fábrica de Tecidos Bangu.

As mudanças nos cenários econômicos e culturais do bairro, decorrentes das alterações de produção e exportação nas estruturas territoriais ligadas ao papel da fábrica de tecidos e da ferrovia em Bangu, foram traçando os novos usos e as formas de vida ao longo dos anos. O importante passado fabril e a lembrança da Fábrica transformadora da paisagem e provedora de moradia, infraestrutura e saneamento, agora representam apenas sentimentos saudosistas, principalmente aos mais antigos que fazem questão de destacar a importância que a Companhia teve em suas vidas. Entre os mais novos, a identidade mais forte é a do futebol, ícone importante da história do bairro, que para os mais próximos do esporte desempenha a função de resgatar a memória dos tempos de ouro do Bangu Atlético Clube.

---

1 Não entraremos aqui na definição de subúrbio dada a vasta contextualização que demandaria para isto. A ideia de "paisagem suburbana", mais abrangente e genérica, aparece como ideal neste trabalho.

Nesse sentido, o presente trabalho desenvolve o tema a partir de uma perspectiva micro-escalar, ou seja, volta seu olhar para o indivíduo, entendendo as singularidades e as subjetividades do habitar no que podemos chamar de ambiência fabril, já que se encerra ao redor da fábrica desativada. Não é intencional uma perspectiva romantizada, tendo em vista as diversas dificuldades que envolvem as múltiplas dinâmicas suburbanas, mas sim entender as relações identitárias que também surgem a partir delas.

Dessa maneira, o objetivo geral deste artigo é investigar como algumas dinâmicas identitárias podem ser moldadas (e remoldadas) por usuários (Duarte, 2013), dentro do contexto espacial e sociocultural do centro do bairro de Bangu, a partir das mudanças na paisagem afetiva. Por isso, a utilização de uma metodologia qualitativa que permita "enquadrar" essa realidade é essencial para a pesquisa. A ideia de paisagem afetiva está ligada aos elementos identitários que permeiam significados mais ou menos aproximados para um grupo de usuários geograficamente referenciados.

Nesse contexto, o trabalho de análise se desenvolve numa base qualitativa, que visa promover a compreensão mais profunda da conexão entre o ambiente físico e as pessoas que vivenciam os cotidianos do bairro, por meio da Etnotopografia, método desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC), do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-UFRJ) que une instrumentos etnográficos e ferramentas próprias da pesquisa dentro da arquitetura e urbanismo.

2. IDENTIDADE E MEMÓRIA EM CONTEXTO

A cidade se torna complexa quando são dadas diversas formas de habitar nas relações com o espaço, pondo em jogo a identidade e a história. Ou seja, a memória dos grupos atribui sentido aos seus espaços e vidas. Tal interpretação permite uma representação de como as identidades e práticas obedecem a lógicas plurais e orientam relações diferenciadas com grupos e com cidadãos, com seus espaços de vida e com formas de apropriação específicas. Dessa maneira, quando pensado o espaço da cidade, a memória individual e a coletiva são manifestações que o sustentam de forma não linear e atrelada. A compreensão da memória na coletividade produz coesão entre os sujeitos, de diferentes grupos e classes sociais, no espaço em que vivem.

No entanto, segundo Candau (2012), é importante diferenciar a memória coletiva de uma memória compartilhada de forma literal, tendo em vista que os mesmos grupos podem compartilhar dos mesmos marcos memoriais, mas não das mesmas representações do passado. Essa visão reconhece a complexidade das identidades em contextos sociais diversos e a importância de entender a identidade como algo sempre em construção, influenciado por múltiplas temporalidades e experiências.

Dessa maneira, é considerado que tanto o espaço quanto a memória são sistemas abertos, mas que mediam as experiências dos sujeitos com o tempo e seu espaço atual (Candau, 2012).

Portanto, a identidade não é considerada fixa, mas dinâmica e mutável, formada e reformada continuamente pelas práticas, narrativas e lembranças que os indivíduos e os grupos produzem no território em que vivem. Essa reflexão se relaciona ao que defende Bauman (2005). Para o autor, "pertencimento" e "identidade" não são conceitos solidificados ou eternamente determinados, pelo contrário, eles se demonstram flexíveis perante as decisões, desejos e trajetórias do indivíduo.

Guattari (1992) defendeu que as construções dos espaços urbanos contemporâneos funcionam como máquinas enunciadoras. Isso significa que seu impacto vai além das estruturas visíveis e funcionais, engajando e interpelando os indivíduos de diversas maneiras: histórica, funcional, afetiva, simbólica, estilística. Cada conjunto material (rua, prédio, cidade) é um foco de subjetivação. "Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquínicas e universos incorporais" (Guattari, 1992, p.161-162).

Tudo que compõe uma paisagem, assim, desde seus aspectos mais concretos aos mais sensoriais, se relaciona com os sentimentos atribuídos pelos usuários a ela. A identificação e o pertencimento estão intimamente ligados às relações sociais com os espaços físicos, que dialogam mutuamente e constroem o que se entende do lugar. Desta maneira, a relação entre pessoas e lugares é dialógica, significando que não é apenas o lugar que influencia as pessoas, mas também as pessoas que atribuem significados e modificam os lugares.

Pode-se dizer, portanto, que a paisagem neste contexto é um conjunto de afetos ocasionados pelo habitar. Nesse sentido, a teoria dos afetos de Ben Anderson (2005) converge com o que foi exposto, tendo em vista que, para o autor, os afetos são intensidades pré-cognitivas que circulam entre corpos e espaços, criando ambiências que influenciam comportamentos e percepções antes da formação de emoções conscientes.

Tendo isso em vista, pode-se considerar que a paisagem também é capaz de afetar diretamente nas dinâmicas sociais, percepções espaciais e sentimentos individuais e coletivos, bem como a relação memorial com a identidade e o pertencimento de seus usuários. Esse "território afetado", motiva experiências sensíveis a partir da apreensão do que se entende por ambiências, que traz reflexões quanto aos tipos de percepções, ações e vivências que são dadas em determinados contextos, aproximando sua definição do campo empírico (Duarte, 2013).

Se as ambiências são frutos da percepção humana do espaço, elas também estão condicionadas às mudanças e transformações da paisagem. "Uma Ambiência se

compreende (e surge) de forma sensorial; ela é a metáfora das representações abarcadas por quem nela transita e dos tempos que ela compõe" (Pinheiro, 2010, p. 44). Nesse sentido, é difícil se prender a uma ambiência imutável ou fixa, mas sim entendê-las como frutos do momento presente, definidas pelos sentimentos e sensações do aqui e do agora.

Falar de ambiências, portanto, é falar sobre o que é subjetivo, singular e inerente ao ser humano. É por meio do corpo que captamos a percepção sensível do mundo com o qual interagimos, corpo e ambiência interagem em reciprocidade. A partir dessa relação de fricção que surge o reconhecimento do que está além de si mesmo: o outro (Duarte, 2013).

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE BANGU E SEUS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS

Tendo isso em vista, esta pesquisa reconhece não apenas a relevância da memória na construção de uma identidade, mas sua interligação direta com ela. No contexto de Bangu, entender a memória coletiva do passado do bairro é entender também as dinâmicas identitárias nascidas e transformadas por todos os elementos constituintes do bairro.

Fundado pela Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), o território teve sua urbanização impulsionada pela industrialização do oeste fluminense, acentuada pela expansão da Estrada de Ferro D. Pedro II. A fábrica fomentou o desenvolvimento urbano e atraiu população local e estrangeira, construindo equipamentos urbanos, abrindo ruas e promovendo infraestrutura e moradia. O território plano de Bangu facilitou a expansão urbana em um padrão ortogonal, com novas ruas e praças batizadas em homenagem a funções e figuras importantes da indústria.

O bairro nasce em origem proletária, sendo planejado para atender à companhia e tendo como ponto central a fábrica, influenciando diretamente em seu arranjo espacial. No entanto, devemos destacar a importância cultural que acompanhou o desenvolvimento urbano e econômico de Bangu, que teve em seu território a primeira partida de futebol do Brasil em 1894. Além disso, a fundação do Bangu Atlético Clube em 1904 e do Cassino Bangu em 1895, ambos motivados pelos próprios funcionários, marcaram as dinâmicas sociais e de lazer do bairro e ainda se fazem presente na paisagem, com suas histórias sendo lembradas cotidianamente por seus moradores.

Com o declínio das atividades fabris ao longo do final do século XX, Bangu passou a se transformar acompanhando as mudanças econômicas no Brasil da época. As casas das vilas operárias foram majoritariamente transformadas em estabelecimentos comerciais e de serviço favorecidos pela localização central, nascendo o Calçadão de Bangu em 1991. Em 2000, o edifício da fábrica foi tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade e em 2005 foram encerradas as atividades fabris. O

Bangu Shopping, inaugurado em 2007 na edificação, tornou-se um importante agente modelador do espaço urbano, incorporando muitos dos equipamentos urbanos que foram fechados com a alienação das propriedades da Companhia. Sua instalação modificou a relação comercial do bairro, competindo e complementando os estabelecimentos do entorno.

No caso do Bangu Shopping, há o retrato do passado que possibilitou o ajuste ao tempo presente. Suas estruturas fabris e suas intervenções na freguesia, como rugosidades suburbanas (Santos, 2004) são sobras materiais que resistem da sobreposição de projetos produtivos na paisagem. Portanto, o panorama sobre o passado fabril, seu enfraquecimento e sua transformação se faz importante tendo em vista que a Companhia Progresso Industrial do Brasil é a causa de Bangu e, hoje, são as narrativas deixadas como herança pelas famílias de seus saudosistas ex-operários e a presença dela na memória que a fazem viva na paisagem. A valorização deste passado se relaciona com as suas rugosidades no shopping center como espaços de recordação e com as paisagens mentais de seus moradores, tomadas pelas lembranças visuais da fumaça da chaminé e sonoras do seu apito que parece ainda ecoar pelos ares.

4. O CAMINHAR E O REGISTRAR

O primeiro caminho escolhido para seguir com a pesquisa foi pela Etnotopografia, pois é preciso decifrar as ambiências pelo "olhar" dos usuários. Desenvolvido pelas coordenadoras do LASC-PROARQ-UFRJ, as principais características deste método, são: primeiramente, relacionar uma aplicação de estudos de um grupo sociocultural em um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si e, em seguida, usar resultados gráficos e visuais passíveis de serem interpretados pelo pesquisador das áreas de arquitetura e urbanismo

Para estudar a importância memorial e afetiva dos espaços públicos banguenses, delimitando as relações de pertencimento e sociabilidade, são intencionadas derivas pelo bairro para percepção das da grande inventividade para as questões postas pelo que é experimentado em uma cultura plural e heterogênea. A experiência corpográfica de se inserir no território, vivenciando suas ambiências e registrando-as em diários de campo ampliam as

O protagonista dessa experiência errante se assemelha ao flâneur, o observador que perambula pela cidade. Michel de Certeau (2009) descreve essa figura do andarilho como o praticante comum da cidade, aquele que explora os espaços pouco reconhecidos do ambiente urbano. Arquiteto de experiências, ele não segue rotas pré-determinadas. Em vez disso, seu caminhar é errático e espontâneo, criando uma cartografia pessoal e subjetiva da cidade, capaz de captar a essência do cotidiano e ordinal.

Baseado no campo da etnografia visual de Sarah Pink (2007), essa metodologia tem por definição a utilização de materiais visuais (fotografias, vídeos, filmes e desenhos) na coleta, análise e apresentação de dados etnográficos, podendo revelar dimensões da experiência humana difíceis de capturar por meio de métodos textuais tradicionais.

Com base na poética do flâneur, a etnografia de rua desenvolvida por Rocha e Eckert busca inventariar o mundo na instabilidade do seu movimento (Rocha & Eckert, 2001, p6). Por meio dessa técnica, são utilizadas ferramentas de registro audiovisual que compõem o olhar do pesquisador e delineiam a sua atitude diante da coleta de dados. Martins, Eckert e Novaes (2005) pontuam o valor da experiência fílmica dada a sua possibilidade de observação da sociedade na "riqueza da diversidade". O registro é um convite ao pesquisador a repensar a cultura e a sociedade por meio dos sons, cores, lembranças, imagens, palavras, trocas sociais e reciprocidades cognitivas.

Dessa maneira, as derivas e a videografia se complementam como ferramenta de leitura espacial do recorte analisado, capturando a experiência humana na paisagem e registrando o cotidiano. É interessante pensar na utilização destas ferramentas não apenas como produto, mas principalmente como processo, uma vez que auxiliam na interpretação das formas de vida social e correspondem ao local de onde emerge a escrita etnográfica. Vale destacar que estas ferramentas estão dentro de um recorte metodológico de uma pesquisa em desenvolvimento, que servirá de base para futuras análises ao longo do trabalho.

5. RESULTADOS PRELIMINARES

Foi realizado em uma deriva-piloto com auxílio dos registros videográficos, com o intuito de (re)vivenciar os espaços que configuravam antigamente a Fábrica Bangu e a vila operária, ambas extintas e modificadas morfológica e simbolicamente nos dias atuais. O principal objetivo foi observar, sob ótica das pesquisadoras e, no caso da primeira autora, moradora do bairro, os usos e apropriações espaciais entendendo como os resíduos do passado aparecem no cotidiano da paisagem e nos laços identitários de seus habitantes. A escolha do recorte territorial para este primeiro estudo foi intencional por se tratar do ponto de origem do bairro, que teve sua urbanização idealizada a partir destes dois eixos estruturantes, além da linha férrea.

Caminhando pelos corredores do atual Bangu Shopping, foi percebido que mesmo com a manutenção das estruturas e alguns elementos fabris como a imponente chaminé e a caixa d'água com a mesma escrita da época (Figura 1), são poucas as tentativas da administração de contar didaticamente o que ocorreu dentro daquelas paredes de tijolos alaranjados. Todos os símbolos mantidos possuem rasa (ou até nula) descrição de sua importância. Um exemplo é a tentativa de criação de um museu de imagens, que se configura em um pequeno corredor que dá acesso aos elevadores para o centro médico e possui 6 grandes quadros com 2 imagens em cada um deles, sem qualquer tipo de legenda ou identificação do que se trata nelas (Figuras 2 e 3).

Figura x – Bangu Shopping e suas rugosidades fabris na paisagem
Fonte: Autoral. (2022).

Figuras 2 e 3 - Exposição de memórias dentro do Bangu Shopping
Fonte: Autoral. (2024).

Enquanto isso, na freguesia imediata à edificação do shopping foram percebidas relações também muito distintas dos registros históricos. Por começar a quase absoluta mudança tipológica das edificações ao longo da Avenida Cônego de Vasconcelos (antiga vila operária), que influenciam diretamente nas dinâmicas sociais que ocorrem. No entanto, as rugosidades se destacam na paisagem, como algumas casas no padrão da época ao longo da Rua Barão de Capanema (1), a igreja de Santa Cecília (2) e a manutenção dos nomes das ruas, abertas pela antiga fábrica (3). Para além das edificações históricas, destaca-se o Museu de Bangu (4 gerenciado autonomamente pelos moradores saudosistas da região, e o Bangu Atlético Clube (5), que reforça a importância do bairro na história do futebol brasileiro. Esses dois

elementos são símbolos de resistência à manutenção de um passado tão diferente dos representados nas ruas dos bairros, que mesmo com os mesmos nomes, possuem configurações bem diferentes das anteriores.

Figura 4 – Rugosidades materiais e imateriais no entorno imediato ao Bangu Shopping
Fonte: Autoral. (2024).

Quanto às dinâmicas sociais, os dois eixos analisados apresentaram usos e apropriações muito semelhantes e distintos ao mesmo tempo. Por se tratar de um shopping, as relações percebidas lá são as orientadas para o consumo, o que acaba sendo uma consequência de quem busca por lazer pela falta de espaços públicos apropriados para tal na região. Há tranquilidade no caminhar e no permanecer, resguardados pela segurança do público-privado e incentivados pela climatização.

Tendo em vista que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, individual ou coletiva, o qual deve ser dialógico com as exigências arquitetônicas e urbanísticas contemporâneas, é fundamental demarcar o papel dessa memória para a construção e manutenção de identidades banguenses. Portanto, as estruturas fabris e as intervenções da CPBI na freguesia, como rugosidades suburbanas (Santos, 2004), são sobras materiais que resistem da sobreposição de projetos produtivos na paisagem e possuem papel fundamental na manutenção de uma identidade histórica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de paisagem pode ser individual e coletivo, mas principalmente construído emocional e historicamente. Quando analisado um lugar, a sua história imaterial é

indissociável da material, que no caso de Bangu está presente não somente nos tijolos vermelhos, esquadrias e na chaminé do edifício tombado. A história é contada todos os dias também pela malha urbana e pelas manifestações dos próprios moradores.

Dentro do cenário de Bangu, marcado e impactado pelas transformações e mudanças inerentes à expansão e desenvolvimento do bairro, destaca-se o embate entre memória e esquecimento, tendo em vista que muitas vezes os símbolos históricos abrem espaço para novas construções que acompanham a modernização territorial. A preservação de monumentos e sua importância patrimonial estão à disposição da sociedade como produto de consumo desenfreado, o que é associável ao conceito de "museificação". De acordo com Pinheiro e Duarte (2008), "o embate entre a memória e o esquecimento se faz, na arquitetura, diante do que conservar, do que retirar ou de como unir estes dois elementos."

Essa noção se faz importante quando analisamos os elementos estruturais ainda presentes na paisagem banguense como um resgate material do passado do bairro. O patrimônio originalmente fabril resistente no território, bem como a sua malha urbana têm o papel (às vezes intencional) de elucidar um tempo pretérito, ativando afetivamente a memória fundadora do bairro. Portanto, este artigo teve como propósito levantar conceitos e meios que tornam possíveis a leitura espacial de elementos e manifestações que podem ser interpretadas como mantenedores de identidades locais no recorte banguense.

Tendo isso em vista, esta pesquisa reconhece não apenas a relevância da memória na construção de uma identidade, mas sua interligação direta com ela. No contexto de Bangu, entender a memória coletiva do passado do bairro é entender também as dinâmicas identitárias nascidas e transformadas por todos os elementos constituintes do bairro. As conexões que se estabelecem entre a configuração visual de uma cidade e seus habitantes emergem tanto da expressão da particularidade do modo de vida, do contexto social e das ocupações que conferem singularidade à materialidade dos espaços, quanto da incorporação das particularidades sociais dos sujeitos, que conferem identidade à paisagem urbana e moldam seu valor. Cabe ressaltar que este artigo é um recorte de uma pesquisa de dissertação em andamento, se tratando de um primeiro estudo teórico-metodológico que servirá de base para as aplicações futuras.

7. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anderson, B. (2006). Becoming and being hopeful: towards a theory of affect. In: Environment and Planning D: Society and Space. Vol. 24, p. 733-752.

Bauman, Z. (2005). Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar.

Candau, J. (2012). Memória e identidade. São Paulo.

De Certeau, M. (2009). A Invenção do Cotidiano. "Artes de Fazer", Vol. 1, Rio de Janeiro.

Duarte, C. (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. In. Thibaud, Jean-Paul. Ambiances en partages. Bernin: À la croisee.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. (2003). da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. Iluminuras, Porto Alegre, v. 4, n. 7.

_____(2005). A interioridade da experiência temporal como condição da produção etnográfica. O Tempo e a Cidade. Editora UFRGS. Porto Alegre.

Pinheiro, E.; Duarte, C. (2008). Esquecimento e reconstrução - Memória e experiência na arquitetura da cidade. Revista ArquiteturaRevista, Unisinos.

Pinheiro, E. (2010). Cidades 'ENTRE'. Dimensões do Sensível em Arquitetura ou a Memória do Futuro na Construção de uma Cidade. 154f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/PROARQ, UFRJ, Rio de Janeiro.

Pink, S. (2007). Doing Visual Ethnography. London, UK: SAGE Publications.

Santos, M. (2004). Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica / Milton Santos. - 6. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Coleção Milton Santos; 2). p. 171-176.

Seagert, S. (1981). "Environmental as material, artifact and matrix". Comunicação apresentada em Colóquio Towards a Social Psychology of Environmental. Paris, Maison des Sciences de l'Homme.

R34

THE ROLE OF AMBIANCE IN THE [RE] CONSTRUCTION OF FANS' IDENTITY THROUGH TRADITIONS IN NEW SOCCER ARENAS

O PAPEL DA AMBIÊNCIA NA [RE] CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS TORCEDORES ATRAVÉS DAS TRADIÇÕES NAS NOVAS ARENAS DE FUTEBOL

Natália Rodrigues de Melo
Pesquisadora doutora
Laboratoire CEDETE / Université d'Orléans
natalia.rodrigues-de-melo@univ-orleans.fr

Cristiane Rose Duarte
Professora doutora
PROARQ / Universidade Federal do Rio de Janeiro
cristiane.duarte@fau.ufrj.br

ABSTRACT
This article presents the results of an investigation aimed at understanding the meanings of the soccer stadium for the fans who attend it. Focusing on the Maracanã Stadium, located in Rio de Janeiro, Brazil, the research showed that the meanings of the stadium are revealed not only through the ambiances created by the fans but also through the memory of ambiances experienced in the past, which are even passed down as traditions between generations, forming the foundation of the fan's identity construction. Thus, the impact of the architectural renovations carried out in the stadiums for the 2014 FIFA World Cup led to the reconstruction of narratives supported by the ambiances of the grand soccer stage

KEYWORDS: traditions. soccer stadium. ambiance. identity. fans.

RESUMO
Este artigo apresenta os resultados de uma investigação que procurou compreender os significados do estádio de futebol para os torcedores que o frequentam. Tendo como objeto de estudo o estádio do Maracanã, situado no Rio de Janeiro, Brasil, a pesquisa mostrou que os significados do estádio se revelam não apenas pelas ambiências criadas pelas torcidas, mas, também, pela memória das ambiências vivenciadas no passado, até mesmo repassadas sob a forma de tradições entre gerações, estando na base da construção identitária do torcedor. Dessa forma, o impacto sofrido com as reformas arquitetônicas efetuadas nos estádios por ocasião da copa do mundo de futebol de 2014 geraram a reconstrução de narrativas amparadas nas ambiências do grande palco futebolístico.

PALAVRAS-CHAVE: tradições. estádio de futebol. ambiência. identidade. torcedores.

1. INTRODUÇÃO

Apelidado de o "12º jogador", o torcedor de futebol é o responsável pela regência da ambiência do estádio. Como bem observado por Nelson Rodrigues: "a torcida pode salvar ou liquidar um time" (1993, p.40).

Nomeado de fã ou *supporter* em alguns outros países, no Brasil ele ganha o nome de "torcedor" na primeira década do século XX graças ao público feminino que torcia seus lenços em momentos delicados da partida de futebol. Segundo Buarque de Hollanda (2008), a torção dos lenços e os corpos se contraindo simbolizavam aflição e isso era retratado como a forma de apoiar a equipe, torcendo. As tradições e rituais dos torcedores se [re]produzem desde então.

Da Matta sustenta que o futebol "mobilliza e apaixona as massas, pois ele movimenta sentimentos fundamentais de identidade individual e coletiva entre nós" (2004, p. 12). Porém, a comercialização crescente do exporte, como um fenômeno moderno do futebol - incidado na década de 1990, mas solidificado no Brasil com a Copa do mundo de 2014 - tem transformado a experiência do torcer, a essência dos estádios e, em última instância, a identificação dos torcedores.

A pesquisa que está na base dste artigo (Melo, 2018) examina as lutas dos torcedores dentro dos estádios reformados e elitizados para resignificarem seus territórios modificados. Nesse processo de análise, os conceitos de ambiência e memória têm papel de destaque. Os torcedores buscam recriar a atmosfera familiar e significativa do passado, diante de mudanças muitas vezes traumáticas. Para Duarte (2011), uma ambiência familiar faz com que a memória dos usuários trabalhe, atribuindo significados ao lugar a partir de seu caráter multissensorial e íntimo dos registros previamente adquiridos pelos praticantes.

Tomando como pano de fundo as reformas realizadas em estádios brasileiros utilizados na Copa do Mundo de 2014, mais especificamente no Maracanã, analisamos como os torcedores buscam recriar tradições e rituais do passado dentro da atmosfera atual. A metodologia da pesquisa foi baseada em um estudo etnotopográfico realizado entre 2016 e 2017.

2. O SENSÍVEL E O FUTEBOL: AS AMBIÊNCIAS DOS ESTÁDIOS

A ambiência do estádio de futebol decorre da lógica interna desse esporte de contato, que é entrar no campo do adversário para marcar e vencer o jogo. Ela é criada e recriada pelos componentes físicos do palco do jogo (arquibancadas, divisórias, etc.) e pela presença de torcedores, que fazem parte do espetáculo por meio de seu apoio expresso aos times em disputa. Mais que isso, a força dessa ambiência é marcada por torcedores comprometidos, ativos e criadores de seu próprio espetáculo, em vez de simples espectadores que assistem a um evento esportivo (Roux & Tixier, 2010).

Wilhelm (2020) acredita que as sensações corporais experimentadas pelos torcedores dependem do desenrolar da partida e de sua percepção das dimensões do estádio. Segundo o autor, essas sensações corporais estão relacionadas à espacialidade: impressões de compressão e expansão do corpo no ato de torcer; consciência de sua posição no estádio; influência do entorno imediato; distinções cognitivas entre aqui/ali e dentro/fora.

O modelo teórico de Uhrich e Koenigstorger (2009) para analisar a ambiência do estádio enfatiza o papel das emoções despertadas por diferentes estímulos (som, luz etc.). Sua aplicação, baseada em entrevistas com gestores de estádios e torcedores, mostra que o ambiente físico e social do estádio influencia a ambiência (Uhrich & Benkenstein, 2010). Balaji e Chakraborti (2015) caracterizam a ambiência usando uma escala que lista quatorze elementos dispostos em quatro dimensões: layout físico, estética das instalações, experiência de entretenimento e interação social. De outro ângulo, a revisão sistemática da literatura feita por Da Silva et al (2021) mostra que a ambiência do estádio é um fator determinante na decisão de comprar um ingresso. A presença de torcedores engajados, que geram atmosferas, aumenta muito as emoções dos espectadores (Herold et. al., 2021).

Além disso, o estádio forma uma paisagem sensorial (Lee et al., 2012) pontuada por microambiências causadas por grupos que "compartilham e/ou vivenciam o mesmo evento, a mesma atividade em um determinado espaço, cujas características sensíveis orientam as práticas sociais" (Lira, 2015, p. 64). Essas microambiências variam de acordo com os elementos sensíveis (cantos; gritos no momento de uma falta ou de um gol; entrada ou saída de um jogador; etc.) e com a dinâmica de ocupação do estádio por seus públicos. Eles marcam a presença, a identidade e o vínculo visceral com o grupo e o clube por parte dos torcedores (Edensor, 2015), que estão em sintonia com seus pares de acordo com a

materialidade do local. Seus gritos, cantos, vaias e também seus silêncios preenchem essas microambiências que todos memorizam de acordo com suas características psicoafetivas.

As ambiências de um estádio de futebol resultam, portanto, das intensas e entusiásticas paixões dos torcedores (Bromberger, 1995) no espaço público. Como portadora de uma variedade de sentimentos (ansiedade, excitação, etc.), essa atmosfera tem um papel triplo a desempenhar: econômico (tornar o estádio lucrativo), social (criar uma identidade coletiva) e político (afirmar um domínio territorial) (Roux, 2014). Um ativo imaterial estratégico, sua natureza e controle dão origem a lutas entre o setor de entretenimento esportivo (dos clubes à FIFA) e o mundo das torcidas organizadas.

Essas lutas são acentuadas a partir da década de 1990, sobretudo após o Relatório Taylor[1], dando origem à era do "estádio mais que moderno" (Gaffney, 2008). Focado

1 O Relatório Taylor foi redigido por Lord de Gosforth, Peter Taylor, após a tragédia de Hillsborough, quando morreram 95 torcedores do Liverpool esmagados em um jogo da Copa da Inglaterra contra o Nottingham Forest em Sheffield. Ele promoveu profunda reformulação no futebol mundial, sobretudo nos estádios, focando na organização e seguranças desses equipamentos.

em organização, conforto e segurança, esse documento foi também responsável pela mudança da partida de futebol para o espetáculo esportivo que afeta os modos de torcer, causando um empobrecimento da ambiência (Melo, 2018). Atualmente, qualquer projeto de estádio se preocupa mais com o ambiente construído e menos com os seus usos sociais e sua dimensão sensível (Roux, 2014).

Mesmo tendo boa capacidade, espaços limpos, boa segurança e conforto, o estádio não tem a garantia de uma ambiência fervorosa. O "estádio mais que moderno" é feito para beneficiar o espectador como indivíduo, atomizado (Gaffney, 2008). Lugar criado para a passagem do individual ao coletivo, gestores não desejam mais um grupo que se soma perfeitamente. Seria possível novamente esse público unir forças em momentos de "excesso sensorial e produzir um efeito multiplicador" ? (Roux & Tixier, 2010, p 9) . Uma vez imerso nessas ambiências de "intensas e entusiásticas paixões" geradas pelo efeito multiplicador, é ainda possível reaver uma identidade torcedora ?

3. AMBIÊNCIAS REPRODUZINDO LEMBRANÇAS, REAVENDO IDENTIDADES

De acordo com Ricoeur (2000), a lembrança é um processo constante e complexo de criação de significado que envolve lembrar e esquecer, e no qual a fantasia e o prazer podem desempenhar um papel. Esse processo é essencial para a construção de significados e a atribuição de valores a um lugar com base no discurso que ele gera. A partir daí, o estádio aparece como "uma instância semiótica" (Semprini, 1992, p. 25). Ele promove relações sociais que reforçam sua apropriação e significado como um território (Mascarenhas, 2005). As memórias nascem das emoções de assistir a um jogo e da experiência de torcer coletivamente pelo seu time, imergindo nas ambiências por meio de demonstrações.

A principal função da memória é "evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, lembrar-nos do que precedeu e do que se seguiu e, assim, sugerir-nos a decisão mais útil" (Bergson, 1999, p. 266). A memória é, portanto, uma história forjada (Jodelet, 2002) em uma relação dialética entre passado, presente e futuro. Ela é usada para desenvolver o contato com lembranças, tradições e costumes. Está estritamente ligada à cultura e à identidade de povos, sociedades, grupos ou indivíduos. Viva e atual, evoluindo

[1] O Relatório Taylor foi redigido por Lord de Gosforth, Peter Taylor, após a tragédia de Hillsborough, quando morreram 95 torcedores do Liverpool esmagados em um jogo da Copa da Inglaterra contra o Nottingham Forest em Sheffield. Ele promoveu profunda reformulação no futebol mundial, sobretudo nos estádios, focando na organização e seguranças desses equipamentos. e mudando, a memória também é vulnerável e apagável (Jodelet, 2002). Para perdurar, é necessário um esforço para lembrar.

A pesquisa que está na base deste artigo demonstrou que, nos novos estádios, os espectadores comprometidos se esforçam para recriar as ambiências utilizando lembranças e tradições para se sentirem bem e poder novamente territorializa-los. Jodelet (2002) atesta que a relação que o indivíduo estabelece com o seu espaço de vida lida com concepções de sentido e significado definidas através das experiências, que atribuem valor simbólico aos ambientes construídos. Por meio dessa relação situada, o indivíduo é capaz de construir e recontruir sua identidade como torcedor.

Em seu trabalho sobre a experiência sonora das ambiências festivas, Romieu (2009) mostra que as festividades deixam rastros de memória. De acordo com sua abordagem freudiana, esses rastros são acúmulos de memórias ocultas ou renovadas. Quando relembradas, essas memórias são reformuladas e assumem novos significados. Freud (1921) comparou o aparelho psíquico a uma "máquina de escrever" que capta, organiza e oferece os elementos de um repertório, um suporte para experiências individuais perceptivas, comportamentais, cognitivas e afetivas. A memória, portanto, é a escrita. Como um palimpsesto, a memória pode ser ativada para restaurar o significado do que consideramos danificado. O estádio reformado, mas em seguida reocupado e tomado pelas novas ambiências, crias as bases da reescrita da mémoria do torcedor. Mas não, porém, sem deixar traumas.

O apagamento da história dos grupos e de suas culturas causa danos importantes, os chamados traumas urbanos (Duarte et. al., 2012). Na psicanálise, os traumas são os efeitos psicológicos de um colapso nos processos de significado que podem levar à desfiliação traumática.

Os sentimentos de pertencimento e não pertencimento resultam da busca pelo significado da existência, sempre baseada em uma perda (Heidegger, 1967). O não pertencimento é sentido "em lugares que podem ser alcançados, mas que, de fato, não constituem uma moradia" (Vaz, 2015, p. 284). Steadman et. al. (2021) mostram como a realocação de um estádio pode ser traumática, pois rompe tradições intergeracionais de produção das ambiências. A pesquisa efetuada pelas autoras demonstra que, de fato, a aceitação das mudanças leva tempo para que o público se sinta novamente em casa no estádio e o assimile como um "lar simbólico".

4. IDENTIDADE 'TORCEDOR' : ANÁLISE DA [RE]APROPRIAÇÃO DO NOVO MARACANÃ

O Maracanã foi construído para a Copa do Mundo de 1950 e foi projetado para ser o "maior estádio de futebol" do mundo. O estádio passou por várias mudanças ao longo de sua extensa história sediando jogos importantes de campeonatos nacionais e internacionais, tornando-se assim, um lugar emblemático. Dada sua intensa territorialização, esse palco futebolístico foi responsável por criar uma identidade torcedora naqueles que o frequentavam. Como consequência, o Maracanã foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade na década de 2000;

desde então, as reformas realizadas no estádio deveriam, por princípio, respeitar sua concepção original e o valor cultural ligado à ocupação pelos torcedores (Girão, 2012).

No entanto, a reforma realizada no estádio para a Copa do Mundo de 2014 alterou significativamente sua arquitetura, principalmente na parte interna. Além disso, o estádio também passou por um processo de hipersetorialização que, segundo Ferreira (2017), consistiu em regras voltadas para o confinamento dos torcedores em setores específicos que foram definidos com base no preço dos ingressos. Essa e outras reformas realizadas em estádios distribuídos por todo o país, foram envoltas em discursos e promessas de melhoria da segurança, da limpeza e do próprio espetáculo; consequentemente, trouxeram consigo o aumento do preço dos ingressos, a vigilância excessiva e novos hábitos de torcer.

Figura 1. Maracanã reformado para a Copa de 2014.
Fonte: Luciano Silva (2014) – Creative Commons (CC BY-NC 2.0)

4.1 Percursos metodológicos

O objetivo da pesquisa foi descobrir como as reformas do Maracanã influenciaram na criação de suas ambiências e como elas são percebida pelos torcedores após transformações tratadas por eles como "traumáticas". Para isso, nos valemos de suas memórias por meio de entrevistas e observações de campo, realizadas após a reforma de 2014.

Primeiramente foi realizada uma etnotopográfica. Essa metodologia permite analisar a "configuração dos atributos do espaço, a fim de estabelecer os tipos de significados identitários e imagens urbanas coletivas, bem como entendê-lo como a materialização de culturas, subjetividades e projetos de vida" (Duarte et al., 2007, p. 4). A etnotopografia se concentra nas propriedades espaciais para entender a dinâmica de um grupo sociocultural em um lugar, usando recursos visuais para interpretar os elementos coletados. A pesquisa utilizou a estratégia da observação

participante. De acordo com Becker (1997), a observação participativa e ativa é essencial na etnografia, pois permite que o pesquisador examine o objeto de pesquisa ao tomar conhecimento das experiências das pessoas, mas não apaga a si mesmo enquanto participante.

Da mesma forma, quadros de relatos foram construídos com base nas narrativas coletadas. Essas estruturas foram inspiradas no método "Arquivo Mnemônico do Lugar" (Uglione, 2008), utilizado para construir histórias coletivas sobre o lugar. Como base nesses relatos, foi criado o ARQUIVO MARACANÃ reunindo metáforas extraídas dos fragmentos e traços das narrativas dos torcedores. O trabalho do Arquivo consistiu em coletar e entrelaçar as narrativas individuais, tendo como fio condutor as ideias que emergiram sob forma de metáforas compartilhadas por elas. Esse procedimento permitiu identificar extratos metafóricos tomados como símbolos que definem e qualificam o lugar para um determinado grupo de indivíduos/narradores. As cinco metáforas, bem como seus extratos, foram identificadas no entrelaçamento das narrativas de 26 torcedores que assistiram a jogos no local entre 2016 e 2017. Denominamos as referidas metáforas como: "Campo de Batalha", "Lugar Mágico", "Colosso", "Teatro de Sonhos e Emoções" e "Engomadinho". Além dos relatos dos torcedores, a criação do ARQUIVO MARACANÃ foi também incrementada com análises do caderno de campo.

4.2 Metáforas que ecoam as narrativas dos torcedores

Um dos extratos metafóricos que as entrevistas trouxeram à tona foi o do "**Campo de Batalha**". Ao empregarem palavras como disputa, ataque, adversário, inimigo, guerra, território, os torcedores demonstram ver o jogo de futebol como um "combate". Segundo um torcedor: "O Maracanã é um campo de batalha, com músicas e festas". Nesse extrato, destacamos a formação de microambiências, bem como a formação de ondas que as dissolvem. As microambiências são como trincheiras: criadas para o confronto e disseminadas por todo o território. Um exemplo de microambiência constantemente observada é formada pelas torcidas organizadas. Após a reforma do Maracanã, os membros desses grupos foram forçados pelos gestores do estádio a estabelecerem suas trincheiras mais ao centro dos setores norte e sul, no nível superior, mas espontaneamente, e seguindo tradições do passado, foram expandindo seus territórios para as laterais e para o nível inferior desses mesmos setores, criando uma borda com cânticos, "gritos de guerra", bandeiras e camisetas com as cores do time e símbolos próprios a cada torcida organizada. Outra microambiência característica do Maracanã é a formada pelos saudosistas da "Geral", conhecido espaço próximo ao campo onde os torcedores assistiam o jogo em pé e que foi extinto na reforma de 2007. Eles formam bordas ao se debruçarem nas divisórias com o gramado, ora xingando os jogadores ora vibrando com a partida, reforçando assim seu o território.

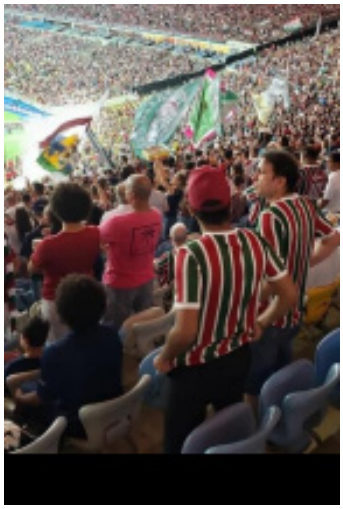


Figura 2. Torcidas organizadas do Flamengo no setor norte. Jogo: Flamengo x Palmeiras, 31/07/24. Fonte: Thamires Alves

Figura 3: Torcidas organizadas do Fluminense no setor sul. Jogo: Fluminense x Fortaleza Fonte: Alexandre M. B. Berwanger – Creative Commons (CC BY-SA 4.0)

As microambiências nos levam à compreensão da dominação do território com parte do direito adquirido no "**Campo de Batalha**". Buscando não se afetar pela hipersetorização, em dias de partida, as torcidas buscam transformar o estádio em um campo de forças. Em consequência, se apropriam desse território que, segundo Haesbaert (2011), se dá muitas vezes por identificação, mas também por combinação de controles, funções e simbolizações.

Para muitos dos entrevistados, o Maracanã tem uma qualidade transcendente e, por meio de sua ambiência, tem o poder de encantar os torcedores. Nesse sentido, surge a segunda metáfora que a pesquisa identificou e que denominamos de "**Lugar mágico**", pois parece produzir efeitos extraordinários e inusitados em seus torcedores. De acordo com um outro torcedor entrevistado, "[O Maracanã é] um lugar mágico, porque muitas coisas aconteceram aqui. Todo mundo canta, todo mundo grita, todo mundo fala palavrão, é um lugar mágico".

QR code 1: Ambiência criada pela torcida do Flamengo (Flamengo x Emelec, 31/07/19). Fonte: Taiane Alves

QR code 2: Ambiência criada pela torcida do Fluminense (Fla x Flu, 09/03/24) Fonte: Pedro Bomfim Ramos

Alguns relatos descrevem o Maracanã como dotado de magia, uma aura e uma alma. O estádio lançou os moldes do torcer em massa, "inventou" ídolos, criou novas formas inusitadas de encorajar as equipes. Ele abriga memórias de finais improváveis e fantasmas de grandes derrotas. Ele possibilitou a criação de uma identidade torcedora e dirimiu diferenças. Ele contribuiu durante tempo atenuando as percepções de desigualdades socioeconômicas e raciais (Canal parabólico, 2014).

Os fragmentos da metáfora do "**Lugar mágico**" são acionados pelos torcedores, usando de sua memória, de forma a acharem seu lugar e se sentirem pertencentes ao Maracanã. Um torcedor entrevistado, atesta: "Já vi de tudo aqui. Sou torcedor do Fluminense, acompanho o clube de perto. Vi Rivelino, Paulo César Caju, Duval, Branco, Assis, Washington... Vi grandes títulos do Fluminense. Vi também grandes decepções (...). Vi grandes jogadores chegarem e saírem".

Para muitos, o Maracanã continua sendo o maior estádio do mundo, um ícone por sua monumentalidade e sua representatividade no futebol e na arquitetura esportiva mundial. É assim que a metáfora do "**Colosso**" permeia as histórias. Um dos torcedores que respondeu às nossas questões explica: "Eu diria que não é apenas um estádio. Ele faz parte do patrimônio cultural do país, e não é apenas uma arena esportiva. É um colosso onde os sentimentos transbordam".

Atualmente com capacidade para 79 mil torcedores, em oposição aos 155 mil do passado, a dimensão da grandiosidade do Maracanã é pautada sobretudo pelo campo simbólico, pelas marcas deixadas no tempo. Um outro torcedor, afirma: "Este é o Templo Sagrado do Futebol. O maior do mundo, mesmo que não seja mais o maior. É o coração do futebol brasileiro, o estádio mais importante do país, talvez do mundo".

A grandiosidade do "**Colosso**" se altera com a ambiência de cada partida, nos diferentes jogos, uma vez que ela não está representada somente pelo tamanho físico, mas principalmente pela circulação dos elementos sensíveis.

Já a metáfora do "**Teatro de Sonhos e Emoções**" resume a encenação da partida de 90 minutos, na qual o público é tanto espectador quanto participante. Essa metáfora se conecta com a expressão de símbolos, ritos e rituais. O corpus oral revela toda uma série de representações do jogo que assimilam a ambiência do Maracanã a uma performance artística coletiva. Um espectador nos disse: "O Maracanã é simplesmente um teatro de sonhos e emoções, aonde todos que vieram e ainda vêm sentem algo diferente de tudo".

Em dias de partida, a teatralização do "**Teatro de Sonhos e Emoções**" do Maracanã começa com os rituais de preparação e se estendem ao entorno urbano do estádio, antes do início de cada disputa. Nos bares do entorno os torcedores são observados devidamente trajados com o uniforme de sua equipe e eles aproveitam para beber,

conversar e cantar. Há sempre muitos vendedores de comidas, bebidas, souvenirs e torcedores fantasiados com as cores das equipes, cumprindo o papel de animadores do pré-jogo. Embora o que se preveja é uma grande batalha, o ritual que a antecede é bastante festivo, efusivo, com pitadas de tensão, mas, acima de tudo, muito representativo.

Outros ritos dentro do "**Teatro**" do jogo formam as ondas que cortam as microambiências: como os gritos e os insultos em momentos oportunos do jogo (faltas, final do tempo, final da partida, chamar atenção de algum jogador, etc); a participação mais ativa do torcedor no segundo tempo de cada partida; a vaia para a torcida adversária; a tensão quando um jogador vai bater um pênalti. Isto é, a ritualização de momentos específicos, rompem as franjas, somam o todo, mas como em uma ópera teatralizada: há o momento de ouvirmos um grupo menor e há o momento de ouvirmos todos tocando juntos. O "**Teatro de Sonhos e Emoções**" é o rompimento no cotidiano. Torcer é uma festa, as pessoas comuns se transvestem de torcedores, se transformam e se entregam de corpo e alma ao espetáculo.

Mas o "Maracanã não é mais o mesmo", disseram alguns torcedores. A metáfora "**Engomadinho**" resume essa expressão, pois ela é a reverberação da angústia, da tristeza e da revolta com as reformas do Maracanã.

Para alguns, o Maracanã continua sendo o gigante. Para outros, ele foi maior em outra época, pois a sua grandeza estava associada ao seu caráter mais acolhedor e popular. Pelo fato de não ter sido consultado sobre as alterações que foram feitas no Maracanã, o torcedor sente-se marginalizado e ainda mais resistente às mudanças, ampliando a sensação de diminuição do lugar. Um espectador declara: "Eu não gostei da reforma do Maracanã. Acho que algumas coisas deveriam ser modernizadas (...) deveria haver uma renovação da segurança. Melhorar os banheiros e a infraestrutura para o público, mas mudar radicalmente a forma como estava, sou contra isso".

No estádio "**Engomadinho**", o torcedor também se sente tolhido e vigiado pelo que ele considera um excesso de segurança. A ambiência do estádio é agora cruzada pelo excesso de vigilância, denotando um um caráter menos espontâneo nos modos de torcer. Mas os torcedores são transgressores e aos poucos vão se apossando do que por direito é seu: o direito de encorajar sua equipe. Eles já não obedecem mais a numeração das cadeiras, usam espaços vazios como arquibancadas improvisadas (escadas, locais com cadeiras quebradas, divisórias de setores, rampas), levantam, pulam e buscam romper com toda ordem de controle, seguindo uma tradição de outrora. Segundo Roux (2014), as vítimas simbólicas da mudança de paradigma desses equipamentos, os "lugares de pé" são combatidos energicamente pelos novos designers de estádios. O "**Engomadinho**" sem dúvida trata do processo de des-pertencimento, mencionado por Heidegger (1966), pois alguns do torcedores não se sentem mais como parte do novo Maracanã.

5. CONCLUSÃO

As reformas ocorridas no Brasil, buscando atender aos interesses da FIFA e dos modelos internacionais de estádios de futebol, mais especificamente do Maracanã, afetaram suas ambiências e geraram um trauma nos torcedores. Nostálgicos, os frequentadores tentam recriar um estádio de fantasia, um território de sonho enraizado no imaginário coletivo, para combater os efeitos da normatividade comportamental e da padronização arquitetônica do espetáculo esportivo contemporâneo.

De fato, as transformações arquitetônicas, materiais e comerciais dos estádios reformados no Brasil, estão impondo uma nova ordem marcada pela comercialização de um espetáculo esportivo com acesso restrito para os mais pobres e um controle de comportamento ao qual os torcedores se opõem. Eles seguem lutando para preservar a atmosfera animada e popular do passado. O estabelecimento de vínculos memoriais entre o passado e o presente, com a manutenção dos rituais e tradições das torcidas, está se mostrando necessário para reapropriar do lugar reformado. As relações traumáticas são, portanto, parcialmente compensadas por traços do passado que medeiam a criação de novos vínculos emocionais e afetivos.

Usando a pesquisa do Maracanã, podemos aferir que para alguns torcedores o seu significado desapareceu em sua série de reformas e imposições aos modos de torcer. Para outros, porém, é um estádio em constante evolução que sempre será possível "re semantizar" (Peixoto, 1996, p. 160), construindo uma nova narrativa, pois, segundo Bergson (2007), as ambiências que são criadas no lugar fazem a memória funcionar e vice versa. Seja como for, o Maracanã reformado, e muitos outros estádios reformados para Copa de 2014 no Brasil, é um arquétipo do grande estádio contemporâneo, um modelo urbano da moda voltado para o público familiar ou empresarial, e não para o torcedor comprometido e popular (Chaboche, 2019). Como em outros lugares, a sofisticação técnica e a lógica consumista de suas reformas alteraram a autenticidade e a qualidade sensível de sua atmosfera (Roux, 2014). É por isso que grande parte do público incentiva usos e práticas autônomas e autogerenciadas que mantenha sua identidade torcedora e promovam ambiências que estejam de acordo com as representações que eles têm dela: entusiástica e coletiva. A partir daí, criar ambiências é um ato político que desempenha um papel na vida da cidade.

6. BIBLIOGRAFIA

Balaji, MS. e Chakraborti, R. (2015). Stadium atmosphere: scale development and validation in Indian context. Journal of Indian Business Research, 7(1), 45-66.

Becker, H. S. (1997). Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. Hucitec.

Bergson, H. (2007). Matière et mémoire. Essai sur la relation du corps à l'esprit. Presses universitaires de France (Obra original publicada em 1896).

Bromberger, C. (1995). Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Éd. de la MSH.

Buarque de Hollanda, BB (2008). O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Canal Parabólico. (2014, 26 de junho). Projeto Maracanã: a morte de um gigante. [video] Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=x3LTtOJam_k&t=2s

Chaboche, J. (2019). Standardiser l'extraordinaire. Partenariats public-privé et production des grands stades en France. Les Annales de la recherche urbaine, 113, 138-149.

Da Matta, R (2004). Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP – N. 22 – Jun-Ago.

Da Silva, JEMG, da Costa Silva, MB, de Miranda, YDHB, Barros Filho, MA e de Queiroz Pedroso, CAM (2021). The Role of stadium atmosphere and ticket prices on Soccer fans' behavioral intentions: A Systematic Review. Intercontinental Journal of Sport Management, 11(2), 1-14.

Duarte, CRS, Uglione, P. e Vilaça, L. (2012). Lieux traumatiques: les récits urbains dans la (re)construction collective de la signification des lieux. Em Thibaud, J-P e Siret, D (Eds.), Ambiance en action - Actes du Congrès International sur les Ambiances. Montréal, 499-504.

Duarte, CRS (2011). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. Em Thibaud, J-P. Ambiances en partages. A la croisee.

Duarte, CRS, Brasileiro, A., Santana, EP., Paula, KCL., Vieira, M., Uglione, P (2007). O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. Em Duarte, CRS., Rheingantz, PA., Bronstein, L.; Azevedo, G. O LUGAR DO PROJETO no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro, Contra Capa / PROARQ - pp.504-519.

Edensor, T. (2015). Producing atmospheres at the match: Fan cultures, commercialization and mood management in English football. Emotion, Space and Society, 15(1), 82-89.

Ferreira, FC (2017). O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã. (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Freud, S. (2012). Psychologie des foules et analyse du moi. Petite Bibliothèque Payot. (Obra original publicada em 1921).

Gaffney, C. (2008). Temples of the Earthbound Gods. Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. University of Texas Press.

Girão, C. (2012). Maracanã: destruir ou preservar. Vitruvius, ano 12, fev.

Haesbaert, Rogério (2011). O mito da desterritorialização. Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Heidegger, M. (1967). Lettre sur l'humanisme. Gallimard.

Herold, E., Boronczyk, F. e Breuer, C. (2021). Professional Clubs as Platforms in Multi-Sided Markets in Times of COVID-19: The Role of Spectators and Atmosphere in Live Football. Sustainability, 13(4), 2312.

Jodelet, D. (2002). A cidade e a memória. Em del Rio, V., Duarte, CRS., Rheingantz PA. (Eds.). Projeto do lugar. Trad.: Walkirya Coppola e Cristiane Rose de Siqueira Duarte. Ed. Contracapa

Lee, S., Lee, HJ, Seo, WJ e Green, C. (2012). A New Approach to Stadium Experience: The Dynamics of the Sensoryscape, Social Interaction, and Sense of Home. Journal of Sport Management, 26, 490-505.

Lira, EMR. (2015). Um convite à reciprocidade: bordejando ambiência e [contra] fluxos urbanos-humanos. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mascarenhas, G. (2005). A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. Espaço e Cultura, 19-20, 61-70.

Melo, NR. (2018). O Grande Palco Futebolístico. Ambiência e memória no estádio do Maracanã pós-reforma para a Copa de 2014. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ricoeur, P. (2000). La Mémoire, l'histoire, l'oubli. Seuil.

Rodrigues, N (1993). O quadrúpede de 28 patas. Em As sombras das chuteiras imortais. Crônicas de Futebol. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912)

Romieu, Patrick (2009). L'expérience sonore des ambiances festives. Contribution à une ethnologie du sonore. (Tese de doutorado) École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble.

Roux, J-M. e Tixier, N. (2010). L'ambiance des stades de football. Un enjeu de projet ? Colloque Les stades et leurs publics, Université Libre de Bruxelles.

Roux, J-M. (2014). L'ambiance des stades. Urbanisme, 393, 60-62.

Semprini, A. (1992). Le marketing de la marque: approche sémiotique. Liaisons.

Steadman, C., Roberts, G., Medway, D., Millington, S. e Platt, L. (2021). (Re)thinking place atmospheres in marketing theory. Marketing Theory, 21(1), 135–154.

Uglione, P. (2008). A Memória na cidade e a invenção do lugar. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Uhrich, S. e Koenigstorfer, J. (2009). Effects of atmosphere at major sports events: a perspective from environmental psychology. International Journal of Sports Marketing and Sponsorship, 10(4), 56-75.

Vaz, AS. (2015). Retorno migratório: globalização afetiva e despertencimento no filme 'O céu de Suely'. Publi. UEPG Appl. Soc. Sci. Ponta Grossa, 277-285, set./dez.

Wilhelm, JL. (2020). Atmosphere in the home stadium of Hertha BSC (German Bundesliga): melodies of moods, collective bodies, and the relevance of space. Social & Cultural Geography, 21(5), 718-737.

R34

AMBIANCE AND SYMBOLOGY IN THE RELIGIOUS SPACE: CHRIST THE REDEMPTOR CATHEDRAL – BOA VISTA/ RORAIMA

AMBIÊNCIA E SIMBOLOGIA NO ESPAÇO RELIGIOSO: CATEDRAL CRISTO REDENTOR- BOA VISTA/RORAIMA

Carlos Teodoro Olivares Olivares
Arq. e Urb., MSc., Doutorando
Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ
carlos.olivares@fau.ufrj.br

Aline Calazans Marques
Arq. e Urb., Professora, Doutora
Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ
alinecalazans@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The article presents the investigation of the relationship between ambiance and social identity in the context of religious space, taking as its object of study the Christ the Redeemer Cathedral in Boa Vista, Roraima. The objective is to analyze the ambience of the internal space of the main nave and its relationship with the external space. The research methodology used a qualitative approach, combining bibliographical review on ambience and social identity. The methodological instruments adopted were: (i) Narratives: Collection of reports from visitors to the Cathedral to understand their experiences in the space; (ii) Observation: Recording users' behaviors and interactions in the religious space; (iii) Sketches and Behavioral Maps: Graphic representation of the spatial relationships and use patterns of the Cathedral. As a result, the ambience in the space of the nave of Christ the Redeemer Cathedral is discussed, with its sacred atmosphere and symbolic elements. Thus, it is believed to contribute to the construction of social and affective identity among users

KEYWORDS: ambiance. atmosphere. cathedral. subjectivities. symbology

RESUMO

O artigo apresenta a investigação da relação entre ambiência e identidade social no contexto do espaço religioso, tomando como objeto de estudo a Catedral Cristo Redentor, em Boa Vista, Roraima. O objetivo é analisar a ambiência do espaço interno da nave principal e sua relação com o espaço externo. A pesquisa teve como metodologia a abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica sobre ambiência e identidade social. Os instrumentos metodológicos adotados foram: (i) Narrativas: Coleta de relatos de frequentadores da Catedral para compreender suas experiências e vivências no espaço; (ii) Observação: Registro dos comportamentos e interações dos usuários no espaço religioso; (iii) Croquis e Mapas Comportamentais: Representação gráfica das relações espaciais e padrões de uso da Catedral. Como resultado, discute-se a ambiência no espaço da nave da Catedral Cristo Redentor, com sua atmosfera sagrada e elementos simbólicos. Assim, acredita-se contribuir para a construção da identidade social e afetiva entre os usuários

PALAVRAS-CHAVE: ambiência. atmosfera. catedral. subjetividades. simbologia

1. INTRODUÇÃO

A Catedral Cristo Redentor, em Boa Vista – Roraima, é uma edificação que destaca-se pela sua arquitetura com volumes curvos e uma planta orgânica. Localiza-se no perímetro da Praça do Centro Cívico, onde se encontram os principais edifícios públicos da cidade, no denominado bairro centro. Seu processo de construção ocorreu entre os anos de 1968-1972, tornando-se uma das primeiras construções na qual foi aplicado o concreto armado como sistema inovador, e, através dos anos, consolidou-se como cartão postal da cidade.

O artigo tem como objetivo analisar a ambiência e simbologia no espaço religioso. A motivação pelo tema deu-se pelo interesse em estudar a ambiência e simbologia no espaço religioso da Catedral Cristo Redentor, assim como sua relação com o espaço exterior. É na celebração litúrgica que a fé desenvolve-se através dos sentidos humanos. No decorrer dos anos, o edifício religioso passou por transformações, sendo o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) um divisor de águas entre a igreja antiga e a nova, com o objetivo de modernizar a igreja e atrair os cristãos afastados da religião, permitindo aos fiéis uma maior proximidade com o sagrado e a simbologia dos espaços sacros[1].

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, e, no concernente aos objetivos, a pesquisa é exploratória. Além disso, quanto aos procedimentos, adotou-se a pesquisa bibliográfica, que consiste no estado da arte com revisão da literatura relacionada à temática da ambiência e simbologia no espaço religioso; Posteriormente, procedeu-se ao trabalho de campo, no qual foram realizadas observações sobre a simbologia e ambiência na percepção do espaço da nave principal da Catedral Cristo Redentor, e entre este e o espaço externo público (Praça do Centro Cívico). Para mais, aplicou-se croquis e mapas comportamentais aos frequentadores da Catedral.

Segundo Cooper (2006), nossas moradias atuam como representações simbólicas de nossa auto–imagem. O caráter sagrado da casa, em diferentes contextos históricos, tem um significado simbólico e ajuda a determinar nossas concepções de si e do espaço. Sendo assim, a casa também é percebida como sagrada. O espaço religioso seria uma extensão da moradia na qual a pessoa identifica-se espiritualmente.

Quando ingressa-se no espaço edificado, transmite-se uma atmosfera que conecta-se com a nossa percepção emocional, a qual funciona de forma instintiva com a percepção dos objetos, materiais, som do espaço e temperatura (Zumthor, 2006).

De acordo com Rheingantz (2009), para o registro das observações sobre o comportamento em um determinado espaço é utilizado o mapa comportamental, o qual é muito útil para identificar os usos, *layouts*, relações espaciais, interações relativas ao espaço ou ao tempo de permanência no ambiente.

---

1 *https://teologiabrasileira.com.br/o-concilio-vaticano-ii-em-perspectiva-evangelica/*. Acesso em: 15 de junho de 2024.

A partir dos pressupostos acima, nos deteremos a seguir na análise critica dos resultados da pesquisa, para, assim, possibilitar traçar em termos prospectivos procedimentos para novos estudos.

2. AMBIÊNCIA E SIMBOLOGIA NO ESPAÇO RELIGIOSO

Para Augoyard (2020) o termo ambiência, no singular, não existe, mas sim as ambiências, que variam o tempo todo e são dinâmicas. O que existe é uma ambiência determinada e abrangente, sendo as ambiências audíveis, visíveis e tangíveis. Assim, começamos por entrar na ambiência dentro de uma atmosfera. A figura a seguir (figura 1) mostra-nos o interior da Catedral Cristo Redentor durante uma homilia do domingo, com uma atmosfera de paz, aconchego, iluminância e sonoridade.

Figura 1. Atmosfera no interior da Catedral Cristo Redentor.
Fonte: Olivares. (2024).

Para abordar o conceito da simbologia, Cooper (2006) faz uma reflexão sobre a tese de que nossas casas operam como representações simbólicas de nossa auto – imagem. Nesse sentido, demonstra que a natureza sagrada dos lares, tanto historicamente quanto em um contexto moderno, tem um significado simbólico infinito, e ajuda a determinar nossas concepções de si e do espaço. Ademais, sugere que o estudo da arquitetura e do design, tanto em termos práticos quanto filosóficos, pode ser muito aprimorado pela conscientização das maneiras pelas quais a casa de alguém atua como reflexo do eu interno e externo do morador. A casa também

é vista como sagrada, dando ao homem um ponto de referência fixo para estruturar o mundo ao seu redor. O local religioso seria uma extensão da casa, no qual a pessoa identifica-se espiritualmente e através dos sentidos.

Na seguinte figura 2 mostra-se em (A) a forma curva da fachada da Catedral, que representa uma maloca indígena em referência à significativa população originária do estado de Roraima; destaca-se, ainda, o campanário com a cruz como elementos simbólicos de identificação da igreja; e, nas esquadrias, a representação do rio com peixes simbolizando Jesus Cristo e seus apóstolos como pescadores de homens (Prefeitura Municipal de Boa Vista, 2009). No interior da Catedral (B), as vistas convergem para o presbitério, com o altar e a cruz cristã pendurada como elementos simbólicos. O teto revestido em forro de madeira assemelha-se ao casco de um barco navegando pelo rio Branco. Por sua vez, os pilares representam uma harpa, enfatizando o caráter pós-modernista da edificação com sua forma orgânica.

Figura 2. Simbologia no exterior e interior da Catedral Cristo Redentor.
Fonte: Olivares. (2024).

A seguir, na figura 3, temos as vistas dos vitrais desde o interior da nave principal da Catedral. Em (A) podemos observar a fachada principal interna com vista para o átrio; em (B) captamos a simbologia da floresta, com a presença de uma árvore, no meio, com suas folhas, e, nos lados direito e esquerdo, o rio com peixes.

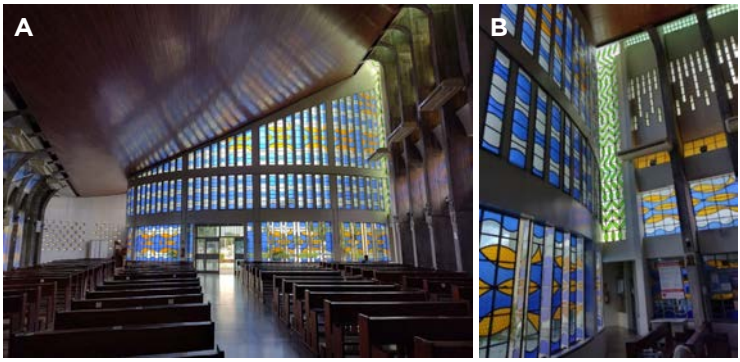


Figura 3. Simbologia no interior da Catedral Cristo Redentor.
Fonte: Olivares. (2024).

Para Zumthor (2006), ao entrarmos em um edifício observamos o espaço e apreendemos sua atmosfera, a qual relaciona-se com a nossa percepção emocional. É a percepção que funciona de forma instintiva com a presença material dos objetos, a consonância dos materiais, o som do espaço - há edifícios que têm um som maravilhoso -, a temperatura do espaço relacionado com a aplicação de determinado material, os objetos que conformam o espaço, a utilização e sedução do espaço, a relação e tensão entre interior e exterior, e o efeito da luz sobre as coisas.

A percepção implica, necessariamente, a proximidade do objeto no espaço e no tempo como um processo interpretativo, sendo os objetos assimilados em função de um contexto, no qual a percepção realiza-se através dos sentidos, e percebemos as relações que são estabelecidas entre eles pelos estímulos (Penna, 1993).

3. EXPERIÊNCIAS IN LOCO DA SIMBOLOGIA E AMBIÊNCIA NO ESPAÇO EXTERNO E INTERNO DA CATEDRAL

Abaixo descreve-se algumas experiências in loco referentes à simbologia e ambiência na percepção do espaço público com a Catedral:

1) A Praça do Centro Cívico com a Catedral (A) - É terça-feira de uma manhã de outubro, às 9h, do ano de 2023: Estou sentado na Praça do Centro Cívico, no ponto de táxi, debaixo da sombra de um árvore, sentindo um vento leve, exatamente na frente da Catedral. Percebe-se o cheiro da vegetação formada por árvores e gramíneas. A sensação térmica é agradável na sombra, mas desagradável fora dela por atingir alta temperatura. Nos dias de semana tem-se um tráfego considerável de veículos, que inclui carros, motos e caminhões, em toda a via perimetral que circunda a praça, ocasionando também uma leve poluição sonora. Nota-se um grupo de garis conversando debaixo de uma árvore, aproveitando um descanso para um lanche rápido. Para mais, observa-se poucas pessoas caminhando na frente da Catedral.

Na figura 4 temos a planta de locação da Catedral (na esquerda) com os pontos de visão, e, na direita, a fotografia da Praça do Centro Cívico desde o ponto do relato (A).

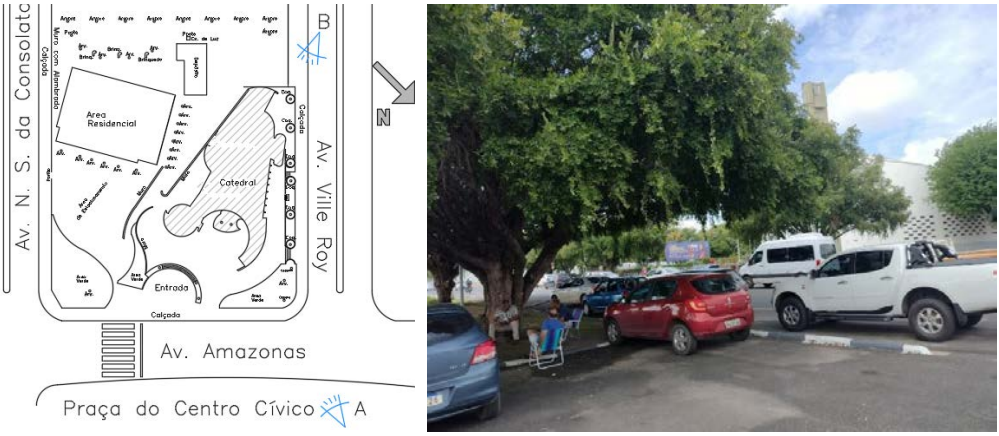


Figura 4. Locação da Catedral Cristo Redentor e Vista da percepção do espaço exterior desde a Praça do Centro Cívico. Fonte: Olivares. (2024).

2) Calçada do lado externo da Catedral na Av. Ville Roy (B) – São 9h30. Estou sentado na jardineira que fica na calçada do lado externo da Catedral, com um sombreamento proveniente do próprio edifício. Neste lado há uma fileira de palmeiras imperiais, criando-se um conjunto com os pilares externos da fachada lateral em concreto exposto de uns 7m de altura. O tráfego de veículos é menor, e a sensação térmica é agradável, com um ligeiro vento. O espaço externo é bem iluminado. Já saiu o sol, mas quase não há pedestres circulando na rua. A calçada está coberta com a folha das árvores, e uma equipe de garis está fazendo a limpeza da mesma. As jardineiras são em forma circular, integrando-se à forma orgânica da catedral que apresenta formas curvas, destacando-se a volumetria do coro. O acabamento externo da igreja é em paredes rebocadas e tinta acrílica branca, janelas de ferro com vidro de cores com formatos de peixes. Na figura 5 demonstra-se o lado lateral externo da catedral, lugar do relato (B).

Figura 5. Percepção do espaço exterior lateral da Catedral Cristo Redentor.
Fonte: Olivares. (2024).

3.1 Ambiência na missa dominical na catedral Cristo Redentor

A Missa dominical é um importante ritual de fé dos cristãos, na qual Jesus renasce e fortalece-se com a sua ressurreição. A celebração da missa no domingo tem sua origem com os cristãos de origem judaica, que o indicavam como "o primeiro dia da semana"[2]

A seguir traçaremos um relato da ambiência na missa dominical na Catedral Cristo Redentor:

É domingo de manhã, no mês de outubro de 2022, às 9h30 - Cheguei na catedral para assistir a missa dominical. Na área externa corre um vento agradável, conquanto na frente do ingresso principal bate o sol da manhã. Sente-se o cheiro da vegetação. O tráfego de veículos é pouco intenso, sendo uma característica do fim de semana na zona central da cidade. O som da área externa é composto pelo trânsito dos veículos. Há poucos pedestres na área, representados pelo flanelinha e pelos fiéis que vem assistir a missa. O padre celebrante da missa recebe e cumprimenta os fiéis no átrio da catedral, debaixo da marquise protegido pelo sol (A). No interior da nave principal a iluminação, maiormente, é natural, reforçada com algumas luminárias a meia altura em LED. Percebe-se uma boa iluminação indireta natural, e o ambiente externo é ensolarado. O som percebido, em sua maioria, provém da conversa dos fiéis, sendo o barulho maior o gerado pelas unidades internas de climatização (Split), resultando em um ambiente climatizado agradável. Há caixas de som distribuídas

2 *https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/qual-e-a-diferenca-da-missa-diaria-para-a-missa-dominical/*. Acesso em: 10 de junho de 2024.

por todo o recinto da catedral, logrando-se uma acústica boa, mas que seria deficiente sem as mesmas. A nave central impressiona pela altura, uns 10m, e pela forma como assemelha-se ao fundo de uma nave de pesca por apresentar formato curvo e forro revestido com ripas de madeira. Os fechamentos laterais das paredes são conformados por uma sequência de colunas em concreto armado exposto em formato retangular e finalizadas em forma curva, fazendo referência ao instrumento musical da arpa. Além disso, possui grandes janelões em vidro colorido com desenho de peixes, transmitindo a sensação de estarmos dentro de um rio, com Jesus a guiar os fiéis. O piso é em granilite na cor gris, com figuras retas fazendo referência à simbologia sacra. Os bancos são de madeira envernizada, proporcionando uma sensação de aconchego ao recinto. Por ser uma celebração em um domingo de manhã, há a participação de famílias com crianças, dando uma atmosfera especial (B). Antes do inicio da missa o celebrante cumprimenta os fiéis, dirigindo-se à porta de ingresso (C). O início do ritual da missa inicia-se com a procissão de entrada em direção ao altar, conformada pelo padre celebrante, os ministros e coroinhas, acompanhada com o canto de entrada, simbolizando o povo a caminho da salvação. Todos os fiéis devem ficar em pé em sinal de respeito (D). Outro ponto importante da celebração da missa é a leitura do santo evangelho, durante a qual os fiéis permanecem em pé. Seguidamente, com todos sentados, inicia-se a homilia, na qual o padre faz uma explicação das leituras. A liturgia eucarística é outro momento de destaque na celebração. Com todos em pé, rezando a oração do Pai Nosso, segue-se a comunhão, que é o momento que simboliza que o corpo de Cristo é partilhado em sua memória. Finaliza-se a missa com os avisos paroquiais e a benção final com o sinal da cruz.

Figura 6. Ambiência na missa dominical da Catedral Cristo Redentor.
Fonte: Olivares. (2024).

Segundo Rheingants (2009), o mapa comportamental auxilia no registro das observações do comportamento dos usuários no espaço, identificando-se os usos, layouts, relações espaciais, os deslocamentos e distribuição das pessoas no ambiente.

Na figura 7 apresentamos os croquis e o mapa comportamental da Catedral Cristo Redentor, enfatizando-se os elementos principais da simbologia: os pilares, o teto curvo, os bancos em madeira e os vitrais em formato de peixes que convergem para o presbitério; na fachada principal temos os volumes curvos, o campanário e a marquise. No mapa comportamental destaca-se os fluxos principais e secundários dos fiéis, assim como as diferentes zonas internas: átrio, nave, presbitério, sacristia, coro, batistério, secretaria, capela e os ingressos. Nas figuras no sentido horário temos o registro das atividades: (A) missa dominical, (B) Coro, (C) uso do átrio em eventos comemorativos, (D) Capela e (E) batistério.

Figura 7. Simbologia no interior da Catedral Cristo Redentor.
Fonte: Olivares. (2024).

4. CONCLUSÃO

O artigo destaca à ambiência e simbologia presente no edificio religioso - Catedral Cristo Redentor com uma arquitetura pós-moderna. Se avalia em primeiro lugar a simbologia da Catedral através de volumes com formatos curvos representando a maloca indigena, assim como seu espaço interno em formato orgânico e sem decorações em resposta as mudanças ocorridas na igreja como consequência do Concilio Vaticano II. Internamente temos: o teto em referência ao fundo de uma nave; paredes com vitrais simbolizando o rio com peixes; pilares em formato de arpa (instrumento musical), e o piso com desenho de rede, que remetem ao tratamento do espaço sacro.

Seguidamente se analiza à ambiência no espaço religioso interno e externo, avaliado através de relatos da observação e mapa comportamental das relações espaciais, com fotografias que mostram a relação dos usuarios com o espaço religioso criandose uma atmosfera de aconchego.

Espera-se contribuir com futuras pesquisas relacionadas ao tema da ambiência e simbologia no espaço religioso.

5. BIBLIOGRAFIA

Augoyard, Jean-François (2020). Uma travessia das ambiências dentro...acima, longe de ...através de...In: Duarte, Cristiane Rose; Pinheiro, Ethel (orgs.). Arquitetura, Subjetividade e Cultura: Cenários de Pesquisa no Brasil e Pelo Mundo. Rio de Janeiro: Rio Books, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROARQ-FAU-UFRJ. p. 54-85.

Chirico, L. (2022). O concílio vaticano II em perspectiva evangélica. Edição 92. *https://teologiabrasileira.com.br/o-concilio-vaticano-ii-em-perspectiva-evangelica/*

Comunidade Canção nova. (2024). Formação, Reflita, Qual é a diferença da Missa diária para a Missa dominical? *https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/qual-e-a-diferenca-da-missa-diaria-para-a-missa-dominical/*.

Cooper, Clare (2006). The house as symbol of the self: exploring the deeper meaning of Home. Florida, Ed. Nicolas-Hays, Inc.

Penna, Antônio Gomes (1993). Percepção e realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago.

Prefeitura Municipal de Boa Vista (2011). Igreja Catedral Cristo Redentor. Boa Vista: Gráfica Íóris.

Rheingantz, P. Azevedo, G. Brasileiro, A. Alcantara, D. Queiroz, M (2009). Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura. Editor.

Zumthor, Peter. Atmosferas. Entorno arquitetônicos – as coisas que me rodeiam. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

R34

AMBIANCES OF VIOLENCE AND FEAR IN THE FAVELAS OF RIO DE JANEIRO: HOW URBAN PLANNING USED THE PERCEPTION AND REPRESENTATION OF THESE TERRITORIES TO LEGITIMATE ITS ACTIONS

AMBIÊNCIAS DE VIOLÊNCIA E MEDO NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO: COMO O PLANEJAMENTO URBANO UTILIZOU DA PERCEPÇÃO E DA REPRESENTAÇÃO DESSES TERRITÓRIOS PARA LEGITIMAR SUAS AÇÕES

Gabriella Oliveira
Mestrando
Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro
gabriella.oliveira@fau.ufrj.br

Andrea Rego
Arq. e Urb., Prof. Dr.
Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro
andrea.queiroz@fau.ufrj.br

Juliana Oliveira
Arq. e Urb., Prof. Dr.
Universidade Federal de Juiz de Foral
juliana.simili@arquitetura.ufjf.br

ABSTRACT
To reflect on the relevance of ambience and how it develops, we intend to analyze how the perception of favelas (as a territory of violence and fear) was treated within the urban planning of the city of Rio de Janeiro during the 20th century. To understand this process, we seek to investigate the phenomenon of "perception" within Ambience studies and how the understanding of "Architectural Place" uses human sensoriality to classify, define, decode and transform spaces. From this, an investigation will be carried out into how the representation of favelas as a "scorched earth" was created, understanding that the relationship of meaning between favelas and violence is not something intrinsic. The aim is to understand how this perception was created and the role of ambiance in this process of perceiving these places.

KEYWORDS: Urban Planning. Identity. Favela. Ambience. Violence.

RESUMO
Para refletir sobre a relevância da ambiência e em como ela se desenvolve, pretende-se analisar como a percepção das favelas (como um território da violência e do medo) foi tratado dentro do planejamento urbano da cidade do Rio de Janeiro durante o século XX. Para compreender esse processo, busca-se investigar o fenômeno da "percepção" dentro dos estudos da Ambiência e como o entendimento de "Lugar Arquitetónico" utiliza da sensorialidade humana para classificar, definir, decodificar e transformar os espaços. A partir disso, será realizado uma investigação de como se constituiu a representação das favelas como uma "terra arrasada", entendendo-se que a relação de sentido entre favela e violência não é algo intrínseco. Almeja-se compreender como essa percepção se constituiu e qual o papel da ambiência nesse processo de percepção desses lugares.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento Urbano. Identidade. Favela. Ambiência. Violência.

1. INTRODUÇÃO
Considerando que a percepção de um Lugar não é desprovida de valor, não sendo apenas uma somatória de sentimentos e percepções que acontecem em um determinado espaço, mas que diz sobre uma dimensão portadora de significados, uma ação feita e compartilhada culturalmente, é possível pressupor que o sistema de comunicação e representações, comum à uma sociedade, contribui para que o sujeito atribua fundamento e significado à sua percepção do mundo.

Tem-se como objetivo, então, analisar como a disseminação das ambiências das favelas como violentas e de desordem conduziu a percepção e sensação de medo sobre esses espaços durante o século XX. Para isso, pensa-se que as ambiências funcionam também como "tradutoras", o que permite colocá-las como uma forma pela qual determinados códigos não verbais, relacionados à experiência da vida prática, podem ser analisados largamente, de maneira histórica, cultural e social.

Isso é possível porque as pessoas consideram que as outras carregam valores, gostos, costumes semelhantes e que, possivelmente, compreenderão a experiência vivenciada mesmo se não estiverem presentes no local. Mostrando que, se existe referências compartilhadas coletivamente, então há compartilhamento de significados que estão inseridos em um grupo cultural.

Para compreender como esse processo acontece, busca-se investigar o fenômeno da "percepção" dentro dos estudos da Ambiência e como o entendimento de "Lugar Arquitetónico" utiliza da sensorialidade humana para classificar, definir, decodificar e transformar os espaços. Junto a isso, pensando que a percepção está inserida em um tempo, um contexto e está cheia de referências e memorias, e que, apesar de se algo individual e subjetivo, ela compartilha valores com o grupo social e cultural ao qual faz parte, pretende-se compreender como as representações culturais influenciam a percepção de determinados lugares e contribuem para ações realizadas nesses espaços e na vivência da cidade.

Em seguida, será realizado uma investigação de como se constituiu a representação das favelas como uma "terra arrasada". Entendendo-se que a relação de sentido entre favela e violência não é algo intrínseco, almeja-se compreender como essa percepção se constituiu e qual o papel da ambiência nesse processo. Para o avanço desse debate, será tratado diferentes temporalidades na busca de elencar diferentes representações atreladas às favelas e seus moradores, articulando suas influências nos processos de exclusão social desses espaços e sujeitos. Será observado como os aspectos simbólicos conectados ao sentido de "paz" e "pacificação", em circulação no mundo social, foram tratados como a ausência de violência e como esses foram utilizados para condicionar a percepção e vivências das favelas e seus habitantes.

2. PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO

Ao entender as percepções como interpretação do mundo, é possível afirmar que elas são influenciadas pela memória e pela criação de pertencimento, identidade e afetividade. Essa sensibilidade, memória e percepção compreende partes importantes da construção de Lugar (enquanto conceito), encontrando na arquitetura uma base para estabelecer as espacialidades e territorialidade nas cidades urbanas (Duarte, et al., 2023).

Trata-se de constituir maneiras do sujeito "ser no mundo" e "estar no mundo", em que sua integração na cidade está relacionada também em como ele é percebido em cada espaço, e de qual lugar de escolha lhe é apropriado. A Ambiência, então, se define pela interação entre uma pessoa e seu ambiente, tendo relação com a forma como ela irá agir e se comportar. Dessa forma, é possível compreendê-la, para além de um conceito, como um acesso ao mundo (Thibaud, 2012) (Duarte, et al., 2023).

Assim, a memória é uma qualidade própria das Ambiências, sendo necessária para a vivência e ao trabalho de representação, constituindo o meio pelo qual o sujeito

constrói e toma para si suas espacialidades, da qual sua percepção surgirá como imagem. Essa percepção é o que possibilita a forma como o ser olhante-olhado se insere e age na cidade e na relação com o outro presente no mesmo ambiente (Duarte, et al., 2023).

A totalidade dessas percepções é chamada por Merleau-Ponty (1999) como "horizonte de experiências", que corresponde às expectativas e possibilidades futuras que moldam como o sujeito experimenta e interpreta o mundo. Esse horizonte é a janela dentro do qual o ser percebe o mundo, sendo influenciado por seu passado, contexto social e corporalidade.

Em "Cultura e Representação", Hall (2016) define "representação" como componente fundamental para o surgimento e compartilhamento de significados entre indivíduos de uma mesma cultura. A representação engloba a utilização da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam determinado objeto, sendo esse processo complexo e longo. Essa ação, possibilita formar, o que Hall (2016) chamou de "sistemas de representação". Quando inseridos em um mesmo sistema, é possível realizar a comunicação a partir do compartilhamento dos mesmos mapas conceituais, proporcionando sentido e interpretação ao mundo de forma mais ou menos semelhante entre os sujeitos. Essa interpretação relativamente similar pode construir uma cultura de sentidos compartilhados, formulando, então, um mundo social comum.

Para Hall (2016), essa produção simbólica estabelece uma conexão entre representação, diferença e poder. No entendimento que esse "poder" não está apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em aspectos simbólicos ou culturais mais amplos, considerando o poder de representar algo ou alguém dentro de um determinado "regime de representação". Para ele, o poder também seduz, solicita, induz e ganha o consentimento.

As circulações dos símbolos proporcionam diferentes produções de representações que constroem sentidos sobre os territórios da cidade. As representações fazem com que tanto os corpos humanos quanto o espaço, sejam concebidos pelo sujeito, acreditando, neste artigo, que cabe ao arquiteto e urbanista buscar compreender essa concepção do espaço.

Pensando no ambiente construído como um espaço em que o sujeito atua, modifica e transforma de acordo com seu entendimento e necessidades, essa interação proporciona a criação de identidades favoráveis para as inter-relações humanas e a documentação de suas próprias histórias. Desta forma, cria-se a consolidação afetiva de um espaço que passa a ser entendido como Lugar (Duarte, et al., 2023).
O livro "Experiência do lugar arquitetónico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências", de 2023, elaborado pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC/UFRJ), pelo Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO/

UFPA) e pelo Laboratório Ambiências Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia (LASSAM/UFPA), cita os estudos de Duarte (Duarte, 2013 apud Duarte et.al, 2023), em que a autora afirma que a transformação de espaço para Lugar não acontece de forma instantânea, na verdade, se dá por um processo ininterrupto chamado por ela de "moldagem do Lugar".

Essa moldagem possuí um caráter quase "artesanal" vindo da interação dinâmica entre as pessoas e o ambiente construído. De acordo com Duarte (2013 apud Duarte et al., 2023), a moldagem do Lugar é relacional, temporal, material, identitária e afetiva; e constitui e remodela ininterruptamente a ligação sensível entre espaço e corpo.

O Lugar é um fenômeno que ínsita a sensorialidade humana para classificá-lo, descrevendo-o e, assim, é decodificado pela perspectiva cognitiva, ou seja, é percebido e classificado (Duarte, et al., 2023). Hall (2016) diz que o processo de classificação é essencial para a extração de sentido do mundo, sendo que suas significações só acontecem devido ao contexto cultural em que está inserido. Assim, o sujeito está sempre "dando sentido" às coisas em modo de algumas categorias mais amplas associados a diferentes grupos sociais.

Compreende-se que, todo o entorno, a ambiência e a cidade resultam em um mundo composto não somente com seus espaços, mas com seus significados e valores. Logo, como colocado por Merleau-Ponty (1999), o espetáculo percebido não é algo puro. O sujeito tem sua percepção dentro do momento da sua história individual e, como a sensação é uma reconstituição, ela insere no individuo as bagagens de uma compreensão prévia.

De acordo com o filósofo, é possível ter acesso à significação abstrata das experiências que a pessoa não viveu diretamente, esses significados podem estar dentro do horizonte de expectativas de cada um. Esse horizonte não é formado somente pelo que é experimentado, mas também pelo que é antecipado, imaginado ou compreendido através das experiências dos outros. Ou seja, as possibilidades futuras e as narrativas compartilhadas com as outras pessoas contribuem para o horizonte de expectativas.

Para Merleau-Ponty, esse processo de significação das experiências não vividas é relacionado fortemente com a intersubjetividade. Ao se comunicar e interagir com o outro, o sujeito pode compreender e colocar significados às experiências que não são dele. O filósofo reconhece que as narrativas culturais e coletivas influenciam na significação das experiências não vividas. As histórias, mitos, arte e a literatura contribuem para moldar o entendimento de experiências além das que ser viveu.

Embora Merleau-Ponty (1999) tenha seu foco na percepção direta, o autor também reconhece que os símbolos e a linguagem tenham uma forte participação na significação sobre experiências que não são vividas pessoalmente. A significação

das experiências não vividas é um processo complexo e multifacetado, que envolve o horizonte de expectativas, a intersubjetividade, empatia, narrativas culturais e mediação simbólica.

O Lugar Arquitetónico, então, não se limita apenas ao "volume sob a luz", ele compreende também as potencialidades de existência. O sujeito, ao se confrontar com o Lugar Arquitetónico, não se vê mais como um observador pacífico, ele se coloca como um "experienciador em potencial" (Duarte et al., 2023, p. 76).

Neste sentido, a arquitetura possibilita explorar e transformar o espaço a partir da dimensão afetiva, individual e coletiva, e da experiência emocional, resultando na oportunidade de vivenciar como o processo de subjetivação se exterioriza. Ao tempo que um espaço arquitetónico se torna um agregado de informações oferecidas em um contexto, esse cenário gera a qualificação do espaço e sua identidade (Duarte, et al., 2023).

Pode-se compreender, desta forma, o papel importante que a arquitetura e o urbanismo têm na criação de sentido dos espaços, intuindo que a experiência sensorial pode funcionar como uma simulação do que está acontecendo no mundo, não sendo diretamente ligada ao mundo visível, mas, como muitas vezes, com o que o sujeito compreende do mundo e onde ele habita.

3. LUGAR DA FAVELA NO PLANEJAMENTO URBANO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Em "Experiência do lugar arquitetónico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências" (2023), citando Kaufmann, diz-se que quando as referências culturais não são inteligíveis, ocorre uma ruptura de comunicação que altera a experiência emocional do espaço gerando sensações de solidão, medo ou raiva. Os valores e significados que são relacionados ao mundo em que se vive não devem, portanto, estar desconectado das percepções.

Desta forma, tem-se como objetivo analisar o planejamento de remodelação urbana da cidade do Rio de Janeiro durante o século passado, buscando compreender como esse processo utilizou e reforçou a percepção das favelas como espaços na ilegalidade e de violência. Com isso, avaliar como essas ações urbanísticas condicionaram ainda mais a percepção dos seus moradores como invasores e criminosos, influenciando na constituição da identidade dessas pessoas e determinando os espaços que deveriam estar e como deveriam agir.

Iniciando essa análise, tem-se o primeiro registro da palavra "favela", com sua significação entendida socialmente, no começo do século XX. Com toda mudança nas relações de posse de terra (devido a Lei de Terras) e trabalho (com a abolição da escravidão e a migração de trabalhadores europeus) na Cidade, algumas

transformações no cenário dos centros urbanos aconteceram. De acordo com Valladares (2005), houve o aumento da migração para o centro histórico da Cidade do Rio de Janeiro e como esses novos moradores, em sua grande maioria, pessoas negras ex-escravizadas ou nascidas a partir da lei do ventre livre, não tinham condição de comprar terras. Assim, passaram a morar em cortiços, que, além de estarem localizados próximos aos locais de trabalho, eram baratos.

Essas áreas foram consideradas o "locus" da pobreza, em que eram as habitações tanto de trabalhadores quanto dos chamados vagabundos e malandros, sendo todos nomeados de "classe perigosa". Os cortiços eram considerados como sinônimos de marginalidade e doença, lidos como anti-higiênicos.

O Rio de Janeiro seguiu o mesmo movimento que a Europa do século XIX, que com o surgimento da sociedade urbano-industrial e o aumento da urbanização, desenvolveu novas formas de habitar acompanhadas de novos problemas: o adensamento, a necessidade de saneamento básico, organização das atividades produtivas, a crescente demanda por habitação e espaços de uso público, e várias questões associadas à higiene e a salubridade (Santos, E. A., 2003).

De acordo com Valladares (2005), foi após a intensa companha contra os cortiços que se deu a percepção da favela como um novo espaço geográfico e social que, então, passava a ser o mais recente lugar da pobreza. Inicialmente, os olhares estavam voltados para uma favela específica, o Morro da Favella, já existente com nome de Morro da Providência, que ganha destaque na história e inicia a significação da palavra "favela". Tem-se como destaque desse processo, uma matéria do Jornal do Brasil, publicada em 1900, afirmando que o Morro da Favella era "infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias" (JORNAL DO BRASIL, 1900 apud VALLADARES, 2005, p. 27).

Percebe-se que a representação das favelas como problema social não surge a partir de uma identificação posta pelos moradores desses lugares, ela decorre do incômodo gerado à urbanização da cidade. Em um contexto em que se inicia o uso da terra como mercadoria e surgem os primeiros parâmetros do desenho urbano racional e controlado, a favela faz o processo de urbanização se deparar com a ocupação não planejada de terras devolutas ou abandonadas, colocando em conflito o recente ideal de paisagem urbana e o conceito jurídico de propriedade do terreno.

A partir da representação da favela como problema, se desenvolve um debate sobre a solução para essa questão. Em 1937, destaca-se o Código de Obras da Cidade, Decreto no 6.000/1937, que ficou em vigor até 1970. O texto foi elaborado por uma comissão técnica e surge a partir dos esforços para uma organização racional da cidade. O novo código, seguia as orientações do Plano Agache, propondo a extinção das favelas e defendendo sua eliminação do mapa oficial da cidade, substituindo-as por habitações proletárias (parques proletários) que seguiam as normas de

salubridade. Fica explicito a finalidade, acima de tudo, de dar solução as condições insalubres dos arredores do centro da cidade, além de possibilitar a expansão urbana para novas áreas, visto que, nas orientações colocadas, estava a proibição de novas moradias nas favelas, assim como melhorias das que já existiam (Burgos, 2005; Valladares, 2005).

O Decreto foi um fato importante na história das favelas, pois, como afirma Almeida (2016), estabelece um conceito jurídico, arquitetônico e sociológico, abarcando a totalidade das favelas. Isso possibilitou implementar uma política urbana e um novo conjunto de práticas dedicadas a elas.

Nesse contexto, os parques proletários não buscaram funcionar apenas como realojamento provisório das famílias faveladas, fornecendo a elas novas condições de moradias seguindo as regras sanitárias. Considerando o desejo por uma cidadania regulada, a favela não era lida a partir dos parâmetros dos direitos sociais. Os favelados eram entendidos como pré-cidadãos, não possuidores de direitos, mas necessitados de uma pedagogia civilizatória. Os parques representavam um hábitat de transição moral, buscando assegurar a integração dos seus habitantes à vida urbana. Neles, os habitantes eram tratados sob estrito controle, em que deveriam possuir atestado de bons antecedentes e serem submetidos a sessões de lições de moral (Burgos, 2005; Valladares, 2005).

Os parques proletários reforçam a percepção da favela como um lugar segregado da cidade, insalubre e sem regulação física e moral. O projeto se colocava como "aspiração legítima do trabalhador", fazendo interpretar que, se houvesse o desejo de permanecer na favela, por parte dos favelados, esses eram revoltados e "preguiçosos".

O planejamento urbano da primeira metade do século XX é baseado na polarização entre o lugar da ordem e o lugar da desordem, tendo como um dos direcionamentos a urgência pelo controle da cidade regulada. A representação da favela é construída como contraditória à cidade, sendo notória essa relação quando abordado dentro dos planos urbanísticos, que se baseiam em uma imagem de cidade futura que seria organizada e perfeitamente controlada. Nesses planejamentos, a cidade ideal se concretizaria em uma data especificada já programada, sendo que nela não haveria favela nem favelados, e todos seguiriam o mesmo comportamento moral. Emmanuel dos Santos (2003) afirma que a representação ideal da cidade era de equilíbrio urbano, não se limitando somente aos aspectos físicos, também se formava a partir dos aspectos humanos e sociais, com a promessa de uma vida feliz e equilibrada advinda de uma melhor organização do espaço.

Entretanto, ao compararmos a representação das favelas como desordem com sua morfologia e situação fundiária, temos uma situação paradoxal. Isso devido ao fato de que muitas favelas têm seu surgimento a partir de traçados regulares, seja por

loteamentos feitos inicialmente (como foi o caso do Bairro Barcellos, na Rocinha), por terem seu direcionamento e planejamento feito totalmente ou em partes (como no caso do Parque União) ou por surgirem a partir dos antigos Parques Proletários (Silva, 2009 apud Almeida, 2016).

Esse paradoxo, marcado pela oposição entre a favela e o urbano, também é percebido no final da década de 40 e nos anos 50. Gonçalves (2013) destaca a campanha popular criada em 1948, pelo jornalista e político Carlos Lacerda, chamada de a "batalha do Rio de Janeiro". Nesse momento, foram escritas uma série de artigos no jornal "Correio da Manhã, com o objetivo de resolver o problema das favelas.

Os artigos de Lacerda reafirmavam a percepção dualista já presente na sociedade carioca: de um lado, os "pobres favelados", já do outro, os "cidadãos honrados" que deveriam abdicar do seu desinteresse em relação ao problema e tomar partido no importante batalha da Cidade do Rio de Janeiro.

A campanha de Carlos Lacerda consolidou de vez a percepção das favelas como um problema público, mesmo que seus resultados concretos tenham sido irrisórios. A "batalha" criou mais obstáculos no desenvolvimento de reflexões profundas sobre o tema e – com seu fracasso e a expansão das favelas – fixou a ideia, no imaginário social, de que a inserção das favelas no tecido urbano da cidade, na verdade, provocaria uma proximidade perigosa entre esses espaços e as outras classes sociais, gerando o medo do desenvolvimento de tensões sociais nos demais territórios. De acordo com Gonçalves (2013), esse processo levou a legitimação dos interesses econômicos do mercado imobiliário que, cada vez mais, buscava contemplar a eliminação das favelas presentes nas zonas de maior valor fundiário e com previsão de expansão urbana.

Se antes as favelas eram tratadas como um assunto local, como uma demanda para os higienistas e interesses jornalísticos, nota-se que a partir da década de 1940, o assunto foi levado para o centro das questões urbanas e políticas do Brasil. Além disso, as favelas passam a ser entendidas como um fenômeno urbano resultado do crescimento da cidade. Elas começam a ser tratadas como patologia do processo de urbanização industrial, onde sua desordem derivava da conduta não moldada daquelas que chegavam ao local. As favelas se tornam um espaço limitador do desenvolvimento urbano, considerada como a barreira da expansão e modernização da cidade.

Houve também a democratização, que permitiu a participação política dos moradores das favelas (mesmo que ainda restrita), fazendo com que o interesse sobre elas fosse revisto. Isso fez com que elas mudassem de um espaço sem ordem para um espaço passível de ser governado e de se exercer poder. Os moradores favelados tornam-se sujeitos capazes de se adaptarem as dinâmicas da modernidade, desde que assim desejem e se esforcem, fazendo das favelas um Lugar "marginal" passível de transformação e de aculturação.

Essa condição de "marginalidade" e transitoriedade urbana condicionava a percepção sobre as favelas e seus habitantes, dando a eles um tratamento específico, diferente dos outros locais e moradores da cidade. Isso se juntou ao medo estimulado pelo fracasso da "batalha do Rio de Janeiro", fazendo com que as necessidades dos favelados fossem lidadas apenas dentro do âmbito da própria favela.

Em 1968, o governo militar cria uma instituição com o objetivo de atuar na resolução do "problema" das favelas na cidade do Rio de Janeiro, a CHISAM (Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana). Ela se propunha principalmente a realizar a remoção das favelas e tinha um posicionamento de oposição à urbanização desses territórios. De acordo com Almeida (2016), em grande parte isso acontecia devido a interpretação de que a favela criava uma "subcultura" produtora de marginalidade, sendo isso responsável pelo ciclo vicioso da pobreza e a não integração dos favelados na sociedade. A CHISAM desejava unificar a política para as favelas cariocas, programando sua total erradicação até o ano de 1976 (Anjos, 2021).

Toda argumentação do Estado se sustentou na questão da ilegalidade da posse da terra, fazendo com que a ascensão social do favelado só fosse possível a partir da sua mudança à condição de proprietário. Tratava-se assim, de inserir esses espaços urbanos dentro da ordem capitalista, principalmente dando função para uma desejada expansão imobiliária (Brum, 2013). A campanha, levantada pelo regime militar, voltava a utilizar da representação da paisagem urbana ideal como justificativa para as ações de remoções.

Desse modo, a remoção teria a função de regenerar os favelados na cidade, realocando em novos ambientes considerados mais "adequados" a eles. A partir disso, ficaria encarregado ao favelado a responsabilidade pela situação conflituosa da relação da cidade com as favelas.

De acordo com Brum (2013), inicia-se o planejamento urbano a partir do zoneamento, funcionando por uma lógica de segregação espacial, onde haveria áreas residenciais destinadas às diferentes classes sociais, agrupadas considerando o poder aquisitivo e o funcionamento do espaço na produção econômica.

Na região sul da cidade do Rio de Janeiro, a favela era percebida como desarmônica com a beleza da paisagem, entendendo os favelados como um estorvo. Já as zonas norte e oeste, eram vistas como ideais para os favelados, pois ali eles teriam utilidade como mão-de-obra para as Zonas Industriais delimitadas pelo Estado.

O planejamento de remodelação urbana reforçou a representação do favelado como sujeito que está na ilegalidade, determinando ainda mais a percepção sobre ele como invasor. Na década de oitenta esse lugar da ilegalidade se problematizou ainda mais dentro de um contexto do tráfico de drogas. O processo de redemocratização do Brasil foi marcado também pela forte atuação da polícia nas favelas no combate

ao crime organizado. A utilização dos militares veio como respostas ao comércio ilegal de drogas, e a violência passou a ser considerada o principal problema urbano causado pelas favelas (Brum, 2013; Almeida, 2016; Anjos, 2021).

Houve uma simplificação do conflito social, que passou a se preocupar principalmente com a preservação da "paz" cotidiana, combatendo o risco da "violência urbana". A violência se torna um tema central na agenda pública, levando a práticas cada vez mais repressivas. Almeida (2016), trazendo o argumento de Machado da Silva, conclui que nesse momento, as favelas não eram representadas mais como "problema coletivo", mas passaram a ser percebidas como "perigo imediato", mudando profundamente sua representação social.

Assim, as organizações armadas se expandiram e se consolidaram como um modelo, criando conexões de grupos atuantes no varejo de drogas ilegais. Esses grupos começam a se comprometer com a proteção dessas conexões e redes em um sistema divido em setores internos ("intramuros") e externos ("extramuros"). Os chefes do tráfico passaram a controlar o comércio em diferentes favelas, impondo controle de diferentes territórios com uso de violência. A forma hierárquica de trabalho tornou-se uma realidade, estruturando o narcotráfico no Rio de Janeiro, com sua distribuição indo desde conjuntos populares até o atendimento de uma venda para classes mais altas (Leeds, 2006; Anjos, 2021).

Essa dinâmica desenvolve códigos de condutas, muitas favelas e conjuntos populares começam a ter delitos, como roubos, estupros e outro tipos de violência interpessoal, tratados com respostas igualmente violentas por parte do grupo armado, que passa a impor sua própria forma de "justiça". Os grupos criminosos articulam, nas comunidades que atuam, seus próprios códigos que definem qual violência é permitida e quem pode praticá-la. Leeds (2006) acrescenta que, a percepção dos favelados de que nas favelas a justiça formal não tem funcionalidade fez com que parcela desses moradores aceitassem a justiça alternativa. Ao mesmo tempo, o combate ao narcotráfico passa a ser um dos principais argumentos para repressão armada e para justificar a ação de remoção das favelas nas décadas seguintes.

De acordo com Almeida, essa mudança permite a compreensão do deslocamento da representação de delinquência marginal para a noção de crime e ilegalidade. Se, antes, o Estado tinha a responsabilidade de promover a segurança (administrando os riscos e dividindo os benefícios), nesse momento, o governo retira a noção da regulação social através do gerenciamento coletivo dos riscos, lançando sobre o sujeito a responsabilidade de gerenciar seus próprios riscos.

4. CONCLUSÃO

A favela, no singular, possui o sentido do "outro" na cidade, entrando para o sistema de codificação que as representações criam. Essa categorização atribuída no

imaginário social que coloca a favela como unidade e tem um papel condicionante sobre os aspectos fundiárias e de direito à cidade. Compreende-se que, a percepção das favelas como espaços segregados, opostos a urbanização, condicionou uma territorialização gerida pelos grupos armados, enquanto a percepção de segurança, para uma grande parte da população, passa a ser a securização privada, como grandes condomínios exclusivos e arquitetura hostil.

A expansão dos grupos criminosos desafia o controle do Estado e gera conflitos controlados por poderes paralelos, fazendo com o fenômeno da autossegregação espacial seja ainda mais reforçada. Souza (2008) dirá que esse processo não é apenas uma segregação espacial simples, ele chamará de "fragmentação do tecido sociopolítico-espacial". Isso permite afirmar que as favelas não se encontram apartadas da cidade, na realidade, essa separação é relativa, pois coloca em primeiro plano, da divisão territorial, a relação de poder. Desta forma, ocorre uma multiplicação de fronteiras espaciais capazes de incluir e excluir determinados corpos dos espaços da Cidade, isso a partir da percepção de pertencimento e identidade que o sujeito tem com os lugares, sendo isso influenciado pelas representações de grupos sociais, pela etnia, pela coerção dos grupos armados e pela repressão do Estado.

Assim, essa fragmentação não tem como objetivo o isolamento do favelado, pois considerando os aspectos econômicos, culturais e até políticos, eles fazem parte ativamente da vida urbana. Almeida (2016) afirma que, essa segregação remete, principalmente, a um efeito estratégicos das tecnologias de segurança que se relacionam tanto com o zoneamento do poder quanto com a privatização dos riscos. Ao traçar esse histórico das ações urbanísticas envolvendo as favelas, nota-se que houve a persistência da percepção das camadas mais pobres como responsáveis pelas suas condições de vida e pelos problemas urbanos, entendendo que o debate sobre a pobreza e as questões das habitações populares, fizeram surgir uma interpretação específica sobre as favelas na Cidade do Rio de Janeiro. Nesses anos, é possível perceber o desenvolvimento da postura do comportamento humano condicionado a representação de um espaço/meio, sendo as favelas vistas como a patologia da cidade.

Essa condição "excepcional" da favela pode ser entendida como paradoxal, considerando que, ao mesmo tempo que se busca criar o desejo em seus moradores por uma adequação ao imaginário do que deveria ser uma cidade ideal, em muitos momentos, é negado a eles a vivência em outras áreas urbanas. Além disso, a insistência em seu "mito de origem" (Valladares, 2005) ainda qualificava a favela como invasão, insistindo na representação dos favelados como invasores que estavam ali provisoriamente. Mas, se nem o morro e nem os asfaltos são destinados aos favelados, é possível interpretar que no imaginário da paisagem urbana ideal, essas pessoas, assim como a favela, também não deveriam existir. Pode-se desenvolver a hipótese de que o desejo em erradicar as favelas não se limitava apenas a materialidade arquitetônica, mas também aos indivíduos presentes nesses locais.

Caso se considere essa questão, também se torna passível interpretar o planejamento urbano como uma ferramenta importante na criação das representações das favelas; e das percepções e ações que são realizados sobre esses lugares e na vida de seus moradores.

5. BIBLIOGRAFIA

Almeida, RG. (2016). Favelas do Rio de Janeiro: a geografia histórica da invenção de um espaço. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Anjos, LS. (2021). O funcionamento discursivo da promessa de pacificação. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP.

Brum, M. (2013) Favelas e remocionismo ontem e hoje: da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. O Social em Questão. Ano XVI - nº 29, 179-208.

Burgos, MB. (2006). Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). Um século de favela. 5° ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 25-60.

DUARTE, CR & MIRANDA, C & PINHEIRO, E & SILVA, LJ. (2023). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books.

Hall, S. (2016). Cultura e Representação· Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; tradução: Daniel Miranda e William Oliveira.Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri.

Leeds, E. (2006). Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira:ameaças à democratização em nível local. Em Zalaur A. & Alvito M. (orgs.) (5ª ed.). Um século de favela. (pp. 233 – 276). Rio de Janeiro : Editora FGV.

Merleau-Ponty, Maurice. (1999). Fenomenologia da Percepção. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 273-325. (1ed: 1994.)

SANTOS, EA. (2003). Porque planejar com a paisagem. PosFAUUSP, [S. l.], v.13, 100-123. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v13i0p100-123.*https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/47749*.

Thibaud, JP. (2012). A cidade a través dos sentidos. Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, 18, 1-16. *https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf*.

Valladares, L. (2005) A Invenção da Favela: Do Mito da Origem a Favela.com. Rio de Janeiro: Editora Fgv.

R34

AMBIANCES OF INCARCERATION AND PRISON ARCHITECTURE OF FEMALE UNITS: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

AMBIÊNCIAS DO CÁRCERE E ARQUITETURA PRISIONAL DE UNIDADES FEMININAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Eduardo Sanches Salsamendi
Arquiteto e Urbanista, Msc., Doutorando em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro / PROARQ
eduardo.salsamendi@fau.ufrj.br

Mauro Santos
Professor Titular, Arquiteto e Urbanista, Doutor em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro / PROARQ
maurosantos@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article aims to gather and analyze, through a systematic literature review, the body of knowledge that correlates penitentiary architecture of female units and the concept of ambiance. The identification and summarization of articles were carried out through the CAPES Theses and Dissertations Catalog database, the CAPES Periodicals Portal, the SCOPUS database, and Google Scholar, using the search terms “Prison Architecture” OR “Prison Design” AND “Ambiance” AND “Woman”. Criteria, limits, and inclusion and exclusion factors were established, resulting in a final sample of 3 studies. The systematic literature review revealed a scenario of researchs addressing the topic of penitentiary architecture, but with a considerable gap in the field of ambiances.

KEYWORDS: prison architecture. prison design. woman. systematic literature review. ambiances.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo reunir e analisar, através de uma revisão sistemática da literatura, a produção de conhecimento que correlacione a arquitetura penitenciária de unidades femininas e o conceito de ambiência. O levantamento e a definição de artigos foi realizada através do banco de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, do Portal de Periódicos CAPES, da base de dados SCOPUS e do Google Acadêmico, utilizando os termos de busca “Arquitetura Penitenciária” OR “Arquitetura Prisional” AND “Ambiência” AND “Feminina”. Foram estabelecidos critérios, limites e fatores de inclusão e exclusão, resultando em uma amostragem final de 3 pesquisas. A revisão sistemática da literatura revelou um cenário de pesquisas tangenciando o tema da arquitetura penitenciária, porém com uma lacuna considerável no campo das ambiências.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura prisional. arquitetura penitenciária. mulheres. revisão sistemática. ambiências.

1. INTRODUÇÃO

Com mais de 30 mil mulheres encarceradas em celas físicas, o Brasil está hoje entre as quatro maiores populações prisionais femininas do mundo. Nos últimos 20 anos, o crescimento foi exponencial, para cada mulher encarcerada em 2004, temos quatro encarceradas hoje, segundo levantamento do Departamento Penitenciário Nacional. Para manter o debate apenas dentro da competência da arquitetura, esses dados corroboram a necessidade de refletir sobre a situação da oferta de vagas nesses espaços e sobre a relação das internas com essa ambiência particular.

O quadro de precariedade das estruturas físicas do sistema prisional é conhecido, a superlotação e a exposição constante a ambientes insalubres são agravantes a uma condição já problemática que é a da pena de restrição de liberdade. O recorte de

gênero é essencial para entender a negligência que o público feminino sofre como reflexo de problemas estruturais da nossa sociedade.

As mulheres estão sujeitas ao cárcere por causas diversas, ainda que frequentemente tenham coisas em comum: raça, condição socioeconômica e posição geográfica. Entre as principais razões para o aprisionamento feminino, segundo dados do DEPEN (2024), estão crimes relacionados ao tráfico de drogas. Pode-se interpretar tal fato como consequência da dinâmica extramuros da vida dessas mulheres, em geral marginalizadas, mas também de uma política antidrogas que demonstra péssimos resultados, não apenas no Brasil.

Para além das discussões sobre os motivos sociais, estruturais e individuais que levaram cada mulher a esses espaços, é importante entender como os objetivos da pena de reclusão de liberdade se relacionam com essas pessoas. Existem dois pontos fundamentais para entender como a arquitetura prisional tem efeito nessa dinâmica: Primeiro, porque as pessoas que estão reclusas nesses ambientes, estão lá independentemente da sua vontade. Logo, o projeto arquitetônico e o tratamento penal devem apresentar ferramentas para garantir que essas pessoas permaneçam reclusas e em segurança, ainda que a contragosto. Essa discussão em torno do conceito de segurança é, portanto, central na concepção e no funcionamento das unidades prisionais.

Outra questão a ser considerada no contexto da arquitetura penitenciária é o atendimento aos objetivos da Lei de Execução Penal, principalmente no que se relaciona à reintegração social e/ou ressocialização. Como o Brasil não adota pena de morte ou prisão perpétua, invariavelmente as pessoas condenadas têm um retorno previsto ao convívio social. Nesse sentido, é essencial compreender como os ambientes são projetados e em que medida propiciam boa relação com seus usuários. Vale notar que nem só os espaços voltados para atividades educacionais, laborais, de lazer e de permanência devem ser considerados, mas também a própria implantação da unidade, seu contexto urbano e social, além de questões de conforto ambiental. Ademais, deve-se tomar cuidado especial para não considerar que tais análises estáticas do ambiente sejam tomadas isoladamente e sem considerar as percepções e noções imateriais de seus usuários. Portanto, uma investigação do conhecimento produzido acerca das ambiências em unidades prisionais femininas se faz necessária, para sanar tais questões e indicar novos caminhos possíveis para um cenário tão dramático. Assim, essa pesquisa tem como objetivo reunir e analisar a produção acadêmica que correlacione o estudo das ambiências com os espaços das unidades prisionais femininas.

Quanto ao conceito de ambiência adotado, é importante entender como a metodologia adotada permite filtrar os resultados para posterior análise. A revisão sistemática da literatura, ferramenta utilizada nesse trabalho, possibilita compilar a produção acadêmica para fornecer uma síntese do estado do conhecimento nesse

campo. Para tanto, são utilizados alguns termos e estratégias de busca, como a palavra "ambiência", por exemplo. Ao utilizar essa palavra para a pesquisa nas bases de dados, é possível que os resultados apontem para utilizações do termo que não tenham relação com os conceitos aqui adotados, aportadas em uma análise isolada do suporte espacial e de questões técnicas. Ainda assim, é possível filtrar, com uma leitura mais refinada, se a discussão das ambiências é ou não relativa aos aspectos imateriais, sensoriais, morais, atmosféricos e vinculada aos sentidos do corpo, ao afeto e à experiência do Lugar, e se tal discussão está relacionada às unidades prisionais femininas, objeto de estudo dessa pesquisa.

2. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos dessa investigação, utiliza-se como método a revisão sistemática da literatura. Nesse modelo de pesquisa, é necessário identificar, selecionar, avaliar e sintetizar estudos que discorram sobre o objeto da pesquisa – o estudo das ambiências em unidades prisionais femininas.

Nesse artigo será apresentada uma revisão sem recorte temporal definido, a fim de investigar a produção de conhecimento em bases nacionais e internacionais sobre o tema. O levantamento e a definição dos documentos foram realizados através do banco de dados de Teses e Dissertações da CAPES, do Portal de Periódicos da CAPES, do Google Acadêmico e da base Scopus.

Na etapa inicial da análise, a estratégia de pesquisa consistiu em investigar trabalhos publicados que incluíssem os termos "Arquitetura penitenciária" OR "Arquitetura prisional" AND "Ambiências" em seus títulos ou resumos. Buscou-se também no idioma inglês, a partir dos termos "prison design" OR "prison architecture" AND "ambiance". Assim, chegou-se a 55 resultados somando as 3 bases de dados com resultados em português, e 133 resultados para os termos na língua inglesa nas bases de dados do Google e da Scopus, excluindo as duplicidades (6 documentos) e desconsiderando trabalhos de conclusão de curso. O catálogo de Teses e Dissertações da CAPES não apresentou nenhum resultado, assim como o Portal de Periódicos CAPES. Através do Google Acadêmico, foram encontrados 126 resultados (55 em português e 71 em inglês), enquanto a base Scopus apresentou 68 trabalhos.

Após a conclusão do mapeamento terminológico para identificar os termos mais relevantes para a pesquisa, avançou-se para a segunda fase. Como esse estudo está ligado à ambiência de unidades prisionais femininas, foram selecionados os termos mais frequentes, aplicando o operador booleano AND (e) Feminina, como estratégia de busca avançada. Em inglês, foi utilizado o termo "woman". A Busca retornou 37 resultados em português e 95 em inglês, mas considerou o uso das palavras em qualquer parte do texto, sendo necessário mapear o recorte de gênero a partir da análise dos resumos.

Com a leitura dos resumos, foi possível filtrar também os trabalhos que tratavam diretamente da arquitetura penitenciária, e não aqueles que apenas tangenciam ou mencionaram pontualmente o tema. Com base nesse diagnóstico, tivemos como produto 5 pesquisas. Todos os estudos relevantes para essa revisão foram encontrados na base de dados do Google Acadêmico (1 em português e 4 em inglês). Finalmente, após uma análise mais detalhada, 2 trabalhos foram excluídos devido à fuga do tema central ou falta de contexto com o objeto de pesquisa dessa revisão. A amostra final de 3 documentos foi coletada no período de 05 de março a 10 de julho de 2024.

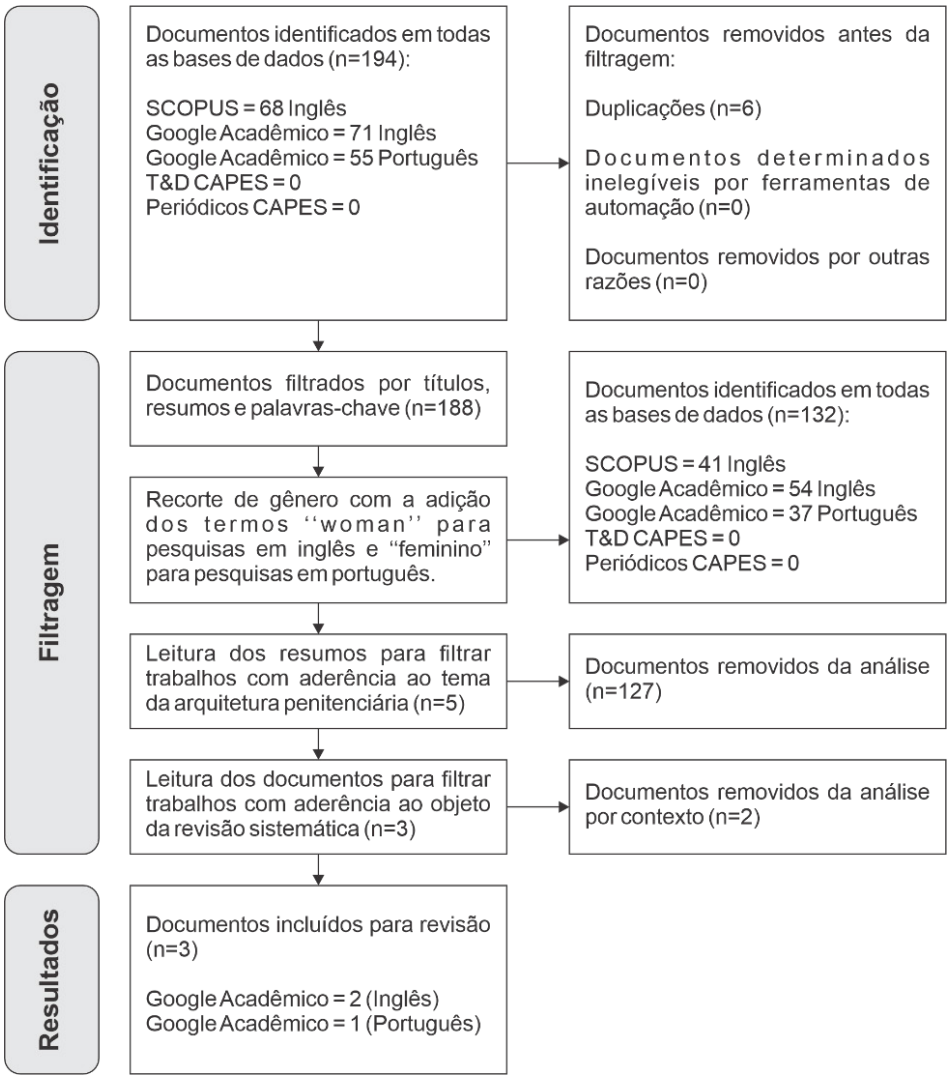


Figura 1 - Fluxograma PRISMA.
Desenvolvido pelos autores (2024).

Logo, a revisão teve como critérios de eligibilidade pesquisas que apresentaram em seu título e/ou resumo os termos “arquitetura penitenciária” ou “arquitetura prisional” e “ambiências”, além da palavra “mulheres” em qualquer parte do texto. Tais critérios foram aplicados buscando equilibrar a intenção de definir um recorte claro para a metodologia sem restringir ou excluir possíveis resultados interessantes à discussão proposta, principalmente pela percepção de que esse é um tema com escassa produção acadêmica.

Para cada etapa do processo de seleção e coleta de dados, dois revisores selecionaram cada registro e publicação de maneira independente e sem ferramentas de automação. Cada um dos revisores avaliou os estudos de maneira individual, diminuindo assim o risco de viés dos estudos.

Essa se caracterizou como uma revisão sistemática de caráter misto, por identificar, selecionar, avaliar e sintetizar simultaneamente estudos quantitativos e qualitativos. Também por exigir uma visão mais integrada e cooperativa entre as diferentes ciências e métodos envolvidos em cada pesquisa. A revisão é de convergência qualitativa, uma vez que transforma os resultados dos estudos coletados em achados qualitativos. Tal característica é aderente ao tipo de estudo analisado, que infelizmente ainda possui baixa amostragem.

3. AMBIÊNCIAS

O estudo das ambiências dentro de unidades prisionais apresenta grandes desafios. Primeiro, a dificuldade de acesso a esses espaços. Métodos observacionais ou fenomenológicos raramente são permitidos pelas direções das unidades, e a possibilidade de entrevistar as pessoas privadas de liberdade é ainda mais incomum. Além disso, a própria contradição na relação do espaço para com seus usuários é um fator que não pode ser desconsiderado. Um ambiente que tem como função punir e segregar dificilmente terá aceitação afetuosa dos internos. Também não é possível que os pesquisadores apresentem ou reconheçam as mesmas percepções dos presos, já que assumem papéis diferentes. Ainda que vejam as mesmas paredes, grades e muralhas, sintam os mesmos cheiros e escutem os mesmos ruídos, a noção de ambiência é particular desses indivíduos.

De acordo com Pinheiro (2010), a ambiência favorece a organização dos espaços e seus usos com base nos valores coletivos compartilhados. A utilização cotidiana desses espaços permite atribuir-lhes significados relacionados à sua interpretação, transformando-os em lugares e territórios específicos. As ambiências conectam os indivíduos aos seus locais de identificação, sendo formadas a partir das práticas do lugar. Elas fornecem suporte para a realização dessas práticas e desempenham um papel fundamental na construção das identidades, lugares de identificação e territórios (Sancovschi e Duarte, 2017).

Thibaud (2012) explica que o meio ambiente inclui elementos sensíveis como o ar, os sons, a luz e os cheiros, que propiciam a percepção, mas não podem ser confundidos com o objeto da percepção em si. O autor ressalta que, para incorporar o componente afetivo aos espaços, é crucial distinguir meio ambiente e ambiência. Enquanto o meio ambiente torna sensíveis, visíveis e audíveis os objetos percebidos em um mundo de atmosferas sensíveis, a ambiência é o que dá vida a esse meio ambiente, adicionando um componente afetivo. Logo, ambientar um espaço significa atribuí-lo de valor emocional, afetivo e existencial, além das suas características físicas.

Nos estudos relativos à ambiência, não se analisam apenas características físicas e a composição do espaço, e sim a conexão deste com a experiência sensível que é provocada nos seus usuários. Decorrente da associação do espaço a várias ambiências, conforme as condições físicas, psicológicas, ambientais, temporais, culturais e outras que possam influenciar a subjetividade e mudar a percepção, é comum o uso do termo no plural: ambiências (Graeff, 2014).

É importante compreender o impacto que esses estudos podem gerar, como a mudança de paradigma na concepção de projetos arquitetônicos, abandonando um processo que se apoia apenas em aspectos normativos e construtivos do ambiente e que passe a incorporar a busca pela subjetividade e das práticas sociais e culturais, tornando o processo de concepção mais sensível e qualitativo, considerando a visão do sujeito e sua relação com o ambiente. Logo, o conceito de ambiência tem sido empregado para complementar e enriquecer análises que antes se baseavam apenas nos aspectos físicos e funcionais do espaço.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A revisão agrupou 132 trabalhos que, em inglês ou português, traziam os termos pesquisados. Entre os documentos, foram encontradas teses, dissertações, artigos e livros de diversas áreas do conhecimento e com diferentes abordagens ao tema. Entretanto, grande parte desses documentos não tratava diretamente de aspectos da arquitetura, muitos não relacionavam esses aspectos com a discussão da ambiência e, para concluir, não existiram trabalhos que apresentassem a interface entre esses dois pontos e o recorte de gênero. Ainda assim, pode-se abstrair informações úteis ao analisar os denominadores comuns entre as pesquisas mais relevantes para esse debate.

#	Título	Ano	País Origem	Tipo de estudo	Objetivos
1	It's in the air here': Atmosphere(s) of incarceration	2022	Alemanha / Reino Unido	Artigo	Investigar como diversos componentes – incluindo estética, olfato, temperatura e as performances que deles surgem – compõem os efeitos atmosféricos sensoriais em prisões.
2	Designing for an Unoppressive Prison Architecture	2017	Estados Unidos da América	Dissertação	O objetivo deste estudo é revitalizar a discussão sobre o papel do arquiteto nos sistemas prisionais e os itens que os arquitetos devem abordar ao realizar projetos de prisões.
3	As vozes silenciadas: arquitetura como discurso da (in)segurança humana da mulher presa na COVID19	2023	Brasil	Dissertação	Identificar os elementos físicos e simbólicos de (in)segurança humana refletidos nos espaços de habitação permitida às mulheres privadas de liberdade em um Presídio Feminino no Nordeste do Brasil, à luz da arquitetura e dos direitos humanos.

Tabela 1 – Trabalhos filtrados como relevantes à essa revisão sistemática.
Desenvolvido pelos autores, 2024.

Entre os trabalhos filtrados que apresentaram mais profundidade na discussão arquitetônica, o maior número discute e analisa espaços de reclusão masculinos. Entende-se que a população carcerária masculina representa aproximadamente 94% do total no país (INFOPEN, 2019). Frequentemente, os estabelecimentos penais destinados às mulheres não foram originalmente projetados para esse propósito. É comum que as alas femininas sejam meras adaptações de antigas alas masculinas, realizadas sem considerar as necessidades e particularidades específicas das mulheres. Ademais, a falta de diretrizes projetuais específicas para o público feminino, juntamente com outros fatores que evidenciam essa negligência, demonstram a necessidade de uma mudança urgente de perspectiva.

As pesquisas investigam ou analisam, de formas diferentes, o impacto do cárcere em sua face sensível aos usuários. Tal fato sugere que, mesmo com tamanha mutidisciplinaridade e diferentes abordagens, algumas conclusões são convergentes. Com o afunilamento dos documentos relevantes à essa revisão, foi possível observar também que a produção de conhecimento nesse campo, ainda que escasssa, é majoritariamente feminina.

Em geral, o tema penitenciário só é discutido após episódios de conflito, e o isolamento das apenadas e da questão penitenciária em si não é exclusividade da sociedade civil, mas também do meio acadêmico. A ausência de produção e atualização de conhecimento por parte da academia é um aspecto marcante da Arquitetura Penitenciária no Brasil (D'Urso, 1998).

Em relação aos trabalhos filtrados para essa revisão, ainda que abordem uma variedade de tópicos diferentes, compartilham o interesse por questões arquitetônicas e pela sensibilidade de seus usuários dentro de unidades prisionais.

O primeiro documento, um artigo escrito pelas autoras Jennifer Turner, Dominique Moran e Yvonne Jewkes, discute como as atmosferas dos lugares são percebidas e como elas podem ser resultado de uma combinação entre características físicas do ambiente (iluminação, cores, materiais) e as experiências vividas pelas pessoas nesse espaço. Para as autoras, a atmosfera de um lugar é tanto uma forma física que nos envolve quanto algo que sentimos, podendo ser projetada para evocar emoções específicas.

No contexto carcerário, a atmosfera é pouco explorada como meio de entender as interações entre pessoas e o espaço prisional. O artigo examina como os componentes visíveis, tangíveis e sensoriais da arquitetura prisional se unem para produzir efeitos atmosféricos, impactando a experiência sensorial dos indivíduos. Usando dados empíricos de um projeto do UK Economic and Social Research Council (ESRC), o texto destaca a importância de pensar no espaço prisional em termos atmosféricos e o que essas atmosferas significam para os diferentes grupos dentro da prisão e para aqueles que planejam esses espaços.

Uma atmosfera não é apenas o ar em si, mas algo presente no ar que, quando combinado com pessoas e lugares, desencadeia "afetos". O afeto se refere a uma capacidade transpessoal de ser afetado e afetar, com os afetos residindo no espaço entre os corpos como respostas sensoriais emergentes. Atmosferas são o terreno compartilhado de onde emergem estados subjetivos e suas emoções associadas (Turner et al, 2022).

Já o segundo texto, dissertação de Adam Maraganore, examina o papel da arquitetura nas instituições penitenciárias mal sucedidas nos Estados Unidos através do uso de elementos arquitetônicos opressivos. Para o autor, a arquitetura tem demonstrado influenciar significativamente a qualidade de vida das pessoas. Ao examinar elementos arquitetônicos opressivos, layouts espaciais e informações específicas do local, busca-se construir novas instalações mais eficazes. A investigação dos elementos arquitetônicos opressivos nas prisões esclarece o que precisa mudar e por quê, e o trabalho culmina com o autor propondo a criação de uma nova instalação no bairro de Northside, em Cincinnati, Estados Unidos da América, que utiliza soluções alternativas aos elementos opressivos típicos das prisões norte-americanas.

É importante destacar que esta dissertação não aborda diretamente os aspectos de ambiência desses espaços. No entanto, ao desconstruir as soluções arquitetônicas com base em análises de aspectos sensoriais, ainda que a partir de uma leitura estática e desconsiderando questões do afeto, seus méritos residem na proposição de soluções para os desafios arquitetônicos identificados que contribuem para a disfuncionalidade dos sistemas prisionais contemporâneos. Ao propor alternativas de projeto que visam criar ambientes mais humanizados e voltados para a reabilitação, a pesquisa busca catalisar mudanças positivas no contexto das instituições penais.

Por fim, a dissertação de Acácia Regina Resende Setton investiga a violação do direito à saúde das mulheres presas, especialmente durante a pandemia de COVID-19, nos ambientes do Presídio Feminino do Estado de Sergipe. O estudo não apenas busca identificar símbolos de violação de direitos básicos, mas também compreender as condições de sobrevivência em um ambiente prisional com histórico de baixa infraestrutura e altas taxas de aglomeração. A pesquisa combina revisão bibliográfica sobre o encarceramento feminino no Brasil com análises de gênero, poder e disciplina, utilizando pesquisa de campo para reconhecimento in loco e coleta de dados nos espaços de habitação permitida às mulheres. O objetivo desse estudo é identificar elementos físicos e simbólicos de insegurança humana no Presídio Feminino, à luz da arquitetura e dos direitos humanos, destacando a propagação de doenças infectocontagiosas como sintoma de violação do direito à saúde das mulheres presas.

O trabalho estabelece relações entre o projeto arquitetônico e questões de salubridade, mas também analisa aspectos do projeto com base em metódos observacionais, considerando, por exemplo, adaptações decorrentes do uso e transgressões espaciais na unidade do Estudo de Caso. Ainda que a autora não discuta propriamente conceitos de ambiência, os pontos tratados na pesquisa tem relevância por discutir propostas de projeto específicas para unidades femininas e por incorporar a apropriação das presas ao espaço no escopo da pesquisa.

Ao mesmo tempo que cada trabalho oferece contribuições valiosas, é notório que a análise da arquitetura desses ambientes e dos conceitos de ambiência ocorre de maneira indireta ou secundária na maioria dos casos. Quando inserimos o recorte de gênero, não foram encontrados trabalhos que compreendam tal interface de maneira plena. Embora existam menções à influência do ambiente construído nas vivências das detentas, a conexão entre o projeto arquitetônico e suas consequências diretas no dia a dia do sistema prisional, especialmente nas unidades femininas, ainda carece de uma investigação mais aprofundada. Portanto, é evidente a necessidade de estudos que integrem de forma mais significativa a arquitetura prisional às discussões sobre ambiência em unidades femininas, contribuindo para uma compreensão mais plena e eficaz dos desafios enfrentados por essa população vulnerável.

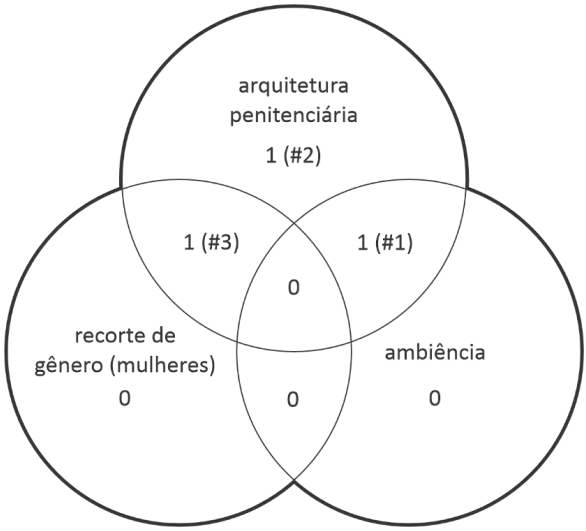


Figura 2 – Esquema dos temas tratados nos resultados filtrados como relevantes.
Desenvolvido pelos autores (2024).

Cabe também questionar a viabilidade em obter relatos das mulheres privadas de liberdade de maneira imparcial e livre de desconfianças por parte das entrevistadas. Com as limitações impostas por questões de segurança, esse tipo de investigação é muito delicada e de difícil execução. A própria apropriação e afeto por parte das usuárias do espaço prisional é algo intransponível, independente de quanto tempo um pesquisador venha a passar dentro da unidade, não terá as mesmas respostas que as presas têm em relação à percepção da ambiência.

Este artigo buscou explorar a ambiência como uma ferramenta analítica para compreender a experiência e o projeto prisional de maneira aprofundada. Como ficou claro com a diferença entre a quantidade de documentos identificados através da busca inicial pelos termos e a quantidade final de estudos relevantes, a ambiência é um termo frequentemente mencionado na literatura, mas raramente explorado em sua complexidade - como algo elusivo e sentido (sensorial e afetivo) e em tensão com desejos arquitetônicos e planos para estabelecimentos prisionais e seus objetivos de reabilitação.

7. BIBLIOGRAFIA

Baratta, Alessandro. (2002). Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da “reintegração social” do sentenciado. Alemanha: Universidade de Saarland.

Bentham, Jeremy. (2008) O Panóptico [et al.]; organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora.

Brasil. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Sistema Integrado de informações penitenciárias (INFOPEN). 2019. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen.> Acesso em julho/2024.

Brasil, Ministério da Justiça. Diretrizes Básicas para a Arquitetura Prisional (2011). Brasília, DF, BRASIL - Ministério da Justiça. Tipos de Estabelecimentos Penais.

Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) (2019). Ministério da Justiça. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN Mulheres. 2. ed. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública.

D'URSO, L. F. (1997). Linhas Mestras para a Construção, Arquitetura e Localização de Estabelecimentos Penais. Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos, p. 183 -210.

Graeff, B. (2014) A pertinência da noção de ambiências urbanas para o tema dos direitos dos idosos: perspectivas brasileiras. Rio de Janeiro - RJ.

Johnston, Norman. (2000) Forms of Constraint: a history of prison architecture. Illinois: University Illinois Press.

Maraganore, Adam. (2017) "Designing for an Unoppressive Prison Architecture" (dissertação de mestrado). Ohio: University of Cincinnati.

PINHEIRO, E. (2010). "Cidades 'ENTRE'. Dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade" (tese de doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ.

Sancovschi, I. e Duarte, C.R. (2017). A Invenção do Lugar Judaico: uma vivência das ambiências nas narrativas de L.B. Singer, Moacyr Scliar e Amos Oz (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ.

Setton, Acácia R. R. (2023). As vozes silenciadas: arquitetura como discurso da (in) segurança humana da mulher presa na COVID19 (dissertação de mestrado). Maceió: Universidade Federal de Alagoas.

Sun, É. W. (2002). Arquitetura Prisional em Contexto: Uma Reflexão sobre as Interações que regem as decisões em um Projeto de Arquitetura de Estabelecimentos Penais. Brasília, DF.

Thibaud, J.P. (2012). A cidade através dos sentidos. Cadernos Proarq, nº 18. Rio de Janeiro. Disponível em https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf

Turner, J., Moran, D., & Jewkes, Y. (2022) 'It's in the air here': Atmosphere(s) of incarceration. Incarceration, 3(3). Disponível em https://doi.org/10.1177/26326632211110788

Viana, L. Q. (2009). A Contribuição da Arquitetura na Concepção de Edificações Penais no Rio de Janeiro (tese de doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ.

R34

URBAN LANDSCAPE: HOW CAN THE CONSTRUCTION OF AN IDENTITY AND BELONGING BE UNDERSTOOD THROUGH THE ENVIRONMENT OF THE "BUTECOS" OF A MINAS GERAIS' CITY?

PAISAGEM URBANA: COMO A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO PODE SER ENTENDIDA ATRAVÉS DA AMBIÊNCIA DOS "BUTECOS" DE UMA CIDADE MINEIRA?

Letícia Santos
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Juiz de Fora
leticia.santos@arquitetura.ufjf.br

Luca Raposo
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Juiz de Fora
luca.raposo@arquitetura.ufjf.br

Moacir Moreira
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Juiz de Fora
moacir.moreira@arquitetura.ufjf.br

Ana Aparecida Barbosa Pereira
Professora Doutora em Arquitetura
e Urbanismo
Universidade Federal de Juiz de Fora
ana.pereira@ufjf.br

ABSTRACT

The current studies of landscapes understand its existence as a polysemy, which can be read as a phenomenological experience, as defended by author Jean Marc-Besse, this study's methodological basis. These experiences, traversed by a sensitive body, instigate the formation of a collective through its habitus, as it happens with the "butecos". These become visible by the "Comida di Buteco" contest, observed in this study through the city of Juiz de Fora and its urban configuration. Such space is constantly affected by "espetacularização", through the attempt of its pacification. The "butecos" and their ambiances configure themselves as resistance movement, seen from their interconnections, which create a constellational web. Therefore, it highlights the intrinsic participation of "butecos" in the construction of an identity in the face of a globalized, market-oriented society.

KEYWORDS: landscape. ambiences. identity. "butecos". Juiz de Fora.

RESUMO

Os recentes estudos da paisagem enquanto polissemia podem ser lidos como uma experiência fenomenológica, como defendido pelo autor Jean Marc-Besse, base metodológica deste estudo. Essas experiências, atravessadas por um corpo sensível, instigam a formação de um coletivo através de seu habitus. Isto acontece com os "butecos", visibilizados pelo concurso "Comida di Buteco", observado neste estudo através da cidade de Juiz de Fora e sua conformação urbana. Tal espaço é constantemente atingido por um cenário de espetacularização, através da tentativa de sua pacificação. Os "butecos" e suas ambiências se configuram nesse cenário como movimentos de resistência, sendo observados a partir de suas interligações, que formam uma teia constelar. Portanto, destaca-se a intrínseca participação dos "butecos" na construção de uma identidade frente a uma sociedade globalizada e mercadológica.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem. ambiências. identidade. "butecos". Juiz de Fora.

1. INTRODUÇÃO

Etimologicamente, a palavra cidade deriva do latim civitas, termo este que se ancora no conceito de cidadania, proveniente de cives e que significa "homem que vive na cidade". Evidencia-se que a criação de tal lexema está intimamente ligada às dinâmicas do corpo no espaço, formando assim um valor unitário de entendimento, por meio da junção do ser humano com o ambiente. Esse caráter relacional do espaço urbano é resgatado ao longo da história da urbanística, conforme afirma Park (1967, p. 25), em que "(...) A cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição".

Tal fusão, citada pelo sociólogo, entre a sociedade e o meio em que ela habita corrobora para a construção organizacional da malha urbana. De acordo com Park (1967), a cidade está enraizada na cultura e na rotina de quem a vive, tornando-a um conceito único que, mediante essas relações de coexistência, produz uma ordem física e moral. Tais esferas organizacionais podem ser entendidas e vistas respectivamente na cidade a partir do desenho urbano, delimitando fronteiras e impondo barreiras, resultando na imposição de uma ordenação citadina. No caso da ordem moral, o sistema de apropriação irá determinar e agrupar, mediante forças sociais estabelecidas, as práticas e usos de uma área, baseando-se na leitura cultural de mundo de um determinado grupo. Em paralelo a Park, a pesquisadora Paola Berenstein Jacques (2007) entende que o corpo em movimento implica na cidade e, concomitantemente, como esse lugar modifica o ser, de modo a realizar uma "corpografia", que pode ser entendida como "[...] uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta." (Berenstein, 2007, p. 96).

Tais marcas provocadas pelo corpo e atravessadas no mesmo promovem o dinamismo na malha urbana, influenciando no seu processo de consolidação espacial, uma vez que a união dessas práticas culturais e tradicionais da sociedade e sua reverberação no meio tendem a gerar movimentos de apropriação. Essas manifestações e ocupações dos espaços urbanos podem se relacionar e agir de acordo com o sistema de classe social, e ainda serem vistas na gênese da formação das cidades. Nesse sentido, Marx e Engels (1846) irão relatar que a cidade surgiu a partir do processo de administração comunitária, a qual é dividida em duas grandes esferas que se baseiam na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. Logo, entende-se que a formação dos núcleos urbanos advém de uma relação mercadológica de interação e estratificação social. Diante disso, os projetos urbanos desenvolvidos até os dias atuais, têm como objetivo a manutenção dessas estruturas de poder, ofuscando certas dinâmicas sociais, sobretudo relacionadas a populações historicamente marginalizadas.

Vale ressaltar que tais dinâmicas sociais apagadas, conforme aponta Hall e Woodward (2017), também são fundamentais para a construção da coletividade destes grupos, uma vez que a identidade e a diferença se relacionam com o processo de classificação social, a partir de uma reivindicação de poder simbólica, atribuindo diferentes valores a determinados grupos. O filósofo Pierre Bourdieu (1983) entenderá que as condições socioeconômicas de um coletivo serão responsáveis por moldar seu estilo de vida - condição de existência - que por sua vez, deriva de um fator comum prático chamado "habitus". Acredita-se que tais espaços comuns e originados tradicionalmente por essas camadas da sociedade civil promovem e preveem um modo de habitar compartilhado, sendo responsáveis por criar pontos na malha urbana de uso e ocupação que desafiam a dinâmica capitalista instaurada na cidade. Tal movimentação pode ser propulsora de espaços de micro-resistência, onde, por meio de manifestações de atividades populares, coletivos podem se

inserir e apropriarem da malha urbana. Tal apropriação, muitas das vezes, gera movimentações de visibilização dessas camadas e impulsiona a manutenção de suas culturas e "habitus". Diante disso, entender o espaço das cidades demanda a compreensão das diversas camadas que as compõem, atreladas às dinâmicas e micro-resistências influenciadas pelo ambiente urbano.

A cidade de Juiz de Fora (MG), objeto do estudo aqui apresentado, surgiu às margens do Caminho Novo, em meados do século XVII (Oliveira, 2023), rota que interligava Minas Gerais e Rio de Janeiro durante o período aurífero do Brasil colonial. Ficou conhecida por "Manchester Mineira" em decorrência de sua considerável prosperidade industrial entre o final do século XIX e início do século XX. Com localização junto ao Caminho Novo, se destacou nos primórdios a partir da agropecuária e abastecimento aos viajantes e região. Avançou em direção ao desenvolvimento industrial, adjunto de um planejamento urbano, que a partir da topografia acidentada dos mares de morros, gerou efeitos consideráveis na forma como a malha urbana da cidade se desenvolveu ao longo dos anos. Foram responsáveis por tal planejamento, o urbanista José Otacílio Saboya e o engenheiro Henrique Fernando Halfeld. Em contrapartida, no cenário econômico atual, a cidade voltou-se à prestação de serviços, turismo estudantil e de negócios.

A expansão e desenvolvimento do centro da cidade, beneficiados por uma topografia mais planificada em comparação às demais regiões da cidade, na região de várzea, ocorreu a partir do surgimento de inúmeros estabelecimentos comerciais - como barbearias e pequenas lojas dispersas ao longo das galerias comerciais e do calçadão da rua Halfeld, como lugar de flâneur da sociedade local, no centro da cidade. Isto favoreceu o aparecimento de estabelecimentos voltados para a socialização e para o lazer, o que permite traçar uma relação com os "butecos". Em paralelo à expansão urbana, novos "butecos" foram criados em bairros não centrais, atendendo aos moradores locais, cultivando o ócio e a sociabilidade. Tais características os afirmam como espaços na malha urbana de identidade e representação cultural, que se mesclam com a topografia e permeiam o tecido urbano da cidade, sendo um agente determinante na construção da paisagem.

Considerando as contribuições do autor Zé Sebadelhe (2015), destaca-se por volta de 1790, no Rio de Janeiro, as primeiras manifestações da ideia de "buteco" como consequência da tentativa de modernização da cidade, aos moldes parisienses tidos como referência, mas sem apresentar o mesmo nível de prestígio e requinte que os "restaurateurs" franceses. Em paralelo, a categoria "botequim", criada para englobar estabelecimentos como mercados, quitandas e "butecos" à época, surgiu carregada de estigmas, sendo considerada, com a vinda da Família Real, como "reles estabelecimentos, de má qualidade, alvo de preconceitos e imensamente condenado durante décadas" (Sebadelhe, 2015, p. 39), principalmente pela elite da sociedade carioca daquele período. Além disso, Sebadelhe (2015) discorre que "esses botequins eram também estalagens, vendas e pequenos armazéns que forneciam secos e molhados, bebidas alcoólicas e comida".

O desprezo dessas classes influenciou para que os "butecos" fossem majoritariamente ocupados por demais classes populares em busca de lazer e conversa, como afirmam Maia e Chao (2018), grupos esses responsáveis por moldar as dinâmicas desse tipo de estabelecimento e corroborando para o desenvolvimento de ambiências, ancoradas na estética, sensações, pratos e bebidas. Tudo isso seguindo uma unidade enquanto estética, configuração social e ocupação do espaço urbano, que provêm da sua origem histórica de apropriação desses espaços pelas esferas sociais populares.

Apesar das oposições enfrentadas e, analisando-os em um contexto além do Rio de Janeiro (RJ), como em Juiz de Fora (MG), os "butecos" resistiram na sua proposta de oferecerem bebidas e refeições a preços acessíveis, enquanto se consolidaram como espaços propícios ao entretenimento, sociabilidade e à prosa cotidiana, contribuindo para a construção de uma identidade local no espaço que ocupam. Eventualmente, ainda passaram a ser bem recebidos não somente num contexto popular e inclusive intelectual, mas em festivais de gastronomia, como é o caso do concurso "Comida di Buteco", que ocorre atualmente em diferentes cidades brasileiras.

O concurso apresentou sua primeira edição em Belo Horizonte, Minas Gerais, no ano de 2000, contando com a participação de 10 "butecos" da cidade. Progressivamente, passou a contar com diferentes municípios em seu circuito, como Juiz de Fora, que integrou o grupo de participantes em 2011. O objetivo do concurso, com um mês de duração, é eleger os melhores petiscos dentre os servidos pelos "butecos" participantes. A proposta do "Comida di Buteco" movimenta diversos moradores locais anualmente ao longo do circuito de cada cidade, dando visibilidade aos estabelecimentos locais que cotidianamente lidam com os estigmas ultrapassados que os acompanham desde a sua formação. Contudo, o concurso, de certa maneira, "gourmetiza" os ambientes, construindo movimentos e fluxos diferentes daquele do cotidiano para os "butecos" envolvidos no período da competição.

2. METODOLOGIA

Este trabalho se propõe a explorar, metodologicamente, uma das "Cinco Portas" da Paisagem, proposta por Jean-Marc Besse em seu livro "O Gosto do Mundo" (2014). Ao entender a paisagem em seu campo polissêmico, composto por diferentes discussões entre áreas do saber, o autor a considera como um "complexo sistêmico articulando os elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva" (Besse, 2014, p. 12). Entender a paisagem na contemporaneidade é partir de uma desconstrução da soberania da visão e de uma realidade territorial objetiva para a compreensão de uma conjuntura a partir da experiência e do ser-estar no mundo. Ela está diretamente ligada à existência individual e coletiva, impulsionada por aportes culturais e semióticos, agregando valor e identidade à manifestação da subjetividade humana.

Ao adotar a quarta porta, intitulada como "A paisagem é uma experiência fenomenológica", busca-se um suporte para a discussão das ambiências de "butecos" mineiros a partir da experiência e coletividade proporcionadas por esses espaços.

Diante dessa associação, a paisagem enquanto fenomenologia é, nesse sentido, o encontro do indivíduo com o mundo complexo circundante, afetado por uma experiência sensível. Para que essa experiência seja possível, se torna necessária a exposição do corpo, uma vez que, este é o agente de encontro do ser com o espaço. Essa exposição ocorre com a abertura de um corpo sensível, sendo esse o corpo "das experiências paisagísticas polissensoriais, que é o centro dos afetos, o centro e receptáculo das espacialidades afetivas." (Besse, 2014, p. 248), resultante do efeito de sensações sinestésicas provocadas pela experimentação com todos os sentidos, a partir de diferentes espacialidades e atmosferas. Dessa forma, ao utilizar de tal metodologia, propõe-se traçar experiências e afetações provocadas aos corpos que se expõem e vão de encontro com as ambiências proporcionadas pelos "butecos" na cidade de Juiz de Fora.

3. O "COMIDA DI BUTECO" E A CIDADE

A edição do concurso "Comida di Buteco" (CdB) de 2024 reuniu 39 estabelecimentos na cidade de Juiz de Fora. Entre esses estabelecimentos, encontram-se tanto aqueles denominados "butecos", quanto "bares". Os organizadores consideram que o "buteco raiz" é aquele em que há uma tradição familiar, logo, veta-se de participar os que pertencem a franquias ou redes, buscando a essência e a raiz desses espaços, como a simplicidade e a comida tradicional (Comida di Buteco, 2024).

Essa tradicionalidade familiar pode ser vista na conformação desses locais na malha urbana, conforme apresentado na Figura 01, em que há uma concentração na região oeste, marcada pela presença de jovens universitários, e na região central, constituída pela coexistência de residências e comércios. A natureza residencial de tais zonas corrobora para o entendimento do "buteco" em seu eixo familiar, uma vez que esses estabelecimentos podem ter surgido a partir de antigas residências que passaram por adaptações em suas garagens ou seus pavimentos térreos, conforme herança da casa colonial portuguesa no Brasil.

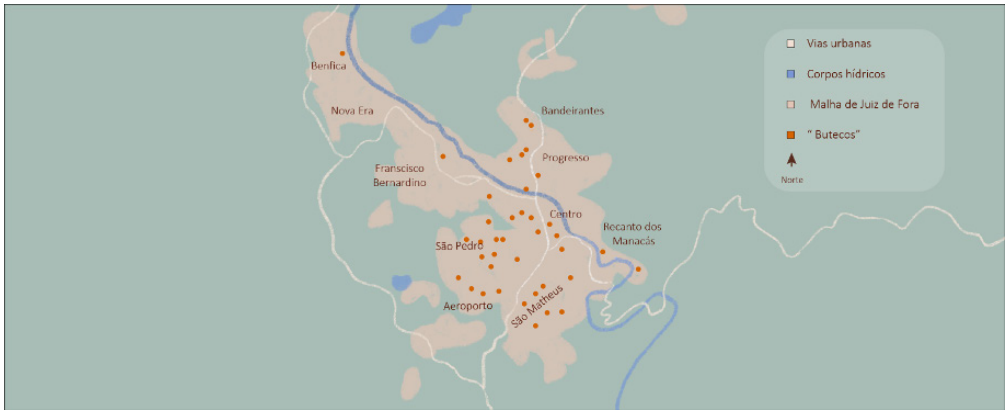


Figura 1 – Mapa dos "butecos" distribuídos na malha de Juiz de Fora. Sem escala.
Fonte: Os autores (2024).

Embora haja a preocupação por parte do CdB (Comida di Buteco) para preservar a tradicionalidade, é possível entender que, atualmente, há um aspecto de "gourmetização" desses espaços, buscando incorporar a linguagem e estética popular vernacular, com o objetivo de promover uma ambiência similar, porém, aumentando os preços e, atraindo outros grupos da sociedade. Entretanto, tais estabelecimentos, que visam uma construção mercadológica, ignoram a presença identitária, cultural e popular intrínseca dos "butecos" tradicionais e que é fundamental para construção de sua ambiência no espaço.

Há uma diversidade entre os participantes no que tange às suas localidades, fluxos e espacialidades. Percebem-se "butecos" com diferentes áreas construídas, que influenciam na forma como se comunicam com as pessoas, promovendo diferentes sensações vinculadas ao "ser-estar" no mundo. De modo que uns, a exemplo dos menores, irão promover maior chance de trocas visuais e interações interpessoais, gerando conexões informais e orgânicas. Enquanto isso, outra parcela, com tendência à "gourmetização", transmite certa formalidade, na medida em que há uma movimentação do corpo mais lenta e menos interativa. Vale ressaltar que, em ambos os tipos, são geradas sensações, experiências e vinculações diferentes, capazes de conectar o meio material com o imaterial, permitindo a apropriação por meio de um corpo sensível. Embora todas sejam válidas, elas promovem diferentes paisagens, uma vez que, de acordo com Besse (2014), a paisagem se constrói a partir do mundo vivido, a qual é ancorada na junção da materialidade, tradicionalidade e na sensibilidade.

3.1 A identidade social refletida na ambiência e na paisagem

O concurso "Comida di Buteco" desempenha importante contribuição através da seleção de seus participantes, promovendo relevantes atravessamentos e visibilizando a identidade social coletiva. Por meio de sua ambiência e paisagem, estimula as pessoas a ocuparem "butecos" tradicionais e movimentar tais espaços, vivenciando novas experiências. Logo, constroem novos significados e relações com o espaço habitado, junto de novas conformações de paisagens e de ambiências que podem ser atravessadas a partir da abertura de um corpo sensível às afetações e sensações sinestésicas do espaço.

Esse caráter relacional do ser com o meio, reverberado no cotidiano por meio dos "butecos" e exemplificado a partir do itinerário proposto pelo concurso, que convida as pessoas a caminhar e interagir com essa cultura, gerando novos vínculos e significados, contribuem para a construção de uma identidade dos seus frequentadores. A identidade social, nesse caso, pode ser entendida como um fenômeno que provém do diálogo do indivíduo com a sociedade, podendo ser lida a partir das vinculações do ser com o meio em que habita, conforme afirma Berger e Luckmann (1976). Desse modo, os coletivos sociais, pertencentes a esse sistema, são formados por agentes que atribuem significações às suas vinculações na sociedade.

De acordo com tal visão, a construção identitária coletiva é um fenômeno social, podendo ser modelado e remodelado com o tempo. Todavia, esse é um processo que irá acontecer a partir de uma estrutura social determinante, a qual corrobora com sua condição de existência. Desse modo, ao analisarmos a ambiência dos "butecos", inclusive os selecionados para o concurso, formada por meio de seus mobiliários, suas músicas - como rodas de samba -, produtos vendidos, a ocupação da calçada e entre outras características, elucidam-se os pontos de vinculação social que geram o sentimento de coletividade e formam a identidade social, a qual é caracterizada pelo seu estilo de vida e é reverberada no espaço, a partir de sua ambiência.

Visando o controle e homogeneização desses corpos e espaços, a estrutura dominante utiliza do sistema global e midiático estimulado pelo mercado como fator gerador de espetacularização, que resulta no "empobrecimento da experiência corporal das cidades enquanto prática ordinária cotidiana" (Jaques, 2010, p. 112). Existe, diante disso, um cenário de uma cidade opaca, que resiste à espetacularização e se mantém "intensa e viva que se insinua nas brechas, margens e desvios da cidade espetacularizada" (Jaques, 2010, p. 109).

Como potencializador de micro-resistência dessa cidade opaca, gerada pela movimentação das classes nesses locais a partir de seus habitus, se dá o movimento de profanação, isto é, a tentativa de restituir tais espaços ao "uso comum dos habitantes, passantes e demais usuários" (Jaques, 2010, p. 110). Desta maneira, tal profanação contribui para a consolidação e a perpetuação dessa ambiência única dos "butecos", dando visibilidade para esses espaços populares.

Esse "movimento profano" do corpo a partir dos itinerários, somado à ambiência dos "butecos" participantes, promove novas leituras existenciais e sensíveis, as quais deslocam o sujeito, colocando-o em movimento. Logo, o indivíduo marca através do seu corpo sua presença no espaço, unindo-se o sensível com o material, formando uma nova leitura de mundo e totalidade que podemos identificar como paisagem, e por consequência, tornando-a um ato empírico e gerando significações, podendo promover vinculações que perpassam o espaço experienciado. Esses corpos, nomeados por De Certeau como praticantes ordinários da cidade, são propulsores de uma força coletiva que "reinventam, subvertem ou profanam" (Jaques, 2010, p. 113) os espaços urbanos.

Os "butecos" se configuram, assim, como espaços que potencializam a sociabilidade e experiências do ser-estar no mundo, resultante desse corpo profano sensível que se coloca no meio. Esse caráter coletivo, identitário e de experimentação resiste e permite a naturalização do ócio, tão temido pela estrutura urbana hegemônica, proporcionando o lazer e a contemplação aos indivíduos. Ao promover a valorização dos "butecos", o concurso "Comida di Buteco" permite a retomada desses valores e formas de viver dos corpos espetacularizados, movimentando-os e deslocando-os pela malha urbana para participarem do percurso proposto pelo concurso, degustando dos pratos participantes.

Essa movimentação na cidade gera vitalidade urbana, ao passo que, somado a isso, muitos "butecos" apropriam do espaço público para se expandirem e se consolidarem, fazendo uso de calçadas, praças e ruas para colocarem mesas e cadeiras, além de proporcionarem diversas manifestações culturais e artísticas, a exemplo das rodas de samba. Tal vitalidade e estímulo gerado pelo CdB, para além de proporcionar a integração de diferentes classes e grupos sociais, dão visibilidade aos "butecos raiz", que passam a ser conhecidos pelos demais habitantes. Isso gera um número maior de frequentadores, que formam filas de espera, em comparação aos não-participantes, que durante o período do concurso, tendem a ficar menos movimentados. Embora o CdB utilize de uma identidade visual que se reverbera em elementos como bandeiras, panfletos e decoração, os "butecos" mantém sua estética familiar, de aconchego e descontração, intrínseca na formação da memória coletiva de seus frequentadores e potencializadora da experiência fenomenológica do ser-estar dos novos usuários desses espaços.

Esse olhar fenomenológico, junto com a criação da subjetividade, propõem uma nova maneira de experienciar o espaço urbano. Segundo Besse (2014) a paisagem imperialista ou clássica é uma forma planejada de pensamento cujo objetivo é naturalizar certas desigualdades sociais. Em contrapartida, a paisagem vernacular é o modo de habitar progressivo, de maneira a inscrever os hábitos no mundo. O uso das ruas e sua ocupação do cenário urbano é característico dos "butecos", sobretudo os tradicionais. Essa ausência de delimitação forte e marcada faz com que a paisagem vernacular desempenhe espaços que flutuam e se constroem sem fronteiras. Ao estudar os "butecos" do ponto de vista fenomenológico e vernacular, enaltecendo as apropriações populares, cria-se a oportunidade de validar os "butecos" como espaços de micro-resistência que compõem uma rede constelar, entrelaçada por seus movimentos corpográficos comuns.

3.2 Comida di Buteco enquanto constelação

O conceito constelar é elaborado pela arquiteta Rita Velloso na obra "Urbano-Constelação" (2022). A pesquisadora analisa a cidade a partir de pontos com essências semelhantes e características distintas que podem se conectar, formando uma espécie de teia constelar. Assim, formam extremos que, quando conectados por linhas imaginárias e analisados de maneira conjunta, delimitam uma forma em que "não há um centro - com o que, tem-se, no centro da constelação sempre está o vazio" (Velloso, 2022, p. 19).

Aplicando o mesmo pensamento, destaca-se como constelações as conexões criadas pelo circuito do CdB, sendo possível analisar os "butecos" como diferentes estrelas conectadas pelas vias de Juiz de Fora (Figura 2). Nesse sentido, ao percorrer o circuito, observa-se com mais clareza os possíveis pontos comuns entre cada estabelecimento participante, originados a partir de múltiplos aspectos particulares de cada "buteco" - como a época de seu surgimento, tradições e, não obstante, suas ambiências - embora existam características particulares. Por outro lado, é

importante destacar que a proximidade física de determinados "butecos" dentro da cidade contribuiu para que apresentassem características semelhantes quanto a tais aspectos. Esses pontos culminam em um caráter comum relativo à ambiência e paisagem, que ancoram a formação de linhas subjetivas e imaginárias que unem os "butecos" similares, formando uma rede constelar baseada nas dinâmicas desses espaços com o meio em que se inserem. Destaca-se o exemplo dos estabelecimentos do centro de Juiz de Fora, que costumam ser ligeiramente mais antigos e tradicionais, uma vez que foi a região que se desenvolveu primeiro, além de possuir um caráter comercial com alto fluxo de pessoas, apresentando uma ocupação mais popular. Em contrapartida, os "butecos" instalados em regiões cujo caráter residencial e que atualmente passam por processo de gentrificação, alinhado à verticalização urbana, tendem a ser mais contemporâneos, culminando em um processo de "gourmetização" dos lugares.

Embora a construção dessas constelações particulares admita certo nível de espontaneidade, deve-se compreender que o meio urbano impõe determinadas condições no que tange à criação desses circuitos subjetivos, uma vez que, enquanto "substantivo incontornável na constituição das práticas e propostas emancipatórias, dele deduz-se um arranjo espacial de configurações inumeráveis - as cidades em seus tantos desenhos" (Velloso, 2022, p. 48). Logo, é possível observar que, em tais concursos, essas redes formadas promovem um caráter unitário entre esses "butecos" que reflete na construção identitária dos indivíduos que os ocupam, de modo a promover distintos itinerários constelares do CdB. Essas rotas que, por sua vez, são subjetivas, promovem no indivíduo o devir, a partir do corpo sensível que caminha tais teias como forma de resistência, profanando o espaço por meio da ocupação do cenário urbano.

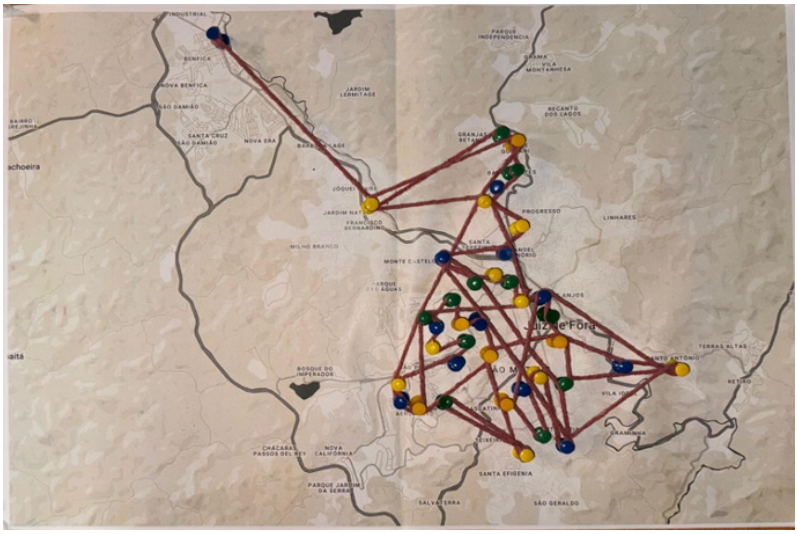


Figura 2 – Teia interligando os "butecos" distribuídos na malha de Juiz de Fora. Sem escala.
Fonte: Os autores (2024).

4. CONCLUSÃO

A cidade, enraizada na ordem física e moral, reflete a cultura e a rotina dos habitantes. Em Juiz de Fora (MG), essa conexão se evidencia no itinerário do CdB, em que o *"habitus"* da classe popular se mescla ao lazer. Historicamente, sua localização ao longo do "Caminho Novo" permitiu o diálogo dos "butecos" com a classe trabalhadora que ocupava tais trajetos, uma dinâmica que persiste até hoje nas principais vias. O apoderamento dessa esfera social corroborou para a ambiência desses espaços e uma leitura fenomenológica, de modo a ver a paisagem como uma experiência entre o indivíduo e o meio, expondo seu corpo a experiência sensorial, diante da profanação desses espaços.

A análise dos "butecos" participantes do CdB em Juiz de Fora, como uma rede constelar, revela a interconexão dos mesmos, cujas características similares são influenciadas, tanto por elementos históricos e culturais, quanto pela proximidade física dentro da cidade. Esse fenômeno culmina na formação de itinerários subjetivos de resistência e expressão individual, profanando o espaço urbano e enriquecendo a vida na cidade. Ao adotar uma perspectiva fenomenológica e vernacular desses espaços e itinerários, é possível reconhecer uma nova maneira de vivenciar e compreender a paisagem urbana, destacando a importância da interação entre o indivíduo e o ambiente na construção de uma paisagem que diverge dos padrões clássicos e globais. Dessa forma, os "butecos" não apenas enriquecem a paisagem, mas também contribuem para a diversidade cultural e a identidade local, celebrando as práticas e os costumes das classes populares e subvertendo o sistema hegemônico.

7. BIBLIOGRAFIA

Besse, JM (2014). Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online), São Paulo, 241-252. *http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/84455*

Besse, JM (2014). O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Bourdieu, P (1983): Pierre Bourdieu: Sociologia. Ática.

Chao, ART e Maia, JLA (2018). Boticas, Butiquinhas, Botecos, Botequins: sociabilidades e comensalidades dos espaços de lazer popular do moderno Rio de Janeiro. Em Logos: Comunicação e Universidade. PPGCOM, 25(1), 9-22. *https://doi.org/10.12957/logos.2018.35908*

Comida di Buteco. (2024). *https://comidadibuteco.com.br*

Engels, F e Marx K (2007). A ideologia alemã. Boitempo.

Hall, S e Woodward, K (2014). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Vozes.

Jacques, PB (2007). Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, Salvador, 93-103. ISSN: 1679-6861.

Jacques, PB (2010). Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. Em Corpocidade: debates, ações e articulações, (pp. 106-119). EDUFBA.

Oliveira, P (2023). História de Juiz de Fora: edição comemorativa pelos 170 anos da Câmara Municipal de Juiz de Fora. Joyce Weber.

Park, RE (1967). A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Em O Fenômeno Urbano. Zahar.

Sebadelhe, Z (2015). Origens. Em Memória afetiva do botequim carioca (pp. 37-56). José Olympio.

Velloso, R (2022). Urbano-Constelação. Cosmópolis.

R34

SENSITIVE TEACHING-LEARNING AMBIANCES: THE IMPACTS OF SENSORY PROCESSING DISORDERS ON THE BEHAVIORS OF AUTISTIC STUDENTS

AMBIÊNCIAS SENSÍVEIS AO ENSINO-APRENDIZAGEM: OS IMPACTOS DOS TRANSTORNOS DE PROCESSAMENTO SENSORIAL NOS COMPORTAMENTOS DOS EDUCANDOS AUTISTAS

Juliana Christiny Mello da Silva
Doutoranda em arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
juliana.mello@fau.ufrj.br

Sylvia Meimaridou Rola
Doutora em arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
sylviarola@fau.ufrj.br

Paula de Castro Brasil
Doutora em arquitetura
Universidade do Estado do Rio de Janeiro e
Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro
paulabrasill@gmail.com

ABSTRACT

This study investigates the relationships between Sensory Processing Disorders (SPD) of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) and school ambiances. The objective is to verify how TPS impact autistic people in the process of appropriation and recognition of the multisensory reality of teaching-learning ambiances. The analyzes are justified by the growing number of autism diagnoses in children, both in Brazil and around the world. Using the correlational method, the connections between TPS, the behaviors of autistic people and pedagogical ambiances are investigated. The application of the qualitative method, based on "grounded theory", allows the analyzes to be contextualized and justified. Thus, it appears that educational ambiances sensitive to autistic people must integrate multisensory sensations, respecting their sensory particularities, in addition to the cultural and social aspects that permeate the school context.

KEYWORDS: school ambiances. neurodevelopment. autism spectrum disorder (ASD). sensory processing disorders (SPD)

RESUMO

Este estudo investiga as relações entre os Transtornos de Processamento Sensorial (TPS) de educandos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e as ambiências escolares. O objetivo é verificar como os TPS impactam os autistas no processo de apropriação e reconhecimento da realidade multissensorial das ambiências de ensino-aprendizagem. As análises se justificam pelo crescente número de diagnósticos de autismo em crianças, tanto no Brasil quanto no mundo. Utilizando o método correlacional, são investigadas as articulações entre os TPS, os comportamentos dos autistas e as ambiências pedagógicas. A aplicação do método qualitativo, a partir da "teoria fundamentada", permite contextualizar e justificar as análises. Assim, verifica-se que ambiências educacionais sensíveis aos autistas devem integrar as sensações multissensoriais, respeitando suas particularidades sensoriais, além dos aspectos culturais e sociais que permeiam o contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências escolares. neurodesenvolvimento. transtorno do espectro do autismo (TEA). transtornos de processamento sensorial (TPS)

1. INTRODUÇÃO

As ambiências escolares são as atmosferas que articulam o contexto cultural, social, econômico, pedagógico e subjetivo que engloba o processo de formação educacional de um indivíduo. A escola é um espaço físico que provoca e sustenta ambiências distintas e múltiplas, representando o entrelaçamento do ambiente físico, suas funções e usos, e os diferentes aspectos sensoriais.

Isto porque a palavra usada em inglês para traduzir ambiência, "*atmosphere*", tem, de fato, um componente de "atmosfera" social, material e moral (Augoyard, 2004). Destaca-se que as ambiências retratam o espaço arquitetonicamente organizado e animado, sendo composto por um meio físico, estético e psicológico. No espaço, as pessoas realizam suas atividades, desenvolvendo um processo de interpretação dele (Duarte & Pinheiro, 2013).

A ambiência trata da experiência, percepção e ação centradas em determinados contextos, sendo que a percepção não pode ser analisada separadamente dos contextos em que ela acontece (Thibaud, 2004). "É necessariamente apreendida no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas que a tornam possível" (Thibaud, 2004, p. 349).

Segundo Le Breton (2016), o contexto cultural, social e histórico influencia as percepções sensoriais do indivíduo e cada significação pode vir impregnada de subjetividades. O corpo humano não é uma matéria passiva, mas uma inteligência do mundo, uma teoria viva aplicada ao seu meio ambiente. O autor menciona ainda que, "Assim como a língua, o corpo é um provedor constante de significações" (Le Breton, 2016, p. 29).

De acordo com Duarte (2013, p. 1), "Uma vez que a dimensão sensível é inerente à ambiência, torna-se impossível estudá-la sem considerar a presença do corpo: é o corpo que sente; sem ele não há percepção nem tampouco movimento a ser considerado".

Destaca-se que os processos de apropriação do local são decorrentes do reconhecimento sensorial das ambiências. Neste contexto, o corpo se porta como o aparelho sensível que percebe o local, quando o corpo emerge na ambiência e quando a ambiência adentra ao corpo.

"Uma ambiência nasce do encontro entre as características físicas do espaço, minha corporeidade com sua habilidade de sentir, mover-se e transformar-se em uma experiência afetiva" (Augoyard, 2008, p. 59). Segundo Amphoux et al. (2004), a ambiência possibilita a transformação da dimensão sensível para a dimensão cognitiva.

O conceito de "Acessibilidade Emocional" refere-se à capacidade de um lugar em acolher, gerar empatia e afeto nas pessoas, enfatizando que o planejamento da acessibilidade ao espaço construído deve considerar, além das medidas de acessibilidade, os aspectos emocionais e afetivos das ambiências (Duarte & Cohen, 2012).

Ao habitar uma instituição de ensino, as pessoas se apropriam do espaço, criando uma relação de identificação e atribuindo significado a ele, transformando-o em lugar. Para aqueles com alguma forma de limitação ou deficiência, as ambiências podem tanto limitar quanto estimular seu desenvolvimento social e acadêmico.

Há uma clara relação entre as características do ambiente construído, as restrições espaciais e as deficiências humanas. A presença de uma deficiência implica em níveis de limitações para a realização de atividades. Essas restrições representam as dificuldades originadas da interação entre as características e necessidades dos indivíduos com os aspectos do meio ambiente onde realizam suas atividades (Dischinger et al., 2012).

Assim, nesta pesquisa, investigam-se as relações entre as ambiências pedagógicas, os educandos autistas e seus Transtornos de Processamento Sensorial (TPS), destacando que essas relações podem ser mais sensíveis e instáveis.

O presente trabalho é relevante e se justifica, pois segundo o relatório do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), publicado em março de 2023 com dados de 2020, uma em cada 36 crianças, nos Estados Unidos, é diagnosticada com o TEA. O autismo ocorre em todos os grupos raciais, étnicos e socioeconômicos e é 4,3% vezes mais comum entre os meninos do que entre as meninas (Maenner, 2023). Ao transpor essa prevalência, de 2,8% da população dos EUA, para o Brasil, em 2023, o país teria cerca de 5,95 milhões de autistas. Porém, ainda não existem números de prevalência oficiais de autismo no Brasil (Paiva Jr., 2023).

Neste sentido, o objetivo deste estudo é analisar como os Transtornos de Processamento Sensorial (TPS) influenciam os autistas no processo de apropriação e reconhecimento da

A partir da metodologia correlacional, realizou-se uma revisão bibliográfica sistemática para identificar as interligações entre os temas-chave da pesquisa: ambiência, arquitetura escolar, autismo e TPS. Destaca-se que estudos correlacionais, por definição, buscam descrever a relação entre as variáveis-chave (Groat & Wang, 2013). Com o método qualitativo, aplicado por meio da "teoria fundamentada", foi possível utilizar as informações coletadas para contextualizar e justificar as análises desenvolvidas.

Deste modo, observa-se que ao melhorar a qualidade das ambiências de ensino-aprendizagem e do ensino ministrado aos estudantes com TEA, é possível contribuir para o bem-estar e para a progressão acadêmica dos educandos com autismo no Brasil e no mundo.

2. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS E INTERAÇÃO SENSORIAL

Para que o edifício escolar atenda adequadamente os educandos com TEA, é preciso compreender o autismo, que é um grupo de transtornos caracterizado por uma ampla gama de severidade e prejuízos qualitativos na interação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos, representando um problema de saúde pública. O autismo apresenta grande diversidade na configuração e severidade dos sintomas comportamentais. Segundo a APA (2014), os níveis de gravidade do autismo são definidos pelo nível de apoio necessário: nível 3 (“Exigindo apoio muito substancial”), nível 2 (“Exigindo apoio substancial”) e nível 1 (“Exigindo apoio”).

O autismo é caracterizado por: incapacidade de estabelecer relações com outras pessoas, atrasos e alterações na aquisição da linguagem, desejo obsessivo de imutabilidade no ambiente e tendência a atividades repetitivas. Algumas singularidades do autismo em relação a outros distúrbios psiquiátricos são: atitude distante em relação aos outros, preocupação com a rotina, problemas na linguagem e atrasos na aquisição, hipersensibilidade aos estímulos sensoriais, relação obsessiva com objetos, boa memória mecânica, expressão inteligente e ausente, bom potencial cognitivo e desenvolvimento físico normal (Kanner, 1943).

Assim, é importante conhecer como o autista percebe e se apropria das ambiências escolares e como os estímulos sensoriais provocam respostas corporais em forma de comportamento.

Segundo Weber (1995), a “ordem perceptiva é uma consequência de processos fisiológicos que estão baseados em princípios biológicos natos”. Para o autor, o conceito de percepção baseia-se na relação entre o ser humano e o espaço construído, pois envolve os sentidos da audição, visão, paladar, tato e olfato.

De acordo com Gibson (1966), a percepção resulta da assimilação dos estímulos sensoriais percebidos quando o observador se move pelo ambiente. Reis e Lay (2006) destacam que a percepção é uma experimentação profundamente sensorial e uma experiência formada pelos conhecimentos e opiniões do usuário sobre o ambiente.

A pessoa autista percebe, interpreta e pensa de maneira diferente das pessoas neurotípicas (Bogdashina, 2011). O autista tem dificuldades para selecionar e compreender as informações mais importantes e as secundárias, resultando em uma sobrecarga sensorial, pois as informações chegam ao mesmo tempo, de forma

detalhada e sem filtro. Essa sobrecarga pode causar estresse, confusão, frustração e ansiedade (Bogdashina, 2005). Segundo Schwartzman (2011), o autista possui inabilidade de integrar diversas sensações ao mesmo tempo, o que causa erros na percepção sensorial e torna sua interação com o ambiente mais difícil.

Deste modo, é necessário criar ambiências que ofereçam às crianças autistas a oportunidade de estimular e equilibrar seus sistemas sensoriais. De acordo com Tuan (1983), o ambiente construído como linguagem tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade, aguçar e ampliar a consciência. Sem arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes. A forma construída pode aumentar a consciência do sentido de interior e exterior, intimidade e exposição, vida privada e espaço público.

3. OS SENTIDOS E AS PERCEPÇÕES DAS AMBIÊNCIAS ESCOLARES A PARTIR DO AUTISTA

As atmosferas escolares são múltiplas e exercem uma série de influências sobre seus usuários, que se manifestam através do comportamento, emoções, percepções e julgamentos que o indivíduo faz sobre o espaço que o envolve.

Segundo Ayres (1972), "o nosso mundo é sensorial e uma das demandas mais básicas de nossa existência é interpretar e responder a estímulos sensoriais". Alterações sensoriais em autistas causam comportamentos estereotipados, sendo assim reconhecidos pelo DSM-5 como um dos critérios diagnósticos do TEA (APA, 2014).

A Integração Sensorial (IS) é o processo neurológico que organiza informações sensoriais do corpo e do ambiente externo, permitindo a exploração adequada do corpo no ambiente. Esse mecanismo transforma sensações em percepções e explica problemas leves e moderados na aprendizagem e no comportamento. Os neurônios são responsáveis pela compreensão do corpo, do ambiente e pelo direcionamento das ações e pensamentos. As informações sensoriais são conduzidas através de receptores proximais que captam sensações táteis, proprioceptivas, vestibulares, auditivas, visuais, gustativas e olfativas. Essas sensações são transformadas em impulsos e direcionadas para o córtex sensorial (Ayres, 1972).

No córtex sensorial, as sensações transformadas em impulsos são interpretadas e conduzidas ao córtex motor. Ao receber a interpretação do impulso, o córtex motor gera uma resposta motora. Para que a percepção e a resposta ao estímulo sejam adequadas, é necessário que o impulso siga o percurso correto (Ayres, 1972; Momo & Silvestre, 2011).

Ayres (1972) trata dos déficits da Integração Sensorial (IS) como a inabilidade do sistema nervoso central em modular, discriminar, organizar e coordenar sensações adequadamente. Esse estudo foi aprimorado por Miller et al. (2007), que propuseram

o termo Transtornos do Processamento Sensorial (TPS), enfatizando o desempenho ocupacional do sujeito em detrimento dos mecanismos neurobiológicos (Momo & Silvestre, 2011).

Miller (2006) subdivide os transtornos de processamento sensorial em três grandes grupos: transtornos de modulação sensorial (TMS), transtornos motores de base sensorial (TMBS) e transtornos de discriminação sensorial (TDS).

Os transtornos de processamento sensorial acometem mais de 40% das pessoas diagnosticadas com TEA (Ben-Sasson et al., 2009; Schaaf et al., 2014; Schaaf & Lane, 2014), demonstrando a necessidade de se aprofundar no estudo dos TPS para analisar como os autistas percebem e processam as informações das ambiências escolares.

3.1 Transtornos de Modulação Sensorial (TMS):

Pesquisas descrevem que os Transtornos de Modulação Sensorial são caracterizados pela dificuldade que o sistema nervoso central possui em regular a intensidade, a duração e a frequência das respostas aos estímulos sensoriais de maneira gradual e adaptada ao ambiente. Os TMS são subdivididos em três subtipos: hiper-resposta, hiporresposta e procura sensorial (Miller et al., 2007; Caminha, 2008; Magalhães, 2008; Momo & Silvestre, 2011).

Observa-se que as pessoas hiper-responsivas apresentam baixo limiar aos estímulos sensoriais. Elas tendem a se orientar ou responder aos estímulos de forma mais intensa, automática e exagerada, relacionando um ou mais sistemas sensoriais. Consequentemente, esses indivíduos expressam comportamentos defensivos de recusa, ansiedade e nervosismo frente a certas texturas, sabores, odores, ruídos, movimentos e estímulos visuais (Magalhães, 2008; Caminha & Lampreia, 2012; Schaaf & Lane, 2014).

A hiporresposta se caracteriza pela minoração e/ou lentidão das respostas a estímulos, com alto limiar sensorial (Caminha & Lampreia, 2012). Indivíduos hiporresponsivos são insensíveis à dor, movimentos, sons, odores, sabores ou estímulos visuais, com uma consciência sensorial limitada e falta de comportamentos exploratórios. Esses sintomas se manifestam a partir de comportamentos apáticos, lentos, isolados, passivos e com pouco engajamento para iniciar e manter as relações sociais (Momo & Silvestre, 2011). Crianças com essas características frequentemente brincam sozinhas ou evitam brincar (Miller et al., 2007).

De acordo com Souza e Nunes (2019), pessoas com autismo possuem um processamento sensorial atípico, refletido em um paradoxo sensório-perceptual. Em certos momentos, exibem hipossensibilidade e hiporresponsitividade, não respondendo adequadamente aos estímulos sensoriais. Em outros momentos, apresentam respostas exageradamente intensas, indicando hipersensibilidade e hiperresponsitividade.

As alterações sensório-perceptuais afetam até 90% dos autistas, com prevalência de hipersensibilidade auditiva, visual e tátil, além de hipossensibilidade à dor. Um estudo nacional identificou que 23,9% dos sujeitos autistas apresentam hipersensibilidade auditiva e tátil, enquanto 41,3% têm hipossensibilidade à dor (Gomes et al., 2008).

A procura sensorial é a busca por estímulos intensos, de longa duração e frequência (Momo & Silvestre, 2011). Indivíduos com esse perfil são excessivamente ativos em termos motores e buscam constantemente estímulos fortes, o que os leva a se envolverem em brincadeiras dinâmicas com quedas, colisões, sons altos e movimentos rápidos. Socialmente, são rotulados como impulsivos, intrusivos ou fisicamente brutos (Caminha, 2008; Magalhães, 2008).

Comportamentos hiper-responsivos, padrões de condutas repetitivas, comportamentos de busca sensorial e condutas ritualísticas afetam de 56% a 79% das pessoas com TEA (Ben-Sasson et al., 2013).

Desse modo, nota-se que as características aparentemente contraditórias entre a hipo e a hipersensibilidade, e entre a hipo e hiperresponsitividade, são marcantes e fazem parte das características das pessoas com TEA. Tais evidências destacam a necessidade de repensar o ambiente construído, uma vez que este pode afetar positiva ou negativamente os comportamentos dos indivíduos com autismo, influenciando diretamente nas experiências extraídas nas atmosferas escolares.

3.2 Transtornos Motores de Base Sensorial (TMBS):

Os Transtornos Motores de Base Sensorial (TMBS) referem-se às dificuldades que uma pessoa tem em usar efetivamente o próprio corpo no ambiente construído. Os TMBS são subdivididos em dois subtipos: transtorno postural e dispraxia (Souza & Nunes, 2019).

Segundo Ayres (1972) e Magalhães (2008), o transtorno postural se caracteriza pela dificuldade da pessoa em manter o alinhamento postural, devido a um tônus postural baixo e reações deficientes de equilíbrio e postura. Por outro lado, a dispraxia é causada por falhas no processamento sensorial e envolve déficits no planejamento e na execução de novos movimentos ou sequências de ações motoras. Conforme Caminha (2008), esses transtornos podem afetar o desempenho motor, levando a uma coordenação motora pobre e descoordenada, impactando tanto na coordenação motora grossa quanto na fina, assim como na coordenação oral.

Assim, a partir das características dos autistas, de suas relações e interpretações do ambiente construído, verifica-se como a arquitetura pode contribuir para tornar as ambiências pedagógicas mais adequadas ao ensino-aprendizagem e para melhorar o desenvolvimento dos educandos com TEA.

3.3 Transtornos de Discriminação Sensorial (TDS):

Os Transtornos de Discriminação Sensorial (TDS) envolvem déficits na percepção e interpretação da qualidade de estímulos de várias naturezas sensoriais, como auditiva, visual, tátil, olfativa e gustativa (Caminha, 2008).

A seguir, destacam-se as características dos autistas relacionadas diretamente com os TDS. Os dados estão organizados por cada um dos seguintes sentidos:

[A] Audição: Tomchek e Dunn (2007) verificaram que 50,9% dos autistas respondem negativamente a ruídos altos inesperados, e 58% se distraem ou apresentam problemas em ambientes ruidosos. Segundo Kern et al. (2001) autistas frequentemente possuem defensividade auditiva, manifestando desconforto ou resposta dolorosa a ruídos esternos.

[B] Visão: Segundo Tomchek, Little e Dunn (2015), autistas são incomodados por luzes brilhantes e cobrem ou apertam os olhos para protege-los da luz. A APA (2014) aponta uma fascinação visual por luzes ou movimento. Pietra (2018) descreve que autistas geralmente possuem menos discriminação cromática e tons pastéis são preferíveis para evitar sobrecarga visual. Neurosaber (2018) destaca que cores como laranja e amarelo promovem sociabilidade e bom humor, enquanto o azul acalma e facilita a comunicação. Cores com tons escuros devem ser evitadas, pois podem sobrecarregar.

[C] Tato: De acordo com a APA (2014), autistas possui reação contrária às texturas específicas. Tomchek, Little e Dunn (2015) observam reações emocionais ou agressivas ao toque, dificuldade em ficar na fila, e aversão a andar descalço. Conforme Caminha (2008) as dificuldades táteis do autista interferem no reconhecimento de objetos pelo toque.

[D] Olfato: A percepção olfativa varia entre os autistas, sendo alguns hipo ou hipersensíveis. Eles podem ter dificuldade em detectar e identificar odores (Dudova et al., 2011). Segundo Tomchek e Dunn (2007) 45,9% dos autistas evitam certos cheiros de comida.

[E] Paladar: Tomchek e Dunn (2007) relatam que 45,9% dos autistas evitam certos gostos, 52,7% só comem alimentos com certos sabores, e 45,6% limitam-se a texturas/temperaturas específicas.

Desse modo, é possível observar como os transtornos de processamento sensorial podem interferir no processo de percepção dos estímulos multissensoriais das ambiências educacionais, impactando, por consequência, os comportamentos dos educandos autistas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade das ambiências escolares reside nos diversos contextos e fatores que caracterizam as atmosferas de ensino-aprendizagem. Além da linguagem arquitetônica dos ambientes construídos e da metodologia pedagógica adotada, torna-se indispensável analisar os aspectos sensoriais, psicológicos e as características de seus usuários. Este estudo analisou o educando com Transtorno do Espectro do Autismo e sua interação com as ambiências.

Ao observar as particularidades do processamento sensorial dos autistas, torna-se possível verificar como esse processamento impacta o processo de percepção e apropriação dos estímulos multissensoriais das ambiências escolares. As atmosferas, a partir de suas características sensoriais, podem tanto contribuir para o equilíbrio sensorial quanto causar sobrecargas sensoriais, comprometendo a progressão acadêmica dos educandos com TEA.

Isto aponta para a necessidade de pensar e projetar os ambientes escolares com base não somente na setorização funcional, mas principalmente na setorização sensorial. É essencial destacar quais ambientes precisam ser mais controlados, como sala de aula e biblioteca, e quais devem ser mais estimulantes, como sala multissensorial e ambiente de brincar livre.

A partir desta perspectiva, as ambiências dos locais de estudo mencionados são percebidas pelos autistas sem gerar desconforto, insegurança e dor, permitindo o desenvolvimento do processo de identificação e apropriação do espaço de maneira mais confortável. Com base na acessibilidade emocional, essas ambiências tornam-se sensíveis aos estudantes com TEA, contribuindo para as práticas de ensino-aprendizagem, as relações interpessoais, e o desenvolvimento pessoal, sensorial e acadêmico dos autistas.

Torna-se evidente, portanto, que cada indivíduo diagnosticado com TEA possui necessidades particulares de acordo com os níveis de severidade de seu diagnóstico, e que os transtornos de processamento sensorial interferem diretamente na maneira como os autistas percebem, processam e absorvem as informações das ambiências pedagógicas. Assim, a partir das informações levantadas, verifica-se a importância de considerar no projeto dos ambientes educacionais destinados aos autistas, além do contexto cultural, social, econômico e pedagógico, também as características e necessidades sensoriais e cognitivas dos educandos com TEA, constituindo ambiências sensíveis a eles.

5. AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo auxílio financeiro por meio do Programa Bolsa Nota 10 de Mestrado. Em 2024, tem sua continuação com o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através de uma bolsa de doutorado.

6. BIBLIOGRAFIA

Amphoux, P.; Thibaud, J.; Chelkoff, G (2004). Ambiances em Débats. Bernin: Editions A la Croisée.

APA: American Psychiatric Association (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al.]. - . e. Porto Alegre: Artmed.

Augoyard J.F. (2008). La construction des atmosphères quotidiennes: l'ordinaire de la culture, Culture et Recherche. n° 114-115, p. 58-60

Augoyard, J.F. (2004). *Vers une esthétique des Ambiance.* In: Amphoux, Pascal; Thibaud, Jean-Paul et Chelkoff, Grégoire. Ambiances en Débat. Bernin: À La Croisée.

Ayres, A. J. (1972). Sensory integration and learning disorders. Los Angeles: Western Psychological Services.

Ben-Sasson, A., Soto, T. W., Martínez-Pedraza, F., e Carter, A. S. (2013). Early sensory over-responsivity in toddlers with autism spectrum disorders as a predictor of family impairment and parenting stress. Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines, 54(8), 846–853. *https://doi.org/10.1111/jcpp.12035*

Ben-Sasson, A., Carter, A. S., Briggs-Gowan, M. (2009). Sensory over-responsivity in elementary school: prevalence and social-emotional correlates. J Abnorm Child Psychol, v.37, n.5, p.705-716.

Bogdashina, Olga. (2005). Communication issues in autism and Asperger syndrome. Do we speak the same language? London: Jessica Kingsley Publishers.

Bogdashina, Olga. (2011). Autism and the edges of the known world: Sensitivities, language and constructed reality. Jessica Kingsley Publishers.

Caminha, R. C. (2008). Autismo: um transtorno de natureza sensorial? 2008. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Caminha, R. C., Lampreia, C. (2012). Findings on sensory deficits in autism: Implications for understanding the disorder. Psychology & Neuroscience, v.5, n. 2, p. 231-237.

Dischinger, M., Ely, V. H. M. B., Piardi, S. M. D. G. (2012). Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos: Programa de Acessibilidade às Pessoas com Deficiência ou Mobilidade Reduzida nas Edificações de uso Público. Florianópolis: MPSC.

Duarte, C.R. (2013). "Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço" – texto traduzido Duarte, C.R. a partir do original: "Ambiance: pour une approche sensible de l"espace" in: Thibaud, J.P. e Duarte, C.R. (orgs). Ambiances urbaines en partage: pour une écologie sociale de la ville sensible. Genebra: Métis Presses. pp-21-30. Disponível em: <*https://www.academia.edu/13034426/Ambi%C3%AAncias_Compartilhadas*>. Acesso em: 30.05.2024.

Duarte, C.R. e Pinheiro, E. (2013). Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In: anais do 6º.PROJETAR. O Projeto como Instrumento para a Materialização da Arquitetura: ensino, pesquisa e prática – Salvador, disponível em: *https://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2022-08-07/73933b2c49ec5f89164689c81ad3d298.pdf*

Duarte, C. R. S. e Cohen, R. (2012). Acessibilidade e Desenho Universal: Fundamentação e revisão bibliográfica. Relatório técnico do Núcleo Pró-acesso, Rio de Janeiro, UFRJ.

Dudova, I., Vodicka, J., Havlovicova, M., Sedlacek, Z., Urbanek, T., Hrdlicka, M. (2011). Odor detection threshold, but not odor identification, is impaired in children with autism. Eur. Child Adol. Psychiatry 20 (7), 333–340.

Gibson, J. J. (1966). The senses considered as perceptual systems. Boston: Houghton Miffin.

Gomes, E., Pedroso, F. S., Wagner, M. B. (2008). Hipersensibilidade auditiva no transtorno do espectro autístico. Pró-fono: revista de atualização científica. Barueri. Vol. 20, n. 4 (out./dez. 2008), p. 279-284.

Groat, L., e Wanq, D. (2013). Architectural Research Methods. Second Edition. New Jersey: Wiley.

Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. Nervous Child, New York. Disponível em: <*https://www.scirp.org/(S(351jmbntvnsjt1aadkposzje))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1763720*>. Acesso em 12 mar. 2019.

Kern, J.K., Miller, V. S., Cauller, L. J., Kendall, R., Mehta, J. e Dodd, M. (2001). The Effectiveness of N, N-Dimethylglycine in Autism/PDD', Journal of Child Neurology 16 (3): 169–73.

Le Breton, D. (2016). Antropologia dos sentidos. Petrópolis, RJ: Vozes.

Maenner M. J., et al. (2023). Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020. MMWR Surveill Summ 2023;72(No. SS-2):1–14. DOI: *http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1*

Magalhães, L. C. (2008). Integração sensorial: uma abordagem específica da Terapia Ocupacional. In: Drummond, A. F.; Rezende, M. B. Intervenções da terapia ocupacional. Belo Horizonte: UFMG. p. 44-69.

Miller, L. J. et al. (2007). Concept evolution in sensory integration: a proposed nosology for diagnosis. American Journal Occupational Therapy, v. 61, p. 135-140.

Miller, L. J. (2006). Sensational Kids - Help and hope for children with sensory processing disorders (SPD). New York, NY: G. P. Putnam's Sons.

Momo, A. & Silvestre, C. (2011). Integração sensorial nos transtornos do espectro do autismo. In: SCHWARTZMAN, J.; ARAÚJO, C. A. Transtornos do espectro do autismo. São Paulo: Memnon. p. 297-313.

Neurosaber, I. (2018). Classificação de cores no Autismo. Disponível em: < https://institutoneurosaber.com.br/classificacao-de-cores-no-autismo/#:~:text=%E2%80%93%20Laranja%20e%20amarelo%3A%20esses%20tons,las%20mais%20calmas%20e%20equilibradas.>. Acesso em: 19/05/2024.

Paiva JR, F. (2023). Prevalência de autismo: 1 em 36 é o novo número do CDC nos EUA. Canal Autismo. Disponível em:< https://www.canalautismo.com.br/noticia/prevalencia-de-autismo-1-em-36-e-o-novo-numero-do-cdc-nos-eua/>. Acesso em: 14/05/2024.

Pietra, R. S. (2018). A influência das cores e materiais para as crianças autistas, no âmbito escolar. Revista Especialize On-line IPOG - Goiânia - Ano 9, Edição n.º 16 Vol. 01 Dezembro/2018. ISSN 2179-5568.

Reis, A. T. L., Lay, M. C. D. (2006). Avaliação da Qualidade de Projetos: uma abordagem perceptiva e cognitiva. Ambiente construído: revista da Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Porto Alegre. Vol. 6, n. 3 (jul./set. 2006), p. 21-34.

Schaaf, R. C. et al. (2014). An intervention for sensory difficulties in children with autism: A randomized trial. J Autism Dev Disord, v. 44, n. 7, p. 1493-1506.

Schaaf, R. C. e Lane, A. E. (2014). Toward a best-practice for assessment of sensory feature in ASD. J Autism Dev Disord, v.45, n. 5, p. 1380-1395.

Schwartzman, M. (2011). See yourself sensing. Redefining human perception. London: Black dog publishing.

Souza, R. F., Nunes, D. R. P. (2019). Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. Revista Educação Especial | v. 32 | – Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em: 25/05/2024.

Thibaud, J.P. (2004). O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas. In: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.). Psicologia e Ambiente. São Paulo: Educ.

Tomchek, S. D. e Dunn, W. (2007). Sensory Processing in Children With and Without Autism: A Comparative Study Using the Short Sensory Profile. The American Journal Of Occupational Therapy. [S. L.], p. 190-200. 1 mar. Disponível em: <*https://ajot.aota.org/article.aspx?articleid=1866937*>. Acesso em: 19/05/2024.

Tomchek, S. D., Little, L. M., Dunn, W. (2015). Sensory Pattern Contributions to Developmental Performance in Children With Autism Spectrum Disorder. The American Journal Of Occupational Therapy:. [S. L.], p. 1-10. 4 set. Disponível em: <*https://ajot.aota.org/article.aspx?articleid=2436692*>. Acesso em: 19/05/2024.

Tuan, Yi-Fu. Espaço e Lugar: A Perspectiva de Experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Weber, R. (1995). On the Aesthetics of Architecture. A Psychological Approach to the Structure and the Order of Perceived Architectural Space and forms.

R34

THE RIVERSIDE IDENTITY AND BELONGING TO THE PLACE IN THE FACE OF CHANGES IN THE SPACE OF THE VILA DA BARCA COMMUNITY IN BELÉM DO PARÁ

A IDENTIDADE RIBEIRINHA E O PERTENCIMENTO AO LUGAR FRENTE ÀS MUDANÇAS NO ESPAÇO DA COMUNIDADE DE VILA DA BARCA EM BELÉM DO PARÁ

Fernanda Leticia Santos de Sousa
Arq. & Urb., mestranda
Universidade Federal do Pará, PPGAU
nandasousa.arq@gmail.com

Luiz de Jesus Dias da Silva
Arq. & Urb., Professor, Doutor
Universidade Federal do Pará, PPGAU
ljesusds@gmail.com

Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
Arq. & Urb., mestranda
Universidade Federal do Pará, PPGAU
cintia.silva@itec.ufpa.br

Leticia Martel Kuwahara
Arq. & Urb., mestranda
Universidade Federal do Pará, PPGAU
leticiakuwahara25@hotmail.com

ABSTRACT

This research addresses the resistance of the riverside identity in the Vila da Barca community, in Belém do Pará, and the sovereignty of the riverside place, reflected in the sense of community and belonging to the spatiality of the stilt houses, in the face of urban pressures from the urban and housing project underway since 2004. The objective of this study is to examine, through ethnographic techniques based on residents' speeches and direct observation, how the riverside environment manifests itself, not only in its material aspects, but through intersubjective relationships and the formation of community identity, which reveal the resistance of the place in the face of change. The perceptual experience in space, made possible by phenomenology, understands how the riverside place reveals itself to the senses and expresses the ambience and identity of resistance amidst the transformations and the insertion of the new spatiality, represented by the townhouses of the housing project, adjacent to the stilt houses.

KEYWORDS: Identity. Riverside place. Space. Ambience.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a resistência da identidade ribeirinha na comunidade Vila da Barca, em Belém do Pará, e a soberania do lugar ribeirinho, refletida no senso de comunidade e pertencimento à espacialidade das palafitas, diante das pressões urbanas do projeto urbanístico e habitacional em curso desde 2004. O objetivo deste estudo é examinar, por meio de técnicas etnográficas fundamentadas nos discursos dos moradores e na observação direta, como se manifesta a ambiência ribeirinha, não apenas em seus aspectos materiais, mas por meio das relações intersubjetivas e formação da identidade comunitária, as quais revelam a resistência do lugar diante das mudanças. A experiência perceptiva no espaço, possibilitada pela fenomenologia, compreende como o lugar ribeirinho se revela aos sentidos e expressa a ambiência e a identidade de resistência em meio às transformações e à inserção da nova espacialidade, representada pelos sobrados do projeto habitacional em execução, contíguos às palafitas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Lugar ribeirinho. Espaço. Ambiência.

1. INTRODUÇÃO

A lógica da modernidade, expressa por processos universalizantes, faz da arquitetura um importante palco da globalização e homogeneização de práticas construtivas, com a absorção de padrões espaciais aplicados a diferentes recortes da cidade, em um movimento que obscurece os valores culturais de cada lugar. Featherstone (1996) aborda o processo de transformação de "lugar" em "espaço de não-lugar" diante da perspectiva da globalização, onde ocorre um recuo das culturas locais em favor da inserção de espaços anônimos nos quais não se experimenta o sentimento de pertencimento nem se reconhecem vínculos identitários.

Nesse sentido, percebe-se um percurso de desumanização sendo traçado pela arquitetura, decorrente do inevitável contato com outras civilizações e culturas, como evidenciado desde a fundação da cidade de Belém do Pará, ao longo de seus diversos períodos em que houve a assimilação de estilos arquitetônicos estrangeiros, relegando ao longo do tempo os conhecimentos tradicionais dos povos originários à posição mais baixa numa hierarquia de valores. Esse histórico demonstra como o ambiente construído nem sempre se dedica às especificidades humanas, priorizando uma padronização de valores estéticos hierarquizados, conforme descrito por Silva (2021): "Embora seja modificado pelo ser humano, o ambiente construído pode simplesmente não atender aos propósitos mais sensíveis, às necessidades emocionais e complexas" (p. 19).

Neste cenário de modificação do espaço e inserção de novos padrões construtivos de aparente impacto sobre o lugar e identidade local, destaca-se para esta pesquisa a comunidade urbana-ribeirinha de Vila da Barca em Belém do Pará. Localizada nas proximidades do centro da cidade, no bairro do Telégrafo, essa comunidade apresenta características no modo de morar que se aproximam da cultura ribeirinha, evidenciadas pelas palafitas erguidas às margens da baía do Guajará e pelas estreitas estivas, que são pontes de madeira que interligam as moradias. A comunidade enfrenta principalmente desafios relacionados ao saneamento básico, ao abastecimento de água e à distribuição de energia elétrica, o que motivou a intervenção do poder público por meio de um projeto iniciado em 2003, que incluía a construção de unidades habitacionais, além de drenagem, aterramento, pavimentação e instalação de equipamentos sociais (SEHAB, 2004, apud Menezes, 2015).

A descontinuidade do projeto gerou ao longo do tempo duas realidades espaciais distintas na Vila da Barca, visíveis na paisagem através das diferenças entre as moradias dos sobrados do conjunto habitacional, com tijolos aparentes alaranjados, e as palafitas acinzentadas com madeiras antigas e telhados predominantemente de fibrocimento. Tal contexto revela não só diferenças arquitetônicas, mas também um paradoxo entre o permanecer nas palafitas, vista pelos critérios hierarquizantes como inadequada, porém carregada de simbolismo, e a expectativa de se ajustar a um "espaço de não-lugar" considerado ideal, que ofereça os serviços urbanos desejados ao longo dos mais de 100 anos de existência da comunidade.

Alinhando-se a uma compreensão sociológica da identidade, esta pesquisa buscou entender a relação entre interior e exterior, sujeito e lugar, explorando como os moradores da comunidade internalizam significados e valores ribeirinhos como parte de suas identidades. Nesse contexto, surge o questionamento sobre como as intervenções no espaço impactam ou não a identidade local. Assim, fundamentada na etnografia de campo, investigou-se também, por meio do discurso dos moradores, uma possível ruptura nessa identidade resultante das modificações no espaço, que poderia fragmentar ou não a identidade ribeirinha que caracteriza o início da ocupação desse território.

2. METODOLOGIA

Para embasamento desta pesquisa, a metodologia adotada concentrou-se principalmente na etnografia, complementada por uma revisão abrangente da literatura que explora os conceitos de espaço, lugar e identidade. Como foco para as práticas etnográficas, escolheu-se investigar a espacialidade das palafitas na Vila da Barca, o que possibilitou a interpretação dos símbolos e significados ribeirinhos que constituem a identidade local em meio ao contexto de intervenção que se estende desde 2004. Conforme previsto por Malinowski (1922), foi essencial superar qualquer estranhamento que pudesse impor barreiras no diálogo com os moradores durante a inserção em campo e a observação sistemática. Nesse sentido, o apoio de uma das coordenadoras da Associação dos Moradores da Vila da Barca (AMVB) foi fundamental para o acesso ao campo de estudo.

Dona Vilma, coordenadora da AMVB, foi um dos primeiros contatos que estabelecemos, orientando-nos em todas as visitas pelas palafitas e sempre nos apresentando a moradores que ela considerava importantes e conhecedores da história da Vila da Barca. Sua forte ligação com o espaço e as pessoas permitiu-nos observar de perto as relações de proximidade espacial e afetiva que se estabelecem no lugar. Buscando o reconhecimento da identidade local, mais do que técnicas e métodos investigativos necessários para o empreender a etnografia, guiou-se nesta pesquisa pela lógica interpretativa do espaço num esforço de leitura sobre aquilo que nos deparávamos durante o caminhar pelas estivas. Como Geertz (1989) afirma, o trabalho etnográfico envolve uma interpretação profunda e intelectual, não podendo ser reduzido a técnicas específicas ou métodos de pesquisa.

Como instrumentos dessa interpretação, foram utilizados registros de imagens, falas e diálogos, além do mapeamento denominado aqui de “identitário”. Este último foi essencial para analisar a relação espacial com a identidade ribeirinha, investigando através do discurso dos moradores e da aplicação de uma entrevista semiestruturada a absorção de valores e significados ribeirinhos, considerando a proximidade com a baía do Guajará e a influência do rio na vida dos moradores. Para tanto, obtivemos imagens de satélite recentes da Vila da Barca e, guiados por Dona Vilma e André, ambos coordenadores da AMVB, acessamos a comunidade. Durante nossas interações com os moradores, conduzimos perguntas semiestruturadas e registramos suas respectivas localizações utilizando a geolocalização do Google Maps. Nosso objetivo foi comparar as respostas obtidas e interpretar a existência de uma identidade ribeirinha na comunidade. Como resultado, elaboramos o “mapeamento identitário” da comunidade, que servirá de base para discussões posteriores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Frente à investigação de uma identidade presente no lugar, norteada pelo rio, percebe-se ao longo desta pesquisa a ratificação do sentido de comunidade na Vila da Barca, ligada a uma identidade comum. Comparando com o que Hall (2006)

delimita como cultura nacional, a ideia de comunidade se manifesta também na Vila da Barca por meio de "memórias do passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação da herança" (p. 58). Nesse sentido, foram identificadas duas categorias relacionadas ao presente e a um passado de interação com o rio. A primeira, expressa por relações atuais, refere-se à manutenção de vínculos funcionais com o rio, seja para subsistência ou lazer. A segunda revela o imaginário dos moradores e reflete as memórias afetivas, conectadas a um passado de interação com esse elemento natural.

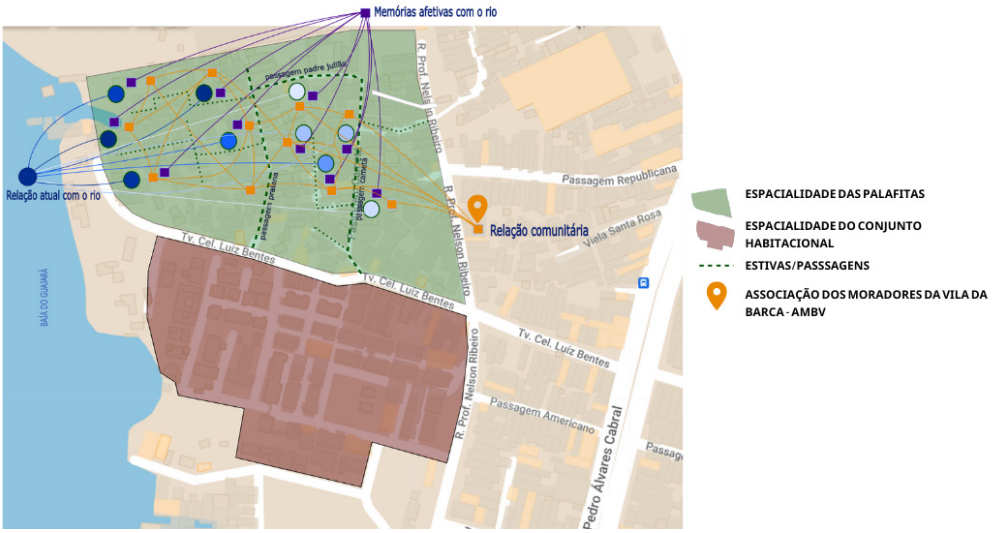


Figura 01. Mapeamento identitário baseado nas relações com o rio. Fonte: Fernanda Sousa (2024)

Conforme ilustrado acima, para os 10 moradores entrevistados, analisaram-se três diferentes relações voltadas à comprovação de uma identidade ribeirinha, representadas pelas formas: círculo azul, quadrados laranja e roxos. A primeira, representada pelo círculo, mostra a intensidade da interação atual que cada morador mantém com a baía do Guajará. Para os círculos de cor azul mais intensa, percebeu-se uma relação mais próxima com o rio, onde os moradores se dedicam à pesca ou utilizam o rio para lazer. Como pode ser observado no caso do senhor Cláudio - cametaense[1] de 75 anos, que veio ainda criança para a Vila da Barca -, um dos três moradores entrevistados da margem da baía do Guajará (círculos em azul marinho *figura 01*), cuja residência possui vista para o rio e está próxima ao ponto de atracação de seu barco de pesca.

Para os moradores representados pelos círculos em azul claro (*figura 01*), observou-se que o contato com o rio não é tão frequente. O adensamento das moradias atua como um obstáculo à contemplação da baía do Guajará. Quatro dos dez moradores entrevistados, localizados no centro da espacialidade das palafitas, relataram ter

1 Pessoa nascida no município de Cametá (município da regiao do baixo Tocantins em Belém-Pa)

contato com o rio apenas uma vez por ano, durante o círio fluvial. No círculo azul mais claro, a moradora Elizabeth, de 79 anos, afirma que sequer frequenta as margens da baía para contemplação.

Embora metade dos dez moradores entrevistados, que vivem mais próximos das margens da baía do Guajará, tenha um contato mais efetivo com o rio, esse elemento é mencionado por todos. Ao serem questionados sobre suas memórias do lugar, muitos expressam uma forte ligação afetiva com o rio, representada pelos quadrados roxos. Exemplos incluem: "dava pra ver o rio da porta de casa" (Mário, 54 anos) e "a gente tomava banho no rio" (Marilúcia, 49 anos). Em consonância com Featherstone (1996), observa-se que o lugar, enquanto simbólico, é impregnado de memórias coletivas "com poder emocional suficiente para gerar um sentido de comunalidade" (p. 17), mostrando, neste caso, como o rio é um elemento central nos discursos sobre o passado.

Através das incursões em campo e do mapeamento identitário foi possível inferir o vínculo que os atores sociais possuem com o "lugar arquitetônico" (Duarte et al., 2022). Com base nos relatos foi possível classificar, dentre os que moram na espacialidade das palafitas, três grupos quanto ao modo de se relacionar com o espaço:

1. Moradores que mantém práticas características de uma vivência ribeirinha tradicional, perpetuando a identidade cultural e social atrelada ao rio, como o hábito de andar de canoa e de pescar artesanalmente;
2. Moradores que não apresentam relação com o curso hídrico e possuem vivência urbana usando as residências palafíticas essencialmente como necessidade de moradia;
3. Moradores que possuem senso identitário não atrelado à vivência ribeirinha e sim como partícipes da comunidade Vila da Barca, com senso comum de pertencimento ao lugar de origem e criação.

O primeiro grupo é formado pelos atores sociais que detêm uma relação de "ribeirinidade" com o entorno, caracterizada por um vínculo profundo com o curso hídrico, conforme Rente Neto e Furtado (2015). Observou-se que esses interlocutores preservam práticas ribeirinhas típicas, são moradores oriundos de cidades do interior, geralmente com idade mais avançada, e fazem parte do processo de ocupação há mais tempo, apresentam maior ligação com o rio e exercem práticas tradicionais relacionadas à pesca e locomoção baseada no modal fluvial.

Figura 2. Área da Vila da Barca às margens da Baía do Guajará, local onde os atores sociais preservam hábitos ribeirinhos tradicionais
Fonte: Cintia Sousa (2024)

As histórias narradas pelos moradores mais antigos e que moram mais próximo ao rio, possuem identidade e pertencimento com práticas ligadas ao curso d'água, e muitos ainda são também pescadores e utilizam o rio como via de transporte ou apresentam memórias relacionadas ao uso do espaço ligadas a essas vivências ribeirinhas. Conforme afirmou Hilda (74 anos), em entrevista realizada dia 17 de junho, acerca de como era o entorno da sua moradia no início da ocupação:

> "Quando eu vim pra cá pra Vila da Barca aqui era tudo terra, tinha pupunheira, tinha castanheira, aí a água foi jogando...eu era moleca e depois nós começamos a vender mingau na maré...cachaça, nas canoinha...aí eu tava falando pra vizinha que a Vila da Barca foi fundada porque as barcas de peixe vinham (barca de vela) e encalhava aí, e lá pra frente tem a vila mingau, porque a gente vendia mingau na maré...lá pro ver-o-peso...essa ponte levava até a maré...a canoa passava aqui em baixo de casa"

Os informantes das casas localizadas mais próximas ao rio, coincidentemente, apresentam origem cametaense, a interlocutora afirmou "sou filha de Cametá e vim prá cá com 7 anos", e ao indagá-los se havia alguma relação para essa ocupação e consolidação de pessoas vindas de Cametá as respostas advinham acerca do ambiente "o rio, o vento, o clima se parecem com o de lá". Nota-se que a ambiência do lugar onde se consolidou o núcleo primário da Vila da Barca, às margens do rio, representa uma atmosfera da forma de morar ribeirinha que orientou a ocupação da área.

Além disso, a principal passagem que atravessa a comunidade é denominada como Cametá, porém não leva até à margem, possui edificações predominantemente de uso misto e é o local onde acontece a sociabilidade entre os diversos grupos de moradores que utilizam essa via de circulação. Conforme observado em uma incursão domingo de manhã, ainda que estreita, é nessa estiva onde os moradores costumam sentar-se em frente às suas casas, colocam som, churrasqueira e socializam com a vizinhança e os comerciantes.

Nesse sentido, o segundo grupo identificado são os que se enquadram na vivência de ribeirinhos urbanos: este grupo é composto por indivíduos que não possuem uma relação social ou cultural com o rio. Inclui moradores que se mudaram recentemente para a área ou que se enquadram em uma faixa etária de menor idade e portanto não possuem experiências atreladas ao curso hídrico, utilizando o espaço apenas como lugar de moradia. Em geral, os não ribeirinhos apresentam menor familiaridade com o rio e suas dinâmicas, o que se reflete em um menor engajamento em atividades tradicionais e em uma percepção mais distante do entorno aquático.

Figura 3. Estiva da Vila da Barca localizada distante do rio, região onde os moradores possuem menor vivência de práticas ribeirinhas.
Fonte: Cintia Sousa (2024)

Conforme se adentrava na comunidade através das estivas, foi possível perceber uma distinção espacial clara entre os dois grupos mencionados anteriormente: aqueles que possuem uma identidade mais próxima à vivência ribeirinha tradicional em contraponto aos que ocuparam o espaço mais recentemente. Por conseguinte,

observou-se que os moradores que se instalaram mais recentemente, situam-se nas estivas próximas às vias urbanas e possuem uma vivência citadina, com mobilidade e práticas relativas ao meio urbano, utilizando o espaço sobre as estivas exclusivamente para fins de habitação, invisibilizando o corpo hídrico ao seu redor. Rodrigues et al (2013) em seu estudo denominou este tipo de espacialidade como habitat ribeirinho urbano.

Para além da dicotomia entre a identidade ribeirinha tradicional e urbana, a Vila da Barca se revela como um universo singular, caracterizado pela vida e memória daqueles que se reconhecem como naturais da vila da barca. Através da oralidade e das entrevistas informais, emerge um forte senso de pertencimento observado nas falas e discursos daqueles que se dizem "nascidos e criados" na comunidade.

O termo "Meninos da Vila da Barca" não são meros apelidos, mas carregam consigo um emblema de identidade dos que cresceram vivenciando a realidade da comunidade e hoje são motivo de orgulho para os moradores, por meio das conquistas profissionais e benfeitorias conquistadas para o lugar. Outra expressão cunhada pelos nativos da vila é: "Ô Vila da Barca boa" utilizada para se referir a acontecimentos bons que ocorrem no cenário da comunidade, é uma forma dos atores sociais celebrarem as alegrias simples do cotidiano e a beleza de pertencer a esse lugar. Dona Vilma, ao chamar Gerson Bruno, líder comunitário da AMVB, de "Menino da Vila", denota, através da frase, uma história de significado e simbolismo. A expressão reconhece a trajetória do sujeito e a vivência profunda da realidade local. Mostra que o interlocutor é também um filho da Vila, que conhece e compartilha das alegrias, lutas, histórias, dores e estigmas de morar nas estivas.

Gerson, por sua vez, ao falar sobre a ocupação, tece uma analogia ao se referir à Vila da Barca como "um grande coração que acolhe". A fala não é uma mera figura de linguagem, mas se caracteriza como um reflexo da essência e do sentimento de identidade daqueles que fazem parte da comunidade. Segundo Gerson o desejo é de retribuir esse acolhimento, não por obrigação, mas por gratidão pela receptividade e companheirismo dos moradores da região.

Ainda assim, há um elo na relação entre os moradores das diferentes espacialidades que compõem a comunidade, conforme relatado em todas as entrevistas sobre essa relação, foi a festividade do Círio de Nazaré[2], através da romaria fluvial[3] que, segundo os entrevistados, a santa para em frente a Vila da Barca para que os moradores possam realizar suas preces. Nesse sentido, a ambiência temporal inerente a essa época, conecta os diferentes grupos de moradores através da cultura e religiosidade, para muitos deles é a única relação e uso com a beira e o rio.

2 Manifestação cultural e religiosa em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, que inclui procissões de rua voltadas à padroeira de Belém do Pará. O evento ocorre anualmente no mês de outubro.

3 É uma das 14 procissões que ocorrem durante o Círio, porém esta percorre o rio Guamá e a Baía do Guajará com diversas embarcações que acompanham a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, transportada em um navio.

Desse modo, compreende-se que as múltiplas ambiências vivenciadas nessa forma de habitação está muito atrelada às relações que foram criadas a partir da proximidade entre as casas e as histórias compartilhadas sobre as estivas e o rio fazem com que a Vila da Barca seja reconhecida enquanto comunidade para além das mazelas e violências que foram se instalando no decorrer do tempo. E com isso, a associação de moradores como potencialidade oportuniza a adesão de diversos projetos e investimentos em melhorias para a população residente, dentre eles está o Projeto Vila da Barca, muito mencionado durante as entrevistas como uma esperança por uma habitação em melhores condições, mas que os permitam permanecer na Vila com seus próprios modos de morar.

No entanto, esse projeto, que já teve parte de suas obras concluídas, introduz no espaço uma nova dinâmica habitacional e um padrão arquitetônico que destoam do modo de morar tradicional da comunidade urbana-ribeirinha, a qual, desde sua origem, apresenta habitações palafíticas erguidas sobre a influência das águas da baía do Guajará (Figuras 4, 5 e 6). Este cenário afeta não apenas o espaço físico, ameaçando a completa erradicação das palafitas com a continuidade do projeto e construção de sua terceira fase, mas também o lugar, em sua dimensão intangível, gerando uma atmosfera de incerteza quanto ao futuro das moradias e à manutenção dos laços sociais e afetivos estabelecidos ali.

Figura 4. Conjunto habitacional da Vila da Barca

Figura 5. Contraste de espacialidades entre as unidades habitacionais do conjunto e as casas em madeira

Figura 6. Habitações autoconstruídas em madeira

Fonte: Letícia Kuwahara (2024)

Ao indagar acerca das expectativas sobre a mudança para o conjunto habitacional compreende-se entre os moradores sentimentos ambíguos, em que as respostas ora clamam pela casa no conjunto com espera de 22 anos ora demonstram um apego a sua casa e a vizinhança e por isso a casa no conjunto, para dona Hilda é:

> “bom ou não, porque já estou acostumada aqui nesse pedaço, que é tranquilo... eu gosto...pego meu café e sento lá naquela cadeira (referindo-se a sua cadeira do lado de fora da casa, na confluência entre duas passagens) e quando o sol esquenta eu venho pra cá, porque bate vento...todo mundo que passa eu falo oi...oi, bom dia...bom dia, meus vizinhos são todos bons”

Ainda que parte do conjunto, com início das atividades em 2006, tenha sido entregue Menezes (2015) afirmou que por diversos fatores as famílias reassentadas tiveram dificuldade na adaptação a esse novo modo de moradia, uma vez que a tipologia habitacional não comportava as necessidades e as tarifas urbanas tornaram-se problemáticas frente a nova conformação urbana dada a Vila Barca. Esse pensamento é reafirmado com base nos discursos dos interlocutores. Segundo eles, muitos do moradores que se mudaram para o conjunto não conseguiram se adaptar às vivências de uma casa em alvenaria, enfrentando dificuldades quanto ao manejo de água servida, as modificações espaciais limitadas pela construção em alvenaria e ausência de elementos típicos como jirau[4], por exemplo (Figura 7).

Figura 5. Jirau em duas casas paralelas em contato com o vizinho
Fonte: Letícia Kuwahara (2024)

Menezes (2015) informa que:

> Alguns moradores sentiam saudade da casa anterior, pois traziam recordações quanto ao tamanho da casa, que era maior em muitos casos, podendo acomodar todos os móveis; da varanda individual e do quintal para criar animais e estender roupas; do vínculo com antiga vizinhança que foi rompido, etc. (Menezes, 2015, p. 66)

Outra observação relevante foram as adaptações realizadas nos sobrados entregues à população na área do projeto. Com o intuito de reviver o espaço doméstico de outrora, das casas palafíticas, alguns dos moradores modificaram suas casas. Segundo Menezes e Perdigão (2021), as opiniões sobre o projeto habitacional entre

4 Elemento em madeira situado nos fundos das residências utilizado para auxiliar com os preparos na cozinha, como lavar e secar louças, cortar alimentos, etc

a população são heterogêneas. As famílias que viviam em situação de vulnerabilidade construtiva se sentem satisfeitas com a nova tipologia, mas existe um conflito espacial latente e menos perceptível, relacionado ao padrão habitacional idealizado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vila da Barca não se define apenas por suas casas palafíticas, estivas, problemas urbanos e a vulnerabilidade socioeconômica latente enfrentada nos diferentes espaços dentro da comunidade, diante da pesquisa etnográfica o lugar se revelou por meio das histórias, memórias e afetos de seus moradores. Aqui a identidade se constrói na vivência cotidiana, na resistência e na esperança dos produtores socioespaciais por um futuro habitacional melhor sem a perda dos seus modos de morar e consequentemente de sua identidade.

Os que residem na ocupação habitacional espontânea, a qual possui mais de cem anos, observam o espaço como um coração, um lar e lugar marcado por desafios e desigualdades, que apesar das adversidades, também se configura como acolhedor, onde a comunidade, com a base forte do centro comunidade, se une em celebrações e lutas. A Vila da Barca é um exemplo da força da identidade local, onde a memória e a esperança se entrelaçam, criando um espaço único de pertencimento e resistência.

Através da voz de seus moradores, a Vila da Barca convida a repensar as noções de identidade e comunidade frente a concepções estigmatizantes de modelos de cidades que não consideram as regionalidades. Além disso, o estudo da área promove a diversidade do espaço urbano e o reconhecimento da força que os afetos apresentam, evidenciados através das ambiências, em potencializar lugares. Os moradores afirmam que “somos uma das maiores comunidades sobre palafitas da América Latina (...) resistindo para existir” como forma de evidenciar a força de viver em comunidade.

5. BIBLIOGRAFIA

Duarte, C. R. S. et al (2022). Experiência do Lugar Arquitetônico: Dimensões Subjetivas e Sensoriais das Ambiências. Rio-Books.

Featherstone. M. (1996). Localismo, Globalismo E Identidade Cultural. Revista Sociedade e Estado. 11(1). 9-42.

Geertz, C. (1989). A interpretação das culturas. LTC

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Loureiro, V. R. (1992) Amazônia: estado, homem, natureza. CEJUP.

Malinowski, B. (1976) Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Abril Cultural.

Menezes, T. M. S. (2015). Referências ao projeto de arquitetura pelo Tipo Palafita Amazônico na Vila da Barca (Belém-PA). (dissertação de mestrado) Universidade Federal do Pará, Belém.

Menezes, T. M. S. e Perdigão, A. K. A. V. (2021). O Tipo Palafita Amazônico: entre formalidade e informalidade do habitar na Vila Da Barca (Belém, Pará, Brasil). Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente. (6(2). 44-59. *https://doi.org/10.21680/2448-296X.2021v6n2ID23710*

Rodrigues, R. M. et al. (2013). Urbanização Das Baixadas De Belém-Pa: Transformações do habitat ribeirinho no meio urbano In Anais do XV ENANPUR.

Rente Neto, F. e Furtado, L. G. (2015) A Ribeirinidade Amazônica: algumas reflexões. Cadernos de Campo, 24(24),158-182. *https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v24i24p158-182*

Silva. L. J. D. (2021) Percepção do Ambiente Construído Humanizado. Em Silva. L. J. D. (Org.). Percepção do Ambiente Construído Humanizado: por mais humanização em Arquitetura e Urbanismo (17-32). Paka-Tatu.

R34

SEARCHING FOR AMBIANCES OF BRAZILIAN A&U GRADUATIONS: INITIAL REFLECTIONS

EM BUSCA DAS AMBIÊNCIAS DE CURSOS DE AU BRASILEIROS: REFLEXÕES INICIAIS

Natalya Souza
Mestre em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
natalyalimasouza@gmail.com

Gleice Elali
Profª Drª de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gleiceae@gmail.com

ABSTRACT

Understanding the context of Brazilian undergraduate courses in Architecture and Urbanism (A&U) from a system of influences based on person-environment relationships, this article investigates the possibility of, in this universe, recognizing the dynamics of the environments on some campuses of federal universities, despite the different realities in which the courses are inserted. The study aims to investigate identity similarities that cross them and that we believe are recognizable through the experiences and opinions of students and teachers. The investigation was based on videos captured during field visits and semi-structured interviews with A&U academics, using fragments of their reports to extract metaphors that represent those ambiances. The information obtained was synthesized through montages that relate identity processes and layers of the socio-spatial system. In addition to offering support to the research and intended debate, this way of documenting ambiances has the potential to contribute methodologically to the area.

KEYWORDS: ambiances. identity. environment perception. architecture and urbanism graduations.

RESUMO

Compreendendo o contexto dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo (AU) brasileiros a partir de um sistema de influências baseado nas relações pessoa-ambiente, este artigo investiga a possibilidade de, neste universo, se reconhecer as dinâmicas das ambiências em alguns campi de universidades federais, apesar das diferentes realidades em que os cursos se inserem. O estudo se propõe a investigar semelhanças identitárias que os atravessam e que entendemos serem reconhecíveis por meio das experiências e opiniões de estudantes e professores. A investigação se baseou em vídeos capturados durante visitas de campo e entrevistas semiestruturadas com docentes e discentes de AU, cujos fragmentos foram utilizados para extrair metáforas que representam aquelas ambiências. As informações obtidas foram sintetizadas por montagens que relacionam processos identitários e camadas do sistema socioespacial. Além de oferecer suporte à pesquisa e ao debate pretendido, este modo de documentar ambiências tem potencial para contribuir metodologicamente para a área.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. identidade. percepção ambiental. cursos de arquitetura e urbanismo.

1. INTRODUÇÃO

Em 2024 se completam dez anos de lançamento mundial do documentário Archiculture (Arbuckle Industries, 2014), cujos diretores foram estudantes de arquitetura e se inspiraram nas próprias experiências para acompanhar um grupo de concluintes do Instituto Pratt de Nova York. O título, que associa os termos architecture + culture, visou revelar o ambiente de estúdio como uma cultura que

oferece suporte à aprendizagem baseada-em-projetos, apresentando opiniões de estudantes, professores e profissionais sobre o sistema contemporâneo de ensino em escolas de arquitetura norte-americanas e suas influências na formação e no mercado (Krantz & Harris, 2014).

A "cultura do estúdio" é uma abordagem pedagógica dedicada a aprendizagem ativa para explorar modos de pensar, fazer e discutir experiências durante uma atividade propositiva (Brocato, 2009). Ela envolve interações regulares entre estudante-estudante, estudante-professor e estudante-professor-júri para estimular o debate (ou, como traz o filme, "the critique") como forma de colaboração e reflexão. Em termos socio físicos, o estúdio se configura como o ateliê de projeto, salão de atividades que prioriza a permeabilidade e flexibilidade espacial, permitindo visibilidade das mesas de trabalho (Fisher, 2007).

> Um recinto espaçoso e poroso, muitas vezes sem paredes divisórias, cujas funções programáticas são necessariamente abertas, pouco controladas e indeterminadas. (...) Estimula o trabalho ao oferecer redes de apoio – um espaço confuso para criação, comunicação e crítica, temporalidades alternativas (...), co-presença de pares e amigos. (Chee & Tan, 2022, p.74;76)

Tais características destacam que, além de uma pedagogia, o estúdio é um lugar transpassado por concepções capazes de influenciar certos padrões de comportamento e hábitos, devendo, portanto, ser analisado a partir de fatores experienciais. Complementarmente, a aprendizagem não se restringe ao microssistema ateliê; ela se articula a uma atmosfera sensível que extrapola os limites físicos do local onde acontecem as aulas, abrangendo toda uma rede de espaços adjacentes em sinergia (Abdullah et al., 2011). Essa concepção, fundamentada na abordagem bioecológica sistêmica (Bronfenbrenner, 1979), ressalta que o ambiente de aprendizagem deve ser compreendido a partir de um conjunto de camadas concêntricas que se relacionam e se influenciam mutuamente, afetando o desenvolvimento humano. Ao adotar esse modelo entende-se: (i) a pessoa como centro do sistema; (ii) o estúdio como microssistema (ambiente que define determinados padrões de atividades); (iii) o curso de graduação em arquitetura e urbanismo (AU) como mesossistema, pois amplia a interação entre os ambientes de aprendizagem; (iv) os demais cursos da instituição como componentes do exossistema, já que podem afetar o que acontece no curso de AU, e vice-versa; e (v) a Instituição de Ensino Superior (IES) como macrossistema, que se diferencia de outras de acordo com aspectos políticos, regionais, socioeconômicos e geográficos.

Assim, mudanças que ocorrem nas sociedades, como transformações geracionais na civilização, avanços tecnológicos, quebra de paradigmas sobre o papel do arquiteto e questões econômicas dos estudantes (Vowles et al., 2015), incentivam que sejam avaliadas como acontecem rearranjos nesses sistemas ambientais e no comportamento das pessoas. No Brasil, por exemplo, o ateliê em cursos de AU assume características

diversificadas em diferentes IESs, tanto em função do centro a que se vinculam (Artes, Humanidades, Sociais Aplicadas, Tecnologias, Engenharias) quanto devido a questões econômicas, de segurança e restrições de uso e horário. Assim, por exemplo, há cursos que não contam com área permanentemente disponível para os estudantes, pois elas não são institucionalmente permitidas, mesmo que, para o curso de AU esta seja uma das "principais distinções em relação a outros espaços educacionais" (Chee & Tan, 2022, p.71). Tal diferenciação entre os macrossistemas indica a necessidade de entender, na realidade nacional, como se caracteriza a atmosfera sensível e socioespacial dos sistemas ambientais que caracterizam os cursos.

Partindo deste convite à reflexão e visando atualizar as discussões das referências a fim de incorporá-las ao contexto brasileiro, este artigo investiga dinâmicas das ambiências de cursos de AU em campi de algumas IESs brasileiras, o que pressupõe a existência de uma unidade identitária entre eles, apesar das diferentes realidades experenciadas no macrossistema. Em linhas gerais entende-se que, por ser derivada do entrelaçamento de aspectos objetivos e subjetivos das situações ali vivenciadas, tal análise pode apontar caminhos para a compreensão destes cursos e das peculiaridades da formação na área.

Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa em andamento sobre o tema (Souza, 2022), que investiga as experiências e percepções de docentes e discentes de cursos de AU brasileiros, e as analisa à luz da bidirecionalidade da relação pessoa-ambiente, tomando por base conceitos relacionados à teoria dos sistemas bioecológicos (Bronfenbrenner, 1979) e às dimensões e planos das ambiências (Thibaud, 2012). A coleta e análise dos dados apoiou-se na "etnotopografia", etnografia espacial que estuda características socioculturais com base e suporte na descrição do lugar em que certo grupo se situa, a fim de identificar significados identitários coletivos (Duarte, 2010). Para isso, foram utilizados percursos comentados (Thibaud, 2003), etnografia por vídeo (Paula, 2008; Nascimento, 2015) e análise de narrativas (Uglione, 2008; Melo, 2018), realizados durante visitas de campo a cursos de AU de IESs brasileiras e por meio de entrevistas semiestruturadas com professores e estudantes. Os resultados obtidos foram sintetizados por meio de montagens que relacionam os processos identitários às camadas do sistema socioespacial.

No contexto de um congresso sobre ambiências, destacamos duas potenciais contribuições deste artigo: (i) no que se refere ao tema pesquisado, a possibilidade de identificar características das ambiências sobre aspectos sensíveis, materiais e sociais compartilhados por cursos de AU, reverberando na percepção de um universo simbólico e dando suporte a construção identitária daqueles que a vivenciam; (ii) em termos metodológicos, a elaboração das montagens como um modo alternativo para documentar e compartilhar ambiências. Apresentando o estudo realizado, o artigo começa pela metodologia da investigação, seguida dos resultados preliminares extraídos de percepções dos respondentes e da pesquisadora. Nas considerações finais são reveladas algumas descobertas e caminhos para continuidade do trabalho.

2. MÉTODO

Para elucidar a relação entre os temas tratados e as noções de ambiências, é primordial destacar que a investigação realizada foi guiada pela articulação entre aspectos físicos, sociais, sensíveis, temporais e culturais extraídos das experiências das pessoas que costumam frequentar os espaços de cursos de AU (memória ativada) e de visitas da pesquisadora (inserção no campo). Essa estratégia transversal de coleta e análise de dados, respaldou o surgimento de um conjunto de características que podem ser comparadas a fim de gerar uma compreensão sobre fenômenos sensoriais e comportamentais (usos/atividades) similares que acontecem em situações contextuais diferentes.

Por se tratar de uma área temática constituída e discutida a partir da transdisciplinaridade, os estudos das ambiências se fundamentam na reciprocidade das informações visíveis e invisíveis da experiência humana no lugar. Logo, as investigações nesse campo levam em conta particularidades simbólicas e sensoriais que ressaltam as dinâmicas de afetação dos corpos a partir de interações mútuas entre o ambiente sensível e as práticas sociais, bem como seus mediadores (Thibaud, 2003; Duarte, 2010).

Nesse caso, entende-se que as ambiências podem ser "lidas e traduzidas" a partir de uma linguagem própria, uma "gramática geradora", conforme indicado por Thibaud (2012), que propõe estudá-las em uma perspectiva de "potencial contextualização mútua", ou seja, como qualificação sensível de situações sociais definidas por um espaço-tempo, mas que também expressa uma ideia global. Logo, para compreendê-las é preciso analisar as correlações entre as dinâmicas de interações (aclimatação, inflexão e conversão) no ambiente sensível e os planos de relações (espaciais, sensoriais e sociais). A associação entre cada dinâmica e plano gera operações elementares que constituem as condições de influência destas ambiências.

Metodologicamente a escolha recaiu sobre a etnotopografia (Duarte, 2010), opção justificada pela amplitude de dinâmicas e relações trabalhadas na investigação, demandando a adoção de um ponto de vista multidisciplinar para apreensão das variáveis ambientais e da percepção espacial. Deste modo, a coleta de dados usou procedimentos simultâneos, às vezes relacionados e outras, independente, que foram a aplicação de entrevistas e levantamentos de campo. Já para a análise dos dados foram empregadas de técnicas desenvolvidas para criação de imagens que sintetizam um grande conjunto de informações, possibilitando interpretações gráficas a partir de ideias-chaves extraídas do material observado/narrado.

Na coleta de dados, a captação das experiências e percepções de professores e estudantes que frequentam diferentes cursos de AU, recorreu à aplicação de entrevistas semiestruturadas (virtuais ou presenciais, à critério do respondente) compostas por um conjunto de questões disparadoras, mas sem seguir roteiro rígido a fim de permitir livre expressão e evocar memórias ativadas. Para este texto foram consideradas duas

perguntas que investigaram 'se os participantes reconhecem particularidades que diferenciam o curso de AU de outros cursos' e 'experiências que acreditam reforçar a identificação e apego de docentes e discentes aos espaços dos cursos de AU'.

A análise dos dados organizou as respostas em quadros de relatos, que reúnem fragmentos das narrativas para extrair delas ideias-chave, ilustradas graficamente por marcação de trechos de falas com ideias semelhantes em traços de mesma cor. Adaptada do arquivo mnemônico do lugar (Uglione, 2008), essa técnica interpreta memórias individuais em busca de metáforas que representem uma ambiência coletiva, pois, à medida que as cores se sucedem, os temas mais citados tornam-se graficamente visíveis (Melo, 2018).

As visitas de campo a cursos de AU de cinco universidades federais, aconteceram durante um ou dois dias. Foram escolhidas previamente a partir de análise tipológica, da verificação de viabilidade de levantamento e do acolhimento das coordenações. O registro do percurso foi feito por gravação de vídeos com o celular para posterior análise de frames por decupagem, ou seja, com separação de planos de acordo com conceitos e temas trabalhados (Paula, 2008). Após esse recorte, novas montagens foram feitas para possibilitar interpretações, conexões ou embates entre vozes diferentes (Nascimento, 2015). As gravações aconteceram durante o deslocamento pelas edificações para capturar elementos físicos, sensoriais e práticas sociais enquanto estavam acontecendo, além disso, com acompanhamento de um usuário, que fazia um percurso comentado de suas percepções das ambiências (Thibaud, 2003). O próximo tópico abordará como os dados estão sendo tratados como resultados preliminares.

3. RESULTADOS

O grande número de cursos de AU no Brasil e suas diferenças (quanto à época e ao contexto de implantação) são importantes desafios para essa investigação, que assume caráter exploratório, sem pretender generalizar resultados, embora os apresente como tendência a considerar. Por isso, corroborando-se Duarte et al. (2022) ao afirmarem que no estudo das ambiências são recomendadas ações metodológicas que possibilitem a apresentação de um conjunto de experiências que podem ter suas atividades e usos comparados em situações contextuais diferentes, mas permitindo uma compreensão figurativa de sua tradução, optou-se por analisar as experiências em cursos de AU de algumas faculdades de IESs federais. O estudo focalizou ambiências de espaços extraclasse vivenciadas por discentes e docentes, tendo valorizado a percepção destes personagens como protagonistas da vida acadêmica. Entendemos que, devido ao fato de estudantes e professores passarem por experiências diferentes derivadas de um mesmo contexto (o que advém de motivações, atividades e frequências de uso específicas), suas narrativas podem ser justapostas, de modo que a busca por nexos e contrastes entre depoimentos pode ser útil para elucidar aquelas ambiências.

3.1. Quadros de relatos

Foram desenvolvidos quadros de relatos baseados nas entrevistas com 15 professores e 15 estudantes de AU (não identificados). A análise: (i) agrupou respostas a perguntas disparadores semelhantes; (ii) identificou/realçou ideias predominantes; (iii) categorizou temáticas em função de camadas sistêmicas concêntricas (Bronfenbrenner, 1979), sendo:

- Macrossistema: características das universidades federais (localização, implantação, pedagogia, regras, escala espacial, temporalidades);
- Exossistema: outros departamentos aos quais o curso de AU se relaciona em termos socioespaciais (compartilha professores, prédios, salas e espaços livres);
- Mesossistema: ambientes e profissionais que fazem parte do programa arquitetônico para graduação em AU (salas teóricas/práticas, laboratórios, oficinas, centros acadêmicos, biblioteca, auditório);
- Microssistema: suporte ambiental que integra relações diretas entre pessoas, objetos e atividades (componentes humanos, não-humanos e simbólicos);
- Pessoa: qualidades individuais que influenciam no reconhecimento e nas dinâmicas de interações (comportamentos, hábitos, vestimentas, acessórios).

O quadro de relatos elaborado a partir dos extratos das falas dos professores (Figura 1) retrata como as camadas do ambiente de aprendizagem mantiveram aproximada proporção de abordagem, tendo as características do microssistema (azul - 15 linhas) um pouco mais de volume de discussão com relação às outras, seguido do exo- e meso- (roxo e amarelo - 13 linhas), pessoa e macrossistema (verde e vermelho - 7 linhas). Com relação a identificação das ambiências, é possível compreender como os professores articulam o grau de influência em cadeia dos sistemas e reconhecem como suas variáveis alteram as sensações e deslocamentos do corpo, escolhas sociais e processos de apropriação e identificação.

O exemplo mais claro sobre a influência destes sistemas nos cursos de AU está nas distinções feitas quando ele está vinculado ao Centro de Tecnologia ou de Artes/ Ciências Sociais. Para os professores, essa decisão institucional (macro-) altera o modo como o curso de AU afeta e é afetado por terceiros (exo-), provocando territorializações que vão desde a segregação espacial, concentração de grupos e modos de se manifestar no espaço deixando vestígios ou marcas. Assim, quanto mais dispersa é a distribuição de ambientes vinculados ao curso de AU (meso-), maior é a probabilidade dos seus usuários escolherem espaços específicos para se vincular (micro), sendo os exemplos mais comuns: salas de pranchetas, ateliês de projeto, maquetaria, salas de grupos de pesquisa e centro/diretório acadêmico. Nesse campo destacam-se os ateliês, definidos por alguns como “pura arquitetura”,

pela intensidade de uso e presença de mobiliários fundamentais para as discussões e convívio social.

Quanto ao quadro de relatos dos estudantes (Figura 2), percebe-se que os aspectos do mesossistema (amarelo – 16 linhas) e as qualidades pessoais (verde – 12 linhas) reverberaram mais, seguidos pelos exo- e microssistema (roxo e azul – 6 linhas), sendo o macrossistema (vermelho – 4 linhas) menos citado. Neste último, os discentes ressaltam que as intenções projetuais associadas à época de construção das UFs têm reflexos nas movimentações pelo espaço, nas sensações térmicas e de amplitude, e no contato com os materiais construtivos. Esses itens se relacionam diretamente à percepção do mesossistema, pois a partir da articulação entre os ambientes eles se reconhecem no espaço e como pertencentes a ele, se apropriando do local por meio da inserção de painéis, pinturas e objetos que produzem.

Legenda - camadas do ambiente de aprendizagem: macrossistema; exossistema; mesossistema; microssistema; pessoa

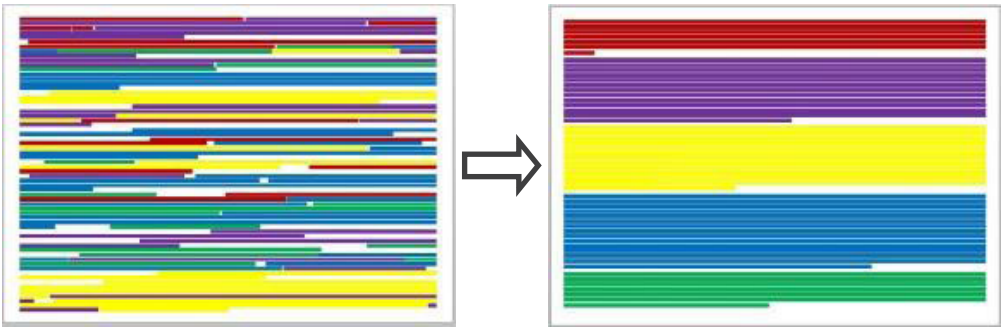


Figura 1. Quadro de relatos dos professores.
Fonte: Produzido pela pesquisa. (2024)

Legenda - camadas do ambiente de aprendizagem: macrossistema; exossistema; mesossistema; microssistema; pessoa

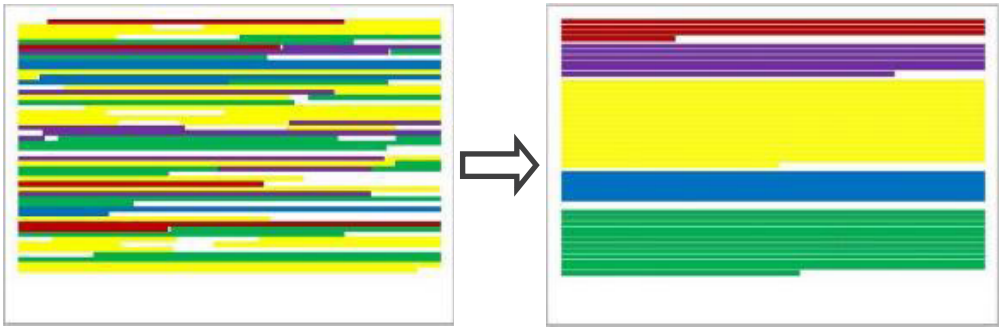


Figura 2. Quadro de relatos dos estudantes.
Fonte: Produzido pela pesquisa. (2024)

Comparando discursos de professores e estudantes notam-se diferenças e semelhanças diretamente relacionadas ao cronossistema, contexto que atravessa as demais camadas e ressalta a passagem do tempo (Bronfenbrenner, 1979). Tendo sido estudantes de AU, os docentes entrevistados percebem mais claramente as diferenças nas influências entre os sistemas para as ambiências, pois possuem mais marcos temporais para comparar. Assim, apresentam uma visão macro e integrada, enquanto os estudantes se apegam a aspectos micro (como qualidades pessoais), por terem menos vivências nestas instituições. Dentre as semelhanças, os alunos também destacam a relação com outros cursos, em especial "as engenharias", indicada como fator que influencia sua diferenciação e identificação como membros de um grupo específico. Essa noção é ressaltada principalmente nos atributos pessoais (modos de se vestir, carregar acessórios, relacionar-se com o espaço e de se manifestar ou se expressar), chegando a se verem como "mais livres, criativos e menos quadrados" (apelo estético). Dessa análise é possível extrair metáforas que relacionam as percepções dos dois grupos e contribuem para ilustrar ambiências dos cursos de AU, representadas por montagens com imagens levantadas na etnotopografia.

3.2. Extratos metafóricos

A intenção de elaborar extratos metafóricos parte da ideia de representação de analogias como uma síntese ou essência das sensações que se sobressaem no lugar estudado (Melo, 2018). No caso desta análise, como mais de um local foi observado, optou-se por não os identificar, a fim de ressaltar a possibilidade de existirem ambiências semelhantes em diversos cursos de AU. Assim as montagens são uma combinação de registros feitos em diferentes dias de visitas de campo, mescladas com fotos enviadas pelos próprios entrevistados, além de recortes de suas falas, produzindo-se, assim imagens polifônicas. A Figura 3 retrata os extratos metafóricos que evidenciam contextos das pessoas no macro-, e exossistema, intituladas "fora da caixa" e "em transição". Esses aspectos simbolizam a versatilidade do curso de AU, que tende a não se enquadrar em apenas um centro (na lógica de distribuição de departamentos universitários), podendo dividir ambientes socioespaciais, com cursos de tecnologia, artes, humanidades ou ciências sociais aplicadas, a depender da instituição. Como consequência de estar "fora da caixa", docentes e discente da graduação em AU, tendem a estar constantemente "em transição", se deslocando para salas e prédios variados ao longo dos turnos de aulas ou no passar dos semestres.

Figura 3. Representação das metáforas "fora da caixa" e "em transição".
Fonte: Produzido pela pesquisa. (2024)

O processo de consolidação do curso de AU em um prédio ou área, além das camadas mais externas do sistema, também depende do tempo para promoção do enraizamento dos usuários. Quando a permanência é duradoura, é comum notar as dinâmicas de interações dos docentes e discentes nos planos sociais, físicos e sensíveis, promovendo-se as operações elementares das ambiências (Thibaud, 2012). Em geral, ao imergir o corpo em um espaço, cada frequentador se aclimata ao ambiente tendo sensações de amplitude e impulsão, de acordo com a influência de outros corpos presentes, o que o faz ceder à ambiência para optar por fundir-se (ou não) na paisagem e realizar ações conjuntas ao grupo em que se reconhece. À medida que ocorre essa qualificação, são testados limites, componentes, características sensoriais e vestígios deste espaço que podem favorecer a acomodação e vontade de personalizar o local. A partir dessa conversão, a percepção de cada um é reconfigurada para avaliar as ações e reações no/do ambiente, alterando a conotação geral daquelas ambiências.

Em termos sensoriais, esses corpos em movimento pendem entre variações termoacústicas e escalas socioespaciais, comparando sinais visíveis e invisíveis do espaço (aclimatação), até que se identifiquem com as ambiências que ali se estabelecem e nas quais se sentem mais confortáveis (especialmente para socializar e descansar), evitando situações com sinais de segregação, controle ou restrições que afetem a liberdade de uso (inflexão). Assim, passam a produzir tonalidades afetivas que permitem reconhecer áreas e membros desse grupo (conversão), aqui definidos pelas metáforas "paredes que falam" e "caracóis" (Figura 4). A primeira se refere à recorrência de intervenções em planos verticais, sejam paredes ou painéis fixos/móveis, para expor trabalhos, deixar informes e/ou fazer manifestações livres (quadro, pintura, grafitti, pôster, adesivo). A depender do nível de controle da instituição, esses elementos surgem em sala de aula, espaços de circulação, elementos estruturais e mobiliário.

Figura 4. Representação das metáforas "paredes que falam" e "caracóis".
Fonte: Produzido pela pesquisa. (2024)

Esses traços perceptíveis nas paredes que "falam" para marcar presença, dão cor, textura e contraste aos espaços e são vestígios deixados por pessoas "caracóis", ou seja, que deixam um rastro ao se mover, principalmente restos de materiais para maquetes e trabalhos, além de serem facilmente reconhecidas por carregarem um acessório acoplado ao corpo, seja um laptop ou cano/pasta de desenhos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a investigação que subsidia este artigo ainda esteja em andamento, as atividades realizadas até o presente momento indicam que a abordagem etnotopográfica utilizada permite que as ambiências sensíveis dos lugares sejam traduzidas em produtos gráficos que sintetizam e mesclam percepções diversas e ressaltam aspectos da memória ativada. Além disso, a iniciativa oferece suporte para a pesquisa exploratória e pode ter continuidade a debates sobre: (i) espaços e ambiências de cursos de AU; (ii) modos de documentar e recuperar ambiências. Em ambos os casos, é essencial pensar modos para possibilitar que as dimensões e condições das ambiências sejam registradas para análise/revisita/comunicação à posteriori (após sua vivência), para o que indicamos a importância de confeccionar montagens com justaposição de fragmentos do que é observado/narrado, contemplando ideias-chave e metáforas sobre as situações experenciadas.

Sob essa ótica, a investigação nos cursos de AU brasileiros promoveu a compreensão dos múltiplos sistemas dos quais os estudantes e professores participam e dos processos que desenvolvem para se fixarem nos espaços e se identificarem com o lugar. Logo, quando se reconhecem "desterritorializados", eles têm dificuldade em cultivar novos pertencimentos, o que relacionamos à distribuição dos setores universitários, com constante deslocamento dos corpos, ou da sensação de estarem

em espaços com controle excessivo, onde não podem de se manifestar. Assim, a distinção e a busca pela liberdade de expressão são partes da atmosfera dos cursos de AU e conduzem os frequentadores a interferirem nos planos espacial, social e sensorial a fim de desenvolverem sentimentos identitários que contribuem para que se sintam pertencentes a um universo reconhecível.

5. AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem aos entrevistados e instituições que têm contribuído para os resultados da pesquisa. A investigação em andamento conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da bolsa de doutorado da primeira autora, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de produtividade em pesquisa da segunda autora.

6. REFERÊNCIAS

Abdullah, N. et al. (2011). Architecture design studio culture and learning spaces: a holistic approach to the design. Procedia Social and Behavioral Sciences. 15, 27-32. *http://doi:10.1016/j.sbspro.2011.03.044*

Arbuckle Industries. (2014, 17 dezembro). Archiculture: a documentary film that explores the architectural studio. [Vídeo]. YouTube. *https://www.youtube.com/watch?v=62r3UPrOS9k*

Brocato, K. (2009). Studio Based Learning: Proposing, Critiquing, Iterating our way to Person-Centeredness for Better Classroom Management. Theory Into Practice, 48:2, 138-146, *http//DOI: 10.1080/00405840902776459*

Bronfenbrenner, U. (1979). The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Chee, L. & Tan, Y. (2022). Studio Culture as Competency, Ardeth (online), pp. 10-11. *http://journals.openedition.org/ardeth/2916*.

Duarte, C. (2010). Percursos, escritas e novos olhares para o pesquisador em Arquitetura. Em Tangari, v. et al. (Org.). A pesquisa em arquitetura: caminhos e proposições. Rio de Janeiro: Proarq-UFRJ.

Duarte, C. et al. (2022). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books.

Fisher, T. (2007). The architecture school as a type. Em Nasar, J.; Preiser, W & Fisher, T. Designing for designers: lessons learned from schools of architecture, New York: Fairchild Publications, Cap. 4, pp. 34-60.

Krantz, D. & Harris, I. (2014). Archiculture: about. *https://archiculturefilm.com/about.html*

Melo, N. (2018). O grande palco futebolístico: ambiência e memória no Estádio do Maracanã pós-reforma para a Copa de 2014 (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Nascimento, J. (2015). As dimensões do comunitário no vale do capão: o vídeo como ferramenta de análise (trabalho final de graduação) Universidade federal da Bahia, Salvador.

Paula, K. (2008). Pela câmera: delineamento metodológico de uma etnografia dinâmica (Tese de doutorado) Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Souza, N. (2022). Experiências e potencialidades nos espaços de transição de cursos de arquitetura e urbanismo brasileiros (Documento para Qualificação de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Thibaud, JP. (2003). La parole du public en marche. In: Moser, G & Weiss, K (Org.). Milieux de vie: Aspects de la relation à l'environnement. Armand Colin, Collection Sociétales, Paris.

Thibaud, JP. (2012). A cidade a través dos sentidos. Cadernos PROARQ. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, 18, pp.1-16.

Uglione, P. (2008). A Memória na cidade e a invenção do lugar (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Vowles, H., Low, J. & Rose, H. (2012). Investigating Architecture Studio Culture in the UK: A Progress Report, Journal for Education in the Built Environment, 7:2, 26-49, *http://doi: 10.11120/jebe.2012.07020026*

R34

LOCAL DEVELOPMENT, COMMUNITY, AND FOOTBALL CLUB: A POSSIBILITY - PERSPECTIVES FROM ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE

DESENVOLVIMENTO LOCAL, COMUNIDADE E CLUBE DE FUTEBOL: UMA POSSIBILIDADE - PERSPECTIVAS A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE

Joyce Zaninho
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Patri_Lab · Universidade Federal do Espírito Santo
joycezaninho@gmail.com

Renata Hermanny de Almeida
Professora Doutora em Arquitetura e Urbanismo
Patri_Lab · Universidade Federal do Espírito Santo
renatahermanny@gmail.com

ABSTRACT
The football's place constitutes a space for producing sociability and forming collective identity, mobilizing urban life in its completeness. The football stadium is a central element where the peak expression of this identity is observed through various symbols and traditions shared by the fan community. In this context, the strong role of the football club and its supporters in shaping the local identity is understood. Consequently, there is a proposal to reflect on ways to guide local development based on football clubs, emphasizing community autonomy within the context of Desportiva Ferroviária in the Jardim América neighborhood of Cariacica-ES. To achieve this, a historical and documentary research is conducted on the transformations undergone by the club over time and the nuances that have influenced local development involving key stakeholders such as the club itself, the neighborhood, and Companhia Vale do Rio Doce.

KEYWORDS: local identity. association football. football place. Desportiva Ferroviária.

RESUMO
O lugar do futebol consiste em um espaço de produção de sociabilidade e constituição de identidade coletiva, mobilizador da vida urbana em sua completude. O estádio de futebol é elemento central, onde se verifica o ápice da expressão desta identidade por meio de diversas simbologias e tradições comuns à comunidade torcedora. Neste sentido, compreende-se o forte protagonismo do clube de futebol e suas torcidas na constituição da identidade do lugar. Com isso, propõe-se a reflexão acerca de formas de orientar o desenvolvimento local a partir dos clubes de futebol, baseado na autonomia da comunidade no contexto da Desportiva Ferroviária, no bairro Jardim América, em Cariacica-ES. Para tal, elabora-se pesquisa histórica e documental acerca das transformações ocorridas no clube ao longo do tempo e as nuances que influenciaram no desenvolvimento local a partir dos atores envolvidos, destacados o clube, o bairro e a Companhia Vale do Rio Doce.

PALAVRAS-CHAVE: identidade local. futebol. lugar do futebol. Desportiva Ferroviária.

1. INTRODUÇÃO
Desde o início da sua prática, em diversas localidades, o futebol tem sido um amplo espaço de produção de sociabilidade e constituição de identidade coletiva, expressa no clube de futebol através de diversos elementos. Com forte base territorializada, dotada de sentido (Turco, 2014), tem-se o estádio de futebol como elemento centralizador, onde se verifica o ápice da expressão desta identidade por meio de simbologias, cores, ritos e tradições comuns a um clube ou torcida, por vezes comparados a rituais religiosos (Bale, 2001; Bromberger, 2019; Franco Jr., 2007).

Apesar deste marco geográfico, o lugar do futebol deve ser analisado de forma mais ampla, produto de uma prática coletiva (e individual) que envolve as arquibancadas, o transporte público, bares, ruas, redes, entre outros (Simões, 2023, p. 364).

O lugar do futebol opera como uma centralidade periódica capaz de mobilizar grande afluxo de pessoas em dias de jogos, provocando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (Mascarenhas, 2014a, p. 161). Trata-se de um fragmento representativo da própria cidade (Melo, Duarte, & Uglione, 2020, p. 28), com espaço apropriado pelos usuários que alimenta o sentimento de pertencimento e constituição identidades coletivas por meio de rituais construídos a partir de memórias coletivas e simbolismos, onde há participação ativa na festa e da vida pública (Mascarenhas, 2014a; Bromberger, 2019).

Como produto das interações humanas estabelecidas no lugar, verifica-se a construção de uma atmosfera sensível, identificada como ambiência, que captura estes elementos em sua completude. A ambiência é o que confere singularidade ao lugar, entendendo que a dinâmica entre cada lugar e suas interações é subjetiva, e pode ser observada por meio de suas características físicas, socioculturais e sensoriais (Duarte, 2013; Melo, Duarte, & Uglione, 2020).

Estádios de futebol e seu entorno em dias de jogos são notadamente conhecidos pela transformação da atmosfera ligada ao evento, acontecimento, movimento. No entanto, a construção desta ambiência não se dá apenas no evento periódico, mas sim a partir de um acúmulo ao longo do tempo, das resistências e persistências na longa duração. As práticas sociais em torno do fenômeno futebol estão profundamente associadas ao evento, não se restringem a ele, mas são constituídas em função dele. Assim, estabelecer um profundo conhecimento acerca do contexto de manifestação, tanto do lugar quanto do clube, é considerado passo relevante no sentido de elaborar descrições e análises em torno da ambiência enquanto fenômeno em cada contexto.

Neste sentido, busca-se elaborar neste artigo o percurso histórico do contexto de formação da identidade e pertencimento dos torcedores da Associação Atlética Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce com base em pesquisa histórica, bibliográfica e documental. Nele, pretende-se demonstrar a articulação existente ao longo da história entre o clube, os trabalhadores ferroviários da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), a comunidade torcedora e o bairro Jardim América, na cidade de Cariacica, Espírito Santo. A documentação e análise desta relação estabelecida em torno do clube de futebol se configuram como passo metodológico relevante para compreensão das dinâmicas estabelecidas no lugar do futebol no contexto da Desportiva Ferroviária. Trata-se de um campo de pesquisa com lacunas relevantes a serem preenchidas, apesar da relevância histórica, social e cultural do clube no cenário capixaba.

2. O BAIRRO, A FERROVIA E O CLUBE: SURGIMENTO E TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FERROVIÁRIA VALE DO RIO DOCE

Historicamente, o surgimento de clubes de futebol se dá em múltiplos contextos, no entanto, identifica-se um fenômeno relevante que contribuiu para a formação de clubes ao redor do mundo: a construção de ferrovias. Mascarenhas (2014a) aponta que a popularidade do futebol ao redor do mundo é uma expressão da força do império britânico no século XIX. Através dos trabalhadores ingleses, a instalação de ferrovias foi um dos principais caminhos que permitiu a permeabilidade do esporte no Brasil e outros países.

Com isso, é frequente o surgimento de clubes diretamente associados a um contexto ferroviário, seja através de iniciativa autônoma dos trabalhadores, por meio de sindicatos ou através da criação de clubes patronais[1]. Este cenário não se restringe a uma ou outra localidade, trata-se de um padrão de reprodução identificado em diversos lugares no Brasil e no mundo com longa tradição na prática do esporte desde a sua origem. Ernani Buchmann (2004) aponta a existência de mais de uma centena de clubes de origem ferroviária no Brasil. No Espírito Santo, a Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce é considerada o maior símbolo, além de outros clubes já extintos.

2.1 Pré-jogo: o contexto de formação do clube (1943-1963)

A história da Associação Atlética Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce se inicia muito antes da sua fundação na década de 1960. O surgimento da agremiação esportiva é profundamente associado à Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), como o nome da equipe sugere, e com a região ocupada pela ferrovia, especialmente os bairros Itacibá, Itaquari e Jardim América, situados na cidade de Cariacica, no Espírito Santo.

Na década de 1940, é realizada a implantação das operações da Companhia Vale do Rio Doce[2], na região, onde são realizadas uma série de transformações no território, entre elas a alteração no curso do rio Marinho (Silva, 2017, p. 61) e supressão de áreas de mangue no entorno. Neste período, Cariacica é considerada o maior polo industrial da que vem a ser conhecida como Região Metropolitana da Grande Vitória (Campos Jr, 2012), fornecendo diversos produtos ao mercado interno como café, banana, cana e derivados (Bezerra, 2009).

---

1 Como os clubes operários, os clubes ferroviários têm profunda ligação com o mundo do trabalho, associado ao processo de industrialização e urbanização do Brasil. Por vezes foi apropriado como uma eficiente pedagogia de fábrica, por enaltecer o trabalho em equipe, a obediência às regras, especialização nas tarefas, submissão ao cronômetro, entre outras características (Mascarenhas, 2014a, p. 91), além de estimular um sentimento de orgulho do trabalhador em relação às cores e símbolos do clube, profundamente associados aos símbolos e ideais da empresa.

2 Criada em 1942, a estatal era responsável pela extração de minério de ferro em Minas Gerais.

Com a ampliação das atividades da CVRD e maior inserção do Espírito Santo no mercado nacional e internacional, ocorre uma ruptura na forma de indústria predominante em Cariacica. A produção industrial doméstica entra em declínio e as atividades de logística e exportação de matéria-prima, notadamente o minério de ferro, ganham relevância entre as atividades econômicas do município (Campos Jr, 2012). Com isso, a região assume uma centralidade econômica por sua posição privilegiada, tratando-se de um ponto de articulação entre importantes ferrovias, rodovias e acesso facilitado ao Porto de Vitória (Campos Jr, 2012). Neste período, a ocupação do bairro de Jardim América é amplamente dominada por galpões de armazenamento de mercadorias (Silva, 2017). Com isso, a região se desenvolve majoritariamente torno das atividades realizadas pela Companhia Vale do Rio Doce. Neste contexto, os funcionários da estatal que viviam na região passam a se organizar em clubes de futebol como forma de ocupação do tempo livre e de lazer. Fundada em 1943, a Associação Atlética Vale do Rio Doce é considerada a agremiação pioneira, composta por funcionários de escritório da CVRD. Em 1945, o Ferroviário Sport Club é fundado por trabalhadores do setor de transportes da companhia. Anos mais tarde, outros clubes de trabalhadores são fundados, são eles: Esporte Clube Guarany (1951), composto por funcionários das oficinas; Associação Atlética Cauê (1957) e Associação Esportiva Vale do Rio Doce (1959). Apesar de terem autonomia, os clubes surgidos a partir dos funcionários da companhia passam a receber apoio financeiro da CVRD para manutenção das atividades, sejam amadoras ou em participação em campeonatos oficiais, além da permissão para utilização de terrenos da companhia para a prática esportiva, em especial na região de Jardim América (Marques, 2011).

Neste período, verifica-se uma forte relação de pertencimento dos trabalhadores integrantes com os clubes por eles fundado e administrado, dada a força social em plena ascendência do futebol (Santor Jr., 2014, p. 101). Tendo seu impacto positivo também reconhecido pela companhia, a atividade de lazer dos trabalhadores é estimulada e apoiada também pela CVRD por meio de suporte financeiro e concessão de terrenos para implantação de campos de futebol e sedes para os clubes, algo comum no Brasil em clubes que têm sua origem marcada pela ligação com trabalhadores ou operários de indústria, ferrovia, entre outros[3]. Assim, a relação dos clubes com a comunidade além do contexto ferroviário ainda é incipiente, restringindo-se aos funcionários da estatal, em especial nos clubes amadores, que não frequentavam as competições locais.

Contudo, o aumento do número de clubes passa a incomodar a companhia devido à ampliação do gasto financeiro e ocupação de terrenos considerados estratégicos para as operações da empresa[4]. Com isso, em 1959 surge uma proposta de fusão

3 Além da já mencionada importância das ferrovias no processo de difusão do futebol no Brasil, destaca-se pesquisa pioneira intitulada *Futebol Brasileiro: Instituição Zero*, realizada por Simoni Lahud Guedes, que tem como um dos objetos de investigação a relação dos operários de uma fábrica no subúrbio do Rio de Janeiro com o futebol (Guedes, 2023 [1977]).

4 Onde atualmente é situada a estação ferroviária Pedro Nolasco (Jardim América, Cariacica) tinha-se a área cedida ao campo do Ferroviário Sport Club. Com a construção da estação, o Ferroviário passa a ocupar a região que hoje está situado o Estádio Engenheiro Alencar de Araripe (Marques, 2009).

entre os clubes dos funcionários em uma agremiação, entendendo que um clube forte poderia se transformar em propaganda para a CVRD e a possibilidade de ocupação dos terrenos então utilizados pelos clubes (Marques, 2009). A ideia é mal recebida pelos integrantes dos clubes, em especial por causa das relações afetivas e de pertencimento estabelecidas em torno das agremiações. Outros motivos de tensão relacionados à proposta foram o apego de dirigentes em relação às posições de poder ocupadas no clube e a crescente rivalidade esportiva que se construía entre os clubes.

2.2 Primeiro tempo: o surgimento da Associação Atlética Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce e a consolidação da base social do clube (1963-1990)

Após longo período de tensões e negociações, em 17 de junho de 1963 as agremiações chegam a um consenso, então é fundada a Associação Atlética Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce[5]. Com ela, o apoio disperso da CVRD aos clubes de futebol passa a se concentrar em uma agremiação, viabilizando à equipe maior força competitiva no cenário capixaba.

Neste contexto, construído com investimento e mão de obra fornecidos pela Companhia Vale do Rio Doce, em 1967, é inaugurado o estádio Engenheiro Alencar de Araripe, situado no bairro Jardim América, em Cariacica. O estádio é implantado ao lado da antiga sede social da Associação Atlética Vale do Rio Doce, herdada pela Desportiva Ferroviária, mediante realização de aterro em uma região de várzea do rio Marinho (Silva, 2017, p. 81). No estádio, diversas obras são realizadas com o apoio da CVRD ao longo da primeira década de atividade do clube: execução da arquibancada-colégio (1968); a cobertura da primeira arquibancada (1970) e execução do setor popular do estádio, uma nova arquibancada atrás de um dos gols, conhecido como Tobogã (1970). Com isso, as ampliações do estádio acompanham o crescimento do clube e sua torcida, com sucessivas participações no campeonato nacional nos anos seguintes, algo inédito entre os clubes capixabas. As transformações do estádio acompanham o crescimento da popularidade do clube, que passa a representar o futebol capixaba no campeonato nacional nos anos seguintes, bem como o adensamento populacional da região de Jardim América e do município de Cariacica por populações vindas do interior do Espírito Santo[6], que passam a adotar o futebol local como forma de lazer e sociabilidade no tempo livre (Mascarenhas, 2014a). Assim, a base social do clube, antes restrita aos trabalhadores ligados à Companhia Vale do Rio Doce, é ampliada de forma significativa. Apesar

5 A sede escolhida para o novo clube é implantada no terreno onde se situava a sede social do Ferroviário Sport Club. Construída em 1962, a sede social foi a única etapa concluída de um projeto mais amplo que previa a construção de um estádio, custeada e executada pela Companhia Vale do Rio Doce (Marques, 2009).

6 Este adensamento e o processo de adoção do clube está associado à chegada de população vinda de regiões rurais com objetivo de sobreviver à crise da produção agrícola através da migração para núcleos urbanos (Campos Jr, 2012; Mascarenhas, 2014a).

disso, o clube mantém a tradição de indicação de diretores ligados à estatal, que por sua vez prestava apoio ao clube com objetivo de melhorar a imagem da empresa através da participação em ações de bem-estar social (Marques, 2009; Franco Jr., 2007; Santor Jr., 2014).

2.3 Segundo tempo: o declínio grená (1990-2010)

Após quase três décadas, no começo da década de 1990, o apoio da Companhia Vale do Rio Doce à Desportiva Ferroviária chega ao fim, em meio à difusão de doutrina neoliberal e aplicação de tais práticas no contexto brasileiro. Como forma de protesto devido ao fim do apoio da estatal, o clube rompe com a tradição de eleger funcionários da empresa para cargos de direção (Marques, 2009, p. 191). Com a privatização da Companhia Vale do Rio Doce ocorrida em 1997, o estádio Engenheiro Araripe, construído em terreno da estatal, tem a posse transferida oficialmente para a Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce. A posse legal do terreno e do estádio é considerada um marco relevante por oficializar o pertencimento do clube relacionado ao Estádio Engenheiro Araripe (Marques, 2009).

Muito antes do documento, o pertencimento da Desportiva em relação ao estádio é construído ao longo de décadas desde as obras e inauguração do estádio, através das memórias coletivas associadas ao lugar a partir dos profissionais do clube e dos torcedores. Apesar desta conquista, com o enfraquecimento do clube devido à perda do principal apoio financeiro e de infraestrutura ao longo de toda a década de 1990, a Desportiva Ferroviária enfrenta um longo período de crise, resultando em um gradual enfraquecimento da competitividade no futebol e aumento das dívidas do clube. Ainda assim, a comunidade formada, composta principalmente por torcedores e sócios do clube, permanece forte em torno da Desportiva Ferroviária, mantendo então a relevância do clube no futebol capixaba.

Dois anos mais tarde, em 1999, em meio à onda de modernização dos clubes que ocorria no período[7], entre elas a imposição de transformação dos clubes de futebol em empresa, a agremiação assina um contrato que retira a autonomia do clube sobre o futebol e seus bens imóveis. Diante da perda do controle do clube e estádio após concessão dos direitos de administração ao grupo Villa-Forte & Oliveira, aquele que parecia um bom acordo para sanar o endividamento do clube se transformou em um grande pesadelo que durou pelo menos 12 anos, com consequências além deste período. O novo grupo responsável pela Desportiva Ferroviária provoca transformações profundas no clube, alterando as tradicionais cores, escudo e nome[8] do time (Marques, 2009, p. 233). Este período representa o maior revés da história

7 A recém sancionada Lei Pelé, nº 9.615/1998, estabelecia novas regras aos clubes de futebol, entre elas, a obriga-toriedade da transformação do clube em empresa. Em pouco tempo a lei sofreu alterações e a transformação dos clubes em empresa passou a ser facultativa, permanecendo a existência do modelo associativo.

8 Neste período, o clube passou a se chamar Desportiva Capixaba S/A.

da Desportiva Ferroviária, iniciando um processo de apagamento de sua história[9], de profunda desconexão com a comunidade que o criou e atribuiu significado ao longo de várias décadas desde a fundação. Como consequência, por não mais se reconhecerem no clube, grande parte dos torcedores se mantiveram distantes do time durante a era Capixaba S/A, que chegou a ter média de público inferior a 200 pagantes, bem como a ausência das grandes torcidas organizadas tradicionais (Guarandy, 2019, p. 44). Este marco representa uma ruptura entre o clube e a sua comunidade[10]. A desconexão foi tamanha que por longo período o clube deixou de praticar a atividade pela qual foi criado, o futebol, e o estádio passou a ser explorado grupo administrador com aluguel para outras atividades. Ao abandonar os símbolos tradicionais e o nome do clube, o grupo Villa-Forte & Oliveira acelerou esse processo de desconexão. O clube, que antes desempenhava relevante função social e envolvia uma comunidade em torno da tradição constituída ao longo de décadas pela torcida, agora é apropriado por uma empresa preocupada apenas com a relação de exploração dos ativos do clube, onde seu único objetivo consiste na obtenção de lucro através do uso do Estádio Engenheiro Araripe. No entanto, isso não significa que o clube foi abandonado. Formado por torcedores em 2009, o Movimento Desportiva "Viva" é fundado com objetivo de mediar e prestar apoio na resolução do problema entre o clube Desportiva Ferroviária e o grupo Villa-Forte & Oliveira.

A situação do clube se mantém até 2011, quando uma decisão judicial favorável à Desportiva Ferroviária desfaz o acordo com o grupo Villa-Forte & Oliveira. Com isso, o clube conquista o direito de retomar o seu nome tradicional, seus símbolos, bem como a recuperação da posse do estádio e administração do clube (Guarandy, 2019). Apesar da conquista judicial, com a retomada da autonomia do clube e afastamento do grupo Oliveira-Villa forte, as sequelas provocadas pelos anos de clube empresa provocaram danos sérios ao clube. A partir de 2011, inicia-se um processo de reconstrução, com campanhas direcionadas ao reestabelecimento da relação do clube com a comunidade Grená[11], que esteve afastada na fase Capixaba S/A, reconhecendo esta como o seu maior patrimônio a ser cultivado. Apesar das importantes conquistas, o clube lida até a atualidade com as consequências deste período. O processo de recuperação é longo, com disputas judiciais que ainda ameaçam o patrimônio do clube, um legado em forma de crise financeira e administrativa deixados ao clube e, principalmente, o desafio da retomada da comunidade responsável por criar e transmitir a tradição do clube e permitir a existência da ambiência do estádio após longo período de desconexão entre clube e comunidade.

---

9 Neste período, a antiga sede social do clube foi invadida e roubada, transformada em ruínas, perdendo registros materiais, incluindo o acervo de memória, dos anos de atividade do clube, desde a ata de fundação, fotografias, troféus, entre outros (Marques, 2009, p. 245).

10 Através de entrevistas realizadas por Bruno Marques em seu livro Os trilhos da história: *Memórias da Desportiva Ferroviária* (2009) e de dissertação de mestrado (Guarandy, 2019) é possível perceber a profundidade da fragmentação da relação entre clube e torcedores provocada pelo período em que o clube manteve a sociedade com o grupo Villa-Forte & Oliveira.

11 Cor símbolo da Desportiva Ferroviária, utilizada também como apelido de sua torcida.

2.4 Prorrogação: a resistência grená frente à iminente perda do clube (2010-presente)

Em 2011, após a Desportiva Ferroviária recuperar a autonomia sobre o clube, estádio e símbolos, é lançada a campanha Movimento Sou Grená em conjunto com as duas maiores torcidas organizadas: Grenamor e Esquadrão Grená. A ação é realizada com objetivo de reaproximar o clube com a comunidade após o longo período de inatividade. Além disso, é promovida mobilização para revitalização do estádio Engenheiro Alencar de Araripe (Figura 1) após anos de negligência na manutenção por parte do grupo responsável pela Desportiva Capixaba S/A (Nunes, 2011). No mesmo ano, com a retomada das atividades do clube em campeonatos oficiais, ocorre o retorno ao estádio da Desportiva Ferroviária com o escudo, cores e símbolos tradicionais, já após a dissolução do acordo com a Desportiva Capixaba S/A. No entanto, os pareceres favoráveis à Desportiva Ferroviária na justiça não significam o fim do processo ou dos problemas relacionados à antiga gestão.

Figura 1 – (à esquerda) Torcedores da Desportiva Ferroviária em mutirão de revitalização do estádio Engenheiro Araripe cobrem o escudo da Desportiva Capixaba S/A; (à direita) Festa no estádio Engenheiro Araripe realizada pela torcida na primeira partida da Desportiva Ferroviária após anos de inatividade.
Fonte: Nunes (2011); Nestor Müller/Jornal A Gazeta em Globo Esporte (2011)

Em 2012, devido a dívidas contraídas no período Capixaba S/A, o estádio Engenheiro Araripe quase é levado a leilão[12]. Com isso, é realizada a Marcha em Defesa do Estádio Engenheiro Araripe (Figura 2), convocada por torcedores e comunidade local em apoio à manutenção do patrimônio do clube. Além de ações imediatas em defesa do clube frente aos problemas decorrentes da antiga sociedade, percebe-se um movimento na comunidade com o objetivo de documentar e divulgar a história do clube através da publicação de registros históricos acerca da trajetória esportiva e social da Desportiva Ferroviária. Destaca-se a iniciativa Tivapédia (Carlini, 2024), sob responsabilidade de Leandro Vieira Carlini. Trata-se de esforço relevante frente à falta de acesso existente acerca da história do clube, mesmo em bases oficiais, que cumpre o objetivo de manter o legado do clube a construção contínua do processo de identificação da sua comunidade.

12 Ao longo dos anos, houveram sucessivas tentativas de levar o estádio a leilão, sendo a mais recente em 2024. A decisão ainda não foi concretizada, mas o risco segue iminente. Neste sentido ações civis são mobilizadas junto à Assembleia Legislativa do Espírito Santo na tentativa de elaborar mecanismos de proteção ao estádio frente a esta ameaça (Projeto de Lei nº 347/2024, ALES).

Figura 2 – Marcha em Defesa do Estádio Engenheiro Araripe realizada em 2012 após primeira tentativa de leilão do estádio. Fonte: Globo Esporte (2012).

A partir das ações elencadas, é possível identificar certo grau de organização e militância em grupos pertencentes à comunidade de Desportiva Ferroviária, mesmo no cenário enfraquecido em que se encontra o futebol capixaba[13] e em especial a Desportiva Ferroviária na era pós Desportiva Capixaba S/A. Como constatado por Bale (2001), a militância e ativismo associados a clubes de futebol em sua maioria estão ligadas a eventos pontuais que ameaçam componentes da identidade do clube, como o estádio. É importante analisar esta força coletiva com maior profundidade com objetivo de compreender de que forma a militância pode ser articulada de forma perene e ampliando sua escala e abrangência. Neste sentido, é possível reconhecer na comunidade engajada em torno da Desportiva Ferroviária um potencial motor para o desenvolvimento local em conjunto com o clube de futebol. Para isso, é preciso pensar um futebol além da elite concentrada e homogeneizada, que pense o esporte e seu contexto local, que não esteja à venda. É necessário evidenciar as limitações do modelo centralizador imposto pela forma liberalizante que predomina no funcionamento do futebol e no mundo na atualidade, que tem como uma de suas consequências mais sensíveis a produção e o aprofundamento das desigualdades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS?

Ao analisar a trajetória da Desportiva Ferroviária, é possível identificar as transformações ocorridas na relação tríade entre o clube, a comunidade e o lugar. Destaca-se o papel dos trabalhadores da Companhia Vale do Rio Doce, responsáveis pela constituição, profissionalização e administração do clube ao longo de décadas, bem como o apoio financeiro da estatal. Este contexto não impede que o clube amplie sua base social para além do contexto ferroviário, culminando no reconhecimento da Desportiva Ferroviária como um dos clubes mais populares do Espírito Santo. Apesar da relevância do clube e de sua história e tradição, isso não impede os anos de crise

13 Além das questões particulares à Ferroviária ao longo do ensaio, é necessário reconhecer a existência de um fenômeno mais amplo que afeta a periferia do futebol brasileiro, como é o caso dos times capixabas.

iniciados na década de 1990 que têm como consequência o quase desaparecimento do clube a partir da transformação em clube empresa e apagamento provocado pelo grupo Villa-Forte & Oliveira ao longo de mais de uma década.

Neste período, verifica-se um afastamento da torcida em relação ao clube, dado que a transformação em Desportiva Capixaba S/A praticamente suplantou a existência da Desportiva Ferroviária em seu período de atividade. O descaso com a Desportiva Ferroviária não se deu apenas na esfera esportiva, com o abandono e processo de arruinamento da sede social do clube, grande parte da memória documentada oficialmente – por meio de troféus, medalhas, fotografias e documentos – foi perdida. Por outro lado, iniciativas autônomas por parte dos torcedores buscavam documentar a história pregressa do clube a fim de evitar a iminente perda da memória de um dos maiores clubes capixabas, ainda com futuro incerto. Assim, embora se reconheça a desigualdade de forças, a comunidade se mantém presente ao longo de todo o processo, seja por meio de figuras representativas que vivem o clube, seja através de protestos por discordâncias em relação aos rumos políticos da instituição, sobretudo na era Desportiva Capixaba S/A. Ressalta-se a relevância da identificação destas iniciativas autônomas e de torcedores em torno do clube, que reforça a conexão e consciência relacionadas ao lugar; o desenvolvimento de ritos e tradições coletivas comum aos clubes de futebol, bem como o desenvolvimento e transmissão de uma identidade coletiva; forte reconhecimento e reverência à própria história; poder de militância organizada, com possibilidade de desenvolvimento de forma autônoma. Estas características, intrínsecas às comunidades relacionadas aos clubes de futebol, são requisitos necessários para a auto sustentabilidade de um projeto de desenvolvimento voltado ao lugar.

A documentação e conhecimento acerca da trajetória e desenvolvimento do clube possibilitam e orientam a continuidade dos estudos com objetivo de compreender e analisar as características do lugar do futebol no contexto da Desportiva Ferroviária que se constitui na atualidade. Assim, é possível identificar as permanências e persistências nas tradições em torno do clube, bem como as transformações realizadas na cultura de arquibancada. Para isso, é necessário avançar nas pesquisas de campo, por meio de observação participante e entrevistas com atores envolvidos[14]. Este artigo não tem a pretensão de oferecer conclusões, mas sim ampliar o debate tem torno do lugar do futebol com perspectivas orientadas ao desenvolvimento local por meio dos clubes de futebol e sua comunidade.

14O trabalho de campo desta pesquisa é iniciado em janeiro de 2024 por meio da observação participante ao longo do Campeonato Capixaba 2024. Este período foi importante para o reconhecimento inicial do contexto analisado. O cronograma estabelecido previa a continuidade da pesquisa de campo na Copa Espírito Santo 2024, iniciada em abril de 2024, em andamento até o fechamento do artigo, em julho de 2024. No entanto, com a interdição do Estádio Engenheiro Araripe devido à necessidade de manutenção dos gramados, esta atividade ficou impossibilitada no período previsto, provocando alterações significativas na abordagem proposta.

4. BIBLIOGRAFIA

Bale, J. (2001). *Sports, space and the city.* New Jersey: The Blackburn Press.

Bezerra, O. L. (2009). *Cariacica: resumo histórico* (2ª ed.). Cariacica: IPEDOC.

Bromberger, C. (2019). *Futebol, a brincadeira mais séria do mundo.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Buchmann, E. (2004). *Quando o futebol andava de trem: memórias dos times ferroviários brasileiros.* Curitiba: Imprensa Oficial.

Campos Jr, C. T. (2012). Reestruturação produtiva na Região Metropolitana da Grande Vitória: Manifestações socioespaciais em Cariacica. *Geografares*(13), pp. 284–311. doi:*https://doi.org/10.7147/GEO13.4137*

Carlini, L. V. (2024). Acesso em 2024 de Janeiro de 14, disponível em Tivapédia: *https://ferroviariaes.blogspot.com/*

Duarte, C. (2013). Ambiance: pour une approche sensible de l'espace. Em J.-P. Thibaud, & C. Duarte, *Ambiances urbaines en partage* (pp. 21-30). Genebra: Metis-Presses.

Franco Jr., H. (2007). *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.* São Paulo: Companhia das Letras.

Globo Esporte. (11 de Julho de 2012). *Torcida 'compra briga' da Desportiva Ferroviária pelo Engenheiro Araripe.* Fonte: Globo Esporte: *https://ge.globo.com/es/futebol/capixaba-serie-b/noticia/2012/07/torcida-compra-briga-da-desportiva-ferroviaria-pelo-engenheiro-araripe.html*

Guarandy, L. N. (2019). *Pertencimento Grená: um estudo sobre os vínculos comunicacionais dos torcedores da Desportiva Ferroviária no Espírito Santo.* Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Marques, B. (2009). *Os trilhos da história: Memórias da Desportiva Ferroviária* (1ª ed.). Vitória: GM Editora.

Marques, B. (2011). *'Ano do resgate' termina e Desportiva projeta o 'ano das vitórias'.* Acesso em 14 de Janeiro de 2024, disponível em Globo Esporte: *https://ge.globo.com/es/futebol/times/desportiva-ferroviaria/noticia/2011/12/ano-do-resgate-termina-e-desportiva-projeta-o-ano-das-vitorias.html*

Mascarenhas, G. (2014a). *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol.* Rio de Janeiro: EdUERJ.

Melo, N., Duarte, C., & Uglione, P. (2020). *O grande palco futebolístico: Ambiência, memória e ressignificação do Maracanã.* Rio de Janeiro: Trampolim Editora; Eventos Culturais Eirelli; Ministério da Cidadania.

Nunes, T. A. (2011). *Mais fotos do mutirão #SouGrená*. (T. NUNES, Editor) Acesso

em 14 de Janeiro de 2024, disponível em Folha Grená: https://folhagrena.blogspot.com/2011/07/blog-post.html

Santor Jr., N. (2014). Um "clube da fábrica" e um "clube de fábrica": o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1910). *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 12*(2), pp. 100-117. Fonte: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/issue/view/339

Silva, J. M. (2017). *Aspectos de paisagem, memória e esquecimento de um rio urbano: lembranças do Rio Marinho.* Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Simões, I. (2023). *A produção do clube: poder, negócio e comunidade no futebol* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Mórula.

Turco, A. (2014). Il luogo, bene comune. Em A. Turco, *Paesaggio, luogo, ambiente: La configurativitá territoriale come bene comune* (pp. 149-186). Unicopli.

R36

BEYOND THE PREDICTABLE: EXPLORING AMBIANCES IN EVERYDAY LIFE IN CITIES

CHAIRS Cristiane Rose Duarte
Ethel Pinheiro
Natália Rodrigues

This thematic session will then seek to encourage a dialogue between the different possibilities of confrontations illustrated by reports, and to analyze the establishment of sensitive environments, the potential and intensity of each moment of recognition of Otherness in the immersion of urban life. The aim is to discuss the extent to which when giving new meaning to the place experienced, or recalling it, individuals evoke the affective tones that qualify that moment of experience, truly building “blocks of meanings”.

R36

THE PRESENCE OF THE BELÉM PORTO FUTURO URBAN PARK AS AN AGENT OF SENSITIVE EXPERIENCES IN THE AMAZON FROM THE PERSPECTIVE OF NEUROARCHITECTURE

A PRESENÇA DO PARQUE URBANO BELÉM PORTO FUTURO COMO AGENTE DE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS NA AMAZÔNIA SOB A ÓTICA DA NEUROARQUITETURAV

Manuela Oliveira Pollhuber
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (PPGAU/UFPA)
Universidade Federal do Pará
manuela.pollhuber@itec.ufpa.br

Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo
Prof.ª Drª da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA). Coordenadora do Laboratório de Neuroarquitetura (Labneurau/UFPA). Integrante da Academy of Neuroscience for Architecture (ANFA)
Universidade Federal do Pará
cibellyfigueiredo.ufpa.br

AGRADECIMENTOS:

À CAPES pela ajuda de custo concedida à Autora 1
Ao Programa Institucional de Apoio à Produção Acadêmica - PIAPA Eventos Nacionais, pela ajuda de custo concedida à Autora 2

ABSTRACT

After the period of social isolation due to the COVID-19 pandemic, there arose a need for connection with the city, nature, and others. In this context, the Porto Futuro Park, inaugurated in 2020, located in Belém/PA, in the Amazon, has become a relevant public facility, as it promotes social interaction, proximity to nature, and the well-being of its users. Throughout the ethnographic incursions at the site, activities related to creativity, sports practice, and the exercise of citizenship were observed. Thus, this research aims, from the perspective of neuroarchitecture, to conduct an investigation regarding the appropriation of this space by its users and the significance attached to its uses. The methodology used is a qualitative research approach, with the applied method being ethnographic, and the data collection technique consisting of a photographic inventory, semi-structured interviews, and observations made during the park incursions.

KEYWORDS: parque urbano belém porto futuro. neuroarchitecture. ethnographic method. sensory experiences. amazon.

RESUMO

Após o período de isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19, surgiu uma necessidade de conexão com a cidade, com a natureza e com o outro. Nesse contexto, o Parque Porto Futuro, inaugurado em 2020, localizado em Belém/Pa, na Amazônia, se tornou um equipamento público relevante, à medida que promove interação social, aproximação com a natureza e o bem-estar dos usuários. Ao longo das incursões etnográficas ao local, observou-se a realização de atividades ligadas à criatividade, à prática de esportes e ao exercício da cidadania. Assim, esta pesquisa objetiva, a partir da neuroarquitetura, realizar uma investigação em relação a apropriação desse espaço pelos seus usuários e o significado atrelado aos seus usos. Utiliza-se como metodologia a abordagem de pesquisa qualitativa, cujo método aplicado será o etnográfico e a técnica de coleta de dados será composta pelo inventário fotográfico, entrevistas semiestruturadas e observações realizadas ao longo das incursões ao parque.

PALAVRAS-CHAVE: parque urbano belém porto futuro. neuroarquitetura. método etnográfico. experiências sensíveis. amazônia.

1. NEUROARQUITETURA, PERCEPÇÃO E O CONCEITO DE AMBIÊNCIA

O entendimento das respostas que a mente humana reflete por meio das interações, sensações, emoções e dos processos cognitivos no espaço físico possui grande relevância para nós, arquitetos. De acordo com Vilma Villarouco et al. (2021), a qualidade das construções está associada ao nível do entendimento das respostas do corpo humano aos estímulos do espaço. Então, quanto mais soubermos desses *feedbacks,* mais aprimorada será a projeção e materialização de espaços para os seus usuários.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a Psicologia Ambiental, abordagem de caráter multidisciplinar, trouxe além de enfoques teóricos, aspectos metodológicos para o entendimento da relação entre as pessoas e o ambiente construído, incluindo-se a questão cultural e seus impactos gerados no comportamento humano, além de considerar o contexto físico e social. Dessa forma, uma das importantes discussões levantadas pela Psicologia Ambiental é a noção de ambiência e sua ligação estreita com a percepção.

Ao se referir ao conceito de ambiência, Jean-Paul Thibaud (2018), sociólogo francês e um dos grandes estudiosos do assunto, classifica a noção de ambiência a partir da percepção de acordo com três parâmetros, a saber: a) abordagem ecológica, como uma qualidade de situação na qual é necessária a compreensão de todos os aspectos que permeiam uma situação na qual o indivíduo está inserido, pois a percepção envolve necessariamente um lugar e tudo aquilo que acontece no seu entorno; b) abordagem praxeológica, como uma estimulação motora; e c) abordagem fenomenológica, como um pano de fundo sensível.

Dessa forma, perceber não se limita apenas a reconhecer os objetos ao nosso redor, mas também envolve vivenciar o estado do ambiente em um determinado momento. Juhani Pallasmaa (2011), arquiteto finlandês, em sua obra “Os olhos da pele” se refere à arquitetura como sendo a arte de nos reconciliar com o mundo, e essa reconciliação se dá por meio dos sentidos e só acontece porque estes são integrados ao corpo. Para ele, ao nos depararmos com uma arquitetura, todos os nossos sentidos são afetados reforçando a experiencia existencial e nossa sensação de pertencimento ao plano terrestre.

Cristiane Duarte (2013), arquiteta e urbanista pesquisadora das dimensões culturais e subjetivas do espaço, considera que a noção de ambiência se aproxima mais do domínio empírico do que do teórico à medida que nos leva a uma reflexão das experiências, percepções e ações em espaços e contextos específicos. Quando falamos de um lugar, citamos suas características sensoriais, socioculturais e físicas que fazem e fizeram parte do nosso processo de vivência nesse local; seus cheiros, sabores, sons e movimentos ficam guardados em nossa memória.

> Assim, dizer que a ambiência desperta familiaridade nas pessoas significa dizer que a memória desses usuários foi capaz de "trabalhar", atribuindo significados ao lugar a partir de seu caráter multisensorial e íntimo dos registros previamente adquiridos por seus praticantes (DUARTE, 2013, p. 2).

Nesse aspecto, o espaço da cidade faz parte do cotidiano dos seus habitantes e é carregado de simbolismos, noções de coletividade, encontros e memória. Ainda de acordo com Duarte (2013), a apropriação do ambiente urbano passa pelo reconhecimento da realidade sensorial das ambiências da cidade e evoca em seus habitantes um caráter subjetivo da experiência coletiva, marcado pela consciência de pertencer a um contexto urbano cujas sensações possuem significados compartilhados pelos seus usuários.

Nesse contexto, é importante a compreensão desses aspectos subjetivos que permeiam a relação entre os habitantes e a cidade. Assim, considerar experiências e percepções dos usuários nos espaços urbanos deve ser o ponto central em seus processos de construção e intervenção.

Dessa forma, fica clara a estreita ligação entre percepção e ambiência. Duarte (2013, p. 3) afirma que "a Ambiência não é objeto da percepção: ela estabelece os termos da percepção, afetando todos os tipos de ação." Assim, a ambiência funciona como um plano de fundo das nossas experiências com os lugares em que habitamos e visitamos e nos orienta a agir, sentir e perceber quando estamos expostos a eles. Só podemos realizar todas essas tarefas porque temos a presença de um corpo que está em constante movimento, percebe o mundo ao seu redor e sente todos os estímulos gerados pelo ambiente no qual está imerso.

A partir dos anos 2000, buscou-se entender qual seria o papel do cérebro humano na percepção e nas emoções que um determinado espaço provoca em seus usuários. De acordo com Villarouco et al. (2021), enquanto a Psicologia Ambiental nos informa sobre qual comportamento está ocorrendo no espaço, a neurociência vai além e explica o porquê de este comportamento acontecer.

Nesse contexto, no ano de 2003, foi fundada a Academy of Neuroscience for Architecture[1] (ANFA), na University of Califórnia, em San Diego. A ANFA é uma organização interdisciplinar que reúne profissionais de diversas áreas da neurociência, arquitetura e urbanismo, psicologia ambiental e outras disciplinas, que objetiva entender a interação entre o cérebro humano e o ambiente construído a fim de compreender como o ambiente físico afeta o bem-estar e o comportamento dos indivíduos e assim criar ambientes que contemplem de maneira mais profunda as necessidades humanas.

---

1 Academia de Neurociências para Arquitetura. Tradução nossa.

Lorí Crizel (2020), arquiteto e escritor do primeiro livro sobre neurociência aplicada à arquitetura no Brasil e atual presidente da ANFA brasileira, reforça a importância da união entre cientistas e arquitetos para interpretar a relação entre cérebro-espaço/ser humano-arquitetura a fim de obter informações precisas sobre as percepções do indivíduo em relação ao ambiente e como isso afeta o seu comportamento, sensações e decisões. Dentre as ferramentas necessárias para essa interpretação, são feitos mapeamentos com o auxílio de exames de ressonância magnética, eletroencefalograma. Porém, na ausência desses equipamentos pode ser usado o método empírico voltado para a observação sistemática do comportamento humano por meio da interação entre pessoa-ambiente, o chamado Estudo Baseado em Evidências.

Para as arquitetas e estudiosas da neuroarquitetura Gabriela Sartori e Priscilla Bencke (2023) a proposta desta ciência é reunir esforços em conjunto com a neurociência a fim de proporcionar a construção de espaços mais assertivos que de fato atendam as reais necessidades humanas. Com o auxílio das ferramentas da neurociência, podem surgir novas soluções para a maneira de projetar ambientes para os seus usuários que, mesmo pautadas na ciência, não perdem o teor da criatividade extremamente necessário para o arquiteto projetista.

De acordo com a arquiteta e atualmente vice-presidente da ANFA no Brasil, Andréa de Paiva (2020), a forma como o ser humano se adapta ao espaço é influenciada por diversos fatores como a genética, as memórias e a frequência e duração da exposição ao ambiente. Essas variáveis afetam diretamente a relação entre indivíduo e ambiente construído, o que torna a neuroarquitetura um campo de estudo desafiador.

Dessa forma, essa pesquisa objetiva realizar uma investigação e uma posterior análise em relação a apropriação do espaço público Parque Urbano Belém Porto Futuro, localizado na cidade de Belém/Pa, pelos seus usuários e o significado atrelado aos seus usos. A Neuroarquitetura apresentará subsídios, a partir de estudos baseados em evidências, para as análises a serem realizadas no âmbito das relações cognitivas nas experiências experimentadas no objeto de estudo. Diante da ausência de equipamentos da medicina, como os citados anteriormente, essa pesquisa adotará uma abordagem metodológica qualitativa, cujo método aplicado será o etnográfico e a técnica de coleta de dados será composta pelo inventário fotográfico, entrevistas semiestruturadas e observações realizadas ao longo das incursões ao parque.

2. O PARQUE URBANO BELÉM PORTO FUTURO COMO PALCO DE AMBIÊNCIAS CRIATIVAS

O Parque Urbano Belém Porto Futuro se transformou em um lugar de afetividade, construção de memórias, exercício de cidadania e um importante aliado na construção de ambiências criativas dentro da cidade de Belém do Pará, na Amazônia. Ao longo de quase quatro anos de existência o espaço urbano público se consolidou como um

dos principais ambientes de lazer da capital paraense e é palco de diversas atividades atreladas à prática esportiva, interação social, economia criativa e exercício da cidadania.

De acordo com Adailson Dantas (2021), o Parque Porto Futuro faz parte do projeto de revitalização da zona portuária da capital paraense, o qual possui como objetivo requalificar áreas degradadas e subutilizadas localizadas em um espaço nobre e central de Belém a fim de integrar o porto à cidade. O projeto foi dividido em três etapas. As obras da primeira parte do projeto iniciaram em março de 2018 e foram concluídas em agosto de 2020, e englobaram o Parque Urbano Belém Porto Futuro; uma ponte sobre o canal da Avenida Visconde de Souza Franco; a abertura da Rua Belém, ligando a Avenida Pedro Álvares Cabral à Travessa Rui Barbosa; e ainda a criação de um espaço para o estacionamento, uma praça gourmet e a reforma da Praça General Magalhães, localizada no entorno imediato do Parque Porto Futuro, apresentado na Figura 1 (AGÊNCIA PARÁ, 2020).

Figura 1/Figura 1. Mapa Entorno Parque Urbano Porto Futuro
Fonte: Google Maps, 2024 com adaptação da autora.

O Parque Urbano Belém Porto Futuro, inaugurado em agosto de 2020 na primeira etapa do projeto, está localizado em frente ao Terminal Hidroviário de Belém, às margens da Baía do Guajará, e atualmente funciona como ponto de referência na cidade para os visitantes que chegam através do transporte fluvial, característico da região amazônica. O Parque é aberto todos os dias da semana nos horários de seis da manhã às dez horas da noite e de acordo com a Agência Pará (2020), o espaço possui um sistema de monitoramento e posto policial. Além desses instrumentos de segurança, ele é rodeado por um gradil e possui apenas duas entradas que são monitoradas.

O parque agrega lazer, cultura, cidadania, saúde, educação e sustentabilidade em um só lugar. Com mais de vinte mil metros quadrados de área, o espaço contempla uma praça gastronômica, pistas de ciclismo e corrida, academia ao ar livre, lago artificial, parque infantil, espaço pet, ponte, decks e uma fonte interativa, chamada de "Balé das Águas" como observado abaixo na planta de implantação do espaço (Figura 2). A

praça gastronômica é composta de lanchonetes que oferecem em seu cardápio uma gama diversificada de comidas típicas do Estado, fomentando o turismo e a difusão da gastronomia paraense. Além de ser um espaço de lazer e prática de exercícios físicos, o parque se tornou palco de diversas ações educativas voltadas para o meio ambiente, trânsito e inclusão social, e recebe visitantes de diversos bairros da cidade. Segundo a Agência Pará (2021), no seu primeiro ano de funcionamento o espaço já tinha recebido mais de seiscentos mil visitantes e passou a ser um dos equipamentos públicos mais visitados por belenenses e turistas.

Figura 2/Figura 2– Planta de Implantação do Parque
Fonte: Archdaily, 2020. Disponível em https://www.archdaily.com.br/br/980559/parque-futuro-grifo-arquitetura. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

De acordo com a Agência Pará (2020), toda a infraestrutura do parque foi pensada para que ele fosse sustentável e acessível. Foram instalados, pontos de iluminação com lâmpadas de LED, estruturas de captação da água da chuva que é reaproveitada na irrigação da grama e nas descargas dos vasos sanitários. Em relação à acessibilidade, foram construídos banheiros adaptados para Pessoas com deficiência (PCD), rampas de acesso e piso podotátil que auxiliam no deslocamento de pessoas com deficiência visual. É válido destacar que no momento de sua inauguração, o parque possuía pouquíssima vegetação arbórea, mas a partir de uma ação conjunta entre governo e inciativa privada, ao longo de sua existência foram plantadas centenas de árvores com o intuito de aumentar a área de sombreamento natural do local a fim de proporcionar um maior conforto térmico para os seus usuários.

Neste sentido, é possível afirmar que o Parque Porto Futuro vem desempenhando um papel fundamental na cidade de Belém/PA, já que ao longo dos mais de três anos da sua existência se tornou um local que oportuniza relações sociais, encontros, bem-estar e lazer. De acordo com Cibelly Figueiredo (2022, p. 44), “sendo a sociedade,

também, causa e consequência do espaço que a produz, sua compreensão está relacionada com contexto específico no qual foi criada". Dessa forma, é importante destacar que o Parque foi inaugurado em um contexto pandêmico do SARS-COV-2, e nesse momento uma das principais recomendações dos órgãos de saúde foi o isolamento social.

De acordo com o Agência Pará (2020), quando o parque inaugurou era obrigatório o uso de máscaras, além da aferição da temperatura corporal e do uso de álcool nas mãos ao adentrar o local. Após esse período pandêmico, a necessidade de socialização, da realização de atividades ao ar livre e do contato com a natureza tornou-se evidente. Nesse contexto, ambientes com um design biofílico ganharam notoriedade.

Para entendermos o que é o design biofílico, é importante compreendermos o significado da palavra "biofilia". A hipótese da biofilia de Edward Wilson (1984), biólogo norte-americano, discorre sobre a necessidade do ser humano de se relacionar com a natureza a fim promover o seu bem-estar biopsicossocial. Dessa forma, parques, praças e outros equipamentos públicos que possuem elementos naturais e até construídos que conectem o usuário à natureza são essenciais em todas as cidades.

O Design Biofílico tem como objetivo conectar os seres humanos à natureza e pode ser aplicado nos espaços com o uso de silhuetas orgânicas, usufruindo da relação luz e sombra, e com a utilização de materiais próprios da natureza, como a madeira, a água, a vegetação e a luz natural (Stouhi apud Giordani e Ruschel, 2020). De acordo com Lázaro Santos (2021):

> A interação humana com a natureza proporciona um aumento atividade parassimpática, resultando em melhor função corporal e redução da atividade simpática. Ou seja, o conectar-se com ambientes naturais, reduz atividade do sistema responsável por lutar ou fugir (estresse) e aumenta a atividade do sistema responsável pela calma, saciedade e repouso. O resultado é diminuição do estresse e irritabilidade, e a capacidade aumentada de se concentrar. (SANTOS, 2021)

Assim, uma das hipóteses é que o Parque Porto Futuro, sendo um dos poucos parques urbanos da cidade de Belém, foi e é um espaço público de lazer muito procurado pelos habitantes locais pois sua inauguração coincidiu com um cenário no qual a busca pela conexão com a natureza foi acentuada e espaços com um design biofílico, como o local, ganharam notoriedade.

Desde o partido arquitetônico até a materialização do projeto, a biofilia se fez presente no parque; o uso de silhuetas orgânicas – formas inspiradas na natureza, que apresentam linhas fluidas e curvas suaves - são encontradas facilmente quando

nos deparamos com as vistas aéreas do local. Na perspectiva da Figura 3, a imagem do lago apresenta o teor orgânico que traz uma naturalidade a esse elemento que é artificial.

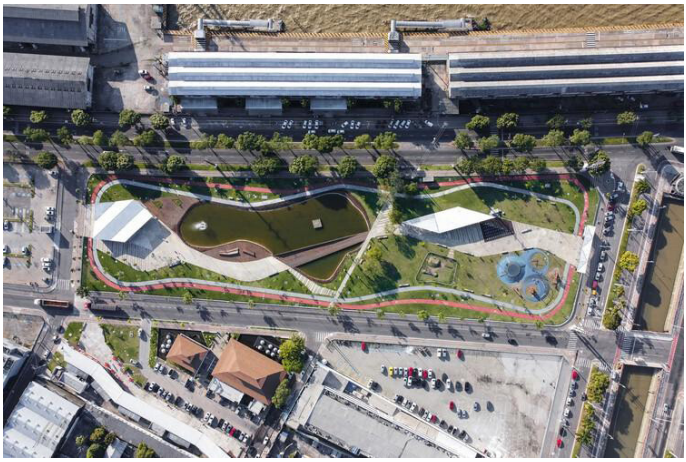


Figura 3/ Figura 3. Vista superior do Parque Futuro
Fonte: João Sarturi, 2020. Disponível em *https://www.archdaily.com.br/br/980559/parque-futuro-grifo-arquitetura*. Acesso em : 20 de fevereiro de 2024.

O uso de materiais como a madeira utilizada nos bancos e no deck ao redor do lago (Figura 4) também é uma estratégia de aproximação com a natureza. É válido ressaltar que os bancos foram pensados e projetados em geometria angular a fim de gerar o máximo conforto do usuário, para que ele possa permanecer e contemplar a paisagem.

Figura 4/Figura 4. Mobiliário urbano do Parque do Futuro.
Fonte: Manuela Pollhuber, 2023.

Contudo, o cenário pós-pandemia e a crescente busca por ambientes biofílicos, certamente não são os únicos fatores relevantes quando pensamos na apropriação e nos usos do parque pelos seus usuários. Na relação entre usuário e espaço existem fatores chave para que essa relação seja benéfica e atrativa, consolidando elos afetivos, o retorno e a permanência dos seus frequentadores. A topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, e para que ele seja consolidado, o ambiente precisa despertar nos usuários sensações de bem-estar e o desejo de permanecer e retornar para então, gerar a afetividade (Tuan, 1980).

Assim, a ambiência é um elemento de grande relevância à medida que ela é capaz de transformar um espaço em atrativo ou não. Nossas maneiras de sentir e de perceber, de agir e de interagir com o outro necessariamente se relacionam com a ambiência que sempre se faz presente em todos os lugares e abrange para além do espaço físico, o contexto cultural, social e sensorial de um determinado local. Considerar a ambiência em projetos, tanto de âmbito privado quanto público, resulta na criação de espaços mais agradáveis, funcionais e identitários em relação aos cidadãos locais.

Nesse ponto, a permanência e a frequência das pessoas no parque também é um aspecto de grande relevância à medida que se configura como um aspecto capaz de propiciar a convivência e o estreitamento de laços. Ao permanecer e visitar com frequência um espaço público pressupõe-se que ele é convidativo e que ao longo do tempo é capaz de criar um vínculo com os seus usuários, ou seja, ele deixa de ser um espaço comum e transforma-se em um lugar que desperta sentimentos e sensações. Nesse aspecto considera-se o conceito de lugar de Tuan (1983, p. 6) "[...] o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor".

Ao longo das incursões ao parque e das entrevistas semiestruturadas realizadas, alguns aspectos objetivos e subjetivos relacionados à ambiência e aos elementos topofílicos do local puderam ser observados. Assim, buscou-se, a partir das ferramentas do método etnográfico – entrevistas semiestruturadas e diários de campo –, respostas para as perguntas de pesquisa elencadas anteriormente.

Uma das perguntas de pesquisa diz respeito a elementos construídos do parque que funcionam como elementos topofílicos para os usuários. A hipótese levantada diz respeito ao uso das grades, que embora em muitos casos seja um elemento repulsivo e de segregação social, nesse caso e para esse grupo específico, funciona como um elemento positivo. Por ser um espaço rodeado por grades, existe uma relativa tranquilidade em deixar as crianças que frequentam o parque livres para socializarem e brincarem.

A sociedade contemporânea limitou a liberdade da criança, o brincar livre nos espaços urbanos. Hoje há uma tendência de confinamento, dentro das casas, dos muros dos condomínios e dos shoppings centers; espaços, na visão de Dias (2017,

p. 505), "[...] sem surpresa, risco, estímulo ou diversidade, que acabam por cercear a criatividade e a infância em si". Nesse sentido, o Parque é um espaço que passa segurança para os familiares da criança e resgata, dentro da cidade, o convívio, a socialização e a brincadeira para além dos muros.

Em uma das entrevistas realizada no dia 20 de junho de 2023 uma das entrevistadas, mãe de duas crianças, relatou a segurança e as áreas voltadas para a diversão das crianças como principais atrativos do local:

> "Eu busco um lugar que elas possam brincar ao ar livre. Elas adoram o chafariz, tanto que elas já estão lá molhadas, tem o parquinho também, então é um espaço que a gente sempre gosta de estar vindo, elas sempre pedem, na verdade. Às vezes a gente vai para a praça, mas eu sinto que a praça não tem tanta opção como eles conseguiram montar aqui. E de ser cercado também, da gente se sentir seguro."

Como citado na fala da entrevistada, outro elemento diferencial do parque é o Balé das Águas, também conhecida pelos frequentadores como chafariz (Figura 5). Esse elemento lúdico, voltado para as crianças, é o primeiro desse tipo nos parques e praças de Belém. Em uma cidade de clima quente e úmido, além de ser um elemento ligado ao aspecto da brincadeira e criatividade, ele aparece como um elemento regulador de temperatura.

Figura 5/Figura5. Crianças brincando na fonte interativa/chafariz
Fonte: Manuela Pollhuber, 2023.

Nesse ponto, é válido ressaltar a importância do lúdico na brincadeira infantil. De acordo com Dias (2018), a apropriação lúdica dos espaços cria a sensação de segurança, o vínculo de identidade, o pertencimento e o elo de afetividade. Além

da fonte interativa, o *playground* infantil é um dos espaços mais frequentados; composto por mobiliário próprio para crianças e por um piso emborrachado tátil propício para a brincadeira.

Ademais, o espaço ganhou um papel fundamental no que tange o exercício da cidadania. Campanhas de conscientização sobre temas como educação no trânsito, inclusão social e meio ambiente são realizadas no local. Durante os meses de junho e julho deste ano, por exemplo, a Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Estado do Pará promoveu uma campanha em homenagem ao Dia Mundial do Meio Ambiente que se denominou "Experiência Amazônica – O Pará Sustentável", a qual consiste em uma experiência sensorial na Amazônia. Em um container de mais de 30 metros alocado no parque, o visitante percorre o caminho de modo participativo: assiste vídeos educativos sobre mudanças climáticas, interage por meio de um jogo no qual é possível vivenciar de forma lúdica o dia a dia dos agentes de fiscalização ambiental e por fim, com o auxílio de óculos de realidade virtual, o visitante é capaz de se sentir no meio dos rios da Amazônia.

Assim, pode-se dizer que o parque é um espaço rico em ambiências criativas, atividades diversas e capazes de abranger públicos variados que fomentam aspectos culturais, sociais e de cidadania são materializados nesse espaço público de lazer da capital paraense.

BIBLIOGRAFIA

CRÍZEL, Lorí. Como a neuroarquitetura contribui para o ato de projetual. Lorí Crízel + Partners, [S.l.], 2020a. Disponível em: *https://neuroau.com*. Acesso em: 20 abr. 2024

DANTAS, Adailson Soares. A cidade e seus sentidos: análise dos discursos que embasam projetos de requalificação urbana em Belém (PA). Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido da Universidade Federal do Pará. 2021. Disponível em: *https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13963/1/Dissertacao_CidadeSentidosAnalise.pdf*. Acesso em 26 de abril de 2024.

DIAS, Marina Simone. Em busca dos espaços públicos de brincar: um estudo das infâncias contemporâneas na cidade de Vitória- ES. **Pós, Rev**. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP, São Paulo, vol. 25, núm.45, 2018. Pp.102-117.

DUARTE, Cristiane Rose. Ambiência, por uma ciência do olhar sensível no espaço. (Introdução do livro AMBIANCES URBAINES EN PARTAGE. Organizado por: THIBAUD, J-P e DUARTE, C.R. Genebra: Metis-Presses, 2013. pp.21-30).

FIGUEIREDO, Cibelly Alessandra Rodrigues. A Ação do PAC 2 Cidades Históricas e a governança municipal na Amazônia: o caso da Praça do Carmo em Belém, Pa.2022. 202f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

GIORDANI, Luanna; RUSCHEL, Andressa. A arquitetura como ferramenta para a qualidade de vida:mudanças espaciais no cenário da pandemia (covid-19). v. 11 n. 2E (2021): Revista Thêma et Scientia

Governo do Pará (SECOM). Porto Futuro será entregue nesta quinta-feira (13) e integrará área portuária de Belém. Agência Pará, Belém, 12 ago. 2020. Disponível em: *https://www.agenciapara.com.br*. Acesso em: 19 abril 2024.

G1 PARÁ — BELÉM. Porto Futuro 2: como deve ser a nova obra anunciada na área portuária de Belém. Globo.com, 17 jun. 2023. Disponível em: *https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/06/17/porto-futuro-2-como-deve-ser-a-nova-obra-anunciada-na-area-portuaria-de-belem.ghtml*. Acesso em: 4 maio 2024.

LABOISSIERE, Luana (SECOM). Porto Futuro completa um ano e ressignifica paisagem portuária de Belém. Agência Pará, Belém, 19 ago. 2021. Disponível em: *https://www.agenciapara.com.br*. Acesso em: 4 maio 2024.

MUNIZ DA SILVA, L. O.; DUARTE, C. R. S. Ambiências urbanas no behaviorismo espacial e na fenomenologia da percepção. Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo *(online)*, v. 18, p. 1-15, 2020.

PAIVA, Andréa de. Ambientes para Crianças: o que a NeuroArquitetura pode nos ensinar. Agosto de 2020. Disponível em: *https://www.neuroau.com/post/ambientes-para-crian%C3%A7as-e-a-neuroarquitetura*. Acesso em 30 abr. 2024.

Parque Futuro/Grifo Arquitetura. 27 Mai 2023. ArchDaily Brasil. Disponível em: Galeria de Parque Futuro / Grifo Arquitetura - 30 (archdaily.com.br). Acesso em 30 abr. 2024.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SANTOS, Lázaro. Biofilia: a importância do contato com biodiversidade para saúde e bem-estar dos seres humanos. **EcoDebate.** 2021. Disponível em: *https://www.ecodebate.com.br/2021/04/28/biofilia-a-importancia-do-contato-com-a-biodiversidade-para-a-saude-e-bem-estar-dos-seres-humanos/*.Acesso em 22 abr. 2024.

SARTORI, Gabriela; BENCKE, Priscilla. **Ambientes que inspiram: Como a ciência, a tecnologia e a sensibilidade podem criar espaços que estimulam o bem-estar físico, a saúde mental e o desempenho cognitivo.** Editora Gente, 2023.

SIQUEIRA, Thaís (SECULT). Parque Urbano Belém Porto Futuro começa a receber público e se torna opção de lazer para paraenses e turistas. Agência Pará, Belém, 20 ago. 2020. Disponível em: *https://www.agenciapara.com.br*. Acesso em: 6 jan. 2024

_____. Governo planeja segunda e terceira fases do Parque Urbano Belém Porto Futuro. Agência Pará, Belém, 24 ago. 2020. Disponível em: *https://www.agenciapara.com.br*. Acesso em: 4 abril 2024.

THIBAUD, Jean-Paul. Ambiência. In: **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente** / Sylvia Cavalcante, Gleice A. Elali, (organizadoras). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VILLAROUCO, V.; FERRER, N.; PAIVA, M.; FONSECA, J.; GUEDES, A. P. **Neuroarquitetura: A neurociência do ambiente construído**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021.

YI-FU, Tuan. Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, SP: Difel, 1980.

R36

MUSIC IN EVERYDAY LIFE OF URBAN AMBIANCES: SOME CONSIDERATIONS

MÚSICA NO COTIDIANO DAS AMBIÊNCIAS: ALGUMAS REFLEXÕES

Lucas Yudi Moriya Sampaio
PhD Candidate in Architecture / Doutorando em Arquitetura
PROARQ - UFRJ
lucas.sampaio@fau.ufrj.br

ABSTRACT

Musical practices have historically integrated urban daily life and have intensified due to technological portability, accessibility to multimedia devices, and streaming services. These practices shape and are shaped by urban space, creating ambiances through repertoires chosen via the sonic agency of musical actors. This article analyzes how this process occurs in the Cultural Environment Protection Area of the Glória and Catete neighborhoods in Rio de Janeiro, utilizing soundwalks, dérives, and semi-structured interviews guided by a sonic ethnography. Investigations in different types of spaces and among various types of actors reveal that music influences and is influenced by ambiances through the sensory, sociocultural, and morphological spheres. It is concluded that musical practices diversify urban ambiances in the realm of daily life, as they iteratively and interactively construct the spaces that house them and their social lives.

KEYWORDS: music. ambiance. sonic ethnography. sonic agency. musical actors.

RESUMO

Práticas musicais têm historicamente integrado o cotidiano urbano e se intensificaram devido à portabilidade tecnológica, acessibilidade a dispositivos multimídia e serviços de streaming. Estas práticas moldam e são moldadas pelo espaço urbano, criando ambiências através de repertórios escolhidos através da agência sônica de atores musicais. O artigo analisa como este processo acontece na Área de Proteção de Ambiente Cultural dos bairros Glória e Catete, no Rio de Janeiro, utilizando percursos, derivas e entrevistas semiestruturadas orientados por uma etnografia sonora. As investigações em diferentes tipos de espaços e diferentes tipos de atores mostram que a música influencia e é influenciada pelo ambiências através da esfera sensível, sociocultural e morfológica. Conclui-se que práticas musicais diversificam as ambiências urbanas na esfera do cotidiano, já que constroem iterativamente e interativamente os espaços que as abrigam e suas vidas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: música. ambiência. etnografia sonora. agência sônica. atores musicais.

1. INTRODUÇÃO

Práticas musicais são historicamente parte do cotidiano das cidades (Tinhorão, 2013) e têm se tornado cada vez mais presentes em suas paisagens sonoras devido ao empoderamento proporcionado pela portabilização de tecnologias de reprodução (Bull, 2000; Hosokawa, 1984), pela acessibilidade a dispositivos multimídia (De Notaris & Savonardo, 2022) e pela flexibilização do consumo de música com os serviços de *streaming* (Sinclair & Tinson, 2017). Neste cenário, vê-se uma diversificação nas formas de apropriação do espaço por meio da música a medida que esta acompanha práticas sociais mediadas por uma gama de atores musicais (Sampaio, 2024) que carregam consigo repertórios escolhidos mediante afetos, preferências, territorialidades e relações sociais, econômicas e culturais. Estes atores, ao territorializarem a partir de sua apropriação, constroem lugares marcados pela prática musical, compondo suas ambiências ao modificarem aspectos materiais e imateriais (Cristiane Rose Duarte et al., 2023) da experiência sensível daqueles que ocupam, habitam e transitam pelo espaço.

Os entrelaces entre som, música e espaço urbano, com enfoque na percepção auditiva, têm sido amplamente discutidos desde as pesquisas do *World Soundscape Project* (Schafer et al., 1977; Schafer, 1994) nos anos 1970. Desde então, percebe-se que as políticas de controle de ruído e combate à poluição sonora, que consideram o caráter estritamente acústico do som, são insuficientes para o pensar e planejar cidade (Andringa et al., 2013; Böhme, 2000; Fidell et al., 2002), sugerindo que os aspectos simbólicos, subjetivos e performativos de manifestações sonoras também devem ser considerados. Mais evidente é o caso da música, que apesar de se centrar no som, envolve todas as dimensões de um "musicar" (Small, 1998), ou seja, de todas as ações que gravitam em torno de uma performance, podendo-se tomar mais amplamente como manifestações de uma agência sônica (DeNora, 2004; LaBelle, 2018). Esta agência relaciona-se com as experiências de produção sonora e escuta, com a identidade e com a capacidade de ação social a partir da percepção e cognição do contexto vivido. É neste sentido que práticas musicais contribuem ativamente para a construção de ambiências urbanas, pois como afirma Thibaud (2011, p. 9, tradução livre): "Quando escutamos uma ambiência, nós escutamos a ambiência sendo feita, nós escutamos o processo de formação e transformação em si. De fato, uma ambiência não é só para ser sentida, mas também para ser produzida".

Neste contexto, este artigo propõe relatar alguns desenvolvimentos da pesquisa de doutorado do autor, que busca analisar os processos de construção de lugares e territórios por meio da música no recorte espacial dos espaços livres públicos da Área de Proteção de Ambiente Cultural (APAC) dos Bairros Glória e Catete do Munícipio do Rio de Janeiro[1]. Pretende-se, no escopo deste trabalho, discutir

1 As APACs são ferramentas da legislação urbanística do Munícipio do Rio de Janeiro, definidas primeiramente no Plano Diretor de 1992, que se dedicam à preservação e proteção da paisagem cultural do território delimitado, de sua identidade e da memória. Foram escolhidas como recorte por sua suposta intenção de valorizar sua ambiência e sua relação histórica com os que habitam e identificam o espaço, além de envolverem diferentes tipos de espaços livres. Para mais detalhes, ver (Carlos, 2008).

questões percebidas e levantadas por aqueles que vivem a cidade mediados pela música tendo como lente as ambiências experienciadas e produzidas por esses atores. Tem-se enfoque na caracterização daqueles responsáveis por introduzirem a camada da prática musical no espaço e na forma utilizam da música para compor ambiências, ao mesmo tempo que são influenciados pela própria ambiência para escolherem suas formas de mediação.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa se desenha a partir da realização de percursos e derivas, inspirados pela metodologia do passeio sonoro (Radicchi, 2017; R Murray Schafer et al., 1977; Westerkamp, 1974), focados no encontro de práticas musicais dentro do recorte e na percepção da ambiência em seu entorno. A necessidade do estudo em campo parte da premissa de que o papel da música na vida social não pode ser derivada somente da música – como material sonoro - estudada em laboratório, mas sim deve ser realizada *in situ,* observando seu contexto e suas relações com o social (DeNora, 2004). Para tal, centra-se em uma etnografia sonora (Vedana, 2010) que busca observar as dinâmicas, os símbolos e as relações socioespaciais de cada prática musical encontrada em trabalho de campo.

Além do diário de campo, que registra as percepções e relações observadas pelo pesquisador, vale-se da entrevista semiestruturada com alguns atores responsáveis pelas práticas musicais como ferramenta para investigar fatores de influência em sua agência sônica, como suas relações com a música, com o espaço em que soam e com as pessoas do entorno. Neste trabalho, são considerados informações documentadas a partir de oito idas à campo entre janeiro e maio de 2024, realizadas exclusivamente durante a semana durante manhãs, tardes e noites, e relatos obtidos em 22 atores entrevistados. Posteriormente, ao se transcrever as entrevistas realizadas e cruzá-las com o observado no diário de campo, busca-se evidenciar padrões em sua atividade sônico-musical e sua territorialização a partir dela.

3. A MÚSICA NAS AMBIÊNCIAS: ENTRE ATORES E LUGARES

Para iniciar a discussão do papel da música na construção das ambiências do cotidiano, é necessário discutir as variadas formas em que a prática do "musicar" ocorre dentro do contexto estabelecido. Afinal, sabe-se que:

> as ambiências não podem ser resumidas a uma simples soma de dados tangíveis e intangíveis, uma vez que é impossível compreendê-las separadamente de suas características sensíveis (sons, cheiros, luzes etc.), socioculturais (a movimentação das pessoas, o ritmo da cidade) e contextos físicos (o suporte espacial urbano e arquitetônico) (Duarte et al., 2023, p. 113).

Desta forma, deve-se ir além da dimensão sonora e da percepção auditiva, foco dos estudos da Paisagem Sonora (Kang, 2023; Kang & Schulte-Fortkamp, 2016), se a intenção é descrever o processo de criação de ambiências, mesmo que estas venham de práticas que se centram na manifestação sonora. Toda prática musical possui um objetivo que é mediado pelo som em algumas de suas formas de mediação (Born, 2013), mas também carrega consigo uma série de informações sensoriais fruto de sua performance e encenação, além de ocupar o espaço, o territorializando de acordo com o suporte físico e as negociações com outros atores que compartilham o entorno. Adicionalmente, Böhme e Thibaud (2016) ressaltam a questão cultural do estilo de vida do contexto como fator que influencia diretamente na dimensão sonora das atmosferas.

Assim, antes de descrever as particularidades das atividades musicais, torna-se importante situar brevemente o recorte pesquisado. Os bairros da Glória e Catete são historicamente valorizados dentro da conjuntura urbana do Rio de Janeiro. Abrigaram as classes abastadas desde o século XIX, tiveram importância política devido à sede da presidência e se transformaram durante o século XX, passando a abrigar o comércio (Abreu, 1997). São regiões de maior Índice de Progresso Social do que a média do município[2] e intensamente apropriadas devido a sua localização central e sua ampla oferta de espaços livres, de comércio e de modais de transporte. Dentro da APAC Catete-Glória, observa-se:

1. Áreas que são predominantemente residenciais, com conjunto edificado verticalizado com pouco comércio no térreo de alguns edifícios e em poucas edificações não verticalizadas. São áreas arborizadas, de calçada estreita, com algumas apropriações nas ruas dos bares.
2. Um eixo central que corta os dois bairros que é predominantemente comercial e composto predominantemente por sobrados, com poucos edifícios verticalizados. Possui grande fluxo de movimento, calçadas mais largas lembrando calçadões em parte de sua extensão que abrigam uma gama de comércio de rua e diferentes acessos a modais de transporte público (ônibus e metrô).
3. Espaços livres de permanência de diferentes tamanhos e com variados graus de disposição de equipamentos urbanos e de apropriação. São eles: Largo da Glória, Praça do Poeta, Parque do Museu da República, Largo do Machado e Praça José de Alencar.

É certo que as diferentes configurações físicas destes tipos de espaço potencializam a criação de diferentes ambiências a partir da música, pois apresentam limitações

2 Segundo o Instituo Pereira Passos, no ano de 2022 a média do município era de 64,34, enquanto Catete vigorava com 74,36 e Glória com 71,31. Para mais detalhes, consultar: *https://ips-rio-pcrj.hub.arcgis.com/pages/ipsbairros*.

materiais e acústicas particulares que condicionam quais práticas musicais podem ou não se territorializar. AM, músico de rua entrevistado, evidencia estas limitações em sua fala:

> Primeiramente, eu faço aquela seleção da questão assim, não é área residencial, é uma área às vezes ampla, ou se for uma área residencial, mas é fechada, dá uma acústica até melhor e tal. E o fluxo de pessoas, se tem bastante gente, poxa bacana, se tem bastante gente com certeza o retorno financeiro vai ser melhor (AM, músico de rua, 10/05/2024).

Músicos de rua, mais especificamente músicos que se autodeclaram como tal ou com artistas de rua, são atores frequentes no recorte. São profissionais que pensam a rua como palco, possuem estratégias sonoras e performáticas e repertórios bem definidos que se alinham diretamente com o entorno. Além disso, são amplamente cientes da Lei do Artista de Rua[3], e se amparam nela para se resguardar como classe profissional. Não se podem confundir com "músicos nas ruas", como MZ se autodeclarou, negando ser "músico de rua". Este ator tocava violão em uma esquina durante um período do trabalho de campo e atestou que, ao contrário da visão profissional do músico de rua, a rua para ela havia vindo por necessidade a partir de uma situação de vulnerabilidade socioeconômica. Casos como este remetem à tênue relação entre a liminaridade da rua e a marginalização dos que performam nela (Bywater, 2007), fato que leva a parte dos atores buscarem elementos simbólicos e posturas que os profissionalizem através da indicação da detenção de capital cultural. Em ambos casos, as ambiências configuradas são efêmeras e nômades, transformando-se a cada contexto físico e sociocultural escolhido pelo músico.

Porém, nem sempre há a possibilidade de escolher o contexto físico e sociocultural em que a ambiência é construída, como fazem muitos músicos que se autodeclaram artistas de rua, ou músicos de rua. Muitas ambiências surgem de pontos fixos dos comércios, que introduzem seus repertórios tornando-se polos sonoros no entorno. Há, principalmente nas regiões predominantemente comerciais e em alguns espaços livres de permanência, a forte presença de dois tipos de comércio: o que ocupa o térreo dos edifícios ou sobrados e o que ocupa as calçadas em estruturas fixas (por exemplo: bancas, chaveiros), em estruturas desmontáveis ou sem nenhuma estrutura. No caso do primeiro tipo, no qual se incluem lojas, farmácias, bares e restaurantes, a construção de ambiências é intensa, marcada por grandes caixas de som no limiar entre público e privado que ora marcam as ambiências durante todo o horário comercial, ora contribuem efemeramente, mas de forma marcante, para alguma ação que ocorre na atividade deste comércio. No segundo caso, que envolve o comércio de rua em suas variadas formas, tem-se normalmente uma moldagem

3 Lei nº5.429/2012, que dispõe sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos do Município do Rio, estabelecendo normas para o que é permitido na atividade destes atores, ao mesmo tempo que os protege de eventuais conflitos caso estejam de acordo com ela (Rio de Janeiro (RJ), 2012).

mais sutil do caráter acústico das ambiências, devido ao uso de aparelhos de menor potência sonora, mas de maior permeabilidade para a esfera pública, estando sujeitos a mutações, negociações e a episódios de violência. É interessante, neste caso, como o processo de assentamento do comércio de rua no espaço por meio de sua estruturação e legalização é marcado pelo processo de territorialização pela música. JA, comerciante de rua que se legalizou somente há 3 anos, afirmou emblematicamente que não tinha som antes deste processo pois caso houvesse alguma ação do poder público para removê-lo, teria que escolher entre salvar a mercadoria ou salvar o aparelho de som.

Por último, uma terceira variante da criação de ambiências pela música se dá através de eventos centrados na performance musical. Estes ocorrem exclusivamente nos espaços livres de permanência em diferentes sazonalidades. Alguns, como as aulas de dança de salão na Praça do Poeta e as Serestas dos Parque do Museu da República ocorrem semanalmente durante vários dias da semana, enquanto outros como o forró no Largo da Glória ocorrem uma vez por semana. Há também eventos esporádicos, ligados a festividades específicas, que ocorrem nestes espaços com forte presença da música. Estes eventos, principalmente os que ocorrem de forma periódica, modulam a dinâmica do espaço e reconfiguram ambiências ao atraírem novos públicos à experienciar as práticas musicais desenvolvidas, que substituem o cenário até então pouco ou nada apropriado no cotidiano promovendo a vida social nestes espaços. Um caso emblemático é a requalificação da Praça do Poeta a partir de sua ocupação por um projeto social de aulas de dança, coordenado por MB. há quase dois anos, que atesta que inicialmente:

> [...] tem uns grupos de moradores que começaram a reclamar um pouco quando nós viemos pra cá. Porque imagina, um lugar que não tinha nada. A praça, ela era toda, a frente da praça era toda de plantas, então muita gente nem sabia que existia essa praça (MB, professor de dança, 18/04/2024).

Mas após uma moldagem do lugar (Duarte, 2013) percebe-se que uma experiência sensível deste espaço livre de permanência é possibilitada, levando a novas percepções sobre ele e ao surgimento de ambiências:

> Eles tiveram certo conflito, mas chegaram à conclusão que tá tudo bem porque as músicas eram boas. E aí alguns acharam bacana essa nossa ocupação, porque também aqui ficava muito pessoas consumindo drogas, fazendo suas necessidades aqui, a gente chegou, a COMLURB[4] teve que vir, lavou tudo, higienizou. Tem uma questão hoje da COMLURB dar um pouco mais de atenção. [...] Tem gente que vem aqui e fala assim: "eu só venho pra ficar ouvindo as músicas". Fica sentadinho ali e fala "não quero fazer aula não", só quero ouvir as músicas (MB, professor de dança, 18/04/2024).

4 Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Município do Rio de Janeiro.

Por fim, nota-se que cada circunstância de prática musical descrita possui suas potencialidades para modificar ambiências de acordo com sua forma de apropriação e territorialização e a natureza do espaço. A seguir, busca-se focar em questões mais diretamente relacionadas com a dimensão estética e performática das práticas musicais, e como estas também contribuem para construção de ambiências e se regulam a partir destas.

4. CONSTRUINDO AMBIÊNCIAS COM A MÚSICA: REPERTÓRIOS E FORMAS DE MEDIAÇÃO

Thibaud (2011) afirma que certas formas de música são bem próximas de ambiências ao se referir a práticas composicionais que buscaram se mesclar com a paisagem sonora e induzir determinadas potencialidades da música como a musique d'ameublement de Erik Satie, a Ambient Music de Brian Eno ou os conjuntos de composições transmitidos e vendidos pela empresa americana Muzak, as quais, por suas características estético-musicais, poderiam ser caracterizadas como Música Ambiente. Segundo este autor, estas músicas oferecem imersão e envolvimento, são experienciadas em um meio termo entre atenção e distração e são situacionais e contextuais. Porém, como discutido por Sampaio & Rego (2022), ao menos desde os anos 1980 se observa banalização da Música Ambiente como paradigma estético de práticas musicais com os objetivos mencionados anteriormente, sendo ela substituída por qualquer possível manifestação musical, mesmo as pensadas para uma escuta em primeiro plano. Desta forma, observa-se a independência de um intuito de ambientar para que ambiências se configurem a partir de práticas musicais, já que, dado os contextos urbanos e socioculturais adequados, mesmo práticas como as aulas de dança de Marinho Braz podem modular a ambiência do lugar ao ponto de promover experiências mediadas pelo som: "Tem gente que vem aqui e fala assim: "eu só venho pra ficar ouvindo as músicas". Fica sentadinho ali e fala "não quero fazer aula não, só quero ouvir as músicas". Aí fica aqui o tempo da aula" (MB, professor de dança, 18/04/2024).

Por outro lado, há casos em que o intuito direto dos atores musicais é se assemelhar com as propostas da Música Ambiente. MN e CD, comerciantes de rua que montam seu brechó uma vez por semana afirmam que o repertório trazido em sua robusta caixa de som é usado como Música Ambiente, e que sempre pensaram seu negócio vinculado à música. Isto porque reconhecem que o musicar tem um certo poder sobre as pessoas, crença que, de uma forma geral, é unânime entre aqueles que tem intuito em criar ambiências a partir dele. São duas principais vertentes no que tange esta crença sobre a música: a de que ela regula a atenção dos ouvintes e a de que ela serve como catalisadora de um estado emocional/corporal (DeNora, 2004). RN (comerciante de rua, 30/01/2024), outro comerciante de rua, afirma "as pessoas passam muito aéreas, viajando", e percebe que a música direciona os sentidos para sua barraca. CS, músico de rua, atesta que há casos em que esta regulação de atenção atinge camadas mais profundas do afeto e da memória:

> Você vê as pessoas passando, olhando, acenando, rindo, tem gente que se emociona [...] de vez em quando acontece das pessoas virem falar que "essa música me lembra um local da minha infância" ou lembra ente querido. Essa troca de energia é muito legal. É uma das coisas que mais me alegram de estrar trabalhando (CS, músico de rua, 02/04/2024).

Esta crença vem diretamente ligada a uma autorregulação da prática musical por quem busca configurar as ambiências de seu entorno, que se pauta em dois principais parâmetros: a escolha de repertório e na forma de mediação dele. Quanto ao primeiro, é evidente que os atores musicais percebem conexões entre os lugares que territorializam através da música e o material sonoro, artístico e performático que escolhem (re)produzir, como afirmado em "Cada local que eu vou tem um repertório diferente" (CS, músico de rua, 02/04/2024) e "Porque cada bairro da cidade tem um tipo de repertório que chama mais a atenção" (AM, músico de rua, 10/05/2024). Desta forma, nota-se que a configuração sonora da ambiência parte de outras características físicas, sensoriais e socioculturais dos lugares que são decodificadas por estes atores em sua agência. Estes repertórios partem inicialmente destes atores, mas são frequentemente influenciados pela vida social do espaço, que acaba por sugerir novas músicas que são paulatinamente adicionadas no repertório. Porém, indiciam também conflitos estéticos e identitários que associam determinados gêneros musicais a um *ethos,* em alguns casos tensionando uma música "moderna" contra "antiga" e em outros evidenciando a violência simbólica que sofrem determinados gêneros, como o fato de o Funk ser o único repertório proibido em muitos comércios.

Quanto à forma de mediação, reconhece-se a necessidade de engajar aqueles que passam pelas ruas e transformar este espaço liminal em um lugar de performance (Bywater, 2007) por diferentes meios que criem uma conexão, principalmente nos casos dos músicos de rua:

> Não é a questão do dinheiro em si, porque tem muitos colegas que tocam na rua há muito tempo, e tocam até bem, mas só que assim, eles ainda não perceberam essa questão dessa energia, de você chegar e conseguir abraçar as pessoas com repertório, da maneira que você toca, simpatia é tudo (AM, músico de rua, 10/05/2024).

Esta mediação envolve também um controle do nível sonoro. Há frequentemente uma consciência por parte dos atores de regulá-lo de acordo com o período do dia, o condicionamento acústico do local a partir de sua arquitetura e a paisagem sonora, como evidencia CS, que diz tocar mais baixo se o local estiver muito silencioso e: "Se eu tô tocando num local fechado, pequenininho, botar o volume ambiente, agradável, você ser agradável, você fazendo isso, todo mundo vai gostar" (CS, músico de rua, 02/04/2024). Porém, principalmente no eixo comercial com pouca habitação, observa-se casos nos quais a mediação do som não se atenta a estes

fatores ambientais, mas sim procura servir um grupo seleto de atores que engaja na prática, se abstendo do impacto no entorno, ou tem regras preestabelecidas, que pouco se moldam frente ao ambiente. É o caso de alguns comércios, que têm como política ter músicas tocando a partir de uma caixa de som no limiar público-privado da edificação durante todo o período de funcionamento, e que o repertório é regulado a partir de uma rádio própria da rede do estabelecimento, ausentando quase totalmente o controle daqueles atores locais sobre a dimensão sonora das ambiências criadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma escuta atenta às centralidades dos grandes centros urbanos, percebe-se como pode-se deixar levar a diferentes portas sonoras (Thibaud, 2003), abertas pelas diferentes formas que as práticas musicais assumem em seus espaços. Porém, é através de uma investigação se valendo de uma etnografia direcionada pela escuta que se pode perceber como realmente estas portas caracterizam diferentes ambiências, marcadas por diferentes intenções e regulações do som e negociações entre aqueles que o (re)produzem com o espaço e sua vida social.

Pode-se concluir, com o observado neste trabalho, que as práticas musicais contribuem para uma diversificação e multiplicação das ambiências urbanas através da mudança da esfera sensível e sociocultural, mesmo que a natureza morfológica do espaço permaneça. Porém, esta mudança é também frequentemente moldada ao espaço que sedia a prática musical, é iterativa e interativa. Aqueles responsáveis pela (re)produção do som também percebem a ambiência antes de exercer sua agência sônica. É importante evidenciar que este trabalho ainda está em andamento, com novas idas a campo por vir que possivelmente servirão para esclarecer ainda mais as relações entre música e cidade no cotidiano.

6. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

7. BIBLIOGRAFIA

Abreu, M. de A. (1997). *Evolução Urbana do Rio de Janeiro.* IPLANRIO.

Andringa, T. C., Weber, M., Payne, S. R., Krijnders, J. D. (Dirkjan), Dixon, M. N., Linden, R. v.d., de Kock, E. G. L., & Lanser, J. J. L. (2013). Positioning soundscape research and management. *The Journal of the Acoustical Society of America, 134*(4), 2739–2747. https://doi.org/10.1121/1.4819248

Böhme, G. (2000). Acoustic atmospheres: A Contribution to the Study of Ecological Aesthetics. *Soundscape: The Journal of Acoustic Ecology, 1,* 14–19. https://doi.org/10.4324/9781315538181-29

Böhme, G., & Thibaud, J. P. (2016). The Aesthetics of Atmospheres. In *The Aesthetics of Atmospheres*. Routledge. https://doi.org/10.4324/9781315538181

Born, G. (2013). Music, Sound and Space. In *Music, Sound and Space*. Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/cbo9780511675850

Bull, M. (2000). *Sounding out the City*. Berg.

Bywater, M. (2007). Performing spaces: Street music and public territory. *Twentieth-Century Music, 3*(1), 97–120. https://doi.org/10.1017/S1478572207000345

Carlos, C. A. S. L. (2008). *Áreas de proteção do ambiente cultural (APAC): da idealização à banalização do patrimônio cultural carioca.* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De Notaris, D., & Savonardo, L. (2022). The Digitalization of Sound: How the Consumption of Music Changed from Vinyl to Hybrid Experiences. *Italian Sociological Review, 12*(1), 159–183. https://doi.org/10.13136/isr.v12i1.523

DeNora, T. (2004). *Music in Everyday Life*. Cambridge University Press.

Duarte, Cristiane Rose. (2013). Moldagem do Lugar; remoldagem do olhar. In C.R Duarte & R. De Villanova (Eds.), *Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia.* (pp. 27–46). Contra Capa Livraria.

Duarte, Cristiane Rose, Miranda, C., Pinheiro, E., & Silva, L. de J. (2023). *Experiência do Lugar Arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências* (Vol. 7, Issue 2). Rio Books.

Fidell, S., Sneddon, M., Pearsons, K., & Howe, R. (2002). Insufficiency of an environmental sound's power spectrum as a predictor of its annoyance. *Noise Control Engineering Journal, 50*(1), 12–18. https://doi.org/10.3397/1.2839672

Hosokawa, S. (1984). The walkman effect. *Popular Music, 4*(1984), 165–180. https://doi.org/10.1017/S0261143000006218

Kang, J. (2023). Soundscape in city and built environment: current developments and design potentials. *City and Built Environment, 1*(1), 1–16. https://doi.org/10.1007/s44213-022-00005-6

Kang, J., & Schulte-Fortkamp, B. (2016). Soundscape and the built environment. In *Soundscape and the Built Environment*. CRC Press. https://doi.org/10.1201/b19145

LaBelle, B. (2018). *Sonic Agency: Sound and Emergent Forms of Resistance.* Goldsmiths Press.

Radicchi, A. (2017). A Pocket Guide to Soundwalking. Some Introductory Notes on its Origin, Established Methods and Four Experimental Variations. *Atmosphere and Perception,* 70–73.

Rio de Janeiro (RJ). (2012). *Lei nº5.429, de 5 de Junho de 2012. Dispõe sobre a apresentação de Artistas de Rua nos logradouros públicos do Município do Rio de Janeiro.* Câmara Municipal.

Sampaio, L. Y. M. (2024). Entre atores musicais , (re) produções e disputas urbanas. *Paranoá, 17*(e42411), 1–15.

Sampaio, L. Y. M., & Rego, A. Q. (2022). MÚSICA AMBIENTE E TERRITÓRIOS SONOROS: Implicações territoriais do uso da música na paisagem sonora urbana. *Anais Do 16º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL (ENEPEA).* https://www.academia.edu/120968790/MÚSICA_AMBIENTE_E_TERRITÓRIOS_SONOROS_Implicações_territoriais_do_uso_de_música_na_paisagem_sonora_urbana

Schafer, R Murray, Davis, B., & Truax, B. (1977). Five village soundscapes. *The Music of the Environment Series, no 4,* 84 p.

Schafer, Raymond Murray. (1994). *The soundscape: our sonic environment and the tuning of the world* (2nd ed.). Alfred Knopf, Inc.

Sinclair, G., & Tinson, J. (2017). Psychological ownership and music streaming consumption. *Journal of Business Research, 71,* 1–9. https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2016.10.002

Small, C. (1998). *Musicking: The Meanings of Performing and Listening.* Wesleyan University Press.

Thibaud, J.-P. (2003). The Sonic Composition of the City. *The Auditory Culture Reader,* 229–341.

Thibaud, J.-P. (2011). A sonic paradigm of urban ambiances? *Journal of Sonic Studies, 1*(1).

Tinhorão, J. R. (2013). *Os sons que vêm da rua* (3rd ed.). Editora 34.

Vedana, V. (2010). Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. *Iluminuras, 11*(25). https://doi.org/10.22456/1984-1191.15537

Westerkamp, H. (1974). Soundwalking. *Sound Heritage, 3*(4), 18–27.

R36

THE EPHEMERAL CITY OF WASTE: ETHNOTOPOGRAPHIES OF INVISIBLE LAYERS OF THE CITY.

A CIDADE EFÊMERA DO LIXO: ETNOTOPOGRAFIAS DE CAMADAS INVISÍVEIS DA CIDADE.

Mariana Agum
Mestre
PROARQ / Universidade Federal do Rio de Janeiro
mariana.agum@fau.ufrj.br

Cristiane Rose Duarte
Professora Doutora
PROARQ / Universidade Federal do Rio de Janeiro
cristiane.duarte@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The garbage collection days in the city of Rio de Janeiro establish various urban relationships. The research underlying this article focused on these relationships and explored the existence of a parallel city that fully emerges on these garbage collection days—the 'City of Garbage.' This layer exists alongside the formal city and has its own specific characters and environments. Using the urban territory of the Botafogo neighborhood, this article seeks to explore the 'City of Garbage,' understanding how urban dynamics influence and are influenced by the experiences of the characters within it. Methodologically, this research is based on ethnotopographic tools, especially ethnographic photographs developed through field immersions, to create visual narratives of the urban space. The aim is to raise reflections on a conception of the city that optimizes and enhances the work of the various agents involved in these dynamics.

KEYWORDS: Parallel city. Etnotopografia. Ethnographic photography. Urban ambiences.

RESUMO

Os dias de coleta de lixo na cidade do Rio de Janeiro estabelecem relações urbanas diversas. A pesquisa que está na base deste artigo teve essas relações como foco e se explorou a existência de uma cidade paralela que emerge de forma plena nesses dias de coleta, a "Cidade do Lixo", uma camada da cidade formal que possui personagens específicas e ambiências próprias. Assim, utilizando o território urbano do bairro de Botafogo, este artigo busca explorar a "cidade do lixo" entendendo como as dinâmicas urbanas influenciam e são influenciadas pelas vivências das personagens que a compõem. Metodologicamente, a presente pesquisa é baseada em ferramentas de cunho etnotopográfico, aplicando especialmente fotografias etnográficas, desenvolvidas através de imersões em campo, para a composição de narrativas visuais do espaço urbano. Busca-se, assim, levantar reflexões sobre uma concepção de cidade que otimize e qualifique o trabalho dos diversos agentes envolvidos nessas dinâmicas.

PALAVRAS CHAVE: Lixo. Dejetos urbanos. Etnotopografia. Fotografia etnográfica. Ambiências urbanas.

1. INTRODUÇÃO

As formas de descarte do lixo urbano envolvem a mobilização de diversos fatores para que a cidade "não tenha de conviver" com o produto final de seu próprio consumo e, para tanto, cria dinâmicas urbanas muito específicas.

A pesquisa que está na base deste artigo buscou analisar as relações espaciais estabelecidas nos dias de coleta de lixo no bairro de Botafogo, no Rio de janeiro, e fez emergir a ideia de uma cidade paralela, uma cidade do lixo e da reciclagem, quase invisível aos olhos distraídos e alienados daqueles que não fazem parte dessa realidade. A cidade do lixo, como abordaremos aqui, é uma camada da cidade formal que se apresenta em sua plenitude de forma pendular, nos dias da semana em que há coleta pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB). O lixo é exposto, é recolhido, é escondido criando ambiências pulsantes, ritmadas, que se expandem e retraem, invadem as ruas e "incomodam" por algumas horas e se escondem por outras, atraindo personagens que desempenham papéis diversos, como os catadores, os porteiros, os moradores, os garis...Nada é permanente na cidade do lixo, que dá as caras em sua forma plena em todo dia de coleta e se esconde nos dias subsequentes, deixando apenas alguns traços de sua existência efêmera.

Notar a possibilidade da existência dessa complexa camada da cidade e a curiosidade por entender melhor suas dinâmicas foi o que motivou a pesquisa. Nessa linha, enxergar o protagonismo das diversas personagens que a compõem, foi o que gerou o viés a ser abordado. É importante ressaltar, então, que o estudo que originou este artigo, no intuito de explorar esta camada da cidade a partir de uma perspectiva micro escalar, volta sua atenção para as vivências das personagens no espaço e para as ambiências que elas criam.

Claramente que diversos problemas crônicos e estruturais envolvendo políticas públicas nacionais permeiam esta análise, mas o foco será na compreensão das dinâmicas urbanas que influenciam e são influenciadas pelas vivências cotidianas das personagens que a compõem.

Para entender as nuances dessa camada da cidade, metodologicamente, esta pesquisa utilizou ferramentas de cunho etnotopográfico, aplicando especialmente os croquis de campo e a fotografia etnográfica, desenvolvidos através de imersões em campo, para a composição de narrativas visuais do espaço urbano. Buscou-se um entendimento sistêmico das inter-relações e deslocamentos estabelecidos dentro dessa camada da cidade. A partir disso, foi possível identificar nessas dinâmicas as personagens específicas, as relações estabelecidas com o espaço, como os corpos são afetados e afetam as ambiências que se conformam nessa camada da cidade.

2. SOBRE LIXO, SUBJETIVIDADES E AMBIÊNCIAS

O lixo, como abordado neste trabalho, pode ser definido como algo freudianamente 'estranho', um objeto que já foi familiar, mas que, deslocado de seu contexto, tendo alterado sua forma, sua cor, seu uso, transforma-se em algo não mais conhecido e, consequentemente, indesejado (Morbidini, 2016). Dessa forma, a presença de lixo não faz parte do imaginário de paisagem urbana de uma sociedade moderna e eficiente e a ilusão de viver nesse ideal desaparece quando o "feitiço da limpeza" é quebrado.

Nesse contexto, quem trabalha em contato direto com lixo assume uma posição de marginalidade na sociedade moderna. A presença dos catadores de material reciclável nas ruas da cidade, por exemplo, pode causar incômodo e estranheza para algumas pessoas. Essa presença nos lembra que é preciso lidar com o lixo e que esse problema não simplesmente desaparece das cidades como num passe de mágica: surge a consciência de que é preciso lidar com o indesejado. Além disso, a existência dos catadores evidencia as desigualdades sociais ao mostrar que alguns indivíduos veem valor naquilo que foi desprezado por outros. (Morbidini, 2016). São "refugos humanos", "pessoas que são excluídas e marginalizadas pela sociedade de consumo e que não têm espaço nem futuro no mundo moderno". (Bauman, 2005)

A situação de exclusão citada é acompanhada de um sentimento dialético de orgulho e vergonha por parte dos catadores. Orgulho quando tomam consciência de seu importante papel ecológico e se identificam como agentes ambientais. Vergonha quando se enxergam em condições consideradas desumanas e são comparados ao produto que é gerador de sua subsistência (Miura, 2004). Esses sentimentos afetam diretamente a subjetividade dos catadores. Afinal, segundo Pinheiro (2010):

> A subjetividade é o mundo interno de todo e qualquer ser humano. Este mundo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos. Através da nossa subjetividade construímos um espaço relacional, ou seja, nos relacionamos com o "Eu" ou com o "Outro". (Pinheiro, 2010, p.53).

O fato de a subjetividade ser algo singular e inerente ao mundo interior do ser, não significa que ela seja criada internamente. Para Guattari & Rolnik (1996) ela é uma construção constante proveniente das interações que temos com o outro. O outro, nesse caso, pode ser entendido de maneira muito ampla, do material ao imaterial. Dessa forma, a subjetividade é compreendida como um processo de produção que envolve diversos fatores heterogêneos presentes no contexto social.

Em síntese, subjetividade é o processo de tornar o que é universal singular. Assim, considera-se que a forma com que a os demais ocupantes do espaço enxergam os catadores e suas atividades afeta diretamente a forma com que eles mesmos se enxergam frente à sociedade.

A percepção consciente dessa troca constante com o Outro é uma importante ferramenta de observação das dinâmicas urbanas. O Corpo do "eu no mundo" nos permite compreender o Outro a partir de uma analogia de experiências corporais no espaço (Merleau-Ponty, 1975). Ou seja, é possível dividir espaço e atmosferas comuns e possivelmente ser capaz de entender o impacto que o mundo pode ter sobre o outro, gerando uma empatia espacial (Zielinski, 2009 apud Duarte, 2015).

Dessa forma podemos concluir que a apropriação do espaço urbano perpassa pelo "reconhecimento da realidade sensorial das ambiências da cidade" (Duarte, 2013, p.2). Segundo Duarte (2013) é por meio do corpo que captamos a percepção do sensível do mundo com o qual interagimos, corpo e a ambiência[1] interagem em reciprocidade, o corpo penetra na ambiência assim como a ambiência penetra no corpo. A partir dessa relação de fricção que surge o reconhecimento do que está além de si mesmo: o outro (Duarte, 2013).

Entender o papel do corpo em sua relação com o outro é essencial para amarrar os conceitos abordados até aqui e discorrer sobre a metodologia utilizada. Da mesma forma, a noção de ambiência sensível permeia, direta ou indiretamente, todos os caminhos tomados daqui para frente.

3. CRONSTRUÇÃO METODOLÓGICA E APLICAÇÃO

3.1 Metodologia

Tendo em vista o contexto estuado, buscamos para a pesquisa uma abordagem metodológica interdisciplinar direcionada a apreender as práticas culturais e sociais do grupo estudado e suas interações espaciais com o recorte escolhido.

Optou-se, então, pela utilização de uma base de cunho etnográfico para o estudo das relações dos catadores com o espaço. A aplicação desses métodos e ferramentas, comumente associadas às ciências sociais, na interpretação dos espaços construídos é denominada por Duarte (2013) de etnotopografia. Seguindo estes preceitos, o trabalho de campo consiste em uma imersão longa no recorte espacial estudado o com a utilização de fotografias etnográficas e "Croquis de campo". O objetivo é registrar graficamente as dinâmicas observadas, detalhando as relações visíveis e invisíveis dos catadores com o espaço urbano, além de todas as sensações subjetivas do pesquisador durante o processo.

1 Para Thibaud (2012), a ambiência é o que confere valor afetivo a um espaço, o que lhe dá vida. "Ambientar um território supõe não apenas controlar os parâmetros físicos de um meio ambiente construído, mas de dotar esse território de um determinado caráter, de um certo valor emocional e existencial. Toda ambiência mobiliza as experiências vividas e as maneiras de se estar junto." (Thibaud,2012, p.3)

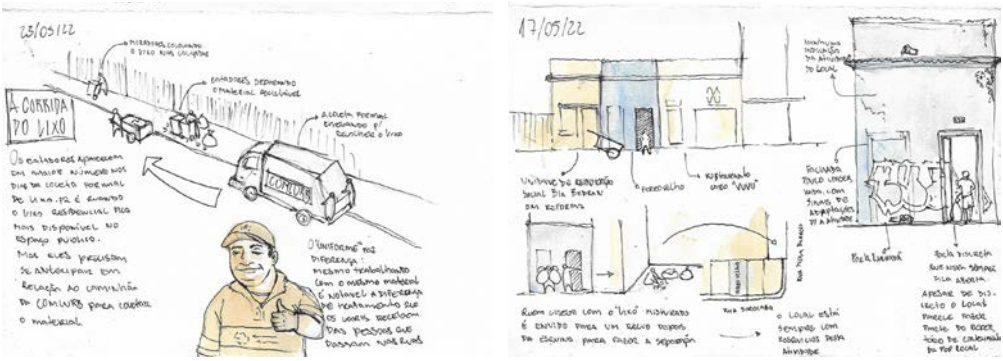


Figura 1. Croquis do Caderno de campo.
Fonte:Autoral. (2022).

Essas colagens de fragmentos de interações, parar Eckert e Rocha (2003), são a base para construir uma o perfil de uma comunidade, indivíduo e/ou grupo em uma etnografia de rua. E o caráter narrativo dessas interações é o que sustenta tal prática antropológica de investigação. Nesses rituais de sedução e jogos de conquista da atenção do Outro, desvenda-se a lógica da criação dos papéis através dos quais constroem-se as personagens do antropólogo e do nativo em interação (Eckert e Rocha, 2003).

A fotografia, nesse contexto, é vista como uma ferramenta que pode contribuir para a construção de uma narrativa interpretativa sobre a realidade social estudada. No entanto, para que a comunicação seja eficiente, é necessário que as pessoas que venham a fazer a leitura dessa imagem compartilhem dos códigos necessários para decodificar a mensagem que está contida nela. Por isso, em uma análise etnográfica, muitas vezes é preciso utilizar textos que acompanhem a imagem, apresentando os referentes mínimos necessários para sua análise (Godolphim, 1995). Nesse contexto, as fotografias têm como objetivo alcançar, em algum grau, o intangível verbalmente, enquanto os textos contextualizam o memento vivido e dão voz à experiencia do pesquisador. Dessa forma produzimos o que denominamos de Narrativas Gráficas, que serão apresentadas mais detalhadamente no próximo tópico.

3.2 Apicação

Antes de começamos as investigações de campo, foi necessário definir os limites geográficos adotados para tornar o estudo viável. O recorte espacial escolhido para análise foi o bairro de Botafogo, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. É um bairro de uso do solo misto - residencial e comercial - um terreno essencialmente plano, com uma alta densidade populacional e uma pequena extensão territorial. Além disso é uma região de certa centralidade, com uma vasta gama de transportes e próxima ao centro do Rio de Janeiro. Essas são características que acreditamos que ao mesmo tempo estimulam a presença de catadores na região e contribuem positivamente com a exploração de campo.

Realizamos a coleta de dados no período entre maio de 2022 e maio de 2023, com maiores imersões durante os meses de janeiro e fevereiro. Inicialmente foram realizadas visitas preliminares para testar os métodos propostos, posteriormente, iniciou-se o processo de sete imersões fotográficas, sendo duas realizadas durante o período do Carnaval. Além disso, diversas outras explorações de campo mais rápidas foram realizadas complementarmente para capturar vivências que não foram possíveis de serem observadas durante as imersões, como as dinâmicas do ferro-velho ou dos catadores fora dos dias de coleta.

Foram, ao todo, 731 fotografias capturadas durante as investigações, que se resumiram a 96 imagens após o processo de seleção. Com o intuito analisar as imagens e confrontá-las com as anotações e áudios capturados durante as imersões, as fotografias finais selecionadas foram organizadas e categorizadas de acordo com a sua proximidade temática. Assim foi possível entender as questões abordadas em diferentes escalas e redigir o texto de apoio das narrativas que serão apresentadas a seguir, de forma a encaminhar as percepções coletadas ao sabor da escrita livre no caderno de campo. A partir desse processo foram produzidas para o trabalho que embasa este artigo 21 narrativas visuais. Apresentaremos a seguir 2 delas para exemplificar esta etapa do processo de pesquisa.

3.2.1 Paisagem de Segunda

A segunda-feira de Botafogo começa como qualquer outro dia, os comércios abrem suas portas, as pessoas saem para trabalhar, o fluxo de carros aumenta. Porém, no meio do dia, as segundas passam a se diferenciar de terças, é o primeiro dia de coleta depois do final de semana. O lixo começa a se acumular, sacos pretos são depositados aos montes nas calçadas, contêiners cheios são postos para fora dos estabelecimentos, a rua vai tomando aos poucos uma outra “cara”. A paisagem se redesenha.

Não demora muito e começam a aparecer os primeiros catadores e “garimpeiros” interessados no material que está sendo posto nas ruas. Ao fim da tarde temos uma cidade diferente da que víamos no começo do dia. As calçadas do recorte estão agora tomadas por sacos pretos e contêiners de lixo. Com o passar das horas eles são revirados e vasculhados, e por conta da falta de cuidado que pode acontecer durante essa atividade, muito lixo acaba espalhado pelo chão.

A paisagem começa a ser alterada novamente por volta das 20:00h, horário em que ocorre a passagem dos primeiros caminhões da Comlurb. O lixo começa a ser retirado das ruas e os catadores se apressam para vasculhar a maior quantidade possível de material antes da passagem dos caminhões. O som que estes caminhões fazem também marca a ambiência desses dias e anuncia, mesmo para aqueles que não estão vendo, que a cidade está se transformando novamente. A terça-feira começará como qualquer outro dia, mas nela não conseguiremos visualizar a cidade paralela do lixo em sua plenitude.

Figura 2. Paisagem de Segunda.
Fonte:Autoral. (2023).

3.2.2 A corrida da chuva?

São 5 da tarde de um dia muito quente de verão. As nuvens no céu e os acontecimentos dos últimos dias não negam: vai chover em breve. Enquanto isso não acontece, acompanhamos mais um catador em sua jornada. Nosso primeiro encontro nesse dia foi em frente a uma lanchonete na Rua Voluntários da Pátria. Ele, com seu carrinho ainda pouco carregado posicionado transversamente ao passeio, vasculha o lixo armazenado em sacos pretos na calçada. Parece ter encontrado alguns itens interessantes naquele local, um varal de roupas e algumas ferragens. O catador, então, segue seu caminho. Seu passo é muito veloz e, por vezes, difícil acompanhar. Com seu carrinho, ocupa toda uma faixa da via, não é mais um pedestre, é um veículo de tração humana, e percorre a rua Voluntários da Pátria sem parar mais nenhuma vez. Ainda é cedo, nem todo o lixo está disposto na rua, mas ele parece saber onde encontrar seu próximo alvo. Assim, da mesma forma que antes, passa direto pela Av. Nelson Mandela, seu destino é a Rua São Clemente.

Ao virarmos a esquina, as primeiras gotas começam a cair do céu, o catador então aperta ainda mais o passo. Ele finalmente encontra sua parada, uma calçada repleta de sacos pretos dispostos no chão, vira então seu carrinho a 90° e sobe por uma rampa de acesso para carros. Ele agora se desloca com seu carrinho pelo passeio procurando o melhor ponto para parar. Não é comum que os catadores deixem seus carrinhos parados nas faixas de rolamento das vias principias durante horários de maior fluxo, provavelmente sofreriam com a hostilidade de motoristas se assim fizessem. Então ele para seu carrinho, dessa vez de forma longitudinal em relação à larga calçada, e começa a vasculhar o lixo disposto no local.

Não demora muito e a chuva se torna mais densa, uma típica chuva forte de verão. O catador se apressa para recolher o que já foi separado e rapidamente pega seu carrinho para procurar abrigo. Encontra na esquina que acabara de passar, debaixo da marquise de um prédio, e assim espera, aproveitando para descansar. Quando a chuva abranda, o catador pega seu carrinho e retorna para o local, mas o clima não fica estável por muito tempo, voltando a chover forte depois de alguns minutos. O movimento se repete e ele volta a se abrigar. Dias de chuva são especialmente desafiadores para aqueles que trabalham nas ruas, para além do habitual, eles têm que lidar com a falta de estruturas de suporte, o material sendo exposto ao tempo, o carrinho mais pesado e o desgaste físico majorado. Em dias chuvosos é visível a diminuição da quantidade de catadores no recorte estudado.

Figura 2. A corrida da Chuva.
Fonte:Autoral. (2023).

4. DESDOBRAMENTOS E INTERPRETAÇÕES

Como vimos na narrativa "paisagem de segunda" a cidade do lixo trata-se de uma camada da cidade formal que se mostra em sua forma plena sazonalmente, apesar de estar sempre presente nas sutilezas cotidianas. Nas terças não vemos a movimentação característica do dia da coleta, mas vemos os resquícios. A embalagem que restou no chão, o catador que não aguentou se deslocar e dorme na calçada abraçado em seus recicláveis, a fila na porta do ferro velho. A cidade do lixo está sempre presente, mesmo que nem sempre possamos vê-la com tanta clareza.

Essa cidade tem personagens próprias, cada uma com seu papel. São personagens que nem sempre são enxergadas na conturbada cidade formal, mas que nessa camada específica ganham forma, contorno e protagonismo. É evidente, no entanto, que cada persogem estabelece uma relação diferente com a cidade, e que essa diferença muitas vezes está pautada no nível de formalização ou organização do trabalho. Um exemplo claro são os Garis, que apesar de trabalharem diretamente com o mesmo material, carregam o um grau muito maior de "respeitabilidade social" do que os catadores, e são recebidos de forma muito mais amigável pelos demais ocupantes da cidade.

Essa distinção existe e ficou clara também entre os catadores durante a pesquisa. Apesar de, em um primeiro momento, parecerem um grupo mais homogêneo, fomos capazes de identificar ao longo do processo, pelo menos, 4 diferentes personagens dentro desse grupo, categorizados de acordo com o seu método de trabalho, relação com o material coletado e suas interações com o espaço. Foram eles: catador organizado, catador independente, garimpeiro e catador eventual. Dentro da lógica de coleta que observamos, cada personagem se relaciona de forma distinta com o resíduo e com a cidade, e consequentemente interfere de diferentes maneiras na paisagem.

Dessa forma, a cidade do lixo aos poucos se constrói, criando lugares e ambiências próprias. Os sacos pretos, os contêiners, os caminhões, o lixo espalhado, o lixo empilhado em cima dos carrinhos, os odores, os barulhos, todos são elementos que conformam ambiências efêmeras cotidianamente. Tratam-se de ambiências em constante movimento, que se expandem e retraem como uma respiração, um pulso. Os catadores interagem com elas, atravessam-nas e são atravessados por elas. Nada é permanente na cidade do lixo.

Essa camada da cidade construída na impermanência é efêmera como Leônia (Calvino, 1990) que se estabelece em torno do lixo, do consumo. Ambiências efêmeras que, no entanto, se repetem cotidianamente e impactam diretamente os espaços da cidade.

Percebemos, ainda, que vários aspectos estão entrelaçados dentro das dinâmicas que são estabelecidas nos dias de coleta. A forma com que os produtores dispõem o lixo na calçada interfere no processo trabalho do catador, que consequentemente determina se vai ter mais ou menos lixo espalhado nas ruas, definindo o tempo e a energia que a COMLURB terá que dispor a cada lugar. Está tudo conectado dentro desta relação que é estabelecida em torno do lixo, e pequenos gestos podem ter grandes reverberações.

Além disso, foi possível concluir que a morfologia urbana impacta diretamente o trabalho e o interesse dos catadores. Espaços com maior densidade residencial, com calçadas largas ou recuos e facilidade de deslocamento são chamarizes perfeitos para os catadores, determinando de muitas formas a movimentação dessas personagens na cidade. Da mesma maneira, percebemos que os locais destinados para venda do material coletado são definidores finais dos grandes deslocamentos realizados por esses trabalhadores.

Por fim, percebemos que a cidade do lixo possui suas próprias ambiências. Ambiências do lixo, que se desenham espacialmente nas ambiências noturnas. Atmosferas peculiares, cheias de cheiros, sons e sentimentos ambíguos. A presença dos catadores nessas atmosferas incomoda, ao mesmo tempo que acalenta, traz segurança. Eles são agentes que moldam, em algum grau, a forma com que sentimos e nos relacionamos com a cidade.

A relação do catador com o que é indesejado para os moradores dos edifícios os desumaniza e cria repulsa à sua presença. E o resíduo, que eles muitas vezes acabam por espalhar pelo chão, nos lembra de que o problema do nosso consumo exacerbado não se encerra nas lixeiras de nossas casas. Ao mesmo tempo, a coleta garante a pessoas em situação de extrema vulnerabilidade a possiblidade de obtenção de renda através do trabalho. Assim, em uma sociedade em que o trabalho é glorificado, a coleta alça os catadores a um status de seres úteis e, até certo ponto, bem quistos. Dessa forma, a ambiguidade de sentimentos frente ao compartilhamento do espaço urbano com um catador é constante.

Por meio das observações em campo foi possível levantar questionamentos sobre essa ambiguidade, possível de ser sentida em diversas instâncias. Dentro do contexto das ambiências noturnas, por exemplo, anotamos que, dividir o espaço urbano com um catador pode trazer a princípio a sensação de medo pelo desconhecido. Mas quando enxergado pela ótica do trabalho, ou seja, quando é entendido como um trabalhador urbano realizando seu serviço diário, ele passa a se tornar olhos da rua. Se tornam presenças ativas que habitam a noite e garantem vida aos espaços que outrora estariam vazios.

Enquanto pesquisadores, tivemos essa frequente sensação de segurança e preenchimento da rua nos momentos que estávamos acompanhados dos catadores. Porém, ficou claro durante as investigações que existe uma distinção entre os diferentes personagens nesse sentido. Catadores organizados, por exemplo, tendem a ser mais respeitados e lidos como trabalhadores em um grau menor de informalidade. Isso ficou muito evidente a partir das relações observadas entre eles e os porteiros dos prédios e comerciantes locais.

Os momentos de ausências de catadores também foram importantes para entender como a percepção dos espaços urbanos é alterada. Os dias de chuva constante afastam os catadores das ruas e podemos vislumbrar o que seria a cidade do lixo sem suas personagens principais. De fato, vemos muito menos lixo espalhado no chão, ao mesmo tempo encontramos grandes concentrações de sacos pretos que outrora não estriam lá, não nessa quantidade. A ambiência é diferente. As ruas estão mais vazias e há uma sensação melancólica de ausência que paira na integridade do lixo disposto nas calçadas.

Entendemos assim a importância desses trabalhadores para o estudo das ambiências. Os catadores não são só mais uma personagem dentro da cidade do lixo, eles são presenças ativas que moldam seu funcionamento e a forma como a percebemos e vivenciamos. Experienciar plenamente a cidade do lixo é dividir o espaço urbano com o catador, com o gari, com os resíduos espalhados no chão e com todos os fatores sensíveis que compões essa complexa camada da cidade.

5. CONSEDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que embasa este artigo demonstrou que os catadores são trabalhadores que impactam diretamente nas dinâmicas do espaço público, afetando a forma com que percebemos esses ambientes. Por isso, enquanto pesquisadores do campo do saber da Arquitetura e Urbanismo, sustentamos a necessidade de deferir um olhar sensível sobre estes corpos marginalizados no espaço urbano em prol de compreender temas emergentes relacionados à formação das cidades.

Conclusivamente, é importante retomar que a as constatações emitidas neste artigo, apesar de serem fruto de um processo de pesquisa, são baseadas na perspectiva das pesquisadoras. Uma pesquisa de corpo presente, mas que conscientemente não envolveu de forma abrangente os relatos orais dos demais indivíduos envolvidos nas dinâmicas urbanas estudas. Nosso objetivo nunca foi encerrar o tema principal, mas dar uma abordagem específica a ele. Entendemos as limitações de um curto artigo de dez páginas, mas esperamos que este trabalho aponte caminhos a serem seguidos por investigações futuras.

Ressaltamos que trabalho dos catadores é de suma importância para a forma que a reciclagem se estabelece no Brasil hoje. Assim, qualquer proposta de vislumbre uma otimização da reciclagem deve levar em consideração esses trabalhadores. É necessário, portanto, cuidado para que mudanças nesse setor não exponham os catadores a uma situação de vulnerabilidade ainda maior.

6. BIBLIOGRAFIA

Bauman, Z (2005). Vidas desperdiçadas. Zahar.

Calvino, I (1990). As cidades invisíveis. Companhia das Letras.

Duarte, C R (2015). A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. Em Anais do 7 Projetar. Originalidade, Criatividade e Inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática. Natal.

Duarte, C R (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. Em JP THIBAUD & CR DUARTE, Ambiences urbaines en partage. (pp.21-30). Metis-Presses

Godolphim, N (2015). A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. Horizontes Antropológicos. v. 2, n. 1, p. 161-185.

Guattari, F & Rolnik, S (1996) Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis. Vozes.

Merleau-ponty, M (1975). A estrutura do comportamento. Interlivros.

Miura, PO (2004). Tornar-se catador: uma análise psicossocial. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Morbidini, M (2016). "Catador cidadão; trabalho digno" - Estratégias de superação do estigma adotadas pelos catadores de material reciclável em Belo Horizonte, Brasil. Em C RIAL, O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos (pp 65-98). Associação Brasileira de Antropologia.

Pinheiro, ES (2010).Cidades 'ENTRE'. Dimensões do Sensível em Arquitetura ou a Memória do Futuro na Construção de uma Cidade (Tese de Doutorado). UFRJ, Rio de Janeiro.

Thibaud, JP (2012). O devir ambiente do mundo urbano. Redobra.

Zielinski, A (2009). Chair et Empathie: quelques éléments pour penser l'incarnation comme compassion. Em Transversalités. Paris: Institut Catholique de Paris, n. 112, p. 187-199.

R36

RIVER, INDUSTRY AND CITY: THE DIFFERENT APPROPRIATIONS OF PUBLIC OPEN SPACES IN BARREIRA CRAVO NEIGHBORHOOD, VOLTA REDONDA (RJ)

RIO, INDÚSTRIA E CIDADE: AS DIFERENTES APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NO BAIRRO BARREIRA CRAVO, VOLTA REDONDA (RJ)

Bruna de Paula Almeida
Mestranda
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
bruna.p.almeida@fau.ufrj.br

Vera Regina Tângari
Professora Doutora
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
vtangari@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This paper aims to investigate the different relations between the residents and public open spaces of Volta Redonda, with focus on the two main marks of the city's landscape, the Paraíba do Sul river and the industry Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), considering that both of them play out complex dynamics in the city's social and cultural relations. The purpose is to comprehend in which ways these complexities are reflected in the residents' connections with each of these spaces in their everyday life. Therefore, we propose an analysis of the urban appropriations in the Barreira Cravo neighborhood, which borders both the river and one of CSN's properties. Through walking routes around the neighborhood, we intend to apprehend, analyze and compare the different appropriations, as well as the perceptions and affections provoked during this process.

KEYWORDS: public open spaces. urban landscape. urban appropriation. Volta Redonda.

RESUMO

Este artigo busca investigar as diferentes relações entre a população e os espaços livres públicos de Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, com foco nos dois principais marcos de sua paisagem, o Rio Paraíba do Sul e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), entendendo que ambos protagonizam dinâmicas complexas nas relações sociais e culturais da cidade. O objetivo é compreender de que maneira essas complexidades se refletem na forma que a população se relaciona com esses dois espaços no dia a dia da cidade. Para tanto, propõe-se uma análise das apropriações no bairro Barreira Cravo, que faz fronteira tanto com o Rio Paraíba do Sul quanto com uma propriedade da CSN. A partir de percursos caminhados pelo bairro, pretende-se apreender, analisar e comparar as diferentes apropriações, bem como as percepções e afetos provocados durante o processo.

PALAVRAS-CHAVE: espaços livres públicos. paisagem urbana. apropriação urbana. Volta Redonda.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende investigar, a partir da análise de apropriações urbanas cotidianas em Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, as diferentes relações entre a população e os espaços livres públicos da cidade, com foco nos seus dois importantes marcos referenciais paisagísticos, o Rio Paraíba do Sul e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A contraposição entre rio e indústria se dá pela diferença de significado que os dois têm assumido nos últimos anos, pois enquanto o rio adquire cada vez mais uma importância cultural e simbólica, a siderúrgica, após sua privatização, passa a romper as relações que mantinha com a cidade e a assumir protagonismo em novos conflitos urbanos ambientais e territoriais.

Diante desse cenário, busca-se compreender se essa distinção e a complexidade dessas relações se refletem na maneira como as pessoas se relacionam com a cidade e seus territórios. Para isso, propõe-se uma exploração dos espaços livres do bairro Barreira Cravo, que faz fronteira tanto com o rio Paraíba do Sul quanto com uma propriedade extensa e não edificada da CSN, o terreno do Aeroclube (ver Figura 1). Pretende-se também relatar, para além das apropriações, as diferentes percepções e afetos provocados durante o trabalho de campo.

Figura 1. Localização de Volta Redonda e delimitação da CSN, do rio Paraíba do Sul e da área de estudo.
Fonte: Adaptado de base de georreferenciamento IBGE e Google Earth.

O artigo se estrutura a partir de uma breve contextualização sobre a paisagem de Volta Redonda e as relações atuais com o rio e com a indústria, seguida do embasamento teórico que auxiliou a delineação dos caminhos metodológicos adotados. Estes partem de um entendimento do caminhar enquanto ferramenta potente de apreensão e transformação do território, tendo como base autores como Jacques (2012), Careri (2013) e Rocha e Santos (2023). Também faz uso de algumas ferramentas aplicadas em pesquisas etnográficas em arquitetura, como o caderno de campo, com croquis e anotações diversas, e a fotografia. Na sequência, são expostas as descobertas da experiência, com o relato das diferentes relações sociais, espaciais e afetivas percebidas durante os percursos pelo bairro Barreira Cravo.

2. A PAISAGEM DE VOLTA REDONDA

A cidade de Volta Redonda possui dois principais componentes estruturantes em sua paisagem, o Rio Paraíba do Sul e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) (ver Figura 1). Ambos foram essenciais para o desenvolvimento histórico da cidade e

definem, ainda atualmente, relações simbólicas entre a população e o espaço urbano. Entendendo a paisagem como um produto cultural fruto de transformações biofísicas, sociais, econômicas e políticas sobre o território (Schlee et al., 2009), reconhece-se a complexidade do espaço urbano de Volta Redonda para além dos elementos considerados relevantes para este trabalho. Serão abordados aqui o impacto e a importância da indústria e do rio na paisagem da cidade, com foco no conflito urbano provocado pela desocupação de propriedades da CSN e nos valores culturais que o Rio Paraíba do Sul tem assumido nos últimos anos enquanto símbolo de Volta Redonda.

Na década de 1940, quando a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) foi construída em Volta Redonda, o que se imaginava para a nova cidade operária partia de um ideal utópico, em que usina e trabalhador pudessem viver em harmonia (Lopes, 1993). Entretanto, desde o princípio, a posição da siderúrgica como protagonista da paisagem da cidade já indicava a priorização do desenvolvimento da usina frente aos interesses coletivos dos habitantes de Volta Redonda, nos anos que se seguiriam (Souza, 1992).

Em 1993, com a privatização da CSN, um novo conflito urbano se desencadeou, quando não só a planta industrial foi mantida em posse da Companhia, como também todas as propriedades que ela administrava na cidade, incluindo terrenos de grandes proporções e edifícios de lazer, saúde e educação. Essas propriedades, antes frequentadas pela população, com o passar dos anos foram sendo abandonadas e completamente fechadas. Segundo Gomez (2010), essa fase pós-privatização estabelece na cidade uma nova dinâmica conflituosa, em que o que até então era público, torna-se propriedade de uma empresa privada que ignora a estreita relação que mantinha com a cidade e seus habitantes até então.

A partir desse rompimento e da desocupação das propriedades, a CSN passa a estabelecer novas territorialidades no espaço urbano da cidade, com delimitação de fronteiras físicas que reforçam seu poder sobre a paisagem. Esses territórios, como definidos por Schlee et al. (2009), marcam sobre elementos físicos da paisagem de Volta Redonda as estratégias de dominação da usina, e têm rebatimentos também nas relações sociais cotidianas, ao estabelecer novas dinâmicas para a experiência da cidade.

Apesar da construção da CSN ter marcado o surgimento da cidade enquanto ocupação urbana, é o Rio Paraíba do Sul que dá nome ao lugar. Volta Redonda faz referência a uma curva acentuada do curso d'água, que caracteriza um marco na paisagem local. Mas para além do simbolismo atrelado ao nome, o rio tem imensa relevância para o desenvolvimento histórico da cidade, influenciando as primeiras ocupações fazendeiras da região, no século XVIII, a própria instalação da CSN e os significados culturais associados à cidade atualmente.

Com o intuito de desvincular a imagem da cidade à da CSN nos anos que seguiram à privatização da indústria, prefeitura e população escolheram a curva do rio como símbolo de Volta Redonda, transformando-a em monumentos e cartões postais de valor cultural e, consequentemente, dando uma nova importância à sua preservação e proteção (Moreira, 2014). A imagem do rio em contraposição à siderúrgica é forte, pois explicita a dualidade entre esses dois marcos da paisagem. Enquanto a usina explora e polui o território, o rio é símbolo de vitalidade e um respiro em meio a uma cidade marcada pela predominância de uma atmosfera cinza.

Frente a esse cenário, o que interessa a este trabalho é investigar de que forma essa diferença se reflete no cotidiano da cidade. Para isso, propõe uma análise do bairro Barreira Cravo, onde a população possui contato direto tanto com o Rio Paraíba do Sul, quanto com uma propriedade da CSN. Serão delineadas a seguir algumas ferramentas de apreensão da paisagem importantes para essa investigação.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A estratégia metodológica delineada para o trabalho de campo parte do entendimento do caminhar e da errância enquanto ações potentes na construção e na experiência do espaço urbano. Com base em Careri (2013) e Jacques (2012), a prática do caminhar é compreendida, para além do deslocamento no espaço, como ferramenta de ocupação e produção do território, uma vez que, ao se colocar perante a cidade não como espectador, mas a experienciando de dentro, aquele que erra/caminha pelo espaço urbano propõe um exercício de produção itinerante, inventando uma cartografia própria. É portanto uma prática que entende a paisagem como algo que se formula e reformula à medida que esses itinerários se desenvolvem.

Estudos contemporâneos sobre a caminhografia urbana também ressaltam a importância de se experienciar e registrar a cidade comum, a vida cotidiana. A caminhografia enquanto estratégia busca produzir registros, seja mapeando, desenhando, fotografando ou narrando a cidade, entendendo os lugares como produtores de subjetividade. Através da exploração pelo caminhar, com o corpo atento, estaríamos abertos aos diversos afetos e atravessamentos que o espaço urbano provoca (Rocha; Santos, 2023).

Da mesma forma, estudos etnográficos em arquitetura, como expostos por Duarte (2010), reafirmam a importância de se estabelecer relações entre o/a arquiteto/a pesquisador/a, o ambiente e seus habitantes. A etnografia seria a escrita do visível e entre as ferramentas descritas pela autora estão o caderno de campo e a fotografia. O caderno de campo é o suporte para o registro de percepções e descrições dos elementos que chamam a atenção no momento da pesquisa, podendo conter croquis, anotações e informações referentes aos aspectos tangíveis e intangíveis do espaço estudado. A fotografia por sua vez é uma ferramenta importante para o registro da memória ambiental e cultural do local.

Entendendo, com base nesses autores, a importância de uma pesquisa de campo que adentra o território e se coloca diante de seus praticantes, busca-se, a partir de percursos livres pelo bairro Barreira Cravo, registrar afetos, percepções, apropriações e outros aspectos que possam emergir durante a pesquisa através da fotografia e de relatos em caderno de campo. As informações coletadas durante o trabalho de campo serão analisadas na sequência, com foco nas formas de apropriação urbana e nas relações com os espaços livres públicos do bairro, tanto nas proximidades da propriedade da CSN quanto do Rio Paraíba do Sul.

4. EXPLORANDO O BAIRRO BARREIRA CRAVO

Barreira Cravo é um bairro majoritariamente residencial, localizado na região centro norte de Volta Redonda. Os limites do bairro são demarcados de um lado pelo rio Paraíba do Sul, e, do outro, por uma propriedade da CSN (Figura 2). Nesta propriedade, ocupando aproximadamente 690 mil m2 de extensão, funcionava o antigo aeroporto da cidade, bem como o Clube Ressaquinha, que era um clube informal administrado por moradores do bairro por mais de 30 anos, mas que foi reintegrado à posse da CSN em 2017. Em frente ao antigo Ressaquinha existe o Bar Ressaquinha, e ao lado há outro espaço de lazer, com campo de futebol e uma área coberta, e que não pertence à siderúrgica, sendo administrado por moradores do bairro (Diário do Vale, 2017).

Figura 2. Bairro Barreira Cravo e entorno.
Fonte: Adaptado de Google Earth (2024)

Os percursos foram iniciados na extremidade do bairro que faz fronteira com o terreno da CSN e, em um primeiro momento, notou-se que a propriedade se impõe

na paisagem do bairro por ser uma área densamente arborizada, estabelecendo um contraste em relação às quadras adjacentes que são ocupadas por residências e possuem poucos espaços livres e pouca arborização (Figura 3). Apesar da proximidade com a vegetação ser agradável, foi difícil realizar o percurso na calçada ao lado do terreno, pois é estreita e estava deteriorada, fazendo com que o deslocamento fosse feito do outro lado da rua. Devido a essa condição, nenhuma das pessoas que se deslocavam pelo bairro utilizavam a calçada em questão e em sua maioria optavam pela rua, principalmente os que praticavam corrida. A corrida foi a principal prática observada nessa extremidade do bairro durante o percurso, não havendo pontos de permanência ao longo das divisas da propriedade da CSN, com exceção das proximidades do Bar Ressaquinha.

Apesar do interior do terreno ser visível, não existem formas de acessá-lo ao longo do bairro, pois todo seu perímetro é gradeado e às vezes sinalizado com placas indicando a posse da CSN. Dessa forma, há uma fronteira física bem definida entre o que é propriedade da usina e o que é espaço público. Durante a caminhada por esse trecho do bairro, a percepção que se tem é de que tudo é muito estático, a movimentação de pessoas é baixa, as casas são silenciosas e a vista da propriedade é pouco dinâmica, uma reta quase constante de arame e vegetação. O vazio da propriedade invade também a rua, e são poucos os pontos em que encontram-se sinais de que esse limite também é habitado (Figura 3).

Figura 3. Sequência de fotos dos limites da propriedade da CSN.
Fonte: autora (2024)

Um desses focos de movimento acontece no trecho do Bar Ressaquinha, na entrada do bairro. Neste ponto é onde se percebeu a maior concentração de pessoas, em sua

maioria homens, que se reuniam em mesas pelas calçadas e adentravam o campo de futebol, que não faz parte do terreno da CSN. Neste mesmo ponto é onde se encontram também os vestígios do que foi o Clube Ressaquinha. Por uma divisória se separam mais uma vez espaço público e privado, o espaço vivido e o sem vida (Figura 4).

Figura 4. Clube Ressaquinha (esquerda) e espaço de lazer administrado pelos moradores (direita).
Fonte: autora (2024)

Seguindo a caminhada por entre as ruas do bairro, chegamos à Avenida Beira-Rio, onde tem-se o contato direto com o rio Paraíba do Sul. A margem do rio é, assim como o terreno da CSN, bem arborizada, mas no horário da visita esse trecho estava mais sombreado, o que talvez justifique a quantidade maior de pessoas caminhando próximas ao rio, em comparação com o primeiro trecho de análise. Conforme o caminhar adjacente à margem do rio se desenrolava, algumas intervenções urbanas chamaram a atenção. A margem dos rios ao pouco vai assumindo lugar de significado na medida em que ficam visíveis algumas apropriações feitas pela população, que vão desde o cultivo de vegetações diversas, criando jardins próximos à calçada, até a disposição de mobiliários como mesas e cadeiras (Figura 5).

Figura 5. Intervenções da população nas margens do rio Paraíba do Sul.
Fonte: autora (2024)

Através das intervenções a população chega a criar percursos próprios na margem do rio, seja pela disposição de pedras que marcam caminhos na direção do Rio Paraíba do Sul, seja através da vegetação, com a criação de marcações que convidam o transeunte a explorar o espaço (Figura 6). Um dos caminhos criados leva a um banco na beira do rio, usado como espaço de contemplação. Outros elementos comuns nas intervenções da população são as sinalizações e itens decorativos, em sua maioria com frases que marcam o laço afetivo que estabeleceram com o lugar, como a denominação do local em que as vegetações foram cultivadas como "jardim dos amigos".

Figura 6. Demarcação de caminhos (1 e 3), criação de espaços de contemplação (2) e composteira comunitária (4).
Fonte: autora (2024)

Mesmo que a quantidade de pessoas nas proximidades do Paraíba do Sul não seja muito diferente das que circulavam nos limites do terreno da CSN, a relação afetiva que se observa na Avenida Beira-Rio é muito mais tangível, uma vez que as pessoas encontram nas margens do rio espaços onde é possível deixar sua marca e assim demonstrar seus afetos, seja pela criação de ambientes de convívio seja pela sinalização do espaço com palavras afetuosas. Transformam assim a margem do Rio Paraíba do Sul em lugar afetivo e o incorporam ao cotidiano do bairro, estimulando a aproximação dos que passam ou permanecem por ali.

As diferenças entre a relação da população com as duas bordas do bairro Barreira Cravo podem ser entendidas como reflexo de dinâmicas complexas que permeiam a paisagem de Volta Redonda: as margens públicas do rio e a propriedade privada da siderúrgica. A territorialização criada pela CSN a partir de delimitações físicas rígidas de suas propriedades e as sinalizações de sua posse se reflete na paisagem do bairro, seja visualmente, seja por inibir as ocupações da população nas proximidades da propriedade, inclusive pela reintegração de espaços que antes possuíam uso comunitário. Em contrapartida, nas margens do Rio Paraíba do Sul, entendido como bem comum da cidade, essa relação é oposta, e é a população quem cria suas próprias territorialidades de afeto, com suas demarcações do espaço e apropriações, conseguindo demonstrar de maneira sensível a afeição que possuem pelo rio.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No recorte estabelecido para este trabalho, buscou-se explorar algumas das dinâmicas que conformam a paisagem de Volta Redonda, em especial as dualidades que rio e indústria assumem atualmente nas discussões urbanas, ambientais e sociais da cidade. A escolha do bairro Barreira Cravo como objeto de estudo teve como objetivo aproximar essa discussão do cotidiano da população, buscando entender qual o impacto dessas relações complexas no dia a dia de moradores que têm contato tanto com o Rio Paraíba do Sul quanto com as propriedades da CSN.

A metodologia aplicada para o trabalho de campo se mostrou eficaz para essa aproximação, bem como para a apreensão e leitura da paisagem, contribuindo para uma análise sensível dos espaços do bairro e possibilitando a incorporação tanto das apropriações e ocupações da população, quanto das minhas percepções, enquanto primeira autora do artigo e arquiteta-pesquisadora na análise. Por fim, acredita-se que o trabalho possa contribuir para novas discussões acerca das dualidades, dos conflitos e das relações afetivas que marcam a paisagem atual de Volta Redonda, bem como para estudos sobre espaço urbano que se proponham a desvendar o cotidiano das cidades e de seus moradores.

7. REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: G. Gili, 2013. 177 p.

DUARTE, C. R. Cultura, subjetividade e experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura. In: Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 29 de novembro a 03 de dezembro de 2010.

GOMEZ, Wiliam Fernando. Volta Redonda a cidade privatizada, conflitos e contradições urbanas. Orientadora: Sônia Azevedo Le Cocq d´Oliveira. 2010. 184 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Rio de Janeiro, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012. 331 p.

LOPES, Alberto Costa. A aventura da cidade industrial de Tony Garnier em Volta Redonda. 1993. 235 p. Dissertação (Mestre em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1993.

MOREIRA, A. A. Paraíba do Sul: um rio, quatro cidades, um patrimônio socioambiental em questão. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2014.

Ressaquinha e CSN estariam negociando reabertura do espaço. Diário do Vale. Volta Redonda, junho de 2017. *https://diariodovale.com.br/cidade/ressaquinha-e-csn-estariam-negociando-reabertura-do-espaco/*.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arquitextos, São Paulo, ano 24, n. 281.05, Vitruvius, out. 2023 *https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923*.

SCHLEE, M. B.; SOUZA, M. J.; REGO, A. Q.; RHEINGANTZ, P. A.; DIAS, M. A.; TÂNGARI, V. R. Sistema de espaços livre nas cidades brasileiras - um debate conceitual. *In:* Paisagem e Ambiente. São Paulo, n. 26, 2009, p. 225–247

SOUZA, Cláudia Virginia Cabral de. Pelo espaço da cidade: aspectos da vida e do conflito em Volta Redonda. Orientador: Ana Clara Torres Ribeiro. 1992. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - IPPUR, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

R36

THE INDOOR AND THE OUTDOOR: THE SUBJECTIVE EMOTIONAL CONDITIONERS INVOLVING THE RESIDENTIAL SPACE AND THE CHILD'S EXPERIENCE IN THE URBAN ENVIRONMENT

DA PORTA PRA DENTRO E DA PORTA PARA FORA: OS CONDICIONANTES SUBJETIVOS EMOCIONAIS QUE ENVOLVEM O ESPAÇO RESIDENCIAL E A EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NO AMBIENTE URBANO

Laura Franca Lelis Bezerra
Mestranda
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas
lauraflbz@gmail.com

Valéria Rodrigues Teles
Mestranda
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas
valeria.teles@ifal.edu.br

Marthina de Albuquerque Silva
Mestranda
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas
marthinalbuquerque@gmail.com

Thaísa Francis César Sampaio Sarmento
Professora Doutora
Universidade Federal de Alagoas
thaisa.sampaio@fau.ufal.br

ABSTRACT

This article investigates the complex interaction between residential space and the urban environment and their influences on children's subjective and emotional experiences. By analyzing how the built environment affects and shapes perceptions and ambiances, the study highlights the role of the architect as a creator of environments and the impacts of spaces on child development. The work seeks to differentiate and clarify the concepts of "environment" and "ambiance," as well as describe how they interact in forming individual and collective experiences, centering on the child's experience as a user of the spaces. The text reports the emergence and evolution of the perception of environmental comfort and its impact on contemporary social practices, emphasizing the importance of creating spaces that promote well-being, safety and freedom, contributing to children's development.

KEYWORDS: residencial space. urban environment. ambiance. environment. architect. child development.

RESUMO

Este artigo investiga as complexidades entre o espaço residencial, o ambiente urbano e suas influências nas experiências subjetivas e emocionais das crianças. Ao analisar como o ambiente construído afeta e molda as percepções e ambiências, o estudo destaca o papel do arquiteto como criador de ambientes e os impactos dos espaços no desenvolvimento infantil. O trabalho busca distinguir conceitualmente os termos "ambiente" e "ambiência", além de descrever como eles interagem na formação da experiência individual e coletiva, tendo como centralidade a experiência da criança como usuária dos espaços. O texto relata o surgimento da percepção do conforto ambiental e seu impacto nas práticas sociais contemporâneas, destacando a importância de criar espaços que promovam o bem-estar, a segurança e a liberdade, contribuindo para o desenvolvimento das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: espaço residencial. ambiente urbano. ambiência. ambiente. arquiteto. desenvolvimento infantil.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho explora os condicionantes subjetivos e emocionais que influenciam a interação entre o espaço residencial e ambiente urbano na vivência da criança. A investigação está focada em discutir como os sentidos e as emoções moldadas pelo ambiente construído influenciam as ações e percepções das crianças fora de casa. Estas percepções, desempenham papel importante ao moldar as experiências da criança no ambiente urbano durante a sua formação.

A pesquisa é fruto do trabalho desenvolvido por três estudos distintos oriundos de dissertações de mestrado em andamento em que são investigados o usuário infantil, suas interações e percepções acerca do ambiente residencial e urbano e o

desenvolvimento de metodologias de projeto de interiores. Através de uma revisão de literatura, esta abordagem teórica busca estabelecer um diálogo crítico entre os conceitos de "ambiente" e "ambiência", clarificando e diferenciando estes termos que são fundamentais para a análise proposta. O objetivo deste artigo é questionar o papel do arquiteto enquanto "agente de criação de ambientes", discutindo as subjetividades do sentir através do fazer arquitetônico e seu papel na composição de ambiências para a infância.

Para a definição de ambiente, foi adotado o conceito sugerido por Carvalho (2011) que caracteriza o ambiente como multidimensional. Essa definição compreende tanto o meio físico concreto em que se vive, seja ele natural ou construído, quanto as indissociáveis condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas de um contexto específico. Todos os elementos presentes em um determinado ambiente, incluindo pessoas, contribuem para a sua constituição.

Quanto ao conceito de ambiência, foram utilizados os estudos de Thibaud (2018) que aborda a complexidade em apontar uma definição. Aqui utilizamos o aspecto da conceituação que trata da ambiência como a qualidade da situação estando intrinsecamente ligada à percepção, todavia não pode ser considerada objeto desta pesquisa. A ambiência não é percebida diretamente, percebe-se conforme a ambiência (Thibaud 2018). Ainda segundo Thibaud (2018), a ambiência não se reduz a uma soma de objetos pontuais, de sinais discretos e sensações sucessivas ou de comportamentos individuais, ela unifica e especifica a situação, colorindo a totalidade e influenciando a percepção global do entorno.

A figura 1 representa um diagrama-síntese das acepções dos termos ambiência e ambiente e ambiciona apresentar como elementos físicos, sociais, emocionais e psicológicos contribuem para a criação do espaço multidimensional. Ainda, como a ambiência vem a ser uma qualidade advinda dessas interações, influenciando a percepção e a experiência do espaço de forma global e unificada.

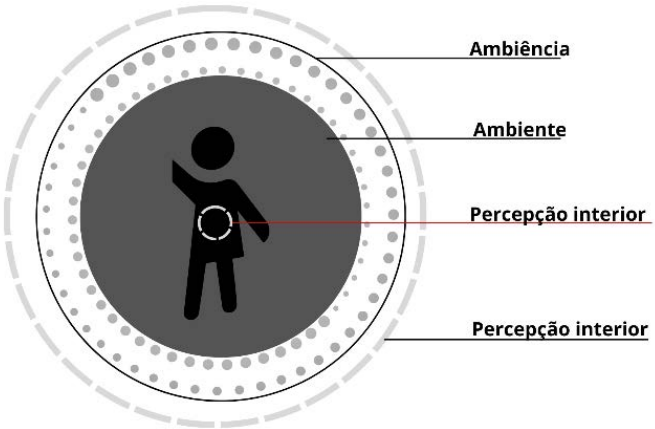


Figura 1 - Diagrama dos conceitos de ambiência e ambiente
Fonte: as autoras (2024)

Compreende-se que uma ambiência se faz a partir do reconhecimento coletivo do espaço habitado, embora se manifeste também na individualidade, conforme elucidado por Duarte (2013). Dessa forma, considera-se refletir sobre os conceitos de ambiente e ambiência que interferem na relação entre usuários e o espaço construído, seja ele de caráter público ou privado, nas experiências construídas sobre o lugar e, ainda, sobre experiências outras de caráter individual que influenciam a ambiência. Ademais, é importante destacar que a arquitetura deposita signos e significados para aqueles que utilizam-na, construindo culturas e ambiências particulares para uma determinada comunidade.

Ao focar na centralidade da experiência da criança como usuária dos espaços, percebe-se que a relação entre ambiência e ambiente construído é profundamente influenciada pelas crenças e culturas do contexto em que a criança está inserida. Tais relações se mostram determinantes para a construção de conceitos e experiências sociais que se estendem para além do ambiente doméstico, podendo influenciar o desenvolvimento infantil. Deste modo, reconhecer e projetar espaços que respeitem e promovam a interação entre ambiência, ambiente e vivência infantil contribui para uma arquitetura mais inclusiva e responsiva às necessidades das crianças.

É importante destacar que a pesquisa inclui como participantes as crianças a partir da segunda infância. Nessa fase, as habilidades motoras estão mais desenvolvidas, e o desenvolvimento cognitivo e o pensamento simbólico estão em expansão. No entanto, as experiências da primeira infância não podem ser desconsideradas, pois elas contribuem para a construção subconsciente do indivíduo.

2. A EVOLUÇÃO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL E SEU IMPACTO NA EXPERIÊNCIA INFANTIL

A relação pessoa-ambiente começou a ser percebida no século XVII na Europa, quando o conceito de conforto ambiental passou a ser associado a bem-estar físico e prazer, assim como é atualmente. O surgimento do termo após o século XVII, indica que, antes desse período, a noção de conforto ambiental não tinha qualquer relevância para a sociedade da época. “O termo surge para expressar uma ideia nova que não existia ou não precisava ser expressa anteriormente” (Villa, 2020; p.16).

A relação criança-ambiente também carece de uma contextualização histórica. Segundo Ariés (1981), o papel da criança na família e na sociedade passou de uma posição negligenciada para uma centralidade, fenômeno denominado como sentimentos de infância. Essa mudança reflete a valorização crescente da voz e da presença infantil nas pesquisas relacionadas à infância, sendo essencial para compreender as dinâmicas sociais contemporâneas que as afetam. Não consta como objetivo desta pesquisa aprofundar esta questão; contudo, é importante trazer à tona um relativo apagamento da criança como indivíduo, pois acredita-se que os sentimentos sociais destinados a ela pelos adultos têm relação direta na percepção segundo as ambiências coletivas e individuais.

Silva (2022) referencia os estudos de Rosseti-Ferreira (2006) em que verifica-se uma díade relacional entre adulto-criança, especialmente mãe-criança, destacando a importância dos vínculos e interações comunicativas e sociais mediadas por figuras parentais. Adota-se a visão de Thibaud (2018), que reconhece o sujeito não apenas como passivo, mas como explorador ativo do ambiente. Complementa-se com a perspectiva da criança como exploradora nata, cujas experiências são fundamentais para a formação de seu repertório pessoal. Contudo, é importante notar que essas experiências são notadamente influenciadas pelas restrições físicas e pelas relações estabelecidas com cuidadores adultos dentro de um contexto social específico.

A partir dos primeiros anos de vida, as crianças adquirem conhecimento sobre o espaço em que vivem por meio das suas experiências e interações dentro do ambiente imediato. É nesse lugar que ela consegue significar o espaço de acordo com seus deslocamentos e suas percepções (Erthal, 2023). No que diz respeito às influências percebidas no espaço, vale destacar que cada ambiente é dotado de ambiência própria, definida por sua constituição física, social, atmosférica, sentimental e individual, que influencia diretamente os comportamentos e as ações das crianças.

De acordo com as fases do seu desenvolvimento, a criança leva algum tempo para demonstrar maturidade verbal e emocional e expressar de forma clara e direta aquilo que sente ou percebe. A justificativa de estudo do contexto infantil, para além da contribuição no campo disciplinar, é contribuir para uma conformação arquitetônica que visa o respeito aos indivíduos em todas as suas necessidades desde a infância.

No contexto residencial é comum serem feitas adaptações de ordem física para acomodar uma criança. No entanto, essas mudanças, feitas antes da chegada da criança e geralmente numa casa previamente habitada por adultos, podem limitar em demasia a liberdade de exploração infantil. A construção de um ambiente provocativo - no sentido de despertar sentidos, sentimentos e apreensões - fica restrita ao quarto. Contudo, é essencial reconhecer que todo ambiente residencial será experienciado e percebido pela criança.

O interior residencial é frequentemente percebido como um espaço de segurança. Utilizamos o conceito de fundo sensível adotado por Thibaud (2018) para explicar esse fenômeno. Thibaud (2018) considera o meio (ambiente) como terceiro termo da percepção, revelando-se essencial para a criação do fundo sensível, ou plano de fundo. Sob este plano de fundo serão esmiuçadas as condições para o surgimento dos fenômenos que desvendam a ambiência coletiva de modo individual para a criança, destacando como a percepção ambiental é influenciada e formada.

Oliveira e Costa Filho (2022) destacam aspectos fundamentais que são integrados à experiência do usuário nos ambientes que frequentam, dividindo-os em facetas conativas e cognitivas. Enquanto as facetas conativas relacionam-se com a

habitabilidade do espaço, as facetas cognitivas estão vinculadas à humanização do ambiente e serão o cerne deste artigo. As facetas cognitivas possibilitam o acolhimento e a produção de subjetividades, tornando-se particularmente eficazes quando os arranjos espaciais promovem encontros prazerosos e respeitam os limites territoriais aceitos socialmente.

A figura 2 apresenta o diagrama da interação criança-ambiente, destacando cinco fatores principais desta interação.

Figura 2 - Diagrama da interação criança-ambiente
Fonte: as autoras (2024).

No contexto urbano atual, as crianças têm sido afastadas de situações de socialização, por cuidado de seus pais e responsáveis. Ariés (1981), ao tratar da história social da infância, primeiro aborda o surgimento dos sentimentos da infância, da vida escolástica e, por fim, da constituição da família como instituição centrada na criança. Afirma ainda que, até o século XVII a vida era vivida em público e que a família se tornou uma sociedade fechada na qual seus membros gostam de permanecer. A casa perdeu lugar de caráter público que possuía em certos casos no século XVII, em favor do clube e do café, por sua vez, se tornaram menos frequentados (Ariés, 1981, p 275). A vida profissional e a vida familiar abafaram essa outra atividade, que outrora invadia toda a vida: a atividade das relações sociais (Ariés, 1981, p 275).

Além das oportunidades de socialização, as brincadeiras que são ferramentas essenciais para o desenvolvimento infantil, estão se tornando cada vez mais raras nos ambientes urbanos. Contudo, como Kara (2019) destaca: “brincar é como as crianças começam a desenvolver seus modos de vida ativos”. Brincar ao ar livre, especialmente na rua, enriquece a percepção sensorial das crianças, fortalece a sociabilidade e cultiva o senso de comunidade. Lueder (2007) também ressalta a importância dos bairros projetados para as crianças, sublinhando o seu importante papel para o desenvolvimento emocional, intelectual, comportamental e moral das crianças, além de contribuir para a formação da identidade e do sentido de pertencimento comunitário.

À medida que as crianças são afastadas das ruas, surgem alternativas como playgrounds e espaços projetados para o lazer infantil, refletindo uma mudança na percepção e alocação de espaços nas cidades para atividades infantis. Essa transição visa oferecer segurança, lazer e promover o desenvolvimento infantil em ambientes controlados, embora também represente uma restrição à liberdade que antes existia em espaços abertos e menos estruturados.

Essa dinâmica não apenas afeta e altera a dinâmica da brincadeira e da interação social entre as crianças, como também impacta a forma como elas exploram e interagem com o mundo ao seu redor, limitando suas experiências a espaços delimitados e, por vezes, homogeneizados. Embora equipamentos como parques temáticos, playgrounds e espaços de brincar, sejam eles públicos ou privados, promovam atividades que contribuem para a socialização e o desenvolvimento infantil, não oferecem a mesma riqueza de estímulos e oportunidades para a imaginação das crianças que um ambiente mais natural e menos controlado poderia proporcionar.

3. INTERSECCIONALIDADES ENTRE CONTEXTOS

A interação entre a criança e as ambiências, através das quais ela percebe o mundo ao seu redor, apresenta-se como elo inicial entre os contextos residencial e urbano. É importante reconhecer que não existe um entendimento único de infância, este varia de acordo com o contexto no qual a criança está inserida. Além disso, considerando o elo relacional adulto-criança, delibera-se que, no campo da ambiência e na interseção dos dois contextos, o repertório individual do adulto pode ser considerado um dos suportes da percepção, desempenhando papel significativo na moldagem da percepção da criança.

Com base em Thibaud (2018), esta análise enfoca a influência das ambiências na indução de comportamentos. Assim, infere-se que, da porta para dentro, o conjunto de experiências infantis produz uma noção única de ambiência individual que, por sua vez, está inserida na ambiência coletiva da família. Considera-se que a conjunção desses fatores influencia a resposta individual e a forma de agir da criança dentro de casa, neste ambiente que é considerado de segurança, o qual tende a diferir do manifestado em ambientes externos.

Acredita-se que a configuração da arquitetura residencial, seja ela uni ou multifamiliar, reflete os níveis de contato e exposição à rua, expressando como os adultos escolhem se relacionar com o espaço urbano. A fachada e a porta constituem-se como o primeiro nível de contato com o meio externo e da relação extra-casa, sendo fundamentais na mediação da relação entre o espaço doméstico e a cidade. Estes elementos definem a permeabilidade visual e física entre os espaços e simboliza a disposição dos moradores em relacionar-se com o entorno.

A figura 3 apresenta duas imagens que ilustram níveis de contato e relação casa-rua. Na imagem à esquerda, a casa, além de estar em contato com o meio externo,

relaciona-se com ele através do banco externo na fachada. Já na imagem à direita, a moradia se apresenta como fortaleza e deixa marcado o limite entre "dentro" e "fora", a casa e a rua.

Figura 3 – Fachadas e a rua, níveis de contato
Fonte: Archdaily (Casa Primeira,2024 e Casa da Rua Direita de Francos, 2021 respectivamente).

Da porta para fora, desdobra-se o mundo urbano com sua diversidade e movimento. Nas ruas encontram-se estranhos com quem se relacionar e uma infinidade de estímulos que não são possíveis de serem incluídos no repertório individual quando se está "dentro". A experiência de interagir com essa diversidade de elementos proporciona oportunidades de aprendizado e desenvolvimento pessoais necessários para a criação de um repertório individual mais rico e complexo. Essas interações e percepções externas incentivam a curiosidade, a exploração, a capacidade de adaptação e resposta a novas situações, especialmente para as crianças, que estão construindo as primeiras impressões do mundo ao seu redor.

A partir dessas interações, emergem três elementos que unem os contextos e os usuários: tempo, individualização e adaptação. Segundo Damatta (1997) não é possível falar de espaço sem falar de tempo. No cotidiano, o tempo e o espaço são percebidos como entidades separadas, mas Damatta (1997) aponta para a existência de formas paralelas de tempo que reforçam a ideia de que ambos são percebidos através de um sistema de contrastes para serem concretizados e experimentados como elementos tangíveis, principalmente na infância. Por exemplo, o tempo vivenciado durante uma partida de futebol, o tempo de duração de um filme ou o tempo diário na escola; todos ilustram como o tempo vincula-se intimamente ao espaço e à simbologia do contexto.

A individualização é um conceito que permeia os contextos residencial e urbano à medida que a criança explora e define sua identidade individual nesses espaços. À medida que a criança cresce, novos símbolos e características são criados para conferir-lhe um caráter individual. O contexto residencial é, em si, um espaço de individualização construído para demarcar o espaço individual privado. Dentro de uma residência, coexistem espaços individuais, como os cômodos, que servem a propósitos específicos e refletem aspectos particulares de seus ocupantes.

No ambiente urbano, a individualização apresenta-se como o desafio de estar em sociedade, mas ser indivíduo na esfera da coletividade. Conforme observado por Damatta (1997), a rua é um lugar de individualização por ser local onde cada um deve zelar por si, negociando sua identidade em meio à coletividade. Essa dinâmica se torna um exercício contínuo de dar e receber, no qual os indivíduos precisam aprender a coexistir e colaborar mantendo suas características únicas.

A adaptação surge como característica corriqueira e essencial para as crianças, que estão explorando e interpretando um mundo repleto de novidades. O que não é compreendido, é adaptado no campo das experiências infantis. Essa capacidade de adaptação é vista como subversiva no mundo dos adultos, especialmente quando as crianças transformam e reinterpretam elementos do ambiente, visto que é deveras comum subverter o que está posto no campo do desconhecido. Além disso, o contexto urbano é adaptado para acomodar os espaços residenciais, enquanto ambos os contextos, urbano e residencial, são alvo de adaptações às necessidades e escalas da infância.

Pode-se observar que existe uma tensão na interseccionalidade entre contextos residencial e urbano, o que Damatta (1997) descreve como uma relação de inimizade entre a casa e a rua. Esses espaços, embora complementares, são percebidos como antagonistas já que representam simbologias completamente distintas, dinâmicas e complexas. Ainda segundo Damatta (1997) a casa é tida como refúgio de calma e repouso em contraste com a rua, associada ao domínio público e vista como um espaço potencialmente perigoso. Essa dicotomia enfatiza as diferentes expectativas e comportamentos que são praticados nos ambientes domésticos e públicos.

A noção da rua como lugar perigoso abordada pelo autor, é entendida como senso comum na sociedade brasileira, visto que a segurança e a desigualdade são questões em evidência no país. Contudo, busca-se reforçar as teorias de comunidade, vizinhança e "os olhos da rua", apresentados por Jane Jacobs, como poderosos instrumentos de segurança e vínculo entre adultos e transferidos para as crianças, sendo um elo que pode seguir por gerações.

Destaca-se a importância do papel do arquiteto na criação de atmosferas que promovam experiências de ambiências positivas, influenciando a formação do sentimento de comunidade. A noção de "atmosfera", conforme descrita por Zumthor (2009), refere-se a um elemento subjetivo que se comunica com a percepção emocional de maneira instintiva, embora seja passível de criação. Ainda segundo Zumthor (2009), existe um lado artesanal nesta tarefa de criar atmosferas arquitetônicas que exige procedimentos detalhados, além de interesses e do uso criterioso de instrumentos e ferramentas.

São descritos por Zumthor (2009) doze elementos para a criação de atmosferas arquitetônicas, os quais estão descritos na Figura 4.

É importante ressaltar que a abordagem desses elementos não visa servir como um manual de boas práticas, apresenta-se como uma análise da complexidade do processo de projeto, que considera referenciais subjetivos na atividade de projetar. Essa perspectiva visa sensibilizar o usuário, o que não é garantia de "sucesso", posto que a experiência coletiva é vivida em conjunto com o repertório individual de cada pessoa.

Segundo Thibaud (2012), a busca por uma produção arquitetônica no sentido de controlar ambientes sensoriais da cidade - usando luz, som, ventilação, odores e outras técnicas - tende a produzir espaços condicionados e pode deixar pouco espaço para rituais de interação entre transeuntes ou oportunidades de improvisação pública. Essa condição, embora possa estabelecer um nível de conforto ambiental, pode também limitar a expressão espontânea e as dinâmicas sociais que caracterizam os espaços urbanos vibrantes.

Dessa forma, o ambiente construído, seja ele de caráter privado ou público, está diretamente associado às relações sociais conferidas a ele, apresentando-se como uma microrreprodução da somatória entre economia, urbanização, aspectos culturais, aspectos sociais, climáticos, psíquicos e emocionais. Trata-se de uma obra coletiva criada implicitamente pelos seus membros frequentadores que compõem uma ordem, seja ela implícita ou explícita, e excede, em muito, a função original para a qual foi criada.

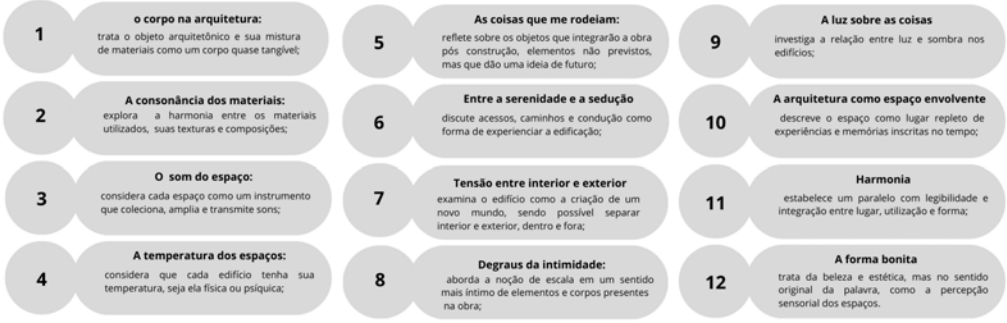


Figura 4 – Síntese dos 12 pontos para criação de atmosferas de Peter Zumthor
Fonte: as autoras (2024).

4. CONCLUSION / CONCLUSÃO

Ao definir a ambiência como uma qualidade da ação, é possível compreender que esse espaço constitui uma motricidade única, moldada por todos os indivíduos que o frequentam. Seja qual for o ambiente, interno (da porta para dentro) ou externo (da porta para fora), como são os espaços residencial e urbano, respectivamente, todos os agentes contribuem para a criação de um ritmo médio comum. É através desse ritmo coletivo que se dá a compreensão da realidade, mediante a articulação de todos os envolvidos no contexto experienciado.

O ambiente em que as crianças crescem desempenha papel fundamental em como elas percebem e interagem com o mundo ao seu redor, influenciando seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Ao projetar espaços, os arquitetos não criam apenas estruturas físicas, mas também moldam as ambiências que influenciam a vida dos usuários, neste caso específico, das crianças. Portanto, é essencial considerar como os espaços podem promover interações sociais ricas, diversas e seguras, além dos fatores funcionais e estéticos, a fim de possibilitar que as crianças explorem e aprendam de maneira orgânica e intuitiva.

Ademais, ao aprofundar a compreensão da interação criança-ambiente, em qualquer fase da vida, colabora-se para mitigar práticas abusivas, de explorações sociais e naturais que podem emergir no ambiente construído e em suas dinâmicas relacionais. Além disso, nesse contexto, considera-se a criança como protagonista, na construção de suas próprias experiências, visto que elas, em conjunto com os agentes que compõem os cenários da porta para dentro e da porta para fora, compartilham emoções, imaginações e representações.

Portanto, existe uma interdependência na relação entre os ambientes internos e externos e as crianças, influenciada pelos elementos presentes no espaço habitado e suas propriedades físicas. Assim, conclui-se que é de suma importância propor reflexões sobre a interação entre criança e ambiente e explorar como essas relações se desenvolvem. Este estudo reafirma a importância de uma abordagem abrangente nas práticas arquitetônicas residenciais e no planejamento urbano, com o objetivo de criar ambientes inclusivos, seguros e estimulantes que promovam o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças e das comunidades.

5. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Ariès, P. (1981). História social da criança e da família. Libros tecnicos e cientificos editora.

Campos-de-Carvalho, M. I., Cavalcante, S., & Nóbrega, L. M. A. (2011). Ambiente. Temas básicos em psicologia ambiental.

DaMatta, R. (1997). A casa & a rua. Rocco.

Duarte, C. R. (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. THIBAUD, J.

Erthal, C. D., Lima, P. D. F. D. C., & Maldaner, M. B. (2013). O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE A CIDADE. Salão Do Conhecimento.*https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/2475*

Jacobs, J. (1961). Morte e vida de grandes cidades. Martins Fontes.

KARA, N. et. al. (2019). The Future of Residential Street: Playstreet. International Conference on Engeneering Technology and Innovation, Sarajevo, 2017;

Lueder, R. (2007). Projetando cidades e bairros para crianças. Em Ergonomia para Crianças (pp. 839-876). Imprensa CRC.

Oliveira, L. A. de; Filho, L. L. C. (2022). O Sentido de Lugar no Espaço Residencial: Uma Avaliação da Relação Pessoa-Ambiente no Contexto Pós-Pandemia, p. 434-456. In. Anais II Seminário de Pesquisa PPDesign. UFPE.

Rossetti-Ferreira, M. C. (1984). O apego e as reações da criança à separação da mãe. Cadernos de Pesquisa, (48), 03-20.

SILVA, Ana P S da. (2022). As interações infância e ambiente. In: HIGUCHI, M. I. G. et. al. (org). Cronologias na relação pessoa-ambiente. Curitiba: Editora CRV. seção 1, p.25.

Thibaud, J. P. (2012). A cidade a través dos sentidos. Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, (18), 1-16.

Thibaud, J. P. (2018). Ambiência. Psicologia Ambiental. Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiante, 13-25.

Villa, Simone. (2020). Morar em Apartamento. São Paulo: Oficina Textos, 2020.

Zumthor, P. (2009). Peter Zumthor, atmosferas: entornos arquitectónicos-as coisas que me rodeiam. Gustavo Gili.

R36

THE WAY HOME: THE RELATION OF APPROPRIATION OF SPACES BY WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC VIOLENCE

O CAMINHO DE CASA: AS RELAÇÕES DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS POR MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Nátaly Carvalho
Mestranda
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-UFRJ
nataly.carvalho@fau.ufrj.br

Ethel Pinheiro Santana
Professora Doutora
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-UFRJ
ethel@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article deals with the interaction between women victims of domestic violence and the urban environment. The main objective is to present methods for analyzing the ways in which these women appropriate living spaces and how they choose to move (or not) through certain places in the city, based on the impact of the personal trauma they have experienced. For this study, data was collected on gender-based violence in Brazil, and direct and passive observation was used during conversations in women's support groups, in order to understand their ways of interacting with urban places and their ambiances. In addition, the ethnographic method was adopted, consisting of transcribing the narratives collected during meetings held in the Zumbi neighborhood, Ilha do Governador, and downtown Rio de Janeiro, in order to investigate these urban ambiances.

KEYWORDS: gender. sexual violence. appropriation of urban space. right to the city. theory of affect.

RESUMO

Este artigo aborda a interação entre mulheres vítimas de violência doméstica e o ambiente urbano. O objetivo central é apresentar os métodos de análise das formas dessas mulheres se apropriarem dos espaços de vivência e como escolhem transitar (ou não) por determinados lugares da cidade, a partir do impacto do trauma pessoal vivenciado. Para este estudo foi realizado um levantamento de dados sobre a violência de gênero no Brasil, além da utilizada a observação direta e passiva durante conversas de grupos de apoio à mulher, a fim de compreender suas formas de interação com o lugar urbano e suas ambiências. Em conjunto, foi adotado o método etnotopográfico, que consiste na transcrição das narrativas coletadas durante as reuniões realizadas no bairro do Zumbi, Ilha do Governador, e no Centro do Rio de Janeiro, a fim de investigar tais ambiências urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: gênero. violência sexual. apropriação do espaço urbano. direito à cidade. teoria do afeto.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte da pesquisa de dissertação em andamento, na qual é investigado o dilema urbanístico de se pensar cidades de maneira integral, onde especialmente as mulheres consigam se sentir representadas na cidade vivida e encontrem ambientes amigáveis e sociáveis para as suas experiências.

Ao analisar o caminhar feminino pela cidade, nos deparamos com a problemática da insegurança percebida no espaço urbano, considerando que é (ainda) de praxe considerar e consolidar um padrão que incita a pensar que "a segurança pública protege os homens brancos e é surda aos nossos gritos" (Fernandes, 2021, p.172).

Por vezes somos levados a refletir as ruas da cidade como um lugar onde mulheres sentem insegurança pela forma "como a cidade cria bloqueios para as mulheres e ignora seu contato diário com a vida urbana" (Kern, 2021, p.15).

É impossível pensar o direito à cidade sem considerar primordialmente os corpos que se desviam dos padrões normativos de gênero, raça, classe, sexualidade e deficiência. Realizar uma análise sob o ponto de vista da experiência feminina na cidade é, então, essencial para pensar como as dinâmicas do caminhar afetam a nossa relação com a cidade já que a percepção da cidade não se pode apreender em um mapa, é uma relação intensa encarnada na sua atmosfera. (Elkin, 2016, p.101). Tais percepções só são possíveis a partir do caminhar e da vivência na cidade que é sentida de acordo com nossos registros cognitivos e subjetividades, como cita Pinheiro (2004):

> "A cidade é o espaço vivido, sentido, valorado e percebido por seus habitantes, através de representações mentais, históricas e impressões individuais e coletivas. Estas representações marcam a cidade, delimitam, conformam e exprimem o caráter de cidade que influi sobre o comportamento de seus moradores, usuários e visitantes." (Pinheiro, 2004, p.03)

Sob o ponto de vista de gênero, a apropriação da mulher no espaço urbano é marcada pela lenta evolução dos direitos femininos em relação ao trabalho e vivência na cidade, devido ao pensamento patriarcal de que o lugar da mulher é a casa , e pelo assédio sexual que "lembra às mulheres todos os dias que elas não foram feitas para estar em certos espaços" (Koskela, 1999, p.12 apud Kern, 2021, p.96).

Desta forma, este artigo se propõe a apresentar determinados aspectos da vivência feminina em grandes centros urbanos a fim de colaborar para a produção de respostas urbanísticas mais igualitárias, compreendendo a urgência de novos modos de planejamento urbano que permitam o deslocamento e a vivência de mulheres com maior liberdade e segurança.

Ainda, incorporando outra dimensão ao estudo, partimos de um olhar sensível, neste caso das mulheres – vítimas de violência doméstica – que muitas vezes perdem todo o desejo de viver a cidade, tamanha a insegurança nela projetada e encontrada. A violência (física ou psicológica) sofrida por mulheres surge como um agravante na sensação de insegurança que muitas vezes atravessa o caminhar feminino.

2. ENTRE DIREITOS, AMBIÊNCIAS E AFETOS

A cidade é um lugar feito pelas pessoas, pelas percepções, relações de trocas e histórias que nela se desenvolvem. Ao analisarmos sob um viés de gênero, a relação da mulher com a cidade é marcada ao longo da história da humanidade pelas ideias patriarcais que determinaram os lugares onde mulheres poderiam ou não estar.

O estranhamento dos corpos femininos na cidade é um fenômeno de longa data, muitas vezes embasado pelo discurso biológico que associa características mais suaves às mulheres devido ao seu papel na reprodução humana.

Segundo Abreu (2003) a mulher inicia um processo de participação política na esfera pública somente da Revolução Inglesa, nos séculos XVI e XVII. Porém, apesar desse marco significativo na relação da mulher com a cidade, "a inserção das mulheres às responsabilidades econômicas e políticas, e também nosso direito à cidade, se deram por meio de uma falsa política de "neutralidade de gênero" (Zampronha, 2022, p.234). Apesar da crescente participação feminina na vida na cidade, as políticas públicas buscam transmitir a ideia de que devemos tratar os corpos como iguais e de que possuem os mesmos direitos ao transitar pela cidade.

As mulheres vivenciam a cidade diferente dos homens. O fato de uma pessoa ter um corpo feminino implica em sua mobilidade e acesso aos espaços públicos e privados. O assédio é um dos mais frequentes problemas relacionados à presença da mulher no espaço público[1], ditando comportamentos a fim de evitar ou ao mínimo restringir a possibilidade de passar por essa situação.

Figura 1. O assédio à mulher na cidade como problema histórico
Fonte: Fotografia de Jacques Henri Lartigue, século XX.

1 De acordo com a pesquisa "Percepções sobre segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade", realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva, em outubro de 2021, 69% das interlocutoras da pesquisa já foram alvo de olhares insistentes e cantadas inconvenientes durante seus trajetos.

Apesar da constante evolução dos direitos femininos ao longo dos últimos séculos, ainda nos dias atuais é percebida uma dificuldade em caminhar pelas ruas sem chamar a atenção dos olhares masculinos, e muitas vezes comentários, que objetificam os corpos femininos (Figura 1). A escolha de abordagem das adversidades enfrentadas pelas mulheres vítimas de violência doméstica na cidade partiu da necessidade de se questionar a equidade do espaço público devido a maneira como o medo dita trajetos dos corpos femininos na cidade.

2.1. Ambiências em foco

As ambiências são conformadas na relação entre o ser humano, enquanto agente sociocultural, e o espaço construído, porém, apesar das experiências serem vivenciadas in loco, as ambiências não podem ser resumidas a uma simples soma dos dados, pois é impossível compreender tais características separadamente (Duarte et al., 2022, p.113). Os sons, cheiros, elementos socioculturais, suporte espacial urbano ou arquitetônico, apenas fazem sentido em uma ambiência se analisados como "uma manifestação global que nos permite apreender imediatamente a sua totalidade" (Thibaud, 2004, p.147)

De acordo com Duarte (2015), as ambiências se tratam da "base por meio da qual nos situamos no mundo e atribuímos sentido, significados e afetos ao espaço por onde circulamos" (Duarte, 2015, p.74). Desta forma, as ambiências apenas podem ser vivenciadas e compreendidas por meio da experiência do indivíduo no espaço, indivíduo este imbuído de sua subjetividade, seus registros cognitivos e culturas. Ao analisar este conceito, o caminhar se mostra um meio pelo qual o corpo se situa no espaço urbano e possibilita as relações de troca com o Outro.

O documentário "Sob Constante Ameaça" (Figura 2) demonstra ambiências de medo que podem permear o caminhar feminino à noite. Imagine estar caminhando por uma rua do centro da cidade a noite a noite, os comércios já fecharam há horas, os postes com iluminação fraca deixam espaços obscuros entre eles, vez ou outra passos apressados se fazem audíveis, ocasionalmente é possível escutar o barulho de carros ao longe, até que você escuta passos se aproximando, conforme se aproxima da esquina a tensão de não saber quem está a caminho faz o coração acelerar. Em determinados lugares uma pessoa pode ser inundada por uma sensação de medo experienciada a partir de aspectos sensíveis presentes no meio urbano, além das relações interpessoais e de seus registros cognitivos.

Figura 2. Mulher caminhando pelo centro da cidade a noite
Fonte: Reprodução Documentário Sob Constante Ameaça Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WsO_XRA7XWU&ab_channel=Ag%C3%AAnciaP%C3%BAblica> Acesso em 26 jun. 2024

Segundo Pinheiro (2004), as ambiências funcionam como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma dada situação. Podemos considerar situações que afetam de forma negativa ou positiva as vivências do indivíduo. Conforme citam Duarte e Pinheiro:

> "Costuma-se relacionar o termo "afeto" com um sentimento de simpatia em relação a alguma coisa. No entanto, ao entrelaçarmos esse conceito com a noção de ambiências, podemos pensar em afetividade como uma possibilidade de afetar-se com o Outro, podendo este Outro ser, inclusive, um lugar, uma cidade, e não necessariamente uma pessoa." (Duarte e Pinheiro, 2013)

2.2. Direito à cidade sob a perspectiva de gênero

O conceito do Direito à Cidade, cunhado por Henri Lefebvre, sugere que todos os habitantes têm o direito de usufruir do espaço urbano, além de participar na sua produção exercendo sua criatividade e liberdade (Lefebvre, 2001). Desta forma, o direito à cidade é o direito de influenciar na criação dos espaços públicos, mas também de transitar livremente pelo espaço urbano, sem preocupações ou limitações.

A cidade de Lefebvre é uma cidade com gênero, porém a falsa neutralidade nos discursos levantados tende a invisibilizar importantes aspectos da vivência de mulheres na cidade, reforçando uma exclusão espacial onde o poder e os privilégios masculinos são mantidos ao manterem os movimentos das mulheres limitados e restringirem sua capacidade de acessar espaços diferentes (Kern, 2021, p.19).

Entretanto, limitar o conceito de direito à cidade ao acesso à infraestrutura é esvaziá-lo de sentido: é necessário um debate mais amplo que englobe também a tensão vivida pela apropriação e dominação dos espaços (Sarmento, 2017 apud Zampronha,

2022, p.223). Ao discutir o direito à cidade sob uma outra perspectiva, uma que priorize as minorias existentes na estrutura das sociedades atuais, são reafirmados os obstáculos na apropriação das cidades não só por mulheres mas também por pessoas não brancas, lgbtqiapn+ e com deficiência. Essa é uma das questões mais urgentes no planejamento urbano praticado até os dias atuais, pois uma cidade que não permite ou não facilita os deslocamentos e acessos não pode ser considerada uma cidade inclusiva para todos seus habitantes.

No campo do urbanismo, existe uma necessidade de revisão dos espaços livres das grandes cidades, para que o exercício do direito à cidade seja realizado plenamente por todos os usuários da cidade. Pesquisar os reflexos da violência de gênero nas vivências das mulheres na cidade e nas significações que elas dão aos espaços que ocupam demanda uma abordagem empírica e sensível devido à natureza do tema.

2.3. Reflexos da violência de gênero no Brasil

Certas condições do dia a dia atravessam o caminhar feminino pela cidade e aumentam a sensação de insegurança das mulheres nos espaços urbanos. Isso inclui a presença de locais mal iluminados, longas esperas pelo transporte coletivo, especialmente em horários de menor movimento, e a pouca movimentação de pedestres em determinados lugares e horários. A insegurança percebida durante os trajetos femininos na cidade é representada em pesquisas como o dossiê "Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil"[2], uma pesquisa realizada pelo DataFolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 47% das mulheres brasileiras indicam ter sofrido assédio, sendo a maior parte na forma de cantadas e comentários desrespeitosos na rua.

A 10ª edição da Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher[3] indica que 74% das brasileiras perceberam um aumento da violência doméstica e familiar em 2023, embora esses números possam subestimar a real extensão do problema, devido à falta de denúncia de algumas vítimas, por razões diversas. De acordo com o Mapa Nacional da Violência de Gênero 61% de mulheres que sofreram violência em 2023 não procuraram uma delegacia. Ainda de acordo com a pesquisa, 48% das brasileiras já sofreram violência doméstica, enquanto que no estado do Rio de Janeiro esse número aumenta para 53%.

O caminho de casa é descrito por vezes como um trajeto inseguro não apenas pela narrativa de mulheres vítimas de violência doméstica[4], mas também por pesquisas[5] que indicam que 68% das mulheres brasileiras têm medo de sair sozinhas à noite no bairro onde

2 Pesquisa realizada em março de 2023, disponível em: <*https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/47-das-brasileiras-indicam-ter-sofrido-assedio-sexual/*> Acesso em 26 jun. 2024.

3 Pesquisa divulgada pelo Instituto DataSenado em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência no ano de 2023.

4 Percepção narrada durante a roda de conversa "Direito das mulheres à cidade" realizada pela exposição Cidade Mulher que ocorreu no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro-RJ.

5 Pesquisa "Segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade: as mulheres e seus trajetos" realizada pelo Instituto Patrícia Galvão em 2021.

moram. Dentre os aspectos que colaboram para esse fenômeno está a falta de iluminação pública, a falta de policiamento, espaços públicos abandonados e ruas desertas, além da falta de respeito e agressividade das pessoas. Nos casos de vítimas de violência doméstica ainda pode existir o medo de sofrer novamente nas mãos de seu agressor.

Ainda segundo o Instituto Patrícia Galvão, 96% das interlocutoras da pesquisa evita passar por locais desertos ou escuros e 83% escolhe um caminho mais longo ou demorado, quando acha que ele é mais seguro, por medo ou insegurança em seus deslocamentos pela cidade. Vivemos numa sociedade onde a cultura do estupro nos ensina que estar sozinha em público é estar aberta para sofrer uma ameaça de violência sexual e, portanto, a vigilância faz parte da experiência de estar sozinha na cidade para a maioria das mulheres (Kern, 2021, p.78).

3. MÉTODOS EM AÇÃO

A partir das discussões aqui apresentadas sobre a relação corpo-espaço, e considerando a sensibilidade do tema da violência doméstica, partimos do pressuposto de que a escolha de métodos para a pesquisa deve envolver uma abordagem sensível e qualitativa. A fim de abarcar as experiências sensíveis nos espaços, o conjunto de materiais e métodos a serem utilizados têm base na etnotopografia, que consiste em uma etnografia espacial.

Foi escolhida essa base metodológica pelo seu caráter de fundamentação no espaço físico e das significações dadas pelas usuárias dos espaços a eles, dando o sentido de Lugar. Duarte (2011) destaca que os espaços criados pelas pessoas frequentemente "falam" mais fielmente sobre sua dinâmica de uso do que suas próprias palavras, portanto, a observação das formas como as mulheres se apropriam do espaço urbano é fundamental para alcançar resultados satisfatórios.

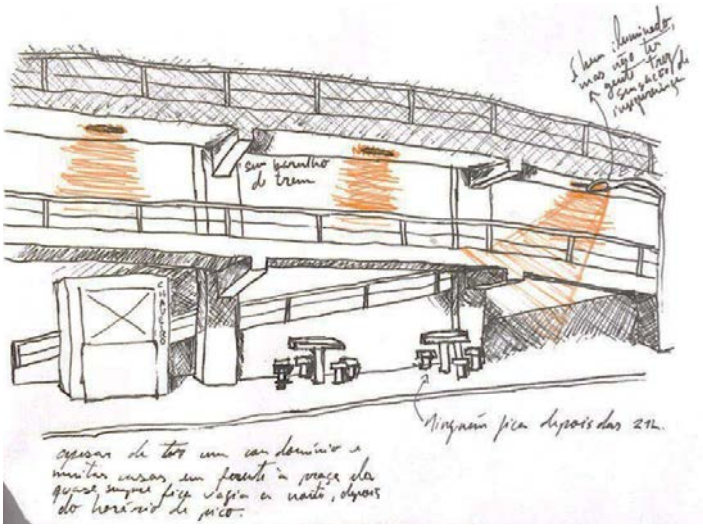


Figura 3. Ambiência noturna na estação de trem de Piedade
Fonte: Acervo da autora, 2024

Será utilizado um conjunto de métodos para estruturar a compreensão das percepções das mulheres como usuárias do espaço público, bem como a percepção desta pesquisadora ao se situar como observadora e reinterpretar os comentários realizados durante as reuniões e entrevistas. Serão utilizadas, não necessariamente nesta ordem, entrevistas abertas e entrevistas semi-estruturadas, a fim de recolher dados e a experiência das interlocutoras vítimas de violência doméstica, percursos comentados, que se caracterizam por derivas pela cidade, sem rota específica, enquanto o indivíduo narra sua experiência com o lugar ou evento específico, e, por fim, croquis etnográficos (Figura 3) como um processo de pesquisa que expõe o registro visual e percepções ao longo das reuniões e nos locais comentados pelas interlocutoras da pesquisa.

As narrativas, para esta pesquisa, são importantes ferramentas de análise, pois, são construídas não como uma representação da realidade, mas, de acordo com o que a pessoa que narra lembra dos episódios vividos e entende o que é importante expor. Através das narrativas são resgatadas as histórias vividas pelas mulheres que sofreram algum tipo de violência doméstica e como essas histórias impactam a forma como elas vivenciam a cidade. O exercício da escuta ativa e atenção plena são elementos essenciais na compreensão da linguagem não-verbal das interlocutoras, considerando que "como alguém diz o que diz é uma chave essencial para entender o dizer" (Dunker e Thebas, 2021, pag.169).

3.1. Aplicações iniciais

Com o intuito de desenvolver uma aproximação com o tema de pesquisa, foram realizadas visitas a rodas de conversa com o tema de violência doméstica e direito à cidade. A ida às rodas de conversa e a observação passiva foram estratégias utilizadas a fim de se situar no contexto e facilitar o contato com mulheres que tenham passado por situações de violência. Logo na primeira visita foi observado o caráter educador das reuniões[6] onde eram realizadas palestras visando orientar as participantes da roda sobre as consequências decorrentes da violência sexual, além de estratégias de denúncias e como lidar em caso de violência sofrida, ou ao conhecer uma pessoa que esteja passando por essa situação. Ao longo das reuniões foram registradas as primeiras impressões em cadernos de campo, com a utilização de croquis, adotando o viés etnográfico a fim de abarcar as subjetividades dos grupos nos ambientes.

> 15:17: Me sinto um pouco ansiosa por ser meu primeiro contato com uma ação desse tipo, então não sei o que esperar. Cada vez mais mulheres chegam e o clima geral é de alegria. 15:39 Uma enfermeira começa a falar sobre os tipos de violência. Percebo uma senhora de óculos escuros e vestido cinza, ela deve ter por volta de 50 anos e está chorando e discretamente limpando os olhos com um lenço. 16:15 Foi feita uma encenação onde a major e o major demonstraram alguns dos tipos de violência, exceto a física, foi assustador e real. Algumas

6 Nas duas "rodas de conversa" que compareci voltadas especificamente para o tema da violência de gênero o foco se deu nas palestras apresentadas por profissionais da área de apoio às mulheres que sofreram violência.

> mulheres batem palmas e enquanto isso a mulher se vira tentando esconder o choro que se intensificou após a performance. Nesse momento em específico percebi como essa mulher se encolhia, enquanto outros batiam palmas. Percebi que ela já vinha tentando "se proteger" com os braços cruzados em frente ao corpo, a bolsa escondendo o colo e as pernas postas de forma a tentar "diminuir" o tamanho do seu corpo e se afundar na cadeira. (Recorte das percepções descritas no caderno de campo)

O registro acima foi feito durante a primeira visita realizada em uma roda de conversa com o tema de violência doméstica que aconteceu no dia 11 de agosto de 2023 na sede do 17º Batalhão de Polícia Militar, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Na reunião foram feitas apresentações pelos policiais da Patrulha Maria da Penha do 17º BPM, uma enfermeira, uma advogada e uma psicóloga sobre assuntos relacionados à violência doméstica, além do relato de uma mulher que sofreu violência e atualmente dirige um grupo de apoio online.

Figura 4. "Mulher de cinza"
Fonte: Acervo da autora, 2023.

A mulher a quem denominei "Mulher de cinza" (Figura 4), não apenas pela cor da sua roupa mas também pela tristeza que ela emanava, chamou a atenção por ser a única em toda a roda expondo reações negativas às discussões e apresentações realizadas, ao mesmo tempo mantendo uma expressão corporal de retração no espaço. Ela parecia tentar "se fechar" em si mesma, como num casulo, com o intuito de se proteger.

Durante a reunião a psicóloga palestrante compartilhou uma narrativa pessoal envolvendo o seu caso de violência doméstica. Ela discorreu sobre a descoberta de estar em um relacionamento abusivo, o medo vivido após o término e o subsequente início das perseguições realizadas pelo seu ex-parceiro. A psicóloga também abordou

o processo de obtenção da medida protetiva e as sensações experimentadas ao tentar voltar ao seu cotidiano e seus desafios, ilustrados ao relatar uma ida ao supermercado, onde ela narra que:

> "Um dia que eu fui no supermercado com a minha filha e lá dentro o aparelho[7] começou a tocar e eu fiquei desesperada, não podia sair, entrei em pânico lá dentro imaginando ele (o ex) do lado de fora do mercado. O segurança veio porque eu comecei a chorar e gritar e todos queriam saber o que estava acontecendo." (Narrativa da psicóloga transcrita no relato da roda de conversa.)

Além da experiência no supermercado a psicóloga também enfatizou como seu ex-parceiro a seguia durante muitos de seus deslocamentos próximo à sua casa, e por este motivo ela passou a se confinar em casa por medo de possíveis agressões.

Durante a roda de conversa "Direito das mulheres à cidade" realizada pela exposição Cidade Mulher que ocorreu no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no dia 25 de novembro de 2023, uma das participantes relatou que passou muito tempo sentindo medo ao se deslocar sozinha a noite, principalmente no seu trajeto de volta pra casa, que compreendia o caminho entre a estação de trem e a sua casa, por medo de sofrer uma nova violência por parte de seu ex-namorado.

4. APREENSÕES FINAIS, DEBATES INICIAIS

A partir das discussões aqui iniciadas foi possível compreender que as trocas tecidas entre o indivíduo e o lugar urbano por vezes ocorrem de forma a restringir a presença de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade. Ao se debruçar na análise das percepções que mulheres que sofreram violência doméstica têm do espaço urbano nos deparamos com questões sensoriais que limitam sua fruição na cidade, chamando a atenção à questão de por quem os espaços são produzidos e quem pode usufruir deles. Se mostram necessárias diferentes apropriações do espaço urbano (Figura 5), como flâneuses[8] pela cidade, para que este possa afetar seus usuários de outras formas, inclusive acolhedoras.

7 Dispositivo utilizado em casos de medida protetiva que emite alertas caso o agressor transgrida o distanciamento mínimo necessário.

8 "aprendi com aquela andança, intensamente sentida, sempre levada a anotar o que via e sentia nos cadernos de capa mole que comprava na livraria Gibert Jeune de Saint-Michel - tudo isso que fazia instintivamente, outros haviam feito tantas vezes que já existia até um termo. Eu era flâneur. Ou melhor - como boa aluna de francês, converti o substantivo masculino em substantivo feminino: flâneuse." (Elkin, 2016, pag.16)

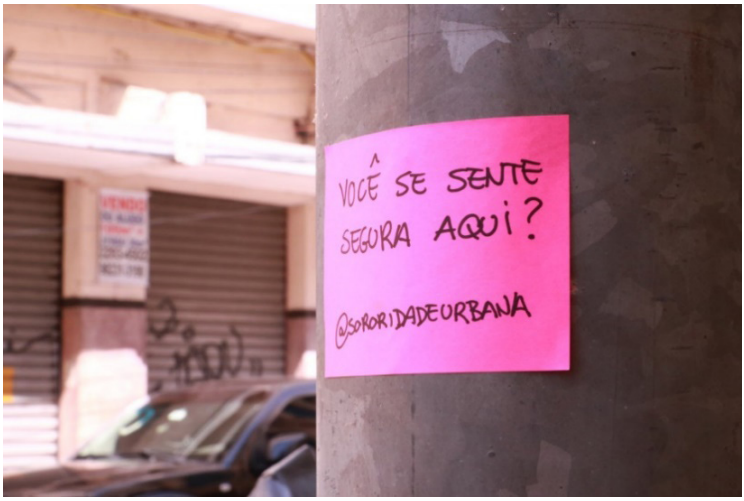


Figura 5. Ação de urbanismo tático desenvolvida no "1º Dia da Guerrilheira Urbana: mulher construindo cidade"
Fonte: Reprodução <https://www.instagram.com/sororidadeurbana> Acesso em 26 jun. 2024

O espaço urbano é reflexo das relações dos indivíduos com o meio, sendo o corpo a unidade de troca sensível com os ambientes. Compreender as diversas formas dos corpos de se relacionarem e se apropriarem dos espaços é essencial nas análises urbanas, uma vez que as cidades são construídas nessas relações.

5. BIBLIOGRAFIA

Abreu, M. Z. G. DE (2003). A reforma da Igreja em Inglaterra: acção feminina, protestantismo e democratização politica e dos sexos. [s.l.] Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, Cristiane Rose. Miranda, Cybelle Salvador. Santana, Ethel Pinheiro. & Silva, Luiz de Jesus. (2022). Experiência do Lugar Arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books.

Duarte, Cristiane Rose & Pinheiro, Ethel. (2013). Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. Anais... 6 PROJETAR. Salvador.

Duarte, Cristiane Rose (2011). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. Em THIBAUD, Jean-Paul. Ambiances en partages. Bernin : À la croisee.

_____(2015). A Empatia Espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. Revista PROJETAR - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 1, n. 1, pp. 68-74.

Dunker, Christian & Thebas, Cláudio (2021). O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas. 2.ed. São Paulo: Planeta.

Elkin, Lauren (2016). Flâneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. São Paulo: Editora Fósforo. Recurso Digital.

Fernandes, Mariana Patrício (2021). O Recado do Maciço: ocupar as fronteira, disputar a loucura. Em Cesari, Paula & Maxnuck, Andressa. Feminino Manifesto. 1.ed. (pp. 169-192). Rio de Janeiro: NAU Editora.

Kern, Leslie (2021). Cidade Feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel. Recurso Digital.

Lefebvre, Henri (2001). O Direito à Cidade. 5.ed.São Paulo: Centauro.

Medeiros, Ana Carolina (2022). Arquiteturas feministas. Em Pescatori, Carolina & Aliaga, Maribel. Entre Arquiteturas, Cidades e Feminismos: pesquisas do observatório amar é linha. 1. ed. (pp. 45-63). Brasília, DF: LaSUS FAU, Editora Universidade de Brasília.

Pinheiro, Ethel (2004). A Cidade no Fragmento: Lugar e Poiesis no Largo da Carioca. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, Rio de Janeiro.

Thibaud, Jean-Paul (2004). Regards en action. Ethnométhodologie des espaces publics. Bernin: A la Croisée.

Zampronha, Sara Cristina de Carvalho (2022). Direito à cidade para mulheres: Análise dos planos diretores do Distrito Federal. Em Pescatori, Carolina & Aliaga, Maribel. Entre Arquiteturas, Cidades e Feminismos: pesquisas do observatório amar é linha. 1. ed. (pp. 219-249). Brasília, DF: LaSUS FAU, Editora Universidade de Brasília.

R36

SUBURBAN MADNESS: DISRUPTIVE AMBIANCES

LOUCURA SUBURBANA: AMBIÊNCIAS DISRUPTIVAS

Rafael Alves Corradi
Doutorando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal Fluminense
rafael.corradi91@gmail.com

Raquel Xavier Laffite
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal Fluminense
raquellaffite@gmail.com

Luíza Campiti Braga
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal Fluminense
luizacampiti@id.uff.br

Camila Gavazzi Felix
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal Fluminense
camilagavazzi@id.uff.br

ABSTRACT

This article aims to analyze the urban ambiances generated by the carnival block "Loucura Suburbana," organized by the Municipal Institute Nise da Silveira (IMNS), located in the northern zone of Rio de Janeiro. The work is justified by the opportunity to understand the recognition disputes that fight for the right to the city and how these disputes affect the internal and external ambiances of the institution by exposing new conjectures that occupy the city with those who were previously marginalized, the inmates of the former psychiatric hospital. The ambiances will be studied using a methodology that draws parallels between the history of the institute and the contributions of authors who investigate the experience of the body in the city. Herewith, we aim to answer the question: How do the renewals of the ambiances, generated by Loucura Suburbana, impact on the right to the city of historically precarious subjects?

KEYWORDS: Urban ambiances. Street carnival. Corpographies. Municipal Institute Nise da Silveira. Loucura Suburbana block.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as ambiências urbanas que são geradas pelo bloco de carnaval "Loucura Suburbana", realizado pelo Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), localizado na zona norte do Rio de Janeiro. O trabalho se justifica, então, pela oportunidade de entender a busca por reconhecimento e pelo direito à cidade e como essa ação afeta as ambiências internas e externas da instituição ao expor novas conjecturas que ocupam a cidade com aqueles que antes eram postos à margem da sociedade, os internos do antigo hospital psiquiátrico. As ambiências serão estudadas por uma metodologia que traça paralelos entre a história do instituto e a contribuição de autores que investigam a experiência do corpo na cidade. Com isso, visamos responder à pergunta: Como as renovações das ambiências, geradas pelo Loucura Suburbana, afetam o direito à cidade de sujeitos historicamente precarizados?

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências urbanas. Carnaval de rua. Corpografias. Instituto Municipal Nise da Silveira. Bloco Loucura Suburbana.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo busca investigar as ambiências urbanas promovidas pelo Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), localizado no Engenho de Dentro, zona norte do Rio de Janeiro, sediado no antigo Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII). Analisa-se, aqui, em particular, as ambiências criadas pelo bloco de carnaval "Loucura Suburbana", evento precursor do instituto, o qual desafia a integração entre o interno e o externo, a loucura e a folia. Nesse sentido, busca-se responder à pergunta: Como o bloco Loucura Suburbana afeta as ambiências do bairro do Engenho de Dentro e em que medida isso implica no direito à cidade de sujeitos historicamente precarizados?

Para a construção deste trabalho, foi necessária a análise do histórico de saúde mental no Rio de Janeiro, tendo como marco precursor o antigo Hospital dos Alienados, o primeiro voltado a pacientes com tais transtornos psiquiátricos, porém ainda em meio às práticas da área da saúde do século XIX, aprisionando-os, de maneira arcaica, restringindo as ambiências destes, que tinham sua liberdade e seu direito à cidade negados em todos os sentidos. A investigação, porém, tem como foco o momento contemporâneo da luta antimanicomial pelo direito urbano, na medida em que os indivíduos passam não somente a percorrer, mas também intervir na cidade. A proposta aqui realizada justifica-se ao trazer suporte crítico reflexivo a respeito do papel de iniciativas do Loucura Suburbana, portanto, na grafia das ambiências e no movimento de ruptura com a exclusão, promovendo a busca pelo pertencimento à cidade, uma luta ainda presente e necessária.

As ambiências vivenciadas cotidianamente são constituídas e atravessadas pelos mais diversos fatores, entre estes os sujeitos, fluxos, usos e sedimentos históricos do território. Desta forma, relacionamos os conceitos de ambiência, corpografia e direito à cidade, na medida em que ao se apropriarem dos espaços, os sujeitos tomam para si o direito de reinventar as ambiências do cotidiano.

Essa investigação é possibilitada pelo exame do material contido no acervo do hospital relacionando-o à observação participante e à análise das corpografias durante a folia de carnaval em desfiles do bloco. Além disso, está inclusa em nossa metodologia a análise de teorias como o entendimento de precariedade apontado por Judith Butler, para a compreensão sensível da visão dos usuários que participam do bloco. As ambiências criadas pelo movimento, da vivência e de afirmações de subjetividades serão estudadas pela lente conceitual da corpografia apresentada por Paola Jacques, uma metodologia que investiga a experiência do corpo. Impreterivelmente, também incluímos a perspectiva crítica e sensível da Dra. Nise da Silveira. Para entender a cidade do neoliberalismo e o papel do direito à cidade nesse contexto, trazemos um diálogo entre Henri Lefebvre, Milton Santos e David Harvey.

A partir do quadro descrito, tem-se o intuito de compreender a imprevisibilidade das ambiências no contexto da participação dos usuários da instituição no carnaval de rua, bem como, as potencialidades que têm-se expressado ao longo dos anos do bloco, ao promover, a partir da ação deste, a inserção de neurodivergentes no convívio do bairro e reverberar a alteridade que se instaura a partir da presença do outro.

2. HISTÓRICO

O CPPII, hoje IMNS, foi inaugurado em 1944, após a transferência dos pacientes do antigo Hospício de Pedro II, conhecido como Hospital dos Alienados, localizado na Praia Vermelha, o qual foi inaugurado em 1841, precursoramente como o primeiro hospital do Brasil a se dedicar a pacientes com transtornos mentais, que, até

então, não possuíam atendimento especializado. Com o intuito em abrigar um dos maiores centros psiquiátricos do país, o CPPII era movido por um sistema arcaico de tratamento aos pacientes, onde acreditava-se no isolamento e na internação compulsória destes que, nesta ambiência, rapidamente perdiam as noções de lar e identidade. Dava-se, assim, o espetáculo da loucura, cenário descrito por Lima Barreto em seu testemunho como interno no Hospital dos Alienados:

> O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado, mas, e sobretudo, numa população de manicômio, é dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre ela. (Lima Barreto, 2017, p.162)

É possível identificar, na planta de situação apresentada abaixo (figura 1), a dimensão do instituto, quando inaugurado, em 1944. Ocupando um quarteirão inteiro no bairro do Engenho de Dentro, apenas no que se refere às unidades de tratamento, as instalações do hospital se estendiam também para as imediações, por meio de casas destinadas aos funcionários, como exemplo a casa do então diretor. É visível uma lógica de encarceramento que se estende, em alguma medida, até aos funcionários, com a vida pessoal e trabalho se concentrando em um único ponto.

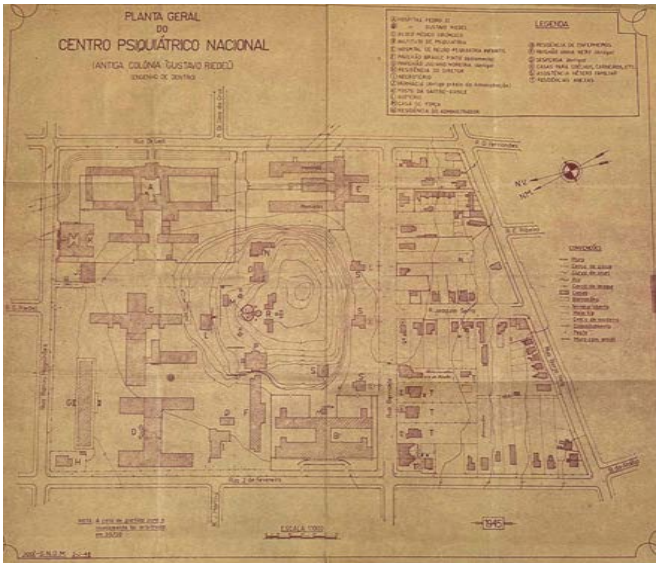


Figura 1. Planta de situação do antigo Centro Psiquiátrico Nacional.
Fonte: Acervo do IMNS, 1945.

No entanto, por meio do movimento antimanicomial, essas questões foram confrontadas, transformando os espaços e suas relações intra e extra muros. Como exemplo, tem-se as iniciativas da Dra. Nise da Silveira, referência da psiquiatria brasileira, que implantou, na década de 1940, tratamentos humanizados e atividades terapêuticas em substituição ao tratamento agressivo aplicado aos internos na época.

Anos depois, esse movimento de humanização abriu uma frente à cidade: foi iniciado o bloco de carnaval "Loucura Suburbana", já na gestão do IMNS. Fundado em 2001 pela psiquiatra Ariadne Mendes, a atividade tinha como intuito inicial realizar uma celebração festiva com os pacientes, para que pudessem sair e experienciar a cidade na data comemorativa. Porém, ocorreu uma surpresa nesta celebração, o engajamento da população do bairro e sua participação junto aos pacientes. Dessa forma, o bloco ganhou novas proporções, cresceu ano a ano e recebeu, em 2021, o título de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Povo Carioca, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, houve o fim das internações no hospital e um marco decisivo para a história do antigo centro psiquiátrico: a derrubada dos muros que o cercavam.

Esta ação pôde aproximar, ainda mais, os moradores e frequentadores do bairro aos pacientes que ainda usufruem de tratamentos do hospital, pois mesmo após o fim das internações, mantiveram-se diversas atividades comunitárias, de cunho artístico e cultural, organizadas e promovidas pelo corpo do IMNS, as quais são abertas aos usuários do bairro, que agora residem em suas próprias casas ou em residências terapêuticas[1]. Em continuidade ao movimento de ressignificação da instituição, atividades esportivas, artísticas e culturais também são abertas ao público geral do bairro do Engenho de Dentro, promovendo maior integração.

Isto posto, nota-se que o IMNS e suas propostas inovadoras, inspiradas nos ideais da Dra. Nise da Silveira, renovam as ambiências experimentadas há décadas pelos pacientes e, também, pelos moradores e usuários do bairro. Como exemplo da imprevisibilidade gerada pelo bloco de carnaval Loucura Suburbana, no que consiste na transformação das relações intra e extramuros do Hospital, garantindo, ao menos, parte dos direitos que haviam sido historicamente privados desses indivíduos. Assim, para a construção das análises deste artigo, iremos relacionar as teorias de precariedade, corpografia e direito à cidade, com as práticas de apropriação do espaço público construídas por esta festividade.

3. AMBIÊNCIAS ALTERIZADAS

É evidente que a cidade não é um fenômeno único, ela é múltipla e é metamorfoseada pelo movimento de vivê-la. A cidade é um corpo vivo que se relaciona com os mais diversos corpos que a percorrem, sua linguagem sensível é a ambiência. As ambiências podem ser positivas ou negativas para o sujeito e isso está diretamente relacionado com quem se é. O urbano foi pensado historicamente por e para homens, brancos, classe alta, héteros, cisgêneros, pessoas sem deficiência e neurotípicas. Todas as outras categorias que não se encaixam nesse quadro restrito encontram dificuldades

1 As residências terapêuticas foram uma tentativa precursora de trazer maior independência ao paciente, sendo localizadas, anteriormente, dentro da quadra do hospital. Depois, passaram para o entorno deste. A inserção do paciente com o externo funciona como processo de reabilitação psicossocial.

ao se relacionar com a mesma, ainda mais ao se considerar as intersecções entre estas categorias. Visto que, segundo Lefebvre, o espaço é produto as inúmeras construções sociais, também produtor e reprodutor das mesmas:

> O espaço "em si mesmo" jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe "em si mesmo". Ele é produzido. O espaço representa simultaneidade, a ordem sincrônica da realidade social. O tempo, por outro lado, denota a ordem diacrônica e, assim, o processo histórico da produção social. Sociedade aqui não significa nem uma totalidade espaço-temporal de "corpos" ou "matéria", nem uma soma total de ações e práticas. São centrais para a teoria materialista de Lefebvre, os seres humanos em sua corporeidade e sensualidade, sua sensibilidade e imaginação, seus pensamentos e suas ideologias; seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades e práticas. (...) Lefebvre os vê como produtos sociais, consequentemente eles são ambos, resultado e pré-condição da produção da sociedade. (Schmid, 2012, p. 91)

Dessa forma, a maioria dos sujeitos se encontram em ambiências desfavoráveis na cidade, ou, como chamaremos aqui, precárias. A precariedade, para Butler (2018), pode ser pensada num sentido geral como a consequência de se viver socialmente, de depender de outras pessoas, sendo a interdependência inevitável. Porém, nota-se que tal condição atinge de maneiras diferentes os indivíduos, pois algumas pessoas nesta situação encontram também dificuldades em suas condições sociais: nos seus direitos e possibilidade de prosperidade. É o caso dos neurodivergentes que, ao longo da história, foram privados de sua liberdade, sofrendo com maus-tratos e desumanização, considerados "vidas descartadas", que devem ser "banidas e confinadas" (Butler, 2018, p. 43):

> A condição precária designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. (Butler, 2018, p. 46)

A fluidez da cidade foi e ainda é, em certo nível, posta em cheque com a lógica do encarceramento da pessoa neuroatípica, antes cercada pelos muros de hospitais e agora "livre" numa cidade que ainda não a contempla por inteiro, que ainda precisa construir vias a sua autonomia, uma cidade que tendenciona muitas vezes à dependência e isolamento no seio do lar. Milton Santos (2022) explicita a fábula da aldeia global e de tempo contraído do mundo globalizado: "a velocidade apenas está ao alcance de um número limitado de pessoas (...) as distâncias têm significações e efeitos diversos" (Santos, 2022, p. 53, 54). A cidade no mundo globalizado se pauta no discurso único neoliberal e colonialista, que favorece o fluxo de capital e o fluxo de pessoas que capitalizam. O "louco" é "inútil" para esse sistema. Por isso, seus corpos e almas sofrem múltiplas violências e não constituem uma prioridade

na pauta dos planejamento urbano: “Vivemos num mundo de exclusões, agravadas pelas desproteção social, apanágio do modelo neoliberal, que é, também, criador de insegurança” (Santos, 2022, p. 71). E é nesse sentido que Harvey fala da necessidade de colocar alternativas de urbanização no centro da luta anticapitalista (Harvey, 2014, p. 132).

A precariedade, então, cria vidas privadas de cidadania e do direito à cidade. O qual, além de direito ao usufruto de recursos urbanos é, também, “um direito de mudar e reinventar a cidade de acordo com nossos mais profundos desejos” (Harvey, 2014, p. 28), o que inclui uma contrapartida de reinvenção de si próprio. Numa relação dialética, o coletivo molda a cidade e a cidade moldará o coletivo, situação que é pautada pela “liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e, consequentemente, nossas cidades (...) um dos nossos direitos humanos mais preciosos” (Harvey, 2014, p. 28). Ao negar o acesso de sujeitos neurodivergentes à cidade, como consequência esta deixou de ser pensada, por séculos, para e por eles, assim como, eles também não foram moldados pelas cidades.

4. AMBIÊNCIAS DISRUPTIVAS

Para entender como o bloco Loucura Suburbana modifica a cidade através da transformação das ambiências, precisamos sondar a convergência entre os conceitos de ambiência, corpografia e direito à cidade. Para Paola B. Jacques (2008), a corpografia urbana constitui uma relação de co-construção entre corpo e cidade, onde a memória urbana se inscreve no corpo, tornando-se registro da cidade vivida. Neste sentido, propomos uma leitura na qual as ambiências são geradas por essa relação mutuamente formativa entre corpo e espaço, uma vez que a presença e a intervenção destes sujeitos modifica as ambiências ali presentes. Dessa forma, ter o direito de percorrer a cidade, de vivê-la, agir nela, ver e ser visto, de poder se sentir parte do todo, tudo isso implica no direito à cidade:

> O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: o direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (Lefebvre, 2008, p.134)

Jaques (2008) coloca o sujeito que vive a cidade como um atualizador de projetos urbanos, através de sua prática os usos antes propostos por urbanistas são testados, modificados e adaptados. São esses corpos que, por meio das corpografias, geram ambiências disruptivas: ao se apropriarem do espaço, adquirem o direito a reinventar as ambiências no cotidiano. O direito à cidade aspira o direito “à vida urbana, à centralidade renovada, a lugares de encontro e de troca, a ritmos de vida e usos do tempo, permitindo o uso pleno e completo de momentos e lugares” (Lefebvre, 2008, 138).

Com as lutas antimanicomiais, progressivamente, abrem-se frestas no tecido compactado da cidade. Butler (2018) explicita que, para que uma vida seja vivível e tenha a possibilidade de florescimento, é preciso apoio e condições possibilitadoras. Nisso se enquadra a luta pelo direito à cidade por parte do IMNS. O que argumentamos aqui é que os esforços de ocupar a cidade por sujeitos historicamente marginalizados produz novas ambiências de luta e resistência na forma da celebração. O outro, que antes era alterizado e precarizado pelo afastamento do hospital, pelo cercamento da diferença e tratado como perigoso, transbordou no carnaval e, hoje, habita uma cidade que o negou, e ainda nega, apropriando-se dela e modificando suas ambiências. Perde a feição de outro e passa a ser sujeito lado a lado com a comunidade à qual estava inserido, mas não integrado:

> [...] cada corpo é um território de batalha, uma amálgama sempre mutante e aberto ao devir, um tecido que é agredido e que precisa se defender e que, ao mesmo tempo, se refaz nesses enfrentamentos, que persevera enquanto tece alianças. (Gago, 2020, p. 109)

Afinal, ter a possibilidade de se identificar como parte é também entender a interdependência que possibilita a vida, a compreensão recíproca e a experiência compartilhada, que não podem ser possíveis sem a partilha do espaço (Bauman, 2005, p. 51). E, nesse sentido, o Loucura Suburbana amplia as complexidades desse espaço de disputa ao direito à cidade, da vida em interdependência e da possibilidade de modificar ambiências, por meio de corpografias. Assim, consideramos que, por meio do bloco, se realiza a corpografia como método da luta antimanicomial, no qual o viver e percorrer a cidade ocorrem em seu pleno eu.

É importante ressaltar que, enquanto este bloco desfila no carnaval, celebrando juntamente a comunidade em que se insere, antigos funcionários e profissionais da saúde, também são expostos à diversas pautas de grande importância, que auxiliam a população a conhecer a história do local e como foi possível chegar neste ponto, conforme a foto abaixo (figura 2). Ademais, a Dra. Nise da Silveira costuma estar sempre presente em homenagens, tendo sido inclusive tema do samba que é desenvolvido anualmente para o desfile. O tributo à grande defensora da luta antimanicomial reflete os anseios de visibilidade e representação da causa destes sujeitos e vem acompanhada de pedidos e cobranças por auxílio financeiro, visibilidade e respeito às diferenças. Isso expõe uma força política presente no coração do bloco, que dialoga com o direito à cidade.

Figura 2 - Desfile do bloco Loucura Suburbana de 2024. Compilado de imagens.
Fonte: https://www.loucurasuburbana.org/fotos-desfiles

Tem-se, abaixo, um trecho de um dos sambas campeões do bloco de 2015, "De Pedro II à Nise da Silveira", que homenageia a Dra. Nise:

Vejam, que lindo!
No Hospital Pedro II
Doutora Nise da Silveira
Que encantou todo mundo
Cores, luz e fantasia
Expressando toda a arte
Trocando lágrimas da face
Por sorrisos de muitos corações
(DE PEDRO II, sem ano)

Esse grande movimento, que possui forte carga política, como demandas por direitos e a integração dos usuários da rede saúde mental na sociedade, deu-se a partir da iniciativa da psiquiatra Ariadne Mendes (figura 3). Ao criar o bloco de carnaval a doutora não poderia imaginar as proporções que este tomaria, tornando-se tradição da Zona Norte do Rio de Janeiro e possibilitando que as relações extramuros do hospital fossem renovadas, recriando as ambiências outrora instauradas, como ressaltado em sua fala transcrita a seguir:

> O Loucura Suburbana não é mais um bloco da saúde mental, mas um bloco do Engenho de Dentro... Você vê que bairro já estava entrando no hospital e a gente já estava saindo e crescendo, isso vai criando uma relação de confiança, admiração e perda de preconceitos (...) a nossa maneira de lidar com as pessoas sendo bem diferente do que eles devem ter visto no passado (...) A grande mudança é o louco na rua, o louco integrado na sociedade e a sociedade integrada na loucura (Mendes, 2019).

Figura 3 - Desfile do bloco Loucura Suburbana de 2024. À esquerda, a psiquiatra Ariadne Mendes.
Fonte: https://www.loucurasuburbana.org/fotos-desfiles Autor: Pâmela Perez

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito[2]. (Silveira, N. apud. Horta, 2008, p. 340)

Ao partir da afirmação da Dra. Nise da Silveira, podemos avaliar, de maneira sensível, o impacto causado pela renovação das ambiências do hospital, geradas também pela iniciativa do Loucura Suburbana. Isto reafirma nossa escolha em trazer como pauta este bloco de carnaval. Se é recente, historicamente falando, a discussão de integração entre a população neurodivergente e as vivências básicas na cidade, entendemos o bloco como uma proposta desafiadora, que rompe paradigmas, ao propor não só o convívio destes em sociedade, mas também, a possibilidade de usufruir da cidade e, assim, caminhar na direção da conquista dos direitos que haviam sido e ainda são historicamente privados a esses indivíduos.

Nossas cidades ainda enfrentam muitos desafios decorrentes do modelo neoliberal que produz exclusão e insegurança. Neste sentido, também geram ambiências desfavoráveis a indivíduos precários, como as pessoas neuroatípicas, que encontram dificuldades para se relacionar com estas urbanidades. Ao integrá-los aos espaços públicos, criando um vínculo com a comunidade, o Loucura Suburbana retrata a proposta de David Harvey de se criar alternativas à urbanização no centro da luta anticapitalista. Contudo, não no formato de um projeto urbano, mas de corpografias disruptivas que se apropriam e vivenciam os espaços urbanos.

2 Frase proferida pela doutora Nise da Silveira, segundo o Centro Cultural do Ministério da Saúde, ver referências.

Por conseguinte, destaca-se as ambiências, a corpografia e o direito à cidade como conceitos indissociáveis diante da relação entre corpo e cidade. Portanto, as ambiências geradas pelo Loucura Suburbana são disruptivas, assim como as corpografias presentes neste, tanto para os pacientes e funcionários do IMNS, quanto para os moradores e usuários do seu entorno. Tal disrupção propicia à comunidade local a renovação de suas experiências, por meio da quebra de antigos estigmas. Tem-se, ainda, a retomada da relação dialética entre seus corpos e a cidade, principalmente dos sujeitos neuroatípicos, que são protagonistas da renovação destas ambiências urbanas, porque passaram a ser em conjunto com a comunidade local. Neste contexto, os pacientes do IMNS, antes alterizados e precarizados integralmente, encontram nos blocos e no carnaval uma forma de acessar um direito negado à séculos, o de habitar, usar e de se apropriar da cidade.

Entendemos, dessa forma, que através de corpografias de resistência, o bloco modifica as ambiências dos envolvidos, pautadas agora no ambiente urbano e de forma disruptiva. Assim, o bloco reforça o senso de comunidade local, cria um espaço de cidadania e, consequentemente, de direito à cidade. Afinal, compreende-se que percorrer a cidade para festejar o carnaval sob o estigma de "louco", é reverter o isolamento e a separação, confrontando a cidade que nega os direitos destes em existir e resistir.

6. BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. (2005) Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri C. (2018) Quem canta o Estado-nação? Língua, política e pertencimento. Editora Universidade de Brasília.

CCMS (sem ano). Centro Cultural do Ministério da Saúde: Nise da Silveira, Uma mulher à frente do seu tempo. Disponível em: <*http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/frases.php*>. Acesso em: 28 jun. 2024.

DE PEDRO II à Nise da Silveira. Intérpretes: José Carlos de Souza e Fátima Monte Marques. Compositor: sem informação. In: Loucura Suburbana: Sambas Campeões. diversos intérpretes, SoundCloud (online), sem ano, faixa 5. Disponível em: <*https://soundcloud.com/loucurasuburbana/05-de-pedro-ii-nise-da?in=loucurasuburbana/sets/sambas-campeoes-do-bloco-carnavalesco-loucura-suburbana*> . Acesso em: 28/06/2024.

GAGO, V. (2020) A potência feminista ou o desejo de transformar tudo. Trad: Igor Peres. São Paulo: Elefante.

HARVEY, David. (2014) Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins.

HORTA, Bernardo Carneiro. Nise, Arqueóloga dos Mares. Ed. Bernardo Carneiro, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. Vitruvius, Arquitextos ano 08, fev. 2008. Disponível em: <arquitextos 093.07: Corpografias urbanas | vitruvius> acesso em: 3/4/24.

LEFEBVRE, Henri. (2008) O Direito à Cidade. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro.

LIMA BARRETO, Afonso H. (2017) Diário do hospício; o cemitério dos vivos. São Paulo: Companhia das Letras.

MENDES, A. (2019). "Loucura de Todos Nós - E vamo que vamo!". Archivos Contemporâneos do Engenho de Dentro. Rio de Janeiro: EncantArte, Vol. 2, N. 2, pp. 133-151.

SANTOS, Milton. (2022) Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record.

SCHMID, Christian. (2012) A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: Em direção a uma dialética tridimensional. Tradutores: MARQUES, Marta I. M.; BARRETO, Marcelo. GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, N°32, pp. 89- 109.

R36

URBAN ENVIRONMENTS: CHARACTERIZATION OF THE HISTORIC CENTER OF FLORIANÓPOLIS/SC

AMBIÊNCIAS URBANAS: CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS/SC

Ernestina Rita Meira Engel
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina
ernestinaengel@gmail.com

Almir Francisco Reis
Professor Doutor
Universidade Federal de Santa Catarina
almir.reis@ufsc.br

ABSTRACT
The emptying and loss of vitality of historic centers are important issues in urban studies. The research analyzes the relationship between housing and urban vitality in the Historic Center of Florianópolis, aiming to understand the effects of housing emptying. The aim is to characterize urban environments, identifying formal structure, functional arrangements, housing types and appropriation of public spaces. The analysis ranges from a general contextualization to a detailed evaluation of the environments in different streets. The results show that the Historic Centre is intensively used, being a point of convergence of flows and activities, but that excessive tertiary specialization leads to emptying at non-business hours. In addition, it has areas with different characteristics, which reflect formal and appropriation specificities. The research contributes to an understanding of how the configuration and use of the land influences daily appropriation, highlighting factors related to identity and urban social life.

KEYWORDS: historic centers. housing. urban vitality. urbanity.

RESUMO
O esvaziamento e a perda de vitalidade dos centros históricos são questões importantes nos estudos urbanos. A pesquisa analisa a relação entre habitação e vitalidade urbana no Centro Histórico de Florianópolis, visando compreender os efeitos do esvaziamento habitacional. O objetivo é caracterizar ambiências urbanas, identificando estrutura formal, arranjos funcionais, tipos habitacionais e apropriação dos espaços públicos. A análise abrange desde uma contextualização geral até uma avaliação detalhada das ambiências em diferentes ruas. Os resultados mostram que o Centro Histórico é intensamente utilizado, sendo um ponto de convergência de fluxos e atividades, porém, a excessiva especialização terciária leva ao esvaziamento nos horários não comerciais. Além disso, apresenta áreas com características diversas, que refletem especificidades formais e de apropriação. A pesquisa contribui para a compreensão de como a configuração e o uso do solo influenciam a apropriação cotidiana, destacando fatores relacionados à identidade e vida social urbana.

PALAVRAS-CHAVE: centros históricos. habitação. vitalidade urbana. urbanidade.

1. INTRODUÇÃO
Os centros históricos são locais dinâmicos, onde a concentração de usos e fluxos reforçam sua centralidade funcional e simbólica. Entretanto, diversos fatores podem contribuir para a degradação e o esvaziamento na apropriação desses locais. Dentre eles, pode-se citar o processo de expansão urbana, a criação de novas áreas de centralidade, a especulação imobiliária e, principalmente, a especialização terciária que expulsa os usos habitacionais (Borde & Sampaio, 2012; Vallejo, 2019; Vargas & Castilho, 2015).

Neste contexto, as análises do papel do uso habitacional na vitalidade desses espaços são fundamentais. A habitação constitui um atributo urbano que intensifica e qualifica a apropriação espaços públicos, sendo importante considerar características de variedade, distribuição e densidade (Tenorio, 2012). A principal estratégia para recuperação do equilíbrio dos centros históricos deve estar na proteção do patrimônio e na implementação do uso residencial (Ordóñez León, 2018). Dessa forma, destaca-se a importância do uso habitacional, em densidades capazes de nutrir a diversidade local e tornar o ambiente seguro. Em geral, as áreas centrais concentram seus usos em atividades de trabalho, gerando pouco uso após o horário comercial (Jacobs, 2011).

A exemplo de outros casos, na cidade de Florianópolis o Centro Histórico apresenta inúmeros problemas urbanos. A cidade, capital do Estado de Santa Catarina, possui grande relevância nas dinâmicas locais e regionais. Observa-se, entretanto, que o processo de crescimento urbano gerou esvaziamento habitacional, e o consequente esvaziamento do centro nos horários não comerciais.

A exemplo de outros casos, na cidade de Florianópolis o Centro Histórico apresenta inúmeros problemas urbanos. A cidade, capital do Estado de Santa Catarina, possui grande relevância nas dinâmicas locais e regionais, apresentando área de conturbação metropolitana com as cidades de Biguaçu, Palhoça e São José. Apesar de existirem vários outros núcleos fundacionais de interesse histórico, o Centro Histórico de Florianópolis continua se destacando enquanto centro simbólico e funcional da cidade, atraindo fluxos locais e regionais. Observa-se, entretanto, que o processo de crescimento urbano gerou esvaziamento habitacional no Centro Histórico, problema que se relaciona também com o crescimento das atividades terciárias e a especulação imobiliária (Engel, 2024).

Diversos estudos anteriores retratam as problemáticas citadas, mostrando a relevância de caracterizar esse processo na cidade de estudo. De acordo com Reis (1993), o centro de Florianópolis concentra os espaços mais integrados e conectados da malha urbana. Além disso, possui grande densidade de usos comerciais, serviços e instituições. Entretanto, já era apontado neste trabalho uma considerável redução no índice de copresença do centro, principalmente em horários não comerciais, em decorrência da excessiva especialização no setor terciário e expulsão dos usos habitacionais (Reis, 1993).

O recorte de estudo do trabalho contempla duas escalas principais: escala do polígono central e a escala do Centro Histórico. Na imagem a seguir (Figura 1), é possível observar o mapa de localização de Florianópolis e de seu Centro Histórico.

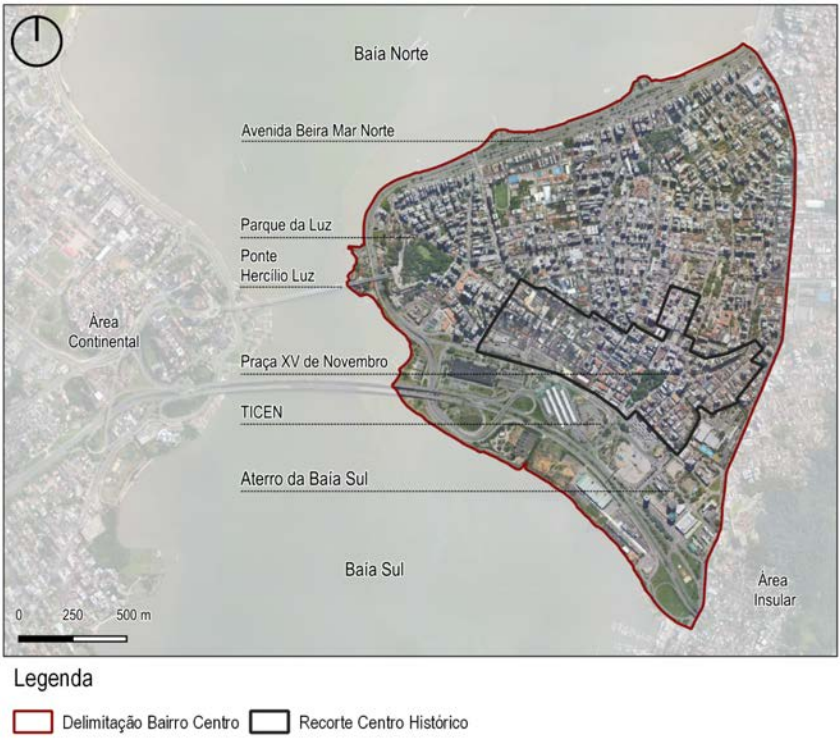


Figura 1. Localização do recorte de estudo no Centro Histórico
Fonte: autores, com base Google Satélite.

O objetivo do trabalho é caracterizar diferentes ambiências urbanas existentes no Centro Histórico, identificando a estrutura formal, os arranjos funcionais, os tipos habitacionais e os modos de apropriação de seus espaços públicos de uso coletivo. O artigo faz parte de uma pesquisa mais abrangente, e aqui a análise foca na escala da rua e do uso cotidiano, das práticas sociais e das interações no espaço público.

2. REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

Como apontado por Jane Jacobs (2012), a diversidade de usos é fator fundamental enquanto elemento que atrai pessoas e gera oportunidades. Para a autora, existem quatro condições importantes que definem a diversidade, sendo elas: qualidade do espaço em atender mais de uma função principal, a partir de usos combinados; existência de quadras curtas; combinação de edifícios de diferentes idades e padrões; e necessidade de concentração e densidade.

Além da diversidade, atualmente, o conceito de urbanidade vem sendo amplamente utilizado para análise dos espaços públicos. O termo se disseminou a partir da introdução no país dos conceitos e métodos da Sintaxe Espacial. A teoria trata,

principalmente, da descrição e análise do papel dos espaços públicos no tecido urbano, relacionando a configuração urbana com a sua efetiva apropriação (Hillier; Hanson, 1984).

Nas pesquisas brasileiras, a teoria foi incorporada inicialmente pelo pesquisador Holanda (2018). O autor propõe um entendimento da relação entre forma urbana e apropriação a partir de dois paradigmas socioespaciais: urbanidade e a formalidade. Estes paradigmas dizem respeito tanto à efetiva apropriação quanto às características morfológicas do espaço urbano relacionadas ao uso dos lugares. Assim, a urbanidade estaria relacionada a espaços públicos intensa e diversamente apropriados, caracterizados por integração ao tecido urbano, fechamento espacial, interligação os exteriores e os interiores, entre os espaços públicos e os espaços privados (Holanda, 2018).

Posteriormente, em seu estudo, Tenório (2012) se apropria desse conceito, e afirma que o pressuposto básico para a urbanidade é a interação presencial entre indivíduos. Assim, o ponto chave para a urbanidade consiste em gerar oportunidade para as pessoas compartilharem o mesmo espaço físico, condição inicial para uma possível interação.

A autora analisa, também, os aspectos formais e funcionais dos espaços em si, bem como sua inserção no contexto da cidade e no entorno imediato. Uma das categorias de análise trabalhadas diz respeito à presença de habitação, seus tipos, distribuição e densidade. A habitação é um atributo central para garantir pessoas nos espaços públicos e utilizar as infraestruturas eficientemente. Além disso, deve possuir densidade que garanta a concentração de pessoas, e geração de fluxos e atividades no espaço público (Tenório, 2012).

Vale ressaltar a importância da problemática na discussão dos temas urbanos. Como citado, uma das consequências do processo de expulsão da habitação das áreas centrais é o esvaziamento e ausência de vitalidade urbana. Jacobs (2011) já apontava o problema das áreas centrais em concentrar seus usos em atividades de trabalho, fazendo com que existem poucas pessoas nesses espaços após o horário comercial. De maneira geral, o que acontece nos centros urbanos é a ausência combinada das quatro condições para gerar a diversidade, levantadas a décadas pela autora (Jacobs, 2011). Nota-se que essas condições são facilmente atendidas em centros históricos com o incremento ou aumento do uso habitacional. Assim, pode-se compreender o potencial desses espaços em se tornarem referência quanto à qualidade urbana e o acesso às infraestruturas urbanas.

Entende-se o conceito de ambiências como a totalidade dos fenômenos e relações do espaço urbano, através de apropriação, vivências, memórias e vínculos (Melo & Duarte, 2016). Os conceitos de ambiências se relacionam diretamente com a pesquisa, onde são consideradas as interfaces dos usuários com o espaço, além das relações, histórias e vínculos ao espaço. A preservação do patrimônio cultural das cidades, em

especial quando considerados conjuntos em sua totalidade, são essenciais para a preservação da memória e da composição de determinado local.

3. REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

A pesquisa possui caráter empírico, com abordagem de metodologia qualitativa. Os métodos compreendem as seguintes etapas: (1) estudo das dinâmicas do centro histórico; (2) definição de recortes de estudo; (3) levantamentos de campo; e (4) caracterização de ambiências urbanas do Centro Histórico.

Na primeira etapa, realizou-se um breve panorama das principais transformações urbanas que ocorreram no centro histórico de Florianópolis, compreendendo seu processo de formação e mudanças subsequentes. Para isso, foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais, buscando compreender o cenário da habitação e vitalidade da área.

Na segunda, houve a delimitação de quatro trechos urbanos onde as análises foram aprofundadas na escala da rua e sua relação com as edificações lindeiras. A escolha dos recortes considerou a diversidade de espaços componentes do centro, e características locais como a presença de habitação e a apropriação cotidiana existente. A delimitação dos recortes pode ser visualizada na Figura 1. As áreas escolhidas para análise foram as ruas Conselheiro Mafra, Felipe Schmidt, Tiradentes e a Avenida Hercílio Luz.

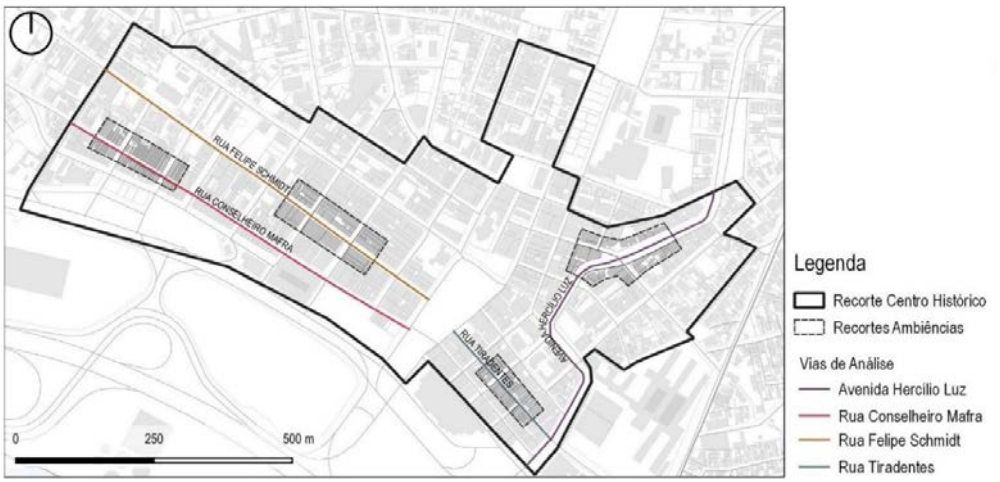


Figura 2. Definição dos recortes de aprofundamento
Fonte: autores, a partir do banco de dados GeoPortal (PMF, 2023).

As áreas escolhidas para análise foram as ruas Conselheiro Mafra, Felipe Schmidt, Tiradentes e na Avenida Hercílio Luz. Optou-se por trabalhar com ruas, no sentido de criar unidade e estabelecer comparações, visto que podem ser consideradas uma das principais unidades formais das cidades.

Como terceira etapa, realizaram-se levantamentos de campo, para compreender o processo de apropriação das áreas em distintos dias e horários. Os levantamentos envolveram observação, fotografias e avaliação qualitativa do uso cotidiano desses lugares.

Na quarta etapa, foram aprofundadas características locais dos recortes: inserção urbana, com avaliação da integração do trecho analisado ao contexto urbano preexistente; relação entre espaços livres e espaços edificados, com a análise das interfaces que se estabelecem entre estas duas instâncias; usos do solo, compreendendo a variedade, distribuição espacial e complementaridade das atividades; habitação, com o mapeamento das edificações residenciais existentes; e atividades e copresença no espaço público, a partir de visitas de campo, verificando a variedade e distribuição de pessoas em diferentes dias e horários. Ao final, foram atribuídas notas para cada item avaliado e calculadas médias considerando o conjunto de atributos de cada local.

4. AMBIÊNCIAS DO CENTRO HISTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS

4.1 Centro de Florianópolis: Habitação e Vitalidade

O Centro Histórico foi o local primeiramente ocupado da cidade de Florianópolis, possuindo enorme importância nas dinâmicas locais e regionais, em função da enorme concentração de fluxos e atividades. A história da área é marcada por grandes transformações estruturais, que alteraram as dinâmicas locais e marcam a intensa movimentação de investimentos e capital na cidade.

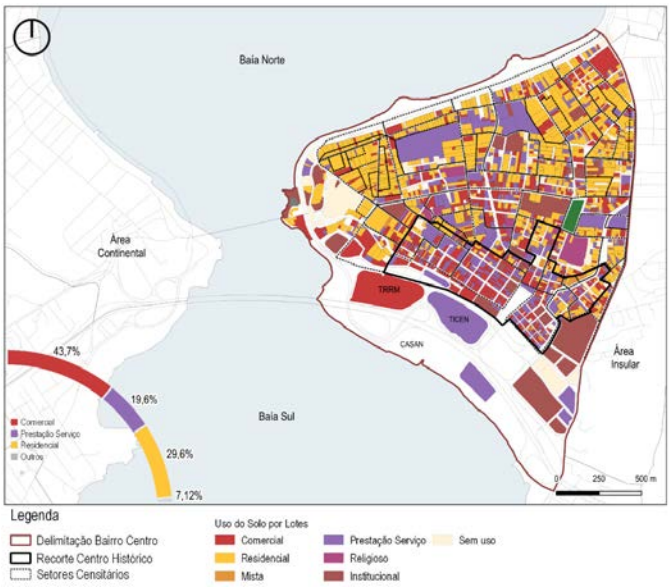


Figura 3. Mapa de usos do solo
Fonte: autores, a partir do banco de dados GeoPortal (PMF, 2023).

O bairro Centro de Florianópolis, bem como o Centro Histórico, são o lócus principal da urbanidade da cidade, apesar dos inúmeros problemas atuais. Na área, há grande concentração de pessoas, de diferentes faixas etárias, gênero e renda, e em diferentes horários. Os espaços são compartilhados entre moradores e turistas, permitindo interfaces entre diferentes usuários da cidade. Já no Centro Histórico, as áreas com maior movimentação diária concentram-se no setor oeste, que possui intenso uso pelo setor terciário. Conjuntamente, a Praça XV de Novembro e seu entorno configuram-se como um importante ponto referencial e de encontro na cidade. Porém, ainda que toda a área possua grande ocupação em horários comerciais, nota-se o oposto em finais de semana e feriados, quando os espaços públicos passam pelo esvaziamento.

4.2 Centro de Florianópolis: ambiências, configuração e apropriação da rua

A partir de uma mudança de escala, com a análise dos diferentes trechos selecionados, fez a leitura de atributos físicos do espaço (inserção urbana, relações entre espaços públicos e privados, limites e constituições e usos do solo), que foram relacionados com a apropriação cotidiana de seus espaços públicos. Desse modo, foram destacadas ambiências diferenciadas do centro, explicitando qualidades espaciais, problemas e potencialidades desses lugares como focos de vida urbana.

Sobre a inserção urbana, deve-se destacar que o centro é o lugar mais acessível e integrado da cidade como um todo. Além disso, possui a maior concentração de transporte coletivo e fluxos intraurbanos. Sobre o centro histórico e a análise dos recortes, todos estão localizados em áreas de centralidade, com alto fluxo de veículos e pessoas diariamente. Os fluxos de pedestres são mais intensos no lado oeste da Praça XV de Novembro, onde localizam-se as Ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra. No lado leste, onde localiza-se a Rua Tiradentes, os fluxos são menos intensos em horários comerciais, com apropriações em outros horários. A área da Avenida Hercílio Luz, também apresenta boa conexão, com fluxos intensos de pedestres, veículos e acesso por transporte público.

Pelo mapeamento de usos do solo (Figura 3), observa-se que todos os recortes possuem variedade de usos, em certa medida. No entanto, apenas na Avenida Hercílio Luz existe distribuição e complementaridade ótima entre os usos a partir da existência de boa quantidade de edificações residenciais. Nas outras áreas, em sua maioria os estabelecimentos possuem funcionamento durante o dia, sem manter a atratividade fora dos horários comerciais.

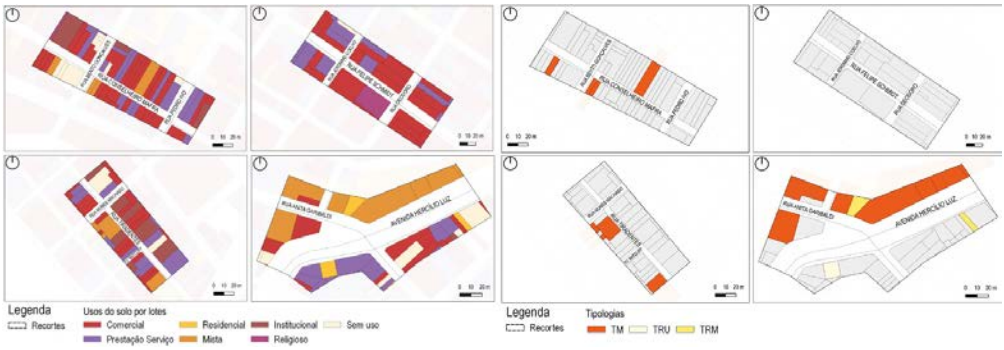


Figura 4. Mapa de usos do solo e mapa de uso habitacional
Fonte: autores, a partir do banco de dados GeoPortal (PMF, 2023).

O Centro Histórico, em sua totalidade, possui pouca densidade habitacional, com exceção de algumas áreas. No caso da Rua Felipe Schmidt, onde não existe nenhuma edificação residencial, nota-se ainda mais agravada a situação de esvaziamento dos espaços públicos fora do horário comercial. A via com maior quantidade de habitação (Avenida Hercílio Luz), dá indícios de como a densidade habitacional pode influenciar na quantidade de pessoas no espaço público, tendo em vista a circulação de diversas pessoas fora dos horários comerciais.

Com relação às atividades nos espaços públicos, nos horários comerciais, há diversidade. No caso da Rua Felipe Schmidt, conta com diversos vendedores e ambulantes nos horários comerciais, que aproveitam o alto fluxo de pessoas para oferecer seus produtos e serviços. Bancas de comidas, ou mobiliário e arborização, como o caso da Avenida Hercílio Luz, aumentam a quantidade de usuários, que passam a se apropriar dos espaços em permanências de maior período. Dentre as atividades, estão pessoas de diferentes idades passeando, realizando práticas de atividades físicas, passeando com animais de estimação, dentre outras. Os cenários dos levantamentos em dias de semana são semelhantes, porém destacam o esvaziamento de alguns pontos já no horário após as 18h.

Sobre os itens de atividades e copresença, as especificidades de usos das ruas do setor oeste e leste conferem notas médias a baixas nas avaliações, pela utilização de seus espaços públicos em horários específicos: no caso do setor oeste, utilização durante os horários comerciais; e no setor leste, maior uso durante horários não comerciais. Apenas a Avenida Hercílio Luz apresentou bom desempenho nesses itens, pela capacidade de conservar as apropriações em diversos horários, pela diversidade de usos, incluindo uso comercial, restaurantes, bares, e a alta densidade de uso habitacional.

Poucos lugares do centro conseguiram sustentar atividades fora do período comercial, principalmente no levantamento realizado no domingo à tarde. No caso do sábado à noite, as vias do setor oeste estavam vazias; no entanto, a Rua Tiradentes

e a Avenida Hercílio Luz possuíam apropriação dos espaços públicos, com usos de restaurantes e bares que funcionam nesse horário, e trazem dinamicidade ao espaço. Essas áreas funcionam como áreas de lazer no espaço público, com restaurantes e bares, apresentações musicais e entretenimento, que atrai pessoas de toda a cidade.

Figura 5. Uso dos espaços públicos em diferentes horários (Rua Felipe Schmidt)
Fonte: acervo dos autores.

Ao final de todos os itens de análise, como síntese, realizaram-se médias gerais das avaliações, nos 7 itens de análise: Inserção Urbana, Espaços Livres, Limites e Dimensões, Usos do Solo, Habitação, Atividades e Copresença. As vias que concentram suas atividades no setor terciário tiveram desempenho semelhante, onde destaca-se a boa inserção urbana, espaços livres e limites e dimensões, mas há menor nota quando analisados os atributos de usos, habitação, atividades e copresença. A via que difere desse cenário é a Avenida Hercílio Luz, que possui bons atributos espaciais e boa apropriação. A via é o único local dentre os analisados que possui densidade considerável de habitação, que garante o uso dos espaços públicos tanto em horários comerciais, quanto fora desses horários e nos finais de semana. Além disso, a diversidade de usos promove fluxo de pessoas e atividades em diferentes períodos do dia, facilitados pela ampla quantidade de espaços públicos.

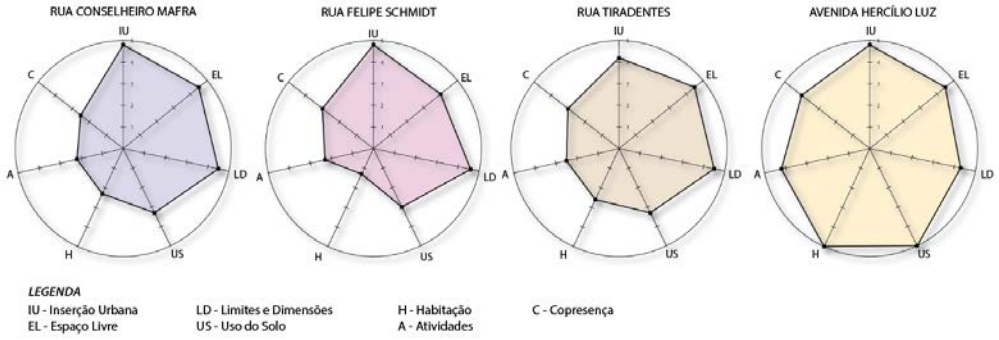


Figura 6. Gráfico síntese de avaliação dos recortes
Fonte: autores.

A análise das ambiências foi essencial para verificar, na escala da rua, do pedestre, e do uso cotidiano, a configuração e os processos de apropriação que acontecem em diferentes partes do centro histórico de Florianópolis. Além disso, mostraram como configuração e uso de solo estão relacionados com a apropriação cotidiana, garantindo a identidade e a vida social que caracterizam a cidade. A análise detalhada de cada porção permitiu verificar suas maiores potencialidades, bem como as deficiências encontradas, passo fundamental num processo de qualificação da urbanidade na área.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O centro histórico de Florianópolis é um ponto de convergência de fluxos e atividades, refletindo a diversidade social da cidade. A análise das ambiências do centro histórico revelou tanto potencialidades quanto pontos de atenção. Os resultados indicam que o Centro Histórico é intensamente utilizado durante os horários comerciais, mas sua apropriação diminui significativamente à noite e em horários não comerciais. Esta característica está ligada à predominância de atividades comerciais e de serviços, e à diminuição da função habitacional.

A análise das ambiências urbanas mostra que o Centro Histórico possui áreas com características diversas, expressando especificidades formais e modos distintos de apropriação. Isso contribui para a compreensão de como a configuração e o uso do solo estão relacionados à apropriação cotidiana, identificando fatores relacionados à identidade e vida social da cidade. Estudos que relacionam atributos da forma urbana e modos de apropriação são indispensáveis para a melhoria da área, permitindo qualificar condições de co-presença e consolidar espaços públicos densos e simbólicos. Apesar dos desafios, o Centro Histórico continua sendo um importante espaço de urbanidade, marcado pela diversidade social que diariamente anima suas ruas.

6. BIBLIOGRAFIA

Borde, A. de L. P., & Sampaio, A. da R. (2012). Políticas urbanas e patrimônio cultural: paradoxos e diálogos na área urbana central do Rio de Janeiro. In L. F. Vaz, V. F. Rezende, & D. P. Machado (Orgs.), Centros urbanos: transformações e permanências (1º ed, p. 91–114). Casa 8/PROURB.

Engel, E. R. M. (2024). Centros históricos, habitação e vitalidade urbana: estudo de caso em Florianópolis/SC. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. *https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254354*

Hillier, B., & Hanson, J. (1984). The Social Logic of Space. *https://doi.org/10.1017/CBO9780511597237*

Holanda, F. de. (2018). O ESPAÇO DE EXCEÇÃO (2ª). FRBH.

Jacobs, J. (2011). Morte e vida de grandes cidades (3ª). Editora WMF Martins Fontes.

Melo, N. R. de, & Duarte, C. R. de S. (2016). Para além das reformas: reflexões sobre o lugar de memória do Maracanã pelo viés da ambiência. Arquitextos, 1.

Ordóñez León, A. (2018). Habitar el casco antiguo : el uso residencial como modo de conservación contemporáneo. TDX (Tesis Doctorals en Xarxa). *https://upcommons.upc.edu/handle/2117/125839*

PMF. (2023). Geoportal. *https://geoportal.pmf.sc.gov.br/*

Reis, A. F. (1993). Forma e apropriação dos lugares públicos: um estudo sintático do centro de Florianópolis-SC. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília.

Tenorio, G. de S. (2012). Ao desocupado em cima da ponte: Brasília, Arquitetura e Vida Pública. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília.

Vallejo, J. L. (2019). A cidade não é seus edifícios: Complexidade urbana e revitalização sustentável de centros históricos da América Latina. In M. Mostafavi, G. Doherty, M. Correia, A. M. D. Calisto, & L. Valenzuelo (Orgs.), Urbanismo ecológico na Amércia Latina (p. 276–280). Editora Gustavo Gili.

Vargas, H. C., & Castilho, A. L. H. de. (2015). Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados (3o ed). Manole.

R36

FROM EXPERIENCE TO AMBIANCE: FIELD REPORT FOR THEORETICAL ASSIMILATION

DA EXPERIÊNCIA A AMBIÊNCIA: RELATO DE CAMPO PARA ASSIMILAÇÃO TEÓRICA

Alice Araújo Gonçalves
Graduada em Design de Ambientes
Universidade do Estado de Minas Gerais - Escola de Design
aliceagonc2000@gmail.com

Isabella PontelloBahia
Doutoranda em Design
Universidade do Estado de Minas Gerais - Escola de Design
isabella.bahia@uemg.br

ABSTRACT
The proposal to experience ambiance came from the development of a Scientific Research at a time when there was a need to understand the conceptual subjectivity of ambiance. Therefore, the aim of this article is to describe an experiential study conducted in the city of Belo Horizonte to elucidate the concept of ambiance for interior design students. The processes and theoretical questions that preceded the practical experience will be presented, along with an understanding of the profession of interior designer and its potential dialogues with ambiances. The goal is to set a new perspective on design through ambiance concerning professional activities and the connection between spatial issues and users. Methodologically, the approach involved literature review followed by field research at Praça da Liberdade, involving observation, sectorization, and immersion in the space.

KEYWORDS: experience. perception. interior design. ambiences.

RESUMO
A proposta de experienciar a ambiência partiu do desdobramento de uma Iniciação Científica em um momento que se viu a necessidade de compreender em ato a subjetividade conceitual da ambiência. Para tal, o objetivo do artigo é descrever uma vivência realizada na cidade de Belo Horizonte para a elucidação do conceito de ambiência a estudantes de design de ambientes. Os processos e questionamentos teóricos que antecederam a prática serão apresentados, assim como o entendimento da profissão designer de ambientes e seus possíveis diálogos com as ambiências. Almeja-se um novo olhar para o design a partir da ambiência no que tange a atividade profissional e o enlace entre as questões do espaço e dos usuários. Para tal, a metodologia utilizada partiu da revisão de literatura e foi seguida pela pesquisa em campo, na Praça da Liberdade, a partir da observação, setorização e vivência no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: experiência. percepção. design de ambientes. ambiências

1. INTRODUÇÃO
Designer de ambientes é o profissional que se dedica a atender as demandas das pessoas em interface com os ambientes. Nessa atuação, o almejado é a transformação de espaços em lugares a partir da criação de experiências desejáveis para a sociedade, com preocupações a nível de projeto e de vivência que, portanto, vão além do tangível, do técnico e do visual, tal como apresentado por Bahia (2017), Oliveira; Minchilo (2020). Como o design trata-se de uma atividade recente e essencialmente multidisciplinar, no processo de consolidação de suas bases teóricas os estudos acerca das ambiências sensíveis têm contribuído substancialmente. E, para tal, os delineamentos desta interface se fazem uma investigação relevante e potente nas instituições de ensino e pesquisa em design de ambientes.

O presente artigo abordará parte do desdobramento de uma Iniciação Científica (IC)[1] que objetivava estabelecer o levantamento bibliométrico da produção em língua portuguesa sobre design de ambientes e ambiência de maneira conectada. Destaca-se que essa investigação se deu exatamente por compreender as diferenças entre os conceitos e, os possíveis caminhos frutíferos para a pesquisa em design de ambientes quando orientada pela abordagem ampla, complexa e subjetiva proposta pelas ambiências (Augoyard, 2008). Para tal, a assimilação do conceito de ambiência, processo que se daria em um primeiro momento exclusivamente a partir da revisão de literatura, teve que ser reinventada. A complexidade inerente ao conceito e o volume de questões à nível abstrato tiveram que ser trabalhados também de maneira abstrata para garantir a melhor compreensão das pesquisadoras. Dessa forma, o artigo evidenciará o relato de experiência de uma vivência em campo realizada por estudantes de iniciação científica para compreensão do conceito de ambiências.

Propõe-se, "as ambiências das ambiências" em uma imersão no tecido urbano a partir da compreensão das dinâmicas de interação com o espaço e dos tipos de relação que acontecem nesse espaço, a partir da obra de Thibaud (2020). O local escolhido para essa imersão foi a Praça da Liberdade, circuito paisagístico e arquitetônico em Belo Horizonte, primeira capital planejada do Brasil e que apresentava em seu projeto a sede do poder executivo do estado de Minas Gerais. Anos mais tarde, o espaço da Praça da Liberdade foi transformado em um Circuito Cultural, englobando os prédios históricos que se tornaram museus e instituições, preservando a arte, cultura e o patrimônio mineiro. Assim, foi feito um estudo de campo durante três dias em diferentes horários para percepção e entendimento do lugar vivido a partir dos sentidos.

A pesquisa incluiu, além da perspectiva das pesquisadoras, entrevistas com pessoas que vão à Praça da Liberdade com frequência e algumas que apenas transitavam por lá. Esse processo de imersão na ambiência originou questões e reflexões em torno do real pertencimento no lugar, o entendimento de experiências diversas nos espaços e possibilitou um olhar mais amplo de como um mesmo percurso pode gerar vivências coletivas e singulares. Essa experiência evidenciou a importância de compreender os movimentos que nos cercam, espaços nos quais os designers são sujeitos para criar, solucionar e ocupar lugares, de modo a proporcionar novos diálogos e abordagens para vivências com e na urbe. Evidencia-se como resultado a compreensão de que as ambiências empreendem uma leitura do espaço capaz de enriquecer e elucidar lacunas e oportunidades para as investigações em design de ambientes. Em contrapartida, os estudos sobre ambiência podem se beneficiar das proposições, ferramentas e dos processos criativos desempenhados pelos designers.

---

1 Financiada pelo Programa Institucional à Pesquisa PAPq/UEMG. Já o artigo em questão se dedica apenas a uma parte da IC; ao processo de assimilação do conceito de ambiência a partir da proposição de uma vivência.

2. QUESTÕES DO DESIGN

Assim como toda área do conhecimento em processo de estruturação formal e maturação, o design de ambientes no Brasil se encontra em um momento de enriquecimento teórico e reflexão prática. Em suas primeiras manifestações, de acordo com Barbosa (2020), durante os séculos XVIII e XIX – a atividade limitava-se ao decorar. O foco dos projetos destinava-se à ornamentação dos espaços, a amplitude e grandiosidade eram escolhas de destaque como representantes do alto poder aquisitivo do público-alvo atendido, que era caracterizado por uma parcela socialmente privilegiada. Entretanto, ao longo do tempo os conceitos para um projeto residencial foram se modificando e se transformando, devido a novas percepções sociais. Significados como acessibilidade, sustentabilidade e funcionalidade, passam a ser estudados, além da busca e compreensão acerca do conforto que um espaço deve apresentar, de acordo com os usuários. Com o passar dos anos essa decoração se transformou em design e passou a abranger outras tipologias de espaços e outras complexidades vivenciadas pelos embates entre arte e técnica e pelo mote da "forma segue a função".

No Brasil, a profissão de designer de ambientes começa a ganhar espaço junto ao movimento moderno com as mudanças no projeto arquitetônico que demandaram mais um profissional especializado na composição e no arranjo de interiores. Para tal, surge formalmente um profissional que cria interfaces entre pessoas e espaços e tem o projeto centrado no usuário e suas vivências. De acordo com Moreira (2019), a construção do conhecimento sobre o design aplicado ao projeto de ambientes foi gradual e perpassou pelas já frequentes exposições de arte, demandas de lojas de mobiliário e eletroeletrônicos até chegar às instituições de ensino com os cursos de graduação, o que fomentou a atuação profissional no campo. Somente em 2004 essa profissão foi reconhecida no Brasil como uma das especializações do design (assim como design de interiores, design gráfico e design de moda, por exemplo). Palavra que vem do verbo latino designo, cujo significado é designar, indicar e representar. Podendo ser ofertado hoje tanto como design de interiores como de ambientes (Oliveira; Minchilo, 2020).

Mesmo que o processo de formalização do design, apresente-se de certa forma como um roteiro linear, que foi se transformando até chegarmos nos dias atuais, ainda é possível analisar controvérsias que geram questões acerca da ideia de profissão compreendida pela sociedade. Apesar de hoje já ser nomeado como designer de ambientes, popularmente o profissional ainda é conhecido como aquele com a preocupação exclusiva de embelezar espaços. Essa ideia acaba engrenando no conceito apresentado por Cardoso (1998) de fetichismo do objeto e posiciona o profissional em um círculo vicioso relativo à soluções de luxo e o distanciamento da sociedade.

Nessa lógica, o design ainda é visto como uma atividade destinada à classe alta, a decoração de um ambiente, como até um complemento da arquitetura. Ocasionado por uma divulgação midiática em torno da função do designer, contribui para uma ideia de superficialidade, sem benefícios para a sociedade como um todo. O que nos

orienta na compreensão dessa controvérsia: se o design qualifica os ambientes, como esse mesmo design pode ser visto como supérfluo? E além disso, em uma sociedade que passa por mudanças constantemente, somado a um excesso de informações e ausência de experiências imersivas nos ambientes, de que forma o designer de ambientes ganha espaço para promover a identificação do usuário com o meio?

Apesar de todas essas questões em torno do valor do designer, pode-se afirmar que a profissão em si vem ao decorrer do tempo se atualizando e desenvolvendo projetos com o foco de contribuir com interfaces mais adequadas entre espaços e usuários. Além, é claro, do desenvolvimento de um olhar mais profundo para as vivências nos ambientes, questão que se tornou evidente na regulamentação e formalização profissional, que auxiliou no entendimento de tudo que é necessário e relevante durante a criação de um projeto. Inserido na área das ciências sociais aplicadas, o design de ambientes é definido por Brooker; Stone (2014) como uma atividade multidisciplinar, visto que para a criação de ambientes tanto externos quanto internos, são analisadas diversas questões que envolvem o meio, como acessibilidade, funcionalidade, ergonomia, conforto, materiais e texturas, entre outras. Isso sugere que o designer nada mais é que um profissional que cria interfaces entre pessoas e espaços, projetando centrado no usuário, identificando os problemas e propondo soluções.

A própria nomenclatura, que se refere ao desenho de um ambiente, já reflete em uma mudança no direcionamento dos projetos que passam a envolver tanto os espaços internos, quanto os externos. Somado ao estudo das normas técnicas, o design da atualidade também perpassa o campo subjetivo de modo que sua entrega almeja gerar conexões profundas com quem habita e frequenta os ambientes. Entende-se, portanto, que para a criação em design, para atribuir valor a algo a partir do ambiente, é necessário que haja vivência, e entendimento dos contextos sociais, culturais, arquitetônicos, geográficos, econômicos e políticos. É a partir dessa reflexão, somada a um encontro com o conceito de ambiência, que nasce o questionamento se tudo isso pode se relacionar, fortalecendo a prática do design de ambientes.

As questões do design apresentadas, somadas à descoberta do conceito das ambiências sensíveis a partir de Augoyard (2008) e Thibaud (2000), motivaram a proposição de uma Iniciação Científica que pudesse apresentar um panorama da realidade de pesquisa no Brasil sobre essas temáticas em interface. O projeto de pesquisa, que partiu de um levantamento quali-quantitativo, ocasionou um panorama gráfico e numérico das investigações e dos lócus dessas pesquisas somados ao mapeamento de abordagens frequentes ao design de ambientes quando pensado a partir das ambiências. Entretanto, a primeira etapa da investigação teve um papel decisivo, e detalhado neste artigo, de proporcionar a assimilação do conceito de maneira ampliada apenas à revisão de literatura. A partir da percepção da dificuldade dos estudantes de compreenderem o conceito no âmbito teórico (após leituras, seminários e debates), foi proposta uma experiência em campo.

3. SOBRE AMBIÊNCIAS

Ambiência é um conceito que aborda o ambiente mas não se limita a ele. Trata-se da qualidade do que é ambiente, do meio físico e material, mas, não se restringe a esta acepção. Para Duarte (2013, p.1) "ambiência é um conceito fácil de sentir e difícil de explicar". Thibaud (2005) afirma que as pessoas atuam em um ambiente, configurando-o e dando significado a ele. À vista disso, crê-se em uma mudança de paradigma na qual a dimensão física do ambiente deixa de ser superestimada e passa-se a investigar na mesma proporção o ambiente baseado nas experiências que com ele e nele se tem. Dessa maneira, o conceito de ambiência nos permite compreender que os problemas nas interfaces com os ambientes não podem ser resolvidos apenas a partir da regulação dos inputs do ambiente. Ao compreender uma ambiência são descortinados inúmeros fatores os quais devem ser matéria prima para a proposição de abordagens mais sensíveis, ou abordagens que evidenciam os movimentos do cotidiano.

A partir desse entendimento, destaca-se a obra de Thibaud (2000) e sua didática para vislumbrar a ideia de ambiência, além do diálogo direto com as mais recentes práticas de design de ambientes visto que o autor aponta que na ambiência, apresenta-se uma relação entre o usuário e o meio. Dessa forma, são propostas Dinâmicas de Interação (categorias espaciais analíticas e subjetivas), que são divididas em três categorias. A aclimatação, o que é sentido entre indivíduo e espaço, faz alusão ao primeiro contato; qualificação, definido por Silva e Duarte (2020) como apropriação do espaço pelos indivíduos, que o modificam como uma forma de expressão; e recomposição, apresentada por Thibaud (2000) como uma reconfiguração do contexto sensível do espaço, ou seja a observação passa a ser a partir das vivências naquele lugar.

As dinâmicas apresentadas vão se associar aos Planos de Relação (experiências dos corpos no mundo), divididos também em três categorias: espacialidade, que é atrelada ao lugar e seus elementos; sensorialidade, relacionada aos sentidos e sentimentos com aquele lugar; e socialidade, definida como a relação dos indivíduos com os outros. A partir da associação entre as dinâmicas e os planos, surgem as Nove Operações Elementares da Ambiência estabelecidas por Thibaud (2000), representadas na tabela abaixo.

Ambiência (Composição) =	Acordada (Aclimatação)	Modulada (Qualificação)	Formatada (Recomposição)
Relação com o lugar (espacialidade)	Corporificar o lugar (1)	Acomodar-se aos poucos (4)	Dar medida ao lugar (7)
Relação com os sentidos (sensorialidade)	Tomar-se de afeição (2)	Colocar o espaço à prova (5)	Colocar a cognição à prova (8)
Relação com os outros (socialidade)	Fundir-se à paisagem (3)	Fazer-se presente (6)	Dar tonalidade às situações (9)

Tabela 1: Nove Operações Elementares da Ambiência
Fonte: Thibaud (2000) traduzido por Silva e Duarte (2020, p.4)

As operações enumeradas de 1 a 9, nos auxiliam a compreender melhor como categorizar os elementos do espaço, além de proporcionar um entendimento da experiência da ambiência. Introduzindo a primeira operação, (1) corporificar o lugar, pode ser entendida quando o indivíduo se adapta ao lugar, identificando o que o espaço oferece; na sequência (2) tomar-se afeição, o indivíduo se relaciona a partir dos sentidos com o lugar; e (3) fundir-se à paisagem é a união do corpo e do ambiente, as mensagens, sons e cheiros que o ambiente transmite.

No que se diz a respeito da operação (4) acomodar-se aos poucos, compreende-se como uma imersão ao espaço e de que modo as pessoas se ajustam nele; em (5) colocar o espaço a prova, observamos novamente as pessoas se habituando a partir dos sentidos, como elas utilizam/movimentam aquele lugar; e na categoria (6) fazer-se presente, como as pessoas se apropriam do espaço, como fazem suas adaptações.

Nas ambiências formatadas, (7) dar a medida ao lugar, envolve o espaço de ação, o que é necessário no lugar; em (8) colocar a cognição à prova, abrange uma noção de territorialidade, as mudanças que acontecem no cotidiano e nossa percepção sobre elas; por fim (9) dar tonalidade às situações, significa nossa leitura do ambiente tanto individualmente e coletivamente, a partir de todas as operações apresentadas.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA: IMERSÃO NA PRAÇA DA LIBERDADE

O contato com as “Nove Operações”, possibilitou uma especulação prática e criativa da ideia de ambiência. No processo de debate sobre o conceito eram frequentes exemplificações a partir de ações hipotéticas no espaço: “e se alguém entrar nessa sala falando alto? e se começar a chover? e se essa mesa for retirada? e se alguém se sentar na mesa?”. As propostas, entretanto, ainda endureciam o conceito pois ocorriam apenas no campo das ideias e pareciam eventos distópicos. Portanto, em busca de uma compreensão e vivência da ambiência, somado à dificuldade de explicar a ambiência sensível, foi desenhada uma ideia de experiência que envolvesse um contato direto com um espaço real.

O local escolhido para essa imersão foi a Praça da Liberdade, circuito paisagístico e arquitetônico em Belo Horizonte, que faz parte do Circuito Cultural. Com data de construção de 1895 a 1897, a Praça da Liberdade, localizada na Savassi, região da zona sul de Belo Horizonte, em encontro com as avenidas Bias Fortes, Av. Cristóvão Colombo, Av. João Pinheiro e Av. Brasil, é um dos cartões postais da capital mineira. Com um projeto paisagístico assinado pelo francês Paul Villon, com o intuito de ser uma esplanada do Palácio da Liberdade, conta com palmeiras, os famosos ipês que florescem e colorem a Praça da Liberdade durante a primavera, além de esculturas, fontes e um coreto.

Em 2010, após a transferência do governo para a Cidade Administrativa, foi proposto o Circuito Cultural Liberdade, que visava transformar os prédios históricos esvaziados em espaços com para a preservação do patrimônio, da arte e da cultura. A Praça da Liberdade é o encontro de prédios históricos, como o edifício Niemeyer, a Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, o Palácio da Liberdade, além das antigas secretarias do estado que se tornaram museus e instituições culturais. Além disso, um dos prédios que fazem parte do Circuito Liberdade é a Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), instituição de ensino que conta com cinco cursos de graduação, além de programas para pós-graduação. Além do prédio, faz parte da UEMG o Espaço Cultural, local destinado para exposições e eventos organizados pela universidade. Essa concentração de patrimônios, deu a Minas Gerais um importante reconhecimento como um dos principais complexos culturais do país (SECULT, 2017).

Devido a proximidade e forte presença no cotidiano das estudantes de design, além da relevância para a cidade de Belo Horizonte, a pesquisa em campo aconteceu ao longo de três visitas na Praça da Liberdade em horários e dias diferentes. Com o objetivo de analisar o espaço, interações, fluxos e atividades, foi usado como base as operações desenvolvidas por Thibaud (2000), e que foram sendo adaptadas para maior entendimento. A observação e avaliação de cada operação foi feita de maneira bastante orgânica, segundo as percepções a partir dos estímulos propostos pelo campo. Inicialmente foi possível identificar as demarcações do espaço, sua setorização e fluxos e o que o espaço oferecia. Nessa análise, outras operações foram reconhecidas, como por exemplo como a Praça da Liberdade se adaptava para momentos diferentes do dia e de que modo as pessoas que frequentam, modificam e interferem no lugar. Ao longo da experiência novas subjetividades foram sendo descobertas e questionadas, principalmente sobre como a Praça da Liberdade era descrita e como ela era utilizada.

Ao decorrer da pesquisa, três tabelas foram elaboradas a partir de seus respectivos dias de pesquisa, observações e entendimento da pesquisa, e alinhadas em uma única tabela para a apresentação neste artigo.

AMBIÊNCIA	ACLIMATAÇÃO	QUALIFICAÇÃO	RECOMPOSIÇÃO
Relação com o lugar (Espacialidade)	***PRAÇA OFERECE*** ***Corporificar o lugar*** Poucos vendedores ambulantes, manutenção dos arbustos, mais pessoas caminhando; Vendedores ambulantes (alguns autorizados), fotógrafos, venda de artesanato, lazer, manutenção das árvores; Eventos (Boa Noite Memorial - Vale), mais vendedores ambulantes, brechós e artesanato, atividades infantis (estação pintura, parquinho, balões);	***PRAÇA SE ADAPTA*** ***Acomodação aos poucos*** Pessoas descansando na nos bancos, caminhada no entorno; Pessoas descansando na grama e nos bancos, artesanato sendo vendido no chão, caminhada no entorno (com cachorros também), manifestações; Mais pessoas caminhando e descansando na grama e nos bancos, artesanato e brechó, espaço para cachorros, ensaios do evento e de bandas;	***PESSOAS PRECISAM*** ***Medida ao lugar*** Manutenção da praça, ambiente bem cuidado, sinalização, bancos, iluminação; Manutenção da praça, ambiente bem cuidado, sinalização, pontos de ônibus, acessibilidade; Ambiente bem cuidado, atividades culturais, sinalização, bancos, iluminação, pontos de ônibus, acessibilidade;
Relação com os sentidos (sensorialidade)	***PESSOAS QUEREM*** ***Tomar-se de afeição*** "Tranquilidade; Faz parte da vida; Lindo; Sossegado; Familiar" "Tranquilidade; Liberdade; Se isola do meio; Se distancia do centro da cidade; Clima movimentado; Aconchegante; Deixa a vontade" Ponto de expressão (Manifestações) "Tranquilidade; Aberto ao público; Fresco; Muitas atividades no entorno; Organização de eventos; Aconchegante;"	***PESSOAS FAZEM*** ***Espaço a prova*** -Excursões -Vendas -Manifestações -Eventos -Excursões -Vendas -Fotografias -Brincadeiras -Eventos -Excursões -Vendas -Ensaios -Piqueniques	***NOVAS DEMARCAÇÕES*** ***Percepção do lugar*** [Setorização da Praça com pontos de fluxo, adaptações, sinalizações e pontos de vendas]
Relação com os outros (socialidade)	***CORPOS E MENSAGENS*** ***Unir-se a paisagem*** Sons: Barulho da serra elétrica, ônibus chegando, pessoas conversando, movimento de carros, Cheiros: Natureza, flores Sons: Mesmos do dia anterior organização de professores Cheiros: Natureza, flores Sons: Teste de som do evento; Vendedores anunciando; Bateria de atlética e Banda Jovens Gerais Ensaiando; Fontes Ligadas; Cheiros: Pipoca, churros;	***COMO PESSOAS FAZEM*** ***Fazer presença*** Estendem cangas, se sentam na grama, descansam nos bancos, tiram fotos. Estendem cangas, se sentam na grama, colocam cadeiras e ligam caixas de som, tiram fotos Encontros em grupos; Montagem de estruturas (palco, bar, espaço para descanso, banheiros químicos); Montagem de espaço de vendas (artesanato e brechó);	***NOVA SUBJETIVIDADE*** ***Significar situações*** Reflexão sobre o pertencimento na praça:Pessoas que veem como um espaço inclusivo, aconchegante e dedicado ao lazer X Moradores de rua que adaptam a praça como moradia (Banho na fonte, dormem em barracas, arbustos de varal) Criação de novos espaços para eventos

Tabela 2: 9 Operações na Praça da Liberdade
Fonte: As autoras (2023)

Durante o primeiro dia, em uma terça feira na parte da tarde, foi um pouco desafiador a identificação de quais situações se aplicavam em cada contexto. A primeira operação perceptível foi o que a Praça da Liberdade transmite, unificando o ambiente com o sujeito, essa ação faz com que seu entorno se torne um elemento da paisagem. Foi evidente, que essa imersão com o local foi por conta do estudo da ambiência, já que na rotina do dia a dia, não temos percepção do que um espaço transmite com tantos detalhes. Essa ligação com a praça transmitiu uma sensação de isolamento do meio, de tranquilidade, descanso e liberdade, mesmo localizada no centro do Circuito Cultural, rodeada de prédios e com um trânsito movimentado. Algumas operações como "corporificar o local" (1) e "colocar a cognição à prova " (8) que se baseiam em observações e adaptação ao ambiente, foram as ações iniciais que nos ajudaram a analisar a Praça da Liberdade por parte, se atentando a cada situação, por meio da sensação de pertencimento do espaço, como foi analisado no momento do registro da Figura 1.

Figura 1: Registro do primeiro dia da experiência
Fonte: As autoras (2023)

Além da tabela, para cada dia uma setorização e trajeto do percurso na Praça da Liberdade foi feito, com demarcações que chamaram a atenção e que nos ajudaram a corporificar o local, entender seus pontos de fluxos, elementos, sensações, acomodação das pessoas, entre outros elementos.

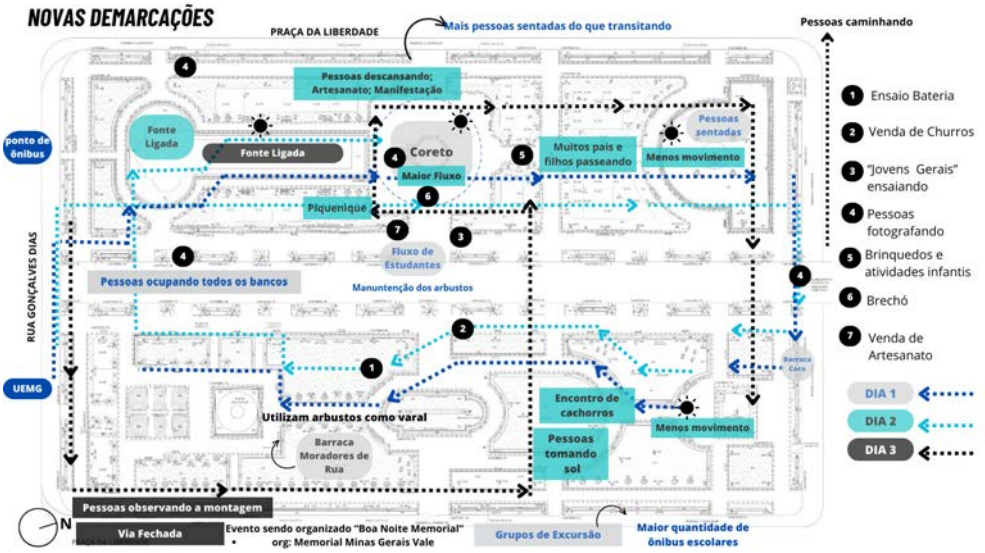


Figura 2: Demarcações na Praça da Liberdade
Fonte: As autoras (2023)

No segundo dia de visita a Praça da Liberdade, quarta feira na parte da manhã o trajeto realizado foi similar ao dia anterior, todavia, foi buscado um contato maior com pessoas que frequentam o local. Uma das entrevistas foi com um comerciante licenciado pela prefeitura, que vende coco na praça há mais de 10 anos, e frequenta o local desde quando era criança. Ele relatou que cresceu ali, acompanhado de seu pai, que também era vendedor e que viu todo o seu processo de crescimento do espaço até se tornar o circuito da Liberdade. Questionado sobre a ambiência da Praça da Liberdade, o vendedor descreveu como um espaço que faz parte da vida, que representa a liberdade, a tranquilidade e o familiar. Entretanto, no primeiro dia de estudo, na mesma barraca, em uma conversa com a esposa do vendedor que estava responsável pelo comércio naquele dia, conta que mesmo sendo natural de Belo Horizonte, só conheceu a praça pessoalmente há dois anos atrás, quando começou a ajudar o marido, e não sabia das atividades que eram ofertadas de forma gratuita no circuito cultural.

No terceiro dia de visita, que ocorreu em um sábado, a experiência já se mostrou muito diferente. O trajeto foi alterado, visto que o ponto de partida não foi a universidade, além disso uma das vias já se encontrava fechada para a organização de um evento que aconteceria mais tarde, como registrado na Figura 3.

Figura 3: Registro de cima da via fechada no terceiro dia
Fonte: As autoras (2023)

Acrescentando ao desvio no trânsito e montagem das estruturas que iriam compor o evento "Boa Noite Memorial", acontecia uma passagem de som, que chamava a atenção das pessoas que caminhavam ao redor. Outro ponto de divergência com os outros dias, foi o fluxo bem mais intenso, e de como essas mudanças no mesmo espaço trouxeram diferentes experiências no momento. Por exemplo, além da passagem de som, aconteciam dois ensaios, um de uma bateria de faculdade e o outro da "Orquestra Jovens Gerais", o que daria a sensação de uma poluição sonora, mas que devido ao tamanho da Praça da Liberdade, os sons se misturavam com um meio, mantendo um espaço ainda mais agradável.

5. BIBLIOGRAFIA

Augoyard, JF. (Eds.). (2008). Faire une ambiance. Actes du colloque international. Éditions À la croisée.

Bahia, IP. (2017). O valor do design de ambientes: considerações acerca do processo de construção de valor em design de ambientes (tese de mestrado). Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Barbosa, PG. (2020). Crítica ao ensino da prática projetual em Design de Interiores (tese de doutorado). Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Brooker, G & Stone, S. (Eds.). (2014). O que é design de interiores?. Editora Senac

Cardoso, DCV. (2020). Um olhar sobre o ensino do Design de Ambientes na graduação: a inserção do usuário real na prática projetual (tese de mestrado). Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Cardoso, R. (1998). Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. Arcos Design, 1(único), 14–39. Recuperado de *https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/85049*

Duarte, CR. (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. In: Thibaud, JP; Duarte, CR. Ambiances urbaines en partage: pour une écologie sociale de la ville sensible. MétisPresses.

Moreira, SC. de O. (2019). Formação, atuação e identidade profissional no campo de Design de Ambientes (tese de doutorado). Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, ACC; Michilo, PMAQ (2020). Aspectos Conceituais do Design de Ambientes. Em: E. Rezende (org.), Design de Ambientes em Pauta. (pp. 15-29).: Editora CRV.

SECULT (Secretaria de Estado de Cultura e Turismo). (2017). Circuito Liberdade, História. *http://www.circuitoliberdade.mg.gov.br/pt-br/circuito-liberdade-br/historia*

Silva, LOM. da ., & Duarte, C. R. de S. (2020). Ambiências urbanas no behaviorismo espacial e na fenomenologia da percepção. Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online), 18, 1-15. *https://doi.org/10.11606/1984-4506.risco.2020.161410*

Thibaud, JP (2000). Contextualisations sensibles de la ville. Em Leroux, Martine et al.(org.) Compositions sensibles de la ville: ville émergente et sensorialité (pp. 101-120). Grenoble: Cresson.

Thibaud, JP (2005). Psicologia ambiental e política ambiental: estratégias de construção do futuro. Psicologia USP, v.16. *https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100022*

R36

AMBIANCE, EMOTIONAL ACCESSIBILITY IN THE LIVING ENVIRONMENT PERCEIVED BY ELDERLY PEOPLE IN THE CONTEXT OF AGING IN PLACE

AMBIÊNCIA, ACESSIBILIDADE EMOCIONAL NO AMBIENTE DE MORAR PERCEBIDO PELA PESSOA IDOSA NO CONTEXTO DO AGEING IN PLACE

Ana Cristina Claudino de Melo
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
anaccmarq@gmail.com

Angelina Dias Leão Costa
Doutora em Engenharia Civil
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
angelinadlcosta@yahoo.com.br

Bruna Ramalho Sarmento
Doutora em Arquitetura e Urbanismo
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
brs@academico.ufpb.br

Raiany da Silva Santos
Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
raianysantoscontato@gmail.com

ABSTRACT

Population aging, an evolutionary and complex global phenomenon, has several implications. In the context of longevity, promoting well-being and quality of life, architecture and urbanism come together in a multidisciplinary way with other areas considering the way elderly people live, who in turn are faced with physiological changes and functional decline and/or mental. This article aims to understand and deepen the person-environment relationship, in light of the concept of aging in place at a meso-environmental level. The methodology involved holding workshops with a focus group made up of elderly volunteers. Participatory mapping and wish poems were also used. The results of the proposed tools were considered positive and in this group it was found that there was no emotional bond between the immediate neighborhood and the correlation with the decision to grow old in these places, as they are hostile, inaccessible and unsafe environments.

KEYWORDS: person-environment relationship. emotional accessibility. perception of the elderly. ambience. aging in place.

RESUMO

O envelhecimento populacional, fenômeno mundial evolutivo e complexo, traz diversas implicações. No contexto da longevidade, da promoção do bem-estar e da qualidade de vida, a arquitetura e o urbanismo se unem de forma multidisciplinar a outras áreas considerando a forma de morar do idoso, que por sua vez se depara com mudanças fisiológicas, declínio funcional e/ou mental. Esse artigo visa compreender e aprofundar a relação pessoa-ambiente, frente ao conceito *ageing in place* a nível meso ambiental. A metodologia envolveu realização de oficinas com um grupo focal formado por idosos voluntários. Utilizou-se também mapeamento participativo e poema dos desejos. Considerou-se positivos os resultados das ferramentas propostas e constatou-se nesse grupo a inexistência de vínculo afetivo entre a vizinhança imediata e a correlação com a decisão de se envelhecer nesses locais, por tratarem-se de ambientes hostis, inacessíveis e inseguros.

PALAVRAS-CHAVE: relação pessoa-ambiente. acessibilidade emocional. percepção do idoso. ambiência. *ageing in place.*

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional há muito deixou de ser projeções estatísticas de um futuro longínquo, para tornar-se fenômeno atual e mundial. De acordo com a ONU (2020), prevê-se que o aumento mais rápido ocorra nos países menos desenvolvidos, onde o número de pessoas com 65 anos ou mais poderá aumentar de 37 milhões em 2019 para 120 milhões em 2050 (225%), em contraponto aos países desenvolvidos, que passaram séculos para atingirem uma população idosa, que no Brasil, já representa cerca de 15,8% da população (IBGE, 2022).

Considerando o que a longevidade e a urbanização representam ao longo do último século, o ápice do êxito do desenvolvimento humano, em tornar as cidades mais amigáveis[1] é uma resposta pertinente e necessária na promoção do bem-estar de seus residentes, em especial às pessoas idosas. Desse modo, temas que envolvem sustentabilidade, pessoas, envelhecimento e cidades, tornaram-se pauta para inúmeras ações governamentais, a exemplo da Agenda 2030[2], uma vez que, de acordo com OMS (2008) um grande número de idosos mora em cidades e proporcionalmente a quantidade deve aumentar, carecendo de atitudes que promovam qualidade de vida aos idosos residentes nas áreas urbanas.

Aspectos físicos e subjetivos envolvem o homem e o ambiente ao qual ele faz parte. Dentro da inter-relação da pessoa idosa com o ambiente físico, destaca-se a Acessibilidade com o papel do Desenho Universal, que pode ter papel regulador nos afetos e influência na qualidade de vida dos indivíduos. Em contrapartida, as emoções tem papel importante na transformação e avaliação dos ambientes em função das necessidades coletivas (Bomfim, 2018).

Duarte e Cohen (2004) sustentam que um espaço só é plenamente acessível quando é capaz de transmitir ao usuário a sensação de acolhimento, quando respeitados os aspectos emocionais, afetivos e intelectuais, indispensáveis para o estabelecimento de ligações entre o usuário e o Lugar. Tuan (2015) defende que 'espaços' transformam-se em 'lugares' quando lhes são atribuídos afetos, ou à medida que esses adquirem significado. Entende-se, portanto, que a arquitetura exerce um impacto direto sobre os sentidos e os sentimentos das pessoas.

Que lugares nos emocionam, nos afeiçoam? Esse texto busca abordar a conexão emocional de idosos com os seus locais de moradia, no contexto do *ageing in place*[3]. Para isso, pauta-se em conceitos e teorias acerca da relação pessoa-ambiente do bairro (meso ambiente), acessibilidade emocional, percepção e ambiência. Através da revisão de literatura, seguido de coleta de dados realizada a partir da aplicação de um Mapeamento Participativo, que consiste na identificação do entorno da residência dos voluntários através de imagens de satélite, e do Poema dos Desejos onde através de livre expressão gráfica (desenho e/ou escrita) os participantes representaram de forma lúdica os seus anseios para com suas ruas e vizinhança.

O presente artigo representa um recorte da pesquisa de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em desenvolvimento, e de um Projeto de Extensão intitulado 'Oficina

1 O Programa Cidade Amiga da Pessoa Idosa, é uma iniciativa da OMS, e visa transformar os ambientes urbanos em espaços inclusivos e acessíveis para todos, em especial Idosos ou PcD (OMS, 2008).

2 Agenda 2030, é um plano de ação para pessoas e o planeta lançado pela ONU em 2015, com objetivos e metas de combate à pobreza e promoção do desenvolvimento sustentável (econômico, social e ambiental) até 2030 (ONU, 2016).

3 *Ageing in Place* ou envelhecer no lugar, é um conceito que incentiva a permanência da pessoa idosa na sua casa, ou comunidade, com autonomia e segurança. Vem ganhando força como políticas públicas na Europa, Ásia e América do Norte. (Bigonnesse, 2021)

Casa Afetiva', desenvolvido no Instituto Paraibano de Envelhecimento (IPE/UFPB). A realização da pesquisa está aprovada no Comitê de Ética do HULW/UFPB sob parecer de nº 6.416.859, e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2. RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE

Segundo Pinheiro (1997) a Psicologia Ambiental pela sua "dupla" personalidade: parte "psicologia", parte "ambiental" envolve aspectos físicos, perceptuais e a Psicologia Social. Elali (2009) reflete acerca da relação bidirecional pessoa-ambiente, como campo interdisciplinar dentro da perspectiva oferecida pela Psicologia Ambiental relacionando o comportamento humano e a ambiência, além da relação afetiva com o lugar que deve ser compreendida como expressão do comportamento socioespacial humano.

Bomfim et al (2018) afirmam que todo ambiente físico provoca emoções, alteram os estados emocionais que por sua vez afetam a ação no ambiente. Assim, o componente afetivo tem importância definitiva para o bem-estar, cujo efeito das emoções podem ser gatilhos para uma variedade de problemas ambientais e de comportamentos. No contexto ambiental o aspecto psicológico é uma variável que pode definir o sucesso ou o insucesso do projeto, em razão de emoções positivas e negativas.

Mesmo considerando que ao longo do tempo as pessoas e as demandas se modificam, para Günther e Elali (2018) ao haver desequilíbrio entre esses dois aspectos, tende-se a experimentar o afeto negativo e a não adaptação. Günther e Fragelli (2011) referem-se a essa situação como "estresse ambiental". Por isso, ao conceber espaços, o arquiteto é convidado a mergulhar num universo de inúmeras vertentes que compõe o ambiente. Essa capacidade de percepção ambiental está relacionada ao modo como as pessoas experienciam o ambiente, não apenas no que se refere a aspectos físicos, mas, a aspectos invisíveis aos olhos, culturais, históricos e sociais (Kuhnen e Higuchi, 2011).

Foi a partir desse contexto de envolvimento social, emocional e relação pessoa-ambiente, que as autoras Duarte e Cohen (2018) desenvolveram o conceito "Acessibilidade Emocional" por entenderem que a expressão perpassa o seu sentido literal, e que apenas a adequação física não é suficiente para gerar empatia espacial e promover a plena utilização do lugar.

3. ACESSIBILIDADE EMOCIONAL

Para Duarte e Cohen (2018), Acessibilidade Emocional, surge como um conceito mais abrangente dentro da arquitetura e design, que significa a capacidade do lugar, em acolher seus visitantes, em gerar afeto, e despertar neles a sensação de se fazer parte do ambiente e de se reconhecer como pessoa bem-vinda, gerando empatia espacial. Relaciona-se com a sensorialidade, ambiência e com o sentimento

de afeto que os ambientes imprimem nas pessoas com deficiência física, sensorial ou intelectual. Com isso, amplia-se a ideia de que a acessibilidade acontece apenas com a supressão de barreiras físicas, ou aplicação das normas vigentes. Passa-se a incorporar toda a ambiência que envolve o usuário, tratando-o como um ser total, no centro do processo, com todas as suas nuances, onde a concepção de espaços, perpassa normas e regras, deve ser pensada na sua totalidade, assim como é o ser humano.

Imaginar o uso do espaço de forma linear e congruente, é questionável a partir da compreensão de que necessidades e percepções são singulares a pessoas diversas. Portanto, ao unir aspectos emocionais além dos legais, a acessibilidade emocional contribui para o surgimento de um novo olhar sobre aspectos técnicos. Para isso é essencial revestir-se de empatia na concepção dos ambientes, onde colocar-se no lugar do outro é ver além dos olhos, é adentrar no íntimo das pessoas em busca de uma unidade no pensamento e emoções, busca-se compreender o mundo a partir do ponto de vista do 'outro'. Através da empatia espacial o ambiente coletivo é pensado para que os desiguais não se sintam particularizados, traduzindo a capacidade dos espaços em produzirem nas pessoas um reconhecimento de si mesmos, nos ambientes (Duarte, 2015). Esse conceito tem sido explorado por autores advindos de diversas áreas do conhecimento, desde a neurociência até o design urbano, passando pela filosofia e pela psicologia (Duarte e Cohen, 2018).

4. A PESSOA IDOSA: PERCEPÇÃO E AMBIÊNCIA

O termo percepção tem origem do latim perceptio, sendo definido como uma combinação dos sentidos no reconhecimento de um estímulo externo, complementado por Tuan (2015) ao afirmar que através dos estímulos, certos fenômenos são registrados, enquanto outros retrocedem ou são bloqueados. Por sua vez, Thibaud (2018) define ambiência como uma solicitação motora, no sentido que nela ativa os esquemas sensório-motores a partir dos quais os indivíduos se engajam no mundo. Não se percebe a ambiência, mas através dela. Assim, a ambiência 'se experimenta' ou 'se sente' mais do que 'se percebe', é sempre revestida de emoção e de sensibilidade, por se tratar do ser vivo dotado de sentimentos. O autor aponta seis meios de identificá-la, através de uma visão qualitativa: espacialidade, intersensorialidade, afetividade, temporalidade, socialidade e corporeidade.

> As pessoas não são meros observadores do que se passa ao redor, mas a construção de imagens resulta da interação entre o observador e o ambiente, [...] as características morfológicas de um lugar são captadas pela percepção em função de particularidades de determinadas operações fisiológicas humanas, assim como das condições ambientais e da estrutura configurativa do espaço, [...] as pessoas imersas na realidade percebem o mundo e criam filtros que permitem relações diferenciadas com esse mundo. (Kuhnen e Higuchi, 2011, p. 261)

De modo que, a percepção ambiental permite determinar as configurações da inter-relação pessoa-ambiente, pois a imagem formada do ambiente é fruto de um processo recíproco entre observador e observado, o que é visível baseia-se na forma exterior, que por sua vez pode ser afetado pelo modo como a informação é percebida e interpretada (Kuhnen e Higuchi, 2011). O resultado dessa percepção define a criação ou não de um vínculo com o ambiente, cuja intensidade é determinada pelas características físicas e sociais do ambiente, também pelas necessidades peculiares individuais (Giuliani, 2003).

Del Rio (1999) entende a percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos, cognitivos e pelos estímulos externos captados através dos cinco sentidos, seguidos pelas contribuições ativas da pessoa. A partir daí são incluídos no processo, fatores como: motivação, humor, cognição, necessidades, valores, julgamentos e expectativas. À medida que as pessoas envelhecem, a percepção dos ambientes e a relação pessoa-ambiente, ocorrem de maneira diferente, pela necessidade de ambientes físicos adequados à perda de mobilidade (Forsyth, 2021).

Tuan (2015) descreve de forma quase poética as alterações sofridas com o avançar da idade, o mundo torna-se um pouco mais cinzento, diminui o discernimento da cor violeta no final do espectro; com o aumento da surdez, o mundo parece estático, sem as pulsações da vida. O mundo percebido se encolhe com o declínio, tanto da visão como da audição e a diminuição da mobilidade restringe ainda mais o mundo da pessoa idosa, não apenas no sentido geográfico, mas pelo fato de o futuro estar reduzido.

5. *AGEING IN PLACE* E O AMBIENTE PERCEBIDO

Diante da longevidade, o espaço físico muitas vezes é ressignificado pelo idoso através dos laços afetivos com a casa, a rua, o bairro e a cidade. Entretanto, as segregações proporcionadas pelas barreiras sociais e físicas espalhadas por toda parte, podem representar agentes limitadores para o envelhecimento ativo[4] e do *ageing in place*, já que atributos ambientais negativos afetam diretamente a apropriação do espaço, sendo responsáveis pela falta de acessibilidade e autonomia. Tuan (2015) destaca que é necessário tempo para se familiarizar com o local. Que por sua vez, resultará no sentimento de 'Pertencimento ao Lugar', onde as relações de vizinhança podem contribuir para a redução do estresse, promoção do bem-estar e qualidade de vida (Albuquerque et al, 2018).

Segundo Bigonnesse (2021), o *ageing in place* é influenciado por cinco componentes centrais: a integração com o local, o apego, a independência, a mobilidade e

4 A OMS adotou o termo envelhecimento ativo por ser mais abrangente que envelhecimento saudável, está apoiado em três pilares básicos baseando a estrutura política com ações em saúde, participação e segurança (OMS, 2005).

participação social, que por sua vez são influenciados por características individuais, conexões sociais, proximidade de serviços e acessibilidade, não apenas adaptações físicas, caminhabilidade e segurança.

Conceber espaços para pessoas idosas, ou intervir no seu ambiente familiar, extrapolam a atividade intrínseca ao arquiteto, de projetar espaços (Duarte & Cohen, 2018). Sob o ponto de vista da docilidade ambiental, a eliminação de barreiras, a promoção da mobilidade e a prevenção de riscos, proporcionam condições ambientais positivas para a qualidade de vida, garantindo a manutenção da autonomia e independência, que influenciam na autoestima e bem-estar (Günther & Elali, 2018). Desse modo, a compreensão da percepção do espaço na relação pessoa idosa-ambiente, torna-se imprescindível para o propósito de onde se deseja envelhecer.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A temática da relação pessoa idosa e o ambiente físico, a partir da ótica da relação emocional, é explorada através de procedimentos metodológicos que consistem em revisão de literatura conceitual e coleta de dados feita através do projeto de extensão PROBEX 2023 intitulado "Oficina Casa Afetiva: uma abordagem com usuários idosos" realizado no IPE/UFPB. Este artigo apresenta o resultado de duas das Oficinas realizadas, entre os meses de outubro e dezembro de 2023, escolhidas por relacionarem-se ao espaço urbano a nível do entorno imediato do bairro e rua. Iniciou-se com a fase documental, passando em seguida para as oficinas práticas, finalizando-se com as análises a partir do material desenvolvido.

As oficinas aconteceram na sede do IPE/UFPB, no período matutino por cerca de duas horas. Foi formado um grupo focal com pessoas idosas, voluntárias, vinculadas ao Instituto que contribuíram com o projeto, estruturado para acontecer em etapas semanais, sequenciais e presenciais que participaram previamente de uma explanação sobre o projeto, preencheram ficha cadastral e assinaram os Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Nos encontros, os participantes foram acolhidos pela pesquisadora, acomodados nas carteiras dispostas em forma semicircular, para as boas vindas, introdução e orientação geral da atividade desenvolvida na sequência. O grupo formado por quatorze pessoas, com média etária de 72 anos, sendo 03 homens e 11 mulheres, que estiveram presentes na primeira Oficina e 8, dos 14, na segunda.

O Mapeamento sensível, realizado na primeira oficina, foi idealizado tendo como referência o mapeamento participativo ou cartografia participativa. É uma ferramenta que, apoiada na tecnologia computacional, permite a análise de território no espaço geográfico, baseadas no cotidiano de quem vive e habita um determinado local. Metodologicamente, a aplicação desse instrumento pode ser utilizada em diversos espaços, onde se pretende o reconhecimento do ambiente de qualquer tipo de comunidade (Silva & Verbicaro, 2016). Dentre os procedimentos para se executar a 'cartografia participativa', foi escolhido, o mapeamento com imagem de satélite de

sensoriamento remoto, realizada de forma individual, a partir do local de moradia (bairro e vizinhança imediata) dos voluntários.

Outra ferramenta de coleta de informações utilizada, foi o Poema dos desejos que segundo Rheingantz et al (2009) valoriza o caráter mais global e exploratório da observação, essa foi a técnica aplicada na segunda oficina. A produção dos participantes, independente da linguagem escolhida, quando combinadas com outros instrumentos, possibilitaram um perfil representativo dos desejos e demandas do conjunto de usuários de um determinado ambiente. A análise dos 'poemas' de forma lúdica dentro de um contexto específico experienciado pelos usuários, contribuiu com a construção de uma ideia do ambiente ou situação ideais.

7. AS OFICINAS

7.1 Oficina 1 – Mapeamento Participativo

Dos participantes da primeira oficina, todos são residentes em diversos bairros de João Pessoa, morando de 1 a 40 anos no mesmo lugar, em condições heterogêneas: 5 em habitação unifamiliar térrea ou com poucos degraus; 1 em habitação unifamiliar com escada; 4 em edificação multifamiliar com elevador e com escadas, apenas 3. Constatou-se um ciclo familiar diverso onde a maioria reside com algum familiar ou cônjuge e os demais permanecem sozinhos.

A Oficina 1 intitulada: conhecendo o bairro e a vizinhança (mapeamento sensível), objetivou a exploração em nível meso ambiental, a relação existente entre a pessoa idosa e seu entorno imediato no contexto do *ageing in place*, através da elaboração gráfica individual das impressões sensoriais pela representação livre.

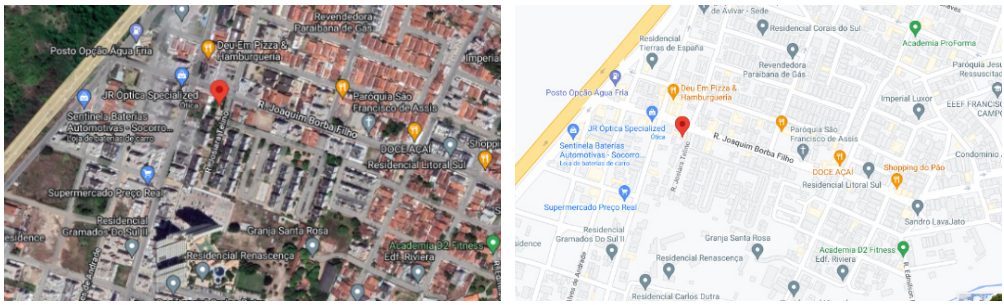


Figura 1 – Imagens em modo mapa (esquerda) e modo satélite (direita).
Fonte: As autoras com base no Google Maps

Cada participante recebeu três folhas em tamanho A4, com os mapas impressos contendo recortes feitos através do acesso ao programa *Google Maps*: a primeira folha com a imagem (satélite) do entorno da sua residência num raio de aproximadamente 500 metros, a segunda folha com a mesma imagem (mapa) e a terceira com um segmento ampliado da imagem em satélite compreendendo a quadra referente à sua residência. (Figura 1)

Foi entregue um roteiro para que fosse apontado nos mapas a presença de serviços básicos e essenciais como: farmácia; padaria; mercado; médico/posto de saúde; igreja, transporte, parada de ônibus e táxi; praças; atividade física; lazer (praças, ativ. física); semáforos, faixas de pedestres e outros não especificados que fossem importantes a eles. Deveria ser destacado através de adesivos nas cores: vermelho (muito ruim/ péssimo/ inexistente), amarelo (regular/ruim) e verde (bom/ótimo/ satisfatório), atribuindo-se conceitos para quesitos como a condição das calçadas, caminhabilidade, segurança, presença ou não dos serviços, distância dos locais de interesse, transporte, locais prazerosos de lazer e passeio, ou afetivos que contassem histórias. Também foi disponibilizado material de desenho e figuras tipo 'emojis' com expressões faciais que retratassem emoções negativas e positivas frente às percepções individuais do lugar. (Figura 2).

Figura 2 – Oficina 1 - Mapeamento participativo
Fonte: Acervo pessoal das autoras

Como a forma de expressão e representação era livre, cada participante utilizou a que mais se identificasse através de desenhos, colagens, rabiscos e palavras-chave. Pela dificuldade que os idosos têm frente a situações novas, foi necessária orientação individual a cada voluntário, auxiliando-os principalmente na visualização espacial dos locais nos mapas. Entretanto, percebeu-se que no decorrer da atividade, os idosos foram sendo motivados e estimulados a relatar oralmente suas descobertas, impressões, insatisfações e benefícios do seu bairro e rua.

7.2 Oficina 2 – Poema dos Desejos

A Oficina 2 aconteceu em sequência da investigação do entorno da residência dos voluntários participantes. Nesse momento, incluiu-se na atividade apenas a quadra/ quarteirão da habitação, a rua e calçada de acesso à edificação de morada. Manteve-se as mesmas condições de realização da primeira atividade e do grupo focal, porém, nesse segundo encontro prático estiveram ausentes 5 participantes, apesar da proposta original constar a participação de um grupo fixo de voluntários.

Foi fornecido material de desenho, pintura, lápis e canetas coloridas, folhas de papel A4 e proposto que o grupo realizasse o Poema dos desejos. A partir da frase "EU GOSTARIA QUE A MINHA RUA FOSSE...", cada participante se sentiu desafiado a externar através de formas livres de expressão (escrita, desenhos) ou como suas criatividades os conduzissem. (Fig. 3)

Após a conclusão de cada oficina os participantes partilharam suas produções através da explanação oral, enriquecendo sobremaneira o relato das percepções.

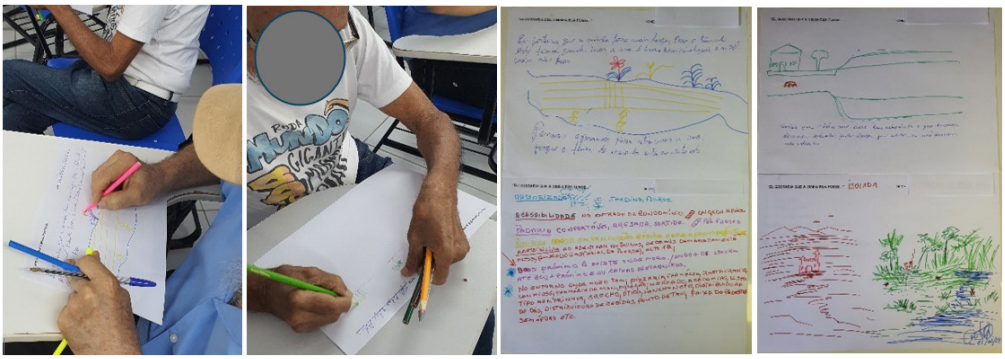


Figura 3 – Oficina 2 - Poema dos desejos.
Fonte: Acervo pessoal das autoras

8. RESULTADOS

O grupo se mostrou resistente às atividades, ao tomarem conhecimento que se tratavam de oficinas de expressão livre e gráfica. Porém, após breve explicação individual, eles realizaram o que foi solicitado. Na Oficina 1, os idosos, inicialmente se surpreenderam ao perceberem que naqueles papéis continham informações tão familiares a ao mesmo tempo desconhecidas, pois, causou-lhes estranheza a compreensão dos mapas com seus locais de moradia. Constatou-se, que a mudança do plano de visão pode alterar a percepção da realidade cotidiana, ao mesmo tempo evidenciou-se que a distância existente entre as gerações maduras e as novas tecnologias (ferramentas computacionais) são uma realidade.

Superado o primeiro impacto, surgiu neles a curiosidade em desvendar e identificar a vizinhança. Os participantes mostraram-se divididos sobre a preferência das imagens: 7 preferiram o modo mapa, 4 optaram pelo modo satélite e 2 utilizaram-se de ambos (Figura 1). Os pontos negativos e positivos apontados, também se mostrou heterogêneo em função da localização das habitações e dos serviços locais.

Foram considerados de forma negativa, questões relacionadas à proximidade dos serviços oferecidos: farmácias, igrejas, supermercados, padaria e pontos de ônibus, foram os mais citados. Seguidos de vias com alto tráfego e ausência de faixas de travessia de pedestres, calçadas com pavimentação irregular, demonstrando a

problemática da mobilidade e acessibilidade. Ainda com percepção negativa foram apontados locais de lazer e praças, pela inexistência, distância e/ou insegurança, impedindo o desfrute de espaços de ócio, contemplação, atividades físicas e socialização à pessoa idosa.

Na Oficina 2, alguns presentes demonstraram resistência ao se depararem com aquela folha em branco e uma única frase. De modo que a reação inicial de alguns foi afirmar que "não sabiam desenhar!" por isso utilizariam a forma escrita como expressão, os demais optaram por desenho enquanto outros, utilizaram ambas as formas de representação.

Confirmando o que foi constatado na Oficina anterior, várias foram as observações negativas. A mais recorrente foi a ausência de praças e áreas verdes, os Poemas dos desejos apontaram de maneira quase unânime o desejo de arborização, sombra e mobiliário. A segunda observação mais relevante, apontou a situação das vias com tráfego intenso, ausência de faixas de pedestres, calçadas em más condições e não padronizadas, além de desníveis, degraus, presença de fios, sujeira e dejetos de animais. Observou-se poucos pontos positivos, concluindo-se que a rua é vista como lugar de passagem e não de permanência, ou seja, dificultando a criação de vínculo com o lugar.

Para Duarte (2015) ao se experienciar o lugar além do deslocamento no espaço, passa a situar-se nele. Ao se confrontar sobre a acessibilidade emocional da pessoa idosa no ambiente de vizinhança de suas habitações, os experimentos corroboram com Duarte e Cohen (2018), ao sustentar que um espaço só é plenamente acessível quando é capaz de transmitir ao usuário a sensação de acolhimento, o que não se constatou pelas Oficinas realizadas. As autoras complementam ser indispensável para a ligação entre o usuário e o lugar, considerarem-se aspectos emocionais, afetivos e intelectuais. Conclui-se que apesar dos pontos negativos percebidos e apontados pelos participantes, como a ausência de serviços, a insegurança e a má mobilidade, há o desejo da permanência no local de moradia. Não se mostrou relevante à decisão da moradia, o vínculo com a vizinhança.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar de temas tão caros aos idosos, a relação com o espaço de moradia, compreendeu-se que a inacessibilidade emocional apontada pela percepção negativa de aspectos físicos a nível meso, mostrou-se recorrente nesse experimento, nos diversos bairros da capital paraibana, fato que poderá ser responsável pelo desejo de não se envelhecer no lugar.

Em contrapartida, se o *ageing in place* for a opção definida para se morar na velhice, por ser considerada a mais humanizada, oferecer sentimentos de segurança, conexão, apego, vínculo ao lugar e familiaridade em relação aos lares e comunidade, ao se

avaliar o espaço urbano dessa amostra, constatou-se não haver correlação entre o entorno imediato de vizinhança, e a decisão de permanência nesses locais, por não proporcionarem autonomia, segurança e independência às pessoas idosas, critérios intrínsecos ao envelhecimento ativo e saudável, além de aspectos subjetivos como: ambiência, aconchego e bem-estar.

Tais achados, demonstram a carência de um olhar mais cuidadoso e célere às questões relacionadas a ambiência urbana e a pessoa idosa, tendo em vista o iminente envelhecimento populacional. Foi possível compreender, que tudo se inicia com a relação pessoa-ambiente e com as emoções, que, por sua vez, são responsáveis pela percepção do espaço físico pelo idoso, que resultam no desenvolvimento dos afetos, vínculo com o lugar e a apropriação do espaço. E que a inacessibilidade reflete nas oportunidades que o ambiente oferece à comunidade idosa prejudicando sua participação e inclusão social.

10. REFERÊNCIAS

Albuquerque, D.S. et al. (2018). Contribuições teóricas sobre o envelhecimento na perspectiva dos estudos pessoa-ambiente. Psicologia USP. 29(3). 442-450. USP. http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420180142.

Bigonnesse, C. e Chaudhury, H. (2021). Ageing in place processes in the neighbourhood environment: a proposed conceptual framework from a capability approach. European Journal of Ageing. 19(1). 63–74. https://doi.org/10.1007/s10433-020-00599-y

Bomfim, Z.A.C. et al (2018). Emoções e afetividade ambiental, Em: S. Cavalcante e G.E. Elali (Orgs.). Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente (pp.61-74). Vozes.

Del Rio, V (1999). Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. Em: V. Del Rio e L. Oliveira (Orgs.). Percepção ambiental: a experiência brasileira (pp.3-22). Studio Nobel.

Duarte, C. R. S. (2015). A Empatia Espacial e suas implicações nas ambiências urbanas. Revista Projetar 1(1). Natal. ISSN: 2448-296X. https://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2019-11-04/cf578bde7c01b4f25d9457eddacafc85.pdf

Duarte, C.R.S. e Cohen, R. (2004). Afeto e Lugar: A Construção de uma Experiência Afetiva por Pessoas com Dificuldade de Locomoção. Em: Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano. UFRJ.

Duarte, C.R.S. e Cohen, R. (2018). Acessibilidade Emocional. Anais do VII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído 4(2). 6-10. Blucher. ISSN: 2318-6968.https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/acessibilidade-emocional-27866

Elali, G.A. (2009). Relações entre o comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental. Anais do Colóquio Internacional de Ambiências Partilhadas. Proarq/UFRJ.

Forsyth, A. e Molinsky, J. (2021). What Is Aging in Place? Confusions and Contradictions. Housing Policy Debate 31(2). 181-196. DOI: 10.1080/10511482.2020.1793795. https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10511482.2020.1793795

Günther, I. de A. e Elali, G.A. (2018) Docilidade ambiental. Em: S. Cavalcante e G.A. Elali (Orgs). Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente (pp.47-57). Vozes.

Günther, I. de A. e Fagelli, T.B.O. (2011). Estresse ambiental, Em: S. Cavalcante e G.A. Elali (Orgs.). Temas básicos em Psicologia Ambiental (pp.191-197). Vozes.

Giulianni, M.V (2003). Teoria do apego e apego ao lugar. Em: M. Bonnes, T. Lee e M. Bonaiuto (2003). Teorias psicológicas para questões ambientais (pp. 137-170). Ashgte.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). PNAD Contínua. Características gerais dos moradores 2020-2021. IBGE.

Kuhnen, A. e Higuchi, M.I.G (2011). Percepção Ambiental, Em: S. Cavalcante e G. A. Elali (Orgs.). Temas básicos em Psicologia Ambiental (pp.250-266). Vozes.

OMS – Organização Mundial da Saúde (2008). Guia Global: Cidade Amiga do Idoso. Genebra. OMS.

OMS – Organização Mundial da Saúde. (2005). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. (tradução Suzana Gontijo). Brasília. Organização Pan-Americana da Saúde.

ONU – Organização das Nações Unidas (2020), Department of Economic and Social Affairs, Population Division. World population ageing 2019. Genebra. ONU. https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WorldPopulationAgeing2019-Report.pdf

ONU – Organização das Nações Unidas para o Brasil (2016). Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Brasília. Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

Pinheiro, J.Q. (1997). Psicologia Ambiental: A busca de um ambiente melhor. Estudos de Psicologia. 2(2). 377-398. PUC.

Rheingantz, P. et al (2009). Observando a qualidade do lugar Procedimentos para a avaliação pós-ocupação. ProArq. UFRJ.

Silva, C.N. e Verbicaro, C.C. (2016). O mapeamento participativo como metodologia de análise do território. Em:ScientiaPlena.12(6).DOI:10.14808/sci.plena.2016.069934. https://www.researchgate.net/publication/303600066

Thibaud, J-P (2018). Ambiência. Em: S. Cavalcante, G. A. Elali (org.), Psicologia Ambiental- Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente (pp. 13-25). Vozes.

Tuan, Y-F (2015). Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Eduel.

Tuan, Y-F (2015). Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Eduel.

R36

SENSITIVE PALIMPSEST: AN ANALYSIS OF THE AMBIANCES OF LIBERDADE'S SQUARE IN PETRÓPOLIS - RJ

PALIMPSESTO SENSÍVEL: UMA ANÁLISE DAS AMBIÊNCIAS DA PRAÇA DA LIBERDADE EM PETRÓPOLIS - RJ

Yasmim do Prado
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
yasmimmprado@gmail.com

Bárbara Thomaz
Dra. em Arquitetura, Prof. Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
bthomaz@esdi.uerj.br

Glaucineide Coelho
Dra. em Arquitetura, Prof. Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
gcoelho@esdi.uerj.br

Henrique Zachoval
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
enrikyzach@gmail.com

ABSTRACT
Ambience positions time and space as means in which sensory phenomena occur, making daily experience a bias for investigating several temporalities at the same time. This gives rise to the possibility of exploring the relationship between ambience and palimpsest, as a way of studying how ambience can evoke different layers of experience. In this context, a sensitive reading of space is proposed considering that lived experience is a construction composed of sensitive phenomena intertwined by processes of stratification and accumulation over time. The work uses Liberdade's Square in Petrópolis, Rio de Janeiro, as a case study and uses the urban transect as a method. From the results, it is understood that the sensitive layers that composes the urban palimpsest can help in the possibilities of projects and interventions that consider the sensitive elements that make up the space.

KEYWORDS: Palimpsest. sensitive. Ambiances. Public space. Experience

RESUMO
A ambiência posiciona o tempo e o espaço como meios nos quais os fenômenos sensoriais ocorrem, tornando a experiência diária um viés para se investigar várias temporalidades ao mesmo tempo. Surge assim a possibilidade de se explorar a relação entre ambiência e palimpsesto, como uma maneira de se estudar como a ambiência pode evocar diferentes estratos da experiência. Neste contexto, propõe-se uma leitura sensível do espaço considerando que a experiência vivida é uma construção composta de fenômenos sensíveis entrelaçados por processos de estratificação e acumulação ao longo do tempo. O trabalho traz como estudo de caso a Praça da Praça da Liberdade, em Petrópolis no Rio de Janeiro e faz uso do transecto urbano enquanto método. A partir dos resultados, entende-se que as camadas sensíveis que compõem o palimpsesto urbano podem auxiliar nas possibilidades de projetos e intervenções que considerem os elementos sensíveis que compõem o espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Palimpsesto. sensível. Ambiências. Espaço Público. Experiência

INTRODUCTION / INTRODUÇÃO
As cidades são o reflexo da ação do tempo no espaço que se faz encarnado desde dos variados estilos arquitetônicos, modos de construção e configurações urbanísticas, até as diferentes práticas sociais. Esta coexistência de espaços espaciais e sociais representam temporalidades diversas revelando uma complexidade temporal que se faz presente também na ambiência. Definida mais precisamente como espaço-tempo (Thibaud, 2007), a ambiência posiciona o tempo e o espaço como meios nos quais os fenômenos sensoriais ocorrem. Neste sentido, a experiência diária torna-se uma espécie de "interface temporal" (Said, 2019) que permite viajar por várias temporalidades ao mesmo tempo, revelando o caráter dinâmico do tempo.

As diferentes camadas que se entrelaçam e formam a complexidade urbana se desdobram e incorporam uma dimensão temporal que se faz presente não só no espaço, mas também na memória. Evocamos a memória enquanto entidade, substantivo fundamental para a experiência coletiva, uma vez que ajuda a criar uma conexão entre o passado e o presente, influenciando a maneira como grupos sociais apreendem ambiências temporalmente e narram sua história (Fentress & Wickham, 2003, p. 15). O tempo, na perspectiva da ambiência, marca "transições da materialidade para a imaterialidade, onde sons, odores, texturas, movimentos e emoções, tornam-se a principal substância de vestígios e lembranças" (Said, 2019, p.02). Surge assim a possibilidade de se estabelecer uma relação entre ambiência e palimpsesto, como uma maneira de se explorar não só como são construídos vínculos entre passado e futuro (Said, 2014), mas também como a ambiência pode evocar diferentes estratos da experiência. Um palimpsesto é definido como um pergaminho, uma base bidimensional para escrita, que passou por processos de apagamento e reescrita (Michaelis,2024), podendo ser entendido como algo que geralmente possui diversas camadas ou aspectos aparentes abaixo de uma superfície. Introduzido como uma metáfora no urbanismo (Corboz, 1980), o termo palimpsesto destaca a dimensão temporal na composição de um território, podendo ser aplicado sob outras perspectivas que incluem as ambiências (Said, 2019).

Neste trabalho, propõe-se a relação entre ambiência e palimpsesto como abordagem de estudo dos possíveis estratos sensíveis de presentes no espaço, explorando diferentes temporalidades. Com o objetivo de identificar as camadas sensíveis que contribuem para a construir uma experiência coletiva, e podem estabelecer um significado e uma singularidade para cada território em sua vivência e memória, o trabalho traz como estudo de caso a Praça da Praça da Liberdade, em Petrópolis no Rio de Janeiro. A Praça, que foi inaugurada em 1821, está atualmente onde era o Pelourinho da cidade e se configura como um dos principais pontos de referência entre os habitantes, tanto por sua história como por suas atividades de lazer.

A pesquisa faz uso do transecto urbano, método geográfico introduzido no campo da arquitetura e urbanismo, que permite a articulação entre diferentes componentes do ambiente urbano que geralmente são considerados separadamente: forma urbana, práticas sociais e fenômenos sensoriais. Neste trabalho o transecto é explorado como uma ferramenta de observação e representação ao longo de um caminho linear, de maneira a auxiliar na identificação de seções urbanas a partir de itinerários sensoriais (Said, 2018; Tixier, 2020).

Neste sentido, parte-se do pressuposto que assim como o espaço, a ambiência incorpora uma temporalidade que enriquece o presente com uma recomposição elementos do passado. Por reunir diferentes estratos da sociedade, variadas experiências, costumes do passado e práticas cotidianas a ambiência conjuga os diversos elementos, sendo um meio de se investigar a temporalidade na experiência espacial

2. AS AMBIÊNCIAS E A TEMPORALIDADE NA EXPERIÊNCIA ESPACIAL

Por remontar uma experiência espaço-tempo a ambiência possibilita relembrar experiências passadas no tempo presente de forma voluntária ou involuntária. De acordo com Fentress e Wickham (2003, p. 16), a memória social é uma lembrança coletiva que envolve a estrutura interna e o modo de transmissão de memórias dentro de um grupo social, sendo seletiva, distorcida e muitas vezes imprecisa, mas pode ser muito precisa quando a recordação é socialmente importante. Halbwachs (1990) embasa o discurso de Fentress e Wickham (2003) quando afirma que a memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos: "É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo" (Halbwachs, p. 56). Assim, ao reunir costumes, experiências e práticas cotidianas, as ambiências conjugam elementos e aspectos do presente e do passado, consolidando-se como um importante viés de compreensão do meio.

A partir desse entendimento, é pertinente considerar que a memória desempenha um papel preponderante na constituição dos grupos sociais e em suas percepções espaço-temporais. Ela é utilizada como uma ferramenta de reconstrução ou construção do passado, conformando as identidades dos grupos, no presente (Fentress & Wickham, 2003, p. 15). Por isso, também segundo Halbwachs (1990), "de todas as 'interferências coletivas' que correspondem à vida dos grupos, a lembrança é como a fronteira e o limite: coloca-se na intersecção de várias correntes do 'pensamento coletivo'" (Halbwachs, 1990, p. 6).

> [...] Os tipos de lembranças que se compartilham com outras pessoas são aqueles que são importantes no contexto de um grupo social de um tipo particular, seja ele estruturado e duradouro (uma família; os trabalhadores de uma fábrica; uma comunidade) ou informal e possivelmente temporário (um grupo de amigos que frequentam o mesmo bar; uma refeição) [...].[1] (Fentress & Wickham, 2003, p. 14).

Investigar os elementos sensíveis das ambiências explorando o entrelace entre passado e presente demanda outra forma de acesso à história urbana e novos meios de reconstruir a narrativa histórica (Thibaud, 2021). Neste sentido, entende-se que a representação temporal a partir de uma linha do tempo vetorial, embora recorrentemente utilizada, não corresponde à realidade da experiência, uma vez que a presença do passado e o futuro no presente é dinâmica, constituindo-se de maneira não linear. Essa interação entre o espaço físico e as memórias sociais permite que as

1 [Tradução livre das autoras] "[...] Los tipos de recuerdos que se comparten con otras personas son los que les resultan importantes en el contexto de un grupo social de una clase particular, ya sea estructurado y duradero (una familia; los trabajadores de una fábrica; un pueblo) o informal y puede que temporal (un grupo de amigos que acuden al mismo bar; una comida) [...]". (Fentress & Wickham, 2003, p. 14).

ambiências urbanas se configurem como palimpsestos, onde múltiplas camadas de tempo e memória se sobrepõem, proporcionando uma compreensão complexa do ambiente vivido.

O palimpsesto surge para Corboz (1983) como uma maneira de nomear a complexidade temporal que caracteriza a paisagem contemporânea, tornando-se uma abordagem cabível para investigar a perspectiva sensível e sua associação com a questão do tempo. Para Said (2018) para além de uma representação, o palimpsesto se consagra como uma forma muito singular de ler o passado, que necessariamente não está relacionada a lidar com um período específico; trata-se de construir cruzamentos com o passado e apresentar experiências a fim de estabelecer uma visão evolutiva e dinâmica do espaço temporalmente. É uma investigação que explora diferentes passados através da vivência do presente e da imaginação do futuro. São camadas que perpassam a materialidade e a imaterialidade e que se entrelaçam ao tempo, que trazem a complexidade temporal, histórica e de representação da cidade (Said, 2018) e desempenham um papel no resgate das realidades físicas e sociais. Tal complexidade é composta de diferentes aspectos e consolidada a partir de materiais que são testemunhos da vida cotidiana em diversas escalas espaciais e temporais.

Complexidade temporal:	Composta por várias camadas de tempo sobrepostas, onde o passado não é singular, e sim múltiplo;
Complexidade histórica:	Abrange diferentes histórias: história espacial, das práticas sociais, a história sensorial inseparável da memória;
Complexidade da representação da cidade:	Representa, registra e descreve as condições urbanas do passado a partir de documentos que preservam determinados momentos das cidades, e que auxiliam no acesso da memória sensorial. Apresenta uma diversidade de fontes como pinturas, fotografias, documentários, romances, histórias de viagens, documentos multimídia (sônicos e visuais)

Tabela 1. Composição das diferentes complexidades
Fonte: Adaptado de Said (2018).

Segundo Said (2014) a reflexão sobre o tempo no palimpsesto ilustra a ambiência em "duração", considerando também o tempo da experiência. A partir do estudo da Praça da Liberdade torna-se possível explorar como as memórias se entrelaçam em um palimpsesto, criando sobreposições de narrativas coletivas que também moldam a identidade do lugar. Depara-se, assim como um desafio onde a ambiência, enquanto encontro temporal, traz à tona a multiplicidade do meio urbano que se manifesta em uma grande quantidade de informações sobre o lugar estudado e sua temporalidade. É na tentativa de se explorar os diversos elementos e camadas que se sobrepõem e entrelaçam, que se recorre a aplicabilidade do transecto como ferramenta de análise.

2.1. O Transecto como ferramenta de análise

O transecto é uma ferramenta do campo da geografia, cuja potencialidade de reunir diferentes informações em uma única representação possibilitou sua aplicação e utilização nos estudos das ambiências. Implementado inicialmente por Tixier (2010) no estudo de percursos sensíveis, o transecto tem sido uma ferramenta que tem se mostrado pertinente em investigações relacionadas à exploração das ambiências urbanas. Desde então, tem-se presenciado a utilização do transecto em associação com outros métodos e ferramentas (Said, 2014), principalmente no estudo de exploração urbana sensível.

O transecto urbano representa linearmente o território, atravessando os diversos espaços que compõem o meio espacial em estudo. Pode ser traçado em um plano relacionado a uma macroescala, destacando as variadas formas urbanas, ou na seção que trata da microescala e se relacionado ao entendimento das configurações espaciais - relação entre a fachada e a rua, altura do edifício, práticas sociais, presença corporal, entre outros. Para este trabalho, o corte urbano está voltado para a exploração das camadas sensíveis relacionadas à experiência e sua relação com as possíveis temporalidades presentes da Praça da Liberdade em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Neste sentido, o transecto surge como possibilidade de navegar entre diferentes escalas, mostrar o corpo no espaço, identificar os diferentes elementos espaciais que definem os espaços de transição a partir de uma seção no contexto urbano. A partir desta identificação, foi traçado um transecto urbano, a fim de definir o espaço estrutural. Em macroescala é possível fazer divisões de 50x50 metros ao longo do eixo e em seguida, escolher um ponto preciso para fazer o registro do lugar e suas práticas. Entretanto no caso deste estudo de caso, a praça, optou-se por fazer um percurso linear a partir do que foi observado enquanto experiência coletiva.

Devido a grande quantidade de informações a partir do que foi coletado tanto nas pesquisas in loco quanto em documentação, assim como a extensão territorial da praça, recorreu-se a representação do palimpsesto em associação com dois métodos. Além do transecto, toma-se como base o uso da estratigrafia (Said, 2018), no contexto da representação temporal. Ramo da geografia a estratigrafia estuda, descreve e classifica estratos (camadas rochosas) correlacionando-as espacialmente e temporalmente. Além de reforçar graficamente a representação do território como uma espécie de palimpsesto, a seção temporal assume a forma de uma coluna estratigráfica. Torna-se, assim, possível o andamento da pesquisa de maneira dinâmica sem que seja necessário seguir uma ordem cronológica linear.

3. A PRAÇA DA LIBERDADE COMO PALIMPSESTO

Situada no estado do Rio de Janeiro, Petrópolis, tem seu surgimento relacionado diretamente à família Real, tendo edificações e espaços que datam do século XIX, época de sua elevação de vila para cidade (1857). A cidade apresenta diferentes estilos arquitetônicos, de épocas distintas, sobretudo na parte do centro histórico

que hoje tem seu perímetro tombado pelo IPHAN (Drach et al, 2020). Por sua forte relação com o Brasil Império, considerado ainda hoje um dos principais atrativos turísticos da região, Petrópolis tem em suas ruas, edificações e espaços públicos resquícios tanto materiais quanto imateriais de seu passado que se entrelaçam fortemente com a experiência cotidiana do lugar. Um exemplo disto é a constante alusão a antigos espaços que remetem a edifícios e espaços que materialmente são inexistentes que persistem em ser utilizados pelos habitantes como referência por sua nomenclatura, inclusive por aqueles que não tiveram vivência em tais espaços. Este é apenas um, dos variados exemplos, de como a história e a memória coletiva se entrelaçam com o cotidiano da cidade, sobretudo de maneira imaterial.

Sendo o espaço público um recorte das dinâmicas socioespaciais da cidade, a Praça da Liberdade serve como ponto de estudo neste trabalho. Situada no encontro de avenidas importantes no Centro histórico como Avenida Roberto Silveira, Avenida Koeler, Rua Dr. Nelson de Sá Earp e Rua Barão do Amazonas, a Praça da Liberdade é uma das principais referências da cidade para seus habitantes e a maior, em área, do Centro Histórico, com uma superfície de 21.275 metros quadrados (Ambrozio, 2013) (figura 1). Consideramos que ela se configura como um palimpsesto onde diferentes camadas de memórias sociais se sobrepõem, criando uma complexidade temporal repleta de significados coletivos.

Segundo fontes históricas documentais - mapas e fotografias - antes de se tornar Praça, o local era um Largo onde ficava o Pelourinho da cidade, sendo local de castigo e tortura de escravos e ladrões. Durante a semana os que iam ser castigados ficavam expostos, fazendo com que a população passasse frequentemente pelo local, e aos fins de semana, quando aconteciam os castigos, a população se reunia no local para acompanhar os acontecimentos. Inicialmente o espaço foi chamado de Largo Dom Afonso, como homenagem póstuma ao filho primogênito de D. Pedro II. Era um lugar sem muito cuidado ou tratamento paisagístico, até que em 1886, com a vinda de Auguste Glaziou a Petrópolis, o local recebeu um projeto paisagístico. Foi denominada Praça da Liberdade em 1888, porque foi onde os escravos se reuniram para comemorar o sancionamento da Lei Áurea.

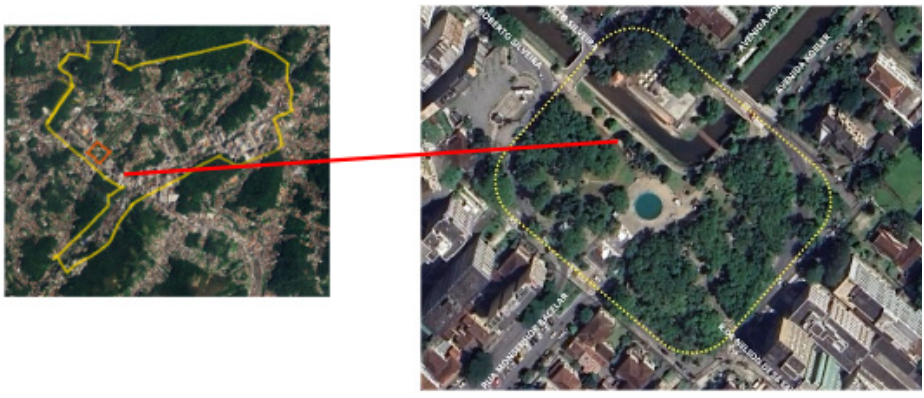


Figura 1. Localização da Praça da Liberdade: em vermelho a praça e em amarelo o perímetro fundacional da cidade.
Fonte: Adaptado, 2024.

A Praça passou por uma remodelação, em 1914 recebendo um rinque de patinação, além de canteiros de flores e plantio de árvores. Em 1923 teve o nome alterado para Praça Rui Barbosa, porém, como os habitantes continuaram a chamar de Praça da Liberdade, o nome foi retomado. A Praça passou por grande reforma em 1964 tendo o coreto, as palmeiras imperiais e a ponte de madeira dentre as características mantidas. Atualmente é um dos principais pontos de lazer de Petrópolis possuindo Parque infantil cercado, fonte com iluminação, bar e restaurante, que fazem dela uma opção de entretenimento para todos os públicos (figura 2). Considerada um local popular para encontros sociais, nela é possível ver pessoas passeando, descansando e interagindo socialmente. Também é comum ver nela a prática de exercícios, principalmente caminhadas, ou até mesmo o uso de seus bancos e áreas gramadas para permanência.

Figura 2. Imagens da Praça da Liberdade
Fonte: Vargas, 2024.

Embora reúna diversas atividades, durante grande parte da semana a praça é mais utilizada como passagem, diferenciado totalmente da sua ambiência dos momentos de permanência. As diferentes ambiências que coexistem em sua grande extensão e sua relação com a origem da cidade foi o um dos pontos que levaram ao interesse de sua exploração. Por ser um estudo ainda em andamento, o que se apresenta a seguir é um recorte da pesquisa.

3.1. Explorando a Praça da Liberdade

Como primeira etapa, buscou-se identificar o esqueleto principal do palimpsesto através do estabelecimento de fronteiras espaciais e temporais a partir de uma pesquisa piloto realizada na praça da Liberdade. Esta primeira aproximação fez uso da observação participante pelo período de um mês e teve o intuito de identificar pontos de reunião coletiva na praça, assim como marcar a linha do transecto (figura 3).

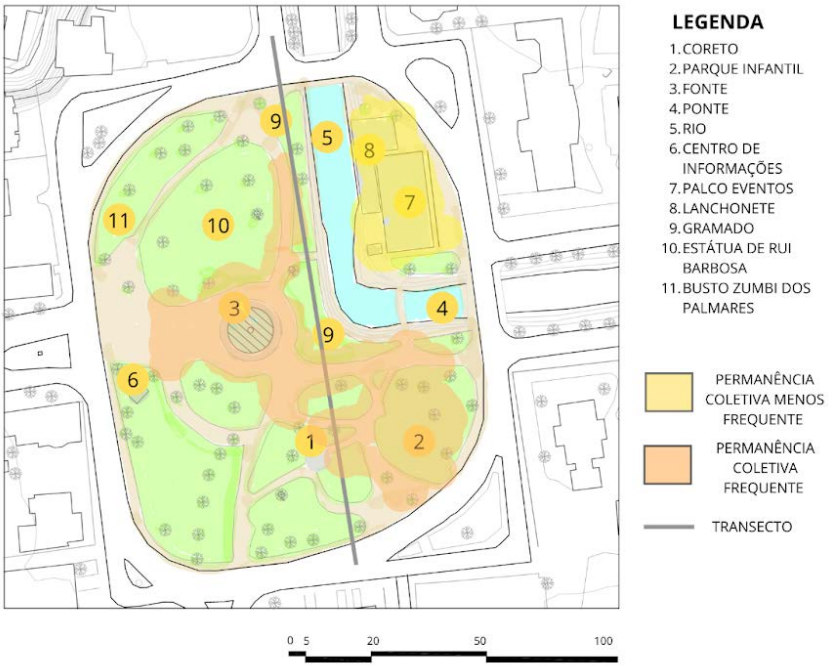


Figura 3. Mapeamento de espaços com concentração de pessoas
Fonte: Autores, 2024

A partir da observação participante foi feito um mapeamento dos pontos de experiência coletiva, que após identificados, foram investigados a partir de associação livre. Em linhas gerais, a associação livre consiste em exprimir e evocar indiscriminadamente, mas num estado consciente, todos os pensamentos - neste caso relacionado ao local estudado - quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem, sonho, etc.), quer de forma espontânea. O que se buscou foi evocar ideias, elementos, aspectos a fim de se descobrir conexões sensíveis entre os espaços e as experiências ali vividas como uma maneira de hibridizar trechos espaciais com itinerários sensoriais (Tixier et al, 2010). A amostra foi formada por pessoas entre 18 e 70 anos, de ambos os sexos e moradores da cidade frequentadores da praça. Nesta etapa a pesquisa foi realizada *in loco,* e foi solicitado que os participantes respondessem aos questionamentos com a primeira coisa que viesse à mente. As perguntas se concentraram em torno de sensações, práticas no espaço, lembranças do/no lugar e experiências coletivas. Embora a pesquisa estivesse relacionada a uma única palavra, não era incomum que os participantes quisessem falar um pouco mais sobre suas experiências no espaço. Tal iniciativa de trazer mais informações foi considerada essencial, uma vez que auxiliou a contextualizar algumas respostas, demonstrando que as lembranças apareciam fortemente vinculadas a elementos espaciais e auxiliando na representação do palimpsesto (figura 4).

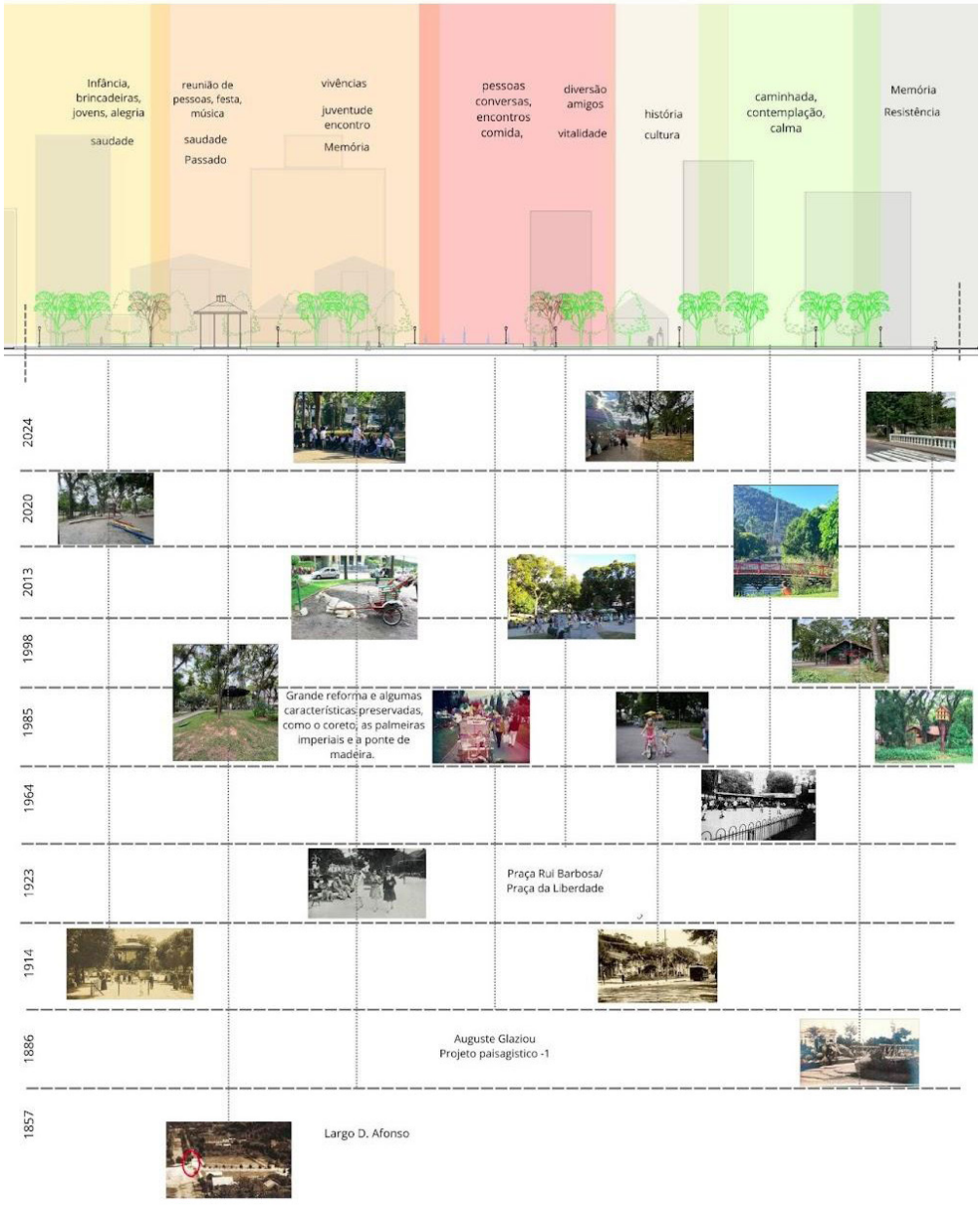


Figura 4. Representação do palimpsesto a partir do transecto e estratigrafia
Fonte: Autores, 2024.

Além da associação livre, nas idas a campo também foram feitos alguns croquis etnográficos, ainda de maneira preliminar, já que se pretende fazer uso enquanto procedimento metodológico mais à frente na pesquisa. Entretanto, já foi possível

identificar um aspecto interessante em relação às cores. Coincidentemente as cores utilizadas nos croquis são as cores que aparecem nas fotografias documentais de tempos passados, o que foi incorporado enquanto parte da representação do transecto.

No geral, os frequentadores consideram que houve transformações ao passar do tempo, nas atividades de lazer que existiam no espaço. Mas é notável que mesmo não havendo mais tais atividades, as práticas seguem acontecendo. O espaço de contemplação continua o mesmo sem haver um suporte espacial (por exemplo bancos) que fortaleça a prática. Conjectura-se, assim, o motivo pelo qual é recorrente ver pessoas se aglomerando em locais cujo espaço não oferece mais suporte material para atividade que ali existia no passado, mas que as práticas persistem como maneira de manter a imaterialidade presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da perspectiva temporal, a ambiência revela a pluralidade do meio urbano que se manifesta em camadas relacionadas às realidades físicas e sociais do lugar. Tecidas pelo tempo, tais camadas perpassam a materialidade e a imaterialidade e evidenciam a duração da ambiência, que embora se faça no presente, se constrói de eventos passados e anseios futuros. No contexto da arquitetura e urbanismo se considera que o termo palimpsesto em associação ao estudo da ambiência reintroduz tempo da experiência, que ao ser tomado como agente, pode ser integrado ao projeto arquitetônico e práticas de planejamento. Esse agente, que é co-construído pelas recordações coletivas, influencia como os grupos sociais interpretam seu passado e constroem sua identidade no presente, moldando ambiências e sendo moldados por elas.

5. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Ambrozio, J. (2013) Petrópolis: o Presente e o Passado no Espaço Urbano:uma História Territorial. Escrita Fina.

Corboz, A. (1980) El territorio como palimpsesto. In A. Ramos (Ed.), Lo urbano em 20 autores contemporáneos (Vol. 1, pp. 25-34). UPC.

Drach, P.; Silva, G.P;Barcellos, F. A.; .Martins, T. S.., .Araújo, J. M.; Freitas, L. (2020). Evolução urbana do centro histórico de Petrópolis: : processo de arqueologia da paisagem 1860-2020. Revista De Morfologia Urbana. https://doi.org/10.47235/rmu.v8i2.150

Fentress, J., & Wickham,, C. (2003). Memoria social (C. M. Gimeno, Trad.). Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S. A.).

Halbwachs, M. (1990). A memória coletiva (L. L. Schaffter, Trad.). Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais.

Said, N. G. (2014) Vers une écologie sensible des rues du Caire: le palimpseste des ambiances d'une ville en transition.(Tese de doutorado) Université Grenoble Alpes, France.

Said. N. G. Temporal Sections Conceptual Tool: Articulating Space and Time in Representing Urban Ambiances. SHS Web of Conferences 64 https://doi.org/10.1051/shsconf/20196401014

Michaelis. Dicionário brasileiro da Língua portuguesa. https://michaelis.uol.com.br/

Tixier, N. (2020) Cortar a cidade pelo meio: ambiências, transectos e projetos In Duarte, C. R; Pinheiro, E. Arquitetura, Subjetividade e Cultura: Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo. RioBooks.

Tixier, N.; Melemis, S; Brayer, L. (2010). Urban Transects. https://www.researchgate.net / publication/280819776_Urban_Transects

Thibaud, J-P. (ed.). (2007). Variations d'ambiances : processus et modalités d'émergence des ambiances urbaines . Grenoble : Cresson, Rapport de recherche. n°67. 310 pages.

Jean-Paul Thibaud. (2021)A brief archaeology of the notion of ambiance. Unlikely. Journal for CreativeArts, In press. ffhal-02568186ff

R36

A LOOK AT THE AMBIANCES, USES AND PERCEPTIONS IN NAURO MACHADO SQUARE - IN THE HISTORIC CENTER OF SÃO LUÍS

UM OLHAR SOBRE AS AMBIÊNCIAS, USOS E PERCEPÇÕES NA PRAÇA NAURO MACHADO - NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS

Diego Roland
Arquiteto e urbanista, mestrando no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional (PPDSR)
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
diegovmroland@gmail.com

ABSTRACT

The article explores the concept of sensitive atmospheres, relating it to alterity and affection, focusing on historical urban contexts and highlighting how the physical and sensory properties of environments influence perceptions of space. Drawing on Thibaud (2004) and Duarte and Pinheiro (2013), it is argued that urban space is a living organism shaped by interactions between bodies and activities. Using the Nauro Machado square in São Luís, Maranhão, as a case study, the research adopts a phenomenological approach, with observations and interviews, to understand the dynamics of the location. The results show that the diversity of users and cultural events enriches the urban experience, promoting safety and a sense of belonging, and highlight the importance of sensory and cultural elements in the management of urban spaces.

KEYWORDS: ambiances. alterity. affection. Historical Center of São Luís. Nauro Machado Square.

RESUMO

O artigo explora o conceito de ambiências sensíveis, relacionando-o com os de alteridade e afeto, focando em contextos urbanos históricos e destacando como as propriedades físicas e sensoriais dos ambientes influenciam as percepções sobre o espaço. Com base em Thibaud (2004) e Duarte e Pinheiro (2013), argumenta-se que o espaço urbano é um organismo vivo moldado pelas interações entre corpos e atividades. Utilizando a Praça Nauro Machado em São Luís, Maranhão, como estudo de caso, a pesquisa adota uma abordagem fenomenológica, com observações e entrevistas, para entender as dinâmicas do local. Os resultados mostram que a diversidade de usuários e eventos culturais enriquece a experiência urbana, promovendo segurança e pertencimento, e destacam a importância de elementos sensoriais e culturais na gestão de espaços urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. alteridade. afeto. Centro Histórico de São Luís. Praça Nauro Machado.

1. INTRODUÇÃO

As interações entre indivíduos e espaços envolvem relações sensoriais, emocionais e culturais, nas quais as ambiências sensíveis integram as experiências entre corpo e espaço no cotidiano. Elas são fundamentais para compreender como os espaços moldam e são moldados pelas atividades e interações dos habitantes (Thibaud, 2004). Em cidades históricas, como São Luís, capital do Maranhão, lugares como a Praça Nauro Machado, inserida em um entorno considerado Patrimônio Mundial da Humanidade[1], desempenham um papel essencial na preservação da identidade cultural e do patrimônio arquitetônico.

Compreender as dinâmicas contemporâneas que permeiam espaços urbanos históricos é um desafio. É essencial investigar como o ambiente físico e suas particularidades contribuem para a formação de um espaço que reconheça e valorize diferentes identidades. Este artigo analisa as ambiências sensíveis do lugar arquitetônico, explorando suas características físicas, históricas e culturais, as dinâmicas de interação e uso do espaço pelos grupos sociais, como a diversidade de identidades se manifesta e afeta as ambiências no local, e as experiências dos frequentadores em relação a essas ambiências.

A partir do proposto, a pesquisa adota uma abordagem fenomenológica para investigar as dinâmicas sensoriais na praça, através de visitas, observações e entrevistas, visando captar as interações sociais e as percepções dos frequentadores. Nos tópicos seguintes serão apresentadas, de forma mais aprofundada, as discussões teóricas e metodológicas, a caracterização do espaço e os resultados obtidos em campo.

2. AMBIÊNCIAS SENSÍVEIS E/EM CONTEXTOS URBANOS HISTÓRICOS

O conceito de ambiências sensíveis abrange o ambiente urbano, suas estruturas físicas e as interações contínuas entre corpos e atividades. Ele descreve como características físicas, culturais, de uso e temporais agem inconscientemente nas relações cotidianas, conectando aspectos imateriais à espacialidade material (Thibaud, 2004). O corpo é central nesse processo, pois percebe o mundo através dos sentidos, gerando emoções e sensações. Como 'aparelho sensível', o corpo sente, percebe, se move, reconhece e interage com a ambiência urbana, influenciando e sendo influenciado por ela (Duarte e Pinheiro, 2013, p. 6).

Inerentes ao conceito de ambiência, alteridade e afeto são essenciais para entender as experiências sensoriais e o sentimento de pertencimento nas cidades. A alteridade surge com a presença do Outro e na "aceitação da existência de outras identidades

1 Devido ao seu conjunto arquitetônico luso-brasileiro, traçado urbano preservado e diversidade cultural influenciada por franceses, portugueses, holandeses, indígenas e africanos, o Centro Histórico de São Luís foi declarado patrimônio federal em 1955 e Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1997 (Maranhão, 1997).

além da minha", enquanto o afeto se entrelaça com as ambiências, por expressar a "possibilidade de afetar-se com o Outro, podendo este Outro ser, inclusive, um lugar, uma cidade, e não necessariamente uma pessoa" (Duarte e Pinheiro, 2013, p. 7 e 9). Assim, esses conceitos se relacionam e se materializam através de uma experiência ativa, mútua e sincrônica.

Em contextos históricos, a discussão sobre ambiências urbanas abrange um campo mais amplo, envolvendo a vivência e a reinterpretação contínua de espaços que carregam a memória e identidade cultural de uma cidade. No século XX, a noção de ambiência foi formalizada em documentos como a Recomendação de Nairóbi (1976)[2], que define a ambiência como o "enquadramento dos conjuntos históricos" e o meio envolvente que influencia sua percepção. Os Princípios de La Valetta (2011)[3] retomam essa definição através do conceito de "espírito do lugar", integrando elementos tangíveis e intangíveis, como edifícios, paisagens, memórias, narrativas e rituais (Viegas e Teixeira, 2015).

A ambiência histórica é a integração entre um bem cultural, suas partes constituintes, e seu entorno, determinada por conexões históricas, sociais, econômicas e culturais (Viegas e Teixeira, 2015). Desse modo, compreender as ambiências sensíveis e seu papel nos espaços urbanos é essencial para uma abordagem holística da cidade, abrangendo percepção sensorial, interações corporais, culturais, históricas e memórias coletivas.

3. METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa que utiliza investigação bibliográfica para formular a base teórica e trabalho de campo para apreender características do lugar. Guiada pela Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1999), a pesquisa busca compreender a experiência humana através da subjetividade e historicidade, explorando a interação entre o sujeito e o mundo, incluindo objetos culturais, relações sociais e experiências afetivas. Merleau-Ponty argumenta que a percepção sinestésica, essencial para nossa compreensão do mundo, é frequentemente ofuscada pelo conhecimento científico, que substitui a experiência direta por deduções baseadas na organização corporal e na concepção física do mundo.

As ferramentas metodológicas incluíram visitas à praça durante três semanas, em sete dias não consecutivos e em horários variados, para captar as dinâmicas do lugar. O pesquisador realizou observações, fotografias e mapeamentos das ações, além de entrevistas semiestruturadas com frequentadores. Utilizou-se a Observação Incorporada (Rheingantz et al., 2009), que considera as relações entre o pesquisador

2 A Recomendação de Nairóbi, orienta a preservação de conjuntos históricos, enfatizando a importância de proteger seu valor cultural e integrá-los na vida contemporânea, considerando seu papel social e econômico.

3 Princípios adotados pelo Conselho da Europa para orientar a conservação integrada dos patrimônios arquitetônicos e arqueológicos.

e o ambiente, permitindo captar aspectos que uma postura neutra não revelaria. A partir das observações, foram feitas anotações sobre as dinâmicas espaciais e mapas que identificaram usos, layouts, fluxos e relações espaciais, complementados por entrevistas para apreender diferentes percepções e experiências dos frequentadores.

4. PRAÇA NAURO MACHADO: FORMAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO

No Centro Histórico de São Luís, a área da atual Praça Nauro Machado originalmente abrigava a sede da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão[4]. Após a falência da Companhia, o local se deteriorou e se tornou um terreno baldio até o final dos anos 1970. A partir de 1979, a praça foi construída como parte do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís (PPRCHSL)[5]. Ela passou por diversas intervenções ao longo dos anos, e desde uma que ocorreu em 2002, passou a se chamar Praça Nauro Machado[6] (Andrès, 2012).

Atualmente, a última intervenção aconteceu em 2015, em parceria entre os poderes estadual e municipal. Com uma área de 2.200m², já teve sanitários públicos, fraldários e um palco para apresentações artísticas, que não existem mais. Próxima ao Teatro João do Vale e a instituições culturais, de ensino e administrativas, além de bares, restaurantes, lojas de artesanato e outras áreas públicas, tornou-se um ponto central de convergência. O Terminal de Integração da Praia Grande também atrai visitantes, facilitando o acesso e aumentando a frequência de pessoas.

A Nauro Machado é circundada pela Rua da Estrela e pela Travessa Marcellino Almeida, a primeira, arborizada no trecho próximo à praça, com árvores de grande porte que possuem bancos em seu entorno. No perímetro interno da praça estão presentes: grama, arbustos de pequeno e médio porte, e árvores de médio porte. Também possui bancos sem encosto, e iluminações variadas dispostas em seu perímetro e abriga as esculturas dos Pregoeiros, que são marcos culturais significativos (figura 1).

---

4 Empresa destacada na produção de algodão e arroz no período pombalino, que visava impulsionar o comércio e a agricultura no Brasil colonial por meio de monopólio comercial e investimentos em infraestrutura.

5 O PPRCHSL foi implementado em seis etapas, estendendo-se por quase três décadas, de 1979 a 2002. Este programa teve como objetivo a preservação e revitalização da área histórica da cidade, com foco inicial no bairro da Praia Grande devido ao seu estado avançado de degradação e à concentração de importantes conjuntos de arquitetura urbana.

6 Nauro Diniz Machado (1935-2015) foi um renomado poeta autodidata maranhense, jornalista e advogado, nascido em São Luís. Sua obra poética, marcada pela introspecção e pela reflexão sobre a condição humana, o tempo e a cidade, influenciou profundamente a cultura literária do Maranhão e do Brasil.

Figura 1. Localização e implantação da Praça Nauro Machado.
Fonte: Autoria própria (2024).

Alguns elementos centrais do espaço público são: seus dois núcleos, que se comportam de maneiras diferentes durante o dia; a escadaria, que atrai jovens de diversas áreas da cidade para encontros, além de turistas; e a base policial do reviver, localizada dentro do perímetro do logradouro.

Enquanto importante símbolo cultural no Centro Histórico de São Luís, a Praça Nauro Machado é palco de exposições, manifestações culturais e encontros comunitários. Ela atrai moradores, visitantes e turistas, funcionando como um ponto de socialização diária graças à sua localização e infraestrutura que inclui bares, lojas, restaurantes e instituições. A praça também recebe grandes eventos, como festivais e shows de artistas nacionais, e, desde 2016, tem situado um dos arraiais do Centro Histórico, sendo vital para a manutenção da área como espaço ativo. No entanto, no ano deste estudo, o arraial tradicional não ocorreu devido a decisões do poder público.

5. AMBIÊNCIAS SENSÍVEIS DO LUGAR

Para apreender as diversas ambiências do lugar arquitetônico, foram realizadas visitas à praça com base na Fenomenologia da Percepção e influenciadas pela Observação Incorporada. As visitas ocorreram nos dias 15, 16, 17, 18, 19 e 27 de junho, e no dia 5 de julho de 2024, com duração de uma a duas horas cada, e em diferentes horários, para captar as variações das ambiências em momentos distintos. A escolha desse período, o mesmo das festas juninas, muito importantes no Maranhão, foi estratégica,

pois atrai mais visitantes da cidade e turistas de diversas regiões, contribuindo para uma visão abrangente sobre as apropriações da praça.

5.1 DINÂMICAS DO LUGAR ARQUITETÔNICO

A primeira visita ocorreu na manhã ensolarada de sábado, 15 de junho de 2024, das 10:00h às 12:00h. O ambiente estava limpo, com profissionais de limpeza em atividade; e, a presença de carros da polícia na Rua da Estrela transmitia segurança. Haviam poucos frequentadores: alguns turistas fotografando e comprando bebidas, e um grupo de estudantes nos bancos sob as árvores, reclamando do atraso na instalação das bandeirinhas de São João, que em outros anos eram comumente colocadas nos primeiros dias do mês. Devido ao forte sol, as áreas principais da praça estavam vazias, com as pessoas preferindo a sombra das árvores (figura 2).

Figura 2. (a) Vista da escadaria; (b) Viatura policial estacionada; (c) Pessoas caminhando no final da observação.
Fonte: Autoria própria (2024).

No domingo, 16 de junho, a observação foi feita à noite, das 18:00h às 19:30h, com tempo nublado. O espaço estava movimentado, com muitos frequentadores, quiosques, restaurantes e bares funcionando. Pessoas conversavam na praça, pais e cuidadores caminhavam com crianças, jovens andavam de skate, e havia alta circulação interna e externa. A sensação era de segurança, apesar da ausência de viaturas policiais, com policiamento transitando no entorno. O fluxo e a permanência de pessoas foram marcantes nesse período de observação (figura 3).

Figura 3. Vista panorâmica a partir da Rua da Estrela.
Fonte: Autoria própria (2024).

Na figura 4, observa-se um paralelo entre as percepções dos diferentes dias, destacando a presença mais expressiva de pessoas e a variedade de atividades. Na imagem referente à noite de domingo, é evidente o aumento dos fluxos internos e externos à praça, especialmente nos seus núcleos principais, na escadaria e nos assentos, onde há maior permanência e diversidade de pessoas.

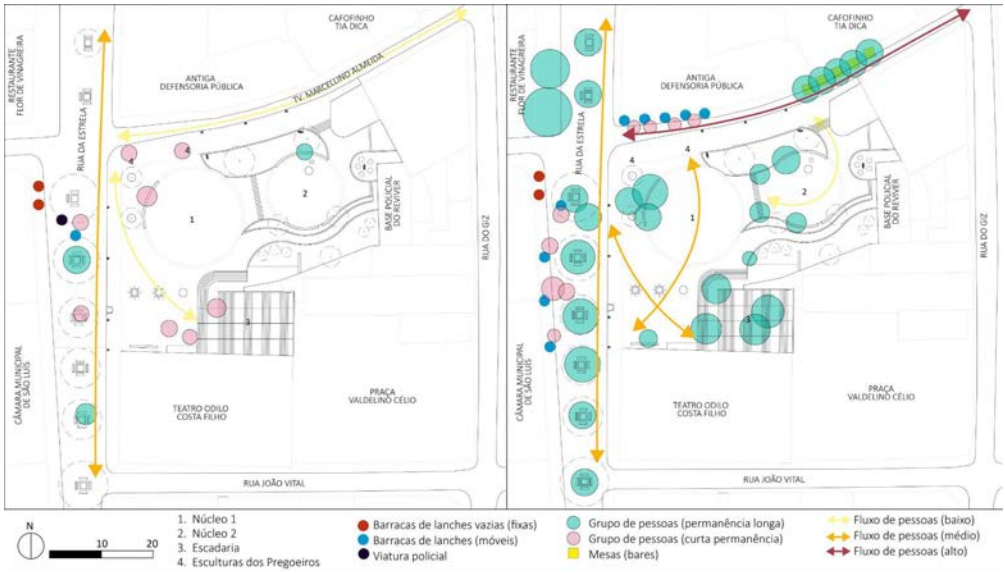


Figura 4. À esquerda, mapa de ações da manhã de sábado; à direita, mapa de ações da noite de domingo.
Fonte: Autoria própria, adaptado de Google Earth (2024).

No terceiro dia em campo, segunda-feira, 17 de junho, das 15:00h às 17:00h, as bandeirinhas juninas foram instaladas ao redor da praça, atraindo mais pessoas. Apesar da movimentação considerável, o forte sol fez com que a área interna da praça estivesse pouco frequentada, com a maioria das pessoas preferindo os bancos sombreados na Rua da Estrela (figura 5).

Figura 5. (a) Pessoas nos bancos da Rua da Estrela; (b) Vista do Núcleo 1 da praça, em direção à Rua da Estrela;
(c) Vista do Núcleo 2 da praça, em direção à Travessa Marcellino Almeidal.
Fonte: Autoria própria, adaptado de Google Earth (2024).

Alguns quiosques estavam presentes, com um cheiro predominante de comida. A permanência no local variava de média a alta, com uma diversidade de grupos presentes: jovens bebendo e conversando, e um grupo de idosos reunido para atividades físicas. Havia policiamento na maior parte do tempo, e a atmosfera era segura.

Na terça-feira, 18 de junho, das 16:00h às 18:00h, observações foram feitas em horário semelhante ao do dia anterior para comparar as dinâmicas. O tempo estava ensolarado com nuvens, o ambiente limpo, e o som predominante era do vento nas bandeirinhas juninas. Inicialmente, o fluxo de pessoas era menor e a permanência semelhante ao dia anterior. Por volta das 16:30h, as principais áreas da praça começaram a ser sombreadas pelas árvores, mas a movimentação interna permaneceu pequena (figura 6).

Figura 6. (a) Vista panorâmica da praça no início da observação; (b, c, d) Praça durante a apresentação da dança folclórica.
Fonte: Autoria própria (2024).

Com o passar dos minutos, um grupo de Cacuriá se aproximou do Núcleo 1 da praça, atraindo a atenção dos presentes e transeuntes (figura 6). A presença do grupo transformou rapidamente a ambiência do local. Pessoas de outras áreas do Centro Histórico começaram a se aglomerar para assistir à apresentação. Assim que o espetáculo começou, a praça, que estava relativamente vazia, encheu-se de pessoas, criando um ambiente vibrante e animado.

Apresentações como a do Cacuriá têm a capacidade de transformar a ambiência de um local, trazendo vitalidade e interação social. Elas atraem uma diversidade de pessoas, promovendo a alteridade e enriquecendo a experiência coletiva. O encontro de diferentes grupos, unidos pelo interesse na expressão cultural, reforça a importância de preservar e incentivar essas atividades, que enriquecem o patrimônio cultural e fomentam o senso de comunidade, tornando os espaços urbanos mais vivos e dinâmicos.

No quarto dia de pesquisa, quarta-feira, 19 de junho, das 20:00h às 21:00h, o clima estava agradável, com várias atividades acontecendo. A iluminação sutil e predominantemente quente, funcionava bem no ambiente. A praça estava bastante movimentada, com mesas dos bares espalhadas pela lateral, na direção da Travessa Marcellino Almeida. Pessoas estavam bebendo, conversando e havia música alta ao redor. Diversos grupos estavam presentes, incluindo famílias com crianças, skatistas circulando entre os núcleos da praça e membros da comunidade LGBTQ+ demonstrando afeto, especialmente na área do núcleo 2 e na escadaria (figura 7).

Figura 7. (a, b) Vistas internas a partir do Núcleo 1, à noite; (c) Vistas internas a partir do Núcleo 2, à noite.
Fonte: Autoria própria (2024).

O sexto dia de visita ao local ocorreu na quinta-feira, 27 de junho, das 8h às 10h. Este horário foi escolhido para identificar como o espaço se comporta no início do dia. Entre todos os outros dias e horários de pesquisa, este foi o que a praça estava mais vazia. A presença de profissionais da limpeza trabalhando era notável, e haviam poucos turistas transitando, que paravam para fotografar-se nas estátuas dos Pregoeiros e na escadaria (figura 8).

Figura 8. (a) Vista panorâmica a partir da Rua da Estrela, pela manhã; (b, c) Vistas da praça final da observação.
Fonte: Autoria própria (2024).

Havia uma relativa sensação de segurança, com uma ronda policial passando eventualmente. A tranquilidade e a limpeza da praça contribuíam para um ambiente sereno. No entanto, a partir das 9h30, o fluxo de pessoas começou a aumentar, principalmente devido ao fluxo de pessoas vindas da Rua da Estrela, em sua maioria turistas, e a ambiência logo começa a mudar aos poucos.

Na sexta-feira, 5 de julho de 2024, ocorreu a última pesquisa em campo. A Praça Nauro Machado é um ponto de encontro relevante às sextas-feiras, especialmente no final do dia. O espaço estava cheio devido a um evento cultural na Rua da Estrela, que atraiu uma diversidade de pessoas com apresentações de danças folclóricas como o Tambor de Crioula e atrações musicais locais, criando uma atmosfera festiva que irradiava até a praça (figura 9).

Figura 9. Vistas diversas da Praça Nauro Machado e entorno.
Fonte: Autoria própria (2024).

A percepção pessoal do pesquisador era de segurança relativa; tanto os vendedores ambulantes nas ruas quanto os bares estavam bastante movimentados. A diversidade de pessoas era notável. Jovens andavam de skate, crianças brincavam, e grupos de pessoas LGBTQ+ ocupavam principalmente a área da escadaria e o Núcleo 2 da praça. Esse padrão de ocupação chama a atenção, pois já havia sido observado em outro dia, em um horário semelhante, indicando uma tendência de uso específico do espaço por este grupo em específico.

5.2. Percepções dos frequentadores

Foram realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas para compreender a percepção dos usuários, abordando suas experiências pessoais. Entre os entrevistados, 5 se identificaram como homens e 5 como mulheres, com idades entre 21 e 66 anos, variando em escolaridade, raça e classe social. Apenas uma pessoa não mora atualmente em São Luís, mas já residiu na cidade. A maioria frequenta a praça ocasionalmente ou semanalmente, exceto um ambulante, que trabalha no local

quase diariamente há mais de 30 anos, e que, devido à sua valiosa contribuição, aparecerá em momentos desta seção, e será chamado de "Seu José" para preservar sua discrição.

Os entrevistados destacaram vários **atrativos** da praça, como árvores, tranquilidade, acervo histórico, eventos culturais e encontros sociais. Três mencionaram a proximidade ao Terminal de Integração da Praia Grande como fator importante. A maioria considera a praça tranquila durante o dia e agitada à noite, especialmente das 17:00h às 21:00h. Seu José relata que as manhãs, até às 12:00h, são calmas, com o movimento crescendo à tarde e intensificando das 17:00h às 21:00h, quase todos os dias, o que é confirmado pelas observações.

Quanto às **experiências sensoriais**, todos revelaram aspectos positivos, como sons ambientes e música à noite, cheiro de batata frita e vistas agradáveis. A pessoa entrevistada que declara não morar em São Luís já alguns anos, diz sentir-se nostálgica por despertar memórias de quando vinha com maior frequência. Frequentadores de longa data notaram uma melhora significativa na **segurança** com o aumento do policiamento nos últimos anos, agora se sentindo seguros na maior parte do tempo. Adentrando às questões sobre interações sociais e alteridade, quando questionados se percebem a **diversidade das pessoas** que frequentam a praça, os entrevistados responderam observar a presença de diferentes idades, culturas, sexualidades, classes sociais, e práticas esportivas. Sobre a **influência dessa diversidade na sua experiência na praça**, duas pessoas disseram não perceberem a influência, enquanto as outras disseram que sim, destacando: "Têm bastantes jovens, me sinto à vontade para demonstrar afeto por estar com pessoas parecidas comigo"; "Acho positiva a diversidade de pessoas, e acho que deve ser ainda mais diverso"; "Sim, sinto que a cidade está reunida, pessoas de diferentes lugares".

A maioria dos entrevistados destacou **eventos especiais** na praça, como São João, Carnaval, Festival BR-135. Os arraiais foram apontados como significativos, embora não tenham ocorrido na praça este ano. Quanto a **melhorias,** algumas pessoas acham a praça boa como está, enquanto outras sugeriram a adição de banheiros públicos, lixeiras, opções de alimentação e quiosques para trabalhadores. Seu José gostaria de um local para guardar utensílios ou um ponto de vendas fixo. Dois entrevistados desejam mais postos policiais em outras áreas do Centro Histórico, preocupados com a segurança não só na praça, mas também nos arredores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caracterizada pelo entorno histórico e pela proximidade com equipamentos culturais, educacionais e administrativos, a praça é estabelecida como um núcleo de interação social e cultural. A abordagem fenomenológica ajudou ao pesquisador identificar as dinâmicas espaciais e as percepções dos frequentadores da Praça Nauro Machado, destacando a diversidade de experiências urbanas entre os diferentes grupos que

frequentam o local. Jovens, adultos, idosos, crianças, praticantes de esportes como skate, e a comunidade LGBTQ+ utilizam a praça de diversas maneiras e em diferentes momentos, promovendo interações diretas ou indiretas entre esses grupos.

Observações realizadas em diferentes dias e horários revelaram variações nas ambiências, influenciadas pelo clima, eventos culturais e pela presença dos frequentadores. Essas atividades refletem a vitalidade e a diversidade do espaço público, reforçando sua importância para a vida urbana local. Entrevistas semi-estruturadas destacaram a relevância das experiências sensoriais e da segurança, com a diversidade dos frequentadores sendo vista positivamente pela maioria dos entrevistados. Sugestões de melhorias, como a instalação de banheiros públicos e maior segurança no entorno indicam o desejo de tornar a praça e suas proximidades mais acolhedoras e inclusivas.

A conservação do patrimônio edificado e a continuidade das manifestações culturais na praça e na área em que ela está inserida são fundamentais para fortalecer a identidade histórica e estimular a apropriação do espaço. Estudos realizados em outras épocas do ano e com diferentes abordagens são necessários para compreender plenamente as dinâmicas do espaço. Espera-se que a pesquisa contribua para o entendimento das ambiências em espaços públicos históricos, fortaleça a posição da praça no Centro Histórico de São Luís e influencie políticas públicas de preservação e requalificação urbana, enriquecendo o debate acadêmico sobre o papel dos núcleos históricos na vida urbana contemporânea.

7. BIBLIOGRAFIA

ANDRÉS, Luiz Phelipe. **São Luís: reabilitação do Centro Histórico - patrimônio da humanidade**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012. 179 p.

DUARTE, C. R.; PINHEIRO, E. **Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto**. 2013.

MARANHÃO. Governo do Estado. **Proposta do Governo do Estado do Maranhão para Inclusão do Centro Histórico de São Luís na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.** São Luís, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RHEINGANTZ, P. A. *et al.* **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupacional.** Rio de Janeiro: Coleção Proarq, 2009.

THIBAUD, J. P. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C.. (Org.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004. p. 347-361.

VIEGAS, C. C. L.; TEIXEIRA, R. B. Preservação da Ambiência Histórica: contribuições dos documentos patrimoniais para intervenções em ambientes históricos e culturais. In: **Projetar-2015: originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática**, 7, 2015, Natal. Anais...Natal: VII Seminário Projetar, 2015. 15 p.

R36

THE SILENCES OF FÁTIMA: BODY EXPERIENCES IN THE CARIOCA SOUNDSCAPE

OS SILÊNCIOS DE FÁTIMA: EXPERIÊNCIAS CORPÓREAS NA PAISAGEM SONORA CARIOCA

Pedro Saldanha
Arquiteto e Urbanista
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
pedro.saldanha@fau.ufrj.br

Andrea Queiroz Rego
Doutora em Urbanismo
Docente permanente no Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro
andrea.queiroz@fau.ufrj.br

ABSTRACT

When experiencing the Rio soundscape, it is possible to witness countless sounds that intonate not only rhythms and subjective corporealities, but also the ambiances of the City. Quiet Areas — a European Union concept to define landscapes with low levels of sound pressure — manifest themselves as an antithesis to dissonance: a rarefaction of sound, favorable to "modulated ambiances" (Thibaud, 2000), which enables qualified listening and stages for representation activities. In this sense, the objective of the article is to understand the limits and spatialities of the sound ambiences of a Quiet Area in Rio — the Fátima Neighborhood — through a path from its dissonant border to its silent interior. Thus, the soundwalk method was used to qualitatively investigate the ambiences and enable the elaboration of results. Among them, a map that demonstrates the sound modulation of the ambiances shaped by bodily perceptions, and also layers and spectrums of sound.

KEYWORDS: soundscape. sound ambiances. urban ambiances. quiet areas. soundwalks.

RESUMO

Ao experienciar a paisagem sonora carioca, é possível presenciar inúmeros sons que entoam não apenas os ritmos e as corporeidades dos sujeitos, mas, também, as ambiências da Cidade. As Zonas Tranquilas — conceito da União Europeia para definir paisagens com baixos níveis de pressão sonora — manifestam-se como uma antítese à dissonância: uma rarefação sonora, propícia às "ambiências moduladas" (Thibaud, 2000), que possibilita escutas qualificadas e palcos para atividades de representação. Nesse sentido, o objetivo do artigo é compreender os limites e as espacialidades das ambiências sonoras de uma Zona Tranquila Carioca — o Bairro de Fátima — através de um percurso da sua borda dissonante até seu interior silencioso. Assim, foi utilizado, como método, o passeio sonoro para investigar, qualitativamente, as ambiências e possibilitar a elaboração dos resultados. Dentre eles, um mapa que demonstra a modulação sonora das ambiências conformada por percepções corpóreas, assim como camadas e espectros do som.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem sonora. ambiências sonoras. ambiências urbanas. zonas tranquilas. passeio sonoro.

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a paisagem sonora "não é apenas o que se pode ouvir, mas o que cada um pode ouvir e compreender, em função de seu conhecimento, permitindo um posicionamento individual em relação aos sons escutados" (Rego, 2006, p. 41), compreender os aspectos subjetivos e fenomenológicos dos sons é essencial para seu estudo. Nesse sentido, ao investigar o silêncio e sua efemeridade, torna-se necessário contemplar que o contato com essa paisagem é, por vezes, despercebido pelo consciente, mas rapidamente manifestado pelo corpo.

Dessa maneira, para compreender as experiências propiciadas pelo e no silêncio, é preciso, inicialmente, não o interpretar como uma ausência completa de sons. Mas, um domínio em que os sons são notados mais facilmente devido a sua escassez (Schafer, 1993) e, também, uma condição que propicia acontecimentos não programados (Westerkamp, 2011). Na música, por exemplo, as pausas representam não apenas intervalos para experimentações sensoriais ou mudanças de ritmo. John Cage, na obra 4'33" — composta por quatro minutos e meio de silêncio instrumental —, provoca diversas inquietações em uma plateia que podia ouvir apenas os sons produzidos pelos seus corpos (Wisnik, p. 18, 1989).

Já no contexto urbano, algumas conformações ainda permitem pausas da dissonância e escutas qualificadas das manifestações subjetivas. Essas são as Zonas Tranquilas, ainda pouco delineadas no cenário brasileiro, mas definidas, originalmente, sob análise dos níveis de pressão sonora, e, também, da percepção humana (Lisboa, 2021). Em outras palavras, essas Zonas, contrastantes à dissonância, tornam-se propícias para ambiências sonoras conformadas por pequenos atos sonoros e pela escuta de um horizonte acústico (Jacinto, 2023), devido ao maior alcance auditivo proporcionado pelo silêncio. Como uma partitura em branco que espera por seus compositores.

No Bairro de Fátima (Figura 1), recorte espacial do presente artigo, alguns aspectos indicam seu potencial de tranquilidade pela conformação de suas ambiências sonoras. Dentre eles: a limitação de velocidade como Zona 30, responsável por atenuar não apenas a velocidade dos automóveis, mas sua emissão de ruídos; a vasta presença de vegetação, associada à tranquilidade no campo da percepção; e seu desenho urbano similar a um "cul-de-sac", que configura o Bairro como um desvio de sua borda dissonante.

Figura 1. Diagrama de localização
Fonte: autoria própria (2024).

Assim, por meio da pesquisa de campo desenvolvida — o Passeio Sonoro — busca-se demonstrar, neste artigo, que foi possível alcançar o objetivo geral: demarcar espacialmente uma Zona Tranquila e sua borda dissonante, com base em critérios qualitativos; compreender a modulação dos limites sonoros de escuta e produção no ambiente sensível; e registrar o contexto sensório-motor das práticas sociais nas ambiências apresentadas, com destaque para os fenômenos na corporeidade.

2. AMBIÊNCIAS SONORAS E SEUS EFEITOS

Durante o Passeio Sonoro, as ambiências foram exploradas em suas três dinâmicas de domínio (Thibaud, 2000), tendo em vista os fenômenos e, também, dois efeitos sonoros (Augoyard & Torgue, 2005). Ao considerar as múltiplas camadas subjetivas e imateriais das ambiências, pode ser complexo compreender seus limites espaciais. Porém, no cotidiano, algumas percepções sensíveis indicam esse transpassar de uma ambiência para outra. Como exemplo, é possível destacar os fenômenos na corporeidade, visto que o indivíduo, ao se imergir em uma nova ambiência, realiza um conjunto de ações, comprimindo ou dilatando seu corpo e suas manifestações.
Tendo em vista a influência das escalas materiais e imateriais na corporeidade do sujeito e suas diferentes posturas ao transpassar pelas ambiências, é importante destacar, também, as dinâmicas de domínio presentes nas paisagens urbanas. Essas dinâmicas — recomposição, aclimatação e formatação —, definidas por Thibaud (2000), não buscam dissociar uma ambiência da outra, mas compreendê-las como etapas e, principalmente, investigá-las por suas especificidades.

Na recomposição, as ambiências formatadas apresentam uma saturação de práticas tão significativas que se torna protagonista da ação. Nesse domínio, o enquadramento do lugar é dado, principalmente, por "névoas" de pessoas, cheiros, luzes, sons e demais componentes das paisagens. Nesse contexto de saturação, as ações são mascaradas, sobrepostas e dificultam tanto sua distinção, quanto novas manifestações. Além disso, nessas ambiências, ocorrem, frequentemente, desestabilizações que induzem o ator urbano a uma constante recomposição de seus sentidos.

Ao experienciar uma Zona Tranquila, dois efeitos sonoros (Augoyard & Torgue, 2005) podem ser percebidos: o primeiro — efeito *cut out* — ocorre logo ao adentrar a Zona, entre a recomposição e a aclimatação, e representa um rápido decrescimento do nível de pressão sonora; já o segundo — efeito *crossfade* — é notado ao longo da aclimatação e acompanha o flâneur em sua deriva, o afastando da dissonância, gradualmente, até o interior da percepção do silêncio.

Na aclimatação, as ambiências atribuídas apresentam uma consonância entre o ambiente sensível e os comportamentos, quase indissociáveis, devido às adaptações ao contexto. Nessas ambiências, ao contrário das formatadas, há muito espaço para manifestação do sujeito, porém, esse "excesso de espaço" também inibe o ator,

o convidando para uma aclimatação. Nesse domínio, as tônicas das ambiências capturam o sujeito e promovem, assim, uma relação intercorpórea: os ritmos da paisagem são compartilhados. No caso das Zonas Tranquilas, nesse primeiro contato, o indivíduo conduz seu corpo sob um esforço de fundir-se ao silêncio: uma aclimatação de pausas e dilatações do corpo.

Por fim, na qualificação, as ambiências moduladas, junto às condicionantes do lugar, proporcionam diferentes usos, que são entoados pelos usuários em suas ações práticas. Essas atividades de expressão deformam os limites físicos em sua própria modulação espacial. Nessas ambiências, as Zonas Tranquilas representam não apenas uma alternativa à dissonância, mas uma paisagem sonora propícia para performatividades cotidianas constituídas por pequenos gestos sonoros, da representação corpórea de seus atores urbanos.

3. MÉTODOS, PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Para o presente artigo, o método utilizado foi o Passeio Sonoro (*Soundwalk*) desenvolvido por Truax (2001). De um modo geral, a proposta é realizar gravações e anotações ao decorrer de um percurso, tendo em vista os aspectos qualitativos entoados pelos sons. Além disso, os Passeios também são cotejados por medições acústicas (Rego, Niemeyer e Vasconcellos, 2012) que auxiliam na compreensão dos efeitos sonoros e contribuem para a correlação entre ambiências sonoras e seus contrastes.

No Passeio Sonoro realizado, foi utilizado um gravador Sony PCM-D50, para registrar as paisagens sonoras e contribuir com a catalogação dos sons em bancos fonográficos. Além de proporcionar futuras análises, esse procedimento auxilia na construção de acervos sonoros, um procedimento emergencial em vista da escassez desse tipo de acervo e da "misteriosa capacidade do som de se dissolver no ar, sua tendência — mesmo em uma era pós-fonográfica — de se apagar de registros históricos" (Thompson, 2002, p. 12).

Além do gravador, também foi utilizado um sonômetro Instrutherm DEC-490 para medir os níveis de pressão sonora nos pontos adotados e oferecer suporte aos objetivos apresentados. Em ambos os instrumentos, foi adotado o intervalo de três minutos — usualmente utilizado nos estudos da paisagem sonora — para registro de cada ponto. Além disso, foi utilizado um caderno de campo para as demais anotações, como as camadas da paisagem: fundos sonoros, sons constantes presentes durante todo ou quase todo o registro; eventos sonoros, sons de referência que conformam um todo de maior magnitude; sinais sonoros, sons para os quais a atenção é particularmente direcionada.

4. O PASSEIO SONORO

No dia 17 de junho de 2024, segunda-feira, foi realizado um Passeio Sonoro no Bairro de Fátima. O percurso foi idealizado para ser iniciado na Rua Riachuelo e seguir em direção à Praça Presidente Aguirre Cerda, passando pela Avenida Nossa Senhora de Fátima. No local, de acordo com as percepções, alguns pontos de medição e gravação foram definidos:

Ponto	Local	Hora aprox.
Ponto 1	Rua Riachuelo, esquina da com a Avenida N.S. de Fátima	10:20
Ponto 2	Avenida N.S. de Fátima, próximo ao Banco do Brasil	10:40
Ponto 3	Avenida N.S. de Fátima, próximo à Padaria Vilar Pães	11:00
Ponto 4	Praça Presidente Aguirre Cerdá	11:20
Ponto 5	Praça Presidente Aguirre Cerdá	12:00

Tabela 1. Pontos do Passeio Sonoro
Fonte: autoria própria (2024).

No Ponto 1, a paisagem sonora era conformada, principalmente, pelo fundo sonoro dos automóveis: um som constante de motores, capaz de mascarar quase tudo ao redor. Também puderam ser percebidos alguns eventos, como passos e carrinhos de feira em contato com o piso de pedra portuguesa. Além disso, alguns sinais sonoros — gritos e buzinas — compuseram a paisagem. Nesse Ponto, havia pouca interação entre os sujeitos, e até mesmo com o próprio ambiente. Esses sons constituíam um ambiente saturado e de alto nível de pressão sonora — acima de 75 dB(A) —, que foi traduzido pelos corpos em ritmos rápidos e tumultuados. Assim, essa névoa de sons assemelhava-se a um vendaval, carregando os sujeitos. Nesse domínio, foi possível resgatar a definição de ambiências formatadas (Thibaud, 2000), visto que, nelas, na busca de uma recomposição, os corpos se comprimem, em uma tentativa de proteção que resulta no afastamento das interações.

Ao caminhar para o Ponto 2, já na Avenida Nossa Senhora de Fátima, o efeito *cut out* (Augoyard & Torgue, 2005) pôde ser percebido devido a três principais fatores: a rápida redução de, aproximadamente, 10 dB(A); a mudança dos fundos sonoros, à medida que o tráfego veicular mais intenso se afastava; e a nova postura adotada pelos sujeitos. No Ponto 2, o ritmo do caminhar começou a diminuir e, até mesmo, as expressões faciais tensionadas foram desfeitas. Esses fenômenos na corporeidade, presentes nas ambiências atribuídas (Thibaud, 2000), são performados pelos sujeitos mediante à aclimatação ao novo cenário e contribuem para outras interações com o

ambiente sensível. Nesse Ponto, o fundo sonoro foi composto pelos próprios passos na calçada e por folhas secas. Foi possível ouvir alguns eventos, como: conversas dos caminhantes entre si e com os comerciantes; alguns veículos, individualmente; e até mesmo o "carro do queijo", tão raro na paisagem sonora do Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

Entre os Pontos 2 e 3, devido à diminuição gradativa dos níveis de pressão sonora e ao afastamento de alguns sons, ocorreu o efeito *crossfade* (Augoyard & Torgue, 2005). Essa paisagem sonora, mais rarefeita, possibilita tanto uma reflexão à escuta, quanto a percepção de sons que, antes, estavam mascarados. Assim, em meio à aclimatação, começaram a despontar algumas apropriações do lugar: banca de salgados na calçada, roda de conversa dos motociclistas, reunião de moradores nas portarias dos edifícios e diálogos entre atores urbanos sentados no meio-fio. Ademais, já no Ponto 3, próximo a estabelecimentos de alimentação, e mais ao interior do Bairro, os pequenos sons eram de menor nível de pressão sonora — televisões, arrastar de cadeiras, tilintar de talheres —, sendo sinalizados por campainhas das residências, e sobre um fundo de máquinas distantes.

Nos Pontos 4 e 5, foram realizadas investigações na Praça Presidente Aguirre Cerdá, em dois momentos distintos. Em campo, foi observado que essa Praça apresentava mudanças consideráveis em função das apropriações pelos moradores e estudantes da Escola Municipal Guatemala, localizada em frente à Praça. Dessa forma, foram propostas as duas investigações para compreensão das manifestações urbanas em horários diferentes. No Ponto 4, antes da saída escolar, os eventos eram pássaros cantando entre as árvores; crianças brincando na praça; embaralhamento de cartas por um grupo de taxistas; e poucos carros que circulavam. Como fundo: o falatório constante dos adultos responsáveis pelas crianças. Gritos surgiam como sinais e, mediante à ampliação da escuta, até os sons de dentro da Escola — bolas quicando e pessoas correndo — puderam ser ouvidos.

Já no Ponto 5, com a saída das crianças da Escola, as produções sonoras foram amplificadas: o ápice de ambiências moduladas (Thibaud, 2000), repleta de qualificações. Apesar do protagonismo dos sujeitos, essas ambiências não devem ser confundidas com as formatadas — Rua Riachuelo —, visto que, nas moduladas — Praça —, a escuta é qualificada e a percepção individual dos sons é possível. Em outras palavras, nessas ambiências, os indivíduos não conformam névoas indistinguíveis, mas grupos que orquestram a paisagem com suas atividades distintas. Portanto, nesse último Ponto, as crianças, protagonistas, tiveram espaço para ocupar todo o fundo sonoro e modular a paisagem com suas apropriações, compondo uma nova paisagem.

5. MAPA SONORO

Mediante às percepções, gravações e medições do Passeio Sonoro, foi confeccionado um Mapa Sonoro (Figura 2), como uma possibilidade de compreender, graficamente, os limites e as espacialidades das ambiências sonoras dessa Zona Tranquila, através do percurso que partiu da sua borda dissonante até seu interior silencioso. Também estão dispostas algumas gravações do Passeio, que podem ser consultadas[1].

Figura 2. Mapa Sonoro do Bairro de Fátima
Fonte: autoria própria (2024).

1 As gravações podem ser escutadas em:
https://soundcloud.com/anonymous-soundscaper/sets/passeio-sonoro-bairro-de-fatima

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, apesar de trazer algumas elucidações, é apenas o início de uma pesquisa que busca continuar a investigação de silêncios na paisagem sonora. Esse estudo é múltiplo e pode partir de diversas abordagens. Nesse sentido, o trabalho buscou utilizar alguns dos variados conceitos disponíveis, com o foco nas ambiências sonoras; e colaborar para novas definições do silêncio, tendo em consideração a sua potencialidade de escuta e produção.

O artigo apresenta uma reflexão de como os silêncios podem ser diferenciados no cotidiano, por meio das ambiências sonoras percebidas corporalmente, principalmente nas suas transições. Nas ambiências moduladas constata-se que, já estando ambientado, a compreensão dos fundos realmente exige certo exercício, ao contrário dos sinais — campainhas, gritos, buzinas — que são mais reconhecíveis, até pelo fato de direcionarem a atenção do sujeito. Todavia, os eventos são mais facilmente percebidos pelo contraste. Houve uma clara percepção da transformação das ambiências da Praça pela presença dos eventos sonoros produzidos pelas crianças em relação a sua ausência, uma transformação regular e cotidiana. Do mesmo modo, as percepções das ambiências de recomposição e de aclimatação foram facilmente identificadas, ao ter em consideração as paisagens sonoras.

Entende-se que a experiência corpórea nas ambiências se dá de modo pleno e não apenas pelos sons, mas esses são elementos fundamentais nos processos de mediação corpo-ambiente para a maior parte da população de ouvintes. Isto é, a captação constante dos sons, mesmo que não consciente, reflete nas emoções, sensações e na identificação de lugares. Assim, entender quais são as ambiências criadas pelas paisagens sonoras tranquilas é de especial relevância para o projeto dos lugares.

7. AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Código de Financiamento 001, e ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-UFRJ) pelo acolhimento da pesquisa.

8. REFERÊNCIAS

Augoyard, J. F. & Torgue, H. (2005). Sonic experience: a guide to everyday sounds. Montreal: McGill-Queen's University Press.

Jacinto, R. (2023). Silêncio & Horizonte Acústico (Master Class). Centro Cultural de Belém, Lisboa.

Lisboa (2021). Plano de Ação de Ruído de Lisboa, de 25 de junho de 2021.

Rego, A. Q. (2006). Paisagens sonoras e identidades urbanas – Os sons nas crônicas cariocas e as transformações do Bairro de Copacabana (1905-1968) (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Rego, A. Q., Niemeyer, M. L. & Vasconcellos, V. M. (2012). Passeio Sonoro: uma metodologia para procedimentos de campo e registro de dados (Parque do Flamengo, RJ). Campo Grande: UFMS (11 ENEPEA).

Schafer, R. M. (1993). Voices of Tyranny: Temples of Silence. 1993. Ontario: Arcana Editions.

Thibaud, J. P. (2000). Contextualisations sensibles de la ville. Em M. Leroux (Ed.), Compositions sensibles de la ville: Ville émergente et sensorialité (pp. 101-120). Grenoble: Cresson.

Thompson, E. (2002). The Soundscape of Modernity: Architectural Acoustics and the Culture of Listening in America, 1900–1933. Cambridge: MIT Press.

Truax, B. (2001). Acoustic Communication, Westport: Greenwood.

Westerkamp, H. (2011). Exploring Balance & Focus in Acoustic Ecology. Em I. Etmektsoglou (Ed.), Crossing Listening Paths (pp. 7-13). Soundscape: The Journal of Acoustic Ecology.

Wisnik, J. M. (1989). O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras.

R36

ETHNOGRAPHING SENSES: READING GASTRONOMIC ENVIRONMENTS IN BELÉM-PA

ETNOGRAFANDO SENTIDOS: LEITURA DE AMBIÊNCIAS GASTRONÔMICAS EM BELÉM-PA

Juliane Oliveira Santa Brígida
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Mestre em Ciências da Comunicação – PPGCOM/UFPA
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
jusantabrigida01@gmail.com

Marina Monteiro Berredo Reis
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
marinaberredoreis@gmail.com

Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
cintiadasilva@live.com

ABSTRACT
Tacacá is an item of Pará regional cuisine that is traditionally celebrated, being sold at various points on the streets of Belém and consumed on chairs on public sidewalks. Throughout the article, the way in which the body and senses act as mediators of the relationship with the world (Le Breton, 2016) was discussed: tracing paths and marks that establish symbolic paths of sensory experiments and memory closely linked to the regional cultural sense. Through on-site visits, questionnaires and interviews, the research sought to build a multidisciplinary dialogue for the field, highlighting the relevance of ambiences and meanings in the process of building the culture and identity of social subjects, based on gastronomy. Finally, the concept of gastronomic ambiences is developed, based on the discussions held during the research.

KEYWORDS: ambiences. gastronomy. culture. tacacá. Belém do Pará

RESUMO
O tacacá é um item da culinária regional paraense muito celebrado tradicionalmente, sendo comercializado em diversos pontos pelas ruas de Belém e consumido em cadeiras nas calçadas públicas. Ao longo do artigo, abordou-se a forma como corpo e sentidos agem como mediadores da relação com o mundo (Le Breton, 2016): traçando percursos e marcas que estabelecem caminhos simbólicos de experimentações sensoriais e memória ligados intimamente ao senso cultural regional. Através das incursões in loco, questionários e entrevistas, a pesquisa buscou construir um diálogo multidisciplinar para o campo, salientando a relevância das ambiências e dos sentidos no processo de construção da cultura e identidade de sujeitos sociais, a partir da gastronomia. Por fim, desenvolve-se o conceito de ambiências gastronômicas, a partir das discussões realizadas durante a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. gastronomia. cultura. tacacá. Belém do Pará

1. INTRODUÇÃO
A ambiência, dimensão sensitiva extracorpórea do espaço, é construída de maneira muito peculiar com a cultura e os sentidos. Observando as ambiências a partir do fenômeno da multissensorialidade (Duarte et al, 2002): entende-se que o espaço urbano é composto de diversas sensações táteis, visuais, sonoras, olfativas, bem como subjetivas e culturais. Assim, pode-se postular que a culinária influencia fortemente na construção de afetos e experiências pelos sujeitos. Através da dinâmica de sabores e ingredientes regionais, construiu-se uma identidade relacionada à gastronomia e às múltiplas experiências envolvidas no processo. O significado cultural e gastronômico atrelado à imagem da tacacazeira - figura feminina tradicionalmente associada ao prato - detém tamanha importância que os pontos de venda são, em sua maioria, nomeados em homenagem a essas figuras (Bitter; Bitar, 2012), como demonstram as barracas escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa: o Tacacá da dona Maria e o Tacacá da Flávia, situados em bairros distintos de Belém: Nazaré e Pedreira, respectivamente.

A primeira banca está localizada na Avenida Nazaré, em frente ao Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré. Há registros de que dona Maria trabalhou no local por 45 anos, antes de falecer em 2014. Atualmente, sua família ainda mantém o comércio de tacacá no mesmo ponto. Já o Tacacá da Flávia, no bairro da Pedreira (avenida Pedro Miranda entre travessa Vileta e travessa Humaitá), está no mercado há 30 anos e hoje é considerado um ponto tradicional de consumo da iguaria regional.

Frente às características "de rua" que permeiam as bancas das tacacazeiras, a construção das ambiências perpassa principalmente por um espaço de passagem, as calçadas, onde a presença destas barracas e as experiências sensoriais envolvidas no processo gastronômico transformam-nas em lugar, atrelando subjetividade, tradição e experiência à prática de consumir o tacacá. No desenvolvimento do artigo foi adotada a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, articulando o método de Percursos Sensíveis (LASC, 2008), observação direta e entrevistas semiestruturadas. As incursões foram conduzidas em três dias diferentes, bem como em horários diferentes, para uma amostragem diversa dos clientes locais.

O objetivo do artigo foi aprofundar-se na construção das ambiências gastronômicas a partir das experiências sensoriais dos sujeitos, bem como a identificação de similaridades e divergências quanto à experiência dos mesmos sobre os objetos estudados. Ainda que sejam parte do mesmo centro urbano, outros fatores incorrem sobre as espacialidades de modo a impactar suas memórias, sensibilidades, sensorialidades e subjetividades. Por isso a necessidade de objetos de estudo em bairros de perfis diferentes de Belém para a construção da pesquisa.

2. CULINÁRIA PARAENSE: TRADICIONALIDADE E AFETO

A cultura paraense possui uma ligação afetiva de longa data com sua gastronomia: desde espaços arquitetônicos marcados pelas cores, cheiros e sabores dos temperos regionais, como o Mercado do Ver-O-Peso, até as variadas músicas de artistas do Pará que mencionam comidas típicas do estado e da região Norte: que se lembre a famosa "Sabor Açaí" de Lucinha Bastos e Nilson Chaves (2014) ou mesmo "Voando Pro Pará", sucesso de Joelma (2016) que ganhou repercussão nacional em 2023. Mesmo Luiz Gonzaga, pernambucano, em 1956 já cantava sua música "Tacacá": "Lembrar o açaí, o tacacá/ que saudade que dá/ de Belém do Pará!".

Desde 2015, a Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO) concedeu o título internacional de capital criativa da gastronomia a Belém do Pará, renovado de quatro em quatro anos mediante apresentação de relatórios que apontem o trabalho desenvolvido dentro da agenda 2030 da UNESCO (Portal G1, 2020) Para além de títulos internacionais, no entanto, a culinária paraense é fortemente ligada à tradicionalidade: seja em seus pratos típicos – maniçoba, pato no tucupi, tacacá –, seja nos ingredientes utilizados neles: a mandioca, por exemplo,

está presente de variadas maneiras nos três pratos citados acima. O ato de comer do paraense supera a necessidade biológica e passa a ser, em si, uma experiência cultural ligada ao afeto e à memória.

Para Le Breton (2016), o paladar é o sentido dos sabores, mas também carrega uma carga sociocultural atrelada:

> O paladar é um produto da história, e principalmente da maneira com a qual os homens se situam na trama simbólica de sua cultura. Ele está no cruzamento entre subjetivo e coletivo, e reenvia à faculdade de reconhecer sabores e avaliar sua qualidade [...] A sensação gustativa reenvia uma significação, ela é ao mesmo tempo um conhecimento e uma afetividade em ação. (Le Breton, 2016, 394-395)

Nesse aspecto, não se pode desvincular a gastronomia de atributos históricos, sociais e sensoriais, por exemplo, uma vez que o ato de comer remonta à necessidade mais básica do corpo humano e acompanha a trajetória da humanidade desde o seu início. Assim, com o desenvolvimento das civilizações e sociedades, a comida também foi adquirindo outros sentidos e significados, deixando de ser interpretada apenas como víveres.

Segundo a enciclopédia gastronômica online TasteAtlas, a culinária brasileira alcançou o 12º lugar no Ranking das 100 Melhores Cozinhas do Mundo, além de aparecer em quatro posições distintas no Ranking dos 100 Melhores Pratos do Mundo (TasteAtlas, 2023). Historicamente, a culinária brasileira é muito associada à afetividade e memória das pessoas, resgatando – ainda – suas origens culturais, dependendo da refeição posta à mesa. Não por acaso Santos (2011) aloca os "sabores da sociedade" como lugares de memória e significância social.

Ao entender a gastronomia como parte inerente da construção identitária do povo brasileiro, há de se tomar em consideração sua extensa diversidade – originada de processos diversos de colonização, disponibilidade de ingredientes, encontro de culturas e mesmo condições climáticas específicas de cada região. Assim, tem-se no cenário brasileiro grande variedade de iguarias gastronômicas a depender, muitas vezes, de cada estado e região. Neste sentido, Csergo (2018, p. 811) escreve: "[...] o savoir-faire doméstico, artesanal ou industrial, torna-se a área de uma continuidade histórica, de uma memória e uma consciência de pertença comum." Na culinária paraense, muito influenciada por origens indígenas, lusitanas e africanas, é muito comum encontrar diversos pratos típicos à base de derivados da mandioca e/ou com pescados e frutos do mar.

Segundo Modesto Júnior e Alves (2019), os principais ingredientes da gastronomia paraense são a mandioca e seus subprodutos: farinha, tapioca, maniva, tucupi, goma, entre tantos. Estes insumos são utilizados no preparo de vários pratos típicos paraenses, consumidos no cotidiano e não só durante épocas festivas, como o pato

no tucupi, a maniçoba e o foco desta pesquisa: o tacacá, iguaria líquida composta de tucupi na cuia com camarão, jambu e goma de mandioca. Frequente em vários pontos da cidade de Belém, o tacacá "representa um mercado regional que tem mantido, ao longo de gerações, milhares de famílias com ocupação, emprego e renda, reproduzindo, ao longo do tempo, a tradição da culinária paraense" (Modesto Júnior e Alves, 2019, p. 186).

A Lei nº 8.979/2013 declarou as tacacazeiras – vendedoras do tacacá – como Patrimônio Cultural Imaterial de Belém e do Estado do Pará (segundo a Lei nº 7.752/2013) ratificando a relevância do tacacá para a população paraense. Quando da pesquisa de Jacques (2015), a autora dissertou sobre o modo como cada tacacazeira conquista seu público em Belém: a partir dos próprios temperos no tucupi, elementos-chave para que cada tacacá tenha um sabor único. Dentro deste entendimento, portanto, a experiência do tacacá ganha mais uma camada em sua apreciação: a subjetividade. Para além de questões como localização, popularidade, tradição e preço – que também influenciam diretamente o consumo – a subjetividade e o gosto também encontram espaço na equação experiencial do tacacá na cuia.

Em Subjetividade, adota-se o entendimento de Deleuze (1953) no qual o sujeito se define através do movimento, da transcendência. No ir e vir da reflexão, encontra-se a subjetividade, ou seja, a capacidade do sujeito de refletir e desenvolver-se a si mesmo e aos outros, sob a influência de si e do outro: "Em resumo, crer e inventar, eis o que faz o sujeito como sujeito" (Deleuze, 1953, p. 76). Para discutir o Gosto, adota-se o seguinte pensamento:

> O gosto só pode ser percebido através das escolhas dos agentes que, de maneira consciente ou não, concretizam suas escolhas. No entanto, tornar concreto não se limita apenas a uma cultura material: tornar concreto também encarna uma cultura imaterial, de gestos e de falas, de comportamento, de expressões, de performances, de sutilezas, de valores [...] (Castro, 2018, p. 174)

Logo, compreende-se que o gosto também é uma forma de alcance da sociabilidade que ultrapassa a materialidade do objeto e insere-se no tecido subjetivo do sujeito, relacionando-se a aspectos culturais, históricos, sociais, dentre outros. Não raro ouve-se no relato dos paraenses que uma comida típica é boa, "mas não é como a lá de casa/como a da minha família", esta afirmação está ligada diretamente à compreensão de gosto e subjetividade que leva o indivíduo à autorreflexão e tomada de decisão. No caso do tacacá, entretanto, a tradição faz com que, muitas vezes, as pessoas elejam um ponto de venda específico para frequentar, impulsionadas pela cultura, pela subjetividade, pelo gosto e pela sociabilidade do ato de tomar o tacacá.

3. “EU VOU TOMAR UM TACACÁ...”

Para a elaboração deste estudo, foram selecionados dois pontos tradicionais de tacacá na cidade de Belém do Pará: o Tacacá da Flávia e o Tacacá da Dona Maria, localizados em bairros distintos da cidade. As incursões foram conduzidas ao longo dos meses de junho e julho, fazendo uso da observação direta e de entrevistas semiestruturadas quando da abordagem dos clientes. A escolha dos dois estabelecimentos levou em conta dois fatores principais: a popularidade dos pontos e o tempo de mercado que ambos carregam, configurando-os pontos tradicionais da gastronomia belenense.

O bairro da Pedreira, popularmente conhecido como Bairro do Samba e do Amor, tem sua origem datada do final do século XIX e início do século XX, fruto de projetos de expansão urbana idealizados por Antônio Lemos, então intendente. Embora o bairro estivesse localizado próximo ao centro da cidade, sua localização em área de várzea densamente recortada por igarapés fazia com que a qualidade de vida dos moradores da área fosse extensamente afetada. Com as políticas públicas formuladas para valorizar o centro da cidade, após 1930, foram realizadas obras de saneamento, canalização e aterramento das “baixadas” (Furtado et al, 2020).

Tais intervenções urbanas levantaram a demanda por imóveis com melhor qualidade de construção e pavimentação das vias. Como essa distribuição favoreceu apenas algumas áreas do bairro, a Pedreira passou a atrair moradores de classe média e alta para estes espaços reconstruídos, apresentando em sua paisagem ruas largas e casarões que se mantêm até hoje nas principais vias (Avenida Pedro Miranda, Avenida Marquês de Herval, Travessa Mauriti). Paulatinamente, a morfologia urbana da Pedreira passa a ser constituída por ocupações formais e informais, concentrando na Avenida Pedro Miranda o seu principal corredor comercial, de alcance extrabairro.

É neste cenário que o Tacacá da Flávia, com localização marcada na figura 1, no coração do bairro da Pedreira, surge, em meados de 1989, quando o marido de dona Flávia a convenceu a vender seu tacacá como forma de sustento do casal. Hoje, mais de trinta anos depois, o Tacacá da Flávia conta com três pontos físicos, pedidos por encomenda e um público cativo que frequenta os carrinhos para saborear o carro-chefe da produção: o tacacá. Atualmente, o Tacacá da Flávia expandiu o cardápio para incluir maniçoba, vatapá, caruru e combinações entre os pratos, mas o pedido com maior saída continua sendo o tacacá.

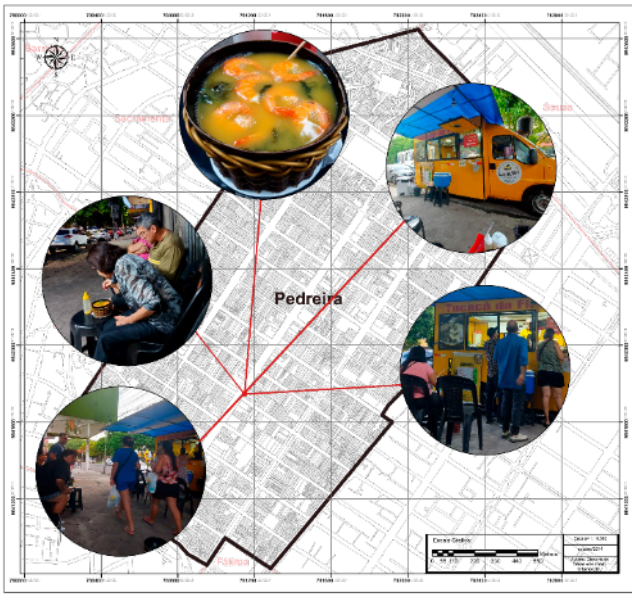


Figura 1 – Localização do Tacacá da Flávia e fotos das incursões em campo.
Fonte: DDU, 2014 e SANTA BRÍGIDA, 2024

Segundo E. R., funcionária do ponto original localizado na Pedreira, ainda que recebam muitos clientes novos, a clientela mais antiga se mantém fiel: “de muito tempo, até quando... Desde quando começou aqui. Bastante tempo” (E.R., 2024). Interessante observar o movimento de saída da iguaria, visto que na hora do almoço – entre 12h e 15h – o tacacá não tem uma saída intensa, ficando mais concentrado à tarde e à noite. A partir das 17h as vendas se intensificam bastante, com exceção da segunda-feira, pois como observado por E.R.: “mas na segunda já vende mais o tacacá, a gente acha até que o pessoal é de ressaca do domingo, aí vem na segunda de manhã cedo tomar... Porque aqui não abre no domingo, né?”

Sobre a diversidade de clientes, foi possível observar a presença de casais, famílias, grupos de amigos e muitas pessoas desacompanhadas que já têm como costume tomar um tacacá na saída do trabalho, antes de ir para casa. O local também frequentemente é indicado como ponto de encontro para conhecidos, ainda que seja ao ar livre e na calçada. Ponto relevante de discussão, tendo em vista o clima quente e úmido de Belém do Pará, onde as pessoas estão sempre à procura de lugares climatizados no fim da tarde. Na observação da interlocutora E.R, o ambiente deixa de ser um espaço de passagem – característica marcante da calçada – para se tornar um Lugar de permanência e cultura através da experiência gastronômica.

Dona Cleia, frequentadora do espaço há mais de três anos e moradora da rua Antônio Everdosa - paralela à Avenida Pedro Miranda, relata que “era uma coisinha pequenininha, nera? Aí de repente, foi, foi, e taí agora. Essa estrutura boa e continua

com a mesma higiene, mesmo gosto, sabe? Mesma qualidade!" (Dona Cleia, 2024) Quando questionada se leva outras pessoas para consumirem também, logo exclama "todo mundo!" porque "coisa boa, né". Já D. Marilza, 69 anos, é moradora do bairro da Sacramenta, vizinho à Pedreira, e relata que "sempre vem aqui", quando bate a vontade de tomar tacacá. Não só sozinha, mas também como uma programação de família, para passear.

No caso de Darlene, 52 anos, a interlocutora nasceu em Belém, mas mora a maior parte da vida em Macapá. Em sua entrevista conta que todas as vezes que está na capital paraense, frequenta o Tacacá da Flávia por conta da proximidade, popularidade e memória afetiva: rememora um antigo ponto de tacacá, anterior ao da Flávia, e o início da venda atual ainda durante a adolescência de Darlene.Para a família de Darlene, o tacacá no fim da tarde é o momento de compartilhar as novidades, já que moram em estados diferentes. Segue falando sobre a diferença entre o tacacá de Macapá e Belém:

> A cultura de Macapá é a mesma de Belém. Só que o tacacá de lá é diferente. Eles não têm ainda... Agora que tá aparecendo, a questão do tucupi deles é muito azedo, antigamente eles usavam o camarão salgado... Que é típico de lá. E aí eu nunca me acostumei porque pra mim tacacá é com camarão salgado, do Maranhão. E lá o jambu típico não tem essa ardência que o daqui tem, então não é o mesmo. E eu não como lá (Darlene, 2024)

Para Eloy e Gabriel (51 e 21 anos, respectivamente), o lugar é ponto de consumo há mais de vinte anos, ou seja, como bem marcado na entrevista, desde antes do nascimento de Gabriel. Eloy relata que mesmo viajando muito, é tradição frequentar o Tacacá da Flávia especificamente quando está em Belém: "eu gosto mais daqui. [...] O gosto, o sabor, eu acho bem melhor do que os outros. É o ponto do tacacá, eu acho excelente" (Eloy, 2024). Sileide, 50 anos, estava acompanhada de seu marido e filha no ato da entrevista e descreve que nem se lembra há quantos anos frequenta a Flávia, dada a extensão do período. Classifica o programa como "final de saída", depois do passeio a família senta na calçada para consumir a comida e logo depois vai para casa.

Relevante observar, no decorrer das entrevistas, que os interlocutores se mostravam muito propensos a participar da pesquisa quando informados de que era sobre a prática cultural de tomar o tacacá. Bem como a totalidade das respostas sobre o consumo das calçadas apontou que estas já compõem a experiência gastronômica, assim como o cheiro e o sabor do prato. Muitas vezes foi ressaltado que o "sentar em cadeiras na calçada" compunha um fator cultural e tradicional da própria degustação do tacacá. Por ser consumido quente, o tucupi eleva a temperatura corporal que é imediatamente recebida pelo vento fresco da rua, experiência que não seria possível em locais fechados como mencionaram Eloy, Dona Cleia e Cléa.

Conforme Oliveira (2015) aponta em seus estudos, as origens do bairro de Nazaré remontam ao século XVIII e têm em seu cerne o mito do encontro milagroso, na cidade de Belém do Pará. A história é protagonizada por um caçador chamado Plácido de Souza. Conforme a lenda, Plácido morava em uma área da cidade denominada Estrada do Maranhão, o local era considerado ermo e afastado do núcleo urbano, durante uma de suas caçadas o nativo encontrou a imagem de Nossa Senhora de Nazaré entre as pedras, no córrego do rio, e a levou para casa. Entretanto, no outro dia, a imagem havia sumido (evento que se repetiu mais duas vezes). O caboclo encontrou a imagem no mesmo local do dia anterior. Reza a lenda que o caboclo construiu uma ermida de palha, ao lado do córrego para abrigar a imagem, nas proximidades de uma cabana utilizada para descanso dentro os caçadores que frequentavam a região, foi neste local onde começou o culto de devoção à Santa e onde mais tarde foi erguida a Basílica de Nazaré.

Ainda que o aspecto simbólico do bairro esteja intrinsecamente relacionado com sua história, a partir da segunda metade do século XIX sua principal avenida, a avenida Nazaré, passa a figurar como o principal eixo da cidade (Moreira et al, 2019). Nesse contexto, muitas famílias de alto poder aquisitivo foram atraídas para o espaço, fazendo com que o vetor de ocupação fosse direcionado para o interior da cidade de Belém, em especial as áreas de várzeas ocupadas por pessoas de pouco alcance financeiro. De acordo com os autores, o bairro de Nazaré, desde a sua formação a partir da via homônima, concentra uma parcela da população de alta renda, que reflete diretamente em suas práticas sociais e culturais. (Moreira et al, 2019).

À guisa de campo, definiu-se como segundo local de estudo o Tacacá da Dona Maria, conhecido popularmente por Tacacá do Marista, um dos colégios católicos mais tradicionais de Belém do Pará e ponto de referência para a localização da barraca da Dona Maria, no centro de Nazaré (figura 2). De acordo com uma matéria do DOL-Diário Online, um dos jornais impressos e cibernéticos mais proeminentes da cidade, o ponto de Dona Maria existe há 48 anos (DOL, 2021) e, atualmente, é administrado pelos filhos de Dona Maria do Carmo desde seu falecimento, em 2014. A Barraca da dona Maria começa seu atendimento por volta das 16 horas e funciona até às 20 horas. Segundo o filho e atual proprietário, dona Maria vendeu tacacá em dois pontos antes de se estabelecer na frente da escola católica, um ponto que “deu certo” e carrega uma história de muitos anos. Ele informa que outros vendedores da iguaria estão na rua desde cedo, mas conforme suas palavras dona Maria deixou “legado” que possibilitou que ele tivesse uma maior flexibilidade no horário de funcionamento.

Figura 2 – Localização do Tacacá da Dona Maria e fotos das incursões em campo.
Fonte: DDU, 2014 e SANTA BRÍGIDA, 2024

Quando da aproximação com a clientela de Dona Maria, nota-se em um primeiro contato a resistência das pessoas a darem entrevista e, principalmente, a autorizar qualquer tipo de gravação. Seu Marcelo Fadul, por exemplo, apesar de fornecer seu nome, preferiu não revelar sua idade. Frequentador do local há mais de dez anos, não reside mais em Belém, mas faz questão de marcar presença na barraca quando está na cidade, por morar em um bairro próximo e também tradicional: a Cidade Velha. Ao ser indagado sobre o tempo de permanência na barraca, afirma: 40 minutos (Fadul, 2024) e acrescenta que costuma ir com os amigos.

Já Roberval Quintela já "perdeu as contas" de quantas vezes já foi à Barraca da Dona Maria, uma vez que vai sempre que sente vontade de tomar um tacacá ou comer um vatapá (2024). Apesar de não contar se mora nas proximidades, relata que passou a frequentar o local por ser um ponto tradicional na cidade, inclusive frequentando também o Tacacá da Flávia. Sobre o hábito de comer na calçada, encara como cultural, fazendo isso desde criança. Para Samira, o costume de tomar tacacá remonta à infância. Moradora da Cidade Velha, enxerga no Tacacá da Dona Maria um ponto marcante da cidade, situado em uma de suas avenidas mais importantes; sobre a cultura das calçadas, gosta do movimento da rua em dias calmos e sempre pega as mangas que caem enquanto está na barraca - há uma grande mangueira bem ao lado da barraca (2024).

Dentre os clientes de dona Maria foi possível identificar muitos turistas, que informaram que o ponto de tacacá chama atenção "o espaço é agradável, ao sairmos do hotel e passarmos pela rua, chamou nossa atenção" informou um dos interlocutores que preferiu não se identificar.

4. ESPACIALIDADE, AMBIÊNCIA E CULTURA "DE CALÇADA"

Para conceituar espacialidade na arquitetura, busca-se a definição de Leatherbarrow e Pereira (2008) em que a espacialidade se refere às experiências e significados que os fenômenos têm para uma pessoa. A palavra-chave na distinção entre espaço e espacialidade é a experiência. A partir dela, um espaço pode assumir sentidos diferentes de acordo com o indivíduo que esteja tomando parte, de alguma forma, daquele ambiente. Neste sentido, o caráter pessoal e subjetivo das pessoas infere marcas na concretude da cidade e, subsequentemente, da arquitetura, alterando o tecido urbano-arquitetônico e dotando-o de significados. Não obstante, moradores de uma mesma cidade desenvolvem relações diferentes com ruas, edifícios, praças e mesmo calçadas. A espacialidade existe em um plano material moldado a partir da subjetividade e experiência do sujeito, podendo contar ou não com a interferência do Outro para ser criada ou modificada. Assim, a espacialidade é, acima de tudo, a cidade que se vivencia dentro e a partir do próprio corpo.

Soma-se a esta discussão o conceito de ambiência sensível (Duarte et al, 2022), que abrange não só o espaço vivenciado, mas as sensorialidades envolvidas, bem como seus aspectos materiais e imateriais. Para os autores – e, por consequência, para esta pesquisa – a compreensão da ambiência se ancora por meio da experiência do corpo no Lugar (ou na Espacialidade), ocorrendo um sincretismo entre ambiência e sujeito através da experiência desse/nesse Lugar. Através dos sentidos corporais, os transeuntes são capazes de apreender, criar significados e desenvolver laços sociais pela cidade. A partir deste entendimento, reconhece-se no paladar uma natureza multissensorial própria que o aproxima da perspectiva das ambiências, também plurais sensorialmente. Deste modo, é natural a postulação do conceito de ambiências gastronômicas, uma vez que ambos estão inerentemente entrelaçados através das experiências sensoriais dos sujeitos e imersos no tecido histórico, cultural e afetivo da sociedade.

Se para Augoyard (2020), o fato de pessoas utilizarem os equipamentos urbanos e arquitetônicos em seu cotidiano é apaixonante, para a ambiência gastronômica do tacacá o espaço da calçada se transforma em Espacialidade e Lugar; ou seja, ganha sentido e significado para quem o experiencia. Isso porque historicamente as vendas de tacacá são feitas em barracas ou food trucks no meio-fio, com banquinhos e cadeiras se estendendo pela dimensão das calçadas. Esta disposição é tão forte que várias vezes aparece nos relatos dos interlocutores como sendo "natural" e mesmo "cultural". Faz parte da experiência de tomar o tacacá sentar, em cadeiras, na calçada para fazê-lo.

Ao serem indagados se acham a prática diferente ou mesmo estranha, a maioria dos entrevistados respondeu que já estava acostumado e que senta nas calçadas desde criança para consumir a iguaria. Algumas pessoas também apontaram que consumir o caldo quente ao ar livre da rua é mais confortável do que consumi-lo dentro de um estabelecimento, por causa da temperatura. Assim, nota-se que as calçadas do tacacá deixam de ser um espaço de passagem para se transformar em ambiência gastronômica, compostas não só pela culinária, mas pelo cheiro do tucupi, o seu odor provocante, o gosto do jambu, o vento da rua, o som dos carros e pessoas passando ao redor e a experiência de tomar o tacacá direto na cuia enquanto a cidade acontece por detrás – ou pela frente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo, buscou-se dar profundidade à importância dos sentidos e da cultura dentro da discussão arquitetônica. O espaço que se torna subjetivo e alcança a alçada de espacialidade, a calçada que deixa de ser passagem para se tornar ponto de destino, as cadeiras ao ar livre que não atrapalham o movimento dos pedestres, mas se fundem como elementos culturais da paisagem. Observa-se, através das incursões em campo, que espacialidade e cultura estão entrelaçadas no consumo da tradicional iguaria que, conforme relatado pelos interlocutores, faz parte da experiência de estar na Amazônia. Partindo das disposições da cadeira, a sensação de suor após ingerir a comida típica, que é bem calórica, as conversas animadas entre os grupos e o cheiro do tucupi sendo fervido, são exemplos das ambiências experienciadas pelos consumidores.

A corrente pesquisa representa a proposta de uma nova perspectiva no âmbito das ambiências arquitetônicas, aqui sumarizada no conceito de ambiências gastronômicas. Em concordância com autores estebelecidos no campo, como Duarte et al (2022), Duarte e Pinheiro (2019, 2020), Augoyard (2020), entre outros, acredita-se que a pesquisa sensível em Arquitetura oferece muitos caminhos interdisciplinares a serem explorados, ancorando-se na espacialidade e nos elementos que a compõem. Desse modo, a exploração do conceito de ambiências gastronômicas em uma cidade onde a culinária tradicional molda diariamente a vida de sua sociedade, como é o caso de Belém do Pará, é uma oportunidade de potencializar pesquisas que favoreçam o olhar regional, amazônico, sob a luz da experiência arquitetônica que se mistura com a própria sensorialidade presente na cuia do tacacá.

6. BIBLIOGRAFIA

Augoyard, JF (2020). Uma travessia das ambiências dentro... Acima, longe de... Através de... Em CR Duarte; E Pinheiro (orgs.), Arquitetura, Subjetividade e Cultura: cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo (pp. 108-171). RioBooks.

Bitter, D; Bitar, NP (2012). COMIDA, TRABALHO E PATRIMÔNIO. NOTAS SOBRE O OFÍCIO DAS BAIANAS DO ACARAJÉ E DAS TACACAZEIRAS. Horizontes Antropológicos, 18(38), 213-236.

Castro, M. R. N. D. (2018). Socialidades e sensibilidades no quotidiano da Feira do Guamá: Uma etnografia das formas sociais do gosto (tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Belém-PA.

Csergo, J (2018) A emergência das cozinhas regionais. Em J-L. Flandrin; M. Montanari (org.), História da alimentação (pp. 614-628). Estação Liberdade.

Deleuze, G (2012). Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Editora 34

Duarte, C. R. Miranda, C. Pinheiro, E. Silva, L. J. (2022). Experiência do Lugar Arquitetônico. Dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books.

Furtado, L. S., de Moraes Alves, L. R., de Macedo, A. B. F., de Almeida Pinto, Á. J., Tourinho, H. L. Z., e Raiol, R. D. O. (2020). Impactos ambientais oriundos do crescimento urbano/demográfico: um estudo no bairro da Pedreira, Belém/PA. Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, 11(7), 484-500.

G1 Pa. (2020). Portal de notícias, **Belém tem título de Cidade Criativa da Gastronomia renovado pela Unesco.** *https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/08/20/belem-tem-titulo-de-cidade-criativa-da-gastronomia-renovado-pela-unesco.ghtml*

Jacques, A. P. C. (2015). PATRIMÔNIO CULTURAL E ATRATIVO TURÍSTICO GASTRONÔMICO EM BELÉM DO PARÁ, BRASIL. (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília-DF.

Le Breton, D (2016). Antropologia dos sentidos. Editora Vozes

Leatherbarrow, D e Pereira, TC (2008). Espaço dentro e fora da arquitetura/space in and out of architecture. Arqtexto, 6-31.

Modesto Júnior, M. de S., & Alves, R. N. B. (2019). PRATOS À BASE DE DERIVADOS DE MANDIOCA: Custos e Retorno Financeiro. Em M. de S. Modesto Júnior; R. N. B. Alves (Eds.), Mandioca: agregação de valor e rentabilidade de negócios. (pp. 185–203). Embrapa, PA.x

Moreira, F. da S. de A., Dias, G. F. de M., Vitorino, M. I., Silva, J. C. C. da, & Holanda, B. S. de. (2019). CARACTERIZAÇÃO DA URBANIZAÇÃO E SEU IMPACTO NAS VARIÁVEIS SOCIOAMBIENTAIS: Guamá e Nazaré em Belém, Pará. *InterEspaço: Revista De Geografia E Interdisciplinaridade, 5*(17), e11775. https://doi.org/10.18764/2446-6549.2019.11775

Oliveira, L. S. C. (2015). Paisagem Cultural e Etnografia: Incursões e Imersões no Bairro de Nazaré, Belém-Pa. **História da Avenida e do Bairro de Nazaré.** https://paisagemculturaleetnografia.blogspot.com/

R36

MATERNAL AMBIANCES: THE PERCEPTIONS AND SENSATIONS OF STROLLING WITH A BABY IN PARQUE TAMANDARÉ, IN CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

AMBIÊNCIAS MATERNAS: AS PERCEPÇÕES E SENSAÇÕES DE PASSEIOS DE CARRINHO COM UMA BEBÊ NO PARQUE TAMANDARÉ, EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Jasmine Andrade Sanz
Mestre em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas – PPGDAP/UFF
Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Instituto Federal Fluminense
jasminesanz@gmail.com

ABSTRACT
In this article I describe observations I made while strolling with my baby on a middle-class street in Parque Tamandaré (Campos dos Goytacazes – RJ). This place is undergoing transformation, with houses being replaced by buildings. Besides structural changes, the sensitive aspects of the place are also being modified. As methodological strategy I use *in situ* observation and, for analysis, interlocution between studies on urban ambiences and phenomenology. By this study I hope to present the perceptions felt by a female body with a baby on its way through a part of the city.

KEYWORDS: ambiances. phenomenology. mothering. urban transformations.

RESUMO
Neste artigo relato as observações ocorridas durante as vivências nos passeios com a minha bebê em uma rua de classe média no Parque Tamandaré (Campos dos Goytacazes – RJ). Referido lugar passa por um processo de transformação, no qual casas vêm sendo substituídas por edifícios. Além das mudanças estruturais, os aspectos sensíveis do local também estão sendo modificados. Como estratégia metodológica, utilizo a observação *in situ* e, para as análises, a interlocução entre os estudos sobre ambiências urbanas e fenomenologia. Espero com este estudo apresentar as percepções sentidas por um corpo feminino com uma bebê nos seus trajetos em um trecho da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. fenomenologia. maternagem. transformações urbanas.

1. INTRODUÇÃO
As observações que resultaram nesta pesquisa começaram a ocorrer desde os primeiros passeios pelas calçadas que tive com a minha filha, então recém-nascida. A ideia de escrever sobre esse assunto surgiu a partir de minhas próprias experiências, de como me percebi afetada pelos aspectos do ambiente urbano de forma diferente de antes da maternagem. Muito é falado sobre as mudanças no corpo da mulher após a gravidez, mas pouco se fala sobre as mudanças em suas vivências na cidade.

Para chegar a um destino, não mais busquei o caminho mais curto, mas aquele que possuísse qualidades antes não tão valorizadas, como flores perfumadas ou casas com muros baixos de pedra, cuja textura minha filha pudesse tatear com as pontas das unhas. Adquiri um olhar muito mais atento ao ambiente do meu próprio cotidiano, àqueles pequenos elementos que compunham as atmosferas dos lugares que anteriormente frequentava, embora quase sempre com pressa e desatenta.

Além dos aspectos físicos da cidade, alteraram-se os encontros nos espaços públicos. Passei a evitar ainda mais os trechos vazios que gerassem sensação de insegurança; escolhi caminhos em que achava ter mais chances de encontrar outros pais e mães com seus filhos, cumprimentando-os e tendo conversas com pessoas que, se não estivessem com seus bebês, provavelmente não teria. Inversamente, algo parecido ocorreu: a maioria das pessoas que cruzava com a gente nos cumprimentava, gente de todas as idades, com ou sem crianças. O ar blasè (Simmel, 1967) ou a interação desfocada (Goffman, 2010), tão característicos dos encontros citadinos, diluíam-se com a presença da minha filha.

Este artigo representa uma tentativa de relatar minhas percepções e vivências nesta nova situação, o corpo materno com seu bebê na cidade. O local escolhido foi a Rua Almirante Wandenkolk, no Parque Tamandaré, um bairro de classe média alta da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ). As observações iniciaram-se ainda em 2022, mas as anotações e os registros de campo datam dos primeiros meses de 2024.

Como estratégia metodológica utilizo a observação *in situ,* ou seja, estar na rua observando com o meu corpo os fenômenos sensíveis do lugar, com a particularidade de que pretendi tanto apreendê-los quanto vivenciá-los como os demais usuários. Estava naquele espaço como observadora, mas também como mãe que levava sua filha para passear. Para as análises dos fenômenos percebidos, utilizo a interlocução entre os estudos sobre Ambiências urbanas e as contribuições fenomenológicas.

2. O CONTEXTO DA PERCEPÇÃO

Entendendo-se Ambiência como o "espaço-tempo experimentado pelos sentidos" (Thibaud, 2012, p.9), vivenciá-la requer que o pesquisador esteja dentro dela, sendo afetado e experienciando com as suas sensações corporais a qualidade da situação (Thibaud, 2023). Para estudá-la, é necessário estar presente, sentindo com o seu próprio corpo aquilo que em uma fração de segundo comunica com a sua percepção emocional a atmosfera do local (Zumthor, 2009). Nesse sentido, segundo Pallasmaa, "o meu corpo me faz lembrar quem eu sou e onde me localizo no mundo. Meu corpo é o verdadeiro umbigo de meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração" (2011, p.11).

O corpo da mulher que passa pela experiência da gravidez é afetado de distintas maneiras. Posso dizer que o puerpério representou um divisor de águas na minha experiência sensível com o mundo. Passei os três primeiros meses após a gestação dentro de casa com a minha bebê. Desejava que o meu corpo se adaptasse à experiência do pós-parto e da maternagem. Desejava que o corpo que havia saído de dentro de mim se adaptasse à vida fora do útero. Os seus sentidos ainda não estavam completamente formados. Via-me diante da imensa responsabilidade de apresentar o mundo a uma outra pessoa que ainda nascia, criando as suas primeiras experiências, percepções e memórias.

Nosso primeiro passeio de carrinho ocorreu na primavera e foi vivido por mim com muito entusiasmo. Depois de uma experiência doméstica tão intensa, sentia de forma pujante a tensão entre o interior e o exterior (Zumthor, 2009). O trajeto geralmente se resumia a cruzar alguns quarteirões, ir até a casa de minha mãe, passear com a cachorra e passar na padaria. Era nesse circuito que encontrávamos outras crianças e interagíamos com elas, vivenciando a experiência urbana, sentindo as tonalidades afetivas da rua (Thibaud, 2023) e conseguindo apresentar o horizonte para quem há poucos meses conhecia somente o útero.

O contexto dessas experiências foi o Parque Tamandaré, um bairro em transformação, mas onde ainda há antigas casas modernistas com plantas tropicais nos jardins, ruas de paralelepípedo, cachorros deitados nas varandas, gatos sobre os muros e vizinhos (por vezes de uma vida inteira) que todavia se cumprimentam. Referido bairro surgiu na década de 1950, no contexto de expansão urbana para oeste do centro consolidado, e nasceu *moderno,* com algumas das construções mais emblemáticas da arquitetura daquela época. Contudo, desde os anos 2000 as casas vêm sendo demolidas, dando lugar a prédios verticais, ou convertidas em pontos comerciais, ou simplesmente desocupadas até algum desses destinos, tudo sob intensa especulação imobiliária.

As mudanças em curso impactam diretamente os aspectos sensíveis das ruas. O conjunto homogêneo gerado pela composição das construções, quase todas residenciais, com baixo gabarito e estética semelhante, torna-se mais diverso. Consequentemente, o mesmo se aplica aos usos: os trechos que possuem mais imóveis destinados ao comércio passaram a ter uma dinâmica distinta daqueles que ainda preservam imóveis destinados à moradia; já os trechos nos quais há casas sem uso (esperando serem alugadas ou vendidas) ou mais prédios do que casas vivenciam dinâmicas diferentes daqueles cujos moradores mantêm contato direto com a calçada. Assim, mesmo em uma única rua é possível perceber diferentes características estéticas, usos e situações que conformam de distintas maneiras a nossa percepção do local.

3. AS AMBIÊNCIAS DA RUA ALMIRANTE WANDENKOLK PERCEBIDAS POR UMA MÃE DURANTE PASSEIOS DE CARRINHO COM A SUA BEBÊ

A rua em estudo, conformada entre as Avenidas Dom Bosco e Pelinca, pode ser dividida em três trechos, distinguíveis por Ambiências próprias: o primeiro entre a Avenida Dom Bosco e a Rua Visconde de Inhaúma; o segundo, das Ruas Visconde de Inhaúma à Marquês de Herval; e o terceiro, da Rua Marquês de Herval até a Avenida Pelinca (Figura 1).

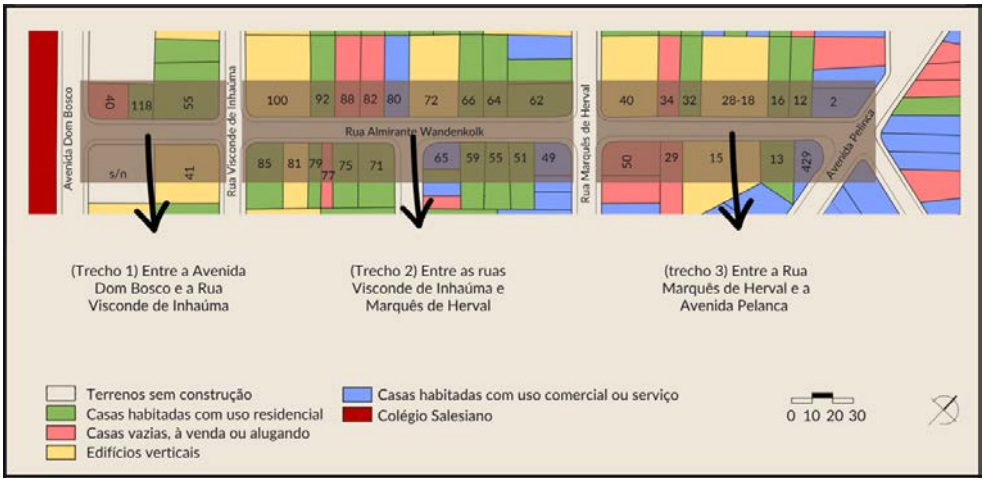


Figura 1. Tipologias e usos da Rua Almirante Wandenkolk.
Fonte : Autoria própria (2024).

Dos três trechos acima indicados, aquele entre a Avenida Dom Bosco e a Rua Visconde de Inhaúma (trecho 1) é o que mais causa sensação de descontinuidade com o restante da Almirante Wandenkolk (Figura 2). Das quatro construções no local, apenas uma casa tem sua entrada voltada para a rua em estudo; com portas e janelas gradeadas e isolada das fachadas das demais construções, exibe fragilidade e solidão. As duas casas de esquina e o prédio voltam-se para as ruas perpendiculares. Há ainda um terreno desocupado, onde os moradores do entorno despejam aquilo que não descartam no lixo comum.

Figura 2. Imagens do trecho 1.
Fonte: Autoria própria (2024).

Trata-se de um local com pouca apropriação pelos seus moradores e que se converteu em um espaço residual da rua, onde a sensação predominante é de abandono e isolamento. Por essas características, passei pouco por ali com minha filha. Não era um ambiente em que pudesse encontrar outro cuidador e parar com tranquilidade com nossas crianças. Pode ser considerado um trecho estritamente de passagem e, ainda assim, bastante evitado. Nele trafegam somente aqueles que não teriam outro caminho, além dos automóveis, que percorrem toda a cidade indistintamente.

Atravessando a calçada da Rua Visconde de Inhaúma e seguindo até o trecho da Marquês de Herval (trecho 2) paira uma outra Ambiência. Foi ali onde mais nos envolvemos em nossos passeios e onde se encontram mais elementos de outrora. A maioria das casas segue ocupada e preserva sua hospitalidade com relação à rua (Figura 3).

Figura 3. Imagens do trecho 2.
Fonte: Autoria própria (2024).

Neste pedaço de rua ainda podemos ouvir vendedores que transitam com suas bicicletas ou carrinhos, oferecendo com suas próprias vozes vassouras, frutas e picolés (Figura 4). Os principais clientes são os moradores das casas, já que aqueles que estão no alto dos prédios mal os escutam. Tais sons remetem a um modo de vida de outro tempo e ajudam a estruturar e articular a experiência da rua, fornecendo de certa maneira o *continuum* temporal no qual as impressões visuais estão inseridas (Pallasmaa, 2011).

Figura 4. QR-CODE que direciona para link compilação de sons que caracterizam o trecho 2.
Fonte: Autoria própria (2024).

Mesmo as grades nos muros das casas situadas nesse trecho não parecem significar uma proteção contra algum medo externo. É comum vermos portas e janelas abertas, permitindo o "intermédio entre o interno e o externo" (Pallasmaa, 2011, p.97). Atrás dos gradis, os jardins, quase todos formados por plantas tropicais – marantas, dracenas, helicônias, antúrios e bromélias – , mostram-se bem conservados e criam um microclima agradável. No final da tarde, o cheiro de terra molhada marca alguns trechos das calçadas. A exuberância das cores e texturas é especialmente atraente para as crianças, que sempre que podem tentam puxar algum pedaço de folha com as suas mãos.

Sobre os jardins, notam-se certas diferenças nas sensações conferidas pelos das casas e aqueles na fachada dos edifícios. Primeiramente, as plantas das casas estão muito bem adaptadas ao local, tanto por serem próprias para esse clima quanto por estarem ali há décadas, enquanto as dos prédios costumam ser de outras regiões e, incapazes de se adaptar, são constantemente replantadas – resultado de projetos que ostentam menos naturalidade, em um padrão que privilegia a praticidade sobre a elegância.

A partir das reações de minha filha, percebi também a diferença entre ver um jardim através de um elemento vazado e vê-lo pelo vidro que contorna a maioria dos edifícios (Figura 5). O vidro de certo modo converte a paisagem em tela, conferindo-lhe um ar frio e estéril e obstando a interação com os demais sentidos. Já as grades permitem a experiência do jardim – que, assim como as demais experiências arquitetônicas, relaciona-se com a "essência dos verbos e não a dos substantivos" (Pallasmaa, 2013). Por elas nosso olhar pode penetrar, podemos sentir texturas e cheiros, por vezes tocar nas pontas de alguma planta e, no caso das crianças, levá-la até a boca.

Figura 5. Fotografias de jardins de edifícios e casas, localizados no trecho 2.
Fonte: Autoria própria (2024.)

As pedras e as plantas atraem animais como pássaros, lagartos e borboletas, que acompanham o caminhar. Quase todas as casas têm cachorros, noutras há gatos. Os animais humanizam os espaços; mesmo sem a presença de seus donos, sabemos que ali existe uma vida que anima a casa. Diferentemente dos trechos com prédios, sem vida na maior parte dos extensos muros que os contornam, apenas jardins inertes, caracterizando espaços que não promovem a conexão humana com o mundo (Pallasmaa, 2011). A sensação de encontrar uma casa animada é muito confortável e alegre. Atrai a atenção do bebê, transmite-nos mais segurança e fortalece nossa conexão com o lugar.

Destaca-se ainda que, mesmo que por de trás de algumas casas já existam prédios localizados em ruas vizinhas, a horizontalidade de grande parte desse trecho permite-nos ver o céu e ser tocados pelo Sol. Isso será completamente perdido se em algum momento todas as casas se transformarem em prédios com mais de vinte pavimentos.

Durante a manhã e ao final da tarde é quando há maior movimentação das calçadas. Poucos são aqueles que saem de suas casas ou apartamentos caminhando para ir trabalhar ou fazer suas atividades cotidianas, mas muitos saem para passear com os seus cachorros ou bebês. A rua adquire uma característica bastante social, já que não há qualquer espaço público na região que possibilite encontros. Bebês, crianças, cachorros e seus cuidadores interagem uns com os outros e entre si, não raro terminando seus passeios em companhia.

A sensação é de um local vivo (Figura 6). O ritmo é animado, os sons se fundem aos cheiros e às texturas. É um pedaço de cidade onde, respondendo à indagação feita por Pallasmaa (2011), ainda é possível ouvir a risada das crianças, o bater das asas dos pombos e o grito do vendedor ambulante.

Figura 6. Vivências ocorridas no trecho 2.
Fonte: Autoria própria (2024).

Atravessando a esquina com a Rua Marquês de Herval (trecho 3), passamos a sentir uma atmosfera mais agitada à medida que nos aproximamos da Avenida Pelinca, um dos principais eixos de comércio e serviço da cidade (Figura 7). Há carros estacionados em ambos os lados da rua e maior fluxo de pedestres, não necessariamente levando seus cachorros ou bebês para passear, mas indo à Pelinca ou vindo de lá. Nesse trecho localizam-se os edifícios mais recentes e valorizados da Almirante Wandenkolk, com portarias que ostentam uma estética contemporânea e materiais como vidro espelhado e metais escurecidos.

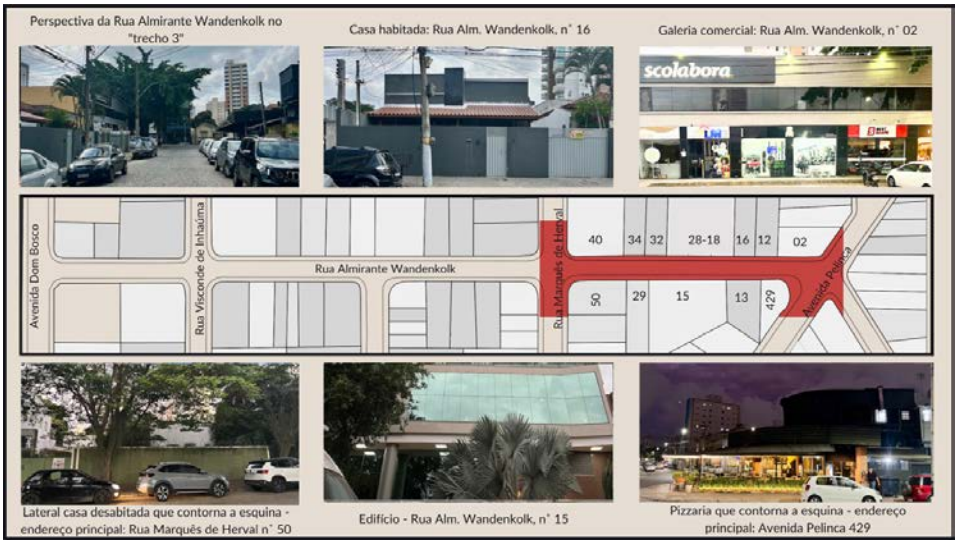


Figura 7. Imagens do trecho 3.
Fonte: Autoria própria (2024).

Nesse segmento a transformação pela qual passa o bairro fica mais evidente: em 2024, três casas foram demolidas e, em seu lugar, será construído um prédio de alto padrão. As casas remanescentes exprimem certa vulnerabilidade face aos novos empreendimentos e parecem ter se fechado para a rua. Não vigora uma harmonia no conjunto: embora os pontos comerciais tragam vida e animação para o lugar, há muita movimentação e pouca permanência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de sair de casa sozinha é completamente distinta de quando se está com uma bebê; seu olhar curioso e criativo nos faz redescobrir as belezas do cotidiano, tal como quando conhecemos o mundo pela primeira vez. A bebê inspira um diferente ritmo e resgata a admiração pelas pequenezas do caminho. A calma proporcionou maior consciência da cidade. Pude espontaneamente exercitar a percepção das características que criavam as atmosferas dos locais por onde passávamos, os aspectos sensoriais daqueles lugares em que nos demorávamos mais, empregando os ensinamentos de Pallasmaa sobre a maneira de vivenciar a arquitetura "como parte de nosso mundo existencial, não como objetos fora de nós mesmos" (2018, p.57).

Sob esta nova condição, pude refletir sobre o processo de transformação do bairro, e particularmente da rua em estudo, a partir da minha própria vivência corporal, em companhia de uma criança. Meu corpo fez-me perceber que as mudanças não se resumem a prédios substituindo casas, mas atingem principalmente os aspectos sensíveis relacionados à qualidade da experiência urbana. Não se trata de resgatar um passado vislumbrado pelo olhar rosáceo da nostalgia, ou mesmo impor tipologias ou usos sob perspectivas normativistas. A questão é, como alerta Thibaud (2023), evitar um controle dos ambientes sensoriais tal que iniba qualquer possibilidade de encontros e usos espontâneos e, no extremo, leve ao completo alheamento do entorno, tudo a partir de lógicas comerciais que oferecem como produto meras unidades de moradia e renegam a qualidade da vida citadina.

Neste breve ensaio não foi possível descrever todas as percepções sentidas; algumas informações e análises acabaram excluídas para melhor adequação à proposta do trabalho. As mudanças constatadas são inúmeras e contínuas. De fato, considero este o primeiro de outros textos em que continuarei tentando contribuir para o debate em questão, ao lado deste novo corpo que nasceu.

5. BIBLIOGRAFIA

Goffman, E. (2010). Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Vozes.

Pallasmaa, J. (2011). Os olhos da pele: arquitetura e os sentidos. Bookman.

Pallasmaa, J. (2013). A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura. Bookman.

Pallasmaa, J. (2018). Essências. Gustavo Gilli.

Pallasmaa, J. (2020). Habitar. Gustavo Gilli.

Thibaud, J. P. (2012). A cidade através dos sentidos. Cadernos PROARQ, 18(1), 1-16. *https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/cadernosproarq18.pdf*

Thibaud, J. P. (2023). Ambiência. Em S. Cavalcante; G.A. Elali (Ed.), Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente (pp. 13-25). Vozes.

Simmel, G. (1967). A metrópole e a vida mental. Em O.G. Velho (Ed.). O fenômeno urbano (pp. 10-25). Zahar.

Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Gustavo Gilli.

R36

STREET MARKET AND PORT AMBIANCES IN THE EASTERN AMAZON: ETHNOGRAPHING SYMBOLIC PLACES OF SOCIABILITY IN RIVERSIDE CITIES

AMBIÊNCIAS DE FEIRAS E PORTOS NA AMAZÔNIA ORIENTAL: ETNOGRAFANDO LUGARES SIMBÓLICOS DE SOCIABILIDADES EM CIDADES RIBEIRINHAS.

Luiz de Jesus Dias da Silva
Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Líder do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Doutor em Antropologia – PPGSA/UFPA
Mestre em Ciência da Arquitetura – PROARQ/UFRJ
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
ljds@ufpa.br

Juliane Oliveira Santa Brígida
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Mestre em Ciências da Comunicação – PPGCOM/UFPA
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
jusantabrigida01@gmail.com

Letícia Martel Kuwahara
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
leticiakuwahara25@hotmail.co

ABSTRACT

The Amazon hydrographic basin favors the articulation between riverside cities, small traditional cities and capitals promoting long-lasting sociocultural dynamism. The landscapes on the banks are made up of ports, piers, warehouses, fairs and markets that materialize the end and beginning of cities where production is supplied and transported. This socio-spatial connotation marks the morphology, culture, economy, commerce and transport resulting in the ambiences of these Amazonian spatialities. This article aims to ethnograph the ambiance of fairs and ports combined in the same space in the Eastern Amazon focusing on two capitals: Belém-PA and Macapá-AP; and two cities in lower Tocantins: Abaetetuba-PA and Cametá-PA. Qualitative research was used with the ethnographic method through the tools of direct observation, open and subjective interviews. It was found that the permanence of this urban-rural configuration remains powerful in Amazonian cities as a result of cultural factors, succession of customs and riverside nature.

KEYWORDS: ambiances. fairs. sociabilities. cities. amazon.

RESUMO

A bacia hidrográfica da Amazônia favorece a articulação entre cidades ribeirinhas, pequenas cidades tradicionais e capitais, promovendo dinamismo sociocultural longevo. As paisagens das margens são compostas por portos, cais, trapiches, feiras e mercados que materializam o fim e o começo das cidades, onde abastecem e escoam as produções. Essa conotação socioespacial marca a morfologia, cultura, economia, comércio e transporte, redundando nas ambiências dessas espacialidades amazônicas. Logo, este artigo tem por objetivo etnografar as ambiências de feiras e portos conjugados no mesmo espaço, na Amazônia Oriental, tendo como recorte duas capitais: Belém-PA e Macapá-AP; e duas cidades do baixo Tocantins: Abaetetuba-PA e Cametá-PA; com características representativas comuns na região. Para tanto, utilizou-se a pesquisa qualitativa com o método etnográfico através das ferramentas de observação direta, entrevistas abertas e subjetivas. Constatou-se que a permanência dessa configuração urbano-rural continua potente nas cidades amazônicas em decorrência de fatores culturais, sucessão de costumes e ribeirinidade.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. feiras. sociabilidades. cidades. Amazônia.

1. INTRODUÇÃO

A dinâmica das cidades e populações ribeirinhas amazônidas é fortemente marcada e influenciada pela presença de corpos d'água abundantes – que historicamente orientaram diversas ocupações iniciais dos colonizadores europeus em território brasileiro, ainda no século XVII. A compreensão de que o sistema fluvial era o único modo imediato de adentrar as terras recém-ocupadas e promover exploração dos sujeitos nativos e dos recursos naturais rentáveis fez com que os portugueses e demais colonizadores fincassem acampamento próximo às margens de rios e bacias, consolidando o domínio das terras setentrionais brasileiras.

Quanto à participação religiosa no processo de colonização das terras amazônicas, a obra missionária também foi ordenada por Portugal. Ainda que protegessem os indígenas das barbaridades físicas do poderio militar, a catequese cultural provocou um outro tipo de devastação: a extinção cultural (Oliveira, 1988). Tais missões foram essenciais nessa empreitada de conquista e formação de núcleos habitados ao longo dos principais rios da região, na sua porção leste, hoje conhecida como Amazônia Oriental. Esses religiosos se tornaram exímios exploradores de recursos naturais, denominados à época de drogas do sertão e tinham um relativo domínio sobre a mão de obra nativa para a coleta de frutos, raízes e outros produtos apreciados para exportação à Portugal, como o cacau, por exemplo.

Nahum e Ferreira (2019) descrevem, a partir de uma ótica histórico-geográfica, o modo de produção do espaço e da sociedade ribeirinha amazônida reiterando as relações intrínsecas entre a dinâmica dos rios e as mesmas. Dessa forma, os autores dissertam sobre o processo de conformação que estas populações passaram e destacam a pluralidade de interpretações e sentidos latentes na história das sociedades ribeirinhas da Amazônia, olvidadas no processo de colonização e domínio:

> O resgate da história da sociedade e espaço ribeirinhos da Amazônia nos permite refletir sobre as múltiplas formas de produção de territorialidades no meio rural amazônico que não podem ser vistas como tradicionais e estáticas ao movimento da sociedade como muito se advoga, mas são dinâmicas e plurais, pois essas populações também reinventam suas condições de vida para assim sobreviver frente às adversidades provenientes da chamada modernidade. (Nahum e Ferreira, 2019, p. 61)

Desse modo, os portugueses fundaram assentamentos, povoados ou vilarejos para servirem de bases exploratórias e marcação de seus domínios territoriais, muito dos quais mais tarde se tornariam cidades; sendo assim, o longo e intricado processo de relação entre mercado-porto teve origem ainda no século XVII e ainda hoje se mantém vivo em variadas cidades da região amazônica, como demonstrado no decorrer do artigo pelos casos das cidades de Belém (PA), Macapá (AP), Abaetetuba (PA) e Cametá (PA), como demonstrado na figura 1.

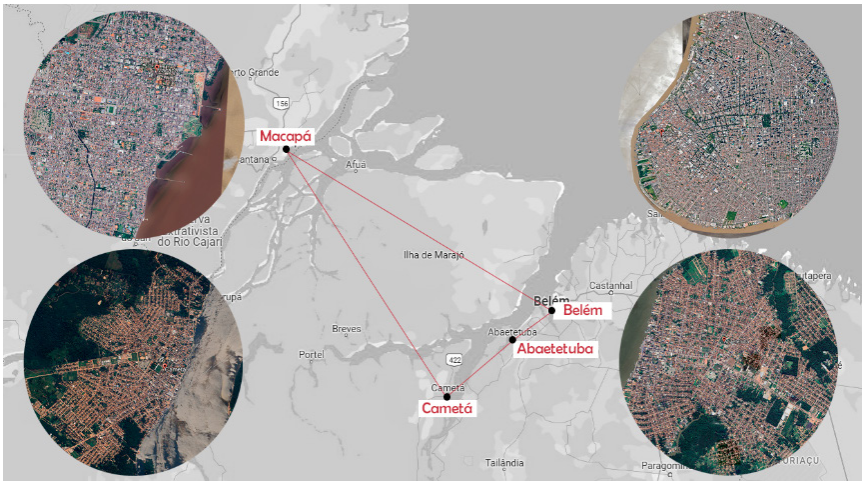


Figura 1 - Mapa com a localização dos locais de pesquisa
Fonte: KUWAHARA, L. M. 2024.

A partir de uma lógica de articulação entre as cidades, as espacialidades ribeirinhas e beira de rio conformam padrões que se diferenciam em suas formas e conteúdos com dinâmicas e relações socioespaciais diversas (Trindade Jr et al., 2008). A problematização desta pesquisa e artigo surgiu ao observar tais configurações, tão presentes e ao mesmo tempo tão vigorosas. Procurou-se investigar o porquê de tal aglomeração típica e o que poderia contribuir para sua permanência por tanto tempo com esse mesmo modus operandi de compor sua morfologia. Metodologicamente, além de um embasamento teórico, buscou-se encontrar elementos que fizeram resultar nessas características físicas e tipológicas para o fenômeno. Desse modo, deparou-se com as ambiências, redes sociais e sociabilidade presentes nas áreas pesquisadas, que expõem as dimensões subjetivas e sensoriais de cada lugar, compreendidas através do método etnográfico, visando a descrição, reflexão e valorização dos fenômenos.

Por ambiência entende-se o conceito de ambiência sensível, baseada e apreendida pelos sentidos – uma junção, por assim dizer, do espaço físico e o conjunto de elementos subjetivos e sensoriais que o cerca e compõe. (Duarte et al, 2022) Dentro do campo da Arquitetura e Urbanismo, a partir de uma perspectiva fenomenológica, ambiências e sujeitos estão ligados através da experiência do e no Lugar. Lugar, e não espaço. Visto que o espaço é aqui entendido como a demarcação física, mas ao atribuir sentido, pertencimento, identificação ou algum valor subjetivo, todo espaço passa a ser Lugar. Neste entendimento, portanto, ambiência se tornou o conceito-chave dentro da presente pesquisa: uma vez que feiras à beira de portos são Lugares tão tradicionais, a pluralidade de sentidos envolvida nelas juntamente com as relações de sociabilidade e memória, constituem o que passou a ser denominado por “ambiência de feiras” no artigo.

Esta pesquisa, portanto, buscou investigar as cidades de Belém-PA, Macapá-AP, Abaetetuba-PA e Cametá-PA por meio das ambiências implicadas nos fragmentos espaciais, materiais, simbólicos e sociais acerca de uma paisagem regional frequente nas urbanidades amazônicas, compreendidas através das peculiaridades e semelhanças, mas principalmente pelas suas tonalidades afetivas com os lugares.

2. PORTOS E FEIRAS NAS CAPITAIS: A FEIRA DO VER-O-PESO EM BELÉM (PA) E A RAMPA DO AÇAÍ EM MACAPÁ (AP)

O Ver-o-Peso é compreendido por um complexo de atividades comerciais, entre feiras e mercados que envolvem o sistema fluvial entre ilhas e municípios próximos, consolidado historicamente como a principal feira de abastecimento da capital, Belém-PA. Sua história se confunde com a própria história da cidade, uma vez que segundo Silva (2016) representa uma paisagem presente no imaginário paraense marcada pelas embarcações atracadas nas docas e a comercialização de diversos produtos.

A dinâmica presente nas margens da Baía do Guajará faz parte de uma rede hidroviária de transporte diário de produtos de origem regional, como afirma Leitão (2013, p. 3) "mercadorias que provêm quase diretamente da natureza", atividades de feira e portuária que se instalam nesse espaço desde a consolidação da cidade, que segundo a autora:

> (...) o Ver-o-Peso foi criado em 1625 como posto fiscal, por solicitação da Câmara de Belém, passando a chamar-se Lugar de Ver-o-Peso. Dada sua localização na confluência dos rios Amazonas e Guamá e o Atlântico, este importante entreposto comercial transformou-se em espaço significativo para a identidade econômica e cultural da cidade de Belém sendo o mais antigo e o mais importante mercado da região (Idem, 2013, p. 3)

Em decorrência dos processos históricos de longevidade da referida função feira-porto no centro histórico da capital paraense, as interações e dinâmicas do ver-o-peso também tornaram-se parte da cultura e tradições da população belenense. Nesse sentido, todos os produtos presentes nos hábitos alimentares são encontrados no complexo, uma vez que se compõe por aproximadamente 2 mil barracas, divididas entre os diversos setores e constituído por 6 elementos que são: Feira livre do Ver-o-peso, Solar da Beira, Mercado de carne, Mercado de peixe, Pedra do Peixe e Feira do Açaí. Assim, para além de um ambiente de comércio também adquiriu importância cultural e relevância turística, revelando as sociabilidades do lugar enquanto espaço regional e urbano.

Por isso, Silva (2016, p. 62) coloca que o Ver-o-peso "É muito mais do que um espaço comercial, sendo muito valorizado no imaginário e na estima dos habitantes da

região, tendo sua paisagem marcante na vida social da cidade", e isso se dá devido a multiplicidade de atores sociais que interagem entre quem está trabalhando, comprando, passeando, pesquisando, fiscalizando, etc. Além disso, enquanto entreposto de chegada portuária dos produtos, a feira/mercado também é o espaço-base de escoamento da produção regional para o abastecimento das redes de supermercado e outras feiras e mercados de Belém.

O complexo apresenta, dentre os diversos espaços e setores, tempos próprios e diversas formas de sociabilidade que variam desde a chegada a noite/madrugada dos ribeirinhos com o açaí, na Feira do Açaí e com o peixe, na Pedra do Peixe, até os trabalhadores do setor de alimentação, que na manhã próximo ao almoço, fritam o peixe que compraram na Pedra do Peixe e batem o açaí comprado na Feira do Açaí para servir em seus boxes. Nota-se que há uma diversidade não só de produtos, mas de trocas socioeconômicas dentro do cosmo ver-o-peso, o qual também é retroalimentado.

Além disso, os sentidos de crença depositados nos cheiros do Pará e ervas vendidas no setor em questão, popularmente conhecidos pelas respostas medicinais, utilizados no curandeirismo ou prece por algo são atmosferas típicas desse espaço. Os cheiros, por sua vez, apresentam um visual colorido com os frascos amontoados característico, quando se fala em ver-o-peso, bem como são conhecidos pelas vendedoras que divulgam seus produtos com frases que marcam jargões regionais, os quais representam o poder daquele cheiro, a exemplo do "chega-te a mim", "comigo ninguém pode", "abre caminho", "chama dinheiro", etc.

Por fim, compreende-se o complexo como um lugar limiar rural-urbano e ilhas-cidade devido a feira, que começa e termina no rio, simbolizar a interação ribeirinha com a cidade ocasionada pela função portuária, bem como comercialização da produção agrícola da população ribeirinha (Sales, 2014). Portanto, os simbolismos representativos da cultura regional amazônica abarcados pela memória, percepções sensoriais do olfato, paladar e visual, sociabilidades e imponência espacial enquanto lugar de de múltiplos microcosmos, proporcionados pela dualidade funcional feira-porto, legitimam o complexo do Ver-o-Peso como o maior mercado a céu aberto da América Latina.

Na década de 1960, onde hoje compreende a orla da cidade de Macapá, era o local mais estruturado urbanísticamente dentre os assentamentos da região, em que os aglomerados urbanos eram compostos por uma rua principal localizada na beira de cais (Tostes, 2006). Essa localização estratégica permitia a interação externa e o intercâmbio material e imaterial por meio do transporte fluvial, o que denota o crescimento da cidade a partir do rio, tendo como principal transporte, o barco e as atividades mercantis à margem. As informações obtidas na Secretaria de Infraestrutura do Estado do Amapá datam a construção da rampa do açaí em meados da década de 1980, espaço que fora concebido para receber as embarcações

das ilhas e venda do açaí in natura, sendo o único atracadouro com a função feira-porto que permanece na orla do rio Amazonas, na cidade de Macapá, até os dias atuais. Como exposto, é possível legitimar a longevidade das atividades de comércio e porto às margens do Amazonas, bem como a intrínseca paisagem ribeirinha. Esse cenário fez parte da base da ocupação beira-rio, que fora retirada, segundo Brito e Cantuária (2014), para a modernização da faixa costeira.

Esse cenário de feira livre e chegada de embarcações mostra um cotidiano social e cultural típico desses espaços: "(...) o 'bate papo' dos ribeirinhos com os atravessadores e consumidores, os quais em grande maioria são de origem das próprias ilhas (...)" (Santos, 2012, p. 225). Assim, a Rampa do Açaí representa essa paisagem de importância cultural e regional, que impulsiona a economia do açaí na região Amazônica e "mantém vivo a face ribeirinha na e da cidade (...)" (Santos, 2012, p. 225). É possível aferir que as práticas populares de feira e porto e as suas relações socioculturais organicamente imbricadas a esse território foram resistindo aos processos de planejamento urbano até se consolidar como pertencente àquele lugar. Nesse contexto, a Rampa do açaí se configura na paisagem de forma imaterial e efêmera através da dinâmica da feira com produtos regionais, sociabilidades e transitoriedade das embarcações.

O espaço de estudo em questão está localizado na Orla do Santa Inês, cidade de Macapá-AP, onde pode ser observado o movimento pendular para o escoamento da produção do açaí advindo das ilhas do Pará e Amapá, tendo essa atividade como justaposta no espaço destinado ao lazer metropolitano e múltiplas atividades durante o dia. A feira ocorre regularmente todas as manhãs, mas ao longo do dia sempre há vestígios materiais que indicam que naquele espaço ocorreu/ocorrerá uma feira, simbolizados pelos trabalhadores, bancas, ambulantes, embarque/desembarque etc. Os agentes sociais se adaptam ao espaço para viver nele e dele, sem ocupações de forma física e permanente; na Rampa do Açaí a venda se dá tanto em condição de feira livre quanto ambulante. Em entrevista com o barqueiro que exerce a função há 45 anos na Rampa do Açaí é possível notar que os próprios trabalhadores organizam o lugar ao final da feira, com ajuda mútua, tendo em vista a afirmação deles de que "todo mundo precisa trabalhar", e por isso a sociabilidade entre os trabalhadores é o que mantém e estrutura a atividade no local.

Além da venda do açaí, há também outros produtos como peixe, camarão, frutas e a venda ambulante que dispõe de comida, servindo de apoio para a demanda dos trabalhadores da feira. Com isso, percebe-se que há uma organização, mesmo que de forma orgânica, que se repete todos os dias, na qual os próprios ambulantes e vendedores de açaí setorizam as vendas, convenções estabelecidas sem regimento, apenas por trato estabelecido pela funcionalidade da feira. Dessa forma, mais próximo à rua ficam os ambulantes e mais próximo ao rio ficam os vendedores de açaí, de acordo com os respectivos acessos, a rua e o rio.

Nesse sentido, o trabalho na feira começa no final da tarde, em que os trabalhadores chegam para organizar e aguardar a chegada das embarcações com o produto para fazer o carregamento, sem horário pré-determinado e sim conforme, coletado em entrevistas durante as incursões, afirma um dos marreteiros que vendem na rampa do açaí: "a maré que permite chegar a qualquer horário, às vezes vende a hora que chega, mas quase ninguém vem comprar, então esse açaí já é pra madrugada". Estando sujeitos ao regime das marés os trabalhadores socializam madrugada adentro, formam um coletivo e impulsionam a apropriação do espaço, o qual é apoderado pelos indivíduos envolvidos na feira que ocorre durante a madrugada e vai até o alvorecer. Além da maré, as ambiências se alteram de acordo com a época do ano, safra e entressafra do açaí, os dias da semana e feriados, em que se observa uma menor frequência ou quase a inoperância da feira.

3. PORTOS E FEIRAS NO RIO TOCANTINS E AFLUENTES: A FEIRA LIVRE DE CAMETÁ (PA) E ABAETETUBA (PA)

A cidade de Abaetetuba foi fundada ainda no século XVIII fica localizada às margens do rio Maratauíra, afluente do rio Tocantins. Como em outras cidades da região amazônica, existe um rio e uma feira na sua margem, está associada a portos públicos e particulares, tanto recebendo pessoas como produtos e ao mesmo tempo perfazendo um fluxo inverso através das muitas embarcações que chegam e que saem a todo instante dessa beira-rio. Além da via principal paralela ao rio, – a Justo Chermont – onde está assente a maior parte da feira e dos estabelecimentos comerciais, existem as vias perpendiculares a essa principais, onde também há estabelecimentos comerciais e no leito da vias comércio informal ou feira livre, vias essas, que permitem o acesso à "frente da cidade", isto é, ao rio, aos portos e feiras, bem como dessa centralidade para o restante da urbe. A feira de Abaetetuba funciona de 5h da manhã até cerca de 13h, mas desde a madrugada chegam as embarcações vindo das ilhas e outras localidades próximas, trazendo todo tipo de produto regional disponível e que o consumidor local necessita: de gêneros alimentícios, como pescado, frutos e caça a utensílios diversificados como recipientes de argila, artesanatos, dentre outros. Logo às 10h da manhã é muito comum essas embarcações retornarem aos seus locais de origem.

Em duas incursões realizadas em maio e junho de 2024 foi possível observar a chegada de pessoas que trazem em seus barcos, rabetas ou canoas, grande quantidade do fruto do açaí – *in natura* – em paneiros confeccionados artesanalmente de talas de jupati ou de fitas sintéticas de polietileno. Logo que os barqueiros chegam ao porto há outros atores sociais interessados na compra e, consequentemente, há a transação comercial informal, existindo um valor variável, mas que segue uma cotação de mercado em função da procura e da oferta, havendo muita venda por atacado, para os chamados batedores e outros, como os comerciantes do ramo da

gastronomia que abastecem seus estabelecimentos. Na própria feira há batedores de açaí, que são as pessoas que processam o fruto transformando-o em suco, que denominam "vinho do açaí", os quais comercializam tanto às pessoas que o levam para suas casas como outras que o saboreiam ali mesmo.

Outro fruto que chega de barco *in natura,* é o buriti ou miriti, o qual também é processado como o açaí para transformar em vinho (suco), fazem também mingau de buriti, ambos vendidos na feira. O mingau de miriti é muito apreciado como desjejum e logo de manhã muitas pessoas vão à feira para tomar esse mingau. As bancas de venda de mingau são bastante concorridas, havendo outros tipos de mingau, sendo encontrados nesse dia o mingau de buriti, de açaí, de arroz, de milho e de crueira, que é derivada da mandioca, uma espécie de sobra residual da produção de farinha de mandioca. Em uma banca conversei com o Milito (39 anos), que é barqueiro e traz açaí de uma ilha próxima da cidade, toda madrugada para venda por atacado na "beira". Informou ... "Eu apanho os cachos na parte da tarde, à tardinha eu debulho, coloco nos paneiros, depois no barco". Essa narrativa do Milito foi gravada com sua permissão no momento em que ele saboreava um mingau de buriti, quentinho. Ele continuou informando que "de madrugada eu trago pra cá pra vender pro maquineiros (batedores de açaí), quando é 6 horas eu já vendi tudinho, do apurado eu compro o que precisa lá em casa, mantimentos, outras coisas, bebo meu mingau aqui e depois volto pro meu lugar". O Milito já estava finalizando sua refeição, quando se despediu e partiu, ele estava acompanhado de um outro rapaz que não quiz conversar, mas que soube ser ajudante do Milito na empreitada.

O mercado de peixe local está próximo ou atrelado a um porto específico para desembarque do pescado: a chegada desse produto se dá em toda a madrugada, mas por volta de 4h30 da manhã ainda há essa comercialização por atacado. A exemplo de Belém, os comerciantes de pescado – denominados peixeiros – compram em quantidade e vendem a varejo nesse mercado apropriado. Embora haja vendedores de pescado em outros locais dessa feira, o mercado foi construído para dar certa segurança e vigilância sanitária a um produto muito perecível e que requer cuidados no manejo e vendas. O mercado de peixe, como é conhecido, é parte da administração municipal e lá se observou a variedade de pescados oferecida e a grande procura pela população local.

Uma senhora de nome Júlia (nome fictício), de 46 anos, estava acompanhada de seu filho adolescente, de 16 anos, que ela chamava Biel; os dois chamaram atenção pois iam cada um com duas sacolas de plástico reforçadas, cheias de pescado. Quando abordada, dona Júlia foi muito solícita e permitiu fotos, entrevistas, acompanhamento para observações e falou que sua filha é estudante de pedagogia da UFPA e que vez por outra está fazendo pesquisas também. Júlia informou que aos sábados, ela abastece a sua casa com pescado para a semana inteira e que a sua família só gosta de "peixe com açaí, pode ser qualquer peixe, mas tem que ter o açaí... e farinha, claro". Depois de alguns segundos, dona Júlia lembrou da farinha e fez esse adendo

na entrevista gravada – no caso da farinha de mandioca, essencial no cardápio local, e com açaí e peixe formam uma tríade marcante da gastronomia na Amazônia Oriental. Sendo, portanto, de muita relevância no cardápio do homem da Amazônia (Furtado, 1993, p. 44; Loureiro, 1985, p. 21). Essa combinação alimentícia entre farinha de mandioca e peixe é uma díade que vem acompanhando o habitante da região dos tempos pretéritos coloniais aos tempos atuais (Silva, 2016, p.27)

Algo que chamou a atenção na feira foi a comercialização de "caça", como denominam os animais silvestres abatidos que são comercializados na feira, em barracas específicas. Encontrei tatu, paca e jacaré, em uma barraca e notei que na outra barraca ao lado também havia caça, mas os comerciantes informais não quiseram conversar, pois eles tem noção da ilegalidade, tanto que um cidadão ao negar entrevista disse que "é ilegal pela lei do IBAMA, mas que pode sim caçar para sobrevivência". Ele se referiu à caça na floresta, que é permitida como subsistência.

A feira da beira-rio de Abaetetuba se enquadra na premissa temática, aqui estampada, de que muitas cidades amazônicas foram fundadas e se expandiram a partir de um rio que passa em seu sítio originário e onde culturalmente se criou um centro comercial conjugado com portos, fazendo com que, diariamente, uma significativa camada da população viva em sua função. No caso de Abaetetuba existem vários portos, com destaque para o porto do Terminal Hidroviário, que é mais para passageiros de embarcações que ligam a cidade à localidades diversas da Amazônia por meio fluvial. Além disso, há outros portos como: porto do mercado de peixe, que, conforme o nome, está associado ao abastecimento desse mercado municipal; o porto da marisqueira; os três, portos públicos; havendo ainda outros portos particulares. Por fim, o interessante é a feira abranger todos esses portos, formando um complexo e fazendo com que a cidade se caracterize desse modo.

Apesar da cidade de Cametá ter sido fundada em 1635, a Feira Municipal só foi oficializada em 1971 com a inauguração do Mercado Municipal, momento em que a feira livre começou a ser organizada e administrada pelo poder público (Dias Jr., 2018). Estabelecida às margens do rio Tocantins, a partir do Porto Real – que foi o primeiro porto da cidade, atuando como entreposto de diversos barqueiros que navegavam nas águas do Tocantins, onde vendiam produtos e transportavam passageiros. (Dias Jr., 2018) Com a destruição do Porto Real pelas águas do rio, as bodegas que ali haviam foram demolidas e realocadas para o trapiche das embarcações, dando início à feira livre de Cametá.

Atualmente, a Feira de Cametá se divide em Mercado de Carne, Mercado de Peixe, Feira do Açaí e Feira da Farinha, centrados na comercialização dos respectivos produtos. (Dias Jr., 2022) Entre trocas visuais e sonoras, o ambiente de feira possui um caráter próprio e característico, ainda que mantenha especificidades de acordo com o local em que o equipamento está instalado. Neste sentido, não raro os feirantes se referem aos produtos com bordões específicos, no caso de Cametá, para se referir

ao mapará, por exemplo: "Esse é do nosso!" – indicando que o pescado tem origem cametaense e não de outras cidades próximas – ou mesmo "Olha o leite no caroço!", referindo-se à suculência e maturidade da bacaba. (Dias Jr., 2022)

As incursões à Cametá foram conduzidas nos anos de 2018 e 2024, guiadas pelos trabalhos do professor Carlos Dias Júnior, cametaense, pesquisador e doutor em Antropologia e Sociologia pela Universidade Federal do Pará. Já em 2018 foi possível visualizar a dinâmica plural de serviços oferecidos pelos feirantes e no âmbito da feira que extrapolavam a venda direta dos víveres: o "limpador de peixe" e o "carregador" apareceram nestas categorias, por exemplo. À época a feira municipal era a única formalmente consolidada na cidade, mas o crescimento urbano-populacional já indicava a constituição de outras aglomerações mercadológicas, como de fato ocorreu em 2019 com a cessão da Praça das Mercês pela Prefeitura para realização da Feira de Agricultura Familiar. Segundo Pantoja e Sousa (2022) a feira contava com vinte e cinco barracas para cinquenta famílias cadastradas. Os produtos à venda compreendiam "hortaliças diversas, frutas regionais, derivados da mandioca (farinha de mesa, farinha de tapioca, goma de tapioca, tucupi e beiju), polpas, doces e geleias de frutas, biscoitos, pó de café, chocolate em barra etc" (Sousa e Pantoja, 2022, p. 181).

Em entrevista nas incursões de 2024, encontrou-se o comerciante W.V., de 52 anos, morador de Cametá há mais de duas décadas, que destaca a tentativa da prefeitura municipal de sistematizar uma organização espacial, "[...]os governantes não conseguiram controlar devido a muita quantidade de atravessador [...]" que expandiram organicamente a feira livre. Apesar da criação de um mercado específico para comércio de peixe, W.V. observa que os feirantes preferem ficar próximo à feira do açaí, no local tradicional, por argumentarem que vão perder clientes ao mudar a venda. Chama atenção na feira de Cametá que sua orgnização só foi consolidada na década de 1970, mas a opção tipológica planejada e executada seguiu a morfologia de tantas outras cidades da Amazônia que têm orgulhosamente à "frente da cidade" uma feira/mercado atrelada a um ou mais portos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo, foi apresentado o modo de colonização e constituição das cidades ribeirinhas amazônicas, a fim de demonstrar a relação intrínseca entre cidade-rio presente na região. Mais do que historicamente, as cidades portuárias amazônicas – tanto no Pará quanto no Amapá – experienciam uma relação socio-economico-cultural com os corpos d'água e as feiras que se localizem às suas margens. Não raro, como relatado por Dias Júnior (2018) e pelos feirantes da Rampa do Açaí em Macapá, as ocupações e vendas se alteram e se moldam para contemplar o público ou os próprios trabalhadores. O surgimento do "limpador" de peixe e do "carregador" de sacola, bem como a organização dos agentes sociais que comercializam refeições para suprir a demanda dos trabalhadores da Rampa são indicativos de como a

sociabilidade construída entre os sujeitos que permeiam e compõem os espaços de feira impacta diretamente na manifestação física destes espaços e comércios.

A tradicionalidade representada tanto na permanência destes espaços quanto nas escolhas alimentícias, por exemplo, marcam o Lugar do mercado e da feira livre como expoente da cultura local. Nota-se no relato de dona Júlia a importância do açaí com farinha na alimentação cotidiana da família abaetetubense, bem como na frase "Esse é do nosso!" para se referir ao mapará "do bom"/"bonitão", ou seja, peixe gordo e saboroso característico da região de Cametá. Nesse sentido, tais experiências gastronômicas e culturais, à primeira vista desarticuladas do Lugar da feira em uma perspectiva fenomenológica, de fato constituem características que trazem à feira e ao mercado o conceito de ambiência.

Em uma fala notória de seu relato, o interlocutor cametaense destaca como a feira se torna um local de encontros sociais: "Geralmente eu vou fazer compra... Quando não, não tem compra pra fazer, eu vou mesmo só pra prestigiar, ver os peixes, até falar com pessoas que são conhecidos, que moram no interior[...]"(W.V., 2024) Em seguida relata o encontro com um amigo de infância na feira, onde trocaram vivências e compararam preços do pescado (em Cametá o peixe "da maré", ou seja, fresco, é mais caro). Continua contando que "esse encontro que, assim, sempre costuma ter até da própria família, que mora no interior, né? Aí sempre fica batendo papo até dar o horário de vir embora."

Ora, "as arquiteturas nas feiras caracterizam-se por sua dimensão imaterial, vinculando inter-relações, usos, contrausos, eventos [...]", como visto em Cardoso (2019). No entanto, uma leitura das sociabilidades que compõem as ambiências de feiras revela que, em verdade, esta imaterialidade da feira se choca com a organização das barracas e dos feirantes, extremamente firmadas em acordos sociais quanto ao espaço físico a ser ocupado. Além disso, a escolha de ir a uma feira e não a outra por conhecer a procedência dos produtos ou por saber que o local segue condições de higiene mais rigorosas; a própria imagem material dos mercados e de seus boxes/barracas demonstram o aspecto físico tão potente nas ambiências de feiras quanto às questões subjetivas, sociais e culturais que existem na compra de um peixe para o almoço da família.

5. BIBLIOGRAFIA

Brito, A & Cantuária, E. (2014). Da Fortaleza ao Araxá: O processo de transformação da paisagem cultural da orla do Rio Amazonas em Macapá-AP. 3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – Desafios e perspectivas.

Cardoso, A. C. D & Lima, J. J. (2006). Tipologias e padrões de ocupação urbana da Amazônia Oriental: para que e para quem? Em Cardoso, A. C. D. O Rural e o Urbano na Amazônia - Diferentes olhares em perspectivas. Edufpa.

Duarte, C. R. Miranda, C. Pinheiro, E. Silva, L. J. (2022). Experiência do Lugar Arquitetônico. Dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books.

Furtado, L. (1993). Pescadores do rio Amazonas. Um estudo antropológico de pesca ribeirinha numa área amazônica. MPEG.

JÚNIOR, C. A. C. D. (2018). Da feira e da cozinha: Consumo, identidade e linguagem em torno da comida na Feira Municipal de Cametá/PA.

JÚNIOR, C. D. (2022) O Verbo e o Comer: o que a feira fala da comida. Farinha e Rapadura, v. I, n. 1, p. 5-15,. Disponível em: *https://doi.org/10.59130/2965-128X-V01-N01-VERBO01*.

Leitão, W. M. (2013). Ver-o-Peso: um mercado de coisas boas e belas. Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem. p. 1-10.

Loureiro, V. R. (1985). Os parceiros do mar. Natureza e conflitos na pesca da Amazônia. (Dissertação de mestrado). Unicamp, Campinas.

Nahum, J. S. & Ferreira, D. S. (2019). Entre as margens dos rios e as marchas da história: espaço e sociedade ribeirinha na Amazônia. Revista PerCursos, v. 20, n.43, p.39-65. *http://dx.doi.org/10.5965/1984724620432019039*.

Oliveira A. E. (1988) Amazônia: modificações sociais e culturais decorrentes do processo de ocupação humana (séc. XVII ao XX). Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Série Antropologia, v. 4, n. 1, p. 65-115. *http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/717*

Rodrigues, C. I. & Borges, M. T. (2014). Portos e feiras: relações comerciais e de mediações culturais à beira do rio Guamá. Em RODRIGUES. C. I. SILVA. L. J. D. MARTINS. R. F. Mercados populares em Belém. Produção de sociabilidades e identidades em espaços urbanos. (p. 163-180). NAEA.

Sales, J. S. (2014). Etnografia de uma feira livre em Belém do Pará: consumo e circulação de produtos na Feira do Açaí e seus desdobramentos em temporalidades múltiplas. Em RODRIGUES. C. I. SILVA. L. J. D. MARTINS. R. F. Mercados populares em Belém: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano. (p. 73-87). NAEA.

Santos, E. (2012). Amazônia Setentrional Amapaense: do “mundo” das águas às florestas protegidas. (tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente.

Silva, L. J. D. (2016). Pedra, Redes e Malha na Circulação do Pescado do Ver-o-Peso o Meio Urbano de Belém do Pará. (tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Belém.

Tostes, J. (2006). Planos Diretores no Estado do Amapá: uma contribuição para o desenvolvimento regional. J. A.Tostes.

Trindade Jr, S. C. C. & Tavares, M. G. C. (2008). Cidades ribeirinhas da Amazônia: mudanças e permanências. EDUFPA.

R36

RESIGNIFYING WAYS OF LIVING ON THE WATER: RIVERSIDE ENVIRONMENTS IN THE VERNACULAR SPACES OF IGARAPÉ SAPUCAJUBA, BELÉM-PA.

RESSIGNIFICANDO OS MODOS DE MORAR SOBRE AS ÁGUAS: AMBIÊNCIAS RIBEIRINHAS NOS ESPAÇOS VERNACULARES DO IGARAPÉ SAPUCAJUBA, BELÉM-PA.

Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFPA
cintiadasilva@live.com

Leticia Martel Kuwahara
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFPA
leticiakuwahara9@gmail.com

Bárbara Faciola Pessôa Baleixe da Costa
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Mestra em Antropologia – PPGCS/UFPA
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFPA
barbarabaleixe@gmail.com

ABSTRACT

The urban environment tends to undergo spatial changes in use depending on time, culture, dynamics, and diverse and circumstantial social demands. The way in which the subject appropriates the space and the dynamics of its use also undergo changes in pandemic periods, similar to that recently experienced by Covid-19, as observed in the studies of Landeiro (2023). This paper aims to reflect on the ways of living on the banks of urban rivers from the backyard of an interlocutor living in Várzea do Igarapé Sapucajuba, an occupied public space located in the city of Belém do Pará, in northern Brazil. This space became a place of affection, through new perceptions and experiences of the environments on the banks of the watercourse, enhanced by the period of social isolation. The ethnographic technique of direct observation was used to describe the resignification of these experiences in the vernacular space researched.

KEYWORDS: Urban riverside dwellers. Spatiality in the pandemic. Ambience in the Amazon. Re-signification of place.

RESUMO

O ambiente urbano tende a sofrer alterações espaciais de uso em função do tempo, cultura, dinâmicas e demandas sociais diversas e circunstanciais. O modo como o sujeito se apropria do espaço e as dinâmicas de sua utilização sofrem alterações também em períodos pandêmicos, semelhantes ao vivido recentemente pela Covid-19, como observado nos estudos de Landeiro (2023). A presente comunicação tem como objetivo refletir quanto aos modos de morar às margens de rios urbanos a partir do quintal de uma interlocutora residente na Várzea do Igarapé Sapucajuba, espaço público ocupado, localizado na cidade de Belém do Pará, ao norte do Brasil. Esse espaço tornou-se lugar de afeto, através de novas percepções das ambiências às margens do curso hídrico, potencializado pelo período de isolamento social. Utilizou-se a técnica etnográfica de observação direta para descrever a ressignificação dessas vivências e experiências no espaço vernacular pesquisado.

PALAVRAS-CHAVE: Ribeirinhos urbanos. Espacialidade na pandemia. Ambiência na Amazônia. Ressignificação do lugar.

1. INTRODUÇÃO

No período pandêmico, entre 2019 e 2022, a comunidade global experienciou uma fase de reclusão e isolamento social que impactou significativa e negativamente a vida em sociedade, uma vez que vidas foram ceifadas, vivências foram interrompidas e repensadas. Entretanto, é possível observar que em alguns espaços houve uma ressignificação do lugar através da "remoldagem do olhar", termo criado por Duarte (2010), em que os atores sociais percebem seu entorno sob outras perspectivas como é o caso da área de estudo, que está situada na várzea do Igarapé Sapucajuba localizado entre a Cidade Universitária Prof. José de Silveira Netto, na Universidade Federal do Pará, e Avenida Perimetral, no bairro do Guamá em Belém do Pará.

Na Amazônia a dinâmica de vida das populações ribeirinhas está intrinsecamente ligada aos rios, moldada pela conformação geográfica da região e influenciada pela ocupação histórica do território, inicialmente guiada por um modal fluvial, como aponta Trindade Júnior (2005). Essa profunda relação com os rios configura o modo de vida ribeirinho, definido por Rente Neto e Furtado (2015) como um modo de ser e viver daqueles que possuem estreita conexão social e material com o mundo das águas. No entanto, essa relação tradicional tende a sofrer alterações em decorrência de processos como adensamento populacional, localização geográfica e urbanização desenfreada (Rodrigues et al, 2013).

Na região metropolitana de Belém, áreas alagáveis às margens de córregos têm sido utilizadas pela população em situação de vulnerabilidade social para construção de moradias, como apontam os estudos de Cardoso e Miranda (2018). Essas localidades são denominadas como baixadas e se caracterizam como territórios de ocupação informal, com habitações construídas sem supervisão técnica e supressão de áreas verdes (Maricato, 2000; Rodrigues et al, 2013; Lima e Cardoso, 2023). Segundo o Ministério das Cidades (2010) a condição da unidade habitacional nas baixadas apresenta precariedade nas infraestruturas de saneamento básico, e por conseguinte impacta os cursos hídricos, poluindo e alterando as vivências e práticas dos moradores do entorno.

No âmbito da pesquisa em questão, as alterações de perspectiva dos moradores quanto ao seu entorno se evidenciou nas relações com os cursos hídricos em tempos de isolamento social. A presente comunicação busca refletir sobre a seguinte questão: de que maneira os atores sociais, residentes nas margens de rios urbanos, apropriam-se do espaço considerando os aspectos materiais e imateriais dessa relação. Em especial a partir do cenário pandêmico da COVID-19, quais mudanças na perspectiva ocorreram com relação ao espaço urbano por parte dos moradores das margens do Igarapé Sapucajuba?

Nesse sentido, através das incursões de campo foi possível observar um modo de morar específico de atores sociais em espaços urbanos produzidos de forma espontânea, que no caso deste estudo são caracterizados como ribeirinhos urbanos, os quais possuem práticas socioculturais tradicionais atreladas a um modo de vida sobre as águas distintas da relação daqueles sujeitos que habitam em comunidades ribeirinhas tradicionais.

Nesse contexto, observou-se um modo de morar singular nessa área urbana específica de ocupação espontânea. Este estudo traz a classificação desse espaço como um território ribeirinho urbano, que é habitado por grupos sociais que vivenciam adaptações das práticas socioculturais tradicionais e do modo de vida ribeirinho, ou seja, em comparação com as comunidades ribeirinhas tradicionais não há determinados costumes e tradições culturais, como a pesca por exemplo, além da relação com o curso d'água não ser a mesma. Mais do que uma perspectiva

essencializada ou paralisada no tempo de determinadas práticas culturais, importa reconhecer como o crescimento urbano e as desigualdades que o estruturam por vezes dificultam a manutenção de determinadas atividades ancestralmente desenvolvidas em muitos territórios.

Sendo assim, esta pesquisa abordará os conceitos de Território de Gottman (2012), de Espaço e Lugar empregados por Tuan (2015), Lugar a partir de Duarte et al (2022), Moldagem do Lugar e Remoldagem do Olhar de Duarte (2010) e a definição de Modos de Morar elaborada a partir dos estudos de Brasileiro e Duarte (2005) e de Azeredo (2016). A presente comunicação busca apresentar os principais conceitos no primeiro tópico, partindo para a metodologia e análise de dados, no segundo tópico, finalizando com as considerações finais, onde são apresentadas as principais contribuições deste trabalho para o campo da pesquisa de Percepção do Lugar Arquitetônico. Este estudo se enquadra em uma pesquisa qualitativa, onde a coleta de dados foi efetuada por meio do método etnográfico, utilizando técnica de observação direta, entrevistas com roteiro semiestruturado, conversas informais, transcrição de relatos etnográficos e registro visual por meio de fotografias. Parte de uma investigação mais ampla, este trabalha enfoca sua descrição sobretudo nos relatos de uma moradora das margens do Igarapé Sapucajuba.

2. APORTE TEÓRICO

O conceito de “modos de morar” utilizado nesta pesquisa visa definir as diferentes formas de ocupar o território para fins habitacionais. Brasileiro e Duarte (2005) argumentam que o sentido de morar vai além do simples “ato de dormir”, abrangendo uma série de fatores necessários para uma vida saudável nos âmbitos físico e psicológico. Nesse sentido, morar é como habitar plenamente em lugar de abrigo, mas também de bem estar e de plenitude.

O conceito de lugar também possui diversos sentidos, conforme explicado por Duarte et al, para quem “lugar denota uma dimensão fenomenológica e subjetiva”(Duarte et al 2022, p.30). É esse o sentido aqui abordado, que aqui é complementado por Tuan (2015) ao cunhar o termo Topofilia, que se refere à afeição pelo lugar. Na qual, segundo Azeredo (2016), o sujeito modifica o território geográfico visando torná-lo um Lugar dotado de valores e afetos.

Com base nos estudos de Gottman (2012), o território é definido como um conceito gerado por pessoas que organizam o espaço de acordo com seus próprios objetivos. Tuan (2015, p. 12) explica o espaço como uma localização atrelada às dimensões físicas e que se torna lugar “à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Em consonância com essas proposições Duarte et al (2022, p. 31) afirma que é no “momento de consolidação afetiva que o espaço se torna lugar”.

Observou-se, através de incursões de campo, que esse fenômeno ocorre por meio da "moldagem do lugar", conceito definido por Duarte (2010), onde os atores locais se relacionam com o espaço de forma a transformá-lo em lugar. Duarte et al (2022, p. 24) explicam que "transformar espaço em Lugar é uma prerrogativa, uma meta, mas também um direito humano de viver e desenvolver tudo o que o cerca de maneira autoral e criativa", isso implica na diversidade de formas de construir o espaço e de interagir com o entorno. Sendo assim, o lugar de habitação possui um sentido dinâmico que está em constante transformação, e é multidimensional, como argumenta Azeredo (2016).

Esta questão coloca a ação de morar como um processo multifacetado, onde o espaço se molda de acordo com os diversos aspectos das vivências dos indivíduos que o habitam. Esses aspectos incluem: afetos, necessidade de espaço, rotina, e as dinâmicas sociais vivenciadas pelos sujeitos entre outras especificidades. São particularidades que variam entre os indivíduos e ao longo da vida, gerando diferentes modos de habitar e moldar o espaço de acordo com suas necessidades e dinâmicas. Essa perspectiva é corroborada por Azeredo (2016, p. 4), que afirma: "o pressuposto semiótico segundo o qual as relações são construídas por uma teia de significados que mudam não só de pessoa para pessoa, mas da mesma pessoa ao longo dos ciclos de vida". Por fim, Duarte et al. (2022, p. 32) conceitua o Lugar Arquitetônico como aquele que sofreu alterações pelas ações humanas, como o espaço "produzido por e para o usufruto humano, tanto em bases materiais quanto imateriais, como resposta a uma sensibilidade socioespacial".

Essa mesma lógica é abordada por Rente Neto e Furtado (2015) ao tratar das vivências ribeirinhas destacando a diversidade de relações que os ribeirinhos estabelecem com os rios, influenciadas por fatores demográficos, climáticos e outras particularidades do meio ambiente. Essa diversidade gera variações no modo de vida desse grupo social, intimamente ligado aos cursos hídricos. Para essa multiplicidade de formas de viver à beira dos rios os autores propõem o termo "ribeirinidade". Com isso, sob a ótica de Rente Neto e Furtado (2015, p. 3) considera-se ribeirinho todo indivíduo que mantém uma relação profunda e permanente com o "mundo das águas", sendo este o principal definidor dos aspectos culturais desse grupo social.

A subsistência dos ribeirinhos é baseada no ecossistema "rio-roça-quintal-mata" (Loureiro, 1992, p. 17), isto posto, Cardoso e Miranda (2018) apontam a presença de agricultores urbanos na região metropolitana de Belém no início da urbanização da cidade, a qual foi estruturada, de um lado, a partir de uma lógica moderna ou industrial e, por outro, por uma lógica de produção de espaço tradicional. Segundo os autores no bairro da Terra-Firme, localizado nas proximidades do Igarapé Sapucajuba, existia um grupo social que utilizava áreas de várzeas para agricultura, mas em decorrência do adensamento urbano essa população migrou em busca de novos territórios.

Dentre os discursos dos antigos moradores que resistem vivendo na região do Igarapé Sapucajuba é possível identificar uma memória característica das vivências

de comunidades ribeirinhas tradicionais, lembranças de uma época em que o rio era límpido e ainda não estava poluído. Os relatos narram o ato de lavar roupa no Igarapé, tomar banho de rio, pescar, usar matapi[1], coletar frutos de árvores das várzeas e do entorno, entre outras atividades. Nesses relatos percebe-se o senso de pertencimento ao lugar e o anseio por reviver as práticas e costumes de uma vida ribeirinha tradicional.

A interlocutora desta pesquisa relata que a reconexão com a natureza experienciada na área de seu quintal impactou positivamente a vida da família, o que caracteriza uma nova ambiência experienciada. Duarte e Pinheiro (2013, p.4) explicam o conceito de ambiência, que embora ainda não esteja fechado faz alusão ao "lugar urbano somado de tudo o que o envolve: os sons, os cheiros, a temperatura, o movimento das pessoas, a luz" entre outras questões que unificam o campo material ao imaterial. Ressaltam-se como elementos de ambiência ribeirinha o som das águas, o canto dos pássaros, a influência das marés (que na época de "cheia" deixa a água mais límpida), o cheiro da terra úmida e da vegetação ao cair da chuva da tarde. Essas são algumas das sensações experienciadas pelos povos tradicionais e que puderam ser identificadas nas falas dos interlocutores que ocupam a região a mais tempo.

Os atuais moradores da localidade pesquisada, entretanto, relatam a perda do vínculo com o espaço e a mudança na "experiência do lugar arquitetônico", lamentando a ruptura da vivência ribeirinha tradicional em relação ao rio urbano. Essa mudança está ligada ao adensamento populacional às margens do Igarapé e à contaminação das águas devido à ineficiência do saneamento básico, realidade comum em áreas alagáveis urbanas adensadas por habitação. Segundo Rodrigues et al. (2013), os assentamentos ribeirinhos no contexto urbano demonstram formas de uso intensivo do solo, marcadas por alta densidade populacional e coexistência de diversos usos, caracterizando-se geralmente como parcelamentos informais associados à pobreza.

Outro conceito abordado nesta produção científica é o de rio urbano, o qual é usado para caracterizar o Igarapé Sapucajuba, por se entender que o mesmo se encaixa plenamente. Segundo Almeida (2010, p. 31) rio urbano é "aquele que foi alvo de modificações significativas em sua forma, dinâmica e componentes geoambientais ao longo do processo de urbanização", considerando ou não a valorização de suas potencialidades. Com efeito, a região do Sapucajuba sofreu diversas modificações em decorrência da construção do Campus Universitário da UFPA a partir do ano de 1964, assim como pelas obras da Avenida Perimetral em 1973. Outra situação que também causou alterações nesse curso d'água foi a ocupação espontânea que ocorreu em sua várzea há aproximadamente 35 anos. No entanto, o curso d'água em questão também é denominado de Igarapé, termo de origem tupi-guarani que se refere a um canal ou rio de pequenas dimensões, o que também corresponde às características morfológicas do Igarapé Sapucajuba. Combinando as duas definições, podemos chamar o Sapucajuba de Igarapé Urbano.

---

1 Artefato artesanal, em formato de cone com abertura na parte superior, confeccionado com talas de palmeiras (geralmente da espécie jupati) e cipó ou corda para amarração, é utilizado para pesca de camarões.

3. RESSIGNIFICAÇÃO NAS VÁRZEAS EM PERÍODO PANDÊMICO

Como forma de assimilar a ambiência e a experiência do "Lugar Arquitetônico" vivenciada pela interlocutora investigada, utilizou-se a metodologia etnográfica, que Segundo Magnani (2002, p. 17) é "um modo de acercamento e apreensão" e que conforme Mattos (2011, p.4):

> "estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas"

Isto posto, ao abordar o estudo da ambiência torna-se essencial adotar um olhar sensível direcionado ao espaço e seus interlocutores, transcendendo a mera descrição do visível (Menezes, 2017). Nesse contexto, a metodologia etnográfica foi empregada para retratar os aspectos materiais e imateriais que permeiam as relações interpessoais e as dinâmicas presentes no local. Essa metodologia permitiu a imersão profunda nos aspectos sensoriais e ambientais, incluindo topologia, elementos visuais, auditivos, olfativos e táteis, além de fatores subjetivos.

O trabalho de campo possibilitou a percepção de uma mudança de perspectiva por parte de uma moradora com relação ao seu quintal, e essa transformação se concretizou na construção de estruturas e elementos de vivência vernáculos situados na várzea do Igarapé Sapucajuba, conforme relatado em entrevistas informais, empreendidas a partir do primeiro ano da pandemia de COVID-19.

Landeiro (2023) expõe em seu estudo a relação entre transformações urbanas e episódios epidêmicos/pandêmicos, evidenciando a existência mútua de influência entre esses fenômenos. Essa relação também se manifestou no campo pesquisado, onde a análise da relação entre indivíduo e espaço durante a pandemia revelou a "remoldagem do olhar" por parte da interlocutora com relação ao espaço físico, em que foi estabelecido um vínculo afetivo com o quintal, o qual sofreu adaptações. A análise dos discursos da interlocutora permite inferir que, antes da pandemia, ela possuía uma relação de medo com a várzea do rio urbano, motivada pela densa vegetação que existia em seu quintal e pela presença de animais peçonhentos, como cobras, jacarés, inclusive pela trágica perda de um animal de estimação.

Segundo ela, esse triste caso ocorreu durante a estação chuvosa. O quintal, em suas palavras, ainda apresentava características de "floresta". Ela possuía um cachorro, da raça pitbull, o qual tinha seis meses de idade. No contexto da pandemia, em meio ao isolamento social imposto pelo lockdown, a família reclusa em casa assistia a um filme quando o animal de estimação desapareceu. A interlocutora relata ter se dado conta do fato ao ouvir um grunhido, narrando a situação da seguinte forma: "o rio era coberto pelo mato, procuramos o cachorrinho por toda parte dentro

da casa, foi quando ouvi o gritinho do cachorro e pensei: a cobra levou ele!". A informante se levantou do sofá em busca do animal e, ao observar o estado do quintal percebeu, como se fosse pela primeira vez, como a vegetação densa ocultava o curso d'água e se aproximava da casa, configurando um cenário de risco para sua família, devido à presença frequente de animais peçonhentos na região. Após buscas nas proximidades da residência com a ajuda de uma lanterna, ela informou ter visualizado a movimentação da cobra na várzea do igarapé, entre a vegetação, próximo ao seu jirau[2], com o animal já morto em suas presas.

Como citado anteriormente, o processo de transformação de espaço em Lugar é gradativo, ademais esse processo está atrelado ao fenômeno de remoldagem do olhar como corrobora Duarte (2010, p.1, grifo nosso) trata-se de "um processo contínuo, ininterrupto, no qual o ambiente é modificado, recebe afetos, toma novas significações, modifica o indivíduo que o usa e retorna a ser alterado em seus valores e significados a cada momento". Sendo assim, compreende-se que da mesma forma que o ambiente se molda para se tornar Lugar, o ator social também se modifica nesse processo. Essa interação dialética se dá em uma via de mão dupla, na qual os espaços influenciam e são influenciados pelos indivíduos (Menezes, 2017). Nesse sentido, Tuan (2015, p. 15) explica que a experiência é um termo que "abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade".

No caso em estudo, observou-se a transformação da experiência da moradora em relação à espacialidade. Essa remoldagem resultou em uma constante mudança de perspectiva da interlocutora em relação ao seu entorno e a si mesma. A informante relata que iniciou a limpeza da área de várzea em seu quintal, com o objetivo de afastar animais que colocavam em risco a segurança de sua família e animais domésticos. À medida que essa relação com o espaço se aprofundava, conforme suas próprias palavras, a área do quintal se tornava um refúgio mais seguro, levando-a a "descer mais" e realizar outras limpezas na várzea, inclusive construindo uma cobertura sobre a estrutura palafítica erguida às margens do rio. A atriz social demonstra seu afeto pelo local através das seguintes falas: "Fico muito triste quando vejo pessoas jogando lixo aqui. Eu e meu marido retiramos muito lixo daqui: garrafas PET, garrafas de desinfetante, latas, todo tipo de lixo. E o segredo é esse: limpar, retirar o lixo até mesmo das áreas que não serão utilizadas"

As imagens a seguir fornecem uma visão geral que corrobora essa ideia: Na Figura 1, observa-se o espaço no ano de 2023, no início da pesquisa. A Figura 2 ilustra algumas das modificações realizadas pela moradora, principalmente a construção de um guarda-corpo na ponte sobre o rio urbano, com o objetivo de aumentar a segurança das crianças para ir até o quintal. A interlocutora demonstrou a pretensão de continuar alterando o espaço, com a intenção de continuar ampliando-o e construindo novas áreas vernáculas de vivência para a família, além de fortalecer a conexão com a natureza.

2 Construção vernacular em madeira, a meia altura, geralmente nos fundos das casas, equipada com pia para lavar louças.

Figura 1. Vista Posterior da residência tipo palafita da Interlocutora, construída sobre a várzea do Igarapé Sapucajuba onde a estiva se encontra sem o guarda-corpo.
Fonte. Cintia Sousa (2023)

Figura 2. A segunda foto mostra a construção de um guarda-corpo para a segurança das crianças, observa-se que a área do guarda-corpo também é usada para colocar frutas visando alimentar animais silvestres.
Fonte: Letícia Kuwahara (2024)

Além da edificação da ponte foram identificadas outras intervenções no local, como a confecção de um fogão a lenha construído através da reutilização da estrutura metálica inoperante de uma máquina de lavar, a elaboração de vasos de planta com materiais reutilizados, em que foram utilizados capacetes de motocicletas antigas e garrafões de água. A interlocutora relata ter se interessado pela reciclagem de materiais e pela convivência sustentável com o meio ambiente de forma gradativa, sobretudo após o período da pandemia de COVID-19.

Atualmente, segundo a moradora, seu objetivo é se reconectar com o entorno e resgatar uma vivência atrelada à sua memória afetiva, dos verões passados nas cidades do interior do estado, onde ela tinha contato direto com a natureza, os rios e animais silvestres. Outra importante reconexão presente nas falas da nativa são

as lembranças das árvores frutíferas que existiam nas várzeas do Igarapé, um local denominado “bosquinho” nas proximidades de uma área chamada de “prainha” (figura 3). Ela e outros moradores antigos se referem a essa área com saudade, pois era a mais utilizada, segundo os relatos, tanto para o lazer quanto para o banho de rio, o que faziam há cerca de 40 anos.

Figura 3. Igarapé Sapucajuba. área onde, segundo os moradores, antigamente situava-se o bosquinho perto da prainha
Fonte. Bárbara Baleixe (2023)

Com o intuito de promover esse resgate com o meio ambiente natural, além das construções vernáculas realizadas às margens do rio urbano, a interlocutora também tem plantado árvores frutíferas, como pimenteira, coqueiro, mamoeira, bananeira, açaizeiro, e disponibilizado frutas para animais silvestres. Conforme observado na figura 4:

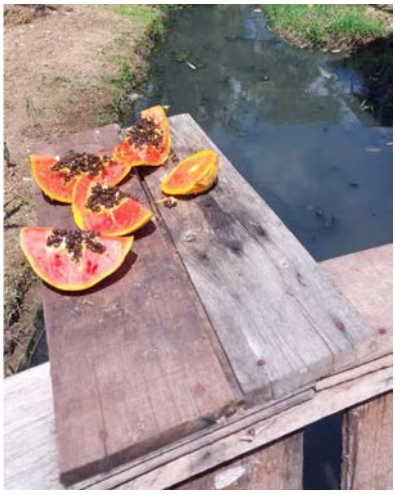


Figura 4. Espaço construído sobre o guarda-corpo da estiva, destinado a alimentos para os animais silvestres do entorno.
Fonte. Cintia Sousa (2024)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa, constatou-se que houve uma reversão dos sentidos, na espacialidade em questão, e da dinâmica no modo de morar sobre o rio influenciada por diversos fatores. Um desses fatores foi o período pandêmico, em que os espaços externos da casa passaram a compor um ambiente de vivência, com a inserção de estivas, bancos, horta e pomar, mesmo sobre águas poluídas. Essa foi a forma de as pessoas se conectarem com espaços abertos em períodos de isolamento.

Além disso, foi evidenciado o resgate dessa interação com o curso d'água vivenciado pela interlocutora residente de área alagável no entorno do Sapucajuba, onde se observou a construção de uma nova relação com o igarapé urbano. Através dos estudos, foi possível compreender, entre outras questões, como a área pública se tornou local de vivência para as famílias desse grupo social vulnerável e como um rio que era considerado invisibilizado se tornou um lugar de afeto.

Portanto, conclui-se que as ambiências ribeirinhas estão imbricadas no modo de morar sobre as águas, mesmo em áreas urbanas muito adensadas, em regime de autoconstrução e marginalizadas pelo urbanismo formal, onde o curso d'água foi perdendo os aspectos naturais e com isso as relações foram se alterando. Nesse sentido, é possível observar os agenciamentos sensíveis dos lugares de habitação onde são empregados os modos de morar a partir das cargas culturais e experiências com os lugares, e no caso de estudo em questão se dá sobre e na margem de rios urbanos, evidenciando relações socioambientais.

5. BIBLIOGRAFIA

Almeida, L. Q. (2010). Vulnerabilidades Socioambientais de Rios Urbanos: Bacia hidrográfica do rio Maranguapinho. (Tese de Doutorado), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

Azeredo, V. G. (2016). Significados da Casa e do Morar. Vértices, 18(2), 207-219. 10.19180/1809-2667.v18n216-14

Brasileiro, A. e Duarte, C. R. S. (2005). Espaços de uso comunitário: Entre o discurso e a prática In Anais do XXIII Simpósio Nacional ANPUH (1-13) Londrina, Brasil.

Cardoso, A. C. D. e Miranda, T. B. (2018). Invisibilidade Social E Produção Do Espaço Subordinado Em Belém (Pa). Paisagem e Ambiente: Ensaios. 41, 85- 107. http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i41p85-107

Duarte, C. R. S. (2010). Olhares possíveis para o Pesquisador em Arquitetura. In: Anais do I ENANPARQ, Rio de Janeiro, Brasil.

Duarte, C. R. S. et al (2022). Experiência do Lugar Arquitetônico: Dimensões Subjetivas e Sensoriais das Ambiências. Rio-Books.

Duarte, C. R. S. e Pinheiro, E. (2013). Imagine uma tarde chuvosa... Pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In Anais do VI PROJETAR. Salvador, Brasil.

Gottmann, J (2012). A evolução do conceito de território. Boletim Campineiro De Geografia, 2(3), 523–545. *https://doi.org/10.54446/bcg.v2i3.86*

Landeiro, C. Z. O. (2023). Rumos Da Uberização: Os Espaços Públicos Pela Dinâmica Dos Entregadores De Aplicativo A Partir De Um Contexto Pandêmico. (Dissetação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Lima, G. e Cardoso, A. C. D (2023) . Repertório da Trama dos Povos da Floresta para enfrentamento de mudanças climáticas em cidades amazônicas. (Relatório de Plano de Trabalho do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Universidade Federal do Pará, Belém.

Loureiro, V. R. (1992) Amazônia: estado, homem, natureza. CEJUP.

Magnani, J. G. C. (2002) De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17 (49). 10.1590/s0102-69092002000200002

Maricato, E. (2013). As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes

Mattos, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In Mattos, C. L. G. E Castro, P.A., (orgs). Etnografia e educação: conceitos e usos [online], pp 49-83. EDUEPB

Menezes, C. C.. (2017). Lugar de Orum e Ayê: ambiência, conflito e dinâmicas de apropriação do candomblé no espaço urbano público. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Rodrigues, R. M. et al. (2013). Urbanização Das Baixadas De Belém-Pa: Transformações do habitat ribeirinho no meio urbano In Anais do XV ENANPUR.

_____. Ministério das Cidades. (2010) Secretaria Nacional de Habitação: avanços e Desafios: Política Nacional de Habitação. p 96. Brasília.

Rente Neto, F. e Furtado, L. G. (2015) A Ribeirinidade Amazônica: algumas reflexões. Cadernos de Campo, 24(24),158-182. *https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v24i24p158-182*

Trindade Júnior, S. C. C. e Silva, M. A. P. (2005). Belém: a cidade e o rio na Amazônia. UFPA.

Tuan, Y.F. (2015) Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência. Eduel.

Tuan, Y.F. (2012) Topofilia: Um estudo da percepção, atitude e valores do meio-ambiente. Eduel.

R36

GAP-TERRITORIES: PROCESS OF APPROPRIATION OF PUBLIC SPACE BY APP DELIVERY WORKERS IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO

TERRITÓRIOS-BRECHAS: PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PELOS ENTREGADORES DE APLICATIVO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Cândida Zigoni de Oliveira Landeiro
Arquiteta e Urbanista, MSc., Doutoranda em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro / PROARQ
candida.landeiro@fau.ufrj.br

Cristiane Rose Duarte
Arquiteta e Urbanista, Professora Doutora
Universidade Federal do Rio de Janeiro / PROARQ
cristiane.duarte@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The home delivery system, which expanded during the Covid-19 pandemic, brought with it an increase in the number of app delivery workers who operate under precarious conditions, with low pay and inadequate working conditions. These delivery workers typically do not have designated waiting areas for orders and instead improvise their territories in public spaces, in locations that the research supporting this work has termed "gap-territories." These workers usually lack designated waiting areas for orders and improvise their territories in public spaces. This article delves into understanding the mechanisms of appropriation of these "gap-territories" through the creation of ambiances, in the search for places of rest, sociability, and belonging. These ambiances legitimize the presence of delivery workers in urban spaces, despite the repulsion of some city residents. The work was based on ethnotopographic field research conducted in neighborhoods of Grande Tijuca, in the city of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: ambiances. territory. public spaces. Rio de Janeiro. app delivery workers

RESUMO

O sistema de entrega em domicílio, ampliado a partir da pandemia da Covid-19, trouxe a reboque o aumento do contingente de entregadores por aplicativo que trabalham sob um esquema precário, pouco remunerado e sem condições adequadas. Esses entregadores geralmente não possuem espaços destinados à espera das chamadas e buscam improvisar seus territórios nos espaços públicos, em locais que a pesquisa que embasa este trabalho denominou de "territórios-brechas". Este artigo se debruça na compreensão dos mecanismos de apropriação dos territórios-brechas por meio da criação de ambiências, na busca de locais de descanso, de sociabilidade e pertencimento. Tais ambiências legitimam a presença dos entregadores no espaço urbano, em detrimento da repulsa de alguns dos moradores da urbe. O trabalho baseou-se em pesquisa de campo de cunho etnotopográfico efetuada em bairros da Grande Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. território. espaços públicos. Rio de Janeiro. entregadores de aplicativo

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

A crise da pandemia de Covid-19 modificou as formas de usar e de se apropriar do espaço público. No caso da pesquisa que está na base deste artigo, as inquietações focaram na intensificação dos serviços de delivery que se intensificaram a partir de então. A partir desse recorte, o trabalho se debruçou sobre a atividade exercida pelos entregadores de aplicativo e na maneira como essa dinâmica gerou reverberações nas ambiências urbanas.

As apropriações desses trabalhadores nos espaços públicos passaram a ser cada vez mais notadas, uma vez que, mesmo após uma diminuição do "lockdown" as engrenagens da cidade passaram a operar seguindo uma dinâmica que adotou como imprescindível os serviços de delivery. Com o início da pandemia, a demanda de trabalho para os entregadores estava em ascensão ao passo que a precarização desse labor se tornava cada vez mais inerente a essa atividade.

Em um contexto de aumento de desemprego potencializado pela pandemia, muitos viram nas entregas uma oportunidade de obter alguma renda. Somado aos discursos de "empreendedorismo" e sustentados pela contrarreforma trabalhista realizada em 2017 pelo governo Temer, a flexibilidade oferecida pelas empresas operava uma lógica de trabalho na qual os entregadores passavam muito tempo online à espera por serviços, ou seja, uma tendência a ficar ininterruptamente à disposição da plataforma (Antunes e Filgueiras, 2020)

Dado esse contexto, foi a partir da necessidade de esperar as chamadas por pedidos que os entregadores passaram a ocupar alguns espaços públicos e "construíram" nestes locais os seus pontos de apoio, que neste artigo são chamados de "pit stops". Esse recorte espacial é entendido aqui como um potente objeto de estudo da contemporaneidade e das relações de trabalho nos espaços públicos.

A narrativa vendida pelas grandes empresas como Ifood, Rappi, Uber, entre outras, potencializada pelas TIC's (tecnologia de informação e comunicação) condiciona uma lógica individualista, um trabalho atomizado, cujo tipo de contrato "zero hora" carrega, na sua essência, a exploração do trabalhadores, a ausência de leis trabalhistas e, consequentemente, uma maior vulnerabilidade dessa classe trabalhadora.

Tal dinâmica supracitada fez emergir na cidade diversos "pit stops" de entregadores de aplicativo, que encontraram no espaço público um suporte para exercer o seu trabalho. Esses espaços foram objeto de uma pesquisa (ZIGONI, 2023) que observou certas "brechas" espaciais apropriadas e ocupadas pelos entregadores de aplicativo, assim como o seu processo de territorialização.

Acredita-se que as "brechas" espaciais passaram a ser um enfoque na cidade à medida que certas reações de incômodo foram geradas após as apropriações desses "pit stops". A pesquisa verificou também que espaços públicos vivos de apropriações, como praças com infraestrutura de equipamentos públicos e ativa em vivências não são comumente ocupadas por esse grupo, ou seja, não se encaixam na categoria de "brechas" passíveis de apropriações pelos entregadores de aplicativo.

Para continuar, é importante delinear o conceito "territórios-brechas" que traduz as dinâmicas dos entregadores de aplicativo nos espaços públicos ocupados por eles. A precarização do trabalho neste contexto levou à ocupação, por parte desses trabalhadores, de espaços que antes eram amplamente negligenciados pela

sociedade, como fundos de estabelecimentos, empenas cegas, calçadas e praças mal iluminadas. Tal dinâmica resultou na expressão de novas relações com o entorno, agora marcadas pela presença dos entregadores.

A pesquisa que respalda este artigo utiliza da etnotopografia (ferramenta cunhada pelo LASC (Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura/UFRJ) para uma investigação no campo do sensível, ao "médium" (Thibaud, 2012) e traz à luz as ambiências que mobilizam as experiências vividas e as relações indivíduo-espaços nesses "pit stops".

2. IDA AO CAMPO

Antes de apresentar a experiência no campo, considera-se importante relatar brevemente o processo de mapeamento. O primeiro passo da pesquisa consistiu em um mapeamento dos "pit stops" da região da Grande Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, porém, percebeu-se a necessidade de diminuir a abrangência do campo para tornar possível a aproximação de algumas localidades em uma experiência corpo-a-corpo. Portanto, elegeu-se três "pit stops" na região selecionada, cada um localizado em bairros diferentes: Grajaú, Vila Isabel e Tijuca.

A escolha dos micro recortes para realizar as incursões em campo (Figura 1) foi estratégica, uma vez que são pontos fulcrais para compreender uma maior abrangência das atividades de entrega na região da Grande Tijuca, pois tais "pit stops" atendiam às "praças" de delivery dos bairros principais do recorte.

Figura 1. Mapeamento dos "pit stops" escolhidos para a pesquisa de campo na região da Grande Tijuca
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A pesquisa já citada desenvolveu um caminho metodológico de cunho qualitativo e contou também com contribuição de voluntários por meio de entrevistas semi-estruturadas e devidamente aprovadas pela Plataforma Brasil. Entretanto, o presente artigo, longe de ignorar a importância de tal material, pretende focar as suas atenções nas apreensões da experiência em campo.

Figura 2. "Pit stop" nos fundos do Shopping Tijuca
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O recorte espacial em questão não é apenas um território, mas pode se estender a uma territorialidade inscrita em um "espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo; é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico". (Souza, 2000)

Ao escolher os "pit stops" para uma pesquisa "de perto e de dentro" (Magnani, 2002) foi possível organizar as investigações nos seguintes "pit stops": (1) Praça Professor Francisco D'Áurea popularmente conhecida como Praça da Viúva, Grajaú; (2) Rua Barão de São Francisco, calçada de acesso a lateral do Shopping Boulevard, Vila Isabel; (3) Fundos do Shopping Tijuca, Tijuca (Figuras 3,4 e 5).

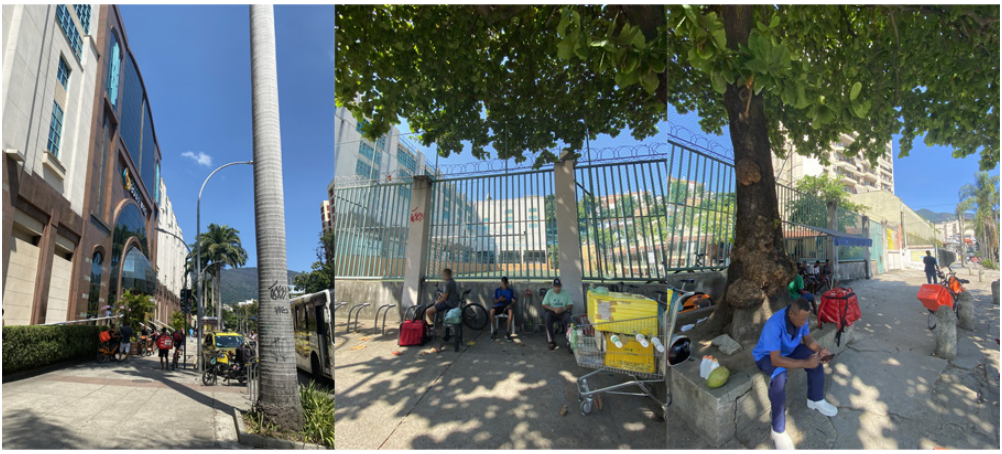


Figura 4. Registros fotográficos do "pit stop" do bairro de Vila Isabel
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 5. Registros fotográficos do "pit stop" do bairro da Tijuca
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Dada essa contextualização espacial e de escolhas feitas na pesquisa (2023), o artigo se debruça sobre a experiência no campo e a uma Leitura do Sensível realizada.

Em um primeiro momento, a pesquisadora se colocou no espaço sem nenhum instrumento de anotação e registro, apenas observou, se deixou ser afetada e afetou o ambiente com a sua presença. Durante um período de imersão, a observação é feita de modo a demorar no que se vê, descrever as ambiências e suas implicações, pois apenas assim pode acontecer uma dissolução do estranhamento de um "outsider". Nessa dinâmica, a próxima visita ao local começou novamente com uma observação sem registros e evoluiu para anotações escritas e croquis (Figura 6) sobre o que se sentiu e observou.

Figura 6. Momento da aproximação no campo com croquis e escrita etnográfica.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As narrativas sensíveis foram ferramentas de análise sobre cada "pit stop" definido. Na Praça da Viúva no Grajaú alguns relatos foram feitos e para respaldar as apreensões da narrativa sensível, configurando as ambiências locais. Seguem abaixo alguns extratos:

> "Algumas pessoas cruzam a praça ao atravessar as ruas ao redor. Está sol e fresco. Após desenhar uma planta baixa da praça, percebo que deveria ter sentado mais perto, gostaria de escutar a conversa deles. Um dos entregadores sai da roda de conversa com a mochila nas costas e vai embora. Não consigo ver seu trajeto inteiro. Ele some na calçada à frente."
>
> "Estou vendo perfeitamente os entregadores agora. Queria estar ali na árvore deles... deve estar mais fresco. São seis entregadores nesse grupo, todos negros. Dois deles vão até a loja de açaí. Todos conversam com frequência, mas estão direto no celular. O rapaz que estava com a camisa do Ifood, a tira e agora está sem camisa."
>
> "Um moço chega de moto e atravessa a praça, não chega nem perto dos entregadores. As pessoas parecem não desviar o olho dos entregadores."
>
> "Ao desenhar, noto que não tem canteiro a árvore, é só um emaranhado de raízes... passou uma moça e olhou o meu desenho... Passou uma senhora e uma criança, e a segunda ficou me olhando. São 15h53." (Caderno de campo ZIGONI, s/p 2023)

O “pit stop” do Grajaú está situado em uma pequena praça que fica na confluência de algumas vias importantes do bairro, o que denota uma movimentação intensa ao redor. Entretanto, quando se está na praça a sensação é de vivenciar um respiro, uma pausa no meio de toda essa agitação de veículos, uma ambiência de calma e reflexão. Por ser um espaço público relativamente reduzido e não possuir muitos mobiliários em perfeito estado, a apropriação de pessoas durante a pesquisa não se mostrou muito ativa, apenas alguns passantes que tomavam alguns assentos como uma pausa durante o seu caminhar.

Os entregadores de aplicativo enxergaram nesse “espaço de pausa” uma oportunidade de permanência, porém, buscaram uma brecha espacial dessa praça que não era comumente ocupada: a base de uma grande árvore. Esse local foi entendido pelos entregadores como sendo deles, as raízes se tornaram assentos, a sombra da árvore serviu de cobertura e, nesse reconhecimento, cada vez mais entregadores passaram a identificar esse espaço como um ponto de apoio de trabalho.

Nas proximidades do Shopping Boulevard os relatos selecionados para esse artigo foram os seguintes:

> “Muita, mas muita movimentação de bags. Os entregadores aqui estão em constante movimento. Eles se cruzam nas calçadas, nas faixas de pedestres. Motos e bikes. Há muito barulho de carros, motos e ônibus. Buzinas.”
>
> “Tiro algumas fotos, porque realmente são muito entregadores em movimento. Ao parar na esquina, em frente ao ponto de bike e em frente a uma faixa de pedestres, na sombra claro, percebo que estou um pouco invisível, mesmo portando um caderno e escrevendo sem parar. Talvez desperte alguns olhares, mas as movimentações aqui são tão ligeiras que me sinto “escondida” nessa sombra.”
>
> “Essa calçada do shopping é bem movimentada e larga. Às vezes paro para escrever “no meio do caminho” e sou surpreendida por uma sinalização de alguém na bike. Aqui é rota de bike dos entregadores. Vou cruzar a saída de veículos do shopping. Sinto que ao passo que o shopping acaba, a calçada muda e me sinto em outra ambiência.” (Caderno de campo ZIGONI, s/p 2023)

Esse “pit stop” apresenta uma movimentação bem acentuada, mas diferente da praça do Grajaú. Na lateral do Shopping Boulevard, a via de trânsito comporta mais veículos e faz conexões entre os bairros de Vila Isabel e Grajaú, portanto, a ambiência aparenta ser mais ruidosa e dinâmica. A sensação de agitação é eminente no momento que chegamos nessa via. Entretanto, ao caminhar em direção ao ponto dos entregadores, nota-se que as ambiências vão se modificando, como se fosse possível entrar em um local de abstração, de contemplação dos ruídos, de desaceleração.

No Shopping Tijuca, os entregadores se concentram nos fundos, onde há saídas de veículos, a área das Docas, carga e descarga. Os relatos abaixo exemplificam a experiência de campo:

> "Eu me encolhi num canto com sol para escrever e começo a sentir um cheiro de urina. Já passei de carro por essa esquina, já vi muitos entregadores onde eu estou agora, sentados em uma brecha na parede. Mas como aqui está bastante sol, vejo que alguns estão sentados na calçada da frente. Agora, na calçada que estou, só vejo pombos e motos passando para cortar caminho. Continuo andando e o cheiro de urina me acompanha."
>
> "Ao caminhar mais à frente vejo que os entregadores com bike, que ao encontrarem algum apoio, sentam e esperam. O ruído é grande, de veículos, de avisos sonoros na entrada e saída de veículos de carga."
>
> "Vejo mais bikes do que entregadores, acho que muitos estão pegando encomendas dentro do shopping. Parece que os entregadores se sentem "à vontade" em deixar as bikes e as bolsas na calçada para poderem entrar no shopping. Alguns simplesmente deixaram as bikes com as bolsas e se ausentaram."
>
> "Agora estou no território deles. Tiro fotos em "movimento" para disfarçar... vejo um entregador deitado, descansando no chão, com a cabeça apoiada na sua bag. Sinto cheiro de maconha e vejo um entregador na praça fumando."
>
> "Estou me sentindo incomodada por estar observando, vejo que aqui os improvisos são muitos para tentar a apropriação de qualquer espaço minimamente confortável. Vi alguns entregadores desse lado da praça pegarem papelão para sentarem no canteiro com terra." (Caderno de campo ZIGONI, s/p 2023)

Esse "pit stop" também tem suas particularidades, principalmente por ser, dentre os investigados, o que possui maior adesão de entregadores. Acredita-se que a demanda seja bem elevada devido a uma maior proximidade com o comércio. Com mais trabalhadores presentes, as suas apropriações ficam mais expostas, porém, por ser uma área de fundos, as calçadas limítrofes do shopping não são intensamente utilizadas por passantes. Suspeita-se que a negação de determinadas áreas deste "pit stop" pelos passantes influencia diretamente no fato dos marcadores simbólicos estarem mais "visíveis", como as marmitas vazias no chão, o odor de urina, as bags "soltas" na calçada.

Por ser um local de operações logísticas, os entregadores parecem entender que as movimentações deles serão absorvidas também por esse ambiente. Há alguns que se situam ainda no espaço externo do shopping, onde se encontra o bicicletário e assim apoiam as suas bikes nesses suportes, mas a maioria prefere um distanciamento, ficam nos canteiros da praça ao lado ou na calçada em frente às Docas. Embora a fachada

de fundo do shopping habite com as fachadas principais de prédios residenciais, a dinâmica dos passantes parece desviar dos entregadores de aplicativo.

A sensação de domínio dos entregadores nesse entorno imediato do shopping é evidente, o que leva a perceber a necessidade de suporte desses trabalhadores, que encontraram nessas brechas, as empenas cegas, os canteiros de praça e as calçadas, um espaço de hiato diante de uma rotina intensa.

3. AMBIÊNCIAS E PERTENCIMENTO

A profissão de entregador está pautada no movimento, na oferta de deslocamento, de operações logísticas entre um estabelecimento e uma pessoa. Entretanto, há de se esperar pelas chamadas para entregas. Parece óbvio que os trabalhadores precisam de um espaço para realizar essa espera. Dessa necessidade e com a precarização desse labor intrínseca ao seu modus operandi, os trabalhadores encontraram esses espaços de espera na busca de um ambiente de pausa, ao qual eles procuram desenvolver sentimentos de pertencimento. Tal conquista se sustentou, aparentemente, nas ausências, nas brechas dos espaços públicos. Contudo, nota-se que eles subvertem "o pouco" respaldados pela identificação mútua de que são um coletivo e, assim, se apropriam e territorializam as brechas encontradas. Essa territorialização se dá por meio da criação de ambiências que definem bordas no espaço por meio de artifícios materiais e simbólicos: a fala alta das conversas entre entregadores, os restos de marmitas descartáveis posicionadas em torno do espaço como marcos fronteiriços, o cheiro de urina de algum canto da rua, a disposição das mochilas coloridas e das bicicletas são exemplos de demarcações que estabelecem um território.

Os "territórios-brechas" representam uma conquista dos trabalhadores que ainda estão em disputa na cidade e também proporcionam um espaço de pausa. Foi possível perceber ambiências receptivas à medida que eles se reconhecem num espaço em comum.

Durante um processo de identificação e subjetivação, ao "construir seu cotidiano no cotidiano da cidade" (Carlos, 1994), grupos sociais veem o espaço público como um suporte para imprimirem a sua identidade e se apropriarem de forma material e simbólica. Essa operação está conectada ao sentido de pertencimento e territorialidade na transformação do espaço, Lugar e território. Portanto, com a contribuição de Gustav Fisher (1994) que o território é "um lugar socializado" e que as suas "características físicas e aspectos culturais que lhe são atribuídos se combinam em um único sistema", é possível compreender esse processo desenvolvido pelos entregadores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entender que a territorialização desses "pit stops" só foi percebida a partir de uma leitura do sensível, é possível afirmar que as os entregadores conformaram ambiências distinguíveis por meio dos marcadores simbólicos e materiais impressos nos "territórios-brechas".

A investigação realizada pode ser traduzida pelas operações de Thibaud (2012). O "médium" reconhece o cotidiano dos "pit stops", o foco na dinâmica dos entregadores, assim como a relação desses indivíduos com o entorno imediato. Os suportes físicos desses locais já dão o caráter das apropriações, mas é com a ressonância dessas performances que as ambiências dos "territórios-brechas" são moldadas. O sentido de coletividade está atrelado a como o entorno se manifesta nos sujeitos, como um movimento de afetar e ser afetado. Os entregadores se apropriam, territorializam as brechas espaciais e a cidade responde a tal dinâmica com um tom de desapreço.

Com a experiência urbana desses entregadores e a formação de "territórios-brechas" pode ser possível compreender informações chaves sobre a relação do trabalho nos espaços públicos e a construção de cidade. Apesar da pesquisa que embasa este artigo contribuir na leitura dos mecanismos de apropriação, na criação de ambiências e na relação pessoa-ambiente no espaço urbano, não se pode esquecer que a questão da precarização do trabalho é resultante de um sistema capitalista que retira a dignidade do trabalhador deixando que ele precise se esforçar por conta própria para amenizar as condições de sobrevivência. Espera-se que esta leitura traga, de certa forma, a conscientização da importância de um olhar atento para as condições de trabalho formal/informal na urbe contemporânea.

5. BIBLIOGRAFIA

Antunes, R e Filgueiras, V (2020). Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. Contratempo, 39(1), 27-43. https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38901

Carlos, AF (1994) A cidade. O homem e a cidade. A cidade e o cidadão. De quem é o solo urbano? Contexto.

Duarte, CR. et al. (2023). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books.

Fisher, GN (1994). Psicologia social do ambiente. Instituto Piaget.

Magnani, J (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17(49), 11-29. https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002

Souza, M. & Lopes, J. (2000). O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Em Castro, IE. et al. (Ed.), Geografia conceitos e temas. Bertrand Brasil.

Thibaud, JP (2012). O devir ambiente do mundo urbano. Revista Redobra, 9, 30-36. https://hal.science/hal-00980749

Zigoni, C. (2023). Rumos da uberização: os espaços públicos pela dinâmica dos entregadores de aplicativo a partir de um contexto pandêmico (Dissertação de mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

R37

CITY, FOREST ATMOSPHERICS OF CULTURAL AND ENVIRONMENTAL ACTIVISM

CHAIR Alda Azevedo

The session proposed here seeks to foster dialogue on ambiances and the role of creative practices in the cultural politics of environmental activism. It will examine the potential for creative practice to play a role in instituting sustainable cultures and environments within which the atmospheres that support life are at once an aesthetic, affective an ecological concern. This session seeks collaboration with Brazilian cultural activists, but also aims to bring together audiences, with researchers and artists working at the frontiers of social and climate injustice. Together we explore what the role and influen e of urban and rural environments is on cultural practice, how environmental aesthetics intersect with the material and social challenges creatives are facing and how, in turn, these ambiances shape artistic and cultural practice.

R37

CONSTRUCTING OF MEANING THROUGH NARRATIVES: A CASE STUDY OF THE PIRAQUÊ-CABUÇU RIVER IN GUARATIBA

A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO POR MEIO DE NARRATIVAS: UM ESTUDO DE CASO DO RIO PIRAQUÊ-CABUÇU EM GUARATIBA

Mylenna Linares Merlo
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
mylenna.merlo@fau.ufrj.br

Fabiana Ferreira de Carvalho
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
fabiana.carvalho@fau.ufrj.br

Giulia Figueiredo Ferreira
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
giulia.ferreira@fau.ufrj.br

Osvaldo Moura Rezende
Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Escola Politécnica
Universidade Federal do Rio de Janeiro
omrezende@poli.ufrj.br

Aline Pires Veról
Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
alineverol@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The presence of water has always been fundamental in urban development, reflecting historical, social, and cultural aspects. This article seeks to understand the meanings attributed to the landscape by the population of the Piraquê-Cabuçu River Basin, in the West Zone of Rio de Janeiro, through the narratives of community representatives. The aim is to examine accounts of the community's experiences and concerns regarding the territory, with a focus on urban waters. Using a qualitative approach and the Mnemonic Place Archive method, the study identifies metaphors in the narratives to analyze the network of meanings associated with the place. Contextualizing the urban transformations in Guaratiba, the study highlights the importance of environmental education and the rehabilitation of water bodies. The results show active community engagement in environmental issues and a strong sense of political identity.

KEYWORDS: metaphorical narrative. mnemonic archive. urban waters. memory. Piraquê-Cabuçu River

RESUMO

A presença das águas sempre foi fundamental no desenvolvimento urbano, refletindo aspectos históricos, sociais e culturais. Este artigo busca entender os significados atribuídos à paisagem pela população da Bacia do Rio Piraquê-Cabuçu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, por meio das narrativas de representantes comunitários. O objetivo é examinar relatos sobre vivências, experiências e preocupações da comunidade em relação ao território, com foco nas águas urbanas. Utilizando uma abordagem qualitativa e o método Arquivo Mnemônico, o estudo identifica metáforas nas narrativas para analisar a rede de significados do lugar. Contextualizando as transformações urbanas de Guaratiba, revela-se a importância da educação ambiental e a requalificação dos corpos hídricos. Os resultados mostram um engajamento ativo da comunidade em questões ambientais e um forte senso de identidade política.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa metafórica. arquivo mnemônico. águas urbanas. memória. rio piraquê-cabuçu

1. INTRODUÇÃO

A presença das águas é crucial para o desenvolvimento urbano, essencial desde o surgimento das cidades até seu crescimento. Desde tempos antigos, corpos d'água forneciam recursos vitais para sobrevivência e agricultura, além de desempenharem papéis centrais nas crenças e práticas religiosas (BENÉVOLO, 2015). A relação entre comunidades urbanas e seus corpos d'água é complexa, abrangendo aspectos históricos, sociais e culturais, e refletindo transformações urbanas ao longo do tempo. Essas interações têm importantes implicações para a sustentabilidade e o bem-estar urbano, essenciais no planejamento das cidades contemporâneas (VERÓL *et al.*, 2020). Na implementação de projetos urbanísticos, a perspectiva das águas urbanas é central para entender as interações cotidianas entre humanos e natureza. Essa abordagem informa decisões de planejamento baseadas nas dinâmicas e significados atribuídos pelos moradores aos rios urbanos. Tuan (1979) argumenta que vivências, memórias e emoções moldam a concepção dos significados de um lugar, atribuindo valores únicos ao território habitado. A relação entre ser humano e ambiente é subjetiva, potencializada pela experiência sensorial e o repertório de memórias individuais (BAILLY, 1979).

A atribuição de significados às paisagens hídricas da cidade é um processo que incorpora tanto elementos objetivos, como a presença física da água, quanto os elementos subjetivos, como os sentimentos e memórias associados aos corpos hídricos (COSTA, 2006). A diversidade de significados atribuídos às águas urbanas reflete a complexidade das interações humanas com o ambiente, influenciando diretamente a forma como esses espaços são percebidos e utilizados pela comunidade. Segundo Bruner (1997a), é necessário compreender a relação entre as pessoas e a cultura, considerando a influência desta sobre a psique humana, que é responsável pela criação de significados. Nesse sentido, deve-se considerar, para além do contexto do lugar em que determinado indivíduo está inserido, suas intenções, seus anseios e suas crenças pessoais, ressaltando-se que o processo de moldagem dos significados está diretamente relacionado à formação de cada sujeito na sociedade.

A construção de significados de um grupo social ao longo do tempo é o principal elemento de ligação entre diferentes pessoas, constituindo uma identidade social e contribuindo para o sentimento de pertencimento à comunidade (PINTO, 2015). As ações humanas são delineadas por sistemas simbólicos e normas sociais, desenvolvidos através do convívio e de atividades coletivas organizadas, que estão enraizados tanto na cultura como na linguagem (BRUNER, 1997b), esta última sendo o meio pelo qual os significados são expressos: na forma de narrativa. Portanto, as narrativas evocam acontecimentos e marcas do passado, que ainda se relacionam com o presente, representando a memórias e a identidade associados a um grupo de pessoas e um lugar. Todavia, diferentes formas de realidade podem ser narradas dentro de um mesmo território, uma vez que a experiência do lugar e as vivências pessoais possuem um impacto significativo sobre a percepção humana.

A rede de significados pode ser tecida por meio da sobreposição de arquivos de memória, onde a memória desempenha um papel fundamental na compreensão e reestruturação dos espaços nas cidades, permitindo uma reflexão sobre seus atributos a partir de uma perspectiva sensível tanto do lugar quanto de seus habitantes. Esse conceito é vital para a formação do sentimento de identidade, abrangendo tanto o nível individual quanto o coletivo (POLLAK, 1992). A construção das memórias se dá por um processo de conciliação da memória coletiva com as memórias individuais, já que a memória é intrinsecamente uma capacidade evocativa do indivíduo (DUARTE *et al.*, 2023).

O acesso às memórias como fonte de dados científicos auxilia a pesquisa e o (re)conhecimento de paisagens distintas, sendo crucial considerar seu caráter fragmentário e socialmente limitado. Nesse contexto, a integração de diferentes narrativas de indivíduos, cujas experiências proporcionam diversos pontos de vista, pode ajudar a produzir uma compreensão mais abrangente e minimamente compreensível do Lugar Arquitetônico (DUARTE *et al.*, 2023). Essa abordagem enfatiza a importância de valorizar a memória como um agente ativo na definição e reconfiguração dos espaços urbanos.

Esta pesquisa investiga diferentes narrativas de representantes da comunidade da Bacia do Rio Piraquê-Cabuçu, a fim de analisar os significados associados à paisagem hídrica deste recorte. A comunidade, possui uma rede de significados estruturados historicamente, adaptados de acordo com a forma como as pessoas que compõem esse grupo interagem (BULGACOV; BULGACOV, 2007). Os relatos são de representantes de coletivos locais, que possuem um papel relevante para preservação dos significados e do conhecimento sobre a região, que abrange os bairros de Campo Grande e Guaratiba, desenvolvendo um trabalho com base na vivência do lugar e o cotidiano da comunidade.

2. OBJETIVO

Este artigo explora, por meio das narrativas de representantes da comunidade, os significados atribuídos à paisagem da Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu, situada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. O objetivo deste estudo é analisar relatos de vivências, experiências atuais e preocupações futuras da comunidade no que se refere ao ambiente urbano, com foco nas águas urbanas. Ao investigar tais narrativas, busca-se compreender como as águas urbanas influenciam a vida cotidiana, as memórias e as emoções dos residentes, bem como estruturar a rede de significados relacionados à paisagem do Rio Piraquê-Cabuçu, atribuídos pela comunidade.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo emprega o método "Arquivo Mnemônico do Lugar" para a análise de relatos e a construção de narrativas sobre a Bacia do Piraquê-Cabuçu. Este método, conforme descrito por Uglione (2008), remete ao processo desencadeado

quando se pede a alguém para relembrar um lugar específico na cidade. Ao evocar memórias pessoais e coletivas, o método permite a criação de narrativas que refletem a relação dos indivíduos com o espaço urbano e natural.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com cinco representantes de organizações e coletivos da região. A seleção de grupos sociais, coletivos e Organizações Não Governamentais (ONGs) visou representar a comunidade local de maneira abrangente, investigando as diversas vozes que definem a relação entre comunidade e território, bem como aquelas envolvidas em questões ambientais específicas ao estudo de caso.

As entrevistas focaram na relação dos entrevistados com a natureza e os rios presentes na paisagem da bacia, além de incluir questionamentos sobre experiências de inundações locais. Através dessas entrevistas, buscou-se analisar uma ampla gama de percepções e memórias relacionadas ao lugar, com ênfase nas narrativas pessoais e comunitárias.

3.1 Entrevistas

Entrevistas são frequentemente utilizadas em estudos de caso, proporcionando aos pesquisadores acesso direto às percepções e experiências dos participantes através de suas próprias narrativas. A entrevista semiestruturada foi a opção metodológica adotada neste estudo. Essa escolha se fundamenta no fato de que, embora um guia básico de perguntas tenha sido preparado, a dinâmica da entrevista permite aos entrevistados expressarem livremente seus pensamentos e experiências.

As entrevistas utilizadas como fonte de dados para esse trabalho foram conduzidas entre setembro e dezembro de 2023, com aprovação ética obtida junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa na Plataforma Brasil. As entrevistas foram publicadas por Merlo (2024) e posteriormente aproveitadas para o presente estudo. Todas as entrevistas foram conduzidas conforme os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, incluindo o registro de consentimento de todos os participantes.

As perguntas foram formuladas para explorar as vivências e memórias dos entrevistados em relação aos bairros Guaratiba, Pedra de Guaratiba, Campo Grande, Senador Vasconcelos, Santíssimo e Senador Camará. As questões específicas do questionário foram as seguintes:

a. De que maneira você descreveria a vivência do grupo social que você representa com o espaço urbano público da região que abrange os bairros Guaratiba, Pedra de Guaratiba, Campo Grande, Senador Vasconcelos, Santíssimo e Senador Camará

b. Você já vivenciou algum episódio relacionado às chuvas em algum dos bairros citados?

c. Que tipo de dificuldades você enfrentou?

d. Você conhece algum rio da região já apresentado? Sabe o nome?

e. Qual o nome do Rio que você conhece?

f. Como você descreveria o entorno e o rio em questão?

Dentre essas questões, a última pergunta ("Como você descreveria o entorno e o rio em questão?") foi crucial para alimentar o "Arquivo Mnemônico do Lugar". Essa pergunta específica visava extrair descrições detalhadas e pessoais de diferentes trechos da bacia hidrográfica, facilitando a construção de narrativas que refletem as experiências vividas e as memórias associadas ao local.

3.2 Arquivo mnemônico do lugar

O método "Arquivo Mnemônico do Lugar" (UGLIONE, 2008) é uma abordagem para a (re)invenção de histórias relacionadas a um determinado espaço urbano, que nesta pesquisa tem como objeto a paisagem da Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê Cabuçu. Diferente das tradicionais interpretações históricas que visam compreender ou documentar a cidade, este método se foca na capacidade de evocar e criar narrativas significativas a partir da memória coletiva e individual associada aos lugares. Ao invés de apenas registrar acontecimentos ou servir como marcos urbanos, os "Lugares de Memória" dentro deste contexto ganham importância por sua habilidade de provocar rupturas na percepção da cidade, convocando a necessidade de relembrar e reinterpretar eventos e traumas urbanos através de uma máquina metafórica de criação de significados.

A abordagem valoriza as histórias humanas como errantes e subjetivas, refletindo a percepção e memória atravessadas pelo desejo. O "Arquivo Mnemônico do Lugar" celebra a inventividade das narrativas urbanas, utilizando os fragmentos e reentrâncias da cidade – frequentemente desprovidas de beleza convencional ou preocupações com normas de gosto e função – como catalisadores de memórias e significações que transcendam o mero conteúdo histórico, transformando-se em evocações metáforas do espaço urbano.

O método de elaboração do Arquivo Mnemônico do Lugar se desdobrou em três etapas interconectadas. Na Etapa 1, ocorre a leitura das narrativas do lugar por meio das transcrições das entrevistas, onde os dados são recebidos e percebidos a partir dos relatos que capturam os estímulos da realidade, constituindo uma trama narrativa gráfica. Na Etapa 2, os dados são filtrados utilizando as metáforas presentes nas narrativas; selecionam-se os traços relevantes, que são então apagados graficamente se não se relacionarem com as metáforas selecionadas. Na Etapa 3, os traços são organizados em grupos baseados na continuidade e semelhança entre eles, e mede-se a intensidade desses traços, evidenciada por meio de cores que agrupam as metáforas nas tramas das narrativas. Este processo permite uma construção rica e multifacetada do lugar, integrando memória e espaço.

4. O ARQUIVO MNEMÔNICO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PIRAQUÊ-CABUÇU

4.1 Contextualização da bacia hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu

A Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, faz parte da macrorregião de drenagem da Baía de Sepetiba, limitada a leste pelo Maciço da Pedra Branca e a oeste pela Serra de Inhoaíba (figura 1). O Rio Piraquê-Cabuçu drena uma área de 108 km^2 e percorre 23 km até a Baía de Sepetiba. A região possui relevo variado, com áreas de até 1.024m de altitude e planícies alagáveis devido aos gleissolos, solos minerais alagados. Segundo o Plano Diretor de Manejo de Águas Pluviais da Cidade do Rio de Janeiro, a bacia possui áreas naturalmente alagadiças, especialmente manguezais abaixo da cota de 0,5m, frequentemente invadidos pelas marés da Baía de Sepetiba (PDMAP, 2015).

A bacia contém importantes ecossistemas costeiros de Mata Atlântica, incluindo restinga, mangue e floresta pluvial atlântica de encosta, e abrange áreas como o Maciço da Pedra Branca, a Reserva Biológica de Guaratiba e a Serra da Posse. O Maciço da Pedra Branca é um dos maiores parques urbanos do mundo e a maior floresta urbana do Brasil, cobrindo cerca de 10% do município do Rio de Janeiro. A área de estudo inclui a Reserva Biológica Estadual de Guaratiba, que protege manguezais e sítios arqueológicos. O manguezal é crucial para a biodiversidade e equilíbrio hídrico. A reserva também abriga áreas de apicum, zonas entre marés com vegetação adaptada à salinidade e oscilações de maré, aumentando a importância ecológica do local e contribuindo para a biodiversidade.

A região, especialmente o bairro de Guaratiba, enfrenta desafios como problemas de infraestrutura, regulamentação fundiária e falta de programas sociais e habitacionais para a população de baixa renda (Morgado, 2020). A bacia inclui bairros como Guaratiba, Pedra de Guaratiba, Campo Grande, Senador Vasconcelos, Santíssimo e Senador Camará, com maior urbanização em Campo Grande e Guaratiba. A população se concentra principalmente em Campo Grande e nas comunidades de Jardim Maravilha e Piraquê (figura 1), refletindo uma ocupação territorial fragmentada.

A qualidade ambiental, considerada alta, vem sendo reduzida pelas consequências geradas pela rápida e crescente expansão urbana. A ocupação do território tem desconsiderado fatores essenciais para uma adequada urbanização, sobretudo em relação aos cursos da água. É recorrente o despejo de esgoto in natura nos rios e a crescente taxa de impermeabilização do solo, somada às características geográficas, tem acentuado as inundações na região.

De maneira geral, a ocupação do território é condicionada por fatores naturais, como o Maciço da Pedra Branca, o mar e outros morros, que coincidem com áreas de densa cobertura arbórea. Além disso, é possível perceber uma grande proporção de

espaços livres privados, o que reflete a realidade de uma ampla oferta de áreas com características agrícolas, condomínios e grandes extensões de terrenos adequados para loteamento. Isso demonstra a expansão predominantemente horizontal na ocupação do território com fragmentos de urbanização.

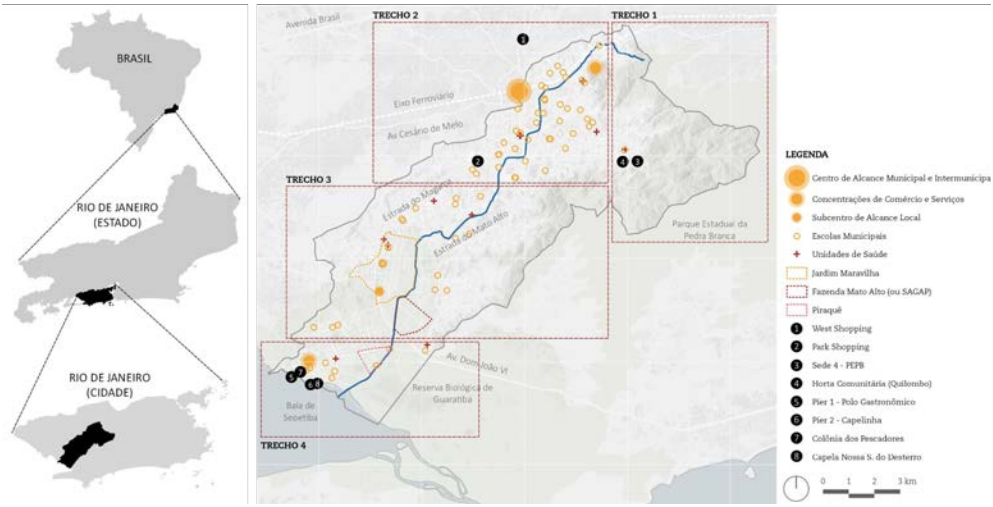


Figura 1. Contextualização da Bacia do Rio Piraquê-Cabuçu
Fonte: Adaptado de Merlo (2024)

4.2 A narrativa metafórica da bacia hidrográfica do rio Piraquê-Cabuçu

As metáforas são essenciais na comunicação humana, permitindo uma compreensão mais profunda e simbólica do mundo, revelando dimensões ocultas e subjetivas da experiência. De acordo com Uglione (2012) compor uma Narrativa Metafórica do Lugar transcende a busca por representações exatas, captando a natureza inexata e subjetiva da memória dos lugares. Essa abordagem oferece uma visão que integra passado e aspirações futuras, permitindo contar histórias da cidade de maneira criativa e evocativa. Utilizando metáforas, este trabalho explora como a comunidade percebe e interage com a paisagem da Bacia do Rio Piraquê-Cabuçu, revelando significados profundos e intangíveis capazes de complementar a análise do território.

Ao selecionar grupos sociais, coletivos e ONGs para representar a comunidade local, procurou-se captar as diversas vozes que pautam a relação entre comunidade e território, bem como aquelas envolvidas em questões ambientais específicas ao estudo de caso. Esses representantes, incluíram duas mulheres e quatro homens de coletivos como a ONG Salvadores do Planeta, ONG SOS APA das Brisas, o coletivo Mulheres de Pedra e o Quilombo Dona Bilina. A diversidade de grupos possibilita um rico mosaico de narrativas. Para além de suas posições em organizações coletivas, todos os entrevistados são também moradores da região, sendo assim essas narrativas são fundamentais para a construção de uma compreensão metafórica do

lugar, permitindo que as experiências e percepções revelem significados profundos sobre a bacia hidrográfica. Assim, a inclusão dessas vozes diversificadas facilita uma exploração abrangente das metáforas que descrevem a interação dos moradores com seu ambiente, lançando luz sobre as complexas relações que moldam a identidade e o futuro da região.

A construção do Arquivo Mnemônico se deu de acordo com as quatro etapas mencionadas anteriormente. Na 'Etapa 1' foram grifados os trechos em que a subjetividade emergiu por meio de metáfora. Na 'Etapa 2', os textos não pertencentes aos temas de análise foram marcados de branco. Na 'Etapa 3', os textos em branco foram removidos ('Etapa 3a') e em seguidas os textos das metáforas foram pintados a fim de simularem barras ('etapa 3b'). Ao analisar a dinâmica de aparecimento de cada metáfora a fim de encontrar possíveis inter-relações, o estudo não observou dependências entre as metáforas. A figura 2 ilustra parte do documento desenvolvido.

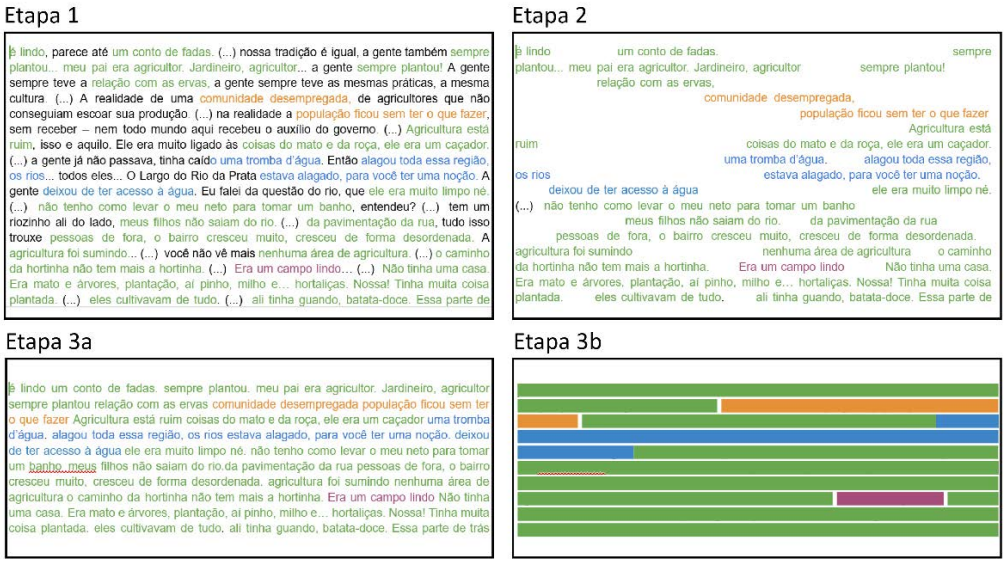


Figura 2: Representação das etapas do Arquivo Mnemônico

Durante a análise das narrativas, foram identificadas cinco metáforas principais que capturam a essência das percepções dos moradores sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu. Essas metáforas são: "Sumiço do Camarão" (Azul escuro), que representa a perda de qualidade ambiental e a nostalgia dos tempos em que o rio era uma fonte rica de recursos naturais; "Um Grande Funil" (Azul claro), que refere-se à canalização das águas e à intervenção humana na infraestrutura de drenagem; "Terra de Marlboro" (Laranja), que expressa o sentimento de abandono e negligência governamental; "Bela Vista" (Verde), que celebra a beleza natural e o potencial inexplorado da região; e "O Boom Imobiliário" (Magenta), que ilustra o crescimento urbano desordenado e seus impactos ambientais.

A identificação das metáforas e suas recorrências nas falas dos entrevistados revelam a diversidade de emoções de uma população que tem experienciado a rápida alteração física no território. A Figura 3 apresenta a intensidade de cada uma no arquivo mnemônico.

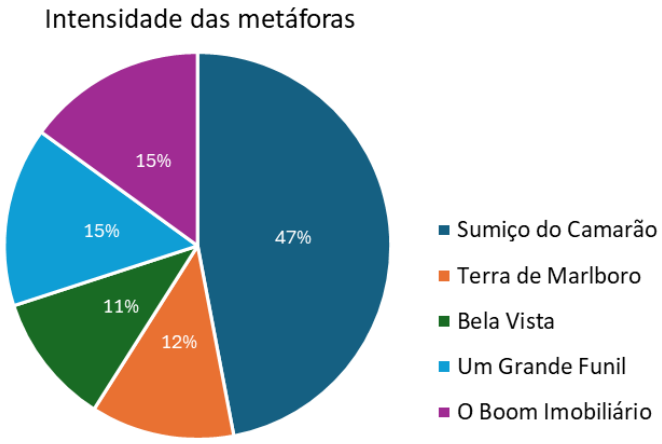


Figura 3: Intensidade das metáforas

A metáfora mais prevalente, representando quase metade dos grifos, foi "O sumiço do camarão". Esta metáfora simboliza a perda de qualidade ambiental na região, ligada à memória do uso antigo do rio, quando os camarões eram abundantes. O sumiço do camarão evoca o declínio ecológico e a degradação das águas, além de suscitar sentimentos de nostalgia e perda entre os moradores que lembram dos tempos em que o rio era uma fonte rica de recursos naturais. Os relatos contêm memórias afetivas e amorosas de uma vida que tinha o rio como uma presença diária para encontros familiares, lazer, pesca e agricultura. A saudade desses momentos, atualmente impossíveis devido à poluição do rio, é perceptível nas narrativas dos entrevistados.

As outras metáforas ocorrem em proporções semelhantes entre si e são essenciais para a formação da metáfora dominante sobre a perda de qualidade ambiental (O sumiço do camarão). Elas estão interligadas, compondo uma teia complexa de significados. A poluição do rio está diretamente relacionada com a expansão urbana desordenada (O Boom Imobiliário) e o abandono da zona oeste (Terra de Marlboro). A urbanização desenfreada, sem planejamento adequado e sem a mediação eficaz do poder público, desrespeitou os limites das áreas rurais. A substituição do solo natural e permeável por um solo antropizado e impermeável alterou o ciclo hidrológico e a dinâmica do escoamento das águas pluviais, provocando inundações e alagamentos frequentes. Para mitigar esses problemas, foram realizadas obras de canalização dos cursos de água, entendidas como "Um grande funil", que, embora ofereçam uma solução técnica, também representam a intervenção humana que molda e, muitas vezes, deteriora a dinâmica natural da bacia.

Apesar das condições ambientais adversas, a metáfora da "Bela Vista" reflete a esperança e a visão de um futuro melhor para a região. Esta metáfora celebra a beleza natural e o potencial inexplorado da bacia hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu, sugerindo que, com planejamento e cuidado adequados, é possível promover o desenvolvimento sustentável e a valorização ambiental.

Os temas contidos nas metáforas e suas inter-relações auxiliam na compreensão da rede de significados associados à paisagem do Rio Piraquê-Cabuçu. As memórias e sentimentos evocados nos relatos, embora representem a experiência individual de cada entrevistado, estão enraizados em um passado comum de vivências ao redor das atividades proporcionadas pelo rio. Isso evidencia uma dualidade entre a saudade de um passado mais harmonioso, entre ser humano e natureza, e o desejo de um futuro onde o rio possa ser novamente uma fonte de vida e sustento.

A voz dos entrevistados, todos líderes comunitários, representa uma extensão das experiências e aspirações de muitos residentes locais. A rede de significados delineada através das metáforas pode, portanto, ser atribuída a uma parte significativa da população da bacia. A presença e recorrência das metáforas sugerem uma coletividade e um sentimento de pertencimento da comunidade à bacia e à paisagem circundante do Rio Piraquê-Cabuçu, mais especificamente. No entanto, a poluição das águas e a perda das atividades associadas rompem com um elo crucial para a sensação de pertencimento ao território.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu revela uma complexa teia de significados e emoções associadas às águas urbanas e à paisagem da região. As metáforas identificadas – "Sumiço do Camarão", "Um Grande Funil", "Terra de Marlboro", "Bela Vista", "O Boom Imobiliário" – sintetizam os múltiplos desafios e as potencialidades que caracterizam este território. Essas metáforas oferecem uma visão diversificada das percepções da comunidade, enfatizando a necessidade de um planejamento urbano que seja sensível às experiências e aos sentimentos da comunidade.

Reconhecer e valorizar as interações entre os habitantes e seus corpos d'água pode contribuir significativamente para a criação de políticas públicas mais eficazes e inclusivas, promovendo a resiliência e o bem-estar urbano. Este estudo sublinha a importância de integrar as vozes da comunidade no processo de desenvolvimento urbano, para que se possa construir uma cidade que respeite e valorize sua história, suas paisagens e seus habitantes. O futuro da Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu depende de abordagens holísticas e integradas capazes de articular o crescimento urbano e a preservação ambiental, assegurando uma paisagem multifuncional, resiliente e vibrante para as gerações futuras.

O resgate da paisagem da Bacia do Rio Piraquê-Cabuçu deve ser vista não apenas como um desafio ambiental, mas como uma oportunidade para reconstruir a identidade comunitária e fortalecer o vínculo dos moradores com seu território. No contexto das mudanças climáticas e da urbanização acelerada, é crucial reconhecer que a desterritorialização pode ocorrer se os laços afetivos e históricos com o rio forem comprometidos. Portanto, intervenções que considerem as narrativas locais e as interações socioambientais são imperativas para promover um desenvolvimento verdadeiramente resiliente e inclusivo.

Assim, as metáforas emergem como ferramentas poderosas para compreender e comunicar as complexas relações entre a comunidade e seu ambiente. Elas revelam os desafios, as esperanças e as memórias que moldam a vivência na Bacia do Rio Piraquê-Cabuçu, oferecendo uma base para ações que possam reconciliar desenvolvimento urbano e preservação ambiental, garantindo um futuro próspero e sustentável para a região.

Em conclusão, este estudo destaca a importância de uma abordagem que integra a percepção comunitária e as metáforas locais na formulação de políticas e estratégias de desenvolvimento urbano. Somente através de uma compreensão profunda e respeitosa das interações entre os moradores e seu lugar a que pertencimento será possível promover uma revitalização que seja ao mesmo tempo ecológica, cultural e socialmente sustentável.

BIBLIOGRAFIA

Benévolo, Leonardo. **História da cidade.** 6.ed. São Paulo : Perspectiva, 2015., p. 728.

Bailly, Antoine. Oya, Jesús. **La percepción del espacio urbano: conceptos, métodos de estudio y su utilización e la investigación urbanístico.** Madrid: Instituto de estudios de administración local, 1979.

Bruner, Jerome. **A psicologia popular como um instrumento da cultura.** In: BRUNER, Jerome. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.

Bruner, Jerome. Celebrating divergence: Piaget and Vygotsky. **Human development**, v. 40, n. 2, p. 63-73, 1997.

Bulgacov, Sergio; Bulgacov, Yára Lúcia Mazziotti. A construção do significado nas organizações. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 6, n. 2, p. 80-89, 2007.

Costa, Lúcia Maria S. A. **Rio Urbanos e o Desenho da Paisagem: Rios e Paisagens Urbanas em Cidades Brasileiras.** Rio de janeiro: Viana & Mosley Editora/PROURB FAU UFRJ, 2006.

Duarte, Cristiane Rose de Siqueira; SANTANA, Ethel Pinheiro; JESUS DA SILVA, Luis De; MIRANDA, Cybelle. **Experiência do Lugar Arquitetônico: Dimensões Subjetivas e Sensoriais das Ambiências.** Rio de Janeiro: Rio Books, 2023.

Merlo, Mylenna Linares. **CIDADES RESILIENTES ÀS CHEIAS: A Água Como Eixo Estruturante Do Planejamento Territorial – O Caso De Guaratiba/RJ.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2024.

Morgado, Vânia Nunes. A produção do espaço de Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), na passagem para o século XXI, e as repercussões na vida cotidiana de seus habitantes. **GEO-PUC – REVISTA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA PUC-RIO. 2020.** Rio de Janeiro Disponível em: *http://geopuc.geo.puc-rio.br/media/v13n25a12%20-%20Morgado,%20V.pdf*.

Pinto, Helena. Educação patrimonial e educação histórica: contributos para um diálogo interidentitário na construção de significado sobre o passado. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História,** v. 19, n. 1, p. 199-220, 2015.

Pollak, Michel. **Memórias e Identidade Social.** São Paulo: Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 24-30, 2022.

PDMAP. Relatório Síntese. **Plano Diretor de Manejo de Águas Pluviais da Cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2015

Tuan, Yi Fu. Thought The Landscape: The Eye And The Mind ´S Eye. In: MEINIG, D. W. (Org.) **The Interpretation Of Ordinary Landscapes** – Geographical Essays. Oxford: University Press, 1979

Uglione, Paula. **Arquivo mnemônico do lugar: memória e histórias da cidade.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2008. p. 168 .

Veról, Aline P. *et al.* River Restoration Integrated with Sustainable Urban Water Management for Resilient Cities. **Sustainability,** [s. l.], v. 12, n. 11, p. 4677, 2020. Disponível em: *https://doi.org/10.3390/su12114677*

R37

URBAN VILLAGE AHAIN AAM AND THE INDIGENOUS TERRITORIAL RECOVERY MOVEMENT IN ARIE PARANOÁ SUL - DF

ALDEIA URBANA AHAIN AAM E O MOVIMENTO DE RETOMADA TERRITORIAL INDÍGENA NA ARIE PARANOÁ SUL - DF

ANDRADE, Liza Maria Souza
Doutora em Arquitetura e Urbanismo – PPG-FAU/UnB
lizamsa@gmail.com

SILVA, Ariadne Moraes
Doutora em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/FAUFBA
ariadnemoraes@gmail.com

OLIVEIRA, Luana Figueiredo de Carvalho
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo – PPG-FAU/UnB
lfigueiredo.arq@gmail.com

LOUREIRO, Vânia Raquel Teles
Doutora em Arquitetura e Urbanismo – PPG-FAU/UnB
vanialoureiro@unb.br

ABSTRACT
This article aims to report the experience of Sociotechnical Advisory for the Territorial Planning of the Multiethnic Urban Village Ahain Aam in Brasília, seeking to promote the inclusion of the indigenous population in urban and housing policies, since almost 7.000 indigenous people live in the Federal District without their rights guaranteed. This case is a multiethnic movement organized by more than 13 ethnicities that demand territorial resumption of the Area of Relevant Ecological Interest – ARIE Paranoá Sul. The advisory process aims to safeguard the indigenous presence in the region, re-defining uses and sustainable occupation for the Paranoá Ecological Park. The collaborative construction allowed the proposition of strategic actions for the full inclusion of indigenous peoples in urban areas, whether in the specific case presented, or in extrapolation to the scope of urban planning and national policy, guaranteeing the inclusion of other cosmoperceptions in its structure.

KEYWORDS: urban village. socio-technical consultancy. indigenous knowledge. sustainability. self-management.

RESUMO
O presente artigo visa relatar a experiência de Assessoria Sociotécnica para Planejamento Territorial da Aldeia Urbana Multiétnica Ahain Aam em Brasília, buscando promover a inclusão da população indígena em políticas urbanas e habitacionais, uma vez que no Distrito Federal habitam quase 7.000 indígenas sem seus direitos garantidos. Trata-se, neste caso, de um movimento multiétnico organizado por mais de 13 etnias que demandam a retomada territorial da Área de Relevante Interesse Ecológico – ARIE Paranoá Sul. O processo de assessoria visa salvaguardar a presença indígena na região, re-definindo usos e ocupação sustentáveis para o Parque Ecológico do Paranoá. A construção conjunta permitiu a proposição de ações estratégicas para a inclusão plena dos povos indígenas em áreas urbanas, seja no caso concreto apresentado, seja na extrapolação para a amplitude do planejamento urbano e política nacional, garantindo a inclusão de outras cosmopercepções em sua estrutura.

PALAVRAS-CHAVE: aldeia urbana. assessoria sociotécnica. saberes indígenas. sustentabilidade. autogestão.

1. INTRODUÇÃO
Este artigo trata da experiência inédita de um projeto de **Assessoria Sociotécnica de Planejamento Territorial para Aldeia Indígena** no Distrito Federal, iniciada no âmbito da disciplina extensionista em Prática de Escritório Modelo em Arquitetura e Urbanismo (PEMAU), da FAU/UnB, desenvolvida no semestre 2023.2 e coordenada pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico, Trabalhos Emergentes em parceria com o CASAS – Centro de Ação Social em Arquitetura Sustentável.

Com caráter transdisciplinar e participativo, o projeto se articulou com a luta dos povos indígenas pelo território e foi iniciado a partir da demanda existente para promover a inclusão dessa população em políticas urbanas e habitacionais, sobretudo em processos de regularização fundiária, considerando que no Distrito Federal habitam quase 7.000 indígenas que, em sua maioria, sobrevivem sem políticas públicas adequadas quanto aos direitos humanos fundamentais (acesso à moradia, transporte, saúde, educação, lazer e à natureza).

Foram levantados dados históricos e realizadas análises do território considerando dimensões de sustentabilidade urbana, ambiental, cultural, social e econômica, consoante metodologia de diagnóstico participativo desenvolvida por Andrade (2014; Andrade e Lemos, 2015; Andrade et al. 2019) para construção de cenários no formato de padrões espaciais e dos modos de vida para proposição preliminar de planejamento territorial em apoio à retomada do território de uma **Unidade de Conservação (UC)** de uso sustentável próxima ao Lago Paranoá, indicadas nas Figuras 1, 2 e 3. Localidade que no passado abrigava famílias indígenas desde a década de 1970 e, nos anos de 1980, foram retirados da região e levados para a Cidade do Paranoá.

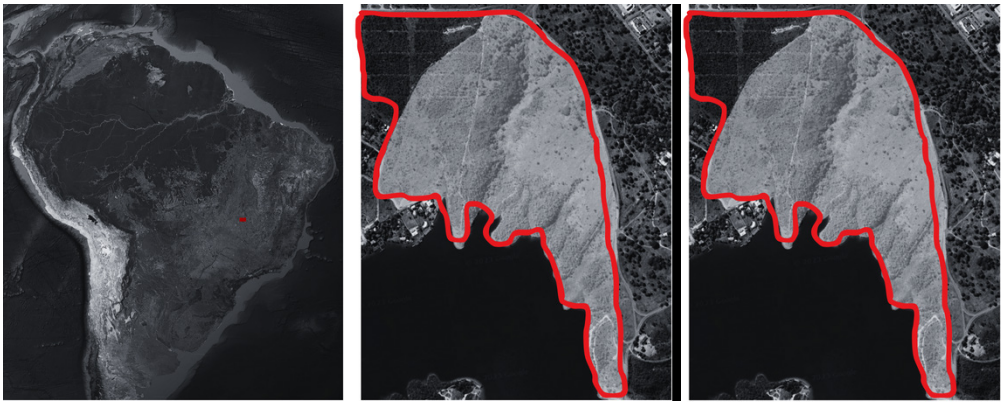


Figura 1, 2 e 3 - Imagens de satélite com a localização da área em questão no Brasil, no DF e no Lago Norte.
Fonte: Acervo Interno (2023).

O Estatuto do Índio, sancionado através da lei nº 6001, de 19 de dezembro de 1973, regula a situação jurídica das comunidades indígenas, com propósito de integrá-las à comunhão nacional e garantir a preservação de seus direitos. Na prática, entretanto, as disputas pela posse da terra colocam o direito desses povos dentro de uma lógica onde impera a desigualdade paralelamente a um processo perverso de apagamento, massacre e violência, muitas vezes concebido pelo próprio Estado.

Enquanto o Estatuto do Índio previa prioritariamente que as populações deveriam ser "integradas" ao restante da sociedade, a Constituição Federal de 1988, considerada um marco na conquista e garantia de direitos pelos indígenas no Brasil, passou a assegurar o respeito e a proteção à cultura das populações originárias.

Mesmo a Constituição Federal de 1988 garantindo o fim das tutelas do Estado e o **direito ao autogoverno de seus territórios, o direito à livre associação e a cidadania plena**, ainda há grandes impedimentos jurídicos e administrativos que limitam essa plena autonomia e capacidade civil dos povos originários. Na prática eles sofrem todos os tipos de desafios e processos de precarização da vida, seja nos contextos dos biomas originários, do campo e do urbano: falta o acesso digno a bens e serviços; falta inserção em programas ou políticas sociais; baixíssimo poder aquisitivo. Mais de 60% da população indígena brasileira vive nas periferias urbanas em condições de vulnerabilidade[1], distante de seu habitat de origem e de territórios demarcados.

Para além do racismo histórico, estrutural e institucional, os povos que estão fora da Amazônia legal sofrem muitas dificuldades de adaptação à vida nas cidades. O prejuízo mais grave aos direitos indígenas se refere, justamente, à demarcação de terras. Segundo a professora Daiara Tukano, os Tupinambás e Pataxós são alguns exemplos de povos massacrados por conta dessa realidade, pois, "trazer a ideia de que o indígena só tenha direito dentro do seu território é uma grande ofensa. Os direitos são válidos em todo o território nacional."(Oliveira, 2017)[2].

Os Estados, portanto, deveriam estabelecer e executar programas de assistência aos povos indígenas para assegurar essas medidas protetivas, sem qualquer discriminação. É exatamente nessa interface que as **políticas afirmativas** desenvolvidas, por meio da **universidade pública**, constituem uma das vias de acesso para um melhor atendimento às demandas dos povos indígenas a partir da organização de uma ecologia centrada em relações ecossistêmicas e sócio tecnopolíticas para um novo mundo possível.

2. PROCESSOS DE RETOMADA TERRITORIAL INDÍGENA

Em apoio aos povos tradicionais que integram a **Aldeia Urbana Multiétnica Ahain Aam**, organizados em mais de 13 etnias (Tapuia, Terena, Canela, Warao - Venezuela, Guarani, Krahô, Pataxó, Gavião, entre outros) e o **movimento de retomada territorial indígena** inserida na Área de Relevante Interesse Ecológico – ARIE Paranoá Sul, o projeto de assessoria sociotécnica também visa estabelecer os devidos encaminhamentos e trâmites legais de forma a salvaguardar a presença indígena na região, no sentido de melhorar a gestão territorial e ambiental da Aldeia multicultural

1 Vale lembrar que a maior parte dos indígenas não vive em territórios demarcados. De acordo com o IBGE, apenas 36,7% desta população reside em terras oficialmente demarcadas. Isso significa que há um contingente significativo de indígenas vivendo fora de territórios oficiais, o que equivale a apenas 11,6% do território nacional, segundo dados da FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas. (Uesley Durães, "População indígena quase dobra em 12 anos no país; 37% vivem em reservas", UOL, São Paulo: 03/05/2024. Acesso em 10 de maio de 2024, *https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/03/autodeclaracao-cresce-e-populacao-indigena-quase-dobra.htm*)

2 Cristiane de Oliveira, "Povos Indígenas: conheça os direitos previstos na Constituição", Agência Brasil, Rio de Janeiro: 19/04/2017. Acesso em 10 de maio de 2024, *https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/povos-indigenas-conheca-os-direitos-previstos-na-constituicao*

urbana em questão, além de criar as bases de reivindicação que garantam a permanência do povo Tapuia em suas terras de origem (Parente, 2016), re-definindo usos e ocupações sustentáveis para o Parque Ecológico do Paranoá[3].

Figura 4, 5 e 6 - Fotografias da ARIE na visita de campo com acompanhamento da comunidade indigena.
Fonte: Acervo Interno (2023).

Vale ressaltar que é nesse contexto de lutas, ocorrido a partir da década de 1990, que surge o conceito de **Aldeia Urbana**[4] – territórios indígenas localizados em contexto urbano, ocasionados por fluxos migratórios iniciados na metade do século XX (busca por trabalho, conflitos com grileiros e garimpeiros em territórios originários, ameaças de morte, invasão de suas terras, expulsão, pobreza, busca por estudos e conhecimentos pelos indígenas mais jovens). Fora de suas terras de origem e oficialmente demarcadas, grande parte da população indígena que transita em meios urbanos (mais de 60% da população indígena nacional) vive nas periferias e sofre todos os tipos de desafios e de precariedades típicas das desigualdades sócio-territoriais que ainda predominam no país.

Surge, portanto, um desafio: como estruturar e incluir a presença indígena na cidade, sem perder a perspectiva do pensamento ameríndio? Uma presença que ainda é tão invisibilizada e apagada nas sociedades ocidentalizadas? As comunidades indígenas vivem em insegurança enquanto o "direito" flui morosamente seus processos de identificação e delimitação territoriais, não oferecendo garantias legais aos povos que, diante de seu genocídio e epistemicídio, se organizam em movimentos que os indígenas têm denominado de Retomada territorial.

Por meio do movimento de **Retomada**[5], que está relacionado à reafirmação de identidades étnicas que foram negadas devido à opressão do Estado e da severa violência colonizadora, mas também configurada por um processo de luta pela posse

---

3 Há um crescente avanço de zonas urbanizadas no Distrito Federal e perda contínua de áreas preservadas de Cerrado Nativo chegando a 60% de área desmatada.

4 Stephen Grant Baines. "As chamadas ´aldeias urbanas´ ou índios na cidade". In Revista Brasil Indígena. Ano I, nº7 Brasília/ DF—Nov-Dez/ 2001.

5 "Partindo do entendimento do intenso processo de expropriação de seus territórios, da violência empreendida para retirar indígenas de suas terras e do acesso aos seus modos de produção e reprodução da vida, organizam-se e retornam às terras originárias. Retomar é retornar aquilo que um dia foi seu, tomar para si a posse da terra, que lhe foi usurpada". *https://www.brasildefato.com.br/2024/03/01/retomadas-uma-forma-de-re-existir-nos-territorios-tradicionais*

de suas terras cuja ocupação era originária, a **Universidade de Brasília**[6] foi procurada por um grupo de indígenas que ocupou um território localizado na Área de Relevante Interesse Ecológico - Arie Paranoá Sul, no Distrito Federal, e registrou a reivindicação formal da área junto à FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

O viver indígena foi negado com extrema opressão dos Governos imperiais e republicanos do Brasil. A implacável brutalidade colonizadora e a nunca conquistada cidadania plena reconfigura o processo de luta pela vida em suas terras - e que o Estado entende ser uma luta apenas pela posse permanente. Mas vai além, a posse não diz apenas da vida em relação com a Natureza, criando mais Natureza. A posse diz do uso dos recursos e não da formação desses. A Retomada, mais do que o direito à posse é uma luta pelo viver indígena que preserva e conserva o natural e o cultural em uma relação integrada. (Babau, 2019).

3. PLANEJAMENTO TERRITORIAL DA ALDEIA URBANA AHAIN AAM

Entendendo que a **universidade pública** pode se constituir como um campo de mediação de conflitos entre a Retomada e as diferentes instâncias de gestão estatais que regulamentam o uso e ocupação do solo, foi realizada uma pesquisa inicial levantando os principais eixos temáticos para instrumentalizar a proposta de planejamento urbanístico e projetos arquitetônicos de edificações específicas para da área em questão na ARIE Paranoá Sul. Uma série de atividades estruturantes também foram efetivadas, a exemplo da realização de uma Reunião Livre com apresentação de pautas para o processo de revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT), com a presença de lideranças indígenas, professores, pesquisadores, ONGs, estudantes e representantes de órgãos governamentais (Ministério dos Povos Indígenas e FUNAI), bem como a participação em audiências públicas do Instituto de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal - Brasília Ambiental (IBRAM).

Figura 7, 8 e 9 - Convites para as atividades de apoio institucional desenvolvidas na disciplina.
Fonte: Acervo Interno (2023).

6 A arquitetura indígena que ensina e inspira - Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (fna.org.br)

A partir dessa atividade inicial, surgiram alguns desdobramentos e continuidades através de um Projeto de Extensão da UnB (Edital PIBIEX n.01/2024) aprovado na área de Direitos Humanos e Justiça, através do qual se elaborou um caderno técnico detalhado da disciplina do PEMAU que incitou o projeto de **Assessoria Sociotécnica de Planejamento Territorial para Aldeia Indígena** em parceria com as etnias indígenas dessa nucleação. O processo projetual se deu a partir da criação de uma rede de conversação diretamente articulada com as percepções e com os processos decisórios de suas populações, para que fosse possível caracterizar, com maior ênfase, métodos colaborativos e multidisciplinares na interface da pesquisa acadêmica.

A produção do habitat, da cultura e dos saberes indígenas permitiu sistematizar padrões espaciais dos ecossistemas urbanos e códigos geradores capazes de estabelecer uma linguagem com a comunidade, ampliando sua participação na preservação do território, que tem em sua cosmovisão a integração e o cuidado da natureza como princípio. Esse modo de intercâmbio também possibilitou pensar em oportunidades de geração de emprego e renda, além de processos de autopreservação, tendo em vista a **autogestão da Unidade de Conservação**, a cooperação solidária e o fortalecimento dos elementos identitários e culturais de comunidades tradicionais historicamente marginalizadas.

Compreendido enquanto um território expandido atravessado por uma série de dispositivos processuais, a instauração do sensível possibilita criar ambiências onde aproximações e transversalidades perceptivas permeia a produção de modos de vida singulares, através de devires, experimentações e formação de territorialidades que transbordem para novos campos de ação.

Os espaços arquitetônicos são, por definição, uma parte do sistema social. Cada sociedade, em seu processo histórico, apresenta suas próprias dinâmicas e toda uma rede de relações de forças situadas entre variadas escalas e níveis de negociação. Surgem, portanto, inúmeras possibilidades de leitura e de interpretações interconectadas com as morfologias de um território. Ao transitar entre a matéria visual formal e a formalização de articulações de funções tensivas (e não através de uma ordem hierárquica de partes constituintes), as particularidades de uma corporeidade indígena provoca um desvio epistemológico mais do que emergente, pois interroga novas reflexões e práticas urgentes.

Os usos propostos pela comunidade para esta área apresentam relação direta com a cosmovisão indígena de forma que os principais elementos são: a casa de cura, as casas do Pajé e do Cacique, a casa de canto, espaços de usos coletivos e habitação (maloca e ocas). Esses usos integrados conformam o habitat indígena, que afirmam sua cultura e identidade, ao mesmo tempo em que recriam as relações com a terra, transformando-a em território. Foram integradas à proposta uma área de agrofloresta e reflorestamento do Cerrado, a casa de sementes, viveiros e brigada de incêndio

para proteção e conservação ambiental. Todos esses usos criam a base territorial para que se efetivem os elementos de educação ambiental como a escola, o museu, o observatório de fauna e flora local, um pequeno cais para navegação à beira do lago, camping e restaurante estruturados a partir da cultura dessas etnias. Dessa forma, possibilia que os indígenas possam realizar o manejo, o reflorestamento e a proteção da UC, com a sua presença e moradia, ampliando e potencializando a difusão do conhecimento ancestral e do processo de educacional ambiental, a partir da configuração de um equipamento de turismo étnico para a população de Brasília e visitantes.

Figura 10, 11 e 12 - Fotografia da reunião PDOT na FAU/UnB; Fotografia da visita de campo na Aldeia Ahaim Aam; Fotografia da reunião de processo participativo com a comunidade durante o semestre na FAU/UnB.
Fonte: Acervo Interno (2023).

Esse uso compartilhado para a autogestão da UC se justifica diante do crescente avanço de zonas urbanizadas no Distrito Federal e perda contínua de áreas preservadas de Cerrado Nativo chegando a 60% de área desmatada. (Magalhães, 2009). Essa perda de áreas, ambientalmente relevante, ocorre não apenas no DF, mas em todo o Brasil, onde há uma forte especulação imobiliária e agrária na implementação do agronegócio, empreendimentos de alto padrão e multinacionais.

Assim, foi definido coletivamente a proposição de opções para os estudos de planejamento territorial para a ARIE Paranoá Sul onde os indígenas propõem, além do manejo da biodiversidade, conservação e proteção, espaços de educação ambiental para conhecimento e cuidado da fauna e flora do Cerrado, e conforme citado, espaços de cura e de cultura indígena que efetivem valorização dos povos originários daquela região.

Os estudos preliminares desenvolvidos contemplaram o zoneamento da área e dos usos propostos para o programa de ocupação do território. A abordagem transescalar permitiu aprofundar em sugestões para a arquitetura das habitações, bem como sugestões para a distribuição de soluções na escala da comunidade ou da paisagem (toda a ARIE). O processo de projeto participativo e colaborativo permitiu que os cenários propostos fossem construídos a partir das intenções da comunidade indígena para o território, que conhecem melhor do que ninguém, aliando contribuições técnicas na escala da construção ou da ocupação mais sustentável do território, como a incorporação estruturante de Soluções Baseadas na Natureza (SBN) na proposta de desenho urbano e planejamento da paisagem.

4. ESTRATÉGIAS POSSÍVEIS

Como resultado dessa experiência, o grupo de pesquisa e extensão Periférico, Trabalhos Emergentes (FAU/UnB) pretende criar uma abordagem que aponte caminhos possíveis para pensar direcionamentos metodológicos, seja através do processo de pesquisa-ação, seja através da perspectiva horizontal de compartilhamento dos saberes e da cosmovisão da natureza como parte da vida, onde as relações de integração dos povos indígenas nos espaços urbanos seja capaz de promover caminhos de combate às mudanças climáticas e incorporação de outras *cosmopercepções* no redesenho urbanístico e arquitetônicos de tais contextos.

Algumas ações estratégicas possíveis de serem fortificadas em rede nacional, a partir de experiências dessa natureza, seriam: 1) a promoção da articulação com o Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PGTA), com objetivo de fortalecer a cultura, os conhecimentos e a conservação do meio ambiente na interface da gestão realizada por povos originários; 2) ampliar redes de trabalhos colaborativos que envolvam temas mais específicos, tais como: assessoria sociotécnica em projetos urbanos e periurbanos participativos, os ecossistemas urbanos e rurais, redes solidárias, estudos da análise das dimensões da sustentabilidade, cartografias políticas e tecnologia social voltados para a melhoria da qualidade de vida em Terras Indígenas; 3) apresentar os caminhos que as aldeias e comunidades de uma Terra Indígena devem percorrer para criar jeitos de viver, a partir de projeto piloto de habitat contemporâneo de uma Aldeia Urbana, que sejam sustentáveis e que tragam alegria, saúde e tranquilidade para as aldeias e comunidades no futuro, incluindo a subjetividade dos saberes e da cultura indígena; 4) fomentar a criação de uma Frente Ampla Parlamentar em defesa dos povos indígenas no DF.

As SBNs são um excelente caminho para o combate à crise climática do ponto de vista do desenho urbano e de soluções projetuais. Elas oferecem o potencial para enfrentar, de forma eficaz, diversos desafios para além das mudanças climáticas, desde a insegurança alimentar e hídrica, impactos de desastres e ameaças à saúde e ao bem-estar humano, bem como reduzem a degradação ambiental e a perda de biodiversidade. Na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2023 (COP28), ocorrida em Dubai, foi muito debatido a necessidade de integrar a luta dos povos indígenas e as chamadas SBNs, medidas de enfrentamento contra as alterações climáticas, a proteção da biodiversidade, os direitos humanos e a restauração dos ecossistemas numa única abordagem.

A proposta indigenista de cuidado e manejo de uma ARIE - Área de Relevante Interesse Ecológico, pode ser considerada uma solução para a questão climática local. Por que não pensar que aqueles que cuidam da natureza não possam fazer a gestão co-participativa (uso compartilhado e manejo) de uma Unidade de Conservação, funcionando como um instrumento que materializa o planejamento do Bem Viver, pactuado por toda comunidade indígena envolvida, do uso do seu território para fins culturais, ambientais e econômicos? Quais as possibilidades de garantir a presença de

populações indígenas nas Unidades de Conservação como aliados na preservação, conservação e utilização sustentável da biodiversidade? Sobretudo, como estimular a participação desta população no planejamento e implantação desses espaços protegidos?

5. CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS

A necessidade de instaurar o sensível para representar graficamente os territórios já vem sendo observada desde quando surgiram as primeiras cartografias manuscritas, no século VI a.c., portanto, não se pode dizer que a ideia de analisar as paisagens através das suas "ambiências" não se aplique às imagens das cidades ao longo da história (Mello e Silva, 2012). Todavia, esta questão se torna mais evidente quando a proposta de análise versa sobre territórios da contemporaneidade, visto que, são espaços que sequer se limitam à materialidade, pois atravessam, inexoravelmente, o campo acionado por blocos de sensações: perceptos e afetos.

Aparências características ou híbridas dos indivíduos participam na construção das "ambiências", definidas por Thibaud (2011, CD-ROM), como a percepção dos espaços através de uma "ecologia sensível que [...] se situa principalmente no cruzamento de questões de natureza social, estética, urbana, ecológica e política". Expressas por modos, vestes, gestos, odores, costumes, as figuras humanas inseridas às cartografias provocam a sensibilidade do observador e potencializam uma percepção flexível e sempre atualizável, porque guarda as dinâmicas inerentes ao conteúdo imagético.

Busca-se, então, um deslocamento da cartografia tradicional (geralmente compreendida através de um mapa de representação, bi ou multidimensional), para universos existenciais e afetivos, abrindo espaço para a exploração de territórios outros, inclusive virtuais e sensoriais, afinal, conforme anuncia Rolnik (1989), as paisagens psicossociais são cartografáveis.

A cartografia, ao contrário do senso tradicional, abre espaço para a construção de universos territoriais capazes de captar sensações, criar perceptos e expressar afetos. O "cartógrafo" ou transeunte costura suas percepções "devorando" seus tecidos e cartografando espaços existenciais. Essa articulação sensorial consolida, amplia e expande suportes dentro do campo multidisciplinar em que se inserem, desde o seu surgimento como objeto de estudo teórico-prático, sejam saberes acadêmicos ou oriundo de outras práticas epistemológicas, reconhecidas ou não, dentro desta chave.

Esse processo de apreender, devorar, de buscar e compor elementos das cidades realiza-se na experiência do corpo e na sua relação com a urbanidade em senso amplo. A micropolítica antropofágica é entendida "como um processo contínuo de singularização, resultante da composição de partículas de inúmeros outros devorados e do diagrama de suas marcas respectivas na memória do corpo" (Rolnik,

2011, p.215). A partir dessas problematizações desenvolvem-se: conceitos que podem tensionar relações, fricções entre e na extensão dos corpos; cartografias pulsantes e sensações alavancadas pela experiência da experimentação como uma linha de fuga aos processos hegemônicos, ainda aprisionados em representações dialéticas e que também se configuram como processos de escape.

No processo de buscar, compor e cartografar elementos que atravessam a experiência do corpo no cotidiano, é importante considerar a ideia defendida por Félix Guattari (1992, p.22), de que indivíduos e grupos sociais, veiculam "seu próprio sistema de modelização da subjetividade", e traçam suas próprias "cartografias feitas de demarcações cognitivas", presentes nos afetos que lhes atravessam. O exercício processual conecta essa multiplicidade de cartografias elucidando subjetividades que se encontram, se sobrepõem e chocam no cotidiano das experimentações urbanas à guisa/devir de uma antropofagia indígena.

Essa experiência serve como motor de arranque para recriar categorias para o **direito ao patrimônio**, buscando compreender o dissenso entre os diferentes sentidos dessa luta para cada nação. Neste artigo buscamos uma abordagem que aponte caminhos possíveis para repensar os direcionamentos metodológicos e conceituais da **gestão participativa** e mesmo de um "aprender indígena" que, entendemos, pode ser congregada às nossas práticas ocidentais de **patrimonialização do viver**. Esse "aprender com" os povos originários é necessário em tempos de crise climática e colapso ambiental. As nações indígenas sempre souberam viver criando Natureza e não a destruindo. A incorporação de outras cosmopercepções no redesenho paisagístico, urbanístico e arquitetônico pode ser o passo necessário a vida de toda sociedade brasileira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desmatamento contínuo e o decréscimo de áreas preservadas, especialmente no cerrado, a luta dessa comunidade para permanência em áreas de uso compartilhado contribui para a proteção não apenas dessas áreas especificamente, mas também como referência simbólica e material de que essas populações podem cuidar das áreas verdes e UCs mesmo em contexto urbano. Então, pensar e questionar as legislações urbanísticas e de conservação ambiental em vigor que segregam as populações das florestas de seus habitats pode ser considerada uma excelente medida de mitigação climática.

Ao pensar nessa questão a partir de uma cosmovisão que enxerga os elementos da natureza como parte da vida, sem a hierarquia antropocêntrica, a natureza não é mais um recurso, nem objetificada, ela é viva e atuante no espaço. A relação dos povos indígenas com as florestas vai além da moradia, eles possuem um profundo conhecimento tradicional sobre as plantas incluindo as ervas medicinais, técnicas de caça e pesca sustentáveis respeitando os períodos de reprodução e os animais

filhotes, agricultura e produção de alimentos, métodos de manejo florestal e práticas agrícolas adaptadas às condições locais, o que reforça o conhecimento dos povos indígenas sobre as Soluções Baseadas na Natureza.

De acordo com Ailton Krenak (2022) e outras lideranças indígenas: o futuro é ancestral. Esse pensamento se organiza a partir da falência dos recursos naturais e ambientais que a humanidade (branca) propõe a partir dos seus modos de vida pós-industriais modernos.

Essa provocação de um porvir a partir da forma como os povos originários viviam, se deve aos modos de vida adaptados ao meio ambiente sem modificá-lo estruturalmente. Não se tratam de técnicas contemporâneas bioclimáticas ou de bioconstrução, mas de um conhecimento vernacular dos elementos disponíveis de maniera sustentável na natureza, compreendendo a convergência de ciclos temporais não lineares.

A adoção e integração das estratégias de vida e sobrevivência dos povos indígenas deveriam ser referência para as políticas públicas no cuidado com os ecossistemas, com as águas, com o reino animal e vegetal e, especialmente, com a vida em comunidade humana.

A produção de uma arquitetura indígena, sob a perspectiva da relação com a natureza de forma mais ampla, pode nos ensinar sobre "ser" parte da natureza. A construção e os espaços construídos não são separados das pessoas, mas são parte da construção da vida delas conectados ao meio ambiente e ao espaço natural.

Essa singular experiência de troca com os saberes indígenas talvez possa nos ensinar, como arquitetos e urbanistas, modos de não estruturar projetos a partir de programas e funcionalidades, mas ativar sensibilidades (afetos e perceptos) sobre processos mais abertos de criação arquitetônica a partir de uma outra *cosmopercepção*, incorporando, inclusive, aspectos importantes da cosmologia das populações indígenas que expressam suas concepções a respeito da origem do universo e de todos as coisas existentes, baseado em crenças e práticas que compreendem que todos os seres são interdependentes e merecem respeito.

7. BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, C., ISHIKAWA, S., SILVERSTEIN, M., JACOBSON, M., FIKSDAHL-KING, I. and ANGEL, S..A (1977) Pattern Language, Oxford University Press, New York.

Agência Brasil. (2024). Agencia Pará. Povos Indígenas: conheça os direitos previstos na Constituição. https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/povos-indigenas-conheca-os-direitos-previstos-na-constituicao

ANDRADE, L. M. S., LEMOS, N. (2015) Qualidade de projeto urbanístico: sustentabilidade e qualidade da forma urbana. In: BLUMENSCHEIN, R. N.; GUINANCIO, C. e PEIXOTO, E.(org.) 2015. Avaliação da qualidade da habitação de interesse social: projetos urbanístico e arquitetônico e qualidade construtiva. UnB, Brasília.

ANDRADE, Liza Maria Souza de. (2014) Conexões dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos, a construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem. 544f. (Tese Doutorado em Ciências Aplicadas) - Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

ANDRADE, Liza Maria Souza de; LEMOS, Natália da Silva; LOUREIRO, Vânia Teles, MONTEIRO, Maria Emília (2019). Adequação Sociotécnica Para Projetos de Urbanismo Participativo do Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico: Táticas urbanas como tecnologia social, dimensões da sustentabilidade, padrões espaciais e de acontecimentos e construção de cenários. In: Anais do XVIII ENANPUR, Natal.

BABAU, Cacique (2019). Retomada. Revista Piseagrama, n.13: p. 98-105.

BAINES, Stephen Grant (2001). As chamadas ´aldeias urbanas´ ou índios na cidade. In Revista Brasil Indígena. Ano I, nº7 Brasília/DF—Nov-Dez.

Brasil. (1973). Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, Estatuto do Índio. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos.

Brasil. (1988). Constituição da República Federativa Do Brasil. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação.

Brasil de Fato. (2024). Amigas da Terra Brasil. Retomadas: uma forma de re-existir nos territórios tradicionais. https://www.brasildefato.com.br/2024/03/01/retomadas-uma-forma-de-re-existir-nos-territorios-tradicionais

Distrito Federal. (2024). GeoPortal DF. https://www.geoportal.seduh.df.gov.br/geoportal/

Distrito Federal. (2023). Informação Técnica nº 37/2023 - IBRAM/PRESI/SUCON/DIPUC/GEREF. Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal, Diretoria de Implantação de Unidades de Conservação e Regularização Fundiária Gerência de Regularização Fundiária.

Durães, Uesley. (2024). Uol Cotidiano, População indígena quase dobra em 12 anos no país; 37% vivem em reservas. https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/03/autodeclaracao-cresce-e-populacao-indigena-quase-dobra.htm

Federação Nacional de Arquitetos. (2024). Imprensa, A Arquitetura Indígena que ensina e inspira. https://fna.org.br/a-arquitetura-indigena-que-ensina-e-inspira/

Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2024). Disponível em: http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas. Acesso em: 20 de maio de 2024

IBGE. (2022). Censo Demográfico. Principais resultados, Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos. https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#/home

GUATTARI, Félix. (1992). Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo-SP/Brasil: Editora 34.

KRENAK, Ailton (2022). Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras.

MAGALHÃES, Frederico Flávio (2009). Terra Indígena Bananal: Territorialização Tapuya – A Materialização da Presença Indígena em Brasília. Monografia de Especialização Lato Sensu em Indigenismo e Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.

MELLO, Márcia Mello; SILVA, Ariadne Moraes (2012). Territórios outros: notas para uma cartografia contemporânea - Moda e Antropofagia. In: 8 Colóquio de Moda - 5a. Edição Internacional. Rio de Janeiro-RJ/Brasil: SENAI - SETIQT, v1.

OLIVEIRA, Cristiane de (2017). Povos Indígenas: conheça os direitos previstos na Constituição. Agência Brasil, Rio de Janeiro: 19/04/2017. Acesso em 10 de maio de 2024, https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/povos-indigenas-conheca-os-direitos-previstos-na-constituicao

PARENTE, Filipe de Andrade Vaz (2016). A Aldeia Multiétnica: no espaço-tempo da interculturalidade. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Brasília, Brasília.

ROLNIK, Suely. (1989). Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo. In: Núcleo de Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). São Paulo–SP/Brasil. Disponível em: http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf

ROLNIK, Suely. (2011). Políticas da hibridação: evitando falsos problemas. In: MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane (orgs.). Moda em ziguezague: interfaces e expansões. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

THIBAUD, Jean-Paul. (2011, CD-ROM). O vir-a-ser ambiente do mundo urbano. In: Anais do Segundo Seminário Internacional URBICENTROS – Morte e Vida dos Centros Urbanos. Maceió-AL/Brasil: Universidade Federal de Alagoas.

R37

RIBEIRINHA AMBIENCES: LIFE AND MEMORY IN LIVING ON THE WATERS AND LIVING IN THE FORESTS.

AMBIÊNCIAS RIBEIRINHAS: VIDA E MEMÓRIA NO MORAR SOBRE AS ÁGUAS E VIVER DAS MATAS.

Matheus Silva Azevedo
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
riocampompema@gmail.com

Cintia Geraldina Reis da Silva Sousa
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
cintiadasilva@live.com

Juliane Oliveira Santa Brígida
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Mestre em Ciências da Comunicação – PPGCOM/UFPA
Integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
jusantabrigida01@gmail.com

Luiz de Jesus Dias da Silva
Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Líder do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia – LASSAM/UFPA
Doutor em Antropologia – PPGSA/UFPA
Mestre em Ciência da Arquitetura – PROARQ/UFRJ
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará
ljds@ufpa.br

ABSTRACT

This study aims to present the relevance of research on riverside environments, contextualizing the importance of fishing communities, and life around waters and forests, in their daily relationship with the riverbanks, focusing on a traditional, riverside, and quilombola community located in the municipality of Abaetetuba, state of Pará. This article will be an invitation to enter this unique universe, highlighting the need to understand its characteristics, challenges, and prospects in the face of climate change, based on concepts such as ambiences, as described by Augoyard (2004), as well as by Duarte et al (2023), to have a theoretical framework that will aid in understanding this emerging topic in research; concepts such as "ribeirinidade", by Rente Neto and Furtado (2015) and "Topophilia" addressed by Tuan (2012) were also sought to understand the many relationships that shape living on the waters and in the forests.

KEYWORDS: environments. ribeirinidade. traditional community. climate change.

RESUMO

Este estudo visa apresentar a relevância da pesquisa acerca das ambiências ribeirinhas, contextualizando sobre a importância das comunidades haliêuticas, e a vida em torno das águas e matas, na sua relação cotidiana das ribeiras dos rios, com enfoque em uma comunidade tradicional, ribeirinha e quilombola, localizada no município de Abaetetuba, estado do Pará. Este artigo é um convite para adentrar nesse universo singular, destacando a necessidade de compreender suas características, desafios e perspectivas frente às transformações climáticas, baseando-se em conceitos como o de ambiências, descrito por Augoyard (2004), tal como por Duarte et al (2023), para se ter referencial teórico que auxiliará na compreensão deste tema emergente na área da pesquisa; buscou-se ainda conceitos como os de "ribeirinidade", de Rente Neto e Furtado (2015) e "Topofilia" abordado por Tuan (2012), para se entender as tantas relações que redundam o morar sobre as águas e o viver das matas.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências. ribeirinidade. comunidade tradicional. transformações climáticas.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de destacar as riquezas encontradas nas tramas cotidianas da comunidade São João Batista, a qual é classificada como Projeto de Assentamento Extrativista (PAE), pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), cuja população é ribeirinha e quilombola e está localizada no rio Campompema, que integra o arquipélago de 72 ilhas pertencentes ao município de Abaetetuba, no nordeste paraense, analisando os aspectos imateriais e sensíveis, que fazem parte das ambiências presentes no cotidiano dos moradores, o que vai ao encontro do que Tuan (2012) denomina de "topofilia".

Pelo que se extrai das narrativas locais e da própria história do município de Abaetetuba, a ocupação da área se deu desde o período colonial brasileiro, no intertício entre 1635 a 1700, quando padres capuchinhos que vinham à capital Belém para congressos, começaram e explorar onde se localiza hoje a vila de Beja, - que pertence à Abaetetuba - e adjacências, até onde fica a sede da cidade hodiernamente.

De outras narrativas, sabe-se que portugueses e escravos que tinham rota vindo pelo arquipélago do Marajó, também chegaram ali, deparando-se com povos que já habitavam a região, provavelmente indígenas, visto algumas heranças e hábitos presentes até hoje no território, e que aos poucos foram se fixando para aproveitar a fertilidade dos solos para plantações, principalmente da cana de açúcar. Essa socialização e miscigenação gera uma descendência mista, de traços diversos e com genótipos extremamente variados e que hoje formam uma população de 393 famílias que são assentadas às margens das águas do rio Campompema, no PAE São João Batista.

Segundo o Relatório Territorial de Belém e Abaetetuba (IPEA, 2015), a comunidade do PAE São João Batista detém uma área de aproximadamente 471 ha, situando-se cerca de 15 minutos de barco da sede municipal, esta que é assentada em região de várzea afetada pelo regime de marés e sujeita a inundações diárias e sazonais e apresenta clima superúmido e de altas temperaturas (Valle et al, 2022).

À base metodológica, este estudo contou com a técnica de observação direta e participante, além da implementação de questionários, entrevistas e conversas formais e informais com moradores de diversas faixas etárias da comunidade, a fim de abordar saberes e heranças embasadas na relação entre homem e natureza, vivências de um povo que aprendeu a se relacionar com o espaço de forma harmônica e habitar retirando do meio ambiente apenas o necessário para sua subsistência, assim como as transformações sofridas por eles frente à problemática das mudanças climáticas, que vêm afetando de forma substancialmente prejudicial às ambiências do lugar, desencadeando a necessidade de uma adaptação abrupta na rotina, hábitos e técnicas locais, a fim de manter sua relação com o território. A pesquisa permitiu também etnografar as discrepâncias das experiências vividas pelos anciãos para as gerações mais novas, vislumbrando, a partir das perspectivas locais, estratégias para permanecer em razoável paridade com o viver tradicional das águas e das matas.

Além da introdução e referências bibliográficas, este artigo está estruturado em dois tópicos: o primeiro que aborda aspectos das memórias e experiências transmitidas de geração a geração na comunidade, e o segundo que trata o debate dos desafios enfrentados pela população ribeirinha e quilombola frente às mudanças climáticas.

2. AMBIÊNCIAS RIBEIRINHAS NO CAMPOMPEMA: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS

Comunidades como o PAE São João Batista, são impregnadas de costumes, saberes e fazeres tradicionais centenários, que vêm atravessando os progressos e avanços através de um consuetudinário processo de transgressão desses conhecimentos às novas gerações, como destaca Cuimar (2013):

> "Diferente da escola onde, na maioria das vezes, a transmissão ou troca de saberes ocorre somente no ambiente da sala de aula, na agricultura familiar, no mundo rural-ribeirinho, o repasse do saber ocorre no cotidiano, em diferentes ambientes e por diversas formas" (Cuimar, 2013, p. 71).

Nessa perspectiva, ao buscar-se estudar comunidades que vivem de tal modo, faz-se imprescindível aplicar-se uma metodologia intrusiva, buscando participar diretamente dessas relações por algum período, interagindo e experienciando de forma participante com os atores sociais ali presentes, em seus simples hábitos cotidianos como o tomar banho no rio ou em uma roda de conversa familiar, pois "só nos podemos familiarizar através de um contato muito estreito com os nativos durante um longo período de tempo" (Malinowsky, 1978, p. 27), e esses famigerados espaços, especificamente no contexto ribeirinho quilombola tradicional, são capazes de emanar ambiências totalmente particulares e intrigantes que são "resultados de experiências vividas" (Malinowsky, 1978, p. 25), isso foi possível, pois o primeiro autor deste artigo é nato da comunidade estudada, o que emprega ao estudo um aspecto fundamental, principalmente à produção científico-amazônica: a identidade.

Segundo Amado (1995, p. 132), "somente a memória possui as faculdades de separar o eu dos outros, de recuperar acontecimentos, pessoas, tempos, relações e sentimentos", e de conferir-lhes significados, e esse é um aspecto fundamental à manutenção das culturas, principalmente de comunidades tradicionais que sofrem com a desvalorização e invisibilidade desde o período colonial. Logo, pesquisas que etnografem essas memórias, podem vir a ser uma forma importante de lidar com a depreciação ou perca dessas culturas, por isso emerge a "necessidade de se redescobrir as organizações sociais, as relações e processos dessas populações amazônicas em seu cotidiano, ainda tão pouco estudados sob o olhar antropológico;" (Furtado, 1993, p. 38).

Abstraindo-se do texto de Thibaud (2004), entendemos ambiências como a interação do espaço com o ser humano, a qual entrelaça os elementos físicos e sensíveis presentes nessa troca. Desse modo, ao fazer-se uma observação direta e participante do dia-a-dia na beira-rio, compreende-se, por exemplo, que os diversos métodos utilizados por essas comunidades como o manejo do açaí, a pesca e a captura do camarão, que são meios de subsistência, e que por séculos foram essencialmente sua única forma de alimentação, corroboraram para que se estabelecesse uma relação de dependência entre ser humano e natureza, que dessa

forma fez com que aprendessem a viver em harmonia com o ambiente, refletido no modo sustentável das “diversas técnicas agroecológicas desenvolvidas por esses povos que corroboram com esse modo de vida”(Quinteiro e Baldine, 2018)

A partir da observação e narrativas de moradores locais, é possível ainda vislumbrar-se outros aspectos, os quais podemos caracterizar como parte das ambiências da comunidade; o cheiro das matas, o som das águas, o barulho das embarcações e a cor das florestas, são exemplos das sensações experienciadas por quem perpassa por esses espaços, e que, mesmo de forma inconsciente, caracterizam um modo particular de vida e memória.

Figura 1 - Morar sobre as águas e viver das matas: Imagem que exprime aspectos das ambiências ribeirinhas.
Fonte: Matheus Silva (2024)

A fim de descrever algumas dessas particularidades presentes em comunidades tradicionais, como o PAE São João Batista, Rente Neto e Furtado (2015) desenvolveram o conceito de “ribeirinidade”. Para os autores, essa é a “expressão de um modo de viver dos grupos sociais localizados à margem de mananciais aquáticos, de onde emanam os elementos materiais, imateriais e simbólicos que configuram o modo de vida desses grupos”, ou seja, tudo aquilo que permeia o cotidiano dessas comunidades, seja seu morar em palafitas e em vilas, seja seu meio de locomoção que se dá por embarcações, ou até mesmo nas trocas cotidianas entre vizinhos, na relação de interdependência com o rio e com a natureza, nas percepções sensoriais: o cheiro das matas, o barulho do rio, o som dos pássaros; tudo está intrinsecamente ligado ao morar das águas e das matas, e podem ser caracterizados como parte da ribeirinidade (Rente Neto e Furtado, 2015) e/ou das ambiências locais (Thibaud, 2004).

Figura 2 - Aspectos da ribeirinidade cotidiana no rio Campompema: Pescador armando o matapí.
Fonte: Matheus Silva (2024)

Tuan (2012) também traz um conceito relevante, o qual explica algumas das relações dos ribeirinhos com a ribeirinidade e as ambiências do seu lugar de habitar. “Topofilia” que pode se caracterizar como a descrição do elo que se estabelece entre as pessoas e o lugar ou o ambiente físico; para o autor, é um conceito vivido por cada indivíduo, os quais terão um relação individualmente diferente com seu entorno a partir de suas experiências pessoais, ou seja, alguns permanecerão com uma relação afetivo-emocional com o lugar mesmo não vivendo mais ali, enquanto outros perdem esse elo, ou nem mesmo o tem para com o lugar que vivem, sendo, portanto, um conceito difuso e pode ser descrito de diversas percepções, de pessoa para pessoa.

Fora aplicado aos moradores da comunidade, uma entrevista com roteiro semiestruturado composta por 5 perguntas, com 2 objetivos, o primeiro que visou compreender como eles se sentem em relação ao seu entorno, instigando-os a relatar quais das características desse espaço os chama atenção de modo particular e “que descrevam durante o seu andamento, a sua percepção e as suas sensações” (Thibaud, 2002, p.4) mas em relação àquilo que já experienciam no seu cotidiano, para assim compreender, a partir dos relatos individuais, os sentimentos coletivos impregnados na relação dos ribeirinhos com seu habitar. E o segundo objetivo foi compreender as alterações vividas por eles com as mudanças no clima, que serão abordadas no tópico posterior.

Foram catalogadas 37 respostas, através de entrevistas online e presencial, além de abstração de falas de entrevistas e conversas informais com os moradores da comunidade. As respostas deste questionário são descritas por faixa etária, de acordo com qual mais contemple as demais respostas do respectivo público, de modo que seja possível estabelecer um referencial temporal, dos entrevistados mais

antigos aos mais novos, e perceber quais elementos, sejam das ambiências ou da ribeirinidade do lugar, propiciam algum elo afetivo para com eles.

O recorte de pesquisa escolhido para as entrevistas foram atores sociais que possuíam entre 40 e 73 anos, através dos relatos foi possível captar a memória de um viver primitivo na comunidade; Dona Maria Azevedo Ribeiro (73 anos), descreve a habitualidade pelo morar tradicional em palafitas, diz que "é menos quente e quando precisamos construir a casa mais para trás por causa da queda da terra, conseguimos aproveitar a maioria dos materiais, eu lembro de quando era criança, lembro dos meus pais e muita coisa que passamos na nossa casinha de paxiúba e coberta com palha"; dona Maria Antônia, professora aposentada e moradora da comunidade há 56 anos, diz: "dormíamos com a casa aberta [...] podíamos tomar banho e até mesmo beber a água do rio".

Discursos como estes são os que estão integrados à "topofilia" da vida ribeirinha, e nos remontam às histórias de uma vida simples, porém impregnada de relações que nos levam a compreender que os laços afetivos construídos ao longo do tempo entre ribeirinhos e o ambiente que os cerca, vêm primordialmente da dependência dos recursos por ele oferecidos, que levou, talvez de forma inconsciente, mas surpreendentemente eficaz, a uma troca rica de significados, afetos e cuidado, onde a natureza oferece seus recursos, e eles usufruem, mas de modo que evitem sua exaustão e degradação. Esse pensamento pode ser comprovado quando se atenta, por exemplo, a fala de Maria Ribeiro, que descreve a moradia em que utilizou materiais extraídos exclusivamente da natureza para a infraestrutura, assim como na perspectiva da relação intrínseca dessas pessoas com o rio, relatada por dona Maria Antônia (56 anos). Esses relatos exprimem ambiências únicas desse espaço, e que dificilmente serão encontradas no meio urbano, é uma experiência de interação do indivíduo com seu entorno como descreve Duarte et al (2023), mas de uma forma muito peculiar e particular.

Dentre os informantes mais jovens, é possível destacar o relato de Jéssica Cristina (25 anos), que enfatiza: "Gosto de morar aqui pelo contato com a natureza, tranquilidade e calmaria, relação entre as pessoas, todo mundo se conhece e se ajuda, das pessoas com a natureza, relação de cuidado, de dependência, o rio, a forma como moramos em vila".(Jéssica Cristina, resposta por questionário online, 2024); assim como destaca Maria Isabely (13 anos), que diz: "Eu amo morar no lugar que eu vivo, porque eu posso ver as árvores, nadar na água, ir aos festejos dos santos da nossa comunidade, ter amigos e muitas outras coisas é um lugar tranquilo pra se viver", abordando de forma natural diversos aspectos da ribeirinidade (Rente Neto e Furtado, 2015) do lugar, os quais fortalecem os laços delas com seu território e novamente redundam na relação de identidade e pertencimento estabelecida com os diversos aspectos de seu cotidiano, desde o contato com a natureza às relações de vizinhança, na atenção e cuidado mútuo de uns com os outros. Estas características, são muito comuns na vida de tais comunidades, e podem se dar principalmente pela relação

de parentesco existente, haja vista que costumam formar suas famílias com pessoas dali mesmo, o que talvez seja um dos fatores que corroborem para a longevidade de tantas práticas, além das ideologias e crenças do território de Campompema, tendo em vista que pela questão afetiva, um conhecimento ou costume, tem mais chances de se perpetuar se perpassado por membros do mesmo clã ou mesma família, ainda que sofra alterações com o tempo, pelas experiências, culturas e vivências das novas gerações. Isso provoca um diálogo interessante acerca das adolescências e juventude, que por conseguinte, carregam consigo uma responsabilidade na preservação e manutenção da cultura local, podendo também fazer parte de um processo de rememoração ou flagelação dessas tradições, a depender do quanto se trabalha o pertencimento ao lugar que se vive, para que aquelas e aqueles que precisam sair do território, também levem consigo a topofilia pelo lugar de onde originou.

Em suma, estes relatos nos fazem vislumbrar uma visão "de dentro e de perto" como versou Magnani (2002), se contraponto e/ou complementando o olhar "de fora e de longe" abordado pela sociedade científica quando estuda comunidades tradicionais, o que permite com que se tenha uma interpretação mais concreta do elo afetivo e emocional intrínsecos ao cotidiano ribeirinho, assim como compreender o sentido da "topofilia" na relação entre homem e natureza.

3. DESAFIOS E PERSPECTIVAS FRENTE ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Nos últimos anos, a vida em sociedade tem sido impactada em decorrência das mudanças climáticas. Segundo o relatório do clima publicado no site oficial das Nações Unidas, em 2022, foi registrado que a temperatura média global já estava 1,5 graus C acima do período pré-industrial, momento da história que precede o início da emissão exacerbada de gases do efeito estufa na atmosfera principalmente pela mecanização e expansão das indústrias.

Ao observar a realidade de comunidades tradicionais, percebe-se que esses impactos são substancialmente prejudiciais ao seu modo de vida, pois a subsistência destas comunidades depende dos recursos naturais, e a própria organização destes assentamentos, no sentido de obtenção de renda, se pauta nos ciclos da natureza, já conhecidos por aqueles que ali residem, através de uma sabedoria herdada de seus antepassados, como por exemplo o conhecimento sobre os ciclos sazonais das marés. Logo, urge a necessidade de se debater sobre esses impactos que são claramente mais incidentes em populações que vivem no campo e na periferia, e que foram conceituados pelo reverendo Benjamin Chavis, como "racismo ambiental" para designar "a Imposição desproporcional – intencional ou não – de rejeitos perigosos às comunidades de Cor." (Silva, 2012, p.89), inicialmente, levantando um debate voltado às questões raciais, a concentração de pessoas pretas e negras, ditas por ele como pessoas "de cor", nos espaços periurbanos das cidades, e posteriormente veio a se

expandir em diversos espaços como um termo social voltado a conceituar quaisquer que sejam as populações e/ou grupos de pessoas que habitem em locais desprovidos ou com pouco atendimento de políticas públicas básicas (exemplificando, cita-se a deficiência de serviços de saneamento básico) como ocorre nas comunidades ribeirinhas e quilombolas, e os maiores impactos sofridos por eles frente às mudanças do clima.

Desse modo, ao etnografar os relatos de moradores da comunidade São João Batista, é possível perceber que a ambiência ribeirinha tradicionalmente constituída ali também foi afetada pelas mudanças climáticas, de modo que os moradores do local precisaram adaptar seu modo de viver para que pudessem manter sua ligação com o território.

Um aspecto importante a ser abordado, que trará clareza à interpretação dos relatos comunitários acerca do tema, é entender como a comunidade percebe as mudanças climáticas. Sabe-se que temas como "crise climática" e "eventos extremos" são debatidos mundialmente, entretanto, somente uma pequena parcela da população local conhece estes conceitos, ou até consegue descrevê-los; faz-se necessário, para tanto, uma abordagem sobre o tema que abranja os aspectos locais. Em uma fala de Letícia Morais (Idade não informada), vice presidente nacional do Conselho Nacional das Populações Extrativistas- CNS, no encontro do Projeto Conexões Povos da Floresta, em Alter do Chão – Pará (2024), ela trouxe uma reflexão de extrema relevância ao relatar que na maioria das comunidades, não se entende o debate através do conceito de "crise climática" o qual, segundo ela, foi imposto às populações tradicionais, mas ele acontece a partir das vivências da comunidade, ou seja, em sua maioria, o entendimento local não está baseado nos dados científicos, mas sim nos impactos ao seu cotidiano: nas mudanças de hábito forçadas, no sumiço das espécies de peixe, na redução da produtividade das safras anteriores do açaí comparada com as atuais, na diminuição da prática da tecelagem do matapi[1] e do parí[2], em decorrência da escassez do camarão, entre outros diversos processos de perda da cultura local, que ocorrem em função das grandes transformações do clima, e que são experienciados e debatidos pelos atores sociais a partir de uma visão cotidiana.

Nessa perspectiva, uma das maiores mudanças relatadas pelos moradores em entrevistas é quanto aos impactos na relação com o rio que os cerca, "que no caso da região amazônica, é via para propiciar os transportes fluviais e consequentemente a ligações entre localidades, e uma das suas maiores fontes de subsistência, a pesca" (Azevedo e Silva, 2024), além de ser uma forma de lazer, como pode ser observado através dos moradores:

1 Espécie de gaiola feita artesanalmente com a tala do jupatí e cipó para captura do camarão

2 Espécie de rede tecida com a tala do jupatí e cipó para captura de peixe

"Antigamente tomávamos muitos banhos no rio, eram momentos de diversão, também era possível saber as horas de enchente e vazante da maré sem um erro, hoje já não correspondem, como se a maré não seguisse mais o ciclo de antes" (Renata Ribeiro, 19 anos, resposta ao questionário online, 02/2024)

Essa mudança nos ciclos sazonais das marés, gera um impacto muito grande no dia a dia das famílias que dele dependem. O que Renata descreve tem relação direta com a existência e subsistência dessas comunidades; por exemplo, uma das fontes de alimento presente ali é a captura do camarão e a pesca; através de um conhecimento geracional, os ribeirinhos têm razoável domínio dos ciclos das marés e a influência delas para com os cardumes de peixes de cada espécie da região, assim como o local ideal para a captura de camarão. Em maré lançante[3], segundo os pescadores, é mais propício capturar o camarão nas baixas[4] dos igarapés, e na maré de quebra[5], o matapi é armado nas margens dos rios, assim como existe a incidência de maiores cardumes de peixes das espécies de mapará e pescada, esse período antes durava cerca de 15 a 20 dias, hoje não se tem mais essa precisão. (relato retirado de conversas com pescadores da região nos meses de janeiro e fevereiro de 2024)

Além disso, o banho no rio era um dos hábitos mais comuns entre os sujeitos entrevistados, momentos em que as famílias se reuniam para longos banhos, eram um costume da região; mas nos últimos anos isso vem se perdendo, haja vista que, dentre tantos fatores relatados, como a poluição, também se destaca as altas temperaturas que causam desconfortos, dificultando que estes momentos aconteçam. A partir de relatos como o da Jovem Renata Ribeiro de 19 anos, e de tantos outros do PAE São João Batista, é possível perceber que a perda de costumes como este, que antes eram corriqueiros no cotidiano de comunidades habitantes de áreas insulares, representa impactos à ribeirinidade (Rente Nete e Furtado, 2015) e as ambiências (Thibaud, 2004) da comunidade.

Além desta mudança, se relata também os impactos do aumento da temperatura, no solo, que consequentemente prejudica as plantações. O PAE São João Batista, é uma comunidade extrativista, isso significa que parte da sua subsistência se dá através do manejo florestal e extração de frutos; no caso da região estudada, o fruto mais consumido é o açaí, o qual faz parte da alimentação diária das famílias e é incluído nas refeições principais, assim como é um produto de exportação. Entretanto, no decorrer dos anos, a safra do açaí tem diminuído significativamente como informado por Helena Ribeiro (41 anos), pescadora e extrativista e por seu José Maria (64 anos), respectivamente: "clima muito quente e menos chuva; maré alta constantemente, isto faz com que a produção agrícola diminua"; "No ano de 2018 colhemos 630 rasas, em 2019 foram 708 rasas, no ano de 2020 660 rasas, em 2021 612 rasas, no ano de

3 Período em que a maré atinge altos níveis hidrográficos provocando alagamentos nas áreas de várzea.

4 Pequenos braços e/ou trechos de águas rasas dos igarapés

5 Período que sucede a maré de "lançante", onde há redução no nível das águas fluviais.

2022 580 rasas, e em 2023 530 rasas. Segundo seu Zé Maria, a expectativa é que neste ano de 2024 a produção caia cerca de 30% em relação ao ano passado. “Creio que a safra este ano vai cair muito [...] O que se vê no açaizal é a falha no açaí, cacho miúdo, açaí secando antes de amadurecer, árvores que ainda não produziram”

Ademais, ainda pode-se destacar: o aumento e velocidade da erosão do solo, que afasta as moradias dos ribeirinhos das margens do rio; as grandes ventanias e tempestades que podem causar danos físicos e materiais pela queda das árvores sobre as palafitas; impactos ao conforto térmico dentro das casas, que estão cada vez mais quentes por serem desenvolvidas com estrutura simples o que faz com que seja necessário adquirir eletrodomésticos como ventiladores e até mesmo ar-condicionados para manter-se minimamente confortável em suas moradias. (Informações retiradas de conversas com moradores da comunidade nos meses de janeiro e fevereiro de 2024)

A redução da safra do açaí, relatada por seu José Maria, assim como as falas da jovem Renata e de Helena expõem uma realidade alarmante em que a comunidade é forçada a buscar outras formas de garantir seu sustento e subsistência, haja vista que não se tem mais segurança na proveniência abundante do pescado e do extrativismo, além de precisarem desenvolver alternativas para a adaptação aos processos cada vez mais graduais e mudanças abruptas em seus hábitos e costumes decorrente das mudanças do clima, o que consequentemente afeta o viver tradicional das águas e das matas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, portanto, que o modo de vida da comunidade do PAE São João Batista é rico em heranças, tradições e significados que perpassam gerações, e que refletem a vida dos demais povos das águas e das florestas, que resistem às influências externas porque têm raízes intrínsecas à memória e ao emocional do povo que ali habita, ou seja, a topofilia para com seu território faz parte do inconsciente popular local.

Constata-se também, que a presença da “ribeirinidade” no PAE, demarca os tantos aspectos peculiaridades de um povo que aprendeu na prática a ser resiliente, desde a adaptação de suas moradias e hábitos aos aspectos morfológicos de onde vivem, até a forma que enfrentam o flagelo de suas culturas e a desvalorização do seu modo de vida.

Além disso, o estudo permitiu compreender alguns dos impactos que as transformações climáticas têm causando a quem mora de tal forma, haja vista que muitas de suas atividades cotidianas de subsistência dependem exclusivamente da proveniência e do tempo da natureza, assim como de conhecimentos sobre os ciclos, tanto das marés, quanto do açaí, entre outros gêneros frutíferos, que em decorrência destas, têm mudado abruptamente.

Logo, percebe-se a relevância desta pesquisa, que pode vir se somar a tantas outras, a fim de estabelecer uma tentativa de documentar tantos viveres e saberes presentes em comunidades tradicionais como a do PAE São João Batista, no rio Campompema, na Amazônia Brasileira, assim como alertar a possibilidade do sumiço dessas tradições, às dificuldades enfrentadas pela comunidade e à importância de se buscar entender - ou pelo menos refletir - sua relação sustentável com o meio ambiente e aplicá-la como base de estratégias ambientais, podendo ser um dos vieses pelos quais é possível mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

5. BIBLIOGRAFIA

Augoyard, JF. (2004) A comme Ambiance(s). In : Les Cahiers de la Recherche Architecturale et Urbaine. _____. Vers une esthétique des Ambiance. Em: Amphoux, P. e Thibaud, JP. e Chelkoff, G. (Eds.) Ambiances en Débat. Bernin, À La Croisée.

Azevedo, M. S. Silva, L. J. D. (2024) Arquitetura Vernacular Ribeirinha na Amazônia: um mergulho nas águas que rodeiam as palafitas nas ilhas de Abaetetuba-Pará. Em: Anais do IV Seminário Brasileiro de Arquitetura Vernácula Popular, Niterói.

Almeida, S. (2019). Racismo estrutural. Polén.

Cuimar, R. M. (2013). Saberes e Práticas Culturais de Agricultores Familiares da Amazônia Paraense e suas relações com a monocultura do Dendê. (Dissertação de Mestrado) Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Duarte. C. R. et al. (2023). Experiência do Lugar Arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio-books

Furtado, L. G. (1993). Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Museu Paraense Emílio Goeldi.

Malinowski, B. (1978) Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Abril Cultural.

Magnani, J.G.C. (2002). De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de ciências sociais. 17(49). 10.1590/S0102-69092002000200002

Quinteiro, M. M. C. e Baldini, K. B. Lopes. (2018) Agroecologia e as práticas tradicionais: reconhecendo os saberes ancestrais. Em Santos, M. G. e Quintero, M. M. C. (Orgs). Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas [online].EDUERJ. https://doi.org/10.7476/9788575114858.

Silva, L. H. P. (2024) Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo Ambiental no contexto brasileiro. E-cadernos CES [Online]. 17. https://doi.org/10.4000/eces.1123

Santos, J. S. et al. (2022). Racismo ambiental e desigualdades estruturais no contexto da crise do capital. RevistaTemporalis. 22(43). 158-173.

Tuan, Y. F. (2012). Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Eduel.

Wagley, C.. (1953) Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. Edusp.

R37

URBAN AMBIANCES OF A DISPUTED TERRITORY: ACCOUNTS OF THE EXPERIENCE OF A PHOTOGRAPHIC WORKSHOP WALKING THROUGH THE HISTORIC CENTER OF RECIFE

AMBIÊNCIAS URBANAS DE UM TERRITÓRIO EM DISPUTA: RELATOS DA EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA DE CAMINHAR FOTOGRÁFICO PELO CENTRO HISTÓRICO DO RECIFE

Iana Bernardino
Professora Doutora (UFPE)
MDU - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
ianaludermir@gmail.com

Marília Farias
Doutoranda em Desenvolvimento Urbano (UFPE)
MDU - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
marilia.farias@ufpe.br

ABSTRACT

In 2023, a photography workshop was held in the city of Recife. It included a photographic incursion, awareness about images and composition of montages. This activity was based on studies about walking, photography and montages (Jacques, La Rocca, Sontag, Didi-Huberman). The aim of this article is to report this experience as a methodological practice of investigation of the environments in the daily life of Recife's central area. Which is composed of historical sites, with restrictions on transformation, and contemporary areas with great possibilities for real estate development. Since the 2000s this area has once again attracted investments. From the 2010s onwards, the area has concentrated processes of real estate transformations marked by the rehabilitation of historic buildings and the construction of new vertical buildings. Social actors of the area now face a new dynamic of investments. New and old agents are competing in this process of recent dynamization.

KEYWORDS: central areas. ambiances. walk. photography. methodological proposal.

RESUMO

Em 2023, foi realizada na cidade do Recife uma oficina de fotografia que contemplou incursão fotográfica, sensibilização acerca das imagens e composição de montagens. Tal atividade teve como base para sua construção estudos acerca do caminhar, da fotografia e das montagens (Jacques, La Rocca, Sontag, Didi-Huberman). O objetivo deste artigo é relatar essa experiência enquanto prática metodológica de investigação das ambiências no cotidiano do centro do Recife. Tal território é composto por sítios históricos, que possuem restrições à transformação, e por áreas contemporâneas, com grandes possibilidades de desenvolvimento imobiliário. Desde os anos 2000 essa área voltou a atrair investimentos. A partir da década de 2010, concentrou processos de transformações imobiliárias marcados pela reabilitação de imóveis históricos e pela construção de edifícios verticais. Os atores sociais do local agora se deparam com uma nova dinâmica de investimentos. Novos e antigos agentes estão em disputa nesse processo de recente dinamização.

PALAVRAS-CHAVE: áreas centrais. ambiências. caminhar. fotografia. proposta metodológica.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar as reflexões acerca de uma Oficina de Fotografia orientada para a apreensão das ambiências do sítio histórico do bairro da Boa Vista, na área central da cidade do Recife. O sítio é um setor de preservação rigorosa do patrimônio cultural, com muitas edificações degradadas e desocupadas, que se insere em uma área de grande dinamismo imobiliário, que recentemente vem recebendo investimentos para a construção de edifícios residenciais e empresariais. A área é marcada por contrastes e permeada pela tensão entre a produção de novas

espacialidades e a obsolescência dos seus imóveis mais antigos. Considerada um dos últimos redutos habitacionais do centro histórico do Recife, apreender as suas nuances a partir de um olhar fotográfico pôde contribuir para a compreensão da sua habitabilidade e para revelar os atores sociais ali coexistentes e a singularidade do lugar.

A oficina foi realizada no ano de 2023 e esteve inserida no âmbito do Seminário (III Seminário Mercado Imobiliário nos Centros Históricos das Cidades Brasileiras - Áreas Centrais Tradicionais: Territórios em Disputa), que se dedicou à compreensão das dinâmicas imobiliárias na área central do Recife e concedeu espaço de fala privilegiado a atores sociais raramente convidados ao debate quando se discute o centro histórico academicamente. A oficina contemplou, além da incursão fotográfica pelo centro do Recife, uma atividade didática de sensibilização sobre a fotografia, uma introdução teórica sobre ambiências urbanas e a composição de montagens, orientadas pelos sentimentos despertados pelas imagens.

O intuito da oficina, em um primeiro momento, era colocar à prova uma estratégia de despertar a sensibilidade para a experiência das ambiências, com um experimento no centro histórico do Recife. A ideia foi experienciar o cotidiano desse lugar e estimular formas de interpretação, expressão e narrativa das ambiências. A proposta e a realização dessa atividade demonstraram o alcance da metodologia, singular e criativa, capaz de revelar (i) a percepção prévia em relação à temática; (ii) a sensibilidade e os afetos em relação à área no momento da incursão fotográfica e (iii) a capacidade de ressignificação das percepções individuais, capturadas pelas fotografias, a partir da dinâmica coletiva e colaborativa de composição dos painéis.

Entende-se que a experiência apresenta uma capacidade didática de generalização pois, a partir de um referencial teórico bem consolidado, do caminhar à deriva, flanando pela cidade, mas também de mobilizar-se em torno da captura de um fragmento da realidade. Por meio da fotografia, os oficinantes foram capazes de coletivamente ressignificar as suas primeiras percepções sobre o lugar. Preliminarmente agrupadas e classificadas sob sentimentos negativos, tais como “desesperança” e “degradação”, algumas fotografias, depois do debate entre os participantes, foram redirecionadas para novas categorias, criadas coletivamente, que enaltecem a ambiência do sítio histórico, tais como “empenho / esforço / trabalho” ou “resiliência” e “movimento”.

A oficina permitiu que fossem enxergados, no sítio histórico em questão, afetos, resistência e identidade, os seus moradores e os seus transeuntes que, de forma irrevogável, fazem parte daquele lugar. Em um contexto em que tantas das reabilitações mantém a materialidade dos sítios históricos às custas da remoção da sua população residente, a oficina de compreensão das ambiências é potente por permitir, em um processo prazeroso e leve, o reconhecimento das diversas nuances que compõem um sítio histórico.

2. RECONHECENDO UM TERRITÓRIO EM DISPUTA: O CENTRO DO RECIFE

A área central do Recife é uma área dinâmica, pulsante e plena de significados que condensa, simultaneamente, a condição de centralidade tradicional, por preservar os registros materiais da ocupação que deu origem à cidade, e a condição de centralidade funcional, por sua densidade de oferta comercial e de serviços. Nessa área central, o "centro histórico", área que remete à gênese da urbe, não é delimitado legalmente, sendo composto por setores fragmentados onde incidem legislações urbanísticas de preservação dos conjuntos edificados. Esses setores de preservação, sobre os quais incide uma legislação excepcionalmente restritiva às transformações dos padrões de ocupação, estão incrustados em uma área onde são amplas as possibilidades de atuação imobiliária, conforme se verifica na Figura 1.

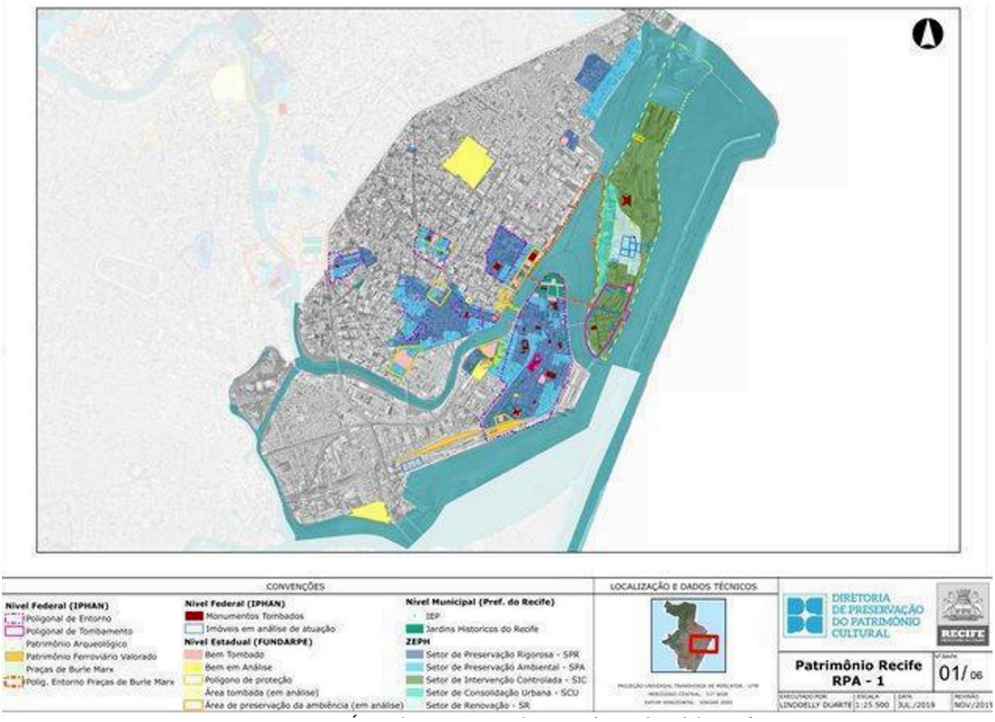


Figura 1. Áreas de preservação do patrimônio cultural do Recife.
Fonte: Diretoria do Patrimônio Cultural da Prefeitura do Recife.

Configura-se um quadro de permanente tensão entre a preservação e a obsolescência imobiliária dos imóveis históricos – que devem ter a sua morfologia integralmente preservada – e a produção de novas espacialidades no entorno dos sítios preservados, onde é possível, segundo a legislação atual, remembrar terrenos, demolir edificações e produzir novos imóveis de mais de vinte pavimentos. Os instrumentos urbanísticos capazes de mitigar as perdas econômicas dos proprietários de terrenos que, por

conterem edificações preservadas, não podem abrigar novos ciclos imobiliários, como a Transferência do Direito de Construir, previstos desde o Estatuto da Cidade (2001), todavia não são aplicados em grande parte das cidades brasileiras, impondo aos proprietários privados de imóveis civis, a responsabilidade de preservar um patrimônio de valor cultural atribuído por uma demanda coletiva.

O marco legal da preservação dos sítios históricos recifenses remonta à década de 1970[1], quando os centros históricos de diversas cidades brasileiras começaram a passar por um processo relativamente generalizado de evasão habitacional e de degradação do ambiente construído. Esse abandono das áreas centrais tradicionais pode ser correlacionado a um processo de urbanização viabilizado pela produção habitacional no âmbito do Banco Nacional de Habitação (BNH), entre 1964 e 1986, que expandiu as fronteiras urbanas pela construção de novos complexos habitacionais e intensificou o uso do solo em algumas áreas de valorização já consolidada. A partir da década de 1970, o quadro de subutilização e de degradação dos centros históricos já despertava a preocupação do governo central, que convocou os governadores, durante a Ditadura Militar, a repensarem o planejamento dos centros históricos das suas cidades a partir do seu potencial de exploração econômica e atração turística. O planejamento urbano dos centros históricos de muitas cidades brasileiras foi orientado pelos marcos teóricos do Planejamento Estratégico e do Empreendedorismo Urbano em uma circunstância em que toda a atenção do capital imobiliário se voltava aos novos empreendimentos fora da área central. Não havia, portanto, uma disputa entre a preservação e o anseio de promoção da *tabula rasa* nos centros históricos e nos seus entornos para viabilizar novos empreendimentos imobiliários.

As áreas centrais de grande parte das cidades padeceram, ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, pela evasão habitacional, pela migração dos serviços e estabelecimentos mais elitizados, que se instalaram em outras partes da cidade e consolidaram novas centralidades. Ao longo da década de 2000, em todo o Brasil, o reconhecimento do potencial econômico das áreas históricas levou à expansão da implementação de políticas públicas de reabilitação urbana e, a partir da década de 2010, diante de um cenário macroeconômico favorável, as áreas centrais passaram a ser reconhecidas como novas fronteiras de valorização imobiliária, aptas a receber investimentos de "revitalização", que preservam a materialidade das edificações antigas enquanto as destituem de todos os usos e dinâmicas precedentes, ou construções novas sobre uma tabula rasa, que alteram completamente a espacialidade preexistente e promovem a obsolescência precoce do patrimônio histórico (Bernardino & Lacerda, 2015). A dinâmica urbana recente das áreas centrais brasileiras foi o objeto de discussão do seminário já mencionado, organizado pelo grupo de Pesquisa coordenado por uma das autoras do presente texto, que ocorreu em Recife no ano de 2023, e que teve como atividade de culminância a realização da oficina de fotografia.

1 Reconhecidos e delimitados no PPSH – Plano de Preservação dos Sítios Históricos, elaborado pela FIDEM e incorporado pela legislação municipal do Recife em 1973.

3. O CAMINHAR FOTOGRÁFICO E AS MONTAGENS COMO FERRAMENTAS METODOLÓGICAS PARA EXPERIENCIAR AS AMBIÊNCIAS

A construção da Oficina de Fotografia enquanto ferramenta metodológica tem como ponto de partida um trabalho de mestrado que se desdobra atualmente em uma pesquisa de doutoramento de uma das autoras que é arquiteta e urbanista e fotógrafa. Tais estudos têm como base uma articulação entre diversos autores que abordam as ambiências, o caminhar, a fotografia e as montagens, os quais veremos brevemente a seguir.

3.1 Caminhar como forma de apreensão da cidade e suas ambiências

Em Elogio aos Errantes, Paola Berenstein Jacques (2012) explica que a caminhada permite aos arquitetos e urbanistas o estudo da cidade a partir de sua própria experiência errante, e não somente a partir dos mapas, vista de cima. A autora apresenta assim o caminhar como uma alternativa aos diagnósticos tradicionais das cidades, que geralmente partem de dados objetivos e genéricos dos espaços (*ibidem*).

Também para o sociólogo italiano Fabio La Rocca (2022) as caminhadas pela cidade apresentam-se como um método para compreensão e descoberta dos espaços, visto que as caminhadas provocam uma intensa experiência sensorial favorável à sensibilização, percepção e captura das ambiências urbanas:

> Capturar ambiências é, assim, a abordagem escolhida; é o propósito de um pesquisador-flâneur que, ao olhar através de óculos sociológicos, atua como detetive, desvelando a experiência urbana por meio das camadas de significado de que a cidade é dotada. Essa errância sociológica busca possibilitar uma leitura sensorial da cidade, percebendo-a como múltiplas experiências sensoriais (La Rocca, 2022, p. 22. Tradução livre.)

Sendo assim, consideramos o caminhar como prática fundamental na pesquisa das ambiências, pois a errância possibilita uma experiência direta com o espaço e a ativação de um corpo sensível, favorecendo a percepção. Além disso, o ato de caminhar possibilita a construção de relações de sentido com o lugar e seus habitantes, constituindo desse modo um instrumento pertinente para acessar as ambiências.

3.2 O Caminhar Fotográfico como ferramenta de sensibilização e atenção

Para o caminhar fotográfico proposto, partimos da ideia de que fotografar é tomar uma atitude diante da coisa percebida, é escolher fotografar algo e agir diante daquilo que é observado e sentido. Susan Sontag (2004), em Sobre Fotografia escreve que "usar uma câmera é ainda uma forma de participação. Embora a câmera seja um

posto de observação, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva" (Sontag, 2004, p. 22). Sendo assim, entende-se o ato de fotografar enquanto se caminha como uma ação de reação àquilo que se percebe, envolvendo uma interação com a coisa fotografada.

Fotografar é também fazer escolhas e definir recortes do que se observa ou se sente. Sobre a experiência de fotografar, Didi-Huberman (2017) nos conta que:

> A experiência fotográfica não se associa apenas a um desejo de conhecimento, porém, mais interiormente, mais poderosamente, a um desejo de escrita: tentar escrever uma emoção por intermédio de uma sequência de imagens afinal terrivelmente banais (Didi-Huberman, 2017, p. 99).

Entende-se, portanto, que a experiência de fotografar na cidade pode ser, além de uma reação de interação àquilo que se percebe, também um desejo de compreensão, de comunicação e de expressão. Acredita-se assim que nas caminhadas fotográficas, a busca por fotografar fragmentos, o ato de escolher pequenos recortes do cotidiano, se imbuídos de uma intenção, pode ajudar a compreender e comunicar as emoções e sensações experienciadas, auxiliando assim na apreensão das ambiências.

É importante ressaltar que não se quer dizer aqui que uma imagem fotográfica representa determinada ambiência ou experiência. O que se busca sugerir aqui é a experiência do caminhar fotográfico na cidade enquanto ferramenta de reflexão, ativação e sensibilização do corpo às ambiências. Acredita-se que as fotografias, as quais são necessariamente resultantes de uma experiência prévia do caminhante-fotógrafo, poderiam, sim, contribuir para uma reflexão e narrativa da vivência realizada na rua. No caso de um sítio histórico em processo de degradação e de obsolescência, tensionado pela promoção de novas espacialidades no seu entorno imediato, como é o caso do sítio histórico onde foi realizada a oficina que motivou discussão do presente artigo, a reflexão sobre as dinâmicas do lugar e sobre como os seus atores sociais são integrantes essenciais do patrimônio cultural pode ser uma potente ferramenta para orientar as estratégias para a preservação do património cultural.

3.3 As Montagens Fotográficas: montar como ação para reflexão

Diante do que foi colocado, parte-se agora da compreensão do ato de fotografar, enquanto ação que busca apreender e comunicar determinada percepção sobre algo, no caso, a cidade e suas ambiências. Associando-se o ato de fotografar ao caminhar, que corresponde ao que se chama aqui de caminhar fotográfico, os caminhos são percorridos de forma atenta, na intenção de perceber a cidade em sua dimensão sensível e afetiva. Tais caminhadas fotográficas, naturalmente, produzem fotografias, sobre as quais propõe-se, agora, lançar um olhar atento.

O processo de composição das montagens fotográficas torna-se uma maneira de explorar essas fotografias e, precisamente, as relações estabelecidas entre as diferentes imagens. O exercício de observá-las, de buscar interpretá-las viabiliza o processo de montagem que é, portanto, considerado como uma ferramenta de ação para reflexão. Segundo Didi-Huberman (2013), em Sobrevivência das Imagens, texto em que que o autor investiga as montagens de Aby Warburg com seu Atlas Mnemosyne, pensar por montagens sugere uma forma de observar, mas também de utilizar-se dos diferentes fragmentos, recortes, temporalidades e detalhes das imagens de forma a expandir as ideias e de permitir saltos, caminhos e atravessamentos entre as imagens.

Segundo Jacques (2018), a montagem é a forma como nos referimos a uma *estrutura de pensamento* e, também, a uma *estrutura física de agrupamento de imagens,* que são a base dessa forma de pensar. Didi-Huberman (2013) explica ainda que esse agrupamento de imagens forma uma "estrutura visual", a qual permite que se possa comparar várias imagens de uma só vez e perceber suas conexões. Com base nessas referências, propõe-se a construção de montagens associadas às caminhadas fotográficas, em processos coletivos nos quais os caminhantes-fotógrafos compartilham, refletem e debatem acerca de sua experiência na cidade.

Em resumo, a ferramenta metodológica proposta na Oficina de Fotografia realizada incentivou a imersão do sujeito no território; a expressão sensível e criativa das afetações por meio da fotografia; e, por fim, o processo de criação de montagens como uma elaboração a partir das fotografias, possibilitando o compartilhamento de percepções e a reflexão coletiva acerca das ambiências do bairro da Boa Vista, no Recife.

4. A OFICINA: EXPERIMENTANDO O CAMINHAR FOTOGRÁFICO E AS MONTAGENS

A Oficina de Fotografia foi construída tendo como base o referencial teórico apresentado anteriormente, o qual constituiu também a pesquisa de mestrado de uma das autoras, conforme dito anteriormente. A fim de que se compreenda a utilização das ferramentas metodológicas, detalhamos a seguir cada etapa das atividades realizadas durante a Oficina.

4.1 Momento expositivo 1: o que são as ambiências? o que é o caminhar fotográfico?

A Oficina de Fotografia foi planejada em parceria pela organização do seminário e pela ministrante, quando se debateu sobre o tema do seminário – territórios em disputa. No âmbito do evento, a oficina ocorreu em dois dias consecutivos. No primeiro, aconteceu o Momento Expositivo 1, no qual houve uma explanação prévia aos participantes acerca da temática das ambiências, do caminhar pela cidade e,

mais especificamente, do caminhar fotográfico. Sugeriu-se tomar a fotografia como uma ferramenta capaz de lançar novos olhares para o centro do Recife. Desse modo, foram dadas algumas instruções relativas às formas de expressão na fotografia. Levantaram-se questões como: "será que, através de uma imagem fotográfica, pode-se tentar expressar sentimentos e sensações?"; "Como fotografar um cheiro, um som, uma textura?". Foi também fortemente incentivado o encontro com o Outro: "como podemos nos aproximar, conversar e, quem sabe, fotografar esses encontros?".

Foram apresentados também três pontos chave para percepção durante a experiência nas ruas, tendo em vista a temática do seminário em questão, "Áreas centrais: territórios em disputa", foram eles: a percepção dos lugares (de ocupação, de troca, de encontro, de memória, de disputa, de conflito); a percepção das interações sociais (de trocas, de encontros de disputa, de choque); a percepção das temporalidades (movimentos do tempo, transitoriedade, transformações). A proposta não era limitar, mas apontar uma pluralidade de tópicos para ampliar as possibilidades e permitir a livre experiência e criatividade dos participantes.

4.2 Caminhada pelo bairro da Boa Vista

No segundo dia, pela manhã, em um local previamente combinado no coração do bairro da Boa Vista, realizou-se o encontro entre os participantes da oficina para o início da caminhada fotográfica. Caminhamos em grupo, mas com a orientação de que cada um tomasse o seu tempo, de acordo com seu interesse e sensibilidade aos estímulos da cidade, de maneira que os participantes pudessem se demorar em alguns pontos desejados. Em alguns momentos, precisamos parar e aguardar os outros ou, algumas vezes, chamar algum oficinante para se adiantar para que fosse possível manter ao menos pequenos de três pessoas, a fim de nos mantermos seguros. Os pequenos grupos, em alguns momentos, também paravam para encontrar e conversar com habitantes do bairro, como se pode observar nos registros feitos pelos participantes (Figuras 1, 2 e 3).

Figura 1: Fotografias dos participantes da Oficina.
Fonte: acervo das autoras (2023)

Figuras 2 e 3. Fotografias dos participantes da Oficina.
Fonte: acervo das autoras (2023).

O percurso da caminhada não foi definido previamente. A proposta era que o caminhar fosse livre e sem grandes orientações prévias, permitindo que os participantes fossem guiados pelos sentidos e afetos e que os caminhos fossem decididos coletivamente à medida que a caminhada fosse avançando. A caminhada durou cerca de duas horas.

4.3 Momento expositivo 2: como selecionar as imagens? o que são as montagens?

De retorno da caminhada, nos reunimos para um segundo momento expositivo, no qual se falou a importância do processo de edição, ou seja, de seleção das fotografias que foram feitas no bairro. Convidamos todos os participantes a olhar para suas fotografias e se perguntar: o que me levou a fazer cada uma delas? O que essa imagem me diz sobre o que eu senti? Esse processo de reflexão auxilia na seleção das fotografias, que, além de representar uma série de fragmentos das afetações, são uma ferramenta para rememorar e narrar a experiência vivida. Propomos, assim, o desafio de que cada um escolhesse, dentre as diversas imagens produzidas, apenas aquelas que expressassem mais fortemente sua experiência.

Em seguida, explanou-se sobre as montagens com a apresentação breve de algumas possibilidades de agrupamentos de imagens baseados em experiências anteriores.

Dentre as sugestões apontadas, sugerimos criar agrupamentos de imagens a partir das sensações e sentimentos experienciados; a partir dos encontros com o Outro; a partir das formas de caminhar; etc.

4.4 Exercício de montagem: o que vivenciamos na Boa Vista coletivamente?

Após o segundo momento expositivo, cada um dos participantes teve um tempo para escolher entre quatro e cinco fotografias para serem impressas. As fotografias foram, então, dispostas sobre a mesa e os oficinantes foram aos poucos observando as imagens dos seus colegas e procurando estabelecer algumas relações de modo a criar alguns agrupamentos.

Nesse primeiro momento as fotos, propositadamente, não são coladas sobre o papel, de forma a permitir o movimento mais livre e a flexibilidade das trocas de lugares, garantindo as múltiplas possibilidades de conexão entre as imagens. Como vimos, nesse processo de montagem, ao expor visualmente diversas fotografias, são estimuladas essas interações, permitindo atravessamentos importantes para questionar, compreender e costurar algumas ideias e reflexões que surgem na apreensão de ambiências na cidade (Figura 4).

Figura 4: processo de montagem.
Fonte: acervo das autoras (2023)

Inicialmente, no ato de montar os painéis, foram surgindo diversas categorias de agrupamentos que os participantes nomearam como: nostalgia, pressa, medo, desamparo, angústia. Aos poucos, foram sendo sugeridas entre eles outras categorias como: encantamento, memória, trabalho, esforço e, especialmente, a categoria “resiliência”, que foi gradativamente capturando os sentimentos e afetações mais negativos. Observamos assim que o processo de montagem levou a uma ressignificação das imagens e dos sentimentos e apreensões experienciados no bairro da Boa Vista.

Ao final, as imagens de todos os participantes foram fixadas no grande painel e ficaram agrupadas nas seguintes categorias: aconchego, encantamento, nostalgia, pertencimento, empenho/esforço/sobrevivência, movimento/pressa, memória e resiliência (Figura 5).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por fim, identificamos e reiteramos aqui as contribuições referentes a cada uma das etapas que constituem a proposta experimentada na Oficina: os momentos de exposição, essenciais para uma imersão do sujeito na temática das ambiências; o caminhar fotográfico, que além de possibilitar a experiência e a prática do corpo do sujeito na cidade, permite, através do ato de fotografar, a captura de fragmentos de afetação; o momento de reflexão e seleção das fotografias, que promove o desenvolvimento de narrativas afetivas individuais; e a montagem fotográfica, que permite a interpretação e compartilhamento coletivo das experiências — o que ocorre não somente ao relacionar as imagens, mas ao trocá-las de lugar diversas vezes, ao debater, ao ouvir o outro e refletir sobre a sua própria experiência em relação às demais.

Relembra-se nesse momento que o objetivo inicial da Oficina de Fotografia ministrada foi o de despertar para a experiência das ambiências no centro do Recife e incentivar formas de interpretá-las, expressá-las e narrá-las. Diante do que foi apresentado, acredita-se que cada uma das etapas citadas constitui um percurso metodológico que, sim, contribuiu para uma rica experimentação e reflexão acerca das ambiências urbanas do cotidiano do bairro da Boa Vista. Além de ter promovido uma ressignificação das percepções, capturadas pelas fotografias, a partir da dinâmica coletiva e colaborativa de composição das montagens.

Figura 5: resiliência.
Fonte: acervo das autoras (2023).

6. BIBLIOGRAFIA

Bernardino, I. & Lacerda, N. (2015). Centros históricos brasileiros: tensões entre a obsolescência imobiliária e a construção de novas espacialidades. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais.

Didi-Huberman, G. (2013). A Imagem Sobrevivente. Editora Contraponto.

Didi-Huberman, G e Gisinger, A. (2017). Compreender por meio da fotografia. Zum Revista de Fotografia, n.13, 86-103.

Jacques, P. B. (2012). Elogio aos errantes. SciELO-EDUFBA.

Jacques, P. B. (2018). Pensar por montagens. Em Nebulosas do pensamento urbanístico tomo I – modos de pensar. v. 1, (pp.206-234). Edufba.

La Rocca, F. (2022). Mood and Ambiances: a narration of expressive forms and urban emotions. Em Pinto-Coelho, Z. e Pires, H. (Eds.), Mood The City of the Senses, the Senses in the City (pp 19-34). CECS - UMinho Editora. *https://doi.org/10.21814/uminho.ed.51*.

Sontag, S. (2004). Sobre fotografia. Companhia das Letras.

R37

FROM BARE LAND TO THE GREENWOOD: THE ROLE OF SOCIAL MOBILIZATION IN TRANSFORMING THE IMAGE OF SERRA DA POSSE

DO VAZIO AO BOSQUE: O PAPEL DA MOBILIZAÇÃO POPULAR NA TRANSFORMAÇÃO DA IMAGEM DA SERRA DA POSSE

Beatriz de Medeiros Corrêa
Mestranda
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
beatrizm.correa@hotmail.com

Denise de Alcantara Pereira
Professora Associada
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
dalcantara@ufrrj.br

ABSTRACT

This article aims to reflect on the impacts of popular mobilization on the redefinition of the image of Serra da Posse, using as a case study the process of appropriation of its open spaces and the creation of new atmospheres. The discussions presented here seek to understand the sense of territoriality and identity involved in the transformation of Serra da Posse into a space for leisure, coexistence and environmental education, in contrast to its former image of abandonment. The methodology adopted is based on mapping spontaneous activities and interventions carried out on site through field visits, in addition to collecting testimonies about perceptions and demands identified by users related to the atmosphere quality of the spaces in question. Finally, we believe that the discussions and results presented can contribute to the strengthening of social movements in the production of socio-environmentally and economically fair cities, especially when dealing with peripheral territories.

KEYWORDS: Popular participation. Open spaces. Urban planning. Appropriation.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os impactos da mobilização popular na ressignificação da imagem da Serra da Posse, tendo como estudo de caso o processo de apropriação de seus espaços livres e a criação de novas ambiências. As discussões aqui apresentadas buscam compreender o sentido de territorialidade e identidade envolvendo a transformação da Serra da Posse em espaço de lazer, convivência e educação ambiental em contraposição a sua antiga imagem de abandono. A metodologia adotada se baseia no mapeamento de atividades e intervenções espontâneas realizadas no local através de visitas de campo, além de levantamento de depoimentos acerca de percepções e demandas identificadas pelos usuários relacionadas a qualidade ambiental dos espaços em questão. Por fim, acredita-se que as discussões e resultados apresentados possam contribuir para o fortalecimento de movimentos populares na construção de cidades justas socioambiental e economicamente, especialmente em se tratando de territórios periféricos.

PALAVRAS-CHAVE: Participação popular. Espaços livres. Planejamento urbano. Apropriação.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se volta para a atuação dos movimentos populares no processo de apropriação e ressignificação dos espaços livres da Serra da Posse, tendo como estudo de caso a mudança de percepção sobre sua imagem e novas ambiências geradas a partir desta dinâmica. Localizada em Campo Grande, bairro da zona oeste no município do Rio de Janeiro, a Serra da Posse configura um fragmento de mata atlântica parcialmente degradada em sua face norte, com imagem historicamente associada a espaços abandonados, vazios e pouco seguros. A comunidade local, entretanto, a partir da década de 2010, passa a perceber seu potencial ambiental, de lazer e convivência, e cria um coletivo de moradores denominado Nosso Bosque com o objetivo de realizar intervenções para melhoria de alguns espaços no entorno da Serra.

Partindo do entendimento do conceito de ambiência como algo que perpassa a interação entre o espaço físico e os sujeitos que ali convivem, este trabalho lança foco sobre as novas experiências que a humanização deste espaço livre antes abandonado pode proporcionar a partir da apropriação popular. As discussões aqui apresentadas se baseiam também nos conceitos de território e lugar para análise do objeto de estudo. A metodologia adotada se baseia no mapeamento das intervenções feitas pela comunidade por meio de visitas de campo, além de coleta de depoimentos em redes sociais acerca de percepções e demandas quanto a atividades e qualidade ambiental dos espaços.

A estruturação deste artigo se dá em três seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira situa Campo Grande enquanto bairro da periferia metropolitana, abordando o panorama do crescimento urbano e os desafios para o acesso a espaços livres de lazer qualificados. A segunda seção aborda o histórico de apropriação da Serra da Posse e a transformação de sua imagem a partir da mobilização popular. Por fim, são apresentados o mapeamento de intervenções físicas e atividades espontâneas realizadas pela comunidade na Serra da Posse, demonstrando a criação de novas ambiências a partir das expectativas e desejos da população.

2. CAMPO GRANDE E O CONTEXTO DA ZONA OESTE CARIOCA

O bairro de Campo Grande passou por profundas mudanças na paisagem ao longo de seu histórico de ocupação, decorrentes de fatores variados como mudanças de ciclos econômicos, acontecimentos políticos em escala regional, nacional e internacional, além da influência das elites agrárias locais, dos agentes do setor imobiliário e por meio dos demais atores do mercado e do Estado. Historicamente, Campo Grande faz parte do chamado “Sertão Carioca”, descrito pelo professor e pesquisador Armando Magalhães Corrêa (1936) na década de 1930, no que compreendia o território da baixada de Jacarepaguá e cercanias do Parque Estadual da Pedra Branca.

A zona oeste carioca se divide em duas Áreas de Planejamento (AP4 e AP5), cada uma apresentando níveis de urbanização e aportes de investimentos distintos. A AP5 (Figura 1) compreende vinte bairros, abrangendo 48,4% do território municipal, incluindo Campo Grande, o mais populoso do Brasil (Schroer, 2024), que abriga 346.721 habitantes (IBGE, 2022). Juntamente com os demais bairros da AP5, a região atinge cerca de 30% da população total da cidade.

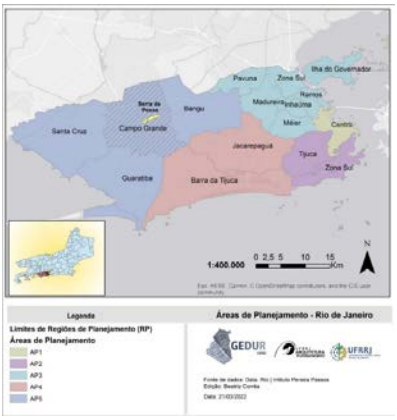


Figura 1. Regiões de Planejamento do Rio de Janeiro e localização da Serra da Posse.
Fonte: Edição própria em ArcGis.

Considerada área de expansão do núcleo metropolitano, a zona oeste carioca teve sua ocupação inicial associada à agricultura, seja pela produção de monocultura para exportação (cana-de-açúcar, café, laranja) ou do cultivo em lavouras para abastecimento local. A partir da década de 1960, Campo Grande passou por um processo de urbanização crescente e progressivo, de maneira que a ocupação esparsa em grandes fazendas deu lugar ao parcelamento em lotes menores e direcionados ao uso residencial, alterando a relação dos moradores com a terra e sua ambiência, antes essencialmente rural.

Apesar de possuir bolsões agrícolas, Campo Grande é atualmente um bairro predominantemente urbano, com território extensamente ocupado, embora ainda pouco verticalizado e com áreas livres passíveis de loteamento ou adensamento. Sua relevância regional em termos econômicos faz do bairro um subcentro secundário de médio porte em relação ao núcleo metropolitano (SOUZA, 2020), fornecendo serviços e comércio em larga escala para bairros e municípios vizinhos.

Dessa forma, apesar da notabilidade em termos de comércio e serviços, e da presença de espaços livres de edificações principalmente nos maciços vegetados, destaca-se a escassez de espaços públicos de lazer qualificados na AP5, o que sujeita a população a longos deslocamentos para outras partes da cidade em busca de opções. Apesar de figurar como uma cidade privilegiada quando se trata da presença de equipamentos culturais, percebe-se a distribuição desigual dos equipamentos entre as diferentes regiões do Rio de Janeiro. De acordo com Melo e Peres (2005),

"A distribuição dos equipamentos pela cidade revela uma expressiva desigualdade, na medida em que 23,9% do total estão localizados na AP1, 42% na AP2 e 15,9% na AP4, enquanto 13,6% estão situados na AP3 e apenas 4,5% na AP5" (MELO; PERES, 2005, p.137). Aqui foram considerados como equipamentos: bibliotecas, museus, centros culturais, parques e florestas, teatros e cinemas. Quando se considera apenas a presença de espaços de lazer ao ar livre, essa discrepância se mostra ainda mais expressiva. Dessa forma, as principais opções de lazer presentes no recorte em análise se concentram em espaços privados, como os shoppings. A necessidade de lugares de uso e apropriação pública como praças, parques e calçadões se mostra, então, como uma demanda cotidiana, na forma de espaços integrados ao dia a dia da comunidade.

Mesmo havendo uma carência significativa na existência e na qualidade dos espaços livres no bairro, a presença de importantes fragmentos florestais remanescentes do bioma de Mata Atlântica, como os que compõem o Parque Estadual da Pedra Branca, o Parque Estadual do Mendanha e outros fragmentos menores como a Serra da Posse, figuram como espaços de potencial lazer e contato com a natureza se alvos de políticas públicas eficazes. Cabe ressaltar que nos espaços citados, as instalações e infraestrutura de atendimento ao público são quase nulas ou precarizadas, carecendo de atributos que tornem a experiência do público acolhedora. Somado a isso, a presença de ocupações irregulares nas bordas e questões de segurança pública no entorno de algumas dessas áreas favorecem uma atmosfera de insegurança e abandono, afastando grande parte do público.

Diante desse panorama, o processo de apropriação e requalificação de trechos da Serra da Posse, bem como sua recente a consolidação enquanto Área de Relevante Interesse Ambiental (ARIE), evocam um sentido popular de pertencimento e identidade que se reflete na transformação de uma imagem enquanto espaço livre antes fragilizado ambientalmente, para uma ambiência que evoca seu potencial ambiental e de engajamento popular.

3. O PAPEL DA MOBILIZAÇÃO POPULAR NA RESSIGNIFICAÇÃO DA SERRA DA POSSE

Composta por um conjunto de três morros que constituem desde setembro de 2022 uma ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico), a Serra da Posse possui um perímetro de cerca de doze quilômetros, e está incrustrada na parte central do bairro de Campo Grande, entre os maciços da Pedra Branca ao sul e do Mendanha, ao Norte (Figura 2). Rodeada por vias de grande fluxo e importância regional, a área de estudo é cercada por loteamentos residenciais com ambiências variadas, compreendendo desde ocupações populares a loteamentos de classe média baixa. Apesar de configurar atualmente como Unidade de Conservação (UC), seu histórico de convivência com a população nem sempre foi amigável.

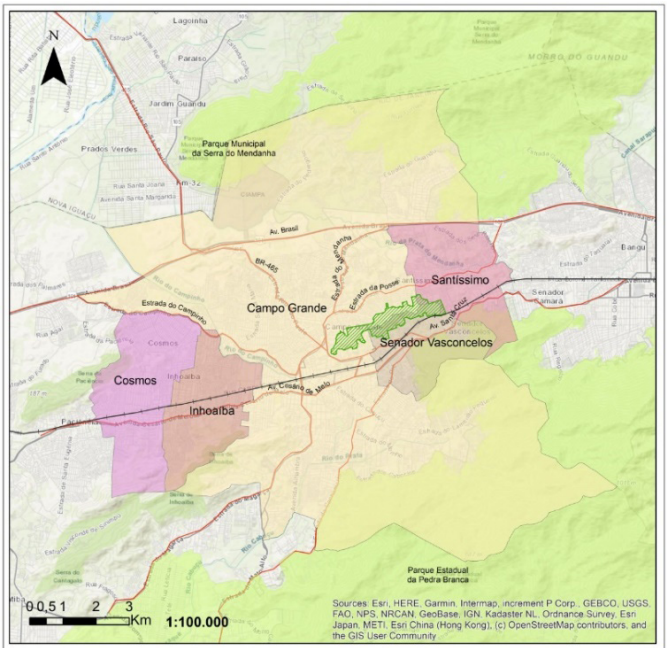


Figura 2. Mapa de inserção dos limites da Serra da Posse no contexto dos bairros de Campo Grande, Santíssimo e Sen. Vasconcelos.
Fonte: Edição própria em ArcGis.

Figura 3. Foto do entorno da Serra da Posse antes do processo de apropriação. Destaca-se a presença de lixo, entulho e a ambiência de um lugar abandonado.
Fonte: Google Street View, 2011.

Em virtude dos processos históricos e econômicos envolvendo o cultivo extensivo da terra e a ocupação urbana, a imagem popular predominante da Serra da Posse até o início da década de 2010 a caracterizava como um fragmento degradado de floresta, onde predominavam o capim invasor, a presença de entulhos e carcaças de

carros abandonados, principalmente na face norte do maciço (Figura 3). Distante de uma imagem idílica, ligada à natureza, era sinônimo de lugar perigoso, com acúmulo de entulhos, vazio e a ser evitado.

Uma mudança de perspectiva se iniciou, entretanto, a partir de uma iniciativa local de moradores organizados em um coletivo popular que, sensibilizados diante do abandono e identificando seu potencial de lazer e educação ambiental, passaram a realizar intervenções físicas e de conscientização no lado norte, apropriando-se do local e passando a chamá-lo de "Nosso Bosque". A Figura 4 mostra a mesma localidade da Figura 3, dez anos depois e após a atuação do coletivo, em uma atividade que se tornou comum nas tardes de verão da localidade: assistir ao pôr do sol. Destacam-se na imagem maneiras de apropriação do espaço como a pintura feita pelos moradores nos paralelepípedos do calçamento, além da preocupação em manter o local livre de entulhos e lixo. Com o crescimento do movimento popular, a pauta em torno da luta por espaços livres de lazer ligados à natureza e à educação ambiental se expandiu, levando o debate local a outras discussões ligadas ao planejamento urbano do bairro, inclusive demandando medidas de proteção ambiental, que culminaram posteriormente na criação da ARIE Floresta da Posse.

Figura 4. Foto tirada durante observação do pôr do sol na Serra da Posse, nas proximidades do espaço Nosso Bosque.
Fonte: Página "Nosso Bosque" no Instagram, 2021.

Sendo caracterizada quanto à sua morfologia como espaço livre de caráter ambiental de uso sustentável (TÂNGARI et al., 2012), a Serra da Posse, anteriormente ao movimento de apropriação, poderia ter sua ambiência considerada como um vazio

urbano. De acordo com Rosa (2008, p.124), em seus estudos sobre o potencial de qualificação das cidades através de espaços desocupados, "vazio do latim *vagus,* significa o que não contém nada, desocupado, abandonado, ocioso, despovoado, desabitado, vago, devoluto, vacante, baldio ou subtilizado". Por meio da expressão *terrain* vague, Solà-Morales (2002) se refere a tais tipos de espaço urbano como indefinidos, incertos, improdutivos, mas também como espaços do possível, de expectativa. De maneira semelhante, em Morte e Vida de Grandes Cidades, Jane Jacobs (2001) relaciona os vazios urbanos a áreas com condições físicas degradadas, por vezes perigosas e que por isso se tornam pouco utilizadas. Trata-se de lugares que proporcionam ambiências negativas e pouco acolhedoras, tais como entornos degradados de linhas férreas, parques amplos e com vegetação malcuidada, ou margens de rios. A autora atribui o esvaziamento destes espaços à criação de barreiras (ou fronteiras) na cidade, dificultando a permeabilidade do tecido urbano e tornando inseguro o uso principalmente por pedestres.

Tal condição de "vazio urbano", ou esvaziamento de um espaço urbano, pode também ser associada ao conceito de urbanidade. De acordo com Aguiar (2012) urbanidade se refere à maneira com que a cidade acolhe as pessoas, estando relacionada à interação entre o ambiente construído e seus usuários, podendo gerar resultados de experiências positivas ou negativas. Dessa forma, a urbanidade se aproxima do conceito de ambiência, sendo esta última relacionada aos significados que os indivíduos atribuem à experienciação de um lugar, levando em conta seus valores morais, características socioculturais e seu rebatimento diante do ambiente físico que interagem através dos sentidos, tal como define Bestatti (2014, p. 602),

> Quando falamos em ambiência, pensamos em humanização por meio do equilíbrio de elementos que compõem os espaços, considerando fatores que permitem o protagonismo e a participação. Pressupõe o espaço como cenário onde se realizam relações sociais, políticas e econômicas de determinados grupos da sociedade, sendo uma situação construída coletivamente e incluindo diferentes culturas e valores.

Dessa forma, analisando-se o processo de apropriação da Serra da Posse, que transforma a ambiência de vazio em lugar de permanência e estar (na forma do bosque, da horta, do espaço de caminhada e contemplação da natureza), percebe-se um processo de territorialização que altera a relação da comunidade com este espaço, criando um sentido positivo de ambiência, tal como define Raffestin (1993), "o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço", de maneira que o ator territorializa o espaço ao se apropriar dele, concreta ou abstratamente (RAFFESTIN, 1993, p. 143). O território carrega, então, um caráter simbólico e de identidade, em que os grupos sociais "misturam suas trajetórias nos processos espaciais em curso, laços afetivos complexos, provenientes de 'sua história misturada com a daquele lugar'. Como parte deste processo, apropriam-se de elementos espaciais e os transformam, deixando suas marcas no espaço vivido" (CARLOS, 1994, p.11).

4. MAPEAMENTO DE INTERVENÇÕES POPULARES E PERCEPÇÕES

A Serra da Posse compreende um território extenso e possui ocupações residenciais ao longo de praticamente todo o seu perímetro (Figura 5). Seu processo de apropriação teve início por meio da mobilização de residentes do trecho norte do maciço, cujas moradias se localizam ao longo da Estrada da Posse, principalmente. A organização das intervenções físicas realizadas pela comunidade se deu principalmente por meio das redes sociais. A criação do coletivo "Nosso Bosque" e a interação virtual se mostraram como fatores decisivos para a promoção de discussões sobre o espaço e para o engajamento da comunidade nas ações de recuperação da floresta e mudança de ambiência dos espaços adjacentes. Apesar de estar comprometido e focado inicialmente com a requalificação de trecho vizinho as residências, o coletivo "Nosso Bosque" teve sua pauta ampliada com o passar do tempo e se tornou referência local na luta pela qualidade ambiental do bairro e consolidação da ARIE Floresta da Posse.

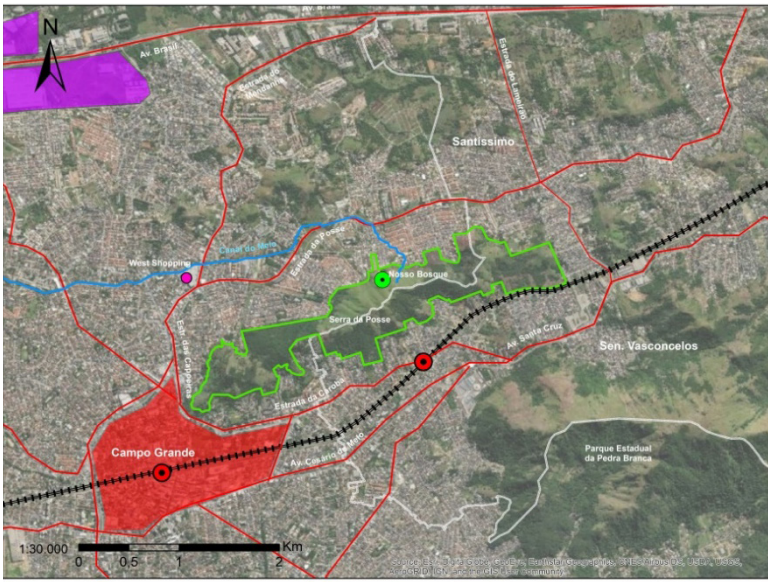


Figura 5. Mapa de localização da Serra da Posse em relação ao Centro de Campo Grande e as vias circundantes. Fonte: Edição própria em ArcGis.

Figura 6. Mapa de espaços apropriados pela população ao longo da Serra da Posse.
Fonte: Edição própria em Google Earth.

Localizadas na face norte da Serra, as intervenções realizadas se concentram principalmente em três pontos específicos (Figura 6), sendo eles o espaço Nosso Bosque, a Horta comunitária e o Mirante da Posse. Primeiro ponto de ocupação, o espaço Nosso Bosque (Figura 7) consiste em um local de lazer contemplativo localizado em uma clareira rodeada de árvores, muitas plantadas pela própria população, e que recebe eventualmente a visita de passarinhos e saguis. Utilizado como ponto de encontro pelos moradores, o Nosso Bosque proporciona uma experiência de contato próximo com a natureza e faz parte do dia a dia das pessoas que moram perto, não sendo raro imagens de alguém regando mudas de plantas. Nesse ponto, foram instaladas placas de conscientização pela população, além de mobiliário urbano, jardins e estruturação de uma trilha em conjunto com a prefeitura a fim de tornar o local mais acolhedor. A humanização e apropriação desse espaço serviu como ponto de partida para as demais intervenções, propiciando uma atmosfera de acolhimento e despertando um senso de cuidado e pertencimento nos seus usuários.

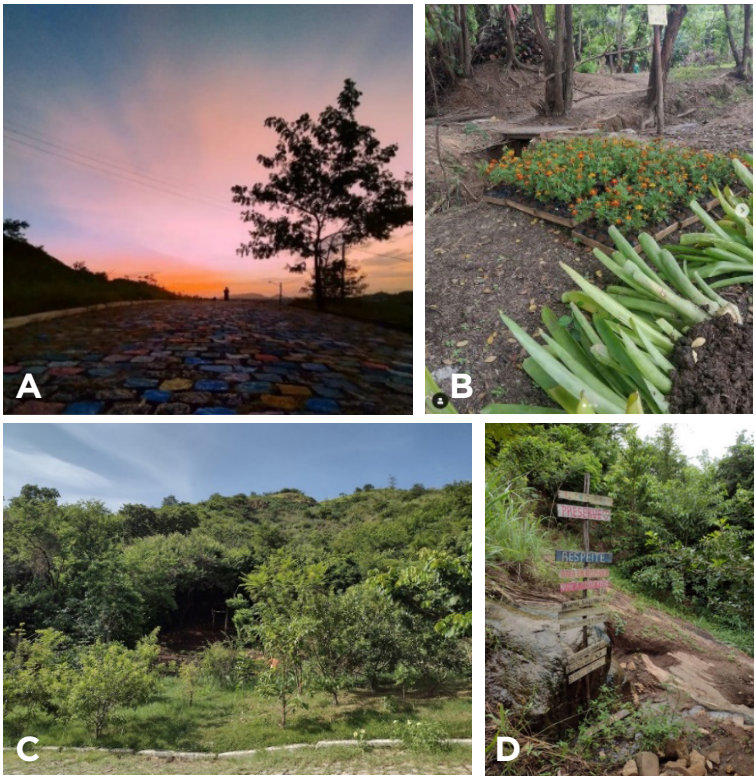


Figura 7. Fotografias do espaço Nosso Bosque. Pôr do sol (A); mudas para confecção do jardim (B); foto da clareira do Nosso Bosque (C); e placas de conscientização colocadas pela população (D).
Fonte: Acervo digital do Nosso Bosque (A e B); Acervo próprio (C e D).

A partir desta ação inicial, foram criados outros espaços como a horta comunitária, que compreende um conjunto de cerca de 20 canteiros de alvenaria construídos e mantidos pela população local com espécies de hortaliças para uso coletivo (Figura 8). Foram ainda estruturados espaços voltados para a prática de esportes, como o paredão rochoso que recebeu estrutura instalada pelos moradores para atividades de escalada e o Mirante da Posse, localizado no pico da Serra, que possui amplas vistas para todo o bairro de Campo Grande e adjacências. Dessa forma, percebe-se que as intervenções feitas pelos moradores provocaram uma transformação em cadeia, fazendo com que os espaços citados passassem a ser percebidos de maneira articulada, positiva e acolhedora, inclusive passando a fazer parte do cotidiano da população, envolvendo atividades como colher temperos e vegetais para cozinhar, caminhar, praticar esportes e socializar com vizinhos.

Figura 8. Fotografias da Horta Comunitária (A), Parede de Escalada (B) e Mirante da Posse (C).
Fonte: Acervo próprio (A e C); Acervo digital do Nosso Bosque (B).

Diante da infraestrutura criada e do uso ativo dos moradores, observa-se por meio das redes sociais associadas ao "Nosso Bosque" que ainda são diversos os anseios expressos pela comunidade para a consolidação de atividades e qualificação da Serra da Posse e seu entorno. Dentre as principais demandas, destaca-se a necessidade de melhorar a sinalização e manutenção das trilhas, além da construção de uma sede com apoio de banheiros, bebedouros e espaço para atividades de educação ambiental. Nesse sentido, diante das discussões e sugestões feitas pela própria população enquanto usuários do lugar, seja através do ambiente virtual ou de conversas cotidianas, percebe-se um desejo de ocupação e melhoramentos contínuos desse espaço que, antes abandonado, foi acolhido e agora acolhe sua comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar o papel dos movimentos populares no processo de ressignificação e apropriação dos espaços da Serra da Posse, ressaltando sua importância para a mudança de imagem deste lugar antes estigmatizado. As análises se voltam para a criação de novas ambiências a partir de intervenções físicas realizadas na área de estudo, ressaltando como o fortalecimento das esferas populares são de extrema necessidade para uma perspectiva de melhora na qualidade de vida, dos ambientes urbanos e do território suburbano da Zona oeste carioca.

As discussões aqui apresentadas analisam a Serra da Posse a partir de conceitos de territorialização, relação do espaço com a identidade popular e a criação de ambiências, além da caracterização do objeto enquanto espaço livre e (não mais) vazio urbano. É notável ao longo da discussão apresentada como o processo de territorialização e o olhar afetuoso da comunidade local foi capaz de produzir novas ambiências no que antes era relegado ao abandono. Dessa forma, pode-se perceber o potencial da área de estudo em se tornar uma referência local de lazer e educação ambiental, afastando a imagem estigmatizada de suas condições urbanas precárias. Por fim, deve-se ressaltar que a criação de uma Unidade de Conservação na Serra da Posse e a transformação de seus espaços adjacentes é resultado direto do essencial engajamento popular na luta por se apropriar e recuperar este fragmento, sendo um importante passo para a requalificação e apropriação de outros espaços livres inseridos em Campo Grande e na zona oeste.

7. BIBLIOGRAFIA

Aguiar, D. (2012). Urbanidade e a qualidade da cidade. In: AGUIAR, D; NETTO, V. (Orgs.) Urbanidades. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem.

Bestetti, M. L. T. (2014). Ambiência: espaço físico e comportamento. *Revista Brasileira De Geriatria E Gerontologia, 17*(3), 601–610. https://doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083

Carlos, A. F. (1994). A cidade. O homem e a cidade. A cidade e o cidadão. De quem é o solo urbano? São Paulo: Editora Contexto.

Corrêa, A. M. (1936). O sertão carioca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Jacobs, J. (2011). Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Raffestin, C. (1993). Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática.

Rosa, I. (2008). Vazios urbanos como vazios de preservação: franco da rocha nas terras de Juquery. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, [S. l.], n. 23, p. 120-139. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i23p120-139.

Solà-Morales, I. (2002). Territórios. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Souza, C. E. de. (2020). Campo Grande, Rio de Janeiro: do rural ao urbano. In Alcantara, D. de; Rufino, M. (Orgs.). Reflexões em desenvolvimento territorial: limites, vivências e políticas no Oeste Metropolitano do Rio de Janeiro (p. 145-156). Rio de Janeiro: Mórula.

Melo, V. A. De & Peres, F. de F. (2005). A cidade e o lazer: as desigualdades sócio-espaciais na distribuição dos equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro e a construção de um indicador que oriente as ações em políticas públicas. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 11, n.3, p. 127-151.

Schroer, H. (2024). Os 15 bairros mais populosos do Brasil e seus dados demográficos. https://geofusion.com.br/blog/bairros-mais-populosos-do-brasil/.

Tângari et al. (2012). Morfologia urbana, suporte geobiofísico e o sistema de espaços livres no Rio de Janeiro. In: Arruda, A.C. et al. (Org.) Quadro dos sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras (p.195-239). São Paulo: FAUUSP

R37

OVERFLOWS: CARTOGRAPHIC EXPRESSIONS FROM THE DWELLING ALONG VEADOS'S STREAM MARGINS IN PRESIDENTE PRUDENTE/SP

TRANSBORDAMENTOS: EXPRESSÕES CARTOGRÁFICAS DO HABITAR AS MARGENS DO CÓRREGO DO VEADO EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP.

Vitória Lisirée Passarini
Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo
Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista
Vitoria.passarini@unesp.br

Hélio Hirao
Professor Doutor no curso de Arquitetura e Urbanismo
Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista
Helio.Hirao@unesp.br

ABSTRACT

The article shares an apprehension process of the Veado's Stream urban landscape in the city of Presidente Prudente/SP from an unbuffered section of his course in the city's tissue. The urban ambiences in the stream margins are assimilated through the Cartographic and the Derive methods. The purpose of the apprehensions is to investigate the landscape overflows relations within the bodies that inhabit in the daily life's landscape stud context as well the meanings that emerge s from the overflows relations. Finally, the experience of the body in the territory is analyzed from an Ecosophical perspective in order to discuss its impact as a present form of cultural and environmental of activism atmosphere in the urban context studied.
KEYWORDS: Landscape. Body. Ecosophy. Cartography. Derive.

RESUMO

O artigo compartilha o processo de apreensão da paisagem urbana do Córrego do Veado na cicdade de Presidente Prudente/SP a partir de um trecho não tamponado. Adentra-se a ambiência urbana do córrego através do método da Deriva e da Cartografia, com o objetivo de apreender os transbordamentos da paisagem em questão, bem como seu significado para os corpos que habitam o cotidiano do lugar. Por fim, analisa-se a paisagem sob o ponto de vista ecosófico, afim reconhecer seu impacto enquanto atmosfera de ativismo social e ambiental presente na paisagem urbana investigada.

PALAVRAS-CHAVE: diretrizes. submissão. artigo. modelo. arquitetura. ambiências (separadas por ponto e espaço)

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

Objetiva-se através deste estudo compreender a relação intrínseca entre os atravessamentos do espaço e dos corpos às margens urbanas do Córrego do Veado na cidade de Presidente Prudente em um trecho não tamponado. Busca-se apreender através do método da Deriva e da Cartografia, os pormenores das experiências dos corpos na paisagem e também das ambiências urbanas através das quais transbordam questões de resistência ambiental, social e urbana. Trata-se de uma realidade construída a partir da aproximação, por vezes tensa, entre os corpos que habitam o contexto urbano às margens, pela primeira vez destamponadas do córrego.

Assim, a paisagem de estudo compõe uma ambiência singular junto à cidade. Vislumbra-se de dentro da cidade a paisagem do córrego que escapa entre as brechas do urbano. Os sentidos do habitar urbano escapam às brechas do lugar, juntamente com formas outras de caminhar, ver e sentir no espaço urbano. A natureza do lugar, transborda as fronteiras da paisagem convidando aos corpos que ali habitam a resistirem também através do espaço, apropriando-se dele.

Nesse sentido, este estudo aprofunda-se no estudo rizomático do espaço, adentrando-o a fim de compreendê-lo do ponto de vista de sua multiplicidade de formas, cores, cheiros, sons e histórias compartilhadas pelos corpos que habitam ali. Por fim, busca-se entrelaçar sob uma perspectiva ecosófica a relação entre a ambiência em questão e a sua importância no engajamento dos corpos urbanos com o território existencial em questão, buscando saídas através do corpo no espaço para sua preservação.

2. ECOSOFIA E PAISAGEM

Parte-se aqui do conceito de ecosofia, criado por Félix Guattari(1989) para pensar as questões emergentes implicadas no plano da experiência do território habitado. O termo traz à tona a necessidade de repensarmos as relações existenciais entre o homem e o mundo no âmbito dos três registros ecológicos: Ambiental, Social e Mental. Segundo o autor, apesar de todo avanço técnico-científico experimentado na atualidade, vê-se paralelamente o avanço dos fenômenos dos desequilíbrios ambientais e de uma progressiva deterioração dos modos de vida individuais e coletivos.

Nesse contexto, somente através da criação de dispositivos ecosóficos, seremos capazes de reorientar a produção das subjetividades individuais e coletivas laminadas sob uma produção da existência humana, animal e maquínica essencialmente do ponto de vista material. Não se trata, no entanto, de uma regressão nas práticas e nos modos de vida, uma vez que ambos o trabalho humano e o habitat jamais voltarão a ser o que um dia foram. Mas a sua reorientação na busca por mecanismos específicos do âmbito das relações sociais, da arte, mas também das políticas públicas, do urbanismo, das relações entre corpo e espaço capazes de modificar e reinventar as maneiras de ser e estar no mundo.

Diante disso, parte-se da definição de paisagem dada por Besse(2013) para pensá-la enquanto dispositivo ecosófico capaz de ressingularizar os corpos através do habitar. Para o autor, antes mesmo de serem objetos de intervenção ou extensão material do pensamento humano, as paisagens são da ordem de como participamos no mundo. "Trata-se da ideia de que há uma co-pertença do homem e do mundo e de que a paisagem é o nome dessa co pertença". (Besse, 2013, p.34). É a possibilidade de pensar a paisagem do ponto de vista da formação das necessidades existenciais, que permite compreendê-la para além do espaço geométrico, ou das visões totalizantes geralmente empregadas na concepção dos espaços urbanos.

A paisagem enquanto território existencial possibilita pensá-la enquanto dispositivo ecosófico capaz de ressingularizar os corpos urbanos sejam eles animais, vegetais, maquínicos, humanos e não-humanos. É através da ressingularização dos corpos, das paisagens, da experiência do seu habitar que as possibilidades de preservação podem ser pensadas do ponto de vista das ambiências urbanas.

3. DERIVAR, CARTOGRAFAR, MAPEAR TERRITÓRIOS

A Deriva subverte a ideia de caminhar enquanto deslocamento e se aproxima da antiga arte do flanar, das errâncias urbanas e do relato. Para Passos e Barros (2015, p.30) "o pesquisador cartógrafo mergulha no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga". De acordo com os autores, ambos cartógrafos e objeto fazem parte de um mesmo plano implicacional do conhecimento e, mais dos articulados em razão dele, ambos se constituem mutuamente através do plano.

Por esse motivo, a deriva e a cartografia(Figura 1) são consideradas métodos de pesquisa intervenção. Em relação ao relato, Guattari (1990) explica que é através deste que as informações mais antigas da história da humanidade foram perpetuadas ao longo do tempo, antes mesmo de existirem formas físicas de registrar a informação a ser passada adiante. Dessa forma, o autor cita Walter Benjamin como fonte para compreendermos a diferença entre o relato e a informação pura:

> Quando a informação se substitui à antiga relação, quando ela própria cede lugar à sensação, esse duplo processo reflete uma crescente degradação da experiência. Todas essas formas, cada uma à sua maneira, se destacam do relato, que é uma das mais antigas formas de comunicação. A diferença da informação, o relato não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento, ele o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua própria experiência àquele que escuta. Dessa maneira o narrador deixa nele seu traço, como a mão do artesão no vaso de argila (Guattari, 1990, p. 53 apud Walter Benjamin, Essais 2, trad. Maurice de Gandillac. Paris, Denoël, Gonthier, 1983, p. 148).

Nesse sentido, o método aqui empregado visa absorver não apenas a informação pura, pois isso seria separá-la do universo relacional com a qual ela está implicada. É através da especificidade dos relatos e das experiências pessoais na ambiência urbana em questão que este estudo assimila os transbordamentos do espaço e do corpo. É através das experiências únicas e individuais que o significado múltiplo transparece e transborda o plano físico que lhe é dado. Por meio do relato expressa-se o que foi sentido, marcado, incorporado através da paisagem.

Figura 1. Cartografias de forças e afetos realizadas ao longo do ano de 2023 com base nas Derivas No recorte de estudo./ Fonte: Autores.(2024)

4. ADENTRAMENTOS

Nesta etapa, o distanciamento científico dá lugar à narrativa íntima do pesquisador no processo de adentramento do território de estudo por meio das derivas realizadas ao longo do ano de 2023. Algumas derivas foram devidamente registradas, porém em sua grande maioria as derivas ocorreram enquanto parte do cotidiano necessário de caminhar pelo recorte de estudo(Figura 2), não se resumindo, portanto, somente aquelas registradas através do georreferenciamento. A perspectiva descrita aqui é a do corpo feminino, jovem e cujo caminhar pela cidade é quase sempre apressado e atento a possíveis situações de risco. É, também, a perspectiva do encontro com outros corpos e suas ambiências compartilhadas na paisagem.

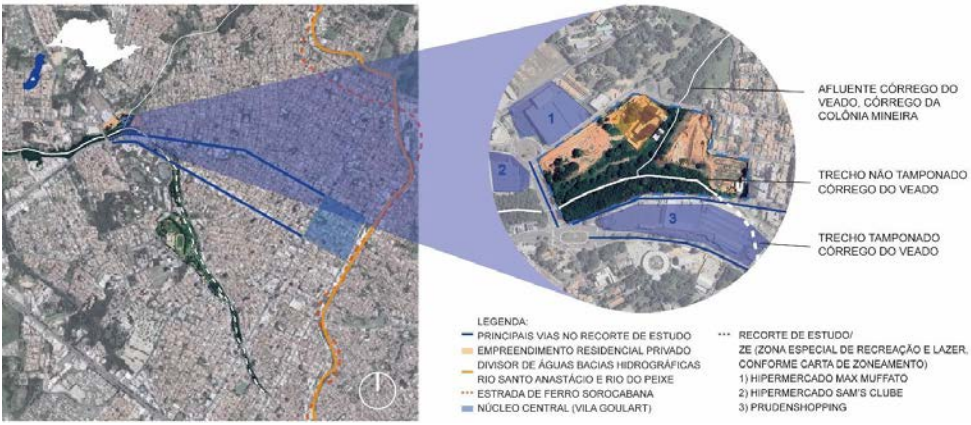


Figura 2. Localização do recorte de estudo na malha urbana de Presidente Prudente/SP. Fonte: Google Earth(2024), adaptado pelos autores(2024).

No recorte de estudo,(Figura 2)o faz parte de um trecho não tamponado o Córrego do Veado pode ser visto, pela primeira vez através de suas margens urbanas semi-preservadas. Em seus trechos anteriores, o córrego permanece tamponado, desde a nascente (próxima ao divisor de águas das bacias do rio Santo Anastácio) e segue subterrâneo através do principal parque e espaço público da cidade, o Parque do Povo, onde o mesmo pode ser sentido e visto pontualmente através de respiradouros espalhados pelo parque. O córrego segue tamponado pelo principal shopping center da cidade, atravessando as avenidas Manoel Goulart e Washington Luiz (principal eixo entre as novas centralidades e o núcleo central) até desaguar no recorte.

A princípio, o território era experimentado somente através das bordas. O capim alto, as grades e o arame farpado criavam uma resistência física e mental no corpo, medo do desconhecido e do que poderia se esconder ali dentro. Foi preciso tempo e a companhia de outros pesquisadores para derivar além das bordas. Saindo do shopping, a primeira cena que se avista é a das Avenidas Manoel Goulart e Washington Luiz emolduradas pelo maciço verde de Leucenas1 que "saltam" as grades ao redor da Área de Proteção Permanente do Córrego do Veado. Segundo Francisquetti(2020), o cercamento dos córregos não tamponados na malha urbana foi a solução dada pelo poder público para garantir a preservação dos mesmos.

Entretanto, como aponta Fagundes(2018), o assoreamento dos córregos urbanos é um problema que remonta às fases iniciais da ocupação urbana. Segundo a autora, a rápida expansão do núcleo urbano ao longo da ferrovia aliado "a um planejamento, ou a falta dele que não levava em consideração os elementos naturais do local (nascentes, córregos, vegetação), com melhoramentos voltados a atrair novos compradores de terras"(Fagundes, 2018,p.113)". Ainda segundo a autora, à medida que as áreas de topo eram ocupadas, as áreas de vertente e fundo de vale já sofriam os impactos negativos da ocupação das áreas de topo desmatadas e exposição do solo nas ruas em formato de tabuleiro de xadrez, que também não levava em conta o sistema de drenagem e as declividades do terreno.

Nesse sentido, à medida que eram ocupadas por habitações irregulares, às margens dos córregos já se encontravam em processo de assoreamento e degradação. Porém, segundo Francisquetti(2020), a responsabilidade pela degradação das áreas foi atribuída pelo poder público exclusivamente à população "inconsequente quanto ao descarte do lixo" (Francisquetti, 2020, p.191). Foi essa a justificativa utilizada pelo poder público para dar cabo às políticas de "recuperação" dos fundos de vale assoreados. Tratava-se, na realidade, de intervenções imediatistas de urbanização dos fundos de vale, com a canalização do tipo fechada sob os córregos urbanos e também o asfaltamento de vias. O processo de invisibilização do Córrego do Veado na paisagem urbana contou com recursos federais dos programas CURA I, II, III para sua canalização fechada e posteriormente construção do Parque do Povo sobre o leito do mesmo.

Diante disso, o recorte de estudo enquadra-se em um trecho posterior às mudanças urbanas citadas. Somente a partir de 2005, a outorga de canalização do tipo fechada passou a ocorrer em casos excepcionais através de justificativa pública ou interesse social. Os cursos d'água não tamponados passaram, então, a contar com cercamentos para que a população não tivesse acesso às suas margens. Percebe-se, no entanto, que o distanciamento dos corpos das áreas de preservação no cotidiano urbano traduz-se em uma dessensibilização física e mental ante a natureza que permanece resistente às mudanças urbanas. As barreiras físicas e também em barreiras mentais apreendidas ao longo das derivas, mas também nas conversas nos pontos de ônibus, nas histórias trocadas com quem habita o lugar traduz-se em uma realidade outra distante da ideia de preservação que as grades e cercamentos aparentam reivindicar no contexto urbano. Através das pistas encontradas no território, percebe-se movimentos de resistência dos corpos que habitam estrutura urbana dada. As apropriações acontecem apesar das inúmeras barreiras existentes no local.

À medida que se atravessa as Avenidas Manoel Goulart e Washington Luiz em direção ao córrego, a atmosfera é tomada pela umidade pesada no ar e pelos fortes odores que emergem do córrego. Ainda que não seja possível avistá-lo, é possível senti-lo como em outros pontos da cidade. A travessia é perigosa e improvisada, uma vez que a escassa sinalização não é respeitada pelos veículos que cruzam a avenida em alta velocidade. Ao seguir pela Av. Salim Farah Maluf fragmentos da paisagem escapam entre as brechas das grades, revelando o leito do córrego sob o canal concretado. Neste trecho, sob a ponte da Av. Salim Farah Maluf, a ambiência urbana é tomada pela perspectiva aberta do córrego retificado e pelas Leucenas em suas margens(Figura 3):

Figura 3. Ambiências às margens do Córrego do Veado em Presidente Prudente/SP./
Fonte : autores(2024).

É nas margens que os encontros acontecem. Alguns geram apropriações como é o caso da ponte sob a Av. Washington Luís(Figura 4). Outros afastam ainda mais os corpos de habitarem física e mentalmente o seu interior, as experiências comparecem nos relatos trocados por quem espera o ônibus no local. Dentre eles destaca-se o relato de uma senhora que pegava ônibus semanalmente naquele ponto: “Esses tempos pra trás eu ajudei uma moça que caiu nessas grades aí e rasgou o braço inteirinho”, enquanto relatava o ocorrido ela apontava para as grades retorcidas no local.

Figura 4. Ambiências às margens do Córrego do Veado em Presidente Prudente/SP./
Fonte : autores(2024).

Em outro momento, a conversa tomava rumos inesperados, quando questionada sobre a segurança de esperar o ônibus ali a noite a senhora respondeu: “ Eu não tenho medo desses caras que ficam aí no sinaleiro, não ando com nada de valor. Já aconteceu de me perturbar, mas eu ligo pra polícia e eles vão embora”, depois continuou: “ Você quer saber do que eu realmente tenho medo? É desse trânsito aí na frente(Av. Salim Farah Maluf), se tem uma batida de carro, a gente não tem pra onde correr aqui”. Depois desse relato, a percepção do território foi expandida, e as marcas no local antes despercebidas ganharam significado, como é o caso dos trechos em que o muro de sustentação do gradil encontra-se derrubado, como mostrado na primeira imagem da Figura 3.

À medida que o corpo adentra o território, os da rua, o som dos motores é abafado pelas árvores e o tempo parece ser outro. O caminhar muda de ritmo também, é preciso caminhar em zigue-zague através do mato alto, improvisar caminhos e criar saídas e estar presente em cada passo dado sem a possibilidade de enxergar onde realmente se está pisando. No interior, pistas indicam que outros corpos habitam ali: um assento de arquibancada disposto sobre uma pilha de placas de concreto de frente para a APP(Figura 5) convida o corpo a sentar e permanecer ali.

Figura 5. Ambiências às margens do Córrego do Veado em Presidente Prudente/SP./
Fonte : autores(2024).

À medida que nos aproximamos do córrego, a dificuldade é aumentada. O solo antes invisível, porém firme, dá lugar agora a terra fofa e atravessada por sulcos. Para avistar a água de perto foi preciso vencer o desnível com apoio das raízes incrustadas no solo. A vista de perto revela o que não é possível enxergar sob a ponte: sacolas, roupas e até mesmo um colchão se amontoam junto a copa das árvores(Figura 4), revelando a força e a presença da água nos regimes de cheia.

5. HABITAR ENQUANTO CAMINHO POSSÍVEL NA CRIAÇÃO DE ATMOSFERAS CULTURAIS E AMBIENTAIS DE PRESERVAÇÃO NO CONTEXTO URBANO A PARTIR DA EXPERIENCIA AS MARGENS URBANAS DO CÓRREGO DO VEADO EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Diante da perspectiva abordada, a paisagem e suas ambiências configuram o centro de todas as necessidades físicas e existências necessárias a construção das atmosferas culturais e sociais de preservação no contexto urbano. Os transbordamentos da paisagem atravessam os poros adentrando os corpos que habitam o lugar transformando-os de dentro para fora. Isto é, trata-se de um dispositivo ecosófico "capaz de operar no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva" (Guattari, 1990, p.15). Através

da experimentação ativa dos espaços urbanos outros, como o abordado neste estudo, avalia-se a sua importância junto a construção no cotidiano de atmosferas outras de preservação, ligadas ao corpo e a experimentação do espaço.

A paisagem enquanto dispositivo ecosófico experimentado pelo corpo possibilita a ressingularização dos corpos sejam eles físicos ou existenciais operados outrora pela matéria do urbanismo como peões flutuantes sobre um tabuleiro raso. Irrompe-se as linhas rígidas do concreto, a fim de adentrar às "áreas de reserva" da cidade, e questionar junto a elas: "Reservadas à quem?", "preservadas de que forma?". Como averiguado por esse estudo, a paisagem de preservação cercada do Córrego do Veado não é reservada à qualidade de vida na cidade, à construção do habitar em comum à natureza, à liberdade dos corpos, do criar ecosófico. Mas permanece enquadrada, presa, restrita à moldura das janelas, das grades, das pontes. A paisagem e sobretudo a natureza tem o imperativo de captar o desejo dos homens, cabe ao corpo apropriar-se do próprio desejo, usurpado pelos mecanismos de controle: Urbanismo, Cultura de Massas, Espetáculo, Capital, Razão e etc.

A paisagem é centro motriz de todas as mudanças necessárias, das revoluções corporais, da ruptura com o primado da informação. União entre os conceitos razão e emoção historicamente apartados de sua existência una. A paisagem é onde tal encontro acontece, sente-se vive-se o espaço ao mesmo tempo. É através da Ecológica que tal pensamento enraíza nos corpos e torna qualquer pretensão de mudança uma falácia sentida primeiro através dos sentidos, habitar é sentir, é apropriar-se, tomar o mundo para si, reconfigurá-lo a sua maneira particular. Não se pode, portanto, pensá-la através dos antigos dispositivos do espetáculo e da irracionalidade de uma vida separada dos seus Afetos.

6. BIBLIOGRAFIA

1. BESSE, J. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In CARDOSO Isabel L. Paisagem Patrimônio. Porto: Dafne Editora, 2013.

2. FAGUNDES, B. As águas da cidade de Presidente Prudente- SP - Brasil: Memória e representação social. Tese (Doutorado)- Curso de Geografia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Faculdade de Ciências e Tecnologias, Presidente Prudente-SP, 2018.

3. FRANCISQUETI, G. V. Rios, cidade e espaços livres em Presidente Prudente -SP: a bacia hidrográfica do Córrego do Veado. Dissertação (Mestrado). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2020.

4. GUATTARI, F. As três ecologias. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

5. PASSOS, E.; BARROS. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

6. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

R39

CREATIVE AMBIANCES IN PUBLIC SPACES

CHAIR Gleice Azambuja Elali

The objective of the session is to understand what has been happening in these spaces and how these initiatives change the way people and groups understand the city and establish affective links with it. More than identifying and characterizing situations of appropriation of free urban spaces, we hope the papers will examine the meaning behind these uses and their relationship with the emergence and consolidation of creative ambiances. Therefore, the aim is to debate social movements of different natures (whether they take place in continuity with pre-pandemic actions or emerge as completely new initiatives) and in different regions, prioritizing the diversity of situations and points of view. Exploring this theme will allow the emergence of a broad panorama on the subject, being especially useful for: (i) understanding the concept of creative ambiance and its emergence/consolidation; (ii) understanding the role of the socio-physical environment for healthy living; (iii) proposing interventions that can help create appropriate and stimulating environments for different populations.

R39

(RE)CONNECTING WITH NATURE: A BIOMIMETIC AND HUMAN-CENTERED APPROACH TO A SUSTAINABLE ARCHITECTURE

(RE) CONECTANDO COM A NATUREZA: UMA ABORDAGEM BIOMIMÉTICA E CENTRADA NO SER HUMANO PARA UMA ARQUITETURA SUSTENTÁVEL

Mauro Costa Couceiro
Professor Doutor - Investigador Principal
ISTAR - Information Sciences and Technologies and Architecture Research Centre
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
Mauro_Costa_Couceiro@iscte-iul.pt

Carina Vieira de Oliveira
Psicologia do Desenvolvimento e da Educação - Mestre
Faculdade de Psicología da Universidade de Coimbra
carinaoliveira.e@gmail.com

ABSTRACT

This study integrates biophilic and earth-sheltered design principles to optimize human comfort and (re)connection with nature towards sustainable architecture. It synthesizes biomimicry, human-centered design, and environmental psychology to develop subterranean and biomass-covered spaces. The research looks at improving comfort and natural lighting through earth-sheltered spaces, compacted biomass and advanced lighting solutions. It explores AI-assisted participatory design for creating community-driven, sustainable public spaces. Combining insights from developmental psychology, vernacular construction, and modern technology, the study contributes to architectural evolution fostering human well-being and environmental symbiosis. Findings suggest this integrated approach enhances sustainability of built environments and has an impact on psychological well-being, offering promising directions for future architectural practices.

KEYWORDS: biomimetic architecture. user centric design. environmental psychology. developmental psychology. artificial intelligence

RESUMO

Este estudo integra princípios de design biofílico e de invólucros de biomassa para otimizar o conforto humano e a (re)conexação com a natureza para uma arquitetura sustentável. Sintetiza a biomimética, o design centrado no ser humano e a psicologia ambiental para desenvolver espaços subterrâneos e cobertos de biomassa. A pesquisa aborda a melhoria do conforto e da iluminação natural através da criação de espaços protegidos pela terra, biomassa compactada e soluções avançadas de iluminação. Explora a conceção participativa assistida por IA para criar espaços públicos sustentáveis e orientados para a comunidade. Combinando conhecimentos da psicologia do desenvolvimento, da construção vernacular e da tecnologia moderna, o estudo contribui para a evolução arquitetónica, promovendo o bem-estar humano e a simbiose ambiental. Os resultados sugerem que esta abordagem integrada aumenta a sustentabilidade dos ambientes construídos e tem impacto no bem estar psicológico, oferecendo direcções promissoras para futuras práticas arquitectónicas.

PALAVRAS CHAVE: arquitetura biomimética. design centrado no utilizador. psicologia ambiental. psicologia do desenvolvimento. inteligência artificial

1. INTRODUCTION

In the face of growing environmental challenges and the increasing urbanization of global populations, the need for sustainable and human-centric architectural solutions has never been more pressing. This research explores an interdisciplinary approach to creating built environments that not only minimize ecological impact but also actively contribute to human well-being and environmental regeneration. The study

draws upon diverse fields, including biomimicry, environmental psychology, and artificial intelligence, to reimagine how we design and construct our living spaces. By focusing on earth-sheltered and biophilic design principles, we aim to address some key challenges faced by contemporary architecture, such as energy efficiency, climate resilience, and the (re) connection between humans and nature in urban settings. Our research investigates how principles derived from natural systems can inform structural design, material selection, and spatial organization. We explore the potential of partially subterranean structures and biomass-covered areas to create environments that are in harmony with their surroundings while providing optimal conditions for human comfort and well-being. Furthermore, this study examines the role of participatory design processes, enhanced by artificial intelligence, in creating public spaces that truly reflect community needs and values. By integrating these technological tools with human-centered design approaches, we aim to develop a framework for creating sustainable, inclusive, and psychologically supportive urban environments. Through this multifaceted approach, our research seeks to contribute to the ongoing dialogue on sustainable architecture and urban planning. Our research offers insights and methodologies that can help shape the future of our built environments in ways that benefit both people and the planet.

2. BIOPHILIC DESIGN AND EARTH-SHELTERED PUBLIC AMENITIES

Kellert and Calabrese's (2015) biophilic design framework encompasses direct experiences of nature, indirect experiences, and experiences of space and place. This framework can be adapted to create restorative environments in underground spaces. Benfield et al. (2015) emphasized the importance of visual connections to nature, suggesting large-scale nature imagery as an effective substitute where direct views are unfeasible. Annerstedt et al. (2013) explored multisensory natural simulations, demonstrating the efficacy of soundscapes, olfactory cues, and dynamic lighting in creating immersive, nature-inspired environments. Ulrich's (1984) groundbreaking work on evidence-based design in healthcare environments showed that patients with nature views recovered faster and required less pain medication. A comprehensive review by Ulrich et al. (2008) further corroborated the positive impacts of nature-inspired environments on stress reduction and physiological well-being. These principles have been applied globally, as exemplified by Singapore's Khoo Teck Puat Hospital, which features extensive vegetation and healing gardens. While not earth-sheltered, its design offers valuable insights for underground spaces.

Figure 1. Link bridge at Khoo Teck Puat Hospital in Singapore. The link bridges between Tower B and C, as shown in the left photograph, showcase how natural elements can be integrated inside transitional spaces.
Source: Left: Munhuiyee, courtesy of Khoo Teck Puat Hospital @flickr. Right: Eustaquio Santimano @flickr

Determan et al. (2019) demonstrated that low-cost biophilic interventions in classrooms improved student test scores and reduced stress levels, suggesting potential benefits for underground public spaces. Kuo et al. (2018) found that exposure to natural environments enhances cognitive function, attention, and learning engagement, which could improve visitor experiences in earth-sheltered museums or educational centers. The Fuji Kindergarten in Tokyo, designed by Takaharu and Yui Tezuka in 2007, offers design inspiration for integrating nature into educational spaces, potentially adaptable to underground environments. These findings collectively support the incorporation of biophilic principles in earth-sheltered community and educational facilities to enhance visitor engagement and well-being.

Figure 2. Fuji Kindergarten in Tokyo, designed by Takaharu Tezuka and Yui Tezuka, 2007. As shown in the right photograph, in an earth-sheltered context, this concept could be adapted by creating open central courtyards within underground structures, allowing natural light and vegetation to penetrate deeper into space. Source: Scarletgreen @flickr

Implementing biophilic design in earth-sheltered public amenities requires a multifaceted approach. Tanner (2009) emphasized maximizing natural light through light wells, reflective surfaces, and advanced lighting systems to simulate daylight and maintain circadian rhythms. Van den Berg et al. (2017) advocated for integrating vegetation directly into built environments, improving air quality and providing connections to nature. Kelz et al. (2011) explored the use of natural materials and patterns to enhance biophilic qualities. The Lowline project in New York City, conceived by James Ramsey in 2009, aims to create the world's first underground park using innovative solar technology. This project exemplifies the integration of biophilic design principles in subterranean public spaces.

Figure 3. Lowline Author's proposal - Various design proposals for the Lowline project, showcasing different approaches to lighting and spatial organization in underground environments. Studies of indirect natural lighting channeled by fiber optics with incidence on living green elements cultivated in this underground environment, using photorealistic simulation of various path possibilities.
Source: Authors' design with aid of Prome AI (2024).

The growing evidence supporting biophilic design demonstrates its transformative potential for built environments, particularly in earth-sheltered public amenities. Integrating natural elements through lighting strategies, vegetation, materials, visual connections, and sensory simulations can enhance well-being, productivity, and connection with nature. This approach is especially promising for underground settings, where biophilic elements can counteract isolation from nature, creating vibrant, restorative spaces that enrich the human experience in subterranean environments.

3. EARTH-SHELTERED SPACES AS BIOMIMETIC CLIMATE ADAPTATIONS

Earth-sheltered spaces have historical precedence in human evolution, with caves providing protection and stable temperatures, contributing to social and cultural development (Langley, 2013). This adaptation informs modern earth-sheltered architectural designs. Anselm (2008) found that earth-sheltered buildings can reduce energy consumption by up to 70% compared to conventional structures, utilizing Passive Annual Heat Storage (PAHS) (Hait, 1983) for temperature regulation. In China, underground habitats have been used for at least 2000 years, offering insights into climatic and topographical design factors (Golany, 1983). The Dikengyuan houses in Henan Province exemplify this, featuring sunken courtyards that provide natural insulation and remain inhabited today, valued for their historical, architectural, and cultural significance.

Figure 4. The Dikengyuan (earth pit courtyards) in China. These are residential structures built around a sunken courtyard excavated into the ground. The four sides of the courtyard align with the external walls of the dwelling, granting access to all rooms within the house and serving as the primary source of natural light. Source: Kevin Poh and Adam Cohn @flickr.

Figure 5. The underground dwellings of Matmata in Ksar Hadada, Tunisia. These underground dwellings were built in the 12th century, designed with a large central courtyard where the entrances to the various rooms are located, arranged on two levels.
Source: Chris Rudge, Mariusz Jóźwiak and Simon White @flickr.

Earth-sheltered housing, when designed with PAHS principles, can provide significant energy savings and environmental benefits. It suggests that these principles could be applied on a community scale to maximize their advantages.

Figure 6. Architectural and Landscape Proposals for Private and Public Spaces. These proposals draw inspiration from Dikengyuan residences, aiming to create public leisure and communication spaces in the upper zones of urban areas. These upper spaces are lush with plants and, consequently, other living organisms representative of the original biomes.
Source: Authors' design with aid of Prome AI (2024).

Earth-sheltered buildings are emerging as a climate adaptation solution. Research by Lee and Shon (2010) demonstrates their ability to maintain consistent indoor temperatures year-round, reducing energy needs. These structures also offer superior protection against extreme weather. Carmody and Sterling's (1984) work highlights their resilience against strong winds, while Golany (1992) showcases their effectiveness in floods. Public spaces can benefit as well. Givoni (1998) found partially subterranean structures create cool areas in hot climates. Alexandri and Jones (2008) built upon this, demonstrating that combining earth-sheltered designs with green features further reduces ambient temperatures. Earth-sheltered designs are adaptable. Khair-El-Din (1991) showed how they can maintain comfortable temperatures in arid climates without air conditioning. Conversely, Benardos et al. (2014) suggest they can be designed to manage stormwater runoff in areas with high precipitation. While there are considerations, such as proper waterproofing and higher initial costs, earth-sheltered buildings offer a promising approach to climate adaptation (Kumar et al., 2007). Their adaptability and potential for energy savings make them a sustainable and resilient element in our built environment.

4. BIOMIMICRY AND HUMAN-CENTRIC DESIGN

Biomimicry serves as a foundational concept in designing spaces inspired by natural forms and processes, aligning with human adaptation to earth-sheltered environments (Langley, 2013). This approach extends to both visual and auditory aspects of urban spaces, creating environments more attuned to human needs and natural processes. Neuroarchitecture explores how brain research can inform the design of psychologically supportive public spaces (Edelstein & Macagno, 2012). By understanding neurological responses to environmental factors, architects can design spaces that positively influence cognitive function, emotional well-being, and social interaction. AI image generation models, like Stable Diffusion, share similarities with human visual processing (DiCarlo et al., 2012; Hassabis et al., 2017). These models create images through a diffusion process, enabling rapid visualization of complex design concepts (Rombach et al., 2022). This technology offers architects and urban planners unprecedented capabilities in exploring alternative scenarios quickly. The integration of biomimicry, neuroscience, and AI in architectural design represents a paradigm shift in creating built environments. By leveraging these interdisciplinary approaches, we can develop spaces that are aesthetically pleasing, functionally efficient, psychologically supportive, and environmentally sustainable. As these fields continue to evolve and intersect, they promise innovative solutions to the complex challenges of 21st-century urban design.

5. AI-ASSISTED PARTICIPATORY DESIGN AND COMMUNITY-DRIVEN SPACES

Community involvement in the design, construction, and maintenance of public spaces can lead to more sustainable and economically viable outcomes. This section examines models of participatory design and community stewardship that can reduce costs while increasing the social and ecological value of public spaces. It also explores the potential of artificial intelligence to enhance participatory design processes for public spaces. It examines how AI tools can help synthesize community input, simulate design outcomes, and optimize for multiple factors such as comfort, sustainability, and social interaction. AI systems can generate novel ideas, providing designers and community participants with a broader spectrum of possibilities to consider (Nagy & Villaggi, 2018). AI algorithms can identify patterns in successful public spaces across different contexts, suggesting innovative combinations of elements that have proven effective elsewhere (Yannakakis & Liapis, 2016).

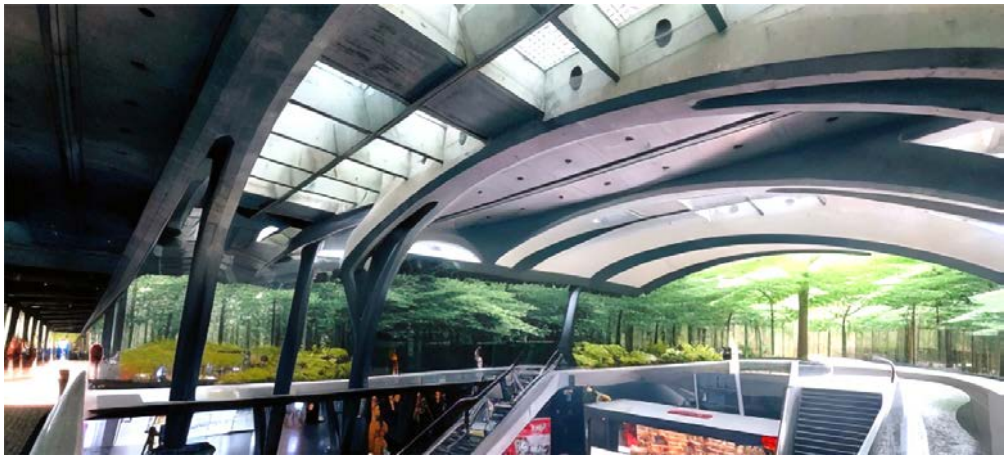


Figure 7. Simulation of Santiago Calatrava's intermodal in Lisbon using UrbanistAI software. The UrbanistAI software was tested live by the authors of this article, generating ideas that could be used to simulate improvements to the Santiago Calatrava intermodal, aiming to create a more pleasant connection between that semi-underground space and its surroundings.
Source: Authors' simulation using UrbanistAI. (2024).

For the average citizen, it's challenging to understand all the implications and possibilities of Artificial Intelligence (AI). However, Damiano Cerrone, co-founder of UrbanistAI, gave the audience at the Portugal Mobi Summit a glimpse of what can be achieved with these tools. The application has been used in various countries for local interventions involving widespread citizen participation. Essentially, it's about defining what populations want in a particular urban intervention and designing a plan that can be executed with the available budget. It could be a city neighborhood, a garden, or a square. It can be used by anyone, for fun, in a lighter version, or used in workshops with dozens of people, decision-makers, citizens, academics, even children. Used by public powers, this type of tool will allow the involvement of neighborhoods, communities, and voters. However, while AI offers significant

potential for enhancing creativity in participatory design, it is important to consider the challenges and ethical implications. AI models can perpetuate or amplify biases present in their training data, potentially leading to design outcomes that are not truly representative or inclusive (Holstein et al., 2019). The "black box" nature of some AI algorithms can make it difficult for designers and community members to understand how certain design suggestions were generated (Doshi-Velez & Kim, 2017).

6. CONCLUSIONS

The integration of biomimetic principles, human-centered design, and biophilic elements in earth-sheltered and partially subterranean spaces presents a promising direction for sustainable architecture. This approach not only addresses environmental concerns but also prioritizes human well-being and connection to nature. Our research highlights the potential of earth-sheltered constructions and compacted biomass in creating structurally sound and energy-efficient spaces. The incorporation of natural light, vegetation, and nature-inspired design elements can help mitigate the psychological challenges often associated with underground or enclosed spaces. The study underscores the importance of a multisensory approach to architecture, recognizing that our experience of space extends beyond visual aesthetics to include auditory, tactile, and olfactory dimensions (Spence, 2020). By considering these aspects in design, we can create more immersive and psychologically supportive environments. The exploration of AI-assisted participatory design processes reveals opportunities for more inclusive and community-driven public spaces (Nagy & Villaggi, 2018; Yannakakis & Liapis, 2016). However, it also raises important considerations regarding data bias and the need for transparent decision-making processes (Holstein et al., 2019; Doshi-Velez & Kim, 2017). The integration of ecosystem services into urban planning emerges as a crucial strategy for creating economically and ecologically viable cities (Gómez-Baggethun & Barton, 2013). By quantifying the value of these services, we can make more informed decisions about urban development and resource allocation (Bolund & Hunhammar, 1999). Our findings align with previous research on the restorative effects of natural elements in urban environments (Peschardt & Stigsdotter, 2013; Payne, 2013). Looking forward, it is essential to recognize the global implications of our architectural and urban planning decisions. Solutions must be adaptable to different cultural contexts and economic realities, particularly in developing countries.

In conclusion, this research advocates for a holistic approach to sustainable architecture that combines insights from environmental psychology, biomimicry, and advanced technologies. By creating spaces that nurture both human and ecological well-being, we can work towards a built environment that is not only resilient to future challenges but also actively contributes to the health of our planet and its inhabitants. Future research directions could include long-term studies on the psychological and physiological effects of biophilic, earth-sheltered spaces, further

exploration of AI applications in sustainable design, and the development of more localized, culturally sensitive approaches to implementing these principles in diverse global contexts.

7. BIBLIOGRAPHY

Alexandri, E., & Jones, P. (2008). Temperature decreases in an urban canyon due to green walls and green roofs in diverse climates. *Building and Environment,* 43(4), 480-493.

Annerstedt, M., Jönsson, P., Wallergård, M., Johansson, G., Karlson, B., Grahn, P., Hansen, Å. M., & Währborg, P. (2013). Inducing physiological stress recovery with sounds of nature in a virtual reality forest—Results from a pilot study. *Physiology & Behavior*, 118, 240-250.

Anselm, A. J. (2008). Passive annual heat storage principles in earth sheltered housing, a supplementary energy saving system in residential housing. *Energy and Buildings*, 40(7), 1214-1219.

Benardos, A., Athanasiadis, I., & Katsoulakos, N. (2014). Modern earth sheltered constructions: A paradigm of green engineering. *Tunnelling and Underground Space Technology,* 41, 46-52.

Benfield, J. A., Rainbolt, G. N., Bell, P. A., & Donovan, G. H. (2015). Classrooms with nature views: Evidence of differing student perceptions and behaviors. *Environment and Behavior,* 47(2), 140-157.

Bolund, P., & Hunhammar, S. (1999). Ecosystem services in urban areas. *Ecological Economics*, 29(2), 293-301.

Carmody, J. C., & Sterling, R. L. (1984). Design considerations for underground buildings. *Underground Space*, 8(5-6), 352-362.

Determan, J., Akers, M. A., Albright, T., Browning, B., Martin-Dunlop, C., Archibald, P., & Carucci, V. (2019). The impact of biophilic learning spaces on student success. Center for Educational Facilities.

DiCarlo, J. J., Zoccolan, D., & Rust, N. C. (2012). How does the brain solve visual object recognition? *Neuron,* 73(3), 415-434.

Doshi-Velez, F., & Kim, B. (2017). Towards a rigorous science of interpretable machine learning. *arXiv preprint arXiv:1702.08608.*

Edelstein, E. A., & Macagno, E. (2012). Form follows function: Bridging neuroscience and architecture. In S. T. Rassia & P. M. Pardalos (Eds.), *Sustainable Environmental Design in Architecture* (pp. 27-41). Springer.

Givoni, B. (1998). *Climate considerations in building and urban design*. John Wiley & Sons.

Golany, G. S. (1983). Earth-sheltered habitat: History, architecture and urban design. Van Nostrand Reinhold Company.

Golany, G. S. (1992). *Chinese earth-sheltered dwellings: Indigenous lessons for modern urban design.* University of Hawaii Press.

Gómez-Baggethun, E., & Barton, D. N. (2013). Classifying and valuing ecosystem services for urban planning. *Ecological Economics,* 86, 235-245.

Hait, J. N. (1983). *Passive annual heat storage: Improving the design of earth shelters.* Rocky Mountain Research Center.

Hassabis, D., Kumaran, D., Summerfield, C., & Botvinick, M. (2017). Neuroscience-inspired artificial intelligence. *Neuron*, 95(2), 245-258.

Holstein, K., Wortman Vaughan, J., Daumé III, H., Dudik, M., & Wallach, H. (2019). Improving fairness in machine learning systems: What do industry practitioners need? In *Proceedings of the 2019 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems* (pp. 1-16).

Kellert, S. R., & Calabrese, E. F. (2015). *The practice of biophilic design*. www.biophilic-design.com

Kelz, C., Evans, G. W., & Röderer, K. (2011). The restorative effects of redesigning the schoolyard: A multi-methodological, quasi-experimental study in rural Austrian middle schools. *Environment and Behavior*, 45(3), 382-403.

Khair-El-Din, A. M. (1991). Earth sheltered housing: An approach to energy conservation in hot arid areas. *Energy and Buildings,* 17(1), 61-69.

Kumar, R., Sachdeva, S., & Kaushik, S. C. (2007). Dynamic earth-contact building: A sustainable low-energy technology. *Building and Environment*, 42(6), 2450-2460.

Kuo, M., Browning, M. H., & Penner, M. L. (2018). Do lessons in nature boost subsequent classroom engagement? Refueling students in flight. *Frontiers in Psychology*, 8, 2253.

Langley, M. C. (2013). Storied landscapes makes us (Modern) Human: Landscape socialisation in the Palaeolithic and consequences for the archaeological record. *Journal of Anthropological Archaeology,* 32(4), 614-629.

Lee, S. W., & Shon, J. Y. (2010). The thermal environment in an earth-sheltered home–Results of a two-year study. *Building and Environment*, 45(5), 1095-1103.

Nagy, D., & Villaggi, L. (2018). Generative design for architectural space planning: The case of the AutoDesk University 2017 layout. In *ACADIA 2018: Recalibration. On imprecision and infidelity. Proceedings of the 38th Annual Conference of the Association for Computer Aided Design in Architecture* (pp. 352-361).

Payne, S. R. (2013). The production of a perceived restorativeness soundscape scale. *Applied Acoustics,* 74(2), 255-263.

Peschardt, K. K., & Stigsdotter, U. K. (2013). Associations between park characteristics and perceived restorativeness of small public urban green spaces. *Landscape and Urban Planning,* 112, 26-39.

Rombach, R., Blattmann, A., Lorenz, D., Esser, P., & Ommer, B. (2022). High-resolution image synthesis with latent diffusion models. In *Proceedings of the IEEE/CVF Conference on Computer Vision and Pattern Recognition* (pp. 10684-10695).

Spence, C. (2020). Senses of place: architectural design for the multisensory mind. *Cognitive Research: Principles and Implications,* 5, 46.

Tanner, C. K. (2009). Effects of school design on student outcomes. *Journal of Educational Administration,* 47(3), 381-399.

Ulrich, R. S. (1984). View through a window may influence recovery from surgery. *Science,* 224(4647), 420-421.

Ulrich, R. S., Zimring, C., Zhu, X., DuBose, J., Seo, H. B., Choi, Y. S., Quan, X., & Joseph, A. (2008). A review of the research literature on evidence-based healthcare design. *HERD: Health Environments Research & Design Journal,* 1(3), 61-125.

Van den Berg, A. E., Joye, Y., & Koole, S. L. (2017). Why viewing nature is more fascinating and restorative than viewing buildings: A closer look at perceived complexity. *Urban Forestry & Urban Greening*, 20, 397-401.

Yannakakis, G. N., & Liapis, A. (2016). Searching for surprise. In *Proceedings of the Seventh International Conference on Computational Creativity (ICCC 2016)* (pp. 25-32).

The authors also acknowledge the funding from Fundação para a Ciência e a Tecnologia:
projeto FCT UIDB/04466/2020

R39

CREATIVE AMBIANCES AND OPEN-ENDED URBANISM: RETHINKING PUBLIC SPACES IN VULNERABLE URBAN CONTEXTS

AMBIÊNCIAS CRIATIVAS E URBANISMO OPEN-ENDED: REPENSANDO OS ESPAÇOS PÚBLICOS EM CONTEXTOS URBANOS VULNERÁVEIS

Bruno Ragi Eis Mendonca
Ph.D Candidate / Doutorando
Department of Geography, Planning and Environment. Concordia University. Montreal, Canada / Departamento de Geografia, Planejamento e Meio Ambiente. Universidade Concordia. Montreal, Canadá
b_ragiei@live.concordia.ca

Vera Regina Tângari
Associate professor / Professora Associada
Graduate Program in Architecture. Federal University of Rio de Janeiro, Brazil / Programa de Pós Graduação em Arquitetura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
vtangari@fau.ufrj.br

Silvano De la Llata
Associate professor / Professor Associado
Department of Geography, Planning and Environment. Concordia University. Montreal, Canada / Departamento de Geografia, Planejamento e Meio Ambiente. Universidade Concordia. Montreal, Canadá
silvano.delallata@concordia.ca

ABSTRACT

This article is part of a broader discussion about alternative space-making processes such as placemaking, urban acupuncture, and insurgent urbanism, emphasizing the need for innovative solutions to address the uneven distribution of public spaces, especially in vulnerable urban contexts. Public spaces are crucial for community building, fostering social bonds, and enhancing well-being, offering opportunities for social, recreational, and cultural activities. However, pronounced urban inequalities highlight the challenge of inadequate public spaces, a problem accentuated during the COVID-19 pandemic when access to such spaces became essential. As we recover and adapt, the debate on the essence of public spaces, as vital components of post-pandemic urban infrastructure, grows. Insights from underserved suburban neighborhoods in Rio de Janeiro, Brazil, where residents have historically repurposed interstitial and residual spaces, shed light on this topic highlighting the importance of flexibility and citizen engagement to enhance livability in public spaces.

KEYWORDS: Creative Ambiances, Open-ended Urbanism, Railway Suburban Neighborhoods, Rio de Janeiro.

RESUMO

Este artigo integra uma discussão mais ampla sobre processos alternativos de criação de espaços, como *placemaking*, acupuntura urbana e urbanismo insurgente, destacando a necessidade de soluções inovadoras para enfrentar a distribuição desigual de espaços públicos, especialmente em contextos urbanos vulneráveis. Os espaços públicos são cruciais para a construção de comunidades, fortalecimento dos laços sociais e melhoria do bem-estar, oferecendo oportunidades para atividades sociais, recreativas e culturais. No entanto, as desigualdades urbanas acentuadas evidenciam o desafio da inadequação desses espaços, agravada durante a pandemia de COVID-19, quando o acesso a eles se tornou essencial. À medida que nos adaptamos, cresce o debate sobre a essência dos espaços públicos como componentes vitais da infraestrutura urbana. Nesse sentido exemplos analisados no subúrbio do Rio de Janeiro, onde historicamente moradores redefinem espaços intersticiais e residuais, lançam luz sobre esse tópico, destacando a importância da flexibilidade e do engajamento cidadão para melhorar a habitabilidade dos espaços públicos.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências Criativas; Urbanismo open-ended; Subúrbios ferroviários; Rio de Janeiro.

1. INTRODUCTION

As the COVID-19 outbreak has underscored, public spaces are not merely amenities but essential lifelines that support social interaction and community well-being (Kaplan et al., 2020). In the contemporary discussion about urban development, the equitable distribution of public spaces emerges as a critical facet of sustainable

planning, particularly within the complex socio-spatial dynamics of Global South's cities like Rio de Janeiro, Brazil. Historically, Rio de Janeiro's urban expansion has been characterized by pronounced inequalities, often relegating marginalized communities to suburban neighborhoods where public spaces are sparse and neglected. This disparity underscores a pressing need to reassess urban planning practices, particularly in how they address or exacerbate spatial injustices in vulnerable urban contexts.

The importance of this work lies in its exploration of alternative, grassroots space-making processes, which have shown potential in reconfiguring the urban landscape to be more inclusive and adaptive (Franck & Stevens, 2006; Queiroga, 2001). By focusing on the railway suburban neighborhoods, this research aims to contribute to a deeper understanding of how residual and often overlooked interstitial urban spaces can be transformed and (re)signified into vibrant public areas. These interventions are not only crucial for enhancing the quality of life in underserved regions but also serve as vital arenas for fostering community resilience and social cohesion in the face of ongoing urban challenges. Through a detailed examination of local practices and their implications for broader urban policy, our study seeks to provide actionable insights that could inform future urban development strategies, ensuring that public spaces truly serve the diverse needs of the community.

This paper is anchored by a series of interrelated questions aimed at uncovering the dynamics of public space distribution and its uses in suburban neighborhoods. First, we seek to understand ***what are the underlying factors contributing to the uneven distribution of public spaces in this area, in comparison with other regions within the city.*** This question addresses historical, socioeconomic, and political influences that have been shaping Rio de Janeiro's urban landscapes. Second, we aim to identify ***how have local communities adapted or repurposed their environments to create functional and inclusive public spaces.*** By investigating these questions, this work aims to reveal the grassroots strategies that bypass traditional urban planning limitations, thereby enhancing community engagement and spatial justice.

Drawing on theories of loose spaces (Franck & Stevens, 2006), urban ambiances (Thibaud, 2014), and open-ended urbanism (De la Llata, 2016), our goals are threefold. Firstly, we aim to conduct a detailed spatial analysis of the suburban neighborhoods in Rio de Janeiro to evaluate the current distribution of public spaces. This analysis will provide a baseline understanding necessary for identifying gaps and opportunities within the urban fabric. Secondly, we focus on register and critically assess various creative local interventions - whether they are planned or spontaneous, temporary or permanent - to understand their role in shaping public spaces. Finally, the overarching goal is to synthesize these insights into recommendations for urban policy and planning practices that promote more flexible, adaptable, and inclusive public spaces.

1.1 The multiple meanings of suburban regions

As a starting point, we present the history of territories identified as suburbs, by demonstrating their various meanings over time in multiple studies in different cities as a way to raise our understanding of Rio de Janeiro's suburban neighborhoods. In the original sense, this geographical space was considered a peripheral territory, situated at the margin or edge, thus being extramural. Although developed alongside the city, due to its geographical location and socioeconomic profile, its buildings and types of uses were dissociated from the spaces considered urban domains (Fernandes, 2011).

In medieval cities, the physical and gradual incorporation of suburbs into the urban core, through the extension of defensive walls, left profound marks still visible today in cities where these walls remain, demonstrating the effort to incorporate small peripheral nuclei that were in the process of being formed (Fernandes, 2011). Additionally, the emergence of extramural spaces gained traction due to two fundamental elements for the vitality of cities: trade and industry (Pirenne, 1973). Later, when assessing the development of cities in Europe between the 16th and 19th centuries, Mumford points to the importance of suburban regions as being "cities of residences for kings and princes", the place for those citizens or nobles who had the right to freely come and go. According to the author, suburbs existed only as a space intended for elites, serving as a refuge from the unhealthy and dangerous metropolis (Mumford, 1982).

However, in the mid-19th century, the accelerated processes of industrialization and urbanization began to reveal patterns of rupture and conflict. In Lefebvre's account of Eugene Haussmann's urban renovations of Paris, there is a clear depreciation of the suburban territories. The Paris Reforms analysis can be divided into two phases: in the first, the city was transformed into a commodity with exchange value, a necessary step for the development of an industrial capitalist city. This transformation involved a major urban overhaul, replacing the old, degraded city with a modern one. In the second phase, there emerged a push for home ownership as a compensatory solution to the housing crisis caused by the expulsion of less privileged social groups from the city center. This led to the creation of the "ideology of habitat" – the notion of proletarian home ownership in the suburbs (Lefebvre, 2001). This ideology undermined the principles of the right to the city, reducing housing to a mere residential function and distancing the act of living from other rights, such as participating in the social life of a community, village, or city (Fernandes, 2011).

1.2 The particular case of Rio de Janeiro's suburban neighborhoods

In Rio de Janeiro, the development of suburban areas mirrored the modern European urbanization patterns. Originally, Rio's suburbs had a very different pattern of territorial occupation than nowadays. Until the end of the 19th century, these suburban districts

served as agricultural zones and residences for high and middle-income classes, who lived on farms and in mansions and had the means to travel to central regions. At the beginning of the 20th century, as the population grew and extensive parcels of land were subdivided and sold for residential purposes, a different type of occupation, with a more popular character, began to emerge around the perimeter of the formal city (Fridman, 1999).

The period between 1870 and 1920 was marked by the first phase of accelerated urban expansion in the city, driven by the development of railroads and tram lines (**Figure 1**), which facilitated the occupation of previously distant and hard-to-reach areas (Santos, 2008). According to Abreu, trains began serving districts still disconnected from the city center, opening up these regions to those who could afford to live outside the central area but could not pay the high costs of land acquisition or rent in the southeast districts. Trams enabled an increasing exodus of those who could afford such costs but stayed close to the city center due to the lack of fast and regular transport (Abreu, 2013).

Consequently, at the beginning of the 20th century, there was an intensive occupation of the land, particularly along the railways (Lins, 2010). New neighborhoods emerged, mainly in the northern part of the city, from settlements occupied by workers and poor populations displaced from the old city center due to the "beautification" efforts initiated by Mayor Pereira Passos that were inspired by Haussmann's plans to modernize Paris. This started a new spatial organization that consolidated and contributed to the suburban densification and the negative stigma of this territory. Since then, suburban areas have often been associated with neighborhoods occupied by lower-income social strata, preferably located along the railways (**Figure 2**), as described by several urban scholars such as Lysia Bernardes (1990), Carlos Nelson F. dos Santos (1981), and Maurício de Abreu (2011).

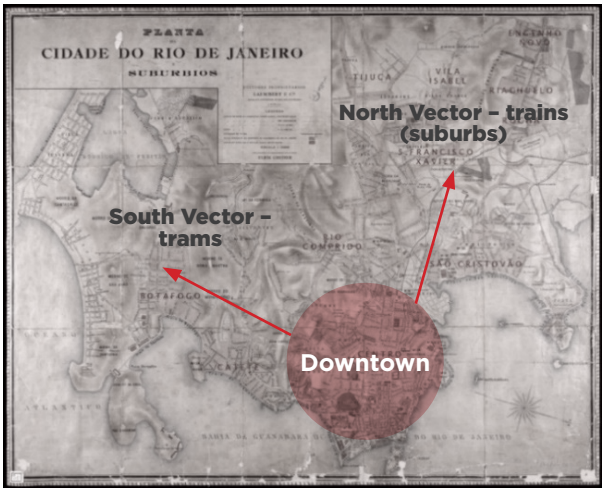


Figure 1: Plan of the City of Rio de Janeiro and the Emergence of the Suburbs - 1875.
Source: Digital Collection of the National Library (2016).

The functional character attributed to the suburbs influenced most plans developed for the city, such as the *Agache Plan*, created by the French architect Alfred Agache. It referred to suburban neighborhoods as *working-class areas*, where the proposed interventions limited to expanding the railway and metro systems to provide greater accessibility to the employment centers located in the city's central zone. Although not fully implemented, the plan influenced subsequent urban legislation and intensified the dichotomy between the bourgeoisie and the proletariat. It emphasized the need to control the process of labor force reproduction, which would also ensured the spatial segregation of social groups (Abreu, 2011).

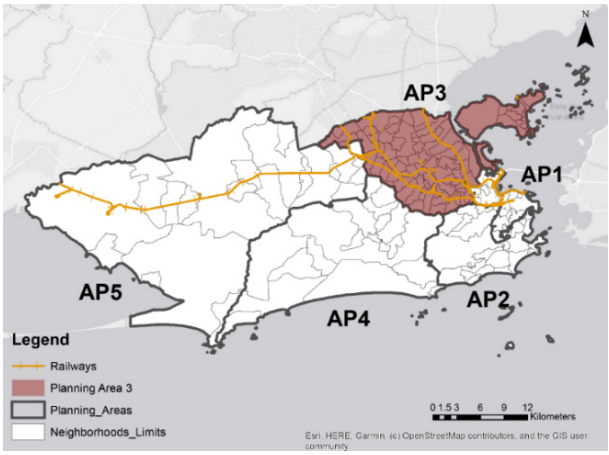


Figure 2: Map of the City of Rio de Janeiro and its current administrative zones – Planning Areas (APs), 2022. The railway suburb (AP3) is highlighted in red. Source: DataRio (2022). Map adapted by the author.

Another key factor for the stratification and socio-spatial inequalities in this territory was the industrial occupation of the suburban districts, which began in 1930 with the Decree 6.000/1937. This decree established an Industrial Zone in the northern and northeastern regions (**Figure 3**), excluding such land use from the southern and central zones of Rio de Janeiro. Following the industrial zoning, suburban neighborhoods experienced a dramatic increase in both factories and population in the subsequent decade (Abreu, 2011).

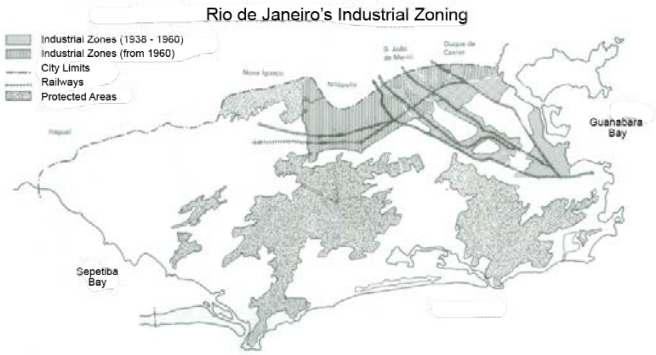


Figure 3: Rio de Janeiro's Industrial Zoning. Source: Abreu (2011). Map adapted by the author.

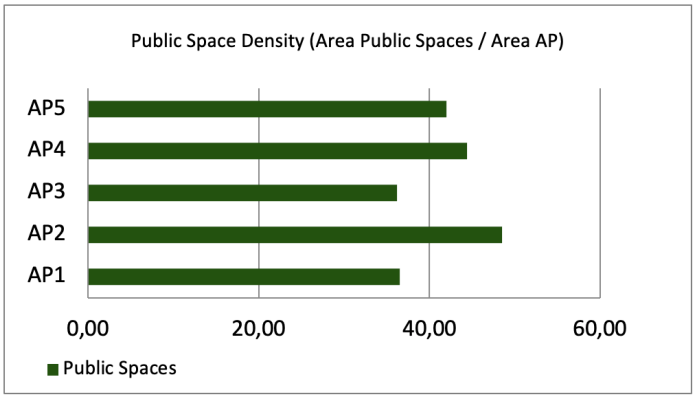
2. SUBURBAN DYNAMICS: FRAGMENTATION, IDENTITY, AND THE TRANSFORMATIVE POWER OF PUBLIC SPACES

The trajectory of suburban areas reveals a complex interplay of social, economic, and spatial dynamics that have shaped their evolution and perception over time. From their origins as peripheral zones serving agricultural and elite residential purposes to their transformation into densely populated working-class neighborhoods, suburbs have continually experienced high levels of fragmentation and stigmatization, reflecting broader patterns of urbanization and industrialization.

In large and unequal cities like Rio de Janeiro, this physical and social fragmentation can result in the development of distinct local communities. According to Milton Santos (2002), this fragmentation has the potential to create localized forms of collective life that are interconnected with the larger city but also reflect the specific living conditions and experiences of each individual neighborhood. Essentially, even within the broader urban environment, these local communities maintain their unique characteristics and ways of life, shaped by their specific social, economic, and cultural contexts.

Despite its historical importance, the railway suburban region remains underserved compared to other regions of the city in terms of city planning and management, where it is still noticeable that criteria for municipal actions and interventions are still developed according to the demands of the economic elites. This distinction is even more evident when the focus of the study is the public space. In 1999, Tângari observed that, despite its territorial extension, only 8% of official public spaces in the City of Rio de Janeiro were located in the Northern region of the city (AP3), and their surface covered less than 100 hectares, whereas in the Central (AP1) and Southern (AP2) regions, this surface approached 1,000 hectares (Tangari, 1999). This can also also be seen when we analyze the public space density of the five Planning Areas (**Graph 1**), where Planning Area 3 has the worst proportion of public scapes per area (36.2%).

However, in many suburban neighborhoods that suffer from poor management of public spaces, unconventional areas such as sidewalks and other residual spaces become sites of extraordinary events and uses, serving as venues for democratic expression, political struggles, and the formation of collective cultural identities (Irazábal, 2008). Despite systemic constraints, marginalized social groups develop supportive networks and strategies that prioritize cooperation over competition in their interactions with these spaces. This collective resistance and mutual aid enable them to transform public spaces for their needs, ensuring their survival and well-being while fostering a sense of community and solidarity (Queiroga, 2001).



Graph 1: Public space density by area. Source: Mendonca (2018).

Thibaud's explorations of urban ambiances (2014) provide a deeper understanding of these phenomena. Thibaud emphasizes that urban ambiances are not merely sensory phenomena but are deeply intertwined with the social, cultural, and spatial dimensions of city life. He argues that these ambiances play a crucial role in shaping collective experiences and social interactions within urban spaces. Recognizing the dynamic and context-dependent nature of urban ambiances, Thibaud's ideas complement and enrich our understanding of how unconventional public spaces in suburban areas can foster a sense of community and belonging, reflecting the identity and history of a place.

Adding to this perspective, from a city management and planning perspective, De la Llata's theory of open-ended urbanism (2016) suggests that urban spaces should be dynamic, continuously evolving, and collaboratively built by their users. This approach emphasizes the importance of creating urban environments that allow for spontaneous growth, user participation, and constant modification, reflecting the changing needs and desires of the community. Together, these viewpoints underscore the critical role of public spaces in urban life, emphasizing their adaptability, the supportive networks they foster, and their function as arenas for social and political transformation. This integrated understanding highlights the transformative potential of public spaces, even unconventional ones, in fostering community resilience, democratic engagement, and social change.

2.1 Unveiling creative ambiances: grassroots strategies in Rio de Janeiro's suburban public spaces

In order to investigate how suburban communities have adapted or repurposed their environments to create creative ambiances and inclusive public spaces, this study aimed to reveal grassroots strategies that bypass traditional urban planning limitations, thereby enhancing community engagement. Through immersive

observation and interaction with the community to gain a deeper understanding of their practices and perspectives, we focused our analysis on a set of neighborhoods crossed by the D. Pedro II Railway (**Figure 4**), which was the original structural axis and a vector for urban sprawl toward the suburban region.

By focusing on specific elements that have a direct influence on the sensitive quality of spaces - such as sensory experiences, social interactions, sense of identity, environmental and spatial conditions - we localized and categorized the suburban creative ambiances into four distinct groups, namely *play streets, loose spaces, expanded corners, and underneath areas.*

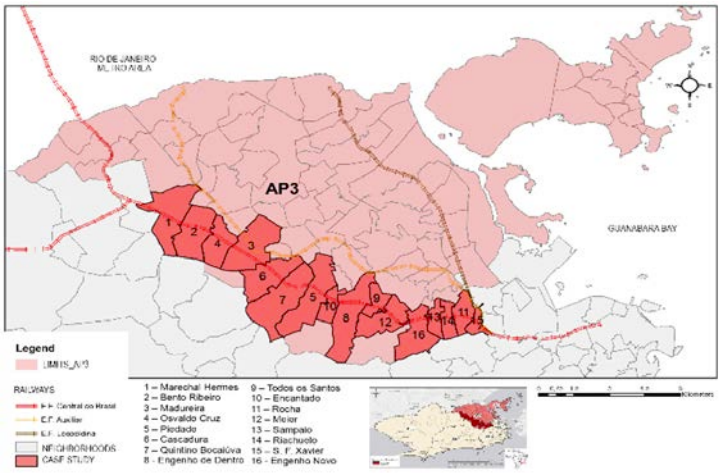


Figure 4: Map of the City of Rio de Janeiro. The analyzed suburban neighborhoods are highlighted in red. Source: Datario (2018). Map adapted by the author.

2.1.1 Play Streets

Play streets are public roads closed to vehicle traffic on Sundays and holidays to create community leisure spaces, a common practice in many Brazilian cities. These streets were established to meet the demand for recreational activities and are mostly implemented through the mobilization and engagement of local communities. In Rio, Decree No. 29.881, dated September 18, 2008, stipulates that Local Planning Coordinations (*subprefeituras*) are responsible for authorizing the creation of these spaces at the local level. In that sense, Resolution No. 1855/SMTR of January 22, 2009 states that CET-RIO (Traffic Engineering Company) must handle applications for licensing and overall management of play streets.

However, our field observations indicate that public authorities often supervise only the higher-traffic roads. On most local roads, the closure and reopening for vehicle traffic and the provision and installation of temporary equipment, like benches, tents, and children's toys, are operated and managed by the residents themselves or local merchants (**Figure 5**). Informal vendors are also prevalent, sharing sidewalks with

pedestrians and offering various goods such as clothing, accessories, electronic equipment, beverages, and food.

Figure 5: The first image shows temporary equipment and activities on a local road in the neighborhood of Oswaldo Cruz. The second image depicts a higher-traffic road closed on Sundays in the neighborhood of Méier. Source: Mendonca, 2018.

2.1.2 Loose Spaces

As defined by Franck & Stevens (2006), loose spaces are urban places that, through the creative and determined actions of residents, become sites of diverse and unplanned activities. They emerge when people recognize and utilize the inherent possibilities within these environments, often operating outside the constraints of official regulations and intended functions. These spaces are characterized by their accessibility, freedom of choice, and the ability for individuals to appropriate and transform them for various uses, resulting in dynamic and vibrant areas that support spontaneous, supportive, and cooperative behaviors (Franck & Stevens, 2006).

In suburban neighborhoods, loose spaces are characterized by their adaptability and the broad range of activities they can support, catering to different times of the day and accommodating a diverse group of people. **Figure 6** exemplifies the flexibility of spaces in Engenho de Dentro (on the left) and Madureira (on the right) where diverse activities such as open markets (*feiras livres*), dancing classes, and musical performances (*rodas de samba*) are often organized by local community organizations and attract audiences at all times.

Figure 6: On the left, examples of creative uses in a restored warehouse that previously served the railway in the neighborhood of Engenho de Dentro. On the right, an extended sidewalk created due to the implementation of a new viaduct in the neighborhood of Madureira now serves as a space for community activities. Source: Mendonca, 2018.

2.1.3 Expanded Corners

Considering the irregular configuration of the urban fabric and the historical absence of regulatory and planning frameworks, some suburban neighborhoods feature street layouts and block arrangements that create transitional spaces between different urban grid typologies. It is in this context that expanded corners emerge. In field observations, we identified a common pattern in several neighborhoods: a commercial building located on the corner - usually a bar, bakery, or small grocery store - stalls of informal vendors, and a set of prefabricated concrete tables and benches (**Figure 7**).

Together, these elements influence the perception and experience of individuals who use them, creating the identity and unique ambiance of these spaces that - in areas with limited options - become the only available places for social and leisure activities. Frequent visitors, mostly elderly, enjoy the place for extended periods. Predominantly, men gather with neighborhood acquaintances and occupy the sidewalk area to have a beer, chat, or participate in card games, using both the existing fixed furniture and plastic tables and chairs provided by the commercial establishment.

Figure 7: Examples of expanded corners in the neighborhoods of Encantado and Meier. Source: Mendonca, 2018.

2.1.4 Underneath Areas

In many underserved and fragmented neighborhoods, areas located beneath larger structures, such as bridges, elevated highways, or buildings, are prominent due to the lack of comprehensive urban planning and development. In suburban railway neighborhoods, economic constraints, rapid informal urbanization, and the functional character of the suburbs have resulted in a patchwork of undeveloped spaces where these underneath areas are particularly noticeable and prevalent. Often overlooked in strategic-level planning, they become fertile ground for tactical uses by ordinary citizens, serving as vital locations for community activities, and filling the gaps left by inadequate public infrastructure.

In Madureira and Piedade, adaptability and co-creation strategies, facilitated by public-private partnerships, are examples of good practices for transforming marginalized spaces into functional places for leisure and cultural activities (**Figure 8**). In Madureira, the *Baile de Charme,* located underneath Viaduto Negrão de Lima, is a dedicated space that shapes the cultural identity and social fabric of the neighborhood, serving as a platform for the expression of black identity and pride, contributing to the empowerment of the Afro-Brazilian community. In Piedade, converting a residual space into a public sports arena (*Vila Olimpica da Piedade*) has significantly reshaped the local landscape. The arena, which is managed by the municipal government and maintained through a partnership between the City Hall and local social organizations, attracts people of all ages, especially at night enhancing the safety and vitality of the space.

Figure 8: The top image depicts the Baile de Charme in Madureira, while the second image features the sports arena in Piedade. Source: Mendonca, 2018.

3. CONCLUSION

The particular conditions of fragmentation, segregation, and stigmatization in Rio de Janeiro's railway suburban neighborhoods have resulted in unique creative ambiances. These neighborhoods, historically underserved, have developed distinct local identities and communal strategies to repurpose and transform marginalized spaces into functional public places. For instance, the adaptation of underutilized vacant lots into vibrant community spaces demonstrates the resilience and creativity of these communities. **The urban fragmentation, while posing significant challenges, has also facilitated the emergence of grassroots initiatives that enhance livability and foster a sense of place, despite the systemic neglect by formal planning strategies and governance structures.**

The higher levels of community engagement in these neighborhoods can be also attributed, in part, to the often evident absence of governmental presence. **The lack of formal interventions and resources compels residents to take matters into their own hands, organizing and managing public spaces autonomously.** Examples such as the community-led management of play streets and the diverse and spontaneous uses of loose spaces illustrate how residents actively shape their environment to meet their needs. This proactive community involvement not only compensates for the deficiencies in municipal services but also strengthens social bonds and fosters a collective identity, demonstrating the potential of participatory urbanism in contexts of institutional neglect.

Historically, **the urban fabric of Rio de Janeiro's suburban neighborhoods has allowed for significant flexibility and adaptation.** The dynamic and informal nature of these spaces provides opportunities for spontaneous and creative uses that are responsive to the evolving needs of the community. The transformation of expanded corners into hubs of social and leisure activities exemplifies this adaptability. These spaces, often overlooked by formal planning, become vital sites for social interaction and community engagement, showcasing the capacity of urban residents to repurpose their environment in innovative ways that formal planning frameworks might not anticipate or facilitate.

The legibility and coherence of these creative and spontaneous ambiances offer valuable insights for urban planning and city-led interventions. By recognizing and incorporating the principles of open-ended urbanism and loose spaces into formal planning processes, city authorities can develop more flexible and inclusive public spaces. The community-driven adaptations observed in Rio de Janeiro's suburban neighborhoods highlight the importance of creating urban environments that support spontaneity, user participation, and continuous transformation. These insights can inform policies that promote the development of public spaces as dynamic and responsive components of the urban landscape, ultimately contributing to more resilient and equitable cities.

4. BIBLIOGRAPHY

Abreu, M. A. (2013). Evolução urbana do Rio de Janeiro – 4. ed. Rio de janeiro: Instituto Pereira Passos.

Bernardes, L. M. (1990). Função defensiva do Rio de Janeiro e seu sítio original. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 15-20.

De la Llata, S. (2016). Open-ended urbanisms: Space-making processes in the protest encampment of the Indignados movement in Barcelona. Urban Design International, 21, 113-130.

Fernandes, N.N. (2011). O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858 / 1945. Rio de Janeiro: Apicuri.

Franck, K., & Stevens, Q. (2006). Loose space: possibility and diversity in urban life. Routledge.

Fridman, F. (1999). Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Garamond.

Irazábal, C. (2008). Ordinary places/extraordinary events: citizenship, democracy and public space in Latin America. Routledge.

Lefebvre, H. (2001). O direito à cidade. 5ª Ed. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro.

Lins, Antônio J. P. S. (2010). Ferrovia e segregação espacial no subúrbio: Quintino Bocaiúva, Rio de Janeiro. In Oliveira, M.P. Fernandes, N.N. (Org.). 150 anos de subúrbio carioca (pp.138-160). Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF.

Pirenne, H. (1973). História econômica e social da idade média. São Paulo: Mestre Jou.

Mendonca, B. R. E. (2018). Os espaços livres e a estruturação da paisagem: uma avaliação das pracialidades do subúrbio ferroviário do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ). Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), Rio de Janeiro.

Mumford, L. (1982). A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Queiroga, E. F. (2001). A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação Comunicativa. Tese de doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Santos, C. N. F.; Vogel, A. (1981). Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro: Convênio IBAM / FINEP.

Santos, M. (2002). O país distorcido: o Brasil a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha.

Tangari, Vera R. (1999). Um outro lado do Rio. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. FAUUSP.

Thibaud, J.-P. (2014). Urban Ambiances as Common Ground?. Lebenswelt: Aesthetics and Philosophy of Experience, 4, 282-295.

R39

AN ATTRACTIVE PLACE: A REFLECTION ON THE SPONTANEOUS USE OF THE CCSP

SEMPRE VIVO: REFLEXÃO SOBRE A OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA DO CCSP

Beatriz Maia Popazoglo Perez
Professora Coordenadora
Centro Paula Souza
beatriz.popazoglo@hotmail.com

ABSTRACT

The Centro Cultural São Paulo (CCSP) can be considered an example of urban vitality due to the spontaneous occupation it receives from a varied population. This qualitative paper aims to reflect on physical aspects directly related to the built environment that attract the public. As a method, a literature review on the CCSP and the qualitative aspects related to the built environment that influence on attractiveness, and a walkthrough with a checklist to verify each of the indicators found. As a result, it was possible to identify that that CCSP's physical characteristics affects the feeling of privacy, territoriality, safety, and autonomy, which allows and encourages multiple uses of the space by his users, and therefore, the necessary flexibility in contemporary times. It is important that future work includes quantitative aspects, the application of ergonomic indicators, user perception, and applications in similar contexts for comparison purposes.

KEYWORDS: Centro Cultural São Paulo. Urban design. Urban leisure. Urban Vitality. Creative ambiances.

RESUMO

O Centro Cultural São Paulo (CCSP) pode ser considerado um exemplo de vitalidade urbana pela ocupação espontânea que recebe de uma população variada. O presente trabalho de caráter qualitativo objetiva refletir sobre os aspectos físicos diretamente relacionados ao ambiente construído que atraem o público ao local. Como método, foi utilizada revisão de literatura sobre o CCSP e os aspectos qualitativos diretamente relacionados ao ambiente construído que influenciem na atratividade, e walkthrough com checklist para verificação da presença de cada um dos aspectos levantados na bibliografia. Como resultado, foi possível identificar que as características físicas do espaço afetam a sensação de privacidade, territorialidade, segurança e autonomia, de forma a permitir e incentivar múltiplos usos do espaço pelos usuários, e portanto, a flexibilidade necessária na contemporaneidade. É importante que trabalhos futuros incluam aspectos quantitativos, a aplicação de índices ergonômicos, a percepção do usuário, aplicações em edifícios similares para fins de comparação.

PALAVRAS-CHAVE: Centro Cultural São Paulo. Atratividade urbana. Fruição urbana. Vitalidade urbana. ambiências criativas.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente as cidades poder ser consideradas como um fator de risco à saúde mental pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2022). Avalia-se evidente a necessidade de recuperação e criação de espaços e lugares de qualidade nas cidades, principalmente no contexto pós pandemia causada pela COVID-19. As falhas na forma de construção das cidades ficaram evidentes (Mülfarth et al., 2022), e o uso do espaço urbano se tornou um desejo da sociedade (Romeu, 2021). Dessa forma, a pandemia pode ser um catalisador de retomadas dos espaços de fruição urbana, principalmente pela população das grandes cidades (Agopyan, 2020).

Com uma produção arquitetônica e urbanística, que, em geral, importa modelos que não são adequados a realidade brasileira (Ornstein et al., 1995) e que tende a não considerar a escala do corpo humano ou a experiência do usuário (Albala, 2022), se faz necessário a modificação destes espaços para ampliar o acesso e promover o uso ativo. É crescente o número de estudos que apontam soluções e indicadores para fins de avaliação, considerando principalmente aspectos de conforto e do bem-estar no ambiente construído (SANTANA et al, 2023).

Há uma busca pela qualidade do lugar. A Qualidade de um lugar inclui "valores, sensações e concepções relativas ao conjunto de atributos físico-formais do lugar, bem como as atividades e ações que ali são exercidas." (Rheingantz et al, 2012, p. 20). Trata-se, portanto, de uma construção simbólica, na qual o objeto físico é influenciado pela ação dos profissionais que atuam no segmento.

Para Aguiar (2012), o conceito de urbanidade, refere-se a presença de vitalidade. Segundo o autor, esta ocorre quando uma cidade ou um local de uma cidade acolhe e recebe com polidez e cortesia, sendo que o maior indicativo é a presença de pessoas, e principalmente de pessoas diferentes entre si.

Este artigo é parte de uma pesquisa ainda em fase inicial que trata da qualidade do lugar em espaços livres a partir do definido por Queiroga (2012). A partir dos autores mencionados anteriormente, o Centro Cultural São Paulo (CCSP) foi selecionado como estudo de caso por ser reconhecidamente um espaço repleto de vitalidade.

A vitalidade mencionada ocorre mesmo nos dias de segunda-feira, dia em que a instituição está fechada e não oferece programação de atividades à população. Assim, o presente texto objetiva investigar de maneira qualitativa e exploratória o que atrai os visitantes ao CCSP nos dias de segunda-feira.

2. METODOLOGIA

Com o objetivo de identificar os aspectos pertinentes para avaliação dos aspectos atrativos destes espaços foi realizada uma revisão bibliográfica buscando no Google Scholar por textos relevantes sobre avaliação pós-ocupação, psicologia ambiental,

espaços restauradores, ambiências criativas, avaliação ergonômica e bem-estar no ambiente construído, e principalmente textos que trouxessem indicadores qualitativos do ambiente construído.

Os textos e artigos mais relevantes levaram a outros textos pertinentes que trouxeram os indicadores mais relevantes e aplicáveis à espaços livres de Centros Culturais. Os indicadores foram selecionados após observação não estruturada (Ono et al., 2018), e com base na repetição dos critérios pelas diferentes pesquisas e pela possibilidade de ser aplicado à um centro cultural sem contato com os usuários ou ainda por realizar intervenções no espaço.

Avaliou-se configurações de layout, proteção contra intempéries, oferta de infraestrutura, presença de áreas verdes, segurança, manutenção, invólucro, transparência, imageabilidade, escala humana e complexidade (Alabala, 2022; Altomonte et al., 2020; Appolloni et al., 2020; Ewing & Handy, 2009; Gomes Júnior & Elali, 2023; Jens & Gregg, 2020; Lloyd & Auld, 2003; Mülfarth, 2017; Sato, 2021; Sato, 2022). Reunidos estes indicadores, foi elaborada uma ficha para avaliação com *walktrhough* (Ono et al., 2018), com os critérios "atende totalmente", "atende parcialmente" ou "não atende". Não houve um peso maior para nenhum dos critérios. Cada área foi avaliada individualmente, sendo categorizadas em: fachada e acessos, *lobby,* corredor da dança, pátio e frente da biblioteca. O salão entre a entrada principal, o corredor da dança e o pátio não é de uso livre, e não foi avaliado, contudo, ela exerce papel importante na atratividade. Trata-se de uma grande caixa de vidro, que ajuda os seguranças a manter o controle sobre o espaço e permite que o usuário possa ver tudo que acontece ao mesmo tempo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível perceber que o público é variado, alguns visitam o espaço com frequência, outros são visitantes esporádicos; alguns vem sozinhos, alguns em casal, outros em grupos pequenos. Apesar da predominância do público jovem adulto, adolescentes, crianças, idosos, adultos também usam do espaço, sendo perceptível que existe uma variação de classe social, gênero e sexualidade convivendo no espaço.

3.1 O CCSP

Localizado na região central, e com amplo acesso à transporte público, tendo inclusive a estação de metrô Vergueiro como vizinho, o espaço foi construído em um terreno com um grande desnível entre a Rua Vergueiro e a Avenida 23 de maio. A gleba de aproximadamente de 400m de profundidade por 70m de largura, e com um desnível de 10m na sua menor extensão passou de uma terra desocupada para residências entre o final do século 19 e início do século XX.

Desocupadas para a construção do metrô, no restante do terreno seria construído um edifício corporativo intitulado Nova Vergueiro. Ataques da imprensa coincidiram

com a troca gestão municipal, e o então prefeito Olavo Setubal destinou o espaço a construção de uma biblioteca como ampliação da Biblioteca Mario de Andrade (Serapião, 2012).

Dois fatores da fase inicial do projeto influenciaram o resultado. As pesquisas por projetos de bibliotecas pela Europa e América do Norte, e principalmente pela Finlândia, que tinham por característica agregar atividades comunitárias e culturais. E, também, a contratação dos arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles, pioneiros na implantação de escritórios panorâmicos e defensores do acesso mais livre do público aos livros, contrário do que existia na biblioteca Mario de Andrade (Serapião, 2012).

Diversos estudos foram realizados, mas a horizontalidade, e o desejo de manter o desnível natural do terreno e a massa arbórea existente se mantiveram do início ao fim. O projeto inicial foi rejeitado pela prefeitura da época por parecer muito elitista. A reelaboração inseriu ruas internas, mais permeabilidade, e criou um "espaço para reunir pessoas, um edifício democrático" (Serapião, 2012, p. 64) que parece uma extensão da rua.

Com 5 meses de obra, houve uma nova troca da gestão municipal, e o novo secretário da cultura, Mario Chamie, mudou o programa e o que era uma biblioteca passou a ser um centro cultural, incorporando diversas mídias. Declarou que era preciso "criar um espaço onde não há divisões etárias, de classes sociais" (Serapião, 2012, p. 76) e ainda destacou aspectos construtivos "o mínimo de portas, intercomunicante, se possível integrá-lo com a paisagem, manter a paisagem dentro do Centro Cultural, fazer vidros e não paredes opacas" (Serapião, 2012, p. 76).

Os arquitetos não apresentaram resistência a modificação solicitada, os ideais já estavam presentes na concepção do projeto, qual seja: despertar o desejo por conhecer e usar o espaço. Com algumas modificações no projeto, e 70% das obras concluídas, o CCSP foi inaugurado às pressas em 13 de maior de 1982 (Serapião, 2012).

Problemas relacionados às adaptações necessárias para modificação do programa, a não adequação da obra ao especificado em projeto e à obra apressada surgiram já logo após a inauguração. Tendo sido rechaçado pela imprensa diversas vezes nos anos subsequentes à inauguração, Luiz Telles chegou a ser chamado para verificar a adequação da construção ao projeto e criar soluções (Cenni, 1991).

Tendo sofrido uma grande inundação e um incêndio que resultou na perda de diversas obras, reformas foram necessárias. Apesar dos problemas relacionados ao edifício, a programação oferecida sempre obteve boa resposta da crítica e da população. Existe uma oferta de múltiplas linguagem de cultura e arte, principalmente no que se refere ao aspecto de experimentação, mas a dança se destacou e o CCSP é até hoje um reduto da dança contemporânea na cidade. (Serapião, 2012).

É um centro cultural muito muito movimentado, sendo ocupado pelos usuários inclusive no dia em que a instituição não oferece programação para a população, as segundas-feiras. Segunda é o dia de limpeza e manutenção, mas nem por isso os visitantes deixam de utilizar o espaço. Não há visibilidade de exposições, a cafeteria fica fechada no momento de maior fluxo. Além do espaço construído, as pessoas que ali circulam e se utilizam da área são os únicos aspectos existentes.

O CCSP permite a utilização do andar no nível da Rua Vergueiro até os limites da biblioteca, e uma ocupação espontânea ocorre por parte de usuários que vão até o local para os mais variados objetivos. O site, inclusive, dispõe de uma página com regras e recomendações para boa convivência no uso do espaço e que diz "uma das principais características da instituição, além das programações, são os espaços para uso livre do público" (Centro Cultural São Paulo - CCSP, s.d.) .

3.2 Avaliação das áreas

O espaço avaliado é somente aquele destinado ao uso livre as segundas-feiras, que compreende lobby, corredor da dança, pátio e frente da biblioteca. As fachadas e acessos também foram avaliados para compreensão da comunicação com a população. De maneira geral, a manutenção da estrutura é razoável e com poucos problemas aparentes. Existem alguns pontos de infiltração da cobertura e algumas luminárias com defeito, mas não chega a interferir nas atividades ali desenvolvidas ou oferecer riscos.

3.2.1 Fachadas e acessos

Apesar de ter 4 andares, a maior parte deles está abaixo do nível da rua, e a visão pelo ponto de vista da calçada é de um prédio de apenas um andar, ou um andar e meio; enquanto que do outro lado, parece um grande jardim . O centro cultural tem pontos de comunicação com o meio externo: além de permeabilidade visual, quase todos os pontos são também de permeabilidade física.

Existe uma entrada principal pela rampa cercada por um jardim, sendo todo este espaço permanentemente aberto e considerado um espaço de transição, uma vez que não é possível distinguir onde começa o centro cultural e termina a cidade. Diversas árvores e esculturas podem ser vistas no local, o que confere complexidade suficiente para atrair a população.

O jardim e a rampa são áreas de ocupação espontânea mesmo sem a presença de infraestrutura ou mobiliário urbano. O jardim é utilizado principalmente por casais que passam um tempo desfrutando da sombra durante o dia, e a rampa vira ponto de encontro e espera, e ocasionalmente ainda recebe alguns artistas de rua e artesãos. Ao final da rampa existe um portão metálico na cor azul clara.

Na lateral localizada na Rua Vergueiro, existem duas entradas que dão visibilidade e acesso ao corredor da dança; uma que dá acesso à área de exposição, que fica

fechada nas segundas-feiras; e um grande vão que dá visibilidade e acesso ao pátio. As entradas do corredor podem ser fechadas, contudo, a que dá acesso ao pátio interno não possui barreiras fixas além de separadores de fila posicionados após as 22h para indicar que o espaço está fechado. Além da variabilidade dos acessos, a fachada lateral conta ainda com 9 (nove) variações de composição e presença de vegetação em quase toda sua extensão.

A outra fachada lateral é voltada para a avenida 23 de Maio, que é uma via de movimento intenso de veículos motorizados e que quase não apresenta pedestres, em contraposição a Rua Vergueiro, que possui transito de veículos e pedestres. Essa fachada tem apenas uma variação e um grande letreiro com o nome do espaço, o que garante ótima visibilidade aos que passam pela rua, incluindo os que estão nos veículos.

A fachada dos fundos faz divisa com outro edifício e tem apenas um corredor estreito cercado de muro e grade, que permite o acesso da Avenida 23 de maio para a Rua Vergueiro. Neste ponto não há acesso aos usuários ao CCSP e funciona principalmente como um corredor de serviço.

3.2.2 Lobby

Á área do lobby fica logo após o portão do centro cultural, o envoltório é feito por paredes de alvenaria ou concreto do lado dos banheiros, e pele de vidro no restante; o piso é de concreto; ambas as laterais dispõem de cobertura inclinada, contudo, o centro do espaço é a céu aberto e com vãos para o jardim do andar inferior. Possui bicicletário, banheiros e bebedouros de um lado, e do outro dispõe de mesas e cadeiras.

Os banheiros têm paredes azulejadas e piso cerâmico, o teto é laje com luminárias de cor branco frio. Os sabonetes e papéis costumam estar abastecidos, as cabines, bacias sanitárias, descargas, mictórios, pias, torneiras e espelhos mostram sinais do tempo, mas tudo funciona com raras exceções a alguns defeitos.

Nas cabines é possível ver diversas marcações deixadas pelos usuários, alguns com trechos de literatura ou música, alguns dão conselhos de vida, e no geral as mensagens têm caráter positivo. Tal manifestação denota uma apropriação por parte dos usuários (Cavalcante & Elias, 2011).

O bebedouro fica posicionado logo ao lado dos banheiros e oferece água natural e gelada. Deste lado há uma cobertura com luminárias que fornecem luz levemente amareladas, e duas portas de vidro que estão sempre abertas, uma lateral dentro da área coberta que dá acesso ao corredor da dança, e outra ao lado do vão do jardim em área descoberta, que dá acesso ao salão. No centro temos a visibilidade do andar inferior e logo à frente fica disposto o bicicletário. Esta área é usada predominantemente como passagem, visto que é onde está localizada toda a infraestrutura oferecida aos visitantes.

Do outro lado do jardim, há uma outra área coberta com mesas quadradas pequenas de tampo de madeira, e cadeiras também de madeira. Ambas são leves e soltas, os usuários ficam livres para arranjá-las da forma que melhor atenda ao seu uso. Ao lado das mesas também são ofertadas tomadas, e existe iluminação amarelada fixada na cobertura. Quase não há variação no uso desta área no decorrer do dia, as mesas estão constantemente ocupadas mudando apenas levemente o perfil do público.

Pessoas sozinhas ou em grupos pequenos sentam-se nas mesas para esperar, descansar, trabalhar, estudar e carregar os celulares. A área fica bastante silenciosa e a muitos passam algumas horas naquele local. Durante o dia é comum que haja adolescentes, e conforme escurece o público da área fica quase que inteiramente de jovens adultos. O movimento começa por volta das 10h e as 20h começa uma redução no número de pessoas no espaço e as mesas ficam mais vazias. Há também uma porta bastante demarcada logo ao lado do vão do jardim que leva à mesma área não utilizada as segundas.

A cobertura e paredes laterais protegem o usuário contra vento, chuva e sol. A oferta de tomadas e iluminação artificial permite aos usuários que usam as mesas trabalharem e estudarem por bastante tempo, incluindo a noite. Enquanto que a existência das paredes transparentes para as outras áreas permite que quem está estudando possa ter uma experiência de estar integrado e seguro, o ruído é predominantemente de fundo e não atrapalha na concentração. E ainda, as mesas, que são pequenas e leves dão autonomia ao usuário para utilizá-las de acordo com sua necessidade.

3.2.3 Corredor da dança

O corredor da dança é largo e recebe esse nome justamente por ser a área mais utilizada pelos visitantes para ensaios e aulas de vários ritmos e estilos. Ele é uma área totalmente coberta por laje que tem iluminação amarela, piso liso, uma das paredes é de concreto e a outra uma pele de vidro, que é utilizada como espelho pelos dançarinos. Durante o dia o movimento é menor, geralmente de duplas ou trios, e algumas pessoas ficam sentadas no chão apoiadas sobre a parede assistindo os grupos dançarem.

A partir das 17h30 o movimento aumenta e cada área do corredor tem um grupo diferente, alguns grupos grandes como o da *zouk,* que costuma ter cerca de 30 pessoas dançando, e outros grupos menores que praticam forró, break e outras danças. Apesar de existir uma passagem fora do corredor, alguns visitantes optam por passar por ele justamente para ver os grupos de dança mais de perto.

Neste espaço as avaliações de invólucro e transparência são as mais impactantes. A presença da pele de vidro e o acesso para a rua desperta o interesse de quem passa dentro e fora, já a parede de concreto traz proteção e privacidade para quem está dançando.

3.2.3 Pátio

O pátio lembra uma área de praça, com bancos de madeira no entorno e partes de piso permeável com vegetação. Contudo, há duas pequenas áreas cobertas. Uma segue o padrão da área do lobby. A outra é uma laje e cobertura inclinada da entrada pela Rua vergueiro, com um piso levemente inclinado de concreto e uma pequena área de pedra portuguesa com jardineiras de formato orgânico elevadas, que muitos visitantes utilizam como bancos. Há ainda uma grande área de jardim com árvores adultas.

Esta é a área que tem mais variação de movimento no decorrer do dia. Antes das 11h e após as 15h poucas pessoas ficam no espaço. Elas sentam-se nos bancos e conversam quando estão acompanhadas, idosos são comuns, os casais aproveitam o espaço para namorar, as pessoas que estão sozinhas utilizam o celular ou leem livros, alguns sentam-se e observam o movimento de ir e vir das pessoas. Algumas duplas ou trios aproveitam para ensaiar, principalmente próximo as paredes de vidro que servem de espelho.

Entre as 11h e 15h o movimento aumenta um pouco, e um perfil de público diferente usa o espaço, pessoas que trabalham na região e estão em horário de almoço. Algumas chegam a comer no local, outras ficam apenas descansando e aproveitando o sol.

Após as 17h30 é que o movimento se intensifica, e grupos pequenos e grandes tomam conta do espaço. Majoriatariamente são usuários frequentes e existe uma territorialidade de cada grupo que sempre fica na mesma área, exceto quando chove e os grupos precisam se rearranjar para se acomodar nas áreas cobertas.

Os grupos maiores são de forró, com 40 a 60 pessoas por noite, e o grupo de Samba, com cerca de 25 pessoas. As aulas são abertas, e os usuários que não são frequentes por vezes se aventuram a participar de uma aula avulsa, outros assistem aos ensaios e aulas que ocorrem simultaneamente no espaço.

O movimento começa a diminuir as 21h, que é quando os grupos começam a encerrar as aulas e pouco a pouco conforme a conversa se encerra, deixam o CCSP. O espaço permite este uso livre até as 22h, quando os seguranças convidam aqueles que se estendem a retirarem-se, e então colocam o separador de fila para indicar que a área está fechada.

A posição dos bancos incentiva este comportamento de assistir à vida e descansar, comum em praças, e a presença de uma equipe de segurança e dos próprios usuários deixam o espaço seguro. Destaca-se a variabilidade de elementos, a proporção do edifício, a ausência de barreiras, a vegetação, e a cobertura como os maiores atrativos do espaço.

3.2.3 A área a frente da biblioteca

O espaço logo a frente da área da biblioteca é uma pequena área quadrada integrada ao pátio. Ela é coberta e tem iluminação amarelada. É cercada de três lados: por uma parede de concreto, por uma parede de vidro, e por uma área de jardim. Dispõe de mesas maiores servidas com bastante tomadas, bancos e cadeiras, geralmente utilizadas por grupos para estudar, realizar reuniões ou jogar. Funciona como uma extensão do lobby, contudo é menos silenciosa, e por isso ideal para grupos ou pessoas que gostam de trabalhar em locais mais ruidosos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua concepção, a escala do edifício interna e externamente já foi pensada tendo a pessoa humana como parâmetro e incluindo a presença de bastante vegetação. O edifício apesar de ter muitas áreas a céu aberto, o que traz muita iluminação natural, tem uma área coberta em todos os espaços para uso em momentos de sol intenso e chuva, e o envoltório protege de ventos fortes, mas deixa a brisa entrar para refrescar. O envoltório interno e externo, tem a complexidade da variação de materiais e composição, aberturas e permeabilidade física e visual, e o espaço é um promotor de encontros. Por fim, a oferta da infraestrutura necessária e a configuração de layout promovem flexibilidade e autonomia para o usuário, uma proposta dos arquitetos mantida pela gestão.

Por fim, foi possível identificar que o CCSP é um exemplo de vitalidade urbana e qualidade. Análises mais aprofundadas, incluindo aspectos quantitativos, aplicação de índices ergonômicos e perceções do usuário, podem trazer resultados mais específicos e mensuráveis. Também, a aplicação desta análise em outros espaços com e sem vitalidade pode criar dados e informações que permitiriam criar mais espaços de qualidade para os habitantes das cidades.

5. BIBLIOGRAFIA

Agopyan, K. K. (2020, Junho 15). É possível ressignificar o uso dos espaços urbanos pós pandemia? Justificando. http://www.justificando.com/2020/06/15/e-possivel-ressignificar-o-uso-dos-espacos-urbanospos-pandemia/

Aguiar, D. (2012). Urbanidade e Qualidade da Cidade. Em P. Rheingantz, & R. Pedro, Qualidade do lugar e cultura contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos (pp. 119-130). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ FAU/ PROARQ.

Albala, P. L. (2022). Percursos de pedestres: caminhabilidade, conforto ambiental e planejamento (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP.

Altomonte et al., S. (2020, Agosto). Ten questions concerning well-being in the built environment. Building and Environment, v. 180. doi:10.1016/j.buildenv.2020.106949

Appolloni et al., L. (2020). Walkable Urban Environments: An Ergonomic Approach of Evaluation. Sustainability. doi:10.3390/su12208347

Cavalcante, S., & Elias, T. F. (2011). Apropriação. Em S. CAVALCANTE, & G. A. ELALI, Temas básicos em psicologia ambiental (pp. 63-69). Petrópolis: Vozes.

Cenni, R. (1991). Três centros culturais na cidade de São Paulo (Dissertação de mestrado). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECAUSP.

Centro Cultural São Paulo - CCSP. (n.d.). Uso dos espaços. Centro Cultural São Paulo: https://centrocultural.sp.gov.br/usos-dos-espacos/#:~:text=O%20CCSP%20disponibiliza%20Bicicletário%20para,nossa%20vigilância%20é%20apenas%20patrimonial.

Ewing, R., & Handy, S. (2009, Fevereiro). Measuring the Unmeasurable: Urban Design Qualities Related to Walkability. Journal of Urban Design, pp. 65-84. https://doi.org/10.1080/13574800802451155

Gomes Júnior, J., & Elali, G. (2023). Ambientes restauradores: Uma reflexão sobre produtos bibliográficos publicados entre 2010-2020. REVISTA PSICOLOGIA & SABERES, v. 12(12).

Jens, K., & Gregg, J. (2020, Novembro). How design shapes space choice behaviors in public urban and shared indoor spaces: A review. Sustainable Cities and Society. https://doi.org/10.1016/j.scs.2020.102592

Lloyd, K., & Auld, C. (2003). Leisure, public space and quality of life in the urban environment. Urban Policy and Research, v. 21, pp. 339-356. https://doi.org/10.1080/0811114032000147395

Mülfarth et al., R. C. (2022). Pandemia, mobilidade ativa e ambiente urbano: fragilidades, potencialidades das cidades e o renascimento da urbanidade. Oculum Ensaios, 19(e225144), pp. 1-22. doi:https://doi.org/10.24220/2318-0919v19e2022a5144

Mülfarth, R. (2017). Proposta Metodológica para Avaliação Ergonômica do Ambiente Urbano: A inserção da ergonomia no ambiente construído (Tese de Livre docência). São Paulo: Departamento de Tecnologia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP.

Ono et al., R. (2018). Avaliação Pós-ocupação: da teoria à prática. São Paulo: Oficina de Textos.

Orstein et al., S. W. (1995). Ambiente Construído & Comportamento: A Avaliação Pós Ocupação e a Qualidade Ambiental. São Paulo: FAUUSP: FUPAM.

Pinheiro, J. (2011). Behavior setting. In S. Cavalcante, & G. A. Elali, Temas básicos em psicologia ambiental (pp. 83-97). Petrópolis: Vozes.

Queiroga, E. (2012). Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros (Tese de livre docência). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP. https://doi.org/10.11606/T.16.2016.tde-07122016-101803

Rheingantz et al, P. A. (2012). Qualidade do lugar e cultura contemporânea: tecendo controvérsias em coletivos urbanos na atualidade. Em P. A. Rheingantz, & R. (. Pedro, Qualidade do lugar e cultura contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos (pp. 17-31). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ FAU/ PROARQ.

Romeu, N. C. (2021, dezembro). Considerações para repensar os espaços públicos no pós-pandemia. Minha Cidade, ano 22. https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/22.257/8349

SANTANA et al, E. (2023). Preenchendo a lacuna: A necessidade do entendimento do efeito dos espaços “semi-outdoor” na percepção do bem-estar pelos usuários de edifícios corporativos. Uma revisão sistemática. Revista Arte 21, 20(1), pp. 113-144.

Sato, A. (2022). Em busca do conforto ao caminhar: a ergonomia e a avaliação dos espaços urbanos. Em R. C. Mülfarth (org.), Repensando a ergonomia: do edifício ao espaço urbano (1 ed., pp. 83-98). Rio de Janeiro: LTC.

Sato, A. E. (2021). Streetscapes para São Paulo: Caminhabilidade e Ergonomia (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP.

Serapião, F. (2012). Centro Cultural São Paulo: espaço e vida. São Paulo: Monolito.

WHO. (2022). World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: WHO.

R39

AMBIENCES AND NEUROARCHITECTURE IN THE SPECIALIZED CENTER FOR AUTISM SPECTRUM DISORDER IN THE AMAZON

AMBIÊNCIAS E NEUROARQUITETURA NO CENTRO ESPECIALIZADO EM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA AMAZÔNIA

Maria Helena de Souza de VIlhena
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Pará
helenasouza.au@gmail.com

Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo
Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Professora da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Coordenadora do Laboratório de Neuroarquitetura- Labneurau
Universidade Federal do Pará
cibellyfigueiredo@ufpa.br

ABSTRACT

Specially designed therapeutic spaces provide sensory balance, offering unique elements beneficial to neurodivergent children. This research investigates how the built environment affects individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), highlighting the growing need for suitable spaces as early therapeutic interventions become more precise due to improved diagnostic criteria. The study aims to analyze the recently established Center for Autism Spectrum Disorder (CETEA) in Belém, Pará, Amazon region, a result of state government public policy. Using the Rapid Ethnographic Investigation Procedure (PIER), the research is based on evidence, literature review, and photographic survey, focusing on environmental perception of autistic users. After analysis the study confirms neuroarchitecture as a valuable tool for addressing architectural demands in clinical centers. The potential use of biophilia combined with neuroarchitecture in the Amazon is promising, given the strong cultural and historical connection to nature found at CETEA.

KEYWORDS: Neuroarchitecture. Autism Spectrum Disorder. CETEA. Amazon.

RESUMO

Espaços terapêuticos projetados para proporcionar equilíbrio sensorial são benéficos para crianças neurodivergentes. A pesquisa apresentada investiga o impacto do ambiente construído em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando a necessidade crescente de espaços adequados devido a diagnósticos mais precisos. O estudo analisa o Centro Especializado em Transtorno do Espectro Autista (CETEA) em Belém-PA, resultado de uma política pública estadual. Utilizando o Procedimento de Investigação Etnográfica Rápida (PIER), a pesquisa se baseia em estudos de neuroarquitetura, bibliografia e levantamento fotográfico para investigar a percepção ambiental nos usuários com TEA. A análise confirma a neuroarquitetura como ferramenta valiosa para centros clínicos. O uso potencial da biofilia na Amazônia é promissor, dado a conexão cultural e histórica com a natureza, desta forma, o CETEA é percebido como uma instituição que adapta eficazmente seus espaços aos usuários, promovendo acolhimento e desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Neuroarquitetura. Transtorno do Espectro Autista. CETEA. Amazônia.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme o Manual de Orientação para o Transtorno do Espectro Autista da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), apresenta alterações neurológicas que afetam a comunicação, interação social e resultam em comportamentos repetitivos. O TEA manifesta-se em diversos graus, afetando o desenvolvimento físico e intelectual e estando associado a deficiências motoras, sensoriais e sociais.

Dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças - CDC (2020) indicam um aumento nos casos de TEA, com uma prevalência de 1 em 36 crianças diagnosticadas, em comparação a 1 em 68 uma década antes. Isso enfatiza a importância do diagnóstico precoce para tratamentos eficazes e integração social, combatendo a segregação. Com conhecimento aprimorado e intervenções direcionadas, profissionais podem identificar e diagnosticar o TEA precocemente, possibilitando suporte oportuno e melhores resultados na redução de atrasos cognitivos e sociais. O DSM-V (2014) fornece critérios específicos para diagnosticar o TEA, mas barreiras como o diagnóstico tardio persistem, impedindo intervenções cruciais nos primeiros estágios da vida.

Cláudia Laureano (2017) destaca a influência do ambiente no tratamento do TEA, ressaltando a importância de espaços terapêuticos projetados para proporcionar equilíbrio sensorial. Elementos adaptados, como objetos giratórios, itens coloridos, texturas variadas e isolamento acústico, atendem às necessidades dos indivíduos autistas, reconhecendo suas percepções ambientais distintas.

A inclusão social por meio da arquitetura é essencial para a integração de crianças com TEA, para garantir direitos básicos garantidos por lei, como assegura o Estatuto da Criança e do Adolescente (2012). No entanto, apesar do crescente do movimento do TEA, há escassez de centros clínicos públicos adequados para atender as necessidades sensoriais de crianças autistas. Nesse sentido, a neuroarquitetura e a psicologia ambiental fornecem conceitos para um desenvolvimento inclusivo. A Amazônia, com sua riqueza natural, é propícia para pesquisas biofílicas que promovam bem-estar ao conectar pessoas com a natureza. O estudo aqui apresentado, baseado nos princípios da neuroarquitetura, analisa o Centro Especializados em Transtorno do Espectro Autista – CETEA, em Belém, Pará.

2. ARQUITETURA, PSICOLOGIA AMBIENTAL E O TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

Juhani Pallasmaa (2005) discute a percepção sensorial, enfatizando que a visão não é a única maneira de perceber o ambiente. Em “The Eyes of the Skin” (2005), defende uma experiência sensorial holística na arquitetura, incorporando tato, audição, olfato e paladar para criar espaços significativos. Isso contrasta com James Gibson (1966), que vê a percepção visual como a principal fonte de informação sensorial.

De acordo com Andréa Paiva e Márcia Galvão (2021), o processamento sensorial é crucial para a adaptação comportamental, envolvendo a captura, interpretação e resposta à informação. Discrepâncias impactam significativamente as reações dos indivíduos neurodivergentes, influenciando a socialização e a comunicação. Indivíduos com TEA podem apresentar hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos, complicando as interações. A propriocepção, nos músculos e articulações, é afetada, causando desafios em atividades motoras finas e movimentos corporais focados (Dawson e Watling, 2000).

A Neuroarquitetura, definida pela Academia de Neurociência para Arquitetura - ANFA, é um campo interdisciplinar que aplica a neurociência ao ambiente construído. Ela observa a interação do cérebro com os espaços, considerando estímulos e percepções individuais. Dados de estudos que mesclam neurociência e arquitetura informam decisões de design precisas, promovendo o bem-estar de usuários neurodivergentes.

Pelos olhos da psicologia ambiental, um conceito que se mostra muito relevante para o entendimento da relação pessoa-ambiente é o *wayfinding* ou navegabilidade, que trata da capacidade de localizar e se locomover dentro de um espaço, segundo Gleice Elali e José Pinheiro (2018). Os autores apresentam o *wayfinding*, citando Raubal, como "o percurso proposital, dirigido e motivado desde a origem até a destinação final, que inicialmente está oculta da pessoa que faz o percurso, em constante interação com o ambiente em questão". Em paralelo, trazem o termo "legibilidade ambiental, criado por Kevin Lynch (2011/1960), o qual se refere ao conjunto de características do ambiente que auxiliam as pessoas elaborarem um esquema mental dele.

A função do arquiteto e do designer está diretamente ligada aos dois termos, pois Elali e Pinheiro (2018) afirmam que os elementos do espaço construídos devem ser facilmente reconhecidos; apoiar/fortalecer outros elementos que auxiliam a movimentação das pessoas; fornecer informações precisas e consistentes sobre o ambiente, sua disposição e características, entre outros. Aspectos que devem ser antecipados durante o processo de projeto, já pensando no bem-estar do usuário final. O *wayfinding*, como ressaltam os pesquisadores, está sendo amplamente pesquisado com foco em grupos que são socialmente mais vulneráveis às falhas do ambiente e têm dificuldade para ler e tomar decisões a partir das informações que o ambiente fornece, como crianças, idosos e pessoas com deficiência.

Segundo Magda Mostafa (2018), pioneira no estudo que liga a arquitetura ao Transtorno do Espectro Autista, um projeto acessível a indivíduos neurodivergentes deve ser guiado por sete aspectos fundamentais, cuja presença deve ser bem abordada no ambiente construído. A pesquisadora nomeia esses parâmetros como o índice de design Autism ASPECTSS™, que compreende os seguintes elementos: acústica, sequência espacial, escape, compartimentação, transição, zona sensorial e segurança, sendo alguns comentados.

O segundo critério de Mostafa (2018), sequência espacial, aborda a necessidade de rotina e previsibilidade em indivíduos autistas. Isso envolve organizar logicamente os ambientes para permitir um fluxo natural, minimizando discrepâncias e distrações. Essa organização espacial promove independência e segurança, fomentando equilíbrio emocional e sensorial para indivíduos neurodivergentes que prosperam na ordem.

Em alinhamento com essa perspectiva, Paiva (2020) destaca o desafio que crianças mais jovens enfrentam na navegação espacial devido a habilidades de integração subdesenvolvidas. Projetar para elas envolve incorporar pistas sensoriais como cores vibrantes, formas, desenhos e esculturas de personagens infantis para auxiliar na navegação e otimizar a utilização do espaço.

O terceiro critério de Mostafa (2018), espaços de escape, foca na criação de áreas de descanso para indivíduos autistas se retirarem de estímulos avassaladores. Esses espaços, demonstrados como tendo efeitos positivos em ambientes de aprendizado, devem oferecer estimulação sensorial mínima. Isso se alinha ao conceito de "profusão" de Lori Crízel (2022), que envolve desacelerar o movimento para proporcionar uma pausa cognitiva, permitindo uma experiência espacial mais positiva. Essa técnica pode ser aplicada em ambientes de transição, um tópico a ser explorado posteriormente nesta pesquisa.

O sétimo critério, segurança, segundo Mostafa (2018), é vital para crianças neurodivergentes. Indivíduos com transtorno do espectro autista percebem o ambiente de maneira diferente, exigindo precauções na arquitetura e mobiliário. Bordas arredondadas e a ausência de pequenas partes removíveis ou cordas soltas são recomendadas para garantir segurança, independência e liberdade dos autistas, considerando sua maior taxa de mortalidade (Lee et al., 2008; Svend, 2013).

Trazendo para o âmbito amazônico, Maria Helena Vilhena e Cibelly Figueiredo (2023) definem diretrizes para projetar espaços clínicos para autistas, especialmente para o público infantil. Dentre as diretrizes destacamos sete. A primeira sugere que as edificações sejam de pavimento único, pois escadas e guarda-corpos podem ser obstáculos para a autonomia de neurodivergentes, devido à possível alteração de equilíbrio e percepção espacial, tornando difícil, perigoso ou assustador para um indivíduo autista.

Outra diretriz importante de Vilhena e Figueiredo (2023) refere-se ao uso de cores na edificação. Deve-se evitar o excesso de cores, pois os usuários podem ser muito sensíveis a estímulos e facilmente sobrecarregados sensorialmente. No entanto, um espaço totalmente acromático também não é ideal, o correto é usar cores de forma inteligente e pontual para estimular os sentidos de maneira positiva, promovendo criatividade, concentração e relaxamento.

As autoras também orientam sobre as configurações das salas de terapia. Devido à diversidade do espectro autista, é essencial ter salas de diferentes tamanhos e níveis de estímulos, para atender a uma ampla gama de usuários. Sobre o mobiliário, Vilhena e Figueiredo (2023) recomendam móveis de armazenamento, para guardar recursos pedagógicos fora da visão dos usuários, pois distraem facilmente, prejudicando o atendimento.

Outra diretriz relevante para o bem-estar de neurodivergentes é a inclusão de marcos visuais na edificação. Isso envolve a distribuição de cores, formas ou figuras que ajudam o indivíduo autista a se localizar, considerando que o autismo frequentemente coexiste com TDAH, dificultando a atenção e o entendimento de orientações verbais ou escritas, especialmente na infância.

Uma diretriz destaca espaços abertos externos como ferramentas para incentivar a interação com a natureza, fomentar a curiosidade e atividades exploratórias sob supervisão profissional. Adotar a biofilia, que promove o bem-estar com elementos naturais, é apoiado por especialistas em autismo, permitindo a introdução de novos cheiros e texturas. Na Amazônia, essa conexão com a natureza é intrínseca à identidade da região.

A última diretriz discute aberturas nos ambientes. Elas proporcionam conforto e vistas externas, melhorando a terapia com vegetação e obras de arte. Porém, devido ao impacto na concentração, é crucial poder bloquear a vista. As aberturas servem para entrada de luz natural, mas a necessidade de luz varia. Controlar a entrada de luz é ideal, fazendo janelas com elementos para bloquear ou reduzir a luz mais adequadas. Janelas também promovem conforto e disposição, impactando o ritmo circadiano.

3. CETEA – CENTRO ESPECIALIZADO EM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A instituição escolhida para ser analisada nessa pesquisa é o Centro Especializado em Transtorno do Espectro Autista, ou CETEA, localizado na Batista campos, bairro de Belém/PA. Segundo informa a página do governo do estado do Pará, com capacidade de atender 300 pessoas, o CETEA é uma instituição que visa o atendimento de pessoas com autismo de todas as idades a partir de 1 ano e 6 meses, e também abriga o Laboratório de Formação em Práticas com Evidências Cientificas para o Autismo, pioneiro no país, parte das estratégias que visa a implementação de políticas públicas para capacitar profissionais e conseguir levar o atendimento para mais regiões do estado, ações visadas pela lei nº 9.061/2020, que concerne à Política Estadual de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Peptea).

A partir de uma visita técnica realizada em dezembro de 2023 no CETEA, guiada por uma funcionária e pelo engenheiro civil do Estado, a clínica ainda estava em treinamento dos profissionais, com atendimento aos usuários marcado para

ser iniciado no começo de 2024. Nessa pesquisa foi aplicada a metodologia de Procedimentos de Investigação Etnográfica Rápida – PIER, uma vez que o nosso acesso a instituição era único e com tempo limitado. Renata de Godoy (2014, p. 19) descreve essa metodologia como "a aplicação de métodos de levantamento de dados rápidos utilizando fontes diversas a fim de garantir a idoneidade dos resultados".

Sob a ótica de aferirmos às espacialidades visitadas, a partir da memória e percepção, dimensões sensíveis ao contanto com a construção subjetiva do Lugar (Tuan, 1983; Heidegger, 2001; Duarte, 2013), os métodos utilizados foram o levantamento fotográfico, entrevistas individuais, mapeamento de uso e observação direta do ambiente, para que o entendimento da edificação, além de seu caráter construtivo, de sua forma e de sua função, margeado com aspirações em saber mais sobre as pessoas e suas relações com as coisas. Martin Heidegger (2001) afirma que a maneira pela qual nos relacionamos com tudo que nos cerca se altera quando destacamos que a dimensão humana sobrepõe a materialidade construtiva, criando perspectivas de se construir conhecimento acerca de nossa existência relacional com o mundo que nos cerca.

Yi-Fu Tuan (1983) e Cristiane Duarte (2013) demonstram que a intricada natureza dessa vivência proporciona um aprendizado que perpassa por todos os órgãos sensoriais, pela intensidade e pelo tempo aos quais nos expomos à esta vivência. O caráter assumido pela presença corpórea construindo sentidos a partir das experiências humanas, proporciona a transformação do espaço em Lugar a partir da sua ordenação e entendimento. Porém, como o CETEA ainda não estava em funcionamento, a análise dos ambientes a partir da vivência dos indivíduos ficou, nesse momento, restrita aos aspectos técnicos aliados aos preceitos cogntivos.

Na análise dos ambientes, começando pelas áreas de uso comum e circulações, a sala de espera da instituição é mais neutra em estímulos, mas espaçosa, bem iluminada e com aberturas para a área externa, assim como as áreas de circulação. Isso evita ambientes estéreis, enclausurados e impessoais. A sala de espera é destinada principalmente aos funcionários, pais e/ou acompanhantes dos neurodivergentes, não exigindo tantos estímulos como os demais ambientes.

Importante destacar a presença de escada e de uma área com peitoril baixo. Segundo Mostafa (2018), Vilhena e Figueiredo (2023), o ideal é que a edificação promova a autonomia do usuário autista. Muitos autistas têm comorbidades que limitam a mobilidade e controle dos movimentos corporais, e alguns são agitados e impulsivos. Assim, esses elementos, apesar do elevador, limitam a circulação livre e oferecem risco. Entretanto, durante a visita, foi informado que no pavimento superior foram priorizadas as salas destinadas a funcionários e aos usuários com faixa etária maior, para diminuir o risco à integridade física dos pacientes.

A relação individual com a materialidade, emanadas da necessária experiência participante, proporciona uma atividade reflexiva complexa, na qual se entrelaçam

valores de ordem social, com diferentes perspectivas metodológicas e teóricas. Nos ambientes externos (Figura 1) é possível verificar que são espaços que atendem várias diretrizes citadas no capítulo anterior, visto que se pode identificar fortemente a aplicação de conceitos da biofilia, através de elementos que remetem à natureza, como a vegetação e o piso texturizado no jardim sensorial, a horta, a arte nas paredes que possuem formas de plantas e traçados orgânicos. Elementos essenciais para despertar a curiosidade, desenvolver sentidos que envolvem cheiros e texturas e para praticar atividades que demandam espaços maiores.

Figura 1. Ambientes externos
Fonte: Autoral (2023).

A instituição possui salas de terapia (Figuras 2) de diferentes dimensões para atender variadas quantidades e idades de usuários, e para desenvolver diversas atividades. Pois o CETEA oferece serviços como terapia ocupacional, psicologia, fonoaudiologia, arte, musicoterapia e pedagogia, além de incentivar a pesquisa e capacitação, destacando-se ambientes como sala de reunião, auditórios e salas-espelho.

A ocorrência de um processo de comunicação entre as pessoas responsáveis pelo projeto e os usuários finais, aqui representados pelos pacientes, funcionários e profissionais da saúde, é fator preponderante na (tras)formação do espaço em Lugar e não simplesmente a execução de processos mecânicos gerados por alocações de novas disposições espaciais inerentes à constituição do cenário perceptivo. Experiências de recebimento, processamento e transmissão de mensagens sociais são vividas por meio da passagem e permanência, dentro de significações compartilhas pelos indivíduos.

Dessa forma, a necessidade de configurações variadas de salas é essencial, como mencionado por Mostafa (2018) e Vilhena e Figueiredo (2023), devido ao amplo espectro do autismo. O centro especializado atende bem essa demanda, separando

salas para bebês, crianças e adultos. Mesmo as salas menores são espaçosas, com boa iluminação artificial e natural e aberturas para o espaço externo.

Figura 2. Salas de terapia
Fonte: Autoral (2023).

Uma característica notável nas salas é que todas têm paredes brancas, sem estímulos, o que vai contra as diretrizes anteriores. No entanto, isso é para garantir que a atenção dos usuários esteja na atividade desenvolvida, com a possibilidade de os profissionais introduzirem estímulos conforme necessário, usando recursos pedagógicos ou mobiliário colorido.

Pertinente ressaltar que as salas de terapia possuem zonas de escape para que os pacientes possam se regular, conforme o conceito de espaço de escape de Mostafa (2018), visando ao equilíbrio sensorial. Para casos extremos, há box individuais para isolamento completo. Além disso, há armários para guardar recursos fora do alcance dos pacientes, evitando distrações e ajudando na concentração, conforme destacado por Vilhena e Figueiredo (2023) em suas diretrizes de mobiliário.

Pelo fato do CETEA abriga o Laboratório de Formação em Práticas com Evidências Cientificas para o Autismo, a instituição oferece – além das terapias - serviços de capacitação e incentivo ao ensino e à pesquisa. Então, vai ser possível encontrar salas que não são tão comuns em outros centros clínicos (Figura 3), como salas espelho (permitem ver e ouvir o que acontece nas salas de terapia, sem que o inverso seja verdadeiro), salas de aula, salas multiuso (disponível para diferentes tipos de reuniões e eventos), salas de confecções de recursos terapêuticos, sala destinada ao empreendedorismo inclusivo, biblioteca, consultório e sala de atendimento ambulatorial.

Figura 3. Demais salas
Fonte: Autoral (2023).

Seguindo a mesma lógica das áreas de uso comum e circulações, essas demais salas tem configurações e móveis com características mais adultas, por serem destinadas ao uso exclusivo dos profissionais, não são salas que os pacientes vão frequentar por longos períodos. Um ponto importante a se comentar é que muitas dessas salas ficam no segundo pavimento, dando prioridade, no primeiro pavimento, para os espaços que serão destinados a terapia de bebês e crianças, aspecto presente nas diretrizes de Vilhena (2023) e nos aspectos de Mostafa (2018) referentes a segurança do indivíduo autista

Outro fator que se estende para esses ambientes, mesmo que não sejam destinados para neurodivergentes, e que se encaixam nas diretrizes e guias citadas no capítulo teórico é a questão da iluminação e ventilação artificial e natural, o conforto ambiental é muito bem trabalhado na instituição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a falta de ambientes adaptados e pensados para atender neurodivergentes, o presente artigo visa incentivar a inclusão social por meio da arquitetura, através de ambientes que sejam acolhedores a todos os usuários, neuroatípicos e neurotípicos, buscando o bem-estar e qualidade de vida de todos que compõem a sociedade.

Para alcançar tais objetivos o artigo analisa o ambiente construído do Centro Especializado em Transtorno do Espectro Autista – CETEA com base em conceitos da neuroarquitetura, envolvendo conceitos tangentes como o da biofilia, utilizando a metodologia PIER, característica de pesquisas com tempo e recursos limitados, ideal para a pesquisa atual. A partir das análises feitas durante o desenvolvimento foi possível observar que a instituição é um espaço que se preocupa com o bem-estar do usuário e foi pensada de forma que o ambiente auxilia ativamente o desenvolvimento do indivíduo com autismo.

Encontra-se aplicados nos espaços conceitos da neuroarquitetura, biofilia, psicologia ambiental e soluções que cumprem o que diz Mostafa (2018), Vilhena e Figueiredo (2023). Dessa forma o CETEA consiste em um ambiente pronto para atender e acolher os seus usuários de forma muito humana através da adaptação dos espaços. Contudo, a potencialidade de aspectos fenomenológicos aviltados pela presença corpórea no lugar e o significado que representa aos grupos que frequentarão o CETEA, sobrepõe algo inteligível para um observador distraído. Para este fato ser evitado e a fim de um entendimento no âmbito imaterial, serão necessárias várias incursões, em dias e horários diferenciados para perceber o constante movimento de adaptação entre as pessoas e o espaço material.

Destarte, ao unir inclusão social e arquitetura, a pesquisa colabora com todo um movimento maior de conscientização, esclarecimento e mudança de comportamento para com os transtornos neurológicos no âmbito amazônico, começando no espaço acadêmico, mas com intenção de ser levado para toda a comunidade, e assim alcançar diversos grupos sociais.

5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a ajuda de custo proporcionada pela CAPES à Autora 1 e ao Programa Institucional de Apoio à Produção Acadêmica-PIAPA Eventos Nacionais, concedido à Autora.

6. BIBLIOGRAFIA

Associação Americana de Psiquiatria. (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V. *https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf*

Câmara dos Deputados. (2012). Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata (9ª ed.). Brasília: Edições Câmara.

Cavalcante, S., & Elali, G. A. (2018). *Wayfinding*. Em S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente (pp. 250-260). Petrópolis: Vozes.

Centers for Disease Control and Prevention. (n.d.). Data and Statistics on Autism Spectrum Disorder. *https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html*

Centro Especializado em Atendimento do Autismo já está com cerca 75% das obras concluídas – SESPA. (2023). *http://www.saude.pa.gov.br/centro-especializado-em-atendimento-do-autismo-ja-esta-com-cerca-75-das-obras-concluidas/*

Crízel, L. (2022). Neuro | Arquitetura | Design: Pressupostos da neurociência para a Arquitetura e a Teoria Einfühlung como proposta para práticas projetuais. Produção independente.

Dawson, G., & Watling, R. (2000). Interventions to facilitate auditory, visual, and motor integration in autism: A review of the evidence. Journal of Autism and Developmental Disorders, 30(5), 415-421.

Duarte, C. R. S. (2013). *Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço*. Disponível em https://lasc.fau.ufrj.br/artigos/219/ambiencia-por-uma-ciencia-do-olhar-sensivel-no-espaco. Acesso em 3 ago. 2024.

Gibson, J. J. (1966). The senses considered as perceptual systems. Boston: Houghton Mifflin.

Godoy, R. de. (2014). Arqueologia e o público em sítios históricos: uma reflexão. Habitus, 12(1), 9-22.

Heidegger, M. (2001). Construir, habitar, pensar. In M. Heidegger (Ed.), *Ensaios e conferências* (E. Carneiro Leão, Trad., pp. 125-142, 8ª ed.). Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.

Laureano, C. de J. B. (2017). Recomendações projetuais para ambientes com atendimento de terapia sensorial direcionados a crianças com autismo (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

Mostafa, M. (2018). Designing for Autism: An Aspectss™ Post-Occupancy Evaluation Of Learning Environments. Archnet-IJAR, 12(3), 308-326. http://dx.doi.org/10.26687/archnet-ijar.v12i3.1589

Mouridsen, S. E. (2013). Mortality and factors associated with death in autism spectrum disorders - A review. American Journal of Autism, 1, 17-25. http://dx.doi.org/10.7726/aja.2013.1002

Paiva, A. (2020). Ambientes para Crianças: o que a NeuroArquitetura pode nos ensinar. Neuroau.com. https://www.neuroau.com/post/ambientes-para-crian%C3%A7as-e-a-neuroarquitetura

Paiva, A., & Galvão, M. (2021). Neurodiversidade e Acessibilidade: insights da NeuroArquitetura. NeuroAU. https://www.neuroau.com/post/neurodiversidade-e-acessibilidade-insights-da-neuroarquitetura

Pallasmaa, J. (2005). The Eyes of the Skin: Architecture and Senses (2ª ed.). Inglaterra: Wiley Academy.

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). Manual de Orientação do Transtorno do Espectro Autista. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf

Tuan, Y. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (L. de Oliveira, Trad.). São Paulo: DIFEL.

Vilhena, M. H. de S. de, & Figueiredo, C. (2023). Neuroarchitecture: Clinical center in Amazon and the development of children with Autism Spectrum Disorder – ASD. https://anfarch.s3.us-west-1.amazonaws.com/uploads/events/presentation-info-form/files/2023-08-21/Neuroarchitecture-clinical-center-in-Amazon-and-the-development-of-children-with-Autistic-Spectrum-Disorder%E2%80%93ASD.pdf

R39

FEIRA DO LAVRADIO: A GATHERING OF CULTURES AND TRADITIONS THAT TRANSFORM THE URBAN SPACE

FEIRA DO LAVRADIO: UM ENCONTRO DE CULTURAS E TRADIÇÕES QUE TRANSFORMAM O ESPAÇO URBANO

Ana Carolina Cruz Morais Aguiar
Mestranda
Universidade Federal Fluminense
accmaguiar@id.uff.br

Cristiane Calzavara Machado
Doutoranda
Universidade Federal Fluminense
cristianecalzavara@id.uff.br

Gabriella Bertero Soto
Mestranda
Universidade Federal Fluminense
gsoto@id.uff.br

ABSTRACT

The Feira do Lavradio, is a fair located in the downtown area of Rio de Janeiro, has been recognized as an intangible cultural heritage of the city since 2021. The spaces of the fairs go beyond simply being commercial places, they play a role in the life of the cities by promoting the economy, cultural diversity, social interaction, and both collective and individual appropriations. This work aims to characterize the fair in an exploratory manner and to identify the different socio-spatial relationships present in the territory. Based on the spatial framework, the forms of appropriation by visitors and vendors were recorded, focusing on the variety of antiques, handicrafts and local art. It is concluded that the fair promotes and strengthens the tradition and preservation of goods and affective memories, enhancing the participants' sense of belonging.

KEYWORDS: public space. environmental perception. social-spatial dynamics. urban appropriation. Feira do Lavradio - Rio de Janeiro

RESUMO

A Feira do Lavradio, no Centro do Rio de Janeiro, é reconhecida como patrimônio imaterial da cidade desde 2021. Os espaços das feiras vão além do que simplesmente locais de comércio, elas desempenham um papel na vida das cidades, promovendo economia, diversidade cultural, interação social e apropriações coletivas e individuais. Este trabalho tem como objetivo caracterizar de forma exploratória a Feira do Lavradio e identificar as diferentes relações socioespaciais presentes no território. Baseado no recorte espacial foram registradas as formas de apropriação dos visitantes e feirantes a partir da variedade de antiguidades, artesanatos e arte local. Conclui-se que a Feira do Lavradio promove e fortalece a tradição e preservação de bens e memórias afetivas, ampliando o senso de pertencimento dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: espaço público. percepção ambiental. dinâmicas socioespaciais. apropriação urbana. Feira do Lavradio - Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

As feiras são responsáveis por transformar os ritmos e vivências das ruas, podendo gerar experiências positivas e negativas em seus visitantes. Além de fortalecer a economia local, todos esses fatores são importantes para a dinâmica social, proporcionando memórias e afetos na população. As feiras criam oportunidades de interação social, valorizam a cultura local e incentivam o comércio de produtos artesanais, contribuindo para uma maior coesão comunitária e enriquecendo a vida urbana.

No Brasil, as feiras acontecem desde o período colonial, funcionando como um importante meio de geração de renda para as populações rurais e promovendo o comércio e a dinâmica urbana. Além de impulsionar o crescimento no setor de alimentação, as feiras também enriquecem a cultura local por meio de diversas manifestações culturais (Araújo e Ribeiro, 2018). Elas servem como espaços de socialização, onde tradições são preservadas e transmitidas, e onde a diversidade cultural se expressa através de música, dança, artesanato e gastronomia, fortalecendo a identidade comunitária e regional.

Na cidade do Rio de Janeiro, a Feira do Lavradio, realizada todos os sábados do mês no bairro da Lapa, é um dos eventos mais tradicionais da cidade. Conhecida por sua atmosfera vibrante e eclética, a feira atrai turistas e moradores locais que buscam uma experiência cultural autêntica. Com uma vasta seleção de antiguidades, artesanato, livros e obras de arte, a Feira do Lavradio não apenas promove a economia criativa local, mas também celebra a rica história e diversidade cultural da região. Além das compras, os visitantes podem desfrutar de apresentações musicais ao vivo, e uma oportunidade única de explorar as ruas históricas do bairro da Lapa, tornando a feira um ponto de encontro obrigatório para quem deseja vivenciar a essência do Rio de Janeiro.

Portanto, este trabalho tem como objetivo caracterizar de forma exploratória a Feira do Lavradio e identificar as diferentes relações socioespaciais presentes no território da cidade do Rio de Janeiro - RJ, partindo da percepção ambiental do espaço.

2. A FEIRA DO LAVRADIO

A Feira do Lavradio localizada na rua de mesmo nome, iniciou suas atividades no ano de 1996, por iniciativa da Associação de Comerciantes do Centro do Rio Antigo, com o objetivo de fortalecer a economia local e a cultura da rua e do bairro da Lapa. A rua foi escolhida para intensificar o comércio que já acontecia no local, como antiquários, chaveiros, discos de vinil, colecionadores, entre outros. Apesar de popularmente chamada e conhecida como Feira do Lavradio, inicialmente a feira se chamava Feira das Antiguidades e, logo depois, Feira do Rio Antigo (de Oliveira Rosa, 2018). Na Figura 1 podemos observar a organização da feira.

Figura 1. Feira do Lavradio
Fonte: autoras (2024).

Além do comércio de roupas, antiguidades, livros e artesanato de todos os estilos e gostos, a feira conta com a presença de música ao vivo, que faz parte da sua dinâmica. Por exemplo, o grupo Baque Mulher RJ, antes da pandemia em 2020, realizava apresentações mensais, se apresentando em meio às barracas, expositores e visitantes. Essas apresentações enriquecem a experiência dos frequentadores, trazendo mais vida e energia ao ambiente, além de destacar a importância da cultura local e promover a interação entre artistas e o público (de Souza, 2020).

A feira se mostra como um espaço democrático para os expositores, que através de pagamento da taxa junto à organização podem usufruir do espaço para venda e exposição de seus produtos, e para os visitantes, acolhendo todo tipo de público, com diversas faixas etárias, origens e objetivos de visita a feira, contando com a variedade de produtos, restaurantes e ambiências.

Além disso, a feira muda completamente a paisagem urbana na Rua do Lavradio, no Centro do Rio de Janeiro (figura 2). Nos dias em que ela não acontece, a rua se mostra com características semelhantes às demais ruas do Centro, com circulação de veículos e percurso de pedestres que utilizam a rua mais como caminho do que destino final.

Figura 2. Rua do Lavradio.
Fonte: google street view (2022).

As diversas edificações fechadas na rua são fatores que contribuem para o esvaziamento da e sensação de menos segurança nesta rua nos dias que a feira não acontece. De acordo com Jacobs (2000), o principal atributo para um meio urbano saudável é a sensação de segurança e proteção nas ruas dos pedestres, mesmo em meio a tantos desconhecidos. A autora destaca também a importância da presença dos "olhos da rua", destacando a vigilância natural de rua pelos moradores das edificações em seu entorno e até mesmo dos próprios transeuntes, desta forma, pode-se observar que as edificações vazias não permitem essa conexão com a vida urbana na rua.

A partir então do entendimento de dois tipos de paisagens urbanas diferentes, uma aos sábados, em dia de feira, e outra em dias que esta não acontece, que se desenvolverá a metodologia deste artigo, explorando as dinâmicas socioespaciais que acontecem na Feira do Lavradio.

3. METODOLOGIA

A feira do Lavradio foi escolhida devido à sua importância histórica e cultural, representando um significativo local de identidade local no bairro do Centro, Rio de Janeiro. Além disso, a feira se destaca como um ponto turístico para turistas/visitantes e uma importante área para os comerciantes da cidade. Neste sentido, baseado no recorte espacial foram registradas as formas de apropriação, a compreensão das dinâmicas espaciais e das percepções identificadas por meio de análise empírica e através de entrevistas semiestruturadas com os usuários.

Para este estudo, foi escolhido o primeiro sábado do mês de junho, no dia 08/06/2024, entre 10:00 e 14:00. Na Figura 2, observa-se um registro da feira neste dia. A análise focou na percepção e no registro das atividades do ambiente. Essa abordagem permitiu documentar de forma empírica e abrangente as atividades, interações e percepções durante esse período.

Figura 3. Registro da feira do dia de análise.
Fonte: autoras (2024).

A seguir, serão apresentados os resultados do estudo, bem como as entrevistas realizadas com os expositores e visitantes. Os resultados incluirão uma análise das percepções, atividades e interações observadas durante o período de estudo. As entrevistas forneceram informações sobre as experiências dos participantes, destacando a importância da feira na promoção da cultura, comércio e interação social. Além disso, serão discutidas as formas de apropriação do espaço público e o impacto da Feira do Lavradio, contribuindo para um maior senso de pertencimento e vitalidade urbana.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De forma geral, os entrevistados expositores comentam que é um local muito agradável de expor seus trabalhos, que mesmo que caso as vendas não sejam fortes, a troca com os visitantes, um bate papo, um elogio ao trabalho faz valer a pena estar ali, é diverso em termos de público e permite essa proximidade entre vendedores/artesãos e os compradores/visitantes. Outro ponto levantado pelos expositores foi a segurança particular nos limites da feira, que traz também segurança para eles. Os entrevistados visitantes comentam sobre ser um lugar relaxante, bem localizado por

ser na parte central e se tornar uma rota entre atrações na cidade, tranquilo ao ponto de parecer que está no interior e não numa metrópole, acolhedor, diversificado e bonito se referindo as fachadas dos prédios antigos que compõe a rua.

Apesar dos comentários sobre a feira serem em sua maioria positivos, todas essas sensações se mantém no local da feira, "em questão de segurança dentro da feira é super seguro, tem os seguranças aqui e eles monitoram, mas assim, atravessou a rua, acabou, a gente já literalmente foi assaltado aqui na esquina saindo da feira, então o entorno aqui ainda é bem complicado" alegou a artesã e expositora Thais. Uma visitante também levantou o tópico de segurança nos arredores como inibidor para ela ir à feira sozinha, ela afirmou que adora estar lá, mas só vai acompanhada por medo do trajeto entre o ponto de ônibus e a feira, tanto para chegar quanto para sair. Um outro artesão comentou também sobre a necessidade de suporte da prefeitura para garantir a segurança no entorno, enfatizando ainda mais a insegurança de acessar a região da feira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a visita, ao ouvir os entrevistados e também avaliar a percepção individual das autoras, foi possível perceber que a Feira do Lavradio trás ao local uma dinâmica urbana enriquecedora e importante para cidades saudáveis e seguras. Além da segurança particular realizada pela organização da feira, a presença e circulação ininterrupta de pessoas no local cria na rua uma sensação acolhedora, de apropriação do espaço urbano para os frequentadores e também expositores.

A percepção ambiental é um termo que pode ser definido de forma variada, de acordo com os mais diversos autores, através de vieses culturais, sociais, ecológicos, entre outros. Mas, o que se entende a partir de De Rio e Oliveira (1996), é que a percepção ambiental está relacionada à visão de mundo individual e também carregada por uma experiência de vida particular, que vai determinar a sensação das pessoas em determinado local.

Dessa forma, através das entrevistas, buscou-se entender a percepção individual e também coletiva dos frequentadores e expositores na feira, e o que se pode perceber é que a dinâmica socioespacial de apropriação urbana criada oferece características ao local e o transforma em um ambiente saudável, seguro, acolhedor e convidativo às pessoas. Essas características se concentram restritamente na Rua do Lavradio, diferente das ruas adjacentes do entorno, que de acordo com a percepção dos entrevistados e das autoras, trazem a sensação de insegurança e desconforto para caminhar nesses locais.

A Feira do Lavradio transforma a rua em um lugar com atributos que mudam as dinâmicas socioespaciais e são fundamentais para criação de cidades mais saudáveis, vivas, seguras e acolhedoras. Este entendimento destaca a importância

do planejamento urbano para além da grande escala, mas que contemple também a escala humana, que é definida por Gehl (2013) por aquela percebida pelos que caminham nas cidades, ressaltando a importância das ruas e calçadas no espaço das cidades como elementos capazes de proporcionar a convivência em sociedade, garantindo o direito de usufruir e apropriar-se do espaço urbano.

6. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Araujo, A. M., & Ribeiro, E. M. (2018). Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. Estudos Sociedade e Agricultura.

de Oliveira Rosa, L. (2018). "Eu fui à Lapa e [não] perdi a viagem": o lazer na dinâmica da Feira do Lavradio.

de Souza, L. L. (2020). "BATER TAMBORES TAMBÉM É REIVINDICAR!": REFLEXÕES GEOGRÁFICAS SOBRE O SENTIDO POLÍTICO DAS PERFORMANCES NO CIRCUITO CARIOCA DE MARACATU. Revista Litteris-n.

Del Rio, V., Oliveira, L. (1996). Percepção ambiental, a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel.

Gehl, J. (2013). Cidade para pessoas. São Paulo, Perspectiva.

Jacobs, J. (2020). Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes.

R30

NEUROURBANISM INTEGRATED WITH LOST NATURE IN THE CONTEMPORARY CITY: UNCLOSING THE POTENTIAL OF BIOPHILIC DESIGN IN THE SQUARES OF THE CITY OF FORTALEZA (CE) THROUGH THE DECADE OF HEALTHY AGING

NEUROURBANISMO INTEGRADO À NATUREZA PERDIDA NA CIDADE CONTEMPORÂNEA: DESVENDANDO O POTENCIAL DO DESIGN BIOFÍLICO NAS PRAÇAS DA CIDADE DE FORTALEZA (CE) MEDIANTE À DÉCADA DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

Ciro Férrer Herbster Albuquerque
Arquiteto e Urbanista, Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Design,
Programa de Pós-Graduação de
Arquitetura, Urbanismo e Design (PPGAU+D)
Universidade Federal do Ceará (UFC)
ciro.ferrer@hotmail.com

Zilsa Maria Pinto Santiago
Arquiteta e Urbanista, Doutora em Educação e docente do Programa de
Pós-Graduação de Arquitetura,
Urbanismo e Design (PPGAU+D)
Universidade Federal do Ceará (UFC)
zilsa@arquitetura.ufc.br

ABSTRACT

According to UN-Habitat and the World Health Organization, it is estimated that by 2050, 68% of the world's population will live in urban areas, with 22% being 60 years of age or older. Neurourbanism, an interdisciplinary field, studies how urban environments affect the brain and human behavior, integrating knowledge from neuroscience, psychology, urbanism and architecture to understand the interactions between the built environment and cognitive, emotional and social functions. Following the literature review method on neurourbanism, biophilic design and environmental gerontology applied to the analysis of urban ambience, the objective is to investigate the main urban factors that influence healthy aging in three squares in the city of Fortaleza (CE), considering the potential for integration of natural elements in open spaces to promote people's physical, emotional, and social well-being. It is concluded that these spaces can become true centers of well-being and intergenerational coexistence, benefiting not only the elderly, but the entire community.

KEYWORDS: city. urban planning. biophilic design. healthy aging. neuroscience.

RESUMO

Conforme a ONU-Habitat e a Organização Mundial da Saúde, estima-se que até 2050, 68% da população mundial residirá em áreas urbanas, sendo que 22% terá 60 anos ou mais. O neurourbanismo, campo interdisciplinar, estuda como os ambientes urbanos afetam o cérebro e o comportamento humano, integrando conhecimentos de neurociência, psicologia, urbanismo e arquitetura para compreender as interações entre ambiente construído e funções cognitivas, emocionais e sociais. Seguindo o método de revisão de literatura sobre neurourbanismo, *design* biofílico e gerontologia ambiental aplicada à análise da ambiência urbana, objetiva-se investigar os principais fatores urbanos que influenciam o envelhecimento saudável em três praças na cidade de Fortaleza (CE), considerando o potencial de integração dos elementos naturais nos espaços livres para promover o bem-estar físico, emocional, e social das pessoas. Conclui-se que esses espaços podem se tornar verdadeiros centros de bem-estar e convívio intergeracional, beneficiando não apenas os idosos, mas toda a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: cidade. planejamento urbano. *design* biofílico. envelhecimento saudável. neurociência.

1. INTRODUÇÃO

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2021, mais de 1 bilhão de pessoas foram consideradas idosas em todo o mundo, representando cerca de 13,5% da população global. Estima-se que até 2030, 1 em cada 6 pessoas terá 60 anos ou mais, e em 2050, a população idosa pode chegar a representar 22% da população

global. No Brasil, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, o número de pessoas com 60 anos de idade ou mais, representava 14,7% dos brasileiros, e, entre 2012 e 2021, o aumento foi de 39,8% nesta faixa populacional. Enquanto isso, o número de crianças e adolescentes de 0 a 14 declinou 18,4%, representando apenas 19,80% da população em 2022. Além disso, a expectativa de vida dos brasileiros segue aumentando. No início do século, a estimativa de vida era de 34 anos. Nos anos 2000, a média passou para até 70 anos, e, em 2060, estima-se que a expectativa de vida chegará aos 81 anos (IBGE, 2023). No entanto, ressalta-se que os anos de vida ganho não estão necessariamente vinculados à saúde e à qualidade de vida da população longeva. A prevalência de multimorbidade nos brasileiros com 50 anos ou mais é de 66,7%, conforme dados do ELSI-Brasil[1] (Nunes *et al.,* 2019).

A "Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030)", promovida pela OMS, visa transformar as atitudes sociais em relação ao envelhecimento, combater o idadismo e desenvolver ambientes acessíveis que favoreçam a independência e dignidade dos idosos. Esta iniciativa reforça a importância de sistemas de saúde integrados e centrados na pessoa, promovendo uma vida longa, produtiva e participativa para os idosos. As habilidades funcionais, que incluem mobilidade, atividades da vida diária (AVDs) e atividades instrumentais da vida diária (AIVDs), são essenciais para a autonomia, enquanto as capacidades intrínsecas, como capacidades físicas, cognitivas, sensoriais, emocionais e sociais, determinam a saúde e o bem-estar geral. O ambiente construído, abrangendo infraestrutura urbana, habitação, transporte e serviços comunitários, deve ser projetado para ser seguro, acessível e adaptável, facilitando a mobilidade e a inclusão social. A interseção dessas dimensões busca criar atmosferas urbanas responsivas ao envelhecimento saudável, promovendo a qualidade de vida através de abordagens integradas e baseadas em evidências científicas (OMS, 2020).

Aliada ao aumento da expectativa de vida, a urbanização está projetada para crescer em ritmo acelerado, conforme as perspectivas demográficas das Nações Unidas. Em 2021, 55% da população mundial residia em áreas urbanas, com uma projeção de 68% até 2050 (ONU, 2023). Isso implica que a maioria dos idosos viverá em ambientes urbanos, especialmente em países de baixa e média renda, como Brasil, África e países asiáticos. Estima-se que 79% da população da América Latina viva em grandes centros urbanos, onde cerca de 30% residem em condições de extrema pobreza e aproximadamente 1 em cada 4 pessoas vive em assentamentos informais. No Brasil, a desigualdade socioeconômica é acentuada, sendo o 14º país mais desigual do mundo, com alta concentração de renda entre diferentes grupos populacionais (ONU, 2023). A vida urbana, embora ofereça praticidades econômicas e sociopolíticas, pode acarretar desafios à saúde, como ansiedade, obesidade, isolamento, depressão e demência (Gehl, 2010). A complexidade dos componentes

1 O Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil) é conduzido em amostra nacionalmente representativa de adultos com 50 anos ou mais residentes na comunidade.

das cidades, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil, pode resultar em sobrecargas de estímulos externos, poluição olfativa, visual, sonora e respiratória, escassez de áreas verdes e natureza, estilo de vida sedentário e solidão, influenciando negativamente no envelhecimento saudável (Jacobs, 2011). A "Teoria de Campo" de Kurt Lewin, formulada na década de 1940, afirma que o comportamento humano depende do campo dinâmico atual e presente, caracterizado pelo espaço de vida que contém a pessoa e seu ambiente psicológico, resultando da interação entre a pessoa e o meio ambiente (Goleman, 2024).

Mediante a urbanização acelerada e desordenada, as áreas naturais tendem a reduzir, comprometendo o ecossistema, fauna e flora local e, consequentemente, a saúde humana (Kellert, 1998). Entre 1985 e 2022, o Brasil perdeu 15% de suas florestas naturais, com mais de 15% das áreas sobreviventes em propriedades privadas (MapBiomas, 2023). Idosos socialmente isolados, economicamente desfavorecidos, com deficiências cognitivas, físicas ou sensoriais, e vivendo em habitações inadequadas estão mal equipados para suportar ou se adaptar às mudanças climáticas decorrentes dos desbalanços ecológicos globais (Mazzone *et al.,* 2023). Neste contexto, o neurourbanismo surge como um campo interdisciplinar capaz de avaliar as influências biológicas, psicológicas e sociais durante o envelhecimento populacional, considerando a estrutura física da cidade e a emocionalidade nos fluxos individuais e coletivos (Adli *et al.*, 2017). Este campo combina princípios de psiquiatria, planejamento urbano, psicologia, neurociência, arquitetura, sociologia, filosofia e etnografia para explorar a relação entre ambientes urbanos, cérebro humano, cognição e saúde mental, estudando como o desenho urbano influencia o bem-estar dos habitantes. A convergência desses conhecimentos, aplicada ao ambiente construído, visa compreender como o espaço urbano pode afetar o cérebro a curto, médio e longo prazo, investigando elementos como percepção espacial, iluminação, qualidade do ar, temperatura e ruído sonoro. Objetiva-se, dessa forma, explorar como tais elementos influenciam diretamente a respostas cerebrais, especialmente a implementação de recursos do "*design* biofílico", visando orientar decisões de projeto em espaços públicos de lazer (Kumar et al., 2024).

1.1 Design Biofílico, Projeto Urbano e Natureza

A influência da natureza na saúde humana ocorre por meio de diversas vias sensoriais no projeto urbano. O *design* biofílico busca proporcionar o maior contato da população urbana com a natureza, direta ou indiretamente, considerando especificidades como a escala do projeto, clima, vegetação, topografia local, dados demográficos dos usuários e a cultura regional. Aspectos como qualidade do ar, atividade física, coesão social e redução do estresse são focos de pesquisa, destacando diferentes dimensões da natureza. Stephan Kellert e Elisabeth Calabrese enfatizam o engajamento sustentável, a responsabilidade com a biodiversidade local e as interações positivas entre pessoas e natureza, promovendo um envolvimento emocional com o entorno (Kellert & Calabrese, 2015). Estudos com Eletroencefalograma (EEG) demonstram que a atividade neural encontra-se em estado de relaxamento e contemplação

durante o contato com a natureza. A pesquisadora Olszewska-Guizzo e colaboradores propuseram o Contemplative Landscape Model (CLM), que relaciona a diminuição da agressividade no trânsito, melhorias na qualidade de vida, redução do risco de transtornos mentais e aumento da satisfação experiencial na paisagem urbana (Olszewska-Guizzo, Sia & Escoffier, 2023). Essas análises consolidam o conceito de "Cidade Biofílica", que integra sistematicamente características e elementos naturais nos ambientes urbanos, promovendo ambientes acolhedores e acessíveis, especialmente para a população idosa (Milliken *et al*., 2023).

Proposições do design biofílico centradas em intervenções mediadas pela neurociência podem mitigar sobrecargas sensoriais e estressoras da dinâmica urbana, proporcionando melhorias significativas às comunidades idosas a médio e longo prazo, como a implantação de áreas verdes, pavimentações permeáveis e elementos aquáticos em praças públicas (Olszewska-Guizzo *et al*., 2023). As Teorias do "Restauro da Atenção" e da "Redução do Estresse" têm se mostrado eficazes na promoção de hábitos saudáveis e na construção de resiliência ao envelhecimento humano (Kellert & Calabrese, 2015). Este estudo investiga intervenções no projeto urbano que envolvem elementos naturais, promovendo relacionamentos positivos na interação biopsicossocial entre os usuários de espaços livres e os componentes do projeto urbano (Kumar *et al*., 2024).

2. METODOLOGIA

Por meio de uma revisão bibliográfica interdisciplinar, a primeira etapa da pesquisa analisou artigos revisadas por pares entre os anos 2020 e 2024, contemplando temáticas de "design biofílico", "praças públicas", "neurociência", "ambiência", "gerontologia ambiental" e "intervenções urbanas". A revisão teve como objetivo avaliar qualitativamente as intervenções de *design* biofílico centradas em praças públicas da cidade capazes de promover o envelhecimento saudável mediante à estímulos sociais, físicos, cognitivos e sensoriais à população idosa, considerada uma das mais vulneráveis ao intenso processo de urbanização. As pesquisas foram norteadas pelos questionamentos: "De que forma a composição da atmosfera urbana mediada pelo *design* biofílico pode qualificar a experiência da pessoa idosa na cidade a fim de proporcionar a segurança biopsicossocial e, consequentemente, o envelhecimento saudável?". Dos estudos acadêmicos utilizados, mediante às buscas na plataforma Periódicos CAPES, podem ser enfatizados os de Bell *et al.* (2021), Duarte *et al.* (2023), Millike*n et al.* (2023), Olszewska-Guizzo, Sia e Escoffier (2023), Daniel Goleman (2024) e Kumar *et al.* (2024). Ademais, os estudos seminais de Kurt Lewin (1940), Lawton (1989), John P. Eberhard (2009), Wahl & Oswald (2010), Kellert e Calabrese (2015) e Adli *et al.* (2017) foram essenciais para a condução deste trabalho, a partir das contribuições da psicologia ecológica, gerontologia ambiental, *design* biofílico e neurociência aplicada ao ambiente construído. Para a segunda etapa, foi utilizado o método *walkthrough,* proposto por Kevin Lynch (1960), que envolve a observação direta do ambiente urbano através de passeios a pé pela

cidade. Durante esses passeios, os pesquisadores tomam notas detalhadas sobre suas experiências e percepções do espaço urbano, compreendendo de maneira mais adequada a dinâmica do ambiente explorado. Para a pesquisa, tal método foi aplicado em três praças da cidade de Fortaleza-CE, seguida da aplicação dos conhecimentos adquiridos com a revisão bibliográfica, que serão apresentadas posteriormente.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Conforme os pressupostos do *design* biofílico, os espaços verdes e azuis são componentes essenciais do ambiente para a vida terrestre, levando em consideração que mais de 99% da trajetória evolutiva da espécie humana esteve vinculada à natureza (Kellert; Calabrese, 2015). Os espaços verdes, como parques, pastagens, florestas, campos agrícolas e jardins, juntamente com os espaços azuis, que incluem lagos, rios e costas, podem proporcionar aos usuários diversos benefícios biopsicosociais. Os estudos analisados, como o de Bell *et al.* (2021), constataram que componentes naturais, incluindo árvores, lagos, lagoas, trechos de rio, gramíneas, arbustos e hortas em espaços verdes naturais e artificiais, podem reduzir fatores prejudiciais em cidades densamente urbanizadas, como poluição do ar, calor e ruído, qualificando a atmosfera urbana e, consequentemente, a saúde geral das pessoas a médio e longo prazo. Espaços verdes acessíveis, como parques urbanos, praças e equipamentos públicos interativos, oferecem áreas ao ar livre com vegetação para atividades físicas e encontros sociais, promovendo o estilo de vida ativo e saudável à população local, especialmente às pessoas idosas. Assim, diante aos pressupostos do neurourbanismo em conjunto ao *design* biofílico, foram evidenciados quatro tipologias de efeitos responsivos da natureza ao envelhecimento saudável na cidade de maneira sistêmica: i) Ambiental, ii) Biopsicossocial, iii) Projetos urbanos analisados e iv) Reserva Cognitiva e Longevidade.

3.1 Influência Ambiental

A incorporação de áreas verdes, como telhados verdes, rooftops, praças arborizadas, sistemas de infraestrutura verde2, bem como a incorporação de parques urbanos acessíveis e integrados à mobilidade urbana da cidade, apresentam-se como estratégia de projeto capazes de ampliar as áreas permeáveis. As estratégias de projeto urbano dependem variáveis como localização, disposição de recursos hídricos, cultura, necessidades populacionais, infraestrutura, acessibilidade, capacidade de manutenção a longo prazo dentre outros, com o objetivo fortalecer a resiliência urbana, ou seja, elevar a capacidade que uma cidade possui de resistir, absorver, adaptar-se e recuperar-se da exposição às ameaças climáticas, produzindo efeitos de maneira oportuna e eficiente, o que inclui a preservação e restauração de suas estruturas e funções básicas vinculadas à natureza (Vasconcellos & Miyamotto, 2023).

2 A infraestrutura verde inclui parques e reservas naturais, quintais e jardins, vias navegáveis e zonas húmidas; vias, ruas e corredores de transporte, verdes ou ecológicos; alamedas, terreiros, praças e adros verdes; coberturas verdes, jardins verticais e muros vivos; campos esportivos e ruas arborizadas. A Infraestrutura Verde apresenta-se como uma ferramenta, instrumento ou modelo que fornece benefícios ecológicos, econômicos e sociais através de elementos e soluções naturais (Vasconcellos & Miyamotto, 2023).

3.2 Influência Biopsicossocial

No que se refere à influência biopsicossocial, os efeitos dos espaços de natureza na promoção da saúde são amplamente mistos. Estudos em países como Inglaterra, França e Austrália mostram uma maior probabilidade de caminhadas e esportes aquáticos para pessoas que vivem perto de corpos d'água, enquanto nos EUA e na China, não foram encontradas diferenças significativas nas atividades físicas entre aqueles que vivem perto ou longe da água. Essa inconsistência pode ser atribuída a características específicas (como acessibilidade) e qualidades (como poluição da água) dos espaços azuis, além de fatores socioeconômicos pessoais e restrições físicas (White *et al.,* 2020). Os espaços de natureza também são conhecidos por reduzir o estresse e restaurar habilidades cognitivas de esgotamento mental, conforme reforçado por experimentos de laboratório e campo embasados tanto na "Teoria da Redução do Estresse" e da "Teoria do Restauro da Atenção", utilizadas nos estudos de (Olszewska-Guizzo *et al.,* 2023).

3.2.1 Estímulos Sociais

Os princípios do *design* biofílico, incorporados por Olszewska-Guizzo, Sia e Escoffier (2023) no contexto da cidade, podem ser aplicados de maneira eficaz aos espaços públicos a fim de promover experiências enriquecedoras e restauradoras. Tratando-se da "Experiência de Lugar" dos usuários elucidados por Kellert e Calabrese (2015), podem ser citados:

- Perspectiva e Refúgio: Espaços azuis, como lagos, rios e fontes, podem ser projetados para oferecer tanto áreas de perspectiva, que proporcionam vistas amplas e inspiradoras da água, quanto áreas de refúgio, que oferecem sensação de segurança e proteção.
- Complexidade Organizada: A composição de espaços naturais pode incorporar a complexidade organizada através de elementos naturais cuidadosamente dispostos, como plantas aquáticas, rochas, e formas de água em movimento, como fontes e cascatas.
- Integração das Partes com o Todo: Espaços naturais devem ser integrados de maneira coesa no tecido urbano, conectando-se a outras áreas verdes e espaços públicos.
- *Espaços de transição:* A transição entre áreas urbanas densas e espaços naturais deve ser suave e convidativa.
- *Mobilidade e Wayfinding3:* O *design* dos espaços naturais deve facilitar a mobilidade e a orientação dos visitantes. Sinalização compreensível, trilhas bem definidas e acessibilidade para todas as idades e habilidades são essenciais.

3 O *wayfinding* é caracterizado como o processo de orientar-se em um ambiente físico e navegar de um lugar para outro. Este conceito engloba todas as técnicas e elementos utilizados para ajudar as pessoas a se deslocarem e encontrarem o caminho em um espaço, seja ele uma cidade, um edifício ou qualquer outro tipo de ambiente.

- *Conexão Cultural e Ecológica ao Lugar:* As áreas verdes devem refletir a cultura local e a ecologia do lugar. Isso pode ser alcançado através da incorporação de espécies vegetais nativas, *design* que respeite e realce as características naturais da água e elementos culturais, como arte pública e instalações que celebrem a história e a identidade da comunidade local. Esse vínculo cultural e ecológico fortalece a conexão emocional dos residentes com o espaço e promove um senso de pertencimento e identidade.

3.2.2 Estímulos Sensoriais e Cognitivos

A incorporação equipamentos urbanos contendo elementos vegetativos e aquáticos, como jardins sensoriais e fontes em praças públicas, qualificam os estímulos sensoriais mais eficazes para a restauração percebida do que aqueles sem esses elementos, o que proporciona maior conexão da população urbana à elementos da natureza em áreas onde corpos hídricos são escassos ou de difícil acesso. Estudos evidenciam que ouvir sons de água, como rios, riachos, ondas do mar ou cachoeiras, podem mitigar quadros de estresse crônico de forma mais efetiva do que sons urbanos, silêncio ou músicas intituladas como calmantes (Kumar *et al.,* 2024). Ademais, o dinamismo das atmosferas urbanas propiciadas pelos elementos da natureza auxiliam na construção do "lugar arquitetônico" por parte dos usuários, que passam a interagir com o ambiente construído de maneira emocional, funcional e simbólica. Conforme Duarte *et al.* (2023), este "lugar" pode ser definido como um espaço vivido e experimentado pelas pessoas, que transcende a mera funcionalidade física para incorporar significados, experiências e relações humanas.

3.2.3 Estímulo Motor

As atividades físicas em meio à natureza exemplificam de maneira clara o conceito de *embodiment*[4], proposto pelos filósofos Lakoff & Johnson em 1980 (Souza, 2020). Essas atividades, como caminhar, correr, nadar ou escalar, envolvem a interação direta e dinâmica do corpo com o ambiente natural, resultando em uma série de benefícios cognitivos, emocionais e fisiológicos. No Japão, a prática do *shinrin-yoku*, em portugues, "banho de floresta", reitera tais benefícios. A revisão sistemática de Kotera, Richardson e Sheffield (2020) evidenciou os efeitos fisiológicos e mentais das caminhadas ao ar livre, considerando redução dos níveis de cortisol, aumento da imunidade e maior resiliência às adversidades urbanas, além da conectividade entre os usuários e a atmosfera natural sensorialmente expeiencienciada. O estudo comparativo sobre os efeitos fisiológicos e psicológicos de caminhadas na natureza e em ambientes urbanos com elementos hídricos, realizado em Taiwan, evidenciou a necessidade de compreender as relações socioculturais dos habitantes locais com esses espaços azuis, sejam eles naturais ou artificiais (Lun & Wu, 2021). Tais relações são determinantes para os efeitos restauradores desses espaços, essenciais para um

4 O conceito de *embodiment* está ligado à teoria das *affordances,* que são as possibilidades de ação que o ambiente oferece ao indivíduo. Segundo essa perspectiva, a percepção é diretamente influenciada pelas interações do corpo com o ambiente. Assim, a percepção não é um processo passivo de recepção de informações, mas um processo ativo de exploração e interação com o mundo ao redor (Souza, 2020).

projeto urbano qualitativamente saudável (Lun & Wu, 2021). Além da proximidade com a natureza, estudos indicam que a contração muscular advinda da atividade física promove a liberação de miocinas — hormônios musculares — como a irisina, que, por sua vez, são capazes de aumentar a expressão do "fator neurotrófico derivado do cérebro", em inglês, *Brain Derived Neurotrophic Factor* (BDNF). Este aumento de BDNF suporta a saúde neural através da promoção da neurogênese, sinaptogênese e proteção neuronal, culminando em significativos efeitos neuroprotetores e melhorias na função cognitiva. A combinação desses efeitos resulta em benefícios para a saúde cognitiva. Indivíduos que se envolvem regularmente em atividade física mostram melhorias na função cognitiva, redução do risco de desenvolvimento de doenças neurodegenerativas como demência e Doença de Parkinson, e melhor resiliência ao estresse e depressão (Bellettini-Santos *et al.*, 2023).

3.3. Análise de Projetos de Praças Públicas da Cidade de Fortaleza (CE)

Para a análise, foram selecionadas três praças compostas por oportunidades de estímulos sensoriais, motores, cognitivos e sensoriais. A presença de equipamentos ao ar livre, espaços infantis e áreas arborizadas foram elementos-chave para a escolha. Como resultado, a análise considerou as "três funções fundamentais dos ambientes sociofísicos[5]" essenciais para o funcionamento competente e a qualidade de vida para o envelhecimento saudável: manutenção, estimulação e suporte (Lawton, 1989).

3.3.1 Praça pública Luiza Távora, localizada no bairro Aldeota

Transmite uma sensação de segurança, limpeza, amplitude e aconchego, oferecendo composições espaciais que permitem diversos tipos de uso. Bem iluminada, tanto natural quanto artificialmente, a praça possui um paisagismo harmonioso e condizente com o clima local, além de mobiliário urbano bem conservado e estrategicamente distribuído, feito com materiais resistentes. O espaço inclui edificações antigas bem preservadas, que atualmente abrigam órgãos governamentais, e intervenções lúdicas que remetem à arte local. Atividades culturais mensais aproximam crianças, adolescentes e famílias, promovendo interações dinâmicas e enriquecedoras. No centro geográfico da praça, há um centro de artesanato com boa permeabilidade visual e física, atraindo diversos públicos, especialmente turistas. A praça oferece amplas áreas de circulação com pavimentação regular, rampas e piso tátil, demonstrando ser um espaço acessível e convidativo. Áreas de refúgio e ambientes sombreados estão localizados nas extremidades e espaços de transição, enquanto zonas destinadas ao público infantil promovem interações intergeracionais, com frequentadores praticando caminhadas, passeios com cachorros e exercícios físicos.

5 Conforme Lawton (1989), a função de "manutenção" enfatiza a importância da constância e previsibilidade do ambiente, contribuindo para que o indivíduo atribua significados e derive experiências de apego, identidade, lugar e satisfação. A função de "estimulação" refere-se aos componentes ambientais que incentivam comportamentos adaptativos, como atividades de lazer e sociais, além de mitigar ou amplificar problemas comportamentais em usuários com comprometimentos físicos e/ou cognitivos. Por fim, a função de "suporte" abrange os aspectos do ambiente que compensam competências perdidas ou reduzidas. Estes incluem fatores que promovem funcionamento independente, segurança e orientação visuoespacial (Lawton, 1989).

3.3.2 Praça pública Igreja Santo Afonso, também intitulada de Praça da Igreja Redonda, localizada no bairro Parquelândia

A praça emana um forte simbolismo religioso devido à presença da Igreja Santo Afonso, que atrai cristãos para frequentarem a praça durante os horários das missas e eventos comemorativos realizados nas proximidades da igreja. Diariamente, vendedores informais instalam seus carrinhos de comida nas extremidades da praça, atendendo trabalhadores locais que buscam lanches com preços populares. Ao lado da praça, a escola pública Santo Afonso recebe uma diversidade de estudantes que utilizam o espaço durante os intervalos das aulas. A praça conta com equipamentos ao ar livre, predominantemente utilizados pela população idosa após suas caminhadas nas extremidades do espaço. Os *playgrounds* são frequentemente utilizados por crianças durante as tardes. O ambiente é arborizado e possui mobiliários bem distribuídos, embora estejam pouco conservados. Apesar da presença de piso tátil e de áreas amplas de circulação, o pavimento da praça apresenta várias irregularidades e está em estado de conservação precário, com rachaduras e obstáculos infraestruturais que dificultam caminhadas seguras. Durante a noite, a praça abriga agregados de moradores de rua e apresenta iluminação insuficiente, o que resulta em uma atmosfera de insegurança neste horário.

3.3.3 Praça pública Argentina Castelo Branco, localizada no bairro de Fátima

Arborizada e com mobiliário bem distribuído em escala humana, a praça oferece um ambiente acolhedor, seguro e enriquecido por diversas espécies de plantas que atraem a fauna local. Equipamentos de ginástica e *playgrounds* proporcionam atividades físicas e recreativas para todas as idades, enquanto bancos e outras estruturas urbanas oferecem conforto, embora necessitem de manutenção. A praça é dinâmica, servindo de palco para eventos comunitários e culturais e abrigando vendedores informais que animam o local. Contudo, enfrenta desafios de conservação e segurança, especialmente na manutenção do mobiliário e na iluminação noturna. Após o período de chuvas, a infraestrutura do piso precisa de reparos devido a irregularidades, lajotas fora do lugar, rachaduras e áreas perigosas, que afetam principalmente pessoas com mobilidade reduzida. Melhorias nesses aspectos poderiam intensificar ainda mais o papel da praça como ponto central de convivência e lazer no bairro.

3.4 Reserva Cognitiva e Longevidade

A reserva cognitiva pode ser entendida como um mecanismo protetor que amortiza o impacto do envelhecimento e de doenças neurodegenerativas, permitindo um funcionamento cognitivo superior ao esperado para o nível de dano cerebral observado (Stern *et al.,* 2023). Como evidenciado anteriormente, espaços naturais, que incluem áreas arborizadas, como jardins sensoriais e hortas urbanas; e corpos d'água, como rios, lagos, mares, fontes e espelhos d'água artificiais; têm sido identificados como elementos significativos na promoção do envelhecimento saudável, especialmente em ambientes urbanos densamente povoados (Soloveva *et al.*, 2023).

Mediante ao que foi analisado, os resultados revelam que o neurourbanismo, ao integrar diversas disciplinas, especialmente a neurociência, emerge como uma abordagem promissora na composição de projetos urbanos responsivos ao envelhecimento saudável e orientados pelo *design* baseado em evidências científicas. Além dos benefícios relacionados à sustentabilidade e à ecologia, as intervenções urbanas que envolvem vegetações nativas e recursos hídricos podem significativamente melhorar a qualidade dos espaços públicos, proporcionando sensação de socialização, diversão intergeracional, segurança e tranquilidade. Quando combinados com acessibilidade, segurança e conforto térmico, estes espaços podem propiciar estímulos atrativos atraem residentes e visitantes, fomentando oportunidades para o estabelecimento de novos hábitos, pontos de encontro e construção de comunidades responsivas ao envelhecimento saudável.

4. CONCLUSÃO

Dada a potencialidade dos benefícios da inclusão do *design* biofílico em espaços públicos, especialmente em praças urbanas, é evidente que os recursos naturais enriquecem os projetos urbanos ao proporcionar experiências acolhedoras, reconfortantes, lúdicas e emocionalmente positivas. Além disso, fortalecem a reserva cognitiva, essencial para a saúde e qualidade de vida da população idosa. Tais experiências variam conforme as intenções de cada público em diferentes espaços e culturas, destacando os múltiplos papeis que os espaços naturais podem desempenhar nas cidades. Portanto, os resultados e propostas apresentados nesta revisão visam demonstrar a importância de integrar o *design* biofílico e o neurourbanismo no planejamento de praças públicas, com o objetivo de mitigar os efeitos das adversidades climáticas e promover o envelhecimento saudável da população local. É crucial considerar não apenas o ambiente físico, mas também os fatores biopsicossociais que influenciam a qualidade de vida urbana, como averiguado nas praças de Fortaleza (CE). Ressalta-se a necessidade de mais estudos locais, baseados em evidências científicas, para compreender de maneira sistêmica a complexidade dos fatores abordados neste estudo.

5. BIBLIOGRAFIA

Adli, M., Berger, M., Brakemeier, E.-L., Engel, L., Fingerhut, J., Gomez-Carrillo, A., Hehl, R., Heinz, A., H, J. M., Mehran, N., Tolaas, S., Walter, H., Weiland, U., & Stollmann, J. (2017). Neurourbanism: towards a new discipline. *The Lancet Psychiatry, 4*(3), 183–185. https://doi.org/10.1016/s2215-0366(16)30371-6

Bell, S., Fleming, L. E., Grellier, J., Kuhlmann, F., Nieuwenhuijsen, M., & White, M. P. (2021). Urban Blue Spaces. In *Routledge eBooks.* https://doi.org/10.4324/9780429056161

Bellettini-Santos, T. *et al.* (2023). Move Your Body toward Healthy Aging: Potential Neuroprotective Mechanisms of Irisin in Alzheimer's Disease. *International Journal of Molecular Sciences, 24*(15), 12440–12440. https://doi.org/10.3390/ijms241512440

Duarte, C. R., Miranda, C., Pinheiro, E., & de Jesus Silva, L. (2023). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books.

Eberhard, J. P. (2009). *Brain landscape : the coexistence of neuroscience and architecture.* Oxford Univ. Press.

Gehl, J. (2010). *Cities for people*. Island Press.

Goleman, D. (2024). *Inteligência Emocional.* Clube de Autores.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2023). Agregados por setores censitários preliminares. https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/

Jacobs, J. (2011). *Morte e vida de grandes cidades* (3rd ed.). WMF Martins Fontes. (Published 1961).

Kaplan, S. (1995). The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. *Journal of Environmental Psychology, 15*(3), 169–182. https://doi.org/10.1016/0272-4944(95)90001-2

Kellert, S. & Calabrese, E. (2015). Nature by Design: The Practice of Biophilic Design. Yale University Press: Judith Heerwagen.

Kellert, S. R. (1998). Response to Stephen Budiansky. *BioScience, 48*(3), 148–148. https://doi.org/10.2307/1313257

Kotera, Y., Richardson, M., & Sheffield, D. (2020). Effects of Shinrin-Yoku (Forest Bathing) and Nature Therapy on Mental Health: a Systematic Review and Meta-analysis. *International Journal of Mental Health and Addiction, 20*(1). https://doi.org/10.1007/s11469-020-00363-4

Kumar, P. *et al.* (2024). Urban heat mitigation by green and blue infrastructure: drivers, effectiveness, and future needs. *The Innovation, 5*(2), 100588. https://doi.org/10.1016/j.xinn.2024.100588

Lawton, M. P. (1989). Environmental proactivity in older people. In V. L. Bengtson & K. W. Schaie (Eds.), *The course of later life: Research and reflections* (pp. 15–23). Springer Publishing Company.

Lin, C., & Wu, L. (2021). Green and Blue Space Availability and Self-Rated Health among Seniors in China: Evidence from a National Survey. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 18*(2), 545. https://doi.org/10.3390/ijerph18020545

Luo, L., & Jiang, B. (2022). From oppressiveness to stress: A development of Stress Reduction Theory in the context of contemporary high-density city. *Journal of Environmental Psychology, 84,* 101883. https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2022.101883

Lynch, K. (1960). *The image of the city.* The MIT Press.

MapBiomas (2023). *Projeto MapBiomas: Mapeamento anual de cobertura e uso da terra no Brasil entre 1985 a 2022.* Coleção 8.

Mazzone, A., De Cian, E., Falchetta, G., Jani, A., Mistry, M., & Khosla, R. (2023). Understanding systemic cooling poverty. *Nature Sustainability, 6*(12), 1533–1541. https://doi.org/10.1038/s41893-023-01221-6

Nunes, B. P. *et al.* (2019). Multimorbidity: The Brazilian Longitudinal Study of Aging (ELSI-Brazil). *Revista de Saude Publica, 52Suppl 2*(Suppl 2), 10s. https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052000637

Olszewska-Guizzo, A., Sia, A., & Escoffier, N. (2023). Revised Contemplative Landscape Model (CLM): A reliable and valid evaluation tool for mental health-promoting urban green spaces. *Urban Forestry & Urban Greening, 86,* 128016–128016. https://doi.org/10.1016/j.ufug.2023.128016

Organização Mundial da Saúde, OMS (2020). *Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030).*https://www.who.int/docs/default-source/decade-of-healthy-ageing/final-decade-proposal/decade-proposal-final-apr2020-en.pdf

Organização das Nações Unidas, ONU (2023). *World Cities Report 2023.* United Nations Human Settlements Programme (UN-Habitat). https://doi.org/10.18356/d437cd7e-en

Soloveva, M. V., Poudel, G., Barnett, A., Shaw, J. E., Martino, E., Knibbs, L. D., Anstey, K. J., & Cerin, E. (2023). Characteristics of urban neighbourhood environments and cognitive age in mid-age and older adults. *Health & Place, 83*, 103077. https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2023.103077

Souza, E. T. de. (2020). Embodiment (Corporalização), Soma e Dança: alguns nexos possíveis. *Revista Brasileira de Estudos Da Presença, 10*(4), 01-30. https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/92446

Stern, Y., Albert, M., Barnes, C. A., Cabeza, R., Pascual-Leone, A., & Rapp, P. R. (2023). A framework for concepts of reserve and resilience in aging. *Neurobiology of Aging, 124,* 100–103. https://doi.org/10.1016/j.neurobiolaging.2022.10.015

Vasconcellos, A., & Miyamoto, J. (2023). Infraestrutura verde: uma revisão de literatura. *Revista Thésis, 8*(16). https://doi.org/10.51924/revthesis.2023.v8.393

Wahl, H. W. & Oswald, F. (2010). Environmental perspectives on aging. In: Dannefer D, Phillipson C, editors.International Handbook of Social Gerontology. London: Sage, p.111-24.

White, M. P., Elliott, L. R., Gascon, M., Roberts, B., & Fleming, L. E. (2020). Blue space, health and well-being: A narrative overview and synthesis of potential benefits. *Environmental Research, 191*(191), 110169. https://doi.org/10.1016/j.envres.2020.110169

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

R39

STREET - A PLACE FOR PLAYING: A TACTICAL URBANISM ACTION AT COMMUNITY BEIRA RIO 2

RUA – LUGAR DO BRINCAR: UMA AÇÃO DE URBANISMO TÁTICO NA COMUNIDADE BEIRA RIO 2

Bruna Cavalcante
Mestranda PPGAU
Universidade Presbiteriana Mackenzie
arqbrunacavalcante@gmail.com

Luiz Guilherme Rivera de Castro
Prof. Doutor
Universidade Presbiteriana Mackenzie
luizguilherme.castro@mackenzie.br

ABSTRACT
Vulnerable communities often lack adequate public spaces for children. This paper describes a tactical urbanism action in the Beira Rio 2 community in São Paulo, carried out by the Pedagogia Periférica collective with residents. The community, which lacks infrastructure, uses Rua Charles Murray, a dead-end street with low traffic, as a space for children to socialize and play. The intervention involved painting the street, creating signs and games, transforming the environment in a functional and playful way. The action, which was participatory and low-cost, proved to be an effective tool for turning the street into a collective space for children to play, demonstrating that tactical urbanism strategies can change and enhance urban space in vulnerable areas. Its pedagogical, political and social impacts are significant, promoting recognition and appropriation of the space by residents, and encouraging the continuation of similar actions.

KEYWORDS: play. street. tactical urbanism. community. leadership

RESUMO
Comunidades vulneráveis frequentemente carecem de espaços públicos adequados para crianças. Este trabalho descreve uma ação de urbanismo tático na comunidade Beira Rio 2, em São Paulo, realizada pelo coletivo Pedagogia Periférica com moradores locais. A comunidade, carente de infraestrutura, utiliza a Rua Charles Murray, uma via sem saída e de baixo tráfego, como espaço de convivência e brincadeiras infantis. A intervenção envolveu a pintura da rua, criando sinalizações e jogos, transformando o ambiente de maneira funcional e lúdica. A ação, participativa e de baixo custo, demonstrou ser uma ferramenta eficaz para fazer da rua um espaço coletivo e de brincadeiras, evidenciando que estratégias de urbanismo tático podem modificar e valorizar o espaço urbano em regiões vulneráveis. Seus impactos pedagógicos, políticos e sociais são significativos, promovendo o reconhecimento e a apropriação do espaço pelos moradores, e incentivando a continuidade de ações similares.

PALAVRAS-CHAVE: brincar. rua. urbanismo tático. comunidade. liderança

1. INTRODUÇÃO
Este artigo tem origem em uma experiência de urbanismo tático realizada em janeiro de 2024 na comunidade de Beira Rio 2, localizada na zona sul do município de São Paulo no bairro do Jabaquara. Tem como objetivo situar essa experiência em um contexto mais amplo relativo ao urbanismo tático e à apropriação das ruas para que nelas possam acontecer atividades lúdicas ou de outra natureza, particularmente as brincadeiras das crianças.

As práticas de urbanismo tático tem se multiplicado desde os anos 2000, em diversos contextos e com diferentes objetivos. Tem em comum focalizar questões urbanas

que podem ser abordadas por meio do engajamento das pessoas diretamente interessadas em promover mudanças no ambiente, por meio de ações diretas com efeitos imediatos, podendo ser replicáveis em contextos semelhantes. Tais ações podem vir a ser ampliadas, tomando parte em políticas e planos de largo alcance.
Por outro lado, a compreensão do papel das ruas como espaços lúdicos, de socialização e de convivência tem sido enfatizada em inúmeros projetos urbanos, ultrapassando o caráter estritamente funcional de circulação de pessoas, veículos e mercadorias. O brincar na rua – a rua como lugar para os jogos das crianças – desempenha um papel fundamental na recuperação dessa abordagem.
Esses são os temas abordados a seguir, tendo como referência a intervenção na rua Charles Murray.

2. URBANISMO TÁTICO

O urbanismo tático pode ser assim definido:

> "O Urbanismo Tático é uma abordagem para construção e ativação de bairros usando intervenções e políticas de curto prazo, de baixo custo e escalonáveis." (Lydon e Garcia, 2015, p.2, tradução livre)

Como movimento, sua origem é atribuída ao urbanista e planejador estadunidense Mike Lydon, que lidera uma organização chamada The Street Plans Collaborative (*https://street-plans.com/*) sediada em Nova York. Sua abordagem disseminou-se em um curto espaço de tempo, com atividades de modificação urbana produzida por populações locais que rearranjam áreas urbanas com o objetivo de torná-las mais habitáveis (Lydon e Garcia, op. cit.; Mould, 2014.).

Para Lydon e Garcia, há três modos de implementação do urbanismo tático que são os mais comuns e que não são mutuamente excludentes:

> " - Iniciado por cidadãos para contornar o processo convencional de entrega de projetos e superar a burocracia municipal por meio de protestos, protótipos ou demonstrando visualmente a possibilidade de mudança. Essa atividade representa os cidadãos exercendo seu "direito à cidade".
>
> - Como uma ferramenta para o governo municipal, desenvolvedores ou organizações sem fins lucrativos para envolver o público de forma mais ampla durante os processos de planejamento, entrega e e processos de desenvolvimento.
>
> - Como uma ferramenta de implementação inicial de 'fase 0' usada por cidades ou desenvolvedores para testar projetos antes que um investimento de longo prazo seja feito." (Lydon e Garcia, op cit, p 12)

Mould (2014) argumenta que as primeiras ações de urbanismo tático – assim como muitas ações que atualmente ocorrem – vincularam-se principalmente à atuação de cidadãos, mas que progressivamente foram capturadas por outros interesses, do setor privado ou da administração pública, dentro de uma retórica de cidade criativa compatível com as políticas urbanas neoliberais.

Neil Brenner (2017), em seu artigo crítico sobre a exposição realizada no Museu de Arte Moderna de Nova Yorque , afirma que as diferentes experiências e modalidades que foram agrupadas sob o termo urbanismo tático apresentam muitas disparidades, mas algumas convergências, que elencamos a seguir. O urbanismo tático emerge em um contexto de crise de governança em que nem o poder publico nem o mercado dão conta de prover serviços básicos e outras necessidades da população; sob a rubrica de urbanismo tático agrupam-se projetos urbanos emergentes, provisórios, experimentais ou com finalidades restritas; trata-se de ações organizadas de baixo para cima; propõe-se um modelo de intervenções "acupunturais" imediatas e de rápido efeito; projetos de urbanismo tático são mais fluídos e mais flexíveis em contraste com os instrumentos tradicionais de planejamento. Finalmente – e para nós o que mais de perto interessa – o urbanismo tático promove ações de base, participativas, práticas, faça-você-mesmo, com a participação direta da população, mobilizada para sua realização e para a sua manutenção. Oli Moud alertou para a cooptação dos procedimentos do urbanismo tático pela lógica privatizante e antiestatal do urbanismo neoliberal da seguinte maneira:

> "(...) o urbanismo tático está se tornando um vernáculo vazio de táticas que está sendo usado mais como uma ferramenta política para engendrar o desenvolvimento urbano neoliberal o que como um meio de capacitar os excluídos social, política e economicamente". (Mould, 2014, p 537)

Embora essa afirmação possa ser aplicada genericamente a inúmeras situações, nem sempre as experiências de urbanismo tático estão vinculadas à lógica econômica neoliberal. Como alerta Brenner, as regras coletivas que governam a produção, os usos, as ocupações e as apropriações do espaço continuam a ser fundamentais e não devem ser ignoradas (Brenner, op. cit.). As instituições de governo e os agentes públicos têm um papel relevante a desempenhar. As intervenções táticas podem ser articuladas com o fortalecimento de instituições públicas que lhes deem suporte, proporcionando financiamento público, legitimidade democrática, regulamentação legal e transparência na prestação de contas à sociedade. A crítica ao urbanismo neoliberal ou ao urbanismo tecnocrático deve necessariamente ser acompanhada pela demanda coletiva por maior apoio público para os serviços e infraestruturas essenciais.

Em relação ao engajamento da população, Cara Courage argumenta que o urbanismo tático pode tanto ser indicador como desenvolver novas formas de cidadania pelo encorajamento de um novo tipo de participação cívica (Courage, 2013). Essa

participação cívica não está necessariamente atrelada às lógicas de mercado do urbanismo neoliberal, pode estar mais vinculada a necessidades e desejos da população. Como observa Jeffrey Hou a respeito dos espaços públicos, eles

> "servem eficazmente como palco de ações políticas e sociais (...) o espaço público, junto ao ativismo associado a ele, tem o potencial de prover oportunidades para o surgimento de novos agrupamentos sociais e redes colaborativas. Em outras palavras, o espaço público pode funcionar como espaço de novos agenciamentos – um conceito de formação social focado na fluidez, flexibilidade e funcionalidades múltiplas introduzido por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1987), e que vem reverberando recentemente com o surgimento de novos movimentos sociais" (Hou, 2018, p 8-9).

Para o autor, esses movimentos e ações – muitas das quais podem ser caracterizadas como urbanismo tático – podem vir a constituir o que ele denomina de "novos comuns", um aspecto importante para pensar novas formas de cidadania pela construção de experiências de intervenção nos espaços públicos das cidades.

> "... esses novos comuns são cada vez mais importantes para desfazer barreiras sociais e reconectar comunidades ao espaço e umas às outras. Um tal processo de construir os novos comuns pode dar a indivíduos e comunidades um sentimento confiante de agência e capacidade de transformar o meio construído e suas relações sociais." (Hou, op cit, p. 17)

Mariana de Oliveira e suas coautoras (2022), narram uma experiência de urbanismo tático em Vila Neuma, município de Igatu, Ceará, enfatizando que "o mais importante não foi o resultado da intervenção, mas os caminhos percorridos e o processo de realização" (s. p.), pois permitiu que fosse desenvolvida uma ação de caráter coletivo que demonstrou a possibilidade de "novos usos do espaço público a partir de experimentações e ferramentas simples, de modo a traduzir os anseios das pessoas para um planejamento urbano de fato democrático" (s.p). Nesse caso, como em muitos outros, os procedimentos de urbanismo tático estavam voltados para o exercício e a produção de valores que não estão subordinados a valores de mercado e se aproximam dos valores do comum tal como postos por Hou.

Experiências desse tipo podem servir como modelo de ação para outros tipos de intervenção na cidade que não sejam dirigidos exclusivamente e à distância pelos agentes poder público ou pelos interesses patrimoniais ou mercadológicos do setor privado. Isso implica novos tipos de relação entre a população, o estado - representado pelos agentes e organismos públicos - e o setor privado. Tal situação seria alcançada com a população participando ativamente de todas as etapas do processo, dando-lhe a direção e deliberando inclusive sobre os recursos a serem aplicados e sobre os processos de gestão e manutenção do espaço transformado. Os técnicos, os especialistas e os agentes públicos desempenhariam sobretudo papéis

de consultores e assessores para alcançar os objetivos definidos em conjunto com a população diretamente envolvida. Os interesses do setor privado participariam desse processo como parte interessada, colocando seus objetivos próprios sob escrutínio. Em um processo desse tipo, as universidades podem ser chamadas, em particular as disciplinas de arquitetura, urbanismo e design – profissionais, pesquisadores e estudantes - podem se engajar nesses processos de maneira eficaz.

3. BRINCAR NAS RUAS

"É preciso uma aldeia para educar uma criança" – dito bastante comum, frequentemente apresentado como "provérbio africano"[1], enfatiza que a educação e a formação é uma atividade que envolve a sociedade e não apenas o círculo familiar e os indivíduos. Associada a essa ideia, podemos afirmar que a importância dos espaços públicos para as brincadeiras das crianças é multifacetada e essencial para o desenvolvimento integral infantil. Esses espaços apoiam a mobilidade das crianças na vizinhança, permitindo que brinquem perto de casa, o que é crucial para seu desenvolvimento físico, social e cognitivo (Abu-Ghazzeh, 1998; Cotrim e Bichara, 2013; Brolo et al, 2023;Weir, 2023)

Os espaços limítrofes, definidos como áreas semipúblicas entre a casa particular e a área pública mais ampla, são particularmente significativos como pontos de partida para as explorações e brincadeiras das crianças. Eles oferecem uma transição segura e convidativa entre o ambiente doméstico e o espaço público, incentivando a autonomia e a interação social. Tais espaços de transição são praticamente inexistentes em assentamentos precários onde as habitações abrem-se imediatamente para os espaços de circulação. Ambientes de aprendizado baseados em brincadeiras promovem brincadeiras imaginárias e de faz de conta, além de facilitar a interação entre pais e filhos e aumentar a atividade das crianças. Os pais relatam que esses espaços públicos também incentivam o envolvimento com o ar livre e proporcionam novas experiências, ampliando o repertório de vivências das crianças e fortalecendo os laços familiares (Mahfuzhoh e Marcillia, 2024). O recreio em ambientes externos à escola, como parques e playgrounds, oferece benefícios significativos para o desenvolvimento físico, social e cognitivo das crianças, além de aumentar a motivação para o aprendizado. Crianças mais jovens tendem a brincar mais ativamente nesses espaços, aproveitando melhor as oportunidades de movimento e interação social que eles proporcionam (id ibid).

Durante a pandemia da COVID-19, o acesso das crianças a espaços públicos de recreação em áreas urbanas foi muitas vezes limitado por uma governança que negligenciava as necessidades dos jovens (Sullu, 2024). Essa situação ressaltou a

1 Joel Goldberg, em artigo publicado pela NPR National Public Radio estadunidense, procurou traçar a origem desse dito, afirmando que embora possa ser associado a diversas culturas africanas, não foi possível encontrar sua origem. Goldberg, Joel (2016) It Takes A Village To Determine The Origins Of An African Proverb. NPR, 30 julho 2016. Disponível em *https://www.npr.org/sections/goatsandsoda/2016/07/30/487925796/it-takes-a-village-to-determine-the-origins-of-an-african-proverb*. Acesso em 12/06/2024.

importância de considerar as necessidades de toda a comunidade ao planejar e gerenciar espaços públicos, garantindo que as crianças tenham oportunidades adequadas para brincar e se desenvolver, o que é de grande relevância em áreas de assentamentos precários.

Espaços verdes públicos, como parques urbanos, são essenciais como playgrounds para crianças em áreas residenciais. No entanto, as áreas de assentamentos precários não dispõem de espaços ao ar livre adequados, equipados com instalações de recreação apropriadas para crianças, o que destaca a necessidade de políticas urbanas que priorizem a criação e manutenção de tais áreas (Ramos et al, 2020).

Os espaços públicos são essenciais para apoiar as brincadeiras, o aprendizado, o desenvolvimento e o bem-estar geral das crianças. Garantir o acesso a espaços públicos de recreação bem projetados e inclusivos deve ser uma prioridade para planejadores urbanos e formuladores de políticas. A estrutura e disposição dos espaços públicos influenciam significativamente a forma como as crianças brincam. O tipo de brinquedos disponíveis e o espaço físico disponível podem determinar o modo de brincar, mas as crianças também podem adaptar e ampliar as possibilidades lúdicas, subvertendo as determinações pré-definidas. (Krishnamurthy, 2019). Além disso, a gestão e garantia de espaços públicos para a educação infantil são essenciais para que as crianças se sintam pertencentes e desenvolvam-se integralmente.

Assim, os espaços públicos devem ser projetados para serem inclusivos e acessíveis, garantindo que todas as crianças tenham oportunidades de brincar e se desenvolver em ambientes que atendam às suas necessidades. A discussão sobre o brincar é fundamental para a construção e ressignificação do brincar, considerando a perspectiva da criança. Investir em infraestrutura para garantir melhores condições de brincar é crucial para assegurar que as brincadeiras possam ocorrer de forma segura e estimulante. Em uma situação de ausência de espaços adequados nos assentamentos precários, é possível e necessário imaginar e construir alternativas. A experiência a seguir mostra isso.

4. BRINCANDO NA RUA CHARLES MURRAY

A partir dessas considerações apresenta-se em seguida a experiência de urbanismo tático realizada na comunidade de Beira Rio 2, localizada no bairro Jabaquara, na região sul da cidade de São Paulo. A Beira Rio 2 é uma favela muito densa com condições precárias de saneamento e carente de espaços públicos.

A associação de moradores em conjunto com o coletivo Pedagogia Periférica identificou a necessidade de implantar espaços para o brincar, já que a maioria das famílias possuem crianças. Decidiu-se desenvolver uma ação de pintura em uma das ruas de acesso à favela, local onde trafegam carros, motos e onde crianças brincam e moradores se encontram. O entorno da favela é cercado por parques e praças, porém

com entrada controlada e difícil acesso para os moradores da favela. No contexto da comunidade Beira Rio, mesmo após a construção de uma quadra esportiva dentro da favela, a rua se mostrou como o principal lugar de estar dos moradores, e desenvolve um importante papel principalmente para as crianças.

A maioria das moradias na comunidade são barracos de madeira, alguns sem acesso a água; alguns trechos da favela possuem barracos de dois pavimentos, onde mora uma família em cada pavimento. O acesso às casas acontece principalmente através de becos e vielas, a favela possui três entradas principais por ruas sem saída, sendo uma delas através da Rua Charles Murray.

Apesar da favela existir há mais de 20 anos, ainda há muitos moradores transitórios, principalmente devido ao uso de barracos para aluguel e a presença de usuários de drogas. Mesmo ocupando uma pequena área a favela é bastante densa, segundo levantamento da associação de moradores, o local abriga cerca de 400 famílias, sendo a maioria com crianças. Em um terreno estreito com fundos para o parque e para o córrego e a frente entre casas e ruas sem saída as crianças ficam sem lugar para brincar.

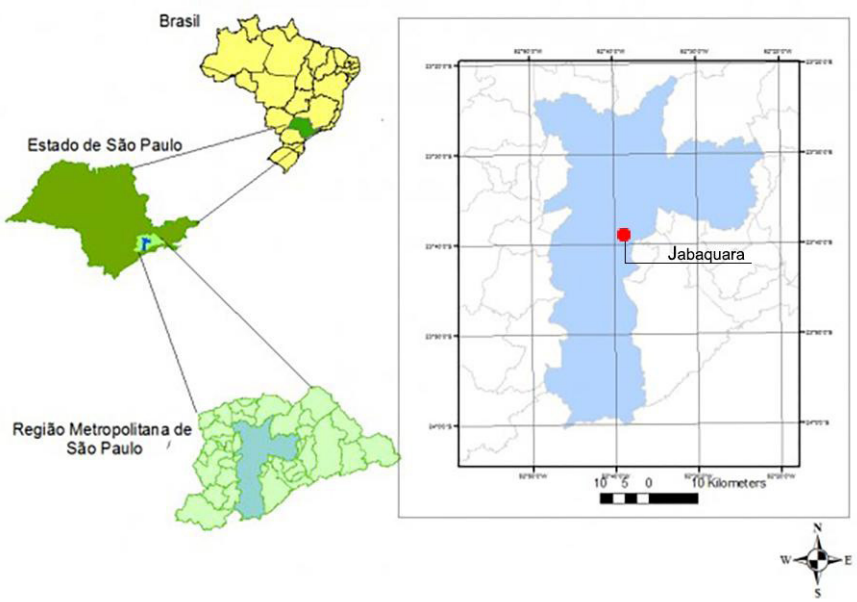


Figura 1. Localização da área de estudo na Região Metropolitana de São Paulo
Fonte: Elaboração própria sobre imagem de Gouveia (2016)

É frequente identificarmos a falta de espaços públicos em favelas, alinhados com a falta de planejamento urbano e ausência do estado. No Brasil é comum que quando presentes, estes espaços tendem a ser voltados para campos de futebol e organizados por processos participativos de iniciativa dos moradores. Áreas

periféricas em grandes cidades refletem o déficit habitacional e principalmente nas favelas mais precárias qualquer espaço livre dá lugar a um barraco, como é o caso da Beira Rio 2.

A Rua Charles Murray dá acesso ao trecho com mais moradias precárias e é também o local onde está instalada a associação de moradores. O barraco da associação, originalmente usado como vendinha, passou a ser um ponto de referência para reuniões, receber doações e onde a associação passou a organizar eventos.

Figura 2. Mapa Beira Rio 2
Fonte: Elaborado pelos autores sobre imagem Google Earth

As reuniões em conjunto com o coletivo Pedagogia Periférica passaram a acontecer semanalmente na pandemia de COVID 19, em 2021. Formado principalmente por lideranças comunitárias e voluntários, o coletivo nasceu a partir da iniciativa de moradores periféricos em busca de um fortalecimento em rede.

A proposta inicial sugerida pela liderança era construir uma sede para a associação, porém após muitas reuniões identificou-se que a prioridade era um local público e comunitário para ser usado principalmente pelas crianças.

A associação é composta principalmente por mães e mulheres e a principal questão trazida para melhoria do local é um espaço seguro para as crianças brincarem. Inicialmente construiu-se uma quadra poliesportiva aos fundos da favela que abrigou eventos e brincadeiras com as crianças. Porém com a chegada do período de chuvas e com a falta de manutenção do espaço, a quadra se tornou inutilizável e atualmente precisa de reforma e manutenção.

Ainda que a quadra tenha se tornado um espaço de brincadeiras, mesmo quando em boas condições, as crianças ainda brincavam na rua, principalmente na Rua Charles Murray, que é o local que as mães mais frequentam. A rua abriga diversos usos, ali há acúmulo de entulho e coletores de lixo, e também dá acesso às garagens das casas. Apesar de ser uma rua sem saída, é movimentada nos horários de pico e enquanto crianças brincam o tráfego de veículos continua. O principal tráfego na região é na Av. Pedro Bueno e na Rua Padre Arnaldo Pereira sentido bairro. Neste trecho os veículos trafegam com maior velocidade e em maior quantidade, moradores relatam que já aconteceram acidentes no local.

Figura 3. Entrada Rua Charles Murray Beira Rio 2, 2023
Fonte: Acervo próprio

Com a necessidade de um espaço seguro e dedicado às crianças, uma das ações propostas foi utilizar estratégias de urbanismo tático e pintar a rua Charles Murray com jogos, brincadeiras, e sinalização para os carros a fim de tornar o lugar mais seguro e ao mesmo tempo lúdico, cuja execução seria rápida e de baixo custo.

Figuras 4 e 5. Registros de atividades na Rua Charles Murray em janeiro de 2024
Fonte: Acervo próprio

A ação foi planejada em conjunto com a comunidade, e ocorreu durante um final de semana. O processo de pintura da rua rapidamente se tornou uma brincadeira para as crianças, a ação chamou atenção de vizinhos e demais moradores da Beira Rio 2 que aproveitaram restos de tintas para outras melhorias na comunidade. Crianças das ruas vizinhas passaram a frequentar o local para brincar na Rua Charles Murray. A associação e o grupo de mães pretende seguir com ações similares para reforma da associação e melhoria de becos e vielas.

É importante ressaltar que embora a ação tenha se mostrado transformadora quanto ao processo participativo e criação de um novo espaço para o brincar a comunidade ainda sofre com processos burocráticos e falta de infraestrutura. Ainda assim, a ação de pintura da rua, de baixo custo e transformação imediata, proporcionou uma melhor experiência do brincar para as crianças e se mostrou uma alternativa eficaz para promover empoderamento comunitário.

5. CONCLUSÕES

Vimos como ações de urbanismo tático podem alterar um ambiente em área de assentamento precário, mudando o significado e as funções de uma rua sem saída, sinalizando que ali é também um espaço lúdico e de socialização, um espaço em que as crianças podem brincar em segurança.

Em uma situação de ausência de ação do estado na provisão de infraestruturas e serviços, os moradores – principalmente mulheres e mães – em conjunto com um coletivo de pessoas interessadas, se organizam para proporcionar um mínimo de condições de sociabilidade em um espaço público, onde crianças possam brincar.

A partir dessa experiência, e de outras similares, pode-se imaginar ações que tenham suporte e recursos sociais por meio do estado, nas quais possa ser preservado o processo de participação e de construção coletiva de soluções para os problemas enfrentados, em que os moradores sejam os protagonistas do processo.

Assim, entende-se que o urbanismo tático pode gerar mudanças transformadoras no espaço urbano através de ações de simples execução e promover um senso de comunidade dos moradores e de pertencimento à locais públicos.

6. BIBLIOGRAFIA

Abu-Ghazzeh, T. M. (1998). Children's use of the street as a playground in Abu-Nuseir, Jordan. Environment and Behavior, 30(6), 799-831.

Brenner, N. (2017). Is "tactical urbanism" an alternative to neoliberal urbanism? Reflections on an exhibition at the MoMA. In The social (re) production of architecture (pp. 113-128). Routledge.

Brolo, J., de Oliveira, T. F. S. S., & Pinto, S. R. S. (2023). Tempos, espaços e potencialidades do brincar nas percepções de professoras da educação infantil. Cuadernos de Educación y Desarrollo, 15(2), 1525-1549.

Cotrim, G. S., & Bichara, I. D. (2013). O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. Psicologia: Reflexão e Crítica, 26, 388-395.

Courage, C. (2013). The global phenomenon of tactical urbanism as an indicator of new forms of citizenship. Engage in the Visual Arts, 32(1), 88-97.

Gouveia, I. C. M. C. (2016). A cidade de São Paulo e seus rios: uma história repleta de paradoxos. Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasilera de geografia, (27).

Hou, J. (2018). Ativismo no espaço público e o espaço dos novos comuns: Diretrizes para o engajamento social por meio do design, planejamento e placemaking. arq. urb, (23), 6-18.

Krishnamurthy, S. (2019). Reclaiming spaces: Child inclusive urban design. Cities & Health, 3(1-2), 86-98.

Lydon, Mike; Garcia Anthony (2015) Tactical urbanism: short-term action for long-term change. Island Press, Washington, DC, 2015

Mahfuzhoh, E., & Marcillia, S. R. (2024, February). Importance of children's recess play exploration within school outdoor environment. In IOP Conference Series: Earth and Environmental Science (Vol. 1301, No. 1, p. 012004). IOP Publishing.

Mould, O. (2014). Tactical urbanism: The new vernacular of the creative city. Geography compass, 8(8), 529-539.

Oliveira, M. A. de, de Carvalho, M. C. R., Sobrinha, M. D. P. B., & da Costa Ataíde, R. M. (2022). Urbanismo tático e a experiência do menor: ações colaborativas na Vila Neuma, Iguatu, Ceará, brasil. PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, 6(20).

Ramos, L. L. A., Paixão, L. M., de Jesus, L. A. N., & Conde, K. M. (2020). Espaços públicos para brincar no contexto das cidades contemporâneas. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, 8(58).

Sullu, B. (2024). Children's access to play during the COVID-19 pandemic in the urban context in Turkey. Children's Geographies, 22(1), 182-187.

Weir, H. (2023). Spaces for children's play and travel close to home: the importance of threshold spaces. Children's Geographies, 21(6), 1071-1086.

AGRADECIMENTOS

O artigo foi desenvolvido com apoio do programa CAPES-PROEX, no qual Bruna Cavalcante é bolsista.

R39

UNDERSTANDING CREATIVE AMBIANCES BASED ON BEHAVIOR SETTINGS ANALYSIS

COMPREENSÃO DE AMBIÊNCIAS CRIATIVAS COM BASE NA ANÁLISE DE BEHAVIOR SETTINGS

Gleice Azambuja Elali
Dra., Prof. Titular
PPGAU/UFRN
gleiceae@gmail.com

ABSTRACT

Ambience articulates visible and invisible factors that permeate a place and define its values and identity. Field diaries, sketches and videos are generally used in their study, and it is common to use content analysis to articulate/ synthesize the large amount of information collected. In this field, this article presents the methodological strategy used in research on creative ambience in public spaces (in progress), which, without denying previous practices, chose to combine them with the analysis of behavior settings (BS). The results indicate a strong potential for complementation between such methods/techniques, showing that the investigation of ambiences can benefit from the approximation between the objectivity of the analysis of BSs (clarifying the physical and temporal limits, human and non-human components, program and synomorphy's conditions of the event) and the valorization of subjectivity and sensitive aspects of the place provided by ethnographic appreciation.

KEYWORDS: creative ambiance. research methods. behavior settings analysis.

RESUMO

A ambiência articula fatores visíveis e invisíveis que impregnam um lugar, definem seus valores e identidade. Em seu estudo são geralmente utilizados diários de campo, croquis e vídeos, sendo comum usar a análise de conteúdo para articular/sintetizar a grande quantidade de informações coletadas. Nesse campo, este artigo apresenta a estratégia metodológica utilizada em uma pesquisa sobre ambiências criativas em espaços públicos (em andamento), a qual, sem negar as práticas precedentes, optou por aliar a elas a análise de behavior settings (BS). Os resultados indicam forte potencial de complementação entre tais métodos/técnicas, mostrando que a investigação de ambiências pode se beneficiar da aproximação entre a objetividade da análise de *BSs* (esclarecendo os limites físicos e temporais, componentes humanos e não-humanos, programa e condição de sinomorfia característicos do evento) e a valorização da subjetividade e aspectos sensíveis do lugar propiciados pela apreciação etnográfica.

PALAVRAS-CHAVE: ambiencia criativa. métodos de investigação. análise de *behavior settings.*

1. INTRODUÇÃO

> A ambiência é algo fácil de sentir, embora explicá-la seja o que há de mais difícil (Augoyard, 2007).

Ressaltada pela literatura, a dificuldade para explicar e investigar a ambiência deriva do fato dela articular fatores visíveis e invisíveis que impregnam um lugar e definem seus valores e sua identidade (Thibaud, 2004, 2018; Duarte, 2013). Em geral seu estudo costuma envolver: (i) diários de campo confeccionados pelos pesquisadores; (ii) croquis (desenhos qualificados que podem ser feitos durante ou após a visita, complementados por registros/comentários ligados a cor, sons, odores, movimento/vitalidade, condições de uso, e similares); (iii) vídeos etnográficos (imagens e sons captados conjuntamente enquanto acontecem). Por sua vez, a síntese e apreciação crítica do material obtido, geralmente recorre à análise de conteúdo, buscando modos para articular as muitas informações coletadas e apreciá-las conjuntamente.

Incorporando-se aos esforços nesse campo, na estratégia metodológica utilizada por uma pesquisa sobre ambiências criativas em espaços públicos hoje em andamento (referência omitida), optou-se por acrescentar às práticas precedentes a análise de *behavior settings* (BS) originada da Psicologia Ecológica (Barker, 1968; Wicker, 1992; Schoggen, 1989). Em sua etapa inicial o estudo elencou ambiências consideradas criativas e que aparentam se repetir por todo o país, as quais foram classificadas em cinco categorias (referência omitida): ações vinculadas à mobilidade e ao movimento corporal; 'batalhas' presenciais; atividades artístico-culturais de apelo intergeracional; festas populares; situações de 'feira'.

Diante da variedade de situações detectadas, o estudo foi aprofundado pela investigação de manifestações que representam cada uma das categorias. Baseada em visitas de campo, a pesquisa abrangeu diário de campo, croquis, filmagem e análise de *BSs.* Enquanto as técnicas predominantemente etnográficas/fenomenológicas propiciaram a valorização da subjetividade e das sensações que caracterizam cada ambiência, sua análise como BSs ressaltou peculiaridades relacionadas a seus limites, componentes e mecanismos de manutenção, chamando especial atenção para o programa e as condições de sinomorfia.

Apresentando sinteticamente o trabalho realizado, esse artigo se desenvolve em cinco itens, relacionados à: (i) contextualização geral (envolvendo a ideia de ambiência criativa a os resultados da fase inicial da investigação); (ii) a análise de BSs como método de pesquisa; (iii) um caso exemplar analisado; (iv) principais resultados obtidos; (v) considerações finais.

2. CONTEXTO: A IDEIA DE AMBIÊNCIA CRIATIVA E A FASE INICIAL DA PESQUISA

A ideia de ambiência (Thibaud, 2004; Augoyard, 2007) se vincula à qualidade de uma situação e aos estímulos e sensações que a definem, com especial ênfase para a vivência do/s participante/s. Duarte (2013) esclarece que ela pode ser entendida como "o lugar urbano somado de tudo que envolve", compreensão que ressalta a importância das dimensões visíveis e invisíveis do lugar, e denuncia a dificuldade do seu estudo que, segundo Thibaud (2018) pode adotar três tipos de abordagens: ecológica (relacionada à qualidade da situação), praxeológica (voltada para o estímulo que agencia o uso) e fenomenológica associada aos elementos sensíveis vinculados a situação).

A ambiência afeta a percepção das pessoas que vivenciam um local, sendo também afetada por estas percepções, à medida em que as pessoas distinguem as condições sociais e físicas ali presentes e conferem significados ao lugar. Ao somar a qualificação "criativa" ao conceito de ambiência, salienta-se a possibilidade da primeira influenciar a criatividade e as atividades criadoras de indivíduos e/ou grupos – assunto que conduz a um instigante manancial de pesquisa em várias áreas do conhecimento. Sob essa perspectiva, esse artigo assume como definição de ambiência criativa: "situação/lugar capaz de estimular criativamente as pessoas ali presentes, ou seja, no qual as pessoas se sintam e ajam criativamente" (referência omitida).

Dando continuidade a outros trabalhos da autora (Elali, 2020 e 2021) e do grupo de pesquisa PROJETAR/UFRN, a investigação que subsidia o artigo (Elali, 2022) analisa ambiências criativas em meio urbano, com ênfase para aquelas que se consolidaram após a crise gerada pelo Covid19. Em sua etapa inicial a investigação recorreu ao conteúdo veiculado em mídias sociais a fim de elencar situações que se enquadram no conceito supracitado e se repetem pelo país, os quais foram subdivididos em cinco categorias, descritas em Elali (2023): a) Ações vinculadas à mobilidade e ao movimento corporal – abrange caminhada, ciclismo e outras atividades físicas, que geralmente acontecem em percursos previamente delimitados, os quais podem ser modificados (o que, no entanto, exige que os envolvidos sejam informados e concordem com isso); b) 'Batalhas' presenciais – reúne eventos relacionados a 'passinho', hip-hop/funk, disputas entre cordelistas/repentistas e outros encontros com grande potencial para difusão de ideias e geralmente procurados pelos jovens; c) Atividades artístico-culturais de apelo intergeracional – compreende shows, teatro de rua e de marionetes, saraus, festivais e similares; d) Festas populares – relaciona-se principalmente a grandes festividades, como Carnaval e São João, embora possa envolver eventos mais restritos a comunidades específicas, como aniversário da cidade, celebrações religiosas e outras; e) Situações de 'feira' - eventos que, em sua origem, são destinados à comercialização de produtos, e que, por proporcionarem muitas oportunidades para socialização, conseguem abarcar diversas manifestações culturais.

3. A ANÁLISE DE BEHAVIOR SETTIGS COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Oriunda da Psicologia Ambiental, a ideia de *behavior setting* (BS) está vinculada ao conjunto de interações que acontecem em um determinado local (Barker, 1968). Conceitualmente o BS é definido como um "sistema limitado, autorregulado e ordenado, composto de integrantes humanos e não-humanos substituíveis, que interagem de modo sincronizado para realizar uma sequência ordenada de eventos denominada programa" (Wicker, 1979, p.10-12).

Partindo das definições dos pioneiros, a teoria de BS evoluiu, tornou-se mais abrangente e incorporou elementos de subjetividade que influenciam a ação humana (Georgiou et al 1996, Popov, & Chompalov, 2012). A literatura indica que sua análise abrange a compreensão de alguns elementos essenciais para que a situação se instale e se mantenha, dentre os quais destacam-se: componentes humanos (pessoas realizando atividades ou assumindo funções, características do ambiente social); componentes não-humanos (características do ambiente físico, incluindo sons, odores, presença de animais, mobiliário, equipamentos); limites físicos (área ocupada e elementos que definem geográfica e morfologicamente a extensão da situação); limites temporais (início e final cronológico previstos e efetivados); programa (ações previstas para acontecerem a fim de que as funções essenciais da situação se estabeleçam); condições de sinomorfia (coerência/sincronia entre componentes humanos e não humanos visando a realização da/s atividade/s prevista/s); mecanismos de manutenção (possibilitam a existência do BS e o mantém em funcionamento); ponto focal de comportamento (elemento humano ou não-humano essencial ao BS, e que centraliza/coordena/conduz aquilo que ali acontece); satisfações proporcionadas (reconhecimento do/s motivo/s para que as pessoas cheguem e permaneçam ali).

Na continuidade do estudo em foco selecionamos ambiências relativas às cinco categorias citadas e acesso facilitado por acontecerem na Região Metropolitana de Natal (RMN):

Ações vinculadas à mobilidade e ao movimento corporal – Turma da bike (246N – circuito pelos bairros de Tirol/Petrópolis/Via-Costeira/Capim-Macio); Desafio no mar (treinamento funcional de natação em Ponta Negra).

'Batalhas' presenciais – Batalha do passinho (praça de eventos de Mãe Luiza); Festival de violeiros e repentistas (largo da praça Augusto Severo).

Atividades artístico-culturais de apelo intergeracional – Teatro na praça (evento itinerante nas quatro zonas urbanas); Lual na praia (show de voz e violão em várias localizações); Chorinho na praça Pe. João Maria (Cidade Alta).

Festas populares – Banda Submarino Amarelo (Petrópolis); Saída da Banca da Ribeira (Ribeira/Rocas); Ensaio de quadrilha junina (várias localizações).

Situações de 'feira' – Feirinha de Orgânicos no Campus (LagoaNova); Feirinha e feijoada no ZéReieira (Cidade Alta); Feira de Artes e Artesanato (CCDM/UFRN).

3. UM ESTUDO ILUSTRATIVO: 'TEATRO NA PRAÇA'

Na impossibilidade de espaço para descrever as diversas ambiências citadas, para ilustrar o artigo foi escolhida a ambiência 'teatro na praça'.

Cumpre explicar que vários grupos teatrais que se encontram na RMN-RN realizam espetáculos de rua, tanto profissionais quanto amadores e acadêmicos. O grupo em foco é composto por estudantes de teatro da UFRN, e prioriza a discussão de temáticas atuais ligadas à vida cotidiana nas periferias, como acesso ao transporte publico de qualidade, habitação digna, direito à cidade, questões de gênero e reconhecimento/valorização de minorias. Na situação analisada, embora o grupo de teatro centralize a ação e adote um roteiro que orienta (genéricamente) a atividade, a meta é fazer com que o público participe ativamente, direcionando e determinando os rumos da apresentação. A prática tem apoio (parcial) do governo, mediante submissão/aceitação de projeto específico.

O estudo em foco é apresentado em três subitens: breve descrição etnográfica, síntese imagética (imagem que sintetiza a ambiência, gerada a partir de croquis de campo constantes do diário de pesquisa) e analise de *behavior setting* (itens que se destacaram).

Breve descrição

Sábado, final da tarde após um dia quente. Um grupo de jovens atores se reúne em uma praça da periferia, onde já haviam colocado um tablado (2x2m) e um caixote. Eles vestem jeans e camisetas largas de cores fortes. Um deles carrega um violão, há ainda um pandeiro e um triangulo. O público se reúne em volta, alguns mais próximos, outros á curta distância. Adultos cuidam de crianças que brincam. Um carrinho de pipoca é visto em um canto, na sombra de uma árvore, o cheiro da pipoca se espalha pelo lugar; um pouco mais tarde chegaram o vendedor de água com sua caixa de isopor, e uma vendedora de guloseimas, que dispôs sobre uma mureta próxima vários depósitos plásticos contendo balas, pastilhas e chocolate. Os atores conversam com as pessoas presentes, fazem perguntas, pedem sua opinião sobre o assunto do dia. Hoje vão falar sobre transporte público, as pessoas fazem reclamações e contam 'causos'. O 'silvo longo' de um apito chama a atenção coletiva, dois atores pegam adereços em uma caixa de papelão (chapéu, bolsa grande) e começam a apresentação. Encostados ao poste da praça eles esperam um ônibus que está demorando. Outros quatro atores se aproximam, enfileirados, carregando cadeiras de plástico; eles formam o ônibus, que está cheio. Quando param, cada um se senta na respectiva cadeira. Os dois que estavam esperando na 'parada' entram, mas ficam de pé. A mulher diz que está cansada, e está grávida (procura uma almofada na caixa e a coloca sob e camiseta). O público ri. Ouve-se 'dois silvos breves' (apito), os atores param ('pose de estátua') enquanto aquele que apitou pergunta ao público o que fazer. As opiniões convergem no sentido de alguém ceder o lugar; em seguida é preciso escolher quem irá se levantar, e os participantes resolvem que será o ator mais jovem. Como toda essa negociação demora uns 5 minutos, os atores indicam

que estão cansados, saem da 'pose', um finge dormir. As pessoas reagem rindo, mas continuam a debater. Solucionado o problema, o ator com o apito sinaliza o retorno a cena com um 'silvo breve' (e move as mãos, como um guarda de transito), os outros retornam imediatamente à posição inicial e a peça continua. A mulher grávida repete a fala, e rapidamente o ator mais jovem cede seu lugar a ela. Algumas pessoas na plateia aplaudem. Várias mulheres comentam que isso não acontece tão fácil, e que os jovens costumam fingir que dormem para não precisarem se levantar. O 'teatro de rua' continua nesse ritmo por mais de 1 hora de espetáculo. As pessoas parecem se divertir. Elas riem e trocam opiniões. A discussão sobre o preço da passagem é longa. Para representarem os empresários de transportes e os políticos, os atores usam capas; em duas situações um espectador pediu a capa para falar, imitando um político local. Papel sulfite verde cortado representa o dinheiro envolvido, trocando muitas vezes de mão. Quando um empresário deixou um pouco do dinheiro cair no chão, o espectador que "pegou" se recusou a devolver: "achado não é roubado!" (o público foi consultado e concordou). O ônibus (cadeiras enfileiradas) passeia pela praça durante todo o espetáculo, os atores se revezam em uma das cadeiras, e o público assume as demais. O clima social é acolher e atraente. O tema discutido não é simples ou fácil, mas se mostrou compreensível, e a participação foi importante. Ao final, as pessoas estavam animadas, e os atores pareciam satisfeitos, rememorando cenas que chamaram sua atenção. Portanto, o evento pode ser considerado uma ambiência criativa, com potencial para afetar a criatividade dos participantes (quer enquanto acontece, quer ao ser rememorado, como na síntese imagética da Figura 1). Como pesquisadora, fiquei gratificada. É inspirador sentir que os jovens estão tentando fazer coisas diferentes, levar cultura para a população e gerar oportunidades para que as pessoas pensem sobre seu cotidiano.

Síntese imagética (figura 1)

Figura1: Síntese imagética da ambiência 'Teatro na praça'
Fonte: diário de campo da pesquisadora

Informações geradas pela análise de BS

- Limites físicos – praça situada em conjunto habitacional na periferia de capital nordestina (Zona Norte da cidade de Natal-RN) e calçadas contíguas.

- Limites temporais – previsto para acontecer no sábado, das 16:00 às 17:30h (na prática ocorreu entre 16:15 e 18:25h).
- Componentes humanos – grupo teatral com 7 membros (entre 20 e 40 anos); 17 participantes ativos anônimos (do público); 68 espectadores de diversas idades (variando de 12 a 48 pessoas simultâneas ao longo do evento); 3 vendedores ambulantes (pipoqueiro, vendedor de água, vendedora de doces). Grupo populacional diverso em gênero e cor/etnia, mas aparentemente com condição social homogênea (baixa renda). Embora o grupo teatral tenha assumido a liderança da atividade (os atores se revezaram), em várias situações a liderança foi compartilhada com o público (assumida por populares presentes, notadamente os participantes anônimos mais ativos).

- Componentes não-humanos – elementos cênicos como tablado, caixote, 4 cadeiras plásticas, instrumentos musicais (violão, bumbo, triangulo, pandeiro), 2 capas grandes com capuz, caixas, mobiliário/equipamentos urbanos (bancos, poste, lixeira, jardineiras), telefones celulares, apito, megafone (usado apenas no início e final).

- Programa – 1. após o grupo se organizar (chegou 1h antes), um ator usou o megafone para atrair o público, enquanto os demais percorreram a praça e a calçada contígua convocando os interessados; 2. na área central da praça (onde estava o tablado e alguns objetos), os atores começaram a conversar entre si e com o público, a fim de "combinar" o enredo; 3. feitos os primeiros acordos foi anunciado o início da ação; 4. Um 'silvo longo' (som produzido por apito) demarcou o começo 'oficial' do trabalho cênico; 5. os atores se revezaram em diferentes papéis e na direção; 6. em momentos de dúvida algum deles "parava" o espetáculo ('silvo breve' usando o apito) para consultar o público sobre as direções de continuidade e, após breve conversa, a encenação era retomada (novo 'silvo breve'); 7. Quando o grupo considerou ter atingido a meta inicialmente prevista, finalizou a apresentação com um novo 'silvo longo', e o megafone foi utilizado para dizer que aquele espetáculo tinha acabado, mas brevemente haveria outro.

- Condições de sinomorfia – observaram-se inúmeras situações de coerência/sincronia entre componentes humanos e não humanos para realizar as atividades previstas, tais como: altura do tablado facilitando a visualização dos atores pela plateia; uso de cadeiras para simular ônibus; uso de capas para indicar personagens pouco acessíveis. Condições de não-sinomorfia foram contornadas. Um problema maior foi sinalizado com 'dois silvos breves consecutivos', e uma discussão entre espectadores, foi resolvida pedindo calma e direcionando-os a pontos diferentes do local (mecanismo contra-desviante).

- Mecanismos de manutenção – não foi observado uso de 'veto', apenas de ações contra-desviantes. Exemplo: aproximadamente aos 25minutos, dois cachorros se colocaram quase no centro da cena. Um ator notou (mecanismo sensor) e tentou atraí-los para outro local (mecanismo executor 1). Como eles não se mexeram (um até se deitou), um ator experiente os incorporou a sua fala, de modo a integra-los à trama (mecanismo executor).
- Ponto focal de comportamento – o apito, o tablado (mini-palco) e a caixa de papelão com adereços foram muito utilizados como foco, em especial pelos dois atores que centralizaram/conduziram mais diretamente a atividade;

- Satisfações proporcionadas – (i) para os atores: exercitar seu ofício, ter acesso ao financiamento para a atividade (remuneração), ter oportunidade para refletir sobre questões da vida urbana; (ii) para o público: usufruir de momentos de lazer cultivar a sensação de fazer parte de um grupo e interferir nas suas decisões, refletir sobre seu cotidiano; (iii) para os ambulantes, maior possibilidade de vendas.

- Cena típica – alguns atores estão no centro da cena, trocando informações com o público, que reage às provocações e define direções para os acontecimentos.

- Interdependência – foram identificados vários sinomorfos (BSs potenciais) interdependentes, como 'atuação do grupo teatral', 'encontro de namorados', 'adultos cuidando de crianças', 'negociação com ambulante', etc. A grande proximidade entre eles se explica por ocuparem espaços contíguos durante quase o mesmo tempo e ocorrerem em função do acontecimento maior: a ambiência ' teatro de rua'.

4.SÍNTESE DOS RESULTADOS

Tomando-se o conjunto de ambiências investigadas, a leitura das diversas situações com base na análise de *behavior settings* teve entre seus principais resultados os pontos sintetizados no Quadro 1.

ELEMENTOS DO BS	PRINCIPAIS ACHADOS
COMPONENTES HUMANOS	- Número e papeis variados (em especial quanto à liderança e aos espectadores). - grande influência do contexto sociocultural, sobretudo em atividades ligadas a movimentos de resistência cultural e questões de gênero.
COMPONENTES NÃO-HUMANOS	- Quantidade e características diversas. - Grande presença de recursos tecnológicos de luz e som; intenso uso de celulares. - A tecnologia é essencial à manutenção de alguns bss, sobretudo daqueles que envolvem grande quantidade de participantes.
LIMITES FÍSICOS E TEMPORAIS	- Pouco rígidos, embora demarcáveis (sobretudo após final das atividades). - Comumente localizados em periferias e áreas centrais livres. - Em atividades esportivas que envolvem espaços maiores (como ciclismo e corrida de rua), a noção de rota ganha especial importância.
PROGRAMA	- Diverso, mas que se repete no contexto das categorias observadas. - Destaca-se seu poder para manter a coesão dos participantes e a flexibilidade para alterar/ajustar detalhes desde que o objetivo geral do bs não se modifique.
INTERDEPENDENCIA	- Possibilidade de delimitar micro e macro BSs. - Grande interdependência entre sinomorfos presentes. - Existência de um BS-chave que dá sentido ao que acontece e organiza os demais.
CONDIÇÕES DE SINOMORFIA	- Responsáveis por atrair, afastar/limitar a participação ou extinguir o BS. - Em geral liga-se à falta de assentos e banheiros, problemas com iluminação e acústica, e de convivência entre pessoas/grupos.
MECANISMOS DE MANUTENÇÃO	- Plenamente atuantes, embora não ostensivos. - Tendência à tolerância, maior uso de mecanismos contra desviantes do que de mecanismos de veto. - Evitam-se ao máximo situações de violência, que podem extinguir o BS.
PONTO FOCAL	- Vinculado ao BS-chave, pode ser associado a pessoas (exercendo funções) e à elementos não-humanos (muitos deles tecnológicos).
SATISFAÇÕES PROPORCIONADAS	- Ligadas à satisfação pessoal (bem-estar, redução do estresse, restauração psíquica), a questões financeiras e à difusão de ideias.
OUTROS	- Muitas oportunidades para a observação de affordances no uso de objetos do cotidiano existentes no local.

Quadro 1: Principais achados da pesquisa das ambiências por meio da análise de BSs
Fonte: dados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo sintetizado por este artigo, associar elementos etnográficos à análise de *behavior settings* propiciou a ampliação do entendimento das diversas situações em foco e, portanto, maior compreensão destes modos de apropriação de áreas livres urbanas por grupos de diferentes dimensões e características (gênero, idade, atividade, inserção social, ideologia), o que se tornar um indicativo de tendências para o surgimento de ambiências criativas nestes locais e similares. Os resultados indicam o potencial de complementação entre tais métodos/técnicas, uma vez que a objetividade propiciada pela análise de *BSs* completa a apreciação subjetiva/sensível do lugar oriunda da abordage etnográfica.

Genericamente, os cinco tipos de ambiências identificadas na fase inicial da pesquisa (e analisadas na segunda etapa) podem ser associadas a movimentos de (re)tomada e (re)significação da vida urbana características da vida pós-pandemia. Apesar de não terem surgido com essa finalidade, pois podem ser detectadas antes de 2020, é evidente que elas ganharam força no período pós-pandêmico, notadamente as ações de mobilidade, as batalhas e algumas atividades artístico-culturais.

Como último esclarecimento é essencial destacar que, ao voltar-se para a compreensão de ambiências criativas, o trabalho realizado evidencia uma ocupação acolhedora e prazerosa do meio urbano. Não se pretende, aqui, negar a possibilidade de situações adversas, de violência ou de problemas inerentes ao viver na cidade contemporânea, os quais não podem (nem devem) ser evitados ou encobertos. No entanto, ao valorizar a busca por ambiências criativas tem-se como meta enfrentar tais questões de modo diferenciado e contribuir para uma visão otimista de futuro. Promover ambiências criativas e democratizar o usufruto do contato com elas pode ser mais um pequeno passo em direção a este futuro.

6. AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa; aos bolsistas IC, estudantes de graduação do CAU/UFRN e de pós-graduação do PPGAU/UFRN, pelo auxílio e muitas ‘dicas’; aos participantes anônimos, pela colaboração e a inspiração.

7. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Augoyard, J. (2007). A comme ambiance(s). *Cahiers de la recherche architecturale et urbaine,* {s.n.], pp.33-37.

Barker, R. & Schoggen, P. (1973). *Qualities of community life: methods of measuring environment and behavior*. San Francisco: Jossey-Bass.

Barker, R. (1968). *Ecological psychology.* Stanford: Stanford University Press.

Duarte, CR. (2013). Ambiance: pour une aprroche sensible d l’espace. *In:* J. Thibaud &

CR. Duarte (Org.). *Ambiences urbaines em partage*. Genève: Metis Presses, pp. 21-30.

Elali, G. A. (2020). Ambiências criativas na cidade. In: Cristiane Rose S. Duarte; Ethel Pinheiro. (Org.). Arquitetura, subjetividade e cultura . Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo. 1ed. Rio de Janeiro: PROARQ / RIO BOOKS, v. 1, p. 134-151.

Elali, G. A. (2021). Ambiências criativas no ensino remoto de projeto de arquitetura na percepção de professores brasileiros. In: 10 PROJETAR - Arquitetura, cidade e paisagem: projetar em contexto de crise - Novos Desafios para o Ensino, a Pesquisa e a Prática da Arquitetura. *Anais do* ..... Lisboa: EULisboa, 2021. v. 1. p. 1-15.

Elali, G. A. (2022) (re)Visitando ambiências criativas: apropriações e significados dos espaços públicos no período pós-pandemia. *Projeto de pesquisa.* Bolsa de Produtividade. CNPq. Natal/Brasília.

Elali, G. A. (2023) Ambiências Criativas em espaços livres da cidade: apontamentos para exploração do tema. In: 11º Seminário PROJETAR. *Anais do .....* João Pessoa: DAU/PPGAU/UFPB, 2023. v. 1. p. 1-10.

Georgiou, D., Carspecken, PF., & Willems, EP. (1996). An expansion of Roger Barker's behavior setting survey for an ethno-ecological approach to person–environment interactions. *Journal of Environmental Psychology,* v.16, 319–333.

Popov, L., & Chompalov, I. (2012). Crossing Over: The Interdisciplinary Meaning of Behavior Setting Theory. *International Journal of Humanities and Social Science,* v. 2, n. 19, p. 18-27.

Schoggen, P. (1989). *Behavior settings - a revision and extension of Roger G. Barker's Ecological Psychology.* Stanford: Stanford University Press.

Thibaud, JP. (2004). O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: E. Tassara, E. Rabinovich & MC. Guedes (Orgs.). *Psicologia e ambiente.* SP: EDUC.

Thibaud, JP. (2018). Ambiência. In: S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Psicologia ambiental:* conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, p. 13-25.

Wicker, A. (1979). *An Introduction to Ecological Psychology.* Belmont, CA: Brooks Cole.

Wicker, AW. (1992). Making sense of environment. In: W. Walsh, K. Craik & R. Price (Orgs). *Person-Environment Psychology.* Hillsdale: Lawrence Erlbaum, pp. 157-192.

R39

LUDUS AS POSSIBILITY: OBSERVING RECIFE'S PLAYGROUNDS

O LUDUS COMO POSSIBILIDADE: OBSERVAÇÕES EM PARQUES INFANTIS DO RECIFE

Mateus E. C. Maia
Mestre em Desenvolvimento Urbano
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano – MDU/UFPE
mateusecmaia@gmail.com

ABSTRACT
Though the ideia of 'play' as central for human health, the present study aims to see space through a playful lens, using the concept of ludic affordance, which are the playful possibilities in the relationship between body and environment. Observations conducted in public playgrounds in Recife - Pernambuco, demonstrate that the most common actions in playgrounds are linked to sliding, swinging, hanging, crossing, jumping, going up and down, climbing, pretending and running. Beyond collecting data on Recife's parks, the purpose of this study is to conceptualize a spacial understanding that is closer to children's experience and, therefore, more suitable for designing children's spaces.

KEYWORDS: childhood. playground. affordances. play. ludic.

RESUMO
Partindo de uma compreensão do 'brincar' enquanto fator central da saúde humana, o presente estudo pretende testar um modo de ver os espaços compreendidos como 'lúdicos' ou 'infantis' - comumente chamados de playgrounds - por lentes brincantes, através do conceito de affordance lúdica, que são as possibilidades brincantes na relação corpo-ambiente. Observações conduzidas em playgrounds públicos em Recife - Pernambuco, demonstram que as ações mais comuns aos parques infantis estão ligadas a escorregar, balançar, pendurar, atravessar, pular, subir e descer, escalar, fazer-de-conta e correr. Mais do que gerar dados sobre os parques do Recife, o intuito deste estudo reside na conceptualização de um modo de compreender o espaço que esteja mais próximo da experiência infantil e, portanto, seja mais adequado aos projetos de espaços para a infância.

PALAVRAS CHAVE: infância. playground. affordances. brincar. lúdico

INTRODUÇÃO
Dos tempos da graduação, lembro de uma tarde em que ia para a universidade com alguns amigos, e disse a eles assim: "Sabe qual é o mais importante? O ponto da arquitetura? O que diz se um espaço é bom ou não? Se ele é completamente apropriado pelas pessoas, e se torna *delas* mesmo". Ao que eles responderam algo como "achei que tu ias falar um negócio bem diferente, mas isso é o óbvio". E realmente, é o óbvio. Foi por essa fascinação com o óbvio que comecei a estudar o "espaço lúdico". Acho dificílimo que você não lembre, com uma afeição diferente, do lugar onde brincava quando criança. Pergunto, então, a quem estuda arquitetura, projeta, constrói ou determina o que será construído: por que não desenhar, construir, espacejar, para o brincar? Por que não conceber, projetar e construir espaços com as crianças em mente? Afinal, o ambiente que é bom para a criança, é bom para todo mundo. Acontece que é difícil, ao adulto, entender verdadeiramente o que pensa uma criança. Neste texto, buscarei demonstrar uma visão possível, que se aproxime

da perspectiva da criança. De início, acredito ser necessário um entendimento mais profundo sobre a relação da criança com seu ambiente - com a ajuda de Winnicott[1], pensemos brevemente sobre o brincar.

1.1 A primeira e essencial atividade: brincar

Brincar e criar são sinônimos. A criatividade não é dom ou talento, tampouco é uma técnica. Por que as crianças brincam? Se permitido, uma criança vai acordar brincando e realizar todo tipo de movimento no mesmo espírito, até que seja interrompida pelas necessidades do corpo. Todos nós sabemos disso, apesar de não termos o costume de conservar as memórias de uma época tão onírica. Imagine que, enquanto lê este texto, surge no seu colo um objeto que não lhe lembra nada que já tenha visto. Talvez você tome um susto! Então, notando que o tal objeto não apresenta ameaça, algo acontece em seu espírito: sua curiosidade é atiçada. Você está só, e não há explicação para o que é ou de onde veio a tal coisa. Pegue o objeto, o observe de perto, de longe; perceba sua textura, sua cor, seu cheiro, seu peso. Quando bate nele com as unhas, que som faz? Será que, jogando-o no chão, ele quebra? Ou será que quica? À medida em que se conhece o objeto, ele vai se tornando familiar - talvez você perca o interesse, ou talvez você lhe dê um nome e uma função. [2]

Se o ser humano não é paralisado pelo medo, o estranho e o desconhecido são como alimento. Tudo, um dia, era estranho, e então foi criado. Winnicott propõe uma 'etiologia do ser', em que a primeira e única ferramenta que temos é esta criatividade: a capacidade de pegar o tal objeto estranho e criar seu significado, seu nome, sua função – para ele, esta seria a natureza inata a ser preservada (e exercitada) na *saúde psíquica.* O brincar é, então, a manifestação da criatividade sadia, o que não quer dizer que aconteça de forma independente, isolada. Só é possível ao bebê 'brincar' se há um outro alguém que cuide dele, que atente às suas necessidades, para que ele possa se empenhar na difícil tarefa de *vir a ser.* Este outro alguém e seus cuidados é o que Winnicott chama de *ambiente facilitador*. Talvez isso nos fale um pouco da arquitetura em seu propósito: o abrigo que *possibilita* as nossas diversas atividades ou repousos. Pois à atividade da infância, o brincar, a criatividade sadia, o que é necessário prover? Talvez não o *estímulo,* mas a *oportunidade* - no lugar de ambientes 'estimulantes', poderíamos pensar em ambientes que *possibilitem* a liberdade - de uso e de criação, e também de convergência e encontro com o outro.

1 Donald W. Winnicott (1896-1971) foi um pediatra e psicanalista inglês. Desenvolveu sua teoria acerca das neuroses e psicoses como lacunas do processo de criação do *self* na infância.

2 Loparic (2000) *apud* Dias (2003), diz do brincar uma "dação de sentido" ao mundo e aos objetos.

1.2 O ambiente percebido em suas possibilidades

E para falar de *possibilidade*, dentro da psicologia ambiental, Gibson (1966) desenvolve o conceito de *affordance*: ao nos depararmos com uma cadeira, não é a junção das percepções de cor, forma, tamanho e peso que, juntas, nos fazem pensar: "cadeira". Na verdade, a cadeira é imediatamente reconhecida como um objeto no qual é *possível* sentar-se (*affords sitting*), pela relação do objeto com nosso próprio corpo – uma percepção direta, intencional, entre corpo-mente e ambiente.

Ao observarmos um objeto que captura nosso interesse, nos aproximamos dele, ou o circundamos, procuramos enxergá-lo de diferentes ângulos. Se parece seguro, chegamos perto, o cheiramos ou tocamos, e a cada novo movimento em relação ao objeto, o entendimento torna-se mais completo: percebemos suas invariantes: as propriedades retidas *apesar* das variâncias observadas pelo movimento. É neste espaço entre sujeito e objeto que existem as possibilidades (*affordances*) - percebidas ou *potencialmente percebidas* - entre os dois.[3]

Essa compreensão acerca do funcionamento da percepção, embora possa parecer mecânica demais, na verdade é muito próxima do olhar curioso da criança. O ambiente percebido de forma direta, mesmo antes de entender seus significados coletivamente construídos, é o que torna possível o ato criativo do brincar: o *ludus* como possibilidade.

1.3 Mas o que é o lúdico mesmo?

No seu *Homo Ludens,* Huizinga (1938) define "jogo" como uma atividade livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e fictícia. Estas propriedades, no entanto, não falam sobre o conteúdo do jogo, mas são seus aspectos formais. Caillois (1958) propõe uma subdivisão do lúdico em quatro tipos não-excludentes entre si. Na verdade, podemos dizer que funcionam mais ou menos como diferentes facetas do prazer lúdico, podendo coexistir em uma mesma atividade, em proporções diferentes.

O *agon*, aspecto da competição, evidencia o mérito, a habilidade e o vigor do jogador. O *alea,* ao contrário, ignora a habilidade, evidenciando a *sorte* e o *acaso*. O *illinx* diz respeito ao prazer da vertigem, do transe e da desorientação. Já o *mimicry* engloba o universo do faz-de-conta, da fantasia e do teatro.[4] O que intuímos é que o prazer lúdico está sempre ligado a algum tipo de liberação. No *agon,* há a liberação da agressividade pela competição. Na *alea,* a liberação do controle do destino pela sorte. No ilinx, a liberação do controle de si próprio pela vertigem. Na *mimicry,* a liberação das restrições da identidade pela fantasia. Neste espelhamento entre

---

3 A percepção direta diferencia-se da identificação, que surge pela vivência cultural, onde identificamos valores simbólicos dos objetos. Por exemplo: uma bola qualquer, por sua forma e peso, é *percebida* como um objeto rolável, segurável, lançável e chutável. Outras características, como a cor e o tamanho, a tornam *identificável* como uma bola de futebol ou de basquete.

4 Sobre os nomes das categorias: *agon* é a personificação grega dos concursos, desafios e disputas; *alea* vem da raíz de 'aleatório'; *illinx* vem da palavra grega para 'turbilhão das águas'; e *mimicry* vem de mimética.

tensão-liberação, fica posta uma função essencial do lúdico, que o torna semente do mundo social: mediar o incessante conflito entre a violência das pulsões individuais e o poder contratual do coletivo.

A tensão entre desejo e regra - individual e coletivo, subjetivo e objetivo - é posta por Caillois nos conceitos de *ludus e paidia.*[5] Na extremidade da "turbulência, expansão, improviso", está a *paidia.* Na outra, o princípio formatador, que subordina ou direciona a força expansiva para um sentido comum, o *ludus*. A *paidia* está inexoravelmente associada ao espírito livre da criança, enquanto o *ludus* liga-se à organização simbólica do jogo, enquadrando-o no mundo da linguagem e da cultura enquanto formalizações do sensível.[6]

Essa predisposição (paidiana) inata ao movimento, balbucia, corre, rasga papeis, risca paredes e destrói utensílios por motivo algum, movida tão simplesmente pelo desejo de movimento de um quase-alguém. Este impulso encontra direcionamento na estrutura do *ludus,* e é no encontro dos dois que se produz uma formação lúdica – o jogo ou brincadeira, propriamente ditos, enquanto fenômenos observáveis. Embora a energia paidiana esteja presente desde o início, à medida em que vamos crescendo, cresce também a vontade de "desafiar-se, apostar, testar seus limites, suas possibilidades num jogo de prazer e desprazer"[7], de não só brincar, mas de também *entrar no jogo,* de buscar o encontro com o outro.

É necessário, portanto, *adentrarmos o território* do jogo, ainda que este território seja imaginário, ou nas palavras de Huizinga (1938), um *círculo mágico*. O campo de futebol, o tribunal, o palco, o tabuleiro, o altar: espaços delimitados, onde certas regras se encontram materializadas nas linhas, nos limites; mas também uma roda de capoeira, sem elemento construído senão a própria disposição espacial dos jogadores; ou ainda uma mesa de bar quando se constrói, peça a peça, o jogo do dominó. O círculo é mágico por causa de quem joga - ser mágico não é uma característica do espaço, assim como a *affordance* não é uma propriedade do objeto, mas uma possibilidade da relação entre corpo e ambiente.

Será, então, que não existe o que se chama 'espaço lúdico'? Se todo espaço pode ser feito território do jogo por quem joga, o conceito perde o sentido. Portanto, para o propósito deste estudo, não falemos do espaço em seus objetos, mas em suas possibilidades, na forma do que podemos chamar de *affordances lúdicas.* Em que medida este espaço *facilita* o brincar, a partir de sua fisicalidade? Como seus objetos podem funcionar como *ludus,* isto é, estrutura a receber a energia *paidiana* das crianças?

---

5 Do latim, 'jogo, jogar', e do grego, 'crianças', respectivamente.

6 Silva, 2018, p. 31

7 *Ibid*., p. 39

2. ENXERGANDO O ESPAÇO INFANTIL

As formas amenas do mundo natural são os espaços infantis por excelência: a praia, a maré baixa, as árvores escaláveis, as poças de lama depois da chuva, um gramado que se estende em declive, a neve fofa. Animais, folhas, sementes, galhos, insetos: já fomos mais livres para explorar o que a natureza tem de curioso, quando pequenos. Na verdade, o que entendemos por "espaço infantil" está diretamente ligado com uma progressiva perda da liberdade de exploração ambiental, fruto do crescimento urbano.

A Alemanha do séc. XIX é palco do surgimento dos primeiros "espaços infantis", baseados numa visão educativa, no *kindergarten* de Froebel, e de fortalecimento nacional, no *outdoor gymnasia:* espécie de *playgrounds* voltados para o treino físico dos meninos para o serviço militar, que contavam com equipamentos como barras paralelas e cavalo com alças, sendo os precursores das academias públicas.

Com a aproximação do séc. XX e a forte imigração nos centros urbanos dos EUA, o surgimento dos grandes bolsões urbanos de pobreza e crianças em situação de rua leva o país a assumir um papel central na pesquisa e reprodução de playgrounds.[8] Surgem os chamados *Model Playgrounds,* que já se assemelham aos parques comumente vistos ainda hoje, com seus balanços e escorregos.

Talvez possamos dizer que o *model playground* americano acaba caracterizando o tipo arquitetônico que seria reproduzido nas cidades de todo o mundo - um pequeno sítio com solo de cimento ou areia e brinquedos coloridos seguindo um mesmo padrão. O tipo contemporâneo mais disseminado é chamado na literatura americana por *Novelty Playground,* nascido de uma forte movimentação de arquitetos e designers junto a fabricantes em uma espécie de campanha de construção em massa de espaços de lazer nos centros urbanos, com equipamentos em formas figurativas, como foguetes e animais. O extensivo uso de peças de metal e bases de concreto gerou um grande aumento de acidentes sérios e, consequentemente, ações judiciais contra os fabricantes e instituições urbanísticas, o que levou, ao menos nos Estados Unidos, à criação de normas de segurança, que viriam a engessar ainda mais a variedade de produção destes espaços.

De toda forma, em centros urbanos ao redor do mundo testemunhou-se uma mesma tendência: a diminuição do tempo livre e da oferta de espaços livres para a infância, estando as crianças, a cada ano, mais presas em espaços internos, seja em casa, seja na escola. Moore (1997) atribui esse "encolhimento da infância em espaços livres" a uma série de fatores que dizem respeito tanto à depreciação dos espaços externos quanto ao aumento da atratividade dos espaços internos como resposta. Seus argumentos se baseiam nos casos das cidades americanas ou britânicas, mas os mesmos fatores são facilmente observados nas cidades brasileiras.

---

8 Neste contexto, os *playgrounds* também foram um modo de tirar a brincadeira do espaço da rua, destinado ao tráfego de automóveis.

2.1 Observações no Recife

Para ver o espaço, basta olhar: há um balanço. Observando o brincar das crianças, enxergamos: há a possibilidade de balançar-se, e muitas outras. O que viemos pensando até então nos permite pensar nessas possibilidades como *affordances lúdicas.* De início, façamos uma análise dos brinquedos clássicos (Figura 1), frequentemente encontrados nos parques brasileiros.

O balanço, por exemplo, caracteriza-se por uma estrutura rígida, geralmente de metal, madeira ou concreto, onde ficam pendurados pequenos bancos por cordas ou correntes. A *affordance* canônica que dá nome a este elemento é possibilitada pelo conjunto: algo em que se pendurar, algo flexível que conecta partes rígidas e algo em que se sentar. A ação de balançar-se compeendida enquanto *affordance lúdica* se dá pela qualidade de entrega do corpo à força da gravidade (*ilinx*), mediada pela parte flexível (corda ou corrente) que possibilita um movimento pendular. Secundariamente, há a qualidade de desafio (*agon*) de tentar ir sempre mais alto, podendo tornar-se uma disputa.

Figura 1: As formas clássicas: balanço, circuito com escorrego, gangorra e trepa-trepa em parques do Recife-PE.
Fonte: O autor (2023)

Como desdobramento do balançar-se, é possível, ainda: girar sob o eixo do balanço, criando uma espécie de trança das cordas que, quando solta, gira o assento na direção contrária; combinar o movimento pendular com o de giro; equilibrar-se em pé no assento; saltar do brinquedo na amplitude máxima do movimento; empurrar e ser empurrado; tentar sincronizar o movimento de diferentes balanços; empurrar o assento vazio e, adicionalmente, desviar-se de seu trajeto.

O balanço, portanto, deve seu valor lúdico, predominantemente, ao movimento pendular que se assemelha ao que imaginamos que seja a sensação de voar - talvez por isso seja um brinquedo tão querido. A analogia com o voo sugere algo da *mimicry,* cuja presença enquanto categoria do lúdico depende apenas do movimento da própria criança que brinca em imaginar a si, aos objetos e às ações de maneira fantástica. Isso não significa que não é possível ao ambiente, em si, dispor de caráter que sugira uma ou muitas possibilidades imaginativas, seja pela própria aparência, que pode referenciar outros objetos, animais, lugares; seja pelo movimento, no caso do balanço, que por analogia favorece a fantasia do voo.

O escorrego assemelha-se ao balanço por seu apelo de entrega à força da gravidade. O movimento gerado, no entanto, diferencia-se completamente entre os dois equipamentos. Enquanto no balanço o movimento é pendular, o escorrego produz a queda suavizada, pela inclinação de uma superfície lisa. O material desta superfície irá influenciar drasticamente na qualidade do movimento, por suas propriedades de atrito em relação ao corpo ou ao tecido da roupa. Sua forma pode ser sintetizada, então, como uma superfície lisa e inclinada que liga um ponto alto a um ponto baixo, o que torna objetos como o corrimão, potenciais escorregos.

Uma característica fundamental do escorrego é a criação de um circuito: é necessário subir ao seu ponto alto para depois descer. O meio de subida, comumente escadas de barra ou de degrau, compreende muitas possibilidades de variação deste equipamento. Dessa forma, apesar da *affordance canônica* deste equipamento ser o *escorregar,* o circuito compreendido entre a subida e a descida compreende a maior porção do tempo de ação sobre o brinquedo. Seu valor lúdico, portanto, está tanto no *ilinx* do movimento veloz da queda quanto no percurso criado verticalmente, que estabelece possíveis relações com outros equipamentos. Em se tratando da superfície lisa, há ainda desdobramentos como: subir pela parte escorregadia, descer correndo ou rolar objetos.

O trepa-trepa consiste em uma estrutura de cordas ou barras horizontais e verticais, comumente em formato de gaiola. A atividade associada a esse brinquedo é a de escalada, mas dependendo do formato, é possível ainda pendurar-se ou balançar-se com os braços, como no formato de escada horizontal. As inúmeras formas possíveis deste brinquedo podem gerar situações que favorecem o faz-de-conta, mas sem dúvida trata-se de um brinquedo caracterizado pelo desafio físico, *agonístico.* É importante notar que *affordance* de *ser escalável* é particularmente plural, dado que

há muitas formas de escalar um mesmo objeto. Além disso, no formato de gaiola, tem-se algo de labiríntico: dependendo do tamanho relativo do brinquedo para a criança, há a possibilidade *illinxiana* de perder-se e achar-se, sentir-se desorientado, ou até mesmo preso.

Sua diversidade formal também torna possível a inserção do elemento como parte de um circuito. Por exemplo, pode estar associado ao escorrego, sendo o meio de acesso à parte alta. Ou ainda, a estrutura rígida do balanço pode ter formato escalável, como na escada horizontal. Dessa forma, as características do trepa-trepa valem para toda a categoria de elementos compreendidos como estruturas escaláveis, incluindo algumas espécies de árvores.

Na gangorra encontramos a introdução da brincadeira colaborativa - apesar de existirem algumas possibilidades de utilização individual, como equilibrar-se com um pé de cada lado, ou caminhando sobre o mastro. Sua *affordance* canônica pode ser sintetizada pelo verbo alavancar, isto é, a diferente sensação de peso que temos quando erguemos um objeto utilizando uma alavanca. Ainda, ser o objeto erguido, e a própria dinâmica de equilíbrio exercitada na brincadeira, assim como o *medo de cair,* parecem aproximar-se das características do *ilinx.* No entanto, o grande diferencial da gangorra reside mesmo no sentido de colaboração, embora seja possível, por exemplo, que uma criança maior mantenha a outra "refém" no lado elevado, transformando colaboração em dominância, sentido próprio do *agon.* Na mesma linha, a gangorra possibilita uma variação do cabo-de-guerra, onde os dois lados disputam para erguer o oponente. Num outro formato da gangorra, encontramos uma plataforma no lugar de um mastro. Nesse caso, a sensação de perigo fica mais aflorada, por envolver o equilíbrio em pé. Além disso, há também o sentido de travessia da plataforma, o que sugere sua inserção em um circuito.

O sentido de percurso criado pelos brinquedos-circuito, ou pelo encadeamento de brinquedos, cria uma sequência de experiências e novas oportunidades de *affordances* a cada etapa. Subir pela escada, observar do patamar, atravessar e balançar a ponte, esconder-se no fechamento antes de emergir pelo escorrego: uma grande variedade de ações. Além disso, demorar-se entre uma etapa e outra do percurso pode ser uma oportunidade de descobrir novos usos para as partes do equipamento. Uma variação interessante do brinquedo-circuito propõe a seguinte sequência: subir pela escada, engatinhar por um tubo aramado, descer pelo escorrego, subir por outra escada alcançando um patamar elevado e descendo por outro escorrego. Depois de mais uma escada, onde a criança entra no que parece ser um elefante de chapéu, há um escorrego duplo que desce dentro de um labirinto circular. O encadeamento de escorregos com um labirinto pode ser compreendido como um *ilinx-ilinx,* onde múltiplos movimentos de subida e descida intensificam a sensação de estar perdido. Este tipo de brinquedo, no entanto, acaba sempre se fechando em si mesmo nos exemplos clássicos. Projetados de forma a seguir sempre a mesma sequência, podem tornar-se monótonos. Adicionalmente, falta articulação entre os brinquedos,

o que sugere que cada um seja pensado para funcionar isoladamente. Parques mais recentes demonstram alguma evolução nesse sentido. No Parque das Graças, a subida do escorrego não usa uma escada, mas uma cama-de-gato de cordas, dentro de uma estrutura em icosaedro. Desta forma, a cada repetição do percurso reside a oportunidade de uma nova rota pelo labirinto de cordas. Além disso, o uso de elementos não-rígidos requer um maior esforço físico e coordenação dos quatro membros para alcançar o ponto alto.

Subir e descer parecem ser as ações fundamentais da atividade paidiana, e são contempladas na maioria dos brinquedos. A implementação de variações do nível do piso pode tornar essas ações mais interessantes que o repetido uso de escadas. Na praça Arari Ferreira Fonseca, na Iputinga, pequenos morros ficam dispostos em um terreiro; um com escada e escorrego, outro atravessado por um túnel, e outro puro. São equipamentos bastante simples, mas ricos em possibilidades de movimentação e imaginação.

A predominância das ações de movimento tridimensional fica bem demonstrada ao percebermos que, mesmo em espaços públicos voltados aos adultos, frequentemente vemos crianças brincando. Os equipamentos de ginástica e alongamento rapidamente tornam-se brinquedos (Figura 2), o que pode ser muito bem-vindo enquanto diluição das fronteiras entre "espaço de criança" e "espaço proibido à criança". Se essa separação parece persistir no desenho de muitos espaços públicos, podemos contar com a persistência das crianças em procurar as possibilidades do espaço em suas brincadeiras, e de nos mostrar, na prática, suas preferências. É perceptível o gosto que as crianças têm, por exemplo, pelos gramados, às vezes até deixando de lado as áreas emborrachadas onde ficam os brinquedos para correr, deitar e rolar na grama.

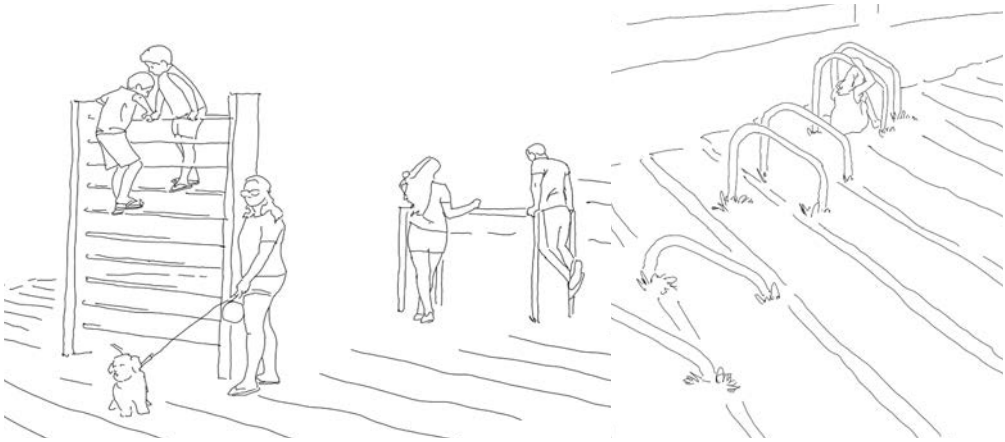


Figura 3: Crianças brincando em equipamento de ginástica no Parque Dona Lindu, Recife-PE.
Fonte: O autor (2023)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR QUE ESTUDAR O *PLAYGROUND*?

Entendo que o presente estágio da urbanidade, com os problemas do adensamento, da segregação, das mudanças climáticas, das crises sanitárias e tantos outros, requer um questionamento severo sobre sua produção e, portanto, sobre os ideais por trás da produção do espaço. O que valorizamos; o que desejamos ao construir? Penso que talvez precisemos não-construir, ou construir menos, ou construir com mãos mais leves. O espaço infantil enquanto invenção da urbanidade é uma tragédia. É sintoma de uma verdadeira doença: o espaço comum das ruas não é mais seguro para as crianças. Todo o espaço humano deveria ser amigável à criança, ocupável pela atividade lúdica. O *playground* pode ser um jardim, um terreiro, uma paisagem. Como nos ensinou Aldo Van Eyck, ao costurar uma Amsterdam pós-guerra com sua constelação de *playgrounds,* a importância de existirem *espaços-entre,* capazes de conciliar as polaridades e de desfazer a compartimentalização desumana do ambiente urbano.

No entanto, a realidade atual do playground, e como o entendemos neste texto, é de um equipamento – um patrimônio, dado que é um bem construído; equipamento urbano, dado que é resultado do processo de urbanização do ambiente humano; e equipamento urbano público, quando não há impedimento físico ou simbólico de acesso. Entender o *playground* dessa forma é, também, entendê-lo como infraestrutura básica – já que o brincar é uma necessidade fundamental da vida humana criativa e, portanto, saudável.

Estudar o playground é apenas um dos jeitos de defender uma urbanidade humana, e de defender a possibilidade da existência das cidades no porvir, pois que a realidade, muitas vezes, parece argumentar contra a existência humana tão apartada da natureza, e por assim ser, também tão desumana.

4. BIBLIOGRAFIA

Caillois, R. (2017). Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Vozes.

Costall, A. (2012). Canonical affordances in context. AVANT. Volume III, Number2.

Dias, E. O. (2003). A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Imago.

Dors, L. K. (2019). Merleau-Ponty & Winnicott: Intersubjetividade e psicanálise infantil. Fi.

Frost, J. L. (2012). Evolution of American Playgrounds. Scholarpedia, 7(12): 30423.

Huizinga, J (2007). Homo Ludens: o Jogo como Elemento na Cultura (1938). Perspectiva.

Kyttä, M. (2003). Children in Outdoor Contexts. Affordances and Independent mobility in the assessment of environmental child friendliness. ResearchGate.

https://www.researchgate.net/publication/27515816

Moore, R. C. (1997). The Need for Nature: A Childhood Right. *Social Justice, 24*(3 (69)), 203–220. *http://www.jstor.org/stable/29767032*

Van Der Schaaf, L.; Withagen, R.; Caljouw, S. (2020). Are Children Attracted to Play Elements with an Open Function? Ecological Psychology, Volume 32, Issue 2-3, p. 79-94.

Winnicott, D. W (1975). O brincar e a realidade. Imago.

Winnicott, D. W (1990). Natureza Humana. Imago.

Withagen, R. Caljouw, S. Aldo Van Eyck's Playgrounds: Aesthetics, Affordances, and Creativity. Front. Psychol. 8:1130. 2017.

R39

PLAYING TO TRANSFORM: PLAYFULNESS, SAFETY, AND AUTONOMY IN THE CO-CREATION OF CHILDHOOD PLAZAS IN RECIFE – PE

BRINCAR PARA TRANSFORMAR: LUDICIDADE, SEGURANÇA E AUTONOMIA NA COCRIAÇÃO DAS PRAÇAS DA INFÂNCIA NO RECIFE - PE

Dayse Luckwü Martins
Professora Doutora em Desenvolvimento Urbano
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco
dayse.luckwu@ufpe.br

Elisa Soares de Melo
Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco
elisa.soares@ufpe.br

Matheus Vinícius Sabino de Barros
Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco
matheus.sabino@ufpe.br

ABSTRACT

This article proposes a perspective on playfulness that enters public spaces, emphasizing the importance of children's participation in the design of such places. We aim to analyze how the co-creation methodology applied by the municipal government of Recife, PE enables playfulness, safety, and autonomy in the design of childhood plazas in the city. The perspective is to understand the urban ecosystem through the interaction of children with the city. We thus observe children, ambiance, and imagination to investigate the case study with the application of the co-creation methodology in Childhood Plazas, which are increasingly gaining space in Brazil and other parts of the world. The chosen case study is a plaza in the IPSEP neighborhood, Recife – Pernambuco, where we understand the concept of the methodology applied to the requalification of the space, fitting the context of what constitutes a Childhood Plaza.

KEYWORDS: public spaces. childhood. playfulness. safety. autonomy. co-creation.

RESUMO

Este artigo propõe um olhar sobre a ludicidade que adentra os espaços públicos, enfatizando a importância da participação da criança na concepção de projetos para tais locais. Objetivamos analisar como a metodologia de cocriação aplicada pela prefeitura municipal do Recife/ PE possibilita a ludicidade, segurança e autonomia nos projetos das praças da infância na cidade. A perspectiva é compreender o ecossistema urbano a partir da interação da criança com a cidade. Observamos pois, a criança, a ambiência e o imaginário para investigar o estudo de caso com a aplicação da metodologia da cocriação nas Praças da Infância, que ganham cada vez mais espaço no Brasil e em outros locais do mundo. O recorte escolhido foi uma praça no bairro de IPSEP, Recife – Pernambuco, onde entendemos o conceito da metodologia aplicada para a formação da requalificação do espaço que se insira nas conjunturas do que é uma Praça para Infância.

PALAVRAS-CHAVE: espaços públicos. infância. ludicidade. segurança. autonomia. cocriação.

1. INTRODUÇÃO

As praças, enquanto espaços públicos de encontros, lazer e convivência, muitas vezes não se apresentam como lugares aprazíveis para tais ações. Problemas como falta de manutenção, degradação, usos indevidos e insegurança tornam esses espaços menos convidativos, resultando em seu esvaziamento no cotidiano urbano. De acordo com Gehl (2010), a qualidade dos espaços públicos é crucial para promover a interação social e o bem-estar da comunidade. Portanto, é essencial que os espaços livres públicos nas cidades sejam projetados para facilitar o encontro entre as pessoas, promovendo a convivência entre diferentes grupos e o lúdico como fruição da cidade.

Neste contexto, observa-se um crescente interesse pela ludicidade e o brincar como ferramentas de apropriação dos espaços públicos urbanos. A inclusão de elementos lúdicos não apenas revitaliza esses espaços, mas também incentiva a participação ativa da comunidade, especialmente das crianças. Nos caminhos mais comuns de uma rotina diária, como uma ida ao médico, à escola, ao mercado, a volta para casa, são marcadas por pausas e diversão com uma simples amarelinha ou elementos de interação.

As crianças, com sua criatividade e perspectiva única, têm assumido um papel protagonista em programas destinados ao projeto de praças e outros espaços públicos urbanos em várias cidades do Brasil. Esta abordagem participativa não só enriquece o processo de planejamento urbano, mas também garante que os espaços atendam às necessidades e desejos dos seus jovens usuários (Hart, 1997).

Nesta perspectiva, várias iniciativas surgiram em diversas partes do mundo. No Brasil, uma rede de cidades aderiu ao programa de praças para a primeira infância, e dentre essas, a cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, objeto de interesse deste artigo, cujo objetivo é analisar como a metodologia de cocriação aplicada pela prefeitura municipal do Recife possibilita a ludicidade, segurança e autonomia nos projetos das praças da infância na cidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CRIANÇA, AMBIÊNCIA, IMAGINÁRIO

Estudos sobre a infância mostram a importância de pensar o projeto a partir da primeira infância. James Heckman, ganhador do Nobel de Economia nos anos 2000, e o brasileiro Flávio Cunha, em seu artigo conjunto intitulado “Investing in Our Young People”, destacam a importância de investimentos que coloquem a criança como protagonista como sendo o melhor deles. Assim, pedagogos, psicólogos, arquitetos, urbanistas e os órgãos destinados ao desenvolvimento urbano das cidades começaram a buscar na ludicidade, a integração da criança com o meio urbano, no intuito de ocupá-lo e preservá-lo.

Um exemplo que ganhou notoriedade foi a iniciativa do Professor Bernhard Meyer em Griesheim, na Alemanha, a partir de uma abordagem coparticipativa com as crianças no processo criativo de planejamento urbano em uma tentativa de reconquistar os espaços públicos. Em 1994, iniciou-se o projeto, que mais tarde seria conhecido como a primeira “Cidade Brincante”. A partir de um passeio exploratório, buscava-se localizar o percurso das crianças até as escolas e documentar as atividades feitas pelas mesmas, permitindo analisar os conceitos de ludicidade, segurança e autonomia como norteadores para o projeto desenvolvido.

A integração das crianças com o meio urbano também pode ser entendida a partir da visão de ecossistema da cidade e dos ambientes discutidos por Jean-Paul Thibaud

em “A cidade através dos sentidos”. Thibaud propõe uma abordagem sensorial para entender como os habitantes, e para esse artigo, especialmente as crianças, interagem com o espaço urbano. Ele argumenta que a percepção sensorial é fundamental para a experiência urbana, e isso deve ser considerado no planejamento das cidades.

Ao incorporar a perspectiva de Thibaud, o projeto da “Cidade Brincante” ganha uma nova dimensão. A ludicidade não é apenas sobre brincadeiras, mas sobre a maneira como as crianças percebem e interagem com seu ambiente. As ruas, parques e espaços públicos tornam-se extensões do playground, onde cada som, textura e cheiro contribuem para a formação de memórias e aprendizado. Este entendimento profundo do ambiente urbano pode levar a projetos que não só atendem às necessidades imediatas de segurança e diversão, mas também promovem um desenvolvimento sensorial rico e uma conexão emocional com a cidade.

Portanto, ao integrar a visão de ecossistema urbano de Thibaud com a abordagem de Heckman e Cunha sobre a importância da primeira infância, podemos pensar em cidades que não apenas suportam, mas também nutrem e inspiram seus habitantes mais jovens. Esse enfoque holisticamente sensorial e participativo pode transformar os espaços urbanos em verdadeiros laboratórios de experiências e descobertas para as crianças, promovendo um futuro no qual elas se sintam verdadeiramente conectadas e responsáveis por suas cidades.

A urbanização e o desenvolvimento das cidades são processos contínuos que refletem a cultura, as relações sociais, a economia e a política de uma sociedade. No contexto de Recife - PE, a criação de espaços públicos, especialmente voltados para a primeira infância, revela-se uma iniciativa fundamental para a promoção de um ambiente urbano inclusivo e democrático. Ao explorar a cocriação das Praças da Infância, destacamos a importância da ludicidade, segurança e autonomia no desenvolvimento desses espaços.

Assim, entendemos a ludicidade como um elemento central na cocriação das Praças da Infância. Segundo Huizinga em seu livro entitulado “Homo Ludens”, a ludicidade não só promove o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, mas também facilita a interação social e a construção de identidades. As atividades lúdicas e os jogos incentivam a criatividade e a imaginação, elementos essenciais para o crescimento saudável, sendo uma necessidade psicológica e fisiológica, algo intrínseco à natureza humana.

Já a segurança é um aspecto crucial na concepção das Praças da Infância. A participação das crianças no processo de cocriação garante que suas necessidades e perspectivas sejam consideradas, resultando em espaços que não só são seguros fisicamente, mas também proporcionam um ambiente psicológico seguro para exploração e aprendizado (MEYER, ZIMMERMANN, 2020).

Por outro lado, a autonomia é incentivada através do design inclusivo e participativo. Quando as crianças participam ativamente do processo de planejamento e construção, elas se sentem valorizadas e desenvolvem um senso de pertencimento e responsabilidade em relação ao espaço público, de forma a cuidar e preservar.

O conceito de Cidade Brincante de Bernhard Meyer oferece uma perspectiva inovadora sobre a importância do brincar na vida urbana neste quesito. Ao revisitar antigas abordagens e integrá-las ao planejamento urbano contemporâneo, é possível criar cidades mais humanas e voltadas para o futuro, onde as crianças são vistas como agentes ativos na construção de seu próprio ambiente.

Os debates sobre a ocupação e produção do espaço público, considerando esferas simbólicas, éticas, estéticas e morfológicas, são fundamentais para a construção de paisagens urbanas que refletem os valores e necessidades de todas as gerações. A pesquisa sobre os diferentes aspectos socioespaciais das Praças da Infância e suas relações identitárias e subjetivas continua a ser uma área vital de estudo.

3. METODOLOGIA: LUDICIDADE, SEGURANÇE E AUTONOMIA

As Praças da Infância em Recife surgem como uma resposta às necessidades de um espaço público que atenda especificamente às crianças, proporcionando-lhes um ambiente seguro e estimulante para o desenvolvimento integral. Esses espaços não são apenas áreas de lazer, mas também ambientes de aprendizagem e socialização, onde as crianças podem explorar sua criatividade e autonomia.

Diante desse contexto, a Prefeitura do Recife em conjunto com o Estúdio+1 e outras parcerias desenvolveram o "Guia de princípios para remodelação das Praças para Infância" com o apoio técnico e financeiro da Urban95. Sendo posto em prática pela EMLURB, Secretaria de Infraestrutura do Recife. Tendo como um dos principais passos para suas implementações em todo o território, as escutas da primeira infância - passo esse enfatizado, a ser iniciado desde o início das tomadas das decisões - as quais iniciam-se em conversas e dinâmicas com as crianças tanto das quais frequentam atualmente as praças, quantos as de potencial, a exemplo das escolas próximas.

A colaboração entre os agentes envolvidos garante que as praças sejam planejadas e desenvolvidas de forma integrada, levando em conta as necessidades socioespaciais e as dimensões identitárias das comunidades locais. A participação ativa das crianças e da comunidade nas fases de planejamento e construção é fundamental para a criação de espaços verdadeiramente democráticos e inclusivos.

A cocriação das Praças da Infância no Recife exemplifica como a ludicidade, segurança e autonomia podem transformar espaços públicos em ambientes enriquecedores para o desenvolvimento das crianças. A participação ativa das crianças e a colaboração

entre agentes públicos e privados são essenciais para a criação de espaços que não só atendam às necessidades imediatas, mas também promovam um futuro urbano mais inclusivo e sustentável.

4. ESTUDO DE CASO SOBRE A METODOLOGIA DE ESCUTA DAS PRAÇAS DA INFÂNCIA APLICADA NO IPSEP – RECIFE/ PE

O Projeto Praças da Infância, desenvolvido pela Prefeitura do Recife, visa reestruturar os espaços de brincadeira e convivência da cidade, integrando a uma intervenção lúdica, a proximidade com a natureza e a autonomia infantil. Esta iniciativa também tem o intuito de transformar o sentir, as ambiências e a ecologia urbana através de uma metodologia que busca incentivar a criação e escuta ativas com as próprias crianças e seus responsáveis. Este artigo analisa como essa metodologia se manifesta e impacta na Praça Jardim América, localizada no bairro do IPSEP, Recife/ PE (figura 1 e 2).

Figura 1. Mapa da área no IPSEP-Recife em que foi aplicado a metodologia de escuta.
Fonte: Gabinete de Inovação Urbana, Prefeitura do Recife (2023)

Figura 2. Foto da área de intervenção, no bairro de IPSEP-Recife.
Fonte: Gabinete de Inovação Urbana, Prefeitura do Recife (2023)

A metodologia de escuta aplicada no Projeto Praças da Infância envolve a coleta de percepções de diversos grupos etários, sendo eles crianças e adultos, para entender melhor suas necessidades e desejos em relação ao espaço urbano, neste caso voltado ao público infantil. Acompanhando o relatório, as visitas são realizadas em dias e horários de grande movimento, no caso específico, em uma tarde movimentada de terça-feira. Essa permitiu observar a intensa utilização da praça por crianças, adultos e idosos. A diversidade de atividades, desde o parquinho até a quadra poliesportiva e as áreas de convivência, reflete a vitalidade e a importância da praça para a comunidade local (figura 3). Seu entorno é marcado por residências antigas, de pessoas que habitam e usam a praça há um bom tempo.

Figura 3. Foto de momento de contado com as crianças, no bairro de IPSEP-Recife.
Fonte: Gabinete de Inovação Urbana, Prefeitura do Recife (2023)

Foram entrevistados 30 adultos, com idades entre 18 e 84 anos, e 30 crianças, de 5 a 12 anos. A análise das entrevistas revelou a necessidade de melhorias na manutenção da praça e na variedade de brinquedos, além de questões de segurança. As crianças, por exemplo, destacaram o desejo por novos brinquedos como “Escalar”, “Balançar” e “Girar/Equilibrar”, enquanto os adultos enfatizaram a necessidade de cercas e melhor iluminação.

O conceito de ambiências urbanas refere-se à qualidade sensorial e experiencial dos espaços urbanos, influenciada pela interação dos elementos físicos com os usuários (Thibaud, 2011). No contexto da Praça Jardim América, a metodologia de escuta permitiu captar as nuances das percepções dos usuários sobre o ambiente, revelando aspectos que necessitam de intervenção para melhorar a qualidade da experiência urbana (figura 4 e 5).

Figura 4. Foto de momento de contado com as crianças, no bairro de IPSEP-Recife.
Fonte: Gabinete de Inovação Urbana, Prefeitura do Recife (2023)

Figura 5. Foto de momento de cocriação com as crianças, no bairro de IPSEP-Recife.
Fonte: Gabinete de Inovação Urbana, Prefeitura do Recife (2023)

A percepção dos adultos sobre a falta de manutenção e segurança, assim como o desejo das crianças por mais e melhores brinquedos, indicam pontos críticos que afetam negativamente a ambiência do espaço. A revitalização da praça, portanto, deve focar não apenas na infraestrutura, mas também em elementos que promovam um ambiente acolhedor e seguro para todas as idades. Isso inclui a instalação de cercas, melhorias na iluminação, manutenção regular dos equipamentos existentes e a introdução de novos brinquedos e espaços de convivência.

A metodologia de escuta das Praças da Infância aplicada no IPSEP demonstra como a participação ativa da comunidade pode informar e direcionar projetos de revitalização urbana (figuras 6 e 7). Ao captar as percepções e necessidades dos usuários, é possível transformar o sentir, as ambiências e a ecologia urbana, criando espaços que promovem a integração social, a segurança e o bem-estar. A continuidade deste processo participativo e a implementação das sugestões coletadas são essenciais para o sucesso e a sustentabilidade do projeto.

Figura 6 e 7. Fotos das novas ambiências na Praça da Infância no bairro de IPSEP-Recife.
Fonte: Gabinete de Inovação Urbana, Prefeitura do Recife (2023)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do projeto da Praças da Infância no IPSEP, Recife/ PE, realizada pela Prefeitura do Recife evidencia a importância da metodologia de escuta na transformação de espaços públicos urbanos. Esta abordagem participativa, que envolve ativamente crianças e adultos na cocriação dos espaços, não só garante que as praças atendam às necessidades e desejos da comunidade, mas também promove um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. Além do mais se entende como uma continuação das ambiências já existentes no local.

Os resultados demonstram que a inclusão de elementos lúdicos e a melhoria da infraestrutura, como a instalação de novos brinquedos e a melhoria na iluminação, são fundamentais para revitalizar esses espaços, tornando-os mais seguros e atrativos. Além disso, a percepção sensorial e a interação com o ambiente, conforme discutido por Thibaud, reforçam a importância de considerar a qualidade das ambiências urbanas no planejamento desses espaços.

Portanto, a metodologia de escuta aplicada no IPSEP serve como um modelo eficaz para outras iniciativas urbanas, mostrando que a participação ativa da comunidade é essencial para criar espaços públicos inclusivos e sustentáveis e, além da participação, possibilita a observação de como a comunidade se envolve com o espaço. A continuidade desse processo participativo e a implementação das sugestões coletadas são cruciais para assegurar que as Praças da Infância continuem a ser locais de encontro, aprendizado e diversão para todas as gerações. E, principalmente, permitem às crianças vivenciar o lúdico, a sua autonomia, e a segurança ao brincar.

6. REFERÊNCIAS

Cunha, F e Heckman JJ (2006). Investing in our Young People. University of Chicago.

GEHL, J (2013). Cidades Para Pessoas. 2ª. ed. [S. l.]: Perspectiva. ISBN 978-85-273-0980-6.

HART, R (1997). Children's Participation. 1ª. ed. [S. l.: s. n.], 1997.

HUIZINGA, J (2019). Homo ludens: O jogo como elemento da cultura. 1ª. ed. [S. l.]: Perspectiva. 304 p.

MEYER, B e ZIMMERMANN, S (2010). Cidades para BRINCAR e SENTAR: Uma mudança de perspectiva para o espaço público. 1ª. ed. [S. l.]: ALANA. 105 p.

PREFEITURA DO RECIFE (2020). Primeiro Plano decenal para a primeira Infância do Recife: 2020 - 2030. Recife: Prefeitura do Recife. 173 p.

THIBAUD, JP (2012). A cidade através dos sentidos. *https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf*

R39

CREATIVE AMBIANCES IN OPEN PUBLIC SPACES: DESIGN GUIDELINES FOR A MORE LIVELY, HEALTHY AND INCLUSIVE CITY

AMBIÊNCIAS CRIATIVAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS ABERTOS: DIRETRIZES DE PROJETO PARA UMA CIDADE MAIS VIVA, SAUDÁVEL E INCLUSIVA

Alessandra Gobbi Santos
Professora Doutora em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC),
CIAUD, Lisbon School of Architeture; Universidade de Lisboa, Portugal
alearggobbi@gmail.com

Hugo L. Farias
Professor Catedrático, Doutor em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL); CIAUD, Lisbon
School of Architeture; Universidade de Lisboa, Portugal
hfarias@fa.ulisboa.pt

Thatiane Carvalho Rocha
Arquiteta e Urbanista, Especialista em Qualidade do Ambiente Construído:
projeto, estratégias e métodos
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)
arq.thatianecr@gmail.com

ABSTRACT
The present article proposes guidelines for creating public spaces that foster social life, health, and inclusion in cities. Based on the studies of Jan Gehl and Charles Landry, among other reference authors, the text highlights the importance of urban design that promotes social interaction and creativity. It advocates the incorporation of fixed, flexible, and ephemeral elements in public spaces to ensure their adaptability and stimulate a diversity of activities. Sensory architecture, which considers all human senses, is emphasized to enrich the perception of spaces and make them more humanized, welcoming, and vibrant. A participatory approach to urban planning is essential to meet the needs of users. Urban furniture, textures, shape and geometry, as well as the careful design of distances, are crucial to creating engaging and functional environments. The article serves as a guide for architects and urban planners, promoting an integrated and humanizing approach to public space.

KEYWORDS: creative ambiances. open public spaces. more lively, healthy and inclusive cities. design guidelines.

RESUMO
O presente artigo propõe diretrizes para criar espaços públicos que fomentem a vida social, a saúde e a inclusão nas cidades. Baseando-se nos estudos de Jan Gehl e Charles Landry, entre outros autores de referência, o texto destaca a importância do projeto urbano que promove a interação social e a criatividade. Defende-se a incorporação de elementos fixos, flexíveis e efêmeros nos espaços públicos para garantir sua adaptabilidade e estimular a diversidade de atividades. A arquitetura sensorial, que considera todos os sentidos humanos, é enfatizada para enriquecer a percepção dos espaços e torná-los mais humanizados, acolhedores e vibrantes. A abordagem participativa no planejamento urbano é essencial para atender às necessidades dos usuários. Mobiliário urbano, texturas, forma e geometria, assim como o cuidado com o desenho das distâncias, são cruciais para criar ambientes envolventes e funcionais. O artigo serve como guia para arquitetos e urbanistas, promovendo uma abordagem integrada e humanizadora do espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências criativas. espaços públicos abertos. cidades mais vivas, saudáveis e inclusivas. diretrizes de projeto.

1. INTRODUÇÃO
No livro "*La humanización del Espacio Urbano: la vida social entre los edificios*", escrito em 1971, Gehl nos ensina e analisa a vida social nos espaços públicos, esclarecendo sobre as relações entre ambos e convencendo-nos de que a conclusão de sua pesquisa, incluindo a dimensão social e humana, e de seus mais de trinta anos de experiência (acadêmica e profissional), é a melhor máxima para abordar o tema do desenho urbano.

O texto inclui a sua conhecida classificação das atividades exteriores que ocorrem nos espaços públicos abertos – as obrigatórias ou necessárias, as opcionais e as sociais – e estabelece as características que estes espaços devem ter para que estes três tipos possam ocorrer e, em particular, o terceiro (atividades sociais): contato, conversa, jogos ou atividades coletivas.

Esta dimensão social dada ao urbanismo revela a importância que o desenho do espaço urbano, do espaço público, tem na emergência da vida social na cidade. A responsabilidade do arquiteto e urbanista na promoção da vida social na cidade e a visão que estes profissionais devem ter quando propõem intervenções em áreas públicas urbanas é o grande contributo de Gehl.

A partir de sua influência, surgiram outros autores – na Europa e na América – bem como a assunção generalizada dos seus critérios para a qualidade do espaço público em quase todos os países, constituindo boas evidências de que as suas contribuições fertilizam nossa cultura urbana e devem ser colocadas entre as obras clássicas da disciplina.

Este modo de lidar e compreender o complexo feixe de fatores que condicionam a vida social nos espaços urbanos, cuidando das pessoas e da vida preciosa nos espaços públicos abertos, dando atenção ao ambiente físico, ao espectro de atividades exteriores e ao modo de como isso pode nos afetar, fazem parte dos princípios humanizadores que tornam os lugares atraentes, acolhedores, significativos e vibrantes.

Idealizar lugares atraentes e significativos, de acordo com Landry (2012), significa pensar espaços exteriores públicos que fomentem, além da interação social, a criatividade, a animação e a inovação. Trata-se de lugares funcionais e inclusivos, projetados para incentivar a coexistência, o uso comunitário, a expressão cultural, artística, educacional e social de forma espontânea e colaborativa.

O convite para que as pessoas se expressem, joguem ou se exercitem em espaço público aberto envolve a criação de estruturas físicas diversificadas, adequadas para diferentes faixas etárias e diferentes atividades, já que a ambiência influencia o comportamento humano. Assim, recorre-se, mais uma vez, a Gehl (2023) o qual recomenda que estes espaços devem ser concebidos com base nos princípios do fixo, do flexível e do fugaz/passageiro. O "fixo" refere-se à estrutura básica sólida, com espaços bem dimensionados e convidativos que inspiram uma variedade de atividades. Por sua vez, os elementos "flexíveis" e "fugazes" são essenciais para garantir a adaptabilidade e a efemeridade dos espaços, permitindo que sejam facilmente ajustados e que abriguem experiências transitórias e inovadoras.

Além da estrutura física, o design criativo leva em consideração a dimensão sensorial a qual combina múltiplos sentidos humanos para enriquecer a percepção do espaço. A arquitetura dos sentidos incorpora comunicação, comportamento e interações

com dimensões e escala, desempenha um papel-chave para a criação de ambiências mais criativas e com mais energia, tornando os espaços públicos mais seguros, mais sustentáveis e mais saudáveis.

Considerando as dimensões físicas, sociais, humanas e sensoriais do campo da arquitetura e do urbanismo, o presente artigo tem como objetivo oferecer diretrizes de projeto para orientar a criação e/ou o aprimoramento de ambiências criativas em espaços públicos abertos.

Destaca-se ainda que este conjunto de diretrizes de projeto tem aplicação na análise e avaliação de projetos nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo, podendo também ser utilizado como ferramenta de diretrizes no início do processo de planejamento. Funciona igualmente como um *checklist* de premissas projetuais, no que diz respeito à construção de ambiências criativas em espaços públicos abertos sob a ótica da arquitetura sensorial, uma dimensão oculta.

2. A ARQUITETURA SENSORIAL

O livro de Pallasmaa, "*The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*" (1996), é uma expansão dos ensaios apresentados anteriormente em "*An Architecture of the Seven Senses*" (1994) — uma publicação que aborda a obra arquitetônica de Steven Holl e Alberto Pérez-Gómez. Outro texto, escrito em 1995 para uma série denominada "*Polemics*" a pedido da *Academy Editions* de Londres, também contribui para esta expansão. Essas obras evidenciam a preocupação com o modo como a arquitetura da época estava sendo concebida, ensinada e criticada, destacando a predominância da visão em detrimento dos demais sentidos

A crítica a predominância da visão na arquitetura moderna e pós-moderna na obra de Pallasma, fundamentou-se na criação de espaços que carecem de uma conexão emocional e sensorial mais profunda com os usuários. O autor discute a importância de incorporar todos os sentidos humanos na arquitetura: a audição, tato, olfato e até paladar, além dos sentidos vestibular e proprioceptivo, que dizem respeito ao equilíbrio e à percepção do corpo no espaço.

Na esfera das obras construídas, que fazem parte da história da arquitetura, a abordagem fenomenológica do arquiteto finlandês propõe atribuir um papel preponderante à arquitetura de Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto e Louis Kahn. Exemplos notáveis incluem a Robie House (1909-10) e a Casa da Cascata (1936-39) de Wright, que exemplificam sua arquitetura sinestésica e rica em texturas; a Vila Mairea (1938-39) e a Casa Experimental (1952-53) de Aalto, que destacam seus edifícios musculares e táteis; e o Salk Institute for Biological Studies (1959-1965) e o Kimbell Art Museum (1966-72) de Kahn, que demonstram sua arquitetura da geometria e da gravidade, numa concepção heideggeriana. Esses edifícios são exemplos particularmente significativos dessa abordagem fenomenológica na arquitetura.

A *arquitetura sinestésica* é aquela que combina múltiplos sentidos humanos para enriquecer a percepção do espaço arquitetônico. É projetada para ser sentida. Essa abordagem permite que os usuários experimentem o ambiente, não apenas visualmente, mas também através de movimentos, sons, qualidade do ar, da temperatura e da luz, resultando em uma experiência espacial completa e imersiva.

A *arquitetura textural*, parte essencial dessa prática sinestésica, concentra-se na diversidade de texturas dos materiais – tanto nas superfícies principais quanto nos detalhes –, com suas qualidades táteis distintas e sua capacidade de expressar a idade e a história do uso humano, adicionando autenticidade ao ambiente construído.

A *arquitetura muscular* refere-se a uma abordagem arquitetônica que enfatiza a fisicalidade dos edifícios por meio do uso de formas (efeitos contrastantes entre sólidos e cavidades), da materialidade (uso de materiais tradicionais combinados com painéis e elementos industrializados) e das estruturas (soluções que que criam a sensação de força e presença aos edifícios, conciliadas a uma sensibilidade orgânica e empirista).

A *arquitetura tátil,* defendida por Pallasmaa como a dimensão inconsciente da visão, surge da utilização e combinação de materiais naturais que engajam os sentidos, especialmente o tato, bem como de formas que remetem e dão continuidade às linhas da natureza, gerando um conjunto complexo e invisível de impressões holística do espaço construído.

A *arquitetura da gravidade* dá-se por meio do esforço de equilíbrio do espaço construído em adequar-se à força da gravidade, buscando a estabilidade (por meio da simetria, ordem, equilíbrio...) evocando uma sensação de solidez durabilidade e permanência.

A *arquitetura da geometria* é aquela sintonizada com a existência do ser humano sobre a terra e sob o céu, onde a formas geométricas ordenadas, criadas artificialmente pelo homem, definem entre elas – a forma – e a terra –, um interstício espaço existencial – a arquitetura – onde habita o homem. É aquela que gera um conjunto complexo e invisível de impressões ou sensação inventadas, como experiências de movimento, peso, tensão, dinâmica estrutural, contraponto formal e de ritmo.

A *Arquitetura Proxêmica*[1] trata do entendimento e da aplicação prática de como as pessoas utilizam e percebem o espaço ao seu redor. É um conceito que se refere à aplicação das distâncias interpessoais em um ambiente a fim de possibilitar interações sociais e experiências positivas. De encontro aos conceitos do antropólogo Edward Hall (1966), Gehl, no livro Cidades para Pessoas (2013) e no livro "*La humanización del Espacio Urbano: la vida social entre los edifícios*" (1971) afirma que no contato entre pessoas, os sentidos são ativados a distâncias muito dispares e aponta quatro importantes limiares: distância íntima, distância pessoal, distância social e distância pública.

1 A palavra "proxêmica" deriva de "proxemics", um termo cunhado pelo antropólogo Edward T. Hall (1966), que se refere ao uso do espaço pessoal e social em diferentes culturas e como esse uso afeta a comunicação e a interação humana.

3. AMBIÊNCIAS CRIATIVAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS ABERTOS

Ao abordar a temática dos espaços públicos abertos, é inerente tratar das cidades e como o desenvolvimento urbano é realizado. Landry (1995), no livro "*The Creative City"* apresenta uma análise abrangente sobre como as cidades podem explorar a criatividade como uma ferramenta transformadora dos aspectos da vida urbana. Defende que a criatividade permeia todos os setores da sociedade, incluindo negócios, educação, governança e design urbano.

A partir do conceito de Cidades Criativas, o autor argumenta sobre a importância da criatividade e a necessidade de cultivar e aproveitar esse recurso humano para a revitalização e a inovação no desenvolvimento das cidades. Pois cidades que adotam a abordagem orientada pela criatividade estão mais propensas a prosperar e enfrentar os desafios do século XXI, à frente da globalização, rápida urbanização, desigualdade social e mudanças climáticas.

Diante dessa perspectiva, Landry sugere uma série de ações a serem desenvolvidas para construir cidades mais criativas. Dentre elas encontra-se o planejamento urbano sensível, o investimento e desenvolvimento de *infraestrutura cultural e criativa*, o fomento da diversidade e inclusão, assim como o estímulo da participação cidadã. Baseado em tais diretrizes, o autor afirma que é possível propor ambientes mais criativos e vibrantes que beneficiam tanto os usuários como a economia.

Como parte do desenvolvimento urbano, as ambiências criativas em espaços públicos abertos são definidas por Landry (1995) como locais de encontro e interação social, servindo de palco para expressão cultural, artística e empresarial. Isto é, buscam não apenas melhorar a estética e funcionalidade dos locais, mas também transformá-los em uma ferramenta de inovação cultural, social e econômica para as cidades contemporâneas.

Paralelamente a esse conceito, Jane Jacobs (1961) e William Whyte (1980) já haviam abordado o tema. Realizaram contribuições significativas direcionadas para o entendimento e valorização dos espaços públicos nas cidades, embora a perspectiva sobre o assunto entre ambos possua algumas diferenças. Jacobs apresenta como o foco a vitalidade urbana, interação social e segurança nas ruas. Discorre que espaços públicos bem-sucedidos são aqueles que promovem a interação entre diferentes grupos sociais, diversidade de usos, calçadas movimentadas e segurança, sob a ótica dos "olhos na rua".

Já Whyte trata de uma perspectiva mais prática e observacional sobre como o design urbano pode influenciar o *uso* e a *experiência* dos espaços públicos. A partir de estudos sobre como as pessoas utilizam os espaços públicos, identifica padrões de comportamento e interação social. Assim, enfatiza a importância do *design urbano* na composição desses espaços para que sejam acolhedores e funcionais, tratando

de elementos como o mobiliário urbano posicionamento estratégico de bancos, a presença de vegetação, a iluminação adequada e detalhes pertinentes a qualidade da experiência do usuário nesses lugares.

Preocupado com o uso eficaz dos espaços públicos e como eles podem ser projetados para maximizar seu potencial, analisa também os efeitos do design nas interações sociais, considerando a influência de encontros casuais, conversas informais e o senso de comunidade. Assim como Whyte (1980) que adota uma abordagem mais prática e observacional ao explorar como o design urbano impacta o uso e a experiência dos espaços públicos, Elizabeth Sanders (2012) argumenta que os usurários não são apenas consumidores passivos.

Enfatiza a importância de entender profundamente a população local como *cocriadores ativos* que têm insights valiosos para oferecer, promovendo uma maior aceitação e uso das soluções criadas. Ao incorporar o processo colaborativo, além da melhoria da qualidade de vida, o resultado de aceitação e apropriação promovem o fortalecimento comunitário.

4. DIRETRIZES PARA ORIENTAR A CRIAÇÃO E/OU O APRIMORAMENTO DE AMBIÊNCIAS CRIATIVAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS ABERTOS

4.1 DESIGN PARTICIPATIVO – a colaboração do usuário

O sucesso na construção de ambiências criativas em espaços públicos abertos vai de encontro à consulta popular. A metodologia baseada no design participativo surge como uma abordagem colaborativa que envolve os usuários finais dos espaços, comunidades locais e profissionais responsáveis pelo processo de criação daquele local. A partir da compreensão de diferentes esferas é possível incorporar já na fase inicial de projeto, as necessidades, interesses e perspectivas de quem utiliza o espaço.

Ao tratar de uma abordagem focada no usuário final, Gehl (2018) sugere uma série de métodos detalhados e sistemáticos de observação urbana. Baseado na observação direta, na qual ocorre a compreensão de como as pessoas se movimentam, interagem e utilizam os espaços no dia a dia, indica a análise de comportamento. Ou seja, descobrir por onde as pessoas preferem caminhar, parar para conversar, descansar, entre diversas outras ações.

Para a realização da observação urbana, outros métodos podem ser adotados, tais como a contagem, o mapeamento, o traçado, o rastreamento, a fotografia, o diário e a caminhada-teste.

4.2 ADEQUAÇÃO FUNCIONAL – infraestrutura e apropriação dos espaços

De modo colaborativo, a compreensão das demandas e necessidades de um determinado local surge de diferentes formas. Como resultado, especialmente no que diz respeito aos aspectos físicos dos espaços públicos abertos, a presença de um programa de necessidades e de uma programação cultural é inegável. Isso auxilia na definição dos setores fixos e os flexíveis, garantindo a adaptabilidade e efemeridade dos espaços.

O entendimento desses dois elementos – programa de necessidades e programação cultural – atende não apenas às necessidades funcionais e práticas, mas também reflete uma relação de ações humanas. Isso favorece a construção de um ambiente urbano criativo, vibrante e culturalmente enriquecedor. Transcende a criação de espaços públicos meramente funcionais, promovendo locais de encontro, expressão cultural e socialização, como festivais, exposições, festas de rua, noites culturais, desfiles, jogos, brincadeiras de autoexpressão, exercícios físicos, entre outros (Figura 1).

Figura 1. Diferentes ocupações no Urbhang, Líbano e Rounds Theater Pavilion, Estados Unidos.
Fonte: Adaptado de Livelicity (2019) e ArchDaily (2016).

4.3 MOBILIÁRIO URBANO – uma experiência criativa

O desenho do mobiliário urbano nos espaços abertos impacta diretamente na forma como nos relacionamos com o espaço público. O foco deve estar na vida urbana, na socialização, na adequação sociocultural e climática, na atratividade, na inclusão, na acessibilidade e na segurança, promovendo a apropriação, o que resulta num processo autorreforçante.

A proposição de mobiliários "amigáveis" bem dispostos, como bancos e cadeiras, academias ao ar livre, parquinho infantil, iluminação, pérgolas e bebedouros, devem ser vistos como facilitadores de interações sociais. De acordo com Gehl (2013), a ergonomia e o conforto são essenciais para atender a diferentes biotipos corporais e grupos etários, convidando as pessoas a parar, descansar e passar um tempo nos espaços públicos. Transpassando tais aspectos é preciso propor convites para que essas instalações sejam utilizadas, seja através de cores ou então mobiliários inovadores que proponham a autoexpressão (Figura 2).

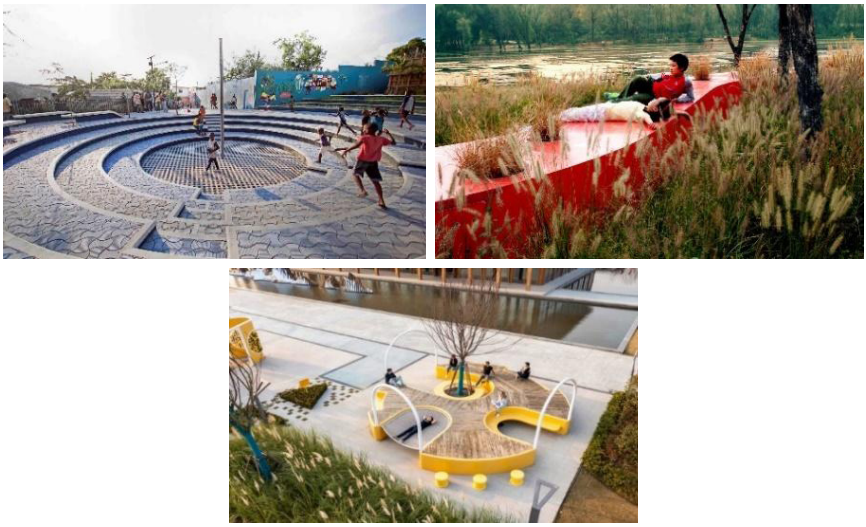


Figura 2. Tapis Rouge, Haiti. Red Ribbon Park, Qinhuangdao, China. Coded Scape, Hangzhou, China.
Fonte: Adaptado de ArchDaily (2020).

4.4 FORMAS – efeitos contrastantes

Os efeitos contrastantes de sólidos e cavidades provocam emoções nos usuários: desde passagens estreitas e escuras até pátios ensolarados que culminam em pontos de interesse, criando uma atmosfera teatral – como cenários para a vida cotidiana, onde o homem se sente parte da encenação; planos rebaixados com água que despertam exploração e descoberta, transformando o espaço em um cenário dinâmico e interativo, assim como o contraste entre formas côncavas e convexas contribuem para a riqueza tátil e visual de espaços multifacetados, sensorialmente ricos e esteticamente intrigantes, que envolvem os usuários de maneira profunda e significativa (Figura 3).

Ainda, os níveis e desviveis, que fazem parte da arquitetura da gravidade, tornam os ambientes mais envolventes e significativas, pois influenciam a forma como nos movemos pelos espaços. Escadas, rampas e mudanças de nível criam uma maior consciência corporal no espaço, fazendo-nos sentir a força da gravidade enquanto nos deslocamos.

Figura 3. Fontana di Trevi, Roma. Casa da Cascata, Pensilvânia. Promenada de Valenje, Eslovênia.
Fonte: Adaptado ArchDaily (2014).

4.5 SUPERFÍCIES – justaposição de materiais

As texturas, no âmbito local e particular, têm a função de transmitir ao usuário a mensagem de um design criativo, expressivo e marcante. A justaposição de materiais toscos e refinados – um equilíbrio entre o rústico e o polido, o natural e o construído (Figura 4) ou, como escreve Pallasmaa sobre materiais sensuais *"os materiais sensuais frequentemente evocam experiências orais: as superfícies deliciosamente coloridas de Luis Barragán e os revestimentos extremamente polidos de superfícies trabalhadas por Carlo Scarpa se oferecem à apreciação da língua"* (1996, p. 56).

Muitas vezes, as texturas integram-se à paisagem natural por meio das superfícies cobertas por pedra, madeira, tijolo e cerâmicos. As propriedades sensoriais e culturais dessas matérias-primas podem ser expressas nos edifícios e nos desenhos dos espaços abertos, permitindo um contato íntimo com o corpo e possibilitando que nossa visão penetre em suas superfícies, convencendo-nos da autenticidade e veracidade da matéria.

Figura 4. Vila Mairea. Parque Infantil Tophane, Istambul, Turquia.
Fonte: Adaptado de ArchDaily (2022).

4.6 GEOMETRIA – impressões inventadas

A geometria dos espaços pode significativamente influenciar nossa percepção espacial e sensorial. Ela é capaz de criar ambiências que abrigam um conjunto invisível de impressões inventadas, tais como experiências de fluidez espacial, massa e tensão, dinâmica estrutural e contrastes formais e de rítmicos (Figura 5). Certas formas e proporções têm o poder de evocar sentimentos variados, como calma, tensão, ou dinamismo, moldando nosso estado emocional conforme interagimos com o ambiente.

Essas sensações emergem do equilíbrio entre o espaço construído e o contexto natural, como discutido por Pallasmaa (2016, p. 113) ao descrever o Salk Institute for Biological Studies de Louis Kahn "*Entrando no extraordinário espaço do pátio pavimentado em mármore, definido por duas fileiras de edifícios, tendo o céu como seu telhado sublime, o canal de água fluindo em direção ao oceano e ao fundo, o hipnótico muro, o Oceano Pacífico, me senti compelido a caminhar em direção à parede de concreto e tocar a maciez aveludada e a temperatura de sua pele*".

Figura 5. Salk Institute for Biological Studies. Micro Parque, Beijing, China.
Fonte: Adaptado de ArchDaily (2020).

4.7 DISTÂNCIAS – interação espacial e comunicação

A distância ou a proximidade podem influenciar e moldar as interações interpessoais, sociais, e comportamentais das pessoas. Ao definir zonas e ambientes em um espaço, é essencial compreender as categorias espaciais de comunicação e suas dimensões: espaço íntimo; espaço pessoal; espaço social e espaço público, a fim de respeitar os limites territoriais e de privacidade.

Seguindo as recomendações do antropólogo Edward T. Hall, no livro: "*A Dimensão Oculta*", a distância íntima (0 - 45cm) é a faixa na qual se podem compartilhar fortes emoções, como ternura, conforto, amor, raiva e ira. A distância pessoal (45cm - 1,20m) é aquela usada para contatos entre amigos próximos e familiares. A distância social (1,20cm - 3,70cm) é adequada para conversas sobre trabalho e outras informações comuns. Por fim, a distância pública (mais de 3,70cm) descreve a distância apropriada para contatos mais formais e comunicação unilateral (Figura 6).

As relações interpessoais no espaço social podem ser facilitadas por meio de designs e ambientes criativos que promovam encontros casuais. A disposição de bancos, áreas de descanso, espaços verdes e estruturas multifuncionais pode encorajar conexões sociais mais próximas, fomentando um senso de comunidade e pertencimento.

Figura 6. Ströbeck, Alemanha. Unidade Comum, México. Distância Íntima.
Fonte: Adaptado de Wikipedia e ArchDaily (2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta diretrizes essenciais para a criação de espaços públicos que fomentam a vida social, a saúde e a inclusão nas cidades, integrando as influências de Jan Gehl e Charles Landry, entre outros autores de referência. Ao enfatizar a importância do projeto urbano que promova a interação social e a criatividade, defende-se a incorporação de elementos fixos, flexíveis e efêmeros nos espaços públicos para garantir sua adaptabilidade e estimular a diversidade de atividades.

A arquitetura sensorial, que considera todos os sentidos humanos, foi destacada como uma ferramenta crucial para enriquecer a percepção dos espaços, tornando-os mais humanizados, acolhedores e vibrantes. A abordagem participativa no desenho urbano é fundamental para atender às necessidades dos usuários, e elementos como mobiliário urbano, texturas, forma e geometria, assim como o cuidado no desenho das distâncias, são elementos essenciais para criar ambientes envolventes e funcionais.
O presente artigo serve como um guia prático para arquitetos e urbanistas, promovendo uma abordagem integrada e humanizadora do espaço público. As diretrizes aqui propostas podem ser aplicadas na análise e avaliação de projetos nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo, bem como utilizadas como ferramentas no início do processo de planejamento. Elas funcionam também como um *checklist* de premissas projetuais, visando a construção de ambiências criativas em espaços públicos abertos, sob a ótica da arquitetura sensorial.

Em suma, ao seguir essas diretrizes, os profissionais da área podem contribuir significativamente para a criação de espaços públicos que não apenas atendam às necessidades funcionais, mas que também promovam qualidade de vida e interação social, reforçando o papel essencial do design urbano na qualidade de vida nas cidades.

Constitui assim uma contribuição importante para a teoria e prática da arquitetura e do urbanismo, procurando influenciar arquitetos e designers a considerar uma abordagem mais holística e sensorial em seus projetos.

6. BIBLIOGRAFIA

ARCHDAILY. (2020). **11 conselhos para projetar espaços públicos vibrantes.** *https://www.archdaily.com.br/br/927880/11-conselhos-para-projetar-espacos-publicos-vibrantes*

CARMONA, Matthew *et al.* (2010 [2003]). **Public Places - Urban Spaces: the dimensions of urban design.** Routledge.

COELHO, António Baptista. (2007). **Habitação humanizada.** LNEC.

_____; CABRITA, António Reis. (2003). **Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais.** LNEC.

GEHL, Jan, SVARRE, B. (2018) **A vida na cidade: como estudar.** Perspectiva.

GEHL, Jan. (2013 [1971]). **A vida entre edifícios.** Lisboa.

_____. (2013). **Cidades para pessoas**. Perspectiva.

_____. (2006). **La Humanización del Espacio Urbano: La vida social entre los edificios.** Reverté.

_____. (2002). Novos Espaços Urbanos. Gustavo Gili.

HALL, T. Edward. (1986 [1966]). **A Dimensão Oculta.** Relógio D'água.

JACOBS. Jane. (2011 [1961]). **Morte e Vida de Grandes Cidades.** WMF Martins Fontes.

LANDRY, Charles; BIANCHINI, Franco. **The Creative City.** Demos.

OKAMOTO, Juan. (2002). **Percepção Ambiental e Comportamento: visão holística da Percepção Ambiental na Arquitetura e na Comunicação.** Mackenzie.

PALLASMAA, Juhani. (2012). **La Mano que Piensa: sabiduría existencial y corporal em la arquitectura.** Gustavo Gili.

_____. (2011 [1996]). **Os olhos da pele:** a arquitetura e os sentidos. Bookman.

_____. (1994). **Uma Arquitetura dos Sete Sentidos.** Em Questões de percepção: fenomenologia da arquitetura (ed. de julho de 1994, pp. 27-37)

RASMUSSEN, E. Steen. (1998 [1986]). **Arquitetura Vivenciada**. Martins Fontes.

SANDERS, E. B.; STAPPERS, P. J. (2012) **Convivial Toolbox: Generative Research for the Front End of Design.** Bis Publishers.

TUAM, Yi-Fu. (1983). **Espaço e Lugar. A Persperctiva da Experiência.** Difel.

WHYTE, William H. (1980). **The Social Life of Small Urban Spaces.** Project for Public Spaces.

R39

SUSTAINABLE SCHOOL AMBIANCES: AN ANALYSIS OF THE INTEGRATION OF REGGIO EMILIA PEDAGOGY WITH AQUA-HQE ENVIRONMENTAL CERTIFICATION

AMBIÊNCIAS ESCOLARES SUSTENTÁVEIS: UMA ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO DA PEDAGOGIA DE REGGIO EMILIA COM A CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL AQUA-HQE

Juliana Christiny Mello da Silva
Doutoranda em arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
juliana.mello@fau.ufrj.br

Paula de Castro Brasil
Doutora em arquitetura
Universidade do Estado do Rio de Janeiro e
Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro
paulabrasill@gmail.com

Sylvia Meimaridou Rola
Doutora em arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
sylviarola@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This study examines the relationship between Reggio Emilia Pedagogy, AQUA-HQE environmental certification and school ambiances. The objective is to investigate how this combination contributes to the creation of more sustainable educational ambiances and the promotion of environmental education. The analysis is relevant because it addresses climate change and environmental education in teaching-learning ambiances. Using the correlational method, the interactions between pedagogy, certification and pedagogical ambiances are explored, contextualized and justified by the qualitative method of "grounded theory". It is concluded that the integration of the fourteen categories of the Building Environmental Quality (QAE) framework with the foundations of Reggio Emilia Pedagogy creates more sustainable and comfortable school ambiances, favoring the development of students' teaching-learning.

KEYWORDS: school ambiances. AQUA-HQE environmental certification. environmental comfort. Reggio Emilia pedagogy

RESUMO

Este estudo examina a relação entre a Pedagogia Reggio Emilia, a certificação ambiental AQUA-HQE e as ambiências escolares. O objetivo é investigar como essa combinação contribui para a criação de ambientes educacionais mais sustentáveis e para a promoção da educação ambiental. A análise é relevante por abordar mudanças climáticas e educação ambiental nas ambiências de ensino-aprendizagem. Utilizando o método correlacional, são exploradas as interações entre a pedagogia, a certificação e as ambiências pedagógicas, contextualizadas e justificadas pelo método qualitativo da "teoria fundamentada". Conclui-se que a integração das quatorze categorias do referencial da Qualidade Ambiental do Edifício (QAE) com os fundamentos da Pedagogia Reggio Emilia cria ambiências escolares mais sustentáveis e confortáveis, favorecendo o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências escolares. certificação ambiental AQUA-HQE. conforto ambiental. pedagogia Reggio Emilia

1. INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas representam um dos maiores desafios para a humanidade, gerando impactos diretos no meio ambiente, na sociedade e na qualidade de vida das pessoas. Diante dessa realidade, é fundamental que a educação básica desempenhe um papel ativo na formação de cidadãos mais conscientes e capazes de compreender as causas e consequências das mudanças climáticas, impulsionando a adoção de práticas sustentáveis em suas vidas cotidianas.

As ambiências escolares desempenham um papel importante nesse contexto ao expressar, por meio das atmosferas educacionais, os princípios de sustentabilidade

que podem se materializar no projeto arquitetônico dos ambientes de ensino, nas metodologias de ensino e nas relações sociais estabelecidas. Esses fatores englobam o contexto cultural, social, econômico, pedagógico e subjetivo, influenciando a percepção e apropriação dos espaços pelo corpo docente e discente.

As ambiências retratam o espaço arquitetonicamente organizado e animado, sendo composto por um meio físico, estético e psicológico. No espaço, as pessoas realizam suas atividades, desenvolvendo um processo de interpretação dele (Duarte & Pinheiro, 2013).

A ambiência trata da experiência, percepção e ação centradas em determinados contextos, sendo que a percepção não pode ser analisada separadamente dos contextos em que ela acontece (Thibaud, 2004). "É necessariamente apreendida no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas que a tornam possível" (Thibaud, 2004, p. 349).

Segundo Le Breton (2016), o contexto cultural, social e histórico influencia as percepções sensoriais do indivíduo e cada significação pode vir impregnada de subjetividades. O corpo humano não é uma matéria passiva, mas uma inteligência do mundo, uma teoria viva aplicada ao seu meio ambiente. O autor menciona ainda que "Assim como a língua, o corpo é um provedor constante de significações" (Le Breton, 2016, p. 29).

De acordo com Duarte (2013, p. 1), "Uma vez que a dimensão sensível é inerente à ambiência, torna-se impossível estudá-la sem considerar a presença do corpo: é o corpo que sente; sem ele não há percepção nem tampouco movimento a ser considerado".

Destaca-se que os processos de apropriação do local são decorrentes do reconhecimento sensorial das ambiências. Neste contexto, o corpo se porta como o aparelho sensível que percebe o local, quando o corpo emerge na ambiência e quando a ambiência adentra ao corpo.

"Uma ambiência nasce do encontro entre as características físicas do espaço, minha corporeidade com sua habilidade de sentir, mover-se e transformar-se em uma experiência afetiva" (Augoyard, 2008, p. 59). Segundo Amphoux et al. (2004), a ambiência possibilita a transformação da dimensão sensível para a dimensão cognitiva.

O conceito de "Acessibilidade Emocional" refere-se à capacidade de um lugar em acolher, gerar empatia e afeto nas pessoas, enfatizando que o planejamento da acessibilidade ao espaço construído deve considerar, além das medidas de acessibilidade, os aspectos emocionais e afetivos das ambiências (Duarte & Cohen, 2012).

Diante desse cenário, observa-se, de acordo com a Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental no Brasil, que "Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal" (Brasil, 1999).

Assim, este estudo examina a articulação da Pedagogia Reggio Emilia, reconhecida internacionalmente por sua abordagem centrada na criança e pela ênfase dada às ambiências no processo de ensino-aprendizagem, com a certificação ambiental AQUA-HQE.

O objetivo da análise é verificar como a articulação da pedagogia e da certificação mencionadas contribui para a criação de ambiências educacionais mais sustentáveis e para a promoção da educação ambiental.

A pesquisa é relevante, pois aborda temas emergentes que englobam as mudanças climáticas e as ambiências de ensino-aprendizagem, impactando o desempenho acadêmico, a vida e o bem-estar de toda a comunidade escolar.

A aplicação do método correlacional, que busca descrever a relação entre variáveis-chave (Groat & Wang, 2013), por meio de revisões bibliográficas, possibilitou identificar correlações entre a teoria pedagógica de Reggio Emilia, as ambiências escolares e os critérios de avaliação da certificação ambiental AQUA-HQE. A abordagem da "teoria fundamentada", pertencente ao método qualitativo, permitiu a apropriação das informações coletadas para contextualizar e justificar as análises. A partir dessa teoria, proveniente de dados sistematicamente coletados e analisados, foi possível construir uma base sólida para a análise das temáticas abordadas.

Deste modo, nota-se a importância de estudar as ambiências pedagógicas a fim de compreender os seus impactos sobre as pessoas que percebem e se apropriam das atmosferas educacionais. Ao integrar os aspectos correlacionados nesta pesquisa, é possível planejar ambientes confortáveis, enriquecedores, saudáveis e ecologicamente responsáveis, o que potencializa a formação de escolas mais sustentáveis no Brasil e no mundo.

2. A PEDAGOGIA DE REGGIO EMILIA E A AMBIÊNCIA ESCOLAR

A pedagogia de Reggio Emilia teve origem e ganhou destaque no norte da Itália em 1946. Suas raízes valorizam o papel sociocultural da comunidade em relação à educação (Sá, 2010). A abordagem educacional de Reggio Emilia propõe a exploração dos problemas por meio de práticas e experimentações. Além disso, enfatiza a "pedagogia da escuta", na qual teorias são elaboradas a partir do conteúdo aprendido e hipóteses são compartilhadas, resultando em uma pedagogia que valoriza a escuta e o respeito, ao mesmo tempo em que se desprende de conceitos

rigidamente preestabelecidos. Esse método também estimula a reflexão sobre a ênfase tradicionalmente colocada nas linguagens da leitura e escrita no campo educacional. Não se subestimam essas linguagens, mas o foco é ampliado para englobar uma variedade de outras formas de expressão igualmente relevantes para o desenvolvimento humano, incluindo as linguagens visuais (Vecchi, 2017).

A compatibilidade entre a filosofia pedagógica de Reggio Emilia e as ambiências escolares é evidente na maneira como a atmosfera educacional incentiva as crianças a explorarem suas habilidades. De acordo com Sá (2010), a abordagem educacional sustenta a ideia de que o ambiente possui uma linguagem própria, ou seja, transmite comunicação. O ateliê, em particular, possibilita que a criança se expresse através de diversas linguagens, como desenho, pintura, palavras, movimento, construções e música.

Ao observar a importância da arquitetura dentro deste método educacional, os educadores dessa abordagem consideram o ambiente como um "terceiro educador". Portanto, é essencial que ele seja flexível e esteja em constante evolução para se alinhar a uma psicologia que promova uma educação de qualidade (Marafon, 2017). Nesse cenário, Edwards et al. (1999) afirmam que os objetos e materiais presentes na escola tanto moldam quanto são moldados pelas ações dos alunos e professores que interagem nesse espaço.

Ressalta-se que a abordagem educacional de Reggio Emilia abraça a interconexão entre o indivíduo, o ambiente construído e o ambiente natural. Esta abordagem destaca a importância da preservação ambiental e promove uma consciência ecológica que influencia diretamente o processo educativo. Isso não apenas implica a reflexão sobre o papel da criança como cidadã em formação e sua educação ambiental, incluindo sua ligação com os ambientes natural e construído, mas também abarca a compreensão de que a própria estrutura escolar deve interagir e se integrar harmoniosamente com o entorno.

A aplicação dos princípios de sustentabilidade na arquitetura escolar e no cotidiano educacional viabiliza a formação de ambiências pedagógicas mais estimulantes e de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Reconhecer a criança como protagonista de seu aprendizado é fundamental para o planejamento do ambiente educacional. Portanto, projetar um espaço escolar interativo requer uma compreensão aprofundada das necessidades desses usuários. Assim, o Quadro 1 sintetiza os fundamentos da pedagogia Reggio Emilia.

FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA REGGIO EMILIA
Segundo Mantovani (2007): • Uma abordagem holística e construtivista para compreender as crianças e seu desenvolvimento; • A ênfase nas inteligências múltiplas (com as "cem linguagens" na Reggio Emilia); • A atenção dedicada à inclusão e integração, promovendo o respeito por todas as formas de diversidade; • "Pedagogia do bem-estar" (pedagogia del benessere) - enfoca o bem-estar físico e emocional, promovendo uma sensação de tranquilidade no ambiente educacional e de cuidado. • "Pedagogia do bom gosto" (pedagogia del gusto) - enfatiza a qualidade e a estética dos materiais, móveis e imagens para ajudar as crianças a apreciarem, amarem e respeitarem o ambiente. • "Pedagogia das relações" (pedagogia delle relazione) - coloca os relacionamentos sociais e interpessoais como meios de aumentar a autonomia, pertencimento e aprendizagem, tanto individual como em grupo. • "Pedagogia da continuidade" (pedagogia della continuità) - envolve uma continuidade profunda do trabalho conjunto entre crianças e professores ao longo dos anos, além de um currículo conectado (progettazione na Reggio Emília). • "Pedagogia da participação" (pedagogia della participazione) - promove a proximidade entre a escola e o lar, além da participação ativa dos pais e da comunidade na gestão das escolas. • "Pedagogia da documentação" (pedagogia della documentazione) - enfatiza a documentação tanto de quem as crianças são quanto do processo das suas atividades, permitindo que crianças e adultos revisitem experiências passadas, renovem memórias e reflitam. • "Pedagogia cultural" (pedagogia culturale) - destaca a consciência da natureza cultural das ideias e práticas relacionadas às crianças e à educação.
Segundo Schuller et al. (2021): • A criança é protagonista de seu aprendizado, uma vez que sua curiosidade a impulsiona a explorar o mundo por meio de experiências. A criança é quem investiga e se comunica; • O currículo nas escolas é flexível e surge a partir das ideias, pensamentos e observações das crianças; • O objetivo principal é fomentar uma paixão duradoura pela aprendizagem e pela exploração; • Na dinâmica desse processo, o professor atua como mediador e colaborador, orientando o aprendizado, apoiando as investigações e, ao mesmo tempo, enriquecendo seu próprio conhecimento; • A coordenação escolar desempenha um papel fundamental como parte intrínseca do sistema educacional. • Nesse contexto, o ambiente se torna o terceiro educador, proporcionando experiências, descobertas e sensações únicas para a criança; A família desempenha um papel crucial. A escola busca envolver os pais no ambiente escolar com o propósito de contribuir para a aprendizagem da criança.

Quadro 1: Fundamentos da Pedagogia de Reggio Emilia. Fonte: Elaboração própria (2024).

O quadro 2 apresenta a aplicação dos fundamentos da Pedagogia Reggio Emilia nas ambiências de ensino-aprendizagem.

A PEDAGOGIA REGGIO EMILIA APLICADA ÀS AMBIÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM
Segundo Sá (2010): • Integração da arquitetura escolar com o entorno; • Anseio pela ausência de muros; • A transparência na escola é essencial para permitir uma visão clara das pessoas que utilizam os ambientes e compõem sua comunidade; • A transparência também colabora para a comunicação e conexão entre o ambiente interior e o exterior; • É atribuída significativa importância ao ateliê, que abriga uma vasta diversidade de recursos. Esses espaços desempenham um papel central nas instituições, servindo como pontos de encontro para as crianças; • Valorização da natureza local e a reutilização de materiais; • A criança precisa de um espaço acessível e lúdico para o desenvolvimento do seu aprendizado.
Segundo Ateliê Urbano (20-?): • Os espaços da escola são amplos; • A iluminação natural é amplamente empregada; • Ambientes que proporcionam a execução de atividades em grupo; • O conceito de salas de aula com assentos individuais e delimitados é ausente; todos transitam por espaços sem fronteiras definidas, e interagir com os outros é uma maneira essencial de adquirir aprendizado e conhecimento. • Os ambientes possuem paredes com cores neutras; • As cores mais intensas são empregadas nos mobiliários; • Os ambientes são utilizados sempre para expor os trabalhos das crianças; • Os móveis também não seguem um padrão rígido. Diversos tipos de cadeiras estão presentes, e o design das mesas também varia, mesmo que tudo esteja no mesmo espaço.
Segundo Beyer (2015): • As escolas contam com áreas contíguas, oficinas de arte ou ateliês repletos de uma ampla variedade de materiais e recursos acessíveis a todas as crianças: uma sala para música; um espaço destinado ao desenvolvimento motor, expressivo e criativo do corpo; • Há espaços verdes que possibilitam a integração do entorno (cidade, campo, montanha, etc.) como um componente didático.
Segundo Marafon (2017): • Os ambientes são organizados com o envolvimento dos alunos, professores e famílias, tornando-se assim serenos e hospitaleiros, refletindo a cultura das pessoas que nele irão habitar. Dá-se muita atenção à beleza e harmonia da arquitetura, o que fica evidenciado nos móveis – inventados e construídos pelos pais e professores - nas cores das paredes, grandes janelas para entrada de luz, plantas e variados detalhes. O cuidado com a aparência propicia a interação social e faz parte da cultura italiana Marafon (2017, p. 5994).
Segundo Edwards et al. (1999): • A configuração espacial da escola é apropriada para diferentes estágios de desenvolvimento da criança; • Outro aspecto relevante para eles é a busca pela utilização otimizada de todos os espaços por meio de uma abordagem dinâmica. • Nos banheiros, por exemplo, são instalados espelhos de diferentes tamanhos, permitindo que as crianças se divirtam ao verem sua imagem. • Os tetos frequentemente servem como suporte para esculturas aéreas que podem ser transparentes ou coloridas, criadas pelos próprios alunos. • As paredes de vidro particulares dessas instituições são empregadas também para delimitar as diversas salas de atividades, fomentando um senso de comunidade.

Quadro 2: Pedagogia de Reggio Emilia aplicada à Arquitetura Escolar. Fonte: Elaboração própria (2024).

Como componente essencial na criação de ambiências pedagógicas, a arquitetura escolar deve atender às necessidades da comunidade educacional e aos objetivos delineados no Projeto Político Pedagógico (PPP), proporcionando uma atmosfera segura e estimulante para o público-alvo. Cada edifício educacional está situado em um terreno com características bioclimáticas únicas e é parte integrante de um contexto social, econômico e político específico que molda as atmosferas educacionais. Portanto, é crucial atender às necessidades de acordo com essa realidade existente.

Conforme observado neste estudo, a Pedagogia de Reggio Emilia demanda um suporte específico tanto do ambiente construído quanto do ambiente vegetado para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, de modo que a estrutura física da escola atenda de forma eficiente ao seu corpo docente e discente."

Observa-se que as ambiências escolares baseadas na acessibilidade emocional desempenham um papel fundamental ao articular de maneira integrada os valores, expectativas e necessidades físicas, motoras, sensoriais e cognitivas de todo o corpo discente que vivencia essas atmosferas, considerando suas diferenças e estágios de desenvolvimento.

Assim, como forma de enriquecer o projeto arquitetônico de escolas baseadas na pedagogia Reggio Emilia, este estudo analisa a certificação ambiental AQUA-HQE e aponta como a articulação dessa pedagogia e certificação no processo de projeto educacional pode contribuir para a criação de atmosferas escolares mais sustentáveis, promovendo a consciência ambiental e a sustentabilidade.

3. OS FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA REGGIO EMILIA E SUA ARTICULAÇÃO COM O REFERENCIAL DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL DE EDIFÍCIOS NÃO RESIDENCIAIS EM CONSTRUÇÃO – AQUA-HQE™, CERTIFICADO PELA FUNDAÇÃO VANZOLINI E CERTIVÉA (VERSÃO DE DEZEMBRO DE 2021):

É crucial reconhecer que o desenvolvimento humano se desencadeia dentro do contexto do ambiente construído, tornando-o indispensável para esse processo. Nesse sentido, a interação e integração entre a pessoa e o ambiente ocorrem quando os indivíduos têm a oportunidade de explorar as atmosferas de ensino-aprendizagem, estimulando seus sentidos, aprimorando suas competências e habilidades sociais, desenvolvendo autoconfiança e fortalecendo sua identidade pessoal e consciência cidadã, tudo isso de maneira segura, confortável e sustentável.

É necessário identificar o contexto onde o desenvolvimento ocorre, abrangendo tanto seus aspectos físicos, como dimensões, materiais, mobiliário, condições térmicas,

luminosas e acústicas, quanto seus aspectos socioculturais, como grupos sociais e etários representados, manifestações culturais, condições de sociabilidade, demandas e potencialidades. Essas informações alimentam o planejamento dos ambientes e contribuem para a qualidade de vida das pessoas (Carvalho & Elali, 2019).

O processo de projeto arquitetônico, centrado na interação entre indivíduos, o ambiente construído e o ambiente natural, destaca-se pela promoção da conscientização ecológica e dos princípios de sustentabilidade. Este processo busca atender às necessidades funcionais e comportamentais dos usuários, ao mesmo tempo em que prioriza a eficiência energética, o conforto ambiental e a preservação do meio ambiente.

Esse compromisso pode ser concretizado na arquitetura por meio da adequação do edifício ao clima local, considerando uma configuração que se alinhe harmoniosamente aos parâmetros ambientais. Isso envolve a implantação, forma, volumetria, padrão construtivo, materiais e acabamentos, assim como a implementação de dispositivos de sombreamento. Além disso, inclui o uso de sistemas eficientes de iluminação natural e artificial, aquecimento de água e controle ambiental.

O conforto térmico, visual e auditivo desempenha um papel crucial no desempenho tanto dos estudantes quanto dos professores no ambiente escolar. Deficiências ambientais, como umidade excessiva e ventilação inadequada, podem prejudicar a concentração e limitar a eficácia das atividades. Garantir um conforto térmico adequado nas instalações educacionais envolve a seleção de materiais para o envelope do edifício, como paredes e tetos, além do dimensionamento, quantidade e tipo de aberturas, bem como do padrão de construção adotado. O projeto de iluminação, integrando sistemas de iluminação natural e artificial, valoriza a luz natural de forma eficiente, reduzindo o consumo de energia e beneficiando as tarefas visuais.

Conforme Bastos (2002), a arquitetura sustentável deve abranger sistemas de captação e uso eficiente dos recursos hídricos, além de adotar fontes de energia renovável, como energia solar e eólica, para gerar eletricidade localmente. Também é crucial abordar a questão do resfriamento da edificação escolar para garantir o conforto ambiental. A seleção de materiais e acabamentos deve considerar tanto a adequação térmica quanto a preferência por materiais não poluentes. Isso significa que a escolha dos materiais deve contribuir para manter um ambiente termicamente confortável e, ao mesmo tempo, priorizar a utilização de materiais que não causem poluição ambiental.

Assim, destaca-se que a alta qualidade ambiental da edificação de ensino é essencial para o desempenho escolar do corpo docente e discente. Diante da necessidade de abordar as questões relacionadas à sustentabilidade e ao conforto dos usuários nas ambiências educacionais baseadas na pedagogia Reggio Emilia, o presente estudo realiza uma análise da certificação ambiental AQUA-HQE com o objetivo de

verificar suas potencialidades e contribuições para o processo de projeto de escolas fundamentadas nessa abordagem pedagógica.

A escolha da certificação ambiental AQUA-HQE como foco deste estudo se deve ao fato de que o processo AQUA-HQE é uma certificação de construção sustentável adaptada da certificação francesa Démarche HQE (Haute Qualité Environnementale), especialmente para sua aplicação no contexto brasileiro. Essa certificação é exclusivamente gerenciada pela Fundação Vanzolini (Vanzolini, 2021), tornando-se uma referência para investigar suas potencialidades e contribuições no contexto das escolas baseadas na pedagogia Reggio Emilia.

A adaptação do padrão HQE à realidade brasileira foi realizada considerando uma variedade de fatores, como regulamentações, normas, clima, cultura e diretrizes estabelecidas pelo CONAMA, além das normas técnicas da ABNT, a norma de desempenho de edificações, o programa Procel Edifica e a carta bioclimática brasileira, entre outros. Esse processo torna essa ferramenta relevante para promover a construção sustentável no país.

O referencial técnico de certificação AQUA-HQE, segundo Vanzolini (2021), compreende duas categorias principais: o Sistema de Gestão do Empreendimento (SGE) e a Qualidade Ambiental do Edifício (QAE), que avalia o desempenho arquitetônico e técnico da construção. Este estudo se concentra na QAE, que avalia a capacidade das características intrínsecas do edifício, seus equipamentos e terreno em atender às demandas relacionadas ao controle dos impactos no ambiente externo e à criação de um ambiente interno confortável e saudável.

A avaliação da QAE consiste em um processo que verifica, em diversas etapas do desenvolvimento do empreendimento, se o objetivo de perfil ambiental é alcançado. A QAE é representada por um perfil de 14 categorias de exigências, chamadas de categorias e subcategorias de QAE, para as quais são possíveis 3 níveis de desempenho: Base, Boas Práticas e Melhores Práticas. Essas 14 etapas distintas abordam um aspecto crucial da qualidade ambiental: (1) Edifício e seu entorno; (2) Produtos, sistemas e processos construtivos; (3) Canteiro de obras; (4) Energia; (5) Água; (6) Resíduos; (7) Manutenção; (8) Conforto higrotérmico; (9) Conforto acústico; (10) Conforto visual; (11) Conforto Olfativo; (12) Qualidade dos espaços; (13) Qualidade do ar; (14) Qualidade da água (Vanzolini, 2021).

Ao observar a certificação AQUA-HQE, fica evidente que os critérios de avaliação possuem uma estrutura minuciosa para comprovar a qualidade ambiental de empreendimentos. Assim, no Quadro 3, são relacionadas as quatorze categorias do referencial da Qualidade Ambiental do Edifício (QAE) com os fundamentos da pedagogia Reggio Emilia para demonstrar a compatibilidade entre elas. As marcações em azul representam a existência de relação/compatibilidade entre as categorias e os fundamentos.

RELAÇÃO DAS QUATORZE CATEGORIAS QAE COM OS FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA REGGIO EMILIA							
CATEGORIAS DO AQUA-HQE	**FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA REGGIO EMILIA**						
14 Etapas	**(1)**	**(2)**	**(3)**	**(4)**	**(5)**	**(6)**	**(7)**
1: Edifício e seu entorno;							
2: Produtos, sistemas e processos construtivos;							
3: Canteiro de obras;							
4: Energia;							
5: Água;							
6: Resíduos;							
7: Manutenção;							
8: Conforto higrotérmico;							
9: Conforto acústico;							
10: Conforto visual;							
11: Conforto Olfativo;							
12: Qualidade dos espaços;							
13: Qualidade do ar;							
14: Qualidade da água.							
Legenda: Fundamentos da Pedagogia Reggio Emilia: **(1)** "Pedagogia do bem-estar"; **(2)** "Pedagogia do bom gosto"; **(3)** "Pedagogia das relações"; **(4)** "Pedagogia da continuidade"; **(5)** "Pedagogia da participação"; **(6)** "Pedagogia da documentação"; **(7)** "Pedagogia cultural".							

Quadro 3: Relação das etapas do referencial da Qualidade Ambiental do Edifício (QAE) com os fundamentos da pedagogia Reggio Emilia. Fonte: Elaboração própria (2024).

O Quadro 3 ressalta a conexão direta entre as catorze etapas do referencial da Qualidade Ambiental do Edifício (QAE) e a pedagogia Reggio Emilia, demonstrando que essa integração é exequível e compatível, sendo uma estratégia promissora para o desenvolvimento de projetos arquitetônicos escolares mais sustentáveis e confortáveis para os usuários.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia Reggio Emília destaca-se pela valorização das ambiências de ensino-aprendizagem na aplicação e desenvolvimento das práticas educacionais, priorizando o bem-estar e o crescimento acadêmico e social de seus educandos. Ao oferecer um ambiente propício à exploração e ao aprendizado, a arquitetura educacional baseada nesta pedagogia estimula o desenvolvimento integral e a consciência ambiental dos estudantes desde os primeiros anos de vida.

A certificação ambiental AQUA-HQE também desempenha um papel fundamental na promoção da sustentabilidade nas edificações escolares. Ao adotar os critérios e práticas dessa certificação, é possível garantir o uso eficiente de recursos naturais, a redução do impacto ambiental e a melhoria da qualidade das ambiências escolares.

O Referencial de Avaliação da Qualidade Ambiental do Edifício AQUA-HQE também pode auxiliar o processo de projeto e ser empregado como um medidor de desempenho do ambiente construído. Conforme retratado no quadro 3, as catorze etapas da Qualidade Ambiental do Edifício (QAE) são compatíveis com os fundamentos da Pedagogia Reggio Emilia.

Dessa forma, a articulação entre a Pedagogia Reggio Emilia e a certificação AQUA-HQE proporciona uma abordagem abrangente e integrada para o projeto das ambiências educacionais. Essa integração contribui para o desenvolvimento de projetos arquitetônicos de escolas mais confortáveis, estimulantes, acolhedores e adaptados às características locais, climáticas e geográficas, bem como às necessidades dos educandos. Adotar soluções e materiais sustentáveis, incorporar elementos naturais nos ambientes internos e externos, maximizar o uso da iluminação natural e projetar espaços flexíveis são algumas das soluções importantes a serem adotadas para a criação de ambiências sustentáveis e promotoras de educação ambiental.

5. AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através de uma bolsa de doutorado.

6. BIBLIOGRAFIA

Amphoux, P.; Thibaud, J.; Chelkoff, G (2004). Ambiances em Débats. Bernin: Editions A la Croisée.

ATELIÊ URBANO (20-?). Escolas pelo mundo que unem arquitetura e projeto pedagógico. São Paulo. Disponível em: <https://www.atelieurbano.com.br/escolas-pelo-mundo-unem-arquitetura/>. Acesso em: 31/05/2024.

Augoyard J.F. (2008). La construction des atmosphères quotidiennes: l'ordinaire de la culture, Culture et Recherche. n° 114-115, p. 58-60

Bastos, L. E. G. (2002). Sustentabilidade e Ventilação Natural em Edificações. Rio de Janeiro: LIGHT/PROCEL/SINDUSCON.

Beyer, S. (2015). Uma introdução à arquitetura nas pedagogias alternativas. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/774406/uma-introducao-a-arquitetura-nas-pedagogias-alternativas>. Acesso em: 27/08/2023.

Brasil. (1999). Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 abr. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 30/05/2024.

Carvalho, M. I. C. & Elali, G. A. (2019). Ambientes para crianças pequenas. In: Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico] / organizadoras, Maria Inês Gasparetto Higuchi, Ariane Kuhnen, Claudia Pato. – Dados eletrônicos. – 1. ed. – Florianópolis : Edições do bosque/CFH/UFSC.

Duarte, C. R. S. & Cohen, R. (2012). Acessibilidade e Desenho Universal: Fundamentação e revisão bibliográfica. Relatório técnico do Núcleo Pró-acesso, Rio de Janeiro, UFRJ.

Duarte, C.R. (2013). "Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço" – texto traduzido Duarte, C.R. a partir do original: "Ambiance: pour une approche sensible de l"espace" in: Thibaud, J.P. e Duarte, C.R. (orgs). Ambiances urbaines en partage: pour une écologie sociale de la ville sensible. Genebra: Métis Presses. pp-21-30. Disponível em: <https://www.academia.edu/13034426/Ambi%C3%AAncias_Compartilhadas>. Acesso em: 30.05.2024.

Duarte, C.R. & Pinheiro, E. (2013). Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In: anais do 6º.PROJETAR. O Projeto como Instrumento para a Materialização da Arquitetura: ensino, pesquisa e prática – Salvador, disponível em: https://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2022-08-07/73933b2c49ec5f89164689c81ad3d298.pdf

Edwards, C., Gandini, L., Forman, G. (1999). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed.

Groat, L., & Wanq, D. (2013). Architectural Research Methods. Second Edition. New Jersey: Wiley.

Le Breton, D. (2016). Antropologia dos sentidos. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mantovani, S. (2007). Italy: pedagogy and curriculum. Infant/toddler care. In: NEW, R. S.; COCHRAN, M. (Ed.). Early childhood education: An international encyclopedia. Westport: Praeger, v. 4.

Marafon, D. (2017). A abordagem de Reggio Emilia para aprendizagem na educação infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE, 13., 4., 6., 2017, Paranaguá. Anais... . Curitiba: Editora Universitária Champagnat.

Sá, A. L. (2010). Um olhar sobre a abordagem educacional de Reggio Emilia. Paideia, Belo Horizonte, v. 7, n. 8, p.55-80, jan.

Schuller, M. K. F., Jonh, M. C., Garces, S. B. B. (2021). A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA PARA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: XXVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão / Mostra de Iniciação Científica - RESUMO Ciências Sociais e Humanidades. Disponível em: *https://revistaanais.unicruz.edu.br/index.php/inter/article/view/1098*. Acesso em: 29/08/2023.

Thibaud, J.P. (2004). O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas. In: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.). Psicologia e Ambiente. São Paulo: Educ.

Vanzolini, F. (2021). REFERENCIAL DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL DE EDIFÍCIOS NÃO RESIDENCIAIS EM CONSTRUÇÃO – AQUA-HQE™ CERTIFICADO POR FUNDAÇÃO VANZOLINI E CERTIVÉA (VERSÃO DE DEZEMBRO DE 2021). Disponível em: <*https://vanzolini.org.br/wp-content/uploads/2023/12/rtAQUA-HQE-edificiosnao-residenciais-2021.pdf*>. Acesso em: 30/05/2024.

Vecchi, V. (1999). O papel do atelierista. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, p.129-141.

R40

EXISTENTIAL CORPOGRAPHY

CHAIR Cíntia Sanmartin Fernandes

Our proposal is to think-with, in the in-between place (Lisbon-Rio), the aesthetic bodily experience (G. Böhme) as an actor in places, landscapes and itineraries through actions such as walks, flânerie, musical itineraries, artivism, walking, etc. Actions to be interpreted as signs of a poetic reconfiguration of urban tonalities in a production of "temporary affective zones" that constitute existential cartographies, putting the power of corporeality back at the center in synergy with urban sensoriality. Temporary affective zones need to be thought of as an expression of atmospheric and tonal qualities that will be a manifestation of a feeling, an emotion that emanates from the lived space and a resonance of the perceived space in which the ephemeral experience is consumed. We invite researchers to present interdisciplinary proposals for this session in the form of theoretical contributions, methods, case studies, in order to activate a moment of exchange and suggestion of ideas for thinking about environments from the point of view of emotional and affective cartographies derived from bodily and experiential practices.

R40

FESTIVE TERRITORIALITIES AND ACTIVISMS: SPACE AND THE BODY AS MEDIATION

TERRITORIALIDADES FESTIVAS E ATIVISMOS: O ESPAÇO E O CORPO COMO MEDIAÇÃO

Flávia Barroso
Doutora em Comunicação
Universidade Paulista
flaviamagalhaesbarroso@gmail.com

Simone Luci Pereira
Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista
Universidade Paulista
simonelp@uol.com.br

Allen El Hage
Graduada em Direito
Universidade Paulista
allen.hage@uol.com.br

Sabrina Santiago
Mestra em Comunicação
Universidade Paulista
sabrandaodesign@gmail.com

ABSTRACT
The text addresses the emerging "Latin" music scene that has been developing in Bixiga. We seek to understand the construction of belonging and senses of citizenship with the entry of migrant and Brazilian actors linked to Latin music scenes, based on dance and the body. We suggest that the body articulates itself as a mediation of communication processes in the territory, potentially presenting modes of political communication that are little visible in the city and enjoyment of the body that cracks the imagination of what is conventionally considered "Latin". To this end, we resort to the corpographic perspective, in order to highlight issues related to the performativity of the body and dance as a enunciator of new agencies of migrant identities.

KEYWORDS: Body. Dance. Music. Performance. Latinities.

RESUMO
O texto aborda a emergente cena musical de música "latina" que vem se desenvolvendo no Bixiga. Buscamos compreender a construção de pertença e de sentidos de cidadania com a entrada de actantes migrantes e brasileiros vinculados as cenas latina de música, a partir da dança e do corpo. Sugerimos que o corpo se articula como mediação dos processos comunicacionais no território, podendo potencialmente apresentar modos de comunicação política pouco visibilizados na cidade e fruição do corpo que fissuram o imaginário do que se convenciona como sendo "latino". Para tanto, recorremos à perspectiva corpográfica a fim de destacar questões relativas a performatividade do corpo e da dança como enunciador de novos agenciamentos das identidades migrantes.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Dança. Música. Performance. Latinidades.

1. INTRODUÇÃO
O texto aborda a emergente cena musical de música "latina"[1] que vem se desenvolvendo no Bixiga (região central de São Paulo). A região vem sendo pesquisada continuamente e isso parte da recente emergência de shows e festas de musicalidades identificadas como "latinas". O Bixiga historicamente incorpora cenas musicais de cunho "independente" e "ativista" e, nesse sentido, buscamos compreender a construção de pertença e de sentidos de cidadania com a entrada de actantes migrantes e brasileiros vinculados as cenas latina de música, a partir da dança e do corpo.

Diferentemente do observado anteriormente em outros territórios de São Paulo, notamos a ampliação das musicalidades e da fruição da convencionada música

1 Como argumentado em trabalhos anteriores (Pereira, 2021), a noção de latinidade é complexa, polissêmica e se mostra em disputa. Em torno dessa designação, há uma série de eventos, práticas culturais e comunicacionais, de entretenimento, de sociabilidade e de construção de identidades.

latina especificamente na região do Bixiga. A presença de experimentações musicais como aquelas que misturam cumbias, salsas com afrobeat e funk, a atuação de Dj's com repertório ampliado de pop latino e reggaeton, a frequência de público jovem e LGBTQIA+ são parte do que estamos chamando de "latinidade ampliada" em que se fissuram o imaginário hegemônico das cenas musicais latinas enraizadas nas tradições da salsa, por exemplo. Diferentemente dos salões de shows de salsa tradicionais na cidade, notamos uma expressiva cena festiva de música latina no Bixiga no formato de festas que conjugam música eletrônica dançada individualmente, aulas de dança de diversos ritmos latinos como bachata e reggaeton e shows com participação ampliada de jovens brasileiros e migrantes latinos.

Nesse contexto, sugerimos que o corpo articula-se como mediação (Martín-Barbero, 2010; Latour, 2012) dos processos comunicacionais no território, podendo potencialmente apresentar modos de comunicação política pouco visibilizados na cidade. Mais especificamente, argumentamos que ao territorilizar-se no Bixiga, os shows e festas latinas passam por transformações e também transformam a região estudada não apenas no sentido das musicalidades, mas nos modos de fruição do corpo, desenvolvendo novos sentidos para o que se convenciona como sendo "latino".

Como Lepecki (2012) afirma, a dança tem a característica, assim como o teatro, de que o produto final da expressão artística não se atinge após uma produção — como na literatura ou na pintura — mas o ato performativo é em si mesmo o produto. Entende a dança, portanto, não como uma soma de movimentos, passos e gestos, mas como um todo, uma performance, que leva em conta o contexto, o momento, o espaço e os actantes. Argumentamos que performatividade da dança latina coloca as memórias nacionais em movimento, de modo que todo rito - como a festa - constitui mais que uma performance, mas uma performatividade - ora modular e estável, ora em crise (Szurmuk y Mckee, 2009). Neste artigo, investigamos a fruição do corpo nas cenas festivas latinas no Bixiga, buscando realçar o processo de crise promovido pelos novos formatos de experiências festivas na região.

Dentro do contexto de ampliação do repertório musical e performativo das cenas latinas, questionamo-nos quais novos agenciamentos comunicacionais estão sendo constituídos com a emergência de festas latinas no Bixiga. Mais especificamente, nos perguntamos se este território em específico e a performatividade da dança são mediações que instauram novos regimes de visibilidade, percepção e de fruição de cidadania por parte da população migrante e da população brasileira.

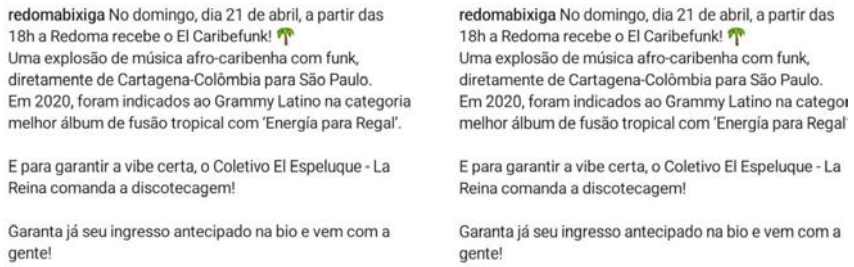
Para tanto, recorremos à perspectiva corpográfica (Jacques, 2012), a fim de destacar, questões relativas à performance e à performatividade do corpo e da dança como potente enunciador de novos agenciamentos das identidades migrantes. Compreendemos que a forma com que o corpo performa ("cartografa") o espaço, indica o tipo de vivência urbana inscrita no espaço e no corpo. A maneira de agir

e performar pode indicar experiências anteriores ou novas nos espaços e por consequência disso, é material para compreendermos as configurações espaciais inscritas no corpo, diante da emergência de novas musicalidades e actantes na região. Trata-se de pensar o corpo nas suas convenções, mas também nas atualizações. Ou seja, na capacidade de se firmar como um contraponto (Jacques, 20212).

Abordaremos a emergente cena/circuito musical de música "latina" que vem se desenvolvendo na região do Bixiga que engloba espaços nomeadamente "latinos", como o Sol y Sombra[2] e outros espaços com uma programação variada que reservam noites dedicadas aos estilos/gêneros latinos, tais como Centro Cultural Afrika, Redoma Bixiga e Funilaria[3].

2. MUSICALIDADE LATINA AMPLIADA: UM REGISTRO DO CORPO

Nos locais mencionados, temos acompanhado eventos, shows e festas que abrangem agentes como DJs, professoras de dança, cantores, instrumentistas e bandas, numa gama de atores que engloba brasileiros, argentinos, chilenos, colombianos, cubanos e peruanos, destacando um circuito feito não apenas por migrantes, embora estes sejam a maioria. Os estilos e gêneros musicais executados abrangem *reggaeton,* salsa, pop latino (nas festas e nas músicas executadas por DJs); e *son* cubano*,* ritmos folclóricos, batanga e cumbia de diferentes roupagens nas apresentações ou shows ao vivo. Essa diversidade de artistas, atividades, nacionalidades e estilos musicais possuem, como elemento comum, musicalidades advindas ou associadas aos países da América Latina hispânica, nomeadas como latinas. A mistura de referências tradicionais da música latina com ritmos brasileiros e a execução de *mashup's* é comum no circuito analisado. Entre estes ritmos dançantes e festivos eletrônicos, citamos o *raggaeton,* a cumbia, a *chicha* peruana, a timba, o rap, o funk, o *dewbom* e o *trap, por vezes,* mesclados entre si.



Figuras 1 e 2: Divulgação de shows e festas
Fonte: Instagram @batangaicia e @redomabixiga

2 O Sol y Sombra, assume-se como espaço latino com comida, bebida, shows, festas, cineclube, ensaios de bandas e uma ênfase em ativismos e causas progressistas, abrindo espaço para artistas e grupos musicais – entre brasileiros e migrantes.

3 O Al Janiah e o Centro Cultural Afrika são bares/restaurantes/centros culturais de migrantes que, além de comida e bebida, abrem espaço para uma programação musical oriunda de diferentes estilos e origens geográficas. O Redoma e a Funilaria mostram-se como mais alternativos podendo ser elencados como casas noturnas, possuindo noites específicas para expressões diversas de música latina.

A rede de bandas, DJs, produtores e dançarinas/nos têm impulsionado e visibilizado/audibilizado a cena latina ligada ao eletrônico, demarcando a presença de sonoridades pouco cristalizadas no imaginário das latinidades. A presença do reggaeton, do pop, dos traps e rap's latinos desmonta o repertório tradicionalista do que reconhece enquanto "latino" ao apresentar, por vezes, musicalidades que flutuam entre a estética pop e a musicalidade local.

Nesse sentido, notamos uma reelaboração do plano das identificações culturais, pretensamente confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Na lógica da globalização, estes ritmos produzem novas identificações "globais" e novas identificações "locais" (Hall, 2015, p.45). Reconhecemos neste circuito a produção de zonas de contato, termo cunhado por Stuart Hall, para analisar os efeitos "da copresença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam"(idem, 2006, p.31). O corpo, nesse caminho, é uma materialidade fundamental para refletir a festa enquanto zona de contato.

> Mas as bandas, de uma forma geral - isso até a gente mesmo, né - talvez trouxessem mais essa coisa do *son* cubano e do bolero, e menos de vertentes como o *reggaeton* e os pops latinos. Apesar de que não há exatamente essa distinção. Mesmo em Cuba a galera ouve de tudo. Essas coisas [diferentes estilos musicais] convivem. Então é uma oposição que não precisa existir... Mas acho também que, enquanto uma cena e um movimento estético formado por várias pessoas, existe uma coisa de uma formulação que também vai se fazendo coletivamente, né. E tem a ver também com o repertório que é vivo e com a galera... Então, à medida em que vão surgindo coisas isso reverbera... e acaba gerando também outras aberturas nas pessoas que já faziam.[4]

Trouxemos a perspectiva do corpo com destaque por entender que a emergência de novas musicalidades latinas em festas reconstrói a performatividade festiva. A música latina e, em especial a salsa, é um ritmo que historicamente reúne bandas e dançarinos em São Paulo, constituindo redutos para a prática de dança, bem como de clubes com noites voltadas especificamente para a dança. No circuito estudado, vemos a presença de musicalidades com pouca exigência da coordenação de passos ou mesmo a dança a dois. A emergência destas musicalidades amplia as possibilidades de fruição da música latina não apenas em termos estéticos por abarcar outros gêneros musicais, mas em termos do corpo e suas performatividades. É comum que antes do início dos shows de bandas latinas ou dos sets de DJ's sejam praticadas aulas de dança.

> Nesse espaço (Funilaria) nós aproveitamos para apresentar as músicas e danças latinas para pessoas fora do meio. Com o *know-how* que eu tenho busco também tentar trazer as pessoas da dança de salão, que é uma bolha, para um espaço mais alternativo. Começar a mesclar essa relação da performance, do ensino de dança com a festa.[5]

4 Entrevista concedida por Daniel Baraúna, cantor e diretor musical da banda Quimbará, no dia 15/03/2024.

5 Entrevista concedida por Bárbara Rodrigues, professora brasileira de danças latinas, no dia 20/03/2024.

Nós ensinamos passo de dança em par e dança solta também. Além de dar as aulas de dança, eu também toco aqui. Busco misturar reggaeton, salsa, bachata para a galera conhecer um pouco mais. Não ficar só com uma música de salsa. Combinar todos os estilos latino-americanos para abrir para todos essa porta.[6]

Ao contrário da visão de que o ensino-aprendizagem da dança trataria de um composto de orientações técnicas, "uns passinhos a mais ou a menos nas vidas das pessoas", compreendemos o ensino em dança são "projetos comunitários" (Marques, 1997, p. 21). Para a autora, conceitos e regras sobre gênero, raça, etnia, classe social estão/são incorporados durante processo de ensino-aprendizado em dança sem que muitas vezes nos demos conta daquilo que estamos construindo ou até mesmo (re) produzindo.

Figura 2: Aula de Reggaeton
Fonte: Instagram @solysombrabar

A emergência de musicalidades e formatos festivos que escapam as modalidades hegemônicas de representação das culturas latinas nos encaminha para olhar para a perfomance do corpo na sua capacidade de atualização. Concordamos que a performatividade da dança se dá a partir da reiteração através de normas dos modelos oficiais que contribuem para a manutenção da ordem social (Szurmuk e Mckee, 2009). Contudo, entendemos também que a repetição nunca é exata (Butler, 2009). Ou como propõe Zumthor (2018) para quem o corpo assume uma "reiterabilidade não redundante". Uma reiterabilidade que se apega à normatização social, mas que se flexibiliza diante das imprevisíveis variáveis de performance. Assim como acontece com o ato de ler (Martin-Barbero, 2009), onde ler em voz alta cumpre um papel sociológico, as músicas não foram feitas para serem admiradas com o ouvido, mas com o corpo. Para o autor, as danças não começaram a ser criadas para serem contempladas em uma vitrine, já que a obra não é um elemento

6 Entrevista concedida por Paula Paulera, professora e Dj argentina de danças latinas, no dia 20/03/2024.

cultural em si mesmo: ela o é na relação com quem a perpetua, a vive, a sente e a atualiza em sua própria carne.

Tais elementos artísticos propostos na e para a vida cotidiana não são, portanto, experimentados como o ato sublime, mas nas contingências das disputas interculturais performatizadas, por exemplo, nas arenas de visibilidade das cenas festivas. A emergência de cenas musicais latinas no Bixiga nos apresenta o movimento ordinário de atualização dos imaginários latinos hegemônicos a partir não apenas da estética musical, mas sobretudo na sensibilização do corpo como elemento que cartografa e deixa marcas dessa atualização tanto no espaço quanto na carne dos partícipes.

3. DANÇA NO CONTEXTO: PERFOMATIVIDADES DA FESTA E DO ATIVISMO

Marques (1997) na sua proposta "Dança no contexto" analisa a dimensão intercultural da dança, entendendo-a como um objeto intermediário que permite o indivíduo compartilhar com a sociedade sua maneira de ser e suas visões de mundo. A autora demarca especificamente a capacidade da dança como forma de arte e expressão que propicia ao corpo "que dança" possibilidades diferenciadas de percepção e cognição nos cenários interculturais e nos processos de migração. "Dança no contexto" é uma mediação intercultural que permite as identidades culturais se manifestarem e, na medida que o sujeito vai conhecendo aspectos da cultura do outro, ele vai reconhecendo aspectos da sua própria cultura.

> Me sinto como uma ponte entre uma cultura musical, por exemplo da música cubana, com algo que permite a criação. Essa é uma forma que faz com que eu não me aliene de ser um sujeito histórico. Existe algo das músicas feitas em lugares onde aconteceram diásporas, sobretudo africanas, onde o ritmo se entrelaça com os outros ritmos musicais, uma polirritmia. O que consegue deixar tudo junto é a percussividade, que é muito brasileira. Para quem não conhece nada do que estamos tocando isso surge quase que como uma provocação.[7]

> De certa forma eu me sinto um conducto que está levando algo que as pessoas já conhecem. Porque eu não acho que seja separado. Eu sei que existe a barreira da língua. Já existiu mais, na verdade. Eu sei que o Brasil é muito grande e que às vezes fica difícil olhar para fora, para a vizinhança. Mas, se você vai para o Norte do Brasil, você encontra ritmos muito parecidos com a cumbia. A forma que o brasileiro vivencia o forró, por exemplo, é bem parecida com a forma com que a cumbia é vivenciada em outros países da América Latina.[8]

---

7 Entrevista concedida por Daniel Baraúna, cantor e diretor musical da banda Quimbará, no dia 15/03/2024.

8 Entrevista concedida por Renata Espoz, cantora e musicista chinela que integra diversos projetos de música latina, no dia 02/04/2024.

A dança como objeto cultural em uma mediação intercultural, não deve ser sugerida com o intuito de fazer com que o 'outro' simplesmente dance aquelas técnicas corporais propostas (Marques, 1997). A dança nessa proposta exige do mediador uma prática sensível que estimule o receptor a interagir, pois, se nesta relação educacional acontece uma obrigação, não existe o diálogo intercultural, muito menos a tradução, porque nessa circunstância a dança não seria uma estratégia de inclusão, mas sim uma coerção. Num ensino em que a dança se atém exclusivamente às técnicas corporais, acaba por tratar o corpo como uma máquina para uma produção artística. O corpo nesta concepção é algo a ser controlado, dominado e aperfeiçoado segundo padrões técnicos que exigem do dançarino uma adaptação e submissão corporal, emocional e mental àquilo que está sendo requerido dele externamente (Marques, 1997, p.72).

> Eu gostaria de tocar em lugares mais periféricos. Tenho o entendimento de que o dia que uma banda de salsa, de rumba, de batanga toque no Samba do Trabalhador, no Jardim da Juventude da Zona Norte, as academias de salsa vão fechar, vão quebrar. Por que as pessoas vão entender que é um ritmo muito mais espontâneo. Ele não precisa de espelho e de "um, dois, três, um, dois, três". E nos países onde eles se cultivam, eles não se interpretam assim. As pessoas vão ver que estes ritmos estão mais perto do samba, do seu forró e do seu samba-rock do dia-dia. [9]

A fruição das danças latinas nos espaços de festa estudados reposiciona a ideia "tecnificante" do dançar, de modo a não reduzi-la a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 2010, p. 91). Argumentamos que seja um ato de criação que se instaura numa posição ativista dos actantes migrantes em ampliar o escopo das fruições culturais vivenciadas em seus territórios de origem.

A aproximação dos grupos de produção musical latina agencia novos questionamentos políticos no que se refere a ampliação da fruição cultural de origem latino-americana. Isso significa dizer que quando bandas de música, DJ's e professoras de danças latinas começam a atuar no Bixiga, transformam-se tanto estes grupos - no sentido do repertório, musicalidades e performances - quanto a própria territorialidade e seus actantes - na organização espacial e público - como parte da codeterminância do ecossistema associativo.

> Há 15 anos atrás percebia que não havia espaço físico e nem empírico para música cantada em espanhol. Ou talvez houvesse a questão da *Macarena*, uma música muito caricata que era o que chamavam de música latina. Nos últimos anos, vejo que tem pessoas mais disponíveis a ouvir música em espanhol, conhecer culturas. Vejo que as casas estão contratando mais músicos e bandas de música latina. Quando falo "latina" não estou pensando apenas em música centro-americana. O coco, o maracatu também são músicas latinas. O samba argentino, a cueca chilena, o candombe uruguaio. Temos muitas manifestações da música latina.

9 Entrevista concedida por Pedro Bandeira, percussionista e diretor musical cubano da banda Batanga, no dia 20/03/2024.

> Hoje você vai numa festa de música latina em espaços alternativos, por exemplo, e você vai escutar *reggaeton, trap* e algumas cumbias. Tocará mais isso do que apenas salsa, que é o que se conhece mais como música latina. O *reggaeton* que tem bombado nessas festas tem uma história e uma musicalidade muito aproximada com o funk. E aí tem as misturas: cumbia com *reggaeton, reggaeton* com funk ou *reggaeton* com arroxa.[10]

Notamos, nesse sentido, a emergência da questão do trabalho migrante, a disputa entorno da história dos fluxos migratórios no Bixiga e a promoção das identificações latino-americanas. Em observação e entrevistas realizadas na casa de shows e festas Sol y Sombra, notamos que a produção cultural "latina" é realizada não apenas a partir da estética sonora, mas também no plano ético do trabalho. Lucas Pereira, idealizador do espaço, ressalta a relevância material da casa ao pontuar que a mesma gera renda direta para 30 famílias migrantes em São Paulo:

> Quanto mais casas latinas ou noites de música latina, melhor. Porque vai gerar renda e emprego para os imigrantes, para o músico, para a cozinheira. Gera a questão do emprego e gera a questão da pessoa se sentir em casa. Às vezes, durante a abertura do bar, estamos todos nós enxugando os copos, varrendo o bar e estamos cantarolando uma música. Percebo que para as pessoas imigrantes a música tem o poder de você estar em um lugar que não é o seu de origem e te remeter a uma memória. Tem o poder de abraçar. Um abraço cultural talvez que não é visível, mas que mantém a pessoa acolhida. E aí a barreira linguística ultrapassa. E eu acho que a gente entrega isso com maestria. [11]

A questão do acolhimento das populações migrantes a partir da promoção de cenas musicais latina é identificada pelos actantes não apenas como forma de operacionalizar a cadeia produtiva dos eventos, mas aciona fissuras do imaginário do território. Ao indagar produtores e músicos sobre a possível sinergia entre a música latina e o Bixiga, é mencionada repetidas vezes a história do bairro com a população migrante.

> O Bixiga não é ou nunca foi um bairro só dos italianos. O primeiro quilombo que houve em São Paulo foi no Bixiga. A Vai-Vai (escola de samba da região) dá muitas mostras disso. A população negra aqui é muito grande. Então, o Bixiga não é um bairro de italianos. É um bairro de migrantes de todos os lados. Do povo preto, do povo nordestino. Então acho que esse resgate que a gente faz latino-americano, a gente pode fazer também das migrações brasileiras.[12]

Interessante notar a relação promovida entre a ressignificação da história dos fluxos populacionais na região com a emergência de cenas musicais latinas. Entendemos que as festas são momentos do sentir-comum e podem estabelecer, em função de

10 Entrevista concedida por Renata Espoz, cantora chilena, no dia 05/04/2024.

11 Entrevista concedida por Lucas Pereira, produtor cultural do Sol y Sobra, no dia 11/04/2024.

12 Entrevista concedida por Lucas Pereira, produtor cultural do Sol y Sobra, no dia 11/04/2024.

ser uma prática fortemente envolvida com o senso de comunidade, dissensualidades que se diferem do que está posto nas partilhas "hegemônicas" (Ranciére, 2009) do que é comum, podendo fissurar a construção do imaginário da região. Isso significa dizer que, em alguma medida, a emergência de um circuito de música latina aciona agenciamentos migrantes do passado, de modo a tensionar a identificação hegemônica da região enquanto "italiana".

As disenssualidades podem ser notadas também na forma de nomeação do território latino-americano. É comum que os actantes destas cenas mencionem o termo "Abya Yala" para se referir a América: *"Eu me relaciono com muitas pessoas migrantes da América Latina. Sinto que a cumbia, que se espalhou quase que de forma completa na América, é uma forma de junção para todos nós que habitamos a Abya Yala".* Abya Yala é o termo que as organizações e instituições de povos indígenas adotaram para se referir ao continente americano, de acordo com o documento Povos Indígenas nas Américas, publicado em 2017 pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).

Figura 3: Festas Bayla Ayla
Fonte: Instagram @solysombra

Os dissensos em relação aos imaginários dos territórios participam tanto das reflexões locais (no questionamento do apagamento dos fluxos diaspóricos e migratórios no Bixiga) quanto em escala global/local (a partir da integração latino-americana). A festa, a música e as performatividades da dança mostra-se como elemento importante nas diásporas da atualidade, coadunando questões de agência, mediação e trocas interculturais (Canclini, 2007). A ampliação estética (música e dança) promovida nas cenas latinas estudadas produzem "esferas públicas de diáspora" (Appadurai, 2004), repletas de sentidos, conteúdos e disputas políticas, as quais exercem efeitos significativos na imaginação global das culturas latinas bem como dos dissensos em relação as suas representações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diálogo com Martin-Barbero e Yúdice entendemos que a experiência cultural fora do território nacional deve ser problematizada no sentido de encará-la para além da fruição nacionalista e, em contraponto, percebê-la nas agências políticas do presente (Yúdice, 2006). Buscamos com este artigo, portanto, refletir sobre as *"modificações de imagens e metáforas do nacional, da desvalorização, da secularização e da reinvenção dos mitos e rituais através dos quais essa identidade, contraditória, porém, ainda poderosa, é desfeita e refeita, tanto de uma perspectiva local quanto de uma transnacional".* (Yúdice, 2006, p.133). Argumentamos que a presença das musicalidades e danças de origem latina nas festas estudadas seria responsável pela ativação de *"partições do sensível, do dizível, do visível e do invisível", ativando "novos modos coletivos de enunciação"* (Ranciére, 2009) e de percepção, que, por sua vez, agenciam processos interculturais entre migrantes latinos e brasileiros dentro de um contexto transnacional.

Com efeito, Zsurmuk e Mckee (2009), nos estudos sobre os diferentes tipos de ritos e as danças, observa que estes criam uma antiestrutura liminal, que escapa à estrutura social dominante. Nessa antiestrutura, tem lugar uma solidariedade especial, própria da performance das danças que não está limitada ao momento em que esta é realizada. Nesse sentido, entende-se que a forma a dança, ao ser dançada, cria um espaço transnacional formulado enquanto dura o ato performativo de dançar, porém seus efeitos podem perenizar-se nos territórios. Tratamos o dançar latino nas cenas musicais estudadas como um ato político que desafia a ordem dominante pela proposição da ampliação de gestos e movimento e pela tentativa de inscrever-se como um "dançar" cotidiano - menos tecnificante e mais costurado a rítmica do dia-dia. As reiteradas menções a ampliação das danças latino-americanas, a referenciar a espontaneidade dos movimentos, as aproximações com os gestos e movimentos de danças brasileiras demonstra que é no ato performativo que a ordem social se inter-relaciona com os sujeitos, que não são uma unidade fixa, que se modificam conforme suas condições e trajetórias mudam.

O não conformismo ou resistência às normas estabelecidas não ocorre em confronto com o hegemônico, mas é constantemente entrelaçado e atualizado com este, a partir da performatividade dos agentes (García Canclini, 1985) em que se localizam bandas, músicos, DJ's e professores de danças nas cenas latina no Bixiga. A tradição nacional da população migrante que participa dessas cenas está, portanto, sendo experimentada de forma singular, dadas as condições do país anfitrião e dada a forma relacional festiva entre os integrantes, que constroem suas identidades dentro das quais seus gostos, desejos e exigências são permeados tanto pelo antigo como pelo contemporâneo, tanto pela cultura tradicional como pelas atualizações acionadas na vivencia dos novos territórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Appadurai, A. (2004). Dimensões Culturais da Globalização. Lisboa, Editorial Teorema.

Barbero, J. M. (2009). Culturas y comunicación globalizada. IC Revista Científica de Información y Comunicación, (6).

Butler, J. (2009). Dispossession: the performative in the political. Cambridge: Polity.

Canclini, N. (2007). Comunicación y cultura. Encuentros y desencuentros. COMUNICACIÓN.

Freire, P. (2010). Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra.

Hall, S. (2015). Cultural Identity and Diaspora. Routledge.

Jacques, P. B. (2012). Elogio aos errantes. EDUFBA.

Latour, B. (2012). Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Edufba.

Lepecki, A. (2012). Coreo-política e coreo-polícia. Ilha Revista de Antropologia.

Marques, I. A. (1997). Corpo, dança e educação contemporânea. Pro-posições.

Pereira, S. (2021) Que latino? Juventudes, música e dinâmicas históricas Brasil/ América Latina Hispânica. Buenos Aires: CLACSO.

Ranciére, J. (2009). A Partilha do Sensível. Estética e Política. São Paulo, Editora 34.

Szurmuk, M., & McKee, R. (2009). Diccionarios de Estudios Culturales Latinoamericanos.

Zumthor, P. (2018). Performance, recepção, leitura. Ubu Editora LTDA-ME.

Yúdice, G. (2006). El recurso de la cultura. Usos de la cultura en la era global.

R40

SYSTEMS OF SENSITIVITY IN ART AND ARCHITECTURE: LINA BO BARDI´S OFICINA THEATER IN SÃO PAULO

SISTEMAS DE SENSIBILIDADE NA ARTE E NA ARQUITETURA: O TEATRO OFICINA DE LINA BO BARDI EM SÃO PAULO

Evelyn Furquim Werneck Lima
Full Professor
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO/PPGAC
evelyn.lima@unirio.br

ABSTRACT

Performance, theater, ambiance, and especially architecture, are alternatives means of producing memories of the experienced space. In this article, we examine Lina Bo Bardi and Edson Elito's *Oficina Theater* project (1984-1992), in which the affective dimensions are translatable through bodily experience and intense participation in productions where spectators and performers come into contact on the 'stage-walkway'. We demonstrate that Bo Bardi and Elito explored the sensitive quality of spaces, creating ambiances with different layers of meaning that interact with the performance and allow for intensified relationships between the stage and the audience. When analyzing the theater space as a 'spatiality of participation', we use Jacques Rancière's concepts (2005, 2010) to create regimes of sensitive experience and explore the space, atmosphere, and light of this unique theater that inspires differentiated ambiances inducing social interaction, integrating art and architecture, considering Norberg-Schulz´s phenomenology (2006) and Marc Augé´s anthropology of space (2012).

KEYWORDS: aesthetic experience; spatiality of participation; systems of sensibility; social interaction; Lina Bo Bardi

RESUMO

Performance, teatro, ambiente e principalmente arquitetura são meios alternativos de produção de memórias do espaço vivenciado. Neste artigo, examinamos o projeto do Teatro Oficina (1984-1992), de Lina Bo Bardi e Edson Elito, no qual as dimensões afetivas são traduzíveis por meio da experiência corporal e da intensa participação em produções onde espectadores e performers entram em contato no 'palco-passarela'. Demonstramos que Bo Bardi e Elito exploraram a qualidade sensível dos espaços, criando ambientes com diferentes camadas de significado que interagem com a performance e permitem relações intensificadas entre o palco e o público. Ao analisar o espaço teatral como uma 'espacialidade de participação', utilizamos os conceitos de Jacques Rancière (1995, 2010) para criar regimes de experiência sensível e explorar o espaço, a atmosfera e a luz deste teatro único que inspira ambientes diferenciados induzindo à interação social, integrando arte e arquitetura, considerando a fenomenologia de Norberg-Schulz (2006) e a antropologia do espaço de Marc Augé (2012).

PALAVRAS-CHAVE: experiência estética; espacialidade da participação; sistemas de sensibilidade; interação social; Lina Bo Bardi

1. INTRODUCTION

In this article, we point show that the aesthetic experience of an architectural place can be modified by cultural practices involving theater and performance, allowing it to expand the ambiance of the place in question. To this end, systems of sensitivity in art and architecture are analyzed based on the study of the ambiance of the *Oficina Theater* in São Paulo, a project designed by Lina Bo Bardi and Edson Elito.

As an ecological space, the long and narrow *Oficina Theater of São Paulo* allows the city's light to enter through an extensive glass panel on its side, whose scenic space is a real 'street' - a fluid and porous space which brings the city's ambiance to the interior. While Patrice Pavis (1999, p. 133) sees the scenic space as 'the space concretely perceptible by the public on the stage, or the stages, or even the fragments of a scene that are divided through a scenographic device', for the French philosopher Jacques Rancière (2010, online), in contemporary times, the spectator must actively participate in the scenic space, as 'the theater spectator is driven to work because what he has in front of him forces him to perform a work of synthesis'. Following these theorists' concepts, we sought to analyze the space and atmosphere of this unusual theater, also considering the phenomenology and anthropology of space conceived respectively by Norbert-Schulz (2006) and Marc Augé (2012).

Inspired by Greco-Roman philosophy to reflect on the concept of place, the architect Christian Norbert Schulz (2006, p. 443) argues that, just as people in classical antiquity attributed specific gods to each people and each location, there is a deity that symbolizes the 'spirit of the place', gives personality to the place, and protects the people who live there. This deity is the *genius loci.* For Norbert-Schulz (2006, p. 454), 'place' is more than a geographic location, i.e., more than a simple space. 'The place is the concrete manifestation of human habitation'. The world as a 'place' is a world in which the elements give new meaning to space, 'There are five ways to understand a place, whether natural or built: (i) elements and cosmic order - provided by the element of space, that is, the earth; (ii) character, light and time - provided by the element character, i.e. sky' (Norbert-Schulz, 2006, p. 453). Such elements must be analyzed in the light of phenomenology. In *Oficina Theater* and other adaptations she made in historical structures, Bo Bardi created the 'spirit of the place' in the true sense of the word, in other words, a lived place, in which she embodied the genius loci of that neighborhood. Her designs have always 'symbolized human existence or presence and emit multiple meanings.' The entire theater is a large scenic box, in which all individuals are in direct contact, surrounded by thick and heavy solid brick masonry in which it can be understood that the phenomenology of space is a method that requires the return to things, as opposed to abstractions and constructions.

As a complement to the phenomenological analysis, we also grounded this study on Marc Augé´s concepts (2012), which differentiate between the 'anthropological place' and the 'non-place' in contemporary times, establishing a contrast between social interactions that take place in 'non-places', implying relationships of solitude,

and those that are practiced in anthropological places, which are relationships of sociability. In this theater, we identified *Oficina Theater* as an anthropological place, considering the possibility of the many routes the spectators can take there, the many discourses that are pronounced, and the language that characterizes it, as defined by Augé (2012, p. 75). For this anthropologist, 'the place is necessarily historical from the moment in which, combining identity and relationship, it is defined by a minimum stability' (Augé, 2012, p. 53). *Oficina Theater* is truly a place with identity and stability which gave a new meaning to the city and the Bixiga neighborhood with its porosity.

2. SYSTEMS OF SENSITIVITY IN ART AND ARCHITECTURE

Built in the 1920s, the former *Novos Comediantes Theater* was located at 520 Rua Jaceguai, a property rented in 1958 by a group of law students, including José Celso Martinez Corrêa (Zé Celso) and Renato Borghi who set up a theatrical company there. To adapt the space to the new group's theatrical conception, the architect Joaquim Guedes transformed the space into a sandwich theater, with two audiences facing each other separated by the central stage. This lasted until it was burned down in 1966. In 1967, two architects, Flávio Império and Rodrigo Lefèvre, designed an extensive concrete grandstand with half-level side accesses and an Italian stage, where a central circle was moved by a rotating mechanism, inspired by Walter Gropius' *Total Theater.* In 1983, listed by CONDEPHAAT as cultural heritage due to the new meaning of the property's use in the process of Brazilian theater transformation, the building was expropriated by the state government and Lina Bo Bardi and Marcelo Suzuki made the first proposal for its renovation. However, this project made no progress.

Investigating the area and population of the Bixiga neighborhood, an Afro-Italian neighborhood with great cultural diversity, Bo Bardi created a new architectural project for the location for the theater group in question (*Oficina Uzyna Uzona*), co-authored with Edson Elito. As she would later idealize for the *Gregório de Mattos Theater* in Salvador, the scenic space contains a spatial flexibility ranging from the audience to the stage, offering multiple possibilities for contemporary staging, relying on systems of sensitivity already foreseen by Antonin Artaud in the 1920s, in other words, 'a naked theater, without a stage, practically just a place of action, a community thing, just like a church'. (Bo Bardi et al., 1999, p. 5)

The entire theater is a large scenic box, in which all individuals are in direct contact, surrounded by thick and heavy solid brick masonry which houses the notion of *Teato* or 'art that embraces the spectator', a concept formulated by the director Zé Celso and brilliantly interpreted by Bo Bardi (Figure 1). She thinks of aesthetics in a broad sense, as modes of perception and sensitivity, as preached by Rancière (2010, online), who defines it as 'how individuals and groups construct the world. It is an aesthetic process that creates the new, that is, it displaces the data of the problem.'

Figure 1 - Oficina Theater – the central stage walkway
Photo Cassia Monteiro, 2012. Collection of the Laboratory of Theatre Space and Urban Memory Studies

By designing a central street as a stage, in an ecological and anthropological approach, in which the space acts as a support for community life, she establishes constitutive relationships between actors, spectators, and technicians. This relationship constitutes an identity, and the theater is the place where this identity is represented. Identity implies 'the notion of belonging and self-recognition, continuously contrasting the relations of equality and difference' (Duarte, 2020, p. 15). For Augé (2012), a complex space that is simultaneously identity, relational, and historical must be a place of sharing, shelter, and iteration, characteristics that Bo Bardi imprinted on *Oficina*. It is understood in this analysis that the architects considered the notion of 'systems of sensitivity,' establishing a strong reference between the 'place', all animate beings, and their ability to interact with the 'sensitive'.

3. AMBIANCE, SPACE AND ATMOSPHERE

In addition to focusing on the site of the building, phenomenology encompasses tectonics, because, in the words of Norberg-Schulz (2006, p. 443), 'the detail explains the environment and manifests its peculiar quality', but it also arouses intense interest in the sensorial qualities of materials, light, color, as well as the symbolic and tactile importance of details. It is, therefore, an appropriate science to investigate ambience in Bo Bardi's projects, who, according to researcher Olívia Oliveira (2006, p. 283-289) worked with 'subtle architectural substances, such as light, water, works of art'. This design choice highlights a relationship with space that refuses 'excessive privatization and the passivity of bodies: immersion in space makes watching a group performance more of an action than a contemplation'. *Oficina Theater* allows total integration of the spectator with the street even if it is in

a fixed spatial structure. Using the configuration of a church nave, in other words, a space for processions, Bo Bardi gives the place the icons of a public space, moving the spectator from the theater to the ambience of the street. The extensive glass wall allows the spectator to participate in the performance, always linked to what is outside the theater building, which is real. This permeability between internal and external space already anticipates the comment that Hans Thies-Lehmann (2007, p. 268) would make later, 'in post-dramatic theater space becomes a part of the world, certainly emphasized, but thought of as something that remains in the continuum of the real: a cut delimited in time and space, but at the same time continuation and therefore fragment of the reality of life.'

In the latest renovation of the *Oficina,* its natural light and atmosphere stand out, but also the contrasts between the old, exposed brick walls with arches, the presence of tubular scaffolding, the retractable roof, the stage-catwalk with wooden boards, and the confrontation with the lightness of the glass panel. Inside, the spectator is taken to tour the theater space, interacting during the performance, a fact that suggests a reception of the scene that differs from the traditional form, in addition to providing different points of view. The glass panel lets natural light in, falling on a large part of the stage catwalk. Moreover, the ambiance of the theater even allows the use of natural light in shows, without the intervention of a stage lighting professional.

Prioritizing the individual's emotional needs, she encouraged the spectator's active participation in the work, as well as relationships between the mind and body. The materials and different textures cause illusionistic effects of light and shadow when the natural light that enters through the glass panel of the north facade falls on them (Figure 2). Throughout the shows, the scenes take place in different spaces of the theater, on the 'stage walkway', on the metal structures that support the three side scaffoldings, on the platforms located at the top of the theater, at the ends of the street stage, on trapezes or ropes that descend from the ceiling, among other possibilities, allowing spectators and actors different points of view.

Figure 2 - Oficina Theater – the glass panel and stage-walkway.
Photo Cassia Monteiro, 2012. Collection of the Laboratory of Theatre Space and Urban Memory Studies

Rancière (2005) developed a theory around the 'distribution of the sensitive' understanding of the formation of the political community based on the discordant encounter of individual perceptions. Politics, for him, is essentially aesthetic, i.e., grounded in the sensitive world, just like artistic expression. Based on his concepts of politics and policy, we recognize that Bo Bardi and Elito created a dissident model of theatrical space, destabilizing the traditional building intended for the performing arts and, therefore, the 'regime of common sensitive experience'.

Bo Bardi was political and against the massification produced by consumer society by aesthetically valuing everything that emanated from cultural roots and everyday life. Anthropological studies she made in the Northeast of Brazil allowed her to explore new poetics of space in which the surreal was obtained through easy identification by the public through the exploration of the unconscious and the concomitant use of elements of local crafts. Through her imagination and the elements she had available, found in popular art, she criticized a society increasingly permeated by the vice of consumerism.

The renovation of the theater involved the demolition of all its internal walls, using concrete pieces to support and brace the high brick walls, in which the full arches that make up the masonry of the old building from the 1920s remain. Metallic pieces support the new roofs as well as the mezzanines superimposed at the bottom. The structure that guarantees the stability of the side galleries using detachable tubes is also metallic. A sliding steel vault was put over the metal structure, allowing communication with a green area. An area covered with laminated wooden planks forms the 'stage walkway', denoting the meaning of 'street' and 'passage' (Figure 3).

Halfway between the access and the bottom of this area, the architects designed a 'waterfall' made up of seven apparent tubes that flow into a water mirror, renewed by a recirculation mechanism. By valuing the most everyday cultural expressions, they referred to Afro-Brazilian religions when designing the waterfall. It is worth remembering that water was an element widely used in Bo Bardi's architecture, possibly referring to the Candomblé *orixás.*

Figure 3 – Oficina Theater – the metallic stands, 'stage walkway', and glass panel.
Photo Cassia Monteiro, 2012. Collection of the Laboratory of Theatre Space and Urban Memory Studies

Bo Bardi created a non-illusionist project, revealing to the public all the technical resources she had available for the staging and emphasizing that 'from an architectural point of view, Oficina Theater will look for the true meaning of the theater - its *physical and tactile structure,* its *non-abstraction* - which profoundly differentiates it from cinema and TV, at the same time allowing the full use of these means' (Bo Bardi *apud* Ferraz, 1993, p. 209). We credit the location of the stage lighting, sound, and electronic control equipment at the back of the theater on one of the mezzanine levels to Bo Bardi's in-depth knowledge of Artaud's theories.

She removes things from their commonplace, generating reinterpretations based on elements present in life and her architecture absorbs everyday issues and popular uses that make it easier to decipher the meanings of space. By breaking the boundaries between imagination and reason, as proposed by theater director José Celso, Bo Bardi uses space to encourage the spectator's active participation in the performance, as well as the sensitive relationships between the mind and the body.

At the same time, when analyzing the scenic space of *Teatro Oficina,* we realize that the ambiance was aesthetically designed based on an image. The theorist Jean Jacques Roubine (1992 [1980], p. 32) states that 'people become aware that what

the scenic space makes us see is an image [...]. This image can be composed with the same art as a painting, that is, the dominant concern is no longer fidelity to reality but the organization of forms, the reciprocal relationship of colors, the play of full and empty areas, shadows, and lights.' As the daughter of the painter and engineer Enrico Bo and since she was an artist of form herself and with countless watercolors and elaborate drawings, Lina Bo Bardi imprinted a playful image full of meanings on the atmosphere she created for *Oficina Theater.*

4. TRANSPARENCIES, WATER, NATURE: SOME CONSIDERATIONS

As Olivia Oliveira (2006, p. 73) recalls, 'in addition to spaces, Lina has a sensual and detailed perception of architecture and materials that 'live and vibrate' in space, but also of other more subtle substances – air, light, nature that crown the materials used'. The design of the space at the *Oficina Theater* involves more than architecture, also incorporating the life that develops within it, paying special attention to air, light, and time, without forgetting that Bo Bardi also uses the element of water as a relationship of purity and life in her works. The appropriation of everyday practices is a constant in Bo Bardi's works and allows for different interpretations of the spaces she creates.

Oliveira (2006, p. 172) states that Bo Bardi's buildings are like time machines: they are only set in motion when someone requests the space, in other words, 'when someone explores them, invades them, penetrates them, travels through them and, as they walk, they invent the place'. In the playful and unusual atmosphere designed by the architects, stage lighting can create great impacts and produce sensitive images, as the architects explored the sensitive quality of spaces, creating ambiances with different layers of meaning that interact with the performance.
Allowing the spectator a view of the show simultaneously with that of the city through the glass on the wall of the theater that faces part of one of the stands, revealing the Minhocão viaduct, gives the spectator the ability to be outside the theater space, even while remaining inside it (Figure 4). *Oficina* theatergoers can recognize themselves in Jean Paul Thibaud's (2020, p. 91) statement that 'Being attentive to one's surroundings then consists of demonstrating sensitivity to the complex schemes that weave the perceptible world [...]'. Therefore, the *Oficina* space is opposed to the traditional dramatic space, which is characteristically metaphorical. Bo Bardi induces the spectator to interact with urban reality and the scene through the glass wall. The crystalline skin allows the city to penetrate the theater, bringing it closer to everyday space.

Figure 4 - Oficina Theater – the glass panel and the city.
Photo Cassia Monteiro, 2012. Collection of the Laboratory of Theatre Space and Urban Memory Studies

In this sense, the spectator cannot forget the presence of a fictional event due to an architecture that destroys the illusion of reality. However, it should be emphasized that the performance that the spectator is watching makes them part of the world that is just outside. The space, similar to a street, and the side stands refer to the Sambadrome designed in Rio de Janeiro by Oscar Niemeyer -, with its longitudinal form of passage, bringing to light some of the canons of Brazilian culture: the parade and the religious processions, rituals that have permeated urban life in Brazil since colonial times.

The *Oficina* theatre project was intended to literally extend past the back wall, opening into a public square that would connect it to the other side of the street and to the Anhangabaú Valley. The idea was to create an enhanced passageway considering the predominance of walking routes in the Bixiga neighborhood, one of the oldest in the city of São Paulo. Bo Bardi wanted to expand the theater in the future, transforming the entire block into a single environment. By integrating this small theater into the scale, characteristics, and diversity of that labor-class neighborhood, both she and the other architect involved believed in transforming the world in which human beings historically acted in a non-linear way and with constant possibilities for change, always expanding the participation of the working classes. Bo Bardi and Elito understood that 'providing the individuals with the material, substance and basis for psychic processes', they would awaken their experiences and life stories (Duarte, 2020, p. 19).

Connected with the ambiance of its surroundings, the theater building, located in an area that opens onto an extensive plot of land, incorporates a century-old tree that can be seen through the huge glass panel on the side facade. Its unusual architecture

with 'stage walkway' and scaffolding stands is transgressive and unusual, sharpening the sensitivity of actors and spectators. The gigantic glass curtain allows the city to enter the theater and the theater to expand into the city, revealing an illuminated environment that, since 1993, has hosted canonical spectacles in the history of Brazilian theatre. The space of this theater is a symbol of existence and human presence itself, and it emanates multiple meanings through its natural light, and atmosphere that metaphorically and concretely expand the scenic space throughout the Bixiga neighborhood. This research allowed us to understand how environments expand the possibilities of rethinking the way of being in the world, allowing greater interaction between individuals.

BIBLIOGRAPHY

Augé, Marc. (2012 [1992]). *Não-Lugares* – introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Lisboa, Editora Letra Livre.

Bo Bardi, L.et al. (1999). *Teatro Oficina.* Lisboa, Blau.

Duarte, C. R. S. Silence, Traumatic Memory, and Signification of Places: The Memorial to the Abolition of Slavery in Nantes. In: Duarte, C. R. S.& Pinheiro, E. *Architecture, Subjectivity and Culture*: scenarios and transversal paths for research. Rio de Janeiro: Rio Books/PROARQ-FAU -UFRJ, pp.13-29.

Ferraz, M. (1993). *Lina Bo Bardi.* São Paulo, Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi.

Lehmann, H.-T. (2007 [1999]). *Teatro pós-dramático*. São Paulo, Cosac Naify.

Norbert-Schulz, C. (2006 [1976]) O fenômeno do lugar. In: K. Nesbitt. (org.) *Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995),* São Paulo, Cosac Naify, pp. 443-461.

Oliveira, O. (2006) *Sutis substâncias de arquitetura.* São Paulo, Romano Guerra, Barcelona, Gustavo Gili.

Pavis, P. (1999 [1996]). *Dicionário do Teatro*. São Paulo, Perspectiva.

Rancière, J. (2005 [2000]) *A partilha do sensível.* Estética e Política. São Paulo, Editora 34.

Rancière, J. (2010) [Interview to Gabriela Longman and Diego Viana] on 30th March 2010. Available in *https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/* Consulted on 27 June 2024.

Roubine, J.-J. 1998 [1980]. *A linguagem da encenação teatral 1880-1980.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Sousa, M. A. (2013). Quando corpos se fazem arte: uma etnografia sobre o Teatro Oficina. (Master Dissertation) /UFSCar.

Thibaud, J-P. (2020). Towards an Ambient Ecology of the Urban. In Duarte, C. R. S.& Pinheiro, E. *Architecture, Subjectivity and Culture*: scenarios and transversal paths for research. Rio de Janeiro: Rio Books/PROARQ-FAU -UFRJ, pp.86-99.

R40

ECOLOGICAL ISSUES OF ATMOSPHERIC SENSIBILITY

QUESTÕES ECOLÓGICAS DE SENSIBILIDADE ATMOSFÉRICA

Jean-Paul Thibaud
Honorary Senior CNRS Researcher /
Diretor Honorário de Pesquisa do CNRS
CRESSON-AAU / CRESSON-AAU
jpthibaud1@gmail.com

ABSTRACT

A form of sensibility could be described as atmospheric. Irreducible to artistic, landscape or environmental sensibility, it stems from a diffuse attention open to the tonal variations of the ambient world and the atmospheric influences of living environments. It is less a matter of object perception than of situational affect. Atmospheric sensibility is a way of making oneself sensitive to current socio-ecological mutations. It is about the precariousness and fragility of our sensitive attachments to everyday spaces. From this point of view, sensibility cannot be reduced to passive reception, but rather to the power to intensify and transform our relationship with the world. If the ecological crisis is indeed a crisis of sensibility, what can atmospheric sensibility do about it? Three ecological issues relating to atmospheric sensibility are identified: the issues of the consistency, the resonance, and the persistence of ambient worlds.

KEYWORDS: atmospheric sensibility, consistency, resonance, persistence, ecology

RESUMO

Uma sensibilidade poderia ser descrita como atmosférica. Irredutível à sensibilidade artística, paisagística ou ambiental, ela se origina de uma atenção difusa aberta às variações tonais do mundo ambiente e às influências atmosféricas dos ambientes vivos. É menos uma questão de percepção de objetos do que de afeto situacional. A sensibilidade atmosférica é uma maneira de se tornar sensível às mutações socioecológicas atuais. Trata-se da precariedade e da fragilidade de nossos vínculos sensíveis com os espaços cotidianos. Desse ponto de vista, a sensibilidade não pode ser reduzida à recepção passiva, mas sim ao poder de intensificar e transformar nossa relação com o mundo. Se a crise ecológica é de fato uma crise de sensibilidade, o que a sensibilidade atmosférica pode fazer a respeito? Três questões ecológicas relacionadas à sensibilidade atmosférica são identificadas: as questões da consistência, da ressonância e da persistência dos mundos ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: sensibilidade atmosférica, consistência, ressonância, persistência, ecologia

1. FROM ECOLOGY TO THE SENSITIVE

"Perhaps only perceptual transformations of this magnitude – hearing that we can't hear anymore and that the neighbors have left, feeling that what we have under our feet trembles and moves, perceiving Gaia's cry, seeing the climate – are capable of opposing, in the bodies, the criminal denials of climate mutations, and raising far-reaching political decisions." (Macé, 2019, p. 22)

Numerous research projects contribute to developing ecological awareness by exploring new ways of inhabiting the world and experimenting with original forms of

feeling. Various avenues are to explore which do not follow a single path, but rather outline multiple configurations of thought and varied modes of attention. These include cultivating new forms of attention to living environments, making perceptible what is usually imperceptible, listening to the Earth's stories, conceiving inhabited environments in terms of new aesthetics, practicing unusual forms of writing that give voice to other-than-human beings, sharing the various attachments that affect life, taking a fresh look at contemporary landscape issues... As soon as we consider experience as a fundamental operator in the current ecological crisis, the question of sensibility is bound to resurface. Better still, sensibility becomes the privileged means from which to open up the possibility of a world that is inhabitable. If sensibility plays such a central role in today's ecological issues, it is precisely because it invites to explore unsuspected futures and enables "to intensify the sense of possibilities" (Debaise & Stengers, 2016). In other words, as soon as we seek to go beyond a strictly environmentalist vision of ecology, the realm of aesthesis becomes inescapable, and the development of an ecology of the senses becomes indispensable (Abram, 1997; Tassin, 2020). Our sensitive relationship with the world needs to be broadened and amplified, in order to open up new paths for ecological transformation and give full rein to the vital powers of experience. The scope of the challenges we face is such that it is essential to seek out new forms of sensibility.

2. THE FABRIC OF THE SENSIBLE

"Sometimes all it takes is a ray of sunlight, a particularly horizontal light; all it takes is the right angle and distance from it for us to experience a visual revelation, for suddenly, right in front of us, a suspended world appears. Dust, particles and tiny flying creatures recall their presence, and through them, that of those 'imperceptibles' with whom we make our world." (Dittmar & Tastevin, 2017, p. 7).

Among the various proposals designed to promote ecological awareness, one gives importance to the sensitive domain as such, to the very texture of the sensitive world, to what makes a world a sensitive world. So it is, for example, with the air we breathe, the sound that envelops us, the light in which we bathe, the smells that spread... It is also about the resonances and dissonances that make up sensitive experience, the forces and affects that run through us, the prehensions and affordances that shape our ways of feeling... Ambient worlds involve all the media that sensitize the environment and condition sensory perception. For example, vision is not possible without light. One cannot see the same way in thick fog as in bright sunlight. One does not breathe the same way in the polluted air of an industrial site, in the rarefied air of a mountain range, or in the conditioned air of a shopping mall. The state of our bodies is not the same in these situations, nor is the emotional tone in which we find ourselves. It is less a question of paying attention to specific objects of perception that can be distinctly identified and located, than sensing the surrounding world in which we find ourselves, feeling the sensitive fabric of a world in the process of appearing, making and transforming itself. As Mikel Dufrenne (1991, p. 118) remarks,

"what matters to us here is less the thing than the fabric from which it is cut: the sensible". In revisiting the problem of perception, Jocelyn Benoist (2013, p. 228-229) also puts it in his own way, "it is no longer what is seen that matters, or at least not only; but also and first and foremost the visible fabric in which it is given to be seen, how it is made as visible". We are witnessing here a reversal of perspective, making manifest that which usually goes unnoticed, bringing to the foreground that which generally remains in the background. Alongside the order of things that is usually brought to the fore and apprehended in perception, there is also the order of the *medium*, which operates discreetly but nonetheless plays a fundamental role in the way things appear and are made perceptible (Heider, 1959). In other words, we are not only facing a world of objects, we are also enveloped in various mediums that give the world its sensitive feature, and imperceptibly accompany our daily actions. As Emanuele Coccia (2010) puts it, it is up to the medium to phenomenalize the world and to give an existence to the sensible. What then of this atmospheric sensibility?

3. ATMOSPHERIC SENSIBILITY

"It's not autumn yet, nor is there the yellow of fallen leaves in the air, or the damp sadness of the weather that will soon become winter. But we feel a shadow of anticipated sadness, a melancholy in traveling clothes, in the feeling that makes us vaguely attentive to the multicolored dispersion of things, to the different voice of the wind, to the peace as if aged that spreads, at nightfall, throughout the inevitable presence of the universe." (Pessoa, 1999, p. 218)

Atmospheric sensibility refers to ways of being sensitive to the ambient worlds that shape daily lives and permeate common existences. It is irreducible to landscape, artistic or environmental sensibility. To speak of atmospheric sensibility is to recognize that eco-anxiety and solastalgia (Albrecht, 2019) profoundly transform our sensibility, color the ordinariness of our affects and form the background to our ways of being, feeling and acting. From this point of view, the contemporary world is bringing about a new distribution of the sensible and giving rise to new ways of feeling. Atmospheric sensibility is characterized by three main features, which would deserve to be more fully developed and illustrated. Firstly: *the importance of the elements* (air in particular). Atmospheric sensibility consists in listening to the influence of the elements and the increasing disturbance to which they are subject with climate change. It refers to what Emmanuel Lévinas (1971) called the "elemental", i.e. an impersonal, formless, faceless and limitless milieu in which we are immersed. But that doesn't mean that this elemental milieu is devoid of qualities – quite the contrary. In fact, that is the whole point. For Lévinas (ibid., p. 144), "sensibility brings us into relation with a pure quality without support, with the element." Increasingly unbreathable urban smog, repeated heat waves, the multiplication of contaminated territories, growing spread of mega-fires, the development of acid rain are only the most spectacular manifestations of the pervasiveness of air – of certain qualities of

air – in everyday life. Atmospheric sensibility enables to pay attention to what really matters, giving full scope to a possible ecology of the elements. To put it briefly, the elemental is the field *par excellence* for articulating sensibility to ecology. Secondly: *the exercise of the infra-sensible.* While the examples cited above focus on massive phenomena that easily enter the public realm, atmospheric sensibility operates first and foremost at a much more discrete, diffuse and infinitesimal level. It proceeds from a logic of silent transformations referred to by François Jullien (2009). If atmospheric sensibility belongs to the realm of the infra-sensible, of the molecular, it is because it relies on sensory differentials, subtle capacities to feel, rather than preformed ways of perceiving. It involves an art of attunements, i.e., of sensing differences (Ash & Gallacher, 2015). Examples include meteosensitivity (sensitivity to the weather) (Corbin, 2013), and electrosensitivity (electromagnetic hypersensitivity), which bring into existence phenomena that are usually unnoticed. But the field of art is also rich in creations that cultivate this form of sensibility. Fernando Pessoa is undoubtedly one of the most illustrious writers of atmospheric sensibility. His particular attention to climatic phenomena and weather conditions made him aware of "sensations of minimal things", and more sensitive to microscopic flows, rhythms and forces at play in Lisbon's atmospheres (Gil, 1988). To summarize, atmospheric sensibility implies a particular form of receptivity and availability to quasi-imperceptible phenomena. Thirdly: *some alternatives to narrative.* Numerous experiments exploring ecological issues advocate the creation of new narratives as a way of transforming current sensibility (Vassor & Verquere, 2022), for instance: speculative fabulations, interspecific investigations, science-fiction... With atmospheric sensibility, new modes of expression are also to be explored, emphasizing the pre-reflexive and infra-semiotic dimension of bodily experience (Gil, 2000). For instance – and staying here within the realm of language – the practice of haiku enables to express, in its extreme brevity, an instant of the world's sensuality (Vercaemer, 1998). In this respect, Roland Barthes' thought on haiku deserves to be reread with great interest, with particular emphasis on its ability to convey the weather's variations and the subtle tones of seasons. Obviously, we could learn a great deal from Chinese and Japanese cultures in their ability to expressing atmospheric sensibility (Marinucci, 2019). Also, the cinema can open up fascinating avenues of atmospheric sensibility. Béla Tarr's films are a perfect example, emancipating themselves from the logic of narrative to reveal atmospheres and invent atmospheric ways of filming. The ambient world shown in his films is a world under influence of rain, marked by the constant and insistent presence of the elements. But it is not enough to say that it rains a lot in his films. We have to take seriously the saturation of the elements, which really gives substance to the ambient situations and collective ways of being. Rain is not just a setting. It takes possession of bodies as well as situations. As Jacques Rancière (1971, p. 34) notes, "With *Damnation,* rain settles into Béla Tarr's universe. It is the very fabric from which the film seems to be woven, the environment from which the characters emerge, the material cause of everything that happens to them". One might venture to say that atmospheric sensibility proceeds from a topic of exposure and inspiration, rather than narration and representation (Engelmann & McCormack, 2021). It calls

for new modes of expression that explore what a true ecology of elements might look like. Finally, with atmospheric sensibility, we are dealing with diffuse sensing, peripheral and defocused perception, floating attention open to the presence of elemental milieus and the quality of elements that imperceptibly infuse. We are also dealing with listening on the lookout, with "undirected availability" as Günter Anders (2020) would say, i.e., an intense attention directed nowhere. It is not just a question of current sensitive situations – here and now – but also in the making, as they could happen or could have happened. For example: a silent spring in which we no longer hear birds... a covid-free world in which we can finally breathe... the presentiment of a thunderstorm about to break... Atmospheric sensibility is a hyper-sensibility attentive to the variations, modulations and alterations of the ambient worlds that breathe life into us. It stems from an ability to capture infra-sensible forces and cultivate an art of nuance (Grossman, 2017).

4. THE EFFICIENCY OF AMBIANCE

"From early morning, with my face still turned to the wall and before I had seen, above the tall window curtains, the color of the line of morning light, I already knew what kind of day it was. I could tell from the first street noises, whether they reached me muffled and distorted by dampness or twanging like arrows in the empty, resonant space of a wide-open morning, icy and pure. The rumbling of the first tram told me whether it was huddled against the rain or forging gaily toward the blue horizon." (Proust, 2019)

If we are now to pay attention to mutations in the sensitive texture of everyday life and to the diverse disturbances related to the elements, we need to focus on the concrete conditions of these transformations. A number of authors have already emphasized the importance of everyday atmospheres to approach the current changes in sensibility. From quite different perspectives, Gernot Böhme (2017) develops an aesthetic of atmospheres that runs counter to the aesthetic economy at work in commodity society; Peter Sloterdijk (2016) proposes to elevate the atmospheric to the level of theory by revisiting the central question of air; Yves Michaud (2021) insists on the rise of ambiances and affective atmospheres in the process of hyper-aesthetization of the contemporary world. We are lead to understand how contemporary atmospheres are affected by underlying trends, whether economic (commodification) or technological (digitalization), that challenge some major ecological issues. This focus on atmospheres highlights the immersive nature of sensory experience. No overhanging position or face-to-face relationship, but rather the recognition of elemental milieus in which we are continually immersed. Ambiances and elements are constantly being shaped by human activities and the layout of inhabited spaces, the most ordinary practices of social life, the growing influence of technological devices, and climatic events of varying magnitude. In this respect, ambiance can be thought of as a dynamic *assemblage* (Deleuze & Guattari, 1987) that composes with all these components and subsumes them under specific

affective tones. Ambiance functions as the operator of atmospheric sensibility, as the repository of mutations in ordinary sensibility. But if this is the case, it is precisely because an ambiance is always embedded in a concrete situation, making it possible to assert the situated and circumstantial nature of sensibility. Indeed, ambiance is sometimes defined as the diffuse quality or affective tonality of a situation (Thibaud, 2015). In other words, an ambiance specifies a sensitive milieu and defines a context of perception. It enables sensibility to be exercised in context and in action, and to be put to the test in the most ordinary situations. It constitutes the basic unit from which we experience and install a sensitive world. Using a gardening metaphor, we could say that ambiance is the domain in which atmospheric sensitivity is cultivated and nurtured. What is at stake here is the way in which ambiance frames the normal forms of perception and directs our greater or lesser attention to atmospheric phenomena. Endowed with a discreet agentivity, it distributes what is perceptible and what is imperceptible, differentiates the ordinary from the remarkable, traces the blind spots of perception, and participates in an ecology of attention. It filters and frames elemental milieus, endowing them with particular qualities and values. In short, ambiance is the place for the formation of perceptual habits, the activation of sensory-motor schemes, and the engagement of socio-aesthetic relationship to the world. As a vector for changing sensibilities, ambiance involves the way the world inhabits us, embodying and sharing our ways of feeling. In short, three processes are at work in ambiance: it contextualizes and situates the fabric of an atmosphere; it filters sensitivity and attention to the elemental world; it articulates the physical characteristics of atmospheres with their sensory qualities and affective tonalities.

5. FRAGILE CONSISTENCY

"We frequent the incorporeal, and most of the time we don't even know it. If I try to remember a moment of existence, a fragment of lived time, places, people, the weather and the time it is, words exchanged, all blend together in this reminiscence: a fragile fabric, which tends to unravel if examined too closely, and whose consistency lies precisely in its fluidity. What emerges from this exploration is an atmosphere, an air, an envelope of smells and flavors, and, here and there, a few distinct elements with a clearer shape." (Cauquelin, 2006, p. 7-8)

If we are interested in the ecological powers of atmospheres and ambiances, various tests are bound to appear. The first ecological test of atmospheric sensibility concerns the *consistency* of an ambient world. It refers to the idea of "composing a milieu". To what extent does an ambiance manage to hold together the heterogeneous and unstable components of a situation? To what extent does it endow each situation with an internal cohesion? In other words, atmospheric sensibility tests the degree of consistency of the world, puts to the test the way in which a world holds together, involves more or less consistency. An ambient world is not constituted once and for all, but is constantly being transformed and recomposed. We encounter here a fundamental theme of ecological thinking: that of weaving and interconnecting,

'meshwork' would say Tim Ingold (2011) or Timothy Morton (2010). Ambiance relies on an ecology of flows that weaves the sensitive fabric of a situation and ensure coalescence between its various components. We're talking about the atmospherizing and homogenizing power of ambiance, its ability to set the tone for a situation (Thibaud, 2013), to unify its affective atmosphere by endowing it with a unique, unifying diffuse quality (Dewey, 1938). The flows of air, sound, light and scent; the currents of energy, force and vibration intermingle and spread, infusing in small touches and diffusing from one to the next. But there are times when the consistency of an ambient world is disturbed and challenged. Such is the case with the Covid-19 pandemic, challenging the free circulation of air, unraveling the coherence of a way of life, and profoundly transforming everyday atmospheres. Masks, forced confinement and social distancing reveal the unsuspected significance of air in everyday practices, and call for the exercise of atmospheric sensibility. By default, then, we understand that a situation acquires all the more internal consistency when it favors the circulation of flows and encourages the mixing of elements. This implies extending the classic notion of situation to include its climatic, aerial and seasonal components. With atmospheric sensitivity, a pure logic of spatial scales no longer holds. Think, for example, of the way a sandstorm in the Sahara can spread to Europe, coloring the world differently and requalifying an ambient situation. In this way, the micrological meets the aerial, the corporeal enters into a relationship with the cosmic. Some urban critics have insisted on a contemporary tendency to produce artificial environments that are particularly enclosed and hermetic. Lieven de Cauter (2004) has spoken of the capsularization of urban spaces and the associated ecology of fear. Atmospheric sensitivity, on the other hand, makes us sensitive to the forces of the cosmos and the breathing of the Earth. It stems from an attention to the fragility and precariousness of the envelopes that inhabit us. What is at stake is the porosity of bodies and the permeability of elemental milieus. No doubt we have much to learn from the aesthetics of breath at the heart of porous oasis ambiances (Ben Ayed, 2021). Just remember that atmospheric sensibility is a sensitivity to the degree of consistency of an ambient world.

6. UNCERTAIN RESONANCE

"This silence remains. Suspicion. If I left out the reasons why I came here, I'd probably be thrown back to the question: what happened here? What has happened to leave this land, this landscape, so speechless? I can see the more or less scattered dwellings, the roads and crossroads, I can even make out the overhanging railroad line - but I can't hear any of the noises that are associated with each of them: the noise of people or traffic, the noise of engines or brakes, the noise of trains. But the persistent presence of this silent pheasant, the disproportionate echo of the woodpecker hitting the tree. Yes, indeed, 'it feels silence' and it is 'heavy'" (Houdard, 2017)

The second test of atmospheric sensibility concerns the resonance of ambient worlds. It refers to the idea of "infusing life". The question of resonance has become increasingly important in ecological thinking, and is the subject of much debate.

To begin with, it is becoming increasingly clear that a strictly environmentalist and instrumental approach to inhabited spaces is insufficient when it comes to ecological action. Rather, the challenge is to establish and maintain a vital relationship with the Earth, to cultivate our capacity to resonate with it. At stake here is our ability to affect and be affected by the atmospheres in which we bathe. For Hartmunt Rosa (2018, p. 194), resonance is defined as "a specific mode of relationship by which the world, the segment of the world concerned, is experienced as responsive". But then, if nature is usually conceived as the sphere of resonance *par excellence* of human beings, various authors have insisted on a declining tendency of this disposition. Robert Pyle (1978) speaks of the extinction of the experience of nature, Hartmunt Rosa (ibid.) of the crisis of resonance in late modernity, and Baptiste Morizot (2020) of the crisis of sensitivity towards the living. It is as if a fundamental dimension of human experience is being increasingly amputated. Without getting into the debate, let me just mention two points of controversy within contemporary ecological thinking. On the one hand, the very notion of nature is increasingly being called into question, raising fresh questions about its relevance and efficiency (hence the hesitation to speak of 'natural' elements when discussing the elemental in part 3 of this article). On the other hand, the Romantic sensibility is often mobilized in terms of the resonance and feeling of nature (Collot, 2022), even though it is the subject of substantive criticisms (Morton, 2007). These two remarks show how atmospheric sensitivity is caught up in a set of contemporary debates that are not clear-cut. But with resonance, it is the pathic moment of sensation that is put to the test, that sympathetic communication with the world that makes feeling the condition of possibility of all experience (Straus, 1963). Before being the object of cognitive perception, an ambiance is immediately experienced and felt. As Henri Maldiney (1973, p. 136) notes, based on the thought of Erwin Straus: "What we call sensitivity to colors, to forms, to sounds, is entirely constituted by this pathic moment". From this point of view, atmospheric sensibility is not primarily the result of an objectifying intentionality, but rather engages a mode of immediate presence with the world. By participating in the animation of the world, its atmospheric and tonal variations, ambiances constitute a particularly opportune domain from which to develop new aptitudes for feeling and resonance. Hartmunt Rosa puts it in his own way, recognizing the capacity of a positive affective tone to pre-activate and initiate the possibility of resonance. An ambiance intones bodies and situations, transmitting 'vitality affects' (Stern, 1985) and possessing a tonalizing power that can open up new affects. Clearly, not all ambiances are equal in this respect. Some predispose to possible resonances and intensify our sense of being alive, while others tend to narrow the field of experience. Research could then focus on the creation of ambiances with positive affects of various kinds, which would function as baits for resonance. But do not forget that the ability to be affected is not unique to human beings. Rather, it is a faculty common to all living beings: a flower turns towards the light... a dog's ears perked up and on the alert... In these cases too, a variation in the milieu takes place, however slight. An act of sensing takes place. Feeling can be defined as the capacity to be affected by tiny variations in a sensory environment. This generalized sense of sensing enables to move beyond a strictly

anthropocentric perspective (Debaise, 2015). If there is such a thing as atmospheric sensibility, it is at the level of living beings, not just the human beings. This line of thought has far-reaching consequences: it implies acknowledging the decentering of the subject in theories of ambiance. It means moving from an ego-centric to an eco-centric perspective. Just remember that atmospheric sensitivity consists in intensifying our capacity to feel.

7. TEMPORARY PERSISTENCE

"Here in Rome, the wind has evaporated: the light westerly wind that used to come in from the sea and cool the city, weakened in the 1970s, then disappeared altogether with the urbanization of the outskirts; urban massification has broken the breeze, stifled the ponentino that used to be expected in the evenings on the terraces and in the streets, and which no longer arrives in the city, lost in the heights; now it rises too fast, under the pressure of the masses of heat, and swirls over the capital without managing to break the baking dome that caps it." (Macé, 2023, p. 20-21)

The third test of atmospheric sensitivity concerns the persistence of ambient worlds. It refers to the idea of "maintaining the ordinary". One of the questions is how to make oneself sensitive to what has been, to what endures over time and to what might come to be. Atmospheric sensitivity means caring for the permanence of a world, prolonging and nourishing what remains. In this respect, ambiance plays a vital role in ensuring continuity between past, present and future experiences. Proceeding by continuous impregnation and imperceptible infusion, it exerts a discreet and diffuse influence that endures over time (Thibaud, 2018). If we ask this question at the territorial level it is less a question of taking care of the stage, of the most obvious and spectacular components of a territory, than of taking care of the backstage and the background, of nurturing sustainable potentialities and cultivating existing resources. I use the term "ambient gesture" to refer to numerous gestures involved in maintaining living environments. These gestures can be on a grand scale, as when we decide to desartificialize land, develop a soft mobility policy or demonstrate against mega-ponds. But they can also be very ordinary and banal, as when we take care of a garden, close a window to keep a room warm, or sweep outside our door. Breathing is undoubtedly the basic paradigm of ambient gesture, relying on a rhythm between inhaling and exhaling, nurturing both body and world, and inevitably involving the other in this shared condition. As Marielle Macé (2023: 80) points out: "To conspire is not only to breathe together (still less to breathe in the same way, at the same rhythm, as if in step), but to breathe with each other, and to breathe from each other, and into each other, and through each other". Ambiance ensures the continuity of ordinary experience and contributes to the basic trust we have in the world as it is, as it appears and as it is maintained. What is at stake here is ontological security. By establishing a familiar, habitual living environment over time, ambiance provides an existential foundation that reinforces what we take for granted. This is how it makes the world truly habitable. Indeed, this atmospheric form of trust has been referred to

as “existential trust” (Courtright, 2013), and takes the form of a generalized, ambient and diffuse trust. But sometimes, this sense of reliability can be challenged. The covid 19 pandemic is a perfect example. This loss of natural evidence can also go hand in hand with the undermining of perceptive faith, as when we begin to doubt what we perceive or develop a tendency towards hyper-vigilance. Just remember that atmospheric sensitivity helps maintain our ontological security.

8. OUR SENSE OF BEING ALIVE

The purpose of this article was to show how necessary it is to explore new avenues of research, to experiment with new ways of feeling, and to invent new forms of living on Earth to meet the ecological challenges we face. This means taking risks and perhaps realizing that we can no longer carry out research in exactly the same way as before. I tried to open up the question of sensibility by questioning the atmospheric becoming of our ways of sensing and by “refining our sensitivity to differences” as Jean-François Lyotard would say. Perhaps it was also a question of giving ourselves a little hope: Pier Paolo Pasolini’s fireflies have not disappeared completely... atmospheric sensibility could work to further illuminate the world and increase our sense of being alive.

9. BIBLIOGRAPHY

Abram, D. (1997). The Spell of the Sensuous. Perception and Language in a More-Than-Human World. Vintage Books.

Albrecht, G. (2019). Earth Emotions: New Words for a New World. Cornell University Press.

Ash, J., Gallacher L.A. (2015). Becoming Attuned: Objects, Affects and Embodied Methodology. In M. Perry & C. L. Medina (Eds.) Methodologies of Embodiment: Inscribing Bodies in Qualitative Research. Taylor & Francis, 69-85.

Bayon, E. (2016). Un désastre écologique. In C. Maury & S. Rollet (Eds.) Béla Tarr. De la colère au tourment. Yellow Now / Côté cinéma. 47-57.

Ben Ayed, Alia. (2021). La porosité au fondement de l’ambiance oasienne. In M. Breviglieri, N. Gamal Saïd, D. Goeury (Eds.) Résonances Oasiennes. Approches sensibles de l’urbain au Sahara. 75-94.

Bohme, G. (2017). The Aesthetics of Atmospheres. Routledge.

Cauquelin, A. (2006). Fréquenter les incorporels. Contribution à une théorie de l’art contemporain. P.U.F.

Coccia, E. (2010). La Vie sensible. Payot et Rivages.

Collot, M. (2022). Un nouveau sentiment de la nature. Éditions Corti.

Corbin, A. (Ed.) (2013). La pluie, le soleil et le vent : une histoire de la sensibilité au temps qu'il fait. Aubier.

Courtright, J. (2013). Is Trust Like an 'Atmosphere'? Understanding the Phenomenon of Existential Trust. Journal for Philosophy in the Contemporary World, Vol 20, no.1, 39-51.

Debaise, D. (2015). L'appât des possibles. Reprise de Whitehead. Les presses du réel.

Debaise, D. & Stengers, I. (2016) L'insistance des possibles. Pour un pragmatisme spéculatif. Multitudes, 65.

De Cauter, L. (2004). The Capsular Civilization: On the City in the Age of Fear. NAi Publishers.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1987). A thousand plateaus: capitalismo and schizophrenia. Translated by Brian Massumi. Minneapolis.

Dewey, J. (1938). Logic: the theory of inquiry. Holt.

Dittmar, P.-O. & Tastevin, Y.P. (2017). Chroniques de l'infra-perceptible. Techniques & Culture, 68.

Dufrenne, M. (1991). L'œil et l'oreille. Jean-Michel Place.

Engelmann, S. & McCormack, D. (2021). Elemental worlds: Specificities, exposures, alchemies. Progress in Human Geography, 45(6), 1419-1439.

Gil, J. (1988). Fernando Pessoa ou la métaphysique des sensations. La Différence.

Gil, J. (2000). Les petites perceptions. Chimères, n°39, 9-20.

Grossman, E. (2017). Éloge de l'hypersensible. Minuit.

Heider, F. [1923] (1959). Thing and Medium. In F. Heider, F. On perception, event-structure and psychological environment. Selected papers, G. Klein (Ed.) International Universities Press, 1-34.

Houdard, S. (2017). Les répertoires subtils d'un terrain contaminé. Techniques&Culture, 68, 88-103.

Ingold, T. (2011). Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description. Routledge.

Joselyn, B. (2013). Le bruit du sensible. Les éditions du Cerf.

Jullien, F. (2009). Les transformations silencieuses. Grasset.

Lévinas, E. (1971). Totalité et infini. Essai sur l'extériorité. Kluwer Academic.

Macé, M. (2019). Comment les oiseaux se sont tus. Critique, 860-861, 17-31.

Macé, M. (2023). Respire. Verdier.

Maldiney, H. (1973). Regard Parole Espace. L'Age d'Homme.

Marinucci, L. (2019). Japanese Atmospheres: Of Sky, Wind and Breathing. In T. Griffero & M. Tedeschini (Eds.) Atmosphere and Aesthetics. A Plural Perspective. Palgrave Macmillan, 93-118.

Michaud, Y. (2021). L'art, c'est bien fini. Essai sur l'hyper-esthétique et les atmosphères. Gallimard.

Morizot, B. (2020). Manières d'être vivant. Actes Sud.

Morton, T. (2010). The Ecological Thought. Harvard University Press.

Morton, T. (2007). Ecology without Nature: Rethinking Environmental Aesthetics. Harvard University Press.

Pessoa, F. (1999). Le livre de l'intranquillité. Christian Bourgois.

Proust, M. (2019). The Prisoner: In Search of Lost Time, Volume 5. Penguin Classics Deluxe Edition.

Pyle, R.M. (1978). The extension of experience. Horticulture. 56 (1), 64-67.

Rancière, J. (2011). Béla Tarr, le temps d'après. Capricci.

Rosa, H. (2018). Résonance. Une sociologie de la relation au monde. La Découverte.

Sloterdijk, P. (2016). Foams: Spheres Volume III: Plural Spherology. Semiotext(e).

Stern, D. (1985). The interpersonal world of the infant. Basic Books.

Straus, E. (1963). The primary world of senses; a vindication of sensory experience. The Free Press of Glencoe.

Tassin, J. (2020). Pour une Écologie du Sensible. Odile Jacob.

Thibaud, J.P. (2013). Donner le ton aux territoires. In P.L. Colon (Ed.) Ethnographier les sens. Pétra, 235-255

Thibaud, J.P. (2013). En quête d'ambiances. Éprouver la ville en passant. MetisPresses.

Thibaud, J.P. (2018). Les puissances d'imprégnation de l'ambiance. Communications. n°102, 67-80

Vassor, M., Verquere, L. (2022). Penser *avec* et *par* le récit. Mise en dialogue des *écrits* d'Anna Tsing, Donna Haraway et Vinciane Despret. Communication. Vol 39/1.

Vercaemer, P. (1998). L'instant d'écrire : le haïku selon Barthes. In Y. Vadé (Ed.) Poétiques de l'instant. Presses Universitaires de Bordeaux.

R40

INEBRIATED AMBIANCES: AN ETHNOGRAPHIC STUDY THROUGH DRUNKEN EYES

AMBIÊNCIAS EMBRIAGADAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO PELOS OLHOS BÊBADOS

Laura de Siqueira Duarte
Arquiteta Urbanista
Sem afiliação
Laura.knd@gmail.com

José Renato Lopes Erthal
Arquiteto Urbanista
Sem afiliação
jrlopeserthal@gmail.com

ABSTRACT
In this article we set out to explore the wandering walk of the inebriated as a tool for understanding, interacting with and giving meaning to bohemian ambiences. Based on autoethnographies of Rio's nightlife, we analyze the impacts of the sensory changes of inebriation on the way we experience and discover the city. These experiments reveal the potential of walking as a tool for transforming the urban experience, making it susceptible to spontaneity and stimulating various cultural and social uses.

KEYWORDS: Ethnography. Ambiances. Bohemia. Inebriation. Walkability.

RESUMO
Neste artigo nos propomos a explorar o caminhar errante do embriagado como uma ferramenta de entendimento, interação e significação das ambiências noturnas. A partir de autoetnografias das boemias cariocas, analisamos os impactos das alterações sensoriais da embriaguez na maneira como experienciamos e descobrimos a cidade. Essas experimentações revelam o potencial do caminhar como ferramenta de transformação da experiência urbana, tornando suscetível à espontaneidade e estimulando diversos usos culturais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia. Ambiências. Bohemia. Embriaguez. Caminhabilidade.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO
A construção moderna de cidade tem instalado um racionalismo frio que acaba substituindo o 'caminhar' por uma variante objetiva e maquinal do movimento humano. Essa racionalização das cidades se agravou com o rodoviarismo, que privilegiou no planejamento o carro em detrimento do pedestre.

No sentido oposto a isso, muitos textos enaltecem vertentes mais lúdicas do caminhar, como "ambulatoriar" (dos Anjos, 2012), ou "flanar" (Benjamin, 1936) que é o andar descompromissado, lento, sem paradeiro e sem nada em mente. Assim, podemos identificar uma ideia de "curar" a rigidez da cidade por meio do caminhar. "No caminhar que descobrimos a cidade e a cidade se descobre para nós" (La Rocca, 2016). Como poderíamos, então, imaginar o caminhar com os pés de um outro usuário da cidade, não como travessia, mas como palco de possibilidades infinitas?

Whyte (1989) define a escala do pedestre na cidade como uma grande reserva de espaços ainda inexplorados pela imaginação e essas interações espontâneas no palco urbano se tornam as mutações que alteram as vidas de seus habitantes para além daquilo que é cotidiano. Jacques (2018), por sua vez, traz a ideia de "iluminação profana" que explica como sendo a própria experiência surrealista, a partir da embriaguez de sentidos, do embaralhamento entre realidade e imaginação.

Entendemos que aqui o termo "embriaguez" é usado de forma figurativa, mas começamos a analisá-lo de forma mais literal, pensando na experiência através da "luz" da embriaguez. Nos propomos neste artigo, então, a estudar a relação dos locais de boemia sob a ótica do bêbado.

Se por um lado, os espaços de boemia das cidades são ricos em estímulos sensoriais e cinestésicos, é também inegável que estar embriagado afeta nossos sentidos, percepções, engajamentos, coordenação, humor e disposição.

A pesquisa que embasa este artigo buscou compreender, por meio de experimentos de cunho etnográficos e autoetnográfios em um bairro boêmio da cidade do Rio de Janeiro, as diferentes formas de caminhar, perceber e estabelecer relação com os espaços urbanos sob a ótica de pessoas embriagadas nas noites boêmias da cidade. Para tanto, procuramos analisar o caminhar bêbado como instrumento de apreensão do espaço urbano e buscamos compreender os processos de valorização e afeto pelo lugar urbano sob o olhar embriagado.

2. METHODOLOGY / METODOLOGIA

2.1 Choice of method / A escolha do método

Metodologicamente, as observações foram feitas a partir de uma autoetnografia. Consideramos importante tecer comentários sobre esse método. Inicialmente, em nossa pesquisa, percebemos a existência de duas personas díspares na pesquisa prática: o "eu" pesquisador, que voltava aos relatos da boemia com um olhar mais analítico e um "alterego" que participava de forma imersiva na boemia. Reconhecendo isto, optamos por utilizar nossas próprias experiências e interpretações como guia para o estudo dos contextos, dos quais nós estamos inexoravelmente fazendo parte.

Lévy Strauss já mencionava a autoetnografia em "Tristes Trópicos" (1955) referindo-se ao relato da própria experiência em campo. Segundo Ellis e Adams (2014), o termo "autoetnografia" seria definido por uma forma de pesquisa que busca descrever e analisar a experiência pessoal a fim de compreender a experiência cultural.

Precisamos entender que, independentemente do que for analisado, irá passar por vários "filtros" de interpretações culturais, seja na hora de observar, analisar ou ler, não temos como fazer uma etnografia que não seja colorida por nós mesmos. Como diz Eckert, "o resultado de um trabalho de campo se mede pela forma como o próprio antropólogo vai refletir sobre si mesmo na experiência de campo" (ECKERT, 2008 p.9).

Enquanto no método dos Percursos Comentados (Thibaud, 2013) o observador e o pesquisador são duas entidades distintas, na autoetnografia o próprio pesquisador mergulha no fenômeno observado, que o leva a uma imersão efetiva nessa realidade. De fato, como diz Magalhães (2018 p.18), ao mesmo tempo que a "a pesquisa qualitativa

autoetnográfica sublinha a importância da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento nos estudos socioculturais". A prática da autoetnografia envolve o pesquisador não apenas como observador externo, mas como participante ativo no contexto estudado, refletindo sobre como suas próprias identidades, histórias e perspectivas influenciam sua compreensão do tema, a autoetnografia combina reflexões pessoais do pesquisador sobre sua própria experiência dentro do contexto estudado. Nesse método, o pesquisador utiliza sua vivência pessoal como fonte de dados para entender e interpretar um fenômeno cultural específico. Dessa forma, o método segue valorizando a subjetividade e a reflexividade do pesquisador como parte integral do processo de investigação. A autoetnografia permite problematizar o papel do sujeito pesquisador durante a pesquisa, compreendendo um "eu" que se entrecruza com o contexto sociocultural e pensar reflexivamente nas relações deste pesquisador com o tema, gerando mais proximidade com os leitores (Delamont, 2007).

2.2 Time frame / Recorte temporal

O fim do horário de expediente marca o início de um ritual, adotado não só no Brasil, mas mundo afora: o "happy hour". Este é o horário em que muitas pessoas saem de seus trabalhos e se reúnem com amigos, colegas de trabalho, e com muitos outros desconhecidos, nos bares, restaurantes e praças da cidade. É nessa janela de tempo que as boemias começam a ganhar força. Este processo ocorre justamente como uma espécie de alívio rítmico da rígida rotina urbana, da mecanização do dia-a-dia. Nesse momento as expectativas, pressões e códigos de conduta sociais são substituídos por descontração e relaxamento.

Assim, o horário noturno foi selecionado para esta pesquisa. Sabemos que a noite ocupa, em nosso imaginário, um contraponto à produtividade diurna. As horas do dia pertencem às tarefas do nosso serviço, às obrigações e compromissos, mas as horas noturnas finalmente e verdadeiramente pertencem a nós mesmos. Assim, ambiências boêmias parecem desenrolar-se à noite.

Nossos argumentos se baseiam, portanto, no estudo de uma camada noturna da/na cidade onde as lógicas do cotidiano do trabalho diurno são subvertidas em busca de diversão. Acreditamos que as ambiências noturnas se apresentariam enriquecidas pelas luzes artificiais, pela brisa da noite, pelo cheiro dos copos de chopp. Como demonstra Carvalho (2013) as ambiências noturnas podem induzir sensações de mistério, medo, liberdade e intimidade.

2.3 Choice of site / Recorte espacial

Tendo optado por efetuar a pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, devido à proximidade espacial, afetiva e cultural dos autores, foi necessária uma imersão mais abrangente pelos diferentes bairros da cidade para entender seus cronogramas, tribos e culturas. Vimos que existe um fator que permeia as diferentes ambiências das boemias cariocas, confere algo em comum a todas elas, e as conecta de alguma

maneira. Um "undertone" carioca com sua própria cultura, história e peculiaridades. Cabe ressaltar que apesar desses traços comuns, em cada bairro considerado boêmio encontram-se ambiências distintas, cada uma mantendo suas peculiaridades, que, apesar de compartilhar algumas peças, formam imagens diferentes umas das outras. A Olegário Maciel, por exemplo, atende à classe média da Barra da Tijuca em bares mais calmos, enquanto o Viaduto de Madureira propõe um evento muito mais animado e informal destinado principalmente ao público da Zona Norte. Cada uma é distinta, mas juntas formam um mosaico coeso e conexo.

Já a Lapa é um bairro que historicamente serviu de palco para diversas festas tradicionais, manifestações políticas, movimentos culturais e, ao longo de décadas, conheceu o crescimento de bares e gafieiras. Sendo considerado o berço do samba, e abrigando diferentes botecos, monumentos e estabelecimentos, a região é considerada um importante polo cultural do Rio de Janeiro. Todas essas características conferem à Lapa as condições para que se formem algumas das mais icônicas ambiências boêmias da cidade. Devido a essa popularidade, o público que frequenta a Lapa é especialmente diverso. Diferentes grupos sociais e "tribos" (Maffesoli,1998) convivem lado a lado, e a pluralidade de atividades propostas oferece sempre algo para cada gosto.

Quanto mais longe o trajeto entre o trabalho, a residência e as áreas de lazer, mais tempo precisamos gastar nos locomovendo e este movimento pendular é muitas vezes desgastante. A pausa no horário da happy hour tem também a função (ou a desculpa) de aguardar que termine a hora do rush antes do retorno para a rotina do lar (Oliveira Filho, 1998). E posicionado convenientemente próximo ao Centro da cidade está a Lapa.

Na memória coletiva do Rio, a Lapa aparece como símbolo do jeito de viver carioca. Segundo Velasques, a identidade do Rio de Janeiro se constituiu tendo a Lapa como símbolo do Rio boêmio, onde outrora conviviam malandros, intelectuais e políticos (Velasques, 1994).

Tendo o seu apogeu nos anos 1920 e 1930, com seus cabarés frequentados por intelectuais e artistas, a Lapa foi, em seguida, atingida pela ação policial durante o Estado Novo, sendo associada a um local de vadiagem, malandragem e prostituição. À decadência e estagnação do bairro nos anos 50, seguiu-se um movimento de revalorização da memória boêmia por parte de artistas e poetas dos anos 60/70. Mais tarde, o projeto de reforma urbana de 1990, teve como uma de suas metas resgatar a vocação boêmia do lugar.

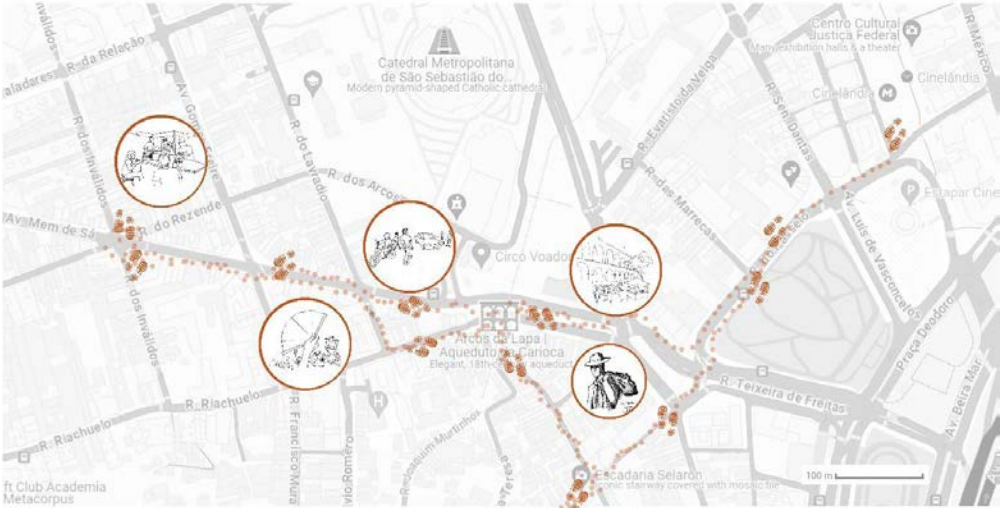


Figure 1/Figura 1. Mapa do percurso.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

3. DISCOVERIES IN THE FIELD AND OTHER COMMENTS / DESCOBERTAS NO CAMPO E OUTROS COMENTÁRIOS

A pesquisa de campo foi feita ao longo de dois meses, primeiro visitando boemias marcantes da cidade, populares entre cariocas e turistas. As boemias visitadas foram: Pedra do Sal, Olegário, Baixo Botafogo, Fernandes Guimarães, praça São Salvador e a Lapa. Cada uma delas foi visitada pelos autores juntos com um caderno de campo para anotar as análises. Tendo definido o local de pesquisa foram feitas seis visitas: uma com os dois autores sóbrios, duas com os dois autores embriagados, uma separada de cada autor com um grupo de amigos, uma durante o dia. Cada visita buscava permitir a análise de algo diferente ou curiosidades que se fizeram impossíveis de não sanar.

As observações a seguir serão acompanhadas de anotações extraídas do caderno de campo.

No que diz respeito às ambiências como marcos de localização, verificou-se que os passos embriagados são vivenciados de forma a valorizar os sentidos em busca de referências diferentes daquelas que guiam os percursos rotineiros do dia a dia. As referências sensoriais aparecem em nossas anotações como importantes marcos de orientação na cidade.

Atraídos por mais barulho e movimentação ou, em outras palavras, pela vitalidade, os mais embriagados demonstraram não busca mais atravessar de um ponto ao outro, mas sim desfrutar da caminhada sendo feita, sempre abertos a novas experiências e espontaneidades.

Percebi que apesar de ter sempre experiências muito distintas cada vez que visito a Lapa, o caminho sempre começa no mesmo lugar: nos arcos. Para meu imaginário, este é o ponto que marca o início do caminhar que define as minhas experiências da Lapa. A Avenida Mem de Sá é outra grande protagonista nessas caminhadas. Frequentemente exploro suas ruas adjacentes, mas sempre acabo retornando a ela. É o grande eixo ao longo do qual a Boemia se desenrola. (Caderno de campo. Autores, 2024)

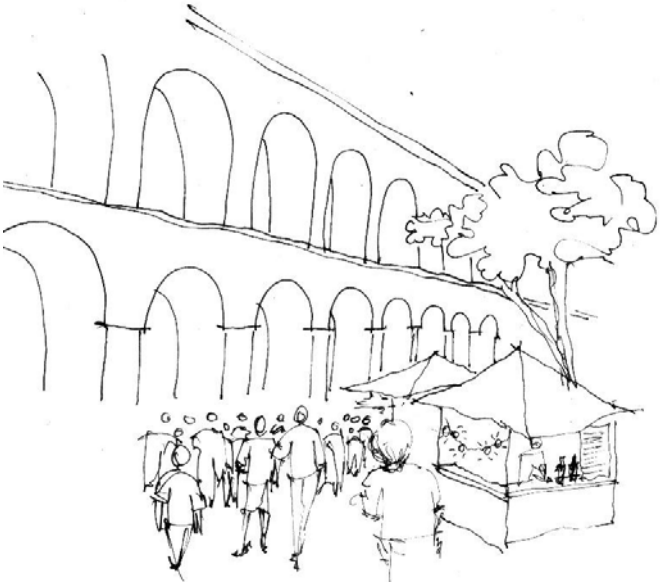


Figure 2/Figura 2. Vista arcos da Lapa.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

Caminhando pela Lapa tentamos encontrar a localização de um karaokê. Nos lembramos de que era ao lado de um estabelecimento que sempre toca pagode. Mas nessa noite em específico o pagode não estava tocando e acabamos passando pela frente do karaokê três vezes sem notar. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Uma pessoa de nosso grupo se incomodou com o cheiro do cigarro de um rapaz que fumava próximo a nós. Incomodados nos realocamos do outro lado da rua, apenas para sentirmos novamente cheiro de cigarro. Havia fumantes por toda parte. Em um momento tentamos entrar em um bar para fugir do cheiro desagradável, e para nossa surpresa, havia um grupo de pessoas fumando um cigarro eletrônico igualmente fedorento. (Caderno de campo. Autores, 2024)

No final da noite já desgastados enrolávamos para fazer a longa jornada para casa. Como um milagre, o último suspiro da noite, apareceu um 'podrão' e eu só escuto "AH QUE CHEIRO BOM!". Não sei o que me anima tanto nestes carrinhos de comida duvidosos, se é o cardápio luminoso que parece ser copiado de todos

> os outros 'podrões' como uma padronização, se é a simpatia dos vendedores, ou ainda o mencionado cheiro da grelha que sentimos de longe, mas nos deu a energia necessária para retornar para casa. (Caderno de campo. Autores, 2024)

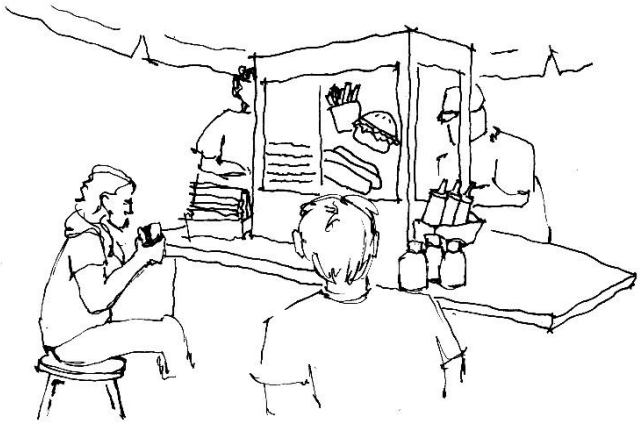


Figure 3/Figura 3. Barraquinhas de comida « Podrão ».
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

Da mesma forma, vimos que o andar embriagado transforma o caminhar que era rápido ininterrupto e até impessoal em passos descontraídos e errantes, com uma nova temporalidade. Ainda assim, a malha urbana se mostra cheia de conflitos.

> Me parece contraintuitivo passar vias tão movimentadas em meio a um bairro onde tanta gente bêbada anda, tropeça e perambula. Mas na verdade isto é muito comum. Pessoas andam entre os carros, seja para atravessar a avenida, quase sempre congestionada, ou para percorrer sua extensão. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Figure 4/Figura 4. Coexistencia do pedestre e automovel na rua.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

Percebemos como o movimento é importante para este contexto, como diz Thibaud (2012), toda percepção desperta movimento, nos levando a falar do caminhar como ferramenta que possibilitará essa percepção. Segundo o mesmo autor (1996) o movimento do corpo na cidade traz uma sensibilização e o faz interagir com a cidade, sendo essencial para a criação de espaços urbanos, como veremos novamente mais tarde. Privilegiar o automóvel em detrimento destes corpos desconstruiu um senso de coletividade que antes era mais presente nos centros urbanos e limitou a interação do transeunte com a cidade à uma escala de velocidade e distância que não permitem a interação na escala da rua.

A caminhabilidade é importante não só para a vida urbana, mas para transformar a cidade em lugar, ou seja, um espaço que tem alguma relação afetiva (seja de agrado ou desagrado), um lugar que toca e que faz com que se tenha alguma relação com ele (Tuan, 1983). O palco urbano só ganhará vida quando moldado por toda sua carga emocional e por todas as suas memórias corporais e afetivas. Michel de Certeau (1994) diz que o passo é uma unidade de negociação do corpo com o lugar. A cada passo dado, o caminhate se apropria do lugar e o lugar se apropria dele, enquanto é estabelecido o seu pertencimento e identificação àquele espaço.

Queríamos ainda explorar como essas afetividades ébrias podem mudar nossa interação com a cidade, as ambiências e nossas memórias.

> Refletindo nas diferenças entre os estabelecimentos que fomos em outros bairros. A Olegário, cheia de "não-me-toques", pouca tolerância para as espontaneidades da rua e padrões mais elitizados; as barraquinhas gourmetizadas da Pedra do Sal que focaram em turistas, vendendo o tropicalismo do Brasil; os clássicos botequins de Botafogo; e, enfim, as barraquinhas "raiz" da Lapa. (Caderno de campo. Autores, 2024)

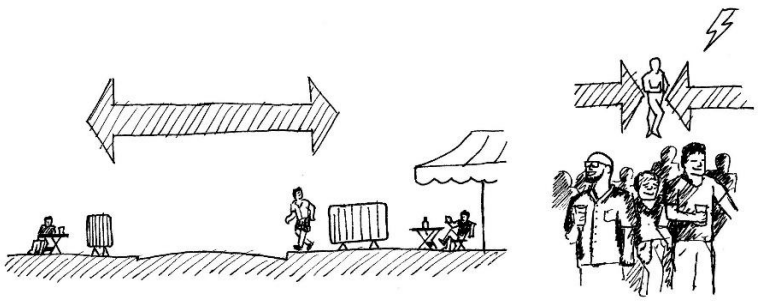


Figure 5/Figura 5. Ambiências que afastam ou atraem bohemios.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

> Vimos que era uma questão de pertencimento. Se você se encaixava na "tribo" de Botafogo, se sentia acolhido por ela e olhando em volta se identificava com as pessoas ali. Caso contrário se sentia um tanto alienado em Botafogo, por

> vezes julgado, preferindo a Lapa, que acolhe mais diversidade. (Caderno de campo. Autores, 2024)
>
> Percebemos agora que nunca viemos aqui na Lapa senão com o intuito de nos encontrar com amigos, ir a uma festa ou apenas beber. Não temos outros motivos para vir aqui durante nosso dia a dia. Para nós, assim como para muitas outras pessoas, imaginamos, a Lapa representa isto que vemos aqui e mais nada. Tentamos imaginar o que acontecia nessas ruas durante o dia, mas nossas mentes bêbadas não conseguiram imaginar qualquer outro uso que se equiparasse à euforia que sentíamos. (Caderno de campo. Autores, 2024)

São as ambiências boêmias exatamente as camadas da cidade cuja memória afetiva de seus frequentadores são construídas a partir de mentes e corpos embriagados, a partir de memórias e experiências vividas em um estado de embriaguez, justamente por alterar a maneira como experienciamos o espaço, têm um papel importante na maneira como construímos e acessamos as memórias e afetividades com um local.

> Poderia jurar que vi o "Zé Pilintra". Terno, chapéu cobrindo o rosto e tudo mais. Mas este Zé Pilintra catava latinhas. Mais uma de suas malandragens? Foi esta uma experiência paranormal? O santuário a esta entidade não se encontra muito distante de onde nos encontrávamos. (Caderno de campo. Autores, 2024)
>
> Chegando nos arcos, mais uma vez vi Zé Pilintra. Dessa vez tive certeza. Foi a primeira coisa que vi ao chegar. Passou por nós, sem que nenhum estímulo presente ali naquela cacofonia o distraísse. Como se tivesse um compromisso para ir. Os outros do meu grupo pareceram não ter visto ele, ou não notado. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Figure 6/Figura 6. Zé Pilintra.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

As anotações acima ilustram bem as relações entre imagem, memória individual e memória coletiva estudadas por Halbwachs ([1950]1990). Para o autor, a memória coletiva é construída por grupos de referência aos quais as pessoas se identificam e se apegam afetivamente. E como ensinam Schmidt e Mahfoud (1993), a memória coletiva transforma as ideias e fatos do passado em imagens. Ao emergir em nossos relatos a figura do Zé Pilintra, entidade dos cultos afro-brasileiros e patrono dos bares e sarjetas, verificamos que, na verdade, trata-se também da imagem do malandro que impregna a Lapa no imaginário carioca. De fato, a figura do malandro da Lapa foi eternizada pelo cantor Moreira da Silva "com seu tradicional terno de linho branco, camisa de seda preta, sapatos brancos e chapéu panamá" (Velasques, 1994 pg.4).

A noite é o palco de atividades que subvertem as lógicas e éticas do cotidiano. Os limites morais e da identidade ficam borrados e na penumbra, onde tudo se mistura e se esconde, encontram-se formas de extravasar o dia cansativo. As coisas antes proibidas, ou mal vistas de alguma forma, se tornam aceitáveis à noite. "A noite aguça, intensifica cada sensação / A escuridão agita e desperta a imaginação / Silenciosamente, os sentidos abandonam as suas defesas / Lentamente, suavemente, a noite revela o seu esplendor" (Andrew Lloyd Webber, 1986).

> As pessoas aqui parecem se sentir mais livres. Os ambientes de vida noturna sempre foram mais receptíveis a expressões individuais de temas que talvez não pudessem ser expressos de maneira apropriada no cotidiano, se expressavam sexualidades, afiliações políticas e opiniões como se fosse um espaço livre de julgamentos. Havia muito mais fumantes que costumo ver na rua, inclusive várias pessoas fumando maconha ou vendendo "brisadeiros". (Caderno de campo. Autores, 2024)

> Três homens dançando desinibidamente, rebolando, sem qualquer amarra social, na fila do hamburguer. Os outros clientes na fila, conversavam entre si casualmente, como se não percebessem, ou mais provavelmente, não lhes causasse estranhamento. Um amigo tenta convencer o outro a comer um pouco de seu cachorro-quente. "Come um pouco que você ta muito doidão". Ambos parecem igualmente embriagados. O amigo recusa a comida, parece mais interessado em ficar mais bêbado ao invés de menos. As cenas embriagadas são cheias dessas sociabilidades espontâneas. (Caderno de campo. Autores, 2024)

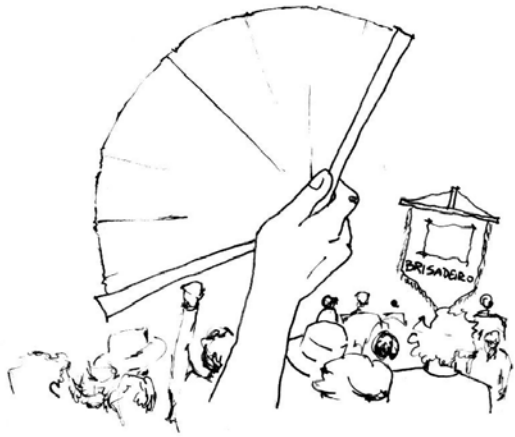


Figure 7/Figura 7. Ambiencias mais expressivas.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

Além dessa permissividade da noite, encontramos na Lapa também um palco democratico de várias sexualidades, gêneros, classes sociais, etnias, enfim, um retalho de tribos, histórias e possibilidades.

Estar embriagado em um bairro boêmio pode alterar não só a maneira de criar sociabilidades, mas influencia a forma como as pessoas se relacionam com o ambiente. Nos tornamos mais "socialmente desabrochados" e por vezes também inconsequentes, cometendo descasos.

> O embriagar estimula interações de todos os tipos, para positivo ou negativo. "Relaxa, mano. Depois você me paga". Vendo quando dois amigos estavam comprando bebida e um se ofereceu para pagar. O momento de beber em companhia dispensa preocupações contábeis, tudo pode ser resolvido depois. O importante agora é se divertir. (Caderno de campo. Autores, 2024)

> Briga! Só percebemos quando a multidão ficou quieta para prestar atenção na fofoca que era aquela confusão. "Caramba! Mas é tão cedo para dar briga", diz de maneira calma uma ambulante. Cenas como essas devem ser recorrentes. Apesar de separados antes de que causem quaisquer problemas maiores, vimos que o álcool muito frequentemente traz também o conflito. (Caderno de campo. Autores, 2024)

> Ao nosso lado vimos um grupo de pessoas, que pelo visto tinham acabado de se conhecer, e ouvimos a discussão: "Sagatiba não é cachaça! É apenas uma aguardente." Aparentemente, cachaças são monodestiladas e aguardentes podem ser multidestiladas. Algumas pessoas podem ser especialmente particulares quanto ao tipo de bebida que elas consomem. Elas defendem piamente suas marcas preferidas e atacam sem dó suas preteridas. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Uma ambiência que lembra uma festa de rua, libertas de códigos de conduta, ajuda a criar vínculos de sociabilidade fazendo os indivíduos se sentirem "cúmplices" em suas experiências. Torna-se mais comum interagir com pessoas estranhas pois estão vivenciando a mesma ambiência, o que os aproxima de certa forma. Essa proximidade também leva em conta o estado ébrio das pessoas que, além de andarem mais juntas por conta da quantidade de pessoas, andam cambaleando por causa da bebida. Essa condição cambaleante traz uma nova ou altera as lógicas de relacionamentos sociais que passam a ser aceitos na noite de boemia.

> Um par de amigos conversando se esbarra e a moça deixa seu leque cair no chão, acabando em uma poça de lama, em vez de ficar chateada, reação que eu consideraria normal, o amigo pediu desculpas e pegou o leque para ela e seguiram como se nada tivesse acontecido, penso comigo que seria diferente se o derrubado fosse o copo com a bebida dela e não o leque. (Caderno de campo. Autores, 2024)

> Nessa caminhada uma moça que vinha andando atrás de mim segurou nas minhas costas como que para não se perder ou para que eu andasse mais rápido. Embriagados temos mais predisposição de estar aglomerados, a bagunça e superlotação que em outro cenário seria evitada e repudiada quando nas boemias é bem-vista como sinal de vitalidade da festa. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Figure 8/Figura 8. Redefinição do senso de espaço pessoal.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

Mesmo com esse grande tumulto de gente podia-se notar pessoas lançando olhares umas para as outras. Seja para esses "olhares atraídos" serem vistos ou não, não havia nenhuma intenção de ocultá-los. Numa situação diurna, em

> outro contexto, esses flertes seriam considerados ousados e até malvistos, mas aqui eles se encaixam com tamanha naturalidade. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Figure 9/Figura 9. Olhares atraidos.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

Parte muito importante da boemia carioca são os rituais em torno da bebida, como ver a caipirinha sendo feita na nossa frente, um ritual que funciona como um tipo de espetáculo para aqueles que não são locais. Há uma forma certa de se fazer esse ritual, com ingredientes frescos, servidos a uma temperatura adequada.

> Quando umas desconhecidas descobriram que trouxemos o nosso álcool e ele estava em temperatura ambiente ficaram revoltadas. Disseram: "P*rra! Vocês não são cariocas? Desenrola um copo com gelo com alguém". O fato da temperatura da minha bebida não me incomodar, mas sim àquelas mulheres, foi interessante, ainda mais com a provocação de uma resposta tão óbvia para aquilo. "Caipirinha tem que ser gelada, porra!". Meu orgulho carioca, que eu nem sabia ter, se sentiu ferido por aquilo, de fato, como não tinha pensado antes em "desenrolar" um copo com gelo. (Caderno de campo. Autores, 2024)

> Uma moça terminou sua bebida antes de seu amigo. E ela pareceu estar satisfeita em ter vencido mais uma vez nessa corrida imaginária, talvez consigo mesma ou com seu colega, até o fundo da garrafa. Beber mais, ou mais rápido, do que o outro é motivo de orgulho para algumas pessoas. Um teste de sua resistência química. Nesse cenário de boemia se afogavam os estresses do dia. (Caderno de campo. Autores, 2024)

As ambiências boêmias apresentam uma variedade de estímulos pensados para capturar a atenção dos frequentadores. Arranjos de iluminação, cartazes publicitários, música alta, decorações sortidas. Os estabelecimentos, formais ou não, buscam se destacar aos olhos dos boêmios e atrair consumidores. Mais do que isto, o próprio movimento das pessoas, suas brigas, rodas de dança e brincadeiras chamam a atenção de outras pessoas que passam. A cidade aqui se torna repleta de diversos estímulos e espetáculos difíceis de ignorar. Reparamos que, quando sóbrios, os corpos passantes se fecham para a rua, tornando esses estímulos menos eficazes,

mas os corpos embriagados se mostram mais abertos para a rua, seus sentidos e percepções alterados pela influência da embriaguez. Dessa forma, esses estímulos da ambiência boêmia acabam definindo para onde estamos sendo levados.

> Paramos em um bar em que tinha várias pessoas dançando na frente, "lançando o passinho" ao som alto que passava do limite das duas caixas de som capengas. Som alto, gente animada e o rebolar clássico dos brasileiros. O espetáculo da dança atraía a multidão, todos eram convidados a se juntar, esse estímulo à participação, esse convite, tornava aquele espaço ainda mais interessante. Fomos tentar dançar com eles, mas como estava completamente cheio não tivemos muito espaço para aprender os passos. (Caderno de campo. Autores, 2024)

> Nunca tinha percebido a quantidade de edifícios residenciais que existem na Lapa. Meus olhos sempre estavam na altura da rua, sempre distraídos com o excesso de estímulos magnéticos que ocorrem aqui embaixo. Talvez a imagem da Lapa seja tão ligada à sua vida noturna que eu nem tive olhos para aquilo que existe para além dessa face do bairro. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Figure 10/Figura 10. Pessoas dançando na rua.
Source: Authors. (2024). / Fonte: Autores. (2024)

É também, a partir desses estímulos que um estabelecimento pode se moldar para melhor atender às expectativas de cada público. As ambiências boêmias evocam os sentidos e a espacialidade dos embriagados para construir diferentes propostas de noitadas.

Nas ambiências boêmias perdemos a nossa percepção de tempo e espaço tradicionais, a temporalidade presente é ditada pelas dinâmicas sociais, as necessidades sentidas pelo corpo e a memória de experiências passadas. Embriagados estamos mais suscetíveis a mudar de opinião, com a intensificação do nosso humor, para bem ou para mal, e um aumento da sensibilidade aos estímulos sensoriais. A sensibilidade ao frio, suor, ao toque, à saturação das cores e à intensidade da luz, junto à perda de nossa coordenação motora, alteram completamente nossa experiência.

> Engraçado ver que entre as pessoas bebendo, há crianças brincando na praça. Enquanto os pais bebem e conversam entre si, seus filhos brincam. O tempo de lazer de toda a família acontece simultaneamente no mesmo local. O que ocorre aqui durante o dia? Será que o parquinho vê todo esse uso durante as horas ensolaradas do dia? É difícil imaginar a praça vazia. Imagino que ela viva uma vida dupla: uma quando o sol está no céu, e uma quando ele se põe. (Caderno de campo. Autores, 2024)

> Nessa hora, mais que preocupados com a etnografia, estávamos apertados para usar o banheiro e sabíamos que isto se provaria ser toda uma missão complicada naquele lugar. Estávamos escaneando os arredores para procurar um estabelecimento que tivesse um banheiro e que pudéssemos usar, o que não deve ser incomum para esses estabelecimentos, mas torna-se complicado quando vários não-clientes querem apenas usar o banheiro. Assim, pedimos uma caipirinha em um bar apenas para que pudéssemos acessar o banheiro deles. (Caderno de campo. Autores, 2024)

Ao entender a importância da corporeidade, como dito por Le Breton (2016) "o corpo é a condição humana no mundo, é o lugar por onde se passa o fluxo das coisas e se detém em significações precisas em ambientes e vai se metamorfoseando em imagens, em sons, e odores, em texturas, em cores, em paisagem" (Le Breton, 2016 p.13) e ao entender que a experiência urbana corporal pode ser estimulada por uma prática de errâncias pela cidade, nos questionamos como essa caminhada seria diferente com o andar embriagado na boemia carioca. Segundo Guizzo (2010) o território é extensão do corpo, para haver uma apropriação por parte do usuário este precisa se tornar senciente do seu entorno e mudar a maneira de se colocar no espaço, alterando, consequentemente, a forma de percebê-lo. Vemos, assim, a importância do meio urbano suportar a experiência urbana sensível.

4. FINAL CONSIDERATIONS / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida na cidade é uma trama intrincada de rotinas, interesses e trajetos de milhares (algumas vezes milhões) de agentes diferentes. É inevitável que estes caminhos eventualmente se cruzem, ou falhem em se cruzar, de maneiras imprevisíveis. Nestes encontros e desencontros, um transeunte pode se propor a experiências que antes não estavam previstas em seu itinerário. Uma roda de samba que o convida repentinamente a parar e beber, em um bar que nunca antes tinha notado, pode transformar aquele em seu local favorito. Tendo em consideração que o caminhar torna suscetível à espontaneidade na cidade, poderíamos usá-lo como ferramenta de transformação, que estimula o comércio, bem como os diversos outros usos culturais e sociais da paisagem urbana.

A cidade, especialmente em locais boêmios como a Lapa, se revela como um cenário de encontros improváveis, ambiências onde as barreiras sociais parecem se dissolver. Esse fenômeno ilustra mais uma camada da vida cotidiana e as tradições e costumes das pessoas que o frequentam o local, mas também serve como uma grande válvula de escape, como um respiro na rotina da população.

A pesquisa de cunho etnográfico dessas ambiências boêmias da paisagem carioca revela uma riqueza cultural e social, como também uma malha complexa de interações humanas, criadas a partir da embriaguez. Ao explorar os diversos aspectos de nossas experiências na noite carioca, percebemos o caminhar embriagado, sob a ótica de seu pragmatismo da locomoção, mas também pela sua capacidade lúdica, de promover uma experiência sensorial e afetiva entre nós e a cidade.

Ao mudar como nos portamos na cidade, mudamos como interagimos com ela, e essa forma de interagir embriagada faz emergir uma nova cidade. As ambiências vistas pelo olhar embriagado são experimentadas de forma a valorizar os sentidos em busca de refúgio dos percursos rotineiros, trazendo uma camada urbana que implora pela caminhabilidade, pela vivência sensível, pela ativação da memória afetiva de modo que a transformá-las em experiência enriquecedora que conecta as pessoas ao seu ambiente de maneiras profundas e significativas.

5. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, N.M. Ambiências Noturnas: Arquiteturas e Subjetividades em cenários urbanos cariocas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – PROARQ da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ECKERT, C. & Rocha, A.L. Etnografia: Saberes e Práticas. In: Pinto, C.R.J. & Guazzelli, C.A.B. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de Rua: Estudos de antropologia urbana. UFRGS, 2013.

ELLIS, C.; ADAMS, T. E. The purposes practices and principles of autoethnographic research. In.: LEAVY, P. (Ed.). The Oxford Handbook of Qualitative Research. New York: Oxford University Press, 2014.

ELLIS, Carolyn. The Ethnographic I: A Methodological Novel About Autoethnography. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

GUIZZO, Iazana. (2010), A urgência ética e política de incorporar as práticas urbanistas à idade expressiva. Disponível em: www.3margem.com.br/sobre-terceira-margem. Acesso em 16 de abril de 2024.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990 [1950].

JACQUES, Paola Berenstein (2018). Elogio aos Errantes. Salvador, EDUFBA.

LA ROCCA, Fabio (2016). Ambiências sensíveis: a cidade a partir dos sentidos e do condicionamento do caminhar. Palestra proferida em Recife, em 01 de novembro de 2016.

LE BRETON, David. Antropologia dos sentidos. Petrópolis: Vozes, 2016

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. Lisboa: Edições 10, 1955)

MAFFESOLI, M. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGALHÃES C. E. A. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. IN; Veredas Temática: Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares Volume 22 nº 1 – 2018

OLIVEIRA FILHO, E.R.de. Os Cenários espaciais na Happy Hour: visões das práticas sociais urbanas no centro do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1998.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. In: plural- revista de ciências sociais. USP V.24. n.1 , 2017. Disponível em: *https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972*.

SCHMIDT, M. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. In: Revista Psicologia USP v.4 São Paulo 1993.

THIBAUD, J.P. Commented City Walks. In: Journal of Mobile Culture, 2013, vol.7 (n°1),pp.1-32.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar- a perspectiva da experiência. Difel. São Paulo, 1983.

VELASQUES, M.C.C. A Lapa boêmia: um estudo da identidade carioca. Dissertação. Mestrado. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1994.

WEBER, A. L. In: Phantom of the opera - the music of the night. 1986.

R40

CARTOGRAFIA VIBRANTE COM MÚSICOS E POETAS NAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

VIBRANT CARTHOGRAPHY WIHT MUSICIANS AND POETS IN THE STREETS OF RIO DE JANEIRO

Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama
Doutoranda em Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UERJ
dani.dagama@hotmail.com

ABSTRACT
This article is based on reflections and observations made in the field during ongoing doctoral research in Communication, with artists musicians and poets on the streets of Rio de Janeiro. Thinking of social processes as tangles of lines (Ingold, 2015a; b) and the cartographic method as a "dwelling of the territory" of research (Kastrup, 2008), we tried to rehearse an investigation carried out in "sympathy" (Caiafa, 2019) with the actors, thus resonating with the gestures and movements of these artists and their audiences on the streets.

KEYWORDS: Communication. cartography. street artists. Rio de Janeiro.

RESUMO
O presente artigo parte de reflexões e observações em campo ao longo da pesquisa de doutorado em Comunicação, em andamento, junto a artistas músicos e poetas nas ruas do Rio de Janeiro. Pensando processos sociais como emaranhados de linhas (Ingold, 2015a; b) e no método cartográfico como uma "habitação do território" de pesquisa (Kastrup, 2008), buscamos ensaiar uma investigação realizada em "simpatia" (Caiafa, 2019) com os atores, assim, em ressonância com gestos e movimentos desses artistas e seus públicos nas ruas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. cartografia. artistas de rua. Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO
Na investigação doutoral em Comunicação que venho desenvolvendo nos últimos dois anos, tenho acompanhado artistas músicos e poetas que se apresentam em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, buscando compreender aspectos que dão a ver seus deslocamentos e intervenções em configurações espaciais-afetivas na urbe. Considerando que é através da costura de movimentos dos habitantes que se opera a produção de lugares na cidade, os deslocamentos agenciados pelos artistas no espaço – em seus percursos e performances – podem compor e ressignificar lugares, através, apropriando-me do pensamento de Ingold (2015b), de suas "malhas" – seus conjuntos de linhas.

Nessa direção, para Lefebvre (2001), ainda que nas cidades contemporâneas haja poucas brechas para usos diferentes de uma rotina funcional do trabalhar/produzir, a cidade poderia ser transformada servindo-se de arte, técnica e ciência. O urbano deveria ser realizado como prática através do exercício do direito à cidade, restituindo-se a festa e o lúdico, e do direito à obra, como atividade participante e apropriação. Performances artísticas nas ruas, então, abrem tais possibilidades de brechas. Cabe ressaltar que o público toma parte dessas experiências durante seus trânsitos cotidianos, daí sua potência de chegarem a quem normalmente não acessa espaços institucionalizados de arte (como museus, teatros, casas de espetáculos).

No contexto do Rio de Janeiro, estudos de Herschmann e Fernandes (2014) em torno de práticas de poesia e, especialmente, música apontam para a existência de uma "cultura de rua" na cidade, favorecida por suas características urbanísticas, climáticas e geográficas que encorajam o tráfego de pedestres e propiciam os encontros. No trabalho de campo, ao longo de 2022 e 2023, fui levada a voltar a atenção, assim, a manifestações artísticas de música e poesia nas ruas como "força movente" (Herschmann & Fernandes, 2023) nesta urbe, considerando que tais práticas constituem manifestações diminutas, mas vigorosas, que promovem maneiras de se comunicar a/na cidade, conferindo-lhe sentidos outros através de experiências compartilhadas e sensíveis. Como contempla Thibaud (2013, p. 5) ao investigar as ambiências urbanas, o sonoro entra nas "formas de fazer território" e nas "formas de sentir juntos", enquadrando situações sociais.

Para La Rocca, também se voltando à investigação das ambiências, há uma pluralidade de eventos que envolvem a sonoridade nas ruas e a energia da festa, produzindo uma "territorialidade lúdica" (La Rocca, 2022, p. 412) que representa, na prática, partilhas de afetos e o desejo de participar de algo juntos. Tais afetos podem ser percebidos quando se observa em campo, por exemplo, transeuntes que passam e demonstram sua aprovação ao som que está tocando, saudando os músicos com meneios de cabeça ou acenos de mão, ou que param, demonstrando seu reconhecimento ao balançar afirmativamente a cabeça, comentando com quem quer que esteja do lado: "Que maneiro esse som!". Expressões que afirmam o desejo de estar juntos e de partilhar, mesmo por breves instantes, com o outro.

2. MÚSICA E POESIA BALANÇANDO A RUA

Um dos grupos que vim acompanhando em campo é a banda de rock e blues Mr. Severin. Observando-os tocar algumas vezes na saída do metrô no bairro de Botafogo, era notável que pessoas também muito diversas se contagiavam, compartilhando o usufruto do som: "desde a moradora chique ao pedinte, dos adolescentes que passam fazendo o gesto de rock and roll aos jovens cult da zona sul" (caderno de campo, 30/06/23). Assim, em alguns instantes o espaço das partidas e chegadas tornava-se inesperadamente um lugar de estar e de trocar. Como anotado no caderno de campo: "Ritmos que se alteram no andar. Surge uma pequena festa. Pessoas se balançam ao passar de bicicleta ou andando, ou enquanto esperam para atravessar a faixa de pedestres." (caderno de campo, 17/03/23).

Uma noite, assisti ao conjunto tocando na calçada do bar do Nanam, no centro da cidade. Esse local, de 2013 até o início da crise pandêmica, foi palco de eventos musicais independentes e de artes de rua, e atualmente alguns grupos resistem em manter o espaço como cenário de diferentes musicalidades. O show do Mr. Severin possibilitou refletir sobre esses breves momentos em que vamos nos reconhecendo e nos encontrando na cidade, em nossos percursos, desejos e diferenças:

> Um momento muito divertido foi quando dois senhores chegaram, aprovaram o som com meneios de cabeça e gestos da mão, e comentaram comigo que o som estava muito bom. Eles efetivamente tocam samba, até disseram o nome da dupla, mas eu não anotei. Um deles, muito animado com o som da banda, pôs-se a dançar na calçada com passos que remetiam aos de um baile black[1]. Assim, ao som do blues-rock do Mr. Severin, um sambista entrelaçou passos de charme em uma alegre noite de sexta no centro da cidade. (adaptado do caderno de campo, 26/05/22).

Outra banda de rock que acompanhei ao longo dos primeiros anos de trabalho em campo foi o grupo Wagner José e seu Bando, que se apresenta nas ruas do Rio há cerca de vinte anos. Certa vez, numa apresentação do grupo na Quinta da Boa Vista, grande parque na zona norte da cidade, passava por ali um grupo de moças praticando corrida, vestidas com camisetas em que se podia ler: "Bora correr!". Elas, então, mudaram o passo, parando na frente da banda para pular e dançar alegremente. Em outra apresentação deles, desta vez no Largo da Glória, num fim de domingo, dia em que ali acontece uma feira de artesanato, aconteceu uma cena graciosa:

> Estava sentada no meio fio comendo uma pipoca quando percebi uma senhorinha idosa que passava por trás de mim, carregando um carrinho desses de fazer compras. Ela vinha andando, assim, no ritmo da música, num delicado passinho de dança. Fiquei admirada observando-a enquanto ela se aproximava e, quando ela percebeu, ficou encabulada. Exclamou: "Preciso me divertir, minha filha, tenho 81 anos!" Eu exclamei de volta que "sim, tem que aproveitar!" e ela então me enviou um grande beijo, levando as duas mãos aos lábios. Depois de falar comigo, seguiu dançando para a faixa de pedestres. (adaptado do caderno de campo, 29/01/23).

Desse modo, a música e a poesia praticadas nas ruas ocupam importante papel de mediadoras tanto ao tensionar modos possíveis de ocupação do espaço, como através das socialidades e interações que provocam. Gestos como esses podem ser compreendidos como comunicacionais, no sentido que nos remete a noção de Sodré (2014, p. 11), como uma organização de "partes dispersas" colocando algo "em comum": a roda que surge com uma performance artística na rua é formada por todos os que estão fazendo nela.

Em outro eixo da pesquisa de campo, tenho acompanhado sujeitos que promovem e participam de batalhas de poesia, conhecidas como slams. No Brasil, o entrelaçamento do slam e do hip-hop levaram a musicalidade própria da música rap à recitação dos poemas (algo que não é tão comum aos recitadores de outros locais como na América do Norte ou na Europa) e sua associação a outros circuitos culturais, como as batalhas de rimas (nas quais os participantes duelam improvisando versos rimados

1 Festejo dançante, baseado em gêneros musicais como rythm n'blues, soul e swing, onde se dança coreografias sincronizadas. Também Baile Charme.

em cima de batidas de rap). A oralidade já presente em manifestações culturais do nordeste do Brasil, como o repente, e na cultura afro-brasileira pode também se refletir nas apropriações sônicas dessas batalhas por todo o país.

É preciso ressaltar, ainda, que o slam no Brasil, como fenômeno urbano, se desenvolve no seio das contradições e desigualdades que afetam corpos de maneiras diversas na configuração de nossas metrópoles. Assim, as temáticas dos poemas estão sobremaneira ligadas a questões da vida na cidade e de experiências nos territórios, em particular, de jovens negros, moradores de favelas e periferias, ou pertencentes a grupos de minorias sociais, como LGBTQIA+. Desse modo, pode-se falar do slam como evento de rua não só quando acontece na rua, mas, principalmente, por suas falas provirem e falarem da rua – usando termos de La Rocca (2022, p. 409), "[...] dando forma a uma estética da narração urbana". Nessa direção, é comum que as caixas de som nos slams toquem músicas rap, soul e R&B nacionais e internacionais (gêneros musicais caracteristicamente urbanos e negros) mas, para além das trilhas sonoras, também os cumprimentos, incentivos e gritos de guerra conformam sonoridades outras, completadas pelo repertório e performance dos poetas. Nessa interação, o público não só aplaude, incentiva, se agita, como plateia, mas atua respondendo, comentando, completando, algumas vezes declamando refrões junto ao poeta em ação.

Um dos slams de que participei foi o Slam 188, que aconteceu no Buraco do Lume (no centro do Rio). Ao longo de toda a batalha, os gritos, a voz, a vibração, tanto dos poetas como do público, configuraram-se parte fundamental, ao que os organizadores (chamados slammasters) chamavam a atenção o tempo todo. Antes de dar o grito de guerra que autoriza o poeta (slammer) a começar sua performance, eles clamavam: "O poeta está preparado e vocês não estão preparados?! Cadê a energia pro poeta?!", então nos convocando decisivamente a erguer os braços acima da cabeça, balançando as mãos para "enviar energia". Se o poeta errava ou se perdia no meio da declamação, o slammaster também se "chateava" com a plateia: "Mas vocês não mandaram energia suficiente...!" (caderno de campo, 27/01/23). Então, voltávamos a balançar as mãos com ainda mais ênfase.

Neste ponto, destaca-se a característica ritualizada do slam, com dinâmicas aprendidas e compartilhadas entre organizadores, poetas e público e performadas em um contínuo de certo modo ritmado – por pausas e timbres, gritos e sussurros e trechos entoados. Moreaux (2014, p. 8), tratando de práticas artísticas de rua, aponta um ritmo "que se materializa momentaneamente através de presenças e relaciona os corpos através dos afetos". No caso das batalhas de poesia, embora sendo uma competição em que as notas dadas pelos jurados são cruciais para decidir quem passa ou não para a próxima rodada, a avaliação dos poemas não acontece só pela resposta do júri, mas, especialmente, pela reação do público que interfere ao longo de toda a performance, incentivando e torcendo. O slammer pode saber quando sua performance teve um bom efeito e quando seus versos repercutiram pelos gestos, sons e movimentos do público que vibra com ele.

3. REFLEXÕES DE UMA PESQUISA VIBRANTE

No fim de uma entrevista realizada com uma poeta de slam, a produtora cultural Preta Poética, quando já havíamos conversado por cerca de uma hora, comentei como me sentia ao participar das batalhas – gritando, aplaudindo, me co-movendo com os poemas e as performances –, perguntando-lhe se tal atitude podia parecer-lhes inadequada, vez que as questões sociais ali discutidas não dizem respeito a minha experiência pessoal, entre outras, a de uma pesquisadora branca, cis-hétero e não moradora de uma periferia. Ao que a poeta respondeu: "Que bom que você se envolve, não só me descreve." (entrevista realizada em 07/08/2023). Relacionando o argumento de Preta Poética ao que vinha observando em campo e nas leituras, sobreveio-me, então, a ideia do pesquisador como um "corpo-vibrátil" (Rolnik, 1989), participando dos territórios que acompanha como em uma espécie de ressonância. Ainda, tal reflexão remeteu-me a uma pesquisa realizada em "simpatia" (Caiafa, 2019), em que não se busca "confundir-se" com os atores tampouco deles se distanciar, mas sim com eles vibrar, a fim de melhor compreender de onde suas performances partem e que coisas, a partir delas, se agenciam.

Uma conexão de simpatia na pesquisa, como afirma Caiafa, é constituída de uma "composição de corpos" que se distingue tanto de uma "identificação" ou confusão com o outro como de uma "distância" científica que se pretenda neutra (Caiafa, 2019, p. 42). Assim, destaca, tendo algo "a ver" com os sujeitos que acompanha, o pesquisador não se distancia para compreendê-los tampouco se apropria de seu lugar. Pollien (2007, p. 108, tradução própria) também sustenta que uma tal "simpatia" não se trata de atitude amável ou generosa na pesquisa, mas de um procedimento essencial: "Para descrever, exprimir os princípios que fundam o mundo, é necessário nele emergir-se, partilhar seus valores comuns a fim de render justiça àqueles que o habitam". Ainda, conforme Cerclet (2014, p. 30), pode-se pensar num conhecimento do mundo que se desenvolve no "contágio emocional, na simpatia" ou na partilha de um ritmo:

> O ritmo é uma das dimensões de nossa participação no movimento de nosso ambiente. Assim, todos tomamos consciência, a um momento ou outro, de nossa capacidade de nos sincronizar com o tempo de uma música ou dos aplausos ao fim de uma representação, com aquele de um ou uma artista ou ainda, com aquele da pessoa com quem caminhamos, discutimos, comemos (Cerclet, 2014, p. 33, tradução própria).

Tais perspectivas evocam um diálogo com a pesquisa cartográfica, conforme defendida por Kastrup (2008, p. 21), pela qual "a habitação do território investigado" é necessária para detectar as forças moventes que nele pedem "passagem e expansão". Por sua vez, em conversa com a cartografia proposta por Bruno Latour, Ingold (2015a; b) é inspirador ao propor que o mundo da vida não seria composto por um conjunto de agentes que interatuam, mas que os processos sociais são como um emaranhado de fios e caminhos que se co-constroem. Então, como Latour

(2012) utiliza a imagem da formiga (formando o acrônimo ANT = Actor-network Theory) para explicar sua teoria, Ingold (2015a) contrapõe a imagem da aranha para propor uma prática habilidosa que envolve uma responsividade encorporada processualmente (SPIDER = Skilled Practice Involves Developmentally Embodied Responsiveness). Se, para a formiga, as coisas do mundo são como atores e actantes que agem em redes, para a aranha as coisas surgem da interação de forças ao longo de linhas e malhas.

É preciso destacar que Ingold reconhece no argumento de Latour que sua teoria não lida propriamente com "redes" no sentido de pontos interconectados, que se lhe dá no campo das tecnologias da informação. Ele admite que a confusão parece se dar quando se traduz o termo para o inglês (rede como network), já que o termo francês réseau também se remete a "tecer", que leva a pensar em uma malha, um bordado ou uma teia de aranha. Quando penso em "rede", em nosso bom e velho português, vem-me de imediato a imagem de uma rede de pesca, que coloca algo a ver entre pescador e peixes e a maré que traz ou não os peixes. Assim, as linhas na malha não conectam pontos, como os fios da teia não ligam a aranha a uma mosca, mas sim são fios que servem de "refrão" uma à outra, com as ações de ambas correndo ao longo deles (Ingold, 2015a).

Investigando um pouco sobre a figura usada por Ingold, aprendi que a aranha se orienta com base em recepções sensoriais sinestésicas, possuindo uma extrema sensibilidade ao fluxo de ar, ao toque e à vibração do ambiente. Mais tarde, ao acompanhar falas da filósofa Suely Rolnik[2], soube que ela se voltava, também, a partir de seus diálogos com a cartografia de Deleuze e Guattari, à mesma imagem da aranha. Rolnik destaca que os efeitos das vibrações do fio da teia no corpo da aranha (os afetos) são o que lhe permite avaliar o que se passa em seu ambiente a fim de orientar suas ações. Assim, a ideia dessa "dança" da aranha com o mundo acabou por incorporar-se aos modos com que vinha refletindo sobre esta pesquisa, ensaiando um andar vibrante a fim de melhor captar os gestos e movimentos dos artistas e seus públicos nas ruas.

4. CONSIDERAÇÕES

Propus aqui refletir sobre uma cartografia que se realiza buscando sincronizar-se com os movimentos dos atores em suas práticas artísticas nos espaços públicos da cidade. O acompanhamento de artistas músicos e poetas nas ruas, ao longo do trabalho de campo, levou-me a pensar nesses pequenos movimentos combinados que constituem uma performance que se dá na rua, realizada não apenas pelos artistas, mas por todos que dela participam. Considerando que os lugares da cidade são tecidos pelos passos e gestos de seus habitantes, pensar uma pesquisa que ensaia

2 Ver palestra da professora Suely Rolnik ao II Congresso Internacional Políticas e Narrativas do Corpo, realizado em dezembro de 2023: *Between spiders, Guaraní words and some Europeans.* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cqZGQRXITGU. Acesso em: 20 dez. 2023.

uma “dança”, em que nos colocamos a “sentir juntos” com os atores, não é pretender confundir-se com eles, mas sim com eles vibrar, a fim de melhor compreender de onde suas performances partem e que coisas, a partir delas, se agenciam.

Trata-se, também, de pensar a pesquisa como feita por todos que dela participam: os sujeitos da pesquisa cartográfica, aqueles que observamos, seguimos e acompanhamos, a todo o tempo encaminham nossas reflexões metodológicas e teóricas, seja a partir de suas falas, reflexões, gestos e vibrações, tornando a pesquisa algo como uma dança que se improvisa juntos. Assim, seguindo os passantes que aderem, coordenando seus passos, à música do artista que toca na praça ou o público que conversa sonoramente com o poeta que interpreta seu texto é que se ensaia esta pesquisa composta, essencialmente, de afetos que reverberam movimentos e paisagens da urbe.

5. BIBLIOGRAFIA

Caiafa, J (2019). Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. Questões Transversais, 7(14), 37-46. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/19775.

Cerclet, D. (2014). Marcel Jousse: à la croisée de l'anthropologie et des neurosciences, le rythme des corps. Parcours anthropologiques, 9, 24-39. Disponível em: http://journals.openedition.org/pa/310.

Herschmann, M; Fernandes, C. (2014). Músicas nas ruas do Rio de Janeiro. Intercom.

Herschmann; M; Fernandes, C (2023). A força movente da música. Sulina.

Ingold, T. (2015a). Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes.

Ingold, T. (2015b). The life of lines. Routledge.

Kastrup, V. (2008). O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa intervenção. Em: L. CASTRO, Lucia; BESSET, V. (Orgs.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. p. 465-489. Nau.

La Rocca, F. (2022). Formas de criatividade culturais: uma leitura estética das ambiências e atmosferas urbanas. In C. Fernandes; M. Herschmann; R. Rocha; S. Pereira (Orgs.). A[r]tivismos urbanos: [sobre]vivendo em tempos de urgência. (pp. 405-422). Sulina.

Latour, B. (2012). Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede. EdUFBA.

Lefebvre, H. (2001). O direito à cidade, 5 ed. Centauro.

Moreaux, M. (2014). Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de arte de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade (dissertação de Mestrado). PUC-RJ, Rio de Janeiro.

Pollien, A. (2007). Pierre Sansot, sociologie itinérante d'un être sensible. A contrario, 5(1), 105-117. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-a-contrario-2007-1-page-105.htm.

Rolnik, S. (1989). Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo. Estação Liberdade.

Sodré, M. (2014). A comunicação não é um sistema de linguagem, e sim um sistema de organização do comum. [Entrevista concedida a] COUTINHO, Eduardo et al. Ecopós, 17(3), 1-12. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1773/pdf_55.

Thibaud, J. P. (2013). Donner le ton aux territoires. Em: P.L. COLON, Ethnographier les sens. p. 235-255. Editions Petra. p. 235-255. Disponível em: https://hal.science/hal-00995503.

R40

AMBIANCES AND RETRO-PROSPECTIVE SURVEYS OR THE FORGOTTEN ECOLOGIES OF THE SOUTHERN GRENOBLE

AMBIÊNCIAS E INVESTIGAÇÃO RETRO-PROSPECTIVA OU AS ECOLOGIAS ESQUECIDAS DO SUL DE GRENOBLE

Nicolas Tixier
Professor
Univ. Grenoble Alpes, CNRS, ENSAG, AAU_CRESSON, 38000 Grenoble,
France nicolas.tixier@grenoble.archi.fr

Stella Maris Veiga
Tradução do francês para o português
Stellaveiga50@gmail.com

ABSTRACT
Jean Verlhac Park is located in the very centre of Villeneuve de Grenoble in France. Created by Michel Corajoud in 1972-73 on the site of one former airfield, it features hillocks made with construction rubble and an artificial basin. As marvellous as this park is for its composition, it is emblematic of the recent history of the southern part of the Grenoble region, in which every major change to date has functioned as a kind of conquest of the space that erases almost everything about its previous state. Basing ourselves on this territory, we propose to examine how a retro-prospective survey that is attentive to ambiances can be carried out to reveal and then formulate a narrative of the place. We respond to the challenge posed by the hybridization of different heritage values by sharing representations of this heritage and putting them up for debate. In order to think beyond a solely urban planning perspective, we are led to investigate what exactly the very ecologies of this territory consist of.

KEYWORDS: local ecologies, retro-prospective survey, Grenoble

RESUMO
O parque Jean Verlhac está localizado no coração do bairro Villeneuve de Grenoble (França). Projetado por Michel Corajoud em 1972-73 em um antigo terreno de aviação, é composto por colinas construídas artificialmente graças aos entulhos da construção dos edifícios e por um lago, também artificial. Este parque, embora maravilhoso em sua composição, nos parece emblemático da história esquecida do sul de Grenoble e onde, até hoje, cada grande mudança ocorreu, de certa forma, como uma conquista espacial, fazendo quase tudo desaparecer em relação à situação anterior. Com base neste território, propomo-nos interrogar sobre as formas pelas quais uma pesquisa retro-prospectiva, preocupada com as ambiências, pode ser conduzida para revelar e, em seguida, enunciar um relato do local, a fim de enfrentar o desafio de uma hibridização de diferentes valores patrimoniais, compartilhar representações e debater esse legado. Para sair de um pensamento puramente voltado ao planejamento do espaço, somos levados a questionar o que constitui as próprias ecologias de um tal território.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências, ecologias territoriais, investigação retrospectiva, Grenoble

1. INTRODUÇÃO
O parque Jean Verlhac está localizado no coração de Villeneuve de Grenoble (França). Realizado entre 1972-73 sobre o antigo terreno de aviação Jean Mermoz, assim como nos jardins operários adjacentes, ele é composto por colinas criadas artificialmente com os entulhos da construção dos edifícios e por um reservatório de água de 5.000 m^2, igualmente artificial. Reservatório que rapidamente foi chamado de lago, devido ao seu tamanho significativo e à possibilidade de uso recreativo. O conjunto forma um espaço de aventura e passeio, ainda hoje é reconhecido pelos moradores e pelos profissionais

de urbanismo como um parque de grande qualidade. E, no entanto, seu idealizador Michel Corajoud, menos de 10 anos após a sua criação, revisita assim seu projeto:

> « Entre 1970 e 1971, enquanto eu projetava o parque de Villeneuve, em Grenoble, eu estava fascinado pelas paisagens rurais, pelas antigas zonas de campo, onde a demarcação de terras e o trabalho nos campos ainda estavam sujeitos às contingências do lugar. Paisagens magníficas e singulares, porque a geografia local e a geometria aplicada pelo camponês têm, há muito tempo, uma relação de cumplicidade. A linha regular da lavoura ainda cede lugar aos acidentes e às circunstâncias. Eu queria, portanto, que o projeto do parque transferisse, de uma maneira ou de outra, para esse espaço livre de construções, certos sinais e figuras capazes de testemunhar o apego que tenho, apesar de ser um citadino há muito tempo, pela minha história ligada ao campo. [...] Para mostrar o que me interessa hoje, devo necessariamente fazer a crítica a esse parque. Eu não renego meu interesse pelo campo, que é sem dúvida o referencial principal de todos os paisagistas latinos; mas considero, no entanto, que a maneira como o transpus para o local de Grenoble se enquadra na criação ex-nihilo, ou seja, em um sistema de projeto que considera o solo onde se instala como uma página em branco. Naquela época, a ideia de novidade prevalecia sobre qualquer outro critério, o que explica por que esse bairro foi chamado de "Villeneuve". No entanto, esse terreno tinha uma história cujos indícios visíveis (as antigas pistas de um aeroporto, os limites de parcelas de jardins operários, etc.), eu devo reconhecer, foram apagados, em grande parte, pelo meu projeto. Eu sei, hoje, que traí a noção que pretendia defender, a da anterioridade do local, da contingência e da circunstância.»[1]

Este parque, embora maravilhoso em sua composição, nos parece emblemático da história esquecida do sul de Grenoble, denominado GrandAlpe, ou seja, a história de um solo que foi uma planície aluvial pantanosa antes de ser drenado e depois irrigado por canais para se tornar uma planície agrícola fértil, e, posteriormente, o local de uma nova urbanidade, emblemática das utopias arquitetônicas e sociais dos anos 70.

---

1 Michel Corajoud, *À Propos du Parc de la Villeneuve de Grenoble*, 1980. Inicialmente disponível em seu site na internet, este texto foi publicado posteriormente em *Caravanserail*, revista de BazarUrbain, n°1, printemps 2019. Também pode ser encontrado em versões ligeiramente diferentes em várias publicações sobre Michel Corajoud.

Original em francês: «Entre 1970 et 1971, moment où je dessinais le parc de la VilleNeuve de Grenoble, j'étais fasciné par les paysages ruraux, par les campagnes anciennes où l'arpentage et le travail des champs restent soumis aux contingences d'un pays. Paysages superbes et singuliers parce que la géographie locale et la géométrie rapportée du paysan ont, depuis longtemps, les mêmes rapports complices. Le trait régulier du labour y laisse encore place aux accidents et aux circonstances. Je voulais donc que le projet du parc transfère, d'une manière ou d'une autre, sur cet espace laissé libre de toutes constructions, certains signes et figures capables de témoigner de l'attachement que j'ai, bien que citadin de longue date, pour mon histoire paysanne. [...] Pour montrer ce qui m'intéresse aujourd'hui, je dois nécessairement faire la critique de ce parc. Je ne renie pas mon intérêt pour la campagne, elle est sans doute le référent majeur de tous les paysagistes latins ; mais je considère cependant que la manière dont je l'ai transposée sur le site de Grenoble, relève de la création ex-nihilo, c'est-à-dire d'un système de projet qui considère le sol où il s'installe comme une page blanche. À cette époque, l'idée de nouveauté l'emportait sur tout autre critère, ce qui explique pourquoi on a nommé ce quartier "la VilleNeuve". Or, ce terrain avait une histoire dont il portait les indices visibles (les anciennes pistes d'un aéroport, les limites de parcelles de jardins ouvriers, etc.) et je dois reconnaitre que mon projet a largement contribué à l'effacement de ce réseau de signe. Je sais donc aujourd'hui, que j'ai trahi la notion que je prétendais défendre, celle de l'antériorité du site, de la contingence et de la circonstance».

Figuras 1 e 2. Lac de Villeneuve. Fonte 1: Jean Pottier, 1974 © Ministère de la Culture, Médiathèque de l'architecture et du patrimoine (MAP), diffusion RMN-GP. Fonte 2: Os filmes de Villeneuve, 2013

Apoiando-nos neste território em que trabalhamos nos últimos 20 anos, tanto em projetos[2] quanto em pesquisas[3], propomos questionar como uma pesquisa retro-prospectiva, atenta também às ambiências, pode ser conduzida para revelar e enunciar uma narrativa do lugar (Amphoux, Tixier, 2017), a fim de enfrentar o desafio de uma hibridação de diferentes valores patrimoniais (valor histórico, valor de uso e valor de renovação)[4], compartilhar representações e colocar em debate esse legado. O biólogo e urbanista escocês Patrick Geddes (1854-1932) é, sem dúvida, um dos primeiros a pensar o território dessa maneira. Ele lê as épocas passadas como as futuras nas marcas das organizações físicas, sensíveis e sociais do presente. Para Geddes, os traçados, sejam eles urbanos, naturais, sociais, etc, constituem tanto a história de um lugar e seu modo de descrição quanto seu futuro e seu modo de projeção (Torres Astaburuaga, & al., 2016). Ao aplicar seu princípio de "survey", podemos identificar com clareza, ao longo do tempo de desenvolvimento deste território, três histórias: uma história ambiental, uma história agrícola e uma história arquitetônica e urbana.

2. GRENOBLE SUL, UM HISTÓRIA EM TRÊS DIMENSÕES

Como ocorreu em muitos territórios urbanos, o sul de Grenoble é caracterizado por conquistas espaciais que quase apagaram completamente as características originais dos lugares.

---

2 No âmbito do coletivo *BazarUrbain*, colaboramos com a equipe Interland / Lacaton-Vassal em 2009-2010 no projeto de renovação da Villeneuve de Grenoble. Depois, em 2024, contribuímos com uma proposta junto ao *Studio Viganò et Particules* para o Edital « Mission d'AMO paysagère, urbaine, architecturale et environnementale pour la 2e phase du projet GrandAlpe, et la finalisation du PRU des Villeneuves de Grenoble et Échirolles », 2024.

3 Para citar a pesquisa mais recente na qual estamos envolvidos: Charles Ambrosino (dir.), Nicolas Tixier et al., **POPSU Transitions: Grenoble XXIe, retrouver les voi(es)x de l'eau,** PACTE / AAU-Cresson, PUCA-METRO, 2023-2026.

4 Em seus diferentes trabalhos, Pascal Amphoux propõe três valores a serem reconhecidos e hibridizados para a formação do patrimônio: um valor histórico (dimensão arquitetônica e urbana), um valor de uso (dimensão antropológica) e um valor de renovação (dimensão ecológica). (Amphoux et al., 2013)

Figura 3: « Plan de Grenoble avec ses nouvelles fortifications », 1660 (document recadré)
O retângulo vermelho mostra o que nós podemos chamar atualmente de Sul de Grenoble com o Drac e seus diferentes braços.
Fonte: Bibliothèque municipale de Grenoble, Cd.556

A primeira história deste território, a história ambiental, é a de uma planície aluvial. O sul de Grenoble é um verdadeiro cone de despejo para as águas do Drac, um rio torrencial, ao qual se somam, logo acima da planície grenoble, as águas de outros dois rios torrenciais, o Romanche e o Gresse. O Drac, popularmente chamado de Dragão, antes de ter sido contido por diques, é conhecido por ter níveis e vazões muito variáveis, formando numerosos braços que, com suas mudanças, alteravam regularmente a configuração da planície de Grenoble. Esta planície aluvial era, primeiramente, caracterizada pela presença mutável do Drac, por lençóis freáticos próximos à superfície e por pântanos inadequados para a construção de uma cidade e para o desenvolvimento racional da agricultura.

A segunda história deste território, a história agrícola, é aquela do controle e da distribuição das águas, que, após um período de drenagem das áreas alagadas, permitiu subdividir o solo em parcelas cultiváveis.

O sul da metrópole de Grenoble foi, desde o século XVII, um espaço que poderíamos chamar de colonização. Denis Cœur, historiador e especialista em ordenamento territorial e riscos naturais (2008), resumiu este espaço em uma primeira entrevista realizada com ele em outubro de 2023:

> « O sul da metrópole de Grenoble possui uma história particular no que diz respeito ao controle das águas. Pode-se falar desse lugar como um verdadeiro espaço de conquista. Por um lado, houve a luta contra as inundações do rio Drac, cujo permanente represamento, a partir do final do século XVII, abriu caminho para a valorização agrícola da planície. Essa valorização foi complementada, por outro lado, pela drenagem e saneamento das áreas alagadas. Esse controle das águas tomou um novo rumo com a criação de uma importante rede de irrigação a partir dos rios Romanche e Drac. De água destrutiva a água benéfica, o espaço foi sendo colonizado e dividido à medida que se avançava. A cidade, por sua vez, não ficou para trás. Os lodos urbanos contribuíram para enriquecer os solos. A agricultura foi a principal beneficiária, mas a partir do início do século XIX. A indústria também começou a se beneficiar desse controle das águas. Essas múltiplas ações de organização e usos do espaço serão objeto de regulamentações específicas. Pelos fluxos de produtos agrícolas e industriais, e pelos fluxos de pessoas, a cidade já estava presente nesses locais, mesmo antes de a urbanização colonizá-los, o que ocorreu na segunda metade do século XX. »[5]

Mais genericamente em toda a planície de Grenoble, as paisagens hídricas continuam sendo amplamente moldadas pelos quadros de engenheiros, industriais e especialistas em energia e, em menor grau, pelas coletividades locais e pelos serviços do Estado, preocupados em controlar os riscos em áreas urbanizadas (Ambrosino, 2022). O Drac e o Isère são rios controlados e canalizados, com um urbanismo que por muito tempo os ignorou; os pequenos rios foram secados ou canalizados sob a cidade, como é o caso do Verderet. Quase nada resta dos sistemas de canais que irrigavam a agricultura e também permitiam a instalação de empresas.

5 Original em francês : « Le Sud de la métropole de Grenoble a une histoire particulière de ce point de vue au regard de la maîtrise des eaux. On peut parler à son endroit d'un véritable espace de conquête. D'une part contre les inondations du Drac dont l'endiguement pérenne à partir de la fin du XVIIe siècle ouvre la voie à la valorisation agricole de la plaine. Valorisation complétée, d'autre part, par le drainage et l'assainissement des marais. Cet encadrement des eaux prend une nouvelle tournure avec la création d'un important réseau d'irrigation depuis la Romanche et le Drac. De l'eau destructrice à l'eau bienfaitrice, l'espace est colonisé, loti au fur et à mesure des avancées. La ville déjà n'est pas en reste. Les boues urbaines contribuent à enrichir les sols. L'agriculture est la principale bénéficiaire mais dès le début du XIXe siècle. L'industrie tire aussi bénéfice de cet encadrement des eaux. Ces multiples aménagements et usages feront l'objet de réglementations particulières. Par les flux des produits agricoles et industriels, par les flux des hommes aussi, la ville est déjà présente en ces lieux avant même que l'urbanisation les colonise à son tour au cours de la seconde moitié du XXe siècle. »

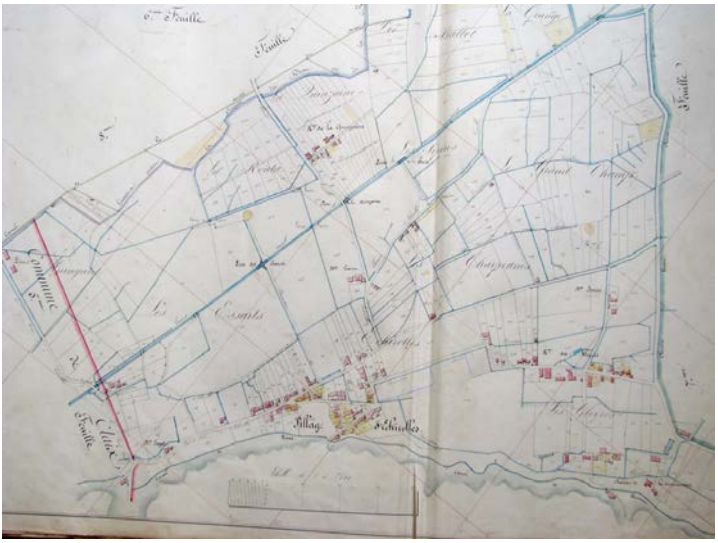


Figura 4: Sul Grenoblois. Canaux de irrigação de la Romanche
Fonte : Syndicat du Canal d'Arrosage de la Romanche - Document recadré daté de 1909 (agradecimentos Marc Higgin)

A terceira história deste território, a história arquitetônica e urbana, é a da criação de bairros inteiramente novos que se estabeleceram sobre as terras agrícolas: o *Village Olympique,* a *Villeneuve de Grenoble*, a *Villeneuve d'Échirolles,* assim como, mais recentemente, o bairro *Vigny-Musset* e um conjunto de empresas e escritórios. Embora os projetos urbanos dos bairros do sul, construídos na segunda metade do século XX, representem uma espécie de nova conquista espacial, isso foi facilitado pelo sistema fundiário desenhado pela engenharia hidráulica. Contudo, com o passar do tempo, o vínculo entre a estrutura urbana e sua história ambiental e agrícola tornou-se quase imperceptível. Hoje, é necessário explorar minuciosamente esse território para ainda detectar algumas dessas marcas. Em um filme de 1975 sobre a urbanização das áreas rurais da planície de Grenoble[6], um horticultor narra o desaparecimento das terras agrícolas, que eram, para a cidade de Grenoble, um incrível "interland nourricier", para usar a expressão de Marc Higgin, colaborador desta pesquisa:

> «Eu era proprietário de dois hectares, dois hectares e meio mais ou menos, e a cidade tomou quase metade, por assim dizer. Agora, resta... Resta o que restou. Vendi em troca de apartamentos, e assim consigo passar meus últimos dias com um pouco mais de tranquilidade. Bem, para mim o futuro... está praticamente decidido. Vamos ter que trabalhar com os meios disponíveis, com o terreno que nos resta, enquanto esperamos pela aposentadoria. [...] Nós tínhamos uma grande exploração de horticultura. Íamos ao mercado atacadista em Grenoble. E as coisas iam bem. A maior parte do cultivo praticamente desapareceu, podemos

6 Claude Huhardeaux. (1975). Région Rhône-Alpes entre hier et demain : L'urbanisation des campagnes. Collection INA, 25'.

dizer que três quartos se foram. Se eu tivesse que continuar com o meu trabalho, teria sido necessário implementar sistemas de irrigação bastante importantes. Todos os vales que cercavam o cultivo estavam cheios de água naquela época, mas com o saneamento que foi realizado para os esgotos e companhia, todas as fontes que estavam na planície foram absorvidas. E agora estamos praticamente sem água para irrigação. »[7]

Figura 5. Hortas ainda presentes em frente às primeiras habitações do bairro da Villeneuve. Fotograma do filme *"Région Rhône-Alpes entre hier et demain : L'urbanisation des campagnes"* de Claude Huhardeaux, 1975, 25'

Construída na década de 1970 pelo Atelier d'Urbanisme et d'Architecture (AUA), a Villeneuve de Grenoble tem, indiscutivelmente, uma dimensão utópica, tanto do ponto de vista arquitetônico e espacial quanto do ponto de vista sociopolítico. O progressismo, o humanismo e a utopia desempenharam um papel crucial na concepção deste bairro de Grenoble. A inovação traduz o desejo de um nível de vida melhor, uma diversidade de usos e populações (em termos de nível sociocultural e de origem cultural), os valores de um Estado de bem-estar social e uma forma particular de democracia participativa. A integração de comércios e serviços foi (ou melhor, era) muito mais avançada do que em projetos vanguardistas anteriores. Essa mistura de atividades e funções, por sua vez, está sujeita a uma disciplina geométrica geral: formas hexagonais com algumas "ilhas externas" ligadas ao corpo principal por galerias.

7 Original em francês : « J'étais propriétaire de deux hectares, deux hectares et demi environ et la ville en a accaparé une moitié pour ainsi dire. Alors maintenant, il reste... Il reste ce qu'il reste. J'ai vendu contre des appartements et comme ça, ça me permet de finir mes jours un peu tranquilles. Ben, pour moi l'avenir... il est pratiquement choisi. Il va falloir travailler avec les moyens de bord, avec le terrain qui nous reste, en attendant la retraite. [...] On faisait la grande exploitation de la culture maraîchère. On allait au marché de gros à Grenoble. Et ça se passait pas mal. La culture a pratiquement disparu les trois quarts, on peut dire. Et s'il a fallu que je continue mon métier, il aurait fallu faire des systèmes d'arrosage assez important. Tous les fossés qui entouraient la culture, là, étaient plein d'eau à l'époque, puis avec les assainissements qui se sont créés pour les égouts et compagnie, ça absorbait toutes les sources qui se trouvaient dans la plaine. Et on est privés d'eau, pratiquement privés d'eau pour l'arrosage ».

Além disso, o projeto se insere em uma crítica à "rua tradicional", associada a condições de pobreza, barulho, falta de luz e à presença invasora do carro. Além dos incômodos da rua, o modelo espacial da Villeneuve responde à questão da expansão da cidade, propondo uma maneira de estruturar um habitat denso em um ambiente "imerso" em vegetação. A Villeneuve rompe com a forma esquemática das "torres inseridas na natureza" de Le Corbusier e de outros arquitetos, ao mesmo tempo que se distancia da oposição entre cidade e campo. O espaço verde que circunda os edifícios é, aqui, um espaço projetado, "socializado". Como toda experimentação, a Villeneuve não cumpriu todas as suas promessas; no entanto, será que o objeto patrimonial, fixo e preso ao passado, é o único legado possível dessa utopia? Recém concluído, sempre questionado e já em processo de desmonte, o projeto ainda hoje suscita reflexões (Caravanserail, 2020).

Figura 6. Villeneuve de Grenoble, Parc Jean Verlhac em construção no início dos anos 70
Foto: Honoré Paris (agradecimentos Marion Paris)

Este bairro, portanto, foi construído à custa do apagamento das marcas do passado, um quase destruição de tudo o que constituía as ecologias locais, especialmente o sistema hidrológico e hidráulico. A história do parque Jean Verlhac é o próprio paradigma desse apagamento, através da criação de colinas e de um lago artificial, mas também, literalmente, pela criação de um novo terreno, por meio de aterro. Para toda a Villeneuve de Grenoble, o solo teria até mesmo sido elevado em mais de 1 metro para se afastar dos lençóis freáticos, proteger-se da umidade excessiva no dia a dia e estar acima do nível da inundação centenária[8]. Mais de 50 anos depois, operação após operação, toda essa área tornou-se hoje uma "edge city com fragmentos de utopia", como recentemente nomeou a urbanista Paola Viganò.

8 Segundo um dos arquitetos da operação, Claude Fourmy, com quem conversamos (Caravanserail 2020). Confira o vídeo testemunhal de uma jornada que organizamos em 2010 entre alguns dos antigos projetistas da Villeneuve de Grenoble e os novos projetistas contratados: [Villeneuve de Grenoble rétroprospective vidéo 2010] (*https://www.bazarurbain.com/2294/villeneuve-de-grenoble-retroprospective-video-2010/*) (realização Marie-Christine Couic / BazarUrbain).

3. UMA INVESTIGAÇÃO RÉTRO-PROSPECTIVE

No momento em que a Metrópole de Grenoble repensa o futuro deste território (projeto GrandAlpe), pareceu-nos interessante revisitar essas três histórias e confrontá-las com os desafios sociais, ecológicos e climáticos contemporâneos. Para isso, temos investigado, há alguns anos, uma pequena arqueologia deste território e de seus projetos por meio, por um lado, de pesquisa em arquivos e, por outro, de uma apreensão *in situ* do existente e de seus relatos, mobilizando, em particular, ferramentas da pesquisa urbana oriundas dos estudos sobre as ambiências, como os itinerários e os transectos. O método dos itinerários (Petiteau, Renoux, 2018) consiste em seguir aquele que nos guia pelo corpo e pela fala em um território que ele inventa e constrói por meio da representação de sua narrativa. Ao longo dos últimos 20 anos, realizamos vários itinerários com os atores deste bairro (projetistas, planejadores, habitantes — incluindo alguns dos primeiros moradores). O uso do transecto (Tixier, 2018) para este setor é mais recente e, em parte, ainda está em andamento. Ele visa explorar o local segundo linhas e temas específicos para documentá-lo e questionar suas qualidades atuais, os legados possíveis e os potenciais latentes. Além disso, busca documentar suas ambiências e o que constitui suas urbanidades, mais uma vez segundo três modalidades: o que foram, o que são e o que poderiam ser.

É importante destacar que este trabalho de investigação não é feito de forma isolada. Ao longo dos anos, ele se compõe de um coletivo de pesquisadores (pesquisadores, doutorandos, estudantes, videomakers, etc., além de moradores[9]) que, com o material coletado, produz narrativas e as divulga de várias formas (artigos, filmes[10], rádio[11], exposições, etc.). Esta investigação não se baseia em um corpus pré-estabelecido nem em uma questão claramente posta, mas sim em uma vontade de revelar novos conhecimentos sobre o território, conhecimentos que poderiam ser potencialmente mobilizáveis para qualquer projeto.

Essa pesquisa é realizada em movimento (James, 1909), por um conhecimento que se constrói progressivamente por meio de circulações e jogos de correspondências entre os elementos descobertos, formando, *in fine,* narrativas que se acrescentam às narrativas atuais e que visam orientar o olhar e permitir formas alternativas de perceber o que nos rodeia. Se desejamos designar este tipo pesquisa pelo qualificativo de "retro-prospectiva" é porque queremos inscrever esse conhecimento dentro de uma lógica narrativa assim como projetual, escolhendo voluntariamente legados que tentamos destacar e ousando a escrita de futuros possíveis.

9 Sobre a figura do morador como investigador, remeto à belíssima tese de Maïlys Toussaint (2023), na qual ela mostra que a investigação é uma prática comum no ato de habitar no seio de um bairro em processo renovação urbana.

10 Entre 1972 e 1976, os moradores de La Villeneuve tentaram produzir uma representação original de sua vida com os meios audiovisuais disponíveis na época. Apoiados pela prefeitura e orientados por uma equipe de profissionais de imagem ou de ação cultural e educativa, eles aproveitaram uma medida excepcional que suspendia o monopólio da ORTF sobre a televisão para produzir e transmitir, semanalmente em seu bairro, reportagens, programas de variedades e debates. Essa experiência, que recebeu o nome de Vidéogazette, é única e pioneira na França. Ela chegou ao fim em 1976. Hoje, outras estruturas locais continuam filmando no bairro, envolvendo moradores, especialmente La Maison de l'Image e Les Films de la Villeneuve.

11 Cf. por exemplo, as duas jornadas de mesas-redondas de rádio, debates e projeções públicas organizadas no âmbito da 1ª Bienal de Arquitetura de Lyon (2017) intitulada " Héritage / Fiction – La Villeneuve de Grenoble – Rétro-Prospective ". *https://www.bazarurbain.com/2260/heritage-fiction-la-villeneuve-de-grenoble-retro-prospective*

Ao empregar os tempos e as possibilidades de uma pesquisa-coleta[12] para pensar um território, onde os arquivos dialogam com os levantamentos, e onde as entrevistas, entre elas, constroem uma dialética com uma parte sensível e imaginativa, nos afastamos da análise descolada de qualquer ação, para, ao contrário, esperar que esse material tornado público contribua para o motor da ação social. Para nós, trata-se de questionar os territórios e sua construção pelas ambiências, criticando o habitual binômio análise/projeto, onde cada termo subjuga o outro. Trata-se, na verdade, de desenvolver narrativas retro-prospectivas, extraindo tanto do existente e do passado quanto do futuro, por meio do projeto e do debate sobre os futuros possíveis de qualquer situação habitada. Essa orientação pragmática permite abordagens referenciadas no lugar, multi-atores e participativas. Ela também orienta para métodos de trabalho um pouco diferentes das análises urbanas habituais, pois envolve tanto a prática dos lugares quanto a investigação de campo, além de interações com atores e arquivos, e, por abdução, da escrita ficcional com busca por formas e formatos para reconhecer e colocar em debate o que se quer testemunhar e, assim, se tornar defensores de uma dimensão prospectiva.

4. NA BUSCA DAS ECOLOGIAS METROPOLITANAS

Ao ampliar o perímetro do território dos bairros Villeneuves para todo o sul de Grenoble com o projeto GrandAlpe e para ir além de um de pensamento exclusivamente urbanístico em andamento, nós somos levados a questionar no que se constituem as próprias ecologias de um tal território (Tixier, 2024). De forma semelhante ao que Reyner Banham nos convidou a fazer, ao percorrer Los Angeles segundo quatro "ecologias" para evidenciar uma leitura retro-prospectiva da cidade do extremo (Banham, 1971). Não buscamos comparar nossa cidade com a "cidade dos anjos", mas sim aplicar uma abordagem semelhante para investigar a metrópole alpina.

Para isso, propomos a hipótese de que essas ecologias se manifestam através de traçados, arquiteturas, dispositivos construídos e políticas territoriais, bem como por uma dimensão sensível nas culturas, percepções e ações dos habitantes. Hoje, o sul da aglomeração de Grenoble parece ter esquecido sucessivamente as ecologias que o constituíram: um território de água, um *interland* alimentador, um espaço de utopia social e uma cidade aberta onde se podia recomeçar a vida.[13]

A aposta para este território não está, sem dúvida, em um novo projeto urbano que, por sua vez, como uma bela utopia, resolveria todos os problemas. Também não está na manutenção da situação atual. Nenhum território destinado a habitar

12 O termo é emprestado das práticas museológicas etnográficas, que designam um dispositivo de pesquisa utilizado para observar um fato social enquanto se coletam testemunhos materiais e imateriais: fotografias, depoimentos escritos, entrevistas filmadas, objetos, etc.

13 «a Villeneuve era um pouco como uma cidade aberta, um lugar onde se podia recomeçar a vida ». Trecho de uma entrevista, caminhando pelo bairro, com Jean-François Augoyard, filósofo e urbanista. Ele foi um dos primeiros moradores da Villeneuve. A entrevista completa está disponível no Caravanserail, nº 2 (2023).

pode permanecer paralisado, sem possibilidade de transformação. Em vez disso, levantamos a hipótese de que é ao reencontrar essas ecologias, por meio de uma investigação sensível, pluridisciplinar e participativa, em diálogo com os projetos em todas as escalas, que este território pode reencontrar uma narrativa compartilhada, com heranças a serem preservadas, transições a serem realizadas e bifurcações a serem decididas, como Patrick Geddes defendia há mais de 120 anos, apoiando-se nas marcas das organizações físicas, sensíveis e sociais. Pela importância que dá ao sensível, ao que compõe o cotidiano de cada um, e pela sua natureza interdisciplinar e multi-escalar, a abordagem pelas ambiências, com um olhar retro-prospectivo, nos parece capaz de revelar, compartilhar e projetar essas ecologias.

Postscriptum: atualmente, o lago da Villeneuve continua proibido para banho tanto por razões sanitárias quanto de segurança. No entanto, isso não impede que muitas pessoas, especialmente crianças, se refresquem nele durante o verão. A cidade de Grenoble tem, há alguns anos, o projeto de torná-lo próprio para banho. Mas enfrenta um duplo problema: oferecer um espaço aberto quando ele está sem vigilância, apesar de ter a responsabilidade sobre o local, e controlar a qualidade da água e a economia desse recurso. A solução natural, que consiste em captar água do lençol freático localizado a poucos metros sob o parque Jean Verlhac, está comprometida pelos efluentes poluídos da fábrica Arkema, localizada em Jarrie, a poucos quilômetros ao sul de Grenoble.

Figura 7. O lago de Villeneuve. Fonte: Guy Moquet, un film de Demis Herenger, 2014. © Les Films de la Villeneuve

5. AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa em andamento contou com ricas trocas com Paola Viganò, Marc Higgin, Denis Cœur, Naïm Aït Sidhoum, Charles Ambrosino, Lou Bellegarde e Fabienne Boudon. Foi iniciada no âmbito do projeto ANR Sensiblia, dirigido por Olivier Labussière, Suzel Balez e Jean-Paul Thibaud, e continua no âmbito da pesquisa POPSU Transitions, sob a direção de Charles Ambrosino.

6. BIBLIOGRAFIA

Ambrosino, C. (2022). La métropole géographique et ses urbanismes : Grenoble ou l'art (oublié) d'habiter la plaine. Cahiers POPSU - PUCA.

Amphoux, P., Hüsler, C., Malfroy, S. (2013). Lausanne, Nouveau Plan Directeur Communal, Volet Patrimoine urbain, bâti et végétal. Direction des Travaux, Ville de Lausanne. 2 tomes.

Amphoux, P., Tixier, N. (2017). Paroles données, paroles rendues. La marche collective comme écriture du projet urbain. Europe, revue littéraire mensuelle, n°1055, 196-215.

Banham, R. (1971). Los Angeles: The Architecture of Four Ecologies, Harper and Row, 1971.

Cœur, D., (2008). La plaine de Grenoble face aux inondations. Genèse d'une politique publique du XVIIe au XXe siècle. Quare.

Collectif. (2020, 2023). Caravanserail. 1,2. BazarUrbain.

James, W. (1998, 1st Ed. 1909). La signification de la vérité, Antipodes.

Petiteau, J.-Y., Renoux, B. (2018). L'expérience des itinéraires. Dockers à Nantes, ESAAA-ENSAN.

Toussaint, M. (2023). Habituation aux ambiances de la rénovation urbaine : partage de l'expérience quotidienne à la Villeneuve de Grenoble. Thèse de doctorat. Université Grenoble Alpes.

Tixier, N. (2016), Le transect urbain. Pour une écriture corrélée des ambiances et de l'environnement. In Sabine Barles, S., Blanc, N. (dir.). Écologies urbaines. Sur le terrain. Economica-Anthropos.

Tixier, N. (2024). Carnets de villes – Grenoble. Métropolitiques. *https://metropolitiques.eu/Carnets-de-villes-Grenoble.html*. DOI : *https://doi.org/10.56698/metropolitiques.2034*

Torres Astaburuaga, A., Chaudier, E., Tixier, N. (2016). Mémoire du futur, from old roots to new shoots. *Patrick Geddes in India* (1914-1924). Espaces & sociétés. 167, 99-119. *https://doi.org/10.3917/esp.167.0099*

R40

AMBIANCES IN BOSQUE DO IMPERADOR'S SQUARE: CORPOGRAPHIES OF USE AND OCCUPATION DYNAMICS N PETRÓPOLIS – RJ

AMBIÊNCIAS NA PRAÇA DO BOSQUE DO IMPERADOR: CORPOGRAFIAS DA DINÂMICA DE USO E OCUPAÇÃO EM PETRÓPOLIS - RJ

Henrique Zachoval
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
enrikyzach@gmail.com

Bárbara Thomaz
Dra. em Arquitetura, Prof. Adjunta do Departamento
de Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
bthomaz@esdi.uerj.br

Patrícia Drach
Dra. em Arquitetura, Prof. Adjunta do Departamento
de Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
pdrach@esdi.uerj.br

Glaucineide Coelho
Dra. em Arquitetura, Prof. Adjunta do Departamento
de Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
gcoelho@esdi.uerj.br

ABSTRACT

Ambience constitutes a means of perception in which the body, permeable to its surroundings and the elements, becomes a parameter to describe the relationship of involvement with the world. As it is part of the sensorial experience, it is understood that climatic aspects are participants in our relationship and experience with the environment, serving as an element of analysis in relation to the effects of urban densification and the reduction of green cover on the dynamics of air temperature and land use. This article explores the spatial use and occupation based on the overlap of cartography derived from corpography and climate analyzes carried out with data collected in the field and participant observation. Considering a more sensitive dimension in relation to the microclimate of the Bosque do Imperador's Square in Petrópolis, Rio de Janeiro, the results show that climatic elements in ambience influence the types of spatial practices.

KEYWORDS: Ambiences. Microclimates. Sensitive. Public Space

RESUMO

A ambiência constitui um meio de percepção em que o corpo, permeável ao seu entorno e aos elementos, torna-se um parâmetro para descrever a relação de envolvimento com o mundo. por ser parte da experiência sensorial, entende-se que os aspectos climáticos são partícipes da nossa relação e experiência com o meio, servido como elemento de análise em relação aos efeitos da densificação urbana e da redução da cobertura verde na dinâmica da temperatura do ar e uso do solo. Explora-se assim, os padrões de uso e ocupação espacial a partir da sobreposição de cartografias derivadas da corpografia e análises climáticas realizadas com dados colhidos em campo e observação participante. Ao se considerar a dimensão mais sensível em relação aos microclimas da Praça do Bosque em Petrópolis, no Rio de Janeiro, os resultados apontam que elementos climáticos presentes na ambiência tem forte influência nos tipos de práticas desenvolvidas no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Corpografia. Ambiências. Microclimas. Sensível. Espaço Público

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

Na experiência sensorial, os aspectos climáticos são partícipes da nossa relação e experiência com o meio, levando a sensibilidade a ser considerada nas reflexões e desafios relacionados às mudanças no meio ambiente, seja ele natural ou construído. Nos últimos tempos, tem se presenciado diversas catástrofes climáticas, que alteram não só o espaço urbano, mas também a relação das pessoas com o meio. Na perspectiva do sensível, Thibaud (2015) enfatiza que, entre os componentes que compõem a ecologia das ambiências, está a emergência de uma sensibilidade ecológica, que tem como cerne as questões do Antropoceno e das mudanças climáticas. Nesse sentido, entende-se que a ambiência constitui um meio de percepção em que o corpo, permeável ao seu entorno e aos elementos, torna-se um parâmetro para descrever a relação de envolvimento com o mundo (Lévêque; Berthelot, 2020).

O estudo da ambiência envolve diversas camadas, podendo envolver desde a perspectiva meteorológico e físico, enquanto atmosfera, no aspecto afetivo (Böhme, 2018), e de um aspecto estético (tonalidade afetiva). Em se tratando deste trabalho, parte-se do princípio que, embora haja uma separação nos sentidos relacionados à ambiência e/ou atmosfera, no contexto do antropoceno, afirma Albertsen (2020), parece não haver um diferencial. Assim, considera-se o ponto de vista da ambiência, não só pela não distinção, mas por tratar as questões do antropoceno a partir das abordagens sensíveis no contexto das situações cotidianas, incorporando-a às experiências e práticas cotidianas.

A partir da memória social e afetiva presente na Praça Bosque do Imperador, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, o estudo explora os efeitos da densificação urbana e da redução da cobertura verde na dinâmica da temperatura do ar na ocupação do lugar. O que se busca é ir além de questões métricas e de quantificação de dados em relação ao climático, considerando-se uma dimensão mais sensível, na qual a cidade participa da experiência e da modulação do clima.

A diversidade de paisagens e microclimas permite identificar padrões e tendências de experiência com o espaço - dinâmicas de uso e ocupação - relacionadas à temperatura e uso do espaço. Explora-se assim, os padrões de uso e experimentação espacial a partir da sobreposição de cartografias derivadas da corpografia e análises climáticas realizadas com dados colhidos em campo e observação participante. Espera-se que resultados possam contribuir para um novo olhar, com ações para o planejamento urbano e a gestão ambiental. O que se almeja é que ao se considerar a sensibilidade como uma importante questão, possa se promover o desenvolvimento sustentável e a adaptação climática em comunidades urbanas, onde ao se considerar a vivência do ponto de vista sensível, traga-se a valoração dos aspectos qualitativos no contexto da discussão climática.

2. AMBIÊNCIAS NO CONTEXTO DO ANTROPOCENO

Sendo a sensibilidade inerente ao ser humano, entende-se que a ambiência é um conceito importante para a vida urbana. A maneira de se vivenciar a cidade é fortemente influenciada por onde se está e como se sente estando no lugar (Thibaud, 2022). Em relação a Petrópolis, por exemplo, tem se presenciado a crescente insegurança em relação aos eventos relacionados aos últimos desastres climáticos experienciados em 2022. A primeira indicação de mudança de clima, observa-se um esvaziamento da cidade, com seus habitantes em um estado de alerta e angústia em torno da cidade e como lidar com possíveis desastres e perdas. Este é um exemplo de que, uma vez que existe uma ambiência em se está presente sensivelmente, uma mudança no meio urbano significa também uma mudança na ambiência, e, portanto, nas experiências e na vida, para melhor ou para pior (Albertsen, 2020).

A ideia geral em relação ao antropoceno, é que se está numa época geológica em que a ação humana tem trazido impactos para o planeta. Nesta ambiência da cidade da época antropocênica, é observado uma frequência de intensas mudanças climáticas que afetam o ecossistema terrestre como um todo. É um processo que tem influenciado cada vez mais a vivência nas cidades, sendo "cada vez menos provável que as atmosferas afetivas e meteorológicas possam ser separadas como formas mutuamente indiferentes de experiência e conhecimento." (Albertsen, 2020, p. 307)

Ao falar em clima, Bohme (2018) faz uma diferenciação entre clima meteorológico e clima afetivo. Para o autor, o primeiro tem relação com dados objetivos (medição da temperatura, ventilação, umidade,) o que de fato não resulta no clima. No caso o clima seria uma totalidade que só se acessa através da experiência, sendo algo a mais do que elementos meteorológicos. No entanto, o clima afetivo é claramente influenciado pelo meteorológico, uma vez que as condições meteorológicas podem gerar um tom afetivo, compondo uma ambiência urbana. Assim, mesmo havendo uma separação entre a abordagem afetiva do clima meteorológico (Böhme, 2018; Albertsen, 2020).

De volta ao contexto climático de Petrópolis, a cidade que fica localizada na região serrana do Rio de Janeiro, é conhecida por suas temperaturas amenas, mesmo em épocas mais quentes, evocando uma ambiência climática-afetiva de cidade pequena. Entretanto, após as catástrofes climáticas de 2022, a afetação parecia, no nível dos sentimentos, sobressaltada com as fortes ondas e calor e as destrutivas chuvas de verão. Percebe-se que os elementos meteorológicos perturbavam diretamente o tom afetivo, reforçando o fato que existe uma convergência entre os aspectos afetivos e climáticos na construção da ambiência.

Diante dos acontecimentos relacionados às intensas mudanças climáticas, aponta-se para uma dificuldade de se lidar com a condição antropocêntrica. Observa-se que do ponto de vista das ambiências, o atmosférico pode ter muito a dizer, e que neste contexto, precisa-se ir além da percepção instrumental e cognitiva. Faz-se

necessário analisar atitudes e comportamentos de maneira a buscar respostas em relação às condições do antropoceno. É preciso trazer a questão sensível para o campo dos estudos relacionados ao conforto ambiental, uma vez que é através do corpo que se está imerso na ambiência. É na associação entre o contexto afetivo e meteorológico, que se tem como enfoque a Praça Bosque do Imperador, em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

2.1 A Praça Bosque do Imperador

Em 1843 D. Pedro II constrói, em um assentamento de sua propriedade na Fazenda do Córrego Seco, um palácio de verão, que durante certo tempo foi a residência de veraneio da família real. Com a queda da monarquia, o terreno do palácio de verão foi desmembrado, resultando em vários espaços públicos e privados. Esses desmembramentos, realizados no início do século XX, resultaram no Museu Imperial - edificação que até então era o palácio de verão - e vários anexos, dentre os quais está a Praça Bosque do Imperador (Ambrozio, 2013).

O Bosque do Imperador foi criado pelo paisagista Jean Baptiste Binot como um espaço privado destinado ao uso de Dom Pedro II em seus momentos de leitura e lazer. Apresentava, desde sua concepção, um arranjo arbóreo de grande porte, trazendo uma ambiência que remetia a um bosque europeu. Até então, a Praça era um anexo do Palácio, sendo separada por ruas no início do século XX e tornando-se, assim, um espaço independente do terreno original (Drach et al, 2020).

Em 1996 o perfeito Castrioto começa a remodelação da praça, iniciando o corte das árvores. Embora seja apontado em documentos históricos que as árvores retiradas "eram espécies não raras" e que por isso "sua remoção não seria um problema. Em 1970, a praça foi inaugurada com a sua atual configuração, sendo atualmente conhecida popularmente como "Praça do CENIP", devido à proximidade com o Colégio Estadual Pedro II. Em documentos cadastrais oficiais, a praça é nomeada como Professor Pinto Ferreira, mas a população ainda a intitula formalmente como Praça Bosque do Imperador (Ambrozio, 2013).

Figura 1: Localização Praça Bosque do Imperador
Fonte: Adaptado Google Earth, 2024

Hoje a Praça do Bosque do Imperador é um local com usos diversificados e está localizada entre um dos conjuntos arquitetônicos mais importantes da cidade: Museu Imperial, Correios, Colégio Pedro II e Palácio Grão Pará (figura 01). O traçado original proposto por Binot ainda permanece e embora sejam elementos que tangenciam a ideia de Bosque, a ambiência é totalmente diferente: a presença arbórea parece não incentivar a permanência no local. Isto é reforçado com a existência de uma parada de ônibus, criando um espaço de breve permanência. De fato, há espaços que incentivam uma maior permanência como o parque infantil e uma faixa mais arborizada. Entretanto, tais elementos parecem não ter a força de incentivar uma maior permanência no local.

A partir da observação constante da Praça do Bosque do Imperador, que visualmente remete à sua ideia de bosque, mas que a partir de suas práticas e usos demonstram uma dinâmica diferente de sua impressão estética. Um dos pontos mais observados e relatados pelos frequentadores é que o "clima" do local não favorece uma longa permanência. Foi a partir da percepção associados à dinâmica de uso e ocupação, que este trabalho se baseia na corpografia como método para explorar as ambiências da Praça Bosque do Imperador.

3. CORPOGRAFIAS NA PRAÇA BOSQUE DO IMPERADOR

A corpografia tem como base a experiência urbana inscrita no corpo que experimenta o espaço, podendo, assim, ser entendida como uma cartografia a partir do corpo (Nascimento, 2016). Enquanto método, ela tem como proposta descrever graficamente o que é captado pelos sentidos, permitindo a sua combinação com procedimentos e categorias relacionadas às abordagens pautadas na percepção espacial. Através de imagens, notações gráficas, textos, a corpografia busca descrever as relações estabelecidas entre as pessoas e o meio. Lida-se, portanto, com a representação gráfica do movimento do corpo no espaço como método de estudo em escalas variadas.

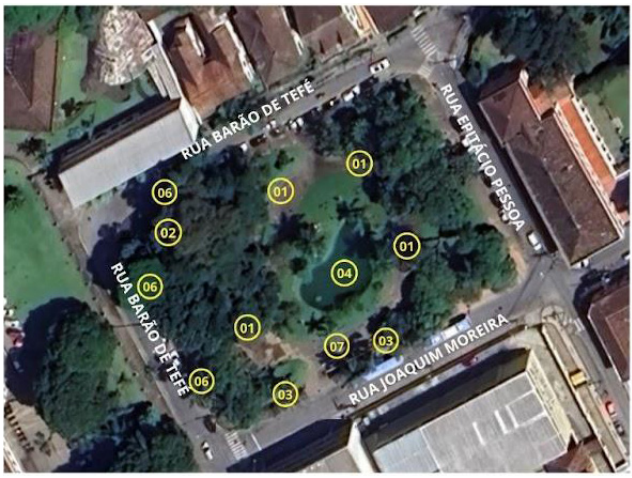
A possibilidade de explorar a maneira que o corpo se relaciona com os espaços através dos diferentes sentidos, permite que por meio da corpografia também se possa compreender como os espaços podem afetar os sentidos. Em se tratando do trabalho aqui desenvolvido, utilizou-se a caminhada como meio de conhecimento e apreensão do espaço, em conjunto com a observação participante e a etnografia (Ingold, 2015). Assim, o modo descritivo aqui trazido reúne as percepções do observador, que neste estudo também é pesquisador, e que ao estar imerso na ambiência investiga as práticas e apropriações espaciais. Os deslocamentos no espaço, assim como as pausas para coleta de registros, são compostos de textos e imagens e complementados por mapas e plantas.

A partir da observação participante e nos registros realizados pelo observador (pesquisador) que se desloca a pé, analisa-se a Praça Bosque do Imperador a partir de corpografias. O interesse por observar o espaço surge a partir de suas dinâmicas, as quais chamam a atenção pelos padrões de ocupação. O que se apresenta a seguir, são os resultados pautados em três meses de estudo de campo, ainda na etapa de estudo piloto.

3.1 Uma análise das práticas e ocupações espaciais

As idas a campo tiveram como objetivo observar o espaço do Bosque do Imperador em momentos da tarde nos quais haveria considerável movimento: saídas de escola, tanto no início quanto no fim da tarde. Adicionalmente, é importante ressaltar que os estudos de campo aqui trazidos exploram as variações e as diferenças entre as dinâmicas de uso do espaço durante a semana, nos mesmos horários (horários de pico do final da manhã): de 12:30h até 13:30h

As primeiras observações serviram de reconhecimento do local, auxiliando em uma breve descrição dos elementos e práticas espaciais. Constata-se que (1) há bancos semicirculares localizados em cada um dos quatro canteiros, voltados para o interior da praça.; (2) há um parque infantil na parte oeste da praça (3) o ponto de ônibus na Rua Doutor Joaquim Moreira faz uma integração entre a praça e as vias, além de conferir a ela uma função extra enquanto ponto de embarque e desembarque de pessoas (figura 02). Nota-se também que há uma clara distinção clara entre dois grupos de frequentadores: transeuntes e frequentadores. Os transeuntes são aqueles que passam pela praça de passagem. Já entre os que permanecem, observa-se que tem aqueles que se engajam em um grupo, criando aglomerações, como por exemplo as pessoas esperando o ônibus e as crianças.



01.Bancos semicirculares
02. Parque infantil
03. Parada de ônibus
04. Fonte
06. Bancos
07.Banco longo (palmeiras)

Figura 2: Elementos espaciais na praça Bosque do Imperador
Fonte: Adaptado Google Earth, 2024

Observa-se também a existência de pessoas que permanecem no lugar, mas que se separam do grupo: por exemplo, as pessoas sentadas nos bancos nas bordas da praça geralmente estão sozinhas ou em no máximo em duas pessoas e ficam totalmente separadas da aglomeração. Ainda em relação aos frequentadores, nota-se a existência de diferentes grupos sociais, com destaque para famílias com crianças (geralmente mães e filhos), adolescentes de uniforme escolar (que saíram da escola) e casais de jovens adultos. Também é perceptível a existência de ambulantes circulando pela praça (figura 03).

Figura 3: Mapeamento dos espaços de passagem e permanência no Bosque do Imperador
Fonte: Adaptado Google Earth, 2024

Um dos pontos observados que se considera interessante diz respeito ao local onde se localizam as paradas de ônibus (figura 4). Embora a parada tenha assentos cobertos, as pessoas preferem não os utilizar. Mesmo havendo atrás da parada duas fileiras de bancos de pedras com apenas palmeiras atuando como cobertura, os que aguardam a chegada do transporte preferem ficar de pé. Esta prática chama atenção principalmente nos horários de grande fluxo de pessoas, que foi o momento escolhido para a análise: Indivíduos saindo da escola ou do trabalho e aguardando os ônibus. Após algumas observações constatou-se que as pessoas preferem ficar fora da cobertura da parada devido ao seu tamanho, que é mínimo diante do fluxo de pessoas. Enquanto estão na espera do ônibus, na fila, as pessoas conversam e interagem aparentemente de maneira mais livre do que as poucas que estão sentadas no banco.

Figura 4: Observações na parada de ônibus no Bosque do Imperador
Fonte: Autores, 2024

Dentre os principais grupos recorrentes, estão os adolescentes que estudam em escolas próximas. No horário de saída, os estudantes tomam partes da praça para si, em especial o parque infantil e dois dos bancos semicirculares. O parque infantil é um espaço originalmente destinado ao uso das crianças. Nos dias visitados, até os estudantes saírem do horário de aula, ou durante o horário da manhã, pode-se observar famílias ocupando a área, em especial mães com crianças. A ambiência é marcada pelo dinamismo, devido a movimentação das crianças. Com a chegada dos estudantes, há uma concentração de adolescentes no parque infantil. Reunindo-se em grupos, seus números superam o de famílias com crianças. Em pouco tempo, a ocupação do local altera-se por completo, assim como sua ambiência, que se torna mais dinamizada a partir das conversas em voz alta do que pelo movimento corporal. Os estudantes não só ocupam o espaço do parque infantil, como também fazem uso do mobiliário, utilizando alguns brinquedos do parque, como os balanços. Neste sentido, pode-se dizer que o parque infantil é um espaço com uma ambiência dinâmica e jovial, com um espaço que ora remete à memória e afetividade da infância e da vida em família, ora é um centro social para estudantes, que se territorializam na área de maneira que pode, talvez, ser interpretada como afrontamento a normas implícitas pela configuração original do ambiente (figura 5).

Também é possível observar que existe um certo valor afetivo em relação ao local, sobretudo em relação às famílias com crianças e ambulantes que frequentam a praça. Há uma preocupação, por parte desses grupos, com a manutenção do local e com a tentativa de sempre interagir entre si. Os ambulantes tentam também estabelecer vínculos com os transeuntes de maneira a estimular a permanência no local.

Figura 5: Observações da lateral da Praça Bosque do Imperador
Fonte: Autores, 2024

Embora haja vários espaços com gramado, os que estão ao redor da fonte central são utilizados como espaços de permanência. Geralmente, há presença de grupos menores, como casais adolescentes, ou de indivíduos sozinhos. Nesse último caso, há muitas pessoas que deitam na grama, próximas a árvores ou marcos, como postes, e ficam lendo. Os caminhos não atuam só como passagem. Crianças e adolescentes frequentemente fazem uso deles para atividades recreativas, como jogar bola e andar de bicicleta. Grupos menores também costumam se estabelecer nos bancos semicirculares, onde conversam e passam tempo em conjunto.

As análises apresentadas a partir da corpografia permitiram estudar as dinâmicas de uso e ocupação da praça. Por ser o registro do espaço através do corpo, a corpografia foi essencial na compreensão do espaço de maneira mais sensível. A partir do corpo, que é o principal meio de apreensão do meio, o qual se dá a partir de todos os sentidos, explora-se as ambiências da Praça, considerando a confluência entre o afetivo e o meteorológico.

4. AMBIÊNCIAS NA PRAÇA BOSQUE DO IMPERADOR.

O interesse no estudo das ambiências na Praça Bosque do Imperador surge a partir da frequência contínua ao local, por parte do pesquisador, e da hipótese que as práticas e as ocupações ali observadas deveriam explorar a afetação em um sentido mais amplo: não só o emocional, mas também o climático. O que se tem notado é que a preocupação com as questões climáticas tem sido constante na cidade, sobretudo em relação aos últimos desastres em Petrópolis, que ocasionaram mudanças na rotina de muitos moradores. Principalmente Petrópolis, que é uma cidade de clima considerado ameno ao longo do ano, e a praça um local bastante arborizado e com uma carga simbólica histórica que o remete a um bosque, questiona-se o quanto o clima (no sentido meteorológico) tem influência na experiência do lugar e participação nas dinâmicas das ambiências.

Nos primeiros contatos com a Praça do Bosque para o estudo de campo, teve-se a forte impressão de que as práticas e a ocupação no espaço apresentavam uma dinâmica que tinha a influência das questões ambientais. Um ponto observado foi em relação à fila indiana de espera do ônibus, onde as pessoas aparentemente preferiam ficar em pé expostas ao sol, mesmo podendo se sentar em um banco pouco sombreado. A ausência de cobertura sob os bancos os torna passíveis de aquecimento pelo contato constante e direto com o Sol, criando um bolsão de calor próximo a eles. Como resposta à temperatura elevada, os indivíduos optam por permanecer em pé no caso de os assentos do ponto estarem ocupados. Assim, as pessoas aglomeram-se no espaço entre o ponto de ônibus central e o mais setentrional, criando um formato de fila indiana, devido à entrada no ônibus. Além disso, a opção de não utilizar os bancos com as palmeiras que, além de não atuarem como um sombreamento efetivo, parece acontecer devido à dificuldade de interação de grupo de pessoas. Enquanto estão na espera do ônibus, na fila, a conversa e a interação é facilitada, uma vez que se pode ocupar o espaço de maneira mais livre.

Outro ponto observado é a relação da temperatura com as áreas de permanência. Mesmo a praça com árvores de grande porte, com gramados sombreados, nem todos são apropriados. Os mais utilizados são os próximos às áreas mais centrais da praça, coincidindo com as áreas de temperatura mais amena. São nestas áreas também onde se presencia pessoas interagindo com maior frequência (figura 06)

Figura 5: Sobreposição de mapeamentos: corpografias e medições
Fonte: Autores, 2024

Desta forma, considera-se que a confluência entre os diferentes pontos de vista de análise da ambiência - sentido afetivo e sentido climático - podem trazer contribuições na compreensão do espaço apropriado pelo corpo. Em linhas gerais, o que se constata através dos resultados é que os elementos climáticos presentes na ambiência como iluminação direta natural e conforto ambiental influenciam as práticas de permanência, principalmente em relação à contemplação espacial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a ação humana tem trazido impactos significativos para a vida no planeta nas mais variadas esferas, diversas são as reflexões e questões que têm se desdobrado em relação à vida na cidade. A materialidade urbana tem trazido seus impactos, os quais tem se refletido não apenas no espaço físico, mas nas suas práticas e ocupações. A cidade da época antropocênica, tão suscetível aos efeitos climáticos, parece de fato apresentar uma ambiência onde o afetivo e meteorológico se coaduna. Diante do exposto, entende-se que é preciso trazer a questão sensível para o campo dos estudos relacionados ao conforto ambiental, uma vez que o corpo é afetado por todos os processos relacionados ao meio. Sob esta perspectiva, considera-se que a sensibilidade pode ser um elemento potencializador da mudança da relação dos humanos com o mundo.

6. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Ambrozio, J. (2013) Petrópolis: o Presente e o Passado no Espaço Urbano: uma História Territorial. Escrita Fina.

Albertsen, N (2020) Metápolis Antropogênica: atmosfera, antropoceno, modernidade. Em Duarte, C. &Pinheiro, E. (Ed.), arquiteturas e subjetividades: cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo. (302-337). Riobooks

Böhme, G (2018). The Aesthetics of Atmospheres. Edited by Jean-Paul Thibaud. London: Routledge.

Drach, P.; Silva, G.P;Barcellos, F. A.; .Martins, T. S.., .Araújo, J. M.; Freitas, L. (2020). Evolução urbana do centro histórico de Petrópolis: processo de arqueologia da paisagem 1860-2020. Revista De Morfologia Urbana. https://doi.org/10.47235/rmu.v8i2.150

Ingold, T. (2015) Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes. 122-146.

Lévêque, F., Berthelot. K. Investigating the "Climate Subjectivation" in Urban Furnaces Sensitive Experiences of Climate Change in French Cities and Reconsidered Ecological Commitment. Proceedings of the 4th International Congress on Ambiances .214-219, ff10.48537/hal-03220353ff. ffhal-03220353ff

Nascimento, S. (2016) A cidade no corpo. Ponto Urbe [Online], n.19 http://journals.openedition.org/pontourbe/3316 ;DOI : 10.4000/pontourbe.3316

Thibaud, J.P. (2015) En quête d'ambiances: éprouver la ville en passant. MétisPresses.

Thibaud.J.P. (2022) Ambiance. Psychologie environnementale: 100 notions clés, 2022. ffhal-03500397ff

R41

EXPERIMENTATIONS, DRIFTS AND DEAMBULATORY POETICS

CHAIRS Rodrigo Kamimura
Fernanda Freitas

The poetic apprehension of walking experiences brings the walker a recognition of himself, of the Other and the world. Artistic experimentations from the 19th century brought the value of walking to an aesthetic level and both surrealism and dadaism were influenced by the flânerie of Charles Baulelaire, who in turn had in Walter Benjamin one of the greatest translators of his drive for wandering through/in the city. The situationists, in the 20th century, brought this game of meanings into the practice of drift, demonstrating that an entire city could be ressignified by an everyday, non-spectacular and technically urban action. In this process of (re)knowing the world, the body becomes a moving machine, charged with its constitutive, sensitive and, therefore, subjective historicity, which traces a trajectory over the duration of a time-space. Based on these, We bring works that explore the affective dimension of urban space through the aesthetic recognition of walking or the experience of passages; artistic essays or propositions, stimulated by movement, in the urban environment; cartographic studies; mental mappings; situated analysis of paths and any approach that brings out the subjectivities of local experience in urban context..

R41

AMBIANCES ON STAGE: A STUDY OF THE SENSITIVE SCENOGRAPHIC EXPERIENCE FROM THE MIMESIS OF LAPA IN THE SETTING OF ÓPERA DO MALANDRO

AMBIÊNCIAS EM CENA: UM ESTUDO DA EXPERIÊNCIA CENOGRÁFICA SENSÍVEL A PARTIR DA MIMESE DA LAPA NO CENÁRIO DA ÓPERA DO MALANDRO

Giovanna Casado
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
giovannacasado@gmail.com

Bárbara Thomaz
Dra. em Arquitetura, Prof. Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
bthomaz@esdi.uerj.br

ABSTRACT

The city is a large stage where different actors experience and act out their stories, and the ambiance is presented as an element structured by the urban mise-en-scène, a component that supervenes on the physical space, also including the lived experience. Through artistic representations, such as images of the city, it is possible to connect emotionally, although differently to bodily experience, and thus create ambiances that affect perception and attachment to the urban environment. This work seeks to analyze the ambiance in the show "Ópera do Malandro" by Chico Buarque, highlighting how the mise-en-scène and dramaturgy recreate the ambiance of the Lapa neighborhood in the 40s. The research explores how sensitive elements of scenography organize affects on stage, providing an embodied aesthetic experience of Place that goes beyond immediate meanings.

KEYWORDS: Mise-en-scène. Ambiance. City. Staging. Aesthetic Experience.

RESUMO

A cidade é um grande palco onde diferentes atores vivenciam e encenam suas histórias, e a ambiência se apresenta como elemento estruturado pela mise-en-scène urbana, componente esse que sobrevém o espaço físico, incluindo também a experiência vivida. Através de representações artísticas, como as imagens da cidade, é possível se conectar emocionalmente, ainda que de modo diferente da experiência corpórea, e assim criar ambiências que afetam a percepção e o apego ao meio urbano. Este trabalho busca analisar a ambiência no espetáculo "Ópera do Malandro" de Chico Buarque, destacando como a mise-en-scène e a dramaturgia recriam a ambiência do bairro da Lapa na década de 40. A pesquisa explora como os elementos sensíveis da cenografia organizam afetos no palco, proporcionando uma experiência estética corporificada do Lugar que vai além dos significados imediatos.

PALAVRAS-CHAVE: Mise-en-scène. Ambiência. Cidade. Cenografia. Experiência Estética.

1. A AMBIÊNCIA NOS PALCOS DA CIDADE

A encenação não coreografada do cotidiano da cidade diz respeito às vivências e experiências dos sujeitos frente ao ambiente físico no qual se encontram, conformando assim a ambiência do espaço urbano. Dessa maneira, farei conexão direta com o termo ambiência pela aproximação com o contexto costumeiro, "onde as atmosferas se sucedem, sem, geralmente, as pessoas perceberem como atmosferas sensíveis ou estéticas" (Bégout,2020).

A ambiência da cidade é construída a partir da mise-en-scène urbana, contemplando aspectos materiais, visuais e subjetivos. A interação entre esses elementos fundamenta a experiência multissensorial das ruas da cidade e caracteriza a ambiência como um fenômeno intermediário entre o sujeito e o objeto, que conjugados ou independentes,

dão origem à imagem urbana (Böhme,2013). A representação visual da cidade surge a partir da percepção e do reconhecimento do espaço, de forma subjetiva e de acordo com a configuração urbana existente. A interpretação do espaço urbano, seja ela individual ou coletiva, deriva da correlação dos meios expressivos - que vão desde formas geométricas a mais abstrata variação – com os sentidos e emoções, e se relaciona diretamente com as convenções sociais, temporais, culturais, históricas e ideológicas do local a ser estudado (Tsakiri,2017).

Ao lançar luz sobre os participantes e receptores de informações transmitidas pelas ambiências em diferentes espaços e circunstâncias, deve-se enfatizar os diferentes papéis do pedestre na rua, que são os atores da cidade, e da plateia no teatro, que são os espectadores das peças. Para Pallasmaa (2013), a imagem arquitetônica é um convite para o movimento do corpo, corpo esse que se comporta como o meio principal para sentir o mundo. Os atores na cidade estão inseridos em experiências corpóreas, nas quais inserem seus corpos na atividade, enquanto os espectadores de peças estão imersos em experiências corporificadas, nas quais a ação observada se conecta com o subconsciente dinâmico de um corpo estático. Podemos observar então os pedestres como elementos estruturantes da cenografia urbana, e a plateia como não participante da cenografia planejada de palco, apesar de fundamental para a atmosfera referente ao lugar teatro.

Diante do exposto, este trabalho busca observar como a experiência estética corpórea da cidade, mais especificamente do bairro da Lapa, Rio de Janeiro, é mimetizada nos palcos do teatro por meio da cenografia do espetáculo e da experiência corporificada, através da análise de conteúdo gráfica da narrativa do espetáculo Ópera do Malandro.

2. REPRODUÇÃO ESTÉTICA DA AMBIÊNCIA URBANA NOS TEATROS

Por mais que nos teatros tradicionais[1] a experiência não permita contato ou inserção do corpo do espectador diretamente na atividade apresentada, a vivência vicária (Relph,1976) demonstra que é possível estabelecer uma conexão emocional com um Lugar e seus elementos sensíveis através da representação de cenários arquetipados e planejados. Para que um trabalho estético reproduza a ambiência que a mise-en-scène urbana carrega consigo, é necessário que a experiência corporificada do espectador-observador (Dewey,2010) crie ou associe memórias do espaço por meio da experiência sensível relacionada à imagens e/ou lembranças.

Os primeiros estudos fenomenológicos de Relph (1976) identificaram dois modos distintos de vivenciar o espaço, sendo eles o espaço percebido pelo corpo e o espaço

1 A arte performática teatral permite tanto a execução do teatro convencional, no qual o espectador se torna somente observador da obra, diante de uma experiência corporificada, quanto o teatro interativo, no qual o espectador se torna parte do espetáculo e participa da criação da ambiência, frente a uma experiência corpórea.

percebido pela mente, caracterizados como parcelas da experiência humana. Além disso, considera que em ambas experiências espaciais há variedades de intensidade, que vão determinar o quanto e o que daquela experiência será absorvido. Na cenografia, tanto os conceitos de Espaço (físico) quanto de Lugar (psicológico) devem surgir, levando em consideração que as premissas para definição de Lugar normalmente partirão de uma concepção social comum. Para que as particularidades do espaço sejam traduzidas em representações artísticas, faz-se necessário considerar componentes como os significados individuais e coletivos atribuídos ao espaço pelas pessoas através das experiências, as atividades e situações e a construção física do espaço. Esses três aspectos devem ser mimetizados através da cenografia no palco uma vez que se relacionam à referenciais identitários do espaço.

3. ANALISANDO A REPRESENTAÇÃO DO BAIRRO DA LAPA NO PALCO EM "ÓPERA DO MALANDRO" (2003)

A primeira montagem de "Ópera do Malandro", escrita e composta por Chico Buarque de Hollanda, foi dirigida por Luiz Antônio Martinez Corrêa e lançada em 1978, em meio à ditadura militar. Nesse artigo abordaremos a montagem de 2003, produzida e dirigida pela dupla Moeller & Botelho, com estreia no Teatro Gomes Carlos, no Rio de Janeiro.

Figura 1. Elenco da Ópera do Malandro, montagem de 2003.
Fonte: https://moellerbotelho.com.br

A obra "Ópera do Malandro" é uma comédia musical que se passa na década de 40 no boêmio bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, e conta a estória ficcional de malandros, contrabandistas, cafetões, cafetinas e prostitutas de Copacabana envolvidos em esquemas com policiais corruptos e imersos nas populares contravenções cariocas. A peça tem como principais propósitos criticar, de forma velada, a censura e corrupção do cenário ditatorial de 78, a americanização da cultura brasileira e as relações efêmeras de objetificação à mulher. A representação do malandro dos anos 40, então, pode ser observada como analogia crítica ao "novo malandro" que se instalou durante a ditadura varguista, por meio da política corrupta e golpes articulados em escalas industriais (Velasques,1994).

> "um pastiche dos musicais americanos, dos quais apropria com ironia todos os clichês. [...] Mas ela é também sátira dos rumos do progresso e da americanização televisiva do país, da moral e dos costumes pequeno-burgueses e das próprias aspirações populares de seu autor." (Silva, 2004, p. 85-86, apud, Moscardo,2012)

O musical foi inspirado na peça de Bertolt Brecht e Kurt Weill, Ópera dos três Vinténs (1928), que por sua vez, faz referência à obra do inglês John Gay, Ópera dos mendigos (1728), ambas obras que retratam a corrupção e os símbolos das camadas populares de seus respectivos ambientes históricos. Buarque tira partido dos personagens de Gay e da dramaturgia de Brecht e Weill para adaptar o espetáculo ao contexto autoritário brasileiro do Estado Novo (Moscardo,2012). Com base nesse cenário espacial e temporal, analisa-se algumas das principais dinâmicas sócio espaciais que estruturam a identidade material e imaterial do bairro da Lapa durante a década de 40, explorando a seguir os significados individuais e coletivos atribuídos ao espaço, as atividades e serviços, a materialidade do espaço e posteriormente, suas reproduções no palco na peça estudada.

3.1 Sobre a mies-en-scène da Lapa

Em relação à reconfiguração e manutenção dos significados individuais e coletivos na década de 30, observa-se a consolidação da boêmia- literária do bairro, "tornando-a um local alegre, agitado, cheio de música e iluminado pelas tabuletas indicando as casas noturnas" (Velasques,1994). Essa identidade musical e criativa "passa a ser marca também de um certo "espírito" atribuído pelo imaginário coletivo ao carioca" (Ibid.).

Diante deste contexto, o malandro chega como morador da Lapa, tornando-se também um representante atual da cultura imaterial do bairro. Personagem situado à margem da sociedade e perseguido pelo regime estado novista, o malandro representa atividades que fogem das regras de conduta da sociedade. Um dos grandes representantes da malandragem da Lapa que "ultrapassou as fronteiras dos textos literários e sambas" (Ibid.) é Madame Satã, homem negro, transformista, criminoso e homossexual, situado em todos os arquétipos de um cidadão oprimido durante o período. Satã então impunha medo às autoridades policiais, respeito e camaradagem

aos outros malandros, e atendia os estereótipos de vestimentas estrangeiras e elegantes do malandro, despertando resistência às figuras marginalizadas ao "produzir poéticas corporais, corporeidades, que se transformam e se transformarão, a cada dia, em armas de resistência contra o racismo. [...]" (Santos,2020)

O malandro é representado também dentro de religiões de matriz africana - entre elas as vertentes da Umbanda e da Jurema Sagrada - como uma entidade negra, periférica e boêmia que se manifesta em diversos territórios. Uma das falanges que se manifesta na Lapa carioca é o malandro Zé Pelintra, caracterizado pela simbologia de seu traje, composto pelo terno e calça de linho branco, chapéu panamá, gravata vermelha e um sapato bicolor. Segundo Santos (2020) a própria vestimenta e estilo configuram "uma ideia de resistência e a produção de um código comportamental", visto seu papel dentro de um universo simbólico associado a culturas contra hegemônicas.

O samba representava não só a música que ecoava pelas ruas da Lapa, mas também a identidade sociocultural das classes populares cariocas, visto que muitos dos sambistas dos anos 30 e 40 representavam a população pobre e preta brasileira e retratavam seu cotidiano (Ibid.), tornando o samba responsável pela propagação da memória da Lapa e do próprio malandro.

Figura 2. Moreira da Silva, malandro do samba de 1930 com as vestimentas típicas da malandragem em frente aos Arcos da Lapa.
Fonte: https://www1.folha.uol.com.br

Durante os anos 40, a Segunda Guerra ocasionou em um grande êxodo de norte-americanos para a Lapa, descaracterizando a verdadeira identidade local da população carioca. Esse movimento resultou na repressão policial à prostituição do lugar e na transferência de polo cultural e badalado para Copacabana, representada

pelo nova boêmia da elite, o "*american way of life*", importado dos Estados Unidos. Nesse contexto, Luís Martins ressalta que é marcada "a passagem da Lapa boêmia para a Lapa da memória" (Velasques,1994), ambas evocadas de maneira entrelaçada na Ópera do malandro.

As atividades comerciais exercidas na Lapa durante a década de 40 se voltavam principalmente para o lazer e comércio, e se dividiam em aceitos e rejeitados socialmente. Portanto, os típicos sobrados coloniais abrigavam, segundo as normas sociais, os cafés, bares e cabarés do bairro, frequentados em sua maioria pelos chamados "intelectuais", entre eles jornalistas e universitários. Conforme a rejeição social se encontravam os bordéis, pensões ou casas de meretrício e casas de apostas, comportando diversos tipos de contravenção e chamando a atenção do público marginalizado, entre eles malandros, vadios e prostitutas (Velasques,1994). As atividades comerciais do período retratado constituem também a identidade imaterial do espaço, ao evidenciar que haviam distinções sócio raciais dos públicos a frequentarem e trabalharem nelas, e principalmente por conduzir o emblema boêmio da Lapa.

Acerca da reconfiguração do espaço físico, a Lapa passou por muitos projetos de reconfiguração urbana invasivos ao ponto de transformá-la em cenários arquetipados ou idealizados, principalmente durante a reconstrução da zona central conforme os moldes europeus. A identidade material pode ser observada pela paisagem urbana do bairro, que tem como principal marco identitário o Aqueduto da Carioca, edificado em 1723 e importante referência para o espaço e para a atribuição de significado coletivo e/ou individual. As reformas urbanas que atingiram a espacialidade da Lapa compuseram de forma crucial a identidade de segregação sócio espacial, em que "há uma intenção explícita de afastar da zona central da cidade a população mais pobre, num movimento que visava a estratificação social do espaço urbano." (Velasques, 1994)

Figura 3. Arcos da Lapa na década de 60, período em que a memória boêmia é revalorizada após a sua decadência.
Fonte: https://acervo.oglobo.globo.com

Os componentes citados acima fazem parte da representação identitária da Lapa, constituindo assim a ambiência da mise-en-scène urbana e objeto fundamental para a análise sensível da cenografia da Ópera do Malandro a seguir.

3.2 Sobre a mise-en-scène da obra: uma análise do ponto de vista sensível

Com base nos estudos da mise-en-scène da cidade e do espetáculo, analisa-se a partir deste ponto a cenografia sensível, correspondente aos conteúdos visual, material e subjetivo, do ponto de vista da construção da ambiência da Lapa. Aplica-se uma análise de conteúdo gráfica, pautada no estudo dos aspectos qualitativos e quantitativos dos conteúdos previamente mencionados, fazendo referência à forma e à mensagem do espetáculo e tendo como base a estrutura da narrativa em três ato de Syd Field (2001), a qual reparte o enredo nos seguintes pontos específicos:

- Apresentação à temática;
- Primeiro ponto de virada do conflito, altura em que se inicia o conflito;
- Confrontação, referente ao desenvolvimento do conflito;
- Segundo ponto de virada do conflito, altura em que a história se encaminha para a resolução;
- A resolução, enfrentamento do protagonista frente ao que foi impulsionado pelo conflito inicial;

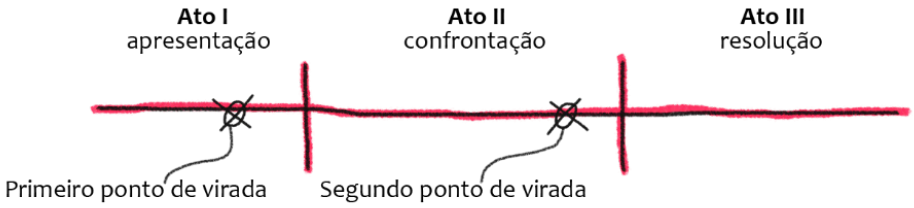


Figura 4. Modelo da estrutura narrativa em 3 atos por Syd Field.
Fonte: Adaptado de Field(2001) pela Autora, 2024.

O espetáculo apresentado em 2003 foi considerado grandioso na época de estreia, contando com "20 atores em cena, 12 músicos tocando ao vivo, três palcos giratórios montados num cenário de três andares, e 75 figurinos. A cenografia era dominada pelos Arcos da Lapa, com os palcos giratórios compondo os diferentes ambientes. Já os figurinos recriaram a Lapa e o Rio dos anos 40."[2]

2 https://moellerbotelho.com.br

Figura 5. Elenco da produção de 2003 de "Ópera do Malandro" no palco do Teatro Gomes Carlos, RJ.
Fonte: https://moellerbotelho.com.br

A obra se conecta com o público brasileiro e se aproxima do espectador, incluindo-o como um personagem da história, detalhe que evidencia a "proximidade de Chico Buarque à linguagem brechtiana e ao teatro dialético" (Moscardo, 2012). Um dos fatores que aproximam o brasileiro da obra é a prosódia carioca, utilizada nas músicas por Buarque de forma explícita e vulgar. Contudo sofreu diversas mudanças e cortes ao ser adaptado durante a sua exibição no vigente regime militar, levando o autor a recorrer a metáforas que mantivessem o tom crítico de sua peça, a chamada "linguagem na fresta". (Vasconcellos,1977, apud, Moscardo,2012)

Na peça, o autor retrata o malandro de acordo com as vestimentas e o comportamento da entidade Zé Pelintra, configurando-o como símbolo de resistência à repressão e fazendo um paralelo com o modo que a linguagem é aplicada na peça, visto que "[...] é assim que agiu e age o malandro. É nas entrelinhas, nas frestas do poder dominante que acontece o jogo de dentro." (Santos,2020)

A musicalidade se destaca como elemento identitário da peça, ao percorrer tanto as raízes latinas como a disseminação norte-americana e europeia no território brasileiro. Com isso, apesar de receber o nome de "Ópera" devido às referências anteriores, não se enquadra musicalmente como uma ópera, misturando diversos ritmos latino-americanos, brasileiros e norte-americanos, entre eles respectivamente o bolero e o tango, o samba e o xaxado e o foxtrote (Moscardo, 2012).

Os serviços e atividades comerciais cotidianas referentes ao período retratado são incluídos na peça, como o jogo do bicho, os bordéis, a prostituição e a industrialização das atividades comerciais. Já o espaço físico é retratado pela combinação de cenário

fixo e cenários móveis, revelados pelo palco giratório. Os Arcos da Lapa, monumento emblemático do bairro, foram representados pelo cenário estático e emolduram a boca de cena por completo, e inúmeros cenários móveis são apresentados, entre eles mobiliários da década de 40, cortinas vermelhas drapeadas representando os bordéis, cela de prisão e produtos importados como a meia de nylon, agregando sua relevância tanto histórica quanto performática.

Figura 6. Construção da paleta visual do espetáculo Ópera do Malandro, montagem de 2003.
Fonte: Autora, 2024.

A paleta de cores da peça é utilizada de modo a estabelecer coesão e intensidade à narrativa através do cenário, figurino e/ou iluminação, representando os mais diversos símbolos e dinâmicas socioculturais do bairro da Lapa na década de 40. Entre elas estão o branco e o vermelho, duas cores presentes no figurino, em sua maioria, vinculadas à figura ágil e sagaz do Malandro e tons de rosa, roxo e cores como o vermelho, presentes tanto no figurino quanto na iluminação, carregando consigo diversas insígnias, como por exemplo inocência, sensualidade, feminilidade, paixão e perda. O jogo de cores também influencia na ambiência da mise-en-scène urbana, principalmente no contraste entre a ausência e a existência de luz na iluminação cênica, garantindo dramaticidade à cena e fazendo associação ao caráter noturno da Lapa.

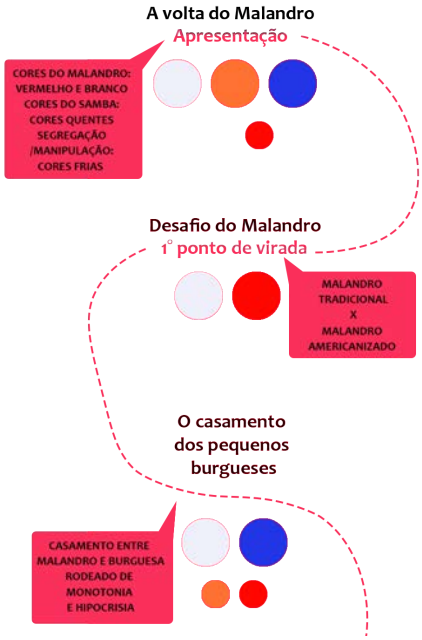


Figura 7. Linha cronológica dos números musicais segundo a narrativa em 3 atos(2001) e o significado atribuído às cores.
Fonte: Autora, 2024.

Figura 8. Teresinha e Max Overseas e seus capangas durante o número musical "O Casamento dos Pequenos Burgueses".
Fonte: https://moellerbotelho.com.br

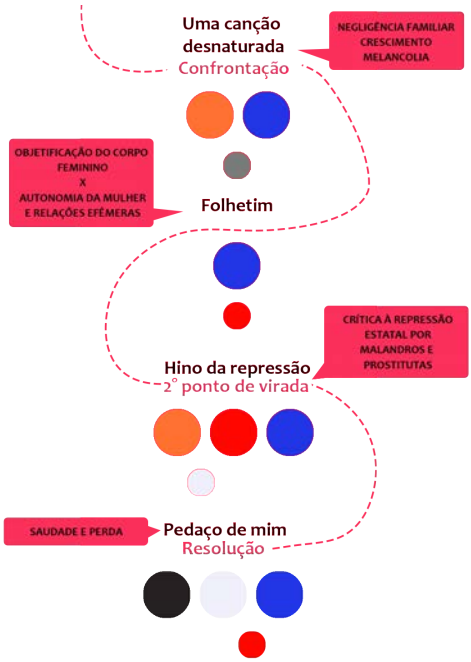


Figura 9. Linha cronológica dos números musicais segundo a narrativa em 3 atos(2001) e o significado atribuído às cores.
Fonte: Autora, 2024.

4. BIBLIOGRAFIA

Bègout, B. Le Concept D'Ambiance. L'ordre Philosophique, Éditions du Seuil, 2020.

Böhme, G (2013). The art of the stage set as a paradigm for an aesthetics of atmospheres. Ambiances.

Dewey, J (2010). Arte como Experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.

Field, Syd. Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

Griffero, T. e PINHEIRO SANTANA (TRAD.), E (2022). A "pele" atmosférica da cidade. Revista Thésis, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 173-190. *https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/361*.

Moscardo, G. M. V. A "Ópera do Malandro" de Chico Buarque de Hollanda: Uma metáfora do cenário brasileiro na década de 1970. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música e Artes Cênicas, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2012.

Relph, E (1979 [2010]). Place and placelessness. London: Pilon.

Santos, L.P. A filosofia do malandro: estéticas de um corpo encantado pela desobediência. Revista da ABPN, v. 12, n. 31, 2020, p. 95-112.

Thibaud, JP. (ed.). 2007. Variations d'ambiances : processus et modalités d'émergence des ambiances urbaines . Grenoble : Cresson, Rapport de recherche. n°67. 310 pages.

Tsakiri, E (2017). Visual palimpsests: city atmosphere in cartography, city planning and painting.

https://www.researchgate.net/publication/346023198_Visual_palimpsests_city_atmosphere_in_cartography_city_planning_and_painting

Velasques, M. C. A Lapa boêmia: Um estudo da identidade carioca. 1994. 129 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1994.

SITES

Ópera do Malandro (2003). Disponível em: *https://moellerbotelho.com.br/espetaculos/opera-do-malandro-2003/* Acesso em: 09 jul. 2024.

Ópera do Malandro. Disponível em: *https://teatroemescala.com/2021/04/12/opera-do-malandro/* Acesso em: 09 jul. 2024.

R41

CITIZEN BEAUVIALA WANDERING AND FILMING THE STREETS

CITIZEN BEAUVIALA FLANANDO E FILMANDO AS RUAS

Vanessa Nicolazic
Junior lecturer
Univ. Grenoble Alpes, CNRS, Litt&Arts, 38000 Grenoble, France
vanessa.nicolazic@univ-grenoble-alpes.fr

Vincent Sorrel
Senior lecturer
Univ. Grenoble Alpes, CNRS, Litt&Arts, 38000 Grenoble, France
vincent.sorrel@univ-grenoble-alpes.fr

Nicolas Tixier
Professor
Univ. Grenoble Alpes, CNRS, ENSAG, AAU_CRESSON,
38000 Grenoble, France
nicolas.tixier@grenoble.archi.fr

Translation: **Claudio Cambon**

ABSTRACT

Jean-Pierre Beauviala solved the technical problem of synchronizing image and sound in simple filming situations when, as a young electronics researcher, he planned to film daily life simultaneously in various craftspeople's workshops in Grenoble's historic city centre. He wanted to portray his acoustic and visual perceptions of the individual worlds of craftspeople at work, walking down the street from one workshop to another, and from one shop window to another. This suggested the possibility of a sort of filmed ethnography of the passer-by, of the flaneur. To do this, he invented a control circuit in the mid-1960s that let him synchronise a camera and a tape recorder, and which was portable enough that he could film as he walked. The film was never completed, but the different spaces he intended to film in the old neighbourhoods of Grenoble did eventually become connected to one another in 1971 with the establishment of Aaton, a camera manufacturing company whose models contributed to the evolution of cinematographic forms and techniques.

KEYWORDS: Jean-Pierre Beauviala, Aaton, Grenoble, filming the streets

RESUMO

Jean-Pierre Beauviala resolveu a questão técnica do sincronismo entre imagem e som nas situações de filmagem leve quando o projeto desse jovem pesquisador em eletrônica era filmar a vida cotidiana que se desenrolava simultaneamente em vários ateliers de artesãos no centro histórico de Grenoble. A ideia era poder captar a percepção sonora e visual que se tinha ao caminhar por uma rua, passando de um ateliê a outro, de uma vitrine a outra, mostrando os universos singulares do trabalho dos artesãos. Seria a possibilidade de realizar uma espécie de etnografia filmada do passante, do *flâneur.* Para isso, ele inventou, em meados dos anos 1960, um circuito de controle que permitia sincronizar uma câmera e um gravador, tudo devendo ser suficientemente portátil para filmar enquanto se caminha. O filme nunca foi realizado. No entanto, os diferentes espaços que ele queria filmar, situados nos bairros antigos de Grenoble, acabaram sendo interligados a partir de 1971, quando a empresa Aaton foi criada para desenvolver uma fábrica de câmeras que levaram à evolução, ao mesmo tempo, das formas e técnicas cinematográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Jean-Pierre Beauviala, Aaton, Grenoble, filmando as ruas

1. INTRODUCTION

Jean-Pierre Beauviala (1937-2019) solved the technical problem of synchronizing image and sound in simple filming situations when, as a young electronics researcher, he planned to film daily life simultaneously in various craftspeople's workshops in Grenoble's historic city centre. He wanted to portray his acoustic and visual perceptions of the individual worlds of craftspeople at work, walking down the street from one workshop to another, and from one shop window to another. This suggested

the possibility of a sort of filmed ethnography of the passer-by, of the flaneur. The film was never completed, but the different spaces he intended to film in the old neighbourhoods of Grenoble did eventually become connected to one another in 1971 with the establishment of Aaton, a camera manufacturing company whose models contributed to the evolution of cinematographic forms and techniques. The link between technical and formal innovation thus lies at the origin of this factory, which is a very organic, poetic space.

In Grenoble, Beauviala's search for a cinema to be experienced on an everyday basis and developed in the heart of lived spaces was poeticized in his ideas of urbanity and architecture. As the company began to mass-produce cameras, it needed to expand its premises, thus annexing the former craftspeople's workshops around Rue de La Paix. This part of town was Beauviala's own stomping ground, which he photographed to illustrate the first Aatonian manifesto promoting tools to improve cinema's mobility and to invent a locally grounded cinema, while at the same time creating movement between these spaces, preserving views and light.

Using a variety of methodologies (recollections, archival research, "interactive" interviews, urban and sensitive mapping, narratives of ambiances, etc.), our inquiry updates and explores an era through rediscovered archives, rendering these documents public while also encouraging new creations. Our research searches for ways of rendering the political, technical, and poetic dimensions of this period sensorially present, and to tell the story of its ambiances, whose trail is always perceptual and, in part, still alive.

2. THE FLOW OF LIFE

In Issue No. 285 of Les Cahiers du cinema, published in 1978, Jean-Pierre Beauviala recalled the film project that gave rise to his first technical innovations in the synchronisation of image and sound in the mid-1960s:

> "After completing my studies, I worked at the university as a teaching assistant in electronics, and I needed to make a film: a research film about the pathways of a city, about its streets and squares, a film about the street as an essential place for appropriating space for one's own life. To make this movie, I needed a device that would allow the camera to move freely and at the same time to record several layers of sound. For example, for a guy walking down a given street, I wanted to record more than just the sounds of the street around him. What interested me and what I sought out in particular were the concomitant events that were taking place elsewhere on that street, to record sounds at the dairy (and with that, perhaps also another image), what was going on in an apartment up on the fourth floor, and in a workshop at the foot of the street. I wanted to record the synchronous sounds that accompanied, preceded, and watched over the guy walking".[1]

1 Interview with Jean-Pierre Beauviala, *Les Cahiers du Cinéma,* No. 285, February 1978, p. 8.

Jean-Pierre Beauviala was interested in the "figure of the man walking" as a way to envision his filming, but the equipment for this film project didn't exist yet. The young electronics engineer devised a control circuit to synchronise the tape recorder to the camera. The manufacturer of the Éclair 16 camera, the Éclair company, based in Épinay-sur-Seine and Paris, hired Beauviala as a consultant-engineer within the SECLER R&D office to design a synchronous motor for the Éclair 16 and, more generally, to use electronics to improve filming conditions (Sorrel, 2017). With the pretext of the presence of a semi-conductor factory, Beauviala insisted on setting up the R&D office in Grenoble, in the building across the street from his own apartment. In wanting to live and work in the same neighbourhood, Beauviala imbued this vision of a *filmmaker in passing* with a political dimension: the person filming is more than just a flaneur; he/she is also looking at the city and its transformations, and more generally contemplating its desirable future. In 2014, he returned to this film project that he never completed and its manifesto aspects:

> "[...] I wanted to make a pamphlet against La Villeneuve. This was in 1967-1968. I wanted to fight against the very idea of the plan to build La Villeneuve. And to fight, given that I was an engineer and not an architect, an urban planner, or anything else, I relied on an extraordinary fellow named Camillo Sitte, who [...] wrote a book titled The Art of Building Cities [...] which explained that inhabitable cities create societies. And these aren't hygienist cities where everyone has sun and wind, but solitude as well. These are cities with streets, squares, where you can breathe [...], where there are human relationships. [...] The only way to do this was to make a pamphlet through a film to show an old city that worked well, and to show a modern city as it existed in the 1960s, which didn't work well, which even stimulated crime. At the time, I wanted to show that La Villeneuve [...] was indescribable. It was the worst place one could live in the whole world. [...] That's what led me to create the cinematic tools to be able to make this film".[2]

This desire to film arose from a reaction against plans by the City of Grenoble to build a second city centre. Built in the 1970s by the Urban Planning and Architecture Agency (AUA), La Villeneuve de Grenoble created a radical rupture with the urban forms that had governed cities until then. Progressivism, humanism, and utopianism played a decisive role in the design of this district, which was subjected to a general geometric rule of hexagonal forms with a few external islands tied to the main body by covered walkways. The project criticised the traditional street, which it associated with conditions of poverty, noise, a lack of light, and the invasive presence of the automobile. In addition to the disturbances of the street, La Villeneuve's spatial model provided an answer to the issue of urban sprawl by proposing a way of creating a dense habitat in an environment abounding in greenery. Like all experiments, La Villeneuve did not keep all its promises (*Caravansérail,* 2020). Beauviala was convinced that "the flow of life", as the theorist of cities and cinema Siegfried Kracauer called it (1960), was embodied in the street and everything it offered in terms

2 https://www.ambiances.net/evenement/le-quotidien-filme-archives-filmiques-et-espaces-publics/

of potential perceptions, encounters, interactions, and a sense of otherness. Hence, a street full of ground-floor workshops could play its very own dramatic role in staging an everyday reality, and which a camera should be able to capture. This period was concomitant with the last years of the Situationist movement that, since the late 1950s, had been developing a view of urban ambiance inspired by Henri Lefebvre's philosophy of moments. In their formulation of a dual critique of the daily life and urban planning of the 1960s, the Situationists adopted the notion of ambiance to destabilise the notion of the everyday through interventions in the urban environment, whether through experiments, diversions, or psycho-geographical studies (*Situationist International*, 1997). For the Situationists, the idea of ambiances allowed them to intervene in the city's emotional reality, at the confluence of the material, social, and artistic world (Thibaud, forthcoming). It is also worth noting that this approach to an urban everyday through walking and ambiances was addressed in Grenoble during these same years by scholars such as Pierre Sansot in *Poetics of the City* (1971) and later by Jean-François Augoyard, whose doctoral dissertation became the book *Step by Step: An Essay on Pathways in the Urban Environment* (1979), and who showed that, to the contrary, La Villeneuve gave rise to a rhetoric of habitat through meaningful pathways: "La Villeneuve was a kind of open city, a place where you could reinvent your life" (*Caravansérail,* 2023).

Figure 1. Jean-Pierre Beauviala with Raymond Depardon in front of an Aaton window display on rue de la Paix Grenoble, 27 March 2006, photo by Valentina Miraglia

3. MOVING FROM ONE AMBIANCE TO ANOTHER[3]

His reaction to the La Villeneuve Project expresses, first of all, a certain conservatism that describes more precisely that his vision of innovating and designing technical

3 In reference to Georges Perec's famous phrase "Living is going from one space to another and trying as much as possible not to run into anything" (1974).

objects that would change the way films were made was conditioned by his views of urban planning and architecture. When Beauviala joined SECLER in the late 1960s, television and direct cinema, such as the French New Wave, turned the forms and techniques of light filmmaking on their head in an effort to be more in step with society. In his notes for an article on a light camera in his personal archive, he wrote "Lightening the camera means putting the body back on the road". Beauviala conceived the ergonomics of cameras as being based on the body and imagination of the flaneur, thereby distancing himself from the figure of the hunter (of images) that was still the prevailing model for the design of the Éclair 16. As the slogan announcing the sale of the new Aaton 7 camera in 1974 suggests, Beauviala referred to uses that came from direct cinema and anthropological film: "Adventurer filmmakers, snoopers, and experts all complain that cameras are not suited to filming out in the field".[4] The Aaton 7's design had to differentiate itself from that of the Éclair 16, if only to register patents and create a buzz for the camera by making it more adaptable to real-life situations. By improving the viewfinder's optical principles, Aaton managed to push the camera back onto the shoulder of the person filming and thus reveal their face, in search of a more equable relationship between those in front of and the person behind the camera. The Aaton's ergonomics were thus inspired by a change in perspective characterised by a documentary approach that sought to restore the role of the filmed subject. The Aaton's ergonomic design was also similar to the one developed by Victor Papanek in his work Design for Human Scale, published in 1971.[5] This socially committed designer criticised a design world that "produced mediocrity that bore no relation to humanity's true needs" (1973). In producing film equipment, Beauviala was not responding directly to humanity's true needs, as Panapek had argued for. Aaton instead manufactured recording equipment that sought to produce meaning, and Beauviala proposed and designed tools to help humanity portray itself more fairly. Beauviala sought to do far more than just design and sell working equipment, even if Aaton had to adapt its production to the uses of the cinematographic and audio-visual industry. Papanek advocated for a design centred on humans rather than on technology, one that was participative, integrative, ethical, and, thus, often inventively cobbled together. Papanek was interested in [...] "the interface between design and people, meaning a true concern for the other" (preface to the second edition, 1977). In trying to adapt film to reality and not the other way around, Beauviala envisaged the design of the cameras based on the human body. This approach was a commitment as much as an aesthetic. In the 1970s, especially in French cinema, the direct recording of reality was envisioned as being totally unhindered; wherever the body went – through a doorway, into a car, etc. – there the camera was supposed to be able to follow so that the film didn't have to stop. Adapting to reality rather than reconstituting it, going from the inside to the outside, and vice versa, with no limits. Describing the world of the city, where the street was the site of perceptions and encounters, with multiples passages from one ambiance to another, required a camera that adapted to reality, and not the other way around.

4 For a cinema of the nearby (1974), J.P. Beauviala – Aaton papers, archives of the Grenoble Cinémathèque.

5 Its translation into French came out in 1973. This work formed part of Jean-Pierre Beauviala's personal library.

The ergonomics of the first Aaton camera, the Aaton 7 presented at Photokina in 1974 (Nicolazic, Sorrel, 2022), represented for Beauviala a starting point for thinking politically about the means of cinema to develop a cinema of the nearby. Work on the optics pushed the viewfinder farther back for the sake of balancing the camera, which thereby sat like a cat on one's shoulder. The figure of the pet thus creates an alternative with which the camera operator could build relationships other than technical ones, namely to the camera, the places filmed, and the people encountered. The goal was to be able to move with the camera and to construct images in which one is able to "stroll" to "allow for a view that lets things happen".[6] This meant welcoming reality instead of hunting it down, and allowing the complexity of the context to enter the field of view at the same time that the sound allowed people to hear a place. Beauviala advocated for a filmmaker able to shoot his or her own film "so that he/she could reconstitute space"[7], and for filmmakers who explored the role of the human in society.

3. A CAMERA FACTORY IN THE CITY

When it came time to launch production of the cameras in the mid-1970s, Beauviala wanted to film the former workshops of the craftsmen on Rue de La Paix, which were connected to one another and which thus constituted the building blocks of an industrial site in the city centre. It is worth dwelling on the fact that the camera factory established itself in the city as a way to foster the thinking behind the design of the tools. They adapted the existing premises to preserve the aspect of craftsmanship, as well as the windows, which let people see the work being performed inside and allowed the light to enter into the work areas. The interior spaces were reconfigured to facilitate movement within and to create views:

> "We split up the rooms for noise reasons, but we did so with glass. No one was removed from the movement of the city. Everyone had a view of the city. Only those people on the mezzanine had to lean out to see people in the street. And in the summer, when all the windows were opened, we were practically out in the street. Anyone could come into Aaton. People rang, entered, people came... So, there was space, light, the freedom to come and go, to go do one's shopping. We really were in the city centre".[8]

The design of the tools and the location of the workshops for their construction in the city centre express the desire for these tools to facilitate a "cinema of the nearby":

---

6 J.P. Beauviala – Aaton papers, archives of the Grenoble Cinémathèque.

7 J.P. Beauviala – Aaton papers, archives of the Grenoble Cinémathèque

8 Interview with Jean-Pierre Beauviala on the operations of the Aaton company, conducted by Alexia de Mari, in the online magazine *Création collective au cinéma,* "The film team: innovations and inventions", Issue No. 2, 2019.

> "Since the Aäton camera was very quiet, with a low profile that lay behind the operator's head, the operator could now participate actively as an individual and not just as someone carrying a magic box that stole people's portraits; it could establish a relationship with actors who were no longer seen from afar. The cameramen who use this camera tell us that it has often deeply changed the way they work. This is why we describe the Aäton 7 as the camera of the nearby".[9]

The expression "camera of the nearby" suggests more than just the idea of designing a light, mobile camera. It is also a technical object that encourages encounters and interactions. The camera was envisioned as a portable tool, one that promoted a cinema that invited people to use its tools to institute new practices and representations: a cinema experienced in the everyday and developed in the very heart of people's lived space, using a concept that was poeticised and politicised by Beauviala's reflections on urbanity and architecture.

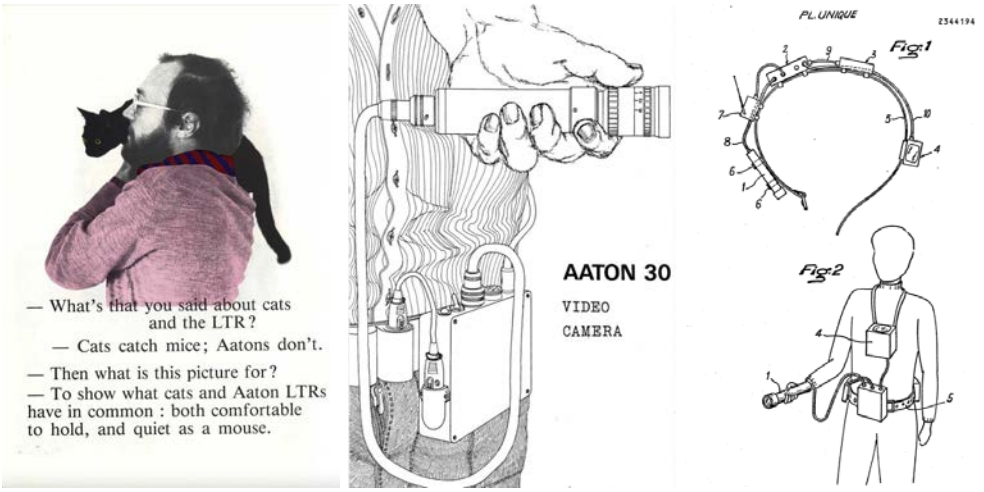


Figure 2: a camera as a cat on one's shoulder. Advertising, camera 16mm Aaton 7 [1975], fonds Aaton, Cinémathèque Française
Figures 3 & 4: camera called "la Paluche", Brochure Aaton, [1976], fonds Aaton, Cinémathèque Française

The desire to manufacture cameras in the very heart of the city to enable a cinema of the nearby is evident in the test films that could be made simply by stepping outside the workshop and using the surrounding neighbourhoods as a subject. These test films, called "Grenoble walks", more than evidently being technically and aesthetically interesting, today constitute a novel archive of the urbanity and ambiances of these neighbourhoods.

9 Aaton document in the Archive of the Grenoble Cinematheque. At this time, Aäton was spelt as such in the document produced for the Grenoble short film and documentary festival in 1974.

Figure 5. Test films (source: Grenoble Cinematheque)

Furthermore, this "stepping out of the Aaton workshops" into the neighbourhood, as it was termed in 1978 by *Les Cahiers du cinéma* in reference to the Lumière Brothers' first film, became a ritual for those who came from afar[10] to Grenoble to visit Aaton and meet Beauviala. Countless directors and technicians have made what we have come to call "the visit to Grenoble" (Sorrel, Tixier, 2022). The traces of these visits, which we have been able to observe in various forms (i.e., photos, films, and interviews), show how a media and technical and artistic scene arose in Grenoble because of Aaton's ability to exist at the margins of a film industry that was otherwise located mainly in the Paris region.

Figure 6. The visit to Grenoble, path – collage of the emblematic sites, original format: 1.5m (Emmanuelle Pilon, 2022)

4. CONNECTING SPACES TO CREATE A VIEW

The Aaton workshops were not the only spaces occupied by Beauviala, as his research was also expressed through other site projects: the building of a house in Mens (a rural commune located one hour outside Grenoble), a veritable experimental architecture for his ideas, and the restructuring of a 450 m^2 attic apartment in the historic part of Grenoble. Created over time by buying garrets, attics, rooms, and hallways to connect these spaces to one another to transform the whole into a veritable passageway with atypical views that allowed for novel rooftop views of Grenoble.

To understand their underlying rationale, we visited all of these sites, created 3-D renderings (using point clouds), and talked to the architect, Jean Jo Verdet, who partnered with him on these projects, and the mason, François Della-Valle, who worked on almost all of them. Several principles are operative here that are not entirely dissimilar from the way in which the Aaton cameras were created.

10 New York director and editor Jon Fauer gave a lengthy account of his visit in 2009: *http://www.fdtimes.com/pdfs/articles/aaton-beauviala/FDT_Aaton_WebRpt_hi_072309.pdf*

Beauviala envisaged the design as a perpetual process in which the move to fabrication was not the last step. This view took the form of an ongoing discussion with his architect, as well as all the craftsmen, who exchanged ideas with one another using, instead of final execution drawings, explanatory sketches that they had made during their meetings, often at table or directly on site during the construction. And even when one part seemed completed, it could always be revisited. This instituted a design process that was open to ideas that could be discussed and especially tested. The goal was not a formal or structural mastery of the whole, rather to test systems and leave some parts open to their potential extension. These are the same principles as the ones adopted by Brazilian architect and artist Sérgio Ferro, who came to Grenoble in the early 1970s. Ferro advocated for endless remodelling and collective experimentation with the craftsmen, even if this meant tearing something completely apart and starting over from scratch. Far from "the hypostasis of the project for normal architects", Ferro asserted "the priority of the work in progress in a world dominated by productive capital" (2024).

Figure 7. Tests for depicting Rue de la Paix and the Aaton premises – 3-D point cloud
UPR MAP – created by Livio de Luca and Laurent Bergerot

Another principle that governed Beauviala's architectural intentions was the desire to blend into the existing built space, to the point of not differing from it. The goal was to have people think that the architecture had always been there in terms of its forms, materials, and social patterns. His architect Jean-Jo Verdet told us this story: "Upon arriving in Roissard from Grenoble, and upon entering the old city, on the right are several groups of roofs all grouped together. When we saw them, he told me, "My house will be a hamlet in that spirit that you see there. I want to make a hamlet that has always been there". The idea for the hamlet was as a working and living space where both the individual and the collective were possible. Here the public space was the square instead of the street, as for the workshops. Beauviala saw the first house (his own) as the beginning of a place that could evolve with the construction of other houses and ultimately form a hamlet. The very form of his house consists of volumes connected by at times improbable passageways. This contributed strongly to the sense of a hamlet as the result of an evolution over the years, and not an initial design.

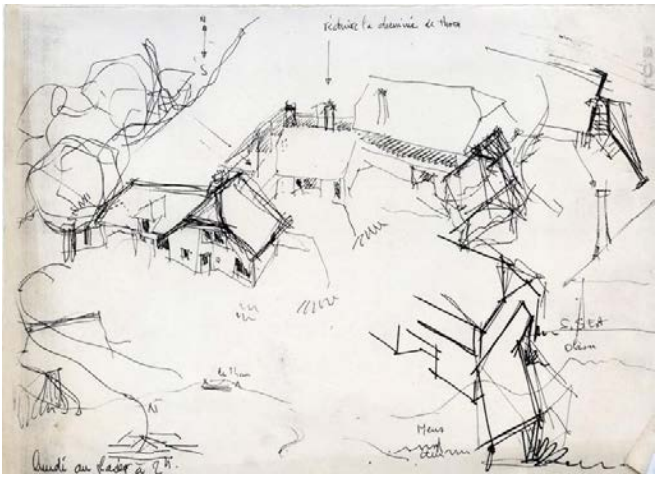


Figure 8. Sketch of the house in Mens showing the intricacy of the spaces for a house, which already set forth the idea of a hamlet
Undated document drawn at the ice cream shop at Place Notre-Dame by J.-P. Beauviala (archives of the Grenoble Cinematheque)

Creating pathways between the interior spaces and thus having differentiated ambiances and carefully designed views represented another important principle for Beauviala. The intention was an architecture without doors. Doors interrupt the fluidity of one's step, of sight, and of sound. The interior arrangements play with thresholds and passageways, thus developing an art of appearing and disappearing from one space to another. He created mezzanines, quarter floors, even 1/10 floors when passing from one space to another. These configurations of the spaces (it is not always easy to talk about them as rooms) allow one to see and access many other ones. The ambition was not a panopticon of domestic control, rather to have the living spaces be configured like workspaces to allow people to meet and to offer a diversity of spaces to rest and enjoy a view, an opening onto the world. Together with his architect, he even mulled over the idea of an interior street that would at once provide access and be an inhabited space. The explicit idea was to endow the interior spaces (both for living and working) with the qualities that an active, lively street offered in a city.

These principles were far from any sort of architectural rationality in pursuit of a predefined logic through theory or structures. Nor was there an attempt to create functionalities tied to standardised uses (which were rejected). To the contrary, they sought the possibility for each space to welcome people (and not functions) and to offer a sensory and social experience, following a logic of experimentation, collaboration, and invention that would form part of what was already there, in which innovation went hand in hand with a vernacular.

4. CITIZEN BEAUVIALA[11]

Jean-Pierre Beauviala's idea of architecture did not seek to optimise materials or forms. He instead though sensory effects (e.g. views, perspectives, and pathways) driven by an experience of the place (e.g. space, ambiance, and materials), which was designed to welcome the human body. Far from a standardised thinking, his design of the spaces was driven by a logic of experimentation and invention, in which each architectural space is the subject of an idea to be tested, in pursuit of an aesthetic that unfolds through a process of layering, of a sum of decisions made throughout the design and construction phases. Even after their completion, the spaces were transformed and modified, much in the same way that he felt a need for a continuous evolution of his devices, whose design would reveal their function. In this respect, the term "worksite" rather than "architecture" seems more appropriate to this approach, which is in principle endless. Beauviala's construction projects were permanent transformations involving extensions that sought new "passage" effects (from a house to a hamlet, from a workshop to a street of workshops, if not a neighbourhood of workshops, and so on), just as the design of the devices provided possibilities that left room for evolutions towards something that remained yet unknown. This was a gesture of imagining based on what already existed. We can see a desire to respect "the other" in what makes for a place, a form of know-how, and an architecture that appears to have always been there. The idea was to resume a part of its history by recovering the materials, ideas, and rationales of a particular site.

This approach to architecture sheds light on how Jean-Pierre Beauviala envisaged the design of tools for cinema based on the human body and a design at a human scale, driven by the idea of connecting spaces through sight and hearing by steps that took people from one ambiance to another to perceive their various forms of socialisation. The fabrication of architectures for living and working was envisaged as a construction of spaces where, and from where, people could look, just as through a camera. To see and be seen through various effects of transparency and organisation of the spaces meant, in essence, making cameras and architectures for life to take shape within them.

---

11 *Citizen Beauviala* is a lovely expression that we owe to cinematographer and director Caroline Champetier. This expression was then used during a radio broadcast *Surprised by the night – Jean-Pierre Beauviala, a portrait in the form of a walk*, on the France Culture radio station on 3 October 2007.

5. BIBLIOGRAPHY

Augoyard, J.-F. (1979). *Pas-à-pas. Essai sur le cheminement en milieu urbain.* Seuil.

Collective. (1997). *Internationale situationniste* 1958-1969. Fayard.

Collective. (2020, 2023). *Caravanserail.* 1, 2. BazarUrbain.

Ferro, S. (2024). *Architecture from below: An anthology*. Mack Books.

Kracauer, S. (1960). *Theory of Film. Redemption of Physical Reality.* Oxford University Press.

Nicolazic V. & Sorrel V. (2022), "Main, épaule, le creux de l'identité : pour une archéologie de l'Aaton 7". In Bégin R., Carrier-Lafleur T. & Mouëllic G. (eds.). *Un cinéma en mouvement. Portabilité des appareils et formes filmiques.* Presses de l'Université de Montréal. 121-140.

Papanek, Victor. (1971). *Design for the Real World: Human Ecology and Social Change.* Pantheon Books.

Perec, G. (1974). *Espèces d'espaces.* Galilée.

Sansot, P. (1971). *Poétique de la ville.* Klincksieck.

Sorrel, V. (2017). *L'invention de la caméra Éclair 16. Du direct au synchrone. 1895, revue d'histoire du cinéma.* 82, 106-131.

Sorrel, V., Tixier, N. (2021). "La visite à Grenoble. Quand l'usine Aaton fabrique des images et des sons". Cahier Louis Lumière. 14, 91-115.

Thibaud, J.-P. (2015). *En quête d'ambiances : éprouver la ville en passant.* MétisPresses.

Thibaud, J.-P. (forthcoming). *Ambiances, "step-by-step".* Kazig, R., Masson, D., Welton, M., Wieczorek, I. (eds.) Handbook on Ambiances/Atmospheres. Routledge.

***

This research project is the fruit of a collaboration between the CNRS laboratories, Litt&Arts, and AAU (CRESSON / ENSA de Grenoble), along with the Grenoble Cinematheque. It received the support of the Auvergne-Rhône-Alpes Region (as part of the 20th and 21st century Memory Project), the Isère Department, the ANR SCAENA, and Beauviatech. It involved Livio De Luca and Laurent Bergerot (UPR CNRS/ MC MAP), Armin Linke (artist in residence at the MACI/UGA), Naïm Aït Sidhoum (architect and filmmaker), Cédric Pichat (engineer at AAU), and Emmanuelle Pilon (architect and urban planner).

R41

URBAN ROUTES, ARTISTIC ACTIVATION AND EPHEMERAL AMBIANCES

PERCURSOS URBANOS, ATIVAÇÃO ARTÍSTICA E AMBIÊNCIAS EFÊMERAS

Laís França Silva
Mestre em Geografia - Riscos, Cidades e Ordenamento do Território
Artista Visual e Investigadora Independente
laismbc@gmail.com

Rachel Nunes Merlino Fernandes
Arquiteta e Urbanista, Mestre em Estudos da Arte
Artista Visual e Investigadora Independente
rachelnunesf@gmail.com

ABSTRACT

How can we activate sensitive dynamics, resignify spaces and develop imaginaries of place? Considering the inalterability of urban morphology in a time frame, symbolic and ephemeral elements emerge as transformers of the affective experience of place. This article proposes ambiance as an interpretative lens for reading an experimental process of new poetics, using a project of artistic creation based on territory and the use of urban routes. To this end, it establishes an interdisciplinary dialogue between the fields of art, geography and urbanism to discuss the construction of geographical and anthropological place from a situationist perspective. This ambiance-mediated dialogue is contextualized by revisiting the DES/ORIENTE project, developed in the parish of Campanhã, in Porto (Portugal), in 2023. The artistic production publicly presented installations and performances in activations connected by walkable routes, producing new relational possibilities between body and space.

KEYWORDS: urban routes. artistic activation. place-making. situationism. ephemeral ambiance.

RESUMO

Como ativar dinâmicas sensíveis, ressignificar espaços e elaborar imaginários sobre o lugar? Ao considerar a inalterabilidade da morfologia urbana em um recorte temporal, elementos simbólicos e efêmeros emergem como transformadores da experiência afetiva com o lugar. Este artigo propõe a ambiência como uma lente interpretativa para a leitura de um processo experimental de novas poéticas, utilizando um projeto de criação artística de base territorial e do uso de percursos urbanos. Para isso, estabelece um diálogo interdisciplinar entre os campos das artes, geografia e urbanismo para discutir a construção do lugar geográfico e antropológico sob um viés situacionista. Este diálogo, mediado pelas ambiências, é contextualizado através da revisitação do projeto DES/ORIENTE, desenvolvido na freguesia de Campanhã, no Porto (Portugal), em 2023. A produção artística apresentou publicamente instalações e performances em ativações conectadas por percursos caminháveis, produzindo novas possibilidades relacionais entre corpo e espaço.

PALAVRAS-CHAVE: percursos urbanos. ativação artística. construção do lugar. situacionismo. ambiência efêmera.

1. INTRODUÇÃO

A experiência de um corpo no território e a sua produção social no espaço se entrelaçam continuamente. Thibaud (2012a) aponta que as ambiências urbanas estão sempre em mutação, "em curso de produção" (p. 27), e indissociáveis das atividades de cada cidadão. Para ele, as ambiências mobilizam os corpos, colocando-os em relação ao lugar, de forma que as características físicas do espaço construído são responsáveis parciais neste processo, mas dependentes dos fluxos sociais que contextualizam sua produção. Articula-se este processo interdependente e recíproco, temporalmente simultâneo: a ação não precede o espaço, enquanto o espaço vazio e inanimado não constitui ambiência.

Neste contexto, ao considerar o espaço como uma construção social - e a ambiência como mobilizadora dos sentidos e da própria prática social - é preciso reconhecer que o "espaço é um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual" (Santos, 2004, p.153). Cada lugar e sua identidade são moldados por estas relações sociais, baseadas em fluxos e redes de poder - o que Massey (2008) chama de geometrias de poder. A justaposição dessas abordagens sobre espaço e ambiência é fundamental para elaborar os vínculos entre lugares-corpos. Em contraposição a uma noção de cidade como objeto de uso e lugar de consumo, compreendê-la como um organismo vivo que é continuamente produzido e reproduzido através da sobreposição das diversas camadas de vivências.

Este artigo aborda a ambiência como uma lente interpretativa, que dialoga com conceitos artísticos, geográficos e urbanísticos sobre o espaço, para a leitura de um processo experimental de novas poéticas do lugar através de um projeto de criação artística de base territorial e da utilização de percursos urbanos. Essas ações estão contidas em um recorte espacial e temporal, portanto efêmeras, que dinamizam um espaço previamente construído ao desenvolver novas relações sensoriais e sociais no território.

2. AMBIÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DO LUGAR

A perspectiva da ambiência como uma restituição do "lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos" (Thibaud, 2012b, p.10) atua tanto na recepção sensorial quanto na produção material do espaço. Essa abordagem, que considera o corpo encarnado em um lugar e tempo específicos, representa a contextualização sensível de uma interação transversal entre o lugar, os sentidos e os vínculos sociais estabelecidos - onde o "espaço construído oferece recursos à ação e que a ação afeta em troca as propriedades do lugar" (Thibaud, 2012a, p. 49).

Contudo, Thibaud (2012a, 2012b, 2015) também discute a noção de "grau de controle de uma ambiência" que se refere à "capacidade relativa de uma ambiência para integrar, exacerbar ou neutralizar o poder expressivo das atividades sociais" (2012a, p. 70). Há implicações éticas nesta questão, visto que a ambiência tem sido

operacionalizada como mecanismo de controle em alguns espaços. A introdução de diferentes técnicas e dispositivos nesses contextos "tendem a produzir espaços cada vez mais condicionados e deixam pouca margem para os rituais de interação entre pedestres ou oportunidades para improvisações da população" (2012b, p. 13). Ambiências focadas no microgerenciamento do espaço cooptam o espaço público (espaço banal) de interlocução, sob uma lógica de poder. A estrutura espacial impõe uma adaptação dos corpos, onde os elementos espaciais são determinantes para os modos de ação.

O contexto de Campanhã - freguesia do Porto, Portugal, sede do projeto artístico descrito nesse artigo - é marcado por planos urbanos de uma cidade expandida ao longo de décadas por pontes, vias rápidas, linhas férreas (Figura 1), estações de metrô e túneis (Figura 2). Essas cicatrizes demarcadas espacialmente recortam a freguesia e delineiam trajetos, hábitos e interações entre os moradores e visitantes que transitam diariamente por estes não-lugares (Augé, 2012) em direção aos seus destinos.

Há uma aproximação entre as ambiências "controladas" indicadas por Thibaud e a concepção de Augé sobre não-lugares - onde as experiências subjetivas de vivência nesses espaços se assemelham por sua circulação condicionada e pelas relações transacionais. No entanto, ressalta-se que ambos os autores reconhecem a interpenetração e a impossibilidade das polaridades puras: assim como os lugares e não-lugares se misturam, as relações entre corpo e espaço se reconfiguram continuamente. A mesma freguesia que possui elementos de fronteira que modulam vivências, possui repositórios edificados do passado e espaços intersticiais, cujo uso (ou ausência) escapa dos controles institucionais.

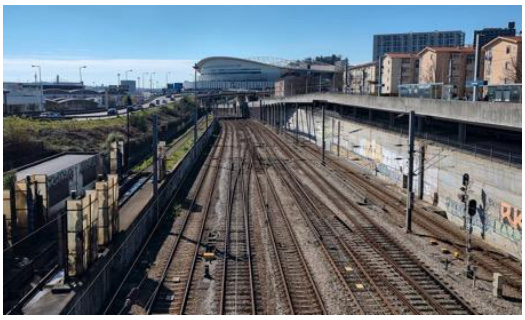


Figura 1 (Esquerda). Via de comboios na cidade do Porto, paragem de Contumil. Fonte: Laís França.
Figura 2 (Direita): Viaduto da Rua da Igreja de Campanhã. Fonte: Rachel Merlino.

Na disputa pelo espaço comum, o desafio é ocupar o território de forma que relações orgânicas se desenvolvam em torno de ambiências que articulem recursos físico-espaciais com expressões e práticas sociais. Conforme descrito por Sancovschi e Duarte (2016) "as ambiências se estabelecem, justamente, como um conector entre indivíduo e lugar de identificação. Elas (se) constroem a partir dessas práticas

do lugar e ao mesmo tempo são suporte essencial para elas". Considerando as limitações hierárquicas impostas e a distribuição desigual de agência nas decisões sobre o espaço, como aterrar ações coletivas?

A experimentação de novas possibilidades de lugar - considerando uma morfologia urbana previamente estabelecida - pode ser elaborada tomando partida do que Milton Santos chama de "Rugosidades". Santos (2004) utiliza este conceito para se referir às formas espaciais resistentes, o espaço construído histórico que foi incorporado à paisagem. Essas rugosidades são testemunhos em estruturas fixas, que manifestam concretamente diferentes momentos históricos e modos de produção. Enquanto a ordem vigente - do passado - se cristalizou no edificado e paisagem, Santos (2004) questiona a relação do espaço no processo social e vice-versa, quando novas formas de vida se adaptam ao espaço preexistente e simultaneamente criam novas determinações espaciais. As rugosidades são tanto palco como atores ativos de uma formação espacial contínua para as ambiências que se estabelecem ao longo do tempo. Assim, a criação artística de base territorial propõe uma abordagem de retomada com ações que brincam e deslocam sentidos para produzir novos imaginários e relações com o lugar. Esta prática social situada experimenta e reinterpreta os sentidos através de ambiências efêmeras que se sobrepõem às rugosidades do espaço.

3. ATIVAÇÃO ARTÍSTICA E PERCURSOS URBANOS: ENTRE EXPERIÊNCIAS E AMBIÊNCIAS

A interseção entre a criação artística e o espaço amplia as possibilidades de leituras sobre a relação corpo-território. Sob a lente das ambiências, as ativações realizadas no espaço urbano incorporam uma interação transversal como produtora de novos contextos. Podemos expandir essa proposta ao revisitar duas obras emblemáticas do movimento neoconcretista brasileiro: os Parangolés de Hélio Oiticica (Figura 3) e o Divisor de Lygia Pape (Figura 4). Em ambas, a prática artística está imbricada nas potências performativas do espaço urbano e seu caráter participativo. Isolados, os objetos esvaziam-se de significados, mas quando postos em ação materializam a experiência estética e ressignificam relações espaciais.

Figura 3 (Esquerda). Parangolés, 1979. Fonte: Ivan Cardoso.
Figura 4 (Direita). Divisor, 1968. Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.

Através da performance e das deambulações no espaço, há uma ruptura do objeto e do cotidiano, permitindo uma expansão do "fazer artístico" em torno de novas sensibilidades e vivências. A origem dos dispositivos está no dinamismo orgânico de resistência das favelas: enquanto Oiticica apreendeu e transformou a noção de Parangolé na Favela da Mangueira, Lygia Pape ativou o Divisor pela primeira vez com crianças da Chácara do Cabeça[1]. Oiticica descreve as bases dos Parangolés, e sua relação com esses territórios:

> O 'achar' na paisagem do mundo urbano, rural, etc., elementos 'Parangolé' está também aí incluído como o 'estabelecer relações perceptivo-estruturais' do que cresce na trama estrutural do 'Parangolé' (que representa aqui o caráter geral da estrutura-cor no espaço ambiental) e o que é 'achado' no mundo espacial ambiental. (...) Todas essas relações poder-se-iam chamar 'imaginativo-estruturais', ultra elásticas nas suas possibilidades e na relação pluridimensional que delas decorre entre 'percepção' e 'imaginação produtiva', ambas inseparáveis, alimentando-se mutuamente (Oiticica, 1964, pp. 3-4).

Dewey (2010) argumenta que experiências artísticas não são dissociadas das experiências cotidianas; ao contrário, estão profundamente entrelaçadas. Os dispositivos relacionais inseridos nas dinâmicas urbanas proporcionam experiências coletivas onde há um equilíbrio entre a espontaneidade intuitiva e a interação consciente entre sujeito, espaço e obra. A vivência do acontecimento enquanto produção artística modifica a experiência do sujeito no espaço, e transforma suas ações, acomodando novos imaginários durante aquele momento.

Ao considerar as derivas como processo de construção e mediação da experiência estética, podemos nos apropriar da definição situacionista como "uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas" (Jacques, 2003, p. 65). A autora ainda sugere que "devemos tentar construir situações, isto é, ambiências coletivas, um conjunto de impressões determinando a qualidade de um momento." (p. 57). Neste caso, as ativações artísticas mediadas por percursos produzem situações - em uma espécie de jogo lúdico no espaço urbano que se relaciona com as percepções, vivências e a própria produção de cidades, através de experiências vividas pelo público-participante-cidadão.

Entrelaçada com a questão da experiência produzida por Dewey, a situação "é feita de gestos contidos no cenário de um momento. Gestos que são feitos do cenário e de si mesmos". (Jacques, 2003, p. 62), onde a ação do sujeito está circunscrita no espaço e no tempo. A articulação de ambiências produzidas no decorrer dessas experiências estéticas inerentemente abarca algum grau de efemeridade, dado que a produção artística e o próprio percurso constroem uma situação espaço-temporal, dependente da própria dinâmica do lugar. "Em sua ocorrência física, as coisas e eventos vivenciados passam e acabam. Mas algo de seu significado e valor é

1 Extinto aglomerado habitacional removido do Jardim Botânico, Rio de Janeiro, pelo poder público em 1960.

preservado como parte integrante do eu. Através dos hábitos formados na interação com o mundo, também habitamos o mundo" (Dewey, 2010, p. 212).

Da mesma forma, a inserção de obras relacionais no espaço urbano articula tais ambiências efêmeras - dinamizadas pela ação dos indivíduos - no conjunto corpo-espaço-sensibilidade previamente discutido por Thibaud (2012a). Posterior ao momento das ativações e percursos, há uma perenidade das experiências em torno da própria construção de lugar.

4. DES/ORIENTE - DESORIENTAR PERCURSOS E ATIVAR IMAGINÁRIOS[2]

DES/ORIENTE é um projeto de criação e curadoria artística que teve sua primeira realização em Campanhã, na cidade do Porto, Portugal. O projeto culminou na ativação de criações situadas em diversos pontos do espaço público, mediadas por percursos, formando uma teia expositiva entremeada ao tecido urbano, explorando a interseção entre o imaginário construído e o espaço formal, proporcionando situações de experimentação do lugar.

O processo de criação envolveu dez residentes da freguesia, selecionados por uma chamada aberta para artistas e não-artistas, que trabalhou ao longo de três meses em um laboratório[3]. O decorrer do programa reorganizou as perspectivas sobre a vivência na freguesia através de uma produção colaborativa, articulando as experiências cotidianas com dispositivos da memória local do território. A metodologia integrou oficinas mediadas e ateliês livres para a produção artística. As oficinas abrangeram atividades como derivas (Figura 5), produções imagéticas e textuais, memórias espaciais, e debates, além de oficinas realizadas por convidados sobre questões da produção artística no espaço público (Figura 6).

Figura 5 (Esquerda). Deriva Coletiva. Fonte: Laís França.
Figura 6 (Direita). Oficina sobre narrativas e percursos. Fonte: Laís França.

2 Projeto com a direção artística, curadoria e produção de Laís França e Rachel Merlino, e financiamento da plataforma Plaka, Câmara Municipal do Porto, realizado ao longo de oito meses em 2023.

3 Sediado na CRL – Central Elétrica, um centro de residências e criação artística instalado na antiga central termoelétrica do Freixo, em Campanhã, Porto, transformando uma parte do pólo industrial desativado.

A mostra do processo culminou em uma exposição em espaço público realizada durante um fim de semana com dois cortejos de duração média de cinco horas de caminhada. Cada cortejo seguiu um percurso pedonal sugerido pela curadoria do projeto, interligando as produções desenvolvidas com os artistas residentes. A livre fruição era fundamental para o processo, e ao longo do cortejo os passantes eram convidados a participar. Alguns participaram durante todo o percurso, enquanto outros acompanharam parcialmente diferentes ativações. Eventualmente, havia 40 pessoas participando simultaneamente.

Os percursos e ativações envolviam elementos metodológicos situacionistas, e convocaram novos caminhos para que ambiências coletivas fossem experienciadas pelos participantes (Figura 7). O jogo percurso-artístico enquanto passageiro transforma a relação afetiva em diferentes localizações que formam o tecido do lugar, e permitiu problematizar esta relação entre o corpo, o imaginário e o contexto espacial.

Figura 7. Participantes durante uma ativação e percurso. Fonte: Katana Studio.

Em Campanhã, são inúmeras as zonas de fronteira que formam “hiatos de uso em suas redondezas” (Jacobs, 2011, p. 287). Deslocar os caminhos para cruzar essas fronteiras proporcionou novas possibilidades relacionais. A Figura 8 apresenta os percursos realizados nessa tentativa de atravessamento de fronteiras destacadas - a partir das descrições utilizadas por Jacobs (2011). No âmbito deste artigo, algumas ativações selecionadas são detalhadas a seguir, explorando suas experiências sob a perspectiva das ambiências, destacando como estas intervenções artísticas dinamizaram o espaço.

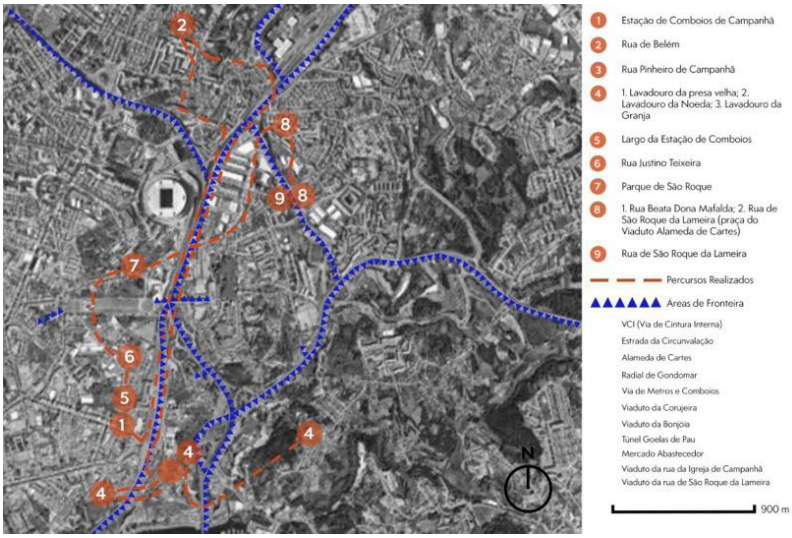


Figura 8. Mapa dos pontos de ativação, percursos e áreas de fronteira. Fonte: As autoras.

4.1. ATIVAÇÃO: RITO DAS ÁGUAS - CORTEJO PELOS LAVADOUROS DE CAMPANHÃ[4]

Esta performance-percurso abrange três lavadouros públicos de Campanhã, um deles ainda ativo: Presa Velha, Noêda e Granja; com duração de uma hora e meia, a ativação encerrou o cortejo do primeiro dia. Ela explorou como os lavadouros públicos permitem "entender o desenvolvimento da cidade do Porto e as desigualdades urbanas" e, simultaneamente, são uma "espacialização da condição social das mulheres" (Darmon, 2020, p. 64).

A invisibilidade dessas estruturas históricas, algumas em estado de ruína, revela o processo de abandono dos lavadouros, resultado da automação do trabalho doméstico e do desenvolvimento urbano desigual que ocorreu nas últimas décadas. Localizados em espaços intersticiais da freguesia, não participam dos caminhos principais de circulação pedonal. Situados em ruas estreitas, próximos a terrenos devolutos ou vegetação remanescente, os lavadouros perderam suas funções originais e testemunham a acumulação de lixo, circulação de animais, crescimento de ervas nas fissuras e tanques, ou abrigo para pessoas em situação de rua. Esse ecossistema invisível está em disputa no planejamento urbano hegemônico, que possui planos de reabilitação de alguns lavadouros para a incorporação destes espaços patrimoniais no circuito turístico da cidade, enquanto outros permanecem em risco de demolição diante da expansão urbana em direção a Campanhã.

4 Ativação realizada pelas artistas Gabriela Manfredini e Chloé Darmon, no âmbito do projeto DES/ORIENTE.

A ativação percorre os três lavadouros em sequência, com ações pontuais das artistas em cada um deles. Darmon e Manfredini (2023) buscaram produzir uma espécie de movimento meditativo em torno de uma função de cuidado presente no histórico das lavadeiras. O público participante do percurso circulou por estes espaços como uma forma de reconhecimento sob este novo contexto - seja a transformação de um território conhecido, ou a introdução de novas memórias espaciais da freguesia (Figuras 9, 10, 11 e 12).

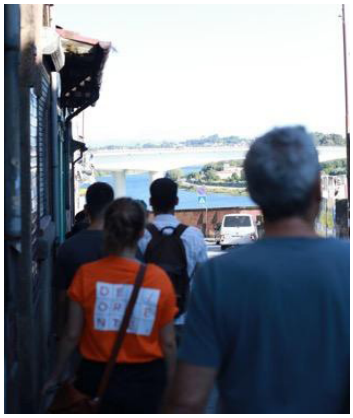


Figura 9 (Esquerda). Cortejo passa pela Rua do Freixo. Fonte: Aline Brasil.
Figura 10 (Centro). Cortejo encontra residentes na Presa Velha. Fonte: Aline Brasil.
Figura 11 (Direita). Performance no Lavadouro da Noeda. Fonte: Aline Brasil.

Durante a performance era possível escutar relatos de mulheres que lavaram suas roupas em lavadouros públicos, compartilhando oralmente o vínculo entre o passado e presente. Ao longo do caminho, os participantes podiam colaborar e carregar parte dos recursos da performance enquanto atravessavam ruas de pedra, túneis e a via expressa (IC23). A última ativação encontra o lavadouro mais distante, ao lado do Rio Torto, que tinha se tornado depósito de resíduos descartados. Transformado em um jardim, o lavadouro foi um espaço de convivência final do cortejo, e retomou a noção de comunidade presente nas ações históricas das mulheres lavadeiras (Fig. 13).

Figura 12 (Esquerda). Performance no Lavadouro da Presa Velha. Fonte: Katana Studio.
Figura 13 (Direita). Performance-Convívio no Lavadouro da Granja. Fonte: Katana Studio.

4.2. ATIVAÇÃO: O HOMEM MULTIPLICADO[5]

O Homem Multiplicado é uma instalação criada especificamente para a estação de comboios de Campanhã, situada no Terminal Intermodal de Campanhã (TIC). A estação é um espaço projetado para o trânsito de passageiros em deslocamento, cujas condições de circulação são estruturadas em torno de prescrições ou informações codificadas. Neste espaço suposto para o não-lugar mencionado por Augé (2012), há um deslocamento da prática do lugar do viajante para visões parciais - instantâneas - que se organizam na memória espacial.

Através da intervenção do artista, uma nova camada é adicionada a essa paisagem. A instalação sonora situada em uma das plataformas da estação apresenta um cubo revestido por espelhos, com a face frontal removida, que reproduz histórias fictícias sobre a vida de um personagem que toca trompete diariamente na estação. Esta é a premissa do artista: uma pausa em meio a dinâmica intensa de fluxos que caracteriza uma estação de comboios. Ele busca experimentar a especulação coletiva e a criação de imaginários compartilhados que convergem nesta ficção de possibilidades interpretativas (Figs. 14, 15 e 16). A multiplicidade que deriva desses estímulos nos permite elaborar uma perspectiva sobre o outro, o desconhecido, e ao mesmo tempo encararmos a nossa própria imagem, em uma experiência voyeurista.

A destituição da atenção do espaço de transitoriedade constante, inerente de uma estação de comboios, enquanto a efemeridade do momento subverte a estrutura do imaginário comum do espaço, criando um vínculo imediato, mesmo que apenas por se ver refletido nele. Imersa em uma rotina composta por não-lugares (AUGÉ, 2012), o público passa a se ver presente em meio a todas as ausências articuladas à memória daquele espaço.

Figura 14 (Esquerda). Instalação O Homem Multiplicado. Fonte: Katana Studio.
Figura 15 (Esquerda). Estação de Comboios de Campanhã. Fonte: Katana Studio.
Figura 16 (Esquerda). Instalação O Homem Multiplicado. Fonte: Katana Studio.

5 Ativação realizada pelo artista Nuno Mota, no âmbito do projeto DES/ORIENTE.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da experiência consolidada em torno de ativações artísticas e percursos urbanos, buscou-se traduzir a construção de imaginários do lugar sob a perspectiva das ambiências. As ativações evocam novas possibilidades relacionais para estas rugosidades espaciais e especulam potenciais futuros sustentados pelos encontros e vivências coletivas.

A experiência artística entrelaçada ao cotidiano recontextualizou espaços marginalizados, estimulando uma reflexão crítica sobre o passado, presente e futuro das dinâmicas urbanas e sociais. A transformação de espaços de transitoriedade (estações de trem ou vazios urbanos) ou cuja função original não estava mais ativa (antigos lavadouros ou edifícios devolutos) mobilizou o sentido no espaço. Neste caso, a interlocução temporal e espacialmente localizada existe sob uma ambiência visualmente efêmera, mas com efeitos que extrapolam as provocações apresentadas, quando o público compartilha afetos com o espaço, cria memórias e torna-se também produtor e reprodutor destas ambiências.

Este artigo é uma contribuição inicial para o processo de interlocução entre ambiências e a produção de lugar através das práticas artísticas mediadas por metodologias situacionistas. Destaca-se, também, a importância de abordagens interdisciplinares e colaborativas na criação de ambientes urbanos mais inclusivos. A arte emerge não apenas como uma experiência estética, mas como um catalisador de narrativas espaciais, onde a efemeridade das ativações contrasta com a produção coletiva na relação com o tecido urbano.

7. BIBLIOGRAFIA

Augé, M. (2012). Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papirus.

Darmon, C. (2020). Habitar a Água, os Lavadouros Públicos do Porto: uma experiência das mulheres na cidade moderna [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, Porto. https://hdl.handle.net/10216/133165

Darmon, C., & Manfredini, G. (2023). Rite of the Waters: procession through the Campanhã Washhouses. Scopio Architecture, Art and Image, 1, 84-99. http://dx.doi.org/10.24840/2183-8976_2021-0006_0001_17

Dewey, J. (2010). Arte como experiência. Martins Fontes.

Jacobs, J. (2011). Morte e vida de grandes cidades. Martins Fontes.

Jacques, P. B. (Organizadora). (2003). Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Casa da Palavra.

Massey, D. (2008). Geometrías internacionales del poder y la política de una «ciudad global»: pensamientos desde Londres. Cuadernos del Cendes, 25(68), 117-124. http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-25082008000200007&lng=es&tlng=es.

Oiticica, H. (1964). Bases fundamentais para uma definição do Parangolé (Folha datilografada). Acervo Projeto Hélio Oiticica. Acessado em Junho 12, 2024. https://projetoho.com.br/

Sancovschi, I., & Duarte, C. R. (2016). The power of narratives about ambiances in the construction of territorialities and identities. Images of the Jewish life in Bashev Singer's work. In Ambiances, tomorrow. Proceedings of 3rd International Congress on Ambiances (pp. 859-864). https://hal.science/hal-01414082/document

Santos, M. (2004). Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).

Thibaud, J.-P. (2012a). Por uma gramática geradora das ambiências. In J. B. C. Scocuglia (Ed.), Cidade, Cultura e Urbanidade (pp. 27-70). Editora Universitária da UFPB.

Thibaud, J.-P. (2012b). A cidade através dos sentidos. Cadernos PROARQ, 18, 1-16. https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf

Thibaud, J.-P. (2015). The backstage of urban ambiances: When atmospheres pervade everyday experience. Emotion, Space and Society, 15, 39-46. https://doi.org/10.1016/j.emospa.2014.07.001

R41

EXPOSED ART AND HIDDEN CITY: MURALS AND URBAN LANDSCAPE ON AVENIDA RODRIGUES ALVES

ARTE EXPOSTA E CIDADE OCULTA: MURAIS E PAISAGEM URBANA NA AVENIDA RODRIGUES ALVES

Gabriel Girnos Elias de Souza
Professor Doutor
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
gabrielg@ufrrj.br

ABSTRACT

Adopting the perspective of the walker, this paper examines the impact of Rua Walls project's mural paintings on the landscape of Avenida Rodrigues Alves (Rio de Janeiro), whose expressway has become one of the largest corridors of street art in the world. Remembering debates about the instrumentalization of art (and graffiti in particular) by urban marketing, this text depicts the avenue's situation in its physical transformation by Porto Maravilha Operation and Rua Walls project. Subsequently, it analyzes in more detail the pedestrian experience of the current expressway landscape and the influence of the murals on it, contrasting the inhospitable daily ambiance existing today (2024) with the brief differentiated ambiance caused by the painting's inauguration event at the end of 2021. Based on this analysis, the work questions the role of street art in constructing scenarios and visions of urbanity that may conceal urban conflicts and problems.

KEYWORDS: urban Landscape. street art. grafitti. Porto Maravilha. Rodrigues Alves Avenue.

RESUMO

Adotando a perspectiva do caminhante, este artigo examina o impacto dos murais do projeto Rua Walls na paisagem da Avenida Rodrigues Alves (Rio de Janeiro), cuja via expressa tornou-se um dos maiores corredores de arte de rua do mundo. Retomando debates sobre a instrumentalização da arte (e, particularmente, do grafite) pelo marketing urbano, o trabalho caracteriza a situação física da avenida em sua transformação pela Operação Porto Maravilha e pelo projeto Rua Walls. Na sequência, é analisada mais detalhadamente a experiência pedestre da paisagem atual da via expressa e a influência dos murais nesta, contrapondo a inóspita ambiência cotidiana existente hoje (2024) à breve ambiência diferenciada ocasionada pelo evento de inauguração dos murais no fim de 2021. A partir dessa análise, o trabalho questiona o papel da arte de rua na construção de cenários e visões de urbanidade que possam ocultar problemas e conflitos urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem urbana. arte de rua. graffiti. Porto Maravilha. Avenida Rodrigues Alves.

1. INTRODUÇÃO

Desde 2020, dezenas de milhares de passageiros e motoristas de automóveis encontram uma paisagem muito peculiar ao adentrarem a via expressa da Avenida Rodrigues Alves, na zona portuária do Rio de Janeiro: um quilômetro e meio de caminho retilíneo ladeado por uma procissão de gigantescos murais artísticos, numa miríade de cores, formas, imagens e palavras recobrindo muros e fachadas de edificações. Sem precedentes na capital carioca, essa paisagem levanta diversas questões sobre as condições e objetivos de sua existência; afinal, trata-se de uma intervenção produzida por um mesmo único projeto de iniciativa privada — o *Rua Walls* — em um corredor urbano esvaziado e inóspito que, reformado poucos anos antes pela imensa Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha, fica na sequência linear de uma zona intensamente turística e gentrificada.

A despeito de sua relativa novidade, a emergência dessa paisagem pictórica deve ser considerada a partir de um contexto político e urbanístico estabelecido há anos. Uma característica comum do urbanismo neoliberal hegemônico desde os fins do século XX — e que vem sendo há décadas estudada e criticada por autores como David Harvey (2001), Sharon Zukin (1996) e Rosalind Deutsche (1996), entre outros — é a instrumentalização de cultura, arte e lazer para políticas de *marketing* urbano, especialmente em iniciativas de revalorização simbólica e financeira de áreas degradadas. Nesse contexto, a arte pública tornou-se presença quase obrigatória de grandes projetos de renovação urbana.

No caso específico do grafite, essa relação instrumental transformou a própria natureza da prática: de expressão autônoma e transgressora de populações periféricas e marginalizadas de grandes cidades, o grafite foi gradualmente absorvido pelo circuito intelectual e comercial da arte. Isso gerou uma nova variedade encomendada e legalizada de grafite, conhecida nos meios de arte por nomes como pós-grafite ou *street art* (WACLAWEK, 2011 p.12). Nas últimas décadas, com a emergência e sucesso de grandes festivais de street art "reavivando" zonas urbanas degradadas — como o pioneiro distrito de arte de Wynwood em Miami, de 2009 — essa forma de arte tornou-se crescentemente aceita e encomendada por administrações municipais mundo afora. Com aponta Rafael Schacter (2016, p.109), esse contexto consagrou um *neomuralismo* monumental, uma "arte de rua anabolizada" que se tornou a arte pública mais difundida no mundo nos últimos anos.

Em sua escala impressionante e tom celebratório, a experiência desenvolvida por Rua Walls na Avenida Rodrigues Alves remonta facilmente ao "neomuralismo" apontado por Schacter. Deixando de lado a rica discussão dos meandros de viabilização dessa iniciativa, o presente texto se dedica a pensar a paisagem peculiar gerada a partir dela, mas a partir da mais básica e universal experiência humana do território: o caminhar. Para isso, proceder-se-á com a caracterização geral da avenida atualmente, para então relatar mais detalhadamente a vivência desta a partir da experiência direta de perambulação. Por fim, será feito o contraponto a esse relato a partir da situação de vivência do local ocasionada no evento de inauguração das obras, quando a avenida foi fechada à circulação de carros.

2. LADO A, LADO B: AVENIDA RODRIGUES ALVES APÓS O PORTO MARAVILHA

Desde sua fundação em 1910 como principal via portuária da cidade do Rio de Janeiro, a Avenida Rodrigues Alves foi um local de fluxos automotivos. Isso se intensificou com a construção do Elevado da Avenida Perimetral, que dominou sua paisagem por 35 anos (1978-2013). Mesmo com a decadência da zona portuária, a avenida também se manteve parte da vida cotidiana de milhares de pedestres, sendo parte da rota de diversas linhas de ônibus conectando o centro da cidade à periferia e aos municípios da zona metropolitana. Todavia, entre o abandono e a presença opressiva do viaduto, o corredor portuário ficou marcado como um espaço de passagem temporário e inóspito: uma paisagem ruidosa, escurecida, esvaziada e insegura, repleta de fluxos intensos e edifícios abandonados.

Com a eleição do Rio como sede das Olimpíadas de 2016 em 2009 e a subsequente criação da OUC Porto Maravilha, o poder municipal investiu pesadamente na reconfiguração da zona portuária para adaptá-la a fins turísticos e a interesses do capital financeiro. Com o elevado da Perimetral derrubado, a Avenida Rodrigues Alves foi reorganizada em termos viários e imobiliários, incluindo novas vias, linha de VLT (Veículo Leve sobre trilhos), calçadão e o Túnel Prefeito Marcello Alencar. À maneira de algumas "revitalizações" de zonas portuárias (como no Puerto Madero de Buenos Aires), preservou-se a linha contínua de antigos armazéns que se estende por toda a avenida. Ainda assim, as reformas cindiram sua paisagem em metades muito distintas e desconexas: o Boulevard Olímpico e a via expressa (figura 1).

Figura 1. Foto aérea da Avenida Rodrigues Alves destacando Via Expressa, Boulevard Olímpico e pontos de referência da região.
Fonte: Montagem do autor a partir de base do Google Maps, 2024.

No *Boulevard Olímpico,* a antiga paisagem inóspita à sombra do elevado foi convertida em um dos principais cartões-postais das reformas olímpicas: um passeio público de 1,4 quilômetros ladeado por armazéns reformados para receber funções de cultura, lazer, eventos e atividades da "indústria criativa", e pontuado por marcos arquitetônicos de cultura e lazer (Museu do Rio, Museu do Amanhã, o Aquário Marinho

do Rio e, desde 2022, a roda gigante Rio Star). Embora uma parte do passeio seja acompanhada pela Linha 1 de VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) e por uma estreita via lateral de carros, o espaço é claramente voltado ao protagonismo do pedestre — e, especificamente, ao caminhante *recreativo.*

O segmento da *via expressa,* em contraste, conservou o nome de Avenida Rodrigues Alves e foi intensificado em seu caráter de espaço de passagem voltado a veículos. Situado entre os marcos de estruturas viárias (um túnel e um viaduto), sua configuração pós-reforma é a de um corredor automotivo de 1,6 quilômetros sem semáforos ou cruzamentos, subdividido em uma sucessão de faixas de circulação. Da margem norte à sul, tem-se seis pistas da via expressa (três em cada sentido); a Via B4, voltada aos ônibus mas que até o momento tem acomodado também tráfego local de carros; e uma calçada para pedestres e ciclistas. Diferentemente do Boulevard, no espaço público da Via Expressa não se construiu uma cenografia turística, em muito devido à contínua crise financeira em que o país, o estado e a cidade entraram: oito anos após a reforma, quase todos os seus imóveis permanecem inativos, arruinados ou sem acesso ao público.

Desde 2018, o único elemento de conexão entre as paisagens dos dois trechos da antiga avenida tem sido o impressionante conjunto de arte de rua: do início do Boulevard até o final da via expressa, são mais de 80 murais comissionados, alguns estando entre os maiores do mundo, como as pinturas de Eduardo Kobra (2016) e de Marlon Muk (2020). No Boulevard, a maior parte dos murais foi encomendada e produzida já para as Olimpíadas de 2016, e os demais foram feitos em outras iniciativas pontuais ao longo dos anos. Os murais da Via Expressa, por outro lado, só começaram a chegar após cinco anos de fachadas vazias e silenciosas (figura 2), sendo todos produto da mesma iniciativa: o projeto Rua Walls, organizado pela agência *Visionartz.*

Figura 2. Via expressa da Avenida Rodrigues Alves em três momentos.
Fonte: Montagem do autor a partir de panoramas fotográficos de Google StreetView, 2024.

Coordenada por André Engbrecht Bretas e Caique Torrezão, Visionartz tem estado envolvida desde 2010 na confecção de múltiplos murais de artistas locais, nacionais e estrangeiros na paisagem urbana carioca. Com Rua Walls, ela agenciou em três ondas sucessivas (5 obras em 2018, 18 obras em meados de 2020 e mais 18 ao final de 2021) a produção um corredor pictórico de escala inédita na América Latina, alcançando um novo nível de ingerência da arte de rua sobre a paisagem urbana no Rio de Janeiro.

No Boulevard Olímpico, o "neomuralismo" foi um dos vários elementos a compor a cenografia turística do Porto Maravilha. Na Via Expressa, porém, ele tem sido o protagonista indisputado desde 2020: pela quantidade, pela densidade, pelo tamanho médio das obras e pela simples escassez de outros elementos marcantes na paisagem.

A seguir, veremos paisagem criada em dois momentos e situações de uso distintas.

3. O CAMINHANTE COMO ANOMALIA: A VIA EXPRESSA EM SEU COTIDIANO (2024)

Como a paisagem construída por Rua Walls na via expressa da Avenida Rodrigues Alves se apresenta a um pedestre no dia a dia da cidade? Aqui veremos essa experiência na perspectiva de quem sairia do "lado A" da avenida, o turístico Boulevard Olímpico.

Como não há qualquer continuidade de circulação de veículos entre o boulevard e a via expressa, apenas pedestres podem fazer a transposição entre os trechos — mas nada os convida a fazê-lo. Os murais, único marco visual de continuidade, estão na margem norte da avenida; mas como as pistas expressas ficam rente aos armazéns[1], o trânsito peatonal só pode se dar pela margem sul, em um caminho estreito e pouco convidativo.

O calçamento segue estreito e inóspito por meio quilômetro, tendo como momento de contraponto o trecho à frente de Aqwa Corporate (o edifício mais marcante da avenida, projeto de Norman Foster Architects), onde canteiros verdes acompanham o piso e há visão de outros pedestres (os frequentadores de Aqwa). Passada a saída da Via B4 (figura 4), o passeio público toma uma configuração mais generosa e estruturada, que se mantém até o final da avenida.

O passeio de aproximadamente 6 metros de largura é subdividido entre o espesso canteiro elevado que o separa da Via B4, uma faixa de serviço com área de escoamento e ocasionais canteiros, uma faixa compartilhada com ciclistas[2], uma faixa central com canteiros pontuais e uma faixa livre contínua de pedestres (figura 3). Em sua maior parte, o caminhante circula "canalizado" entre o contínuo paredão de muros e fachadas lacradas de imóveis em desuso, por um lado, e o canteiro ajardinado cuja vegetação frequentemente é alta e densa o suficiente para bloquear a visão da rua. O filtro oferecido pelo canteiro, por sua vez, é uma proteção bem-vinda ao movimento dos automóveis; o relativo fechamento não seria problema se o trajeto não fosse inquietantemente *ermo.*

Em mais de 1600 metros, o caminhante da avenida só encontra três edificações em atividade (figura 4): a Aqwa Tower, o edifício da 2ª Vara da infância e da Juventude e o pequeno bar do Hotel Rodoviário. Como quase não há atividades regulares abertas ao público há pelo menos oito anos, pedestres são raros no cotidiano da avenida; menos frequentes até que ocasionais motociclistas invadindo o passeio para encurtar

1 Antes da reforma urbana, a avenida possuía espaço para pedestres em suas duas margens, além de um canteiro central relativamente largo (Figura 2).

2 Não se trata de uma ciclovia, pois sua configuração não segue as regras municipais de demarcação destas (c.f. 2019.05. CadernoCalcadasCariocas.pdf). As duas faixas têm o exato nível, cor e calçamento do passeio de pedestres, delimitadas de maneira sutil por linhas de "tartarugas".

seus trajetos. Mesmo a quantidade de moradores de rua é surpreendentemente pequena para um espaço tão vazio, limitada ao terreno de um galpão semi-demolido. A presença humana mais frequente — ainda que não exatamente numerosa — são ciclistas que atravessam velozmente o passeio, seja a trabalho ou lazer; acostumados a ter o passeio só para si, por vezes pedalam fora da faixa reservada (figura 3).

Durante todo o trajeto, os grandes murais agenciados pelo projeto Rua Walls são uma constante para o olhar de um pedestre, com temas que incluem a celebração da memória do passado do Rio de Janeiro, referências às lutas sociais de mulheres, negros e indígenas, elementos do vocabulário visual e verbal das cultura do grafite e das periferias urbanas, bem como padrões mais decorativos baseados em natureza ou em formas abstratas. A maneira como esse conjunto se oferece a sua visão, contudo, é bastante condicionada pela situação de uso imposta à avenida, havendo uma diferença definitiva entre como as obras da margem norte e as da margem sul aparecem.

Figura 3. Panorama fotográfico da via expressa da Avenida Rodrigues Alves, com marcação de suas diferentes faixas.
Fonte: Arquivo do autor, 2024.

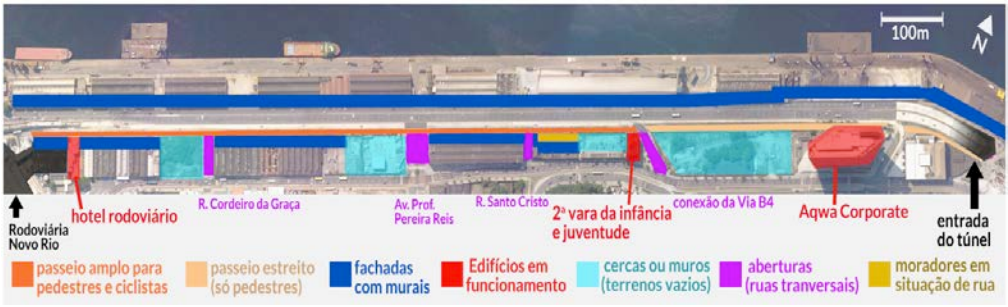


Figura 4. Análise de elementos da paisagem da via expressa da Avenida Rodrigues Alves a partir de foto aérea.
Fonte: Montagem do autor a partir de base do Google Maps, 2024.

Na margem norte, a distância intransponível limita o pedestre a ver os 23 murais sempre como pano de fundo pictórico para as várias camadas de tráfego intenso, dificultando a apreensão de detalhes dos desenhos. Contudo, essa condição permite um olhar mais abrangente para o paredão quilométrico de obras, várias delas podendo ser vistas por inteiro ou mesmo em conjunto. Em alguns trechos longos do percurso, porém, a vegetação alta dos canteiros interfere na visibilidade, fazendo com que algumas pinturas só possam ser vistas pelo pedestre de maneira parcial e fragmentária.

Na margem sul, por sua vez, a presença de painéis é menor e mais descontínua. Com intervalos de terrenos baldios e de vias que antigamente davam acesso à avenida[3], as 18 obras ficaram agrupadas em três conjuntos de fachadas (figura 4). Neste lado, a proximidade excessiva do pedestre dificulta qualquer visão frontal e mais global das obras, principalmente as maiores. Tal perda é contudo compensada por uma experiência corporal mais intensa: a proximidade confere mais força expressiva à escala (num embate direto com o desmedido tamanho das pinturas), textura (as marcas de sua execução e de sua decadência) e volume dos murais (com curiosas interações com os relevos das fachadas).

O impacto das intervenções pictóricas encontra seu momento mais marcante em pontos de abertura visual (por ausência da vegetação dos canteiros) em que se consegue visualizar ambas as margens da avenida. Tem-se assim a apreensão panorâmica da presença "tátil" e vertiginosa da margem sul em conjunto à visada mais abrangente das obras da margem norte, permitindo um vislumbre da escala de grandeza envolvida no conjunto. Nesses momentos, fica mais claro que o protagonismo visual dessa paisagem está menos nas qualidades individuais das pinturas do que no conjunto geral de Rua Walls como um ato colossal de ocupação. Contudo, seja em conjunto ou isoladamente, qualquer apreciação dos murais da via expressa se dá em uma situação inevitável de tensão para o caminhante, que precisa ignorar o ruído visual e auditivo dos automóveis, preocupar-se em não esbarrar em ciclistas e atentar para sua segurança durante longos trechos ermos e desprovidos de rotas de fuga em uma cidade famosa pela violência urbana.

4. SONHO FELIZ DE CIDADE: O EVENTO DE INAUGURAÇÃO DE RUA WALLS (2021)

A intervenção de Rua Walls na Via Expressa teve duas "inaugurações". A primeira foi muito limitada pela pandemia que estava seu auge em 2020; a segunda, no dia 12 de dezembro de 2021, pode ser mais ambiciosa e teve um maior senso de completude, com praticamente todos os imóveis da avenida pintados.

Para marcar a conclusão do último conjunto de murais, a prefeitura interditou a via expressa entre as 10:00 e 17:00 horas, permitindo a livre circulação de pedestres e ciclistas, a promoção de visitas guiadas pelas obras da avenida e murais e grafites das proximidades, bem como a instalação temporária de palcos e tendas. A programação do evento incluiu um rol de atividades normalmente relacionadas à cultura urbana e do grafite, como equipes esportivas de skate e de ciclismo, grupos de dança de rua, sessões de *slam* e batalha de *rap* e sessões musicais com DJs, além da mandatória roda de samba (MENDONÇA, 12/12/2021).

3 São estas a avenida Professor Pereira Reis e as ruas Cordeiro da Graça e Santo Cristo.

Do ponto de vista do pedestre, a perambulação livre e segura pelas pistas fechadas da via expressa permitia uma oportunidade única de transitar tranquilamente entre a apreensão geral e urbana do conjunto — a perspectiva mais impactante da iniciativa —, a apreensão global dos murais individuais à distância (de uma margem à outra) e, à curta distância, a investigação "tátil" e corporal de detalhes das pinturas em ambas as margens.

No entanto, a discussão artística das obras não foi o aspecto que sobressaiu em discursos e nos registros em vídeo do evento de inauguração publicados em redes sociais pelos promotores do projeto (HELLOVISIONZARTZ, 2022; RUAWALLS, 2022). Nestes, a coletividade dos murais parece destinada principalmente a compor uma grande ambiência urbana, a qual pouco depende das individualidades de estilo ou tema das obras — que aparecem mais como pano de fundo da programação de atividades oferecidas no evento de inauguração (figura 5). Se na imprensa houve repetidas referência ao projeto como "galeria de arte a céu aberto", chegou-se desta vez a anunciar que o projeto teria "transformado a avenida em parque urbano" (PREFEITURA DO RIO, 2021).

Rua Walls, portanto, foi enfatizado como algo que estava transformando ou, no mínimo, oferecendo uma *visão de cidade;* como se, por um curto dia, o clima otimista, triunfante e estetizado do Boulevard Olímpico pudesse se estender à via expressa. Isso faz tanto mais sentido quando o que se quer anunciar é justamente a suposta capacidade transformadora da presença da arte. Afinal, os organizadores de Rua Walls o posicionam como um projeto de "urbanismo tático" empregando a arte como "ferramenta de transformação social"; segundo eles, "a arte vem como coadjuvante, pois o grande protagonista é a cidade"(MOURÃO, 2021).

Figura 5: Frames do vídeo promocional do projeto Rua Walls.
Fonte: https://www.instagram.com/reels/CiA74XhptVr/, 2022.

Rua Walls, portanto, foi enfatizado como algo que estava transformando ou, no mínimo, oferecendo uma *visão de cidade;* como se, por um curto dia, o clima

otimista, triunfante e estetizado do Boulevard Olímpico pudesse se estender à via expressa. Isso faz tanto mais sentido quando o que se quer anunciar é justamente a suposta capacidade transformadora da presença da arte. Afinal, os organizadores de Rua Walls o posicionam como um projeto de "urbanismo tático" empregando a arte como "ferramenta de transformação social"; segundo eles, "a arte vem como coadjuvante, pois o grande protagonista é a cidade"(MOURÃO, 2021).

Embora os imensos murais indubitavelmente ampliem o interesse visual ao que durante alguns anos foram apenas fachadas lacradas, o ato decisivo para a criação da ambiência libertária de "parque Rua Walls" foi o fechamento temporário da via expressa e a promoção de atividades nela. Ora, mas esse é justamente o aspecto mais volátil da iniciativa, dada sua duração mínima. Mais do que isso: a despeito do sempre presente discurso de inclusão, civilidade e bem comum, a situação construída na avenida foi igualmente limitada em público. Afinal, praticamente apenas aqueles que souberam e/ou se interessavam pelo evento *a priori* puderam vivenciar essa ambiência. Os participantes de Rua Walls — a equipe executora e de apoio, alguns dos artistas e os coletivos de arte e música presentes no evento — eram em grande parte das proximidades do local e das periferias do Rio de Janeiro; mas a maioria dos *visitantes* era composta de turistas e consumidores de arte e cultura. Um público gentrificado, de maior poder aquisitivo e capital cultural, que dificilmente frequenta ou tem conexões com o cotidiano da região.

Ao se contrapor a experiência do pedestre cotidiano à ambiência temporária da inauguração, percebe-se que há diversas tensões urbanas e socioeconômicas presentes na avenida que escapam por completo da arte lá feita. Nesse ponto, é preciso ressaltar que, em meio à multiplicidade dos murais e suas ocasionais abordagens de problemas sociais, há na verdade pouca conexão temática "específica" das obras ao sítio de intervenção. Pode-se dizer que a cidade, a zona portuária, a avenida ou os edifícios aparecem muito pouco como *objeto de discussão,* com as obras se limitando a tomar as superfícies de muros e edificações como *suportes de visibilidade*[4]. Infelizmente, em seu tom geral de positividade, a coletividade dos trabalhos funciona menos como contraponto — ou comentário — do que como um ornamento.

Com essa afirmativa, não se quer aqui diminuir o trabalho dos artistas participantes, mas ressaltar que se trata de um impasse mais geral do neomuralismo atual. Segundo Andrea Pavoni (2019, p.54), na ordem da na cidade neoliberal a street art teria extrema dificuldade em se tornar *plenamente* e *especificamente urbana* — o que, para ele, exigira superar a condição de "verniz decorativo" e mesmo de contraponto encantador aos processos de urbanização, e se converter em um "campo de forças que torna esses processos visíveis, experimentáveis e, portanto, questionáveis".

4 Uma das poucas exceções — deliberada ou acidental – está no mural de Alex Senna, que mostra uma mulher dormindo no chão justamente no terreno antes ocupado por pessoas em situação de rua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se um caso particular e extremo de protagonismo da arte muralista na constituição da paisagem urbana, e empregou-se a experiência do caminhar como referência de análise. Ao procurar caracterizar a experiência ambiental que a situação descortinava para o pedestre, teve-se de atentar para a interferência mútua entre arte e cidade , alternando entre falar da cidade como espaço de visibilidade da arte e da arte como interferência na percepção da paisagem da cidade. Todavia, através tanto da consideração da experiência do caminhante — tanto da cotidiana (atual) quanto da extraordinária (evento de inauguração) — procurou-se sobretudo apontar aspectos não-visíveis, que a própria visibilidade ostensiva das obras de arte poderia invisibilizar.

Se gigantescas obras de arte estão num local que não pode ser habitado, mas apenas atravessado, que ambiências ajudam a constituir? Nesse ponto, é interessante notar como o regime de percepção do usuário de automóvel parece dialogar mais direta e eficientemente com a intervenção de Rua Walls, as obras funcionando como gigantescos *outdoors* que, com arte ao invés de anúncios comerciais, anunciam uma cidade colorida, animada e igualitária.

Pode-se dizer que anunciar sonhos é parte da própria razão de ser da arte, de sua natureza utópica. E pode-se argumentar também que o choque entre esse "sonho" e a atual realidade inóspita do local provoca um estranhamento que, mesmo involuntariamente, de fato teria o potencial de aguçar o olhar para a cidade (foi, afinal, o motivador desta pesquisa). Mas não se pode ignorar que, na ordem da cidade neoliberal, o "outdoor arte" é facilmente aproveitável como tapume para aspectos da realidade.

Por fim, deve-se ressaltar que este trabalho tratou de uma paisagem em construção e que, a despeito de sua aparência relativa de estagnação, pode mudar rápida e violentamente em pouco tempo. O muralismo é temporário por natureza, e várias das pinturas da via expressa estão visivelmente desgastadas. Haverá novas obras? O antigo corredor portuário irá se converter em palco de festivais sazonais de muralismo urbano, substituindo murais antigos e "animando" o novo pólo de "economia criativa"? É difícil prever, mas a lógica contemporânea de captura e exploração financeira do espaço não parece ter perdido o interesse nesse tipo de prática, e nem na antiga zona portuária carioca.

Tendo isso em vista, não é o bastante repisar o lugar-comum da "democratização da arte", tampouco os truísmos de que o corredor está melhor assim do que deixado vazio, ou que é melhor inundar a paisagem com arte do que com com anúncios comerciais. Junto ao que se dá a ver, cabe sempre perguntar *o que se deixa de ver.* No caso da paisagem da avenida estudada, a presença vibrante das intervenções parece ocultar justamente a situação inóspita que a experiência de caminhada desvela; uma paisagem que segue esvaziada há anos, cujo presente permanece arrendado a um

futuro de eventual salvação pelas bênçãos voláteis do capital. E, se no conjunto de "outdoors" poéticos pode-se entrever desejos e cenários de vida urbana mais plena, deve-se perguntar o quanto o mesmo conjunto, inadvertidamente, anuncia cenários de investimento financeiro: *isto há de render em breve.*

6. BIBLIOGRAFIA

DEUTSCHE, R (1996). Evictions: art and spatial politics. Cambridge: MIT Press.

HARVEY, D. (2001). The art of rent: globalization and the commodification of culture. In: HARVEY, D. Spaces of capital. New York: Routledge, p. 394-411.

MENDONÇA, AV (2021, 12 de dezembro). Projeto 'Rua Walls' promove festa para visitação de 1,5 km de painéis na Zona Portuária do Rio. G1 - Portal de notícias da Globo. *https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/2021/12/12/projeto-rua-walls-promove-festa-para-visitacao-de-15-km-de-paineis-na-zona-portuaria-do-rio.ghtml*

MOURÃO, G (2021, 12 de dezembro). Projeto Rua Walls leva cor e beleza para muros da Zona Portuária do Rio. O Globo. *https://oglobo.globo.com/rio/projeto-rua-walls-leva-cor-beleza-para-os- muros-da-zona-portuaria-do-rio-25316003*

PAVONI, A (2019). Speculating on (the) urban (of) art: (un)siting street art in the age of neoliberal urbanisation. Horizontes Antropológicos, 25, p.51-88.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO (2021, 12 de dezembro). Projeto Rua Walls 2021 transforma a Avenida Rodrigues Alves em parque urbano com mais 1,5 km de pinturas. Portal da Prefeitura do Rio de Janeiro. *https://prefeitura.rio/cidade/projeto-rua-walls-2021-transforma-a-avenida-rodrigues-alves-em-parque-urbano-com-mais-15-km-de-pinturas/*

RUAWALLS (29 de dezembro de 2022). Registro do projeto Rua Walls e discurso da Secretária de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro [Vídeo]. Instagram. *https://www.instagram.com/reel/CmweuJzsWEM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==*

SCHACTER, R (2016). Street art is a period, PERIOD. Or, classificatory confusion and intermural art. In AMRAMIDIS, Konstantinos e TSILIMPOUNIDI, Myrto (eds). Graffiti and Street Art: Reading, Writing and Representing the City. Londres: Routledge. p.103-118

HELLOVISIONZARTZ. (2022, 02 de setembro). Registro promocional do Projeto Rua Walls [Vídeo]. Instagram. *https://www.instagram.com/reels/CiA74XhptVr/*

WACLAWEK, A (2011). Graffiti and street art. London: Thames & Hudson.

ZUKIN, S (1996). Paisagens Urbanas Pós-modernas: Mapeando Cultura e Poder. Revista do IPHAN, 24, p.200-219.

R41

D E S V I A D A : AN URBAN-ARTISTIC EXPERIENCE

D E S V I A D A : UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA-URBANA

Ruth Kipper Aguilar
Doutoranda
Universidade Federal de Santa Catarina
ruthkaguilar@gmail.com

Marina Sorquini Grossi
Mestranda
Universidade Federal de Santa Catarina
masorquini@gmail.com

Rodrigo Gonçalves dos Santos
Professor Doutor
Universidade Federal de Santa Catarina
rodgonca@gmail.com

ABSTRACT
As I walk through the city, I leave traces on the walls and surfaces, like hieroglyphs that represent my deviant identity. Each step reveals parts of me in words, pasted like street art poster. This text arises from a desire to share, to transform my individual experience into a collective one, using metaphors, imagination, poetry, and experimentation. I explore questions about my lesbian and queer body, transferring them to the city through the art of art poster. I merely reveal myself to the reader. I propose an essay divided into three parts: first, I address the concept of experience and its narrative implications; second, I discuss the queer body and its relationship with urban space; and finally, I describe my artistic practice, the journeys, desires, and affections. In writing, I inscribe myself into the text, without distinction between myself and the reader, reflecting on my urban movements and overlapping subjectivities.

KEYWORDS: city. body. experience. deviation. art

RESUMO
Enquanto percorro a cidade, deixo vestígios nas paredes e muros, como hieróglifos que representam minha identidade desviante. Cada passo revela partes de mim em palavras, coladas como lambes. Este texto nasce desse desejo de compartilhar, de transformar minha vivência individual em uma experiência coletiva, usando metáforas, imaginação, poesia e experimentação. Exploro questões sobre meu corpo lésbico e queer, e as transfiro para a cidade através da arte do lambe-lambe. Não ofereço respostas; apenas me revelo ao leitor. Proponho um ensaio dividido em três partes: primeiro, abordo o conceito de experiência e suas implicações narrativas; segundo, falo sobre o corpo queer e sua relação com o espaço urbano; e, por fim, descrevo minha prática artística, os percursos, anseios e afetações. Ao escrever, inscrevo-me no texto, sem distinção entre mim e o leitor, refletindo sobre meus deslocamentos urbanos e sobreposições de subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE: cidade. corpo. experiência. desvio. arte

1. INTRODUÇÃO
Ao passo que percorro, vou deixando vestígios, os meus, e deixo-os nas paredes e muros da cidade. São como hieróglifos, um sistema de escrita que representa um objeto ou uma ideia, os quais, neste caso, representam a mim mesma, meu corpo desviante, desvairado, viado. Ao passo que passo, que ando, que circulo, que me perco, que desvaneço, que me revelo, que ouso me situar, colo partes de mim, vestígios em forma de palavras. E o faço por mim, para alguém, para ninguém. Pois, não posso presumir que minha "*Erlebnis,* a vivência, o acontecimento, uma experiência sensível, momentânea, efêmera, um tipo de experiência vivida, isolada, individual" tornar-se-á uma "*Erfahrung,* a experiência maturada, sedimentada, assimilada, que seria um tipo de experiência transmitida, partilhada, coletiva"(Jacques, 2012, p. 18). Porém, posso e devo desejar tal feito.

E este texto surge, justamente, do desejo, deste anseio de compartilhar, de transformar uma vivência individual em uma experiência coletiva. E para isso utilizo as ferramentas da metáfora e da imaginação, da poesia e da experimentação. Que são, para mim, a única política. Algumas das questões que carrego comigo, sobre mim, sobre meu corpo, sobre ser lésbica eu transfiro para a cidade por meio da prática artística do lambe-lambe. Contudo, já adianto, não são questionamentos que não denotam respostas, no texto que elaboro o leitor não encontrará resultados. Encontrará somente a mim. Ao escrever, eu me inscrevo, vou introduzindo-me no texto, sem criar distinção entre nós.

Proponho, então, um ensaio em que abordo os meus deslocamentos no meio urbano para colar os lambes (lambe-lambes) intitulados **D E S V I A D A.** A ação de deslocar-se provoca desdobramentos, sobreposições de objetividades e subjetividades. Enquanto meu corpo se desloca, desvia, as palavras vão se articulando e desarticulando com e na cidade, atos que também, simultaneamente, são atravessados por múltiplas afetações. Em termos de organização ou estruturação do texto, penso em três núcleos: no primeiro, trato do conceito de experiência e as implicações de sua narração; num segundo momento, verso brevemente sobre o corpo, o corpo queer e as relações com o espaço urbano; no último e terceiro momento, abordo a minha prática artística, descrevendo, o próprio lambe, a intervenção, os percursos, os anseios, as afetações e atravessamentos, isto é, a vivência em si.

2. EXPERIÊNCIA

Eu vi o menino correndo eu vi o tempo
Brincando ao redor do caminho daquele menino
Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei
Eu vi a mulher preparando outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte, é a parte que o sol me ensinou.
(Caetano Veloso, 1978)

Os dizeres acima pertencem à canção de Caetano Veloso, Força Estranha, interpretada e eternizada na voz monumental de Gal Costa. Nesta canção, a vida, a passagem do tempo, a perenidade da arte e a força estranha, que não deixa de ser a necessidade de o artista expressar-se, relvam-se por meios de imagens poéticas. Para mim, é uma belíssima narração. E a escolho para iniciarmos a nossa conversa sobre experiência. Walter Benjamin (2012, p. 224) nos diz que naquela pessoa que está no leito de morte, antes no quarto de sua casa e agora nos espaços especializados, encontra-se "não apenas o saber e sabedoria do homem, mas sobretudo sua vida vivida". Benjamin afirma, ainda, que são dessas substâncias que são produzidas as histórias.

Não há o que se discutir em relação ao contexto em que Benjamin tratava; era outro, até longínquo para a nossa realidade, eu diria. Contudo, sua fala em relação ao

empobrecimento da experiência permanece não só atualizada, mas, assustadoramente, potencializada. Pois, para Benjamin (2012) na transição para a modernidade o desejo de liberdade, e de libertar-se de toda a experiência, não resulta em novas experiências, mas no seu empobrecimento. Ainda no entendimento do autor, a experiência detém dupla dimensão, a individual (*Erlebnis*) e a coletiva (*Erfahrung*), esta, contudo, não existe desassociada da narração, da partilha do vivido. Há uma sobreposição tirânica da vivência individual em relação ao partilhar coletivo.

A pobreza de experiência, levantada por Benjamin, está vinculada com a perda de sua transmissão que, por sua vez, está associada intrinsecamente à figura do narrador. A figura do narrador, ou melhor, do contador de histórias está associada ao imaginário pré-moderno. É aquele que se aproxima do ouvinte e, em sua atividade enunciativa, esgota as possibilidades de contar uma sucessão de eventos, e de produzir uma experiência. A figura do contador de história pode ser compreendida na imagem do nosso jagunço Riobaldo de Grande Sertão Veredas, que conta histórias, as que ouviu dizer e as que viveu. A experiência, na visão de Benjamin, é essencial para a realização do sujeito no mundo.

Em termos breves, o conceito de experiência que tratamos, aqui, significa a capacidade de produzir relação entre o vivido e a tradição, entre o vivido e o imaginário, entre o vivido e a linguagem. Existe uma relação entre a palavra, falada ou escrita, e o real. O contador de história é aquele capaz de restituir a experiência no exercício da linguagem, de transcender a esfera do vivido, que é a esfera da total individualidade e interiorização, exaurindo-o e transformando-o na experiência assimilada, *Erfahrung.*

3. CORPO

O narrador ou o contador de histórias transmitem a experiência ao contar as histórias e, ao mesmo tempo, possibilitam uma nova experiência, a própria narração. O ato de narrar está associado à um outro ato, o de movimentar-se. A narração possibilita-nos uma viagem, deslocamentos, percorrer outras vivências, assimilando-as em nós ao passo que nós também somos incorporados a ela. Há trocas, fluxos e contrafluxos, isto é, movimento. Podemos entender, a partir do pensamento de Michel de Certeau (1994, p. 183), que o exercício da narração possibilita a prática do espaço. "Todo relato é um relato de viagem, uma prática de espaço". O autor ainda nos diz que as histórias contadas vão além do movimento e da transposição para o campo da linguagem, pois elas "de fato, organizam caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam".

Paola Berestein Jacques (2012, p. 17), retomando a pesquisa de Jeanne Marie Gagnebin, relata-nos que "a própria etimologia da palavra *Erfahrung*: do radical *fahr,* usado no antigo alemão em seu sentido literal de percorrer, atravessar uma região durante uma viagem". A experiência partilhada, portanto, não está desvinculada da ideia de deslocamento,

do percurso e de experiência do percorrer. Na experiência há, simultaneamente, transmissão e movimento de ideias, realidades, ficções, imagens, espaços.

Desse modo, percebemos que o contar histórias também envolve o caminhar. Embora aquele nunca estivesse restrito à fala, este evidencia o envolvimento do corpo em sua totalidade. Um corpo ao percorrer produz pequenas narrativas. Essas, por sua vez, unem-se às experiências, individuais e partilhadas, sobrepondo-se e transformando-se em outras novas narrativas. Neste texto não tratarei dos corpos em geral, apenas do meu. É este corpo que escreve, que conta e que percorre. Um corpo cúier, uma sapatão! É um corpo que se desvia da rigidez normativa da cidade, que burla, que se esquiva. Eu busco as brechas, ou talvez, zonas temporárias, em movimentos sem deixar-me capturar e submeter-me.

Como lésbica, meu corpo desviante desafia constantemente as normas impostas pelo espaço urbano, que muitas vezes não está preparado para acolher identidades fora do padrão heteronormativo. Minhas trajetórias pela cidade revelam uma luta contínua por visibilidade e reconhecimento, transformando cada rua e esquina em palcos de resistência e afirmação. Cada lambe-lambe colado, cada marca deixada nos muros, é um ato de reivindicação não somente do espaço, mas dá minha existência. O espaço urbano, com suas fronteiras e barreiras invisíveis, torna-se um campo de batalha onde meu corpo e minha identidade se afirmam, redefinindo a paisagem e inscrevendo nela narrativas de diversidade e resistência.

Essa dinâmica entre meu corpo desviante, de viada, D E S V I A D A, e a cidade é intrinsecamente ligada à minha prática artística. Ao utilizar o lambe-lambe como meio de expressão, exploro e interajo com o espaço urbano de maneiras que transcendem a simples ocupação física, transformando cada intervenção em diálogos, relatos, isto é, múltiplas narrativas e experiências. No próximo trecho, descreverei essa prática artística, revelando os processos, percursos e as colagens, e como cada lambe-lambe se torna uma extensão do meu corpo e da minha experiência de viver e resistir na cidade. Assim, as palavras que descreverão esse percurso artístico no meio urbano são, antes de tudo, uma afirmação da contínua existência da experiência, "mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos na noite" (Didi-Huberman, 2011, p. 148).

4. PROCESSO

> À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na realidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas (Mombaça, Jota, p. 14).

Na realidade do impossível, precisamos nos abrir para as ficções. Para as coisas de outra ordem, ou melhor, que escapam de qualquer ordem. Que venham para embaralhar, tensionar tempos e desejos, que nos possibilitem reimaginar as coisas.

E de minha parte, reimagino e ficciono por meio da escrita, da arte e da cidade, meus recursos bélicos políticos. E é assim que o experimento artístico D E S V I A D A desponta. Isto é, manifesta-se a partir da reflexão dos corpos no espaço urbano, aqueles corpos que, muitas vezes e infelizmente, ainda são considerados do avesso se comparados aos corpos direitos. E tampouco posso deixar de mencionar que há corpos que não são considerados nem no âmbito político-administrativo, sendo negado a esses até mesmo o estado de cidadão.

D E S V I A D A é uma barricada poética.

4.1 A escrita

Aqui trato da forma da escrita, como surgiu a palavra nesta aparência de escrita específica, o tal tipo gráfico. O desvio percorre toda a experiência, desde a escolha do termo, perpassando a definição do material, até a efetivação da prática e, consequentemente, toda a reflexão que se desenrola a partir dessa. E o que se desvia, primeiro, é o vocábulo ou a expressão. Uma brincadeira infame com as palavras *desvia, vadia e viada*, que segundo o google significam:

> **Desviar**
> [des·vi·ar]
> 1. Tirar do caminho; afastar; apartar; arredar.
> 2. Mudar a direção de; impedir.
> 3. Dissuadir.
>
> **Viada**
> Palavra não encontrada
>
> **Vadia**
> [va·di·a]
> substantivo feminino
> [Informal, Depreciativo] Mulher que se comporta de modo considerado devasso ou imoral.

D E S V I A D A está mais próxima de um processo de aglutinação do que uma escrita constrangida[1], infelizmente, pois preferiria que fosse classificada como esta e não como aquela. Teria uma força poética maior e, claro, o próprio constrangimento [necessário] à escrita acadêmica. A expressão desviada surge como como escrita de mim, aquela que desencaminha, que não existe conforme as regras e convenções. Um corpo lésbico esgueirando-se pela cidade. O corpo desviado é, na realidade, um corpo furtivo, uma

1 A escrita constrangida é uma técnica literária ou de texto na qual o escritor está limitado por um conjunto específico de regras ou restrições. Essas regras e restrições podem ser de várias naturezas, como a limitação de palavras, frases ou letras utilizadas, ou a obrigação de seguir uma certa estrutura ou estilo.

instituição insurgente que ocupa um lugar no espaço urbano. O corpo e a linguagem são territórios onde há incessantes disputas entre forças de dominação e atos de resistência.

D E S V I A D A é uma síntese artística deste fato.

Sobre a materialidade. A escolha da fita isolante deu-se justamente para desviar, deturpar sua materialidade para seu exato oposto, para que deixe de isolar para aproximar. A fita isolante, cortada em tiras, é colada e posicionada transformando-se em escrita (Figura 1).

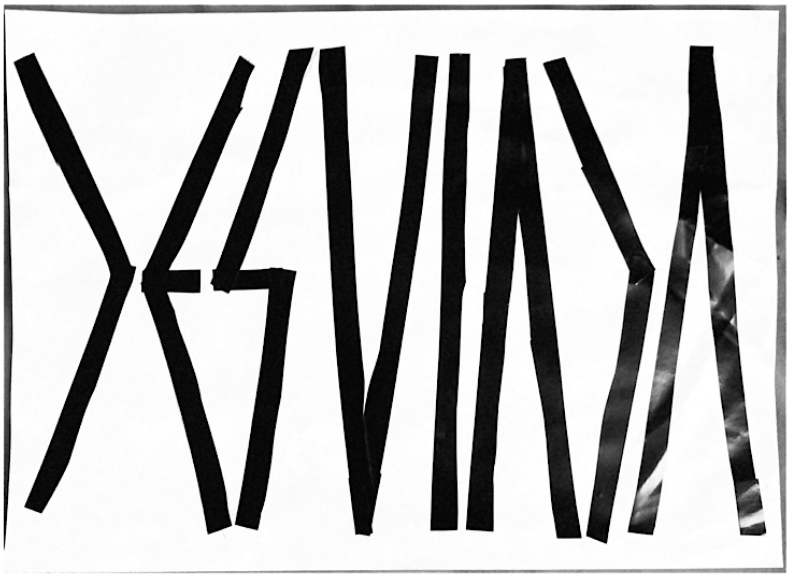


Figura 1. Escrita D E S V I A D A.
Fonte: Autores. (2024).

A linearidade da fita proporciona restrições a grafia tornando-a única. Cria-se, então, tanto uma textualidade como uma visualidade, possibilitando o trânsito entre diversos formatos artísticos, ente os quais destaco o cartaz urbano, o bordado e a performance. No entanto, neste texto me deterei na prática artística do cartaz urbano, o lambe-lambe.

4.2 O cartaz

Em relação ao cartaz urbano propriamente dito, serei breve, pois sua existência manifesta-se a partir da escrita da expressão D E S V I A D A sobre o papel branco. Foram criadas duas versões: uma com a escrita horizontal (Figura 1) e outra no sentido vertical (Figura 2), sendo que nesta última a palavra apresenta uma separação entre as letras. Para tornar-se lambe-lambes dependeria somente, então, da sua reprodução e afixação nas superfícies da cidade.

Figura 2. Escrita D E S V I A D A vertical.
Fonte: Autores. (2024).

4.3 A colagem (narração)

[Escrevo em trechos por dois motivos: o primeiro, por buscar relatar a experiência de acordo com minhas lembranças associadas às anotações que sempre faço em meus blocos de notas; o segundo, na tentativa de criar um diálogo com o leitor, trazê-lo para a experiência, envolvê-lo, partilhar com ele os momentos para que possa preencher os intervalos da maneira que preferir. Então, junte-se a roda, ao fogo, e atente-se a história].

.

Acordei sabendo que hoje seria o dia de colar os cartazes. Apesar do calor, o dia estava agradável, com o céu aberto e sem nuvens à vista. Havia apenas o azul. Não demorei para começar; apanhei as garrafas de 500 ml e comecei a fazer o grude. Um pouco de cola, um pouco de água, sacode, mais água, sacode, mais cola, sacode, um pouco de água, sacode, é isso. Busco o martelo e o prego para perfurar o centro da tampa, uma pequena malandragem que torna a aplicação muito mais ágil. Claro, é preciso trocar as tampas. Algumas, destinadas ao transporte, por óbvio, permanecem intactas; outras, usadas na aplicação, ostentam um furo central. Mochila pronta: grude, tampas, rolos, pincéis e as cópias. É hora de ir para a rua.

.

No ônibus, no trajeto de ida, fico imaginando possíveis lugares para colar os cartazes, mas a certeza só se dá no instante.

.

Sento-me à esquerda, após sair a passos apressados do centro. Sinto como estivesse fugindo, mas não estava, ao menos, não deveria estar. É só uma prática artística, uma expressão. Ainda sinto a adrenalina da ação, do ato, apesar de tudo não ser mais tão novo. Essa sensação sempre me acompanha. Sinto calor e o ônibus não se move, então escrevo.

A experiência desviada, como qualquer outra ação, começa de fato quando saio de casa, com as folhas, o rolo de espuma e o grude na sacola.

.

Primeiro, percorri o centro leste (Figura 3). Andei, divaguei, evitei olhares. O primeiro lambe de cada série sempre traz essa apreensão. É impossível esquecer o fato de ser uma mulher sozinha no centro, circulando por espaços relativamente vazios e pouco frequentados naquele período do dia. Há aquele medo constante que nos acompanha, o medo de sermos violentadas a qualquer momento. Esse é o primeiro desafio, sempre o é. O medo.

Percorro as ruas para reconhecer o lugar naquele momento, naquele período, naquele dia específico. Ao caminhar, aproveito para vislumbrar possibilidades e observar as minúcias de cada lugar. Faço isso antes, pois a prática do lambe demanda certa agilidade e fluidez. Após algumas voltas, decido onde será o primeiro. Só decido os demais após a colagem do anterior.

.

Na esquina do Instituto Arco-Íris[2], um espaço de resistência, decido colar o primeiro cartaz (Figura 4 e 5). Entre gritos escritos, entre grafismos variados, entre “Deus é tude” e “bom demais ser sapatão”. O cartaz se fixará por um período indeterminado, mas certamente finito. Ele desaparecerá devido ao tempo ou será removido por causa da ira daqueles que não o aceitam, caso o compreendam.

.

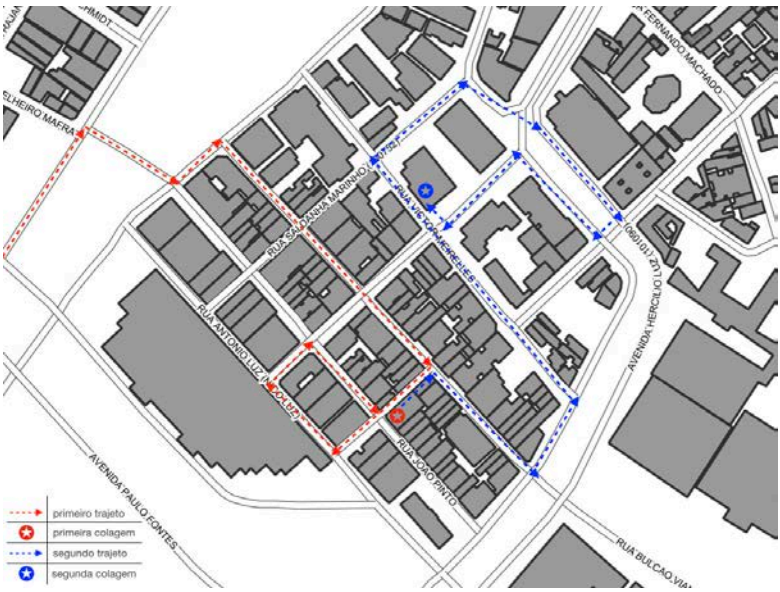


Figura 3. Mapa do percurso.
Fonte: Autores. (2024).

2 O Instituto Arco-Íris foi fundado em 25 de fevereiro de 1997, em Florianópolis – SC, por pessoas vivendo com HIV/Aids, familiares e profissionais da saúde, psicologia, educação, direito e serviço social. Trabalha, prioritariamente, na prevenção das infecções de transmissão sexual (ITS), HIV/Aids, redução de danos associados ao uso de drogas lícitas e ilícitas, promoção da cidadania e direitos humanos junto a populações em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Enquanto sinto o peso do olhar de um senhor que está na outra quadra, sem precisar olhar diretamente, apenas com a visão periférica sinto-o me observar fixamente. Atendo a cada movimento. Penso que se precisar vou me defender de qualquer acusação verbal, com educação para evitar um atrito maior, ao mesmo tempo que penso, que é fácil fugir, sair caminhando apressadamente e, se for necessário, até correr. O ato, que não deve passar de 180 segundos ao todo, parece-me uma eternidade. Há o medo e a euforia, andando lado a lado, juntos.

.

O homem nada fez, pelo menos não fisicamente, permaneceu onde estava, me perseguindo apenas com o olhar. Apressada junto as coisas e coloco na ecobag, as mãos misturam o suor da adrenalina com os vestígios do grude, saio sem olhar para trás. Tensa, sorrio.

Figura 4 e 5. Cartaz colado na esquina do Instituto Arco-Íris.
Fonte: Autores. (2024).

Ao passo que caminho uma ideia surge, uma performance talvez, a fita adesiva colada no próprio braço, assemelhando-se ao *tefilin.* Feita para nós, viados e viadas, com a nossas preces aos Deuses nefastos para que elevem a nossa consciência para além da cripto-tecno-hetero-colonialidade e livrai-nos dos senhores feudais que querem transformar os corpos em força de trabalho ou reprodutivos. Amém.

A próxima parede é da escola Antonieta de Barros[3], que hoje parece uma triste metáfora com a história dela. A parede é repleta de cartazes, o samba da Antonieta, de mulheres

3 Antonieta de Barros foi uma forte figura feminina em Santa Catarina, sendo educadora, escritora, jornalista e política. Como mulher negra, filha de uma ex-escravizada, que valorizava a educação como ferramenta de mudança social, ela fundou uma escola para alfabetização de pessoas carentes. Além de sua dedicação à educação, Antonieta destacou-se como escritora e jornalista, contribuindo para diversos periódicos locais, enquanto lutava contra o racismo e o machismo. Sua influência política foi marcada por dois mandatos como deputada estadual, durante os quais propôs a criação do Dia do Professor, celebrado em 15 de outubro.

pretas, consolidou essa parte do centro como um território preto. A resistência tem que ser diária, ainda mais agora que estão substituindo a pavimentação histórica por piso intertravado cinza. Aos arredores nova pintura, novo mobiliário. Horários limitados. A conhecida higienização dos espaços. Colarei mais um cartaz entre os cartazes, ao lado de outras vozes femininas, de outras mulheres, de outras dores.

Primeiro passo reto, sei o que farei e o que quero fazer, mas fico apreensiva. Há novos postes com câmeras por todo centro, fico intimidada. Passo reto, uma duas, três vezes. Na quarta chego colocando a bolsa no chão, tirando as folhas para fora e no instante que vou passar a cola, hesito. Vou me colocar sobre alguém, não há espaço, há um cartaz quase apagado. Sobreposição de histórias, penso. Será sobre ele. Sinto que estou em boa companhia (Figura 6 e 7).

Figura 6 e 7. Cartaz colado na escola Antonieta de Barros.
Fonte: Autores. (2024).

Recolho as coisas e me encaminho para o terminal de ônibus, voltarei a vê-los em outro momento. Não sei se os verei inteiros ou apenas seus vestígios.

5. BREVES NOTAS NÃO CONCLUSIVAS

Diante da complexidade e da pluralidade que envolvem a prática artística do lambe-lambe como meio de expressão e intervenção urbana, minhas considerações finais são meramente provisórias e refletem sobre a confluência entre experiência individual e coletiva. Ao percorrer a cidade, ao deixar meus vestígios, insurgentes e poéticos, nas paredes e muros, busco transcender a vivência pessoal, transformando-a em uma narrativa compartilhada, mesmo que essa transição não seja integral ou assegurada. Ao colar meus lambes, também me deixo, deixo fragmentos da minha própria vivência, os quais podem se entrelaçar com as experiências daqueles que os

descobrem. Assim, cada lambe se torna um nó, um elo entre mim e o outro, entre a minha narrativa e uma possível narrativa coletiva da cidade. É nesse encontro fortuito, possibilitado pelo acaso, que um novo desenho surge, um mapa compartilhado, onde o individual e o coletivo se encontram, se aproximam e se transformam.

A utilização da metáfora, da imaginação e da experimentação emerge não apenas como ferramentas criativas, mas como uma forma de política pessoal, uma política que se manifesta no gesto da colagem e no anseio de compartilhamento. Ao deslocar-me, ao desviar-me e ao interagir com o espaço da cidade, possibilito, talvez, a criação de uma rede de significados que extrapola a mera presença física, transformando-a em uma intervenção que provoca reflexões e afetações. Essas ações refletem tentativas de me inscrever na cidade, de introduzir as minhas vivências *cúier,* isto é, inscrever meu corpo desviado no tecido urbano. Através dos lambes intitulados D E S V I A D A, não busco respostas, muito menos definitivas, mas sim um espaço de encontro, onde o outro pode se deparar comigo, com meus questionamentos e com os meus vestígios.

Portanto, essas breves notas finais enaltecem a efemeridade, essência do próprio cartaz, a potência da experiência vivida e a reafirmação do desejo de transformar a experiência individual em coletiva, ainda que de forma breve, sutil e fragmentada. Que este texto, antes de tudo um relato pessoal, possa ser um ponto de partida para futuras explorações e diálogos, reconhecendo que o processo de se inscrever no mundo é contínuo.

6. BIBLIOGRAFIA

Benjamin, W. (2012). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica—Primeira versão. Em Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre a literatura e a história da cultura: Vol. I (8ª). Brasiliense.

Certeau, M. de. (1994). A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Vozes.

Didi-Huberman, G. (2011). Sobrevivência dos vaga-lumes. UFMG.

Jacques, P. B. (2012). Elogio aos Errantes. EDUFBA.

Mombaça, J. ([s.d.]). Não vão nos matar agora (1º ed). Cobogó.

Veloso, C. Força Estranha. In: Costa, G. Gal Tropical. Rio de Janeiro: Universal, 1978.

R41

THE LANDSCAPE REGENERATIVE PROJECT AS A PRE-DESIGNED IMPROVISATION FOR A TRANSFORMATIVE SENSORY EXPERIENCE

O PROJETO REGENERATIVO DA PAISAGEM COMO IMPROVISAÇÃO PRÉ-CONCEBIDA PARA UMA EXPERIÊNCIA SENSORIAL TRANSFORMADORA

Wiem Alimi
Architect, MSc in Mediterranean Cultural Heritage, PhD Candidate
Ecole Nationale d'Architecture et d'Urbanisme de Tunis
wiemalimiarchitecte@gmail.com

Faten Hussein
Architect, Professor Lecturer
Ecole Nationale d'Architecture et d'Urbanisme de Tunis
faten.hussein@enau.ucar.tn

ABSTRACT
Inspired by the valley's natural beauty and Berber traditions, our research is design-led and uses improvisation as a tool. The Damask rose becomes a key element, transforming the landscape into a fragrant canvas. Visitors embark on a journey guided by scents, textures, and sounds. The study utilizes pre-designed elements that adapt to the site's potential discovered through exploration and refined through different graphic representation methods in order to tell an intelligible story of our journey. By integrating scent installations, the design ignites visitors' imagination and fosters a deeper connection with the valley. This "ambiantal" approach highlights the transformative power of sensory experiences, creating a landscape that inspires, connects, and evokes emotions.

KEYWORDS: Landscape. Predesign. Improvisation. Sensory. Experience.

RESUMO
Inspirados pela beleza natural do vale e pelas tradições berberes, nossa pesquisa é conduzida pelo design e utiliza a improvisação como ferramenta. A rosa damascena torna-se um elemento chave, transformando a paisagem em uma tela perfumada. Os visitantes embarcam em uma jornada guiada por aromas, texturas e sons. O estudo utiliza elementos pré-concebidos que se adaptam ao potencial do local, descoberto através da exploração e refinado por diferentes métodos de representação gráfica, a fim de contar uma história inteligível de nossa jornada. Ao integrar instalações de aromas, o projeto desperta a imaginação dos visitantes e promove uma conexão mais profunda com o vale. Essa abordagem ambiental destaca o poder transformador das experiências sensoriais, criando uma paisagem que inspira, conecta e evoca emoções.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Pré-projeto. Improvisação. Sensorial. Experiência.

1. INTRODUCTION
Landscape architecture has historically placed a strong emphasis on visual aesthetics and functional considerations (Corner, 1999). While these elements undoubtedly contribute to a space's value, an entire dimension of human experience remains largely untapped: the power of sensory encounters. As architect Juhani Pallasmaa argues, smell, touch, sound, and even taste, can profoundly influence how we perceive and connect with our surroundings (McIntyre, 2010). Through their senses, humans co-evolve in a strong relationship with their environment. Either in a built or in a natural environment, humans have developed the ability to feel in a situated place. If feelings are the mental experiences of body states, arising from the brain decoding process of emotions, themselves physical states arising from the body's responses to external stimuli (Damasio, 2003), ambiances can be redefined as situated human deep feelings (Hussein, 2020). Hence, through a powerful regulating

process connecting body and mind, humans perceive ambiances, experience them, shape them and build with them a unique place. This paper proposes an innovative approach applied to landscape regeneration process that harnesses this potential, fostering a transformative experience through the design of immersive sensory journeys. Our case study focuses on The Valley of Toujen in southern Tunisia. This once-thriving valley held a distinct "Genius Loci" – a unique spirit shaped by its natural beauty and the reverence held by its original Berber inhabitants (Norberg-Schulz, 1981). However, due to a lack of regeneration policies of such places and under the influence of uncontrolled harsh climatic conditions and acceleration phenomena as a characteristic feature of the modernity culture (Rosa, 2013), the departure of the local community has left the valley struggling. This project aims to revitalize Toujen, not just through environmental restoration and building renewing actions, but also by rekindling its lost essence through a sensory exploration. By fostering a deeper connection with the land, the study seeks to inspire a renewed appreciation for Toujen and encourage its sustainable future by reframing "ambiantal" building practices.

This research draws inspiration from two key theoretical frameworks. First, the "phenomenology of space" by Bachelard (1957) challenged the purely objective view of space, emphasizing the subjective and experiential aspects. He argued that spaces evoke emotions, memories, and even daydreams, shaping our very understanding of the world. Our study applies Bachelard's ideas to Toujen, considering it not just as a physical location, but as a potential matrix of dreams and poetic experiences waiting to be unlocked. Second, "the concept of correspondences" by Baudelaire (1857) proposed a deep connection between our senses, suggesting that one sense can evoke responses in another. This concept forms the consideration for our use of scent as a primary driver of the experience. By strategically introducing evocative aromas to sensory regenerate the valley, we aim to create a multi-sensory dialogue that enriches and transforms how visitors perceive it.

Furthermore, the study, that we will name "of the Roses' Valley of Toujen", adopts the concept of "pre-designed improvisation" (Alimi, 2022) as its design methodology. This approach acknowledges the inherent complexity of natural landscapes and embraces adaptation. While core design intentions guide the project, space is given for the site itself to inform the outcome. Through this dynamic interaction, the research seeks to capture the unique essence of Toujen, to highlight its "ambiantal" potential and to create a sensory experience that resonates deeply with its visitors.

2. METHODS

This study employed a usage-centered approach to landscape regeneration, prioritizing the creation of a meaningful and evocative experience for visitors. Pre-designed improvisation served as the core design methodology, allowing for the project to adapt and evolve in response to the specific characteristics of The Valley

of Toujen. Pre-designed improvisations have therefore been supported as a strategic tool to orchestrate a symphony of sensory encounters. The Damask rose, a local aromatic plant with cultural significance, was chosen as the dominant olfactory element, transforming the landscape into a fragrant canvas.

2.1 Key project phases

2.1.1 Sensory Exploration

An initial intensive exploration of the valley was conducted using all five senses. This involved activities like walking, observing, taking photographs, and detailed notetaking on the sights, sounds, textures, and existing smells present within the valley. This phase aimed to identify the valley's unique sensory palette, potential for transformation, and opportunities for creating a captivating narrative for the walking experience. During this sensory exploration, we didn't interact with Toujen's inhabitants. Our exploration relied on our personal and isolated perception of the valley, by only considering our own sensitivity as a researcher in atmospheres' field to detect ambiances and express them using tools previously listed.

2.1.2 Design Iteration

Following the initial exploration, a design process began that emphasized ongoing engagement with the site. Thus, our methodology protocol firstly involved Mapping and Transect Analysis. The valley was mapped, and key locations with distinct sensory qualities were identified. Transects (Tixier, 1996), cross-sections of the landscape, were drawn through these key locations. Secondly, it concerned Sensory Sequence Design in which each transect became a "sensory sequence", a defined section of the walking experience with specific olfactory, visual, auditory, and potentially tactile elements. Factors like scent density, type of vegetation, potential activities, and proposed layout were assigned to each transect. Thirdly, Detailed Sections were created for key points along the walking experience. These sections used sensitive rendering techniques to capture the ambiance and potential activities visitors would encounter. And as an additional tool, we explored the use of Artificial Intelligence (AI) to simulate the immersive experience. Text prompts describing the poetic deambulatory experience were used to generate digital renderings that further enriched the design process.

2.1.3 Olfactory Integration

Focusing on olfactory ambiances, the Damask rose, a locally significant aromatic plant, was chosen as the dominant olfactory element. The study explored various methods for integrating scent into the landscape through installations and natural plantings. The goal was to create a subtle yet evocative scent experience that would subtly guide visitors along the journey and enhance the overall sensory narrative. On one hand, The Damascus rose, is here used as a guide parameter that counters the general hegemony of visual parameters in traditional design processes. On the other hand, by comparison to the "Roses' Valley" of Morocco from which we draw inspiration as a successful experience in a similar climate context that uses groundwater system

called “Khettars”, the cultivation of Damascus rose seems even more promising in Tunisia. Our study encompassed the regenerating the ancient technique of irrigation of the “Joussours” which offers increased efficiency as it uses runoff water, aiming also to revive the know-how of local communities.

2.2 Data Collection Methods

Throughout the research process, data was collected through various methods. This includes field notes through observations, reflections, and sensory experiences, photographic documentation and sketches that captured the visual elements of the valley and aided in design development, transect and detailed section drawings that provided a visual representation of the sensory sequences and key locations as well as AI-generated renderings: If utilized, these digital representations offered additional insights into the potential immersive experience.

2.3 A transdisciplinary approach for a multi-sensory journey

By employing this transdisciplinary approach, the project aimed to create a landscape regeneration experience that transcended mere environmental restoration. The focus shifted to fostering a deep connection with the land through a multi-sensory journey, ultimately leading to a renewed appreciation for Toujen. The olfactory integration in the journey is used as metaphor, as it fosters a connection by “Correspondances” between users and the place (Baudelaire, 1857), which confers a poetic sense to the experience (Bachelard, 1957).

3. RESULTS

3.1 Design Implementation or pre-designing reality’s poetry

The study started with an intensive sensory exploration of the site. This initial phase informed the design of the walking experience, emphasizing synesthetic and kinesthetic engagement. Then, the design process unfolded iteratively, with initial intentions refined and adapted through ongoing engagement with the site.

3.1.1 Levels of representation

Walking, photography, observation, and diverse representation techniques were employed to capture the essence of the valley. This process facilitated the evolution of a compelling narrative for the walking experience. Each chosen sequence was assigned a transect, a cross-section depicting the scent density, type, potential activities, and proposed layout. Detailed sections were also developed, utilizing sensitive rendering techniques to highlight the ambiance and potential activities along the journey. Furthermore, we explored the use of artificial intelligence (AI) to simulate the immersive experience. Using text prompts describing the poetic

deambulatory experience, AI generated digital renderings that further enriched the design process.

Exploring these new mediums of thought that expand the imaginative powers of the human-machine collaboration, five sequences "S" were chosen and developed as poetic deambulatory experience (Figure 1).

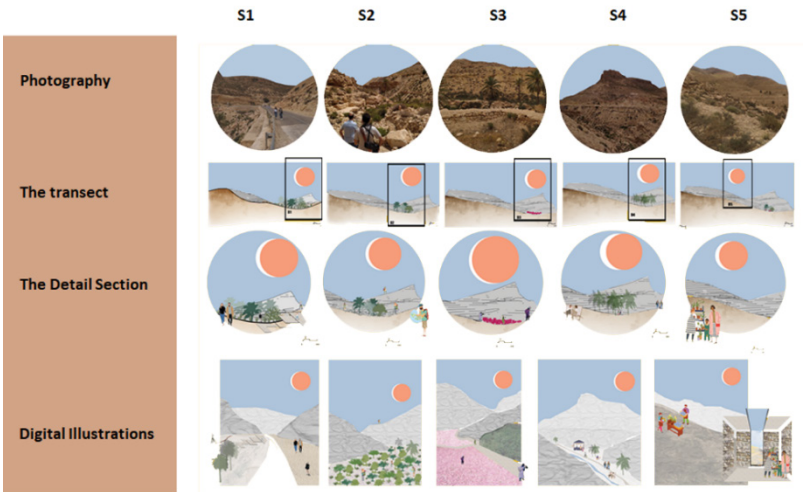


Figure 1.. Level of representations and ambiances of the Roses' Valley of Toujen.
Source: Alimi.W (2022).

3.1.2 The Journey Unveiled

As shown in digital detail sections (Figure 2), here is how we consider our journey as a pre-designed improvisation:

- S1 or "The Descent into the Valley": The journey into Toujen Valley begins on the RN20, with panoramic views gradually revealing the rose fields below. A winding descent takes users past the disappearing village, where nature unfolds with each step. The created stairs and ramp, created in integration with the rock suggest a vertical stroll.
- S2 or "The hikers and the landscape": Stepping further into the landscape, hikers are immersed in the changing terrain. As shown in the transect of S2, palm trees, fig trees, almond trees, and more create a tapestry of flora. The village view transforms into a majestic mountain vista, while the valley's fragrant vegetation awakens the senses.
- S3 or "Joussours in harvest season": The path weaves through fields of Damascus roses, following the footsteps of generations who have tended the land. Terraced crops, imbued with the scent of flowers, hint at a time of Berbers; original inhabitants of Toujen, where agriculture and livestock were central to the village's lifeblood.

- S4 or “Scent points”: Scattered along the route are designated rest areas with water access and local refreshments. These “sniffing points” encourage a deeper connection with the environment through smell.
- S5 or “Liaison to the village”: The experience culminates at the village, where contemporary shops line the path. These spaces showcase local products like rose-based delicacies and perfumes, creating a vibrant link between the valley and its people.

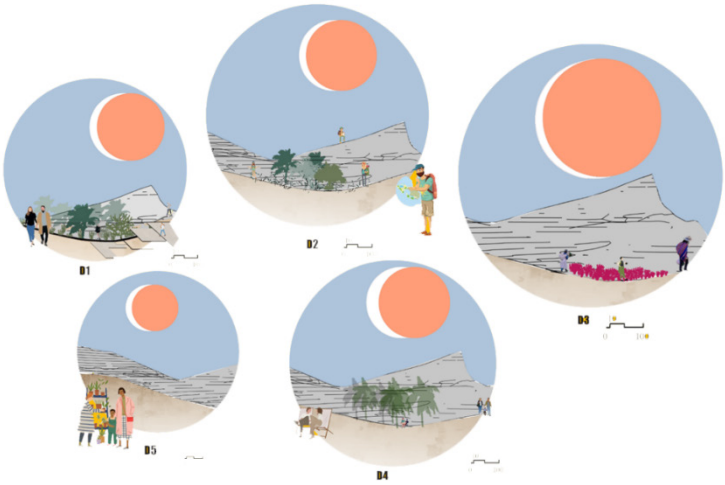


Figure 2. Digital detail sections showing ambiances of the Roses' Valley of Toujen
Source: Alimi.W (2022).

As an inspiring simulation to this experience, we used Midjouney with the text prompts “Toujen, Tunisia, rose, mountain, touristic, vegetal, poetic, landscape”. The IA generated ambiances (Figure 3) are very engaging.

Figure 3/Figura 3. IA generated ambiances of the Roses' Valley of Toujen
Source: Alimi.W (2022).

Hence, it is through this process that the project emerged as a rich tapestry of sensory experiences. Olfactory installations, seamlessly integrated into the landscape, create a dialogue between the senses and the environment. Visitors are guided along the journey, their imaginations ignited by the evocative power of scent and the stimulation of multiple senses.

It is also important to mention that this resident and visitor-friendly journey prioritizes sustainable development through cultural tourism and local produce. With the active involvement of the local population, the valley offers an immersive experience: a symphony of colors, scents, and traditions.

3.2 The evocative project power and its multiple senses' stimulation potential

The sensory exploration and "ambiantal" design iteration phases of the Toujen Valley regeneration project laid the groundwork for a transformative walking experience. The walking journey is designed to wind through the valley, showcasing its diverse landscapes while maintaining a gentle flow. Resting areas with comfortable seating and panoramic views are strategically placed at key points along the journey. All materials used for installations, signage, and journey infrastructure are chosen for their visual and tactile compatibility with the natural environment. Sustainable and locally sourced materials are prioritized where possible. Ramps were incorporated where necessary. Signage and audio descriptions, delivered through a mobile app, could be utilized to enhance the visitors' experience. The study aims to seamlessly integrate with the existing landscape, minimizing disruption to the natural environment. Existing vegetation is carefully preserved, and new plantings are chosen to complement the native flora. Traditional water management practices were incorporated into the design by restoring the "Joussours" technique as defined before, promoting water conservation and sustainable irrigation. As the chosen dominant scent, Damask roses is strategically planted throughout our project's journey. Additionally, discreet scent diffusers, disguised as natural elements like rocks or logs, could be installed at key locations. The density and type of Damask rose vary along the journey. Denser plantings and potentially stronger diffusers mark key moments in the narrative, while subtler scents guide visitors through transitional areas. The design factor in seasonal variations in natural fragrances. Complementary scents, emanating from native flowering plants, can be incorporated to create a dynamic olfactory experience throughout the year. Carefully curated landscaping complements the olfactory narrative. Native wildflowers and ornamental plantings mirror the Damask rose's color palette, creating a visual connection to the dominant scent. Natural sounds, like wind rustling through leaves or birdsong, are amplified at specific points. Additionally, subtle, evocative sound installations, such as chimes or gurgling water features, are incorporated to further enhance the multi-sensory experience. Walking surfaces are designed to vary in texture, with smooth paths juxtaposed against areas of soft sand or gravel. This variation provided tactile stimulation and encouraged visitors to slow down and engage with the environment

through touch. Scattered throughout the journey, interactive installations invite visitors to participate in the sensory narrative. These include scent-mixing stations, touch sculptures made from natural materials, and sound-activated fountains. The overall design strived for a harmonious balance between human intervention and the natural character of the valley. Hence, the design implementation of the Toujen Valley regeneration study aimed to create a holistic sensory experience. By orchestrating a symphony of scents, sights, sounds, and textures, it sought to evoke emotions, memories, and a deeper connection with the land.

4. DISCUSSION

The Toujen Valley regeneration project serves as a testament to the transformative potential of landscape architecture that transcends mere aesthetics and functionality. By harnessing the power of sensory experiences and employing pre-designed improvisation as a design methodology, the study aimed to foster a deeper connection between humans and the natural world.

4.1 The Power of Sensory Design

The research's success hinged on the intentional manipulation of sensory elements, particularly the evocative power of scent. The Damask rose, a fragrant emblem of the region, became more than just a plant; it was woven into the very fabric of the experience, acting as a guide and emotional trigger. The variation in scent density and type along the journey allowed for a dynamic narrative to unfold, one that would keep visitors engaged and surprised throughout the experience. The research also highlights the importance of considering all senses in landscape design. Subtle soundscapes, variations in texture underfoot, and carefully curated visuals all played a part in enriching the experience and creating a sense of immersion. By stimulating multiple senses simultaneously, we fostered a more holistic and memorable connection with the valley.

4.2 Pre-designed Improvisation as a Responsive Approach

The use of pre-designed improvisation (Alimi, 2022) as the design methodology proved particularly fruitful. While a core design intention existed, the study remained open to the unique character of the valley. Through ongoing exploration and engagement with the site, the design evolved organically, ensuring a final product that resonated with the specific qualities of Toujen. The final product is also open to the visitors' experiences, appropriations and interpretations. This approach stands in contrast to traditional landscape design methods that often impose rigid concepts onto natural environments.

4.3 Challenges and limitations

Despite our aim for innovation, we faced certain challenges. The integration of technology, like AI-generated renderings, while valuable in the initial design phase, presented practical limitations in implementation. Furthermore, long-term maintenance of the scent diffusers and interactive installations can be promising but necessitate careful planning and ongoing monitoring.

5. CONCLUSION

Landscape architecture, traditionally rooted in visual and functional considerations, lacks the power of sensory experiences to shape our perception and connection to the world. The immersion in The Valley of Toujen in southern Tunisia shows the site's unique character, coming from its natural compounds to which the Berbers, as the original settlers, held veneration, influencing their management of space. However, the "Genius Loci" is dissipating with local community fleeing Toujen for better life conditions. Drawing inspiration from Bachelard's and Baudelaire's theories, considering the valley as a matrix of dreams and poetry, our intervention unveils the transformative potential of improvisation as a design tool for spatial perception and emotional resonance. The goal is to explore the landscape regenerative project as an interplay between design intent and spontaneous engagement with the site. Therefore, our study focuses on the redesign of Toujen's valley through an immersive sensory walking experience, with the Damask rose chosen as a dominant odor compound transforming landscape into a fragrant canvas.

Using a usage-centered approach, the study leverages pre-designed improvisations as a design tool able to transform Toujen into a symphony of sensory experiences, with olfaction playing a subtle yet evocative role. The first site visit has served as a sensory exploration, informing the synesthetic and kinesthetic experience's sequences of the walker. Then, the design process embarked on a journey where initial design intentions were refined and adapted through ongoing engagement with the site's potential. By appropriating the territory through walking, taking photographs, observing, and diversifying the representation techniques, a compelling narrative has dynamically evolved. Each sequence chosen is assigned a transect to be drawn showing scents' density and type, potential activities, and the proposed layout. Each transect chosen is also designated for a detail section. We used sensitive rendering in the production of detailed sections to highlight the ambiances of the place through the journey with the potential activities it would house. We also tried IA simulation of the ambiances to be experienced with text prompts to produce digital renderings based on written text descriptions of the poetic deambulatory experience. Therefore, our intervention emerged as a tapestry of sensory experiences, challenging conventional modes of perception, and inviting visitors to embark on a sensitive poetic journey. Olfactive installations, integrated into the landscape, set up a dialogue between the senses and the environment. Visitors are guided along the journey; their imagination is being ignited by the evocative power of smell and sense arousal.

Hence, our experimentation stands as a testament to the transformative potential of landscape regenerative projects as pre-designed improvisations, inducing the apprehension of landscape emotions and convening ambiances. By embracing the environment and allowing for spontaneous adaptation, it suggests a deeper connection between humans and the world, transforming it into a realm of dreams, poetry, and sensory drifts and highlighting its ability to evoke vivid memories, stir emotions, and inspire a newfound appreciation of Toujen through ambiances. Ultimately, the study demonstrates how harnessing the power of sensory experiences can create landscapes that not only regenerate the environment, but also inspire, connect, and transform.

6. PERSPECTIVES

The Toujen Valley regeneration project offers a glimpse into the future of landscape architecture. By moving beyond aesthetics and functionality, it demonstrates the power of sensory and "ambiantal" design to create transformative experiences that foster a deeper connection with the natural world. This approach has the potential to revitalize neglected landscapes, inspire a sense of stewardship, and remind us of the profound impact our surroundings can have on our emotions and well-being.

This research offers a novel approach to landscape regeneration, one that transcends functionality and aesthetics to tap into the transformative power of sensory experiences, introducing ambiances as a key regenerative tool. By harnessing the unique character of the Valley of Toujen and fostering a dialogue with the site through pre-designed improvisation, the research paves the way for a future where landscapes are not simply viewed, but deeply experienced and emotionally connected with.

Since bringing the project into life remains dependent to financial contributions, a further stage of this research would involve testing the designed experience with a small group of visitors even in VR or XR. This would allow for evaluation of the effectiveness of the sensory elements and potential refinements to optimize the overall experience.

This study offers a foundation for further research into the application of pre-designed improvisation in landscape architecture. Future research could explore more sustainable methods for scent delivery and integrate biophilic design principles further (Ulrich, 1993). Additionally, involving local inhabitants in the exploratory phase of our process and investigating the long-term social impact of such interventions and delving deeper into the psychological effects of specific sensory combinations would be valuable areas of exploration.

7. BIBLIOGRAPHY

Alimi, W. (2022). Vers une conversion poétique : La vallée des roses - الوادي تحلم. Mémoire de mastère professionnel CUDIMHA Erasmus+, Sous la dir. Hussein, F., Université de Carthage, Ecole Nationale d'Architecture et d'Urbanisme, Tunisie, 58 pages.

Baudelaire, C. (1857). Les Fleurs du Mal. Paris: Ed. Galimard.

Bachelard, G. (1964). The Poetics of Space. Boston, MA: Beacon Press.

Corner, M. (1999). Recovering landscape: Essays in contemporary landscape architecture. Princeton Architectural Press, New York, NY.

CUDIMHA project. (2022). *https://cudimha.eu/index.php/fr/*

Damasio, A. (2003). Spinoza avait raison : Le cerveau de la tristesse, de la joie et des émotions. Odile Jacob sciences, Paris, France, 344 pages.

Hussein, F. (2020). L'émotion comme indicateur de l'ambiance : vers des semi-modèles correctifs adaptés. Rapport d'Habilitation Universitaire, Université de Carthage, Ecole Nationale d'Architecture et d'Urbanisme, Tunisie, 430 pages.

McIntyre, K. M. (2010). The sensory experience of architecture: A Pallasmaan perspective. Journal of Architectural Education, 63(4), 32-40.

Norberg-Schulz, C. (1981). Genius Loci: Paysage, ambiance, architecture [Genius Loci: Landscape, Atmosphere, Architecture]. Bruxelles: P. Mardaga.

Pallasmaa, J. (1994). An architecture of the seven senses. In S. Holl, J. Pallasmaa, & A. Perez-Gomez (Eds.), Architecture and urbanism: Questions of perception: Phenomenology and architecture (Special issue), July, (pp. 27–37).

Rosa, H. (2013). Accélération. Une critique sociale du temps. Paris, La Découverte, coll. « Théorie critique », 480 pages

Tixier, N. (1996). Le transect urbain. Pour une écriture corrélée des ambiances et de l'environnement. Sabine Barles ; Nathalie Blanc. Écologies urbaines. Sur le terrain, Economica-Anthropos ; PIR Ville et Environnement, pp. 130-148, 2016. (hal-01518091)

Tixier, N. (2017). Le quotidien en projets, Parcours, coupes, travellings et autres transects (Habilitation à Diriger des Recherches Dissertation). École Doctorale 454, Sciences de l'Homme, du politique et du territoire, Discipline Sciences humaines – Architecture, Université Paris-Est Marne-la-Vallée.

Ulrich, R. S. (1993). Biophilia, health, and nature. In S. R. Kellert & E. O. Wilson (Eds.), Biophilia: The human bond with nature (pp. 73-137). Harvard University Press.

R41

THE WALKING AND THE (RE) SIGNIFICATION OF THE URBAN SPACE IN THE CENTER OF FLORIANOPOLIS: AESTHETIC AND AFFECTIVE MAPPING

O CAMINHAR E A (RE)SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS: MAPEAMENTO ESTÉTICO E AFETIVO

Julia Medeiros Alves
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina
julia.m.alves@posgrad.ufsc.br

Gabriela Ferreira Ávila
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina
gabrielaavi@outlook.com

Rachel Lopes Fernandes Fonseca
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina
rachellopesfernandes@gmail.com

Maíra Longhinotti Felippe
Doutora em Tecnologia da Arquitetura
Universidade Federal de Santa Catarina
mairafelippe@gmail.com

ABSTRACT
The diverse cultural, historical, social, and economic elements that converge in Brazilian urban centers constitute a complex and dynamic environment, open to multiple interpretations and explorations. Among these possibilities, walking can be understood as an aesthetic experience that leads to the conception of the pedestrian as a symbolic transformer of the city through their perception. This study aimed to explore the emotional and sensory connections in the person-environment relationship within the urban setting of Florianópolis (SC). Through urban drifts and interviews in the city's historic center, a psychogeographic map was developed to present the participants' aesthetic and affective experiences, highlighting the importance of walking as a practice that (re)signifies urban space.

KEYWORDS: environmental psychology. environmental perception. urban space. psychogeographic map. walking

RESUMO
Os diversos elementos culturais, históricos, sociais e econômicos que convergem nos centros urbanos brasileiros constituem um ambiente complexo e dinâmico, passível de múltiplas interpretações e explorações. Dentre essas possibilidades, podemos entender o ato de caminhar como uma experiência estética que decorre na concepção do pedestre como transformador simbólico da urbe através de sua percepção. Este estudo objetivou explorar as conexões emocionais e sensoriais na relação pessoa-ambiente no meio urbano em Florianópolis (SC). Através de derivas urbanas e entrevistas no centro histórico da cidade, foi elaborado um mapa psicogeográfico apresentando as experiências estéticas e afetivas dos participantes, destacando a importância do caminhar como prática (re)significadora do espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE: relação pessoa-ambiente. percepção ambiental. espaço urbano. mapa psicogeográfico. caminhar.

1. INTRODUÇÃO
Os centros urbanos brasileiros são espaços de grande diversidade e complexidade, onde convergem diferentes elementos culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes de seus processos formativos (Del Rio, 1999). Tal diversidade faz com que uma determinada rua, praça ou edifício ofereça múltiplas interpretações, convidando as pessoas a explorarem e a se relacionarem de maneira única com o ambiente urbano, em relações contínuas entre memória e imaginação (Tuan, 1974).

Centros históricos, em especial, ao possuírem características simbólicas ligadas às dialéticas históricas e socioespaciais, são de grande importância para a formação da imagem das cidades (Del Rio, 1990). A exemplo de Florianópolis, capital do estado brasileiro de Santa Catarina (SC), é possível encontrar em seu centro uma variedade

de elementos que influenciam diretamente na percepção e na experiência do espaço, tais como: a diversidade de estilos arquitetônicos intertemporais; a presença de largos, praças, ruas pedestrianizadas e áreas de convivência que proporcionam interações sociais, atividades culturais e experiências sensoriais diversas; e da pluralidade de identidades socioculturais coexistentes nestes espaços.

Entendendo o processo perceptivo como um modo idiossincrático de significar informações, as percepções do lugar são subjetivas para cada indivíduo; porém, a reincidência de pontos comuns esclarece preferências e expectativas dos usuários, evidenciando a influência do meio físico e social no qual se inserem ao gerar e persuadir esse processo (Del Rio & Oliveira, 1999; Kuhnen, 2011). Ainda, pode ser compreendido de forma fenomenológica, como mediação entre mente e mundo, sendo esta uma ferramenta de exploração e interpretação do espaço (Merleau-Ponty, 2018). Esse processo é possibilitado pelo constructo denominado ambiência, que corresponde a uma unidade sensível perceptiva que qualifica o meio experienciado no qual ocorre (Thibaud, 2018).

Protagonizando a percepção do pedestre, Careri (2013) introduz o caminhar como possibilidade de experiência estética e vivência do espaço, defendendo que o ato de deambular livremente no território permite ao indivíduo, para além de conhecer fisicamente o local, participar da construção e transformação simbólica da urbe. Equivalendo-se à deriva urbana, a exploração lúdica do espaço ordinário profundamente ligada ao movimento situacionista (Debord, 2003c [1958]), vincula-se também à fenomenologia, oferecendo uma maneira de examinar as interações entre corpo, espaço e subjetividade. A partir de Deleuze e Guattari (1995), podemos entender também que as derivas oferecem uma abordagem ética e estética para a experiência urbana, desafiando a linearidade e a previsibilidade da cidade ao convidarem os caminhantes a se deixarem afetar pelo ambiente e a questionarem as normas impostas. A deriva, portanto, se faz uma ferramenta para enfrentar as contradições do mundo, podendo ser utilizada para explorar o corpo e a subjetividade das pessoas no espaço urbano, valendo-se de sua multiplicidade (Careri, 2013; Debord, 2003c [1958]).

Essa movimentação pela cidade, o flanar, é em si uma interpretação simbólica do território, podendo ser materializada através da leitura psicogeográfica, que corresponde a um meio de revelar a relação íntima entre emoção e geografia, o sentimento localizado no espaço real (Careri, 2013; 2017; Debord, 2003a [1955]; 2003c [1958]). O mapeamento psicogeográfico é então uma representação não-convencional da cidade, que fragmenta e reorganiza espaços para refletir as experiências emocionais e psicológicas dos indivíduos enquanto estão à deriva. Tais mapas podem incluir desenhos, colagens e textos destacando locais ou áreas de maior impacto emocional (Debord, 2003b [1957]).

A experiência emocional do ambiente é também o que constrói seu significado, partindo da sua percepção e interpretação. A atribuição de valoração a aspectos

físicos transforma o espaço em lugar, e a caminhada produz esse lugar ao evocar transformações afetivas situadas. O impacto dessas emoções é, portanto, capaz de alterar as dimensões descritivas e perceptivas do ambiente, implicando em uma mudança na representação interna dos elementos espaciais (Careri, 2013; Corraliza & Berenguer, 2010).

Acredita-se, enfim, que as características estéticas e afetivas do ambiente urbano no centro de Florianópolis (SC) influenciam significativamente as conexões emocionais e sensoriais das pessoas com tal espaço, gerando uma variedade de experiências perceptivas que podem ser mapeadas e compreendidas através de métodos qualitativos como derivas urbanas e entrevistas. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi explorar as conexões emocionais e sensoriais na relação pessoa-ambiente no meio urbano em Florianópolis (SC).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa teve delineamento descritivo, relacional e qualitativo (Sampieri; Collado; Lucio, 2013). O estudo parte de uma abordagem multimetodológica (Günther; Elali; Pinheiro, 2008) e foi conduzido por meio de derivas urbanas, entrevistas semiestruturadas e análise subjetiva dos espaços visitados, resultando em um mapa psicogeográfico que descreve as conexões emocionais e sensoriais na relação pessoa-ambiente em meio urbano.

A área delimitada para o estudo foi o centro de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina (SC). A escolha se deu pela multiplicidade de fatores que envolvem este recorte urbano, incluindo: estilos arquitetônicos; praças, ruas e espaços comunitários que promovem interações sociais; além da coexistência sociocultural de diversos atores.

Primeiramente, as pesquisadoras fizeram passeios pelo centro de Florianópolis, seguindo a metodologia de derivas urbanas (Debord, 2003c [1958]), observando as interações feitas no local, registrando fotografias ou croquis e anotando suas percepções em diário de campo. Registraram-se: rotas percorridas, que não foram previamente definidas, mas sim um processo de escolhas guiadas pelo interesse no espaço urbano; linhas que conectavam os pontos visitados; marcadores emocionais, com ícones ou cores que representam emoções associadas a cada local; e breves descrições dos momentos significativos.

Num segundo momento, foram feitas entrevistas semiestruturadas com pessoas passantes, exceto menores de 18 anos e/ou legalmente incapazes, com o intuito de recolher as percepções destes transeuntes sobre o local, obtendo maior diversidade de perspectivas sobre o ambiente urbano, a fim de proporcionar uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais. Além disso, essa etapa serviu para validar ou contrastar as impressões e sentimentos das pesquisadoras sobre determinados lugares.

Os dados provenientes das entrevistas foram analisados a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2014), para examinar e categorizar informações qualitativas, buscando identificar padrões, temas e significados. A partir dos dados oriundos dos diários, croquis, fotografias e da análise de conteúdo, foi gerado um mapa psicogeográfico do centro de Florianópolis (Debord, 2003b [1957]; Deleuze & Guattari, 1995).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O local

O centro de Florianópolis (Figura 1), capital do estado de Santa Catarina, localiza-se na Ilha de Santa Catarina, abrigando órgãos públicos, pontos turísticos, além de ser uma passagem obrigatória para quem chega à ilha por via rodoviária. Entre os diversos pontos de referência e monumentos importantes para a caracterização da capital, estão as vibrantes ruas comerciais com as suas muitas lojas e cafés e os arredores da Praça XV de Novembro, rodeada de estruturas patrimoniais como o Palácio Cruz e Sousa e a Catedral Metropolitana.

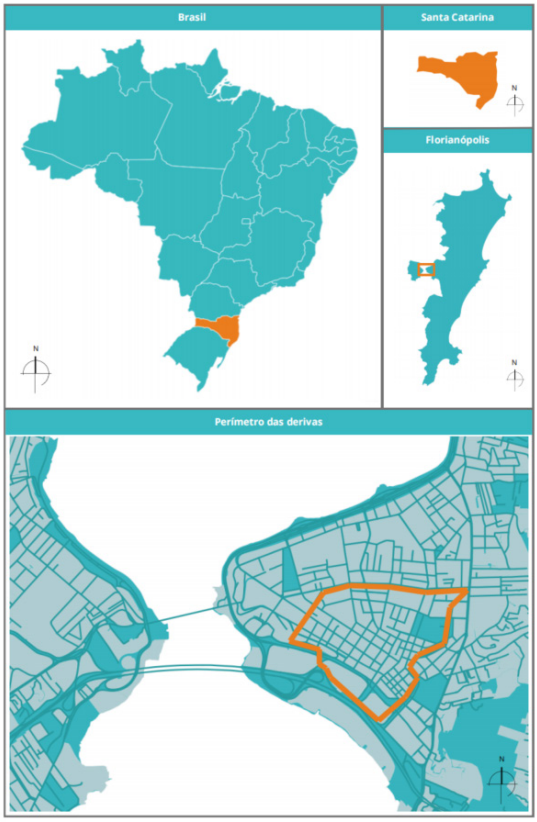


Figura 1. Localização do centro histórico de Florianópolis (SC). Sem escala.
Fonte: Autoras (2024).

3.2 As derivas

As derivas ocorreram no dia 16 de abril e entre os dias 03 e 08 de junho de 2024, a partir da esquina da Rua Conselheiro Mafra e da Praça XV de Novembro, sem destino fixo, com duração aproximada de duas horas. Todas as derivas ocorreram em dias de clima ameno, alternando entre tarde e manhã. É válido pontuar que cada uma das pesquisadoras que realizaram as derivas tem uma origem geográfica distinta, residindo em Florianópolis há diferentes períodos, que variam de pouco mais de um ano a mais de uma década. Além disso, todas possuem formação em Arquitetura e Urbanismo, o que transmuta a cosmovisão sobre o ambiente, uma vez que há treinamento do olhar para o espaço.

As caminhadas realizadas demonstraram contrastes significativos em relação às percepções sensoriais e estéticas de determinados setores. Em geral, os arredores de praças foram mais bem apreciados que ruas com fluxo intenso de pessoas e veículos. Foi observada uma abundância de estímulos sensoriais, sejam estes visuais, auditivos ou olfativos.

Em especial, as paisagens visual e olfativa foram agentes predominantes na percepção positiva do ambiente, acentuada pela presença de vegetação ou casario, quando bem preservado. "[...] o que nos atraiu em conjunto foi a vista da Praça XV, que para mim tinha um aspecto de refúgio verde." (Diário de Campo, Pesquisadora 2, 27 anos, gênero Feminino)[1]. "Os adereços do palácio chamam muita atenção neste cenário e fico imaginando como eles foram feitos." (D. C., P. 3, 31, F). Em contrapartida, o ruído proveniente do tráfego motorizado ou de vendedores anunciando produtos e a má conservação do ambiente construído foram fatores que contribuíram para percepções negativas durante as derivas, ocasionando desejo de afastamento do local.

> Percebo também o quanto esta rua é barulhenta. Paro para distinguir os diferentes estímulos e percebo: pessoas andando e conversando entre si, muitos pombos, vendedores de rua, diferentes prédios coloridos, pessoas gritando: 'compro ouro! vendo ouro!'. Poluição visual e sonora que me deixa um pouco ansiosa por andar mais rápido. (D. C., P. 3, 31, F)

Durante a deriva, as camadas das transformações históricas foram percebidas em graus e enfoques diferentes pelas pesquisadoras, principalmente pela diferença de experiências prévias e suas cidades de origem, localizadas nas regiões norte, nordeste e sudeste do Brasil. O entrelaçamento de temporalidades na malha urbana confere à região um aspecto diversificado, com uma série de forças atuantes comuns à gênese dos centros urbanos brasileiros, tal como assinalado por Del Rio (1999), sendo evidente no centro de Florianópolis a sobreposição de diferentes planos urbanísticos moldados em momentos políticos distintos.

1 A partir deste ponto a identificação da fonte (Diário de Campo), pesquisadoras (1, 2 ou 3) e suas respectivas idades e gênero (F ou M) serão reduzidas à iniciais.

Por se tratarem de ruas desenhadas conforme intenções coloniais, a escala estreita das vias é ainda presente em alguns trechos, como nos arredores da catedral. Associações com outros centros históricos brasileiros foram feitas por uma das pesquisadoras, que sentiu certa familiaridade mesmo explorando ruas desconhecidas. "As ruas são estreitas, é a escala de uma Cidade Velha, me lembrou vagamente do bairro histórico de Belém (PA). Mas aqui não é perigoso e abandonado" (D. C., P. 2, 27, F). Ainda, focou no estado geral de conservação do conjunto, enquanto outra focou na descaracterização das unidades edilícias. "Parei para observar uma edificação com azulejos, que bem de perto via-se haver um restauro bem artesanal, desenhados à mão. Não totalmente profissionais, mas denotavam um cuidado atencioso, talvez até com afeto." (D. C., P. 2, 27, F).

> Nesta esquina tem um prédio histórico com fachada tombada que foi completamente descaracterizado pois foi pintado de roxo e laranja, fazendo parecer uma loja gigante de Halloween. [...] Dali também percebo que fora da praça, todos os casarios antigos são bastante descaracterizados. Um deles parece até a casa da Barbie e fico impactada com essa descaracterização."(D. C., P. 3, 31, F)

Como principais fatores que influenciaram as tomadas de decisões sobre qual caminho seguir, estão a curiosidade, seja pela ocorrência de atividades incomuns ou pela vontade de desbravar áreas desconhecidas; a apreciação visual, seja de uma edificação, corpo arbóreo ou murais; a existência de barreiras físicas; a fuga de ambientes desagradáveis, por conta do ruído ou da sensação de insegurança; a busca por locais de refúgio e descanso; ou mesmo mudanças de direção não-intencionais, ocasionadas pela sinalização ineficiente e a escassa legibilidade do meio urbano.

> Vi ao longe um mural, mas decidi não ir até lá, pois o caminho era esquisito e tinha um homem parado na viela. [...] A partir daí, fui guiada por murais, sons ou a possibilidade de caminho à sombra de vegetação, além do cheiro de suco que tinha na Rua dos Ilhéus. [...] Nesse momento minhas escolhas eram guiadas por pura curiosidade. Lugares que eu ainda não tinha visto, ou que gostaria de observar mais de perto que tivessem alguma coisa legal na paisagem, ou algo interessante acontecendo. (D. C., P. 1, 28, F)

> Não fomos em uma linha reta pois a rua entre as quadras estava parcialmente em obras, o que me parecia uma barreira instintivamente. [...] A curiosidade me guiou por pontos que não havia passado antes pelo simples fato de nunca ter havido uma necessidade em específico. (D. C., P. 2, 27, F)

As trajetórias distintas, mesmo que partissem de um único ponto, destacam como as experiências pessoais e subjetivas moldam a exploração do espaço. Mesmo quando as pesquisadoras convergiam para um destino similar, as motivações eram diferentes, influenciadas por vivências anteriores em Florianópolis ou em outras cidades,

corroborando a teoria de Tuan (1974) de que a percepção ambiental é continuamente alterada singularmente pelas relações entre memória e imaginação, assim como a influência do papel do contexto social nos aspectos perceptivos pessoais (Kuhnen, 2011). Em suma, a Figura 2 a seguir expõe a localização das sensações relatadas, em um mapa de cunho cartográfico.

Figura 2. Sentimentos e trajetória nas derivas
Fonte: Autoras (2024).

É possível afirmar que as experiências sensoriais e afetivas intensificaram o reconhecimento e a valorização das características únicas do lugar, contribuindo para a formação de memórias e histórias pessoais associadas ao centro de Florianópolis. A partir das derivas, o espaço urbano deixou de ser apenas um cenário funcional e se transformou em um território de novos significados e afetos, como descrito por Careri (2013) e Debord (2003c [1958]), fortalecendo a relação topofílica e o senso de pertencimento das pesquisadoras com a cidade (Tuan, 1974).

> Eu pensava na região ao redor da Rua Felipe Schmidt como a parte mais agitada da cidade. Isso é bem verdade, mas eu tinha a ideia de ser mais caótico. Ao caminhar por outros locais, percebi que a região é paradoxal. Ao mesmo tempo que é agitada, é tranquila. O movimento não é tão intenso quanto outros locais que estou acostumada e na verdade até traz vivacidade e segurança. (D. C., P. 1, 28, F)

> Então olhei ativamente para a rua de um modo que parecia nova, olhei a rua em si como fluxo e não como mera via de acesso aos edifícios circundantes. Vi mais beleza e senti a vivacidade [...]. Sempre tenho a impressão do centro ser mais aglomerado do que de fato é, me torno ciente disso agora. (D. C., P. 2, 27, F)

Por meio da imersão no ambiente foi possível identificar as unidades de ambiência, a partir do reconhecimento de seu conjunto de situações específicas, através da exploração de suas qualidades sensoriais e simbólicas, transformando as percepção do que seria uma mera espacialidade em um lugar (Thibaud, 2018). Ademais, como exposto por Corraliza e Berenguer (2010), as emoções sentidas e relatadas dão prosseguimento a este processo, moldando a percepção sensível e vivência no espaço, o que influencia as conexões afetivas e gera um senso de apego ao lugar.

3.3 As entrevistas

A fim de entender como conexões emocionais e sensoriais influenciam a relação dos indivíduos com o espaço urbano, buscou-se abordar transeuntes em diferentes pontos do recorte de estudo, solicitando que descrevessem o local, destacando elementos que chamavam a atenção e identificando características arquitetônicas ou naturais relevantes. Além disso, foram indagados sobre seus sentimentos ao caminhar pela área e o impacto do conhecimento prévio acerca da história de Florianópolis em suas percepções. Por fim, os respondentes (R) expuseram memórias afetivas. Ao todo foram entrevistadas 15 pessoas entre 20 e 76 anos de idade, sendo 6 do gênero feminino (F) e 9 do gênero masculino (M).

Os resultados da análise de conteúdo relativos às motivações que levaram os indivíduos a escolherem estar no centro sugerem que um número significativo de transeuntes o faziam em circunstâncias obrigatórias, sendo o trabalho o principal motivo (n=7). Outra motivação relevante é a necessidade de estar no centro para realizar compras (n=6), como indica a fala da respondente: “Tudo o que a gente precisa tem aqui, assim... comércio...” (Respondente 15, 59 anos, gênero Feminino). A partir disso, é evidente o elevado grau de compatibilidade percebido na região estudada entre as intenções dos transeuntes, sejam obrigatórias, necessárias ou eletivas, e a possibilidade de realização destas tarefas, dada a quantidade e qualidade de serviços ofertados, primariamente levando-os a valorações ambientais e afetivas positivas (Corraliza e Berenguer, 2010).

Dentre os aspectos descritivos e elementos que chamam a atenção dos transeuntes, três dimensões podem ser identificadas como tema, a saber: a dimensão física, a dimensão pessoal e a dimensão sociocultural. Dentro do tema de dimensão física a categoria com maior prevalência foi a “avaliação positiva de características físicas” (n=30) feita pelos usuários, com destaque para o elemento “edificações históricas” (n=8), seguido pelo elemento “organização” (n=5). “[...] A conservação de bastante prédios da arquitetura antiga, quanto mais chama atenção.” (R. 3, 21, gênero Masculino). Em contraponto, o segundo elemento de maior ocorrência, “degradação” (n=6), pertence a uma categoria oposta, “avaliação negativa de características físicas” (n=8).

Na dimensão pessoal evidencia-se a ocorrência do elemento "bom" (n=11) da categoria "avaliação sentimental positiva", também com maior ocorrência (n=24). "Aqui é um lugar bom pra viver, tem lugar mais pior que esse aqui. Na real, aqui é muito bom" (R. 11, 58, F). A outra categoria do tema, "avaliação descritiva", possui ocorrência menor no total (n=11), com destaque para o elemento "pontos de referência" (n=6). "Ah claro, né? A praça XV, a catedral, a Ponte Hercílio Luz, as coisas praias e eu gosto muito do Shopping Beira Mar também [...]" (R. 7, 44, M).

Os elementos apontados nas dimensões física e pessoal, expressam como a configuração dos espaços urbanos dão sentido a um contexto integrado. Ao sinalizar edificações históricas e pontos de referência, os transeuntes corroboram com a ideia que a historicidade funciona como uma base sensível, fundamentando-se em uma perspectiva fenomenológica (Merleau-Ponty, 2018; Thibaud, 2018).

A maior ocorrência em elemento temático na dimensão sociocultural, dentre todos os temas, foram as "relações interpessoais" (n=14), da categoria "avaliação positiva sociocultural" (n=33). "Para mim é um local alegre. É um local colorido, que me traz, assim... um bem-estar muito grande e eu sinto que eu tô dentro da cultura aqui de Florianópolis." (R. 14, 45, F). Na mesma categoria, também se evidencia a ocorrência do elemento "possibilidades" (n=10), que demonstra o quanto os usuários do local o veem como um ambiente rico em oportunidades laborais, de comércio e de lazer. "Muito bom. Gosto daqui muito, bastante. Bastante oportunidade, bastante gente também para conhecer. [...] Vários pontos tipo comunicação, emprego, várias oportunidades." (R. 12, 33, F). Complementarmente, a categoria "avaliação negativa sociocultural" possui apenas uma ocorrência (n=1).

Além dos aspectos descritivos e elementos que chamam a atenção dos transeuntes, estes também foram questionados sobre quais características naturais ou arquitetônicas tinham especial interesse. Neste agrupamento de respostas, o tema "ambiente construído" possui a maior ocorrência (n=31), em especial o elemento "pontos de referência" (n=12), geralmente citando edificações e locais históricos. Por outro lado, a "vegetação" (n= 5), como categoria do tema "ambiente natural", foi citada apenas pelos entrevistados que estavam na Praça XV.

Sobre os sentimentos ao caminhar, a ocorrência de elementos negativos (n=17) e positivos (n=22) foi relativamente semelhante. No entanto, o elemento mais citado foi "animado" (n=9), da categoria "sentimento positivo". Apesar de muitos elementos físicos com avaliações positivas, o sentimento ao caminhar foi em geral misto, indicando experiências e expectativas diversas em relação à mesma região. Desta forma, fica notável a quantidade de avaliações positivas feitas pelos transeuntes em relação aos elementos percebidos na região, em todas as suas dimensões. Em contraponto, a experiência emocional foi percebida de maneira fragmentada entre os respondentes, com algumas pessoas demonstrando diferentes níveis de relação afetiva (Corraliza e Berenguer, 2010).

Essa diferenciação valorativa de afetos impactando o apego ao lugar ficou evidente quando os transeuntes foram questionados acerca de seus conhecimentos sobre aspectos históricos da região e se possuíam memórias ou associações emocionais relacionadas ao local. Poucos responderam positivamente quanto aos conhecimentos históricos (n=4), sendo mencionadas lendas e antigos costumes locais. Da mesma forma, não foram relatadas muitas memórias afetivas (n=4), tendo sido citados locais de trabalho anteriores nas redondezas e a cidade no geral como um marco de mudança positivo, por pessoas não nativas da ilha.

Embora poucos transeuntes tenham expressado fortes memórias afetivas, aqueles que o fizeram tinham profundas ligações entre suas jornadas pessoais e o ambiente urbano, conferindo significado e valor ao espaço, transformando-os em lugares de memória. Essa diversidade de respostas demonstra como um mesmo local é passível de múltiplas interpretações, criando uma dinâmica contínua entre memória e imaginação (Tuan, 1974).

3.4 O mapa

Na presente pesquisa, o mapa psicogeográfico (Figura 3) foi desenvolvido a partir da mescla das percepções das autoras com o que foi ouvido no discurso dos transeuntes, com a finalidade de revelar as múltiplas conexões e potencialidades do espaço urbano.

Figura 3. Mapa psicogeográfico do centro de Florianópolis (SC).
Fonte: Autoras (2024)

Sua construção seguiu uma abordagem colaborativa, fundamentada na cartografia de Deleuze e Guattari (1995), utilizando o princípio do mapa "The Naked City" (Debord, 2003b [1957]), amplamente reconhecido por sua relevância literária, que divide Paris em várias partes ligadas por setas, indicando o fluxo emocional dos movimentos urbanos. Portanto, as linhas vermelhas indicam fluxos de movimento, com pesos de linha diferentes para caminhos realizados por mais de uma pesquisadora e em diferentes ocasiões, enquanto as linhas verdes relacionam ambiências com semelhantes componentes. As unidades de ambiência (Debord, 2003c [1958]), foram representadas por recortes da malha urbana sobrepostas aos elementos marcantes presentes no local. Esses recortes se apresentam em uma escala livre e não linear, existindo uma orientação geográfica, porém desconexa de suas obrigações cartesianas.

A ambiência onde se encontra o antigo terminal de ônibus é apresentada de maneira distante pela ruptura sensível de seu aspecto com o restante do centro mapeado. Em relação à ambiência do Mercado Público, embora as pesquisadoras não tenham sido levadas em suas caminhadas para seus arredores, as entrevistas com os passantes revelaram o local como unidade de ambiência atribuída pelo coletivo. Esse contraste demonstra uma heterogeneidade de condições de percepção (Thibaud, 2018).

O caminhar pelo centro de Florianópolis permitiu o registro das nuances e variações do ambiente urbano a partir de perspectivas sensoriais e subjetivas (Careri, 2013). Com o mapa, podemos perceber a conexão de diferentes ambiências urbanas e como elas influenciam as experiências individuais e coletivas. A Praça XV, por exemplo, apesar de ser valorizada historicamente, apresentou um contraste marcante entre a percepção das pesquisadoras, que a consideraram um interessante objeto de exploração, e dos habitantes locais, que a vêem como um lugar abandonado, tomado por pessoas em situação de rua. Tal percepção rima com a consciência crítica explorada por Daniel Caballero em sua defesa da deriva como ato político, desafiando noções e hábitos instalados por forças dominantes (Lambert, 2015).

Através do mapa procurou-se descobrir as possibilidades escondidas da cidade e promover uma experiência significativa no espaço urbano. Ao explorar essas nuances e variações, as derivas não apenas mapeiam a urbe fisicamente, mas também emocional e sensorialmente, destacando como diferentes percepções e experiências contribuem para a construção de um apego ao lugar e para a valorização dos espaços urbanos.

4. CONCLUSÃO

Este estudo explorou as conexões emocionais e sensoriais nas relações entre pessoa e ambiente no meio urbano de Florianópolis, especificamente no centro histórico da cidade. Através de derivas feitas pelas pesquisadoras e entrevistas com transeuntes, foi possível observar como as percepções são formuladas de maneira singular,

levando em consideração uma série de elementos como experiências prévias, tanto no local como em outros, origem geográfica e treinamentos estéticos.

As derivas revelaram que áreas com vegetação e preservação histórica são mais apreciadas, enquanto locais com volume de ruído causado pelo tráfego e degradação urbana geram sensações negativas. Adicionalmente, a análise das entrevistas destacou que, embora muitos frequentadores do centro estejam ali por razões obrigatórias, há uma valorização significativa dos aspectos históricos, físicos e socioculturais do espaço.

Embora sentimentos mistos ao caminhar pela área também tenham sido relatados, fica evidente que a percepção do ambiente foi influenciada por múltiplos fatores, incluindo memória e imaginação, conforme a teoria de Tuan (1974). Reconhecendo, portanto, que as experiências sensoriais e afetivas intensificaram a valorização das características do local.

Baseado na obra de Deleuze e Guattari (1995), foi possível mapear não apenas o território físico, mas também capturar a complexidade das relações afetivas e históricas que interligam os indivíduos e o ambiente. Dessa maneira, o mapa psicogeográfico funcionou como um dispositivo que ilumina as dinâmicas de interação e transformação contínua do centro de Florianópolis, desafiando a visão utilitarista e cartesiana da cidade, propondo uma interpretação mais subjetiva e dinâmica.

Formulando assim, a principal contribuição deste estudo decorre na sistematização das relações entre percepção, emoção e experiência associadas ao centro de Florianópolis, concluindo-se que as conexões emocionais e sensoriais têm um papel crucial na forma como os indivíduos interagem e percebem o ambiente urbano.

5. BIBLIOGRAFIA

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. Edições 70.

Careri, F. (2013). Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli. Careri, F (2017). Caminhar e Parar. São Paulo: Gustavo Gilli.

Corraliza, J. A. & Berenguer, J. (2010). Emoción y ambiente. In Aragonés, J. I. & Amérigo, M. (Orgs.), Psicología Ambiental. Madri: Pirâmide.

Del Rio, V. (1990). Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. Pini.

Del Rio, V. (1999). Cidade da Mente, Cidade Real: Percepção e Revitalização da Área Portuária do RJ. In Del Rio, V. & Oliveira, L. (Orgs.).Percepção ambiental: a experiência brasileira (pp. 3-22). 2ª Ed. Studio Nobel.

Debord, G. (2003a). Introdução a uma crítica da geografia urbana. In P. B. Jacques (Org.), Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade (pp. 43-54). Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Debord, G. (2003b). Relatório sobre a construção das situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional. In P. B. Jacques (Org.), Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade (pp. 55-62). Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Debord, G. (2003c). Teoria da deriva. In P. B. Jacques (Org.), Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade (pp. 29-42). Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia (Vol. 1). Rio de Janeiro: Editora 34.

Günther, H., Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente (Vol. 1, pp. 369- 380).

Kuhnen, A. (2011). Percepção ambiental. In Elali, G. A. & Cavalcante, S. (Org.), Temas Básicos em Psicologia Ambiental (pp. 250-566). Petrópolis: Vozes.

Lambert, F. (2015). Caminhadas estéticas, intervenções artísticas: Fruição estética da cidade. Sensos, 5(2). Merleau-Ponty, M. (2018). Fenomenologia da percepção (5ª ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes. Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). Metodologia de pesquisa. São Paulo: McGraw Hill. Tuan, Y. (1974). Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values. Prentice Hall.

R41

WALKING IN THE SHADOWS: CARTOGRAPHY OF A RAILWAY CO-INHABITED BY THE RUINS OF PROGRESS

CAMINHANDO PELAS SOMBRAS: CARTOGRAFIA DE UMA LINHA FÉRREA COABITADA PELAS RUÍNAS DO PROGRESSO

Álvaro Araújo
Graduado
Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DAU/ESDI/UERJ)
alvaro.rocha.97.rj@gmail.com

Gabriel Schvarsberg
Professor Doutor
Programa de Pós-Graduação em Design,
Departamento de Arquitetura e Urbanismo / ESDI / UERJ
gabrielsberg@esdi.uerj.br

ABSTRACT

The work stems from an interest in understanding the abandonment and transformations that encompass the remnants in the urban space of the railway line that once connected the station at Raiz da Serra, in the municipality of Magé, to the center of Petrópolis. The research seeks to understand how urbanization processes relate to this transportation vector and how elements of this deactivated infrastructure are incorporated into the city's everyday practices. Based on these questions, it develops a critical investigation of the present landscape following the railway line's path, through written accounts developed from the act of walking as an aesthetic experience and a tool for critical apprehension of the city.

KEYWORDS: Petrópolis. railway. transurbance. cartography. urban voids.

RESUMO

O trabalho parte do interesse em compreender o abandono e as transformações que abarcam os resquícios no espaço urbano do traçado da linha férrea que outrora interligava a estação na Raiz da Serra, no município de Magé, ao centro de Petrópolis. A pesquisa busca compreender como os processos de urbanização se relacionaram a este vetor de transporte e como elementos dessa infraestrutura desativada são incorporados às práticas cotidianas da cidade. A partir destas questões, desenvolve uma investigação crítica da paisagem do presente seguindo o traçado da linha férrea, por meio de relatos escritos elaborados a partir do ato de caminhar como experiência estética e ferramenta de apreensão crítica da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Petrópolis. ferrovia. transurbância. cartografia. vazios urbanos.

1. INTRODUÇÃO

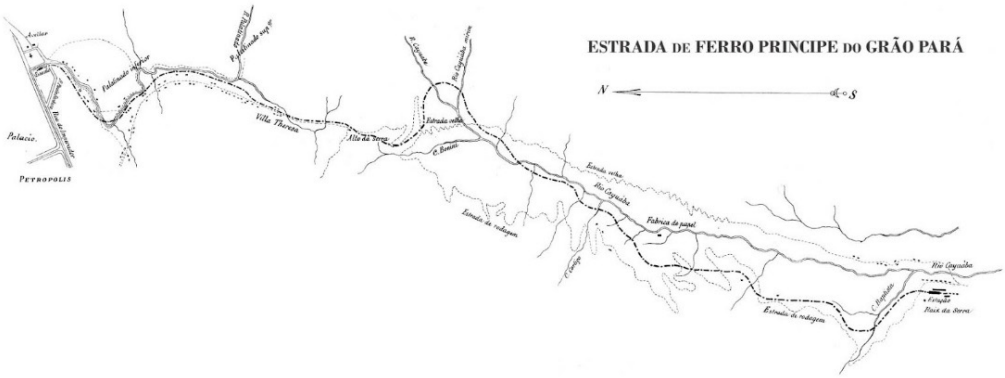


Figura 1: planta da Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará.
Fonte: adaptado acervo digital Biblioteca Nacional.

A princípio, quem caminha desatento pelo centro de Petrópolis não consegue identificar sequer um resquício do que foi o passado ferroviário que marcou a história da cidade, como a extinta linha férrea que cortou parte do seu tecido urbano. A Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará (figura 1) foi um importante eixo organizador da malha urbana, mas acima de tudo uma peça significativa do cotidiano da cidade, representando um símbolo do progresso e da modernidade que operava como transporte de pessoas e cargas do Rio de Janeiro à Petrópolis (figura 2). Interligando Raiz da Serra, em Magé (RJ), à Estação Leopoldina no coração da cidade de Petrópolis (RJ), essa estrada de ferro se consagrou como a sequência à primeira ferrovia do Brasil, a Estrada de Ferro Mauá. Hoje, pouco resta dessa memória.

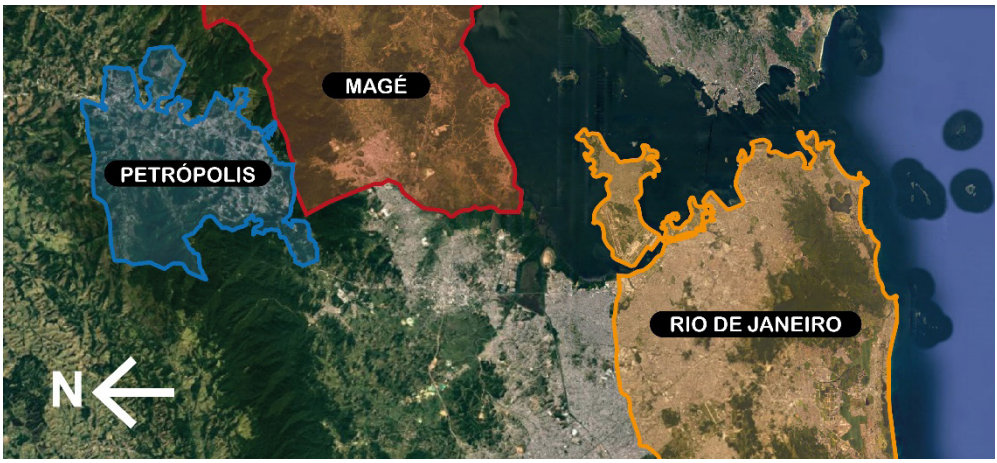


Figura 2: Localização dos municípios de Rio de Janeiro, Magé e Petrópolis.
Fonte: adaptado de base do Google Earth

Apesar de ter sido um elemento estruturador do tecido urbano, o percurso quando perdeu sua função de linha férrea nos anos 60, caiu em esquecimento, sendo convertido ao rodoviarismo aparentemente de modo não muito planejado. Hoje se apresenta como uma série de ruas e vielas com aspectos de abandono, ou por vezes, como trilhas visivelmente desgastadas pelas intempéries.

Essa condição de abandono pode ser entendida como produto das incessantes reestruturações do capital que mudam as coordenadas do progresso deixando para trás cicatrizes no espaço urbano. Essas lacunas acabam por serem preenchidas espontaneamente por formas de vida atípicas que resistem para além da cidade tradicional e comercial, como plantas não convencionais que brotam das rachaduras no concreto de uma edificação abandonada.

Contrariando a ideia de vazio urbano que o território parece deter na cartografia do senso comum, as ambiências dos percursos apresentam uma composição complexa de memórias, afetos, práticas e modalidades de vida marginalizadas, que a aproximação com o território através da transurbância (Careri, 2002) parece

ser eficaz em evidenciar. O caminhar pelo percurso adotando o gesto como uma modalidade de arte e apreensão da paisagem, tal como sugerido pelo autor, revela essa cidade invisibilizada e opaca nas frestas da cidade luminosa (Santos, 1996), repleta de problemas e desejos que podem nos orientar a repensar o urbano.

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que buscou recontar a história e o presente desse vetor e suas transformações ao longo do tempo, apresentando novas perspectivas sobre esse espaço esquecido pela cidade. Para isso, buscou a investigação da paisagem atual através da prática do caminhar como modalidade de experimentação e investigação do urbano. Nesse sentido, se propôs a percorrer a pé seus 9,5 km coletando relatos de agentes do território e investigando de forma crítica como interagem e se relacionam com a paisagem. O resultado é um levantamento em relatos pessoais, produzindo uma cartografia dos fenômenos humanos e não humanos que compõem a paisagem do caminho e suas interações.

2. CAMINHAR POR ESPAÇOS LUMINOSOS E OPACOS

O modelo político-econômico-civilizatório capitalista conduz constantes reestruturações produtivas cada vez mais vorazes, que operam por meio de um padrão de construção/destruição (Harvey, 2012). Essa dinâmica recai de forma radical sobre a sociedade e suas relações com a superfície terrestre habitada através de um processo especulativo, no qual estamos subordinados à atribuição arbitrária de valores a espaços, vidas e práticas. No último século essa lógica se direciona à busca intensiva por inovações tecnológicas que instrumentaliza as ciências para essa finalidade e seduz o imaginário, estabelecendo o anseio por uma ideia de progresso e modernidade. A forma como essa dinâmica opera no espaço geográfico é relatada por Santos (1996) quando aborda a influência do meio técnico-científico-informacional no urbano, ocasião na qual convoca as noções de espaços luminosos e espaços opacos.

Enquanto os espaços luminosos são configurados como os locais racionalizados e racionalizadores que ocupam os papéis de centralidade na urbanização capitalista, plenamente integrados à lógica hegemônica de progresso, os espaços opacos, às sombras de seus pares, vão corresponder aos espaços desvalorizados dos marginalizados na cidade. Essas zonas são os espaços “sem importância”, invisibilizados, abandonados e/ou esquecidos nos processos de constante modernização. São espaços da sobrevivência e da espontaneidade, onde necessidades e desejos de seus habitantes, mais do que o capital de que dispõem, constituem territórios de práticas com base na inventividade e criatividade.

A busca pela modernidade vai ser o pretexto da vida e da morte da linha férrea que uma vez subia a Serra da Estrela para chegar a Petrópolis. Surge como vetor de progresso acompanhando a identidade de Cidade Imperial, mas entra para o hall dos espaços abandonados quando o mercado muda as coordenadas do progresso para

o rodoviarismo. O espaço abandonado então recebe novos agentes que parecem tirar partido da condição de opacidade do local transformando-o à sua maneira. Assim, o espaço se torna um terreno fértil para comunidades informais, artistas de rua, grafiteiros que depositam lá suas habilidades e capacidades criativas, e para praticantes de religiões de matriz africana que vão constituir ao longo do percurso suas casas de axé e deixar seus ebós em encruzilhadas.

Ana Clara Torres Ribeiro (2012) desdobra a noção de espaços opacos de Santos aos modos de pesquisar, sugerindo que por suas condições de fenômenos que resistem aos modelos hegemônicos, revelam aberturas de janelas nas articulações disciplinares por onde território e seus agentes introduzem potentes entradas de novos saberes e possibilidades de experiência. Trata-se, segundo a autora, "de uma ética da inclusão que implica na adoção do 'com' e do 'junto' como diretrizes da ciência aceitável, o que modifica a natureza do distanciamento e do estranhamento antes exigidos do analista da vida coletiva" (Ribeiro, 2012, p. 59 - 60)

Uma modalidade que segue nesse direcionamento é o caminhar como ferramenta e gesto de apreensão e encontro com a alteridade. Errar pelos espaços esquecidos e abandonados pelas linhas do progresso, pode sinalizar que o que alguns chamariam de "vazios urbanos" podem ganhar outros sentidos. As transurbâncias propostas por Careri (2002) se apresentam como modalidade de compreensão e experimentação dos espaços, em especial os espaços opacos, espaços indeterminados e em transformação, agindo como um método prático-experimentativo de análise e apreciação urbana, inserindo o praticante no território em articulação com seus agentes e suas paisagens. A contribuição deste modo de pesquisa para a leitura dos espaços opacos é, neste sentido, fundamental. Esses espaços são profundamente condicionados pelo controle da informação e pelas práticas seduzentes da modernidade que vai definir e propagar no imaginário da cidade a categorização desses lugares e suas práticas/praticantes como violentos, atrasados, precários, ou simplesmente feios. Dessa forma, o caminhar é também travessia e atravessamento, capaz de observar tensões e dualidades, como luminoso/opaco, formal/informal, público/privado a partir de suas complexidades constitutivas.

3. CAMINHANDO PELAS SOMBRAS

O papel do cartógrafo pode ser entendido, à luz de Rolnik (1989), como a tarefa de dar língua para afetos que pedem passagem. Para a autora, o cartógrafo faz uso da sua sensibilidade, acionando os sentidos que compõem uma percepção racional e subjetiva do mundo. Quando essas duas modalidades de percepção entram em conflito, é onde surge o cartógrafo, de modo que procura formas de expressão para aquilo que lhe afeta, buscando sempre pontes de linguagem para fazer suas travessias.

As pontes de linguagem que construo para expressar são relatos. Relatos de histórias de um caminhante em terras desconhecidas, cuja compreensão que tem

desse espaço é ainda externa. Busco então confrontá-las, ouvindo e apreendendo o espaço ao caminhar entre suas estruturas e seus agentes.

Os relatos que construo seguem o fluxo daquilo que chamou atenção aos meus sentidos, o fluxo dos afetos apreendidos. Os relatos podem abordar questões mais generalizadas, que ocorrem em diversos pontos do percurso, ou podem discutir uma pequena ocasião em uma esquina. São resultado de três dias de caminhada à luz do dia ao longo do percurso de 9,5 km (figura 3) que pôde ser previamente reconstituído através da pesquisa histórica. Ao anoitecer, interrompia o processo e voltava em outro dia a partir do mesmo ponto. Os trechos percorridos nesses três recortes de tempo foram: do túnel na rua R. Dr. Hélio Bittencourt ao Alto da Serra (dia 1); do Alto da Serra ao Meio da Serra (dia 2); e do Meio da Serra à Raiz da Serra (dia 3). Como complementos para esses dias carregava uma mochila com uma câmera fotográfica, um estojo e um caderno para anotações e desenhos, além de itens como protetor solar, água e comida.

Figura 3: Diagrama esquemático da transurbância pelo caminho da estrada de ferro.
Fonte: autor.

3.1 Práticas entre muros

Ao começar da errância, pelo túnel escuro que liga o bairro do Quissamã ao Centro, na Rua Dr. Hélio Bittencourt, imaginava que o primeiro registro que faria seria o silêncio. Mas ao entrar, às 9h30 da manhã de um dia de semana, nessa que é a primeira estrutura reconhecida da antiga linha férrea, grupos e mais grupos de trabalhadores começaram a aparecer, caminhando de forma descontraída em direção ao terminal rodoviário mais à frente.

Ali dentro, toda conversa é pública. O desenho em arco do túnel, que uma vez passavam as locomotivas, provoca reverberações do som de modo que qualquer diálogo pode ser facilmente distinguido, e a maioria das pessoas que ali passavam andavam em grupo e se cumprimentavam ao cruzar umas com as outras. Logo, ficou claro que comunidades compartilham uma rotina com e no espaço.

O percurso, na verdade, soma diversas camadas e modos de vida e rotina que parecem conviver, mas não sem conflitos. Observei que os muros que enquadram a viela logo após a saída do túnel (fundos das construções nas ruas adjacentes) são demasiado altos e muitas vezes apresentam dispositivos de proteção como cacos de vidro, arames farpados e cercas elétricas, o que indica um medo do percurso. Esses muros produzem extensas sombras e uma sensação de não vigiado que parte da população tira proveito.

O apagamento que a cidade tradicional produz no espaço, cria uma brecha que dá segurança para consumo da maconha, ato altamente reprimido pelas polícias. Ou por vezes, o sexo escondido e imediato (que não pode esperar), conforme indicam a presença de embalagens de preservativos encontrado em outros trechos do percuso. A arte de rua, através do grafite, parece se apropriar do espaço de forma parecida, de modo a estabelecer um evidente conflito visual e subjetivo (figura 4). Os agressivos muros cinzentos são sobrepostos por pichações e grafites cheios de formas, cores e identidades. Essa prática se estabelece de certa forma espontânea, conforme pude me certificar em outro momento com Foks, grafiteiro e arquiteto de Petrópolis, autor de algumas obras no percurso. Embora essa galeria a céu aberto seja reconhecida pelos grafiteiros como espaços de referência para a prática, esses artistas raramente se reúnem para lá produzir.

Figura 4: Grafites no percurso.
Fonte: autor.

Mais à frente pude testemunhar que o grafite é uma presença marcante ao longo de todo o trecho que cruza a região central. Enquanto do lado de fora a imagem construída para o território seja de perigoso, escuro e grotesco, internamente os artistas os transformam preenchendo-o com arte e outros vestígios humanos que rompem com essa visão estereotipada. Esse efeito, talvez involuntário, estabelece uma relação de confiança e segurança com aqueles que atravessam o percurso, sejam caminhantes rotineiros, sejam inusitados, como eu.

3.2 A informalidade e as práticas coletivas e de apropriação

Petrópolis possui uma relação especificamente tensa com as águas na paisagem. Com seu relevo complexo, a região sempre sofreu com deslizamentos de terra e enchentes. Essa superfície de rios e íngremes vales e montanhas compõem zonas de risco ao longo de todo o território, que a urbanização de forma tradicional vai buscar evitar. Essas zonas, porém, muitas vezes não fogem da urbanização informal, que mais uma vez, encontra ali no espaço evitado, o espaço possível da moradia. O espaço opaco e dos pobres na cidade.

Na caminhada me deparei mais de uma vez com essa situação de forma associada ao percurso da linha férrea. Em certo momento, um grupo de habitantes viu no vazio (de construções) da linha férrea abandonada, um espaço para construir uma pequena comunidade de pouco mais de uma dezena de casas: a Servidão Nossa Senhora de Fátima, conforme descobri ao conversar com um dos moradores. Foi também conversando com esse morador que descobri que aquelas famílias ali foram parar após perderem suas casas na histórica chuva de 1988 que, até o ano de 2022, havia sido o pior desastre registrado na cidade no contexto das chuvas.

Curiosamente, a comunidade se instalou entre as margens do percurso e as margens do Rio Palatinato, ocupando uma outra zona de risco de inundação pelas águas. No desastre de fevereiro de 2022, o Rio Palatinato em cheia invadiu essas casas arrancando parte de algumas delas (figura 5). Essas zonas de medo das águas, espaços opacos e invisibilizados na cidade, são com frequência ocupadas, desocupadas e reocupadas. As famílias que ali se assentam ao não encontrar espaço na cidade luminosa, estão sempre à mercê de novos desastres, cada vez mais recorrentes e intensos com a crescente crise climática.

Figura 5: Parte de casa que cedeu às margens do Rio Palatinato na Servidão Nossa Senhora de Fátima.
Fonte: autor.

O Morro da Oficina, no Alto da Serra, foi uma das áreas mais atingidas pelas chuvas de 2022, quando um deslizamento de terra brutal carregou uma enorme quantidade de casas e vidas. Essa comunidade é legado da estrada de ferro. Sua ocupação se iniciou através dos funcionários das oficinas das locomotivas instaladas ali (e que deram nome ao local). Com a desativação, o terreno que pertencia à Rede Ferroviária Federal foi abandonado e esquecido, o que propiciou o surgimento da comunidade através da ocupação informal. Apesar do mercado tirar proveito dessa relação opaco-luminoso, tendo em vista que as favelas são o espaço dos trabalhadores da cidade, no fim das contas essas vidas não têm valor em sua lógica especulativa. Me pergunto onde estão aqueles que foram desabrigados de suas casas após os deslizamentos de 2022. Seguindo pelo percurso, logo após o Morro da Oficina, encontro uma pista.

A comunidade Lopes Trovão (figura 6), já começando a descer a serra, parece ter surgido em torno das pontes onde passavam as locomotivas sobre os rios Cayuaba e Cayuaba Mirim. Ao caminhar por aquela região pacífica que combina encostas escarpadas, vistas impressionantes da baixada fluminense e da Baía de Guanabara, a farta mata atlântica e construções anômalas, encontrei em um sábado de calor, um casal batendo cimento para sua construção. A comunidade em si me pareceu mais um assentamento informal em expansão pela mata. Talvez mais um comum caso de uma comunidade construída nas folgas dos fins de semana.

Figura 6: Casa em construção na comunidade Lopes Trovão.
Fonte: autor.

Se por um lado podemos entender a precariedade e a falta de acesso a serviços básicos, essa condição expressa uma outra forma de ocupar e se relacionar com o espaço. Na ausência do estado como mediador/regulador da ocupação, o desejo e a necessidade fazem com que os habitantes da cidade opaca precisem encontrar entre eles suas próprias formas e existir no espaço. Como delimitam o público e o privado? Como exercem a necessidade do lazer? A maneira orgânica como encontram para formar o espaço e suas existências engendra nesses locais uma coletividade que parece invisível para a cidade, mas que é rotineiramente vivida nesses locais.

Cruzei com diversas ocasiões que me chamaram atenção. A prática da cafifa, o futebol nos campos improvisados, comércios e bares aparentemente auto construídos, ou mesmo uma família que voltava de um passeio por uma cachoeira próxima. Essas práticas revelam como, tendo como base o que possuem em comum – a sobrevivência, o desejo e o espaço – podemos entender que nesses locais se estabelecem afetos coletivos conquistados ao passo que se apropriam coletivamente dele e estabelecem suas formas de interagir e vivenciá-lo.

Essa modalidade de apropriação espacial recai ainda sobre as ruínas deixadas pelo progresso, de modo que a população desse espaço opaco se apodera dos espólios deixados e os transformam aos seus interesses. Um bairro que torna essa apropriação clara é o Meio da Serra, já no município de Magé. Profundamente afetado pela construção informal, antigamente girou em torno da imponente Companhia Fiação e Tecido Cometa, uma fábrica têxtil de grande importância no passado fabril da região alocada no caminho da linha férrea. Hoje as ruínas da fábrica, apesar de tombadas pelo IPHAN, se tornam cada dia mais em ruína, tomadas pelas intempéries e pelas plantas.

Mais uma vez, encontro os praticantes desse território se apoderando das estruturas deixadas. Alguns meninos improvisaram um campo de futebol entre as espessas paredes de pedras expostas. As antigas chaminés que se erguem na paisagem indicam resquícios de fogueira em seu interior. Em outra área, um morador se apropriou de um espaço da ruína para armazenar sucata coletada que poderá se converter em alguma renda. O mesmo tipo de apropriação pode ser visto com a estrutura deixada pela linha férrea. Da antiga estação do meio da serra, resta pouco mais de sua silhueta depois de transformarem sua estrutura em habitação.

3.3 Território encantado

Ao descer da Serra da Estrela, a paisagem pelo percurso se altera de forma gradual enquanto adentra a mata. Antes o espaço opaco se encontrava espremido entre a cidade comercial e luminosa de Petrópolis, que então se transforma no bairro informal em expansão da comunidade Lopes Trovão. Como um território em expansão, suas bordas são pouco delimitadas, de modo que no fluxo do caminho, casas dão lugar a árvores a cada passo, e o asfalto dá lugar a uma trilha em meio a Mata Atlântica. Alí encontro locais muito potentes para a compreensão do espaço opaco e seus agentes.

Alguns sítios começavam a aparecer com símbolos e pistas que indicavam que os habitantes desses locais praticam a fé do Candomblé ou da Umbanda – a primeira, uma religião de origem africana trazida ao Brasil por negros em diáspora e a segunda uma religião sincrética afro-brasileira que junta os elementos do Candomblé com cultos indígenas, católicos e espíritas. Essas fés, profundamente estigmatizadas e marginalizadas pela cidade luminosa, encontram aqui, no opaco, o lugar para existir e resistir em meio a mata. Os terreiros, espaços onde celebram ritos dessas fés, exibiam escritos provavelmente em iorùbá, peles de animais penduradas nas paredes e um signo que mais tarde descobri ser o símbolo de Exú (figura 7).

Figura 7: Insígnia de Exú em um terreiro entre Alto da Serra e Raiz da Serra
Fonte: autor.

Esses encontros são constantes em todo o percurso a partir da descida da serra, em especial nas áreas onde a mata se faz mais presente – entre os bairros de Alto da Serra em Petrópolis e Raiz da Serra em Magé. Um caso emblemático para a pesquisa foi o Parque Ecológico dos Orixás, pouco antes da Raiz da Serra. Instalado no caminho onde corriam as locomotivas, esse sítio às margens de um rio, ostenta diversos altares e esculturas de orixás e entidades cultuados na Umbanda. Ao fim da tarde de sábado na qual caminhava, recebia centenas de praticantes que lá estavam para suas giras.

Luiz Rufino, no campo da Umbanda e do Candomblé, abre caminho para um giro epistemológico ao apresentar as dimensões de "encanto" e "desencanto". Na epistemologia das macumbas (Rufino, Simas, 2018), essas dimensões estão atreladas à ideia do axé: a energia viva, a potência que fundamenta o acontecer, o devir (rufino, 2019). Como força viva e dinâmica, o axé pode sofrer o desencanto, isto é, perda de potência. Nesse sentido, "onde opera o encante, opera o movimento contínuo e inacabado da vida. Enquanto a vida se inscreve como possibilidade, ciclicidade e continuidade consagradas pelos ritos, a concepção de morte se inscreve como a dimensão do esquecimento, do desencanto" (Rufino, 2019, p. 268).

O pensamento do ocidente e da cidade luminosa, que tem como base a lógica colonialista, é produtor de desencanto – da morte como esquecimento. Essa influência opera tanto sobre vidas e práticas, como sobre espaços através do processo especulativo arbitrário, de modo que esses saberes, de origem afro-indígena, são subalternizados pelo valor de mercado e seus mecanismos de repressão e segregação, que buscam sequestrar a atenção, a importância e a validação no contexto social. Por isso ocorrem com frequência nos espaços opacos das cidades brasileiras, nas brechas da cidade luminosa, como pude testemunhar em diversos momentos da

caminhada. Apesar disso, esses corpos/saberes às margens da vida ocidental para as quais são empurrados, encontram através do encante, formas inventivas de resistência ao desencanto colonialista. Encontram nas brechas as condições para sua existência, mas aqui está ainda associada a um outro elemento da paisagem: a mata. Enquanto o homem ocidental compreende a natureza como algo primitivo e/ou como recurso, na cosmovisão dessas fés, ela é um elemento sagrado e carregado de saberes ancestrais.

Nessa condição encontram potencialidades, formas de se relacionar com a terra através do encantamento. Para o homem colonial o trabalho surge como sintetização da natureza (Santos, 2018). Por isso ele está condenado a conflitar com ela. Está sempre buscando superar, explorar, suprimir, sempre em contrastes e opostos. Por isso a lógica da cidade luminosa é incapaz de enxergar uma possibilidade de cidade que dialogue com a mata, que integre em vez de ocupar. As enchentes e os deslizamentos são resultado dessa relação conflituosa, da postura que busca superar em vez de se aliar aos regimentos da natureza viva. Essa mesma forma de cidade não respeita – porque não reconhece – as outras formas de entender ou produzir o território. Por outro lado, as práticas e modalidades de vida que se instalam no percurso abandonado, nesse trecho se apropriam não apenas da estrutura deixada da linha férrea, mas com a mata através de uma racionalidade integrativa, que a compreende como espaço sagrado a ser cuidado.

Outro encontro que ilustra bem essa compreensão, foi o bar da Dona Inês. Entre a mata e os terreiros, Dona Inês com as próprias mãos construiu o pequeno estabelecimento. A estrutura utiliza em sua composição elementos encontrados no próprio território e práticas intuitivas e inventivas. Os pilares são feitos de bambu retirado das proximidades e as paredes mimetizam pau-a-pique. As pedras retiradas de um rio próximo ornam a varanda e o cercado de cimento imita troncos de madeira. Todos os elementos parecem transmitir uma ideia de natureza integrada à construção, sustentada por diversos vasos com diferentes plantas por todo o espaço e um jardim-horta-pomar ao seu lado. Dona Inês, conhecedora das ervas e admiradora dos animais da mata (cobras em especial), escolheu esse local para firmar sua existência no espaço e constitui com ele, de forma indissociável, sua identidade.

4. ERRÂNCIA COMO O CAMPO DAS POSSIBILIDADES DE VIDA

Ao atravessar todo o caminho e enfim chegar à Raiz da Serra, já em Magé, compreendi que a errância por meio dessas vidas e práticas de vida é uma experiência bastante reveladora. O caminhar é uma prática de reconhecimento territorial e de apreensão da paisagem, e, portanto, uma ferramenta de registro e memória, mesmo que própria do praticante. Como ato de alterar perspectivas, abre espaço para apreender as várias cidades dentro da cidade – e seus conflitos. É uma metodologia da inquietação: o que há atrás daquela montanha? O que há para ver descendo aquela rua? Através

do movimento do corpo, essa prática abre condições para a especulação e para o confrontamento de verdades pré-estabelecidas e ao articular as dimensões do questionamento e da apreciação, pode ser entendida como arte, inclusive em seu campo crítico.

A partir disso, possui uma especial importância quando o caminhante cruza com os opacos das cidades, com os espaços esquecidos. A errância nas frestas do progresso rompe com os véus do invisível alterando qualquer concepção de cidade que o sujeito tenha. E como esses espaços abrigam a condição da inventividade, todo olhar pode ser novidade. É, portanto, um ato de entregar-se às possibilidades de vida.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

Careri, F. (2002). Walkscapes: O caminhar como prática estética. Gustavo Gili.

Harvey, D. “O direito à cidade”. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

Ribeiro, A. C. T. (2012). Homens lentos, opacidades e rugosidades. Redobra, (9), 58-71.

Ribeiro, A. C. T., Silva, C. A., Perucci, L., Schipper, I., & Carvalho, V. (2012). Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro: Compreendendo contextos, abordagens, conceitos e proposta metodológica da Cartografia da Ação Social. Redobra, (9), 58-71.

Rolnik, S. (1989). Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade.

Rufino, L. (2019). Pedagogia das encruzilhadas. Revista Exitus, 9(4), 262-289.

Santos, A. B. (2018). Somos da terra. Piseagrama, 12, (pp. 44-51).

Santos, M. (2006). A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. Editora da Universidade de São Paulo.

Simas, L. A., & Rufino, L. (2019). Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Morula.

R41

ERRING AS AN URBAN EXPERIENCE: WALKING PRACTICE AS A WAY OF APPREHENDING THE PLACE AND ITS SENSITIVE DIMENSION IN SANTO ANTÔNIO AND SÃO JOSÉ, RECIFE-PE.

ERRAR ENQUANTO EXPERIÊNCIA URBANA: A PRÁTICA DO CAMINHAR COMO FORMA DE APREENSÃO DO LUGAR E SUA DIMENSÃO SENSÍVEL EM SANTO ANTÔNIO E SÃO JOSÉ, RECIFE-PE.

Julyana Alecrim Borges
Mestre em Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE)
Universidade Federal de Pernambuco
julyana.borges@ufpe.br

Natália Miranda Vieira-De-Araújo
Professora Associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE)
Universidade Federal de Pernambuco
natalia.vieira@ufpe.br

ABSTRACT

This research addresses the challenges in contemporary heritage preservation, focusing on the intangible dimension of cultural assets. Current policies tend to prioritize the designation and physical integrity of buildings, neglecting the ambiance and social meanings of these assets. Urban wandering is explored as an approach to sensitively apprehend heritage, recognizing the city as a stage for everyday experiences that connect the body to cultural assets. The practice of walking emerges as an essential methodology to understand the multiple sensory dimensions of the city of Recife, specifically the neighborhoods of Santo Antônio and São José, facilitating an intimate and expanded connection with the urban environment. This study reveals a complex and enriching field concerning the relationship between materiality and immateriality in cultural heritage.

KEYWORDS: cultural heritage. heritage preservation. ambiences. errances. to walk

RESUMO

Esta pesquisa aborda os desafios na preservação patrimonial contemporânea, com foco na dimensão imaterial dos bens culturais. Políticas atuais tendem a privilegiar o tombamento e a integridade física das edificações, negligenciando a ambiência e os significados sociais dos bens. As errâncias urbanas são exploradas como uma abordagem para apreender o patrimônio de maneira sensível, reconhecendo a cidade como palco das experiências cotidianas que conectam o corpo aos bens culturais. A prática do caminhar emerge como metodologia essencial para compreender as múltiplas dimensões sensoriais da cidade do Recife, mais especificamente dos bairros de Santo Antônio e São José, facilitando uma conexão íntima e ampliada com o entorno urbano. Este estudo revela um campo complexo e enriquecedor sobre a relação entre materialidade e imaterialidade no patrimônio cultural.

PALAVRAS-CHAVE: patrimônio cultural. preservação patrimonial. ambiências. errâncias. Caminhar

1. INTRODUÇÃO

A motivação desta pesquisa partiu da inquietação acerca dos desafios teóricos-metodológicos na preservação patrimonial, especialmente em como a dimensão imaterial dos bens patrimoniais é (ou não) incorporada nas práticas preservacionistas contemporâneas voltadas ao patrimônio construído. Um dos principais desafios na preservação contemporânea é lidar com questões subjetivas e incorporar diversos atores sociais no processo de reconhecimento e valoração de um bem, algo difícil de operacionalizar, pois os instrumentos normativos lidam ou com a dimensão material ou com a imaterial, raramente tratando ambas de maneira simbiótica. Reflexões da antropologia social e cultural apontam para a necessidade de tratar essas questões concomitantemente. É crucial refletir sobre os riscos de gentrificação e a tendência de valorizar a materialidade em detrimento do uso social do espaço, assim como a supervalorização da subjetividade que relega a materialidade a segundo plano. Como avançar nas questões subjetivas sem desvalorizar a materialidade? Como operacionalizar ações que tratem de maneira simbiótica as questões materiais e imateriais?

A partir dessas inquietações focamos nos bairros de Santo Antônio e São José, no Recife-PE, áreas historicamente importantes que surgem no séc. XVII como uma resposta ao desenvolvimento do porto e do comércio de açúcar e hoje estão classificados na categoria de Conjuntos Antigos (Lei municipal nº 13957/79) integrando a Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural - ZEPH-10 (Lei nº 17511/2008).

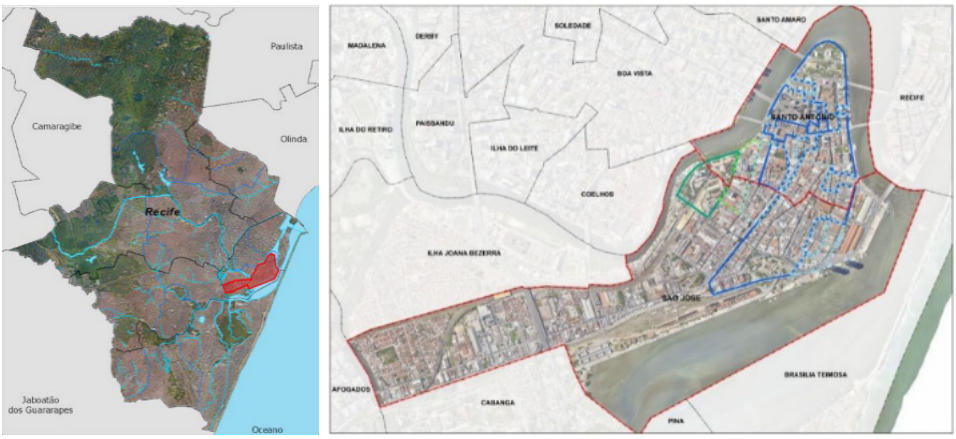


Figura 1 e 2. Mapa do Recife - localização da ZEPH-10 e delimitação dos bairros de Santo Antônio e São José.
Fonte: DPPC, 2019

Esses bairros apresentam uma dinâmica social, cultural e econômica variada, tendo o comércio informal como a "alma" do lugar. A morfologia e a estrutura urbana são marcantes: torres de igrejas, ruas estreitas que se abrem em pátios livres ou desembocam em becos tortuosos, com uma forte presença de elementos religiosos e uma estrutura urbana barroca. Como apreender a complexidade das relações sociais

com a materialidade desse sítio histórico? Como inserir a experiência cotidiana das pessoas com o bem patrimonial nos processos de gestão de sítios históricos, incorporando simbolicamente seus aspectos materiais e imateriais?

A análise de pesquisas focadas em sítios históricos revela que políticas patrimoniais frequentemente centram-se no tombamento e na integridade física das edificações, associando conservação à imutabilidade e desconsiderando a ambiência na qual o bem está inserido. Nos bairros de Santo Antônio e São José, falta uma legislação específica que regule os espaços livres e os atributos intangíveis, o que pode causar transformações desconsiderando dinâmicas fundamentais para a preservação da sua memória, isso inclui celebrações, manifestações culturais, atividades relacionadas à água e a dinâmica urbana, alimentada principalmente pelo comércio informal, conhecido localmente como "vuco-vuco". A compreensão e interpretação desses bairros estão ligadas às noções contemporâneas de conservação, que exigem uma leitura intersubjetiva do patrimônio, contemplando aspectos relacionais e experiências que envolvem a interação entre sujeito e objeto, e a relação simbiótica entre os aspectos tangíveis e intangíveis do sítio histórico.

As errâncias urbanas revelaram-se como uma forma de apreender o patrimônio em sua dimensão sensível, reconhecendo a cidade como palco das experiências cotidianas que ligam o corpo ao patrimônio. A noção de ambiência proposta por Thibaud (2012) reforça que o que dá vida ao ambiente é a ambiência. É preciso compreender as práticas sociais e o lugar como uma teia de relações que se retroalimenta, o estudo das ambiências junto com as errâncias são possibilidades metodológicas que ajudam no processo de análise desses lugares. Adotamos o ato de caminhar e de ficar à deriva como uma experiência corpórea capaz de conectar-nos com as múltiplas dimensões sensoriais da cidade e seu patrimônio cultural, como propõe Careri (2017). O ato de caminhar estabelece uma relação direta com os espaços urbanos, essencial na percepção e compreensão das ambiências. Portanto, o caminhar transcende a locomoção e se revela uma ferramenta poderosa para apreender a cidade em sua plenitude, estimulando uma consciência sensível do entorno urbano. É uma prática de conexão íntima com a cidade e seus bens patrimoniais, oferecendo a oportunidade de explorar e vivenciar a ambiência do bem e compreender o patrimônio cultural além da pedra e cal. Assim a caminhada se coloca como um instrumento metodológico importante na compreensão ampliada do patrimônio cultural, focando na apropriação subjetiva dos espaços e na análise dos afetos desencadeados durante essa caminhada errante. Por fim, através de um processo metodológico que reflete sobre o entranhamento entre materialidade e imaterialidade, procurou-se compreender como se desenvolvem as relações entre os errantes e o patrimônio cultural.

2. ERRAR ENQUANTO EXPERIÊCIA SOCIAL URBANA

Na tentativa de compreender o lugar em todas as suas dimensões e manifestações, abrangendo não apenas sua concretude material, mas também os conceitos concebidos e sentidos através da experiência corpórea, reconhecemos que a materialidade, isolada da vivência ou dos significados nela investidos, carece de plena existência. A abordagem fenomenológica do lugar se apresenta como uma metodologia enriquecedora na compreensão dos fenômenos sociais urbanos, permitindo uma apreciação mais abrangente e contextualizada dos espaços que habitamos e compartilhamos em nossas experiências cotidianas. Ancorados nessa perspectiva, partimos dos fundamentos propostos por Henri Lefebvre (1974). Sua dialética transcende a verdade absoluta, desvelando as contradições inerentes à vida cotidiana. Para Lefebvre, o espaço está intrinsecamente vinculado as relações sociais dentro de uma realidade social, de modo que o espaço "em si" nunca pode servir como ponto de partida epistemológico, ele é produzido e experienciado em um contexto social e temporal específico. Segundo Schmid (2012), o conceito relacional que Lefebvre emprega posiciona o espaço dentro de uma realidade social, sendo este sincrônico e simultâneo, enquanto o tempo é diacrônico, trazendo a ideia de evolução temporal através do processo histórico de uma "produção social". Esta produção social resulta das práticas sociais, das interações humanas mediadas por suas atividades e das práticas que transcendem a mera materialidade.

Na fenomenologia clássica, a percepção depende de cada sujeito. Lefebvre combina isso ao conceito da prática espacial, afirmando que a percepção do espaço não ocorre apenas na mente, mas se baseia em uma materialidade concreta, produzida através de um corpo que percebe e sente o espaço o que inclui não somente a materialidade concreta, mas um conceito pensado e sentido através de uma experiência de corporeidade, na medida em que a materialidade em si mesma, sem o elemento da experiência vivida ou dos sentidos investidos nesta materialidade, não possui existência. O núcleo dessa teoria não reside no espaço em si mesmo, nem na simples disposição de objetos dentro dele, mas na compreensão do espaço como uma rede dinâmica e complexa de relações continuamente produzidas e reproduzidas. O objetivo da análise proposta por Lefebvre é investigar o processo ativo de produção do espaço ao longo do tempo, onde a experiência do lugar é mediada tanto por concepções ideológicas quanto por vivências cotidianas. A corporeidade desempenha um papel central neste contexto, entendida como a forma pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como um instrumento relacional para a interação com o mundo. Esta abordagem reconhece que o espaço não é uma entidade estática, mas um fenômeno em constante transformação, impregnado pelas práticas sociais, relações de poder e conflitos, bem como pelas sensibilidades, imaginações, pensamentos e ideologias dos indivíduos que o habitam. Portanto, a análise do espaço deve considerar esta tessitura intrincada de relações e processos, onde cada aspecto da experiência humana contribui para a sua constante (re) configuração. As teorias lefebvrianas de produção do espaço social contribuem para uma análise mais abrangente dos bairros de Santo Antônio e São José.

Partindo desse entendimento, emerge a noção de corpografia urbana, na qual o corpo se apropria de um lugar através da experiência afetiva e da prática dos espaços urbanos pela experiência sensorial da cidade. Jacques e Britto (2008) chamam a atenção para essa relação entre corpo-cidadão e corpo-urbano, considerando a cidade não mais como um cenário, mas como esse "outro corpo" que estabelece novas e complexas relações. No urbanismo contemporâneo, observa-se uma crescente distância entre a prática profissional e a vivência da cidade, resultando em uma separação entre o espaço urbano e seu caráter experiencial e corporal. A espetacularização das cidades contemporâneas se manifesta através de um enfoque excessivo na estética, espetáculo e consumo, relegando a segundo plano a vivência cotidiana do espaço urbano. Pensando em áreas históricas com valor patrimonial, como Santo Antônio e São José, é fundamental repensar as abordagens urbanísticas, buscando reintegrar a dimensão corporal no planejamento e vivência das cidades. "No urbanismo contemporâneo, a distância entre prática profissional e a própria experiência da cidade se mostra desastrosa ao separar espaço urbano de seu caráter experiencial e corporal" (Britto; Jacques, 2008, p.84). Jacques (2008) alerta para a necessidade de resgatar a essência humana do espaço urbano, promovendo uma reconexão entre o corpo, a cidade e as experiências vivenciadas. Isso é um caminho para superar o empobrecimento da experiência urbana corporal e construir cidades mais inclusivas, autênticas e humanizadas, onde o espaço social urbano seja verdadeiramente valorizado.

A forma prática para exercer essa corpografia no espaço social urbano, proveniente do corpo comum que experiencia participativamente a cidade, é denominada por Jacques como "Errâncias". Em suas pesquisas sobre o tema, a autora propõe a participação, a experiência efetiva e a vivência dos espaços urbanos como alternativa para apreensão da cidade. Dessa forma, a leitura do espaço urbano não se reduz a simples imagens ou cenários, mas se estabelece como o espaço das trocas, conflitos e encontros entre o corpo-cidadão e o corpo-urbano, utilizando o próprio corpo, assim como o corpo da cidade, como uma forma de ação através da apropriação do espaço público, no caso das errâncias urbanas, através do simples andar pela cidade. Uma das formas de errância que Jacques (2005) e, mais detalhadamente, em (2012), apresenta e o das derivas, que surge como uma crítica aos CIAMs e sua vulgarização no pós-guerra. A prática consiste em uma forma específica de errância urbana, na qual o indivíduo se apropria do espaço urbano por meio da ação de caminhar sem destino pré-determinado. Nesse contexto Jacques (2012), aponta a psicogeografia como uma possibilidade metodológica que busca explorar as relações entre o ambiente físico e as emoções humanas dentro do contexto urbano, Isso inclui a análise de como diferentes aspectos do ambiente construído, a organização espacial e a dinâmica social, influenciam a maneira como as pessoas percebem e vivenciam esses espaços e a autora propõe isso por meio das derivas, mapeando os diferentes estados afetivos que emergem dessa ação de vagar pela cidade. Essa abordagem valoriza a experiência físico-corporal como método de investigação de áreas complexas, como os bairros citados nesta pesquisa. Desse modo, a experiência errática se apresenta

como uma atitude crítica e consciente de estar na cidade, de senti-la e percorrê-la, buscando através das errâncias e da experiência cotidiana apreender o espaço por meio da alteridade urbana, procurando (re)conhecer as permanências materiais importantes nesses bairros, mas sobretudo valorizar e reconhecer o Outro através da relação indissociável entre as ações cotidianas estabelecidas nesses lugares. Essa vivência da cidade, dessa vida urbana em sua essência, revela e expõe o que é excluído pelo projeto urbano estratégico, mostrando tudo que escapa às intenções do projeto, revelando táticas e micro-práticas cotidianas do espaço social vivido. Reconhecer e compreender essas apropriações diversificadas é essencial para uma visão mais abrangente e inclusiva da cidade, valorizando experiências individuais e coletivas que escapam aos moldes padronizados do urbanismo tradicional.

3. A PRÁTICA DO CAMINHAR E DO PARAR COMO FORMA DE APREENSÃO DO LUGAR E SUA DIMENSÃO SENSÍVEL

Assim como Paola Berenstein Jacques, Francesco Careri, enfatiza a importância do ato de caminhar como uma experiência corpórea de valor inestimável, capaz de nos conectar com as múltiplas dimensões sensoriais da cidade. Para o autor, é por meio dessa prática que somos envolvidos por imagens, cheiros, sons, ruídos e texturas que permeiam a paisagem urbana, proporcionando uma vivência imersiva e profunda da cidade. Desta maneira, o caminhar transcende a mera locomoção e se revela como uma ferramenta para apreendermos a cidade em sua plenitude, estimulando uma consciência ampliada e sensível do entorno urbano. Em seu livro "Caminhar e Parar" Careri (2017), indica possíveis ferramentas táticas a serem utilizadas no processo de caminhar. Ele sugere a técnica do caminhar e parar encarando "o parar" como parte da caminhada, que "pode ser lido como uma reflexão quanto ao tomar seu lugar, ou tomar uma posição, quanto ao cuidar de um lugar e assumir uma responsabilidade ética e estética do momento de parar" (CARERI, 2017, p. 8). Francesco Careri propõe a caminhada como uma prática fundamental para a exploração e a reapropriação da cidade, reconhecendo-a como uma metodologia de pesquisa. Nesse sentido o autor defende um relato fenomenológico evolutivo, descrito a partir de uma perspectiva horizontal, colocada em movimento através do caminhar pelas dobras da cidade. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda da dinâmica urbana e uma apreensão significativa da sua dimensão cultural, possibilitando a descoberta e a transformação poética e política dos lugares. A partir das ideias propostas por Francesco Careri, surge a reflexão sobre a importância de considerar tanto o ato de caminhar quanto o de ato de parar como elementos essenciais na prática urbanística e na compreensão da dinâmica urbana. Nesse contexto, é necessário refletir sobre como escolher o local apropriado para estabelecer um trabalho de campo, construir um espaço de interação com o Outro e prolongar uma abordagem nômade mesmo durante pausas. Em vez de encarar o caminhar e o parar como termos contraditórios, eles devem ser percebidos como partes intrínsecas de um mesmo processo.

Nesse sentido, o caminhar e o parar são entendidos como complementares e inseparáveis, ambos desempenhando um papel crucial na apreensão da dinâmica urbana e na construção de uma prática urbanística sensível e reflexiva, procurando compreender a dinâmica urbana de lugares complexos como a maioria dos centros históricos, em especial os bairros de Santo Antônio e São José, e assim se fazer conhecer as realidades da vida cotidianas e por meio da interação com o espaço social tentar compreender as relações indissociável que se estabelecem nessa dinâmica com a materialidade do local. Para isso, um outro caminho metodológico que escolhemos para alcançar esse objetivo teve inspiração na etnotopografia[1] porque precisávamos do olhar "de perto e de dentro" proposto por Magnani (2002). Consideramos que esse olhar aproximado nos permite apreender mais profundamente as ambiências e atmosferas que envolvem essa área, que abarcam além de diversas sensações, uma complexa rede de elementos com forte permanência material, mas sobretudo com uma intensa dimensão subjetiva ligada a esta materialidade.

Através dessa inspiração na etnográfica, utilizamos a etnotopografia como possibilidade de apreensão dos fenômenos que ocorrem nos bairros de Santo Antônio e São José. Essa ferramenta combina aspectos da etnografia e da topografia para analisar e representar a relação entre os atores sociais e os espaços que eles ocupam. Com essa ferramenta buscamos compreender as relações que se estabelecem entre materialidade e imaterialidade, considerando a intersubjetividade das relações que se desenvolvem na dinâmica urbana de área centrais, históricas e complexas, como o caso de Santo Antônio e São José, conforme podemos observar na Figura 3. A base da etnotopografia é a relação entre o ser social com o espaço em si, buscando chegar a uma interpretação dos significados que os sujeitos atribuem ao lugar. Esse método busca uma compreensão mais sensível a partir das ambiências e principalmente das ações e afetações desses indivíduos com o espaço. Nesse sentido, acreditamos que o espaço construído, traz muito mais que sua materialidade, ele é capaz de transmitir informações sobre seus usuários que vão além da pedra e cal. Esse método busca uma imersão nos lugares de maneira que o pesquisador se deixe afetar perante ao que lhe é familiar, para tentar captar das sensações mais sutis às mais potentes.

1 A Etnotopografia é uma metodologia trabalhada pelo Laboratório de pesquisa Arquitetura Subjetividade e Cultural (LASC), no Rio de Janeiro, desde os anos 2000. Trata-se de um tipo de etnografia espacial que visa, através de instrumentos voltados a interpretação e conhecimento do ambiente construído, apreender os diversos usos, valores e significados dentro de uma sociedade, Melo (2019).

Figura 3. Apreensão das ambiências em Santo Antônio e São José a partir das errâncias da pesquisadora.
Fonte: autora, agosto de 2023. A partir de: autora, 2023; Croqui - José Clewton do Nascimento, 2021;

Para isso utilizamos a ferramenta dos "mapas sesnsíveis", um instrumento inspirado nos mapas das manifestações de Bonfim (2008), que consiste em extrair as sensações e sentimentos que são desenvolvidos pelas pessoas em determinados lugares demonstrando as manifestações de afeto, as relações interpessoais, ou ainda, movimentos, emoções e qualquer outro evento que possa ocorrer em campo, tornando mais clara as situações de interdependência de fatores emocionais/imateriais e espaciais/materiais. Assim, as aplicações das táticas metodológicas alcançadas neste estudo não se trata de uma abordagem linear para contemplar o meio urbano, mas sim de um compromisso com a subjetividade intrínseca à arquitetura, exigindo olhares sensíveis capazes de enxergar além do que é visível.

4. A DIMENSÃO SENSÍVEL DA MATERIALIDADE E A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS AFETIVOS PARA OS BAIRROS DE SANTO ANTÔNIO E SÃO JOSÉ NO RECIFE-PE.

Considerando o patrimônio cultural a partir da visão mais ampliada na qual está em consonância com as pesquisas de Vieira-De-Araújo (2020; 2022), reconhecemos a necessidade de valorizar não apenas dos monumentos e sítios históricos isolados, mas

também da trama urbana em sua totalidade, fomentamos uma visão mais abrangente e inclusiva do patrimônio. Essa abordagem ampliada destaca além da importância da preservação material a diversidade de expressões culturais presentes nas cidades e a importância de preservar as práticas e saberes tradicionais das comunidades, incorporando, assim, uma concepção mais ampla do patrimônio cultural. Este entendimento aponta para uma visão patrimonial que investe na relação simbiótica entre materialidade e imaterialidade. Com base nesse entendimento, elaboramos uma ferramenta metodológica que visa abordar a complexidade de espacializar a experiência da vivência cotidiana em áreas históricas com intensa dinâmica urbana e alto grau de preservação da sua materialidade. A partir de um olhar de perto e de dentro, procuramos captar os diversos sentimentos e sensações ao adotar o ato de caminhar e parar nos bairros de Santo Antônio e São José.

O primeiro ponto que determinamos foi o de não estabelecer nenhum percurso pré-definido, assim como propõe a própria experiência errática citada anteriormente, aqui queríamos deliberadamente nos perder, tropeçar, parar e "perder tempo" para ganhar emoções e sensações. Como propõe Careri (2017), ancorar para (re)conhecer de perto o Outro. Nesse sentido os mapas sensíveis surgem como uma síntese visual das apreensões e sentimentos despertados mediante a experiência de ficar à deriva em determinadas ambiências dos bairros estudados. O mapa sensível busca tornar mais clara as situações de interdependência de fatores emocionais/imateriais e espaciais/materiais.

Segundo Carvalho (2019, p. 163), há duas abordagens para esta ferramenta: uma centrada no lugar, baseada na observação do espaço e seus eventos, e outra nos indivíduos, focada no comportamento e interação das pessoas no espaço. Para esta pesquisa, adotaremos o mapeamento centrado no lugar, uma vez que o nosso objetivo é investigar de que maneira as permanências materiais do patrimônio interferem na dinâmica social urbana. Nesse ponto é importante destacar que essa pesquisa ocorreu em um cenário pandêmico e que o teste do mapa sensível ficou limitado a perspectiva da autora.

Tomamos como ponto de partida um recorte de um mapa dos bairros de Santo Antônio e São José impresso em tamanho de papel A4. No segundo momento circulamos atributos da paisagem urbana que se destacavam como permanências materiais. No terceiro momento anotamos os principais sentimentos que surgiam à medida que experienciávamos a vivência naquela dinâmica além de algumas características morfológicas. À medida que se parava para observar e participar, e, deliberadamente encontrar com "o Outro" outras sensações foram sendo captadas. Após a visita, era feito a síntese visual das apreensões e sentimentos percebidos na observação participante. Foram atribuídas cores as emoções e aos sentimentos, e depois, tamanhos nas manchas dessas representações. Quanto maior o sentimento e/ou sensação, maior a mancha no mapa. Além das manchas, atribuímos aos mapas

croquis de campo e palavras-chaves que ressaltavam para aquele bem patrimonial, como pode ser observado na Figura 4. Ao final da produção do mapa sensível conseguíamos perceber de maneira espacializada os sentimentos e sensações que estavam diretamente ligadas as permanências materiais e de que forma essas emoções podem impactar na dinâmica urbana. Considerado que todos os bens patrimoniais analisados apresentavam alto grau de permanência da sua materialidade, pudemos observar que os bens patrimoniais que possuíam próximo a eles intensa atividade de pessoas, seja por conta do comércio, seja por conta de tradições culturais/religiosas eram os locais com maiores quantidades se emoções e sensações agradáveis e por consequência eram os lugares com maior sensação de vitalidade e segurança. Ou seja, nada mais é do que o mapeamento das ambiências, daquilo que dá vida aos bairros, o que confere valor afetivo aquela materialidade.

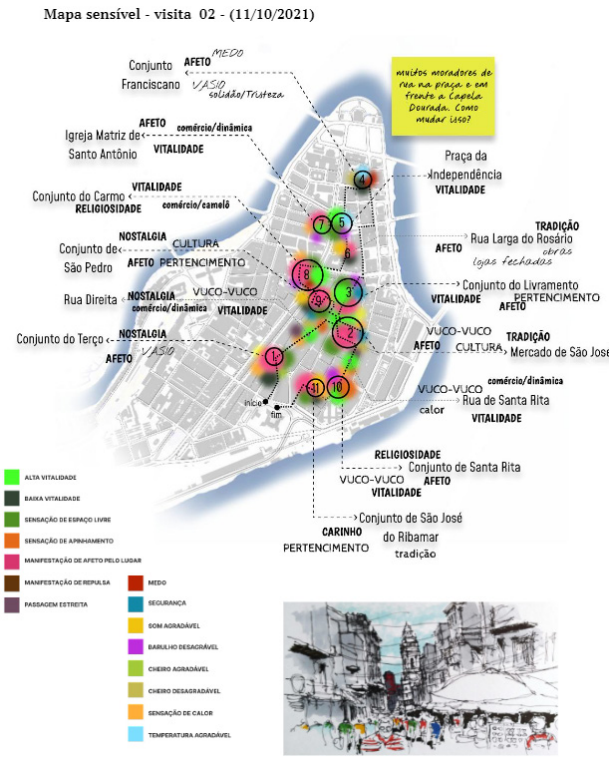


Figura 4. Mapa Sensível – visita 02; Figura 5: Croqui da Rua Direita.
Fonte: Autora (2023); Fonte: José Clewton do Nascimento (2021).

5. BREVES CONCLUSÕES

O objetivo da utilização desses mapas sensíveis não era a orientação espacial ou a localização geográfica, mas sim, um caminho para tomada de estratégias de ação e avaliação dos níveis de apropriação do ator social com aquela determinada materialidade. Através dos mapas, tentamos ilustrar que a materialidade dá suporte

a vida que floresce além do que está construído, espacializando em planta baixa os eventos sociais, as manifestações de afeto, as relações interpessoais entre materialidade e sujeito. Isso pode ser observado na figura de um vendedor de água que ocupa aquela calçada específica há anos, a carroça de frutas que chega sempre a mesma escadaria, ou um visitante que percorre aquele mesmo caminho por afeto ao lugar. O objeto em sua materialidade – as ruas, os edifícios, os aromas, as texturas, o calor, a sensação de amplitude ou de confinamento, os sons, as pessoas, as práticas urbanas, os hábitos dos usuários – todas as relações estão indissociavelmente imbricadas com a materialidade. As propriedades materiais do espaço e os estados afetivos dos sujeitos se fundem na ambiência, tornando-se impossíveis de separá-los. Ou seja, a ideia de utilização dos mapas se apresenta como síntese das simbióticas entre materialidade e imaterialidade, entre o indivíduo e a cidade.

No decurso desta pesquisa, nos deparamos com desafios fundamentais enfrentados pelo campo da preservação contemporânea. Um deles é a carência de procedimentos metodológicos capazes de dar conta da natureza subjetiva e multifacetada do patrimônio cultural. As ferramentas normativas tradicionais muitas vezes lidam de forma separada com as dimensões tangíveis e intangíveis do patrimônio, dificultando uma abordagem integrada. Para além das questões pragmáticas ligadas à materialidade que envolvem os bairros de Santo Antônio e São José, é importante também estarmos atentos às relações simbólicas que os atores estabelecem com esses espaços sociais, onde muitas vezes, expressam a memória do lugar e às próprias de cada sujeito, em uma relação íntima e imbricada entre materialidade e imaterialidade que juntas e indissociáveis conformam esse patrimônio cultural. Para abordar essas questões, propomos uma ferramenta metodológica que busca ajudar no enfrentamento da operacionalização do trato simbiótico da materialidade e imaterialidade que envolvem patrimônio cultural e superar a dicotomia que existe entre eles. Assim, identificamos nos mapas sensíveis uma possibilidade de recurso capaz de integrar a aproximação da materialidade com os sentimentos e a dinâmica da vida cotidiana. Nesse contexto, o mapa afetivo é utilizado nessa pesquisa como uma síntese visual das apreensões despertadas durante as errâncias entorno dos bairros de Santo Antônio e São José.

6. BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas. Magia e Técnica, arte e política. 3a edição. São Paulo: Editora Brasiliense. p. 197-221, 1987.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Orgs.). Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias

urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPG-AU/UFBA, 7(2), 2008. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648. Acesso em: Junho de 2023.

CARERI, Francesco. Caminhar e parar. 1ª ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.

_____.Walkscapes: o caminhar como prática estética. 1ª ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARVALHO, Nathália Moreira. Subjetividade e métodos: A etnotopografia e a apreensão do in-visível em ambiências noturnas. In: Arquitividades Subjeteturas. Metodologias para a Análise Cristiane Rose de Siqueira Duarte, Ethel Pinheiro Santana. 1ª ed. Rio de Janeiro: ebook selo FAU/UFRJ. 2019.Sensível do Lugar.

FARIAS, Marília Cavalcanti. Travessias em Santo Antônio: A Prática do Caminhar Fotográfico na Apreensão de Atmosferas e Ambiências. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. Cenografia e corpografia urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, n. 5, p.47- 57, 2008.

_____. Elogio aos errantes. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012a.

_____. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. Arqtexto, v. 01, n. 07, p. 16–25, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/_ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola>. Acesso em: Junho de 2023.

_____. Espetacularização Urbana Contemporânea in FERNANDES, Ana; BERENSTEIN JACQUES, Paola. Territórios urbanos e políticas culturais, Cadernos do PPGAU/FAUFBA, número especial, Salvador, 2004.

_____. Experiência errática. Redobra, Salvador, v. 3, n. 09, p. 192–204, 2012b. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Experiencia-erratica.pdf>. Acesso em: Junho de 2023.

LEFEBVRE, Henri. A Produção do Espaço. Trad. Doralice Barros Pereira; Sérgio Martins do original: La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. São Paulo: [s.n.], 2006.

_____. Dialectical Materialism. Preface by Stefan Kipfer; Translated by John Sturrock. Published by the University of Minnesota. 2009, 193p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. ISSN 0102-6909. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002.

NASCIMENTO, Barbara Thomas L. Errâncias sensíveis: analisando a Empatia Espacial em contextos urbanos. In: In: Arquitividades Subjeteturas. Metodologias para a Análise Sensível do Lugar. Cristiane Rose de Siqueira Duarte, Ethel Pinheiro Santana. 1ª ed. Rio de Janeiro: ebook selo FAU/UFRJ. 2019.

SCHMIDT, Christian. 2017. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 16, n. 3, p. 89-109, 2012. Disponível em: www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74284. Acessado em: 7 abr. 2021.

THIBAUD, Jean-Paul. A ambiência: trilhando caminho para uma perspectiva internacional. RUA (Campinas, Brasil), v. 1, n. 14, p. 1-5, 2008.

_____. A cidade através dos sentidos. Cadernos PROARQ, v. 18, p. 1-16, 2012a.

_____. Ambiência. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (orgs.). Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. Contextualizações sensíveis da cidade. Tradução de Julieta Leite. In: LEROUX, M., THIBAUD, J. P., BALEZ, S., BARDYN, J. L., & FIORI, S. (2000). Compositions sensibles de la ville. CRESSON, ENSA: école nationale supérieure d'architecture.

VIEIRA-DE-ARAÚJO, Natália Miranda. Materialidade e imaterialidade no patrimônio construído: Brasil e Itália em diálogo. Recife: Ed. UFPE, 2022.

_____. O papel da materialidade no debate contemporâneo da preservação: Por uma relação simbiótica entre materialidade e imaterialidade. 4º Simpósio científico do ICOMOS Brasil. 1º Simpósio científico ICOMOS-LAC. Rio de Janeiro, 2020.

_____. VALORES, SIGNIFICÂNCIA E IMATERIALIDADE: a relação (simbiótica) entre Mercado e Bairro de São José. In: São José: olhares e vozes em confronto. Um bairro patrimônio cultural do Recife. Organização PONTUAL, Virgínia; et al. Editora: Cepe. Recife, 2021.

R41

CARTOGRAPHIES OF WANDERING: METHODOLOGICAL EXPERIMENTATIONS

CARTOGRAFIAS DO ERRAR: EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Letícia Castilhos Coelho
Doutora em Planejamento Urbano e Regional;
Professora Adjunta do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente e Pesquisadora do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
leticiaccoelho@fau.ufrj.br

Patrícia Luana Costa Araujo
Mestre em Geografia;
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Colaboradora da pesquisa Projeto Urbano como Processo Errante do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
patricia.costa@fau.ufrj.br

Helena Guaresi Portela
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na UFPR;
Bolsista de Iniciação Científica (COPPETEC) na pesquisa Projeto Urbano como Processo Errante do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
helena.helenaportela@gmail.com

Emilyn da Silva
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na UFRJ;
Voluntária de Iniciação Científica (COPPETEC) na pesquisa Projeto Urbano como Processo Errante do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
emilyn.silva@fau.ufrj.br

ABSTRACT

Establishing error, cartography as a practice and the available body as intertwined dimensions that constitute a way of doing-thinking-creating as an articulating device, the research "Cartographies of error" addresses themes about the city, experience, affection, culture, everyday life and language, through the construction of methodological procedures for urban studies and projects. This proposal seeks to emphasize a procedural perspective, intrinsically related to the characteristics and dynamics of the contemporary city, thought of as a complex arrangement of multiple layers and dimensions. Furthermore, the countless environmental weaknesses and territorial inequalities that we live with in Brazil place the urgency in re-elaborating epistemologies and procedures used in urban practices, incorporating collective and interdisciplinary creation methods. In this sense, a repertoire inspired by artistic movements that triggers a becoming-nomad as an ethical-aesthetic-political position is mobilized. In this transit between territorializations, affections become raw materials for narratives that explain conflicts, fissures, paradoxes, taking neighborhoods in the Rio suburbs as context-stage-terrain-terreiro.

KEYWORDS: error. body. cartography. experience. landscape. urban design

RESUMO

Instaurando o *erro,* a *cartografia como prática* e o *corpo disponível* enquanto dimensões entrelaçadas que constituem um modo de fazer-pensar-criar como dispositivo articulador, a pesquisa "Cartografias do errar", aborda temáticas sobre cidade, experiência, afeto, cultura, cotidiano e linguagem, através da construção de procedimentos metodológicos para os estudos e projetos urbanos. Esta proposta busca enfatizar uma perspectiva processual, intrinsecamente relacionada às características e dinâmicas da cidade contemporânea, pensada como complexo arranjo de múltiplas camadas e dimensões. Ademais, as inúmeras fragilidades ambientais e desigualdades territoriais com as quais convivemos no Brasil colocam a urgência em reelaborar epistemologias e procedimentos utilizados nas práticas urbanas, incorporando métodos de criação coletiva e interdisciplinares. Nesse sentido, mobiliza-se um repertório inspirado em movimentos artísticos que acionam um *devir-nômade* enquanto posição ética-estética-política. Nesse trânsito por *entre* territorializações, os *afetos* tornam-se matérias-primas para narrativas que explicitam conflitos, fissuras, paradoxos, tendo como contexto-palco-terreno-terreiro bairros do subúrbio carioca.

PALAVRAS-CHAVE: erro. corpo. cartografia. experiência. paisagem. projeto urbano

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de investigações que buscam abordar e problematizar temáticas sobre cidade, experiência, corpo, cultura, cotidiano e linguagem, se desenvolvendo através da reflexão, construção e aplicação de procedimentos metodológicos para estudos, práticas e projetos urbanos. Neste artigo serão desenvolvidos os aspectos relativos ao referencial teórico-metodológico que serve de suporte aos trabalhos desenvolvidos pelo projeto de pesquisa "Cadê - Cartografias do errar", sendo abordadas, principalmente, as noções de *erro, cartografia como prática* e *corpo disponível,* enquanto referências que se entrelaçam nas construções metodológicas.

Considerando as inúmeras abordagens acionadas no campo do Urbanismo e do Projeto Urbano e da Paisagem, a análise desenvolvida pela pesquisa caracteriza-se por uma perspectiva processual capaz de abarcar as diversas camadas (sociais, culturais, históricas, políticas, ecológicas e econômicas) da cidade contemporânea. Assim, obtendo dados de caráter qualitativo em oposição às numerosas e amplamente difundidas análises quantitativas já existentes e, portanto, sendo capaz de registrar aspectos sensíveis das experiências urbanas coletivas.

Em vista disso, lança-se mão do procedimento metodológico do *caminhar,* inspirado em movimentos artísticos dos séculos XIX e XX. Acionando o repertório dos *flâneurs,* figura caminhante que se posiciona na contramão do ritmo da modernidade, passando pelas *deambulações* dadaístas com fortes tons políticos de caminhadas pelas sombras, bordas e espaços não espetacularizados da cidade, assim como, pelas deambulações surrealistas em busca do onírico no meio urbano. Tais movimentos antecedem as experiências situacionistas, desenvolvidas entre as décadas de 1950 a 1970, que enquanto movimento contestador se colocava como crítica radical ao urbanismo moderno. Nesse sentido, a *deriva,* prática realizada no contexto do movimento Situacionista, é um procedimento metodológico de análise que realiza ações no ambiente urbano, em que uma pessoa ou um grupo abdica do estado, objetivo, motivo e tempo de trânsito próprios para serem direcionados pelas solicitações do contexto físico, relacional, tátil e subjetivo do local que percorrem.

Tendo em vista o contexto brasileiro de fragilidades ambientais, desigualdades territoriais, vulnerabilidades e injustiças sociais que configuram a cidade de forma segregada e expressam conflitos de diversos âmbitos, a adoção do mecanismo da *deriva* é urgente e necessário, uma vez que o comprometimento com a coletividade é indispensável. Assim como, a integração a outros campos do conhecimento e a urgência em atualizar as epistemologias e referenciais utilizados nos estudos e práticas urbanas; incorporando perspectivas interespecíficas e interseccionais; trânsitos interescalares; qualidades errantes; expressões em múltiplas linguagens; e, dimensões corpóreas e abertas; reforçando também os processos de criação coletiva, segundo uma concepção de "fazer com", abrindo espaço para que diferentes interlocutores atuem desde suas posições, saberes e memórias nas concepções projetuais de cidades e paisagens.

Dado o exposto, delineia-se o objetivo do trabalho ao redor da elaboração, construção e aplicação de procedimentos teórico-metodológicos, tomados enquanto modos de "fazer-pensar-criar", que perpassem desde as leituras e análises da paisagem urbana contemporânea até a prática de projeto urbano e da paisagem em diferentes escalas de intervenção, instaurando processos concebidos a partir da noção de *prática cartográfica* como modo de criação de discursos e narrativas. Nesse sentido, os procedimentos entrelaçam as três dimensões: incorporar estados errantes; instituir múltiplos meios de composição e expressão; e, acionar a dimensão corpórea, enquanto qualidades prático-reflexivas indissociáveis.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica da pesquisa visa destacar a contribuição de autores através de três dimensões teórico-reflexivas indissociáveis: o erro como posição epistemológica, o corpo disponível como qualidade sensível e a cartografia como prática. Dessa forma, é possível reunir inúmeros pensamentos, vivências e desdobramentos ao redor dos três eixos da pesquisa, que orientam, conduzem e embasam a elaboração de procedimentos que possam subsidiar o Projeto Urbano e da Paisagem como uma experiência singular e aberta.

O *erro* constitui-se, tomando como ponto de partida as reflexões de Francesco Careri (2009) acerca da narrativa histórica do caminhar, enquanto modo de fazer-pensar-criar uma proposição baseada em noções desenvolvidas pelas práticas científicas, artísticas e filosóficas vagueantes. No final do século XIX, explora-se em Paris a figura do *flâneur,* emblemática nas discussões sobre o andar como como forma de se relacionar e se posicionar na cidade, uma vez que caminhavam de maneira lenta pela cidade sem trajeto, objetivo ou destino definido observando detalhes insólitos do meio urbano e buscando devaneios, indo na contramão do ideário de velocidade, objetividade e racionalidade da modernidade.

Entre 1910 e 1930, entram em cena os surrealistas e dadaístas com as *deambulações* com vieses distintos, mas unidos na banalidade e aleatoriedade dos locais visitados através do caminhar. Como descreve Careri (2009), esses artistas encontram no andar o componente onírico e surreal com o qual se acessa o inconsciente do espaço e se revela as "partes escuras" da cidade, percorrendo os lugares comuns, cotidianos e corriqueiros da cidade como uma forma de reconquistar o espaço urbano. Entre 1950 e 1970, há o ápice desse processo com as *derivas* situacionistas propostas como uma crítica radical ao urbanismo moderno e que, diferentemente das deambulações dadaístas e surrealistas, não assumem uma postura passiva em relação à cidade, mas encaram o terreno urbano como um local de ação e intervenção, superando também a passividade da sociedade do espetáculo.

Cabe ainda ressaltar dois recortes dentro do contexto das derivas: as derivas brasileiras das décadas de 1920 e 1930 e as derivas femininas. Paola Berenstein Jacques (2012)

destaca em suas reflexões os experimentos de modernistas e tropicalistas brasileiros nas décadas iniciais do século XX, como João do Rio, Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica, que ativam o recurso de errância para experimentar a cidade. A arquiteta discorre também sobre as flanâncias femininas, encontrando no recorte de gênero questões relevantes para a prática do flanar, deambular e derivar pelo espaço urbano, tendo conhecimento de que o corpo do artista-cartógrafo faz parte do processo da deriva e o corpo feminino, atravessado por dinâmicas de gênero, estaria sujeito a diversos constrangimentos e violências simplesmente por existir no espaço.

A partir das referências aos movimentos artísticos e filosóficos citados, o termo *errar* agrupa algumas características dessas experiências passadas que ainda reverberam contemporaneamente. Nesse sentido, o que as dinâmicas históricas evidenciam é a importância do andar e a predisposição para perder-se, duas esferas extremamente relevantes para definir a noção estudada, uma vez que o *errar* se faz no percurso, no trajeto, no "durante", sendo um ato simultâneo de leitura e escrita. Dialoga-se, então, com as reflexões de Paola Berenstein Jacques (2012), que indicam a desorientação como característica fundamental para a prática errante.

Nesse sentido, as reflexões da autora corroboram com a importância do trajeto no ato de errar, como mencionado por Deleuze e Guattari (1995) ao destacarem a noção de um pensar que se faz por desterritorialização, no entre, através do trajeto como procedimento nômade e o perder-se como prática investigativa. A predisposição para perder-se é uma característica indispensável para o errante, tanto corporal como mentalmente, pois o *errar* é o abandono das referências e o encontro com o desconhecido, como descrito por Jeanne Marie Gagnebin (1997), tanto na esfera do corpo, quanto das ideias. Dessa forma, Walter Benjamin (1995) destaca a importância do domínio da arte de perder-se, caracterizando esse ato como um procedimento que deve ser aprendido e aprimorado.

Em suma, o ato de *errar* é como aquele de assumir qualidades nômades que lidam com o instável, o provisório, o improvisado e o fluido como procedimentos investigativos e estéticos ao longo do processo de criação; experimentar e instituir múltiplas possibilidades e linguagens para a composição e a expressão discursiva e projetual, pensadas como procedimentos e operações para criar, que se referenciam no princípio da montagem (inspirado em Walter Benjamin) e na noção de composição (de Deleuze e Guattari).

Outra noção que deve ser investigada é a de *corpo disponível.* Aspecto fundamental das *derivas* e *caminhadas,* como indicado por Walter Benjamin (1995), a abertura e disponibilidade do corpo tanto ao perder-se quanto ao encontro são essenciais para a prática da presente pesquisa, pensando em uma *prática cartográfica* feita pelo e através do corpo. Como supracitado, através das ideias de Paola Berenstein Jacques (2012), o corpo do cartógrafo faz parte da *errância,* interfere no espaço e por ele é afetado, e nesse sentido, deve-se sempre considerar quais corpos estão presentes e

disponíveis, corpos femininos, negros e LGBTQIAP+ se colocam e são recebidos de maneira distinta na cidade e, dessa forma, estarão, também, disponíveis de maneiras diferentes.

No processo da deriva, a disponibilidade do corpo deve ter em vista a busca de um processo horizontal e a concepção de intervenções na escala humana. Esta dimensão corpórea busca convocar e instituir condições para um corpo disponível aos atravessamentos, encontros e interpelações, abrindo espaço para práticas horizontalizadas e compartilhadas, em que as posições dos atores podem ser deslocadas conforme as solicitações do processo, transitando por diferentes lugares do(a) pesquisador(a), seja o da observação, da proposição, da escuta, do desenho, etc. Tais modalidades acionam, no que tange as relações eu-outro, dimensões do cuidado e da articulação entre múltiplas vozes, prioridades, sensações que atravessam as decisões e soluções projetuais enquanto agenciamentos coletivos também no âmbito do compor e do expressar.

A intenção, com a criação desse estado de corpo disponível, é a de co-criação das cartografias e proposições projetuais em conjunto com a comunidade e população impactada, pois o(a) pesquisador(a) é desacomodado do seu local tradicional apartado, superior e distanciado e a hierarquia entre as duas esferas, arquiteto e população, tende a ser dissolvida, uma vez que o pesquisador deixa-se impactar pelos acontecimentos e vivências circundantes. Dessa forma, as intervenções projetuais passam a ser verdadeiramente pensadas na/para escala humana, uma vez que os corpos, tanto do(a) arquiteto(a) e urbanista quanto das populações que o projeto irá impactar são parte do processo, uma vez que a cidade e as intervenções interagem com os corpos de maneira recíproca, como explica Fabiana Dultra Britto (2008).

Nessa perspectiva, Dultra Britto e Berenstein Jacques (2008) desenvolvem o conceito de *corpografia,* um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, que permite que o ambiente urbano o molde e que o corpo defina o ambiente urbano, ou seja, intimamente ligada com a temporalidade e a experiência do indivíduo no local em que transita. Assim, as *corpografias* viriam em oposição à dimensão espetacular e cenográfica do espaço urbano contemporâneo, inspirando a noção desta pesquisa de acionar a *cartografia como prática.*

Pensar a *cartografia como prática* é pensar, justamente, na questão corporal, temporal e subjetiva do registro de determinado espaço. Vânia Medeiros (2018) destaca em seus estudos a falsa imparcialidade de registros cartográficos tradicionais, os quais se pretendem oniscientes, neutros e estratégicos, mas que carregam discursos e direcionam determinadas leituras sobre o território. Nesse sentido, a visão panóptica idealizada pelos mapas coloca o(a) cartógrafo(a) e o urbanista em uma posição superior, da vista de cima, “dos deuses” e com isso desloca a atuação desses profissionais do território e dos processos dinâmicos do espaço, uma vez que o

mapa também busca planificar e tornar estáticos acontecimentos e interações fluídas, o que Milton Santos (1993) chama de "quinta dimensão do espaço". Assim, os procedimentos cartográficos atuais buscam plasmar processos em matrizes planas e estéreis, sob a premissa de garantir neutralidade e legitimidade das informações, enquanto, distancia o leitor do território e, dessa forma, imprime discursos e visões sobre determinado espaço e população.

Nesse sentido, uma visão tática, oposta a visão estratégica supracitada, considera a cartografia como prática e leva a campo o corpo do(a) cartógrafo(a), buscando registrar processos dinâmicos e formulando mapas como elementos de processo e relatos e, portanto, os mapas desenvolvem-se como ferramentas não cristalizadas passíveis de mudança, pois são impressões de trocas, interações e conflitos que se modificam e modificam o espaço constantemente. Assim, os processos e conflitos antes ocultados nos mapas planificados tomam forma e relevância na análise do espaço, e a vivência cotidiana através do corpo, do caminhar e do registro dinâmico é destacada no desenvolvimento dessas cartografias. Como indicam Deleuze e Guattari (1995), o mapa é, para além de uma ferramenta de análise geográfica, um conceito filosófico, sendo a representação de um processo e, reafirmado por Vânia Medeiros (2018), o mapa torna-se um "elemento propositor de ações sobre o espaço". Com isso a *prática cartográfica* é tida como procedimento que oferece uma abertura para que os paradoxos, conflitos, dissensos, disputas sejam agenciados no processo de construção do Projeto Urbano e da Paisagem, sem necessariamente resolvê-los, apaziguá-los, pacificá-los, mas como potencial para o diálogo por entre múltiplos olhares, enquanto exercício inerente de um "fazer com" que integra diferentes atores e posições a serem trabalhadas sob um prisma da interseccionalidade.

Isso posto, considerar a *cartografia como prática* é ter consciência da parcialidade dos registros cartográficos, da importância de processos e interações dinâmicas e tomar partido dessa parcialidade ao produzir narrativas do espaço. Em suma, cartografia como prática é a produção de narrativas e discursos acerca de determinado local a partir do corpo dos cartógrafos, urbanistas, das populações que convivem no espaço, dos passantes, ou seja, da vivência nos locais estudados e que pode ser sintetizada em diferentes plataformas (vídeos, fotos, áudios, desenhos, etc) de acordo com a coerência do discurso/ narrativa criado.

3. CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS

A metodologia da pesquisa começou a ser tecida a partir da base teórica de maneira exploratória com uma cartografia das ideias. O tecer se deu a partir de encontros remotos, em que os estudos teóricos e eixos temáticos foram pautados e aprofundados em discussões, ilustrados por meio de mapas mentais, croquis e redes de informações múltiplas, a fim de desenvolver e densificar, em diversas camadas de representação e sentidos, uma base teórica. A partir dessas noções prévias e conceitos já estabelecidos, foi iniciado o processo de derivas individuais e o

compartilhamento posterior dessas experiências. A partir da ativação da memória da cidade inscrita no corpo, as narrativas foram expostas fazendo uso de ferramentas como diários urbanos, fotografias, áudios, vídeos, mapas e desenhos.

Como resultado desse procedimento, foram encontradas e definidas as principais questões urbanas que atravessavam particularmente cada integrante do grupo, dentre elas: paisagens sonoras, (crônicas do) cotidiano, memória, sensações-emoções-afetos, dinâmicas sociais, usos, suporte urbano-morfologia, mobilidade, traçado e infraestruturas, entre outros. Para, então, nortear as seguintes etapas investigativas em campo e responder às questões postas desde o primeiro momento: Como estar na rua em deriva? Como registrar o efêmero? Como lembrar da deriva? Como desenhar as lembranças? O "corpo-câmera" - quando/como (não) registrar? E até o entendimento de como desapegar das corpografias já inscritas para explorar o novo?

Após esse processo, chegamos à "experiência", momento já em formato híbrido, no qual o grupo passa a se reunir para explorar conjuntamente o Méier, bairro suburbano na Zona Norte do Rio de Janeiro, percorrido no processo de derivas individuais, que surge como potencial por suas múltiplas possibilidades exploratórias dadas pela dinâmica de um bairro quase que patrimonial para a cidade[1]. Elaboramos derivas em grupo a fim de captar o local em suas mais diversas possibilidades e, em grupos menores, exploramos o bairro aos finais de semana, na rotina de um dia comum e quando o dia dá lugar à noite. Como resultado, conformamos uma base de registros e análises, como piloto para experimentações metodológicas possíveis em outros bairros suburbanos, focando numa perspectiva processual para um modo de fazer-pensar-criar.

No momento atual, totalmente presencial, focamos nos desdobramentos e nos dedicamos à exploração dos materiais coletados durante as derivas, a fim de desenvolver cartografias e compor universos narrativos que explorem as múltiplas camadas do objeto de estudo. Diversos processos de deriva foram realizados, visando ativar a dimensão corpórea, como chave para as incursões no território, e realizar a coleta de materiais gráficos e registros diversos para desenvolver produções, estudos e encaminhamentos posteriores, enquanto leituras e narrativas do bairro estudado que pretendem expressar dinâmicas cotidianas, culturais e cartografar a pluralidade de discursos, práticas e sujeitos.

Através dessa abordagem metodológica (FIGURA 1), pretende-se entender e interagir com a cidade possibilitando a construção de um conhecimento incorporado, sensível, singular, e situado que seja articulado transversalmente ao projeto urbano e da paisagem.

---

1 A indicação sobre a experiência desenvolvida no bairro do Méier, neste trabalho, tem apenas o objetivo de elucidar a maneira como os momentos metodológicos foram sendo desenvolvidos. No artigo "Projeto urbano como processo errante: o caso do Méier - experimentações no subúrbio carioca", esta etapa está apresentada mais detalhadamente.

Figura 1. Diagrama sintético da metodologia da pesquisa.
Fonte: O Autor (2024)

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa e métodos estão entrelaçados com os três conceitos teóricos estudados, integrando o errar e instituindo diversos meios de composição através da disponibilização do corpo ao processo. Dessa forma, alguns resultados se associam com a metodologia com o objetivo de priorizar uma perspectiva processual, interdisciplinar e o exercício interescalar na construção teórico-metodológica e na revisão desse dispositivo após as experiências práticas. Já outros ligam-se com a vivência prática da pesquisa, sendo eles a aplicação da metodologia em áreas da cidade com vistas a construir leituras e análises territoriais enquanto sínteses discursivas situadas; assim como, a identificação e desenvolvimento de cartografias das áreas que apresentam potencialidades e necessidades para a experimentação projetual através de intervenções urbanas em diferentes escalas.

Assim, a pesquisa busca desenvolver-se com uma perspectiva teórico-prática, vislumbrando a inserção curricular em ações e práticas didático-pedagógicas transversais a diferentes disciplinas, em que seja possível estabelecer uma conexão direta entre a universidade e a comunidade em que se atua. Nesse sentido, outros resultados constroem-se com a ideia de participação coletiva e inserção da comunidade local nas dinâmicas da pesquisa, dessa forma, há a intenção de estimular processos colaborativos envolvendo diversos agentes nas diferentes etapas de investigação e projeto, sendo necessário construir dispositivos de interlocução como estratégia de diálogo com a população do local a ser estudado.

Este diálogo pode partir, portanto, de proposições obtidas por meio dos seguintes resultados desdobrados que se destacaram: compreender a dimensão do corpo no espaço e o caráter dinâmico das cidades. Deste modo, a partir do desenvolvimento

de materiais teórico-gráficos (cartografias), busca-se aproximar o sujeito do contexto estudado, a fim de ressignificar o processo de projeto urbano, considerando a complexidade das situações, a tensão entre aspectos objetivos e subjetivos e as diversas experiências que enunciam narrativas contraditórias, paradoxais, consensuais e conflituosas que atravessam o cotidiano da cidade. Por fim, há com a pesquisa uma contribuição para a reflexão acerca da necessidade de reposicionar a atuação do arquiteto e urbanista por meio do Projeto Urbano e da Paisagem, como uma via para a interlocução e construção com múltiplos agentes e saberes envolvidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto, fica evidente que o estudo bibliográfico está intrinsecamente relacionado com o desenvolvimento da metodologia do projeto. O acionamento dos três conceitos: erro, corpo disponível e cartografia como prática tecem a relação das discussões teóricas com os procedimentos metodológicos, embasando a experiência prática da pesquisa. Entretanto, ao considerarmos a perspetiva processual de desenvolvimento metodológico cabe ressaltar que nenhuma referência, ideia ou conceito é estanque, estando em constante adaptação e adequação ao contexto da prática, constituindo a ideia de "projeto urbano como processo errante".

Nesse sentido, compreender a dimensão do erro enquanto modo de ler e escrever um território a partir das discussões desenvolvidas por Paola Berenstein Jacques em "Elogio aos errantes" (2012) e perpassadas pelas reflexões de Walter Benjamin (1995) a respeito do domínio da arte de perder-se embasam as atitudes práticas de caminhada e a postura do(a) cartógrafo(a)/urbanista perante o ambiente urbano que experimenta. Já o entendimento do corpo disponível que, neste processo, se faz quase que indissociável na dimensão do espaço e da cartografia, é tido através de conceitos desenvolvidos por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques em Cenografias e Corpografias urbanas (2008) que desencadeiam a consciência corporal do cartógrafo em campo e a percepção mais aguçada das dinâmicas dos outros corpos que o circundam. Assim, a percepção da cartografia enquanto possibilidade de exploração dos modos de fazer-pensar-criar decorre das ideias de Vânia Medeiros desenvolvidas em "Cartografias de erro: mapas subjetivos e territórios redesenhados"(2018).

Contudo, todas as ideias supracitadas são adaptáveis perante a premissa do "projeto urbano como processo errante" devido à necessidade das abordagens teórico-metodológicas se constituírem enquanto composições permeadas pela polifonia e multiplicidade, considerando que a diversidade de processos, agentes e dinâmicas que atravessam o projeto urbano, muitas vezes, demandam metodologia(s) abertas ao provisório e ao efêmero, construídas de forma plural e coletiva. Assim, o "met-hodos" (caminho que segue) estaria agindo no sentido de multiplicar os caminhos, tensionando e incorporando dissensos e disputas entre as muitas experiências, narrativas e realidades urbanas. Conceber e aplicar procedimentos que buscam

expor particularidades processuais do trabalho e valorizar os interstícios da criação projetual, para além dos resultados e produtos, coloca em destaque um posicionamento estético e investigativo que aposta em não-totalizações e incorpora o paradoxo como modo reflexivo-prático.

Em suma, a prática cartográfica e projetual errante busca transferir conceitos e determinações teóricas para a experiência prática de forma que ambos os processos se afetem entre si, garantindo dinamicidade e permitindo a diversidade de visões e conceitos a respeito do espaço urbano e do projeto.

6. BIBLIOGRAFIA

Anjos, M. (2012). As ruas e as bobagens: anotações sobre o *delirium ambulatorium* de Hélio Oiticica. ARS. São Paulo, v.10, n.20. http://www.scielo.br

Benjamin, W. (1995). Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. V.1. São Paulo, Ed. Brasiliense.

_____ (2006). Passagens. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

Britto, F.D. & Jacques, P.B. (2008). Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648

Careri, F. (2009). Walkscapes: el andar como práctica estética. Barcelona: Gustavo Gili.

Coelho, L.C. (2020). Andanças e Enredos: errar, escriturar-cartografar, corporear como modo de compor zona(s) portuária(s) do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

De Certeau, M.(2011). A invenção do cotidiano. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ.

Débord, G. (1958). Situacionista Internacional N° 2. Teoria da Deriva. Trad. Coletivo Gunh Anopetil. https://teoriadoespacourbano.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriva.pdf

Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). O que é a filosofia? (Trad. Bento Prado Jr; Alberto Alonso Muñoz). Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____(1995). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.

Deleuze, G. (2007). Francis Bacon: lógica da sensação. (Trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Zahar.

Gagnebin, J.M. (1997). Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História. Rio de Janeiro: Imago Ed.

Guattari, F. & Rolnik, S. (2005). Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes.

Jacques, P.B. (2012). Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA.

_____. Apologia da Deriva - escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Kastrup, V. (2010). Pistas do método da cartografia. Porto Alegre: Sulina.

Medeiros, V. (2018). Cartografias de erro: mapas subjetivos e territórios redesenhados. América - Revista da pós-graduação da Escola da Cidade. n.1. 104-113.

Monnet, N. (2008). Flanâncias femininas e etnografia. (Trad. Paola Jacques). Redobra, Salvador, v.11, p.218-234, 2008.

Rolnik, S. (2014). Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS.

R41

SPAZIEREN IN BERLIN: WALKING TO RE-CONNECT WITH BERLIN WITH THE COMPANY OF FRANZ HESSEL

SPAZIEREN IN BERLIN: CAMINHANDO PARA RE-CONHECER BERLIM NA COMPANHIA DE FRANZ HESSEL

Daniella Martins Costa
Doutora
UFRJ/FAU/DPUR/PROARQ
Daniella.martins@fau.ufrj.br

ABSTRACT
This work aims to share the experiences involved in the author's reconnection with the city of Berlin, the capital of Germany. The reencounter was held within the scope of a capes-print scholarship for a junior visiting professor in 2024. The project made possible a season of research and experiences and a reunion with the city. Thus, this work is an attempt to re-connect with the city by wandering, following in the footsteps of Franz Hessel, and the author's personal memory, to understand concepts of identity, spirit of the place, character and atmospheres applied to the city and read between the lines the stories that only Berlin can tell.

KEYWORDS: Berlin. Franz Hessel. Spirit of the place. Identity. Character. atmosphere

RESUMO
Este trabalho tem como objetivo compartilhar as experiências envolvidas no reencontro da autora com a cidade de Berlim, capital da Alemanha. O reencontro se deu no âmbito de uma bolsa capes-print, edital para professor visitante júnior em 2024 que promoveu uma temporada de pesquisa e vivências e o reencontro com a cidade. Assim este trabalho é uma tentativa de re-conhecer a cidade deambulando, seguindo os passos de Franz Hessel, e a memória pessoal da autora, para entender conceitos de identidade, espírito do lugar, caráter e atmosferas aplicados a cidade e ler nas entrelinhas as histórias que só Berlim pode contar.

PALAVRAS-CHAVE: BERLIM. Franz Hessel. Espírito do lugar. Identidade. Carater. atmosfera

1. INTRODUÇÃO
A ansiedade envolvida nas preparações antes da viagem, eram as mesmas de quem vai visitar uma velha amiga. Destas amigas que são testemunhas de uma parte importante da sua história, aquelas que sabem segredos que você só divide e revisita acompanhado. Este trabalho é o relato da visita a uma velha amiga, a cidade de Berlim, uma amiga que não via a duas décadas.

Berlim, capital da Alemanha situada no Norte do país é uma das cidades que fazem parte da história da autora. Lugar que contribuiu para minha formação com arquiteta e grande responsável pela definição do meu campo de interesse na pesquisa, memória, preservação e sítios históricos urbanos. As lembranças da cidade guardadas na memória eram da jovem estudante de graduação em arquitetura e de uma Berlim de 2002, um pouco mais de uma década após a queda do muro e a reunificação da Alemanha. No entanto, a cidade que esperava a professora da Faculdade de Arquitetura mais de vinte anos depois era outra Berlim.

Não foi exatamente uma volta no tempo, já que a cidade se expandiu e mudou numa velocidade que impedia o reconhecimento de espaços guardados na memória. Deambular pela cidade, passou a ser um exercício em busca de lugares que ainda pudessem disparar a memória pessoal. Sair em busca da cidade da minha memória me levou a um companheiro inesperado, que me aguardava em uma livraria num dos antigos bairros da cidade, o agora descolado Friedrichshain. O companheiro em questão, que se tornaria companhia presente para (re)conhecer a cidade é o escritor alemão Franz Hessel (1880-1941).

Hessel se define como um flaneur. É conhecido por seu trabalho na tradução de alguns dos volumes do livro 'em busca do tempo perdido' de Marcel Proust junto a Walter Benjamin (Talamo,2014 p.9)[1], suas produções literárias não são tão reconhecidas como as do parceiro de tradução, mas uma delas ganhou publicidade recentemente. Esta obra, que me levaria para re-conhecer Berlim, é seu livro chamado Spazieren in Berlin, ou caminhando em Berlim publicado pela primeira vez em 1929 e traduzido para o inglês em 2018. A Berlim de Hessel neste livro é a dos anos 1920, centro de ebulição da jovem República de Weimar que tenta olhar para o futuro e se livrar das marcas da monarquia que havia acabado de cair.

Um paralelo entre a Berlim de Hessel, tentando apagar marcas de guerra e usando a cena cultural para convencer o mundo de que a cidade estava aberta ao futuro e a Berlim de hoje, ainda em construção, cuidando de algumas cicatrizes e memórias do pós-guerra, enquanto outras são apagadas para materializar o futuro em seu tecido urbano, era inevitável. Assim este trabalho é uma tentativa de re-conhecer a cidade deambulando, seguindo os passos de Franz Hessel, e a memória pessoal da autora, para ler nas entrelinhas as histórias que só Berlim pode contar.

2. JEDER EINMAL IN BERLIN- TODOS AO MENOS UMA VEZ EM BERLIN

"Todos ao menos uma vez em Berlim"[2] é uma campanha produzida pela cidade de Berlim no final da década de 1920 e transformado em uma canção pelo compositor Alemão Hugo Hirsch. A música e o convite que juntamente com uma série de fotomontagens feitas pelo fotografo alemão Albert Vennemann, usando temas como monumentos e meios de transporte arrojados de Berlim, convidavam as pessoas a virem vivenciar a capital da Alemanha em sua nova fase como capital da República de Weimar.

Estas interpretações da realidade, música e fotomontagens, com suas várias camadas traduzem a Berlim dos anos 1920 e lembram que a cidade, já naquela época, era resultado de uma sobreposição de camadas. É exatamente assim que o professor de

1 Todas as citações diretas foram traduzidas pelo(a)(s) autor(a)(s) - (TA)

2 Primeira campanha de marketing da cidade. A canção Jeder Einmal In Berlin foi gravada em 1927, composta por Hugo Hirsch, compositor alemão de origem judaica e era acompanhada dos cartazes com as fotos montagens do fotografo alemão Albert Vennemann - *https://blog.imagesmusicales.be/jeder-einmal-in-berlin/*

literatura alemã comparada da Universidade de Columbia, Andreas Huyssen descreve Berlim, um Palimpsesto, um "texto-cidade" (Huyssen,2003, p.81) que, assim como as fotomontagens de Vennemann, se constitui de escritas sobrepostas, algumas muito recentes, outras que vão sendo reescritas enquanto partes do texto anterior são preservados. Mas um palimpsesto também é composto por apagamentos, no caso de Berlim, alguns documentados, outros esquecidos propositalmente.

Interessante que em sua tentativa de definir o que é cidade, a arquiteta Raquel Rolnik, professora da FAU/USP também usa essa relação entre as histórias escritas e contadas pela cidade, como um livro em três dimensões que é capaz de fixar a "memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte." (Rolnik, 1995, p.9) O texto desta cidade-escrita, se compõe não apenas de sua arquitetura, mas de seus espaços urbanos, espaços livres, lotes, escalas, texturas e cores.

Berlim tem histórias das mais diversas gravadas em sua malha urbana. Seus espaços livres contam histórias de outras vidas, algumas escondidas por uma cobertura vegetal densa transformando bunkers de guerra ou torres de defesas antiaéreas abandonadas em tranquilos espaços verdes para descanso[3]. Uma cidade com origens medievais no século XIII (Balfour,1990; Stöver,2020) que se expande, englobando pequenas cidades ao seu redor.

No final do século XIX, em 1871 a história da cidade como capital da Alemanha começa a ser escrita quando se estabelece o Império Alemão sob liderança do Imperador Wilheim I. Berlim avança com um crescimento constante e em 1867 começa a demolir suas muralhas, e transforma o espaço nas linhas de trem que circulam a cidade ainda hoje, conhecidas como 'the ring' (Ladd,2018) Assim, o palimpsesto vai sendo apagado e a imagem medieval começa a ser editada para dar lugar no século XVIII a um processo de renovação. O desenho da cidade sofre intervenções drásticas, para receber boulevards e espaços alinhados com a modernidade, como tantas outras cidades europeias no mesmo período.

Depois deste ajuste na imagem urbana, a forte vocação industrial começa a florescer nas últimas três décadas do século XIX (Seldin, 2015, p.76). O território alemão se define após a I Guerra Mundial, e a monarquia responsável pela formação de espaços importantes da cidade, dá lugar a jovem República de Weimer (Idem). A Berlim, do século XX, leva um tempo para começar a figurar como uma das grandes metrópoles mundiais. A cidade enfrenta duas questões primordiais, a falta de habitação e dívidas de reparação pela participação do País na I guerra mundial.

O lugar cosmopolita que Berlim se torna, e pelo qual seus anos 1920 são conhecidos, só começa a se consolidar a partir 1924, quando a estabilidade política e econômica

3 É o caso do Volkspark Friedrichshain, parque que nasceu sobre os bunkers da II guerra mundial e o Volkspark Humboldthain que recebeu os detritos da cidade destruída durante os ataques aéreos da II Guerra mundial que soterraram as torres de defesas antiaéreas usadas contra as forças aliadas nos ataques a cidade. (Stöver,2020. p.78)

permite que cidade se abra a uma vida cultural efervescente e se consolide como um centro de referência para a arte e arquitetura moderna e o entretenimento. (Stöver, 2012, p.55) A euforia dura até a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 (Idem) e vai dando lugar a grande insatisfação. Este é o gancho que ajuda a chegada ao poder do Partido Nazista em 1933, com um discurso político oficial do nacional-socialismo que desmantela a imagem da Berlim cosmopolita. A celebração da modernidade foi sendo aos poucos substituída pelo discurso da cultura popular alemã tradicional. (Seldin,2015, p.78)

Esse capítulo da história alemã deixa marcas profundas em Berlim, ainda visíveis em partes da cidade. Como resultado dos anos em guerra, a cidade perde parte da capacidade de produção industrial local, perde "quase 1,5 milhões de habitantes" (Seldin,2015, p.78), inúmeros edifícios são destruídos gerando aproximadamente "75 milhões de toneladas de detritos" (IDEM). Uma outra herança que ainda permanece, são as questões de ligadas a falta de habitação já que mais de meio milhão de casas foram destruídas durante os anos em guerra, o que representou a perda de 32% do total disponível em Berlim (Moss,2020, p.144).

Huyssen resume bem a intensidade das camadas que se sucedem na cidade.

> Era consenso que Berlim havia se tornado principalmente um espaço de memória, assombrado pelos fantasmas do seu passado: Berlim como centro de uma história descontínua e rompida, local do colapso de quatro estados alemães sucessivos, centro de comando do Holocausto, capital do comunismo alemão na Alemanha na Guerra Fria e ponto importante do confronto Leste-Oeste da era nuclear. Obcecada pela sua memória agitada após a queda do muro, a cidade mergulhou simultaneamente num frenesi de planejamento urbano e megaprojetos arquitetônicos que iriam codificar um novo começo e garantir a imagem de metrópole de Berlim durante as décadas seguintes. (Huyssen, 2003, P.77)

3. DEAMBULAR PARA ECONTRAR A CIDADE DA MEMÓRIA

A história desta Capital palimpsesto tem ainda muitas camadas não contadas aqui, mas nos interessa entender a cidade que provoca nosso Flaneur e as relações que podemos fazer com a cidade hoje. A Berlim de Hessel é a cidade dos entreguerras, que ele descreve como "uma cidade sempre em movimento, sempre em meio a tornar-se alguma outra coisa" (Hessel,2018 p.7) o que alguns afirmam que é a maldição de Berlim, a cidade "condenada a tornar-se e nunca realmente ser." (Folkerts, 2022, p.22)

Mas apesar de encontrar muitos paralelos com a atmosfera da cidade hoje, o texto de Hessel é um mapa afetivo de suas caminhadas pela Berlim mítica dos anos 1920, que muitos descrevem como os "golden twenties" (Stöver, 2012, p.55). A tradutora do livro Spazieren in Berlim para a língua inglesa, Amanda de Marco, descreve a Berlim de Hessel como uma cidade que se modernizava rapidamente, mas que guardava em si um

tumulto Político e econômico (De Marco in. Hessel, 2018, p.vii) traduzidos na descrição que ele faz da cidade que tenta sacudir a poeira da I Guerra mundial e se reerguer.

Walter Benjamin, com quem Hessel trabalhou nas traduções de alguns volumes de Marcel Proust e seu 'Em busca do tempo perdido' (Talamo,2014, p.24) fala sobre essa capacidade de contar histórias em seu conhecido texto 'o narrador'. Benjamin (1987) abre o texto com uma preocupação, "são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente" (Idem, p.197) e fundamenta suas razões para se preocupar, "uma das causas deste fenômeno é óbvia: as experiencia estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo" (Idem p.198). Podia ser uma descrição da sociedade em que vivemos, onde experiencias virtuais oferecem de forma sedutora a possibilidade de nos levar e experiências que superam a vida real. Até quando estamos fisicamente em algum lugar, sempre existe a possibilidade de um 'tour virtual' que oferece te levar numa jornada para ver "como nunca visto antes" ou pontos de vista "impossíveis de ver até o momento"[4]. Quando foi que nossos sentidos deixaram de ser suficientes? Precisamos de fato de ver tudo em grandes panorâmicas, ou da ajuda de drones, para ver como nunca vimos antes? Caminhar, sentir os cheiros locais, sentir a atmosfera através de suas temperaturas, cores, texturas já não nos satisfaz mais?

A obra de Franz Hessel, e sua flâunerie, podem nos convencer do contrário. "Eu pertenço a Rua, sou um transeunte" (Hessel in. Talamo,2014) a frase mostra o ponto de vista das narrativas de Hessel, que se apoiam em suas ferramentas mais poderosas, seu corpo e seus sentidos. Deambular e descrever são seus instrumentos, ou seu método, para apreender a cidade, como ele mesmo descreve, "Caminhar lentamente pelas ruas movimentadas é um prazer particular." (Hessel,2018, p.01) e recomenda caminhar "em tempos difíceis" (Hessel,1933, p.196) como antídoto para "evitar ser dominado pela modernidade e pela superficialidade autoritária da vida contemporânea" (Talamo,2014, p.29) Estas caminhadas lentas são motivadas pelo desejo de mergulhar nas diversas atmosferas da cidade e experimentar como pela primeira vez, "gostaria de capturar e relembrar esses vislumbres da cidade em que vivo." (Hessel,2018, p.01).

Assim como ele, eu também queria capturar e relembrar a cidade onde havia vivido, e que duas décadas depois tinha dificuldade de encontrar. Ressabiada, resolvi me deixar conduzir por esse companheiro que não conhecia, e fui seguindo suas pistas literárias e encontrando vestígios da cidade descrita por ele ainda presentes. Em um dos textos sobre um tour na cidade, alguns dos lugares que ainda hoje são os marcos visitados já estavam ali elencados, como a ilha dos museus, a catedral, o palácio da cidade, demolido após a segunda guerra mundial e reconstruído novinho em folha hoje. Mas suas descrições dos lugares que não estão nos guias de viagem foi o que me fez fechar o livro e sair para caminhar.

4 Promessas feitas pelo tour virtual na catedral da cidade de Ávila na Espanha, onde se pode sentar em um banco e com ajuda de óculos de visão 3D, se 'percorre' o espaço sem sair do lugar. *https://www.diocesisdeavila.com/2022/11/30/la-catedral-de-avila-inaugura-su-novedosa-visita-virtual-360o-con-vuelo-de-dron/* -acesso em 11.06.2024.

> [...] estrangeiros e companheiros de turismo, sigam meu conselho: se vocês estiverem nesta área e com tempo, *percam-se um pouco aqui.* Aqui, onde ainda existem ruas reais, e pequenos edifícios amontoam-se uns contra os outros, projetando as suas empenas, completamente desconhecidos, exceto para alguns conhecedores, nem tão vazios e nem tão distantes como são os edifícios realmente notáveis. (Hessel,2018 p.58-tradução nossa; grifo nosso)

Perder-se na cidade, coisa que para Walter Benjamin é uma arte que "requer instrução" (1987, p.73). O convite era para se perder nos arredores do Nikolaiviertel, pequeno quarteirão da cidade reconstruído após a II Guerra Mundial, que guarda em seu interior "A igreja mais antiga da cidade, dedicada a São Nicolau" (Hessel,2018, p.64), um dos poucos lugares que estava exatamente como minha memória se lembrava. Mas Hessel vai dando outras pistas e menciona um convento franciscano, de grandes proporções da qual não havia ouvido falar, e eu já havia morado na cidade por um ano inteiro! Explorando um pouco mais sobre a história desta região, não demorou muito para encontrar o convento, agora em ruinas, e para minha surpresa, o outro muro de Berlim, um trecho da antiga muralha medieval da cidade escondida, ou esquecida, na franja de um dos lugares mais caóticos da cidade, a Alexanderplatz.

E assim, lendo e mapeando os lugares que queria visitar com Hessel, fui adicionando novas camada de memória junto as minhas antigas imagens da cidade. O que mais impressionava eram algumas descrições feitas na segunda metade da década de 1920 que ainda são capazes de traduzir Berlim hoje. Como quando a descreve a cidade como "teatro maravilhoso de ruinas e novas construções" (Hessel,2018, p.69), algumas partes de Berlim ainda são este palco onde as ruinas já não são mais as da guerra, mas elementos que precisaram desaparecer para dar lugar a nova cidade.

Uma das descrições mais acurada de Hessel para a Berlim de hoje são os comentários que faz sobre Alexanderplatz, "ao passar os edifícios imponentes que abrigam a corte, chegamos aos arcos ferroviários da cidade, a Alexanderplatz, onde as coisas atualmente estão desordenadas porque todo o bairro está sendo demolido e reconstruído" (Idem, p.74) É exatamente a sensação que se tem caminhando pelo lugar hoje. E mais adiante retoma o tema,

> É ainda valido falar da Alexanderplatz de hoje e de ontem? Ela já terá desaparecido quando estas linhas forem impressas. Os bondes, ônibus e multidões já precisam contornar os canteiros de obras cercados e as profundas lacerações na terra. Até a rechonchuda deusa da cidade Berolina, que antes controlava daqui as idas e vindas de um alto pedestal, se afastou. (Hessel,2018, p.185)

Esse estranhamento é o mesmo que tenho quando caminho pela cidade hoje. O incômodo não é pela quantidade de canteiros de obras, mas pelo que nasce deles, a nova Berlim. A nova escrita no palimpsesto está se fazendo com elementos que não dialogam com a atmosfera da cidade existente. Esse foi o grande estranhamento na

visita a esta velha amiga, não apenas não reconhecer a cidade, mas ver que a cidade está perdendo a identidade. Se a imagem que ficava na Alexanderplatz, a deusa Berolina[5], é a personificação da cidade de Berlim (Klünner, 1963 p.79), então é fácil entender o motivo do seu desaparecimento, o espírito da cidade já não se reconhece mais.

Mas como já vimos anteriormente, um palimpsesto não é simples de se decifrar. Claire Colomb, professora de planejamento urbano da Universidade de Cambridge, afirma que "na maioria das cidades, as pessoas têm uma espécie de imagem na cabeça; uma imagem de como é a cidade através de uma coleção de ícones. Berlim não tem essa imagem." (Colomb,2004 p.4) A cidade, que perde sua relação com o centro quando dividida nos anos da guerra-fria, tem ícones urbanos que são mais poderosos isoladamente, do que em conjunto. São exemplos lugares já descritos aqui como a Alexanderplatz (fig.01), bem como outros espaços que se desenvolveram muito nas últimas duas décadas como é o caso da Breitscheidplatz, (fig.03) que abriga em seu centro a conhecida Igreja Memorial, Gedächtniskirche, um dos grandes pontos focais do turismo na cidade, a East side Galery, (fig.2) que guarda o maior trecho do muro de Berlim, e uma nova arena de espetáculos, cuja escala e ambiência falam muito sobre esta nova atmosfera urbana. Isto para nomear alguns lugares que conheci a duas décadas atrás e, cuja plano de desenvolvimento urbano da cidade incluía romper com sua antiga atmosfera, mandando para mais longe a deusa Berolina.

Invocar esta personificação da cidade, me leva a pensar nas definições de espírito do lugar, ou Genius Loci, segundo trabalhando por Norberg-Schulz (2006) ou como encontramos no documento do ICOMOS conhecido como Carta de Quebec (2008). Eles nos falam de atmosferas urbanas, ou deste espírito que se forma unindo elementos tangíveis, a malha urbana, edifícios, paisagens, cores, texturas e aqueles que chamamos de intangíveis, isto é, as memórias, narrativas, comemorações, tradições, valores, cheiros etc. guardadas de alguma forma neste espaço e que contribuem para formar seu caráter específico. Esta atmosfera foi protegida pela deusa Berolina em algumas partes da cidade, mas em outras ela definitivamente se perdeu. Isto fica claro deambulando pela cidade, encontrando lugares em que a atmosfera me leva de volta a lugares da minha memória.

Os bairros onde ainda percebo a presença desta atmosfera são descritos por Hessel de uma forma ainda muito aproximada do que encontramos hoje ainda. É o caso de bairros originalmente de operários e imigrantes, nos arredores do centro antigo da cidade, como Schöneberg, Kreuzberg e Neukölln. Hessel começa a descrever Kreuzberg com uma afirmação categórica "É obrigatório. Um Monumento." Ele vai ao bairro para visitar o parque e monumento a vitória, desenhando por um dos mais

---

5 A estátua da deusa Berolina foi produzida a pedido do imperador Wilhem I para receber os soldados que retornavam da guerra franco-prussiana. Primeiro instalada na praça hoje conhecida como Mehringplatz. Uma segunda versão, da qual fala o artigo citado, foi instalada na Alexander platz "testemunhou a ascensão e queda da nossa cidade na Alexanderplatz. durante quase meio século em 1944. [...] durante a "guerra total", como tantos outros monumentos e estátuas, foi classificado como "insignificante" artísticamente e encaminhada para ser desmantelada e derretida. [...] nada resta senão a memória - preservada viva na palavra "Berolina" obra de Emil Hundrieser "(Klünner,1963, P.84)

importantes arquitetos alemães do séc. XIX Karl Friedrich Schinkel[6], mas no caminho vai se distraindo com toda a vida do bairro materializada nas suas lojas, personagens e natureza. "Subo por ela, [a colina que leva até o monumento] agradecido por tudo que me atrasa no caminho" (Hessel,2018, p.159) e "tonto pelos pensamentos de dias passados, e pela brisa da noite que traz o cheiro de malte das cervejarias, exatamente como em Munique." (idem, p.164).

Caminhar com Hessel me abriu a várias camadas guardadas em Berlim, uma cidade que vai além das histórias das guerras mundiais, divisões, muros e reunificação, temas materializados em suas camadas e que ainda atraem tantas pessoas a cidade hoje. Hessel me emprestou gentilmente sua Berlim idílica, ligada a infância passada em seus espaços públicos, e aquela ligada a agitação noturna da cidade, que ainda vibra na mesma frequência. As lacunas presentes na Berlim guardada na minha memória foram sendo preenchidas caminhando junto com este "sacerdote do Genius Loci" como descreve o amigo Walter Benjamin "com a dignidade de um sacerdote e nariz de detetive." (Talamo,2014, p.25)

> Saiam vocês mesmos, sem rumo, assim como eu fiz, em pequenas viagens arriscadas de descoberta. Você não tem tempo? isso é falsa ambição falando. [...] Deem um pouco do seu amor a paisagem da cidade! (Hessel,2018, p.257)

4. A CIDADE COMO PAISAGEM FORMADORA

Encontrar esta outra Berlim, a mítica cidade do meu companheiro de caminhadas, não diminuiu o incômodo do olhar da arquiteta para a cidade hoje. O crescimento acelerado das últimas duas décadas em trechos representativos da cidade espantou a deusa Berolina, o espírito da cidade, e dissipou sua atmosfera. Enquanto outros trechos da cidade, menos interessantes do ponto de vista da especulação imobiliária, seguem guardando este caráter. A questão inevitável sobre a responsabilidade que nós, arquitetos e planejadores urbanos, temos na criação destas cidades 'genéricas' está sempre no horizonte.

Gosto de fazer um exercício com os alunos quando estamos estudando o conceito de paisagem, mostro imagens de cidades de partes diferentes do mundo e peço identifiquem o lugar. Sem legenda algumas das cidades são normalmente confundidas com outras de partes diferentes do mundo. É esta a sensação que tenho ao caminhar por partes de Berlim hoje. As novas camadas adicionadas ao palimpsesto nos últimos vinte anos já não carregam mais os elementos que "possuem substância material, forma, textura e cor" e que juntas determinam uma "qualidade ambiental" que atribui caráter ao lugar, como define Norberg-Schulz (2006, P.444).

---

6 N.A. Arquiteto, urbanista e pintor. Também fazem parte de seu portfólio projeto de mobiliário e cenários para teatro. Schinkel foi um dos arquitetos mais proeminentes da Alemanha e projetou edifícios neoclássicos e neogóticos, como o Altes museum e a Konzerthaus em Berlim.

Segundo o autor, este caráter, criado pela mistura de elementos intangíveis, "uma atmosfera geral e abrangente", bem como elementos tangíveis, "substância concreta dos elementos" é o que atribui qualidade, ou caráter, aquele espaço. (Idem). Mas apesar de entender a importância da manutenção deste caráter na relação com os espaços em que vivemos, as cidades precisam se modificar para continuar existindo, como o corpo humano, que precisa que algumas células morram para que novas possam nascer. Uma cidade congelada no tempo, tende a perder sua função como provedora de abrigo, trabalho e lazer, e pode acabar virando um museu a céu aberto, como temos visto acontecer em alguns sítios urbanos históricos.

> É normal que os lugares mudem, as vezes muito rapidamente. Isso não significa, porém, que o genius loci necessariamente mude ou se extravie. (Norberg-Schulz, 2006, p.454)

Como conjugar a estabilidade proporcionada pela manutenção da atmosfera da cidade e ao mesmo tempo permitir que a cidade se desenvolva de forma dinâmica sem perder seu caráter? Kevin Lynch em seu livro 'a imagem da cidade' nos lembra que a cidade nunca será um produto pronto, mas "somente uma continua sucessão de fases" (1990, p.12). No caso de Berlim, a imagem que a cidade apresenta hoje é o produto de um projeto, uma tentativa de juntar fragmentos e seguir ocupando um espaço junto a outras grandes capitais europeias.

> [...] a Berlim pós-muro é um laboratório fascinante de mudança urbana que ilustra – embora não de uma forma paradigmática – vários processos (parcialmente inter-relacionados): a transição para uma cidade unida após uma história de conflito e divisão; as transições para uma cidade capital em uma nação redefinindo a sua identidade nacional. A transição de uma cidade socialista para uma cidade capitalista; e a transição de uma metrópole industrial para uma metrópole pós-industrial ou pós-fordista. (Colomb, 2012, P.7 – tradução nossa)

A cidade escolheu juntar seus fragmentos, e cuidar de suas cicatrizes chamando atenção para esta nova capacidade de produção. A nova Berlim, que nasce em lugares onde uma parte delicada da história da cidade estava materializada em seu tecido urbano, como os lugares de implantação do muro de Berlim e seu espaços esvaziados de controle, hoje transformado na East side Gallery (fig. 02). Ou a icônica igreja memorial do Imperador Wilheim I, cujo projeto corajoso para uma Berlim da década de 1950 que se reconstruía no pós-guerra, escolhe manter a cicatriz da destruição da guerra em seu corpo, e que de ponto focal da praça Breitscheidplatz, passa a simples coadjuvante, engolida pela nova escala dos seus vizinhos. (fig.03)

Tudo isto, me leva a pensar na cidade-escrita, mas desta vez do ponto de vista da sintaxe, ou seja, da construção da frase. É a analogia que faz o sociólogo norte-americano Richard Sennet, em seu livro Construir e Habitar (2018). Ele sugere que a cidade, como um texto, pode adquirir caráter que as distingue de outra, quando

bem pontuada. (Sennet,2018, p.241). Segundo ele, elementos que são ponto de exclamação, ou uma ênfase urbana, como "obeliscos, antigas catedrais góticas com suas altas torres [...] são marcos que ajudam a localização das pessoas" (Idem). Mas, o que acontece quando os pontos de ênfase se repetem em excesso, ou usam a mesma fórmula? Nós perdemos a capacidade de nos localizar e nos identificar com o sítio. A escolha de produzir uma cidade com qualidade genéricas, está produzindo uma cidade-escrita difícil de interpretar, em uma velocidade difícil de acompanhar.

Estudando conjuntos urbanos protegidos, por guardar em si esta atmosfera, a arquiteta carioca Dora Alcântara tenta explicar por que, neste caso específico os conjuntos preservados na cidade de Petrópolis/RJ, causam esta sensação de bem-estar aos seus usuários. O conjunto foi tombado justamente porque possuía uma coesão e uma relação com a paisagem que guardava esta atmosfera característica da cidade.

> Embora elementos de uma arquitetura média, produto as vezes de acréscimos, **elas nos afiguram extremamente agradável. O porquê desse agrado, da identificação que com ela sentirmos, reside a nosso ver, no fato de ser ela resultante de transformações discretas** de modelos básicos, há séculos encampados por nossa cultura, assimilados, portanto, a nossa sensibilidade. (ALCANTARA,1980 p.02-grifo nosso).

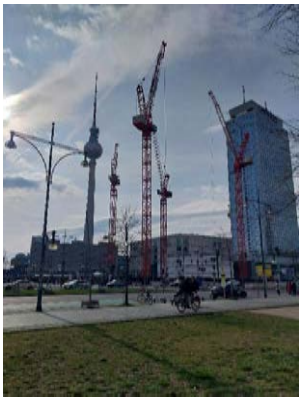


Figura 1. Vista da *Alexandeplatz* "maravilhoso teatro de ruinas e novas construções". Fonte: acervo pessoal da autora. (2024).

Figura 2. East Side Gallery – Vista do muro e as novas inserções na região. Fonte: acervo pessoal da autora. (2024).

Figura 3. Vista da *Breitscheidplatz* com a igreja memorial ou Gedächtniskirche ao centro. Fonte: acervo pessoal da autora. (2024).

5. REFLEXÕES SOBRE O PERCURSO, A GUISA DE CONCLUSÃO

Depois de caminhar tanto nos resta sentar e refletir. É muito claro que em uma cidade a mudança é inevitável, mas o tempo da mudança e este diálogo com a história e o caráter da cidade podem ser afinal a chave para manter presente o espírito do

lugar. Mudanças drásticas em um curto espaço de tempo podem resultar na perda da atmosfera e interferir na formação de uma identidade local. Como nos afirma Norberg-Schulz (2006, P.457) o lugar que habitamos tem uma relação profunda com a formação da nossa identidade como pessoas. Essa formação se dá através da experiência pessoal nestes lugares, suas narrativas compartilhadas, seus cheiros e sensações. Isto é o que vai criar este sentimento de identificação com alguns lugares, que podemos chamar de afeto. O espaço nos afeta e nos deixamos afetar.

Claro que em uma cidade-palimpsesto como Berlim essa relação de afeto é complexa, afinal as camadas sobrepostas que formam a cidade e sua história não são estáveis. Como já nos contava Hessel no final da década de 1920.

> Nem tudo é fácil, ver ou viver numa cidade que está em constante movimento, sempre em vias de se tornar algo diferente e nunca descansa na forma de ontem. [...]É uma combinação de caos, luxo e maldade, solidez e espúrio, peculiaridade e respeitabilidade. (Hessel,2018, p.260)

Mas, ele insiste que uma vez que você se deixa conduzir, "é possível até que nos tornemos seus admiradores e a achemos bela" (Idem). Neste sentido, as derivas pela cidade são fundamentais para o estabelecimento de uma relação mais profunda com o lugar. Deambular acompanhada pelas narrativas de Hessel, me deixando conduzir por ele e suas memórias, que de alguma forma foram se juntando as minhas, foi aos poucos me devolvendo a cidade, não aquela da minha memória, mas uma outra. Uma nova camada de memória que foi se formando neste exercício de deambular para entender a cidade e encontrar os lugares onde a deusa Berolina ainda se esconde.

Assim seguimos caminhando para aprender do espírito da cidade, a ler a história deste palimpsesto, ou texto-cidade. Respeitando suas cicatrizes e o tempo que precisamos para digerir as mudanças necessárias, só assim seremos capazes de produzir cidades com caráter e afeto.

6. BIBLIOGRAFIA

Balfour, Alan (1990) Berlin, the politics of order: 1737-1989. Rizzoli International Publication.

Benjamin, Walter. (1987) Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura. Ed. Brasiliense.

Colomb, Claire. (2012). Staging the new Berlin: Place marketing and the Politics of Urban reinvention post-1989. Routledge.

Icomos (2008) Declaração de Quebec: Sobre a preservação do "Spiritu loci". In. 16th 16ª Assembleia Geral do ICOMOS em Quebec. https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts - acesso: 12/06/2024.

Hessel, Franz (2016). Walking in Berlin: A flaneur in the Capital. Tradutora: Amanda de Marco. Scribe.

---------- (1933) Ermunterungen zum Genuss. Rowholt.

Huyssen, Andreas. (2003) Present pasts: Urban Palimpsests and the Politics of Memory. Stanford university Press.

Klünner, Hans-Werner (1963) Die Berolina — Symbol und Denkmal einer Epoche. Jahrbuch für brandenburgische Landesgeschichte (14),79-85. https://doi.org/10.18452/5445

Ladd, Bryan. (2018) The Ghosts of Berlin: Confronting German history in the city landscape. The University of Chicago Press.

Lynch, Kevin (1990) A imagem da cidade. Edições 70.

Moss, Timothy. (2020) Remaking Berlin: a history of the city through Infrastructure, 1920-2020. The MIT press.

Rolnik, Rachel (1995). O que é cidade? Editora Brasiliense.

Seldin, Claudia. (2015) Da Capital de Cultura à Cidade Criativa: Resistências a Paradigmas Urbanos Sob a Inspiração de Berlim. (Tese de doutorado em Urbanismo) Faculdade de arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro.

Sennet, Richard. (2018) Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta. Record.

Stöver, Bernf. (2012) Kleine Geschiste Berlins. C.H. Beck oHG.

Tallamo, Beatrice. (2014) Franz Hessel, Il flaneur rittornato. Artemide.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) [Código de Financiamento 001] através do Programa-Capes: PRINT - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO, EDITAL Nº 41/2017 - ALTERAÇÃO V/2018 - PRINT CAPES_ PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PROFESSOR VISITANTE JUNIOR NO EXTERIOR – 2023.

R41

DRIFT IN THREE ACTS

DERIVA EM TRÊS ATOS

Fernanda Pacheco Dias
Mestre em Arquitetura e Urbanismo
Pesquisadora do RCORT / PPGAU / UFF
fernandapdias@gmail.com

ABSTRACT
The intention of this paper is proposing reflections about three different drift experiences and studies of urban environments. For this purpose, will be presented the research data related. These three acts are: the drifts together with a university group on suburb of Roma (2015), individual drifts lived in the downtown of Rio de Janeiro in order to absorb affective atmospheres (2019) and finally, drifts investigating a possible flaneuse in Niteroi (2024). Therefore, the experiences will be exposed to draw parallels and dichotomies, reflect on urban issues that could be emerged from the walking and point out possibles futures in theoretical and artistic field of this practice.

KEYWORDS: drift. flaneur. psycho-geography. roam. walking.

RESUMO
O propósito deste trabalho é propor reflexões acerca de três experiências distintas de deriva e apreensão dos ambientes urbanos e para tal serão utilizados os dados das respectivas pesquisas. Serão apresentadas as derivas realizadas em conjunto com um grupo universitário pela periferia de Roma (2015), assim como, derivas individuais vividas na cidade do Rio de Janeiro a fim de absorver atmosferas afetivas (2019) e por fim, derivas experimentadas na cidade de Niterói com o propósito de investigar a possível figura de uma flaneuse (2024). Portanto, serão expostas as três vivências, de modo a traçar paralelos e dicotomias, refletir sobre questões urbanas emergidas a partir das andanças e apontar possíveis futuros no campo teórico e artístico desta prática.

PALAVRAS-CHAVE: deriva. flaneur. psicogeografia. deambulação. caminhar.

1. INTRODUÇÃO
A sabedoria popular alicerçada nas religiosidades possui um preceito que diz: “caminha que o chão aparece”. Assim é a deriva, uma arte ou fé no desconhecido, no caminho que ainda não vimos. No final dos anos 50, numa Paris que já tinha parido o personagem *flaneur*, surgiu um movimento artístico e político denominado Internacional Situacionista. O grupo acreditava na retomada do espaço a partir das experimentações, dos deslocamentos lentos, motivados pelas sensações e ainda, na reconquista do lúdico através de jogos do caminhar. Eles criaram táticas de subversão ao uso funcional da cidade, tendo a deriva como prática com a qual o corpo caminhante se transformara ao mesmo tempo em obra de arte, ferramenta de estudo/pesquisa e veículo de protesto. Já a psicogeografia (Internacional Situacionista IS n°1, 1958 in Jacques, 2003, p.65) podia ser traduzida em cartografia e muitas vezes era utilizada como ferramenta que dava partida em novas derivas. No Brasil, podemos citar Helio Oiticica, que deambulava pelo subúrbio e favelas do Rio de Janeiro durante as décadas de 50 e 70 e Flávio de Carvalho em meados dos anos

50 que realizou uma emblemática caminhada na contramão durante procissão de Corpus Christi em São Paulo, como representantes da classe artística que também empregou o caminhar como obra de arte e ato político.

As cidades contemporâneas, herdeiras do urbanismo modernista, são hoje lidas como de difícil compreensão de sua totalidade. Fenômenos urbanos como policentrismo, segregação, espraiamento, fragmentação, vazios urbanos, racismo ambiental, têm sido cada vez mais debatidos e entendidos como sendo as principais características da cidade contemporânea. Essa dificuldade de decifrar o resultado de todas essas forças têm inspirado urbanistas, sociólogos e geógrafos a experimentar as cidades através do caminhar. E nos últimos anos muitos pesquisadores têm usado a deriva com o objetivo de compreender melhor os espaços e as relações sociais que deles resultam. Do mesmo modo seguem surgindo artistas no Brasil e nos demais países que atualizam a prática da deriva – criando novos jogos do caminhar. Dentre diversos autores publicados, destaco dois urbanistas e professores, a brasileira Paola Jacques e o italiano Francesco Careri. Jacques (2003, p. 117-139) defende a apropriação do espaço urbano através do que chamou de "errâncias urbanas", uma prática de experimentação através do "erro" onde o errante é aquele que consegue se perder mesmo numa cidade já conhecida, e assim, realiza um exercício de apreensão espacial que desloca sua compreensão original sobre o local. Tal desorientação ativa a percepção do espaço através dos sentidos corporais em alerta, e só então a cidade passar a ser "incorporada'. O objetivo desta prática é revelar espaços urbanos cujos usos não foram pensados originalmente por urbanistas e planejadores. Careri (2013) interessou-se pelos mesmos espaços urbanos, os quais ele chamou de resquícios da cidade nômade, ou ainda, amnésias urbanas. Na disciplina que leciona na Universidade Roma Tre, ele pratica a deriva com os alunos e promove a reflexão sobre territórios da cidade tidos como esquecidos ou abandonados.

Este artigo, organizado em três atos ou momentos, irá apresentar três conjuntos de derivas realizadas nas seguintes cidades: Roma, Rio de Janeiro e Niterói. O primeiro ato narra derivas que ocorreram em 2015, com um grupo liderado pelo professor Francesco Careri numa área conhecida como GRA (Grande Raccordo Anullare), um anel rodoviário que envolve os limites geográficos de Roma. Já o segundo ato vai apresentar derivas solo e em dupla, realizadas em 2019 na cidade do Rio de Janeiro, desta vez numa região central e de grande fluxo de transeuntes. O terceiro ato, realizado em 2024, explora a cidade de Niterói tendo como partida a estátua do indígena Araribóia conhecido como fundador da cidade. O objetivo deste trabalho ao compartilhar estas experiências de deriva é suscitar debates sobre a temática da cidade contemporânea emergidas a partir das andanças. E apresentar as táticas, os aprendizados, tecendo paralelos e dicotomias entre os três atos de deriva de modo a apontar possíveis futuros no campo teórico e artístico desta prática.

2. A CURVA MAIS PRÓXIMA
2.1 Roma: uma experiência sonora

Éramos um grupo de aproximadamente 20 pessoas – estudantes e professores, de arquitetura e de artes. Aprendendo sobre cidades e civilidades. Sobre ser cidadãos e sobre produção de espaços urbanos com ou sem planejamento. Naquele semestre percorremos juntos cerca de 70 km, passando por terrenos acidentados, casarões abandonados, parques, vilas, condomínios com piscina, por entre floresta de eucaliptos, ao lado de rios, desfiladeiros... As caminhadas aconteciam toda semana, sempre de 13h até o pôr do sol – o ponto de partida era o final da deriva da semana anterior. O primeiro ponto de partida? A região conhecida como Casalotti, oeste do centro de Roma, próximo a autoestrada A90, o anel rodoviário que circula o centro da cidade e foi construído nos anos 1950, o GRA. Mas não era a estrada que nos interessava e sim o entorno dela. Qual era a cidade que encontraríamos? Para aqueles que não eram nascidos em Roma o processo de desorientação começava ao tomar o transporte público em direção ao ponto de encontro. Quando finalmente encontrávamos o grupo nos deixávamos guiar, não sei bem por quem ou o quê. Era como uma meditação em conjunto, nos desligávamos do centro urbano e do contato por meio de telefone ou internet, e pouco a pouco nos conectávamos com a cidade do avesso.

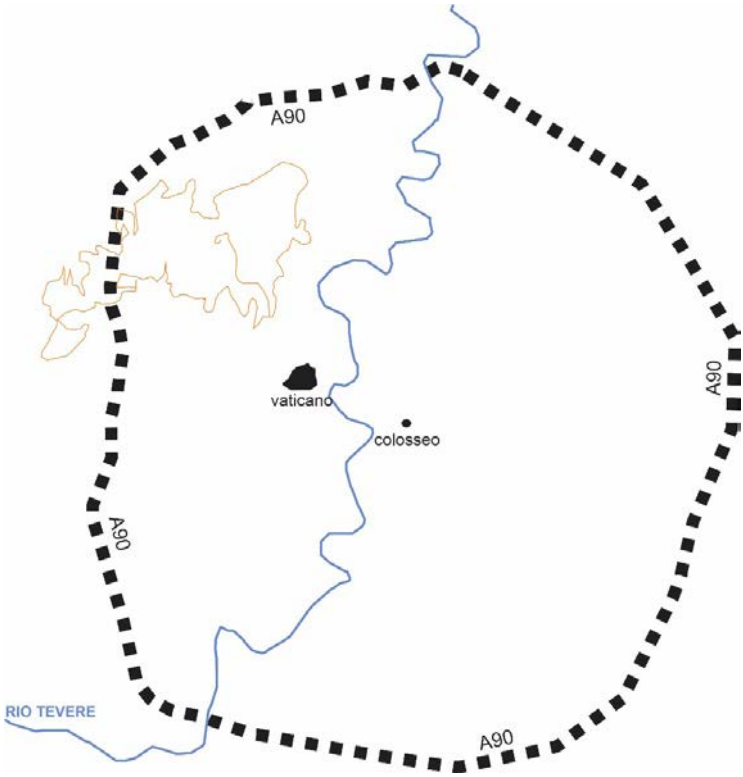


Figura 1. Mapa das derivas em Roma realizadas durante o curso de Arti Civiche (Roma Tre) em 2015.
Fonte: Autora. (2015)

Seguíamos algumas poucas regras: “Não se caminha na calçada e nem no asfalto. Não se pode voltar atrás. Não se acredita na propriedade privada. Quem perde tempo, ganha espaço.” Isso significava que precisávamos encontrar sempre caminhos não óbvios, fugir das ruas e se permitir encontrar passagens inusitadas, por entre quintais, trilhos de trem, fazendas, abrir trilhas em campos de mato alto ou por entre espinhos e barrancos... Não era fácil. Existia a barreira psicológica, o medo, a insegurança. E existia as barreiras físicas. A cidade é um campo de guerra. Cercas afiadas, grades de todos os tipos e formatos, muros, portões fechados com placas “proibido o acesso”, “atenção! vigília armada”. A cidade então é um quebra-cabeça de espaços privados? Só nos é permitido andar no asfalto? É preciso contornar todas as peças, uma a uma, para encontrar um caminho? Respeitando somente nossas próprias regras, saltamos barreiras.

Existia sempre um vestígio da passagem do ser humano: uma bola de futebol no meio do mato, uma construção inacabada, um buraco numa cerca, um jardim de criança. Mas onde estavam essas pessoas? Careri, nosso professor, ensinava sobre a potência do encontro com o outro. Em Caminhar e Parar (2017, p.33), ele escreveu que o conceito de deriva, uma vez ampliado como sendo também a arte do encontro, leva-nos a um território onde saber aproveitar o vento significa saber usar as relações que se foi capaz de construir ao longo do caminho. Nas nossas derivas encontramos diversos outros pelo caminho. Homens e mulheres, latifundiários, aposentados, um grupo de domadores de cavalos, vigilantes, um ex enfermeiro de manicômio, indianos, ucranianos... Muitos animais também pelo caminho, a grande maioria cachorros, mas também ovelhas, porcos, cavalos. Nesses encontros lembrávamos de fazer o “sinal do KA” um gesto feito com os dois braços levantados em sinal de oração. Assim, demonstrávamos que não estávamos armados e que estávamos dispostos a conversar. Dessa forma apesar de estarmos em grupo demonstrávamos também que éramos frágeis e vulneráveis. Só estávamos de passagem. Desses encontros fomos pouco a pouco entendendo quem eram as pessoas que habitavam aqueles lugares, de onde vieram, o que faziam, como viviam. Cidades não existem sem as pessoas que as habitam. E a magia da deriva também reside em estabelecer relações de hospitalidade com esse outro, ouvindo-o, pedindo informação, aceitando sugestões, e por fim, conhecendo-o de perto e aprendendo com ele.

“Não se pode passar, há obstáculos” disse a senhora com um olhar duro, na nossa 6° semana de caminhada. Ela nos olhava do outro lado de uma cerca, junto de seu marido. Mas nós já havíamos passado por tantas outras barreiras. Desta vez paramos e pedimos seu conselho “por onde podemos passar?”. E ela nos indicou o caminho. Passamos, mais uma vez. Algum tempo depois escrevemos com um giz num pedaço de papelão a frase que ela nos havia dito e carregamos o nosso estandarte pela trilha que se mostrou a mais difícil até ali. Naquela tarde quase caí diversas vezes tentando passar por um terreno cheio de folhas, árvores com espinhos e solo traiçoeiro. O caminho marcou o meu corpo, carreguei os arranhões por alguns dias, mas ao final, atravessamos.

Figura 2. Cartaz produzido pelos alunos do curso de Arti Civiche (Roma Tre) durante a deriva.
Fonte: Acervo da autora. (2015)

Cada integrante do grupo deveria apresentar ao final do semestre um trabalho artístico que falasse sobre nossas caminhadas. As barreiras, os obstáculos, a cidade partida, segregada, a propriedade privada, vigiada, se tornou meu tema de trabalho. Comecei a gravar os sons que fazíamos ao atravessar esses obstáculos. Ao final do semestre meu material consistia em ruídos indecifráveis, sons dos nossos passos, conversas sobre amenidades, música (havia um integrante que carregava sempre um violão) e muitos minutos de instruções sobre como passar pelos lugares. Era bem óbvio o quanto o grupo se ajudava, nos dividíamos entre os que ficavam travados com dificuldade de passar, e os que davam as instruções, passando segurança. Fiz um compilado desses momentos de dificuldade, juntando sons e um poema, falava sobre a superação das barreiras, físicas e psicológicas. O trabalho falava sobre nosso modo de se movimentar pelo espaço e ocupar espaço — uma dança do corpo, onde colocar as mãos, onde segurar, onde pôr os pés. Para nós significava também que podíamos fazer um paralelo entre nosso grupo e a sociedade, nossas derivas e a cidade. Juntos, conseguíamos superar nossos medos e dificuldades, fazendo uma cidade mais aos nossos desejos.

2.2 Rio de Janeiro e as atmosferas afetivas

As derivas romanas evidenciaram que nossos corpos em deslocamento pela cidade produzem sons que preenchem os espaços, que sempre deixamos vestígios da nossa passagem e que coreografamos movimentos ao nos lançarmos sobre as infinitas barreiras que a cidade nos apresenta. De volta ao Rio de Janeiro, as contradições

e o aparente caos desta cidade brasileira foram o ponto de partida para novas derivas. Desta vez a área escolhida é o oposto do que vimos em Roma, pois trata-se do centro da cidade do Rio de Janeiro, um bairro conhecido como o lugar do comércio, do trabalho e do turismo. Mas, para além de seus usos convencionais, há uma cidade outra, uma cidade que seus habitantes constroem dia a dia. E quando falo em habitantes refiro-me aos 40 mil que residem no bairro e aos outros cerca de 1 milhão que circulam diariamente num movimento contínuo de ir e vir. Esta quantidade significativa de pessoas pra lá e pra cá combinada com um tecido urbano denso e consolidado talvez não fosse o melhor cenário para a atividade da deriva – afinal estávamos habituados a percorrer aquilo que Careri (2013) chamou de "amnésias urbanas". Espaços esses esquecidos pelo planejamento urbano, esquecidos pelo turismo. O centro do Rio de Janeiro à primeira vista é o coração da cidade espetacularmente maravilhosa. Diante desse cenário que tipo de deriva poderíamos fazer? E o que esperávamos encontrar?

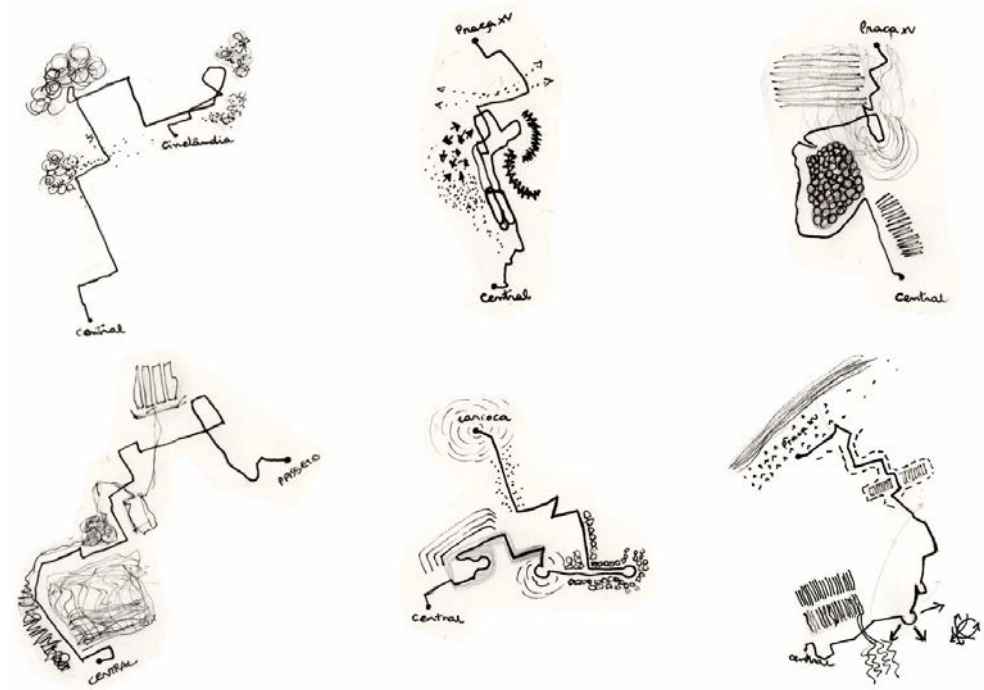


Figura 3. Cartografia representando as atmosferas afetivas nas derivas pelo bairro centro no Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo da autora. (2019)

João do Rio (1881-1921) e Lima Barreto (1881-1922) foram os primeiros flanêurs cariocas, ambos viveram o período de modernização urbana durante os primeiros anos da República e escreveram crônicas onde a cidade era a protagonista. Para João do Rio, a cidade do Rio tinha traços de humanidade – ele a descrevia como um ser vivo. Certa vez escreveu que a Rua do Ouvidor "é a fanfarrona em pessoa" e que trocou de

nome diversas vezes por escolha própria pois é "irresponsável artéria da futilidade" (do Rio, 1995). Já Lima Barreto escrevia em tom de ironia sobre descontentamentos vividos nas ruas da cidade. Em suas crônicas por vezes encontramos referência à repressão aos modos de viver das pessoas daquela época, as feiras livres, o carnaval, a capoeira, a venda de jornais nas esquinas... atividades coletivas que eram tidas como impróprias e foram sendo proibidas. Ambos frequentavam o centro do Rio assim como seus arredores e estavam olhando para suas ruas e praças buscando ouvi-la, como numa conversa, eles queriam compreendê-la.

Seguindo as pistas deixadas por esses dois caminhantes, entre 2018 e 2019 realizei derivas solo pelas ruas do centro do Rio de Janeiro. Estava a procura da cidade do avesso ao espetáculo, de olho nas apropriações urbanas e nos espaços de socialização que conduzem a uma maior vitalidade urbana. Será que as ruas tinham mesmo alma? Será que ainda haviam atividades coletivas acontecendo sem permissão? E se sim, existia essa cidade do avesso, como poderíamos estudá-la? A partir dessas indagações a pesquisa voltou-se para a questão da afetividade. Segundo os situacionistas é possível mapear a relação dos indivíduos com o ambiente urbano, as atmosferas afetivas, através das derivas e da psicogeografia. Portanto, o objetivo geral da pesquisa foi investigar como a cidade poderia afetar as subjetividades das pessoas e como os usos e práticas do cotidiano dessas pessoas poderiam afetar a produção da cidade. As derivas então fizeram parte da metodologia da pesquisa a fim de servirem como meio para investigar os usos e práticas do cotidiano presentes nos espaços públicos.

Durante a atividade senti necessidade de criar um jogo do perder-se, a intenção era disparar a deriva e induzir meu caminhar por ruas fora do habitual para então ativar a incorporação descrita por Jacques. O jogo criado resume-se a seguir pessoas desconhecidas segundo algum critério escolhido no dia, por exemplo, uma pessoa que carrega um objeto como uma sacola ou um guarda-chuva colorido. Quando a pessoa escolhida entra em algum estabelecimento, abandona-se e passa-se a seguir uma outra pessoa que esteja próxima. Esse jogo não impede de escolher seus próprios caminhos segundo seus desejos. Portanto, a deriva é iniciada dessa maneira, porém a sua continuidade depende exclusivamente da vivência durante a caminhada. As caminhadas ficaram registradas por meio de aplicativo de celular, fotografias, desenhos e anotações rápidas pelo celular ou caderno, o diário de bordo.

Como estratégia para estudar as subjetividades das pessoas optou-se por realizar o que chamamos de entrevistas-caminhadas, trata-se de derivas realizadas em dupla composta de um entrevistador e um voluntário. Durante a atividade o participante define os lugares por onde gostaria de caminhar, o ritmo, a duração e o horário da caminhada, em contrapartida o pesquisador elabora questões a serem abordadas para ajudar a decifrar a natureza da relação entre sujeito e cidade. O que aprendemos sobre essa experiência é que muitas vezes as perguntas funcionavam como um ponto de partida para iniciar uma conversa que se desdobrava para além daquilo que foi perguntado. E

o mais importante: o caminhar, ver a cidade, passar pelos lugares, faziam com que eles lembrassem de algo que gostariam de compartilhar. Houve diversos momentos em que fala e caminhar mostraram-se tocados um pelo outro. Notou-se não só a diminuição do ritmo por conta das narrativas, mas também o inverso, a diminuição da fala por motivo de qualquer ruído no andar. Houve casos do entrevistado esquecer de continuar contando o que havia começado pois distraiu-se com o que acontecia na rua. Enquanto que com outro, ao chegar em uma esquina que trazia muitas memórias, parou por alguns minutos, esquecendo-se que caminhava, ao relatar histórias que viveu ali. A memória sobre o lugar ou outros lugares sempre se fazia presente na fala de cada entrevistado, seja de maneira mais explícita, seja mais sutil.

Ao final, aprendemos que enquanto cada corpo humano compreende as suas próprias afecções do encontro com a cidade, subjetividades únicas para si próprio, a cidade, por sua vez, recebe afeto de diversos encontros simultâneos. Dessa forma, a cidade é um organismo vivo, sempre em processo, nunca um objeto acabado, disponível a uma reorganização dos espaços desencadeada a partir dos encontros com os diferentes usuários, suas interações e afetos. A cidade vivida e a cidade produzida não são senão a mesma coisa, diferenciam-se por camadas, agentes produtores e graus de poder, ou falta de poder, agindo então como resistência. Nesses interstícios, aos quais a cidade modernista dá as costas, crescem espaços de liberdade, autonomia e socialização. A cidade do banal e a cidade do espetáculo convivem uma sobreposta à outra.

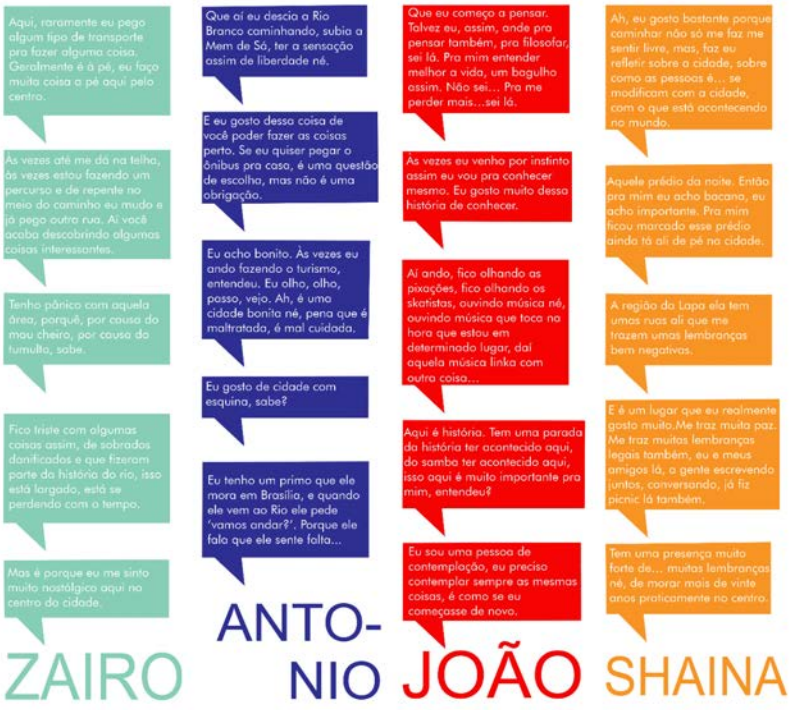


Figura 4. Quadro síntese das entrevistas-caminhadas no Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo da autora. (2019)

2.3 Do Plano à deriva: o caso de Niterói

A principal função de um Plano Diretor é orientar o desenvolvimento urbano e sustentável da cidade, definindo metas e objetivos a se alcançar através das leis que irão ser elaboradas a partir dele. O Plano Diretor de Niterói foi atualizado em 2019, o documento possui mais de 140 páginas, nele a palavra 'mulher' aparece uma única vez. A palavra 'gênero' também só é encontrada uma vez. Desde 2019, quando realizava as derivas no centro do Rio de Janeiro, a presença feminina (ou falta dela) nos espaços públicos me alertava para um fato: o caminhar das mulheres é diferente dos homens. Dito assim soa muito óbvio, mas então por quê as diferenças de gênero ainda são assunto pouco abordado quando se trata do planejamento de cidades? Niterói é uma cidade que vêm passando por transformações urbanísticas surgidas a partir deste Plano Diretor – será que não é a hora de olhar com mais atenção para suas mulheres? Defini o jogo do agora: seguir as pistas de uma(s) possível flaneuse em Niterói. Afinal, por onde caminham essas mulheres?

Inicialmente realizei derivas solo pelas ruas do centro da cidade e alguns bairros fronteiriços. Atualmente a cidade está em obras. Diariamente caminho desviando de canteiros, calçadas interditadas, obras que começam e terminam. Todos os dias os sons que escutamos vêm de escavadeiras, máquinas de drenagem, carrinhos de mão, enxadas. Os sons se misturam a buzinas, carros do ferro-velho, conversas. O som entra na casa das pessoas. Não há barreiras. "Chegou o sacolé" anuncia o ambulante-flaneur, "alô barbeiro, alô porteiro" e ele segue. Mas... cadê as mulheres? Percebi que o centro possui algumas ruas tidas como masculinas, calçadas estreitas, oficinas de automóveis uma ao lado da outra por quarteirões inteiros, bares a cada esquina, os quais vemos a presença majotariamente de homens, estaleiros e seus homens em uniformes laranjas.

Às mulheres restam as ruas do comércio, as vemos nas calçadas das lojas de doces e embalagens, supermercados, lojas de utensílios domésticos, ou chegando e saindo do trabalho nas ruas dos escritórios. Leslie Kern, geógrafa feminista, comenta sobre como desde o século XIX naturalizou-se a noção de que os espaços públicos na cidade abertos às mulheres são os espaços de consumo – "ao comprar roupas, decoração e arte, as mulheres estavam cumprindo seu papel de zeladoras do lar" (Kern, 2019, p. 139). Desvio dessas ruas, me afasto da segurança que a multidão promete, estou em deriva. Certo dia vejo uma mulher de vestido branco caminhando próxima a uma esquina cheia de bares. Alguma coisa no jeito dela andar me chamou a atenção. Ela caminha segura de si. Ela quer ser vista. Passam-se alguns dias a vejo de novo, dessa vez numa rua movimentada que dá acesso à rodoviária. Na mesma semana a vejo de novo, pela terceira vez, almoçando em um bar de esquina. É ela, a minha flaneuse - "Tereza, sua falsiane!" escuto outra mulher gritar. Noto que essas ruas ao redor do terminal rodoviário há uma vida na qual as mulheres aprenderam a se fazer presentes. Há bares que frequentados por elas, com o nome delas, mercearias que elas lhe recebem, há grupos delas que conversam nas calçadas e mulheres que caminham com carrinhos de bebê. As derivas junto com o olhar treinado daquele que

se propõe a estudar a cidade, estavam servindo ao propósito de revelar o cotidiano, os detalhes escondidos no comum... e mais do que revelar, as derivas nos colocam frente a perguntas.

Entre maio e junho de 2024 entrevistei quatro mulheres entre 20 e 35 anos – sendo duas delas ex moradoras da cidade, uma que conhece pouco e uma que veio na cidade pela primeira vez. As duas situações me interessava: tanto a perspectiva de quem já morou um tempo e agora não vive mais, trazendo consigo suas lembranças, quanto de quem nunca esteve em Niterói e poderia trazer um olhar de fora. As entrevistas-caminhadas aconteceram em dias e horários escolhidos pelas participantes e mais uma vez optei por deixá-las livres para conduzirem a deriva conforme desejassem. As deixei livres para escolherem os caminhos, os ritmos, as pausas. E instruí apenas duas regras: que não olhassem o celular ou nenhum tipo de tecnologia digital para buscar direções ou informações e que não fizessem o mesmo caminho duas vezes. Iniciamos toda as derivas do mesmo ponto: a estátua do indígena Arariboia, conhecido como fundador da cidade, localizada em frente a estação das barcas. Sugeri para caso quisessem ir em algum lugar específico que procurassem a direção nas placas ou perguntassem para outras pessoas na rua. Ao final da caminhada pedi para cada uma fazer um desenho ou um mapa que representasse o que elas haviam acabado de ver, os lugares marcantes, o percurso, qualquer memória que gostariam de compartilhar.

Nenhuma das quatro entrevistadas passou pelas ruas do centro pelas quais andei durante as minhas derivas. Três delas escolheram caminhos semelhantes, seguiram sentido sul em relação ao ponto inicial – duas eram as que já conheciam a cidade e escolheram caminhar por onde elas já se sentiam confortáveis, caminhos previamente conhecidos. A terceira mulher que seguiu pelo sul nunca tinha ido a Niterói, estava se guiando pelas placas e lugares que chamavam a sua atenção. A que seguiu um trajeto diferente das demais, seguiu placas que indicavam a direção de um lugar que ela já tinha ouvido falar e quis ir conhecer. Desta vez as perguntas das entrevistas foram relativas à experiência do gênero, questionei sobretudo como se sentiam como mulher caminhando na cidade, se notavam alguma diferença, se tinham o hábito de andar sozinha e se usavam de algum dispositivo de segurança. Quanto a isso praticamente todas responderam que evitam ruas pouco movimentadas e sair sozinhas à noite. Quase todas confessaram que talvez se não estivessem acompanhadas não estariam andando pelos caminhos que haviam escolhido. Andar em pares ajuda a sensação de estarem mais seguras, mas ainda assim por vezes não é suficiente. Uma das entrevistadas, durante a deriva, estando comigo, sentiu medo e apreensão quando percebeu uma movimentação estranha de um homem do outro lado da rua. Ela havia relatado minutos antes que sempre sofreu com assédios, desde que era criança, e que já passou por situação de um homem a perseguir todos os dias no caminho da escola até em casa durante a adolescência. Outra entrevistada questionou a falta de representação feminina nas ruas da cidade, ela estava se guiando pelas placas e informações escritas que encontrava pelo caminho, e sentiu falta de ver ruas com nomes de mulheres e espaços onde se sentisse enxergada.

Durante as entrevistas-caminhadas notei o quanto passar pelos lugares sensibilizava a memória urbana delas, os assuntos sempre retornavam para algum acontecimento do passado. Uma das participantes ao ver pela primeira vez o Caminho Niemeyer se lembrou de outra obra do arquiteto que ela já tinha visto em uma viagem e assim logo fez menção a outras viagens e outros momentos de caminhadas que havia vivido – estabelecendo conexões e refletindo sobre as experiências em pelo menos três cidades distintas (Brasília, Recife e Rio de Janeiro). Outras duas participantes também fizeram conexões com outras cidades onde já moraram, de modo que conseguiram explicar melhor o que queriam dizer ao construir imagens a partir de diferenças e semelhanças. Na cidade mesmo quando estamos perdidos nos orientamos a partir das referências e repertório que já estamos familiarizados. É instintivo, sempre vamos procurar um meio de saber voltar, ou de encontrar um sentido. A deriva precisa ser constantemente compelida, do contrário, estamos fadados a buscar um caminho seguro.

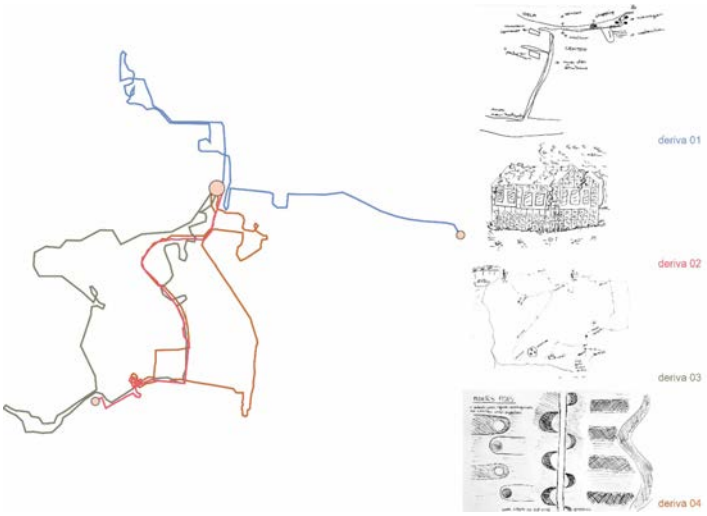


Figura 5. Cartografia das entrevistas-caminhadas em Niterói.
Fonte: Acervo da autora. (2024)

3. BIBLIOGRAFIA

Careri, F. (2013) Walkscapes: O caminhar como prática estética. Gustavo Gili. Tradução: Frederico Bonaldo.

Careri, F. (2017) Caminhar e parar. Gustavo Gili.

Jacques, P. (2003) Internacional Situacionista. Apologia da deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade. Casa da Palavra.

Kern, L. (2019) A cidade feminista – a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Oficina Raquel.

Rio, J. do (1995) A alma encantadora das ruas:crônicas. Secretaria Municipal de Cultura. Divisão de Editoração.

R41

THE SEARCH FOR AN ABSENT PLACE: THE USE OF DRIFTS AND DRAWINGS AS A METHODOLOGY FOR URBAN INTERPRETATION

A BUSCA DE UM LUGAR AUSENTE: O USO DAS DERIVAS E DOS DESENHOS COMO METODOLOGIA DE INTERPRETAÇÃO URBANA

Rodrigo Kamimura
Arq. e Urb., Professor, Doutor
Universidade Federal do Rio de Janeiro
rodrigok@fau.ufrj.br

Ethel Pinheiro Santana
Arq. e Urb., Professora, Doutora
Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ
ethel@fau.ufrj.br

Fernanda Silva Freitas
Arq. e Urb., MSc., doutoranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ
fernanda.freitas@fau.ufrj.br

ABSTRACT

Under the realm of psychogeographical Drifts, this paper will seek to present the results of the implementation of a wandering methodology, applied to a course in the Advanced Cycle in Architecture and Urbanism course at Federal University of Rio de Janeiro, as a way of elucidating the possibility of building places, and to propose interventions on these routes based on a method of approach derived from Benjamin's Urban Montage and drawings. The discipline's proposal followed a routine of starting from a certain place, on an undefined and non-linear route, through different spaces in Rio de Janeiro, allowing the urban environment itself to "bring chance" and favoring the criticism to urbanism. The results demonstrate the validity of the drift method and the power of Situationist ideals for the creation of cities, since no urban space is completely defined by its form, but also by its dynamics, shaped by Ambiances.

KEYWORD: drifts. cities. methodology. absent place. ambiances.

RESUMO

Sob o apelo do papel da Deriva psicogeográfica, este artigo buscará apresentar os resultados da implementação de uma metodologia de andanças, aplicada a uma disciplina do Ciclo Avançado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como forma de elucidar a possibilidade de construção de lugares e de propor intervenções sobre esses percursos a partir de um método de abordagem derivado da Montagem Urbana de Benjamin e de desenhos. A proposta da disciplina seguiu uma rotina de partir de um determinado lugar, numa rota indefinida e não linear, por diversos espaços do Rio de Janeiro, permitindo ao próprio meio urbano "trazer o acaso", e favorecendo a crítica ao urbanismo. Os resultados demonstram a validade do método da deriva e a potência do ideal situacionista para a fabricação de cidades, uma vez que nenhum espaço urbano está definido completamente por sua forma, mas também por sua dinâmica, conformada por Ambiências.

PALAVRAS-CHAVE: derivas. cidade. metodologia. lugar ausente. ambiências.

1. INTRODUÇÃO

O mote desta comunicação é apresentar o papel das derivas situacionistas na construção do reconhecimento de uma cidade e a possibilidade de tecer reflexões sobre as ambiências urbanas a partir do ato estético e político de vagar por ruas, becos, por baixo de pontes, alamedas, calçadas ou praças de bairros de uma metrópole, de forma livre, irrestrita e sem objetivo final. Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva é uma técnica de entrecruzar diversos ambientes de forma não deliberada, sensorial e desestruturada. O conceito de deriva está ligado, desta forma, a entender os efeitos dos signos citadinos, e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que se opõe em todos às noções clássicas de passeio e de

análise local. A deriva compreende a contradição de entender algo pela ausência do cálculo de suas possibilidades e, por isso, instaura a noção de imprevisibilidade, tão própria das ambiências.

A ideia de "estar à deriva" implica buscar coisas sem nome imediato, formas específicas, sem um arcabouço pré-definido, e mirar apenas em transitar. Assim, sem pretender encontrar algo, lançando-se à dinâmica das andanças, ou "caminhanças" (como chamamos em nosso experimento), foi possível trazer o acaso para o status de conhecimento. Por isso, o título deste artigo é "a busca de um lugar ausente", uma vez que não apareceu ainda, não de imediato, não deliberado.

Em "Walkscapes", Careri (2015) se posiciona a favor de uma busca por narrativas. O "jogo do caminhar" é colocado como um ato genuíno, primitivo, associado desde o princípio ao homem neolítico (construtor de espaços de estar) e também como uma resposta de ruptura do engessamento das formas de viver a cidade moderna, baseada em três pilares da ação do "flâneur" ou da "flâneuse" (Elkin, 2022): a travessia, como ação do caminhar; a linha, criada pelo trajeto; e o relato, a narrativa do caminhar. É nesta narrativa que os olhares se ampliam, como Franz Hessel tão bem fez em Berlim:

> O passear do "flâneur" torna-se uma verdadeira arte a se aprender nestes tempos difíceis que o próprio Hessel pratica com verdadeiro prazer e que recomenda a seus leitores, a arte de sair para passear, para evitar ser dominado pela modernidade e pela superficialidade autoritária da vida contemporânea. (Talamo, 2014, p.29)

Neste sentido, a prática da deriva, como ato disruptivo, foi inserida na experiência realizada no "Ateliê Avançado Derivas-Desenhos" – disciplina integrante do Ciclo Avançado da graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ). O curso foi realizado no período de 10/08/2023 a 07/12/2023, ministrado pelos professores Ethel Pinheiro e Rodrigo Kamimura, com apoio da tutora Fernanda Freitas. O Ateliê foi conduzido logo após a implantação do novo Projeto Pedagógico de Curso (PPC), vigente a partir do segundo semestre do ano de 2023. De caráter experimental, corroborado pela proposta de ementa do Ateliê, cujo nome-base é "Ateliê Avançado de Processos Alternativos de Projeto (PALT), 60 horas, 3 créditos", a proposta buscou se distanciar de metodologias convencionais de projeto, mirando incorporar outros olhares para a análise do espaço arquitetônico e urbano por meio das ambiências relatadas e sentidas durante as derivas, realizadas por alguns bairros do Rio de Janeiro.

O Ateliê aconteceu em concomitância a uma disciplina do Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ/UFRJ), promovendo uma interação desejável entre a produção de conhecimento e os aportes práticos do ato da deriva e reunindo, assim, públicos de diferentes espectros e níveis de formação.

2. SOBRE DERIVAS E DESENHOS

Michel de Certeau instaura em sua obra de 1980 o sentido de caminhar para o ser urbano do século XX que descobre, como ato cotidiano, o poder político e ético da deriva: "Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio [caminho]" (Certeau, 1998, p. 172). Há nesta afirmativa um conjunto de informações tomadas de pensadores urbanos como Walter Benjamin, Charles Baudelaire e Georg Simmel, que em anos anteriores do mesmo século trataram a flânerie das metrópoles como um ato de potência construtiva das cidades e uma estratégia interpretativa da condição urbana.

Franz Hessel (1997), no início da década de 1920, trouxe à tona, alinhado à Benjamin (2006), um tipo de "reavivamento" da beleza citadina no período entre-guerras, por meio das caminhadas que pareciam reconstruir lugares devastados. Francesco Careri (2015; 2017) inspirou diversas ações na cidade pós-moderna e contemporânea em torno do exercício experimental de "perder-se" na cidade e, assim, encontrar lugares. Apesar desse arcabouço teórico ser praticamente europeu, masculino e realizado por intelectuais, no Rio de Janeiro a figura de João do Rio (2008) traçou a mesma forma de "descobrir lugares" por meio de andanças deliberadas, que permitiam ilustrar de forma literária e inusitada os acontecimentos cotidianos da pobreza e da vida popular, e Lauren Elkin (2022), em ensaio revolucionário no século XXI, descomprime a figura masculina de tal andarilho e demonstra a presença de mulheres em todas as metrópoles, trazendo um "manifesto peripatético" que questiona o predomínio da versão de gênero nessa atividade.

Deste modo, as forças locais são impressas não apenas pelo que se vivencia, mas por **quem** as vivencia, tornando a síntese dessas caminhanças um processo rico de cartografar o mundo:

> A narrativa escapa à linearidade cronológica e pretende instaurar um fluxo turbilhonar de histórias, paisagens, personagens, afetos, conceitos e autores. Estas matérias de expressão emergem de um ato cartográfico esboçado a partir da aproximação do campo de forças (...). (Fonseca, 2012).

Da mesma forma que Guy Debord, Constant Nieuwenhuys e os Situacionistas, Lefebvre (2009 [1968]) ensinava, na cidade e na vida modernas, uma alternativa para se vivenciar a paixão e o lúdico a partir de experiências inéditas, vendo a arquitetura como parte integral do contexto urbano: "Arquitetura situacionista. [...] uma arquitetura que visava gerar uma resposta direta a partir de seus usuários, bem como uma variedade de sensações e paixões" (Kofman & Lebas, 2000, p. 80). Para Lefebvre (2009), a perspectiva de revolução da cidade residia sob a classe do fazer cotidiano: "(...) andarilhos, vagabundos, artistas e poetas, [atuando] por entre os espaços fraturados da própria cidade" (Kofman & Lebas, 2000, p. 88). É o terreno da cidade que Lefebvre – assim como os Situacionistas – vê como o lugar por excelência de transformação da vida cotidiana, e as derivas surgem como veículo

do conhecimento, viabilizadas pelos processos de cognição: "(...) mais estritamente, a cognição não deve partir da locomoção, ao longo das linhas de uma divisão entre cabeça e calcanhares, uma vez que caminhar é, em si mesmo, uma forma de conhecimento ambulatório." (Ingold, 2015, p. 1632)

Se a deriva é um caminho não controlado – como citaram os Situacionistas, encabeçados por Guy Debord nas décadas de 1960/70 – e que exige pouca pré-concepção, ao contrário, a atenção disposta pelo praticante na busca de interpretar o espaço social urbano é intensa, multifocal e psíquica (Ingold, 2015), e exige formas auxiliares de notação e isso levou, na disciplina realizada, à incorporação do desenho como parte do método.

No processo de desenho, existe um uso considerável da imagem mental, conceptiva e descritiva – além de cognitiva, e este campo de pensamento e comunicação inclui uma gama extensa de elementos de linguagens de ação. Desenho e espacialidade estão intimamente relacionados, por isso, o fato de uma deriva poder ser revivida em momentos posteriores, traz à tona o princípio do projeto, que é "intentar algo".

> Do latim designare e de signum (marca, sinal), o significado de "Design" é desenvolver, conceber. A expressão surgida no século XVIII na Inglaterra, como tradução do termo italiano disegno, passou a caracterizar uma finalidade com o avanço da Revolução Industrial e o crescimento das "Schools of Design". Ao desenhar qualquer coisa, portanto, intentamos algo. (Artigas, 2004, p. 112).

3. O ATELIÊ AVANÇADO DERIVAS-DESENHOS

A disciplina Ateliê Avançado – Derivas-Desenhos foi ministrada no segundo semestre de 2023, entre agosto e dezembro, como parte das disciplinas propostas pelo novo Projeto Pedagógico da FAU/UFRJ. As disciplinas de Ateliê Avançado abrangem diferentes temáticas e, nesta disciplina, buscou-se explorar metodologias de projeto de arquitetura em processos não-convencionais de concepção e intervenção, dinâmicas de análise e construção participativa, lógicas materiais e pensamento construtivo através da prática de projeto. A disciplina contou com a participação de oito estudantes em períodos avançados do curso, após o 6º semestre.

O Ateliê Derivas-Desenhos teve como objetivo estimular o reconhecimento do espaço urbano e das ambiências cariocas por meio de caminhadas, abordando-as como experiências corporais, estéticas, críticas e analíticas. As premissas foram baseadas nos trabalhos de Francesco Careri (2015; 2017), nas deambulações situacionistas e nos croquis deliberados, visando à produção de um projeto de intervenção urbano-arquitetônico baseado em sistemas de representação livres, associativos e especulativos.

O Ateliê foi estruturado em dois módulos de atividades e quatro fases distintas (Figura 1); o primeiro módulo constituído de seminários e workshops com a Pós-graduação, e o segundo módulo focado na exploração, representação e proposição pelos espaços escolhidos pela turma, na cidade do Rio de Janeiro, culminando na apresentação do produto final.

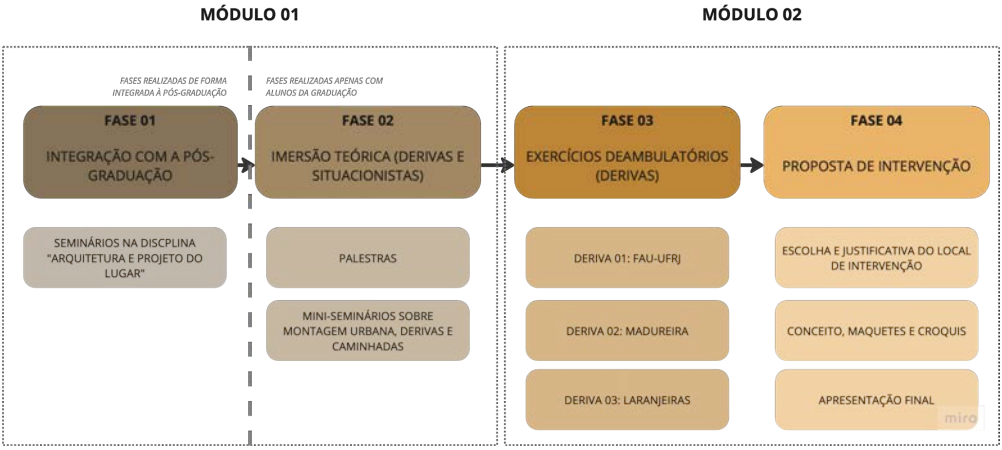


Figura 1. Fluxograma das fases e atividades realizadas ao longo da disciplina. Fonte: autores, 2024.

Durante o primeiro módulo, os estudantes de graduação participaram das aulas e seminários da disciplina "Arquitetura e Projeto do Lugar", que abordava métodos e pesquisas do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC), vinculado ao PROARQ/UFRJ. Foram explorados conceitos-chave que criaram uma fundamentação teórica para as particularidades da deriva, como Lugar arquitetônico, ambiências urbanas, alteridade, sentidos urbanos, memória, território e percepção. Os estudantes se envolveram tanto como espectadores quanto como debatedores dos temas e materiais discutidos em sala de aula. A integração entre o conhecimento produzido na pós-graduação e a graduação foi reforçada pela relação direta da disciplina com as pesquisas "Cartografias Afetivas: mapeamento da vitalidade urbana no cenário das ambiências contemporâneas" e "Tecnologia, emancipação e consumo da arquitetura dos anos sessenta: Constant, Archigram, Archizoom e Superstudio".

Com a finalização da disciplina da pós-graduação, as aulas passaram a focar nas derivas e conceitos específicos para a aplicação prática de projeto. Foram realizadas aulas expositivas sobre o tema das derivas, seguidas de um primeiro exercício de deambulação pelas imediações do edifício da FAU/UFRJ. Assim, os estudantes vivenciaram a primeira deriva antes de uma segunda rodada de palestras e mini-seminários, exclusivos para os estudantes da disciplina do Ateliê Avançado.

Nessa segunda rodada, foram realizadas palestras com os Professores Carlos Roberto Monteiro de Andrade e Rodrigo Nogueira Lima, que apresentaram pesquisas, conceitos, aplicações e intervenções tendo a deriva como referencial central. Após

cada palestra, os participantes da disciplina apresentaram pequenos seminários sobre textos que abordavam estratégias cartográficas, montagem urbana e a caminhada como ferramenta para compreender o espaço urbano, antes da primeira deriva pelo edifício da faculdade (Fig. 2).

Equipados com a experiência inicial de deambulação e as reflexões propostas nas palestras e mini-seminários, os estudantes realizaram a primeira composição e montagem gráfica, registrando as impressões e percepções da deriva no entorno da FAU/UFRJ. Pranchas em tamanho A1, fixadas lado a lado, foram utilizadas para criar um percurso visual com os registros desta experiência. Para determinar o que seria visualizado, foi realizado um exercício de identificação de *fragmentos, intervalos e limiares* (Jacques & Velloso, 2023), organizando o percurso não apenas pelo mapa, mas também pelas percepções vividas durante a experiência no local. Essas montagens foram inspiradas no 'Transect' proposto por Tixier (2016) e incluíam tanto desenhos como fotografias feitas durante a deriva ou obtidas por meio de pesquisas anteriores.

As regras para realizar as derivas foram repassadas como única "bula" da disciplina, aos estudantes, de modo a potencializar a experiência deambulatória:

1. Derive livremente pela zona de interesse, criando caminhos próprios.
2. Não existe caminho longo ou curto, apenas o caminho.
3. Capture, som, imagens e/ou em movimentos em todas as situações que julgar interessantes, pela fotografia, vídeo ou pelo desenho (quando possível).
4. O ponto de partida será sempre combinado. O ponto de término, não.
5. O tempo da deriva será dado pelo momento definido como "pausa" por todo o grupo.
6. Todos andam em conjunto, seguindo a modulação dos corpos.
7. Um líder sempre se estabelece, sendo ele a primeira pessoa a definir um trajeto.
8. Quando outra pessoa desejar mudar a rota, deve se posicionar à frente do grupo, e se tornará o líder.
9. Um mesmo caminho nunca poderá ser realizado duas vezes.

Figura 2. Primeira deriva, realizada nas imediações do prédio da FAU/UFRJ (à esq.); montagem realizada em sala de aula (à dir.). Fonte: autores, 2023.

Após a primeira deriva, os estudantes foram convidados a escolher dois novos locais para realizar mais duas experiências deambulatórias. Esses locais serviriam como referência para a etapa propositiva da disciplina. Os bairros escolhidos foram Madureira, na zona norte, e Laranjeiras, na zona sul da cidade. As derivas foram realizadas em momentos diferentes e cada uma resultou em uma grande montagem com o registro dessas experiências.

Em ambas as derivas, não foram definidos caminhos ou destinos pré-estabelecidos. Apenas um ponto de encontro inicial e uma duração para os percursos foram estabelecidos, considerando as limitações temporais da disciplina. Em Madureira, o ponto de partida foi o viaduto Negrão de Lima (onde se localiza a Central Única de Favelas – CUFA e ocorre o famoso "Baile Charme"). A partir deste local, os estudantes exploraram as ruas adjacentes, percorrendo tanto áreas movimentadas e comerciais quanto áreas mais residenciais e tranquilas. O percurso finalizou no Parque Madureira, onde foi realizado um breve debate sobre as primeiras impressões do exercício.

Em Laranjeiras, a deriva iniciou no Largo do Machado e terminou na Praça General Glicério. Nesse percurso, os desvios pelas diferentes ruas foram menores, o que resultou em percepções distintas do espaço urbano em comparação com Madureira, destacando as diferenças entre as ambiências urbanas. Em todas essas experiências deambulatórias (Fig. 3), não havia uma figura-guia; a condução do caminho era alternada entre os estudantes, mantendo o percurso aberto, mas garantindo que o grupo permanecesse na região proposta.

Após cada deriva, novos painéis foram confeccionados, destacando as particularidades de cada experiência. Os estudantes analisaram de forma isolada e comparativa aspectos como sons, cheiros, texturas, cores, movimentos e fluxos nos dois bairros. Nesse exercício também foram destacados os intervalos e os pontos que os determinaram. Em Madureira alguns fragmentos destacados foram: o Shopping São Luiz ("Shopping dos peixinhos"), o Mural da Fama, Baixo-Madureira e a entrada do Parque. Já em Laranjeiras, foram destacados o viaduto Eng. Noronha, a Fonte em forma de concha, o edifício Jari e a Padaria Lamego (Fig. 4). Além disso, foram identificados vazios e potencialidades em cada área, fornecendo subsídios para a fase propositiva da disciplina.

Figura 3. Montagem das deambulações realizadas em Laranjeiras (à esq.) e Madureira (à direita) pelo app "Strava" e pelo "Google maps". Fonte: autores, 2023.

Figura 4. Montagens realizadas nas derivas de Madureira (abaixo) e Laranjeiras (acima). Fonte: autores, 2023.

Durante a fase das derivas, a dinâmica da disciplina foi dividida em dois formatos distintos: encontros em sala de aula, no formato de ateliê, onde os estudantes desenvolviam montagens durante as aulas; e encontros na cidade, onde as derivas eram realizadas, com anotações e croquis feitos em cadernos de campo, além de fotos e captações em vídeo.

Essa abordagem permitiu capturar diferentes registros do encontro com a cidade. Inicialmente, as primeiras impressões foram registradas em fotos e croquis durante as caminhadas. Posteriormente, em sala de aula, as impressões foram discutidas e organizadas, e o trajeto foi analisado em diferentes intervalos, associados aos desenhos e textos.

A divisão entre atividades externas e internas proporcionou uma imersão mais profunda na experiência urbana e facilitou a transferência da vivência para o ambiente do ateliê, por meio das montagens e composições gráficas. Tal metodologia favoreceu a integração prática e reflexiva das percepções urbanas coletadas, enriquecendo o processo de aprendizagem.

As composições gráficas elaboradas durante as derivas foram fundamentais para iluminar a última etapa da disciplina, que consistiu na proposta de uma intervenção urbana. Esta fase final foi dividida em três momentos distintos, mantendo a dinâmica das aulas em formato de ateliê para a produção das propostas.

No primeiro momento, após analisar todas as derivas realizadas, os estudantes escolheram um intervalo específico para fixar suas propostas. Todos optaram por intervalos na deriva de Madureira, justificando a escolha pela maior riqueza sensorial do local e pelas questões mais urgentes relacionadas à infraestrutura urbana da região. Em contraste, Laranjeiras foi considerada uma experiência mais previsível, com menos vazios físicos e sensoriais, devido a uma monotonia da paisagem.

Após a escolha da região e dos intervalos, os estudantes realizaram um recorte mais específico da área para intervenção, definindo ruas e quadras para o desenvolvimento de uma maquete que acomodasse a escala da proposta de intervenção. Aqueles que propuseram novos trajetos para mobilidade ativa utilizaram uma escala gráfica menor para abranger o projeto proposto. Por outro lado, os que sugeriram intervenções pontuais desenvolveram maquetes em escala maior, proporcionando uma base mais sólida para a experimentação de conceitos e formas. Junto às maquetes de estudo, também foram realizados croquis que auxiliaram nas orientações em sala de aula.

Ao final da última fase da disciplina, os estudantes apresentaram suas propostas de intervenção (Fig. 5) por meio de uma exposição das derivas realizadas e das propostas desenvolvidas, acompanhadas das maquetes. Entre as propostas desenvolvidas estavam um plano de integração entre diferentes modais de transporte, através de ciclovias; o redesenho e ampliação de calçadas com a adição de estruturas sombreadas em via comercial; e a criação de um mirante em um dos vazios urbanos identificados, com o objetivo de evidenciar a história da paisagem local.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ateliê Avançado Derivas-Desenhos, em sua primeira edição (2023/2), teve um caráter essencialmente experimental, por promover a integração de diferentes segmentos da atividade universitária, ao ocorrer concomitantemente a uma disciplina de pós-graduação e graduação, mesclando públicos e diversificando temas e debates acerca das ambiências e caminhos alternativos para a compreensão da cidade.

Ao mesmo tempo, aconteceu no semestre inaugural do novo Projeto Pedagógico de Curso, englobando o conceito de "Ateliês Avançados" propostos para os últimos períodos da graduação. Tudo isso favoreceu um grau de maturação de conceitos discutidos ao longo do curso e a imersão no estudo das ambiências de forma bastante experimental. Entendemos que o encontro do caminhar com as habilidades de um arquiteto e urbanista se fixa na grande possibilidade de projetar novos mundos sensorialmente. Se para uma experiência didática, de menos de seis meses, os resultados validam o potencial ético e estético das caminhanças, tanto mais seria se praticássemos em todos os períodos letivos tal exercício. Ficou muito claro que a percepção ambiental do grupo tornou-se mais potente e presente, ao referenciar os espaços por sua vivacidade, força de adesão e pluralidade, tornando as discussões e comentários tecidos muito associados à interpretação das ambiências experimentadas.

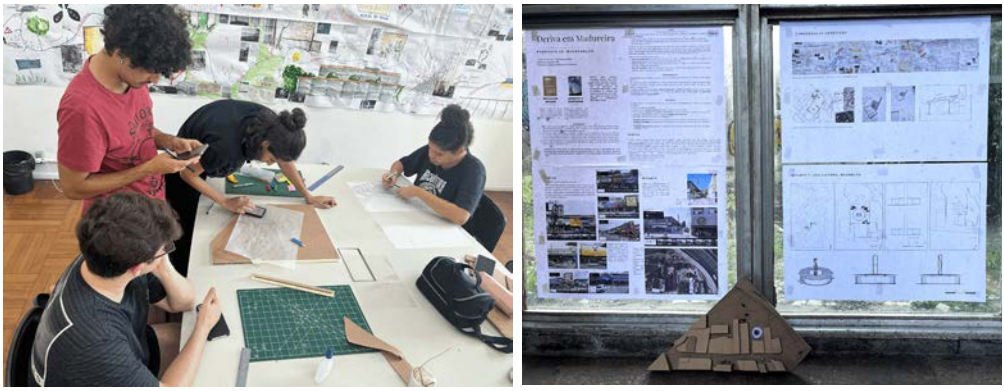


Figura 5. Desenvolvimento de croquis e maquetes da fase 04 (à esq.) e apresentação final das propostas de intervenção (à dir.) . Fonte: autores, 2023.

O jogo do caminhar, assim, cumpriu grande papel formativo e informativo. A apreciação da cidade deixou de ser mais um item de análise formal, para assumir o papel de descoberta de lugares "ausentes", a princípio, mas descobertos pela grande eficácia do acaso e do papel conciliador e questionador das ambiências. Em resumo, caminhar é projetar, na medida em que permite ao praticante rever todas as benesses e mazelas do urbanismo contemporâneo, assim como integrar-se irremediavelmente à cidade.

> Talvez a maior crítica (...) tenha sido exatamente o que Oiticica resumiu de forma tão clara em 'poetizar o urbano'. Os urbanistas teriam esquecido, diante de tantas preocupações funcionais e formais, deste potencial poético do urbano, algo tão simples, porém imprescindível, principalmente para os amantes das cidades. (Jacques, 2012, p. 252).

BIBLIOGRAFIA

Artigas, J. B. V. (2004). O desenho. In Artigas, R. & Lira, J. T. C. (Orgs.). Vilanova Artigas: caminhos da arquitetura. 4a. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 108-118.

Benjamin, W. (2006). Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo.

Careri, F. (2017). Caminhar e parar (A. Bernardini, Trad.). São Paulo: Editora G. Gili.

_____ (2015). Walkscapes: El andar como práctica estética. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Certeau, M. (1998). A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

Do Rio, J. (2008). A alma encantadora das ruas. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia.

Elkin, L. (2022). Flaneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova Iorque, Tóquio, Veneza e Londres. São Paulo: Ed. Fósforo.

Fonseca, C. (2012). Cartografias em jogo: artifícios para uma construção metodológica. ReDObRa, n. 9, 126-144.

Macel, O. & Van Schaik, M. (Eds.) (2005). Exit utopia: Architectural provocations 1956-76. Munich: Prestel.

Hessel, F. (1997). Paseos por Berlín. Madrid: Tecnos.

_____ (1981). Von der schwierigen Kunst spazieren zu gehen. In: Hessel, F. Ermunterung zum Genuss. Berlin: Brinkmann & Bose.

Ingold, T. (2015). Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes. Edição Kindle.

Jacques, P. (2012). Elogio aos Errantes. Salvador: EdUFBA.

Jacques, P. & Velloso, R. (2023). O enigma das cidades: Ensaio de epistemologia urbana em Walter Benjamin. Salvador e Belo Horizonte: EdUFBA e Cosmópolis.

Kofman, E. & Lebas, E. (2000). Recovery and reappropriation in Lefebvre and Constant. In Hughes, J. & Sadler, S. (Eds.). Non-plan: essays on freedom, participation and change in modern architecture and urbanism. Oxford: Architectural Press, 80-89.

Lefebvre, H. (2009). O Direito à Cidade. São Paulo: Ed. Centauro.

Rocha, B. M. (2016). Movimento internacional situacionista em Territórios. Disponível em *http://www.territorios.org/teoria/H_C_situacionista.html*. Acesso em 12 fev. 2022.

Rolnik, S. (2006). Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.

Santos, M. (1996). A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec.

Simmel, G. (1978). A metrópole e a vida mental. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.

Stalker (1979). Filme de Andrei Tarkovski, reproduzido em Stalker laboratorio d'arte urbana, disponível em *http://www.osservatorionomade.net*.

Talamo, B. (2014). Franz Hessel: Il flâneur ritornato. Roma: Artemide Edizioni.

R41

MAPPING URBAN LANDSCAPES. COPACABANA, A CASE STUDY BASED ON THE PSYCOGEOGRAPHIES PRODUCED BY CINEMA.

CARTOGRAFANDO PAISAGENS URBANAS. COPACABANA, UM CASO DE ESTUDO A PARTIR DAS PSICOGEOGRAFIAS PRODUZIDAS PELO CINEMA.

Andrea de Almeida Rego
Doutora em Geografia - Especialização em Estudos da Paisagem
Universidade do Minho, Guimarães, Portugal
andreadealmeidarego@hotmail.com

ABSTRACT

This article aims to investigate psychogeographical drifts as a methodological key to reading cultural landscapes through cinema. Drift is one of the cinematographic strategies for spatial expression and the construction of ideas around places. It has transdisciplinary origins, especially in Philosophy, Human Geography, Cartography, Architecture and Urbanism. As a case study, was selected the semi documentary Fábula (Mitt Hem Är Copacabana, 1965) by Swedish filmmaker Arne Sucksdorff, entirely filmed in the iconic Copacabana district, in the city of Rio de Janeiro. Cartographic characters mapping the beach, favelas and streets, psychogeographing places, carrying out cartographic processes. Understanding cultural landscapes through artistic expressions such as cinema allows us to uncover collective memories and their sensitive aspects, providing resources to support urban interventions or undertake social and cultural investigations in cities.

KEYWORDS: psycogeographies. cartographic characters. cultural landscape. Copacabana.

RESUMO

Nesse artigo pretende-se investigar as derivas psicogeográficas como chave metodológica para leitura de paisagens culturais através do cinema. A deriva é uma das estratégias cinematográficas de expressão espacial e de construção de ideários em torno de lugares. Tem origem transdisciplinar, especialmente na Filosofia, Geografia Humana, Cartografia, Arquitetura e Urbanismo. Como caso de estudo foi selecionado o semidocumentário *Fábula* (Mitt Hem Är Copacabana, 1965) do sueco Arne Sucksdorff, todo filmado no icônico bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. Personagens cartográficos mapeiam a praia, favelas e ruas, psicogeografando lugares, realizando processos cartográficos. Compreender paisagens culturais através de expressões artísticas como o cinema, permite desvendar memórias coletivas e seus aspectos sensíveis, provendo recursos para subsidiar intervenções urbanísticas, ou empreender investigações sociais e culturais nas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: psicogeografias. personagens cartográficos. paisagem cultural. Copacabana.

1. INTRODUÇÃO

A deriva proporciona ao caminhante o ingresso em atmosferas estético poéticas, possibilitando a leitura psicogeográfica, iconográfica e etnográfica das paisagens urbanas. São experiências vividas no processo de reconhecimento do lugar percorrido, desvendando o universo corpóreo mental próprio do indivíduo, assim como de determinados grupos e suas perceções comuns em relação ao espaço. Essas perceções são impregnadas por vivências culturais prévias e sentidos tais como olfato, audição e o sentido háptico - embora a visão pareça prevalecer. Não sendo estanques, essas complexas experiências não são necessariamente resultado único do derivar dos corpos pelos espaços e seus sentidos, podendo ser elaboradas subjetiva e intersubjetivamente com outros elementos, tais como as múltiplas imagens que abarrotam o cotidiano. São imagens produzidas por aparatos consolidados em câmeras de todo o tipo, produzindo novos olhares incorporados ao arcabouço mental e perceptivo humano, materializadas em filmes, redes sociais, videogames, obtidas a partir do mundo real ou virtual, oriundas de olhares humanos ou da inteligência artificial. Nesse sentido, incorporam-se a processos de apreensão espacial e psíquica do ambiente, contaminando novas experiências para indivíduos ou grupos, com eles interagindo ininterruptamente na elaboração de um mapeamento da paisagem. Esse mapeamento configura psicogeografias ao sentido do teórico francês Guy Debord (c. 1958).

Giuliana Bruno (2002) ressalta que as psicogeografias não são elaboradas apenas por corpos móveis a deambular, elas podem acontecer através de processos mentais em seres imóveis. Incorporando a perspectiva háptica às suas análises, ela traz um entendimento onde todos os seres envolvidos são construtores dos espaços e das paisagens fílmicas, estejam ele produzindo cinema, assistindo na poltrona ou pertençam ao corpo de personagens. Para ela, os sujeitos espectadores nunca são imóveis, jamais são não participantes – mesmo porque movem-se nos espaços através da imaginação. O sentido háptico atua em um corpo imóvel, tornando-o capaz de deambular mesmo imerso em imagens movimento, como quando se está na própria casa em frente à televisão ou nas salas de exibição, locais em que a mente e o corpo, convencidos da imersão em outros universos geográficos, mergulham nas histórias e personagens ao viajar sensorialmente para outras geografias. São outras ambiências, outras paisagens e cidades, fragmentadas e recortadas por processos tecnológicos de produção dos próprios filmes, fruto dos roteiros, da reelaboração estética e dimensional dos lugares em foco, do estilo dos cineastas e do arcabouço sensorial, psíquico e cultural próprio dos espectadores.

Essa configuração transforma cada filme metaforicamente em um mapa em movimento, documento mnemônico que testemunha não só paisagens naturais e urbanas, mas igualmente discursividades, afetos e ideologias de uma época, construindo então, dentro de uma aparente experiência de imobilidade, o que pode ser chamado de cartografia em movimento. Processos cinematográficos e cartográficos são ambos regimes de perceção, de exterioridade e interioridade,

incentivando a imaginação com suas técnicas de imersão atmosférica. Ambos são projeções de mundos futuros, construtores de inconscientes e instrumentos de poder. Através da absorção de conceitos geográficos como territórios, espaço, paisagem e lugar, o cinema possibilita aos espectadores a construção de geografias imaginativas e a elaboração de experiências topográficas no processo de criação um sentido de lugar.

Personagens fílmicos fazem relatos psicogeográficos e ao mapear espaços, incorporam determinadas geografias e assimetrias (Name, 2007). Ao personificá-las, corporificam afetos, discursos e narrativas inerentes a determinadas espacialidades e práticas, tornando-se *personagens cartográficos*[1]. Eles se caracterizam pela própria transformação em entidades espaciais, em objetos geográficos cujo movimento cartografa os lugares. É a corporificação das geografias através da sua inscrição nos personagens fílmicos, da mesma forma que os lugares têm corporificados os personagens que por eles circulam. Ao participar da construção dos imaginários como entidades fantasmáticas que psicogeografam espaços, podem transformar-se em chaves de leitura para observação das paisagens culturais representadas no cinema.

As psicogeografias dos personagens cartográficos e suas deambulações espaciais, são reflexos dos seus realizadores. Elas funcionam como uma espécie de estratégia de dimensionamento espacial a nível do caminhante, em contraste por exemplo, com vistas aéreas ou panoramas, tomados à distância, a voo de pássaro. Aliada a banda sonora, a câmera – o artefato protético produtor visual dos espaços no cinema - instala-se dentro dos corpos dos personagens ou incorpora-se ao dos espectadores, que passam a acompanhar as derivas numa escala própria do olhar humano. Essas psicogeografias podem ser *documentais* ou descritivas, quando personagens conduzem a locais reconhecíveis ou icônicos, como marcos geográficos e paisagísticos, ou miram em pontos de referência como placas de ruas e avenidas, edifícios marcantes, ou construções referenciais. Podem ser igualmente *topofílicas* quando reproduzem e expressam os espaços vividos do cineasta ou dos realizadores, ao imprimir nos personagens e seus percursos parte de suas próprias experiências[2]. Psicogeografias podem ser percebidas como *alegóricas,* caracterizando através de percursos espaciais as diferenças sociais e as territorialidades urbanas. Elas se interpõem umas às outras no processo de observação das representações fílmicas e podem ser apenas de um tipo, ou estar todas conjugadas.

Como um método de observação, de dimensionamento e análise fílmica, as psicogeografias dos personagens cartográficos integram uma metodologia maior, a das Cartografias Cinemáticas[3], que não serão discutidas nesse artigo. O foco

1 No original de Name (2007) são personagens geográficos.

2 Exemplos são os filmes sobre Paris do cineasta Eric Rohmer e os de Woody Allen passados em New York

3 Esse trabalho é em parte extraído do capítulo 7 da tese "Copacabana. Cartografias Cinemáticas de uma Paisagem Cambiante", de Rego, A. A, 2023. Ver referência bibliográfica.

recai aqui sobre as psicogeografias dos personagens, aqui produzidas pelos pré-adolescentes do filme *Fábula* (1965)[4]. Os meninos fazem uma leitura ambiental tanto áspera e realística, assim como singela e poética da paisagem cultural de Copacabana. Isso tudo sob o olhar de um cineasta estrangeiro - Arne Sucksdorff, premiado pela sua estética e expressão documentarista, dominante nas produções brasileiras até aproximadamente os anos 1970 no Brasil. Aqui as derivas psicogeográficas são uma alegoria da pobreza, convocam a topofilia dos jovens atores convidados a participar do filme, e ao mesmo tempo são documentais, porque exploram a Copacabana de meados dos anos 1960, realizando uma arqueologia da memória urbana.

Fábula (1965) um filme em preto e branco, foi selecionado em uma pesquisa que detectou mais de 70 filmes brasileiros e estrangeiros cujo fundamento geográfico é o bairro[5], entre curtas e longa metragens, séries televisivas, documentários, chanchadas e pornochanchadas. É caracterizado pelo desamparo da infância pelas ruas de Copacabana, figurada por seres que perambulam unidos como uma família. As derivas se fazem não só pela paisagem urbana oculta, nos morros ou pelo lado de dentro das favelas, mas também por aquela dos turistas, pela praia e a Avenida Atlântica.

A escolha de Copacabana como objeto de pesquisa ressalta que uma visita cinematográfica ao bairro permite reconhecer como o cinema foi parte integrante da elaboração desse território ímpar, desvendar um recorte geográfico que foi exemplo brasileiro de modernidade, metonímia do país e amálgama inseparável do material com o simbólico. Da invenção da sua ideia de paisagem emana uma forte ligação com o cinema, a partir do qual é possível vislumbrar, além da própria história dos estilos cinematográficos brasileiros, a bio e a geopolítica da cidade carioca. As fragmentárias psicogeografias dos jovens personagens vão expor a cisão dos corpos e da ocupação da paisagem nesse lugar único, ainda representativo da cidade e do país e um símbolo para o mundo.

Após essa breve Introdução que busca relacionar psicogeografias, cinema e cartografia, o artigo dirige-se à análise do filme *Fábula* e seus personagens cartográficos. O artigo fecha-se com as Considerações Finais.

2. DERIVAS EM BUSCA DE UM LAR

A poesia imagética embalada por uma extraordinária fotografia, está entalhada nessa obra cuja potência documental é indiscutível. Ela emana em boa parte da atmosfera oriunda da estética neorrealista do cinema italiano, em um exercício empreendido pelo sueco Arne Sucksdorff (1917-2001). O cineasta constatou em imagens líricas a ferida angustiante e ainda bem aberta no cosmos social dos grandes centros urbanos brasileiros, o das crianças vivendo nas ruas, subnutridas e sem receber nenhum tipo

4 O filme tem livre acesso e está disponível em *https://www.youtube.com/watch?v=NVR6_RY7Q8M*.

5 Ver: Antonio Leão da Silva Neto (2002, 2008). Dicionário de Filmes Brasileiros. Ver referências bibliográficas.

de educação ou auxílio. Sua impressionante sensibilidade resgatou histórias de um grupo delas em situações rotineiras deambulando pelo bairro de Copacabana, oscilando entre a pureza infantil e a desilusão, provocada pela necessidade de sobreviver largados à própria sorte.

Os personagens cartográficos de *Fábula* não são atores profissionais, foram descobertos nas próprias ruas da cidade do Rio de Janeiro, alguns deles acostumados a obter alimentos roubando das feiras livres e quintais. São eles Jorginho, o brincalhão sorridente (Cosme dos Santos) e outras crianças com idades aparentes entre seis e quinze anos, tais como Lici (Leila Santos de Souza) a mais madura; Rico (Toninho Carlos de Lima), o melhor amigo de Jorginho e o mais jovem, aparentando subnutrição no abdômen inchado; Paulinho (Josafá da Silva Santos) o expressivo menino que não queria roubar e fazia sua própria caixa de engraxate. No papel do homem que vende pipas na praia, surge um outro ator[6] que é mais um dos sujeitos que vão entrando no filme e não tem nome, apenas *função* e por isso, é caracterizado pelo que faz. Outros personagens, especialmente os trabalhadores da areia, foram sendo absorvidos pelo roteiro depois que Arne os descobria. Aliás, a história pode ser contada a partir dos fatos que acompanham cada um desses personagens pontuais e os lugares por onde derivam. Assim, foram sendo incorporados o vendedor de frutas e o de balões na praia (Figura 4), este último, portador de problemas mentais. No filme, o pobre rapaz morre atropelado porque demorou demais a decidir se ia acompanhar o grupo de meninos ou não, até seu refúgio-casa no morro (Figura 1), em um dos planos mais emotivos do filme.

Figs 1. Capturas de tela. Da esquerda para direita, Paulinho e Rico em seu refúgio-casa no morro; Jorginho empinando pipa no morro.
Fonte: Rego (2023, cap. 7)

6 O ator é Flávio Migliaccio, colaborador de Arne junto com a atriz Leila Diniz.

Figura 2. Capturas de tela. O rapaz com o facão assusta o grupo e corre gritando atrás deles, ajudando a expulsá-los do morro onde moram para dar lugar aos bandidos; o malandro na praia.
Fonte: Rego (2023, cap. 7)

Outros personagens cartográficos vão surgindo; o jovem bandido negro, Feijoada, vendedor de pentes de plástico transformados em oferenda eventual a "Iemanjá, a Rainha do Mar", o vendedor de mate de galão, existente na areias das praias cariocas desde os anos 1950; o mendigo que dá conselhos ao meninos sobre como contar histórias para obter esmolas dos mais resistentes e pela macumbeira que mora isolada no alto mais alto do morro, como uma ermitã, curandeira e protetora das crianças. Outros atores entram e saem do roteiro como figuras comuns ao cotidiano de abandono, como o malandro meio bêbado que quase cai sobre Jorginho e Rico na praia (Figura 2). Bandidos vaidosos e nervosos, com armas com as quais o grupo de protagonistas brinca curiosamente, invadem o quartel-general das crianças roubando-lhes o seu refúgio no morro. Um rapaz bandeia-se para o lado dos invasores e com um enorme facão na mão, grita e dança como uma águia, assustando mais ainda os meninos perdidos agora sem local para ficar (Figura 2).

Na praia onde acontece uma batalha de pipas, um grande grupo de crianças brancas e ricas contrastam com os meninos de rua, negros e pobres. A polícia está perfilada em dupla nas praias, ruas e favelas, sempre deixando os meninos assustados; a dupla de fotógrafos curiosos que no bar ao lado do Cine Rian (já extinto, Figura 3) na Avenida Atlântica, fotografa Paulinho engraxando sapatos; o militar irritado no mesmo bar dos fotógrafos, discursando contra a mania estrangeira de registar a pobreza carioca; o paquerador, que além de pisar nos restos de cerol deixado por Rico e Jorginho no chão do posto de salvamento, entorta a cabeça para as moças que passam rebolando, sendo depois imitado por Jorginho; os operários de uma edificação em construção na Avenida Atlântica que ensinam os meninos a roubar as carteiras que estão nos bolsos de trás dos indivíduos mais distraídos. São personagens cartográficos característicos de cada unidade de ambiente por onde deambula o grupo, e que vão surgindo em encontros aleatórios. Esses são apenas alguns seres que se sucedem uns aos outros e sequer possuem batismo como personagens, pontuando assim, a deriva das crianças, enquanto alimentam a mitologia da pobreza e do desamparo infantil, que já se sabe qual é.

Figura 3. Capturas de tela. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Paulinho na portaria do Cine Rian, já extinto; praça do Lido; escadaria de acesso à favela; barracos da favela; a Avenida Atlântica em pista única (1965); entregando flores nas portarias da Av. Atlântica.
Fonte: Rego (2023, cap. 7)

Como um passeio neorrealista pelas ruas, Fábula expõe os componentes vivos da produção cultural dos espaços da praia, focando com precisão na "mise-en-scène urbana da cidade vivida" tal como ela acontece (Bruno, 2002). A obsessão de Sucksdorff por capturar esses sujeitos variados evoca os aspetos de uma gama de indivíduos marcantes e ao mesmo tempo invisíveis, enquanto recolhe um registo social e ideológico do Rio de Janeiro nos anos 1964/1965, em um país mergulhando na ditadura militar e na cassação lenta dos direitos políticos.

Os encontros e desencontros do grupo principal com outros sujeitos transitando pelas ruas da cidade, não é como os passeios dos propalados *flaneurs* da velha Paris do século XIX. É mais como os seres deambulantes de Guy Debord (c. 1958), cujo comportamento lúdico, é construtor de campos espaciais limitados que incluem o Posto 6, o Hotel Copacabana Palace, a praça do Lido (Figura 3), o Morro da Babilônia e o Cine Rian, alcançados através de percursos específicos de penetração como a escadaria[7] (Figura 3) que leva até a favela ou até a Av. Atlântica. A paisagem jamais é sobreposta às histórias dos protagonistas, ela é inseparável da história dos personagens cartográficos completamente mimetizados à paisagem.

O espaço-tempo fílmico é tecido em três momentos, um dia na praia, uma noite nas ruas, e o dia seguinte, novamente na praia. Na primeira parte da história, Rico e Jorginho descem do seu refúgio no morro para o asfalto para uma batalha de pipas. O objetivo é obter dinheiro derrubando pipas alheias, vendendo-as na praia depois de coletadas dos adversários. Um *raccord* abrupto leva a dupla Rico e Jorginho do seu lugar habitado, para a praia bem na área de ouro das areias – em frente ao Hotel Copacabana Palace, na qual uma Avenida Atlântica ainda não alargada nos anos 1960 mostra apenas duas pistas para automóveis. Lici e Paulinho descem do morro também, indo trabalhar como entregadores de flores de corte coletadas nas barracas da feira livre, levando-as para os jardins externos dos ricos apartamentos de arquitetura modernista da Av. Atlântica (Figura 3). Essa área limítrofe que abraça o Hotel e a praça do Lido, o cinema Rian e o posto 6, é a sua paisagem viva, o local onde ganham dinheiro trabalhando ou esmolando.

Figura 4. Capturas de tela. Rico e Paulinho procuram comida no lixão; o vendedor de balões.
Fonte: Rego (2023, cap.7).

Após serem expulsos do Babilônia por bandidos em fuga, os meninos buscam alimento em um lixão (Figura 4) e na feira livre. Ainda vão perambular por bares e restaurantes na área do Cinema Rian[8], nas proximidades do Posto 6, onde esmolam.

7 Não foi possível precisar o local exato da escadaria já que parece haver uma fusão do Babilônia com a dos Tabajaras. A escadaria parece ser a da rua Santa Clara.

8 O Cine Rian, localizado na Avenida Atlântica, entre as Ruas Constante Ramos e Barão de Ipanema, ali no Posto 6, em local dos mais agradáveis da zona sul. Ele foi batizado com um anagrama - o nome surgido a partir da inversão do apelido Nair, de Nair de Tefé, a primeira-dama brasileira esposa do Presidente Hermes da Fonseca (1910-1914).

À noite, provavelmente após a última sessão noturna, os miúdos surgem trabalhando em um bar na Avenida Atlântica ao lado do cinema, engraxando sapatos de clientes enquanto circulam por entre mesas e cadeiras, com suas caixinhas de engraxates, feitas por Paulinho. Terminam dormindo ao ar livre, no Posto 6, acolhidos por pescadores e seus barcos coloridos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender as derivas psicogeográficas do grupo e seus mapas pela cidade passa pela tentativa de satisfazer a sua maior aspiração; a obtenção de uma espécie de enraizamento, de sensação de lar. Esse é um lugar físico, mas é sobretudo existencial, ontológico e afetivo. Nessa busca, eles traçam um frágil mapa por Copacabana, topografado em locais onde lhes é permitido circular e existir, as suas unidades de ambiente (Figura 5) interligadas por eixos de passagem. Nessas unidades subjazem implicações das geografias das diferenças, como a policiada praia em frente ao Copacabana Palace – local considerado ainda aristocrático em finais dos anos 1960; o Posto 6, nos barcos de pesca junto aos pescadores bêbados, onde conseguem dormir; pelos bares como engraxates da madrugada; pelas lojas onde esmolam; no mais alto do morro da Babilônia, onde abrigaram-se por algum tempo e pelas favelas por onde transitam. Todos são locais transformados em espaços dramatúrgicos para os personagens cartográficos em deslocamento.

Figura 5. Mapa turístico de Copacabana. As estrelas amarelas marcam as unidades de ambiente do grupo.
Fonte: Mapa copacabana Rio de Janeiro - Copacabana, Rio de Janeiro mapu (Brazília) (maps-rio-de-janeiro.com)

São corpos rejeitados como dejetos sociais, não compartilhando a sensação de se estar "imobilizado" no lar, um local para onde voltar cotidianamente, ou possuir algo ou objetos no sentido concreto, material. O lar habitado é transitório, são as geografias do bairro, a sua bolha, o seu lar, "é na verdade todo lugar, não é delimitado por limites precisamente definidos, mas, no sentido de ser o foco de experiências intensas, é ao mesmo tempo sem limites" (Relph, 2014, p. 29). Não há família, ela é criada por experiências empáticas com outras crianças, é uma "familia" construída a partir da dependência das deambulações e dos (des)encontros ocasionais provocados pelas

necessidades de sobrevivência - eles simplesmente esbarraram-se no mundo, cada um fazendo suas próprias psicogeografias. Pois a construção do seu lugar no mundo é muito mais existencial e ontológica, como um processo interno realizado a duras penas ainda na infância, do que de lugar no sentido concreto, material, espacial.

Relph (2014), evoca a teoria rizomática de Deleuze e Guattari (1995) para sugerir a possibilidade de enraizamentos transitórios; pode ser simultâneo em vários locais diferentes, mantendo todos conectados. O rizoma imaginário brota na transitoriedade dos espaços condicionantes do enraizamento do grupo, pois nessas psicogeografias tudo é transitório, nos mapas estão sobrepostos todos os lugares ao mesmo tempo, e ainda, lugar nenhum. Aparentemente aleatório, os mapas cognitivos construídos são flexíveis, abertos, porosos, podem ter inúmeras entradas e saídas e formas de penetração, variando em alcance pois tem infinitas possibilidades. Sobrevivência é atividade grupal, o sentido de lar está na coesão e não em algum local específico, enquanto o microcosmos individual é criado arduamente e mostra-se frágil, pois o recomeço é frequentemente randômico e imprevisível. É um processo repetitivo verticalizado, marcado por disputas permanentes e agressivas onde o clichê mostra os mais fortes impondo suas regras aos mais fracos. A contaminação do sentido de lugar, expõe a restrição espacial dos grupos menos aceitos na cartografia simbólica carioca.

As psicogeografias em Fábula não tem espetro amplo, pontuam poucos lugares do bairro, são um mapa de sobrevivência que parte do morro e desce para o asfalto em pequenos grupos, durando em geral apenas um dia. Os percursos tampouco comportam-se como reflexo das visões de mundo de Arne Sucksdorff, apesar de refletir incidentalmente uma atitude cultural voltada às experiências do cineasta sueco. O estrangeiro, certamente ainda não conhecia tão bem Copacabana, mas mostra ter sido bem assessorado pela equipe de brasileiros que com ele colaborou, escolhendo os locais para onde apontar sua câmera. Embora o grupo circule por óbvios espaços turísticos, repletos de práticas de sociabilidade cariocas, algumas histórias de espaços vividos foram trazidas por elas mesmas para a construção do filme.

As lições extraídas das representações dos lugares no cinema, permitem-nos elaborar articulações psicogeográficas através das sondagens das derivas dos personagens cartográficos em uma cidade. Além da descoberta das unidades de ambiente e de seu entorno imediato, é possível capturar seus componentes e localização no espaço, sendo possível perceber os principais eixos de passagem, entradas, saídas e defesas. Chega-se à hipótese central da existência de pontos topográficos fundamentais, medindo-se as distâncias metafóricas que na verdade, separam as regiões das cidades, distâncias essas que têm pouca relação com a distância física, pois são cartografias simbólicas (O'Donnel, 2013). Com a ajuda dos filmes de cinema, de outras fontes audiovisuais e de mapas experimentais, além de análises etnográficas e sociológicas, pode-se elaborar cartografias urbanas extraídas dos filmes com o

objetivo de auxiliar intervenções físicas e projetos sociais que envolvam Arquitetura e Urbanismo, diluindo as divisões entre as regiões em uma cidade (Debord, c. 1958).

4. BIBLIOGRAFIA

Bruno, G. (2002). Atlas of Emotion. Journeys in Art, Architecture and Film. KINDLE Edition. New York: Verso.

Debord, G. (c. 1958). Situationists International Manifesto. *https://391.org/manifestos/1960-situationist-manifesto*

Name, L. (2007). Personagens geográficos como escala de análise de filmes. Em: Buenos Aires: Conferencia Internacional Aspectos Culturales de las Geografías Económicas Y Políticas, Anales, pp: 01-14.

Neto, A. L. da S. (2002). Dicionário de Filmes Brasileiros. São Paulo: Travessia Livros.

O'Donnel, J. (2013). A Invenção de Copacabana. Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Rego, A. A. (2023). Copacabana. Cartografias Cinemáticas de uma Paisagem Cambiante. (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho: Guimarães. *https://hdl.handle.net/1822/86415*

Relph, E. (2014). Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. Em: Marandola, E; Holzer, W.; Oliveira, L. (Orgs.). Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, pp. 17-32.

Sucksdorff, A. (1965). Fábula ou Meu lar é Copacabana. Título original: Mitt Hem Är Copacabana [Filme]. Youtube. *https://www.youtube.com/watch?v=NVR6_RY7Q8M*

R41

WALKING BETWEEN THE COMMON AND THE POETIC: REINTERPRETING THE CITY OF SÃO LOURENÇO THROUGH POEMS, EXPERIENCES, AND CONVERSATIONS

CAMINHAR ENTRE O COMUM E O POÉTICO: RESSIGNIFICANDO A CIDADE DE SÃO LOURENÇO ENTRE POESIAS, EXPERIÊNCIAS E CONVERSAS

Vitor Maciel de Britto Cunha
Arq. e Urb., Mestre em Ciências da Arquitetura, pesquisador do Grupo Ambiente-Educação (GAE)
Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro (PROARQ/FAU/UFRJ)
vitor.maciel@fau.ufrj.br

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo Azevedo
Arq. e Urb., Professora Doutora, Coordenadora do Grupo Ambiente-Educação (GAE)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU/UFRJ)
giselleartEiro@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article investigates the constitution of places of affection in São Lourenço, MG, considering the spatiotemporal relationships of social groups in the everyday life and memory of this territory. The analytical approach starts with the recognition of poems by different authors across various times, in addition to a sensitive observation of the territory, adopting walking as a tool for critiquing reality. Thus, the reading starts from the researcher's experience in the place of memory and living while reflecting on processes of appropriation in urban daily life through proximities, paths, and everyday conversations that allowed a better understanding of the bonds created. By adjusting our gaze to small daily events such as those present in the artistic expressions of poetry, in the different images present in people's speeches, or in small urban gestures, we can conclude that such actions emerge from the notion of collectivity and demonstrate activities that highlight reconnections with different local aspects, subjectifying and interacting with the projection and transformation of daily life in São Lourenço.

KEYWORDS: Walking. Places of Affection. Urban Experiences. São Lourenço-MG.

RESUMO

Este artigo investiga a constituição dos lugares de afeto em São Lourenço-MG, considerando relações espaço-temporais de grupos sociais no cotidiano e memória desse território. A abordagem de análise parte do reconhecimento de poesias por diferentes autores, em diferentes tempos, além de observação sensível do território, adotando o caminhar como ferramenta de crítica do real. Assim, a leitura parte da experiência do pesquisador no lugar de memória e vivência ao refletir sobre processos de apropriação no cotidiano urbano através de aproximações, percursos e conversas corriqueiras que permitiram melhor entender os vínculos criados. Ao ajustarmos olhar para os pequenos acontecimentos diários como os presentes nas expressões artísticas das poesias, nas diferentes imaginários das pessoas ou em pequenos gestos urbanos, podemos concluir que tais ações emergem da noção de coletividade e demonstram atividades, que evidenciam reconexões com diferentes aspectos locais, subjetivando e interagindo com projetar e transformar diário em São Lourenço.

PALAVRAS-CHAVE: Caminhar. Lugares de afeto. Experiências Urbanas. São Lourenço-MG.

1. INTRODUÇÃO – POR CIDADES MAIS HUMANAS

O presente artigo apresenta uma abordagem sensível e profunda sobre a relação entre os indivíduos e o ambiente construído, compreendendo como os lugares de afeto são constituídos e vivenciados. Neste sentido, reconhece a importância de estarmos conscientes e atentos a um mundo em constante transformação e complexidade, para compreender as expressões de afeição e conexão com a realidade vivida, considerando as diversas relações espaço-temporais de diferentes grupos sociais em seu cotidiano.

As pessoas, ao construírem sua realidade, influenciadas pela cultura, respondem ao espaço e ao lugar[1] de maneira distinta e passam por moldar seus valores baseados na experiência que vão adquirindo através dos sentidos e emoções vivenciadas. Assim, a experiência de espaço e de tempo é principalmente subconsciente. Temos um sentido de espaço porque podemos nos mover e de tempo, porque como seres biológicos, passamos fases recorrentes de tensão e calma (Tuan, 1983, p. 163). Podemos considerar também o meio ambiente como um influente moderador na constituição do espaço e do tempo. Há diferentes constituições do ambiente na superfície terrestre e os grupos culturais diferem na maneira de percebe-lo e ordena-lo. Ao apontarmos os olhares para o ser humano e suas constantes adaptações, poderíamos selecionar diversificados exemplos de que ao longo de espaços e tempos distintos incumbiram- se de evidenciar o tratamento objetivo ou subjetivo da realidade.

O desejo de tudo fazermos em um período de tempo cada vez mais curto, de não perdermos nada do que se passa, não só à nossa volta, mas também no mundo, não permite a vida nos espaços físicos que ocupamos. Os espaços físicos transformam-se em meios que possibilitam a interação no espaço virtual: nunca estamos onde estamos fisicamente – contatos, informações, publicidade (celulares, computadores, cartazes, monitores, alto-falantes), tudo isso nos transporta para outras realidades e problemasSomos colocados em um fluxo interminável e continuo de informações, sem tempo para ponderar sobre o exposto, muitas vezes sem filtro ou critério. Nossa percepção precisa ser cada vez mais desenvolvida para acumular essas informações disseminadas e, ao invés disso, enfraquecemos a capacidade de refletir sobre o que é informado e como vivemos em conjunto.

A partir do evidenciado, como podemosidentificar e compreender, através do cotidiano experienciado, os lugares de afeto com intuito de se pensar maneiras outras de nos relacionarmos com o mundo a nossa volta? Conscientes que vivemos em um mundo em constante modificação e concreta complexidade, diante dos meios de virtualização, de rápida conexões e fluxos, que saibamos olhar os momentos de parada e a importância de nos realizarmos no espaço a partir da apreensão do nosso próprio corpo, para que possamos "transver"nossa realidade através de

1 "Na experiência a noção de espaço geralmente se funde com a de lugar. O que começa como espaço diferenciado transforma-se em lugar á medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor." Tuan (1893).

uma condição de alteridade. Assim, este texto apresenta-se como uma porta de entrada para pensarmos nas relações espaço temporais que compõem a experiência de diferentes grupos sociais com seu espaço cotidiano de vivência, por meio de poesias, experiências e conversas em um recorte na parte central do município de de São Lourenço-MG.

2. QUE LUGAR É SÃO LOURENÇO - MG? – UM PASSEIO LÍRICO

As poesias a seguir foram extraídas do livro intitulado "Exaltação a São Lourenço - MG". O livro consisti em uma coletânea chamada "Antologia Literária: Crônicas, Poemas, Poesias, Trovas e Hinos" de diversos autores que de alguma forma contribuíram para a história da cidade de São Lourenço, demonstrando diferentes imagens e percepções temporais e espaciais de pontos marcantes e afetivos da cidade como sensações, experiências urbanas, entre outros.

Iniciar o entendimento da cidade de São Lourenço, buscando exemplifica-la, seja por meio de fotografias dos locais mencionados ou pela ênfase em seus autores, reflete a intenção de considerar a cidade primeiramente como um lugar em constante evolução e, consequentemente, como um espaço de potencial poético e de construção coletiva. Espera-se que, através delas, São Lourenço seja percebido de forma plural, ou seja, a partir de diferentes perspectivas e sentimentos.

DESAFIO

Não sou barqueiro de vela
Mas sou um bom remador.
No lago de São Lourenço
Dei prova de meu valor.
Remando contra a corrente,
Ligeiro como a favor,
Contra a neblina enganosa,
Contra o vento zumbidor.
Sou nortista destemido,
Não gaúcho roncador.
No lago de São Lourenço
Dei prova de meu valor.
Uma só coisa faltava
No meu barco sonhador
Ver assentado na popa
O vulto do meu amor.
Ai era bom demais...
Sorriso claro dos anjos.
Graças de Nosso Senhor

Manuel Bandeira

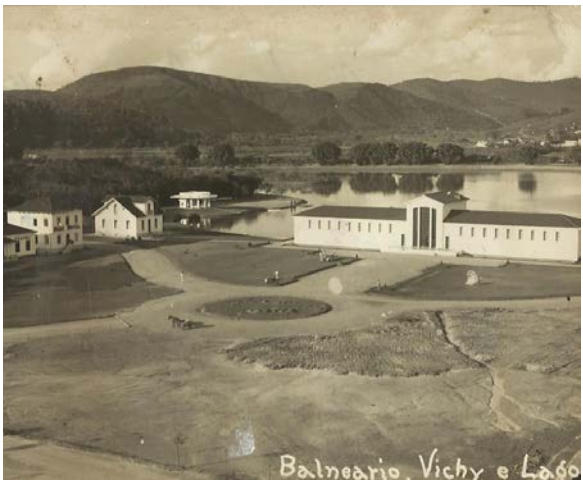


Figura 1. Poesia Manuel Bandeira
Fonte: Montagem feita pelo autor a partir do acervo da Secretaria de Cultura de São Lourenço – Foto de 1936

Devido à tuberculose, uma doença que afligia muitas pessoas no início do século XX, Manuel Bandeira encontrou-se em uma busca incansável por cidades que oferecessem um clima propício para o tratamento de sua saúde fragilizada. Nesse contexto, ele empreendeu estadias em diferentes localidades, buscando alívio para

os sintomas da enfermidade que tanto o afetava. Entre as cidades escolhidas para suas temporadas de tratamento, destacam-se Campanha e São Lourenço, ambas situadas em Minas Gerais, além de Teresópolis e Petrópolis, cidades fluminenses no Rio de Janeiro.

Além de sua notável contribuição à literatura como um dos pioneiros da poesia tipicamente brasileira, também é reconhecido como um líder natural do modernismo carioca, movimento literário que revolucionou a forma de se fazer arte no Brasil. Em sua estadia em São Lourenço, em 1938, Bandeira tinha o objetivo de buscar alívio e tratamento por meio dos benefícios terapêuticos proporcionados pelas águas minerais e pelo clima de montanha oferecidos pela estância hidromineral. Esse poema, como outros tantos de sua vasta obra, captura a essência de suas experiências vivenciadas naquele ambiente e carrega consigo a atmosfera no momento de interação com a cidade.

Dessa forma, a estadia de Manuel Bandeira em São Lourenço transcende o simples tratamento de sua doença física. A estância hidromineral, famosa por suas águas medicinais e clima revigorante, proporcionou ao poeta um espaço de cura não apenas para seu corpo, mas também para seu espírito criativo.

SAUDADE

O eco dos nossos passos ainda perdura
no verde silêncio.
A escadaria é a mesma, o bosque tem a mesma frescura
e a igrejinha no alto
ainda se acha à nossa espera.
Abro o velho portão da memória
e digo para alguém que está ao meu lado:
-Irmã Tristeza,espera-me cá em baixo. Voltarei breve...
E subo pelos degraus cobertos de limo
e te encontro como há vinte anos:
com teu vestido claro,
teu sorriso simples,
teu cheiro bom de juventude!
E estreito as tuas mãos de mistério,
enlaço teu corpo de sonho
e,unidos,
diáfanos,
distantes,
nos perdemos no verde silêncio
daquela manhã sem retorno...

Manuel Noronha

Figura 2. Poesia Manuel Noronha e Ermida Bom Jesus do Monte
Fonte: Fonte: Montagem feita pelo autor a partir do acervo da Secretaria de Cultura de São Lourenço – Foto de 1929

Manuel Noronha foi jornalista, músico, poeta e heraldista, sendo o autor das bandeiras municipais de São Lourenço. Em sua poesia "Saudade", podemos observar uma referência à igrejinha no alto e sua escadaria, que remete à Ermida Bom Jesus do Monte, a primeira capela da cidade, iniciada em 18 de novembro de 1892 e concluída em 1903, localizada no Parque das Águas de São Lourenço. A pequena igreja é considerada o maior patrimônio histórico, religioso e cultural da cidade..

No dia 10 de agosto de 1891, dia do padroeiro da cidade, foi erguido o Cruzeiro e celebrada a primeira missa. A instalação deste símbolo religioso preparou o terreno para a construção da Ermida, como era costume na época. Uma tradição bonita e significativa é que, no dia 31 de julho, a imagem de nosso padroeiro é levada da Ermida para a Basílica, dando inicio a Festa de Agosto, tradicional festa que acontece todos os anos para celebrar o santo padroeiro, o São Lourenço Mártir.

3. POR UMA APROXIMAÇÃO ENTRE ATMOSFERAS: CAMINHAR COM OS ELEMENTOS TANGÍVEIS E INTANGÍVEIS

Com o objetivo de trazer um olhar incorporado sobre o município de São Lourenço-MG, este item explora uma aproximação com território, buscando adentrar em sua essência tangível e intangível, com destaque para a região central da cidade. Tal recorte foi escolhido devido à sua grande atração comercial e à significativa concentração de espaços livres públicos (Figura 3). Nessa perspectiva, esta experiência se configurou como uma oportunidade de estabelecer uma relação mais profunda com o território.

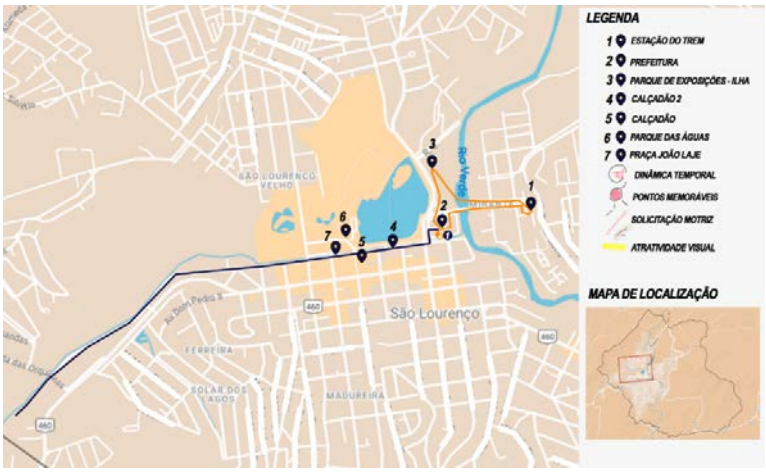


Figura 3. Entre subjetividades e objetividades – Percursos incorporados em São Lourenço
Fonte: acervo pessoal do autor

Coube admitir a importância de se olhar as mutações da cidade e como essa é difundida na vida cotidiana.Para isso, buscou-se apoio em uma abordagem experiencial, tendo o entendimento de que a "abordagem experiencial implica em uma visão crítica, não dualista, mas somativa em postura aberta e atenta ao ambiente e ao coletivo". (Rheingantz, P.; Azevedo, G. et al, 2019. p.12). Ao assumir uma atitude menos neutra, foi possível reconhecer as subjetividades, emoções e reações dos usuários no ambiente, e também utilizou-se o ato de caminhar (Careri, 2017) como uma ferramenta de crítica da realidade, passando a ser entendida como uma forma de se questionar o mundo.

Além da Abordagem Experiencial, e do ato de caminhar, neste item dialogamos também com a noção de Atmosferas de Preferências que, de acordo, com Lamounier (2019) encontra-se no reconhecimento coletivo de um ambiente percebido a partir de múltiplos significados individuais derivados de diferentes relações, considerando aspectos tangíveis e intangíveis. Identificar essas atmosferas permite a leitura das paisagens comuns, ligadas à vida cotidiana. Isso permite admitir as múltiplas relações que formam as percepções de uma paisagem, compreendendo sua temporalidade, espacialidade, legibilidade e seus aspectos culturais, fornecendo maneiras de enxergar as dinâmicas invisíveis da região (Lamounier, 2019).

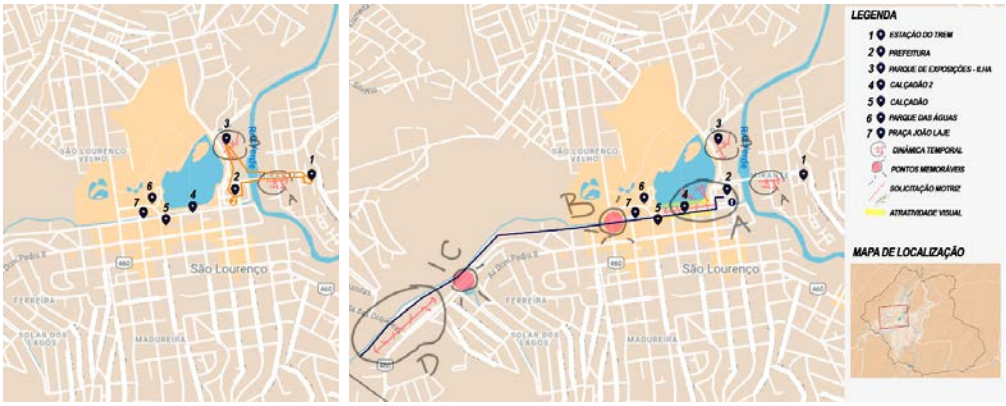


Figura 4. Trajeto 1 e Trajeto 2 – Tangíveis e Intangíveis
Fonte: acervo pessoal do autor

O primeiro trajeto (Figura 4) teve início na prefeitura da cidade e seguiu o curso do rio São Lourenço, passando pelo emblemático Parque das Águas e atravessando o movimentado Calçadão 2. Já o segundo percurso teve início na Praça da Estação, uma relevante área histórica, e seguiu em direção ao Parque de Exposições Ilha Antônio Dutra. Esse local abriga as tradicionais feiras de domingo e eventos municipais, sendo um espaço de grande relevância para a vida comunitária de São Lourenço. Os mapas acima ajudam a melhor entender suas localizações.

Durante a análise da experiência no primeiro percurso, pode-se identificar expressões que representam a vivência compartilhada e tonalidades afetivas nas interações pessoa- ambiente. Ao observar a ficha síntese 1 (Figura 5), é possível visualizar três fotos que exemplificam essa experiência compartilhada. Na primeira imagem percebemos um momento de pausa e conversa entre trabalhadores que lavavam os carros na rua. Já na segunda foto, podemos ver comidas deixadas para os passarinhos no muro do Hotel Brasil, ressaltando a conexão de humanos e não humanos.

Figura 5. Ficha síntese 1
Fonte: acervo pessoal do autor

Essas atitudes e expressões emergem dos indivíduos e também revelam tons afetivos já que em suas expressões de coletividade passam por representar um senso de familiaridade. Tais atitudes sem uma postura aberta, curiosa e uma observação incorporada, poderiam passar despercebidos. Nesse sentido, observamos um bom exemplo, que nos permite afirmar: as pessoas, frequentemente imersas em uma rotina agitada, perdem a oportunidade de criar vínculos mais profundos com o lugar em que vivem, resultando em uma experiência superficial e pouco significativa.

Porém, ao adotar uma abordagem mais atenta e sensível, torna-se possível enxergar além da superfície, captando as nuances das interações cotidianas e valorizando os elementos intangíveis que permeiam o ambiente urbano. As expressões fotográficas retratadas na ficha síntese 1 convidam-nos a refletir sobre como podemos resgatar a essência das relações humanas com o espaço, valorizando a vivência compartilhada e os laços afetivos. Essas interações, não poderiam ser levadas a ponto de serem enxergadas como possíveis diretrizes para se pensar o planejamento da cidade? Não seriam essas ações temporárias, ou essa interação com espaço, provedoras de um potencial sensível para se pensar políticas públicas e consequentemente, ações mais humanas no território?

Ou seja, levado a ultima instância de pensamento, não poderia o muro do Hotel Brasil, onde foi vistoque foram deixadas comidas para os pássaros como um possível bem patrimonial que evidencia uma ação pequena em seu ato, mas uma interação grandiosa e ao gerar uma microatmosfera partilhável e coletiva a partir da sua experiência e tom afetivo. Não deveriam ser essas as motivações para se pensar uma cidade mais humana? Ou pelo menos para se construir uma cidade mais condizente com a realidade da população que a constitui?

As questões levantadas acima demonstram inquetações e questionamentos que não serão respondidos nesse ensaio, mas servem de insumo para se pensar cidades, ruas e bairros a partir de outros olhares e novas imagens possíveis, conforme veremos no próximo item.

Podemos concluir que neste item, foi possível realizar uma aproximação sensível com a cidade de São Lourenço-MG, compreendendo-a e explorando-a a partir de elementos tangíveis e intangíveis. Entende-se também que esta experiência de aproximação com o território buscou verificar a viabilidade para se transvisualizar a realidade vivida no recorte geográfico escolhido através de uma condição de alteridade. O ato de caminhar revelou-se como uma importante ferramenta, possibilitando uma compreensão mais profunda e significativa do ambiente construído e sua relação com as pessoas que o habitam.

4. ATRAVÉS DE CONVERSAS CORRIQUEIRAS, OUTROS OLHARES E NOVAS IMAGENS POSSÍVEIS

Este item tratou de perceber os lugares de afeto em São Lourenço, a partir da escuta e realização de conversas corriqueiras, onde foi possível observar, assim como no item anterior, as potenciais diretrizes afetivas para pensar a cidade, revelando memórias, vivências e experiências com o território. Estas conversas não só captam a relação íntima dos moradores com o espaço urbano, mas também indicaram caminhos para um desenvolvimento mais humano da cidade.

Para guiar essas conversas, foram utilizadas perguntas específicas que funcionaram como disparadores. As perguntas iniciais, como nome, idade e tempo de residência no município, ajudaram a contextualizar cada entrevistado dentro do universo de São Lourenço. A seguir, exploramos as localidades onde os moradores residem ou residiram, o que forneceu uma visão mais ampla das dinâmicas residenciais e dos diferentes bairros que compõem a cidade.

Perguntas sobre o que chama os moradores ao centro da cidade e os espaços que costumam circular revelaram os padrões de mobilidade urbana e os polos de atração dentro de São Lourenço. Essas respostas destacaram o papel central que a área central desempenha na vida cotidiana dos residentes, seja por motivos comerciais, de lazer ou serviços públicos. Além disso, estas respostas ajudaram a identificar os fluxos e conexões entre diferentes partes da cidade, assim como foi possível observar a conexão com outros municípios da região.

As perguntas sobre os lugares preferidos e as razões para essa preferência trouxeram à tona as áreas da cidade que possuem maior valor afetivo para os residentes. Estes locais, frequentemente carregados de lembranças e experiências positivas, serviram como pontos focais para políticas de preservação e valorização cultural. Eles destacaram os elementos urbanos que contribuem para o bem-estar e a qualidade de vida dos moradores.

Finalmente, as questões sobre a definição de São Lourenço através de uma imagem e a possibilidade de aprender com o dia a dia na cidade incentivaram reflexões mais criativas. Essas respostas não apenas enriqueceram a visão subjetiva dos moradores

sobre seu ambiente urbano, mas também sugeriram aspectos de aprendizagem e potenciais transformadores das experiências cotidianas na cidade. Abaixo podemos ver diferentes representações das conversas mencionadas, através de croquis.

Figura 6. Conversas corriqueiras
Fonte: acervo pessoal do autor

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS – NOTAS ENTRE O COMUM E O POÉTICO

Para se pensar cidades mais humanas precisamos pensar em afetividade, em processos de escuta e de compreensão do outro. As imagens geradas pelas conversas corriqueiras são únicas e genuínas, e delas emergem e vibram uma forte individualidade, que quando colocadas em conjunto, demonstram pontos comuns e divergentes. Independente da sua vivência, sua história e suas trocas, todas as falas remetem ao passado, ao presente e ao futuro a partir das perguntas feitas e, portanto, fazem e refazem São Lourenço, mesmo que imageticamente e imaginativamente no dia a dia de cada um. As distintas falas, desenhos e imagens construídas tratam de evidenciar essa pluralidade, e demonstram os encontros e desencontros, as diferentes imagens e lugares de afeto em São Lourenço.

A partir das poesias, caminhadas e conversas foi possível identificar os lugares de afeto em São Lourenço, mas foi preciso ter a consciência que para além de tratá-lo como um município com potencial turístico de desenvolvimento e crescimento, devemos tratá-lo como um município com potencial humano de envolvimento. Lê-lo a partir das diferentes visões presentes nas conversas corriqueiras nos mostra isso. É preciso envolver diferentes percepções e entendimentos nos processos de tomada de decisão e planejamento da cidade.

A palavra envolvimento, neste sentido, parece melhor caracterizar uma nova ideia dialética para se pensar a cidade do que a palavra desenvolvimento. Neste caso, envolver remete a uma ação no tempo presente para se pensar a cidade no futuro. Envolver turistas, moradores, comerciantes, garis, visitantes deve ser encarado como um desafio alcançável para se pensar o plano diretor da cidade, o crescimento e o seu futuro.

Ao realizar que neste trabalho tratamos de conhecer a cidade de São Lourenço pelo seu passado, passamos a reconhecê-la no tempo presente, para poder pensá-la no futuro. Pôde-se observar que uma cidade, também é sua memória e história, ela acontece de forma dinâmica e continua no presente e é impossível imaginar seu futuro sem que todas essas camadas sejam postas em conjunto. Como colocado por Manuel de Barros no Livro "Meu quintal é maior que o mundo.": "A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado.(...) Arte não tem pensa: O olho vê, lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo."

Eis aqui, portanto, uma singela tentativa de transver a realidade mundana através da cidade de São Lourenço a partir de diferentes narrativas, leituras e ferramentas que se entrelaçam aos distintos acontecimentos, poesias, caminhadas e conversas contidas no que se pôde notar entre o comum e o poético.

6. BIBLIOGRAFIA

Barros, Manoel de. (2014) Meu quintal é maior do que o mundo [recurso eletrônico] / Manoel de Barros; 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva.

Careri, Francesco. (2017) Caminhar e parar. Barcelona, Gustavo Gili.

Junqueira, Leonel. (2000) Exaltação a São Lourenço: Antologia literária/ organizado por Leonel Junqueira. – Belo Horizonte. Editora O lutador, 224 p. ii.

Lamounier, A. A. Carvalho, T. Yamaki, H. Tângari, V. (2019) Atmosferas de preferência e paisagens cotidianas: A cidade através de múltiplos sentidos. em: Anais da Conferência Internacional Ressensibilizando Cidades Ambiências Urbanas e Sentidos. Rio de Janeiro.

Lamounier, A. A. Carvalho, Yamaki, H. Tângari, V. (2019) Atmosferas de preferência e paisagens cotidianas: A cidade através de múltiplos sentidos. em: Anais da Conferência Internacional Ressensibilizando Cidades Ambiências Urbanas e Sentidos. Rio de Janeiro.

Rheingantz, P. A. Azevedo, G. Brasileiro, A. Alcantara, D. Queiroz, M. (2009) Observando a Qualidade do Lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Thibaud, Jean-Paul. (2012) O devir ambiente do mundo urbano. revista redobra, n. 9, disponível em: *http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_o-devir-ambiente-do-mundo-urbano.pdf*.

Tuan, Yi-Fu. (1983) Espaço e lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel.

R43

INSURGENT URBAN NARRATIVES IN/FROM THE POST-PANDEMIC WORLD

CHAIR Wagner de Souza Rezende

Understanding the post-pandemic urban narratives can provide insights into the crises triggered by ongoing social, cultural and economic transformations. Furthermore, observing how these narratives challenge established paradigms will help to inform future approaches to public space planning. To guide the debate, this session aims to present and develop some reflections on the following questions: What forms and expressions of urban narratives have emerged from individual and collective experiences in the (post) pandemic world? How have these narratives contributed to shifting subjects' imaginaries and memories towards zones of unstable experience, situated on the borders of common sense? What experiences, silenced or excluded during the pandemic, would be necessary to speculate about a new generation of radicalism in urban narratives?

R43

PANDEMIC AND PLATFORMIZATION: HYPER-HYBRIDIZATION AS A PHYSICAL-SYMBOLIC MODIFIER OF THE HOUSE-CITY BINOMIAL

PANDEMIA E PLATAFORMIZAÇÃO: A HIPER-HIBRIDIZAÇÃO COMO MODIFICADORA FÍSICO-SIMBÓLICA DO BINÔMIO CASA-CIDADE

Leonardo Valbão Venancio
Mestre e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Espírito Santo
leovalbao@gmail.com

Bruno Massara Rocha
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Espírito Santo
bmassara@gmail.com

Marcela Alves de Almeida
Doutora em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Espírito Santo
marcela.almeida@ufes.br

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic strained the physical and symbolic relationships between the home and the city, accelerating interactions in the digital realm. Examining the extensive impacts on architectural and urban environments constantly reshaped by a hyper-hybrid perspective, this study analyzed the physical-symbolic reconfigurations of homes, the redefinitions of transitional spaces within the home-city dichotomy, and the urban consequences of Covid-19 through the lens of digital labor. Using abductive reasoning, the dichotomy of home-city and the process of territorialization-reterritorialization serve as the framework for qualitatively analyzing the physical-digital transition, supported by a literature review. Statistical data underscore the symptomatic effects of reterritorialization in digital environments. Changes in capitalist relations due to the platformization of digital labor are outlined, supplemented by manual webmetry of over 360 platforms to delve deeper into the theme of pandemic-driven digital propulsion.

KEYWORDS: House-City Binomial. Pandemic. Hyper-Hibridization. Digital Labor. Platformization. Digital Ambiance.

RESUMO

A pandemia do Covid-19 tensionou as relações físicas e simbólicas do binômio casa-cidade e acelerou processos de interação no domínio digital. Observando os impactos extensivos nas ambiências arquitetônicas e urbanas que são constantemente redesenhadas pela ótica hiper-híbrida, analisou-se neste estudo as reconfigurações físico-simbólicas da casa, as ressignificações dos espaços de transição no binômio casa-cidade e as sequelas do Covid-19 nas ambiências urbanas pela ótica do trabalho digital. Via processo abdutivo, a dicotomia casa e cidade e o processo de territorialização-reterritorialização se constituem como a estrutura de análise qualitativa da transição físico-digital, validados através de revisão bibliográfica. Dados estatísticos são trazidos para reforçar os efeitos sintomáticos do processo de reterritorialização em ambientes digitais. As mudanças das relações capitalistas através dos efeitos da plataformização do trabalho digital são elencadas, complementando a metodologia com webmetria manual de mais de 360 plataformas, a fim de aprofundar a temática da propulsão digital pandêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Binômio casa-cidade. Pandemia. Hiper-hibridização. Trabalho Digital. Plataformização. Ambiência Digital.

1. INTRODUÇÃO

Imersos na situação-catástrofe de uma pandemia, o distanciamento social e a quarentena ocasionaram a disrupção repentina da realidade cotidiana em diferentes níveis, desencadeando o rearranjo forçado das relações humanas em torno do ambiente arquitetônico e urbano, acelerando processos de interação no domínio digital e tensionando as relações físicas e simbólicas do binômio casa-cidade

(Barbosa, 2021). A contemporaneidade já estava em processo acelerado de mutação para uma sociedade altamente digital, ciber-midiática e algorítmica, mas sob os efeitos da pandemia e das limitações de proximidade física, houve a aceleração no uso das plataformas digitais que, onipresentes, se converteram decisivamente no território das trocas e das experiências da vida cotidiana, hiper-hibridizando a existência humana e ambiência dos espaços (Santaella, 2021).

No plano físico, a vida humana enclausurada criou ambiências domésticas embaralhadas, proximidades conflituosas e tensões advindas de uma nova experiência social em confinamento. A alta carga psicossomática decorrente da nova demanda comportamental revelou inúmeras fragilidades na configuração dos espaços domésticos e no modo como modulam o habitar humano. Na cidade, restrições de mobilidade, esvaziamentos e impermanências instauram um regime de desterritorialização e abandono, fazendo emergir o pior sentido proxêmico no convívio social urbano. No plano simbólico, a alta imersão no meio digital elevou o ciberespaço à condição de território existencial humano. Houve um aumento expressivo de novas formas de produção e consumo reforçadas pelo *delivery, e-commerce, streaming, videocalls*, o aparelhamento sensório da casa e da cidade por meio de artefatos "inteligentes", autônomos, robôs e *gadgets* de vigilância e monitoramento (Beiguelman, 2020).

Visto que a pandemia se insere como marco temporal de transição digital, as análises deste trabalho partem do campo da heurística: aproximação atenta e levantamento dos fenômenos mais singulares da transição físico-digital decorrentes da hiper-hibridização, validados através de revisão bibliográfica. Via processo abdutivo, a dicotomia casa e cidade e o processo de territorilização-reterritorilização se constituem como a estrutura de análise qualitativa destes fenômenos (Haesbaert, 2010). Dados estatísticos como o aumento no tempo de uso da internet, a proliferação na oferta de sistemas de interação e a ampliação exponencial na venda de interfaces são trazidos para reforçar os efeitos sintomáticos do processo de reterritorialização da vida em ambientes digitais. As análises advindas da metodologia anterior apontam um descortinamento das fragilidades e precariedades já presentes nos espaços do binômio, especialmente no contexto brasileiro. Todavia, é perceptível como as amarras capitalistas se reconstruíram na pandemia através do meio digital e o fato pode ser percebido pelas mudanças das relações produtivas e laborais via efeitos da plataformização do trabalho digital, popularmente chamada de "uberização" (Grohmann, 2020). Assim, foi desenvolvida uma webmetria manual na *Apple Store* e *Play Store* para levantamento das plataformas de trabalho digital com a finalidade de aprofundar a temática da propulsão digital acarretada na pandemia. As 360 plataformas de trabalho digital identificadas até o momento comprovam uma "transição pandêmica" definida pela exacerbação de tendências no mundo do trabalho que já se desenhavam antes da crise; demonstram a supremacia corporativa no mercado; os impactos extensivos nas ambiências arquitetônicas e urbanas que são redesenhadas por uma nova ótica de mobilidade espacial e novas demandas/adaptações no mercado imobiliário e demais análises a seguir.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A dicotomia estreita da casa e da cidade possuem aporte no território, visto nesta pesquisa sob a existencialidade delimitada pela marcação física do espaço pelo homem. As relações sociais e cotidianas humanas para com o território movimentam naturalmente um processo de desterritorialização-reterritorialização entre a casa e a cidade, ou seja, da perda do sentido de território e na busca de retorno ao referencial deste. Com a pandemia, a cadência de desterritorialização-reterritorialização fez com que a cidade, que assume um papel regulador na dicotomia, fosse vetada no seu uso mais intrínseco de movimentação a partir da quarentena. O fato induziu as pessoas a entrarem e se fecharem dentro de suas casas, ressaltando o processo de entronização - ação de entrar e isolar do meio externo (Lindón, 2006) - que consequentemente interiorizou a vida pública dentro do espaço privado. No rompimento do ciclo de territorialização na casa-cidade, o Covid-19 gerou uma desterritorialização forçada e abrupta (Haesbaert, 2010) e baseados na impossibilidade de contato e sociabilidade, as pessoas recorreram ao meio digital para readaptar rotinas via sucessivas tentativas de territorialização (*lives, meets, broadcast, podcast, games, drives, whatsapp, redes sociais,* etc), ressaltando principalmente as formas de trabalho adaptadas via *home office* ou ainda, pelas compras via *delivery.*

2.1 A interiorização da vida pública decorrente do isolamento social

A desterritorialização abrupta advinda das quarentenas corroborou no fenômeno de entronização que recria dentro da casa o território existencial que antes acontecia nas ruas. A habitação incorporou funções exercidas em espaços disseminados nas cidades, como o trabalho em tempo integral, o lazer e as atividades físicas. As atividades íntimas permaneceram no espaço que a elas já eram destinadas, as relações individuais para com o território migraram para casa e as atividades sociais compartilhadas nas cidades seguiram o mesmo caminho de entronização: a resposta foi um movimento de interiorização da vida pública. A casa, que sempre constituiu um espaço primordial de vivência das pessoas, carregando significados, memórias, experiências e apropriações do espaço, assumiu um papel amplificado de barreira, como um *bunker* de proteção em uma guerra sanitária, instaurando a modificação da ambiência arquitetônica para interiorizar o máximo de funções sociais para um espaço mínimo e fechado (Líndon, 2006).

2.2 Digitalidade: hibridizando os conceitos de público e privado

Na tentativa de reterritorialização, despertou-se uma demasia de virtualidades frente ao uso dos dispositivos que se tornaram elemento chave para suprir as necessidades básicas do dia a dia que perduram até hoje. A hibridização físico-digital expressa uma mudança radical mais ampla que move as pessoas e os espaços doméstico-urbanos de um sistema analítico (ordem e separação) para um sintético (complexidade, conexão, permeabilidade), com a naturalização da tecnologia como extensão do

pensamento humano. Compreender como a vida acontece hiper-hibridizada é amplificar que o físico e o digital são espaços que confluem na formação de algo maior, um território-existencial-híbrido que em teoria não precisa sair de casa para ser constituído, e à princípio é exilado das relações de cidade (La Rocca, 2016). Uma territorialidade que não é mais limitada às dimensões tradicionais do meio urbano, mas é associada a espacialidades flutuantes. Tal paridade físico-digital e a construção cognitiva sobre os dois modos de existência, criam um habitar sistêmico tanto da casa quanto da cidade, onde o ser e o espaço interagem e se autorregulam constantemente (Santaella, 2021).

2.3 A plataformização do trabalho digital

Como sequela do Covid-19, as funções sociais doravante a hiper-hibridização físico-digital permitiu que o capitalismo se refizesse em meio ao caos, elencando uma nova rodada capitalista. Após o choque inicial, a população que teve a vida interiorizada encontrou uma forma de não ir mais à cidade virulenta para exercer funções cotidianas, iniciando uma conduta "da cidade ir até a ela" (e à sua casa). As transformações associadas à globalização aceleradas pela pandemia do Covid-19 movimentaram uma nova rodada de reestruturação produtiva, sugerindo a ascensão de um marco capitalista ainda durante a pandemia e pós-pandêmico baseado na avançada digitalização da sociedade e economias globais.

Exemplos disso são o *home office*, relações de *e-commerce* e de *delivery,* ou seja, em formas de trabalho digital que são mediados por plataformas. Percebe-se que o *home office* foi adotado por muitas empresas como modelo de negócio durante a pandemia, e deixou de ser algo transitório. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que, durante o segundo trimestre de 2020, 17,4% dos trabalhadores do mundo eram trabalhadores de casa, uma diferença significativa em relação ao cenário pré-pandemia, em que apenas 7,9% da força de trabalho global adotava esta modalidade (Soares et al., 2021). O lar há muito tempo tem exercido uma função quase instrumental de abrigar os moradores temporariamente entre uma jornada de trabalho e outra. Nesta perspectiva, a quarentena obrigou a uma parcela da população o exercício do trabalho em casa, reorganizando arranjos internos e forçando a convivência continuada entre seus habitantes, extinguindo a separação entre os modos de morar e os modos de trabalhar (Silveira, Rossi e Vuono, 2020). Muitas pessoas realizaram pela primeira vez uma compra online nos primeiros meses de quarentena. A Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC, 2022) apontou que 71% das pessoas preferem fazer compras pela internet contra 29% que preferem ir às lojas físicas. Nisto, o *delivery,* que era uma tendência, se transformou em necessidade. Dados do setor mostram um salto de 155% no número de usuários de março a abril de 2020, quando o estimado para o período era de 30% (Junior, 2021).

Sob os efeitos da plataformização do trabalho digital, alteram-se e desequilibram-se as dinâmicas da casa e da cidade. Baseados nas relações "just-in-time" (execução de tarefas "na hora") e trabalhos "on demand" (trabalhos e tarefas sob demanda

e executados com mais tempo), são inúmeros os tipos de serviços ofertados por plataformas, tais como (a) plataformas de delivery que realizam entregas de alimentos, produtos e caronas (como iFood, Rappi e Uber); (b) plataformas de freelances/macrotrabalho (como GetNinjas e We Do Logos); e até mesmo (d) as redes sociais, adaptadas de rede de comunicação para novos espaços de trabalho, sejam vendas via whatsapp, instagram, facebook (entre outros) ou através de monetização via publicidade ou monetização da própria plataforma – trabalhos como youtubers, streamers, tiktokers, instagramers, entre outros (Grohmann, 2020).

3. ANÁLISES

3.1 Propulsão Digital Pandêmica

Como visto, a hiper-hibridização gera modificações nos paradigmas fundamentais na relação entre o ser/sujeito com a casa e a cidade, seu sentido de público-privado e outras dissidências decorrentes do uso das tecnologias de maneira desenfreada. No avanço progressivo e frenético tecnológico durante a pandemia, desencadeou-se um escapismo algorítmico. O reflexo disso pode ser visto em números. Considerando que no Brasil o celular se tornou o principal dispositivo de acesso à internet nos últimos anos (CETIC, 2021), a empresa Data.ai, uma das principais consultoras mundiais especializada no mercado de aplicativos, relatou que no Brasil o tempo gasto diário em frente às telas cresceu até 35% de 2019 a 2022. De acordo com o levantamento, a quantidade de horas diárias passou das 4,1 horas, em 2019, para 5,2 horas diárias, em 2020, até chegar às 5,4 horas diárias em 2021. Os brasileiros, pelo segundo ano consecutivo, passaram a liderar o *ranking* de habitantes que gastam mais horas por dia nos dispositivos móveis, empatado apenas com a população da Indonésia (Data.ai, 2022). Isso sem levar em consideração o tempo somado às telas dos computadores, tablets, televisão, entre outros dispositivos. Sobre o trabalho digital e o *home office*, de acordo com a pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Administração (FIA), o trabalho em casa foi adotado por 46% das empresas no Brasil durante a pandemia (Agência Brasil, 2020). Apesar do regresso dos números mais atuais de trabalho remoto no Brasil, eles não regridem para o nível pré-pandemia e reafirmam a conduta adoção do modelo de trabalho (idem, 2021). Logo, demonstra-se como a mediação tecnológica vem se tornando cada vez mais enraizada no cotidiano dos brasileiros e que de fato, a pandemia se tornou um ponto culminante desta virada de chave.

A partir da webmetria feita até o momento, 38% das plataformas de trabalho digital surgiram a partir dos anos da pandemia, um número expressivo pensando em uma realidade com menos de cinco anos passados, uma corrida mercadológica visto o aumento do consumo de plataformas digitais. Percebe-se como antes da pandemia havia a supremacia de aplicativos internacionais sob atuação no Brasil, mas isso muda a partir de 2019, surgindo mais aplicativos nacionais. É perceptível ainda o domínio de mercado por grandes empresas (Antunes, 2020). O escapismo algorítmico despertou uma demasia de virtualidades frente ao uso dos dispositivos e passou

de elemento chave para suprir as necessidades básicas do dia a dia para episódios de sobrecarga psicológica, *zoom fatigue, cognitive overload* ou *digital overload* (Malta et al., 2020). Há autores que afirmam que a perda de subjetividade produzida pela ruptura cultural de uma mudança drástica e repentina do cotidiano exige luto (Cover, 2021), e que essa condução direta e rápida frente aos dispositivos, não criou possibilidade para isso. Mudaram-se no ano de 2020, os ritmos, os algoritmos e as dissidências.

3.2 Desconfigurações e reconfigurações físicas e simbólicas da casa

A casa na pandemia foi reorganizada para angariar as funções sociais que aconteciam na cidade e passou por modificações físicas e/ou simbólicas que ressignificaram seus espaços, usos, experiências e percepções. A soma dos processos de entronização, quarentena, interiorização da vida pública e reterritorialização digital resultou na ambiência embaralhada do espaço doméstico. A casa funciona como um corpo expandido e o contato do corpo humano com o espaço ativa assim, através da vivência, a percepção e a experiência um estado de ambiência do local, advindo da tradução dos estímulos ambientais que são refletidos em padrões de comportamento. A predisposição emocional pelos arranjos espaciais e comunicação do corpo com o espaço criam uma reação imediata e vínculo emocional. Por isso, chegar em casa depois de uma longa jornada de trabalho significa descanso, ciclo completo e segurança, pois é ali que se criou vínculo afetivo e memória. Através da escalabilidade construída cotidianamente no espaço pelo conjunto de pequenas interações e respostas emocionais, a experiência condicionada naquele local vai se fortificando, ou também, vai mudando na relação tempo-espaço (Schmid e Schneider, 2022).

Mas a pandemia rompeu com a escalabilidade da experiência. O atrito sensível entre o espaço construído e a sobreposição das ambiências desequilibrou a humanização dos elementos constitutivos do descanso, do conforto, da tranquilidade, da privacidade e assim por diante, sobrecarregando um espaço por caos e cansaço. Isso pode ser visto pela situação do *home office.* Qualidades como a ergonomia, iluminação adequada, qualidade acústica, privacidade, dentre outros itens constitutivos dos espaços de produção, passaram a ser considerados supérfluos ante a emergência em se garantir a produtividade (Barbosa, 2021). A extinção da dicotomia entre a jornada de trabalho versus horário de lazer ou descanso acelerou uma transformação social onde os modos de morar e os modos de trabalhar não apenas se confundiram, mas foram se homogeneizando como medida durante e para além da quarentena (Silveira, Rossi e Vuono, 2020).

A moradia passou a valorizar itens esquecidos na história recente, como a varanda, o espaço de lazer, locais de convívio e de contato com o mundo exterior. Outro fator foi o aumento da busca por imóveis rurais, sob a premissa de afastamento dos epicentros virais urbanos. De acordo com a pesquisa feita pela plataforma brasileira

do setor imobiliário Imóvelweb (2020) houve um incremento de 128% na busca por imóveis com varandas quando comparado ao mesmo período do ano anterior e o interesse por imóveis rurais, que aumentou em 310% no primeiro ano da pandemia em comparação ao ano anterior (ibid.). Apesar disso, a pandemia do Covid-19 também chegou às áreas rurais, revelando a peculiaridade desta crise correlata à globalização. Quando se alia o aumento da busca pelo exílio rural e o aumento de usuários de internet no Brasil entre 2019 e 2020, percebe-se dentre correlações que, (1) parte da população urbana que migrou para o campo durante a pandemia precisou aumentar sua conectividade digital no meio rural enquanto ali estava hospedada e (2) como a população rural, que também foi amplamente atingida pelo Covid-19, precisou se adequar às regras digitais da contemporaneidade.

3.3 As ressignificações dos espaços de transição entre o binômio casa-cidade

Entre a casa e a cidade existe o espaço de transição. A transição em arquitetura atua como elemento mediador entre o lugar de dentro e o lugar de fora, e espaços que gerem sensações de separação, demarcação ou distinção são importantes produção de territorialidade (Deleuze e Guattari, 1997a; Ito, 2006). Anterior a pandemia, estes espaços eram vistos como lugares permeados na cidade - calçadas, elevadores, ponto de ônibus, recepções, corredores, pátios, entre outros -, mas após as diligências da Organização Mundial de Saúde, criou-se dentro da própria casa um espaço de transição, onde a porta de entrada (e saída) era o limite da segurança. Nunca se sobrevalorizou tanto os pequenos espaços de entrada quanto em tempos pandêmicos, uma espécie de zona/cabine de descontaminação para deixar o vírus para trás e voltar à segurança comedida. Passava-se da porta para dentro, deixavam-se sapatos, roupas, máscaras, objetos que vieram da rua, higienizavam-se as mãos e após todo este ritual, entrava-se de fato em casa. O espaço construído ou o pensamento de projeto também foram alterados: houve reformas interiores e novos projetos que inseriram lavatório na entrada da casa ou criaram acesso direto ao banheiro por meio da entrada de serviço (Faro, Castro e Silva, 2022).

Basicamente, os espaços de transição traçavam as linhas limites da segurança, mas traçavam também as diferenças sociais. Entronizar e se isolar criou uma alienação para o que acontecia fora da bolha social. A balança se tornou desproporcional de quem vivia de home office, o mais seguro possível, e quem trabalhava via *delivery,* por exemplo, exposto ao vírus. A calçada perdeu seu sentido de ambiência de passagem e passou a ser a linha limítrofe da segurança. Após o cenário pós-pandêmico, a calçada continua ganhando novas ressignificações pelo olhar da plataformização do trabalho: se tornaram espaços da cidade de aglomeração de trabalhadores, seja como local de retirada de pedidos, entrega de pedidos ou espaço de descanso de trabalhadores sem infraestrutura e conforto. Nem mesmo as leis de trânsito se aplicam às calçadas quanto à importância de se fazer uma entrega dentro do tempo ínfimo (Figura 1). As calçadas ainda são os novos pontos de solicitação e espera, como para plataformas de carona, desvelando uma face do perigo de furto iminente.

Figura 1. Motociclista não desce da moto para tocar interfone.
Fonte: Acervo Próprio (2024)

3.4 A volta para a cidade e as sequelas do Covid-19 nas ambiências urbanas pela ótica do trabalho digital

A volta para a cidade, cheia de regramentos conduziu a uma realidade de estranhamento com um espaço compartilhado com o vírus, condicionando o corpo a voltar a viver dentro de preceitos ainda engessados de cidade (Sales, 2022). Levando em consideração a multifatoriedade e características das cidades, Negro (2021) e variados estudiosos de urbanismo apontam que o coronavírus foi um choque para revigorar as políticas urbanas, mas não gerou políticas específicas. Falou-se de aspectos de um planejamento urbano saudável, mas que são anteriores ao coronavírus.

A força que atingiu a cidade na pandemia é mais tecnológica e algorítmica do que infraestrutural e material. Pensando pela ótica da plataformização do trabalho digital, no plano simbólico estes efeitos podem ser vistos a níveis sociais e econômicos. A nível econômico, uma cidade regida pela plataformização reforça as amarras neoliberais do capitalismo, onde grandes empresas detentoras de poder são as modeladoras da vida cotidiana e das cidades contemporâneas (do mercado imobiliário e da mobilidade urbana, por exemplo). A nível social, reforçam cicatrizes

históricas do sul global da precarização do trabalho de trabalhadores de realidade carente, que durante a pandemia se expuseram à risco de contaminação para garantir seu sustento, e com isso trazem jornadas extensivas, sem direitos trabalhistas, salários mínimos e trabalhando independentemente das intempéries climáticas. A nível físico-construído, sobreleva-se a supressão do espaço construído e a perda da qualidade do ambiente de trabalho em subserviência a um novo modelo de negócio mais operacional e menos social, como é possível ver pela expansão das *dark kitchens, dark stores* e restaurantes *pop-ups*. Como os espaços de convívio social foram vetados de uso durante a pandemia, inúmeros restaurantes condensaram seus espaços/cozinhas para o modelo *take-away* (apenas para retirada). Trabalhos digitais da tipologia *delivery* e caronas, com a volta a cidade, modificaram as dinâmicas da mobilidade urbana e trânsito: não se respeitam mais as leis de trânsito pois os trabalhadores operam sob a lei do tempo de entrega e das avaliações constantes. Isso reflete em uma cidade plataformizada regida por turnos: horários e dias específicos são ativados pelos fluxos intensos das entregas, que inclusive também expõe a face de novas paisagens sonoras dotadas de poluição sonora (Duda et. al, 2020; Grohmann, 2020).

Ressalta-se ainda sobre a tipologia de trabalho digital de *freelance,* que amplifica o sentido de interiorização da vida pública e que tem impactos urbanos construídos. É perceptível o surgimento de inúmeros *coworkings,* assim como a tendência do mercado imobiliário em edifícios com seus próprios *coworkings* internos e até mesmo, minimercados - “não se precisa mais sair de casa para trabalhar e exercer funções sociais”. Esta tipologia de trabalho também transforma os usos dos espaços permeados pela cidade, como por exemplo, cafés que são readaptados para oferecerem espaços de trabalho. Por fim, é visível também que as redes sociais elencaram a cenarização. Desde que a casa foi enquadrada pelas telas e se transformou em *background* das videochamadas, a cidade atingida pelo processo ligado à globalização, à indústria cultural e às mídias sociais passara a criar cenários urbanos “postáveis”. O mercado sugere que as cidades apareçam com imagens definidas e especializadas (enquanto seu conceito vai contrário a isso) (Tonelo e Framil Filho, 2022).

4. CONCLUSÃO

Há autores que afirmam que as mudanças advindas da pandemia foram mais significativas no espaço privado do que no espaço público, mas a trama paradigmática do binômio casa-cidade durante a pandemia apontou ser mais complexa do que esta afirmação, justamente pelas transformações físicas e simbólicas apontadas. Aceleraram-se alterações que já estavam em curso da hibridização da vida que, no momento da pandemia, se revelou de extrema importância na preservação da vida, mas ao mesmo tempo trouxe também impactos negativos na saúde das pessoas. Não cabe negar os benefícios do progresso tecnológico, mas de bom ou mau grado, impõe prejuízos em diferentes planos de existência, do ambiental

ao subjetivo e individual. Ao passo da internet permitir a livre expressão, que vai da criatividade ao delírio nas redes sociais, ela também oferece a qualquer indivíduo, meios de decifrar códigos protetores de segredos políticos e militares, de *hackearem* dados pessoais, e dá enorme poder de vigilância, violando o sigilo e o regramento básico da privacidade. O processo de aceleração do fenômeno digital e da plataformização em comunhão com o capitalismo altera a predominância do tempo em detrimento do espaço. A regência da atualidade pelo meio digital cria reduções na autonomia e na capacidade das pessoas de controlar suas vidas; agrava divisões digitais; discriminação amplificada; novas formas de assédio, intimidação e ódio, especialmente em torno da violência e exploração sexual; mais caminhos para desinformação (especialmente ligada a falsificações inteligentes); níveis mais profundos de vício; novas ameaças aos dados pessoais dos usuários; novas óticas de trabalho digital sem regramento legal e variados outros (Marcús et al., 2020). Na casa, cada vez mais dotada de "inteligência", passam fluxos constantes e interligados entre si, permeando o ambiente doméstico por produtos e serviços que oferecem uma experiência da casa baseada na conveniência, que curto-circuita o processo de reflexão que se coloca entre o reconhecimento de um desejo e a sua realização através do mercado. É importante compreender que a internet frauda requisitos normativos da interação humana (entre pessoas ou entre pessoa-espaço) precede entender que a mente humana tem limites de alcance no espaço digital por ser um corpo fisiológico, e vivenciar o espaço real do binômio casa-cidade mesmo que perpassada por fluxos, é não substituir ao máximo as camadas de existência pela virtualidade.

5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro concedido; ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbansimo da UFES; e ao laboratório de pesquisa Conexão Vix.

7. BIBLIOGRAFIA

Agência Brasil (2020). *Home office* durante a pandemia. Retrieved October 26, 2022. *https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia*

Antunes, R. (2020). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. Boitempo Editorial.

Barbosa, P. E. (2021). Presença: casa, cidade, pandemia. Revista ARA, v. 10, n. 10.

Beiguelman, G. (2020). Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana. São Paulo: E Cidade.

Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (CETIC). Resumo Executivo - Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação

e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2020. (2020). Retrieved December 9, 2021.

https://cetic.br/pt/publicacao/resumo-executivo-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2020/

Cover, R. (2021). Identity in the disrupted time of COVID-19: Performativity, crisis, mobility and ethics. Social Sciences & Humanities Open, 4(1), 100175.

Data.ai (2022). Daily Time on Mobile Passes 5 Hours in Q1 2022 Among Top 10 Mobile-First Markets. Retrieved July 11, 2022.

https://www.data.ai/en/insights/market-data/q1-2022-market-pulse-regional/

Deleuze, G.; Guattari, F (1997a). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4, Rio de Janeiro. Editora 34.

Duda, D. L. M., Nishiyama, F. K., dos Santos Moura, G., da Silva, R. A. D., & Silveira, S. O. (2023). A dependência entre o modelo de negócios das ghost kitchens e a logística dos aplicativos de entrega. *Revista Fatec Sebrae em debate-gestão, tecnologias e negócios, 10*(19), 135-135.

Faro, A. C. P. F., De Castro, R. T. S., & Da Silva, N. L. (2022). Avaliação de Estratégias Bioclimáticas aplicadas em Habitação de Interesse Social Pós Pandemia. Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente, 7(2), 161-176.

Grohmann, R. (2020). Plataformização do trabalho: características e alternativas. *Uberização, trabalho digital e indústria, 4*(1).

Haesbaert, R. (2010). O mito da desterritorialização econômica – Do "fim dos territórios" a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Imóvelweb (2020). Busca por imóveis com varanda cresce 128% em junho de 2020. Retrieved October 28, 2022.

https://www.imovelweb.com.br/noticias/imovelweb-index/imprensa/busca-por-imoveis-com-varanda/

Ito, T. (2006). *Arquitectura de límites difusos*. Barcelona: Gustavo Gili.

Junior, F. (2021). Delivery transformou tendência em necessidade e continua em crescimento. Jornal da Universidade de São Paulo.

https://jornal.usp.br/atualidades/delivery-transformou-tendencia-em-necessidade-e-continua-em-crescimento/

La Rocca, F. (2016). Territórios híbridos: conectividade e experiências comunicativas tecnometropolitanas. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, 23(3).

Lindón, A. (2006). La casa bunker y la deconstrucción de la ciudad. Liminar. Estudios sociales y humanísticos, 4(2), 18-35.

Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Barros, M. B. D. A., Gomes, C. S., Machado, Í. E., Souza Júnior, P. R. B. D., ... & Gracie, R. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no

estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde, 29*(4), e2020407.

Marcús, J., BOY, M., Benitez, J., Berardo, M., Marquez, A., Peralta, M. A., & Vazquez, D. (2020). Cambios en los usos y valoraciones de los espacios públicos y privados en la Región Metropolitana de Buenos Aires: la vida cotidiana en tiempos de aislamiento obligatorio por Covid-19. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani.

Santaella, L. (2021). Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet. Paulus Editora.

Sales, E (2022). MÁSCARAS. Revista Estética e Semiótica, v. 12, n. 1. DOI: 10.18830/issn2238-362X.v12.n1.2022.07

SBVC, Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (2022). Radiografia do shopper brasileiro: loja, e-Commerce e metaverso.

https://sbvc.com.br/pesquisas-e-estudos/

Schmid, A. L.; Schneider, G. Z. (2022). Experiência do usuário no espaço de transição. Possibilidades de projeto em Curitiba PR. Arquitextos, São Paulo, ano 23, n. 268.06, Vitruvius, set. 2022. Retrieved October 15, 2022, *https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.268/8603*

Silveira, S. M. L., Rossi, R. A., & Vuono, G. D. D. (2020). Pandemia:(mesmos) modos de morar e trabalhar. Revista Políticas Públicas & Cidades–ISSN, 2359, 1552.

Soares, S., Bonnet, F., Berg, J., & Labouriau, R. (2021). From potential to practice: Preliminary findings on the numbers of workers working from home during the COVID-19 pandemic. ILO policy brief WCMS, 765806.

Tonelo, I., Silva, L. M., & Framil Filho, R. (2022). Os trabalhadores em meio à Covid-19 no Brasil: flexibilidade, precariedade, e a mobilização internacional. Sociologias, 24,140-168.

R43

SALVE O TEU CARNAVAL1: URBAN TRANSFORMATIONS AND MEMORY IN MOMO CELEBRATIONS IN OLINDA (PE)

SALVE O TEU CARNAVAL: TRANSFORMAÇÕES URBANAS E MEMÓRIA NOS FESTEJOS DE MOMO EM OLINDA (PE)

Julia Medeiros Alves
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina
julia.m.alves@posgrad.ufsc.br

Maíra Longhinotti Felippe
Doutora em Tecnologia da Arquitetura
Universidade Federal de Santa Catarina
mairafelippe@gmail.com

1 "Salve o teu carnaval!" is part of the anthem of the association "Elefante de Olinda". It's an ode and a hail to Olinda's carnival, but salvar in Portuguese also works as a cry to safeguarding heritage, to saving the carnival.

ABSTRACT
The city can be seen as a form of language that allows the projection of individual experiences and the creation of collective imaginaries. The Olinda Carnival exemplifies this characteristic, linking heritage preservation to the identity and memory of the inhabitants. This study investigated the transformations in Olinda Carnival, focusing on cultural practices, participation of revelers and traditions. The research explored the memory of carnival through a layered narrative, revealing the city as a field of meanings where human interactions and individual experiences intertwine. It was evident that the Olinda Carnival is undergoing transformations, but maintains a strong emotional relationship between places, associations, residents and revelers, functioning as a practice of resilience and cultural continuity.

KEYWORDS: Autoethnography. Historic sites. Cultural heritage. Street party. Social space.

RESUMO
A cidade pode ser vista como uma forma de linguagem que permite a projeção das experiências individuais e a criação de imaginários coletivos. O Carnaval de Olinda exemplifica essa característica das cidades, ligando preservação do patrimônio à identidade e memória dos habitantes. Este estudo investigou as transformações no Carnaval de Olinda, focando nas práticas culturais, participação dos foliões e tradições. A pesquisa explorou a memória do carnaval através de uma narrativa em camadas, revelando a cidade como um campo de significados onde interações humanas e vivências individuais se entrelaçam. Ficou evidente que o Carnaval de Olinda passa por transformações, mas mantém uma relação afetiva forte entre lugares, agremiações, residentes e foliões, funcionando como uma prática de resiliência e continuidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Autoetnografia. Sítios históricos. Patrimônio cultural. Festa de rua. Espaço social.

1. INTRODUÇÃO
A cidade, enquanto construção urbana, pode ser considerada uma forma de linguagem que possibilita a projeção das instâncias existenciais do indivíduo, permitindo a criação e expressão dos imaginários coletivos e individuais. Através da arquitetura, a cidade se revela como um texto aberto, convidando os indivíduos a interpretar e decifrar sua linguagem visual, simbólica e emocional. É por meio dessa linguagem urbana que os habitantes e visitantes podem criar conexões afetivas com o ambiente construído, atribuindo-lhe significados e dando forma às suas próprias histórias (Lefebvre, 1991).

Assim, a cidade adquire uma dimensão poética, na medida em que se torna um palco para as experiências humanas, um lugar onde os sentimentos e as experiências

individuais se entrelaçam com a memória coletiva e a vida urbana, construindo uma narrativa complexa e dinâmica que é constantemente reescrita e reinventada pelos seus habitantes. Nesse contexto, a compreensão da cidade como uma forma de linguagem que abriga as experiências humanas e as memórias coletivas está intimamente associada ao campo da fenomenologia, que propõe que a realidade se revela por meio da vivência individual, sendo que cada indivíduo possui uma relação única e pessoal com o mundo ao seu redor (Husserl, 2012).

A fenomenologia nos convida a refletir sobre como a cidade é experimentada e vivenciada pelos indivíduos, considerando não apenas os aspectos físicos e arquitetônicos, mas também as dimensões emocionais, simbólicas e culturais presentes no espaço urbano. Por meio dessa abordagem, podemos compreender a cidade como um campo de significados e sentidos, onde as interações humanas e as vivências individuais se entrelaçam, formando uma realidade única e multifacetada (Merleau-Ponty, 2018).

Tal abordagem, que coloca o corpo e os sentidos como formas de considerar o espaço vivido, se encontra na essência dos estudos sobre ambiência urbana, que toma o espaço como contexto sociotemporal apreendido pelos sentidos e vem apresentando interesse crescente nos estudos dos espaços habitados (Thibaud, 2012). Essa perspectiva é utilizada por Tourinho e Rodrigues (2020), ao enxergar as relações entre cidade, memória e sociedade como uma nova conduta no campo do patrimônio cultural. As autoras defendem que a elucidação sobre avanços e limites da prática de construção do patrimônio como meio de memória social ocorre na intersecção da globalização, da democratização e da conquista dos direitos sociais.

O município de Olinda, em Pernambuco (PE) é uma das mais antigas cidades-patrimônio do Brasil, inscrita em 1968 nos Livro do Tombo Arqueológico, etnográfico e paisagístico, Livro do Tombo Histórico e Livro do Tombo das Belas-Artes, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Elevada à categoria de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco em 1982, tem como característica marcante ser um dos principais pólos carnavalescos do Brasil (Harchambois & Pontual, 2007).

A principal característica do Carnaval de Olinda é a participação da população na organização e gozo da festa. A participação popular foi enfatizada e instrumentalizada com a publicação da Lei Municipal nº 5.306/2001, conhecida como a Lei do Carnaval. Harchambois e Pontual (2007) afirmam que o caráter participativo das decisões acerca das festividades, com brincadeiras espontâneas desregradas, sem a presença de passarelas ou júris, são aspectos essenciais e emblemáticos do Carnaval de Olinda.

Esse é também, e principalmente, um momento de encontro e celebração coletiva em que as pessoas se misturam, compartilham sorrisos, abraços e brincadeiras, dançam, cantam, celebram a folia. É uma experiência que transcende o individual e se torna parte da identidade da cidade, onde cria-se um a ambiência urbana marcada pela sensação de pertencimento, pela conexão entre desconhecidos e pelas sensações

compartilhadas, como preconizado por Thibaud (2018). Em seus estudos sobre ambiência urbana, o autor busca questionar e desconstruir a divisão tradicional entre sujeito e lugar. Tal visão se faz pertinente para o presente trabalho, uma vez que o Carnaval de Olinda só é como é pelas relações entre as pessoas que o fazem e o ambiente no qual se vive.

Em reconhecimento à sua importância para a identidade da cidade e do povo pernambucano, o Carnaval de Olinda foi tombado em esfera estadual como Patrimônio Cultural e Imaterial de Pernambuco por meio da Lei nº 13.778/2009, tendo como objetivo promover o reconhecimento e a valorização das referências e práticas culturais, formas de expressão e dos espaços onde essas práticas estão contidas. O tombamento concorda com o conceito patrimonial defendido por Vinhas (2013, p. 152), em que "*a patrimonialidade não provém dos objetos, mas dos sujeitos*". A preservação se ancora na cidade, cujas culturas se desenvolvem e se firmam, cujos indivíduos se identificam e rememoram (Assumpção & Castral, 2022).

Porém, mesmo após vários anos após a publicação da Lei nº 13.778/2009, o Carnaval de Olinda ainda não teve seu inventário registrado no Programa Estadual de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de Pernambuco, instrumento garantidor de direitos culturais a nível estadual, o que compromete o desenvolvimento de estratégias de salvaguarda (FUNDARPE, 2023). Para que se efetive o registro é necessário a realização de pesquisas sobre os mais diversos temas que envolvem o bem, como a identificação da comunidade detentora, além de verificar ainda como esse bem cultural se mantém na atualidade e com o que mais ele se relaciona, a exemplo, com os ambientes naturais ou construídos, entre outros aspectos.

Isso posto, o objetivo principal deste estudo foi averiguar as transformações no festejo de momo no que tange práticas culturais, participação dos foliões e tradições associadas ao carnaval de Olinda (PE), a partir da imersão e análise da ambiência urbana durante os meses de janeiro e fevereiro no Sítio Histórico de Olinda (SHO) e da construção de uma narrativa em camadas com outros agentes relacionados ao evento.

2. METODOLOGIA

Esta foi uma pesquisa qualitativa e descritiva de abordagem multimetodológica, à luz da percepção ambiental, que, a partir da interpretação e construção de significados ambientais, buscou explorar os processos de apropriação e de identificação dos espaços (Günther et al., 2008). A autoetnografia foi a base para empreender um percurso auto reflexivo e analítico a partir das experiências e ações de diferentes sujeitos em relação e interação ao ambiente urbano durante o carnaval de Olinda (Ellis & Bochner, 2006).

Os dados utilizados nesse estudo foram coletados a partir de diversas técnicas, como Autobiografia Ambiental (Elali & Pinheiro, 2008), Diário de Campo (Pinheiro

et al., 2008) e entrevistas semiestruturadas com diferentes atores sociais, como folião local, folião turista, fazedor de cultura e especialistas do SHO (Günther, 2008). Após a coleta dos dados, estes foram sistematizados de forma a encontrar unidades de análise que serão submetidas à Análise Temática (Braun & Clarke, 2006), de forma reflexiva orientada pela Psicologia Ambiental, a fim de identificar elementos simbólicos e representações espaciais relevantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Autobiografia Ambiental e diários de campo

Nesse tópico, a autora principal (A) se dedica a relatar, de maneira retrospectiva e seletiva, suas vivências relacionadas ao Carnaval de Olinda. A autora brincou vários carnavais, mas serão focados os relatos dos anos que foram mais significativos para o debate sobre as transformações no festejo. Em 2003, a autora viveu seu primeiro Carnaval em Olinda:

> Eu já tinha ido para Olinda e já tinha visto outras festas de rua, como os Papangus de Bezerros, mas nunca tinha visto tanta cor e gente junta [...]. O frevo que estava rolando nas ruas de Olinda era muito mais potente. Muito mais "fervido". [...] Lembro que tinha parado para lanchar quando alguém disse "lá vem o Elefante!" [...] Eu senti meu corpo vibrar como nunca antes, era como se tivesse um motor dentro de mim. As pessoas cantavam a plenos pulmões, batendo palmas com os braços para o alto. Era tudo tão forte que até a casa parecia se mexer ao som do Hino do Elefante. E ali, a partir daquela pequena janela, nasceu uma foliã. (A, 2003, F, 7 anos de idade na época)

É conveniente comentar sobre o fato, pois a vivência transformou o olhar sobre a cidade e sobre o carnaval. Após aquele carnaval, ainda como expectadora através de uma janela, Olinda ganhou um lugar na memória e imaginário que logo evoluiu para o estabelecimentos de laços afetivos que continuaram por muitos anos.

Ainda que limitada por estar apenas como observadora, a interação sensorial com o espaço, através das cores e dos sons do frevo, contribuiu para a criação de um vínculo afetivo com o lugar e a construção da identidade cultural da autora. É possível depreender que essa vivência foi o início de uma relação topofílica da autora com o Sítio Histórico de Olinda (Tuan, 1974).

O ano de 2015 foi marcante por ser o primeiro ano em que a autora pode se aventurar nas ladeiras, sem estar sob o teto e olhares de familiares. O contraste entre as vivências se dá não apenas em razão da idade e maior liberdade, mas principalmente a partir da interação direta com o ambiente físico e social durante o carnaval:

> [...] Olinda parece ainda mais caótica. Agora que saio andando pelas ladeiras, noto coisas que não via antes. O carnaval da janela é muito diferente do carnaval

> no paralelepípedo, debaixo do sol quente [...], mas [brincar na rua] é maravilhoso. Ouso dizer que incrível, no sentido mais literal na palavra. Parece que tudo era um sonho. Tantas coisas ao mesmo tempo, é como se você estivesse sempre perdido, mas concomitantemente, está no lugar certo. Cheiros (nem todos agradáveis), cores, sabores... Ruas que mudam completamente com a multidão. Nunca vi a Rua do Amparo tão lotada! A Travessa Bertioga, antes apenas um caminho, virou um refúgio, um local de descanso [...] (A, 2015, F, 19 à época)

A percepção do lugar foi transformada, a cidade palco de encontros, reencontros e novas relações e a autora passou a ver Olinda não apenas como parte integrante de sua identidade pessoal, mas de uma identidade coletiva. E não apenas ver, mas sentir na pele. O vínculo afetivo que se inicou muitos anos antes foi fortalecido. Ao ser capaz de caminhar e pular pelas ladeiras, a relação com o espaço e aumento das relações interpessoais ligadas ao contexto urbano contribuiu para sensação de pertencimento, criando uma rede coletiva de memórias que, aliado com as experiências sensoriais presentes no festejo, fez com que a autora encontrasse na cidade alta uma nova ambiência, característica do carnaval (Thibaud, 2018).

No ano de 2020, a autora saiu no dia dO Elefante (Figuras 1 e 2), vivenciando como as memórias e emoções do passado se entrelaçam com novas experiências e criando uma continuidade na relação com o ambiente durante o período carnavalesco. A persistência de muitas agremiações tradicionais como "O Elefante", "Marim dos Caetés", "Pitombeira", "Cariri Olindense", "Mulher do Dia", entre tantos outros blocos famosos, a ausência de "O Caneco Do Cachorro" e chegada de novas troças, como "Coveiros em Folia", sempre ligadas a acontecimentos da cidade e do cotidiano de determinados grupos de pessoas, reforçam a identidade coletiva e a transformação constante do espaço carnavalesco. Essa dinâmica urbana que acontece de maneira coletiva, em eterno movimento, sendo um processo jamais estático e invariável, reforçou o Carnaval de Olinda como um fenômeno de ambiência (Thibaud, 2018).

Figuras 1 e 2. "O Elefante passando pelo Bar do Peneira" e "Eu Acho É Pouco nos Quatro Cantos de Olinda".
Nanquim sobre papel.
Fonte: Julia Medeiros Alves (2020) e Mont'Elberto, respectivamente.

As transformações no carnaval ocorrem ano após ano, mas talvez pelo hiato que se formou devido à pandemia do corona vírus e a não participação da autora no carnaval de 2023, elas tenham ficado mais evidentes ao percorrer as ruas de Olinda neste ano em específico. É preciso salientar que o carnaval é um fenômeno vivo e estar em constante mudança é parte da sua essência. A observação crítica da autora sobre a mudança percebida parte da transformação nas políticas públicas e nas práticas culturais que moldam o carnaval de Olinda geradas por agentes externos à comunidade da cidade alta.

O ponto de maior impacto no carnaval de 2024 foi a mudança na paisagem sonora. Um momento de silêncio incomum no meio do carnaval destaca a ausência de orquestras itinerantes, uma mudança atribuída à falta de apoio da prefeitura:

> [...] Estávamos em pleno Quatro Cantos, na calçada do Bar do Peneira, e estava silencioso. Isso mesmo, silêncio no carnaval de Olinda. Já tinha uns 10 minutos que passara uma bateria [...]. Mas naquele momento, não havia batuque de alfaia, pandeiro, caixa ou zabumba, soprada de trombone ou trompete, chacoalhar de xequerê ou ganzá. Foram 20 longos minutos até que ouvimos música na rua de novo. O resto do dia foi mais agitado, mas naquele momento entre o Acho É Pouco e a passagem do Samba Soul Delas, o Quatro Cantos estava muito tranquilo, muito quieto. Nem parecia sábado de Carnaval. Depois, encontrei um amigo no Trinca de Ás que me falou que a prefeitura não apoiou orquestras itinerantes esse ano [...]. (A, 2024, F, 27)

Porém o estranhamento não foi só com a ausência de música, mas também com sua presença em alguns pontos:

> [...] Notei que em plena [Rua] Prudente de Morais e também na [Rua] Treze [de Maio], alguns estabelecimentos estavam colocando som mecânico bem alto, que, além de entrar em conflito com os músicos de rua, lembro-me ser contra A Lei do Carnaval, que vimos nas aulas de patrimônio. Aliás, lembro-me que a vibração causada por música intensa pode vir a danificar o patrimônio edificado [...]. (A, 2024, F, 27)

Vilarinho (2023), corroborada pela fala de foliões locais, fazedores de cultura e outros especialistas entrevistados no presente trabalho, constatou que justamente o som mecânico é o maior ponto de insatisfação entre os moradores do SHO, que aliado ao progressivo baixo investimento nas orquestras, músicos e agremiações, vem contribuindo para uma descaracterização da paisagem sonora carnavalesca.

Para a autora, a substituição da música ao vivo por som mecânico indica uma possível erosão da autenticidade cultural e um impacto negativo na preservação do patrimônio, seja edilício ou imaterial. Além da percepção sobre a paisagem sonora, na manhã do sábado a autora teve a impressão de que o ambiente estava mais

esvaziado que o comum. À tarde, porém, Olinda parecia ter mais pessoas do que em qualquer outro ano que ela participou do festejo. Blocos que normalmente eram menores, estavam lotados, quase como os blocos tradicionais. Tal percepção, no entanto, não teve valoração positiva ou negativa para a pesquisadora.

3.2 Entrevistas semiestruturada

Uma vez que experiências pessoais são também compartilhadas com outros membros de determinado contexto social, convém abordar como estes outros membros percebem e vivenciam os eventos narrados pela pesquisadora. As lembranças de um indivíduo são influenciadas pelos grupos dos quais ele faz parte, resultando em tantas memórias quantos forem os grupos com os quais se relaciona, sendo a memória um elemento essencial na formação da identidade, seja individual ou coletiva (Le Goff, 1992).

Ao todo foram entrevistadas 67 pessoas entre 19 e 83 anos de idade, sendo 20 foliões locais; 17 foliões turistas; 17 fazedores de cultura, dentre passistas, músicos, artesãos, bonequeiros e dirigentes de blocos; e, por fim, 4 especialistas que estudam patrimônio urbano e edilício, habitação, relações sociais ou o carnaval *per si* dentro do recorte do Sítio Histórico de Olinda.

Ao realizar a análise temática da relação pessoa-ambiente nas entrevistas, foi constatado que os temas que emergiam e que eram mais prevalentes variavam entre os atores. Entre os foliões locais, surgiram os seguintes temas, em ordem de expressividade: Manifestação Sociocultural; Territorialidade; Relações interpessoais; Emoções e Afetividade Ambiental; Espaço urbano; Paisagem; Patrimônio Edificado; e Sensações.

Com exceção de apenas uma foliã local, todos os demais participantes desse grupo citaram em suas falas elementos relacionados à forma urbana ou arquitetura de Olinda. Os comentários sobre a conformação urbana foram os mais prevalentes e quase em sua totalidade não apenas sobre a forma, mas denotando apego ao lugar e territorialidade. Nas palavras de um folião local: "*a rua tá impregnada na gente*" (P11, 37 anos).

Olinda é muito estreitinha, né? E aí para você perceber a multidão é muito evidente. Quando você olha para as ladeiras e vê aquele tanto de gente, as ruas estreitas, você percebe aquela multidão muito também porque aquele espaço ele né, tipo, enclausurado [...] Eu acho que não tem como desassociar Carnaval de Olinda das ladeiras também, né? (Foliã local, P13, 27 anos)

Já entre os foliões turistas, temos os seguintes temas em ordem de expressividade: Manifestação Sociocultural; Paisagem; Emoções e Afetividade Ambiental; Espaço urbano; Relações interpessoais; e Sensações. Alguns temas, como "Territorialidade" e "Patrimônio Edificado" não apareceram e a expressividade entre os demais temas se alterou, com exceção da Manifestação Sociocultural, que segue como o tema mais forte para os dois tipos de foliões:

> [O Carnaval de Olinda] É uma festa democrática, onde o povo se reúne nas ruas para festejar a vida e celebrar a cultura popular. [...] Eu sinto muita energia e olha que eu nem bebo. Tudo em Olinda dá energia. As músicas, as pessoas com aquelas fantasias coloridas. As casas também, coloridinhas, muito fofas [...]. (Foliã turista, P3, 44 anos)

Ambos os tipos de foliões ressaltaram fortemente elementos da paisagem visual e sonora do carnaval de Olinda. Suas memórias estavam muito ligadas à experiências no grupo com o qual estavam brincando e à superação de maneira irreverente de adversidades que surgiam (Figuras 3 e 4).

Figuras 3 e 4. Fotografia das iabás (baianas) do grupo de maracatu de baque virado "Piaba de Ouro" em frente à Prefeitura de Olinda e do bloco "Tá Calor Nessa Roupa?" próximo à Praça do Carmo.
Fonte: Arquimedes Santos (2024) e Anônimo (2024).

Entre os fazedores de cultura, os temas dos foliões locais se repetiram, com a inserção do tema "Economia", seguindo a ordem de expressividade: Manifestação Sociocultural; Paisagem; Relações interpessoais; Emoções e Afetividade Ambiental; Sensações; Espaço urbano; Economia; Territorialidade; e Patrimônio Edificado.

> [...] A cidade tem uma força, uma identidade cultural ligada ao Carnaval que inclui a necessidade inclusive econômica. O carnaval movimentou R$ 400 milhões esse ano[1], segundo a própria gestão. A gente tem que entender a importância do carnaval pra cidade, porque Olinda tem uma arrecadação muito baixa para sustentar as necessidades do cidadão, então o carnaval é que ajuda a providência de outros serviços para o povo [...]. (Fazedor de cultura, P12, 58 anos)

Diante do exposto pelos respondentes, foi possível perceber a ênfase no festejo como manifestação popular, possuindo ainda um forte vínculo entre tradição e transformação como uma característica marcante do carnaval de Olinda. É muito comum que os frevos, sejam de Olinda ou Recife, reverenciem os lugares, grupos

1 Informação verificada segundo fonte: Ministério do Turismo (2024). Assessoria de Comunicação do Ministério do Turismo. Carnaval atrai foliões e várias cidades do país registram recordes de movimentação turística. *https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/carnaval-atrai-folioes-e-varias-cidades-do-pais-registram-recordes-de-movimentacao-turistica*. Acesso em 27 de maio de 2024

e pessoas que ali vivem, desempenhando o papel de além de animar a festa, ser símbolo de resistência e perpetuidade cultural.

> Talvez essa seja a coisa mais peculiar e fundamental. Tanto o fato de ser mais popular, aberto, como também tradicional, antigo... Uma festa que passa dentro de famílias, de gerações e gerações. Eu acho que isso é fundamental para festa. (Folião local, P11, 37 anos)

> O que hoje é tradição, já foi novo um dia. Hoje não tem Carnaval de Olinda sem Pitombeira ou Elefante, mas antes tinha era o Donzelinhos dos Milagres... Guaiamum na Vara, que passava aqui tocando Marim dos Caetés. É um frevo muito bonito, mesmo dizendo que beleza não é documento... Trinca de Ás é de 80 e tantos! Quando saiu a primeira vez eu já era coroa, como dizem, meu filho já tava era calvo! As coisas mudam e umas que bom que mudam. Vejo mais menina na rua. Antes eu só brincava com meu marido. As moças que iam sem homem ficavam faladas. 'Foi lá fazer o quê?' [...] Mas tem coisa que contiua. Pra mim sempre existiu Cariri e o Homem da Meia Noite e eles são grandes até hoje. (Foliã local, P14, 83 anos de idade)

A construção memória coletiva é fundamental para a identidade dos grupos sociais e para a preservação de suas tradições culturais, como um processo dinâmico e inclusivo, que deve ser pautado em valores e significados múltiplos, sendo um importante critério para o reconhecimento do patrimônio (Lira, 2020). Ainda que alguns blocos não saiam mais, suas músicas e hinos permanecem vivos na memória dos habitantes, sendo cantados e lembrados ano após ano. A memória desses eventos e personagens se mantém através da prática cultural contínua e do envolvimento emocional dos participantes:

> Ah, são muitas transformações [...], mas no carnaval a gente também percebe coisas que continuam. Existem blocos que não saem mais, mas a gente canta o hino. Quando chega ali no Amparo, começa dez de charque e uma latinha, sabe? De Déu. "A folia começa no Amparo... Amparo, Amaro Branco, Quatro Cantos e na Sé..." O bloco não sai mais, mas você ouve isso todo ano, várias vezes. Você imagina quem danado é Gilmar, Mutreta e Niltinho. Isso se não tiver conhecido mesmo, né? Mas mesmo assim você sai por aí cantando os nomes de quem mora ou morava por ali, quem era amigo de Déu [...]. (Foliã local, P15, 37 anos de idade)

Ambos os conceitos de ambiência de Thibaud (2018) e topofilia de Tuan (1974) puderam ser observados nas falas de muitos dos respondentes, que enfatizaram a importância dos laços emocionais e sensoriais com o lugar, contribuindo para a formação de um sentido de pertencimento e identidade, alterando a percepção e o significado dos espaços. Enxergar essa conexão emocional com os lugares, foi fundamental para entender como a memória coletiva e a identidade cultural se entrelaçam e se perpetuam no carnaval de Olinda.

No que tange as entrevistas com as especialistas em patrimônio de Olinda, foi reconhecido por todas o papel do carnaval para identidade e manutenção do patrimônio cultural imaterial da cidade, apesar de divergirem em suas ênfases e abordagens. Há um consenso sobre os desafios enfrentados na gestão e preservação do patrimônio durante o carnaval, mas cada respondente aborda esses desafios de maneiras diferentes, com algumas focando mais em aspectos físicos e outras em aspectos culturais e sociais.

As transformações do carnaval ao longo dos anos são mencionadas por todas, com ênfase variada na privatização, comercialização, e impactos sociais e culturais. Juliana Barreto, especialista na área de Gestão do Patrimônio Cultural, discute de forma mais detalhada os impactos físicos do carnaval nas estruturas históricas, como a construção de mezaninos e adensamento nos quintais, e como isso pode levar a problemas graves como deslizamentos de morros. Fernanda Mello, especialista em Antropologia Social, por sua vez, enfatiza o papel do carnaval de rua como lugar de expressão de segmentos sociais diversos e a importância das causas políticas e sociais promovidas por eles, abordando a questão da privatização sob a discussão da preservação do caráter popular e na resistência dos blocos de rua.

4. CONCLUSÕES

A partir da construção de uma narrativa em camadas com diversas pessoas que vivem e estudam o carnaval e/ou ambiente de Olinda, foi possível explorar as permanências transformações do festejo de momo a respeito das práticas culturais no SHO. Através das vozes dos brincantes, foi possível destacar a riqueza e a complexidade dessa festa, onde cada esquina, cada frevo, cada troça conta uma parte da história, fazendo do carnaval de Olinda não apenas um evento, mas um patrimônio cultural imaterial de imensurável valor.

Atualmente, a constatação da significância cultural é fundamental para a salvaguarda do patrimônio, pois ela envolve a compreensão e valorização dos valores e significados atribuídos a um bem cultural pelos diversos atores sociais que interagem com ele, em um processo de revisão constante (Lira, 2020). Isso assegura que o patrimônio cultural continue a ser relevante e significativo para as gerações presentes e futuras, mantendo vivos os laços emocionais e as identidades culturais que ele representa. Assumpção e Cabral (2022) ressaltam que é a partir desse sentir e desse processo de constituição social que o sujeito cria uma identidade e passa a se envolver coletivamente, lutando pela sobrevivência de sua cultura e memória coletiva.

Por fim, afirma-se que o Carnaval de Olinda, com suas transformações e continuidades, é um testemunho da resiliência e adaptabilidade da cultura local. Ele mostra como a memória coletiva é essencial para a continuidade cultural, permitindo que as novas gerações se conectem com o passado enquanto criam novas tradições. Assim, a festa de Olinda não é apenas uma celebração momentânea, mas um elo contínuo

que une passado, presente e futuro, fortalecendo a identidade cultural e a memória coletiva dos seus participantes.

5. BIBLIOGRAFIA

Assumpção, A. L., & Castral, P. C. (2022). Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. *Revista Memória em Rede, 14*(27), 6-32.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology, 3*(2), 77-101.

Elali, G. A., & Pinheiro, J. (2008). Autobiografia ambiental: buscando afetos e cognições da experiência com ambientes. Em: Günther, H & Pinheiro, J. Q. *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 217-251). Casa do Psicólogo.

Ellis, C. S., & Bochner, A. P. (2006). Analyzing analytic autoethnography: An autopsy. *Journal of contemporary ethnography, 35*(4), 429-449.

Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE). (2023). *Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais*. (4a Edição). Recife, PE, Brasil.

Günther, H. et al (2008). A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações. Em: Günther, H & Pinheiro, J. Q. *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 53-74). Casa do Psicólogo.

Günther, I. A. (2008). O uso da entrevista na interação pessoa-ambiente. Em: Günther, H & Pinheiro, J. Q. Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente (pp. 369-380). Casa do Psicólogo.

Harchambois, M. A. & Pontual, V. (2007). *As ameaças do Carnaval de massa ao patrimônio de Olinda*. Centro de Estudos Avançados de Conservação Integrada (CECI).

Husserl, E. (2012). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.* Ideias & Letras.

Le Goff, J. (1992). *História e Memória. 2ª Edição. Editora da UNICAMP.*

Lefebvre, H. (1991). *The Production of Space.* Blackwell.

Lira, F. B. (2020). Desafios contemporâneos da significância cultural, integridade e autenticidade do patrimônio cultural: teoria e prática. *Oculum Ensaios, 17*, 1-22.

Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. 5ª edição. WMF Editora Marins Fontes.

Pinheiro, J. et al (2008). Diário pessoal como técnica de coleta de dados em estudos sobre as relações pessoa-ambiente. Em: Günther, H & Pinheiro, J. Q. *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 281-311). Casa do Psicólogo.

Thibaud, J. P. (2012). A cidade a través dos sentidos. Cadernos Proarq. *Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq*, (18), 1-16.

Thibaud, J. P. (2018). Ambiência. Em: Cavalcante, S., & Elali, G. A. *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 13-25). Editora Vozes Limitada.

Tourinho, A. D. O., & Rodrigues, M. (2020). Patrimônio ambiental urbano, cidade e memória: uma dimensão política da preservação cultural na década de 1980. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, 28.*

Tuan, Y. (1974). *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values.* Prentice Hall.

Vilarinho, J. C. B. (2023). *Pais do carnaval: Um olhar através da indissociabilidade entre o festejo e os moradores do Sítio Histórico de Olinda.* Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco.

Viñas, S. M. (2003). *Teoria contemporânea de la Restauración.* Síntesis

6. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os participantes da pesquisa, em especial aos membros e amigos do grupo “É Frevo, Meu Bem!”, membros da Sociedade Olindense de Defesa da Cidade Alta (SODECA) e ao artista Reginaldo da Paz, que foi também um dos homenageados do Carnaval de Olinda no ano de 2024. Juntos, somos muitos!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

R43

DIALOGUES BETWEEN REGENERATIVE ARCHITECTURE AND THE DEMANDS OF THE FIELD

DIÁLOGOS ENTRE ARQUITETURA REGENERATIVA E AS DEMANDAS DO CAMPO

Fernanda Barcellos
Arq. & Urb., mestranda em Design
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPDESDI
fbarcellos@esdi.uerj.br

André Carvalho
Arq. & Urb., Professor, Doutor
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPDESDI
alcarvalho@esdi.uerj.br

ABSTRACT

The growing interest in the concept of regenerative architecture presents itself in contemporary discourse as a potential paradigm shift in the field of architecture, with projects aimed not only at minimizing environmental and social impacts but also at regenerating ecosystems and communities. Thus, the objective of this article is to reflect on and explore the intersections between regenerative architecture and the demands of the fields of architecture and urbanism, considering the current socio-environmental emergencies that resonate in contemporary productions. Through a theoretical and critical review of bioclimatic strategies, place valorization, participatory design, end studies on ambiances, this study seeks to reflect on how regeneration can contribute to the transformation of the discipline. The theoretical reflection revealed that the regenerative approach offers a relevant alternative to meet the field's demands, promoting a critical, engaged architecture committed to contemporary values of social, economic, and environmental responsibility.

KEYWORDS: contemporary architecture. regenerative architecture. sustainability. place. Ambiances.

RESUMO

O crescente interesse sobre o conceito de arquitetura regenerativa se apresenta, no debate contemporâneo, como uma possibilidade de mudança paradigmática no campo da arquitetura, com projetos que visam não apenas minimizar impactos ambientais e sociais, mas também regenerar ecossistemas e comunidades. Assim, o objetivo deste artigo é refletir e buscar aproximações entre a arquitetura regenerativa e as demandas do campo da arquitetura e urbanismo, considerando às emergências socioambientais do presente que reverberam nas produções contemporâneas. A partir de um levantamento teórico e crítico sobre estratégias bioclimáticas, valorização do lugar, projeto participativo, e os estudos sobre ambiências, busca-se refletir como a regeneração pode contribuir para a transformação da disciplina. A reflexão teórica revelou que a abordagem regenerativa oferece uma alternativa relevante para atender às demandas do campo, promovendo uma arquitetura crítica, engajada e comprometida com os valores contemporâneos de responsabilidade social, econômica e ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura contemporânea. arquitetura regenerativa. sustentabilidade. lugar. ambiências.

1. INTRODUÇÃO

A noção de regeneração tem sido difundida no setor construtivo e na arquitetura, nas últimas décadas, como uma alternativa ao modelo convencional de construção, fundamentada na necessidade de repensar as práticas projetuais e de considerar os impactos causados no meio ambiente e a valorização dos aspectos locais. O termo "design regenerativo" foi cunhado pelo arquiteto, paisagista e ambientalista John Tillman Lyle. Baseado na proposta da década de 1940 de agricultura regenerativa de Robert Rodale, a pesquisa do arquiteto culminou na publicação do seu livro *Regenerative Design for Sustainable Development*, em 1994, originando as bases teóricas e projetuais do design regenerativo (Miller, 2012; Du Plessis, 2012; Charanya; Jeyaradha, 2023).

O crescimento da temática sobre arquitetura regenerativa pode representar uma mudança no paradigma do campo da arquitetura, onde há uma crescente conscientização e interesse em projetos que buscam, não apenas fugir de uma lógica mercadológica e estética e minimizar impactos ambientais e sociais, mas também regenerar e restaurar ecossistemas e comunidades. Dessa forma, torna-se relevante refletir como o discurso socioambiental repercute na produção arquitetônica e como a arquitetura regenerativa pode ser uma possível abordagem, diante dos desafios climáticos e da compreensão de múltiplas realidades sociais, econômicas e culturais. Assim, o objetivo deste artigo é refletir e buscar aproximações entre a arquitetura regenerativa e as demandas do campo da arquitetura e urbanismo, considerando às emergências socioambientais do presente que reverberam nas produções contemporâneas. A partir de um levantamento teórico e crítico acerca da adoção de estratégias bioclimáticas, a valorização do lugar, das relações existentes e do projeto participativo, assim como os estudos e teorias sobre ambiências, buscou-se refletir como a regeneração pode vir a contribuir para os caminhos futuros da disciplina.

O artigo fundamenta-se em diversos arquitetos e teóricos, como Pâmela Mang, Bill Reed, Raymond J. Cole e Jacob Littman para discutir os princípios da arquitetura regenerativa. Além disso, dialoga-se com o arquiteto Josep Maria Montaner e a condição da arquitetura contemporânea para abordar a crescente valorização da arquitetura informal e sustentável. Também, compreende-se a importância de dialogar com o conceito de "evento" do geógrafo Milton Santos, no qual contribui para uma compreensão mais profunda das relações espaciais, ambientais, sociais, econômicas e culturais no processo de projeto. A partir de Jean-François Augoyard, Gernot Böhom, Cristiane Rose Duarte e Jean-Paul Thibaud torna-se relevante refletir sob a ótica das ambiências, considerando sua ênfase na compreensão da experiência e dos aspectos do lugar, a noção de pertencimento e a construção de significados e experiências compartilhadas. Já a ênfase de Pedro Jacobi na necessidade de repensar os paradigmas existentes está diretamente relacionada à abordagem regenerativa e à busca por uma mudança paradigmática no desenvolvimento de projetos.

Para explorar o tema proposto, o procedimento metodológico adotado consistiu em três fases: levantamento bibliográfico sobre arquitetura regenerativa; levantamento bibliográfico e análise das demandas socioambientais da arquitetura contemporânea e suas aproximações com as teorias sobre ambiências; e reflexão teórica e crítica sobre o tema.

2. ARQUITETURA REGENERATIVA: UMA NOVA ABORDAGEM

Os termos 'design regenerativo' e 'arquitetura regenerativa' são, relativamente, recentes no campo do planejamento e do projeto, resultando na tendência de cada pesquisador apresentar sua própria interpretação conceitual.

John Tilmann Lyle, arquiteto e criador do termo, evidencia que a ideia de design regenerativo pode ser definida como a substituição do atual sistema linear de fluxos de produção humana por fluxos cíclicos em fontes de materiais, centros de consumo e resíduos gerados pela construção (Lyle, 1994). Esta definição está alinhada a compreensão de Lyle do sistema regenerativo. Portanto, seu entendimento está pautado pela mudança de pensamento das abordagens de projeto, no qual a relação com o lugar se estabelece como base fundamental para o seu desenvolvimento.

Desde a contribuição de Lyle, o termo evoluiu dos modelos *whole system* de interação com o lugar, para incluir também os sistemas culturais (Du Plessis, 2012). Segundo a advogada Pamela Mang e o arquiteto Bill Reed (2012, pág. 36) "o pensamento regenerativo redefine o ambiente construído – da antiga definição centrada na construção para uma que inclui as relações entre edifícios, infraestruturas e sistemas naturais, bem como a cultura, a economia e a política das comunidades".

O arquiteto estadunidense Jacob Littman (2009) define a arquitetura regenerativa como a prática de integrar o mundo natural como forma de produzir arquitetura. Assim, a área construída torna-se um aparato responsivo aos condicionantes locais, no qual prioriza-se as relações entre o meio ambiente e as relações humanas existentes. Portanto, ao considerar a crescente disseminação sobre a arquitetura regenerativa e sua proposta de reflexão e atualização de teorias e práticas do campo, instiga-se a refletir como essa proposta dialoga com a produção e os debates contemporâneos, diante dos desafios socioambientais do presente.

3. ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA FRENTE ÀS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

Na historiografia da arquitetura, desde o final do século XX, aproximadamente entre 1970 e 1995, até os dias atuais, configura-se o período denominado arquitetura contemporânea (Ghirardo, 2002). Segundo a arquiteta, professora e autora

americana, Diane Ghirardo, a produção deste período também pode ser chamada de "pós-moderna", marcada por uma arquitetura que se diferencia do período anterior – modernismo. Em relação a principal diferenciação entre esses períodos, Ghirardo disserta que:

> Enquanto as forças da modernização de início do século XX tendiam a obscurecer diferenças locais regionais e étnicas, o pós-modernismo concentra-se precisamente nessas diferenças e traz para primeiro plano o que fora marginalizado pelas culturas dominantes. (Ghirardo, 2002, p. 2)

De acordo com Ghirardo (2002), o conceito de arquitetura pós-moderna ainda é diversificado e instável. E, na busca por uma compreensão deste período, o arquiteto e historiador catalão, Josep Maria Montaner, examina as características mais distintivas da arquitetura atual em seu livro *A Condição Contemporânea da Arquitetura,* publicado em 2016. Segundo o autor, dentre os aspectos, conceitos e movimentos, que foram renovados ou surgiram, neste novo século, ressalta o "renascer da crítica radical e engajada na defesa do urbanismo e da arquitetura informal" e "a intensificação da arquitetura ecologicamente sustentável" (Montaner, 2016, p. 8) como alternativas em decorrência dos excessos de certas produções deste período, caracterizadas pelo autor como "arquitetura do desperdício e da ostentação". De acordo com o historiador, a valorização da arquitetura informal e da arquitetura sustentável reagem contra a falta de contexto e a ausência de valores que marca este período.

Na busca por compreender conexões entre a abordagem regenerativa e os desafios socioambientais contemporâneos na arquitetura, pretende-se expandir a análise dos dois aspectos mencionados por Montaner. A intensificação de arquiteturas sustentáveis será investigada a partir do recorte da adoção de estratégias bioclimáticas com o resgate e a ampliação de soluções, para a elaboração de arquiteturas versáteis, resilientes e responsivas ao contexto local. O segundo aspecto, voltado para a crítica e a defesa de arquiteturas informais, será explorado pelo olhar da valorização do lugar e o resgate e ressignificação de culturas e práticas populares, bem como os processos participativos como meio de apropriação e pertencimento da intervenção projetual.

3.1 Estratégias bioclimáticas e regeneração

Conforme destacado por Montaner (2016), a intensificação de práticas sustentáveis na arquitetura tem ganhado destaque na produção contemporânea. Embora essa abordagem não seja recente, a arquitetura bioclimática e a adoção de estratégias passivas e sustentáveis tornaram-se temas recorrentes no campo arquitetônico. O economista e planejador urbano argentino Pedro Jacobi ressalta que a sustentabilidade se tornou uma questão central nas reflexões deste século.

> Dentre as transformações mundiais das duas últimas décadas, aquelas vinculadas à degradação ambiental e à crescente desigualdade entre regiões assumem um lugar de destaque no reforço à adoção de esquemas integradores. Articulam-se, portanto, de um lado, os impactos da crise econômica dos anos 80 e a necessidade de repensar os paradigmas existentes; e de outro, o alarme dado pelos fenômenos de aquecimento global e a destruição da camada de ozônio, dentre outros problemas. (Jacobi, 2003, p. 193-194)

A visão de Jacobi aproxima-se, diretamente, com a abordagem regenerativa e seu princípio fundamental de integração entre os sistemas construtivos, sociais, econômicos e culturais de um projeto e sua localidade, ou seja, sua defesa por uma mudança paradigmática no desenvolvimento de projeto. Em termos práticos, esta característica envolve a busca por estratégicas projetuais, que se adequem aos parâmetros climáticos e geográficos, e a valorização de materiais, da cultura e da economia local.

O projeto da Escola Primária de Gando, desenvolvido por Kéré, é um exemplo da utilização de estratégias adequadas ao clima da região, à disponibilidade de recursos e à viabilidade econômica da construção. Para isso, o projeto da escola utilizou a argila, um material abundante, na região, e tradicionalmente utilizado nas construções das residências. Elaborou-se, então, tijolos estruturais de argila e cimento, fáceis de produzir e capazes de assegurar conforto térmico para o clima quente da região. Nesse projeto, ainda se destaca a construção de um telhado metálico corrugado que se deu por já ser amplamente utilizado pela população e de fácil acesso. Portanto, a escola de Gando é um exemplo de como a boa arquitetura pode ser acessível, com soluções simples e eficazes, adequada à cultura e às particularidades locais, a partir da aplicação de estratégias projetuais que priorizam o conforto e os recursos disponíveis.

A busca da regeneração em aplicar estratégias alinhadas às possibilidades locais e que valorizem materiais e/ou técnicas já existentes, relaciona-se com as teorias sobre ambiências. Segundo o filósofo alemão Gernot Böhme e o filósofo e urbanista francês Jean-François Augoyard - os grandes fundadores desse pensamento - o conceito pode ser definido como a realidade em comum entre o observador e o observado (Böhme, 1993) e a percepção dessa realidade envolve tanto o sentido físico, com suas propriedades materiais, quanto o sentido afetivo e suas influências no sujeito (Augoyard, 1995). Dessa forma, a ambiência caracteriza-se por sua noção transdisciplinar e ressalta a relevância da experiência estética e da sensibilidade perceptiva.

Conforme as arquitetas e pesquisadoras brasileiras Duarte et all (2008), as memórias têm a capacidade de estabelecer vínculos entre o passado, o presente e o futuro de cada indivíduo e o lugar em que se situa, desenvolvendo não só uma história individual, mas também coletiva e, assim como a memória, a identidade de um indivíduo é construída a partir de um suporte espacial. A capacidade de uma ambiência evocar memórias e contribuir na construção identitária, dialoga com o desenvolvimento

de projetos contemporâneos que compreendem a importância de estabelecer conexões entre os usuários e o lugar. Assim, é possível compreender o sucesso do projeto da Escola Primária de Gando a partir do olhar das ambiências. O potencial em desenvolver projetos arquitetônicos que sejam sustentáveis, econômicos e que priorizem a integração com os materiais locais, possibilita contribuir na percepção e reafirmação da identidade local, tanto em aspectos ambientais, quanto sociais. Portanto, a abordagem regenerativa mostra-se alinhada a noção de ambiências por seu caráter integrativo entre o projeto, o lugar e seus usuários, englobando não só aspectos materiais, como também culturais, sociais e econômicos, contribuindo na valorização do lugar e no sentimento de pertencimento do espaço construído.

A premiação de Kéré com o prêmio Pritzker, em 2022, evidencia a crescente valorização de estratégias bioclimáticas na concepção de projetos nos últimos anos. Este fato dialoga diretamente com Ghirardo e sua caracterização da pós-modernidade. Além do caráter sustentável, a arquitetura bioclimática é um meio de valorização dos aspectos regionais, como por exemplo o clima, a vegetação, a geografia e os materiais disponíveis.

Nesse sentido, a abordagem regenerativa relaciona-se diretamente com as ambiências por buscar incorporar atributos locais a partir do entendimento e da valorização das relações existentes e/ou suas potencialidades, por exemplo, a utilização de materiais e técnicas disponíveis e de características espaciais que evidencie a identidade local. Portanto, a estética não é o foco do design regenerativo, e sim o entendimento do lugar e como o projeto pode operar como um sistema vivo, conectado ao seu contexto e em constante interação. Um projeto regenerativo bem-sucedido precisa ser mais do que apenas uma estrutura física.

Para os principais teóricos sobre arquitetura regenerativa, a aplicação de estratégias passivas e a integração com o lugar é um dos princípios fundamentais na elaboração dos projetos. Segundo Littman (2009), a integração e a compreensão do contexto natural e social no projeto arquitetônico, se configuram como características distintivas da arquitetura regenerativa.

Nesta perspectiva, Reed (2007) ratifica com a visão de Littman, ao afirmar que a abordagem regenerativa envolve a busca de uma maior integração entre os diversos sistemas que compõem a edificação. Segundo o autor, a aplicação de sistemas integrados reconhece as interrelações complexas inerentes aos sistemas vivos, seja sistemas naturais, seja sistemas sociais humanos e que vão além das estratégias mecânicas. Segundo Mang e Reed (2012), essa conexão é essencial para criar uma relação de mutualidade, onde o projeto e o lugar beneficiam-se e fundamenta-se, verdadeiramente, em um estado de regeneração.

3.1 Valorização dos aspectos locais

O outro aspecto evidenciado por Montaner (2016, p. 8) diz respeito ao "renascer da crítica radical e engajada na defesa do urbanismo e da arquitetura informal" na produção contemporânea. A necessidade de repensar as práticas arquitetônicas e considerar outras realidades sociais e econômicas, já se estabelece como requisito fundamental.

Segundo os arquitetos Marian Keeler e Bill Burke (2010), todo projeto gera um impacto social e tem a capacidade de melhorar ou até mesmo mudar a dinâmica preexistente. Ao citar o outro aspecto da arquitetura contemporânea, evidenciada por Montaner, é preciso refletir sobre a produção arquitetônica orientada para o social, que envolve não somente seu contexto geográfico, social, cultural, mas também a valorização das relações econômicas e políticas no espaço.

Indiscutivelmente, qualquer intervenção espacial gera efeitos na dinâmica local, regional e até nacional e observa-se, em certas produções arquitetônicas contemporâneas, a busca por potencializar as relações existentes. De acordo com o geógrafo brasileiro Milton Santos, um evento, ou seja, a ação humana sobre a terra, tem a capacidade de gerar outro. Porém nenhum acontecimento origina-se, unicamente, em função de um outro evento. Ou seja, um evento é o produto de diversos outros eventos.

> Um evento é a causa de outro evento, mas o faz pela via do universo, com a intermediação da totalidade, conforme à totalidade. Isto se dá com os grandes fatores globais, como em níveis inferiores e em episódios banais. Uma modificação em um quarteirão afeta outros e não só os vizinhos. Melhorar o trânsito em uma área repercute em outras positivamente ou negativamente, caso não sejam alterados o traçado das vias ou a estrutura do movimento. Criar um sinal luminoso em um cruzamento repercute quilômetros mais longe. (Santos, 1996, p. 162-163)

Seguindo o mesmo pensamento de Santos, é possível pensar no ato de projetar e suas diversas inter-relações. Não existe arquitetura isolada. Assim como o evento, o espaço construído configura-se em sua unidade espacial e individual, ou seja, sua existência física em uma determinada localização geográfica, mas também configura-se como um elemento inter-relacionado e interdependente, seja por pessoas, por valores históricos e culturais, por relações econômicas, por construções circundantes e, até mesmo, a necessidade de saberes de diversas áreas do conhecimento para sua construção. Essa interpretação de arquitetura está alinhada a compreensão de ambiência, uma vez que "é a Ambiência que unifica um suporte espacial e o preenche de significados, num processo de retro-alimentação que nos permite compreender que não percebemos a ambiência e, sim, percebemos de acordo com ela." (Duarte, 2013, p. 3). A partir das interações entre dimensões físicas, sensoriais, sensitivas e psicológicas que um espaço é dotado de significado, ou seja, com caráter dinâmico e ativo.

O arquiteto Jacob Littman ressalta o resgate da interdependência da arquitetura com o lugar entre os debates regenerativos, afirmando que arquitetura é "a arte ou prática de projetar e construir um lugar, por meio da integração do local e edificação" (Littman, 2009, p. 2, tradução e grifo neste artigo). Portanto, ao considerar a existência individual e interrelacional como característica inerente à arquitetura, a reflexão de Littman evidencia a regeneração está alinhada com o pensamento contemporâneo. A partir dessa premissa, projetos contemporâneos que estão orientados para o reconhecimento e valorização das relações espaciais, sociais, econômicas e/ou culturais, evidenciam novos caminhos a serem percorridos pela arquitetura e urbanismo. Um exemplo é o projeto Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras, produzido pelo escritório Natura Futura Arquitectura, no Equador. Além do desenvolvimento em conjunto com a população, a utilização de materiais locais e de fácil acesso, o projeto permite reinterpretar, valorizar e aumentar o vínculo de pertencimento com a construção. Além disso, ao priorizar a mão de obra local, permite transformar a realidade dos moradores da região gerando capacitação e possibilidades de empregos.

A reinterpretação da cultura, das tradições e dos materiais locais não os transformam em universais ou internacionais. Pelo contrário, esses projetos aproveitam as potencialidades disponíveis, no local, em que são desenvolvidos, transformando-os em elementos espaciais que valorizam e autenticam a identidade da comunidade, sua história e suas experiências.

Uma das formas de troca e de valorização das relações e dos aspectos locais, que se destaca cada vez mais, é o desenvolvimento de projetos participativos, ou seja, o envolvimento ativo dos usuários em todo o processo de projeto. Segundo o arquiteto americano, Henry Sanoff (1999), a ideia de participação tem se destacado, no cenário atual, principalmente, em função do programa de participação popular das Nações Unidas determinar a criação de oportunidades de envolvimento político e desenvolvimento regional para todas as pessoas.

Entretanto, Sanoff afirma o surgimento de outra linha de entendimento da abordagem participativa, voltada para a troca de conhecimento, solução de problemas e como meio de complementar o desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos. Nessa nova linha, atribui-se à participação um caráter de dar voz ao usuário, comunicar um maior grau de preocupação na adequação do projeto, possibilitar melhor conservação do ambiente construído, aumentar a satisfação e o pertencimento do espaço, além da possibilidade de ser um meio de formação e contribuição econômica para o lugar (Sanoff, 2000).

Em relação à arquitetura pós-moderna, Montaner reflete sobre o modo vigente de visualizar e projetar arquitetura e a crescente valorização do desenvolvimento de projetos participativos. Em seu livro, *Do diagrama às experiências, rumo a uma*

arquitetura de ação, o autor evidencia como a experiência e os saberes coletivos ganharam espaço nos últimos anos:

> Felizmente, diversas vertentes pós-modernas ajudaram a abrir espaço para a experiência como contraponto ao despotismo da razão e do olhar único, em favor de um tipo de projeto inclusivo que incorpore a perspectiva de gênero, o olhar de e para o "outro" e o objetivo da arquitetura participativa. (Montaner, 2017, p. 13)

Por isso, para Montaner, a essência da arquitetura e do urbanismo não está no "protagonismo dos indivíduos, e sim da coletividade, das relações intersubjetivas no contexto" (Montaner, 2017, p. 14). A visão do autor está fundamentada no pensamento da cientista política e filósofa alemã, Hanna Arendt, e sua dimensão da ação, que segundo a autora, define a condição humana da pluralidade e orienta as relações sociais.

Segundo Arendt (2007), a vida humana determina-se como um processo social e interativo, no qual a ação, a relação, a comunicação são elementos inerentes a vida. Arendt também salienta que a essência do ser humano reside em suas características miméticas e de aprendizado a partir das relações interpessoais. Dessa forma, compreende-se como o projeto participativo, com sua interação e troca de conhecimento, pode ser um elemento de ligação e fortalecimento de vínculos e potencialidades de um território.

Essa questão também pode ser refletida sob a ótica das ambiências. Na visão do sociólogo, urbanista e pesquisador francês, Jean-Paul Thibaud, a ambiência permite compreender diferentes modos de habitar e construir coletivamente.

> A abordagem das ambiências [...] enfatiza a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana. (Thibaud, 2012, p. 9)

Sendo assim, a sensibilidade em criar um ambiente construído alinhado à ambiência existente ou à uma nova ambiência que estabeleça um caráter de pertencimento e de novo sentido de vida dialoga com Reed (2007) e seu entendimento de abordagem regenerativa, envolvendo um processo cíclico com constantes interações e feedbacks entre os usuários e os profissionais de diversas áreas que contribuem no desenvolvimento de projetos arquitetônicos.

Além disso, Montaner busca evidenciar o caráter central da arquitetura. Segundo o autor, a arquitetura e urbanismo são "conhecimentos técnicos e saberes instrumentais em constante transformação" e abandona a ideia de disciplina ou ciência para defini-los, uma vez que "o sentido da arquitetura reside em suas relações com outras áreas

e em sua capacidade de interpretar a realidade e de influir na sociedade" (2017, p. 15). O autor também ressalta a necessidade de atualizar concepções do campo, voltando-se para aproximações entre o espaço e o contexto.

> É necessária uma atualização do vocabulário da arquitetura e do urbanismo de acordo com a sociedade contemporânea, enriquecida pelas exigências do projeto participativo e da ecologia, por novas relações entre o público e o privado, pela arquitetura entendida como um processo aberto, interpretada como um sistema complexo. (Montaner, 2017, pág. 16)

O pensamento de Montaner dialoga com Cole e Du Plessis, na proposta regenerativa, uma vez que o design regenerativo está comprometido na mudança dos paradigmas existentes de crenças e suposições. Segundo Cole, as visões de mundo manifestam-se e impactam em todos os esforços humanos que incluem os "padrões de assentamento e práticas construtivas" (2012, p. 2) e o paradigma da regeneração e da sustentabilidade visa, justamente, estabelecer uma nova dinâmica entre as relações humanas e o mundo. Segundo os arquitetos Du Plessis e Cole, essa nova visão envolve:

> [...] abordar a relação disfuncional homem-natureza, estabelecendo uma parceria co-criativa com a natureza [e visa] restaurar e regenerar o sistema sócio-ecológico global através de um conjunto de práticas de design e engenharia ecológicas localizadas, enraizadas no contexto e nas suas narrativas sócio-ecológicas. (Du Plessis; Cole, 2011, p. 2, traduzido neste artigo)

A partir dessa visão, entende-se como o design regenerativo desafia os padrões atuais de práticas construtivas e de ferramentas de design, com também dialoga com os debates contemporâneos sobre uma nova forma de projetar. O princípio de regenerar e restaurar envolve, colocar em primeiro plano, uma criação conjunta, seja entre profissionais de diferentes áreas, seja entre a população local, seja entre a natureza, integrando diferentes saberes e práticas, a fim de desenvolver um sistema arquitetônico que esteja vinculado com um sistema maior, que dá sentido ao lugar. Portanto, a valorização do lugar e seus atributos, volta a ter ênfase no discurso arquitetônico. Na regeneração, esta questão determina-se como base fundamental para o sucesso de sua visão social e ecológica ao propiciar um novo sentido, restaurar ou potencializar a dinâmica existente.

4. CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou investigar como as questões socioambientais refletem na produção arquitetônica contemporânea e suas correlações com a abordagem regenerativa. Com base na fundamentação acerca das estratégias bioclimáticas e das iniciativas de valorização dos aspectos locais, foi possível identificar correspondências com a abordagem regenerativa e sua conformidade com as demandas do presente.

A reflexão teórica revelou que a abordagem regenerativa oferece uma alternativa relevante para atender às demandas do campo, promovendo uma arquitetura crítica, engajada e comprometida com os valores contemporâneos no comprometimento social, econômico e responsabilidade ambiental. Ao priorizar a colaboração entre diferentes profissionais e comunidades locais, bem como a integração de saberes diversos, essa abordagem busca desenvolver um sistema arquitetônico que esteja intrinsecamente ligado ao contexto local e suas ambiências. A valorização do lugar e seus atributos distintivos assume um papel central no discurso arquitetônico, refletindo uma visão social e ecológica que busca restaurar e fortalecer a dinâmica existente.

5. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Arendt, H. (2007). A condição humana. Forense Universitária.

Augoyard, JF. (1995). L'environnement sensible et les ambiances architecturales. L'Espace géographique, 24(4), 302-318. https://doi.org/10.3406/spgeo.1995.3409.

Böhme, G. (1993). Atmosphere as a Fundamental Concept of a New Aesthetics. Thesis Eleven, 36, 113-126.

Cole, RJ. (2012). Regenerative Design and Development: Current Theory and Practice. Building Research & Information, 40 (1), 1–6. https://doi.org/10.1080/09613218.2012.617516.

Charanya, D. & Jeyaradha, J. (2023). The New Green Regenerative Architecture. IOP Conference Series: Earth and Environmental Science, 1210. https://doi.org/10.1088/1755-1315/1210/1/012025

Duarte, C. R., Cohen, R., Santana, E., Brasileiro, A., de Paula, K., & Uglione, P. (2008). Exploiter les ambiances: dimensions et possibilités méthodologiques pour la recherche en architecture. Actes du Colloque International «Faire une Ambiance», Cresson/École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble.

Duarte, CR. (2013) Ambiências por uma ciência do olhar sensível no espaço. Em J.P. Thibaud, e C.R. Duarte (Ed.), Ambiances Urbaines en Partage. Metis-Presses.

Du Plessis, C. & Cole RJ. (2011). Motivating change: shifting the paradigm, Building Research & Information, 39, (5), 436-449. https://doi.org/10.1080/09613218.2011.582697.

DuPlessis, C. (2012) Towards a Regenerative Paradigm for the Built Environment. Building Research & Information, 40(1), 7–22. https://doi.org/10.1080/09613218.2012.628548.

Ghirardo, D. (2002). Arquitetura Contemporânea: Uma história concisa (1 ed.). Martins Fontes.

Jacobi, P. (2002). Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, 118, 189-205. https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000100008.

Keeler, M & Burke, B. (2010). Fundamentos de Projeto de Edificações Sustentáveis. Bookman.

Littman, JA. (2009). Regenerative Architecture: A Pathway Beyond Sustainability [Master's thesis, University of Massachusetts]. https://doi.org/10.7275/856703.

Mang, P. & Reed, B. (2012). Designing from Place: A Regenerative Framework and Methodology. Building Research & Information, 40(1), 23–38. https://doi.org/10.1080/09613218.2012.621341.

Miller, D. (2012). Regenerative Design: An Exploration of Process, Practice and the Role of Planners [Master's thesis, University of British Columbia].

Montaner, JM. (2016). A condição contemporânea da arquitetura. Gustavo Gili.

Montaner, JM. (2017). Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação. Gustavo Gili.

Reed, B. (2007). Shifting from 'Sustainability' to Regeneration. Building Research & Information, 35(6), 674–680. https://doi.org/10.1080/09613210701475753.

Sanoff, H. (1999). Community Participation Methods in Design and Planning. New York: Wiley.

Santos, M. (1996). A Natureza do Espaço. 4. ed. São Paulo: Edusp.

Thibaud, Jean-Paul. (2012). A cidade a través dos sentidos. Cadernos PROARQ, (18), 1-16.

R43

THE MATERIALIZED LIGHT: SYNESTHESIA, PRESENCE AND ALTERITY

A LUZ MATERIALIZADA: SINESTESIA, PRESENÇA E ALTERIDADE

Nathália Moreira Carvalho
Doutoranda em Ciências da Arquitetura
Proarq / Universidade Federal do Rio de Janeiro
nathalia.carvalho@fau.ufrj.br

ABSTRACT
Based on the lack of theoretical references regarding luminosities that present themselves as materiality, we propose this article, which seeks to conceptualize Materialized Lights and make a brief reflection on the relationships of otherness and presence associated with such luminous materialities. Through a bibliographical review based on authors such as Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty and Hans Ulrich Gumbrecht, we established that Materialized Light, regardless of whether it comes from nature or is produced from it, whether it is a common or extraordinary element, is a certain type of luminosity that imposes itself as a corporeal being. However, it is not something that does not exist prior to the perceiving subject, but from the subject's sensitive perception. We conclude that despite living in an era marked by virtualities that distance us from pure material experience, Materialized Light emerges as a powerful tool to rescue the connection with our physicality.

KEYWORDS: Materialized Light. Synesthesia. Presence. Alterity. Subjectivity.

RESUMO
A partir da carência de referências teóricas a respeito de luminosidades que se apresentam como materialidade, propomos este artigo, que busca conceituar as Luzes Materializadas e fazer uma breve reflexão sobre as relações de alteridade e presença associadas às tais materialidades luminosas. Através de autores como Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty e Hans Ulrich Gumbrecht, estabelecemos que a Luz Materializada, independentemente de origem, funcionalidade ou tipologia, é uma determinada luminosidade que se impõe como um ente corpóreo. No entanto, não é algo que exista anteriormente ao sujeito percebedor, mas a partir da percepção sensível do sujeito. Concluímos que apesar de vivermos em uma era marcada por virtualidades que nos afastam da experiência material pura, a Luz Materializada surge como uma ferramenta poderosa para resgatar a conexão com nossa fisicalidade, o que a faz tão especial.

PALAVRAS-CHAVE: Materializada. Sinestesia. Presença. Alteridade. Subjetividade.

1. INTRODUÇÃO
Quando nos deparamos com o termo "luz", é ao verbo (iluminar) e não ao substantivo (luz) que comumente estabelecemos uma relação imagética direta. Basta pensarmos na luz de uma lâmpada elétrica com a qual lidamos cotidianamente: é energia abstrata, não tem cheiro, é imaterial e praticamente instantânea. Não costumamos nos ater à luminosidade da lâmpada em si, mas àquilo que ela nos possibilita ver. Ainda assim, às vezes somos direcionados a luzes que não se prestam a tornar visível ou iluminado, mas extrapolam a capacidade de chamar atenção do olhar, capturando-o e fixando-o. Pensemos, por exemplo, na chama de uma vela ou em um pequeno

ponto de led em uma sala escura. Essas luminosidades, além de atraírem os olhos, parecem tocar e se deixar tocar como se fossem matéria palpável. Se essas luzes se apresentam de maneira diferente em relação às demais e são percebidas de outro modo, podendo interferir, inclusive, em processos de ressignificação dos espaços, faz-se necessária uma investigação cuidadosa a respeito do assunto, que seja capaz de definir e compreender mais profundamente o que chamaremos aqui de "Luz Materializada". Para tal, a partir de uma revisão bibliográfica baseada em nomes como Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty e Hans Ulrich Gumbrecht, revisitaremos brevemente a década de 1960 visando apontar consonâncias e dissonâncias com o que temos experienciado subjetivamente na contemporaneidade em relação às luzes materializadas. Desse modo, ao tratarmos das luzes materializadas, ampliamos a ideia de percepção, presença e alteridade estabelecidos nos espaços, onde o Outro nem sempre é um sujeito, ainda que possa ser humanizado.

2. A SUBJETIVA E SINESTÉSICA MATERIALIDADE

Nos campos ampliados da Arquitetura e das Artes existem muitos trabalhos dedicados à luz, ou melhor dizendo, à iluminação, mas quando nos deparamos com as luzes que não se dedicam a iluminar, encontramos poucas referências (comumente focadas em determinados artistas, momentos históricos ou tecnologias específicas). Foi buscando compreender essas luminosidades que se fazem visíveis em si mesmas, afetando subjetivamente os sujeitos e o espaço, que propusemos então o termo "Luz Materializada".

Poderíamos ter partido de termos já existentes como *"Solid Light", "Light Art", "Light and Space" ou "Lumia"*, mas todos eles estão vinculados a performances específicas ou determinados períodos históricos. O que vamos tratar aqui como Luz Materializada diz respeito à um tipo de luminosidade que extrapola os limites temporais e classificações ligadas à origem, funcionalidade e técnica lumínicas. Para tal, a primeira coisa a compreendermos são as consonâncias e dissonâncias entre os termos "matéria" e "materialidade".

Quando dizemos que a Luz é capaz de se materializar, não estamos nos referindo ao ato objetivo de "tornar-se matéria" em sentido estrito, mas principalmente afetar e ser afetada como se fosse algo material. Existe aí a sensação de estarmos diante de uma luz que se impõe enfaticamente como se fosse um elemento com massa e peso, e que só existe enquanto ente visível e palpável porque aciona o corpo interagente.

Como ponto de partida, podemos afirmar que a materialidade, diferentemente da substância, é uma qualidade, e como tal se ancora no substantivo matéria. Ao nos referirmos à "qualidade", estamos dizendo que a materialidade diz respeito à valoração de algo. Desta maneira, enquanto atributo, a materialidade requer a existência de pelo menos dois elementos: o sujeito, que qualifica; e a matéria, que seria a ancoragem da imaginação.

Em consonância com Gaston Bachelard (1978; 2018), defendemos existirem ao menos duas abordagens às quais a matéria está sujeita: uma delas é oriunda da alquimia, onde a materialidade se ergue por meio de representações oníricas e poéticas, ligadas à subjetividade. A outra abordagem advém da química, tendo como característica principal a objetividade e a razão. Dentro dessa categoria objetiva, encontramos outra bifurcação: de um lado temos o materialismo realista, pautado na representação espontânea, ao processo empírico e ao senso comum; do outro lado encontramos o caminho das abstrações racionalistas, um materialismo próprio das ciências que têm a razão como base do conhecimento.

Enquanto o materialismo espontâneo julga aquilo que percebe e a racionalização científica abstrai o universo sensível, a camada de representação onírica fica responsável por criar, por meio da imaginação, relações de materialidade. Existe, neste caso, a potência de se materializar, por meio de metáforas e subjetivações, elementos tidos como imateriais. Na atribuição onírica, o que se apresenta aos sentidos é uma matéria conceitual, uma materialidade capaz de afetar diretamente o corpo físico e psicológico. Se os materialismos objetivos tendem a considerar a matéria como algo externo (ainda que o próprio corpo seja matéria), na abordagem onírica, temos uma relação que aproxima objeto e sujeito. Sabemos que as ciências contemporâneas priorizam a racionalidade abstrata e exata; enquanto isso o conhecimento espontâneo continua existindo como senso comum (re)significado a partir da experiência sensível imediata. Por sua vez, o domínio onírico serpenteia os outros dois materialismos por meio dos planos psicológico individual e sociocultural.

Provavelmente a maioria de nós já esteve diante de um palco, acompanhando uma peça de teatro ou cantarolando uma melodia conhecida em uma apresentação musical. É muito comum, nessa situação, vermos fachos luminosos bem definidos destacando determinadas personagens ou objetos do espetáculo. Em alguns momentos, inclusive, temos a sensação de que a luz toca os elementos destacados (ou é tocada por eles). Ainda que saibamos que a luz, enquanto energia imaterial, não pode ser vista por si só sem que haja um meio material (mesmo que minúsculas partículas de vapor ou de fumaça), percebemos esses fachos luminosos como sendo pura luz, sem os associarmos ao contexto material atmosférico. Pelo menos isso é o que normalmente esperamos da percepção humana. Como destacam Böhme e Thibaud (2016), nós não percebermos partículas de poeira luminosa como sendo partículas, mas simplesmente luz, e é então que se instaura a noção de materialidade.

Para a artista Fayga Ostrower (2001, p.31), a ideia de materialidade ultrapassa o sentido de matéria enquanto substância e inclui tudo aquilo que é produzido e transformado pelos indivíduos. Sendo assim, a materialidade não estaria associada somente à fisicalidade de algo, mas principalmente a um plano subjetivo capaz de estabelecer alguma comunicação entre os sujeitos. Existe, nesse sentido, o ponto de vista não somente de quem observa, mas também o ponto de vista daquilo que se apresenta em sua materialidade.

Em consonância com Fayga, os autores Böhme e Thibaud (2016), apresentam a ideia de materialidade também desvinculada da obrigatoriedade do elemento material em si (principalmente pelos processos de criação e percepção), destacando como características inerentes ao termo: a fisionomia, que diz respeito à aparência material; o caráter sociocultural, relacionado à representação; e a percepção sinestésica, que é quando há uma sobreposição de sensações em um mesmo momento como, por exemplo, o tato associado à visão. Segundo Böhme e Thibaud (2016), ao se envolver com a materialidade, mesmo sem haver a existência do elemento material, o sujeito acaba reconhecendo e experimentando sensações como suavidade, firmeza e calor numa experiência de si próprio. Para usar um termo de Merleau-Ponty (2020, p.176), seria uma espécie de "intercorporeidade", ou como propõe Heidegger (2012), um entrelaçamento de corpos em meio às coisas do mundo, onde o sujeito, no tempo presente, toca-se tocando e sendo constantemente tocado por tudo que o cerca. A materialidade, nesse sentido, interfere diretamente na consciência e na imaginação do indivíduo e só existe porque também é imaginada. Temos aqui algo que extrapola o limite do elemento visível para uma relação de reciprocidade entre o sujeito sensível (que percebe e cria), e o ente materializado, entendido como presença que recebe e retribui estímulos sensoriais.

Não precisamos buscar obras luminosas complexas para ilustrarmos a sinestesia que a Luz Materializada é capaz de despertar em nós. Talvez o exemplo mais simples seja o mais efetivo, neste caso. Trata-se da chama de uma vela, que por meio da combustão de diferentes materiais é capaz de desencadear uma experiência sensorial que combina a luz visível com aromas, sons e calor, proporcionando um envolvimento corporal profundo. Inclusive, muitas manifestações artístico-arquitetônicas envolvendo a materialidade da luz surgiram a partir da luminosidade que deixava seus rastros de fuligem, por exemplo os primeiros espetáculos de luz e som em parques da Inglaterra no começo do século XVIII, ou a música visível surgida a partir das velas e placas coloridas do "Clavecin Oculaire" ("cravo ocular"), criado em 1730 por Louis-Bertrand Castel (1688-1757).

Em suma, podemos dizer que a ausência da matéria não aniquila a fisicalidade de que algo possa ser tocado, mas a modifica. A materialidade, associada ao valor das coisas e desvinculada do corpo material, passa a ser uma questão de relações materiais, onde estão intrínsecos a transformação e o movimento. Desse modo, a materialidade se relaciona com o processo de reformulação do senso espacial, tanto quanto reorganiza a experiência que os indivíduos têm de temporalidade, subjetividade e estimulação sensorial, proporcionando outras maneiras de interação e afeto.

A partir do que estabelecemos, podemos afirmar então que a Luz Materializada não diz respeito à luz (imaterial) iluminante com sua funcionalidade de tornar a matéria visível. Apesar de se apresentar como matéria, também não pode ser entendida como uma luz objetificada, como as disponíveis em representações gráficas. Também se

engana quem pensa que a Luz Materializada seja sinônimo da luz materializante (ou materializadora), ou seja, quando a luz se presta a materializar algo externo, como um símbolo, uma coisa ou uma ideia (por exemplo, determinado facho luminoso vinculado à presença divina).

É verdade que associações simbólicas, de memória e de sentido estão atreladas ao processo afetivo da Luz Materializada, mas o que pretendemos enfatizar com o termo proposto é o aspecto háptico da luz sendo percebido sinestesicamente pelo corpo do sujeito no ínfimo instante do presente. Desse modo, estamos nos referindo a uma experiência de presença em que o percebedor e a Luz, afastados de perambulações metafísicas, se tocam sem que haja previamente qualquer julgamento. Trazemos a coisa material para perto (ou dentro) de nós sem, efetivamente, encerrá-la.

3. QUANDO O OUTRO É A LUZ

Se a materialidade diz respeito a uma espécie de comunicação estabelecida por meio da percepção sinestésica, é imprescindível haver nesse processo uma retroalimentação entre o percebido e o percebedor. Isto significa que o corpo da Luz Materializada só o é (um corpo) porque antes há uma sensibilidade que o detecta e responde afetivamente, ou seja, é indispensável que se estabeleça uma relação de alteridade entre o sujeito e a Luz. É essa comunicação entre corpos (inserindo aqui também o corpo subjetivo da Luz Materializada) que desencadeia um materialismo que toca e comove muito além do objeto concreto.

Quando pensamos na Luz Materializada como ente, notamos que ela pode se apresentar e ser percebida por nós, basicamente, de duas maneiras diferentes:

- como um objeto (Luz Materializada Literal): aquelas que se revelam, literalmente, como objetos materiais diante do sujeito percebedor. São um corpo subjetivamente enformado e palpável – uma coisa luminosa.
- como um fenômeno (Luz Materializada Fenomênica): são as luminosidades que se manifestam como um fenômeno que preenche o espaço e envolve o corpo do sujeito. Não são um ponto específico, mas uma espécie de sonoridade que nos toca por inteiro. O efeito, na totalidade, é uma experiência que extrapolava a ordem visual. Nessas propostas o espaço é, geralmente, tomado por luz. Aqui, há um afastamento do objeto em busca do espaço aparentemente vazio, mas preenchido de luz, como uma nova experiência de materialidade, uma arte espacial dedicada à vivência do fenômeno em si mesmo.

A "classificação" do corpo da Luz Materializada como Literal ou Fenomênico surgiu na década de 1960 a partir de propostas artísticas de profissionais que, mesmo discordando, foram agrupados como pertencentes ao Movimento *Light and Space.*

Ao fixarmos esse momento como uma âncora de nossas análises (principalmente pela importância histórica e conceitual dos projetos), podemos expandir a ideia de corpo da Luz – Literal e Fenomênico – para práticas anteriores e posteriores, assim como as próprias Luzes cotidianamente experienciadas pelos indivíduos (oriundas da natureza ou a partir dela).

Fazendo um paralelo com Morris (2009) a respeito das relações de alteridade sujeito-objeto-espaço, ao perceber a Luz Materializada Literal (que faz as vezes de objeto), o sujeito ocupa um espaço próprio, diferente da coisa percebida. Neste caso, a Luz é o Outro, capaz de tocar e ser tocado, mas que se encontra a uma certa distância do Eu.

Dan Flavin foi um dos principais artistas a propor a Luz como objeto durante os anos 1960. A obra "Diagonal of May 25, 1963", que consistia em uma lâmpada fluorescente tubular instalada em diagonal na parede lisa e branca da galeria, apesar de simples e objetiva, transformou a ambiência da galeria ao inserir luminosidades e sombras em um espaço onde até então a luz era usada somente com a finalidade de tornar uma obra visível. Flavin, por meio desse tipo direto de composição, se propunha a transmitir uma presença imediata, sem ilusionismos. Enquanto acesa, a lâmpada transmitia uma presença mágica; apagada, deixava de existir (Farthing, 2011). Assim como a lâmpada de Flavin; temos também como exemplos de Luz Materializada Literal, a projeção "Afrum", de Turrell; a chama de uma vela; um encaracolado fio de neon de Brigitte Kowanz; janelas acesas na paisagem escura; a "luz sólida" de Anthony Mccall; a escultórica composição feita com lâmpadas tubulares por Ann Veronica Janssens ou o tímido e frágil dente-de-leão do Drift.

Por outro lado, quando falamos da Luz Materializada Fenomênica, a luz é o próprio espaço arquitetônico, que por sua vez é o mesmo espaço ocupado pelo sujeito – sem distinção. Aqui, percebemos nosso corpo sendo completamente tocado pelo Outro (neste caso, a Luz). Na primeira situação, quem percebe é quem circunda; na segunda, quem percebe é circundado, coexistindo com aquilo que é percebido.

Para ilustrar as tais Luzes Materializadas Fenomênicas, podemos citar o nascer do sol com sua luz espalhada pelo orvalho; as "salas infinitas" de Douglas Wheeler; a inundação luminosa criada pelo Studio Roosegaarde ou o "*weather project*" de Olafur Eliasson. Mas nada mais justo do que comentarmos sobre os famosos "*Ganzfelds*" de James Turrell. No final dos anos 1960, James Turrell e Robert Irwin iniciaram uma parceria com Edward Wortz, um cientista e psicólogo experimental, para que pudessem estudar juntos uma câmara onde conseguissem manipular completamente o som e a luz sem interferência externa. Criaram os "*Ganzfelds*", campos visuais sem quaisquer objetos, inundados por luz monocromática. O efeito produzido por esses campos era uma infinita expansão de luz que parecia estar materializada. A atmosfera luminosa homogênea criada na sala gerava certa irritação na retina. Como comenta Butterfield (1993), a dificuldade de as pessoas se moverem e se localizarem naquele espaço, criava uma sensação da ausência corporal. A intenção dos artistas

era de provocar no espectador um sentimento de estar se observando vendo aquele espaço, ou seja, uma maneira do sujeito compreender que ele mesmo compunha a realidade daquilo que via. Aqui a percepção era a obra de arte, e não fruto desta.

4. ENTRE VIRTUALIDADES E PRESENÇA

Foi a partir dos anos 1960, que a dualidade materialidade-desmaterialização (ou virtualização) começou a habitar de forma acalorada as discussões nos campos da arte e da arquitetura. De um lado estavam os artistas e arquitetos que realizavam trabalhos voltados a efeitos midiáticos e que se valiam da virtualidade imagética como expressão artística. A Arte Pop, lançada na década de 1950 em Londres pelo *Independet Group* e editada na década seguinte por artistas norte-americanos, foi um exemplo dessa busca pela aproximação do cotidiano banal. Aqui, a intenção não era voltada tanto aos objetos reais e materiais, mas à desterritorialização, à distração, à imagem e à aparência virtual de uma série de apropriações da cultura popular (marcas de produtos, personalidades ou personagens). Os tubos de neon tornaram as cidades e seu apelo comercial ainda mais atraentes. Além disso, a luz passaria a ser considerada uma maneira de virtualização midiática, distraindo, comunicando e vendendo todo tipo de produtos e espaços.

Em contraposição ao universo virtual da Arte Pop, emergia na mesma época, nos Estados Unidos, um outro movimento que se convencionou chamar de Minimalismo, e que buscava o aprofundamento perceptivo e experiencial, no qual o espectador é capturado pela obra. A partir de simples elementos, no entanto enfáticos e potentes, artistas e arquitetos propunham articular objetos e sistemas em espaços físicos, enfatizando a presença (enquanto fisicalidade) no tempo presente. Tratava-se do que Robert Morris (2009) denominou "*presentness*", ou seja, uma consciência espacial voltada para a duração da experiência.

Foi imerso nesse contexto que os artistas associados ao Light and Space, como Dan Flavin, Larry Bell, Robert Irwin, Doug Wheeler, Craig Kauffman, Bruce Nauman, Anthony McCall e James Turrell começaram a levantar questionamentos que iam além da criação de objetos. Apesar de terem iniciado seus trabalhos a partir de investigações intuitivas e particulares, o grupo, de modo geral, buscava afetar a percepção do espectador, aproximando-o do espaço e do tempo presentes. Além disso, oferecia ao público uma nova experiência sinestésica em que a percepção plena da obra seria ressignificada a cada contato, fazendo do observador um cocriador. Outra característica comum à maioria das obras era a busca por unir, por meio da materialização luminosa, ciência e espiritualidade.

A associação com o Budismo e a tradição Zen, apesar de parecer algo isolado ou aleatório, na realidade surgiu de uma tendência instaurada principalmente nos Estados Unidos a partir do final da década de 1950. Segundo Umberto Eco (1991), muitos campos da arte (além da psicanálise e filosofia) se apropriaram de preceitos

da tradição oriental em busca de uma vivência mais amena frente à descontinuidade e aos excessos típicos do momento. Dentre as condutas do Zen aplicadas às artes desse período podemos citar: o vazio como um meio de oportunidades, e não como receptáculo ou falta de algo; a ideia de incompletude da obra, deixando ao espectador a liberdade da fruição; e, principalmente, a experiência sensível do tempo presente, em que o domínio da metafísica é deslocado para a experiência de presença.

Com o aprimoramento da computação, da internet, dos equipamentos luminotécnicos e sistemas de automação, os projetos de Luzes Materializadas foram ganhando, a partir dos anos 1980, diferentes efeitos, cores e movimentos. Até aqui tínhamos propostas de Luzes Materializadas que dispunham de tecnologias limitadas e seguiam conceitos afins. Além disso, a lista de profissionais que se dedicavam às propostas de Luz Materializada até a década de 1980 não passava de poucas dezenas de nomes, sendo a maioria deles vinda dos Estados Unidos. A partir do final do século XX, o Japão, que durante a década de 1960 se recuperava dos danos da guerra, se destacou propondo sistemas automatizados, interconectados e interativos. O fenômeno da globalização contribuiu com a troca de ideias e propostas, colaborando com a descentralização da arte e da arquitetura, expandindo os domínios projetuais. O número de profissionais e estúdios, assim como a quantidade de arquiteturas e instalações de Luzes Materializadas, cresceu exponencialmente e se espalhou por todos os continentes.

Diferentemente das obras luminosas de meados do século XX, as instalações mais recentes, como as dos grupos *TeamLab, United Visual Artists, Studio Roosegaarde, Studio Drift* e tantos outros, passaram a ser programadas para responderem visualmente em tempo real às manifestações dos sujeitos, ou seja, por mecanismos tecnológicos, a experiência artística ganha vida ao ser afetada pelo espectador interagente, desconstruindo os limites entre o material e o virtual. Há aí um entrelaçamento da arte (virtual), do mundo natural e dos sistemas maiores num processo altamente conectado, algo próximo do que o *TeamLab* chama de "tecnoecologia" (Lee, 2022, p.204).

Uma obra bastante interessante nesse sentido é a "*Coded Nature*" do *Studio Drift*, que em 2023 trouxe ao Brasil a exposição "Vida em Coisas". Com a proposta de revelar como a vida é capaz de se manifestar em coisas que nós mesmos criamos, as obras do *Drift,* segundo Marcello Dantas (2023), são uma versão atualizada do animismo, que considera os objetos como entes dotados de alma e intenção. Para o grupo, tudo está conectado, e a cada dia a fronteira entre o natural e o artificial se torna mais tênue.

"*Coded Nature*" é uma instalação que surgiu de uma pesquisa do *Studio Drift* com algoritmos de IA animados e interativos para gerar padrões de voo semelhantes ao que fazem os estorninhos. Utilizando um *software* digital interativo em tempo real, a obra consiste num agrupamento virtual de blocos projetados em telas de vídeo,

que respondem ao movimento do público por meio de uma câmera. A instalação explora a relação humanos-natureza-tecnologia, por meio de um enxame autônomo de blocos que se movimentam em resposta aos estímulos externos, refletindo as infinitas oportunidades de criação na natureza e um fluxo contínuo de mudança. O comportamento do enxame de blocos virtuais é cuidadosamente orquestrado, e esse movimento sincronizado reflete as restrições e os instintos de sobrevivência presentes no meio ambiente, onde as ações individuais contribuem para a segurança e o funcionamento do grupo como um todo. A interação do público com a obra é percebida pelo enxame virtual como uma intrusão, levando os blocos a adotar uma postura de autoproteção, similar ao comportamento de um grupo de aves em face de um predador. No entanto, alguns movimentos parecem atrair o grupo virtual como se este fosse ser alimentado ou receber carinho.

Enfim, podemos dizer que os corpos das Luzes Materializadas contemporâneas muitas vezes extrapolam o "Literal" e o "Fenômeno" em propostas imersivas que simulam novas realidades. Nos tornamos a era da virtualização, da comunicação, da velocidade e da pluralidade: tudo junto ao mesmo tempo agora.

Segundo Gumbrecht (2010), enquanto a materialização pode ser comparada à figura de uma âncora que fixa (ainda que por curto período) o sujeito no espaço-tempo do "aqui" e do "agora", virtualizar alguma coisa seria produzir questões em suspensão relacionadas a essa mesma coisa, isto é, desprender a substância do meio físico e do tempo cronológico, fazendo emergir a sincronização e a interconexão – fluidas e sem limites estáveis – como uma desterritorialização.

Podemos dizer que estamos envolvidos por materializações e virtualizações desde tempos remotos e que um processo não extingue o outro, apesar de não coexistirem perceptivamente. Mesmo não sendo possível estabelecer uma estrutura equilibrada, os indivíduos parecem viver em um constante movimento que ora permeia o desejo de materialidade, ora se apoia no hábito da interpretação e da distração, e é essa oscilação entre sentido e presença, que acaba agregando certo caráter provocador ao objeto de experiência estética e espacial, principalmente por meio da Luz (Gumbrecht, 2010).

Na maioria das vezes não desfrutamos do tempo necessário para estabelecermos relações mais profundas de alteridade com as Luminosidades (ou com Outros quaisquer). O simples, algo tão caro à experiência de presença não gera tanto engajamento quanto os "combos" multissensoriais. Estamos vivendo o "futuro", ainda mais virtuais do que pudemos imaginar. Também por isso nos sentimos tão tocados quando nossa subjetividade é capaz de perceber a Luz como corpo Outro. O fato é que estamos imersos e fazemos parte de um infinito virtual de inumeráveis possibilidades e atualizações. Ainda assim oscilamos entre a divertida bruma anestésica e a necessidade de nos percebermos no mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver, a Luz Materializada vai além de delimitações de estilo, forma ou material. Ela não existe anteriormente ao sujeito percebedor; ela existe a partir da percepção sensível de cada indivíduo. Trata-se de uma comunicação efetiva entre as partes, algo relacionado à alteridade. A Luz Materializada é aquela em que a função de tornar visível é minimizada diante de sua missão de se fazer visível em si mesma. Se apresenta como matéria, ainda que não o seja, e afeta diretamente o Outro (sujeito ou espaço), sendo também afetada por este. "Materializar-se", nesse caso, não significa efetivamente "tornar-se matéria", mas principalmente afetar e ser afetada como coisa material – algo qualitativo, subjetivo e relacionado à experiência sinestésica: uma materialidade.

Propor o termo sinestesia neste texto, inclusive, é reafirmar o caráter perceptivo que grande parte dos profissionais busca com suas propostas de Luz Materializada. Como apresenta Basbaum (2002), perceber sinestesicamente seria um "[...] estado de preenchimento pela sensação" quando o "[...] aqui-agora da sensação predomina sobre o universo simbólico, duradouro, característico da cognição verbal" (Basbaum, 2002, p. 51). Depois de entrar em contato com a luz enquanto obra e ente material, o sujeito carrega consigo parte da ambiência compartilhada e a própria Luz experienciada, consciente e encarnada. A Presença, enquanto experiência sinestésica, configura-se como um instante ínfimo e efêmero onde o sujeito se percebe imerso na realidade do presente. Nesta vivência, a Luz Materializada toca o percebedor, afastando-o momentaneamente das distrações e interferências do cotidiano. Apesar de vivermos em uma era marcada por excessos de estimulação sensorial e constante intermediação das telas que nos afastam da experiência física pura, a Luz Materializada (Literal ou Fenomênica) surge como uma ferramenta poderosa para resgatar a conexão perdida com nossa fisicalidade – algo que a faz tão especial na contemporaneidade.

A importância de conceituarmos a Luz Materializada, portanto, vai além de uma mera discussão descritiva ou teórica; visa ampliar a compreensão dessa prática projetual, onde a luz, ao ser percebida como um elemento materializado, se torna um ente significativo. Discutir este tema, portanto, expande a noção de percepção que os sujeitos têm de si mesmos e do Outro no espaço artístico e arquitetônico, moldando a forma como esses indivíduos influenciam e são influenciados pelo Lugar.

6. BIBLIOGRAFIA

Bachelard, G. (1978a). A filosofia do não: Filosofia do novo espírito científico (J. J. M. Ramos, Trad.). In J. A. M. Pessanha (Org.), Bachelard (Os pensadores) (pp. 1-87). São Paulo: Abril Cultural.

Bachelard, G. (2018). A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria (A. De Pádua Danesi, Trad.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Basbaum, S. R. (2002). Sinestesia, arte e tecnologia: fundamentos da cromossonia. São Paulo: Annablume / Fapesp.

Böhme, G., & Thibaud, J.-P. (Eds.). (2016). The aesthetics of atmospheres. New York: Routledge.

Butterfield, J. (1993). The art of light and space. New York: Abbeville Press.

Dantas, M. (Curadoria). (2023). Vida em coisas. In Exposição Studio Drift – Vida em coisas. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB.

Eco, U. (1991). Obra aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Editora Perspectiva.

Farthing, S. (2011). Tudo sobre arte (P. Polzonoff Jr. et al., Trans.). Rio de Janeiro: Sextante.

Gumbrecht, H. U. (2010). Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir (A. I. Soares, Trad.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. E-book.

Heidegger, M. (2012). Ser e tempo (F. Castilho, Trans.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Lee, L. (2022). Worlds unbound: The art of teamLab. Bristol and Chicago: Intellect Books Ltd. E-book.

Merleau-Ponty, M. (2020). O visível e o invisível (J. A. Gianotti & A. M. d'Oliveira, Trans.). São Paulo: Editora Perspectiva. E-book.

Morris, R. (2009). O tempo presente do espaço. In G. Ferreira & C. Cotrim (Seleção e comentários), Escritos de artistas: Anos 60/70 (P. Süssekind et al., Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. E-book.

Ostrower, F. (2001). Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes.

R43

PANDEMIC AND ECOLOGICAL AWARENESS: URBAN AGRICULTURE´S WOMEN IN GREATER FLORIANÓPOLIS, BRAZIL.

PANDEMIA E CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA: AS MULHERES DA AGRICULTURA URBANA NA GRANDE FLORIANÓPOLIS, BRASIL.

Larissa Siqueira Chaves
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catariana
larissasiqueirachaves@gmail.com

Soraya Nór
Professora Doutora
Universidade Federal de Santa Catariana
soraya.nor@ufsc.br

ABSTRACT

This work reveals the ecological narratives of women in urban agriculture in the Greater Florianópolis. The Covid-19 pandemic has impacted all areas of daily life, but especially those living in urban areas. For women, this confinement has exacerbated the problem of domestic violence and the psychological burden associated with tasks of care. Seventeen urban agriculture women were interviewed. We used the Collective Subject Discourse methodology to analyze those interviews. Narratives that mixed different aspects of the practice of urban agriculture emerged. Among the benefits, it provided direct contact with the production of their own food and an understanding of the social and ecological dimensions involved, as well as making it possible to practice physical and therapeutic activities. The testimonies revealed bonds of community solidarity, as well as the emergence of an ecological awareness that led to changes in individual daily habits, in the neighborhood and city spaces.

KEYWORDS: pandemic. urban agriculture. ecological awareness. women. Florianópolis.

RESUMO

Este trabalho desvela as narrativas ecológicas das mulheres da agricultura urbana na Grande Florianópolis. A pandemia da Covid-19 impactou todos os âmbitos da vida cotidiana, mas especialmente dos residentes em áreas urbanas. Quanto às mulheres, esse confinamento exacerbou a problemática da violência doméstica e da sobrecarga psicológica associada às tarefas do cuidado. Dezessete mulheres da agricultura urbana foram entrevistadas. Utilizamos a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na análise das entrevistas. Emergiram narrativas que mesclaram aspectos diversos sobre a prática da agricultura urbana. Dentre os benéficos, propiciou o contato direto com a produção do próprio alimento e a compreensão das dimensões sociais e ecológicas envolvidas, assim como possibilitou a prática de atividades físicas e terapêuticas. Os depoimentos permitiram evidenciar laços de solidariedades comunitários, além da emergência de uma consciência ecológica que propiciou tanto transformações de hábitos cotidianos individuais quanto nos espaços do bairro e da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: pandemia. agricultura urbana. consciência ecológica. mulheres. Florianópolis.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho[1] procura desvelar as narrativas ecológicas das mulheres da agricultura urbana da Grande Florianópolis-SC, no âmbito pós-pandêmico. A pandemia da Covid-19 deflagrada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020

1 Artigo derivado de dissertação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC).

(OPAS, 2020) impactou sobremaneira todos os âmbitos da vida cotidiana, mas especialmente dos residentes em grandes centros urbanos. Em um momento em que se clamava pelo "fique em casa", os espaços de encontro, de trocas e interações, tais como ruas, praças, jardins, parques e demais tipologias de espaços públicos tornaram-se espacialidades do medo e da repulsa.

No que se refere às mulheres, esse confinamento evidenciou a problemática global da violência doméstica e familiar, elas foram obrigadas a conviver continuamente com seus agressores. Como consequência, foi demonstrado um significativo aumento nos casos de violência contra a mulher no período de isolamento social (ACNUR, 2020; Kourti, et al., 2023; PAHO, 2021). Da mesma forma, foram sobrecarregadas pelas tarefas domésticas e de cuidado com os filhos, os idosos, os companheiros e com a própria casa (Marques et al., 2020), acentuando a disparidade de gênero e os problemas de saúde mental associados (Almeida et al., 2020). Além disso, o aprofundamento das desigualdades de gênero está intrinsecamente conectado à interseccionalidade, mulheres racializadas, periféricas e migrantes, foram e são aquelas mais atingidas pela sobrecarga física e psíquica (Valdivia & Col·lectiu Punt 6, 2020).

Cientes desse panorama negativo da pandemia – além, obviamente, de todas as vidas perdidas pela doença – encontramos elementos de positividade como a agricultura urbana, um paraquedas colorido segundo Krenak (2019), que possibilitou suavizar a queda de muitas pessoas e aqui, especialmente, das mulheres. Este trabalho revela as narrativas das mulheres da agricultura urbana da Grande Florianópolis, o engajamento e a produção de uma consciência social ecológica frente à realidade pandêmica e às implicações associadas.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizamos entrevistas (parte delas presenciais, mas a maioria de forma remota, entre agosto de 2021 e dezembro de 2021) com 17 mulheres que participavam de atividades ligadas à agricultura urbana em Florianópolis, dentre elas ongistas (que trabalhavam em ONGs), militantes (ativistas em movimentos sociais e coletivos pela agricultura e ecologia urbanas), agricultoras urbanas (mulheres que viviam da agricultura, parcial ou integralmente) e comunitárias (participantes em hortas de bairro). Esses papeis não eram excludentes, em muitos casos eram militantes e agricultoras comunitárias ou militantes e agriculturas urbanas, porém na pesquisa foi atribuído um único papel conforme aquele que mais se destacava em suas atividades diárias.

A técnica que se utilizou para a seleção das sujeitas de pesquisa foi a "bola de neve". A partir de um contato, uma mulher com conhecimento das organizações e movimentos sociais em Florianópolis, foi possível encontrar outras pessoas. Aliado a isso, fizemos algumas incursões a campo com o intuito de conhecer as hortas comunitárias e os locais onde as mulheres trabalhavam. As entrevistas resultantes foram gravadas,

transcritas e categorizadas conforme a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (Brito et al., 2021; Lefevre et al., 2009). O DSC compreende uma análise e categorização dos discursos que culmina na elaboração de um discurso único em primeira pessoa, congregando as falas das mulheres sobre determinada ideia central. Essa metodologia permitiu revelar a dialética mulheres-sujeitas produtoras de uma coletividade, sem deixar de considerar a complexidade dos discursos.

Algumas narrativas não conformaram discursos coletivos, por se tratarem de perspectivas de uma única sujeita. Essas singularidades não invalidam a relevância de pensar a coletividade a partir dos discursos, uma vez que se acredita que cada discurso, mesmo que único, contribui para a construção da totalidade das narrativas dessas mulheres.

3. DA TERAPIA DA TERRA À CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

A partir das entrevistas emergiram narrativas que mesclam aspectos diversos sobre a prática da agricultura urbana. Narrativas que corroboram a literatura (Almeida et al., 2020; Marques et al., 2020), indicando que a pandemia resultou no aumento de tarefas domésticas de cuidado, culminando em uma maior sobrecarga física e psicológica sobre as mulheres.

> Eu estou num momento muito oscilante, mas eu acho que é um momento social em que todo mundo está tendo taquicardia [...] Essas coisas de ansiedade, de pânico, só uma alimentação saudável. [...] eu tenho que administrar a questão das minhas filhas, [...] da minha mãe, saúde, médico, [...] e ainda a gente passa por tantos conflitos nos territórios. [...] Que treta a gente vai ter que desenrolar? Eu acho que é um momento muito, muito delicado da humanidade (militante 1).

Por outro lado, a Pandemia possibilitou o surgimento de novos hábitos e práticas, como a procura por uma alimentação saudável, busca por um consumo consciente, assim como no envolvimento em coletivos e hortas comunitárias que visam a ecologia urbana e o atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

> Aí entrou a pandemia, [...] a gente resolveu ir atrás de terreno para poder já trabalhar com esse modelo de cestas. A gente viu que, [...] justo quando a pandemia entrou, a procura por uma alimentação mais saudável aumentou. A gente vê que tá precisando, tá precisando disso, sabe? A pandemia não foi um problema nessa área. (agricultora 1).

> [...] então eu sempre quis ter uma horta em casa, eu sempre tive vontade, mas nunca botei em prática porque sempre tava com outras prioridades e ia deixando de fazer. E aí com a pandemia, me mudei para esse apartamento que tem uma sacada bem grande e sempre quis fazer uma horta [...] Comecei com três vasos

> de barro pequeno, que eu achava que era muito grande, que era muita coisa! E aí quando você começa você não para mais. [...] Foi nesse processo que eu comecei a me aproximar [...] então fiz curso sobre Mata Atlântica, de jardinagem, de agroecologia, de compostagem. A gente comprou uma composteira. Então, tudo começa a vir junto também, organicamente. [...] E aí vai indo, aí tu começa a entrar de cabeça, não sai mais! Quanto mais tu vai, mais tu quer aprender. Pesquisando sobre opções de cestas orgânicas para assinar e projetos de co-agricultura ou células de consumo consciente [...]. Foi na mesma época que eu me cadastrei para fazer parte do coletivo, eu comecei a participar da horta aqui, foi tudo meio junto. (militante 2).

Da mesma forma, a prática da agricultura urbana proporcionou uma forma de terapia, como o paraquedas colorido de Krenak (2019), que compreendia não somente uma atividade física corporal, como também propiciou a produção do próprio alimento. Além disso, possibilitou, para essas mulheres, a compreensão das dimensões sociais e ecológicas envolvidas no trabalho da produção.

> No início, em setembro, quando eu comecei a ir na horta era o momento de respiro da pandemia. Me ajudou muito no meu processo de ficar sã, durante tudo que tava acontecendo. E de pegar sol mesmo, para saúde física e mental, trabalhar o corpo, mexer o corpo. E a gente vê o tanto que na pandemia isso virou uma prática terapêutica mesmo. A relação que a gente tem com a planta é muito curativa. Botar a mão na terra, assim, é terapêutico. Me sinto muito bem, muito bem mesmo. É uma terapia mental maravilhosa para quem gosta, para quem curte e tu esquece o tempo. Quando tu vê, tu ficou três horas lá! (DSC 1).

O tipo de narrativa acima apresentado era mais presente em agricultoras comunitárias, também corroborado no trabalho de Delgado (2017). Já em relação às agricultoras urbanas, as contradições entre trabalho, sobrecarga e atividade terapêutica foram mais expressivas. Viam-se como sobrecarregadas apesar de sentirem as potencialidades da atividade.

As agricultoras comunitárias entrevistadas, em sua maioria, não se encontravam em situação de vulnerabilidade social, porém a participação em hortas comunitárias era motivada pela produção e distribuição do cultivo para organizações sociais ou famílias em vulnerabilidade social da localidade, haja vista o aumento da insegurança alimentar e nutricional brasileira, especialmente na pandemia (Galindo et al., 2021).

> Só se fortaleceu mais ainda com a questão da pandemia porque todo mundo sabe da necessidade de alimento, muita gente passando fome, desemprego, gente precisando. Aí a gente começou a plantar e alcançar para esse pessoal que faz marmita solidária. E aí juntou tudo. Juntou a necessidade de cultivar os alimentos orgânicos, de estudar a saúde, alcançar para quem precisa. E cada vez mais foi crescendo. Esse braço forte da agroecologia ele está muito forte muito

> firme e parece que cada vez mais forte. Sentimento de estar contribuindo com algo positivo. São tantos problemas que a gente está tendo. Inclusive o grupo da horta surgiu nesse contexto da pandemia, de fome e insegurança alimentar. Então, é gratificante, uma sensação muito boa de estar colaborando para tentar resolver esses problemas, ajudando as famílias que precisam. É muito bom, muito gratificante como cidadã e também pessoalmente. (DSC 2).

Por outro lado, os depoimentos permitiram evidenciar a construção de laços de solidariedade comunitária. O surgimento de espaços de hortas comunitárias provoca não somente mudanças físicas no espaço urbano, mas também a emergência de um saber ambiental, baseado na inter-relacionalidade entre ambiente e sujeito, suas múltiplas dimensões e identidades (Leff, 2001). Além disso, esses espaços proporcionaram o despontar de uma consciência ecológica e de um sentimento de conectividade com a natureza, que propiciaram tanto transformações de hábitos cotidianos individuais quanto de engajamento em coletivos que lutam por ambientes sanos e ecológicos na cidade.

> Eu gosto muito da terra, porque eu sem a terra... Eu digo: gente! Eu preciso continuar fazendo aquilo que eu gosto! Porque a vida da gente... Cada vez que nos aproximamos mais da terra, para observar, plantar, cuidar, vamos criando mais vínculos e sentimentos de pertencimento ao todo. Hoje em dia, quando vou trabalhar na horta e arrumar o jardim, não vejo a hora passar. É uma sensação de bem-estar, de estar conectada com o mundo natural, que sabemos fazermos parte. Olha, eu me sinto útil. Eu gosto de me sentir útil, me sinto mais parte quando estou mexendo na terra, mais parte do todo. (DSC 3).

Assinala-se, portanto, um movimento de emergência de uma consciência ecológica que parte da microescala do indivíduo, que busca atividades de lazer e uma terapia da terra, para a coletividade urbana. Essa sensibilização emerge no discurso como um fator de reconexão com a natureza, a partir de um sentimento de fazer parte do todo, desvela-se a compreensão de que nós, humanos, também somos a natureza. Ou seja, a emergência de uma consciência ecológica desponta da prática urbana comunitária que se desenvolveu durante as adversidades da pandemia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pandemia da Covid-19 afetou a vida cotidiana de todas as pessoas, principalmente os habitantes de centros urbanos. No caso das mulheres, o confinamento acarretou aumento das tarefas domésticas e de cuidado, aumentando a sobrecarga psíquica e a disparidade de gênero (Almeida et al., 2020; Valdivia & Col·lectiu Punt 6, 2020). Por outro lado, a agricultura urbana proporcionou uma busca por mudanças de hábitos, tais como alimentação saudável, atividade terapêutica e consumo consciente.

A pesquisa mostrou que a Pandemia proporcionou, para alguma das mulheres da agricultura urbana da Grande Florianópolis, não somente uma atividade terapêutica, saudável, mas uma possibilidade de mudança de vida, seja com relação à oportunidade de trabalho como agricultora urbana, seja no que se refere ao desenvolvimento de uma consciência ecológica. Essa consciência ecológica e saber ambiental (Leff, 2001) estão centrados na práxis cotidiana de reconexão com a natureza, no envolvimento com coletivos e lutas que desafiam o fazer hegemônico urbano (Chaves et al., 2022) e apontam caminhos para uma cidade renovada pela sustentabilidade, uma necessidade premente e também conectada com as origens da pandemia.

5. BIBLIOGRAFIA

ACNUR. (2020). *Violência contra a mulher aumenta durante a pandemia de COVID-19.* ACNUR Brasil. https://www.acnur.org/portugues/2020/11/25/violencia-contra-a-mulher-aumenta-durante-a-pandemia-de-covid-19/

Almeida, M., Shrestha, A. D., Stojanac, D., & Miller, L. J. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic on women's mental health. *Archives of Women's Mental Health, 23*(6), 741–748. https://doi.org/10.1007/s00737-020-01092-2

Brito, J. M. S. de, Lauer-Leite, I. D., & Novais, J. S. de. (2021). *Discurso do sujeito coletivo na prática* (1.ª ed.). UFSB. https://www.researchgate.net/publication/350715321_Discurso_do_sujeito_coletivo_na_pratica

Chaves, L. S.; Magalhães, G. S.; Nór, S. (2022). Feminismo e o fazer urbano: três eixos de análise. *Revista VIRUS* n. 25, p. 91 a 102.

Delgado, C. (2017). Agricultura urbana, espaço de protagonismo feminino: Dinâmicas e potencialidades. *Revista Faces de Eva, 37*, 63–81.

Galindo, E., Teixeira, M. A., de Araújo, M., Motta, R., & Pessoa, M. (2021). *Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil.* https://refubium.fu-berlin.de/bitstream/handle/fub188/29813.2/WP_%234_2.edition.pdf?sequence=14

Kourti, A., Stavridou, A., Panagouli, E., Psaltopoulou, T., Spiliopoulou, C., Tsolia, M., Sergentanis, T. N., & Tsitsika, A. (2023). Domestic Violence During the COVID-19 Pandemic: A Systematic Review—Anastasia Kourti, Androniki Stavridou, Eleni Panagouli, Theodora Psaltopoulou, Chara Spiliopoulou, Maria Tsolia, Theodoros N. Sergentanis, Artemis Tsitsika, 2023. *Trauma, Violence & Abuse, 24*(2), 719–745. https://doi.org/10.1177/15248380211038690

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo* (1.ª ed.). Companhia das Letras.

Lefevre, F., Lefevre, A. M. C., & Marques, M. C. D. C. (2009). Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Ciência & Saúde Coletiva, 14*(4), 1193–1204. https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400025

Leff, E. (2001). *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

Marques, E. S., Moraes, C. L. de, Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: Panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública, 36*, e00074420. https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420

OPAS. (2020). *Histórico da pandemia de COVID-19*. Organização Pan-Americana da Saúde. https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19

PAHO. (2021). *Gendered Health Analysis COVID-19 in the Americas*. Pan American Health Organization. https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/55432/PAHOEGCCOVID-19210006_eng.pdf?sequence=4&isAllowed=y

Valdivia, B. & Col·lectiu Punt 6. (2020). Críticas y propuestas desde el urbanismo feminista: Ciudades cuidadoras para priorizar la vida. Em P. Rabasco, *Ciudad y Resiliencia: Última llamada* (pp. 55–74). Akal; ebook.

R43

NATURE-BASED SOLUTIONS IN THE ENTREQUADRAS OF CEILÂNDIA: CATALOGUE OF SOCIO-ECOLOGICAL PATTERNS TO COMBAT ENVIRONMENTAL RACISM AND CLIMATE CHANGE

SOLUÇÕES BASEADAS NA NATUREZA NAS ENTREQUADRAS DE CEILÂNDIA: CATÁLOGO DE PADRÕES SOCIOECOLÓGICOS PARA ENFRENTAMENTO AO RACISMO AMBIENTAL E ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Beatriz Vicentin Gonçalves
Arquiteta e Urbanista
Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico UnB
beatrizvicentin.arq@gmail.com

Liza Maria Souza de Andrade
Professora Doutora de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília (UnB)
lizamsa@gmail.com

Vânia Raquel Teles Loureiro
Professora Doutora de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília (UnB)
vania.teles.loureiro@gmail.com

Ricardo de Sousa Moretti
Professor Doutor
Universidade Federal do ABC (UFABC)
ufabc.moretti@gmail.com

ABSTRACT

The present work seeks to contextualize the environmental racism of the peripheral occupation in Brazil's capital, the relationship between Administrative Regions and the Federal District emphasizing on *Ceilândia* and *Sol Nascente,* regions that suffer with socio-environmental impacts which increased drastically in recent years due to climate change that affects poor and peripheral population more intensely. An analysis of urban sustainability (Andrade & Lemos, 2015) and the spatial patterns of urban ecosystems (Andrade, 2014) was made to propose a catalogue of Nature Based Solutions applied at different scales in public spaces. This catalogue seeks to respond to the need to think about improvements in water-sensitive urban planning to maintain the urban hydrological cycle, systematized in the form of socio-ecological infrastructure patterns that are being presented to parliamentarians in Public Hearings and to the Secretaria de Obras of the government of the Federal District.

KEYWORDS: *Ceilândia*. *Sol Nascente*. nature-based solutions. climate change. water management.

RESUMO

O presente trabalho busca contextualizar o racismo ambiental da ocupação periférica da capital do Brasil, a relação das Regiões Administrativas com o Distrito Federal com ênfase nas regiões de Ceilândia e Sol Nascente, que sofrem com os impactos socioambientais que aumentaram drasticamente nos últimos anos devido à crise climática e que afetam de forma mais intensa a população pobre e periférica. Foi feita uma análise da sustentabilidade urbana (Andrade & Lemos, 2015) e dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos (Andrade, 2014), para propor um catálogo de Soluções Baseadas na Natureza aplicadas em diferentes escalas nos espaços públicos. Tal catálogo busca responder à necessidade de se pensar melhorias no planejamento urbano sensível à água para manter o ciclo hidrológico urbano, sistematizado na forma de padrões de infraestrutura socioecológica que estão sendo apresentados aos parlamentares em Audiências Públicas e à Secretaria de Obras do Governo do Distrito Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Ceilândia. Sol Nascente. soluções baseadas na natureza. mudanças climáticas. gestão das águas.

1. INTRODUÇÃO

Brasília é uma cidade que deve ser vista além do projeto de Lúcio Costa. Formada por 35 regiões administrativas (RA's) a capital federal apresenta-se como uma cidade de multiplicidade cultural com uma rica história sobre ocupação e pertencimento territorial. Dentre as RA's que a compõem destaca-se a 9ª, Ceilândia, posteriormente dividida com a criação da 32ª RA, Sol Nascente. Tendo como origem um processo higienista ocorrido na ditadura militar, que visava a erradicação de invasões na área mais nobre da capital, essas RA's possuem um histórico de descaso pelo poder público.

A partir de análises comparativas do território do Distrito Federal evidencia-se o racismo ambiental sofrido pelas regiões periféricas ao perceber a falta de espaços públicos, e verdes, de qualidade, a carência de equipamentos públicos e a baixa qualidade dos espaços existentes. Essa situação agrava as consequências das mudanças climáticas – chuvas intensas, secas duradouras, aumento de temperatura etc. – que além de atingirem a região de Ceilândia atingem a RA menos favorecida adjacente, Sol Nascente, mostrando o impacto que um planejamento desconectado pode trazer às cidades.

A crise climática atual evidencia os problemas de gestão das águas nas cidades. Percebe-se no local analisado que o desenho rodoviarista aplicado gerou um caminho impermeabilizado para a água, que segue seu trajeto ganhando força a fim de desembocar no Sol Nascente, local ainda desprovido de infraestrutura capaz de abarcar o montante gerado.

O processo metodológico aplicado busca o interacionismo pedagógico e sociotécnico de forma transdisciplinar, a partir da elaboração de padrões espaciais dos ecossistemas urbanos que demonstrem a relação do meio urbano e natural (Andrade, 2014) visando uma conexão entre as ciências sociais e ecológicas para alcançar a sustentabilidade urbana.

A partir de análises quantitativas e qualitativas na região, propõe-se modificações na Ceilândia com a aplicação de Soluções Baseadas na Natureza (SbN) buscando diminuir o montante de águas direcionado ao Sol Nascente. Foi criado um catálogo de ideias a serem desenvolvidas na região das entrequadras de Ceilândia, uma célula que se repete na cidade e potencializa a aplicação das SbN's a fim de tornar a cidade mais ecologicamente equilibrada trazendo espaços mais verdes e sustentáveis que tragam melhorias urbanas e sociais na região.

Seguindo o Princípio das Dimensões da Sustentabilidade e das Dimensões Morfológicas (Andrade & Lemos, 2015) foram identificados padrões urbanos nas dimensões da sustentabilidade social, ambiental, cultural e emocional e econômica. Depois elaborou-se desenhos das diretrizes a serem aplicadas em diferentes escalas. Os padrões desenhados devem ser aplicados nas escalas macro, média e micro, buscando uma melhor gestão das águas e qualidade de vida.

As soluções aplicadas além de trazerem melhorias urbanas e ecológicas auxiliam ainda na potencialização da comunidade local que passará a contar com mais espaços de usufruto público aumentando o pertencimento local. É evidenciado o poder de tais espaços visto a existência e criação de iniciativas da comunidade que busca se apropriar dos espaços negligenciados pelo poder público.

O trabalho evidencia o tratamento desigual existente na capital dependendo da localização, sendo as regiões periféricas prejudicadas e sua população deixada de

lado. Aqui apresenta-se uma nova realidade de cidade que está sendo apresentada aos parlamentares da Câmara Legislativa do DF – CLDF e à Secretaria de Obras da Novacap no contexto do Programa Periferia Sem Risco da Secretaria Nacional de Periferias, evidenciando a urgência da aplicação de novos métodos para solucionar o saneamento básico e tornar nossas cidades mais resilientes aos danos causados pela natureza.

1.1 Ceilândia e o Sol Nascente e o Distrito Federal

Foi após um seminário realizado em 1969 sobre problemas sociais no DF, no qual o favelamento foi apontado como o maior deles, que o governador do Distrito Federal solicitou que as comunidades Vilas do IAPI, Tenório, Sarah, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo, dos Morros do Urubu do Querosene, do Curral das Águas e Placa das Mercedes fossem realocadas da região central para uma nova cidade.

Assim surgiu a Campanha de Erradicação de Invasões – CEI, por meio dela a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) demarcou mais de 17 mil lotes de 250m^2 para os quase 80 mil moradores das ocupações em uma antiga fazenda, sem saneamento ou energia. Com a realocação, em 1970, surgem os primeiros moradores de Ceilândia.

No início da década de 1990 a então área rural de Ceilândia se tornou alvo dos grileiros da capital que viram na região rural da RA oportunidade de lucro a partir da venda de lotes para uma população em constante crescimento. Esse parcelamento irregular do solo marca o início do que hoje é a região administrativa Sol Nascente/Pôr do Sol.

Reconhecida RA por meio da Lei nº 6.359 de 14 de agosto 2019, a região administrativa Sol Nascente/Pôr do Sol é composta por dois setores distintos que não se tocam, mas são, ambos, conurbados com a mancha urbana de Ceilândia. Possuindo mais de 30 mil domicílios, de acordo com prévia do censo de 2022 do IBGE, o Sol Nascente é considerado a maior Favela ou Comunidade Urbana do Brasil.

1.2 Racismo ambiental e a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD

O termo racismo ambiental surgiu na década de 1980 tendo como contexto a luta por direitos civis da população negra dos Estados Unidos a partir do debate sobre o descarte de produtos tóxicos na região de moradia da população negra (Chavis, 1993, apud Pacheco & Faustino, 2013). Apesar desse contexto específico o termo foi posteriormente revisado e foi reconhecido que os efeitos dessa injustiça ambiental ultrapassam os limites originais atingindo discriminados da cidade e do campo. (Pacheco & Faustino, 2013)

Ao se aplicar o termo na realidade da capital brasileira se percebe que a segregação socioespacial perpetuada em Brasília mantém as RA's periféricas esvaziadas dos "benefícios do centro" (Paviani org., 2010) como pode ser verificado na mais recente

Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2021 realizada pela companhia de Planejamento do Distrito Federal – Codeplan.

Produzidos a partir da comparação entre as RA's Lago Sul, Ceilândia, Sol Nascente e a média do DF os gráficos apresentados (gráficos 1-6) mostram que apesar de ser uma região planejada Ceilândia ainda sofre descaso por parte do Estado quando comparada com a região mais rica do DF, e essa disparidade é ainda maior quando comparamos o Lago Sul com o Sol Nascente/Pôr do Sol. Mostrando como as desigualdades no Distrito Federal se entrelaçam e que a questão racial e de renda delimitam os locais de interesse para o Estado agir.

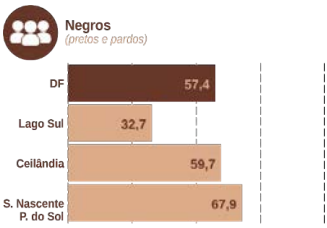


Gráfico 1 – Comparação da população negra
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

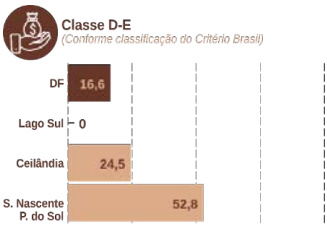


Gráfico 2 – Comparação da população por classe D-E
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024

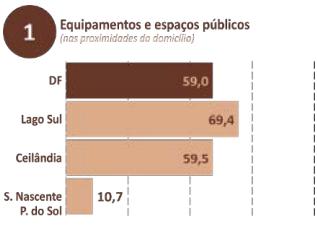


Gráfico 3 – Comparação da disponibilidade de equipamentos e espaços públicos
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

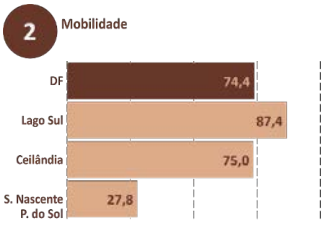


Gráfico 4 – Comparação sobre mobilidade
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

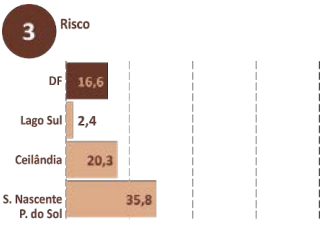


Gráfico 5 – Comparação de riscos
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

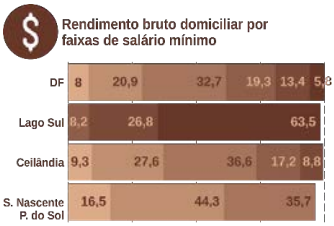


Gráfico 2 – Comparação rendimento domiciliar
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

O racismo ambiental perpetuado pelo Estado e evidenciado em ações como o Programa de Arborização da capital, onde o Lago Sul recebeu mais de 1500 mudas de árvores em 2022 e 2023 e Ceilândia e o Sol Nascente/Pôr do Sol não recebeu nenhuma no mesmo período, reforçam como a preocupação do Estado é voltada para uma população de endereço, cor e classe específicas.

Essa questão se estende para além da arborização das cidades. As demais infraestruturas urbanas e equipamentos públicos que trazem qualidade de vida aos moradores também fazem parte desse processo e esse descaso ocasiona risco à população dessas regiões que muitas vezes convivem com esgotos a céu aberto e alagamentos e enxurradas na época das chuvas que afetam o ciclo urbano da água nessas localidades.

2. A IMPORTÂNCIA DA MICROESCALA NO CONTEXTO DA LUTA PELO DIREITO À CIDADE E DAS SOLUÇÕES BASEADAS NA NATUREZA

Afetada pelo capitalismo a cidade se desenvolve de diferentes formas de acordo com a classe social. Criticando essa visão capitalista e analisando a cidade sob uma ótica marxista Henri Lefebvre postula, em 1968, o direito à cidade como um direito superior que abrange em si outros direitos como o

> "à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de troca, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais." (Lefebvre, 2001, p.135)

Com uma urbanização acelerada impulsionada pelo capital, as cidades brasileiras têm como característica diferentes cidades dentro da cidade de acordo com as classes sociais que ocupam cada região. Com o passar dos anos é presenciado o crescente envolvimento da parcela negligenciada da população na luta por uma cidade melhor e não apenas no contexto de infraestrutura urbana, mas na luta por uma cidade que permita usufruir de uma vida mais significativa, com espaços para se usufruir e tempo para se aproveitar, mais justa e mais completa.

Indo na contramão dos grandes projetos de arquitetura e urbanismo a escala micro surge como algo que pode ser aplicado de forma descentralizada, ágil com baixo custo e baixa tecnologia além de propor uma forma diferente de se pensar, planejar e projetar a cidade.

Marcos Rosa (2013) pontua como essas práticas surgem como forma de organizar-se o espaço para encontros criando paisagens que resistam à constante falta de espaços coletivos de qualidade. A exemplo temos criações de jardins comunitários que esverdeiam bairros e cinemas a céu aberto que levam atividades culturais a comunidades isoladas. (Rosa, 2013)

2.1 A questão das águas e Soluções Baseadas na Natureza (SbN's)

O crescimento urbano acelerado vivenciado a partir da metade do XX na América Latina criou cidades com alta densidade habitacional devido a concentração da maioria da população em áreas reduzidas. Esse acúmulo populacional ocasiona uma luta pelos recursos de terra e água que são limitados. É importante observar que o aumento populacional dos últimos anos foi concentrado nas regiões periféricas das cidades a partir do afastamento forçado da população mais pobre da metrópole, em muitos casos a partir da ocupação de áreas consideradas de risco ou de proteção ambiental. (Andrade,2014; Tucci, 2008)

Na visão de Andrade (2014) os planos diretores não se apropriam da riqueza encontrada nos padrões de organização da microescala do desenho urbano no

contexto da bacia hidrográfica. Paradoxalmente, a "heterogeneidade espacial" do mosaico urbano vem se tornando um aspecto importante para avaliar a funcionalidade ecológica, os fluxos de água e o contexto social.

Frente essa realidade se torna necessário o aprofundamento no debate sobre infraestrutura urbana de forma mais sustentável. Para Andrade (2014) enfrentamos o grande desafio de conciliar as problemáticas ligadas à ocupação urbana, principalmente no que abrange a justiça social, à capacidade que o mundo tem de suportar a pegada ecológica da humanidade e manutenção do ciclo hidrológico no meio urbano.

No contexto de agravamento da crise climática e cidades mais resilientes surge o termo Soluções Baseadas na Natureza (SbN) que contempla diferentes soluções na área da engenharia urbana que buscam associar o planejar e desenho da natureza com o intuito de reconectar o meio urbano ao meio ambiente. Aplicar as SbN's nas cidades, incluindo como intervenção em obras finalizadas, é uma forma de amenizar o dano causado ao ciclo natural da água e de tentar evitar maiores desastres ambientais ocasionados pela crise climática.

O "Plano de enfrentamento dos impactos adversos da mudança global do clima para reduzir as vulnerabilidades e ampliar a adaptação no Distrito Federal com foco especial nos eventos climáticos extremos referentes a recursos hídricos e extremos de temperatura", de 2021, apresenta uma projeção sobre o consumo de água da capital para o ano de 2030 e os resultados apresentados são preocupantes.

O DF conta com três reservatórios para abastecimento principal, sendo o reservatório do Descoberto, na região de Ceilândia, responsável por abastecer cerca de 65% da população da capital. Considerando a capacidade dos três reservatórios somados o plano apresenta que, de acordo com projeção calculada, a utilização máxima da capacidade dos reservatórios seria suficiente para cobrir cerca de 70% do consumo projetado.

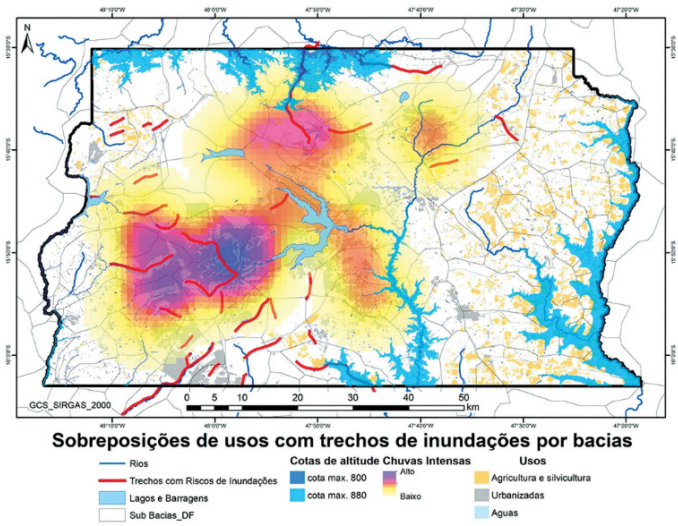


Figura 1 – Mapa de calor integrando os usos do solo com locais de chuvas intensas
Fonte: Plano de enfrentamento dos impactos adversos da mudança global do clima para reduzir as vulnerabilidades e ampliar a adaptação no Distrito Federal com foco especial nos eventos climáticos extremos referentes a recursos hídricos e extremos de temperatura (2021)

Porém a crescente crise climática é composta por extremos e ao mesmo tempo que é necessário debater o déficit hídrico e escassez hidrológica do DF é importante olhar também para a vulnerabilidade no caso das chuvas intensas. Foi desenvolvido, na mesma publicação, um mapa de calor (Figura 1) onde é possível verificar os trechos com risco de inundação e as regiões com maior risco de sofrerem chuvas intensas, estando marcada por um círculo a região Ceilândia e Sol Nascente/Pôr do Sol, região que apresenta risco alto.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Inicialmente foi realizado um diagnóstico sobre o contexto físico e social do local a partir dos dados da PDAD, após a caracterização do território de Ceilândia se analisou a região e foram identificadas 4 morfologias diferentes presentes na RA (figura 2), que se tornam a base para identificar possíveis espaços de intervenção replicáveis (figura 3).

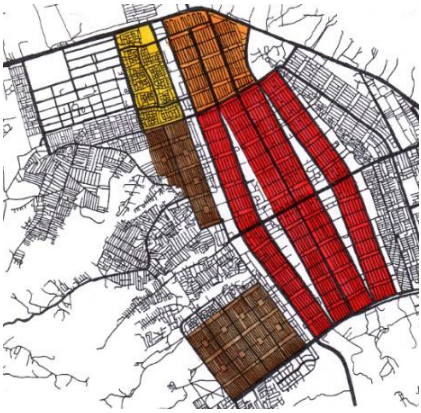


Figura 1 – Morfologias identificadas na RA Ceilândia
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

Figura 2 – Locais de intervenção para aplicação dos padrões
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024

A análise do espaço urbano é aprimorada através da análise das Dimensões de Sustentabilidade e Dimensões Morfológicas (Andrade & Lemos, 2015), uma abordagem integrada de sustentabilidade, urbanidade e habitabilidade. As dimensões da sustentabilidade buscam integrar os princípios de sustentabilidade postulados por Andrade (2005) e a análise de Desempenho Morfológico proposto pelo grupo DIMPU/UnB, são as dimensões:

- Sustentabilidade ambiental: abrange os princípios de proteção ecológica e agricultura urbana, infraestrutura verde, conforto ambiental, promoção dos sistemas alternativos de energia, saúde, redução, reutilização e reciclagem de resíduos
- Sustentabilidade social: urbanidade, comunidade com sentido de vizinhança, moradias adequadas, mobilidade e transportes sustentáveis
- Sustentabilidade econômica: adensamento urbano, dinâmica urbana, desenvolvimento da economia local em centros de bairros
- Sustentabilidade cultural e emocional: revitalização urbana, legibilidade e orientabilidade, identificabilidade e afetividade e simbologia

Dimensões da Sustentabilidade Urbana	
Sustentabilidade Social	**Sustentabilidade Ambiental**
Calçadas precárias ou inexistentes sem acessibilidade;	Pouca arborização ao longo das vias ocasionando ilhas de calor
Sem espaços, ou poucos, que incentivem a permanências de pedestres;	Alta velocidade de escoamento das águas
Poucos ou nenhum espaço de convivência para diferentes idades (idosos e crianças);	Pavimentação impermeável
Pouca arborização e	Falta de pontos para descarte de lixo
Sem vida noturna local;	**Sustentabilidade Econômica**
Sustentabilidade Cultural e Emocional	Sistema viário que afasta o pedestre;
Elementos de pertencimento e identificação regional separados da sociedade	Sem ciclovias e estacionamentos para bicicletas;
Falta de conexão com a cidade	Falta de interesse para parar e usufruir dos comércios locais;
	Vias de mão dupla;
	Falta de incentivo para comércios de propriedade individual;
	Inexistências de hortas e pomares
	Falta de bebedouros e banheiros públicos

Tabela 1 – Padrões urbanos classificados de acordo com as Dimensões da Sustentabilidade
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

Após a identificação dos padrões urbanos (tabela 1) vem um dos momentos mais importantes do processo, o desenvolvimento de uma "linguagem de padrões", de Christopher Alexander, ou "códigos geradores" que serão depois sistematizados a partir dos problemas e soluções do local analisado para uma formação de catálogo de soluções. Esses padrões abarcam soluções nas diferentes escalas e podem ser adaptados de acordo com a realidade final de cada espaço compreendendo as pequenas diferenças que existem apesar de suas similaridades.

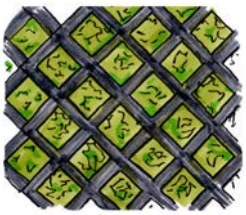
Seguindo a pesquisa de Andrade (2014) onde os padrões são divididos em: (1) padrões globais, que definem a paisagem e a heterogeneidade espacial dos ecossistemas; (2) padrões globais, que definem a comunidade, bairros e agrupamento de edificações; (3) padrões locais para agrupamento de edificações ou edificações no lote. Marcando o início de estudos sobre padrões espaciais dos ecossistemas para o desenho urbano sensível à água o presente trabalho soma nos estudos posteriores sobre o tema.

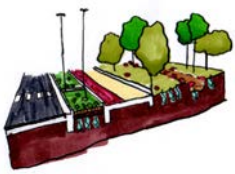
4. RESULTADOS

Foram desenvolvidos desenhos dos padrões das principais diretrizes a serem aplicadas no projeto em diferentes escalas (figura 3) sendo estas:

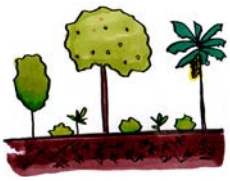
- Escala Macro: região de contato entre as regiões administrativas de Ceilândia e Sol Nascente, onde se propõe e uma barreira vegetal urbana a partir da implementação de um parque linear e outros pontos de vegetação abertos à população.
- Escala média: região de Ceilândia pensada para abarcar equipamentos institucionais urbanos, propõe-se a criação de espaços para convívio comunitário como hortas e agroflorestas.
- Escala micro: nas entrequadras é proposta uma intervenção na morfologia do local de forma a torná-la mais atrativa para a população através de aplicação de técnicas de tráfego calmo, como ruas compartilhadas, e aplicação de SbNs, como a utilização de pavimentos permeáveis nas vias e nos estacionamentos além da instalação de jardins de chuva.

A seguir temos a tabela-catálogo com os padrões e suas definições, foram utilizadas como base as definições apresentadas na publicação "Desenhando com a água – padrões espaciais e técnicas de infraestrutura ecológica", ainda em processo de revisão e sem data estimada de publicação. Os padrões não presentes na publicação citada foram explicitados.

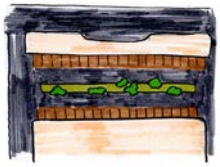
Catálogo de padrões	
	**Pavimentação permeável** Os pavimentos porosos estabelecem maior absorção de água para o solo subjacente e diminuição do escoamento da água contendo poluição difusa, que é arrastada aos rios.
	Ruas compartilhadas O desenho de ruas compartilhadas, desde que a colocação da arborização e equipamentos consigam induzir a baixa velocidade de circulação dos veículos, que permite melhoria da segurança pode ser utilizado visando também a diminuição da área impermeabilizada



Infraestrutura de alto desempenho
A infraestrutura de alto desempenho relacionada com as práticas adequadas de gestão são aplicáveis ao corte viário, faixas de rolamento, passeios, redes subterrâneas de serviços públicos, infraestrutura de controle de águas pluviais, jardins e paisagismo urbano. A otimização de gestão inclui o uso do canteiro de árvores e de pavimentos permeáveis redutores do escoamento superficial e passíveis de tecnologias substitutivas sem necessidade de escavação nos reparos.



Jardins agroflorestais/permacultura
O planejamento permacultural visa a aplicação de métodos de produção de alimentos com baixo impacto ambiental, reestruturação de solo e florestas, manutenção dos ecossistemas de modo a fornecer recursos às próximas gerações. Potencializa os fluxos de água e propicia a preservação e diversidade ecológica, a estabilidade e a resiliência natural.



Estratégias de estacionamento
Estacionamentos representam uma área considerável de superfície impermeável, contribuindo para o aumento da velocidade do escoamento superficial e de seu volume, por impedir a infiltração natural. Repensar os materiais usados nesses locais auxilia na correção do ciclo hidrológico urbano

Jardins de chuva
Os jardins de chuvas filtram as águas pluviais por meio de uma camada média de areia com vegetação. Em seguida, a água é recolhida por canos para reutilização. A vegetação previne a erosão do meio filtrante, carrega os nutrientes e a água, evita o entupimento e fornece biofilmes. O meio filtrante deve fornecer a condutividade hidráulica e a retenção de água adequadas.

Horta comunitária (Não presente no manual)
Similar ao pensamento dos jardins agroflorestais as hortas comunitárias auxiliam na recuperação do solo local, podem ser aplicadas em tamanhos menores e trazem uma significância ao projeto por melhorarem a interação entre os moradores e os tornarem mais pertencedores ao local ao criar um vínculo maior com o espaço.

Pontos de encontro público e/ou pequenas praças
As praças pequenas são recomendadas para manter a vida no espaço público de uma comunidade ou bairro. São importantes para valorizar a mancha da paisagem com os ecossistemas, bem como com áreas de lazer, lugares para crianças e idosos.

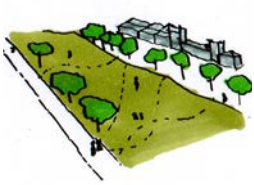
	Faixa de pedestre bem sinalizada (Não presente no manual) Apesar de não ser um padrão de Solução Baseada na Natureza (SbN) é importante para a escala micro trabalhada pois as entrequadras apresentam, em sua maioria, algum tipo de edifício escolar. As faixas sinalizadas trazem mais segurança aos pedestres, em conjunto com a pavimentação diferenciada e demais medidas para tráfego lento.
	**Parques lineares e corredores verdes** As Áreas de Preservação Permanente degradadas, ao longo dos cursos d'água no meio urbano, necessitam ser recuperadas para melhorar as condições dos ecossistemas, da biodiversidade, da drenagem das águas pluviais e da qualidade de vida na cidade. Para tanto, o hidrograma ecológico deve ser observado.
	Programa de copas de árvores/arborização em frente aos lotes É estratégico tomar partido do conjunto de copas de árvores como uma estratégia para viabilizar, um ambiente mais convidativo para o pedestre e para fortalecer o senso de lugar de uma vizinhança.

Tabela 2 – Padrões urbanos classificados de acordo com as Dimensões da Sustentabilidade
Fonte: Produzido por Gonçalves (2024)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é clara a necessidade de se debater intervenções no meio urbano de forma a diminuir o impacto que a urbanização avançada gerou nas bacias hidrográficas. As SbNs são apresentadas como uma alternativa que pode ser implementada em novos projetos ou como complemento no já instalado sistema de gestão de águas urbanas das cidades, auxiliando também na melhoria urbana de regiões periféricas deixadas de lado pelo poder público.

Os padrões apresentados buscam a sistematização das possíveis soluções a serem aplicadas na Região Administrativa estudada. O uso desse elemento, que traduz uma solução arquitetônica no formato de desenho, facilita o entendimento da comunidade geral tornando o trabalho mais legível para pessoas fora da área da Arquitetura e Urbanismo. Essa tradução facilita a aplicação do trabalho em projetos futuros como Audiências Públicas e uso no Programa Periferia Sem Risco da Secretaria Nacional de Periferias.

A urgência de se aplicar novos métodos para solucionar o saneamento básico das cidades e tornar as cidades mais resilientes é latente e esse trabalho apresenta soluções que podem ser aplicadas e replicadas por toda Ceilândia diminuindo os problemas causados no Sol Nascente.

6. BIBLIOGRAFIA

Andrade, L., & Lemos, N. (2015). Qualidade de projeto urbanístico - sustentabilidade e qualidade da forma urbana. Em Qualidade de projeto urbanístico - sustentabilidade e qualidade da forma urbana (p. 19–97). Universidade de Brasília.

Andrade, L. M. S. (2014). Conexões dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos: A construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem. Universidade de Brasília.

Companhia de Planejamento do Distrito Federal-Codeplan. (2022, novembro). Tabelas de resultados PDAD 2021. Codeplan - Companhia de Planejamento do Distrito Federal. *https://www.codeplan.df.gov.br/tabelas-de-resultados-pdad-2021/*

Lefebvre, H. (2001). O direito à cidade. Centauro.

Pacheco, T., & Faustino, C. (2013). A Iniludível e Desumana Prevalência do Racismo Ambiental nos Conflitos do Mapa. Em Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos (p. 73–114). FIOCRUZ.

Rosa, M. L. (2011). Micro planejamento: práticas urbanas criativas = microplanning, urban creatives practices. Editora de Cultura.

Secretaria de Meio Ambiente do Distrito Federal. (2021). Plano de enfrentamento dos impactos adversos da mudança global do clima para reduzir as vulnerabilidades e ampliar a adaptação no Distrito Federal com foco especial nos eventos climáticos extremos referentes a recursos hídricos e extremos de temperatura.

Tucci, C. E. M. (2008). Águas urbanas. Estudos Avançados, 97–112.

R43

A BITTERSWEET AMBIENCE EXPERIENCE: THE PANDEMIC SITUATIONS OF INHABITING THE PARTY

UMA AGRIDOCE EXPERIÊNCIA DAS AMBIÊNCIAS: AS CONJUNTURAS EMERGENCIAIS POSSÍVEIS DE HABITAR A FESTA

Luiza de Farias Melo
Mestra em Arquitetura
Professora do Ecossistema Ânima
luiza.melo@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The pandemic profoundly transformed the experience of public spaces, especially in Brazil, where social inequalities exacerbate disparities. The reduction in circulation and the temporary shift of interactions to digital contexts created new forms of perception and interaction. This article delves into urban festive ambiances, focusing on Olinda's carnival festivities during their brief survival on digital pandemic platforms. In this context, live streams and other forms of digital engagement attempted to recreate physical presence, temporarily hosting the festivities in an effort to preserve the celebration and some sociability despite the interaction limitations imposed by the platforms. The article examines how these digital events reflected and reconfigured festive ambiances during the pandemic, keeping the essence of the celebrations alive while physical spaces could not be inhabited. Desire and memory emerged as essential components in urban manifestation, though it was understood as an unsustainable instance in the long run.

KEYWORDS: Pandemic. Urban Space. Ambiances. Desire. Memory.

RESUMO

A pandemia transformou profundamente a experiência dos espaços públicos, especialmente no Brasil, onde as desigualdades sociais acentuam as disparidades.A redução da circulação e a transposição temporária de interações para contextos digitais criaram novas formas de percepção e interação. Este artigo se debruça nas ambiências festivas urbanas, enfocando nas festividades carnavalescas olindenses, durante sua breve sobrevivência nas plataformas digitais pandêmicas. Neste contexto, observou-se que transmissões ao vivo e outras formas de engajamento digital tentaram recriar a presença física, alojando temporariamente as festividadesem uma tentativa de preservar a celebração e alguma sociabilidade, apesar das limitações de interação desenhadas pelas plataformas. O artigo analisa como esses eventos digitais refletiram e reconfiguraram as ambiências festivas durante a pandemia, mantendo viva a essência das celebrações enquanto os espaços físicos não podiam ser habitados, trazendo desejo e memória como componentes essenciais na manifestação urbana, ao tempo em que, entendia que era uma instância insustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Espaço Urbano. Ambiências. Desejo. Memória.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia afetou significativamente a forma como o espaço público foi experimentado. Durante este período, as dinâmicas de presença e as possibilidades de trocas urbanas foram desencorajadas pelas autoridades sanitárias, mesmo sem ocorrer um esvaziamento total dos espaços das cidades. Se, como coloca Thibaud (2021): "a ambiência não seria senão a carne do mundo sensível" (p. 175), pode-se dizer que houve uma significativa redução de suas potencialidades e uma

passivização das experiências dos corpos. Seja pela menor circulação de pessoas ou pelo sentimento de alerta e perigo associado à presença física na área urbana, testemunhamos durante a pandemia uma aceleração das tentativas de transferência de todas as formas de interação humana para contextos digitais.

No Brasil, um país onde as desigualdades abissais se manifestam em várias esferas da sociedade, a pandemia modificou as formas de convivência coletiva e, principalmente, as possibilidades de alteridade na cidade. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores de plataformas de entrega cresceram substancialmente e passaram a fornecer produtos básicos para sobrevivência a baixo custo e rapidamente, outra parte da população, vinculada ao serviço desse primeiro grupo, começou a realizar suas atividades laborais e sociais quase exclusivamente de forma remota. Neste grupo, a ausência dos corpos nos espaços urbanos resultou em uma sobreposição de tempos e espaços, através de uma rápida digitalização da vida, na qual as narrativas, memórias e desejos corporificados e inscritos na cidade foram radicalmente alterados. Essas experiências desencarnadas do espaço urbano implicaram em percepções distintas de si e dos outros, gerando não apenas uma nova gramática dos desejos urbanos, mas também diferentes formas de presença e evocação da memória urbana. Para onde se dirigem e como se manifestam as corporeidades quando o espaço urbano, cenário de suas interações sociais e rituais, está interditado devido a emergências sanitárias?

Especialmente ao abordar as ambiências urbanas festivas, aquelas que são palco de festividades populares tradicionais, notou-se a necessidade de recriar provisoriamente espaços que permitissem a sociabilidade festiva, um espaço digital intersticial que possibilitasse alguma experiência coletiva em uma emulação de ambiente urbano. O ambiente digital tornou-se então uma arquitetura agridoce que sintetiza o distanciamento entre os corpos e os espaços, registrando em sua matriz tecnológica limitada aquelas narrativas que apresentaram não apenas os desejos de presença e efetivação das ambiências urbanas, mas também outras formas de evocação da diferença.

Neste ínterim, o artigo discute uma síntese dessa ambígua experiência das ambiências urbanas festivas e sua transferência circunstancial e fantasmagórica para as redes digitais que, durante a pandemia, ao mesmo tempo em que permitiram alguma instância de presença e encontro, também inviabilizaram a experiência materializa e coletiva dos espaços.

As narrativas construídas ao longo de uma constante observação deste contexto, fruto de uma pesquisa de dissertação, registraram as manifestações carnavalescas pandêmicas, tornando-se material para a criação de um outro exercício urbano próprio desta temporalidade e espacialidade de urgência pandêmica. Um cenário no qual as experiências dos corpos, circunscritas a plataformas restritas para performar, habitar e viver, permitiram a efervescência de desejos e memórias latentes, famintos das ambiências urbanas de sua efetivação.

2. PANDÊMIA, TEMPO E ESPAÇO

Ainda estamos desenhando entendimentos a respeito da Pandemia de Covid-19, iniciada, em março de 2020, e terminada, oficialmente, em maio de 2023. Este evento excêntrico dentro da historicidade terrestre trouxe transformações radicais na forma de habitar e conviver durante, sobretudo, os dois primeiros anos da sua decretação pela Organização Mundial de Saúde (OMS). E, apesar da compreensão que, dependendo de contextos culturais, político-informacionais, estatais e econômicos, as experiências humanas foram distintas, a Pandemia tornou-se um marco definitivo na investigação da percepção.

Por se tratar de uma doença de transmissão primordialmente respiratória, ou seja, cuja contaminação dá-se principalmente através da respiração/inalação do vírus, atmosferas compartilhadas tornaram-se perigosas e medidas como isolamento e distanciamento físicos passaram a ser utilizados como contenedores sanitários à proliferação desenfreada da doença.

Diante de uma vetorização virulenta extremamente potente, OMS e entidades comprometidas com a saúde coletiva passaram a recomendar que a população aderisse a tais medidas sanitárias. E com isso, sobretudo as ambiências urbanas e metropolitanas, começaram a experimentar novas performances cotidianas, passando a conviver com um esvaziamento (de parte) da população que pôde se proteger, estando temporariamente ausente dos ambientes compartilhados.

É importante entender que dinâmicas urbanas foram severamente modificadas por essas medidas sanitárias de retirada do corpo do espaço público, mesmo que, principalmente em um país como o Brasil, não represente toda ou a maioria da população. Para esses corpos que passaram a "ficar em casa", passado um momento de choque inicial, as dinâmicas da vida começaram a ser atualizadas. Procedimentos relativos à alimentação, ao trabalho, à sociabilidade, etc. foram sendo recuperados e remodelados a partir de outros dispositivos e possibilidades de desempenho das atividades. Como coloca Favretto e Vassali (2020): "O momento pandêmico nos transforma em deambulantes no território pixelado, as experiências são simultâneas e a noção de tempo se expande: nunca fomos tão digitais."

Ao "ficar em casa", experimentando o "home office", "home school", "delivery" de toda sorte de produtos e o "Zoom" dos demais encontros sociais, vivemos uma digitalização própria de uma temporalidade 24/7. Segundo Crary (2016), a temporalidade 24/7 é uma temporalidade do presente único, de uma sequência sem fim de "timelines" e interações responsivas ao mínimo esforço: "Um mundo 24/7 é um mundo desencantado, com sua erradicação das sombras e da obscuridade, e de temporalidades alternativas" (p. 29). Ainda segundo o autor, este presente interminável promove uma aparência de que tudo está disponível, acessível, utilizável, visível a todo o tempo, desse modo, passa a ignorar limitações - como dia e noite, sono e vigília, online e offline.

Assim, no contínuo 24/7, no online constante nas redes e plataformas digitais e com o confinamento ao espaço "domesticado" do lar, presenciamos não só uma desmaterialização dos marcos espaço-temporais individuais, mas também compartilhados e nisso pode-se obsevar uma diluição da experiência subjetiva e também coletiva.

> Muda a composição fundamental das narrativas de vida: em vez de uma sequência convencional de lugares e eventos associados à família, trabalho e relacionamentos (...) Os quadros de referência pelos quais o mundo pode ser compreendido continuam a perder sua complexidade, esvaziados de tudo que seja imprevisto ou não planejado. Inúmeras, antigas e polivalentes modalidades de troca social foram transformadas em sequência rotineira de solicitação e resposta. Ao mesmo tempo, as respostas se convertem em fórmulas e, na maioria dos casos, reduzem-se a um pequeno inventário de gestos e escolhas possíveis. (Crary, 2016, p.67-68)

Nesse ínterim, pode-se observar o surgimento de uma experimentação ambígua e cindida de dimensões humanas como tempo e espaço. Habitar em concordância essas duas instâncias aparentemente inconciliáveis implicou em uma instabilidade constante nas experiências pandêmicas, uma "não-coincidência dos tempos [e espacialidades que] deixa[ram] sua marca no cotidiano dos corpos, gerando sobre eles efeitos divergentes, mesmo contraditórios." (Turin, 2020).

O surgimento dos smartphones e a possibilidade de acesso à internet desvinculada de um desktop (corpo vinculado à uma postura e espaço físico), já vinha possibilitando uma presença, pelo menos, dupla entre o ambiente fisicamente presenciado e os demais acessados online. Em verdade, a pandemia configurou-se como um evento global de catalisação destas co-presenças.

3. CORPOS, PERCEPÇÃO E AMBIÊNCIAS FESTIVAS PANDÊMICAS

De acordo com Le Breton (2010), o corpo e suas percepções estão basilarmente conectados aos contextos sociais e culturais, sendo "o corpo é o vetor pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída" (2010, p. 7). Os corpos estão continuamente em um processo de interação, desenvolvendo novas modalidades corporais e outros papeis a serem desempenhados enquanto moldam e remodelam "a corporeidade enquanto estrutura simbólica" (Breton, 2010, p. 29). Desse modo, pode-se entender que o corpo e suas percepções se modificam *através* do contexto que se experimenta, sendo, ainda assim, uma instância intransponível para a experiência humana.

> O corpo existe no espaço físico, tem necessidades fisiológicas e sente o ambiente (...) Pensar no espaço virtual como uma substituição do físico seria ignorar

> a natureza corpórea do ser, assim como negar que a Internet contribui para a experiência de alguém seria ignorar a natureza pensante do ser humano (Souza & Kós, 2020)

Considerando que as gramáticas corporais estão continuamente sendo modificado, pode-se também compreender que esta estrutura simbólica dos corpos, suas percepções e sensibilidade também são representações e imaginários cujos limites são variáveis nos contextos histórico-culturais (Le Breton, 2010).

Como a ambiência se apresenta enquanto um entendimento através do qual se perpassam múltiplos elementos e qualidades de um determinado recorte espacial, o corpo e suas gramáticas estão intimamente implicados com os contextos experimentados. Assim como os corpos, as ambiências reúnem em si a ideia de uma sensibilidade encarnada. Desse modo, "a ambiência não seria senão a carne do mundo sensível" (Thibaud, 2021, p. 175).

Considerando que as ambiências implicam sujeitos diversos, sobretudo em ambiências urbanas, essas "carnes" reunirão corpos e sensibilidades de atores plurais. Sendo através das ambiências que as transformações sensíveis vão pedir passagem - deixando, nesse processo, vestígios filtrados, encapsulados, tanto daquilo que é perceptível quanto imperceptível: redes condicionais, *segundo* as quais percebemos o mundo (Thibaud, 2021). Ou seja, *através* das ambiências podemos sentir as múltiplas frequências e percepções que as atravessam.

Jean-François Augoyard (2021) nos indica que os intervalos de festividade são eventos especiais para as ambiências urbanas, momentos em que elas se tornam intensificadas através da proliferação dos sons, do aumento das possibilidades narrativas e dramáticas. Já que, como coloca Rolnik (2016), onde se faz "passar os afetos: é [onde] que parece gerar brilho" (Rolnik, 2016, p. 47). Assim, na festa há uma experimentação e extensão do que já é dado como "certo", abrindo-se a possibilidades de uma fortuita criação: "Ao transformar a cidade ao desejo da dramaturgia, da narração ou da sonorização, as situações festivas da rua abrem brechas na compactação das representações urbanas habituais. O transeunte surpreendido poderá reter algo da ordem do 'isso é possível'" (Augoyard, 2021, p. 131).

Na pandemia, a efetivação dessas ambiências festivas no espaço físico, sobretudo das festas populares de rua, foi extremamente desencorajada. Por se tratar de lugares de muita troca corporal e, por consequência, um risco de contaminação respiratória. No entanto, mesmo diante destas condições, as festividades e seus rituais não deixaram de ser realizados, na instância do que era possível. Algumas delas encontraram nos ambientes digitais a chance de algum deságue, um espaço por onde pudesse (es) correr.

Nesse ínterim observamos a emergência de uma ambiência excêntrica, cujas materialidades do corpo e do espaço físico, bem como suas percepções e possibilidades abertas do evento, tornam-se estanques pelas medidas sanitárias da pandemia, porém virtualizadas nos espaços das plataformas digitais.

Nesse período, corpos e suas sensibilidades passaram a se abrigar no espaço íntimo, porém ingressando nos suportes digitais disponíveis para tornar manifestas suas demandas por ambiências festivas, buscando não só comportar os rituais festivos, garantindo o cumprimento do tempo social diacrônico do calendário festivo – carnavalesco, junino, natalino, etc. – mas, também, extravasar sensibilidades reclusas pelas circunstâncias pandêmicas.

Na temporalidade sincrônica do 24/7 dos dispositivos e plataformas digitais, foram sendo construídas estruturas temporárias para a possibilidade de se evocar a ausência, o desejo e a memória para as ambiências festivas.

No caso das ambiências carnavalescas olindenses, pôde-se observar essa parcial transferência efetivando-se em redes digitais como Instagram e Youtube, sobretudo por parte das agremiações carnavalescas. Através do compartilhamento contínuo de notícias e atualizações das (im)possibilidades da festa na rua, postagens audiovisuais convidando para rememorar e engajar ativamente as ambiências carnavalescas, constante publicação de TBTs[1] (postagens de recordação), *playlists* de músicas carnavalescas, emergência de projetos culturais documentais (fílmicos, auditivos e fotográficos), *lives-cortejo* (em datas importantes e para causas coletivas, como suporte econômico para família trabalhadoras da cultura carnavalesca, etc.) e dentro outras ações digitais identificadas e pesquisadas durante a construção da pesquisa de dissertação.

4. UMA PRESENÇA DA AUSÊNCIA: DESEJO (D)E MEMÓRIA

Em um tempo de transformação radical nas relações e nas formas de habitar espaços e corpos, as ambiências tornam-se ao mesmo tempo universos tão fantasmagóricos quanto fantásticos, onde são perceptíveis um esmaecimento dos contornos que antes lhes compunham, como também se pode perceber uma aura de intensa de potência. O risco fúnebre de uma pandemia que fez milhões de mortes no mundo, tornou-se um instante de suspensão e também de grifo e reforço da importância das ambiências festivas na experiência humana.

Dito isso, entendemos que "o movimento do desejo – ao mesmo tempo e indissociavelmente energético (produção de intensidades) e semiótico (produção de sentidos) - surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis" (Rolnik, 2016, p. 37). Desse modo, o movimento dos desejos provoca, necessariamente, intensidade de sentidos, e traz não só potência como também busca dar-lhe porquês.

Para Rolnik (2016), este agenciamento de corpos, em suas movimentações do desejo, produzem uma ressonância capaz de "fazer caber" novas máscaras e territórios temporariamente (re)formatados: "no encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem" (Rolnik, 2016, p. 31). Em outras palavras, "através de movimentos do desejo visíveis e invisíveis, [há] produção de real social". (Rolnik, 2016, p. 45)

Sendo necessário agenciamento dos corpos para viabilização do desejo e a produção de sociabilidades, como apontado pela Suely Rolnik (2016), quando os espaços físicos se tornaram desaconselháveis para efetivação do encontro, foi através das plataformas, principalmente nas reuniões síncronas e assíncronas possibilitadas através de comentários em postagens de Instagram e em lives comemorativas, onde foi possível compartilhar e resgatar o encontro materializado nas ambiências e registrar os desejos de, novamente, efetivá-las nos corpos.

Nesses suportes gerados durante a pandemia, pode-se observar uma constante evocação dos espaços físicos e seus endereços festivos, dos movimentos do corpo e de suas danças, da ressonância da música e da presença dos cortejos, de maneira geral, dos comportamentos encontrados e intrínsecos às ambiências carnavalescas olindenses. Codificada e recodificada para aqueles que já brincaram o carnaval de rua olindense, a linguagem audiovisual, possibilitada pelas contas e perfis das agremiações tradicionais de frevo nas plataformas digitais; e textual possibilitada entre as trocas de comentários, provocações, emojis, flertes e brincadeiras entre sujeitos participantes das ambiências carnavalescas.

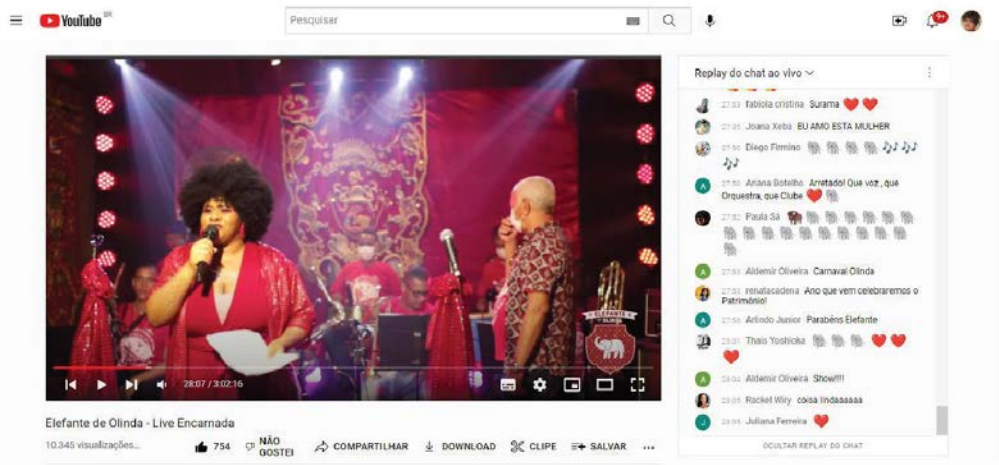


Figura 01: Print do Youtube da Live Encarnada de 2021.
Fonte: Recorte da autora através do Youtube do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda.

Diante da imprecisão de um momento histórico excepcional, a pesquisa se desenvolveu a partir de um processo responsivo, das criações e co-criações compartilhados

dentro dos ambientes digitais, fruto de um acompanhamento contínuo das ações publicadas nestes territórios etéreos. A partir do material coletado, foram as lives-cortejo, transmissões síncronas no Youtube emulando os cortejos nas ruas de Olinda nos dias de carnaval, aqueles recortes que possibilitaram uma concentração de encontros e uma maior manifestação dos desejos carnavalescos.

Mesmo acompanhando diversas criações nas plataformas digitais, de diferentes páginas e agremiações, entidades públicas e carnavalescos, foram a Live Centenária, do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda e a Live do Centenário da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense os recortes escolhidos para aprofundamento.

Figura 02: Print do Youtube da Live Encarnada de 2021.
Fonte: Recorte da autora através do Youtube do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda.

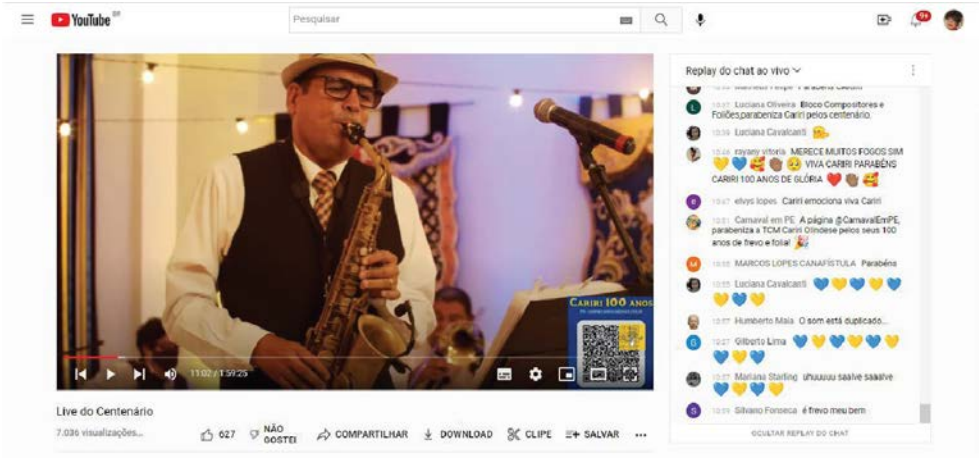


Figura 03: Print do Youtube da Live do Centenário de 2021.
Fonte: Recorte da autora através do Youtube da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense.

Estes momentos, em que os desejos coletivos foram mais vibrantes, viabilizaram sincronicidade e trocas em um ambiente comum para brincantes, além de apresentar o cumprimento do calendário diacrônico (e, em parte, dos horários) dos cortejos carnavalescos, de uma tentativa de emulação e virtualização do "aqui e agora" das ambiências carnavalescas.

> Nos carnavais olindenses dos anos pandêmicos, pode-se dizer que o desejo se apresentou como um vetor propulsor de forças, que reúne e direciona os afetos, sobretudo naqueles relacionados à memória e à ausência da festa, em uma expressão de resistência carnavalesca. Em uma contínua tentativa de dar forma, de criar territórios e máscaras capazes de expressar o Carnaval. (Melo, 2022, p. 25)

Nessa caracterização, os desejos carnavalescos apresentam-se como uma das intensidades de maior registro nas ambiências, inscrevendo junto às configurações dos carnavais anteriores, novas camadas de um momento de exceção. Desse modo, entende-se que mesmo nos dois anos de carnavais cujos cortejos foram transferidos para as plataformas digitais, as ambiências carnavalescas olindenses foram evocadas, acendidas e reescritas, através de narrativas audiovisuais e textuais que as implicavam em um tempo presente de ausência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entanto, por mais que as plataformas possibilitaram alguma espécie de encontro dentro das limitações que as medidas sanitárias pandêmicas, ainda se precisa entender que estas interfaces oferecem reduzidas possibilidades de interação (sobretudo, as mais orgânicas) e troca entre os sujeitos, os lugares e toda gramática inapropriável de sensibilidades que se efetivam nas ambiências.

Longe das fricções porosas de uma festividade de rua, plataformas impossibilitam o contato corporal direto, não-mediado, espontâneo, ingovernável das ambiências urbanas. Expressões faciais e coreografias corporais são substituídas por emojis sintéticos, redutores da gramática expansiva dos corpos em festa. Gritos, cantorias, cumprimentos e toda sorte de vocalizações ficam restritas aos textos compartilhados, geralmente em caixa-alta, para transpor em parte a potência que o momento evoca. Como coloca Crary (2016), nas plataformas há "um estreitamento da capacidade de reação sensorial" (p. 90) inevitável, uma deliberada escolha de quais ações humanas serão trazidas para o ambiente digital enquanto reações preditivas, quais podem gerar dados para serem extraídos (e gerar lucro) (Crary, 2016) (Morozov, 2018).

Pode-se dizer que o que fica da pandemia e das experimentações de emulação e virtualização do espaço urbano que ela provocou é uma catalisação, ainda maior e mais intensa, de um cibridismo das presenças nos ambientes online e offline (Beiguelman, 2004). Se antes da chegada dos smartphones, onde os dispositivos

de um computador só podiam ser acessados através de laptop ou um personal computer, a linha de separação entre o online e o offline, o aqui e o lá, era nítida, hoje, não conseguimos distinguir completamente estes dois universos.

Cada vez mais, sobretudo pós-pandemia de Covid-19, habitamos concomitantemente diferentes ambientes em uma experiência ambígua e hiperconectada que dissolve uma presença dedicadamente exclusiva. Em um contexto como este, as ambiências - em suas complexas instâncias - subjetivas, sociais, físicas, simbólicas, afetivas, etc. – podem ser entendidas como tanto como dimensões riquíssimas de troca de afetos, em que a alteridade urbana e as manifestações não preditivas têm morada; como, por isso, podem ser compreendidas como barreiras para uma simplificação maquinal tecnológica. Segundo Mizoguchi e Carmelini (2020), cada vez mais se opera uma espécie de tradução contemporânea do sujeito incorpóreo cartesiano no qual fisicalidades embricadas às dimensões do corpo e do espaço apresentam indeterminações demasiadas para uma efetivação da generalização informática.

No caso das ambiências carnavalescas e suas performances pandêmicas restritas às plataformas digitais, diante do cenário de interdição, observamos que estes ambientes possibilitaram uma reapropriação dos desejos carnavalescos através de uma repotencialização da presença - material, compartilhada e espontânea – quando esta não foi possível de ser consumada. No entanto, a configuração emergencial, onde foi possível observar algumas virtualizações de dimensões encarnadas na transposição temporária, não só perdeu ênfase e potência no segundo carnaval pandêmico (com menos pessoas síncronas, menos comentários, menos narrativas sendo coletivamente co-criadas), mas também deixa como bagagem uma redução vocabular, corporal e expressiva que, impossível de traduzir para o ambiente digital, pode ser entendida como substituível

6. NOTAS E CITAÇÕES

1 Throwback Thursday

7. BIBLIOGRAFIA

Augoyard, J.-F. (2021). Uma travessia das Ambiências: Dentro... Acima, Longe de... Através de.... In C. R. Duarte & E. Pinheiro (Orgs.), Arquitetura, Subjetividade e Cultura: Cenários de Pesquisa no Brasil e pelo Mundo. Rio de Janeiro: RioBooks.

Beiguelman, G., & Deak, A. (2020). Smart cities, smart virus: Tecnoutopias do novo normal.

V!RUS, São Carlos, (21), 2º semestre, dezembro. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=1&lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2021.

Beiguelman, G. (2021). Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora.

Crary, J. (2016). 24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora.

Favretto, A., & Vassali, M. (2020). Narrativa em tecnologias móveis: reflexões sobre o curta "Nunca é noite no mapa". V!RUS, 21, Semestre 2, dezembro. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=16&lang=pt. Acesso em: 01 fev. 2021.

Le Breton, D. (2010). A sociologia do corpo (4. ed.). Rio de Janeiro: Vozes.

Melo, L. de F. (2022). Ambiências carnavalescas sublimantes: A experiência da virtualidade e o papel do desejo nas festividades de rua em Olinda (dissertação de mestrado) (165 f.). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Morozov, E. (2018). *Big tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora.

Mizoguchi, D. H., & Carmelini, L. J. F. B. (2020). Vetores pandêmicos e a modulação algorítmica do possível. V!RUS, São Carlos, (21), 2º semestre, dezembro. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=11&lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2021.

Rolnik, S. (2016). Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina.

Souza, B. M., & Kós, J. R. (2020). O habitar na pandemia da Covid-19: A transição para lugares virtuais. V!RUS, (21). Disponível em http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=13&lang=pt. Acesso em 1 de fevereiro de 2021.

Thibaud, J.P. (2021). Rumo a uma "ecologia ambiente" do urbano. In C. R. Duarte & E. Pinheiro (Eds.), Arquitetura, subjetividade e cultura: Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo (pp. 77-88). Rio de Janeiro, Brasil: RioBooks.

Turin, R. (2020). Tempos pandêmicos e cronopolíticas. Série Pandemia Crítica. São Paulo: N-1 Edições. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/121>. Acesso em: 01 fev. 2021.

R43

FOR OTHER URBAN ECOLOGIES: AUTONOMY AND INVOLVEMENT IN AN AGROECOLOGICAL COMMUNITY IN THE CONTEXT OF SOCIO-ENVIRONMENTAL VULNERABILITY

POR OUTRAS ECOLOGIAS URBANAS: AUTONOMIA E ENVOLVIMENTO EM UMA COMUNIDADE AGROECOLÓGICA EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Gabriel Schvarsberg
Professor Doutor
Programa de Pós-Graduação em Design, Departamento de Arquitetura e Urbanismo / ESDI / UERJ
gabrielsberg@esdi.uerj.br

Cecília Silva Freitas
Graduanda
Departamento de Arquitetura e Urbanismo / ESDI / UERJ
ceciliaafreitas1@gmail.com

Shaiane Suzano Sideris
Graduanda
Departamento de Arquitetura e Urbanismo / ESDI / UERJ
shaianegssideris@gmail.com

Maria Rita Freitas Do Nascimento
Graduanda
Departamento de Arquitetura e Urbanismo / ESDI / UERJ
mariaritafdn@gmail.com

ABSTRACT

The paper investigates Agroecology and its impact in the urban context, using as an example the Integration Center in Serra da Misericórdia, located in Penha, Rio de Janeiro. The research addresses the principles and challenges of Agroecology, emphasizing territorial struggles and the search for autonomy and transformation of socio-environmental relations. Agroecology is presented as a practice that integrates agronomic, ecological and socioeconomic aspects, promoting sustainable agricultural systems and opposing agribusiness. Urban agriculture, especially when based on agroecological principles, is highlighted as a way of responding to the challenges of urbanization and the climate crisis, improving the urban microclimate, promoting food security and community autonomy. The Serra da Misericórdia Integration Center exemplifies how agroecological practices can foster community autonomy, valuing community involvement, especially in areas of socio-environmental vulnerability, as a crucial factor in creating affective ties with the territory and promoting citizenship through Agroecology.

KEYWORDS: Urban ecology. Agroecology. Communal practices. Autonomy. Involvement.

RESUMO

O artigo investiga a Agroecologia e seu impacto no contexto urbano, utilizando como exemplo o Centro de Integração na Serra da Misericórdia, localizado na Penha, Rio de Janeiro. A pesquisa aborda os princípios e desafios da Agroecologia, enfatizando as lutas territoriais e a busca por autonomia e transformação das relações socioambientais. A Agroecologia é apresentada como uma prática que integra aspectos agronômicos, ecológicos e socioeconômicos, promovendo sistemas agrícolas sustentáveis em oposição ao agronegócio. A agricultura urbana, especialmente quando baseada em princípios agroecológicos, é destacada como uma forma de responder aos desafios da urbanização e da crise climática, melhorando o microclima urbano, promovendo segurança alimentar e autonomia comunitária. O Centro de Integração Serra da Misericórdia exemplifica como práticas agroecológicas podem fomentar a autonomia comunitária, valorizando o envolvimento da comunidade, especialmente em áreas de vulnerabilidade socioambiental, como fator crucial para criar laços com o território e promover cidadania através da Agroecologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia urbana. Agroecologia. Práticas comunais. Autonomia. Envolvimento.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho investiga, de maneira geral, a Agroecologia, a agricultura urbana e seu impacto no contexto urbano a partir do exemplo do CEM (Centro de Integração na Serra da Misericórdia), presente no bairro da Penha, no Rio de Janeiro. Para isso, serão abordados seus princípios fundamentais e desafios. A investigação se pauta nas lutas territoriais, que visam a mudança do contexto no qual se encontram, para desenvolver autonomia e a transformação das relações socioambientais entre moradores e seu território.

Este estudo é parte do projeto "Microecologias críticas: cartografia de territórios de luta, autonomia e cooperação", uma pesquisa dedicada a investigar e construir um acervo de práticas coletivas espaciais e modalidades emergentes de atuação e lutas territoriais que, na condição de exemplos, apontam outros modos de projetar e produzir espacialidades, menos estrativistas e antropocêntricas. A estas práticas damos o nome de microecologias críticas, agenciamentos pautados no envolvimento criado a partir das práticas, entre seus praticantes e o território onde habitam. Cultivando ambiências ecológicas na cidade a partir dos modos de fazer baseados mais em envolvimento do que no desenvolvimento (Bispo dos Santos, 2023), as práticas do CEM desarmam o imaginário negativo associado às favelas, mostrando que a agroecologia urbana neste contexto é capaz de gerar respostas criativas e potentes aos problemas urbanos e indicar outros designs possíveis a serem propagados por narrativas urbanas insurgentes.

2. O POTENCIAL DA AGROECOLOGIA EM CONTEXTOS URBANOS

A Agroecologia é uma prática que surge por volta da década de 1930 e que, ao decorrer do tempo, foi sendo aprofundada e desenvolvida através de diversas experiências concretas, pesquisas e estudos, conforme explica Miguel Altieri (2004):

> A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais (Altieri, 2004, p. 23).

Essa ciência reforça a integração entre diferentes contextos envolvendo dimensões ecológicas, sociais, econômicas e culturais, comprometidas com a criação de sistemas agrícolas sustentáveis e com a melhor relação possível entre esses diferentes aspectos. Ao mesmo tempo, é um movimento político, em sentido amplo, fazendo oposição ao agronegócio. Como explica Juliana Santilli (2009) ao dizer que o agronegócio se

caracteriza pela produção baseada na monocultura, especialmente de produtos cujos valores são ditados pelas regras do mercado internacional, pela utilização intensiva de insumos químicos e de máquinas agrícolas, pela adoção de pacotes tecnológicos, padronização e uniformização dos sistemas produtivos, além da artificialização do ambiente e pela consolidação de grandes empresas agroindustriais. Sendo assim, tentando se opor ao sistema agrícola hegemônico na atualidade, a agroecologia visa difundir práticas mais saudáveis para o ambiente e para o próprio consumidor, na medida em que assegura melhor qualidade de vida - humana e não-humana - e promoção da biodiversidade.

A Agricultura Urbana, por sua vez, se estabelece como qualquer tipo de plantação, meio de cultura de alimentos e outras atividades agrícolas, podendo envolver também a criação de animais. Esta atividade possui o diferencial de ocorrer dentro do contexto das cidades de qualquer porte e, nos dias atuais, vem sendo tratada como uma forma de garantir mais espaços verdes para os centros urbanos. Como explica Eric Vida Ferreira da Guia (2013), essa agricultura, sobretudo quando praticada em bases ecológicas, está diretamente associada à manutenção de espaços vegetados nas cidades, já que a vegetação urbana é, em alguns municípios, composta por espécies produtivas. Dessa forma, a agricultura urbana se apresenta como uma forma de responder a alguns dos desafios existentes decorrentes do processo de urbanização e sua influência na catástrofe climática planetária em curso (Guia, 2013). Frente a estes desafios, a agricultura urbana tem potenciais múltiplos, como melhorar o microclima urbano e a capacidade de drenagem natural de águas pluviais, promover a segurança alimentar da população, a preservação de reservas verdes e autonomia de comunidades. Este último aspecto é o tema de aprofundamento desta pesquisa.

Torna-se importante ressaltar que a Agricultura Urbana não é uma prática agroecológica por si só, mas, se adotados princípios da Agroecologia, seu potencial de fortalecimento comunitário, associado às dimensões educativas, ecológicas e econômicas, torna-se muito grande. Quando essas práticas se apropriam de diferentes meios, como terrenos baldios ou vazios urbanos, elas possibilitam a utilização desses espaços para trazer requalificação ambiental e fornecer uma função social à propriedade, conforme prevê o Estatuto da Cidade (Lei 10.257/2001). Também podem ser inseridas em quintais, varandas ou canteiros existentes nas vizinhanças e comunidades, transformando a ambiência usual desses contextos com mais áreas verdes. Com o uso de poucos recursos e a realização em localidades sem uma função específica, é possível que essa ferramenta se multiplique a partir de práticas comunitárias e políticas “de baixo para cima” ao longo das manchas urbanas.

A sua implementação pode ser exercida como uma opção para suprir a demanda da população por alimentos, complementando a produção rural. Quando aplicada em pequenas e médias comunidades, é possível também ser aproveitada como uma forma de fonte de renda dos moradores, estabelecendo uma economia circular no contexto local. Segundo o livro “Princípios de Agroecologia”, de Lia Reiniger (2017), a dimensão econômica está relacionada ao balanço entre ganhos e perdas econômicas

no processo produtivo e também a todas as estratégias que os agricultores encontram para se inserir no mercado, seja local, regional ou global. No caso da agroecologia urbana, ou próxima a contextos urbanos onde pode se articular a redes alternativas de conexão produtor-consumidor, o custo da produção diminuiu por conta da diminuição dos gastos com transporte rodoviário e manutenção desses produtos, e se torna, ao mesmo tempo, mais sustentável devido a sua proximidade com o cliente final.

É possível perceber, ainda, um viés educativo na implementação da Agroecologia no contexto urbano. Por conta da aproximação da comunidade com o cultivo dos alimentos, criam-se vínculos para além do econômico entre o produto, o produtor e o consumidor final. Com o processo de urbanização e desenvolvimento de grandes aglomerados metropolitanos, observou-se um distanciamento e desconhecimento das populações urbanas sobre a produção alimentar. A cadeia produtiva cresceu e se desmembrou com a industrialização e, posteriormente, com a globalização. Atualmente, os processos produtivos de alimentos são muito complexos e passam por diversas etapas antes de chegar ao usuário. Este cenário, que está diretamente relacionado com a atual crise societária (Ribeiro, 2012) — uma crise que é ao mesmo tempo climática, ambiental, social, econômica e subjetiva — sinaliza que a criação de novas relações entre populações urbanas com o cultivo de alimentos se torna de suma importância para a formulação de alternativas ao modelo predatório de desenvolvimento vigente, uma relação que pode ser recuperada e reinventada a partir de novas soluções baseadas na Agroecologia.

Com a aplicação das práticas de Agricultura Urbana espalhadas por pequenas e médias comunidades, a soberania alimentar desses moradores pode ser mais facilmente garantida, no sentido de que essas comunidades sejam capazes de definir "suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais", como foi afirmado no Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, em Havana (2001).

Através da autonomia comunitária, é possível desenvolver mentes críticas sobre a relação entre meio ambiente e cidadania. Assim, os moradores refletem sobre a preservação do seu espaço, a partir da compreensão do valor da região para os processos ecológicos de maneira ampla. Viana e Santos (2022) discutem a noção de autonomia como a capacidade das comunidades buscarem diálogos e parcerias em ações que visem à solução de problemas cotidianos e à sua emancipação. Dessa maneira, a população descobre seu lugar de moradia como uma área de potencial contribuição ecológica, visando sua manutenção. Como uma das premissas da Agroecologia é fomentar essa interconexão entre os diferentes ecossistemas, integrando a atividade humana sustentável com o meio ambiente, ela é uma alternativa para gerar espaços de proteção da fauna e flora de uma região (Reiniger et al., 2017).

A autonomia e a cooperação, como bases de uma luta urbano-ambiental periférica, são as principais construções cultivadas pelas práticas agroecológicas do Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM) e do grupo Verdejar, localizados no bairro da Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro. A seguir, buscamos refletir sobre como as práticas destes coletivos ilustram os princípios e desafios apontados previamente ao realizarem uma série de ações capazes de transformar positivamente as comunidades em que estão inseridos, em um contexto de vulnerabilidade socioambiental e atravessado por diversas disputas territoriais.

3. SERRA DA MISERICÓRDIA E SEUS "PROTETORES"

A Serra da Misericórdia é um exemplo de como as práticas agroecológicas, quando bem aplicadas, auxiliam no desenvolvimento de espaços sustentáveis a partir da educação, da soberania alimentar e da autonomia comunitária. O local é um maciço que compreende 27 bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro, entre duas baixadas principais, Inhaúma e Irajá (Bessa & Guia, 2012). Ela abriga uma das últimas áreas de Mata Atlântica nativa dessa região do Estado, como afirma Edson Gomes, cofundador do grupo Verdejar, no documentário "Olhares da Misericórdia - A Serra que Atravessa Gerações" (2018), o que a torna um espaço disputado e vulnerável à deterioração ambiental. Trata-se, portanto, de um território complexo, que se desenvolveu a partir de um processo de urbanização desordenado, com o desenvolvimento de algumas favelas, como as que compõem os Complexos do Alemão e da Penha.

Neste contexto de concentração de pobreza e vulnerabilização social, conflitos envolvendo empresas mineradoras e o narcotráfico contribuem com outras camadas de violência e disputas territoriais. É neste cenário que o Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM) surgiu como uma prática social de resistência, lutando pela sua preservação e manutenção para as gerações futuras.

Em 2000 a Serra da Misericórdia foi oficializada como uma Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana (APARU) pelo Decreto Municipal 19.144, como uma forma de estabelecer um espaço preservado ambientalmente, porém não houve investimentos ou intervenções efetivas do poder público. Antes mesmo dessa determinação, Luiz Poeta, um dos fundadores do grupo Verdejar (prática agroecológica da região), já era uma figura de destaque na área que, através de diversas iniciativas, uniu pessoas para criar uma organização que fosse atuante na defesa da Serra. Seu legado foi construído na ligação entre a comunidade e a Agroecologia, fato que é evidenciado em uma das entrevistas dadas ao site de notícias RioOnWatch:

> A agroecologia é um movimento que pretende transformar a sociedade com a qual se encontra. O amor é praticado; as pessoas se abraçam, vivem juntas, valorizam a agricultura, o direito da mulher, os quilombos. É um movimento de transformação. (RioOnWatch, 2011)

Nesse contexto, destaca-se a criação do Centro de Integração Serra da Misericórdia (CEM), que tem suas atividades voltadas à soberania alimentar, complementada pela preservação ambiental. Suas ações — iniciadas no ano de 2011, no Complexo da Penha — se fundamentam na promoção da cidadania a partir do cultivo de alimentos para a população, seguindo bases da agroecologia. Ana Santos, coordenadora da organização, afirma: "Quando a gente fala de uma área verde na favela, a gente está falando de bem-viver e de construir outras alternativas para viver bem neste local!". Ela ainda elucida que o projeto e os moradores "não estão ali para matar a floresta, mas sim para mantê-la a partir do morar e do plantar". Para isso, a prática de agricultura urbana, criação de hortas comunitárias, canteiros de compostagem e viveiros foram implementadas como espaços de uso comum, onde os articuladores — como são entendidos os moradores participantes — puderam experimentar esse contato com o cultivo de culturas diversas, resgate e propagação de saberes tradicionais, criando um sistema de fortalecimento comunitário e da produção agrícola em pequena escala.

Observa-se que, através do uso de técnicas tradicionais que são transmitidas entre os moradores, surge uma forma de integração social entre os participantes envolvidos nas ações, que pode ser entendida como criação de autonomia a partir da relação com a terra. O plantio de vegetais e hortaliças é uma atividade que gera bem-estar e leva a um processo de pertencimento dos indivíduos, que passam a ver a si mesmos como integrantes do lugar de uma forma mais integrada ao ambiente. A criação de hortas comunitárias é uma das táticas para gerar conexão entre o consumidor e sua alimentação, além de proporcionar reconexão com os recursos naturais disponíveis e a moradia (Reiniger et al., 2017).

A criação dessa prática segue também o ideal de levar uma alimentação mais saudável para os habitantes da Serra, além de facilitar o acesso aos alimentos orgânicos. Em uma entrevista dada à TV Brasil (2019), Valdirene Militão, educadora social da Fiocruz, enuncia que "as pessoas estão abrindo mais e descascando menos", alertando sobre o aumento do consumo de alimentos industrializados substituindo uma alimentação saudável. O contato direto com a produção, promovido pelo CEM, gera um maior controle da qualidade alimentar e mais acessibilidade a alimentos naturais para os moradores, pois, com a produção local, o custo dos alimentos diminui, facilitando o acesso para aqueles que estão ali.

Um exemplo de ação do CEM, voltado à produzir engajamento comunitário, foi a implementação do projeto de multiplicação de viveiros de plantas. Este projeto tinha como objetivo criar uma rede de colaboradores e produtores, fazendo com que as mudas fossem distribuídas e plantadas em diferentes localidades adjacentes à Serra. O comprometimento da população, que participou da iniciativa com essa tentativa de difundir a agricultura urbana, foi fundamental e constituía o efetivo foco de desafio, isto é, criar, fortalecer e tirar proveito da formação de uma coletividade

(Biz, 2022). O discurso da Ana Santos, utilizado no concurso para receber recursos financeiros da Faperj demonstra como foi adotado esse sistema:

> [...] a tecnologia social será projetada em conjunto com a comunidade, a partir de uma abordagem colaborativa e participativa, tornando o projeto mais alinhado com os hábitos culturais e interesses da comunidade. A construção dos equipamentos de baixo custo, utilizando a maior parte de recursos disponíveis possíveis, aumenta a viabilidade das tecnologias, visto que elas podem ser replicadas com poucos recursos. Assim, asseguramos que o projeto implantado de baixo para cima e em etapas graduais terá mais efetividade de continuar funcionando no médio e longo prazo (Santos apud Biz, 2022, p. 105).

Esse retorno à agricultura com bases agroecológicas evidencia o papel social da reativação de técnicas tradicionais, que evitam a degradação ambiental e reconectam o morador com a terra. A partir do envolvimento da população, o Centro de Integração Serra da Misericórdia explora a busca por uma vida mais digna e mais cidadã a partir da mobilização de um coletivo. As péssimas condições de habitabilidade existentes, como serviços precários de saneamento básico, falta de espaços verdes e de lazer, além da violência presente, deram impulso para que o grupo atuasse em diferentes frentes que pudessem auxiliar em melhores oportunidades. Assim, a comunidade envolvida atua não só enquanto praticantes, mas como educadores em potencial na escala da vizinhança, conduzindo trabalhos pedagógicos voltados para a instrução de práticas agroecológicas, principalmente para as pessoas mais jovens, uma formação cidadã alternativa capaz de fomentar mentes críticas no seu próprio espaço. Estas ações se multiplicam através de diversos encontros e oficinas entre os próprios participantes do CEM, moradores locais e de outras comunidades, uma aposta ecológica e política para criar envolvimento e afetividade.

Ana Santos comenta que o projeto inicialmente enfrentou dificuldades em envolver a comunidade, mas encontrou na alimentação um ponto de partida para fortalecer vínculos, criando hortas comunitárias, compostagem e viveiros. Além disso, o Centro promove eventos e oficinas baseadas nas necessidades dos moradores, abordando temas como compostagem, produção de alimentos e saúde mental. Um foco importante, destacado pela coordenadora, é o empoderamento das mulheres negras, especialmente no contexto da alimentação e educação, com a criação da Escola Popular Agroecológica, que oferece atividades educativas e culturais para crianças. Também são estabelecidas redes de cooperação com outras instituições e promovidas práticas de urbanismo tático, criando um ambiente de troca e fortalecimento comunitário. A visão de futuro do CEM inclui a implementação de saneamento ecológico, proteção ambiental e a difusão dos conceitos agroecológicos, visando intensificar sua capacidade de transformação da comunidade e promover melhorias na qualidade de vida dos moradores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirma Pedro Biz (2022) em sua tese de doutorado, "a Serra não é apenas um lugar, uma narrativa de espaço, um território, mas também, as lutas e as construções que a constituem, todas as formas de vida que a habitam, humanos e não humanos, além das interações e interrelações entre todas estas, uma narrativa de tempo, de bem viver". O Centro de Integração Serra da Misericórdia exemplifica como práticas sociais locais podem enfrentar desafios urbanos contemporâneos, promovendo autonomia, cooperação e proteção dos recursos naturais, mesmo diante da ausência de apoio do poder público.

> É uma posição política sobre o tipo de lugar em que se deseja viver. É a reivindicação de um território a ser envolvido a partir da agroecologia, do resgate de raízes aterradas, pela intenção de viver do que se cultiva e de proteger esse bem comum que é a terra, o solo. (Biz, p 82)

Essa complexidade nas relações criadas entre a terra e seus moradores remonta ainda mais à questão do pertencer à Serra da Misericórdia. As práticas aqui apresentadas criam uma narrativa urbana insurgente ao envolver habitantes e território em novas maneiras de reivindicar usos e valores possíveis ao espaço habitado e cultivado, um espaço e uma história comunal de bem viver e autonomia, disputando seus sentidos contra o imaginário da violência e da precariedade. Nesse contexto, a Agroecologia surge como uma forma de manter ainda mais forte esse vínculo entre os diferentes seres, além de ser uma possibilidade de produzir consciência crítica coletiva e buscar soluções locais e viáveis para os danos causados pela ação antrópica no território.

Como afirma Rodrigo Savazoni (2018), "O comum pede a interdependência: entre as pessoas, as pessoas e os recursos, os seres humanos e o planeta, a cultura e a natureza. Exige, por isso, uma entrega de todos os envolvidos. Não há comum sem uma sólida e vibrante rede de afetos". Essa afetividade se desenvolve e faz com que os coletivos e suas lutas possam prosperar e transformar o futuro. Quando se observa a relevância e o significado que proteger seu próprio lar possui, visto que ele pode ser afetado a qualquer momento por diferentes forças, percebe-se a importância do protagonismo da ação comum territorializada que a coletividade produz.

A partir das histórias do CEM na Serra da Misericórdia, é possível compreender como as práticas agroecológicas ultrapassam a esfera estrita da produção de alimentos. Elas têm enorme potencial de impactar positivamente o meio em que se inserem, especialmente quando se trata de áreas de vulnerabilidade social e historicamente desprovidas de investimentos públicos. Neste sentido, a implementação da agricultura urbana com viés agroecológico, como uma narrativa insurgente para outros modelos de cidade, aponta para a uma possibilidade de fomentar a autonomia comunitária ao cultivar um controle social maior do território, transformando-o em um local mais sustentável e participativo. Constroem-se novas relações a partir da propagação de diferentes saberes e conhecimentos, criando, também novas relações e laços

afetivos com o local, com a paisagem e a terra, reduzindo a tradicional separação entre cidade e natureza, cidade e campo, indicando, assim, visões urbanas que se afastam do modelo moderno ocidental que vem conduzindo o planeta para a catástrofe ambiental.

A dimensão social, política, histórica e cultural que essas práticas adquirem, demonstram que projetos assim podem ser disseminados para que outras comunidades se apropriem das ferramentas, princípios e potenciais da prática agroecológica. Enquanto há a ausência do poder público para promover melhores qualidades de vida e proteger os bens naturais contra forças coloniais, predatórias e desiguais que agem nos territórios produzindo desigualdade e deterioração socioambiental, essas práticas se tornam microecologias críticas, iniciativas localizadas e potentes de gestão e transformação territorial por meio do envolvimento, da autonomia e da cooperação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo Racismo Ambiental. (2015) Combate Racismo Ambiental. Dia Mundial do Meio Ambiente: cinco projetos comunitários praticando a sustentabilidade.

https://acervo.racismoambiental.net.br/2015/06/06/dia-mundial-do-meio-ambiente-cinco-projetos-comunitarios-praticando-a-sustentabilidade/.

Altieri, M. (2004). Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Editora da UFRGS, 2004.

Bispo dos Santos, A. (2023). A terra dá, a terra quer. UBU Editora / PISEAGRAMA.

Bessa, E. & Guia, E. V. F. (2012). Áreas Urbanas de Preservação: conflitos socioambientais em torno da APARU da Serra da Misericórdia na cidade do Rio de Janeiro. 3° Seminário Nacional sobre o Tratamento de Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano e Restrições Ambientais ao Parcelamento do Solo.

Benfeitoria. (2024). Projeto CEM. CEM - Serra da Misericórdia. *https://benfeitoria.com/projeto/cem#:~:text=O%20Centro%20de%20Integra%C3%A7%C3%A3o%20na*.

Borges, P. V. (2017). Cultivos do comum: Comunicação e produção de ruralidades no Rio de Janeiro (tese de graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Diário Oficial do Rio de Janeiro (2000). Decreto n° 19144 de 14 de novembro de 2000, Cria a Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana da Serra da Misericórdia - AP-3. 15 nov 2000.

Documentário. (2020, 20 de março). AGRO | EP 17 - Agroecologia [Vídeo]. Youtube. *https://www.youtube.com/watch?v=ShP1ZvhM6wE&t=84s*

Biz, P. (2022). Arranjo Local Penha: Compostando uma comunidade agroecológica na Serra da Misericórdia. (tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Documentário. (2018, 21 de setembro). Olhares da Misericórdia - A Serra que Atravessa Gerações [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=e3tzqDPr2qs

Facebook. (2023). CEM - Centro de Integração Serra da Misericórdia https://www.facebook.com/CEMIntegracaoNaSerra?locale=pt_BR

Guia, E. V. F. (2013). Relações entre processo de ocupação e as características socioambientais da região da Serra da Misericórdia, subúrbio do Rio de Janeiro (tese de graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Midia Ninja. (2021.) Agricultura Familiar. "É preciso entender a agroecologia como uma ciência capaz de transformar a realidade", destaca presidenta da ABA. https://midianinja.org/news/e-preciso-entender-a-agroecologia-como-uma-ciencia-capaz-de-transformar-a-realidade-destaca-presidenta-da-aba/

Reiniger, L. R. S. (2017) Princípios de agroecologia [recurso eletrônico]. Repositório UFSM.

Ribeiro, A. C. T. (2012). Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço. Letra Capital.

Reportagem (2019, 30 de abril). Caminhos da Reportagem | Agricultura urbana [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=0LNmnm5RtIo&t=555s

Reportagem. (2023, 14 de junho). Hiperconectado | AGROECOLOGIA [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=qR1ZkmeRXwo

RioOnWatch. (2015). Olho na Participação. Cadê o Parque Municipal da Serra da Misericórdia?

https://rioonwatch.org.br/?p=16172.

Santilli, J. F. R. (2018). Agrobiodiversidade e o direito dos agricultores (tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná.

Savazoni, R. (2018). O comum entre nós: da cultura digital à democracia do século XXI. Edições Sesc.

Souza, A. S. &. Araújo, L. E. B. Revolução verde: o cenário de uma monocultura e a busca de um verdejar na Agroecologia (tese de graduação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Viana, MLD. & Santos, M. C. L. (2022). Design e autonomia: experiências coletivas de participação popular no Morro do Papagaio. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v.14, e20210098. DOI: 10.1590/2175- 3369.014.e20210098

R43

KALUNGA URBANISM: SUSTAINABILITY, ANCESTRY AND IDENTITY

URBANISMO KALUNGA: SUSTENTABILIDADE, ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE

Angélica Azevedo e Silva
Arquiteta e Urbanista
Universidade de Brasília (UnB)
angelicazv21@gmail.com

Liza Maria Souza de Andrade
Professora Doutora da FAU
Universidade de Brasília (UnB)
lizamsa@gmail.com

Caio Monteiro Damasceno
Arquiteto e Urbanista
Universidade de Brasília (UnB)
monteiroiuba@gmail.com

Solange Clemente
Kalunga e Avá-canoeira
Comunidade quilombola Kalunga

ABSTRACT

Urban narratives need to be reconsidered, especially in terms of sustainability, ancestry, and the identity of traditional communities. The municipality of Cavalcante (Goiás) is highly relevant due to the Chapada dos Veadeiros National Park, the Pouso Alto EPA, and the Kalunga Historical and Cultural Heritage Site, the largest remaining quilombo territory in Brazil, with land occupation rooted in nature and the preservation of knowledge. However, it faces urban environmental management problems, making it necessary to address these issues in the Master Plan review. This article aims to demonstrate the analysis of urban sustainability dimensions conducted on three scales: macro, meso, and micro, focusing on Vila Morro Encantado, where a large part of the Kalunga community resides. The exchange of knowledge with the Kalunga community enabled the advancement of territorial planning guidelines in the form of spatial and event patterns (Alexander et al., 1977; Andrade, 2014).

KEYWORDS: sustainability. ancestry. identity. Kalunga. planning.

RESUMO

As narrativas urbanas precisam ser repensadas especialmente nos termos da sustentabilidade, ancestralidade e identidade das comunidades tradicionais. O município de Cavalcante (Goiás) possui elevada relevância pelo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, pela APA de Pouso Alto e pelo Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, maior território quilombola remanescente do Brasil, com uma ocupação do território enraizada na natureza e na preservação de saberes. Porém, enfrenta problemas de gestão ambiental urbana, sendo necessário inserir tais questões na revisão do Plano Diretor. Este artigo tem como objetivo demonstrar a análise das dimensões da sustentabilidade urbana realizada em três escalas; macro, meso e micro com foco na Vila Morro Encantado, onde habita grande parte da comunidade Kalunga. A partir da troca de saberes com a comunidade Kalunga foi possível avançar com a proposição de diretrizes de planejamento territorial no formato de padrões espaciais e de acontecimentos (Alexander et al. 1977; Andrade 2014).

PALAVRAS-CHAVE: sustentabilidade. ancestralidade. identidade. Kalunga. planejamento.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma análise realizada em Cavalcante-GO, a partir de trabalhos de extensão realizados ao longo do tempo, dos quais surgiram a demanda para a elaboração de um projeto de reconfiguração de uma avenida na Vila Morro Encantado, integrando as temáticas da **sustentabilidade, ancestralidade e identidade.** A pesquisa faz parte dos projetos de extensão "Gestão Ambiental Urbana Participativa e Turística" (2022-23) e "Arquitetura Vernacular Kalunga" (2022-23) do grupo Periférico da FAU-UnB. Além disso, serviu de inspiração para o desenvolvimento do projeto "Planejamento Territorial e Urbanismo Kalunga" (2024), visando a continuidade dos estudos.

Desde o século passado estudos têm sido conduzidos para avaliar o impacto da ação humana na natureza e a essencialidade de adotar práticas mais saudáveis e sustentáveis no modo de viver. O recente período de pandemia intensificou a conscientização ecológica quanto à importância das cidades e espaços habitacionais possuírem ambientes mais verdes e abertos, visando melhorar a saúde e o bem-estar das pessoas. Os povos indígenas e quilombolas, por exemplo, têm muito a ensinar por sua vivência em profunda conexão com a natureza. E essa reconfiguração dos espaços urbanos deve ser feita em conjunto com a comunidade para promover uma coesão social e fortalecer o sentimento de vizinhança e de pertencimento, colaborando na criação de ambientes que respeitem a diversidade e a identidade cultural.

Contextualizando, o município de **Cavalcante-**GO (figuras 1 e 2) possui elevada relevância por apresentar áreas como o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, com sua rica biodiversidade do Cerrado; a Área de Proteção Ambiental de Pouso Alto; e o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural **Kalunga,** maior território quilombola remanescente do Brasil, com uma ocupação do território enraizada na natureza e na preservação de tradições ancestrais. Porém, enfrenta problemáticas relacionadas à especulação imobiliária, expansão urbana descontrolada, gentrificação, sobrecarga na infraestrutura e desrespeito com a preservação ambiental, histórica e cultural devido a uma gestão ambiental urbana inadequada frente ao aumento de atividades turísticas na Chapada e à existência de um Plano Diretor (2012) que não insere satisfatoriamente as questões identitárias e de sustentabilidade.

Dessa forma, houve a necessidade de estudar diretrizes de planejamento urbano em **três escalas de análise** (macro – o município, meso – a cidade e micro – a Avenida) **das dimensões da sustentabilidade urbana** (ambiental, social, econômica e cultural) baseadas em Andrade e Lemos (2015). O objetivo é contribuir com a revisão do **Plano Diretor** (2012) e propor **soluções alternativas** baseadas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (especialmente o de nº11 "Cidades e comunidades sustentáveis"), na infraestrutura verde, na preservação (ambiental, histórica e cultural), nas funções sociais da cidade, no fortalecimento da cultura Kalunga, no desenho urbano sensível à água (Andrade, 2014) e nas soluções baseadas na natureza (SbN, 2022).

Figura 1. Imagem de drone da paisagem de Cavalcante.
Fonte: Valmor Pazos Filho (2021).

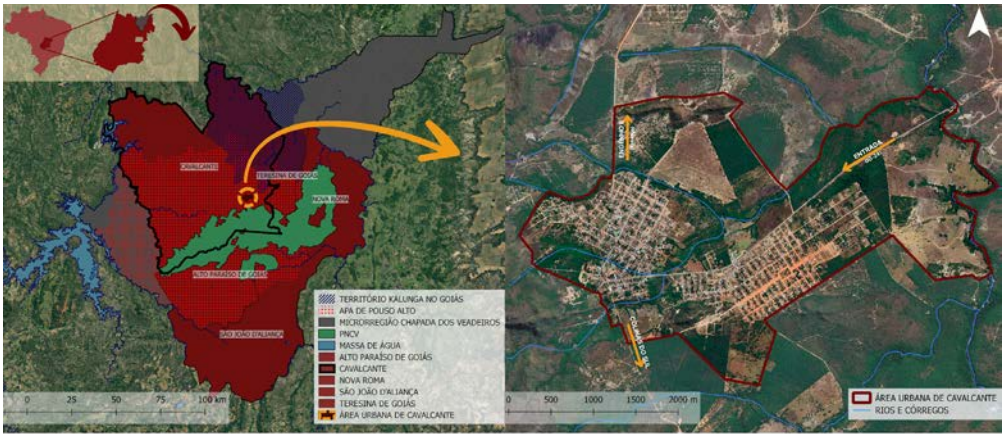


Figura 2. Mapa de localização do município de Cavalcante na Chapada dos Veadeiros e de sua área urbana.
Fonte: Autoria própria (2023).

Este artigo tem como objetivo demonstrar a análise das dimensões da sustentabilidade urbana (Andrade e Lemos, 2015) realizada em três escalas; macro, meso e micro com foco na Vila Morro Encantado e avançar a partir da troca de saberes com a comunidade Kalunga na extensão universitária com a proposição de diretrizes de planejamento territorial no formato de padrões espaciais e de acontecimentos (Alexander et al, 1977; Andrade, 2014) que contemplem a tríade sustentabilidade, ancestralidade e identidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os discursos sobre **sustentabilidade** urbana surgem como uma resposta às problemáticas enfrentadas pelas cidades contemporâneas. Esse conceito é definido como a capacidade das cidades de atender às necessidades atuais sem comprometer as futuras, conforme o Relatório Brundtland (1977). No entanto, é um tema complexo que exige uma abordagem **interdisciplinar** englobando o meio ambiente, a comunidade, a ecologia, a economia, a justiça social, a inovação tecnológica e a identidade cultural. Autores como Diegues (2003), enfatizam que a sustentabilidade "[...] é um conceito **plurifacetado** que envolve as dimensões sociais, econômicas e políticas". Ele sublinha que as sociedades e comunidades sustentáveis

devem surgir da harmonia entre a sociedade e a natureza, pelo reconhecimento da cultura e história local, pela solidariedade que forma o sentimento de comunidade e pelo respeito à natureza.

Dentro dessa perspectiva, Acselrad (2001) classifica a cidade em três cenários de sustentabilidade urbana, o da legitimação das políticas urbanas, o do espaço da qualidade de vida e o da representação técnico-material. Andrade (2011) os esquematiza nos conceitos de **cidades sustentáveis, cidades saudáveis e cidades ecoeficientes,** nesta ordem. O primeiro está relacionado às políticas do Estado e do Governo, focando na elaboração e cumprimento das Agendas. O segundo trata do bem-estar da comunidade num ambiente mais sadio e que atenda às necessidades básicas das pessoas. E o terceiro se refere à eficiência energética e ao uso otimizado da matéria-prima para reduzir o desperdício.

Além disso, a noção da sustentabilidade urbana pode se entendida em dois movimentos, conforme o mesmo autor. O **sentido utilitário** preocupa-se com o meio ambiente mas busca pela continuidade da acumulação de capital, sendo protagonizado por interesses privados e corporações transnacionais. Por outro lado, o **sentido contracultural** questiona o estilo de vida atual e o consumismo, sendo defendido por movimentos sociais que buscam uma sociedade mais justa e sustentável. Portanto, é necessário reduzir o impacto ambiental, repensar o padrão de vida das comunidades e inserir objetivos pertinentes aos três tipos de cenários de modo a seguir uma visão sistêmica (transdisciplinar). Isso assegura um ambiente urbano saudável, mais interligado às áreas verdes, com o uso mínimo de recursos naturais finitos e uma gestão integrada de políticas urbanas para melhorias gerais e justiça ambiental.

No estudo da forma urbana, Andrade (2014) trouxe uma grande contribuição ao integrar estudos ecológicos e processos biogeoquímicos no contexto urbano, com foco no **desenho urbano sensível à água***.* Ela demonstrou a importância da análise e conexão dos padrões de organização espacial dos ecossistemas urbanos para a formulação de políticas públicas de planejamento, que podem ajudar a resolver os problemas relacionados aos fluxos de água nas cidades. Além disso, destacou a importância da área sociológica, sempre envolvendo a comunidade nos processos de projeto. A contribuição dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos abrange os aspectos socioculturais, biológicos, físicos e do ambiente construído com soluções de **infraestrutura socioecológicas** que tem relação direta com o bem viver das comunidades tradicionais. Hoje as denominadas **Soluções baseadas na Natureza** (SbN, 2022). são ações que proporcionam benefícios ambientais, sociais e econômicos e ajudam a construir a resiliência, pois "utilizam a natureza e as funções naturais de ecossistemas saudáveis para enfrentar os desafios mais urgentes do nosso tempo" (Centro, 2023).

Alinhando-se ao conceito de sustentabilidade, a **ancestralidade** é entendida por Oliveira (2022) como uma fonte vital da sabedoria, da identidade, do pertencimento

e da criatividade. Ela liga o passado, presente e futuro, formando uma rede que une as pessoas. Além disso, é uma memória que transcende tempo e espaço, possibilitando a criação de futuros possíveis e saudáveis. A ancestralidade ajuda na formação da identidade de um povo, Ciampa (1987) destaca que a **identidade** é o "resultado (...) da interseção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos" conforme Faria e Souza (2011).

A tríade sustentabilidade, ancestralidade e identidade, se insere profundamente no modo de vida da comunidade quilombola Kalunga. "**Kalunga**", palavra bantu para divindade (Baiocchi, 1996), representa um povo com costumes e crenças religiosas diversas, conhecido por festividades que mesclam o lúdico ao sagrado, revivendo sua **identidade** e tradições através de rezas **ancestrais** orais. Seu território, cercado por "um mar de serras e morros cheios de buritis que se estendem até onde a vista alcança" (SEF, 2001), permanece muito **bem preservado**. Eles **vivem em harmonia com a natureza** através de práticas como o plantio no tempo correto, a criação do gado solto, a vivência nas águas dos rios, a construção de casas com materiais locais (como o adobe, a taipa e a palha), o uso de tecidos e tintas naturais, a existência de grandes quintais com áreas de vivência coletiva e de plantio, o uso da medicina natural e o artesanato. Esses são alguns dos **padrões do modo de vida Kalunga** que demonstram sua integração com a natureza. Resta a questão de **como seria possível trazer esses padrões para as áreas urbanas,** aprendendo com eles a viver de forma mais sustentável, em equilíbrio com o meio ambiente e sem perder a essência ancestral e identitária.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa se insere no "**Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico**" da FAU-UnB, seguindo sua metodologia (figura 3A). O Periférico atua no DF e entorno com pesquisas e projetos que estudam temas excluídos do currículo acadêmico associados à configuração espacial urbana e rural, a partir de uma metodologia ativa com "visão transdisciplinar e transescalar".

Primeiramente foram feitas pesquisas de dados sobre o município e o território Kalunga em outras publicações e nos sites gerais. Foram realizadas visitas de campo desde 2022 permitindo o diálogo com a comunidade e os registros fotográficos para auxiliar no diagnóstico. A comunidade respondeu a um questionário dentro do projeto de extensão "Gestão Ambiental Urbana Participativa e Turística" ao qual foram obtidas 93 respostas relacionadas a gestão da cidade e qualidade de vida, gestão do turismo e gestão participativa.

Depois, foi analisado o contexto físico e social conforme as Dimensões da Sustentabilidade Urbana, que são a ambiental, social, econômica e cultural, seus princípios resumem o modo de avaliação da qualidade de um espaço urbano (figura 3B). Esta metodologia, desenvolvida por Andrade e Lemos (2015) em "Qualidade

de projeto urbanístico: sustentabilidade e qualidade da forma urbana", surgiu da integração entre as Dimensões Morfológicas do grupo de pesquisa DIMPU da FAU/UnB e os estudos de Andrade (2014). Os resultados foram detalhados no artigo "Análise das dimensões da sustentabilidade urbana no município de Cavalcante-GO: uma contribuição para a revisão do plano diretor" (2023).

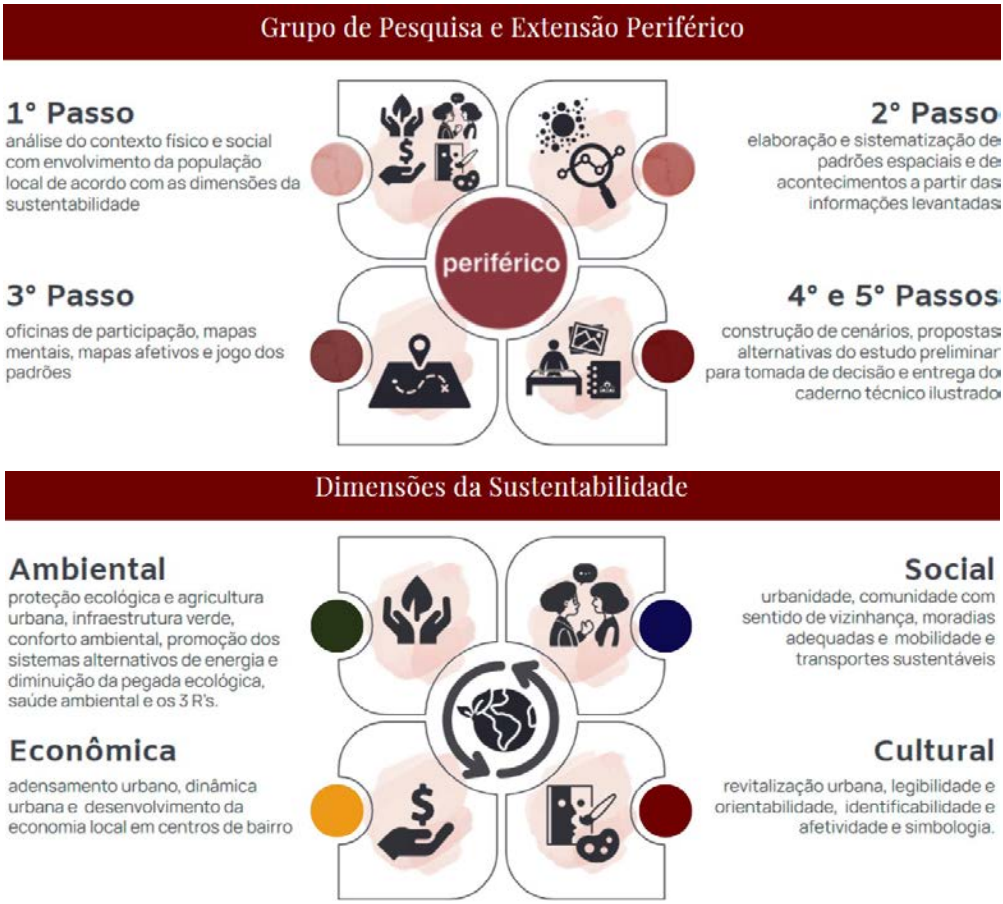


Figura 3. Metodologia A) do Grupo Periférico. B) das Dimensões da Sustentabilidade.
Fonte: Autoria própria (2022).

Em seguida foram sistematizados padrões espaciais, que são desenhos de soluções alternativas para os problemas diagnosticados. Esses códigos facilitam o diálogo com a comunidade para que a linguagem não fique muito técnica e difícil de entender (tabela 1). Os padrões espaciais seguiram o estudo da tese de doutorado de Andrade (2014), "Conexão dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos: A construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem" baseado na linguagem de padrões de Christopher Alexander et al. (1977).

	Padrões Espaciais				
Padrão	Incentivo ao reconhecimento Kalunga	Visibilidade Kalunga na cidade	Calendário das festividades tradicionais	Agricultura urbana	Respeito às vazões dos rios
Ilustração					

Tabela 1. Exemplos de padrões espaciais utilizados neste trabalho.
Fonte: Autoria própria. (2024)

Esta proposição de soluções alternativas de planejamento e de projeto seguiu três escalas espaciais: a macro referente ao município, a meso referente à cidade, e a micro referente ao projeto de urbanismo no nível da rua (Av. São Paulo), figura 4. Essa ideia de metodologia surgiu da dissertação de Fernandes (2021), onde se chegou em Souza (2007). Sua tese destaca a importância de se analisar a sociedade e seus espaços com um olhar de perto e de longe, pois tem se realizado análises focadas apenas na "visão de sobrevoo", permitindo ter uma "noção do conjunto", porém sem se inserir na perspectiva do cotidiano da comunidade.

Figura 4. As três escalas de análise.
Fonte: Autoria própria (2023).

Após estas etapas, foi realizada a oficina do mapa dos padrões como parte do processo participativo que integra a comunidade ao projeto; seguindo a metodologia da pesquisa-ação por construir soluções de forma coletiva e permitir a troca de conhecimentos entre a academia e os saberes populares. Durante a atividade, a comunidade marcou no mapa os locais onde identificavam problemas e potencialidades, utilizando ícones que representavam os padrões observados na cidade. Houve também um debate sobre as cartas dos padrões espaciais apresentados, permitindo à comunidade opinar se as soluções propostas faziam sentido para eles (figura 5). A oficina contou com a presença da vereadora Eriene Kalunga e foi realizada em 2023 na casa da Solange, uma moradora da Vila Morro Encantado que é Kalunga e Avá-canoeira, e que pretende criar um espaço de fortalecimento da cultura ancestral com o viveiro e restaurante "Sol que tem".

Por fim, estes padrões foram atualizados conforme os dados adquiridos na oficina e acompanhados de pequenos textos explicativos sobre o contexto e a recomendação com o uso de uma tabela. A junção dos padrões espaciais das soluções em cenários feitos por cima do existente forma o projeto em si.

Figura 5. Oficina participativa do mapa dos padrões.
Fonte: Acervo pessoal (2023).

4. RESULTADOS: NARRATIVAS URBANAS E CENÁRIOS ALTERNATIVOS

Neste tópico serão apresentados alguns dos resultados da análise e das diretrizes de planejamento urbano propostas dentro das 4 dimensões da sustentabilidade urbana para cada escala de análise.

4.1 Macroescala – O município

A nível da macroescala, pela análise do contexto destacou-se na dimensão ambiental a grande quantidade de áreas preserváveis (como o PNCV, o SHCPK, a APA de Pouso Alto e as proximidades com as nascentes); na social a insuficiência de equipamentos públicos e de infraestrutura adequada para a mobilidade dentro e entre os municípios; na econômica a ausência de apoio no escoamento da produção Kalunga e o pouco acesso a infraestrutura básica; e na cultural a presença de boas festividades tradicionais quilombolas. As soluções apresentadas envolveram um zoneamento adequado com delimitação de mais áreas de preservação e de agroecologia, a ampliação dos equipamentos nos territórios, a conexão viária e infraestrutura adequada entre territórios (figura 6).

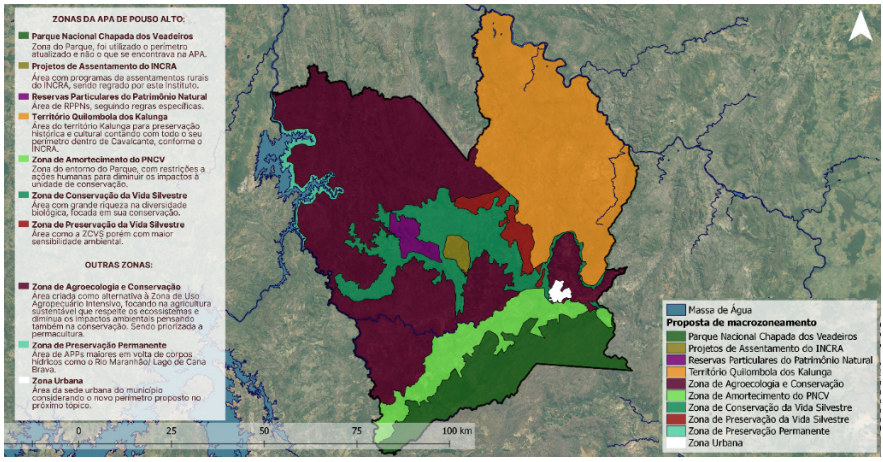


Figura 6. Macrozoneamento proposto para Cavalcante.
Fonte: Autoria própria (2023).

4.2 Mesoescala – A cidade

Na mesoescala, a dimensão ambiental apontou a expansão sobre áreas sensíveis e a insuficiência do saneamento básico; a social, a potencialidade de comunidade com sentido de vizinhança e a inadequação da mobilidade; a econômica, a quantidade de vazios urbanos e a falta de pavimentação; e a cultural, a baixa demonstração de afetividade com o lugar. Foram incorporadas recomendações como um cinturão verde, soluções de ecossaneamento, dimensionamento viário adequado e urbanismo tático com artes urbanas, um novo zoneamento foi projetado (figura 7). Vale ressaltar que é necessário fortalecer a comunidade Kalunga presente na cidade para evitar sua futura invisibilização e gentrificação.

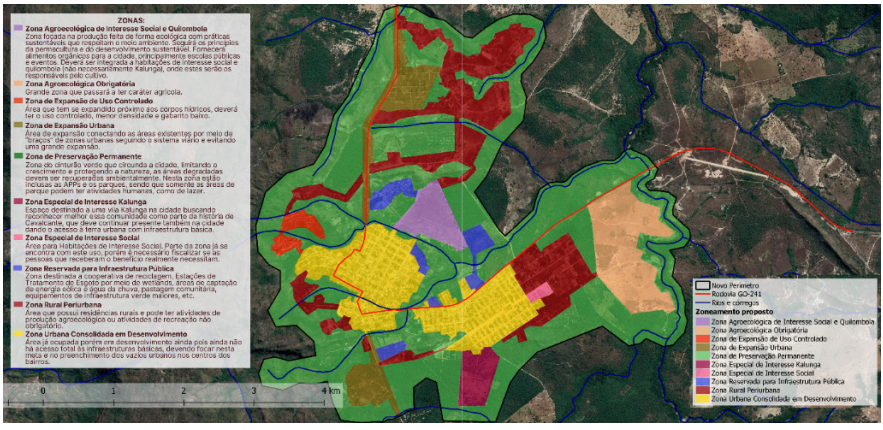


Figura 7. Zoneamento proposto para Cavalcante.
Fonte: Autoria própria (2023).

4.3 Microescala – A Avenida

Já a microescala se refere a um projeto de reconfiguração da Av. São Paulo da Vila Morro Encantado (figura 8), demanda recorrente neste bairro majoritariamente Kalunga. Na dimensão ambiental, foi observado principalmente o mau condicionamento das águas pluviais pela falta de infraestrutura de drenagem e problemas no conforto ambiental térmico pela falta de sombreamento; na social, a falta de um dimensionamento viário adequado e de uma boa mobilidade visto que é uma larga via com 34 metros de largura; na econômica, a falta de pavimentação desta via, pois é totalmente de terra, sendo um dos fatores que dificulta a drenagem e encaminha as águas desenfreadamente pelas ruas de baixo. Na cultural, percebeu-se que não há elementos que trazem a identidade local e há áreas a revitalizar.

Figura 8. Imagem de drone da Praça Primavera e da Av. São Paulo, Vila Morro Encantado, Cavalcante.
Fonte: Valmor Pazos Filho (2022).

O projeto se resume a um calçadão com feirinha dos dois lados, à incorporação de áreas verdes, à revitalização da Praça Primavera e à criação de um espaço de equipamentos públicos para a interação social da comunidade da Vila (figura 9). Pensando na **sustentabilidade**, o projeto envolveu áreas de jardins de chuva para a drenagem por meio de áreas de vegetação, pequenas bacias de infiltração na Praça Primavera, uma agrofloresta comunitária em volta da Praça, a pavimentação ecológica da rua, o sombreamento por meio de árvores no percurso e o tratamento paisagístico da área utilizando vegetação do bioma Cerrado.

Figura 9. Implantação da Av. São Paulo, Vila Morro Encantado, Cavalcante.
Fonte: Autoria própria (2023).

Em relação à **ancestralidade**, as barracas da feirinha foram pensadas numa arquitetura vernacular Kalunga (adobe, palha e bambu) e seriam gerenciadas pelas pessoas Kalunga da Vila para a venda de produtos locais quilombolas, criando um polo econômico e turístico. Os brinquedos dos parques infantis inseridos na Praça seguem o mesmo tipo de arquitetura. Quanto à **identidade**, o calçadão possui uma trama triangular colorida, o triângulo foi escolhido por estar frequentemente presente nas artes encontradas feitas por quilombolas e indígenas, inclusive em Cavalcante e no território Kalunga; entre as cores foi utilizado o amarelo igualmente por ser frequentemente encontrado na cidade e no território, nos tecidos e nas artes de identidade visual de alguns espaços. A seguir são apresentados os cenários alternativos das ambiências criadas com este projeto (figura 10).

Infelizmente a construção da rua não tem seguido o projeto mesmo ele tendo sido apresentado ao prefeito da cidade, Vilmar Kalunga. Optaram por uma pavimentação comum, sem caracterização e sem boas áreas para os pedestres nem elementos verdes (figura 11).

Figura 10. Ambiências da Av. São Paulo, Vila Morro Encantado, Cavalcante.
Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 11. Foto da obra da Av. São Paulo, Vila Morro Encantado, Cavalcante.
Fonte: Acervo pessoal (2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa concluiu seu propósito de propor soluções alternativas de planejamento urbano dentro das 3 escalas de análise das dimensões da sustentabilidade urbana, destacando a importância da comunidade e de ambientes saudáveis e sustentáveis. Seria primoroso se a equipe da próxima revisão do Plano Diretor de Cavalcante (2012) levasse em consideração os resultados encontrados neste trabalho. É uma pena as obras de reconfiguração da Av. São Paulo, não terem seguido o projeto aqui apresentado, pois houveram conversas com o prefeito durante sua realização e a comunidade se mostrou muito satisfeita e participou do processo. Ao finalizar este trabalho, foi entregue um caderno técnico ilustrado à comunidade detalhando as análises e os resultados, apresentando mapas criados para o diagnóstico de cada tema e mais particularidades do projeto específico da Avenida.

O trabalho contribuiu com o desenvolvimento municipal e com o debate participativo local acerca das problemáticas, potencialidades e soluções, somando-se a outros trabalhos acadêmicos realizados na área. E procurou inserir no urbanismo, as temáticas da **sustentabilidade, ancestralidade e identidade**, fortalecendo a comunidade quilombola Kalunga presente na cidade de Cavalcante, majoritariamente na Vila Morro Encantado. A relevância do tema vem da necessidade de repensar a reconfiguração dos espaços urbanos criando narrativas urbanas e cenários condizentes com a comunidade local, diminuindo os impactos negativos no meio ambiente.

6. BIBLIOGRAFIA

Acselrad, H. (2001). Sentidos da sustentabilidade urbana. Em H. Acselrad (Ed.), A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas populações urbanas. DP&A.

Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M., Jacobson, M., Fiksdahl-King, I., & Angel, S. (1977). A pattern language: towns, buildings, construction. Dans Oxford University Press eBooks (Vol. 1, Número 5).

Ancestralidade. (2024). Dicionário Interativo, Bem viver e direito à cidade. https://prezi.com/p/rs5gl7h_otcg/dicionario-interativo/

Andrade, LM (2014). Conexões dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos: a construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem (tese de doutorado) – Universidade de Brasília. Brasília.

Andrade, LM (2011). Consolidação das ações do governo federal e da sociedade civil na temática das cidades sustentáveis. Ministério do Meio Ambiente.

Andrade, LM & Lemos, N. (2015). Qualidade de projeto urbanístico: Sustentabilidade e qualidade da forma urbana. Em R. Blumenschein, C. Guinancio, E. Peixoto, Avaliação da qualidade da habitação de interesse social: projetos urbanístico e arquitetônico e qualidade construtiva (pp. 19-98). FAU/UnB.

Baiocchi, M. (1996). Kalunga - A sagrada terra. Revista Faculdade de Direito, 19/20(1), 107-120. https://doi.org/10.5216/rfd.v19i1.11941

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos: O que são SbN? (2023). Catálogo Brasileiro de Soluções baseadas na Natureza. https://catalogo-sbn-oics.cgee.org.br/capitulos/conhecendo-e-entendendo-sbn/o-que-sao-sbn/

Diegues, AC. (2003). Sociedades e comunidades sustentáveis (dissertação para o NUPAUB). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Faria, E. & Souza, VL. (2011). Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. Psicologia escolar e educacional, 15(1), 35-42. https://doi.org/10.1590/s1413-85572011000100004

Fernandes, T. (2021). A Cidade sem Arquiteto: A produção sócio-espacial e os padrões emergentes da autourbanização na luta pelo direito À cidade (tese de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.

Governo de Goiás. (2012). Lei nº 1071, de 19 de outubro de 2012. Câmara Municipal de Cavalcante.

Nosso futuro comum (Relatório Brundtland). (1987). Comissão mundial sobre o meio ambiente e desenvolvimento. Fundação Getúlio Vargas.

Secretaria de Educação Fundamental (2001). Uma história do povo Kalunga. Ministério da Educação (MEC).

Silva, A., Andrade, LM. & Wiesinieski, LC. (2023). Análise das dimensões da sustentabilidade urbana no município de Cavalcante-GO: uma contribuição para a revisão do plano diretor. Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes, 11(32), 48-63. https://doi.org/10.17271/23178604113220234625

Souza, M. (2007). Da "diferenciação de áreas" à "diferenciação socioespacial": a "visão (apenas) de sobrevôo" como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. Cidades, 4(6), 101-114. https://doi.org/10.36661/2448-1092.2007v4n6.12798

R43

AMBIANCES AND REGENERATIVE CULTURE: LEARNING WITH COLLECTIVE LIVING ENVIRONMENTS OF A BRAZILIAN ECOVILLAGE

AMBIÊNCIAS E CULTURA REGENERATIVA: O QUE ENSINAM OS AMBIENTES COLETIVOS DE CONVIVÊNCIA DE UMA ECOVILA BRASILEIRA

Juliana Viégas Valverde
Doutora em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-Programa
de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFRN-PPGAU)
Jubavalverde@gmail.com

Gleice Azambuja Elali
Dra, prof Titular UFRN
PPGAU/PPgPsi-UFRN
gleiceae@gmail.com

ABSTRACT

The article investigates collective living areas ambiances present in a Brazilian ecovillage, in order to reflect on: (i) the multidimensional nature of lived experiences; (ii) the potential for architecture to act in the highlighted situations; (iii) the role of this type of enterprise in the face of the climate crisis. The case study, with ethnographic inspiration, included visits, interviews and observations. Ambiances that enhance critical interactions and awaken the creative and collaborative potential of individuals are highlighted, linked to areas with multiple uses and that assume the role of focal point of the built complex ("the community beating heart"), which can be associated both to natural spaces and built areas. The study concluded that there are technical, functional and behavioral aspects that act as facilitators of social interaction, promoting environments that express a community sense and the group's way of life, aligned with regenerative culture.

KEYWORDS: intentional community. person-environment relationship. way of life. ecological micro-urbanities. Ecovillages.

RESUMO

O artigo investiga ambiências nas áreas coletivas de convivência de uma ecovila brasileira, a fim de refletir sobre a natureza multidimensional das experiências vivenciadas, o potencial de atuação da arquitetura nas situações destacadas e o papel deste tipo de iniciativa frente à crise climática. O estudo, de inspiração etnográfica, contou com visitas de campo, entrevistas e observações. Nos resultados destacam-se ambiências que potencializam interações críticas e despertam o potencial criativo e colaborativo dos indivíduos. Elas ligam-se a áreas com múltiplos usos associadas a espaços naturais ou construídos, e assumem o papel de ponto focal do conjunto edificado ("o coração pulsante da comunidade"). Conclui-se que diversos aspectos técnicos, funcionais e comportamentais daquele contexto facilitam o convívio social e alinham-se à promoção de uma cultura regenerativa, promovendo o surgimento de ambiências que expressam o sentido de comunidade e o modo de vida do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: comunidade intencional. relação pessoa-ambiente. modo de vida. micro-urbanidades ecológicas. Ecovilas.

1. INTRODUÇÃO

O atual cenário de emergência climática tem ameaçado a vida no planeta (humana e de outras espécies) e gerado inúmeros transtornos socioeconômicos, estes últimos geralmente associados à lógica capitalista, à globalização e aos limites do crescimento hoje experienciados, cujos reflexos incidem sobre as consequências do fenômeno e denunciam sua relação com o padrão de produção e consumo contemporâneos (Dos Santos et al., 2013). Nesse campo, apesar do avanço no conhecimento científico ser evidente, a vida cotidiana nos mostra que a humanidade ainda não está conseguindo desenvolver hábitos, políticas e práticas capazes de responder adequadamente a tais demandas (Giddens, 2010). Inserindo-se nessa resistência como alternativa aos modos de vida e de sociabilidade hegemônicos, alguns grupos se integram a práxis orientadas para a regeneração, incorporando uma perspectiva relacional, alinhada com às maneiras pelas quais a vida cria condições propícias à existência (Wahl, 2019).

Entre as iniciativas que emergem neste contexto estão as ecovilas, assentamentos humanos intencionais e inovadores, que adotam práticas socioambientais sustentáveis, configurando-se como experimentos sociais de futuros possíveis (Roysen, 2013; Mattos, 2017; GEN, 2019). Vários pesquisadores contribuem para a definição e compreensão deste tipo de empreendimento, dentre os quais destacamos Gilman (1991) e Capello (2013).

Gilman (1991) pontua como características de uma ecovila enquanto comunidade saudável: (i) tamanho da ocupação, que possibilite grande interação entre os moradores; (ii) oferta de serviços e compartilhamento de equipamentos de grande porte; (iii) integração das atividades humanas com a natureza; (iv) equilíbrio entre o indivíduo e a comunidade como um todo; (v) continuidade por um futuro indefinido. Entre estes fatores, o autor ressalta o compartilhamento e a quantidade de membros como fundamentais, por serem condições básicas para que haja vida comunitária, que é o cerne da ideia de modos de vida condizentes com a cultura regenerativa.

Tais indicações são complementadas por Capello (2013) ao elencar aspectos subjetivos associados a estes empreendimentos, entre os quais: (a) ser iniciativa de cidadãos comuns; (b) refletir o desejo de construir um conjunto de infraestruturas alinhado aos anseios por uma vida em harmonia com o lugar e as pessoas; (c) expressar a intenção de tomar de volta o controle de seus recursos; (d) apresentar um corpo de valores comuns; e (e) possuir vocação para se constituir como centro de pesquisa, educação e práticas sustentáveis.

No campo da arquitetura e urbanismo, as ecovilas podem ser consideradas micro-urbanidades ecológicas, que recuperam e reinventam a relação entre as pessoas e o ambiente habitado, sendo capazes de orientar políticas públicas e ampliar a qualidade de vida e bem-estar da população envolvida, notadamente diante das problemáticas socioambientais de um mundo (pós)pandêmico em constante alteração. Esse aspecto, renova as possibilidades de estudos fundamentados em “um

novo paradigma estético pautado no sentir, entrelaçado ao pensar filosoficamente, conhecer cientificamente e agir politicamente (...) [os quais estão] em vias de ocupar uma posição privilegiada dentro dos arranjos coletivos de enunciação de nosso tempo" (Guattari, 1992, p. 141). Numa perspectiva regenerativa, tal paradigma contempla novos valores e princípios, como a valorização da diversidade e a busca pela autorregulação por meio de processos contínuos de aprendizagens e transformações em resposta, e antecipação, à mudança inevitável (Wahl, 2019).

Referindo-se à experiência sensível contemporânea, Thibaud (2020), destaca a ambiência como um "porta-voz do sensível" que coloca à prova o ordinário do urbano, e se abre às mudanças na maneira como percebemos e agimos nos espaços que habitamos, isto é, aos modos de vida contemporâneos e as novas condições de existência. De acordo com o autor a ambiência envolve experiências e subjetividades que potencializam a ação e geram mudanças nas relações das pessoas entre si e com os lugares que vivenciam (Thibaud, 2018). Assim, ela permeia todos os espaços da vida cotidiana, precede e condiciona os elementos do espaço físico e sensível, e se evidencia por meio das relações humanas, emoções, representações socioculturais e comportamentos dos indivíduos (Thibaud, 2010).

Assumindo essa ótica, este artigo investiga ambiências em uma ecovila rural brasileira, dando destaque a ambiência da cozinha comunitária, principal área coletiva de convivência. A investigação subsidiou um doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN) e buscou refletir sobre a natureza multidimensional das experiências vivenciadas, os nexos entre arquitetura e comportamento nas situações destacadas e o papel deste tipo de empreendimento frente à crise climática. Metodologicamente o trabalho teve inspiração etnográfica, sendo realizado por meio de visitas de campo, entrevistas e observação. Durante todo o processo a pesquisadora manteve um diário de campo - caderno para croquis, anotações, comentários e reflexões sobre fatos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações observadas, experiências pessoais do investigador e suas reflexões.

Recortando e apresentando o trabalho realizado, esse artigo contém 02 sessões (clima social comunitário; a ambiência cozinha comunitária), além de considerações finais que destacam alguns achados da pesquisa.

2. O CLIMA SOCIAL COMUNITÁRIO

Fundada, em 1991, por um grupo de amigos em busca de melhor qualidade de vida e interessados em uma experiência comunitária integrada com a natureza, a Comunidade Campina é uma ecovila rural, alternativa, com área total de 188ha, localizada na Chapada Diamantina, Bahia, Nordeste do Brasil.

O ambiente físico da ecovila é composto por ambientes construídos de uso coletivo e privativo e ambientes naturais compartilhados. Sua infraestrutura conta com cozinha e refeitório comunitário, fábrica de sabonetes, *lan house*, biblioteca, alojamento, áreas de camping, banheiros seco, creche, oficina comunitária, praça e moradias privativas e coletivas (Figura 1).

Dentre as principais características da ecovila destaca-se o compartilhamento de serviços e equipamentos de grande porte, que se reflete na configuração espacial das edificações, que cria áreas específicas para o atendimento de cada necessidade humana a partir da ideia de compartilhamento. Tal constatação é reforçada ao se observar a ambiência ali vivenciada, e corrobora Gilman (1991), segundo o qual esse aspecto favorece a construção da identidade e da consolidação do modo de vida adotado pelo grupo, que é pautado na vida comunitária inspirado no desenho permacultural. Essa opção da ecovila se expressa por meio da sua autossuficiência energética e hídrica, de um sistema circular para tratamento de resíduos, da adoção de alimentação ovolactovegetariana e pelo zoneamento do empreendimento, que adota moradias autoconstruídas em bioconstrução e caminhos criados organicamente que conectam os ambientes e também funcionam como aceiros contra fogo.

O desenho permacultural apresenta uma visão sistêmica que alia componentes conceituais, materiais e estratégicos em um padrão que opera para beneficiar a vida em todas as suas formas. Para isso, se baseia na "observação de sistemas naturais, na sabedoria contida em sistemas produtivos tradicionais e no conhecimento moderno, científico e tecnológico" (Mollison, 1998, p. 13) e no entendimento de que o ser humano possui quatro necessidades básicas: produção alimentar; oferta, utilização e tratamento de água; geração de energia; e construção de habitações/ edificações em geral (Mollison, 1998). Isto significa dizer que, um assentamento humano baseado na permacultura considera como o ambiente físico irá aprimorar e reforçar mutuamente as necessidades da terra e dos seres que nela habitam, incluindo seus habitantes humanos e não-humanos (Christian, 2003).

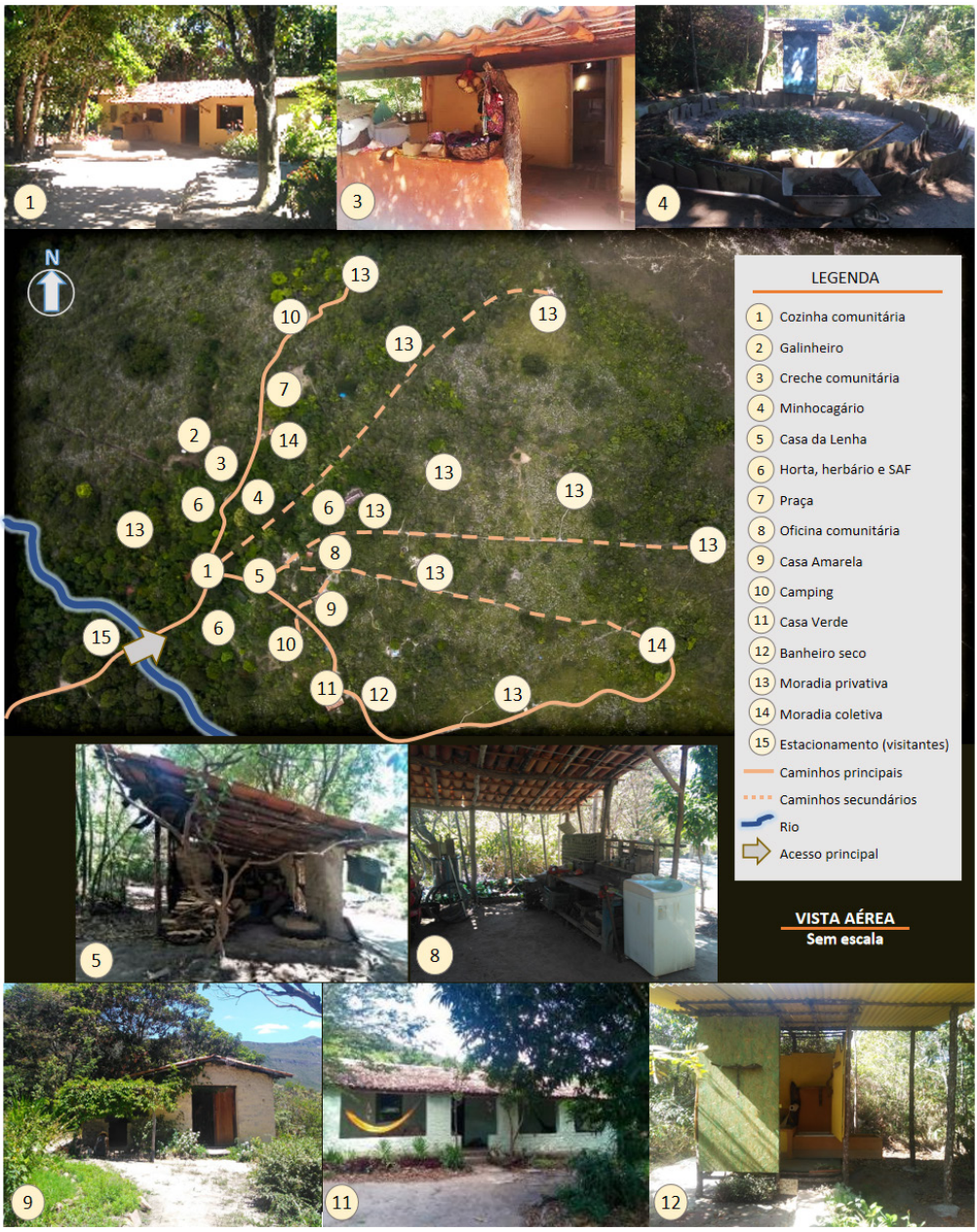


Figura 1- Fotografia da ecovila Comunidade Campina com fachada principal da cozinha comunitária ao fundo.
Fonte: Adaptado de Valverde (2022)

Distinguem-se dispositivos construídos coletivos e privativos, tanto no aspecto funcional quanto formal. A localização das edificações no zoneamento considera

privacidade e proximidade. As moradias privativas são compactas e afastadas entre si e dos ambientes coletivos da ecovila. Enquanto os ambientes coletivos de convivência são mais próximos e permeáveis, favorecendo o encontro. De fato, o grupo busca estabelecer uma relação equilibrada entre convivência/coletivo e privacidade/indivíduo, e que a relação entre configuração espacial e aspectos funcionais reforça o modo de vida do grupo, que optou por priorizar deslocamentos a pé no interior do empreendimento.

Esses elementos arquitetônicos e a relação próxima com a natureza promovem fenômenos sensíveis que são facilmente incorporados à vida cotidiana, e se destacam na descrição da ambiência da cozinha comunitária. De fato, há pouca distinção entre ambiente construído e ambiente natural, de modo que a rotina do grupo (ações cotidianas) alicerça a construção e consolidação de uma identidade com atributos regenerativos, que se expressa através de suas ambiências sensíveis.

A escolha de sistemas autônomos reflete e é refletida na vida cotidiana, pois desde a fundação o grupo compartilha as refeições na cozinha comunitária, que conta com fogão, forno e desidratador alimentados pela lenha coletada semanalmente pelo grupo.

> A gente não usa energia que vem da rede hidrelétrica. A gente escolheu não utilizar gás de cozinha. É outra decisão coletiva que preza pela sustentabilidade. A gente cozinha em fogão a lenha. A gente faz a lenha toda semana. Um recurso renovável. Quanto mais a gente corta, mais os pés de candeia crescem, vão se reproduzindo e com o tempo secam. Essa atitude é boa para nós e também para o meio ambiente (EIA01 - Morador entrevistado).

A cozinha comunitária (Figura 2) foi a primeira edificação autoconstruída na ecovila. Principal ambiente coletivo, possui múltiplas funções, exercendo um importante papel social. Lugar de encontro para além de refeições e reuniões, a cozinha comunitária também é utilizada como recepção, sala de aula teórica e prática, salão de jogos e local de guarda (instrumentos musicais e jogos) e informes. A diversidade de usos (lazer, eventos, reuniões, educação, socialização, além de alimentação e armazenamento) é favorecida pela sua configuração em espaço aberto, que flexibiliza arranjos espaciais diversos e pela quantidade e disposição do mobiliário existente, com mesas, bancos e sofás que não são fixos.

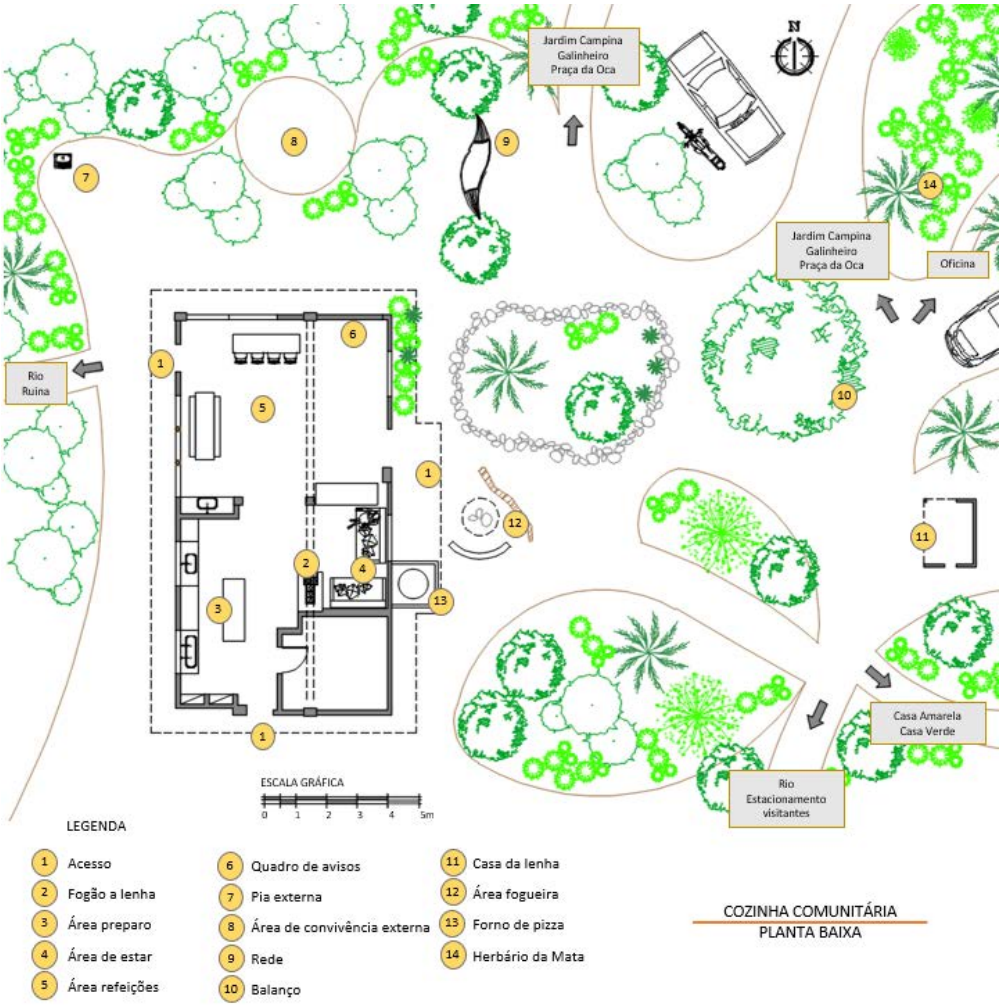


Figura 2- Planta planimétrica da área onde situa-se a cozinha comunitária da ecovila, destacando seus usos e ambientes coletivos.
Fonte: Valverde (2022)

A ideia de espaço aberto extrapola o arranjo espacial interno. A edificação não possui portas nem janelas, atribuindo dimensões subjetivas e sensoriais à cozinha, que reforçam a natureza multidimensional das experiências vivenciadas.

Saliente-se que a centralidade da cozinha no zoneamento favorece as práticas sociais, uma vez que os demais ambientes coletivos se configuram ao seu redor, e os principais caminhos existentes se direcionam para ela, conectando-a com os demais ambientes construídos da ecovila (Figura 1). Essa localização favorece a sobreposição de usos e funções observados no principal ambiente coletivo de convivência, que

por sua vez, promove relações sociais que extrapolam as atividades elementares deste ambiente e caracterizam a ambiência, conforme pode ser observado na Figura 3 e no relato a seguir, elaborado a partir de fragmentos do diário de campo.

Figura 3- Ambiência da cozinha comunitária da ecovila estudada.
Fonte: As autoras (2024)

3. A AMBIÊNCIA COZINHA COMUNITÁRIA: CORAÇÃO PULSANTE DA ECOVILA

O aviso de que o café da manhã está servido é anunciado pelo som do sopro de uma concha. Enquanto realizam a primeira refeição do dia, servida em uma bancada ao lado da entrada principal, os responsáveis por focalizar as tarefas comunitárias vão alimentando o quadro de atividades para que os demais escolham qual atividade pretendem realizar no dia. Durante o período da manhã, definido pelo grupo como horário coletivo, o entra e sai na cozinha é mais intenso, falas se sobrepõem.

O som da concha anuncia que o almoço está servido, marcando o fim do horário de trabalho coletivo. Um banho de rio antes do almoço alivia o calor gerado pela labuta em dias quentes. Após o almoço, o grupo vai se dispersando aos poucos. A rotina na ecovila continua, mas as tarefas mudam. Inicia-se o horário individual e cada um segue com seus afazeres pessoais. Alguns vão para suas moradias, outros vão para a Casa Amarela, onde os eletrônicos são bem-vindos. Outros ficam pelo ambiente e aproveitam as mesas para jogar uma partida xadrez, fazer a manutenção do local ou apenas relaxar e conversar. As atividades são diversificadas, envolvendo, inclusive, trabalhos na ecovila para geração de renda pessoal, trilhas e banhos em outros trechos do rio, que ficam fora da ecovila.

De quarta a sexta, no início da tarde é possível ver crianças acompanhadas por responsáveis chegando para as aulas ministradas na creche comunitária. Fora isso, o silêncio impera na ecovila durante a tarde. O som da natureza se faz presente, é possível ouvir as águas do rio correndo, o vento nas árvores, os pássaros cantando. Há pouca circulação de pessoas pelos caminhos que conectam os ambientes coletivos e privativos da ecovila, e na cozinha não é diferente. Os jacus se aproveitam da ausência humana e invadem a edificação, que não possui portas nem janelas, em buscas das sobras, que normalmente já foram direcionadas para as galinhas antes que estraguem, já que a cozinha não possui geladeira para armazenar alimentos perecíveis.

Durante a noite, a conversa se estende um pouco mais após o jantar. A depender do dia da semana, do clima e da disposição do grupo, a fogueira é acesa e todos se reúnem na frente da cozinha. Basta alguém lançar um dos instrumentos musicais, que ficam armazenados num canto da cozinha e rapidamente a música toma conta da roda. Até mesmo aqueles que estavam sentados nos troncos em volta do fogo se levantam para dançar. A lenha é usada com parcimônia, afinal é matéria-prima fundamental para a cocção dos alimentos, que são diariamente preparados no fogão a lenha. Em dias de reunião, o grupo se reúne próximo ao fogão a lenha. Todas as pessoas que estão na ecovila no dia, inclusive visitantes e voluntários, podem participar da reunião. Acomodados nos sofás e cadeiras, moradores e demoradores decidem sobre as tarefas da semana, enquanto o jantar é preparado.

A reunião começa com um *check-in*, para que todos os presentes digam como estão se sentindo. Após os informes, enquanto a prancheta com a escala de preparo das

refeições e manutenção dos ambientes coletivos circula até ser preenchida, o grupo delibera sobre tarefas e projetos. Ao final da reunião, o jantar é servido. Após a refeição, cada pessoa lava sua louça, e assim, mais um dia se encerra na cozinha comunitária da Campina.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, na ecovila investigada o ambiente físico apresenta soluções de baixo impacto ambiental, que associadas às práticas cotidianas adotadas indicam um modo de vida alinhado à cultura regenerativa. A maneira como as pessoas nela vivem se mostra fortemente associada à visão de mundo do grupo, sendo influenciada por fatores externos e internos, que incluem dimensões práticas, simbólicas e temporais. As práticas cotidianas sustentáveis adotadas revelam elementos de projeto arquitetônico, que aliados a uma postura anti-consumismo destacam o papel deste tipo de empreendimento frente à crise climática, a citar: o tamanho reduzido das moradias privativas, reaproveitamento e ressignificação de materiais e objetos, uso racional da água e de energia elétrica e compartilhamento de ambientes e equipamentos.

A observação das ambiências na ecovila rural brasileira estudada, em especial, da cozinha comunitária reforça três ideias essenciais:

- A primeira diz respeito às consequências (não previstas) que as atividades humanas nos ambientes geram nos projetos arquitetônicos e urbanísticos, produzindo alterações funcionais e comportamentais que afetam o bem-estar e a qualidade de vida dos usuários destes espaços (Rheingantz, De Alcantara, Del Rio, 2003), tais como a sobreposição de usos e funções.
- A segunda está ligada ao conceito ambiência, que funciona como um agente de ligação entre sensações experimentadas pelos usuários em uma situação e as práticas sociais que os cercam e, por sua vez, definem o ambiente (Pinheiro, 2004).
- A terceira ideia indica que investigar a ambiência é imprescindível para a validação dos discursos pautados na experiência sensível do espaço e na produção de projetos vinculados ao corpo dos participantes, as quais representam o espaço arquitetonicamente organizado e animado que, sendo, simultaneamente, um meio físico, estético e psicológico, possibilita a construção de um processo dinâmico de interpretação.

Entre as diversas situações trabalhadas destacam-se ambiências ligadas a áreas com múltiplos usos e que assumem o papel de ponto focal do conjunto edificado (“o coração pulsante da comunidade”), as quais podem ser associadas tanto a espaços naturais quanto a áreas construídas, incorporando sons, odores, texturas, temperaturas, pessoas presentes, atividades realizadas, falas emitidas, emoções

emergentes. Assim, em função do clima social comunitariamente cultivado, a ambiência de um mesmo local pode sobrepor, harmonicamente, várias situações.

Na cozinha, pela qual todos os moradores e visitantes passam durante diferentes horários, se interconectam atividades funcionais (como preparar e servir alimentos, alimentar-se, tratar resíduos), ações socializantes (conversar, preparar deveres de estudantes, cantar, debater ideias, resolver conflitos, contar histórias, cuidar de crianças) e atuações místicas (rezar, entoar cânticos, transmitir conhecimentos). De modo similar, no rio que atravessa a ecovila acontecem, entre outros, trabalho (lavar roupas), lazer (brincar, banho de sol), místicas (rituais), cuidados corporais (banhar-se, refrescar-se).

Portanto, naquele contexto há aspectos técnicos, funcionais e comportamentais que facilitam o convívio social, promovendo ambiências que expressam o sentido de comunidade e o modo de vida do grupo, alinhando-se à promoção de uma cultura regenerativa. Ao descrever a ambiência percebida e experienciada numa ecovila rural brasileira espera-se que o leitor consiga imaginar esse assentamento multifuncional, cenário de um modo de vida alternativo e único adotado por seus membros. Configurado como uma comunidade intencional onde o grupo realiza relações sociais, ambientais, econômicas e culturais, suas ambiências, construídas coletivamente, incluem valores sustentáveis e regenerativos, inspirados pela permacultura, pela agroecologia, pela antroposofia e por outros saberes alinhados à cultura regenerativa. Assim, o modo de vida se reflete e é refletido pelas ambiências da ecovila. Despontando como elementos essenciais deste modo de vida voltado para a regeneração, entende-se que a ambiência da cozinha comunitária e dos demais ambientes coletivos de convivência se caracterizam como ambiências regenerativas, pois atuam de maneira a promover e incorporar ações cotidianas sensíveis a tal cultura.

A humanidade está vivenciando um cenário de crise, que afeta centros urbanos e meio rural, nos quais o atual modelo de desenvolvimento se mostra insustentável. No entanto, essa mesma crise pode se tornar combustível para incitar mudanças na direção de culturas regenerativas, criadas a partir de subjetividades ancoradas em cosmovisões não-hegemônicas. Enquanto locais de experimentação, as ecovilas podem representar pontes para enfrentamento da situação, contexto em que o cultivo de ambiências regenerativas tem potencial para se tornar um importante indicador de mudança.

5. AGRADECIMENTOS

À Comunidade Campina, que se disponibilizou a participar da pesquisa e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

6. BIBLIOGRAFIA

Capello, G. (2013). Meio ambiente & ecovila. Editora Senac (Série Meio Ambiente, 21).

Christian, D. L. (2003). Creating a Life Together: Practical Tools to Grow Ecovillages and Intentional Communities. New Society Publishers.

Dos Santos, J. O., Santos, R. M. de S., Fernandes, A. de A, Souso, J. da S., Borges, M. da G. B., Ferreira, R. T. F. V., Salgado, A. B. (2013). Os impactos produzidos pelas mudanças climáticas. Agropecuária Científica no Semiárido - ACSA, v. 9, n. 1, p. 9–16. *https://doi.org/10.30969/acsa.v9i1.259*.

GEN - Global Ecovillage Network (2019). What is an Ecovillage - Discover Innovative Eco Communities. *https://ecovillage.org/projects/what-is-an-ecovillage/*

Giddens, A. (2010). A política da mudança climática. Zahar.

Guattari, F. (1992). Caosmose: um novo paradigma estético. 4. ed. Editora 34 Ltda.

Mattos, T. (2017). Ecovilas: tecendo a Cultura Regenerativa. Em Majerowicz I., Valle, I., Togashi, R. (Eds.). Ecovilas Brasil: caminhando para a sustentabilidade do ser. (pp.20-27). Bambual.

Mollison, B. (1998). Introdução à Permacultura. MA/SDR/PNFC.

Pinheiro, E. (2004). A Cidade no Fragmento: lugar e poiesis no Largo da Carioca. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Rheingantz, P. A., De Alcantara, D., Del Rio, V. (2005). A influência do projeto na qualidade do lugar: Percepção da Qualidade em Áreas Residenciais do Rio de Janeiro. Sociedade e Território – Revista de estudos urbanos e regionais. p. 98-115.

Roysen, R. (2013). Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa. Universidade de São Paulo.

Thibaud, J.-P. (2010). A cidade através dos sentidos. Cadernos PROARQ, v. 1, n. 18, p. 198- 213.

_____. (2020). Rumo a uma "ecologia ambiente" do urbano. Em: Duarte, C. R., Pinheiro, E. (Eds.). Arquitetura, Subjetividade e Cultura: cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo. (pp. 172–185). Rio Books - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Faculdade.

Valverde, J. V. de L. (2022). O papel dos ambientes coletivos de convivência no modo de vida: buscando nexos entre elementos de projeto arquitetônico e modos de vida sustentável em duas ecovilas brasileiras. (Tese de doutorado). Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Wahl, D. (2019). Design de culturas regenerativas. Bambual.

R44

SPACING OUT IN THE CITY: URBAN IMAGINARIES AND AMBIANCES

CHAIRS Cristiane Rose Duarte
Ethel Pinheiro
Natália Rodrigues

‘Spacing out in the city’ takes urban imaginaries and ambiances as key elements of a question, still little investigated in architecture and urbanism, about the forms of perception, mediation and elaboration of space, in a way linked to emotional experiences, with an aesthetic depth and a symbolic richness of its own. Therefore, this session brings essayistic proposals, theoretical reflections and reports on experimental practices in the field - such as cartographic processes, image production, ethnographic approach studies -, since they are ways of exploring methodologies capable of activating sensitive experiences in relation to a common, lived and experienced territory.

R44

AMBIANCES AT FEIRA DA GLÓRIA: NARRATIVES THROUGH THE WALK

AMBIÊNCIAS DA FEIRA DA GLÓRIA: NARRATIVAS ATRAVÉS DO CAMINHAR

Lia Maria Gomes Bahia
Mestranda
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-UFRJ
lia.bahia@fau.ufrj.br

Nátaly Carvalho
Mestranda
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-UFRJ
nataly.carvalho@fau.ufrj.br

ABSTRACT

Street fairs stimulate the creation of ambiences during their occurrence and, albeit ephemeral, they solidify in the collective imagination. From the perspective of spatial empathy, a concept developed by Duarte (2015) as a conscious way of relating to the environment through sensitive experience, generating the individual's identification with a place, this article aims to narrate a phenomenological experience at the Glória Market in Rio de Janeiro, conducted by two architect-researchers. The goal is to identify spatial characteristics that bind users to it by apprehending the affective relationships and identification occurring in the intersubjective exchanges that define the dynamic nature of this market. Through participant observation, we narrate an experience where we analyze different ways people identify with this place, which is created and co-created by them, imprinting their affections and perceptions.

KEYWORDS: spatial empathy. street fairs. ambiances. feira da glória. sameness.

RESUMO

As feiras livres estimulam a criação de ambiências durante o momento em que ocorrem e, mesmo que efêmeras, consolidam-se no imaginário coletivo. Sob a perspectiva da empatia espacial, conceito desenvolvido por Duarte (2015) como sendo uma forma consciente de se relacionar com o ambiente através da experiência sensível, gerando relações de identificação do indivíduo com o lugar, este artigo se propõe a narrar uma experiência fenomenológica na Feira da Glória, no Rio de Janeiro, realizado por duas arquitetas pesquisadoras, a fim de identificar características espaciais que enlaçam os usuários a ela a partir da apreensão das relações de afetividade e da identificação que ocorrem nas trocas intersubjetivas que balizam o caráter dinâmico desta feira. A partir da observação participante, narramos uma experiência na qual conseguimos analisar diferentes formas das pessoas se identificarem nesse lugar, o qual é criado e co-criado por elas mesmas, onde imprimem seus afetos e percepções.

PALAVRAS-CHAVE: empatia espacial. feiras livres. ambiências. feira da glória. identificação.

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS: A FEIRA E O CORPO, UMA PAISAGEM INTERUBJETIVA

A feira livre pode ser considerada como uma prática inerente ao exercício da cidadania, por se tratar de um processo micropolítico que se estabelece pela apropriação do espaço público cujas relações são baseadas pelas trocas. Por corresponder a um evento que se dá a partir da atuação de atores sociais, tanto os vendedores, quanto os frequentadores, o corpo é entendido como veículo que permeia todas as relações estabelecidas com e no espaço, por meio da experiência espacial e pelas trocas, o que remonta a intersubjetividade desta paisagem. A intersubjetividade, por sua vez, como nos aponta Cardoso (2011), compreende o entendimento das relações que se constroem no espaço pelo diálogo, encontro e a responsabilidade dessa relação criada. Assim, a feira é um evento que estimula a criação de ambiências próprias durante o momento em que ocorre e, mesmo que efêmeras, se consolidam no imaginário coletivo. Nesse contexto, o conceito de empatia espacial nos parece congruente a este fenômeno justamente por se mostrar como uma forma consciente de se relacionar com o ambiente através da experiência sensível (Duarte, 2015), estabelecendo conexões pela lógica da identificação com o lugar.

De acordo com Cardoso (2019, p.121) as feiras podem servir como metáforas e metonímias, como reproduções diminutas das cidades que as abrigam e como interpretações da vida, do trabalho, do lazer, das relações interpessoais, das hierarquias, dos sentidos de pertencimento. A partir do estudo dos conceitos de percepção e afeto chegamos ao tema das feiras livres por sua imensa capacidade de unir pessoas diversas que encontram nesses eventos efêmeros uma forma de estar em consonância com o lugar, uma reprodução das cidades.

Desta maneira, este artigo propõe narrar uma experiência fenomenológica, ou seja, uma imersão a campo realizada na Feira da Glória por duas arquitetas pesquisadoras a fim de apreender nas ambiências da feira características espaciais que promovem a ligação dos usuários a este ambiente criado e cocriado por eles mesmos. Assim, este estudo partiu de uma experiência fenomenológica, práticas de caminhadas inspiradas nas derivas de Guy Debord, que, como aponta Paola Jacques (2012):

> "(...) tem o poder de revelar os valores próprios, os ambientes e as significações dos meios atravessados e percorridos. (...) apresenta uma cartografia alternativa dos mundos urbanos, reconfigura os espaços da arquitetura e do urbanismo a partir daquilo que se pode chamar de consideração das zonas de intensidade afetiva que os constituem." (Jacques, 2012, p.220)

Ainda, a cartografia *The Naked City: Illustration de l'hypothêse des plaques tournantes en psychogéographie,* de Debord sobre Paris em 1957 (Figura 1), nos demonstra que tais zonas de intensidade afetiva apesar de estabelecerem conexões entre si, interligadas pelas setas, são representadas de forma fragmentada, não havendo a preocupação em representar a totalidade das partes, mas sim a sua conformação

a partir da ambiência que as caracterizam. Partindo da ideia das zonas, mesmo percorrendo toda a feira durante a imersão a campo, estabelecemos um recorte específico nela que mostrou-se como uma zona para uma análise mais minuciosa.

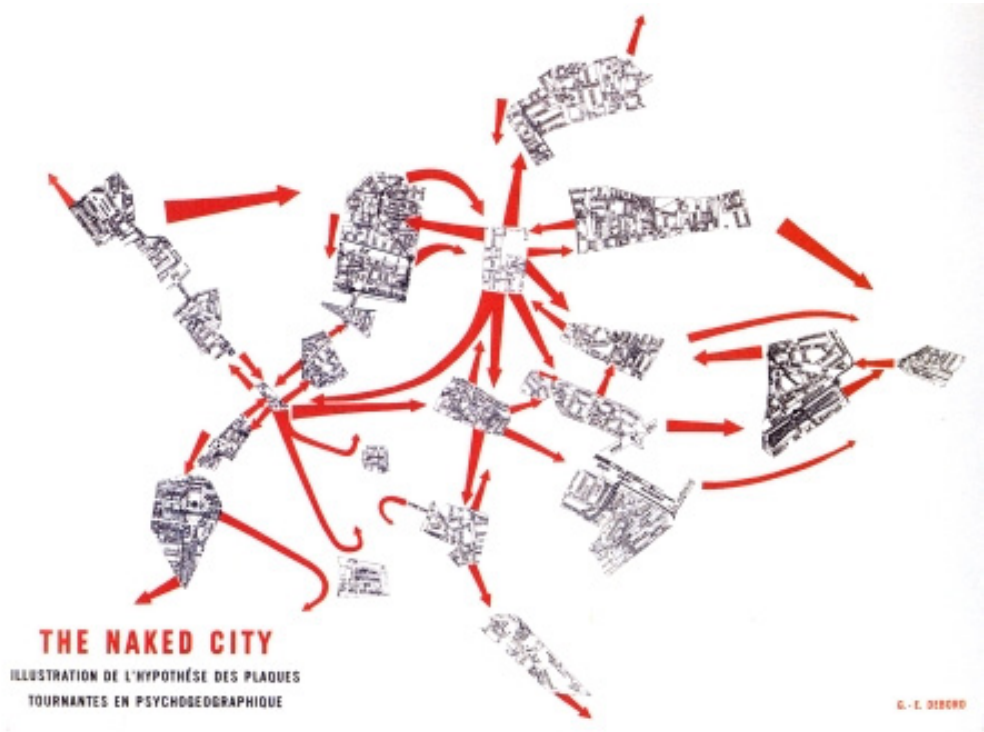


Figura 1. The Naked City: Illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie

Fonte: Debord (1993).

A partir de métodos largamente utilizados e pesquisados pelo Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LASC) definimos a etnotopografia como guia para esta análise, porém, com a liberdade de trazer apenas o que faria sentido para este recorte. De acordo com Duarte et. al (2014) a impregnação, primeira etapa do método, é inteirar-se com o ambiente, fazer parte dele, sondá-lo. A impregnação se faz necessária para que o pesquisador se livre das tensões existentes e entre no estado de alerta necessário para que haja uma maior apreensão dos estímulos que o ambiente produz em seu corpo. Considerando o caráter pouco aprofundado desta discussão, escolhemos fazer uma observação participativa, sem a abordagem de pessoas no local, contudo, ainda abertas ao diálogo espontâneo, caso nos sentíssemos confortáveis, entendendo esta como uma importante camada na nossa pesquisa.

Assim, a pesquisa com viés etnográfico aborda a relação entre o lugar e as pessoas e entre elas, seguindo o viés etnográfico cujo pesquisador coloca-se diante do Outro,

estando aberto às afetações. O termo "etnotopografia" adotado pelo grupo de pesquisa LASC, corresponde aos multimétodos aplicados para esse tipo de análise no campo da arquitetura e urbanismo.

Por fim, adotamos o método narrativo, que será apresentado no relato a seguir, para demonstrarmos as características imbuídas nas ambiências que se mostraram como estímulos ou produtoras da empatia espacial. Ainda ressaltamos que o estar-na-feira, enquanto corpos que interagem e que produzem tal evento, é entendido como necessário para esta pesquisa, tendo em vista o aspecto relacional da caminhada como forma de apreensão e identificação dos espaços, através das relações subjetivas estabelecidas entre as pessoas e os lugares em que habitam.

2. ESTAR-NA-FEIRA: RELATO DA EXPERIÊNCIA DOS CORPO EM CAMPO

Chegamos na Feira da Glória separadas, considerando nossos diferentes pontos de partida, nos encontramos na estação de metrô da Glória cuja saída coincide com o começo da feira no sentido do Outeiro e começamos nossa imersão por volta das 11h20. No dia anterior havia chovido durante a noite, então, a rua ainda está molhada e com um mormaço que faz-se ainda mais marcante pela água no asfalto que evapora.

Partimos em uma primeira caminhada até o final da feira. Logo no começo, ainda fora das grandes lonas que cobrem seu caminho, há alguns feirantes, em sua maioria artesãos, ainda com o ruído e a presença do trânsito. No início da parte coberta já nos percebemos envolvidas pela feira, como se a rua, apesar de estar logo ao lado, estivesse mais distante. Esta parte inicial é marcada por barracas de comidas feitas na hora, como pastel, caldo de cana e tapioca, os diversos cheiros se misturando com a fumaça das preparações. Próximo a elas ficam os floreiros com uma grande variedade de flores coloridas que chamam a atenção de quem passa e sempre fazem parar pessoas maravilhadas pelo arco-íris formado, querendo levar um pouco deste para suas casas (Figura 2). Em seguida, o corredor da feira segue com muita diversidade de cores, mas agora com alimentos *in natura*: frutas, temperos, hortaliças, legumes e carnes. Apesar de seguir um corredor, há escapes entre as barracas que nos levam ao passeio, de um lado, e do outro, uma escada ao nível superior da rua, a qual subimos ao sermos envolvidas pelo som da capoeira que acontece ali.

Figura 2. Floreiros.
Fonte: Lia Bahia (2024).

Foi então, olhando a feira ali de cima, que definimos o recorte do nosso estudo: um grande balcão de madeira onde estavam dispostas vários tipos de frutas (Figura 3). Por estar coberto somente com a lona mais alta que recobre as barracas, faz com que sua apreensão seja ainda maior: a relação entre seus feirantes, uma senhora que corta melões, três rapazes organizando a disposição das frutas, cortando abacaxis, que de vez em quando são provados e empacotando laranjas, também uma moça com seu cachorro que às vezes late com os rapazes e fregueses, ora se espicha sob o asfalto para um breve descanso. Parece ser um ponto familiar, ou pelo menos, afetivo. No lado "por trás" do balcão de frutas há muitos caixotes de madeira ou plástico e caixas de papelão, alguns vazios, outros com estoques a serem renovados ou com alimentos com alguma deformação, que hora ou outra são capturados por alguém que corta o caminho até a escada, sejam algumas bananas muito maduras ou laranjas espremidas aumentando o volume da caipirinha.

Percebemos como esta barraca além de ponto de venda se caracteriza como ponto de encontro, como se alguns fregueses já há muito tempo conhecessem os vendedores. São trocadas frutas, mas ao mesmo tempo muita conversa e afeto. A moça com o cachorro que late passa bons minutos aguardando e conversando enquanto um

dos vendedores separa suas frutas ao mesmo tempo que atende outros clientes que chegam, nos tempos de pausa de seu atendimento ela faz pequenas provas do abacaxi e dá água de coco para seu cachorro. Do alto, um tanto na margem da feira ouvimos ao mesmo tempo a troca dos feirantes com os fregueses, o barulho dos carros passando na rua atrás de nós e a música inconfundível de berimbau e pandeiro à nossa esquerda. Nessa parte, o calor não oprime tanto como no corredor principal da feira, abafado e potencializado por pessoas, coberturas e cheiros.

Figura 3. Balcão de frutas. Área escolhida para a análise.
Fonte: Lia Bahia (2024).

Figura 4. Shopping-chão.
Fonte: Lia Bahia (2024).

Ao final da ida a campo fazemos uma nova caminhada que perpassa por toda a feira, do largo dos artesãos até o popularmente conhecido "shopping-chão" (Figura 4) onde se reúnem vendedores diversos que garimpam antiguidades e itens levemente danificados para vender por um melhor preço. Nesse caminho somos abordadas por jovens universitários que vendem jornais do seu curso e em um alongamento da conversa fazemos uma importante descoberta acerca das sensações que os enlaçam na ambiência da feira. Uma parte do que nos é relatado diz o seguinte: "Tô morrendo de calor! Mas adoro esse ambiente de feira, o cheiro das frutas, o caos. Esse caos combina com o Rio de Janeiro".

Esta fala nos mostra como a pessoa captura a ambiência da feira e também é um indício da empatia espacial que é gerada na sua relação com o lugar. Esta conversa acontece ao lado de uma barraca de frutas, portanto o cheiro é bem mais forte do que em outros locais. Além de confirmar a feira livre como uma representação diminuta da cidade, como Cardoso (2019) define, ao comparar o "caos da feira" com o "caos do Rio de Janeiro".

3. APREENSÕES FINAIS

A partir desse breve relato sobre a feira, observamos que alguns elementos e, principalmente relações estabelecidas pelas trocas, nos indicam características que conformam a empatia espacial deste ambiente.

Alguns traços arquitetônicos do lugar e também da organização espacial da feira nos chamaram a atenção, como a escada enquanto elemento que possibilita a integração e interlocução com o nível mais alto da rua com a feira, não só de maneira funcional e acessível, mas também criando um elo de ligação entre as dinâmicas espaciais desses dois níveis da rua, como seus usos, fluxos e apropriações. Dentro deste aspecto relacional, outra manifestação a ser citada é a roda de capoeira, sua representação, seu som como plano de fundo que denota este recorte da feira, apesar de aparentar ser um fenômeno, um acontecimento. Além disso, a forma como funciona como atrativo e convidativa ao deslocar-se até a roda e mesmo assim, os olhos se voltarem também para a feira que acontecia ao mesmo tempo (Figura 5).

Figura 5. Dinâmicas da feira.
Fonte: autoras (2023).

Já nos corredores da feira, a relação entre as pessoas, sejam as abordagens dos feirantes, sua forma de falar, o jogo das palavras usadas, como piadas, ironias e metáforas, o humor, o oferecimento de provas e opiniões sobre os seus produtos, as músicas que cantavam. Também neste sentido, a presença de vendedores de jornais cuja abordagem decorria de informações faladas e estimulando o diálogo, a reflexão e então gerando uma conversa, uma troca entre eles e os transeuntes, como ressalta Duarte e Pinheiro (2013): "O corpo é o aparelho sensível que capta a percepção do mundo com o qual interagimos, ouvimos os sons distintos que caracterizam locais urbanos, sentimos seus cheiros, sua luz, suas cores, suas diferenças de temperatura e de velocidade do vento batendo na pele." (Duarte e Pinheiro, 2013)

De acordo com as nossas percepções da ambiência da feira e do relato da pessoa que vendia jornal podemos confirmar a importância das experiências sensíveis na relação com a cidade e o papel do corpo na percepção desses afetos. Na citação acima, as autoras trazem elementos que fizeram e fazem parte da nossa relação de afeto com o lugar. Sentimos cheiros de frutas e de peixes, sons do berimbau e de vendedores oferecendo suas frutas a quatro "merréis", o frescor do vento onde ficávamos protegidas pela copa das árvores e o calor onde o sol batia nas tendas dispostas na cobertura.

Ainda durante nossa observação feita da rua de cima foi feito um comentário pela pesquisadora Lia que dizia o seguinte: “Se não fosse pela feira eu não ficaria aqui, é muito carro e é muito aberto.” É importante ressaltar nossas diferentes vivências desta parte da cidade, enquanto uma já conhecia o local, a outra vivenciava a Feira da Glória pela primeira vez. Esta fala demonstra a transformação que a feira causa naquele espaço, o que de segunda a sábado é uma rua majoritariamente vazia de pedestres e dominada pelos veículos, aos domingos se transforma em uma micro reprodução da cidade do Rio de Janeiro, com todas as suas cores, cheiros e sons diferentes, com a presença de turistas e habitantes locais, tanto moradores quantos visitantes de outra parte da cidade. Pessoas que vão todo domingo e pessoas que nunca foram, mas que parecem ter algo em comum: o afeto por aquele lugar.

4. BIBLIOGRAFIA

Cardoso, A. L. C. (2011). Arquitetura nas feiras ao ar livre: paradigmas para construções de mercados populares contemporâneos. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU.

Cardoso, A. L. C. (2019). Arquiteturas nas feiras ao ar livre: Intersubjetividade, superfícies de contato e evento. In: DUARTE, C. & PINHEIRO, E. (Eds). Arquitividades Subjeturas: metodologias para a análise sensível do lugar. Rio de Janeiro: FAU UFRJ/ Rio Books, p.121-135.

Duarte, C. R. (2015). A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. In: Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente. Natal, Edição Especial de lançamento, v. 1, n.1, p. 70– 76.

Duarte, C. R. & Pinheiro, E. (Eds). (2013). Imagine uma tarde chuvosa – Pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In: PROJETAR. Salvador.

Duarte, C.R. & Pinheiro, E. & Uglione, P. & Melo, N. & Castellano, C. & Lira, E. & Thomas, B. & Pedroso, E. & Guerra, J. (Eds). (2014). Empatia Espacial – Corpo e linguagem na tradução de uma alteridade. In: Corpocidade. Bahia.

Jacques, P. B. (2012). Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA.

R44

THE NEW ENVIRONMENTS IN THE CONURBATION PROCESS OF TRÊS RIOS - PARAÍBA DO SUL, RJ

AS NOVAS AMBIÊNCIAS NO PROCESSO DE CONURBAÇÃO DE TRÊS RIOS - PARAÍBA DO SUL, RJ

Rebeca Barbosa da Costa Carvalho
Arquiteta e Urbanista, mestranda em Arquitetura
Programa de Pós Graduação em Arquitetura, PROARQ, UFRJ
rebeca.carvalho@fau.ufrj.br

Virginia Maria Nogueira De Vasconcellos
Professora Doutora em Arquitetura
Programa de Pós Graduação em Arquitetura, PROARQ, UFRJ
virginia.vasconcellos@fau.ufrj.br

ABSTRACT

The article discusses the process of conurbation between Tres Rios and Paraiba do Sul, debating whether it can generate a new understanding of belonging in the area being formed. It emphasizes the lack of measures to reconcile urban expansion with environmental preservation and the environments resulting from conurbation. Based on Augoyard (2020), the study recognizes that ambiences are tangible, audible, visible, singular and beyond language, influencing the perception of space. The research examines the distinct characteristics of each city, such as history, demographics and cultural identity, and how these characteristics interact in the conurbation area. The methodology is qualitative, centered on affective ethnography, using tools such as walkability, a field notebook, photography and a recorder, to understand the relationships between the locals and the environment. The results offer an in-depth view of the processes of urbanization and conurbation, as well as identities and social dynamics in the specific context.

KEYWORDS: urban conurbation process. new urban ambiances. Três Rios. Paraíba do Sul.

RESUMO

O artigo aborda o processo de conurbação entre Três Rios e Paraíba do Sul, discutindo se ele pode gerar um novo entendimento sobre o pertencimento da área em formação. Destaca-se a falta de medidas para reconciliar a expansão urbana com a preservação ambiental e as ambiências resultantes da conurbação. Baseando-se em Augoyard (2020), o estudo reconhece que as ambiências são tangíveis, audíveis, visíveis, singulares e, portanto, vão além da linguagem, influenciando a percepção do espaço. A pesquisa examina as características distintas de cada cidade, como história, demografia e identidade cultural, e como essas características interagem na área de conurbação. A metodologia é qualitativa, centrada na etnografia afetiva, utilizando ferramentas como caminhabilidade, caderno de campo, fotografia e gravador, para compreender as relações entre os habitantes e o ambiente. Os resultados oferecem uma visão aprofundada dos processos de urbanização e conurbação, além das identidades e dinâmicas sociais no contexto específico.

PALAVRAS-CHAVE: processo de conurbação urbana. novas ambiências urbanas. Três Rios. Paraíba do Sul.

1. INTRODUÇÃO

O processo de conurbação pode ser designado como a unificação das cidades a partir da remoção dos limites territoriais quantitativos em detrimento de mudanças qualitativas nos centros urbanos, estendendo sua área de influência e promovendo uma integração entre esses centros (Santos et al., 2015). Isto é, pode-se considerar a continuidade urbana gerada entre cidades de pequeno e médio portes e vilas, que

crescem e se desenvolvem, formando um conjunto cujas características, sobretudo as formais, se confundem, de forma a ultrapassar seus limites territoriais. Entender como são criadas as novas ambiências nos espaços gerados por este processo, é importante para se identificar como as relações de pertencimento surgem e que características são agregadas aos espaços de cada comunidade.

Em meados do século 19, Paraíba do Sul e Três Rios, que já existiam enquanto pequenos povoados, iniciaram um processo de evolução, que culminou com a emancipação de Três Rios, que era Distrito de Paraíba do Sul, em 1938. Hoje, os dois municípios estão praticamente interligados pela conurbação verificada, sobretudo nas estradas Silvio Guaraciaba e 393-Rodovia Lúcio Meira. O talvegue formado pelo Rio Paraíba do Sul é ocupado por estas duas rodovias e permitiu a conurbação ora verificada e acentuada pelo grau de pertencimento que os dois municípios, antes um só, ainda apresentam (Figura 1).

A conurbação entre Três Rios e Paraíba do Sul, no Centro-sul do Rio de Janeiro, está sendo acelerada pela expansão territorial e demográfica facilitada pela infraestrutura rodoferroviária existente. O encontro dos rios Paraibuna, Paraíba do Sul e Piabanha deu origem ao nome de Três Rios, contribuindo para seu crescimento histórico e econômico. A localização estratégica de Três Rios, como entroncamento de rodovias e ferrovias, impulsionou o desenvolvimento industrial e comercial, enquanto Paraíba do Sul, inicialmente ligada à cultura cafeeira e ao transporte ferroviário, evoluiu para um polo regional de comércio e serviços, criando uma interdependência econômica entre as duas cidades.

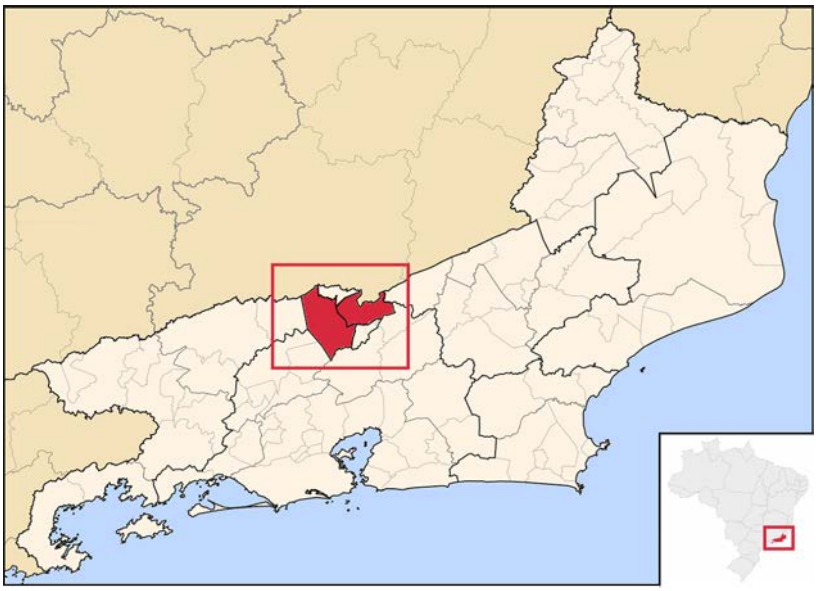


Figura 1 - Mapa com destaque para municípios de Paraíba do Sul e Três Rios.
Fonte: Adaptado de IBGE (2024)

A partir dessa premissa este artigo tem como objetivo analisar e discutir como as semelhanças do processo de ocupação deste território podem influenciar a concepção de pertencimento à área em formação. A análise se concentra em avaliar de que maneira as características compartilhadas e as transformações urbanas impactam a percepção dos habitantes sobre sua relação com o espaço, contribuindo para a construção de uma nova compreensão sobre a dinâmica social e espacial desta área em desenvolvimento contínuo.

A metodologia delineada para o trabalho de campo baseia-se nos percursos como ferramenta de apreensão das ambiências (Certeau, 1980), na prática da caminhada como experiência rítmica (Yi'En, 2014 apud Chaparim & Oliveira, 2019) e compreende a etnografia como a escrita do visível (Duarte, 2010). Utiliza ferramentas como o caderno de campo, a fotografia e o gravador para capturar informações visuais e auditivas, e registrar observações detalhadas, integrando aspectos físicos, afetivos, intuitivos e psicológicos para uma análise abrangente e sensível do espaço urbano.

2. EXPLORANDO OS TRECHOS EM CONURBAÇÃO

A metodologia delineada para o trabalho de campo parte dos percursos como ferramenta de apreensão das ambiências e a prática da caminhada como processo de apropriação e uso dos espaços urbanos pelo indivíduo (Certeau, 1980) e como experiência rítmica, onde a sensibilidade do pesquisador está tanto ativa quanto é ativada (Yi'En, 2014 apud Chaparim & Oliveira, 2019). Além disso, considera o entendimento da etnografia como a escrita do visível e a importância do diálogo cultural onde se verifique a relação entre o pesquisador e o ambiente pesquisado e entre o pesquisador e seu próprio sentimento (Duarte, 2010). Para que o pesquisador consiga analisar o espaço urbano, compreendendo sua experiência afetiva, é fundamental considerar, além dos aspectos físicos e morfológicos, também os aspectos afetivos, intuitivos e psicológicos. É essencial estabelecer um relacionamento próximo com o ambiente e seus habitantes. Dentre as ferramentas utilizadas para as análises estão o caderno de campo, a fotografia e o gravador, que auxiliam na captura de informações visuais e auditivas, além de permitir o registro de observações detalhadas durante o processo de pesquisa.

O caderno de campo, registra as percepções e descrições do que se destaca no presente momento. Nessa etapa, o caderno pode conter, tanto anotações quanto croquis, e devem ilustrar a visão do observador em relação às concentrações de uso, fluxos, limites, aspectos e sensações climáticas, percepção sonora, olfativa e situações de risco. A fotografia é utilizada como meio de registrar a memória ambiental e cultural local, além disso, compila dados de conhecimento que podem servir como fonte de comparação anacrônica, considerando que a cultura e os costumes das etnias estão sujeitos a transformações (Boni & Moreschi apud Silveira, 2020). O gravador do celular também é utilizado como ferramenta de registro das observações e percepções do pesquisador durante o percurso. Dessa forma, a

metodologia adotada permite o estudo do espaço urbano, integrando diferentes dimensões da experiência humana e proporcionando uma compreensão mais profunda do ambiente e das interações sociais que nele ocorrem.

3. AMBIÊNCIAS NO RECORTE

O percurso foi realizado em um trecho de 800 metros ao longo da Estrada Três Rios-Paraíba do Sul, partindo do ponto final de ônibus no Bairro Cantagalo (Três Rios) até a Quadra de Esportes da Favelinha, localizada no Bairro Barão de Angra (Paraíba do Sul). A jornada ocorreu durante a tarde de uma segunda-feira, das 15h às 17h. Esse trecho se caracteriza, principalmente, por ser uma área de fusão gradual entre as áreas urbanas dos dois municípios. O percurso foi dividido em três trechos para fins analíticos (Figura 2): o primeiro trecho do ponto final do ônibus até a "curva" que demarca a divisão entre os municípios; o segundo trecho da "curva" ao início da Favelinha; e o terceiro, do início da Favelinha até a quadra de esportes.

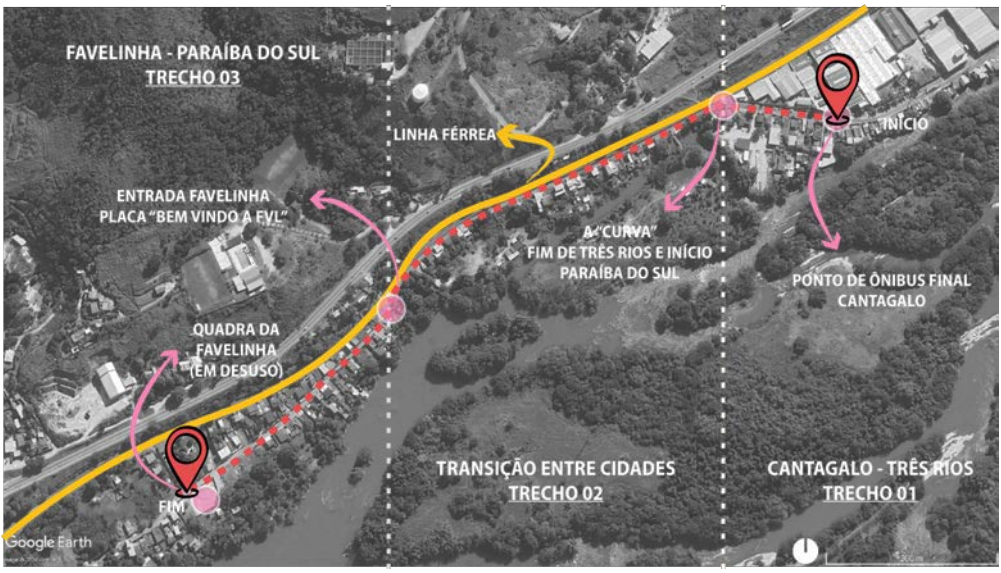


Figura 2 - Recorte do percurso.
Fonte: Google Earth com alterações da autora (2024)

O trecho 01 revela uma paisagem híbrida, combinando usos industrial de pequeno porte e residencial, onde as escalas se mesclam na paisagem. Embora haja calçadas, estas não são inteiramente ocupadas pelos residentes; ao invés disso, predomina-se a presença de automóveis estacionados e em movimento. O ponto de ônibus, que marca o fim de sua rota no extremo oeste da Cidade de Três Rios, é o local com maior concentração de pessoas (Figura 3). Isso sugere que as ruas desempenham um papel fundamental como vias de circulação e locais de espera durante o período observado.

Embora não seja densamente arborizada, a área oferece sombreamento adequado e não apresenta odores ou ruídos incômodos, exceto quando o trem transita pelo local. Nesses momentos, é possível sentir vibrações e ouvir ruídos característicos provenientes desse meio de transporte.

Figura 3 - Fotos Trecho 01.
Fonte: a autora (2024)

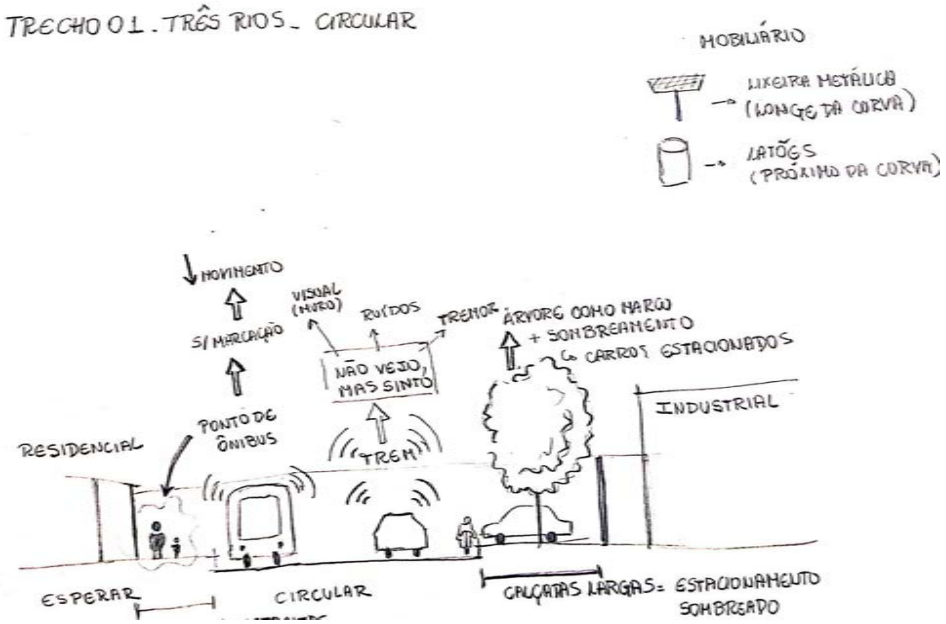


Figura 4 - Croquis Trecho 01.
Fonte: a autora (2024)

O trecho 02, é o que mais acentua a transição, embora predominantemente residencial, é atravessado por uma rodovia destinada a veículos e carece de passeios para pedestres em grande parte de sua extensão. Além disso, é limítrofe à linha férrea, que por sua vez é paralela a uma via estreita, o que intensifica a sensação de perigo e alerta durante a caminhada. A área transmite sensação de aridez, ainda que seja envolta em vegetação predominantemente espontânea. A ecassez de pessoas nas ruas reflete a estrutura viária desfavorável para pedestres. Apesar dessas sensações percebidas enquanto caminhante, é possível perceber formas de apropriação dos moradores no trajeto, como residências adornadas com vasos de flores nas entradas, veículos estacionados e placas informativas, conforme ilustrado na figura 02. Assim como no primeiro trecho, os ruídos provêm da linha férrea, com a passagem de trens, ou do tráfego de veículos na estrada.

Figura 5 -Fotos Trecho 02.
Fonte: Google Maps (2024)

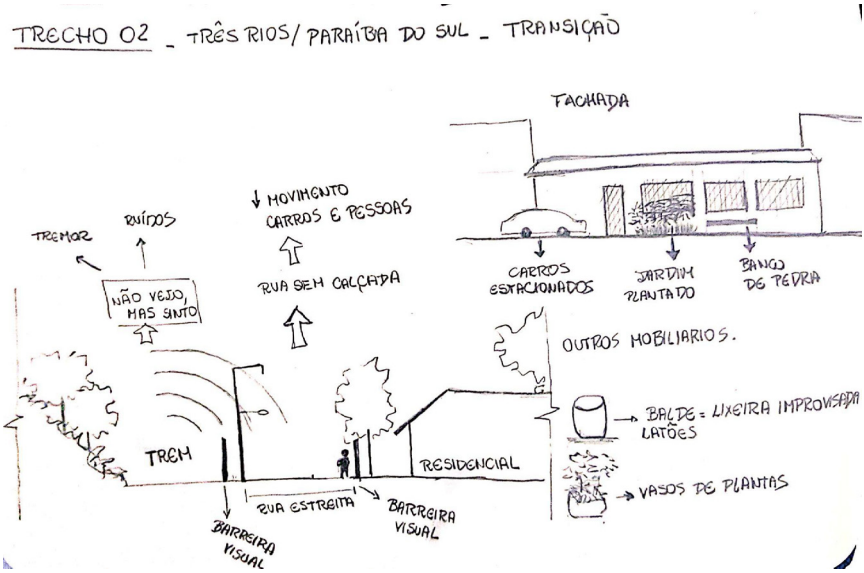


Figura 6 - Croquis Trecho 02.
Fonte: a autora (2024)

O início do trecho 03 é duramente marcado por uma placa com os dizeres “Bem-vindo à FVL (Favelinha)”. Durante a investigação,notou-se que as ruas eram predominantemente ocupadas por mulheres e crianças. Devido ao fechamento da praça e da quadra de esportes para obras, as crianças encontraram na rodovia um espaço para suas atividades, soltar pipa, brincar de pique e amarelinha, evidenciando a carência de áreas seguras e apropriadas para lazer na área.

O trajeto percorrido não oferece passeio em toda sua extensão, no entanto, é possível observar e vivenciar a população ocupando a estrada como extensão de suas casas ou como um espaço livre de estar. O comércio local estava fechado, embora a visita tenha sido feita em dia e horário comercial, mas foi notável a diversidade de estabelecimentos, incluindo bares, lojas de produtos de limpeza e lanchonetes, identificados pelos letreiros, como foi captado e ilustrado nas Figuras 7 e 8.

Em termos sensoriais, a área não apresenta odores ou ruídos incômodos, exceto pelo ruído elevado do trem e dos carros quando ao se aproximarem da área residencial. Houve uma percepção de estranhamento por parte dos moradores em relação ao pesquisador observador, visto como um visitante externo ao espaço. No entanto, os moradores demonstraram curiosidade em relação ao estudo, acolhendo a pesquisa de maneira receptiva.

Figura 7 - Fotos trecho 03.
Fonte: a autora (2024)

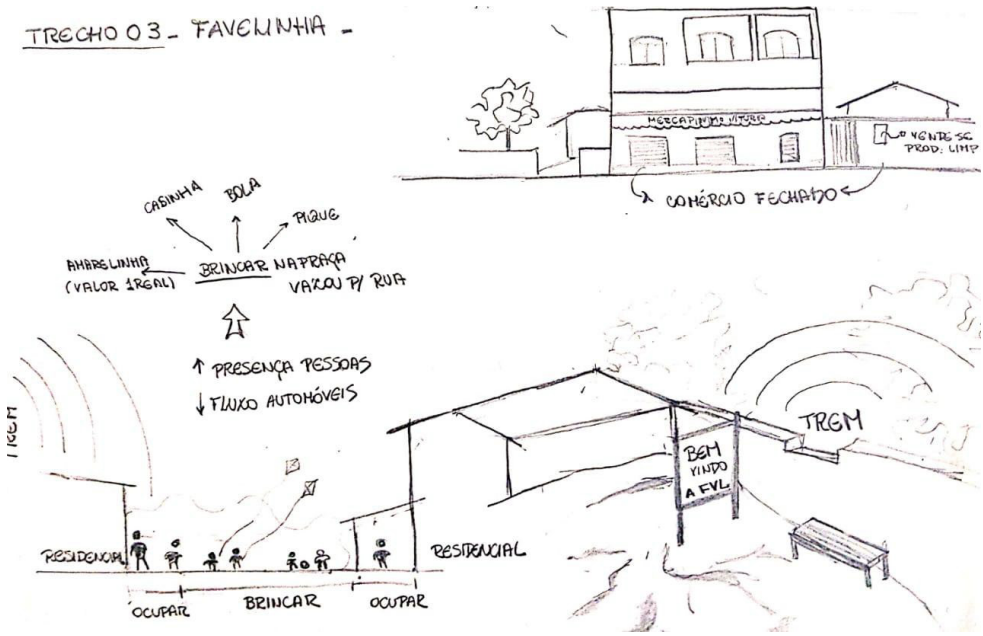


Figura 8 - Croquis trecho 03.
Fonte: a autora (2024)

4. RESULTADOS

A pesquisa realizada na Favelinha revelou um cenário distinto, uma vez que o comércio não estava em funcionamento e a quadra e a praça estavam interditadas para obras, observou-se que as atividades recreativas e sociais, geralmente confinadas ao espaço de lazer público, transbordaram para as ruas da comunidade. Esse fenômeno resultou em uma ocupação diferenciada das vias, que passaram a assumir funções além da mera circulação de pessoas. Essa ocupação alternativa das ruas pode indicar uma flexibilidade e resiliência inerente à comunidade, adaptando seus espaços de acordo com as necessidades emergentes.

Em termos sensoriais, os que predominam na área são gerados pelo tráfego de veículos, enquanto o trem representa uma presença marcante tanto sonora quanto fisicamente, enquanto barreiras. Os ruídos e vibrações causados pela passagem do trem atuam como um marcador temporal e sensorial para os moradores por todo o percurso.

No primeiro trecho, apesar de possuir a melhor infraestrutura urbana, há poucas evidências de ocupação pelas pessoas nas ruas. Áreas sombreadas são ocupadas por veículos e há poucos pedestres circulando no espaço

A linha férrea funciona como um limite físico significativo, aumentando a sensação de insegurança para quem transita pelo trecho 2, a ausência de infraestrtura básica é compensada pelos moradores com a inclusão de vasos de plantas junto aos muros de suas residências, visto que não há passeio para pedestres. A rua paralela à linha férrea é estreita e perigosa devido à ausência de calçadas, o que contribui para a sensação de insegurança.

No trecho 03, essa mesma via estreita reúne crianças e adultos em atividades de lazer, evidenciando a carência de espaços específicos para esse fim. Apesar dos riscos representados pela via, a necessidade de áreas de lazer é tão urgente que a comunidade adapta o espaço disponível para essas atividades. Além disso, o fechamento do comércio em dia e horário comercial, no trecho 03, foi um aspecto importante observado, sugerindo uma dinâmica econômica e social particular na área estudada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa revelam a importância de considerar as múltiplas funções que os espaços urbanos podem adquirir, especialmente em contextos de vulnerabilidade e intervenção urbana. A flexibilidade e a resiliência demonstradas pela comunidade ao adaptar seus espaços refletem nessas áreas de vulnerabilidade ao caminhar e à permanêcia, mostram a necessidade de um planejamento urbano que considere não apenas os aspectos físicos e morfológicos, mas também os afetivos. Assim, reforça-se que a falta de medidas para reconciliar a expansão urbana com a preservação ambiental e afetiva dos usuários gera impactos desfavoráveis à formação de ambiências sensíveis.

A experiência sensorial dos moradores, marcada pelos sons e tremores do trem, a sensação de insegurança ao caminhar, provocada pela ausência de calçadas e a adaptação das ruas como espaços de lazer e socialização, destacam a importância de intervenções que promovam a segurança e a qualidade de vida.

O trecho 1, o mais movimentado do percurso, embora ofereça calçadas, se revela como uma área conflituosa entre pessoas e veículos; o trecho 2, que evidencia a falta de espaço peatonal, se destaca pela sua solidão e pelo desconforto experimentado ao caminhar sozinho nessas condições, aumentando a sensação de insegurança e contribuindo para uma experiência de caminhada árida; da mesma forma, os aspectos desafiadores do trecho 3, incluem a incerteza sobre a dinâmica local, onde a interdição da quadra esportiva e o fechamento do comércio em horários inesperados criam um ambiente instável e pouco previsível, mesmo com as incertezas, a ambiência deste trecho revela a importância da presença de espaços públicos funcionais e acessíveis, que podem influenciar diretamente na qualidade da experiência de quem transita por essas áreas.

Os procedimentos adotados na pesquisa, que incluem visitas de campo com observações diretas não participativas, o uso do caderno de campo, fotografias e gravações, permitiram a integração de diferentes dimensões da experiência humana, proporcionando uma compreensão mais profunda do ambiente e das interações sociais que nele ocorrem.

6. AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Pós Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e financiado com a bolsa adquirida a partir da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

7. REFERÊNCIAS

Certeau, Michel de (1980). Caminhadas pela cidade. In: _____. A invenção do cotidiano. vol.1 Artes de fazer (3ª ed.). Petrópolis: Vozes. (pp. 169-191).

Chaparim, M. A. S., & Oliveira, E. R. de. (2019). Desafios e reflexões na apreensão afetiva da cidade: a deriva como procedimento metodológico. *Geografia Em Atos (Online), 5*(12). https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6517

DUARTE, C. R. (2010). Cultura, subjetividade e experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura. In: Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro.https://anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/105/105-690-2-SP.pdf

Duarte, C. R. S. (2010). Olhares possíveis para o Pesquisador em Arquitetura. *Cultura,* Subjetividade e Experiência: Dinâmicas Contemporâneas Na Arquitetura.

Eduardo Santos, A., & Moraes Peixinho, D. 2015. *Processo de conurbação: Elementos espaciais do fenômeno em área não metropolitana*. Estudos Geográficos, 13(1), 35-52, http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo

Lopes, P. de O., & Drach, P. R. C. (2023). Urban Expansion and neighborhood design: Municipality of Três Rios/RJ. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, 11*(82). https://doi.org/10.17271/23188472118220234698

Silveira, P. C. D. A. (2020). Etnotopografia aplicada em praças: algumas ferramentas para ler a cidade em arquitetura e urbanismo. *Humanas & Sociais Aplicadas, 10*(27). https://doi.org/10.25242/8876102720201755

R44

IN BETWEEN: PAUSES, BREATHS AND LANDSCAPES

ENTRE: PAUSAS, RESPIROS E PAISAGENS

Luciano Mouassab Chalita
Doutorando em Arquitetura e Urbanismo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP
luciano.chalita@usp.br

ABSTRACT
Considering the landscape as a sensitive experience between observer and environment, the article turns its attention to this space between the entities involved, the interval, the breath of emptiness. An essay about the space where connection happens, where the relationship is established in the experience of the landscape. Even though it happens in a subjective field, it happens from the physical space between them, their visible and invisible aspects; in breathing voids in cities, with space as an element that facilitates the enjoyment of the landscape. Breathing as a place in the landscape, where sensitive experience takes place, as in writing, music and other arts. The discussion originates from research on silence and its relationship with the landscape in cities, and proposes reflections on this space "in between", the void, the place of sensitive experience.

KEYWORDS: in between. space. break. breathe. silence.

RESUMO
Considerando a paisagem como experiência sensível entre observador e ambiente, o artigo volta seu olhar para esse espaço entre os entes envolvidos, o intervalo, o respiro do vazio. Um ensaio sobre o espaço onde a conexão acontece, onde a relação se estabelece na experiência da paisagem. Ainda que aconteça num campo subjetivo, se dá a partir do espaço físico entre eles, seus aspectos visíveis e invisíveis; no respiro dos vazios nas cidades, tendo o espacejar como elemento facilitador da fruição da paisagem. O respiro como lugar da paisagem, onde a experiência sensível acontece, como na escrita, na música e nas demais artes. A discussão tem origem em uma pesquisa sobre o silêncio e sua relação com a paisagem nas cidades, e propõe reflexões sobre esse espaço "entre", o vazio, o lugar da experiência sensível.

PALAVRAS-CHAVE: entre. espaço. pausa. respiro. silêncio.

1. INTRODUÇÃO
A paisagem como experiência sensível se estabelece numa conexão entre observador e ambiente. A fruição dessa experiência envolve não apenas a percepção visual, mas todos os sentidos tocados pela ambiência vivenciada, numa sinestesia que propicia, a cada observador, uma paisagem única, acessando subjetividades e memórias particulares através das quais experiencia o ambiente. Suas referências e a atmosfera do lugar se encontram numa percepção que se estabelece entre os entes envolvidos. O espaço entre eles é essencial para sua fruição, é onde a experiência da paisagem acontece. E é para tal espaço que aqui se pretende voltar o olhar, buscando lançar reflexões acerca do tema. Reflexões que surgiram a partir de pesquisa em andamento que investiga relações do silêncio com a paisagem nas cidades, mas que não se pretende aqui apresentá-la, e sim trazer dela as contribuições necessárias para embasar o percurso realizado. Tampouco se pretende explorar o objeto de investigação da pesquisa, a cidade de Taubaté, no interior de São Paulo, mas

trazer dele alguns registros como elementos de ilustração das discussões teórico-conceituais apresentadas. Dessa maneira, o artigo se coloca como um ensaio sobre o tema, na busca de contribuir com as reflexões em torno do espacejar na cidade e suas ambiências a partir dos estudos, levantamentos e revisões bibliográficas realizados, apoiado nas investigações empíricas em curso.

As investigações sobre o silêncio, suas possibilidades e leituras, remetem ao vazio, aos respiros, às pausas, que, por sua vez remetem ao entre, ao espaço entre, onde as conexões acontecem, se estabelecem pela possibilidade das ausências. É o entre que distingue a individualidade, e é nele também onde uma unidade pode se estabelecer. Na música, nas artes visuais, na literatura e na linguagem, e também nas cidades, o espaço entre é onde se estabelecem a percepção e a comunicação, é onde as conexões se fazem possíveis. É onde a experiência sensível acontece, onde a paisagem se estabelece a cada observador. Se na linguagem os significados acontecem na lateralidade, entre as palavras, como aponta Merleau-Ponty em "A linguagem indireta e as vozes do silêncio" (2004), também a experiência da paisagem se dá "entre", no respiro propiciado pelo espacejar. Ainda que se estabeleça num campo subjetivo, se dá a partir do espaço físico entre o observador e o ambiente apreendido. É entre eles que a experiência acontece. Assim como a música se estabelece pelas pausas, também a percepção necessita de um espaço para que aconteça, um respiro. Sem a pausa não teríamos música, apenas um som contínuo. Como, então, propiciar experiências de paisagens nas cidades senão pelo espacejar, pelo respiro, pela pausa? A percepção se estabelece "entre", onde dois pontos se encontram, seja para reforçar a dualidade por suas individualidades, seja pelo estabelecimento de uma unidade. Mas é sempre entre. É no "entre-espaço" que as possibilidades se estabelecem, como nos mostra Michiko Okano (2012) ao abordar o *Ma,* uma noção oriental dessa pausa, de um espaço intervalar, de intermediação, envolvendo um respiro que é também temporal. O vivenciar e experimentar a cidade, de forma a estabelecer condições propícias à fruição de paisagens possíveis deve, então, considerar a discussão e proposição de pausas, de respiros, do espacejar como ferramenta de conexão do observador com o ambiente vivenciado, aspectos aos quais o artigo propõe uma tentativa de aproximação. As dimensões da pausa e o fôlego do respiro podem apontar diferentes possibilidades de perspectivas e horizontes, externos e internos, correspondentes ao visível e ao invisível na paisagem. O respiro como zona de experiência, como lugar da paisagem. A pausa que também pode silenciar internamente o observador habituado a ruídos constantes que afetam todos os seus sentidos. O experenciar, o se abrir a novas percepções e horizontes, a paisagens e a novos imaginários a partir do ambiente urbano e suas vivências, podem ganhar espaço com os respiros, o que muitas vezes chamamos de vazio. Um vazio prenhe de possibilidades. Espacejar a cidade é reconhecer o aspecto positivo, afirmativo e ativo do vazio, do silêncio, da pausa, para além da negação, da falta ou da ausência. É espaço para a busca. Espacejar a cidade é garantir respiros, é propiciar o entre, o espaço das possibilidades, da percepção.

2. ENTRE PAISAGENS POSSÍVEIS

Entende-se aqui a paisagem como experiência sensível que acontece entre o observador e o ambiente vivenciado, numa percepção única e pessoal, estabelecida a partir de seus próprios referenciais. Inicialmente pode ser considerada uma percepção dos aspectos visíveis do espaço apreendido, e só se pode falar em paisagem a partir de sua percepção, nas palavras de Michel Collot (1995), que a define como espaço percebido, constituindo o aspecto visível, perceptível do espaço. Ainda que se estabeleça a partir dos aspectos visíveis, que por sua vez constituem um recorte de um todo a partir do olhar do observador, envolve aquilo que é invisível. Ainda segundo Collot, a percepção é intermediada por um sistema simbólico, e as formas de manifestação da paisagem envolvem o que chama de horizontes externos e horizontes internos, o visível e o invisível. Invisível que se faz presente e compõe aquilo que é visível, a inconsciência de não ter observado em contraposição àquilo que é observado.

Dentre os aspectos visíveis da paisagem destacamos dois deles: a presença de elementos da natureza e a possibilidade de horizontes em sua composição (Corajoud, 2011). Embora não se pretenda uma delimitação dentro de uma acepção enrijecida, são elementos que dialogam com a relação entre o espacejar da cidade e as possibilidades de paisagens que se apresentam no meio urbano. A possibilidade de fruição da experiência. Para ambos, natureza e horizontes, também não se considera uma rigidez conceitual. Horizontes nem sempre são tão claramente definidos, mas podem estar presentes em perspectivas possíveis que se desenham a partir de um olhar. Também a natureza pode não ter seus elementos evidenciados de maneira explícita, estando presente sutilmente a partir da ocupação sobre uma montanha ou do vale de um córrego confinado a galerias sob um sistema viário. Pode ser ainda uma rápida conexão entre uma vegetação e o céu, um "lugar onde o céu e a terra se tocam" (idem). E a observação do ambiente, em busca de paisagens possíveis, precisa de espaço, precisa de vazios, externos e internos. Discutir a cidade e seu espacejar se torna, assim, imprescindível à discussão da paisagem no meio urbano. Espaços e vazios exteriores como elementos facilitadores de conexão com os interiores, onde a experiência sensível acontece. É possível ver um rio ou perceber seu vale definido por uma avenida sobre ele, ou nada ver e perceber se sua superfície está ocupada. Como uma serra que emoldura uma cidade ao fundo, que pode sequer ser notada pelo observador imerso entre ruas e prédios que a ocultam. Isso vale para os demais sentidos, que participam dessa percepção, afinal, a experiência sensível é sinestesia. Um ambiente barulhento rouba a cena e o olhar. Ruídos afetam percepções, sejam sonoros, visuais ou de outra natureza. Sinestesia presente na percepção, onde os sentidos se comunicam, se unem, como expressa Merleau-Ponty:

> O objeto intersetorial está para o objeto visual assim como o objeto visual está para as imagens monoculares da diplopia, e na percepção os sentidos se comunicam assim como na visão os dois olhos se colaboram. (...) Quando digo que vejo um som quero dizer que, à vibração do som, faço eco através de todo

> o meu ser sensorial e, em particular, através desse setor de mim mesmo que é capaz das cores. (Merleau-Ponty, 2018, p.314)

A interação dos sentidos na percepção da paisagem também é objeto de Murray Schafer (2011), compositor canadense que traz dois termos que contribuem ao debate da paisagem, *hi-fi* e *lo-fi,* alta fidelidade e baixa fidelidade. O que chama de paisagem sonora *hi-fi* associa ao baixo nível de ruído do ambiente, que permite a percepção de cada som de maneira clara, enquanto na *lo-fi* há maior sobreposição de sons, "uma população de sons superdensa", onde sons individuais são menos perceptíveis, mascarados pela "ampla faixa de ruído", condição que associa também à visão:

> O ambiente silencioso da paisagem sonora hi-fi permite o ouvinte escutar mais longe, à distância, a exemplo dos exercícios de visão à longa distância no campo. A cidade abrevia essa habilidade para a audição (e visão) à distância, marcando uma das mais importantes mudanças na história da percepção. (Schafer, 2011, p. 71)

Outro aspecto a ser considerado é o lugar de observação. As possibilidades de paisagens às margens das cidades costumam ser, a princípio, maiores, uma vez que os ruídos se diluem à medida que se caminha ao meio rural. Direciona-se, então, à busca de paisagens possíveis não nas bordas da cidade, não às suas margens, e sim em suas dobras (Besse, 2014), na imersão no urbano. Nos interessa saber onde a paisagem se faz possível para aquele que habita a cidade, vivenciando o urbano. A paisagem que se apresenta sem precisar ser buscada fora. Uma paisagem que pode adentrar a cidade, e que, para isso, precisa de espaço, de vazio, de um entre. A opção não pretende com isso atribuir juízo de valor às diferentes condições, pelo contrário, direciona o olhar para discutir como ampliar as paisagens possíveis na cidade.

Como coloca Jean-Marc Besse, em um de seus ensaios sobre a paisagem, sobre o filósofo Charles Péguy: "segundo Péguy, não é retirando-se desinteressadamente nas alturas que o filósofo se relaciona com a paisagem, mas antes mergulhando no meio de tudo" (idem, p.97). A paisagem nas alturas talvez se faça mais óbvia por se abrir mais facilmente a horizontes e perspectivas, por respirar mais, pela amplitude do espaço que abarca, assim como aquelas às bordas das cidades. O alto, assim como as bordas, traz distanciamento e amplitude, se abre a espaços (Figura 1) mais do que os reserva às dobras da cidade.

Figura 1. Vista da cidade de Taubaté, SP, do alto, à esquerda, e vista da várzea do rio Paraíba do Sul a partir de mirante à margem da cidade, à direita. Ambas com a Serra da Mantiqueira ao fundo.
Fonte: o autor (2022).

O desafio a que se propõe esse artigo está nas dobras da cidade, em seu interior. A cidade por vezes restringe o campo visual, reduz horizontes, limita perspectivas e confina o campo visual. Estudar suas dobras intenciona questionar como experenciar a paisagem nas cidades, como se abrir a horizontes e reduzir o confinamento que muitas vezes se impõe. E se propõe a isso a partir dos respiros e vazios que permitem ampliar o espaço "entre", da busca pelo espacejar que permite acessar o ponto sensível que traz a experiência:

> É preciso encontrar o ponto sensível. Péguy preserva na palavra 'sensível' a ambiguidade que lhe dá profundidade. O ponto sensível é, de início, o ponto que incita ao sentido, pois há pontos no mundo nos quais se cristaliza a significação das coisas. Mas o ponto sensível é, sobretudo, o lugar da sensibilidade atingida, o ponto que 'pega', o ponto 'contundido', que 'dói', que 'arrebata' (Besse, 2014, p.98).

Besse vale-se ainda de palavras de Péguy ao apontar que "o ponto sensível atingido e conquistado é como a fratura ou a brecha", e ainda, agora em suas palavras, é "por onde a ordem estabelecida das coisas escapa, é recolocada em movimento, é propriamente reanimada. O ponto sensível é o ponto de ruptura e de liberação dos mecanismos e das instituições de toda ordem" (idem, p.98). A paisagem é, então, essa experiência sensível, a ruptura que incita ao sentido, que rompe a ordem e estabelece conexão com o observador, acessando seus horizontes internos a partir das possibilidades dos externos. Ruptura, brecha e fratura, elementos associáveis ao entre, aberturas que possibilitam o espaço entre, o vazio, um respiro.

3. ENTRE VAZIOS: RESPIROS E PAUSAS

Abordar o entre remete a falar sobre espaço, conceito que mereceria maior aprofundamento ao se refletir sobre o espacejar, mas que demandaria um texto a parte. Segundo Abbagnano (2012), ao menos três reflexões seriam pertinentes acerca do espaço: sua natureza, sua realidade e sua estrutura métrica. As reflexões sobre sua natureza talvez sejam as mais pertinentes às investigações propostas neste artigo, considerando o espaço como recipiente que contém os objetos materiais, o que por sua vez parte do pressuposto do espaço vazio, do espaço como receptáculo. Especialmente por considerar as relações da exterioridade, lugar onde as relações entre objetos acontecem. Não menos importantes, sua realidade e estrutura métrica envolveriam, respectivamente, aspectos associados à realidade física e teológica, e aqueles ligados a uma geometria, estando, porém, mais distantes das reflexões aqui trazidas.

O "entre" remete a esse espaço que, por vezes, pode ser considerado como vazio, que permite o estabelecimento de relações como a que envolve a percepção da paisagem pela experiência sensível do observador ao vivenciar o ambiente. Acontece numa espacialidade subjetiva, mas que se torna possível a partir dessa espacialidade física, do distanciamento, do "olhar" a partir do entre. Acontece num espaço vazio, como no silêncio da pausa da música. Um silêncio que, embora possa ser considerado a ausência de som, antes de não ser som, é silêncio. Silêncio no seu aspecto positivo e ativo (Orlandi, 2007), afirmativo, de ser silêncio antes de não ser som. Assim como o silêncio nos permite olhar para seus dois lados, positivo e negativo, ser e não ser, também o vazio nos remete a essa leitura. O vazio poderia ser ausência, ser a não ocupação, se pensarmos na cidade, mas, antes de tudo ele é afirmativo, é espaço potencial, é respiro, é possibilidade. Inclusive de deixar de ser vazio, de ser ocupado, ou, até mesmo, de ser confinado. Arquitetura é espaço confinado, como expressa Rubem Alves (2003) em sua crônica O Vazio. Cercamos vazios e enquadramos paisagens, como nos mostra no trecho que segue:

> A casa também é um vazio cercado de paredes. Para isso servem as paredes: para pegar o vazio e permitir que ele seja usado. Os arquitetos e arquitetas são os artistas que sabem a arte de pegar vazios por meio de paredes. E as janelas? Também são vazios. Buracos. Já imaginaram uma casa sem janelas? Seria horrível viver numa casa sem janelas. (Alves, 2003, p. 112)

Mas não se trata aqui desse vazio confinado que falamos, e sim da potência do vazio como aspecto potencial. Potencial entre paredes, mas também como espaço de conexão, de percepção. Ao falarmos de cidades, ainda que esses espaços vazios sejam aparentemente livres, são também confinados pelas edificações. Entre prédios, entre usos, entre praças, entre postes... As dimensões e proporções desses vazios é que irão proporcionar perspectivas, horizontes e possibilidades de paisagens. Pensar esse espaço-entre é pensar paisagens possíveis. Também por aí passeia Rubem Alves ao seguir pelas janelas:

> Parece que a ausência de janelas não faz bem nem para os sentimentos e nem para os pensamentos... É o vazio entre os meus olhos e o jardim que me permite ver o jardim. É o vazio chamado "silêncio" que me permite ouvir a música. (idem, pp. 112 e 113)

Silêncio também das pausas que compõem a música. A pausa do respiro. Respiro na ausência de pigmentos na pintura ou nas dobras da escultura, cada qual com seus vazios. Assim como o espaço de observação, o vazio necessário entre a obra e o observador, a quem se destina sua apreciação. É nesse vazio que a conexão se estabelece, como analisa Sérgio Romagnolo (2018) ao estudar dobras e vazios na arte, em especial a escultura. Em todas as artes, em todas as manifestações de expressão sensível, encontramos o vazio, a ausência, o respiro. O silêncio. Na própria obra ou em seu espaço de contemplação, um campo livre de obstáculos que favorece o estabelecimento de conexão do observador, um vazio reservado ao respiro necessário. Assim como na paisagem, onde o silêncio dos vazios oferece o respiro, o lugar do entre, onde se encontram, ambiente e observador, na experiência sensível. O lugar da paisagem. A percepção acontece entre, no espaço entre. Ou, como traz Michiko Okano (2012), um "entre-espaço", na cultura oriental representado pelo *Ma,* sem correspondência ou definição lógica na cultura ocidental, mas que, dentre muitas leituras possíveis, poderia ser considerado um espaço intermediário, intervalar, onde possibilidades podem se estabelecer. Um espaço de intermediação que se abre a possibilidades, um respiro assim como a pausa. Um "espaço-tempo" em que a dualidade pode ser desconstruída, pode coexistir ou pode convergir a uma unidade. Até mesmo como "fronteira, algo que separa e ata os dois elementos que intermedeia, criando uma zona de coexistência, tradução, diálogo" (Okano, 2012, p.27). Um espaço onde as possibilidades existem.

A paisagem como experiência sensível, única e pessoal, guarda afinidades com a espacialidade *Ma,* que "pressupõe divisão e intermediação, como também relação e conexão" (idem, p.26). É caracterizada como uma espacialidade "geradora de outras possibilidades", um entre-espaço que "pode se manifestar coo intervalo, passagem, pausa, não-ação, silêncio, etc." (idem, p.26).

Também a escrita leva a atenção para o "entre" como o lugar onde a linguagem acontece, como aborda Merleau-Ponty (2004) em discussões sobre a linguagem,

com reflexões sobre a escrita e a pintura. O "entre" como o espaço da percepção; a lateralidade dos signos, onde a compreensão acontece; o espaço entre as palavras onde a linguagem se manifesta; o espaço da ação, que reside entre a intenção e o produto; o lugar da expressão e da comunicação que se dá entre nós. Tudo acontece no vazio, no silêncio do entre. Entre o eu e o outro, entre as palavras, entre os signos, entre a intenção e a obra.

O vazio abre espaço, "espaço reservado ao desconhecido" que, nas palavras de Giorgio Sica, "é um dos aspectos mais fascinantes de uma estética em que o não dito tem um valor quase sempre maior do que aquilo que é possível explicitar" (Sica, 2017, pp. 27 e 28). Uma intuição que na poesia se encontra " em palavras que preferem aludir a indicar". Para Sica, querer dizer demais ou ser demasiado explícito seria um dos maiores "pecados" que um escritor poderia cometer, sacrificando uma "essência impalpável que só uma linguagem impalpável pode tentar exprimir" (idem, p.30). A lacuna do não dito como potência. De forma análoga, é o olhar que se propõe sobre a paisagem, pelas possibilidades trazidas pelos vazios e pelo silêncio, pelos espaços que a cidade concede ao observador por suas dobras.

4. POR ENTRE A CIDADE

Considerada a subjetividade do espaço "entre", as reflexões acerca do vazio e dos respiros da cidade poderiam eventualmente se encerrar numa discussão teórica-conceitual. Mas, abordar as paisagens possíveis na cidade a partir de um espacejar que facilite sua fruição, deve levar em consideração que nem todo espacejar traz as mesmas possibilidades. Seu contexto, inserção e características particulares podem expressar realidades distintas.

Cheios e vazios estabelecem relações diretas entre si. São opostos, mas também complementares, um define o outro a partir de seus limites. Silêncio e vazio são respiros necessários para a experiência sensível, trazem espaçamento, no visível e no invisível, acessando o intangível, e até mesmo o inefável. São o "entre" onde a conexão é uma possibilidade. O respiro dos vazios nas cidades, como propiciadores da fruição da paisagem, faz deles elementos de investigação e reflexão. Mas são inúmeros os respiros possíveis. Não se pretende criar uma classificação ou delimitação, mas brevemente apresentar algumas poucas formas de suas manifestações no meio urbano, sendo possíveis outras tantas. Uma "pincelada" a partir de alguns exemplos, com diferentes condições de vazios em contextos semelhantes, que resultam experiências distintas. Para isso, serão utilizados registros fotográficos da pesquisa que deu origem a essa investigação, que tem como objeto empírico a cidade de Taubaté. Os registros contemplam dois contextos identificados como lugares de respiros na cidade, a ferrovia e os cursos d'água.

Apresentam-se, primeiramente, imagens do local onde seriam duas lagoas, hoje inexistentes, que resultaram em condições de supressão de espaços na cidade. Na

Figura 2, à esquerda, a ocupação total da área sobre aquela que seria sua principal lagoa, então conhecida como Tanque da Aguada, sobre a qual hoje está seu Mercado Municipal, não lhe restando qualquer respiro possível. À direita a antiga Lagoa do Rafael, ocupada parcialmente por um edifício comercial e o restante por seu estacionamento, o que, de certa maneira, reservou algum espaço livre, um respiro que, porém, não permite sequer a visualização do morro existente logo atrás, também com ocupação consolidada.

Figura 2. Espaços antes ocupados por duas lagoas: à esquerda onde seria o antigo Tanque da Aguada e, à direita a Lagoa do Rafael.
Fonte: o autor (2023).

Na Figura 3, são apresentados os registros de duas ruas da região central da cidade. À esquerda uma vista atual a partir de uma pequena ladeira vinda das vias do núcleo da vila inicial, de onde originalmente se avistava o início do chamado Mar de Morros da Serra do Mar, hoje ocultado por uma cobertura metálica implantada ao redor de seu Mercado Municipal, a antiga lagoa, como forma de ampliar a área de sua feira. Na foto ao lado, à direita, uma rua que cruza transversalmente o que seria o antigo leito de um córrego hoje suprimido, o Saguirú. Sem manter evidência de seu vale, exceto a olhares mais apurados, o espaço livre decorre da estrutura viária implantada. Não dialogando com a geografia original, suprime vestígios até mesmo de sua geografia.

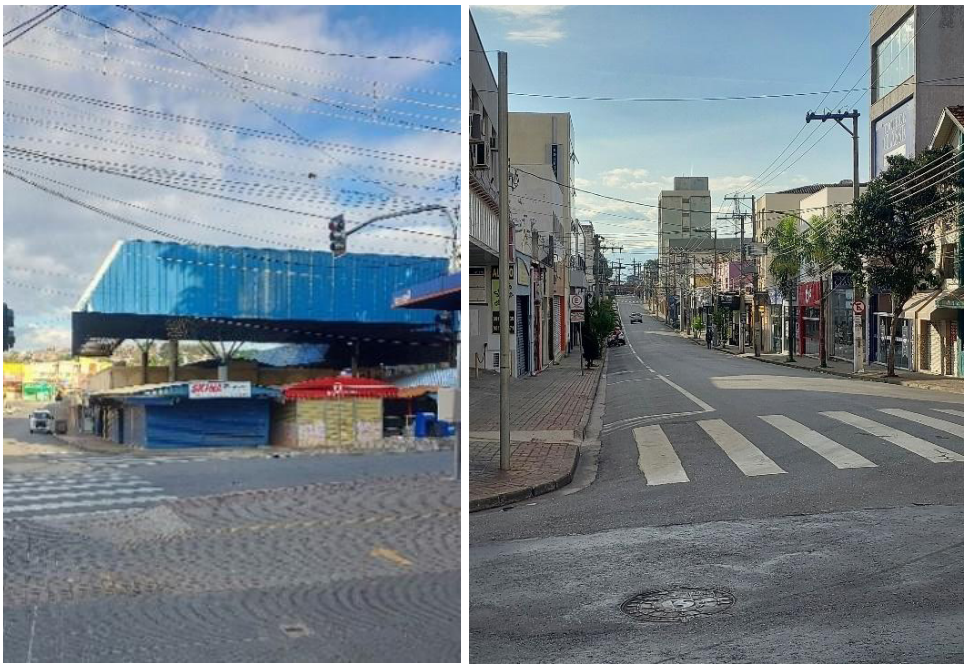


Figura 3. Cobertura no entorno do Mercado Municipal (à esquerda) e rua transversal a um córrego suprimido, o Saguirú (à direita).
Fonte: o autor (2023).

Na Figura 4, a seguir, vemos duas situações de um mesmo córrego, o Convento Velho. Em um de seus trechos extremos em área urbana, à esquerda, resguarda respiros ainda com vestígios de vegetação e horizontes, correndo aberto ao lado da via. Em seu trecho que atravessa a área central da cidade, à direita, o sistema viário sobrepõe seu leito confinado. Ainda que predomine a ocupação, resguarda vazios que delineiam seu vale original, evidencia seu relevo.

Figura 4. Córrego do Convento Velho, à esquerda correndo aberto ao lado do sistema viário, à esquerda confinado sob ele. Fonte: o autor (2023).

Os exemplos revelam situações que envolvem a relação da ocupação urbana com os recursos hídricos, nem sempre resguardando seus espaços, tampouco respiros à cidade. Claramente se pode observar as diferentes formas de diálogo com o ambiente, como com suas águas. Preservação, sobreposição de seu vale e até mesmo sua supressão. Diferentes espaços resultam de cada situação, com diferentes respiros e experiências de paisagens possíveis.

Por fim, são apresentadas imagens do leito ferroviário que cruza a cidade de um extremo ao outro. Em seu trecho na área central (Figura 5) seu confinamento entre edificações resguarda um dos poucos respiros em sua área urbana mais consolidada e adensada. Um respiro, porém, acessível a poucos, a poucos olhares. Poucos que cruzam seu espaço em travessias para pedestres e veículos, e dentre esses, poucos

que podem parar, observar, experenciar o respiro. O pedestre por vezes na atenção por segurança, e os motoristas na atenção ao trânsito que se dá sobre viadutos ou por túneis, esses sem contato algum com a ferrovia.

Figura 5. Ferrovia em trecho que cruza a área central da cidade de Taubaté, SP.
Fonte: o autor (2022).

Para fora da área central seus respiros são outros, predominando um maior diálogo com o entorno, acessível a mais pessoas onde fluxos paralelos à ferrovia acontecem. Respiros se encontram com vias, algumas áreas verdes e passeios no entorno, como se vê à esquerda da Figura 6. Porém, à direita, observa-se que não apenas a ocupação pode afetar a relação com esses respiros. O recente processo de cercamento da ferrovia com telas fragmenta esse espaço, rompe o respiro com a divisão desse vazio, cria barreiras, obstrui a visão, afeta as possibilidades de paisagens, ou as redesenha.

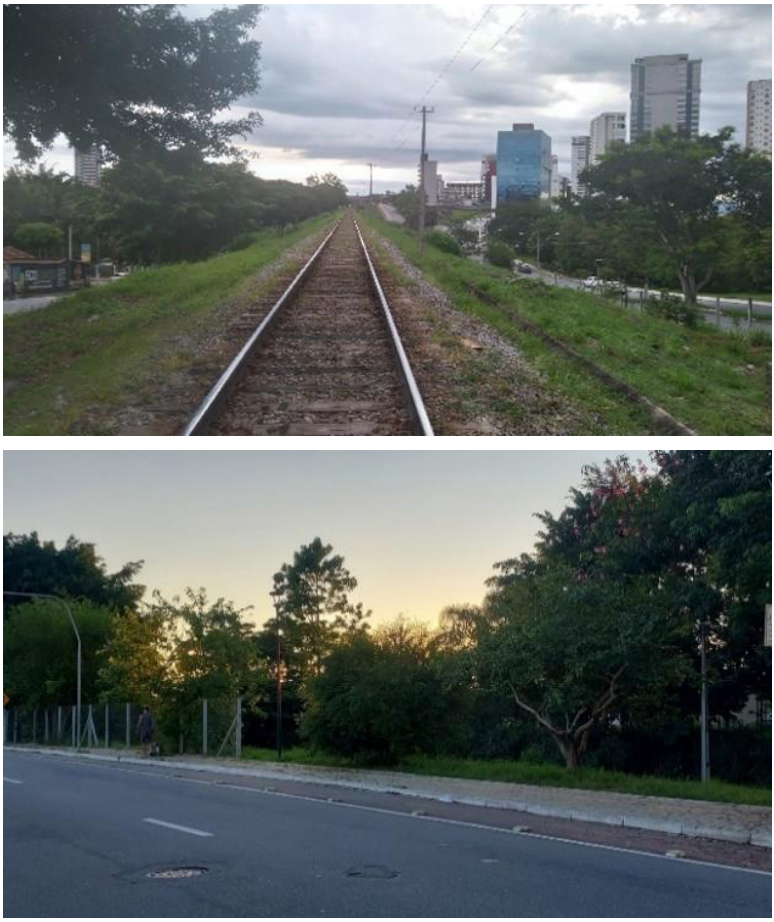


Figura 6. Ferrovia em trecho a oeste da região central da cidade de Taubaté, de ocupação mais recente.
Fonte: o autor (2024).

Para além dessas situações, há muitas outras possibilidades de vazios, de respiros nas cidades, que, a depender do contexto, dos usos, do tratamento e da sua inserção urbana, resultam em diferentes apropriações e percepções pelo usuário, afetando a experiência da paisagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como na leitura o significado acontece entre as palavras, em sua lateralidade (Merleau- Ponty, 2004), no silêncio da escrita, ou como a música se desenha na pausa entre as notas, a paisagem acontece nos respiros do ambiente, nos vazios e silêncios. A paisagem como relação, como percepção, acontece onde há respiros que permitem a observação e contemplação. É no campo sensível que o observador se aproxima do ambiente para experenciar a paisagem, envolvendo seus diferentes

sentidos nessa percepção. E é no espaço intervalar entre eles que a experiência é possível. A experiência sensível envolve uma percepção estética da natureza da maneira a percebemos, o como ela é para nós, mais do que ela é em si mesma (D'ângelo, 2010). Na cidade, a paisagem estaria essencialmente em seus respiros, seus espaços livres, seus vazios, seja qual for a escala, seja qual for o sentido envolvido.

Diversas são as possibilidades de respiros configurados na cidade, todas elas potencialmente propiciadoras de paisagens, a depender de suas dimensões e horizontes, do ambiente, do observador e das relações estabelecidas entre eles. Pensar a cidade envolveria, então, considerar as possibilidades de vazios, pensar o espacejar como ferramenta facilitadora de experiências possíveis, entre elas a da paisagem. E, como relação, a paisagem não seria projetada, mas possibilitada. Espacejar envolve ampliar a percepção, aguçar os sentidos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

Abbagnano, N (2020). Dicionário de Filosofia. 6ª ed. Martins Fontes.

Alves, R (2003). Quando eu era menino. Papirus.

Besse, J (2006). Nas dobras do mundo. Paisagem e filosofia segundo Péguy. Ver a Terra – Seis Ensaios sobre a Paisagem e a Geografia. Trad. V. Bartalini. Perspectiva.

Collot, M (1995). *Points de vue sur la perception des paysages.* Em A. Roger (dir.), *Théorie du paysage em France* (1974-1994). Éditions Champ Vallon.

Corajoud, M (2011). A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam. Em AV. SERRÃO (Org.), Filosofia da paisagem: uma ontologia. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

D'ângelo, P (2010). *Filosofia del paisaggio.* Quodlibet.

Merleau-Ponty, M (2004). A linguagem indireta e as vozes do silêncio. Em M. Merleau-Ponty, O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézane. Trad. P. Neves e MEGG Pereira (pp.67-119). Cosac & Naif.

_____ (2018). Fenomenologia da percepção. 5ª Ed. WMF Martins Fontes.

Okano, M (2012). Ma: entre-espaço da arte e comunicação no Japão. Annablume; Fapesp; Fundação Japão.

Orlandi, EP (2007). As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6ª Ed. Editora da Unicamp.

Romagnolo, S (2018). A dobra e o vazio: questões sobre o Barroco e a arte contemporânea. Editora Unesp.

Schafer, RM (2011). A afinação do Mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. MT Fonterrada. 2.ed. Editora Unesp.

Sica, G (2017). O vazio e a beleza – de Van Gogh a Rilke: como o Ocidente encontrou o Japão. Trad. L. Zini, V. Vicentini. Editora da Unicamp.

R44

THE RHYTHMS OF THE BRAZIL AVENUE: BETWEEN MARÉ AND MANGUINHOS - RIO DE JANEIRO/RJ/BR

OS RITMOS DA AV. BRASIL: ENTRE MARÉ E MANGUINHOS - RIO DE JANEIRO/RJ/BR

Maria Cristina Coelho Duarte
Doutoranda em Urbanismo pela FAU/Ufrj
Arquiteta do Departamento de Patrimônio Histórico
da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz
cristina.coelho@fau.ufrj.br | *cristina.coelho@fiocruz.br*

ABSTRACT

This paper presents a rhythmanalysis essay of Brazil Avenue, in the city of Rio de Janeiro, on the extension between the Manguinhos and Maré slum complexes, where are the two Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz) campuses. Experiencing this place that sometimes connects, sometimes breaks, sometimes moves, sometimes paralyzes the relationships of these different universes is the goal of this essay. Brazil Avenue is characterized by being a high-intensity road axis and, for each pair of neighborhoods it passes through, it presents its own identity in the landscape. The concept of landscape is taken here in all its complexity, which considers, in addition to physical aspects, also social, economic, political and cultural aspects. With its main building, Moorish Pavilion, Fiocruz presents itself as a guardian and protagonist in the landscape and, through its symbolism, acts as an inducer of the most diverse affections and urban imaginaries.

KEYWORDS: Spacing out. Ambiences. Urban imaginaries. Landscape. Rhythmanalysis.

RESUMO

Este trabalho apresenta um ensaio de ritmanálise da av. Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, no trecho entre os Complexos das favelas de Manguinhos e Maré, na altura dos *campi* da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Experienciar esse lugar que ora conecta, ora rompe, ora movimenta, ora paralisa as relações desses diferentes universos é o objetivo deste ensaio. A av. Brasil se caracteriza por ser um eixo rodoviário de alta intensidade na Zona Norte da cidade e, por cada par de bairros por onde passa, apresenta uma identidade própria na paisagem. O conceito de paisagem é tomado aqui em toda a sua complexidade, que considera, para além dos aspectos físicos, também os sociais, econômicos, políticos e culturais. Por meio de sua sede, o Pavilhão Mourisco, a Fiocruz se apresenta como guardiã e protagonista na paisagem e, por seu simbolismo, se porta como indutor de afetos e imaginários urbanos dos mais diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Espacejar. Ambiência. Imaginários urbanos. Paisagem. Ritmanálise.

1. INTRODUÇÃO

Partindo da provocação da sessão 44: *Spacing out in the city - urban imaginaries and ambiances,* em que este trabalho se insere, de que espacejar "É ter falta, absoluta, definitiva, de lugar no mundo, é andar em busca de si mesmo, ainda que coletivamente", e a convite de Henri Lefebvre, em seu último e póstumo livro "Éléments de rythmanalyse" publicado em 1992[1], para, a partir da percepção dos ritmos de nossos corpos, analisar os ritmos produzidos pela vida urbana, apresento neste trabalho um ensaio de ritmanálise da polirritmia presente na av. Brasil, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, no trecho em que ela liga, ou separa, os Complexos de favelas de Manguinhos e da Maré, na altura dos campi da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) presentes nesses territórios. Experienciar esse lugar que ora conecta; ora rompe; ora movimenta; ora paralisa as relações desses diferentes universos é o objetivo deste ensaio, que se insere no âmbito da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo sobre a presença do campus originário da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na paisagem da cidade.

O conceito de paisagem é tomado aqui em toda a sua complexidade, que considera, para além dos aspectos físicos, também os sociais, econômicos, políticos e culturais. A av. Brasil se caracteriza por ser um eixo rodoviário de alta intensidade que corta grande parte da Zona Norte da cidade e, por cada par de bairros por onde passa, ela apresenta uma identidade própria. No trecho escolhido para o ensaio aqui proposto, para além de conectar dois complexos de complexas favelas (Manguinhos e Maré), ela (a avenida) também conecta os dois *campi* da Fiocruz que recebem, respectivamente, os mesmos nomes dos territórios em que se encontram. A presença dessa instituição, diretamente associada aos territórios, impõe uma identidade muito particular produzida pelos contrastes e aproximações que têm o Pavilhão Mourisco, popularmente conhecido como Castelo (ou Castelinho) da Fiocruz (ou de Manguinhos), como guardião e protagonista na paisagem e, por seu simbolismo, se porta como indutor de afetos e imaginários urbanos dos mais diversos.

1.1 A Fiocruz e a avenida Brasil

A Fiocruz tem origem no Instituto Soroterápico Federal (ISF), fundado em 1900 nas terras de uma antiga fazenda, a Fazenda de Manguinhos, onde atualmente é o bairro de mesmo nome, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro/Brasil. Quando de sua criação, o terreno que abrigava o ISF, com elevações que garantiam as condições de salubridade necessárias à função da nascente instituição voltada à produção de soros e medicamentos para o combate às epidemias que assolavam a população,

1 O livro foi publicado originalmente em francês em 1992, um ano após o falecimento do autor, a partir de seus escritos editados por René Lourau, assistente de Henri Lefebvre desde 1996 na *Université Paris-Nanterre* (França). A edição brasileira, traduzida por Flávia Martins e Michel Moreaux e publicada em 2021, intitulada "Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidade" foi a que utilizei para o presente ensaio.

situava-se entre a linha férrea[2] e a Baía da Guanabara, com acesso relativamente fácil por terra ou por mar. Este garantido pelo antigo Cais de Manguinhos às margens da baía.

A urbanização da Zona Norte, que até o início do século 20 era predominantemente rural, se dá a partir de dois fatores principais: da implantação dos sistemas de transporte de massa e viário, em especial pela abertura da av. Brasil em 1946, e da industrialização dos subúrbios cariocas, associada aos aterros realizados no século 20 para expansão dos limites territoriais, dentre os quais se destaca o que deu origem ao Complexo de Favelas da Maré, atualmente reconhecido como Bairro da Maré. É importante ressaltar que o surgimento das favelas veio como resposta às demandas de habitação decorrentes da crescente industrialização das áreas suburbanas, que se deu a partir de determinação e estímulo governamental[3], sem uma correspondente política habitacional para abrigar o contingente populacional atraído por essa industrialização.

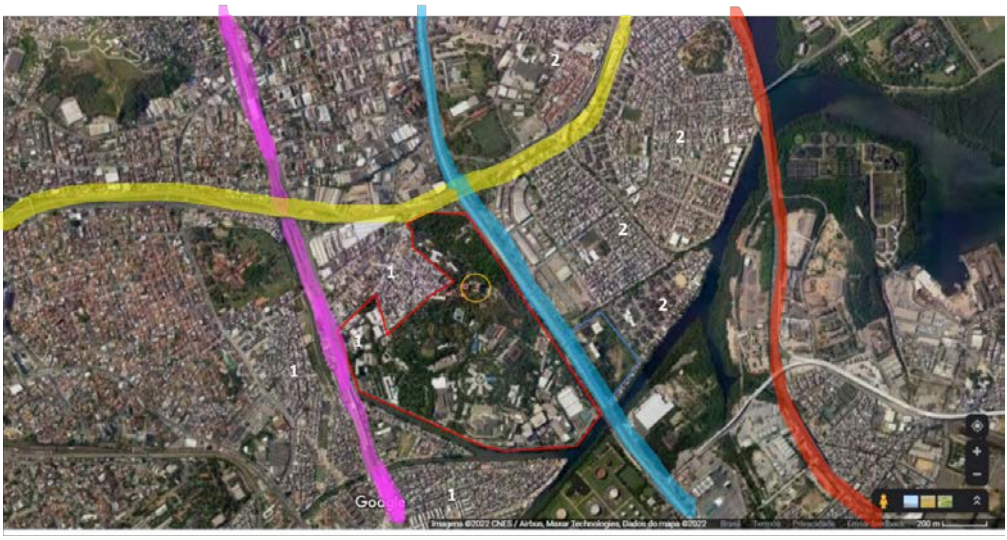


Figura 1 - Vista aérea parcial da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro com os *campi* da Fiocruz em Manguinhos, contornado em vermelho com o Castelo assinalado com um círculo laranja, e na Maré, contornado em azul. Também se encontram sinalizadas as principais vias que cortam a região: av. Brasil em azul claro; a av. Leopoldo Bulhões junto à linha férrea, em rosa; a Linha Amarela em amarelo e a Linha vermelho em vermelho. Observa-se, também, os complexos de favelas de Manguinhos (1) e da Maré (2) envolvendo os Campi Fiocruz Manguinhos e Maré, que abrigava o antigo cais de Manguinhos. Fonte: Google Maps 2022, editado pela autora.

2 O ramal férreo que serve o bairro de Manguinhos e integra a Supervia (Concessionária de Transporte Ferroviário S.A.) tem origem na Estrada de Ferro Norte, aberta em 1886, que ligava a Estação São Francisco Xavier, atual Central do Brasil, a Piabetá em Magé, município da Baixada Fluminense na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Fonte: Manguinhos -- Estações Ferroviárias do Estado do Rio de Janeiro. (2021). Estações ferroviárias do Brasil. www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_petropolis/manguinhos.htm.

3 A partir da década de 1930, o Estado passa a intervir no processo de localização industrial, surgindo dessa iniciativa o Decreto-lei 6.000/37, que definiu pela primeira vez uma zona industrial na cidade. (Abreu, 2022, p. 137).

Ao longo do século 20, o ISF, que em 1908 passa a se chamar Instituto Oswaldo Cruz e em 1918 inaugura seu principal edifício – o Pavilhão Mourisco, amplia continuamente sua estrutura e, em 1970, por meio do decreto nº66.624 de 22/05/1970[4], é transformado na atual Fundação Oswaldo Cruz e tem seus *campi,* às margens da av. Brasil, demarcados nos limites atuais e demonstrados na figura 1, acima.

No entanto, apesar de todas as mudanças tanto nos terrenos da Fiocruz - com um processo continuado de ocupação de uma instituição que não para de crescer e se reestruturar - quanto na malha urbana, a presença e o diálogo com a paisagem é um fator que está na origem da Fiocruz, expressos sobremaneira pela implantação do Pavilhão Mourisco na maior colina do terreno escolhido para sua instalação e de frente para a área central da cidade, que à época da sua construção era a toda a cidade, e com forte presença na av. Brasil. A força de tal representatividade, não apenas pela presença física na paisagem, mas também e principalmente, pelo importante papel que a instituição tem no campo da saúde pública do país e do desenvolvimento local, inspiraram a nomeação da recém-inaugurada estação de BRT[5] TransBrasil, no trecho da av. Brasil a ela fronteiriço, de Fiocruz (figura 2).

1.2 Henri Lefebvre e a ritmanálise

Henri Lefebvre (1901-1991) foi um filósofo francês graduado pela Universidade de Paris (Sorbonne) em 1920, onde teve contato com a vanguarda surrealista e o movimento anarquista francês, tendo se filiado ao Partido Comunista Francês (PCF) no fim da década de 1920. Até entrar para a universidade, Lefebvre viveu numa cidade camponesa no sul da França, na fronteira com a Espanha, onde nasceu. (Freitas, 2021)

Lefebvre militou no PCF durante 30 anos, até ser expulso em 1958. Nesse período, ele realizou diversas atividades: professor de filosofia; diretor de radiodifusão em Toulouse; atuou junto à Resistência antinazista durante a II Guerra Mundial nos Pirineus, região onde nasceu; dirigiu a escola de formação de militantes operários do PCF; trabalhou como operário da Citröen e foi taxista nas ruas de Paris, "experiência que lhe ajudou a compreender o fenômeno urbano, e as contradições entre o concebido e o vivido" (Soto, 2013).

Todas essas experiências foram, para Lefebvre, permeadas por uma notável produção intelectual. Durante sua atuação na Resistência antinazista na fronteira com a Espanha, ele buscou conhecer mais a fundo a vila onde nasceu e as lutas camponesas pré-capitalistas na região que, somado aos estudos das obras de Hegel, Nietzsche e Marx, o despontou como expoente da sociologia rural. Já, trabalhando nas ruas de Paris como taxista, desenvolveu suas percepções e formulações que

4 Casa de Oswaldo Cruz. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). *https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instsorofed.htm*.

5 Sigla em inglês de *Bus Rapid Transit.*

desembocaram nas investigações sobre o cotidiano no capitalismo, em que buscou compreender a produção do espaço a partir da reprodução de relações sociais de produção. (Soto, 2013)

Em sua obra "*Éléments de rythmanalyse*", Lefebvre pretendeu "fundar uma ciência, um novo domínio do saber: a análise dos ritmos, com consequências práticas" (Lefebvre, 2021, p. 53), por acreditar que o conceito de ritmo não era, até então, compreendido na sua essência, senão que tomado, no geral, como "objeto de arte (e de práticas mais ou menos cegas, do trabalho ao pensamento)." (Lefebvre, 2021, p. 53)

> Confunde-se facilmente *ritmo* com *movimento,* velocidade, encadeamento dos gestos ou dos objetos (máquinas, por exemplo). Há uma tendência de se atribuir aos ritmos uma feição **mecânica**, deixando de lado o aspecto **orgânico** dos movimentos ritmados. (Lefebvre, 2021, p. 56)
>
> Não existe ritmo sem repetição no tempo e no espaço, sem reprises, sem retornos, isto é, sem **medida.** Mas não há repetição absoluta, idêntica, indefinidamente. Decorre disso a relação entre a repetição e a diferença. (Lefebvre, 2021, p. 56)

É a partir do conceito de ritmo e do método da ritmanálise que Lefebvre nos brinda, que realizo o ensaio que apresento a seguir, que não se pretende conclusivo senão que indagador a partir de observações inquietantes do quotidiano.

2. UM ENSAIO DE RITMANÁLISE DA AV. BRASIL ENTRE MARÉ E MANGUINHOS

Para o presente ensaio de ritmanálise, parto da observação e da vivência do espaço proposto, com o qual convivo quase que quotidianamente. Talvez conviver não seja exatamente a palavra, uma vez que a av. Brasil é para mim, e para muita gente, uma passagem, mas também acesso para quem chega e para quem sai seja da Fiocruz seja das favelas que por ela (a avenida) se tem acesso. Mas, apesar dessa avenida não ser propícia ao convívio, existem muitas pessoas que o praticam para garantir aquilo que as mantêm vivas, senão sobrevivas: o trabalho, seja formal ou informal, seja legal ou ilegal.

Como passagem, a av. Brasil é como um rio por onde corre o fluxo da vida da cidade. É por ela que chega e que sai diariamente grande parte da força do trabalho e das mercadorias que alimentam a economia e a vida da cidade do Rio de Janeiro. Ela reúne artéria e veia que irrigam o coração, formado pela Área Central e a Zona Sul, da cidade[6]. Fluxo é de fato um de seus principais atributos, que expressa a densidade

6 Ao fazer referência ao Centro e Zona Sul da cidade do Rio como o coração, não me refiro a essas áreas como necessariamente as partes mais importantes da cidade, mas como as que, para funcionar, precisam se abastecer da força de trabalho (que pode ser aqui referida como o sangue que corre nas veias e artérias referidas no texto) da Zona Norte do Rio e da Baixada Fluminense, interligadas à área central do Rio e que têm a avenida Brasil como uma de suas principais ligações. Para saber mais sobre o papel da Zona Norte na construção da cidade do Rio de Janeiro, leia Abreu (2022).

(o volume) de veículos, que levam e traz pessoas e coisas, a partir do contraste entre fluxo e contrafluxo. Na Brasil (como a ela nos referimos quotidianamente), normalmente o fluxo se dá na parte da manhã no sentido Centro do Rio e, no fim da tarde, no sentido Baixada Fluminense. Já o contrafluxo, como a própria palavra já diz, se dá nos horários e sentidos contrários. No entanto, não significa que o contrafluxo seja exatamente o contrário do fluxo, ou seja, que tenha sempre um fluxo bem menor que o movimento reconhecido como fluxo. A depender das ocorrências e do local, ele (o contrafluxo) pode até se equiparar ao fluxo. No caso do trecho em estudo, no fim da tarde, o contrafluxo se assemelha ao fluxo, pela relativa proximidade com o acesso à Ponte Rio-Niterói, que leva tanto a Niterói - que como a Zona Norte e Baixada, irrigam o coração da cidade do Rio de Janeiro - quanto à Região do Lagos, que funcionam como refúgio para descanso e lazer. Essas composições de fluxos e contrafluxos e de fluxos e fluxos se repetem quase todos os dias, com algumas diferenças, estabelecendo ritmos quotidianos de passagem.

Como acesso à cidade, a avenida Brasil é uma das suas entradas ou saídas. É também acesso ao trabalho, como é o meu caso e de muitos trabalhadores e moradores (locais ou não); à moradia, para os que vivem às suas margens; à saúde, em busca dos serviços públicos disponíveis à população seja na Fiocruz seja no Hospital Geral de Bonsucesso entre outros; à educação, à ciência e à cultura produzidas tanto na Fiocruz quanto nos territórios que a abrigam.

Como já mencionado anteriormente, a av. Brasil se caracteriza primordialmente por um corredor de passagem de veículos, cuja transposição se dá basicamente por meio de passarelas para os pedestres (e algumas motos e bicicletas) e por viadutos para os veículos motorizados ou não e por onde as pessoas também podem passar, mas raramente o fazem. Algumas preferem atravessar as autopistas, correndo riscos. A observação para este ensaio se deu a partir de uma dessas passarelas (a da estação Fiocruz o BRT TransBrasil), que possibilita uma visão abrangente da avenida, mas utilizei também recursos da fotografia e do vídeo para registros que auxiliassem na observação e ritmananálise proposta.

2.1 Visto da passarela

No capítulo "visto da janela", cujo título Lefebvre (2021) pega emprestado de Colette[7], ele considera a sacada de um prédio, ou na falta dela uma janela, o local perfeito para o exercício de observação com vistas à análise dos ritmos da vida urbana.

Na avenida Brasil, esse mirante é a passarela que nos possibilita estar, ao mesmo tempo, dentro e fora do seu espaço[8]. Dentro porque a passarela é uma passagem que nos permite transpor a avenida com segurança, no que se refere ao risco de ser

7 "Escritora francesa de romance que teve inúmeras obras publicadas sob o pseudônimo do marido, que teria se apropriado de suas obras e com quem empreendeu uma batalha pelos direitos autorais. A obra a que Lefebvre faz referência é Paris de *ma fenêtre*, com primeira edição de 1942." (Lefebvre, 2021, p. 83)

8 "(...), para apreender este objeto fugidio, que não é exatamente um *objeto*, é preciso situar-se, ao mesmo tempo, dentro e fora." (Lefebvre, 2021, p. 83)

atropelado pelos veículos em alta velocidade que por ali passam, caso a travessia fosse feita em nível. Fora porque ela nos posiciona no que poderíamos chamar de espaço aéreo da avenida. De onde podemos ver tudo o que nela se passa, com o distanciamento necessário da cena urbana. Dessa mirada, pode-se apreender os ritmos dos veículos, das pessoas, das aves e das árvores que dançam com o vento (figuras 3 e 4).

Figura 3 – Av. Brasil com a estação BRT Fiocruz à direita e a Fiocruz Manguinhos à esquerda. Foto da autora (2024)

Figura 4 – Av. Brasil com a estação BRT Fiocruz à esquerda; a Fiocruz Manguinhos à dir. e a Fiocruz Maré à esq. Foto da autora (2024)

Aliás, movimento é o que caracteriza a avenida Brasil. Podemos dizer que o espaço da avenida é composto por movimentos cruzados, mas não conflitantes, e repetidos. Tudo nela é movimento, de passagem de pessoas e de veículos, que se repete quotidianamente sempre diferente. Os movimentos, tanto de pessoas quanto de veículos, são geralmente rápidos, apressados, quando não estão à espera seja de um transporte, no caso das pessoas, seja para entrada ou saída de algum lugar, no caso dos veículos. Como a maioria das rodovias que cruzam áreas urbanas, a Brasil é dotada das pistas centrais de alta velocidade (passagem) e pistas laterais para acesso local. Nestas, os seus espaços não proporcionam nem estimulam a permanência, exceto para os que instalam, de forma precária, seus comércios informais e ali permanecem por todo o dia ou, por tempos mais curtos, e para os que aguardam o transporte que os levará para algum outro lugar (figura 5).

Figura 5 - Canteiro entre a via lateral da av. Brasil, sentido Baixada, e a via lindeira à Maré. O canteiro abriga pontos de ônibus e comércio informal. Foto da autora (2024).

O barulho constante dos carros passando, a qualquer hora do dia ou da noite, reflete e reforça a característica de passagem, de fluxo contínuo que não para; que não dorme. O barulho, embora constante, é resultante da repetição dos diferentes barulhos emitidos, por cada um dos muitos veículos que passam a cada hora, para um lado e para o outro, sem parar, e dos que repetidamente param nos pontos de ônibus e acessos às favelas, comércios e instituições ali presentes. Em geral, não se percebe cada um desses barulhos separadamente e sim a continuidade dos muitos e parecidos barulhos, que se fundem e se tornam presença sonora constante, que para os ambulantes e outras pessoas que por algum motivo lá permanecem por muitas horas (fiscais das empresas de ônibus, vigilantes das portarias da Fiocruz e de estabelecimentos comerciais, policiais das viaturas estacionadas em pontos estratégicos etc.), acabam por se tornar imperceptíveis, fruto do condicionamento decorrente dos longos tempos de exposição a eles (os barulhos). No entanto, a presença do barulho é muitas vezes notada por sua ausência, percebida à medida que essas pessoas se afastam da avenida, quando vão embora. Percepção que vem muitas vezes com a sensação de alívio, consciente ou não.

Existem, ainda, outros sons que se destacam do zumbido constante dos motores, quando algum veículo emite um som cuja frequência destoa muito da maioria, do constante, em geral pelo escapamento de um motor desregulado ou envenenado; pelas sirenes de ambulâncias, de carros de corpo de bombeiros e de polícia, o que é bastante comum. Por vezes, também, ouve-se tiros, em geral no contexto das operações policiais nas favelas, realizadas com alguma frequência, gerando um estado de tensão e medo.

Esse trecho da avenida é também local de baldeação entre os deslocamentos internos nas favelas, em geral de bicicleta, e os transportes urbanos (figuras 6 e 7). Essa característica é expressa pela presença das muitas bicicletas estacionadas às margens da avenida, cuja repetição marca ritmos formais e imagéticos diversos.

Figura 6 - Bicicletas estacionadas junto ao gradil do Campus Fiocruz Maré. Foto da autora (2024).

Figura 7 - Bicicletas estacionadas em bicicletário no canteiro entre a via lateral da av. Brasil, sentido Baixada, e a rua lindeira à Maré. Foto da autora (2024).

A repetição formal é reforçada pela estrutura da passarela cujos pórticos e, associada ao movimento das pessoas que por ela passam, marcam múltiplos ritmos e emolduram colorida e repetidamente a paisagem que muda a cada instante a partir do movimento dos corpos (figuras 8 e 9).

Figura 8 - Passarela da estação Fiocruz do BRT, no trecho sobre a pista da av. Brasil sentido Centro. Ao fundo, a massa verde do Campus Fiocruz Manguinhos. Foto da autora (2024).

Figura 9 - Passarela da estação Fiocruz do BRT, no trecho sobre a pista da av. Brasil sentido Baixada. Ao fundo, o bairro da Maré. Foto da autora (2024).

Mas em meio a toda essa polirritmia, o Pavilhão Mourisco resiste, há mais de cem anos, como guardião e protagonista na paisagem e, por seu simbolismo, se porta como indutor de afetos e imaginários urbanos dos mais diversos, é símbolo de pertencimento para toda a população[9], em especial a que com ele convive diariamente, seja diretamente no seu dia a dia de trabalho, seja como referência de lugar de vida, de habitar. Ele é testemunho do tempo e das transformações urbanas à sua volta. Ele é, também, mistério que suscita estórias, fantasias e curiosidades (figura 10).

Figura 10 – Trecho da av. Brasil com o Pavilhão Mourisco, ao fundo; a estação Fiocruz e passarela do BRT em primeiro plano e o comércio informal junto aos pontos de ônibus. Foto da autora (2024).

9 Por sua referência à Saúde Pública no Brasil, o que ficou mais evidente durante e após a pandemia da Covid-19 nos anos de 2020 a 2022.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ritmos observados e descritos no ensaio acima, embora não esgotem toda a polirritmia presente na área estudada, refletem, com evidência, os efeitos da industrialização e do consequente rodoviarismo nas cidades contemporâneas, conforme afirma Duarte (2006).

> A introdução de novas modalidades de transporte, a partir do advento da industrialização, produziu grandes impactos sobre a estrutura espacial das cidades e, consequentemente, sobre a prática cotidiana de seus habitantes. Entre esses impactos destacam-se, de modo especial, aqueles produzidos pelo automóvel particular. (Duarte, 2006, p. 126)

A av. Brasil é, assim, produto desse processo que, com o passar do tempo, se intensifica cada vez mais a partir do aumento da circulação de veículos que por ela apenas passam, sem estabelecer qualquer vínculo com as suas margens. Mas "A circulação não se define somente por aquilo que passa, mas também pelo que permanece. (...). A circulação surge, então, como uma prática sócio-espacial que aciona simultaneamente os fluxos e os fixos, o tempo e o espaço" (Duarte, 2006, p. 128), onde podemos aferir que os fixos e o espaço referidos por Duarte, são representados neste ensaio pelos territórios de Manguinhos e Maré, às margens da av. Brasil e, para muitos, à margem da cidade que a contém. No entanto, esses territórios são parte da cidade. Mais do que isso, são alimento dessa cidade com sua força de trabalho; com suas diversas culturas vindas dos vários cantos do Brasil, constituindo como que um simulacro da diversidade brasileira; com sua arte potencial e pulsante produzida nas favelas, e com a ciência e toda a gama de serviços oferecidos pela Fiocruz que se constitui como importante referência tanto nacional quanto local, em especial, seja como provedora de serviços públicos em saúde, cultura e lazer; como empregadora de grande parte dos moradores desses territórios; como educadora e como parceira nas lutas quotidianas por direito à cidade.

São precisamente essas relações locais, aparentemente desfocadas pela intensa e preponderante circulação de veículos, que definem a peculiar polirritmia da av. Brasil, entre Maré e Manguinhos.

4. BIBLIOGRAFIA

Abreu, M. A. (1992). Evolução Urbana do Rio de Janeiro. 5ª edição (2022). Rio de Janeiro: Publicações Pereira Passos.

Casa de Oswaldo Cruz. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). *https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instsorofed.htm*. Último acesso em em 25/06/2023.

Costa, R. G-R. Pessoa, A. J.S. Oliveira, B. T. (Org.). (2003). Um lugar para a ciência: a formação do *campus* de Manguinhos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Duarte, C. F. Forma e movimento. (2006). Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Editora Prourb.

Freitas, C. (2021). 120 anos de Henri Lefebvre, o autor da Revolução Urbana. Esquerda Online. *https://esquerdaonline.com.br/2021/06/16/120-anos-de-henri-lefebvre-o-autor-da-revolucao-urbana/*.

Lefebvre, H. (1992). Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidade. Traduzido por Flávia Martins e Michel Moreaux (2021). Rio de Janeiro: Consequência Editora. A partir do original: Éléments de rythmanalyse. Paris (Frnaça): Éditions Syllepse.

Soto, W. H. C. (2013). O pensamento crítico de Henri Lefebvre. Revista Espaço Acadêmico, nº 140. Maringá/PR: UEM. *https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/716*.

UFBa. Biografia de Henry Lefebvre. Cronologia do Urbanismo. *http://cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37*.

Manguinhos -- Estações Ferroviárias do Estado do Rio de Janeiro. (2021). Estações ferroviárias do Brasil. www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_petropolis/manguinhos.htm.

R44

THE PUBLIC SPACE IN" BLACK MIRROR": AN ANALYSIS FROM THE LOOK OF HANNAH ARENDT AND KENNETH FRAMPTON

O ESPAÇO PÚBLICO EM "BLACK MIRROR": AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF HANNAH ARENDT AND KENNETH FRAMPTON

Leticia Maria da Silva Felize
Graduada
UNINGÁ
leticia_felize@hotmail.com

Marcelo Pereira Colucci
Mestre, Doutorando
UNINGÁ
prof.marcelocolucci@uninga.edu.br

ABSTRACT

This article addresses a critical analysis of the episode "Fifteen Million Merits" from the series Black Mirror in light of the concept of "space of public appearance" by political philosopher Hannah Arendt and complementary comments by architect Kenneth Frampton. The episode portrays a dystopian society where inhabitants live in controlled spaces, with no clear distinction between public, homogenized and limited to work activities, and private, constantly invaded by cameras. The characters, however, find themselves entangled in this narrative after trying to detach themselves from the metabolic cycle of work and consumption in which they are inserted. The analysis seeks to understand the consequences of these consequences, promoting reflections on the implications of the loss of borders and the impact of built space on interpersonal relationships, highlighting the importance of preserving public space in contemporary times.

KEYWORDS: Public space. Kenneth Frampton. Hannah Arendt. Black Mirror. Society

RESUMO

Este artigo aborda uma análise crítica do episódio "Quinze Milhões de Méritos" da série Black Mirror à luz do conceito de "espaço da aparência pública" da filósofa política Hannah Arendt e dos pensamentos complementares do arquiteto Kenneth Frampton. O episódio retrata uma sociedade distópica onde os habitantes vivem em espaços controlados, sem distinção clara entre público, homogeneizado e reduzido a atividades laborais, e privado, constantemente invadido por câmeras. Os personagens, no entanto, se veem enredados nessa narrativa após tentarem se desvincular do ciclo metabólico de trabalho e consumo em que estão inseridos. A análise busca compreender as consequências desse fenômeno, promovendo reflexões sobre as implicações da perda de fronteiras e o impacto do espaço construído nas relações interpessoais, ressaltando a importância da preservação do espaço público na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço público. Kenneth Frampton. Hannah Arendt. Black Mirror. Sociedade.

1. INTRODUÇÃO

> "Trata-se do espaço da aparência, no mais amplo sentido da palavra, ou seja, o espaço no qual eu apareço aos outros e os outros a mim; onde os homens assumem uma aparência explícita, ao invés de se contentar em existir meramente como coisas vivas ou inanimadas.". (Arendt, 2007 p. 211).

Como veremos, o conceito de espaço público permeia tanto a arquitetura quanto a esfera pública, representando não apenas um ambiente físico, mas também, como declara Hannah Arendt, filósofa política do século XX, um espaço para que interações

sociais aconteçam. Por outro lado, Kenneth Frampton, arquiteto e historiador, oferece uma análise dos espaços arquitetônicos à luz desse conceito, enfatizando a influência do espaço construído nas interações humanas.

Nosso objeto de estudo, o episódio "15 Milhões de Méritos" da série de televisão britânica Black Mirror, escrita por Charlie Brooker, oferece uma visão distópica da realidade ao retratar uma sociedade que vive em espaços controlados e sem uma fronteira definida entre o espaço público e o privado, incitando a reflexão sobre as implicações dessa perda de fronteiras.

Assim, este texto tem como propósito realizar, primeiro, uma análise dos conceitos de Hannah Arendt a respeito da perda do espaço público e privado, e segundo, desenvolver essas noções na leitura do episódio referido, destacando a sua relação com a influência da arquitetura sobre esse fenômeno. Por meio dessa análise, procuramos não apenas compreender as possíveis consequências desse fenômeno, mas também fornecer ensaios críticos para a alertar sobre a importância da preservação e revitalização do espaço público atualmente, imperativos para as relações sociais.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Aplicar de forma crítica os conceitos de Hannah Arendt na leitura do episódio "15 Milhões de Méritos" da série Black Mirror.

2.2 Objetivos especificos

- Compreender a perda cada vez mais sutil da distinção entre público e privado na contemporaneidade através das teorias de Arendt e Frampton;
- Compreender o que é espaço público e privado e a sua importância para a vida pública;
- Incentivar a análise crítica dos espaços públicos que permeiam a sociedade;
- Compreender a importância da preservação dos espaços públicos na contemporaneidade.

3. METODOLOGIA

A pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa e interpretativa, empregando a análise do episódio da série Black Mirror e a interpretação crítica como principais métodos. A revisão da literatura sobre as teorias de Frampton e Arendt fornece uma base teórica sólida, enquanto a análise do episódio e posterior conexão com a realidade atual complementa a investigação.

A revisão da literatura envolveu o estudo das teorias de Kenneth Frampton, descrita em seu livro "História Crítica da Arquitetura Moderna" publicado pela primeira vez em 1980, que enfatiza a influência do espaço construído sobre o espaço público. Bem como o livro de Hannah Arendt, "A Condição Humana", publicado pela primeira vez em 1958. A reflexão crítica foi usada para integrar as teorias e análises em uma estrutura conceitual sobre o objeto analisado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O espaço público e privado – HANNAH ARENDT

Filósofa política de origem judaica, Hannah Arendt (1906 – 1975), em sua obra "A Condição Humana" (1958), propôs uma análise profunda sobre a existência do homem na sociedade moderna, organizando-a em três esferas principais: Labor, Obra e Ação.

A esfera do Labor, representa as atividades básicas necessárias para a sobrevivência biológica do homem. Nesse contexto, o homem é caracterizado como *Animal Laborans,* termo que enfatiza a condição humana de trabalhador que busca satisfazer suas necessidades fisiológicas fundamentais. O Labor ocorre no espaço privado, denominado Oikos, onde as preocupações estão centradas na manutenção da vida e no atendimento às exigências do corpo. Arendt enfatiza que, nessa esfera, as ações são movidas pela necessidade de sustento, resultando em um ciclo contínuo de atividades para garantir a sua subsistência, "O que quer que façamos, devemos fazê-lo a fim de ganhar o próprio sustento." (Arendt, 2007, p. 139). Todavia, a autora aponta para o perigo das necessidades artificiais do homem adentrarem na esfera natural do trabalho na sociedade moderna, transformando uma atividade que antes era voltada para a satisfação de necessidades básicas de sobrevivência em produção em massa de bens de consumo, fazendo-se perder a distinção clara entre o necessário e o supérfluo. Arendt alerta que essa condição leva à alienação do indivíduo em relação a si mesmo, além da perda da capacidade de agir de forma autêntica, uma vez que esse se submete às exigências do consumo e da produção em massa.

Em contraponto a atividade do Labor, está a esfera da Obra, que é associada ao fazer do Homo Faber. Aqui, o homem é caracterizado como ser humano que cria e produz bens duráveis com sua habilidade e conhecimento. Nesta dimensão, o indivíduo transcende a mera reprodução da vida biológica e busca criar artefatos que possui

uma existência que independe dele. A Obra acontece no espaço compartilhado do coletivo, onde o conhecimento e as habilidades são transmitidos e aprimorados ao longo do tempo. É nesse espaço que a humanidade deixa sua marca no mundo material, construindo monumentos, obras de arte, ferramentas e estruturas que transcendem a temporalidade e refletem a criatividade humana.

Por fim, a esfera da Ação, imperativa para a vida em sociedade, é o que constitui o domínio do espaço público, que, na leitura dela, nos remete a Pólis. Aqui, o indivíduo participa de atividades que transcendem seus interesses privados e contribuem para o bem comum. A Ação é caracterizada pela interação entre os indivíduos, pela comunicação e pelo debate público. É no que ele chama de "espaço de aparência pública" que os seres humanos se reúnem para tomar decisões políticas e participar da vida cívica. Para Arendt (2007), a Ação é fundamental para a preservação da liberdade e da democracia, pois é por meio dela que os indivíduos exercem sua capacidade de agir e influenciar o curso dos acontecimentos históricos. Em suma:

> "A rigor, a *polis* não é a cidade-estado em sua localização física; é a organização da comunidade que resulta do agir e falar em conjunto, e o seu verdadeiro espaço situa-se entre as pessoas que vivem juntas com tal propósito, não importa onde estejam. "Onde quer que vás, serás uma *polis*": estas famosas palavras não só vieram a ser a senha da colonização grega, mas exprimiam a convicção de que a ação e o discurso criam entre as partes um espaço capaz de situar-se adequadamente em qualquer tempo e lugar.". (Arendt, 2007, p. 211).

Durante a transição para a Era Moderna - a qual abrange o período entre Galileu Galilei no séc. XVII até a explosão da Bomba Atômica no séc. XX - Hannah Arendt diagnosticou uma mudança significativa no rumo da humanidade. Inserida no contexto da Revolução Industrial e da nova divisão do trabalho, a autora caracteriza este período como a o da vitória do *Animal Laborans* sobre o *Homo Faber*. Assim, o homem abandonou sua capacidade de produção de bens duráveis e de uso próprio e adquiriu uma nova rotina centrada em bens de consumo intermináveis, estendidos em todas as áreas da sua vida, conforme a filósofa declara, "[...] a repetição e a interminabilidade do próprio processo imprimem-lhe a marca inconfundível do labor." (Arendt, 2007, p. 137-138). Para A filósofa, esse processo pouco foi percebido pela sociedade, pois as ferramentas implementadas para a produção dos bens de consumo "[...] diminuem o esforço e a dor, e com isto mudam o modo pelo qual a urgente necessidade inerente ao labor era, antes, percebida por todos." (Arendt, 2007, p. 137).

Esse novo paradigma que propõe o foco no trabalho repetitivo e na produção em massa de mercadorias, levando à uma valorização crescente do trabalho em detrimento da obra, é representado no objeto de análise deste artigo, descrito mais adiante.

4.2 O espaço público na arquitetura – KENNETH FRAMPTON

Kenneth Frampton é um arquiteto britânico, crítico, historiador e professor, nascido em 1930. Durante sua trajetória, Frampton teve contato com os escritos de Hannah Arendt, e em 1969 publica seu artigo "Labor, work & architecture", relacionando o artefato arquitetônico e os termos empregados pela filósofa em seu livro "A Condição Humana" (1958). O *labor,* descrito por Arendt (2007) como o processo biológico do corpo humano, é entendido por Frampton (2007) como uma construção trivial, que não nos proporciona qualquer experiência social. Em contraponto, a *obra,* é o ato arquitetônico capaz de superar o ciclo vital.

O livro "História Crítica da Arquitetura Moderna" é lançado em 1980. Contemporâneo de Hannah Arendt e assumidamente influenciado pelo seu trabalho, Frampton aborda ao longo de seu livro a influência da arquitetura sobre o espaço público, levando a teoria de Hannah Arendt a um novo nível e levantando uma pauta fundamental: A importância do espaço construído para a integração social.

Nesse aspecto, os espaços públicos projetados têm o potencial de facilitar a integração social ao criar espaços convidativos e democráticos, além de servirem como locais para expressão cultural e de opinião, este último imprescindível para a pólis de Hannah Arendt. Contudo, é com a arquitetura pós-moderna que o autor observa uma banalização do estilo arquitetônico:

> "Se existe um princípio geral que possa caracterizar a arquitetura pós-moderna, teremos então de falar da destruição consciente do estilo e da canibalização da forma arquitetônica, como se nenhum valor, tradicional ou de outra natureza, pudesse opor-se por muito tempo à tendência do ciclo produção/consumo a reduzir toda e qualquer instituição cívica a alguma espécie de consumismo e a destruir qualquer qualidade tradicional. Hoje, a divisão do trabalho e os imperativos da economia 'monopolizada' dão-se no sentido de reduzir a prática da arquitetura a um 'empacotamento' em grande escala.". (FRAMPTON, 1997, p. 372).

Partindo do princípio que a arquitetura se alinha as necessidades do usuário e de sua época, a Arquitetura pós-moderna reflete a mudança social diagnosticada por Arendt quando ela cita a vitória do *Animal Laborans* na Era Moderna. Assim, o novo estilo arquitetônico marcado por uma visão utilitarista e comercial, sem identidade e sem conexão com as necessidades atuais da comunidade, é reflexo de um novo comportamento social.

4.3 Quinze milhões de méritos – BLACK MIRROR

A série Black Mirror foi ao ar pela primeira vez no dia 11 de dezembro de 2011, apresentando episódios que exploram as consequências imprevistas da tecnologia em uma sociedade moderna distópica. O segundo episódio da primeira temporada da série, objeto de estudo deste artigo, "Quinze Milhões e Méritos", oferece uma visão distópica de uma sociedade futurística, onde a perda do espeço público e privado e a deterioração das interações sociais são evidentes. Os habitantes estão reduzidos a condição de animal laborans e trabalham pedalando em bicicletas ergométricas para gerar energia e acumular "méritos", a então moeda de troca, sem deixar nada durável depois do seu dia de labor. Bing, personagem principal da série interpretado por Daniel Kaluuya, herdou 15 milhões de méritos após a morte do seu irmão.

A ambientação apresentada na série se estrutura em diferentes andares, cada um designado para um uso específico. O episódio não deixa explícito a quantidade de andares existentes no edifício, e apenas alguns são representados, mas todo o episódio é ambientando em um ambiente interno.

O primeiro andar abriga os dormitórios, espaços restritos e isolados onde os habitantes descansam e teriam, supostamente, um momento de lazer a partir das telas que cobrem todas as paredes do ambiente. Neste contexto, além da representação da esfera do Labor, onde as necessidades individuais são garantidas, observa-se a perda do espaço privado, uma vez que o usuário é coagido a consumir os conteúdos apresentados para ele. Lembrando que para Hannah Arendt o labor e o consumo são duas faces da mesma moeda, que é a reprodução (animal) da vida.

O segundo andar retrata um dos espaços de trabalho, onde os habitantes pedalam para conseguir seus "méritos", com a qual conseguem trocar em comida, roupas para o seu avatar virtual, desbloquear novos jogos e atividades, e até mesmo subir de nível social. Outra função retratada no episódio são os faxineiros, que funciona como uma punição para as pessoas que não conseguem cumprir sua primeira função. Isso fica claro quando um personagem da série, após passar mal em um dia enquanto pedalava, no outro aparece como faxineiro no recinto, limpando a sujeira dos outros personagens. Essa atividade, essencialmente laboriosa, representa a vitória do *Animal Laborans* sobre o *Homo Faber,* conforme diagnosticado por Arendt. Os indivíduos estão inseridos em uma rotina mecânica e cíclica, que não abre possibilidade de expressão ou criatividade para a produção de algum bem durável, conformando-se à esfera do Labor.

O terceiro andar é ocupado pelo refeitório, onde todos se alimentam. Os alimentos são escolhidos através de uma tela e então as pessoas se sentam nas mesas para comer. Aqui, além de uma clara representação da esfera do Labor, a falta de estímulos sociais e sensoriais promove uma vida monótona, onde as interações se reduzem ao mínimo ressaltando a crítica de Frampton sobre espaços que privilegiam a funcionalidade sobre a humanidade. Ali, se preocupam apenas em cumprir sua rotina

diária de sobrevivência, trabalhar, comer e dormir, personificando o grande receio de Hannah Arendt, uma vez que o espaço da aparência pública, que garante a realidade por meio da pluralidade, é prejudicado e ali todos encontram-se massificados e reduzidos a animal laborans, sem existir em suas diferenças.

À medida que o episódio avança, Bing conhece Abi, personagem interpretada por Jessica Brown Findlay, que compartilha o desejo de participar do Hot Shot, um show de talentos. Bing gasta todos os seus "méritos" herdados para comprar a sua participação no programa. Entretanto, após a sua apresentação, Abi é desencorajada de seguir seu sonho e é incentivada a se envolver em um programa de pornografia, aceitando relutante a proposta.

Enfurecido, Bing decide retornar ao programa e faz um discurso, com o objetivo de expressar toda a sua indignação e revolta contra o sistema opressivo em que vive, criticando os valores da sociedade e expondo as injustiças e a falta de liberdade que permeiam o cotidiano das pessoas diante dos juízes e da plateia. Os juízes, impressionados com sua "performance", lhe oferecem a chance de ter seu próprio programa, onde ele poderia expressar livremente suas opiniões e sentimentos. O episódio se encerra com Bing contemplando sua nova vista através de uma janela, em uma cela maior que a que morava até então, retratando sua ascensão social, e sua imersão dentro do mesmo sistema contra o qual havia se revoltado.

5. CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, exploramos os conceitos de espaço público e privado através do olhar de Hannah Arendt (2007), além da importância da arquitetura no espaço público com Kenneth Frampton (2007), utilizando o episódio "Quinze Milhões de Méritos" da série Black Mirror como objeto de estudo para ilustrar esses conceitos na contemporaneidade.

Hannah Arendt (2007) faz um alerta para a vitória do *Animal Laborans* sobre o *Homo Faber* na Era Moderna, onde a criação de obras duráveis e com significado foram suprimidas pelo trabalho repetitivo e produção de bens em massa. O episódio analisado ecoa essa visão ao retratar uma sociedade onde os indivíduos são reduzidos a trabalhadores dedicados a uma rotina cíclica sob a esfera do Labor.

Além disso, Kenneth Frampton (2007) destaca a influência da arquitetura no espaço púbico e na vida social para a promoção da integração humana e a expressão cultural. Em contraponto, o episódio retrata espaços projetados visando sua funcionalidade laboral, deixando de lado sua importância para a vida pública.

A reflexão final sobre o episódio nos convida a considerar até que ponto nossa própria realidade reflete o que foi analisado. Vivemos em uma sociedade onde a tecnologia e o consumismo sobressaem ao que realmente importa: as relações humanas. Tal

qual um personagem da série, muitas vezes nos encontramos presos em uma rotina cíclica e cansativa sem que nos demos conta.

Portanto, cabe a nós buscar maneiras de preservar e revitalizar o espaço público para incentivar a interação humana, a criatividade e a expressão cultural.

7. BIBLIOGRAFIA

Antunes, MA (2004). O público e o privado em Hannah Arendt. Biblioteca online de ciencias da comunicação. *https://www.bocc.ubi.pt/texts/antunes-marco-publico-privado.pdf*

Arendt, H (2007). A condição humana. Forense Universitária.

Correia, A. et al. (2022). Dicionário Hannah Arendt. Edições 70.

Cruz, L (2016). O "espaço de aparência pública" na obra de Kenneth Frampton. XIV SHCU, 106-110. *https://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/03.pdf*

Frampton, K (2007). História crítica da arquitetura moderna. Martins Fontes.

R44

CORPO PRESENTE, PAST AND FUTURE: NARRATIVES OF THE OCCUPIED SPACE

CORPO PRESENTE, PASSADO E FUTURO: NARRATIVAS DO ESPAÇO OCUPADO

Ana Luiza Rodrigues Gambardella
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo / Mestre
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP / Prof. Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFRRJ
ana.gambardella@usp.br | *anagambardella@ufrrj.br*

Paulo César Castral
Professor Doutor
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP
pcastral@usp.br

ABSTRACT
The urgency of occupying space, its importance and the clash that this action can cause is a pressing issue that is updated in productions of narratives on being in space. This is one of the aspects perceived in the photobook Corpo Presente, by Felipe Ávila (2019). What this article presents is an analysis based on the contact with the photobook in the light of the use of a privileged space of world contact (the body) as an agent of the experience of lived space and its unfolding in its artistic expression through the photobook. Through the photographer's work, the aim is to demonstrate how the photobook's imagery triggers questions about the occupation of space and has reverberations in the constructed imagery of it. To this end, authors from studies on photobooks (Badger), image (Didi-Huberman), memory (Bergson) and imaginary (Bachelard) are called upon to debate the issues raised by the photobook.

KEYWORDS: photobook. lived space. photography. narrative. memory.

RESUMO
A insistência pela ocupação do espaço, sua importância e o embate que essa ação pode causar é questão preemente e atualizada em produções da narrativa do estar no espaço. Essa é uma das questões percebidas no fotolivro Corpo Presente, de Fe Ávila (2019). O que o presente artigo propõe é uma análise partindo do contato com o fotolivro à luz da inserção de um espaço privilegiado de contato com o mundo (corpo) enquanto agente da experiência do espaço vivido e seu desdobramento em sua expressão artística através do fotolivro. Busca-se, por meio do trabalho dessu fotógrafe, demonstrar como a construção imagética do fotolivro aciona chaves de questionamento da ocupação do espaço e encontra reverberações no imaginário construído do espaço vivido. Para tanto são convocados autores dos estudos sobre os fotolivros (Badger), a imagem (Didi-Huberman), a memória (Bergson) e o imaginário (Bachelard), que auxiliam no debate das questões trazidas pelo fotolivro.

PALAVRAS-CHAVE: fotolivro. espaço público. fotografia. narrativa. memória

1. INTRODUÇÃO – OCUPANDO O ESPAÇO
Abatido por violências cotidianas, o corpo enquanto agente do espaço toma uma nuance de medo, alerta e suspensão. Ocupar o espaço público é uma ação historicamente conhecida de embate, de posicionamento político, mas também de liberdade, de criação de laços comunitários e de comemorações. Porém, a tentativa de pacificação de um certo corpo que vê e é visto no espaço público não chega a ser uma novidade quando pensamos a realidade política do país que em 2024 "descomemora" 60 anos de um golpe militar que privou muitos corpos de SEREM plenamente pelas cidades.

Passeatas, festividades, encontros, protestos e a expressão de uma cultura que se realiza no espaço público como seu palco e personagem principal: esses são alguns dos usos do espaço público que podemos elencar, porém, nem sempre esse encontro é pacífico. Na presença da diversidade, muitas vezes o estar no espaço público se configura como uma resposta política ao cerceamento dos corpos pela sua livre existência.

Algumas imagens da ocupação do espaço público pelas pessoas ficaram marcadas na história. Poderíamos dar como exemplo a fotografia Passeata dos 100 Mil de Evandro Teixeira, tirada em 1968, durante a ditadura civil militar no Brasil. Uma imagem da ocupação do espaço público por centenas de jovens que vão às ruas para protestar contra o governo imposto. O conjunto de imagens que o fotógrafo captura nessa ocasião se juntam com uma produção pungente de fotografias que o fotojornalismo produziu e registrou no mesmo período para a construção imagética do momento histórico em nosso repertório justamente pela existência dessas imagens. Marcos Sá Correa em texto para o livro *1968 destinos 2008: Passeata dos 100 Mil,* comenta:

> Era tudo corrido, feito para durar pouco – como as passeatas e os discursos de 1968. Se, ao contrário dos acontecimentos de 1968, a Passeata dos 100 Mil continua aí na nossa frente, é porque, entre a fração de segundo e a posteridade, ela cruzou com o olho de Evandro Teixeira. (Correa, 2007, p.29)

A ocupação desse espaço encontra sua eternização por meio da fotografia também é uma ferramenta de ocupação, ou seja, a fotografia desse momento e desse espaço se junta ao ato de enfrentamento como corpus de resistência daquilo que se coloca como a conjuntura e sua representação. Conforme nos traz Evandro Teixeira:

> A câmera fotográfica foi a arma que escolhi para lutar contra a ditadura militar. Desde o primeiro momento, quando flagrei a tomada do Forte de Copacabana, na madrugada de 1º de abril de 1964, assumi o compromisso de registrar imagens que revelassem as arbitrariedades e as injustiças dos governos militares que tomaram de assalto a democracia de nosso país. [...] Quanto mais incomodávamos, mais nos sentíamos estimulados a sair para a rua em busca da melhor imagem, da melhor notícia. E não era uma missão fácil: escapar dos militares e dos policiais do Dops (na Praia Vermelha, na Cinelândia, na Candelária, na Central do Brasil), esconder os filmes e chegar a salvo na redação, ainda tendo que enfrentar os censores. Pior que tudo isso: ver colegas apanhando, outros sendo presos. (Teixeira, 2007, p.117)

Fotografar, mais do que a ação de captura de uma imagem, é colocada pelo fotógrafo como uma ação política, um ato de resistência.

Atualmente, a fotografia de ocupação do espaço público se atualiza e toma contornos variáveis de acordo com as subjetividades engendradas nessa ocupação. É o que

vemos a partir de fotolivros publicados na última década de artistas como Rosa Gauditano, Rony Maltz, Matheus Rocha Pitta, Nino Rezende, Bruno Barbey, Pedro de Moraes, dentre outros.

O espaço reflexivo, aqui colocado por meio deste artigo[1], busca discutir os contornos possíveis de debate da ocupação do espaço público mediado pelas imagens e questões postas no fotolivro de Fe Avila, *Corpo Presente*[2], publicado em 2019, que funciona como disparador de uma reflexão sobre a atualização das narrativas do estar no espaço.

A metodologia adotada para o estudo parte do princípio de que o contato com o objeto de pesquisa sugere questões que possam ser levantadas, debatidas e aprofundadas teoricamente com a constante ida e volta ao objeto de pesquisa[3]. A partir da leitura de Corpo Presente (2019), levanta-se a possibilidade de uma narrativa que coloca a cidade enquanto espaço de disputa sob uma perspectiva do corpo que ocupa esse espaço, um corpo entendido como objeto privilegiado de contato com o mundo, pois a partir do qual as relações de afetação são colocadas. Veremos também que essa relação se insere dentro de um jogo proposto pelu autore[4] de aproximações des leitores para o interior da narrativa construída. No livro são mescladas e interrelacionadas fotografias de acontecimentos diversos com um texto manifesto. Dessa maneira percebe-se uma ligação entre um passado, presentificado na ação de montagem, e um futuro, ativado pela perspectiva de tomada de posição.

> Corpo inconveniente
> Corpo dissidente
> Corpo presente (Avila, 2019)

2. A FOTOGRAFIA DO ESPAÇO URBANO

A cidade é objeto privilegiado das práticas fotográficas desde o seu surgimento no século XIX e mantém uma presença que se reconfigura constantemente. A fotografia urbana é um dos grandes temas retratados na virada do século XX (Kossoy, 2016), onde percebemos a preferência dos fotógrafos por sua característica documental com a tomada de imagens de ruas, praças e edifícios de interesse público com a intenção clara de construção de uma imagem controlada do espaço público.

---

1 A presente pesquisa faz parte do universo de análise da tese de doutorado em desenvolvimento pela autora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

2 O fotolivro Corpo Presente, de Fe Ávila é parte dos 55 livros selecionados pela Convocatória do Festival ZUM de fotolivros de 2019, realizado pelo Instituto Moreira Salles. Além da seleção, o livro foi considerado um dos 10 destaques do festival.

3 Tal metodologia, chamada de Grounded Based Theory, ou Teoria baseada em dados foi desenvolvida por Glasser e Strauss (1967).

4 Fe Avila assumiu o gênero neutro como identidade social, nesse sentido será referenciade por pronomes neutros. Utilizaremos linguagem neutra no sistema *Elu* segundo Caê, G (2022). Manual para o uso de linguagem neutra em língua portuguesa. Frente Trans Unileira - UNILA. https://portal.unila.edu.br/informes/manual-de-linguagem-neutra/Manualdelinguagemneutraport.pdf

Há uma questão técnica colocada, do tempo de exposição e a imobilidade do motivo a ser retratado, mas uma das questões que se destacam é o interesse do poder público em contratar o trabalho desses fotógrafos na documentação do espaço urbano em constante mudanças, motivadas por conceitos de desenvolvimento.

Essa característica pode ser observada claramente na publicação dos Álbuns Fotográficos das cidades, em uma tentativa clara de afirmação de progresso e modernização dos centros urbanos. Aqui no Brasil temos alguns álbuns que se tornaram exemplares, como o *Álbum comparativo da cidade de São Paulo 1962-1887* (1887), do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo e o *Álbum da Avenida Central* (1907), de Marc Ferrez; nas duas publicações, a primeira de uma São Paulo em crescimento, e a segunda da capital do Brasil em consolidação, temos a importância da valorização do espaço público ordenado, modernizado e devidamente categorizado com etiquetas de endereço e nome dos edifícios. Fotografias que contribuem para a formação de um imaginário controlado desses espaços.

> Tratam-se de imagens encomendadas que, se por um lado, se prestaram para a fixação da memória, por outro, tinham em geral finalidade promocional, propagandística, financiadas por instituições oficiais ou empresas privadas interessadas em divulgar um certo tipo de progresso. (Kossoy, 2016, p.84)
>
> Imagens que exaltam o material, mas que, em geral, minimizam, ou mesmo omitem, o social. Imagens construídas que visam propagar uma ideia simbólica de identidade nacional conforme a ideologia predominante num dado momento histórico. (Kossoy, 2016, p.84)

Percebe-se que a fotografia nesse caso encontra uma importância de representação de um dado espaço e tempo que serve aos interesses hegemônicos do momento histórico em que está inserido, e que, atualmente, ganha contornos de documento histórico.

O que se observa, ao olhar para essa produção visual, é uma visão distanciada do fotógrafo, que não tem a ver com a sua distância de captura da imagem, mas um distanciamento simbólico de retirada do seu olhar particular e a busca por um olhar objetivo para simular um mínimo de interferência na imagem da cidade.

Ora, essa posição é o oposto do que percebemos nas narrativas contemporâneas de fotografia do espaço urbano aqui dispostas.

O que percebemos nessas construções narrativas são corpos presentes e presentificados nas ações que reconstituem sob o olhar ativo du fotógrafe. Podemos inferir, portanto, que a continuidade do objeto de interesse na fotografia significa uma continuidade de construção da sua narrativa. Com a contemporização das práticas fotográficas também há a contemporização das questões – urbanas, políticas, sociais

– articuladas na prática fotográfica, "o que demonstra a potencialidade da expressão fotográfica e as possibilidades que se abrem com o uso da imagem fotográfica e de suas narrativas construídas." (Gambardella; Castral, 2024, p.119).

3. O CORPO – ESTAR NO ESPAÇO | ESTAR NO LIVRO

> Ocupada por imagens fotográficas, a página do livro baseia a enunciação de territórios múltiplos – materiais, espaciais, imagéticos, simbólicos, poéticos, entre muitos outros. Assim como nas superfícies gravadas por manchas, ranhuras, rabiscos e pixo das construções que compõem os grandes centros urbanos, as páginas do livro carregam camadas históricas de diferentes origens – do conteúdo impresso às marcas de manuseio; do material de confecção à deterioração causada pelo tempo. (Mendonça, 2021, s/p.)

A construção de narrativas fotográficas, constituídas por meio do fotolivro, traz a discussão da ocupação do espaço urbano como temática presente e pode disparar mais do que uma posição distanciada daquele que observa. Ao mobilizar a constituição de sentidos, o fotolivro pode ser tomado enquanto agente de uma conceituação simbólica do espaço.

Apresenta-se aqui uma questão importante: a qualificação do espaço.

Em *A memória, a história, o esquecimento,* Ricoeur (2007) recupera nos textos do filósofo Edward Casey duas concepções do espaço: uma concepção abstrata do espaço geométrico, chamado de sítio; e uma concepção de espacialidade vivida, o que chama de lugar.

> O lugar, diz ele, não é indiferente à "coisa" que o ocupa, ou melhor, que o preenche, da forma pela qual o lugar constitui, segundo Aristóteles, a forma escavada de um volume determinado. São alguns desses lugares notáveis que chamamos de memoráveis. (Ricoeur, 2007, p.59)

Interessa, nessa pesquisa, a contribuição que o lugar (ou espaço vivido) pode dar a subjetividade do corpo no espaço.

> O corpo constitui, desse ponto de vista, o lugar primordial, o aqui em relação ao qual todos os outros lugares são lá. (Ricoeur, 2007, p.59)

O corpo se coloca aqui, semelhante ao que vemos em Bergson (2010) em *Matéria e Memória,* como uma imagem privilegiada que é centro de relação entre as outras imagens que o afetam, como um lugar privilegiado, primordial, de relação com uma espacialidade vivida, um lugar, ou, o espaço vivido.

No fotolivro *Corpo Presente*, ê autore coloca uma cidade enquanto espaço de disputa, conforme apontado por Carminda André em seu texto introdutório da obra. A fruição do livro é mediada pela convivência das imagens com um folheto de tamanho reduzido que introduz textos e divide o livro em capítulos. Ê autore, no entanto, primeiramente nos convida a um jogo construído, que, de forma perspicaz, por meio de um material reflexivo para a capa, insere o nosso reflexo dentro de sua construção imagética.

Figura 1. Capa e contracapa do livro Corpo Presente.
Fonte: Imagens cedidas pelu autore.

O corpo de quem lê, assim, é colocado em disputa dentro do livro na ação desse espelhamento que busca a imagem presente para participar da narrativa. Essa é só a primeira inserção. Ao longo do fotolivro, de modo oposto, temos fotografias que se projetam para fora do espaço gráfico, em um olhar desafiador para fora das páginas. Uma relação de interioridade e exterioridade que ultrapassa as barreiras impostas pela ideia de uma relação de passado da ação retratada pela imagem fotografada, ou seja, a ideia de que a fotografia nos mostra uma ação que se presentificou em um dado espaço e tempo passados proveniente do noema "isso-foi" de Barthes (2012). Os corpos fotografados estavam lá naquele momento em que as imagens foram capturadas, mas nosso corpo também está dentro desse livro e dessa narrativa.
Percebe-se que há uma construção poética que proporciona um movimento das imagens. A ação de escolha e sequenciamento das imagens fotográficas conforma uma dinamicidade que conduz o leitor na construção da representação vivida no choque do embate corporal. Ultrapassa-se os limites da relação entre o que "é", o que "foi" e o que "será" nesse mergulho.

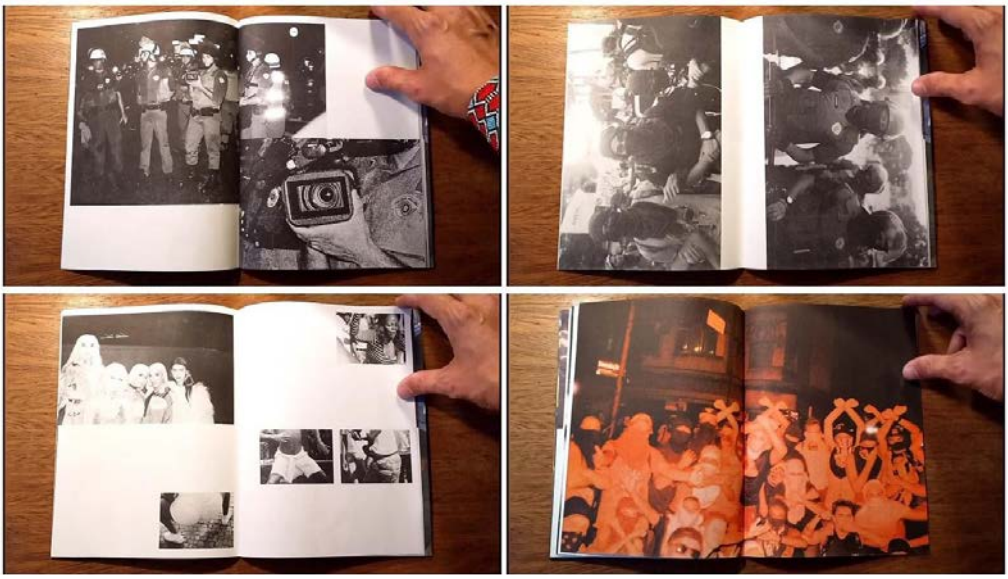


Figura 2. Trechos do fotolivro Corpo Presente.
Fonte: Fe Avila (2020).

Percebe-se que há uma construção poética que proporciona um movimento das imagens. A ação de escolha e sequenciamento das imagens fotográficas conforma uma dinamicidade que conduz o leitor na construção da representação vivida no choque do embate corporal. Ultrapassa-se os limites da relação entre o que "é", o que "foi" e o que "será" nesse mergulho.

Segundo Bachelard (1990), essa ação só é possível através do confronto entre imagens para que a ação imaginante tome forma e deforme às mesmas. Temos o movimento das imagens e a criação de novos sentidos, o que confere ao objeto poético "devidamente dinamizado por um nome cheio de ecos" o lugar de "um bom condutor do psiquismo imaginante" (Bachelard, 1990, p.05).

Ao prosseguir na leitura do fotolivro a ação cria densidade ao compor com proximidades e distanciamentos, focos e desfoques, que constroem uma relação de dupla distância, uma relação que convoca para a inquietação, aponta para a inelutável modalidade do visível, e que apresenta características que compõe o plano ótico, conforme coloca Didi-Huberman (2010) ao comentar sobre a obra joyciana. Essa é uma condição de inquietação, ou seja, o momento que há afetação entre o que vejo e aquilo que me olha, e que se movimenta "a partir de seu ponto central, que é seu ponto de inquietude, de suspensão, de entremeio" (Didi-Huberman, 2010, p.77).

> É o momento em que o que vemos justamente começa a ser atingido pelo que nos olha – um momento que não impõe nem o excesso de sentido (que a crença glorifica), nem a ausência cínica de sentido (que a tautologia glorifica). É o

> momento em que se abre o antro escavado pelo que nos olha no que vemos. (Didi-Huberman, 2010, p.77)

A imagem convoca para o jogo, convoca para a inquietação.

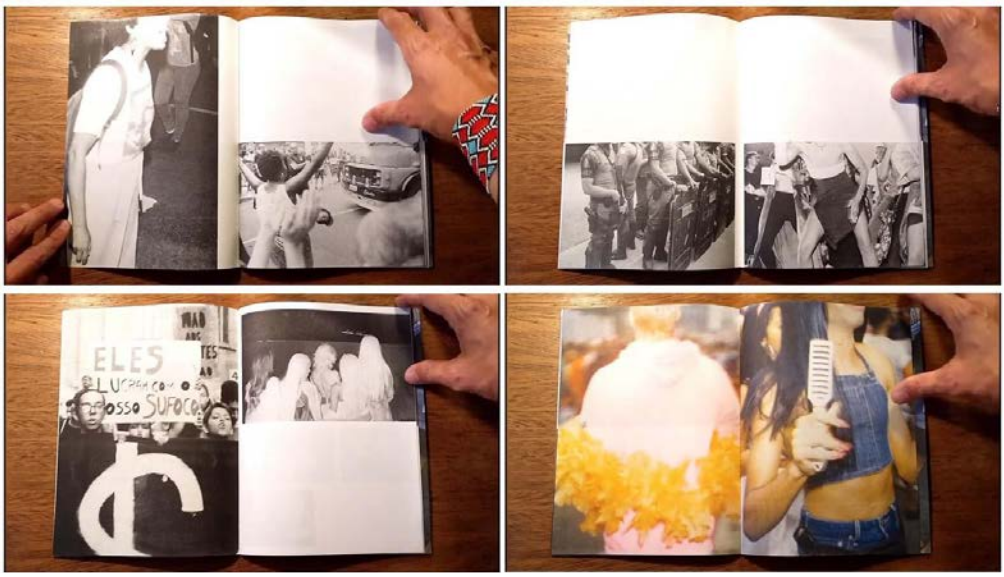


Figura 3. Trechos do fotolivro Corpo Presente.
Fonte: Fe Avila (2020).

4. A NARRATIVA, O TEMPO, O ESPAÇO

Lembremos que esse universo de *Corpo Presente* é criado por uma ação fotográfica, colocando o corpo du fotógrafe inserido no espaço urbano e nas relações de ocupação desse espaço, mas também é criado por uma ação de sequenciamento fotográfico; sem a junção das fotografias em uma dada experiência do folhear do livro não há a criação desse espaço ideado pelu fotógrafe e realizado na fruição - em uma experiência interativa inerente ao objeto fotolivro.

> Num sentido real, toda narrativa do fotolivro é interativa. A ambiguidade da fotografia, mesmo quando colocada numa sequência planejada, exige que o leitor trabalhe e complete o significado.[5] (Badger, 2014, p.41, tradução própria)

O fotolivro, nesse sentido, é o formato que irá persentificar a uma narrativa construída pelu autore em um convite à imaginação (Bachelard, 1990) utilizando-se das técnicas de montagem[6]. Sob esse aspecto, Didi-Huberman traz uma perspectiva interessante ao falar da montagem enquanto uma forma de conhecimento: "[...] a montagem

5 Do original: In a real sense, all photobook narrative is interactive. The ambiguity of the photograph, even When placed is a considered sequence, calls for the viewer to work, and complete the meaning.

6 Também colocadas como sequenciamento, segundo Badger (2014).

intensifica a imagem e confere à experiencia visual um poder que as nossas certezas ou hábitos visíveis pacificam ou velam." (Didi-Huberman, 2020, p.195)

Na experiência construída por Fe Avila, o caminhar entre as imagens fotográficas de corpos no espaço urbano, permitido pela ação de sequenciamento dada por meio das páginas, traz essa experiência visual que Didi-Huberman diz ser intensificada pela montagem, e, na experiência do livro há, então, a (des)pacificação do corpo que lê e se percebe dentro de uma proposta estética da ocupação do espaço urbano junto com a própria construção estética do fotolivro.

É nesse ponto que podemos compreender o *Presente* do corpo. O corpo do qual o livro fala é um corpo presentificado no espaço, que nos fala "estou aqui e não vou para nenhum lugar", o mesmo corpo político que a fotografia da passeata dos 100 Mil coloca ao mostrar a ocupação do espaço público pelo povo em manifesto, ou que passa por nós no livro de Avila enfrentando a repressão policial; e também é um corpo no tempo presente, que nos insere para dentro do livro em sua capa pelo material reflexivo e que conversa conosco ao obedecer a uma troca de olhares, visível e invisível (nas fotografias em que não vemos os rostos dos fotografados).

Esse corpo do presente dialoga com os tantos outros corpos colocados em relação nesse espaço ao longo da história, e aciona em nossa memória as representações que formam um conjunto imagético já conhecido, ressignificando-o dentro de uma ação de afetação e reelaboração própria do contato com o presente (Bergson, 2010). Ao mesmo passo que faz uma proposição de ocupação desse espaço urbano, em vistas ao futuro, por meio das ações de corpos dissidentes.

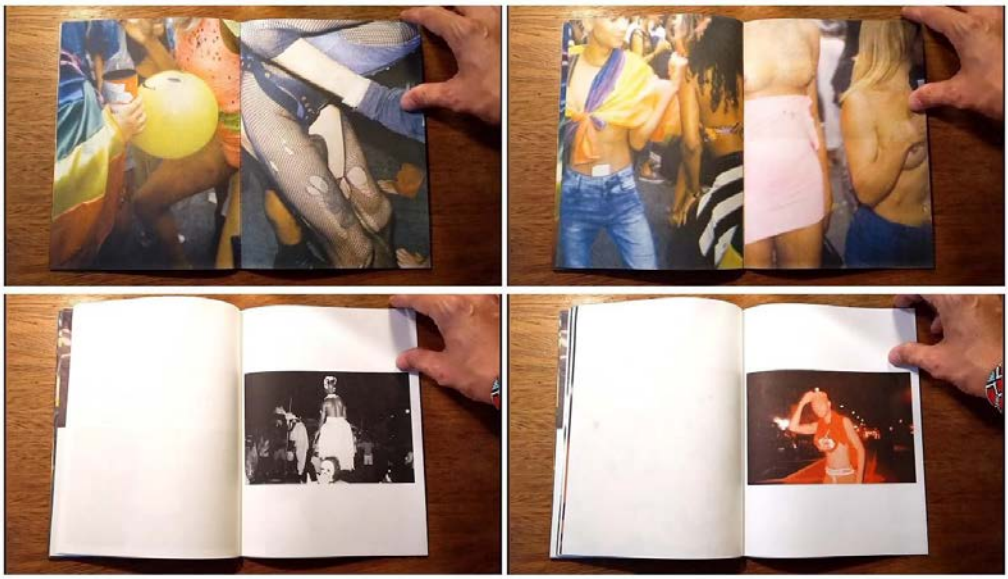


Figura 4. Trechos do fotolivro Corpo Presente.
Fonte: Fe Avila (2020).

É o que vemos também no texto que se interrelaciona com as fotografias e que traz sua proposta da ocupação do insurgente:

> Muito bem, vamos acreditar que a biopolítica, administradora da sociedade do controle, é uma política pela vida, pela vida saudável da população. Mas por que algumas vidas seriam dignas de serem preservadas e outras não? Por que certas vidas seriam mais expostas à morte do que outras?
> [...]
> Reinventar a vida em dimensões minúsculas, particulares, fora do espetáculo promovido pelo capitalismo é o que os insurgentes nos oferecem. A recusa à recusa à vida pobre, à vida-sobrevivência, à vida de puro sacrifício para um futuro incerto, à vida só para acumular coisas. A recusa aqui é um pedido de valorizar o presente como o bastante para a vida.
> [...]
> O que o poder panóptico não suporta é o uso aleatório que a população possa vir a fazer dos espaços públicos, usos sem autorização; o uso sem controle é o que causa terror e gera violência. O insurgente utiliza o espaço público para sobreviver, pois precisa do encontro coletivo para realizar o que deseja. (Avila, 2019, s/p)

Corpo Presente talvez pretenda promover uma visão que nos coloca presente na sua experiência, uma ação que interfere no passado a partir do presente, dado no momento do ato do ler, e que questiona nossa posição no espaço. Na relação com o livro, se mostra importância do corpo em confluência com o espaço urbano, físico, plural e combativo que entra também nesse campo político.

Uma experiência forjada no desejo pelo espaço.

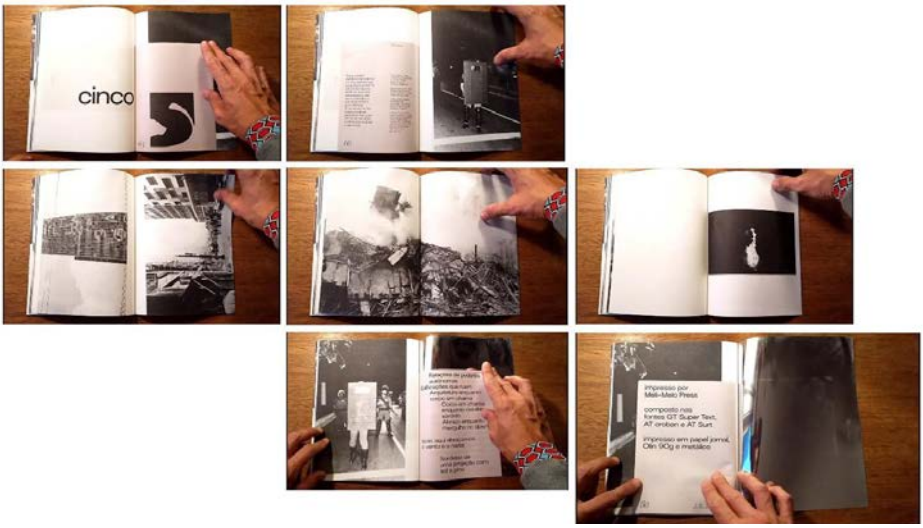


Figura 5. Capítulo 5 do fotolivro Corpo Presente.
Fonte: Fe Avila (2020).

Por mais irônico que possa parecer, depois de nos inserir em um espaço urbano pungente, vivo, ocupado e dinâmico, um espaço que reconfigura o passado pela urgência do presente em sua condição espaço-temporal, o livro fecha com uma sequência de imagens, capítulo 5, que começa e termina com uma fotografia de um policial com um *escudo* que no mesmo movimento nos ameaça e objeta a possibilidade desse policial ser, também, um corpo. No entre fotografias de policiais, nos traz imagens de um espaço urbano esvaziado, destroçado, em aberto (para o futuro?). A contracapa posterior, após segunda foto de policial, é a superfície reflexiva, mas agora sem nenhum elemento gráfico que possa afetar o puro reflexo, ou somente a imagem de nosso corpo afetada pela ação imaginante da experiência do espaço público em disputa.

5. AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial a Fe Avila, fotógrafe e autore do livro que gentilmente cedeu as imagens para uso na presente pesquisa.

6. BIBLIOGRAFIA

Avila, F (2019). Corpo Presente. Estúdio Margem.

Avila, F (2020). Corpo Presente, 2019 [Vídeo]. Vimeo. https://vimeo.com/467492069

Bachelard, G (1990). O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento. Martins Fontes Editora.

Badger, G (2014). It's all fiction: narrative and the photobook. Em Badger, G et al. Imprint: visual narratives in books and beyond (pp. 15-47). Art And Theory Publishing.

Barthes, R (2012). A câmara clara: nota sobre a fotografia. Nova Fronteira.

Bergson, H (2010). Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Editora WMF Martins Fontes.

Correa, MS (2007). A foto. Em 1968 destinos 2008: Passeata dos 100 Mil (pp. 29-30). Textual.

Didi-Huberman, G (2010). O que vemos, o que nos olha. Editora 34.

Didi-Huberman, G (2020). Imagens apesar de tudo. Editora 34.

Gambardella, ALR e Castral, PC (2024). Da nuvem ao papel. Atas do 5º. [quinto] Colóquio Internacional Imaginário: construir e habitar a terra – imaginários urbanos, 117-130. FAUSP.

KOSSOY, B (2016). Realidades e ficções na trama fotográfica. Ateliê Editorial.

Mendonça, S (2021). Superfícies territoriais: encontros entre fotolivros e espaços públicos urbanos. Base de Dados de Livros de Fotografia, s/p. https://livrosdefotografia.org/artigos/@id/29949

Ricoeur, P (2007). A memória, a história, o esquecimento. Editora da Unicamp.

Teixeira, E (2007). Eu, fotógrafo. Em 1968 destinos 2008: Passeata dos 100 Mil (p. 117). Textual.

R44

THE WALKING ACT AND THE PUBLIC SPACE

O ATO CAMINHANTE E O ESPAÇO PÚBLICO

Dayse Luckwü Martins
Professora Doutora em Desenvolvimento Urbano
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco
dayse.luckwu@ufpe.br

Lúcia Leitão Santos
Professora Titular em Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco
lucia.leitao@ufpe.br

ABSTRACT

This article aims to investigate the act of walking as an everyday spatial practice according to Michel de Certeau and Isaac Joseph. By observing that "walking is having a lack of place", Certeau points out a subjective dimension of the act of walking, as well as an act of realizing space. In Joseph, the act of walking presents itself as a practice that establishes urban public space and produces a relationship with those who cross it. Thus, spatial practices have the role of realizing and giving meaning through the appropriation of space and enable the exercise of recognition of others, also allowing the individual to perceive themselves as a subject. Methodologically, common traits were observed on how space practices are conceived based on the act of walking, and how they can contribute to thinking about urban environments in everyday actions. It is expected to contribute with reflections on the narrative of the two authors works, on the objective and subjective dimensions of the spatial practices of the walking act.

KEYWORDS: act of walking. public space. spatial practice. subjectivity. appropriation.

RESUMO

Este artigo objetiva investigar o ato caminhante enquanto prática espacial cotidiana segundo Michel de Certeau e Isaac Joseph. Ao observar que "caminhar é ter falta de lugar", Certeau aponta uma dimensão subjetiva do ato caminhante, assim como, um ato de realização do espaço. Em Joseph, o ato caminhante apresenta-se como prática que instaura o espaço público urbano e produz uma relação com quem o atravessa. Assim, as práticas espaciais têm o papel de realizar e dar significado a partir da apropriação do espaço e possibilitam o exercício de reconhecimento do outro, permitindo também ao indivíduo perceber-se enquanto sujeito. Metodologicamente, observou-se traços comuns sobre como concebem as práticas de espaço a partir do ato caminhante, e como podem contribuir para pensar as ambiências urbanas nas ações cotidianas. Espera-se contribuir com reflexões acerca da narrativa da obra dos dois autores, sobre as dimensões objetivas e subjetivas das práticas espaciais do ato caminhante.

PALAVRAS-CHAVE: ato caminhante. espaço público. práticas de espaço. subjetividade. apropriação.

1. INTRODUÇÃO

Ao anunciar que "caminhar é ter falta de lugar", Certeau nos coloca diante da dimensão subjetiva do ato caminhante ao mesmo tempo que aponta para o fato de que esse também é um ato de realização do espaço. Assim, o ato caminhante apresenta-se, neste artigo como uma prática de espaço. Em Certeau, essa prática, permitiria três ações fundamentais para o espaço público urbano: A "apropriação topográfica" do lugar, função primeira que representa o seu reconhecimento e

apropriação; a "realização espacial do lugar", razão de ser do espaço urbano, que se realiza a partir daqueles que o praticam e, em terceiro, ao estabelecer "relações entre posições diferenciadas, coloca o outro em face" (1994, p. 177).

Para Joseph (1998), o ato caminhante como prática de espaço seria aquilo que instaura o espaço público urbano, ou seja, produz uma relação entre o espaço e aquele que o atravessa, que o explora, fazendo com que o "intruso" também encontre lugar. Para o autor, o espaço público é, portanto, o lugar da visibilidade e dos processos de escuta, frequentemente diminuído pela visão, processos esses propiciados pela cidade, fundamentais para a vida coletiva. Nesses dois autores, é possível identificar que as práticas de espaço, seriam aquelas que têm o papel de realização de espaço e, ao fazê-lo criam formas significantes de apropriação do espaço em si mesmo, possibilitam o exercício de reconhecimento do outro, possibilitando também ao indivíduo perceber-se e constituir-se enquanto sujeito.

Neste artigo, de caráter ensaístico, busca-se investigar as práticas espaciais cotidianas que possibilitam a realização do espaço público das cidades a partir da ótica dos autores aqui mencionados, Michel de Certeau e Isaac Joseph. Metodologicamente, a partir da narrativa dos dois autores distintos, buscou-se observar traços comuns acerca de como concebem as práticas de espaço a partir do ato caminhante, e como os autores podem contribuir para pensar as ambiências urbanas que se constituem pelas ações cotidianas, pelo simples ato de caminhar.

Espera-se, pois, contribuir para a reflexão acerca da narrativa discursiva da obra dos dois autores sobre as dimensões objetivas e subjetivas manifestas nas práticas de espaço a partir do ato caminhante.

2. FUNDAMENTAÇÃO

2.1 O ato caminhante em Certeau

O ato caminhante para Certeau anuncia-se como um ato de realização do espaço. É a partir desse ato, que o espaço público construído das cidades ganha significado enquanto lugar praticado. É essa prática sócio-espacial, ordinária e cotidiana, que tem a prerrogativa de realizar os espaços públicos urbanos. Assim também anuncia Joseph, ao comunicar que o "ser humano é antes de tudo um ser de locomoção" evidencia o ato caminhante como uma prática realizadora de espaço.

Certeau constrói sua narrativa, discorrendo sobre as práticas de espaço cotidianas e seus modos de operação. Para apreender os modos de operação, as maneiras de fazer, o autor faz uso da linguística observando a cidade como processos narrativos e discursivos, onde se inscrevem as práticas de espaço. Nesse sentido, o processo metodológico de Certeau é marcado pela leitura do espaço urbano tomando por analogia as práticas linguísticas. É na fala, no discurso que a língua se realiza, assim como, são as práticas espaciais que realizam o espaço público urbano. Analogamente

o autor observa que a cidade seria o "mais desmesurado dos textos humanos" (1994, p. 170). Não seria de outra forma como bem aponta Levi-Strauss (1957) ao falar sobre a cidade como a mais autêntica criação humana.

Ao observar as práticas de espaço cotidianas do homem comum, sujeito de sua investigação, e sobre os modos de fazer que têm a cidade como o lugar da ação, Certeau traz para a luz da ciência o homem comum e o cotidiano como objetos de investigação trabalhando com a microescala, ou seja, a escala do dia a dia das práticas comuns realizadas no espaço. Para entender esse sujeito ordinário, por muito tempo negligenciado pelas ciências, principalmente as sociais, o autor observa a utilização das táticas que subvertem o poder instituído pelas estratégias.

As táticas e as estratégias são categorias estabelecidas pelo autor que norteiam a observância dos modos de operação segundo os papeis diferenciados dos sujeitos em ação. Por estratégia, Certeau entende "o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de um querer e poder é isolável de um ambiente" (1994, p. 46). A estratégia define um próprio, ou seja, um lugar de poder. Já tática apresenta-se como "um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem o lugar do outro" (1994, p. 46). A força da estratégia é manipular o lugar, já a tática joga com o tempo, com as astúcias que o momento permite.

Nas práticas de espaço, o sujeito da ação cujas práticas cotidianas não se delineiam por um caráter específico, têm nas táticas a subversão de uma lógica dominante e que acabam por ressignificar o espaço público das cidades a partir do ato caminhante criando novas formas significantes de apropriação. As táticas teriam então, um papel fundamental para a percepção das ambiências urbanas. Nesse sentido, interessa para Certeau observar que "[...] a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía" (1994, p. 174). Esse é o lugar do ato caminhante que coloca em evidência posições diferenciadas em relação aos modos de operação que se estabelecem no espaço público, entre o espaço das estratégias e o das táticas.

Para Certeau, o "espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais" (1994, p. 202). O espaço assim pensado, é o espaço social, pois para ele o espaço é uma produção onde tempo e relações, sejam consensuais ou conflituais, estão presentes.

Assim, da maneira como Certeau entende o espaço, observa-se que esse não se caracteriza pelo vazio. Tal observação nos reporta a Joseph, como veremos adiante, ao tratar o espaço vazio como aquele que ainda não se realizou, pois ainda não foi praticado. Assim, o espaço praticado em Certeau, aproxima-se conceitualmente do espaço pleno de Joseph. Para Certeau a existência do espaço se dá a partir das práticas, como afirma:

> Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito. (Certeau, 1994, p. 202)

A partir do entendimento de Certeau a respeito do espaço, podemos considerar o que vem a ser esse espaço praticado do qual fala o autor. Ou seja, o espaço praticado só existe a partir dos modos de operação que o institui. Os modos de operação dos quais Certeau fala são por ele denominados de práticas inventoras de espaço. Para o autor "[...] as práticas de espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social" (1994, p. 175). O mais importante, na observação dessas práticas de espaço, não consiste apenas em mapeá-las, mas decodificá-las, ou seja, são os aspectos que as determinam, os fatores que as impulsionam e o que resultam como fundadoras do espaço. Portanto, o lugar construído, a rua, o espaço público ganha toda a sua verdade ao transformar-se a partir das práticas espaciais, no lugar praticado (Figura 1 e 2, por exemplo).

Figura 3 – Espaço vazio. Fonte: Autoral (2024)

Figura 2– Ambiências do lugar praticado. Fonte: Júlia Luckwü (2022)

Certeau anuncia quais são os efeitos das práticas de espaço tomando o ato de caminhar para análise e o que esse ato representa para o espaço urbano. O autor enumera três funções e efeitos que o ato caminhante promove. O primeiro efeito diz respeito a uma apropriação topográfica do lugar. Ou seja, esta primeira função representa um ato de reconhecimento e apropriação do lugar. O segundo diz respeito a "uma realização espacial do lugar"; esta é a razão de ser do espaço urbano, que se realiza a partir daqueles que o praticam. O terceiro efeito é o ato que estabelece "relações entre posições diferenciadas, coloca o outro em face" (1994, p. 177).

O terceiro efeito do ato caminhante representa não só o lugar do encontro com o outro, o "outro" sociológico, mas também o "outro" que faz com que o ser humano se reconheça enquanto sujeito (Leitão, 2014). Neste sentido, Certeau anuncia a importância do ato caminhante não apenas para a compreensão da dimensão objetiva de realização do espaço público, coletivo, da cidade, como também a sua

dimensão subjetiva, pois é no reconhecimento do outro, possibilitado pelo espaço da cidade, que o ser humano toma consciência de si mesmo.

2.2 Joseph, o ato caminhante e o espaço público

Para Joseph, o ato caminhante instaura o espaço público urbano e esse só se realiza enquanto lugar da ação. Nesse sentido, o autor aponta o espaço da ação como aquele que coloca o indivíduo em posições diferenciadas, como agente da ação e ao mesmo tempo espectador da ação que se desenrola no contexto do espaço público, ou seja, é o espaço da visibilidade mútua (Joseph, 2004). O espaço público também entendido como bem público, pode ser interpratado como: "c'est une co-production et le sens commun qu'il est repute pouvoir construire ou consolider demande à être analysé de manière imanente et sur les lieux de l'áction" (1996, p. 211). Em termos de abordagens e de escala, as práticas de espaço em Joseph são observáveis do ponto de vista da microescala, das práticas cotidianas e circunstanciais, por exemplo, a partir do ato caminhante, e esse é elevado à macroescala, quando possibilita pensar o espaço público como bem público.

Atento às questões sociológicas do espaço público, Joseph observa que tais questões são marcadas pela dispersão refletidas no espaço urbano construído. Para o autor a "dispersión corresponde a la natureza misma del espacio público urbano" (1988, p. 19). Para fazer uma analogia à condição do espaço público urbano atual, o autor se utiliza da metáfora do sonâmbulo e do insone. A metáfora do sonâmbulo diz respeito ao indivíduo que não está atento às relações públicas que persistem enquanto dorme. O uso de tal figura de linguagem seria aquilo que caracteriza, do ponto de vista social, o espaço público contemporâneo. Ou seja, o espaço público experienciado de modo disperso uma vez que as relações sociais se caracterizam pela superficialidade, como afirma o autor recorrendo a sociologia de Simmel acerca da grande cidade. Diz Joseph sobre a superficialidade das relações na cidade: "es um médio en el que las identidades se dejan ler en la superfície, en el que "lo más profundo es la piel" (Joseph apud Deleuze, 1988, p. 48). Para o autor é essa superficialidade que acaba por suplantar a questão do civismo no espaço público atual.

A oposição à metáfora do sonâmbulo seria a do insone, aquele que se encontra vigilante e, por isso, tenderia a caminhar em direção à alteridade, pois estaria atento aquilo que o cerca (Joseph, 1988, p.15). Contudo, para o autor o que marca as relações sociais no espaço público atual seria a figura do sonâmbulo. Tais metáforas são utilizadas para caracterizar as relações sociais no espaço público fruto de intensas modificações que a sociedade tem passado ao longo do tempo. O espaço público deixou o seu caráter político, desde quando anunciado por Arendt, para ser lido no espaço das relações sociais cotidianas conforme escreve o autor:

> Lo que se nos da es más bien la experiencia de la fluidez de la copresencia y de la conversación, de las pequeñas oposiciones sociales que son nuestras vacilaciones, la experiencia del excedente de socialidad em su materialidade discursiva. (Joseph, 1988, p. 18).

Assim, apoiado em reflexões oriundas da microssociologia, Joseph aponta que nas relações públicas de encontro e copresença, existem marcos que passaram a nortear a experiência da vida em público (Joseph, 1988), ou seja, atributos que permeiam tais relações que seriam: o intervalo, aquilo que separa o indivíduo do outro; o contexto, no qual se desenrola a ação e está inserido o intervalo; e, o marco, dentro do qual se situa o contato ou a interação. Tais atributos das relações de contato no espaço público marcam como se dão as interações sociais da copresença no trato das ações ordinárias e circunstanciais cotidianas.

Pautado ainda pelas formas de representação individual que a partir da microssociologia buscou observar, Joseph percebe que o comportamento do indivíduo no espaço púbico foi sendo moldado a partir de práticas de civilidades que a vida urbana, em coletividade, ensejou. Todavia, ressalta que para restabelecer o espaço público no seu sentido político, apenas uma filosofia da alteridade não seria o suficiente (Joseph, 1988). Por isso, e uma vez que o espaço público se encaminhou para a dispersão, Joseph alerta e reclama para a necessidade premente de se observar o caráter político das relações no espaço público. Para o autor:

> Hay que tomar seriamente las exigências del espacio público. Hay que tener en cuenta el elemento político de las civilidades. Precisamente, esse excedente de socialidad que es lo único que permite hablar de un espacio público, que permite no confundirlo con uma relación intersubjetiva, es el contexto en el cual se despliega dicho espacio, es su marco. (Joseph, 1988, p. 18)

Nesse sentido, tomando o caráter político como elemento importante para as relações no espaço público, o autor aponta para a questão do caráter cívico que o espaço público comporta enquanto um bem público: “el espacio público tiene necesidad no sólo de la pluralidad de las diferencias, sino también de su enmarañamiento” (1988, p. 18). Assim, Joseph atribui a devida importância à questão de que o espaço público é o lugar do dissenso e não do consenso, ou seja, da pluralidade. Questão fundamental para a contemporaneidade que caminha para a polarização e o embate, sendo pouco afeita à escuta ao outro. Observa-se, neste ponto, que o sentido da escuta, marca do espaço público sociologicamente falando, tem diminuído ao longo do tempo dando lugar ao sentido da visão. Os espaços públicos urbanos, assim pensados, caminham, na contemporaneidade, para a preponderância do visual, para espaços cada vez mais “Instagramáveis”.

Mas a visão do autor não se dá apenas sobre a questão social do espaço público. Joseph alerta para o risco dos reducionismos. O espaço público não pode se reduzir à sua dimensão social, tampouco à sua dimensão meramente física e construída (Joseph, 1998). O que caracteriza a natureza do espaço público é sua materialidade híbrida. E nesse sentido, o autor, mais uma vez, reclama a necessidade de articulação entre o que ele chama de “sociologie des circonstances avec l’expérience concrète des espaces publics” (1992, p. 212).

É dessa maneira que a materialidade híbrida caracteriza o espaço público urbano e as práticas sociais. A materialidade híbrida do espaço público é composta por "dispositivos construídos que equipam o espaço ou o criam como cenografia e por disposições ou arranjos de visibilidade que só têm pertinência em e por um momento da ação" (1999, p. 34).

Usando de uma analogia com a cenografia, os dispositivos construídos, ou espaciais, seriam dotados de "qualidades sensíveis, luminosas ou sonoras" (1999, p. 34), ou seja, o espaço público é também o espaço do tato, da visibilidade e da escuta. Nesse ponto, Joseph recorre à sociologia interacionista de Goffman (1985). O espaço do tato guarda o que Joseph denomina de sentido de reserva. Segundo esse princípio, um ator busca ser sociável com seus interlocutores ao mesmo tempo que mantêm um distanciamento em relação aos mesmos (JOSEPH, 1988). Esse princípio se inter-relaciona ao surgimento de comportamentos advindos do viver no espaço urbano. Segundo Joseph:

> Más precisamente, fue menester que la ciudade hiciera crecer certo número de comportamentos – y en este sentido se debería definir la urbanización como um processo qualitativo, como difisión y expansión de la urbanidade. (Joseph, 1988, p.106)

Nesse sentido, observa-se como se constitui a materialidade híbrida do espaço público na cidade, uma vez que se confirma a mútua influência do social e do construído. Portanto, o princípio de reserva, como explicitado, guarda as formas de "como se relacionar com o outro" ao mesmo tempo em que se está "separado um do outro", marco da vida em público (1996, p. 212). Nesse marco, o espaço público é o espaço da visibilidade e da escuta. Para Joseph, essa materialidade híbrida pressupõe uma relação do espaço construído, com as maneiras de percepção, com o ato de visibilidade e de escuta que o ato de caminhar possibilita para a realização do espaço.

A forma como o espaço público construído das cidades também pode ser entendida a partir da prerrogativa de colocar em diferentes graus de tensão, segundo o autor, a proximidade e a distância nos processos de encontro e copresença. (Joseph, 1999). Assim, aquilo que "equipa" os espaços construídos e os dotam de qualidades se relaciona à atribuição de urbanidade a determinados espaços (Joseph, 1996).

Aliado às categorias de proximidade e distanciamento que qualificam o espaço público das cidades, Joseph dá especial destaque à acessibilidade, que contempla os rituais de acesso, os modos de deslocamento no espaço de circulação da cidade (JOSEPH, 1999). Acessibilidade que está diretamente atrelada à mobilidade como um modo de deslocamento e articulação entre os sistemas ou territórios que dizem respeito às continuidades e descontinuidades do tecido urbano, pois o habitante da cidade é antes de tudo um ser de locomoção (JOSEPH, 1999) como já mencionado.

Dessa maneira, a questão da acessibilidade e da mobilidade no espaço público, tem também uma importância fundadora para as práticas de espaço, para o ato de caminhar enquanto prática de realização do espaço público. Para as práticas que se operam no espaço público, que o qualificam como lugar de ação (Joseph, 1996). É nesse sentido que Joseph aponta para a "acessibilidade como operadora da urbanidade" (1999, p.36).

Portanto, as disposições sociais se dão em função das interações que vão desde o momento do primeiro encontro até os inter-relacionamentos que se dão no espaço público construído. É importante destacar também no pensamento do autor que o encontro no espaço público é marcado por linguagens – que não se reduzem a linguagem falada – o que nos reporta aos processos de escuta e de apreensão simbólica, e às civilidades que levam à formação da urbanidade.

O espaço público se materializa a partir de dois aspectos que o autor denomina como espaço pleno, o espaço da ação, que depende do contexto e dos diferentes tipos de ação e o espaço vazio, aquele que ainda não se realizou como pleno, pois ainda é o momento do encontro primeiro dos atores sociais, onde há apenas o primeiro ato de interação (Joseph, 1999). Nesse sentido, o espaço público carrega essa hibridação entre a materialidade do construído e a materialização do encontro como aponta o autor: "um espaço só é público mediante um trabalho de qualificação que remete aos momentos de ação e às estruturas práticas da experiência" (1998, p. 33).

Portanto, a passagem do espaço vazio para o espaço pleno reside na realização das práticas de espaço. O próprio Joseph aponta o caminho para tal entendimento, pois, para o autor, o que instaura o espaço público urbano é uma relação com aquele que o atravessa, que o explora (Joseph, 1998), que faz com que o intruso seja aceito, que se dissipe no espaço. Portanto, enquanto o espaço vazio se caracteriza pelo momento da primeira interação, o espaço pleno, caracteriza-se pela realização da ação, perpassando pelo reconhecimento do outro, que se dá nos processos de escuta e que atribui ao espaço público o caráter de visibilidade mútua (Joseph, 1996).

Neste ponto, parece-nos que a analogia com os vazios urbanísticos tem alguma pertinência, pois para Joseph "o espaço não é um invólucro nem um vazio no interior do qual se desenrola um drama ou uma ação" (2004, p.76). O vazio pode ser assim compreendido como o que ainda não se realizou se não houver as práticas socio-espaciais que os signifiquem (Figuras 3 e 4). Em confirmação a isso, Joseph complementa: "daí, a atenção ao tratamento qualitativo e sensível dos espaços urbanos, garantia de um sentido e de uma adequação aos usos que os citadinos lhes dão (2004, p.76).

Figura 3 – Espaço vazio. Fonte: Autoral (2024)

Figura 4 – Espaço pleno. Fonte: Autoral (2024)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TANGENCIAMENTOS SOBRE AS PRÁTICAS DE ESPAÇO

Em comum, Certeau e Joseph investigam o cotidiano a partir das práticas de espaço através do ato caminhante. Ato esse que possibilita experimentar pelos sentidos, no espaço-tempo de sua realização, participar da criação da ambiência do lugar como entendia por Thibaud (2012, p. 10). Segundo esse autor, estudioso das ambiências: "...o ato de andar tem sido eleito como ponto de partida da reflexão e permitido problematizar a relação sensorial do morador com o seu entorno urbano" (Thibaud, 2012, p. 4), o que nos possibilita estabelecer o diálogo entre os autores trabalhados e a questão das ambiências.

Assim, para Joseph, o espaço pleno se realiza a partir do ato de caminhar no espaço urbano. Encontramos no ato de caminhar em Joseph, a descrição de uma prática de espaço que o autor considera cheia de interações com os outros indivíduos, com a paisagem e com os dispositivos que equipam o espaço (Joseph, 1999). Assim como já havia sido explicitado anteriormente, esta prática diz respeito ao habitante do urbano como ser de locomoção, mobilizando a percepção e a visibilidade no espaço público. O ato de caminhar ou deambular seria, portanto, "um ato de conhecimento do espaço", ao mesmo tempo, esse ato permite uma "deambulação no universo das coisas" (Joseph, 2004, p. 74).

Nesse ponto, é possível observar também as práticas de espaços em Certeau. Como já discutido anteriormente, as práticas espaciais relacionam-se ao conceito de espaço realizado a partir das mesmas, tomando a microescala das ações cotidianas para se materializar. Sobre essas ações, Michel de Certeau faz inferências ao ato de caminhar que nos leva à importante reflexão enquanto prática de espaço, como já explicitado. Em Joseph, encontramos considerações que dizem respeito ao ato caminhante, como já tratado, que tangenciam as observações de Certeau e põem em diálogo a percepção dos dois autores sobre o espaço como um ato praticado. As assertivas de Joseph quanto ao ato caminhante corroboram, de certa forma, ao que Certeau

afirma acerca do espaço que precisa das práticas para sua realização. Destacamos aquilo que estabelecem os pontos de contatos entre os autores ora discutidos. Joseph aponta que o espaço público diz respeito ao transeunte, que pode ser o homem comum, ordinário, sujeito da ação nos dois autores. Para Joseph a realização do espaço público se dá a partir daqueles que o percorrem, o atravessam. É dessa maneira que podemos estabelecer as relações com o ato de caminhar, antes enunciado, nos dois autores.

Portanto, encontramos também em Joseph correlações com a tripla função observada por Certeau acerca do ato caminhante como uma prática de espaço. Desta forma, o lugar do espaço público é o lugar do reconhecimento. É a partir da prática de espaço que se firma a necessidade de um comportamento que advém desse encontro com o outro, que é capaz de colocar "o outro em face". Todavia, uma ressalva se faz necessária, esse encontro não se dá necessariamente em bases contratuais e de trocas, as bases podem ser conflituais como aponta Certeau. Segundo essa perspectiva, Joseph também aponta que quando se atinge o espaço da rua, o espaço urbano pode ser interpretado segundo a sua capacidade de aproximar ou distanciar (Joseph, 1999). Por fim, considera-se que a partir da narrativa dos dois autores, o ato caminhante ao realizar o espaço público das cidades tem papel fundante para as ambiências urbanas.

4. BIBLIOGRAFIA

ARENDT, H (1991). A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CERTEAU, Md (1994). A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

GOFFMAN, E (1985). A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes.

JOSEPH, I (2004). Belém: paisagem, coisa pública. In: Cadernos do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ano 18, n.1 e 2. Rio de Janeiro: UFRJ/ IPPUR.

JOSEPH, I (1992). L'espace public comme lieu de l'action. In: Les Annales de la recherche urbaine. Espaces publics en villes. N. 57-58.

JOSEPH, I (1988).El transeunte y el espacio urbano. Buenos Aires: Gedisa.

JOSEPH, I (1999). Paisagens urbanas, coisas públicas. Repositório Institucional. *https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2954*. Acesso em: 10/05/2016.

LEITÃO, L (2014). Onde coisas e homens se encontram: cidade, arquitetura e subjetividade. São Paulo: Annablume.

LÉVI-STRAUSS, C (1957). Tristes trópicos. São Paulo: Anhembi.

MARTINS, DL (2018) Narrativas sobre a materialidade do espaço público na cidade brasileira contemporânea: o caso da cidade de João Pessoa. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SIMMEL, G (1979). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar.

THIBAUD, JP (2012). A cidade através dos sentidos. *https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf*

R44

A SCREENSHOT OF THE PRINTED VERSION: URBAN SENSIBILITIES RECORDED IN CONTEMPORARY IMAGES

UM PRINT DO IMPRESSO: SENSORIALIDADES URBANAS REGISTRADAS NAS IMAGENS DO CONTEMPORÂNEO.

Luiza de Farias Melo
Mestra em Arquitetura
Professora do Ecossistema Ânima
luiza.melo@fau.ufrj.br

ABSTRACT
The article relates how digital communication and practices of image recording and sharing have transformed the perception and interaction with urban space. It references the works of Byung-Chul Han (2018), who notes how digital communication tends to become narcissistic and incapable of creating eloquent narratives, and Giselle Beiguelman (2021) and Susan Sontag (2004), who discuss the evolution of images and the emergence of selfies as new forms of sensoriality and visual engagement. The article argues that image and urban experience are interconnected in narratives about presence in contemporary environments, with selfies and digital image production offering new forms of participation and expression in modern spaces, but also creating a fragmented and algorithmic reality on digital platforms.

KEYWORDS: Sensoriality. Image. Urban. Selfies. Ambiances.

RESUMO
O artigo relaciona como a comunicação digital e as práticas de registro e compartilhamento de imagens têm transformado a percepção e interação com o espaço urbano. Utilizando como referências as elaborações de Byung-Chul Han (2018), que observa como a comunicação digital tende a se tornar narcísica e incapaz de criar narrativas eloquentes; e de Giselle Beiguelman (2021) e Susan Sontag (2004), que discutem a evolução da imagem e a emergência das selfies como novas formas de sensorialidade e engajamento visual. O artigo argumenta que a imagem e a experiência urbana estão interligadas nas narrativas sobre a presença nas ambiências contemporâneas, com as selfies e a produção digital de imagens oferecendo novas formas de participação e expressão nos espaços contemporâneos, mas também criando uma realidade fragmentada e algorítmica nas plataformas digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Sensorialidade. Imagem. Urbano. Selfies. Ambiências.

1. INTRODUÇÃO
O filósofo Byung-Chul Han, que escreve sobre a cultura contemporânea, nos diz que “a comunicação digital se torna cada vez mais sem corpo e sem rosto. (...) [o smartphone] abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do smartphone, o outro não fala” (Han, 2018, p. 29). Acordando ou não integralmente com a afirmação, é perceptível que as formas atuais de registrar, produzir e compartilhar imagens vêm modificando substancialmente o modo como se enxerga e se relaciona com o entorno. Neste contexto, a produção do espaço urbano aparece como uma temática particularmente intrigante e relevante sobre este momento de disputa nas construções imagéticas e de narrativas sensíveis.

No tempo e espaço da internet 3.0, dos smartphones e de toda sorte de promessas futurísticas que são evocadas para o futuro, observa-se uma reafirmada preponderância do olhar sobre outras sensorialidades do corpo. Mas, se no urbanismo moderno, a ideia de ponto de vista único era uma das principais tônicas estruturadoras do espaço, hoje, a imagem sobre/de/para a cidade se transforma em um lugar mais complexo e transitório.

De acordo com a arquiteta e pesquisadora Giselle Beiguelman (2021), a imagem contemporânea inaugura uma outra forma de ver, onde o observador se encontra simultaneamente dentro e fora das imagens que cria, aprecia, aparece e engaja. A visão no corpo metropolitano atual não é apenas de um espectador passivo das imagens produzidas pelo Estado ou pelo capital financeiro: ao contrário, são imagens produzidas e compartilhadas pelo mesmo agente vidente e toda a comunidade digital. Desse modo, entende-se que a ação de ver contemporânea é formada por camadas de opções não só passivas, mas também ativas, de escolhas e respostas encorajadas e simultâneas.

O espaço urbano, incorporado nessa dinâmica, passa a ser acionado nas narrativas visuais contemporâneas a partir da evocação e proposição participativa de seus significados e sensorialidades. Isto é, os atores que habitam a cena urbana passam a transformar de maneira ainda mais incisiva a produção imagética sobre eles, afetando o imaginário e os atravessamentos sensíveis aos quais ele toca.

Dizer que existe uma nova produção e organização das imagens e do olhar também altera de forma significativa as relações imbricadas entre as experiências e eventos urbanos. Estas ambiências urbanas, consideradas como cenários performáticos, tornam-se fragmentos de presença e docilizam a experiência que se difunde e espalha em múltiplas espacialidades. Este registro, compartilhado através de uma determinada gramática, passa então a ser uma ação necessária para a efetivação da experiência urbana, principalmente o registro daquilo que, antes extraordinário, torna-se aos poucos disciplinado, a inscrição da presença do e em um evento.

Trazendo como lugar de análise e leitura produção de imagens e selfies em eventos públicos urbanos, produzidos e compartilhados em redes digitais, este artigo propõe a discussão da imagem como objeto presente em uma ressensorialização das ações dos corpos nas ambiências contemporâneas. Apresentando uma bibliografia multidisciplinar sobre os temas da experiência urbana, da imagem e da presença nas ambiências urbanas, pretende-se elaborar sobre estes registros imagéticos em sua recente incorporação como imperativo da presença e da experiência nas cidades. Longe de encerrar ou definir o tema, o artigo busca, antes, abrir canais de discussão através das ambiências contemporâneas, incorporando a produção das imagens e sua importância para a experiência urbana.

2. IMAGEM: DA FOTOGRAFIA À SELFIE

Susan Sontag é uma teórica seminal para se pensar a fotografia enquanto uma criação amplamente reflexiva, ou seja, que leva em consideração não somente os dispositivos e processos físicos das lentes, mas também por incorporar e envolver o fotógrafo (e seu contexto) enquanto parte fundamental para a criação fotográfica. Em seu livro Sobre a Fotografia (2004) a autora, vivendo em um contexto de indústria cultural analógica, nos adianta que "Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento — e, portanto, ao poder". (p.8)

Essa apropriação relacional, em que o fotógrafo é posto em relação ao contexto em que está imputado, é fundamental para compreender que fotografar não é um ato descolado da experiência, nem desinteressante ao contexto em que está. Mais do que representar em imagem o fragmento de um momento, fotografar mobiliza duplamente a presença, é "um modo de atestar a experiência, tirar fotos é também uma forma de recusá-la – ao limitar a experiência em uma imagem um suvenir" (Sontag, 2004 ,p. 20).

Desse modo, Sontag (2004) nos coloca que a experiência de fotografar é, a priori, ambígua, pois a câmera, em interação com o corpo do fotógrafo, subentende uma mediação com a ambiência que se habita, enquanto também cria uma relação de imersão a um recorte específico, uma atenção "redobrada" ao enquadramento que se pretende registrar.

No final do milénio passado (e, sobretudo, nos anos 2000), com o surgimento das câmeras digitais portáteis e da difusão da internet comercial, presenciamos uma popularização ainda maior da possibilidade de fotografia. Com câmera compactas, de usabilidade acessível a uma pessoa comum, a fotografia e as imagens geradas por ela passaram a ser uma linguagem praticada por uma parcela bem maior da população que, até então, ocupava um lugar passivo na produção imagética.

Ao longo do século XX, a produção imagética se caracterizou por um controle vertical de quem produz e veicula imagens, diante do custo, do tamanho dos aparelhos e do conhecimento técnico empregados para criação de fotografias e produtos audiovisuais. No entanto, com o maior acesso a câmeras e internet, inclusive no Brasil, se assiste a emergência de plataformas como MySpace, Fotolog, Flickr e Orkut onde uma profusa e mais diversa produção imagética digital começava a se desenhar e estabelecer.

No entanto, é a emergência dos smartphones que torna essa popularização ainda mais dramática. A incorporação da câmera e da internet ao aparelho telefônico torna possível engenderar em um único dispositivo a mobilidade, o registro e a difusão imediata, conectada da produção de imagens. O interesse do público pela produção de imagens foi tão irresistível que em poucos anos, também surgem celulares com um sistema duplo de câmera.

Primeiramente com os Iphone 4 e, em poucos tempo, tornou-se status quo o uso de celulares com câmeras frontais que possibilitam a autofotografia, ou como ficaram conhecidas, as selfies. Torna-se possível então, o registro próprio controlado pelo próprio fotógrafo, independente de um olhar e enquadramento externos, preservando não só a autoria do próprio ser fotografado, mas garantindo também uma espécie de conforto em tal exercício. Torna-se possível estar e registrar-se concomitantemente, registrar enquanto se está.

> Selfie não é apenas um tipo de imagem, mas também, e principalmente, uma nova prática, um fenômeno global que emerge da relação entre a fotografia e o smartphone. Tal neologismo – já dicionarizado – indica o hábito de tirar uma foto de si, um tipo de autorretrato, a partir da câmera fotográfica do aparelho celular. Uma prática, portanto, que emerge das próprias experiências de fotografia cotidiana atuais, associadas a uma grande interação com as tecnologias e mídias digitais (Pastor, 2017, p. 159)

Entender a selfie enquanto uma prática nos auxilia a compreendê-la dentro do universo contextual que são as ambiências. Entendendo-a enquanto fotografia, como traz Sontag (2004), que atesta uma assinatura de presença (e alienação) do contexto em que se habita, como também uma experiência assentida e praticada no contemporâneo.

Dentro do intervalo em que essa prática está inscrita, pode-se observar que o processo de surgimento e consolidação da imagem digital está interligado ao de acesso a uma internet à internet, sendo o smartphone o dispositivo último deste encontro.

3. AS SENSORIALIDADES TÉCNICAS NA IMAGEM CONTEMPORÂNEA

Dito isso, é importante entender que para além do entendimento do registro fotográfico como aquilo que evidencia a presença e autoria do sujeito, a selfie também é capaz de "proporcionar à imagem propriedades conversacionais" (Pastor, 2017, p. 160). Ou seja, além de possbilitar o autorretrato instantâneo, ela também pressupõe uma necessidade de compartilhamento que coloca a selfie em um contexto comunicante que, com o surgimento das plataformas e das redes digitais, entendemos como um contexto informacional.

Beiguelman (2021) argumenta que o novo contexto tecnológico e imagético é profundamente transformador. Ela sugere que há uma ruptura com o pressuposto da separação dos sentidos e da autonomia da visão em relação ao corpo da Modernidade, um aspecto que foi fundamental na reorganização da subjetividade e da vida que surgiu com o capitalismo industrial e a urbanização do século XIX.
Desse modo, o olhar passa a se derramar sobre os outros sentidos, maximiza-se os

olhares para além dos olhos, o olhar torna-se também toque e audição, espalhando-se noutras formas de percepção. Assim, as imagens passam a ser sistêmicas e prometem uma vida "além-tela", na qual as imagens se expandem e são mediadas por todo o corpo: "Imagens Expandidas, para além das telas, e que mobilizam o corpo na sua integralidade, sem se limitar aos olhos, ocupando a cidade" (Beiguelman, 2021, p. 14). Mais do que isso, ao que

> (...) tudo indica que a imagem será tocável, porosa e produzida por um sujeito que olha, enquanto vê a si mesmo, de dentro da imagem. Ela se diferencia da imagem videográfica, nos moldes televisivos, por deixar de se comportar como uma linha divisória, que demarca o território do receptor e da mídia, para transformar-se em uma espuma. Essa espuma não deixa de separar o sistema de seu entorno, mas permite a permutação entre esses termos, de forma permeável e variável. (Beiguelman, 2021, p. 28-29)

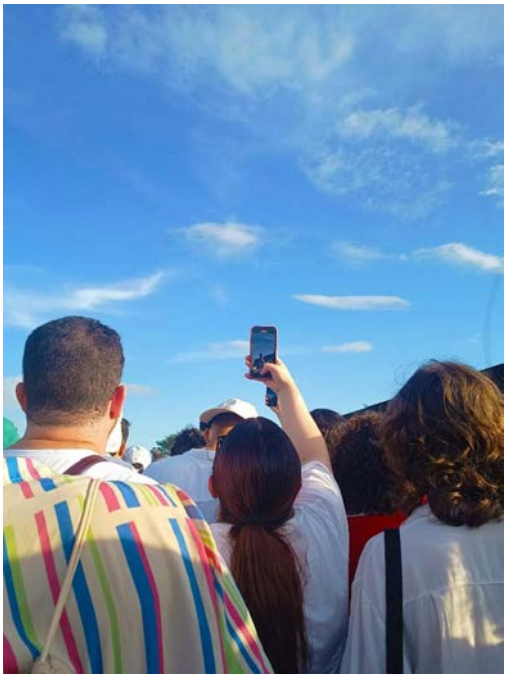


Figura 1: Pessoa na multidão registrando transmitindo a presença de Marina Abramovic em Pernambuco.
Fonte: Foto da Autora, 2024.

Com o tempo, a operacionalização da web 2.0 torna-se lucrativa e começa sua inserção massiva no sistema de produção e acumulação de capital. Neste sentido, as experimentações iniciais (e até ingênuas) de uma maior democratização de meios e acessos passa a também co-existir com o surgimento e apropriação de Big Techs buscando deter os filtros de controle das trocas imagéticas nos ambientes digitais (Morozov, 2018).

A partir do momento em que este mercado digital torna-se possível, tanto as imagens digitais, como as comunicações e as interações possibilitadas por elas passam por uma maior disciplinarização para monetização destas trocas. Com isso, presenciamos a emergência constante e crescente de estruturas linguísticas e simbólicas que venham dar conta da produção imagética. Emojis, memes, figurinhas e tantos outros dispositivos passam a figurar como linguagem compartilhada, codificada e corrente de usuários nichados nas plataformas digitais. Neste aspecto, Crary (2018) acrescenta:

> Ao mesmo tempo, as imagens estão estreitamente ligadas a todas as formas não visuais de informação com as quais entramos em contato. A instrumentalização da percepção sensorial é apenas um dos elementos envolvidos nas atividades cumulativas de acesso, armazenamento, formatação, manipulação, circulação e troca. Fluxos incalculáveis de imagens estão onipresentes 24/7, mas o que ocupa a atenção do indivíduo, na verdade, é administrar as crescentes condições técnicas que as circundam. (p. 57).

Para o autor, há um desenho das plataformas para adaptação ao mercado das Big Techs e extração dataística. Nisto, há uma administração da percepção sensível, uma escolha de quais serão os modos possíveis das imagens circularem e dos sujeitos interagirem nos ambientes das plataformas digitais, quais maneiras serão prioritariamente encorajadas (e monetizadas).

4. A PRESENÇA DIFUSA NAS AMBIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

No entanto, apesar de ser visivelmente massiva a produção de imagens nos e dos espaços urbanos, sobretudo nestes momentos de maior enlevo, de "desocupação" e de lazer, ilustrados aqui através de eventos abertos, pela arquitetura das principais plataformas digitais, elas geralmente nos são inacessíveis. Redes como Whatsapp, Instagram, TikTok e Kwai, trabalham a partir de uma lógica algorítimica que busca dar visibilidade, ou seja, fornecer acesso e relevância para postagens específicas.

Nesse modelo de negócios, apesar de um dito compartilhamento irrestrito para aqueles perfis que são públicos, há o impulsionamento de conteúdos selecionados, direcionados pelo privilégio adquirido a partir de programas pagos de divulgação e marketing ou que gerem visualizações capazes de mineração de dados (e com isso, fornecer números que serão convertidos em possibilidade de anúncio e publicidade). Desse modo, boa parte da produção imagética dos e nos espaços são geralmente estanques para visualização fora da "bolha" do usuário que compartilha e encontra-se entregue em uma lógica opaca de maior rentabilidade, cujas operações são constantemente modificadas a partir das modificações nos padrões de circulação e consumo dentro destas plataformas.

Com isso, pode-se dizer que, apesar da sociedade produzir e compartilhar mais imagens do que jamais se produziu, boa parte destes recortes (mesmo aqueles de acesso público) estão perdidos em uma gama de difícil visibilidade, ou ainda, reproduzem uma gramática que poderá quantificar acessos, likes, comentários. Assim, as "fotos-troféus" (Sontag, 2004, p.11) ganham novos contornos, tornam-se "instagramáveis".

Sontag (2004) já se preocupava com o ato de fotografar enquanto uma maneira de dirimir uma ansiedade não-produtiva e uma necessidade de participar no evento público, de dominá-lo. Desde o século passado, a teórica reparava que o ato de fotografar funcionava como uma prova de existência e de presença em um evento que, aos poucos foi perdendo seu sentido fenomenológico, sendo substituído pela sensação de cumprimento de uma atividade. Desse modo, fotografar torna-se uma participação do sujeito que transforma significativamente o objetos fotografados

> Enquanto os demais são espectadores passivos, nitidamente alarmados, ter uma câmera transformou uma pessoa em algo ativo, um voyeur: só ele dominou a situação. O que veem essas pessoas? Não sabemos. E não importa (...) Tirar fotos estabeleceu uma relação voyeurística crônica com o mundo, que nivela o significado de todos os acontecimentos. (Sontag, 2004, p.12).

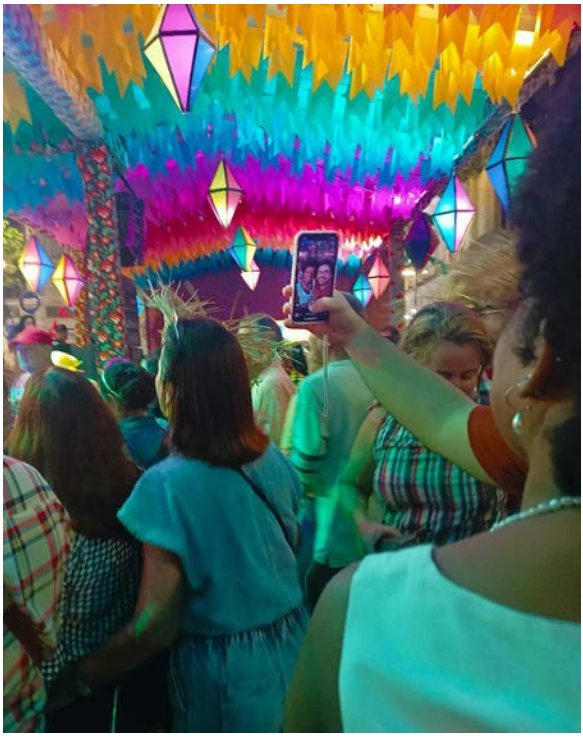


Figura 2: Casal fazendo selfie em festa junina no Recife.
Fonte: Foto da Autora, 2024.

Somando-se uma ação voyerística com uma lógica produtivista temos a criação de uma coleção de imagens extensa, mas que, diante da organização estrutural das plataformas sociotécnicas não incentiva uma pluralidade. A partir de uma ideia de capitalização e acumulação, produz-se uma quantidade vertiginosa de imagens que não se constituem enquanto um imaginário ilustrativo. Como coloca Han (2021): "A coação de produção destrói o espaço para jogos e narrativas. O trabalho algoritmo do cálculo não é narrativo, mas meramente aditivo. (...) Algoritmos calculam, mas não contam. A passagem do mito para o dataísmo é a passagem do conto para o cálculo puro." (Han, 2021, p. 81)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, longe de fornecer fechamentos para as correlações entre imagem, experiência e presença nas ambiências contemporâneas, busca apontar que, em pouco tempo, as maneiras de habitar têm apresentado facetas distintas. Se antes, era possível distinguir bem as fronteiras entre o estar aqui e o estar lá, entre o olhar e o tocar, entre a passividade e atividade nos contextos urbanos, cada vez mais, vemos estes limites desaparecerem em uma nuvem de atuações concordantes.

De maneira mais ensaística, perpassada de considerações de diversos estudiosos sobre o fenômeno contemporâneo da produção e compartilhamento imagético, buscou-se aqui destacar que a imagem e o imaginário, entendido como coleção coletiva destas criações, enquanto fundamentais para se pensar e agir através das ambiências contemporâneas. Basta atravessar qualquer espaço urbano ou evento contemporâneo, pegar um ônibus ou metrô, ir à praia ou ao parque, que iremos constatar que é através da produção de imagens, sobretudo das selfies, que as pessoas inscrevem e compartilham sua presença.

Dito isso, algo fundamental que atravessa as elaborações trazidas aqui é que para análisar as presenças humanas, encarnadas nas ambiências contemporâneas, é necessário levar em consideração que o corpo encontra-se cada vez mais cindido, pulverizado e multiplicado em diversas atenções e sensorialidades. Se a reunião sensível proporcionada pelo corpo é o que nos permite interagir, experienciar e agir – catalisando a todo tempo diversos aspectos híbridos entre estímulos e ações -, atualmente, estas interações se dão combinadamente em ambientes que podem ser aparentemente dicotómicos, porém que são reunidos nas sensibilidades dos sujeitos contemporâneos que as experimentam de maneira somativa e relacional.

Como coloca Ribeiro (2024), a ideia aqui é "colocar no mesmo plano de agência "usuários" comuns, influenciadores, publicações, infraestruturas tecnológicas, interesses das big techs, entre outros actantes, para descrever o que acontece nas plataformas de redes sociais" (p.10), evitando que conceitos pré-estabelecidos se tornem barreiras para se pensar a permeabilidade entre todas estas dimensões, materiais, narrativas, técnicas, etc. buscando corresponder "essas relações sem

caracterizá-las em 'reinos' do real e do virtual, do social e da técnica, da subjetividade e da objetividade. Por essa razão, ela pode ser útil, nos conduzindo a análises menos lineares, causais e antropocêntricas." (p. 10)

Se assentirmos com a fala de Pallasma (2008) quando ele afirma que: "Como arquitetos, nós não projetamos edifícios primordialmente como objetos físicos, mas como as imagens e os sentimentos das pessoas que os habitam" (p. 485), precisamos pensar que estas novas organizações de imagens sensíveis a um novo olhar, percebido e prometido, estão transformando nossas sensibilidades de maneira signficativa.

6. BIBLIOGRAFIA

Beiguelman, G. (2021). Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora.

Crary, J. (2016). 24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora.

Han, B.-C. (2018). No enxame: Perspectivas do digital. São Paulo: Editora Vozes.

Han, B.-C. (2021). O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente (G. S. Philipson, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes

Morozov, E. (2018). Big tech: A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora.

Pallasmaa, J. (2008). A geometria do sentimento: O olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In K. Nesbitt (Org.), Uma nova agenda para a arquitetura (pp. 481-491). Cosac Naify.

Pastor, L. (2017). Prática do selfie: experiência e intimidade no cotidiano fotográfico. Contracampo, 36(2), 157-173. agosto-novembro de 2017.

Ribeiro, S. (2024). Etnografando stories: experimentações sociotécnicas nas mídias digitais. Horizontes Antropológicos, 68. Postado online em 30 de abril de 2024. Consultado em 22 de junho de 2024. *http://journals.openedition.org/horizontes/8924*

Sontag, S. (2004). Sobre a fotografia. São Paulo: Companhia das Letras.

R44

TO WALK THROUGH SÃO PAULO: THE URBAN IMAGINARIES OF MOVIE DEMENTIA (1987)

CAMINHAR POR SÃO PAULO: OS IMAGINÁRIOS URBANOS DE FILME DEMÊNCIA (1987)

Giulia Montone
Arquiteta e Urbanista
Mestranda (FAPESP - processo 2024/05995-5)
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)
giuliamontone@usp.br

ABSTRACT

This article aims to reflect on the act of walking through the city and its influence on the construction of São Paulo's urban imaginaries in *Movie Dementia* (Carlos Reichenbach, 1987). The end of the Military Dictatorship is the setting for a São Paulo Faust based, above all, on the writings of Goethe, in which the protagonist sets out on an urban wander in search of a landscape from his dreams and daydreams. Between oneiric visions and scenes of pessimistic realism, Reichenbach invites us to spatialize the plot in the city, through the remembrance of the Cinelândia Paulista. Based on the formulations of Bachelard (2009) and Certeau (2008), the article aims to incorporate the contributions of Dynamic Imagination and the Sociology of Everyday Life into the analysis of the walks.

KEYWORDS: Walking. Urban wander. Everyday life. Imagination. Urban imaginary.

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre o ato de caminhar pela cidade e sua influência na construção dos imaginários urbanos de São Paulo em *Filme Demência* (Carlos Reichenbach, 1987). O final da Ditadura Militar é o cenário para um Fausto paulistano baseado, sobretudo, nos escritos de Goethe, no qual o protagonista se lança à uma deambulação urbana em busca de uma paisagem presente em seus sonhos e devaneios. Entre as visões oníricas e cenas de um realismo pessimista, Reichenbach nos convida a espacializar a trama na cidade, por meio da rememoração da Cinelândia Paulista. Com base nas formulações de Bachelard (2009) e Certeau (2008), o artigo busca incorporar as contribuições da Imaginação Dinâmica e da Sociologia do Cotidiano à análise das caminhadas.

PALAVRAS-CHAVE: Caminhada. Deambulação. Cotidiano. Imaginação. Imaginário urbano.

1. INTRODUÇÃO

Em *Walkscapes: o caminhar como prática estética* (2013), como o título sugere, Francesco Careri defende que caminhar pelos espaços promove a sua transformação simbólica (e física). Por meio de uma arqueologia do caminhar, o autor enfatiza a potência transformadora desse ato, ao relatar as relações estabelecidas com o espaço desde os primeiros nômades até os artistas da land-art dos anos 1960 e 1970. Entretanto, nos parece que essa equação seja apresentada de forma um tanto sintética, suprimindo processos que ocorrem nas passagens do não-lugar ao lugar, e vice-versa. Do ato de caminhar à efetiva transformação do espaço, acontecem outros processos que acabam por atribuir significado e sentido a eles, tornando-os lugares. Para a elaboração deste artigo, consideramos que uma possível resposta para essa lacuna seja a imaginação. Segundo Gaston Bachelard (2009), a imaginação é não apenas uma faculdade humana, mas toda a sua existência, pois é por meio dela que agimos sobre o mundo. A imaginação ocorre quando estamos

em estado de relaxamento, e nos permitimos sonhar acordados, devanear. "De um modo mais geral, é preciso recensear todos os desejos de abandonar o que se vê e o que se diz em favor do que se imagina. (...) Perceber e imaginar são tão antitéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova." (Bachelard, 2009, p. 3). A partir desta formulação, podemos especular que o ato de caminhar, em si, não transforma o espaço, mas sim as pausas ao longo do caminho, pois é quando paramos e sonhamos acordados que imaginamos o mundo.

Para Gaston Bachelard (2009), imagem, imaginação e imaginário não são sinônimos. As imagens, fruto da percepção visual, passam por processos deformadores e transformadores pela imaginação, para constituir o imaginário. Estes dois últimos se alimentam de maneira recíproca e contínua. Em *O Ar e os Sonhos - Ensaio sobre a imaginação do movimento* (2009), o autor enfatiza as propriedades da imaginação dinâmica, que oscila entre polos opostos como micro-macro, claro-escuro, ascensão-queda. "A imaginação dinâmica une os pólos. Permite-nos compreender que algo em nós se eleva quando alguma ação se aprofunda – e que, inversamente, algo se aprofunda quando alguma coisa se eleva." (Bachelard, 2009, p. 109). Em busca dos imaginários urbanos de *Filme Demência* (Carlos Reichenbach, 1987), uma possível estratégia pode ser identificar esses pares de movimentos na narrativa cinematográfica e na história de São Paulo: a trama se desenvolve entorno dos sonhos do protagonista, ao mesmo tempo que revela os problemas cotidianos da capital paulista, por meio de caminhadas.

As formulações de Certeau (2008) a respeito das *Práticas de Espaço* apontam para esse mesmo sentido. Segundo ele, olhar a cidade do alto de um edifício (ou mesmo de um helicóptero, ou satélite), como fazem os arquitetos e urbanistas, significa fugir da multidão de caminhantes que praticam, de fato, o espaço urbano. "Será necessário depois cair de novo no sombrio espaço onde circulam multidões que, visíveis lá do alto, embaixo não vêem? (...) um cartaz, semelhante a uma esfinge, propõe um enigma ao pedestre por instantes transformado em visionário: *It's hard to be down when you're up*." (Certeau, 2008, p. 170, destaque nosso). O caminhar, essa experiência "antropológica, poética e mítica" (Certeau, 2008, p. 172) do espaço revelaria, por trás da cidade planejada pelo olhar totalizante das plantas e dos mapas, uma cidade transumante ou metafórica, acessível somente pela experiência cotidiana junto ao rés do chão.

Nas palavras de Deleuze e Guattari (1996), a cidade é, por definição, um espaço estriado, em oposição ao espaço liso. Este segundo é indefinido, aberto a possibilidades, enquanto o primeiro se define por estrias, linhas que o direcionam e delimitam. Se por um lado, a ordenação do espaço em bairros, quadras, ruas e lotes facilita a localização nas cidades, por outro, esse sistema limita a ocorrência de percursos e encontros ao acaso. Nesse sentido, as experiências do grupo Stalker, um coletivo de caminhantes romanos, oferecem resistência ao estriamento do espaço, ao propor percursos pelas margens das cidades (Careri, 2013). Extrapolando seu

sentido geográfico, margem indica os meio-lugares, os lugares mutantes, os vazios urbanos, lugares que carecem de significado (social, histórico, artístico). Segundo Paola Berenstein Jacques (1997 como citada em Careri, 2013), o caminhar promove a passagem do não-lugar ao lugar, uma vez que essas categorias são infinitamente intercambiáveis, pois a possibilidade de se tornar um ou outro sempre existe. Propomos a investigação dessa passagem, por meio do caminhar, do perceber e do imaginar. É necessário percorrer o espaço para compreendê-lo e sobretudo, para atribuir-lhe significado. Caminhar por um não-lugar, perceber um não-lugar e imaginar um não-lugar, transforma-o em lugar. Carlos Reichenbach certamente sabia disso, e seu Fausto o faz de maneira magistral. Com base nas formulações de Bachelard (2009) e Certeau (2008), podemos dar início à análise das caminhadas que compõem *Filme Demência*.

2. CAMINHAR POR SÃO PAULO

Os primeiros minutos de *Filme Demência* anunciam a referência ao mito de Fausto. Publicada por Johann Spies, em 1587, a História do Doutor Fausto consistia em um compilado de contos da tradição oral germânica a respeito de um médico que fez um pacto demoníaco pela conquista do saber universal. Em pouco tempo, a história passou a ser adaptada por autores da literatura, do teatro, da ópera e do cinema. Segundo Watt (1996), uma possível explicação para o sucesso de Fausto é a sua relação com a moral vigente: sua versão original, renascentista, apresenta um tom religioso e contrário ao individualismo, uma vez que a busca do protagonista pelas suas aspirações pessoais culmina em sua morte e condenação ao inferno, servindo como exemplo aos curiosos a respeito da magia e do Diabo. Os volumes escritos por Goethe, sobretudo *Fausto I* (1806) e *Fausto II* (1832), ao contrário, revelam um contexto social e político mais favorável às aspirações individualistas do homem burguês, ao passo que retratam um protagonista "objetivo, irônico, isolado e carente de um senso moral apreciável" (Watt, 1996, p. 200, tradução nossa), cujo destino, apesar da morte, é a salvação, comunicada por sua antiga amante:

> "A generosidade final do perdão de Margarida, que desce do céu, muito depois de ter sido ofendida, parece um tanto inconvincente; mas isso não é atípico do procedimento geral de Goethe. Ele prefere não ser claro a ser claro demais; ele não busca o realismo psicológico, mas os efeitos do imaginário e do simbólico." (Watt, 1996, p. 203, tradução nossa).

Filme Demência mistura diversas leituras e adaptações do mito, sobretudo as escritas por Goethe, mas ao contrário, Carlão aposta em uma narrativa que combina elementos realistas do cotidiano paulistano às visões oníricas do protagonista para desenvolver o seu Fausto: por meio de caminhadas pela cidade, ele embaralha elementos autobiográficos à trama fáustica, criando o que viria a ser a sua obra mais pessoal, recheada de referências visuais e literárias (Lyra, 2007). Em 1984, um ano antes do fim da Ditadura Militar, após falir a sua empresa e prestes a se

divorciar, Fausto deseja fugir da realidade que o assola, e para isso, se entrega à uma deambulação[1] pela noite paulistana.

Um homem caminha na praia com um tubo de papel na mão, como um pôster enrolado; ele vê as costas de uma menina que olha para o mar; ela se vira e sorri para ele, mas quando se volta para o mar, a expressão serena do homem se enrijece. Assim começa *Filme Demência*. Após os créditos iniciais, a primeira sequência mostra o mesmo homem da abertura em um apartamento, sentado em uma poltrona, assistindo a um filme na televisão, de onde se ouve "Você tem razão, talvez seja melhor não saber" quando o filme acaba. Ainda sentado, o homem diz "Eu falhei".

A sequência seguinte tem início em um banheiro: o mesmo homem se vê multiplicado pelos reflexos dos espelhos. Vemos a imagem de uma ilha paradisíaca e ondas quebrando levemente na areia. De volta ao seu rosto perturbado, enquanto a água da torneira escorre, ele faz a barba, remove a lâmina do barbeador e a segura entre seus lábios. Abre a porta do banheiro e entra em um quarto escuro, onde uma mulher dorme sobre a cama. Ele acende o abajur. No vão da porta do banheiro, aparece a menina que estava olhando para o mar na sequência de abertura. Ele se volta para a mulher adormecida e corta sua camisola com a lâmina, depois acaricia seu corpo, também com a lâmina. Ele torna a olhar para a porta do banheiro, mas a menina não está mais lá. Ele deixa a lâmina sobre um cinzeiro, ao lado de um porta-retratos que o mostra abraçado à mulher que agora dorme. Ele tenta manter relações com ela; chamando-o de Fausto, ela o rejeita e sai do quarto pedindo pelo divórcio.

Ele desce para o estacionamento do prédio à procura de seu carro. O porteiro o relembra: sua fábrica de cigarros faliu e o banco tomou-lhe o veículo. Enfurecido, ele rouba a pistola do porteiro e parte em uma deambulação pelas ruas do centro de São Paulo. "O espírito não olha adiante nem atrás; o presente apenas..." diz uma cartela. A frase, que remete ao texto de Goethe (apesar de não a termos localizado), nos convida à detida observação dos planos do filme que, contrários a recomendação, retomam o passado da cidade de São Paulo. A cena seguinte mostra a placa do *Cineasta Hotel* (atual *Palacete dos Artistas* – Figura 01) denunciando o caminho que Fausto percorre caminhando pela calçada da Avenida São João e virando na esquina com a Avenida Ipiranga, passando pelo *Bar do Jeca* (Figura 02, atual *Sampa Bar e Restaurante*) no sentido que leva à Praça da República. Fausto passa um tempo no fliperama, alternando entre os jogos disponíveis. Ele sai do estabelecimento e caminha no sentido contrário de seu percurso inicial para entrar no *Cine Arcades* (Figura 03, atualmente fechado). Os pôsteres indicam os filmes em cartaz. Fausto para em frente ao pôster de *As Dores do Sonho*, que retrata uma figura de aparência demoníaca, sugerindo o acontecimento que sucede esse plano: Mefistófeles aparece pela primeira vez.

1 "A deambulação é um chegar caminhando a um estado de hipnose, a uma desorientadora perda do controle, é um *medium* através do qual se entra em contato com a parte inconsciente do território." (Careri, 2013, p. 80). A opção pelo termo "deambulação", no lugar de "deriva" ou "flanar", por exemplo, justifica-se pela sua definição enquanto prática que incorpora a perda de controle e a desorientação ao caminhar, como faz o protagonista de Filme Demência, Fausto. Além disso, o termo tem origem no Surrealismo, movimento ao qual Carlos Reichenbach presta homenagem citando textual e visualmente Luis Buñuel, André Breton e o poeta brasileiro Cláudio Willer.

M: Vai uma presença? (enquanto abre uma maleta com entorpecentes e utensílios diversos)

F: Que isso?

M: Uma viagem.

F: Quanto é?

M: Nada. Por hora, nada. (enquanto pega na lapela do terno de Fausto e acaricia seu rosto)

F: Sai, viado!

Mefistófeles desaparece.

(*Filme Demência*, 1987)

Figuras 01 a 06 - Fotogramas de *Filme Demência* (1987), onde se notam elementos característicos do Centro de São Paulo, como o antigo *Cineasta Hotel* (atual *Palacete dos Artistas*), o C*ine Arcades* (atualmente fechado), o antigo C*ine Marabá* (atual *PlayArte Marabá*), a Avenida Ipiranga e a Rua 24 de Maio. Fonte: acervo da autora.

O primeiro diálogo entre Fausto e Mefistófeles pode levar o espectador a crer que o pacto tenha sido firmado, pois o demônio insinua que a viagem será cobrada mais tarde, mas o personagem torna a aparecer repetidas vezes durante o filme, sob formas diversas (Figuras 07 a 11), até que, na sequência final, Fausto finalmente recusa a proposta: "Eu não tenho nem alma para te oferecer". Como tantos filmes de Carlos Reichenbach, *Filme Demência* caracteriza-se, em grande medida, pela sua espacialização na cidade. Se para Certeau, "caminhar é ter falta de lugar" (2008, p. 183), o impulso caminhante de Fausto é a prova de sua ausência, de sua carência de alma e de lugar na cidade. Nesse sentido, a escolha por realizar o primeiro dos encontros com Mefistófeles no espaço público reforça a tese de Watt (1996) ao atualizar a trama fáustica segundo as dinâmicas espaciais da metrópole do século XX. No *Fausto I*, de Goethe, Mefistófeles aparece pela primeira vez na forma de um cachorro que segue

ele e seu assistente, Wagner, até a sua casa e, só então, revela a sua identidade. Em *Filme Demência,* o protagonista caminha pelo centro de São Paulo em busca de um lugar para si, e encontra seu algoz, enquanto nós, espectadores, também buscamos o nosso lugar entre tantos cenários conhecidos e reconhecíveis. Assim como Mefisto, São Paulo se apresenta sob diversas formas no filme: as imagens da República, da Vila Matilde, da Avenida Paulista, da Liberdade e do Bom Retiro nos fazem confundir ficção e realidade, deformando-se e transformando-se para criar novos imaginários urbanos.

Figuras 07 a 11 - Fotogramas das aparições de Mefistófeles (Emílio di Biasi) em *Filme Demência* (1987).
Fonte: acervo da autora.

Por meio da montagem, o filme articula imagens reais e oníricas para exprimir as contradições do protagonista, mas também da cidade. Ao mesmo tempo que deseja fugir, Fausto é cada vez mais absorvido pela noite paulistana. Essa dualidade aproxima Reichenbach de Goethe. Nas palavras de Bachelard (2009), "Gênios menos aéreos, mais terrestres, como nos parece ser o gênio de Goethe, viverão mais brutalmente o instante do salto. Ouviremos, em seus versos, o calcanhar pisar o solo. Ao sabor de sua intuição terrestre, o solo, a terra dará poder ao que salta." (pp. 62-63). Retomando o enigma de Certeau (2008), talvez não seja difícil estar embaixo quando se está no alto, mas você precise estar embaixo para poder subir: **You need to be down to get up**. É fundamental que Fausto se aprofunde em sua queda, para que possa, no final, ascender e se libertar. Como o próprio diretor de *Filme Demência* afirma, "o importante é viajar, e não chegar" (Reichenbach in Lyra, 2007, pp. 189-190).

Após essa primeira aparição, Fausto se esquiva de Mefistófeles. Ele entra em uma sessão do cinema, cujo filme remete aos sonhos que tem tido: na praia, uma menina corre pela areia fugindo de uma figura demoníaca (interpretada pelo mesmo ator de Mefistófeles, Emílio de Biasi) que a chama em voz grave "Lenora!". Fausto sai do cinema e caminha em direção à Praça da República, passando na frente de um letreiro luminoso que diz "Playtime", fixado no antigo edifício do *Cine Ipiranga* e do *Hotel Excelsior* (onde apenas o segundo se mantém atualmente). Policiais abordam dois homens na calçada, quando um deles o chama e diz que é seu amigo, para se livrar das acusações dos policiais. Fausto mostra a sua carteirinha da FIESP (Federação dos Industriais do Estado de São Paulo) e confirma que aquele homem trabalha com ele. O outro homem é levado pelos policiais enquanto grita: "Ô Wagner, vai deixar eu me ferrar sozinho? Seu sacana! Ó, foi ele que falsificou a carteirinha pra mim. Filho da puta!". Assim é apresentado o mítico assistente de Fausto, agora na forma de um amigo de infância trapaceiro. Atrás deles se vê o Cine Marabá (Figura 04). Um corte nos leva para a Rua 24 de Maio (Figura 06), onde Fausto e Wagner caminham.

A sequência seguinte tem início pela seguinte fala:

> "Você agora é dos nossos, do universo dos fracassados, dos renegados, amórguidos alucinados, o desterro dos lúcidos. A tua falência é um estilhaço da civilização pós-moderna. Vai, Fausto, aproveite esse momento de revolta libertária e mergulhe de cabeça no limbo da sociedade. Tem que dar vazão à sua veia visionária. É da merda que nasce a epopéia. É dessa condição larvar que surgem os deuses." (Wagner, em *Filme Demência*, 1987)

Figuras 12 e 13 – Fotogramas de *Filme Demência* (1987). Fonte: acervo da autora.

Retomando a análise de Watt (1996), um mito é "uma história tradicional, amplamente conhecida pela cultura, creditada como uma crença histórica ou quase histórica e que incorpora ou simboliza alguns dos valores básicos de uma sociedade" (p. XVI, tradução nossa). É desse modo que alguns dos mitos fundamentais persistem ao tempo, atualizando-se e transformando-se para espelhar os valores morais contemporâneos. Como o próprio Carlos Reichenbach anuncia, nas palavras de Wagner, *Filme Demência* é um Fausto pós-moderno: a falência do protagonista representa a falência da civilização pós-moderna. A primeira fala do filme é "Eu falhei". A busca pelo conhecimento e ascensão, traz consigo uma verdadeira descida ao inferno, para retomar os termos de Bachelard (2009). Mais adiante no filme, Fausto e Wagner entram em uma boate, onde assistem a um show erótico, e depois vão para um hotel com uma das dançarinas. No quarto da prostituta, há um quadro retratando a paisagem que Fausto vê em seus sonhos e devaneios (Figura 12). É nesse momento que ele compreende o seu desejo: chegar a esse lugar. A mesma cena se repete mais tarde, quando ele reencontra a sua antiga amante (Figura 13). No início do filme, o protagonista sai de casa em busca de um alívio, mas durante a viagem, compreende que o seu verdadeiro desejo é encontrar a paisagem dos seus sonhos. Quando o destino se materializa no quadro da prostituta, ele enlouquece. É quando acontece o segundo encontro com Mefistófeles.

Figuras 14 a 19 - Fotogramas de Filme Demência (1987), onde se notam elementos característicos do Centro de São Paulo, como o *Edifício Itália*, o edifício da antiga *Escola Estadual Caetano de Campos* (atual sede da Secretaria da Educação do Estado de SP), a Praça da República, o antigo *Cine Oasis* e a *Fonte Monumental de Nicolina Vaz*. Fonte: acervo da autora.

Na esquina da Rua dos Timbiras com a Praça da República, Fausto toma café em um bar-e-lanches (Figura 16, atual *Centro Bar*), quando um homem (Emílio di Biasi) pergunta pelos cigarros Éden; o atendente responde que essa marca não existe mais, pois a fábrica fechou. Após recusar outros cigarros, o homem sai do bar, seguido por Fausto. Um corte nos leva para a calçada do antigo *Cine Oasis* (Figura 16, fechado atualmente), na Praça Júlio Mesquita. O homem continua sua busca pelos cigarros Éden em uma banca na esquina dessa mesma praça com a Alameda Barão de Limeira (Figura 18). Frustrado, ele se dirige à *Fonte Monumental de Nicolina Vaz* (Figura 19). Em uma clara inversão de papéis, Fausto oferece a ele o caminho para (os cigarros) Éden, os quais a sua fábrica produzia. Diante de sua confusão, é difícil estabelecer precisamente se este é um ato de generosidade, uma tentativa de se livrar do estoque de cigarros ou, quem sabe, a ação do espírito demoníaco de Mefistófeles o atraindo para o pacto novamente. De todo modo, o homem aceita a proposta e, juntos, eles pegam um ônibus com destino à Vila Matilde. A partir da descrição dos percursos deambulatórios de Fausto, podemos partir para uma análise dos imaginários urbanos de *Filme Demência.*

3. IMAGINÁRIOS URBANOS DE *FILME DEMÊNCIA*

Quase quarenta anos após o seu lançamento, *Filme Demência* nos conduz a refletir sobre o espaço urbano da metrópole, por meio das caminhadas pela cidade. Ecoando a narrativa fáustica, muitos dos edifícios fotografados estão fechados, subutilizados ou descaracterizados, atualmente. Os caminhos propostos por Carlos Reichenbach, não à toa, percorrem edifícios que fizeram parte da Cinelândia Paulista, fundamentais para a compreensão das dinâmicas espaciais que ali ocorriam durante

os anos 1950 e 1960, durante a modernização do centro da cidade. Esse cenário fez parte da juventude do diretor, que iniciou seu trabalho como fotógrafo e diretor na "Boca do Lixo", região no entorno da Rua do Triunfo, onde estavam localizadas diversas locadoras de equipamentos cinematográficos e produtoras especializadas em produções eróticas rápidas e baratas (Lyra, 2007). *Filme Demência* é seu primeiro (e único) filme financiado pela extinta Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S. A.), fato que o permitiu finalmente escancarar sua "avidez intelectual" (Reicheinbach in Lyra, 2007), sem a necessidade de construir cenas eróticas desnecessárias ao desenvolvimento da narrativa. Para realizar um Fausto brasileiro e pós-moderno, a estratégia das caminhadas se faz magistral, ao colocar o espectador frente aos problemas cotidianos da cidade e, ao mesmo tempo, produzir imagens do Centro que alimentam e estimulam a transformação do imaginário cinematográfico de São Paulo.

Conforme Santoro (2004), a consolidação do cinema como lazer em São Paulo teve um papel mais vinculado ao imaginário da modernidade do que a qualquer necessidade dos brasileiros e paulistanos. É fato que a quantidade de cinemas existentes na Cinelândia ao final dos anos 60 só foi possível devido à criação de aparatos técnicos necessários para a produção e exibição de filmes em larga escala, bem como à criação de condições urbanísticas favoráveis para tal. Entretanto, o que era, inicialmente, uma resposta ao desejo modernizador do Estado, foi de encontro aos desejos da imaginação dos paulistanos. Em outras palavras, São Paulo precisou transformar o imaginário simbólico da cidade, por meio da modernização de suas estruturas e de seus hábitos, para só então, transformar sua realidade. *Filme Demência* busca os vestígios dessa paisagem no Centro de São Paulo, já em transformação nos anos 1980, e bastante deteriorada atualmente: com exceção dos cinemas *Marabá* e *Olido*, em atividade ainda hoje, a maior parte[2] das salas da Cinelândia está fechada ou foi convertida para outros usos, além de muitas terem se tornado cinemas eróticos (Pereira da Silva & Vieira, 2024). Nesse sentido, a espacialização de *Filme Demência* por meio da deambulação é bastante favorável ao resgate da memória da Cinelândia Paulista, pois essa prática nos permite acessar elementos inconscientes do imaginário urbano, uma vez que constitui uma "exploração pelos limites entre a vida consciente e a vida de sonho" (Bréton, 1952, como citado em Careri, 2013). Da primeira à última cena, Fausto transita entre os mundos real e onírico, o que permite ao diretor intercalar elementos, por vezes, antagônicos, mas que representam fielmente o momento da Ditadura Militar no Brasil.

Como bem aponta Certeau (2008, p. 187), "A circulação física tem a função itinerante das superstições de ontem ou de hoje. A viagem (como a caminhada) substitui as legendas que abriam o espaço para o outro". *Filme Demência*, por meio da deambulação urbana, produz uma espacialização possível para o mito fáustico na cidade de São Paulo, expressando a dualidade de suas transformações, sejam

2 Apenas dois dos edifícios mencionados passaram por processos de conservação ou reforma recentes: o Cineasta Hotel (atual Palacete dos Artistas) e o Cine Marabá (atual PlayArte Marabá).

elas físicas ou simbólicas. Assim como Fausto precisa se aprofundar em sua ruína para que se reencontre, talvez as cidades precisem desse mesmo equilíbrio de movimentos. É somente a partir das imagens de seus sonhos que ele pode imaginar uma solução possível para os seus problemas. Entretanto, ninguém parece saber que lugar é esse, com exceção de Mefistófeles. Mira-Celi! Quando Fausto nomeia o seu destino, enlouquece, passando por cima de tudo e de todos. Após um encontro com o guru Honduras, ele parte em direção ao litoral. No caminho, concede carona a uma idosa. Ela desliga o rádio, que transmitia as notícias:

> I: O que ta acontecendo agora não interessa.
>
> F: Ah é? Então o que interessa, velha do diabo?
>
> I: Seguir o caminho.
>
> (*Filme Demência*, 1987)

Sob o disfarce de uma idosa, Mefistófeles realiza a sua última tentativa de seduzir Fausto. Ela anuncia o que está posto desde o início do filme: não importa o destino, mas o percurso. A grande viagem de Fausto se encerra quando o seu carro se choca contra um espelho que distorce a imagem da menina de seus sonhos. Ele acorda e vê a menina ao seu lado, na sala do apartamento onde o filme teve início. Começa uma música celestial. Ao lado da poltrona estão os cigarros Eden.

O final de *Filme Demência* não importa. À época de seu lançamento, muitos espectadores se dirigiam a Carlos Reichenbach para comentar suas impressões e análises do filme, uma vez que as cenas finais não esclarecem o destino do protagonista (Reichenbach in Lyra, 2007). Fausto morreu? Ele estava sonhando? Está sonhando de novo? O que importa é a viagem. Por meio das caminhadas por São Paulo, o filme nos convida a perceber os vestígios de uma cidade que não existe mais e, ao mesmo tempo, imaginar uma outra cidade que ainda não existe. Na prática da deambulação convivem pacificamente a necessidade sociológica de estar presente no espaço para compreendê-lo e a necessidade filosófica de ausentar-se dele para imaginá-lo. Afinal, entre a cidade dos sonhos e a cidade real, existe a cidade que cada um de nós vive.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

4. BIBLIOGRAFIA

Bachelard, G. (2009). O Ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento. Martins Fontes.

Careri, F. (2013). Walkscapes: o caminhar como prática estética. Editorial Gustavo Gilli.

Certeau, M. de (2008). A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Editora Vozes.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 5. Editora 34.

Lyra, M. (2007). Carlos Reichenbach: o cinema como razão de viver. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Pereira da Silva, L. C. & Vieira, J. L. (2024). Salas de Cinema de São Paulo. Resgate Histórico dos Cinemas de São Paulo. *http://www.cinemasdesp2.com.br/*.

Santoro, P. F. (2004). A relação da sala de cinema e o espaço urbano em São Paulo: do provinciano ao cosmopolita (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Watt, I. P. (1996). Myths of modern individualism: Faust, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe. Cambridge University Press.

R44

ARTISTIC IMAGES, URBAN IMAGINARIES AND "SPACING OUT" IN THE CITY

IMAGENS ARTÍSTICAS, IMAGINÁRIOS URBANOS E O ESPACEJAR NA CIDADE

Lúcia Leitão Santos
Professora Titular do Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento Urbano da UFPE
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco | LiArq
lucia.leitao@ufpe.br

Marília Farias
Doutoranda em Desenvolvimento Urbano da UFPE
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco | LiArq
marilia.farias@ufpe.br

Julieta Leite
Professora do Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento Urbano da UFPE
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco | LiArq
Julieta.leite@ufpe.br

ABSTRACT

The aim of this article is to draw attention to the psychic origin of the process of "spacing out", an issue proposed by Argan (2000), and its repercussion on subjectivity. From where it is born and how it is organized in the human spirit the will to "space out" (*spazieggiare*) was the question asked by the Italian theorist to which he did not find an answer. Having as theoretical references psychoanalysis, as well as philosophy and architecture, it is presented and discussed the hypothesis that "spacing out" would meet the demands and impositions of psychic life, unconscious, therefore, that go beyond the materiality proper to the building of human space. We conclude that "to space out" highlights the issue of spatiality as the effect of a driving force, a drive (*trieb*), as such unavoidable, which once manifested, evidences the creative imagination that originates the world of culture as we know it.

KEYWORDS: to space out. drive (*trieb*). creative imagination. urban imaginaries. walk.

RESUMO

O objetivo deste texto é chamar a atenção para a origem psíquica do processo de espacejar, uma questão proposta por Argan (2000), e sua repercussão na subjetividade. De onde nasce e como se organiza no espírito humano a vontade de "espacejar" foi a pergunta feita pelo teórico italiano para a qual não achou resposta. Tendo como referências a psicanálise, a filosofia e a arquitetura, apresenta-se e discute-se a hipótese de que espacejar atenderia a demandas e imposições próprias da vida psíquica, inconscientes, portanto, que vão muito além da materialidade própria à edificação do espaço humano. Conclui-se, argumentando que espacejar põe em evidência a questão da espacialidade como sendo o efeito de uma força motriz, uma pulsão (*trieb*), como tal incontornável, que, uma vez manifesta, evidencia a imaginação criadora que origina o mundo de cultura tal qual o conhecemos.

PALAVRAS-CHAVE: espacejar. pulsão (*trieb*). imaginação criadora. imaginários urbanos. caminhar.

1. INTRODUÇÃO

Este texto, resultante de um processo contínuo de pesquisas realizadas durante as duas últimas décadas, tem por objetivo refletir sobre a ideia de que o ato de espacejar — no sentido que lhe dá Argan (2000) — manifesta, fundamentalmente, demandas psíquicas incontornáveis que vão muito além da materialidade que lhe é própria ou a partir da qual esse ato é mais facilmente percebido. É essa condição intrínseca ao gesto de espacejar — esta é a tese que aqui se anuncia — que possibilita tanto a manifestação da imaginação criadora quanto a apropriação subjetiva da produção imagética que nos cerca.

Nesse sentido, tendo como referência a teoria psicanalítica, além de noções próprias do campo da arquitetura e da filosofia, partimos da premissa de que espacejamos movidos por um impulso incontornável — pulsão (*trieb*) em termos rigorosamente freudianos — em busca de nós mesmos e de nossa relação com o mundo. Dito de outro modo, o ato, originário, manifesto no espacejar, contemporâneo e análogo à emergência da linguagem, é elemento constitutivo da subjetividade e, como tal, mostra-se como condição para a criação e para a apropriação do mundo imagético tal qual o conhecemos e no qual estamos inseridos.

Wunenburger (2019) ratifica essa ideia ao assinalar que a produção imaginária do mundo opera como um suporte que projeta — ao tempo em que também se apropria — uma intencionalidade subjetiva, produzindo, com isso, uma interpretação singular do mundo.

É, pois, essa perspectiva teórica que nos leva a propor a hipótese de que, diferentemente do que se tem na teoria da arquitetura, o espacejar atenderia a demandas próprias da vida psíquica, e não apenas às razões objetivas que efetivamente expressa. Caso a nossa hipótese se mostre plausível, estaria aí a razão da repercussão imagética do espacejar no psiquismo humano. Dito de outro modo, a partir da hipótese formulada, ter-se-iam aí, nesse ponto, os motivos que levam a arte imagética a se configurar como estrutura mediadora do mundo — instaurando, assim, relações novas entre a terra e o céu, como escreve Wunenburger (2019) —, tanto quanto a se mostrar elemento constitutivo do imaginário urbano e das ambiências por ele produzidas.

O texto está organizado em duas partes. Na primeira parte, *O ato de espacejar e a criação do mundo,* apresenta-se e discute-se uma questão central para a arquitetura formulada por Giulio Carlo Argan —, qual seria a origem do gesto que faz surgir o espaço edificado — para a qual o autor não encontrou resposta. Argumenta-se, nessa discussão, que a criação do espaço humano tem origem no psiquismo, e não nas necessidades físicas decorrentes de habitar o mundo.

Na segunda parte do texto, *O espacejar e o estar no mundo*, chama-se a atenção para a dimensão subjetiva do espacejar. Apoiada na escrita de Michel de Certeau, para quem caminhar é ter falta de lugar, busca-se mostrar que a apropriação imagética das mais diversas imagens artísticas constitutivas do espaço urbano é parte, assim como consequência, fundamental do espacejar, agora no desempenho de sua função psíquica, isto é, dar sentido à experiência, marcadamente subjetiva, de estar no mundo.

2. O ATO DE ESPACEJAR E A CRIAÇÃO DO MUNDO

Em *Projeto e destino,* Giulio Carlo Argan (2000) levanta uma questão fundamental que, no entanto, parece não ter sido suficientemente considerada entre os que pensam a arquitetura da cidade, seja em sua face teórica, conceptiva, seja em sua expressão projetual.

Com uma vida dedicada a refletir teoricamente sobre a arte e sobre a arquitetura, Argan se pergunta sobre a origem do fazer arquitetônico: "De onde nasce e como se organiza no espírito humano essa necessidade ou essa vontade de espacejar" — *spazieggiare* (termo aspeado no texto original em italiano) — é o ponto levantado por ele. Sem encontrar uma resposta satisfatória à própria questão, Argan anota, na sequência do texto, em relação à elaboração teórica que vinha fazendo, que "essa é uma questão outra e muito mais complexa" e "joga a toalha": "Mas seja qual for o impulso inicial, não há dúvida de que, mediante esse processo [de espacejar], o homem reconhece e define uma relação entre si e o mundo" (Argan, 2000, p. 82), apontando, com isso, não apenas para a origem imaterial da arquitetura, mas também para o que aqui se considera como sendo a função psíquica do espacejar.

É justamente nesse ponto que a questão levantada por Argan se faz fundante para os que refletem sobre a cidade, suas ambiências, sua construção imagética e seu significado. O que significa *espacejar*? O que esse fenômeno enuncia, muito antes de se materializar? E que função teria no espírito humano? Essa não é uma questão simples, não é sequer uma questão nomeada adequadamente, uma vez que Argan se sente levado a criar um neologismo — *spazieggiare* não aparece como verbete nos dicionários de língua italiana — para expressar o que tinha em mente.

Em língua portuguesa, dicionaristas aparentemente não se deram conta da importância e da sutileza dessa questão — nomear um elemento para o qual não há expressão na língua falada — quando definiram *espacejar* como sinônimo de *espaçar,* numa clara inadequação de sentido, é preciso reconhecer. *Espaçar*, em português, sugere a ideia de alargamento, de expansão, de ampliação e, como tal, não parece atender à proposição de Argan.

Com efeito, o vocábulo *espacejar* aparece num texto em que o autor se debruça sobre o cerne da arquitetura, cujo protagonista é, justamente, o espaço criado pelo ato de arquitetar. O espaço, necessariamente originado, feito surgir, pela ação humana, é, precisamente, o que configura a distinção epistêmica da arquitetura como campo disciplinar, como bem anotou Bruno Zevi (1976). Argan, portanto, preocupa-se com a questão da criação do espaço edificado. É em referência a esse fenômeno e ao reconhecimento de que ele é irredutível à materialidade que o faz mais facilmente perceptível que se dá o reconhecimento do autor de que a compreensão do sentido desse acontecimento "é uma questão outra" — extrapola, dessa forma, o repertório teórico da arquitetura — "e muito mais complexa", uma vez que deriva da vida do espírito, no sentido que a filosofia dá a esse termo.

Essa questão outra, muito mais complexa de fato, manifestar no espacejar, é justamente a origem — e a natureza — de um impulso, de uma força motriz — de uma energia psíquica, à luz da escrita freudiana —, da qual emerge a imaginação criadora que marca o humano. Nessa perspectiva, espacejar seria uma manifestação de algo imposto pelo espírito humano, e não uma mera resposta a necessidades físicas, materiais, ainda que relevantes.

Como tal, como uma injunção da vida do espírito, o ato primeiro, assim como o processo contínuo de espacejar que se segue a esse gesto primordial, atenderia a exigências psíquicas incontornáveis que não se confundem com a ação puramente construtiva, própria da tectônica, se não perdermos de vista a concepção grega do que é *arquitetar.*

Mas Argan vai além e aponta ao mesmo tempo para a função psíquica — e não apenas para a origem psíquica — do espacejar, da construção do espaço humano, algo já sabido desde o pensamento aristotélico. Com efeito, Aristóteles, em sua obra, já havia chamado a atenção para o fato de que a cidade foi feita para dar segurança e felicidade a seus moradores, uma função aparentemente esquecida ou insuficientemente investigada pela teoria da arquitetura. "Não há dúvida", escreve Argan, de modo especialmente assertivo, que é mediante o processo de espacejar que nos fazemos humanos. "Não há dúvida de que é mediante esse processo [de espacejar] que o homem reconhece e define uma relação entre si mesmo e o mundo", lê-se no texto já mencionado, donde se tem a função mediadora do espacejar na criação e na apropriação subjetiva do mundo.

Argan ratifica, com essa anotação, o que diz Heidegger quando anotou que "[...] não habitamos porque construímos. Ao contrário, construímos porque habitamos" (2002, p. 128). Ou seja, edificamos o espaço humano, espacejamos, porque esse gesto, ou essa ação, mostra-se como condição existencial incontornável para habitar o mundo — espacejar possibilitaria, assim, a mediação entre o céu e a terra, em linguagem heideggeriana.

Nesse ponto, a teoria psicanalítica oferece elementos para compreender tanto o impulso, "pulsão", em termos conceituais precisos, quanto a função psíquica de mediar estar no mundo, para a qual a ação de espacejar se mostra incontornável.

Em psicanálise, *pulsão* pode ser compreendida*, grosso modo*, dado os limites deste texto, como uma força motriz, incontornável, de natureza psicossomática, originada por uma falta, inconsciente, inscrita no psiquismo. A pulsão remete a uma falta absoluta, própria do humano, impossível de ser aplacada, reparada ou atendida. Trata-se, portanto, da impossibilidade própria do desejo em sua concepção psicanalítica. O desejo, por sua vez, em Freud, como se sabe, é indestrutível, assim como irrenunciável, uma vez que deriva do inconsciente. Não se confunde, portanto, com o instinto, este, sim, capaz de ser aplacado sempre que a necessidade imposta por ele, pelo instinto, for atendida.

Nesse sentido, espacejamos por uma imposição do espírito humano — por uma imposição do desejo, em termos psicanaliticamente precisos — para estabelecer, em termos psíquicos, repita-se, nossa relação com o mundo e entre nós, para dar conta, portanto, ainda que parcialmente, dessa falta absoluta que nos constitui subjetivamente. Em outras palavras, espacejar é condição para a criação e a

apropriação do mundo num processo muito mais complexo do que a edificação física do ambiente construído. David Leatherbarrow (2004) entendeu bem essa função subjetiva do espacejar quando anotou que a questão da arquitetura é a experiência humana.

3. O ESPACEJAR E O ESTAR NO MUNDO

Mas se compreender o sentido do espacejar intuído por Argan nos leva a perceber um pouco melhor as razões psíquicas da arquitetura da cidade, é com Michel de Certeau que podemos, numa perspectiva alargada, avaliar como a ação de espacejar se manifesta no viver urbano, ainda que Certeau não tenha se dedicado especificamente ao sentido nocional do espacejar.

Leitor de Freud, Michel de Certeau, numa abordagem em tudo distinta daquela feita por Argan, chama a atenção para a criação do espaço edificado a partir do caminhar, do movimento dos passos no cotidiano da vida urbana — o que nos permite inserir as imagens urbanas como elementos igualmente constitutivos da experiência de espacejar. Se não, vejamos.

"Caminhar é ter falta de lugar" (1994, p. 183), escreve, textualmente, o pensador francês, dando assim, ao caminhar, ao movimento que dele decorre, a mesma função psíquica — de resposta pulsional à falta absoluta que nos constitui — que apontamos na ideia de espacejar de que trata Argan. Isto é, a ideia de que caminhar atende a uma imposição do psiquismo, uma questão que nem mesmo a psicanálise investigou ainda suficientemente. Em outras palavras, espacejar é uma consequência visível da pulsão viatórica[1], a pulsão que no psiquismo impõe o movimento, o deslocamento espacial, em suas múltiplas possibilidades. Espacejamos, portanto, também, sempre que algo nos faz andar, nos põe a caminho (Figura 1).

Figura 1. Sem título.
Fonte: Acervo da autora (2021).

1 O conceito de pulsão viatórica (*pulsion viatorique*) foi desenvolvida por Antonietta e Gérard Haddad em *Freud en Italie - psychanalyse du voyage*. Paris: Éditions Albin Michel, 1995.

Nessa perspectiva, a experiência de viver o espaço humano edificado, em sua expressão urbana, constitui-se, de modo marcadamente subjetivo, em decorrência dos "passos [que] moldam o espaço", como escreve Michel de Certeau na obra citada (p. 176). Os passos próprios do caminhar moldam o espaço, isto é, dão forma, sentido e, sobretudo, função psíquica ao espacejar — é quando se tem o processo de espacejar como criação do psiquismo, como elemento privilegiado da vida psíquica (Figura 2).

Figura 2. Sem título.
Fonte: Acervo da autora (2020).

Nesse contexto teórico, espacejamos, em termos subjetivos, criamos espaços, em cada movimento que nos faz caminhar na vida urbana. Em cada movimento cuja origem, pulsional, manifesta a força psíquica que nos impele em busca de algo que nos falta, que nos move sempre que nos deslocamos de "cá pra lá", como escreve Certeau. Seja qual for o caminho percorrido. Seja o caminhar até o bar da esquina, seja a marcha do viajante Marco Polo, sejam os passos que fazem a *flânerie,* o movimento daqueles que sequer sabem aonde vão, daqueles que andam a esmo.

Caminhar explicita, assim, nessa sua função psíquica, uma falta, uma insatisfação, uma busca por algo que, precisamente por se impor como algo que falta, inexiste do lado de cá e, assim, impulsiona o percurso para o lado de lá, ainda que essa busca se dê em torno dela própria, do movimento em si mesmo, ainda que essa busca seja em vão, uma vez que não há como dar conta da falta absoluta inconscientemente inscrita no psiquismo (Figura 3).

Figura 3. Sem título.
Fonte: Acervo da autora (2019).

Na arte cinematográfica, o filme *Stalker,* de Andrei Tarkovski (1979), explicita bem essa ideia. A obra mostra dois personagens, um escritor e um professor, que contratam um *stalker* — um caminhante, ou um caminhador, esse é um dos sentidos desse vocábulo — para guiá-los em uma aventura por uma *zona* perigosa, uma vez que nela acontecem coisas estranhas, inesperadas, fora de controle dos que se aventuram até ela em busca de uma *sala* que, uma vez alcançada, tornaria realidade os desejos mais profundos dos que conseguissem chegar até lá, conforme conta a lenda que inspira os andarilhos que a ela se dirigem (Figura 4).

Figura 4. Imagem de divulgação do filme Stalker, de Andrei Tarkovski (1979).
Fonte: https://revistacult.uol.com.br/home/o-stalker-de-tarkovski/.

Como se vê, a metáfora posta nessa proposta fílmica em relação à existência humana é evidente. Desamparados, lançados ao mundo despreparados, como diria Freud, resta aos protagonistas do filme a busca por algo que lhes falta desesperadamente, por algo que não está aqui, mas ali, ao alcance, ilusório, dos passos que, moldando espaços subjetivos — o escritor anseia por fazer literatura, enquanto o professor deseja receber o Nobel, ou seja, ambos caminham em busca de reconhecimento, algo de que o ser humano jamais abdica, conforme se lê na escrita freudiana — levem-nos até o ponto onde o desejo se "realiza" um lugar fictício, onde o anseio de uma vida e de uma existência plenas faça sentido, enfim.

Caminhar é ter falta de. Pensamos que é justamente nesse contexto psíquico de falta de que as imagens urbanas se fazem fundamentais para o processo de espacejar. Com efeito, "A arte existe porque a vida não basta", como disse o poeta Ferreira Gullar[2], isto é, a arte, em suas múltiplas manifestações, dá-se porque a vida nos impõe o fato psíquico de que algo nos falta de modo incontornável.

É esse o ponto, ou a demanda, a partir do qual espacejar se mostra como uma experiência vital. Com efeito, é no processo de criação de imagerias múltiplas — fotografias, grafite, desenhos, pinturas, etc. —, criadas e apropriadas "pelos jogos dos passos que moldam o espaço", que a cidade se transforma cotidianamente. Talvez nesse ponto tenhamos também uma resposta plausível para a questão proposta por Argan inicialmente apresentada.

A "necessidade" de espacejar se organiza no espírito humano como condição para tornar possível a vida humana. Em termos psíquicos, como resposta à imposição da pulsão (viatórica) que nos impele a caminhar, buscar, seguir adiante em busca daquilo que nos falta. Com isso, com esse jogo fantástico, entre o físico e o psíquico, entre o movimento dos passos e a imposição do desejo, criam-se ambiências plenas de sentido. "Elas não se localizam [objetivamente], mas elas se espacializam", anota ainda Certeau (p. 176), no mundo imagético que delas emergem, uma vez que se fazem viver como ambiências psicoespaciais, plenas de sentido e de significado para cada um que se põe a caminhar. Afinal, é no caminhar, e somente no caminhar, que "[...] o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial" com o qual se depara (p. 178), tornando, assim, as imagens urbanas elementos constitutivos da subjetividade a partir de uma apropriação absolutamente singular.

4. PARA CONCLUIR

Espacejar evidencia, portanto, a questão da espacialidade como sendo o efeito de uma força motriz, uma pulsão, como tal incontornável, que, uma vez manifesta, materializada, põe em evidência a imaginação criadora que origina o mundo de cultura tal qual o conhecemos.

2 A afirmativa do poeta maranhense Ferreira Gullar inspirou a produção do filme *A vida não basta*, de Caio Tozzi e Pedro Ferrarini, com concepção e criação da Dois Ventos e produção da Vila Filmes.

É nesse ponto, ou nesse contexto, que se inserem as imagens artísticas constitutivas do espaço urbano e sua função psíquica na apropriação, singular, que fazemos do mundo, à medida que moldamos espaços marcadamente subjetivos, transformando sempre em outra coisa — em um significante psicoespacial próprio — cada imagem, cada foto, cada risco que encontramos ao caminhar.

Enfim, espacejar é aquilo que nos faz andar, criar lugares, mas, sobretudo, tecer a vida em busca sentido.

5. BIBLIOGRAFIA

Argan, G. (2000). Projeto e Destino. Ética.

Certeau, M. (1994). A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Vozes.

Freud, S. (2019). As pulsões e seus destinos. Em Obras Incompletas de Sigmund Freud. Autêntica.

Heidegger, M. (2002). Ensaios e Conferências. Vozes.

Leatherbarrow, D. (2004). Topographical stories: studies in landscape and architecture. Penn.

Wunenburger, J-J. (2019). Iconographies Urbaines: Metaphores, Paradigmes, Typologies. Préalables épistémologiques d'une esthétique des images, 47-59. *https://sites.usp.br/icht2019/wp-content/uploads/sites/416/2019/07/Book-1-ICHT-2019-16.07.pdf*

Zevi, B. (1977). Saber ver a arquitetura. Minerva.

R44

ARCHAEOLOGICAL WALKING PROGRAM. A REPORT OF WALKING EXPERIENCES

PROGRAMA DE CAMINHADA ARQUEOLÓGICAS. UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS DO CAMINHAR

Ricardo Luis Silva
Professor Doutor
Centro Universitário Senac SP
ricardo.lsilva@sp.senac.br

ABSTRACT

This text presents a report on the Archaeological walking program. The walks, already carried out in different cities, aim to recognize urban otherness and the memories that permeate everyday environments, using the act of walking as an aesthetic and political practice. Participants collect "traces of the now", framing traces, objects, gestures, everyday scenes with paper frames, transforming the walk into an exercise in perception and reframing contemporary urban living. In addition to promoting a dialogue between past and present, these experiences allow the creation of narratives and fables that evoke identities submerged in the urban landscape. Through an approach that mixes archaeological, photographic and anthropological methods, the program seeks to stimulate a deeper understanding of social and cultural practices and dynamics in cities.

KEYWORDS: walking. Inventories. urban memory. urban readings. traces.

RESUMO

Este texto apresenta um relato sobre o programa de caminhada Arqueológicas. As caminhadas, já realizadas em diferentes cidades, visam reconhecer a alteridade urbana e as memórias que permeiam os ambientes cotidianos, utilizando o ato de caminhar como uma prática estética e política. Os participantes coletam "vestígios do agora", enquadrando rastros, objetos, gestos, cenas cotidianas com molduras de papel, transformando a caminhada em um exercício de percepção e ressignificação do viver urbano contemporâneo. Além de promover um diálogo entre passado e presente, essas experiências permitem a criação de narrativas e fabulações que evocam identidades submersas na paisagem urbana. Através de uma abordagem que mescla métodos arqueológicos, fotográficos e antropológicos, o programa busca estimular uma compreensão mais profunda das práticas e dinâmicas sociais e culturais nas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: caminhar. Inventários. memória urbana. leituras urbanas. rastros.

1. O CAMINHAR

Este texto se configura como um relato de algumas experiências já realizadas no âmbito das atividades do Estudio Ceda el paso, onde a caminhada e os registros sensíveis do espaço atravessado/vivido são tomados como prerrogativas e, simultaneamente, como resultado estético. A experiência relatada a seguir faz parte do programa, dentre diversos promovidos pelo Estudio Ceda el paso, intitulado ARQUEOLÓGICAS. Fundado em 2022, nos interstícios de um retorno trôpego da população brasileira aos espaços públicos, coletivos e às tradicionais "aglomerações" sociais pós lockdowns e distanciamentos forçados pela pandemia global do COVID-19, o Estudio assume como premissa a constituição de um local de encontro, troca e experimentação dos temas da Arquitetura, do Urbanismo e da Antropologia, enfocando na Alteridade Urbana, Leituras Etnográficas, o Caminhar como prática estética (Careri, 2013), os registros enquanto expressão de Imaginários Urbanos e o Corpo como locus de experiências sensíveis, políticas, fenomenológicas e constituintes de um sujeito crítico e consciente.

Conceito central em todas as manifestações, as atividades públicas e publicações realizadas pelo Ceda el paso, o caminhar é considerado conceito-prática (Labbucci, 2013). Ação banal, quase inconsciente, o caminhar é uma das ações humanas mais primitivas e essenciais à própria existência do ser humano e sua formação civilizatória. Caminhar é verbo intransitivo, é um pensamento prático, ato de resistência, reflexão espiritual, aproximação ao desejado, exercício físico, é instrumento de leitura e escritura, do tempo e do espaço, é um movimento ativo, é humano. Errare humanum est. É a primeira forma que o ser humano dispõe para habitar e construir a paisagem. E, nos casos das atividades propostas pelo Estudio, caminhar pela cidade é um ato poético, construtivo, reflexivo e, ao mesmo tempo, exploratório. Ao investigar os espaços urbanos atravessados com o corpo, abre-se a possibilidade do afloramento da identidade do espaço atravessado. Uma identidade peculiar. Uma identidade que não está acessível ao corpo desavisado. Uma identidade submersa. Uma identidade soterrada pela espetacularização do espaço urbano (Jacques, 2012). Espetáculo e crise. Homogeneização e pasteurização das relações. Apaziguamento das superfícies da cidade. A identidade visível é a da superfície espetacular e produtiva. Onde tudo é mais fácil e rápido. A identidade de vitrine, consumível e descartável.

Por isso, muito mais que uma discussão de mobilidade urbana, práticas de exercício e saúde social, turismo e consumo "instagramável" dos espaços da cidade contemporânea, o que interessa aos caminhantes que experimentam a cidade a partir do caminhar com o Ceda el paso é a constituição dos indivíduos considerando os conflitos, os discensos, as tensões, as alteridades, os imponderáveis da vida cotidiana.

2. CAMINHADAS ARQUEOLÓGICAS

As Arqueológicas são atividades de caminhadas abertas ao público que partem do pressuposto do pertencimento do corpo no espaço urbano, tendo o caminhar como forma de apropriação e constituição de subjetividade, cidadania e alteridade urbana, além de um instrumento ativo para reconhecer dinâmicas e vestígios participantes de um viver localizado em outras temporalidades. Caminhar como ato revolucionário de presença e percepção efetiva de usos dos espaços da cidade. E, como forma de aprofundar tais relações, e também na construção de sentidos a cada caminhar pela cidade, a proposta se vale de um procedimento da arqueologia, da polícia forense e da fotografia: o enquadramento de pequenos achados cotidianos com uma moldura de papel. Ao caminhar e observar a vida cotidiana, estabelecer um procedimento de observação e coleta de "rastros do agora", num inventário de registros e vestígios de uma vida passada - mesmo que vestígios deixados alguns segundos antes de serem encontrados ou que estejam adormecidos no imaginário de algum morador, em uma marca nos muros, em um rastro de textura ou em uma edificação na paisagem. Um inventariar que abre espaço e possibilidade de ressignificações de memórias citadinas que constituem o cotidiano do local caminhado. Claro, importante ressaltar, que não se pretende esgotar este enredo de memórias, histórias, gestos e narrativas em sua totalidade, mas convidar os caminhantes que participam da experiência a olhar o presente apoiado em construções temporais passadas que não se apagam, mas se sobrepõem a outras camadas e arranjos. O objetivo dessas atividades compartilhadas é estabelecer e dar sentido ao ato de caminhar como forma de interação e apropriação do corpo com o espaço público urbano e suas memórias, é experimentar outras formas de observação e percepção da vida cotidiana, dando possibilidade para perceber as composições da história estabelecida e consolidada da cidade, mas também as oralidades, as histórias menores (Deleuze & Gattari, 2014), subterrâneas, mesclando-se com memórias e temporalidades contidas no território, abrindo campo para fabulações, pulsões e outras ambiências.

3. PROCEDIMENTOS ARQUEOLÓGICOS, UM MÉTODO (FAZER O CAMINHO)

Ao caminhar pela cidade, dentro dos programas das caminhadas Arqueológicas, um outro conceito se soma aos procedimentos metodológicos e exploratórios do caminhar e registrar: o colecionar. Colecionar é verbo, ação, conceito, promessa, estratégia, método, estrutura, gesto, obsessão. Como diria Susan Sontag (2004, pp. 91), "num mundo que está bem adiantado em seu caminho para tornar-se um vasto garimpo a céu aberto, o colecionador se transforma em alguém engajado num consciencioso trabalho de salvamento". Pois, como conceito, colecionar é parte integrante de formulações humanas como a Memória, a transformação das palavras em linguagem, o desenvolvimento e aproximação da criança com o mundo. Colecionar é ato de rememoração, produção do conhecimento histórico, descontextualização de objetos no espaço e no tempo. Colecionar é reivindicar para

si a possibilidade de possuir o mundo, mesmo apenas uma parte insignificante dele, ou até me relacionar distantemente com o Outro, no caso de coleções de objetos antigos ou encontrados e recolhidos. Colecionar é catalogar, inventariar, organizar, descontextualizar, ressignificar, recriar, reexistir. Colecionar é "desinvestir" o objeto de seu sentido utilitário, é dar-lhe outro lugar no mundo dos objetos. Colecionar é ativar gavetas, arcas, baús, caixas. Colecionar é caminhar, frustrar-se, insatisfazer-se, continuar. Colecionar é um gesto filosófico, um portar-se perante, um exercício de memória prenhe de porvir, um olhar para o passado e para o futuro simultaneamente.

Nesse campo encontra-se o Caminhante-Coletador-Colecionador (Silva, 2017), o ser sensível aos objetos exilados (via Trapeiro), o fisiognomonista do mundo dos objetos. O agente de pensamentos de potencialidades, de bifurcações possíveis, que aciona a "memória involuntária" (Benjamin, 2012b) e suas associações selvagens de ideias no ato de coletar e colecionar; mas também aciona a "memória voluntária" (Benjamin, 2012b), com suas organizações e ordenamentos de ideias, ao estabelecer e executar a catalogação da coleta. Desordem e desregramento dos objetos na coleta; ordem e estabilidade dos objetos no catálogo-coleção. O colecionador, aquele intelectual de orientação diferente da do Erudito (Benjamin, 2012a), o indivíduo de "caráter destrutivo" (Benjamin, 2012a), o escritor literário de "testamentos", o envolvido e "amaldiçoado", assim como Sísifo, que foi castigado por ofender os deuses a empurrar uma pedra até o ponto mais alto de uma montanha, na terra dos mortos, de onde a pedra rolava montanha abaixo todas as vezes, fazendo-o repetir eternamente o esforço, em vão.

Mas como coletar e colecionar os rastros do agora? Como agenciar essas outras memórias, os possíveis devir e porvir das insignificâncias ordinárias da vida cotidiana? A solução encontrada, como uma possibilidade dentre tantas, é a utilização do procedimento de isolar, enquadrar, destacar os vestígios garimpados e encontrados durante a caminhada. O caminhante-coletador-colecionador se vale de uma ferramenta simples, um marco produzido com papel cartão grosso e branco. Uma moldura que auxilia o garimpo e o registro do vestígio encontrado. Isolar momentaneamente o "objeto", garantindo-lhe destaque e escala. No conjunto de registros desses vestígios do agora, o princípio de coleção se estabelece e abre espaço para investigações e questionamentos acerca do que é, de onde veio, quem usava, como foi parar ali, porque estava naquele estado, para onde poderia ir. A coleção gerada nas caminhadas Arqueológicas possibilita a fabulação e a invenção, o imaginário e a memória, o outro e o eu (Kehl, 2015).

4. EXPERIMENTOS ARQUEOLÓGICOS

Tendo todas as premissas conceituais acima e os procedimentos metodológicos estabelecidos, o programa de caminhadas ARQUEOLÓGICAS (o nome vem de uma referência livre às "Mitológicas", propostas pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss) é elaborada em uma cidade ou território específico. Em cada uma delas

o público é convidado via redes sociais a se inscreverem. Com o grupo formado, faz-se contato com um artista caminhante residente na cidade da caminhada e estabelece-se uma parceria para organizar e produzir a saída. O percurso é pensando conjuntamente e a condução da atividade é sempre compartilhada. Para garantir a agilidade na caminhada, os marcos/molduras de papel que serão utilizados nos registros são previamente confeccionados em papel triplex branco. As molduras são cortadas em proporções corriqueiras no léxico fotográfico, normalmente nas proporções 3x4, 5x7 ou 9x16. Durante a caminhada, capa participante leva consigo dois formatos de moldura, possibilitando diversos tipos de registros. Para dar corporeidade à experiência as distâncias percorridas não passam de 10,0 km e os grupos têm um limite de 20 participantes. Afinal, perceber, coletar e registrar os "vestígios do agora" demanda um caminhar lento, desendereçado, silencioso e coletivo. Desde 2022, já foram realizadas, até o momento, quatro experiências dentro do programa Arqueológicas: 1 - São Paulo: Centro Republicano (março de 2022); 2 – Cidade do México: La Merced (julho de 2022); 3 – Vitória: Praça Vermelha (agosto de 2023); e 4 – Montevideo: La Rambla (julho de 2023). Destas, duas experiências foram transformadas em publicação, no formato fotolivro.

4.1 Arqueológica SPO

12 de março de 2022. 12 caminhantes. Percurso realizado pelas ruas dos bairros da República, São Bento, Sé e Anhangabaú totalizando 9,1 km. Condução da caminhada arquiteto e fotógrafo Ricardo Luis Silva (Figura 1).

Figura 1. Caminhada Arqueológica SPO.
Fonte: Acervo do autor. (2022).

Para a primeira experiência do programa de caminhadas Arqueológicas, o centro da cidade de São Paulo foi escolhido como espaço de investigação e coleta. Lugar de múltiplas camadas, tanto temporais como espaciais, o centro de São Paulo se apresenta como um profundo palimpsesto, um campo intenso de vestígios da

passagem de milhões de seres humanos e não humanos. Tensões e conflitos de alteridade a cada esquina, a cada metro de calçada. A caminhada coletiva, numa mescla de corpos brancos e negros, jovens e idosos, de gêneros diversos, se fez ora no anonimato, ora numa exposição explícita. Há, inevitavelmente, o estranhamento do olhar alienado do cotidiano, que estranha o "olhar estrangeiro" (Peixoto, 1988) para os detalhes, os gestos, as marcas, as coisas mais ordinárias do cotidiano de uma rua movimentada e com tantos outros "atrativos" à disposição. Mesmo assim, um território de tantas disputas, das simbólicas às políticas e sociais, de tantos fluxos, de tantos interesses em jogo, apresentou-se cruamente aos caminhantes (Figura 2).

Figura 2. Vestígios colecionados na Caminhada Arqueológica SPO.
Fonte: Acervo do autor. (2022).

4.2 Arqueológica CDMX

30 de julho de 2022. 8 caminhantes. Percurso realizado pelas ruas do bairro de La Merced totalizando 5,9km. Condução da caminhada arquiteto Jesús "Txutxo" López (Figura 3).

A Cidade do México é atravessada por fluxos históricos e sobreposições impostas pelas sucessivas ocupações humanas num território hídrico dominado pelas *chinampas* do lago Texcoco. Dos Astecas aos espanhóis, de uma periferia norte-americana a um centro financeiro e cultural pulsante, a Cidade do México se apresenta prenhe de relações citadinas com a vida urbana nas ruas e praças da cidade. O caminhar ordinário por entre barracas de comida de rua é interrompido sem cerimônias por uma antiga escavação arqueológica ou por um muro de 450 anos servindo de apoio ao vendedor ambulante de souvenires turísticos. Nesse cenário a caminhada ganha paisagem e panorama. Inevitável o ancestral não se misturar ao vivido atual. Vestígios de centenas de anos se mesclam aos vestígios dos modos de usar mais "infraordinários" (Perec, 2008) e cotidianos. E, no caso específico dessa caminhada pelo centro da Cidade do México, além dos equipamentos fotográficos individuais de cada caminhante, duas máquinas fotográficas QuickSnap Fuji Descartáveis (ou *Desechables* como dizem os mexicanos) foram adquiridas no início do percurso e compartilhadas entre os caminhantes para a realização dos registros. Alternando entre o "preciso e digital" e o "precário e analógico" as coletas foram sendo realizadas coletivamente. No final, os filmes das duas máquinas foram revelados no mesmo dia, no final do percurso (Figura 4).

Figura 3. Caminhada Arqueológica CDMX.
Fonte: Acervo do autor. (2022).

Figura 4. Vestígios colecionados na Caminhada Arqueológica CDMX.
Fonte: Acervo do autor. (2022).

4.3 Arqueológica VIX

26 de agosto de 2023. 12 caminhantes. Percurso realizado pelas ruas do Centro Histórico e entorno da Praça Vermelha e Palácio Anchieta totalizando 6,5 km. Condução da caminhada fotógrafo Gabriel Lordello (Figura 5).

Cidade-ilha, Vitória tem uma formação morfológica urbana clássica das ocupações portuguesas, composta por partes altas e partes baixas. Ruas estreitas ligando as regiões, muitas dessas vias se convertem em calçadas e/ou escadarias. Somado a isso, um comércio antigo e bastante popular permeia diversos edifícios desocupados (alguns em alto nível de deterioração) em um centro de cidade-capital contaminada pela presença de um enorme porto e seus colossais navios. Na caminhada os participantes cruzaram por estreitas fachadas, portas ornamentadas, ruas de paralelepípedo, feiras de verduras e legumes, estabelecimentos portuários (Figura 6).

Figura 5. Caminhada Arqueológica VIX.
Fonte: Acervo do autor. (2023).

Figura 6. Vestígios colecionados na Caminhada Arqueológica VIX.
Fonte: Acervo do autor. (2023).

4.4 Arqueológica MVD

14 de julho de 2024. 4 caminhantes. Percurso realizado pelas ruas dos bairros Bairro Sur e Palermo, pela Rambla e Playa Ramírez totalizando 7,8km. Condução da caminhada artista visual e fotógrafa Angela Farina (Figura 7).

Essa caminhada foi planejada como as demais, considerando o uso dos marcos/molduras de papel para a realização das coletas. Entretanto, a própria cidade se apresentou com uma peculiaridade: sua relação direta e simbólica com a presença do Rio da Prata costeando seus bairros mais antigos. Nesse caso, a presença de vestígios cotidianos ganha uma outra dimensão: as suas temporalidades se misturam com os movimentos da maré, força que também altera e manipula os objetos e vestígios. Por conta disso, marcos/molduras foram guardados e uma coleta efetiva foi realizada. A coleção se configurou a partir da seleção e registro dos vestígios na forma clássica dos gabinetes arqueológicos: em estúdio com fundo neutro e iluminação zenital e dura. Outras reflexões foram geradas com essa variação dos procedimentos do Arqueológicas. Nessa cidade portuária à beira da foz do Rio da Prata (um mar que se funde ao Oceano Atlântico), um cotidiano que é, constante e regularmente, atravessado pelo estrangeiro. Um corpo estrangeiro que traz consigo práticas (e coisas) do seu cotidiano e as insere nas práticas dessa terra. Um corpo de mar que carrega de terras estrangeiras práticas e coisas e as deposita sobre a cidade.

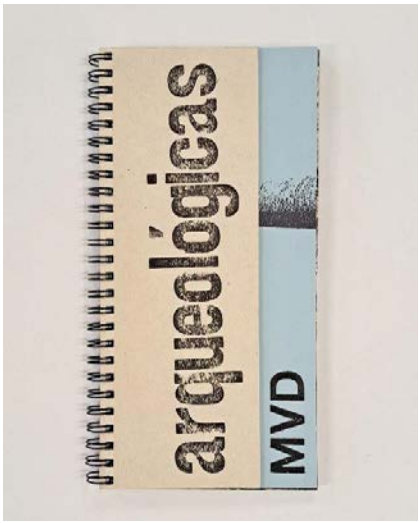
Mar que guarda cidade. Entre pedras, conchas e areia do mar, vestígios de muitas cidades. Pequenos cacos de vidro de garrafas, porcelanas holandesas, louças chinesas, ladrilhos ingleses, botões, brinquedos... narrativas que o mar, vez ou outra, revela (Figura 8).

Figura 7. Caminhada Arqueológica MVD.
Fonte: Acervo do autor. (2023).

Figura 8. Vestígios colecionados na Caminhada Arqueológica MVD.
Fonte: Acervo do autor. (2023).

5. UMA TEORIA PRATICADA

Nos relatos presentes nesse texto pretendeu-se revelar, ilustrar e teorizar (numa prática teorizada, ou quem sabe numa teoria praticada) as possibilidades do caminhar e encontrar nos rastros e vestígios deixados pelos citadinos maneiras de uso e apropriação dos espaços urbanos que se reatualizam ou se mantém, aproximar tempos, recuperar memórias, numa dinâmica de estranhamento / reconhecimento perante um "espelho" e uma mesma paisagem. A partir da coleção dos vestígios registrados (Figuras 9 e 10), ressignificar em fabulações nosso viver urbano contemporâneo.



Figuras 9 e 10. Fotolivros produzidos com registros das Caminhadas Arqueológicas CDMX e MVD, respectivamente. Fonte: Acervo do autor. (2024).

6. BIBLIOGRAFIA

Benjamin, W. (2012a). Eduard Fuchs: colecionador e historiador. Em Benjamin, W. O Anjo da história (pp. 123-164). Autêntica.

Benjamin, W. (2012b). Rua de mão única – Obras escolhidas II. Brasiliense.

Careri, F. (2013). Walkscapes: o caminhar como prática estética. Gustavo Gili.

Deleuze, G. & Guattari, F. (2014). Kafka: por uma literatura menor. Autêntica.

Jacques, P. B. (2012). Elogio aos errantes. EDUFBA.

Kehl, M. R. (2015). Olhar no olho do outro. Piseagrama, v. 01, n. 07, pp. 22-31.

Labbucci, A. (2013). Caminhar, uma revolução. Martins Fontes.

Peixoto, N. B. (1988). O olhar do estrangeiro. Em Novais, A. (org.), O Olhar (pp.361-365). Companhia das Letras.

Perec, G. (2008). Lo infraordinario. Impedimenta.

Silva, R. L. (2017). Elogios à inutilidade: A incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana (tese de doutorado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

Sontag, S. (2004). Sobre fotografia. Companhia das Letras.

R44

IMAGINARY, CULTURE AND IDENTITY: A SEARCH FOR THE MEMORY OF PRAÇA DA VÁRZEA

IMAGINÁRIO, CULTURA E IDENTIDADE: UMA BUSCA PELA MEMÓRIA DA PRAÇA DA VÁRZEA

Manuela Lima da Silva
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
mnllmds@gmail.com

Paulo Trajano dos Santos Neto
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
trajanosantosn@gmail.com

Emmanuel Simões de Oliveira
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
emmanuel.simoes@ufpe.br

ABSTRACT

The Várzea neighborhood, located in the city of Recife-PE, holds significant importance for the unicipality, particularly considering historical-cultural and environmental factors, as well as its proximity to the Federal University of Pernambuco (UFPE). Understanding the values of this locality is necessary for its preservation, given the process of discharacterization driven by the real estate market. This study analyzes these values through the urban imaginaries shared among the neighborhood's inhabitants, using questionnaires applied in Praça da Várzea, a Special Zone for the Preservation of Historical-Cultural Heritage (Law No. 16.176/96). The "Arquétipo Teste do Lugar de 9 Elementos" (ATL-9) method was used to interpret affective experiences through representation, function, and symbol (PITTA, 2015). This investigation identified fundamental elements for understanding the ambiances that constitute local memory, allowing the recognition of places of identity and the threats to their conservation, which enabled the proposal of guidelines for their preservation.

KEYWORDS: Social Identity. Imaginary. Memory. Heritage. Praça da Várzea.

RESUMO

O bairro da Várzea, localizado na cidade do Recife-PE, possui importância significativa para o município, considerando principalmente fatores de ordem histórico-cultural e ambiental e sua proximidade à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Compreender os valores dessa localidade é necessário para a sua preservação, tendo em vista o processo de descaracterização impulsionado pelo mercado imobiliário. Esse estudo analisa esses valores por meio dos imaginários urbanos partilhados entre habitantes do bairro através de questionários aplicados na Praça da Várzea, uma Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural (Lei nº 16.176/96). Utilizou-se o método "Arquétipo Teste do Lugar de 9 Elementos" (ATL-9) para interpretar vivências afetivas por meio de *representação, função* e *símbolo* (PITTA, 2015). Essa investigação proporcionou identificar elementos fundamentais para apreensão de ambiências constituintes da memória local, permitindo o reconhecimento de lugares de identidade e as ameaças à sua conservação, que permitiram-no indicar diretrizes para a sua preservação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Social. Imaginário. Memória. Patrimônio. Praça da Várzea).

1. INTRODUÇÃO

O processo de formação e desenvolvimento da cidade do Recife se entrelaça com o percurso das águas, aquilo que o intelectual pernambucano Josué de Castro chamou de "*cidade anfíbia*[1] [...] porque assenta as massas de sua construção quase dentro de água, aparecendo, numa perspectiva aérea, com seus diferentes bairros flutuando

1 Grifo nosso.

esquecidos à flor das águas" (CASTRO, 1959, p. 167). A conexão do território com os rios Capibaribe e Beberibe estabeleceu e forjou uma economia portuária no Recife do século XVI, que tinha nas suas bacias hídricas um escoamento de fluxos que favoreceram a consolidação de pequenos povoados, onde posteriormente se consolidaram núcleos urbanos.

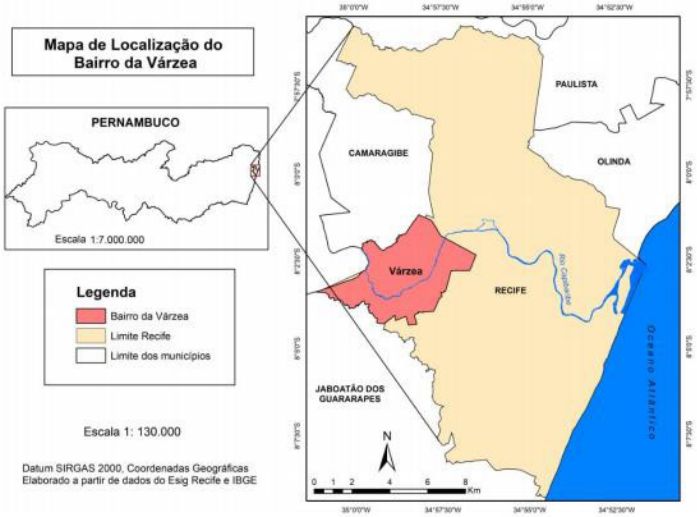


Figura 1. Mapa de localização do bairro da Várzea na cidade do Recife.
Fonte: Monte (2019, p.03)

É nesse contexto que se inicia a ocupação do bairro da Várzea, situado na zona oeste da cidade, e que justifica sua relevância dentro do cenário econômico e cultural na Capitania de Pernambuco. O advento de um povoamento na Várzea do Capibaribe surge na primeira metade do século XVI, quando a historiografia aponta registros de engenhos situados próximos às bordas do Rio Capibaribe, integrando o ciclo da cana-de-açúcar.

Em 1630, no século XVII, a região chega a contabilizar 16 moinhos de produção[2] que gradualmente, transformam-se em núcleos produtivos e arruados, formando vilas e povoados. No final do século XVIII, começam a aparecer novas tipologias arquitetônicas nas margens do rio, como chácaras, sítios e casarões de veraneio para as elites mais abastadas que queriam se distanciar do centro urbano, buscando refúgios bucólicos no subúrbio (essas construções se multiplicaram no século XIX).

Em 1843, com a construção da Ponte Pênsil da Caxangá, a Várzea passa a ser interligada por meio terrestre e em 1886 chega[3] a estrada de ferro através da

2 Monte, C. A. da S. (2020). Quantos bairros comportam um bairro?: uma análise do bairro da Várzea em Recife – PE (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco). https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/50282/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Camilla%20Aryana%20da%20Silva%20Monte.pdf

3 Monte (2022). Op. cit. p.44.

instalação das maxambombas, conectando os arrabaldes com o centro do Recife. No século XIX, realizaram-se construções de equipamentos e reformas importantes, tais como: a construção do Cemitério Público da Várzea, em 1867; a reforma da Igreja Matriz de N. Sa. do Rosário (datada de 1612) entre os anos de 1868 e 1872[4]; a instalação de indústrias, em destaque as unidades da família Brennand (fábrica de vidro e garrafas), nas décadas de 1940-60; e a chegada da Universidade Federal Federal de Pernambuco (UFPE), em 1946.

A justificativa de escolha desse bairro para o presente estudo se configura enquanto relevante núcleo urbano aglutinador remanescente de um passado colonial do Recife no século XVI, que resguarda na paisagem urbana, nas formas de ocupação e no uso do solo atuais, registros e fragmentos que configuram ambiências significativas para a memória e identidade própria do lugar. Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é levantar e analisar os valores envolvidos na percepção tangível e intangível dos seus pertencentes (moradores ou pessoas que utilizam o ambiente de forma permanentemente) manifestadas por meio de suas memórias e práticas cotidianas compreendidas sob o viés dos imaginários urbanos. Partimos do pressuposto de que os imaginários urbanos dessa localidade permitem-nos reconhecer nas estruturas urbanas e ambientais um valor patrimonial para a comunidade que nele habita, tal qual defendido por Laurajane Smith (2020).

Coloca-se que as reflexões desenvolvidas neste trabalho se deram enquanto desdobramentos do Projeto de Pesquisa intitulado "A COMPONENTE CIDADÃ NA CONSERVAÇÃO PATRIMONIAL: uma proposta de integração dos Imaginários Urbanos na Conservação de Zonas Especiais de Preservação"[5]. Dessa pesquisa, foram originados dois trabalhos de Iniciação Científica que contribuíram para análises e interpretações iniciais da pesquisa e que apresentamos nesse artigo.

1.1 Vestígios do tempo: o ontem e o hoje

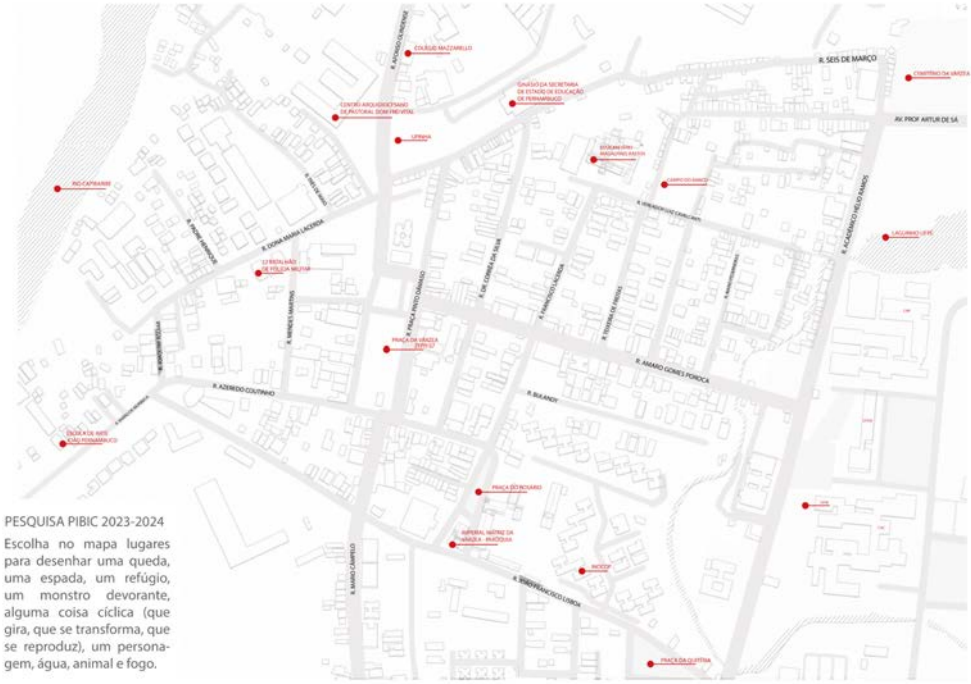
Atualmente, a Várzea é um bairro residencial onde vivem 70 mil pessoas em seus 2,2 hectares, sendo o segundo maior bairro do município, devido a expressiva área de Mata Atlântica presente no local[6]. Por ser bastante populoso, há forte atividade do comércio e dos serviços locais. Alguns pontos comerciais expressivos são percebidos nas imediações da Praça da Várzea (como é conhecida a Praça Pinto Damásio), abarcando a Rua da Feira (Rua Azeredo Coutinho) e a Rua Francisco Lacerda; outros eixos viários como na Av. Afonso Olindense, na Rua Amaro Gomes Poroca e na Rua General Polidoro, também é forte a presença comercial e a oferta de serviços.

4 de Melo, F. C., & Halley, R. M. (2022). Morte e vida no bairro: paradoxos do cemitério da Várzea em seu território. *Paisagens & Geografias, 4*(Esp), 72. Recuperado de https://www.paisagensegeografias.revistas.ufcg.edu.br/index.php/A1p7D/article/view/45

5 Pesquisa desenvolvida por Julieta Maria de Vasconcelos Leite, docente associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). (2022). APQ - Emergentes - Edital FACEPE 29/2022.

6 Unidade Conservação da Natureza (UCN): APA Mata da Várzea. Plano Diretor do Município do Recife (Lei complementar Nº 2, de 23 de abril de 2021).

A efervescência cultural do bairro se manifesta nas diversas camadas sociais. Contudo, é na Praça da Várzea onde muita gente se reúne para ver eventos culturais, organizados em sua maioria pelos moradores, como a capoeira, ensaios de maracatu, desfiles carnavalescos de rua, festejos juninos, festivais de arte, feiras agroecológicas, além de atividades esportivas e recreativas, realizadas em sua maioria, pelas crianças e adolescentes. O bairro também conta com lugares afetivos e bens materiais significativos[7] para a constituição da memória local, são eles: o Casarão da Várzea (localizado na Rua Azeredo Coutinho, estilo chalé francês, com dois pavimentos, que abrigou o antigo Hospital Odontológico Magitot); a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (construída por volta de XVI)[8] e o seu pátio, local de diversos encontros O bairro abriga também com um expressivo casario antigo (segunda metade do século XIX e século XX), cafés e restaurantes, a Escola Municipal de Arte João Pernambuco, a Oficina de Cerâmica Francisco Brennand e o Instituto Ricardo Brennand o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), instituições de ensino que impulsionam o desenvolvimento, intelectual, geográfico e populacional da área.



Figuras 2. Recorte da área de estudo e pesquisa.
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2024).

7 Imóveis Especiais de Preservação - IEP, classificados pela Lei nº 16.284/97

8 Lucena et al. (2023). O uso da cartografia temática no reconhecimento do patrimônio cultural: alguns mapas afetivos do bairro da Várzea (Recife-PE). Revista Tarairiú, v. 1, n. 21. p.10. https://revista.uepb.edu.br/REVELAP/article/view/1646.

O recorte no qual se debruça essa pesquisa contempla a Praça da Várzea, Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural (ZEPH 07) - Lei nº 16.176/96, área que corresponde à Praça Pinto Damásio, cujo projeto paisagístico atual tem por base um traçado de autoria de Roberto Burle Marx. Considera-se que este espaço é representativo e revela importância simbólica socioespacial, comporta singularidades e expressões culturais diversas. Configura-se enquanto ambiente aglutinador de diferentes perfis populacionais, práticas cotidianas, seja na feira, nos mercados, nas instituições educacionais, bem como possibilita trocas entres diversos sujeitos, se apresentando como palco de encontro para manifestações culturais, atividades de lazer e práticas de bem-estar pela população. Essa teia de relações forma uma gama complexa de ambiências varzeanas, que mobilizam interações subjetivas e afetivas com e para o lugar, atribuindo-lhe sentido e identidade.

Contudo, faz-se interessante assinalar que para além desses fatores pontuados, há outra questão em voga que dialoga com a importância e relevância dessa reflexão, sobretudo para o processo de fortalecimento e ampliação do diálogo sobre a proteção da identidade e características físico-espaciais locais preexistentes. Nos anos mais recentes, especialmente a partir de 2010, vem sendo intensificado um processo de descaracterização do bairro impulsionado pela especulação imobiliária. Caracterizado pela predominância de uma tipologia construtiva de poucos pavimentos dispostos horizontalmente, pela existência de uma vegetação expressiva, tanto nas matas quanto nos jardins privados, e pela proximidade ao Rio Capibaribe, o bairro ainda carrega consigo características de um povoado bucólico dos séculos XVIII e XIX. No entanto, devido a presença de grandes lotes, vem se implantando desde 2010 no local uma tipologia de edifícios multifamiliares em altura (mais de 07 pavimentos)[9] modificando o seu aspecto de bucolismo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Imaginários urbanos e ambiências sensíveis

O imaginário, para Durand (1989), é definido como "o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do Homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm organizar todas as criações do pensamento humano". O imaginário, coletivo, cultural, antropológico, obedece à uma dinâmica da imagem, que orienta uma percepção do mundo. A imagem extraída desse imaginário, faz surgir uma intermediação imagem-mundo, numa relação que não é captada diretamente na percepção do real (Laplantine e Trindade, 2017). Essa imagem que se apresenta em movimento e é construída mentalmente, superpõe-se, altera-se e transforma-se. Nesse percurso, representações simbólicas, começam a surgir formando um sistema plural de interpretações sobre o mundo, atribuindo-lhe sentido e significado.[10]

9 Monte, Camilla Aryana da Silva. (2019). Entre o bucólico e o moderno: o processo de verticalização na área central da Várzea. Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - XVI SIMPURB , v. 1, p. 434–449. https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26710.

10 Laplantine, F., & Trindade, L. (2017). O que é imaginário. Brasiliense, p.04.

O imaginário também partilha uma carga afetiva e emocional; no campo da arquitetura e urbanismo, sua associação remete à experiência espacial, vinculado ao conjunto de sensações que essa experiência desperta na integração social, uma vez que tem a capacidade de invocar a participação dos sujeitos na construção de relações físico-espaciais, sociais e simbólicas. [11]

Intimamente ligado ao ordinário através do qual se vive, sente, pensa e existe, os imaginários urbanos, são produtores de narrativas do cotidiano que constituem verdadeiros os arquivos urbanos[12] geradores de espaços simbólicos, cujo caráter é marcado pela profusão de sensações e informações enquanto forma de comunicar e convocar uma pluralidade de indivíduos num agrupamento de carga emotiva e do afeto partilhado. Essa camada sensível, que abarca uma dimensão subjetiva e coletiva na apropriação e produção do solo urbano, manifesta a função simbólica do espaço, evocando também a apreensão de memórias e experiências.

A cidade sensível é essencialmente relacional, apreendida sob o viés dos imaginários urbanos, configura múltiplas ambiências atmosféricas, na medida que sons, cheiros, luzes, sombras, movimentos, texturas percebidas em recintos, se configuram como atributos valorativos para o reconhecimento de características e identidades físico-sensíveis do local. Além disso, elementos sócio-culturais e físicos, como o movimento das pessoas, reforçam tais ambiências, pois o processo de apropriação dos locus urbanos, passa pelo reconhecimento da realidade sensorial (de si e com o outro). Nessa transfiguração entre imaginários urbanos, espaços simbólicos e ambiências, a alteridade do corpo no espaço e do corpo em coletividade, é geradora de um processo de atribuição de valores e identidades do urbano e seu reconhecimento da realidade sensorial.

2.2 O método ATL - 9

O ATL- 9, ou Arquétipo Teste do Lugar de 9 elementos consiste em uma adaptação do AT-9, o Arquétipo teste de 9 elementos, criado pelo psicólogo francês Yves Durand (1998). Esse teste baseia-se em um questionário que permite uma narração individual do sujeito a partir de nove arquétipos: o monstro, a queda, a espada, o refúgio, o elemento cíclico, o personagem, a água, o animal e o fogo. Cada um desses elementos possui uma conotação única e universal: o monstro e a queda ligados a angústias existenciais; a espada e o refúgio como elementos de proteção ou defesa; o personagem como uma representação do subconsciente acerca de alguém ou algo; já água, o animal e o fogo são arquétipos polissêmicos e polimórficos, cujo o significado varia de acordo a forma de interpretação do mundo do indivíduo, visto que esses elementos possuem uma ambivalência simbólica e variam entre as três estruturas do imaginário - heróica, mística ou sintética.

---

11 Leitão, L. & Leite, J. (2015). Discutindo o imaginário: olhares multidisciplinares. Recife, editora UFPE, p.219.

12 Dosse, F. (2013). O espaço habitado segundo Michel de Certeau. ArtCultura, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 85-96.

O ATL - 9 foi elaborado por Danielle Perin Rocha Pitta (2015), antropóloga, a partir do AT-9 para auxiliar o conhecimento da estrutura de organização sócio-espacial de uma favela no Recife. Tal proposta surge da necessidade de gerar um projeto de urbanização que respeitasse as vivências e as especificidades do local, levando em conta o imaginário coletivo e as angústias dos sujeitos moradores da área de intervenção (Rocha Pitta, 2015).

O teste baseia-se na disponibilização de uma mapa no qual moradores ou visitantes do local de estudo devem desenhar os 9 arquétipos, (os mesmos 9 arquétipos de Yves Durand). O intuito é obter fatos simbólicos por meio dos desenhos e dos significados desses desenhos (arquétipos) através do relato dos entrevistados enquanto estão desenhando. Dessa forma é possível identificar o inconsciente coletivo associado à arquitetura da cidade. Rocha Pitta (2015) destrinchou os procedimentos metodológicos do ATL-9 em cinco partes. Primeira parte: determinar uma amostra significativa de população interessada; segunda parte: preparar os mapas do bairro com os nomes das ruas e a indicação de locais públicos; terceira parte: consiste num questionário clássico de sociologia; quarta parte: solicita-se ao indivíduo que desenhe os 9 arquétipos no mapa; na quinta parte pede-se que o entrevistado indique o elemento, sua localização, o que ele representa e qual a sua conotação (positiva ou negativa). Esses procedimentos levam a elaboração de um mapa e uma tabela de respostas numerados para a identificação de cada entrevistado.

2.3 Aplicação do método

A aplicação do ATL-9 realizou-se enquanto um teste piloto no bairro da Várzea e seguiu as 5 etapas destrinchadas por Rocha Pitta (2015). Na primeira etapa determinamos a população que estaria apta a participar da pesquisa. O grupo escolhido foi de pessoas que moram ou visitam a Praça Várzea há pelo menos 5 anos; na segunda etapa preparamos o mapa do recorte da área de estudo no bairro da Várzea destacando as vias principais, como a Amaro Gomes Poroca, e os principais pontos da área, como a Praça da Várzea, a igreja da Quitéria e a Rua da Feira. Também preparamos um questionário clássico de sociologia, juntamente com as perguntas sobre os arquétipos e sobre o bairro. Em campo, entre os dias 02/05 e 19/06 de 2024, foram realizadas 25 entrevistas com pessoas entre 16 e 81 anos, sendo 17 do sexo feminino e 08 do sexo masculino. Durante as entrevistas pedimos aos entrevistados para que desenhassem os 9 arquétipos no mapa, e enquanto eles descreviam os símbolos, seus significados e sua localização, um segundo pesquisador registrava a narrativa da entrevista numa tabela (Figura 3).

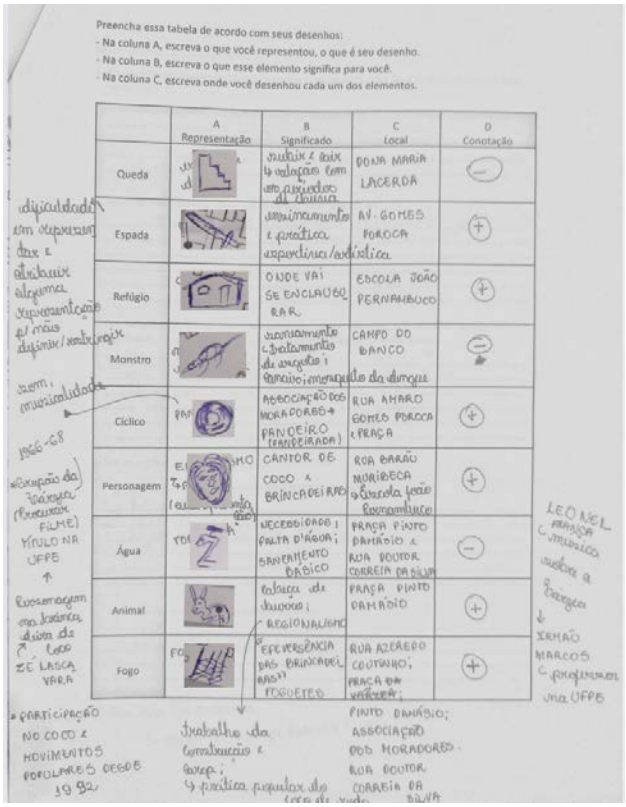


Figura 3. Tabela de arquétipos e narrativas
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2024)

2.4 Análise de dados

Com os dados coletados - simbolismo, conotação e a localização - foi possível elaborar uma análise a partir da elaboração de um mapa para cada arquétipo, no qual estava indicado o local onde ele havia sido reconhecido, a sua conotação (se negativa ou positiva), e a numeração correspondente à pessoa entrevistada. Assim, foi feita a análise de cada arquétipo de maneira integral.

Trazemos aqui algumas breves considerações sobre a análise do arquétipo da queda no bairro, devido à sua expressividade para compreensão do lugar, assim como em detrimento à extensão que deve ter esse artigo. O arquétipo da queda no bairro esteve predominantemente associado a conotações negativas. Os entrevistados, ao se referirem aos significados da "queda", frequentemente mencionaram quedas por eles vivenciadas no bairro, de forma literal. Além disso, o significado da queda remeteu ao abandono, pelo poder público, de alguns espaços - como o Casarão da Várzea -, e a diminuição de algumas dinâmicas urbanas do bairro da Várzea, como a do movimento econômico nos pontos de trabalho.

A falta de infraestrutura e as enchentes também foram vistas como representações das “quedas” do bairro. Em contraste, há apenas duas conotações positivas associadas à queda. O que de fato é recorrente nesse arquétipo, visto que, a queda possui uma conotação mais negativa, como proposta na teoria AT-9 de Yves Durand, por ser um elemento que remete à perda, à tragédia, ao traumatismo do nascimento e resgata a angústia humana (Durand, Y, 1988, p. 50). Ademais, vale ressaltar que quando o arquétipo da queda teve uma conotação positiva, foi associado com a beleza da queda da vegetação na Praça da Várzea, o que evidencia o protagonismo e a importância simbólica da praça para o bairro, onde a vegetação foi associada à esperança de melhora e um símbolo de beleza natural.

Num segundo momento de análise, as informações dos nove arquétipos foram reunidas em um mapa síntese (imagem 2). Este mapa permitiu identificar a distribuição dos arquétipos na área de estudo, destacando os locais com maior carga simbólica, ou seja, aqueles que concentram mais elementos ou possuem uma maior evocação no imaginário urbano. Dez localidades foram destacadas: 1. Praça da Várzea, (2) Casarão da Várzea /Rua da feira , (3) Rua Amaro Gomes Poroca, (4) Instituto Ricardo Brennand, (5) UFPE, (6) Vila Arraes, (7) Campo do banco, (8) Rio Capibaribe, (9) Rua Afonso Olindense, (10) Igreja Nossa Srª do Rosário.

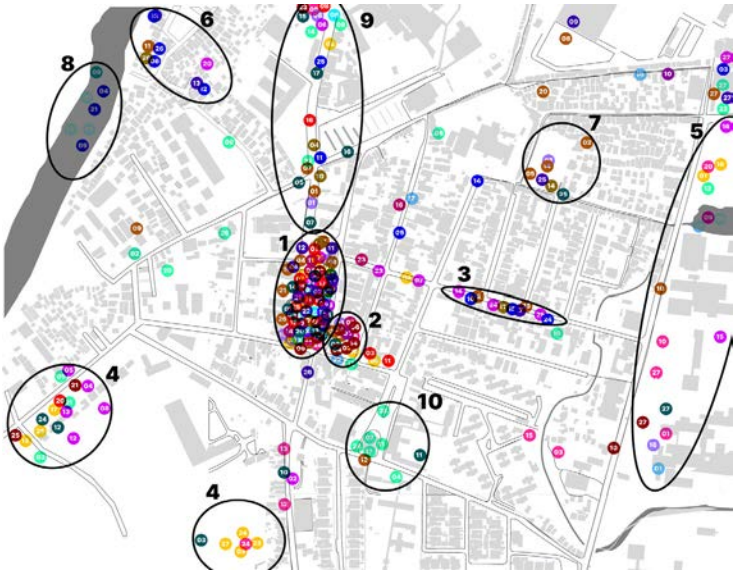


Figura 4. Mapa Síntese
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2024)

O Mapa Síntese (Figura 4) permitiu a análise da área em sua totalidade, bem como de todas as 25 entrevistas de forma integral, com foco nas áreas de maior predominância de arquétipos. Nesse sentido, no processo de análise dos resultados foi feita igualmente uma leitura simbólica dos lugares por meio dos arquétipos, da sua concentração e da conotação.

3. CONCLUSÕES

Com a aplicação do método da ATL-9 as questões relacionadas à dimensão simbólica do lugar foram abordadas em paralelo à análise da formação urbana do lugar. Essas informações serviram de base para algumas diretrizes projetuais que pudemos elaborar sumariamente aqui, e que procuram alinhar atributos simbólicos do local à sua materialidade física. Identificamos a Praça da Várzea como o local que apresentou a maior quantidade de atribuições simbólicas no bairro, o que reforça a sua importância para seus moradores. De um modo geral, os símbolos de conotação negativa revelaram as preocupações dos moradores com alagamentos, criminalidade, com o abandono público. Nesse sentido, o arquétipo da água foi mais associado ao alagamento, como pôde ser localizado na Vila Arraes - uma ocupação de baixa renda localizada às margens do Rio Capibaribe -, e na Rua Amaro Gomes Poroca - uma via de grande circulação no bairro. A criminalidade foi revelada por diversos arquétipos como o elemento cíclico, a espada, e principalmente o monstro. Vale ressaltar, quanto ao arquétipo fogo, que por diversas vezes ele foi localizado pelos moradores no Casarão da Várzea e apresentou uma conotação negativa, expressando a angústia deles diante do estado de abandono dessa edificação e da insatisfação com as promessas de políticos de que o prédio seria restaurado (Figuras 5, 6 e 7).

Figuras 5, 6 e 7. Casarão da Várzea e Praça da Várzea, respectivamente.
Fonte: Google Earth (2024)

Quanto aos elementos que simbolicamente mais apresentaram a conotação positiva no bairro por parte dos moradores, eles foram majoritariamente associados a elementos culturais: o maracatu na praça da Várzea, o Instituto Cultural Ricardo Brennand. A conotação positiva dos símbolos também foi identificada junto aos edifícios religiosos, no campus da universidade, na Rua da Feira e no Rio Capibaribe. Esses locais foram descritos como âmbitos de sociabilidade e de relevância para o bairro, através dos arquétipos do personagem, do refúgio e da espada. A espada esteve associada, no sentido figurado, à coleção de armas brancas do Instituto Cultural Ricardo Brennand, à espada utilizada nas apresentações de Maracatu e ao sentido de força da diversidade presente na rua da feira, local onde ocorre um misto de atividades e de pessoas. A rua da Feira, por sua vez, é referenciada como um local de venda de insumos primários durante o dia e à noite, nos finais de semana, transforma-se num local de encontro e lazer.

A Igreja do Rosário foi por diversas vezes associada ao arquétipo do refúgio, por ser um local de encontro e espiritualidade. O arquétipo do Personagem, na Praça,

faz referência aos diferentes grupos que a frequentam. Além disso, o personagem é associado ao fervor do carnaval e às figuras que ajudam a compor todo o ambiente da praça, como os instrutores da academia, cantores locais e as crianças.

Nessa perspectiva, as ameaças reveladas pelos símbolos de conotação negativa foram levadas em consideração para a elaboração de algumas diretrizes de conservação, juntamente com os os valores simbólicos e das estruturas dos lugares, para que eles não sejam destruídos.

Logo, diretrizes projetuais sumariamente por nós levantadas foram direcionadas aos principais problemas apontados pelos moradores como os alagamentos, a criminalidade e o abandono público dos edifícios, estruturas e dinâmicas urbanas. Para evitar o alagamento seria necessário uma abordagem múltipla: com a melhoria na infraestrutura de drenagem, restrição da construção em áreas de risco, por exemplo, nas margens do Rio Capibaribe. Já a criminalidade seria ver os pontos mais citados e fazer uma análise mais específica do problema, como se o que traz insegurança é a falta de iluminação, entre outros. Nas entrevistas o Casarão da Várzea foi o edifício mais citado em relação ao abandono público, sendo assim, um projeto de requalificação atenderia as demandas dos moradores, que já anseiam por esse projeto.

4. BIBLIOGRAFIA

Castro, J. de. (1959/2013). Um ensaio de geografia urbana: a cidade do Recife. Recife, PE: Editora Fundação Joaquim Nabuco.

Durand, Y. (1988). L'exploration de l'imaginaire. Paris, L'escape bleu,

Laplantine, F., & Trindade, L. O que é imaginário. Brasiliense, 2017.

Leite, J., & Pitta, T. (2017). Workshop Imaginários Urbanos: um estudo exploratório da função simbólica no espaço. Em T. Leitão & J. Leite (Eds.), Discutindo o imaginário: olhares multidisciplinares (pp. 62-69). Recife: Editora UFPE.

Rocha Pitta, D. (2015). Imaginário, Antropologia e Espaço: ou ATL-9. In L. Leitão & J. Leite (Eds.), Discutindo o imaginário: olhares multidisciplinares (pp. 16-31). Recife: Editora UFPE.

Smith, L. (2020). Uses of heritage. In C. Smith (Ed.), Encyclopedia of global archaeology (pp. 10969-10974). Cham: Springer International Publishing.

R44

NEAR AND INSIDE THE CITY: RECORDS OF AN ETHNOGRAPHIC EXPERIENCE ABOUT HOUSING DISINTEREST IN THE BAIRRO DO RECIFE

PERTO E DENTRO DA CIDADE: REGISTROS DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA SOBRE O DESINTERESSE HABITACIONAL NO BAIRRO DO RECIFE

Nícolas Mateus Macêdo Teixeira
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento Urbano da UFPE
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
nicolasmmteixeira@gmail.com

Virgínia Pitta Pontual
Professora Titular do Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento Urbano da UFPE
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
virginiapontual@gmail.com

ABSTRACT

This work presents an experience of ethnographic approach that took the resident population, or not, of the Bairro do Recife, as well as their sociability and appropriation of public space to understand the reasons that lead to the existence of a lack of housing interest in the neighborhood. The research was undertaken from a near and inside perspective and its main research tool was walking observation, the results of which were condensed into an affective map that transcribes the neighborhood from the perspectives of walking and observing, allowing a greater approximation to the root of the housing problem present there.

KEYWORDS: ethnography. walking observation. urban imaginaries. city and subjectivity. Housing

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência de aproximação etnográfica que tomou a população residente, ou não, do Bairro do Recife, bem como sua sociabilidade e apropriação do espaço público, para entender os motivos que levam à existência de um desinteresse habitacional no bairro. A pesquisa foi empreendida sob uma perspectiva de perto e de dentro e teve como principal ferramenta de pesquisa a observação caminhante, cujos resultados foram condensados em um mapa afetivo que transcreve o bairro a partir das percepções do caminhar e observar, permitindo uma maior aproximação da raiz do problema habitacional ali presente.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia. Observação Caminhante. Imaginários Urbanos. Cidade e Subjetividade. Habitação

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

O Bairro do Recife é a região onde a homônima capital de Pernambuco teve sua origem. O bairro colonial que foi posto abaixo no início do século XX se tornou símbolo de modernidade e progresso em meados do mesmo século (LUBAMBO, 1991) e sinônimo de abandono e degradação antes da passagem para o século XXI. Assim como os bairros centrais de boa parte das metrópoles brasileiras, o Bairro do Recife é um espaço de poucos residentes, apenas 610 residentes (IBGE, 2010), configurando-se como o segundo menos populoso da capital.

Da população residente do bairro, cerca de 98% reside na ZEIS da Comunidade do Pilar, uma antiga ocupação de terrenos abandonados no centro da ilha que compõe o Bairro do Recife, e que nas últimas décadas tem passado por um processo de urbanização com a construção de um complexo habitacional nos padrões MCMV. A pesquisa realizada em 2019 identificou apenas 5 edificações que abrigavam o uso residencial fora dos limites da Comunidade do Pilar e levantou uma hipótese de desinteresse habitacional no bairro, salvo de interesse social, sobretudo no extremo sul da ilha, que nas últimas décadas passou por alguns processos de reabilitação de seu patrimônio urbano e arquitetônico e conserva boa parte das edificações de interesse histórico e artístico. Vale pontuar ainda a presença de um polo de tecnologia da informação no bairro, instalado principalmente nas edificações da parte sul da ilha, bem como o forte apelo turístico do bairro, explorado em todos os processos de reabilitação pelos quais passou.

Deparando-se com este bairro, e com a questão: por que ninguém mora no Bairro do Recife? A pesquisa empreendida entre 2018 e 2020 adotou o método etnográfico como meio de compreensão da sociabilidade urbana presente no bairro, levando em conta não só seus escassos habitantes, mas os indivíduos presentes nas suas ruas atraídos pela dinâmica laboral do bairro, turismo e mais uma infinidade de motivações. A compreensão da relação das pessoas com o espaço público pareceu ser um caminho que poderia levar à compreensão do hipotético desinteresse habitacional. Ainda, levou-se em conta as particularidades do método etnográfico em relação ao espaço estudado, e compreendeu-se que uma abordagem de perto e de dentro seria essencial para se aprofundar na dinâmica relacional e social ali presente.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência de aproximação etnográfica que considerou a população residente, ou não, do Bairro do Recife, bem como sua sociabilidade e apropriação do espaço público para entender os motivos que levam à existência de um desinteresse habitacional no bairro.

Este trabalho está dividido em duas partes: a primeira traz um debate teórico sobre as transformações do método etnográfico desde a incorporação do espaço urbano no campo de atuação antropológico e como a perspectiva individualizada e isolada dos atores deu lugar à perspectiva de perto e de dentro num debate sobre antropologia na

cidade; a segunda traz um relato de uma experiência de aproximação antropológica no Bairro do Recife que teve como pano de fundo o desinteresse habitacional no bairro, discorrendo sobre a abordagem de perto e de dentro mediante a observação caminhante e a síntese dos resultados em um mapa afetivo.

2. DE PERTO E DE DENTRO DO BAIRRO DO RECIFE

A expansão do campo de atuação do antropólogo para as cidades, sobretudo a partir dos estudos empreendidos por grandes nomes da Escola de Chicago (PARK,1979; WIRTH, 1979), fez o método etnográfico, até então acostumado com sociedades tribais ou rurais, levar suas ferramentas de pesquisa ao espaço urbano. Com esta expansão do universo de pesquisa, "o antropólogo encontra na investigação urbana uma fonte inesgotável de problemáticas híbridas e complexas" (AGIER, 2011, p.35). Logo, a sociabilidade urbana e os grupos sociais residentes nas grandes cidades são postas sob a teoria e os métodos de análise da antropologia social.

Num primeiro momento, indaga-se que, em boa parte dos estudos etnográficos empreendidos até então, havia uma clara distância cultural entre o pesquisador e as sociedades tribais e rurais que ele se propunha estudar, já na realidade urbana essas distâncias não eram tão grandes e, muitas das vezes, inexistentes, uma vez que o antropólogo era ele próprio um indivíduo citadino. Essa indagação não tarda em ser superada, já que "há distâncias culturais nítidas internas ao meio urbano em que vivemos, permitindo ao 'nativo' fazer pesquisas antropológicas com grupos diferentes do seu, embora possam estar basicamente próximos" (VELHO, 1980, P.16).

As diferenças culturais garantiriam um distanciamento entre o pesquisador e o grupo que estudava, mas e quando o antropólogo estudava seu próprio grupo, aquele a qual se identificava e compartilhava de semelhanças culturais nítidas? Nesses casos, Velho (1980, p.18) defendeu que "para realizar seu trabalho [o antropólogo ou o pesquisador] precisa permanentemente manter uma atitude de estranhamento diante do que se passa não só à sua volta como com ele mesmo". Assim, questionar-se da realidade que se insere e de seus pensamentos e concepções é o caminho para a etnografia em espaços e realidades tão próprias e familiares.

O individualismo dos sujeitos surge então como uma das principais questões investigativas, sobretudo devido a predisposição individualista que a vida urbana parecia resultar, haja vista que há uma tendência para a generalização do modo de vida (AGIER, 2011, p.62). Por mais que a cidade reunisse um grande número de pessoas que conviviam em proximidade e se deslocassem em massas humanas, num primeiro momento, se viu o indivíduo cada vez mais isolado, numa relação paradoxal: quanto mais pessoas reunidas, maior era a tendência do indivíduo se isolar.

Essa concepção é rebatida por Magnani (2002, p.17), ao afirmar que ela "desconhece a existência de grupos, redes, sistemas de troca, pontos de encontro, instituições,

arranjos, trajetos e muitas outras mediações por meio das quais aquela entidade abstrata do indivíduo participa efetivamente, em seu cotidiano, da cidade". Segundo o autor, essa concepção advém de uma posição reflexiva que toma distância do indivíduo, chamada por ele de "olhar de fora e de longe". Por mais que os indivíduos caminhem na cidade ao lado de estranhos que nunca irão conhecer — uma situação impensável de se ocorrer em uma tribo ou pequena vila —, com um olhar de "perto e de dentro" se percebe que cada um desses indivíduos possuem uma rede de relacionamentos com outros habitantes, que é responsável pela existência da dinâmica cultural e as formas de sociabilidade no espaço urbano.

> A perspectiva de perto e de dentro, [é] capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos (MAGNANI, 2002, p.17)

Esse pensamento adentra e absorve o conceito de sociabilidade descrito pelo sociólogo alemão Georg Simmel. A antropologia urbana no Brasil toma este conceito como um dos pilares que sustentam as suas teorias e etnografias, feitas a partir do caráter relacional e os padrões de sociabilidade encontrados no ambiente urbano de nossas cidades. Arvorado nessa teoria,

> para Simmel, a sociedade existe como um dos modos pelos quais toda a experiência humana pode ser potencialmente organizada, e num sentido concreto, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço; num sentido abstrato, denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede. A sociedade seria, em suma, 'a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos particulares de associação [...]'" (Simmel apud Frúgoli Júnior, 2007, pag. 6)

Os antropólogos tomam os aspectos culturais de grupos sociais complexos inseridos na dinâmica urbana das cidades como objeto de estudo, aplicando-lhes os métodos de pesquisa da antropologia tradicional e através desse procedimento, interpretaram diversos fenômenos urbanos. Pesquisas voltadas para assuntos da vida cotidiana, religiões tradicionais, padrões de consumo ou de populações marginalizadas foram as responsáreis por colocar a antropologia em evidência (OLIVEN, 1980, p.27).

O estudo dessas populações para a compreensão dos fenômenos urbanos é apontado por Durhan (2004) como uma "antropologia na cidade". Segundo a autora, no Brasil não houve uma antropologia urbana que procurou entender os fenômenos urbanos através dele próprios, como na Escola de Chicago. A realidade brasileira é o estudo de populações urbanas, tendo a concepção de que "a cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto" (DURHAN, 2004, p.19). Assim como na antropologia tradicional, as pesquisas realizadas no ambiente urbano irão valer-se

das ferramentas etnográficas como a observação participante, história de vida e entrevistas dirigidas, relacionando as manifestações culturais com o substrato social e econômico das sociedades estudadas.

Ao comungar da mesma opinião, Magnani (2002, p.25) aponta ao fato de que "a unidade de análise da antropologia urbana seria constituída pelas diferentes práticas e não pela cidade como uma totalidade ou uma forma específica de assentamento", corroborando, assim, a mesma ideia de antropologia na cidade. No caso apresentado neste trabalho, os objetos de uma pesquisa etnográfica no Bairro do Recife seriam as populações que ali residem, trabalham ou frequentam. Seria uma pesquisa de antropologia no Bairro do Recife que forneceria dados sobre processos urbanos do bairro.

Apreender todos os processos sociais e antropológicos de uma região, ainda que limitada a um único bairro, seria uma tarefa difícil e que demandaria um tempo grandioso. A antropologia na cidade fornece o entendimento de aspectos e facetas da vida urbana através de temas, que são assimilados de formas isoladas para compreender aspectos urbanos inerentes à vida social, mas também às características da cidade enquanto espaço, sejam elas urbanas, arquitetônicas, geográficas, históricas, econômicas e outras. No caso da pesquisa empreendida no Bairro do Recife, o tema que norteia a análise etnográfica, é a questão habitacional.

> o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. (MAGNANI, 2002, p.17)

Fundamentada no campo da antropologia urbana e inspirada em um método etnográfico, o relato exposto aqui neste trabalho teve no estudo das populações envolvidas com o espaço estudado uma fonte de informações para a resolução do problema a que a pesquisa se debruçou. Nesse sentido, o olhar de perto e de dentro se mostrou como uma estratégia de análise que investe nos dois lados do espaço: o humano, através dos atores sociais, dos grupos e das práticas, e o da paisagem que estes se inserem, haja vista que esta é "entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise" (MAGNANI, 2002, p.18). O método etnográfico inspirado pelo olhar de perto e de dentro auxiliou na escolha da observação caminhante como principal ferramenta de pesquisa diante das circunstâncias encontradas no espaço da pesquisa.

3. DE PERTO E DE DENTRO DO BAIRRO DO RECIFE

A observação figura como uma das mais clássicas ferramentas de pesquisa utilizadas no método etnográfico, seja ela participante ou não. Entretanto, é notável a percepção de Frúgoli Júnior (2007, p.187) de que há uma "ilusão de iniciante de que a gente está invisível quando faz trabalho de campo". Essa percepção vem do fato de que, por mais que se evite interações com os atores, é impossível não ser notado e, de certa forma, participar do fenômeno. Essa é a perspectiva tomada pela experiência etnográfica aqui descrita.

Todavia, a espacialização das sociabilidades presentes em um bairro de tecido urbano complexo e de uma variedade de usos contrastantes nos diversos períodos do dia exige que a observação venha acompanhada do caminhar. Deste modo, a observação adquire o adjetivo "caminhante", pois se observam as pessoas e a paisagem mediante um processo de deslocamento no espaço/tempo. A observação caminhante ou "metodologia andante" (LOPES, 2007) parte da concepção de que caminhar implica pensamento e reflexão, e que a constante renovação da paisagem evoca uma riqueza crítica ao observador atento.

> andar pode também convocar o pensamento reflexivo, aquele que pisa e repisa sobre os passos dados. Um e outro embrenham-se em emoções, ligando o visível (a indiscutível materialidade do espaço urbano, a sua presença física, abrindo e fechando possibilidades, oferecendo barreiras às apropriações, necessariamente finitas e enquadradas) ao invisível (memórias, sentimentos, sentidos), abrindo e construindo cenários interiores a partir de cenários exteriores, de tal forma que o que se cria é um ambiente de síntese inteira mente novo, autênticas topografias sentimentais ou poéticas práticas do espaço. (LOPES, 2007, p. 73)

A apreensão das variações na paisagem seria possível mediante a presença nos mais variados horários e contextos de uso do espaço público. Assim, diante da necessidade de uma abordagem de perto e de dentro e tendo no caminhar a possibilidade de circular o bairro enquanto o observa, foram definidos dois trajetos para a pesquisa. Os trajetos tiveram a função de guia neste caminhar, possibilitando uma similaridade da paisagem enquanto aspectos materiais do bairro, entretanto era essencial que fossem flexíveis (trajetos variantes) e permitissem que o pesquisador, envolto na experiência do caminhar, tivesse a liberdade de não virar à direita naquela esquina, mas sim à esquerda e perceber que aquela rua, tão vazia durante o dia, naquela noite apresentava um aglomerado de pessoas ao redor de um grupo de maracatu e, desta forma, apreender as diversas formas como a materialidade era apropriada e as leituras afetivas que o espaço tinha no decorrer do tempo.

Os dois trajetos cobriam partes distintas da ilha que é o Bairro do Recife. O Trajeto Sul (figura 1) percorria as ruas mais antigas e preservadas, caracterizadas por uma dinâmica voltada para o polo tecnológico que o bairro abriga e todo o circuito turístico. O Trajeto Norte (figura 2), na região central da ilha, percorria as

ruas mais descaracterizadas do ponto de vista do patrimônio arquitetônico, mas que abrigam uma comunidade de residentes de baixa renda e os resquícios de uma antiga atividade industrial e de armazenagem. Vale pontuar que a região do Porto do Recife, no extremo norte da ilha, foi ignorada na pesquisa, uma vez que é um espaço privado cercado que dificulta o caminhar.

Figura 1. Trajeto sul.
Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Figura 2. Trajeto Norte.
Fonte: elaborado pelo autor (2019).

A observação caminhante foi pautada pela análise de como as pessoas se apropriavam e faziam uso do espaço público, tendo como pano de fundo o quanto isso impactava na questão habitacional do bairro. Os trajetos não eram de um caminhar contínuo, permitindo, além da tomada dos trajetos variantes, as pausas para observar, fotografar,

experienciar o lugar com mais atenção e anotar as impressões. Os trajetos tinham uma duração aproximada de um turno, ou seja, manhã, tarde ou noite. Considerou-se necessária a presença em cada um dos trajetos pelo menos uma vez em cada um dos três turnos e em cada um dos dias da semana, ou seja, foram empreendidas vinte e uma caminhadas pelo trajeto norte e vinte e uma caminhadas pelo trajeto sul, totalizando quarenta e dois momentos de observação caminhante no bairro.

Assim como tradicionalmente é feito no processo de observação participante dentro do método etnográfico, também se tinha em mãos um diário de campo onde foram anotadas informações sobre o dia da semana e horário do trajeto, bem como todas as apreensões objetivas e subjetivas observadas: como as pessoas usavam o espaço, características materiais da arquitetura e do espaço público, sentimentos do pesquisador ao transitar por determinados trechos, experiências de contato com moradores ou outros usuários, experiências onde foi notado e tudo o mais que se achou necessário registrar e que tivesse relação com a compreensão espacial e afetiva do bairro.

Deparou-se então com a necessidade de espacializar o que foi observado durante as caminhadas. Não sei se pela necessidade comum aos urbanistas de transformar informações em mapas ou por ter a possibilidade de criar uma imagem síntese da sociabilidade apreendida no bairro como um todo. Assim, optou-se pela criação de um mapa afetivo (figura 3) que sintetizasse as informações registradas no diário de campo.

Ao adotar como inspiração o método de confecção de mapas afetivos e o entendimento do espaço fornecido por eles desenvolvido por Bomfim (2008), obteve-se um mapa afetivo do Bairro do Recife como produto. Bomfim (2008, p.253) apresenta uma metodologia de apreensão dos afetos através de mapas afetivos, e busca uma “compreensão psicossocial e sociocultural na relação entre subjetividade e espaço construído, enfatizando o afeto como grande agregador da percepção e do conhecimento sobre a cidade”. Entretanto, a apreensão do afeto em relação à cidade corresponde aos atores sociais que se submeteram à metodologia.

Figura 3. Mapa afetivo do Bairro do Recife.
Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Apreender a cidade através de desenhos e metáforas criadas pela população estudada, levou Bomfim (2008) a submeter os participantes a uma série de procedimentos como a confecção e explicação através de palavras ou desenhos da cidade feitos pelo próprio participante da pesquisa, bem como a descrição de sentimentos e pensamentos sobre a cidade, além da redução do arcabouço sentimental em palavras síntese. Diferente da metodologia aplicada por Bomfim (2008), aqui, o mapa afetivo não foi gerado através das percepções de populações estudadas, mas sim da percepção assimilada pelo pesquisador sobre o Bairro do Recife. Desta forma, o mapa afetivo se configura como uma síntese de todo o processo de observação caminhante realizado nos trajetos.

Através de palavras síntese, que evocam os sentimentos e afetos vivenciados em cada parte da área estudada, o Bairro do Recife foi mapeado de acordo com a afetividade sentida pelo pesquisador ao transitar por suas ruas em todos os dias da semana e nos mais variados horários. Palavras síntese foram associadas a determinados trechos do bairro, variando entre solidão, tristeza, intrusão e admiração, felicidade e acolhimento, além de mais uma série de sentimentos traduzidos em uma única

palavra ou termos curtos. Dessa forma, o conteúdo do diário de campo pôde ser traduzido em um elemento visual, que espacializa o bairro de acordo com as apreensões afetivas do pesquisador.

Os espaços públicos destacados no mapa afetivo foram classificados e categorizados de acordo com qualidades que se repetiam e assim formavam classes de espaços. Tendo em vista os resultados obtidos na segunda fase da pesquisa de campo, bem como a experiência vivida durante esta etapa, ao todo foram definidas cinco categorias referentes às qualidades dos espaços públicos no Bairro do Recife, pautadas em cinco adjetivos empregados ao espaço em questão: vazio, habitado, alegre, acolhedor e plural. Mesmo que uma área fosse alocada em uma dessas categorias, é preciso esclarecer que ela poderia ter mais de uma dessas qualidades, entretanto, aquela que prevaleceu foi a que melhor representava os sentimentos a ela atrelados.

Vale ainda ressaltar que as qualidades atribuídas são fruto não só das experiências vividas, mas também do perfil do próprio pesquisador que fez a observação caminhante. O pesquisador, sendo um homem branco e cisgênero, advindo de uma classe trabalhadora, mas sendo arquiteto por profissão e indivíduo não recifense, natural do interior do estado de Pernambuco, onde estudou até o fim da graduação, teve uma experiência que pode diferir em muitos aspectos da de outro indivíduo de classe, gênero, naturalidade, profissão e ideologias diferentes. Portanto, é fundamental ressaltar que os resultados expostos no mapa afetivo derivam dessas características individuais, ainda que se tenha recorrido ao método da observação caminhante, que forneceu dados sobre como os indivíduos, pertencentes aos mais variados grupos, recepcionavam e eram recepcionados pelo espaço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar dentro do território e perto de seus usuários com um olhar apurado para a dinâmica de sociabilidade existente fez com que o olhar do pesquisador/arquiteto percebesse que não só a cidade é seu objeto de estudo, mas também as pessoas que residem, transitam e a frequentam. Estar perto e dentro exigiu que o pesquisador fosse morar nas cercanias do Bairro do Recife (não em seu interior, devido à baixa oferta habitacional), que passasse a frequentá-lo tanto como cientista, quanto como usuário. Por fim, a perspectiva de perto e de dentro favorece o contato com detalhes dificilmente percebidos quando se toma distância do objeto de estudo, e o olhar atento do pesquisador se depara então com uma riqueza de informações que lhe fazem se apropriar do território e fazer parte da rede de sociabilidade que estuda, trazendo para si uma compreensão mais apurada do fenômeno em questão.

O caminhar, que estimula o pensamento reflexivo e crítico do espaço, permitiu, em consonância com a observação participante, a apreensão do espaço mediante sua vivência e contato direto. As camadas temporais adquiridas através do caminhar

permitiram que o observador lançasse infinitas fotografias das diversas camadas humanas da paisagem e buscasse no espaço justificativas para o problema existente. O diário de campo capturou os pensamentos e reflexões fugazes que por fim se condensaram no mapa afetivo.

O mapa explora características do espaço estudado em relação à sua camada de sociabilidades e afetos. Ao lançar um olhar sobre o mapa afetivo do Bairro do Recife é possível ver uma versão própria, mediante as individualidades do pesquisador, que dá indícios das razões para o desinteresse habitacional no território. Dessa forma, pode-se inferir três conclusões: a) o desinteresse habitacional no Bairro do Recife deriva da ociosidade de seu espaço em determinados momentos. A ausência quase total de habitação na parte sul da ilha cria um espaço que é apropriado somente no período diurno e, ainda assim, esse espaço está circundado por lugares completamente vazios onde as edificações se encontram sem uso; b) há interesse e amostragem habitacional justamente nas regiões mais vazias, ou seja, o centro da ilha, onde o processo de abandono e degradação favoreceu a ocupação irregular deste espaço pelas camadas mais vulneráveis da população, lançando aqui uma questão de classe em relação ao desinteresse habitacional; c) por fim, conclui-se que o método etnográfico aqui descrito não exaure a questão do desinteresse habitacional, o espaço urbano é uma arena complexa constituída de diversas camadas sociais modificadas mediante os interesses de diversos e distintos agentes, entretanto, aqui se apresenta uma feição do problema, que leva em conta o que se pode observar de perto e de dentro.

5. BIBLIOGRAFIA

Agier, M (2011). Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos. Editora Terceiro Nome.

Bomfim, ZÁC (2008). Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. Em J. Pinheiro & H. Günther (Eds.). Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente. Casa do Psicólogo.

Durhan, E (2004). A Pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. Em R. Cardoso (Ed.). A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. Editora Paz e Terra.

Frúgoli Júnior, H (2007). Sociabilidade Urbana. Jorge Zahar Editores.

Lopes, JT (2007). Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. Sociologia Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 17/18 (1), 69-80. *https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2345*

Lubambo, CW (1991). O Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero. CEPE/ Fundação de Cultura Cidade do Recife.

Magnani, JGC (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira Ciências Sociais, 17(49), 11-29. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002.

Magnani, JGC (2009). Etnografia Urbana. Em C. Fortuna & R. Proença-Leite (Eds.). Plural de Cidade: léxicos e culturas urbanas. Almedina.

Oliven, R (1980). Por uma antropologia em cidades brasileiras. Em Velho, G (Ed.) O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira (pp. 23-36). Editora Campus.

Velho, Gilberto (1980). O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. Em Velho, Gilberto (Ed.) O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira (pp. 13-22). Editora Campus.

Park, RE (1979). A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento. Em O. Velho, O Fenômeno Urbano (pp. 26-67). Zahar.

Wirth, L (1979). O Urbanismo como modo de vida. Em O. Velho, O Fenômeno Urbano (pp. 90-113). Zahar.

R45

SPATIALITIES OF PARTICIPATION: OTHER SYSTEMS OF SENSIBILITY BETWEEN ART AND ARCHITECTURE

CHAIRS Rafael Goffin t de Almeida
Tatiana Francischini
Brandão dos Reis
Rodrigo Nogueira Lima

Relying on the concepts of ‘politics’ and ‘police,’ as proposed by Rancière (1995; 1996), we are interested in seeing in participatory spatial practices the possibilities to produce the ‘dissent’. In broad terms, if art and architecture contain a ‘political’ dimension when they can destabilize a “common sensible experience” with another, we must inquire whether, despite their declared aspirations, their participation experiences are indeed capable of destabilizing defined positions on objects, subjects, and processes; as well as the possible relations between them and systems of legibility, belonging, and exclusion.

R45

TEXTURES OF A SCRAPYARD

TEXTURAS DE UM FERRO-VELHO

Yasmine Abbas
Immersive Environments Lab Director
The Pennsylvania State University
yxa54@psu.edu

Dk Osseo-Asare
Humanitarian Materials Lab Director
The Pennsylvania State University
ydo1@psu.edu

ABSTRACT

This paper describes the methods and processes of unveiling the textures – from Latin *textura* 'weaving', and from *text-* 'woven' – of the Agbogbloshie Scrapyard, context of the Agbogbloshie Makerspace Platform (AMP), an award-winning participatory design and action-research project. The toxic atmosphere – the air – of the Agbogbloshie scrapyard, often illustrated by photographs of young men burning balls of electrical cables to recuperate copper, has engendered a web of data, text, and images that manifests the imprint of our digital society. But, as many other (e)-waste landscapes that exist around the world, the Agbogbloshie scrapyard has been a means of livelihood to thousands of "informal" (e)-waste workers. This essay discusses how embodied sensory fieldwork is an important ingredient of design participation and offers a democratic and bottom-up approach that can yield design justice. The text covers the actions of engaging the scrapyard's fluid and dynamic electronic landscape by ways of walking, mapping and making.

KEYWORDS: participatory. sensory. fieldwork. walking. mapping. making. justice

RESUMO

Este artigo descreve os métodos e processos de desvelamento das texturas – do latim textura 'tecelagem', e do texto- 'tecido' - do ferro-velho de Agbogbloshie, no contexto da Agbogbloshie Makerspace Platform (AMP), um premiado projeto de pesquisa participativa. A atmosfera tóxica – o ar – do ferro-velho de Agbogbloshie, muitas vezes ilustrada por fotografias de jovens queimando bolas de cabos elétricos para recuperar cobre, gerou uma rede de dados, textos e imagens que manifesta a marca da nossa sociedade digital. Mas, como muitas outras paisagens de (e)resíduos que existem em todo o mundo, o ferro-velho de Agbogbloshie tem sido um meio de subsistência para milhares de trabalhadores "informais" de reciclagem de materiais de tecnologia. Este ensaio discute como o trabalho de campo sensorial incorporado é um ingrediente importante da participação do design e oferece uma abordagem democrática com um olhar "de baixo para cima", que pode produzir justiça no design. O texto aborda as ações de engajamento na paisagem eletrônica fluida e dinâmica do ferro-velho por meio do caminhar, mapear e executar.

PALAVRAS-CHAVE: participativo. sensorial. trabalho de campo. caminhada. mapeamento. execução. justiça

1. THREADS OF SPATIAL JUSTICE

Participatory projects that yield socio-spatial justice rely on many methods of engagement, many times tried in-situ and iterated. In their latest book, for example, the architect Teddy Cruz and the political scientist Fonna Forman assemble a series of thirty "building blocks", refined over several decades of research-based practice at the Mexico-USA border (2022). These "building blocks" have proven to be key to "generate justice" (Eglash & Foster in Mavhunga, Ed., 2016) in projects governed by hybrid bottom-up and top-down decision-making structures (Cruz & Forman, 2022). Engaging spatial justice "demands epistemic humility and openness to new worlds of knowledge and practice" (idem: p. 14) because the context, the visible and invisible ground conditions, but also the global and local forces that shape it, is complex and "become[s] the material for design" (idem).

One characteristic of the urban context in which Cruz and Forman operate is that it is "kinetic" (Mehrotra et al., 2021). As opposed to a "static" urban environment, a "kinetic" space is, in Mehrotra's words, "[...] fluid and dynamic, mobile and temporal (often as a strategy to defeat eviction) [...]" (p. 215). Navigation in such kinetic spaces is a matter of both, effect – the forces that propel action, or affect – the laws of attractions and repulsions that influence action. In them, the relationships between "actants", humans and non-humans that have interest/effect in a situation (Latour, 2007), are "provisional" (Simone, 2007) driven by the four-fold and relational "synergistic," "antagonistic," "opportunistic," and "empathetic" "tendencies of entanglement" (Shafique, 2022). Design intervention in such versatile context thus requires a great deal of "flexibility" – or pliability – (Hamdi, 1991) in terms of design practice, including nomadic project activities, methods used to translate the needs of a community, and models generated to accommodate for change. Yet, to "translate the informal", as Cruz and Forman advocate for building block 11 (pp.: 60-63), it becomes necessary to "interpret" the logics of the fluid space in question.

In this paper, the authors discuss sensory fieldwork in fluid contexts as an important ingredient of design participation. It will cover the actions of walking, mapping and making as modes of experience and engagement employed to comprehend the textures – from Latin *textura* 'weaving', and from *text-* 'woven' – of a kinetic space, the Agbogbloshie scrapyard located in Accra, Ghana, and context of the Agbogbloshie Makerspace Platform (AMP), an award-winning participatory design and action-research project. This reflection follows the thread of a conversation sparked during *Plastik ka Mela: Waste Work and the Art of Survival,* a 2023 one-day symposium organized by Compound 13 Lab, when a panel of experts in the field of participatory design through material engagement recognized the importance of the senses in comprehending the text and subtexts of the dynamic spaces that they were engaging with.

2. SPACES OF FLOWS

The space of the Agbogbloshie scrapyard is fluid in many ways. Literally, and in a geographical sense, as it is located within the Korle Lagoon, the mouth of the Odaw [odɔ] river that flows through the capital of Ghana, an ecotone or liminal ecological zone between land and sea whose limits are fluctuating with water levels. It is prone to flooding. A makeshift bridge connects both sides of the river, the area of the scrapyard to the inner-city slum of Old Fadama, infamously nicknamed "Sodom and Gomorrah" (Yeebo, 2019).

Culturally speaking, the lagoon is a "natural shrine", home to a Ga water deity "whose worship is the responsibility of a resident lineage of the nearest coastal town" (Kilson: 1971, p. 127); the significance of which has been greatly affected/forgotten because of colonial ruling and environmental pollution. The popular toponym of the area however, Agbogbloshie, is that of another deity whose shrine is situated on the other side of the Abossey-Okai road that flanks the scrapyard, in the commercial district of the same name (Grant, 2009: 117).

The zone of the scrapyard and its surrounds, which has "ambiguous land ownership and administrative locational permitting" (Davis et al., 2018: p. 3), regulated by both customary (indigenous) and statutory (colonial, global) laws, attracts many poor city dwellers and newcomers. In terms of mobile infrastructure, the scrapyard is adjoining many hubs, a bus station, a train station and a parking space dedicated to the trucks that transport yam and onions cultivated in the North to the nearby markets (now relocated elsewhere). Agbogbloshie is the workplace of thousands of (e)waste workers, scrap dealers and ancillaries (Grant & Ababio, 2012). Most of them are Muslim Northerners, many from Tamale and surrounding villages, who have migrated to the South (at majority Christian) because of climate change, tribal conflicts, and World Bank and International Monetary Fund (IMF) structural adjustments (Davis et al., 2018). Mobile telephony, which is very important to deal scrap, enable messaging and banking exchange between people within and beyond the area (with adjacent artisanal fabricators in need of materials or families seeking financial support in the North), digitally linking different geographies together.

(E-)waste, which comes from local and global sources, connected to used goods importation (Grant & Ababio, 2012), is a means of income and a "binding agent" (Osseo-Asare & Abbas, 2019). Amongst other vehicles that bring waste to the scrapyard, carts, made of reclaimed wood and tires, are the most representative of the flow of material going in and out of the open-air recycling center. Cart pushers (who are, along with cable burners, at the lower end of the social organization of the scrapyard) crisscross Accra and its suburbs in search for waste that can generate scrap metal, parts and recyclable materials. They transport their bounty to the scrapyard where items circulate through, as scrap dealers, masters and apprentices, swiftly trade, crudely process and craftily arrange temporary piles of similar constituents that visually give Agbogbloshie a shifting shape. The arrival of items

and yield of materials is erratic, different from one day to another. And when eviction happens, the components of what has been brutally destroyed, the makeshift kiosks and cottage manufactories, get (almost magically) reprocessed. As Mehrotra writes, a kinetic space "[...] leaves no ruins. It constantly recycles its resources, leveraging great effect and presence with very little means" (Mehrotra et al., 2021: p. 215).

At Agbogbloshie, there exist no contract, no fixed schedule, and no deadline. AbdouMaliq Simone explains how the African "mobile collective subject" adapts to ever changing life circumstances and assembles "provisional relationships" to make up for a lack of urban governance, infrastructure and service (Simone in Çinar & Bender, Eds., 2007: p. 80-81). The author emphasizes the affective quality of the temporary "assemblages" (in the sense given by Deleuze and Guattari): "Everything must be seized in the moment, regardless of its apparent value or usefulness. Sensation is reorganized with emphasis on aural acuity." (p. 82). The many movements within Agbogbloshie, the changing water levels, the temporal occupation, the fleeting alliances, the fluctuating global and local entanglements, the "ad hoc" (Jencks & Silver, 2013) material collection and transformation, confer a multi-formal identity (in contradistinction to informal) to what we come to understand as an electronic landscape or field that continuously transform with the changing relations between charged particles.

3. EMBODIED SENSORY FIELDWORK

In contemporary architectural practices, the "field" is akin to the "smooth" space of the nomads in the philosophical school of Deleuze and Guattari and describes the shape shifting territory where relations between constituting parts matter more than the parts themselves (Deleuze and Guattari, 1987; Allen, 2009). In Allen's description, the field is concerned with "the serial aggregation of a large number of relatively small, more or less similar parts" (Allen, 2009: p. 218). However, at Agbogbloshie, the fluid territory encountered is made of heterogeneous constituents, for example cart pushers, cable burners, the scrap dealers' association, kiosks, mosques, tools, scales, scrap metal and plastic materials, whose relationship we also want to map or make sense of. For architectural designers, going on walks to (re)trace the movement and (non)human relations in the scrapyard using mobile phone enabled geo-localization and visual, text and sound recording, and participate in makers activities, is less a concern for an accurate representation of the milieu than a means to think through the possibilities of engagement within such a fluid site and find avenues for generative action.

3.1 Walking

Walking (when one is able) is an "aesthetic practice" (Careri, 2017): it is generative in that it produces space and place; for example, the repetitive passages on the surface of the Earth weaves traces, which become trails for others to follow. Another example would be the stones left along a journey or a path to mark a direction, an anchoring in space and time. Walking can also be a way to corporeally connect

to nature, to realize the importance of our engagement with the materiality of a site and participate in an "opening of the world" (Thomas, 2016). Geopoetics, as formulated by writer Kenneth White, yet practiced since ancient times by indigenous communities, is a way of performing a landscape – think for example of the songlines, or dreaming track, of the Aboriginal Australians.

Usually, the environment thus experienced is unpolluted. At Agbogbloshie, walking to practice and to the landscape, is a means to take the measure of the (contaminated) field, which, as Allen writes, "implicates architects in a material improvisation conducted on site in real-time" (2009: p. 217). In his book *En Quête d'Ambiances*[1] Thibauld discusses the importance of movement in the making of an urban ambiance. Discussing the fieldwork conducted Place de la Convention in the 15th neighborhood of Paris, Thibauld demonstrates how passersby altogether "incorporate", "embody" and "shape" the ambiance of the plaza observed (2015). Walking in Agbogbloshie, which exists in the mind of its many detractors, as a dangerous site, highly polluted and occupied by a population of poor migrants, a narrative unfortunately too hastily relayed by the Media, reveals a nuanced story: Agbogbloshie is a workspace that metabolizes the city's waste.

In the context of the fieldwork conducted, walking is a communal operation: vetted by the leaders of the Scrap Dealers Association (SDA), AMP community agents, accompanied by members of the Agbogbloshie community (also chosen by the SDA leaders, the eyes and ears of the scrapyard), survey the area, while interviewing over 650 participants compensated with phone credits (figure 1) to understand their activities.

Figure 1. Scrap dealer with both the visual AMP questionnaire and phone credits in hand. Walking includes pauses along the way.
Source: Agbogbloshie Makerspace Platform (2014).

1 The English translation, In Search of Ambiances loses the word play. The French "enquête", in one word, also means investigation.

They are equipped with printed visual questionnaires (qamp.net, 2014), a camera (that can take videos), and GPS-enabled phones (figure 2) that can record sound and visuals (photographs and short videos) as they "incorporate" and "embody" the activities of the people who are "shaping" the ambiance of the scrapyard.

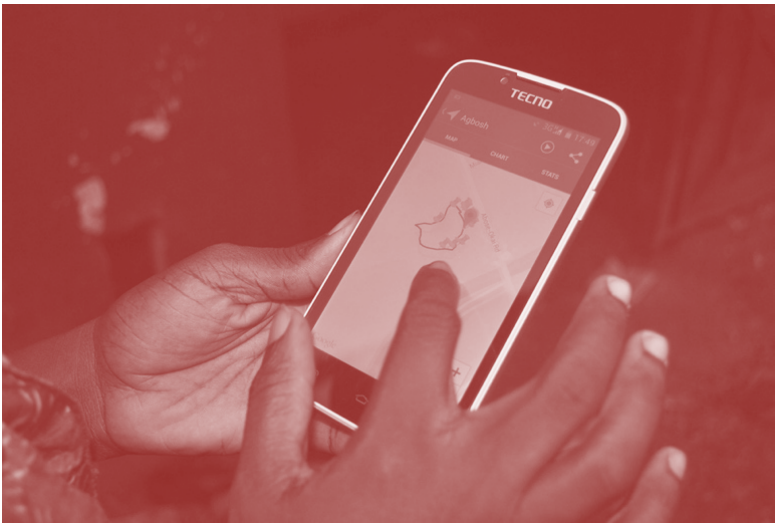


Figure 2. AMP team member conducting fieldwork using a GPS-enabled phone to locate while walking related scrap dealing activities.
Source: Agbogbloshie Makerspace Platform (2014).

By foot, the team immerses in the sonic environment of the scrapyard and experiences its pulse and polyrhythm, between the calls for prayers, the whirring of various vehicles, carts, motorcycles, motorcycle carts, pick-up trucks, small and large, and other trucks of various sizes loaded with scrap material; the banging of hammers on chisels used for material disassembly (which can exceed thresholds of discomfort when not used to it), the tapping of screwdrivers on various plastics to determine their malleability and thus their category (qamp.net, 2014). Lingering in the open, the toxins and acrid smells from the burning of copper wires drift in the wind within and beyond the boundaries of the site, intoxicating people everywhere.

By walking, designers corporeally realize that the social organization, the zoning arrangement of waste processing, the smells and sounds generated relate to the principal activity in the scrapyard: material processing, repair, disassembly, material transformation (for example the smelting of aluminum recuperated from fridges to make cooking pots). Scrap is the "binding agent" (Osseo-Asare & Abbas, 2019) around which everything organizes. Its movement in, within and out, visible directly (piles of materials) and indirectly (the pervasive scales used to weigh scrap) determines the "actants" (Latour, 2017) in the field, deemed important to visualize. Practicing and performing the landscape is the seed activity to map making.

3.2 Mapping

Agbogbloshie is often represented as a "blank space" (Vasset, 2017) on maps of Accra.[2] It is as if the map makers and their backers want to negate the presence of the scrapyard. The map is a State apparatus (Anderson, 1991). It grants or denies territorial legitimacy to the population living within the confines of the State territory, depending on how the States considers them — what does not appear on the map does not exist. Yet, one can't ignore the activities that take place there. The toxic atmosphere – the air – of the Agbogbloshie scrapyard, often illustrated by photographs of young men burning balls of electrical cables to recuperate copper, has engendered a web of data, text, and images that manifests the imprint of our digital society. Similarly to many other (e)-waste landscapes that exist around the world, the Agbogbloshie scrapyard is a means of livelihood to thousands of often-called "informal" (e)-waste workers. Drawing a map of the blank space is thus not an innocent process. Yet it is always incomplete. Given the nature of the field, always in movement, it is obsolete the moment it is created. However, the process of map making which includes practicing or performing the landscape to collect and select data to visualize, is essential to understanding the field to operate from.

To synthesize learnings from the fieldwork conducted in Agbogbloshie – over a thousand geo-referenced photographs of locations of interviews, sound samples and videos, AMP proceeds with two types of visualizations: the stakeholder's diagram that maps relationships between key actors (figure 3), and a map, more classical in its appearance, that uses a selection of data collected while walking (figure 4).

Figure 3. Fine tuning the stakeholders' diagram with a representative of the Agbogbloshie SDA.
Source: Agbogbloshie Makerspace Platform (2014).

2 Writer Philippe Vasset, who went on a journey to explore about fifty "white/blank zones" present on the IGN (National Geographic Institute) map "n° 2314 OT" of Paris and its banlieue (Vasset, 2007).

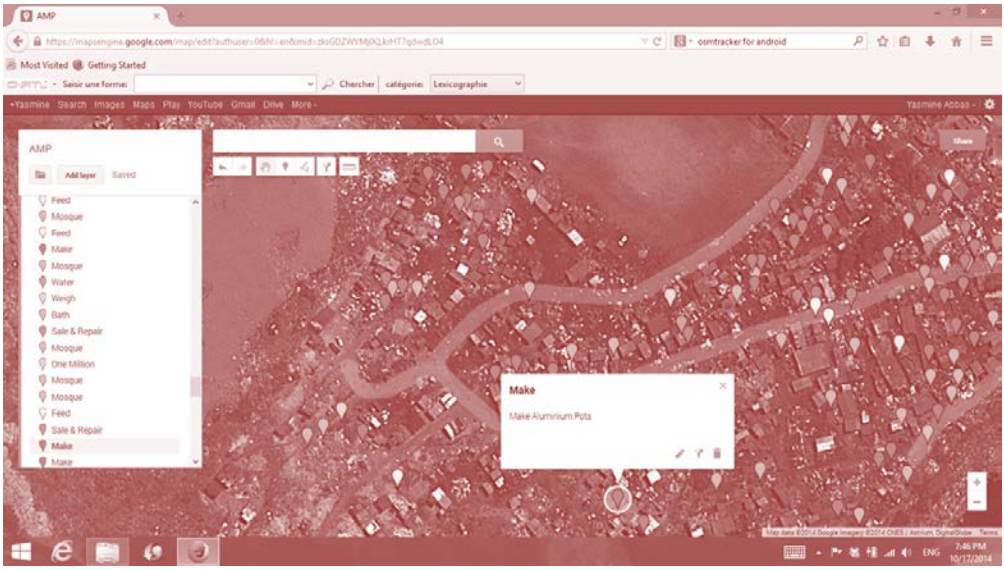


Figure 3. Data collected on Google in preparation for the visualization presented at the 2017 Seoul Biennale for Architecture and Urbanism and subsequently at the 2023 Venice Biennale. While walking, the AMP team also records the rhythm of activities in the scrapyard, something that a drawing can hardly convey.
Source: Agbogbloshie Makerspace Platform (2014).

The map shows different zones, for example the flood extent, the burning areas, the plastic processing sector, the location of scales and mosques that participate in the rhythm of a journey of work, the GPS trails of the various passages that indicates the main pathways, and the points of disassembling, or making. As a political statement, the map renders visible what has been occluded by governing bodies.

3.3 Making

The Agbogbloshie Makerspace Platform collective has organized several hands-on maker workshops in and around the Agbogbloshie Scrapyard, involving thousands of individuals from different walks of life and cultural backgrounds. These “interclass innovation” activities (qamp.net, 2013-2018) mixes different types of knowledge (institutional and vocational) to make things together.

Making things together achieves different goals. Through the sense of touch (Ingold, 2011), people have a feel of materials, and gain an understanding of how things are un/re-made. Tim Ingold writes on the “textility of making”, an argument for considering the internal “field of force and flow” of materials in the shaping of things (2010). Matter is active. It has “vibrancy” (Bennett, 2010) as it interconnected to a web of elements that constitute a milieu. In the same way, waste and scrap are related to different occupations, involve varied knowledge, and organizations. Tinkering with scrap to make things anew inspires some of the youth who have participated in the workshops to work on their own related project (Khalatbari, 2023). The activities conducted contribute to curb the negative ideas, the texts, that people have of

Agbogbloshie – waste processing for survival becomes more tangible, become the subtext of an otherwise counterproductive narrative.

4. WEAVING PARTICIPATION

Community agents explored the "blank" space of the scrapyard by way of walking, open to findings, and by corporeally absorbing the sonic ambiance of the scrapyard. The process of generating the map via walking is integral to community-building process. It is a tactical way to involve many individuals from the population of (e-) waste workers, to introduce them to the concept and vision of AMP and to establish personal relationships within the Agbogbloshie community. It simultaneously enables the understanding of their critical role in the city via the observation of their "on-the-ground" knowledge of e-waste processing. In the case of the co-development of the AMP project, this process of walking – conducted over a matter of weeks and months – ultimately helped the team determine the optimum location for the "AMP spacecraft" mobile makerspace. It furthermore renders visible the invisible ways in which the collection, processing and recycling of waste operate, thereby connecting the AMP project directly to, and through, the social, material and environmental vectors of Agbogbloshie. For Ingold, "making is a way of weaving" (2011). As he writes, "The notion of making, of course, defines an activity purely in terms of its capacity to yield a certain object, whereas weaving focuses on the character of the process by which that object comes into existence." Sensory fieldwork, a process that includes various ways of embodying an ambiance, including walking, mapping, and making, enables the weaving of this knowledge into the participatory design project.

5. BIBLIOGRAPHY

Allen, S. (2009). Practice: Architecture, Technique + Representation. Routledge.

Bennett, J. (2010). Vibrant Matter: A Political Ecology of Things. Duke University Press.

Careri, F. (2017). Walkscapes: Walking as an Aesthetic Practice. Culicidae Architectural Press.

Compound13. (2023, April 5). Plastik ka Mela: Waste Work and the Art of Survival. *https://www.compound13.org/events*

Cruz, T., & Forman, F. (2022). Spatializing Justice: Building Blocks. Hatje Cantz Verlag & The MIT Press.

Çinar, A., & Bender, T. (Eds.). (2007). Urban Imaginaries: Locating the Modern City. University of Minnesota Press.

Davis, J.-M., Akese, G., & Garb, Y. (2019). Beyond the Pollution Haven Hypothesis: Where and Why Do E-waste Hubs Emerge and What Does this Mean for Policies and

Interventions? Geoforum, 98, 36-45. https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2018.09.020

Deleuze, G., & Guattari, F. (1987). A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia. University of Minnesota Press.

Grant, R. (2009). Globalizing City: The Urban and Economic Transformation of Accra, Ghana. Syracuse University Press.

Grant, R., & Oteng-Ababio, M. (2012). Mapping the Invisible and Real "African" Economy: Urban E-Waste Circuitry. Urban Geography, *33*(1), 1-21. https://doi.org/10.2747/0272-3638.33.1.1

Hamdi, N. (1995). Housing Without Houses: Participation, Flexibility, Enablement. Intermediate Technology Publication.

Ingold, T. (2010). The Textility of Making. Cambridge Journal of Economics, 34(1), 91–102.

–– (2011). The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. Routledge.

–– (2013). Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture. Routledge.

ivyasuo. (2014, September 1). Listening to Agbogbloshie. https://qamp.net/2014/09/01/listening-to-agbogbloshie/

Jencks, C., & Silver, N. (2013). Adhocism: The Case for Improvisation (Expanded and updated edition). The MIT Press.

Khalatbari, C. (2023). From the Cloud to the Landfill: The Case of the Agbogbloshie Makerspace Platform and Akwasi Bediako Afrane's TRONS. Revista Diseña. https://doi.org/10.7764/disena.23.Article.5

Kilson, M. (1971). Kpele Lala: Ga Religious Songs and Symbols. Harvard University Press.

Thomas, S. M. Geopoetics, An Opening of the World. In Galvin, K. T., & Prendergast, M. (Eds.). (2016). Poetic Inquiry II – Seeing, Caring, Understanding. SensePublishers. https://doi.org/10.1007/978-94-6300-316-2.

Latour, B. (2007). Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory. Oxford University Press.

Mavhunga, C. C. (Ed.). (2017). What do Science, Technology, and Innovation Mean from Africa? The MIT Press.

Mehrotra, R., Hoskote, R., Mehta, K., & Vora, R. (2021). The Kinetic City & Other Essays. ArchiTangle.

Osseo-Asare, D., & Abbas, Y. (2019). Waste. AA Files, 76, 179–183. https://www.jstor.org/stable/27124602

pervasiveyaz. (2014, June 25). The Sound of Plastic. https://qamp.net/2014/06/25/the-sound-of-plastic/

Shafique, T. (2022). Re-thinking Housing Through Assemblages: Lessons from a Deleuzean Visit to an Informal Settlement in Dhaka. Housing Studies, 37(6), 1015-1034. https://doi.org/10.1080/02673037.2021.1988065

Thibaud, J.-P. (2015). En Quête d'Ambiances: Éprouver la Ville en Passant. MétisPresses.

Vasset, P. (2007). Un Livre Blanc: Récit avec Cartes. Fayard.

Yeebo, Y. (2019, January 22). The Bridge to Sodom and Gomorrah. The Delacorte Review. https://delacortereview.org/2019/01/22/the-bridge-to-sodom-and-gomorrah/

R45

COLORS AND SOCIAL IDENTITIES

CORES E IDENTIDADES SOCIAIS

Sharon Avital
Tel-Aviv University
rhetoricavtial@gmail.com

ABSTRACT
Despite the growing use of colors in the urban environment and growing interest in color research and design, the communicative uses of colors and their relation to identities have remained underexplored. This paper is a part of a book in process which focuses on colors and communication and hopes to provide a more nuanced and rich way to understand identities in the public sphere and specifically in relation to colors. By using rhetorical theories and by analyzing a paradigmatic case study of two distinctly different neighborhoods in Israel and the relation between the color palettes used to the local culture, this paper hopes to explicate the connections between colors, culture, and identities in the urban environment and the ways in which they shape experiences and reinforce worldviews.

1. INTRODUCION
In traditional landscapes, colors were derived from local materials such as plants or minerals and were woven into the local architecture to achieve coherency and calmness. Due to current availability of artificial colors, they are no longer chosen only according to their accessibility and their affective resonance is different. This paper suggests thinking about color choices as having a communicative, cultural and even an ideological role. To examine color choices, analysis was conducted to compare two paradigmatic cases studies: neighborhoods characterized by markedly different demographics and color choices albeit their geographical proximity.

The theoretical framework chosen is that of rhetoric and more specifically that of the visual argument and identities. Argumentation provides a lens through which to read colors within context and to read the layered way in which colors are understood by communities. While color choice is often understood as arbitrary or as motivated by persuasion and marketing considerations, this lens helps us understand the deeper meaning in which colors reflect and shape worldviews and ideologies, on top of being affective agents which reinforce mindsets. In other words, arguments explicate the connections between colors, culture, ideology, and emotions.

2.THEORY
2.1 Rhetoric, Colors and the Body
When thinking about communication and rhetoric, researchers have traditionally looked at aspects of language, structure, symbolism and myths. While the body has been the subject of a great many studies that focused on race and gender, not many explored the ways in which messages influence the body itself and consequently participate in the construction of said cultural symbolism.

Colors are especially interesting in that regard as they link the physiological and the rhetorical-cultural: they call our attention instinctively and shape our perception

immediately, but their uses can be deliberately planned and constructed to achieve desired outcomes. An increasing number of studies showed colors to induce emotions and the importance of skilled use of colors in therapeutic and other settings (Valdez & Meherabian, 1994). For example, it is known that yellow has a similar effect to the sun causing more production of melatonin and improving one's mood while green has a pacifying effect. Colors were accordingly used in therapeutic settings but also were deliberately chosen to create a sense of identity and place (Xu,2017), yet the meaning of specific colors choices was not deeply explored.

To understand the nuanced use of colors in the urban environment which begins with the body and continues with ideology, this paper focuses on rhetoric and the theoretical framework of the visual argument as means to understand the ways in which colors participate in the shaping of identity. Attempts to draw the line between a rational argument to manipulations and logical fallacies are as ancient as the study of rhetoric itself and date back to Ancient Greece. Plato is especially known to have ridiculed the art of rhetoric which focuses on emotions and manipulations and compared it to cosmetics. Instead, he favored philosophy which he associated with logic and truth claims about the world (Georgias). Difficulties to distill rational arguments and distinguish them from other forms of persuasion have become even more pronounced once the focus of communication has shifted to the visual.

2.2 Visual Arguments

The possibility of visual arguments and the ways in which they could be teased from other forms of expression or from verbal arguments was dealt with in depth in a special issue dedicated to the topic (Birdsell &Goarke, 1996). In an interesting article from the issue, Blair tried to separate visual persuasion from argumentation. It is true, he claimed, that certain causal properties are supervenient on certain visual properties, which thus affect their viewers in predictable ways. For example, colors invoke feelings of warmth (reds, oranges) or coolness (blues, greens); photographs of young animals (puppies, kittens, children) evoke tender-heartedness; and certain scenery (the open desert, the mountains, the seashore, hills and forests) evoke feelings of freedom and escape in their viewers. However, while such properties can be and are exploited affectively to cause feelings and attitudes and to evoke responses (for example, in advertising), that does *not* imply that the visual images to which they attach are languages in any literal sense and they do not necessarily serve as arguments.

After analyzing ads as well as architecture from churches, Blair reached the conclusion that visual arguments can indeed be found and convey grammar that is richer than the mere evocation of feelings, affect or comparison by association. According to him, a visual argument must have all, or some, of the salient properties of arguments and they should also be non-verbal visual communication. In other words, visual arguments are to be understood as propositional arguments in which the propositions and their argumentative function and roles are expressed visually (e.g., through gestures, cartoons, animation, videos.). An example, given by Blair is

of sculptures at the entrance to medieval churches: one describes the harm that befalls the sinners on judgment day. Another illustrates the benefits bestowed on the righteous in heaven. Both can be read as propositions and can be understood by church goers within the cultural-religious context in which they are displayed. The conclusion drawn from these visual propositions is clear to the churchgoers as it implies the importance of devotion and right conduct.

The working definition of visual argument in this paper relies therefore on O'keefe's concept of argument (1982) which was also used by Birdstell and Goarkee in the special issue mentioned above (1996) as well as Blair's insights. According to this definition, arguments make claims, there are explicable reasons for the claims, there is an attempt to communicate the claim and reason(s), the argument has author(s), and the argument has an intended recipient. For the visual to be considered a form of argument rather than persuasion it needs to be a form of enthymeme where the claims are deductively drawn from the visual propositions. Importantly, it must be linked to socially or culturally agreed upon conventions that audience members can identify, as they insert their own knowledge and experience to 'fill in the blanks'.

Reading *colors* as argument helps us gain a deeper understanding of their impact provided the audience can identify the propositions and insert the knowledge missing according to the cultural context. Since colors link It can link the affective and sensory (e.g., earth tones for warmth) to the cultural and rhetorical (e.g., green for health stores, saturated pallets for inclusivity), this paper believes them to be less arbitrary and ambiguous than other forms of visual images and even words. In relation to the urban environment, focusing on colors as arguments helps us understand their role in creating an experience and shaping a worldview.

2.3 Ideology, Colors and Identities

Kenneth Burke argued that identification is the cornerstone of rhetoric and that it is even more fundamental than persuasion. He believed that for effective communication to occur, there must be a sense of shared identity, or *consubstantiality,* between the speaker and the audience. The ability to connect with someone and have some kind of shared ground is the perquisite, according to him, for any kind of communication. While identification is essential, it is complex and dynamic and therefore not so easy to achieve. As relationships between individuals and groups keep evolving according to the changing circumstances so is the capacity to evoke identification between them. Ironically, identification is often achieved through divisions which highlights differences between "us" and "them." This strategy can create a sense of unity among a group by defining them in opposition to another. Importantly, identification is intricate and involves shared interests, values, language, symbols, and experiences. It can be achieved through rhetorical strategies such as inclusive language, shared stories, emotions or appeal to common values (Burke, 1969). I would like to suggest that colors should also be understood as a rhetorical tool, syntax, or argument that evoke emotions but also identification.

Despite their huge impact, research on the urban environment has until recently ignored the effect colors have on bodies and feelings. As previously mentioned, colors were previously used in architecture according to their availability as their pigments were derived from local materials. Consequently, houses blended in with the natural setting in which they were situated creating a harmonious ambiance. In recent years, artificial colors have become widely available, and their use in cities has been impacted and shaped by various agents.

Abundant advertising and the commercialization of the public sphere has changed the urban landscape that has become more colorful, universal, and homogenous. The notion of the "private" has all but disappeared as streets and even institutions such as schools have become canvases for brands to advance themselves through advertising or attachment sponsoring of marathons and what used to be local and spontaneous events such as festivals (Klein, 2000).

Global, grassroots movement characterized by Klein as motivated by rage and rave have attempted to push back against the occupation of the public sphere. These counter-culture efforts consisted of jamming corporate messages but most importantly for this paper, on revival of the local which has all but disappeared (Lasn, 2002). This was achieved through eccentric graffiti art and murals (Xu, 2018) as well as bold fashion, block parties, and more. Madison Moore describes in his book "Fabulous: the rise of the visual eccentric (2018) the emergence of a new visual language that corresponds with values and identities. The book does not investigate architecture but focuses on other case studies such as fashion and nightlife, but its conclusions are relevant also to this paper. The visual language described by Moore is characterized by bright colors, mixed textures, heavy silhouettes and accessories. It is meant to make a bold statement and stand out; it is seen as defiance to mainstream culture and expresses inclusivity.

3. ANALYSIS

3.1 Method

The analysis focused on rhetorical analysis of color palettes used in the architecture, street art, but also the fashion worn by those visiting and living in the area. Research on the worldview held by people living there was conducted through interviews and the reading of relevant cultural and religious texts. Interviews have further shed light on the ways in which people understand the color palettes as arguments.

3.2 Place and People

The research focused on two neighborhoods in Israel that in spite being geographically close, have distinctly different demographic, cultural make-up, architecture and dominant color palettes. One neighborhood is located in Bney-Brak, a city composed of predominantly ultra-orthodox Jews. This sector tends to be extremely religious, adherently follows the scriptures and its religious leaders and consequently has

a strong sense of Jewish identity. Moreover, the people tend to identify with a specific ultra-orthodox group as these are defined in comparison to one another, in comparison to secular Jews and to other religions. Very little room is given for personal expression and view even on matters pertaining to one's outfit or household is not easily accepted. Violation of the rules of conduct conquers consequences, sometimes in the form of social isolation. The city is poor, dense and the architecture is monochromatic- mainly gray. The ultra-orthodox wear black and white suits and their dress code is strict even in relation to details such as the number of buttons in the collar, or the length of the socks.

Jaffa, on the other hand, is an ancient city and now a part of the municipality of Tel-Aviv. The population living there is ethnically and religiously mixed and is composed of many religions and ethnic groups such as Secular jews, Religious jews, Christian Arabs, Muslim Arabs, Armenians and Tourists from all over the world. The research focused on an area surrounding the flea market which was successfully renovated fifteen years ago and has become more affluent than other parts of the city. The architecture is ancient but what recently renovated, it is sprinkled by contemporary residential buildings, restaurants and stores. In the past decades, the color palette has changed from its traditionally white stone as colorful murals and walls and art were added. The outfits worn by those living in the area are also varied in terms of style, textures, lengths and colors.

4.FINDINGS

Correspondence arose between the color palettes , ideologies and identities. Individuals from both communities were aware of the deeper meaning conveyed by colors and the ways in which they correspond with their worldviews. For the ultra-orthodox, the black and white palette matched their formal, severe and dignified approach to life as well as the importance of observing the rules. Participants talked about the homogenous look and the necessity to dig deeper if one were to express one's individuality. Moreover, black and white was homologous with the dualistic and religious approach according to which sacred is contrasted to the profane, "merit" to sin "sin," and a Jew is understood in opposition to "the Other." Colors therefore operate as means that create identification through symbolism but also through division. Importantly, colors operated as arguments: the propositions related to monochromatic palette as tradition, conformity, dignity and duality. The conclusion reinforced this worldview as important and even inevitable.

Shop owners and residents of Jaffa have also read the color pallet in accordance with their world views. They had a deeper need to express their individuality through fashion, art and language, and they discussed the importance of inclusivity. While some sectors in that area were religious, the varied makeup of the neighborhood made them appreciate and desire inclusivity as a dominant value for the area itself to survive. For artists and others who moved to the neighborhood, the colors signaled

creativity, eccentricity and the possibilities of coexistence. In other words, more liberal values. Despite cultural and religious tensions that admittedly do exist in Jaffa, all loved the colorful architecture that according to them beautified the area and made them feel a part of it. This approach corresponds with the notion of the "fabulous" coined by Moore according to which eccentricity and the visual language of the fabulous (e.g., bright colors) expressed defiance to mainstream culture and inclusivity.

Importantly, the two worldviews: religion and secularos, liberalism and traditionally have come to a head in Israel in recent decades and especially in the last year. Subgroups have started defining themselves in relation to and in contrast to one another. Once values of a certain group are identified, the other group expresses itself accordingly in contrast to that. The more traditional and dualistic one group becomes in its relation to the world, the other group accordingly changes in a different direction. The more one group becomes colorful and eccentric, the more the other groups resorts to the tradition.

Bnei Brak- monochromatic palette

Bnei Brak, passers by dressed in traditional black and white outfits

Jaffa, ancient architecture and peppered by colorful street art

Jaffa, Local Street Art

Jaffa, Houses in Colors

6. CONCLUSION

Propositions pertaining to color pallets were identified in both cities as relating to the importance of formality and obedience, versus individuality and inclusivity. Individuals from both communities did not always know if the colors have a deeper meaning when asked about it. However, they expressed affinity with the aspects they associated with them and were able to “add in the blanks”.

On a deeper level, this paper illustrates that visual argument is a useful lens for analyzing color choice in the urban environment and beyond. Even when color choice appears arbitrary, it is often informed by an ideology as well as by physiology which is not separate from these worldviews. Colors encode ideology due to their affective impact and their use molds a corresponding (body)mindset.

Colors are used as a visual language that creates identification through common ground, but also through division. As such, colors participate in the formation of identities attached to religion, culture, ethnicity or values. The pallets have emerged from two different world views that have recently come to a head in Israel. The ultraorthodox ideology is dualistic and contrasts the alleviated God with the mortal man, the sacred vs profane, sin - virtue, masculine - feminine, jew - "foreigner." The black and white outfits, gray architecture and segregation between genders and communities are a part of the same binary ideology. The colorful palette expressed and shaped an eccentric, open and inclusive identity. It corresponds with a more liberal agenda that is also defined vis a vis the monochromatic palette and ideology.

Ultimately, the palettes by serving as arguments correspond with a worldview of which identities are only an important aspect. Propositions can be distinguished from the conclusions and the targets of these arguments can read them within their context. Due to the affective resonance of the colors and the ways in which they impact the body as well cultural baggage of the arguments, homology was created between the palettes and the worldviews.

The color pallets had an affective resonance with those living in Jaffa noting that the colors are convivial and uplifting. I therefore believe that although color palettes correspond with a certain ideology and shape a similar mind-set and identity, their affective resonance can *override* the ideology. Unlike fashion, which is strictly monitored in that area, varied and saturated palettes can be applied in designated places such as schools and gardens without causing terror.

REFERENCES

Birdsell, David S. and Leo Groarke. "Toward a Theory of Visual Argument." *Argumentation and Advocacy* 33 (1996): 1-10.

Blair, J. Anthony. "The Possibility and Actuality of Visual Arguments." *Argumentation & Advocacy,* vol. 33, no. 1, Summer96, p. 23.

Burke, K. (1969). *A Rhetoric of Motives.* University of California Press

Gorgias. (2000). In *Reading Rhetorical Theory.* Brummett, B. (ed.) Harcourt.

Kalle, L. (2002/1999). Culture Jam: The Uncooling of America. Babel: Tel-Aviv. Trans: Dafna Levi.

Klein, N. (2000). *No Logo.* Picador: New York.

Moore, M. (2018). *Fabulousness: The Rise of the Visual eccentric.* Yale University press

Smith, Valerie, J. Aristotle's Classical Enthymeme and the Visual Argumentation of the Twenty-First Century, *Argumentation and Advocacy 43 (Winter & Spring 2007),* 114-123.

Valdez, V. & Mehrabian, A. (1994), *Journal of Experimental Psychology: General*, Vol 123, No 4, 393-409.

Xu, J. J. (2017). Notes on Interdisciplinary Perspectives of Local Colour Identity, *Journal of the International Colour Association: 19*, 4-14.

R45

ITACARÉ DANCE FESTIVAL: AN EMANCIPATORY AMBIANCE

FESTIVAL DE DANÇA ITACARÉ: UMA AMBIÊNCIA EMANCIPATÓRIA

Fabiana Dultra Britto
Prof. Dr.
Universidade Federal da Bahia
fabritto@ufba.brl

Verusya Santos Correia
Mestra Universidade Federal da Bahia
verusyacorreia@gmail.com

ABSTRACT

Starting from an analytical study developed by direct observation, in the respective conditions of protagonist of the process described and guiding the resulting research, we propose to present the case of the Itacaré Dance Festival as emblematic of an emancipatory ambience established from another regime of sensitivity between art and architecture. It is an experience of transforming the contemporary dance festival model into an aesthetic-political practice, whose peculiar history of social insertion was built, gradually over 10 years of interactive coexistence between the event's creator and the community of fishermen organized in the Associação Cultural Tribo do Porto, located in the territory of the urban quilombo Porto de Trás, in the city of Itacaré (BA). Initially "hosts" of the Festival, the residents of the neighborhood gradually became co- responsible for consolidating its deviant profile from the dominant aesthetic standards in the contemporary arts system, contributing to outlining a participatory ambience engendered by the spatial and cultural conditions of the quilombola territory. and the architectural conditions of the venue that hosts the Festival.

KEYWORDS: ambiance. dance. participation. corpography. emancipation.

RESUMO

Partindo de estudo analítico desenvolvido pela observação direta, nas condições respectivas de protagonista do processo descrito e orientadora da pesquisa resultante, propomos apresentar o caso do Festival de Dança Itacaré como emblemático de uma ambiência emancipatória instaurada a partir de um outro regime de sensibilidade entre arte e arquitetura. Trata-se de uma experiência de transformação do modelo de festival de dança contemporânea em uma prática estético-política, cujo histórico peculiar de inserção social construiu-se, paulatinamente ao longo de 10 anos de convívio interativo entre a idealizadora do evento e a comunidade de pescadores organizados na Associação Cultural Tribo do Porto, situada no território do quilombo urbano Porto de Trás, na cidade de Itacaré (BA). Inicialmente "hospedeiros" do Festival, os moradores do bairro tornaram-se, aos poucos, corresponsáveis pela consolidação do seu perfil desviante dos padrões estéticos dominantes no sistema das artes contemporâneas, contribuindo para delinear uma ambiência participativa engendrada pelas condições espaciais e culturais do território quilombola e as condições arquitetônicas da sede que abriga a realização do Festival.

PALAVRAS-CHAVE: ambiência. dança. participação. corpografia. emancipação.

1. ELITIZAÇÃO

A movimentação corporal é o recurso mais básico da expressão humana cujo desenvolvimento até desdobrar-se numa forma de linguagem artística configura, desde sempre, um percurso de crescente elitização: as ações corporais espontâneas de sobrevivência e comunicação elementar transformaram-se, pouco a pouco, em atividades coletivas de afirmação identitária dos grupos humanos, que ao longo das disputas de força nas interações interpessoais consolidaram-se como práticas culturais com modos próprios de execução e circunstâncias específicas de ocorrência e cujas funções participativas também foram-se especializando sendo diferenciadas entre quem cria e ensina, quem executa e quem assiste.

Um fazer comum, espontâneo e coletivo, tornado um saber particular e circunscrito, desenvolve-se, então, como item de caracterização cultural dos agrupamentos, coletividades e sociedades cuja força de disseminação será índice de afirmação do poder político de quem detém esse saber. Desde sempre cultivada por *experts*, essa atividade corporal qualificada como artística na Grécia antiga, chega às nossas sociedades capitalistas de consumo situada como uma atividade social extraordinária, cuja prática e apreciação requerem o cultivo de competências incomuns e são difundidas pela frequentação de ambientes também diferenciados: as instituições de ensino e cultura.

No Brasil, por muito tempo, a cadeia de formação, produção e difusão da forma artística da dança foi cumprida pelos conservatórios e os teatros, atendendo às expectativas, necessidades e desejos da elite dominante sempre mobilizada pelo ideal de equiparação cultural com os modos de vida das elites internacionais ocidentais. A profissionalização alcançada pela atuação nas companhias de balé mantidas pelos Teatros Municipais, se consolidava pelas temporadas de apresentação do repertório, majoritariamente, internacional. Aos poucos, não apenas as referências estéticas de dança artística se modernizam como também, o próprio sistema de formação (expandido aos ateliês de artistas, mediante remuneração direta) e difusão (expandido a outras salas de espetáculo, mediante aluguel), abrindo espaço para iniciativas de formação, produção e difusão independentes das instituições.

É justamente como alternativa ao modelo de difusão pública da dança artística pelas temporadas em teatros alugados, cuja dependência de bilheteria para cobertura dos custos das montagens cênicas dos espetáculos tornou-se insustentável para artistas independentes ou em início de carreira ou pouco conhecidos ou de perfil estético mais experimental, que os festivais proliferam pelo Brasil, a partir dos anos 1970.

Nos anos 1980, os festivais de dança contemporânea se contrapõem ao modelo dos festivais organizados por estabelecimentos comerciais de ensino informal, chamados "academias" – que inscreviam suas equipes para competir nas diferentes modalidades de dança – e dedicam-se ao fomento de propostas estético-compositivas mais experimentais, tomando por referência os padrões estéticos europeus, notadamente,

francês, belga e alemão. Com aspirações de popularização da dança contemporânea, tornam-se fóruns qualificados de debate e fontes propulsoras de discursos e teorias especializadas sobre a dança.

Ao longo do tempo, firmaram-se, contudo, como ambiências intelectuais elitistas que, depois de consolidarem certa geopolítica segregatória, aos poucos, perderam seu fôlego de irradiação mostrando-se incapazes de dar ressonância estética às questões prementes da sociedade brasileira.

É neste contexto que se inscreve o caso do Festival de Dança Itacaré (FDI), como emblemático de uma espacialidade de participação instaurada a partir de um outro regime de sensibilidade entre arte e arquitetura.

2. DIFERENCIAÇÃO

Idealizado no final de 2007, o FDI teve como inspiração o Festival Literário de Paraty[1]: um evento cultural realizado na zona litorânea, no interior do Rio de Janeiro, cuja ideia fundante era a descentralização da cultura, difundida como programa de governo dos 2 mandatos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006 e 2007-2011). Contudo, a montagem e realização das suas edições iniciais tomou por referência as ações, atividades e organização de festivais de dança e de teatro contemporâneos realizados em grandes centros metropolitanos do Brasil e, então, consolidados como modelos de eventos difusores da dança contemporânea: o FID – Festival Internacional de Dança em Belo Horizonte/MG; o Panorama de Dança, no Rio de Janeiro/RJ, a Bienal Internacional de Dança do Ceará, em Fortaleza. A estrutura geral adotada pelo FDI repetia, assim, o formato dos demais festivais com seleção de espetáculos a partir de uma curadoria convidada e especializada no campo da dança, exibição de vídeos e oficinas e palestras com profissionais convidados, entre dançarinos, coreógrafos, professores e pesquisadores de dança. Mas as diferenças de contexto impuseram-se como obstáculo à pretensão de cópia, exigindo adaptações que tornaram-se justamente seu diferencial de relevância e atração participativa.

As duas primeiras edições do Festival de Dança Itacaré (2008 e 2009) foram realizadas em áreas do espaço público da cidade, que não dispunha de teatro nem espaços culturais voltados para a dança. O palco para apresentação dos espetáculos programados foi montado em frente à Praça São Miguel, localizada no centro da cidade. Estas edições possibilitaram um mapeamento de grupos de dança amadores e favoreceram os primeiros diálogos e aproximação entre a direção do festival e pescadores e capoeiristas integrantes da Associação Cultural Tribo do Porto, cuja sede construída em 2008 no território do quilombo urbano Porto de Trás, passou a abrigar todas as edições futuras do FDI.

---

1 Site oficial do FLIP: *https://www.flip.org.br/.*

O projeto arquitetônico do Centro Cultural foi concebido por Cássia Cavani em afinidade com as condições espaciais e culturais do território quilombola e das tradições arquitetônicas do local. A sede localizada no alto de uma colina, em frente ao rio de Contas, é contornada por uma pequena mata e sua estrutura se assemelha às casas de taipa, sendo uma construção em madeira treliçada, com ventilação e luminosidade natura (Figura 1).

Figura 1. Sede do Centro Cultural Porto de Trás (2014). Fonte: Arquivo da Associação Cultural Tribo do Porto.

Na condição de equipamento cultural da cidade, o Centro Cultural Porto de Trás promove uma ação de participação pública cidadã em um território de Itacaré diferente da cidade turística, conhecida apenas pelas suas belas praias voltadas para o surf, canoagem e outros esportes aquáticos, com sua mata atlântica, rios e cachoeiras, trilhas, com sua rede hoteleira e culinária de alto padrão.

Como em toda cidade segregada pelas diferenças de classe social, o bairro Porto de Trás é um território com pouca assistência da administração pública, habitado por pescadores, marisqueiras, domésticas, lavadeiras, trabalhadores da construção civil entre outros, todos corpos invisibilizados no cotidiano da cidade que encontram neste Centro Cultural um espaço para sua manifestação e sua produção criativa e simbólica.

A realização do FDI neste espaço, expôs a ambiência do bairro Porto de Trás, cuja rua principal (16 de Dezembro) que dá acesso ao Centro Cultural, precisa

ser percorrida a pé por todos os participantes do evento. Desse modo, as ações e manifestações culturais do bairro voltadas para sua população, como o Samba Duro, O Bicho Caçador, a Capoeira, as festas de São João e a lavagem do bairro ganharam visibilidade e revelaram toda uma realidade praticamente desconhecida pela maioria da população de Itacaré. A construção desse Centro Cultural contribuiu para evidenciar as relações dissensuais estruturantes da dinâmica social da cidade, permitindo o reconhecimento e identificação das pluralidades, potencialidades e singularidades desse território quilombola urbano. E as atividades programadas no Centro Cultural Porto de Trás começaram a ser narradas em vários lugares da cidade, por curiosidade, aproximação ou por repulsa, cumprindo a dinâmica descrita por Milton Santos:

> *"[...]o fato de que um ponto do espaço começa uma nova definição através do impacto de variáveis novas, muda a hierarquias e impõe uma nova ordem espacial que concerne à totalidade dos lugares. Cada lugar atingido pelo movimento do todo social fica em condições de reagir sobre esse todo e, desse modo, obrigando-o a modificar-se, conduz também as modificações, mais ou menos grandes, mais ou menos rápidas, mais ou menos imediatas, da totalidade dos lugares." (SANTOS, 2014, p. 65).*

O Centro Cultural iniciou suas atividades oferecendo uma programação voltada para as crianças e adolescentes do bairro, com aulas de capoeira, percussão, samba de roda, corte e costura, serigrafia e outros, criando um hábito de frequentação livre e autônoma de crianças, sem o acompanhamento dos responsáveis. Todas essas ações desenvolveram-se de forma espontânea e integrativa entre os próprios habitantes do bairro, visando o fortalecimento das tradições culturais locais, a conscientização histórica do corpo escravizado, a noção de pertencimento e a valorização da autoestima daqueles moradores.

A partir de 2012, o FDI ocupa o Centro Cultural Porto de Trás e experimenta certo estranhamento inicial pela presença constante de crianças desacompanhadas nos trabalhos preparativos e nas atividades durante o festival, apontando claro descompasso entre a expectativa participativa da população local e os anseios da Direção do Festival no sentido de se assemelhar aos eventos culturais difusores dos padrões estéticos europeus, em cuja participação infantil é reservada a programações específicas sempre com a devida tutela de adultos responsáveis.

Já a partir da segunda edição, a Direção do Festival, decidiu pelo acesso livre de crianças desacompanhadas em toda a programação do festival (Figura 2).

Figura 2 - Crianças na plateia do FDI no Centro Cultural Porto de Trás (2012). Fonte: Arquivo do FDI.

Dessa forma, longe de repetir o modelo assimétrico de ocupação de territórios populares como "lugar de uso" ou "cenário de ação", (ainda) típicos dos eventos midiáticos ditos alternativos no circuito da dança contemporânea, o FDI dedicou-se a envolver os habitantes do território que lhe acolhe, com a continuidade dos diálogos e formulação de atividades para além do festival. Construiu-se, assim, uma sólida parceria abrangendo desde a gestão de um Ponto de Cultura da Associação Cultural Tribo do Porto, até a experiência de composição coreográfica com a criação do grupo de dança Núcleo da Tribo, formado por pescadores e capoeiristas do bairro, cujas rotinas e formas de vida são tomadas como ponto de partida para criação coreográfica.

As diferentes realidades de vida integradas nessa experiência incluíram, ainda, a dimensão acadêmica introduzida pela diretora do FDI que, então, cursava o Mestrado em Dança na UFBA, pesquisando a manifestação cultural do Bicho Caçador, com base na ideia de corpografia urbana que, conforme formulada pelas autoras Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques :

> *"[...] reconhece a cidade como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos, geradores de sentido. Implica reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporeidade de seus habitantes. A dança seria, então, um dos modos de que dispõe o corpo para instaurar coerências entre sua corporalidade e seu ambiente de existência, produzindo outras e diferentes condições de interação desafiadora de novas sínteses - novas corpografias." (BRITTO & JACQUES, 2008, p. 82).*

3. EMANCIPAÇÃO

O FDI, afastando-se dos modelos praticados pelos demais festivais de dança contemporânea do Brasil, começa, aos poucos, a construir seus próprios procedimentos de produção e organização junto com os moradores do bairro, tomando como base da sua estruturação e realização as condições espaciais e culturais do território quilombola, as condições arquitetônicas do Centro Cultural e os hábitos locais de informalidade e simplicidade. Nesse sentido, a preparação da sala maior da sede para acolher a apresentação dos espetáculos limitou-se à instalação de arquibancadas em blocos de madeira, sem posição fixa nem divisória ou numeração de assentos, e à instalação de equipamentos cênicos sem interferir na estrutura original da sede, transferindo aos artistas participantes a tarefa de adaptarem seus trabalhos à ambiência de transitividade dentro/fora que caracteriza o espaço (Figura 3). Do mesmo modo, as rodas de conversa com artistas e discussões com pesquisadores e outros profissionais convidados são orientadas no sentido de estabelecer relações entre os fazeres da dança contemporânea e o contexto particular do Festival.

Figura 3. Ensaio do Ballet do Teatro Castro Alves no Centro Cultural Porto de Trás (2017) . Fonte: Arquivo do FDI.

Sem bilheteria, o único comércio ativo na sede no período do Festival é de itens alimentícios próprios dos hábitos culinários locais, como acarajés, tapiocas, pastéis, sucos, etc. e, vendidos por habitantes do bairro, que também são contratados pelo Festival para cozinhar as refeições caseiras que são oferecidas aos artistas participantes e equipe de produção.

Ao longo dos 10 anos de realização do Festival de Dança de Itacaré, o evento tornou-se uma prática coletiva do bairro, envolvendo jovens, idosos, crianças e até mesmo os cachorros vira-lata da vizinhança. Uma prática que se desenvolve como processo de redistribuição de papéis/posições sociais: de principais frequentadores das atividades, muitos moradores passaram a integrar a equipe técnica de produção e alguns deles, pescadores e capoeiristas integram o grupo de dança Núcleo da Tribo como dançarinos e compartilham a função curatorial do Festival.

No processo de *curadoria compartilhada* com moradores do bairro, cada edição do FDI compõe a programação a partir da análise coletiva das propostas inscritas, destacando os debates sugeridos por seus perfis artísticos para, então, organizar ações de articulação à exemplo da *Oficina Espetáculo* que, em 2022, se desenvolveu durante o evento como um processo de criação em dança envolvendo artistas participantes da programação, moradores da cidade e visitantes.

O documentário *"Tenho ouvido pra dançar"*[2] (2021) registra o processo de curadoria colaborativa do FDI realizado durante a pandemia COVID 19, com depoimentos de participantes, habitantes e equipe organizadora, colhidos nas duas cidades de realização do festival, Itacaré e Ilhéus, com narrativas sobre suas experiências de prática da dança em ambientes externos, nas condições de isolamento.

Os princípios que regem os processos curatoriais colaborativos do FDI foram se estabelecendo como percepção construída coletivamente sobre os anseios e expectativas do núcleo de integrantes da equipe curatorial, como uma concordância tácita de propósitos, resultante da afinidade do grupo, amadurecida nos anos de convívio. Fizeram- se relevantes, por exemplo, o princípio de conexão dos trabalhos analisados com as formas de enfrentamento das questões, temas, problemas do mundo contemporâneo, pelas comunidades e/ou sociedades correlatas ao Festival, e o princípio de promoção de ações que contemplem a pluralidade de corpos, almejando oxigenar as referências de modos de existência padronizadas por valores consumistas competitivos, e expandir os imaginários coletivos de sentido e desejo. As linhas curatoriais adotadas pelo FDI, ao longo dos anos, buscaram favorecer uma experiência de envolvimento igualitário dos participantes – artistas selecionados e convidados, equipe de produção do Festival e moradores locais – em torno de atividades que lhes permitissem vislumbrar táticas de emancipação frente aos restritivos e predominantes modelos coloniais de pensamento e produção de cultura e arte.

2 Acesso ao trailer do documentário *"Tenho ouvido pra dançar"*: https://www.youtube.com/watch?v=ehSG- MiAbX8

"No meu exercício de curadoria busco sempre dar vez a assuntos que nos ajudam a romper barreiras. Assuntos que nos ajudam. Nos move em busca do nosso lugar de direito. Assuntos que nos levam a refletir. Assuntos que nos movem, nos incomoda, nos deixam sem resposta ou nos mostram as respostas de alguns questionamentos." (Depoimento de Valmilson da Conceição – morador do bairro curador do Festival de Dança Itacaré).

4. CONCLUSÃO

Diferentemente do modelo assimétrico de aproximação utilitária com territórios populares como "lugar de ocupação" ou "cenário de ativismo artístico", o FDI envolve os habitantes do território que lhe acolhe, assimilando suas formas de vida e cultura como propulsores de uma ambiência participativa diretamente relacionada com as condições histórico- culturais do território quilombola e das condições arquitetônicas do espaço da Associação cedido para a realização do Festival. Os hábitos locais de informalidade e simplicidade destituem o culto aurático da arte, assim como, as características arquitetônicas da sua construção em madeira treliçada fusionam as experiências sensíveis de dentro/fora, silêncio/som, palco/plateia, artista/público: neste espaço cênico cheio de frestas, tudo "vaza" – luz, som, acontecimentos – desarticulando as noções de "caixa preta" ou "cubo branco" tão caras às teorias de arte (Bishop, 2013) (Figura 4).

Figura 4. Sede do Centro Cultural Porto de Trás (2014). Fonte: Arquivo da Associação Cultural Tribo do Porto.

Da mistura e convívio entre os diferentes saberes e ofícios envolvidos pelo Festival – pescadores, capoeiristas, dançarinos, coreógrafos, professores e pesquisadores de dança – emerge a potência política criativa dos "sujeitos corporificados" referidos por Ana Clara Torres Ribeiro (2004). Como principais frequentadores das atividades, os moradores do bairro vivenciam novos protagonismos, seja integrando a equipe técnica de produção ou o grupo de dança Núcleo da Tribo ou, ainda, integrando a experiência de curadoria compartilhada adotada até hoje no Festival.

Ao deslocar a lógica da centralidade do artista para as condições locais, o FDI propõe um modo de continuidade do evento a partir da processualidade que incorpora a espacialidade e a arquitetura do território em que se instala como condições relacionais para configuração de corpografias desviantes (BRITTO; JACQUES, 2008, 2010, 2022) e para a produção coletiva de sentido daquelas formas de existência. Um sentido de vida pública que se instaura pela experiência da arte no engendramento de ambiências favoráveis à percepção crítica de seus participantes integrantes quanto às suas próprias situações no contexto em que vivem. Um modo de pensar a função da arte que, longe de lhe cobrar efeitos redentores ou lhe imputar responsabilidades assistencialistas, sugere formas de protagonismo não-modelares nem prescritivos, mas singulares e imaginativos porque emergentes de processos coletivos igualmente não-normativos.

Já distante, na história, dos modelos elitistas de dança artística, a dança contemporânea começa a redesenhar seus termos para consolidar uma noção de experiência estética fundada no que descreve Jacques Rancière (2007) como "espectador emancipado", ou seja, um sujeito histórico cuja condição de existência se formula processualmente a partir do engendramento de ambiências emancipatórias – como no caso do Festival de Dança de Itacaré.

BIBLIOGRAFIA

Bishop, C. (2013). Radical Museology. Walther Konig.

Britto, FD (2013). A ideia de corpografia urbana como pista de análise. Revista Redobra, 12(4), 36-38.

Britto, FD (2010). Processo como lógica de composição na dança e na história. Sala Preta Revista de Artes Cênicas, 10, 185-189.

Britto, FD. e Jacques, PB (2008). Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPGAU/UFBA, 7, 79-86.

Correia. V. S (2013). Dança como campo de ativismo político: o bicho caçador. (dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Jacques, PB (2003). Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Casa da Palavra.

Jacques, PB. & Jeudy, HP. (Eds.). (2006). Corpos e Cenários Urbanos: Territórios urbanos e Políticas culturais. EDUFBA.

Munanga, K (1995). Origem e histórico do quilombo na África. Revista USP, 28, 56-63.

Nascimento, B (1985). O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Afrodiáspora Revista de estudo do mundo negro, 3 (06 e 07), 41-49.

Rancière, J. (2012). O espectador emancipado. Martins Fontes.

Ribeiro, ACT. (2004). Oriente Negado: cultura, mercado e lugar. Cadernos do PPG-AU/FAUFBA, 3, 97-107.

R45

AMBIENCES OF DISSENT: THE MEMORIAL TO THE MURDERED JEWS OF EUROPE IN BERLIN

AMBIÊNCIAS DO DISSENSO: O MEMORIAL DE BERLIM AOS JUDEUS ASSASSINADOS NA EUROPA

Flávia Martini Ramos
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina
flaviamartiniramos@gmail.com

ABSTRACT

Participation and dissent are treated in a special way in works of art and architecture placed in public spaces. A notable example is the Memorial to the Murdered Jews of Europe in Berlin designed by Peter Eisenman and inaugurated in 2005. This work remains controversial, particularly due to its diverse uses – some of which are pointed as profanatories. Therefore, the Memorial creates ambiences of dissent, assuming its political role and consolidating aesthetic experiences triggered by an historical event, but anchored in its own time. Based on this, this article conducts a narrative review of the Memorial and its aesthetic context, comparing it to two similar spaces in Berlin – the Memorial to the murdered Sinti and Roma and the Memorial to the Persecuted Homosexuals – in order to discuss the openness of these works and some peculiarities of working with memory in public spaces.

KEYWORDS: spaces of memory. Holocaust Memorial. dissent. ambiences. participation. public space.

RESUMO

Participação e dissenso são termos trabalhados de forma peculiar nas obras de arte e arquitetura inseridas no espaço público. Exemplo disso é o Memorial de Berlim aos judeus assassinados na Europa proposto por Peter Eisenmann e inaugurado em 2005. Esta obra segue sendo polêmica, especialmente em função dos diferentes usos que abriga – incluindo alguns apontados como profanatórios. O Memorial cria, assim, ambiências de dissenso, assumindo seu lugar político e consolidando experiências estéticas disparadas por um evento histórico, mas ancoradas em seu tempo. Baseando-se nisso, este artigo realiza uma revisão narrativa sobre o Memorial e seu contexto estético, comparando-o a dois espaços similares em Berlim – o Memorial aos Sinti e Roma e o Memorial aos Homossexuais perseguidos e assassinados sob o nazismo – a fim de discutir a abertura destas obras e algumas peculiaridades do trabalho com a memória no espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: espaços de memória. Memorial do Holocausto. dissenso. ambiências. participação. espaço público.

1. INTRODUÇÃO

Era dia primeiro de janeiro. Os fogos de artifício vistos das proximidades do portão de Brandemburgo prometiam um espetáculo festivo que parecia celebratório somente para quem não habitava o rés do chão. Ali, as estações de metrô fechadas, a fumaça que demorava a se dissipar, o frio e o deslocamento que se sente ao habitar uma terra que não é sua criavam uma ambiência menos festiva. Os corpos começaram a se dissipar e o cansaço motivou a busca por um assento, que logo encontrei. Em pouco tempo, entretanto, uma voz masculina surgiu enfática com o pedido para que eu me retirasse. Era um policial. Olhei ao redor: meu banco era um dos blocos de concreto do Memorial aos judeus assassinados na Europa.

Eu já havia visitado este espaço antes; de dia e programada para vivenciar uma atmosfera de memória do Holocausto. Neste momento, coloquei no espaço meu corpo contemplativo, silencioso, observador; um corpo que não sensibilizou, embora tenha sido sensibilizado. Entretanto, na noite de primeiro de janeiro não percebi que estava no mesmo lugar – nem antes, nem depois da abordagem policial. Descontaminada pela expectativa, não percebi sacralidade naquele espaço que revisitava, então, novamente consciente. No contato superficial com uma de suas bordas o Memorial me atravessou como antes não havia feito.

Esta experiência provoca algumas reflexões a partir das quais este artigo se desenvolve. Assim, ele não é fruto de uma investigação acadêmica específica em curso, mas de intersecções entre a vivência relatada e outras pesquisas em andamento. Sua metodologia, portanto, compreende uma revisão narrativa que abarca, nos cruzamentos citados, os campos ampliados da arte e da arquitetura, as relações entre corpo e espaço na produção cotidiana da cidade, a espetacularização dos espaços públicos e da memória e processos que conectam estas e demais abordagens na construção do que aqui se conceitua como ambiências de dissenso, compreendendo aspectos políticos e estéticos da experiência urbana.

Para tal, apresentam-se brevemente os temas citados, na busca por delimitar os conceitos-chave e, a partir deles, desenvolve-se uma análise comparativa entre o Memorial em questão e outros espaços de memória do Holocausto em Berlim: o Memorial aos Sinti e Roma da Europa assassinados sob o nazismo e o Memorial aos Homossexuais perseguidos pelo regime. Busca-se, com isso, discutir a influência do espaço público e do seu uso ativo na construção de sentido dos espaços de memória, o que caracteriza o resultado desta investigação. Ela lança questionamentos e hipóteses a partir de experiências sensíveis e de espacialidades de participação com foco na memória.

2. O MEMORIAL AOS JUDEUS ASSASSINADOS NA EUROPA E O CAMPO AMPLIADO

Uma quadra de 20.000m^2 coberta por 2.711 blocos de concreto constitui, desde 2005 uma imagem polêmica na cidade de Berlim (Figura 1). Com piso ondulante, sobreposição de topografias distintas e ausência de entrada, saída ou percurso pré-definidos, ela constitui o Memorial aos judeus assassinados na Europa, popularmente conhecido como Memorial do Holocausto. De autoria de Peter Eisenman (inicialmente em parceria com Richard Serra, que abdicou do projeto), o Memorial se estrutura dois níveis: térreo e subsolo. No primeiro, dispõe-se os blocos de concreto de alturas e níveis distintos, variando entre zero e quatro metros, mas com largura, profundidade e espaçamento iguais entre si (Eisenman Architects, s.d.). No segundo, tem-se um centro de memória cuja cobertura, ondulante como o piso do pavimento superior, exibe os negativos dos blocos nele dispostos e cujo espaço reproduz um ambiente convencional de museu, com paredes brancas, projeções, fotografias e textos sobre o Holocausto (Figura 2).

Apesar do tema sensível e importante que referencia e das dimensões monumentais que assume, esta obra não foi concebida com um objetivo específico nem oferece garantias (Eisenman Architects, s.d.); trata-se de um convite a vivenciar um espaço rigidamente ordenado, mas bastante livre do ponto de vista perceptivo. Assim, apesar da geometrização à primeira vista excessiva, caminhar entre os blocos do Memorial permite vivenciar desencontros entre as topografias, tensionamentos entre a conexão visual e o isolamento, alternâncias entre enclausuramento e liberdade e jogos de transparência e opacidade que aportam dinamismo e instabilidade ao complexo sistema formado por lugar, corpos e memória. Da mesma forma, vislumbres da alteridade – outros corpos, usos e experiências – integram a obra, tensionando questões que transcendem a representação, a literalidade, a exposição de um posicionamento específico ou a construção de narrativas unívocas.

Figura 1. A quadra ocupada pelo Memorial do Holocausto e seus 2.711 blocos de concreto.
Fonte: Adaptado de Eisenman Architects (s.d.).

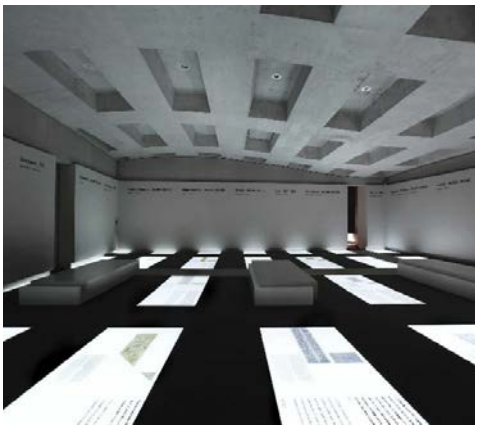


Figura 2. O centro de memória no subsolo do Memorial do Holocausto.
Fonte: Adaptado de Eisenman Architects (s.d.).

O Memorial opera, segundo Eisenman, tentando "superar a hegemonia do lado visual, buscando a experiência e as emoções físicas primárias" (Eisenman, 2008, p. 37) a partir das vivências pessoais. Ele se inscreve, assim, em um momento que sucede a emancipação dos espectadores (Rancière, 2012), ou seja, em um contexto no qual os receptores da obra deixam de ser de corpos passivos, que contemplam um sentido, para colocarem-se como atores que o constroem de forma diversa. Assim, já não faz sentido reproduzir "a lógica da transmissão direta e fiel" (Rancière, 2012, p.18) de conhecimento ou informação a partir da obra, mas realiza-se um "embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, entre indivíduos e membros de um corpo coletivo" (Rancière, 2012, p. 22), materializando uma operação que Umberto Eco (1991) conceituará como abertura.

Esta teoria das "obras abertas" trata do "amadurecimento de uma consciência da função da subjetividade interpretante em face da obra" (Eco, 1991, p. 42) que se desenvolve especialmente a partir dos anos 1960 e se transforma – não sem

rupturas e descontinuidades – no cerne da arte contemporânea. Desta maneira, "a forma [da obra] torna-se esteticamente válida na medida em que pode ser vista e compreendida segundo multíplices perspectivas, manifestando riqueza de aspectos e ressonâncias" (Eco, 1991, p. 40), ou seja, desvela-se um campo no qual a arte reconhece a experiência como uma prerrogativa, abandonando a ilusão de esgotamento de sentido e motivando sua produção contínua e coletiva.

Assim, a discussão disparada por uma obra criada por um arquiteto embrenha-se no campo da arte, hoje amplamente reconhecido a partir do que Rosalind Krauss (1984) conceituou como um "campo ampliado". Partindo das discussões sobre a escultura, a autora afirma que "no final do século 19 presenciamos o desvanecimento da lógica do monumento" (Krauss, 1984, p. 131) na arte, o que foi capaz de revolucionar o campo estético. Neste momento, a escultura absorveu seu pedestal e lançou-se no espaço, rompendo barreiras entre atores e campos. Anthony Vidler (2013, p. 251) propõe falar, então, em termos de "artes espaciais", negando as especializações, defendendo intersecções e inserindo a arquitetura no debate. O autor comenta o surgimento de uma nova estética retomando a questão do monumento ao afirmar que "a 'escultura' atua como maneira de definir um novo tipo de monumentalidade – uma monumentalidade do informe, por assim dizer, que desafia as conotações políticas do velho monumento, mas preserva um papel 'não monumental' para a arquitetura" (Vidler, 2013, p. 247). Independente da área a partir do qual os monumentos começam a ser concebidos, então, percebe-se que a estaticidade que lhes era própria, junto da imagem forte e fechada que liberavam, se desintegra, propondo uma nova função social que já não se separa da vida pública do monumento e que se efetiva a partir de sua "performance estética" (Young, 1993, p. 13, tradução nossa).

Ao novo monumento, portanto, correspondem experiências que negam o afastamento do visual e que radicalizam a dimensão política. Para Paola Jacques esta é uma importante forma de resistência à lógica espetacular, "baseada na criação de imagens e construção de consensos urbanos" (Jacques, 2010, p. 108). A autora afirma que "os espaços públicos contemporâneos [...] são vistos como estratégicos para a construção e a promoção de imagens de marca consensuais de cidades, ou seja, são pensados enquanto peças publicitárias, para consumo imediato" (Jacques, 2010, p. 108). Os monumentos abertos posicionam-se na contramão desta lógica, propondo experiências lentas e evitando, a convite de Umberto Eco (1991, p. 46), "que um sentido único se imponha". É neste sentido que se entende a efetivação da dimensão política, tendo em vista que, para Jacques Rancière (1996, p. 54), ela "é feita de relações de mundos" distintos e fora dos limites do consenso.

Há que se considerar, entretanto, que mesmo nas democracias atuais estes mundos não são considerados em igualdade. Ainda que partilhem um comum, eles são essencialmente diversos e atuam disputando sua consideração nos sistemas que integram. Motiva-se, então, o surgimento da figura da polícia como "uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos

do dizer" (Rancière, 1996, p. 42), ou seja, como uma tentativa de distribuição de papeis distintos a corpos distintos sob o estigma da igualdade e no esforço pelo consenso. Definindo-se em oposição a isso, tem-se a atividade política como "a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto" (Rancière, 1996, p. 42), negando as tentativas de instituição de uma ordem e trazendo à tona diferentes posições.

Uma obra aberta, portanto, revela-se especialmente política: ela acolhe e amplifica o dissenso; escancara as disputas entre mundos sensíveis; desafia a ordem policial e opera deslocamentos que contestam a ordem consensual. É neste sentido que se entende, aqui, a frase de Umberto Eco (1991, p. 50) que enuncia que "a abertura faz-se instrumento de pedagogia revolucionária". Ela opera uma forma de construção de sentido que não obedece a direcionamentos nem permite vislumbrá-lo de antemão; ela é imprevisível e foge ao controle pois destina protagonismo a corpos diversos.

Volta-se, então, a Peter Eisenman, que enuncia: "a experiência do Memorial será algo imprevisível para todas as pessoas. Aí reside sua força" (Eisenman, 2008, p. 37). Com isso, o arquiteto parece reconhecer o papel político de sua obra e inseri-la conscientemente no campo ampliado da abertura e do dissenso. Entretanto, este mesmo campo é o que faz escapar a obra do domínio do autor, fortalecendo debates sobre suas escolhas e abrigando participações que nem sempre legitimam seu ponto de vista. Retoma-se, assim, a abordagem policial relatada no início deste artigo: um corpo que experimenta o Memorial sentando-se sobre um de seus blocos revela uma tentativa de alteração na destinação do lugar. Mesmo que o projeto tenha sido idealizado para acolher o imprevisível, certos imprevisíveis tornam-se profanações e exigem que agentes de controle e consenso – não necessariamente policiais, mas corpos que policiam – o patrulhem constantemente. Seja em meio físico ou virtual, os registros de usos dissensuais do Memorial (Figura 3) são constantemente veiculados e trazem à tona um suposto fracasso do projeto.

Figura 3. Um corpo que brinca saltando entre blocos no Memorial do Holocausto.
Fonte: Eisenman Architects (s.d.).

Sintoma disso seria sua dessacralização, aqui entendida segundo Paola Jacques (2010) como profanação, ou seja, restituição ao uso cotidiano. Questiona-se se é desejável que um espaço que referencia um evento tão sensível seja dessacralizado, entendendo que isso pode acabar por banalizar a memória e desrespeitar as vítimas do Holocausto. Por outro lado, considera-se que a lembrança constante dos horrores pode caracterizar uma outra forma de violência, uma vez que às vítimas também deve ser resguardado o direito ao esquecimento (Todorov, 2000). Além disso, entende-se que "uma vez criados, os memoriais assumem vida própria, frequentemente e teimosamente resistentes às intenções originais" (Young, 1993, p. 3, tradução nossa) de seus criadores. Como lidar, então, com os espaços de memória? E a quem, de fato, interessa sacralizá-los ou dessacralizá-los, especialmente quando se inscrevem no espaço público urbano? Estas perguntas disparadas pelo Memorial de Einsenman mostram que ele é fruto de seu tempo e que opera, de fato, aberturas enfáticas, convidando a investigações sobre algumas de suas especificidades.

3. ESPAÇOS DE MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO EM BERLIM

Algumas outras materializações da memória do Holocausto em Berlim podem ajudar a colocar o Memorial de Eisenman em perspectiva. Neste sentido, lança-se um olhar mais detido sobre o Memorial aos Sinti e Roma assassinados sob o nazismo (Figura 4), construído em 2012 pelo artista Dani Karavan no parque Tiergarten – em cuja borda leste está o Portão de Brandemburgo e o Memorial de Eisenman. Acessado a partir de um portal que se abre em uma parede de painéis translúcidos com inscrições apresentando a cronologia dos eventos ligados ao Holocausto, ele se constitui como uma espécie de clareira; um espaço rodeado por árvores e ocupado por um espelho d'água redondo em cujo centro se encontra uma pedra triangular na qual deposita-se, diariamente, uma flor natural. A horizontalidade da composição domina o olhar que é convidado a contemplar inscrições feitas no chão e nas bordas do espelho d'água. Enquanto o piso é composto por pedras irregulares – nas quais estão gravados nomes de campos de concentração nazistas – intercaladas por pequenas faixas de grama, a borda da água configura-se com uma espécie de calha metálica na qual se sobrepõem letras recortadas que formam trechos do poema "Auschwitz", de autoria de Santino Spinello (Berlin Tourismus & Kongress GmbH, s.d.).

Esta é uma obra que, assim como o Memorial de Eisenman, tem acesso gratuito, pode ser visitada em qualquer horário e encontra-se em um espaço público da cidade. Ela é de extrema importância tendo em vista o tardio reconhecimento do genocídio dos Sinti e Roma pelo regime nazista, realizado somente em 1982 (Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas, 2018), e encontra-se imersa em uma luta atual por conta da intenção de construção de uma linha de metrô em seu subterrâneo. Entende-se que isso pode descaracterizar seu entorno e prejudicar a percepção do equipamento cuja atmosfera, segundo seu criador, é própria à contemplação e à meditação (RomaTrial e.V., 2023). A postura dos corpos que ocupam este espaço

de fato responde a esta prerrogativa. Registram-se caminhares lentos e falas sussurradas, atitudes solenes, bastante semelhantes àquelas que se verificam nos espaços sagrados. Acredita-se que as referências diretas ao Holocausto, como as informações textuais impressas em diversas superfícies, a pedra triangular inserida no centro do espaço, referenciando as sinalizações que eram afixadas nas roupas dos prisioneiros, e a flor fresca que diariamente repousa sobre ela são signos bastante literais do evento. Assim, ao acessar este espaço, não há dúvidas a respeito do que ele sinaliza ou do uso ao qual convida.

Outro espaço interessante localiza-se no mesmo parque e ainda mais próximo do Memorial do Holocausto: trata-se do Memorial aos Homossexuais perseguidos sob o nazismo (Figura 5). Inaugurada em 2008, esta obra é a menor dentre as três aqui tratadas. Compreende um único bloco de concreto concebido por Michael Elmgreen e Ingar Dragset e diretamente inspirado nos blocos do Memorial de Eisenman, localizado do outro lado da rua. Esse elemento que parece ter sido isolado dos demais opera tanto a partir desta analogia, quanto de uma referência mais literal ao tema que aborda; ele se diferencia dos demais blocos pois compreende uma pequena abertura a partir da qual se pode visualizar um filme de Yael Bartana protagonizado por dois homens que trocam beijos e abraços (Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas, s.d.).

Figura 4. Memorial aos Sinti e Roma da Europa assassinados sob o nazismo.
Fonte: Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas (s.d.-a).

Figura 5. Memorial aos Homossexuais perseguidos sob o nazismo.
Fonte: Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas (s.d.-b).

Cabe salientar que o local onde os três Memoriais se implantam é bastante simbólico na cidade. Ele chegou a abrigar algumas construções do aparato nazista e, no caso específico do terreno do Memorial de Eisenman, um edifício e um bunker destinados ao Ministro da Propaganda do regime, Joseph Goebbels (Yamamoto, 2014). O espaço que já havia sido jardim e área residencial da nobreza prussiana transformou-se, depois da Segunda Guerra Mundial, em um grande vazio urbano até ser destinado ao Memorial. O parque Tiergarten, por sua vez, também sofreu alterações significativas ao longo da história, especialmente durante as guerras. Portanto, há que se registrar o compartilhamento, entre os três memoriais, desta localização. Entretanto, as relações que eles criam tanto com o lugar, quanto com o Holocausto, são bastante

distintas: enquanto o Memorial de Eisenman restringe-se à quadra que ocupa, o Memorial aos Homossexuais insere-se em diálogo com ele e com o parque; enquanto o Memorial aos Sinti e Roma recorta o espaço e cria uma ambiência de contato com a natureza, o Memorial de Eisenman se desenvolve de forma austera e árida. Os três, entretanto, colocam-se no espaço público, ou seja, em espaços compartilhados da cidade que não restringem acesso e incorporam-se ao cotidiano urbano.

Assim, quando se direciona um olhar para estes memoriais a partir da participação, percebe-se que ela é inegável em função da própria implantação. Entretanto, no Memorial aos Sinti e Roma ela é condicionada por certa literalidade que parece constranger outras formas de apropriação do espaço; a participação que se efetiva nele restringe-se à contemplação e ao vagar, convidando a uma espécie de mimetização dos comportamentos alheios. No caso do Memorial aos Homossexuais, por sua vez, a abertura misteriosa parece incitar o corpo a espiar, entretanto, uma vez realizada esta ação, não resta muito a fazer se não assistir ao filme que ela exibe. Assim, a participação nestes dois memoriais revela-se mais condicionada e silenciosa. Não se pode deixar de pontuar, nesta comparação, a questão da escala, que se reduz drasticamente em relação ao Memorial do Holocausto de Eisenman. Embora se acredite que as grandes dimensões deste colaborem para uma atenuação da rigidez de seus usos, parecendo sugerir que a vigilância se dispersa, entende-se que isso não inviabiliza a comparação aqui pretendida. Sugere-se, então, complementá-la com outra questão: os meios que são empregados na construção dos três memoriais.

Enquanto o Memorial de Eisenman se caracteriza pelos grandes paralelepípedos enfileirados e despidos de qualquer informação adicional (ao menos neste nível), os demais utilizam-se de referências diretas ao tema que abordam. O Memorial aos Sinti e Roma reúne uma série de signos característicos e citações diretas, enquanto o Memorial aos Homossexuais mobiliza um dos instrumentos mais característicos da sociedade atual – seja ela do consumo, do espetáculo ou de outros recortes: a imagem. Ainda que ela não componha uma narrativa convencional, integra um repertório tão saturado da memória do Holocausto (segundo Eisenman (2008, p. 37), composto por uma grande miscelânea de fotos e filmes) que sua força se dissipa. Assim, a forma como estes memoriais, igualmente contemporâneos, se inscrevem em seu contexto, parece sugerir uma relação menos aberta e um uso mais consensual.

Entretanto, cabe destacar que a abstração de Einseman tampouco é absoluta. São comuns as leituras de seu Memorial como um grande cemitério, reconhecendo referências diretas a um conjunto de túmulos a partir dos blocos por vezes chamados (pelo próprio arquiteto, inclusive) de “estelas”. Apesar disso, percebe-se que este signo não é apreendido de forma a inibir o dissenso no espaço, mas contribui para a criação de uma “zona de tensão” (Jacques, 2010). Como tal, este Memorial torna-se lugar de conflito onde o uso inicialmente programado e o uso atualizado entram em choque. A partir deste conjunto que opera a partir de corpos e espaços em relação e que se desenvolve pela abertura da obra, acolhendo diversas vozes e

estabelecendo-se como lugar político, é que se sugere reconhecer "ambiências do dissenso", apontando algumas de suas relações com espaços de memória.

4. UMA DISCUSSÃO SOBRE AMBIÊNCIAS DE DISSENSO E ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Para Paola Jacques (2010, p. 109), "o consenso exclui aquilo que é o próprio cerne tanto da política quanto do espaço público: o dissenso, a possibilidade de se opor um mundo sensível a um outro". Assim, os conflitos urbanos revelam-se importantes formas de resistência a despolitização e à dominação operada pela exclusão de mundos sensíveis. Entretanto, quando o disparador do dissenso é um espaço que referencia um evento traumático da humanidade, esta discussão se potencializa. Eisenman (2008, p. 37) diz ter criado o Memorial do Holocausto para perturbar, e encara o conflito como um sinal de sucesso do seu projeto. Entretanto, para as diferentes vozes que disputam as incontáveis narrativas que rondam este tema tão sensível, a perturbação não é tão bem-vista. Cabe então refletir sobre algumas peculiaridades dos espaços de memória para aprofundar este debate.

Young (1993) sugere a importância de os memoriais solicitarem um exercício ativo dos seus experienciadores, alertando para o fato de que, por vezes, "ao se atribuir uma forma monumental à memória [e aqui entende-se que o teórico referencia o monumento fechado tradicional], até certo ponto nos despojamos da obrigação de lembrar. Ao assumir o trabalho de memória, os monumentos podem aliviar os espectadores deste fardo" (Young, 1993, p. 5, tradução nossa). Desta maneira, a construção de um memorial pode estar investida (de forma consciente ou não) de interesses em exorcizar culpas ou cumprir com deveres, como se o trabalho com a memória pudesse se esgotar em um espaço ou em um tempo específicos.

Entretanto, Todorov (2000) sugere olhar para a memória como uma construção dinâmica que alterna lembrança e esquecimento e se transforma ao longo do tempo ao invés de tratá-la como um dado estático que deve ser forjado para servir a uma versão oficial do passado. O autor não nega que a memória seja forjada – ele reconhece que ela é constantemente influenciada por atividades de seleção que indicam o que e como deve ser lembrado e reescrevem a história (Todorov, 2000, p. 16) – mas utiliza esta consciência para reiterar a necessidade de um posicionamento crítico frente a ela. Todorov questiona, portanto, como a lembrança do passado afeta o presente e convida a tratar com maior interesse estas repercussões, ou seja, defende um uso crítico da memória, em vez do seu cumprimento protocolar manifestado no ato de lembrar por lembrar.

O autor propõe uma divisão importante neste sentido, sugerindo a existência de duas maneiras principais de lidar com a memória: de forma literal ou exemplar. No primeiro caso, ele sugere que não se conduz para lugar algum além do acontecimento em si, sacralizando a memória e transformando-a em algo estéril (Todorov, 2000,

p. 33). Ao referenciá-la de forma literal, portanto, potencializa-se o esquecimento, uma vez que "a memória sem consequências contém as sementes da sua própria destruição" (Young, 1993, p. 15). No segundo caso, em contrapartida, se "permite utilizar o passado visando o presente, aproveitar as lições das injustiças sofridas para lutar contra as que se produzem hoje e separar-se do eu para direcionar-se ao outro" (Todorov, 2000, p. 32, tradução nossa). Assim, Todorov faz uma defesa do uso exemplar da memória, entendendo que ele também aponta para a coletivização que não busca falar pelas vítimas, mas compartilhar sua memória abrindo-a à analogia e à generalização (Todorov, 2000, p. 31) que podem ajudar a transformá-la em instrumento de combate aos problemas que denuncia.

Entende-se que um memorial pode operar de maneiras semelhantes, trabalhando abordagens que convidam a um olhar crítico ao passado e ao presente, ou apresentando dados históricos que são imediatamente consumidos, mas não solicitam os corpos e pouco os atravessam. Assim, ao conceber e analisar memoriais, parece necessário perguntar não só como eles transformam eventos em memória, mas também como motivam sua reinserção na vida atual (Young, 1993, p. 14). Acredita-se que a abstração de Eisenman e seu convite à participação é uma das maneiras de se operar neste sentido, apoiando-se na ideia de que "quanto mais a memória se sedimenta em formas exteriores, menos ela é experienciada em nível interior" (Young, 1993, p. 5). Esta ideia sugere que quanto mais literal é o memorial, menos ele opera de fato como um agente da memória, enfatizando que a aparência fechada, absoluta e final repele a atenção e "faz um monumento invisível" (Young, 1993, p. 13).

Espaços de memória que configuram ambiências dissensuais, efetivando aberturas de participação desprogramada, portanto, solicitam os corpos, construindo sentido de maneira distinta daquela realizada por outros meios, como textos, filmes, documentários, histórias orais, etc. (Dolff-Bonekämper, 2002, p. 4). Memoriais que fazem um uso exemplar da memória convidam seus visitantes a assumirem a responsabilidade de buscar tais informações a partir da criação de inquietações que não são da ordem do visual, mas do estético e do político. Neste sentido reitera-se a importância do espaço público – ambiente da alteridade – como agente potencializador da experiência. Assim, memoriais nele instalados, abertos e não literais não esgotam sentidos, mas disparam construções capazes de potencializar discussões que, a partir do consenso, talvez não repercutissem com a mesma intensidade e frequência.

Entende-se, desta maneira, que o Memorial do Holocausto em Berlim é uma obra paradigmática na discussão sobre espaços de memória contemporâneos por fomentar o dissenso, assumir seu papel político, fundir os campos da arte e da arquitetura, tensionar o espaço público e permitir que a memória traumática do Holocausto seja acessada de formas diversas. A partir disso, é possível tanto entender a polêmica que cerca o Memorial, quanto efetuar sua defesa, uma vez que acolher

a diversidade de usos e relações com o espaço e a memória não é um movimento de descredibilização do Holocausto, minimização dos crimes perpetrados ou alienação de sua discussão, mas justamente resistência contra a homogeneização e a espetacularização que os esvaziam. Assim, entende-se que esta obra de fato desestabiliza o sistema e, a partir disso, mantém-se viva; sem operar as exclusões típicas dos totalitarismos, mas configurando ambiências de dissenso que abarcam a complexidade do desentendimento, da ação política e da resistência essenciais no contexto atual.

5. BIBLIOGRAFIA

Berlin Tourismus & Kongress GmbH. (s.d.). Sinti and Roma Memorial. *https://www.visitberlin.de/en/sinti-and-roma-memorial*

Dolff-Bonekämper, G. (2002). Sites of hurtful memory. The Getty Conservation Institute Newsletter, 17(2), 4-10.

Eco, U. (1991). Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Perspectiva.

Eisenman Architects. (s.d.). Berlin Memorial to the Murdered Jews of Europe. *https://eisenmanarchitects.com/Berlin-Memorial-to-the-Murdered-Jews-of-Europe-2005*

Eisenman, P. (2008). Peter Eisenman. In Rauterberg, H. (Ed.), Entrevistas com arquitetos (pp. 36-45). Viana & Mosley.

Jacques, P. B. (2010). Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In Britto, F. D. e Jacques, P. B. (Orgs.). Corpocidade: Debates, ações e articulações (pp. 107-119). Editora da Universidade Federal da Bahia.

Krauss, R. E. (1984). Sculpture in the Expanded Field. In Foster, H. (Ed.). The Anti-Aesthetic: Essays on postmodern culture (pp. 31-42). Bay Press.

Rancière, J. (1996). O desentendimento: política e filosofia. Editora 34.

Rancière, J. (2012). O espectador emancipado. WMF Martins Fontes.

RomaTrial e.V. (2023). Open letter: Save the Memorial to the Murdered Sinti and Roma of Europe. *https://save-sinti-roma-memorial.org*

Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas. (2018, 18 de janeiro). Memorial to the Sinti and Roma of Europe Murdered under the National Socialist Regime (ISL) [Vídeo]. YouTube. *https://www.youtube.com/watch?v=JlptoWp-tag*

Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas. (s.d.-a). Memorial to the Sinti and Roma of Europe murdered under National Socialism. *https://www.stiftung-denkmal.de/en/memorials/memorial-to-the-sinti-and-roma-of-europe-murdered-under-national-socialism/*

Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas. (s.d.-b). Memorial to the Persecuted Homosexuals under National Socialism. *https://www.stiftung-denkmal.de/en/memorials/memorial-to-the-persecuted-homosexuals-under-national-socialism*

Todorov, T. (2000). Los abusos de la memoria. Gràfiques 92.

Vidler, A. (2013). O campo ampliado da arquitetura. In Sykes, A. K. (Org.) O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009 (pp. 243-251). Cosacnaify.

Yamamoto, J. C. A. (2014). Entre Eisenman, Berlim e o Memorial (dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Young, J. E. (1993). The texture of memory: Holocaust memorials and meaning. Yale University Press.

R45

THE GENESIS OF URBAN WALKOGRAPHY TO THE VERBOLARY: MAPPING ACTIONS

DA GÊNESE DA CAMINHOGRAFIA URBANA AO VERBOLÁRIO: MAPEAR AS AÇÕES

Lorena Maia Resende
Doutoranda em Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
da UFRJ (PROARQ-UFRJ)
lorena.resende@fau.ufrj.br

Eduardo Rocha
Doutor em Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
da UFPel (PROGRAU-UFPel)
amigodudu@yahoo.com.br

Taís Beltrame dos Santos
Doutoranda em Arquitetura
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura
da UFRGS (PROPAR-UFRGS)
tais.beltrame@gmail.com

ABSTRACT

The article "Verbolary of Urban Walkography: mapping actions" explores the practice of urban walkgraphy, a methodological approach that combines walking and mapping, developed by the Cidade+Contemporaneidade group at UFPel. This technique involves recording physical, sensory, and subjective experiences during city walks, encouraging slow, attentive walking that is receptive to surrounding interactions. The goal is to map the different experiences that gave rise to urban caminography and understand what they reveal. Urban walkgraphy challenges conventional social science methods, promoting active bodily engagement with the contemporary city. The practice is based on actions mediated by verbs, described as a mestizo methodological strategy that integrates concepts of sensitive cartography, corpography, and urban drifts. The article highlights the powerful contribution of women in the research and emphasizes the importance of approaching cities in a sensitive and dynamic manner, proposing new ways of existing and relating to the urban environment.

KEYWORDS: urban walkgraphy. verbolary. sensitive cartography. urban drifts. production of subjectivity. mestizo methodology.

RESUMO

O artigo "Verbolário da Caminhografia Urbana: o mapeamento das ações" explora a prática da caminhografia urbana, uma abordagem metodológica que combina caminhar e cartografar, desenvolvida pelo grupo Cidade+Contemporaneidade da UFPel. Esta técnica envolve o registro de experiências físicas, sensoriais e subjetivas durante deslocamentos pela cidade, incentivando uma caminhada lenta e atenta às interações ao redor. O objetivo é mapear as diferentes experiências que deram origem a caminhografia urbana e entender o que elas revelam. A caminhografia urbana desafia métodos convencionais das ciências sociais, promovendo um envolvimento corpóreo ativo com a cidade na contemporaneidade. A prática se baseia em ações mediadas por verbos, sendo descrita como uma estratégia metodológica mestiça que integra conceitos de cartografia sensível, corpografia e derivas urbanas. O artigo destaca a contribuição potente das mulheres na pesquisa e enfatiza a importância de abordar as cidades de maneira sensível e dinâmica, propondo novos modos de existir e se relacionar com o ambiente urbano.

PALAVRAS-CHAVE: caminhografia urbana. verbolário. cartografia sensível. derivas urbanas. produção de subjetividade. metodologia mestiça.

1. ESTRATÉGIAS: CAMINHOGRAFIA URBANA

A caminhografia urbana é uma prática metodológica que combina as ações de caminhar e cartografar, originada das pesquisas do grupo Cidade+Contemporaneidade da Universidade Federal de Pelotas (UPFel)[1]. Desde 2019 o conceito de caminhografia urbana é experimentado, desenvolvido e potencializado em ensino, pesquisa e extensão. Esta prática envolve registrar, jogar e/ou criar as experiências físicas, sensoriais e subjetivas da[2] caminhante durante o deslocamento pela cidade, incentivando uma caminhada lenta, atenta e receptiva às interações com o território em investigação. Uma prática que estimula reflexões que podem ser registradas através de desenhos, textos, fotografias, áudios, vídeos, narrativas ou outras formas de expressão.

A caminhografia urbana pode ser entendida como uma estratégia metodológica que rompe com os métodos convencionais no campo das ciências sociais aplicadas. Esse rompimento ocorre na própria experiência corpórea e ativa com a cidade contemporânea. Assim, o corpo, exposto e atravessado por *afcetos* e *perceptos*[3], consegue explorar camadas sensíveis e fugidias a qualquer tentativa de representação. Para Rocha e Santos (2023, s/p), "a essência da caminhografia urbana é registrar a cidade pormenorizada, cotidiana e usual, como prática pedagógica". Os registros e mapas resultantes dessa experiência são possibilidades de transbordamentos na produção de subjetividade e para a criação de intervenções na cidade.

Após observar a crescente adoção da caminhografia urbana em pesquisas científicas e ensaios acadêmicos como uma abordagem ética e estética do território, nossa proposta é mapear essas diferentes experiências que deram origem a caminhografia urbana e entender o que elas revelam, desde 2015, antes da criação da "caminhografia urbana" como termo. Devido à sua natureza aberta, versátil e criativa, as/os pesquisadoras/es aplicam essa ferramenta de maneiras diversas, resultando em uma variedade de mapas e formas de expressão. Diante disso, indagamos: De que forma a caminhografia urbana tem contribuído nas pesquisas? Como as caminhantes expressam suas experiências na cidade? Quais são os efeitos e impactos desse processo de imersão na cidade?

O processo da caminhografia está intrinsecamente ligado a uma série de ações práticas, mediadas por verbos que são inventados e experienciados durante a exploração urbana nas diversas investigações. O próprio termo "caminhografia"

---

1 O Grupo Cidade+Contemporaneidade foi criado e é coordenado pelo Prof. Dr. Eduardo Rocha. O grupo investiga cartografias sensíveis e urbanas desde 2015, a partir de diversas perspectivas, sempre multidisciplinares. Ver mais informações no site: *https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/*.

2 A caminhografia urbana é uma devir-mulher. Nos grupos de caminhografia, se observa uma predominância de mulheres, LGBTQIA+ e minorias. Optamos por manter o texto sempre no feminino, acolhendo ainda assim, todas as multiplicidades de gênero que não se encaixam nos binarismos da linguagem.

3 Os perceptos e afectos são sensações que possuem valor próprio e transcendem qualquer experiência vivida. Os afectos são os devires não humanos do homem. Enquanto os perceptos são as paisagens não humanas da natureza. Ambos são conceitos desenvolvidos por Deleuze (1995).

sugere as ações de caminhar e cartografar, e é adjunto a dez verbos, frequentemente utilizados na prática caminhográfica, que ajudam a comunicar as pistas provisórias da caminhografia. Com o objetivo de explorar outras ações presentes no processo da caminhografia, convidamos pesquisadores sul-americanos de diversas áreas de estudo, para escrever o "Verbolário da Caminhografia Urbana" (Rocha & Santos, 2024), um livro ação — e um dos efeitos da pesquisa.

O presente artigo está dividido em quatro partes: a primeira, este item introdutório, apresenta algumas características e questionamentos sobre a caminhografia urbana; a segunda faz uma síntese das experiências das pesquisadoras no uso desta estratégia, demonstrando as diferentes táticas de aplicabilidade e manifestação; a terceira se detém no principal efeito dessa investigação, que reverbera na publicação coletiva do verbolário da caminhografia; e, por fim, a quarta parte é um convite aos demais pesquisadoras/es ao imergir nessa experiência, explicando os modos des-usar o verbolário.

2. EXPERIÊNCIAS: MONTAGEM E DESMONTAGEM CARTOGRÁFICA

Antes mesmo da elaboração do termo "caminhografia", muitas/os pesquisadoras/es já utilizavam o recurso de caminhar e cartografar na cidade como estratégia de apreensão das questões urbanas contemporâneas, porém, recorrendo a outros nomes, conceitos e formatos. Por exemplo, a deriva e a psicogeografia (Debord, 1997), a corpografia (Britto & Jacques, 2009), a transurbância (Careri, 2013), a cartografia urbana (Detoni, 2019; Hypolito, 2015), entre outros. Dentro do grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade acompanhamos essa atualização dos termos e das estratégias metodológicas de pesquisa nas dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. De certa forma, a caminhografia emerge dos debates e conversas do grupo durante esses processos e experiências do corpo com a cidade em diferentes paisagens e territórios. Uma estratégia que se aproxima das questões levantadas durante a imersão a campo, compreendendo as potencialidades e os desafios.

Aos poucos, com a divulgação do método da caminhografia em publicações científicas, como nas edições 11 e 12 da Revista Pixo sobre caminhografia urbana, em livros e apresentações em eventos, observamos a expansão do uso dessa metodologia por outras pesquisadoras no país. Exemplos recentes incluem os trabalhos de Santos (2022) e Rodrigues (2022) da Unesp Bauru. Para entender como as diferentes autoras (mais de 95% dos trabalhos são de autoria feminina) utilizam a caminhografia urbana, elaboramos um diagrama síntese (Figura 1) que apresenta as diversas táticas cartográficas e procedimentos de apreensão, montagem e desmontagem a partir das caminhadas urbanas, realizadas por mestrandas do PROGRAU/UFPel, desenvolvidas no últimos 10 anos, junto a linha de pesquisa Cidade e Contemporaneidade (hoje

chamada Cidade e Sociedade), todas orientadas pelo Prof. Dr. Eduardo Rocha. O diagrama nos ajuda a identificar algumas questões principais:

(1) denominação: no início, as autoras se apropriaram de termos e conceitos já conhecidos na bibliografia, mas de outro campo do conhecimento. A cartografia, por exemplo, é baseada nos estudos da filosofia da Diferença, das obras de Deleuze e Guattari (1995), afastando-se um pouco do entendimento mais cartesiano da geografia. Outras autoras se aproximaram da corpografia, agenciamento entre o corpo e a cidade proposto por Jacques e Britto (2009). Contudo, embora esses nomes carregados de saberes auxiliassem no processo de imersão na cidade, ainda não alcançavam toda a complexidade que essas pesquisadoras se propunham. Então, fizeram algumas tentativas, como a cartografia sensível (Resende, 2019; Forneck, 2021), composta por distintos platôs coexistentes. Dessa forma, a partir de tentativas e experimentações, no coletivo, mediado pelo professor orientador, Eduardo Rocha, compomos o método da caminhografia urbana.

É importante ressaltar que nenhum termo, conceito ou ideia nasce do nada, como nos raros momentos de *Eureka* (descoberta) de Arquimedes, mas sim de uma construção coletiva, atenta, propositiva, que emerge da prática e de uma necessidade. Dessa maneira, o grupo inicia o processo de elaboração, envolvimento e divulgação do uso da caminhografia urbana. Machado (2020) foi a primeira pesquisadora do grupo a utilizar esse termo em sua dissertação, que foi se ampliando e ganhando maior espessura nos trabalhos subsequentes.

No diagrama, é possível observar que os outros nomes utilizados, cartografia urbana, corpografia e cartografia sensível, também fazem parte da caminhografia urbana. Desde o trabalho de 2015, as autoras já realizavam essa prática, apenas a denominando de outra forma. A leitura dessas dissertações demonstra que a essência do caminhar e cartografar sempre esteve presente no grupo. Assim, a caminhografia urbana é um nome mestiço, pois acolhe as contribuições da cartografia deleuze-guattariana, da corpografia, das transurbâncias, das derivas e dentro deste hibridismo propõe outras aventuras e revoluções.

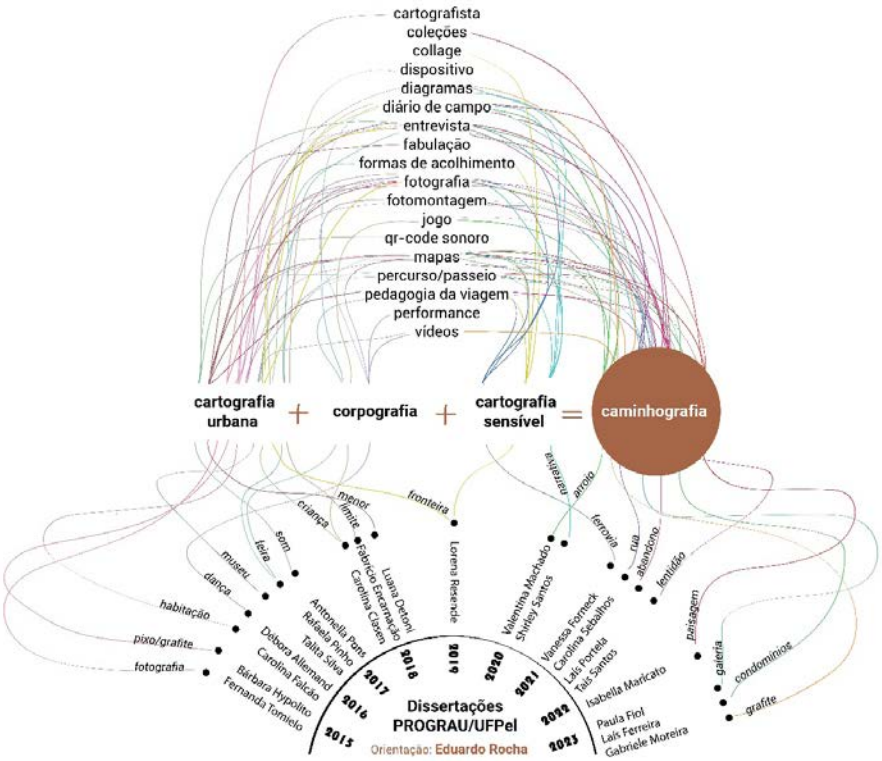


Figura 1. Diagrama das táticas metodológicas da caminhografia nas Dissertações do PROGRAU/UFPel (2015-2023). Fonte: dos autores (2024).

(2) devir-mulher: entre as 21 pesquisas citadas, 20 são de autoria de mulheres. O corpo-mulher, historicamente, é um corpo que não se encaixa na lógica tradicional do urbanismo; os parâmetros foram e ainda são realizados pensando no corpo-homem-heteronormativo, desde o ensino de arquitetura com base no modulor (proporções masculinas) do arquiteto Le Corbusier, passando pelo design do mobiliário urbano, até na homenagem dos nome das ruas. O corpo-mulher não é bem-vindo e não é pensado na e para a cidade, pois remete a um corpo frágil, que precisa ser protegido, ou a um corpo desejado, que precisa ser escondido (Berth, 2023). O ato de caminhar na cidade ganha camadas e percepções diferentes diante da tipologia de corpo que caminha. O corpo-mulher, o corpo-criança, o corpo-idosa, o corpo-LGBTQIAPN+, entre outras minorias, são corpos dissidentes, e o simples ato de caminhar atento pela cidade já configura um desvio.

A caminhografia urbana acolhe os desvios e privilegia os caminhos pelas bordas. Ao seguir pelas linhas de fuga (Deleuze, 1995), as mulheres se sentem encorajadas a atravessar e serem atravessadas pelo inusitado. Essa estratégia oferece a oportunidade de divulgar a voz e a escrita das subjetividades femininas e das

minorias, com uma liberdade exploratória que não é asfixiada pelas especificações dos métodos tradicionais. Acreditamos que são essas abordagens outras que nos apontam os caminhos e as pistas sobre um fazer e estar urbanos baseados na equidade e multiplicidade. O artigo "O corpo-mulher que caminha: caminhografia na cidade de Pelotas" (Santos, et al., 2019) ilustra melhor essa questão.

(3) táticas comuns: o emaranhado das linhas do diagrama gera mais encontros em alguns procedimentos metodológicos, são eles: os mapas, as fotografias, os diários de campo, as entrevistas, os percursos e a pedagogia da viagem. Quer dizer, essas são as táticas mais utilizadas pelas diferentes autoras no momento da inscrição, no ato de cartografar. Ainda que cada pesquisadora se aproprie dessas técnicas de maneiras e modos de apresentação distintos, isso mostra um sentido de preferência. Neste conjunto, há técnicas tanto sensoriais — visuais (fotografia), de escuta (entrevista), de tato (percurso) — como de produção: na elaboração de mapas (montagem e desmontagem), na escrita do diário de campo (manifestação do pensamento), e na disposição da pedagogia da viagem (imersão do corpo em um campo desconhecido). Técnicas que se complementam e acontecem simultaneamente: a imagem que auxilia a escrita, o mapa que comunica múltiplas informações, o percurso que ativa a sensibilidade, e assim por diante. É interessante observar que todas as pesquisadoras utilizaram mais de uma tática, sempre adotando uma estratégia híbrida que perpassa por abordagens sensoriais e de produção. Groat & David Wang (2013) chamam esse efeito de "estratégias combinadas".

(4) táticas singulares: No diagrama, algumas táticas encontram as linhas apenas uma vez, identificando as cartografias que foram menos utilizadas pelo coletivo, mas que garantem a singularidade e a especificidade do trabalho. São elas: cartografista, coleções, collage, dispositivo, fabulação, QR-code sonoro e performance. Essa característica revela o acolhimento abrangente que a caminhografia possibilita, estando aberta e inclusive estimulando a inventividade de outras técnicas. Correlato a essa ideia, Law (2004, p. 2, tradução nossa) acredita que "precisamos aprender a conhecer algumas das realidades do mundo usando métodos incomuns ou desconhecidos nas ciências sociais (...). Talvez precisamos conhecê-los através das fomes, dos gostos, dos desconfortos ou das dores do nosso corpo". Cada corpo é único, por isso, cada caminhografia também será única.

Pons (2017) aventurou-se na paisagem sonora, e a escrita da dissertação não conseguia transmitir ao leitor toda a potência da sua investigação. Assim, recorreu ao QR-code sonoro, uma tecnologia que faz chegar o som aos ouvidos dos leitores, envolvendo-os no processo. De forma semelhante, as coleções de Santos (2021) foram criadas para, primeiro, subverter a ideia de mapa fixo para mapa móvel e, segundo, tirar o leitor do papel de espectador para o de praticante. Dessa forma lúdica, as provocações da autora mantêm-se atuais e ativas. Por sua vez, Resende (2019) utilizou a collage como ferramenta processual, acompanhando as complexidades de fronteira. As ações de selecionar, recortar, encontrar, testar e colar não geraram

apenas uma imagem ou produto final, mas revelaram os matizes e nuances de uma paisagem fluida e adaptável, auxiliando na organização do pensamento e da escrita. Esses exemplos testemunham a capacidade da caminhografia de ativar e estimular a criatividade, potencializando outros modos de fazer e comunicar na pesquisa científica.

(5) pluritemática: Cada linha colorida do diagrama, conectada a uma autora, é identificada por um nome-chave que simboliza o tema ou o agente principal de cada dissertação. O exercício de escolher apenas um nome que carrega toda a complexidade de uma pesquisa é um tanto desafiador, porém, essa tentativa é válida, pois consegue expressar a diversidade de temáticas que foram abordadas utilizando a caminhografia urbana. Não há restrição de uso, seja a investigação sobre tipologias arquitetônicas (habitação, museu, feira, galeria, condomínios), elementos urbanos (grafite, arroio, rua), situações e lugares contra-hegemônicos (abandono, menor, fronteira, lentidão, criança) ou expressões urbanas (som, dança, narrativa). Todas essas temáticas foram aprofundadas pelas ações simultâneas de caminhar e cartografar na cidade, desvendando saberes que, por vezes, extrapolam e se contrapõem àqueles fundamentados por métodos mais rígidos e engessados.

De forma mais específica e ilustrativa, o próximo diagrama mapográfico (Figura 2) apresenta uma síntese das formas de apreensão (e não representação), como cada autora se apropria de técnicas e simbologias diferentes para apresentar os resultados e análises da caminhografia urbana.

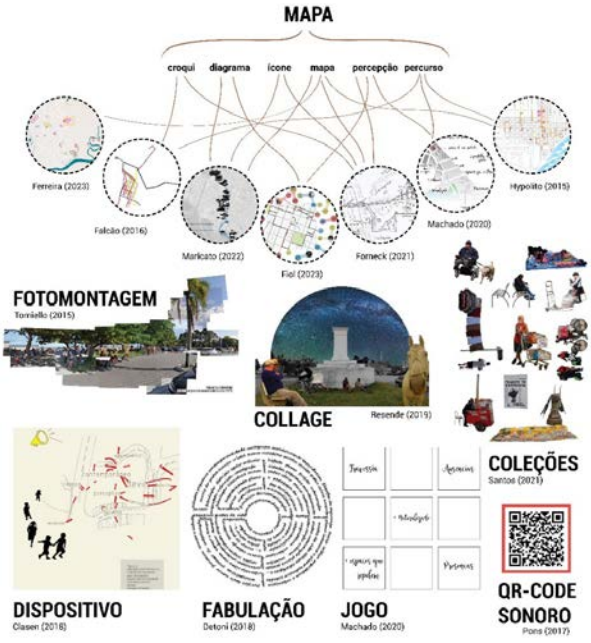


Figura 2. Síntese Mapográfica das dissertações do PROGRAU/UFPel (2015-2023).
Fonte: dos autores (2024).

Embora pesquisas diferentes utilizem a mesma ferramenta, como os mapas, a composição, o desenho e as formas de exibição variam entre elas. No caso dos mapas, temos aqueles feitos por desenho de croqui, outros que utilizam a imagem de satélite como base, com a inserção de ícones, desenho do percurso, frases e palavras sobre a percepção da caminhada, entre outros recursos. Observamos também que o uso diversificado de cores, a sobreposição de imagens e o jogo de palavras são artifícios visuais que auxiliam na diferenciação ou no destaque de alguma informação.

Toda essa variedade de formas de comunicar indica que a caminhografia, ao possibilitar autonomia das pesquisadoras em suas investigações, garante maior autenticidade, inovação e criatividade no processo. Além disso, esses trabalhos podem servir de inspiração para outros/as pesquisadores/as, atuando como um ativador de ideias e uma fonte de experimentações.

3. EFEITOS: VERBOLÁRIO DA CAMINHOGRAFIA

Para a publicação dos achados da pesquisa sobre a caminhografia urbana enquanto método, o grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade se articula em três movimentos, que ainda estão sendo realizados: as conversas sobre a caminhografia urbana, o livro dos mapas e o livro do verbolário da caminhografia. As conversas aconteceram de abril a dezembro de 2022, em sessões abertas de diálogo online com diversas/os pesquisadoras/es sul-americanos que caminham e cartografam. Os vídeos foram gravados e disponibilizados no YouTube da Revista Pixo[4], e atualmente está em elaboração o livro com a transcrição dessas conversas. O livro de mapas, ainda em construção, pretende divulgar a coleção de mapas criados durante o processo de caminhografia pelas/os diferentes autoras/es, reunindo em um único volume a diversidade compositiva. E o livro "Verbolário da caminhografia urbana", escolhido para ser apresentado neste artigo, se aproxima da estrutura de um dicionário, porém trata somente da (in)definição de verbos, uma fonte de consulta para os futuros praticantes.

Todos esses efeitos acontecem simultaneamente; o livro do verbolário foi o primeiro a ser publicado, antes mesmo do livro das conversas, mas essa ordem não é importante, visto que os dados são coexistentes e se entrelaçam a todo instante. Por exemplo, a partir do projeto de pesquisa CNPQ, da investigação das dissertações e das conversas com as/os pesquisadoras/es, observamos a recorrência e a intensidade das ações, e consequentemente do uso dos verbos, resultando na ideia do dicionário coletivo de verbos. Ao mesmo tempo, nesse processo de pesquisa e escuta, as/os autoras/es estudadas/os nos apresentaram suas formas de comunicar as cartografias, em uma diversidade incrível de abordagens, nos direcionando para o livro de mapas. A ordem de publicação é apenas uma confluência frutífera do tempo

4 Vídeos disponíveis no link: *https://www.youtube.com/@revistapixo9527/videos*

de organização, da verba de fomento, da editoração, dos processos burocráticos até a materialização. A costura está sendo feita a todo tempo, e alguns efeitos apenas chegam primeiro ao conhecimento dos/as aventureiros/as.

Feito este preâmbulo, chegamos ao Verbolário da Caminhografia Urbana (Rocha & Santos, 2024), obra disponível gratuitamente na versão e-book, que consiste na compilação dos verbos comumente ativados pelos caminhantes em suas experiências de campo (Figura 3). Este dicionário de 176 verbos, construído pela diversidade das 88 autoras/es, promove uma escrita viva, potente, discordante e descolonial. É um livro-convite para aventuras urbanas, incitando o movimento ao explorar os verbos de maneira inusitada. Concebido para ser riscado, rasgado e reescrito em um processo contínuo de montagem e desmontagem, serve como uma fonte de referência e consulta baseada nas realidades brasileiras e latino-americanas, absorvendo os verbos locais e regionais ao mesmo tempo que abandona as práticas e citações colonizadoras.

As/os autoras/es foram convidadas/os a escrever sobre alguns verbos que, de alguma forma, tinham conexão com suas pesquisas. Enviamos um e-mail com o desafio, estipulando apenas o limite de palavras, mas completamente aberto às formas de apresentação. Era possível substituir o verbo, inserir imagens, jogos e links. A ideia foi garantir maior conforto no processo, estimulando a inventividade. Após o convite, realizamos uma reunião online com todos os participantes para tirar dúvidas e estabelecer um prazo de entrega.

No princípio, eram dez verbos: caminhar, atentar, experimentar, encontrar, registrar, corporificar, serelentar, cartografar, jogar e transcriar, considerados como as dez pistas provisórias sobre a caminhografia. A ideia das pistas provisórias, já haviam sido lançadas em: “Como é a Caminhografia Urbana?” (Rocha & Santos, 2023), mas no livro foram atualizadas. São pistas provisórias porque não são restritivas; pelo contrário, são de natureza transitória e adaptável ao contexto e às necessidades de cada processo. Contudo, com a inclusão de outros pensamentos e pessoas sobre o tema, somamos 166 verbos.

Figura 3. Fotografias do livro físico do Verbolário da caminhografia urbana.
Fonte: dos autores (2024).

Percebemos que a escrita coletiva é móvel, fluida, flexível e, ao mesmo tempo, árdua e provocadora. São diversas mãos e subjetividades que se encontram, colidem, divergem e abraçam. O resultado é inesperado: autoras/es mais sintéticos e disciplinados, outras/os mais ousados e exploradores. A cada página, uma surpresa, um espanto e uma novidade. Aleatoriamente, se o leitor buscar pela letra "v", encontrará na página 310 o verbo "vagabundear", por Silva, que nos desafia a jogar um caça-palavras. Mas se voltarmos mais ao começo, na letra "d", o conjunto de quatro dançarinas, Allemand, Hoffmann, Rodrigues e Guimarães, nos disponibiliza um QR-code para comunicar o entendimento sobre "dançar", em uma performance em vídeo no YouTube. E, se insistirmos mais um pouco na letra "d", descobrimos que "descontrolar", na caminhografia, "significa improvisar no definitivo", por Sebalhos (Rocha & Santos, 2024, p. 121). Similar ao uso do dicionário, o verbolário não tem começo nem fim, nada mais que o meio, acolhendo o movimento lento ou apressado de caminhantes em potencial.

Os verbos desempenham um papel crucial na comunicação das experiências dos pesquisadores com a caminhografia. Dessa forma, a coleção incorpora verbos familiares do nosso dia a dia, como "andar", "anotar", "viver", ressignificando-os e rompendo com definições rígidas, abrindo espaço para entendimentos transversais e plurais. Simultaneamente, apresenta verbos inventados, como "artegrafar", "fronteirar" e "serelentar", que emergem das sensações e afetos evocados pela caminhografia, indo além das ações já reconhecidas. Além disso, inclui verbos regionais do sul do sul, que fazem parte do cotidiano fronteiriço do Brasil (Rio Grande do Sul), Uruguay e Argentina, como "aquerenciar", "borboletear" e "pelear".

Ao final do livro, nas referências, constatamos, além da transdisciplinaridade e potência bibliográfica, o acaso de diferentes verbos citarem à mesma indicação. É o caso de recorrer a Berth (2023) para falar de "ancestralizar" e "pertencer", Deleuze (1983) para adentrar ao entendimento de "filmar", "perambular" e "registrar", ou Kopenawa e Albert (2015) no aprofundamento de "desumanizar" e "sonhar".

O verbolário divulga a caminhografia urbana como uma abordagem transformadora que reflete a pulsão da vida urbana na coexistência contemporânea. Trata-se de uma metodologia coletiva que não se restringe a regras e padrões, uma vez que se faz e refaz em cada experimentação, servindo de guia e provocação para as futuras caminhadas.

4. CONVITES: MODOS DE DES-USAR

Eu acho que a gente vive um tempo de muito discurso e pouca história. E as histórias contam, falam muito mais do que os discursos. Um caso, um exemplo, uma coisa que acontece, as narrativas de uma história, elas muitas vezes, dizem tudo sem precisar que você discurse depois (TV BRASIL, 2024, s/p).

A atriz brasileira Denise Fraga concedeu uma entrevista em 21 de maio de 2024, falando sobre seu amor pelas histórias e como as pessoas são cativadas por uma boa história e um bom texto, em contraste com o excesso de discursos e análises contemporâneas mais técnicas, teóricas e genéricas. A atriz estava comentando especificamente sobre a peça teatral, o envolvimento com o público e o que realmente a motiva em seu trabalho. As histórias, as essências das narrativas genuínas, são produtoras do deslocamento dos sujeitos, daqueles instantes de desprendimento de si e conexão com o outro. E é neste ponto que se agencia a caminhografia, ou seja, na inscrição dos relatos e registros a partir dos acontecimentos, do encontro com o inesperado.

Assim, para auxiliar as caminhógrafas a reverberar suas histórias e narrativas, o verbolário indica como "interagir com as cidades de forma mais sensível e dinâmica" (Rocha e Santos, 2024, p. 28). Como um guia, fornece os modos de "des-uso", e não de uso, pois cairia em contradição com sua essência móvel, adaptável e revolucionária.

O guia foi pensado em três tempos: o antes, o durante e o depois da caminhografia. O antes conta com a "des-preparação mental", leitura e assimilação prévia dos verbos, atentando para aqueles que mais se associam à questão de pesquisa, e com o "des-planejamento de rota", correlacionando verbos que interagem com uma rota intencional e com rotas possíveis. Durante a caminhografia, considerar a "des-observação passiva-ativa", estar atento aos detalhes, aguçar os cinco sentidos e também registrar o banal, tudo que pede passagem, e a "des-experimentação in-consciente", explorar os verbos tanto de forma consciente das ações quanto deixar o inconsciente agir, abrindo espaço para a intuição e o instinto. Por fim, o

depois da caminhografia convida à “des-reflexão e não-análise”, atividade de evitar interpretações e explicações, preferindo a escrita de histórias, sensações e emoções em vez de discursos, e à “des-registro banal-criativo”, ou seja, deambular na escrita, evitando representações e permitindo apreensões.

Falar sobre caminhografia urbana é falar sobre processos. Desde a concepção do nome até as formas de exploração e apresentação, ela nos ensina que a pesquisa científica pode acolher histórias e registros da experiência sem a necessidade de se enquadrar em caixas metodológicas ou visões de mundo pré-estabelecidas. Romper com essa lógica é abrir outras portas: localizar e protagonizar saberes situados, divulgar arquiteturas autoconstruídas, beber de fontes ancestrais, denunciar injustiças e irresponsabilidades, e, por fim, identificar outros modos de existir e se relacionar com o mundo. Junte-se a nós nesta aventura.

7. BIBLIOGRAFIA

Berth, J. (2023). Se a cidade fosse nossa. São Paulo: Paz e Terra.

Britto, F. D., & Jacques, P. B. (2009). Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. Fractal: Revista de Psicologia, 21(2), 337–349. https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200010.

Careri, F. (2013). Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora Gustavo Gili.

Debord, G. (1997). A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto.

Deleuze, G. (1983). Cinema 1 - A imagem-movimento. São Paulo: Editora Brasiliense.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, Vol. 1.

Detoni, L. P. (2018). Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5360

Forneck, V. (2021). Abandono de estações férreas: cartografia sensível na fronteira Brasil-Uruguay [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/9072

Groat, L. & Wang, D. (2013). Architectural research methods. New York: John Wiley & Sons.

Hypolito, B. B. (2015). Cidade, corpo e escritas urbanas: cartografia no espaço público contemporâneo [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5204

Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). Os ancestrais animais. In Kopenawa, D. & Albert, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras.

Law, J. (2004). After Method: mess in social science research. London, New York: Taylor & Francis e-Library.

Machado, V. (2020). O arroio, a rua, o verde e a vida: cartografia do caminhar nas bordas do arroio Pepino [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6910

Pons, A. S. (2017). Som em Devir: Por uma cartografia sensível da paisagem sonora urbana [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5237

Resende, L. M. (2019). Cartografia urbana na linha de fronteira: travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7424

Rocha, E. & Santos, T. B. (2023). Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arquitextos, 281.05 (10). https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923

Rocha, E. & Santos, T. B. (2024). Verbolário da caminhografia urbana. Pelotas/RS: Editora Caseira. E-book (396 p.). ISBN 978-65-88489-92-5. Disponível em: https://editoracaseira.com/verbolario/. Acesso em: 8 jul. 2024.

Rodrigues, L. S. (2022). Uma caminhada pela estrada de ferro araraquarense. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Bauru].

Santos, M. M. (2022). Caminhografar: uma experiência no antigo leito férreo de Ourinhos-SP. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Bauru].

Santos, T. B. (2021). Seres lentos e vida urbana: caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8473

Santos, T. B. & Forneck, V. & Sebalhos, C. F. (2019). O corpo-mulher que caminha caminhografia na cidade de Pelotas. Revista Pixo, 11(3), 166–183.

TV BRASIL. (2024, 21 de maio). Dando a Real com Leandro Demori recebe a atriz Denise Fraga [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=axNLOw1edkk

R45

PERFORMATIVE ACTIONS AS (COUNTER) PRODUCTIVE POSITIONS: AGENT BODIES, PARTICIPATION, AND INTERSUBJECTIVITY IN REFLECTING ON THE MEANINGS OF PLACES

AÇÕES PERFORMATIVAS COMO (CONTRA) POSICIONAMENTOS PRODUTIVOS: CORPOS AGENTES, PARTICIPAÇÃO E INTERSUBJETIVIDADE NA REFLEXÃO SOBRE OS SENTIDOS DOS LUGARES

Julia Delmondes Freitas de Santana
Doutoranda
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - UFRJ
julia.freitas@fau.ufrj.br

Fabiola do Valle Zonno
Professora Doutora
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - UFRJ
fabiolazonno@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This article explores how agent bodies influence the production and appropriation of the built environment through performative actions, deviating norms and prompting reflections on the control mechanisms shaping behaviors and appropriations. This process reveals alternative spaces, such as heterotopias (Foucault, 2001 [1984]), through practices of subversion and transgression (Tschumi, 2008 [1980 and 1981]), embracing counter-productive positions and a relational aesthetic participation (Bourriaud, 2009 [1998]). Examples include the performances Ações Cariocas (2008) by Eleonora Fabião, Amador e Jr. Segurança Patrimonial LTDA - Imponderabilia Institucional (2023) by Antonio Gonzaga Amador and Jandir Jr., and Costura do manto-vivo by Julia Delmondes and Sofia Mussolin (2019). These works illustrate how agent bodies not only executes actions but also produces spaces intertwined with subjectivities and the temporal meanings of places, contextualized politically, socially, and historically.

KEYWORDS: performative actions. agent bodies. experiences of participation. relational aesthetics.

RESUMO

Este artigo explora como os corpos-agentes influenciam a produção e apropriação do ambiente construído através de ações performáticas, desviando normas e provocando reflexões sobre os dispositivos de controle que moldam comportamentos e apropriações. Este processo revela outros espaços alternativos, como as heterotopias (Foucault, 2001 [1984]), através de práticas de subversão e transgressão (Tschumi, 2008 [1980 e 1981]), assumindo contra posicionamentos produtivos e um sentido de participação e estético "relacional" (Bourriaud, 2009 [1998]). Exemplos incluem as performances Ações Cariocas (2008) de Eleonora Fabião, Amador e Jr. Segurança Patrimonial LTDA - Imponderabilia Institucional (2023) de Antonio Gonzaga Amador e Jandir Jr., e Costura do manto-vivo de julia Delmondes e Sofia Mussolin (2019). Esses trabalhos demonstram como o corpo-agente não apenas executa ações, mas também produz espaços relacionados às subjetividades e aos sentidos dos lugares no tempo, contextualizados politicamente, socialmente e historicamente.

PALAVRAS-CHAVE: ações performativas. corpo-agente. experiências de participação. estética relacional.

1. INTRODUÇÃO

Pensar em espacialidades de participação e outros regimes de sensibilidade entre arte e arquitetura nos faz refletir sobre o que seria compreender os processos de produção e apropriação do ambiente construído mediante corpos agentes que, atentos às diversas dinâmicas que ali coexistem, são capazes de questionar e deslocar determinações de uso e ocupação e convocar vivências diversas. Assim, reconhecer estes corpos é uma oportunidade para sugerir novas aberturas de fruição, apropriação e criação no espaço.

Encontramos nas práticas artísticas, especificamente na performance, um caminho para explorar ou desviar ações condicionadas e suscitar reflexões sobre o que é determinado a partir de dispositivos de controle, limites impostos a modos de comportamento e apropriação, expondo ou provocando criativamente espaços outros - heterotopias (Foucault, 2001 [1984]), via processos de exploração da diferença, subversão e transgressão (Tschumi, 2008 [1980 e 1981]), assumindo contra posicionamentos produtivos. Acredita-se no potencial dos trabalhos ao mobilizar experiências de participação, desestabilizar posições definidas e explorar diferentes sentidos, além de expandir percepções espaciais e temporais através de possibilidades outras de ação e apropriação. Aqui, a participação é pautada em ações compartilhadas, em experiências subjetivas e coletivas, numa perspectiva "estética relacional" conforme Nicolas Bourriaud (2009 [1998]), a partir de Felix Guattari, quando a subjetividade só pode ser definida pela presença de uma outra subjetividade, constituída por "territórios" mediante outros territórios.

Na pesquisa "Entre arquitetura, arte e paisagem" (EAAP), entre outras experiências artísticas, as ações que exploram a performance, criação de situações e eventos são compreendidas como ações em campo ampliado capazes de suscitar reflexões sobre a prática em arquitetura e a complexidade dos lugares (Zonno, 2014). Investigamos nas performances não só o caráter de evento, mas também a aproximação de uma abordagem *site-specific* (Kwon, 2008), em que dimensões específicas do espaço, sejam elas físicas ou discursivas, são problematizadas a partir da ação artística, e em sua ação também nômade; neste platô de leitura das obras, a partir do questionamento de Guattari sobre o potencial micropolítico e ecológico da arte (também das subjetividades) questiona-se como os trabalhos, ao oportunizarem acontecimentos, são capazes de explorar e suscitar a reflexão sobre a construção de sentidos entre as dimensões pública e privada (Zonno, 2014)[1].

Neste artigo serão analisadas as performances: *Ações Cariocas* (2008) de Eleonora Fabião, *Amador e Jr. Segurança Patrimonial LTDA - Imponderabilia Institucional* (2023) de Antonio Gonzaga Amador e Jandir Jr e *Costura do manto-vivo* (2019) de

1 A pesquisa é coordenada pela co-autora, ampliando as reflexões expostas no livro *Lugares complexos, poéticas da complexidade – entre arquitetura, arte e paisagem*. Este artigo desdobra, a partir da análise de outros trabalhos, a seção que elabora a relação entre performance e evento, partindo de Bernard Tschumi, na qual se analisa, em especial, o trabalho do artista Vito Acconci como poética de exploração *entre* dimensões pública e privada, tensionando tanto as posições do artista como do fruidor e o significados dos lugares, entendidos tanto o espaço público como a galeria ou museu de arte como "praças" – onde o conflito emerge (Zonno, 2014).

Julia Delmondes e Sofia Mussolin. Muito nos interessa nessas obras o reconhecimento da potência do corpo-agente na produção dos espaços, um corpo que, pensado na relação com as subjetividades e com os sentidos dos lugares no tempo, que não está vinculado apenas à simples ação, mas sim às intenções do movimento, contextualizadas politicamente, socialmente e historicamente.

2. CORPOS AGENTES

Na arquitetura, o estudo do corpo é habitualmente reconhecido como item integrante do ensino sobre a tradição clássica e, na perspectiva moderna, em liame com as questões de medida, proporção e uso. Todavia, a corporeidade em arquitetura já tem sido abordada, em perspectiva mais ampla no tocante a aspectos perceptivos sinestésicos a partir de bases fenomenológicas (Merleau-Ponty, 1964; Pallasmaa, 2009). Outrossim, a compreensão do potencial do(s) corpo(s) como agente(s) na transformação do espaço importa para o reconhecimento sobre como o próprio espaço pode ser pensado na relação com diferentes apropriações; o corpo constrói o espaço e é construído simultaneamente, problematizando visões funcionalistas, como critica Bernard Tschumi em "Arquitetura e Limites" de 1980 e 1981, arquiteto que se aproxima, em especial, da *performance.* É válido ressaltar que o corpo na arquitetura não se restringe a um protagonismo do indivíduo, mas, sim, do coletivo, valorizado desde relações intersubjetivas e sociais, pautando assim o valor político da arquitetura e suas reverberações no contexto a partir da ideia da ação (Montaner, 2017).

Esta relação entre indíviduo e coletivo está para o privado e público e se dá, nos debates sobre os sentidos dos lugares, não só desde a provocação sobre limites espaciais – estabelecidos por funções ou modos de comportamento determinados, mas também elaborando dimensões da memória no agenciamento de territórios em prol da expressão da diferença e singularidade social e cultural.

Compreendemos que a base fenomenológica ao indicar as experiências multissensoriais na arquitetura servem como abertura para pensar, conjuntamente ao sentido da ação, um corpo que, através de experiências distintas, é capaz de perceber, experimentar e produzir espaços e significados. O *corpo agente*, logo, exprime as potencialidades do corpo em ação, em movimento, criando experiências que desviem a funcionalidade programada sugerindo novas aberturas de fruição, apropriação e criação perante o espaço, explorando as diferenças e possibilidades.

Ao vivenciarmos alguma situação desconhecida ou fora do "controle", podemos acessar brechas instaurando potencialidades que reforcem nossa existência. Algumas vezes, deparamo-nos com situações conhecidas, mas que são percebidas de maneiras diferentes. Essas diferenças existem porque nosso processo de perceber depende de muitos estímulos que sensibilizam o corpo em seus diferentes sentidos, os quais recebemos do ambiente em que estamos inseridos, levando-nos a crer que não existem regras para atribuirmos significados fixos .

Neste contexto, refletimos sobre como a arquitetura, os lugares são capazes de potencializar experiências diversas, tornando-se um fator influente nas escolhas e subjetividades de quem as vivencia. Em 2018, na oficina "O que pode o corpo?", desenvolvida como parte da dissertação de mestrado[2], após uma das práticas com um elástico, nós o soltamos e ele, "naturalmente", tornou-se um limite no chão: nenhum dos participantes ousou atravessá-lo ou continuar a atividade fora dele. A partir disso, refletimos sobre como facilmente criamos limites que inibem a nossa expansão e, se um elástico no chão limitou um movimento, como uma parede, um muro ou até mesmo um meio-fio, pode limitar a autonomia de quem vivencia o espaço?

> É por isso que a emblemática afirmação de Rem Koolhaas 'onde não há arquitetura tudo pode acontecer' deve ser entendida não como uma renúncia à prática da arquitetônica, mas sim como um apelo a definições espaciais menos constritoras, espaços para a liberdade. Tschumi, buscando a definição de programa no dicionário, o identifica a uma sequência de eventos que podem se dar em um mesmo espaço – como é o caso de representações teatrais ou ações de performance. '*Events take place, again and again*' – literalmente, os eventos tomam o espaço, apropriam-se dele, não são por ele condicionados. (...) Percebemos então que se trata de repensar a arquitetura incluindo *os corpos como agentes* que também definem os espaços (Zonno, 2014, p.65, grifo nosso).

Pensar a ênfase em um corpo agente é uma abertura para entender que, ao projetarmos espaços, agenciamos vidas e que, repensando os espaços entre o programado e o não programado, a arquitetura pode acontecer. Os corpos podem questionar e se apropriar do espaço em um diálogo aberto a dinâmicas diversas, incentivando a reflexão sobre o potencial da ação. No caso das obras sob análise, perguntamo-nos como tais práticas artísticas questionam os espaços onde se inserem, tendo os corpos agentes como meio de provocação.

Ao vincular o sentido de "programa" em arquitetura a eventos como uma maneira de expandir e transgredir fronteiras, limites, Tschumi defende o corpo em movimento como protagonista do espaço: para além do corpo senciente-sensível, no sentido fenomenológico, corpo que encontra na ação a possibilidade de construir uma dialética entre estrutura e acontecimento (*S-E-M, space, event, movement*). Ao questionar a *utilitas* - na trilogia vitruviana, Tschumi defende que o corpo é o ponto de partida e de chegada da arquitetura, é o único juiz. O movimento, o deslocamento, portanto, torna-se um caminho para questionar os usos como determinados e fixos, haja vista que ele não tem a "intenção de sugerir que os arquitetos estejam sempre canalizando os corpos por caminhos predeterminados" (2012, pp. 26-28), mas sim que pensem em outras possibilidades de experiências proporcionadas pelas diferentes relações de corpo e espaço. O corpo agente, portanto, não é apenas atrelado ao movimento

2 Santana, Julia. (2019). Encontro poético entre corpo e arquitetura: Reflexões (ensaios) em busca da experiência (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

por si só, mas ao seu gesto, à sua intenção, como elemento capaz de questionar os sentidos dos espaços e as articulações entre corpos individuais e coletivos, privado e público, afetando as subjetividades.

3. PARTICIPAÇÃO E INTERSUBJETIVIDADE - ESTÉTICA RELACIONAL

Passemos a aprofundar sobre como existimos através do coletivo, entendendo que nossas percepções, ações, criações reverberam e implicam na vida do outro. Como arquitetas, reconhecemos as "espacialidades de participação", propostas neste eixo temático, mediante um acolhimento do corpo coletivo, dos encontros, das relações, incentivando a percepção do "eu" a partir do outro, em experiências intersubjetivas.

A subjetividade aqui é pautada em uma perspectiva relacional sob a definição que Nicolas Bourriaud (2009) aponta a partir de Felix Guattari: "A subjetividade só pode ser definida pela presença de uma outra subjetividade; ela só constitui um "território´´ a partir de outros territórios que encontra; formação evolutiva, ela se molda pela diferença que a constitui em princípio de alteridade" (p. 127). A subjetividade, portanto, não se encontra apenas no sujeito isolado, mas relacionando privado e público, individual e coletivo que constrói "territórios mínimos" para se identificar.

Neste sentido, a participação é uma característica central para a "estética relacional" de Bourriaud (2009), uma vez que prioriza as interações sociais e experiências compartilhadas mediante práticas artísticas que mobilizam trocas entre artistas e participantes e compreendem os "processos de comunicação enquanto instrumentos concretos para interligar pessoas e grupos" (p.60), contribuindo para a criação de diferentes experiências coletivas.

Para investigar caminhos possíveis para espacialidades de participação entre alteridades é imprescindível reconhecer, como parte das forças atuantes na atualidade e em nossos espaços urbanos, os processos de subjetivação capitalística, que estabelecem modos de existência ao capturar diariamente possíveis práticas de liberdade e eliminar alternativas de mudanças concretas em modos de vida condicionados a estruturas fechadas. A psicanalista brasileira Suely Rolnik (2018) nos convoca a refletir sobre como driblar estas capturas do "inconsciente colonial-cafetinístico buscando vias de acesso à potência da criação em nós mesmos: a nascente do movimento pulsional que move as ações do desejo em seus distintos destinos. Um trabalho de experimentação sobre si que demanda uma atenção constante" (p.37). A autora explica dois tipos de vivências diferentes e indissociáveis que compõem as nossas complexidades de subjetividade: a pessoal (*forma de expressão de força*) e a extrapessoal (*força vital*). A primeira tem os "sinais das formas do mundo captados pela percepção (a experiência sensível) e do sentimento (a experiência da emoção psicológica)", estruturada em uma grade sociocultural a compor a concretude, suas

representações, as hierarquias, os hábitos, a noção de realidade e de vida social. A segunda, a extrapessoal, existe pela apreensão de mundo pelos sinais de forças que incidem em nossos corpos através dos encontros, provocando efeitos e ativando nossa condição de viventes, um corpo-vibrátil, compondo uma experiência de apreciação do entorno mais sutil, que funciona sob um modo extracognitivo, tal como *saber-do-corpo* ou *saber-do-vivo*, ou ainda *saber-eco-etológico* (Rolnik, 2018, p.53). Nesta experiência, o outro não está fora, mas presente no que me constitui, transformando e produzindo diferentes efeitos. O corpo, portanto, é testemunha e meio das relações com outros corpos e outros "territórios".

Também pensando a dimensão relacional, o arquiteto e historiador Josep Maria Montaner (2017), ao rememorar Hannah Arendt, trata de "indivíduos que agem, relacionam-se, comunicam-se e convivem uns com os outros", pois que a "essência do ser humano é seu caráter social e mimético, interativo e interconectivo" (p.14). O autor apresenta a arquitetura como uma ação social, onde o "eu" é baseado em relações e experiências que vão além da visão individual da fenomenologia, priorizando a experiência social e política. Para ele, os conceitos de participação e experiência coletiva são imprescindíveis para uma postura ética na arquitetura, construindo a teoria mediante experiências de ação. Desse modo, ao nos envolvermos em processos participativos e coletivos, tornamo-nos integrantes das experiências compartilhadas, que engendram o que queremos construir, criar, juntos.

Assim, questionamos como as práticas artísticas sob estudo, ao promover experiências de participação, intersubjetivas podem contribuir para pensar caminhos em arquitetura, para além do produto-mercadoria, como espaço que articula relações e entrecruza as singularidades e as experiências individuais e coletivas. O corpo agente ao agenciar percepções advindas das experiências - pessoal e extrapessoal - e como meio de relação com todos os outros corpos, é capaz de questionar e transgredir o espaço estabelecido, buscando outros modos de operação que potencializem suas escolhas e afetos.

4. PRÁTICAS PERFORMATIVAS E OS SENTIDOS DOS LUGARES

No campo ampliado entre arte e arquitetura, reconhecemos a performance como linguagem que tem o corpo como ponto de partida e que incita experiências de participação capazes de suscitar reflexões e provocar deslocamentos sobre os sentidos dos lugares, questionando códigos estabelecidos e relações de posicionamento.

Para Michel Foucault (2013 [1984]), o espaço se oferece sob a forma de relações de posicionamentos entre elementos e pontos, sendo a *heterotopia* um espaço outro, real, da criado como espaço do diferente, da diferença – o hospital, o hospício, também o museu, o cinema, o navio, o jardim, entre outros. Na heterotopia é possível "justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis" (p.24). A noção foi aproximada pelo próprio Tschumi, no projeto do

Parque de La Villette, conceituado como um lugar outro, diferente de seu entorno imediato, como um espaço da "folie" e da diferença, um espaço de possíveis. Pensar provocativamente o sentido de contra-posicionamentos pelas ações performativas como heterotópicos, produção de lugares outros onde se expõe a diferença, não invalida uma aproximação ao sentido de site specific, entendendo a noção, a partir de Kwon (2008), em suas dimensões tanto fenomenológica, como discursiva – orientada a espaços cujos sentidos são institucional e culturalmente produzidos.

Assim, pensando as ações performativas nos espaços específicos das obras em questão –a praça pública, o museu e a cidade histórica de Elvas, há que investigá-las como possibilidades de questionar modos naturalizados de comportamento estabelecidos, de criar outros posicionamentos e expor a condição complexa de sentido destes lugares, onde há simultaneidade e contradição, diferentes práticas e discursos que coexistem. As práticas performáticas a seguir interagem de maneira crítica com os espaços e seus significados, respondendo a variadas dimensões - físicas, políticas, históricas e culturais, e desafiando noções de autoria, propriedade e experiência estética como convencionalmente entendidas.

4.1 Ações Cariocas

Na performance *Ações Cariocas* (2008), da artista Eleonora Fabião, encontramos uma maneira de perceber e reinventar o território urbano por meio de uma ação performática. Em nove momentos, a artista propõe, durante determinado período, ações no Largo da Carioca (RJ): Conversar sobre qualquer assunto (Figura 1); Remontar as palavras da bandeira do Brasil através da costura; Polir uma linha reta no calçamento; Fazer sessões de Reiki; Ler em voz alta um capítulo de Memórias póstumas de Brás Cubas; Entregar fotos históricas do Largo da Carioca e conversar sobre as transformações do local; Mover a água de um jarro para outro até que ela desapareça por completo; Andar com um copo vazio durante o temporal e esperar que a água o encha para depois beber; Falar sobre as ações realizadas em um bar.

Para Fabião (2015), este projeto buscava uma "desintoxicação" dos medos de viver a cidade, seus espaços públicos e suas áreas de conflitos. Portanto, ao deslocar o condicionamento de passar rapidamente, sem perceber o lugar, a artista agenciou o ato de permanecer como contraposicionamento e, no encontro com outros corpos, territórios, oportunizou a criação de intersubjetividades em relação ao contexto social, cultural e histórico daquele espaço. As ações programáticas sugeriram posicionamentos outros com o corpo-agente como principal instrumento para a apreensão de dimensões que entrelaçam individual e coletivo, público e privado na experiência dos espaços e na relação com a própria artista.

Portanto, compreendemos que as proposições construíram outros regimes de sensibilidade, com aproximações que ativam encontros numa experiência coletiva de reapropriação mútua do corpo e da cidade.

Figura 1: Convite para conversar sobre qualquer assunto.
Fonte: www.tate.org.uk. (2023).

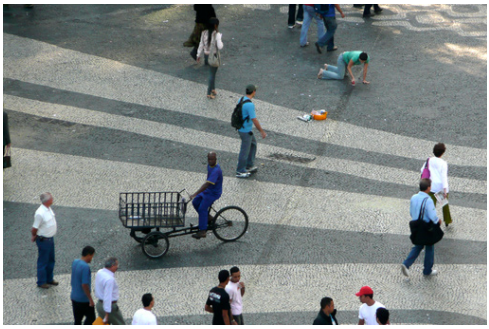


Figura 2: Polindo uma linha no calçamento.
Fonte: www.tate.org.uk. (2023).

4.2 Amador e Jr. Segurança Patrimonial LTDA - Imponderabilia Institucional

A proposta de *Amador e Jr. Segurança Patrimonial LTDA - Imponderabilia Institucional*, em ações desde 2016, é estabelecer deslocamentos espaciais e de sentido, quando se apresentam enquanto artistas-seguranças e, nos espaços dos museus indicam direções, contra-afirmam instruções e suscitam situações que confrontam o público com questões raciais e sociais delimitadas pelo papel institucional dos espaços. Numa prática que enaltece o espaço comum mediante o reconhecimento de corpos e ações cotidianas, de fazeres e trabalhos, os artistas questionam quais corpos agenciam os espaços dedicados à arte institucionalizada? Sabemos que o amplo serviço de infraestrutura destes estabelecimentos se sustenta no trabalho "invisível" dos profissionais de segurança e de limpeza, e ao evidenciar estes corpos em ações artísticas, a dupla questiona qual o papel dos mesmos em relação a produção, manutenção e segurança de um trabalho artístico. A quem servem? Ao patrimônio edificado, às obras expostas ou ao público?

Dois artistas brasileiros, autodeclarados pardos, vestidos em ternos pretos, ocupam espaços de galerias de arte, pavilhões, e automaticamente evidenciam as barreiras econômicas e hierárquicas existentes. A dupla desenvolve gestos que desorientam a promessa do espaço, oportunizando um deslocamento na experiência habitual dos espaços expositivos. Ações provocadas pelos "seguranças", que sugerem outros posicionamentos dos corpos no espaço - como ler, fechar os olhos, descansar sentar no chão ou entrar em uma piscina (Figura 3) suscitam a reflexão sobre a subjetividade individual, a vigilância constante do público (Figura 4), a lógica de arte-mercadoria-serviço. Pensando os contra-posicionamentos que a obra produz, lembramos Bourriaud (2009) que, a partir de Guattari, ressalta a importância de em trabalhos relacionais articular "unidades de subjetivação" mediante processos de heterogênese, em universos singulares, "numa tomada de consciência das interdependências fundadoras de subjetividade" (p.133). A experiência corporificada e relacional, ainda que parcial neste caso, entre artistas e público, nos permite refletir sobre os diferentes encontros que oportunizam transformações nas relações intersubjetivas. Notamos que as ações performáticas e, especialmente este trabalho,

movimenta o pensamento por constituir uma dinâmica de provocação coletiva constante, instigando contra-posicionamentos produtivos também por quem vivencia tal experiência.

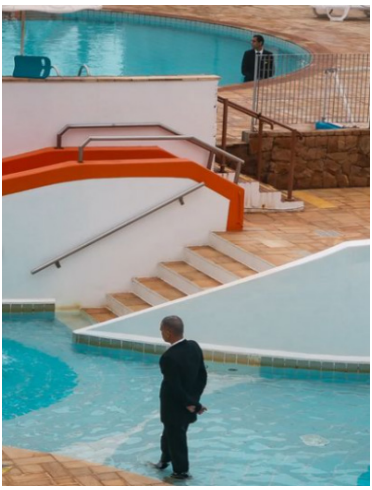


Figura 3: "Nada". Fonte: Jandir Jr. (2023).

Figura 4: Visitas técnicas ao espaço expositivo e com ênfase no sistema de vigilância do local. Fonte: Jandir Jr.(2023).

4.3. Costura do Manto-vivo

Em *Costura do manto-vivo*, 2019, a autora e artista Julia Delmondes, junto a artista Sofia Mussolin, mobilizam uma costura coletiva com os habitantes locais como prática performática[3], criando um manto que permearia os limites físicos, sociais e históricos da cidade de Elvas (PT). A prática performática foi fruto de trabalho de aproximação e reconhecimento com a cidade de Elvas, do contato com os moradores, com seus diferentes afetos e referências culturais - fragmentos que aproximados materializaram uma colcha de retalhos. Assim, quais forças e variáveis estão em jogo na cidade de Elvas? Quais são as relações e conflitos invisibilizados entre dentro e fora das muralhas, entre as construções contemporâneas e da antiguidade? Como essas ocupações se definem em similaridade e em diferenças?

A costura de um grande manto foi feita com retalhos doados durante cada encontro; crianças, adultos e idosos participaram da sua montagem durante quinze dias. Oficinas de costura, dança, além de encontros espontâneos pelas ruas, foram pontos de partida para costurar tecidos e histórias/estórias. Compreendemos a costura como uma prática performática que parece carregar consigo um ideal micropolítico de aproximação, congregação e convivência pacífica, um lugar outro sustentado pelo sonho da coabitação de diferenças em harmonia, representado pelo manto. Isso, entretanto, também pode ser uma prática crítica a estruturas estabelecidas e tensionar encontros. A ação de costurar foi um caminho para aproximar, reconhecendo o que

3 A proposta compôs a programação do Festival "A salto - Tomada Artística da cidade de Elvas" (2019).

nos conecta, mas também as diferenças, evocando espacialidades de participação na cidade, justapondo experiências e estórias em um mesmo lugar.

Considerada Patrimônio Mundial pela UNESCO, em razão das grandes muralhas herdadas do patrimônio militar, Elvas é delimitada por fortalezas que sustentam tensões territoriais entre a cidade intra-muralhas e a cidade extra-muralhas. Portanto, a aproximação com o território surgiu como parte do programa performativo. Assim, relacionamo-nos com com as seguintes escalas para mapear, negociar e reinventar na cidade: macro (caminhadas de reconhecimento e mapeamento da paisagem); micro (costuras com os moradores, mobilizando intersubjetivamente os sentidos em relação ao espaço, conversando e negociando ideias através de oficinas e passeios); média (fabricando e ativando o manto físico, expondo tensões e intervindo, reinventando a paisagem através de um cortejo).

Para adentrar a cidade tradicional, a cidade-fortaleza, que abriga os principais monumentos, faz-se necessário atravessar portões que dão acesso às vias principais, fazendo-nos questionar, ironicamente, quem define os convites de entrada e saída; quem detém as "chaves" de Elvas? Durante os percursos e encontros, refletimos sobre o quanto as muralhas de Elvas já se tornaram vivas, e o quanto as vidas de Elvas já têm características de muralhas. Evidenciar esse processo de cruzamento das fronteiras físicas e subjetivas aproximando-se corporalmente da cidade, do patrimônio edificado, foi o ponto de partida e reflexão dessa performance.

Por fim, após a costura do manto, era chegada a hora de ativá-lo com todos os envolvidos em um cortejo pela cidade (Figura 5). Mobilizar o manto em uma relação corpo e espaço em movimento ressoa a obra "Parangolés", do artista Hélio Oiticica, que, ao compreender a existência da obra mediante ativação do outro, ressalta a importância de deslocar a arte do campo do intelecto para o campo da participação: somos todos artistas. Neste trabalho, a participação foi o ponto central uma vez que no ato da costura produzimos espaços de coexistência entre diferentes agentes numa experiência vivida. Esta ação não nega as relações conflitantes vigentes, entretanto, projeta condições para a construção de outras possibilidades de convívio.

Assim sendo, o incentivo para a participação do público nesta ativação relacional era a premissa para a ação performática acontecer, uma vez que ao tensionar o manto criávamos uma conexão com as diversas forças que o sustentavam, além da ativação da memória, através das lembranças que cada fragmento suscitou ao ser reencontrado. Compreendemos, como artistas, que nosso objetivo era instaurar encontros e escutas ativas às contingências e acontecimentos provocados pelo trabalho, além de desestabilizar a nossa autoridade em relação à obra e, junto aos participantes, reforçar e produzir sentidos - em especial, expor como força a costura de fragmentos dos próprios corpos- territórios.

Figura 5: Cortejo pelo centro da cidade de Elvas.
Fonte: autora (2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos que a arte pode ser vista como meio de expor e reforçar as relações entre o sujeito e os ambientes por meio de experiências participativas e intersubjetivas, que permitem elaborar sentidos dos lugares, memórias e imaginários, além de provocar reflexões e modos outros de agir e se apropriar dos espaços.

As ações performativas são provocativas dos corpos e capazes de sugerir práticas de liberdade, linhas de fuga dos modos de subjetivação capitalística que nos apreendem, como desvios de práticas naturalizadas e codificadas no cotidiano, a partir do tensionamento entre vida e arte.

Dessa maneira, acreditamos que ao relacionarmos a prática performática com a ação de contra-posicionamentos positivos, abrimos a possibilidade de pensar outros agenciamentos, participativos e sensíveis, problematizando limites instituídos aos espaços e expondo a complexa dimensão dos sentidos que constitui os lugares – entre individual e coletivo, público e privado.

6. BIBLIOGRAFIA

Bourriaud, Nicolas (2009). Estética Relacional [1998]. Martins Fontes.

Fabião, Eleonora & Lepecki. André. (2015). Ações Eleonora Fabião. Itaú Cultural.

Montaner, Josep Maria (2017). Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação. Gustavo Gili.

Rolnik, Suely (2018). Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. N-1 edições.

Spinoza, Benedictus de (2009). Ética. 2ed. Autêntica Editora.

Tschumi, Bernard (1980). Arquitetura e Limites I. Em NESBITT, K. (Org). Uma nova agenda para a arquitetura, 2008. Cosac Naify (pp.173-178)

Tschumi,Bernard (1980). Arquitetura e Limites II. Em NESBITT, K. (Org). Uma nova agenda para a arquitetura, 2008. Cosac Naify (pp.179-182)

Tschumi, Bernard (198). Arquitetura e Limites III . Em NESBITT, K. (Org). Uma nova agenda para a arquitetura, 2008. Cosac Naify (pp.184-188).

Tschumi, Bernard (2012). Red is not a color. Architecture concepts. Rizzoli International Publications, INC.

Zonno, Fabiola (2014). Lugares complexos, poéticas da complexidade – entre arquitetura, arte e paisagem. FGV.

R46

SYMPATHY, VULNERABILITY, AND AMBIANCE CREATION

CHAIRS Evangelia Paxinou
Nicolas Remy

If atmosphere arises from the coming together of people and things (Ingold) we must then, as creators and inhabitants, open ourselves to explore In this constantly renewed context, the tools, methods, and theoretical principles of the creative procedures must also evolve towards these new challenges of hypersensitivity stimulation. This session is open to researchers, architects, designers, and artists working on the creation of ambiance, sympathy, empathy, vulnerability, affect whether in research, pedagogy or architectural design or creative activities.

The session “Sympathy, vulnerability and ambient design” extends the reflections of a Creative Europe EACEA-32-2019 program which ends in December 2023.

R46

MULTIMETHOD APPROACH IN AIR QUALITY ANALYSIS: HEALTH AND WELL-BEING IN EDUCATIONAL ENVIRONMENTS.

ABORDAGEM MULTIMÉTODOS NA ANÁLISE DA QUALIDADE DO AR: SAÚDE E BEM ESTAR EM AMBIÊNCIAS EDUCACIONAIS.

Cláudio Lima Ferreira
Doutor
Universidade Estadual de Campinas
limacf@unicamp.br

Virgínia Célia Malaquias da Costa
Doutora
Universidade Estadual de Campinas
vcelia@unicamp.br

Ana Marta Aragão Grimm
Mestre
Universidade Estadual de Campinas
a176499@dac.unicamp.br

Ana Gabriela de Macedo
Mestranda
Universidade Estadual de Campinas
a234643@dac.unicamp.br

ABSTRACT

The aim of this study is to verify the application of the multi-method approach to evaluate its effectiveness in analyzing indoor air quality in classrooms in school buildings, with a view to gaining a greater understanding of this aspect of the environment and users' perceptions. Therefore, the research methods used were subdivided into qualitative and quantitative: environmental autobiography and post-occupancy evaluation, the former intended to validate the information, the latter to define its reliability. In addition to analyzing user perception, technical measurements were taken of CO2 concentration, PM2.5, PM10 and comfort variables. The methods were applied to evaluate a classroom in the Architecture course at the State University of Campinas as a pilot methodological study. Furthermore, the study aims to fill the gap in existing research on the subject, as well as stimulating future research based on multi-methodological evidence, considering the needs of the user in a complex way.

KEYWORDS: multimethods. air quality. POE (Post-Occupancy Evaluation). environmental. autobiography. architecture. ambiences

RESUMO

O objetivo deste estudo é verificar a aplicação da abordagem multimétodos para avaliar sua eficácia na análise da qualidade do ar interno em salas de aula de edificações escolares, visando uma maior compreensão desse aspecto do ambiente e da percepção dos usuários. Portanto, os métodos de pesquisa utilizados foram subdivididos em qualitativos e quantitativos: autobiografia ambiental e avaliação pós-ocupação, o primeiro teve o intuito de validar as informações, o segundo definir sua confiabilidade. Além da análise da percepção dos usuários, foram realizadas medições técnicas da concentração de CO2, MP2,5, MP10 e variáveis de conforto. Os métodos foram aplicados na avaliação de uma sala de aula do Curso de Arquitetura da Universidade Estadual de Campinas como estudo metodológico piloto. Outrossim, é pretensão do estudo preencher a lacuna de pesquisas existentes a respeito, além de estimular pesquisas futuras pautadas em dados evidenciais multimetodológicos, considerando as necessidades do usuário de forma complexa.

PALAVRAS-CHAVE: multimétodos. Qualidade do ar. APO. autobiografia ambiental. arquitetura. ambiências

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

A arquitetura determina espaços e ambientes que interagem diretamente com a qualidade de vida dos ocupantes, por intermédio dos atributos físicos do espaço, pelos aspectos individuais, relativos às experiências vividas e aspectos sociais que interferem na percepção do ambiente e, também, na forma de apropriação do espaço. A diversidade de conhecimentos envolvidos nos estudos pessoa-ambiente, contribui para evidenciar diferentes modos de se coletar e analisar dados, mesclando

na investigação métodos e técnicas provenientes de áreas distintas das ciências. (Günther; Elali; Pinheiro, 2008). Nesse sentido, a investigação centrada na relação pessoa-ambiente habilita-se a ser o espaço, onde a soma entre o conhecimento psicológico e o arquitetônico pode contribuir para um ambiente mais humanizado e ecologicamente coerente (Pallasmaa,2011).

A fim de atingir o propósito da pesquisa, foi eleita a abordagem reconhecida nos estudos pessoa-ambiente como multimétodo. Como o nome indica, trata-se da adoção simultânea de distintas fontes e técnicas para coleta de dados, com intuito de enriquecer a avaliação: "métodos múltiplos implicam em caminhos distintos para se chegar a um mesmo objeto de estudo" (Günther; Elali; Pinheiro, 2004, p.7). Apesar do trabalho adicional, por intermédio desta perspectiva é possível analisar um mesmo objeto de pesquisa sob diversos ângulos, encobrindo possíveis brechas que o método isolado poderia deixar, por contemplar apenas uma faceta da realidade (Elali, 1997).

Sendo assim, as investigações compreenderam observação direta passiva, levantamento quali-quantitativo da sala de aula - com uso de equipamentos, autobiografia ambiental, e aplicação de questionário, o que condiz com as técnicas de pesquisas de ambiente e comportamento empregues nas duas bases metodológicas utilizadas nesta pesquisa – Autobiografia Ambiental e Avaliação Pós-Ocupação - APO –, as quais trabalham com medição, observação, autorrelato e análise de dados de arquivos.

A autobiografia ambiental baseia-se em relatos pessoais que podem ser mapas cognitivos, diários de viagens ou textos escritos na primeira pessoa que inclui o ambiente como ator principal, sendo esse relato baseado nas suas memórias do lugar experienciado durante a sua vida. Além disso, podem ser usadas várias técnicas verbais como: relatos orais e escritos e não verbais como: desenhos, pinturas, colagens e similares (Elali, 2008).

A APO é uma metodologia que pretende, a partir da avaliação de fatores técnicos, funcionais, econômicos e comportamentais do ambiente em uso, considerando a opinião dos técnicos, projetistas e clientes, como os usuários, diagnosticar aspectos positivos e negativos, definindo para esse último caso, recomendações que minimizem ou corrijam os problemas identificados, assim como pretende realimentar o processo de produção e uso do ambiente (Orstein,1992).

No campo da APO, os métodos quantitativos e qualitativos podem ser combinados dependendo de cada contexto e tipologia em que for aplicada. Ono (2018) estabelece que a metodologia da APO associada à Psicologia Ambiental oferece métodos e técnicas que permitem obter informações sobre o comportamento, percepção, cognição, sentimentos, emoções, atitudes, expectativas e preferências dos usuários. Essas informações são então integradas à avaliação do ambiente construído, objetos, produtos e suas ramificações, através de levantamentos in loco com equipamentos de medição.

Neste contexto, esta investigação tem como principal objetivo verificar a aplicação da abordagem multimétodos para avaliar sua eficácia na análise da qualidade do ar interna (QAI) em salas de aula de edificações escolares, visando uma maior compreensão desse aspecto do ambiente e da percepção dos usuários.

2. AMBIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Não se contempla, não se observa uma ambiência, pelo contrário se colabora, se adentra, se inclui a ela, se sente (Thibaud, 2018). Reconhecê-la, portanto, exige a conciliação das dimensões cognitiva e sensível, pois, associada ao repertório de vivências, se reveste de emoção e sensibilidade (Zuanon et al.,2020). A ambiência também pode ser descrita por meio dos múltiplos estímulos físicos ou psicológicos que interagem com o organismo. Esses estímulos, conhecidos como affordances ou estímulos provenientes das ambiências, são selecionados e captados por todo o corpo. O ambiente é caracterizado por sua ambiência única, cuja identidade surge da combinação de diversos fatores (físicos, culturais, sociais, entre outros) sob a constante intervenção dos habitantes e usuários. A percepção ambiental, portanto, é compreendida como o conjunto de sensações, experiências e memórias às quais o indivíduo foi exposto, enquanto observador imerso na situação percebida, procurando decodificar as affordances da ambiência (Elali,2009). Neste contexto, a arquitetura, inserida na reciprocidade das interações entre o usuário e o ambiente, onde o indivíduo tanto influencia quanto é influenciado pela ambiência, se apresenta como um dos caminhos possíveis para minimizar os danos à saúde e ao bem-estar causados pela permanência dos estudantes em ambientes insalubres, especialmente no que diz respeito à baixa qualidade do ar interior. (Lima, 2022) Pesquisas indicam que, em situações de estresse, o corpo trabalha para manter o equilíbrio homeostático, e atributos da ambiência podem contribuir para a sua restauração.

3. QUALIDADE INTERNA DO AR E SEUS EFEITOS NO DESEMPENHO DO AMBIENTE EDUCACIONAL

A Qualidade do Ar Interno (QAI) se destaca como um dos principais elementos que determinam a funcionalidade, harmonia, conforto e produtividade em qualquer edifício. Nas escolas e universidades, a relevância da QAI se intensifica ainda mais. Baixos níveis de qualidade do ar interno foram verificados como diminuidores do desempenho acadêmico e capazes de prejudicar a saúde física e mental dos alunos, devido aos extensos períodos de permanência nas instalações escolares. Ademais, um ambiente com ar puro e livre de poluentes corrobora para a redução de doenças respiratórias e alergias, promovendo a saúde dos estudantes e, consequentemente, melhorando seu rendimento acadêmico. (Fakhoury, 2017). Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) a concentração de dióxido de carbono (CO_2) e micro partículas (PM2,5 e PM10) constituem grandes poluentes em espaços internos. Portanto, visando uma melhor qualidade do ar interno estabelece limites

recomendados para sua concentração como uma média anual para ambientes internos incluindo salas de aula, considerando um período prolongado segundo a tabela 01:

CO2	PM 2,5	PM 10	ppm = 1.000 partes por milhão
1.000 ppm	10 µg/m³	20 µg/m³	µg/m³ = microgramas por m³

Tabela 01. Limites anuais de concentração de poluentes segundo a OMS
Fonte: Elaborado pelos autores

Estudos indicam que a ventilação é crucial contra a concentração de poluentes em salas de aula. Sem uma ventilação eficaz, podem ser alcançadas concentrações de CO2 superiores a 1.500 ppm, o que pode resultar em dificuldades respiratórias, dores de cabeça, fadiga e redução da capacidade de concentração dos alunos (Matilla, 2023). Conforme destacado por Tikul et al.,2022 as micropartículas são significativos poluentes que contribuem para a toxicidade urbana. Houve uma forte correlação registrada entre problemas de saúde e a concentração de PM 2,5 em Chiang Mai, Tailândia, onde alunos enfrentaram dificuldades significativas para manter a concentração na sala de aula. Outros estudos mostram que, mesmo com sistemas de ventilação natural em escolas urbanas, a poluição externa pode aumentar a presença de partículas finas nas salas de aula. Portanto, um projeto arquitetônico que incorpore ventilação eficaz, baseado em dados quantitativos e confiáveis e utilizando softwares de simulação, é essencial para desenvolver estratégias eficazes e econômicas para melhorar a saúde dos alunos nas escolas.

4. METODOLOGIA – ABORDAGEM MULTIMÉTODOS

Sendo o objetivo deste artigo, explorar estratégias metodológicas que buscam maneiras de agregar disciplinas, teorias e técnicas provenientes de áreas distintas das ciências a fim de integrar experiências diferenciadas, o presente estudo valida suas metas mediante uma perspectiva multimétodos, a qual trafega em caminhos distintos para chegar a um mesmo objetivo de estudo: influenciar os métodos de análise da qualidade do ar interno dos ambientes educacionais arquitetônicos. A partir desta premissa, a investigação adota duas linhas metodológicas que irão nortear todas as ações realizadas no objeto de estudo, as quais são pertinentes na abordagem do âmbito descritivo, experimental e documental, o primeiro seria a autobiografia ambiental e o segundo a avaliação pós-ocupação (APO). A investigação acerca da análise da qualidade do ar interno da sala de aula estudada, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: **[1]** Levantamento arquitetônico /objetos através de medições in loco para detecção dos arranjos físicos do ambiente, adequabilidade de uso e a necessidade de novos arranjos; **[2]** Levantamento fotográfico para observação mais detalhada do desempenho do ambiente construtivo, dos aspectos construtivos com vistas à identificação das manifestações patológicas; **[3]** Observação ambiental realizada pelos pesquisadores. Em posse das informações prévias levantadas nas etapas anteriores [1] e [2], pode-se

definir os requisitos necessários de desempenho, análise e verificação da sala de aula sob os aspectos qualitativos e quantitativos; **[4]** Coleta de relatos escritos sobre a percepção do usuário sobre a qualidade do ar interno; **[5]** Percepção dos usuários através de desenhos; **[6]** Aplicação de questionário auto explicativo, realizado presencialmente durante o levantamento dos condicionantes ambientais; **[7]** Levantamento dos condicionantes ambientais (CO2, MP2,5 e MP10 , temperatura do ar, umidade relativa do ar e velocidade do ar).

5. ANÁLISE DE DADOS

5.1 Análise do levantamento físico

A sala de aula, CA336, da FECFAU-Unicamp, possui acesso por um corredor lateral aberto com ventilação constante e janelas localizadas do lado esquerdo para área externa que permanecem sempre fechadas (figura 01). Os principais materiais de revestimento presentes na sala incluem piso cerâmico, forro de gesso e fibra mineral, paredes de alvenaria pintada, fórmica e madeira nos mobiliários. As atividades na sala de aula ocorrem no período noturno, das 19h às 23h (figura 02). A pesquisa de campo preliminar foi realizada em maio, em um único dia no horário de aula, para testar os parâmetros metodológicos, incluindo medições do ambiente físico e coleta de dados sobre a qualidade do ar e os fatores de conforto térmico. Para tal, foram utilizados os seguintes equipamentos: (i) P1000 detector de qualidade do ar PM 2,5 PM10 e CO2 que mede simultaneamente a temperatura e umidade relativa do ar; (ii) Termo anemômetro para medir a velocidade do ar. As medições consideraram a posição dos estudantes sentados, com equipamentos a 0,85 m do chão, realizadas durante 1 minuto em 9 pontos amostrais (figura 01).

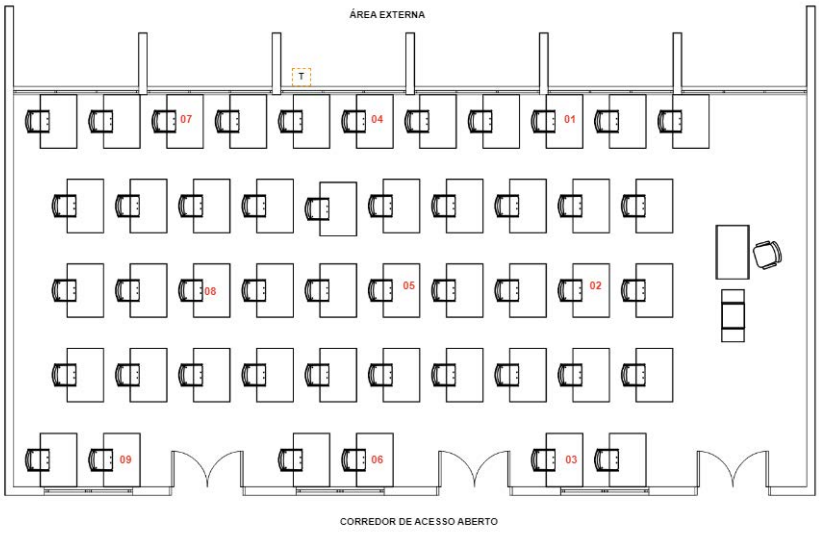


Figura 01 - Sala de Aula CA 336
Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 02 -Foto da Sala de Aula CA 336
Fonte: Elaborado pelos autores

Condicionantes ambientais de conforto térmico			
Pontos de medição	Temperatura ºC	Humidade relativa (%)	Velocidade do ar (m/s)
1	26	60	0
2	27	61	0
3	27	60	0
4	26	61	0
5	26	61	0
6	26	61	0,02
7	26	60	0,08
8	26	60	0,05
9	26	61	0
Corredor de acesso	27,6	61	1,27

Tabela 02 -Medições de conforto térmico - Sala de Aula CA 336
Fonte: Elaborado pelos autores

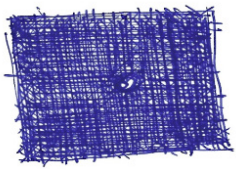
Qualidade do ar			
Pontos de medição	CO2 (ppm)	PM10 (µg/m3)	PM2,5 (µg/m3)
	≤ 1000ppm	≤ 20 µg/m3*	≤ 10 µg/m3*
1	940	23,7	15
2	976	22,1	14,6
3	985	22,1	14,6
4	988	22,1	14,6
5	963	22,1	14,6
6	958	22,1	14,6
7	992	22,1	14,6
8	943	22,3	15,4
9	968	26	17,4

Tabela 03 -Medições qualidade interna do ar - Sala de Aula CA 336
Fonte: Elaborado pelos autores

5.2 Análise da percepção dos usuários

A análise da percepção dos usuários foi realizada por meio de técnicas de autobiografia ambiental com textos e desenhos, além de um questionário da técnica APO. Primeiramente, os estudantes responderam em texto à pergunta: 'Relate como você sente/percebe o "AR" no seu ambiente educacional (sala de aula)?' Em seguida, elaboraram um desenho com a proposição: 'Desenhe, de forma livre, como você sente/percebe o "AR" no seu ambiente educacional (sala de aula)?' Esses relatos e desenhos foram feitos antes das medições técnicas para evitar influências das

medições. A tabela 03 apresenta os resultados de cada estudante, com seu relato escrito e o desenho:

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES ATRAVÉS DE RELATOS E DESENHOS	
ESTUDANTE 01 Eu sinto o "ar" como algo um tanto sufocante, sem ventilação. A sensação que causa é de algo inerte que, aos poucos, aquece de maneira desconfortável e dificulta ou torna desagradável a respiração. A sensação que ele causa é de um invólucro que se aperta cada vez mais no corpo. Essa falta de ventilação faz com que o "ar" pareça pesado, carregado, denso - como o cheiro indesejável (às vezes de alimentos, às vezes de ser humano). Tal desconforto regularmente provoca a vontade de não estar ali ou o desânimo de ter que ir à aula.	
ESTUDANTE 02 Sinto o ar seco e quente. A percepção mais marcante é de que não há ventilação no ambiente: o ar está "parado". É notável a necessidade de se manter distante de outras pessoas que estão ocupando a sala, pois a sensação térmica é elevada e o contato humano intensificaria isso. Além do mais, esse ar "carregado", denso, no sentido térmico, causa efeitos físicos como fadiga e letargia, refletindo assim, negativamente no aspecto psicológico e no desempenho acadêmico.	
ESTUDANTE 03 Neste cenário, sinto o ar um pouco abafado e seco. Não sinto dificuldades para respirar, porém, acredito que o ar poderia ser mais fresco, mais leve. Poderíamos ter uma sensação de brisa e ventilação natural melhores (estou sentado próximo à porta. O ar que respiro poderia me trazer mais leveza e menos cansaço quando respiro.Não sei se a questão da limpeza da sala seria relevante, mas para registro, acredito que a sala (pelo menos as mesas e cadeiras) não estão empoeiradas.	
ESTUDANTE 04 Após uma caminhada pelo campus, sinto o corpo quente, mas o ar da sala é fresco de respirar. O ar do ambiente parece que ainda guarda o calor das altas temperaturas que fizeram hoje mais cedo, mas carrega uma prévia do frescor que vem com a noite dessa época do ano.Apenas de estar perto da porta, percebo o ar parado. Os ventiladores e o ar condicionado desligados contribuem para uma sensação de calma e quietude.Respirando fundo sinto o perfume de alguns colegas que estão sentados próximos.	

ESTUDANTE 05 Eu sinto o ambiente seco, não sinto a poluição de um centro urbano mas percebo a falta de pureza e renovação do ar. As soluções de ventilação natural são geralmente insuficientes para o conforto do ambiente como um todo. Tanto natural, quanto artificial, não há fluxo adequado e as mudanças se concentram em pequenos focos extremos, também desconfortáveis. Comumente percebo o ataque de crises alérgicas dentro do ambiente educacional, que apesar de amplo e com grandes aberturas, algo impede o estado de conforto.	
ESTUDANTE 06 Hoje, estou sentindo que a circulação de ar na sala está um pouco estagnada, pois não há uma corrente de ar forte. No entanto, sinto que a sala está fresca e agradável. Para mim, a distribuição do fluxo de ar aparenta estar bem distribuída.	
ESTUDANTE 07 O ar de Campinas no geral normalmente é bem seco, e isso se intensifica na sala de aula. Em muitos dias (geralmente os mais quentes), é possível notar meu próprio humor oscilando "sem explicação" durante muitas aulas, entretanto, é possível que a qualidade do ar seja um fator agravante, muito além de minhas percepções. Por ser tão seco, é como se a vontade de falar durante as aulas acabasse se esvaindo tanto quanto o ar puro do ambiente, simultaneamente secando minha garganta.	

Tabela 03- Percepções sobre a qualidade interna do ar através de relatos escritos e desenhos
Fonte: Elaborado pelos autores

A aplicação de um questionário revelou dados importantes sobre conforto térmico e qualidade do ar. Quanto ao ambiente térmico, 50% dos estudantes estão confortáveis, 12,5% acham o ambiente quente e 37,5% o consideram levemente quente. Em relação ao movimento do ar, 62,5% não o percebem, enquanto 37,5% o sentem (gráfico 01). A percepção do movimento do ar é maior na cabeça (70,6%), seguida pelas pernas (11,8%) e peito (17,6%) (gráfico 02).

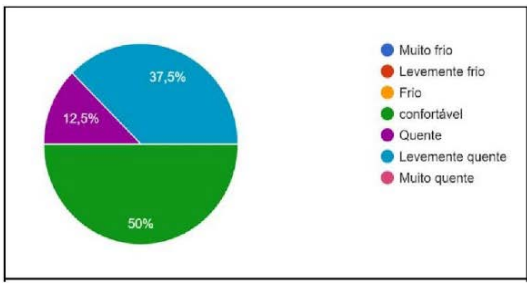


Gráfico 01 - Sensação térmica
Fonte: Elaborado pelos autores

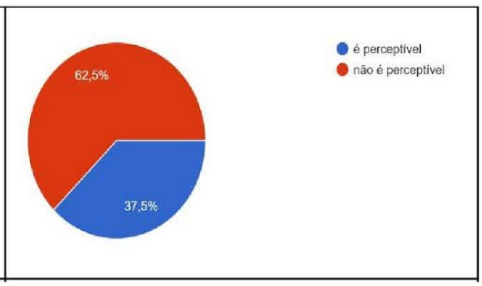


Gráfico 02 - Movimento do ar
Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à qualidade interna do ar, 62,7% dos estudantes classificam a qualidade como moderada e 37,5% a consideram boa (gráfico 03). Além disso, 54,2% dos estudantes não percebem a existência de fontes de poluentes, enquanto 25% identificam predomínio de fontes externas e 20,8% reconhecem fontes internas (gráfico 04).

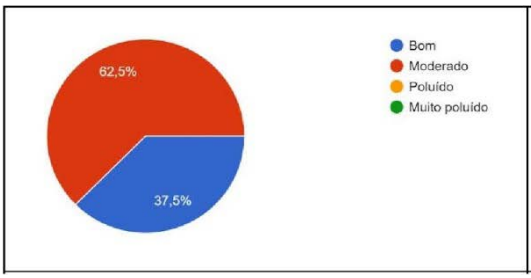


Gráfico 03 -Sensação em relação a qualidade interna do ar
Fonte: Elaborado pelos autores

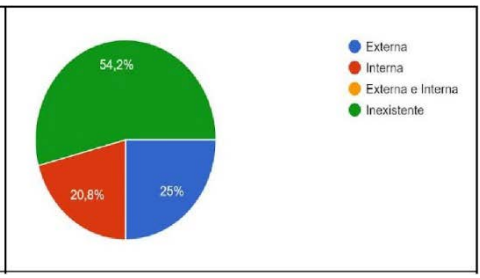


Gráfico 04 -Percepção da existência de fontes de poluentes
Fonte: Elaborado pelos autores

No questionário, foram feitas perguntas sobre desconfortos durante a pesquisa. Os resultados apresentados no gráfico 05 mostram que, de um modo geral, 41,7% dos participantes relataram dor de cabeça, 41,7% apresentaram outros sintomas e 12,5% sentiram irritação nos olhos. Quanto aos odores, 79,2% dos estudantes não identificaram nenhum cheiro incômodo, enquanto 20,8% perceberam odores desagradáveis (gráfico 06).

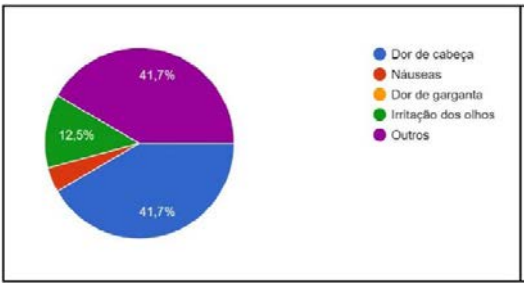


Gráfico 05 -Sintomas (desconforto/queixas)
Fonte: Elaborado pelos autores

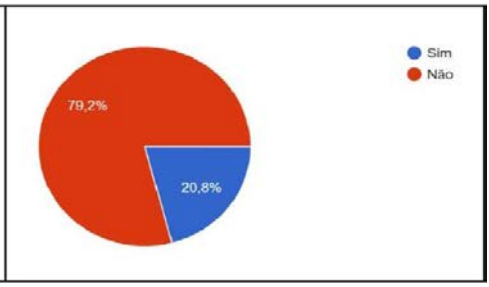


Gráfico 06 -Odores
Fonte: Elaborado pelos autores

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa versa acerca da inter-relação corpo-espaço, e para tanto faz uso dos fundamentos advindos de grandes áreas do conhecimento – Arquitetura, Neurociências Comportamental e Cognitiva, e Psicologia Ambiental –, corroborando com o propósito da transdisciplinaridade de integrar informações, com intuito de vislumbrar um mesmo objeto sob diversas perspectivas, viabilizando uma visão complexa do que se pretende observar.

Para tanto, se respaldou em todo o arcabouço teórico apresentado e abreviado neste momento, com a finalidade de destacar os pontos de convergência entre as distintas abordagens metodológicas, e a importância da incorporação de seus estudos para elucidar a relação pessoa-ambiente; e entender as influências recíprocas entre o ambiente e o indivíduo, o potencial preventivo e restaurador das ambiências, e seus contributos ao equilíbrio do corpo, principalmente no que tange o objeto da pesquisa: os alunos do ensino superior.

A pesquisa tem como principal objetivo verificar a aplicação da abordagem multimétodos para avaliar sua eficácia na análise da qualidade do ar interna (QAI) em salas de aula de edificações escolares, visando uma maior compreensão desse aspecto do ambiente e da percepção dos usuários. Além do mais, foi realizado um estudo de caso piloto na sala CA336 do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas– Unicamp.

Tendo em vista o alcance dos propósitos da investigação, se amparou em uma abordagem multimetodológica, embasadas na Autobiografia Ambiental e na Avaliação Pós-Ocupação – APO, as quais abrangeram a observação direta passiva, levantamento quali-quantitativo – com equipamentos de medição, relatos e questionário.

O levantamento quali-quantitativo da sala de aula, realizado por meio da APO, envolveu a medição dos ambientes e suas aberturas, incluindo locação, quantidade, largura, altura e peitoril. Também foi importante especificar os materiais utilizados e o tipo de abertura, considerando a influência de elementos como persianas e brises na qualidade do ar. Por outro lado, a autobiografia ambiental analisa textos escritos em primeira pessoa para destacar as experiências dos participantes e revelar relações cognitivas e afetivas com situações de vida que podem não ser evidentes. Em pesquisa, a autobiografia visa permitir que o conhecimento emerja, através de atividades verbais, como relatos orais e escritos, e não-verbais, como desenhos, pinturas e colagens, realizadas individualmente ou em grupo.

Durante o período de observação, constatou-se que os relatos escritos pelos alunos indicam um certo desconforto térmico relacionado à temperatura do ar e à umidade relativa. As ilustrações também refletem a insatisfação com o ambiente térmico, evidenciada pela representação de emoções, sensações e estado psicológico. Ambos os relatos, portanto, ressaltam a necessidade de ventilação. Além disso, no ambiente de aula, foram identificados atributos físicos desfavoráveis, como a concentração de materiais particulados (PM10 e PM2,5), conforme apresentado na tabela 03, que estão acima dos níveis recomendados pela OMS. Isso se deve à falta de uma ventilação eficaz, comprovada pela medição da velocidade do ar, que foi inexistente (tabela 02), provavelmente porque as janelas da sala permanecem sempre fechadas. A abordagem multimetodológica utilizada nesta pesquisa evidencia a importância

de uma visão holística sobre o tema para o entendimento da ambiência no espaço educacional. Cruzar informações técnicas mensuráveis com informações de percepção e sensação do usuário podem gerar análises mais profundas e completas. Sendo assim, uma vez que um assunto não é esgotado por uma pesquisa, outras podem aprofundar neste tópico e sanar indagações instigadas por esta que aqui finda. Estudos anteriores a este, por exemplo, tecem um comparativo usando métodos pontuais para análise e esta pesquisa visa elucidar a importância do cruzamento de dados a partir do uso de uma abordagem multimétodos sobre a qualidade do ar em ambientes educacionais.

7. BIBLIOGRAFIA

Elali, G; Pinheiro, J. A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações. In: Günther, H. Métodos de Pesquisa nos estudos pessoa-ambiente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.p. (369 - 395).

Elali, G. A. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. Estudos de Psicologia (Natal), v. 2, p. 349–362, dez. 1997.

Fakhoury, A. (2017). Estudo da qualidade do ar interior em ambientes educacionais. Dissertação de Mestrado na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. São Paulo.

Fanger, P. O. Thermal Comfort – Analysis and Applications in Environmental Engineering. McGraw-Hill Book Company. New York, 1972.

Franceschini, P. B.Liguori, I. N.Neves, L. de O. Avaliação da qualidade do ar interior durante a pandemia do COVID-19 em salas de aula naturalmente ventiladas. In: Encontro nacional de conforto no ambiente construído, 16., 2021. Anais [...]. [S. l.], 2021. p. 658–667. Disponível em: *https://eventos.antac.org.br/index.php/encac/article/view/4449*. Acesso em: 28 abr. 2024.

Günther, H; Elali, G, Pinheiro, J. DE Q.; A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: definições e implicações. in Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008

Lima, L.; Corpo - Mente - Espaço: a ação dos ambientes naturais sobre a homeostasia dos profissionais de saúde que atuam no hospital CAISM. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação - Arquitetura, Tecnologia e Cidade - Unicamp, Campinas, 2022.

Marcelo, V. C. C.; Veloso, Maisa; Dantas, Virginia; Elaus, Gleiace; Araujo, Ruth. Qualidade ambiental e sustentabilidade urbana em Natal/RN. In: NUTAU/USP, 2002, SAO PAULO. NUTAU 2002 - SUSTENTABILIDADE ARQUITETURA E DESENHO URBANO, 2002. v. 01.

Matilla, A. L.; Velilla, J. P. D.; Benzal, A. Z.; Fernandez, D. e Santos; P. Experimental Study of Indoor Air Quality in Educational Buildings: A Spanish Case Study. Buildings, 2023.

Ono, R. et al. Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.

Orstein, S.; Romero, M. Avaliação pós-ocupação (APO) do ambiente construído. São Paulo: Studio Nobel, 1992.

Pallasmaa, J. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Reder, A. E. M.; Schneider, A. P.; Spadetto, V. C.; Neves, J. S. das; Pagel, E. C. Percepção sobre a qualidade do ar por alunos do ensino fundamental da rede pública: o projeto de extensão "EDUCA-AR". In: Encontro Nacional de conforto no ambiente construído, 17., 2023. Anais [...]. [S. l.], 2023. DOI: 10.46421/encac. v17i1.3997. Disponível em: *https://eventos.antac.org.br/index.php/encac/article/view/3997*. Acesso em: 28 abr. 2024.

Ono, R. et al. Avaliação pós-ocupação da teoria à prática. [s.l: s.n.].

Tikul, N; Hokpunna, A.; Chawana, P. Improving indoor air quality in primary school buildings through optimized apertures and classroom furniture layouts. Journal of Building Engineering, 2022.

Thibaud, J. Ambiência. In: Cavalcante, S.; Elali, G.A. (org.). Psicologia Ambiental: Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018. cap. 1, p. 15-31.

Zuanon, R.; Ferreira, C. L.; Monteiro, E. Z. Ambientes e Produtos Homeodinâmicos:perspectivas e contribuições à saúde e ao bem-estar do ser humano. DAT Journal, [s.l.], v. 5, n. 4, p.194-212, 2020.

R46

THE RESOUNDING OF RUINS AS A CREATIVE MEDIUM FOR AMBIANCE IMPROVISATION

O RESSOAR DAS RUÍNAS COMO MEIO CRIATIVO PARA A IMPROVISAÇÃO DE AMBIENTES

Evangelia Paxinou
Architect, Associated Researcher
AAU Cresson, Grenoble National School of Architecture,
University Grenoble Alpes
evangelia.paxinou@gmail.com

Nicolas Remy
Associated Professor
Department of Architecture, University of Thessaly, Volos
AAU Cresson, Grenoble National School of Architecture,
University Grenoble Alpes
nremy@uth.gr

Petros Flampouris
Architect, PhD Student,
Department of Architecture, University of Thessaly, Volos

ABSTRACT

The study is centered on the abandoned building of the Sanatorium in Pilio in Greece, where participants engage in sonic encounters to enhance their understanding of environmental sounds and their implications. Sound is used to uncover the connections between our surroundings and our sensory perceptions. Nature and the built environment have been coexisting for many years and the presence of an infinity of sounds constitutes an ideal terrain for rethinking our aesthetic relationships with our environment. By using tools like Sympathy radio and in-situ improvisation, participants create a dynamic sound "milieu" that fosters a deeper connection with their environment. This approach challenges traditional notions of soundscape (against soundscape) and emphasizes experiential emerging (*against immersion*) in order to develop a new aesthetic (*sympathy*) leading to an engagement with the ambiance of the ruins.

KEYWORDS: sounds, ruins, sympathy, vulnerability of listening, ambiance, in-situ improvisation

RESUMO

O estudo centra-se no edifício abandonado do Sanatório de Pilio, na Grécia, onde os participantes participam em encontros sonoros para melhorar a sua compreensão dos sons ambientais e das suas implicações. O som é usado para descobrir as conexões entre o que nos rodeia e as nossas percepções sensoriais. A natureza e o ambiente construído coexistem há muitos anos e a presença de uma infinidade de sons constitui um terreno ideal para repensar as nossas relações estéticas com o nosso ambiente. Ao utilizar ferramentas como o rádio Sympathy e a improvisação in-situ, os participantes criam um "meio" sonoro dinâmico que promove uma ligação mais profunda com o seu ambiente. Esta abordagem desafia as noções tradicionais de paisagem sonora (contra paisagem sonora) e enfatiza a emergência experiencial (contra a imersão), a fim de desenvolver uma nova estética (simpatia) que conduza a um envolvimento com o ambiente das ruínas

PALAVRAS-CHAVE: sons, ruínas, simpatia, vulnerabilidade de escuta, ambientação, improvisação in-situ

1. INTRODUCTION

Numerous and increasingly catastrophic climatic phenomena (forest fires, floods) confront man with his limits and fundamentally question his place in the built environment and within an increasingly destroying nature. This requires those responsible for planning, but also for populations in vulnerable situations, to be able to participate and co-create their living space of tomorrow. It requires a smooth transformation of the way we perceive and act in the ambient world.

For the above reasons, we are more and more interested in discovering ways of opening our sensitivity to the different natural and artificial phenomena, and to explore the smooth transformation of the impoverishment of our sound environment. Resounding of ruins is a methodological tool - the sound as universal language - for understanding the links that emerge between sound, space, and body in different entanglements of our built spaces with their environment. The sound immerses the participants (you cannot escape from it) and it expresses in a much stronger way the potentials and vulnerabilities of living beings and things that coexist in the same space.

We consider the vulnerable, abandoned and collapsed contemporary buildings with all the organic processes that take place slowly in time, an ideal context for the research of new mediums of aesthetic co-creation and inclusive cohabitation (beings and things). Usually, creators are concentrated on the visual satisfaction and distant contemplation of such sites (ex. by taking photos), and less on their sensible qualities and on how these can inspire the improvement of our living conditions. The immaterial nature of the sound allows the experimentation and improvisation in such dangerous, hostile and mysterious places, without necessarily taking any risks with their cultural context or their decayed materiality.

Figure 1: forms of coexistence of nature and building materiality, Sanatorium site, photos by Christos Schoinas (May, 2024

This research is concentrated on how listening to the organic and material processes in time that moves slowly in contemporary ruins can inspire the ambiance improvisation, by engaging the sounds, the space and the body (human and material) in a sonic encounter that will change our listening to our environment in ways that we have never imagined before. For the previous reasons, the research overcomes the scientific questions around the maintenance or the renovation of the ruins, to face more existential questions, and to explore forms of sympathy between the natural and human activities in these shared environments. The main question that arises is: How can listening to the ruins encourage listeners and creators to hear the inner world of other beings and things?

Confronting the difficulties of a ruined site, enables the letting go of an authoritarian knowledge - for in situ creations according to the affordances of the site, for an architecture that leaves the freedom of improvisation of new lifestyles. To feel the immaterial and give sense to the material world we need to understand the correspondences of the sensitive flows that irrigate our daily lives, and which therefore commit us to forms of vulnerability. The medium in which this happens is the atmosphere, affective and environmental, in which we are immersed. We see in it, hear in it, smell in it, touch and move. Therefore, the atmosphere is not what one perceives, it is not an object of perception. It is from what one perceives, what opens the perceptibility of the world and allows perception (Thibaud, 2022).

2. INCLUSIVE LISTENING

Contemporary approaches consider the soundscapes as something which is out there waiting for us to tune in. Tim Ingold in "Against Soundscape" (Ingold, 2007) suggests that listening to soundscape objectifies sound rather than treating it as experiential. For Ingold, sound is an occasion of "our immersion in, and commingling with, the world in which we find ourselves". Consequently, listening to the sounds around us underwrites our capacity to immerse in the ambience of the place with all our senses, and not just by staying still in a place and trying to harmonize with it.

By responding to the affordances of a place, the place itself responds back to us, in ways that can surprise us and put us in sympathy with our surroundings. For Spuybroek, it is by sympathy that architecture can focus its aesthetics on the sensibilization around such dynamic processes. As he says, the beauty of things comes when we can feel the forces that exist between things and forms, and this can only happen in the transparency of the life sustaining medium in which we are immersed and with which we can see, hear, touch, smell, and move (Spuybroek, 2011).

The methodological hypothesis is based on our scientific incapacity to understand the very conditions of the experience we live. We must therefore develop an approach to the site through atmospheres, to open up to our senses the forms in which the atmosphere appears. This work makes the methodological hypothesis that the attentive listening of the back-plan (ex. the wind, the water flow) and the resounding of the sound events activated by the participants (both beings and things), can inspire the improvisation and the ambience creation of places (Thibaud, 2022, Paxinou, 2017).

The ruined site we selected for this research is the abandoned building of the sanatorium for tuberculosis patients in Greece, founded in 1907 by Karamanis, at an altitude of 1200 metres, very close to the settlement of Chania of the mountain Pelio in Greece.

Figure 2: Sanatorium façade and recorder positioned on a room's windowsill
photos by Christos Schoinas and Nicolas Remy
(May -2024)

The first building was a stone two-storey old inn, with a wooden roof and ceramic tiles. In 1915, two new two storey wings were added, with a long corridor that serves the patients' rooms, a small chapel and the auxiliary areas, and big transverse wooden openings for natural lighting and ventilation. Inspired by modern architecture, it was built with masonry and reinforced concrete slabs. Its form was perfectly adapted to the natural sloping ground, offering on the roof spacious sunny terraces with great views towards Pagasitikos gulf, where the patients could take advantage of the sun's rays that penetrated the otherwise dense and damp forest. The difficulties from the Second World War and other financial problems later led to its abandonment. Since then, the structures have decayed, the wooden roof and parts of the masonry have collapsed, the floors are covered with soil, the plasters have come off, the windows are broken, and they have become an organic part of the surrounding beech forest, with its sources, its river and the hiking trails. Today, the Sanatorium ruins can only be accessed by foot.

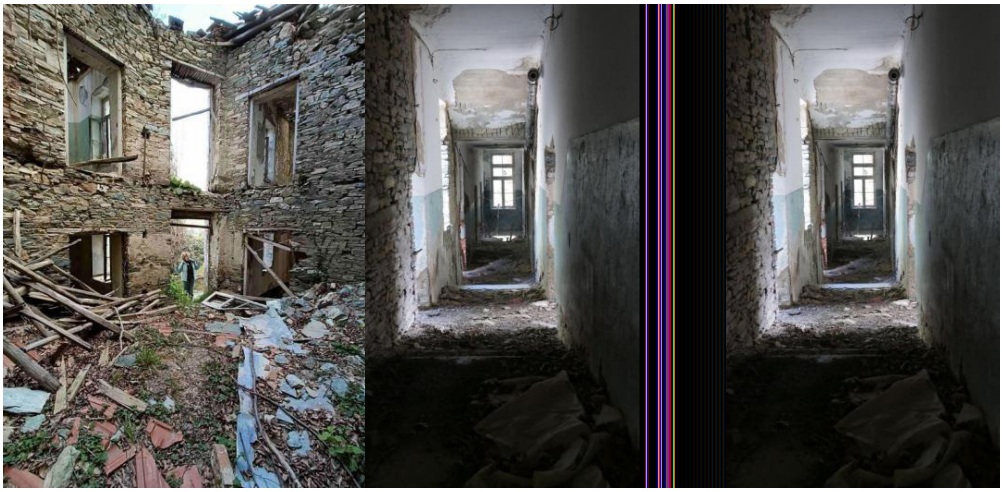


Figure 3: The ruins of the Sanatorium, photos by Christos Schoinas and Petros Flampouris (May, 2024)

So, what really triggers our attention is the research of creative methods of hypersensitivity stimulation in architecture. 92,5FM Sympathy radio (Paxinou and all, 2023) is used to connect body sound and place when the body of the participants cannot be physically where the sound is produced and heard. For obvious reasons of security, it gives the opportunity to hear close to the ruins without being inside. Because of the invisible radio waves, it offers the opportunity to listen to sounds that can't be physiologically heard (ex. they are not loud enough). It's also used to connect sound places that are far away from each other, or to hear remotely a not accessible place - like the ruins - because of the size, the height, the depth of a hidden cavity. To do this, the whole body becomes an extension of the antenna and the microphone, and participates in the action of listening by walking, moving, bending, wandering, running, creating and performing sounds and noises.

Inspired by the above experimentations and the work of Bernhard Leitner in 7O's on the creation of sensations by the possible sound configurations and body postures in empty spaces, this research attempts to experiment with the in-situ embodiment of the auditory experience to activate the affective responses of the participants. How can the living/dynamic body come in sympathy with the living/dynamic space in-situ through the immateriality of sounds?

92,5FM Sympathy radio sets combined with wired microphones, and portable small sound systems were used to listen and experiment with the site of Sanatorium. These technical tools are given to the participants without any instructions. They use them, test them by listening to the effect of moving the position of the microphones, the position of the speakers, the positions of the body in action, play with the near and far acoustic field, amplify certain sounds, mask others, manipulate, filter, mix sounds. A performative and dynamic sonic milieu is created and experimented. In situ improvisation makes it possible to reveal with the available material the musicality of the soundscape and the environmental potentials of the space, by allowing the actors to move from a passive listening position to active and creative actions. In another word, participants engage their listening and their actions in different minimal resonant gestures to make the space resound through them.

3. RESONANT GESTURES

"Resounding ruins performance" involves a change in sound posture on the part of the participants, both in terms of attention to existing sounds but also in terms of the potential consequences of their actions. This commitment unites the participants, the site, living beings and things and does not a priori hierarchize the sound presence of a particular event. How can a sound be heard, felt and what body postures should be adopted to get in sympathy - more than tune in - because we don't want just to be harmonised with certain sounds, but to be "drifted away by the different sound flows that heightens our awareness (filtering, reflections, pitches of sounds). What are the minimal resonant gestures that encompasses a dynamic interplay of bodily

responses, deeply rooted in the auditory cues provided by the environment, both constructed and natural?

Figure 4: resonant gesture in Sanatorium, by Christos Schoinas (May, 2024)

In music, (resonant) gesture is any movement, either physical (bodily) or mental (imaginary). Resounding ruins with resonant gestures is engaging participants in a process of improvised creation. For the improvisation, several sets of equipment are used in a site in order to invent and perform different resonant gestures in it. There is no musical score or any chief of orchestra to be conducted by. Participants share their resonant gestures with the others and improvise a sound performance. Many sounds are proposed, tested, amplified, manipulated, and the sound space that is revealed is the main link between the participants. The participants are not necessarily in visual contact but share this sound medium which contains the permanent background of the site and all the events which are activated by them. Numerous experiments are made until an atmosphere is established in the performance. There is no musical partition but there are technical limitations - bricolage and DIY techniques – combined with professional equipment. The conditions of the experience are defined by a finite list of means, (Ex. lifetime of the batteries), and by the site itself and its ambient affordances.

Figure 5: Non-standard acoustic measurements in Sanatorium, photos by Evangelia Paxinou (May, 2024)

3.1 Against Soundscape – understanding the back plan

The participants' first action was to select an abandoned windowsill - room in the building and record for as long as the tape recorder's battery life allowed. The duration of the soundtrack is 37 minutes and 9 seconds and witnesses the natural elements of the site, namely the stream which flows nearby, the random chirping of birds, the wind, the breeze in the branches of the trees, the absence of our activity. With the presence of the sound of the river, which is very dominant and masks, it is difficult to hear the more intimate sounds such as those of insects or the smallest movements of nature (the fall of a small stone, the movement of a small animal).

Listening to the recording is not actually that important. What matters is the resonant gesture of pressing the recording, which engages the body to move away from the position of the mic to disappear, to become silent and to withdraw from the site, by opening one's ears and body to vibrational phenomena.

A similar resonant gesture was also the performance of a sound walk with binaural headphones microphones inside the ruins (in places where the participants felt safe), trying to "catch" the sounds of the place. The participants during the sound walk are more concentrated in revealing to their consciousness the sound qualities of the space: the listening body in movement reveals the effects of the materiality of the building (ex. soil on the floor, collapsed walls, broken windows, thick stone walls, depth of silence, diffusion of human sounds) to the natural sources of the back-plan (ex. the sound of the river, the wind flow).

3.2 Against Immersion – Sensing sympathy between events and back plan

The performance continues with a series of experiments aiming to connect the participant's body, the sounds (natural and artificial) and the space. "Against immersion phase" aims to listen and act on the ambiance of the site by performing resonant gestures to unbalance the ordinary relations of the back plan with the sound events, so that participants can create an atmosphere by getting in sympathy with it. You need to get out of a situation that starts to "haunt" you (like the infinite sound of the river) in order to realise how you want to continue being in it.For example, participants select a microphone with different sensibility, with fast or slow response, which they can amplify it, stream it and play it in another place louder and/or filtered.

Or they can try to be in the place of a stone, or a leaf, or a tree, or a brick, by putting the microphones in places where the human ear (body) could not fit or access. If the sound environment is balanced and permanent, what does it mean to hear it from a non-human perspective?

Figure 6: Wired microphones in several positions and ready to be plugged in Sanatorium, photos by Christos Schoinas (May 2024)

These improbable positions allow the participants to engage in creative listening. In fact, they emit sounds close to the microphone (Ex. rustling of leaves, cracking of small pieces of wood, noise of impact between 2 different materials, rolling of a mixture of sand and gravel, etc.) and the sound system allows all participants to hear it and play on it.

Figure 7: Resonant gestures for resounding ruins, photos by Christos Schoinas (May -2024)

The position of the listening body is experienced for its effectiveness to bring out the perceiving body from the “natural” atmosphere (against the immersion) for the creation of a perceptible distance (being outside). The challenge is to maintain the perceiving body in a state of perceptual hypersensitivity.

Figure 8: P. Flampouris, E. Paxinou and N. Remy performing resonant gestures in the Sanatorium ruins (April, 2024)

Another resonant gesture is the diffusion in a loop of a pre-recorded contemporary cello piece, with a portable Bluetooth speaker connected to a smartphone, while the participants are trying to select the position of the portable loudspeakers (position, intensity, orientation), to amplify the sounds and to improvise with gestures, responding to the music.

Figure 9: Resonant Gestures for resounding ruins Sanatorium site, photos by Christos Schoinas (May -2024)

Many sounds are “transducted” (Helmreich, 2010) i-e recorded, transformed and transmitted. The sounds are mixed up (sound effects) and play the role of sound transducers of one space to another, of a source and its receivers whether they are living beings or objects. Stefan Helmreich refers to “against immersion” for sounds that can be converted into another energy (from sound waves to electricity), transmitted somewhere else, in order to make them audible or sensible again (from electricity to waves), like the Sympathy Radio or the transmission of a music piece played from a mobile sound source (Bluetooth speaker).

Live streaming of these plugged and unplugged sounds is essential in the general process of the listening in order to generate the sympathy between the participants with their resonant gestures. Technology is experimented in situ and is used to engage creative listening. Technical limitations are not explicit at the beginning for the participants. Position of the microphone, of the loudspeakers, length of the cable, sensibility of the mics, associated with several positions of the body are the participant’s palette for a free improvisation. It’s like learning how to play an instrument. The learning phase is part of the creative process. There is no beginning or end but a time of lived and shared experience.

4. MUSICALIZE THE SOUND ENVIRONMENT – AMBIANCE IMPROVISATION

We often feel that our sound environment is poorer, quieter. According to Ingold this happens because we are formed to close our ears to sounds that are not in the spectrum of our attention, and they do not manage to arise from their back-plan. For him, this happens because we are used to split music from life - from its background with all its disturbing noises, in order to appreciate the musical composition as an isolated object. We need to participate in the auditory experience, to be able to feel the correspondences of music with its back-plan. And then all these “silent” sounds become “music” to our ears, because we become musicians too. Without our participation this could not happen the same way. Like when we are seated still in the stands of an open-air theatre for a piano recital, and we try to match the rhythm or the melody of the cicadas to the musical composition. We can feel the conflicts among them, and soon we must decide which sounds we want to follow.

All of the human actions and technical systems that are performed in situ near the abandoned ruins of the sanatorium, in the forest of Mount Pelion, create a hybrid environment, a mix of the sound worlds (human, beings, things, and transducted sounds) as a medium of the improvisations. The experience ends when the participants instinctively feel that all the sources are in sympathy or, as Stefan Helmreich says, when natural, lived streamed and transducted sources produce a “sense of effortless presence” : All That Is Solid Decays Into Air (Flampuris and al, 2024) is a sound improvisation performed on the abandoned building of the Sanatorium in Pilio in Greece which is therefore the witness of these moments.

The resulting sympathy sound effect describes this harmonious interaction between the participants, their joy and their satisfaction of experiencing it. In this sense, the effect goes beyond the spectre of the soundscape (inherent distancing of the concept), and it engages all the senses and the body in movement. It imposes an ambient tone on the site in which the dimension of improvisation is fundamental.

5. BIBLIOGRAPHY

. Evangelia Paxinou, Petros Flampouris, Nicolas Remy (2023), 92,5FM Sympathy Radio in "Comment sonne le Monde ?" seminar, International Cultural Centre of Cerisy France, 15-20 May 2023.

. Tim Ingold (2007). "Against soundscape," in Angus Carlyle (ed.), Autumn leaves: Sound and the environment in artistic practice, Paris, Double Entendre, pp. 10–13.

. Lars Spuybroek (2016), The Sympathy of Things - Ruskin and the Ecology of Design, Bloomsbury Collections(Eds), 2nd edition, 353 p. ISBN 9781474243889.

. Jean-Paul Thibaud J.P. (2022), The Ecological Issues of Sensitivity, keynote lecture at the Back to Human scale, Rethinking living space for tomorrow's conference, Lusofona, Lisbonne, , 2425th of November 2022.

. S. Helmreich (2010), Listening against soundscape in online journal of MIT anthropology, *https://anthropology.mit.edu/sites/default/files/documents/helmreich_listening_against_soundscapes.pdf* ((available on July 2024))

. "All that is solid decays into air" by Petros Flampouris, Evangelia Paxinou and Nicolas Remy (2024), recording of a sound performance in the Sanatorium of Pilio - Greece, May 2024, SoundCloud at

https://soundcloud.com/sympathy-radio/all-that-is-solid-decays-into-air (available on July 2024)

R46

SYMPATHY RADIO FOR VULNERABILITIES OF LISTENING

RÁDIO SIMPATIA PARA VULNERABILIDADES DE ESCUTA

Evangelia Paxinou
Architect, Associated Researcher
AAU Cresson, Grenoble National School of Architecture,
University Grenoble Alpes
evangelia.paxinou@gmail.com

Nicolas Remy
Associated Professor
Department of Architecture, University of Thessaly, Volos
AAU Cresson, Grenoble National School of Architecture,
University Grenoble Alpes
nremy@uth.gr

Petros Flampouris
Architect, PhD Student,
Department of Architecture, University of Thessaly, Volos
pflampouris@uth.gr

ABSTRACT
This study explores the intersection of architecture and sound research, emphasizing how public spaces influence feelings of vulnerability through everyday sounds. It highlights that vulnerable experiences in public spaces stem not only from marginalized individuals but from all people due to the intimate nature of listening. The concept of atmosphere is crucial, as it connects emotional responses with the spatial environment, suggesting that designing with sound can foster emotional freedom and ethical urban design. The Sympathy radio installation exemplifies this approach by allowing participants to experience and engage with the sonic environment, thereby enhancing their connection to the space and revealing the vulnerabilities and dynamics of listening in public places.

KEYWORDS: vulnerabilities of listening, sympathy, sounds, ambiances, radio

RESUMO
Este estudo explora a intersecção da arquitetura e da pesquisa sonora, enfatizando como os espaços públicos influenciam os sentimentos de vulnerabilidade através dos sons cotidianos. Destaca que as experiências vulneráveis em espaços públicos decorrem não apenas de indivíduos marginalizados, mas de todas as pessoas devido à natureza íntima da escuta. O conceito de atmosfera é crucial, pois conecta as respostas emocionais com o ambiente espacial, sugerindo que projetar com som pode promover a liberdade emocional e o design urbano ético. A instalação de rádio Simpatia exemplifica esta abordagem ao permitir que os participantes experimentem e se envolvam com o ambiente sonoro, melhorando assim a sua ligação ao espaço e revelando as vulnerabilidades e dinâmicas de escuta em locais públicos

PALAVRAS-CHAVE: vulnerabilidades de escuta, simpatia, sons, ambientes, rádio

1. SONIC GAMES IN PUBLIC SPACES
As architects and sound researchers, we take as granted the fact that in every public space appear potentially vulnerable situations, especially through ordinary and everyday listening. Some ordinary examples are the sounds of oppressive built spaces that can make the users feel insecure and fear of unpredictable threats (spatial vulnerability due to sounds), or feel social exclusion caused by the lack of speech intelligibility or extensive social exposure (social vulnerability due to sounds). Indeed, sound conveys forms of vulnerability and affects our feelings in general. In other words, we consider that vulnerable people are not only marginalized individuals or groups but each one of us because, at some point, for a permanent or temporary reason, our listening plunges us into a “milieu” – ambiance where we can feel vulnerable. Listening is a very intimate, personal sense far too often swept away by the visual appearance of things. For us, as architects, taking the time to listen to the

world means giving time to the design to be more sensitive and careful to everyone. In other words, designing spaces by considering their sound qualities can be an ethical way to inspire the emotional freedom of future participants. Atmosphere creation allows such care. It permits to reveal ways of existence and coexistence in a place (sensible experience) and can inspire the ethical design of the architectural and urban environment, which relies in addition to the technical, aesthetic and functional dimensions, on the affects as personal and collective expression.

Figure 1-2. Hide and Seek games in the public space. Source: Authors (2017).

In architecture, the concept of atmosphere allows the creation of spaces through the dreams, the desires and the emotions of all people. Within such a world, the people's relationship with their space takes the form of seeking interest through everyday practices and combines entertainment with the formation of active citizens. Children, toddlers, senior citizens, marginalized individuals and groups, all citizens participate with their daily practices in the sensible "game of sounds" in public places. They mentally process the environmental sensory stimulus according to their desires and experience and perceive a dominant "sense of place" (atmosphere). By this 'game' people experiment with their senses, experiences and emotions to get to know, understand and feel their environment.

2. ATMOSPHERE CREATION AND SYMPATHY

The aim of atmosphere creation is therefore not the unilateral production of objects but the "ensuring of the conditions of their appearance" (Böhme 2008). In this sense, the atmosphere is the medium of propagating and activating the sensible qualities of an object through various events that activate its perception - its emergence from their back plan. The management of the dynamic interaction between the events and their back plan acts as a design mechanism. For Spuybroek (2012), it is by sympathy that architecture can focus its aesthetics on the sensibilization around such dynamic processes. As he says, "the feelings one experiences when seeing a beautiful thing are the same- to a degree- as those that actually create it [...] Not the same as in the sense of a repetition or even a continuous extension, but the same in the sense of resonating or sympathizing".

In everyday language, when we refer to atmosphere, we use mostly the term empathy to describe the feelings of someone immersed in an ambiance. But the term sympathy has a more dynamic connotation than empathy. The original meaning of empathy in Greek (modern) and Latin language (from em- 'in' + pathos ' - passion) means "the ability to understand the feelings of another" while the term sympathy (from sym- 'com' + pathos ' - passion) means the emotional bond that leads to the creation of corresponding feelings.

It is the creation of corresponding feelings that gives sympathy the dynamic and collective sense, rather than the personalized and passive sense of empathy. For the creation of correspondent feelings with things, Spuybroek (2012), suggests that we need to feel the pulling together of the contrary forces (tension and friction) generative of the forms, by moving in common with them, not in parallel but more "to swirl in an endless dance".

Figure 3-4. Felice Varini, Un cercle et mille fragments, Abbaye de Mazan - 2017.
Source: 2 screen shots from in *situ* author's footage (2023).

This etymological and epistemological approach to the term sympathy makes obvious the relations that exist between sympathy and vulnerability. By getting in sympathy with the vulnerable we can feel the dynamic correspondences and not just an empathetic identification. It requires an emotional understanding of the differences and the similarities between ourselves and of the environment in which we are acting, and in which everyone depends on, is influenced by and affects others. For this to happen, it is necessary to feel the correspondences of the sensitive flows that irrigate our daily lives, and which therefore commit us to forms of vulnerability.

3. SYMPATHY RADIO AS A SONIC EXPERIENCE FOR THE ATMOSPHERE CREATION

Inspired by all the above, the goal is to create an object with a parallel dynamic attribute of an installation piece and a performing object, which can ensure the listening experience as an immersion in the sonic ambiance of a place.

Figure 5. Sympathy radio mapping the sound ambiances at the park of Anavros, Volos (Greece).
Source: Authors (2023).

The medium in which this happens is the atmosphere, affective and environmental. As Ingold (2015) says based on Merleau-Ponty, to hear the sound of a tree falling down, the tree needs ears to hear you back and respond to you. This happens through the transparency of the life-sustaining medium, in which we are immersed and with which we can see, hear, touch, smell. For sounds, Tim Ingold gives the example of music which for him is "a synergy of gestures of performance, currents of air and vibrating cords, and correspondent sounds that touch the heartstrings of emotion". According to him, they do not go from point to point. On the contrary they twist around (loop), as much as do the lines of choral polyphony.

Figure 6. Children's games with the water jets of the fountain in the garden of the Louis Vuiton foundation Paris source: authors (2023)

Based on the system of musical writing "counterpoint", meaning the correspondence of two or more melodic lines, equally or almost equally interesting, we came up with the idea of a Sympathy radio (Paxinou, Remy & Flampouris,2023).

Figure 7. Radio sympathy performance in the International Cultural Center of Cerisy Source: Authors (2023).

Sympathy radio is a device which enables simultaneous hearing of two different modes (airborne and bone-conduction) of different and remote points of the same place, in real-time. It has a dual character, that of a sound installation and of a sound performance where the sound broadcasters record and transmit their sounds in real-time on the FM92.5 frequency.

Their sounds (composition) are therefore retransmitted by radio waves through air to listeners who carry a FM radio receiver and wear bone-conduction headsets. As a result, listeners are hearing by walking through the place simultaneously (naturally and by bone conduction) the sound environment and the sound compositions of the two sound broadcasters who are broadcasting from a distance. Real-time heard sounds are merged with the transmitted ones and the participants cannot be sure of what is “real” heard soundscape and what is not. En masse, the device is installed on the performer’s bodies and moves along with them, as a medium which tries to augment their sensitivity and connect them to their environment.

This dynamic hearing is reinforced by the affordances of the movement engagement of every living organism involved in the performance (people, birds, leaves, flowing water, wind, human activities, noises, etc.).

4. SYMPATHY RADIO WITH THE VULNERABILITIES OF LISTENING

We may say that the installation is incorporated into the performers. The “broadcasters’ hold an antenna and a sound recorder, while they also carry the FM radio transmitter in a small bag. The ”listeners” are wearing bone conduction audio headsets and with their mobile phones or a radio receiver, they listen to the 92,5FM radio station. Both listeners and broadcasters are moving in different intersected circular transmission zones (with diameters that vary from 50m to 100m depending on the built environment). The “broadcaster” becomes the antenna and the “listener” the headsets. The electromagnetic “waves” connect the participants’ sound worlds in an unexpected and playful way. Each one has to be very concentrated and sensible in hearing the sounds of their environment.

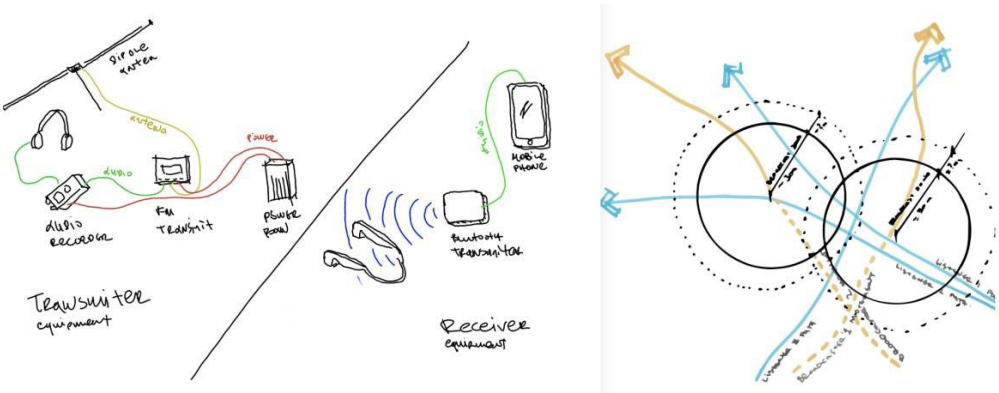


Figure 8-9. Broadcaster and listeners DIY settings for Sympathy Rado - sound mapping
Source: Petros Flampouris (2023)

For the broadcasters the goal is to compose the sounds of their transmission and for the listeners, to perceive them while they both move around in different, intersected transmission zones. The bone conduction audio headsets are perfect for that use because they enable simultaneously immersive hearing, through their bones as well as the airborne “real” sounds through the ears.

Figure 10-11-12. Interactions between Radio sympathy participants at Cerisy international Cultural Centre (France) and at the department of Architecture in Volos (Greece) Source: Authors (2023).

What is happening when experimenting with Radio Sympathy ?

For the listeners, this is clearly an opportunity to hear the sounds of the place like never before, through this co-presence of direct sounds and sounds listened through the radio. It's like seeing a place simultaneously from 2 different and distant points of view. The listener is confronted with small inconsistencies in the soundscape which do not create discomfort but more a playful disposition, based on what one listens to according to one's position in the space. The user then realizes all the inexperienced sounds (sound of footsteps on the ground, sounds of nature very often masked - insects, breeze in the leaves, birds) assisted by the broadcaster's transmitted sounds. We don't always understand what we hear, but the experience is often marked by surprise and joy.

Figure 13-14-15. Radio sympathy performance at Cerisy Chateau during for How does the world sound ? seminar creation
Source: Authors (2023).

For the broadcaster(s), it is a way of composing the sound world while he traverses it with the antenna and the microphone. Like in any sound recording, the broadcaster is expected to experience sound feedback on the sounds he transmits. When there are not many sound events, the broadcasters feel disconnected, insecure and vulnerable - they are afraid to lose the receivers because they have nothing to transmit. The lack of sound events to be transmitted activates the need to create and produce sounds. Sounding the world is therefore a way to deal with the vulnerabilities of listening.

The research of sound sources engages the body with specific movements, sometimes small and delicate or fast and sharp, by bringing the microphone closer to what he/she wants to offer to the listener. The "microphone body" leans towards a source, rises in the air to better capture the sound of a bird, uses its feet to play with the materiality of the ground, grabs a stick, a metal rod to strike a wall, a metal pillar, etc. The broadcasters enter into an endless dance while they compose their sound production of events unfolding in front of them, to tell their story from a distance:

they approach a group, participate in their conversation, then move away to better hear and make other sounds.

Thus, using Sympathy radio allows us in a playful way to listen to our environment and be heard by it - a game of trying to enter into sympathy.

Figure 16-17-18. Radio sympathy in action Source: Authors (2023).

Sometimes, the listener's experiences what is called a radiophonic "parasite" which is an electromagnetic interference. The parasites indicate to the broadcaster that he/she may be out of range, or maybe the signal is lost for a few seconds. Nevertheless, parasites indicate that the correspondence between the broadcaster and the listeners is in jeopardy. It is then necessary to change position, walk, stop, and try to re-synchronize with the sound flows and with the 92,5FM radio station. Parasites are dynamic markers of the space, a fictitious limit linked to the technical capacity of the devices, but above all a fragile breadcrumb trail between the sonic worlds of the infinitesimal.

For us, Sympathy radio is a way to open up our sensibility to many forms of vulnerability of the place: vulnerabilities of people, vulnerabilities of objects and living beings, vulnerabilities of spaces, etc. Parasites are their expressions. Therefore, the parasite is not the noise that prevents communication but the indispensable signal forming and engaging the search for sympathy.

The perception of the parasite is many times stronger than the sounds themselves and puts the performers in a vulnerable position because they lose contact with the whole experience. Parasite will push the performer to re-connect, to re-contact. Performers bear witness to the fact that sometimes the vulnerabilities of listening are actually what make us share the sensible world.

In other words, sympathy radio reveals ways of dealing with vulnerability, not necessarily by correcting it, but by trying to understand its existence, to move and act in order to overcome it. Reconnecting, engaging, changing, moving, and acting are the resonant gestures that enter in sympathy with the sonic world.

5. DISCUSSION

Through the last years "sympathy radio" device and its methodology have been used as a concept for participatory workshops (Cerisy,2023) and as a pedagogical tool for architectural students (department of Architecture, University of Thessaly, Greece) to introduce the aspects of sympathy and incorporate sympathy and sound concepts in their designs.

The objective of their design brief was to form a space through sound, more specifically to delimit a space of maximum 5L*3W*3H (45m3) size by creating a sound installation with 5 speakers. The students were asked to install the 5 speakers in a way/place to define the space better. Their sound samples played from the loudspeakers were recorded in situ using the "sympathy radio". Students were experimenting with the position, the directivity, and the sound qualities of the samples according to their design concept theme and the qualities of the sound space created.

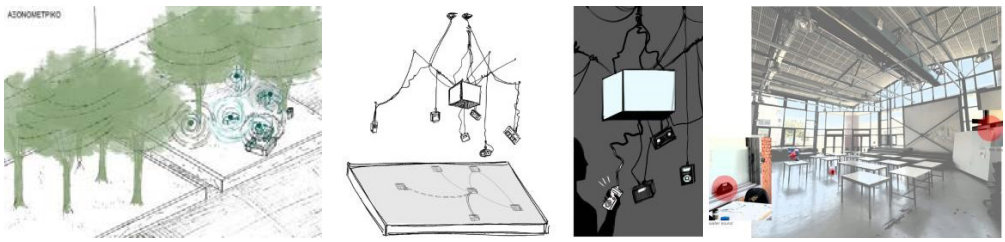


Figure 19-20-21. Radio sympathy as a pedagogical tool Source: Student creations (2024).

Listening to the space, experiencing it, listening to living beings, objects and materials in space and creating an imaginary (sound) space from this collected sound material was the objective given to the students.

Students had the opportunity to bring "new sounds" (not from the site) and of course, mix, and filter, the "original ones" by using sound effects. At the end of the exercise, the students perform a sound recording following a random path within the limits of the sound space created. This soundtrack is the witness of an ephemeral atmosphere composed with the sounds of the site.

To conclude, the approach of "sympathy radio", is a game that promotes a dialogue among dynamics and the moral performance of the architectural space. By introducing and emphasizing dynamic aspects such as sympathy, it is believed that inclusive and effective environments can be designed and created. Sympathy radio is a way to trigger the sensitivity of its users to many forms of vulnerability of living beings and spaces.

6. BIBLIOGRAPHY

. Evangelia Paxinou, Petros Flampouris, Nicolas Remy (2023), *92,5FM Sympathy Radio* in Comment sonne le Monde ? International Cultural Centre of Cerisy France.

. Evangelia Paxinou, Petros Flampouris and Nicolas Remy (2023), M'akous [can you hear me ?], radio sympathy mix sound track available at *https://soundcloud.com/sympathy-radio* (July 2024)

. Gernot Böhme, Jean-Paul Thibaud (ed.) (2018), *The Aesthetics of Atmospheres,* Routledge Editions : London and New York, 232p.

. Lars Spuybroek (2012), The Sympathy of Things. Ruskin and the Ecology of Design, nai010 publishers, Netherlands, 400p.

. Tim Ingold (2015), *The life of lines,* Routledge Editions : London and New York, 184p.

R46

HOMEODYNAMIC AMBIANCES: CONTRIBUTIONS TO THE HEALTH, WELL-BEING, AND QUALITY OF LIFE OF HUMAN BEINGS AND THE PLANET

AMBIÊNCIAS HOMEODINÂMICAS: CONTRIBUTOS À SAÚDE, BEM-ESTAR, E QUALIDADE DE VIDA DO SER HUMANO E DO PLANETA

Rachel Zuanon
Livre-Docente
DASMind | Universidade Estadual de Campinas
rzuanon@unicamp.br

Claudio Lima Ferreira
Livre-Docente
DASMind | Universidade Estadual de Campinas
limacf@unicamp.br

Evandro Ziggiatti Monteiro
Livre-Docente
DASMind | Universidade Estadual de Campinas
evanzigg@unicamp.br

ABSTRACT

The 'Homeodynamic Environments and Products' concept was coined by the DASMind-UNICAMP Network' founders/coordinators. It advocates environments, artworks and objects as important actors in the continuous and dynamic process of internal adjustment of the body and the ecosystem. As homeodynamic instruments, preventive and restorative for health, well-being and quality of life, these environments, artworks and objects, beyond a passive participation, are designed to act in a consistent, affective and empathetic way towards the human organism and the planet. This article discusses the main foundations of the 'Homeodynamic Environments and Products' concept; it presents and discusses three research/project results obtained by the DASMind-UNICAMP Network, based on the application of the aforementioned concept to achieve (i) homeodynamic hospital ambiances; (ii) homeodynamic teaching ambiances; (iii) homeodynamic poetic-immersive ambiances, all of them capable of favoring the ecosystemic, human beings metabolic and mental regulation.

KEYWORDS: homeodynamic ambiances. homeodynamic environments and products. DASMind-UNICAMP Network. ecosystem and homeodynamics regulation. transdisciplinarity.

RESUMO

O conceito de 'Ambientes e Produtos Homeodinâmicos', cunhado pelos fundadores/coordenadores da Rede DASMind-UNICAMP, preconiza os ambientes, as obras de arte e os objetos como importantes atores no contínuo e dinâmico processo de ajustamento interno do corpo e do ecossistema. Como instrumentos homeodinâmicos, preventivos e restauradores da saúde, do bem-estar, e da qualidade de vida, estes ambientes, obras de arte e objetos, para além de uma participação passiva, são projetados para atuar de modo consistente, afetivo e empático para com o organismo humano e o planeta. Este artigo discorre sobre os principais fundamentos do conceito de "Ambientes e Produtos Homeodinâmicos"; apresenta e discute três resultados de pesquisa/projetos obtidos pela Rede DASMind-UNICAMP, a partir da aplicação do referido conceito para o alcance de (i) ambiências hospitalares homeodinâmicas; (ii) ambiências de ensinagem homeodinâmicas; (iii) ambiências poético-imersivas homeodinâmicas, todas elas capazes de favorecer a regulação ecossistêmica, metabólica e mental do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: ambiências homeodinâmicas. ambientes e produtos homeodinâmicos. Rede DASMind-UNICAMP. regulação ecossistêmica e homeodinâmica. transdisciplinaridade.

1. AMBIENTES E PRODUTOS HOMEODINÂMICOS

O conceito de 'Ambientes e Produtos Homeodinâmicos' e suas práticas projetuais preventivas e restauradoras do equilíbrio ecossistêmico, metabólico e mental do ser humano (Zuanon et al., 2020) são cunhados e aplicados no âmbito da Rede DASMind-UNICAMP. O referido conceito é sediado nos campos das artes, da arquitetura, do urbanismo e do design, e está amparado numa base teórico-prática interdisciplinar, transdisciplinar e complexa[1], focada na relação indissociável entre o corpo, a mente e a espiritualidade dos indivíduos. Esta compreensão assume os ambientes, as obras de arte e os produtos físicos e/ou digitais como instrumentos homeodinâmicos preventivos e restauradores do bem-estar, da qualidade de vida e da saúde do ser humano e do planeta. Ou seja, como atores fundamentais nos contínuos e dinâmicos processos de regulação da vida humana e não humana e, consequentemente, do equilíbrio homeodinâmico (metabólico e mental, associado à homeostase biológica[2]) e do equilíbrio ecossistêmico (associado à homeostase sociocultural[3]).

Na dimensão preventiva do equilíbrio ecossistêmico, metabólico e mental, os ambientes, obras de arte e produtos físicos e/ou digitais são projetados para favorecer a aquisição e a manutenção de hábitos saudáveis, em alinhamento às diretrizes de conforto ambiental e sustentabilidade. Exemplos disso são soluções projetuais que estimulam a alimentação adequada, a movimentação corporal, a realização de exercícios físicos, a redução dos níveis de estresse crônico e agudo; ou, ainda, que favoreçam o relaxamento, o desenvolvimento da espiritualidade, a qualidade do sono, entre outros (Zuanon et al., 2020-2022).

Enquanto a dimensão restauradora focaliza o restabelecimento da saúde e do bem-estar de pessoas enfermas ou acometidas por distúrbios do corpo e da mente. Nesta dimensão, os ambientes, obras de arte e produtos físicos e/ou digitais operam na esfera dos tratamentos não-farmacológicos para trazer benefícios ao organismo debilitado. Dada sua natureza, as soluções projetuais restauradoras do equilíbrio ecossistêmico, metabólico e mental são aplicadas com mais frequência nos contextos hospitalares, clínicas de cuidados, espaços dedicados a pessoas com necessidades especiais, entre outros. Importante frisar que ambas as dimensões, preventiva e restauradora, podem ser simultaneamente contempladas e se articular, quando da elaboração de propostas projetuais homeodinâmicas (Zuanon et al., 2020-2022).

---

1 Isso decorre sobretudo dos diálogos entre distintos campos do conhecimento e disciplinas (Ferreira, 2011; Veitch&Arkkelin, 1995; Moser, 2018; Campos-de-Carvalho et al., 2017) que tal conceito e respectivas práticas estabelecem ao pavimentarem a base teórico-científico-metodológica que, ao mesmo tempo, os fundamentam e subsidiam o desenvolvimento dos projetos homeodinâmicos propostos pela Rede DASMind-UNICAMP.

2 A homeostase biológica se caracteriza por um conjunto de processos metabólicos que regulam o funcionamento do corpo humano e, ao mesmo tempo, pelo estado resultante desta regulação. Essa regulação interna é crucial para o funcionamento adequado do organismo humano (Damásio, 2004; Zuanon et.al., 2019).

3 A homeostase sociocultural engloba os expedientes culturais criados em resposta ao desequilíbrio sociocultural. São respostas a problemas funcionais encontrados no espaço social que demandam atenção e resolução para que estes não venham a comprometer a regulação da vida dos indivíduos/grupo social (Damásio, 2011; ZUANON, 2021).

Para tanto, abordagens multimétodos[4], que reúnem, conciliam, articulam e aplicam contributos teórico-científico-metodológicos de distintos campos do conhecimento, se colocam como ato basilar para a efetiva concretização das pesquisas e dos projetos propostos pela Rede DASMind-UNICAMP focados em identificar e adotar parâmetros e elementos projetuais, estético-poéticos e tecnológicos consistentes à regulação ecossistêmica, metabólica e mental do ser humano.

2. A REDE DASMIND-UNICAMP

A A Rede Internacional de Cooperação Trandisciplinar em Pesquisa, Inovação e Extensão em Design, Arte, Espaço e Mente [Rede DASMind-UNICAMP][5] é constituída no ano de 2018 pelos docentes pesquisadores Profa. Dra. Rachel Zuanon Dias, Prof. Dr. Claudio Lima Ferreira e Prof. Dr. Evandro Ziggiatti Monteiro, com a missão de entregar contribuições diretas à saúde, à qualidade de vida, ao bem-estar sustentável e ao desenvolvimento científico e sociocultural do ser humano, por meio de investigações teóricas e aplicadas nos campos transdisciplinares do Design, da Arte, da Arquitetura, e do Urbanismo, relacionados às áreas das Ciências Cognitivas e do Comportamento (especialmente das Neurociências Cognitiva, Comportamental e Afetiva, da Psicologia, da Psicologia Ambiental, e da Inteligência Artificial), das Ciências da Saúde, das Ciências da Computação, das Engenharias e da Educação.

Atualmente, a Rede DASMind-UNICAMP conta com mais de 60 membros, incluindo pesquisadores associados, pesquisadores em estágio de pós-doutoramento, estudantes de doutorado, de mestrado, e de graduação (bolsistas de iniciação científica). E com o subsídio das principais agências de fomento à pesquisa no Brasil, e dos principais programas de fomento ao ensino, à pesquisa e à extensão da UNICAMP, a saber: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES]; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico [CNPq]; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo [FAPESP]; Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo [FAPES]; Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão [FAEPEX-UNICAMP]; Programa de Formação Interdisciplinar Superior [ProFIS]; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica [PIBIC-UNICAMP]; Programa de Auxílio a Projetos Institucionais [PAPI-UNICAMP]; Bolsa Auxílio-Social [BAS/SAE-UNICAMP]; bem como de recursos financeiros prospectados pelo Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti [CAISM-UNICAMP], junto às esferas municipais, estaduais e federais.

---

4 "Métodos múltiplos implicam em caminhos distintos para se chegar a um mesmo objeto de estudo" (Günther et al., 2004). Apesar disso significar um trabalho adicional, o procedimento possibilita analisar um mesmo objeto sob diversas perspectivas, encobrindo brechas que um método isolado poderia deixar, por contemplar apenas uma faceta da realidade (Elali, 1997).

5 iar.unicamp.br/dasmind

Importante enfatizar que no âmbito dos seus laboratórios, grupos de pesquisa, e projetos, a Rede DASMind-Unicamp congrega pesquisadores de diferentes e importantes universidades brasileiras, públicas e privadas, distribuídas por todo o território nacional, a saber: Universidade Federal do Alagoas [UFAL], Universidade da Paraíba [UFPB], Universidade Federal do Pará [UFPA], Universidade do Rio Grande do Sul [UFRGS], Universidade de Brasília [UNB], Universidade de Santa Catarina [UFSC], Universidade de Santa Maria [UFSM], Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ], Universidade de Vila Velha [UVV], Universidade Anhembi Morumbi [UAM], entre outras.

Cabe também destacar que em suas ações de pesquisa voltadas à inovação e à extensão, a Rede DASMind-Unicamp tem estabelecido parcerias com diversos pesquisadores, vinculados a renomadas universidades internacionais, como: OCAD University/Canadá; Purdue University/Estados Unidos; ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, ancorado em três instituições portuguesas: Universidade do Porto, Universidade de Aveiro e Universidade do Cavado; Universidade do Porto; Instituto Politécnico de Viana do Castelo; Affective & Cognitive Institute, vinculado à Offenburg University/Alemanha, entre outras.

3. AMBIÊNCIAS HOMEODINÂMICAS: PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS PELA REDE DASMIND-UNICAMP NAS ÁREAS DA SAÚDE, EDUCAÇÃO E ARTE-CULTURA

O conceito de ambiência compreende o conjunto das experiências, memórias, sentimentos e sensações associados aos contextos sócio-físico-temporal e cultural, vivenciados pelo indivíduo na relação que este estabelece com o lugar. Ou seja, a ambiência se apresenta como um fenômeno da percepção humana sobre determinado lugar, o que pode denotar uma experiência de valência positiva ou negativa, dependendo da natureza, dos elementos e das qualidades deste lugar. Neste sentido, o adjetivo 'homeodinâmicas' qualifica as 'ambiências' no sentido de reconhecer e compreender todos os aspectos e processos benéficos à regulação ecossistêmica, metabólica e mental do ser humano, capazes de favorecer os diversos níveis de interação das pessoas presentes neste lugar, seja na perspectiva da experiência individual ou coletiva (Zuanon et al., 2022).

Nesta direção, as atividades de Pesquisa, Inovação e Extensão realizadas pela Rede DASMind-UNICAMP objetivam a concepção, o projeto, a execução e implantação de ambiências homeodinâmicas, as quais são subsidiadas pelo conceito de 'Ambientes e Produtos Homeodinâmicos' (Zuanon et al., 2020) que assume os produtos, as obras de arte e os ambientes (arquitetônicos e urbanos) como protagonistas no contínuo e dinâmico processo de ajustamento interno do corpo (metabolismo e mente) e do ecossistema. Assim, as ambiências homeodinâmicas se colocam como

potentes instrumentos à produção e à entrega de estímulos afetivos, emocionalmente competentes e, portanto, consistentes ao organismo humano e à restauração/manutenção da regulação metabólica, mental e ecossistêmica (homeostase biológica e sociocultural). Para tanto, tais ambiências focalizam a entrega de parâmetros/elementos e de respostas projetuais, estéticas e tecnológicas por meio de ações: i) preventivas e/ou ii) restauradoras do equilíbrio dos processos metabólicos, mentais e ecossistêmicos, que regulam o organismo vivo (em determinada condição e contexto).

Atualmente, a Rede DASMind concentra o desenvolvimento de ambiências homeodinâmicas para três principais contextos: Saúde, Educação, e Arte-Cultura.

Saúde: concepção, projeto, execução e implantação de ambiências homeodinâmicas preventivas e restauradoras da saúde, bem-estar e qualidade de vida especialmente voltadas a hospitais públicos e privados, clínicas de cuidados especializados, dentre outros contextos de atendimento/cuidados farmacológico e não-farmacológico.

Educação: concepção, projeto, execução e implantação de ambiências homeodinâmicas preventivas e restauradoras da saúde, bem-estar e qualidade de vida especialmente voltadas para instituições de ensino públicas e privadas, dentre outros contextos público/privados dirigidos a processos de ensinagem.

Arte-Cultura: concepção, projeto, execução e implantação de ambiências homeodinâmicas preventivas e restauradoras da saúde, bem-estar e qualidade de vida especialmente voltadas para instituições artístico-culturais, incluindo a curadoria e a participação em exposições individuais e coletivas, dentre outros contextos público/privados de arte e cultura.

Na sequência, são apresentados os principais resultados obtidos até o presente momento pela Rede DASMind-UNICAMP no âmbito do desenvolvimento de ambiências homeodinâmicas cada um dos contextos supracitados.

3.1 Ambiência Hospitalar Homeodinâmica: Ambulatório de Quimioterapia do CAISM-UNICAMP

O desenvolvimento[6] do projeto das ambiências homeodinâmicas do Ambulatório de Quimioterapia do Hospital da Mulher Prof. Dr. J. A. Pinotti [CAISM-UNICAMP], localizado no campus da Universidade Estadual de Campinas, na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil, foi orientado pelos professores doutores Rachel Zuanon e Claudio

6 Este desenvolvimento projetual está vinculado à investigação "Biointerfaces Inteligentes Aplicadas ao Projeto de Ambiências Hospitalares Humanizadas e Homeodinâmicas: Produtos Físicos/Digitais/Híbridos Dirigidos ao Equilíbrio Homeodinâmico de Pacientes, Acompanhantes e Equipe de Enfermagem do Hospital da Mulher Prof. Dr. J. A. Pinotti [CAISM-UNICAMP] e do Hospital de Clínicas [HC-UNICAMP]", realizada no Instituto de Artes [IA-UNICAMP], na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo [FECFAU-UNICAMP], no Hospital da Mulher Prof. Dr. J. A. Pinotti [CAISM-UNICAMP], e no Hospital de Clínicas [HC-UNICAMP], com fomentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (processo: 309066/2023-9).

Lima Ferreira, e desenvolvido no âmbito de duas dissertações de mestrado e de uma iniciação científica[7].

Tendo como ponto de partida os seus específicos recortes, (respectivamente: 1) campos visuais para ambientes naturais; 2) elemento projetual luz - natural e artificial; e 3) elemento projetual cor - luz e pigmento), e todos eles direcionados a fomentar o equilíbrio equilíbrio ecossistêmico e homeodinâmico da equipe de enfermagem do Ambulatório de Quimioterapia do CAISM-UNICAMP, as três investigações confluem nos seguintes pontos: a) têm como estudo de caso o referido ambulatório; b) voltam-se para o entendimento das melhores práticas projetuais em arquitetura hospitalar, alinhadas às complexas, inter e transdisciplinares relações estabelecidas na tríade corpo-mente-espaço; c) buscam indicar soluções projetuais homeodinâmicas para o projeto arquitetônico das ambiências do ambulatório supracitado, com intuito de que estas soluções sejam elaboradas em conformidade com as necessidades neuropsicofisiológicas de seus usuários, para além das normatizações e técnicas exigidas, de modo a corroborar a manutenção e/ou restauração da regulação ecossistêmica, metabólica e mental dos profissionais de enfermagem que nele atuam. Válido, ainda, ressaltar que as três pesquisas constam aprovadas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa[8].

Para atingir os objetivos delimitados em cada uma destas investigações, e em coerência ao caráter complexo, inter e transdisciplinar das pesquisas, o projeto das ambiências do Ambulatório de Quimioterapia do CAISM-UNICAMP adota abordagem multimétodo amparada por estudos acerca da cooperação entre Arquitetura, Neurociências e Psicologia Ambiental, especificamente no que concerne à relação pessoa-ambiente, a qual compreende três etapas, as quais são executadas junto aos dois turnos de trabalho realizados pela equipe de enfermagem[9], a saber:

i) observação direta passiva das atividades laborais realizadas pelos profissionais da enfermagem no ambulatório mencionado, e das possíveis relações que estes estabelecem com o elemento projetual abordado em cada estudo, sem diálogos/interações entre os estudantes/pesquisadores e os profissionais supracitados;

---

7 1) 'Campos Visuais para Ambientes Naturais e seus Contributos para Homeostase Biológica de Profissionais da Enfermagem: um estudo de caso no Ambulatório de Quimioterapia do CAISM-UNICAMP' (dissertação de mestrado realizada pela estudante Larissa Vaz Lima, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual de Campinas; 2) 'Projeto de Iluminação - Arquitetura Hospitalar - Neurociências: aplicações e contribuições à humanização e à homeodinâmica do Ambulatório de Quimioterapia do CAISM-UNICAMP' (dissertação de mestrado realizada pelo estudante Gúliti Ricardo Fagundes do Nascimento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual de Campinas; e 3) 'Arquitetura, Humanização Hospitalar e Neurociência: aplicações e contribuições do elemento cor ao projeto de ambiências dirigidas aos postos de trabalho da equipe de enfermagem' (pesquisa de iniciação científica realizada pela estudante Sara Vilela Gomes, vinculada ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual de Campinas).

8 Parecer nº 4.656.109 e CAAE 39994620.6.0000.8142.

9 Os dois turnos da equipe de enfermagem no Ambulatório de Quimioterapia estudado compreendem os períodos (1) das 7:00h às 13:00h; e 2) das 13:00h às 19:00h.

ii) autobiografia ambiental, com a execução de desenhos autorais livres, orientados pela pergunta "Como você percebe seu ambiente de trabalho?", seguidos da gravação de depoimentos orais, por meio dos quais podem ser coletados relatos espontâneos e explicações sobre os desenhos realizados pelos profissionais de enfermagem. Em acréscimo, estes profissionais são convidados a fotografar pontos de vista e/ou elementos presentes no ambulatório, capazes de deflagrar neles a sensação de bem-estar, assim como a de desconforto. A entrega das fotografias também é acompanhada pela gravação de depoimentos orais;

iii) levantamento quanti-qualitativo, que abrange duas instâncias: I) informações sobre o ambiente físico, em alinhamento aos elementos projetuais investigados em cada estudo, tais como: dados dimensionais dos ambientes que integram o ambulatório; e aferição de dados relacionados aos campos visuais para elementos naturais, iluminação natural e artificial, e cor refletida pelas superfícies. Tais aferições são realizadas com o auxílio de dispositivos específicos (câmera fotográfica digital; trenas digital e analógica; luxímetro e colorímetro); e II) informações sobre os profissionais de enfermagem atuantes no ambulatório, por meio de questionário com 67 perguntas objetivas (80%) e dissertativas (20%), distribuídas em 6 seções (Dados demográficos; Estresse; Ambiente de Trabalho; Campo Visual para Ambientes Naturais Externos; Condições de Iluminação no Espaço de Trabalho; Cores no Espaço de Trabalho).

Importante destacar que as atividades de campo são executadas de modo colaborativo, ou seja, com a participação simultânea dos três estudantes, sob a condução dos seus respectivos orientadores. Além disso, a coleta, a sistematização e a interpretação de todos os dados supracitados consideram as especificidades e os requisitos de cada estudo proposto, bem como subsidiam a identificação e a definição de cada um dos parâmetros/elementos projetuais, estéticos e tecnológicos aplicados na proposta projetual das ambiências homeodinâmicas que compõem o Ambulatório de Quimioterapia do CAISM-UNICAMP.

Figura 1. Estação de Aplicação Medicamentosa do Ambulatório de Quimioterapia do CAISM-UNICAMP (Esquerda: Contexto Atual | Direita: Ambiência Hospitalar Homeodinâmica resultante das pesquisas). Fonte: dos autores (2022).

As definições projetuais-estético-tecnológicas aplicadas no projeto das ambiências homeodinâmicas[10] do referido Ambulatório se colocam como as mais consistentes e eficazes para corroborar a regulação ecossistêmica, metabólica e mental da população estudada, com destaque para: a) intensificação do contato somatossensorial/ sensório-motor/cognitivo desta população com elementos da natureza e iluminação natural, por meio da proposição de ambiências de convivência em áreas externas; inserção de fontes e espelhos d'água; criação de aberturas e ampliação das existentes nas ambiências internas; b) paleta cromática aplicada nas superfícies derivada das memórias de valência positiva autodeclaradas por esta população; c) fontes de luz artificial adequadas às práticas laborais, às demandas neuropsicofisiológicas e ao conforto lumínico dos usuários, e em conformidade com as normativas técnicas; dentre outras aplicadas neste projeto em consonância às práticas projetuais preventivas e restauradoras do equilíbrio homeodinâmico e ecossistêmico, preconizadas pelo conceito de Ambientes e Produtos Homeodinâmicos.

10 Mais informações disponíveis em: *https://youtu.be/BnAoC-5Q-MM*

3.2 Corpo Ambiência de Ensinagem Homeodinâmica: Centro de Inovação Educacional - UNICAMP

O desenvolvimento[11] do projeto arquitetônico das ambiências do Centro de Inovação Educacional da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) é coordenado pelo professor doutor Claudio Lima Ferreira e conta com a participação de duas pesquisadoras doutoras colaboradoras, dois estudantes de doutorado e três estudantes de mestrado.[12]

A partir de uma abordagem multimétodo, este projeto tem sua fundamentação teórico-conceitual subsidiada por estudos que articulam a cooperação transdisciplinar entre os campos da neuroeducação, dos ambientes arquitetônicos educacionais, e os processos de ensinagem[13]. E a proposta projetual arquitetônica para este Centro de Inovação é elaborada ao longo dos anos de 2020 e 2021, junto aos estudantes da disciplina Desenho III - Plástica Aplicada, a qual integra o currículo do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FECFAU) da UNICAMP.[14] Esta prática conta com a participação de 70 estudantes do referido curso e resulta em 16 estudos projetuais arquitetônicos. Estes estudos são realizados em consonância com a fundamentação teórico-conceitual supracitada e, neste sentido, mostram-se cruciais no processo projetual deste Centro de Inovação especialmente por favorecer a identificação das necessidades imediatas e futuras de estudantes no ambiente educacional. A partir deste conjunto de dados, elaboram-se as diretrizes projetuais a serem aplicadas no desenvolvimento da proposta arquitetônica final[15], a qual se dá sobre o espaço anteriormente ocupado pelo Centro de Memória (CMU) da UNICAMP. Tais diretrizes compreendem principalmente: salas grandes, arejadas, confortáveis, com iluminação e temperatura adequadas à geografia local, além de espaços de socialização, relaxamento e contato com a natureza, por meio de áreas verdes, dentre outras. Neste sentido, o percurso teórico-projetual realizado por esta investigação permitiu compreender que as ambiências de ensinagem quando projetadas em alinhamento aos princípios da neuroeducação são capazes de estimular funções cognitivas, potencializar os processos de ensino-aprendizagem, ao minimizar quadros de estresse e de desconcentração, e, com isso, corroborar o bem-estar físico e mental de discentes, docentes e corpo administrativo.

11 Este desenvolvimento projetual está vinculado à investigação "Ambiências educacionais humanizadas e homeodinâmicas e seus contributos a ensinagem na formação de nível superior", desenvolvida na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo [FECFAU-UNICAMP], com fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP (processo: 2023/06644-9), e fomento complementar do Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão [FAEPEX-UNICAMP] (processo: 2524/23).

12 Profa. Dra. Rachel Zuanon, Profa. Dra. Melissa Ramos da Silva Oliveira, Ms. Rosana S. V. Sbruzzi, Ms. Patrícia Ceroni Scarabelli, Larissa Vaz Lima, Tonny Flávio Silva Barbosa, Júlio César Alves Ferreira.

13 Cunhado por Léa das Graças Camargo Anastasiou em 1994, o termo ensinagem refere-se a uma prática social, crítica e complexa entre docente e discente, que engloba tanto a ação de ensinar quanto a de apreender (Anastasiou & Alves, 2004).

14 Em decorrência do isolamento físico imposto pela pandemia de COVID-19, a disciplina Desenho III – Plástica Aplicada é realizada por mediação tecnológica (plataforma Google Meet), o que se estende à elaboração da proposta projetual arquitetônica do Centro de Inovação Educacional da UNICAMP.

15 Mais informações disponíveis em: https://youtu.be/JpgF1dYYgNo

Figura 2. Ambiências Projetadas para o Centro de Inovação Educacional da UNICAMP, resultantes da pesquisa. Fonte: dos autores (2021).

3.3 Ambiência Imersiva Homeodinâmica: [inside] breathe

O desenvolvimento[16] da ambiência imersiva homeodinâmica da obra de arte [inside] *breathe* [17] é realizado pelo Grupo de Arte Homeodinâmica [GAH-DASMind][18], coordenado pela professora doutora Rachel Zuanon. Amparada em uma abordagem multimétodo, esta obra de arte combina uma biointerface inteligente vestível; um modelo de aprendizado de máquina, que gera imagens digitais a partir de descrições em linguagem natural; e realidade virtual em *head-mounted display* (HMD) para proporcionar uma experiência audiovisual em ambiência imersiva, na qual o ritmo respiratório do interator é sincronizado à ambiência imersiva, para produzir estímulos audiovisuais favoráveis ao equilíbrio homeodinâmico do seu corpo-mente-espírito e, consequentemente, ao equilíbrio ecossistêmico.

Em outras palavras, a partir desta experiência audiovisual em ambiência imersiva e interativa desenvolvida para dispositivo HMD, e por meio da conexão entre o organismo do interator e a inteligência artificial, [inside] *breathe* estimula a reflexão sobre todas as formas de impotência vivenciadas e sentidas pelo ser humano diante das iniquidades da vida. Iniquidades essas que o leva à falta de ar física e/ou psicológica, perturbando seu equilíbrio corpo-mente-espírito. Ao mesmo tempo, a ambiência imersiva responde em tempo real às variações do ritmo respiratório do participante, com estímulos audiovisuais afetivos. Esses estímulos buscam materializar a presença da alteridade e o sentimento de empatia, numa relação equilibrada entre o 'olhar para si e para o outro'.

---

16 Este desenvolvimento projetual está vinculado à investigação "Biointerfaces Inteligentes Vestíveis Homeodinâmicas: Arte-Design-Ciência-Tecnologia para Favorecer a Saúde, o Bem-Estar e a Qualidade de Vida dos Usuários do Hospital da Mulher Prof. Dr. J. Pinotti [CAISM-UNICAMP]", realizada no Instituto de Artes [IA-UNICAMP], na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo [FECFAU-UNICAMP], e no Hospital da Mulher Prof. Dr. J. A. Pinotti [CAISM-UNICAMP], com fomentos do Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão [FAEPEX-UNICAMP] (processos: 3564/23; 3195/23), e do 5º EDITAL PROEC – PEX (Processo: 0204/24).

17 Mais informações disponíveis em: *https://www.youtube.com/watch?v=12stOxIi_Co&t=3s*

18 Os integrantes do GAH-UNICAMP envolvidos neste desenvolvimento são: Rachel Zuanon, Barbara Faria, Claudia Regina (Cacau) Martins, Gabriel Romitelli, Geraldo Lima, Lucas Baisch, Maiara Araújo, Rafaela Repasch, Rogério Bordini.

Figura 3. Interatores durante experiência propiciada pelas ambiências imersivas homeodinâmicas de [inside] breathe. Fonte: dos autores (2022).

Para experienciar [inside] *breathe*, primeiro o interator veste os exo-pulmões (modelados e impressos em 3D), depois o *head-mounted display* e, por fim, os fones de ouvido. Em seguida, o ritmo respiratório do usuário é sincronizado à ambiência imersiva, de modo a produzir *feedbacks* visuais e sonoros ao interator, em alinhamento ao ritmo respiratório identificado pela biointerface inteligente. Assim, [inside] *breathe* incentiva o participante a modular o seu ritmo respiratório e, consequentemente, a regular o fluxo de oxigênio em todo o seu corpo, o que diretamente favorece o processo de regulação metabólica e mental. Com isso, o interator passa a ter mais consciência sobre os processos que regulam a sua existência, a ser mais responsável com o próprio corpo e, consequentemente, com o corpo do planeta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ambiências homeodinâmicas propostas pela Rede DASMind-UNICAMP se colocam como uma mudança de paradigma no refletir e no fazer projetual em artes, arquitetura, urbanismo e design ao direcionar seus esforços multimetodológicos à identificação e à aplicação de parâmetros e elementos projetuais, estético-poéticos e tecnológicos benéficos à regulação metabólica e mental (homeostase biológica/ equilíbrio homeodinâmico) e à regulação ecossistêmica (homeostase sociocultural/ equilíbrio ecossistêmico), com vistas ao fomento do bem-estar, da qualidade de vida e da saúde do ser humano e do planeta. Isso se dá numa perspectiva que compreende corpo-mente-espiritualidade como dimensões indissociáveis, às quais o pensar crítico-reflexivo e as práticas em projeto precisam ser orientados a favorecer e a fortalecer esta conexão. Importante aqui esclarecer que, no âmbito das ambiências homeodinâmicas, a espiritualidade é abordada da sua perspectiva mental e não religiosa. Em outras palavras e de acordo com os estudos neurocientíficos, a esfera espiritual se materializa como um processo biológico de alta complexidade, capaz de proporcionar ao organismo humano experiências de intensa harmonia, e deflagrar, por exemplo, sentimentos de alegria, geralmente serena, empatia, generosidade,

amabilidade[19]. Enquanto expressão mental da regulação homeodinâmica, estes sentimentos são capazes de agregar significativas contribuições à vida humana saudável e sustentável, o que reverbera em benefícios valiosos à regulação ecossistêmica e, consequentemente, ao planeta.

5. BIBLIOGRAFIA

Anastasiou & Alves (Eds.) (2004). Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Univille.

Campos-De-Carvalho, MI, Cavalcante, S, Nóbrega, LMA (2017). Ambiente. Em: Cavalcante, S & Elali, GA (Eds.). Temas Básicos em Psicologia Ambiental. Vozes (pp. 22-34).

Damásio, A. (2004). Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. Companhia das Letras.

Elali, GA (1997). Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. Estudos de Psicologia, 2(2), 349-362.

Ferreira, CL (2011). A obra de design brasileiro dos Irmãos Campana sob o olhar das Relações Complexas (tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Günther, H, Elali, GA, Pinheiro, JQ (2004). A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, definições e implicações. Textos de Psicologia Ambiental, 23, 1-9.

Moser, G (2018). Introdução à psicologia ambiental: indivíduo e ambiente. Editora Alínea.

Veitch, R & Arkkelin, D (1995). Environmental Psychology: an interdisciplinary perspective. Prentice Hall.

Zuanon, R, Ferreira, CL, Monteiro, EZ (2022). Homeodynamic Environments, Homeodynamic Products and Intelligent Biointerfaces: affective and pleasurable design to maintain and restore the human homeostasis. In: Vincent G. Duffy; Martina Ziefle; Pei-Luen Patrick Rau; Mitchell M. Tseng. (Eds.). Human-Automation Interaction: Mobile Computing. Springer Cham (pp. 193-211).

Zuanon, R. Arte e Homeostasia: os murais do CAISM como instrumentos socioculturais homeostáticos (2021). In: D. Barbosa Cacique, V. M. Z. Prette (Org.), Projeto Mater: os painéis de Fúlvia Gonçalves nos prédios do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti – Caism/Unicamp. Campinas, SP: CMU Publicações.

19 Damásio, 2004.

Zuanon, R, Ferreira, CL, Monteiro, EZ (2020). Ambientes e Produtos Homeodinâmicos: perspectivas e contribuições à saúde e ao bem-estar do ser humano. DAT Journal, 5(4), 194-212.

Zuanon, R, Oliveira, MRS, Ferreira, CL, Monteiro, EZ, Gallo, H (2019). Memories and Brain Maps: representations of fear, risk and insecurity in downtown areas. Lecture Notes in Computer Science, v. 11581, 509-523.

R46

THE DYNAMICS OF SPONTANEOUS AND INDUCED OCCUPATION IN THE PRACTICE OF WALKING

A DINÂMICA DA OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA E INDUZIDA NA PRÁTICA DA CAMINHADA

Taiane Alves
Mestranda em Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ (PROARQ-UFRJ)
taiane.alves@fau.ufrj.br

ABSTRACT
In addition to being a physical activity, walking can also be seen as a social activity, which can take place in places not planned for this purpose. In neighborhoods where there is a lack of adequate infrastructure, it is up to the population to occupy other spaces to practice the activity. Given this scenario, this article seeks, through the study of two different places, to identify which aspects can influence the creation of an Preference Atmosphere in a public place and in a private one.

KEYWORDS: walk. Rio de Janeiro. Preference Atmospheres. urban appropriation.

RESUMO
A caminhada, para além de atividade física, pode ser entendida como uma atividade social, que pode ocorrer em local em locais não planejados para esse propósito. Nos bairros onde falta uma infraestrutura adequada, cabe à população ocupar outros espaços para a prática da atividade. Diante desse cenário, o presente artigo busca, através do estudo de dois locais distintos, identificar quais aspectos podem deter influência sobre a criação de uma Atmosfera de Preferência em um local público e em um privado.

PALAVRAS-CHAVE: caminhada. Rio de Janeiro. Atmosfera de Preferência. apropriação urbana.

1. INTRODUÇÃO
A busca por um estilo de vida saudável por meio de atividades físicas simples e acessíveis torna a adesão à caminhada uma forte opção de escolha para inclusão na rotina diária. Além do benefício à saúde, a atividade pode ser entendida como uma potencial promotora de experiências e interações sociais.

O local ideal para a realização de atividades físicas e recreativas, do ponto de vista da qualidade ambiental, deve possuir uma estrutura adequada, como, por exemplo, com área verde, dispor de água para hidratação e pouco ruído (Rocha et al., 2017), além de ser amplo, sem construções que possam se constituir barreiras, e com segurança. Pensando na cidade do Rio de Janeiro, é possível enumerar diversos locais que se aproximam, ou até mesmo sejam, o ideal para esse propósito. Alguns exemplos são as orlas do "Leme ao Pontal", como cantou Tim Maia, o Parque do Flamengo, o Boulevard Olímpico, o entorno dos estádios Maracanã e Engenhão, o Parque Madureira e o Piscinão de Ramos.

No entanto, um espaço assim como o descrito ideal não é uma realidade de todos os bairros da cidade do Rio de Janeiro e os existentes não contemplam amplamente os cariocas. Abraham Maslow defende que os motivos surgem da(s) necessidade(s), isto é, da ausência ou privação de algo que rompe o equilíbrio fisiológico, social e

humano (Maslow, 1954, como citado em Gáspari; Schwartz, 2005). Logo, onde falta uma infraestrutura adequada, cabe à população se apropriar de outros espaços para exercer seu direito constitucional ao lazer. Como alternativa, habitualmente, elegem os espaços livres de seus bairros como "lugar de recreação", dessa forma, locais não convencionais assumem a função de parque/praça/corredor esportivo.

Considerando que o espaço livre, seja ele público ou privado, é "todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso)" (Magnoli, 2006, como citado em Mendonça, 2018, p. 7), temos no meio urbano uma variedade de exemplares, contudo destacaremos dois, a rua e o estacionamento, que comportam os locais explorados neste artigo.

2. OBJETIVO

Esse estudo, de natureza qualitativa, tem como objetivo identificar os aspectos que propiciam a apropriação popular a esses locais, os suportes que influenciam e promovem a manutenção da prática e como, e se, a concreta adaptabilidade dos espaços influência na concepção de uma Atmosfera de Preferência, conceito explicado mais adiante.

3. METODOLOGIA

Foram realizadas visitas aos locais para a coleta de informações e observação das atividades realizadas.

Para o estudo das Atmosferas de Preferência, foi adotada a metodologia abordada por Lamounier et al. (2019), onde é seguida uma estrutura de análise (Figura 1) baseada em quatro categorias interdependentes entre si: Componentes Físicos, Atributos Visuais, Atratividade e Sentido.

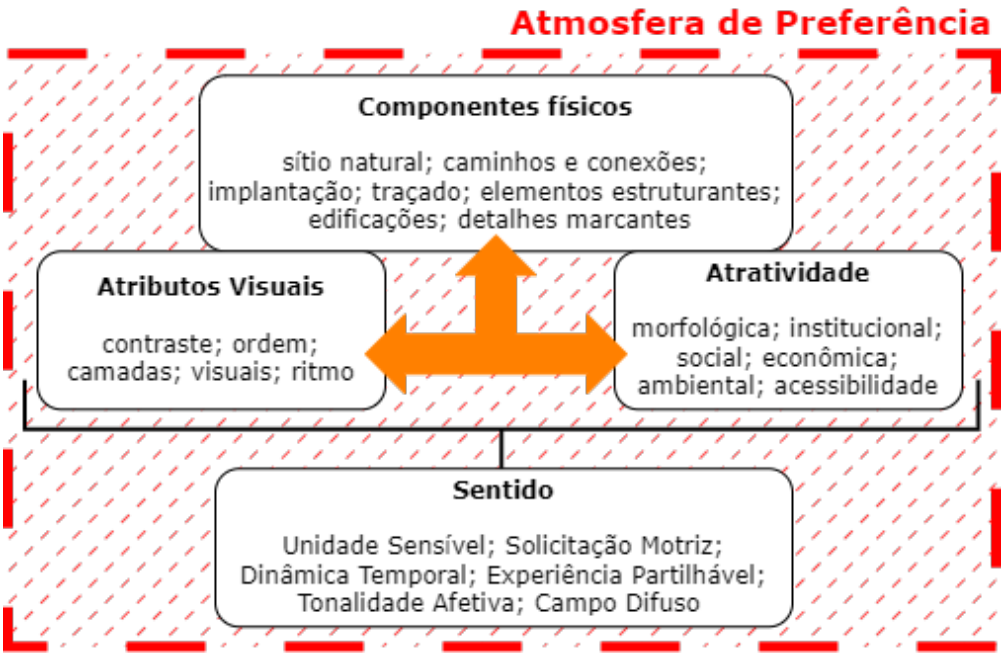


Figura 1. Atmosferas de Preferência - estrutura metodológica para identificação e análise em estudos de campo. Fonte: Redesenhado de Lamounier et al. (2019, p. 86).

Optou-se por iniciar a investigação a partir dos Componentes Físicos, os quais são mais facilmente perceptíveis por tratar-se de elementos estruturantes tangíveis. As relações visíveis e a atribuição de significado entre esses componentes serão responsáveis por definir os Atributos Visuais e a Atratividade (Lamounier et al., 2019, p. 86). Os resultados da relação entre os aspectos anteriormente citados são evidenciados na categoria Sentido.

4. OS LOCAIS

O primeiro caso está situado no bairro de Ramos, na Rua Emílio Zaluar (Figura 2), uma via adjacente ao corredor do BRT Transcarioca (Bus Rapid Transit). É resultado de uma ocupação espontânea por parte de indivíduos da região.

Como segundo caso foi escolhido o Circuito Nova América, localizado no bairro de Del Castilho, uma proposta da administração do *shopping center* de mesmo nome para receber as pessoas que, aos poucos, estavam sendo permitidas deixar o distanciamento social, uma medida de segurança implantada devido aos casos de Covid-19 que ainda apresentavam números altos.

Duas oposições são apresentadas nos casos indicados: espontaneidade x indução e público x privado. Esses são aspectos que vão influenciar na forma de ocupação dos espaços e na criação de uma relação de atribuição de significado distinta pelos indivíduos e grupos frequentadores de ambos os locais.

4.1 Rua Emílio Zaluar – Ramos

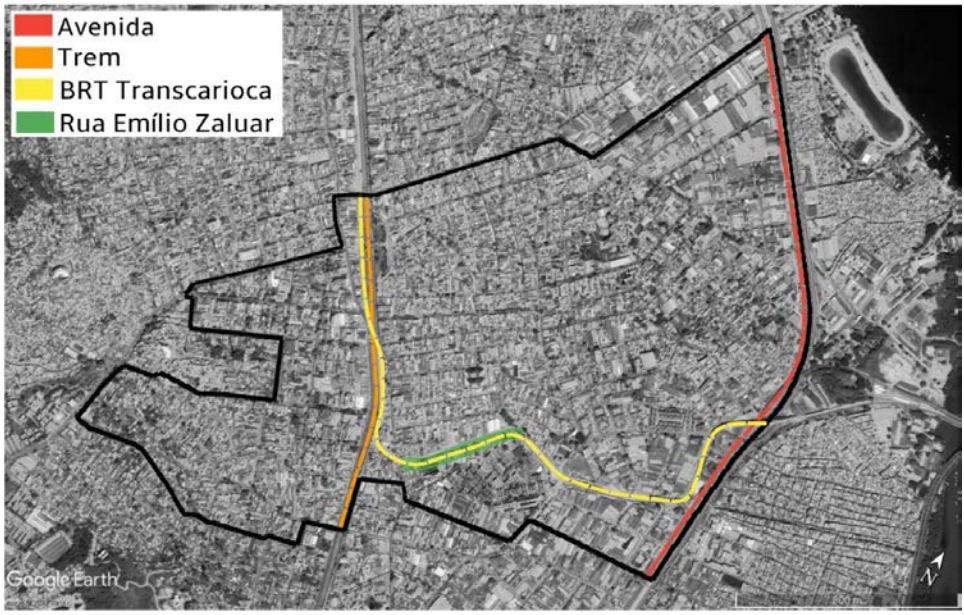


Figura 2. Delimitação do bairro de Ramos, Rio de Janeiro – RJ, com a Rua Emílio Zaluar destacada em verde.
Fonte: Mapa elaborado pela autora, sobre base do software Google Earth (2024).

A Rua Emílio Zaluar, enquanto local de lazer, surge a partir da modificação da Praça Professor Mourão Filho, que teve sua quadra reduzida e sua área fragmentada em "zonas" devido ao atravessamento do corredor do BRT. A proximidade, assim como a nova infraestrutura, propiciou a adaptação da rua para as atividades pretendidas pelos frequentadores.

Com as obras, as calçadas foram encurtadas, em contrapartida, a pavimentação e a iluminação foram aperfeiçoadas. O compartilhamento das vias por pessoas e veículos é facilitado pela baixa circulação de automóveis, assim como a de ônibus do BRT, e pela possibilidade de visualizar toda a sua extensão, uma vez que a rua é linear (Figura 3). Espaços livres vizinhos à rua acomodam atividades particulares – alongamento, pequenos circuitos com cones, entre outros – sem afetar o fluxo de caminhada. Fixados em pontos ao longo do percurso, vendedores de bebidas e alimentos dão o suporte para o descanso e reposição energética dos caminhantes (Figura 4).

Assim como no restante do bairro, de forma geral, na Rua Emílio Zaluar mesclam-se os usos residencial e fabril de pequeno porte. O contraste com as demais vias é dado, justamente, pela junção dos aspectos mencionados, que cooperam para a sensação de segurança e, desse modo, a escolha de utilizar essa rua em específico para a prática da caminhada.

O final da tarde, quando a incidência solar deixa de ser um inconveniente – a rua não possui arborização, o que contribuiria para uma sensação térmica mais confortável no período diurno –, inicia-se o processo que torna o "corredor do BRT" em um "corredor esportivo". Uma rotina resumida na chegada dos primeiros caminhantes, na armação dos pontos de vendas, na chegada de mais pessoas, nos poucos moradores que sentam-se em frente as suas casas para observar o movimento, no esvair dos primeiros que chegaram, no encerramento das vendas e partida dos vendedores, até, aos poucos, os últimos deixarem o local. Um processo diário que dura, aproximadamente, quatro horas.

Figura 3. Rua Emílio Zaluar.
Fonte: Da autora (2024).

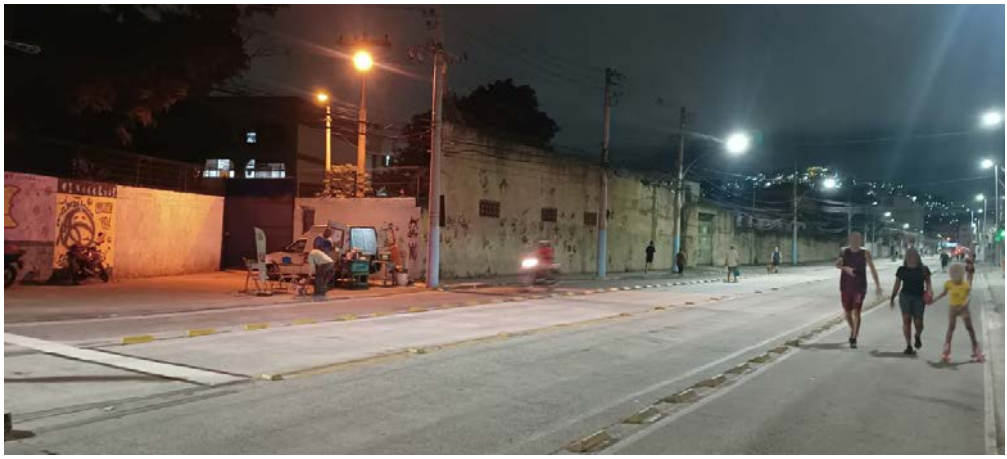


Figura 4. Rua Emílio Zaluar.
Fonte: Da autora (2024).

4.2 Circuito Nova América – Del Castilho

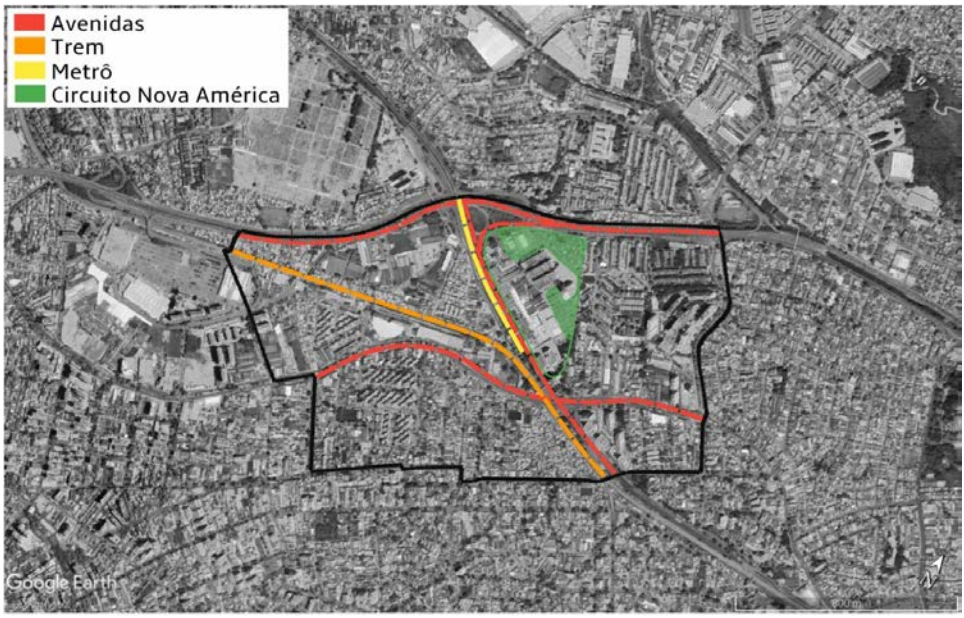


Figura 5. Delimitação do bairro de Del Castilho, Rio de Janeiro – RJ, com o Circuito Nova América destacado em verde.
Fonte: Mapa elaborado pela autora, sobre base do software Google Earth (2024).

Inaugurado em dezembro de 2020, o Circuito Nova América é um espaço dedicado a atividades físicas no estacionamento do Shopping Nova América, localizado no bairro de Del Castilho (Figura 5), na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Definido pela administração do centro comercial como "uma pista de corrida ao ar livre feita para você caminhar com segurança e tranquilidade", o Circuito, antes mesmo de ser oficializado como tal, já era uma realidade para frequentadores do local que possuíam o hábito de usar o estacionamento para correr ou malhar (O Globo, 2020).

O bairro de Del Castilho é atravessado por linhas de trem e metrô e avenidas com grande fluxo de veículos. Aliado ao fato de o bairro conter um alto número de condomínios fechados e o contínuo crescimento desse tipo de empreendimento, há também uma quantidade considerável de imóveis com atividades comerciais e de serviços, que com o fechamento no período noturno deixam as ruas menos movimentadas e, portanto, aumenta a sensação de insegurança daqueles que transitam a pé pelo bairro.

Neste bairro, os espaços livres que poderiam possibilitar a apropriação pelos moradores são raros, estando a maioria localizados entre vias (canteiro) ou em propriedades privadas. Nas propriedades privadas é onde também, majoritariamente, estão localizadas as opções de áreas de lazer do bairro.

Diante do exposto, o Circuito torna-se atrativo aos habitantes do bairro que buscam um local conveniente à prática da caminhada. O percurso demarcado (Figura 6), que tangência as extremidades do estacionamento do *shopping*, torna segura a caminhada e desnecessária a disputa das pessoas com os veículos. Outro ponto para a manutenção da sensação de segurança é atribuído ao fato de o Circuito estar restrito aos limites do estabelecimento. Um espaço dedicado ao descanso, alongamento e atividades físicas diversas complementa a atratividade do local (Figura 7), permitindo também a socialização dos que não objetivam a atividade física.

Além de abrir seu espaço para receber os praticantes da caminhada, a administração do Shopping Nova América promove atividades focadas neste público. Semanalmente, são oferecidos treinos coletivos com profissionais especializados. No entanto, por se tratar de um empreendimento privado, as possibilidades de uso por parte dos frequentadores são limitadas às convencionadas e ao espaço delimitado.
Apesar de ser notado um uso maior em determinado período do dia, não há o momento em que o local "torna-se" o Circuito, pois ele já nasce com esse propósito. Aqui, a dinâmica obedece aos estímulos e as regras promovidos pela administração do empreendimento. Como por exemplo, o início e fim do percurso e os tipos de atividades admitidas. O controle sobre o que acontece, e como acontece, em empreendimentos privados é uma prática comum que não impede a espontaneidade, porém a restringe.

Figura 6. Circuito Nova América
Fonte: Da autora (2024).

Figura 7. Circuito Nova América
Fonte: Da autora (2024).

4.3 Síntese

Com base nas observações realizadas e no descritivo exposto neste artigo, foi possível conceber um quadro contendo as influências para a criação de Atmosferas de Preferência em ambos os locais estudados.

Sentido	Rua Emílio Zaluar	Circuito Nova América
"Unidade Sensível"	A percepção de uma espacialidade social e motivadora, seja caminhando só ou em companhia	O percurso, em contraste com o que é ofertado no bairro, proporciona segurança e conforto
"Solicitação Motriz"	A liberdade do público permite diferentes tipos de apropriações	Por ser um empreendimento privado, as possibilidades de uso são limitadas às estabelecidas
"Dinâmica Temporal"	As "necessidades" foram moldando o local. Primeiro uma marcação de distância percorrida, depois fixaram-se os vendedores, outras atividades foram sendo praticadas e espaços ocupados etc.	Durante a visita, não foram observadas marcas da "Dinâmica Temporal". Comparando a atualidade com imagens e vídeos do início do projeto, nota-se que não houve perceptíveis alterações. Por tanto, é necessária uma imersão mais profunda no cotidiano do Circuito para identificação desse quesito.
"Experiência Partilhável"	O constante contato visual entre os frequentadores, promove uma atmosfera de incentivo e partilha de sensação/significado do que aquela rua representa	As atividades semanais promovidas pela administração do shopping, compartilha entre os participantes, com o mesmo objetivo, valores que unifica, naquele momento, a atmosfera.
"Tonalidade Afetiva"	O resgate de uma espacialidade que foi retirada com a redução da antiga Praça Professor Mourão Filho	A "conquista" de um local adequado em meio às poucas ofertas, de livre acesso, no bairro
"Campo Difuso"	A sensação de unidade entre os frequentadores e a infraestrutura existente	A sensação de unidade entre os frequentadores e a infraestrutura existente

Tabela 1. Atmosfera de Preferência.
Fonte: Da autora (2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, notou-se que nos contextos abordados as dinâmicas assemelham-se. Somos levados a ponderar que tal semelhança é reflexo da falta de espaços adequados para o lazer e convívio social em ambos os bairros. Com isso, há um impulso espontâneo no processo diário de apropriação. Esse processo é conservado, principalmente, pela consolidação de costumes comuns de indivíduos e grupos frequentadores tanto da Rua Emílio Zaluar, quanto do Circuito Nova América, que, aliado ao "sentido" atribuído por eles, estabeleceram uma Atmosferas de Preferências que é retroalimentada a cada novo "processo diário".

Outro ponto a ser abordado, é sobre a "indução" exercida pelo Shopping Nova América. Ficou assimilado que o empreendimento apenas exerceu o controle sobre uma iniciativa que já vinha acontecendo. Por tanto, uma iniciativa espontânea, de indivíduos e grupos, que foi acolhida pela administração do *shopping*. Isso leva a consideração que o processo de apropriação, quando falado dos componentes físicos, vai estender-se até os limites permitidos, não sendo regra a concreta adaptação do local, por parte do indivíduo ou grupo, para que a criação da Atmosfera de Preferência seja propiciada.

6. BIBLIOGRAFIA

Gáspari, J. C. de, & Schwartz, G. M. (2005). As emoções da caminhada nos espaços públicos de lazer: motivos de aderência e manutenção. EFDEPORTES.

Lamounier, A., Carvalho, T., Yamaki, H., & Tângari, V. (2019). Atmosferas de preferências e paisagens cotidianas: a cidade através de múltiplos sentidos. In C. R. Duarte & E. Pinheiro (Eds.), RESSENSIBILIZANDO CIDADES: Ambiências Urbanas e Sentidos (pp. 84–91). Ed. FAU/UFRJ.

Mendonça, B. R. E. (2018). Os espaços livres e a estruturação da paisagem: uma avaliação das pracialidades no subúrbio ferroviário do Rio de Janeiro.

Regiane Jesus. (2020). Shopping Nova América inaugura espaço para prática de atividade física. O Globo. *https://oglobo.globo.com/rio/bairros/shopping-nova-america-inaugura-espaco-para-pratica-de-atividade-fisica-1-24728419*

Rocha, C. A., Sousa, F. W., Zanella, M. E., Oliveira, A. G., Nascimento, R. F., Souza, O. v., Cajazeiras, I. M. P., Lima, J. L. R., & Cavalcante, R. M. (2017). Environmental Quality Assessment in Areas Used for Physical Activity and Recreation in a City Affected by Intense Urban Expansion (Fortaleza-CE, Brazil): Implications for Public Health Policy. Exposure and Health, 9(3), 169–182. *https://doi.org/10.1007/s12403-016-0230-x*

R46

ENGAGEMENT IN FELT RELATIONSHIPS: ANA MENDIETA'S ARTISTIC WORK AS A POSSIBILITY OF ENGAGEMENT TO CREATE EMPATHY WITH MATERIALS AND AMBIENCES

ENGAJAMENTO NAS RELAÇÕES SENTIDAS: O TRABALHO ARTÍSTICO DE ANA MENDIETA COMO POSSIBILIDADE DE ENGAJAMENTO PARA CRIAÇÃO DE EMPATIA COM OS MATERIAIS E AMBIÊNCIAS

Lia Maestrelli Bizzo
Architecture post-graduate student / Mestranda em arquitetura
PROARQ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
lia.bizzo@fau.ufrj.br

ABSTRACT

Faced with a world in collapse, which is experiencing the Antropocene, the urgent need for new arrangements between body and matter is highlighted. This article presents the artistic work of Ana Mendieta, a Cuban artist with great activity in the 70s and the 80s in the USA, as means, as a possibility os engagement to create empathy with natural materials and ambiances, through the aesthetic processes that the artist's work engenders.

KEYWORDS: Ana Mendieta, engagement, ambiances, anthropocene.

RESUMO

Diante de um mundo em colapso, que vive o Antropoceno, aponta-se a necessidade urgente de novos agenciamentos entre corpo e matéria. O presente artigo traz o trabalho artístico de Ana Mendieta, artista cubana com grande atuação nos anos 70 e 80 nos EUA, como um meio, uma possibilidade de engajamento para criação de empatia com os materiais naturais e ambiências, através dos processos estéticos que o trabalho da artista engendra.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Mendieta, engajamento, ambiências, antropoceno.

Neste artigo adentramos no processo artístico de Ana Mendieta, de modo a fabular maneiras de produzir estados de hipersensibilidade com o meio ambiente.

O artigo torna-se relevante por estar situado em um pensamento que percebe o mundo em colapso, no qual há a necessidade de criar empatia com o ambiente, especialmente com o ambiente natural, para que seja possível estabelecer outros encontros entre humanos e não humanos. O mundo em colapso se descreve ao perceber a quantidade de lixo presente na crosta terrestre, o desmesurado consumo de matéria prima, as desigualdades sócio-ambientais, a exagerada produção de gases estufa, etc. Em "Desconstrução Civil", Wellington Cançado escreve sobre uma violência contra a própria Terra, a própria geologia e contra os enredos poéticos que os materiais trazem consigo.

Defende-se aqui que há um afastamento da noção de empatia com os materiais naturais, que é um dos efeitos do Antropoceno. Esse é o nome dado à nossa era geológica, cujo fundamento principal é que "a marca estratigráfica dos humanos seria perceptível para geólogos do futuro", é também o nome da era em que os humanos entendem-se no centro da história, superiores a outras espécies, acarretando em seu consequente afastamento de outros seres (CRIST, 2022). Eileen Crist afirma: "O esquecimento da Terra se projeta, então, no futuro da humanidade, no qual o próprio esquecimento será esquecido se a Terra puder ser disciplinada para permanecer um palco humano seguro e funcional" (CRIST, 2022. pg 42).

Cançado coloca o *agrobusiness* como um enorme agente do "ciclo vicioso ecocida", trazendo a responsabilidade dos arquitetos, urbanistas e designers para o debate. Ao trazer a prática profissional daqueles que desenham a cidade, os objetos e a arquitetura, que interagem diretamente com os corpos fruidores dos espaços e objetos, o autor indica uma imbricação de nossos corpos e sentires espaciais com o devir urbano, efeito que coloca em xeque nossas relações com o ambiente frente ao futuro. Corpo e espaço não são categorias tão distantes, uma vez percebidas a partir de seu Agenciamento de Enunciação, como explica Guattari. O autor ainda defende que a posição dos arquitetos e arquitetas é apaixonante, porque têm responsabilidades estéticas, éticas e políticas com o devir urbano, que está necessariamente atrelado ao devir humano, especialmente num sentido subjetivo (GUATTARI, 1992).

Em "As Três Ecologias", Guattari discute longamente um empobrecimento das relações da subjetividade com a exterioridade social, animal, vegetal e cósmica (GUATTARI, 1990). Com isso, o autor constrói a ideia de uma "crise ecológica". Segundo o autor: "Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais" (GUATTARI, 1990). Segundo Wellington Cansado:

> Afinal, é chegada a hora de reanimar o mundo, desantropocentrizar o humano, desmodernizar o urbano, desmistificar a produção, de os projetistas do futuro (diletantes ou profissionais) inventarem uma desengenharia profunda que reencontre sob o pavimento planetário todas as florestas por vir. É tempo de desconstrução civil. (CANÇADO, 2017)

Eileen Crist argumenta que se aceitássemos a impossibilidade de reinventar o modo de habitar o planeta, atestaríamos a nossa indiferença à "maneira como engolimos cada vez mais o mundo mais que humano", fechando os olhos para a força colonizadora que viramos sobre a biosfera (CRIST, 2022. p.48). Assim, lidar com a palavra "Antropoceno" parece ser o primeiro passo para a desantropocentrização, para ir em direção da imaginação de outros futuros, numa forma de vida integrada à natureza. Ainda segundo Crist: "Uma vida humana integrada só pode ser imaginada e criada numa perspectiva de profunda deferência ao mundo vivo" (CRIST, 2022. p 49). Com sua argumentação, a autora procura por pré-requisitos para que uma integração da vida humana à biosfera se concretize. A autora termina seu texto reforçando a importância de desindustrializar a relação com a terra, com os oceanos e com os animais domésticos, num primeiro passo para garantir que nossos descendentes terão o "privilégio de testemunhar a grandeza da Terra" (CRIST, 2022. p 58).

A desindustrialização e a desantropocentrização engendram um trabalho sério e necessário, extremamente complexo, que convoca as mais diversas áreas do conhecimento a agirem juntas perante essa necessidade. Defende-se aqui que esse trabalho sensível é também experimentado e pensado pela arte. Por isso, o presente

artigo analisa o trabalho de Ana Mendieta com o intuito de oferecer um outro modo de praticar o modo de "habitar" o ambiente, necessário perante o contexto de crise climática, de reconhecimento da diversidade de seres terrestres, de entendimento dos agenciamentos produzidos com esses, que influenciam a subjetividade e o próprio devir humano.

A partir da noção imbricada entre responsabilidade ética, estética, política e responsabilidade ambiental, chegamos à ideia de "estética ambiental", descrita por Thibaud em "A cidade através dos sentidos". O autor coloca que essa corrente estética começou por causa de um forte interesse nas questões ambientais e climáticas, abrindo esse campo através do paisagismo e do papel da natureza na cidade. O campo desdobrou-se para uma noção ampliada de "meio ambiente", chegando a investigar não só ambiências com forte presença da natureza, mas também as ambiências em que a fantasia e a imaginação são predominantes.

Uma das noções-chave da estética ambiental é a de engajamento estético, em que defendemos que "o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele participa" (THIBAUD, 2012). As mudanças tecnologicas e sociais pelas quais passam as cidades implicam num desejo cada vez maior de experimentação dos ambientes pelos sentidos. Assim, erige a noção de "estética ambiental", em que o ambiente é compreendido para além das fronteiras entre o natural e o urbano: o ambiente está no "âmbito dos espaços vivos onde os seres humanos estão imersos" (THIBAUD, 2012).

Dentro da "estética ambiental", existem as noções conjuntas de continuidade e engajamento. A noção de continuidade questiona essa abordagem dualista que separa a mente do corpo, o natural do cultural e o ser humano do meio ambiente.

A estética das ambiências "enfatiza a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana.", podendo ainda abrir perspectivas para questões do meio ambiente sustentável, da mudança climática ou da poluição atmosferica, provocando uma consciencia sobre essas alterações no planeta (THIBAUD, 2012).

Ao cruzar as noções de "crise climática" e "crise ecológica", podemos inferir que é preciso desenvolver uma hipersensibilidade perante os materiais, que nos faça perceber a Terra de uma maneira integral, como explica Crist.

Assim, mostramos o trabalho de Mendieta e seu potencial de se engajar ao meio ambiente, desenvolvendo uma hipersensibilidade aos fluxos sensíveis do ambiente natural, uma vez que, através de processos performáticos, a artista cubana conecta-se à paisagem natural dos EUA. Oferecemos uma leitura do trabalho da artista defendendo que Mendieta engendra processos de "arruinamento" de seu próprio

corpo, entrando em profunda sinergia com a paisagem natural, evocando o que a artista chama de "seiva universal", que define como um "fluxo que passa por todos os seres". Em uma leitura estética, aproximamos a produção de Mendieta à noção de "ruína" através de Owens e de Huyssen, autores que fazem diálogo diretamente com a arquitetura. O processo artístico de Ana Mendieta também é aproximado do processo de Robert Smithson, visto que o artista faz caminhadas na natureza e opera sobre a paisagem, assim como Mendieta. Ingold ainda traz ideias importantes para "enlaçar" o trabalho de Mendieta, com a "reunião das coisas" e os "fios de vida" que compõem a "mobília da Terra". O pensamento latouriano retoma o trabalho de Mendieta como possibilidade de engajamento para criação de empatia com os materiais e ambiências.

Sua série "Siluetas" (figura 1), resultante desses processos performáticos e artísticos, traz imagens em que o corpo da artista (ou a marca deixada por ele) estabelece uma relação profunda com o entorno, na qual esses fluxos sensíveis com o ambiente natural passam continuamente. Em "Siluetas", 1973, Ana Mendieta imprime seu corpo sobre a terra, deita-se sobre a areia, a grama, o brejo e deixa uma marca que corresponde ao seu corpo.

Figura 1: Foto da série "Siluetas", de Ana Mendieta.
Fonte: https://www.anamendietaartist.com/ Acesso: fevereiro de 2024

Em "A nostalgia das ruínas", Andreas Huyssen fala dos processos imbricados no arruinamento das construções, no esfacelamento dos materiais ligados a imaginários, e traz o significado de "nostalgia", afirmando que, segundo o dicionário tradicional, esta é uma "melancolia pelo afastamento da terra natal" ou "anseio de algo muito distante que ficou no passado". Para o autor, "nostalgia" tem a ver com

a irreversibilidade do tempo, ele defende que a nostalgia se opõe à noção linear de progresso, e diz que no desejo nostálgico existe o anseio por uma outra realidade que já passou. Por isso, na nostalgia a espacialidade e a temporalidade estarão sempre interligadas (HUYSSEN, 2014).

Na sua produção, Mendieta mostra diversas técnicas, elaborando símbolos em desenhos à mão, performances filmadas ou fotografadas, passando por inúmeros materiais e técnicas. Para Smithson, "os artistas experimentam baixos níveis de consciência, onde navegam métodos indiferenciados de procedimentos, que rompem com os limites nítidos de técnicas racionais" Art Forum (2024). Nesse estado, as ferramentas também não se diferenciam dos materiais usados, parecem mais objetos contínuos, um estado altamente entrópico, que acontece no início do contato com a matéria. Mendieta, se esforça para deixar essa continuidade o mais aparente possível.

Mendieta faz suas instalações, na maior parte das vezes, em ambientes intocados pela ação antrópica, resgatando uma temporalidade geológica, que a aproxima de uma origem ancestral e universal. As obras de Smithson e Mendieta diferem, todavia, no sentido de que Smithson procura produzir diferenças entre os "sites" e "non-sites", a partir de fragmentos de materiais realocados, estabelecendo contrastes. Mendieta, por outro lado, procura pelo retorno a um ponto de origem, desejando o arruinamento de suas obras.

A fragmentação da matéria e o retorno da matéria ao solo nos faz conscientes do substrato da Terra antes de ser demasiadamente refinado pela indústria. Smithson explica que o pensamento tecnológico não preza a passagem do tempo, entende apenas o uso imediatista das coisas, o que parece gerar uma insensibilidade para o resto do mundo. Smithson explica que todos os materiais são feitos de partículas formadas por fluxos, são ilusões maciças formadas por diversas superfícies e fissuras, prontas para serem quebradas Art Forum (2024). O motivo pelo qual o aço é mais valorizado do que a ferrugem é tecnológico, não artístico" Art Forum (2024). Assim, o desprezo pela decadência pode impedir um pensamento crítico sobre o que está decadente e arruinado. Esse tipo de pensamento faz parte do antropoceno e das marcas estratigráficas de nossa era.

A ruína torna-se, para Huyssen, um código da nostalgia que busca algo que se perdeu com o término de um período passado, e essa é a capacidade de crítica da nostalgia (HUYSSEN, 2014). Assim como as ruínas remontam a um passado, também podem ser promessas de um futuro alternativo, ao fazerem conviver presenças de ausências, que podem ter a capacidade de atualizar o presente. Em "A nostalgia das ruínas", Andreas Huyssen propõe um olhar estético e político para ruínas, vendo-as como uma cifra arquitetônica, que é necessária para pensar qualquer coisa sobre a modernidade (HUYSSEN, 2014).

Huyssen faz alusões especificamente à cidade e às ruínas, com referências arquitetônicas definidas, enquanto Smithson fala da crosta terrestre como um museu confuso, feito de sedimentos que contêm textos e limites que fogem da ordem racional das coisas, que confina a arte, a faculdade que estabelece as pontes e possíveis fusões entre os materiais e a mente. A relação com o trabalho de Ana Mendieta é visível:

> "Minha arte é baseada na crença de uma energia universal, que atravessa tudo, do inseto ao homem, do homem ao espectro, do espectro à planta, da planta à galáxia. Minhas obras são as veias de irrigação deste fluido universal. Através delas ascendem a seiva ancestral, as crenças originais, as acumulações primordiais, os pensamentos inconscientes que animam o mundo." (MOMA, 2024)

Para Smithson, ler os textos escondidos na crosta terrestre, aqueles que fogem da ordem racional das coisas, requer ter noções sobre o tempo geológico e do material pré-histórico que forma a Terra.

Esse tipo de encontro entre temporalidades e espacialidades é amplamente visitado no texto de Huyssen. Ainda em "A nostalgia das ruínas", o autor fala sobre processos de arruinamento da arquitetura, causados por intempéries. O autor descreve um pensamento sobre o que, na verdade, vemos quando olhamos uma ruína: a ruína é uma cifra arquitetônica que pode nos ajudar a pensar sobre a modernidade, acessando uma memória de outros tempos. Nas ruínas, vemos os fragmentos, os remanescentes de tempos que já passaram, e esses fragmentos convivem com o tempo presente. São como presenças fantasmagóricas de coisas que não existem mais: é através da presença do que é ausente que o passado torna-se presente (HUYSSEN, 2014).

Se a obra de Ana Mendieta for vista como esse imbróglio de significados, pode servir também como uma chave para pensarmos um futuro que revogue as questões que a artista põe em discussão.

A série "Siluetas" ilustra o pensamento ecofeminista, colocando-se junto à natureza, procurando por maneiras de convivência e não de exploração da Terra. Mendieta traz esse pensamento à tona através da aproximação da matéria natural, que proporciona à artista uma memória ancestral de origem e de pertencimento. Ao marcar seu corpo na terra, Mendieta ressignifica preconceitos atrelados à sua identidade e, ao mesmo tempo, faz com que esses significados atinjam campos mais sutis da arte e da filosofia, atingindo noções de ecologia, por exemplo. No texto curatorial da exposição "Silhueta em Fogo", no SESC Pompeia, em São Paulo, as curadoras explicam que "sua linguagem transdisciplinar e vital se atualiza no cruzamento de elementos culturais e processos históricos brasileiros, cubanos e norte-americanos, e na evocação de temas como o pensamento ecofeminista e a noção de futuros ancestrais dos povos originários" (PAULO, Hilda de; FREITAS, Maíra; LABRA, Daniela, 2023).

Enquanto Smithson coloca os "non-sites", que contrastam com os "sites", Ana Mendieta transforma-se numa parte indiferenciada da paisagem. Para a artista, "a arte era, acima de tudo, a sua própria existência e o meio pelo qual restabelecia os elos que a ligavam ao Universo" (PAULO, Hilda de; FREITAS, Maíra; LABRA, Daniela, 2023). "Sou capaz de me transcender numa submersão voluntária e numa identificação total com a natureza. Através da minha arte, quero expressar o imediatismo da vida e a eternidade da natureza.", explica Ana Mendieta, segundo a Galeria Lelong & Co (2020).

Ana Mendieta propõe um deslocamento de sentidos sobre a sua própria imagem, estendendo esse deslocamento a outras questões do mundo. Por isso, mais do que a exploração de uma técnica clássica exata, Ana Mendieta ocupa-se de mexer na matéria até que tensione com outros significados, produzindo trabalhos alegóricos, que têm a capacidade de resgatar, do esquecimento histórico, o que está ameaçado de ser esquecido.

O tom alegórico de sua produção faz operações em sua própria imagem até que adquira outros sentidos, buscando uma mudança ontológica. Essa é a potência do trabalho da artista enquanto investigação para criação de empatia através de ambiências que conectam seu corpo aos materiais. Mudanças ontológicas devem acontecer na busca da "desantropocentrização", e esse tipo de mudança é a base da alegoria.

Craig Owens, crítico de arte pós-modernista, a alegoria normalmente está no fragmentado, no imperfeito, incompleto. Por isso, a maior expressão da alegoria está, normalmente, na ruína. Owens refere-se à ruína arquitetônica, que representa a história e o processo de dissolução e de decaimento das civilizações. A alegoria é a forma em que a sujeição do homem à natureza fica mais óbvia, dá origem à enigmática questão da natureza do ser humano como tal mas também da historicidade biográfica do indivíduo. Esse é o cerne da maneira alegórica de ver as coisas (OWENS, 1980).

Se tomarmos a ruína como o maior emblema da alegoria, chega-se a outra aproximação com a arte contemporânea. Em site-specificity, o trabalho parece fundir-se ao ambiente, podendo ser uma monumentalidade pré-histórica, como no Stonehenge ou nas Linhas de Nazca, apresentando frequentemente um conteúdo mítico, e um exemplo atual é Spiral Jetty, de Robert Smithson. Como já explicitado, o artista dá importância a uma leitura engajada do local, não apenas em seus aspectos topológicos, mas também em suas ressonâncias psicológicas. (OWENS, 1980)

O que Mendieta faz em suas obras é procurar uma maneira de misturar seu corpo à Terra, num gesto parecido com algum derretimento ou dissolução. Suas produções são efêmeras porque trabalham com materiais orgânicos ou com fenômenos passageiros, em sinergia com o entorno. Se pensarmos as silhuetas como processos de arruinamento, serão modos de ver "um presente que mostra-se presente

justamente por sua ausência, ou seja, é um presente imaginado de um passado que só pode ser imaginado por sua decadência" (HUYSSEN, 2014). Dessa forma, a silhueta de Mendieta só se mistura à Terra por seu esfacelamento, por render-se às forças da natureza.

Em site-specificity e land art, existe uma relação dialética entre obra e local, uma relação impermanente, uma vez que as obras são "abandonadas" às forças que corroem e recuperam a obra à natureza. Por causa dessa poética da transitoriedade, da efemeridade do trabalho site-specific e land art, normalmente as obras são preservadas através de fotografias, num desejo de estabilizar o transitório, justamente de preservar o que está ameaçado de desaparecer (OWENS, 1980).

Essa aproximação temporal que a arquitetura pode vir a ter com a natureza, com as intempéries, com as plantas, com o solo, conduz Huyssen ao pensamento de Simmel, que traz a ideia de uma reconciliação do espírito com a natureza. Isso se dá num certo momento, no processo de esfacelamento da arquitetura, em que não se sabe mais se ela está retornando à terra ou se está brotando dela, uma vez que esse é o momento de maior aproximação de temporalidades, espacialidades e dos materiais entre si. Nesse momento, é como se as leis do espaço euclidiano pudessem ser rompidas, que leva a um entrelaçamento entre o passado e o presente, entre a natureza, a cultura e a arquitetura, entre a morte e a vida (HUYSSEN, 2014).

Ao fazer suas obras, Ana Mendieta preocupa-se com os movimentos de seu corpo assim como com os materiais a serem usados. Por isso, sua obra tem forte cunho ritualístico. Essa ética em sua produção se assemelha a rituais pré-colombianos da América Central, e parece estar ligada à sua vivência com a Santería, religião existente em Cuba (Latina (s.a.)).

A suposta influência da Santería pode apontar o engajamento mental da artista com sua arte, pode ser um caminho que a artista se propõe a seguir para acessar uma conexão profunda com os materiais, com a Terra enquanto entidade viva. Essa influência pode ser, sobretudo, um caminho para mudar gestos cotidianos, gerando novas acumulações de gestos disruptivos, que dão origem a outros significados alegóricos. Segundo a artista:

> "Minha arte é baseada na crença em uma energia universal que atravessa todo ser e matéria, todo espaço e tempo. Meus trabalhos são os veios de irrigação desse fluido universal. Através deles ascende a seiva ancestral, as crenças originais, as acumulações primordiais, os impulsos inconscientes que animam o mundo." (GALERIE LELONG & CO, 2020)

Com "Siluetas", Mendieta abre caminhos para pensar a presença e a ausência, uma vez que uma silhueta não é um corpo, mas uma imagem que remete a um corpo. Quando a artista usa o sangue como material em suas obras, desperta questões

também sobre a vida e a morte. Assim, trazendo esse tipo de elaboração sobre vida, morte, presença e ausência, a artista evoca um imaginário que está além dos materiais e gestos de sua obra, ela traz à tona o pensamento sobre a ética de uso dos materiais, as relações espirituais entre corpo e matéria, corpo e Terra, assim como a ética acerca do tratamento que damos aos materiais e a nossos próprios corpos, dando importância aos corpos femininos.

Mendieta busca encontrar um estado contínuo e fazer circular a "seiva universal", e seu trabalho abre caminhos para isso. Nesse sentido, e aproximando seu trabalho às noções de ruína, alegoria e de "sites" e "non-sites", Ana Mendieta parece evidenciar uma certa troca entre as superfícies, à medida em que suas obras da série "Siluetas" normalmente não impõem formas à matéria. Através da efemeridade das obras, a artista reúne os materiais de forma a redirecionar seu fluxo para o que está por vir (INGOLD, 2012).

Tim Ingold estabelece uma relação essencial entre materiais e forças, dizendo que todas as coisas são reuniões de fios vitais, são lugares onde vários aconteceres se enlaçam. Ingold também defende que as coisas vazam, elas estão sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas. Para Ingold, a estaticidade da forma, o encerramento da matéria numa forma, num objeto, é a própria morte. Haverá vida somente num mundo em que o céu e a terra se misturam, por isso, deve-se levar em consideração que as coisas têm vida, movimento e agência. As coisas estão num constante caos, ou seja, vivas produzindo agência com o entorno, porque a própria vida recusa-se a ser contida. (INGOLD, 2012)

Segundo Ingold, o trabalho do artista é juntar-se e seguir os fluxos dos materiais, que dão forma ao trabalho. Assim, o trabalho do artista comunga com sua história de vida, necessária para ler indiretamente os fluxos dos materiais (INGOLD, 2012), que podem se parecer com os textos enrustidos nas camadas antigas da terra, como explica Smithson.

Através do trabalho de Mendieta e a ajuda de Smithson, Owens, Huyssen e Ingold, procuramos mostrar alguns caminhos de engajamento e conexão com a Terra, traçados entre o corpo e os materiais. O trabalho da artista, produzido na década de 70, atualiza-se no pensamento Latouriano, especialmente ligado aos conceitos do "coletivo" e do "terrestre", elaborados pelo autor.

Bruno Latour usa a metáfora do coletivo e explica uma suposta crise da objetividade, assim como encontra vínculos de risco entre objetos, o que evidencia uma experimentação de um mundo comum, em uma perspectiva que não faz divisão nítida entre sociedade e natureza. Em "Políticas da Natureza: como associar as ciências à democracia", Latour defende que política e natureza são conceitos que foram polarizados e que são postos um contra o outro: a natureza é comumente usada para fazer abortar a política. (LATOUR, 2018) Assim, Latour busca estabelecer

continuidade entre os conceitos de natureza e sociedade, aproximá-los ao máximo através da metáfora do coletivo para fundamentar sua ideia de ecologia política. O que fica muito bem explicado no texto de Latour é sua determinação de sustentar a ideia de um mundo coletivo, comum, em que fronteiras entre esses conceitos delimitados são esfumaçadas.

O que Latour sustenta é que não é somente a ideia de "natureza" que está sendo repensada, mas que há uma crise sobre a objetividade: a epistemologia e a ontologia sobre todos os objetos, não somente os ditos "naturais", devem ser revisitadas, e é dessa crise que se revela a ecologia política. A ecologia erigida por Latour perturba o ordenamento das classes e dos seres, sem que seja possível estabelecer qualquer hierarquia entre eles. Por isso, é uma ecologia que não defende a natureza enquanto ideia apartada da ideia de sociedade ou de política: é uma ecologia que busca desfazer a política bifocal, a qual coloca a natureza e a política em dois pólos opostos, os quais parecem estar um "contra" o outro. (LATOUR, 2018)

A ecologia política praticamente extingue a ideia de "natureza" enquanto ideia que categoriza seres não humanos, enquanto "corpo inventado para tornar a política impotente" (LATOUR, 2018). Através da dissolução desse conceito, é possível erigir esse mundo de objetos sem risco, que possibilitam outros vínculos entre objetos, ditos "vínculos de risco", cujas consequências dessas relações inesperadas são desconhecidas e podem inclusive perturbar esse sistema experimental. No pensamento latouriano, os objetos têm inúmeros tentáculos, pseudópodos, que se religam de mil maneiras, quebrando fronteiras entre o mundo social e político, da objetividade e da rentabilidade. (LATOUR, 2018)

Bruno Latour também se posiciona sobre o multiculturalismo, defendendo que temos que parar de afirmar que outras culturas têm visões "mais ricas" sobre a natureza do que a visão ocidental. O autor diz que "não há um único livro de ecologia teórica que não venha infamar os brancos por sua miserável objetividade, contrastando com a sabedoria milenar dos "selvagens", que respeitariam e viveriam em harmonia com a natureza." (LATOUR, 2018) O que parece ser negativo nisso seria a ideia de polarização de culturas, de aprisionamento dos brancos no lugar de serem eterna e fatalmente impotentes de colocarem-se numa posição horizontal, igualitária e de continuidade com a natureza. A ecologia política procura erigir essa continuidade baseando-se na filosofia, em formas de nos juntarmos através de unidades universais, como átomos, partículas, fótons, genes, etc, que todos compartilhamos, e que, portanto, nos mantém reunidos.

Para o autor, é evidente que estamos todos num trabalho conjunto de reunião, de nos tornarmos a mesma terra e, por isso, parece justo termos respeito com outras formas de entender o mundo, sem colocar a Ciência como uma única verdade, como se ela fosse a única que erige conhecimentos e certezas, enquanto outras narrativas apenas acreditam, apenas crêem em mitos que não são bem fundamentados. Esse

também parece ser um problema do multiculturalismo, que separa as culturas, as narrativas sobre o mundo, tornando possíveis hierarquizações. Latour parece buscar por pontos comuns e fundamentais, com os quais seja possível fazer mais associações entre humanos e não humanos.

Assim, os pontos iniciais de nosso artigo estão em consonância com o pensamento de Latour, desde a reflexão sobre a "violência tectônica" (Cançado) incutida na história dos materiais manipulados pela humanidade, incluindo a "crise ecológica" (Guattari), a "crise climática" (Crist), até a necessidade de estabelecer uma integração mais profunda entre humanos e não-humanos (Crist). No presente artigo, oferecemos uma leitura estética, que atravessou o campo da arte e da teoria para estabelecer a ideia de que é possível, necessário e inclusive muito enriquecedor provarmos outros vínculos com o mundo mais que humano, e a arte é uma grande potência que encontra meios para fazer isso.

REFERÊNCIAS

https://www.anamendietaartist.com/ Acesso em fev. 2024.

ART FORUM (Nova Iorque). **A Sedimentation of the mind: Earth Proposals.** Disponível em: https://www.artforum.com/features/a-sedimentation-of-the-mind-earth-proposals-211045/. Acesso em: 16 jan. 2024.

CANÇADO, Wellington. Desconstrução civil. **PISEAGRAMA,** Belo Horizonte, n. 10, p. 102-111, mai. 2017.

CRIST, Eileen (org.). O Mal estar do Antropoceno: rumo ao Chtuluceno?: a pobreza da nossa nomenclatura. In: MOORE, Jason W. (org.). **Antropoceno ou Capitaloceno?:** natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022. Cap. 1. p. 35-58.

GALERIE LELONG & CO (Nova Iorque). Galerie Lelong & Co In Collaboration With P·p·o·w. **IRRIGATION VEINS: ANA MENDIETA AND CAROLEE SCHNEEMANN SELECTED WORKS 1966 – 1983**. 2020. Disponível em: https://www.galerielelong.com/exhibitions/irrigation-veins-ana-mendieta-and-carolee-schneemann-selected-works-1966-1983/selected-works?view=slider#7. Acesso em: 15 jan. 2024.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HUYSSEN, Andreas. Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto. (2014).

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). *http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832012000100002*. Disponível em: *https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4886677/mod_resource/content/1/Ingold_Trazendo_as-coisas-para-a-vida.pdf*. Acesso em: 03 fev. 2024.

LATINA, C& América. **Ana Mendieta.** s.a.. Disponível em: *https://amlatina.contemporaryand.com/pt/people/ana-mendieta/*. Acesso em: 05 fev. 2024.

LATOUR, Bruno. **Políticas da Natureza: como associar a ciência à democracia.** / Bruno Latour; traduzido por Carlos Aurélio Mota de Souza. São Paulo, Editora Unesp Digital, 2018.

MOMA (Manhattan). **Ana Mendieta: Nile Born. 1984.** 2024. Disponível em: *https://www.moma.org/audio/playlist/309/4097*. Acesso em: 10 jan. 2024.

OWENS, Craig. The Allegorical Impulse: towards a theory of post modernism. Jstor, The Mit Press, v. 12, n. 0, p. 1-12, out. 1980. Disponível em: *https://www.jstor.org/stable/778575?origin=crossref*. Acesso em: 12 dez. 2023.

PAULO, Hilda de; FREITAS, Maíra; LABRA, Daniela. Fronteira-morada como lugar entre poesia e retórica. In: TERRA ABRECAMINHOS, 1, SESC Pompeia, São Paulo. Exposição. 2023

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. **Cadernos ProArq,** Rio de Janeiro, v. 18, p. 2-16, 2012.

R46

THE EVERYDAY EXPERIENCE OF BREXIT IN THE MEDIA AMBIANCE OR WHEN THE PUBLIC SPHERE BECOMES UNBEARABLE

A EXPERIÊNCIA COTIDIANA DO BREXIT NO AMBIENTE DOS MEDIA OU QUANDO A ESFERA PÚBLICA SE TORNA INSUPORTÁVEL

Paulo Gajanigo
Professor Doutor
Universidade Federal Fluminense
paulogajanigo@id.uff.br

ABSTRACT

This study examines reports collected by "The Mass Observation Project" concerning Great Britain's exit from the European Union (Brexit). The objective is to analyse how this public event was experienced in everyday life, particularly in relation to the interaction between individuals and media devices. The analysis focuses on the reconfiguration of the public sphere with the advent of radio, which significantly altered the experience of the public domain. From a phenomenological perspective, public debate has become more atmospheric, taking place within an affective environment that establishes moods and engages individuals through attunement. This atmospheric condition blurs the boundaries between private life and public space. Reports on Brexit are viewed as records of this atmospheric presence of public affairs in everyday life, highlighting how constant media exposure shaped daily experiences and produced feelings characterised by irritation.

KEYWORDS: atmosphere. Brexit. Media. Mass Observation. Public Sphere

RESUMO

Este estudo examina os relatos coletados pelo "The Mass Observation Project" sobre a vivência do período de saída da Grã-Bretanha da União Europeia (Brexit). O objetivo é analisar como esse evento público foi vivido no cotidiano, em especial, a partir da relação que se estabeleceu entre os sujeitos e os dispositivos dos meios de comunicação social. A análise foca na reconfiguração da esfera pública com o surgimento do rádio, que alterou significativamente a experiência do que é público. Fenomenologicamente, o debate público tornou-se mais atmosférico, ocorrendo em um ambiente afetivo que estabelece humores e envolve os sujeitos pela sintonização. Essa condição atmosférica borra os limites entre vida privada e espaço público. Os relatos do Brexit são vistos como registros dessa presença atmosférica dos assuntos públicos no cotidiano, evidenciando como a constante exposição midiática moldou a experiência diária e produziu sentimentos marcados pela irritação.

PALAVRAS-CHAVE: atmosfera. Brexit. Meios de comunicação. Mass Observation. Esfera pública

1. INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, examina-se os relatos coletados pelo "The Mass Observation Project" sobre a vivência do período de saída da Grã-Bretanha da União Europeia (2016 a 2020[1]). O longo e incerto processo do *Brexit* foi registrado por pessoas comuns vivendo no Reino Unido em relatos escritos, expondo como o contato com esse processo público se fazia presente no cotidiano envolto pelos aparatos midiáticos. Para esta comunicação, recortou-se trechos dos relatos colhidos no que ficou conhecido como "Brexit day" (20 de março de 2019) – o dia que havia sido definido como o prazo para a saída da União Europeia. Com esse recorte, busca-se evidenciar estratégias no cotidiano de produção de presença e ausência desse processo público, em especial, a incessante ação de sintonização e dessintonização às estações de rádio, televisão e de acessos à internet.

Para analisar esses relatos, abandona-se a usual separação entre esfera pública e privada. Uma separação nítida entre essas esferas nos impede de ver como os assuntos públicos têm presença na vida cotidiana. Em consequência, faz-se uso de uma concepção de esfera pública que não está centrada na ideia de racionalidade discursiva tal como proposta por Habermas (1989), e sim de uma perspectiva que busca incorporar os afetos e sentimentos na dinâmica da construção do comum. Usa-se o conceito de "atmosfera pública" (Gajanigo, 2023) para realçar essa dinâmica, já que, ao trazer a contribuição do conceito de atmosfera da neofenomenologia (Schmitz et al., 2011; Griffero, 2017), aspectos como fluidez, nebulosidade e afetividade se destacam.

Outro ponto que deve ser indicado antes de iniciar a análise se refere à "infraestrutura" da atmosfera pública. Os media são elementos centrais para compreender as dinâmicas da esfera pública. O jornal impresso, na origem da Esfera Pública Burguesa (Habermas, 1989), teve o papel de endereçamento da comunicação para um público, para além de comunicações privadas. Entender a presença de assuntos públicos no cotidiano passa por olhar o cenário atual dos aparatos mediáticos presentes no cotidiano e como eles, em relação com os sujeitos, estabelecem dinâmicas, limites e possibilidades de experiências do que é público. Propõem-se, então, que os sentimentos e humores (*mood*) em relação a assuntos públicos não estão desvinculados do próprio cenário tecnológico presente no cotidiano (Gajanigo, 2024).

---

1 O Mass Observation Project é a retomada, desde 1981, do projeto iniciado em 1937 com o objetivo de ser um "barômetro" da vida social britânica (Sheridan, 1993). Seu intento envolvia a coleção de registros feitos por pessoas não treinadas, numa espécie de "contra esfera pública" (Highmore, 2023, p. 8) no qual os sentimentos eram um elemento destacado para se ter compreensão de como se dava a vida cotidiana. Logo se consolidou um formato de envio de orientações (diretivas), aos observadores voluntários cadastrados, para que registrassem certos aspectos, eventos e rotinas de suas vidas e daquilo que poderiam observar. No caso aqui trabalhado, desde o Referendo da UE, o Mass Observation pediu três vezes diários às suas centenas de colaboradores no Reino Unido. A sua diretiva da Primavera de 2016 questionava sobre o Referendo. Na diretriz de verão de 2017, perguntaram sobre as expectativas e o impacto da campanha e dos resultados na vida social. A diretiva da Primavera de 2019 foi no dia do Brexit, o dia 29 de março que foi programado como o dia limite para sair da União Europeia. O Projeto solicitou uma descrição daquele dia como um diário.

2. O RÁDIO E A VIRADA ATMOSFÉRICA DA ESFERA PÚBLICA

É comum tratarmos a esfera pública com características atmosféricas. Podemos dizer que a conjuntura está quente, que há um clima de incerteza, de esperança, de medo na esfera pública. Mas pouco se tem escrito sobre seu caráter atmosférico. A esfera pública, aquela burguesa da qual tratou Habermas, teria surgido num contexto socio-histórico muito particular. Um espaço de debates entre "iguais" e propulsor de racionalidade discursiva. Em geral, Habermas tratou a esfera pública em convivência com os medias como um espaço decadente em relação a essa racionalidade.

Mesmo na sua forma burguesa, a esfera pública pode ser analisada por sua atmosfera. Como indicará Nancy Fraser, o ambiente fora o dos cafés, frequentados por homens burgueses, leitores dos jornais. Uma esfera pública ancorada em formas espaciais bem definidas. A proliferação do rádio como meio de comunicação significou uma alteração significativa em vários aspectos. Para a teoria crítica de Habermas, foi o avanço dos interesses particulares e da emocão no debate público. Aqui chamo atenção para uma mudança fenomênica. Progressivamente, há uma mudança na ancoragem da esfera pública, ela não só "tem" atmosfera como sua presença vai tomando forma atmosférica. "The most important distinguishing feature of auditory experience [is]...its capacity to disintegrate and reconfigure space. With the development of radio in the early twentieth century, this effect was intensified" (Connor, 1997, p. 207).

O advento do rádio significou uma mudança no eixo de experiência da esfera pública, da experiência visual dos jornais impressos para a auditiva, como é indicado por Susan Douglas. O que teria dado maior vivacidade aos acontecimentos distantes, que ganharam um caráter de simultaneidade, e propiciavam um maior engajamento emocional. Considero o rádio o primeiro "dispositivo de humor social" (*mood device*). Douglas afirma que: "Even today, in the age of TV and the Internet, Americans have learned to turn to radio to alter or sustain particular emotional states" (1999, p. 8)

O rádio, portanto, é um dispositivo tecnológico fundamental para a configuração de uma "atmosfera pública" (Gajanigo, 2023). A consolidação de um sistema nacional de rádio formatou a experiência de uma nação que "respira" o mesmo ar. Ao sintonizar uma estação de rádio tem-se a experiência de acesso a um ambiente não presencial que está para além das perspectivas individuais. Como trata Tonino Griffero (2017, p. 55), atmosfera é uma *quasi-coisa*, é sentida sem ser localizada. Esta mudança produziu uma esfera pública onde a emocionalidade ganhou protagonismo. No âmbito fenomenológico, é possível dizer que, cada vez mais, a experiência do debate público se torna atmosférica, ou seja, se dá pelo acesso a certo ambiente afetivo, no sentido dado por Ben Anderson, que estabelece humores (*Stimmung*) e envolve os sujeitos pela sintonização (*attunement*). Tal condição atmosférica borra os limites entre vida privada e espaço público.

3. A PRESENÇA DO BREXIT NA VIDA COTIDIANA

A ecologia *tecnol*ógica da atmosfera pública hoje se complexificou significativamente. Se os meios de comunicação da esfera pública, até o meio de século passado, se centravam em poucos dispositivos, como o rádio, o jornal impresso e a comunicação verbal presencial, neste século, os sujeitos buscam e são atingidos por mensagens por diversos meios além dos citados: portais digitais de notícias, redes sociais digitais, televisão, *podcasts*, etc. O Brexit foi vivido com esse arranjo social de tecnologias de comunicação.

A marca da experiência do Brexit foi a de um evento longo e incerto. Para esta comunicação, destaco, especialmente, relatos que tratam do dia que pretensamente marcaria a saída do Reino Unido da UE. Os proponentes da diretiva já suspeitavam de um atraso e insistiram que os colaboradores deveriam escrever o diário de qualquer maneira. Esta situação criou um material interessante. Geralmente, os colaboradores tinham que abordar o dia considerando o atraso. Como um colaborador disse: "There is little to say about this as it was something of a non-event"[2]. Através de um diário de um não-evento, suspeito que esta demanda aparentemente estranha criou uma descrição consistente de um aspecto relevante do fenômeno Brexit na vida cotidiana – a sua presença ausente. A mesma pessoa disse: "I am afraid we ignored Brexit that day as the issue has become so confused, it seems even the politicians have no idea what to do next". As observações no dia sem evento fazem-nos ver não só como o Brexit não conseguiu estar presente naquele dia, mas também a tentativa constante de evitar notícias ou discussões sobre o Brexit nesse dia. Para muitos, o dia sem a efetivação do Brexit não foi um dia sem Brexit, mas sim um dia em que toda a sua ausência como processo teve uma forte presença. As pessoas evitaram ativamente o assunto Brexit. Uma enfermeira escreveu: "I have to confess, I didn't really watch television today, just to avoid the news coverage"[3]. Ou um bibliotecário disse que ele "actively not watch[ed] the news."[4]

Os diários registraram as estratégias para evitar um clima contagioso do Brexit na vida cotidiana. Principalmente, foram estratégias de gerenciamento de dispositivos eletrônicos como rádios, televisões, *smartphones* e *tablets*. Estar sintonizado em uma estação de rádio é negociar o humor. Normalmente conhecemos o clima de determinada estação de rádio em um determinado horário. O ritmo da emissora, a música ambiente, o tipo de notícia que é narrada, tudo isso são fatores de humor. Cada dispositivo ou aplicativo também possui um tipo de clima. É possível dizer que o Facebook tem humor, ou o Instagram, e assim por diante.

A Sky News lançou à época um canal "dedicado a notícias sem Brexit". Eles afirmaram que "Um estudo divulgado neste verão descobriu que um terço das pessoas está

2 Mass Observation Archive (University of Sussex): Replies to Spring 2019 directive [F1644].

3 Mass Observation Archive (University of Sussex): Replies to Spring 2019 directive [K4722].

4 Mass Observation Archive (University of Sussex): Replies to Spring 2019 directive [R5682].

evitando totalmente as notícias. Mais de 70% deles culparam o Brexit, dizendo que estavam demasiado frustrados com o debate político que o rodeava. Quase 60% disseram que as notícias estavam a ter um impacto negativo no seu humor e 40% sentiram-se impotentes para influenciar os acontecimentos".

Esta atitude de evitação desafia a nossa necessidade contemporânea de estar sincronizado com as notícias. Uma rápida olhada nas notícias ao acordar ou fazer *login* no Facebook para ver se há algum sinal de mudança de humor são formas de se atualizar mesmo que o desliguemos muito rapidamente. Um funcionário público aposentado descreveu sua tentativa de se atualizar:

> It was a fine morning in Yorkshire and I had a cup of tea with my sister and her husband in their garden. We talked about the family and, unusually for us, didn't mention politics once. A chiff-chaff sang in the tree above us and talk of Brexit would only have spoiled the mood. That said, I kept a discreet eye on the BBC website and was relieved to see that May's deal was heading for another defeat.[5]

Este funcionário aposentado negociou duas necessidades. Uma delas é ser atualizado sobre o Brexit. A outra é manter, ou pelo menos não estragar tudo, a zona livre do Brexit. Dispositivos ubíquos, como smartphones, são bons para lidar com essa dupla tarefa. Eles podem ficar quietos e ser mais gerenciáveis na forma como mostram as notícias. Se compararmos o rádio e a Televisão com o *smartphone* e o computador, é possível dizer que o fluxo unidirecional dos primeiros torna mais simples o gerenciamento do humor – basicamente significa mudar de estação ou canal. A Internet, e particularmente as redes sociais, são mais complexas. Embora sejam oferecidos mais botões e filtros, a antecipação do conteúdo é mais difícil. Você pode rolar seu feed de notícias em busca de um evento de festa ou gatinhos e de repente entrar em contato com algumas notícias indesejadas do Brexit. Esses dispositivos, ao mesmo tempo que fornecem mais ferramentas para nos proteger de discussões e humores indesejados, tornam onipresente a ameaça de uma mudança de humor por atender a diferentes demandas da vida cotidiana.

Muitos optaram por desligar todos os dispositivos para evitar assunto Brexit. "We switch the TV on for the News or for 'BBC Breakfast', but if anything comes up about Brexit, or the little flag at the top of the screen says 'Westminster', we either switch off, or press 'mute' until the weather or the local news comes up"[6]. Outro colaborador detalhou um comportamento bastante semelhante:

---

5 Mass Observation Archive (University of Sussex): Replies to Spring 2019 directive [H6004].

6 Mass Observation Archive (University of Sussex): Replies to Spring 2019 directive [P1326].

22.00 - Completely tired, fed up and exhausted, I decide to call it a night and settle down for bed.

Unusually, I take a decision to turn off my phone and iPad overnight, specifically so I don't receive news allerts, I have heard enough today,

Evening routine otherwise as usual: drinking tea, planning what to do tomorrow, taking essential medications"

23.00 - As much as March 29th panned out as I expected (I voted to Remain and although felt that the result of the referendum needed to be adhered to, we would not actually leave on the planned date).

- I am trying desperately to sleep, which I struggle with anyway - tonight seems even more challenging. Try as I might, I cannot get Brexit and the thought of its still ongoing challenges out of my head.[7]

4. O INSUPORTÁVEL PÚBLICO

Acompanho a proposta de Rebecca Coleman (2018) em considerar o conjunto de dispostivos tecnológicos em nosso cotidiano como uma infraestrutura de sentimentos. Se inspirando no conceito de Raymond Williams de "estrutura de sentimentos", Coleman propõe tomar essas infraestruturas da experiência cotidiano na chave afetiva, como moduladora dos engajamentos afetivos dos sujeitos.

Em tom ensaístico, indico que a forma como tem se dado esse arranjo tecnológico da atmosfera pública em nosso cotidiano tem promovido uma infraestrutura de sentimentos marcada pela irritação. O Brexit como evento cotidiano é um caso emblemático, mas acredito que possamos ver algo bastante semelhante na experiência cotidiana da Pandemia da Covid-19. Sianne Ngai, que propôs cotidianizar e popularizar as categorias estéticas, trata da irritação como humor contemporâneo advindo de uma condição de confusão. Ngai acredita que esta confusão é estabelecida por "indistinctness if not absence of object [of feeling]" (2005, p. 22). No caso do Brexit, a confusão e impossibilidade de localizar um objeto do sentimento foi experiência recorrente. Como indico acima, o Brexit é sentido como um objeto ausente, com a sua presença nebulosa. Então, são sentimentos de "situations marked by blocked or thwarted action". (2005, p. 27)

No entanto, o que quero destacar é que as características específicas do processo público do Brexit não são suficientes para entender o clima estabelecido na esfera pública. É na orquestração entre o Brexit e o conjunto dos aparatos de comunicação na vida cotidiana que os humores e climas vão se constituindo.

---

7 Mass Observation Archive (University of Sussex): Replies to Spring 2019 directive [W5345].

É possível dizer que o clima de exaustão e apreensão do Brexit é construído através da mídia, mas não de forma passiva, ou não apenas pela mídia. No Brexit, evitar os meios de comunicação é uma experiência de sentimento de exaustão (ligar e desligar o rádio ou percorrer o feed de notícias são experiências partilhadas e sentimentais construtivas). Essa repetição de espera por notícias e posterior compreensão da situação estática é a emulação de um clima de irritação permanente. A posição de atualização contemporânea torna-se estressante.

Benedict Anderson (1991) afirma que a leitura habitual de jornais como cerimônia de massa foi decisiva para a criação da ideia nacional de comunidade. Isto criou a ideia de um "nós", os leitores de jornais como nação. Wendy Chun sugere que os novos meios de comunicação não criam um "nós" como fizeram os jornais, a rádio ou a televisão. As novas mídias são construídas numa relação 'VOCÊ – VOCÊ'. "This YOU, produced through the act of mapping, is modulated temporally via asynchronous habits and crises, rather than mass ceremonies." (2017, p. 27). Para Chun, a existência de um 'nós' tende a implodir a rede social. "In a network, when a 'we' of mass simultaneous action happen, the network can crash: from multiple simultaneous hits on a website to synchronous and overwhelming electricity demand, from popular fakesters to flashmobs, the communal (both technical and nontechnical) can bring down networks.". (2017, p. 28). Com os novos meios de comunicação, o clima nacional é reconfigurado. Por um lado, o aspecto "nós" de um clima nacional (o impulso dramático da campanha do referendo ou os atrasos do Brexit) é vivido como um elemento perturbador da relação VOCÊ-VOCÊ, onde "nós" é um ruído que permeia a vida cotidiana.

O canal de TV Brexit free news poderia ser visto, então, como uma tentativa precária de lidar com essa irritação por parte de um tipo de tecnologia mais ligada a "nós" do que a VOCÊ-VOCÊ. As tecnologias de "nós" como o rádio e a TV parecem causar mais irritação do que as novas mídias, nesse caso, exatamente porque nos expomos mais à existência do "nós" do clima nacional, um ritmo e conteúdo não controlados por nós. Se isto faz sentido, a irritação do Brexit é também um drama da radicalização da irritação sobre um "nós" nacional, intensificando a reorganização da forma como gerimos os nossos dispositivos.

5. CONCLUSÃO

O foco sobre o atmosférico desafia não somente as separações entre as esferas mas, mais fundamentalmente, a separação entre sujeito e objeto. Para Hermann Schimitz, não há separação evidente entre amtosferas e emoções. Como ele afirma: "emoções são atmosferas derramadas espacialmente que movem o corpo (Lieb)." (Schmitz et al., 2011, p. 247). Para esta perspectiva, as existências do ambiente, da atmosfera e do clima (*mood*) não podem ser localizadas em um dos polos (sujeito-objeto), não são nem um pano de fundo no qual o sujeito, com seu repertório sentimental, reage e nem são uma força invasora que é reproduzida no nível individual como um sentimento.

Aqui pode nos auxiliar a noção da Teoria Ator-Rede de associação (Latour, 2012). Os sentimentos (que estão sempre para além do corpo físico do sujeito) são associações entre o cenário, as ações e os aparatos da situação. Por mais difícil que seja entender a composição dessa orquestração, ela nunca pode ser reduzida a um desses elementos.

Tendo isso em mente, proponho que se pense o que se considerou o clima do Brexit tendo em mente orquestrações entre esses elementos. No caso de um clima nacional, as ações e dinâmicas da política não geram um clima isolado de como esses eventos vão se fazendo presente no cotidiano. Nem podem ser isolados dos meios que produzem essa presença do assunto público no cotidiano – toda a ecologia tecnológica do cotidiano contemporâneo.

Ensaisticamente, se propõe aqui que a tônica de irritação do clima do Brexit seja entendida como uma orquestração entre confusão provocada pelos acontecimentos políticos e uma conformação dos media marcada por uma tensão entre meios com audiência ("nós") e os meios com característica VOCÊ-VOCÊ.

Um desdobramento possível dessa reflexão é de que certo meio de comunicação não tem efeitos específicos independente do contexto tecnológico e da conformação tecnológica cotidiana. O rádio, como um exemplo aqui, pode ser muito mais perturbador na coexistência com outros meios de comunicação no contexto de drama nacional. Em outras situações, pode oferecer um alívio ao sujeito ao demandar poucas ações de escolha sobre que ambientação sonora se quer em comparação com o que exige um aplicativo de músicas e podcasts.

6. BIBLIOGRAFIA

Anderson, B (2014). Encountering affect: Capacities, apparatuses, conditions. Ashgate.

Anderson, B. (1991). Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. Verso.

Chun, WHK (2017). Updating to Remain the Same: Habitual New Media. MIT Press.

Coleman, R. (2018). Theorizing the present: Digital media, pre-emergence and infra-structures of feeling. *Cultural Studies, 32*(4), 600–622. https://doi.org/10.1080/09502386.2017.1413121

Connor, S (1997). The Modern Auditory I. Em R. Porter (Ed.), Rewriting the Self: Histories from the Renaissance to the Present (203-223), Routledge.

Douglas, S (1999). Listening In: Radio and the American Imagination. Times Books.

Gajanigo, P (2023). The Mood for Democracy in Brazil: Controlling the Public Atmosphere during the Transitional Period 1974 – 1985. *Art Style, Art & Culture International Magazine*, 11 (11), 41-57, DOI: 10.5281/zenodo.7647589

Gajanigo, P (2024). Estrutura de sentimentos, Stimmung e atmosfera: uma proposta de sistematização do emergente Mood Studies. Sociologias, 26 (63), p. e-soc122908.

Griffero, T (2017). Quasi-Things: The paradigm of atmospheres. Suny Press.

Habermas, J (1989). The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society. MIT Press.

Highmore, B (2023). 'The observation by everyone pf everyone': the project of Mass-Observation in 1937. Em J Purcell (Ed.), Mass-Observation: text, context and analysis of the pioneering pamphlet and movement. Bloomsbury.

Latour, B (2012). Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Edufba/Edusc.

Ngai, S (2005). Ugly Feelings. Harvard University Press.

Schmitz, H, Müllan, R, e Slaby, J (2011). Emotions outside the box: the new phenomenology of feeling and corporeality. Phenomenology and the cognitive sciences, 10 (2), 241-259.

Sheridan, D (1993). Writing to the Archive: Mass-Observation as Autobiography. *Sociology, 27*(1), 27–40. https://doi.org/10.1177/003803859302700104

Sky News. (2019, 16 de outubro). Sky News Brexit-Free: New pop-up channel launched. https://news.sky.com/story/sky-news-brexit-free-new-pop-up-channel-to-launch-tomorrow-at-5pm-11835610

R46

AFFECTIVE ATMOSPHERES IN VULNERABLE ENVIRONMENTS

ATMOSFERAS AFETIVAS EM AMBIENTES VULNERÁVEIS

Cybelle Salvador Miranda
Doctor in Anthropology
Professor at Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/
Universidade Federal do Pará
cybelle1974@hotmail.com

ABSTRACT

Throughout our stay in healthcare environments during research in the Brazilian Amazon's hospitals, the use of ethnographic strategies guided our look at the spaces in conditions of vulnerability of individuals. In these picturesque contexts, textures emerge as markers of sympathy with built spaces and the passage of time. How the atmospheric conditions of cloudy skies and rain shape the perceptions of interior environments? a state of contained melancholy, in which the walls of the building sympathize with the pain, losses and afflictions of those who live there. Considering the diversity of aspects in the ambiances of the hospitals of Santa Casa de Misericórdia do Pará, Manaus and Maranhão, it is worth questioning the criteria for intervention in pre-existences that excel in the value of novelty and completeness. This article proposes unveil the elements that connect beings and things in sympathy, in a moment of vulnerability, challenging the conventional methods and precepts that guide interventions in built space.

KEYWORDS: Health environments. Ethnography. Sympathy. Vulnerability, Amazon.

RESUMO

Ao longo de nossa permanência em ambientes de saúde durante as pesquisas em hospitais na Amazônia brasileira, o recurso às estratégias etnográficas guiou nosso olhar para as ambiências interiores em condições de vulnerabilidade dos sujeitos. Nestes contextos pitorescos, as texturas emergem enquanto marcadores de simpatia com os espaços construídos e a passagem do tempo. Como as condições atmosféricas de céu nublado e chuva conformam as percepções de ambientes fechados: um estado de melancolia contida, em que as paredes do edifício se solidarizam com as dores, perdas e aflições daqueles que lá convivem ? Considerando a diversidade de aparências nas ambiências dos hospitais da Santa Casa de Misericórdia do Pará, de Manaus e do Maranhão, cabe pôr em questão os critérios de intervenção em preexistências que primam pelo valor de novidade e de completude. Este artigo propõe revelar os elementos que conectam os seres e coisas em simpatia, num momento de vulnerabilidade, desafiando os métodos e preceitos convencionais que balizam as intervenções no espaço construído.

PALAVRAS-CHAVE: ambientes de saúde. etnografia. simpatia. vulnerabilidade. Amazônia.

1. ARCHITECTURAL AMBIANCES IN NORTHERN BRAZIL MERCIES

The researcher experienced the ethnographic incursions into healthcare environments as moments of discovery of ambiances, in which our sensitivity was heightened by the vulnerability of material conditions and subjects. To be present in places is an epistemological requirement, since 'being there' is a condition for living and narrating the experiences and sensations captured by the senses affected by materiality. Thus, the phenomenology of perception "focuses on this lived experience, transcending the duality between the physical and the psychic and bringing the understanding of the body as a mediator of the world" (Duarte *et al,* 2022, p. 37).

The act of looking implies the reciprocity of being looked at by people and things, in a reflexivity in which, as Didi-Huberman (1998) tells us, things create a bond in us, and interactions modify our way of being and thinking. Strolling through the corridors of old hospitals, with their large wooden windows, revealing views of unbuilt areas, allowing a glimpse of the sky, I lived the experience of affecting and being affected by details: cemented floors, decorated tile coverings, slightly faded paintings , slime smell and color on the exterior walls. In such environments, shapes and textures emerge as markers of sympathy and denote the passage of time.

As Spuybroek (2016) comments, the picturesque is a way of packaging things in an entry and exit movement, in which the object is dominated by time, which reflects its condition of vulnerability and fragility, and gains human sympathy. How the atmospheric conditions of cloudy skies and rain shape the perceptions of closed environments: a state of contained melancholy, in which the walls of the building sympathize with the pain, losses and afflictions of those who live there. Given the diversity of aspects in the ambiances of the hospitals of Santa Casa de Misericórdia do Pará, Manaus and Maranhão, it is worth calling into question the criteria for intervention in pre-existences that excel in the value of novelty and completeness. These ways of working disregard the expressed sympathy between the architectural object and the subjects, the deeply rooted engagement between things, and us, which transcends the issue of taste.

However, the aesthetic sense concerns the feelings we have towards things, and sympathy indicates the deep engagement between them and us (Spuybroek, 2016). Thus, sympathy is more linked to feeling than to thought, recognizing a mental and bodily reciprocity between objects and us.

The assistance architecture outlined by the buildings constructed by the brotherhoods of mercy in Brazilian territory was based, in the 19th and 20th centuries, on the construction of buildings suitable for the purpose of health care. Currently, the Mercies hospitals in Pará and Maranhão remain, with the exemplary in Manaus partially demolished, and without a defined function.

The Santa Casa de Misericórdia do Pará (SCM) hospital is a pavilion complex opened in 1900, using hygienist precepts including its location, situated on dry and high ground, far from the pioneering nucleus of the city of Belém.

According to Miranda *et al* (2015, p. 10) "it is noteworthy that traditional hospitals occupied a valued area, while sanatoriums designed to treat contagious patients were located far from the initial nucleus". In the case of Belém, the Charity hospital was initially located in the Cidade Velha neighborhood, in the pioneering nucleus of the city, being transferred to the new address at the beginning of the 20th century.

As for the hospital in Manaus, capital of the state of Amazonas, it was inaugurated in 1878, starting service in 1880. The building was a single-story building, built in masonry, with a wooden roof and ceramic tile covering, wooden windows with stonework jambs, main access door in wood with threshold and surround in lioz stone. The simple lines with colonial features were, throughout the renovations, replaced by elements characteristic of imperial classicism in the design of the door and window in full arc, demarcated in stone. Despite being a hospital built in the second half of the 19th century, the original typology was cloistered (Silva, 2021). During renovations in the first decades of the 20th century, some pavilion structures were added, and the green spaces located in the intervals between the buildings were landscapedly designed.

However, one of the most significant points of these interventions focused on the replacement of wooden floors by cemented floors covered with hydraulic tiles, which have become hallmarks of these buildings to this day. Thus, in the ruins of the Hospital da Santa Casa de Manaus, it was detected that the presence of different coating patterns consists of heritage assets integrated into the building (Silva and Miranda, 2021).

The Santa Casa do Maranhão hospital was also built on land located in the oldest area of the city of São Luís. It was opened in 1814, being expanded during the 19th century. Like its counterpart in Manaus, it remains a civil association, without being directly managed by the State, as happened with the Fundação Santa Casa do Pará, in 1990.

Having made these brief descriptions, let's move on to the experiences undertaken in the architectural places of Mercies in the Brazilian North, considering for this purpose the notion of the body expanded by the senses, in which walking allows new worlds to be opened for the researcher, by crossing the thresholds that demarcate the limit between the spaces of the street and the hospital.

2. UNCOVERING AMBIENCES IN OLD HOSPITALS

On a rainy day, I had my first contact with the Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Maranhão. It was in January 2019, when intense rains mark the Amazon winter. Also in a moment of rain, I once again entered the pavilion complex of SCM of Pará, for the beginning of the research, in 2022[1].

However, what a difference in sensation when entering the two hospitals: while at SCM in Maranhão I was sheltered by a wide doorway topped with iron railings, and, inside, a tiled floor decorated with the colors and star of the Maranhão state's flag, whose waiting chairs contrast with the dark wood covering forming a bench that extends into the high bar on the walls, at SCM of Pará, access takes place in a rectangle with a low ceiling, gray floor and walls in cream tones , whose white light attacks the eyes of users who enter the space.

The presence of both buildings is striking in the landscape, however, in SCM of Pará the entrance takes place via a secondary road, whose timid sign indicates the accesses for employees and users, in which you enter without any ceremony, on the ground floor. The lobby has few seats, which is the reason why many users wait for their appointments sitting in the tree beds on the street (Figures 1, 2).

Figure 1. Mosaic on the SCM of Maranhão access threshold.
Source: Cybelle Miranda (2019).

In São Luis, despite the narrow street, as soon as I approached, I identified the wide white facade, covered in tiles, which, according to a metal plaque posted next to the entrance, were introduced during renovations in the 70s of the 20th century.

The movement of patients was small, compared to SCM of Pará; an umbrella seller came to offer them to those waiting for service. The entry threshold offers no barriers. I immediately noticed, on the sides, two wooden benches set into the walls, whose backs resemble those in churches. Iron grid flags fill the pointed arch-shaped space, and, after the balcony, a 3-flight staircase adds monumentality to the space.

Access to indoor environments in rainy weather also proved to be a differentiator: while in Belém, with the torrential rain, we decided to cross the uncovered area with the protection of umbrellas, and entered a covered, dark corridor, with an uneven

1 Research Hospital architecture: paradigms for sustainability and humanization in contemporary post-pandemic times, financed by CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – UNIVERSAL CALL.

floor and insufficient signage, which gives access to the endless corridors of the Hospital's basement (Figure 2).

Figura 2. Indoor-outdoor thresholds reveal accessibility deficiencies.
Source: Cybelle Miranda; Ronaldo Marques de Carvalho (2023; 2022).

At SCM in Maranhão, the corridors are all internal, facilitating access for users, without the inconvenience of getting wet, as well as the centralized positioning of the waiting hall and the main staircase helps guide those traveling through the hospital. Despite the recommendations of the Health Surveillance, the wooden plank floor and the exposed roof woodwork, without covering, still remain in the hallway leading to the chapel.

From this corridor, through windows in poor condition, you can see the internal courtyard and the unpainted walls of the later infirmaries. The air of abandonment and melancholy prevails. The beautiful volume adorned by bosses and pointed arches corresponds to the stairway, with lighting is provided by colored stained glass windows. In the corridors, different designs of hydraulic tiles alternate, in black and white or burgundy and white, probably from the 40s of the 20th century.

At SCM of Pará, when walking through the closed corridors, stained glass windows with images of saints, colored glass flags, shutters, wooden doors and windows, marble window sills appear, some natives greet us, but no one cares about what we are looking for, in the continuous come and go between service sectors, construction and health care sectors (Figure 3).

Figure 3. Windows and paviments in SCM of Maranhão (left) and SCM of Pará (right).
Source: Cybelle Miranda (2019, 2023).

The hospital sectors are paved with hydraulic tiles with different motifs, those in Maranhão being in darker and more neutral colors, with geometric designs, while in Pará, *Art Nouveau* style designs predominate, with a light background and varied color tones.

3. SPATIAL SYMPATHY MARKERS AND DESIGN REQUIREMENTS

The poetics of space, by Gaston Bachelard (1996) leads us through sensorial and sentimental appreciations in which space is integrant to the ontology of being. Phenomenology is guided by the brevity of the image itself.

Ambiences are, then, understood as the expressions of micro events that emerge from the dynamic interactions between the subject's sensitivity and their context, what Paxinou calls emerging ambiances (Paxinou, 2017). Ambience is the transparent connection between the designed space and the living being, which encourages

innovations in architectural design through the activation of events, whether unexpected or those expressed in everyday interactions.

Bearing in mind our object, architectural pre-existences, it is considered that there are forms and elements present in older buildings that affect their users with multi-sensory requests, which encompass aspects of the dynamics of the passage of time itself, which imposes wear, asymmetries, odors. They activate memories through the potential for unintentional recall, many of which promote the sense of home.

Starting from premises such as "every corner is the germ of a house", it is up to architects to reconstruct the soul of corners that, from mere 'nests of dust', can become a cupboard of memories (Bachelard, 1996, p .151). A curved corner is an inhabited geometry, an invitation to take shelter and conform the identity of being, exalting the nuances of our attachment.

When faced with the cracks that time draws on the walls, these marks lead to the activation of the subject's imaginal potential, in an association between memory and imagination. In the space that holds compressed time, memories are more solid the better they are spatialized.

Locations such as the basement, repository of the irrationality of the depths, the stairs and the sense of verticality, the threshold as a sacred place of arrivals and departures are essential dimensions to the existence of the being in the world.

Pallasmaa (2017) already tells us about the act of dwelling as revealing the ontological origins of architecture, with every building being, in essence, a shelter, which establishes a mark in space-time. Dwellings are means of domesticating time, reduced to a human scale and its continuity, "they are benevolent museums of time, which record, store, and show temporal traces different from our current notion of time, nervous, hurried and flat" (2017 , p. 9). And the architectures of the past reveal a consistent and tactile time.

Based on Jung's teachings, Pallasmaa proposes to understand architectural archetypes, such as the door and the window. The window, at the same time as it frames the landscape, opens to the dream, with the shutters being conducive to the dream state. Glass windows make us lose our sense of framing, of inside and outside, it has become a transparent wall.

Some aspects are notable in welcoming users to hospitals; one of them is the facade. They function as urban landmarks and spatial identifiers. Considering what Pallasmaa teaches us about the art of building, which must be the defender of the silence and slowness necessary to the world of experience (p. 117), when entering these spaces, the entrance hall serves as a moment of welcome and reflection, aspect that we noticed at SCM of Maranhão, but which, at ScM of Pará, was completely lost with the relocation of the accesses to the building (Miranda e Lobato, 2021).

In the wide corridors, the floors are significant for showing us the paths and differentiating sectors, it is an aspect that communicates the expanded dimension over time of the existence of these healthcare architectures. The presence of extensive carpets of hydraulic tiles in Santas Casas situates and welcomes the user in empathy with the notion of home.

In 50 years of studies on the anthropology of figuration, Philippe Descola (2023) points to the existence of a diversity of composition of worlds. The modes of identification are the ontological filters that are incorporated by socialization and serve to frame our practices, choosing the significant forms from the others. The author exalts the importance of using ornamental motifs in everyday objects, stimulating our visual imagination, whose forms have iconogenic potential, that is, to evoke in observers a known referent, despite not being mimetic designs. Quoting Gell, such ornamental motifs function as:

> Mechanisms that capture and fix attention, capable of creating a bond with the objects they decorate, [...] because the effect of fascination that the motifs arouse leads to a detachment in relation to the expanded environment and the worldly concerns of those who use them, observes (Descola, 2023, p. 42).

Therefore, the use of compositions considered ornamental provides a state of alienation for the subject, which allows him to connect with transcendence, escaping the suffering and anguish of the moment.

Why aim for the future if feelings of warmth, nostalgia and belonging are present in the traces left in the textures of time? The picturesqueism that allows things to keep moving, that resists the stability of the image and returns to the object, the art of being overwhelmed by time, and it is this vulnerability, this fragility, that so immediately gains our sympathy" comments Spuybroek (2016, p. 211).

Accepting the fragility of materials is placing them in relationship with human dimension, with the dynamics of the passage of time and the perishability of our bio-cultural dimension. In this way, the marks of time are indicators of the humanization of spaces, they are materialized testimonies that different generations of human beings have passed through and experienced moments of pain and recovery in these environments.

In restoration interventions, the original materials, when preserved, are displayed in showcases as exceptionalities, and not as an integral part of the form and ambiance of the places, artificializing their existence. Thus, guiding interventions in specific environments such as care environments, (where the constant needs for modernization and adaptation to technical standards affect the renewal of floor and wall materials), based on the perception of the ambiences by their users, is a strategy that is still unprecedented, which allows expanding the possibilities of consolidating the recognition of antique, historical and emotional values in these hospitals.

Finally, this article proposes the opening of a line of scientific investigation based on perceptual evidence that can provide concrete support for the abstract notions of antiquity value and historical value, proposed by Riegl (2006). When considering the potential of ambiences to provide a humanized and rich experience, it awakens affection in its users.

4. BIBLIOGRAPHY

Bachelard, G. (1996). A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes.

Descola, P. (2023). As formas do visível uma antropologia da figuração. São Paulo : Editora 34.

Didi-Huberman, G. (1998). O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34.

Duarte, C. R. & Miranda, C. S. & Santana, E. P. & Silva, L. J. D. (2022). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books.

Geertz, C. (2009). A antropologia e o cenário da escrita. _____. Obras e vidas o antropólogo como autor. Rio: UFRJ.

Meireles, M. M. A Santa Casa de Misericórdia do Maranhão (subsídios para a sua história), s.d. (typed copy)

Miranda, C. S, Beltrão, J., Henrique, M., Bessa, B. (2015). Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 525-539. http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n2/0104-5970-hcsm-20150050000006.pdf.

Miranda, C. S & Lobato, B. T. O. (2021). Complexo pavilhonar da Santa Casa de Misericórdia do Pará: cronologia e percepção de valores. Revista CPC (USP), v.16.

Pallasmaa, J. (2017). Habitar. São Paulo: Gustavo Gili.

Paxinou, E. (2017). The transparency of ambiances in architecture. ICTA2016-Internation Conference on Architecture and Transparency - Emerging Complexities, Nov 2016, Thessaloniki, Greece. halshs-01615271.

Riegl, A. (2006) O Culto Moderno dos Monumentos: sua Essência e sua Gênese. Goiânia: Ed. da UCG.

Spuybroek, L. (2016). The Sympathy of Things Ruskin and the Ecology of Design. London: Bloomsbury.

Silva, C. L. T. (2021). Santa casa de misericórdia de Manaus (AM): história, patrimônio e significância cultural. 2021. (Master Thesis). Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil.

Silva, C. L. T., & Miranda, C. S. (2021). The story underfoot: the hydraulic tiles of the Santa Casa de Misericórdia de Manaus as integrated heritage assets. *Cadernos Do Arquivo Municipal*, (16), 63–78. https://doi.org/10.48751/CAM-2021-1654

R46

AUTISTIC CHILDHOOD AND THE RIGHT TO THE CITY: AN INCLUSIVE APPROACH TO URBANISM

INFÂNCIA AUTISTA E O DIREITO À CIDADE: UMA ABORDAGEM INCLUSIVA AO URBANISMO

Nikson Dias de Oliveira
Mestre, Doutorando
DINTER UFRJ/UFRR
niksondias@gmail.com

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
Doutora
UFRJ -Universidade Federal do Rio de Janeiro
gisellearteiro@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This study addresses the theme of the Right to the City from the perspective of autistic children, based on the concept proposed by Henri Lefebvre, which calls for an accessible and inclusive urban space for everyone, regardless of distinctions such as creed, race or neurological condition. Lefebvre vehemently criticizes contemporary urban design and management, claiming that they often result in segregated spaces that worsen social inequalities. He proposes, on the other hand, a participatory and democratic urban planning model. This right implies a set of fundamental guarantees, such as access to adequate housing, efficient public transport, basic public services, as well as cultural and leisure spaces. In view of the challenges, this study highlights the importance of adequate and personalized support, which allows autistic children to reach their full potential. Growing awareness and understanding about Autistic are essential to foster a more inclusive and supportive society.

KEYWORDS: Right to the City. Urban Inclusion. Autistic Child. Participatory Planning. Accessibility.

RESUMO

Este estudo aborda a temática do Direito à Cidade sob a ótica da criança autista, fundamentando-se no conceito proposto por Henri Lefebvre, que disserta por um espaço urbano acessível e inclusivo para todos, independentemente de distinções como credo, raça ou condição neurológica. Lefebvre critica veementemente a concepção e gestão urbanística contemporânea, alegando que estas frequentemente resultam em espaços segregados que agravam as desigualdades sociais. Ele propõe, em contrapartida, um modelo de planejamento urbano participativo e democrático. Este direito implica um conjunto de garantias fundamentais, como o acesso à moradia adequada, transporte público eficaz, serviços básicos de utilidade pública, bem como aos espaços culturais e de lazer. À vista dos desafios, este estudo sublinha a importância de um suporte adequado e personalizado, que permita às crianças autistas alcançarem o seu pleno potencial. A crescente conscientização e compreensão sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista) são essenciais para fomentar uma sociedade mais inclusiva e solidária.

PALAVRAS-CHAVE: Direito à Cidade. Inclusão Urbana. Criança Autista. Planejamento Participativo. Acessibilidade.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo em sua essência trata de direitos, mais precisamente o Direito à Cidade para a criança autista. O direito à cidade é um entendimento que se refere ao direito de todas as pessoas de terem acesso a uma cidade justa, democrática e sustentável independente de credo, raça e até espectro. Henri Lefebvre, em sua obra “O Direito à Cidade” (1968), argumenta que as cidades devem ser construídas para atender às necessidades das pessoas que as habitam, e não apenas para servir aos interesses

dos proprietários de imóveis e das elites políticas e motivacionais. Lefebvre (1968) argumentava que o espaço urbano é um bem comum que deve ser compartilhado igualmente por todos os habitantes da cidade. O autor defendia uma abordagem mais participativa e democrática para o planejamento urbano, que envolvesse os cidadãos na tomada de decisões e no desenho das políticas urbanas, aqui nesta qualificação, buscando aplicar o mesmo direito às crianças autistas.

Em suma, os direitos da criança autista devem ser protegidos e promovidos, a fim de garantir que elas tenham a oportunidade de se desenvolver e participar plenamente da sociedade. A condição autista é uma diferença neurobiológica que afeta a forma como as pessoas percebem, interagem e processam informações do mundo ao seu redor. Como tal, as crianças autistas têm necessidades únicas que devem ser levadas em consideração para garantir que elas possam viver plenamente e desfrutar dos mesmos direitos e oportunidades que as outras crianças. A infância autista é caracterizada por uma série de desafios e diferenças no desenvolvimento da criança em relação às crianças neurotípicas. O TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social, o comportamento e a interação social da criança. Embora os sintomas variem de pessoa para pessoa, algumas características comuns incluem dificuldade em se comunicar, padrões repetitivos de comportamento.

Uma das principais dificuldades enfrentadas por crianças autistas é a comunicação. Muitas vezes, elas têm dificuldade em expressar seus pensamentos e sentimentos verbalmente e podem preferir a comunicação não verbal, como gestos ou expressões faciais. Isso pode levar a um isolamento interno e externo, pois as outras crianças podem não entender ou responder à comunicação não verbal. As crianças autistas também podem apresentar padrões repetitivos de comportamento, como movimentos repetitivos ou rotinas rígidas. Esses comportamentos podem ajudá-las a se sentir seguras e confortáveis, mas podem interferir em suas atividades físicas e em seu relacionamento com outras crianças. Além disso, as crianças autistas podem ter interesses restritos e intensos em assuntos específicos, como números, animais ou sistemas.

2. OLHANDO ALÉM DA DEMANDA: PREVALÊNCIA E ESTATÍSTICA, UMA ANÁLISE DAS ESTIMATIVAS E SEUS DESDOBRAMENTOS.

A prevalência de autismo é um tema complexo e controverso, com estimativas variando de acordo com a metodologia e os critérios de diagnóstico utilizados em diferentes estudos. No entanto, há algumas estimativas disponíveis que podem ajudar a compreender a dimensão do autismo no mundo e no Brasil.

Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), a prevalência de autismo nos Estados Unidos é de aproximadamente 1 em cada 36

crianças, e a cada 5 crianças, uma é do sexo feminino, observa se uma prevalencia do TEA em meninos (CDC, 2023) conforme Figura 1 e Figura 2 . No Brasil, há poucos estudos que investigam a prevalência de autismo na população. Um estudo realizado em 2007 estimou uma prevalência de 0,3% de autismo na cidade de São Paulo (Bordin et al., 2007).

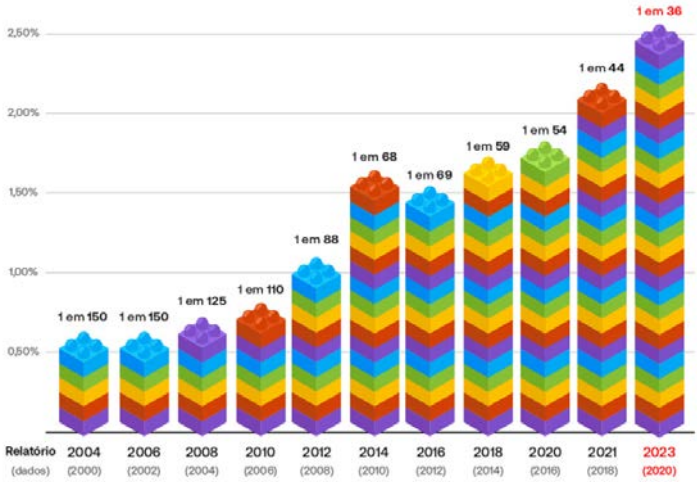


Figura 1 - Prevalência de autismo
Fonte: CDC, 2023

Outro estudo, realizado em 2012, estimou uma prevalência de 0,7% de autismo em uma amostra de crianças de uma cidade do estado de São Paulo (Coutinho et al., 2013).

Figura 2 - Infográfico Estatística
Fonte: CDC, 2023 - adaptado pelo Autor

É importante ressaltar que as estimativas de prevalência de autismo podem variar de acordo com os critérios de diagnóstico utilizados, a idade das pessoas investigadas, a amostra selecionada e a metodologia de coleta de dados.

3. A CIDADE, A CIDADANIA E A CRIANÇA.

A cidade é o palco em que este artigo se recorta, servindo como um campo fértil para a análise das interações entre arquitetura e a experiência infantil. No livro A Criança e o Arquiteto, Andréa Zemp S. do Nascimento (2014) explora essa interseção, abordando como os ambientes construídos podem influenciar as percepções, interações e o desenvolvimento das crianças. A autora argumenta pela necessidade de considerar as crianças não apenas como usuárias passivas dos espaços urbanos, mas como participantes ativas no processo de planejamento urbano. Contudo, Nascimento vai além ao destacar que esses ambientes devem ser seguros, acessíveis e, sobretudo, estimulantes, promovendo o desenvolvimento infantil através do jogo, da exploração e da interação social. Nascimento (2014) exemplifica seu argumento com a análise de espaços que foram projetados com o propósito explícito de envolver as crianças de forma ativa. Ela discute, por exemplo, a implementação de playgrounds urbanos que não apenas atendem às normas de segurança, mas que também incorporam elementos que incentivam a criatividade e a autonomia das crianças. Nesse sentido, a autora propõe uma abordagem na qual os arquitetos e urbanistas são desafiados a adotar uma perspectiva mais humanizada e centrada nos usuários, especialmente os mais jovens, ao projetar espaços urbanos.

Por outro lado, Winnicott (1971), em seu conceito de “espaço potencial”, oferece uma contribuição teórica fundamental para a compreensão da relação entre a criança e o ambiente urbano. Ele descreve o “espaço potencial” como um território intermediário entre a realidade interna da criança e o mundo externo, onde a criatividade, o jogo e a exploração simbólica podem se desdobrar. Essa ideia é especialmente relevante para a interpretação do espaço urbano como um cenário que pode tanto refletir a realidade objetiva quanto atuar como um canal para a imaginação e subjetividades infantis. A cidade, vista através da lente do espaço potencial, emerge como um palco vasto e dinâmico onde a experiência cultural e lúdica da criança se desenrola. Contudo, Winnicott não se aprofunda nas implicações práticas desse conceito no design urbano, o que abre espaço para uma investigação mais detalhada de como esses princípios podem ser aplicados concretamente na criação de ambientes infantis.

No livro A cidade e a criança, de Mayumi Watanabe de Souza Lima (1989), a autora também aborda a relação entre as cidades e as crianças, ressaltando a importância da cidade como espaço de vivência e aprendizado. Lima argumenta que, embora as cidades tenham sido historicamente concebidas para adultos, é fundamental considerar as necessidades e interesses das crianças na construção e gestão dos espaços urbanos. No entanto, a obra apresenta uma perspectiva mais teórica, deixando em aberto a discussão sobre como essas necessidades podem ser concretamente implementadas em contextos urbanos diversos.

Por fim, Azevedo (2019) enfatiza a centralidade da criança no planejamento urbano, destacando a importância de uma arquitetura inclusiva para promover o desenvolvimento integral das crianças e a cidadania. Azevedo chama atenção para a necessidade de incluir as crianças no processo de planejamento urbano, argumentando que suas perspectivas únicas podem contribuir para o desenvolvimento de cidades mais adequadas às suas necessidades. No entanto, a abordagem de Azevedo é apresentada de maneira geral, sem explorar detalhadamente como essas intenções foram ou podem ser implementadas de forma prática. A falta de exemplos concretos ou estudos de caso limita a compreensão de como essas ideias podem ser aplicadas na realidade, como ilustra o infográfico na Figura 03.

Em suma, enquanto as obras de Nascimento (2014), Winnicott (1971) e Azevedo (2019) oferecem contribuições para a discussão sobre a relação entre crianças e ambientes urbanos, há uma necessidade de aprofundamento na análise de como essas teorias e conceitos podem ser concretamente aplicados. A discussão sobre "Ambientes no espaço público", "ambientes e crianças" e "autismo e ambientes" precisa ser expandida para incluir exemplos específicos e análises detalhadas que demonstrem a implementação dessas ideias na prática.

Figura 3 - Infográfico O ambiente e o Comportamento
Fonte: O Autor

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O direito à cidade deve atender a todos, incluindo crianças autistas, promovendo justiça social, igualdade e participação democrática. Este artigo destacou a necessidade de considerar as necessidades únicas dessas crianças no planejamento urbano, criando espaços seguros, acessíveis e estimulantes. A participação ativa das crianças autistas e suas famílias é essencial para garantir políticas e espaços públicos verdadeiramente inclusivos.

A prevalência do autismo reforça a urgência de políticas públicas inclusivas. A criação de playgrounds adaptados, áreas verdes e serviços acessíveis são fundamentais para promover a cidadania dessas crianças. A conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é crucial para uma sociedade acolhedora. Garantir o direito à cidade para crianças autistas requer uma abordagem interdisciplinar e colaborativa, promovendo uma sociedade mais equitativa, humana e sustentável.

Para avançar na construção de cidades verdadeiramente inclusivas, propõe-se um urbanismo sensível e adaptado, que incorpore princípios de acessibilidade e empatia desde a fase inicial do planejamento urbano. Este urbanismo deve considerar a infância autista como uma prioridade, integrando as seguintes ações estratégicas: Mapeamento e Diagnóstico Participativo, realizando mapeamentos urbanos que identifiquem as áreas com maior necessidade de intervenções inclusivas, envolvendo diretamente as crianças autistas e suas famílias no diagnóstico das barreiras e potencialidades dos espaços urbanos. Esta prática garantirá que as soluções propostas sejam realmente eficazes e adequadas às necessidades dessas crianças. Desenho de Espaços Públicos Inclusivos promovendo o desenvolvimento de parques, praças e playgrounds que sejam não apenas acessíveis fisicamente, mas também sensorialmente adaptados. Isso inclui a criação de ambientes que minimizem estímulos excessivos e promovam a segurança e o conforto das crianças autistas, utilizando materiais, cores e texturas que considerem suas sensibilidades específicas. Educação e Sensibilização da Sociedade implementando campanhas contínuas de educação e conscientização sobre o TEA para a população em geral, visando criar uma cultura de empatia e respeito. Além disso, capacitar profissionais de planejamento urbano, arquitetos e gestores públicos sobre as especificidades do autismo, para que possam projetar e gerenciar espaços urbanos de maneira mais inclusiva. Políticas Públicas Integradas estabelecendo políticas que integrem saúde, educação, urbanismo e assistência social, promovendo uma abordagem holística e interdisciplinar para atender às necessidades das crianças autistas. Essas políticas devem incluir diretrizes claras para o planejamento e a gestão de espaços urbanos, assegurando que todas as novas construções e reformas considerem a inclusão como um princípio fundamental. Monitoramento e Avaliação Contínuos implementando mecanismos de avaliação contínuos das políticas e intervenções urbanas, com a participação ativa das famílias e organizações representativas do autismo. Esse processo deve garantir que as adaptações realizadas sejam eficazes e possam ser ajustadas conforme necessário. Ao adotar essas estratégias, o urbanismo não

apenas contribuirá para a inclusão das crianças autistas, mas também fortalecerá o compromisso com o direito à cidade para todos os cidadãos, promovendo uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.

5. BIBLIOGRAFIA

Azevedo, Giselle Arteiro Nielsen. Diálogos entre arquitetura cidade e infância: Territórios Educativos em ação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2019.

Bordin, IAS, PAULA, CS, & PADOVANI, RC (2007). Autismo e retardo mental: um estudo comparando diagnósticos baseados nos critérios DSM-IV-TR e CID-10. Cadernos de Saúde Pública, 23(11), 2719-2733.

Coutinho, MT, Scazufca, M., Menezes, PR, Lotufo, PA, & Bressan, RA (2013). Transtornos do espectro do autismo em crianças de 5 anos da coorte de nascimentos de Pelotas de 2004. Revista Brasileira de Psiquiatria, 35(1), 18-25.

Lefebvre, Henri. O Direito à Cidade. Editora Centauro, 2001 [1968].

Lima, Mayumi Watanabe de Souza. A cidade e a criança. São Paulo: Nobel, 1989.

Nascimento, Andréa Zemp Santana do. A criança e o arquiteto: quem aprende com quem? / Andréa Zemp Santana do Nascimento. - São Paulo: Annablume, Fapesp, 2014.

Winnicott, D. W. (1971). Playing and Reality. London: Tavistock Publications.

R46

PLAYING AND THE CITY'S FREE SPACE

O BRINCAR E O ESPAÇO LIVRE DA CIDADE

Nikson Dias de Oliveira
Mestre, Doutorando
DINTER UFRJ/UFRR
niksondias@gmail.com

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
Doutora
UFRJ -Universidade Federal do Rio de Janeiro
gisellearteiro@fau.ufrj.br

ABSTRACT
This article highlights urban public spaces, such as parks and squares, in child development and promoting quality of life in cities. Children's interaction with these spaces through play contributes to their cognitive, social and emotional development, in addition to reinforcing urban vitality and safety. Urban policies must value and ensure adequate free spaces for children's activities. Urban planning must incorporate children, treating them as active participants in the design of inclusive and welcoming cities. Children's participation improves spaces and promotes belonging and citizenship from an early age. It is urgent to rethink urban spaces beyond "non-places", creating environments that favor social interactions and development. The pedagogical importance of the environment is recognized for allowing children to develop knowledge and autonomy. Reevaluating urban planning practices is essential to creating cities that are responsive to all citizens, especially children.

KEYWORDS: to play. free space. city. territory. landscape.

RESUMO
Este artigo destaca os espaços públicos urbanos, como parques e praças, no desenvolvimento infantil e na promoção da qualidade de vida nas cidades. A interação das crianças com esses espaços através do brincar contribui para seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional, além de reforçar a vitalidade e segurança urbana. Políticas urbanas devem valorizar e assegurar espaços livres adequados para as atividades das crianças. O planejamento urbano deve incorporar as crianças, tratando-as como participantes ativas no desenho de cidades inclusivas e acolhedoras. A participação infantil melhora os espaços e promove pertencimento e cidadania desde cedo. É urgente repensar os espaços urbanos para além dos "não lugares", criando ambientes que favoreçam interações sociais e desenvolvimento. A importância pedagógica do ambiente é reconhecida por permitir que as crianças desenvolvam conhecimento e autonomia. Reavaliar práticas de planejamento urbano é essencial para criar cidades que respondam a todos os cidadãos, especialmente as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: brincar. espaço livre. cidade. território. paisagem.

1. INTRODUÇÃO
As relações de trocas entre usuários e espaços se dão por meio de sensações e ambiências que perfazem entre sentimentos e reações que influenciam na forma de se relacionar com o ambiente construído. Os espaços públicos ocupados por crianças, gera, dentre muitas sensações, o estado de segurança. Quando as crianças ocupam os espaços públicos, naturalmente é produzida uma sensação de vitalidade. A cidade é um espaço que permite a construção e a reconstrução de múltiplas identidades (Nunes, 2008).

Destaca-se que o brincar, tido como ação livre no espaço livre, é o que lhe dá função. A relação corpo-espaço imprime sua importância, e essa importância é intrínseca no Parque Linear do Mirandinha, as crianças apropriam-se dos espaços e fazem do ambiente, local de trocas e construção coletiva, o brincar como elemento de movimento e ação. O brincar é situado simbolicamente no espaço potencial intermediário entre o eu e o mundo real, entre o eu e o objeto. O que nos remete aos entre-espaços, como relata a arquiteta Andréa Zemp Nascimento (2009).

A relação entre o brincar e o espaço livre da cidade é uma temática central na discussão sobre o desenvolvimento infantil e a qualidade do ambiente urbano. A intersecção entre o brincar e o espaço livre da cidade é, portanto, uma questão de direito à cidade, onde as crianças têm a liberdade de explorar, brincar e crescer em ambientes urbanos seguros e estimulantes. A qualidade e a acessibilidade dos espaços livres urbanos, tais como parques, praças e playgrounds, são indicativos da qualidade de vida na cidade e do comprometimento das políticas urbanas com o bem-estar das crianças. Chawla (2002), em "Insight, Creativity and Thoughts on the Environment", destaca a importância de envolver crianças no planejamento dos espaços urbanos, argumentando que isso não só melhora a qualidade dos espaços projetados, mas também empodera as crianças como cidadãos ativos na formação de suas comunidades (Chawla, 2002).

Uma relação dialética entre o brincar e o espaço livre da cidade, onde o brincar atua como uma função vital do desenvolvimento humano e o espaço livre como um recurso indispensável para a realização dessa função. Diversas produções científicas tratam e compreendem a criança como grupo social, agentes políticos, econômicos e sujeitos coberto por todos os Direitos. Direitos ratificados por várias entidades nacionais e internacionais como a Carta da Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1989, UNICEF, Constituição Federal (1988), Declaração dos Direitos da Criança (1959), em todos os compromissos ratificados por essas entidades, a criança é tratada como prioridade na construção social, especialmente com espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade, igualdade e solidariedade.

2. PRAÇAS E PARQUES COMO ESPAÇO DE CIDADANIA

No livro Diálogos entre Arquitetura, Cidade e Infância, no artigo intitulado "Playground: campo de jogos para uma infância urbana", envolvem os jogos das crianças nos espaços públicos, destacando os playgrounds, como elementos fundamentais para compreender a dinâmica da infância urbana. O entendimento participativo, sustentável e de aprendizagem se destaca como uma abordagem essencial para promover um ambiente urbano inclusivo e acolhedor para as crianças, onde o ato de brincar é encarado não apenas como uma atividade recreativa, mas como um direito fundamental que integra aspectos educativos, de lazer e de intercâmbio social.

Figura 1 – Tipos de espaços.
Fonte: MARTE (2016)

Nesse contexto, o espaço é compreendido conforme Figura 1, não apenas como uma localização física, mas como um lugar onde as atividades humanas acontecem, influenciando e sendo influenciado por diversos aspectos, como seu uso, função, forma e percepção. O ser humano desenvolve esquemas mentais a partir do ambiente em que está inserido, adaptando suas ações de acordo com o contexto. O espaço pragmático refere-se às ações do homem que variam conforme sua movimentação no ambiente, enquanto o espaço perceptivo imediato está relacionado ao campo visual e ao desenvolvimento mental do indivíduo. Esses entendimentos são elementos constituintes do espaço existencial, que se moldam e são moldados pelas interações humanas dentro e fora dele (MARTE, 2016).

3. A POLÍTICA DOS JOGOS, O BRINCAR COMO INSTRUMENTO

Na política do jogo, surge o playground, o termo play refere-se à brincadeira livre e interpretativa, um jogo criativo de descoberta e aprendizado, típico da infância, parque infantil é assim o terreno, o suporte de um jogo que não implica regras nem convenções mas que se configura através das ações, relações e transformações realizadas pelas crianças segundo as suas próprias dinâmicas e motivações. Compreender os ambientes educativos a partir dessa mesma alternância nos

permitiria fazer coexistir neles o prosaico, como a alfabetização, com o jogo poético e criativo. As praças e parques são um espaço de inclusão social, onde todos os cidadãos têm acesso a um espaço público de qualidade e podem desfrutar de atividades culturais, esportivas e de lazer (Costa, 2012).

Van Eyck, arquiteto holandês, revolucionou o design de playgrounds ao criar mais de 700 espaços lúdicos em Amsterdã, entre as décadas de 1940 e 1970, que se destacam pela sua interatividade, criatividade, e integração com o ambiente urbano. Ele defendia que os playgrounds devem ser extensões do espaço urbano, promovendo a interação social e fortalecendo o senso de comunidade, em vez de serem apenas áreas isoladas para atividades infantis (Lefaivre & Tzonis, 1999). Um aspecto central da abordagem de van Eyck era a ênfase na imaginação e criatividade. Ele projetava espaços que desafiavam as crianças a inventar seus próprios jogos, utilizando formas abstratas e elementos interativos que divergiam significativamente dos equipamentos de playground convencionais. Johan Huizinga, em sua obra "Homo Ludens: O Jogo como Elemento da Cultura" (1938), oferece uma perspectiva profunda sobre o papel dos jogos na sociedade, enfatizando sua importância como uma atividade fundamental que não apenas precede a cultura, mas é intrínseca à própria formação da civilização humana. Huizinga (1938) argumenta que o jogo é uma atividade voluntária ou ocupação, que é realizada dentro de certos limites de tempo e espaço, segundo regras livremente aceitas, mas absolutamente obrigatórias, dotada de um fim em si mesma, acompanhada de um sentimento de tensão e alegria, e de uma consciência de ser diferente da "vida cotidiana" (Huizinga, 1938, p. 13). Esta definição enfatiza a natureza autônoma do jogo, sua capacidade de criar mundos paralelos, e seu potencial para gerar prazer e aprendizado.

4. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS INFÂNCIAS

O Sistemas Nacionales de Protección, a Comisión Interamericana de Derechos Humanos / Organización de los Estados Americanos categorizou quatro grupos de políticas públicas em grupos com foco no direito da infância e da adolescência. A primeira são as Políticas Sociais Básicas ou Universais voltadas para as crianças e adolescentes, como é o caso das políticas da educação e da saúde. No Brasil, são exemplos: o Calendário Nacional de Vacinação, que oferece quase 20 vacinas destinadas exclusivamente às crianças; o ProInfância, que tem por objetivo aumentar o número de creches para o atendimento das crianças de 0 a 5 anos; o Programa Nacional de Alimentação Escolar (2009); o Programa de Saúde Integral na Escola (2007) e i Programa Brasil Carinhoso (2012). O segundo grupo trata de Políticas de desenvolvimento social (ou de assistência) que são direcionadas para famílias ou crianças que necessitam de apoio para superar vulnerabilidades ou condições de exclusão e desigualdade. São exemplos os programas de transferência de renda com condicionalidades, como o Auxílio Brasil, substituto do Bolsa Família. O terceiro trata de Políticas de proteção especial que são focadas em crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco ou de violação de direitos, incluindo aqui as medidas contra o trabalho infantil. São exemplos dessas políticas o Programa de Erradicação do trabalho infantil (1996),

o programa de Proteção a Criança e Adolescentes Ameaçados de Morte (2003). O quarto grupo trata das Políticas de defesa jurídica, exigibilidade de direitos e garantia de direitos no marco dos procedimentos administrativos e judiciais, que são ações destinadas a garantir uma justiça adaptada a criança e adolescente, no Brasil, destaca se a criação de Centros de Atendimento Integrado, que garantem um fluxo único e específico às crianças e o adolescente.

Todas as políticas supracitadas buscam garantir vida, dignidade, sobrevivência, segurança e direito à cidade, essas nos dizem como a experiência das crianças com o ambiente urbano é fundamental para o seu desenvolvimento integral. A cidade não é apenas um espaço de moradia, mas um espaço educativo através do qual desenvolvemos olhares, sensibilidades, nos abrimos para a diversidade, ao mesmo tempo em que nos afetamos pela desigualdade que caracteriza nosso mundo social.

A criança é um sujeito que vem ao mundo inserida em uma cultura na qual valores e conhecimentos lhes são transferidos, entretanto, ela também produz cultura, ao dar significado às suas experiências sociais na cidade. Considerando que a cultura é um instrumento simbólico, podemos afirmar que a criança interpreta o seu mundo, o seu universo e passa a dar sentido em tudo que o rodeia se expressando de múltiplas formas, essa convicção nos leva a entender que devemos considerar que a diferença entre crianças e adultos não é apenas quantitativa, mas qualitativa, de modo que não se pode dizer que uma criança sabe menos, pois ela sabe, na verdade, outras coisa e de outras formas.

7. BIBLIOGRAFIA

Azevedo, Giselle Arteiro Nielsen. Diálogos entre arquitetura cidade e infância: Territórios Educativos em ação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2019.

Chawla, L. (2002). “Insight, Creativity and Thoughts on the Environment: Integrating Children and Youth into Human Settlement Development”. Environment and Urbanization, 14(2), 11-22.

Costa, A. C. (2012). A importância dos parques urbanos para a cidadania. Boletim Goiano de Geografia, 32(2), 61-70.

Huizinga, J. (1938). Homo Ludens: O Jogo como Elemento da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Marte, S. S. La percepción del espacio y la forma conformadora de sensaciones y experiencias. Distrito Nacional: Pontificia Universidad Católica Madre y Maestria, 2016. 179 p

Nascimento, Andréa Zemp Santana do. A criança e o arquiteto: quem aprende com quem? Andréa Zemp Santana do Nascimento. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2014.

Nunes, M. F. (2008). A cidade e a infância: Novos desafios, velhas questões. In R. M. B. Alves (Org.), Cidade e cotidiano: Diálogos interdisciplinares (pp. 153-173). São Paulo: Annablume.

van Eyck, A. (1963). The Child, the City, and the Artist: Statements and Projects.

R46

ANALYSIS OF THE CONDITIONS OF ALTERITY AND BELONGING IN A CORPORATE SPACE IN THE CITY OF GOIÂNIA

ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE ALTERIDADE E PERTENCIMENTO EM UM ESPAÇO CORPORATIVO DA CIDADE DE GOIÂNIA

Nathalia Tiago dos Reis
Mestranda em Projeto e Cidade
Universidade Federal de Goiás
nathaliatiagodosreis@gmail.com

Wagner de Souza Rezende
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Goiás
wagnerrezende@ufg.br

ABSTRACT
Currently, there is a growing concern about the design of corporate spaces that are concerned with the well-being of users. From this scenario, it is understood that in addition to ergonomic aspects, the built space must take into account experiential environments. In this sense, this article aims to understand how a current corporate space has worked on the conditions of belonging and otherness, intrinsic to the human being. From this, a face-to-face visit was carried out at the headquarters of Rizzo Imobiliária in Goiânia-GO, and, through configurational analysis, seven analysis attributes were determined that contribute to the identification of conditions. Thus, after the investigation it was noted that the studied corporate space presents such conditions, which are made possible through the applied interior architecture.

KEYWORDS: alterity. belonging. corporate space.

RESUMO
Atualmente verifica-se o crescimento da preocupação acerca do projeto de espaços corporativos que se preocupam com o bem-estar dos usuários. A partir deste cenário, entende-se que para além de aspectos ergonômicos, o espaço construído deve levar em consideração as ambiências experienciais. Nesse sentido, este artigo tem o intuito de entender como um espaço corporativo atual tem trabalhado as condições de pertencimento e alteridade, intrínsecas ao ser humano. A partir disso, foi realizada uma visita presencial na sede da Rizzo Imobiliária em Goiânia-GO, e, através da análise configuracional, foram determinados sete atributos de análises que colaboram para a identificação das condições. Assim, após a investigação notou-se que o espaço corporativo estudado apresenta tais condições, que são possibilitadas através da arquitetura de interiores aplicada.

PALAVRAS-CHAVE: alteridade. pertencimento. espaço corporativo.

1. INTRODUÇÃO
Por décadas, as configurações das ambiências dos espaços corporativos têm sido influenciadas por premissas estéticas, funcionais e tecnológicas oriundas do movimento modernista, resultando em uma projeção do imaginário urbano associado à noção de “cidade genérica”.

Ainda que criticados pelo movimento pós-moderno, tais ambientes genéricos dedicados às atividades laborais, nos quais as noções de alteridade e pertencimento, importantes para nossa experiência social no mundo, tendem a ser substituídas pela noção de bem-estar, se multiplicaram no mundo contemporâneo sob novas formas de homogeneização dos ambientes de trabalho. Ambos os conceitos supracitados têm raízes epistemológicas na teoria social, incluindo a fenomenologia, a teoria crítica e a antropologia. Se, de um lado, a alteridade está ligada à noção de pluralidade de perspectivas e à importância da reflexividade na pesquisa social, o pertencimento

está relacionado à construção social da realidade e à formação de identidades individuais e coletivas.

Nos estudos do ambiente construído, esses conceitos são fundamentais para uma abordagem holística e inclusiva que reconhece e valoriza a diversidade de perspectivas e experiências presentes nos espaços físicos. Neste trabalho propomos analisar os espaços corporativos sob a perspectiva da teoria crítica, por seu potencial no estudo das complexas relações de poder no ambiente construído e inspirar ações para promover justiça socioespacial. Como confirmar, que a planta livre, a iluminação concentrada e a ergonomia funcional, estimulam experiências de alteridade e pertencimento, relacionando-os com parâmetros de conforto ambiental?

Neste sentido, a fim de responder tais questões e corroborar nossa hipótese de que o bem-estar no ambiente de trabalho resulta das intersecções possíveis entre as experiências sensoriais, realizamos uma visita a uma empresa goianiense que acredita no potencial do projeto para a transformação do ambiente construído. Desse modo, foi selecionado como objeto de pesquisa o ambiente corporativo da sede administrativa da Rizzo Imobiliária, construída em 1984, na cidade de Goiânia. O Rizzo Plaza, edifício modernista, um dos mais emblemáticos da cidade, está localizado na rua 94 - Setor Sul, nas proximidades da Praça Cívica, na região central da cidade de Goiânia. Segundo conversas informais, o fundador da corporação, Leonardo Rizzo, inspirou-se nos edifícios corporativos europeus visitados durante suas viagens pela Noruega, Alemanha e Suíça para conceber o projeto do edifício. Segundo entrevista dada ao veículo midiático A Redação, em 2022, o principal intuito com a construção do Rizzo Plaza era estabelecer uma referência na paisagem do Setor Sul e atrair atenção para o bairro (Pessoni, 2022).

Além disso, segundo conversas com os colaboradores da Rizzo, o espaço da sede foi reformado em 2019, projeto do arquiteto Plinio Souza, para que se tornasse um espaço mais aberto e colaborativo. A partir disso, as divisórias foram removidas, não existiria mais determinação de lugares e os mobiliários seriam diversificados, assim como seus ambientes. A intenção com a transformação, foi o interesse em continuar inovando, além da preocupação com o bem-estar dos ocupantes.

O Rizzo Plaza, um edifício de 14 andares, abriga salas comerciais e de serviços, além de dispor no térreo e no mezanino, a Rizzo Imobiliária. No terraço, destina um espaço à realização de eventos, proporcionando uma vista panorâmica de Goiânia. No topo do prédio, há também uma bandeira do Brasil, que foi hasteada desde a inauguração da Rizzo Plaza, sendo visível de diversos pontos da cidade (Pessoni, 2022).

O estudo de caso da sede da Rizzo Imobiliária se tornou relevante por ir além da análise física do espaço corporativo. Neste caso, por possuírem 46 anos de trajetória, as decisões arquitetônicas em sua sede passaram por inúmeras validações e adequações, de acordo com a rotina, relações sociais e cultura dos colaboradores.

Além disso, a localização da sede da imobiliária no Rizzo Plaza torna-se relevante para o contexto da cidade, por sua história e pela preocupação acerca de sua inserção na cidade, disponibilizando o seu térreo para acesso público, com bancos, espelhos d'água e fontes, que convidam o pedestre a permanecer.

No cenário internacional, a análise dos interiores de espaços corporativos centram-se principalmente em seu histórico, padrões espaciais, ocupações, relações políticas, entre outros. Assim, a proposta da análise das ambiências sob viés das condições de pertencimento e alteridade, no caso da cidade de Goiânia, torna-se extremamente pertinente e inovador.

Deste modo, durante um dia de trabalho observamos a convivência dos seus colaboradores: como as pessoas se apropriam dos espaços, os modos como elas expressam alteridade e pertencimento, quais são os espaços, privados e comuns, mais usados e, finalmente, como os ambientes de trabalho interferem em seu cotidiano. À luz da teoria crítica, foi feita a análise configuracional dos principais percursos e permanências dentro do ambiente de trabalho identificando os indícios, materiais e imateriais, de pertencimento e a alteridade: organização espacial; elementos decorativos; identidade visual; tecnologias assistivas; convivialidade; diversidade; participação; e, finalmente, representatividade.

2. TEORIA

2.1 Modus operandi da experiência urbana

No âmbito da bibliografia pesquisada sobre as apropriações dos espaços públicos, especialmente na microescala, Thibaud (2012) nos fornece as bases conceituais segundo as quais são constituídos cinco modus operandi da experiência urbana: o médium, que instaura o sensível como campo de ação; a ressonância, que resulta das configurações afetivas dos espaços urbanos; a coalescência, que é a integração, por associações analógicas, dos diversos elementos que compõem as situações urbanas; a conservação, tanto dos aspectos materiais como também imateriais da realidade urbana; e, finalmente, a impregnação, que trata das variações relacionais inerentes às memórias, imaginários e experiências individuais e coletivas na cidade.

Se de um lado, a ambiência se coloca como condição do sentimento de coletividade (convivialidade), de outro lado, efetua-se como a possibilidade de se "redistribuir os lugares e as identidades", por meio da partilha do sensível, descrita por Rancière (2005). Identificamos, mesmo nos espaços privados, os dois modos, indissociáveis e simultâneos, que se entrelaçam na implicação de uma ambiência na configuração de um território. No primeiro modo (ou trama), as ocasiões que fazem a cidade vibrar e lhe conferem um caráter festivo (ou afetivo). No segundo modo (ou trama), os cuidados com os lugares cotidianos, ao longo do tempo (cuidando não somente dos elementos mais visíveis da cidade, mas também dos seus bastidores). Nas palavras de Thibaud, "se tivéssemos de resumir esses diversos processos que participam da

ambientação dos espaços urbanos, poderíamos dizer ao fim que se trata de "dar o tom" aos territórios" (Thibaud, 2012, p. 36). O ponto fundamental da expressão "dar o tom" parece ser a tentativa de se demonstrar, simultaneamente, desfocalização, cuidado e impregnação, transformando a ausência na presença, o vulnerável em potência. Ao usar a noção de ambiência no lugar de ambiente, o autor tenta valorizar o potencial afetivo dos lugares cotidianos, superando, assim, as dimensões puramente técnicas dos problemas ecológicos.

2.2 O espaço corporativo

O modo de trabalho em espaços corporativos foi uma novidade no início do século XX e gerou estranheza para a sociedade da época. Por outro lado, atualmente, a vida nesses ambientes se tornou comum, possibilitando a formação do viver corporativo, com a sua própria cultura, vestimentas, linguagem, hierarquia, entre outras características. Para explanar sobre o tema, Nikil Saval, autor do livro Cubiculados: A história secreta do local de trabalho (2015), narra a trajetória dos espaços corporativos, assim como o seu impacto na vida do trabalhador. Este referencial teórico torna-se importante para esta área de conhecimento, através do estudo do histórico, da arquitetura e das implicações na sociedade.

Os interiores corporativos passaram por mudanças em seu projeto ao longo das décadas. Por se tratarem de uma extensão das fábricas em seu início, preservavam a funcionalidade como premissa, voltando seu olhar para a ergonomia. No entanto, este modelo começou a apresentar problemas, principalmente relacionados à humanização dos espaços.

Assim, essa mudança de pensamento arquitetônico gradativa em consonância com as demandas sindicais dos trabalhadores corporativos, fez com que na segunda metade do século XX fossem fortalecidas as discussões sobre o pensamento do corpo no espaço através de sua esfera existencial, com suas sensações e percepções. Deste modo, a fenomenologia um dos paradigmas do movimento pós-moderno, foi um conceito chave, que permitiu que o espaço construído fosse observado pelo lado sensível, e consequentemente o trabalhador fosse visto para além da sua esfera do trabalho.

2.2 A esfera existencial

O arquiteto e docente finlandês Juhani Pallasmaa, autor de diversos livros sobre percepção ambiental, tais como Os olhos da pele (2011), A imagem corporificada (2013) e Habitar (2014), nos indica algumas questões fundamentais. A sua intenção principal é destacar a importância dos sentidos no processo de interpretação do espaço, pois para além da esfera física e geométrica, também existe a existencial (Pallasmaa, 2014).

Pallasmaa (2014), afirma que, independentemente da tipologia construtiva, um espaço construído deve ser enxergado como uma casa, pois é nesse local onde há

conexão do indivíduo com o seu entorno, gerando a sensação de pertencimento. Deste modo, assim como se habita a casa, também habita-se o espaço corporativo, o hospital, a escola, o centro cultural e etc.

A arquitetura como obra de arte é capaz de provocar emoções no usuário que a experiencia, sendo um canal de comunicação articulado e planejado, que propicia a conexão entre o ambiente habitado e o corpo humano. Por este motivo, a interpretação do espaço vivenciado dentro das ambiências, está relacionada à atribuição dada pelo usuário de acordo com suas experiências enquanto indivíduo emocional (Pallasmaa, 2014). Neste sentido, segundo o autor "habitamos o mundo, e a nossa maneira particular de o fazer obtém o seu significado fundamental através das construções da arquitetura" (Pallasmaa, 2014, p. 66).

Por este motivo, no caso de estudo deste artigo, o projeto arquitetônico de interiores torna-se indispensável para ambientes corporativos. Seus ocupantes permanecem no espaço por um longo período de tempo, deste modo, a arquitetura como canal deve possibilitar o desenvolvimento de sensações como pertencimento e alteridade, que são intrínsecas à esfera existencial humana.

3. MÉTODO

Este plano de trabalho contempla a etapa exploratória da pesquisa de mestrado e será conduzida utilizando metodologias visuais, observando, por meio de análises configuracionais, as expressões das relações entre pessoas, objetos e atividades no ambiente corporativo e suas respectivas ambiências afetivas ou maquínicas. Esta fase da pesquisa foi conduzida em três etapas, sendo que primeiramente foi realizada a visita in loco para observação atenta, entrevista e levantamento fotográfico. Na segunda etapa foi feita a análise configuracional dos principais percursos e permanências dentro do ambiente de trabalho identificando os indícios, materiais e imateriais, de pertencimento e a alteridade: organização espacial; elementos decorativos; sinalização e identidade visual; tecnologias assistivas; convivialidade; diversidade; participação; e, finalmente, representatividade. Na terceira etapa, os diagramas de ambiências foram analisados, resultando na produção dos que poderiam fundamentar as interpretações das situações cotidianas no ambiente corporativo.

Ao observar as interações entre os atores, eventos e elementos urbanos nas salas, corredores e acessos diversos e, partindo dessas observações, organizar cartografias resultantes dos mapeamentos comportamentais e cognitivos, foi possível produzir um inventário das experiências cotidianas dos usuários deste edifício (tabela 01). Este inventário será o ponto de partida para elaborar análises dos padrões de ambiências e suas aproximações com o conceito de habitabilidade, problematizado por Pallasmaa (2014). Durante um dia de trabalho observamos a convivência dos seus colaboradores: como as pessoas se apropriam dos espaços, os modos como

elas expressam alteridade e pertencimento, quais são os espaços, privados e comuns, mais usados e, finalmente, como os ambientes de trabalho interferem em seu cotidiano.

Atributo	Condições de Pertencimento	Condições de Alteridade
organização espacial	1 e 5 - Espaçamento entre as mesas que proporciona conversas informais 2 - Área do Café em "U" que proporciona o encontro e permanência 4 - Mobiliários multiuso que são utilizados para momentos de alimentação compartilhada	1, 6, 7 e 8 - Diversificação do mobiliário que proporciona a utilização conforme as necessidades individuais ou coletivas. 3 - Diversificação de espaços conforme necessidades
elementos decorativos	Todas as imagens - Determinam o caráter de cada área, como: área do café, salas de reunião e espaços de descompressão.	Todas as imagens - Participação dos trabalhadores nos murais colaborativos.
identidade visual	Todas as imagens - A identidade de marca da Rizzo, presente no forro, mobiliários e elementos decorativos permitem com que os colaboradores se sintam parte da empresa.	Todas as imagens - A identidade visual é trabalhada através de cada ambiente, de acordo com a sua função. Permitindo com que o colaborador opte por permanecer onde se sentir melhor.
tecnologias assistivas	Todas as imagens - Se relaciona com as tecnologias de acessibilidade do prédio, como: rampas, elevadores e nivelamento do piso.	Todas as imagens - A preocupação com as tecnologias assistivas torna a empresa inclusiva.

Atributo	Condições de Pertencimento	Condições de Alteridade
convivialidade	Todas as imagens - Os espaços de convívio distribuídos ao longo da planta possibilitam a formação de micro ambiências de socialização.	Todas as imagens - A diversificação dos espaços de convívio, intensifica as possibilidades de escolha.
diversidade	Todas as imagens - A possibilidade de trabalhar nos mais diversos mobiliários, além de terem liberdade para se comportarem autenticamente.	Todas as imagens - A diversificação dos mobiliários e ambiências permite a sua utilização conforme a necessidade interna de cada um.
participação	Todas as imagens - Principalmente no mural de entrada do edifício e nas atividades em grupo.	Todas as imagens - O pertencimento causado pela participação no mural e nas atividades também permite a alteridade quando possibilidade que cada um participe e aproprie da sua forma.
representatividade	Todas as imagens - Ocorre através da identidade visual e elementos decorativos, além das atividades realizadas no espaço.	Todas as imagens - Ocorre nas atividades e na possibilidade de autenticidade dentro do espaço.

Tabela 1. Ambiências "Efêmeras" e "Permanentes". Associação fotografias com as condições estabelecidas.
Fonte: Autores (2024)

4. RESULTADOS

4.1 Usos e funções do mezanino

A visita ao espaço corporativo da Rizzo Imobiliária foi realizada durante a tarde de um dia de março. O líder do Departamento de Gente, Cultura e Estratégia nos apresentou todos os pavimentos ocupados pela empresa. Dentre os espaços visitados, foi escolhido o 1º pavimento como objeto de estudo principal, já que o espaço contempla a maior parte das atividades desenvolvidas na imobiliária.

Este pavimento se divide em duas partes principais, o salão de trabalho e o espaço do café (figura 01). A primeira, acomoda um grande número de colaboradores que podem escolher o mobiliário que desejam ocupar, no layout a organização espacial é disposta em mesas agrupadas em diferentes posições. Ademais, entre as equipes estão posicionadas mesas redondas multiuso, que podem ser utilizadas para momentos de descontração, pequenas reuniões ou até mesmo para a realização de alguma tarefa individual.

A segunda parte se refere ao café. Este espaço apresenta mobiliário diversificado que varia sua forma e coloração de acordo com a atividade que será desempenhada, dentre eles estão: cabines individuais, mesa de reunião, mesa redonda, mesa individual, banco duplo com mesa, entre outros.

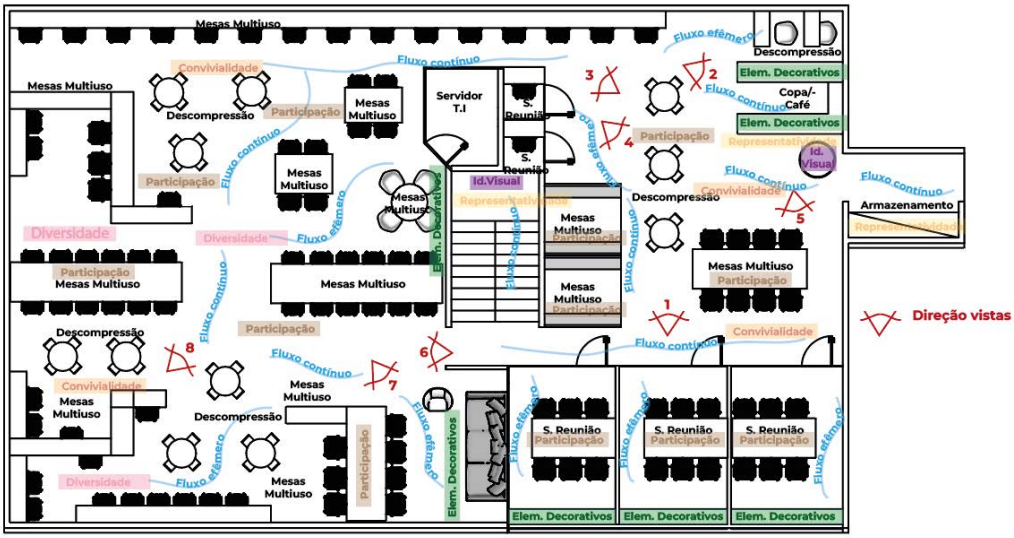


Figura 1. Esquemas gráficos e análise configuracional. Sem Escala.
Fonte: Desenho realizado pelos autores a partir da visita in loco (2024).

A primeira análise, em planta, reflete acerca de sete elementos necessários e comuns na observação de espaços arquitetônicos, são eles: organização espacial, elementos decorativos, identidade visual, tecnologias assistivas, convivialidade, diversidade, participação e representatividade. Esta primeira aproximação investiga o espaço de forma configuracional, para que o resultado forneça um entendimento mais aprofundado das ambiências do próximo tópico.

Assim, quando adentra-se um espaço ocupado por muitas pessoas, algo que não deixa-se de notar são os percursos. No caso da Rizzo, os caminhos principais percorridos pelos colaboradores da imobiliária começam pela subida das escadas, que é acessada através da entrada principal da empresa. Ao chegar no 1º pavimento, o fluxo se divide entre o salão principal (predominante) e a área do café. Por fim, os demais percursos se dão de modo a ocupar os espaços de trabalho.

Ademais, nota-se que os colaboradores permanecem mais tempo, em ordem decrescente: em suas mesas de trabalho; espaços multiuso da área do café; cozinha/ café; e mesas multiuso redondas. Embora o tempo de permanência na área do café seja menor, a convivialidade acontece predominantemente ali. Deste modo, neste espaço as pessoas são capazes de desenvolver atividades e habilidades para além do trabalho habitual.

Os elementos decorativos, identidade visual e sinalização foram princípios de análise que se entrelaçam em sua apresentação. Ao longo de todo o forro do edifício estão presentes as cores da marca da empresa, que também aparecem nos mobiliários. Ademais, existem quadros decorativos e faixas de identificação de ambientes que

também comunicam a mensagem da sinalização. Assim como estes elementos estão presentes por todo o espaço, a vista exterior também contorna o espaço de trabalho.

4.2 Entre ambiências "efêmeras" e interações cotidianas

A primeira análise em 2D, do tópico anterior, é importante para situar o leitor a respeito dos usos e funções do espaço, no entanto, nesta forma de representação torna-se inviável a análise das ambiências. Por isso, para esta última foi escolhida a investigação dos elementos através das imagens retiradas no local, que demonstram: pertencimento, alteridade, apropriação, diversidade, participação e representação (figura 02).

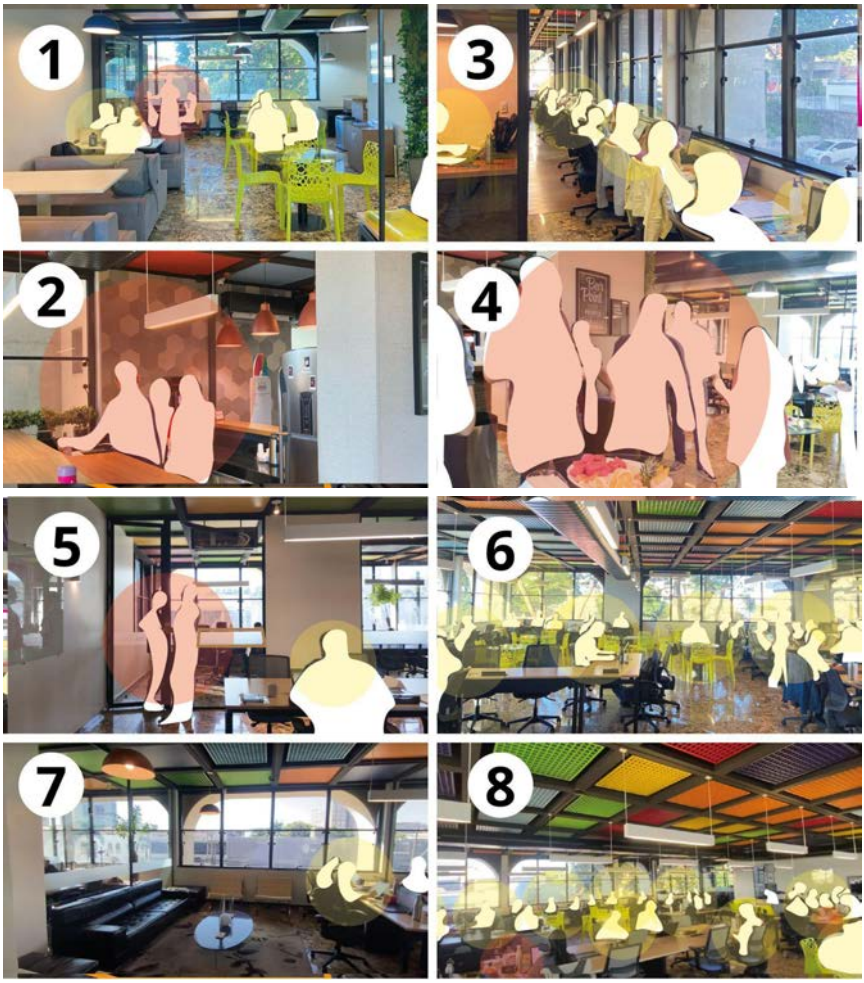


Figura 2.Fotografias retiradas no local e tratadas pelos autores. Cor amarela: Alteridade, Cor vermelha: Pertencimento. Sem Escala.
Fonte: Fotografias tiradas e tratadas pelos autores a partir da visita in loco (2024).

Assim como mencionado anteriormente, os dois espaços principais do pavimento são divididos em salão de trabalho e ambiente do café. Por este motivo, por serem determinados usos diferentes para cada espaço, o comportamento das pessoas se altera entre eles.

Na área do café, foram observados alguns principais momentos que permitem que o usuário se sinta pertencente e "em casa". Isto ocorre porque o local permite conversas informais, que acontecem em diferentes momentos, como: ao sair e entrar de uma reunião (item 2 e 5), ao participarem do momento de compartilharem frutas (item 4), ao utilizarem as mesas redondas ou os bancos duplos para conversas em grupo (item 1), entre outros. No entanto, não são apenas acomodados nos mobiliários que os usuários se relacionam, os percursos no espaço também determinam as paradas para conversas e trocas.

Por outro lado, o salão principal através da disposição das estações de trabalho em equipe, permite com que as pessoas escolham o mobiliário que desejam ocupar, além de se agruparem conforme suas áreas de interesse. Deste modo, esta disposição é capaz de potencializar o relacionamento entre os colaboradores. Além da setorização em equipes, existe a configuração das mesas em formatos diversos, de modo a criar mesas individuais, duplas, quadruplas, entre outras (item 3, 6, 7 e 8). Através desta análise, foi possível entender a abertura da Rizzo para o desenvolvimento de alteridade, uma vez que cada indivíduo pode escolher como gostaria de trabalhar, uma vez que não existem locais pré-estabelecidos para cada colaborador, tornando essa escolha de acordo com as necessidades individuais.

Assim, a configuração de layout, materialidade, forma dos mobiliários, elementos decorativos, entre outros, permitem com que as pessoas se apropriem e determinem o melhor modo de trabalho, além disso, por terem liberdade em seu espaço de trabalho, são capazes de se sentirem à vontade, dentro de um processo de alteridade.

Além da análise anterior acerca da disposição dos mobiliários e comportamentos dentro do ambiente, foram percebidos elementos que demonstram a cultura e pertencimento dos ocupantes. O primeiro, na escada principal da entrada da sede, está presente um grande mural desenhado pelos colaboradores da empresa. Esta ação permite mobilizar e integrar todos em uma ação em grupo, que permite trocas e desenvolvimento de habilidades. Por fim, além desses pontos focais como área do café e mural central, em meio às mesas de trabalho estão localizados pontos de café e quitandas, que facilitam o deslocamento e permitem novos momentos de interação e descontração.

5. CONCLUSÃO

Durante um dia de trabalho observamos a convivência dos seus colaboradores: como as pessoas se apropriam dos espaços, os modos como elas expressam alteridade e pertencimento, quais são os espaços, privados e comuns, mais usados e, finalmente, como os ambientes de trabalho interferem em seu cotidiano. Desse modo, por meio de uma cartografia das ambiências nos espaços corporativos, e das análises que se seguiram, nota-se que a arquitetura do ambiente de trabalho é um elemento crucial para promoção do pertencimento e alteridade dos usuários com o espaço que, confrontadas com o conceito de conforto ambiental nos espaços corporativos, destaca a importância de criar ambientes que sejam inclusivos, acolhedores e confortáveis para todos os colaboradores, levando em consideração suas diversas identidades, experiências e necessidades.

Além disso, a análise através do método configuracional e da observação cautelosa dos autores, permitiu que fosse sentidas e entendidas as ambiências criadas no espaço, que embora muitas vezes não separadas por barreiras físicas, aparecem através dos locais de convívio, relacionamentos e conversas informais. Ademais, a possibilidade de apropriação presente no espaço, como: murais, lousas, pontos de café, entre outras, demonstram a intenção da corporação em promover alteridade e pertencimento em seu espaço.

6. BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M.L.A. (2003). Filosofando: introdução à filosofia. Moderna

Institucional. (2024). HISTÓRIA. *https://rizzoimobiliaria.com.br/institucional*.

MERLEAU-PONTY, M. (1994). Fenomenologia da percepção. Martins Fontes.

NESBITT, K. (2008). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Cosac Naify.

NORBERG-SCHULZ, C. (2008). Los principios de la arquitectura moderna: sobre la nueva tradición del siglo XX. Reverté.

PALLASMAA, J. (2013). A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura. Bookman.

PALLASMAA, J. (2014). Habitar. Gustavo Gili.

PESSONI, C (2022). Rizzo Plaza é referência arquitetônica para a região central de Goiânia. *https://www.aredacao.com.br/colunas/177345/rizzo-plaza-e-referencia-arquitetonica-para-regiao-central-de-goiania*.

RANCIÈRE, J (2005). A partilha do sensível. trad. Mônica Costa Netto.

SAVAL, N (2015). Cubiculados: A história secreta do local de trabalho. Anfiteatro.

THIBAUD (2012). O devir ambiente do mundo urbano. Contraponto, 7 (2), 30-36.

R49

TO SPEAK OF ONESELF IS TO SPEAK OF THE WORLD: AUTO-ETHNOGRAPHY, MEMORIES AND AMBIANCES

CHAIR Cybelle Salvador Miranda

This session aims to welcome written and/or audiovisual reports that deal with the relationships between the temporalities of individual memories and the intersections of narratives between subjects and their experiences with architectural environments. It aims to produce a dialogue between cultures and subjects that thematize life experiences anchored in the forms and images of architecture, whether surviving or disappearing. The role of narrative in remembering and recreating architecture is the means to develop a means of reactivating memories of architectural and urban ambiances for present and future generations.

R49

PRESERVATION OF GEOMETRIC MEMORY OF ARCHITECTURAL HERITAGE: CHALLENGES AND LIMITS

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA GEOMÉTRICA DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: DESAFIOS E LIMITES

ABSTRACT
Digital preservation applied to architectural heritage has become popular with technological advances that promise to preserve in precise detail architectural works that are threatened or at risk of destruction, whether due to drastic climate changes, fires, armed conflict, among others. It is understood that this virtual record of cultural heritage is valuable and can contribute to documenting and composing digital databases - with identical dimensions, materials and format - in a safer and more accurate way than in analogue media. However, the result of digital preservation will always be the geometric memory, with precision, of the surfaces of a given construction or integrated element at a given time, and never the architectural ambience with the aspects that qualify it.

KEYWORDS: Cultural heritage. Digitization. Collective memory

RESUMO
A preservação digital aplicada ao patrimônio arquitetônico tem se popularizado com os avanços tecnológicos que prometem preservar em detalhes precisos obras arquitetônicas ameaçadas ou sob risco de destruição, seja por mudanças climáticas drásticas, incêndios, conflito armado, entre outros. Compreende-se, que esse registro virtual do patrimônio cultural é valioso e pode contribuir para documentar e compor bancos de dados digitais - com dimensões, materiais e formato idênticos - de forma mais segura e precisa do que em meio analógico. No entanto, o resultado da preservação digital sempre será a memória geométrica, com precisão, das superfícies de uma determinada construção ou elemento integrado e em um determinado momento, e jamais a ambiência arquitetônica com os aspectos que a qualificam.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural. Digitalização. Memória coletiva.

1. INTRODUÇÃO
O termo “preservação digital” aplicado ao patrimônio arquitetônico tem se disseminado com os avanços tecnológicos que prometem preservar em detalhes precisos obras arquitetônicas ameaças ou sob risco de destruição, seja por mudanças climáticas drásticas, incêndios, conflito armado, entre outros. Compreende-se, que esse registro virtual do patrimônio cultural é valioso e pode contribuir para documentar e compor bancos de dados digitais - com dimensões, materiais e formato idênticos - de forma mais segura e precisa do que em meio analógico. No entanto, o resultado da preservação digital sempre será a memória geométrica, com precisão, das superfícies de uma determinada construção ou elemento integrado e em um determinado momento, e jamais a ambiência arquitetônica com os aspectos que a qualificam.

Este estudo é consequência de reflexões sobre a documentação digital e o conceito de preservação digital aplicado ao patrimônio arquitetônico no âmbito da Fundação

Oswaldo Cruz (Fiocruz). Em 2014, foi criado o Preservo - Complexo de Acervos da Fiocruz, um programa institucional formalizado pela Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz. Seu objetivo é aprimorar e ampliar as ações de preservação e acesso físico e digital aos acervos científicos e culturais da instituição, além de promover uma maior integração desses acervos, constituídos por bens arquitetônicos, urbanísticos e arqueológicos, arquivísticos, bibliográficos, biológicos e museológicos.

Vinculado a esse projeto, a Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) criou o Programa de Preservação Digital de Acervos da Fiocruz (PPD), que tem estabelecido diretrizes para a constituição da infraestrutura física e lógica para o armazenamento de documentos digitais a longo prazo e um sistema informatizado para preservação dos acervos digitais, bem como orienta a criação de planos de preservação digital específicos para os diferentes acervos, inclusive para o acervo arquitetônico.

2. MEMÓRIA GEOMÉTRICA

A documentação tem um papel fundamental na preservação do patrimônio cultural, incluindo a representação geométrica como elemento central das informações a serem criticamente organizadas no processo de levantamento e cadastramento de uma edificação. Aos tradicionais métodos de representação, como plantas, cortes, elevações, perspectivas etc., foram incorporadas, com o tempo, a utilização de fotografias e fotogrametrias manuais e, mais recentemente, de tecnologias digitais como a fotogrametria digital e o escaneamento a laser. Essas novas ferramentas ampliaram consideravelmente as possibilidades de documentação da memória geométrica das edificações – e também o debate sobre a necessidade realizar reflexões críticas sobre esse processo.

A partir do final da década de 1990 do século 20, a fotogrametria digital vai se proliferar no campo do Patrimônio Cultural e assumir status de instrumento confiável de exatidão que outros instrumentos tinham – como o desenho e a fotografia.

A definição de fotogrametria pode ser descrita como "a arte, ciência e tecnologia de obtenção de informação confiável sobre objetos físicos e o meio ambiente através de processos de gravação, medição e interpretação de imagens fotográficas e padrões de energia eletromagnética radiante e outras fontes" (American Society of Photogrammetry, 1979 apud. Tommaselli, 2009, p.1).

O desenvolvimento do campo prático da fotogramétrica foi possível a partir do século 19, após a invenção da fotografia, sendo aplicada para o registro topográfico e cartográfico inicialmente pela chamada fotogrametria terrestre. No século 20, com o recurso aprimorado dos aviões, foi sendo utilizada para fins cartográficos e militares a fotogrametria aérea (Tommaselli, 2009). Na década de 1970, com o desenvolvimento da tecnologia e introdução da tecnologia dos computadores, os

processos manuais de compilação de mapas foram substituídos por tecnologia assistida por computador.

A partir do século 21, devido ao rápido avanço tecnológico[1] e a automação dos processos fotogramétricos, os produtos gerados por tais técnicas têm sido cada vez mais requisitados e aplicados no campo do Patrimônio Cultural, em levantamentos, diagnósticos e para a tomada de decisão de restaurações arquitetônicas.

O escaneamento a laser é outro método de levantamento que ganhou grande relevância na área do patrimônio cultural nas últimas duas décadas e vem sendo aprimorada e difundida cada vez mais para a documentação e gestão de edificações históricas. Por meio de uma câmera específica que emite pulsos a laser em uma superfície, o método resulta na formação da chamada nuvem de pontos, que permite a criação em computador de representações tridimensionais de objetos de alta precisão métrica.

Apesar de apresentar grandes vantagens em relação aos métodos tradicionais quanto ao tempo e precisão do levantamento geométrico de uma edificação, o escaneamento a laser exige alguns cuidados, pois demanda um planejamento acurado da execução, desde as capturas até o processamento, e um conhecimento técnico aprofundado das tecnologias (Campiotto, 2019), bem como prescinde também de grande clareza sobre os objetivos do escaneamento. De fato, as novas tecnologias de captura permitem obter a geometria da obra com precisão, possibilitando uma análise aprofundada de suas características e de eventuais deformações (Kühl et al, 2019). Entretanto, isso não é suficiente para preservar a arquitetura, somente conservar a memória geométrica de dada construção num determinado momento.

Zevi (1996) já apontava que a representação geométrica do espaço arquitetônico em instrumentos usuais - como plantas, cortes, elevações e fotografias - não são capazes de representar completamente tal espacialidade. Recriar a partir de uma documentação, a mais próxima do real e com exatidão incontestável, é uma ilusão (Salvo, 2008), especialmente se consideramos os monumentos são reconhecidos enquanto patrimônio cultural edificado não por uma virtude intrínseca, mas porque são atribuídos valores.

A documentação da sua memória geométrica, capturada por meio digital ou não, é muito importante, mas não é o suficiente para afirmar que sua essência (da arquitetura) esteja salvaguardada. Outras variáveis são responsáveis pela vivência do espaço arquitetônico e da atribuição de valor da obra. A ambiência do espaço arquitetônico contribui ativamente para ressaltar os valores estéticos, históricos e culturais.

---

1 Segundo Santos (2014), os primeiros sistemas de câmeras digitais disponíveis no mercado foram apresentados no Congresso da International Society for Photogrammetry and Remote Sensing (ISPRS) em 2000, pelas empresas Leica Geosystem (câmera digital ADS40) e Intergraph (câmera digital DMC). Desde então, e com o advento das câmeras digitais, observa-se um impulso na fotogrametria aplicada ao registro de bens arquitetônicos, em especial pela facilidade do recurso para processo de captura de dados e mapeamento móvel.

3. AMBIÊNCIA(S)

Segundo Thibaud (2018) a ambiência não é um estado estável e invariável, pois relaciona-se com nossa maneira de agir e se comportar. Portanto, a ambiência se experimenta mais do que se percebe, já que percebemos segundo a ambiência.

"A sua maneira, ambiência nos lembra, que o ser vivo e seu meio formam uma unidade" (Thibaud, 2018, p.19).

Nesse ponto, considera-se fundamental compreender como o(s) indivíduo(s) constroem e concebem o espaço arquitetônico. Convive-se em ambientes com muitos estímulos que permitem ao ser humano se relacionar com este através dos cinco sentidos. Apesar de não nos darmos conta disso, cheiros, formas, luz, sombra, movimento, temperatura são elementos importantes para qualificar o espaço vivencial. Da mesma maneira o ambiente acústico, isto é, o som. Inclusive, o som, seja pela sua presença ou ausência é um qualificador do espaço. São as experiências sensoriais que qualificam espaços e contribuem para transformá-los em um lugar.

No campo do patrimônio cultural, a noção de uma ambiência histórica como fator essencial para garantir a integridade do bem cultural. O debate atual sobre o entorno apresenta duas abordagens das atribuições dessa área. A primeira considera o espaço circundante vinculado ao monumento e que, portanto, necessita ser protegido, mas que não apresenta valores - históricos ou artísticos - suficientes para ser tutelado. A segunda considera que o espaço circundante apresenta valorização, significado e qualidades de forma semelhante ao monumento e, portanto, deve receber a mesma proteção legal.

4. EXPERIÊNCIAS

4.1 Destruição do patrimônio arquitetônico

A Catedral de Notre Dame de Paris (*Cathédrale Notre-Dame de Paris*), também conhecida como Catedral de Nossa Senhora de Paris, é uma das obras-primas da arquitetura gótica da Europa e um símbolo religioso e cultural da França. A catedral cercada pelo rio Sena é dedicada à Virgem Maria e foi erguida na Île de la Cité, em Paris, entre os séculos XII e XIV. Muito famosa por sua impressionante fachada, torres icônicas, vitrais deslumbrantes e detalhes que capturam a atenção dos visitantes. Durante muitos anos, Notre Dame foi cenário de diversos acontecimentos históricos e uma atração turística de renome global.

Em 15 de abril de 2019, um incêndio devastador ocorreu na Catedral de Notre Dame causando danos significativos à estrutura, ao telhado construído em carvalho que foi consumido pelo fogo, e à emblemática agulha de Viollet-le-Duc, com seus 93 metros de altura que desmoronou. Embora a razão do incêndio ainda não tenha sido confirmada, especula-se que tenha começado devido ao um curto-circuito no sistema elétrico dos sinos ou de uma ponta de cigarro deixada por operários que realizavam reformas no local.

Medidas imediatas foram tomadas em resposta aos estragos causados pelo incêndio, envolvendo tecnologias modernas e tradicionais. Equipamentos de combate ao incêndio de alta tecnologia foram aplicados para conter as chamas, enquanto robôs e drones foram usados para analisar os danos causados. Após o incidente, tecnologias de modelagem 3D e escaneamento a laser foram utilizadas para criar modelos detalhados da estrutura danificada, ajudando na elaboração de planos de reconstrução precisos. Essas técnicas permitiram um mapeamento aprofundado das áreas afetadas e a identificação das áreas que necessitavam de intervenção imediata.

O incêndio na Catedral Notre Dame chamou a atenção mundial e gerou uma mobilização inédita para a reconstrução da catedral. Em pouco tempo, milhões de euros foram arrecadados em doações de pessoas, empresas e governos para financiar os esforços de recuperação. Apesar dos atrasos no cronograma causados principalmente em razão da pandemia de coronavírus, pouco mais de cinco anos após o incêndio, a reabertura da igreja está prevista para dezembro de 2024.

As consequências do incêndio desencadearam discussões sobre os métodos e materiais a serem empregados na restauração. Para garantir a segurança e durabilidade da estrutura, alguns defendiam o uso de materiais modernos e técnicas contemporâneas, enquanto outros a fidelidade histórica e o uso de materiais e técnicas tradicionais. A tragédia mostrou a importância das tecnologias digitais para a preservação física e visual do patrimônio arquitetônico.

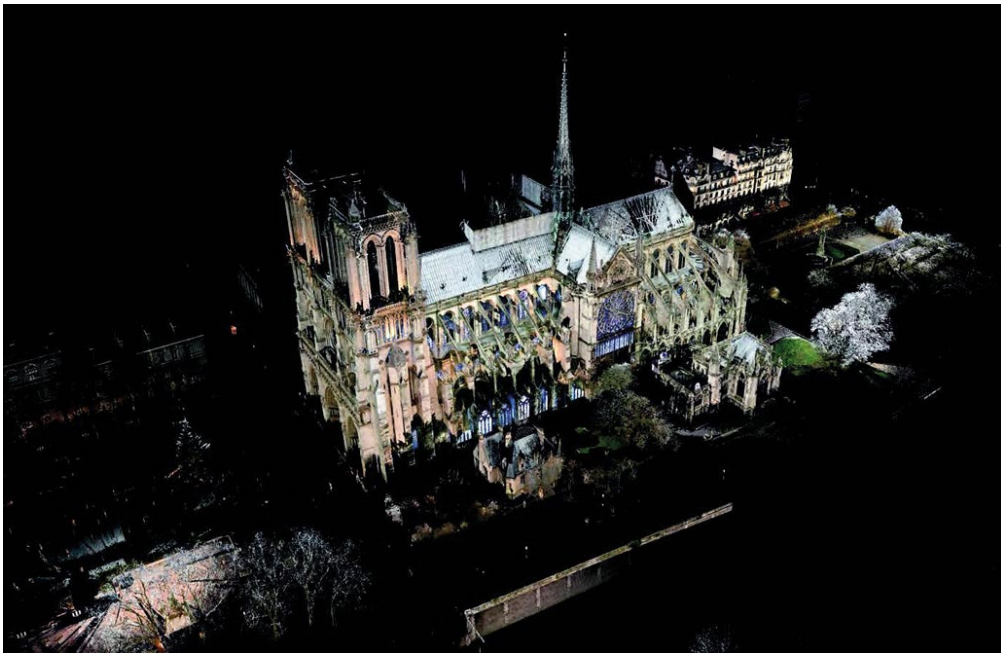


Figura 1. Notre Dame reconstruida virtualmente
Fonte: Revista Pesquisa FAPESP. (2019). https://revistapesquisa.fapesp.br/catedral-notre-dame-em-3d/

A reconstrução da Catedral foi possibilitada pelo trabalho realizado há 14 anos pelo historiador da arte, Andrew Tallon. Nascido na Bélgica em 1969, Tallon se interessava de forma especial pelo período neogótico. Em dezembro de 2010, ele utilizou um scanner a laser de alta resolução para mapear tanto o interior quanto o exterior da Catedral. Posicionou o scanner aproximadamente cinquenta vezes para capturar detalhes minuciosos, resultando em mais de um bilhão de pontos de dados. Além disso, a partir de cada ponto de escaneamento, foram capturadas imagens panorâmicas para auxiliar na elaboração de uma memória geométrica do edifício em um modelo digital. Depois do incêndio da igreja, o mapeamento do edifício feito por Tallon (Figura 1) é utilizado como recurso para a reconstrução planejada da Catedral. O incêndio em Notre Dame enfatizou a vulnerabilidade dos monumentos históricos e a importância de investimentos contínuos em sua manutenção e proteção. A restauração da Catedral envolve não apenas a reconstrução, mas também a preservação de um legado religioso e cultural para as gerações futuras.

4.2 Risco potencial de destruição do patrimônio arquitetônico

O Projeto Million Image Database iniciado em 2015, foi uma iniciativa conjunta das Universidades de Harvard e Oxford, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e do Epigraphical Database do Instituto de Estudos do Mundo Antigo da Universidade de Nova York. O objetivo principal do projeto é a preservação digital do patrimônio cultural global, principalmente em locais onde a destruição causada por desastres naturais, conflitos e outras formas de destruição é comum. Liderado pelo Instituto de Arqueologia Digital (IDA) de Oxford, esta campanha é uma resposta à destruição crescente de monumentos culturais e históricos. Isso é visto na Síria (Figura 2), no Iraque e em outras regiões afetadas por conflitos armados e atividades terroristas.

O Projeto Million Image Database utiliza tecnologia inovadora para captar imagens em alta resolução de monumentos culturais e objetos em risco. A técnica utiliza drones, câmeras 3D e outras ferramentas de engenharia sofisticadas para produzir modelos tridimensionais precisos e detalhados (Rosenfield, 2015). Esses modelos registram a aparência dos bens culturais, bem como suas dimensões e características estruturais.

Em todo o mundo, voluntários e profissionais treinados têm câmeras de alta resolução e instruções detalhadas sobre como fotografar bens culturais. Em seguida, as fotografias coletadas são processadas e armazenadas em uma base de dados central, que é acessível a pesquisadores, conservadores e outros especialistas em patrimônio cultural.

Existem várias consequências e possíveis derivações do Projeto Million Image Database (The Institute for Digital Archaeology, 2015):

- Preservação Digital: Uma grande quantidade de dados de imagens em alta resolução permite a preservação digital de bens culturais, mesmo que os originais sejam danificados ou destruídos. Futuras restaurações, estudos acadêmicos e educação podem depender desses registros.
- Acesso Global: Uma base de dados está disponível para pesquisadores e organizações de todo o mundo, ou que incentivam a cooperação global na preservação do patrimônio cultural. Isso também ajuda as comunidades locais e o público em geral a obter informações, aumentando a conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio.
- Planejamento de Restauração: Modelos digitais e imagens podem ser usados para orientar os esforços de restauração em caso de danos ou destruição, fornecendo informações visuais e técnicas planejadas. Isso é particularmente útil em locais onde os conflitos ou desastres naturais tiveram um impacto significativo no patrimônio cultural.
- Gestão de Riscos: O projeto ajuda na gestão de riscos, pois permite que autoridades locais e internacionais monitorem e avaliem melhor a condição dos bens culturais. Isso pode ajudar a melhorar a preparação e responder a ameaças.
- Iniciativas de Educação e Conscientização: A distribuição de dados e fotos ao público pode ser uma ferramenta poderosa para ensinar e conscientizar as pessoas sobre a importância da preservação do patrimônio cultural. Também pode incentivá-las a participar de iniciativas de conservação.
- Colaboração Interinstitucional: O projeto mostra como a colaboração entre projetos locais, organizações internacionais e universidades pode levar soluções inovadoras e eficazes para problemas que afetam o mundo inteiro.

Figura 2 - Imagem das ruínas de Palmira, Síria, tirada em 23 de março de 2014. O Instituto de Arqueologia Digital coletou imagens antes da destruição possibilitando a documentação de como era o local.
Fonte: REVISTA NEWSWEEK. (2015). *https://www.newsweek.com/2015/11/20/institute-digital-archaeology-preserves-cultural-heritage-middle-east-392732.html*

O Projeto Million Image Database é um grande avanço para a documentação do patrimônio cultural ameaçado. O projeto preserva a memória geométrica de bens culturais em risco, fomenta estudos, desperta consciências e fornece recursos valiosos para sua conservação e restauração futuras ao usar tecnologias modernas de arquivo digital extensivo. Este esforço de equipe enfatiza a importância da cooperação internacional e da inovação tecnológica para preservar o legado cultural da humanidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edificação, isto é, o documento de natureza arquitetônica, objeto da captura de imagem não tem sua materialidade assegurada pelo processo de preservação digital, no entanto é fato que o processo de captura da imagem tem o objetivo de contribuir para preservação material.

Diversos desafios estão envolvidos no processo, tanto por conta dos recursos tecnológicos implicados, quanto do nível de captura e manipulação do material bruto. No uso de tecnologias digitais, deve-se tomar cuidado para não mecanizar o processo de documentação. É preciso ter em mente que todo levantamento é

uma operação crítica, que, logo, precisa incorporar elementos intangíveis. Contudo, ressalta-se que os valores intangíveis que ajudam na construção das ambiências não são objeto de documentação.

Os exemplos da Notre-Dame e do Projeto Million Image Database ilustram iniciativas de grande relevância para a preservação do patrimônio cultural, no entanto pode-se dizer que, a memória geométrica resultante não tem a capacidade de, isoladamente, registrar as significações culturais do patrimônio arquitetônico. Portanto, a preservação digital do acervo arquitetônico, precisa ser contextualizada considerando as limitações e a finalidade que se propõe, isto é, o de registrar a informação para formato digital acessível e interpretável por meio de sistema computacional. As experiências sensoriais, se existirem, não serão as mesmas e serão intermediadas pelos recursos computacionais. É preciso estar consciente das perdas, que existirão, e alerta para aliar meios de registro das ambiências históricas.

6. BIBLIOGRAFIA

Andrade, I.E.J. (2009). Dimensão Ambiental da paisagem cultural: o impacto do entorno urbano nos jardins de interesse histórico. (Tese de doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BBC News Brasil. Incêndio em Notre-Dame: o que se sabe sobre a tragédia que consumiu catedral em Paris. BBC, 15 abr. 2019. Disponível em: <*https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47939068* >. Acesso em: 19 jun. 2024.

Bloomberg. (2023). Notre-Dame Cathedral's Reopening Is Set for 2024 as Its Spire Emerges From Rubble. Disponível em: *https://www.bloomberg.com/news/features/2023-10-06/notre-dame-cathedral-will-reopen-in-2024-how-to-visit-what-you-can-see*. Acesso em: 10 jul. 2024.

Campiotto, R. C. (2023). Técnicas de documentação, levantamento e diagnóstico do patrimônio edificado: o caso do Museu do Ipiranga. 2023. (Tese de doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: *https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-02012024-155005/*. Acesso em: 08 jul. 2024.

Castriota, L. B. (2009). Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS.

Fiorin, P. (2021). A restauração da Catedral de Notre-Dame em Paris envolve a tecnologia digital e modelagem de informações de edifícios. Disponível em: <*https://blogs.autodesk.com/por-dentro-da-autodesk-brasil/2021/04/12/a-restauracao-da-catedral-de-notre-dame-em-paris-envolve-a-tecnologia-digital-modelagem-de-informacoes-de-edificios/*>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2007). Programa de

Especialização em Patrimônio do IPHAN: entorno dos bens tombados. Rio de Janeiro: Coordenação Geral de pesquisa, documentação e referência/Biblioteca Noronha Santos. (Cadernos de Estudos do PEP, v.6).

Kühl, B. (2019). Nuvem de pontos do Museu Paulista da USP: workshop entre o Diaprem (Universidade de Ferrara) e a FAU-USP. Rev. CPC, São Paulo, n.27, p.310-323, jan./jul. *https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/152322/154744*. Acesso em: 13 jun. 2024.

Lima, E. Catedral Notre-Dame: obra-prima da arquitetura gótica. Disponível em: <*https://beminparis.com/catedral-notre-dame-obra-prima-da-arquitetura-gotica*>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Melendez, S. Como a modelagem digital está ajudando a recuperar a catedral de Notre Dame. Disponível em: <*https://fastcompanybrasil.com/co-design/como-a-modelagem-digital-esta-ajudando-a-recuperar-a-catedral-de-notre-dame/*>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Rosenfield, K. Harvard e Oxford lançam campanha para preservar monumentos contra o Estado Islâmico. Arch Daily, 2015. Disponível em: <*https://www.archdaily.com.br/br/773040/harvard-e-oxford-lancam-campanha-para-preservar-monumentos-contra-o-estado-islamico?ad_campaign=normal-tag*>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Salvo, S. (2008). A intervenção na arquitetura contemporânea como tema emergente do restauro. Tradução: Beatriz Mugayar Kühl. Pós, São Paulo, 23, 199-211. *https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43564/47186*. Acesso em: 13 jun. 2024.

Santos, D. R. dos. (2014). Fotogrametria I (1ª. ed. 2009). Curitiba: Departamento de Geomática UFPR. *https://docs.ufpr.br/~danielsantos/FS-capI_A5.pdf*. Acesso em: 13 jun.2024.

The Institute for Digital Archaeology. Imaging Projects. The Million Image Database. 2015. Disponível em: <*https://digitalarchaeology.org.uk/people*>. Acesso em: 17 jun. 2024.

Thibaud, J.P. Ambiência (2018). Em CAVALCANTE, S.; ELALI, G. (Orgs). Psicologia Ambiental. Conceitos par a leitura da relação pessoa-ambiante. Petrópolis: Editora Vozes. Cap. 1. pp. 13-25. Tradução de Sylvia Cavalcante.

Tommaselli, A. M. G. (2009). Fotogrametria Básica - Introdução. Santa Caratarina: UDESC. *https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/891/introducao_a_fotogrametria.pdf*. Acesso em: 13 jun.2024.

Torres, M. A. & Kozel, S. (2010). Paisagens Sonoras: Possíveis Caminhos aos Estudos Culturais em Geografia. Revista Ra'e Ga – O Espaço Geográfico em Análise. Curitiba, 20, p. 123- 132.

Tuan, Y. F. (1980). Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL.

R49

PLURAL LANSCAPES:BRASILIA AND TEOTIHUACAN. MEMORIES AND AMBIENCES:INTERCONNECTING TIMES, CULTURES, SPACES AND ENJOYMENT

PAISAGENS PLURAIS: BRASÍLIA E TEOTIHUACAN. MEMÓRIAS E AMBIÊNCIAS: INTERCONECTANDO TEMPOS, CULTURAS, ESPAÇOS E FRUIÇÃO

Andréa Gonçaves Moreira Bernardes
Mestre Doutoranda
CEUB - Centro Universitário de Brasília
andrea.bernardes@ceub.edu.br

ABSTRACT

Going up the Avenue of the Dead de Teotihuacán, I submerged in a web of perceptions and feelings that I immediately associated with Brasilia, my city on the central plateau of Brazil. This restlessness would accompany me for decades and would be expressed in future studies of the history of pre-Columbian architecture. Distant in time and space would configure a cross of narratives of a dead city with a living city, both planned cities, separated by almost two millennia, united by orthogonality and the strong symbolic character of triumph that were and are from different societies and cultures. Connecting Teotihuacán to Brasilia is a peculiar auto-ethnographic experience, because given the non-deciphering in its completeness of a written language of the Teotihuacans to the present day, architectural and urban analysis probably continues to reveal narratives that we could not reconstruct in other ways. It is a weft, an embroidery of memories interconnecting times, cultures, spaces and enjoyment.

KEYWORDS: autoethnography and ambiances, Brasilia and Teotihuacan, urban landscape as a new geography, intersection of narratives.

RESUMO

Subindo a Avenida dos Mortos de Teotihuacán, submergi em uma teia de percepções e sentimentos que associei imediatamente a Brasília, minha cidade no planalto central do Brasil. Essa inquietude me acompanharia por décadas e se expressariam em futuros estudos da história da arquitetura pré-colombiana. Distantes no tempo e no espaço configuraria um cruzamento de narrativas de uma cidade morta com uma cidade viva, ambas cidades planejadas, separadas por quase dois milênios, unidas pela ortogonalidade e pelo forte caráter simbólico de triunfo que foram e são de diferentes sociedades e culturas. Conectar Teotihuacán à Brasília constitui uma experiência auto etnográfica peculiar, pois dada a não decifração em sua completude de uma linguagem escrita dos teotihuacanos até os dias de hoje, a análise arquitetônica e urbanística provavelmente nos segue revelando narrativas que não poderíamos reconstruir por outras maneiras. É uma teia, um bordado de memórias interconectando tempos, culturas, espaços e fruição.

PALAVRAS CHAVE: autoetnografia e ambiências, cruzamento de narrativas, paisagem urbana como nova geografia, Brasília e Teotihuacan.

INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

As múltiplas camadas espaciais e temporais que existem dentro de cada cultura dos diferentes tipos de sociedades humanas costumam expressar-se em um *continuum* de memórias, sejam coletivas ou individuais. Tomar consciência da "atmosfera" de um determinado lugar implicaria em ir além, em extrapolar o simples memorial descritivo das edificações existentes e observar as dimensões sensoriais, sensitivas e psicológicas existentes. (Duarte, et al,2022). O conceito de ambiência, como

menciona Duarte, veio preencher uma lacuna há muito percebida nas ciências humanas e sobremaneira na arquitetura, pois o incômodo observado nas análises frias e meramente descritivas arquitetônicas/urbanas muitas vezes não levavam em consideração estas múltiplas camadas subjetivas, que encontram a ressonância perfeita no conceito de ambiência.

> Realmente, a pesquisa em Arquitetura e Urbanismo já vinha se mostrando incompleta quando se debruçava sobre os aspectos apenas funcionais, formais ou ambientais do espaço construído como fatores isolados. O estudo das ambiências, ao se debruçar sobre o conjunto de aspectos sensíveis e dinâmicos dos lugares, assim como de seus usuários, abre possibilidades de compreensão das experiências sensíveis das cidades, apontando para novas maneiras de pensar e atuar sobre o meio urbano. (Duarte, p.21)

Partimos do princípio de que os traçados urbanísticos, assim como as edificações arquitetônicas podem ser lidos como textos, tramas que expressam a modificação da paisagem original em um espaço cultural complexo, resultante que é de uma concretização de uma visão de mundo que engloba aspectos variados tais como: cultural, econômico, político e socioambiental de diferentes povos. Onde nitidamente as relações de poder expressam o controle social do espaço. Trata-se da superposição de uma paisagem urbana a uma paisagem natural pré-existente.

Norberg Schulz (2009:10) entende paisagem como fenômeno mais abrangente, além da sua mera imagem e localização (mais que um ponto de gps); fenômeno que carrega toda uma atmosfera, um caráter. Norberg-Schulz ressignificou o antigo termo romano *genius loci,* o espirito do lugar que originalmente, nos primeiros séculos da era cristã, estava relacionado com os espíritos protetores em uma visão religiosa, porém em pleno século XX foi utilizado para referir-se a uma trama complexa, a uma interação de diferentes fatores culturais, socioeconômicos com viés identitário, configurando e investigando a percepção espacial e suas aplicações. O *genius loci* estaria relacionado com a identificação cultural; consequência de um processo acumulativo de percepção que se iniciaria com a visualização, passando pela simbolização e finalizaria com a reunião dos significados aprendidos. Este processo seria compatível com uma noção complexa de paisagem cultural, independentemente se fosse urbana ou rural, resultando em um sistema mundo que incluiria o espaço edificado, sua área adjacente e inclusive a paisagem avistada: orientação e identificação simultaneamente; orientação com significado atuando no tempo. Schulz escreve ressaltando o anacronismo do início do século XX ao tratar o conceito de paisagem como mera descrição de lugares (2009:10). Talvez estivesse utilizando a definição do conceito contemporâneo de *ambiência* sem propriamente usar o termo

Paisagens urbanas foram conceituadas também como artefato (Rossi, 2001: 23) implicando na leitura técnica que as coloca como obra de arquitetura/engenharia onde as formas se alteram no tempo; desta maneira podemos dizer que várias

cidades ocupam o mesmo lugar no espaço, considerando a Teoria da Permanência. Rossi (2001: 49) argumenta que as cidades históricas são um passado que ainda experimentamos, pois através dele compreendemos e assimilamos vários aspectos do *modus vivendi* daquelas culturas antigas. Essa discussão sobre o *ser* e o *dever ser* que permeia vários campos filosóficos do saber, pode e deve ser retomado no debate sobre paisagens plurais, tanto na diferenciação das inúmeras paisagens, como na pluralidade das abordagens, como bem propõe Saboia: "Por outro lado, a paisagem como meio, como possibilidade de um "devir", como espaço do agir e de representação da ação coletiva muitas vezes não é considerada." (2020:394)

O moderno conceito de *ambiência* almeja incorporar todas estas camadas e acrescentar a subjetividade das diferentes leituras possíveis, sobrepujando e dando maior complexidade ainda ao conceito de paisagem cultural. O antigo conceito de *lugar + espírito do lugar* vem realmente tomando corpo, revelando-se mais complexo, com múltiplas camadas como as diferentes layers de um projeto no autocad ou de uma impressora 3D. Realmente refletindo sobre a transformação da arquitetura/urbanismo como artefato cultural, que praticamente molda o lugar: percepção altamente sofisticada de Duarte (2013) que "considerou Moldagem como sendo a metáfora do processo que leva o espaço a ser um lugar, considerando moldagem como sendo a "operação de moldar". Do somatório da paisagem natural anterior com os diferentes artefatos culturais edificados, tanto arquitetônicos como urbanísticos, resultaria uma complexa paisagem cultural que compreenderia, além do espaço físico modificado, a paisagem visualizada pelas pessoas.

Primeiramente será necessário refletir sobre alguns dos significados do polissêmico conceito de Paisagem[1] – principalmente como representação, como ocupação do território (poder) e como esquema urbanístico simbólico repetido. O conceito original deriva do alemão *landschaft* que designa a área física + a apropriação cultural feita pelos homens e que teria se originado da junção dos termos *land* + *schaffen*, que significaria criar a terra, produzir a terra; da palavra *landschaft* vira o termo inglês *landscape*. De acordo com a Convenção Europeia de Paisagem[2], o conceito "designa uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo caráter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos". Circunscritas como território cultural de uso humano, as paisagens urbanas, talvez ainda mais que a arquitetura, seriam a nova geografia[3]. Observamos hoje um recrudescimento profícuo dos estudos sobre Paisagem abarcando áreas diferentes do conhecimento humano como: arquitetura, urbanismo, história, geografia, artes, biologia, conservacionismo, etc.

---

1 Paisagem natural, paisagem como geografia, paisagem como história, paisagem como território, paisagem como representação artística, paisagem como representação arquitetônica, paisagem como filosofia, paisagem urbana, paisagem industrial, etc.

2 Também chamada de Convenção de Florença (20.10.2000), foi o primeiro tratado internacional com foco na Paisagem, dedicando-se à proteção, gestão e ordenamento das paisagens europeias.

3 Referência à reflexão feita por Yvonne Farrell e Shelley McNamara (Pritzker em 2020) na exposição *Arquitetura como nova Geografia*

2. PLURAL LANDSCAPES / PAISAGENS PLURAIS

Importante buscar distinguir os conceitos de *natureza* e *paisagem*, com a valiosa ajuda filosófica de Georg Simmel (1913:05) "por natureza entendemos o nexo infindo das coisas, a ininterrupta parturição e aniquilação das formas, a unidade ondeante do acontecer, que se expressa na continuidade da existência espacial e temporal". Os animais não contemplam paisagens, simplesmente circulam na natureza, são a natureza, assim como nós, animais racionais; porém não ficamos somente nesta esfera, pois a natureza é o mundo em si, o *continuum*. Já a visão da paisagem e a identificação da paisagem constituem fruto da observação humana, seria a nossa imagem do mundo, imagem cultural. Nos pareceria que os animais de maneira geral estão imbuídos da natureza e imersos na natureza, fazendo parte integralmente da *wilderness* (natureza intocada). Os animais se integram e não fazem o recorte humano de Paisagem; o homem sapiens-sapiens marca o território com uma criação, seja uma edificação, um manejo paisagístico ou um desenho. Simmel sempre se refere a paisagem sem especificar ou rotular.

Gordon Cullen (2009:10) identifica impactos emocionais nas pessoas diante de paisagens, em especial paisagens urbanas e conceitua como visão serial a exposição do homem a estímulos sequenciais e simultâneos que surpreendem: "a visão tem o poder de invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo o seu corolário de emoções, fato do qual se pode tirar proveito para criar situações de fruição extremamente intensas." Já Simmel (1913:07) ressalta que o que diferencia esta noção de *natureza* do sentido de *paisagem* é justamente a ação de demarcar, seja com o olhar ou com o desenho/pintura, a ação do limitar da parte para que "se torne um outro todo independente". A noção de paisagem oriunda de uma leitura eminentemente cultural e emerge como solução da contradição inerente que seria mencioná-la como *um pedaço de natureza* (termo de Simmel), já que a percepção profunda da natureza como uma totalidade está enraizada desde a antiguidade. Georg Simmel explica como a arte redimensiona a natureza, secciona, identifica dentro do *continuum* do *wilderness*, lugares destacados gerando um sentido de paisagem. Ver a paisagem é ao mesmo tempo contemplativo e afetivo. O observador contribui com seu estado psíquico para a construção da paisagem; essa integralidade surge quando a disposição anímica se torna uma qualidade da paisagem. Seria a própria construção do lugar a partir da experiência. Exatamente neste contexto surge nossa leitura espacial etnográfica entre Brasília e Teotihuacán.

3. RELATED ENVIRONMENTS: TEOTIHUACAN VERSUS BRASILIA / AMBIÊNCIAS CORRELATAS: TEOTIHUACAN VERSUS BRASILIA

Para os antigos mesoamericanos o conceito relativo à paisagem urbana seria *altepetl* (Fernandez, 2007: 12). O termo *altepetl* significa, literalmente, *água-montanha.* Cada *altepetl* é um microcosmo reproduzido numa escala urbana; incluía a cidade, a zona

de cultivo e também o relevo, a vegetação, as nascentes, a fauna e a flora. Existe uma relação intrínseca entre as noções de territoriedade, a relação do ambiente urbano com o rural e o urbanismo. Uma superfície terrestre rodeada por mar: é essa a imagem do cosmos para estas culturas. Depreende-se daí que a melhor locação para uma cidade é perto de um 'corpo de água', de preferência um lago. A cidade seria então a reprodução da paisagem e do cosmos em escala urbana. Observadores que eram dos ciclos das estações, dos solstícios e equinócios, os povos mesoamericanos certamente observavam a paisagem de maneira sistemática, fazendo suas medições e delimitando espaços a partir destas. Sobre o princípio de orientação na arquitetura e no planejamento urbano da Mesoamérica nos explica Broda (1975:11):

> A coordenação que existia entre o tempo e o espaço na cosmovisão mesoamericana encontrou sua expressão na arquitetura mediante a orientação de pirâmides e sítios arqueológicos. Estas orientações podem ser relacionadas, na maioria dos casos, com os momentos do nascer do Sol e do seu ocaso, em dias específicos do ciclo solar, enquanto que algumas delas se conectam também com fenômenos estelares. (...) O testemunho arqueológico cristalizado nas orientações comprova que observavam determinados fenômenos astronômicos no horizonte e que os povos pré-hispânicos tinham a capacidade tecnológica de desenhar e construir edifícios em coordenação exata com o fenômeno natural que queriam ressaltar.

Em Teotihuacán (figs, 1, 2 e 3) observamos uma espécie de cristalização da paisagem natural na paisagem urbana, onde a forte voz das montanhas e cerros se fizeram espelhar nas pirâmides, nos cerros construídos a mão mencionados na obra de Sahagun (1575:73)

> Uma pirâmide é como um pequeno cerro, somente que feito à mão. E os túmulos que fizeram ao sol e à lua, são como grandes montes edificados a mão, que parecem ser montes naturais e não o são, e ainda parece ser coisa indizível dizer que são edificados a mão, e certamente o são, porque os que os fizeram no passado eram gigantes (...) que se vê claro estar feito à mão porque tem adobes e são caiados[4].

E os vales naturais, cheios de vida, do altiplano foram esquematicamente capturados no traçar dos deambulatórios processionais em grande escala das largas avenidas entremeadas lateralmente por muitos locais de múltiplo uso que agregaram aos vazios espaciais a voz grandiloquente dos ritos e usos. Naturalmente protegido, o vale de Teotihuacán era um nicho ecológico favorável ao desenvolvimento e manutenção dessa grande Urbe Mesoamericana por mais de oito séculos. Lobo (1992: 10) descreve:

> Teotihuacán era um lugar privilegiado para o desenvolvimento da cultura agrícola, sua situação geográfica no paralelo 19° 14' latitude Norte mostra um clima propicio para a agricultura; o início das chuvas vai até o dia 06 de junho e coincide com a data em que o sol, em sua viagem aparente desde o sul no inverno até o norte no verão passa pelo zênite do lugar. (...)

4 Cronista espanhol do século XV. Sahagún – Códice Florentino Tomo I p. 73 Fonte: Fac-símile Biblioteca UnB.

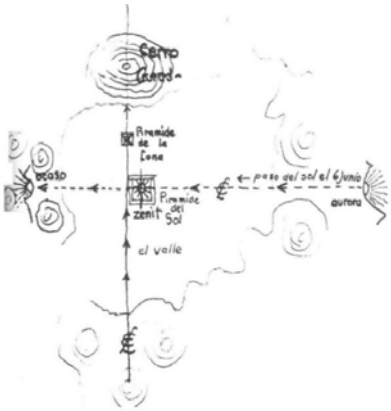


Fig. 01 Esquema compositivo de Teotihuacán
Os eixos maiores da composição.
Fonte: Lobo, 1992: 12

Fig. 2 Teotihuacán desde a Pirâmide da Lua
(inverso do diagrama fig. 1).
Fonte: Foto de Autor Desconhecido.
Licenciado em CC BY-SA-NC

No Altiplano, com uma ligeira inclinação ascendente que se origina no grande lago salgado de Texcoco subindo em direção norte até uma grande montanha chamada 'Cerro Gordo', que protege a cidade dos frios ventos do norte. Por ser um antigo vulcão, existem em suas adjacências mantos de pedras vulcânicas variadas e depósitos de sílex negro, chamado obsidiana. O rico solo de aluvião do vale era irrigado por três rios permanentes: San Juan, San Lorenzo e Huixolco em cujas margens abundavam ciprestes. Hoje estes rios somente fluem na época das chuvas. Segundo dados paleo-ecológicos, as encostas das montanhas nesta zona do vale estavam cobertas de cedros e pinheiros. Com a mudança climática significativa, a partir do século VI d.C., o período de secas passou a ser mais prolongado e intenso, gerando uma mudança paulatina na vegetação, com a presença cada vez mais extensa de cactáceas: agaves e nopais. O desmatamento dos bosques de cedro e pinheiros acompanhou o desenvolvimento da cidade: edificações, energia calorífica para obtenção da cal, etc. (Ângulo, 2003: 05). Podemos dizer que a manutenção da cidade se valeu, se alimentou do corte sistemático da vegetação original, sem no entanto repô-la, alterando o microclima da região.

Teotihuacán foi uma cidade urbanizada desde seus primórdios. Existiu a *priori* planejamento urbano inegável e de uma precisão sem par. Neste planejamento nada foi acidental ou ocasional. Importante notar que cada rua da cidade, cada edificação indo do norte ao sul tem o mesmo ângulo de 15° e 25' leste. Muitas vezes as plantas urbanas nos mostram o traçado urbano, porém não facilitam a percepção do relevo, assim como a dimensão vertical das edificações. Nas figuras 01 e 02 podemos observar a dinâmica do terreno que se eleva do Sul para o norte. Observamos aqui a ocorrência dos diferentes parâmetros propostos por Panerai (2006:40): "os efeitos monumentais resultam principalmente de sucessões bastante lentas (além das características de simetria, axialidade e demarcação próprias a cada época)".

Entrando na cidade pela parte sul, oriundo da região lacustre, percorremos o principal eixo de sul a norte, seguindo uma trajetória de aproximação, como podemos observar na figura 01. Esta foi a trajetória pensada quando do planejamento da cidade pelos sacerdotes, uma rota de peregrinação. Para Lobo (1992: 10): "os eixos que estruturam a composição global do traçado no vale, parecem ser o mais significativo da arquitetura urbana de Teotihuacán".

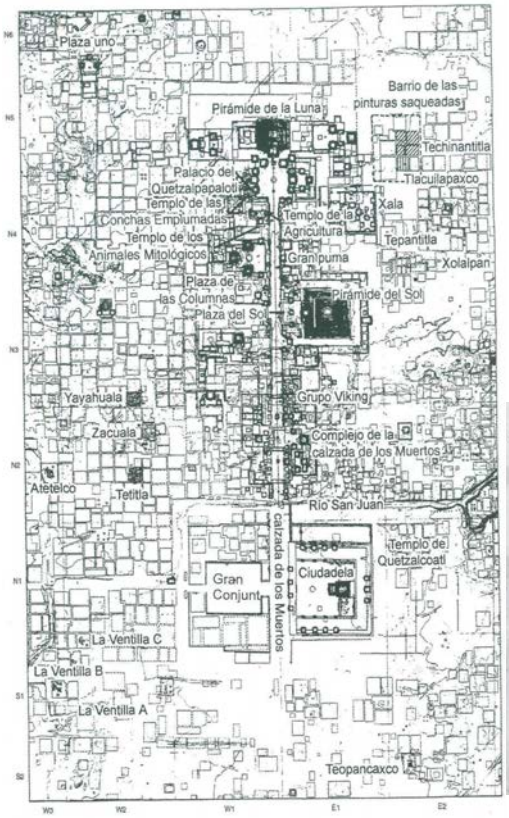


Fig. 03 Zona Central da Cidade de Teotihuacán. Fonte: Gonzalbo, 2004:48.

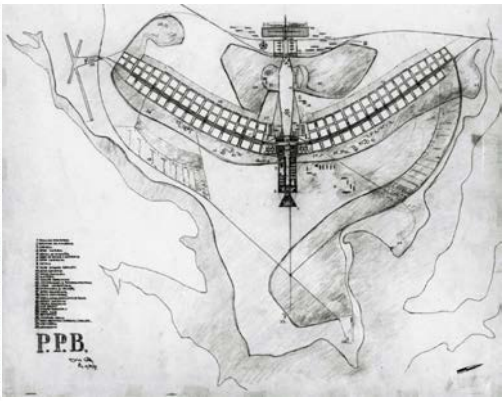


Fig. 04 Croqui Plano Piloto de Brasilia, Lucio Costa. Fonte: Arquivo Público DF

Brasília também foi uma cidade planejada, originando-se de um concurso de propostas urbanísticas cujo vencedor foi o arquiteto Lucio Costa. Também em Brasília o terreno em aclive foi trabalhado pelo arquiteto para fazer seus geniais terraplenos (fig. 05), setorizando a cidade sem utilizar divisões geográficas pré-existentes, criando áreas em destaque pelo vazio que as circundava. Foi mencionado no Edital a futura existência de um lago e o projeto de Lucio Costa foi muito assertivo neste parâmetro e a maioria dos projetos apresentados dava as costas para o corpo d'agua previsto. Visualizar o lago Paranoá a partir da Praça dos Três Poderes fez parte do projeto, assim como observar toda a convexidade do Plano Piloto a partir da base da Torre de TV, já bem demarcada no croqui abaixo (fig. 05).

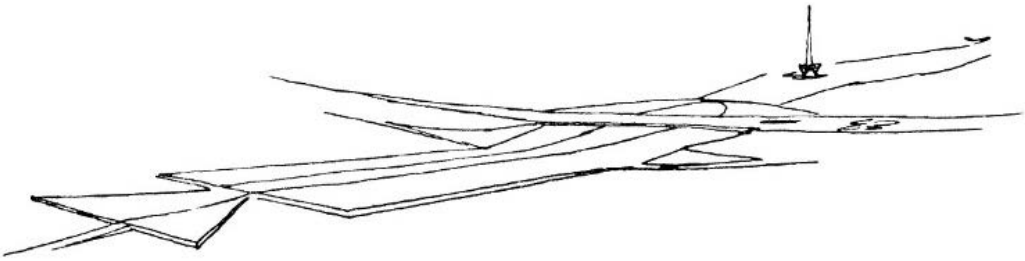


Fig. 05 Croqui dos terraplenos da Praça dos Três Poderes à Torre de TV.
Fonte: Costa, 2018: *Registro de uma Vivência* p.288

Deste lugar podemos ver a silhueta das elevações que demarcam esta área que possui uma excelente drenagem aérea[5], característica otimizada pelo projeto urbanístico, tal qual o sítio arqueológico de Teotihuacán. (fig.03) Ao criar o vazio em frente ao futuro prédio do Congresso Nacional, Lucio Costa também projeta as "sucessões lentas" de Panerai (2006) na repetição de edifícios iguais e simétricos que são os vários Ministérios laterais ao eixo principal; tudo isso para gerar a Monumentalidade pretendida[6]. Acrescente-se a isso a perspicácia de Oscar Niemeyer ao calcular que posicionando naquele exato lugar os anexos do Congresso Nacional (a forma da letra H), nos dias 21 de abril, nasça por aí o Sol.

Fig. 06 Eixo Monumental com Lago Paranoá ao fundo. Fonte: fotografia Márcia Rocuet. CC BY 2.0

5 Na avaliação do Relatório Belcher essa área do chamado Sítio Castanho era a melhor escolha para a edificação da nova capital.

6 "Monumentalidade não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa". Fonte: Costa, 2018: *Registro de uma Vivência* p.304.

Em Teotihuacán, perpendicularmente à Pirâmide do Sol cruza um eixo leste oeste que marca a aurora e o ocaso do sol. (ver fig. 07). Após dias de peregrinação, depois de haver rendido homenagens a Quetzalcóatl, depois de haver transitado pela Avenida dos Mortos, o peregrino presencia no dia 06 de junho o nascer do Sol, do próprio Deus. Explica Lobo (1992: 18):

> Assim se iniciava a culminação da experiência litúrgica teotihuacana: o Sol, contido na pirâmide, ia referendar e continuar seu pacto com os homens - seus fiéis - que para isso lhe adoravam permitindo que o ritmo e a ordem do Universo se mantivessem constantes. (...) O Sol, seguindo uma trajetória ascendente ante os peregrinos, culmina no Zênite, ao meio dia.[7]

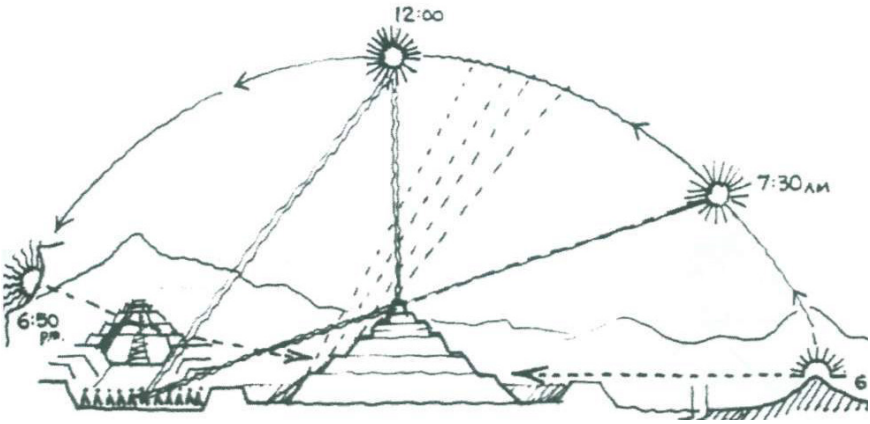


Fig. 07 O caminho do sol no dia do início do ano teotihuacano, 06 de junho. Fonte: Lobo, 1972: 13

No decorrer do percurso pela Avenida dos Mortos, o ponto referencial norte era o Cerro Gordo. Frente a ele estava a Pirâmide da Lua que paulatinamente 'cresce' terminando por preencher todo o horizonte subjugando o próprio Cerro Gordo (figs. 1 e 9). Os criadores da cidade dominando a natureza, criando paisagem urbana a partir da elaboração da paisagem natural. Ao pôr do Sol em 06 de junho a lua surge por cima da caiada Pirâmide da Lua.

7 Ângulo (2003: 35) acrescenta que no interior do templo existente no topo da Pirâmide do Sol havia um ídolo com três braças de altura, uma de largura e uma de espessura. No peito desta imagem "existia um disco solar finamente polido" (segundo Torquemada) onde a luz do sol incidia e refletia sobre as pessoas em frente à Pirâmide do Sol. Ao meio dia um jorro de luz solar irradiava do próprio ídolo sobre os peregrinos. (fig. 7)

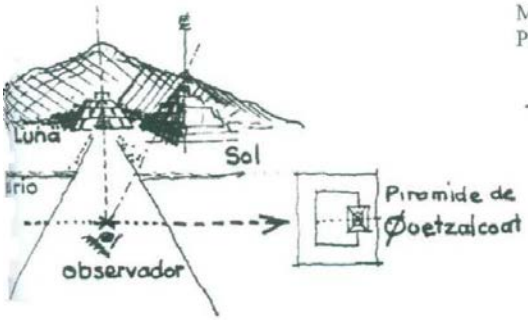


Fig. 08 Conjunto de eixos ao início do Centro Cerimonial em frente à Ciudadela. Fonte: Lobo, 1992: 12

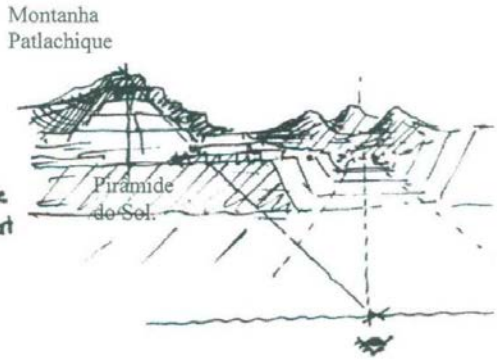


Fig. 09 Conjunto de eixos no sentido inverso ao termino do caminho cerimonial de costas para a Pirâmide da Lua. Fonte: Lobo, 1992: 12

Invertamos o sentido do percurso e nos voltemos para o sul; justamente neste ponto central da praça diante da Pirâmide da Lua. Veremos por detrás da Pirâmide do Sol o grande Cerro Patlachique, seu gêmeo natural, (figs. 02 e 9). Oposta à praça em que nos encontramos, no fundo do vale, percebemos um volume natural idêntico ao projeto da Avenida dos Mortos e das Pirâmides do Sol e da Lua que repetem as montanhas da paisagem, atestando a "consonância urbano-cósmica" de Teotihuacán - cidade onde se criam deuses.

4. CREATION OF NA URBAN LANDSCAPE BASED ON THE APPREHENSION AND ELABORATION OF THE NATURAL LANDSCAPE / CRIAÇÃO DE PAISAGEM URBANA A PARTIR DA APREENSÃO E ELABORAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL

O homem marca seu espaço na natureza edificando; toma posse do lugar e diz aos outros humanos que tal área lhes pertence com a edificação em altura: pirâmides, torres, obeliscos ou arranha-céus! Temos as pirâmides em Teotihuacán e em Brasília o Congresso Nacional e a Torre de TV como exemplo. Cada cultura também cria e recria paisagem ao setorizar as funções de uma cidade utilizando aclive e declives muitas vezes retificados com terraplenos ou mesmo mudança de cursos de rios como em Teotihuacán com o rio San Lorenzo, retificado para cruzar a Avenida dos Mortos em ângulo de 90º. O lago Paranoá em Brasília foi criado artificialmente através da construção de uma barragem e a emoldura, daí que a perspectiva que se tem a partir da Praça dos Três Poderes (fig. 06) faz parte do projeto inicial, já que, nas palavras do próprio Lucio Costa, Brasília "criou a paisagem, de encontro a um céu imenso, como em pleno mar". (2018:303). Realmente seria a cristalização da percepção sobre a arquitetura/urbanismo como *nova geografia,* criando paisagens.

Tanto Teotihuacán como Brasília, ambas cidades planejadas, exemplificam a criação de paisagem urbana a partir da apreensão e elaboração da paisagem natural. Exemplos de aplicação intrínseca do manifesto de poder subjacente à apropriação da natureza feita pelo ser humano. Outros exemplos poderiam ser pesquisados[8] e nos pareceria que a locação das cidades mineiras/serranas no período colonial, edificadas na crista da topografia, respeitando e preservando as encostas, observando de cima os caminhos-cidades se derramando nos vales e seguindo as ondulações dos rios, seriam um exemplo historicamente frutífero e centenário de aplicação da noção de criação de paisagem urbana a partir da apreensão e elaboração da paisagem natural.

Teotihuacán teve na permanência e homogeneidade do traçado urbano seu principal trunfo. Para Panerai (2006:81) a permanência do traçado urbano configura-se como uma das primeiras propriedades do espaço público. A relação de submissão dos parcelamentos ao espaço público permite a homogeneidade e possibilita a diversidade no interior das parcelas como veremos nas diferentes configurações das unidades residenciais multifamiliares. Estas duas características, a homogeneidade das parcelas e a diversidade no interior delas, permitem que o tecido urbano se renove (Panerai, 2006:88). Esta substituição gradual das edificações no caso de Teotihuacán era prevista para cada 52 anos, em cerimônias rituais de renovação, o Fogo Novo. A religiosidade explicando e aplicando os princípios do urbanismo.

Teotihuacán primou pela permanência da forma, do modo e material construtivo, incrementado a organização espacial e o controle social do espaço; tanto na zona cerimonial como também na zona residencial. Apesar de densamente construídas, as zonas habitacionais que ladeiam a zona sagrada do centro cerimonial só podem ser divisadas pelo transeunte que subir as escadarias laterais em ambos os lados da Avenida dos Mortos, arquitetura como nova geografia.

Brasília ainda é uma cidade muito nova, com mudanças em curso e carregada com um simbolismo muito forte de haver impactado o mundo com a ousadia de construir uma cidade em menos de 4 anos. Fruto do amadurecimento dos brasileiros em muitos aspectos, Brasília é: “o coroamento de um grande esforço coletivo em vista ao desenvolvimento nacional, (...) pela singularidade da sua concepção urbanística e da sua expressão arquitetônica, testemunha a maturidade intelectual do povo que a concebeu, (...) voltado para o futuro e já senhor do seu destino”. (Costa, 2018)

5. CONCLUSION / CONCLUSÃO

As paisagens urbanas em geral demonstram claramente os materiais e os processos construtivos com os quais foram construídas. Mas o que muitas vezes está velado e que precisa ser *escavado*: são as relações de poder que existiram no contexto original como fatores geradores do plano/projeto.

8 Extrapolar limites da paisagem, significaria exagero na ocupação urbana desenfreada e inconsciente. Sem utilizar uma sabedoria secular conquistada, redundaria em um fracasso continuo, que todo janeiro assistimos com a caída de encostas nas regiões serranas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, etc.

No caso de Teotihuacán, nos pareceria que o projeto urbanístico buscou, deliberadamente, honrar e representar esquematicamente a paisagem natural, tendo-a apreendido de uma maneira peculiar à espécie humana. Talvez os habitantes de Teotihuacán tivessem tido a percepção da paisagem a ponto de honrá-la com a projetação e construção de cidade, iniciada em aproximadamente 150 a.C. Compreender a natureza do lugar de maneira consciente e transformá-la em lugar de memória, seja como paisagem urbana (edificação de cidades), seja como paisagem natural (criação de unidades de conservação), revelam integral sabedoria humana, além do entendimento intelectual. Como deixa claro Saboia (2020:394): "o reconhecimento da narrativa humana pode revelar mudanças e continuidades nas paisagens em conformação, sejam elas rurais ou urbanas".

No caso de Brasília o projeto urbanístico de Lucio Costa respeitou e realçou a paisagem natural ao debruçar-se sobre o Lago Paranoá, direcionando o olhar, orientando as perspectivas com seus terraplenos metricamente trabalhados em declive para a Praça dos Três Poderes, a praça cívica do povo.

Teotihuacan e Brasília: ambas cidades planejadas, fortes símbolos de identidade de seus povos e culturas. Vivenciar estes dois *lugares,* com um *genius loci* muito presente, foi e continua sendo uma experiência autoetnográfca bem intensa. Encontro muita correlação entre o atual desmatamento intenso do cerrado e as possíveis causas do abandono da cidade de Teotihuacan. E quais foram? Exauriram os recursos naturais e a manutenção da caiação das pirâmides e templetes por séculos custava muitas árvores que não eram repostas. Será que o colapso de Teotihuacan - que existiu por mais de 850 anõs - estaria sinalizando um possível e nefasto futuro para o cerrado e consequentemente para Brasilia – que ainda nem completou um único século?

6. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

ÂNGULO, Jorge *Teotihuacan - La Ciudad de los Dioses*. México. Monclen Editores, 2003.

BRODA, Johanna "Arqueoastronomia y el Desarrollo de las Ciencias en el México Prehispánico". In *Historia de la Astronomia en México.* México: Ed. Fondo de Cultura Econômica, 1995.

COSTA, Lucio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: SESC, Editora 34, 2018 (1a edição 1995, 2aedição 1997, 3ª edição 2018).

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana* - São Paulo, Edições 70, 2008.

DUARTE, Cristiane Rose. *Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço*. THIBAUD, J, 2013.

DUARTE, Cristiane. *Moldagem do lugar; remoldagem do olhar.* em Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura a antropologia. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

FERNANDEZ, Federico "Antecedentes para el estudio cultura! del paisaje urbano en la Nueva España del siglo XVI." In GeoTrópico, volume 2 (1), 10-20, version pdf online: *http://www.geotropico.Org/2* 1 F-Fernandez.pdf (2007)

LOBO, Carlos Gonzalez. "Teotihuacan - Primera Ciudad de América". In *Revista Arquitectura Panamericana - Ciudades de América*, número 01, diciembre 1992. Chile: Federación Panamericana de Asociaciones de Arquitectos, 1992.

PANERAI, Phillippe. *Análise Urbana.* Brasília, Ed. UnB, 2006.

Relatório Belcher – O Relatório técnico sobre a nova capital da República. Departamento Administrativo do Serviço Público, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 2ª ed. 1957. 291 páginas. file:///C:/Users/ALCIONE%20-%20CASA/Downloads/000007170.pdf

ROSSI, Aldo *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2001

SABOIA, Luciana
"Narrar por Paisagens" in *Nebulosas do pensamento urbanístico*. – Salvador: EDUFBA, 2020. Tomo III Modos de narrar / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira, Josianne Francia Cerasoli (organizadoras)

SCHULZ, Christian Norberg. *Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. Academy* Editions, London (1980).

SIMMEL, Georg. *A Filosofia da Paisagem.* (1913). Ed. LusoSofia:press. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2009.

R49

"I NEVER FORGET THAT I FEEL": POETIC REVISITATIONS OF CASA JEAN BITAR/ COLÉGIO ATUAL AND OF THE RESEARCH ON MODERN ARCHITECTURAL CULTURE IN BELÉM-PA-BRAZIL

"NUNCA ME ESQUEÇO DE QUE SINTO": RETOMADAS POÉTICAS DA CASA JEAN BITAR/COLÉGIO ATUAL E DA PESQUISA EM CULTURA ARQUITETÔNICA MODERNA DE BELÉM-PA-BRASIL

Rebeca Dias
Mestra em Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)
Universidade Federal do Pará (UFPA)
rebecabdias@gmail.com

Celma Chaves
Doutora e Professora Titular
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)
Universidade Federal do Pará (UFPA)
celma_chaves@gmail.com

ABSTRACT

My childhood school accompanies me. An unclassifiable and constant longing, perhaps because it was demolished in 2005. Only later, while trying to decipher the Dasein, I realized that it was there I became aware of my existence. In 2014, while browsing the archives of Lahca/UFPA, I found photographs of Colégio Atual, referred to as "Casa Jean Bitar". There, my personal experience became an academic investigation. Since then, I've been trying to sew subjectivity and objectivity, exemplifying a first-person science. My undergraduate thesis (2018) addressed experiences in that school/house. Now, in the doctoral phase, I return to it, highlighting the interfaces between architecture and phenomenological and existential reflections. Was developed by me the category "Architecture without Lines", to claim the relevance of architecture even in the absence of a physical building. This article revisits Casa Jean Bitar/Colégio Atual from an experiential approach, capturing nearly ten years of research.

KEYWORDS: modern architecture. belém. poetic writing. place. phenomenology.

RESUMO

Acompanha-me um lugar - minha escola de infância, o "Colégio Atual". Uma saudade inclassificável e constante, talvez por ter sido demolida em 2005. Apenas anos depois, ao compreender a equivalência de ser e estar, percebi que foi ali que me dei conta da minha existência. Em 2014, adentro os acervos do Lahca/UFPA e encontro fotografias do Colégio Atual, ali denominado "Casa Jean Bitar". Minha vivência, então, tornou-se objeto de pesquisa. Vali-me da ciência em primeira para contornar barreiras entre subjetividade e objetividade, e em meu trabalho de conclusão de curso, abordei minhas experiências naquela escola-casa. Agora no doutorado, retorno àquele ponto inicial, destacando interfaces entre arquitetura e reflexões fenomenológicas e existenciais. Criei a categoria "Arquitetura sem Linhas" para tratar dos sentidos da arquitetura mesmo na ausência física do edifício. A partir de uma abordagem experiencial, este artigo revisita o Colégio Atual/Casa Jean Bitar, resgatando quase dez anos de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna. belém. escrita poética. lugar. fenomenologia.

1. INTRODUÇÃO

A construção de conhecimento teórico e a subjetividade podem se alicerçar em um trabalho. Mesclar a escrita dissertativa científica com o uso da escrita em primeira pessoa é justificável, vide premissas da pesquisa fenomenológica em primeira pessoa, um método na qual o pesquisador utiliza sua própria experiência acerca de um determinado fenômeno, como base para análise de suas qualidades e características específicas (Seamon, 2000 apud Groat & Wang, 2013). Ademais, parte-se de um pensar/escrever da arquitetura a partir de elementos de poetização, admitindo, pois, afluências (mescla de narradores, tempos e textos de diversas naturezas, como composições musicais, textos poéticos etc.), o que é sintetizado na ideia de "Arquitetura-Texto" (Dias, 2021). Realizado, então, este preâmbulo de transparência metodológica, e assumindo os riscos inerentes à fuga dos trajes científicos, inicio o artigo.

O movimento que conforma este trabalho diz respeito às coisas que nunca mudam. A bem dizer, essências, invariáveis. Já me situei em minha invariável: pensar em minha escola de infância, já demolida. São frequentes os sonhos em que encontro algum pacote de fotos ou VHS perdido com imagens inéditas daquele lugar. Destes eventos que sempre comovem, provando que as coisas mais voltam que vão. Nessa de não ir embora, escrevi um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre tal escola (Dias, 2018). Depois, escrevi sobre sentir os espaços (Dias, 2021), e no doutorado, pretendo escrever sobre escrevê-los. Uma metalinguagem entre escrita, ficção, virtualidade e arquitetura. Tudo isso para dizer daquilo que Husserl (1985) disse ser infungível, e que volta para nos ressituar nos sentidos, e abraçar com novidade nossas roupas velhas. Destes escombros que nos narram fala Rupert Holmes, na canção "*The Old School*". Pergunto: "a sua escola de infância ainda está de pé? E pra você?"[1]

> Desmoronando como blocos de montar, as salas de aula e os corredores / Em uma nuvem de poeira de giz, com um grito de tijolos e ardósia / Tudo desaparece num instante por um capricho fabricado do destino [...] / Eu pertenço à velha escola / Então tropeçamos pelos destroços do nosso passado / E nos consolamos dizendo: "Nada de bom pode durar para sempre" / As pessoas choram escolas antigas porque sabem o quanto perderam / Livros encadernados em tecido e olhares de saudade e garotas que não foram beijadas / E se há algum propósito para minha vida e para esta rima / É manter viva a velha escola por um breve, mas glorioso tempo [...] (Holmes, 1978, faixa 11, tradução nossa)

Isso, de entoar a velha escola, é dizer o quanto algumas de nossas velhas poeiras se incrustam, funde-se o que somos e o que são elas - e estamos juntos então? - e quando, de repente, o cabedal de sentidos do mundo perde tradução, e o espírito pede para voltar ao *save point* (como nos *videogames*); para um ponto onde as pernas fincaram. Todavia, situo que meus esforços jamais apontaram para um desejo de recriar lugares, taxidermizá-los em falsos históricos, pastiches. Endosso

1 Excerto do poema "Atual", por Rebeca B. Dias. Disponível em https://rebecabdias.medium.com/atual-dc7991a94184

o processo fulgurante de corte e costura da memória, que no presente cria sobre o que foi, sem precisar de remetentes físicos, pois "a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido na terra no presente" (Nora, 1993). Tampouco devo atar-me às ruínas, não permitindo que a história, suja ou limpa, corra sobre elas. Isso porque "a cultura é um processo dinâmico em que as transformações são naturais mesmo quando se pretende manter as tradições intactas para evitar sua aniquilação" (Costa, 2015, p.16).

Sabendo-se então que a cultura arquitetônica de Belém é narrada também por apagamentos, o objetivo deste artigo encontra ressonância no verso *"E se há algum propósito para minha vida e para esta rima / É manter viva a velha escola por um breve, mas glorioso tempo"*. Valer-se da escrita para manter viva a velha escola, pelo tempo breve e intenso de um abraço, sendo tal efemeridade justamente o que me instiga a alcançá-lo e o que separa este trabalho de uma tentativa por vezes infrutífera de patrimonializar um passado ou mesmo romantizá-lo. É mais sobre *ficcioná-lo,* lançar-se a um processo intenso capaz de atravessar uma arquitetura em palavra. É tal como o criar de Charles Lapicque - sentir de novo e *sentir novo.*

> Se por exemplo, pinto a passagem de um rio em Auteuil, espero que minha pintura me traga tanto imprevisto, embora de outro gênero, quanto o que me trouxe o curso d'água verdadeiro que vi. Nem por um instante se trata de refazer exatamente um espetáculo que pertence ao passado. Mas necessito vivê-lo inteiramente, de uma maneira nova e pictórica desta vez, e, assim fazendo, dar a mim mesmo uma possibilidade de um novo choque. (Lescure, 1956 apud Bachelard, 2008, p.17)

Todavia, para que estes anseios se delineiem cientificamente, recorre-se à estratégia combinada (pesquisa histórica + pesquisa qualitativa) (Groat & Wang, 2013). A pesquisa histórica, pode se dar via documentação arquitetônica, esta, iniciada com levantamento documental sobre objeto de estudo, minha escola de infância (Colégio Atual) que, por coincidência fortuna, era também um singular exemplar da arquitetura de referências modernas da cidade de Belém (Casa Jean Bitar, 1956, autoria: Eng. Arq. Camillo Porto de Oliveira). Portanto, tal artigo vincula-se à pesquisa "Transformações na cultura arquitetônica em Belém (1940-1980)", de autoria da Profª Drª Celma Chaves, coordenadora do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (Lahca), na Universidade Federal do Pará (UFPA) e também responsável por minha orientação acadêmica.

Conforme mencionado, o encontro entre pesquisador/fonte foi fortuito. Em meu primeiro ano de graduação, me voluntariei ao Lahca. Dada manhã, resolvi revirar pastas do computador do laboratório. Ali, dentre as fotografias, uma exibia um frontão *streamlined,* um telhado mariposa, rodeados por um muro com a inscrição "Colégio Atual". Por ciranda dos dias, estava sentada diante de fotos de meu objeto-existencial. Frente à persistência (e coincidência) daquele lugar em mim, encontrei

resposta no elo arquitetura-filosofia: ser e estar são equivalentes. E então tive a certeza de que fora naquela escola, com meus poros de criança, abertos à vida, que me dei conta, mais acertadamente, de que eu existia. "Aberta ao mundo como um grande ouvido/ - nada entre o buscado e o buscador -, / senta-se a criança no degrau de pedra / e olha / Ela absorve intensamente o que contempla [...] / não a flor, não a casa / mas o espaço que a define." (Luft, 2017, p.60)

Fez sentido, então, a abordagem fenomenológica, inscrita enquanto pesquisa qualitativa. Suas premissas como *Erlebniss,* redução eidética e descrição fenomenológica correlacionam-se ao conceito de "Arquitetura sem Linhas" (ASL), que valoriza a experiência sujeito-espaço – mediada pelas ambiências e geradora do lugar. Mais especificamente, inclina-se à uma pesquisa fenomenológica em primeira pessoa, que viabilizou uma "revisita" ao Colégio Atual, em toda sua virtualidade e persistência nos sentidos, a partir de um percurso poético guiado por minhas percepções, memórias e acervo pessoal. Trata-se, portanto, de trazer as imagens poéticas do *lugar* como âmbito para teorizar e documentar a arquitetura moderna.

2. AS PREMISSAS DA ARQUITETURA SEM LINHAS

Pallasmaa (2006, p.483) indaga: "serão as formas os verdadeiros elementos fundamentais da arquitetura? Elementos de uma construção, como paredes, janelas e portas serão, de fato, as unidades básicas do efeito arquitetônico?". Por assumir como resposta um "não", a autora vem desenvolvendo desde seu TCC (Dias, 2018) o constructo teórico chamado "Arquitetura sem linhas" (ASL), a qual reclama uma leitura da arquitetura para além de fins objetivadores. As "linhas" seriam associações aos elementos construtivos quando compreendidos isoladamente; aos traços gráfico-geométricos delimitantes da forma arquitetônica que reduzem o espaço a um jogo de formas encerrado em si mesmo. Ater-se aos conceitos funcionais e programáticos é uma perspectiva válida, porém calcada na ideia pragmática de "usuários do espaço", e não na imbricação existencial sujeito-espaço (Solá-Morales, 2009). Logo, não se trata de negar as linhas, e sim pensar o que resta da arquitetura quando ultrapassamos sua realidade técnica; que sentidos se dão?

Corrobora-se que a ASL se vale das premissas da fenomenologia, reconhecendo-os com viabilizadores de uma visão atenta/sensível da arquitetura. Um destes procedimentos é a descrição fenomenológica. Para Husserl, a descrição precisa ser rigorosa. Não no sentido de precisão ou quantificação, mas que se atenha aos fenômenos mesmos, tais como eles se apresentam no movimento da vivência, captando suas particularidades, buscando acessar sua essência, suas bases fundantes (Romero, 2003 apud Paula, 2017).

Enfoca-se, também, a redução eidética, que "limpa" o fenômeno em busca de sua elementaridade, ou seja, sua essência *(eidos)*. Ao "reduzirmos" o fenômeno arquitetura, alcançamos sua ontologia enquanto "sinalização das atividades humanas" (Malard,

2006, p.28). Isso equivale a dizer que sem a vivência (*Erlebniss*) daquele espaço, não se pode falar em arquitetura. Logo, depreende-se que a essência da arquitetura é a vivência do espaço, que ao ser experienciado, torna-se um lugar – a essência da arquitetura, já que "os espaços recebem sua essência dos lugares" (Heidegger, 2002). Para Trachana (2014), o lugar relaciona-se fenomenologicamente com o corpo humano e seu deslocamento, é a faceta qualitativa do que é conceituado enquanto "espaço" (uma realidade geométrico-matemática, à uma lógica cientificista, sempre delimitável).

O lugar corresponde à realidade evocativa da arquitetura, indo além da realidade física do edifício em si (Pallasmaa, 2018). Por ser intangível, o mais próximo que conseguimos chegar de "capturá-lo" é a partir de imagens metafóricas mentais da arquitetura. E de quais elementos essas imagens poéticas se valem? Dias (2020) os nomeia "atravessamentos imateriais", e podem ser definidos como os aspectos intangíveis que fluem, permeiam e substanciam a arquitetura (percepção, memória, afeto, sentimentos, sentidos etc.), que estão vinculados ao lugar, e não ao espaço geométrico da arquitetura. Essas incorporeidades vão ao encontro do conceito de ambiências. Duarte e Pinheiro (2013, p.3) as definem como "um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários do espaço". Por reconhecer o intricamento do conceito, as autoras afirmam ser mais coerente se lançar a empiria e sentir as ambiências, do que tentar defini-las teoricamente. Por sua natureza relacional (sujeito-espaço) as ambiências, guardam correspondência com o conceito de lugar.

Em suma, o artigo enfoca a metaforização da arquitetura, ou seja, as imagens poéticas do lugar. Tais imagens advém da interação sujeito-espaço, e se estabelecem por meio das ambiências. Trata-se de apreender os atravessamentos imateriais oriundos dessa interação e usar essas "tintas" para representar/expressar a significação do lugar em escritos poéticas. Para tanto, é preciso lançar mão de uma metodologia guiada por uma abordagem experiencial da arquitetura, aqui materializada pela ASL, uma sistematização do método fenomenológico que destaca o tripé conceitual vivência-essência-escrita (Dias, 2021).

3. "NUNCA ME ESQUEÇO DE QUE SINTO": MEMÓRIA E VIRTUALIDADE

E para tratar de um edifício demolido, o atravessamento imaterial "memória" ganha relevo. A memória enquanto tentativa de resgate dos afetos, é mais duradoura do que as tentativas soltas, impessoais, tecnicistas de apreender qualquer informação sobre um espaço. A evocação de afetos é indispensável para compreender se um lugar é relevante para nós; se queremos mantê-lo vivo conosco. Esse link memória-espaço é intrínseco, pois

> [...] a memória não é uma propriedade do tempo. Ela é, para muitos, uma categoria espacial: ancorada nos lugares, impressa em paisagens. Bachelard (1993)

> afirma que a memória é espacial devido à vinculação de nossas lembranças e esquecimentos (Ricoeur, 2007) a presenças e ausências. (De Paula & Marandola Jr., 2011, p.147)

Neste sentido, Pollak (1992, p.203) afirma que "a memória é um fenômeno construído. [...] O que a memória individual grava, recalca, exclui, relumbra, é evidentemente resultado de um verdadeiro trabalho de organização". Ou seja, entre o evento original e a lembrança, há um longo caminho pontuado por traduções. Mas isso não é algo negativo: isso faz da memória um material muito rico em detalhes da criatividade humana. Amarílis Tupiassú poetiza este processo intrincado, utilizando como exemplo o chalé da família, no qual viveu quando criança: "[...] as imagens misturadas a reflexos que encandeiam. [...] Não consigo organizar o fluxo que trota. Chego a ouvir as passadas. Algumas se dissolvem pelo final de estradas que se interrompem, apenas se interrompem. Inopinadamente [...]" (Tupiassú, 2003, p.141).

Cabe também pensar o conceito de "virtualidade", ou seja, atributo do que não mais existe em matéria, revelando-se apenas em sua natureza essencial. Levy (1996) afirma que a virtualidade é característica daquilo que existe em potência (o que pode ser), e não em ato (o que de fato está). Um edifício demolido evoca a ideia de que aquele espaço fora algo que hoje já não é mais. Ou seja, no campo das potencialidades, o *lugar* Casa Jean Bitar/Colégio Atual ainda tem potencial de ser. Porém, enquanto materialidade, aquele *espaço* não tem retorno.

Por fim, os objetivos da pesquisa em curso, estão calcados na máxima/meta fenomenológica: É preciso existir perante a um espaço (Santos, 2011), viver com os dentes na "carne-do-mundo" (Merleau-Ponty, 1999). Estou, logo sou – diria o *Dasein* heideggeriano. Ademais, um novo *cogito:* lembro, logo existo. A memória ganha corpo a partir de sua precisa vinculação com a existência. Então, explica-se o título do trabalho: "Nunca me esqueço de que sinto":

> Como o presente é antiquíssimo, porque tudo, quando existiu, foi presente, eu tenho para as coisas, porque pertencem ao presente, carinhos de antiquário, e fúrias de coleccionador precedido para quem me tira os meus erros sobre as coisas com plausíveis, e até verdadeiras, explicações científicas e baseadas. [...] Sou uma placa fotográfica prolixamente impressionável. Todos os detalhes se me gravam desproporcionadamente [a] haver um todo. Só me ocupa de mim. O mundo exterior é-me sempre evidentemente sensação. **Nunca me esqueço de que sinto**. (Pessoa, s.d, destaque nosso)

Na prosa-poética "Milímetros", Fernando Pessoa assevera que tudo o que já existiu foi, em algum momento, o presente; foi vivência (*Erlebniss*). Pessoa faz ode aos descálculos, à sensibilidade aos detalhes, que se gravam em sua memória de maneira desproporcional, de modo que o mundo lhe é sempre uma sensação imediata. Assim sendo, ele - e eu - nunca nos olvidamos de nossa capacidade de sentir, valorizando,

assim a importância do presente e das sensações momentâneas na formação da experiência de vida. Ser-estar-sentir.

4. A DOCUMENTAÇÃO DO SENTIR

Ainda que este artigo se ocupe mais do *lugar* (relação autora-escola), ratifica-se que ali também esteve a Casa Jean Bitar, sobre a qual, com base na documentação disponível no Lahca, pude discutir seu espaço (Dias, 2018), esse que traz respostas valiosas sobre a conformação de uma cultura arquitetônica moderna em Belém. A Casa Jean Bitar data de 1956, e tinha autoria do Engenheiro-Arquiteto Camillo Porto de Oliveira[2], um dos profissionais mais requisitados do período, tendo sido autor de centenas de projetos (residências, em sua maioria) endereçados às elites locais. O projeto original data de 1956, encomendado por Jean Bitar, renomado médico de Belém. A casa situava-se à esquina da Avenida Almirante Barroso com a Travessa Barão do Triunfo, no bairro do Marco (área em expansão àquela época), com volume repleto de referências à arquitetura moderna (Figura 1).

Figura 1. À esquerda, fachada principal da Casa Jean Bitar, ainda com uso residencial.
À direita, durante o uso enquanto Colégio Atual.
Fonte: à esquerda, Fumbel (199-); À direita, Fumbel (200-).

Todavia, no que as pranchas técnicas do Lahca poderiam somar a uma pesquisa que fala da calidez do lugar "sem linhas"? Tudo começa - mais uma vez - com uma recordação ordinária. Quando criança, desenvolvi um gosto por conhecer as casas por dentro. Nos jornais de domingo (que eu e meu pai folheávamos no sábado à noite), eu buscava os lançamentos imobiliários. O objetivo: imaginar como era estar ali dentro daqueles espaços, e assim corriam meus dedos sobe as plantas-baixas impressas. Interessavam-me as brincadeiras que envolviam simular espaços (*The Sims,* irremediavelmente). Entendi que era possível registrar o que eu entendia de um espaço, e pensei "*então isso deve ser arquitetura. Vou fazer quando crescer*". Sob aquelas referências ingênuas, ainda criança aventurei-me a desenhar (Figura 2) o que eu lembrava do Colégio Atual (já demolido àquela altura):

---

2 Camillo foi um dos prógonos na criação do curso de arquitetura na UFPA (1964) (Chaves, 2008). Mesmo ainda sem a titulação de arquiteto, possuía vasto portifólio. O Lahca detém mais de 100 pranchas originais de Camillo, além de centenas de obras de outra autoria, registradas na base de dados "arquitetura moderna em Belém".

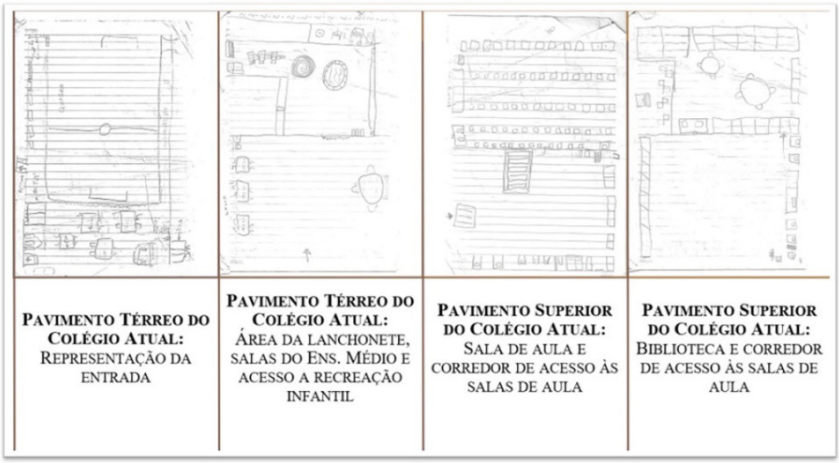


Figura 2. Desenho de infância da autora – representação da espacialidade do Colégio Atual
Fonte: Acervo pessoal da autora (2006)

Estes desenhos tiveram como base memórias espaciais latentes. Um olhar infantil sobre o espaço demolido, em uma tentativa de reviver o lugar. A ausência de escala, proporção, padronização gráfica e uma quase ilegibilidade dos desenhos-garranchos, é o que faz deste material um dos documentos mais relevantes para o delineamento desta pesquisa. Ali, a memória se apresenta no êxtase da imagem poética (Bachelard, 2008). À época do TCC, opto por redesenhar estes garranchos, desta vez, com base na contraprova do lugar: as plantas originais (Figura 3, esq.). A opção pela representação em layout esquemático-afetivo (Figura 3, dir.) fazia sentido pois durante a iniciação científica, meu plano de trabalho envolvia documentação e redesenho de projetos da arquitetura moderna de Belém (Dias, 2015).

Figura 3. À esquerda, planta original da Casa Jean Bitar (pav. térreo); À direita, layout esquemático-afetivo do Colégio Atual (pav. térreo)
Fonte: À esquerda, Acervo Lahca/UFPA (1965); À direita, Dias (2018)

Em percursos tragicômicos (e traços ainda mal feitos), fui compreendendo que arquitetura não era apenas o representar, e sim o *expressar.* Então que me salvam a escrita poética e a pesquisa, de modo que busco emaranhar as duas, para certo infortúnio do *codex* científico. Portanto, ainda visava uma apreensão daquele lugar em escrita poética, e assim o fiz no TCC:

> [...] As memórias que tenho desse lugar são diurnas, de sol ameno anterior às sete e meia da manhã. No rádio, "Roberto Carlos, em detalhes" *(em detalhes,* repetia vinheta). No corpo, a sensação sinuosa do pálio branco do Seu Paulo perdendo velocidade conforme contornava as curvas dos antigos canteiros da 25 de setembro. Há em mim uma saudade sonora daquele ziguezague. [...] Os muros eram altos e azuis, com o nome do colégio pintado em letras grandes. Um portão ainda mais azul sinalizava o acesso principal e parecia desproporcional a extensão da fachada. Tomo a liberdade de adentrar aquele portão, sozinha, em uma rememoração inteiramente nostálgica. O barulho, as pessoas, as atividades, os fluxos se acendem lentamente enquanto eu entro, e se esmaecem em uma afetuosa despedida, conforme os ultrapasso. [...] Pegando carona na escada ocre, subo e vejo no patamar um *brise-soleil* [...] Se eu carregasse minha eu-criança no colo e falasse "daqui a quase 20 anos tu vais estar tentando entender porque um suíço achou que seria legal colocar esse negócio aí", eu riria sem entender nada[...] No último degrau, vejo muita luz. Um ambiente extremamente salubre e permeável, como um véu estendido pela casa; um corredor-varanda, com janelas enormes em todo o seu comprimento. O que antes era quarto, tornou-se minha sala de aula de segunda e terceira série. Nessas salas, meu passado mais "recente", mas nem por isso, de imagens vívidas. [...] visitava a biblioteca quase todos os dias – às vezes para ler, outras só para ver ou estar[...] Lembro perfeitamente a aura daquele lugar. Os vidros peliculados da sala de vídeo e da porta principal emprestavam um tom arroxeado à biblioteca, às estantes de metal cinza, à mesa redonda de leitura e ao piso em ladrilhos pequeninos, que a minha mente insiste em dizer que eram pretos. O púrpura repousava como um pássaro mágico, em seu misterioso ar de contação de histórias. Era precisamente disso que se tratava – descobertas. Ao fundo, do lado esquerdo, o bibliotecário, a quem dispenso meus maiores votos de felicidade, embora não lembre seu nome. Ali, eu era sempre bem-vinda. Recordo dos últimos dias de aula. Tentávamos chegar a um acordo sobre eu levar ou não um livro emprestado – tudo porque ia chegar o Natal, e apesar de eu poder ficar com os livros nas férias de dezembro, após as férias de 2004, não haveria mais Colégio Atual, logo, nada de estantes para devolver os livros. Lamentamos a burocracia do fim das coisas. Algumas terminam sob as asas de um grande pássaro roxo, ainda bem. Sob esse afago, congelo a memória do Colégio Atual. Sinto-o pulsar em púrpura. O lugar está vivo.[3] (Dias, 2018, pp.139-146)

3 Texto completo disponível em *https://rebecabdias.medium.com/revisita-ao-col%C3%A9gio-atual-82af3b932ed2*

À época, tais escritos ainda não tinham delineamento ou nome. Apenas a partir da pesquisa de mestrado (Dias, 2021) que tal apreensão poética da arquitetura, em forma de palavra, ganhou o nome de "Arquitetura-Texto" (AT), que em seus princípios, atesta que somos capazes de entrever a palavra na forma construída (Holl, 2011). Nota-se na AT acima citada, a presença de aspectos de significação/poetização do espaço. Isso vai ao encontro do conceito de ambiências porque as ambiências se representam na individualidade (Duarte & Pinheiro, 2013), no universo íntimo do sujeito que vive o espaço, nas significações que esse atribui àquele. A ideia da AT, é, por meio de um produto textual, percorrer "lugares tal qual percorremos lugares no plano material, sentindo suas ambiências, estabelecendo relações com os espaços" (Sancovschi, 2019, p.270).

Todo escrito pode ser considerado uma AT, desde que nesse sejam identificados uma combinação de elementos como temporalidade, espacialidade, sensorialidade (Sancovsschi, 2019), bem como elementos de poetização, como sensibilidade, afluências, abstração (Dias, 2021). Uma AT já pode nascer com o objetivo de ser assim categorizada, vide transcrição poética das entrevistas aos moradores do Ed. Banna (Dias, 2021), ou podem estar contidas em textos já prontos[4], vide revisita em palavras acima apresentado. Em suma, as AT são definidas como um produto textual de linguagem poética, visando a imersão no espaço e em seus atravessamentos imateriais, dispensando a compulsoriedade de recorrer a representações gráficas para tratar de arquitetura (Dias 2021). Ademais, objetiva-se que essas AT's possam também ser considerada materiais de documentação da arquitetura, indo ao encontro da ideia de valorizar novas fontes documentais (Pizza, 2002).

Por fim, o começo. Foi pelo anseio de reviver um espaço que me acompanha desde a infância que este trabalho se deu. Nas persistências das imagens, resgatei memórias, apropriei-me de minha existência. Rilke (2007) diria que isso faz parte da urgência de assumir vigorosamente nossas próprias existências. Eu existo enquanto os lugares de minha memória existirem (Figura 4). Este trabalho é para lembrar que o lugar resiste. O Colégio Atual/Casa Jean Bitar me faz nunca esquecer de que sinto.

Figura 4. Recuo lateral do edifício sob duas perspectivas: à esquerda, em uma data anterior às instalações da escola. À direita, enquanto área de recreação do Colégio Atual.
Fonte: À esquerda, Fumbel (199-); À direita, Acervo pessoal da autora (1999)

4 Consultar poema sobre a escola, por Paloma Palácio, no livro "Máquina absurda, absolutamente patriarcal" (2023) e o conto Casa Tomada, por Julio Cortázar (1951)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ratifica que nem só de exemplares "vivos" e apelos à preservação física de exemplares se faz a pesquisa em cultura arquitetônica moderna. É também possível pensar essa arquitetura a partir de aspectos intangíveis. Pensá-la fora de seus usos originais, repensar seus sentidos. Arquitetura, afinal, é mais que construção civil, é uma linguagem - uma produção que transmite mensagens, possui significados, comunica algo por meio de seu corpo físico. Deste modo, pensar a arquitetura em sua essência é traçar sentidos para uma compreensão holística. A fenomenologia, ao passo que se desamarra de pré-noções, busca olhares outros, límpidos e amplos, para arquitetura. Enxerga-se, no entanto, não só com os olhos, mas com o corpo inteiro. Com a existência em riste, seguimos rumo a uma arquitetura sentida - desbravada em suas essências, poetizadas em suas particularidades, amplificadas em seus sentidos. Somente um olhar atento e sensível da arquitetura é capaz de compreender como e quais lugares que nos contemplam existencialmente.

BIBLIOGRAFIA

Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço* (ed). São Paulo: Martins Fontes.

Chaves, C. (2008). Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. *Revista Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo,* (4), 145-163. Disponível em http://www.iau.usp.br/revista_risco/Risco8-pdf/02_art10_risco8.pdf

Costa, L.C. (2015). *Raio que o parta! assimilações do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (PA).* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém.

De Paula, L. T., & Marandola Jr., E. (2011). Memória e experiência no estudo da vulnerabilidade. In A. de O. D'Antona & R. L. do Carmo (Orgs.), *Dinâmicas demográficas e ambiente* (pp. 143-156). Campinas: Nepo.Unicamp.

Dias, R., & Chaves, C. (2015). A construção da historiografia da arquitetura moderna na Amazônia: Estudo da arquitetura residencial em Belém. In *Anais do 4º Seminário Íbero-Americano de Arquitetura e Documentação* (pp. 1-20). Belo Horizonte: UFMG.

Dias, R. (2018). *"Nunca me esqueço de que sinto": Ambiências fenomenológicas da arquitetura moderna em Belém (1950-1965)* (Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará).

Dias, R., & Chaves, C. (2020). Fenomenologia da arquitetura: Percebendo o espaço, criando o lugar. In L. de J. D. da Silva (Org.), *Percepção do ambiente construído: Por mais humanização em arquitetura e urbanismo* (pp. 63-76). Belém: Paka-Tatu.

Dias, R. (2021). *A arquitetura sem linhas do edifício Banna (Belém-PA): A escrita do habitar a partir das ambiências* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará.

Duarte, C. R., & Pinheiro, E. (2013). Imagine uma tarde chuvosa... Pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In *Artigos do 6º Projetar* (pp. 1-21). Natal: Projedata UFRN. Disponível em http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/handle/123456789/813

Groat, L. N., & Wang, D. (2013). *Architectural research methods* (2ª ed.). New Jersey: Wiley.

Heidegger, M. (2002). Construir, habitar, pensar. In M. Heidegger, *Ensaios e conferências* (pp. 125-141). Petrópolis: Vozes.

Holl, S. (2011). *Cuestiones de percepción: Fenomenología de la arquitectura* (Trad. Igor Fracalossi). Barcelona: Gustavo Gili.

Holmes, R. (1978). *The Old School.* Pursuit of Happiness [LP]. New York, NY: Private Stock Records.

Husserl, E. (1985). *A ideia da fenomenologia.* Trad. Artur Mourão. Porto: Edições 70.

Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

Pessoa, F. (1982). *Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol. II* (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; Prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho). Lisboa: Ática.

Luft, L. (2017). *A casa inventada*. Rio de Janeiro: Record.

Malard, M. L. (2006). *As aparências em arquitetura.* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, 10(1), 7-28. Tradução de Yara Aun Khoury. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Martins Fontes.

Pallasmaa, J. (2006). A geometria do sentimento: Um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In K. Nesbitt (Org.), *Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965-1995* (pp. 481-489). São Paulo: Cosac Naify.

Pallasmaa, J. (2018). *Essências* (Trad. Alexandre Salvaterra). São Paulo: Gustavo Gili.

Paula, Y. A. de. (2017). *As vivências afetivas na fenomenologia de Edmund Husserl: Contribuições à psicologia* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Pizza, A. (2002). *La construcción del pasado.* Madrid: Celeste Ediciones.

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos, 5*(10), 200-212. Transcrição e tradução: Monique Augras. Edição: Dora Rocha.

Rilke, R. M. (2007). Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: LP&M. (Tradução de Paulo Sussekind).

Sancovschi, I. (2019). Percursos imaginados: Vivenciando ambiências a partir da literatura. In C. R. Duarte & E. Pinheiro (Orgs.), *Arquitividades e subjeturas: Metodologias para análise sensível do lugar* (pp. 263-278). Rio de Janeiro: Riobooks.

Santos, R. G. (2011). Fenomenologia do espaço e do habitar: Noites estreladas e invólucros simbólicos. *V!RUS, 5.* Disponível em: *http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/index.php?sec=4&item=3&lang=pt*.

Solà-Morales, I. de. (2009). *Diferencias: Topografia de la arquitectura contemporánea.* Barcelona: Gustavo Gili

Trachana, A. (2014). *Invariantes arquitectónicas: Notas sobre una antropología del habitar*. Buenos Aires: Nobuko.

Tupiassú, A. (2003). *Imagens que passais pela retina: Reinvenção do chalé.* Belém: Editora Amazônia.

R49

WORLDVIEWS CONDENSED IN THE TILE PANEL *KILOMÈTRE 47*, BY MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

VISÕES DE MUNDO CONDENSADAS NO PAINEL *KILOMÈTRE 47*, DE MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

Helio Herbst
Professor Associado
PROARQ/UFRJ PPGPACS/UFRRJ
helioherbst@ufrrj.br

ABSTRACT

This article takes part of the results of post-doctoral research focused on the analysis of the *Kilomètre 47* tile panel, designed in 1943 by Maria Helena Vieira da Silva to compose the refectory of the then nascent Rural University. The research, carried out at the Universidade de São Paulo and the Instituto Universitário de Lisboa, in 2021, sought to problematize the narratives raised by the panel with the help of different conceptual bases, including that of identity in the sense launched by Stuart Hall. On this occasion, through the lens of autoethnography, in the sense coined by Ellis, Adams and Bochner (2019), we will seek to understand how the work constitutes an opportunity for the artist to revisit her past, consolidating compositional practices that would contribute to her international consecration. Through autoethnography, individual testimonies will be seen as an inseparable part of understanding the spatial-temporal context in its cultural, social and political dimensions.

KEYWORDS: Rural University. Vieira da Silva. tile panel. autoethnography.

RESUMO

Este artigo se apoia nos resultados de uma investigação pós-doutoral centrada na análise do painel de azulejos *Kilomètre 47*, concebido em 1943 por Maria Helena Vieira da Silva para compor o refeitório da então nascente Universidade Rural. A pesquisa, realizada na Universidade de São Paulo e no Instituto Universitário de Lisboa, em 2021, procurou problematizar as narrativas suscitadas pelo painel com o auxílio de diferentes bases conceituais, incluindo a de identidade no sentido lançado por Stuart Hall. Na presente oportunidade, pelo viés da autoetnografia, na acepção cunhada por Ellis, Adams e Bochner (2019), buscaremos entender de que maneira a obra constitui oportunidade para a artista revisitar o seu passado, consolidando práticas compositivas que contribuiriam para a sua consagração internacional. Por meio da autoetnografia, os testemunhos individuais serão vistos como parte indissociável do entendimento do contexto espaço-temporal em suas dimensões culturais, sociais e políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade Rural. Vieira da Silva. painel de azulejos. autoetnografia.

1. INTRODUÇÃO

Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992), lisboeta de nascimento, adquiriu cidadania húngara ao se casar em Paris com o também artista Arpad Szenes (1897-1985). Com os avanços do exército alemão sobre o continente, nos primeiros anos da Segunda Grande Guerra, tornaram-se apátridas. Sem sucesso, tentaram recuperar a cidadania perdida ao celebrar em 1940 um matrimônio religioso em Lisboa, no qual Arpad, judeu, foi convertido ao catolicismo. Temerosos com os rumos do conflito, o casal decidiu partir para o Rio de Janeiro. Três anos depois, na então Capital Federal, Arpad foi contratado para elaborar uma série de pinturas para a reitoria do Centro

Nacional de Estudos e Pesquisas Agronômicas (CNEPA), situado no quilômetro 47 da Rodovia Rio-São Paulo (Figura 1). Coube a Vieira da Silva conceber um painel de azulejos para compor o refeitório estudantil da nascente instituição, que na atualidade corresponde ao campus-sede da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A encomenda foi intermediada por Cecilia Meireles, amiga do casal e esposa de Heitor Grillo, diretor da Escola Nacional de Agronomia.

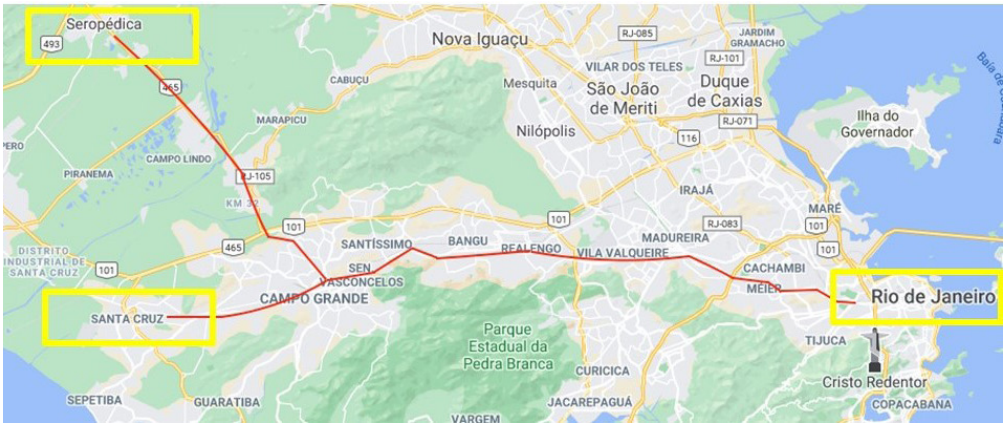


Figura 1. Região Metropolitana do Rio de Janeiro (recorte), com indicação da antiga Estrada Real, que conectava Rio de Janeiro e Minas Gerais, passando pela Fazenda Imperial de Santa Cruz e pelo distrito de Bananal, que na atualidade corresponde a Seropédica.
Fonte: Adaptado de Google Maps pelo autor (2024).

As afirmações aqui lançadas buscam situar a investigação pós-doutoral realizada na Universidade de São Paulo e no Instituto Universitário de Lisboa em 2021. Neste extrato, buscaremos destacar os conteúdos apresentados no painel de azulejaria e as premissas do edifício concebido por Eduardo da Veiga Soares, no que se convencionou denominar estilo neocolonial. Para tanto, são brevemente enunciados os preceitos norteadores do fazer artístico e arquitetônico, sendo a recombinação de elementos formais e técnicos utilizada para a constituição de uma "identidade brasileira", supostamente distintiva e fundamentada, orgulhosa do passado e confiante no futuro da nação.

De acordo com Stuart Hall (2006; 2016), o termo identidade se expressa em valores coletivos e individuais. Em termos coletivos, contribui para a construção de um sentido de pertencimento. No plano individual, fomenta uma aproximação com as lembranças pretéritas, reais ou imaginadas. No caso de Vieira da Silva, o reencontro com o azulejo adquire um significado afetivo, muito além de estruturar o seu raciocínio plástico, em termos compositivos. Os registros textuais e iconográficos elaborados pela artista, localizados em arquivos públicos e na Fundação Arpad Szenes Vieira da Silva, constituem as principais fontes utilizadas no presente ensaio, que ao recorrer à autoetnografia, na acepção cunhada por Ellis, Adams e Bochner (2019), reconhece os testemunhos individuais como parte indissociável do entendimento do contexto espaço-temporal em suas dimensões culturais, sociais e políticas.

2. O PAINEL E A UNIVERSIDADE

Kilomètre 47 é o nome de um painel de azulejos que compõe o refeitório estudantil do antigo CNEPA, instituído com o objetivo de reordenar a oferta dos cursos oferecidos pelo Ministério da Agricultura, a exemplo daqueles ministrados desde 1910 pela Escola Nacional de Agronomia (ENA) e pela Escola Nacional de Veterinária (ENV). Caberia ao CNEPA centralizar em nível federal as atividades relacionadas às questões agropastoris, de modo a conferir à unidade-sede uma magnitude compatível com o padrão referencial pretendido. A construção de um campus monumental, sem paralelos no território brasileiro, deveria expressar a liderança do órgão.

Por decisão governamental, a arquitetura neocolonial, na acepção corrente na historiografia brasileira, seria supostamente mais adequada para as edificações. O arquiteto Ângelo Murgel, servidor da pasta, concebeu o projeto da ENA, além de assumir a supervisão geral da obra.

As edificações do *core* (Figura 2) possuem portal de acesso centralizado, planta quadrangular e circulação interna organizada em torno de pátios assemelhados a claustros, contornados por galerias sobrepostas, sustentadas por colunas toscanas. As coberturas, em telhado aparente, e todas as aberturas são adornadas com elementos decorativos – pináculos e frontões com volutas – inspirados na arquitetura monástica, especialmente barroca.

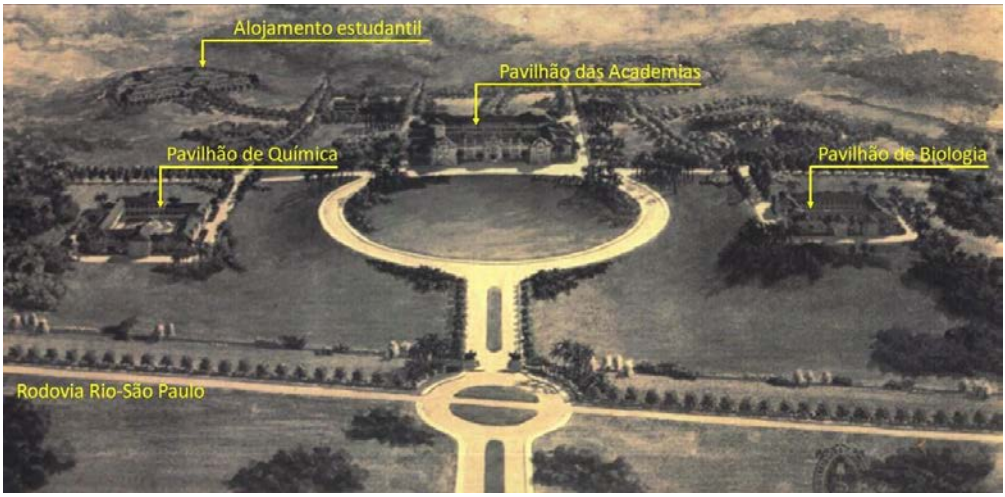


Figura 2. CNEPA. Core. Perspetiva. Aquarela: autoria desconhecida, sem data, modificada pelo autor (2024).
Fonte: MONTEIRO et. al., 1998, não paginado.

A cerca de quinhentos metros do Pavilhão das Academias (Figura 3), situa-se o prédio de ingresso ao Setor de Alojamentos (Figura 4), na atualidade conhecido como o Prédio do DCE, cujo projeto arquitetônico é assinado pelo engenheiro-arquiteto Eduardo da Veiga Soares, também servidor do Ministério da Agricultura. O edifício é caracterizado pela composição não simétrica de volumes e por certa simplificação dos elementos ornamentais, se comparado aos edifícios do *core.*

Figura 3. Pavilhão das Academias (administração do CNEPA, na atualidade reitoria da UFRRJ).
Foto: autoria desconhecida, 1949.
Fonte: https://www.facebook.com/Guarantiga/photos/linda-imagem-da-universidade-federal-rural-do-rio-de-janeiro-serop%C3%A9dica-1949ufrr/1293527524011904/?paipv=0&eav=AfYxNGEhDlJl1l9XuKzvw-bS0uAgKMnkRs3R6nXtgHhhL_iYbCdp5kQleDB1lYaE-oo&_rdr. Acesso em 15 jun 2024.

Figura 4. Vista aérea do Setor de Alojamentos. Foto: autoria desconhecida, sem data.
Fonte: https://www.facebook.com/photo?fbid=318872207114368&set=g.1197979547070l9. Acesso em 15 jun. 2024.

Na edificação de acesso ao setor de alojamentos é possível notar a correspondência entre a disposição dos ambientes em planta baixa e a configuração volumétrica dos volumes, diferenciados pelos desenhos dos caixilhos e por telhados de duas e quatro águas, em alturas distintas. O refeitório, local de instalação do painel, alinha-se a uma varanda que percorre o alinhamento frontal do bloco (Figura 5).

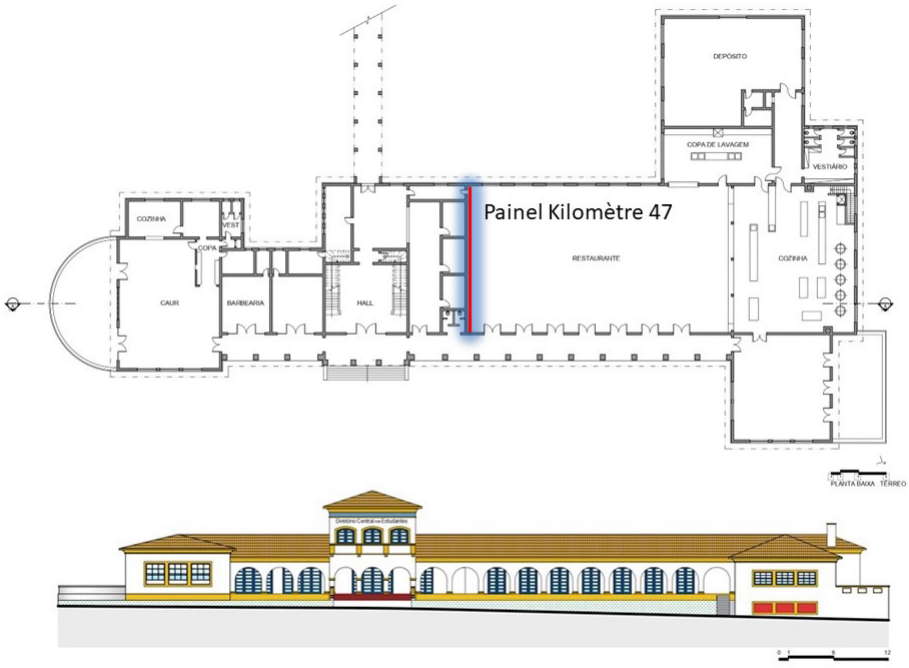


Figura 5. Planta baixa e fachada frontal do Prédio da CAUR. Desenhos do bolsista de IC Renan Santana, 2021.
Fonte: acervo do autor.

O painel se estrutura em oito partes independentes, visualmente conectadas pelo rodapé e pelo arremate de todas as janelas e portas-balcão do refeitório (Figura 6). O maior quadro (Figura 7) apresenta duas camponesas colhendo laranjas e encontra-se disposto no eixo central do salão, ladeado por dois recortes quadrados orientados diagonalmente: o quadro da esquerda exibe uma cena de pesca e o da direita apresenta um cavaleiro. Em extremidades opostas são destacadas as figuras de uma agricultora e de um agricultor carregando cestos de frutas, encimados por medalhões alusivos à fauna – aves e peixes. O último quadro do painel, à direita, exibe um sol antropomorfizado.

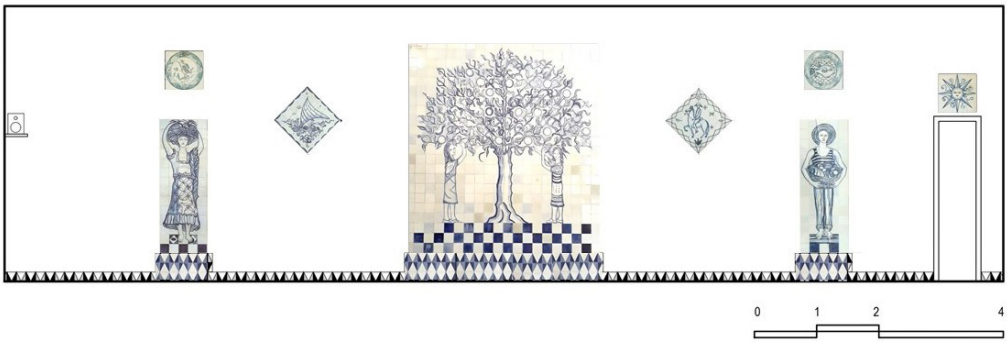


Figura 6. Painel Kilomètre 47. Vista frontal. Fotomontagem Helio Herbst, 2021.
Fonte: acervo do autor.

Figura 7. Quadro central do painel Kilomètre 47. Foto: Helio Herbst, 2021.
Fonte: acervo do autor.

Para além de uma evidente celebração à fertilidade e ao trabalhador rural, o painel estabelece diálogos entre universos temporais e geográficos distintos, brasileiros e portugueses. Sem dificuldades podemos reconhecer a figura de um cangaceiro e a presença de jangadeiros nos quadros dispostos diagonalmente em relação à cena principal. Também não constitui dificuldade entrever nas vestes das camponesas aspectos de trajes regionais lusitanos do começo do século XX.

Somos convidados a deambular por diferentes paisagens, "reais" ou de "sonhos", conhecidas ou idealizadas. De algum modo, nosso passeio estabelece paralelos com uma descrição feita por Cecília Meireles (1944, p. 4) a partir uma visita à exposição de Vieira da Silva na Galeria Askanazy, situada na região central do Rio de Janeiro:

> Fiz um prodigioso passeio por entre os quadros de Maria Helena. (...) Passei por cidade garrida com azuis alegres, janelinhas de festa, grades, sacadas, pórticos, fontes – quem não vê que anda aqui Portugal com sua graça de pormenores? E quem não ouve sua cantiga de sol e mar, e toda a ternura minuciosa de seu povo? Vi os laranjais da Nau Catarineta e as sereias de Camões nadando em si mesmas, nas ondas de seus cabelos, nas ondas de seu corpo, – ondas, ondas – nadando no tempo, e assim reduzidas a tão puro movimento que estavam em toda parte sem mudarem de lugar. E na verdade já não estavam: eram. Porque em toda esta pintura nada é de estar, mas tudo é de ser.

3. NARRATIVAS EM PRIMEIRA PESSOA

Durante o exílio no Rio de Janeiro, marcado por isolamento, medo e depressão, Vieira da Silva manteve intensa interlocução com sua mãe em Lisboa. Nestas cartas, a artista descreve as dificuldades do cotidiano na cidade, quase sem ponderar sobre sua atividade artística, mencionando, em uma única oportunidade, sobre a confecção do painel. Considerações sobre esta obra seriam feitas anos mais tarde, em depoimentos concedidos, entre outros, a Frederico Morais por ocasião da realização da mostra *Tempos de Guerra* (1986), e à filósofa Anne Philipe, reunidas na publicação *L'Éclat de la Lumière* (1978), posteriormente traduzida para a língua portuguesa em *O fulgor da luz* (1995), lançada pela editora Rolim, com a colaboração da Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva.

Reconhecendo-se a importância desses testemunhos em primeira pessoa, à luz da autoetnografia, na acepção proposta por Ellis, Adams e Bochner (2019), almeja-se privilegiar questões subjacentes ao processo criativo.

Com isso, parece-nos pertinente reconhecer, em Maria Helena, a mesma atitude do contador de histórias descrito por Benjamin em "O narrador", que "retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros''. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" (Benjamin, 1987, p. 201).

Vieira da Silva parece reiterar as formulações de Benjamin ao considerar que a capacidade de transmitir conhecimento se esvai a partir do momento em que a informação, difundida e explorada à exaustão pelos meios de comunicação de massa, deixa de "ser a semente de uma coisa bela" e "acaba por perder-se". Ao criticar a superficialidade e o excesso de informação na sociedade contemporânea, sentencia: "Há demasiado barulho, e sob esse ponto de vista um pouco de crise não seria nada mau." (Vieira da Silva. Em: Philipe, 1995, p. 104-105)

Para além das considerações sobre a possibilidade de sobrevivência da experiência (*Erfahrung*) em uma época marcada pela saturação de conteúdos, em hipótese prenunciada no texto "O narrador", Benjamin (1987, p. 221) questiona "se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria uma relação artesanal". E por fim, indaga: "Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único?"

A despeito de toda diferença de propósitos, talvez seja procedente afirmar que o painel incorpora um saber individual e coletivo, plasmado em um produto sólido, útil e único. Em tal cunho interpretativo, o trabalho, nas interpretações formuladas por Vieira da Silva, expressa um profundo desencanto com os efeitos da mecanização da civilização moderna, sem com isso refugiar-se na nostalgia.

Na avaliação da artista, o registro das figuras, em sua frontalidade, estabelece correlações com o passado. Mais precisamente, com iluminuras orientais, sendo tal resultado surpreendente por se distanciar dos desígnios inicialmente esboçados, vinculados à prática agrícola predominante da região – o cultivo de laranjas:

> No Brasil, durante a guerra, fizemos um grande painel decorativo, em cerâmica. O assunto inspira-se, de certo modo, num motivo oriental: uma laranjeira – o Brasil é a terra das laranjas – e de cada lado um personagem simétrico. Pássaros e borboletas voavam à roda da árvore; era um motivo hierático, raparigas apanhavam os frutos. Só depois de o realizarem é que nos apercebemos de que nos havíamos inspirado num motivo oriental! Não tínhamos copiado (Vieira da Silva. In: Philipe, 1995, p. 54).

Com o mesmo intuito, pode-se corroborar as formulações de Agustina Bessa-Luís (1982, p. 35), para quem o painel de Vieira da Silva (Figura 8) constitui uma oportunidade de reencontro com outras realidades:

> Não se vai ao Brasil para pintar um motivo hierático, mas talvez para resumir o labirinto do próprio espírito: e então podem se criar laranjas e jovens que as guardam, como nos velhos contos medievais.

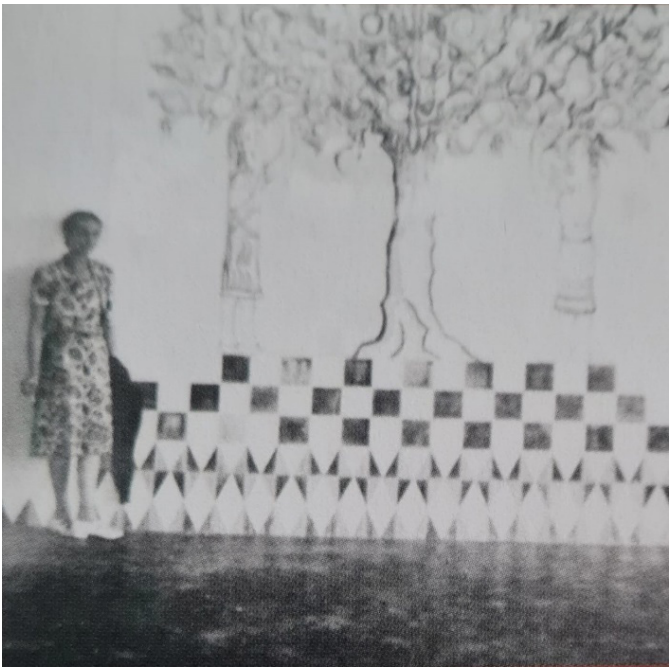


Figura 8. Vieira da Silva em frente ao painel Kilomètre 47. Foto: autoria desconhecida, sem data.
Fonte: Aguilar, N. A. (2007) , p. 43.

As afirmações precedentes remetem a uma perspicaz observação da própria artista, que ao conceder depoimento para o crítico Guy Weelen (1980, n. p.), assim sintetiza a importância da azulejaria portuguesa para o seu fazer artístico:

> O azulejo é para mim uma longa história, e como a maior parte das histórias maravilhosas também esta remonta à minha infância. Lembro-me muito bem – uma amiga da família fazia obras numa casa. (...) Um belo dia, sob a camada de papel de parede raspada com a unha, descobriu, completamente por acaso, graças à sua curiosidade, no salão, enormes frisos de azulejos. Esta descoberta pareceu-me fabulosa (...). Esta primeira emoção despertou, porventura, e depois manteve o meu amor por estes pequenos quadrados.

Em síntese, não seria imprudente considerar, tal como defende a ensaísta Valéria Lamego (2007, p. 58), que a passagem de Vieira da Silva pelo Rio de Janeiro pode ser interpretada como uma oportunidade para a artista reconciliar-se com o passado de uma mulher que, malgrado todo o sofrimento da guerra, conseguiu depositar um voto de confiança no futuro da humanidade, singelamente registrado em um painel de azulejos?

Tal possibilidade se mostra plausível, posto que, pelo viés da autoetnografia defendido por Ellis, Adams e Bochner (2019, p. 30), a própria ideia de validade "evoca aos

leitores uma sensação de que a experiência descrita é realista, verossímil e possível; um sentimento de que o representado pode ser verdadeiro". Neste raciocínio, a experiência narrada por Vieira da Silva é capaz de modificar a nossa percepção de vida e de mundo.

4. BIBLIOGRAIFA

Aguilar, N. A. (1984). Figuration et spatialisation dans le peinture moderne brésilienne: le séjour de Vieira da Silva au Brésil (1940-1947) (Tese de Doutorado). Université Jean Moulin, Lyon III, Lyon.

Aguilar, N. A. (Org.). Vieira da Silva no Brasil. MAM/SP.

Benjamin, W. (1987). Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª ed. Brasiliense.

Benjamin, W. (2006). Passagens de Walter Benjamin. Editora UFMG. Imprensa Oficial do Estado.

Bessa-Luís, A. (1982). Longos dias têm cem anos: presença de Vieira da Silva. Imprensa Nacional. Casa da Moeda.

Cesariny, M. (2008). Vieira da Silva / Arpad Szenes ou o castelo surrealista: pintura de Vieira e de Szenes nos anos 1930 a 1940 em Lisboa. 2ª ed. Assírio e Alvim.

Didi-Huberman, G. (2013). Diante da imagem. Editora 34.

Ellis, C. & Adams, T. E. & Bochner, A. P. (2019) Autoetnografía: un panorama. Em Calva, S. M. B., Autoetnografía: una metodología cualitativa (pp. 16-41). Universidad Autónoma de Aguascalientes.

Hall, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. DP&A.

Hall, S. (2016). Cultura e representação. Apicuri.

Lamego, V. (2007). Dois mil dias no deserto: Maria Helena Vieira da Silva no Rio de Janeiro, 1940-1947. Em Aguilar, N. A. (Org.), Vieira da Silva no Brasil (pp. 53-71). MAM/SP.

Meireles, C. (1944). Passeio prodigioso. A Manhã, 13 dez., 4-6. *http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20194&pesq=passeio%20prodigioso&pagfis=25165*.

Monteiro, M. C. et al (1998). Inventário de bens imóveis – ficha sumária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Km 47 da Rodovia BR-465, antiga estrada Rio/São Paulo. Proc.: E-18/001540/98. INEPAC.

Morais, F. (1986). Tempos de guerra: Hotel Internacional / Pensão Mauá. Galeria de Arte BANERJ.

Philipe, A. (1995). O fulgor da luz: conversas com Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes. Rolim. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva.

Rumbelapager, M. L. (2005). Arquitetura Neocolonial. EDUR.

Weelen, G. (1992). O azulejo. Casa da Moeda.

R49

THE CONSTRUCTION OF THE MEMORY OF PAIN: THE CASE OF BRUMADINHO MEMORIAL, BRAZIL

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA DOR: O CASO DO MEMORIAL BRUMADINHO, BRASIL

Autor 1/ Author 1
Paula Pereira dos Passos
Arquiteta e Urbanista FAU/UFRJ
Architect and Urbanist FAU/UFRJ
paula.passos@fau.ufrj.br

Autor 2 / Author 2
Ethel Pinheiro Santana
Arquiteta e Urbanista Dra. Professora Associada FAU/UFRJ
Architect and Urbanist Ph.D, Associate Professor at FAU/PROARQ/UFRJ
ethel@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This paper aims to analyze the dynamics of constructing the "memory of pain" through the outcome of an architectural project designed by Gustavo Penna's office in Brumadinho, Brazil. Memorial designs provide a complex relationship in the construction of the collective memory of a trauma as they deal with different narratives. The case of Brumadinho Memorial will be the subject of study on the sometimes difficult relationships between the spatial, social, historical, political and economic demands that emerge. Using the concept of social memory and how it applies to the ambiances of a place, the research aims to reflect on the "memory dispute" relationships, where the dynamics of constructing the "memory of pain" are expressed through an architectural outcome. Brumadinho Memorial is part of a plot that begins with the tragedy caused by Vale S.A, the company responsible for the environmental disaster in the city due to the lack of conservation and care for the dams. However, discussions about memory and ambiences will be approached from the perspective of the victim population and the narrative of the architect to gather elements that elucidate how the "memory of pain" works in this context.

KEYWORDS: Places of memory. Memory and Identity. Resignification. Brumadinho Memorial.

RESUMO

O artigo se propõe analisar a dinâmica da construção da memória da dor através do resultado de um projeto de arquitetura, realizado pelo escritório de Gustavo Penna, em Brumadinho – MG, Brasil. Projetos de memoriais conferem uma relação complexa na construção da memória coletiva de um trauma, pois lidam com diversas narrativas. O caso do Memorial Brumadinho será o objeto de estudo sobre as relações, por vezes difíceis, entre as demandas espaciais, sociais, históricas, políticas e econômicas que emergem. Usando a noção de memória social, e como esta se aplica às ambiências de um lugar, a pesquisa visa refletir sobre as relações de "disputa de memória", onde a dinâmica da construção da "memória da dor" se dá por um resultado arquitetônico. O Memorial Brumadinho participa de uma trama que se inicia com a tragédia causada pela Vale S.A, empresa que promoveu o desastre ambiental na cidade, pela falta de conservação e cuidado com as barragens. No entanto, as discussões sobre memória e ambiências serão colocadas a partir da população vítima e da narrativa do arquiteto, de modo a coletar elementos que explicitem como funciona a "memória da dor" nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Lugares de memória. Memória e identidade. Ressignificação. Memorial Brumadinho

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

O debate sobre a construção da memória através da arquitetura perpassa a teoria da memória social e como esta se aplica às ambiências. O artigo visa analisar a problemática do Memorial Brumadinho em sua construção da memória por meio da trama da disputa travada pela memória da tragédia, e de acordo com uma intenção pública em "preservar e expor o trauma", para ser trabalhado pelas gerações de usuários. A trama se inicia com o rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão em Brumadinho, Minas Gerais, que é operada pela empresa Vale S.A. A tragédia ocasionada pela falta de conservação se desencadeou em um desastre ambiental de grande proporção, matando imediatamente 272 pessoas, sendo considerado como a maior catástrofe socioambiental do Brasil. Pouco tempo depois do rompimento da barragem, uma onda de lama de rejeitos encontra o rio Paraopeba, um dos principais afluentes do rio São Francisco, o que levou a população e ao meio ambiente a exposição da toxidade presente nos rejeitos de mineração[1] gerando um trauma coletivo. Portanto, o estudo dessa memória coletiva se faz necessária, pois implica valores da identidade local e nacional.

Como todo memorial exige, a sua elaboração há de contar uma história para que ali, materializado em um espaço físico, engendre certa condição ambiental e experiencial que possibilite fazer trabalhar os processos e atores envolvidos na disputa da narrativa da memória. Diante de muitas narrativas, esse estudo centra-se nas narrativas do arquiteto do Memorial, Gustavo Penna e equipe, e da população atingida pelo rompimento da barragem representada pela AVABRUM[2].

2. A MEMÓRIA DA TRAGÉDIA E SUAS IMPLICAÇOES NA IDENTIDADE

Memória e identidade caminham juntas e de forma dialética, como Candau (2023) explica em seu livro "Memória e Identidade". A memória molda o indivíduo tal como o indivíduo molda a memória que resulta em uma narrativa contada. A importância de guardar essa memória em um espaço memorial implica reforçar o vínculo coletivo da dor, honrar a memória dos vitimados, guardar os restos mortais e contar sobre a triste e evitável tragédia ambiental que assolou a cidade de Brumadinho e que marca a identidade local e nacional. Vale ressaltar que Candau (2023) tem discutido acerca da memória das tragédias como um recurso identitário. Ele traz a reflexão de que a memória das tragédias marca a vida das pessoas envolvidas de forma a mudar sua personalidade, portanto, sua identidade.

---

1 AQUINO, Ruth. (2019). Rompimento de Barragem em Brumadinho acontece depois de 3 anos depois de tragédia de Mariana. Jornal O Globo, 25 de janeiro de 2019.

2 AVABRUM é a sigla para a Associação dos familiares de vítimas e atingidos pelo rompimento da barragem da mina do córrego do feijão, Brumadinho, MG.

> A identidade historicizada se constrói em boa parte se apoiando sobre a memórias das tragédias coletivas. [...] A defesa da identidade e o sentimento de pertencimento exigem que esse peso do trágico seja sentido e transmitido." (CANDAU, 2023, p. 151-152)

A construção desse memorial demonstra a necessidade pública de que essa memória se torne viva e seja transmitida por gerações, como também reforça os laços coletivos em âmbito local ou nacional. Dito isso, vale ressaltar o que o sociólogo Halbwachs (1990) elucida sobre a relação entre memória e espaço:

> [...] em sua condição de materialização da perenidade das coisas, permitem que os indivíduos se sintam parte de uma história e fazem com que os grupos sociais reforcem os laços de pertencimento e enraizamento. Essa memória coletiva deriva de um processo de negociação e seleção de lembranças a fim de que seja reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1990, p.29)

Para se construir um lugar que salvaguarde a memória dessa tragédia, há de se dialogar com as diversas narrativas envolvidas para que se construa um espaço de memória que reflita as afetividades e demandas que emergem. Entende-se "narrativas" como os posicionamentos tomados pela AVABRUM, pela mineradora "Vale", pelo projeto do arquiteto, pelos juízes que atuam nos processos movidos pela AVABRUM, pelos bombeiros, pelos habitantes e pela mídia que divulga a história cotidiana. Nesta pesquisa focaremos em duas narrativas: a do arquiteto e a dos moradores locais. A materialização da memória em um memorial é um exercício de negociação e entendimento das narrativas e, a partir disso, ferramentas projetuais podem ser lapidadas para materializar o imaterial e para atribuir significados. Nesse sentido, é Pierre Nora quem auxilia a compreensão do papel da memória ao fundar o conceito de "lugar de memória", aquela que trabalha na esfera do material, simbólico e funcional.

> Porque se é verdade que a razão fundamental de ser um de lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p.22)

Essa necessidade de memorizar a perda e o desastre se materializa através da construção do Memorial Brumadinho, que, como um lugar de memória, há a transmissão da história da tragédia e dos mortos, sendo uma forma de manter suas vozes reavivadas pela arquitetura. Essa reivindicação de memória é como um "trabalho do luto" que funciona como uma negociação com a perda para a assimilação dessa dor o que resultaria em uma reconciliação com o passado tanto internamente como com o outro (SANTOS & MARQUES, 2014), o que traz um ganho social coletivo e individual.

3. AS NARRATIVAS

3.1 A Narrativa do arquiteto

A narrativa do arquiteto Gustavo Penna é traçada pela concepção do projeto do Memorial Brumadinho que é norteado pelo uso de elementos históricos e formais que resultam em uma experiência que se relaciona ao método fenomenológico, onde cria uma experiência sensível através do uso de símbolos, texturas, cores e ambientações com a finalidade de, através do espaço vivido, se alcançar identificação, pertencimento e reflexão. Então como materializar tamanha dor de um trauma coletivo em um espaço físico? De acordo com o que conta o arquiteto e equipe no memorial descritivo do projeto:

> A nossa tarefa face à realidade da dor das famílias nos coloca em uma posição de profunda humildade. A voz, a única voz, é a das testemunhas. A narrativa pertence a quem não pode mais falar e àqueles que ficaram no pesar. Não há consolo que possa ser materializado nessas circunstâncias. (PENNA, 2020) [3]

Gustavo Penna reconhece a necessidade da escuta e sensibilidade para se projetar e recorre a recursos metafóricos a fim de alcançar o campo da subjetividade. O Memorial Brumadinho tem 1.200m² de área com um pavilhão, um percurso que leva o visitante a área expositiva que culmina em um mirante com vista para a paisagem do local onde havia a barragem que se rompeu.

Figura 1: Foto do percurso. Fonte: Mídia social do escritório em 04/08/2023.

Figura 2: Corte do percurso. Fonte: Site oficial do escritório de Gustavo Penna[4]

3 https://www.gustavopenna.com.br/memorialbrumadinho

4 https://www.gustavopenna.com.br/memorialbrumadinho

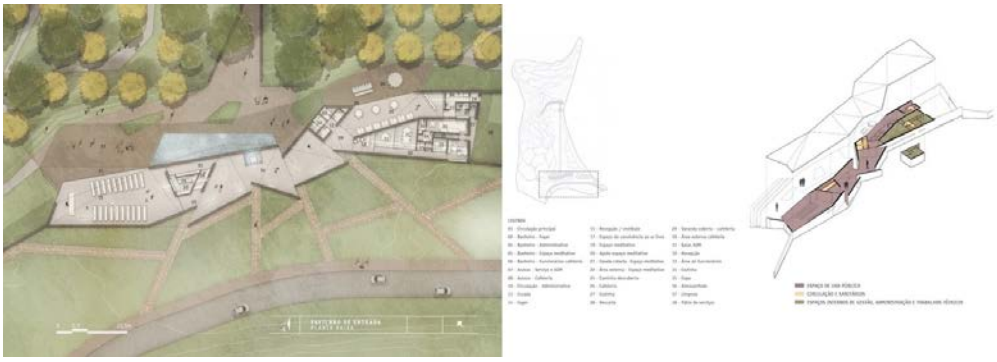


Figura 3: Planta Baixa do Memorial com zoom no pavilhão. Fonte: Site oficial do escritório de Gustavo Penna[5]

Materializar uma memória é provocar uma experiência sensorial que compreenda uma escolha de uma estratégia não apenas estética, mas também ética e política. Nesse sentido, é necessário aproximar a filosofia das imagens de Georges Didi-Huberman (2018) para também vislumbrar o papel da vontade do arquiteto do projeto em questão: "Fica claro, a partir desse vocabulário, que uma decisão epistemológica acerca das imagens implica inicialmente uma dimensão estética, mas rapidamente passa para o questionamento ético e a posição política do problema". (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 163). Portanto, a partir dessa reflexão pode-se dizer que para estudar o Memorial Brumadinho não será possível separar a dimensão estética, fenomenológica e artística da dimensão ética e política que envolve a trama projeto-poder-memória do trauma.

Gustavo Penna e equipe, a partir do conhecimento e estudo do lugar e da tragédia aliado a troca com a população atingida criaram ambientações que evocam emoções, afetos e memórias através da arquitetura. O arquiteto intensifica a memória do dia 19 de janeiro de 2019 ao agregar a terra do rejeito de minério como parte do elemento construtivo. Essa terra é um fragmento real, material da tragédia que marca sua presença como um testemunho. A ambientação criada tangencia valores afetivos que reforçam e são formadores de identidade. A experiência sensorial ativa as emoções (re)criando memória. Como aponta Nora (1993), um lugar de memória vive disputas de narrativas e transformações com o objetivo de que algumas narrativas não caiam no esquecimento e, como são processos desestabilizadores[6], configuram uma disputa da memória oficial.

5 *https://www.gustavopenna.com.br/memorialbrumadinho*

6 Stuart Hall (2006) acrescenta que nessa disputa há processos desestabilizadores que podem gerar ameaças a grupos que querem sobrepujar a versão dominante de identidade.

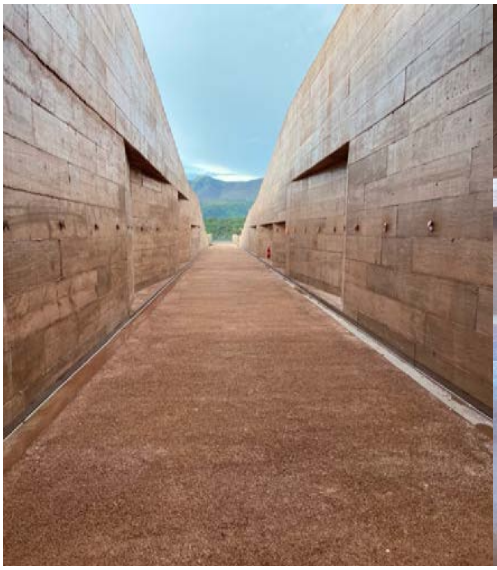


Figura 4: Percurso que culmina com a vista do local da barragem. Fonte: Acervo pessoal. (2022)

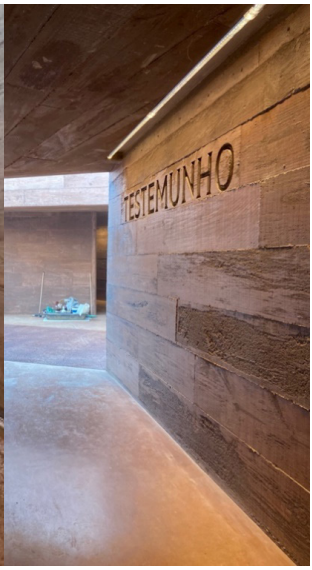


Figura 5: Entrada para a ala expositiva. Fonte: Acervo pessoal. (2022)

Gustavo Penna criou uma experiência sensorial onde pretende evocar o luto, a dor e a perda cuja experiência compreende decisões projetuais com estratégia ética, política, estética, fenomenológica e artística que envolve a trama projeto-poder-memória do trauma.

3.2 A narrativa dos familiares das vítimas e pessoas atingidas pela tragédia

O sofrimento se inicia com o rompimento da barragem e as consequências irreparáveis deixadas pela maior catástrofe sócio ambiental e trabalhista do Brasil que ceifou vidas humanas, flora, fauna, a vida do rio Paraopeba e toda a população diretamente atingida na cidade de Brumadinho com várias infraestruturas destruídas pela força da lama impactando a vida e economia local. A maior parte das vítimas fatais eram funcionários da mineradora Vale e junto as pessoas atingidas pela tragédia-crime se juntaram para unir forças para lutar pelos seus direitos. Alexandra Andrade, presidente da AVABRUM, relata:

> Os familiares começaram a se encontrar nas reuniões de buscas, nas Comissões Parlamentares de Inquérito, no Ministério Público do Trabalho, nas audiências públicas, e foram se conhecendo até formar uma comissão. Percebemos a necessidade de ter uma associação quando a mãe de uma vítima foi ao exterior e não pode falar em nome de todos, pois foi considerada um familiar informal.[7]

7 ANDRADE, Alexandra. (2023). Além da dor, os problemas com a ausência dos entes queridos. Blog, Legado de Brumadinho, projeto 2023/2024, ano 2.

Houve a manifestação da vontade de construir um memorial para ajudar a atravessar a dor da perda. Através de muita luta, a AVABRUM conquista a realização da obra do Memorial e do Centro de convivência como parte da política de reparação da mineradora. A Vale promoveu um concurso de projeto para o memorial Brumadinho em 2020, do qual escolheu e entregou dois projetos finalistas para a AVABRUM fazer a escolha do projeto vencedor. O projeto escolhido foi o do escritório de Gustavo Penna que objetivou a criação de um espaço que ressignifiquesse o lugar, que a partir da experiência sensorial se elabore as memórias, estas que foram materializadas com recursos simbólicos que constroem e transformam o lugar com uma narrativa atribuindo significado que salvaguardam a memória das vítimas em um projeto sensível com participação da AVABRUM.

Por sua vez, o Memorial é um espaço público construído em um terreno da empresa Vale, que se propõe a ser uma propriedade particular de interesse público. Dessa forma, entende-se que a mineradora mantém sua atuação de domínio, que é acompanhada da permanência das consequências negativas e irreparáveis ao meio ambiente e à população local. A disputa de narrativas, portanto, vem à tona. Gritos de resistência dos moradores locais, em forma de protesto e revolta, tem surgido em Brumadinho, e esses "gritos" serão representados como parte dessa memória que é construída e se construirá por muitos anos, a partir do enlace com a proposta projetual – ou seja, a espacialização dessa dor – no Memorial Brumadinho.

A partir desse entendimento sobre a Vale, os integrantes da AVABRUM decidiram entrar na justiça para conseguir que a mineradora perca o direito de gerência sobre o memorial assim como para qualquer uso com fins lucrativos e/ou publicitários.

> A gente sempre entendeu que a AVABRUM iria tomar posse do espaço e ali fazer o relato do crime a partir da nossa visão. A história é nossa, o Memorial vai trazer a história dos nossos. Se a história é nossa, a memória nos pertence. Mas percebemos que a Vale começou a fazer uma ingerência no local, agindo como se ela fosse governar aquele espaço e fazer um tributo aos funcionários que ela matou. Foi quando nós informamos para Vale que não era isso que a gente queria.[8]

Diante desse impasse, a previsão para a abertura do Memorial, que era para o dia 19 de janeiro de 2023, foi adiada para até que a Fundação sem fins lucrativos seja criada e exerça o papel de governança e gestão do espaço.[9] Em agosto de 2023 a AVABRUM consegue na justiça a criação da Fundação, e Kenya Lamounier, integrante da AVABRUM, revela em sua fala durante a solenidade de assinatura do documento de criação da Fundação:

---

8 ANDRADE, Alexandra. (2023). Fundação será criada para a gestão do Memorial de Brumadinho. Blog, Legado de Brumadinho, projeto 2023/2024, ano 2.

9 RODRIGUES, Leo. (2024). Memorial atrasa inauguração por impasse entre atingidos e mineradora. Agencia Brasil.

> A primeira coisa que a gente sente é que não deveríamos estar aqui, mas é necessário. E, se for necessário, a gente vai estar onde for. Nossa luta é manter o foco no que é primordial para AVABRUM, no que tange ao Memorial, honrar os nossos e ser fiel à história. O Memorial será o vigilante da memória.[10]

4. BREVES CONCLUSÕES

As relações entre memória e as ambiências se dão através de fenômenos sociais onde a identidade individual e coletiva se cria e se recria, sempre em uma disputa pelo que será contado. A luta que se trava é não permitir que a Vale exerça qualquer governança sobre o espaço, para que não se dê a chance de a causadora do desastre adquirir qualquer benefício através no Memorial. Como pode-se observar na fala da AVABRUM, o conflito se dá pelo posicionamento da Vale e a disputa em que se abre ao querer disputar alguma vontade de representação. A mineradora tendo sido a causadora do desastre e tendo uma abordagem sempre a tirar vantagem financeira sobre a situação, deixa a cargo da justiça estabelecer suas reparações, mas não há abertura, ao contrário, há repúdio para qualquer movimento da Vale em relação ao memorial.

Pode-se dizer que o Memorial Brumadinho é um lugar de memória que trabalha na esfera do material, simbólico e funcional e que funciona de forma a reforçar as identidades quando se coloca emoções que dialogam com a dor, o arquiteto acerta, pois houve escuta e entendimento sobre a magnitude da tragédia. Por fim, o memorial Brumadinho se encaminha para ser além de um lugar de memória em homenagem as vítimas, mas também vai servir para ser um lugar de protesto e luta pelos direitos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alexandra. (2023). Além da dor, os problemas com a ausência dos entes queridos. Blog, Legado de Brumadinho, projeto 2023/2024, ano 2.

https://legadobrumadinho.com.br/blog/alem-da-dor-os-problemas-com-a-ausencia-dos-entes-queridos/

ANDRADE, Alexandra. (2023). Fundação será criada para a gestão do Memorial de Brumadinho. Blog, Legado de Brumadinho, projeto 2023/2024, ano 2.

https://legadobrumadinho.com.br/blog/familiares-contarao-com-uma-fundacao-para-gerenciar-memorial-das-vitimas-da-tragedia-crime/

10 ANDRADE, Alexandra. (2023). Fundação será criada para a gestão do Memorial de Brumadinho. Blog, Legado de Brumadinho, projeto 2023/2024, ano 2.

AQUINO, Ruth. (2019). Rompimento de Barragem em Brumadinho acontece depois de 3 anos depois de tragédia de Mariana. Jornal O Globo, 25 de janeiro de 2019. *https://oglobo.globo.com/politica/rompimento-de-barragem-em-brumadinho-acontece-tres-anos-depois-de-tragedia-em-mariana-23401732*

CANDAU, Joël. (2023). Memória e Identidade. São Paulo: Editora Contexto.

DIDI-HUBERMAN, Georges. (2018). Olhos livres da história. Revista Ícone (ISSN 2175-215X) Vol. 16, N. 2, pp. 161–172.

HALBWACHS, Maurice. (1990). A Memória Coletiva. Editora Revista do Tribunais.

HALL, Stuart. (2006). A Identidade Cultural na Pós Modernidade. Editora DP&A.

NORA, Pierre. (1993). Entre memória e história. A problemática dos lugares. Editor Projeto História, 10, pp.7-28.

RODRIGUES, Leo. (2024). Memorial atrasa inauguração por impasse entre atingidos e mineradora. Agencia Brasil.

https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/memorial-em-brumadinho-atrasa-por-impasse-entre-atingidos-e-mineradora

SANTOS, Cecília; MARQUES, Sonia. (2014). Maldita memória. Sobre a tirania da memorização e os anacronismos de um patrimônio refém. Arquitextos, 175.000, ano 15, Vitruvius. *https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.175/5373*

R49

HOUSE, TEMPLE OR FACTORY? THE ESSENCE OF SENSATION IN LE CORBUSIER'S DWELLING MACHINE

CASA, TEMPLO OU FÁBRICA? A ESSÊNCIA DA SENSAÇÃO NA MÁQUINA DE MORAR DE LE CORBUSIER

Luís Henrique Stroschoen da Cunda
Arquiteto e Urbanista
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
lhsc.luis@gmail.com

ABSTRACT
The promotion of the minimal concept that the house should be conceived as a machine seems to have mechanized one of Le Corbusier's most human forms of expression: the language. The composition of his advertising titles relegated to footnotes the words that at the beginning of his career constituted towards an (another?) architecture: "a phenomenon of emotion, outside the questions of construction, beyond them." Did the prototype synthesize the spirit of the new? Seeking to understand between Le Corbusier's lines, the article aims to reflect on the duality that exists between the impersonality of formal innovation and the sensitive narrative of someone who perceives the relationship between space and himself. Through the translation of Corbusian diegesis within his spaces, based on the essay "Towards an Architecture", it is clear that it was through his own emotions that the architect managed to transform the world of architecture.

KEYWORDS: architecture. relationships. sensations. emotion. movement.

RESUMO
A promoção da idealização do conceito mínimo de que a casa deveria ser concebida tal qual uma máquina parece ter mecanizado uma das mais humanas formas de expressão de Le Corbusier: a linguagem. A composição de seus títulos publicitários colocaram em notas de rodapé as palavras que no início de sua carreira compunha por uma (outra?) arquitetura: "um fenômeno de emoção, fora das questões de construção, além delas". Teria o protótipo sintetizado o espírito do novo? Procurando entender as entrelinhas de Le Corbusier, o artigo busca refletir sobre a dualidade que existe entre a impessoalidade da inovação formal e a narrativa sensível de quem percebe a relação do espaço consigo. Através da tradução da diegese corbusiana dentro de suas obras, com base no ensaio "Por uma Arquitetura", percebe-se que foi por meio de suas próprias emoções que o arquiteto conseguiu transformar o mundo da arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura. relações. sensações. emoção. movimento.

1. CONTEXTO
A relação entre inquietações teóricas e estratégias criativas no campo da arquitetura traz consigo a premissa de interpretar os desejos e símbolos das sociedades como ponto de partida para uma obra que possa comportar mais responsabilidades do que simplesmente a construção do abrigo, da estrutura; da estabilidade técnica e impessoal.

A ideia pré-concebida de que Le Corbusier foi uma figura fria e altamente rigorosa em seus princípios foi amplamente difundida no decorrer de sua trajetória profissional. Forma, função, estrutura, composição e máquina são os maiores objetos de estudo

relacionados ao arquiteto franco-suíço, atrelados ao princípio universal e racionalismo construtivo do Movimento Moderno. A promoção da idealização do conceito mínimo de que a casa deveria ser concebida tal qual uma máquina - produção em massa, estandardização e padronização - parece ter mecanizado uma de suas mais humanas formas de expressão: a linguagem. A composição de seus títulos publicitários (máquina de morar, sistema dom-ino, cinco pontos) colocaram em notas de rodapé as palavras que no início de sua carreira compunha por uma (outra?) arquitetura: "um fenômeno de emoção, fora das questões de construção, além delas" (Le Corbusier, 2006, p. 10). Teria o protótipo sintetizado o espírito do novo?

Montaner (2008) percebe Le Corbusier como o primeiro e admirável representante da posição de arquiteto que atua como sociólogo, que realiza o diagnóstico de questões problemáticas e identifica as carências das sociedades, considerando suas propostas arquitetônicas e urbanísticas como as grandes soluções destas. Com discurso forte, o arquiteto fala que "a arquitetura é uma das mais urgentes necessidades do homem visto que a casa sempre foi o indispensável e o primeiro instrumento que este se forjou. [...] O instrumento é a expressão direta, imediata do progresso" (Le Corbusier, 2006, p. 5).

> Não em vão, Le Corbusier, ao concluir seu livro *Vers une architecture*, formula uma de suas frases mais conhecidas: "A sociedade deseja fortemente uma coisa que ela obterá ou não. Tudo está aí; tudo depende do esforço que se fará e da atenção que se concederá a esses sintomas alarmantes. Arquitetura ou revolução. (Montaner, 2008, p. 92)

Procurando entender as entrelinhas do arquiteto, o artigo busca refletir sobre a dualidade que existe entre a impessoalidade da inovação formal e a narrativa sensível de quem percebe a relação do espaço consigo.

2. PERCURSO

Banham (1979) classifica 'Por uma Arquitetura' como o mais persuasivo dos escritos corbusianos, sendo o ensaio responsável por prover significativa abrangência das ideias do arquiteto. Através da tradução da diegese de Le Corbusier dentro de suas obras, com base no respectivo texto, serão propostas relações entre palavras e espaços - com o intuito de entender espacialidades. Leatherbarrow (2008) diz que o conceito universal de espaço pode ser distinguido de espaços - em virtude de sua natureza material e real da vida particular. Já a espacialidade, por outro lado, complementa o autor, faz referência à experiência e ao significado que os espaços têm para o indivíduo.

Conforme Colquhoun (2004), as pesquisas de Le Corbusier sobre as residências (as células) e o estudo da cidade eram atreladas, destacando o quanto o "problema da habitação" era visto como extensivo ao problema da cidade moderna. Seguindo

o pensamento ideativo do arquiteto, o trabalho será percorrido através de três aproximações: cidade e habitação (residência concebida como elemento que condiciona a cidade em seu conjunto), a casa (universal e permanente) e a essência (sensação e emoção); ao final, serão estabelecidas as suas relações - através de recordações, memórias e comparações.

3. ENTRELINHAS

3.1 Cidade e Habitação

A racionalidade afastou o individual e trabalhou com o universal. A regra era a generalidade: "o que há de invariável na forma, o que é permanente, o que dura no tempo" (Le Corbusier & Ozenfant, 2005, p. 75). Conforme Davi (2009), o intuito de aplicabilidade universal da Carta de Atenas, através da generalização, limitou a cidade diante de um zoneamento funcional rígido e tipologia única possível para a moradia urbana. Fuão (2019) fala a respeito da anunciação de um novo tempo: de mudanças constantes, moldado aos eixos da máquina, desajustado ao tempo dos homens; promotor de corpos moldados, ajustados e domesticados pela mecanização da arquitetura e da cidade.

Propondo o resgate à importância da habitação nas propostas modernas, Davi (2009) ressalta a concepção da residência como elemento que condiciona a cidade em seu conjunto. Dentro deste pensamento, Arís (2000, apud Davi, 2009) afirma que o ponto de partida de Le Corbusier ao conceber suas primeiras formulações urbanísticas, ao invés de parâmetros quantitativos, parte de uma ideia muito clara sobre a casa do homem na cidade moderna - interpretando-a como a metonímia de uma cidade inteira.

O tema da habitação nos permite a compreensão do contexto histórico-social, os avanços, as técnicas construtivas, os ideais e preceitos projetuais de seus criadores. Segundo Blomker (2017), Le Corbusier sempre expandiu os significados da casa para além de um mero edifício, fazendo parte de um conceito tipológico abrangente - que incorpora as inovações tecnológicas e sociais possibilitadas pela vida moderna na era da máquina. Em meio aos inúmeros textos e propostas debatidos em prol da reflexão da forma residencial na primeira metade do século XX, Arís (2000, apud Davi, 2009) diz que foi natural a identificação entre a cidade moderna e as propostas residenciais da arquitetura moderna - as quais constituem a "trama de fundo" que embasa a ideia de cidade elaborada pela cultura arquitetônica deste período.

3.2 A Casa

A segunda etapa da Revolução Industrial, em 1870, aperfeiçoou a produção de novos materiais de construção e fontes de energia; assim como viabilizou a evolução nos transportes e de máquinas automáticas - permitindo a produção em série e proporcionando grande expansão da produção industrial. Blomker (2017) diz que é neste cenário de máquinas e de mudanças no estilo de vida do homem que Le

Corbusier, no início dos anos 1920, dá início às pesquisas habitacionais que embasam suas obras. A autora comenta que a máquina como metáfora de projeto resulta na concepção de casas funcionalmente mecanizadas, através da possibilidade de industrialização e consequente estandardização da arquitetura, sendo a máquina na casa caracterizada como a incorporação de serviços e modernidades da era industrial, como água potável, gás e eletricidade - ressaltando novamente o intuito de se pensar a casa como a célula da cidade moderna.

Le Corbusier concebia "o edifício como expressão anônima e forma simbólica, como monumento e protótipo" (Colquhoun, 2004, p. 8). Havia a necessidade de arrancar a arquitetura de um impasse estilístico, diz Darling (2000) a respeito da argumentação de Le Corbusier sobre o corrompimento da arquitetura através da maquiagem eclética. O ideal moderno, segundo Blomker (2017), era a criação de uma arquitetura livre dos excessos do passado, de princípios universais e geometrias simples, com forma, função, estrutura e técnica construtiva passíveis de serem reproduzidas.

Imerso na realidade das novas tecnologias e da produção em massa, Le Corbusier dá início às investigações projetuais de planos e sólidos primários - fundamentando-se na necessidade de síntese de uma nova arquitetura. Inspirado nas propriedades promissoras do concreto armado, o arquiteto franco-suíço desenvolve o sistema Dom-Ino (1914), o qual, segundo Machado (1996 apud Blomker, 2017), aponta o início da revolução e paixão que o acompanharia durante toda a sua trajetória, servindo como base para o desenvolvimento de seu discurso em prol da gênese desta nova arquitetura: a caixa de morar - confortável e reproduzível.

O nome Dom-Ino ou dominó "vem da fusão de um lado do radical latino *domus* (casa) ou *dominus* (senhor), ou seja, domicílio doméstico com sílabas iniciais de inovador ou inovação" (Bahima, 2015, p. 46). Um marco devido ao seu caráter adaptável e polivalente, Giedion (2004 apud Blomker, 2017) reflete que o desenho concebido pelo arquiteto se estabeleceu como um significativo ponto de partida em sua carreira. "Dom-ino foi o precedente formal e estrutural de boa parte dos edifícios de Le Corbusier" (Palermo, 2006, p. 11).

Em 1919, junto a Ozenfant, Le Corbusier publica artigos na revista francesa (de vanguarda Purista) *L´Esprit Nouveau*; segundo Blomker (2017), é nesse momento que o arquiteto passa a manifestar o dualismo que sua obra posterior irá carregar: a arquitetura deve atender às funcionalidades necessárias requeridas por uma edificação (ideal prático - sistema Dom-Ino) e, ao mesmo tempo, deve satisfazer o impulso da concepção de elementos abstratos - atingindo os sentidos e nutrindo o intelecto.

3.3 A Essência

"Meus anos de infância se passaram com meus amigos na natureza. [...] eu compreendi como cresce uma árvore e porque ela se mantém equilibrada mesmo em meio à tempestade. A árvore, amiga do homem, símbolo de toda a criação

orgânica; a árvore, imagem de uma construção total" (Le Corbusier, 1970, p. 7 apud Nascimento, 2002, p. 30). Stigsdotter & Grahn (2002 apud Silva, 2017) explicam que a primeira teoria dos jardins curativos (que proporcionam sensações de bem-estar em ambiente natural, através da conexão do ser humano com a natureza) considera o homem como um indivíduo biológico, apontando a existência de:

> [...] uma influência restauradora sobre os centros emocionais no sistema límbico do cérebro, causada pelo ambiente - sobretudo por entornos tipo naturais e natureza selvagem. [...] no ambiente natural é possível para o homem reagir e confiar em seus reflexos inconscientes. (Stigsdotter & Grahn, 2002, p. 62 apud Silva, 2017, p. 126)

Pallasmaa (2011) fala sobre a percepção da realidade arquitetônica depender fundamentalmente da natureza da visão periférica, que envolve o sujeito no espaço. O autor cita a floresta como contexto exemplar; assim como um espaço de arquitetura muito rico, os quais oferecem amplos estímulos para a visão periférica - que, de forma inconsciente, transforma a forma global captada pela retina em experiências espaciais e corporais, integrando-nos no espaço.

> A esfera perceptual pré-consciente, que é experimentada fora da esfera da visão focada, parece ser tão importante existencialmente quanto a imagem focada. De fato, existem evidências médicas que comprovam que a visão periférica tem maior prioridade em nosso sistema perceptual e mental. (Pallasmaa, 2011, p. 12)

Peixoto (2006) diz que Le Corbusier vai além da montagem puramente ideológica, selecionando objetos peculiares que, similar às próprias pinturas, formulam uma composição - sendo, para este fim, essencial o auxílio da policromia. Le Corbusier e Jeanneret desenvolvem uma paleta de cores que os auxilia na integração dos vários objetos do interior, acrescenta a autora, colocando-os em destaque em relação às superfícies que delimitam o espaço. Le Corbusier (1926 apud Peixoto, 2006) escreve sobre a intenção da policromia destinada a manifestar a ideia de luminosidade, que configura-se como a base de seu estilo arquitetônico, junto a Jeanneret. O arquiteto coloca em pauta sensações determinadas através da psique da cor e da fisiologia das sensações - citando cores primárias. Sombra, penumbra e luminosidade unem-se às propostas, afirmando a possibilidade de se compor arquitetonicamente sobre estas bases.

Fazer uso das cores de modo preciso compreende relacioná-las com a experiência e a memória, aludindo às cores naturais, que lembram a terra - como o azul associado à água -; que dependem de uma certa vivência, diz Pita (2012). Neste sentido, o emprego destas não ocorre de forma arbitrária. Pallasmaa (2011) afirma que a arquitetura se envolve com questões existenciais fundamentais, em seu modo de representar e estruturar a ação e o poder, a ordem cultural e social, a interação e a separação; a identidade e a memória. Qualquer experiência, enfatiza o autor, implica atos de recordação, memória e comparação.

"A emoção arquitetural existe quando a obra soa em você ao diapasão de um universo cujas leis somos, reconhecemos e admiramos. Quando são atingidas certas relações, somos apreendidos pela obra" (Le Corbusier, 2006, p. 10). Nosso domicílio é o refúgio do nosso corpo: estamos dialogando e interagindo constantemente com o ambiente - "a ponto de ser impossível separar a imagem do ego de sua existência espacial e situacional. [...] "Eu sou o espaço, sou onde estou," define o poeta Noél Arnaud" (Pallasmaa, 2011, p. 61).

Além da composição cromática dos ambientes, para Le Corbusier o estudo do mobiliário também foi imprescindível para a resolução do problema da planta moderna, analisa Bohrer (2019). No Pavilhão L'Esprit Nouveau o arquiteto apresenta ao público um estudo: a casa deveria ser equipada somente com o necessário para a vida doméstica, sendo os diversos móveis substituídos por mobiliário padrão, diz Luiz (2023). O autor comenta sobre a reafirmação de Le Corbusier às novas possibilidades de fluidez que o interior moderno deveria explorar. Os móveis comuns contrastavam com os equipamentos projetados: as paredes cederam lugar para os *casiers* - segundo Peixoto (2006), a inovação mais importante da obra na separação entre ambientes.

Pita (2012) faz o questionamento a respeito da escolha deste mobiliário padrão: como identificar propriedades psicológicas e espirituais? Ozenfant & Jeanneret (1925 apud Pita, 2012) compartilham que estes são selecionados na maior banalidade - o que melhor caracteriza o objeto-tipo. Os autores falam a respeito da vantagem do reconhecimento destes sem esforço, evitando a dispersão, o desvio da atenção que causaria a perturbação na contemplação das singularidades. Pode-se, aqui, interpretar as mencionadas singularidades como os "elementos suscetíveis de atingir nossos sentidos, [...] que nos afetem claramente pela delicadeza ou pela brutalidade, pelo tumulto ou pela serenidade, pela indiferença ou pelo interesse; [...] que nosso espírito mede" (Le Corbusier, 2006, p. 7). Sendo afetados, complementa o arquiteto franco-suíço, somos suscetíveis de perceber além das sensações grosseiras (ou banais?); nascerão então certas relações - as quais agem sobre a nossa consciência e nos conduzem à satisfação.

> Se faculdades saneadas fazem com que nossos sentidos reclamem sensações sãs, nosso espírito encontra nele mesmo o impulso necessário para alcançar o inacessível, o sonhado, o que se eleva além das banalidades. (Ozenfant & Jeanneret, 1925, p. 68 apud Pita, 2012, p.52)

Conforme Blomker (2017), para Le Corbusier, de acordo com suas pesquisas teóricas sobre a nova arquitetura, existem quatro tipos compositivos - as composições que viabilizam a "Máquina de Habitar", concretização de sua teoria do ideal arquitetônico para o homem moderno. Uma destas composições foi a matriz da Maison La Roche, a qual mostra que "múltiplos pontos de vista concorrem para que a espacialidade, forjada por vazios, passarelas, mezaninos e balcão, seja apreendida ao longo do passeio,

do deslocamento ao longo dos elementos de arquitetura que compõem o espaço" (Recena, 2013, p. 43). Nos projetos dos quatro tipos compositivos, analisa Aguiar (2006), Le Corbusier aprofunda e especifica o conceito de *vitalfuhlung* (anteriormente denominado por historiadores alemães) - que, em tradução livre, seria correspondente à 'sensação da essência espacial'. O autor diz que, para o arquiteto, a configuração espacial deve estar relacionada com o movimento do corpo em qualquer atividade a ser realizada; "a adequação da gradação dos eixos à gradação das intenções aparece como elemento-chave na ordenação da arquitetura" (Aguiar, 2006, p. 81).

"Somos infelizes por habitar casas indignas porque elas arruinam nossa saúde e nossa moral. Tornamo-nos seres sedentários, é o destino; a casa nos corrói em nossa imobilidade como uma tuberculose" (Le Corbusier, 2006, p. 5-6). Leatherbarrow (2008), citando George Howe em seu ensaio '*Going in and coming out*', diz que a experimentação do significado de espaço em um sentido puramente arquitetônico ou humano não é apreendida apenas pela forma que se vê: "para sentir o espaço o observador precisa fluir através dele, ele precisa entrar e sair, se tornar consciente do dentro e do fora como partes relacionadas de um todo contínuo" (Leatherbarrow, 2008, p. 13). Ao invés de paredes e fachadas, complementa o autor, a arquitetura da nova era é composta por elementos que guiam e dirigem o movimento contínuo. Duas décadas depois da publicação de 'Por uma Arquitetura' (1923), Le Corbusier, em seu texto original 'Mensagem aos Estudantes de Arquitetura' (1943), explicita que "a boa arquitetura 'se caminha' e 'se percorre' pelo interior e pelo exterior. É a arquitetura viva. A má arquitetura se mantém em torno de um ponto fixo, irreal, fictício, estranho à lei humana" (Le Corbusier, 2005, p. 43).

Recena (2013) analisa que o espaço moderno exige seleções e hierarquizações de pontos focais consequentes do deslocamento do observador - uma montagem do espaço que será diversas vezes refeita, "em um processo além do contemplativo; um processo de construção intelectual com base sensorial" (Recena, 2013, p. 43). Proposta chave da arquitetura moderna, o elemento da rampa é articulador das relações espaciais, o qual pressupõe o movimento como combinação de perspectivas que se constituem e se dissolvem, simultaneamente, ao longo da *promenade architecturale*, acrescenta a autora.

4. RELAÇÕES

"As religiões são fundadas sobre dogmas, os dogmas não mudam; as civilizações mudam; as religiões desmoronam apodrecidas. As casas não mudaram. A religião das casas permanece idêntica há séculos. A casa desabará" (Le Corbusier, 2006, p. 5). Eco (2003) diz que a arquitetura parte das premissas da sociedade em que vive, todavia com o propósito de submetê-las à crítica, a partir de algo novo; apenas em subsistir, critica as ideologias do habitar que a tinham precedido. O movimento de mudança de Le Corbusier, com o intuito de romper com os denominados excessos do passado, teve forte peso de sua linguagem - antecipando a execução da tradução

de suas palavras em seus projetos. Forma, função, estrutura, composição e máquina deram corpo aos seus títulos publicitários (máquina de morar, sistema dom-ino, cinco pontos). A partir do protótipo, surge o espírito da nova época. Teria o protótipo, entretanto, sintetizado o espírito do novo?

"O mister da arquitetura é "tornar visível como o mundo nos toca", como Merleau-Ponty se referiu às pinturas de Cézanne" (Pallasmaa, 2011, p. 43). Heidegger (2012a) reflete que sabemos demais e acreditamos de modo muito rápido no que sabemos, chegando ao ponto que, talvez por este motivo, seja tão difícil para as pessoas de se familiarizar com algo que provenha de uma verdadeira experiência. "É preciso poder espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como morada" (Heidegger, 2012a, p. 229).

A conexão de Le Corbusier com a natureza, desde a sua infância, pode ter influenciado diretamente o arquiteto na sua relação de familiaridade com as verdadeiras experiências e com o espanto do simples ao perceber a complexidade da vida natural. Com a visão periférica desde cedo muito estimulada, o arquiteto parece traduzir o mundo através de recordações, memórias e comparações. Pallasmaa (2011) analisa que a falta existente na habitação atual são as transações potenciais entre corpo, imaginação e ambiente; não coincidentemente, é a partir destas relações que Le Corbusier procurou tornar visível como o mundo o tocou. Usando "plenamente de seus dons de lembrança, de exame, de raciocínio, de criação" (Le Corbusier, 2006, p. 7), o arquiteto constantemente buscou a pauta das sensações, seja através do estudo da policromia e psique da cor, do contraste entre mobiliário padrão e elementos plásticos; a configuração espacial relacionada ao deslocamento contínuo do corpo - que é vivo, que se move e que se emociona.

Didi Huberman (2016) reflete que as emoções, uma vez que são moções - movimentos -, são também transformações do indivíduo que se emociona. Transformar-se é passar de um estado a outro, afirma o autor: "é por meio das emoções que podemos, eventualmente, transformar nosso mundo, desde que, é claro, elas mesmas se transformem em pensamentos e ações" (Didi Huberman, 2016, p. 38). Os pensamentos de Le Corbusier foram transcritos em linguagem; suas ações materializadas em projeto. Dentre todo o discurso mecanizado e racionalista, foi por meio de suas próprias emoções que o arquiteto conseguiu transformar o mundo da arquitetura; mostrar que a "arquitetura consiste em relações; é pura criação do espírito" (Le Corbusier, 2006, p. 10).

> Uma obra nos emociona através de nossa visão e do envolvimento dos sentidos interessados. Ela libera em nosso espírito o jogo de nossa hereditariedade, de nossas lembranças adquiridas (conscientes ou inconscientes) e por estes desvios indefiníveis traça suavemente nas sensações e nas emoções, caminhos ordenados, fazendo nosso coração sentir as mesmas coisas que nosso intelecto em relação à mecânica do Universo. (Ozenfant & Jeanneret, 1925, p. 150 apud Pita, 2012, p. 42)

5. BIBLIOGRAFIA

Aguiar, D. V. (2006). Espaço, corpo e movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. In: Arqtexto Nº8, 74–95.

Arís, C. M. ed. (2000). *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya.*

Bahima, C. F. S. (2015). De placa e grelha: transformações dominoicas em terra brasileira (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Banham, R. (1979). Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina. São Paulo: Perspectiva, 2ª Ed.

Blomker, A. (2017). Vila Savoye e Casa Curutchet: dos cinco aos dez pontos corbusianos (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Bohrer, M. L. (2019). Le Corbusier Pavilhões Expositivos (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Colquhoun, A. (2004). Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-1987 (tradução de Pedro Maia Soares). São Paulo: Cosac Naify.

Darling, E. (2000). Le Corbusier. São Paulo: Cosac Naify.

Davi, L. M. (2009). Alison e Peter Smithson: uma arquitetura da realidade (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Didi-Huberman, G. (2016). Que emoção! Que emoção? (tradução de Cecília Ciscato). São Paulo: Editora 34, 1ª Edição, Coleção Fábula.

Eco, U. (2003). A Estrutura Ausente. São Paulo: Perspectiva.

Fuão, F. F. (2019). Espectros na máquina de morar. Revista Estética E Semiótica, 8(2), 23–42. *https://doi.org/10.18830/issn.2238362X.n2.2018.2*

Giedion, S. (2004). Espaço, tempo e arquitetura (tradução de Alvamar Lamparelli). São Paulo: Martins Fontes.

Heidegger, M. (2012a). Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, Coleção Pensamento Humano, 8ª ed.

Leatherbarrow, D. (2008). Espaço Dentro e Fora da Arquitetura (tradução de Tania Calovi Pereira). Arqtexto n.12, 06-31.

Le Corbusier (1993). A Carta de Atenas (tradução de Rebeca Scherer). São Paulo: Hucitec/Edusp.

Le Corbusier (1960). *Creation is a patient search (trad. James Palmes). New York: Frederick A. Praeger.*

Le Corbusier (1926). *l'Almanach de l'Architecture Moderne. Paris: Connivences.*

Le Corbusier (2005). Mensagem aos estudantes de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes.

Le Corbusier (1970). *Oeuvre Complète. Zurich: Editions d'Architecture.*

Le Corbusier (2006). Por uma Arquitetura. São Paulo: Perspectiva.

Le Corbusier & Ozenfant, A. (2005). Depois do Cubismo (tradução de Célia Euvaldo). São Paulo: Cosac Naify.

Le Corbusier & Ozenfant, A. (1925). *La Peinture Moderne. Paris: Crès.*

Le Corbusier (2004). Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Cosac Naify.

Luiz, A. L. (2023). As casas sofisticadas dos arquitetos modernos: uma produção contraditória? (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Machado, A. S. (1996). Dois Palácios e uma Praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Merleau-Ponty, M. (2011). Fenomenologia da percepção. São Paulo: WMF Martins Fontes, Biblioteca do pensamento moderno, 4ª ed.

Montaner, J. M. (2008). O arquiteto como sociólogo (tradução de Ana Carolina Pellegrini). In: BLOCO (4): o arquiteto e a sociedade / Organizadores: Ana Carolina Pellegrini, Juliano Caldas de Vasconcellos. Novo Hamburgo: Feevale, 90-117.

Nascimento, M. (2002). Arquiteturas do pensamento (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Palermo, H. N. S. (2006). O Sistema Dom-ino (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Pallasmaa, J. (2011). Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos (tradução técnica: Alexandre Salvaterra). Porto Alegre: Bookman.

Peixoto, M. S. (2006). A sala bem temperada: interior moderno e sensibilidade eclética (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Pita, M. E. C. (2012). Le Corbusier: o cristal e a concha (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Recena, M. P. (2013). Notações arquitetônicas: diagramas, coreografias, composições (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Silva, E. B. (2017). A Clareira da Casa-Pátio (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Stigsdotter, U. & Grahn, P. (2002). *What makes a garden a healing garden?. Journal of Therapeutic Horticulture*, v. 13, 60-69.

R49

SPACES AND SPATIALITY, MOVEMENT AND EMOTION: ARCHITECTURE, THE PUZZLE AND THE IDENTITY OF THE SELF

ESPAÇOS E ESPACIALIDADE, MOVIMENTO E EMOÇÃO: A ARQUITETURA, O ENIGMA E A IDENTIDADE DO EU

Luís Henrique Stroschoen da Cunda
Arquiteto e Urbanista
Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura
lhsc.luis@gmail.com

ABSTRACT
Architecture, like all arts, is intrinsically involved with human existence's issues in space and time. However, it is the possibility of action that separates it from other forms of art: there is a suggestion of action inherent in the architecture's images, in the moment of active encounter or the "promise of function" and purpose. Through encounters and confrontations, the work seeks, through photography, to illustrate spatialities - which point to experience - constituted by the movement of the object itself and the movement of the Self: touched, traversed and, above all, lived spaces. Illustrating inspired by Hans Gunter Flieg's work, the aim was to escape from the immediacy of Brazilian architecture's imagens, relating art philosophy to a general aesthetic. The result is, like photography, an enigma: it incites the viewer to interpret, to question, to criticize; in focus, to create and to think - but in an endless manner.

KEYWORDS: brazilian architecture. photography. experience. transformation. art.

RESUMO
A arquitetura, como todas as artes, está intrinsecamente envolvida com questões da existência humana no espaço e no tempo. Entretanto, é a possibilidade de ação que a separa das outras formas de arte: há uma sugestão de ação inerente às imagens da arquitetura, ao momento do encontro ativo ou à "promessa de função" e propósito. A partir de encontros e confrontos, o trabalho procura, por meio da fotografia, ilustrar espacialidades - as quais apontam para a experiência - constituídas do movimento do próprio objeto e o movimento do Eu: espaços tocados, atravessados e, principalmente, vividos. Ilustrando-se através da inspiração do trabalho realizado por Hans Gunter Flieg, procurou-se fugir dos imediatismos das imagens da arquitetura brasileira, relacionando filosofia da arte com uma estética geral. O produto é, assim como a fotografia, enigma: incita o receptor a interpretar, a questionar, a criticar; em foco, a criar e a pensar - mas de maneira inacabável.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura brasileira. fotografia. experiência. transformação. arte.

1. OBSERVAR
A arquitetura, assim como o conjunto das artes, envolve-se profundamente com relações da existência humana no espaço e no tempo - expressando a condição humana no mundo, diz Pallasmaa (2011). Em favor de como este é vivido; não de como é feito, Leatherbarrow (2008) enxerga questões antropológicas à frente de questões metodológicas, enfatizando que estas não deveriam servir de guia àquelas. Enxergando a arquitetura como artefato através da fotografia, é interessante abordar o pensamento de que "devemos, pois, estudar o objeto a ser fotografado não em função de suas particularidades, mas em função do fato de que é um objeto a ser fotografado e, de modo mais geral, um objeto (para um sujeito?)" (Soulages, 2010, p. 27).

Figura 1. MUBE / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Figura 2. FAUUSP / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Refletindo a respeito da existência de sugestões de ações próprias das imagens da arquitetura, Pallasmaa (2011) fala que o momento do encontro ativo ou a "promessa de função" (Greenough, 1966 apud Pallasmaa, 2011, p. 59) e propósito fazem referência às possibilidades de ação que concedem distinção à arquitetura quando comparada às demais formas de arte. "Os objetos que circundam meu corpo refletem sua ação possível sobre eles próprios" (Bergson, 1991 apud Pallasmaa, 2011, p. 59). Como consequência destas sugestões, complementa o autor, a reação do corpo é indissociável à experiência de uma arquitetura significativa, pois os objetos arquitetônicos não são apenas um conjunto de imagens absorvidas pela retina - caracterizam-se por encontros e confrontos intimamente conectados à memória.

Barco (2012) fala a respeito de um caso específico de motivação, a cinestésica, descrevendo que o estímulo desprovido dessa propriedade não conseguirá induzir alterações no campo visual de quem enxerga o espaço (como alguma mudança de cor em um objeto estático). O autor complementa que "apenas a alteração de uma qualidade de uma "imagem" presente no campo" que atende a este caso específico, sendo "as transformações de movimentos de partes, mudanças de posição, expansão/retração de formas ou aproximação/recuo que contam" (Barco, 2012, p. 68).

Figura 3. FAUUSP / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

2. ENQUADRAR

A definição universal do termo 'espaço' se distingue de 'espaços' pelas particularidades reais destes - conhecidas como as estruturas da vida em sociedade, direta ou indiretamente, diz Leatherbarrow (2008). Por outro lado, acrescenta o autor, a definição de 'espacialidade' refere-se à experiência e ao significado que os espaços possuem para um indivíduo.

Figura 4. Sesc Pompeia / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Figura 5. Sesc Pompeia / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

A partir do entendimento de arquitetura como a relação entre espaços e corpo humano - através de encontros e confrontos -, o trabalho procura, por meio da fotografia, ilustrar espacialidades - as quais são constituídas "através do movimento, o movimento do próprio objeto e o movimento do Eu" (Husserl, 1997 apud Leatherbarrow, 2008, p. 21). A proposta coloca o movimento em cena: espaços tocados, atravessados e, principalmente, vividos.

Figura 6. MASP / São Paulo - SP
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Figura 7. MASP / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

3. FOCAR

> Uma foto não é uma prova, mas [...] a articulação de dois enigmas, o do objeto e o do sujeito. É por isso que a fotografia é interessante: ela não fornece uma resposta, mas coloca e impõem esse enigma dos enigmas que faz com que o receptor passe de um desejo de real a uma abertura para o imaginário, de um sentido a uma interrogação sobre o sentido, de uma certeza a uma preocupação, de uma solução a um problema. (Soulages, 2010, p. 346).

É curiosa a aproximação desta definição de foto ao conceito da bidimensionalidade do campo visual, explicado por Barco (2012) através do pensamento de Husserl: "o campo visual é uma multiplicidade bidimensional que em si mesma é congruente, contínua, completamente coerente, finita e certamente limitada: tem uma margem além da qual nada há" (Husserl, 1997 apud Barco, 2012, p. 80).

A proposta de ilustração parte da inspiração do trabalho realizado por Hans Gunter Flieg, fotógrafo que se dedicou durante décadas a um trabalho de documentação

de projetos industriais, fotografias de arquitetura e de produtos; que encenou um minucioso teatro do objeto e dos espaços - no qual o enquadramento construiria a dimensão cenográfica que articularia a luz, o contraste e a ordenação da realidade de cada fotografia. Com particular olhar à imagem a ser produzida, a plasticidade de sua obra é expressa em suas palavras, apresentadas através da exposição no Instituto Moreira Salles com curadoria de Sergio Burgi:

> Faça uma ampliação, tenha um ponto de referência o mais preto que o papel permite; um ponto mínimo, uma luz, que seja tão branca quanto o papel permite; faça a escala tão longa quanto for possível, aí provavelmente você vai chegar ao resultado. (IMS, 2023)

Figura 8. Centro Cultural FIESP / São Paulo - SP
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Figura 9. Hotel Unique / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Procurando trazer olhar distinto às imagens da arquitetura brasileira, as fotografias foram realizadas tendo como foco principal obras amplamente difundidas em âmbito nacional e internacional - com o intuito de fugir de seus imediatismos. As localidades em questão foram as cidades de São Paulo (Casa das Rosas, Centro Cultural Fiesp, FAUUSP, Hotel Unique, Japan House, Livraria Cultura, MASP, MUBE e Sesc Pompeia), Anta Gorda (Casa Martelli) e Arvorezinha (Museu do Tijolo). “Os fotógrafos transformam, portanto, nossa visão de arquitetura; esta não é mais aquela que se vê em seu imediatismo - aliás, terá sido vista assim alguma vez? -, mas aquela revista pelos artistas” (Soulages, 2010, p. 334).

Figura 10. Casa das Rosas / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Figura 11. Casa Martelli / Anta Gorda - RS.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2023)

4. PERCEBER

Jean-Paul Sartre pensa que "a emoção é uma maneira de perceber o mundo" (Didi-Huberman, 2016, p. 26). Existe, portanto, arquitetura sem emoção? Didi-Huberman (2016) dirá que as emoções são caracterizadas por movimentos (moções e comoções); assim como são agentes de mudança de quem se emociona. O autor complementa que é por meio da transição destas para pensamentos e ações que podemos transformar nosso mundo, pois a transformação ocorre quando atravessamos de um estado a outro - não definindo a emoção como uma circunstância de simples passividade. Leatherbarrow (2008), citando George Howe em seu ensaio *Going in and coming out*, expressa a ideia de que a arquitetura não pode ser limitada aos seus planos e perímetros físicos (piso, paredes, forro), a um sistema estrutural (pilares, vigas) ou aos seus fechamentos (transparência ou opacidade). O autor enfatiza que a experiência da arquitetura (ou do próprio ser humano) é fornecida necessariamente pelo fluxo através do espaço, entrando e saindo deste (não apenas visualizando uma forma): é preciso ter consciência do que está dentro e do que está fora - e que estes espaços são um único todo contínuo de partes relacionadas.

"A boa arquitetura 'se caminha' e 'se percorre' pelo interior e pelo exterior. É a arquitetura viva. A má arquitetura se mantém em torno de um ponto fixo, irreal, fictício, estranho à lei humana" (Le Corbusier, 2005, p. 43). Recena (2013) analisa o espaço moderno por meio da dinâmica do observador, o qual é diversas vezes refeito através de "um processo além do contemplativo; um processo de construção

intelectual com base sensorial" (Recena, 2013, p. 43). Considerando a arquitetura como um fenômeno de emoção, Le Corbusier (2006) é categórico ao dizer que a mera construção (que não atinge os nossos sentidos) é apenas para sustentar, pois a arquitetura, como um fato de arte, é para emocionar.

Barco (2012) comenta a constatação de Husserl sobre o teor insuficiente da concepção puramente estática do espaço, através da individualização da situação espacial de um corpo parado. O autor complementa que o estudo da consciência de movimento é imprescindível para a descrição fenomenológica da constituição do espaço.

Figura 12. Museu do Tijolo / Arvorezinha - RS.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2023)

Figura 13. Casa das Rosas / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

5. REVELAR

Buscando dar ênfase ao olhar para a arquitetura através do usuário, de quem vive a experiência de sentir a espacialidade de tantos espaços projetados e lembrados apenas pela sua estética, forma, função e composição, o trabalho procura enfatizar a premissa de que o artefato arquitetônico é um objeto para um sujeito; que estes estão intimamente relacionados: através de ações possíveis abertas a encontros e confrontos, enigmas e desejos, imaginação e preocupação; sentidos e interrogações. Um espaço arquitetônico real não é concebido através da individualização de um corpo em repouso, a boa arquitetura deve ser viva (o que implica sentir, viver, mover, comover, mudar e se emocionar). Proporcionar a percepção de espaços além de planos e limites físicos é a chave para a abertura da contemplação, construindo-se espacialidades de bases sensoriais que sejam agentes de mudança de quem se emociona.

Figura 14. FAUUSP / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

A fotografia, assim como a espacialidade de um espaço vivido, é congruente, contínua e coerente à finitude de uma margem física que proporciona ao observador o deleite de experienciar sensações às quais podem ser constantemente revistas e refeitas.

Conforme explica Soulages (2010), a articulação entre filosofia da arte e uma estética geral nos possibilita a compreensão mais assertiva sobre o porquê de uma obra nos fornecer questionamentos paralelos a deslumbramentos e frustrações: transfigura-se criticamente, através de buscas e perguntas, o que os nossos olhos não conseguiram visualizar - por já haverem visto demais. A palavra serve de auxílio e acompanhamento da obra; entretanto, não deve afastar o indivíduo desta e recobri-la de significados muitas vezes irrelevantes, acrescenta o autor - a linguagem deve acolher a obra, ser pergunta e não resposta, proporcionando abertura ao mistério e à riqueza de não incorporar um sentido propenso à redução desta, através de um pensamento pronto que dispensa o sentimento e o sabor, o pensar e o recriar.

> Não podemos esgotar uma foto, pois, por meio dessa tensão entre seu material e seu referente para sempre perdido, ela nos escapa como nos escapam o mistério do outro, a realidade do mundo exterior, o problema da existência, a separação do passado, o enigma da morte ou a identidade de nosso eu. (Soulages, 2010, p. 346).

Figura 15. Livraria Cultura / Arvorezinha - RS.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

Figura 16. Japan House / São Paulo - SP.
Fonte: Luís Henrique Stroschoen da Cunda (2017)

6. BIBLIOGRAFIA

Aguiar, D. V. (2006). Espaço, corpo e movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. In: Arqtexto Nº8, 74–95.

Barco, A. P. (2012). A constituição do espaço na fenomenologia de Husserl (dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Goiás, Goiânia.

Bergson, H. (1991). *Matter and Memory. New York: Zone Books.*

Cidade, D. M. (2002). A cidade revelada: a fotografia como prática de assimilação da arquitetura (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Didi-Huberman, G. (2016). Que emoção! Que emoção? (tradução de Cecília Ciscato). São Paulo: Editora 34, 1ª Edição, Coleção Fábula.

Giedion, S. (2004). Espaço, tempo e arquitetura (tradução de Alvamar Lamparelli). São Paulo: Martins Fontes.

Greenough, H. (1966). Form and Function: Remarks on Art, Design and Architecture. Berkeley and Los Angeles: ed Harold A Small, University of Califórnia Press.

Heidegger, M. (2012a). Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, Coleção Pensamento Humano, 8ª ed.

Husserl (1997). *Things and Space (trad. ing. Richard Rojcewicz). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers*.

Imoreirasalles. (2023, 30 de agosto). Flieg. Tudo que é sólido | IMS Paulista. [Vídeo]. YouTube. https://youtu.be/Ih-sGK1FKGQ?si=corLei9zZRlnYfeg

IMS. (2023). Exposição, Flieg: Tudo que é sólido. https://ims.com.br/exposicao/flieg-tudo-que-e-solido_ims-paulista/

Leatherbarrow, D. (2008). Espaço Dentro e Fora da Arquitetura (tradução de Tania Calovi Pereira). Arqtexto n.12, 06-31.

Le Corbusier (2005). Mensagem aos estudantes de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes.

Le Corbusier (2006). Por uma Arquitetura. São Paulo: Perspectiva.

Le Corbusier & Ozenfant, A. (2005). Depois do Cubismo (tradução de Célia Euvaldo). São Paulo: Cosac Naify.

Le Corbusier & Ozenfant, A. (1925). *La Peinture Moderne. Paris: Crès*.

Merleau-Ponty, M. (2011). Fenomenologia da percepção. São Paulo: WMF Martins Fontes, Biblioteca do pensamento moderno, 4ª ed.

Nascimento, M. (2002). Arquiteturas do pensamento (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Pallasmaa, J. (2011). Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos (tradução técnica: Alexandre Salvaterra). Porto Alegre: Bookman.

Recena, M. P. (2013). Notações arquitetônicas: diagramas, coreografias, composições (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Soulages, F. (2010). Estética da fotografia: perda e permanência (tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos). São Paulo: Editora Senac São Paulo.

Vieira, C. B. M. (2012). A fotografia na percepção da arquitetura (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

R50

URBAN AMBIANCES AND AFFECTION: METHODOLOGICAL PROPOSALS

CHAIR Eliana Rosa de Queiroz Barbosa

“Being affected,” as clarified by Favre-Saada (2005), is a theoretical and methodological stance beyond participation and observation, involving experience, sensitivity, creativity, the body in relation to and with space, placing ideas, experiences, and practices in perspective for the interpretation of urban environments. This session urges researchers to present creative methodological tools linked to applied social sciences to explore, narrate, and represent urban environments.

R50

EPHEMERAL AMBIANCES IN GOIANIA'S DOWNTOWN

AMBIÊNCIAS EFÊMERAS NO CENTRO DE GOIÂNIA

Wagner Rezende
Doutor
Universidade Federal de Goiás
wagnerrezende@ufg.br

Hitalo Montefusco
Graduando
Universidade Federal de Goiás
hitalomontefusco@discente.ufg.br

ABSTRACT

Goiania's historic downtown, characterized by its Art Déco architecture and modern urban planning, has emerged as a space where memories and everyday landscapes intermingle, constructing what we term experiential heterotopias. This study aims to uncover individual appropriations of the city's streets and alleys, analyzing how public spaces influence everyday situations and urban life rituals. We employed the interview/walk method with five passersby selected through snowball sampling, primarily starting from Praça Cívica. For the purposes of this work, we will delve into one interview in greater depth. The routes were mapped and documented through photos, sketches, and field notes, creating an atlas of the ephemeral ambiances from the interviews conducted in 2022. The narratives were separated into four layers: narratives of the passersby, technical records of the routes, photographs of absent utopian elements, and classification of the narratives using Boolean criteria, enabling a diachronic understanding of the experiential heterotopias in the urban reality of Goiânia's center.

KEYWORDS: Goiania. affective cartography. individual utopias. ephemeral ambiances.

RESUMO

O Centro de Goiânia, caracterizado por sua arquitetura Art Déco e planejamento urbano moderno, revelou-se um espaço onde memórias e paisagens cotidianas se misturam, construindo o que denominamos heterotopias experienciais. Este estudo busca desvendar as apropriações individuais das ruas e vielas da cidade, analisando como os espaços públicos influenciam situações cotidianas e rituais da vida urbana. Utilizamos o método de entrevista/caminhada com cinco transeuntes selecionados por amostragem "bola de neve", partindo majoritariamente da Praça Cívica, para o trabalho iremos aprofundar numa entrevista. Os percursos foram mapeados e documentados por fotos, croquis e anotações de campo, compondo um atlas das ambiências efêmeras das entrevistas realizadas em 2022. As narrativas foram separadas em quatro camadas: narrativas dos transeuntes, registros técnicos dos percursos, fotografias dos elementos utópicos ausentes e classificação das narrativas por critérios booleanos, possibilitando uma compreensão diacrônica das heterotopias experienciais na realidade urbana do Centro de Goiânia.

PALAVRAS-CHAVE: Goiânia. Cartografia afetiva. Utopias individuais. Ambiências efêmeras.

1. INTRODUÇÃO

O Centro de Goiânia, conhecido por sua arquitetura Art Déco, largas ruas retilíneas e quadras ortogonais "atravessadas" por vielas, é uma cidade planejada sob os auspícios da modernidade tardia, implantada no cerrado goiano, protagonista da versão brasileira da marcha para o oeste. Caminhar por suas ruas em companhia de

alguns de seus transeuntes frequentes, especialmente seus moradores, significa partilhar paisagens inventadas e memórias imaginadas, palimpsestos de lugares cotidianos, que emergem dos modos de existência que denominamos heterotopias experienciais. Assim, ao questionar os efeitos dos espaços públicos nas situações ordinárias, extraordinárias, ritualísticas e transientes da vida cotidiana da metrópole, buscamos encontrar vestígios de utopias individuais nas apropriações das suas ruas, calçadas e vielas. Apoiados nas narrativas deambulatórias de cinco transeuntes no Centro de Goiânia, pretendemos apresentar uma cartografia afetiva das ambiências efêmeras, reconfiguradas na forma de "entre lugares", lacunas mnemônicas da vida privada. Das apropriações dos espaços urbanos, buscamos os relatos compartilhados das subjetividades, agentes das práticas socioespaciais insurgentes, tangíveis e intangíveis.

Ao propor a entrevista/caminhante (walking interview) como método, pretendemos captar o potencial da proximidade com os microterritórios efêmeros do "caminhar conversando". A escolha das pessoas entrevistadas seguiu aproximações fortuitas entre pessoas interessadas e desconhecidas, a princípio (método bola de neve). Tudo começou com uma proposta a uma amiga próxima que vivia no Centro de Goiânia, que, na sequência, indicou sua amiga, a qual, depois, indicou outro amigo para conversarmos. As entrevistas/caminhantes ocorreram em 2022, com cerca de uma hora de duração, sendo que quase todas tiveram como ponto de partida a Praça Cívica, localizada na região central da cidade. Complementarmente, em outro momento, foram realizados mapeamentos dos itinerários das caminhadas, objetivando montar um atlas contendo registros fotográficos, croquis e anotações de campo. A partir disso foram realizadas derivas fotográficas que, além de possibilitar reflexões sobre as paisagens urbanas descortinadas pelos percursos, fundamentaram análises das histórias que emergem das conexões afetivas na forma de topologias situacionais.

Poderíamos descrever este processo por meio de quatro perspectivas: a) a primeira contém as narrativas resultantes das entrevistas/caminhadas, cujos percursos foram registrados, re(configurados), pelos olhares dos transeuntes (caminhantes) cujas memórias eram questionadas (em um ato perscrutador); b) no segundo ponto de vista, sob o olhar técnico, refizemos os percursos para construir um itinerário das rupturas topológicas, anotando as características físicas, sensoriais e afetivas do espaço, identificando e nomeando, por assim dizer, "monumentos cotidianos"; c) no terceiro modo de ver, fotografamos, segundo indicações dos itinerários lacunares, os elementos utópicos, ausentes no tempo presente da realidade urbana; d) por fim, a quarta perspectiva foi a classificação das narrativas por critérios booleanos. Temos, assim, "adições", onde as narrativas emergem pela sobreposição de vestígios; "interseções", onde as narrativas se interseccionam segundo (situações cotidianas); e "ausências", onde as narrativas se originam de contradições mnemônicas ou apontam para algo que não está lá. Esta matriz conceitual fundamentou uma análise diacrônica das heterotopias experienciais, por meio de diagramas, nas fotografias e nos textos, das ambiências efêmeras presentes nas narrativas, mas ausentes nos fragmentos da realidade urbana de Goiânia.

2. O QUE SÃO AMBIÊNCIAS EFÊMERAS?

Pode a caminhada ser um dispositivo de interação afetivo/racional/social/ecológico na/pela cidade? Como nos lembram Gros (2008), Solnit (2016), entre outros, pensar cartografias do caminhar é imaginar o mapeamento de modos mínimos de existência. Pensar a caminhada como dispositivo de resistência, como dispositivo discursivo e performático de resistência. E nesse sentido, o caminhante se transforma em sujeito subalterno que emerge como efeito colateral da individualização institucionalizada pelo capitalismo neoliberal, da qual falam Beck (1986) e Giddens (1990), na qual nos é imposta atualmente tanto a possibilidade de subjetividade quanto de subjetivação. Diante de situações de resistência, esse sujeito é reinventado, metamorfoseado, nos processos de luta por autonomia, ou emancipação, nas relações de poder. Em condições urbanas desumanas (pós-humanas), onde as pessoas se deslocam, prioritariamente, por meios motorizados, a caminhada é um modo de existência da qual emergem interações sociotécnicas complexas, elas mesmas, dispositivos políticos contra hegemônicos. Esse modo de deslocamento (mobilidade) talvez tenha um paralelo na prática de cozinhar, um ato performático, em si mesmo.

Poderíamos situar a caminhada como um ato silencioso, discreto, quase-performático, quase-significante, quase-insípido, repetitivo, imerso em uma zona cinza, ruidosa. Desse ato emergem narrativas tanto discursivas quanto performáticas. Nesse processo se produz um continuum de fluxos e interrupções ou intervalos que permanece opaco (labiríntico) e um tanto difícil de se mapear. Imaginando esse ato de caminhar composto por nuances ou elementos que não se conectam de modo automático: elementos culturais, sociais, técnicos, que não se como conectam de modo automático, mas, sim tal qual uma sobreposição de certos arranjos urbanos, essas interações sociotécnicas são constituídas como efeitos de lugar, gerando instabilidades situacionais nos percursos das caminhadas. No contexto das ações de transformação social, poderíamos chamar esses atributos de "topologias situacionais". Enumeramos três campos de ação das topologias situacionais: a) o campo da "poiesis", das mediações entre o corpo e o espaço, da materialidade, orientado para a criatividade, a performance coreográfica e ritualística, os afetos e as emoções; b) o campo da política, âmbito dos discursos normativos e das leis, das narrativas hegemônicas e das contra-narrativas, dos debates, das oposições, das subjetivações, enfim; e c) campo da filosofia, evidenciado pelas configurações epistemológicas, genealogias, ontologias e "decalques mentais" das controvérsias contemporâneas sobre práticas espaciais insurgentes.

A noção de afeto possui uma longa tradição na filosofia ocidental, atingindo seu momento crucial com a publicação, no século XVII, da Ética, de Benedictus de Spinoza (2016). Mais recentemente, no contexto dos estudos urbanos brasileiros, Martins e Barbosa (2022), nomeiam os afetos como fragmentos ou estilhaços da cidade que, uma vez incrustados no corpo, interferem nas matrizes psicológicas e sociais existentes, desencadeando, em consequência dessas interações entre corpo e cidade, novas formas de existência. Veremos, na descrição do método de

entrevista caminhante, que esses fragmentos (afetivos) emergem nas narrações das experiências da/na cidade, não diacronicamente, como palimpsestos, mas, sim, de modo anacrônico, como montagens cronotópicas aparentemente desconexas. Associamos, assim, a presença desses fragmentos/estilhaços às táticas de resistência, que, uma vez individualizadas, são usadas cotidianamente pelas pessoas entrevistadas, como se estivessem sempre à sua disposição.

Baseados nas narrativas de cinco transeuntes no Centro de Goiânia, pretendemos apresentar uma cartografia afetiva das ambiências efêmeras, reconfiguradas como "entre lugares", lacunas mnemônicas da vida privada. A partir das apropriações dos espaços urbanos, buscamos relatos compartilhados das subjetividades, agentes das práticas sócio-espaciais insurgentes, tangíveis e intangíveis. Ao propor a entrevista/caminhante (walking interview) como método, pretendemos captar o potencial da proximidade com os microterritórios efêmeros do "caminhar conversando". Assim, temos "adições", onde as narrativas emergem pela sobreposição de vestígios; "interseções", onde as narrativas se cruzam em situações cotidianas; e "ausências", onde as narrativas surgem de contradições mnemônicas ou apontam para algo ausente. Esta matriz conceitual fundamentou uma análise diacrônica das heterotopias experienciais, por meio de diagramas, fotografias e textos, das ambiências efêmeras presentes nas narrativas, mas ausentes nos fragmentos da realidade urbana de Goiânia.

DeLanda (2005), afirma que experienciamos os ambientes artificiais e naturais, nas mais variadas escalas segundo dois paradigmas experienciais, sendo que um deles seria mediado por atributos extensivos (zonas de extensão) enquanto o outro, menos conhecido, articularia atributos intensivos (zonas de intensidade). Assim, temos consciência de que o modus operandi das ambiências efêmeras que articulam a experiência urbana certamente passaria despercebido diante de uma métrica extensiva, topográfica, do espaço. Nossa intenção aqui é articular outra métrica, caracterizada por qualidades intensivas, topológicas, do espaço vivido. A reflexão sobre a distinção entre estes dois paradigmas permanece no nível da abstração filosófica, mesmo diante da sua relevância na constituição de subjetividades. No âmbito da bibliografia que revisamos sobre as apropriações dos espaços públicos, especialmente na microescala, Thibaud (2012) nos fornece as bases conceituais segundo as quais são constituídos cinco modus operandi da experiência urbana: o médium, que instaura o sensível como campo de ação; a ressonância, que resulta das configurações afetivas dos espaços urbanos; a coalescência, que é a integração, por associações analógicas, dos diversos elementos que compõem as situações urbanas; a conservação, tanto dos aspectos materiais como também imateriais da realidade urbana; e, finalmente, a impregnação, que trata das variações relacionais inerentes às memórias, imaginários e experiências individuais e coletivas na cidade. Se de um lado, a ambiência se coloca como condição do sentimento de coletividade (convivialidade), de outro lado, efetua-se como a possibilidade de se "redistribuir os lugares e as identidades", por meio da partilha do sensível, descrita por Rancière

(2005). Identificamos, mesmo nos espaços privados, os dois modos, indissociáveis e simultâneos, que se entrelaçam na implicação de uma ambiência na configuração de um território. No primeiro modo (ou trama), as ocasiões que fazem a cidade vibrar e lhe conferem um caráter festivo (ou afetivo). No segundo modo (ou trama), os cuidados com os lugares cotidianos, ao longo do tempo (cuidando não somente dos elementos mais visíveis da cidade, mas também dos seus bastidores). O ponto fundamental da expressão "dar o tom" parece ser a tentativa de se demonstrar, simultaneamente, desfocalização, cuidado e impregnação, transformando a ausência na presença, o vulnerável em potência. Ao usar a noção de ambiência no lugar de ambiente, o autor tenta valorizar o potencial afetivo dos lugares cotidianos, superando, assim, as dimensões puramente técnicas dos problemas ecológicos.

3. METODOLOGIA

A entrevista caminhante. A primeira etapa envolveu a realização de entrevistas caminhantes (walking interviews) com transeuntes, método similar ao descrito por Kusenbach (2003), onde ele descreve aquilo que ele define como 'go-along', com vantagens na observação etnográfica por realizar a coleta de dados dentro de ações ou práticas que façam parte do cotidiano, ressaltando a necessidade do olhar atento do pesquisador para capturar as ações e interpretações do informante, simultaneamente, ao longo do caminho. O autor explica que tenta manter a autenticidade das narrativas por meio de sintonias imaginárias com as pessoas entrevistadas.

Portanto, é compatível com nosso objetivo de entender a relação afetiva dos entrevistados com o Centro de Goiânia. Os participantes eram incentivados a caminhar espontaneamente pelo centro enquanto compartilhavam suas memórias e experiências. As entrevistas, que duraram em média 90 minutos, foram gravadas e posteriormente transcritas. A partir dessas transcrições, identificamos e agrupamos os pontos chave em categorias abrangentes, como memória, passado e uso da cidade. Esse processo resultou na criação de segmentos específicos das entrevistas que foram relacionados aos monumentos do cotidiano os quais as pessoas entrevistadas deram ênfase nas narrativas.

A arqueologia dos monumentos do cotidiano. No segundo momento, os pesquisadores, após o acesso aos áudios e transcrições das entrevistas, percorrem o mesmo itinerário, sem a presença da pessoa entrevistada, na intenção de observar os elementos da paisagem urbana sob um olhar técnico (objetivado). Assim, os percursos foram revisitados para identificar rupturas topológicas nos lugares anteriormente percorridos, anotando suas características físicas, sensoriais e afetivas. Essas observações resultaram em notas detalhadas, croquis dos itinerários percorridos, posteriormente agrupando-os.

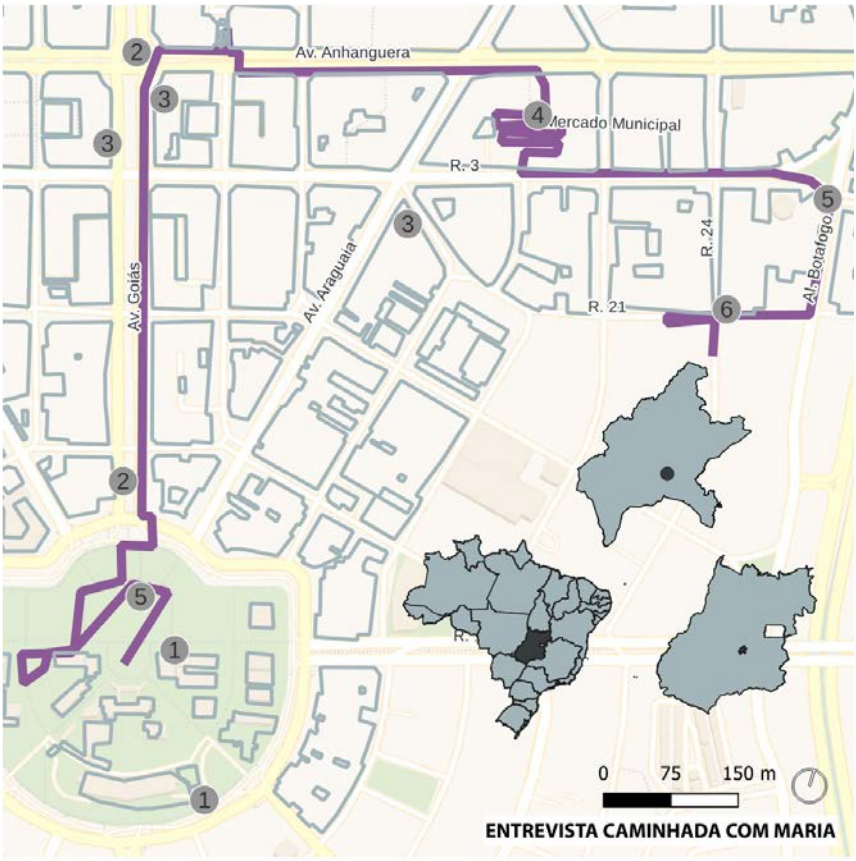


Figura 1. Entrevista caminhada com Maria.
Fonte: Elaborado pelos autores a partir da entrevista (2024).

A deriva fotográfica. A terceira etapa consistiu em retornar aos mesmos espaços, agora com as transcrições das entrevistas e as observações em mãos, com a intenção de fotografar paisagens identificadas nas etapas anteriores, segundo indicações dos itinerários lacunares, buscamos os elementos utópicos, ausentes no tempo presente da realidade urbana. É importante destacar o lapso temporal entre as etapas: a maioria das entrevistas foi realizada ainda em 2022, a observação independente e a fotografia dos elementos que se enquadram na categoria de monumentos do cotidiano foram realizadas alguns meses depois. Esse intervalo de tempo permitiu observar como os pontos de interesse foram afetados ao longo do tempo, enriquecendo nossas observações sobre a temporalidade e mudanças no espaço urbano.

Na quarta etapa, aplicamos os operadores de lógica booleana adaptados ao nosso material, tendo como resultado: "Adições" as narrativas são completadas sem sobreposição de vestígios, formando um quadro amplo sobre o espaço em questão; "Interseções" as narrativas se interseccionam segundo condições socioculturais.

Nesse resultado, observamos elementos que permaneceram no espaço mesmo com as transformações da cidade; "Ausências" As narrativas se contradizem ou apontam para algo que está de fora das camadas prévias. Aqui, observamos ressignificação, alteração do espaço construído e mudança de interpretação sobre as narrativas. Consideramos como válidos, as variações dentro da mesma referência, alterações de uso, mudança em elementos paisagísticos por exemplo, não necessariamente pontos diametralmente opostos por entendermos a pluralidade das narrativas e a polissemia do espaço.

4. ENTRE QUATRO PERSPECTIVAS: ENTREVISTA; ITINERÁRIO; DERIVA FOTOGRÁFICA; DIAGRAMA.

Bourriaud (2009) nos leva a questionar como deveríamos nos orientar diante do caos cultural contemporâneo e deduzir novos modos de produção a partir dele. O termo pós-produção, criado por ele, serve para explicar o modo como os fragmentos da narrativa foram montados (agenciados). Trata-se de um conjunto de tratamentos dados a um material registrado, por meio da montagem, do acréscimo de outras fontes visuais ou sonoras, das legendas, das vozes off, dos efeitos especiais. Partindo da estética relacional, convivial e interativa, a pós-produção apreende as formas de saber geradas pelo surgimento da rede (Bourriaud, 2009). Como resultado da decodificação da entrevista, identificamos seis monumentos do cotidiano presentes na narrativa: a) Praça cívica; b) Praça do bandeirante; c) Lojas de 1,99; d) Mercado Municipal; e) Antiquário; e f) Trecho da Rua 21.

A Praça Cívica [foto a]. "Em 2014, antes do impeachment da Dilma as reuniões eram aqui na praça ou na faculdade de direito, saia de lá e vinha para cá, todo sábado, às vezes outros dias da semana. [...] A praça ficou sendo o terminal que eu usava. Eu ficava tipo horas aqui e foi virando na minha cabeça um lugar da cidade que eu sabia como chegar nos lugares a partir da Praça Cívica. Eu sabia chegar na faculdade, eu sabia chegar na casa da minha vó, na casa da minha outra avó, na minha casa, tudo saído daqui. [...] Uma memória geográfica, eu consigo olhar no mapa e saber quando estou aqui, meio que tem esse mapa na minha cabeça e a praça cívica é o lugar de onde sai tudo. [...] Quando eu mudei para cá foi em dois mil e vinte no meio da pandemia a praça ficava fechada. No domingo eu vinha andar de bicicleta, eu fazia tudo na Praça Cívica, era tipo o nosso parque. [...] Eu escolhi o Cine Cultura, era um lugar que eu frequentava. Eu marcava minhas coisas e vinha com minhas amigas, depois da faculdade eu vinha com os meus amigos da faculdade para cá" (Maria, 2022). Foram identificados na narrativa da entrevistada algumas descrições de espaços públicos permeados de monumentos históricos: o "monumento das três raças"; o marco zero da cidade; os postes de iluminação originais da fundação de Goiânia (figura 1a). Simultaneamente, identificamos (experienciamos), o clima ameno; a presença de pessoas fazendo exercício enquanto outras seguiam para o trabalho; a agitação dos funcionários públicos; e o número considerável de pessoas acessando as edificações públicas.

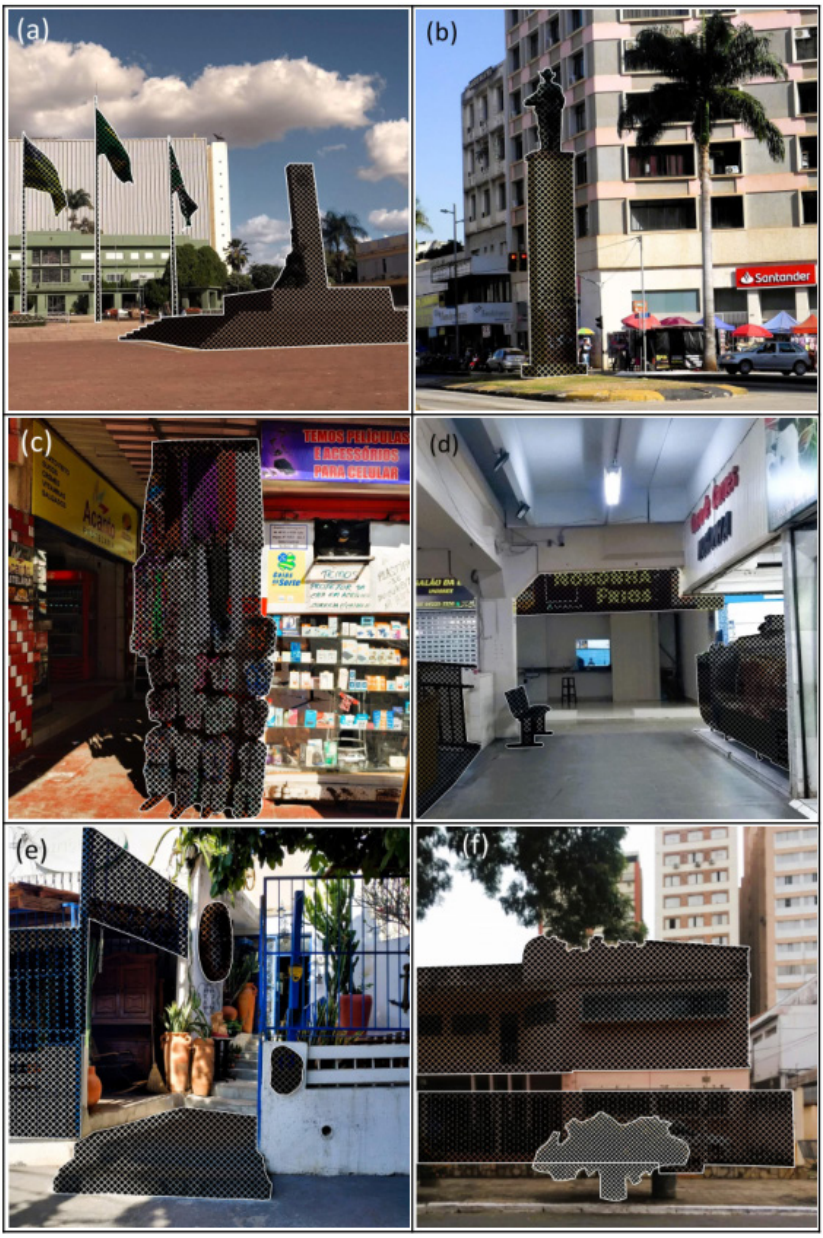


Figura 2. Fotografias/Diagramas indicando os monumentos do cotidiano
Fonte: Elaborado pelos autores a partir da entrevista (2024).

A Praça do Bandeirante [foto b]. "Minha avó gosta muito dessa escultura. Metade da minha família foi morar em São Paulo nos anos cinquenta. Ela voltou porque casou e tem essa ideia de que todas as coisas boas vêm de São Paulo. Os estudantes paulistas

trouxeram a escultura do bandeirantes para Goiás para homenagear os bandeirantes, ela conta emocionada. Ela tem essa coisa com São Paulo, essa entidade. A gente briga por causa dessa escultura. [...] Ela tem uma coisa muito marcada [na Avenida Goiás], dois relógios, um fica lá em cima e outro fica lá embaixo. O progresso, a civilização. É uma coisa que você observa no corpo das pessoas, como usam o espaço. Dependendo do horário, encontramos pessoas dormindo e trabalhadores que dormem depois do almoço. Ponto mais urbanizado. Relação da cidade com o trabalho" (Maria, 2022). A calçada central da Avenida Goiás possui diversos elementos remanescentes da década 1940, tais como a torre do relógio e as fontes em Arte Déco, porém apenas uma funciona. O monumento ao Bandeirante chama a atenção pela localização singular, paradoxal (figura 1b). Lixeiras e caixas de serviço marcando 3 momentos distintos. Presença de arte urbana na caixa de serviço telefônico. Prédio com aparência de deteriorado. A banca de frutas à frente do Bradesco. Num dos lados da rua os prédios possuem traços modernistas, enquanto do outro o Art Déco está escondido pela adição de fachadas novas. O calçamento é cuidado de forma negligente. Acesso a garagens internas por becos entre as edificações. Forte presença de serviços financeiros. Idosos são maioria neste segmento.

A loja vende produtos a R$1,99 [foto c]. "Eu venho comprar coisas de casa. Gosto da Big Lar, eles têm uma curadoria de objetos. [...] Tem diferença, a Jingxiang ela é completamente caótica, ela vende fantasia, maquiagem, tudo e é o caos. Pó de maquiagem no chão. Essa loja aqui é muito quente, não tem uma curadoria muito boa. A Big Lar é uma ótima loja, eles são caros e tem produtos diferentes. [...] Escuto essas conversas na Anhanguera, na Goiás, no Banana Shopping, você vai ouvir alguém falando 'porque é tudo chinês' ou se orgulhando aquela loja não é de chinês. [...] A Jingxiang ela pertence a chineses, tem essa loja nova mais organizada, ela tem essas iluminações, bem brega, sente um esforço estético, e tem mais três dessas. Tem uma que se chama Cindy, só toca música chinesa" (Maria, 2022). Pesquisador: Confluência de pessoas nos diversos sentidos. Lojas de produtos do cotidiano (figura 1c). As identificações das lojas sobrepõem a fachada original das edificações. Destaque para a quantidade de pessoas com pastas de exames médicos. O impacto visual que as caixas de ar-condicionado causam nas fachadas. A fonte apenas de um dos lados funciona. Rua comercial. Calçada ampla, requer reparo.

O Mercado Municipal [foto d]. "É onde a gente faz compras, eu moro na rua de cima, a gente compra verdura é mais barato, agradável, tem uma dinâmica diferente. Tem um horário para comprar tomate e pimentão, é de manhã cedo. [...] Eu gosto mais do "empadão" do que da empada, eu não acho o empadão de Pirenópolis mais gostoso, o da Cidade de Goiás é mais gostoso do que de Pirenópolis. [...] A gente compra tomate aqui, assa e faz molho. A dona da loja vem aqui e compra todos os pimentões vermelhos antes de todo mundo. Aquele lugar ali eles sempre tentam dar o golpe no "troco". Essas lojas todas pertencem a mesma pessoa, de bucha, cestas e cestaria. Lá em cima tem o açougue, tinha várias peixarias mas elas faliram durante a pandemia, tem as lojas de utilidades. [...] Aqui eles [os vendedores] são

muito atenciosos, [teve] uma vez que eu vim comprar cinco peitos de frango e ele falou 'não quer levar mais um não, vai que chega visita?' e eu não comprei e tive visita. Tem muita coisa [loja] fechada, existia esse terceiro andar, [onde], durante anos funcionou o Vapt-Vupt. [...] Eu acho que o mercado vai se tornar uma coisa gourmet, já abriu uma loja de açaí muito arrumada" (Maria, 2022). Venda de frutas no lado de fora do mercado. No mercado, na parte após a praça de alimentação, tem a zona de carga e descarga, com as bicicletas, e uma série de casinhas com uma porta. Na praça de alimentação, trabalhadores fazem refeição. No período que fiquei quem chegava, e não era trabalhador dali, fazia cara de perdido. Vi algumas crianças sempre acompanhadas de mulheres. Loja de conserto de máquina de costura. Do segundo piso é possível ver o telhado do primeiro andar, e ele é de telha cerâmica (figura 1d). Na saída pela rua interna tem um bar tocando música sertaneja e no momento estava ocupado por pessoas idosas.

O Antiquário [foto e]. O antiquário, tem esse prédio, edifício Comodoro, lá tem um mosaico que eu gosto. O prédio foi reformado, ficou horrível, mas ele tem um mosaico. Nunca comprei, nunca achei nada 'uau'. Minha mãe gosta de antiquário, eu gosto de ir em brechó. Mantiveram o mosaico, representando aquela pedra fundamental o "monumento das três raças" (Maria, 2022). Pesquisador: Calçada larga, arborizada e de esquina a um acesso da Marginal Botafogo. Os prédios do entorno são baixos em comparação com as edificações da R.3. As fachadas não esclarecem qual o tipo de uso. Pessoas sentadas conversando calmamente sentadas em cadeiras de fio à frente do Antiquário. A edificação do Antiquário é composta por elementos desarmônicos, no meio disso, um grande disco parecendo ser em cerâmica cozida, apresenta um desenho em alto relevo do monumento do mito fundador do estado de Goiás (figura 1e). Trânsito contínuo de carros, sem pedestres durante o período de observação.

A Rua Vinte e Um [foto f]. "Tem moradias, mas não tem coisa de bairro, de criança, na minha rua. Na Rua 21 tem crianças brincando na rua à noite. Essas quadras a gente as vê assim. A gente não vê o miolo delas, essas quadras aqui têm casinhas dentro delas, as pessoas entram por esses corredores, um lote que era comprido, tinha um jardim, [então] virou três casas. Da minha janela eu vejo uma comunidade morando desse jeito, não são prédios nem gente com dinheiro, são barracões. [Existe] muito de habitação no centro. Essas crianças que moram nesses barracões, elas brincam na rua. Eu fico revoltada que ficam [dizendo], 'ah, as crianças não brincam na rua'. Usam essa métrica para medir qualidade de vida num lugar" (Maria, 2022). Apesar de se localizar no centro de Goiânia e sobrepor a Marginal Botafogo, a Rua 21 é uma via de acesso local, interna, pouco movimentada. Com calçadas estreitas, o trecho observado apresenta um grande terreno baldio com arte urbana nas paredes das edificações limítrofes, o fluxo intenso de carros na Alameda Botafogo contrasta com a rua 21, durante o período de observação a maioria dos carros seguia pela alameda ou entrava nos estacionamentos dos prédios. Neste trecho era possível observar uma casa ampla, com gradis, alguns edifícios acima de cinco andares e edificações térreas, sem um estilo predominante (figura 1f).

5. AMBIENCIAS EFÊMERAS. RELACIONANDO TEORIAS, MÉTODOS E RESULTADOS.

A teoria das ambiências agrega referências importantes para apresentar um estudo da condição urbana que emerge (resulta) (se transforma) pelo ato de caminhar na cidade. Avançando além do recorte teórico, nosso argumento principal pode eventualmente ampliar demais o foco de análise. As relações entre a fundamentação teórica e a pesquisa empírica poderiam ser mais bem explicitadas na forma de uma análise crítica da experiência de caminhar nas ruas de Goiânia.

5.1 A Praça Cívica:

Adições: A praça é um elemento político e central, nela se encontram a moradia oficial do governador o MIS, o Museu Zoroastro Artiaga e o monumento às três raças. Ela é usada como referência geográfica para quem transita por ela cotidianamente. Por ter escala monumental e ser arborizada também é utilizada para lazer.

Interseções: Os elementos comuns são a centralidade que a praça ostenta, o monumento às três raças e a forte presença dos prédios públicos.

Ausências: Contradição da prática de esportes casuais no núcleo administrativo do estado.

5.2 A praça do Bandeirante:

Adições: A afetividade com o monumento, ali representando o progresso que as bandeiras trouxeram para o estado. Forte presença comércio informal e formal. As fachadas das edificações passaram por intervenções severas.

Interseções: Os pontos em comum são a relação da figura representada na estátua e a forma como quem trabalha na região ali utilizavam o espaço comum.

Ausências: Contradição entre a representação do bandeirante e a figura histórica, a ausência das alterações que a estátua e a via passaram. Ausência de espaço de permanência, em contradição às pessoas em situação de rua que utilizam aquele espaço como moradia.

5.3 A Loja de R$1,99:

Adições: A semelhança evidenciada nas lojas de R$1,99 tange o senso estético da disposição dos produtos, em sua maioria, de origem chinesa, chegando a ser ponto de conflito entre os comerciantes goianos, que tentam diminuir a qualidade das outras lojas geridas por estrangeiros. Muitos acessos a vias internas ou estacionamentos.

Interseções: Os pontos comuns abordam as mercadorias pelo senso estético e por ser um centro comercial. Muitas pessoas transitando pela rua. Fachadas originais ocultas por placas.

Ausências: A contradição de muitas lojas venderem os mesmos produtos, a variação entre elas é a disposição do item vendido, ausência de consumidores.

5.4 O Mercado Municipal:

Adições: De comprar legumes para o cotidiano à pratos típicos, é possível encontrar no mercado municipal, assim como lojas que cativam o público pelo bom atendimento a comerciantes que tentam tirar vantagem no troco. Nesse prédio de 3 andares é possível ouvir idosos conversando com modão tocando ao fundo, turistas de passo arrastado e uma tv apresentando notícias. Dependendo do local, os aromas alternam entre carnes cruas, comida pronta, ervas e palha. A loja de açaí arrumada é um sinal de gourmetização do espaço.

Interseções: Pessoas que frequentam o mercado por trabalharem lá e os trabalhadores do entorno. Os empadões têm muito destaque.

Ausências: Anos atrás no terceiro andar funcionava um restaurante a preço popular, hoje o andar está em desuso. Falta de menção à história do mercado.

5.5 O Antiquário:

Adições: O mosaico com uma representação do monumento às três raças, captura a atenção de todos, no meio de vários itens diversos e ligeiramente amontoados. Na calçada ampla e arborizada, algumas pessoas estão sentadas em cadeiras de fio, conversando amistosamente. O constante fluxo de carros quebra o clima ameno da cena, a fachada das edificações do entorno não consegue expressar qual seu tipo de uso.

Interseções: O mosaico do monumento às três raças e as fachadas que falham em dizer qual o uso da edificação.

Ausências: acessibilidade, a vegetação foi bastante reduzida.

5.6 A Rua Vinte e Um:

Adições: Um marco visual é a casa de esquina, com gradis e arborização frondosa, o outro marco é o terreno baldio, com aparência de terra devastada, criando uma visão onde ao nível do solo temos mato silvestre, grafites, lixo e poucas pessoas caminhando, acima temos edifícios altos e faces bem cuidadas. Crianças brincam a noite nessa rua, há quem use isso como métrica de qualidade de vida.

Interseções: as barreiras visuais que as edificações altas dificultam a leitura do entorno, criando um skyline entrecortado.

Ausências: A ausência da edificação da esquina ampliou o campo de visão, abriu possibilidades dos grafites, mas não está ali. A contradição entre o uso do espaço enquanto privado e a apropriação do espaço à revelia do proprietário.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentou uma metodologia que combina a leitura das heterotopias experienciais, através da entrevista/caminhante (walking interview) cujo os participantes foram escolhidos pelo método bola de neve. Somado com as observações do pesquisador e o registro fotográfico chegamos numa base de trabalho comum aos suportes distintos, onde classificamos e aplicamos operadores

booleanos. Os resultados acima descritos mostram que a metodologia proposta é válida para leitura de ambiências. Identificamos que o distanciamento entre as etapas realçou as utopias ausentes, por outro lado os vestígios ficaram escassos, sendo necessário conhecer a região estudada para conclusão das análises. Com isso em mente, para os próximos trabalhos a camada da temporalidade pode ser uma alternativa para aumentar a solidez do método proposto.

7. BIBLIOGRAFIA

Anderson, Jon (2004). Talking whilst walking: a geographical archaeology of knowledge. In: Area, 36.3, p. 254–261.

Augoyard, Jean-François (2007). Step by Step: Everyday Walks in a French Urban Housing Project. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Beck, Ulrich (1986). Sociedade de risco: rumo a outra modernidade; tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo; Editora 34. 2ed.

Barbosa, Eliana R. Q.; Martins, Ramon. (2022). In: Jacques, Paola Berenstein; Almeida Jr, Dilton L.; Queiroz, Igor G.; Izeli, Rafaela L. (org.). Laboratório Urbano: Pequeno Léxico Teórico-Metodológico. Salvador: Edufba, 2022.

Bourriaud (2009). Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes.

Bourriaud. Nicolas (2011). Radicante: Por uma estética da globalização. São Paulo: Martins Fontes.

Butler, Judith (2018). Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carpiano, Richard (2009). Come Take a Walk with Me: The "Go-Along" Interview as a Novel Method for Studying the Implications of Place for Health and Well-being. In: Health & Place, 15(1), p. 263-272.

Certau, Michel de (1998). A invenção do cotidiano. Petrópolis: Ed. Vozes.

Delanda, Manuel. (2005). Space: Extensive and Intensive, Actual and Virtual. In: Buchanan, Ian. Lambert, Gregg. (eds). Deleuze and Space. Edinburgh University Press, p. 80-88.

Frúgoli *Júnior, Heitor (2000). Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole: Cortez/Edusp, São Paulo.*

Giddens, Anthony (1990). As consequências da modernidade/Anthony Giddens; Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP.

Joseph, Isaac (2005). A escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França: 93-128, Ed. UFMG/IUPERJ, Belo Horizonte/Rio de Janeiro.

Kusenbach, Margarethe (2003). Street phenomenology: The go-along as ethnographic research tool. In: Ethnography, Vol 4(3): p. 455–485.

Rancière, J (2005). A partilha do sensível. trad. Mônica Costa Netto, São Paulo: Ed. 34.

Solnit, Rebecca (2016). A história do caminhar. São Paulo: Martins Fontes.

Spinoza, Benedictus de. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Thibaud, Jean-Paul (2012). A cidade através dos sentidos in Cadernos Proarq. nº18, julho 2012, p. 3-16.

R50

CULTURAL MAPPING: MAPS AND URBAN NARRATIVES TO SAFEGUARD CARMO'S RELIGIOUS ROUTES

CARTOGRAFIAS DO AFETO: NARRATIVAS PARA SALVAGUARDA DOS PERCURSOS RELIGIOSOS DE CARMO

Rachel Silveira Alves
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
rachel.alves@fau.ufrj.br

Daniel Athias de Almeida
Doutorando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
daniel.almeida@fau.ufrj.br

ABSTRACT
Cultural Mapping represents cartographic initiatives aimed at tracking emotional connections to the territory. A social-spatial approach and methodology through which historical-affective paths are delineated. The objective of promoting cultural mapping is to collect participatory, religious, urban narratives from the community, acting as pillars in the preservation of memory and of heritage. By appreciating the diversity of identities and intertwining them with their affection, a nuanced analysis is enabled, portraying walking as a form of historical and religious resilience. A key strategy involves advocating for the right to a walkable city, fostering a positive rapport with heritage and enhancing its cultural and historical significance holistically. This advocacy extends to the Right to Walkability, City, Cultural Diversity and Urban Mobility. This process aims to advance participatory public policies, providing a democratic platform for heritage discussions and ensuring sustained popular engagement through heritage education programs and ongoing dialogue between the community and public authorities.

KEYWORDS: participatory urban narratives. religious routes.

RESUMO
Cartografias do Afeto são ações cartográficas com o objetivo de rastrear conexões emocionais com o território. Uma abordagem e metodologia socioespacial através das quais são delineados os caminhos hitórico-afetivos. Objetiva-se promover as Cartografias de Afeto, coletando narrativas participativas, religiosas e urbanas da comunidade, atuando como pilares na preservação da memória e do patrimônio. Ao apreciar a diversidade de identidades e entrelaçá-las com seu afeto, uma análise aprofundada é possibilitada, retratando o ato de caminhar como uma forma de resiliencia histórica e religiosa. Uma estratégia chave envolve advogar pelo direito a uma cidade caminhável, fomentando uma relação positiva com o patrimônio e ampliando sua significância cultural e histórica de forma holística. Essa defesa se estende ao Direito à Caminhabilidade, à Cidade, Diversidade Cultural e Mobilidade Urbana. Este processo visa avançar políticas públicas participativas, proporcionando uma plataforma democrática para discussões sobre patrimônio e garantindo engajamento popular contínuo através de programas de educação patrimonial e diálogo constante entre comunidade e as autoridades públicas.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas urbanas participativas. rotas religiosas.

1. INTRODUÇÃO
O presente artigo se desenvolve a partir das relações de afeto, das ambiências e da relação dos habitantes locais, entrelaçada com a memória e do patrimônio cultural local. Tendo por motivação a divulgação da experiencia inusitada em escutar alguns habitantes da cidade de Carmo, Estado do Rio de Janeiro, sobre quais espaços urbanos de memória seriam os seus espaços afetivos. O afeto de uma pessoa ou

de uma comunidade por um lugar, criam laços que constroem e evidenciam sua relevância. Não apenas como um ponto geográfico, mas um conjunto espacial de memórias e de patrimônio material e imaterial, verdadeiros mosaicos híbridos, pelos quais se aprofunda o senso de pertencimento, entrelaçado com a identidade cultural e social, fazendo reviver uma comunidade.

Através das Cartografias do Afeto formam observadas dezenas de Mapas Afetivos dos habitantes locais da cidade de Carmo, (exemplo de um Mapa na Figura 01 abaixo), e suas narrativas urbanas que construiram um Mapa de Afetos geral, onde foi consolidado todos os outros. Assim foi formado uma análise de quais seriam os espaços afetivos mais emblemáticos para os mesmos. A grande maioria desenhou percursos religiosos, como também alguns espaços públicos arquitetonicos, como por exemplo a Igreja Matriz, estes foram abraçados e assim, ao seu redor desvendados percursos histórico-religiosos e afetivos, com seus bens e suas manifestações culturais. Então esta ação cartográfica com objetivo de rastreamento dos afetos, ganhou elementos de uma metodologia de abordagem socioespacial, onde conseguimos homenagear e traçar estes percursos, com a sua arquitetura e o seu paisagismo. Estes se transformaram em pontos de interesse tanto para o engajamento da comunidade no fomento de uma educação política patrimonial quanto o empoderamento da mesma na divulgação da sua história e na dinamização de seus produtos na região para atrair um turismo histórico-religioso e sustentável.

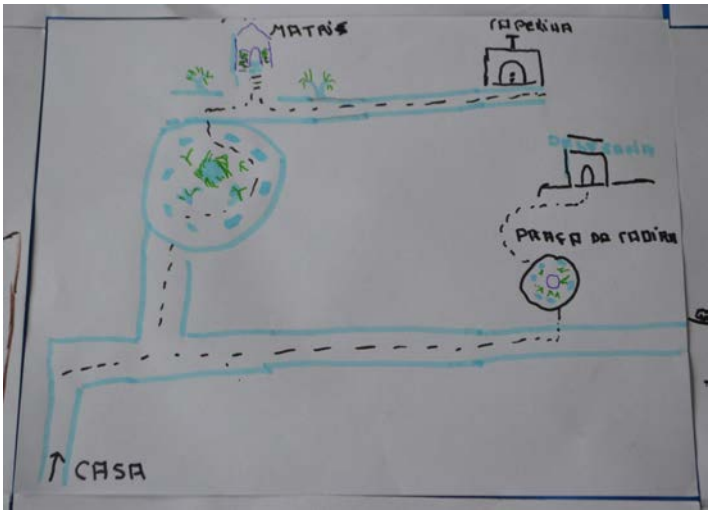


Figura 1 - Foto de um Mapa de Afeto, Colégio Estadual Francisco Varella. Fonte: autora, 2021.

Para tal, foram estudados conceitos, métodos basilares do urbanismo, assim como abordagens mais contemporâneas sobre sustentabilidade, caminhabilidade, paisagem urbana e sonora, para a construção de um estudo que através de uma análise destas memórias destes percursos e da sua cartografia afetiva, serem capazes de fomentar nesses habitantes a discussão sobre a importância do conhecimento a respeito do pertencimento destes bens na comunidade, através do seu empoderamento.

Diante disso, buscamos observar através da análise da arquitetura da memória destes, até que ponto se conseguiu efetivamente preservar alguns espaços urbanos deste percurso de extrema importância na história desta cidade e estimular a discussão sobre narrativas urbanas que habitam na memória dos cidadãos para construção coletiva de uma Política Patrimonial e de outras políticas públicas, como a de educação patrimonial, buscando uma gestão corresponsável e participativa, com a criação de projetos cada vez mais representativos, que tenham cunhados em si a noção de pertencimento e de elementos identitários de uma sociedade.

Assim, é de grande interesse, promover e discutir meios para buscar a salvaguarda da questão histórico-cultural desta cidade, mas também a conscientização da importância da educação patrimonial, unindo a questão do respeito à diversidade cultural e ao papel das ambiências fabricadas e cultivadas. Sendo as cartografias afetivas e narrativas urbanas participativas, com a sua ambiência, consolidadoras dos processos de memória e afeto dos habitantes, através do seu patrimônio cultural material e imaterial de Carmo.

Neste artigo será abordado percursos religiosos da cidade de Carmo, tanto os percursos católicos com a festividade da Semana Santa e do Dia da Padroeira, assim como o percurso de matriz africana, a Lavagem da Ladeira de Pedra. Visando assim, mapear as relações de afeto e de apropriação do patrimônio cultural local imaterial, adotando como metodologia, a construção de cartografias, experiencias de desenhar, como também de narrar os percursos na ótica da memória, do respeito e da diversidade cultural e sua ambiência local.

Para preservar tais elementos que cultivam tais ambiencias e estimular a relação positiva com o patrimônio material e imaterial, acreditamos que seja preciso unir todos os atores sociais envolvidos no processo, valorando e empoderando a sua diversidade identitária, entrelaçando os mesmos através da sua história, sua memória e o seu afeto. Vale destacar um trecho de Scifoni (2016,p.56) que cita que: “O patrimônio é, portanto, composto de histórias cotidianas que dão vida e garantem a presença nos lugares. A construção de relações respeitosas e sólidas com os lugares deveria ser o primeiro passo em direção às políticas de preservação mais democráticas.”

2. PATRIMONIO RELIGIOSO MATERIAL E IMATERIAL

O Patrimonio religioso foi construído com o intuito de desempenhar a formação dos valores culturais, sociais e economicos, principalmente através da disseminação durante séculos das tradições e das construções de espaços de orações e dos mistérios da fé. O sagrado, assim formado, pelos espaços solitários e históricos, em comunhão com a construção das primeiras vilas, à partir de grutas, e principalmente de capelas e conventos, somados também as primeiras explorações economicas, como o ciclo do ouro, e as religiosas, refúgio para os religiosos, nativos e bandeirantes, através da preservação dos percursos religiosos com suas histórias de peregrinações.

Por conta da importancia na construção da ambiencia local histórica da cidade de Carmo, os Percursos Religiosos escolhidos foram: os Católicos, com as Procissões da Semana Santa, evidenciando um dos eixos principais da cidade (Igreja Matriz-Capela), e os de Matriz Africana, a Lavagem da Ladeira de Pedra, permitindo analisar essa ambiência, fortalecendo a significância cultural neles estabelecidos.

Diante disso, é importante registrar tanto o processo de formação e construção dos percursos quanto da arquitetura destes espaços, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, a Capela Nosso Senhor dos Passos e a Ladeira de Pedra. Em algumas cidades, este patrimonio encontra-se abandonado e em outras, como é o caso da cidade de Carmo, continua preservado, tanto a prática arquitetônica como a religiosa-ritualística, guardando a importante história da sua urbanização, tradições e memórias, assim como a sua importancia na transformação da paisagem urbana nestas décadas.

3. PERCURSOS HISTÓRICO-RELIGIOSOS E AFETIVOS

Na Cidade do Carmo vislumbramos que estes percursos histórico-religiosos sejam salvaguardados, avivando a memória de seus habitantes locais através da sua história, criada a partir da secularização das suas igrejas e capelas, assim como a Ladeira de Pedra, espaços estes construídos pelos escravizados, trabalhadores das fazendas de café e financiados pelos donos do poder na época. Tendo como a sua história urbana, o condutor para a difusão e a compreensão dos valores materiais e imateriais deste patrimônio e a importancia dos mesmos para a construção da paisagem urbana e histórica-social desta cidade.

Assim, este artigo visa consolidar a multidisciplinariedade, reunindo e interligando a arquitetura, a história, o paisagismo e o patrimônio, entrelaçando-os com a memória e a identidade cultural com o intuito de compartilhar e salvaguardar o conhecimento em torno do patrimônio cultural material e imaterial desta cidade. Diante disso, a salvaguarda dos percursos histórico-religiosos entre estes espaços da mesma, visa a difusão para as futuras gerações, através de estratégias urbanas que consolidem os valores culturais, identitários e históricos deste lugar com a sua memória, pretendendo entrelaçar estes valores à sua identidade cultural e ao conhecimento histórico-social urbano para contribuir com a permanencia dos mesmos num futuro próximo.

3.1 Percurso Católico

Este percurso, durante décadas, faz parte da tradição religiosa de gerações, por iniciar no momento da inauguração de suas igrejas. Os fiéis participam desse percurso religioso católico, desde a inauguração da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, em 1877, quando foi realizada a primeira procissão, que ligava a Igreja Matriz à Capela de Nosso Senhor dos Passos, abaixo a Figura 2, imagem da inauguração da mesma. Os habitantes locais, fiéis desta cidade e região, continuam até hoje a realizar este percurso, que faz parte do seu cotidiano, sendo de grande relevância cultural, histórica e religiosa.

Figura 2 - Imagem da Inauguração da Igreja Matriz Nossa Senhora do Monte do Carmo.
Fonte: Câmara Municipal de Carmo. http://camaracarmo.rj.gov.br, 2021.

A Igreja Matriz foi construída entre 1863 a 1876 e inaugurada em 1877. Tombada pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 23 de janeiro de 1964, tem à sua frente a Praça Getúlio Vargas, tombada pelo governo municipal, onde se localiza o chafariz, primeiro poço d'água da cidade, que data da época do princípio da construção da Igreja. A Igreja é o marco, ambiência destacada, onde perpassam até hoje todos os percursos, abaixo na Figura 03, o Mapa com os Percursos Católicos da Semana Santa.

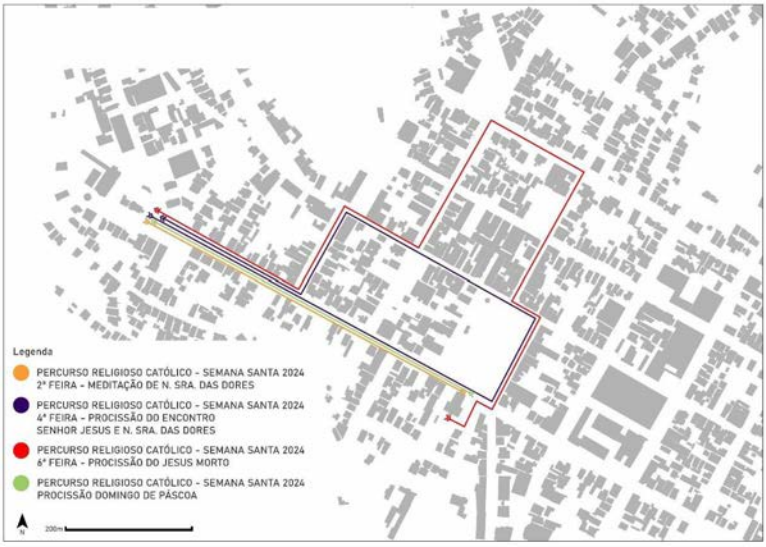


Figura 3 - Mapa dos Percursos Católicos da Semana Santa. Fonte: autora, 2024.

3.2 Percurso de Matriz Africana: Ladeira de Pedra

A Ladeira João Alfredo, a Ladeira de Pedra, fica localizada no centro urbano de Carmo, tem com seu acesso principal a Praça Getúlio Vargas. Atualmente, ao pisá-la temos um encontro com a história mais marcante da cidade. Foi escolhida como estudo de caso, por ser um bem tombado pelo governo municipal em 2021, após a união de 13 organizações espíritas do movimento religioso de matriz africana da cidade. Vale destacar que, o Movimento Negro de Carmo, representado pelo seu presidente, Márcio Vidal, naquele ano propôs ao governo o tombamento da Ladeira, assim como que fosse realizada a primeira manifestação afro-descendente na cidade, a Primeira Lavagem da Ladeira no Dia de Zumbi, Dia da Consciência Negra, dia 20 de novembro, para homenagear os escravizados e promover o fortalecimento da identidade cultural carmense, abaixo, na Figura 4, imagem da Lavagem de Pedra.

Figura 4 - Imagem da Primeira Lavagem da Ladeira de Pedra, realizada em 2021. Fonte: www.g1.globo.com, 2021.

Vale destacar, que esta é um marco histórico da evolução urbana da cidade, sendo a primeira via pavimentada pelos escravizados, que unia a cidade baixa à cidade alta; percurso este, histórico que ligava a Câmara dos Vereadores à Praça da Igreja Matriz, localizada no centro urbano. Sua preservação é de grande valia, por se tratar de uma área de resistência e memória dos escravizados. Se fizermos uma estimativa da realidade urbana-social daqui a 20 anos, podemos garantir que se a Ladeira de Pedra continuar sem as devidas mudanças na legislação, provavelmente ela estará completamente modificada. Sendo primordial conceber a construção de leis que possam fortalecer os valores do historicismo e salvaguardar este espaço público ao ar livre, comunitário e suas manifestações culturais nele estabelecidas. A comunidade local sem conhecimento destas leis, pode ser surpreendida com o destombamento, sendo um retrocesso cultural e um desrespeito a memória da sociedade local.

O autor Cláudio Lima Carlos (2007) destaca em seu artigo que: "[...] A conservação da memória, como instrumento de inserção social e de fortalecimento das identidades coletivas de comunidades urbanas, passou a ocupar posição secundária." Por conta disto, o empoderamento da sociedade é importante para o resgate da sua memória e para coibir que o poder público autorize demolições e construções desordenadas, localizadas no entorno dos bens patrimoniais, alterando totalmente a ambiência do lugar.

Outras estratégias de intervenção também desta ladeira, devem ser pautadas sobre a ética sócio-cultural, agregada a ética pessoal e profissional, para ser repensadas em relação a requalificação urbana e paisagística da mesma, com a participação da comunidade, para potencializar o seu processo de empoderamento patrimonial. Abaixo na Figura 05, o Mapa do Percurso da Ladeira de Pedra, que começa na parte de cima da Ladeira, esquina com a Praça, contorna o quarteirão, passa em frente a Igreja Matriz e o seu término é no centro da Praça Getúlio Vargas, onde é feito um ato religioso.

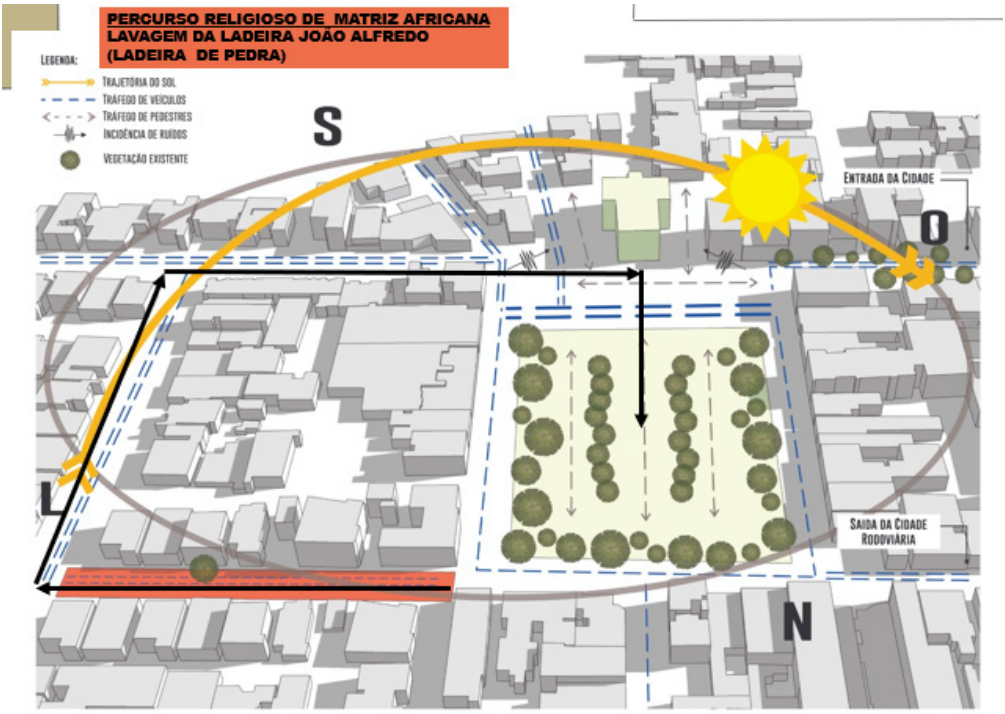


Figura 5 - Mapa do Percurso da Lavagem da Ladeira de Pedra. Fonte: autora, 2023.

Em relação à recorrente destruição da ambiência nestas áreas, principalmente por conta da especulação imobiliária, podemos citar inúmeros documentos importantes de consulta sobre este tema, como por exemplo, a Recomendação Relativa à Salvaguarda da Beleza e do Caráter dos Sítios e Paisagens, validada na Conferencia Geral da UNESCO, em Paris, em 1962, que elenca algumas medidas importantes para

não causar dano às paisagens e aos sítios, quando recomenda que em relação a: "[...] construção de edifícios públicos e privados de qualquer natureza. Seus projetos deveriam ser concebidos de modo a respeitar determinadas exigências estéticas relativas ao próprio edifício e, evitando cair na imitação gratuita de certas formas tradicionais e pinturescas, deveriam estar em harmonia com a ambiência que se deseja salvaguardar; [...]".

Em outro documento, o Manifesto de Amsterdã, de 1975 que adotou a Carta Europeia do patrimônio arquitetônico, adota alguns princípios, em sua redação citando: " Durante muito tempo só se protegeram e restauraram os monumentos mais importantes, sem levar em conta o ambiente em que inserem. Ora, eles podem perder uma grande parte de seu caráter se esse ambiente é alterado. [...] Esse patrimônio está em perigo. [...] principalmente, a especulação financeira e imobiliária tiram partido de tudo e aniquilam os melhores projetos."

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cartografias do Afeto, criações importantes, mapas desenhados principalmente pela comunidade local, servem de base tanto para a criação de projetos de requalificação urbana patrimonial nestes espaços públicos e seus percursos, como também são importantes para que possamos traduzir as reais justificativas culturais e identitárias, na construção de estratégias de intervenção, de uma política pública patrimonial respeitosa e efetiva. Acreditamos que um dos fatores mais importante é a ética social com a comunidade, por ser onde será planejada alguma intervenção, que vai além da ética pessoal e profissional.

Que assim possamos ouvir a sociedade, através de um comprometimento social, para conseguirmos uma verdadeira mudança, orgânica, onde permitirá menos erros e que os atores sociais comprometidos também possam cada vez mais cuidar para que essas memórias, possam ser partilhadas com as gerações futuras, através do cuidado, e de uma identidade cultural comprometida com os valores da sociedade em questão.

Para isto, é primordial a construção de uma ética de intervenção, criando uma continuidade patrimonial dos seus lugares de memória e de uso, que vise salvaguardar este patrimonio cultural material e imaterial, para que no futuro as novas gerações possam herdar um patrimônio mais fidedigno possível com os hábitos e costumes dos seus antepassados.

Diante disto, podemos validar que estes percursos histórico-religiosos e afetivos em tela apresentados por esta Cartografia do Afeto, possibilitam uma análise sensível, principalmente o da Ladeira de Pedra que foi institucionalizado nesta década através de uma demanda da sociedade religiosa, como um ato de resistencia e resilencia da história dos escravizados e o da Igreja Matriz, onde perpassa toda a história desta

cidade e sua ambiência. Assim, o respeito e a criação destes percursos, validou um caminhar como um ato de fé como também revolucionário (Careri, 2002), por ser um meio de se alcançar o Direito à Caminhabilidade, à Cidade, à Diversidade Cultural e à Mobilidade Urbana, trazendo nesse processo o prazer no caminhar, um ato político e historicizado, com a construção de uma estratégia pulsante que transforma uma cidade, tornando-a empoderada, viva e potente. Além de promover políticas públicas participativas, promover também uma interface democrática para discussão patrimonial e uma participação popular permanente, através de programas de educação patrimonial e de diálogo constante entre a comunidade e a gestão do poder público.

5. BIBLIOGRAFIA

Almeida, D.A. (2018) Estrada de Ferro Teresópolis em Guapimirim-RJ: projeto de um percurso patrimonial (Tese de mestrado). Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ.

Careri, F. (2013). Walkscapes: o caminhar como prática estética. 1 Ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili.

Carlos, C.L. (2007). Renovação Urbana contida por formas históricas. Fórum Patrimonio: amb. Constr. A patr., Belo Horizonte, 1/1.

Cury, I. (Org.) (1995). Cartas patrimoniais. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Erthal, C. (2008). Cantagalo: Da Miragem do Ouro ao Esplendor do Café. 2ª Edição, Niterói: Nitpress.

Gismonti, E (2017). Carmo Cidade Bela: História Poética. Carmo: Ed. Do Autor.

ICOMOS – Brasil (1964). Carta de Veneza, Brasília: Ministério da Cultura.

Lima, D. & Ximenes, L. (Eds.).(2020). Carmo no Século XIX: O Arraial, A Vila e a Cidade Oitocentista de Nossa Senhora do Monte do Carmo. 2ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Ried.

Machado, A.G. (1999). Reminiscências de Carmo. 1ª Edição, Carmo: Ed. do Autor.

_____ (2005). Ruas da Minha Terra. 1ª Edição, Carmo: Ed. do Autor.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CARMO – Tombamento da Praça Getúlio Vargas e procedimento de tombamento dos demais Bens Patrimoniais, Lei Municipal Nº 699, de 08 de Janeiro de 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CARMO – Tombamento por Interesse Histórico e Cultural da Ladeira João Alfredo "Ladeira de Pedra", Lei Municipal Nº 2.204, de 18 de outubro de 2021.

Scifoni, S. (2016). Práticas da preservação na França, México e Brasil: convergencias de um debate. Revista CPC, 49-66.

UNESCO. (1962) Recomendação Relativa à Salvaguarda da Beleza e do Caráter dos Sítios e Paisagens, Paris.

R50

AMBIANCES AND URBAN ETHNOTOPOGRAPHIES IN RIO POMBA-MG: NOTES ON PERCEPTIONS AND CONVIABILITIES IN PRAÇA DOUTOR ÚLTIMO DE CARVALHO

AMBIÊNCIAS E ETNOTOPOGRAFIAS URBANAS EM RIO POMBA-MG: NOTAS SOBRE PERCEPÇÕES E CONVIVIABILIDADES NA PRAÇA DOUTOR ÚLTIMO DE CARVALHO

Lia Maria Gomes Bahia
Mestranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-FAU/UFRJ)
lia.bahia@fau.ufrj.br

Rubens de Andrade
Professor Associado
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-FAU/UFRJ)
rubensdeandrade@eba.ufrj.br

ABSTRACT

Based on a socio-spatial experience with visitors to Doutor Último de Carvalho Square in Rio Pomba, Minas Gerais, we present a critical and analytical investigation of processes involving sensitive immersion in the landscape. Employing a methodological framework aimed at grasping the ambiances of this location, immersions were conducted with residents to capture their perceptions of the everyday landscape. The interest of this proposal lies in understanding the socio-spatial and environmental elements that imbue meaning to the square, rendering it a Place in the city. It highlights historical, symbolic, and socio-environmental aspects geared towards the preservation and conservation of this asset. Questioning the different environmental sensitivities each individual constructs regarding the square emerges as a pathway to identifying, nurturing, and safeguarding elements that constitute the ambiance of a public space.

KEYWORDS: landscape reading. urban ambiance. sensitive methodology for place analysis.

RESUMO

Partindo de uma experiência socioespacial com os frequentadores da Praça Doutor Último de Carvalho, na cidade de Rio Pomba, Minas Gerais, apresentamos uma investigação crítica e analítica acerca dos processos de imersão sensível na paisagem, ao utilizar uma estrutura metodológica que busca apreender as ambiências deste local, foram realizadas imersões com os moradores com intuito de captar suas percepções da paisagem cotidiana. Assim, o interesse desta proposta é entender os elementos socioespaciais e ambientais que conferem significados à praça que a torna um lugar especial na vida dos moradores, destacando aspectos históricos, simbólicos e socioambientais voltados para a salvaguarda desse bem. Questionar as diversas sensibilidades ambientais que cada indivíduo constrói da praça, mostra-se como um caminho para identificar, cultivar e proteger elementos que fazem parte da ambiência do espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: leitura da paisagem. ambiência urbana. metodologia sensível de análise do lugar.

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE CAMINHAR E HABITAR

O ato de caminhar é entendido por Careri (2013) como uma forma simbólica de habitar o mundo. Assim, a partir da caminhada, ao adentrar na tessitura da paisagem, é possível perceber a ação dos sujeitos que a habitam e que a vivenciam no cotidiano. Ou seja, ao deixarmos de compreender a paisagem através de um olhar horizontal que apreende o homogêneo e que a generaliza, as singularidades dos lugares se revelam, dando espaço à experiência como forma de sua apreensão.

Dessa forma, a partir da experiência urbana corporificada, permitimos que os multisentidos presentes na paisagem se revelem: seus cheiros, sons, formas, cores, texturas, sabores, que, ao serem experienciados e retidos na memória, são capazes de recriar sua identidade em nosso imaginário, definindo o sentido de habitar a cidade, como demonstra Pallasmaa (2017). Assim, vivenciar a paisagem permite que a imaginação e a realidade possam se fundir em imagens e sensações tanto individuais, quanto coletivas. Ainda, segundo o autor, tais experiências de mundo corporificadas que permitem ao indivíduo a identificação, bem como a internalização a partir da interação com os elementos da paisagem, são questões relacionadas à percepção fenomenológica do espaço. Assim, este trabalho adota o caminhar como método de imersão e investigação do espaço público ao realizar derivas em conjunto com moradores da cidade mineira Rio Pomba em sua praça central. A deriva, teorizada entre 1950 a 1970 pelos situacionistas, possibilita mapear os diversos comportamentos afetivos (Jacques, 2012).

A partir do arcabouço teórico e conceitual exposto acima, o estudo de caso a ser apresentado na Praça Doutor Último de Carvalho, partiu do estudo das ambiências pautada nos métodos da etnotopografia (Duarte e Pinheiro, 2019), para investigar os significados expressos pelas imaterialidades geradas por meio das manifestações socioespaciais, reconhecendo o patrimônio cultural neste aspecto, revelando-se então como um mecanismo inclusivo na preservação de lugares urbanos. O trabalho repercutiu na produção de registros sobre a praça, em conjunto com os moradores, como registros fotográficos, desenhos, cartografias e narrativas, que auxiliaram na recognição da dinâmica cultural compreendendo as pluralidades identitárias do lugar através de suas ambiências, esta, por sua vez, mostrou-se como um caminho para identificação de elementos portadores de valores e significados atribuídos ao lugar pela população.

A Praça Doutor Último de Carvalho, foi eleita como primeiro bem urbano, paisagístico, histórico e cultural do município de Rio Pomba/MG, tombado através do Decreto nº1355/2010. A região onde localiza-se o conjunto paisagístico corresponde ao núcleo de formação urbana da cidade. Assim, seu entorno é caracterizado por um expressivo conjunto arquitetônico de fins do século XIX e início do século XX, que, apesar de não possuir medidas de proteção legal, está completamente articulado com as dinâmicas cotidianas do local e com o seu significado enquanto Lugar

(Heidegger, 1971), sendo este um espaço portador de valores antropogênicos, como memórias e significados que são atribuídos ao espaço que passa a ser configurado por elementos significativos, gerando o sentimento de pertencimento de seus habitantes. Porém, a configuração dos casarios vem se perdendo e dando lugar a novos edifícios, empreendimentos imobiliários, marcando assim o processo de verticalização e abrindo margens para a gentrificação e estetização do centro histórico.

Apesar da transformação espacial do entorno da praça refletir ações e interesses do mercado imobiliário, ao realizar as experiências urbanas com os moradores, possibilitou vir à tona o que é eminente e que reside no cotidiano. O estudo a ser relatado subverte os agentes e modos de produção do espaço ao colocar os moradores como os agentes protagonistas e responsáveis pela dinâmica cotidiana do lugar, ao invés de sustentar a ideia de sujeitos submetidos e passíveis a massificação perante às forças hegemônicas. Além disso, o caminhar como prática estética, ato vivenciado, assume-se como uma atitude política no ir e vir da cidade, indo no sentido contrário de seu significado meramente funcional, da velocidade do tempo na lógica produtivista em que "o tempo é dinheiro". Esta forma de análise da paisagem mostra-se como um caminho alternativo às práticas metodológicas autorreferenciadas, que decaem na perspectiva das forças produtivas que reescreve ideários, repete jargões, valida cânones e produz outros, como aponta Andrade (2022).

2. A IDENTIFICAÇÃO DAS AMBIÊNCIAS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA A SALVAGUARDA DE UM LUGAR

A antropologia, a partir do método etnográfico, propõe uma análise de imersão, o que permite que novos pontos de vista possam se desvelar, ou melhor, aproxima-se de um olhar da esfera vivida do cotidiano e do trabalho, que muitas vezes é desconsiderada no olhar hegemônico ou colocada como submissa e inferior, como aponta Meneses (2006), ao questionar e comparar os usos culturais de edifícios tombados por usos menos nobres associados ao trabalho e ao cotidiano, colocando a cultura como item à parte da vida diária.

Neste contexto, opondo-se ao olhar de fora e de longe, Magnani (2002) apresenta a abordagem de perto e de dentro, que possibilita a apreensão dos padrões de comportamento de múltiplos e diferentes grupos sociais cuja vida cotidiana decorre na paisagem urbana. O método etnográfico defendido pelo autor, consiste em uma análise que parte da dinâmica urbana estabelecida pelos moradores, pela forma como transitam, usufruem e utilizam os espaços da cidade e seus serviços, assim como são estabelecidos os encontros e trocas religiosas, políticas, culturais e sociais (Magnani, 2002).

O estudo sobre ambiência no campo da arquitetura e urbanismo parte de uma abordagem fenomenológica da experiência do corpo no e com o lugar, juntamente por categorias de análise de elementos pertencentes às esferas física-espacial, sensorial, emocional, cultural e histórica. Para Thibaud (2012), a apreensão da ambiência de um lugar parte da percepção sensível juntamente com a experiência estética, no sentido original de aesthesis, que significa a percepção através dos sentidos, que diz respeito ao corpo e as sensações, e não apenas no senso comum que pauta-se na filosofia do belo ou no julgamento do gosto.

O uso da etnografia urbana no campo da arquitetura e urbanismo volta-se para a apreensão das relações espaciais geradas entre as pessoas, o lugar e o estudo sobre ambiência, interpretando os ambientes com objetivo de captar usos, valores e significados atribuídos à eles por seus usuários. Assim, o termo etnotopografia, criado pelo Laboratório de Pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - LASC, visa abordar tal relação por meio de métodos de análise sensível do lugar (Duarte e Pinheiro, 2019).

O ponto de vista apresentado acerca do conceito de ambiências pode ser questionado com aquele empregado na prática institucional de preservação como o Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, cujo conceito inicial esteve atrelado à ideia de entorno, de visibilidade e vizinhança de um bem, pautado em parâmetros sobretudo visuais, definidos no Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Apesar de atualmente o termo ambiência também incorporar os elementos simbólicos e subjetivos do lugar, não apresenta indicações teórico metodológicas para sua salvaguarda. Um dos motivos desta problemática se dá pela a ambiência ainda estar associada às condicionantes que a permitem ser percebidas, não ao ato da percepção por si, como aponta Nito (2015) referente à Recomendação de Nairóbi, da Conferência Geral da UNESCO de 1976, que ainda guia as práticas atuais de preservação no Brasil.

3. A PRAÇA DOUTOR ÚLTIMO DE CARVALHO SOB O VIÉS ETNOTOPOGRÁFICO

Este trabalho busca ampliar o leque de possibilidades metodológicas para a identificação e reconhecimento de um Lugar, aqui enquanto patrimônio cultural, a partir das percepções daqueles que o vivenciam no cotidiano. Ainda, no que diz respeito a estratégia metodológica acerca das ambiências e, portanto, de experiências sensíveis de encontro com o Outro, implica ao pesquisador estar aberto a tais afetações, fazendo com que os métodos se tornem híbridos, moldáveis e reconstruídos pelo estar-em-campo. Além disso, devido a imersão provocar interacionismos, faz com que a pesquisa também se torne uma experiência pessoal do pesquisador, acarretando em uma postura não neutra e questionando o seu papel ético e político.

Como a pesquisa parte do método participativo, foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, sendo aprovada pelo parecer consubstanciado n° 5.901.010. O estudo contou com a participação de dez moradores de Rio Pomba, crianças e adultos, de oito a sessenta e um anos. Ressalta-se que a inclusão dos participantes não foi pautada em um recorte de gênero, raça ou classe social, mas com a intenção de compreender diferentes perspectivas sobre o lugar sob o ponto de vista de seus usuários na esfera cotidiana.

A análise do lugar compreendeu a quatro principais etapas inspiradas naquelas estabelecidas pela Convenção Europeia da Paisagem (2000) para a identificação de zonas de paisagem, reconhecida por ser o primeiro instrumento que visa instituir um conjunto de regras para proteção, gestão e gerenciamento da paisagem. As quatro etapas correspondem a identificação, estabelecendo o recorte espacial para a pesquisa; a caracterização, correspondente aos métodos pesquisa documental, as observações etnográficas e os percursos de percepção; e a leitura da paisagem, que consiste na análise dos dados obtidos nos processos anteriores, com intuito de identificar os traços característicos do lugar.

3.1 Identificação

A primeira etapa, a de identificação, estabelece o recorte espacial para a análise, o que levou a alguns desafios: a questão inicial era que a área tombada do conjunto paisagístico corresponde somente a praça em si, porém seu entorno é extremamente articulado com suas dinâmicas, tornando-se inevitável não considerá-lo como parte do lugar. A segunda questão diz respeito a área de entorno do bem que consta no dossiê de tombamento que não abrange todos os espaços que estabelecem relação direta com a praça, mostrando-se necessário compreendê-los também. A terceira e instigante questão refere-se ao reconhecimento da “Praça”, já que, para os moradores, a praça não necessariamente estabelece uma independência simbólica ou unidade morfológica nesta paisagem, mas que corresponde a uma região central da cidade, fazendo com que a leitura do espaço esteja condicionada a um contexto maior. Melhor dizendo, a “Praça” torna-se o Lugar, oferece características que torna possível distingui-la dos demais, entretanto, ainda assim, há um conjunto de elementos que consolida determinadas relações entre as partes e o todo da zona central da cidade. Tais traços estão associados a elementos como a morfologia urbana, o contexto histórico da formação da cidade, usos, dinâmicas sociais, imaginários e subjetividades dos habitantes.

Figura 1 - Bairro centro, em destaque a praça Dr. Último de Carvalho. Fonte: Lia Bahia (2022).

Com intuito de identificar as zonas de paisagem do centro da cidade de Rio Pomba, temos como ponto de partida a base cartográfica do bairro central da cidade (Figura 1), onde situa-se a Praça Doutor Último de Carvalho, foram localizadas as suas diferentes zonas de paisagem, que distinguem-se a partir das zonas de intensidade afetiva que as constituem, como Guy Debord (1993) faz ao desenvolver o mapa The Naked City, compreendendo a cidade enquanto mundo histórico e paisagem humana, a partir de ambientes urbanos, zonas de climas psíquicos e sensações provocadas. Assim, os limites entre as áreas extrapolam aqueles de um mapa euclidiano, ao considerar suas relações, conexões, diferentes zonas e ambiências.

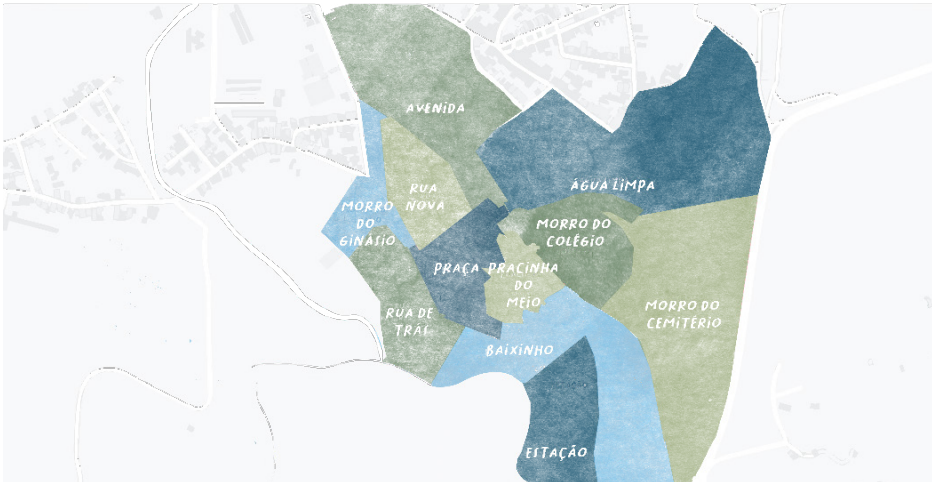


Figura 2 - Zonas da paisagem do centro, os nomes pelos quais são reconhecidas pelos moradores. Fonte: Lia Bahia (2022).

As zonas de paisagem do bairro centro (Figura 2) foram identificadas a partir de conversas com moradores da cidade durante a atividade denominada "percursos de percepção", que será descrita no subcapítulo seguinte. As zonas foram nomeadas pela forma como os habitantes as identificam. Assim, ao compararmos a área em destaque da Praça Doutor Último de Carvalho no mapa do bairro centro (Figura 1) e o mapa das zonas de paisagem (Figura 2), percebemos que a região reconhecida como "Praça" extrapola a praça enquanto unidade morfológica e passa a compreender um contexto maior ao considerar demais atributos que a consolida enquanto Lugar. Cabe ressaltar ainda que, como demonstrado pela Convenção Europeia da Paisagem, a atuação territorial partindo da identificação de zonas de paisagem mostra-se como um artifício que, além de compreender as demandas e particularidades locais, possibilita a identificação da essência dos lugares que lhe torna tal zona.

3.2 Caracterização

A segunda etapa, a de caracterização, baseou-se na aplicação de três métodos de análise: (i) a pesquisa documental, (ii) as observações etnográficas e (iii) os percursos de percepção. Sobre a pesquisa documental, foi realizada no Museu Histórico de Rio Pomba e no Centro Cultural e Biblioteca Municipal Poeta Péricles De Queiroz. O acesso a documentação de ambas instituições possibilitou a compilação de registros relativos a fotografias, inventários, mapas, dossiês, legislações e publicações como crônicas da cidade. Tal procedimento foi valioso para compreender sua transformação ao longo do tempo, e posteriormente, para produzir uma linha analítica que favoreceu o cruzamento de determinados acontecimentos, dados factuais e as possíveis relações que hipoteticamente poderiam ser estabelecidas, tendo como base a percepção, a memória e o imaginário dos participantes da pesquisa. Todo esse processo serviu de subsídio para a análise dos demais métodos utilizados.

Considerando alguns marcos históricos para elucidar nossas análises, vale mencionar que o processo de colonização da Zona da Mata mineira iniciou-se em Rio Pomba. O distrito, então pertencente a Mariana, foi fundado em 1718 e elevou-se à vila em 1831. No ano seguinte, foi erguido o pelourinho, onde hoje é o centro da cidade, tendo como marco principal o Largo da Alegria, atual Praça Doutor Último de Carvalho. Na sua origem era apenas um espaço livre no centro das construções, como aponta o estudo realizado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais para inventário de Proteção do Acervo Cultural, em 1991. A elevação à categoria cidade ocorreu em 1858. Entre os anos de 1913 a 1936 foram realizadas intervenções na área, transformando-a em um jardim, cujas características paisagísticas eram inspiradas nos modelos ecléticos do século XIX, tendo como matriz estilística os jardins ingleses do século XVIII. Tais elementos permaneceram até todo o espaço ser novamente reestruturado e assumir caráter de "Praça Municipal". Nos anos 1990 inicia-se uma série de inventários de bens de interesse cultural da cidade dispostos ao redor da praça. Atualmente, o conjunto paisagístico, possui área de aproximadamente 5.970m^2, composto por elementos imóveis, móveis e botânicos.

A pesquisa de campo deu-se pelas observações etnográficas. Este método parte da percepção multissensorial dos elementos e ocorrências que se consubstanciam no lugar. Tal decisão metodológica ampliou as possibilidades para interpretações das camadas que envolvem as relações socioespaciais firmadas na praça. Entre as camadas que adquirem uma tonalidade mais distintiva, podemos considerar assim, as características morfológicas e tipológicas desse espaço, como também as presenças como usos, funções e significados que são evidenciadas nesse ambiente. Logo, cada um desses elementos se torna marcadores essenciais na construção das matrizes analíticas da pesquisa. A partir destas inúmeras possibilidades perceptivas, foi possível compreender como se dão as relações entre os espaços físicos, as imaterialidades e as intersubjetividades produzidas nas socioespacialidades da praça.

Mediante ao contexto definido nesta etapa, foram realizadas derivas como forma de imersão na paisagem compreendendo sua espacialidade hodológica, em que é possível dar maior ênfase à experiência sensível de percepção do mundo através das vias percorridas (Tiberghien, 2012). Através das derivas, foi possível entender o lugar através de suas ambiências, partindo do recorte temporal e espacial da realização das imersões a campo. Tais apreensões foram registradas por meio de descrições textuais alinhadas às percepções e acontecimentos presenciados, além de registros em croquis, fotografias e filmagens.

Enquanto as observações etnográficas consistem em um processo realizado apenas pela pesquisadora, os percursos de percepção visam incorporar a percepção dos moradores na leitura da paisagem. Inspirado nos Percursos Comentados desenvolvidos por Thibaud (2003), com interesse de compreender como a percepção ambiental influencia na experiência do sujeito, evocando memórias e afetações com o lugar durante o movimento, foram realizadas caminhadas no espaço. Apesar de percorrer toda a área de análise, os percursos ocorreram de maneira fluida, sem um trajeto estabelecido, com intuito de não interferir na percepção dos participantes.

Antes de iniciar o percurso, foi explicado aos participantes como ele seria feito, consistindo em três principais passos: caminhar, perceber e descrever. Assim, enquanto caminhava o participante descrevia sua percepção, sensações e memórias que surgiam, gravadas em áudio pela pesquisadora para que depois fossem transcritas e analisadas. Após o percurso, também foi solicitado um relato do que mais chamou a atenção durante a caminhada, podendo ser um texto, áudio, desenhos ou mapas mentais (Figura 3). Enquanto o percurso de percepção consiste na ação de perceber, como experiência fenomenológica e corpórea no momento presente, tornando-se assim refém de condicionantes e fenômenos espaço-temporais, os relatos visam a atividade de rememorar, para além do exercício do percurso, as demais vivências do indivíduo com o lugar, tornando possível identificar outros aspectos subjetivos que enlaçam tal relação ou reforçar aquelas expressas durante o percurso, tais como as memórias que resistem, valores e significados, relações de afeto, peculiaridades, identificações, apropriações e transformações espaciais.

Figura 3 - Desenhos de alguns dos relatos feitos por participantes com objetivo de identificar as narrativas do lugar.
Fonte: Lia Bahia (2022).

3.2 Leitura da paisagem

A terceira etapa, a leitura da paisagem, consiste na análise e representação do lugar com base nos dados obtidos pelas etapas anteriores. O ponto de partida foi a composição do arquivo mnemônico do lugar, inspirado na ferramenta desenvolvida por Uglione (2008) no LASC para apreender a memória da cidade, adaptada neste estudo com o objetivo de identificar as narrativas do lugar a partir dos relatos feitos pelas pessoas, compondo a memória coletiva da praça. Para isso, são realizadas algumas etapas. Iniciou-se pela leitura dos relatos e das transcrições dos áudios dos percursos de percepção, compilando-os em um único arquivo. Depois, a identificação e marcação dos traços característicos do lugar, a partir da frequência, marcando-os no corpo do texto de cores diferentes (Figura 4). A partir disso, ocorreu a organização dos traços, primeiro agrupando-os através dos critérios de semelhança e continuidade entre eles e depois a medição da intensidade. Por fim, tem-se a história do lugar contada através das pessoas, apresentada nas cartografias e que servirão de base para as análises de identificação dos grupos de traços do lugar e dos elementos identitários que os caracterizam.

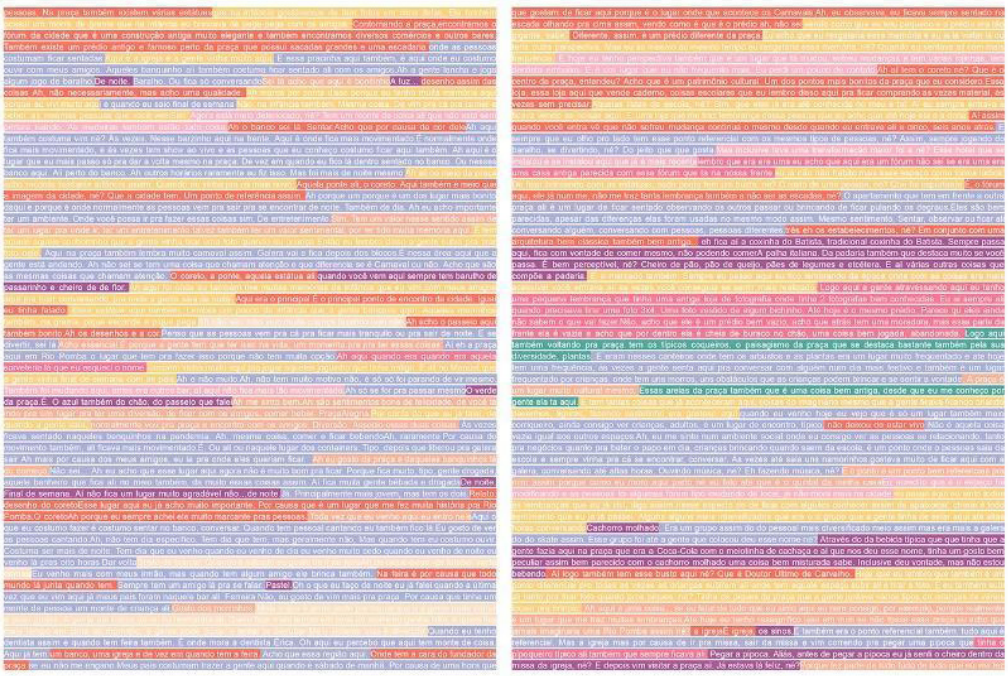


Figura 4 - Páginas do arquivo mnemônico do lugar. Fonte: Lia Bahia (2022).

O segundo momento, por sua vez, refere-se às narrativas dos moradores sobre o lugar, produzindo uma cartografia do percurso comentado (Figura 5) construído pelas percepções e memórias, situando as relações subjetivas expressas através das falas ao espaço físico em que se relacionam, demonstrando as polivocalidades da área por meio da cartografia.

Figura 5 - Cartografia realizada a partir das narrativas dos moradores. Fonte: Lia Bahia (2022).

A cartografia foi um produto resultante da experiência sensível dos moradores na praça. Nela, podemos perceber algumas relações afetivas com os elementos da praça, evidenciados pela forma como os usuários atribuem valores a eles, podemos perceber isso, por exemplo, com o coreto, que apareceu em um dos desenhos sobre os relatos da praça (Figura 3) e que também foi citado com frequência nas falas durante os circuitos de percepção, apontadas a seguir:

> O coreto é o centro da praça, entendeu? Acho que é um patrimônio cultural. Um dos pontos mais bonitos da praça que eu considero. (Relato do morador A. Entrevistadora: Lia Bahia. Rio Pomba, 2022).

> Esse lugar aqui eu já acho muito importante. Por causa que é um lugar que fez muita história pra Rio Pomba. Eu sempre achei ele muito marcante pras pessoas. Toda vez que eu venho aqui eu entro nele, costumo sentar no banco, conversar. Quando tem pessoal cantando eu também fico lá. (Relato do morador B. Entrevistadora: Lia Bahia. Rio Pomba, 2022).

> Aqui a parte de dentro o coreto eu lembro que tinha alguns eventos mais culturais, que na época do nono ano a gente achava mó bacana. Tinha tipo batalha de rap. Na época era mó ápice assim, sabe? Tipo, geral curtia ver, escutar, tinha também um forró dos velhos que a gente acaba rindo um pouco. (Relato do morador C. Entrevistadora: Lia Bahia. Rio Pomba, 2022).

A partir das falas de moradores distintos acima exemplificadas é possível perceber como o coreto (Figura 6) ocupa um lugar de relevância na praça, não apenas por ser um marco arquitetônico que caracteriza este espaço, mas também pelas manifestações culturais que utilizam este local para se expressarem, como a roda de capoeira, o forró, a batalha de rap, também por ser um dos principais pontos em que a Banda Santa Cecília, banda da cidade registrada como patrimônio imaterial pelo município em 2010, se apresenta. Além da importância histórica e arquitetônica do coreto, sua atribuição de valores também ocorre pelas vivências cotidianas e relações afetivas que seus usuários estabelecem nele ao longo do tempo, como as brincadeiras das crianças que ali ocorrem, por ser ponto de encontro entre amigos e demais acontecimentos que marcaram a vida dos moradores que ali se deram, alguns ficam registrados na memória e outros ainda marcam o cotidiano e contribuem para o cultivo e para a criação de novas ambiências manifestadas nesse lugar.

Figura 6 – Coreto da Praça Doutor Último de Carvalho. Fonte: Lia Bahia (2022).

A partir das atribuições de valores, mesmo que empiricamente, como podemos perceber nos relatos de moradores anteriormente descritos, alguns deles conferem a noção de patrimônio cultural ao coreto, como um lugar a ser preservado diante de sua importância na história e na dinâmica cotidiana da cidade. Porém, ressalta-se ainda que, para além do coreto por si, outros elementos característicos desse lugar reconhecido como "Praça", também foram apontados como importantes, como a igreja; a sorveteria e os bares do entorno, assim como seus respectivos donos; a figura do pipoqueiro, a pipoca e seu cheiro; elementos vegetais, bem como as brincadeiras que nelas ocorrem, como o "rei da montanha", conforme denominada pelas crianças; os bancos da praça e a dinâmica de uso que neles se dão; a Praça Ministro Odilon Braga, localizada no entorno da praça principal, assim como feira que ocorre aos sábados, dentre outros elementos socioespaciais – materiais e imateriais – e ambientais que asseguram distintos significados à praça.

Dessa maneira, o terceiro momento ocorre juntamente com a identificação dos traços característicos da área no desenvolvimento do arquivo mnemônico e da cartografia, partindo então para a representação gráfica dos grupos de traços do lugar, conformando categorias de análise e a medição de sua intensidade (Figura 7). Salienta-se que um traço pode pertencer a mais de um grupo, já que sua caracterização se dá pela forma como foi conotada pelas pessoas.

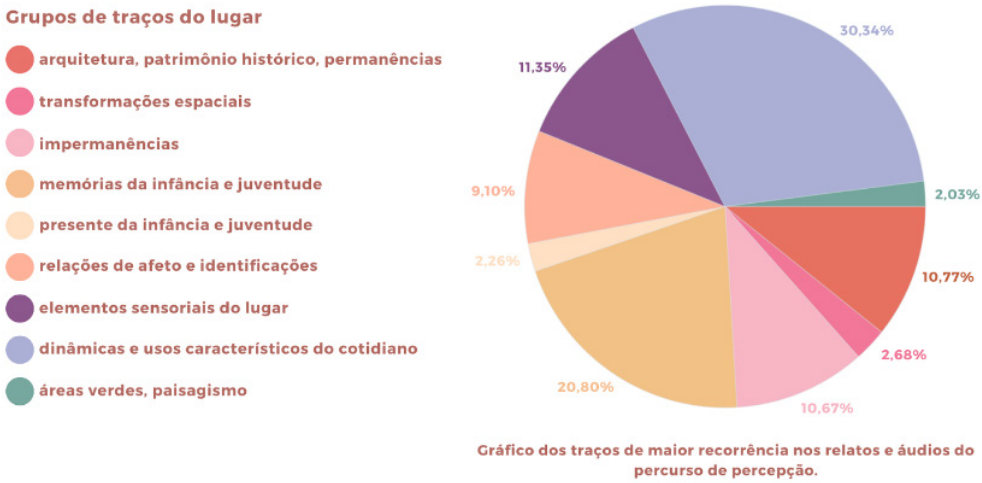


Figura 7 - Grupo de traços do lugar e a medição de suas intensidades. Fonte: Lia Bahia (2022).

A importância de reconhecer os grupos de traços de um lugar reside no entendimento das formas de apreensão, de vivências e apropriações que implica nos significados atribuídos ao espaço. Tratando-se de praças, ainda são entendidas como um elemento ornamental, portanto, existe uma ideia de que algumas partes não devem ser utilizadas, como os jardins e gramados. Todavia, mesmo com algumas medidas de "civilizar" o uso pela gestão pública, como placas adversativas do tipo "não pise na grama", a população apropria-se dos espaços da praça a partir de outros sentidos, pois o uso é uma ponte para estabelecer nossas relações. Como é possível notar no resultado do gráfico acima, as dinâmicas e usos característicos da praça assumem papel protagonista no grupo de traços desse lugar, seguido pelas memórias da infância e juventude. Assim, os canteiros tornam-se locais de brincadeiras; a vegetação, esconderijos; as esculturas são personificadas; os bancos, territórios; há a reapropriação da rua quando ocorre a feira; ou seja, a subversão da arquitetura pelos agentes sociais. A praça torna-se um campo de disputas, de trocas, de maneiras de sociabilidades diversas, emergindo formas outras de habitá-la.

Ainda associado à essa etapa, porém partindo para o reconhecimento dos elementos que compõem cada grupo de traços, sejam eles de caráter material ou imaterial, foram dispostos a partir de uma base cartográfica (Figura 8) a localização dos traços mais expressivos do lugar, associados aos aportes materiais da paisagem para sua expressão, vinculando então a espacialidade física, suas representações e vínculos intersubjetivos, elementos estes que configuram o imaginário sobre o Lugar, associando-o ao genius loci desta paisagem.

Figura 8 - Cartografia da localização dos traços mais expressivos do lugar. Fonte: Lia Bahia (2022).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central desta reflexão voltada à experiência sensível como ato de consciência sobre a paisagem de forma lúcida e lúdica, indica caminhos para pensar as relações socioespaciais e ambientais enquanto seres-no-espaço, mais especificamente no sentido de pertencê-lo, fazer parte dele, vivenciá-lo. Por meio desta consciência promovida por intermédio das relações de corpos sociais, mente e espaço, é possível considerar a partir de um viés analítico, a construção de pontes conceituais e métodos que possibilitem formular cenários que estabelecem acordos em prol de um debate contra-hegemônico com vista a questionar pautas acadêmicas e institucionais que ainda se apresentam como elementos norteadores quando o assunto diz respeito às questões de ordem urbana. O aparato científico e ideológico que envolve normas, legislação e a própria prática do pensar acadêmico talvez necessite de um exercício de cidadania mais nas ruas da cidade do que nos gabinetes e nas salas de pós-graduação. Suspeitamos que nessa direção temos meios de nos defrontamos com processos que necessitam de outros pontos de vista para serem analisados e, assim, interpretados dentro de um contexto que lhes ofereçam respostas à altura daquilo que de fato se vive nas ruas da cidade. Quem sabe então,

os discursos contra-hegemônicos sejam mais que um discurso que se impõem a partir de uma perspectiva militante por essência e venham a se tornar uma estrutura que altere as bases que fomentam aqueles que trabalham com o planejamento urbano. O desafio é significativo e se faz necessário uma discussão mais sólida e um trabalho de base que altere a essência do pensar urbano de todos os profissionais que atuam nesta área.

A apropriação dos espaços da praça, principalmente aquelas expressas pelas micro políticas, como a feira, o uso dos canteiros nas brincadeiras, as manifestações artísticas no coreto, a resistência dos comerciantes locais e ambulantes, formam territorialidades. Há nesse processo, uma subversão das arquiteturas e do espaço público pelos seus agentes sociais, as materialidades passam então a suplantar as imaterialidades por meio dos vínculos intersubjetivos. Desta maneira, o reconhecimento e valorização das diversas práticas e relações socioespaciais mostram-se como pontos fundamentais no debate acerca da cidadania paisagística e do direito à paisagem, tendo em vista que tais demandas paisagísticas podem articular-se com as práticas urbanísticas e políticas públicas de forma a não impedir a experiência social. Ainda, criam margens e possibilidades para potencializar outras formas de habitar a cidade, bem como suas trocas, por exemplo, o incentivo à economia de reciprocidade dos setores populares.

Outro ponto importante diante da questão da salvaguarda de um lugar que, neste caso, é ainda tido como patrimônio cultural, é a impotância de um processo participativo que leve em consideração a visão de quem vivencia o cotidiano neste espeço, aliado ao corpo técnico para o reconhecimento das ambiencias nele manifestadas, assim como as características socioespaciais e ambientais presentes, pois elas mostram-se como parte fundamental para a proteção de um bem e que fazem parte de sua valoração por parte dos usuários da praça, os quais são repercurtidos na experiência cotidiana e na memória.

Neste sentido, o caminhar como práxis arquitetônica propõe uma nova ótica na análise dos lugares e que também pode refletir nas intervenções no meio urbano, o que a desalinha com a estratégia atual de produção do espaço capitalista que geralmente ocorre de forma hegemônica e tecnocrática. Junto a isso, a incorporação de métodos mais sensíveis nas análises de paisagens que capturam as imaterialidades, a experiência ambiental e incluindo processos participativos para seu entendimento, os quais os clássicos métodos técnicos e objetivos não abarcam. Também, questionar as normas e critérios de produção dos espaços que tendem a desconsiderar as subjetividades e enquadrar as formas de uso, além da própria espacialidade, a padrões predeterminados, genéricos, que são elaborados e replicados desconsiderando o contexto dos lugares em que são aplicados.

No âmbito do planejamento urbano, o partir a campo, apreendendo as intersubjetividades, mostra-se como alternativa ao planejamento, desvencilhando

o paradigma de quem planeja, que se dá pela interpretação pessoal e técnica do habitar, e quem o vivencia. A aproximação dos campos dos saberes, dos meios técnicos, científicos e a realidade da cidade, tende a evitar equívocos apáticos na construção e gestão da cidade.

5. BIBLIOGRAFIA

Andrade, R. de. (2022). Domínios da paisagem: hibridismos culturais e práticas socioespaciais. Paisagens Híbridas.

Careri, F. (2013). Walkscapes: o caminhar como prática estética. Trad. F. Bonaldo. Gustavo Gili.

Council of Europe. (2000). European Landscape Convention. *https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list?module=treaty-detail&treatynum=176*.

Debord, G. (1993). Teoria da deriva. Tradução Carlos Roberto Monteiro de Andrade. Óculum, Campinas, n. 4.

Duarte, C. R. & Pinheiro, E. (Eds). (2019). ArquiTividades SubjeTeturas: metodologias para análise sensível do lugar. Rio Books.

Heidegger, M. (1971). Poetry, language, thought. Trad.. A. Hofstadter. Harper & Row.

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. (1991). Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais.

Jacques, P. B. (2012) Elogio aos errantes. Editora da Universidade Federal da Bahia.

Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro : notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17(49), 11-29

Meneses, U. B. de. (2006). A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, V. H.;

Nito, M. K. S. (2015). Heurística para entornos de bens de interesse cultural baseada na ambiência: uma experiência na Casa de Portinari em Brodowski-SP (dissertação de mestrado). São Paulo, Iphan.

Pallasmaa, J. (2017). Habitar. Tradução Alexandre Salvaterra. Gustavo Gili.

Programa de Estudos e Revitalização da Memória Arquitetônica e Artística; Prefeitura Municipal de Rio Pomba. (2009). Dossiê de Tombamento do Conjunto Paisagístico da Praça Dr. Último de Carvalho.

Thibaud, J.P. (2003). La parole du public en marche. In: Moser, G. & Weis, K. (Eds.). Em: Milieux de vie: Aspects de la relation à l'environnement. Collection Sociétales.

Thibaud, J.P. (2012). A cidade através dos sentidos: the city through the senses. Cadernos Proarq, n°18.

Tiberghien, G. (2012). Hodológico. Revista Valise, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p.161-176.

Uglione, P. (2008). Arquivo mnemônico do lugar: memória e histórias da cidade (tese de doutorado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

R50

SOUND REPRESENTATIONS OF CARIOCA'S CHILDREN

REPRESENTAÇÕES SONORAS DAS CRIANÇAS CARIOCAS

Victória Ferreira Robadey Carvalho
Doutoranda em Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura / UFRJ
victoria.carvalho@fau.ufrj.br

Maria Eduarda de Araújo dos Santos
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
maria.araujo@fau.ufrj.br

Andrea Queiroz Rego
Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura / UFRJ
andrea.queiroz@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This work presents part of the procedures and methods adopted in the doctoral thesis in architecture "The identification of sound environments in the City of Rio de Janeiro based on the representation of children from the public elementary school system". The objective is to relate the sound representations of children and young people with different urban landscapes, seeking to identify possible sound territories. The sound representations resulted from the "Affective Mapping" Extension Project developed from the agreement signed between the Planning Office of the City of Rio de Janeiro and PROARQ, UFRJ. When systematizing the data, it was found that around 25% of the documents present sound reports that will be analyzed and spatialized within the radius of the described paths, thus defining a possible listening environment, related to "home" (Böehme, 2017) or to an environment experienced on a daily basis, in its forms, dynamics and socio-environmental vulnerabilities.

KEYWORDS: soundscape. urban listening. sound representations. children and young people. City of Rio de Janeiro

RESUMO

O presente trabalho apresenta parte dos procedimentos e métodos adotados na tese de doutorado em arquitetura "A identificação de ambientes sonoros da Cidade do Rio de Janeiro a partir da representação das crianças da rede pública de ensino fundamental". O objetivo é relacionar as representações sonoras de crianças e jovens com as diferentes paisagens urbanas, buscando identificar possíveis territórios sonoros. As representações sonoras resultaram do Projeto de Extensão "Mapeamento Afetivo" desenvolvido a partir do convênio firmado entre o Escritório de Planejamento da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e o PROARQ, UFRJ. Na sistematização dos dados verificou-se que cerca de 25% dos documentos apresentam relatos sonoros que serão analisados e espacializados no raio dos trajetos descritos, definindo, deste modo, um possível ambiente de escuta, relacionado ao "lar" (Böehme, 2017) ou a um ambiente vivenciado cotidianamente, em suas formas, dinâmicas e vulnerabilidades socioambientais.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem sonora. escutas urbanas. representações sonoras. crianças e jovens. Cidade do Rio de Janeiro

1. INTRODUÇÃO

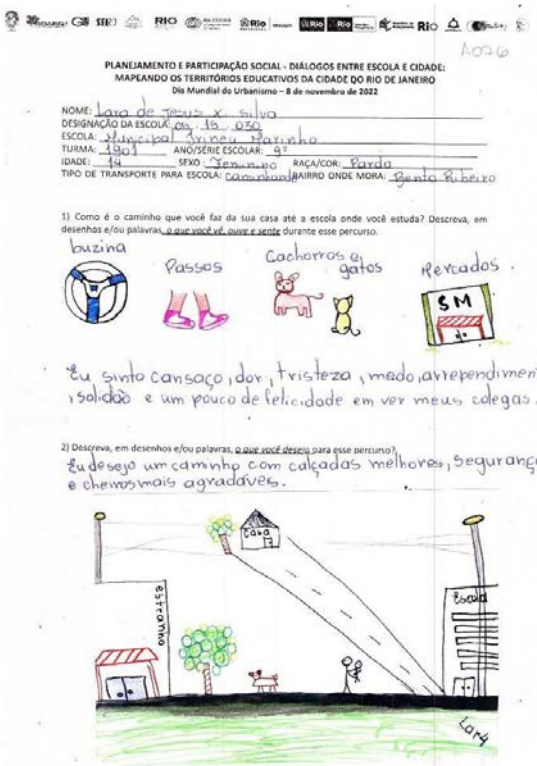
Este artigo apresenta um piloto dos procedimentos e métodos adotados na tese de doutorado em arquitetura "A identificação de ambientes sonoros da Cidade do Rio de Janeiro a partir da representação das crianças da rede pública de ensino fundamental" em desenvolvimento no Programa de pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este artigo utiliza como base os documentos da atividade realizada pelos projetos de extensão Projeto de Extensão "Zoneamento Sonoro Afetivo", "Mapeamento Afetivo do Rio de Janeiro: Infâncias, participação social e políticas públicas" e "Territórios Educativos na Cidade do Rio de Janeiro" que fazem parte dos grupos de pesquisa proAMB (Grupo Projeto e Representação da Paisagem), GAE (Grupo Ambiente-Educação e ProLUGAR (Grupo Lugares e Paisagens)

O objetivo principal deste trabalho é relacionar a paisagem sonora representada pelas crianças e jovens cariocas com os ambientes urbanos por elas vivenciados, identificando possíveis territórios sonoros da Cidade. Para atingir este objetivo as representações sonoras destes atores invisibilizados serão correlacionadas com as formas e as dinâmicas urbanas por eles experimentadas e vivenciadas.

Os projetos de extensão são viabilizados pela parceria estabelecida entre os grupos de pesquisa do PROARQ e a Secretaria de Fazenda e Planejamento do Município do Rio de Janeiro, que juntos buscam envolver as crianças e jovens no planejamento participativo da Cidade, cujos resultados podem ser vistos no sítio eletrônico (*https://participacao-infantil-pcrj.hub.arcgis.com/*). Deste modo, os relatos sonoros gerados pelas crianças e jovens, atores urbanos em geral silenciados, serão adotados como a principal fonte, e primária, da pesquisa, e, correlacionados com dados urbanísticos, demográficos e pesquisa de campo, irão potencializar a identificação dos diferentes territórios sonoros da Cidade.

Os dados obtidos resultam de um formulário aplicado em 758 escolas de Ensino Fundamental da rede pública municipal no dia 08 de novembro de 2022 constituído por um cabeçalho a ser preenchido com dados sobre nome da escola, nome do estudante, idade, ano, gênero, transporte utilizado para acessar a escola e bairro de residência e duas perguntas A primeira pergunta: "Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante este percurso". E a segunda pergunta: "Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso?" (Figura 1). Nesta atividade foram gerados cerca de 100 mil documentos, respondidos por crianças e jovens dos 3º, 5º, 7º e 9º ano.

A atividade foi realizada nas 11 Coordenadorias Regionais de Educação – CREs (Figura 2), que juntas cobrem todo o território do Município do Rio de Janeiro.



A026

PLANEJAMENTO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL - DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA E CIDADE:
MAPEANDO OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Dia Mundial do Urbanismo – 8 de novembro de 2022

NOME: Lara de Jesus X. Silva
DESIGNAÇÃO DA ESCOLA: CS 15 030
ESCOLA: Municipal Irineu Marinho
TURMA: 1901 ANO/SÉRIE ESCOLAR: 9º
IDADE: 14 SEXO: Feminino RAÇA/COR: Parda
TIPO DE TRANSPORTE PARA ESCOLA: Caminhando BAIRRO ONDE MORA: Bento Ribeiro

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.

buzina
Passos
Cachorros e gatos
Mercados
SM

Eu sinto cansaço, dor, tristeza, medo, arrependimento, solidão e um pouco de felicidade em ver meus colegas.

2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você desejo para esse percurso?

Eu desejo um caminho com calçadas melhores, segurança e cheiros mais agradáveis.

Casa
Estranho
Escola
Lara

Figura 1. Exemplo de questionário respondido.
Fonte: Acervo da Pesquisa, PROAMB (2024).

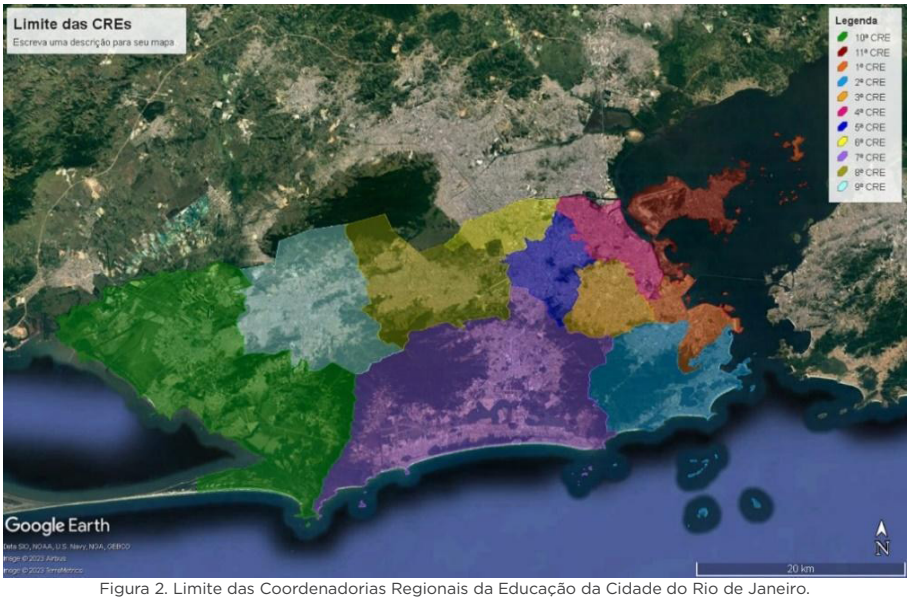


Figura 2. Limite das Coordenadorias Regionais da Educação da Cidade do Rio de Janeiro.
Fonte: Autoras (2024).

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

Segundo Rego (2006), a paisagem sonora "é parte constitutiva da paisagem urbana, alterando a percepção de um ambiente e contribuindo para a construção de suas identidades de modo sincrônico e diacrônico" (p.21). Rego destaca que "uma paisagem sonora não é apenas o que se pode ouvir, mas o que cada um pode ouvir e compreender, em função de seu conhecimento, permitindo um posicionamento individual em relação aos sons escutados numa determinada época e lugar" (p.41).

Schafer (1977) entende por paisagem sonora o conjunto de elementos sonoros constituído por som fundamental, objeto sonoro, evento sonoro e marco sonoro. O som fundamental é definido como "aqueles ouvidos continuamente por determinada sociedade ou como uma constância suficiente para formar um fundo contra o qual os outros sons são percebidos." O objeto sonoro é definido como "a menor partícula independente de uma paisagem sonora e é analisável pelas características de seu envoltório." O evento sonoro, por sua vez, é descrito como "um objeto acústico para o estudo em diversos campos da arquitetura como o valor semântico dele, o que ele representa na paisagem e o seu valor estrutural". Por fim, o marco sonoro consiste no "som da comunidade, que é único ou possui qualidades que o tornam especialmente notado pelo povo dessa comunidade".

Segundo Oliveira (2017), "a noção de representação leva à premissa de que as coisas - objetos, pessoas e eventos no mundo - não tem em si mesmos quaisquer significados fixos. Somos nós - na sociedade, por meio das culturas humanas - que iremos dar significados às coisas. Em consequência, os significados serão sempre mutáveis em culturas e/ou períodos históricos diferentes". Deste modo, as diferentes representações sonoras das crianças devem ser entendidas de acordo com o contexto cultural que estão inseridas. As representações das crianças ainda carregam o elemento lúdico da idade e das diferentes formas de representação textual e gráfica que as crianças utilizam para se comunicar e se expressar.

Deste modo, as crianças e jovens são aqui consideradas "testemunhas auditivas", isto é, elas por meio de suas representações, nos apresentam fragmentos sonoros dos ambientes que vivenciam cotidianamente.

Entende-se que o reconhecimento desses ambientes se aproxima do conceito de atmosferas descrito por Böhme (2000). Segundo ele, "a atmosfera de um determinado ambiente é responsável pela maneira como nos sentimos nesse ambiente. A atmosfera é o que relaciona objetivos e constelações do ambiente com a minha sensação corporal naquele ambiente." A partir disso é possível entender que a atmosfera é o que está entre o sujeito e o objeto. As atmosferas são passíveis de diversas interpretações, "são quase objetivas ou algo intersubjetivo." Böhme cita o exemplo de um cenógrafo que cria cenários produzindo determinadas atmosferas no palco, mostrando como a atmosfera pode ser algo quase objetivo, onde todos na plateia conseguem entender o ambiente que o cenógrafo quis criar.

No caso deste trabalho, espera-se que as atmosferas sonoras possam ser construídas a partir das representações sonoras das crianças e jovens.

3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Os procedimentos adotados serão qualitativos e correlacionais e envolvem a sistematização das representações sonoras, análise socioambiental da paisagem, levantamento morfo-funcional do ambiente escolar, a pesquisa in locu sobre as diferentes paisagens sonoras, oficinas participativas sobre paisagens sonoras, análises correlacionais e delimitação de zonas sonoras de escutas afetivas. Tais procedimentos visam atender aos seguintes objetivos específicos:

- compreender como a escuta das criança e jovens é representada;
- identificar os ambientes urbanos onde ocorrem as escutas documentadas;
- correlacionar o ambiente de escuta com as representações sonoras;
- reconhecer o nível de conscientização de escuta das crianças e jovens da rede pública de ensino fundamental da Cidade do Rio de Janeiro.

3.1 Sistematização das Representações Sonoras

A sistematização analisa a linguagem sonora, seja gráfica (desenhos e símbolos), seja textual (palavras e onomatopeia), usada pelos estudantes como forma de interpretar e expressar a sua relação com os estímulos sonoros. A linguagem pode expressar uma neutralidade, apenas descrevendo sonoramente o ambiente ou expressar juízo de valor, identificando sons positivos ou negativos, percebidos nos lugares frequentados por eles no cotidiano.

Na linguagem textual, pode-se identificar a riqueza dos vocábulos conhecidos pelas crianças e jovens para representar os sons - som, barulho, ruído, escutar, ouvir etc, por meio de textos e onomatopeias, e o emprego relacionado com a qualificação do som. Na linguagem gráfica, identificam-se os desenhos e símbolos relacionados aos sons, como notas musicais e balões de conversa, que refletem as diferentes formas de representação sonora que os estudantes utilizam para se expressar.

Também, no processo de sistematização dos dados coletados, classificam-se os sons representados em grupos sonoros previamente definidos pelo Grupo de Pesquisa Projeto e Representação do Ambiente - proAMB. Os grupos sonoros são definidos pela similaridade das fontes sonoras produtoras, sendo: animal, humano, música, objeto, obras e grandes instalações, silêncio, telecomunicações e mídia e transporte; além dos “não identificados”.

A sistematização possibilita inúmeras análises quantitativas: grupos sonoros mais mencionados, tipo de representação mais empregada, vocábulos mais mencionados e pelo fato de ser georreferenciada permite relacionar essas análises com as escolas,

CREs, bairros, Regiões Administrativas etc. Possibilita, também, relacionar as análises com o grupo de respondentes, seja por faixa etária, seja por ano escolar.

3.2 Análise Socioambiental da Paisagem

Em paralelo, a Cidade do Rio de Janeiro será analisada definindo grandes compartimentos de paisagem com base em dados da Prefeitura da Cidade recém desenvolvidos para o Novo Plano Diretor, em processo final de aprovação, e em pesquisas anteriores, destacadamente do Grupo Prolugar, observando o suporte geofísico (APA e bacias/sub-bacias hidrográficas); dados demográficos (densidade populacional e Índice de Desenvolvimento Social) e uso do solo (área urbana consolidada e área de expansão urbana).

Os compartimentos de paisagem serão a base para a definição dos estudos de casos ao serem cotejados com as análises das representações sonoras, levando em consideração as respostas mais expressivas tanto em quantidade quanto em diversidade, delimitando-se, assim, as escolas que serão analisadas na escala do entorno de modo morfológico, funcional e sonoro.

3.3 Análise Morfo-funcional e Sonora

Na escala do entorno das escolas selecionadas como estudos de casos será avaliada a forma urbana (parcelamento e verticalização); o uso do solo edificados; o uso e a apropriação dos dos espaços livres (ambientais, de permanência e circulação); a infraestrutura e arborização urbanas.

Serão desenvolvidos passeios sonoros pelos pesquisadores nas áreas de estudos. Segundo Carvalho (2022), os passeios sonoros consistem em um método para compreender a sonoridade presente em uma determinada paisagem, de forma a entender como as representações sonoras estão relacionadas com as dimensões morfológica e funcional (usos e apropriações). Esse método é amplamente utilizado na pesquisa na qual faço parte, "Paisagem sonora, memória e cultura urbana – Projeto e Representação do Ambiente (PROAMB)"

3.4 As Oficinas Participativas nas Escolas

De modo mais aproximado, serão desenvolvidas Oficinas de Escutas nas escolas dos estudos de casos buscando compreender de modo dialógico a relação das crianças e jovens com o ambiente sonoro vivenciado cotidianamente por elas, com ênfase no reconhecimento do nível da conscientização das escutas e na importância dos sons nas experiências urbanas. Deste modo, as representações sonoras serão aprofundadas e melhor compreendidas e relacionadas com o ambiente pelas "testemunhas auditivas".

4. UMA APROXIMAÇÃO DOS MÉTODOS E PROCEDIMENTOS PROPOSTOS

Os dados apontam que cerca de 25% das crianças representam fragmentos sonoros dos ambientes vivenciados, em suas respostas. As representações se fazem por meio de textos símbolos, desenhos e onomatopeia, sendo que no Ensino Fundamental 2 o texto ganha preponderância em relação ao Ensino Fundamental 1 (figura 3).

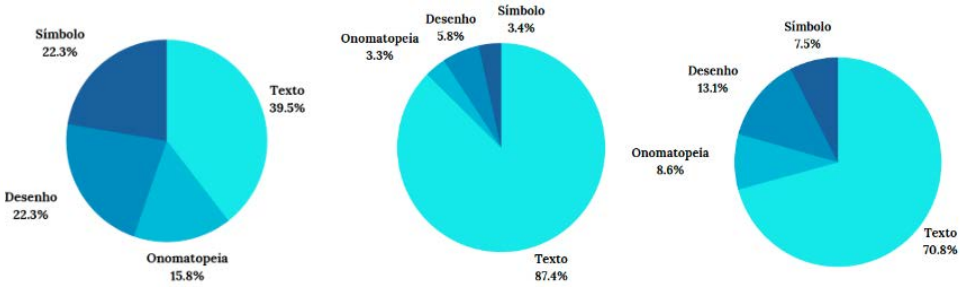


Figura 3. Gráficos sobre as onomatopeias (esquerda), segmento escolas Ensino Fundamental 2 (centro), segmento escolas Ensino Fundamental 1 (direita).
Fonte: Autoras (2023).

Diferentes vocábulos aparecem em um mesmo relato sonoro, mostrando que as crianças e adolescentes se expressam com diferentes palavras sobre o som. Foi observado que o vocábulo "ouço" foi o mais citado, talvez, por ser o vocábulo que aparece na primeira pergunta do documento "Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante este percurso" o que pode influenciar os estudantes a responderem "eu ouço ...". Em geral, a palavra barulho está relacionada por percepções negativas dos sons. Os vocábulos mais citados foram organizados em uma nuvem de palavras,destacando os verbos, substantivos e a onomatopeias (figura 4).

Figura 4. Nuvem dos vocábulos mais cotados entre verbos, substantivos e onomatopeias.
Fonte: Autoras (2023).

Analisando as representações em grupos sonoros (figura 5), verifica-se que o Grupo Transporte é o mais mencionado, seguido por animal e humano. Esta análise se torna mais expressiva ao observarmos recortes urbanos mais específicos, isto é, alterando a escala de análise, como no caso da análise feita por CREs que já apresentam diferenciações mais expressivas (figura 6).

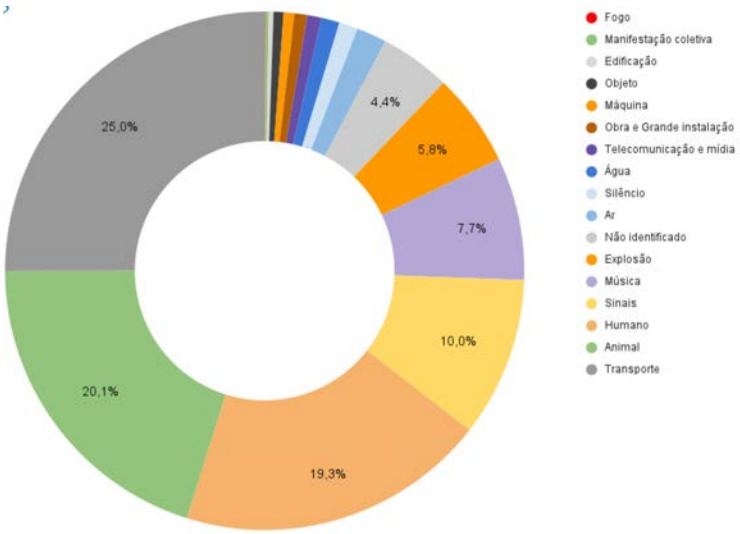


Figura 5. Gráfico com a incidência dos grupos sonoros.
Fonte: Autoras (2023).

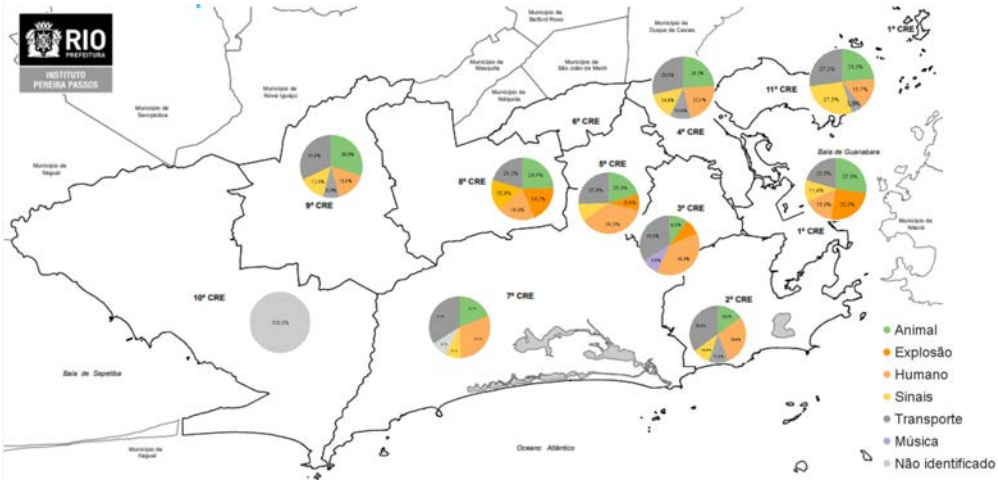


Figura 6. Gráfico com a incidência dos grupos sonoros nas CREs.
Fonte: Autoras (2023).

Adotando a 7a CRE (figura 7) como um recorte de aproximação em função de sua diversidade socioambiental foi possível delimitar como estudos de casos (figura 8) as escolas EM Professor Teófilo Moreira da Costa, EM Frederico Trotta, EM Almeida Garret, EM Edgard Werneck, EM Cláudio Besserman Vianna. A 7ª CRE apresentou uma grande variedade nos seguintes aspectos: forma urbana; o uso do solo edificados; o uso e a apropriação dos dos espaços livres; a infraestrutura e arborização urbanas. Com essa variedade foi possível observar a diversidade de relatos da paisagem sonora em uma mesma CRE, em todas as escolas apresentaram relatos pertencentes ao grupo sonoro dos humanos e dos transportes. Os sons dos animais se destacam como sons agradáveis, enquanto os sons dos automóveis eram classificados como sons desagradáveis.

Figura 7. Localização da 7ª CRE.
Fonte: Autoras (2023).

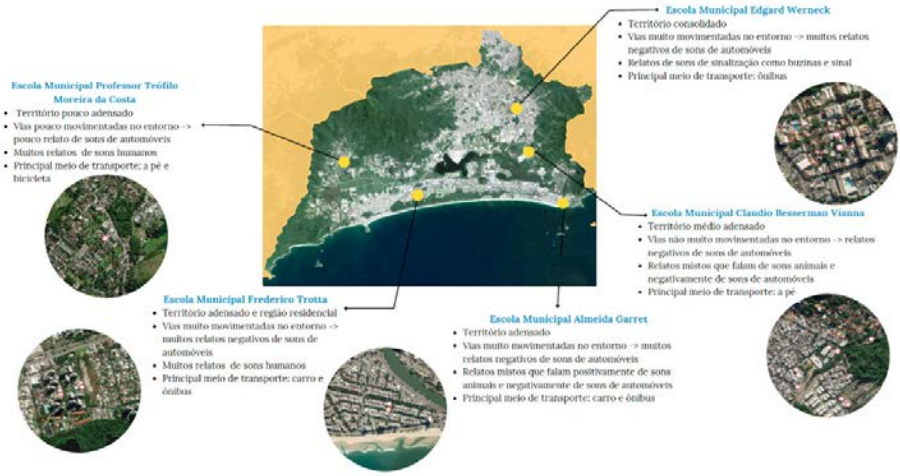


Figura 8. Localização das Escolas no território.
Fonte: Autoras (2023).

A escola mais a oeste na CRE, Escola Municipal Professor Teófilo Moreira Costa, localizado no bairro de Vargem Grande, um bairro pouco adensado, com grande parte do seu território em uma área plana, apresenta um tecido urbano pouco adensando, a presença de arborização, vias poucos movimentadas e com isso há poucos relatos sonoros dos sons de transporte, os sons mais citados pelas crianças foram os sons humanos.

A escola mais a sudoeste na CRE, Escola Municipal Frederico Trotta, localizado no bairro da Barra da Tijuca, bairro muito adensado com grandes zonas residenciais, grande presença de veículos, isso se reflete no grande número de relatos de sons de carros, considerados pelos estudantes como sons desagradáveis. Por ser um bairro muito adensado, há grande presença de sons humanos.

A escola mais ao sul na CRE, Escola Municipal Almeida Garret, também localizado no bairro da Barra da Tijuca, conta com diversos relatos sobre sons de carro, assim como na escola Frederico Trotta, esses sons foram classificados como desagradáveis. A escola Almeida Garret apresenta diversos relatos sobre sons de animais, possivelmente por está em um local mais arborizado e próximo a orla do bairro.

A escola mais ao nordeste na CRE, Escola Municipal Claudio Besserman Vianna, localizada no bairro de Jacarepaguá, um bairro adensado mas menos adensado que a Barra da Tijuca. O bairro conta com vias pouco movimentadas, o sons de carros foram muito lembrados pelos estudantes e considerados sons negativos. Por ser um bairro médio adensado, a presença de arborização é maior que em outros bairros, e com isso os sons de animais como o canto dos pássaros foi muito lembrado pelas crianças.

A escola mais ao norte na CRE, Escola Municipal Edgard Werneck, localizada na região da Freguesia que pertence ao Bairro de Jacarepaguá. A Freguesia é uma região mais consolidada, com grande presença de residências e vias movimentadas. Esses elementos refletem o grande número de sons de automóveis, classificados como sons desagradáveis pelas crianças. Também foram relatados muitos sons de buzinas e sinal que pode ser compreendido pelo grande fluxo de veículos na região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças descrevem nos documentos os problemas que vivenciam em seus cotidianos, a percepção sonora é uma aliada para entender esses problemas e as qualidades do caminho até a escola. Por meio dos relatos sonoros, é possível compreender o entorno de uma escola sem conhecê-la, quais os pontos positivos e negativos do seu entorno. Os sons descritos pelos estudantes descrevem problemas, inseguranças, medos, mas também relatam os sons do prazer, como de pássaros, cachorros, músicas. O estudo da paisagem sonora se mostra um elemento de grande importância para entender como é a vivência das crianças na cidade, e como os sons podem identificar as diferentes paisagens que existem dentro da cidade. O destaque do desejo pelo silêncio nos relatos sonoros mostra que muitas crianças gostariam de vivenciarem ambientes mais tranquilos.

6. AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, (FAPERJ) pelo apoio financeiro. Agradecimento ao trabalho dos bolsistas de iniciação científica Carolina Bezerra Barros e Victor Campos Dias e do Apoio Técnico TCT4 Felipe Machado de Aguiar que participaram deste trabalho.

7. BIBLIOGRAFIA

Böhme, G. (2000). Acoustics Atmospheres - A Contribution to Study of Ecological Aesthetics. Soundscape. The Journal of Acoustic Ecology.

Carvalho, V. (2022). As Paisagens Sonoras de Niterói na Orla da Baía de Guanabara, RJ. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Mapeamento Afetivo da Cidade do Rio de Janeiro (2024). A Participação social infantil no planejamento das políticas públicas da cidade do Rio de Janeiro.

https://participacao-infantil-pcrj.hub.arcgis.com/

Oliveira, J. (2017). Paisagem Sonora Além da Audição: Representações Sonoras Urbanas de Pessoas Surdas. (Tese de doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Rego, A. (2006). Paisagens sonoras e identidades urbanas – Os sons nas crônicas cariocas e as transformações do Bairro de Copacabana (1905-1968). (Tese de doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Schafer, M. (1977). The soundscape – our sonic environmental and tuning of the world (1977). 2.ed. Rochester: Destiny Book.

R50

URBAN PROJECT AS A WANDERING PROCESS: THE CASE OF MÉIER - EXPERIMENTATIONS ON SUBURB OF RIO

PROJETO URBANO COMO PROCESSO ERRANTE: O CASO DO MÉIER - EXPERIMENTAÇÕES NO SUBÚRBIO CARIOCA

Letícia Castilhos Coelho
Doutora em Planejamento Urbano e Regional;
Professora Adjunta do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente e Pesquisadora do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
leticiaccoelho@fau.ufrj.br

Patrícia Luana Costa Araujo
Mestre em Geografia;
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Colaboradora da pesquisa Projeto Urbano como Processo Errante do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
patricia.costa@fau.ufrj.br

Lucas Fernandes Miranda Lopes da Silva
Graduando em Arquitetura e Urbanismo na UFRJ;
Bolsista de Iniciação Científica (COPPETEC) na pesquisa Projeto Urbano como Processo Errante do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
lucas.fernandes@fau.ufrj.br

Vitória Ribeiro
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na UFRJ;
Bolsista de Iniciação Científica (COPPETEC) na pesquisa Projeto Urbano como Processo Errante do Laboratório de Projetos Urbanos - LAPU/PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
vitoria.ribeiro@fau.ufrj.br

ABSTRACT

As a theme and object of study, the urban and landscape design offers a multiplicity of visions, distinct theoretical-methodological approaches and many shared issues, that in the case of the study "Urban project as a wandering process: methodological experimentations" are facing themes like the city, the experience, the body, the culture, the everyday, the cartography and the language.

The case study, emphasized here, takes place in the Méier neighborhood, located in the north zone of the city of Rio de Janeiro, in the region known as the Rio suburbs. Immersion in the territory begins with drifts and cartographic practices to narrate the neighborhood, highlighting the vitality of the street; suburban cultural practices; the rupture caused by the train line; the absence of public and leisure spaces; as well as, highlighting the importance of sensitive and situated knowledge in urban studies as a means of design action in situations identified as potential for collective transformation.

KEYWORDS: error. body. cartography. experience. urban design. Méier.

RESUMO

Enquanto tema e objeto de estudo, o projeto urbano e da paisagem oferece uma multiplicidade de olhares, distintas abordagens teórico-metodológicas e diversas problematizações transversais, que no caso da pesquisa "Projeto urbano como processo errante: experimentações metodológicas" estão voltadas para temas como cidade, experiência, corpo, cultura, cotidiano, cartografia e linguagem.

O estudo de caso, aqui enfatizado, acontece no bairro do Méier, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, na região conhecida como subúrbio carioca. A imersão no território inicia por derivas e práticas cartográficas para narrar o bairro, destacando a vitalidade da rua; as práticas culturais suburbanas; a ruptura causada pela linha do trem; a ausência de espaços públicos e de lazer; bem como, sublinhando a importância do conhecimento sensível e situado nos estudos urbanos como via para atuação projetual nas situações identificadas enquanto potencial de transformação coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: erro. corpo. cartografia. experiência. projeto urbano. Méier.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

Ao encarar a temática Projetual Urbana e da Paisagem como elemento político relevante a processos de transformação social e coletivos, o trabalho parte de temas como: cidade, corpo, cultura, cotidiano, cartografia, experiência e linguagem, problematizando-os para elaborar, construir e aplicar procedimentos teóricos metodológicos, no sentido de se fazer-pensar-criar, inerente às análises em diferentes escalas de prática de projeto, assim como a leitura de paisagem. Instaurando assim processos a partir da noção prática cartográfica de uma perspectiva processual

e errante como método de criação de discursos e narrativas que se divide em três dimensões, sendo elas: a incorporação dos estados errantes, a instituição e elaboração de múltiplos meios de composição e expressão e o acionar do corpo como dimensão enquanto qualidade prática-reflexiva. Esta metodologia é também seu desenvolvimento já que a elaboração, construção e aplicação estão nos objetivos centrais deste trabalho e servem de base para uso em outros contextos, assim como seu material pode servir como referência aberta a outros enfoques projetuais.

O campo de estudo se localiza no subúrbio carioca, mais precisamente no bairro do Méier, onde a coleta de dados, junto da aproximação inicial dos cartógrafos com o local, ocorre por meio de derivas e por variadas formas de registro como prática cartográfica e método narrativo do bairro, onde se percebem as práticas culturais suburbanas, como apropriações do espaço, rua ou espaços públicos; a vitalidade de suas ruas, percebida através de seus ritmos e velocidades; os elementos estruturadores do espaço assim como as interdições ou limites, como a ruptura causada pela linha do trem; a massa vegetal presente no bairro e sua relação com os habitantes do local; assim como a ausência de espaços públicos, ambientes de lazer e as possibilidades projetuais percebidas através destas narrativas nos estudos urbanos ressaltando o conhecimento sensível e sua importância para transformações coletivas.

2. METHODOLOGY / METODOLOGIA

A metodologia proposta assume um papel central no desenvolvimento desta pesquisa, visto que a elaboração, construção e aplicação de procedimentos teórico-metodológicos estão no centro dos objetivos do trabalho, e uma vez que compreendemos o caráter flexível e mutável como componente estruturador do processo. Não se trata de seguir etapas metodológicas predefinidas e aplicá-las a um objeto abstrato ou genérico, mas sim de indicar procedimentos baseados em ações e princípios que operam como potenciais ao processo de aproximação e leitura do território, cidade, paisagem, assim como, aos movimentos propositivos e projetuais.

O trabalho aqui apresentado foi estruturado em três momentos: o primeiro, contando com uma cartografia de idéias, que ocorreu de modo remoto, onde os estudos teóricos e eixos temáticos foram pautados e aprofundados a fim de desenvolver uma base teórica direcionada para a qual as integrantes poderiam recorrer futuramente na pesquisa. No segundo momento, em modelo híbrido, foram iniciadas derivas individuais a fim de elencar as principais questões urbanas que atravessavam particularmente cada integrante do grupo, nortear as seguintes etapas do trabalho de campo e responder às questões postas no primeiro momento: Como registrar o efêmero? Como e quando fazer recortes sócio-espaciais?, entre outras. Por fim, chegamos à exploração do território através de derivas em grupo, que conformam cartas experimentais como recurso de leitura, representação e provocação do espaço explorado.

3. RESULTS AND DISCUSSIONS / RESULTADOS E DISCUSSÕES

Buscamos criar um conjunto de procedimentos e ferramentas que possam ser aplicados em diferentes situações, servindo como referências abertas. Essas ferramentas de trabalho têm como objetivo integrar qualidades como deslocamento, erro e improvisação, como elementos reflexivos e criativos no pensamento e nos processos e práticas do projeto urbano e da paisagem. Esta provocação, no contexto da pesquisa, surge a partir do debruçamento em estudos teóricos com foco em três eixos temáticos que permeiam todo o trabalho: o erro, a cartografia e o corpo. Este tabuleiro de ideias começa a ser montado ainda na fase inicial da pesquisa em 2022 onde, através de encontros remotos semanais, iniciou-se a exploração de bibliografia que serviria de base para as atividades práticas futuras. A consolidação desta trama teórica tomou forma através da plataforma digital Miro que abrigou as primeiras cartografias, ainda cruas da experiência corpórea, mas já cientes do problema do ponto de vista do cartógrafo, conceituado por Suely Rolnik (2011), que não é objetivo ou pragmático, mas participativo e experiencial, participando da constituição de "territórios existenciais" e da construção da fidelidade ao que é real.

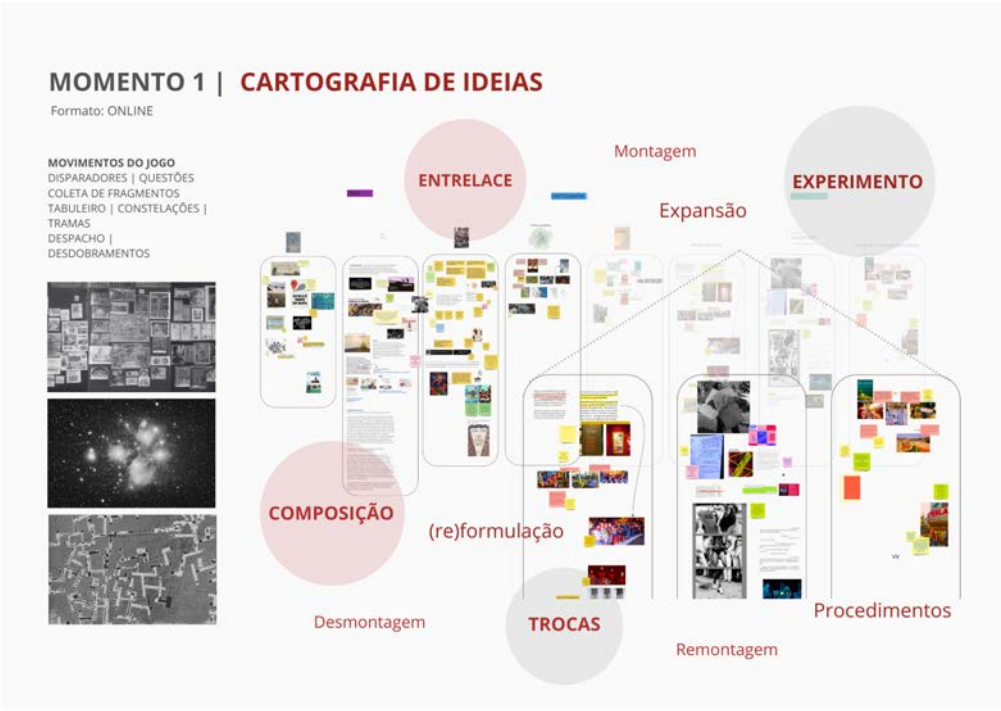


Figura 1 - Cartografia de ideias e diagrama conceitual do processo. Emilyn Silva, 2023.

3.1 Escala 1:1 :: Primeiras derivas individuais e o campo

Além disso, integra a proposta a premissa de adotar um estado errante - entendendo o ato de errar como aquele de assumir qualidades nômades que lidam com o instável, o provisório, o improvisado e o fluido como procedimentos investigativos e estéticos ao longo do processo de criação. Também buscamos experimentar múltiplas possibilidades e linguagens para a composição e a expressão discursiva e projetual, pensadas como procedimentos e operações para criar, que se referenciam no princípio da montagem (inspirado em Walter Benjamin) e na noção de composição (de Deleuze e Guattari). Por fim, consideramos a dimensão corpórea - "pensar pelo-através-no corpo" - transitando de maneira atenta, disponível e entregue aos fluxos e intensidades que atravessam e desencadeiam acontecimentos, encontros, infiltrações e contágios, pautando as ações tanto de leitura e projeto como intensamente atravessadas por "escalas humanas".

Figura 2 - Mapeamento dos percursos feitos nas derivas individuais. Emilyn Silva, 2023.

A realização dos trabalhos de campo e da experimentação da escala corpórea se iniciou no início do ano de 2022 de forma individual, contando com percursos curtos e do cotidiano de cada membro do grupo, dado o contexto de isolamento social em detrimento da pandemia de COVID-19. Nestas derivas exploratórias foi identificado que entre os bairros do subúrbio carioca explorados pelos pesquisadores, o Méier apresenta uma diversidade de dinâmicas e usos urbanos, práticas culturais e cotidianas que são diretamente atreladas a partir da linha de corte dos trilhos de trem, e, dessa forma, expressa um conjunto de questões que remetem a outras situações urbanas do Rio de Janeiro e que poderão ser acionadas nas próximas etapas da pesquisa.

Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, o bairro suburbano teve sua consolidação ligada à expansão dos ramais ferroviários na cidade no final do século XIX. Com esse crescimento para áreas alternativas ao centro administrativo, a região logo foi ocupada pela classe operária que buscava soluções mais baratas em moradia, mas que não prejudicasse seu acesso ao trabalho. Se por um lado a linha do trem serviu como agente articulador da mobilidade, separando o lugar de moradia do lugar de trabalho, por outro, foram essas condições de distanciamento que propôs a estes trabalhadores a construção de novas formas de sociabilidade que garantisse o pertencimento e a noção de sociabilidade suburbana (FRÚGOLI,2007).

Atualmente o Méier atua como centralidade alternativa para os moradores da região, oferecendo uma diversidade de comércio e serviços, além de atrativos culturais e de lazer. Este crescimento, tanto populacional, quanto construtivo, coloca o bairro em evidência e dá margem à verticalização e ao interesse do mercado imobiliário.

O processo de consolidação desse território enquanto sede do estudo piloto da pesquisa exigiu a estruturação de derivas em grupo, que, por sua vez, muito se diferiram das derivas individuais que geraram este interesse no local, servindo como orientação para as etapas seguintes do trabalho de campo, além de responder às questões levantadas num primeiro momento, por exemplo, como registrar o efêmero e quando realizar recortes sócio-espaciais.

3.2 O corpo cartógrafo no território :: Derivas em grupo

As derivas em grupo foram adotadas enquanto forma de exploração do território em múltiplos aspectos, fornecidos principalmente por quem participava da exploração cartográfica. Os próprios cartógrafos são munidos de interesses acerca da ambiência local o que sugere a partir de cada indivíduo interpretações diferentes sobre o espaço, no sentido que "parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, portanto, também o define, mesmo que involuntariamente" (JACQUES, 2008). A primeira deriva coletiva ocorrida em 28 de maio de 2022 contou com 4 cartógrafas integrantes do grupo de pesquisa, sendo duas delas moradoras do local e as demais

residentes da Zona Oeste do Rio de Janeiro, região também suburbana por essência. Esta primeira experimentação ocorreu em uma tarde de sábado em duas frentes, onde as integrantes se dividiram em duplas, formadas por uma moradora do bairro e outra visitante, e cada dupla explorou um "lado" do bairro, entendendo a linha do trem enquanto fragmentadora espacial. Nesse sentido, pode-se perceber a diferença de fluxos e usos, destacando no "lado A" -lado onde se localiza o centro comercial do Méier, fortemente costurado pela Rua Dias da Cruz- forte apelo apropriativo das fachadas e calçadas, principalmente ocupadas pelo comércio informal, e, consequentemente, um alto fluxo de pessoas e transportes. Estes aspectos perdem caráter ao adentrar as vias transversais à coletora principal, que se assemelha no uso às ruas residenciais do "lado B", lado este que conta com mais residências de baixo gabarito e comércio local de serviços básicos, intuindo um fluxo mais brando de pessoas e menos contrastes entre suas ruas.

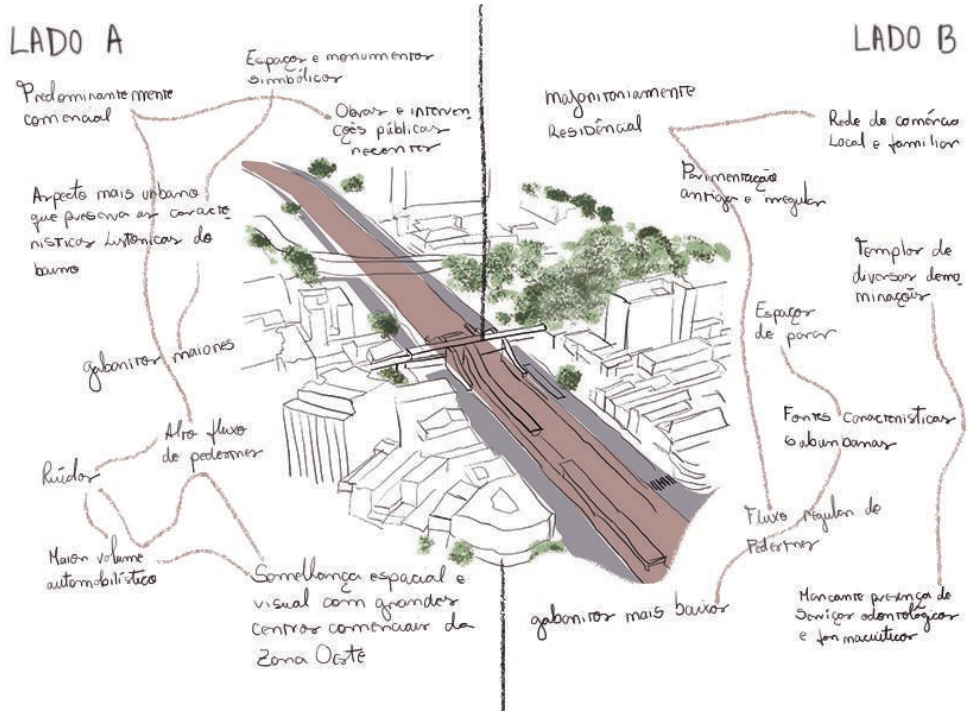


Figura 3 - Croqui ilustrando a fragmentação causada pela linha férrea no bairro. Emilyn Silva, 2023.

Esta primeira experiência serviu como exemplar para que pudéssemos definir ações operativas dentro do grupo, como por exemplo como tratar os materiais recolhidos em campo (fotos, vídeos, textos, desenhos etc) e como sistematizar este percurso processual em materiais condensados e munidos das especificidades de sentido vividas em campo, entendendo que "na errância não se anda de um ponto a outro, (e que) a errância está no próprio percurso, nos entres e erros dos caminhos" (JACQUES, 2012).

4. CONCLUSION / CONCLUSÃO

Conforme apresentado, a aproximação do terreno por meio das derivas em grupo, evidenciou as características e as dinâmicas existentes no bairro percebidas no campo de estudo através dos cartógrafos como integrantes da cartografia. Visto que a presença individual de cada cartógrafo influência na percepção do campo, em sua seleção de registros e em sua compreensão das dinâmicas flexíveis e mutáveis do local.

A aproximação do campo é fundamental para a elaboração dos procedimentos e o domínio do espaço visto que por meio das derivas e análise dos registros realizados, se foi possível perceber características as quais mesmo as cartógrafas que moram no bairro haviam notado anteriormente, como a diferença topológica que se faz presente no bairro, a diversidade de dinâmicas e tipos de usos em cada lado demarcado pela linha do trem, assim como sua similaridade com outros bairros do subúrbio carioca. Estas novas percepções trazidas nas cartografias nos mostram como resultado uma melhora na compreensão integral do espaço assim como na percepção das camadas de leitura identificadas ao decorrer do estudo. Por meio destas camadas, juntamente das similaridades identificadas no Méier, um senso de familiaridade é gerado nos possibilitando perceber a afetividade ilustrada na paisagem, tal como utilizar este aspecto como um dos fatores principais quando pensamos em possibilidades de intervenção.

A partir deste ponto, visto que a Metodologia do estudo é cíclica, no sentido de o desenvolvimento nos fazer pensar em "como fazer". Os desdobramentos previstos para a pesquisa são, como dito anteriormente, elaborar as cartografias do Méier para que se possa propor uma intervenção local, baseando-se na análise afetiva dos cartógrafos e das características chave identificadas no local e através de potencialidades identificadas.

5. BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAFIA

Anjos, M. (2012). As ruas e as bobagens: anotações sobre o *delirium ambulatorium* de Hélio Oiticica. ARS. São Paulo, v.10, n.20. http://www.scielo.br

Benjamin, W. (1995). Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. V.1. São Paulo, Ed. Brasiliense.

_____ (2006). Passagens. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

Britto, F.D. & Jacques, P.B. (2008). Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648

Careri, F. (2009). Walkscapes: el andar como práctica estética. Barcelona: Gustavo Gili.

Coelho, L.C. (2020). Andanças e Enredos: errar, escriturar-cartografar, corporear como modo de compor zona(s) portuária(s) do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

De Certeau, M.(2011). A invenção do cotidiano. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ.

Débord, G. (1958). Situacionista Internacional N° 2. Teoria da Deriva. Trad. Coletivo Gunh Anopetil. *https://teoriadoespacourbano.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriva.pdf*

Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). O que é a filosofia? (Trad. Bento Prado Jr; Alberto Alonso Muñoz). Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____(1995). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.

Deleuze, G. (2007). Francis Bacon: lógica da sensação. (Trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Zahar.

Frúgoli Jr. H. (2007). Sociabilidade urbana. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Gagnebin, J.M. (1997). Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História. Rio de Janeiro: Imago Ed.

Guattari, F. & Rolnik, S. (2005). Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes.

Jacques, P.B. (2012). Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA.

_____. Apologia da Deriva - escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Kastrup, V. (2010). Pistas do método da cartografia. Porto Alegre: Sulina.

Medeiros, V. (2018). Cartografias de erro: mapas subjetivos e territórios redesenhados. América - Revista da pós-graduação da Escola da Cidade. n.1. 104-113.

Rolnik, S. (2014). Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS.

R50

ENTERTAINMENT AND RESISTANCE: (RE)IMAGINING THE AMBIENCES IN THE CITY OF CONSUMPTION

ENTRETENIMENTO E RESISTÊNCIA: (RE)IMAGINANDO AS AMBIÊNCIAS NA CIDADE DO CONSUMO

Vinícius Dias Lopes
Arquiteto e Urbanista, mestrando
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, IFF
viniciusdlopsd@gmail.com

Maria Catharina Reis Queiroz Prata
Arquiteta e Urbanista, Doutora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, IFF
Catharina.queiroz@iff.edu.br

Fagner das Neves de Oliveira
Arquiteto e Urbanista, Doutor
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, IFF
Fagner.oliveira@iff.com.br

ABSTRACT

Currently, people are dispersed across media in a society of historical issues and consumer marketing. In this context, the interpretative relationships between them and the imagined urban environments can gain a prejudiced tone regarding the understanding of the various cultures and elements that construct the perception of these spaces. This is represented in reality in places that are valued or excluded based on a prior interpretation of their environments in the understanding of landscape in a speculative universe. We question whether the imagination of the city influenced by capital can induce the marginalization of territories under the action of these issues. We aim to produce a workshop with children aged 6 to 14, residents of communities suffering from these capital stigmas, divided into two stages: Zine development and affective mapping. It is understood that the unique and ephemeral feeling of the environments transcends the constructed political imaginary, being spaces of important disputes to guarantee the right to the city.

KEYWORDS: Mass culture. popular culture. entertainment. neoliberalism. ambiances. landscape. Zines.

RESUMO

Atualmente, as pessoas encontram-se dispersas nas mídias, em uma sociedade de problemáticas históricas e *marketing* de consumo. Nesse contexto, as relações interpretativas entre elas e o imaginado sobre ambiências urbanas podem ganhar um teor de preconceito, quanto ao entendimento das diversas culturas e elementos que constroem o perceptivo destes espaços. Representando na realidade em lugares valorizados ou excluídos a partir de uma interpretação prévia de suas ambiências na compreensão de paisagem num universo especulativo. Questionamos se a imaginação de cidade influenciada pelo capital pode induzir a marginalização de territórios sob ação dessas questões. Objetivamos a produção de uma oficina com crianças de 6 a 14 anos, moradoras de comunidades que sofrem desses estigmas do capital, dividindo em duas etapas: Desenvolvimento de Zines e mapeamento afetivo. Entende-se que o sentir único e efêmero das ambiências perpassa o imaginário político construído, sendo espaços de disputas importantes para garantir o direito à cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura de massas. cultura popular. entretenimento. neoliberalismo. ambiências. paisagem. Zines.

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se, ao longo do tempo, a formação de um imaginário de uma cidade que não é novidade em muitos países, que influencia o sentir e o possível contato com as ambiências diversas através de uma interpretação prévia de suas paisagens, relação próxima da imaginação de um produto em uma "experiência única" a ser vendida, que pode ter seu valor na promessa do "sentir" e torna-se objeto de desejo, de consumo. Estes que associam o viver a cidade a relações especulativas de um

mercado neoliberal que se tornam presentes no "pensar" a cidade, alterando no senso comum a compreensão do que é considerado um direito ou "entraves" para uma visão deturpada de progresso; que impactam na qualidade de vida das famílias mais pobres e podem influenciar suas próprias percepções sobre seus territórios. Na atualidade, em meio à cidade do *marketing* de consumo voltado a competições de cidades, o imaginário atua cada vez mais associado a ambiência na intenção de se vender uma cidade do "sucesso", onde relações competitivas típicas do capitalismo se sobressaem a um entendimento de cidade mais humanitária. O imaginário se mistura ao que é esperado sobre lugares e suas ambiências, que muitas vezes perdem suas identidades e ganham um perfil "instagramável" para serem aceitas ou capitalizadas, uma relação que pode ser interpretada muitas vezes como as relações higienistas, sob a perspectiva ideológica, do final do século XVIII e início do XX, onde buscavam para além da questão sanitária um processo de "apagamento" da presença de grupos sociais mais pobres, negros, indígenas e outros do centro urbano.

Entendendo o impacto que a imaginação de cidade pode ter sobre suas transformações reais, é importante que grupos sociais que lutam por seus direitos, ocupem espaços não apenas em sua representação física na área urbana, mas nesse imaginário de cultura de massas e populares. Assim permitindo que tais marginalizados pela sociedade possam reafirmar suas compreensões sobre suas ambiências, expressando vivências, ressignificando seus territórios; e permitindo serem sentidas e entendidas de forma distinta às "experiências únicas" vendidas pelo capital, que muitas vezes retratam uma cidade voltada a uma visão elitista. Esta que oculta diversas vezes a imagem de favelas, comunidades quilombolas e outros grupos, ou se apropriam dessas em nome de uma experiência sob seus parâmetros de valores comerciais, provocando um processo de insensibilidade e invisibilidade de uma parte da cidade, esquecida e sem direitos. Com o avanço da internet, novas tecnologias e meios de comunicação, estes espaços tornam-se potenciais para discussões e representações destes grupos, onde questões que antes vistas como complexas ou desinteressantes ganham um teor de entretenimento para diversos públicos, possibilitando pensamentos políticos e críticos, o que podem influenciar a experiência de novos significados e pensamentos sobre esses espaços, trazendo-os a cidade imaginada de direitos.

Este artigo apresenta uma metodologia, baseada na aplicação de oficinas de criação de Zines com crianças de 6 à 14 anos, moradoras de comunidades com ambiências que podem sofrer desse processo de imaginário pelo capital de marginalização, objetivando a utilização da arte-educação como meio introdutório do "pensar" sobre o pertencimento delas na produção artística de suas cidades, reafirmando suas relações de identidade, afetividade e territorialidade. A perspectiva é que elas possam ser futuramente um modelo contínuo inspirado e expandindo relações complexas do imaginário de cidade com o lúdico, contribuindo na formação base das famílias sobre seus territórios em uma cidade que se estrutura num imaginário competitivo e neoliberal.

2 AMBIÊNCIA COMO MERCADORIA DO IMAGINÁRIO

Em uma cidade que se transforma a partir de diversos interesses, o imaginário que influencia as ambiências, a partir do "sentir" dos elementos associados aos lugares, podem ser um fator transformador quanto aos direitos à cidade. Na sociedade de valores neoliberais, o entendimento sobre o "progresso", quanto expresso na compreensão de cidade, pode criar sociedades, onde as questões sociais tornam-se barreiras na busca desenfreada de urbes mais competitivas. Sob esse "novo" entendimento de sociedade, muitas vezes difundida pela mídia sob cargas históricas, comunidades em suas paisagens ganham rótulos do senso comum de "bem-sucedido", "criminoso", "futuro", "decadência"; influenciando e sendo influenciado quanto aos investimentos públicos, onde o *marketing* e eventos por vezes desfiguram o "sentir" de ambiências, territórios e seus significados, marginalizando grupos, retirando moradias; para torna-los mais "aceitáveis" para uma compreensão de ambiência a ser "vendida", como uma experiência única na visão de uma elite. O que pode se aproximar dos moldes, pelo viés ideológico, higienistas dos séculos XVIII ao XX, que ocultam uma visão de cidade diversa, cultural e desigual; para um produto a ser moldado para ser "agradável" ao "estrangeiro" àquele espaço.

Há mais de 100 anos atrás já existiam empresas no país que através do imaginário de cidades, buscavam transformações urbanas nos moldes urbanísticos internacionais, como a Cia.City, fundada em 1911. Segundo Nascimento (2017), a empresa atuou principalmente na capital de São Paulo comprando grandes territórios e fazendo projetos urbanos "inovadores". Em seu marketing desse período já era possível enxergar a formação de um imaginário de um progresso que trazia em sua publicidade termos como: "vale a pena viver", "aristocrático por excelência", "maravilha urbana" e outros. Ambiências já eram construídas no imaginário dos brasileiros que buscavam uma qualidade de vida com bairros de boa localização e infraestruturas impecáveis.

No país, estas relações sobre o imaginado das ambiências perpassam uma problemática social histórica a partir das classes sociais e etnias, podendo influenciar o preconceito sobre grupos sociais, levando à exclusão dos mesmos no pertencimento a cidade. Para Souza (2019), o Brasil possui uma estrutura social formada historicamente por atividades escravistas, onde existe uma relação de dominante e dominado, criando um ambiente contemporâneo, influenciado por um imaginário de desumanização numa perspectiva elitista perante aos demais. Outro fator que influencia esse cenário é a passagem do paradigma "racista" para o "culturalista" nas ciências sociais. Até a década de 1920, o racismo baseado na cor da pele e traços fisionômicos era reconhecido pela ciência, explicando a diferença entre o desenvolvimento entre povos. Este tipo de racismo foi substituído pelo culturalismo, tornando-se um "senso comum internacional" que explicava as diferenças sociais e o desenvolvimento relativo do mundo inteiro. Substituindo, portanto, a ideia do "habitar" de um corpo como determinante sobre o comportamento das pessoas. Entretanto, tal transformação para o culturalismo pode acarretar um falso científico,

trazendo consigo as mesmas estruturas do racismo, com uma ascensão e justificativa de países em situação de domínio e dominado.

Na atualidade, esse contexto se potencializa com a perspectiva política do século XXI, com uma crescente influência do neoliberalismo, trazendo transformações urbanas impactantes na sociedade, que podem ser notadas, por exemplo, nas primeiras décadas do século, deixando famílias que procuravam melhores condições de vida desalojadas, endividadas por sistemas de créditos em falsas aberturas de financiamento. Para Brenner e Theodore (2002), ocorreu um enfraquecimento das relações do Estado em suas estabilidades que foram substituídas por um caos monetário, onde as cidades passaram a atuar nas necessidades de movimentos especulativos do capital financeiro, reduzindo regimes de bem-estar, criando desenvolvimentos urbanos limitados quanto suas transformações políticas e tornando as cidades como ambientes competitivos em grandes projetos associados ao meio privado. Nesse cenário, segundo Maricato (2002), atenuou-se as exclusões urbanísticas onde os representantes do estado adotaram uma "cidade oficial", marginalizando parte da cidade que não pertencia ao projeto imobiliário de forma legal; formandos "fragmentos da cidade" onde os planos funcionam somente no discurso.

Nessa estrutura neoliberal[1], de perspectivas étnicas e elitistas sobre a cidade e paisagem, a imaginação sobre ambiências se tornam algo a ser "vendido" quanto experiência, e exclusivo de grupos que "fazem a economia girar" com seu poder de consumo sob moldes internacionais no imaginário de "progresso", onde não somente a cidade torna-se produto, mas o "sentir", a partir de suas ambiências pretendidas com as paisagens, culturas e outros. Para Milton Santos (2006), compreende-se a paisagem como um conjunto de elementos naturais e artificiais que caracterizam uma área, sendo a rigor apenas uma porção territorial que é possível entender a partir do sentido da visão, onde ela torna-se um fragmento, tanto em sua percepção quanto na realidade. Pela percepção, ela é a variação do que é observado sob um horizonte que também varia sobre uma posição e um conjunto de objetos que se quer observar. A partir da conceitualização, questiona-se o quanto a percepção da paisagem por meio das mídias define essa compreensão de "ambiência capitalizada", cooperando com transformações excludentes reais.

No Brasil, a paisagem urbana, quando associada a estas questões, podem gerar um imaginário que representam os grupos predominantes, restringindo o direito à paisagem a partir das etnias e classes sociais, que junto ao pensamento neoliberal, reforçam uma imagem de "sucesso" e "fracasso". Um exemplo é a presença das arquiteturas hostis que se espalharam pelos centros urbanos de todo país, mobiliários e estruturas que atuam na função de afastar pessoas em situação de rua, marcando

1 Neoliberalismo: Processo econômico que no período de 1970 e início dos anos 1980 formou-se ganhando destaque generalizado, como resposta política e estratégica a recessão global da década anterior. No contexto onde as indústrias apresentavam lucros decrescentes, fizeram estados nacionais a priorizar projetos de disciplina do mercado (Brenner; Theodore, 2002).

em sua experiência urbana o sentimento de uma classe social que é bem-vinda àquele lugar, categorizando aquela ambiência à um grupo restrito.

Em um artigo da LabCidade (Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade) temos um exemplo que aproxima as questões do imaginário sobre a ambiência urbana, relacionando as relações excludentes de origem histórica, comunicação e especulação imobiliária. O artigo denuncia as operações feitas pela polícia contra a Cracolândia em São Paulo, justificadas como uma política de guerra às drogas que são incorporados nos discursos dos prefeitos e governadores ao longo dos anos, mas atuam distantes da resolução e, sim, na dispersão dos grupos marginalizados pela cidade, gerando uma série de impactos, além da violência de intervenções urbanísticas pautadas em demolições e remoções forçadas com uma justificativa de "renovação urbana"; criando-se, ao longo desse processo, conflitos e potencializadores financeiros no mercado privado.

A questão do direito à paisagem, envolvendo as problemáticas já citadas e as questões mercadológicas, entram nos assuntos em destaques com a PEC das Praias, que teve repercussão negativa em todo país e envolveu discussões nas mais diversas mídias e figuras públicas, incluindo o relator da referida PEC, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que afirmou que o projeto não irá privatizar as praias brasileiras. Na verdade, trata-se de uma proposta de emenda à Constituição 3/2022 que abre brechas para a possibilidade dessa referida privatização. Para Lúcio Monteiro (2014) em entrevista ao Brasil de Fato, professor de Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), as áreas adjacentes à praia como hotéis, casas, condomínios, são sujeitas a regras e impostos por estarem em áreas marinhas, incluindo a garantia de acesso à praia. Com essa nova medida, torna-se possível que tais áreas deixem de ser públicas, sem gerência do Estado, o que não garante o acesso livre às praias.

A ideia de conflito de classes sociais e o interesse privado na venda do imaginário de ambiências, não são uma novidade. Em 1980, a Rede Manchete divulgava a reportagem "Os pobres vão à praia". O documentário retratava as relações sobre uma ocupação das praias por pessoas do subúrbio, bairros menos favorecidos economicamente da cidade do Rio de Janeiro que ganharam acesso às áreas nobres das cidades através de ônibus que circulavam lotados, com brigas e outras situações. Nessa reportagem destacava-se o pensamento das pessoas entrevistadas, principalmente os "antigos" frequentadores destes espaços em frente a um grupo considerado "pobre" atuando no espaço comum. Palavras como "sujeira", "sem educação", "nojo" e outras frases depreciativas eram associadas a essa população que, felizes, comemoravam o acesso à praia, uma ambiência restrita no perfil de um grupo social em uma cidade de múltiplas culturas, delimitadas por classes e etnias.

Tais situações demonstram os impactos que o imagético atua no espaço urbano e se expressam por suas paisagens, seja com sua representação constante na mídia como espaços de "grande valor" ou ambientes a serem escondidos e criticados, trazendo

consigo reafirmações prévias a partir da sociedade no qual foi construída. Uma vez que os interesses de mercado são voltados ao pensamento dos representantes dessa sociedade, na justificativa de valorização de espaços erguem-se muros, afastam-se moradias do centro, modificam-se histórias e outros; criando uma paisagem que expressa a sua necessidade de excluir. Através do *marketing* e de grandes eventos, a paisagem pode ser modificada fisicamente ou transformada em suas representações midiáticas a partir de folders, propagandas e outros, reafirmando uma visão elitista e excludente de cidade (Figura 1).

Figura 1/Figura 3. Muro que separa conjunto de favelas da Maré via Linha vermelha nos jogos Olímpicos de 2016.
Fonte: Adptado de The Guardian (2023)

Para Lopes (2013), ao citar Ducan (1990), uma paisagem entendida como uma produção cultural pode representar a atuação tanto da reprodução quanto a contestação de um poder político. Apesar disso, ao se discutir as práticas e agentes que transformam as paisagens, podem ocorrer situações onde a mesma pode ser representada caricaturalmente ou com intervenções no espaço com o objetivo de realizar uma "limpeza", removendo questões "indesejáveis". Essa "invisibilização" pode ser feita através de retoques numa fotografia, pintura e outros ou com modificações no próprio espaço físico.

Tem-se, portanto, a hipótese que as paisagens podem exercer um papel de persuasão análoga à mensagem subliminar existente na publicidade. Como um desejo de consumir uma mercadoria em um filme, série, novela e outros; de forma similar, a paisagem pode impregnar nossos sentidos, nos "sugerindo" certos conteúdos com relação ao que é visto como "normal" ou "estranho" (Lopes, 2013). A partir da análise do autor, nota-se que a ambiência imaginada pode através da paisagem ganhar esse teor de significados, onde nos mesmos moldes de um produto ou serviço que se associa a uma "experiência única", uma cidade mercadológica vende uma imagem que pode ser consumida por aqueles que puderem pagar por elas ou de suas correlações.

3 ENTRETENIMENTO E RESISTÊNCIA

Durante a história, seja por lendas, poemas ou pelo entretenimento, o imaginário em conjunto com uma busca do homem de compreender e modificar o mundo que os cerca trouxe consigo reflexões e visões de mundo que alteraram sociedades, virando espaços de disputa ou reivindicações. Desde o imaginário mais fantasioso apresentado na televisão, personagens de desenho animados ou universos fantásticos, a partir dos autores e sociedades, os mesmos mostraram e influenciaram as visões de mundo de quem os apreciavam. Na atualidade, com a popularização de diversos meios de entretenimento, ferramentas e novas tecnologias, personagens e mundos ficcionais ganharam espaços na identidade e personalidade de diversos grupos sociais, despertando tanto relações de identificações positivas políticas quanto preconceitos e repúdios pela diversidade.

Um exemplo dos novos impactos que os espaços de entretenimento vêm ocupando nas sociedades foi a crescente onda de filmes sobre a temática de super heróis que geraram bilheterias que chegavam a 2 bilhões de dólares. Em 25 de abril de 2019 estreou o último filme de uma destas séries de heróis, o denominado Vingadores: Ultimato, produzida pela Disney durante um longo processo de lançamentos de diversas histórias conjuntas entre esses personagens, que desde 2008 reuniram um público fiel. O filme tornou-se uma das maiores estreias globais na história dos cinemas, onde os heróis desenvolvidos enfrentavam o vilão Thanos e finalmente descobriam se os heróis conseguiriam salvar o planeta Terra. Nesse contexto, não era incomum observar conversas que muitas vezes projetavam em quão emocionantes tais cenas impactaram ao serem assistidas no cinema, grupos até então não habituados com a *cultura pop*, levantavam de suas cadeiras aos gritos com a vitória dos heróis.

Para Toffler (2007) a evolução da humanidade pode ser baseada em três grandes e principais ondas de riquezas: Civilização agrária, civilização industrial e civilização do conhecimento. Estas que regiam ou regem não só a economia quanto a cultura, ecologia, condutas morais, resultando em estilos de vida radicalmente opostos (Coelho, 2023; Camargo, 2023). Para Coelho e Camargo (2023), a partir de uma civilização industrial que se alinhava força bruta e tecnologia não avançada, foi dada origem a uma produção, educação e cultura de massas. Com o fortalecimento do capitalismo, essas produções ganham a possibilidade de produção em grande escala. Com o tempo, essa produção torna-se cada vez mais uma *commodities*, agregando qualidades únicas de produção e menor valor agregado. Em contrapartida a esse enfraquecimento do produto, o *marketing*, as marcas e símbolos ganham um processo de valorização que produzem uma relação estreita com o consumidor e, consequentemente, maiores lucros para os fabricantes. Compreende-se, portanto, que estes bens de consumo dão lugares a imagens e estas que se transformam nos grandes produtos. Esse conjunto de imagens e símbolos vão sendo criados e recriados, associando a esses bens novos significados e concretização de experiências sensíveis.

Entendendo a relação de símbolos e significados que a indústria produz a partir do imaginário, ao se pensar as ambiências e compreensões que surgem delas a partir de questões sociais e étnicas, reflete-se sobre o quão importante e potencializador se torna para grupos sociais marginalizados o acesso, compreensão crítica e apropriação destes espaços de significado. A partir de suas perspectivas numa cidade imaginada, a compreensão de seu próprio espaço vivenciado em uma sociedade envolta no consumo cultural de massa, permite compreender significados positivos a partir de seus autores em suas produções artísticas e se utilizarem delas para criarem suas próprias produções, modificando o imaginário das cidades, empoderando etnias, grupos sociais, paisagens, locais e outros.

Projetos como a exposição Rap em Quadrinhos (Figura 2), ocorrida no Museu das Favelas em São Paulo, é um dos exemplos de como trazer novas perspectivas sobre o imaginário podem surgir compreensões a partir de personagens e histórias já consolidadas no entretenimento, dando novas perspectivas e dando luz a outras questões sociais. Idealizados pelo ilustrador Wagner Loud e o *youtuber* Load Comics, a exposição é uma homenagem as personalidades do rap nacional, representados como super-heróis. Para Load (2024) curador da exposição, em entrevista a Ação Educativa sobre a representação do Rapper Emicida como Homem-Aranha:

"(...) o Emicida representa a nova geração e a mudança do cenário todinho. Foi mais ou menos essa a linha de pensamento que eu segui. O Brown, por exemplo, sempre representou o Capão Redondo, assim como o Pantera sempre representou Wakanda (...)" (Dias, 2024).

Figura 2/Figura 3. MCs representados em quadrinhos.
Fonte: Colletors_ (2024)

A *cultura pop* em uma sociedade dotada de problemáticas sociais torna-se um espaço de disputas entre a exclusão de grupos e suas representatividades, mesmo em uma cultura de massas que asseguram a homogeneidade e senso comum para uma valorização de arrecadação de lucro. Em meio a termos como "cultura woke" – termo originalmente de origem afro-americana que alertava sobre as injustiças raciais diversas -, tem crescido discussões na internet, devido a críticos que mencionam se

tratar de um processo limitador sobre expressões e ideias consideradas misóginas, homofóbicas e racistas, para eles associadas às novas produções culturais. Nesse cenário, o anúncio do jogo eletrônico chamado *Assassin´s Creed Codename Red* (Figura 4) pode ser um exemplo atual destas relações conflitantes e muitas vezes racistas nestes meios por parte de um público. O jogo que retratará um cenário do Japão feudal onde estão presentes dois personagens, um samurai negro e uma mulher, gerou discussões sobre a existência de um protagonista preto e samurai, personagem que foi inspirado no imigrante africano real conhecido como Yasuke. Os argumentos eram de que o personagem não era historicamente representado, entretanto diversos memes na internet tinham um teor racial sobre o personagem, expressando a verdadeira intenção por detrás das críticas.

Figura 3/Figura 3. "Memes" racistas envolvendo o protagonista do jogo Assassin´s Creed.
Fonte: 4 Chan (2024)

4 METODOLOGIA

A partir do que foi levantado, acredita-se que com a construção midiática como formadora de opiniões e transformações reais, dando vozes e influências de determinados grupos sociais. Torna-se importante empoderar comunidades que vivenciam paisagens marginalizadas pelo senso comum, em destaque as crianças que no pensar urbano não são levadas em consideração em uma cidade que no futuro irá recebe-las. Trabalhar a interpretação de ambiências urbanas sobre a visão lúdica pode mostrar um entendimento mais humano das experiências, provocando nas famílias o ato de "esperançar[2]" em oposição do afastamento do imaginário de cidade como produtora de capital.

2 Esperançar: Pode ser entendido na prática de Paulo Freire (1997) como uma esperança que não vem de um processo de espera, mas no levantar, no ir atrás, na construção e não desistência. É levar adiante e juntar-se com outro para fazer de outro modo" (Freire, 1997)

Esta pesquisa propõe-se como metodologia a realização de uma oficina com crianças de 6 à 14 anos de idade, onde elas irão passar por um processo reflexivo sobre seus espaços de vivência, permitindo o pensar crítico sobre suas ambiências. Através de um direcionamento de tutor(es) o palco principal da atividade é a territoriedade, onde por meio do pensar simples em uma atividade contínua, busca-se criar laços e o estímulo do pensar no entretenimento como meio de comunicação, ocupando espaços da cultura de massa e dando-as significados a tais grupos.

como meio viável de enxergar e expressar experiências, dando voz aos mesmos na imagem da cidade. Esta oficina tem como norteador uma estrutura inicial de estímulo para o desenvolvimento de novos projetos contínuos, com suportes de universidades e outros meios que busquem a possibilidade de acesso à cultura e aprendizados artísticos como estímulo de pertencimento a tais grupos.

Na primeira etapa, por meio de colagens, desenhos e pinturas, será proposto a criação de uma revista fanzine a partir de papeis A4 e A3 dobrados no formato, onde o desafio é contar histórias a partir de suas vivências sobre a pergunta: “Como vocês contariam a história desse lugar?”. Nesse processo as crianças estarão livres para se inspirar numa revista em quadrinhos e a partir delas criarem suas próprias produções, onde as possibilidades das questões levantadas e coisas contadas pelas crianças podem parecer inúmeras, entretanto o tutor deve se atentar que as questões não estão se dispersnado para fora do contexto da comunidade. Nessa atividade, imagina-se que através de sua própria representação de algo considerado “externo” ou “distante” como revistas e produtos culturais elaborados sobre paisagens e lugares distantes, possam produzir nas crianças uma reação de ânimo quanto sua representatividade e expressão, que desta vez não se torna uma história distante a ser contada, mas a partir do dia a dia sobre as ambiências vividas, onde posteriormente vão se discutir os resultados. É importante o tutor levar fontes de acesso, como revistas em quadrinhos procurando levantar meios de se propagar a atividade para o cotidiano dos mesmos. Também, caso seja possível, é indicado que as atividades ocorram em mais de um dia, mantendo os questionamentos nas crianças em todo processo.

Na segunda etapa, tem-se uma parte mais reflexiva sobre o lugar e território, onde as crianças vão ser guiadas para refletir após a produção de suas revistinhas a criação de um mapa imaginário inspirado metodologicamente como um “mapa afetivo”, que represente a visão de seus territórios através de seus maiores sonhos para o futuro, expressa pela pergunta: “Como você imaginaria esse novo lugar dos sonhos?”. Nessa representação “mágica” o imaginário de suas vivências se encontra com o questionamento de mudança, aproximando o sonhar ao direito à cidade. Na prática, as crianças irão margear seu território por linhas simbólicas, desenhos, textos e colagens. A intenção é “solidificar” os sentimentos, memórias e experiências afetivas e uni-las ao sentimento de mudança, trazendo para além do sentimento de aceitação e justificativa sob as injustiças sociais, um sentimento de descoberta, do “esperançar” sobre algo que pode ser construído junto.

Por fim, o responsável pela oficina irá reunir toda a produção e questões mencionadas e utilizar como referência para produzir um projeto que consiga cumprir a função de ocupar espaços de entretenimento, onde se deve respeitar a expressão das crianças envolvidas. Torna-se necessário tal etapa, uma vez que não se pode cobrar das crianças uma estrutura quanto a produção de entretenimento que gerem interesses em meio a obras culturais cada vez mais complexas, portanto, o responsável pela oficina terá o papel de tornar popularizado sob as questões trabalhadas desde o início o tema, as reflexões das crianças, suas compreensões, onde terá que deixar claro onde se tem a influência do autor e onde se tem uma produção direta das crianças. A intenção inicial deste projeto é que essa revista sirva de inspiração contínua para novos projetos e tutores, podendo serem carregadas no futuro pelas próprias crianças participantes em seu cotidiano ou meio profissional.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que pensar as relações sociais complexas das formações de sociedades e suas desigualdades a partir das ambiências, perpassam o imaginário, espaço esse de disputas que muitas vezes são esquecidas como questões impactantes e não sendo oferecidas ferramentas para grupos marginalizados ocuparem estes espaços. Em uma sociedade formada pelo imaginário e com uso do *marketing* que pode provocar transformações reais, torna-se justo que todos grupos que sofrem influência destas compreensões de cidade, possam disputar tais espaços, oferecendo seus pontos de vista e reivindicações sobre o direito à cidade, o afeto e sobre sua paisagem, o entendimento sobre seu território e identidade perante as influências globais. Um processo que busca trazer a política para a vivência e mostrar que o lazer e entretenimento também são espaços para serem trabalhados, não sendo alheios a tais grupos, mas também devem ser seus por direito.

6 BIBLIOGRAFIA

Arantes, O, Vainer & Maricato. (2002). A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos. Editora Vozes.

Brasil de Fato (2024). Entenda por que a PEC das Praias abre brechas para a privatização. https://www.brasildefato.com.br/2024/06/05/entenda-por-que-a-pec-das-praias-abre-brechas-para-aprivatizacao

Brenner, N e Theodore, N (2002). Cities and the Geographies of "Actually Existing Neoliberalism". Antipode, 34(3), 349-379. https://doi.org/10.1111/1467-8330.00246

Collectors_ (2018). Conheça o incrível projeto Rap em Quadrinhos. https://www.collectorsroom.com.br/2018/10/conheca-o-incrivel-projeto-rap-em.html

Documento Especial. (2015, 27 de agosto). Documento Especial – Os Pobres Vão à Praia [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=kOzGFJZZVe8&rco=1

Drops de jogos (2024). IGN Brasil publica artigo denunciando o preconceito dos gamers com o Samurai Negro em Assassins Creed. https://dropsdejogos.uai.com.br/noticias/industria/ign-brasil-samurai-negro-assassinscreed/

Freire, Paulo (1997). Pedagogia da Esperança: Um Reecontro com a Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra.

José, J (2017). A elite do atraso: Da escravidão à Lava jato. Casa da Palavra. Leya.

Labcidade. (2022). Impactos da dispersão da Cracolândia, *balanço dos velhos e novos conflitos no centro de São Paulo*. https://www.labcidade.fau.usp.br/impactos-da-dispersao-da-cracolandia-balanco-dos-velhos-e-novosconflitos-no-centro-de-sao-paulo/

Lopes, M (2013). Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial. Bertrand Brasil.

NOTAS DE GEOGRAFIA. (2021, 29 de outubro). MILTON SANTOS EM AULA SOBRE PAISAGEM E ESPAÇO [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=OMVXSD_HQDk&t=3s

Santos, M (2001). A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. Editora da Universidade de São Paulo.

São Paulo Antiga. (2024) Conheça 13 anúncios históricos da Companhia City. https://saopauloantiga.com.br/anuncios-historicos-da-ciacity/

Shibayama, A, et. Al (2023) Mito Imaginário e Cultura Pop. Syntagma.

R50

STRANGE BRIDGES METHODOLOGY

ESTRANHAS PONTES METODOLÓGICAS

Fernanda Pacheco Dias
Mestre em Arquitetura e Urbanismo
Pesquisadora do RCORT / PPGAU / UFF
fernandapdias@gmail.com

Thereza Christina Couto Carvalho
Doutora em Desenho Urbano
Professora Titular Universidade Federal Fluminense
thereza.urbandesign@gmail.com

ABSTRACT

This research deals with the relationship of affection between the bodies of people and the bodies of cities. It's based on the hypothesis that this relationship is a two-way process, that can be perceived and studied through the practice of urban walking. This article will be present the research methodology designed to understand this relationship. It's a combination of three qualitative tools: situational drift, walking interviews and spatial reading according to the concept of dynamic sedimentation. Based on these three distinct tools for apprehending the research object, we can understand the methodology as strange bridges that try to find meaning in the heterogeneous particles of the city.

KEYWORDS: walking. affection. methodology research. Ambiances.

RESUMO

Este trabalho trata da relação de afeto entre o corpo das pessoas e o corpo das cidades. Parte da hipótese de que esta relação é uma via dupla, podendo ser percebida e estudada através da prática do caminhar urbano. Neste artigo será apresentada a metodologia de pesquisa elaborada para compreender esta relação. Trata-se da combinação de três ferramentas de caráter qualitativo: a deriva situacionista, entrevistas-caminhadas e a leitura espacial segundo o conceito de sedimentação dinâmica. A partir destas três ferramentas distintas de apreensão do objeto de pesquisa podemos entender a metodologia como estranhas pontes que buscam encontrar sentido nas partículas heterogêneas da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: caminhar. afeto. metodologia de pesquisa. ambiências.

1. INTRODUÇÃO

Quando caminhamos pela cidade, desprotegidos de qualquer tipo de abrigo, no corpo, todos os sentidos permanecem em estado de alerta, preparados para o gozo e para o resguardo. E, assim, nossa visão procura investigar o que está ao longe ao mesmo tempo que examina os detalhes do perto, nosso olfato percebe odores que não identificamos com o olhar, nos afastamos daquilo que nos desagrada instintivamente e o mesmo processo acontece com os ruídos sonoros e com aquilo que toca nossa pele.

Segundo Lucrécia Ferrara (2007) a leitura "não-verbal" da cidade é possível a partir da de-codificação da homogeneidade do ambiente em partículas heterogêneas. Outro autor, Massimo Canevacci (2004) em argumento semelhante diz que "compreender uma cidade significa colher fragmentos e lançar sobre eles estranhas pontes" (p.35). Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que textos não verbais são partes importantes da linguagem que a cidade comunica. Tal linguagem pode ser percebida e codificada através dos deslocamentos em diferentes velocidades pela cidade. Já que os ritmos se alteram, e as informações são imagens fragmentadas, logo, pode-se inferir que o ritmo mais lento, o andar a pé, percebe os fragmentos como imagens em um grau mais elevado de definição.

Este artigo é um fragmento de uma pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo concluído em 2020, que tematiza a relação de afeto entre o corpo das pessoas e o corpo das cidades. Parte da hipótese de que esta relação é uma via dupla, podendo ser percebida e estudada através da prática do caminhar urbano. O objetivo da pesquisa foi entender como se dá essa relação entre pessoas e cidades, buscando compreender processos espaciais, bem como a afetação das subjetividades de sujeitos caminhantes. Entendeu-se que tal subjetividades poderiam ser interpretadas como fragmentos colhidos, que juntos, podem ser traduzidos em significados. Aqui será apresentada a metodologia de pesquisa elaborada para alcançar tais objetivos, enquadrando-se no Eixo Temático Ambiências urbanas e afeto: Propostas Metodológicas. A metodologia utilizada trata da combinação de três ferramentas de caráter qualitativo: a deriva situacionista, entrevistas-caminhadas e a leitura espacial segundo o conceito de sedimentação dinâmica (Carvalho & Coelho, 2009). Neste sentido podemos entender as três ferramentas distintas de apreensão do objeto de pesquisa como estranhas pontes que buscam encontrar sentido nas partículas heterogêneas da cidade.

Uma vez definido o recorte, o bairro centro na cidade do Rio de Janeiro, as primeiras ações postas em prática foram as derivas, percursos que somados totalizaram mais de 50km a pé, compondo uma das ferramentas metodológicas. Estas derivas foram registradas através de aplicativo de celular (percurso), fotografias digitais e diário escrito. Além disso, foram transformadas em mapas e desenhos que buscavam transmitir prioritariamente as sensações vividas e em segundo plano, a espacialidade cartográfica. Já as entrevistas-caminhadas foram derivas acompanhadas de

sujeitos caminhantes, pessoas que se mostraram dispostas a participar da pesquisa concedendo entrevista durante o ato de caminhar. Durante as entrevistas todos os participantes foram deixados livres para escolher trajetos, dias e horários, e através de algumas perguntas-chave as conversas buscavam trazer à tona diversas variáveis sobre a relação dessas pessoas com o espaço urbano. A terceira ferramenta metodológica, a leitura a partir da sedimentação dinâmica, procura trazer uma análise morfológica dos espaços, e de certa forma costurar as demais narrativas apresentadas. Este método de leitura considera a cidade em processo constante de transformação, podendo ser lida e interpretada tanto através de elementos construídos quanto através de ações cotidianas que alteram simbolicamente os espaços no seu dia a dia. Sendo assim, nesta última análise foram observados pontos atrativos, chamados de centralidades, fluxos, padrões espaciais e espaços identitários. Esta análise foi possível fazer após um estudo histórico e morfológico da área analisada e o cruzamento de dados obtidos durante as diversas formas de caminhadas.

2. CRIANDO PONTES METODOLÓGICAS

Nossa concepção de cidade ideal está enraizada nos moldes ocidentais europeus há séculos infundidos nos nossos mais profundos desejos e afetos. Por um lado, temos um ideal de beleza associado ao prazer e ao plano visual, por outro lado, nossas apropriações socioespaciais recorrentes, que afetam e nos refletem na cidade que nós fazemos, não atendem, necessariamente, a nenhum ordenamento ou cânone hegemônico de beleza. Interpretadas como desorganização, aquelas práticas são, no entanto, frequentemente associadas a ruídos, mau cheiro, mistura de usos. Dessa forma, elas são estigmatizadas como ‘caos’. Será? Para que possamos compreender o funcionamento das cidades é preciso compreender o comportamento das pessoas nas cidades. E ainda, compreender toda a teia de ações que moldam o espaço, porquanto se faz necessário à medida que é preciso conhecê-las antes de impor um projeto de cidade arbitrário. Espera-se com este trabalho contribuir para que possamos enxergar e compreender mais os outros, fazedores de cidade de baixo pra cima, que no seu cotidiano percorrem as cidades afetando e sendo afetados por elas. Afinal, aqueles que “mantêm a vida urbana têm uma exigência fundamental sobre o que eles produziram, e que uma delas é o direito inalienável (reconhecido como legítimo ou não) de criar uma cidade mais em conformidade com seus verdadeiros desejos” (Harvey, 2014, p. 21).

Portanto, optou-se por uma metodologia de pesquisa que tornasse possível ver e ouvir tais fazedores de cidade. Para tal foi necessário se colocar no lugar da escuta atenta. Em um primeiro momento buscou-se através das derivas (técnica situacionista de caminhar na cidade sem percurso pré-definido) deixar o corpo-pesquisador ser afetado pela cidade. As derivas permitiram experimentar a cidade com o olhar da procura. Foi preciso despir-se dos trajetos rotineiros, enganar o hábito, fugir do comum. Criou-se um jogo do perder-se: seguir pessoas desconhecidas segundo

algum critério escolhido no dia – como por exemplo a cor da roupa. Quando a pessoa escolhida entra em algum estabelecimento, abandona-se e passa-se a seguir uma outra pessoa que esteja próxima. Esse jogo não impede de escolher seus próprios caminhos segundo seus desejos. Portanto, a deriva é iniciada dessa maneira, porém a sua continuidade depende exclusivamente da vivência durante a caminhada. Os percursos dessas derivas ficaram registrados com o GPS (Sistema de Posicionamento Global) ativado em um aplicativo de celular, por isso foi possível se perder sem se preocupar tanto com o percurso durante a caminhada. Porém, nem sempre o aplicativo funcionava tão bem e era preciso relembrar as ruas e anotar manualmente. Durante as caminhadas, foram feitas fotografias e filmagens curtas, assim como algumas anotações rápidas pelo celular ou no caderno. Ao chegar em casa, aproveitando a memória fresca, escrevia e desenhava no diário de campo minhas impressões sobre as derivas. Foi o período de reconhecimento dos espaços percorridos, de usar o próprio corpo como ferramenta para a leitura da cidade enquanto texto. De observar e ser observado. E transformar os sentidos corporais em símbolos e representá-los numa cartografia para então posteriormente poder analisa-los.

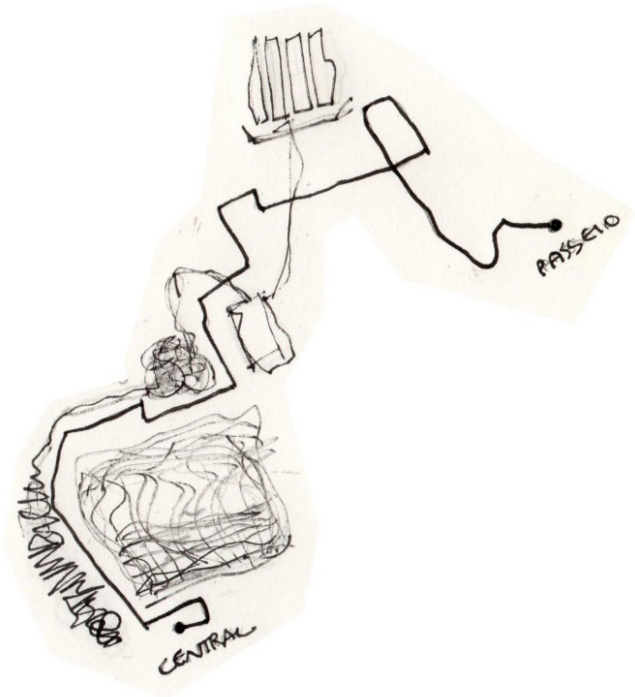


Figura 1. Cartografia da deriva Central - Passeio.
Fonte: Autoras. (2019)

No mesmo período realizamos também as entrevistas-caminhadas com o objetivo de escutar os outros, os agentes informais de fazer cidade, aqueles que caminham constantemente e seus percursos e escolhas preenchem de significado os espaços percorridos. A ideia de entrevistar pessoas ao caminhar pela cidade surgiu a partir da leitura de três trabalhos que se utilizam de uma metodologia semelhante a essa: o artigo de um grupo de pesquisadores britânicos Exploring Space and Place with Walking Interviews (Evans et al., 2008), o livro que foi produto de uma exposição em Belo Horizonte, Atlas Ambulante (Marquez & Cançado, 2011) e o artigo Cidade-passo, reflexões sobre uma cartografia movediça (Moreira, 2014). Moreira (2014, p. 42) argumenta que o falar durante o caminho condiciona à lentidão, gerando assim uma maior atenção ao experimento, uma qualidade quando se busca uma relação mais subjetiva com a paisagem. Outros autores que trabalham com essa técnica afirmam que esse tipo de abordagem leva a respostas mais espontâneas e menos idealizadas, o que por sua vez pode gerar dados mais ricos (Evans & Jones, 2011, p. 449).

Nas nossas entrevistas-caminhadas houve diversos momentos em que fala e caminhar mostraram-se tocados um pelo outro. Notou-se não só a diminuição do ritmo por conta das narrativas, mas também o inverso, a diminuição da fala por motivo de qualquer ruído no andar. Houve casos de o entrevistado esquecer de continuar contando o que havia começado pois distraiu-se com o que acontecia na rua. Enquanto que com outro, ao chegar em uma esquina que trazia muitas memórias, parou por alguns minutos, esquecendo-se que caminhava, ao relatar histórias que viveu ali. A memória sobre o lugar ou outros lugares sempre se fazia presente na fala de cada entrevistado, seja de maneira mais explícita, seja mais sutil.

Os entrevistados são pessoas com idade entre 28 e 55 anos, sendo três homens e uma mulher. Todos com algum grau de instrução e acesso à informação, sendo os três homens professores. Dois deles, moram no bairro há mais de 10 anos, a terceira morou durante a infância e adolescência e atualmente frequenta o centro a trabalho e lazer três vezes na semana, e o quarto visita o bairro uma ou duas vezes na semana por lazer. O único critério utilizado na escolha do grupo é que fossem pessoas que circulam regularmente a pé. Como o intuito das entrevistas-caminhadas era observar primeiramente como essas pessoas usam a cidade por meio do caminhar e, paralelamente, tentar capturar discursos que pudessem nos fornecer dados sobre afeto e cidade no decorrer dessas caminhadas; chegou-se à conclusão que quanto mais tempo durasse as entrevistas e quanto mais livres essas pessoas se sentissem para falar e se movimentar, melhor seria para os resultados buscados nesta pesquisa.

Considerando o cronograma disponível para realização da pesquisa, foi descartada a possibilidade de maximizar a deriva indo às ruas a procura de transeuntes aleatórios para participar das entrevistas. Visto que tal método poderia abrir margem para uma dificuldade de executar a tarefa, uma vez que as pessoas abordadas poderiam não se sentir confiantes o suficiente em falar sobre assuntos mais pessoais e, ainda, poderiam estar caminhando a pé de maneira mais objetiva e rápida, o que poderia prejudicar

a experiência proposta. Sendo assim, chegou-se ao grupo de entrevistados a partir de uma rede de deriva-afeto, ou seja, de indicações de moradores e frequentadores do centro do rio que tinham por hábito diário andar a pé pela região. Essa rede se iniciou com uma moradora do bairro, apresentada a mim pela minha mãe. Ela seria a minha primeira entrevistada, porém houve uma série de tentativas fracassadas de realizarmos essa entrevista. O primeiro desafio que se apresentou foi justamente a compatibilização de compromissos. Apesar disso, me apresentou a um número considerável de moradores do Centro e, a partir deles, fui sendo apresentada a outros. Depois dos contatos iniciais, consegui realizar ao total quatro entrevistas. Cada um pôde escolher o percurso, o dia e a hora de sua preferência desde que dentro desse espaço estipulado e, em média, cada entrevista-caminhada durou cerca de 50 minutos.

Portanto, para tornar a experiência da entrevista mais fluída possível, optou-se por gravar toda a conversa com o auxílio de um gravador. Tais gravações, combinadas com anotações e fotografias, foram usadas posteriormente na análise de todos os dados. A atividade então foi encarada como uma forma de entender o que é esse lugar para o corpo-pesquisador e o que é este corpo-cidade por e para o(s) outro(s). Desse modo, algumas questões foram pré-formuladas e abordadas com cada entrevistado de maneira singular, não foram adotados roteiros, formulários ou questionários. Mas, havia temas introduzidos no decorrer da conversa, ao mesmo tempo que o diálogo se manteve aberto a novos temas que surgissem, criando assim uma espécie de deriva mediada. A palavra mediação empregada, nesse contexto, no lugar da palavra controle, por exemplo, reflete a intenção de ser um intermediário entre o desejo dessas pessoas de falarem aquilo que lhes convém e o desejo de investigação dos objetivos da pesquisa. Sendo assim, após a realização das entrevistas-caminhadas, tais temas introduzidos foram transformados em perguntas simples e organizados em um quadro* segundo os dois principais objetivos: (a) identificar como a cidade afeta essas pessoas e (b) como essas pessoas usam a cidade. Por fim, refletiu-se também sobre os outros assuntos que surgiram nas entrevistas sem serem induzidos, ou seja, foram escolha dos próprios participantes dar ênfase a tais questões.

Segundo Hannah Arendt (2007, p. 188) a pluralidade dos homens caracteriza-se pela igualdade e diferença: os homens são iguais pois são capazes de compreender-se entre si, bem como, são diferentes pois precisam do discurso e da ação para se fazer entender. Isto é, a palavra e a ação – a entrevista e o caminhar – traduziam as particularidades e desejos daquele grupo de pessoas respondentes. Todos revelaram que caminham por escolha e que o fazem por prazer. Um outro ponto em comum na fala dos entrevistados indica que gostam de andar para ver a cidade, olhar as construções e as pessoas nas ruas. Observar, do ponto de vista do pedestre, para estas pessoas é uma maneira de se conectar com o mundo, de perceber mudanças e sentir que está aprendendo algo com a cidade. Cada um à sua maneira e carregando consigo a sua própria experiência de vida, mas todos sintonizados com ideais semelhantes e, sobretudo, os mesmos interesses pela cidade. Às vezes não

exatamente os mesmos, mas dentro de um mesmo nicho cultural. Esse olhar sobre a cidade que os entrevistados compartilham de maneira similar, materializa-se nas suas escolhas, nos seus percursos e também nos seus discursos.

Figura 2. Desenho de estudo sobre a Rua Gomes Freire.
Fonte: Autoras. (2019)

A terceira e última ação-técnica que compõe a metodologia desenvolveu-se nos meses que se seguiram após a pesquisa empírica. A leitura do espaço a partir da sedimentação dinâmica leva em consideração as relações entre os elementos físicos, materiais e simbólicos para a formação dos espaços públicos. A sedimentação surge então como um processo de adaptação e acomodação em resposta às grandes transformações do tecido urbano, que por sua vez, também se refletem no espaço e podem ser entendidas como ações individuais complementares às ações do poder público (Carvalho & Lamounier, 2014, p. 17). O método dialoga com outras metodologias clássicas defendidas por Lynch, Aymonino e Kostof, que consideram as cidades em processo constante de transformação. Além dos autores citados, Careri (2013, p. 32-33) também crê que a cidade é constituída de espaços em frequente mutação. Espaços esses, defendidos pelo autor, como resquícios da cidade nômade, ou ainda, amnésias urbanas. O que ele quer dizer com isto é que há, dentro da metrópole, espaços não projetados, esquecidos pelo planejamento urbano, esquecidos pelos olhos do turismo, mas sobre os quais a vida urbana resiste. Nesses interstícios, aos quais a cidade modernista dá as costas, crescem espaços de liberdade, autonomia e socialização. Na cidade nômade de Careri, os espaços de amnésia são comparados aos vazios urbanos, ou terrain vague de Solá Morales. São também os espaços da periferia, flutuantes ao redor dos centros urbanos.

A cidade do banal e a cidade do espetáculo convivem uma sobreposta à outra. Sejam nas periferias, sejam nos centros urbanos, existem diversas camadas de cidades, em certos momentos mais visíveis, em outros, desfocadas.

A sedimentação dinâmica de Thereza Carvalho leva em conta a coexistência dessas diferentes camadas. Para a autora, as regras e as legislações são etapas de uma produção de cidade. Etapas essas por vezes posteriores a uma determinada consolidação de valores e de práticas cotidianas. E quando projetos e planos são impostos de maneira arbitrária, a cidade resiste por meio de apropriações, ressignificando os espaços no dia a dia. Ao analisarmos a cidade buscando identificar centralidades, pontos atratores e percursos, estamos buscando, na verdade, vestígios que se referem a diferentes fases dessa produção social e espacial. Ambos os autores defendem que a cidade não precisa ser curada, ou, como uns preferem chamar, revitalizada. O que a cidade precisa é ser compreendida tal qual ela é. Tanto para Careri, quanto para Thereza, o caminhar é uma forma de perceber as mudanças na cidade e entender seus significados. Também para os entrevistados é assim. Caminhando, fazemo-nos presentes com a nossa mente e o nosso corpo, inseridos no da cidade. Tornamo-nos vulneráveis aos gozos e aos desagrados, despimo-nos de uma falsa segurança e passamos a enxergar a cidade a partir do alcance do nosso próprio corpo. A medida da cidade passa a ser a de nossas pernas, até onde conseguimos ir a pé, até onde podemos ver e escutar? Quais são nossos limites físicos e psicológicos? E ainda, qual o significado da nossa passagem pelos espaços? Quais são os rastros da nossa passagem? Caminhando, buscamos entender o que é hoje o centro do Rio de Janeiro. Como se distribuem os pontos que nos atraem? Como nos distribuímos no espaço? E quais são as sensações que experimentamos ao percorrer suas ruas? Caminhando é possível visualizar pistas de um passado, presente e futuro.

3. IMPRESSÕES E PERMANÊNCIAS

Transcorrida a adrenalina da aventura da caminhada, reflexões foram feitas acerca de tudo que foi visto e sentido nas ruas do centro do Rio. Algumas impressões permaneceram. Em geral, observou-se que quase sempre, nas praças, sentados nos bancos ou 'fazendo hora', prevaleciam os corpos masculinos. As mulheres na rua parecem estar transitando mais que os homens, elas não podem parar e arriscar serem alvos de olhares questionadores. A elas parecem estar restritos os lugares fechados, as lojas, as galerias, barracas do comércio ambulante, e algumas conseguem penetrar nos meios onde os homens parecem dominar. Se pudéssemos dividir o caminhar e o parar por gênero, às mulheres caberia o caminhar, aos homens o parar. Outros marcadores sociais também foram notados. Percebeu-se, por exemplo, a diferença nas vestimentas das pessoas em possíveis zonas espaciais do bairro. Algumas ruas abrigam edifícios de usos específicos, o que parece determinar uma espécie de etiqueta padrão. As consequências no espaço são grupos de semelhantes, atraídos seja por construção social, seja por sentimento de identificação e pertencimento, ou

seja, por segurança. O que se pode intuir com isso é que corpos diferentes afetam o espaço de maneiras diferentes. E ainda, que um corpo individualmente influencia outros corpos que, por sua vez, esse grupo de pessoas, afeta um corpo-cidade. Pessoas marginalizadas e seus usos informais tendem a ocupar ruas tidas como "abandonadas", onde o controle do espaço se faz pouco presente. E enquanto não exista um interesse econômico nesses lugares, essas ruas permanecem esquecidas aos olhos do poder público; falta limpeza, falta iluminação, falta segurança pública. Não é questão de serem ruas pouco usadas, de pouco movimento em relação à outras. Existe um fluxo intenso de pedestres, uma vida que pulsa nesses lugares. Os corpos é que são diferentes.

Figura 3. Cartografia afetiva no bairro centro na cidade do Rio de Janeiro.
Fonte: Autoras. (2019)

Optou-se por traduzir as impressões afetivas do bairro através do conceito de ambiências segundo os mapas situacionistas. Portanto, considerando o efeito do meio geográfico no corpo-pesquisador. Nesta cartografia* foram utilizadas quatro cores para simbolizar quatro categorias de sensações afetivas: vermelho (alerta,

perigo, preocupação); laranja (agito, vitalidade, energia); azul (calma, tranquilidade, estável) e cinza (neutro ou indefinido). No processo de elaboração do mapa, notou-se que os espaços em azul são os considerados mais prazerosos. Os espaços onde escolheu-se a cor cinza são aqueles que a memória falha, não se recorda muito bem detalhes, ou não se sabe explicar com exatidão qual emoção transmitem. Em geral, os espaços em laranja são opostos aos em vermelho, pois o medo e a insegurança surgem em pontos desertos ou de baixa vitalidade urbana. Em um segundo momento, foi elaborado uma cartografia de apoio para análise, baseada nos critérios das fases de sedimentação dinâmica, demarcando centralidades e fluxos de pedestres. O mapa leva em consideração que algumas ruas resistiram aos processos do tempo e continuam sendo referência para os usuários do centro do rio. Do mesmo modo, algumas espacialidades como praças e edifícios foram identificadas como remanescentes nesse processo. Percebe-se que a rede de fluxos de pedestres irradia ao redor das centralidades. Notou-se também que as centralidades no bairro se comportam de maneira cambiante, elas mudam de arranjos, enquanto umas se acendem em certos horários e dias da semana, outras se apagam. E assim seguem se alternando. Da mesma forma funcionam as ruas que as ligam. Esta característica transitória funciona como ilhas de luz, conectadas por fios estreitos, uma dança trêmula que altera a vitalidade urbana de acordo com a música que toca no corpo da urbe.

Alguns pontos atratores e percursos puderam ser identificados através da fala desses entrevistados e comparados com os elementos presentes no processo de sedimentação dinâmica. Portanto, foram feitas perguntas cujo objetivo foi conhecer prováveis pontos atratores, direções, percursos e pontos de entrada/saída do bairro. É evidente que o perfil sociocultural dos entrevistados pode ter induzido as escolhas deles por esses pontos marcantes e não outros. Ao serem questionados sobre o porquê esses lugares os atraiam, a maioria respondeu algo relacionado à história da cidade e desses edifícios e que nutrem um certo prazer em andar por ruas em que os casarios antigos estão bem conservados. Ao questioná-los sobre as diferentes sensações que cada rua ou lugar transmite para eles, escutei diversas respostas. Para além do saudosismo e das boas memórias que muitos relataram, afetos negativos também foram contemplados e as sensações ruins fazem com que eles evitem caminhar por certos lugares. Complementando as suas subjetividades, eles foram questionados em relação aos sentidos corporais: paladar, audição, olfato, visão e tato. Nesse caso, a visão foi o sentido que prevaleceu dentre os demais, em segundo, disseram se sentir influenciados pelo olfato e pela audição. Lugares com mal cheiro, música que não agrada ou ruídos excessivos incomodam, mas não necessariamente os impedem de frequentá-los. Lugares visualmente interessantes são os mais atrativos.

As praças e largos do centro do Rio funcionam como peças de um jogo de tabuleiro, conectadas por percursos pedonais variados. Cada uma possui a sua singularidade, o seu papel dentro do jogo e, juntas, elas se fortalecem. Morfologicamente falando, quanto mais centralidades agregadoras forem observadas fisicamente próximas, maior o fluxo de pedestres entre elas. A Avenida Presidente Vargas funciona como uma faca nesse tabuleiro. Ela corta o centro do Rio em dois lados, dificultando a mobilidade dos pedestres, rompendo a leitura de um centro urbano único. De um lado, temos um centro composto por uma grande praça e suas bordas voltadas para o entretenimento e o espetáculo. Construídas inclusive por cima de memórias de um passado colonial e escravista. E, de outro lado, o centro do Rio é aquele que é conhecido como o centro empresarial e comercial. O lugar das trocas econômicas e também onde as praças significam gargalos de lazer e descanso. Para além de exercerem um caráter de centralidades agregadoras, essas praças ocupam um lugar de afeto no dia a dia das pessoas. A fala dos entrevistados demonstrou em diversos momentos a importância desses espaços em suas vidas. Locais preservados na memória como palco de acontecimentos do passado, e ativos ainda no presente, transformados em novos usos. Notou-se, além disso, que os afetos tidos como negativos, lembranças ou sensações desagradáveis, materializam-se em espaços em movimento. Espaços como ruas, atravessamentos de largos, lugares que essas pessoas só passam, sem se deter. Já os afetos positivos permitem que essas pessoas escolham parar e desfrutar o lugar. São escolhas que as pessoas fazem e o ser humano tende a querer dar continuidade aos seus prazeres. O afeto positivo que essas pessoas guardam em relação aos lugares, quando multiplicado para um grupo de pessoas, pode vir a afetar a própria cidade.

A Praça XV passou recentemente por transformações urbanas, teve o elevado da Perimetral demolido, ganhou novos mobiliários urbanos, recebeu uma estação de VLT. Os espaços próximos a ela também foram modificados. A Praça Marechal Âncora deixou de ser um terminal rodoviário. A Orla Conde pertencente aos militares foi aberta ao público. São localidades que, na verdade, já foram reconstruídas em diversos momentos da história da cidade. Dizem respeito às primeiras vias e primeiras construções do Rio de Janeiro. Alguns símbolos permaneceram, outros foram sendo apagados. Hoje, o que conta no dia a dia é a memória recente. É o mercado de peixe embaixo do viaduto que já não existe mais, mas deixou saudades. É a feira de antiguidades aos sábados que traz um punhado de objetos nostálgicos. Quando eventos como a feira sobrevivem após tantas renovações, é porque o afeto de um grupo de pessoas por esse lugar venceu. A cidade muda, transforma-se, projetos de cidade se sobrepõem. A forma como nos relacionamos com ela também. Só o que fica são os afetos.

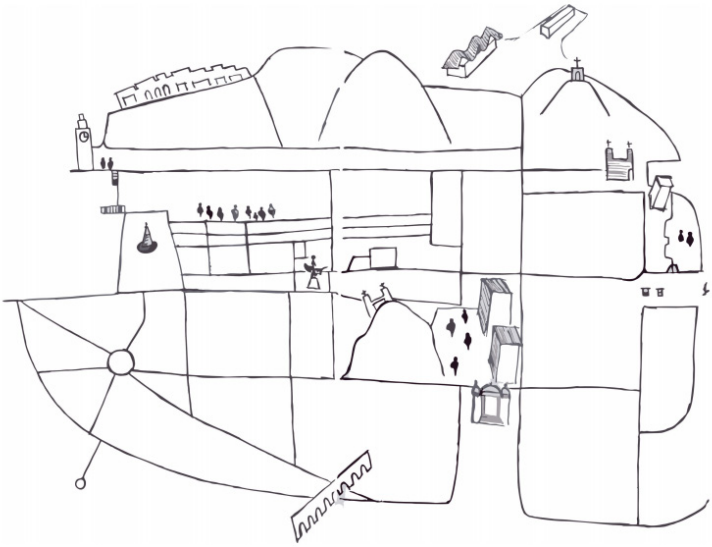


Figura 4. Cartografia Permanências e Impressões no bairro centro na cidade do Rio de Janeiro.
Fonte: Autoras. (2019)

4. BIBLIOGRAFIA

Arendt, H. (2007). A condição humana. Forense Universitaria.

Canevacci, M. (2004). Metrópole comunicacional . Revista USP, 63, 110-125. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i63p110-125

Careri, F. (2013) Walkscapes: O caminhar como prática estética. Gustavo Gili. Tradução: Frederico Bonaldo.

Carvalho, T. & Coelho, C. (2009). O Capital Genético das Redes de Espaços Públicos: mutações e persistências. Em C. Proarq/fau-Ufrj (Org.), Ordem, desordem, ordenamento – urbanismo e paisagem. Rio de Janeiro.

Carvalho, T. & Lamounier, A. (2014) Espaços Públicos, Conectividade e Equidade Espacial na Cidade do Rio de Janeiro. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pósgraduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. Anais do III ENANPARQ. São Paulo.

Evans, J., & Jones, P. (2011). The walking interview: Methodology, mobility and place. Applied Geography (Sevenoaks, England), 31(2), 849–858. https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2010.09.005

Evans, J., & Jones, P. (2011). The Walking Interview: Methodology, Mobility and Place. Applied Geography, 31, 849-858. https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2010.09.005

Ferrara, L. (2007). Leitura sem palavras. Editora Ática.

Harvey, D. (2014). Cidades rebeldes: do direito a cidade à revolução urbana. Martins Fontes.

Moreira, V. M. (2014). Cidade Passo: reflexões sobre uma cartografia movediça. Revista Ciclos, 2(3), 36–50. www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/4997

Marquez R. & Cançado, W. (2011). Atlas ambulante: Walking Atlas. Rona Editora. ISBN978-85-61659-18-9

R50

THE WALKING THROUGH AFFECT IN RAILWAY CONTEXTS: OURINHOS, BOTUCATU AND BAURU/SP.

O CAMINHAR ATRAVÉS DO AFETO EM CONTEXTOS FERROVIÁRIOS: OURINHOS, BOTUCATU E BAURU/SP

Helio Hirao
Professor Doutor
Universidade Estadual Paulista "Julio Mesquita Filho", Unesp, Brasil
helio.hirao@unesp.br

Carolina Silva Tarocchi
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Estadual Paulista "Julio Mesquita Filho", Unesp, Brasil
helio.hirao@unesp.br

Marina Biazotto Frascareli
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Estadual Paulista "Julio Mesquita Filho", Unesp, Brasil
mb.frascareli@unesp.br

ABSTRACT

The railway represented a crucial role in the growth of the São Paulo countryside, significantly influencing urban design and reflecting the ways of working and living at the time. Furthermore, many life stories are linked to the railway route, further strengthening this relationship. However, the railway system has experienced decline and degradation over time, and today, this heritage is often neglected. This study aims to analyze the impact of railways in parallel with the urban life they shaped by mapping invisible practices along the railway tracks in Ourinhos, Botucatu, and Bauru through cartography and walking. Using a methodology of recognition and sensitive analysis of spaces, based on rhizomatic thinking, the study integrates visual and verbal expression to document and narrate the multiple forces present in the city. The result is a constantly updated collective affective cartography.

KEYWORDS: railway heritage. city. walk. cartography. affect

RESUMO

A ferrovia desempenhou um papel crucial no crescimento das cidades do interior de São Paulo, influenciando significativamente o desenho urbano e refletindo os modos de trabalho e moradia da época. A história de vida de muitos habitantes está entrelaçada com o traçado ferroviário e os espaços urbanos ao seu redor. Contudo, o sistema ferroviário passou por um processo de declínio e degradação. Hoje, o patrimônio ferroviário frequentemente é negligenciado, embora esses espaços abandonados acolham práticas e corpos marginalizados, configurando-se como locais de resistência. Este trabalho tem como objetivo mapear, por meio da cartografia e do caminhar, práticas invisibilizadas ao longo dos leitos férreos em Ourinhos, Botucatu e Bauru. Utilizando uma metodologia de reconhecimento e análise sensível dos espaços, fundamentada no pensamento rizomático, integra a expressão visual e verbal para documentar e narrar as múltiplas forças presentes na cidade. O resultado é uma cartografia afetiva coletiva em constante atualização.

PALAVRAS-CHAVE: patrimônio ferroviário. cidade. caminhar. cartografia. afeto

1. INTRODUÇÃO

A ferrovia teve uma influência decisiva no crescimento das cidades do interior de São Paulo, interferindo nos traçados urbanos inaugurais e desencadeando mudanças significativas no desenvolvimento e crescimento das cidades. Além disso, representou um marco histórico relevante, refletindo os modos de trabalho e de moradia da época. A partir da segunda metade do século XX, o sistema ferroviário intensificou seu movimento de declínio, resultando nos processos de estatização das ferrovias e posterior degradação.

Ao abordarem o patrimônio urbano no contexto contemporâneo, Rodrigues e Tourinho (2017) destacam "a cidade como um espaço de fins utilitários, de produção e lucro, no qual as ruas servem para desafogar o tráfego e as áreas de importância histórica são consumidas como mercadorias." Essas observações refletem as condições atuais dos patrimônios ferroviários, que, quando não adaptados para fins produtivos, são frequentemente negligenciados. No caso da negligência, infere-se uma irrelevância atribuída a tais espaços em relação à cidade produtivista. No entanto, esses locais "abandonados" também acolhem práticas e corpos marginalizados pela cidade formal, concebendo um espaço de resistência. Ao se distanciar de perspectivas que definem tais espaços como vazios, denotando uma essência negativa, aproxima-se do conceito de Terrain Vague, abordado por Solà-Morales (2013). Esses espaços são vistos como estranhos, diferentes, afastados da cidade produtiva e expressam liberdade. Nesses locais, o presente ininterrupto da sociedade acelerada do desempenho é transfigurado em um tempo lento.

Referindo-se às metodologias de urbanismo mais convencionais, especialmente no que diz respeito ao planejamento urbano, frequentemente se depara com o predomínio determinante da macroescala. Embora tais estudos sejam relevantes, eles acabam por impor ou se deixar determinar por linhas rígidas de um traçado construído através de um ponto de vista superior e distante. Nessas circunstâncias, a cartografia tradicional se assemelha mais a práticas representacionais do espaço urbano, tornando-se um produto de eixos, zonas e diretrizes. O impasse de tais estudos é que eles acabam por desconsiderar as micro espacialidades, nas quais os territórios existenciais permeiam.

A cartografia que se busca nesta pesquisa inverte a escala de estudo, embasada pela filosofia da diferença (Deleuze; Guattari, 1995), parte-se da microescala para construir, a partir dela, outro tipo de mapa: mapa aberto, impulsionado pelas linhas de movimento. Entrelaçadas e reverberando sobre as linhas rígidas, as linhas de movimento são flexíveis e maleáveis, referidas por Ingold (2020) como linhas de habitação. As linhas de habitação correspondem às linhas do cotidiano e da experiência. Em tal escala os conflitos não são escondidos, defronta-se com o Outro[1], assim como, com suas táticas e resistências. Rolnik (2006) reforça que a

1 O conceito do Outro em Michel Foucault está associado às heterotopias. Uma vez que as utopias são espaços idealizados que não existem na realidade, as heterotopias são lugares reais que abrigam práticas e relações distintas das observadas nos espaços normativos. Veja mais em: Foucault, M. (2001). Outros espaços. Ditos e escritos, 3, 411-422.

micropolítica, firmada na microescala, é compreendida como aquela que apreende o poder em sua dimensão de produção da subjetividade. É nesse campo que se reverberam afecções agentes do afeto, uma dimensão transmutadora do ser a partir do contato com outros corpos (Espinosa, 2009). Portanto, a metodologia proposta neste trabalho visa explorar a cartografia rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) como metodologia de pesquisa. Juntamente, o caminhar sobrevém como procedimento metodológico que adentra o espaço habitado. Reconhecer os afetos como categoria de análise nos estudos urbanos nos permite examinar o conjunto heterogêneo de forças que compõem a cidade.

Portanto, o objetivo do trabalho consiste em mapear práticas invisibilizadas e desviantes presentes ao longo dos leitos férreos das cidades de Ourinhos, Botucatu e Bauru, três cidades brasileiras localizadas no interior do Estado de São Paulo. Os trabalhos de campo desenvolvidos nessas cidades fazem parte de um conjunto de experimentações metodológicas voltadas ao reconhecimento do habitar as margens dos espaços dos entroncamentos ferroviários do Estado de São Paulo, dentro do Projeto de Auxilio Pesquisa Regular FAPESP 2022/15050-2, intitulada “Sistemas de produção do transporte: metodologias multidisciplinares em história do transporte e patrimônio industrial”.

2. METODOLOGIA

Propõe-se como metodologia a cartografia, impulsionada por Deleuze e Guattari (1995), que inferem a assimilação do pensamento e do mundo de forma rizomática. Ao descreverem o rizoma, os autores apontam determinados princípios, sendo eles: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura e cartografia. A cartografia explora o mapa-aberto em contramão ao costume da decalcomania. O decalque é a cópia, como na estrutura arbórea em que o sistema gerado se repete constantemente, é o pré-estabelecido, é representação. Já a cartografia é um mapa que faz ver o retorno como diferença. “O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (Deleuze; Guattari, 1995, p.21).

Tal perspectiva ampara o desenvolvimento de um método do acompanhamento de processos que não segue linhas duras e hierárquicas, mas linhas “que se condensam em estratos mais ou menos duros, mais ou menos segmentados e em constante rearranjo” (Escóssia; Kastrup; Passos; 2009, p. 9). Dessa maneira, a cartografia se afasta de tudo o que é unitário e universal, se concentrando no campo das multiplicidades. Por se tratar de um movimento de pensamento filosófico pós estruturalista buscou desconstruir estruturas e certezas. Reconhece no aspecto minoritário a potência da diferença que evidencia a possibilidade de pensar não somente em termos binários ou, opostos, mas aprofundar a multiplicidade como elementos que são compreendidos a partir de relações recíprocas.

Alguns autores deslocam a cartografia deleuze-guattariana para uma posição metodológica, entre eles estão Virgínia Kastrup, Eduardo Passos, Lilian Escóssia, Paola Berenstein Jacques, Suely Rolnik, entre outros. Esses, apresentam uma pesquisa em um sentido hódos-meta, "[...] consiste em uma aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude" (Kastrup; Passos, 2009, p.10).

Soma-se o caminhar como procedimento metodológico. Ao questionar o caminhar como um simples ato de deslocamento de um ponto ao outro, tem-se o caminhar como um ato criativo, no qual através das experiências urbanas pode auxiliar na leitura das cidades. Para tal, o estudo revisa as práticas da flanâncias (Benjamin, 1989), as deambulações e derivas situacionistas (Debord, 2003, original de 1956), o caminhar por territórios atuais com as transburbâncias (Careri, 2017) até a caminhografia urbana (Rocha; Santos, 2023) como ato de compreender os ambientes, suas múltiplas camadas e suas produções de subjetividade[2]. O caminhar como procedimento infere uma caminhada atenta, apoiada pelo rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento (Kastrup, 2009, p. 40).

O adentramento na cidade pelo caminhar cartográfico irrompe o afeto como um modo de compreensão e aproximação do sujeito com o espaço vivenciado. Essa incorporação extrapola o campo da mera observação tornando o corpo fazedor de mundo, uma relação mútua que registra a cidade no corpo e o corpo na cidade. O afeto pode ser aqui compreendido como um jogo de forças, em suma, trocas que se movimentam entre corpos e cidade, acarretando transformações. Por sua vez, tais transformações estimulam novos fazeres, ações, ideias, criações. Deleuze (2002), em seu estudo sobre Espinosa, vai conceituar afeto como a resposta simultânea dessas trocas na potência de agir, no qual as afecções são as responsáveis por afetar e despertar uma correspondência entre corpos.

Destaca-se que o afeto não se define às correspondências românticas das apreensões. Assim, Spinoza delineia afeto como "(...) as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções" (Espinosa, 2009, p. 93). Por meio do afeto, tem-se a cidade, como multiplicidade, delimitando jogos de forças diversas e, muitas vezes, conflitantes, que não são anulados pelo vivenciar atento e prático. Falar em afetividade é abordar múltiplos atravessamentos, que despertam variadas forças de agir. "Fazer dos afetos categoria de análise dos estudos da cidade é um mergulho na vida subjetiva da cidade, também é debruçar-se sobre um conjunto heterogêneo de forças estruturantes de um jogo político que se dá através dos afetos" (Barbosa; Martins, 2022, p.18)

2 Subjetividade para Gilles Guattari e Suely Rolnik é algo produzido em instâncias individuais, coletivas e institucionais. Ver mais em: ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. Micropolítica: cartografias do desejo. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

3. EXPERIÊNCIA

Os relatos a seguir revelam as experiências vivenciadas por cinco integrantes do grupo de pesquisa "Projeto, Arquitetura e Cidade" do curso de Arquitetura e Urbanismo da FCT-Unesp, formado por um docente homem e cinco discentes mulheres, sendo duas mestrandas e três graduandas do curso de Arquitetura e Urbanismo[3]. Entre os dias 04 e 06 de dezembro de 2023 foi realizada a expedição e a cada dia o grupo caminhava entre os leitos férreos de uma das três cidades. As caminhadas aconteceram durante o período da manhã e da tarde e as discussões e composições de cartografias expressivas durante a noite. A expedição contava com outro grupo de pesquisadores do curso de história da Faculdade de Ciências e Letras, FCLAs-Unesp, que complementarmente efetuaram outros levantamentos no recorte, realizando entrevistas com os moradores.

As cartografias expressivas propõem transmissões das caminhadas e de suas experiências para uma linguagem visual, assim, se diferencia dos convencionais mapas urbanísticos. Durante os três dias, os participantes criaram, de forma coletiva, as composições, enquanto discutiam a prática desenvolvida. O processo começava com o desenho do percurso da caminhada, ao qual eram acrescentadas palavras, especialmente verbos, nos locais em que emergiram durante as andanças. Utilizando materiais de pintura, e por vezes incorporando tinta feita a partir de elementos coletados, como terra e vegetação, as cartografias ganharam vida, diferenciando atmosferas e reverberando sensações, dinâmicas, invisibilidades e memórias do espaço urbano experimentado. Por fim, os materiais coletados durante as caminhadas também passavam a integrar as próprias cartografias. Ao final, o resultado cria uma tentativa de mapa aberto, como aquele que: " [...] não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói" (Deleuze; Guattari, 1995, p.21).

3.1 Ourinhos

04 de dezembro de 2023, segunda-feira. Saindo do hotel onde estávamos hospedados, começamos nossa caminhada por volta das dez horas. A localização era próxima à linha férrea. A manhã estava ensolarada e quente, com algumas nuvens pontuais no céu. Pare. Olhe. Escute. A placa anuncia os trilhos, um novo tipo de atenção é aclamado. Enquanto o grupo seguia paralelamente aos muros da linha, uma integrante permaneceu no cruzamento, ergueu-se nas pontas dos pés para espiar dentro de uma pequena guarita. Surpresa. Lá, encontrava-se um funcionário municipal responsável pela passagem, ele estava sentado em uma cadeira diagonalmente posicionada para observar tanto a rua quanto um pequeno televisor do outro lado do espaço (Fotografia 1). Durante uma breve conversa, o funcionário mencionou a raridade da passagem de trens, mas confirmou que ainda ocorria. Continuação. O grupo se completou novamente em uma pequena escadaria que levava a uma passagem de pedestres sobre os trilhos. Neste momento, os estudantes de história se dispersaram pelos bairros paralelos, enquanto nós continuávamos

3 Os autores do artigo estão entre os participantes envolvidos.

nossa jornada ao longo da linha férrea. Em todo percurso borboletas e abelhas sobrevoam pelas vegetações rasteiras, apreende-se um paisagismo formado entre um jogo de cuidados e acasos. Plantas baldias entoam a beleza do imprevisto: capim amargoso, tiririca, perpétua brava, camará, picão vermelho, preto, amarelo, branco (Fotografia 2). Anda, para. Anda, para. Um alambrado nos acompanha, ainda que tenha esse limite físico nós enxergávamos o outro lado (Fotografia 3). Fluxos. Carros. Pessoas. Ciclistas. Motociclistas. Carroceiros. Uma mulher, encostada na fachada de uma casa, composta por um muro adornado com caquinhos predominantemente azuis, estava sendo entrevistada (Fotografia 4). Em frente a casa tinha um jardim nos trilhos. Aconchego. Pneus decorados adornando as vegetações. Restos de tecido escoram as árvores. Verde. Rosa. Amarelo. As plantas eram capazes de expressar a vivacidade que os habitantes atribuíram para a própria cidade. A mulher fez a travessia e nos contou com admiração que o marido que fez o jardim. O grupo se dispersou. A cada guarita uma surpresa. Outro senhor, também cuidador da guarita, ao nos ver em dupla nos chamou para conversar. O homem pediu para ler os cadernos de bordo e nos dar um autógrafo (Fotografia 5). Nos agrupamos na praça em frente a estação, um cenário montado com casas ferroviárias reformadas. Do outro lado da rua embaixo das marquises haviam pessoas dormindo. Garoa. Após o almoço na plataforma da ferrovia entramos em um trem estacionado. O ferrugem e o grafite revelavam o tempo sobreposto. Descobrimos uma forma que se repetiu durante o percurso. O grafite de uma fechadura. Adentramos nos trilhos. Uma subestação. Na brecha da porta enferrujada, enxergamos o dizer: -"mais um entre milhões" com uma seta apontada para baixo. Transbordamentos. Sons de obras. Os trilhos se desmembraram para várias direções. Os gestos corporais são interessantes nos trilhos, vencemos topografias, pulamos dormentes, nos equilibramos sobre pontes improvisadas. Nos perdemos. Encontramos um transeunte, um homem, que interagiu com o grupo. Sol. O grupo decidiu achar uma saída. O mato alto não ajudou. Ouvimos carros, seguimos o som. Um buraco no alambrado nos permitiu pular para a calçada. Atenção. Cada caminhante atravessa de uma forma (Fotografia 6). Vamos embora dos trilhos. A experiência continua reverberando.

Imagem 1: Fotografias retiradas pela linha férrea de Ourinhos
Fonte: Autores (2024)

Imagem 2: Cartografia coletiva elaborada após a experiência.
Fonte: Autores (2024)

3.2 Botucatu

05 de dezembro de 2023, terça-feira. Partimos em corpos preguiçosos de Ourinhos para Botucatu. Chegando lá, a topografia somada ao calor não nos permitiu sair caminhando do hotel para a linha férrea a pé. Fomos de veículo até o prédio da estação ferroviária. Saímos às 9h:40 min. Chegada. A arquitetura da estação impressiona, o prédio está ocupado pela Secretaria Municipal da Cultura. Nos trilhos um vagão recortado parece fazer parte da paisagem, uma árvore cresce entre os ferros retorcidos (Fotografia 7). Plataforma. Solitária. Calmaria. Pequena ruína que revelava a perenidade do tempo, na qual as fissuras da telha de fibrocimento abria espaço para a vegetação adentrar (Fotografia 8). As rachaduras nas paredes e nas portas criam feches de luz que ocupam a construção. Apesar de andarmos em grupo, as atenções eram individuais. Uma voz soava de uma janela cantando: -"a beleza que não é só minha que também passa sozinha". Tom. Uma bifurcação reuniu o grupo para discutir qual caminho tomaríamos, o alambrado delimitando os trilhos nos condicionou a seguir o percurso do trem. Vagões, inscrições, cortinas, colchões, anunciavam rastros. Habitar. A linha nos encaminhou às casas ferroviárias. Casa 85, uma sobreposição de materialidades temporais distintas. Intervenções, Acréscimos, Plantações. (Fotografia 9). Atravessamos por um dormente. Assim como nós, presenciamos um homem de moto com uma criança vencendo a topografia. Eles somem em meio a vegetação e a distância. Uma enorme ruína é revelada. Numa perspectiva recuada enxergamos grandes oficinas. Os primeiros galpões foram reformados para abrigar a Secretaria Municipal de Educação, os demais continuam no estado gradual de mudanças. Concreto gelado. Os arbustos ocupam brechas. Não há como impedir a natureza de se manifestar (Fotografia 11). A umidade refrescava levemente a sensação constante de calor. Vencemos os diversos medos (dos lagartos; das pessoas; das cobras; do desconhecido) e avançamos. O tempo era outro. Os movimentos eram silenciosos. Nas plataformas, a vegetação tomou conta da parte inferior de maneira selvagem, enquanto as manifestações de plantas na parte superior foram mais sutis e discretas. Água escoa em fios gélidos, pingos atingem as poças no chão e entoam um som ritmado. Longe do controle, vestígios. Pessoas que não vemos, mas que estavam ali. Frases. Escritos. Símbolos. Meios troncos em meia lua. Roupas. Portais. Trilhas (Fotografia 12). Na volta para a estação, a topografia elevada evidenciava os trilhos vistos do alto. Muros impedem a possibilidade de interação com a ferrovia. Quebras. Respiro. Surgem aberturas que nos permitem olhar a paisagem.

Imagem 3: Fotografias retiradas pela linha férrea de Botucatu
Fonte: Autores (2024)

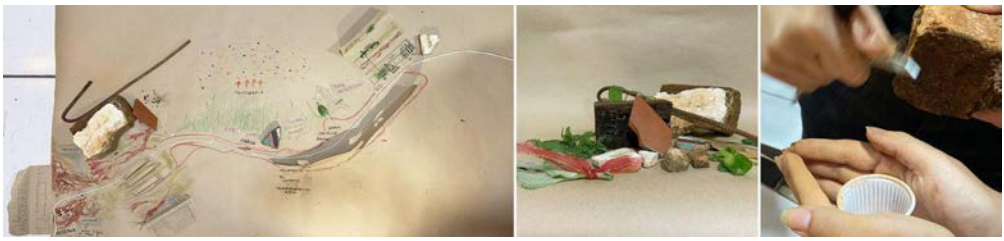


Imagem 4: Cartografia coletiva elaborada após a experiência.
Fonte: Autores (2024)

3.3 Bauru

06 de dezembro de 2023, quarta-feira. Na fachada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, pixos compunham a edificação retilínea da Art Deco, estilo distinto em comparação com as duas outras estações anteriores. Não permitimos que o medo coletivo impedisse nossa caminhada dentro dos trilhos. Ao todo três viadutos interseccionam os trilhos. Acima, a vida produtiva que o modernismo tanto pregou acontecendo. O mato e o sol intenso condicionaram o caminhar do grupo em linha (Fotografia 13), o forte cheiro de animal morto somava-se com a presença de urubus sobrevoando o local. Em um primeiro olhar desatento tudo levaria a crer que o lugar por onde andávamos estava abandonado. As mensagens grafadas nos limites do caminho não passaram despercebidas: -"há sangue nos umbrais da porta". Um homem cruzou nosso caminho. Vimos antigas oficinas que funcionavam ali, homens trabalhavam em sua reforma (ou demolição). A troca de passos revelava a transição dos tipos de habitação à margem dos trilhos. Das de madeira até as de alvenaria. Quando vimos as casas da Companhia Paulista percebemos que onde havia pessoas morando havia cuidado. O lugar passou uma sensação de paz. Enquanto caminhamos na rua das casas, composta por terra e margeada por plantas cultivadas pelos moradores, avistamos um senhor cuidando do jardim que, informalmente, separava os trilhos da rua. Habitar. Lá demoramos, conversamos com o senhor e sua esposa, alguns integrantes sentaram no banco em frente a casa (Fotografia 14). Descanso. As posturas diferem entre os integrantes: ver, escutar ou

intervir. Havia no compartilhamento de memórias um jogo de atravessamentos de afecções. Atualização. Transformação. Novo. Uma volta no quarteirão nos permitiu coletar vestígios da feira do rolo que acontece na região aos domingos (Fotografia 15). Prosseguimos. Embaixo do viaduto, próximo de onde iniciamos a caminhada, encontramos vestígios de uma festa. Pegamos parte de um lambe (Fotografia 16). Carregamos terra, parte da rua, moldura, dizeres, jornal, lambe-lambe. No muro de uma habitação debaixo do viaduto, um buraco estava vedado com um jornal com o seguinte versículo: -"e edificarei uma casa firme" (Fotografia 17). Findamos a manhã. A parte mais difícil de um projeto é saber lidar exatamente com o que não estava previsto. Cansaço. No período da tarde nada foi narrado no caderno de bordo. As mãos estavam ocupadas por sombrinhas, o sol estava cada vez mais intenso. Ao final do nosso trajeto, fomos até a antiga estação da Sorocabana de Bauru (Fotografia 18). Habitações. Descida. Angústia. Afirmação. Luta. Resistência. Afirma-se: o abandono é apenas um vazio pelos olhos daqueles que desejam o abandono.

Imagem 5: Fotografias retiradas pela linha férrea de Bauru
Fonte: Autores (2024)

Imagem 6: Cartografia coletiva elaborada após a experiência.
Fonte: Autores (2024)

4. DISCUSSÃO

À medida que se inverte a escala dos estudos urbanos, não apenas se constrói um mapeamento a partir da microescola, mas também reconhece as linhas cotidianas da experiência e das relações que se estabelecem ao longo do percurso. Ao adentrar na cidade através do caminhar cartográfico, os afetos são considerados modos de compreensão e aproximação das dinâmicas em movimento, transcendendo uma mera observação para transformar o corpo como fazedor de mundo, em uma relação mútua que registra a cidade no corpo e o corpo na cidade.

Levam-se em consideração aspectos que ultrapassam a materialidade e a concretude dos espaços construídos, acolhe a experiência dos sentidos e das subjetividades. Essa dinâmica produz novos signos na cidade, que podem ser interpretados como novas apreensões para os estudos urbanos. Acredita-se que a prática do caminhar e do cartografar possibilita um encontro com as afetividades, que mobilizam pensamentos e maneiras de enxergar os lugares anteriormente vistos como obsoletos na cidade.

As cartografias transpostas em linguagens visuais, produzidas posteriormente as experiências, são construções transitórias, acompanhando o fluxo dinâmico da vida em transformação, que nunca é estática. No caso da primeira expressão, realizada em Ourinhos, exploraram-se as sensações coletivas, destacando-se pelas ambiências pintadas em lápis de cor. As cores do jardim, cuidadosamente mantido pelos moradores, ficaram evidentes nas coletas dispostas ao longo do percurso desenhado no papel kraft. Em Botucatu, a umidade presente nos espaços em ruínas foi ressignificada em tinta, combinada com o material coletado em campo, o qual foi raspado para obter a matéria. Ambos foram utilizados nas expressões visuais que representavam as sensações vivenciadas. Na última expedição, em Bauru, a linguagem visual foi enriquecida por uma colagem linguística de recortes de um jornal coletado durante o trajeto, além do uso de palavras sobrepostas no percurso, refletindo os adjetivos, os verbos e os acontecimentos da experiência. Em todas as expressões visuais, foram propostas transposições de materiais coletados durante cada experiência, facilitando a compreensão das texturas do espaço.

O trabalho possibilitou um reconhecimento criativo e efêmero, que precisa ser constantemente atualizado. Durante esse processo, nas idas e vindas, nós nos constituímos e constituímos um saber sobre a cidade. Um saber aberto e dinâmico, sem esgotar as possibilidades de mudança ou se tornar uma verdade absoluta.

5. AGRADECIMENTOS

Este processo desenvolvido faz parte das expedições técnico-científicas realizadas pela Pesquisa Regular Processo FAPESP no. 2022/15050-2 – "Sistemas de produção do transporte: metodologias multidisciplinares em história do transporte e patrimônio industrial". Agradecimento à CAPES pelo financiamento da pesquisa de mestrado. Agradecimento ao Programa Formação Didático-Pedagógica para Cursos de Modalidade a Distância da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), realizado em parceria com a Universidade Estadual Paulista (UNESP). Esse programa concede apoio necessário para a pesquisa, na qualidade de bolsista facilitadora.

6. BIBLIOGRAFIA

Benjamin, W. (2017). Paris do Segundo Império. In: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas (Vol. 3). Brasiliense.

Debord, G. (2003). Teoria da deriva. Original de 1956, publicado na revista Les Lèvres Nues e republicado na IS 2 em 1958. Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Deleuze, G. (2002). Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta _.[1985] 2010. Os intercessores. Conversações. São Paulo: Editora, 34Foucault, M. (2001). Outros espaços. Ditos e escritos, 3, 411-422.

Deleuze, G. (2012). Mil platôs-vol. 5 (Vol. 5). Editora 34.

Kastrup, V., & Passos, E. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. Fractal: Revista de Psicologia, 25, 263-280.

Rocha, E., & Santos, T. D. (2023). Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arquitextos, 24.Spinoza, B. (2009). Ética. Editora Autêntica.

Rodrigues, M., & Tourinho, A. D. O. (2017). Patrimônio, espaço urbano e qualidade de vida: uma antiga busca. Oculum Ensaios, 14(2), 249-266.

Rolnik, S., & Guattari, F. (2006). Micropolítica: cartografias do desejo. Buenos Aires: Tinta Limón.

R50

PERIPHERAL CARTOGRAPHY: BODIES, SPACES AND AFFECTIONS

CARTOGRAFIA PERIFÉRICA: CORPOS, ESPAÇOS E AFETOS

Anna Carolina Alvarado Madureira
Mestranda em Design
PPDESDI-UERJ
amadureira@esdi.uerj.br

Gabriel Schvarsberg
Doutor em Planejamento Urbano e Regional
PPDESDI-UERJ
gabrielsberg@esdi.uerj.br

ABSTRACT

The article analyzes the complex social, cultural, and spatial dynamics of urban peripheries, integrating affection theory, cartography, and regional narratives focusing on the peripheries of Rio de Janeiro. It highlights how affections influence social interactions in these communities, emphasizing cultural practices. In a context of increasing urbanization, peripheral cartography does not limit itself by marking physical spaces, but it also investigates the symbolic territories of the peripheries, revealing their complexities and potentialities. This methodological approach, not only maps, but also interprets subjective experiences and collective and underground memories, offering a critical view of peripheral realities fostering new perspectives for urban planning.

KEYWORDS: Peripheral Cartography. Affections. Subterranean Memories. Collective Memory. Regional Narratives

RESUMO

Ao integrar a teoria dos afetos, a cartografia e as narrativas regionais, o artigo examina as intrincadas dinâmicas sociais, culturais e espaciais das periferias urbanas do Rio de Janeiro. Destaca-se como os afetos influem nas interações sociais nessas comunidades, com ênfase nas práticas culturais. A cartografia periférica, em um contexto de urbanização em expansão, não se limita à demarcação de espaços físicos, ela explora também os territórios simbólicos das periferias, revelando suas complexidades e possibilidades. Essa metodologia não apenas mapeia, mas também interpreta as experiências individuais e as memórias coletivas e subterrâneas, fornecendo uma visão crítica das realidades periféricas e fomentando novas perspectivas para o planejamento urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia Periférica. Afetos. Memórias Subterrâneas. Memória Coletiva. Narrativas Regionais.

INTRODUÇÃO

Na periferia das grandes cidades, onde a vida pulsa em toda sua complexidade, os espaços públicos e os corpos que os ocupam entram em um processo constante de transformação mútua, mediados pelos afetos. Aqui, afetos não se restringem à afetividade ou ao amor, mas se tornam uma categoria fundamental, delineando como somos moldados e como moldamos o ambiente ao nosso redor que nos ecoa de volta.

Alicerçado nos preceitos de Passos e Barros (2009) da cartografia como método de pesquisa-intervenção e produção da subjetividade, e na releitura da teoria dos afetos de Espinosa a partir Deleuze e Guattari (1997), na qual corpos se fazem a partir de afetos, o trabalho procura explorar nuances dessa dinâmica como forma de pesquisa urbana através das experiências periféricas na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Os afetos alegres, presentes em manifestações culturais como o samba e o carnaval, têm o poder de potencializar os corpos, criando ambientes de celebração e resistência. São nesses espaços que a energia transformadora pulsa, fortalecendo laços e as identidades locais. Por outro lado, os afetos tristes se fazem presentes nas realidades periféricas, como na exploração da mão de obra, no tempo gasto em transporte público com uma mobilidade urbana precária e na invisibilidade imposta pelo urbanismo excludente. Esses afetos não apenas despotencializam os corpos, minando sua vitalidade, mas também perpetuam segregações sociais e espaciais.

Fábio Daniel Rios (2013) retoma o conceito de memórias subterrâneas, delineado por Pollak (1992), explorando as memórias dos grupos marginalizados e pobres. De acordo com o autor, “Por serem reprimidas, elas tendem a assumir um aspecto traumático, mas ao mesmo tempo é isso o que explica sua força” (Rios, 2013, p.12). O autor propõe que as memórias individuais e coletivas muitas vezes não são visíveis à primeira vista, ao contrário, estão submersas sob a superfície aparente dos eventos históricos e das narrativas dominantes. Sendo assim, mostra-se fundamental criar uma reflexão crítica acerca da formação das dinâmicas sociais e culturais nas periferias urbanas que busque cartografar suas formas de visibilidade e invisibilidade nas tensões com a cartografia dominante.

A cartografia periférica, então, surge como um método não apenas de revelação, mas também de cocriação de novas visibilidades dessas dinâmicas sociais e culturais. Ao explorar o inconsciente coletivo das práticas cotidianas, ela busca compreender as narrativas submersas e atua como uma ferramenta de denúncia, expondo as complexidades do poder e da injustiça no espaço urbano.

Experimentar esse lugar é se permitir ser afetado, é mapear os afetos que permeiam os territórios periféricos e suas interações complexas. Com inspiração nos estudos de Suely Rolnik (2006), buscamos pensar com o corpo vibrátil na tentativa de

compreender a tessitura dos afetos que atravessam e transformam os corpos e espaços. Neste contexto, a cartografia se revela um ato político, trazendo à tona questões que vão do macro ao micro da cidade, da política urbana e das práticas territoriais. Este artigo propõe uma análise dessas dinâmicas, através da lente metodológica para explorar como corpos, espaços e afetos se entrelaçam na construção de identidades e territórios.

Ao lançar um olhar para o livro "O Corpo Encantado das Ruas", de Luiz Antônio Simas (2015), somos lembrados da importância de ocupar as ruas com corpos de festa e de luta. A rua é um lugar privilegiado onde afetos se materializam, onde os corpos se encontram e se transformam, reivindicando seu direito à cidade. Dialogando com a reflexão de Fábio Daniel Rios sobre memórias coletivas, este estudo não apenas ilumina as narrativas submersas das periferias, mas também contribui para uma compreensão mais ampla das formas de resistência e celebração que caracterizam esses espaços urbanos. Assim, a cartografia periférica nos convida a mergulhar nas intrincadas relações entre corpos, espaços e afetos, revelando as potencialidades e as injustiças que marcam a vida nas margens da metrópole contemporânea.

Este artigo propõe uma revisão bibliográfica baseada nos autores apresentados nas disciplinas "Design e Cidade", do Prof. Dr. Gabriel Schvarsberg, e "História, Design e Cultura Material" da Profa. Dra. Helena de Barros, do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (PPDESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no primeiro semestre de 2024, integrando esses conhecimentos à minha pesquisa de mestrado em desenvolvimento, a fim de compreender como as teorias discutidas podem contribuir para uma análise mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e espaciais nas periferias urbanas, especialmente sob a lente da cartografia periférica.

2. AFETOS E CORPOS NAS PERIFERIAS URBANAS

Ao examinar as dinâmicas sociais e culturais nas periferias urbanas pode ser enriquecedor considerar a teoria dos afetos, reinterpretada por Deleuze e Guattari (1997). Essa teoria considera os afetos como forças que influenciam as interações sociais e a construção dos corpos e espaços urbanos, indo além das emoções individuais. Eles são as maneiras pelas quais os corpos são afetados por outros corpos e pelo ambiente ao seu redor. Essa abordagem nos lembra que os afetos não são somente experiências internas, mas também processos ativos de transformação e relação com o mundo.

Em "Mil Platôs", Deleuze e Guattari ampliam essa ideia relacionando-a com práticas sociais e políticas. Eles argumentam que os afetos também contribuem para a formação de coletividades e a criação de subjetividades. Isso significa que os afetos não afetam apenas as experiências pessoais, mas também as dinâmicas sociais, culturais e políticas.

As periferias urbanas emergem como espaços onde essas dinâmicas se manifestam de maneira intensa, desafiando as narrativas dominantes e reivindicando uma visibilidade própria. Como sugerido por Ananya Roy (2011) em sua leitura crítica do chamado "urbanismo subalterno", a periferia passa a ser um ativo de disputa, e o subalterno um sujeito de mudança, logo, um corpo político.

Nesse contexto, a periferia vai além do espaço marginalizado, ele também é lugar de moradia, autogestão e política. A periferia, muitas vezes inserida em narrativas distópicas, deve ser reconhecida pela capacidade de resistência, como um espaço de produção de conhecimento e de novas subjetividades políticas. Roy também destaca a importância de considerar essas práticas subalternas como formas legítimas de ação política, que desestabilizam as fronteiras entre o formal e o informal. Ao fazer isso, ela propõe uma reconfiguração das categorias analíticas dos estudos urbanos, sugerindo que o corpo político das periferias tem o potencial de transformar não só os espaços físicos, mas também as estruturas sociais e econômicas da cidade. Assim, a periferia se torna não só um símbolo de subdesenvolvimento, mas também de potencial transformador, questionando as categorias epistemológicas e metodológicas tradicionais dos estudos urbanos.

Ao explorarmos essas zonas periféricas, a teoria dos afetos nos oferece, assim, uma lente para entender as dinâmicas das experiências cotidianas nessas comunidades. Os afetos nessas periferias também são mais do que emoções, são forças que moldam realidades, fortalecem identidades e atualizam constantemente os modos de viver ou sobreviver. Os afetos tristes são evidentes nas condições precárias de vida, na falta de infraestrutura adequada e na violência que permeia essas comunidades. Esses afetos, muitas vezes invisíveis aos olhos da cidade dominante, limitam as oportunidades na vida dessas pessoas, e também perpetuam ciclos de exclusão social.

Por outro lado, eventos culturais, como as rodas de samba e batalhas de rap, expressam afetos alegres. Essas celebrações não apenas comemoram, mas também fortalecem laços comunitários e afirmam identidades locais. Esses movimentos culturais de resistência reivindicam e ocupam espaços urbanos historicamente marginalizados, além de funcionar como uma forma de escape das múltiplas formas de opressão cotidiana que atuam sobre essa população, e cujos afetos tendem a drenar sua energia. Assim, através da construção cultural desses momentos de encontro e festejo dos corpos, os afetos tristes se convertem, através da poesia, da música, da dança e das narrativas contadas por estas variadas expressões corporais e linguísticas, em afetos alegres, afetos de resistência, luta, solidariedade e orgulho.

A teoria dos afetos torna-se também um componente metodológico fundamental para o entendimento da cartografia periférica como uma ferramenta de pesquisa-intervenção. Ao mapear não apenas os espaços físicos, mas também os afetos e as narrativas submersas das periferias, este modo de cartografar não se limita a representar uma suposta realidade dada, mas também agir em meio a ela, cocriando

novas possibilidades e compreensões dessa realidade. Isso requer uma abordagem metodológica que não se limita à observação externa, mas que se envolve ativamente com as comunidades periféricas na construção de seus mapas existenciais.

Assim, a teoria dos afetos ajuda a analisar as dinâmicas sociais nas periferias urbanas e orienta as práticas de pesquisa que buscam compreender esses espaços marginalizados como locais de celebração e resistência.

3. MEMÓRIA E PRÁTICAS CULTURAIS NA PERIFERIA

Renato Ortiz (1994) nos lembra que o Estado transcende e integra os elementos concretos da realidade social. Ele delimita o quadro de construção da identidade nacional, que é uma construção de segunda ordem estruturada no jogo da interação entre o nacional e o popular. A identidade nacional e a memória nacional são construções políticas que servem aos interesses dos grupos sociais dominantes. Nesse sentido, há um tensionamento com as expressões culturais periféricas, que desafiam as narrativas predominantes promovidas pelo Estado.
De acordo com o autor, a memória coletiva, compartilhada por grupos sociais restritos, é uma expressão viva da tradição que se manifesta ritualmente no cotidiano desses grupos. Por outro lado, a memória nacional transcende os sujeitos individuais e não é vivenciada imediatamente no cotidiano. Ela está ligada à história e pertence ao domínio da ideologia.

Fábio Daniel Rios (2013) retoma o conceito de memórias subterrâneas como uma forma de buscar reverberar vozes, experiências e memórias dos grupos marginalizados que são frequentemente omitidas ou silenciadas na história considerada oficial. Essas memórias subterrâneas, embora muitas vezes invisíveis, emergem como uma resistência à homogeneização da identidade nacional imposta pelo Estado, revelando, por um lado, suas contradições, e por outro, as complexidades e potências das identidades periféricas.

As memórias subterrâneas, conforme descritas por Fábio Daniel Rios, sobrevivem por vias informais, carregando uma tonalidade afetiva mais acentuada, "Por se encontrarem à margem, essas memórias não têm como se conservar e se propagar através dos meios oficiais de expressão. Ainda assim, elas sobrevivem, como forma de resistência política e cultural". Percebe-se que a oralidade desempenha um papel fundamental, tornando as entrevistas um método para acessar e compreender essas experiências enraizadas na cultura e na história local das periferias urbanas, conforme nos apresenta as análises de Anna Calvera (2008).

A autora aborda a construção das narrativas regionais como um processo complexo de representação e reivindicação das identidades locais dentro do contexto nacional. Ela argumenta que as narrativas regionais são essenciais para capturar as particularidades culturais e sociais de diferentes regiões, oferecendo uma visão mais

completa e diversificada da identidade nacional. Isso se contrapõe à homogeneização promovida pela narrativa considerada oficial, que muitas vezes marginaliza ou diminui as experiências e memórias periféricas. Ao integrar Calvera nesta discussão, podemos explorar como as narrativas locais ampliam e enriquecem a compreensão das dinâmicas culturais nas comunidades periféricas, oferecendo novas perspectivas para pensar as relações entre memória e resistência cultural.

Enquanto Ortiz (1994) discute como o Estado utiliza práticas culturais populares para construir uma narrativa coesa da identidade nacional, Calvera amplia essa perspectiva ao enfatizar a importância das narrativas regionais como formas de resistência e afirmação identitária. Ela sugere que as narrativas regionais não apenas diversificam o entendimento da identidade nacional, mas também desafiam as narrativas dominantes ao revelar as complexidades e contradições das identidades locais.

Uma cartografia periférica, orientada pelos afetos e pelos corpos, estará atenta, portanto, às tensões entre as instâncias produtoras das narrativas de memórias, considerando como os corpos periféricos, ao construírem seus territórios e identidades, reconfiguram, atualizam ou subvertem o que se difunde como cultura nacional ou popular, jogando com suas potências inventivas na disputa com agentes mais poderosos por recursos, reconhecimentos, políticas públicas ou espaços.

4. CARTOGRAFIA PERIFÉRICA: MÉTODOS E ABORDAGENS

Conforme debatido no tópico anterior, Calvera (2008) amplia o entendimento sobre identidades e práticas culturais ao investigar as histórias locais e sua transmissão através das narrativas regionais. A partir dessa análise, a cartografia periférica, ao mapear não apenas o espaço físico, mas também os territórios afetivos e simbólicos, oferece uma leitura mais completa das periferias urbanas. Integrar as narrativas regionais de Anna Calvera nesse processo proporciona uma compreensão mais profunda sobre como as histórias locais e as memórias coletivas influenciam a construção da identidade e da resistência cultural nas periferias.

Além disso, ao utilizar métodos de cartografia participativa, é possível envolver os próprios moradores das periferias na criação de mapas que refletem suas experiências e percepções. Essa abordagem colaborativa valida as vivências individuais e desafia as narrativas hegemônicas que frequentemente marginalizam ou invisibilizam essas comunidades.

A inclusão de vozes periféricas na construção de mapas permite expressar subjetividades e histórias locais que são frequentemente esquecidas nas representações dominantes. Dialogando com os preceitos do planejamento insurgente propostos por Faranak Miraftab (2016), assim como as práticas de planejamento, as cartografias periféricas podem contribuir para descolonizar a imaginação e

disputar as possibilidades para o futuro ao valorizar as práticas e os praticantes dos espaços como efetivos construtores das cidades e de outras configurações territoriais além dos modelos hegemônicos que encolhem a imaginação e bloqueiam as transformações sociais.

A cartografia periférica, portanto, vai além da simples demarcação geográfica, incorporando elementos como relações sociais, sentimentos de pertencimento e lutas sociais. Em diálogo com Ana Clara Torres Ribeiro et al. (2002), aqui apresentamos uma "cartografia da ação", revelando contextos e reconhecendo atos. Ao considerar a diversidade cultural e as interações entre diferentes grupos étnicos e sociais, a cartografia periférica busca "a valorização imaginativa dos lugares vividos, onde a vida escorre ou ganha força reflexiva e transformadora". Ela nos lembra que as cidades são formadas por uma multiplicidade de histórias e experiências, e que mapear essas diversidades é fundamental para a ampliação do debate democrático sobre uma cidade mais justa, plural e inclusiva.

A cartografia periférica se estabelece, assim, como uma ferramenta poderosa de pesquisa-ação social, contribuindo para que as vozes periféricas sejam ouvidas e seus territórios reconhecidos em sua riqueza e singularidade, para além dos estereótipos negativos da violência e da carência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve revisão bibliográfica procurou desenhar uma abordagem teórico-metodológica para uma compreensão das dinâmicas sociais, culturais e espaciais das periferias através de uma lente que combina cartografia periférica, teoria dos afetos e narrativas regionais. Essas abordagens não apenas denunciam, mas também questionam as narrativas dominantes que historicamente negligenciam as experiências dessas comunidades.

Além de contribuir para o entendimento das dinâmicas urbanas nas periferias, este estudo enfatiza a importância de práticas metodológicas que valorizam a diversidade cultural e promovem a justiça social. A cartografia periférica, ao mapear afetos, corpos e espaços, oferece, assim, uma visão crítica e reflexiva das realidades periféricas, incentivando novas abordagens para o planejamento urbano. Como nos lembra Rolnik (1989), o cartógrafo deve estar atento aos afetos e experimentações sociais, sensível às nuances da formação dos territórios existenciais no campo dos desejos para buscar encontrar formas de linguagem onde tais afetos possam criar novos mapas, espaços e lugares.

Essas reflexões reforçam o papel essencial do cartógrafo e suas práticas de pesquisa e exploração do espaço, engajando-se com as comunidades periféricas como agentes ativos na construção de suas próprias histórias e na transformação das cidades contemporâneas.

6. BIBLIOGRAFIA

Calvera, A. (2005). Local, Regional, National, Global and Feedback: Several Issues to Be Faced with Constructing Regional Narratives. Journal of Design History, 18(4), 371-381. https://doi.org/10.1093/jdh/epi054

Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). Mil Platôs. Editora 34.

Miraftab, F. (2016). Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (Online), 18(3), 363-377. https://doi.org/10.4000/cadernos.8399

Ortiz, R. (1994). A moderna tradição brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural. Brasiliense.

Passos, E. & Barros, RB (2015). Pista 1: A Cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção. Em E. Passos, V. Kastrup & L. Escóssia (Eds.), Pistas Do Método Da Cartografia: Pesquisa, Intervenção E Produção De Subjetividade (pp. 17-31). Sulina.

Ribeiro, ACT, et al. (2001-2002). Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. Cadernos IPPUR, XV (2), Ago-Dez 2001/ XVI (1), Jan-Jul 2002.

Rios, FD (2013). Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. Revista Intratextos, 5(1), 1-22.

Rolnik, S. (2006). Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. Trechos de: Cartografia Sentimental, Transformações Contemporâneas do Desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade.

Roy, A. (2011). Slumdog cities: Rethinking subaltern urbanism. International Journal of Urban and Regional Research, 35(2), 223-238. https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.2011.01037.x

Simas, L. A. (2015). O Corpo Encantado das Ruas. Editora José Olympio.

R50

WORKSHOP "CIO DA TERRA - EXPLORING THE COLORS OF THE "SERTÃO": AN EXPERIENCE REPORT"

OFICINA "CIO DA TERRA - EXPLORANDO AS CORES DO SERTÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA"

Paulo Trajano dos Santos Neto
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
trajanosantosn@gmail.com

Emmanuel Simões de Oliveira
Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
emmanuel.simoes@ufpe.br

Manuela Lima da Silva
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
mnllmds@gmail.com

ABSTRACT

Natural environments bring fundamental benefits to the process of city building, exemplified by the characterization of place, identity, social relations, temperature, and consumption directly associated with mental health and well-being (Beatley, 2011). In this context, a methodological proposal was conceived to discuss the landscape in relation to the individual through concepts from the psychology of colors. This proposal was approved in the Extension Project “UFPE no Meu Quintal” in 2023, linked to the Federal University of Pernambuco. Its application took place in the “Sertão de Ibimirim-PE”, in the format of a workshop that relates elements of the participants’ routines with their affective experiences, influencing the way they perceive and appropriate the inhabited space.

KEYWORDS: Ambience. Belonging. Color psychology. Landscape. Preservation.

RESUMO

Os meios naturais trazem benefícios fundamentais no processo de construção da cidade, exemplifica-se, pois, a caracterização do lugar, identidade, relações sociais, temperatura e consumo associados diretamente à saúde mental e bem estar (Beatley, 2011). Nesse sentido, foi pensada numa proposta metodológica a fim de discutir a paisagem em relação ao indivíduo através de conceitos da psicologia das cores. Essa proposta foi aprovada no Projeto de Extensão “UFPE no Meu Quintal” em 2023, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco. Sua aplicação aconteceu no Sertão de Ibimirim-PE, no formato de oficina que relacionou elementos das rotinas dos participantes com suas experiências afetivas, influenciando a forma de perceber e se apropriar do espaço habitado.

PALAVRAS-CHAVE: diretrizes. submissão. artigo. Ambiências. Paisagem. Pertencimento. Psicologia das Cores.

1. INTRODUÇÃO

O sentido deste trabalho é descrever um relato de experiência sobre uma oficina aplicada no projeto de extensão *UFPE NO MEU QUINTAL*[1], por alunos da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, cujo objetivo da oficina era explorar a relação da natureza sob a ótica da psicologia das cores, a fim de observar as ambiências envolvidas. As intervenções ocorreram na cidade de Ibimirim, no Sertão Pernambucano, em maio de 2023.

---

1 O UFPE No meu Quintal é um projeto de extensão de referência da Universidade Federal de Pernambuco, ao qual promove uma imersão de estudantes da graduação em municípios do sertão pernambucano. Seu principal objetivo é mesclar o conhecimento obtido na academia com o conhecimento popular e disseminar para a população através de oficinas, palestras e capacitações. O projeto conta com 80 vagas aprovadas mediante um processo seletivo para discentes da graduação de todos os campi da UFPE. A operação de inverno a qual este artigo se destina, ocorreu de 21 a 28 de maio no município de Ibimirim-PE.

O município se desenvolveu com base em suas características geográficas e atividades econômicas, destacando-se principalmente pela agricultura e pecuária. Com uma área de aproximadamente 1.900 km², Ibimirim possui uma população estimada de 26.593 habitantes, conforme o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A cidade é predominantemente rural, com a maior parte da população vivendo na zona rural, estando situada a cerca de 310 km da capital Recife e faz parte da bacia hidrográfica do rio Moxotó.

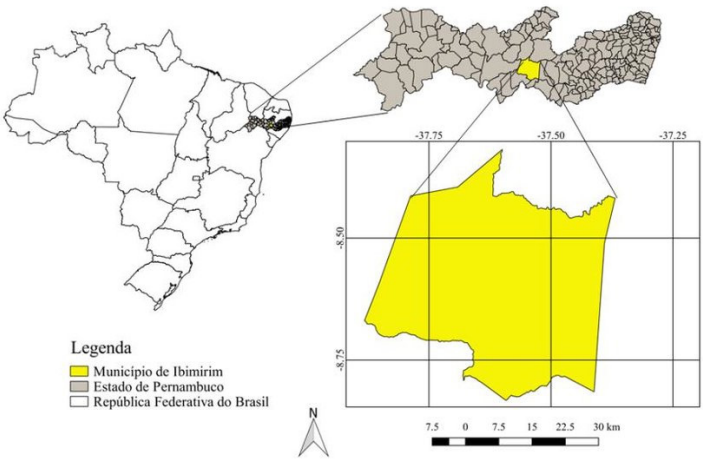


Figura 1. Município de Ibimirim - PE.
Fonte: Alberto (2018)2

A vegetação predominante na região é a caatinga hiperxerófila, que é caracterizada por plantas adaptadas ao clima semiárido. A temperatura média anual em Ibimirim é de aproximadamente 28°C, típica do clima do Sertão.

Em termos de educação, a taxa de escolarização de crianças entre 6 e 14 anos era de 93,7% em 2010. Contudo, o município enfrenta desafios no desenvolvimento humano. Em 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Ibimirim foi de 0.552, classificado como baixo, refletindo os desafios sociais e econômicos enfrentados pela população. A economia é fortemente baseada no setor terciário e no setor primário.

Durante o período de oito dias no município de Ibimirim, os oficineiros imergiram em uma experiência com a população local, fomentando conhecimento e compreendendo a estrutura socioeconômica e cultural do lugar. As emoções presenciadas ao longo desses dias foram fortemente influenciadas pelo contexto que a cidade se encontra, pois foi observado um sentimento de esquecimento associado à comunidade local de

2 Santos, P., Vasconcelos, G., Lima, B., Silva, D., Felinto, A., & Gomes, C. (2018). ONG na produção de mudas no semiárido de Pernambuco: uma busca pela recuperação ambiental. *Revista Ambientale, 10*(3), 61. https://doi.org/10.17648/ambientale.v10i3.200

muito potencial rural, econômico e social. Porém, ainda foi percebido um forte apego pela terra e cultura local, que é um fator primordial ao sentimento de lar/pertencer já que essa consciência coletiva atrelada às memórias e tradições passadas acarretam numa ligação afetiva pelo lugar (TUAN, 1980, p. 114).

As ambiências relacionadas ao espaço são constantemente percebidas pela experiência dos espaços vividos por cada pessoa é caracterizada através das particularidades, afetos e sensações como forma de experimentar o espaço urbano (Thibaud, 2012). Este espaço cumpre uma função simbólica que vai modificar o sentimento pelo lugar de maneira singular, significativa e subjetiva sendo percebida por emoções positivas ou negativas. Segundo Tuan (1980), para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo, ou seja, nossas referências dentro do espaço são evocadas a partir da paisagem, pelas cores, pelos bens materiais, pelos sentimentos e por ser parte do cotidiano, geralmente despercebido e atrelado a um costume de vivenciar a cidade, o sentimento de pertencer torna-se despercebido. "[...] Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?" (Freire, 2004).

Partindo dessa provocação Freiriana urge a necessidade de aplicação de uma oficina, com as dinâmicas pautadas e discutidas a partir de uma experiência metodológica *transdisciplinar*[3] fundamentada no pensamento do indivíduo consciente do outro e sua inserção e interação no lugar (D'Ambrosio, 2013) e nos laços afetivos que compõem essa construção de pertencimento com a terra (Tuan, 1980). É a partir do envolvimento com o mundo que o sujeito-observador se vê ativo e engajado nas situações que o confronta (Thibaud, 2012). Assim, de primeira instância foi proposto um debate que proporcionou uma relação entre cores e composição à rotina, emoções e associações imaginárias dos participantes. A utilização de um método teórico-prático através das cores — que foram conduzidas como um elemento facilitador do aprendizado da paisagem — auxiliou na construção coletiva de identificação das ambiências envolvidas a fim de compreender e analisar como elas interferem na percepção do espaço habitado.

A interação entre a paisagem natural e a psicologia das cores tem sido objeto de crescente interesse dentro do campo da psicologia ambiental e estudos visuais. A compreensão de como as cores presentes no espaço urbano afetam as emoções e o bem-estar humano são práticas estudadas que podem ser aplicadas nas áreas de arquitetura, design urbano e terapias ambientais promovendo um diálogo com o espaço habitado. Este artigo relata as atividades realizadas durante o workshop, focando na teoria das cores, composição visual e na criação de carimbos naturais como meio de expressão artística e conexão emocional com o ambiente.

---

3 Ubiratan D'Ambrosio, advoga pela transdisciplinaridade como uma abordagem que visa integrar saberes diversos além das fronteiras disciplinares convencionais. Ele enfatiza que essa perspectiva não só possibilita uma compreensão mais abrangente e profunda dos problemas contemporâneos, mas também promove uma educação mais integrada e inclusiva. (D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Paisagem e abordagens práticas da Psicologia das Cores

O homem sempre teve proximidade com a natureza, de fato, é através dela que as noções de paisagem passam a serem percebidas, definindo o lugar a partir de aspectos de ordem tangíveis e intangíveis, sendo ela dependente de participações individuais e coletivas, por meio das quais se estabelecem relações sociais e culturais, imaginárias, subjetivas, artísticas e teóricas. Os processos de apropriação do lugar, a partir de dimensões sensíveis (ouvir sons do lugar, sentir os cheiros, a temperatura, o tempo) são maneiras de situar o corpo em uma atmosfera urbana, é nessa consciência da realidade sensorial que a experiência e interação das ambiências da cidade nessa atmosfera são reconhecidas (Duarte, 2013). A paisagem natural, composta por elementos como o céu, montanhas, florestas e corpos d'água, oferece uma rica variedade de cores que desempenham um papel crucial na percepção e na resposta emocional dos indivíduos, numa relação dialógica e simultânea entre espaço físico e abstração sensível do espaço concreto experienciado Por exemplo, o azul do céu e das águas é frequentemente associado a sensações de calma, serenidade e segurança (Mehta & Zhu, 2009), enquanto o verde das folhagens transmite uma sensação de frescor, renovação e harmonia com a natureza (Kaplan, 1995).

De acordo com Tuan (1980), o lugar habitado é um veículo de acontecimentos que se ligam emocionalmente e são percebidos de maneira simbólica. Nesse viés, é importante observar que a percepção da paisagem é um dos objetivos do estudo ora proposto, que nos auxilia no entendimento do cotidiano, podendo ajudar a estabelecer formas de apropriação estéticas e afetivas do espaço (Leite, 2017, p.69), fazendo parte de tudo aquilo que pode ser observado, sentido, experienciado e percebido por um indivíduo. Em suma, a paisagem não é apenas um cenário estático, mas sim um reflexo dinâmico das emoções e percepções humanas. Sob esse viés, a Psicologia das Cores se apresenta como uma ferramenta transdisciplinar que ajuda a espacializar essa paisagem percebida, onde possibilita a compreensão não apenas o que vemos, mas também como nos sentimos em relação ao mundo ao nosso redor, mergulhando em um universo de significado que transcende as simples sensações visuais.

A psicologia das cores, um ramo da psicologia que estuda como diferentes cores afetam as emoções e o comportamento humano, revela que cores específicas podem evocar respostas emocionais distintas. "Alguns estudiosos consideram a cor um fenômeno fisiológico, psicológico, de caráter subjetivo e individual, visto que as pessoas percebem as cores de maneiras distintas." (Ferreira, 2011). As cores evocam respostas emocionais, por exemplo, cores mais frias em geral ajudam a reduzir estresse e promovem um estado mental de relaxamento, enquanto tons mais quentes podem aumentar a excitação e a energia (Mehta & Zhu, 2009). Essas cores não são apenas estímulos visuais; elas têm o poder de influenciar nossas emoções e estado

mental. A intensidade e a tonalidade das cores na paisagem também influenciam a percepção de profundidade e distância. Cores mais frias, como azul e cinza, tendem a criar uma sensação de maior distância e amplitude, enquanto cores mais quentes, como vermelho e amarelo, parecem mais próximas e intensas (Itten, 1973).

Além disso, a saturação das cores pode influenciar diretamente nossa resposta emocional. Cores mais vibrantes tendem a capturar nossa atenção e despertar sentimentos de entusiasmo e vitalidade, enquanto tons mais suaves e pastéis podem evocar calma e introspecção. Da mesma forma, o verde das paisagens naturais, como florestas e campos, é conhecido por evocar sentimentos de renovação, crescimento e harmonia com a natureza. Estudos indicam que a exposição a ambientes verdes pode melhorar o humor e a saúde mental, reduzindo os níveis de ansiedade e aumentando a sensação de bem-estar (Kaplan, 1995).

Segundo Duarte (2013), a forma que as pessoas atribuem significados ao lugar está relacionada à familiaridade despertada pelas ambiências resultando em emoções ativadas através das experiências íntimas. No entanto, vale destacar que as emoções por serem subjetivas, variam de pessoa para pessoa, então são fortemente influenciadas pelo contexto cultural e social em que essa pessoa se insere. Nesse sentido, a cultura é um fator social primordial para a compreensão das diferentes associações com as cores. Por exemplo, o vermelho pode ser associado ao amor e paixão na cultura ocidental, enquanto na cultura asiática, é frequentemente associado à boa sorte. (Fernandes & Benigni, 2023). É a partir desse contexto de aproximação do indivíduo com a sua cultura que as ambiências vão se revelando em diversos fatores espaciais do lugar, ao atribuir um significado a partir da forma que a pessoa interage com o lugar habitado revelado através de sua relação com a memória e identidade (Farias & Leite, 2023).

A interação entre a paisagem e a psicologia das cores não se limita apenas às cores primárias, mas também às suas combinações e intensidades. Por exemplo, paisagens outonais com suas folhas que variam do verde ao amarelo e vermelho não apenas refletem a mudança sazonal, mas também evocam sentimentos de nostalgia e aceitação da transitoriedade da vida. Além dessas percepções sensíveis, a abordagem ambiental vai enfatizar essas práticas sociais na concepção sensível e do espaço construído (Farias & Leite, 2023). Portanto, compreender como as cores dentro da ótica da paisagem natural afetam nossa psique não apenas enriquece nossa apreciação estética do ambiente, mas também oferece *insights* valiosos sobre como essas influências podem ser aplicadas e sentidas nas ambiências urbanas.

2.2 A Oficina: "Cio da Terra - Explorando as cores do Sertão"

A oficina foi pensada para os participantes como uma experiência imersiva que combina teoria e prática, explorando como as cores e a composição influenciam nossa percepção da paisagem natural e promovem um senso de pertencimento ao

lugar. Foi aplicada quatro vezes com uma carga horária de 4 horas por aula em escolas diferentes do município. Por ser uma oficina livre ao público, a idade dos oficineiros variava entre 10 e 62 anos. No primeiro dia contou com um público de 32 pessoas, no segundo com 40 e no terceiro 36, totalizando 108 participantes. Esta oficina específica visou oferecer aos participantes uma experiência prática e educativa a partir da utilização de noções básicas sobre as cores, destacando seu papel na aproximação dos ambientes vivenciados por cada um. Os participantes foram incentivados a explorar a teoria das cores, experimentar combinações de cores e entender como as cores podem afetar o humor, a percepção espacial e a interação social.

Momento Teórico - Cores, Composição e Natureza: No primeiro momento foi ministrado uma aula teórica sobre cores e composições, a qual os participantes se aproximam da temática através de relatos do lugar, pelo afeto, memórias, associações e imaginários. Nesse momento foram abordadas noções básicas como: o círculo cromático, cores primárias, secundárias e terciárias, mistura de cores e as associações emocionais e culturais, com intuito de entender a importância das cores e da composição, aplicando as rotinas individuais. Foi necessário que os participantes ativassem suas percepções de ambiências através da aproximação do corpo com a cidade (Farias & Leite, 2023). Foram submetidas 4 perguntas base e desenvolvidas por eles: 1. Quais as cores favoritas de vocês?; 2. O que essa cor significa para vocês?; 3. Onde vocês enxergam elas em suas rotinas?; 4. Se essa cor fosse um sentimento, qual seria? Os participantes foram introduzidos aos princípios básicos de exploração de diferentes tonalidades e combinações que puderam ser combinadas para criar diferentes atmosferas (calma, energia, concentração, etc.) além de evocar emoções e influenciar nossa interpretação do ambiente natural circundante.

Coleta, Discussão e Reflexão: Em seguida, questionou-se sobre a importância da paisagem e sua relação com o meio, buscando um olhar mais crítico e cuidadoso, acerca da conscientização e valorização do espaço. Foi explorado o contato dos moradores com elementos presentes na cidade, como o conhecimento prévio sobre a vegetação nativa, a fim de trabalhar as cores relacionando-as à natureza. Depois desse momento, os participantes foram orientados a dar uma volta guiada fora da sala da oficina para analisar e perceber os espaços e ao longo da caminhada coletar elementos naturais que achassem interessante como folhas, galhos, flores e outros elementos encontrados na paisagem local. É no ato de caminhar que o pensamento crítico começa a tomar forma e se relacionar com o sensorial dos participantes da oficina e o meio que vivem (Thibaud, 2012). Ao retornar para a sala, cada um coloca suas coletas em suas mesas [Figuras 2 e 3] e são convidados a dar uma volta para observar as coletas dos outros, foram percebidos a pluralidade dos elementos colhidos por cada um. Os principais questionamentos obtidos por eles foram: "A gente passou pelo mesmo local e eu não vi isso"; "onde estava isso?"; "Sua coleta foi mais bonita que a minha". Após cada atividade prática, houve um tempo de discussão em grupo, onde os participantes puderam compartilhar suas percepções

sobre essa caminhada e como elas conseguem ser influenciadas por suas próprias emoções e experiências.

Figuras 2 e 3. Coletas naturais.
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2023)

Exercícios Práticos - Criando carimbos naturais: Depois desses dois momentos, com a utilização de tinta guache (vermelho, azul, verde, amarelo, branco e preto), pincéis e folhas de ofício(A4) os participantes foram convidados a mergulhar na prática artística utilizando suas coletas como carimbos naturais proporcionando uma experiência tátil e sensorial de criar arte diretamente inspirada pela natureza [Figuras 3 e 4]. Utilizando do que foi aprendido no decorrer da oficina para formar novas cores e como elas são percebidas por eles no ambiente que estão inseridas.

Figuras 3 e 4. Pintura com carimbos naturais.
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2023)

2.3 Objetivos da oficina:

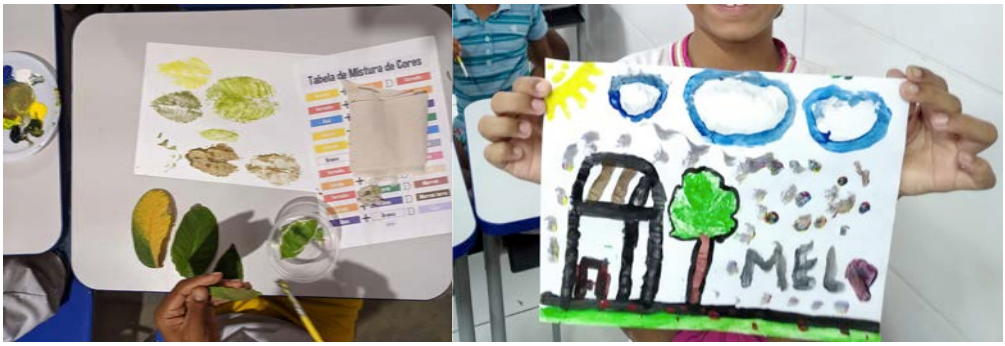
Promover a Consciência Ambiental: Ao explorar a relação entre cores e natureza, os participantes foram incentivados a refletir sobre preservação, estética e a fragilidade dos ecossistemas locais.

Estimular a Criatividade e a Expressão Pessoal: A prática de criar carimbos naturais ofereceu uma oportunidade única para os participantes expressarem sua conexão pessoal com o ambiente natural, através de formas e padrões únicos criados pelos materiais coletados.

Fomentar um Sentimento de Pertencimento: Ao utilizar elementos encontrados localmente, os participantes foram incentivados a sentir-se mais conectados e pertencentes ao lugar, fortalecendo o vínculo emocional com a comunidade e o ambiente natural ao redor.

2.4 Resultados observados

A oficina de cores não apenas oferece uma experiência educativa e criativa, mas também promove uma compreensão mais profunda de como as cores podem ser percebidas nos ambientes de maneira física e emocional. Ao participar desta oficina, os indivíduos puderam levar seus novos conhecimentos para aplicar em suas próprias práticas profissionais, projetos pessoais ou simplesmente para enriquecer sua apreciação estética do mundo ao seu redor. Essa dinâmica contribuiu para a formação de um momento reflexivo a respeito da paisagem local, estimulando o pensamento sensível e crítico a partir dos elementos naturais, das experiências sensoriais e das cores de sua rotina. É nesta dinâmica de interpretação da experiência coletiva que as sensações possuem significados de interação com o sentimento de pertencimento ao lugar (Duarte, 2013). Portanto, essa oficina propiciou progresso e, ainda, trouxe mudanças positivas tanto na percepção de habitar o espaço, quanto na conciliação da teoria e da prática, promovendo o fortalecimento de maneira lúdica de uma comunidade consciente acerca dos conceitos de paisagem, preservação e pertencimento.



Figuras 5 e 6. Pertencimentos de oficineiros.
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2023)

3. CONCLUSÃO

Como resultado, a dinâmica contribuiu para a formação de um momento reflexivo a respeito do ambiente a qual elas estão inseridas, sendo incentivadas a realizar associações entre os elementos naturais de sua rotina com as experiências fenomenológicas construídas mediante essa interação. Duarte (2013) comenta que se não houver a experiência do espaço habitado a ambiência não pode ser descrita. Portanto, essa oficina relaciona uma experiência prática ao pensamento teórico promovendo diálogos entre outras áreas do conhecimento (Santos, 2022), essa atividade incentiva o fortalecimento de maneira lúdica de uma comunidade consciente acerca dos conceitos de paisagem, preservação e pertencimento.

A relação entre seres humanos e meio ambiente é complexa e multifacetada. Em uma sociedade cada vez mais urbana e tecnológica, o contato direto com a natureza muitas vezes se torna escasso, o que pode resultar em uma desconexão com o mundo natural.

Os relatos de emoção de alguns participantes revelaram um sentimento de conexão com o ambiente natural, citando a oficina como uma forma de arteterapia, destacando como as cores trouxeram uma nova percepção da paisagem e os encorajou a observar detalhes antes despercebidos como: a cor do rio, das matas, das folhas, da textura das pedras, do cheiro da chuva, entre outros. Além disso, a experiência proporcionou um espaço seguro para expressar preocupações ambientais e compartilhar ideias sobre a importância da preservação. Ao promover um diálogo aberto e criativo sobre questões ambientais, essa construção de conhecimento foi percebida a partir de múltiplas subjetividades (Santos, 2022). Essa oficina fortaleceu o senso de pertencimento dos participantes e também inspirou ações positivas em prol da preservação e valorização da paisagem.

A interação entre a paisagem natural e a psicologia das cores não só enriquece nossa compreensão estética das ambiências construídas na atmosfera urbana, mas também oferece oportunidades para estimular estratégias de percepção do espaço com mais qualidade de vida. “Ir no caminho de uma leitura sensível dos meios ambientes urbanos envolve não só examinar de perto as mudanças que estão acontecendo, mas também ter um olhar crítico para seus efeitos e implicações.” (Thibaud, 2012). Compreender como as cores afetam nossa psique pode guiar práticas de planejamento urbano que promovam estratégias de ambientes mais saudáveis, estimulantes e harmoniosos para todos.

4. BIBLIOGRAFIA

Albers, J. (2006). Interaction of Color. New Haven: Yale University Press.

Beatley, T. (2011). Biophilic cities: Integrating nature into urban design and planning. Island Press.

D'Ambrosio, U. (1997). Transdisciplinaridade. São Paulo-SP: Palas Athena.

Farias, M. & Leite, J. (2023). The process of photography-wandering in the apprehension of urban ambiences and the creation of emotional cities. Sociétés, 159, 51-61. https://doi.org/10.3917/soc.159.0051

Freire, P. (2004). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

Itten, J. (1973). The elements of color: A treatise on the color system of Johannes Itten based on his book The art of color. New York: Van Nostrand Reinhold Company.

Itten, J. (1970). The Art of Color: The subjective experience and objective rationale of color. New York: Van Nostrand Reinhold.

Jean-Paul Thibaud. A cidade a través dos sentidos. *Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq*, 2012, 18, pp.1-16. (hal-00980748)

Kaplan, S. (1995). The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. Journal of Environmental Psychology, 15(3), 169-182.

Kaplan, S. (1989). The Experience of Nature: A Psychological Perspective. Cambridge: Cambridge University Press.

Leite, J. (2017). Paisagem como obra coletiva. In L. Veras et al. (Eds.), Cadernos de Arquitetura e Urbanismo: Cidade-Paisagem (pp. 66-77). Recife: Patmos Editora. https://doi.org/ISBN 978-85-65387-64-4

Santos, E. P. dos. (2022). Arte e natureza: Mediação, topofilia e processo poético. In Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. Recife, PE. https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513253-ARTE-E-NATUREZA--MEDIACAO-TOPOFILIA-E-PROCESSO-POETICO

Mehta, R., & Zhu, R. J. (2009). Blue or red? Exploring the effect of color on cognitive task performances. Science, 323(5918), 1226-122

Santos, P., Vasconcelos, G., Lima, B., Silva, D., Felinto, A., & Gomes, C. (2018). ONG na produção de mudas no semiárido de Pernambuco: uma busca pela recuperação ambiental. Revista Ambientale, 10(3), 61. https://doi.org/10.17648/ambientale.v10i3.200

Thibaud, J.-P & Duarte, C. R. (2013). *Ambiance: pour une approche sensible de l'espace*. In J.-P. Thibaud & C. R. Duarte (Eds.), *Ambiances urbaines en partage* (pp. 21-30). Metis-Presses

Tuan, Y.-F. (1980). Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, SP: DIFEL.

R50

CITY BY THE "BRANCO RIVER": AFFECTIVITY OF CENTRAL PUBLIC SPACES IN BOA VISTA

CIDADE À BEIRA DO RIO BRANCO: AFETIVIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS CENTRAIS EM BOA VISTA

Autor 1
Sued Trajano de Oliveira
Professora, MSc., doutoranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
sued.oliveira@fau.ufrj.br

Autor 2
Ethel Pinheiro Santana
Professora, Dr.
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
ethel@fau.ufrj.br

ABSTRACT

This work aims to analyze the affectivity of public spaces in the historic center of the city of Boa Vista. The spatial outline is limited to the embryonic nucleus - the place where the first houses were built. As a highlight, the waterfront and adjacent free areas are the object of study. The research discusses the affection and perception of places today in analogy with the past, characterizing regional cultural and identity aspects. The initial arguments cover the historical panorama of the city and the main social transformations of recent years, including the impregnation of other cultures. Rolnik (2006) talks about the anthropophagic movement and this relationship with sentimental cartography, sometimes constructed by the affections of relationships with people and space. The mapping of emotions is intrinsic to what happens around the world. From conception onwards, life is configured through scenes produced in a particular, individual and subjective manner. It's about absorbing cultures and making them unique. "The cartographer is first and foremost an anthropophagist" (Rolnik, 2006, pg. 23). The analysis consisted of exploratory and investigative methodologies through field visits, documentary and bibliographical research, in addition to the adoption of thematic maps. It is expected that the aforementioned study will serve as a reference for new research related to the topic, as well as substantiate public policies aimed at open public environments in the North region, acting in this way as a rescuing and transforming agent for the young population deprived of knowledge of their roots and local culture.

KEYWORDS: Boa Vista. affection. public space. perception of place. cultural Identity.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a afetividade de espaços públicos do centro histórico da cidade de Boa Vista. O recorte espacial delimita-se no núcleo embrionário-lugar onde foram erguidas as primeiras habitações. Como destaque, a Orla e as áreas livres adjacentes são o objeto de estudo. A pesquisa faz uma discussão sobre o afeto e a percepção dos lugares na atualidade em analogia com o passado, caracterizando aspectos culturais e identitários regionais. As argumentações iniciais abrangem o panorama histórico da cidade e as principais transformações sociais dos últimos anos, incluindo a impregnação de outras culturas. Rolnik (2006) fala do movimento antropofágico e dessa relação com a cartografia sentimental ora construída pelos afetos das relações com as pessoas e com o espaço. O mapeamento das emoções é intrínseco ao que acontece ao redor no mundo. Desde a concepção, a vida se configura por meio de cenas produzidas em caráter particular, individual e subjetivo. É sobre absorver culturas e fazer delas uma inédita. "O cartógrafo antes de tudo é um antropófago" (Rolnik, 2006, pg. 23). A análise consistiu em metodologias de caráter exploratório e investigativo através de visitas a campo, pesquisa documental, bibliográfica, além da adoção de mapas temáticos. Espera-se que o referido estudo sirva como referencial para novas pesquisas relacionadas a temática, bem como substancie políticas públicas voltadas para ambientes públicos abertos da região

Norte atuando desta forma como agente resgatador e transformador da população jovem subtraída do conhecimento de suas raízes e cultura local.

PALAVRAS-CHAVE: Boa Vista. Afeto. espaço públic. percepção do lugar. identidade cultural.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir de uma inquietação, trazida pelo trabalho de doutoramento, sobre o afeto da população pelo espaço público no Centro de Boa Vista, em especial as áreas primevas. Considerando que atualmente o ritmo da vida cotidiana é veloz e o tempo se apresenta fugaz nas cidades contemporâneas, compreender a dinâmica dos espaços públicos e suas relações memoriais são fundamentais para o nivelamento da afetividade nesses lugares.

A pesquisa percorre o contexto histórico e cultural da cidade de Boa Vista abarcando alguns espaços públicos do centro mais utilizados pela população, em destaque para a Orla Taumanan, Parque do Rio Branco e Avenida Jaime Brasil. A abordagem sobre os aspectos topofílicos são tratados nesta pesquisa explanando a preocupação com as heranças indentitárias culturais nos lugares públicos usufruídos ou não pelo público jovem.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as relações de afetividade dos espaços públicos do Centro Histórico pelos usuários que moram na cidade de Boa Vista através das suas formas de apropriação. Os objetivos específicos são:

- Contextualizar a concepção do berço histórico da cidade até a implantação do plano urbanístico;
- Explanar sobre as formas de apropriação dos espaços públicos centrais na área em estudo;
- Analisar os aspectos afetivos e identitários.

1.1 Boa Vista - Roraima, uma visão histórica

Boa Vista, cidade do extremo norte do Brasil, inicialmente ocupada à margem direita do Rio Branco, é caracterizada por vias radiais que se entrecruzam com longas e largas avenidas circunscritas a partir da Praça do Centro Cívico, onde localiza-se o Palácio do Governo. Foi planejada pelo engenheiro Darcy Aleixo Derenusson com o intuito de promover o desenvolvimento urbano e social (figura 1).

Na análise de Trevisan (2009) Boa Vista é uma cidade que preservou seu núcleo histórico encapsulado pelo novo desenho urbano proposto por Derenusson. O plano urbanístico surgiu diante de uma série de fatores que justificaram sua implantação: a escassez de alimentos, falta de infraestrutura e doenças adquiridas por falta de

condições salubres de moradia, água potável e medicamentos foram algumas das razões para o planejamento da urbe.

Para Trevisan (2009), a cidade nova visava promover a qualidade de vida sob uma ótica de organização dos espaços, uso e ocupação do solo, com o propósito de educar seus habitantes criando condições de equilíbrio social e econômico. O próprio clima corroborava com o gabarito dos prédios projetados nessa época, isto é, os ventos abundantes permeavam por entre os grandes vãos livres das áreas abertas como: ruas, Praça do Centro Cívico e das áreas construídas anos depois, como o Palácio do Governo e a Catedral, por exemplo, (Oliveira, 2019).

Migrantes de outros países e estados brasileiros estabeleceram-se miscigenando a população roraimense. Apesar das maiores transformações espaciais e sociais terem ocorridas até o fim do século XX como a construção de rodovias para os países de fronteiras como Venezuela e Guiana Inglesa, Boa Vista ainda permanece distante de polos hegemônicos que poderiam contribuir para o desenvolvimento econômico da cidade.

Figura 1. Maquete do plano urbanístico de Boa Vista
Fonte: Acerco de Darcy Aleixo Derenusson, 1946.

De acordo com o censo do Instituto brasileiro de geografia e estatística – IBGE de 2022, Roraima tem o maior percentual entre todos os estados de pessoas indígenas no total de sua população, em torno de 15,29%. Parte desse grupo vive nas zonas urbanas demandando contínuas adequações de acessibilidade aos serviços públicos, ou seja, exclusividade de atendimentos desde o âmbito essencial da saúde até o ensino e formação por exemplo.

Além do contexto indígena, a capital de Roraima mudou drasticamente com o advento da migração venezuelana desde o ano de 2015. Os lugares de lazer foram devastados pela maciça presença de desabrigados. Praças, parques e ruas centrais despontaram uma nova ambiência fétida, triste e desordenada. Ainda assim, o cenário de ocupação das áreas livres e públicas atualmente exige um olhar diferenciado para a análise das ambiências urbanas, em especial aquelas que se desenvolvem ao longo do Rio Branco, objeto de interesse deste artigo.

1.2 Boa Vista - Roraima, uma visão cultural

Atualmente, o cenário físico migratório está controlado, contudo os efeitos abstratos resultantes desse processo mudaram aspectos da cultura boa-vistense e somam-se aos demais processos sociais construídos ao longo dos anos, que podem influenciar o modo de vida e costumes da sociedade amazônida local. No cenário das ambiências de lazer e socialização, dentro das zonas públicas como orlas, praças e parques de Boa Vista, a vivência de seus usuários tem sido objeto de constante revisão socioespacial.

A apresentação dessa conjuntura roraimense espacial, social, e econômica é essencial para a apreensão do lugar de forma densa. Tuan (1980) em sua obra discorre sobre percepção, atitudes e valores inseparáveis do ambiente e do ser humano. Estes, por sua vez passam a desencadear-se constituindo uma visão de mundo.

Sob o viés cultural, há poucas manifestações artísticas hoje em dia que revelem os saberes regionais. Boa Vista possui frações de práticas urbanas coletivas, performances, ou atuações puramente citadinas se compararmos com a riqueza nordestina, sulista e indígena latente mediante ao conjunto de patrimônios imateriais com iconografia explícita local.

Rolnik (2011) fala do movimento antropofágico e dessa relação com a cartografia sentimental, ora construída pelos afetos das relações com as pessoas e com o espaço. O mapeamento das emoções é intrínseco ao que acontece ao redor no mundo. Desde a concepção, a vida se configura por meio de cenas produzidas em caráter particular, individual e subjetivo. É sobre absorver culturas e fazer delas uma inédita: "O cartógrafo antes de tudo é um antropófago" (Rolnik, 2011, pg. 23).

Com tantas personalidades, ainda assim Boa Vista parece única na região Norte do Brasil. A cultura local está sendo transformada, recriada e inovada no fazer urbano, mas não se sabe eficazmente sobre o registro das origens e tradições familiares. Se são sabidas ou mantidas principalmente pelos mais jovens nos espaços de convivência pública, como é de interesse na sondagem do trabalho de doutoramento.

Tem-se um caminho ambíguo entre o possível abandono das raízes e a possibilidade do viver em coletividade respeitando a identidade do lugar. O coletivo apresentado como modo de vida indígena por Esbell (Andrade, 2022) chama a atenção

para o cuidado e zelo das origens e tradições familiares em espaços públicos. Mas a estrutura socioespacial está enfraquecida, abrindo espaços para outras regionalidades, costumes, vocabulários não característicos ocultando, desta forma, o devir roraimense original. Mudanças são parte do crescimento da cidade? Mas como estão ocorrendo e como mapear, este é o nosso mote.

2. UMA PRAÇA EM NÓS

Uma das características de Boa Vista é a parcialidade imanente em horários noturnos. As praças das áreas centrais têm pouca arborização. Muitas árvores foram retiradas para dar lugar à espaços livres pavimentados com o propósito na realização de festividades. O sol escaldante, que chega perpendicular às cabeças, impede uma melhor fruição do lugar durante o dia. O mesmo acontece na Orla Taumanan e na linha do Parque do Rio Branco. Por estar localizada acima da linha do Equador, Boa Vista é uma cidade muito quente, de clima tropical úmido. Não há inverno, e as estações são classificadas em dois períodos climáticos apenas: seco e chuvoso. Os espaços públicos mais arborizados do centro da cidade são a Praça do Coreto e a Praça Capitão Clóvis, cada uma com usos e dinâmicas dissemelhantes.

Durante o dia a área central que envolve as ruas Floriano Peixoto e Barreto Leite é bastante tranquila. Os estudantes do curso pré-vestibular gostam de estar na escadaria da antiga “Casa Bandeirante”, outro patrimônio tombado. A Orla também é frequentada por alunos de escolas próximas ao centro geralmente nos horários de intervalo ou fim de aula.

A Praça Barreto Leite (figura 2), embora esteja situada em frente à Orla, teve sua ocupação esvaziada. Problemas de infraestrutura, usuários de entorpecentes e pedintes venezuelanos tornaram a ambiência da praça não convidativa. Todavia, há uma importante escultura intitulada de “Monumento aos pioneiros” entalhada em cimento e agregados que conta a história das primeiras famílias e habitantes de Boa Vista. Além disso, a obra destaca belezas da natureza e personagens da mitologia indígena roraimense.

Já a dinâmica espacial da Orla é diferente (figura 3). De um lado a Orla agrupa bares, restaurantes, música ao vivo, encontros românticos etc. Do outro, o Parque (contíguo à orla) tem áreas territorializadas pela população. Piqueniques noturnos antes raramente vistos se tornaram comuns pelos venezuelanos. Esta prática inspirou os boa-vistenses que adotaram o mesmo costume.

Figura 2 – Praça Barreto Leite: Monumento aos Pioneiros
Fonte: Sued Trajano de Oliveira, 2022.

Figura 3 – Parque do Rio Branco e Orla Taumanan
Fonte: Sued Trajano de Oliveira, 2022.

No parque percebe-se muito mais a presença de jovens e crianças, seja pelos atrativos das grandes pistas que possibilitam o passeio de bicicletas, skate, patins, selvinha amazônica ou pelo ecletismo visto e sentido. Barracas de artesanato, comércio informal, quiosques de alimentação, personagens fantasiados, comemorações variadas a céu aberto, roda de música entre amigos no gramado, entre outros, configuram o lugar de “todos”, ou “uma praça para todos nós”. Na Orla, tem o lugar do “jogo de futebol”. Assim como no resto do Brasil, os grupos majoritariamente compostos por homens se encontram para torcer e vibrar durante a partida transmitida por grandes televisores. É o espaço organizado, sensível para um deleite coletivo. A percepção do lugar pode ser diferente de quem está na Orla. Tem-se a vista da “Ponte dos Macuxis”, assim como a vista de pequenos barcos de passeios ou de pescadores. No parque, tem-se a vista panorâmica da cidade através do Mirante. Emoções, sensações e afetos distribuídos em partes ou totalidades de acordo com a subjetividade de cada pessoa.

A construção desses dois espaços públicos em nada compete com outras áreas de grande porte nos arredores do berço histórico da cidade. Boa Vista possui atualmente setenta e duas praças, segundo dados da Prefeitura Municipal, e a população está estimada em quase quatrocentos e quatorze mil habitantes segundo o último censo realizado pelo IBGE em 2022. Para uma cidade média, com baixa concentração de pessoas por m2, a relação de uso de áreas públicas de lazer é muito boa. O centro passou a ser vislumbrado pelas noites boa-vistenses. O advento da Orla e Parque produziu um novo espaço urbano. Nesse contexto Lefebvre (2001) ressalta que o urbano é feito das relações sociais, ou seja, é o lugar do desejo, do desiquilíbrio, mas também do lúdico e imprevisível.

É certo que transformações de maior escala no tecido urbano geram consequências para a população. Uma delas é o apagamento de vários signos da cidade. No entanto os usos sempre se restruturam, e por isso os espaços seguem sendo ressignificados. Morales (2020) enfatiza que devido ao contexto histórico inserido e discutido na seção de patrimônio cultural do Estado de Roraima, o Porto do Cimento ainda é uma memória recente aos patriarcas e às matriarcas das famílias tradicionais de Boa Vista.

Sobre esse aspecto, tem-se um novo cenário, novos hábitos e novas práticas urbanas desenvolvendo-se diuturnamente por outros atores ou pelos mesmos. Hall (2022) explica que a “crise de identidade” pode surgir quando há mudanças. O deslocamento de moradores para outros bairros, o apego ao centro da cidade como lugar de convívio e a sociabilidade construída desde a infância são alguns dos possíveis fatores.

> A identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2022, pg. 11).

3. O AFETO PELO LUGAR NAS HERANÇAS SCIOESPACIAIS DOS ESPAÇOS CENTRAIS

Os espaços públicos são lugares onde o "movimento da vida acontece". Essa expressão é usada por Carlos (2007) para definir o que se vê na ambiência urbana. São as trocas de experiências em suas mais diferentes personalidades que tornam o fazer urbano rico em cenários. A Avenida Jaime Brasil, principal via do centro de Boa Vista já foi palco de muitas celebrações, dentre elas festas, comícios e carnavais. Interliga-se ao final à Rua Floriano Peixoto , por isso frequentemente utilizada por jovens das escolas próximas como Euclides da Cunha e São José. As demais ruas e avenidas adjacentes a ela formatam-se no mesmo molde de uso comercial.

A Avenida tem calçadas livres pois há poucos ambulantes no local. Os que restaram vendem seus serviços no gênero alimentício, pois todos os comerciantes informais passaram a ser legalizados por meio de um projeto da prefeitura que os integrou no Centro Comercial Caxambu (figura 4). Trata-se de um espaço aberto que permitiu a inclusão de cento e quarenta e quatro quiosques.

As pessoas circulam pelas lojas, pelo Caxambu, pelas sorveterias, pelos restaurantes e por demais lugares a pé porque o centro é pequeno. Há muito mais carro estacionado do que se deveria e não há área pedonal apropriada. As vias desse perímetro são estreitas e os pedestres caminham em meio aos veículos, todavia, a população parece não se importar com esse deslize urbanístico. As origens indígenas e os traços dessa cultura se perdem nessa região central, especialmente.

Nesse recorte espacial após o Palácio do Governo, há algumas áreas livres arborizadas como a Praça do Coreto, Praça Capitão Clóvis e Praça da Bandeira. Nestas, embora pouco movimentadas durante o dia, há fluxo de pessoas. As ruas e praças centrais possuem histórias reveladas através da oralidade pois há pouco registro escrito. Os moradores mais antigos descrevem os ritos do passado e mostram-se saudosistas com a época. Enfatizam os lugares e trajetos com beleza pois para eles, além de lugares históricos, são lugares de afeto.

> A beleza é sentida, como contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem (TUAN, 1980, p. 108).

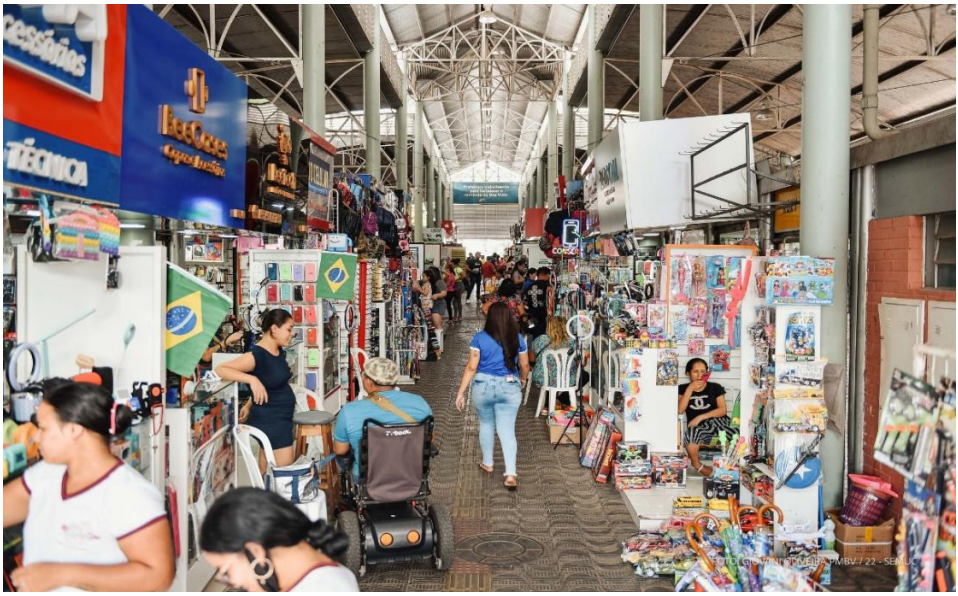


Figura 4 – Comercial Caxambu.
Fonte: Página da Prefeitura Municipal de Boa Vista, <https://boavista.rr.gov.br/noticias/2022/10/caxambu-vamos-dar-uma-voltinha-pelo-centro-comercial-mais-famoso-de-boa-vista?f=2647536628666467913>. Acesso em: 28 abr.2024

Há de se entender que a vida na região Norte tem suas particularidades, uma delas é a naturalidade na convivência com pessoas ou descendentes indígenas. Em outras regiões do Brasil como por exemplo no Rio de Janeiro, não é comum ver pessoas indígenas nos grandes centros ou ocupando cargos de destaque embora saiba-se que essa comunidade existe. Em Boa Vista, há indígenas em todos os âmbitos: na iniciativa privada, no poder público, nas instituições de ensino, na arte, entre outros. Exercem também relações de influência com os roraimenses, seja na política ou nas mídias sociais. Eles, por sua vez, nos ensinam algo puramente imprescindível: Preservam os costumes de seus antepassados e tem uma cultura forte solidificada. No entanto, as relações desempenhadas nos espaços públicos centrais e as ambiências apreendidas dessas relações estão muito distantes da importância e relevância de tais aspectos originários.

Os afetos são percebidos e analisados em muitos lugares públicos de Boa Vista, e um deles é o balneário. A Praia Grande é a mais próxima do centro da cidade e para acessá-la é necessário fazer a travessia em um pequeno barco. A paisagem do Rio Branco e a mata ciliar por detrás dela emolduram a vista. É como se o Rio e a floresta cerceassem o uso do solo com imponência em muitas dessas áreas. E quanto aos jovens, como lidam com as relações espaciais e as cintilâncias de heranças originárias em Boa Vista? Se “para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo” (Tuan, 1980, pg. 113), por correlação, os emblemas, signos e marcas na arquitetura roraimense ainda não são suficientes para deixar registradas as suas lembranças, pois há muita influência miscigenada além do desaparecimento de parte delas, onde até praças mais antigas perderam sua historicidade com a retirada de seus monumentos, como a Praça da Bandeira localizada no centro.

A Orla e a Praça da Bandeira são símbolos da zona central que carregam muito afeto e história, fortemente verificados pela presença constante de pessoas. A implantação de uma orla era necessária ao crescimento da cidade. Faltava um lugar à beira-rio para fortalecimento do lazer roraimense, contudo, como explanado anteriormente, os vestígios do "Porto do Cimento" não foram incluídos ao projeto. A Praça da Bandeira foi remodelada aos "padrões contemporâneos". Segundo Nascimento et al (2018) sua estrutura original foi demolida incluindo o "quiosque" projetado pelo renomado arquiteto Severiano Mário Porto, cuja cobertura possuía característico sistema de captação de águas fluviais.

Beaujeu-Garnier (1997) destaca que o espaço urbano é afeiçoado pelo homem, ou seja, ele se adapta ao ambiente ou outras vezes transforma-o. Sob essa ótica pode presumir-se que a identidade cultural em Boa Vista não esteja firme em razão dessa acomodação, seja da falta de pertencimento à ancestralidade ou à construção de uma identidade local. Diante desse cenário, não é possível discernir a presença das heranças sociais e espaciais de Boa Vista. A geração dos moradores mais antigos está se findando, são os relatos deles que vivificam os "lugares perdidos", portanto a inquietação com as relações memoriais tende a se extinguir, fazendo com que grande parte dos novos usos e das ambiências locais evidenciem pouca relação com as origens da cidade, à margem do Rio Branco. De fato, o Rio rege muitas das relações de ordem espacial, mas não tem mais a mesma posição de destaque, não evidencia histórias e começa a se tornar um adorno na paisagem, pelas análises das atividades e afetividades acima tecidas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fartura de cenas históricas arquitetônicas e urbanísticas nos espaços livres em Boa Vista não está devidamente erigida ou documentada. Cenas de movimento, de fala, de escuta, de estar e fazer começaram a acontecer de forma renovada nas duas últimas décadas, através do esforço de professores universitários e pesquisadores, como por ação de um desejo: "Diferentes destinos, dramas, cenários, estilos. Aqui reside toda a riqueza do desejo. Toda a sua generosa fartura. O desejo é criação do mundo" (ROLNIK, 2011, p. 56).

A análise realizada através de entrevista semi-estruturada, pesquisa documental e de campo constatou que os espaços públicos mais utilizados do centro são a Orla, o Parque e a Avenida Jaime Brasil. Maiormente o parque e orla ganham destaque na apropriação dos espaços durante a noite devido ao frescor do clima e das atividades culturais e comerciais praticadas nesse turno. A Avenida Jaime Brasil tem grande visibilidade diurna devido ao centro comercial. Os entrevistados (ao todo, 25 participantes) com faixa etária acima de 50 anos foram os que mais relataram saudosismo das festas e práticas urbanas , hoje extintas no centro histórico.Os mais jovens entre 24 a 30 anos mencionaram a paisagem do Rio Branco e as sensações em ouvir o canto dos pássaros com muito sentimento, demonstrando afeto e topofilia pelo lugar.

7. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE. G. (2022). Modernismos: 1922-2022. São Paulo: Companhia das Letras. P.780-807.

BEAUJEU-GARNIER, J. (1997). Geografia Urbana. 2 ed. Fundação Caloutes Gulbenkian, Lisboa. 525p.

CARLOS, A. F. A. (2007). A cidade. 8. ed. São Paulo: Contexto.98p.

HALL. S. (2022). A identidade cultural na pós-modernidade. 12 ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina.64p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: < *https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/boa-vista/panorama*>. Acesso em: 02 mai.2024.

LEFEBVRE, H. (2001). O Direito à Cidade. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro.143p.

MORALES, J. E.S. (2020). Mudanças na paisagem: o olhar dos citadinos no Núcleo Histórico de Boa Vista – Roraima. 2020. 150p. Dissertação (Programa de pós-graduação em Recursos Naturais), Universidade Federal de Roraima, Boa Vista.

NASCIMENTO. C.H.C. et al. (2018). Explorando a Herança Arquitetônica de Severiano Mário Porto em Boa Vista, Roraima. In: III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, Belém.

OLIVEIRA. S.T. (2019). Urbanidade de espaços públicos: Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva - Cidade de Boa Vista/RR. 2019. 190p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Roraima, Boa Vista.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA. Boa Vista, 2024. Disponível em: < *https://boavista.rr.gov.br/noticias/2021/11/pracas-de-boa-vista-verdadeiras-atracoes-para-quem-gosta-de-lazer-cultura-e-esportes*>. Acesso em: 27 abr.2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA, 2024. Disponível em:< *https://boavista.rr.gov.br/noticias/2022/10/caxambu-vamos-dar-uma-voltinha-pelo-centro-comercial-mais-famoso-de-boa-vista?f=2647536628666467913*>. Acesso em: 28 abr.2024.

ROLNIK. S. (2011). Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina.247p.

RORAIMA. Governo do Estado de Roraima. Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). Divisão de Patrimônio Histórico. Os Caminhos da Fé.1996. 92p

SANTOS. R.B S.(2006). Memórias da Praça da Bandeira. Norte Científico. Boa Vista: Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima (CEFET-RR), vol.1, n.1.

TREVISAN, R. (2009). Cidades Novas.315p. Tese (Doutorado – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília) – Brasília, 2009.

TUAN, Yi-Fu. (1980). Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel. 288p.

R50

OH, WHAT A PAIN, IT TAKES ME OUT OF THIS TORPOR. COME, MY LOVE, COME SING AND LOVE SALVADOR.

AI, QUE DOR, ME TIRA DESSE TORPOR. VEM, MEU AMOR, VEM CANTAR E AMAR SALVADOR.

John Max Santos Sales
Economista (UFS)
Tecnólogo em Saneamento Ambiental (IFS)
Mestre em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS)
Doutor em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ)
Docente e pesquisador da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS)
john.ms@unitins.br

ABSTRACT
The interaction between affections, blackness and the city can be associated, among others, with the affective production of joy. When it comes to the city of Salvador, music plays a special role in promoting vitality and expanding being and existing as a black person in the city, mainly because it is embodied in a culture with a diversely African foundation. In this sense, one of the ways of identifying the forms of joy that exist in the city comes from the texts of the songs, which, in this work, will be taken as escrevivências, which the intellectual Conceição Evaristo calls a fictional text that confuses writing and experience. So, then, musical escrevivências. Once this is understood, the proposal is to feel the city of Salvador through musical escrevivências written by black bodies, envisioning the encounter of urban places, everyday situations, declarations of love, forms of entertainment, manifestations of pleasure, among others. Therefore, musical escrevivências prove to be powerful in revealing the delights of living in the city of Salvador.

KEYWORDS: affections. blackness. musical escrevivências. city. Salvador.

RESUMO
A interação entre afetos, negritude e cidade pode ser associada, dentre outras, a produção afetiva de alegria. Quando se trata da cidade de Salvador, a música ocupa um papel especial na promoção de vitalidade e na expansão de ser e existir como pessoa negra na cidade, principalmente por ser consubstanciada por uma cultura de alicerce diversificadamente africano. Neste sentido, uma das formas de identificar as formas de alegria existentes na cidade parte dos textos das canções, no qual, neste trabalho, serão tomadas como escrevivências, onde a intelectual Conceição Evaristo denomina como um texto ficcional que con(funde) escrita e vivência. Por isso, então, escrevivências musicais. Compreendido isso, a proposta é sentir a cidade de Salvador por meio de escrevivências musicais escritas por corpos negros, vislumbrando o encontro de lugares urbanos, situações cotidianas, declarações de amor, formas de diversão, manifestações de prazer, dentre outros. Sendo assim, as escrevivências musicais se mostram potentes em revelar as delícias de viver na cidade de Salvador.

PALAVRAS-CHAVE: afetos. negritude. escrevivências musicais. cidade. Salvador.

1. INTRODUÇÃO
O afeto, com parte condicional do ser humano, dialoga com o sentir. O que sinto? Por que sinto? Como ajo de acordo com o que sinto? São indagações pertinentes, porém, muitas vezes irrefletidas e/ou subjugadas. Mas o fato é: nós afetamos e somos afetados. Espinosa (2009) entende afeto como afecções do nosso corpo que propicia o aumento e diminuição de nossa potência na ação, atestando ainda que o desejo, a alegria e a tristeza são afetos primários e deles se desdobram afetos secundários.

Chauí (1995), baseada na filosofia espinosista, indica que quando temos um desejo realizado, possibilita a elevação de nossa força para existir e pensar. A alegria é o sentimento que faz com que nossa capacidade de existir aumente, podendo chamar de amor quando o aumento é derivado de uma causa externa. Entretanto, nossa força de existir e pensar diminui a partir de um desejo frustrado, ascendendo a tristeza, um sentimento que faz com que nossa capacidade de existir diminua, levando ao ódio advindo de um efeito de uma causa externa.

O espaço urbano se configura como localidade de afetações, onde os (des)encontros proporcionados nela, e por ela, liberam camadas afetivas que tanto podem afastar como unir. Neste sentido, grupos negros citadinos encontram-se sempre conduzidos ao afastamento, um verdadeiro "apartheid" de benesses urbanas, onde a aproximação com a tristeza tende a ser proporcionalmente maior. No entanto, são esses grupos subjugados que tensionam a tristeza de tamanha forma que consegue abrir espaço para a alegria.

A música é um elo afetivo que conecta, e é nesta seara que grupos negros conseguem se fortalecer, exaltando cultural ancestral maravilhosamente (re)atualizada. A cidade, como palco de espetáculos musicais, atua no florescimento e espraiamento nos mais diversos cantos, onde a musicalidade negra difunde polos de atração. Deste modo, Salvador, dentre várias cidades, também tem a música como destaque e característica intrínseca a sua singularidade, fazendo a ressalva de que isso só acontece por conta da inventividade e criatividade da classe artística negra. Assim, os afetos de alegria que agrupam pessoas negras foram base para criação de afoxés, blocos afros, cortejos, cordões, grupos musicais etc.

É válido frisar que a marca musical que Salvador leva consigo só existe por conta de escrevivências, termo cunhado pela intelectual Evaristo (2018) em que coliga escrita com vivência. Dentro da amplitude da esfera musical, tem-se os textos de canções, onde versos cantantes desenvolvem sentidos que abarcam diferentes temáticas, porém, sempre com a esfera afetiva presente, quer seja de desejo, de alegria ou de tristeza. Logo, são esses textos de canções que podem ser considerados como escrevivências musicais, tendo em vista que a experiência de cidade é exposta nas canções. Com isso, a cidade de Salvador é constantemente tema de composições, provocando a indagação: De que forma a capital da Bahia é mencionada e tratada nos textos das canções de composições negras? Para responder a tal, foram mapeados variados textos de canções contidas em bases rítmicas como samba-reggae, axé e pagode baiano entre as décadas de 1980 e 2000.

A constatação de que dentre os textos de canções investigados não há vínculo direto do nome da cidade, Salvador, com afeto de tristeza, este texto possui a finalidade de destacar as formas afetivas de alegria existentes nas escrevivências musicais que versam sobre e na cidade. Ademais, considerando que experiências negras na cidade possuem um forte vínculo com o sofrimento, o que é verdadeiro e não se

pode minimizar, parte-se da ideia da importância de deslocar o corpo negro para experiências múltiplas em que a alegria seja protagonista.

Sendo assim, a exposição dessa escritura acontece a partir de colagem de trechos de textos canções compostas por pessoas negras, no qual é provocado um efeito de continuidade que costura descrições e demonstrações de afeto de alegria por Salvador. Através de uma agulha imaginária, como metáfora, os trechos passam a se alinhavar com informações obtidas por meio de veículos formais, assim como também em conjunto com a própria experiência da pessoa que escreve este texto, que residiu em Salvador de fevereiro de 2022 até fevereiro de 2023.

2. VEM CANTAR E AMAR SALVADOR

Salvador é uma cidade em processo contínuo de (re)atualização, dotada de uma diversidade musical cada vez mais rica e potente. É esta uma das características que faz com o município seja um grande polo de atração de pessoas que querem conhecer a efervescência cultural existente. Esta atratividade, por si só, já se trata de uma mediação afetiva, pois algo, alguém ou um lugar que nos agrada, queremos por perto. A busca por diversão é o mesmo que buscar distração e entretenimento, logo, é movimento de corpos em busca da aproximação com a alegria, o que torna este afeto uma das principais motivações para ir à Salvador.

A fama de hospitaleira e acolhedora encontra-se descrita em vários textos de canções, quer seja composições que partem de pessoa brancas como de pessoas negras. No caso dessas últimas, não somente é dada boas-vindas:

> Atenção senhores passageiros
> Que se destinam às ruas da alegria
> Sejam bem-vindos à Salvador
> (Carlinhos Brown, Cidade Voa, Timbalada, 2001)[1]

Como também apresentam a cidade:

> Salvador é carnaval
> (Cay e Lú, Na Bahia tudo é festa, Banda Mel, 1993)

> Terra do todos Santos
> (Paulinho do Reggae e Gilberto Timbaleiro, Caruru com vatapá, Araketu, 1995)

> Terra do axé e do amor
> (Nenel, Soteropolitano, Parangolé, 2007)

1 Abaixo de cada trecho de texto de canção segue a sequência: compositor, título da canção, grupo musical ou cantor/a que entoa a canção e ano de lançamento da gravação.

E reforçam convite para que outras pessoas conheçam:

Vem pra Salvador
Vem ver o que é que há
Erga os braços, fique leve
Deixe a mente flutuar
Em plena avenida
Vamos te acompanhar
Erga os braços sob o sol
Pro Ilê vamos cantar
Esse é o que fala de amor
Que fala de África do Sul
Esse é o que fala de amor
Vem de lá do Curuzu
(Fôca e Gilberto Timbaleiro, Ilê que fala de amor, Margareth Menezes, 1995)

Esse tipo de apresentação é muito comum nas escrevivências musicais negras, o que torna oportuno acreditar que esta demonstração afetiva corresponde ao seio da sociedade soteropolitana, do contrário, não estabeleceriam tantos elogios. Com isso, sentir e expor o afeto de orgulho através do emprego do verbo ser e pronomes possessivos tem garantido a compreensão de que existe sentimento de pertença para com a cidade. A partir do grupo Parangolé, Nenel afirma em Soteropolitano (2007): eu sou de Salvador! O compositor Lazinho faz o bloco afro Olodum cantar "*Salvador, minha Bahia, capital*!".

Sendo as escrevivências musicais uma das formas de veicular afetos em grande alcance de público, faz com que o pertencimento seja sempre ampliado e revigorado coletivamente quando se canta e dança. Toma-se tamanha força e proporção afetiva que ao invés de mover, induz ao permanecer, influenciando habitantes, novas/os moradores e visitantes a, por exemplo, não querer sair da cidade. O compositor Roque Carvalho é bem direto em Nossa gente (1992) ao dizer que "*quem fica não pensa em voltar*", assim como Gidinho Cantoria justifica a sua permanência para sua namorada na escrevivência Ai nega (1997):

A pureza em toda parte
Natureza pra se amar
Carnaval é alegria
Salvador é poesia
Ai nega eu vou ficar
(Gidinho Cantoria, Ai nega, Banda Mel, 1997)

Não são todas as cidades brasileiras que proporcionam um afeto de alegria que provoca o sentimento de pertencimento para a população pela esfera musical. Cidades como Salvador são naturalmente galanteadoras ao seduzir corpos que

não se sentem pertencentes ao seu lugar de origem, e não se trata de uma atração derivada de necessidade compulsória, a exemplo de vínculo empregatício, mas uma conexão que acontece por livre escolha.

A exaltação de Salvador pela comunidade negra musical é tão expressiva que torna visível a adoração e a veneração existente. Para Espinosa (2009), a adoração nasce através da admiração de uma coisa que amamos e a veneração surge da admiração pelo discernimento. É lógico que não dá para generalizar essa dupla admiração para toda a população residente, pois é certo que existem pessoas que nasceram e nascem na cidade e gostariam de viver em outra. Contudo, não se pode negar que esse cerne rodeia a cidade, encontra-se em seu âmago, motivada, dentre outros fatores que possam existir, pelos desdobramentos que a cultura oferece, cuja a amplitude e força afetiva se espraia pelo território. A música compõe uma dessas facetas. Se Salvador se destaca na cena musical brasileira, com toda sua maestria, é motivo potente para sentir orgulho de dizer que nasceu na capital da Bahia.

Existem algumas cidades brasileiras que são reconhecidas nacionalmente por proporcionar alegria, tendo grande poder de atração pela busca por este afeto, mas arrisco dizer que Salvador, dentre elas, se destaca por ter a marca da alegria vinculada diretamente ao imaginário da cidade. Basta apenas digitar em site de busca as palavras “capital da alegria” que todas as notícias irão apontar Salvador. Quer seja estratégia de *marketing*, quer seja de forma genuína, a cidade, de fato, oferece oportunidades para o exercício do afeto da alegria. Como cidade musical, Salvador apresenta características que se coligam, dentre outros, num tripé, onde a maioria das escrevivências musicais pesquisadas traz a alacridade da cidade pela perspectiva da **beleza**, da **magia** e do **verão**. Axé!

Admiração tem relação com alegria, mas também com beleza. Não se admira alguém ou um lugar sem que se ache belo. E não se trata aqui de um padrão de beleza branco de lugar que nos é imposto, trata-se do belo que é construído no cotidiano, na e durante a relação com o lugar, alçando o espaço urbano como grande irradiador de atrativos que fazem com que haja vontade da permanência. Considerando, obviamente, que existem fatores externos (controversos ou sinceros) e experiências (controversas ou sinceras) que podem fazer com que para umas pessoas seja belo, enquanto para outras não.

Em linhas gerais, a ideia de beleza constitui um imaginário de cidade, ainda que muitas das vezes a “cidade bonita” corresponda a uma parte, não a todo território municipal. As amenidades naturais, as obras públicas, os sentidos despertados na população do que seja (des)organização urbana etc. favorecem para que uma parcela da cidade ganhe o título de linda, e este título tem força estratégica-afetiva para se estender a todo o município. Com isso, cabe problematizar algumas falas e fazer refletir sobre e de que forma estamos caracterizando lugares.

Encontrar alguém recém chegado de algum país europeu, por exemplo, é mais comum do que se imagina falar sobre o tópico "cidade e beleza", e isto muitas vezes acontece concomitantemente com um processo de caracterização negativa das cidades brasileiras. Essa prática também ocorre de forma interna ao país, quando se compara cidades sem grande projeção nacional com cidades metropolitanas. Ou seja, há uma verdadeira operação afetiva que atua em diferentes escalas para nutrir algumas cidades com admiração e outras com depreciação. Salvador, como cidade metropolitana, não foge dessa regra. Compositores como Carlinhos Brown não hesitam em nos convencer, a exemplo do texto da canção Cidade Voa (2001), que a cidade *é linda demais/ feliz, feliz, feliz cidade*. Esta qualificação dada a capital da Bahia pode tranquilamente virar uma operação matemática onde o elogio afetivo é resultado da soma adjetivo (feliz) + substantivo (cidade) = felicidade. E os enaltecimentos não param por aqui. Carlos Pitta e Dito, em Cidade magia (1990), trazem atributos que o senso comum ocidental seria incapaz de atrelar à Salvador:

Salvador é cidade beleza, é beleza
É mistura de amor e nobreza, é nobreza
Tem a força da mãe natureza, natureza
Salvador é cidade riqueza, é riqueza
(Carlos Pitta e Dito, Cidade Magia, Banda Reflexu's, 1990)

Com tanto sofrimento que o corpo negro passa em Salvador, não seria oportuno julgar as escrevivências musicais negras caso estas atribuíssem significados negativos à cidade, pois há experiências suficientes para nomeá-la de forma perversa. No entanto, a comunidade negra demonstra generosidade ao desvincular a cidade beleza da potência da multidão branca que exerce poder sobre ela, que mutila e extermina corpos negros.

Quem não conhece Salvador, por exemplo, é até capaz de pensar como Aldemário e Wellington quando escreveram Estrada da Paixão (1994): "*Ouvi dizer, quero provar/ as maravilhas desta terra é bonita/ que impera e faz bem*". E a possibilidade de conhecer propicia não só enxergar beleza, mas também a oportunidade de sentir afetações misteriosas. É comum ouvir, tanto de visitantes como de pessoas de outra naturalidade que se tornaram residentes, que a cidade possui uma energia inexplicável. Uma possível explicação pode ser vista nos textos das canções quando coloca a magia na centralidade da cidade. A cidade magia de Carlos Pito e Dito (1990) é a mesma

Magia de São Salvador
Terra maravilhosa
De encantos e prazeres
(Wilson Japiassu, Terra Maravilhosa, Banda Mel, 1991)

A palavra encanto destacada pelo compositor Wilson Japiassu tem forte vínculo com a atração. Quando se encanta por alguém ou por um lugar é porque tem algo de especial, um deslumbre, um prazer arrebatador, podendo ser inclusive acidental. Espinosa (2009) entende que a atração se configura como afeto secundário da alegria, acompanhando a ideia de uma coisa que, por acidente, torna-se causa da alegria. Porém, a palavra encanto tem um sentido pejorativo de "feitiçaria", dentre outros correlatos, utilizados para uma marcação imaginária negativa. O professor Filipe A. Vidal[2], professor de História das Artes e de Antropologia da Escola Nacional de Artes Plásticas de Luanda, prefere trocar a palavra feitiçaria por forças ocultas para não cometer os mesmos erros que os povos europeus quando iniciaram processo de demonização. Ele ainda acrescenta que existem forças ocultas em todos os lugares:

> Por exemplo, as ondas eletromagnéticas. Ninguém vê as ondas eletromagnéticas, mas o homem manipula isso. Veja, por exemplo, que hoje você precisa ter um cristal, e o mesmo princípio que se usa na ciência pra fazer uma televisão funcionar como um cristal de rocha é o mesmo princípio que o vidente usa. Por exemplo, nós precisamos de ter um satélite para poder comunicar com uma pessoa mais velha que está em Menongue, pra falar com o outro que está no Zaire. Quando nós temos os mais velhos que com a nossa ciência positiva é natural, ia numa bacia d'água a partir de sua glândula pineal que Deus é que colocou aqui [ele aponta o dedo para a região da glabela do próprio rosto], não foi Satanás nenhum. Nós somos seres espirituais (VIDAL, 2023, s/n.)

Aqui, neste trabalho, o encanto é visto como uma potência mágica que infere a energia estonteante que se sente na cidade. Isso deve acontecer em Salvador porque

Nessa cidade todo mundo é d'Oxum
Homem, menino, menina, mulher
Toda essa gente irradia magia
Presente na água doce
Presente na água salgada
E toda cidade brilha
A força que mora n'água
Não faz distinção de cor
E toda cidade é d'Oxum
(Gerônimo e Vevé Calazans, É d'Oxum, Gerônimo, 1985)

Gerônimo e Vevé Calazans são os grandes poetas deste grande clássico que evidencia Salvador como filha de Oxum, reverberando e irradiando a deusa das águas doces para os cantos da cidade. Em depoimento constado em portal da Fundação Gregório de Matos (2002), a intelectual Antônia Garcia, que foi liderança cultural no bairro Boca do Rio, fala que:

---

2 O professor fez essa fala num programa de televisão de Angola. O vídeo foi disponibilizado pelo canal @parentalidade_preta em 13 de dezembro de 2023.

> Vejo Salvador como a cidade de Oxum: vaidosa, maternal e fértil. Esse lugar consegue unir beleza natural com uma cultura afro-baiana única. E tem povo criativo, alegre, que enfrenta problemas como o racismo, o machismo, a desigualdade de classes... sou apaixonada por Salvador. Mesmo nas decepções, nos fracassos. Talvez porque eu seja baiana e tenha incorporado essa cultura de ir buscar a solução, de não ficar parada no meio do caminho. Na verdade, um povo que viveu a escravidão por tanto tempo, e ainda tem esse jeito de ser... realmente é uma vitória (GARCIA, 2002, s/n.)

A cidade de Oxum também é chamada de Roma Negra, termo criado por por Mãe Aninha, filha de santo do Candomblé Engenho Velho e posterior mãe de santo do Axé de Opô Afonjá (GARCIA, 2006). Levando em conta que a cidade é referência no que tange a religiões de matrizes africanas, esta característica faz com que os espaços urbanos ganhem referências a essa religiosidade. O Dique do Tororó, manancial natural da cidade, torna-se conhecido por acolher várias esculturas de orixás[3], o qual em outras cidades seria impossível de ver por conta de conservadorismos em maior proporção[4].

A magia da cidade tem ligação com a força das culturas africanas ancestrais, desencadeando na formação de culturas afro-baianas mediadas tanto pela espiritualidade como pelo campo do conhecimento que delas emergem. Podemos imaginar que cada terreiro destruído, escondido ou às vistas da sociedade deixam suas marcas na cidade e espalham a magia, absorvida pelo território. Inclusive, as escrevivências musicais ampliam a potência mágica e propulsora de energia a nível estadual. Tassia, Larissa e Bimba (en)cantam por meio da canção Agradecemos a vocês (2001) ao falar que *"minha Bahia/ terra de encanto e magia".* O grupo Parangolé entende, em Me chama de pagodeiro [s.d.], que "a Bahia é a perfeita terra de todos os santos/ terra de magia, de cultura, de encanto", enquanto os compositores Ythamar Tropicália, Tutuca Crença e Fé, Itamar Santos, Antônio José e Alberto Pitta destacam, em Diga que eu vou (1993), que a *"Bahia, terra magia/ lenda dos orixás/ estado de candomblé".*

Por fim, a beleza e a magia de Salvador se completam em torno de uma estação, no qual Saul Barbosa e Jaime Sodré anunciam a sua chegada em Luminosidade (1993):

Lá vem ele
Sempre ele
Elegante, rei, senhor
Lá vem ele
Sempre ele
O verão de Salvador
(Saul Barbosa e Jaime Sodré, Luminosidade, Banda Mel, 1993)

---

3 Tratam-se de obras do artista plástico Tatti Moreno, instaladas em 1996. 08 esculturas encontram-se na lagoa e medem sete metros de altura, enquanto 04 estão na calçada portando três metros. Oxalá, Iemanjá, Oxum, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iansã e Nanã encontram-se situadas na lagoa, e Oxumaré, Ossain, Logun-Edé e Ewá estão na calçada.

4 Cidades como Brasília e Recife possuem esculturas de orixás em espaços públicos, mas assim como Salvador, é constantemente alvo de depredação.

De acordo com Weather Spaker (2024), ao longo do ano a temperatura de Salvador varia entre 22ºC à 31ºC, sendo raro cair para menos que 20ºC e subir para mais que 33ºC. Deste modo, as estações e seus imaginários terão influência na poética dos textos de canções, inclusive participando da esfera dicotômica que envolve alegria e tristeza, a depender da estação. Diferente do estado do Rio Grande do Sul em que Panitz (2010) discute uma "estética do frio" por meio de texto do compositor e escritor gaúcho Vitor Ramil, os textos das composições baianas revelam uma "estética do calor", onde desdobramentos desta elevam o sol, o quente, o suor, o fogo e, obviamente, o verão aos textos das canções. Enquanto há na estética do frio um caráter mais introspectivo e melancólico, na estética do calor incorpora-se a ideia de contentamento e festividade[5].

É muito comum pensar em frio quando se trata da região Sul do Brasil, pois é o que se predomina no imaginário coletivo nacional, mas em período de verão o calor é tão intenso que é comum ultrapassar 40ºC. Assim como o imaginário do verão para a Bahia está tão enraizado que quando não se pensa na Bahia e Salvador se não for nesta estação. Além das escrevivências musicais colaborarem para tal, há também outros incrementos a essa estética do calor, a exemplo da ideia de mar, pelo sal, característica imprescindível da capital baiana. Essa conexão é indicada por Carlos Pitta e Dito em Cidade Magia (1990):

É sal, é sol, é som, é cor,
É Salvador
É paz, é dom, é liberdade
E muito amor (bis)
(Carlos Pitta e Dito, Cidade magia, Banda Reflexu's, 1990)

Neste patamar, os textos de canções atrelam o afeto de alegria com base nas expectativas de chegada do verão, que por sua vez, encontra-se vinculado às festividades. Por isso que Beto Silva escreve Prefixo do verão (1990), mantendo viva a ansiedade de

Quando você chegar
Quando você chegar
Numa nova estação
Te espero no verão
Salve, Salvador
Me bato, me quebro tudo por amor
(Beto Silva, Prefixo do verão, Banda Mel, 1990)

5 A relação de frio com tristeza e calor com alegria não é apenas uma questão psicológica, mas também orgânica, pois a luz solar ativa a produção de dopamina e serotonina, neurotransmissores ligados à felicidade. Contudo, importa relativizar a questão do calor com alegria porque uma das faces do racismo ambiental é, também, impor calor intenso às populações vulneráveis, sobretudo negras, no qual não há possibilidade alguma de haver contentamento.

A estética do calor transmite a ideia de que a alegria se encontra mais proeminente somente nesta estação. Esse fato converge no momento em que a população soteropolitana[6] entende que após o carnaval a cidade dá uma "acalmada" e só volta a ficar "eufórica" nos poucos meses que antecedem o carnaval. É como se a cidade, assim como nós, tivesse alguns temperamentos previsíveis. Porém, a música baiana é tocada em várias cidades durante vários períodos dos anos, culminando, também, na alimentação da ideia de festividade e alegria para o ano inteiro, de forma ininterrupta.

Festas acontecem durante todo o ano, inclusive com ritmos musicais que não são ouvidos habitualmente durante o carnaval. O que ocorre é que os grandes e recorrentes ensaios e festas dos grupos musicais, afoxés e blocos afro aumentam o volume de atuação em período próximo do verão, na expectativa do carnaval. Sendo o pré e o próprio carnaval localizado em estação de calor, logo, veremos ainda muitas composições elaboradas com base na beleza e no carinho pela cidade por via dessa estética, pois como já disse Evandro Rodrigues, em Baianidade Nagô (1991), "*Já pintou verão/calor no coração/ a festa vai começar*". E por falar nesta baianidade que jamais é esquecida, Roberto Rocha, Joezer Bispo e Manuel Alexandre elaboram o texto da canção Pegando Fogo (2004) e nos convidam para o verão baiano:

> Entre na onda passando energia
> Como é gostoso o verão da Bahia
> Que coisa linda, vem pra cá, Mainha! Vem pro Harmonia
> (Roberto Rocha, Joezer Bispo e Manuel Alexandre, Pegando fogo,
> Harmonia do Samba, 2004)

No caso do grupo Harmonia do Samba, é muito comum se falar mais do estado que da cidade porque Harmonia rima com Bahia. A escala estadual também é recorrente em outros grupos musicais, mostrando que apesar da escolha pelo enaltecimento da Bahia nos textos de canções, a alegria e características expostas é notoriamente soteropolitana. No mais, é válido também frisar que várias musicalidades não nascem na capital, mas progride na periferia dela.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expor experiências negras de alegria deslocam nossa cadeia de imaginários para outras referências, a da potência. Há algo valioso na cultura negra ancestral, como sementes que geram vida e mantém a circularidade da permanência de modo constantemente (re)atualizado. A música, neste patamar, tem papel primordial ao promover uma atmosfera de ligação que permite que as comunidades negras expulsem as tristezas de seus corpos, abrindo espaço para a chegada magistral de alegrias.

---

6 Entendimento que parte de conversas informais com residentes da cidade.

A sociabilidade em meio musical favorece a formação de organizações negras como afoxés e blocos afro e grupos musicais diversos, e é neste meio que surgem artistas que tanto lançam novas bases rítmicas como também escrevem, ou melhor, "escrevivem", fazendo dos textos de canções um adendo importante do fazer musical. Com isso, as escrevivências musicais fornecem várias pistas de como a alegria do povo negro é obtida e irradiada, mostrando como a alacridade possui força suficiente para diminuir a potência da tristeza.

Retornando a metáfora da agulha, a atividade musical costura o afeto de alegria junto à cidade, e esta alusão torna-se válida porque tanto pode acontecer o movimento de "descosturar", em momentos que a tristeza tende a sobressair, assim como também a qualquer sinal desta estarão os grupos negros em prontidão para fazer o reforço na costura da alegria no tecido urbano soteropolitano. Afinal, trata-se de um tecido resistente e com notória presença de estampas coloridas e fortes para combater qualquer derivado de tristeza.

Nesse sentido, existe um amor que se reprograma pelas alegrias. Espinosa (2009) sustenta que o amor é um afeto alimentado pela alegria que surge da ideia de uma causa exterior que, por sua vez, possui várias propriedades. Mas, em geral, corresponde a uma satisfação que se fortalece por meio da alacridade. Qualquer ação que possibilite inibir a atuação musical, foco desta escritura, é municiar estratégias que visam diminuir a potência de ser e existir da negritude que se veste primordialmente da cultura de base africana.

Não se trata de uma visão romântica da cidade, pois esta é localidade de múltiplas experiências, inclusive ruins. Contudo, valorizar os afetos advindos da alegria que resultam de experiências urbanas negras é, também (re)conduzir o protagonismo na relação afeto, cidade e música, no qual o espaço urbano não é só localidade de sofrimento, mas é onde as tristezas que unem corpos negros dissipam a partir do amor que nutrem entre si e pela cultura, sendo a música uma das possibilidades. Como dizem os compositores Lazzo Matumbi e Jorge Portugal: *apesar de tanto não, e de tanto dor que nos invade, somos nós a alegria da cidade.*

4. BIBLIOGRAFIA

CHAUÍ, MS (1995). Espinosa: uma filosofia da liberdade. Editora Moderna.

ESPINOSA, B (2009). Ética. Editora Autêntica.

EVARISTO, C (2018). Becos da Memória. Editora Pallas.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. (2002). Salvador, cultura do dia: Boca do Rio, Salvador. *http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area_=7&cod_polo=105*

GARCIA, AS (2009). Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum. Editora Garamond.

PANITZ, LM (2010). Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música platina (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

WEATHER SPARK (2024). Clima e condições meteorológicas médias em Salvador no ano todo.

https://pt.weatherspark.com/y/31054/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Salvador-Bahia-Brasil-durante-o-ano#:~:text=Ao%20longo%20do%20ano%2C%20em,superior%20a%2033%20%C2%B0C.

AI, QUE DOR, ME TIRA DESSE TORPOR. VEM, MEU AMOR, VEM CANTAR E AMAR SALVADOR.

R50

BE AFFECTED: A METHODOLOGICAL EXPERIENCE OF THE WALK IN THE CITY OF GOIÁS

SER AFETADA: UMA EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA DO CAMINHAR NA CIDADE DE GOIÁS

Ana Vitória Freitas da Silva
Mestranda bolsista pela Fundção de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG
Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Universidade Federal do Goiás
anavity@discente.ufg.br

Gabriel Teixeira Ramos
Docente
Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Universidade Federal do Goiás
ramosgabriel@ufg.br

ABSTRACT
This article intends to think about the walk through the city of Goiás (GO) as a practice of methodological trials of understanding and appropriation of urban spaces, mainly the street, based on the methodological studies of different authors and artists. We understand the walk around the city as a political act that allows us to know, affect and be affected by the city and it's users, in political, social and aesthetic aspects, that is, the walk as a tool that makes it possible to reveal issues of social disputes, through discussions, experiences and reflections. To this end, this communication pretends to discuss displacements around the city, in addition to discussing the narration and representation of urban ambiences in the city of Goiás and contributing to studies and cartographic experiments.

KEYWORDS: displacements. walk. Experiences.

RESUMO
Este artigo visa pensar o caminhar pela cidade de Goiás (GO) como experimentação metodológica para compreensão e apropriação dos espaços urbanos, principalmente a rua, tendo como base os estudos metodológicos de diferentes autores e artistas. Entendemos o caminhar pela cidade como ato estético e político que nos permite conhecer, afetar e ser afetado pela cidade e seus usuários, em aspectos políticos, sociais e estéticos, ou seja, caminhar visando revelar disputas sociais, por meio de discussões, experiências e reflexões. Para tanto, esta comunicação pretende efetivar uma discussão sobre os deslocamentos pela cidade, além da narração e da representação das ambiências urbanas da cidade de Goiás e contribuir com estudos e experimentações cartográficas.

PALAVRAS-CHAVE: deslocamentos. Caminhar. Experiência.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO
Caminhar pela cidade de Goiás, mesmo que despretensiosamente, é por si só uma experiência de apropriação dos espaços públicos e principalmente, pelas ruas. Desenvolver essa prática em conjunto com o cartografar pode complexificar questões que aparecem na cidade. Goiás é uma cidade do interior goiano nomeada pela Unesco como Patrimônio Histórico da Humanidade, desde 2001, composta por calçadas irregulares e íngremes que nos fazem caminhar preferencialmente pelas ruas, de modo a ter uma melhor estabilidade no deslocamento, visto que a relação entre a altura da calha viária e as calçadas das edificações, compostas por degraus e rampas, dificulta o deslocamento. Além disso, a percepção que temos do céu nesta cidade do interior nos convida a caminharmos pelo centro da rua, em busca de um livre deslocamento.

No entanto, precisamos ressaltar que, se, nós cartógrafos-caminhantes, caminharmos com um pouco mais de atenção e consciência, não necessariamente direcionadas a

algo específico e sim ao trajeto como um todo (Kastrup, 2007), podemos perceber diferentes questões sociais e políticas deste lugar, como realizar o caminhar enquanto ato político e estético por essa cidade composta por um imaginário coletivo intrínseco. Os habitantes da cidade de Goiás se apropriam diariamente de suas ruas. É comum vermos os moradores sentados em frente suas residências ao entardecer, crianças brincando no meio da das vias, festas noturnas que acontecem nas portas de distribuidoras de bebidas e que acabam ocupando as ruas e calçadas, além de eventos predeterminados, como as festas juninas de cada bairro e, como a feira de domingo e a festa de Nossa Senhora Santa Rita, que fecham as principais vias de acesso ao bairro João Francisco.

Neste artigo, visamos mostrar especulações sobre o caminhar por meio das práticas, a partir dos estudos sobre a metodologia de diferentes autores e artistas que trabalharam com o caminhar de modo a experimentar a cidade. Fazendo um breve aparato sobre os teóricos-críticos que pensaram o caminhar na prática temos, Francesco Careri (2013) que em seu livro *Walkscapes,* nos convida a caminhar como uma maneira de ver as paisagens, ou até mesmo de criar paisagens; desse modo, o autor defende o caminhar como um método de intervenção urbana, um modelo artístico e estético, o corpo ocupando o espaço. Gordon Cullen (1961), a partir do movimento *Townscape*, defende a leitura das paisagens urbanas está relacionada ao modo objetivo de olhar para o lugar, ou seja, é preciso observar o todo e não apenas questões isoladas; isto está diretamente associado ao método de visão serial desenvolvida pelo autor. Rebecca Solnit (2016), analisa o caminhar historicamente a partir de trajetos realizados por ela mesma em sua própria cidade, uma metodologia que busca ser afetada por diferentes aspectos sociais e políticos sobre um corpo-mulher que caminha em espaços públicos.

No Brasil contamos com Thiago Costa (2011; 2017) que utilizou metodologicamente a lentidão incorporada na experiência em perambular pelas ruas, para assim perceber e refletir acerca das questões urbanas e o que ele chamou de modelo formal das cidades. Eduardo Rocha (2023), por sua vez, debate sobre a política exercida por meio do ato de caminhar e mapear, defendendo o caminhar como uma prática social, ética e estética de compreender e compor as cidades. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) encontramos o pessoal do Laboratório Urbano, que realiza estudos com o objetivo de compreender a complexidade das cidades contemporâneas e tem diversas pesquisas baseadas na prática do caminhar como modo de compreensão sobre a relação do corpo e as ambiências urbanas.

Ainda, contamos também com aqueles que trabalham o caminhar para além de uma pesquisa científica e sim, como um ato estético e de discussão política. Hélio Oiticica, por volta dos anos 60, efetuou caminhadas em diferentes cidades brasileiras e as nomeou como *Delirium Ambulatorium*. O artista perambulava pela cidade desenvolvendo suas ideias a partir do seu trajeto, anotando e desenhando em cadernos, a fim de criar obras que relacionam corpo e ambiente, e que narram as

experiências urbanas. Ainda na mesma década, o artista inglês Richard Long prefere vagar por lugares remotos para conectar-se à natureza, intervindo como seu próprio corpo e trajeto nesses locais, criando trilhas e recolhendo matéria prima natural que possa ser utilizada na criação de obras. Long se apropria da paisagem a partir de uma experiência direta com a natureza.

Na contemporaneidade, exploramos os trabalhos de Francis Alÿs, artista belga que utiliza o caminhar pelas ruas das cidades como método para suas performances, de modo que suas intervenções são como fragmentos de cidade que ele está inventando. O artista-caminhante a partir de suas performances, propõe narrativas sem ao menos dizer uma palavra, apenas percorrendo as ruas arrastando um enorme cubo de gelo ou com uma lata de tinta vazando e traçando uma linha de divisão territorial antes invisível, mas que ainda assim gera diversos conflitos, o artísta incita diversas reflexões e críticas sobre a conformação das cidades.

Diante desse aparato, manifestamos a intenção em compreender por meio de deslocamentos questões sociais e políticas da cidade de Goiás, que podem ou não ser reveladas durante as experimentações. Para tanto, o artigo inicia com a discussão sobre como é o caminhar pela cidade de Goiás, a partir do estudo sobre os autores caminhantes citados. Em seguida, teremos a narração sobre as experiências apreendidas por meio desta prática, a partir da experiência de um corpo mulher-caminhante no interior goiano, e, por fim, concluiremos nosso estudo com algumas reflexões acerca das experiências apreendidas.

2. CAMINHAR POR GOIÁS

A partir do desejo de explorar a cidade e conhecê-la tal como ela é, entendemos que o caminhar, observar e apropriar-se das ruas poderia ser nosso método de experimentação. Praticar o caminhar como modo de apreender o espaço, refletir sobre as questões da cidade e seus habitantes, afetar e sermos afetados. Escolhemos Goiás como recorte empírico de estudo devido ao interesse em estudar sobre essa cidade conhecida por sua cultura, tradições e aspectos físicos marcantes, como o clima e sua conformação geográfica caracterizada por aclives e declives que permitem uma percepção espacial única a cada pessoa.

Caminhar pelas ruas de Goiás é uma experiência singular e, sendo um corpo feminino que caminha, aparecem ainda mais camadas. Mesmo sendo uma cidade do interior, em que é possível vermos as pessoas sentadas nas calçadas de suas residências, crianças brincando na rua, pessoas, no geral, em diferentes horários, ainda assim, um corpo-mulher acaba por sentir-se inseguro nas ruas. Apropriar-se das ruas da cidade é um ato político e, como mulher, reivindicamos duplamente esse espaço. Por mais que a cidade de Goiás seja minimamente segura e que vejamos pessoas transitando pela madrugada sem preocupações, uma mulher nunca se sente realmente segura em caminhar por alguns lugares em determinados horários. Uma mulher não possui

a mesma liberdade que um homem. Como diria, Deutsche (2018, p. 160) “nas ruas e praças, onde os homens têm mais direitos, mulheres elaboram estratégias para evitar as ameaças que as acometem no espaço público”.

A rua em um primeiro momento, com sua dimensão, nos convida a caminhar ao centro, no entanto, a conhecida predileção dos traçados urbanísticos pelos automóveis não nos permite essa prática, portanto, no geral, acabamos sendo forçados a transitar pelas calçadas. No entanto, ao pensar, numa realidade de cidade como Goiás, precisamos nos deslocar nas extremidades da calha viária ou ao centro, quando possível, já que as calçadas não foram projetadas para os pedestres e sim para o acesso dos automóveis às edificações e para melhor se ajustarem à topografia acidentada da urbe. Desse modo, percebemos uma certa resistência, inconsciente, das pessoas que, sempre que possível, se colocam a caminhar ao centro das ruas, local em que não encontram tantos obstáculos topográficos, além da sensação de mais liberdade de deslocamento, pela dimensão desse espaço. As pessoas se sentem impulsionadas a se apropriarem das ruas nesse caminhar cotidiano, um ato de resistência e política, mesmo que inconsciente.

Com isso, nosso estudo parte da ideia de que o caminhar pode ser uma ação intencional e consciente de apreensão dos espaços urbanos por nós cartógrafos. Acreditamos também, que essa prática, na cidade de Goiás, pode nos revelar questões sociopolíticas urbanas e de seus usuários, visto que, ao caminhar, podemos ser atingidos por sensações de pertencimento e estranhamento nesses locais.

Figura 1. Caminhantes em Goiás
Fonte: Silva, Ana (2024)

Pressupomos que, ao caminhar por essa cidade – como cartógrafos-artistas –, definida por um traçado historicamente segregacionista, podemos experimentá-la em seus aspectos sociais, políticos e estéticos, desde que essa ação seja realizada

com atenção e consciência, ou seja, não como um simples afazer cotidiano. Para tanto, recomendamos que, em conjunto com estudos de Kastrup (2007) e seus estudos filosóficos, ao efetivar essa prática, a atenção não seja dirigida para algo específico e sim mantida de um modo flutuante, em que diferentes questões possam ser apreendidas nessa experiência. Desse modo, entendemos que, seja necessário a busca por reconhecer a urbe estudada, em outras palavras, caminhar de modo intencional para observarmos e estarmos inseridos nesse processo.

> Caminhar pelas ruas da cidade é criar histórias e percepções, apreender gestos, imagens e referências; é ir em busca daquilo que identificamos e do que estranhamos, afetos e desafetos por espaços, eventos, passagens. A cidade existe como ela é porque nós existimos nela, modifica-se com a nossa mudança, e nos transformamos com ela (Mello, L. & Ribeiro, A., 2021, n.p.).

Ao nos propor essa caminhada consciente, podemos reivindicar nosso lugar na cidade. Se inconscientemente os corpos resistem e colocam ao centro das ruas, se apropriam, nós de modo intencional podemos ser atravessados por questões políticas, sociais e estéticas. Com isso em mente, nos dispomos a realizar trajetos pela cidade de Goiás em que seja possível analisarmos os diferentes aspectos citados da urbe e seus habitantes.

3. SER AFETADA: UMA EXPERIÊNCIA CAMINHANTE

Diante do discutido, é imprescindível a experimentação desse caminhar por Goiás com atenção e intenção de cartografar e refletir sobre as questões encontradas. Sendo assim, decidimos realizar alguns ensaios para esse trabalho de campo. Nossa pesquisa objetiva pôr em prática a leitura crítica da cidade a partir de experimentações metodológicas; ou seja, explorar modos de caminhar para compreender questões políticas, sociais e estéticas, uma maneira de ler os espaços urbanos. Para isso, inicialmente, realizamos um trajeto com um objetivo específico a ser observado, os gestos das pessoas, a relação das pessoas com o espaço público, ou melhor dizendo, pensando com Michel de Certeau (1998): os modos de estar que caracterizam o permanecer em um lugar, sentar e encostar; modos de fazer entendemos como o trabalhar e brincar; já os modos de usar a cidade elencamos o caminhar, dialogar e exercitar. Entendemos que essas ações podem nos dizer sobre as questões sociais, políticas e estéticas dos lugares. Ressaltamos também que, a partir deste momento, utilizaremos o termo “modos” e suas especificidades para analisar as experiências do trabalho de campo.

Iniciamos nossa caminhada no bairro João Francisco, o centro de atividades da cidade de Goiás, passando pela praça desse bairro, seguindo até o Chafariz de Cauda, um espaço público de lazer e encontros, prosseguindo pela Praça do Coreto até a primeira ponte do Rio Vermelho, a Ponte da Lapa. Além disso, a partir desse relato, passo a escrever em primeira pessoa, um relato de experiência de um corpo-mulher na cidade.

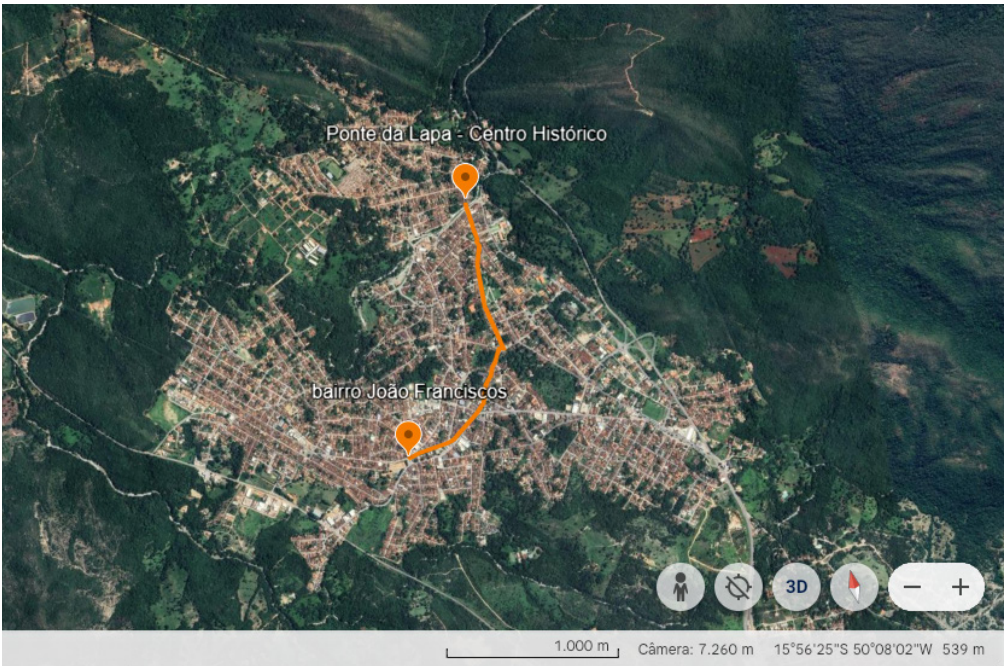


Figura 2. Mapa representativo do trajeto efetuado
Fonte: Google Earth, adaptado por Silva, Ana (2024)

Realizo essa caminhada no sábado, dia 30 de março de 2024, durante a manhã, mais ou menos, às 8 horas. No momento do trajeto, está um clima ameno, se tratando da cidade de Goiás e, logo de início, já posso perceber como o bairro João Francisco está cheio de ações, para qualquer lugar em que direciono o olhar é possível observar movimentos acontecendo. Esse bairro pode ser considerado essencialmente comercial, onde as atividades acontecem em sua maioria em período comercial. No horário escolhido para praticar a caminhada, todos os comércios estão abertos; pude observar pessoas comprando, trabalhando, os senhores, nas mesinhas, vendendo seus jogos de aposta. Carros e caminhonetes estacionados em pontos estratégicos, para a venda de alimentos orgânicos advindos majoritariamente da agricultura familiar. Carros de sons circulando para anunciar as ofertas de diferentes estabelecimentos.

Ser uma mulher caminhando no João Francisco pela manhã é um ato de segurança. Digo isso pois, em outro momento, realizei a mesma caminhada em horários noturnos e, em alguns pontos, sei que me sentiria insegura caso não estivesse acompanhada. Como ressaltado, esse é um bairro comercial e de atividade diurna, a partir das 20 horas as ruas se esvaziam, não se tem movimentação. Mesmo Goiás sendo uma cidade acolhedora do interior, uma mulher nunca se sente segura nas ruas em determinados horários e situações.

Seguindo para a praça, pude ver que ela estava ocupada em diferentes pontos por diferentes usos. Alguns trabalhadores, sentados apenas conversando, alguém passou e parou, a fim de dialogar com o grupo também, pessoas se encontram e se cumprimentam. Esse é um período em que há senhores na praça. Na frente das lojas e lanchonetes, as pessoas se relacionam ou apenas ficam na porta, para ver o movimento das ruas. Ao seguir em sentido ao chafariz, preciso parar por um momento, após uma subida, para retomar o fôlego, fico sentada no canteiro da rotatória, apenas observando as ruas, analisando meus sentidos.

Ao me aproximar do centro histórico, é possível perceber uma mudança tanto nos tipos de modos, quanto na frequência. Há alguns transeuntes, algumas pessoas sentadas na porta de suas residências, costume esse muito praticado em cidades do interior, mais comum ao final do dia. Já na Praça do Coreto, o movimento aumenta, mas não como em dias de eventos. Há algumas pessoas sentadas na praça e outras fazendo uso dos serviços bancários, também encontro turistas fazendo seus registros fotográficos pelos pontos turísticos. Me encaminho ao destino final desta caminhada, a Ponte da Lapa, me sento e observo alguns modos comuns a esse local. A sensação é de calmaria de um cotidiano pacato se desenrolando.

Figura 3 e 4. Modos de apropriação da cidade.
Fonte: por Silva, Ana (2024)

Em síntese, podemos observar e compreender como os usos de cada bairro determinam seus modos, ações e movimentos, como as relações sociais são específicas de cada local. As atividades desenvolvidas em cada ponto do trajeto nos afetam de modos diferentes. O bairro João Francisco, e o deslocamento na sua transição para o centro histórico, costuma ser tão parado à noite que nos gera uma sensação de insegurança, enquanto, durante a manhã, ainda que com diversos atos acontecendo, ocorria uma sensação única, ao poder observar o sentimento de pertencimento que o bairro João Francisco pode proporcionar. Um bairro em que sentimos fazer parte desse local, podendo desenvolver nossas atividades e nos misturar com as demais pessoas, sendo incorporados nesse espaço. Já o centro,

de manhã, e, principalmente, em um sábado, parece ser um lugar apropriado pelos turistas ou pessoas que estão ali só de passagem, de modo a sermos afetados por uma sensação de que ali temos todo o tempo apenas para sentar e observar, um espectador de fora das atividades desenvolvidas.

Esse ensaio inicial nos permitiu analisar e refletir sobre pontos da pesquisa, nos auxiliando na leitura dos espaços urbanos e na compreensão de pontos metodológicos do estudo. Para tanto, temos realizado outro trajeto, que abrange o máximo das ruas mais movimentadas e utilizadas pelos habitantes da cidade de Goiás, em diferentes dias e horários, a fim de analisar o desenrolar da vida urbana, da apropriação inconsciente das pessoas, enquanto nós, cartógrafos, estamos ali nos apropriando de modo consciente e intencional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós cartógrafos-artistas-pesquisadores, o caminhar com atenção e consciência é importante e pode ser utilizado como metodologia de trabalho, este que, por sua vez, desvela e levanta reflexões sobre sobre os aspectos políticos, sociais, éticos e estéticos da cidade. Dessa maneira, ao realizar os ensaios apresentados aqui, podemos observar os modos das em que as pessoas se apropriam das ruas da cidade de Goiás. Observamos também, como é inconsciente para os habitantes essa ação política de caminhar ao centro das ruas para facilitar seu trajeto ou até mesmo por se sentir à vontade com o espaço e com esse convite que a própria rua nos incita por sua largura, percepção do céu e por não conter tantos obstáculos como nas calçadas.

Enquanto nós pesquisadores estamos ali conscientes de nossa análise, os habitantes da cidade se apropriam dela cotidianamente como modo de viver o espaço urbano. Portanto, instigamos que seja considerado sobre como nós, como um todo, pesquisadores e habitantes, podemos ocupar essa cidade para além das necessidades cotidianas e de pesquisa. Buscar ainda mais maneiras de estar nessa cidade, de nos apropriar dela e vivenciar esses espaços urbanos públicos. A cidade deve ser um espaço para todos e vemos que na cidade de Goiás esta ocupação já vem acontecendo e precisa ser incentivada a continuar.

5. BIBLIOGRAFIA

Beltrame, T. e Rocha, E. (2023). Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. Arquitextos, Vitruvius, *https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923*.

Careri, F.(2013). Walkscapes: o caminhar como prática estética. 1º ed. São Paulo: G. Gili.

Certeau, M. (1998). A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 3º ed. Petrópolis: Vozes Ltda.

Costa, T. (2011). Deambulações pelo aglomerado da Serra: lentidão, corporeidade(s) e obliteração em favelas de Belo Horizonte (dissertação mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Costa, T. (2017). Coreogeografias da lentidão: gestos de ralentamento (tese doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Cullen, G. (1961). Paisagem urbana.

Deutsche, R. (2018). Agorafobia. Arte & Ensaios, n. 36. *https://doi.org/10.60001/ae.n36.p%25p*

Kastrup, V. (2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Psicologia & Sociedade, 19(1), 15-22. *https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100003*.

Mello, L. & Ribeiro, A. (2021). Circulação e vivência nas cidades: ser mullher, ser flâneuse. Estudos Feministas, 29(1). *https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n167152*.

SOLNIT, Rebecca (2016). A história do caminhar. São Paulo: Martins Fontes.

R50

SONIC MAPPING:A METHOD FOR ANALYSIS OF THE SOUNDSCAPE OF THE RAILWAY SUBURB IN RIO

GRAFIAS SONORAS: UM MÉTODO PARA ANÁLISE DA PAISAGEM SONORA DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO CARIOCA

Ingrid de Souza Soares
Mestranda em Arquitetura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ingrid.souza@fau.ufrj.br

Andrea Queiroz Rego
Professora Associada /Doutora
Universidade Federal do Rio de Janeiro
andrea.queiroz@fau.ufrj.brl

ABSTRACT

The paper presents the method for investigating and documenting the object of study - the soundscapes of the railway centralities of the City of Rio de Janeiro. The landscape is approached as a fact to be experienced in a physical time and space, understanding it as a phenomenon latent to the senses. From this perspective, it is concluded that the everyday sound of commercial seduction configures an aesthetic of ambiances (THIBAUD, 2012) typical of Rio's suburban centralities. An empirical and qualitative sound analysis of the clipping is developed, based on experimentation through walkscapes (CARERI, 2013). These walks are recorded and then documented through graphic strategies such as Maps and Sound Cuts (SOUTHWORTH, 1967) and, what is called, "Sound Cards" of the Sound Landmarks (SCHAFER, 1977) witnessed. The manifestation of the culture of these suburban railway centralities is also represented by their soundscapes.

KEYWORDS: Soundscape. sound cartography. Rio's railway suburb. railway centralities in Rio. Walkscapes.

RESUMO

O trabalho apresenta o método para investigação e documentação do objeto de estudo - as paisagens sonoras das centralidades férreas da Cidade do Rio de Janeiro. Aborda-se paisagem como um fato a ser experienciado em um tempo e espaço físico, entendendo-a como um fenômeno latente aos sentidos. Nesta perspectiva, conclui-se que o cotidiano sonoro de sedução mercantil configura uma estética das ambiências (THIBAUD, 2012) própria das centralidades suburbanas cariocas. Desenvolve-se uma análise sonora empírica e qualitativa do recorte, a partir da experimentação por meio de Derivas (CARERI, 2013). Estas Derivas são gravadas e então documentadas através de estratégias gráficas como Mapas e Cortes Sonoros (SOUTHWORTH, 1967) e, do que se denomina, por "Cartões Sonoros" dos Marcos Sonoros (SCHAFER, 1977) testemunhados. A manifestação da cultura dessas centralidades férreas suburbanas é, também, representada por suas paisagens sonoras.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem sonora. cartografia sonora. subúrbio ferroviário carioca. centralidades férreas cariocas. Derivas.

1. INTRODUCTION / INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto do trabalho de dissertação que se encontra ainda em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ) . Apresenta, portanto, resultados parciais do desenvolvimento de uma linguagem que vise melhor representar o espectro qualitativo da paisagem, focando na camada conceituada por R. Murray Schafer (1994) como Paisagem Sonora. Se empenha em representar, por meio de um viés fenomenológico, as nuances do cotidiano sonoro vivenciado nas paisagens suburbanas ferroviárias cariocas.

Para a definição do recorte, o trabalho se fez valer dos dados mais recentes levantados pela Prefeitura do Rio de Janeiro e explicitados no Diagnóstico Intersetorial Integrado da Prefeitura do Rio de Janeiro (2018), documento divulgado como base para as propostas do novo Plano Diretor da Cidade, atualmente em fase final de discussão. Assim, em análise prévia deste documento, foi possível definir o recorte estudo - as Estações Férreas de Campo Grande e Madureira, respectivamente, as de maior fluxo da zona oeste e zona norte.

Aborda-se paisagem como um fato a ser experienciado em um tempo e espaço físico, entendendo-a como um fenômeno latente aos sentidos, fruto dos processos culturais acumulados. Nesta perspectiva, a hipótese da dissertação em desenvolvimento é que o cotidiano sonoro de sedução mercantil configura uma estética das ambiências (THIBAUD, 2012) própria das centralidades suburbanas cariocas. As manifestações sonoras revelam em si traços do uso e apropriação cultural dos espaços, declarando aquilo que os fazem *Lugar* (NORBERG-SCHULZ, 1976).

Desenvolve-se, portanto, uma análise sonora empírica e qualitativa do recorte, a partir da experimentação por meio de derivas (CARERI, 2013). A manifestação de uma cultura dessas centralidades férreas suburbanas é, também, representada por suas paisagens sonoras. Estas derivas são documentadas por gravações e registradas graficamente por meio de Plantas e Cortes Sonoros (SOUTHWORTH, 1967) e, do que se denomina, por "Cartões Sonoros" dos eventos sonoros (SCHAFER, 1977) testemunhados.

O desenvolvimento da análise gráfica parte da identificação dos diferentes sons estruturados em diferentes ambientes públicos urbanos, e da criação de signos gráficos destinados a cada um, classificando-os em categorias. Com o estabelecimento desta legenda, a pesquisa então os espacializa e os localiza em planta e cortes, usando como base os dados fornecidos pelo Google e pela Prefeitura do Rio de Janeiro e os resultados do levantamento morfológico desenvolvido em campo pelo pesquisador. Por fim, elabora-se uma cartografia síntese de todas as derivas para cada centralidade explorada.

O desenvolvimento dos Cartões Sonoros é feito posteriormente. Por meio da espacialização e análise dos sons testemunhados, os mesmos são classificados em uma busca daqueles que podem ser entendidos como relevantes, seja por excentricidade ou repetição, capazes de identificar, pelas ambiências criadas, os diferentes lugares. Estes Cartões são compostos por uma ficha contendo foto, a localização do evento sonoro e um QR code que leva à gravação do som testemunhado.

Depois da produção destes produtos gráficos e sonoros, a pesquisa analisa-os, buscando identificar similaridades e especificidades nas paisagens sonoras, e desenvolve um relatório sintético das ambiências sonoras testemunhadas.

2. BREVE INTRODUÇÃO AO SUBÚRBIO CARIOCA

O Carioca ressignificou o subúrbio é o que defende Nelson da Nobrega Fernandes em seu livro "O rapto ideológico da categoria subúrbio" (2011). Essa estrutura internacionalmente conhecida como lugar de refúgio da classe média e alta, aqui dá lar para a classe trabalhadora de base. Com um histórico segregador, tendo sua origem habitacional intensificada com as reformas urbanas gentrificadores promovidas por Pereira Passos, o subúrbio carioca teve como fio tecedor o desenho da linha férrea. Foi ela que permitiu a agilização da viagem entre o centro e a periferia, onde hoje se instala o conhecido subúrbio férreo carioca (ABREU, 2006).

Sendo assim, em uma esfera local, as estações de trem passaram a exercer o papel de centralidade, sendo o lugar onde a proximidade com o Centro se estreita. Hoje em dia, como crescimento demográfico da Cidade, alguns desses centros suburbanos tiveram as suas zonas de influência ampliadas. Bairros como Campo Grande e Madureira passaram a exercer a função de uma "segunda centralidade" para os bairros adjacentes (RIO DE JANEIRO, 2018).

Essas centralidades passaram a desenvolver, portanto, suas próprias características urbanas específicas; buscando atender às demandas locais daqueles que não pretendiam viajar de trem até o Centro da Cidade. Nesses bairros, sem planejamento prévio, foi se construindo uma forte atividade comercial e serviços, associados com a instalação de equipamentos administrativos da Cidade.

Tendo este histórico de formação e de consolidação marcados pela segregação, o subúrbio carioca cultiva uma cultura baseada na resistência. A falta de infraestrutura deu palco ao improviso. Empreendimentos estruturadores que são projetados na área central da Cidade, adquirem nessas centralidades dinâmicas e espacialidades próprias, onde a calçada, a rua, e os baixios dos viadutos (QUEIROZ, 2022) se tornam palco para manifestações efêmeras cotidianas, periódicas ou isoladas.

Experimentando esses distintos *lugares* é possível constatar na paisagem as singularidades nas apropriações. De dia, as texturas das superfícies das fachadas, os anúncios sonoros, os cheiros das comidas, todos buscam seduzir os transeuntes à compra. À noite, em alguns, o comércio dá lugar ao lazer, em outras o movimento dá lugar à quietude. As similaridades e divergências são expostas aos sentidos. É partindo da experimentação desses cotidianos que surge a hipótese da existência de ambiências específicas capazes de identificar essas centralidades suburbanas do Rio de Janeiro.

3. O ENTENDIMENTO FENOMENOLÓGICO DA PAISAGEM

A pesquisa se baseia no entendimento pós-moderno sobre paisagem, tendo como embasamento o ideal de entender a paisagem além dos seus elementos formais, faz-se então necessária a investigação daquilo que une o físico ao evento fenomenológico, o 'permanente' ao 'fugaz'. As paisagens sonoras, inerentes às paisagens, são manifestações fenomenológicas, percebidas pelo corpo no espaço, mediadas pela cultura.

Aqui cabe o uso da relação de corpo e espaço que para Jean-Paul Thibaud é onde se encontra aquilo que podemos entender como uma estética das ambiências. Sendo os sentidos aquilo que liga o corpo à percepção desta estética.

> Em suma, seja tomando um viés mais cognitivo ou mais sensitivo, nos parece evidente que a percepção sensível seja o caminho não só possível, mas, de fato, inevitável para os pesquisadores que buscam captar e restituir a concretude da experiência urbana." (Thibaud, 2012, p.4)

Já o arquiteto e teórico norueguês Norberg-Schulz, em seu livro "O fenômeno do lugar", teoriza e diferencia o que seriam os *caráteres* e os *espaços* urbanos. O Lugar sendo composto tanto por suas características formais, mas também tendo seu lado exploratório na percepção de suas apropriações, abrindo uma via de investigação do Lugar como uma experiência, uma atmosfera a ser testemunhada.

4. 1 A BUSCA POR UM MÉTODO

O trabalho atém-se ao desenvolvimento de uma análise empírica e qualitativa dos *lugares* urbanos, das centralidades férreas da Cidade do Rio de Janeiro. Parte-se de uma metodologia indutiva, onde analisa-se, a partir da observação, características de casos relevantes de manifestação da cultura comercial suburbana e como esta manifestação é representada, particularmente, por sua paisagem sonora.

4.1 O campo

O campo é o documento principal da pesquisa, que definirá os resultados. Assim, o método para o trabalho de campo é definidor para a pesquisa. Para tal, o método definido envolve a associação do conceito de deriva com o conceito de percurso comentado.

O conceito de deriva é trabalhado a partir de Francesco Careri, em seu livro "Walkscapes" (2013), ao abordar a exploração da fenomenologia dos espaços a partir da experiência por meio do caminhar e a partir de Paola Berenstein Jacques no seu livro "Um elogio aos errantes" (2012) como uma prática estética e investigativa onde no se perder é onde o explorador encontra a arte e estética no cotidiano das cidades.

> Como vimos com Hélio Oiticica e com os artistas neo-concretistas e tropicalistas, os letristas passaram também a tratar da vida cotidiana em geral, da relação entre arte e vida, e, em particular, da arquitetura e do urbanismo, sobretudo da crítica ao funcionalismo moderno. (Jacques, 2012, p. 178)

Por sua vez, Jean-Paul Thibaud (2012) introduz o percurso comentado (*Parcours Commenté*) e afirma que "[...] o ato de andar tem sido eleito como ponto de partida da reflexão e permitido problematizar a relação sensorial do morador com o seu entorno urbano."

Propõe-se, com base no acima exposto, o estabelecimento de pontos de partida adjacentes às estações ferroviárias que exercem centralidade nos bairros da Zona Norte e Oeste da cidade. Partindo desses pontos em dias e horários distintos, propõe-se que a exploração se dê ao acaso, permitindo que o pesquisador se deixe levar pelos sons da cidade. Cada nova percepção sonora que causa um desvio de percurso no ambiente é um ponto de inflexão registrado, associando o espaço físico visível (formas, cores, texturas etc) com o invisível (odores, vento, calor etc) e as sensibilizações geradas (segurança, conforto, desconforto, inquietação etc). Deste modo, as diferentes ambiências vão sendo percebidas. Os percursos que compõem os passeios sonoros não tem regularidade, nem em tempo, nem em espaço, refletindo a relação do pesquisador com os ambientes vivenciados.

Desenvolve-se, assim, uma análise empírica e qualitativa das "centralidades férreas" da Cidade do Rio de Janeiro, a partir da sua experimentação, dando destaque para os sons como uma relevante representação cultural.

4.2 A documentação em campo

Com a definição do método de exploração do campo daquilo que caracteriza as centralidades férreas cariocas, surge o desafio da documentação de algo tão fugaz quanto a camada sonora da paisagem. Devido à complexidade daquilo que se propõe fazer, a resposta foi encontrada em não apenas um registro, mas na combinação de alguns - sonoros e gráficos.

4.2.1 Cartografias da forma urbana

O primeiro registro se desenvolve previamente, antes da exploração em campo. Com base em dados fornecidos pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, será feito um mapa síntese do entorno das estações férreas (com até 1km de raio) definido pelos espaços livres e edificados, evidenciando a verticalização dos espaços edificados, a arborização urbana e o desenho dos espaços livres sejam ambientais, de circulação ou de permanência. Esta cartografia é levada para o campo servindo de base para anotações sobre as funções dos espaços edificados de modo qualitativo; para as apropriações nos espaços livres e os usos nos espaços de circulação.

4.2.2 Narrativas

Durante todo o passeio sonoro, cada decisão de novo percurso (ponto de inflexão) deverá ser registrada pelo pesquisador, na forma de uma narrativa que explique o som que motivou o desvio, seja a curiosidade por uma paisagem sonora diferenciada da vivenciada, seja pela segurança de uma paisagem sonora reconhecida. Nos pontos de inflexão, o pesquisador registra, também, as percepções sobre o percurso previamente desenvolvido. As narrativas incorporam, principalmente, as relações do corpo com o espaço, o sensível, as ambiências experimentadas. As narrativas podem ser gravadas ou escritas.

4.2.3 Séries fotográficas

Todo o passeio sonoro é fotografado, tendo por base o conceito de Imagem Serial de Cullen (1984). Aqui, o método privilegia o registro imagético da paisagem dos sons, mesmo que indissociáveis das formas e funções urbanas. Com isso, o trabalho visa produzir um material que na associação da visão com a audição, possa representar (ainda que não em sua plenitude) a experiência da deriva. Entretanto, ao contrário do que propõe Cullen, a pesquisa não se compromete com a regularidade dos registros, o que caracterizaria um vídeo.

4.2.4 Gravações

O passeio sonoro é inteiramente gravado, em movimento, de modo similar a percepção biauricular do pesquisador. Em cada ponto de inflexão, o pesquisador se detém 3 minutos em gravação parada, para captar a diferenciação entre os percursos.

4.2.5 Estruturação sonora

Os sons além de gravados são registrados de modo descritivo seguindo a estruturação sonora proposta por Schafer (1994): (1) sons fundamentais se tratam daqueles constantes na paisagem, que devido sua constante existência se tornam fundo e passam a se tornar conscientemente imperceptíveis; (2) eventos sonoros que para além de carregar em si significado, influenciam na dinâmica social de quem impacta sendo, portanto “um som da comunidade que é único ou que possui atributos que o tornem especialmente considerado ou notado pelas pessoas naquela comunidade” (SCHAFER 1994, p. 274); (3) sinais sonoros são sons que nos alertam, que carregam em si um código, uma mensagem não verbal; e (4) marcos sonoros são sons relacionados com o patrimônio reconhecido de uma sociedade.

4.3 A documentação síntese

4.3.1 Plantas e cortes sonoros

Toda a experiência vivenciada em campo será sintetizada em plantas e cortes sonoros com base no trabalho de Southworth (1967), onde, com o uso de símbolos, a paisagem sonora será documentada em associação com a forma e apropriações urbanas. Os cortes são fundamentais para o reconhecimento da tridimensionalidade dos sons associada com as informações volumétricas das quadras, permitindo estabelecer as relações a serem identificadas.

4.3.2 Cartões sonoros

Os Cartões Sonoros se baseiam em fichas nas quais constam o registro fotográfico, localização e uma gravação curta do sons correspondentes ao momento, além de informações da deriva (data, horário e percurso completo). Têm-se o entendimento dos cartões sonoros como ferramenta de representação focal, para aqueles eventos específicos que caracterizam a paisagem, como os pontos de inflexão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que este método apresentado possa ser capaz de demonstrar a importância dos sons na construção das ambiências urbanas. Os sons enquanto representações culturais não podem ser avaliados apenas pelo nível de pressão sonora produzido, mas como manifestações indissociáveis da paisagem urbana, que a transformam e por ela são transformados. Os sons escutados como referências dos lugares que marcam uma dinâmica temporal cotidiana e sazonal. Os sons que devem ser reconhecidos no planejamento das cidades de modo pleno e diferenciado para cada uma de suas zonas específicas.

7. BIBLIOGRAFIA

Abreu, M.(2006) O Rio de Janeiro no século XIX: Da cidade Colonial à cidade capitalista. Em: Evolução urbana do Rio de Janeiro (4ed), (pp.36-69). IPP / IPHAN.

Careri, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética (2013). Editora G. Gili, Ltda.

Cullen, Gordon. Paisagem Urbana (1984). Martins Fontes.

Fernandes. NNF. O rapto ideológico da categoria subúrbio (2011). Editora Apicuri.

Jacques. PB. (2012). Elogio aos Errantes. Editora UFBA.

Mattoso. R (2019). A cultura Urbana nos subúrbios cariocas: uma análise das relações de sociabilidade suburbanas ao longo do século XX. Anais XVIII ENANPUR. *https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529436265_ARQUIVO_ArtigoANPUH2018.pdf*.

Norberg-Schulz. C (2013). O Fenômeno do Lugar. Em: Uma nova agenda para a arquitetura; uma antologia teórica 1993-2009 (pp. 443-461). Cosac Naify.

Thibaud. J. (2012) P. A cidade através dos sentidos. Cadernos Proarq, 18, p. 3-16. *https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf*.

Southworth. M.F (1967). The sonic environment of the cities (tese de mestrado). Universidade de Minnesota, Minnesota.

Schafer, RM. (1994). The soundscape – our sonic environmental and tuning of the world. Destiny Book, Rochester.

Queiroz, I. (2022). Rambla Carioca: um estudo de caso do baixio do viaduto ferroviário em Manguinhos, Rio de Janeiro (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Arquitetura.

R50

DESIGN FOR THE URBAN AMBIANCE: THE TIMELESS CHARACTER OF CHRISTOPHER ALEXANDER'S PATTERNS

PROJETO PARA A AMBIÊNCIA URBANA: O CARÁTER ATEMPORAL DOS PATTERNS DE CHRISTOPHER ALEXANDER

Marcos Viriato
PhD Candidate
School of Civil Engineering, Architecture and Urban Design - UNICAMP
m234651@dac.unicamp.br

Silvia Pina
Full Professor
School of Civil Engineering, Architecture and Urban Design - UNICAMP
smikami@unicamp.br

Evandro Monteiro
Associate Professor
School of Civil Engineering, Architecture and Urban Design - UNICAMP
evanzigg@unicamp.br

ABSTRACT

This paper uses Christopher Alexander's patterns to explore the interdisciplinary connections involving affection notions in urban spaces and design parameters. Published in A Pattern Language in the 1970s, the patterns were developed as a design method based on empirical observations of human interactions with places. They incorporate phenomenological knowledge to validate the common feelings evoked in the built environment. Alexander proposed patterns as design parameters to address human needs and aspirations, including sensory and affective aspects. This study investigates how urban ambiance can be promoted through these parameters, using a case study through a selection of patterns identified in different categories of urban morphology, such as in open outdoor spaces, streets and paths, and building façades. By selecting twenty-one patterns, the paper aims to elucidate the presence of humanizing attributes in design parameters and discuss their relevance to promoting ambiance in urban spaces.

KEYWORDS: urban ambiance. humanization. person-environment relationship. patterns.

RESUMO

Este artigo explora as articulações interdisciplinares envolvendo a noção de afeto em ambientes urbanos e parâmetros de projeto, utilizando os patterns de Christopher Alexander. Publicados em A Pattern Language na década de 1970, os patterns foram desenvolvidos como um método de projeto baseado em observações empíricas das interações humanas com os lugares. Eles incorporam conhecimento fenomenológico para validar os sentimentos comuns despertados no ambiente construído. Alexander propôs patterns como parâmetros de projeto para atender às necessidades e aspirações humanas, incluindo aspectos sensoriais e afetivos. Este estudo investiga como a ambiência urbana pode ser promovida por meio desses parâmetros, utilizando como estudo de caso uma seleção de patterns identificados em diferentes categorias de morfologia urbana, como espaços exteriores abertos, ruas e caminhos e fachadas de edifícios. Selecionando vinte e um patterns, o artigo objetiva elucidar a presença de atributos humanizadores nos parâmetros de projeto e discutir sua relevância para a promoção da ambiência em espaços urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: ambiência urbana. humanização. relação pessoa-ambiente. patterns.

1. INTRODUCTION

In contemporary metropolises, public spaces are usually marked by anonymous human relationships and individualistic attitudes. According to Sennett (1992), this behavioral pattern may have originated with the loss of collectivism during the rise of the industrial city in the 18th and 19th centuries. As cities became more populated, people gradually lost functional and social contact with urban spaces, becoming increasingly isolated from each other. Today, social networks open up a new dimension for human relations in virtual space. Although new technologies, such as communication, make life easier, they also reduce physical interactions in urban spaces. Recently, the COVID-19 pandemic intensified these patterns due to sanitary measures aimed at preventing virus transmission, negatively affecting human emotional well-being in urban spaces where hostile architecture predominates in most global metropolises. This period also highlights the need for interdisciplinary studies to address the complex environmental crises affecting humanity today in the Anthropocene, where urgent ecological, energy, climate, political, and economic issues emerge, underlining the need to promote a humanizing approach to urban spaces, valuing the aspects and lessons of ambiance.

The notion of ambiance has a long history in French research, primarily originating in the field of architecture and the tradition of situationist thought, becoming more complex over time. Ambiance intimately connects the constructed, material, sensory, and social dimensions of inhabited spaces and architecture (Amphoux et al., 1998; Thibaud, 2015). Thibaud (2012) argues that the symbiosis between human interactions and places is fundamental to ambiance, making urban spaces more conducive to the development of human relationships. However, ambiance cannot be reduced to isolated elements such as light, climate, or materials; it is about the integration and harmonization of these and some other components, connected with Architecture design. The keyword coalescence helps explain this concept, referring to the merging of the various factors that make up a situation of ambiance (Thibaud, 2015). Malard (1993) emphasizes that humanization is essential to the ambiance, occurring through reciprocal interactions between individuals and places, which generate a momentary atmosphere in architectural and urban settings. This involves the perception of subjects and social practices in the sensitive design of the built environment, considering their emotional connections to places.

Regarding the anonymous and individualistic interactions prevalent in urban spaces, this paper uses design parameters to explore interdisciplinary articulations involving the notion of affection in urban spaces. The investigation is based on analyzing Christopher Alexander's patterns, seen as recurring manifestations of human interactions with places. Published in A Pattern Language (Alexander et al., 1977), the patterns were proposed as a design method based on empirical knowledge and observation of human behavioral relationships with places. Later, they adopted phenomenological knowledge to validate common feelings evoked in the built and natural environments, considering the recurring patterns of these interactions.

Although A Pattern Language is a 1970s design theory emphasizing the need for social contact and an intimate relationship with nature (Kowaltowski, 1980; Van der Voordt & Van Wegen, 2005), it is now also considered a treatise on architecture and urban design by many scholars, since that Alexander dedicated almost his entire life to creating a new design paradigm for the field (Grabow, 1983; Carmona et al., 2003; Salingaros, 2005; Dawes & Ostwald, 2017). This paper highlights the controversial and enduring nature of Alexander's patterns considering their attempt to translate recurring human interactions with places into design parameters. The patterns function as design tools that approach the concept of ambiance, presenting humanizing attributes that address human aspirations and needs in the built environment, including aspects that are difficult to measure, such as place affections.

Considering the timeless nature of Alexander's patterns, this study seeks to answer the following question: How can the ambiance of urban spaces be promoted through design parameters?

To answer the research question, this paper aims to elucidate the presence of humanizing attributes in design parameters, based on a selection of Alexander's patterns, which involve sensory and affective aspects to promote ambiance in urban settings. This selection aims to capture the timeless nature of Alexander's work, identifying patterns in different categories of urban morphology, such as in open outdoor spaces, streets and paths, and building façades.

2. A PATTERN LANGUAGE

To address Christopher Alexander's A Pattern Language within the scope of this paper, it is essential to contextualize its publication within the framework of the 1970s. Developed over a decade, the work (Alexander et al., 1977) presents patterns in a practical manner, embedded in a hierarchical structure termed as a language. Instead of words, this language comprises patterns of human interactions with places. The pattern language proposed by Alexander et al. (1977) is also interpreted as a design method intended to be applied and handled by users themselves. At the time of its creation, it emphasized the importance of participatory approaches in the design process, significantly contributing to the achievements of the Design Methods Movement. According to Van der Voordt & Van Wegen (2005), this movement underwent generations of design methods. The first generation had a rational focus, and the second and third generations concentrated on addressing users' needs in the built environment, using participatory methods developed from interdisciplinary studies in environmental psychology, sociology, and anthropology, among other disciplines. Embracing this movement's spirit, Alexander et al. (1977) published A Pattern Language with the intent that patterns, as design tools, could be used and modified by users according to their needs and contextual factors, such as climate and culture. This democratic nature makes it an accessible design theory for both laypeople and specialists.

The patterns are presented in a didactic and practical structure to guide their application by the reader/user, grouped into three sets: large-scale patterns for cities (1 to 94), medium-scale patterns for buildings (95 to 203), and small-scale patterns for construction (204 to 253), resulting 253 patterns. The standard structure of patterns includes (Figure 1):

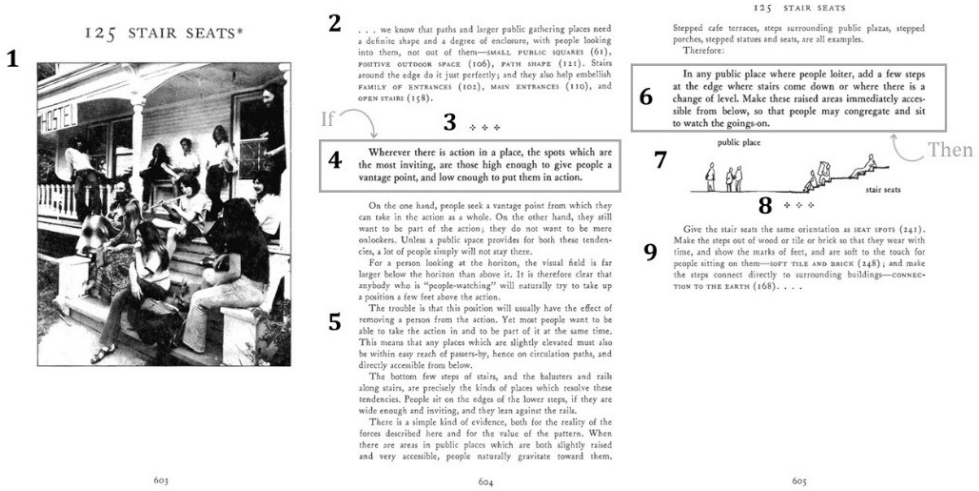


Figure 1. The standard structure presentation of all pattern
Source: Adapted from Alexander et al. (1977).

(1) a Presentation of a figure depicting the archetypal nature of the pattern; (2) an Introductory paragraph discussing the context of the pattern and its relationship with other larger-scale patterns; (3) Mark three diamonds (⋄⋄⋄) to delineate the problem; (4) Bold paragraph with one or two sentences summarizing the problem content; (5) Descriptive text accompanied by figure(s) or graph(s) that empirically contextualizes the pattern with evidence of its validity and the variety of situations in which it can manifest; (6) Bold text providing the solution to the problem, highlighting the physical and social relationships necessary to address the issue; (7) Diagrams or drawings illustrating the strategies considered in the solution by the authors; (8) Mark three diamonds (⋄⋄⋄) to signal the conclusion of the main body of the pattern; (9) Final paragraph linking the pattern to other smaller-scale, more specific patterns necessary to complete the language structure. The design strategies presented in each pattern have varying degrees of reliability as posited by Alexander: some are more true hypotheses, while others are more open to verification. In this sense, Alexander et al. (1977) explain that the title A Pattern Language represents just one of the infinite languages that can be created from its structure.

For Salingaros (2005), since the patterns are empirically derived from observations, they differ from scientific theory, which derives solutions from principles first. It is understood that the patterns' humanizing attributes discovered by Alexander

provide a phenomenological basis from which scientific theories can grow. Although they are considered pre-scientific, they are broader than science, requiring inter and transdisciplinary approaches to comprehend. Therefore, this study uses the approach to the patterns' humanizing attributes more appropriately from a probabilistic perspective, as Carmona et al. (2003) suggest for the current approach in the urban design field. It is because the idea of environmental determinism denies the role of human agency, assuming that the environment-people interaction is a one-way process, whereas, in reality, it is a two-way process where people are not passive; they influence and change the built environment just as it influences and changes them.

With A Pattern Language, the volume The Timeless Way of Building introduces Alexander's design theory approach by demonstrating how patterns were proposed as humanizing design concepts based on empirical knowledge. This approach involves observing human behavioral relationships within environments and then applying phenomenological understanding to validate the common human feelings evoked by these settings, focusing on recurring interaction patterns. Alexander (1979) explains that patterns were formulated by identifying the forces mediating human interactions with places, rooted in the empirical reality of what happens without requiring extensive experiments. "In short, the scientific accuracy of the patterns can only come from a direct assessment of people's feelings, not from arguments or discussions" (Alexander, 1979, p. 295). The scientific precision of these patterns comes from direct evaluation of people's feelings rather than theoretical arguments. For instance, it is a common agreement with consensus rates between 90 to 99%, that people overwhelmingly prefer spaces with windows (e.g., window seats, glazed alcoves, a chair by a low windowsill overlooking flowers, a bay window) rather than spaces without windows.

While Alexander did not explicitly acknowledge the phenomenological basis of his work, Seamon (2007) highlights its potential to provide a new analytical foundation approach for architecture and urban design, mostly in terms of phenomenological perspective and method. This becomes evident in The Timeless Way of Building (Alexander, 1979), where Alexander discusses the nature of patterns through the concept of quality without a name. According to Alexander (1979), a pattern represents a system of forces, predicting situations where these forces will be harmonious and where they will not. Patterns inherently connect the balance of these forces with human feelings, even when forces are latent within a pattern, we can sense them. "The fact is that we feel good in the presence of a pattern which resolves its forces" (Alexander, 1979, p. 286). Thus, when a pattern's forces are in harmony, it generates the quality without a name, which makes it possible to distinguish life spaces from those lifeless. This paper approaches this quality in Alexander's patterns as humanizing attributes in design parameters with potentialities to promote ambiance in urban spaces.

3. METHOD: A SELECTION OF PATTERNS

Especially for housing design, Barros & Pina (2011) have organized a framework of the patterns of territorial arrangement, denominated as the sense of urbanity. The conceptual category refers to the site-planning scale and endeavors to provide urban vivacity. A sensibility to the existing built and natural environments was allied to specific spatial attributes and social sustainability parameters. The sense of urbanity comprehends three subcategories of concepts: (i) Sensibility to the built and natural environments; (ii) Connectivity, legibility, and social sustainability, and (iii) Identity. This precedent study was the source of inspiration for a more detailed selection of patterns linked to the notion of affection.

This paper uses Christopher Alexander's patterns to explore the interdisciplinary connections involving affection notions in urban spaces and design parameters. To do this, the research uses a case study method centred on Alexander's patterns. Yin (1994) notes that this method enables an in-depth exploration of complexities, uncovering the interrelations and influences among different components of the theory. In this case, we selected twenty-one patterns from Alexander's book (Alexander et al., 1977). These patterns are readily identifiable in urban morphology, as indicated by their titles, such as 114. HIERARCHY OF OPEN SPACES, 52. PATH SHAPE, and 160. BUILDING EDGE. This selection is not intended to explore the full potential of Alexander's work; the number is justified by the scope compatible with this paper. The sample is organized into three categories, each comprising seven patterns: open outdoor spaces, streets and paths, and building façades.

The analysis follows the "if... then..." structure, addressing a recurring problem in the built environment with "if" and proposing design strategies to solve it with "then", as shown in Figure 1. Each pattern is accompanied by a drawing from Alexander et al. (1977). Finally, the paper elucidates the presence of humanizing attributes in design parameters through a written excerpt, demonstrating how to apply this selection to design for the urban ambiance.

4. DESIGN FOR THE URBAN AMBIANCE

Figures 2 to 4 below present a selection of twenty-one patterns from Alexander et al. (1977), which stress the presence of humanizing attributes in design parameters. These attributes provide a theoretical framework for design analysis that encompasses sensory and affective aspects identified in three categories of urban morphology settings like the following ones: open outdoor spaces, streets and paths, and building façades.

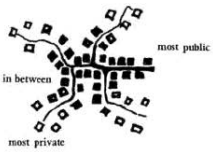
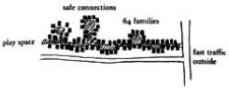
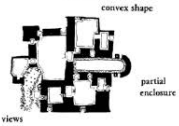
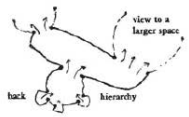
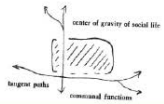
PATTERNS	IF...	THEN...
36. DEGREES OF PUBLICNESS 	*People are different, and the way they want to place their houses in a neighbourhood is one of the most basic kinds of difference (p. 193).*	*Make a clear distinction between three kinds of homes – those on quiet backwaters, those on busy streets, and those that are more or less in between. Make sure that those on quiet backwaters are on twisting paths, and that these houses are themselves physically secluded; make sure that the more public houses are on busy streets with many people passing by all day long and that houses themselves are relatively exposed to the passers-by. The in-between houses may then be located on the paths halfway between the other two (p. 195).*
61. SMALL PUBLIC SQUARES	*A town needs public squares; they are the largest, most public rooms, that the town has. But when they are too large, they look and feel deserted (p. 311).*	*Make a public square much smaller than you would at first imagine; usually no more than 15 to 66 feet across never more than 70 feet across. This applies only to its width in the short direction. In the long direction it can certainly be longer (p. 313).*
67. COMMON LAND	*Without common land no social system can survive (p. 337).*	*Give over 25 per cent of the land in house cluster to common land which touches, or is very very near, the homes which share it. Basic: be wary of the automobile; on no account let it dominate this land (p. 339-340).*
68. CONNECTED PLAY 	*If children don't play enough with other children during the first five years of life, there is a great chance that they will have some kind of mental illness later in their lives (p. 342).*	*Lay out common land, paths, gardens, and bridges so that groups of at least 64 households are connected by a swath of land that does not cross traffic. Establish this land as the connected play space for the children in these households (p. 346-347).*
106. POSITIVE OUTDOOR SPACE 	*Outdoor spaces which are merely "left over" between buildings will, in general, not be used (p. 518).*	*Make all the outdoor spaces which surround and lie between your buildings positive. Give each one some degree of enclosure; surround each space with wings of buildings, trees, hedges, fences, arcades, and trellised walks, until it becomes an entity with a positive quality and does not spill out indefinitely around corners (p. 522).*
114. HIERARCHY OF OPEN SPACE 	*Outdoors, people always try to find a spot where they can have their backs protected, looking out toward some larger opening, beyond the space immediately in front of them (p. 558).*	*First, make at least one smaller space, which looks into it and forms a natural back for it. Second, place it, and its openings, so that it looks into at least one larger space. When you have done this, every outdoor space will have a natural "back"; and every person who takes up the natural position, with his back to this "back", will be looking out toward some larger distant view (559-560).*
129. COMMON AREAS AT THE HEART 	*No social group – whether a family, a work group, or a school group – can survive without constant informal contact among its members (p. 618).*	*Create a single common area for every social group. Locate it at the centre of gravity of all the spaces the group occupies, and in such a way that the paths which go in and out of the building lie tangent to it (p. 621).*

Figure 2. Patterns selection from the open outdoor spaces category
Source: Adapted from Alexander et al. (1977).

The design for urban ambiance, using this selection of patterns identified in the open outdoor spaces category, focuses on creating a communal area featuring paths, gardens, and bridges around a cluster of buildings connected by pedestrian-friendly land free of vehicular traffic. In this arrangement, the communal area should occupy the center of gravity of all the spaces used by the group, ensuring that the paths leading to and from the buildings are tangential to them. These outdoor spaces, resembling a small public square, foster an atmosphere that encourages social interaction.

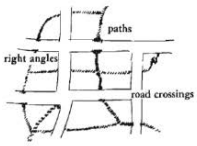
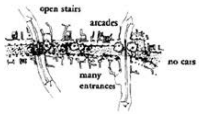
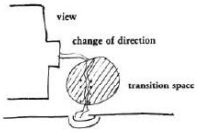
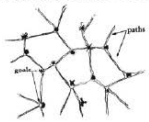
PATTERNS	IF...	THEN...
51. GREEN STREETS	*There is too much hot hard asphalt in the world. A local road, which only gives access to buildings, needs a few stones for the wheels of the cars; nothing more. Most of it can still be green (p. 267).*	*On local roads, closed to through traffic, plant grass all over the road and set occasional paving stones into the grass to form a surface for the wheels of those cars that need access to the street. Make no distinction between street and sidewalk. Where houses open off the street, put in more paving stones or gravel to let cars turn onto their own land (p. 269).*
52. NETWORK OF PATHS AND CARS 	*Cars are dangerous to pedestrians; yet activities occur just where cars and pedestrians meet (p. 271).*	*Except where traffic densities are very high or very low, lay out pedestrian paths at right angles to the road, not along them, so that the paths gradually begin to form a second network, distinct from the road system, and orthogonal to it. This can be done quite gradually – even if you put in one path at a time, but always put them in the middle of the "block", so they run across the roads (p. 274).*
100. PEDESTRIAN STREET 	*The simple social intercourse created when people rub shoulders in public is one of the most essential kinds of social "glue" in society (p. 489).*	*Arrange buildings so that they form pedestrian streets with many entrances and open stairs directly from the upper stories to the street, so that even movement between rooms is outdoors, not just movement between buildings (p. 491).*
112. ENTRANCE TRANSITION 	*Buildings, and especially houses, with graceful transition between the street and the inside, are more tranquil than those which open directly off the street (p. 549).*	*Make a transition space between the street and the front door. Bring the path which connects street and entrance through this transition space, and mark it with a change of light, a change of sound, a change of direction, a change of surface, a change of levels, perhaps by gateways which make a change of enclosure, and above all with a change of view (p. 552).*
120. PATHS AND GOALS 	*The layout of paths will seem right and comfortable only when it is compatible with the process of walking is far more subtle than one might imagine (p. 586).*	*To lay out paths, first place goals at natural points of interest. Then connect the goals to one another to form the paths. The paths may be straight, or gently curving between goals; their paving should swell around the goal. The goals should never be more than a few hundred feet apart (p. 587-588).*
121. PATH SHAPE	*Streets should be for staying in, and not just for moving through, the way they are today (p. 590).*	*Make a bulge in the middle of the public path, and make the ends narrower, so that the path forms an enclosure which is a place to stay, not just a place to pass through (p. 591).*
124. ACTIVITY POCKETS	*The life of a public square forms naturally around its edge. If the edge fails, then the space never becomes lively (p. 600).*	*Surround public gathering places with pockets of activity – small, partly enclosed areas at the edges, which just forward into the open space between the paths, and contain activities which make it natural for people to pause and get involved (p. 601-602).*

Figure 3. Patterns selection from the streets and paths category
Source: Adapted from Alexander et al. (1977).

The design for urban ambiance applying patterns identified in streets and paths are intricately linked with previous patterns. This design can be gradually implemented in existing blocks. Paths should be arranged between buildings to create pedestrian streets with multiple entrances and open stairs connecting upper stories directly to the street. Including a wider section in the middle of the public path is crucial to forming an enclosure, transforming it into a destination rather than merely a passageway. This space can become a public gathering place with pockets of activity, encouraging

people to pause and engage. The paths may be straight or gently curving between streets, creating transition spaces that change the view, sound, direction, and surface which enhance ambiance perception in these transitions.

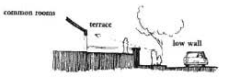
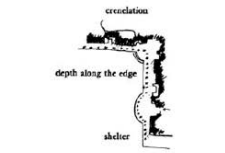
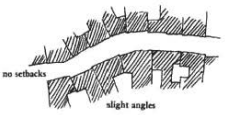
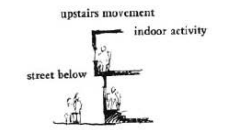
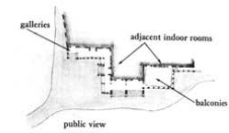
PATTERNS	IF...	THEN...
21. FOUR-STORY LIMIT	*There is abundant evidence to show that high buildings make people crazy (p. 115).*	*In any urban area, no matter how dense, keep the majority of buildings four stories high or less. It is possible that certain buildings should exceed this limit, but they should never be buildings for human habitation (p. 119).*
53. MAIN GATEWAYS	*Any part of a town – large or small – which is to be identified by its inhabitants as a precinct of some kind, [...] helped in its distinctness, marked, and made more vivid, if the paths which enter it are marked by gateways where they cross the boundary (p. 277).*	*Mark every boundary in the city which has important human meaning – the boundary of a building cluster, a neighbourhood, a precinct – by great gateways where the major entering paths cross the boundary (p. 278).*
140. PRIVATE TERRACE ON THE STREET 	*The relationship of a house to a street is often confused: either the house opens entirely to the street and there is no privacy, or the house turns its back on the street, and communication with street life is lost (p. 665).*	*Let the common rooms open onto a wide terrace or a porch which looks into the street. Raise the terrace slightly above street level and protect it with a low wall, which you can see over if you sit near it, but which prevents people on the street from looking into the common rooms (p. 667).*
160. BUILDING EDGE 	*A building is most often thought of as something which turns inwards. People do not often think of a building as something which must also be oriented toward the outside (p. 753).*	*Make sure that you treat the edge of the building as a thing as a place, a zone with volume to it, not a line or interface which has no thickness. Crenelate the edge of buildings with places that invite people to stop. Make places that have depth and a covering, places to sit, lean, and walk, especially at those points along the perimeter which look onto interesting outdoor life (p. 755).*
122. BUILDING FRONTS 	*Building setbacks from the street, originally invented to protect the public welfare by giving every building light and air, have actually helped greatly to destroy the street as a social space (p. 593).*	*On no account allow setbacks between streets or paths or public open land and the buildings which front on them. The setbacks do nothing valuable and almost always destroy the value of the open areas between the buildings. Build right up to the paths; change the laws in all communities where obsolete by-laws make this impossible. And let the building front takes on slightly uneven angles as they accommodate to the shape of the street (p. 594).*
164. STREET WINDOWS 	*A street without windows is blind and frightening. And it is equally uncomfortable to be in a house which bounds a public street with no window at all on the street (p. 770).*	*Where buildings run alongside busy streets, build windows with window seats, looking out onto the street. Place them in bedrooms or at some point on a passage or stair, where people keep passing by. On the first floor, keep these windows high enough to be private (p. 772).*
166. GALLERY SURROUND 	*If people cannot walk out from the building onto balconies and terraces which look toward the outdoor space around the building, then neither they themselves nor the people outside have any medium which helps them feel the building and the larger public world are intertwined (p. 778).*	*Whenever possible, and at every story, build porches, galleries, arcades, balconies, niches, outdoor seats, awnings, trellised rooms, and the like at the edges of buildings – especially where they open off public spaces and streets, and connect them by doors, directly to the rooms inside (p. 780).*

Figure 4. Patterns selection from the building façades category
Source: Adapted from Alexander et al. (1977).

Lastly, the design for urban ambiance through patterns identified in building façades integrates previous patterns that define paths, streets, and open outdoor spaces. The façades connect these spaces by limiting the maximum to stories in housing buildings of four, maintaining a human scale. They should feature openings such as

windows overlooking the street, porches, galleries, arcades, balconies, and terraces slightly above street level, allowing users to be in touch with life outside. Attention to the edge of the building is crucial, creating inviting spaces for people to stop to sit, rest, and meet other people. This effect on human perception can be reinforced by constructing buildings right up to the paths, with slightly uneven angles to adapt to the shape of the street. In this way, the category of building façades integrates all other patterns that define paths, streets, and open outdoor spaces, contributing to the design of a cohesive and inclusive urban space morphology.

5. CONCLUSION

This study and the selection of the patterns aimed to capture the timeless nature of Alexander's work, identifying patterns in different categories of urban morphology, such as in open outdoor spaces, streets and paths, and building façades. These patterns analyzed as design parameters incorporate humanizing attributes that can foster a positive atmosphere in urban areas through morphological configurations that encourage social interactions, thereby fostering a sense of community. Their selection sustains the claims in the literature that the urban ambiance phenomenon is promoted by positive atmospheres in urban settings, in this case, through three categories of urban morphology settings with humanizing attributes to encourage social interactions.

Although the selected patterns represent less than 10% of the total in A Pattern Language, they are valuable for studies addressing ambiance from contemporary architectural and urban atmospheric perspectives. Additionally, these patterns can inspire the development of design parameters for reading the urban landscape or for morphological analysis of urban spaces, considering visual and affective aspects that are challenging to "measure" ambiance in terms of methods. The humanizing attributes of patterns provide a theoretical framework for design analysis in architecture and urban design.

6. BIBLIOGRAPHY

Alexander, C et al. (1977). A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction. Oxford University Press.

Alexander, C (1979). The Timeless Way of Building. Oxford University Press.

Amphoux, P. et al. (1998). La notion d'ambiance: une mutation de la pensée urbaine et de la pratique architecturale. Hal open science.

Barros, RRM. & PINA, SAMG. (2011) Low-income multifamily housing design in Sao Paulo, Brazil: the need for humanising concepts. Journal of Design Research, Vol. 9, No. 4, p.301-320.

Carmona, M et al. (2003). Public Places - Urban Spaces: the dimensions of urban design. Architectural Press.

Dawes, MJ. & Ostwald, MJ (2017). Christopher Alexander's A Pattern Language: analysing, mapping and classifying the critical response. City, Territory and Architecture, 4(1), 1-14. http://dx.doi.org/10.1186/s40410-017-0073-1

Grabow, S (1983). Christopher Alexander: The Search for a New Paradigm in Architecture. Routledge Kegan & Paul.

Kowaltowski, DK (1980). Humanization in architecture: analysis of themes through high school building problems. (Doctoral dissertation). University of California, Berkeley.

Malard, ML (1993). Os objetos do quotidiano e a ambiência. 2º Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído, 2, 359-361.

Salingaros, NA (2005). Principles of Urban Structure. Techne Press.

Seamon, D. (2007). Christopher Alexander and a Phenomenology of Wholeness. Environmental Design Research Association (EDRA), 1-13.

Sennett, R (1992). The Fall of Public Man. W. W. Norton & Company.

Thibaud, JP (2015). The backstage of urban ambiances: when atmospheres pervade everyday experience. Emotion, Space and Society, 15, 39-46. http://dx.doi.org/10.1016/j.emospa.2014.07.001.

Thibaud, JP (2012). The city through the senses. Cadernos PROARQ. Revista de arquitetura e urbanismo do PROARQ, 18, 1-16.

Van der Voordt, DJM & Van Wegen, HBR (2005). Architecture in use: an introduction to the programming, design and evaluation of buildings. Architectural Press – Elsevier.

Yin, RK (1994). Case Study Research: Design and Methods. SAGE Publications.

R50

OPPORTUNITIES FOR RESEARCH ON THE ATMOSPHERE AND THERMAL COMFORT SENSATION IN OUTDOOR GREEN AREAS

OPORTUNIDADES DE PESQUISA SOBRE A ATMOSFERA E A SENSAÇÃO DE CONFORTO TÉRMICO EM ÁREAS VERDES EXTERNAS

Ana Paula Webber
Mestranda
Universidade Estadual de Londrina
anapaula.webber@uel.br

Karoline Louise Campana
Mestranda
Universidade Estadual de Londrina
karoline.campana@uel.br

Rovenir Bertola Duarte
Professor Doutor
Universidade Estadual de Londrina
rovenir@uel.br

ABSTRACT

This paper aims to analyze the opportunities for research on atmosphere and affect in studies with subjective data on environmental comfort in outdoor green areas. To select experiments in this field for investigation, 13 studies published between 2012 and 2023 were reviewed. In this review, no studies with non-conscious subjective data were found; however, some research opportunities were identified. Although some studies have objectively investigated factors such as acclimatization, low consideration was found regarding participants' previous conditions or the specific context of the experiments. While one article mentioned possible visual influences of the location, the studies do not describe the atmospheres and do not consider the environmental moods.

KEYWORDS: thermal comfort. architectural atmosphere. deleuzian affect. outdoors space.

RESUMO

Este trabalho busca analisar as oportunidades de investigação sobre atmosfera e afeto em pesquisas com dados subjetivos em conforto ambiental de áreas verdes externas. Com o objetivo de selecionar experimentos na área para investigação, foram revisados 13 estudos publicados entre 2012 e 2023. Nesta revisão, não foram encontrados estudos com dados subjetivos não conscientes, entretanto, algumas oportunidades de pesquisa foram prospectadas. Embora alguns estudos tenham investigado objetivamente fatores como a aclimatação, detectou-se baixa observância sobre as condições prévias dos participantes ou ao contexto específico dos experimentos. Ainda que um artigo tenha manifestado possíveis influências visuais do local, os estudos não descrevem as atmosferas e não consideram os humores do ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: conforto térmico. atmosfera arquitetônica. afeto deleuziano. áreas externas.

INTRODUÇÃO

As medições da sensação de conforto térmico, de modo geral, variam em relação aos fatores ambientais (temperatura, radiação térmica, umidade e velocidade do ar), combinados com fatores pessoais (atividade e vestuário). Entretanto, nos tempos recentes, as discussões sobre o que é conforto e suas condições têm ganhado complexidade, ao ponto que a norma da ASHRAE 55 (2017) trata o conforto além das questões puramente objetivas, como uma "condição mental que expressa satisfação com o ambiente térmico". Nesta "condição mental", os julgamentos subjetivos, por exemplo, as preferências térmicas e a aceitabilidade, tornam-se indicadores importantes sobre a ideia de conforto e sensação térmica (Cheung; Jim, 2017; Shooshtarian; Ridley, 2016).

Em condições externas, tal complexidade aumenta, ao ponto que, como observam Lai et al. (2020), interliga diversos fatores, como os físicos, fisiológicos, psicológicos, sociais, culturais, comportamentais e pessoais. Nessa direção, algumas pesquisas na área têm buscado dados objetivos e subjetivos para a leitura de conforto, ao ponto que, como observam Johansson et al. (2014), possíveis conflitos podem surgir relacionados a diferentes métodos de obtenção, análise e interpretação de dados. Desse modo, torna-se importante o aprofundamento em pesquisas sobre dados subjetivos em conforto térmico, uma oportunidade de investigação sobre atmosferas e o afeto.

As investigações com dados subjetivos, contudo, podem ser do tipo consciente e não consciente, sendo que o primeiro tipo predomina fortemente em pesquisas em conforto, por meio de entrevistas ou votos de sensação. Esses métodos, segundo Lai et al. (2014) e Shooshtarian e Ridley (2016), têm se mostrado problemáticos para encontrar uma faixa térmica aceitável ao avaliar o ambiente térmico externo. Assim, essa pesquisa se volta para uma discussão sobre oportunidades de investigar com dados não conscientes, ou pré-reflexivos, por meio da investigação das atmosferas e afetos. Para isso, parte da revisão de 13 artigos científicos, publicados entre 2012 e 2023, para compreender situações de investigação de dados não conscientes em conforto térmico em áreas verdes externas. Justifica-se tal discussão pela importância destas áreas no espaço urbano, onde o conforto promove encontros sociais e saúde (Macedo; Sakata, 2010; Javadi; Nasrollahi, 2021).

2. METODOLOGIA

Este trabalho parte de uma revisão teórica para construir uma lista de situações-vestígios (Quadro 1) em percepção da atmosfera afetando o humor das pessoas em áreas verdes externas. Em continuação, fez-se uma seleção de experimentos, com a revisão de modo exploratório, 13 artigos, entre os anos 2012 e 2023, nas plataformas de pesquisa SciELO, Scopus e Web of Science, por meio das palavras-chave "outdoor thermal comfort", "thermal comfort", "open [or] green [or] outdoor spaces". Foram selecionados experimentos com avaliações de conforto em áreas verde externas, com análises dos procedimentos e protocolos destes, para avaliação de oportunidades, em consonância com lista supracitada (Figura 1).

Figura 1. Delineamento da pesquisa.
Fonte: Acervo dos autores (2024).

3. O CONFORTO TÉRMICO: DO AMBIENTE PARA AS ATMOSFERAS

A discussão em conforto térmico está comumente associada ao termo "ambiente", com a expressão conforto ambiental. O termo ambiente tem forte descendência ecológica, referindo-se às relações entre o mundo natural e os seres vivos (Abbagnano, 2003), contudo, em conforto parece voltar-se mais às questões do desempenho deste, dedicando-se às características objetivas do ambiente, como sua temperatura e umidade. A introdução do conceito de atmosfera aqui busca reforçar a centralidade do "corpo sentido", com a ênfase no fato de que o espaço só surge quando o sujeito o habita com sua presença corpórea (Böhme, 2017).

Entretanto, a definição de atmosfera é difícil, apontada como espacialmente ilimitada e não localizável (De Matteis, 2021), ou ainda, complexa de capturar (Sumartojo; Pink, 2019). Então, para produzir uma compreensão, toma-se aqui o exemplo de De Matteis (2021) sobre um estádio, primeiro antes do jogo, vazio, depois em pleno uso, com uma multidão entusiasmada. O edifício e sua configuração física são as mesmas, mas a vivência é substancialmente diferente: atmosferas. Assim, mais do que buscar dizer o que são as atmosferas, esta pesquisa volta para como estas podem ajudar a pensar o conforto.

Sumartojo e Pink (2019) comentam que as atmosferas possibilitam compreender as mudanças nas experiências sensoriais e afetivas das pessoas à medida que estas se movem através dos seus mundos. Griffero (2020) observa que estudá-las permite analisar a gama de experiências não intencionais, com um foco particular naquelas situações que "tonalizam" emocionalmente a nossa experiência de vida quotidiana. Nessa direção, Augoyard (2020) e Thibaud (2015) retomam o conceito riegliano de *stimmung*, descritos como algo que atravessa a dimensão física, como uma forma de compreensão das experiências sensoriais e emocionais vivenciadas em diferentes ambientes. Assim, a proposição aqui é pensar como as atmosferas podem auxiliar a pensar os dados não conscientes em áreas verdes externas e suas sensações térmicas.

Sinteticamente, as atmosferas induzem pensar os acontecimentos à medida que os sujeitos agem e se movem (De Matteis, 2021), uma vez que a percepção muda dinamicamente com a posição do sujeito no espaço (Forlè, 2013). Logo, Sumartojo e Pink (2019) propõem traçar padrões de interação específica de um local, incluindo, além dos movimentos corporais, entender como a memória e imaginação se sobrepõem a estes. Estas autoras falam de buscar captar ritmos, valores, humores e sensações; nesta pesquisa propõe-se para tal ação encontrar pistas cartográficas pelo afeto.

4. OS VESTÍGIOS DO AFETO COMO INDICATIVO DE LEITURA DAS ATMOSFERAS

Para capturar algo tão difícil de registrar, como a atmosfera, propõe-se o caminho de pensá-la pela intersecção entre o espaço-sujeito-afeto, em uma tripla polaridade, de modo a entendê-la como entidade dinâmica, mudando à medida que os acontecimentos se desenrolam (De Matteis, 2021). Assim, é necessária uma cartografia que dê atenção formas de expressão, reações e ritmos, tudo em relação à corporeidade humana, incluindo suas sensações e expressões: uma cartografia do afeto (Diniz, 2022). O afeto aqui é associado com sensações, como uma forma de pensar, normalmente indireta e não reflexiva que escapa à representação (Thrift, 2004), como produto de um encontro entre dois corpos de qualquer natureza (humanos e não-humanos), como a ação associada a estes (Diniz, 2022).

Desse modo, propõe-se registrar os vestígios para captar a atuação das atmosferas nos corpos participantes, a partir dos registros dos movimentos dos corpos, seus fluxos e temporalidades, com atenção às relações estabelecidas no espaço, como as mudanças de posições, ritmos (velocidades e acelerações), e reações (Diniz, 2022; Thrift, 2004). Então, o afeto é visto como conjunto de práticas corpóreas indissociáveis de seu contexto, interligando as ações dos corpos a processos específicos/situações, como um caminho de pensar as diferentes tonalidades da atmosfera e suas sintonias com as pessoas que o vivenciam (Quadro 1). Essa cartografia pode ajudar a detectar humores nos comportamentos das pessoas, como sua possível influência na sensação dos espaços.

Situações	Vestígios Potenciais
Formação de aglomerações	ritmos, mudanças de posição, aproximações, clusters e sinais de humor
Movimentos e deslocamentos	ritmos, mudanças de posição
Gestuais – formas de expressão	ritmos, sinais de humor
Relações entre pessoas	ritmos, mudanças de posição, aproximações, clusters e sinais de humor
Relações entre pessoas e espaços (bancos, árvores, calçamentos...)	Ritmos, mudanças de posição, aproximações, clusters e sinais de humor

Quadro 1. Lista de situações e vestígios advindos de revisão – relacionados a áreas verdes externas.
Fonte: Acervo dos autores (2024).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 13 artigos revisados, 15,4% tratam exclusivamente de dados objetivos, 69,2% de dados objetivos e subjetivos, enquanto, 15,4% exclusivamente de dados subjetivos (Figura 2). Os dados objetivos mais coletados foram em relação a temperatura do ar, umidade relativa e velocidade de ventos. Contudo, outros dados de escala pessoal foram analisados, como a temperatura da pele facial dos participantes (Wu; Cao, 2022) ou a pressão e suor- valores SLC (Duan; Li, 2022), ou ainda, o isolamento térmico da vestimenta, de acordo com a ISO 9920 (Callejas et al., 2022). Entre os instrumentos de coleta, é possível apontar para os convencionais instrumentos (estação meteorológica portátil e questionários sobre preferência climática), como também, câmara climática artificial (Wu; Cao, 2022), e questionários a base de escalas de humor (Callejas et al., 2022; Song et al, 2024).

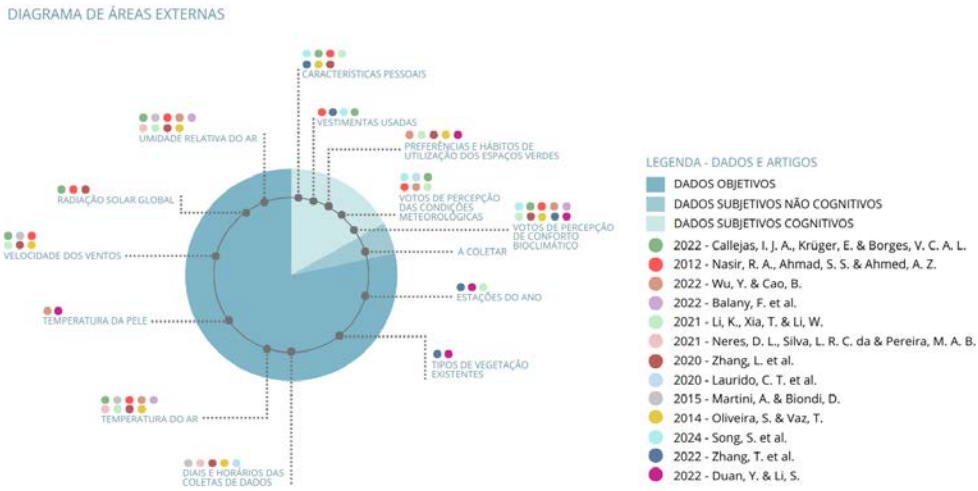


Figura 2. Diagrama com os 13 artigos revisados, com os dados analisados.
Fonte: Acervo dos autores (2024).

Sobre os dados subjetivos, deve-se observar que não foram encontrados artigos em relação a dados não conscientes (pré-reflexivos). Em relação aos dados subjetivos conscientes, todos os instrumentos utilizados voltaram-se para entrevistas (46,1%) ou questionário de votações (38,46%). As votações são sistemas onde o avaliado declara voto, podendo ser, por exemplo, de sensação térmica (protocolo TSV), sensação de vento (WSV) ou de conforto térmico (TCV). Nestas votações são usadas, normalmente, escalas numéricas ou palavras com sensações definidas para a escolha, por exemplo, “frio, fresco, médio, um pouco fresco, neutro, um pouco quente e quente” (Wu; Cao, 2022; Balany et al., 2022). Outro tipo de voto encontrado, entretanto, usou a escala de estado de humor, declarando-se “neutro, positivo ou negativo” (Callejas et al., 2022). Este tipo de instrumento pode pressionar o participante a definir, muitas vezes rapidamente, um estado de sensação mais ou menos objetivo, para algo descrito por fortes diferenças nas percepções térmicas

(Shooshtarian; Ridley, 2016). As entrevistas, por outro lado, permitem ao participante expressar seus sentimentos em relação ao vento, temperatura ou mesmo adequação ao clima (Nasir et al., 2012), possibilitando declarações mais elaboradas, ainda que mais difíceis de sistematizar.

Nos dois casos, é exigida uma consciência por sensações muito voláteis e difíceis de precisar. As condições pregressas dos participantes ou motivações são pouco consideradas, com as exceções de Nasir et al. (2012), que perguntaram o motivo de estar no parque, ou ainda, Callejas et. al (2022), que indagaram sobre o tempo de residência na região (fator aclimatação). Em relação aos horários dos experimentos, detectou-se uma preferência pelos próximos ao meio-dia (30,8%), início da manhã (23,1%) e no final da tarde (23,1%), momentos críticos da temperatura diária. Contudo, as situações em que tais áreas externas se encontrariam (lotadas, vazias, festivas e etc.) nesses horários não foram observadas, nem mesmo os estados dos participantes, podendo, por exemplo, se encontrarem com fome ao meio-dia ou atrasados pela manhã.

Em termos gerais, poucos dados da atmosfera, no sentido perceptivo, foram coletados, ainda que Zhang et al. (2022) e Duan e Li (2022) analisaram, além do quesito térmico, as diferentes árvores do local, com suas variações nas estações do ano (15,4% dos artigos revisados). Estes autores observaram que além da capacidade de umidificar o ar e proteger dos raios solares, estas árvores proporcionariam uma diferenciação visual da paisagem, sugerindo que a mudança visual entre estações também influenciaria a sensação térmica dos entrevistados. Dessa forma, pouco se observou nos métodos encontrados formas de descrição e leitura das atmosferas dos ambientes, seja por consulta qualitativa aos participantes, seja por caracterização dos traços ou vestígios dos movimentos dos usuários nos espaços (mapas comportamentais). De modo semelhante, ainda que as pesquisas busquem relatar o estado de sensação dos usuários, tais processos, no geral, ainda não ampliam sua percepção para as condições anteriores ao estado analisado, ou ainda, em que situação ou finalidade se encontram no momento que foi registrado tal estado. Afinal, alguém estar estressado ou contente pode alterar o modo como percebe ou entende o conforto (Neres et al., 2021; Li et al. 2021; Zhang et al., 2020).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho parte das discussões sobre atmosfera (Böhme, 2017; Griffero, 2020), e sua relação com o afeto, para pensar dados subjetivos em pesquisas de conforto térmico em áreas verdes externas. A análise de 13 artigos revelou a ausência de dados subjetivos não conscientes nos experimentos, por outro lado, apontou para um conjunto de oportunidades relacionadas às condições prévias dos participantes, como também, a relação entre participantes e o espaço vivenciado.

As oportunidades referem-se ao entendimento das ações-humores, clusters, aglomerações nas atividades dentro de áreas verdes, como também, a relação com a paisagem, períodos do dia e do ano. A pesquisa encontra evidências de oportunidades de complementar dados derivados de entrevistas e questionários, que, embora valiosos, podem não capturar a complexidade das experiências sensoriais. Essa perspectiva vai ao encontro de discussões mais amplas do conforto térmico como uma experiência corporal sensível, que relacionam intimamente o ambiente físico e as visões contemporâneas sobre atmosfera e afeto.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANSI/ASHRAE. Standard 55 - Thermal Envrionmental Conditions for Human Occupancy, 2017.

AUGOYARD, J. F, Uma Travessia das Ambiências Dentro... Acima, Longe de... Através de, in: DUARTE, C.R; PINHEIRO, E. (Org.). Arquitetura Subjetividade e Cultura 1 Ed. Rio de Janeiro. Rio Books, 2020. P. 109 – 171.

BALANY, F. et al. Studying the Effect of Blue-Green Infrastructure on Microclimate and Human Thermal Comfort in Melbourne's Central Business District. Sustainability, v. 14, n. 15, p. 9057, 24 jul. 2022.

BÖHME, G. Atmospheric Architectures: The Aesthetics of Felt Spaces. London: Bloomsbury Publishing, 2017

CALLEJAS, I. J. A.; KRÜGER, E.; BORGES, V. C. A. L. Relação entre estados de humor e a percepção térmica de pedestres. In: xix encontro nacional de tecnologia do ambiente construído, Anais... 19. 2022, Canela. Porto Alegre: ANTAC, 2022. p. 1-12.

CHEUNG, P.K., JIM, C.Y. Determination and application of outdoor thermal benchmarks. Building and Environment. 123, p. 333–350, 2017.

DE MATTEIS, F. Affective Spaces. London/New York: Routledge, 2021.

DINIZ, M.L. Cartografias Afetivas para Cidades mais Inteligentes: Interseções entre Afetos, Mapas e o Projetar da Cidade Híbrida. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 2022.

DUAN, Y.; LI, S. Study of Different Vegetation Types in Green Space Landscape Preference: Comparison of Environmental Perception in Winter and Summer. Sustainability, v. 14, n. 7, p. 3906, 25 mar. 2022.

FORLÈ, F. What we see depends on how we move: The embodied roots of visual perception. Phenomenology and Mind, v. 4, p. 84–95, 2013.

GRIFFERO, T. Places, Affordances, Atmospheres: A Pathic Aesthetics. London/New York: Routledge, 2020.

JAVADI, R.; NASROLLAHI, N. Urban green space and health: The role of thermal comfort on the health benefits from the urban green space; a review study. Building and Environment, 202, 2021.

JOHANSSON, E.; THORSSON, S.; EMMANUEL, R.; KRÜGER, E. Instruments and methods in outdoor thermal comfort studies – the need for standardization. Urban Clim. 10, p. 346–366, 2014.

LAI, D., LIAN, Z.; LIUB, W.; GUO, C.; LIU, W.; LIU, K.; CHENE, Q. A comprehensive reviewof thermal comfort studies in urban open Spaces. Science of the Total Environment 742, p. 1-22, 2020.

LI, K.; XIA, T.; LI, W. Evaluation of Subjective Feelings of Outdoor Thermal Comfort in Residential Areas: A Case Study of Wuhan. Buildings, v. 11, n. 9, p. 389, 1 set. 2021.

MACEDO, S.; SAKATA, F. Parques urbanos no Brasil. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

NASIR, R. A.; AHMAD, S. S.; AHMED, A. Z. Psychological Adaptation of Outdoor Thermal Comfort in Shaded Green Spaces in Malaysia. Procedia - Social and Behavioral Sciences, v. 68, p. 865–878, dez. 2012.

NERES, D. L.; SILVA, L. R. C. D.; PEREIRA, M. A. B. Influência da vegetação no conforto térmico urbano em município do Sul do Tocantins. Research, Society and Development, v. 10, n. 6, p. e47810615999, 24 maio 2021.

OLIVEIRA, S.; VAZ, T.; ANDRADE, H. Perception of thermal comfort by users of urban green areas in Lisbon. Finisterra, p. vol. 49 n.o 98 (2014), 26 jan. 2015.

SHOOSHTARIAN, S., RIDLEY, I. Determination of acceptable thermal range in outdoor built environments by various methods. Smart and Sustainable Built Environment, n. 5, p. 352–371, 2016.

SONG, S.; XIAO, Y.; TU, R.; YIN, S. Effects of thermal perception on restorative benefits by green space exposure: A pilot study in hot-humid China. Urban Climate, v. 53, p. 101767, jan. 2024.

SUMARTOJO; S. e PINK, S. Atmospheres and the Experiential World. London/New York: Routledge, 2019.

THIBAUD, J.-P. The backstage of urban ambiances: When atmospheres pervade everyday experience. Emotion, Space and Society, v. 15, p. 39–46, maio 2015.

THRIFT, N. Intensities of Feeling: towards a spatial politics of affect. Emotion, vol. 86 (1), p. 57-78, 2004.

WU, Y.; CAO, B. Recognition and prediction of individual thermal comfort requirement based on local skin temperature. Journal of Building Engineering, v. 49, p. 104025, maio 2022.

ZHANG, L.; Dong WEI, D.; HOU, Y.; DU, J.; LIU, Z.; ZHANG, G.; SHI, L. Outdoor Thermal Comfort of Urban Park—A Case Study. Sustainability, v. 12, n. 5, p. 1961, 4 mar. 2020.

ZHANG, T. et al. Effects of tree seasonal characteristics on thermal-visual perception and thermal comfort. Building and Environment, v. 212, p. 108793, mar. 2022.

R51

EDUCATIONAL VIRTUAL ENVIRONMENTS, AMBIANCE SIMULATION AND NEW FORMS OF INTERACTIONS IN TEACHING AND LEARNING ARCHITECTURE, URBANISM AND LANDSCAPING

CHAIR Maísa Veloso

The potential and limits of virtual environments are questioned as a simulation of environments for interpersonal relationships of exchange and production of knowledge in an academic context and how issues of meaning are dealt with in these educational virtual environments, especially in a field in which historically direct perception, experience and multisensory experience of physical and social space are valued. The articles contribute to the distinction of concepts and to better outline these new forms of interaction in the field of education in Architecture, Urbanism and Landscaping.

R51

IMMERSION AT MINERAL SPEED

IMERSÃO EM VELOCIDADE MINERAL

Yasmine Abbas
Immersive Environments Lab Director
The Pennsylvania State University
yxa54@psu.edu

ABSTRACT

The underground can offer shelter (or a hideout to escape) from the bitter cold weather, the scorching summer heat, foes, nuclear threats, or harmful dust. This essay discusses the entangled thinking on immersion, ambiance, and Virtual Reality that underlies the design thinking and making activities conducted in the faculty-led research studio where subterranean immersion in the chambers, crevices, passages, shafts and folds of the lithosphere, as well as its dug out and engineered interstices, is a matter of exploring being in the Earth; the grounds for a design investigation of interior/interiorized atmospheres that conditions our attachments to place.

KEYWORDS: immersion. ambiances. underground. architecture. education. virtual reality

RESUMO

O subsolo pode oferecer abrigo (ou um esconderijo) para escapar do frio intenso, do calor escaldante do verão, dos inimigos, das ameaças nucleares ou da poeira prejudicial. Este ensaio discute o pensamento emaranhado sobre imersão, ambiência e realidade virtual que fundamentam as atividades de design thinking e criação conduzidas no estúdio de pesquisa liderado pelo corpo docente da nossa instituição. Neste estudo, a imersão subterrânea nas câmaras, fendas, passagens, eixos e dobras da litosfera, também como seus interstícios escavados e projetados, é uma questão de explorar o estar na Terra; as bases para uma investigação de design de atmosferas interiores/interiorizadas que condicionam os nossos apegos ao lugar.

PALAVRAS-CHAVE: imersão. ambientes. subterrâneo. arquitetura. educação. realidade virtual

1. IMMERSION AT MINERAL SPEED

Immersion is an emotional, and utopian operation as it can afford both the escape from a broken world and, at the same time, the experience of an imaginary, real-virtual, world. Immersion, from the Latin “immers” and “immergere,” meaning dipping into, designates the action of entering a liquid or atmosphere (in a climatic sense and, by extension, as it relates to building ambiances). Immersion also describes the absorption (incorporation) into a particular activity, culture, or space, the merging with another body or melting within something. It is inherently sonorous, sensorial, and haptic. As one immerses into a new *milieu,* one gets absorbed in it, gives it full attention to the point of losing track of another reality outside of it. As art historian Olivier Grau writes:

> [...] in the present as in the past, in most cases immersion is mentally absorbing and a process, a change, a passage from one mental state to another. It is characterized by diminishing distance to what is shown, and increasing emotional involvement in what is happening. (Grau, 2004: p.13).

In his book, Virtual Art, from illusion to Immersion, Grau explains that the constructed image effects of the historic spaces of illusion, for example the Great Frieze in the Villa dei Misteri, at Pompeii, Italy (late Roman Republic) or the 19th Century panorama of the Battle of Sedan, also an instrument of propaganda, rely on masterfully controlled design strategies using the latest scientific knowledge and most novel technologies available at the time of their making. The creators of the 360º spaces of illusion use color and scale correspondence, lighting, optical techniques (to draw circular perspective for instance), architecture, *faux terrains*, sound and smell even, to shrink the distance between image and reality, to stimulate a sense of what Virtual Reality researchers call "presence." Today, technology has progressed to give people a fuller polysensory experience and impression that the impossible space created is indeed natural (Grau, 2004: pp. 14-15).

This paper discusses the hybrid pedagogy designed for participants to, in French, "*faire corps*," or become one with designed/projected space. The semester-long Directed Research Studio (DRS) is the grounds for a design investigation of interior/interiorized atmospheres and material "æffects" (Keane, 2006; Abbas, 2020) – material effects that affect and conditions our attachments to place. Going underground enables the controlled disconnection from an outside and the conscious creation of a space of illusion or ambiance. Incorporating earth materiality and (im)material effects into the studio project becomes a means to re-imagine how to kiss Earth, to listen to its beat, its breath, to immerse in the rock, like artist Abraham Poincheval, and experience the world at "mineral speed" (Poincheval & Schlesser, 2017). It is, as Schlesser writes about the artwork/performance, "a delightful counterpoint" to "the aspiration for constant mobility which dominates modern liberal societies" (2017: p. 79). Over the course of the studio, spatial embodiment via physical and digital model-making in conjunction with VR technologies invites a reflection on immersion and real-virtuality.

2. UNDERGROUND IMMERSION

Staying underground has many advantages, for example in terms of temperature, cooler when it is scorching hot outside or the inverse, warmer during the cold season. However, subterranean immersion has effects on the body and mind. Though fifty years apart, voluntary scientific experiments conducted by French geologist and speleologist Michel Siffre and climber Beatrice Flamini were meant to assess the mind and body response to living in isolation, in the dark, in silence, in temperature and humidity conditions often ideal for mushroom cultivation (as in the Catacombs, the ancient quarries of Paris, France), and to sharing space with other species, bats, rodents or arthropods. In the dark, inhabitants use scotopic vision (sensitive to peripheral movement), adjust their "chronobiology", "internal body clock" and sleep patterns, as did experience Siffre in the Seventies (Foer, 2008). They can endure auditory hallucination, as lived by Flamini who stayed a 500-day record-breaking period alone about 230 feet below the surface, near Granada, Spain (sheltered from

the world events that broke the news between November 21, 2021 to April 14, 2023, a lingering pandemic, a looming conflict at the border of Europe amidst broader global instability). When living alone in the dark, people can lose the sense of time, suffer loneliness and boredom, a feeling for example foregrounded by the award-winning video game The Longing, which invite players on a virtual "cavernous ultra-slow idle adventure" of four hundred days, enough time to contemplate one's existence. Immersing in VR environments can also have negative health effects, although different, for example nausea, or headache (Jerald, 2015).

Boschi thus advocates for more careful consideration of the architecture of underground spaces,[1] by exploring ways in which light can bring rhythm (from French *rhythme*, or via Latin from Greek *rhuthmos* (related to *rhein* 'to flow') via Oxford Language) to otherwise monotonous and anxiety-inducing spaces (Boschi, 2022). The sacred underground *promenade architecturale* that Le Corbusier imagined for the *Basilique Universelle de la Paix et du Pardon, La Sainte-Baume,* France is, for instance, a Modernist architectural precedent that illustrates the idea introduced by Boschi. Le Corbusier uses the gradual oblique ascension, progressing rhythmically through the mountain going from complete darkness to bright light, to instigate a spiritual elevation (Calatrava, 2015). Visitors would have experienced their body at work on slanted grounds, exercising what neuroscientist Scott Grafton calls human's "physical intelligence" (Grafton, 2020); the effort leading to a better appreciation of the illumination/enlightenment at the end of the journey. Hence underground immersion is also matter of spatial flow, something that VR, despite the sensory limitations, can help experience and user-test – the technology has affordances that a physical scale model, or even a walkthrough video made using a digital model do not have.

For other designers, immersion in the chambers, crevices, passages, shafts and folds of the lithosphere, as well as its dug outs and engineered interstices, is also a means to engage materiality. They explore space and time at the geological scale (Agrest, 2021); to think our relationship to Earth after "geoengineering" (Design Earth, 2021) by examining the fallout of mineral extraction, or by inhabiting ancient quarries (for example Quarry #8, #9 and 10 by DnA); and importantly, as Kabage Karanja and Stella Mutegi of Cave_bureau manifest, to reconnect architecture with its origins and "address past traumas to generate projects of healing" (2023). So, more than a place to inhabit, underground architecture enables a larger understanding of people's place in the world. Immersion, physical or virtual, can imply both a corporeal and

1 In The Poetics of Underground Spaces, Boschi devises "three macro-typologies" of underground dwellings (Boschi, 2022: Chapter 5). The "cliff" dwelling typology, "[…] the natural progression of troglodyte architecture, a cave dug into the slope of a hill with a single entrance offering a view to the panorama" (idem: p. 60), of excavated "pit house" typology an "inward-probing organism," which has no "visual contact with the context" (idem: p. 61). The "earth-sheltered house," is "a dwelling constructed partially or totally above ground and subsequently covered with earth" (idem: p. 60). Examples include the "Earthships" in Taos, NM, USA, designed and built to be off-grid and self-sufficient (the experimentation started in 1971, propelled by the petroleum energy crisis) or the 1966's Retreat: Creek Vean House by Team 4 (Su Brumwell, Wendy Cheeseman, Norman Foster, and Richard Rogers). There exist many other underground spaces, parking spaces for example, or atomic shelters.

spiritual experience. Still, to be "mentally absorbed" (Grau, 2004) in a meaningful manner in subterranean spaces entails an understanding of materiality, which seems paradoxical to the idea of using immaterial/virtual environments to assess/iterate the design of an ambiance.

3. (IM)MATERIAL IMMERSION

Experimenting with "(im)material phenomena" (Mori, 2002) can contribute to a meaningful immersive experience. In the 21st century, architect Friedrick Kiesler was influenced by both the spatiality and materiality of termites' mounds as well as the cosmic aura of neolithic stone structures. He shaped "intrauterine," "cavernous," and "elastic spaces" closely fitted to the movements, communal living dynamics, and emotions stellating from dwellers; an "alloplastic" architecture, freed from joint assembly, that was making use of the tactile, sensual and comforting "psycho-functions" of materials (Phillips, 2021). To this effect, the list of spaces provided to students as prompt to design immersive ambiances comprises underground places in various cultural contexts, geographies, climate zones, and with different geological formations, where skin can brush against the naked Earth, where bodies can feel the "vibrancy" of matter (Bennett, 2010), for example enveloped in the volcanic rock at Kandovan, Iran, encircled by the old alluvium soil of the Cu Chi tunnels in Vietnam, engulfed in salt at the Wieliczka mine, Poland. The examples provided, which they are first asked to analyze, stand in opposition to synthetic underground spaces, for example atomic shelters, parking, sewage systems and other infrastructure networks, that have severed the direct sensory connection between sensing bodies and Earth matter.

Synthetic underground spaces, similar to VR environments, offer different immersive experiences and ambiances. They comprise, on the one hand of facsimile and copies of caves and caverns, some as faithful as possible to the original. For example, Lascaux IV, "a half-buried building at the foot of the Lascaux hill" integrates a second "facsimile" of the Lascaux Cave, a model of the real, made more real than the real, or hyperreal, using 3D laser scanner technologies – philosopher Baudrillard would call it "simulacra" (1994); and more recently, as another example, Studio Gang's "cave-like" architecture for the Gilder Center for American Museum of Natural History in NYC, NY, that uses shotcrete (sprayed concrete) to imitate stone formation (Dezeen, 2023). On the other hand, they include the idealized, if not otherworldly spaces that disconnect people from the world above. As an example, the atomic shelters designed by Jay Swayze, in which one could "conjure sunrise, sunset, or the ghostly glow of moonlight on water with just the flip of a switch" (Castillo, 2020). Swayze patented underground window devices that enabled to travel virtually, giving the illusion of an "ideal" outdoor view in case the outside had become a landscape worthy of a Philip K. Dick's dystopian novel. From copies to "dream worlds" (idem), synthetic underground spaces use man-made materials and other architectural tricks to produce immersive environments that may disconnect from "reality". VR

environments, however, do not necessarily need to mimic a known reality, while the representation of projected architectural environments need to enchant to persuade the client/user.

Starting their interior voyage from the examination of excavated dwellings, hideouts, or spaces of extraction, students devise the concept for an ambiance that considers the "(im)material", the phenomenal property of materials (Mori, 2002), volcanic rock, granite, or salt. Physical models, the "void model", the "atmospheric model" and their digital counterparts, the "360º atmospheric model" and the "VR environment" are means for them to explore a material phenomenon; to immerse and navigate within the projected ambiances that was guided by the material phenomenon studied; to assess how mentally absorbing the spaces can be; and to narrate the concept, sometimes exaggerating the effects – storytelling being another use for VR by architectural practices (Schipper & Holmes, 2021).

3.1 Void Model

The "void model" à la Rachel Whiteread that materializes the negative spaces or volumes of matter carved out enable each student to connect more closely to the materiality of the region where the underground space selected is located (figure 1). The artifact involves a variety of digital and physical making processes, modeling, carving, scanning, molding, wrapping, 3D printing, and a choice of model-making materials, clay, wood, particle board, granite-color PLA filament, wax and/or plaster, in conversation, as much as possible, with the material of the underground space studied and the carving techniques in use. While this initial model does not involve VR technology, it invites students to culturally immerse in spaces that have formed influenced by the context, the Earth material, and the tools used. Acculturation involves a mental movement, a translation from one place to another.

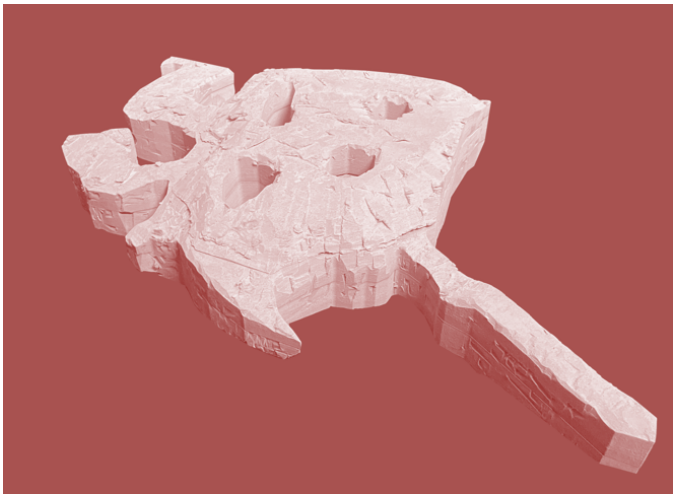


Figure 1. Glued MDF boards, CNC-ed and hand finished to create the "void model" of a section of the quarry at Arras, France, a Roman chalk quarry expanded to become a WWII shelter (underground space proposed by student).
Source: Sam Deorio, The Pennsylvania State University, (Fall 2023).

3.2 Atmospheric Model

To learn about the role performed by materials in the making of underground ambiances, students create an "atmospheric model" that enables them to understand the mechanical, physical, chemical and other inner workings of a phenomena observed at the chosen location. For example, at Barabar Hill, India, ancient builders/carvers have manipulated both the geometry and materiality of the caves to induce an atmosphere conducive to meditation. The mirror-polished curvilinear granite interiors transform the space into an inhabitable musical instrument and influence a design investigation around "resonant bodies in immersive spaces" (Robinson, 2020). Students have empirically examined the sensation of airflow, how "granite cries" (as described by Richard Sodeinde, Fall 2023) meaning how sound reflect off materials depending on how it is polished or geometrically carved. They have explored how the earth texture captures light or smell, how water travels through spaces producing mirror effects, drumming sounds, or again how stalactites and stalagmites form. Students think through material æffects as they experiment with making atmospheric machines that illustrate, if not demonstrate, how the phenomena work in space (figure 2). Making, as Ingold has argued, is a way of embodying the life flow of materials, to understand the fluid relationship between makers, objects, and their environment, and how they influence each other (Ingold, 2010).

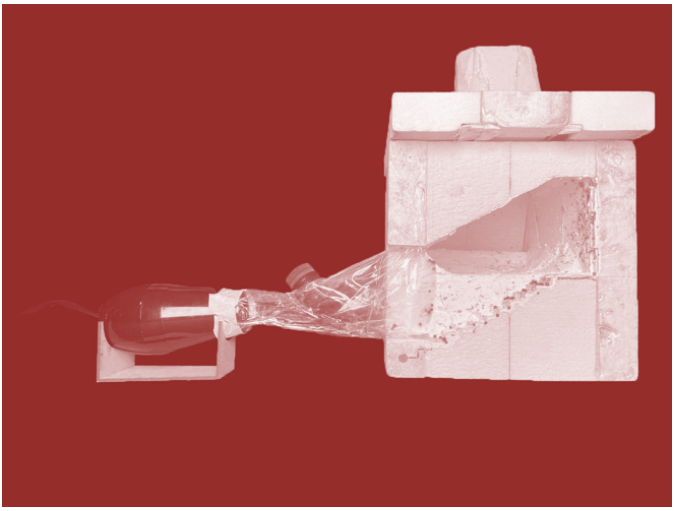


Figure 2. Atmospheric machine composed of a hairdryer, red-dyed polystyrene balls (to visualize air particles and thermal sensations) blown in a carved space; thus informing how geometry, material, and air flow interact with each other. Source: Jason Neuman, The Pennsylvania State University, (Fall 2023).

3.3 360º Atmosphere and Virtual Environment

To immerse in their ambiance, students create an iteration of the "atmospheric model" large enough to accommodates a 360º camera. They can experience the interiors and intended effects at scale by producing a 360º video that users can view with a VR Headset, a first step in the process of using VR as a tool for design iteration of their projected/imagined underground space (figure 3a and 3b). Students experience

the designed spaces in movement. In the 360º space students rotate to explore the interior surround, and user-test the scale, the material effect and sensations of the created space. With VR, they explore the navigability, and tempo of the spaces developed using Unity or Twinmotion[2] to incorporate basic navigability, material and other sensory effects along the way. Added effects, the sound of the wind, layers of fog, stars falling, can highlight the sensory and cosmic potentials of architecture (and materials), experienced in movement (figure 4).

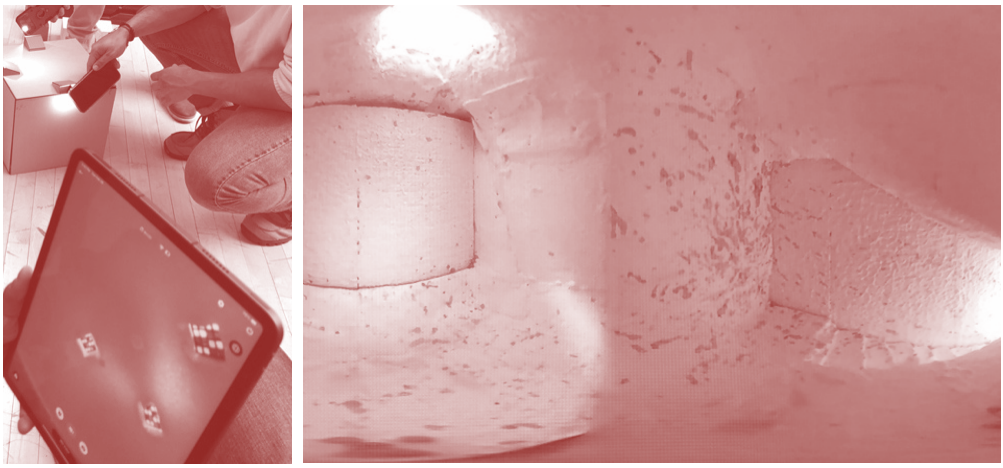


Figure 3a (left) and figure 3b (right). Use of a 360º camera to immerse within the interior space of a model and experience the æffects of the ambiance imagined. Figure 3a shows the process of recording the 360º video. Figure 3b shows a photograph of the 360º video produced. When experienced using a VR headset, users are surrounded by space and effect.
Source figure 3a: Author's photo of work by Edward Kaufman, The Pennsylvania State University, (Spring 2023).
Source figure 3b: Author's photo of work by Jason Neuman, The Pennsylvania State University, (Fall 2023).

Figure 4. Screenshot of a VR environment and walkthrough developed with Unity that incorporates the effect of falling stars to highlight the cosmic relationship of the space created; inspired by the study of habitations at the Bandiagara Escarpment, Mali.
Source: Khushalee Inamdar, The Pennsylvania State University, (Spring 2023).

2 The Directed Research Studio discussed in this essay has received VR technical assistance from PhD student Keerthana Govindarazan (Thesis co-advisors: Dr. Yasmine Abbas and Dr. Jose Duarte), Immersive Environment Lab (IEL), with guidance, in the Spring 2023 semester, from Patrick Dudas and Bart Masters, Center for Immersive Environments (CIE).

4. DREAM WORLDS?

Is inhabiting the underground akin to living (in) a dream? After all, since the flickering fire-animated paleolithic paintings and the CO_2-enriched air (which, at high-levels, can cause drowsiness or sleepiness) of, for example, the Grotte Chauvet-Pont d'Arc in France (30,000-32,000 BP), caves have always been the sites of real imaginary and virtual worlds. Plato employs the allegory of the cave to highlight the importance of the "intelligible" world and warn against the deceptions of the "sensible" world. Prisoners of Plato's cave, chained to its walls, have an incomplete vision of the world beyond as they interpret shadows cast on the cave's surface without understanding the mechanisms of their apparition. As a comment on a world that overlooks the cognitive power of enchantment, the studio wants to reconcile both the intelligible and the sensible, to explore designing for enchantment. Enchantment, as philosopher Jane Bennett reminds us, is "[t]o be simultaneously transfixed in wonder and transported by sense, to be both caught up and carried away [...]" (Bennett, 2001: p. 5). It is "a moment of pure presence" – here Bennett quotes Philip Fisher (1998) who, she expands in the footnote p: 175, argues that enchantment influences "intelligibility." In that sense, one can distinguish enchantment from spectacle, which supposes a complete lack of reflexivity, or alienation. Designing for enchantment paradoxically also implies being elusive about the "tricks" of the trade that designers have often used to great immersive effects. As architect Jean Nouvel said in a conference with philosopher Jean Baudrillard, "I'm no magician, but I try to create a space that isn't legible, a space that works as the mental extension of sight. This seductive space, this virtual space of illusion, is based on very precise strategies, strategies that are often diversionary" (Nouvel and Baudrillard, 2002: p. 6). Whether the spaces designed by Jean Nouvel are enchanting or a spectacle can constitute the discussion of another essay. The point is that immersive environments can yield both, spectacles and enchantments, but preferably a sense of wonder, a virtual reverie necessary for architectural ambiances to stimulate people to connect and relate to the world beyond in new ways.

In this Directed Research Studio, students have created immersive experiences by focusing on the geometrical, material and sensory parameters of underground ambiances. Over the course of a semester, they have explored, using a hybrid physical and digital mode of inquiry, how space can s(t)imulate a sense of presence, a sense of being 'in' the Earth. To imagine a world, they have dreamed of an architecture experienced in movements, a movement that is mental, a matter of translation and acculturation, by virtually travelling to other places, a movement that is physical/tangible, through (im)material manipulation and model making, and a movement that is digital, using 360º camera and VR technologies to walk within and through a space. Immersion, in its complete sense and operation, must enable the tree kinds of movements.

5. BIBLIOGRAPHY

Abbas, Y. (2020). Architecture and its Double, The Expanded Medium of Architecture and Spatial Aeffect. In D. Masson (Ed.), Proceedings of the 4th International Congress on Ambiances, Alloaesthesia: Senses, Inventions, Worlds: Vol.1 (pp. 226–231). Réseau International Ambiances. https://doi.org/10.48537/hal-03220299

Agrest, D. (2021). Architecture of Nature: Nature of Architecture. Applied Research and Design Publishing.

Bachelard, G., & Jolas, M. (1994). The Poetics of Space. Beacon Press.

Baudrillard, J. (1994). Simulacra and Simulation. University of Michigan Press.

Baudrillard, J., & Nouvel, J. (2002). The Singular Objects of Architecture. University of Minnesota Press.

Bennett, J. (2010). Vibrant Matter: A Political Ecology of Things. Duke University Press.

Boschi, A. (2022). Poetics of Underground Space. Routledge.

Calatrava, J. (2015). From Earth to Sky, From Darkness to Light – Le Corbusier and the Promenade Architecturale. In R. Baumeister (Ed.), What Moves Us? Le Corbusier and Asger Jorn in Art and Architecture (pp. 49–55). Scheidegger und Spiess.

Castillo, G. (2020). Underground Dream World. RM1000, 8, 38–53.

Cave_bureau. (n.d.). Louisiana Museum of Modern Art. Retrieved July 1, 2024, from https://louisiana.dk/en/exhibition/cave_bureau/

DnA – Design and Architecture. (n.d.). Retrieved July 1, 2024, from http://www.designandarchitecture.net/

Dreith, B. (2023, April 28). Studio Gang Designs Cave-like Gilder Center in New York. Dezeen. https://www.dezeen.com/2023/04/28/studio-gang-gilder-center-new-york-city/

Foer, J. (2008). Caveman: An Interview with Michel Siffre. Cabinet, The Underground (30), 77–81.

Ghosn, R., & Jazairy, H. (Eds.). (2021). The Planet After Geoengineering: Design Earth. Actar.

Grafton, S. T. (2020). Physical Intelligence: The Science of How the Body and the Mind Guide Each Other Through Life. Pantheon Books.

Grau, O. (2003). Virtual Art: From Illusion to Immersion. MIT Press.

Ingold, T. (2010). The Textility of Making. Cambridge Journal of Economics, 34(1), 91–102. https://www.jstor.org/stable/24232023.

Jerald, J. (2015). The VR Book. Association for Computing Machinery. https://doi.org/10.1145/2792790.

Keane, J. (2007). Situating Situatedness through Æffect and the Architectural Body of Arakawa and Gins. Janus Head, 9(2: The Situated Body), 437–457.

Lavin, S. (2011). Kissing Architecture. Princeton University Press.

Phillips, S. J. (2017). Elastic Architecture: Frederick Kiesler and Design Research in the First Age of Robotic Culture. The MIT Press.

Mori, T. (Ed.). (2002). Immaterial/Ultramaterial: Architecture, Design, and Materials. Harvard Design School in association with George Braziller.

Poincheval, A., Schlesser, T., & Palais de Tokyo (Eds.). (2017). Abraham Poincheval: Palais de Tokyo, 03.02-08.05 2017. Palais de Tokyo; Les Presses du Réel.

Abraham Poincheval – Palais de Tokyo. (n.d.). Retrieved July 1, 2024, from *https://palaisdetokyo.com/en/exposition/abraham-poincheval-2/*

Robinson, S. (2020). Resonant Bodies in Immersive Space. Architectural Design, 90(6), 28–35.

Sharr, A. (2007). Heidegger for Architects. Routledge.

Schipper, D., & Holmes, B. (2021). How Architects are Using Immersive Technology Today, and Projections for the Future. In S. Eloy, A. Kreutzberg, & I. Symeonidou, Virtual Aesthetics in Architecture (pp. 43–49). Routledge. *https://doi.org/10.4324/9781003183105-6*.

Schlesser, T. (2017). Abraham Poincheval, Humanity in Suspension. In Poincheval, A., Schlesser, T., & Palais de Tokyo (Eds.). Abraham Poincheval: Palais de Tokyo, 03.02-08.05 2017 (pp. 77–81). Palais de Tokyo; Les Presses du Réel.

Treisman, R. (2023, April 17). A Spanish Athlete Spent 500 Days Alone in a Cave — For Science. NPR. *https://www.npr.org/2023/04/17/1170388759/500-days-cave-beatriz-flamini-spain*.

R51

AMBIANCE AND ENVIRONMENTAL COMFORT OF LITURGIC SPACES: A DIDACTIC EXPERIENCE IN TEACHING ARCHITECTURAL DESIGN IN THE PROFESSIONAL MASTER'S DEGREE

AMBIÊNCIA E CONFORTO AMBIENTAL DE ESPAÇOS LITÚRGICOS: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA NO MESTRADO PROFISSIONAL

Glauce Lilian Alves de Albuquerque
Doutora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN
glauce.alves@ufrn.br

Tadeu Filemon de Medeiros de Lima
Mestrando
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN
arquitetotadeufilemon@gmail.com

ABSTRACT

This article is a technical project for architectural intervention in catholic liturgical building with an emphasis on ambience and environmental comfort, Caicó/RN, developed as a final work for a Professional Master's Degree at PPAPMA/UFRN. It aims to present the implications of professional postgraduate teaching in architecture based on activities developed in the projective process of building renovation, under the contribution of the Integrated Project Atelier I, II and III disciplines. Methodologically, it was developed gradually at all stages: referential and conditioning studies, conception and development of the proposal, leading to a reformulation in the way of thinking about the project and breaking design paradigms. This teaching-learning method has shown good results for the program, especially in terms of the studies and simulations developed, which lead to proposals based on real demands, which improve the quality of spaces. The result is proposal design intervention that considered the person-environment relationship and local culture effectively.

KEYWORDS: ambiance. architectural project. projective process. project teaching. liturgical space.

RESUMO

Este artigo consiste em projeto técnico de intervenção arquitetônica em edifício litúrgico católico com ênfase na ambiência e no conforto ambiental, em Caicó/RN, desenvolvido como trabalho de conclusão de Mestrado Profissional do PPAPMA/UFRN. Objetiva apresentar os rebatimentos do ensino de pós-graduação profissional em arquitetura a partir das atividades desenvolvidas no processo projetivo do reforma da edificação, sob a contribuição das disciplinas Atelier Integrado de Projeto I, II e III. Metodologicamente, foi desenvolvido gradativamente em todas as etapas: estudos referenciais e condicionantes, concepção e desenvolvimento da proposta, levados à reformulação no modo de pensar o projeto e quebrando paradigmas projetuais. Esse modo de ensino-aprendizagem tem apresentado bons resultados ao programa, principalmente quanto aos estudos e simulações desenvolvidos, que conduzem a propostas pautadas em demandas reais, que melhoram a qualidade dos espaços. O resultado apresenta uma proposta de intervenção projetual que considerou a relação pessoa-ambiente e a cultura local de forma efetiva.

PALAVRAS CHAVE: ambiência. projeto arquitetônico. processo projetivo. ensino de projeto. espaço litúrgico.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte do trabalho de conclusão de Mestrado Profissional em Projeto de Arquitetura do Programa de Pós Graduação em Projeto, Arquitetura e Meio Ambiente - PPAPMA, oferecido pela UFRN. Consiste em projeto técnico de intervenção arquitetônica em edifício litúrgico católico com ênfase na ambiência e no conforto ambiental, na cidade de Caicó/RN.

Os espaços sagrados por suas especificidades e características proporcionam aos seus usuários bem estar e experiências sensoriais. Esses espaços devem apresentar características físicas e elementos subjetivos que permitam uma boa relação entre o uso e o uso, além de bem-estar de quem busca conexão com o divino. Para tanto, seus projetistas devem proporcionar soluções arquitetônicas eficientes e que também oferecem condições de seus usuários, por meio de elementos que permitam essa vivência. Os projetistas são agentes importantes nesse processo de concepção e transformação de espaços comemorativos em ambientes de flexibilidade e que favorecem o uso do espaço na forma mais adequada, trazem qualidade espacial ao lugar e proporcionam melhor uso aos seus usuários, sendo imprescindível a constante auto reflexão e análise sobre a contribuição da ambiência nesse processo. Isso requer do profissional de arquitetura a compreensão da busca por atualização e, muitas vezes, mudanças na sua forma de entender e projetar.

Nesse sentido, buscando fomentar essa discussão, visando contribuir para a melhoria das edificações propostas, tem-se como objetivo apresentar os rebatimentos do ensino de pós-graduação profissional em arquitetura a partir das atividades desenvolvidas no processo projetivo do projeto de reforma da edificação acadêmica, sob a contribuição das disciplinas Atelier Integrado de Projeto I, II e III.

Como metodologia adotada o desenvolvimento das disciplinas referidas faz parte do processo projetivo, uma vez que os alunos podem desenvolver seu trabalho de conclusão a partir de conteúdos apreendidos e trabalhados nas disciplinas cursadas ao longo do curso. O processo projetual é desenvolvido gradativamente em todas as etapas: estudos referenciais e de condicionantes, concepção e desenvolvimento da proposta, levados à reformulação no modo de pensar o projeto e quebrando paradigmas projetuais. Esse modo de ensino-aprendizagem tem apresentado bons resultados ao programa, principalmente no que se refere aos estudos e simulações desenvolvidos e que conduzem a propostas pautadas em demandas reais, que melhoram a qualidade dos espaços indesejados locais.

Contudo, apesar da proposta final já ter sido defendida (projeto e relatório técnico), neste artigo será demonstrada a parte relativa à produção projetual e o processo de ensino e projetação da intervenção. O resultado apresenta uma proposta de intervenção projetual que considerou a relação pessoa-ambiente e a cultura local de forma efetiva. Almeja-se, então, contribuir para a discussão sobre processo projetivo considerando as questões voltadas à ambiência e ao conforto ambiental e o ensino de projeto.

2. AMBIÊNCIA E CONFORTO AMBIENTAL EM ESPAÇOS LITÚRGICOS

É fundamental a compreensão de que as questões de ambiência não se limitam às características do ambiente físico, mas inclui também fatores psicológicos, sociais e culturais que contribuem para a criação de uma atmosfera específica em um local. Portanto, o conceito de ambiência abrange tudo aquilo que contribua para a experiência completa de uma pessoa em um espaço ou contexto.

Para Duarte e Lira (2013), a ambiência pode ser entendida como um "conjunto" que envolve não apenas o espaço físico, mas também os fatores sensíveis, sociais e seus consequentes atributos culturais. A ambiência é fundamental para a experiência das pessoas que utilizam ou habitam um determinado ambiente. Desta forma, podemos afirmar que a ambiência na arquitetura, refere-se ao conjunto de características e elementos que influenciam a atmosfera ou o ambiente de um espaço arquitetônico. Nesse sentido, os arquitetos devem projetar espaços levando em consideração que todos esses fatores se bem empregados, podem criar ambientes agradáveis, funcionais e esteticamente atraentes, e que promovem o bem estar de seus usuários. Além disso, as questões relacionadas à ambiência evocam a memória sensível sobre os lugares, capaz de transportar o usuário para reconhecimento afetivo. Isso inclui fatores como iluminação, temperatura, cores, texturas, mobiliário, acústica e outros elementos que contribuem para a sensação e bem estar em um espaço (Duarte et al, 2011).

O equilíbrio entre os aspectos objetivos e subjetivos da ambiência conferem ao espaço o caráter de arquitetura - arte, técnica, usabilidade etc. Assim, a ambiência desejada nos espaços, deve atender estes dois aspectos, pois diretamente ligados, interferem na percepção e sensações que as pessoas têm nos espaços (Beck et al, 2016). Pode-se aferir que a ambiência e conforto são parâmetros que definem quantitativamente e não qualitativamente, estabelecem um recorte nas medições técnicas às condições ambientais do lugar, onde deve levar em consideração a experiência do usuário no espaço.

Quando se trata de arquitetura sacra, esta deve oferecer aos usuários uma experiência espiritual e de sensações positivas, através de um ambiente cuidadosamente projetado para este fim. Schmit (2005, p.45) afirma que "o espaço guarda uma relação radical com nossa existência, com a consciência que temos de nós mesmos. É no espaço que percebemos a realidade concreta." Assim, a relação pessoa-ambiente, especialmente em espaços celebrativos deve conter elementos que confiram ao lugar tranquilidade, o poder de restauração a quem ocupa esses espaços. Em paralelo, os ritos litúrgicos que acontecem nesses ambientes, são carregados de simbolismo e oferecem uma experiência sensorial a todos que estão vivenciando os momentos celebrativos. Sabemos que a vivência no espaço é instituída a partir da experiência ritual, feito para acolher as pessoas, os ritos e os elementos construtivos que os permitem acontecer, também condicionam esta experiência.

Para a arquitetura litúrgica cristã o espaço voltado para o gestual determina a sacralidade das expressões gestuais realizadas pela comunidade. É a partir da liturgia (o rito como ação) que se determina a arquitetura (medida espacial) como espaço sagrado. Os níveis proxêmico e cinestésico estão diretamente ligados a prática ritual, sendo assim, a arquitetura instituída por essa prática, antecede e perdura depois que a ação ritual se dá. A sua importância tem a ver com este fato. É preciso assimilar, o "espaço concebido" e "espaço vivido" no espaço. É preciso considerar as características sociais, culturais e econômicas dos moradores e suas respectivas relações com o meio, fio condutor da qualidade de vida (Bestetti, 2014). É necessário então que nós, projetistas, estudemos a fundo as particularidades que envolvem cada necessidade de uso, e de conforto e bem-estar de seus usuários.

Ainda neste raciocínio, a adoção de soluções voltadas o conforto ambiental, também são extremamente importantes no processo projetivo, pois estão intimamente ligadas à relação pessoa-ambiente. Além da busca por funcionalidade, também é importante pensar na permanência dos usuários deste ou daquele lugar. A busca pelo bem-estar físico, fisiológico e psicológico humano tem se intensificado. Quando a ênfase é o conforto ambiental, deve-se pensar não apenas em atender o programa de necessidades ou aos condicionantes legais, mas sobretudo na melhoria da qualidade de vida e da satisfação das pessoas que usem o espaço. Portanto, o conforto na arquitetura é uma necessidade que impacta significativamente o bem-estar e emolda a relação com o ambiente construído. (Lamberts & Xavier, 2003).

O conforto térmico, acústico e lumínico de um ambiente construído é fundamental para a saúde e a qualidade de vida dos ocupantes. Cada um desses componentes é essencial para tornar-se um ambiente habitável e satisfazer o usuário. Para otimização do ambiente construído, é válido a observância dessas três partes. Para Ashrae Standard (apud Lamberts & Xavier, 2002, p. 55-92) conforto térmico é a condição da mente que expressa satisfação com o ambiente térmico. Isso implica considerar fatores como a estação do ano, as condições climáticas locais e as preferências individuais. Para atingir tal conforto em espaços celebrativos, é necessário a aplicação de estratégias que otimizassem a orientação do edifício, o uso de materiais de construção adequados e a ventilação natural, a fim de criar um ambiente termicamente equilibrado. O conforto acústico está intrinsecamente ligado à qualidade do som no ambiente. Ruídos indesejados, provenientes do exterior ou de fontes internas, podem causar desconforto, interferir na concentração e até prejudicar a saúde. Para atender ao conforto acústico de espaços litúrgicos é necessário adotar medidas de controle do som, incluindo a escolha de materiais de isolamento acústico e a disposição adequada de elementos de design para reduzir a reverberação e a transmissão sonora. O conforto lumínico diz respeito à quantidade, qualidade e distribuição da luz em um ambiente. A luz desempenha um papel crítico na eficiência e na qualidade das atividades humanas. A iluminação natural em igrejas e templos religiosos pode ser obtida através da adoção de janelas bem-posicionadas e da utilização eficaz de sistemas de sombreamento, fundamentais para criar um

ambiente agradável. A integração bem-sucedida desses elementos não apenas promove o bem-estar dos usuários, mas também contribui para a eficiência e a sustentabilidade do ambiente construído.

3. O PROCESSO PROJETIVO NO MESTRADO PROFISSIONAL

Com ênfase no projeto arquitetônico e meio ambiente, o Mestrado Profissional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte procura preparar e conduzir o aluno à construção de soluções projetuais baseadas em conhecimento técnico, artístico e teórico-científico. Ampliando o contato entre a Universidade e o mercado de trabalho, o curso oferta disciplinas, cujos produtos devem estar em consonância as necessidades desse mercado respondendo ao incentivo e às expectativas de instituições de ensino e pesquisa e de entidades representativas do meio profissional em Arquitetura e Urbanismo.

As práticas do mestrado profissional foram incorporadas ao processo projetivo de diversas formas, incluindo a realização de estudos de viabilidade, a aplicação de metodologias participativas de projeto e a integração de tecnologias de construção sustentável. A ênfase na interdisciplinaridade e na inovação foram fundamentais para a superação dos desafios encontrados ao longo do processo.

Os alunos ingressantes no mestrado profissional do PPAPMA/UFRN desenvolvem suas propostas projetuais concomitantemente à participação nas disciplinas da estrutura curricular, sejam elas obrigatórias ou optativas. A cada semestre, os trabalhos e atividades avaliativas desenvolvidas pelas disciplinas são voltadas diretamente para o projeto de pesquisa, objeto de estudo de cada mestrando, de modo que estes, aplicam o conteúdo teórico apreendido, diretamente em suas respectivas propostas. O processo de projeto é dinâmico, formado por diversas fases, ciclos de decisões e métodos, compreender as diferentes técnicas e métodos e auxiliam nas resoluções de problemas e serve como ponto de partida, deste modo, a partir de experiências em processo de projeto. Lawson (2011) mostra uma forma mais simplificada de representar o processo de projeto, é a partir da sequência de decisões compostas pela análise, síntese e avaliação, da sequência de decisões compostas pela análise, síntese e avaliação para auxiliar na concepção enriquecer a experiência do processo de projeto desde trabalho.

Além das disciplinas voltadas para o conforto térmico, lumínico e acústico, o desenvolvivento sustentável, a acessibilidade e a percepção ambientais, a segurança patrimonial, a paisagem, a estrutura predial, e as novas tecnologias computacionais, o mestrado profissional oferece três disciplinas obrigatórias que servem de base para todo o processo projetivo: Atelier Integrado de Projeto I, II e III. Ao término de todas as disciplinas de Atelier, todos os docentes do programa, participam de

apresentações avaliativas da turma, contribuindo com questionamentos, orientações e sugestões. Esses são, sem dúvidas, os momentos mais ricos do processo projetual, de modo que os estudos iniciais são "contruídos" à várias mãos e cabeças (figura 01). Ao término de todos os créditos obrigatórios e optativos, e a conclusão da disciplina o Atelier Integrado de Projeto II, o mestrando está habilitado à se qualificar em uma banca avaliativa, que dará as últimas orientações para a defesa final.

Figura 01 – Atelier Integrado de Projeto II
Fonte: Imagem feita pelo autor, 2023.

A proposta projetual relatada neste artigo é fruto das disciplinas cursadas nos semestres letivos 2022.2, 2023.1 e 2023.2, junto aos discentes ingressantes do ano de 2022. As atividades projetivas resultam do processo de ensino-aprendizagem são pautadas em aulas teóricas, leitura de textos, apresentação de seminários, análise de referências projetuais, simulações, elaboração de maquetes e protótipos, definição projetuais e proposição.

4. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM ESPAÇO LITÚRGICO DESENVOLVIDA

A proposta central deste trabalho buscou considerar a relação entre a pessoa e o ambiente, particularmente em um edifício existente onde a cultura local está presente de forma efetiva. Essa abordagem priorizou a integração entre um edifício existente e um edifício novo proposto, levando em consideração os aspectos físicos locais e o bem-estar dos seus usuários. Nesse sentido, este estudo utilizou-se não somente das questões formais arquitetônicas, mas procura enfatizar a importância da cultura nordestina e das tradições religiosas, como fio condutor projetivo que incorporou elementos simbólicos de espaços litúrgicos atrelados aos elementos da terra. A ideia não foi apenas preservar tradições, mas também revitalizá-las, conectando-as de forma inventiva ao pensamento contemporâneo.

Nesse processo de concepção, a ênfase na ambiência espacial e no conforto ambiental foi embasada na premissa de se criar um ambiente favorável às celebrações e a interação da comunidade ao espaço proposto. O vínculo entre o sagrado e o bem-estar dos usuários pode contribuir para a construção de espaços religiosos mais acolhedores, inclusivos e adaptados aos preceitos atuais da Igreja, e ao mesmo tempo que promovam a conexão com o divino. O templo religioso selecionado para este estudo possui uma longa história e desempenha um papel central na vida espiritual da comunidade local (figura 02).

Figura 02 – Igreja existente, Caicó/RN
Fonte: Imagem feita pelo autor, 2022.

O processo de reforma e ampliação foi motivado pela necessidade de adequação às demandas crescentes dos fiéis e pela conservação do patrimônio arquitetônico. Durante o processo projetivo, diversos desafios foram identificados, incluindo questões relacionadas à preservação histórica, às restrições de espaço e às expectativas da comunidade.

Levando em consideração do papel social, o valor rememorativo do lugar, redução de custos e, ainda a possibilidade de execução do projeto em questão, buscou-se definir um conceito que fosse norteador do projeto. A partir de técnicas de brainstorming e elaboração de nuvens de palavras, chegou-se a um elemento que simboliza a regionalidade, bem como as questões de ambiência e conforto almejadas: o “gibão de vaqueiro” (figura 03), uma peça de roupa tradicional usada nas áreas rurais do Brasil, principalmente na região nordeste. Tal vestimenta, cria uma pequena camada de ar entre o couro e a pele do usuário, o que pode ajudar a isolar o corpo do calor. Essa camada de ar funciona como um isolante térmico natural, mantendo uma temperatura corporal mais estável em relação ao ambiente externo.

Figuras 03 – Definição de conceito
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

O partido arquitetônico deriva desse conceito, cujos volumes nascidos na perspectiva da programação anteriormente definida, garantem que a proposta atenda às necessidades e intenções do objeto de estudo. Optou-se por manter a igreja existente com a mesma orientação e a demolição de apenas da torre, com acréscimo de espaços afim de atender o programa de necessidades (figura 04).

Figuras 04 – Definição de partido
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Também foi elevado o pé direito, incorporando uma marquise na fachada principal de modo a promover a proteção do sol e da chuva, e a incorporação de cobogós e criando um pátio interno com vegetação e inserção de uma fonte, que contribuem para criar um microclima mais confortável (figura 05).

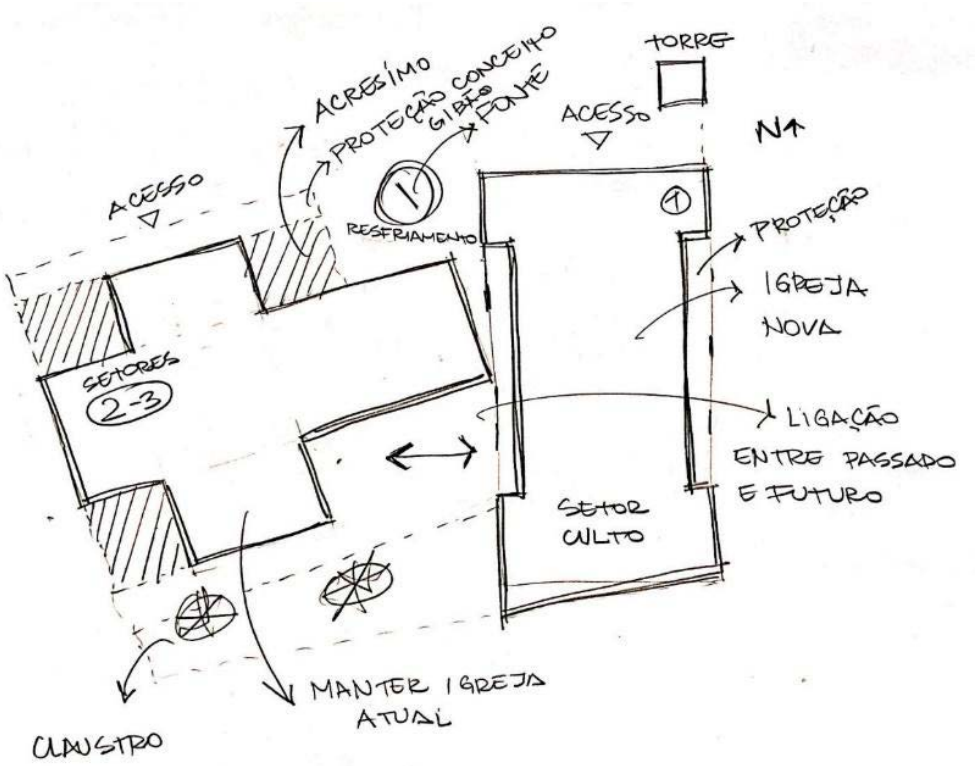


Figura 05 – Zoneamento
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Esse processo busca identificar formas arquitetônicas que incorporem as qualidades necessárias para a aplicação dos conceitos estudados, em consonância com o conceito e partido arquitetônico. Durante o processo de projeto diversas formas foram estudadas durante o desenrolar das disciplinas de Atelier Integrado de Projeto, utilizando-se de croquis e maquetes de materiais de fácil manuseio (figura 06). Em um primeiro momento fora cogitada a demolição da igreja existente, o que não foi adiante, dada a contribuição dos professores durante as apresentações das etapas projetuais. Entretanto o aproveitamento da edificação existente e sua ligação com o novo edificado tornou-se chave para o modelo final escolhido.

A partir das atividades desenvolvidas no Atelier Integrado de Projeto II, foram feitos vários estudos volumétricos e de arranjo projetual, que foram testados em simulações computacionais, e indicaram o melhor caminho a seguir.

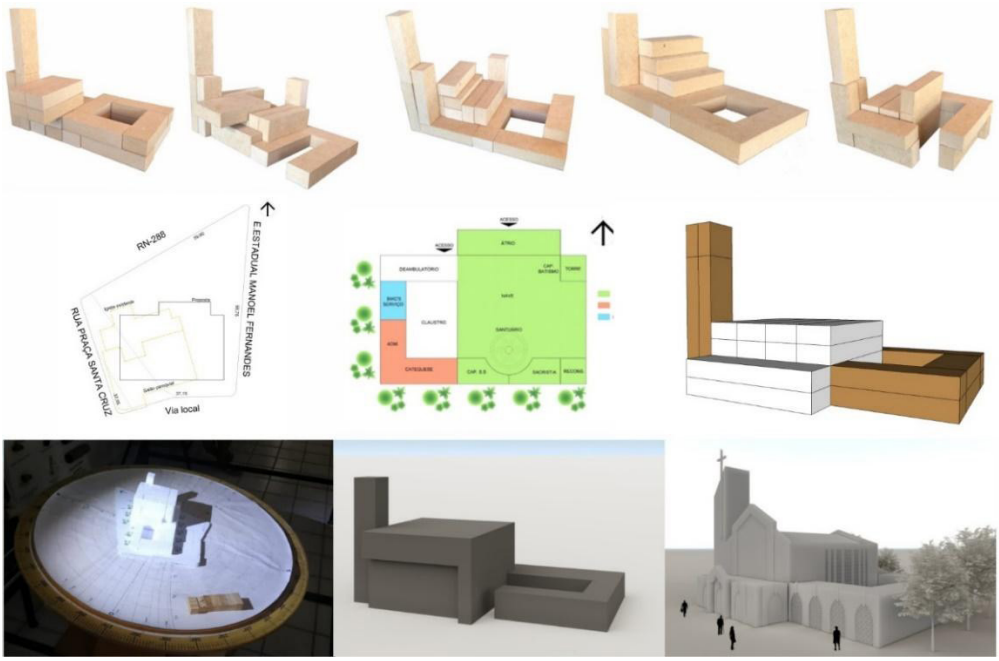


Figura 06 - Evolução croquis e maquetes
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Na proposta final (figura 7) os dois setores se unem através do espaço destinado ao grupo de cânticos, que, para vencer o desnível existente fora proposto ser escalonado para acomodar seus componentes. Esta união também é exposta por uma circulação externa entre a nave e o setor administrativo meio de uma rampa que permeia o pátio interno. Este espaço foi projetado para beneficiar os ambientes circundantes, obtendo-se o seguinte resultado:

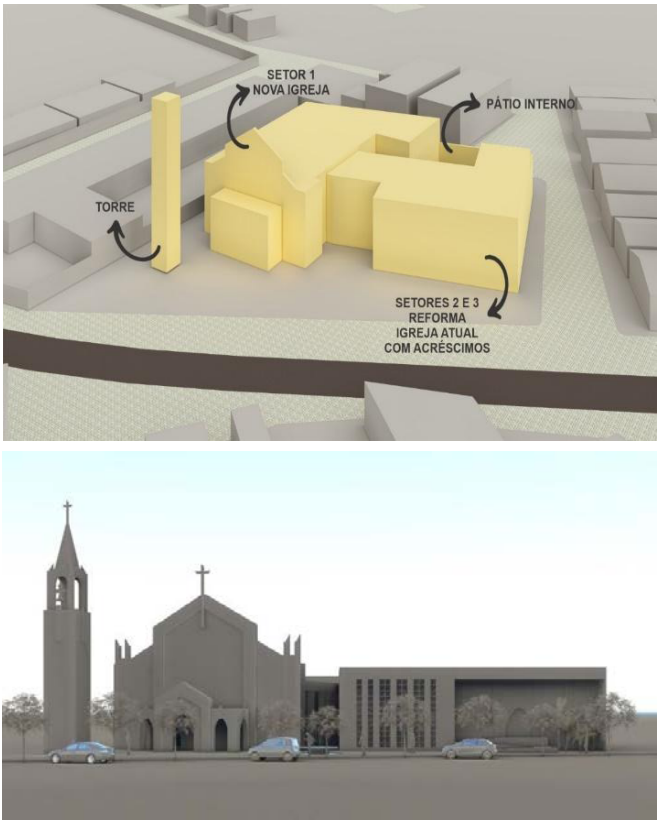


Figura 07 – Proposta final
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Acredita-se que as questões de conforto ambiental e de ambiência espacial puderam ser trabalhadas a partir da adoção de recursos tecnológicos e de novos materiais construtivos. O contato com os softwares especializados durante as disciplinas cursadas, otimizaram o tempo de projetação e apontaram para caminhos diversos, o que foi bastante salutar ao processo projetivo.

A arquitetura, seja ela sacra ou de outra natureza, deve refletir não apenas os elementos essenciais necessários para a celebração eucarística, mas também trazer uma resposta cultural às necessidades da comunidade. É crucial que o espaço arquitetônico seja concebido de forma a permitir que os membros da comunidade se identifiquem com ele, considerando-o uma extensão de sua própria casa e uma representação da vida daquele grupo.

No espaço da igreja enquanto templo, a proclamação da palavra e a música adotada nas celebrações são as principais formas para comunicação que auxiliam nas cerimônias e louvores. É fundamental reduzir os níveis sonoros que entram e saem da igreja templo

com adoção de vedações da edificação, escolha de portas e janelas adequadas, tipo de matérias de forro, telhados e paredes. Esses elementos devem ser escolhidos em concordância aos itens específicos litúrgicos e dos rituais ali realizados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa indicam que as práticas do mestrado profissional desempenharam um papel significativo no sucesso do processo projetivo, seja um novo edifício, uma reforma, ou ampliação. Percebe-se que a abordagem multidisciplinar e interdisciplinas adotada pelo curso oferecido pelo PPAPMA/UFRN, permitiu uma análise mais abrangente dos caminhos percorridos no processo de concepção projetual. No caso do exemplo ora citado, as técnicas e metodologias aplicadas a cada disciplina ministrada, contribuíram para a qualidade e eficiência do projeto.

A proposta central de intervenção em um edifício litúrgico católico pautada nas questões voltada para a relação pessoa-ambiente na valorização dos elementos de cultura local, dadas as ênfases da ambiência e do conforto ambiental, foram os balizadores de todas as decisões tomadas a partir de dilemas projetuais. A busca por soluções arquitetônicas que conectassem os elementos "sagrados" e o bem-estar dos usuários, conduziram o caminho percorrido pelo processo, levando sempre o mestrando (que na verdade é um profissional com expertise no tema escolhido para seu TCC) a quebrar paradigmas e refletir sobre questões importantes do projetar. Para quem se projeta? Como inovar na adoção de técnicas e materiais construtivos importantes para a contemporaneidade, mantendo elementos importantes da tradição, e no caso de espaços celebrativos, permitindo e valorizando o rito litúrgico.

De fato, essas questões são trabalhadas e levantadas pelo programa de pós-graduação na modalidade mestrado profissional em projeto de arquitetura. Talvez essa seja sua maior contribuição, promover uma reciclagem e autoavaliação dos projetistas, muitas vezes repetindo processos, sem pensar na qualidade espacial dos seus projetos, bem como, se atendem às necessidades reais de seus usuários.

Outro ponto positivo a ser ressaltado, se dá pelo próprio desenvolvimento do processo projetivo concomitante com o desdobrar das disciplinas de Atelier integrado de Projeto, que permitem a troca de informações e ideias, tanto entre os alunos, que na verdade são profissionais com experiência de mercado, quanto com os professores que contribuem com observações e questionamentos. Esse processo projetivo coletivo, acaba por quebrar paradigmas pré-existentes de concepção projetual e minimiza possíveis distorções e falhas de projeto, oferecendo propostas mais próximas as necessidades da sociedade e adotando novas tecnologias.

Ainda se destaca a variedade de temas trabalhados e estudados pelas pesquisas desenvolvidas pelos alunos, que também contribuem para melhorias na qualidade

de vida das pessoas. No caso da arquitetura religiosa, observou-se a escassez de trabalhos e pesquisas acadêmicas sobre o tema, sobretudo no campo projetual. Por isso mesmo, espera-se que essa proposta possa contribuir para fomentar novas pesquisas e projetos que envolvam uma melhor a integração espacial da pessoa com ambiente, bem como, que sirva de referência para outras construções voltadas para espaços celebrativos sacros.

6. BIBLIOGRAFIA

ABNT. Desempenho térmico de edificações Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social - NBR 15220- 3. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2005.a.

BECK, Luciana Mota; NOEBAUER, Marlise Paim Braga; BULA, Natalia Nakadomari; ALMEIDA, Maristela Moraes de. Análise da ambiência em templo ecumênico. In: Anais do Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído, Recife, maio 2016.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. Ambiência: espaço físico e comportamento. 2014. Artigos Temáticos – Ambiência. Disponível em: *http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083*. Acesso em: 16 out. 2023.

CAICÓ. PREFEITURA MUNICIPAL DE CAICÓ. O Município: dados do município. Dados do município. 2023. Disponível em: *https://www.caico.rn.gov.br/omunicipio.php*. Acesso em: 13 maio 2023.

DUARTE, Cristiane Rose S.; LIRA, Elza Maria Rabel. Na busca por cidades possíveis: as ambiências e a subjetividade como pilares dessa possibilidade. 2013. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Disponível em:*https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/Lira.2013.1/4473*. Acesso em: 16 out. 2023.

DUARTE, Cristiane Rose de S.; PINHEIRO, Ethel. Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In: Anais do 6 PROJETAR. Salvador, nov. 2013

LAMBERTS, R.; XAVIER, A. A. P. Conforto térmico em ambientes internos. Florianópolis: Laboratório de Eficiência Energética em Edificações, 2003.

LAMBERTS, R.; XAVIER, A. A. de P. Conforto térmico e stress térmico. Apostila do Laboratório de Eficiência Energética em Edificações – UFSC. Florianópolis, 2002.

LAWSON, Bryan. Como os arquitetos e design pensam. Trad. São Paulo, Oficina de textos, 2011.

MACHADO, Regina C. de Albuquerque. O local da Celebração: Arquitetura e Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2001.

SCHMID. Aloísio Leoni. A Ideia de Conforto. Reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental; 2005.

R51

POTENTIAL AMBIANCES IN STUDENT DESIGN: ANALYSIS OF FINAL UNDERGRADUATE WORKS IN ARCHITECTURE AND URBANISM WITH A FOCUS ON SENSORIALITY

AMBIÊNCIAS POTENCIAIS EM PROJETOS ESTUDANTIS: ANÁLISE DE TRABALHOS FINAIS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO COM ENFOQUE NA SENSORIALIDADE

Renato de Medeiros
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
renato.medeiros.1@ufrn.br

Luciana de Medeiros
Doutora em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
luciana.medeiros.1@ufrn.br

ABSTRACT

The importance given to phenomenological issues related to architecture and which gained notoriety through the reflections of several authors have aroused interest on the part of students in end-of-course academic work. Based on this scenario, the objective of this article is to reflect on how the theme of Ambience was treated in final undergraduate works in architecture and urbanism, especially in proposals whose objectives focus on aspects linked to phenomenology and sensoriality. The qualitative analysis demonstrated that theoretical-conceptual research, studies of architectural references and the use of models were carried out. The documents analyzed describe and justify the decisions, valuing strategies linked to aspects related to the application of materials, colors and textures, but make little use of other strategies, such as narrations that could collaborate with the preview of ambiances, acting as a complement to the presentation of the product or technique associated with the creative process.

KEYWORDS: architecture and urbanism. architectural design. design teaching. undergraduate work. ambiances.

RESUMO

A importância conferida às questões fenomenológicas relacionadas à arquitetura e que ganharam notoriedade por meio das reflexões de vários autores, têm suscitado interesse por parte dos discentes em trabalhos acadêmicos de fim de curso. Partindo desse cenário, o objetivo deste artigo é refletir sobre como o tema da ambiência foi tratado em trabalhos finais de graduação de arquitetura e urbanismo (TFG), sobretudo em propostas cujos objetivos enfocam aspectos ligados à fenomenologia e à sensorialidade. A análise qualitativa demonstrou que foram realizadas pesquisas de fundamentação teórico-conceitual, estudos de referências arquitetônicas e o uso de maquetes. Os documentos analisados descrevem e justificam as decisões, valorizando estratégias ligadas a aspectos relacionados à aplicação de materiais, cores e texturas, porém, fazem pouco uso de outras ações, como narrações que colaborariam com a antevisão das ambiências e atuariam como complemento à apresentação ou como técnica associada ao processo criativo.s

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura e urbanismo. projeto de arquitetura. ensino de projeto. trabalhos finais de graduação. ambiências

1.INTRODUÇÃO

O modo como nos conectamos ao mundo à nossa volta e apreendemos os fenômenos aos quais estamos ligados no cotidiano, envolve nossa percepção e respostas aos estímulos recebidos. Espaços e situações, juntos, aguçam nossos sentidos e provocam diversos sentimentos, nos envolvendo de diferentes formas. Nesses termos, a ênfase na experiência do usuário no ambiente e nos aspectos constituintes dessa relação, configuram-se importante campo de pesquisa em Arquitetura, abarcando

pressupostos teóricos de outras áreas do conhecimento, como Psicologia e Filosofia, por exemplo, e o interesse por determinados conceitos, como o de ambiência. A atualidade do tema suscita interesse por parte dos discentes em Trabalhos Finais de Graduação (TFG); uma atividade que se configura como um componente curricular obrigatório, realizado ao longo do último ano de estudos, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional em Arquitetura e Urbanismo (AU).

Tal enfoque, a fim de ser aplicado em projetos arquitetônicos diversos, é comumente justificado pela importância que se deve conferir, sobretudo, à experiência dos usuários, independente do uso proposto. Contudo, a experiência docente na orientação de trabalhos acadêmicos que lidam com esse tema, fez surgir uma inquietação, pois, em certa medida, foi observada uma dificuldade por parte dos estudantes no tratamento desse enfoque no desenvolvimento dos projetos. Com vista para esse cenário, o objetivo deste artigo é refletir sobre como as questões envolvidas com a ambiência foram tratados nos TFG, sobretudo, em propostas projetuais que, em seus objetivos específicos, enfocam aspectos ligados à fenomenologia e a sensorialidade.

2. AMBIÊNCIA E PROJETO: APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS

A compreensão do uso do espaço a partir da experiência, percepção e ação dos usuários tem aproximado as pesquisas em AU do conceito de ambiência. De uma forma geral, a ambiência apresenta aspectos sensíveis - sons, cheiros, luzes - sócio-culturais e físicos, que devem ser descritos em conjunto, conferindo identidade aos lugares (ELALI, 2009; DUARTE, 2013). Devido ao número de variáveis envolvidas no conceito de ambiência, sua definição está muito mais próxima do campo empírico do que teórico e, por este motivo, é mais fácil sentir a ambiência do que explicá-la (DUARTE, 2013).

Conforme aponta Thibaud (2004), a ambiência pode ser entendida como "(...) um contexto sensorial que especifica as condições nas quais os fenômenos emergem e ocorrem (...)" (THIBAUD, 2004, p. 360). Possibilita o nosso contato com o meio e com todos os seus elementos, como um conjunto indissociável, presente na situação, na interação entre o organismo e seu ambiente, despertando nossa capacidade de agir. A ambiência induz nosso comportamento e estado corporal, estimulando-nos, relaxando-nos, podendo nos prender ou levar-nos. Logo, envolve a percepção e envolve o fato de agirmos de certa maneira.

Dentre as investigações que abordam a conexão entre o significado do lugar e os fatores subjetivos e sensoriais das ambiências, torna-se relevante destacar a discussão conduzida por Duarte et. al. (2022), cujas ideias incluem o papel da percepção, dos sentidos e do corpo para o entendimento da temática. Nessa perspectiva, a percepção funciona como um nível inicial de contato e classificação das informações apreendidas no cotidiano, entendida como o processo cognitivo responsável pela

recepção e compreensão do mundo físico vivido pelos sujeitos. Ao mesmo tempo, como nos relacionamos com os espaços e com o mundo através do nosso corpo, as ambiências são, então, compreendidas pela experiência do corpo no lugar, em função da sensorialidade, espacialidade e sociabilidade. Isto posto, vale ressaltar que os estudos acerca da ambiência e dos elementos associados à experiência humana nos espaços têm sido fortemente influenciados pela corrente da fenomenologia. Quando associada à arquitetura, a fenomenologia possibilita o entendimento de diversos aspectos que compõem os espaços que vivemos.

Em linhas gerais, a fenomenologia pode ser compreendida como descrição dos fenômenos observados a partir do contato com os sentidos individuais. Para Merleau-Ponty (1994), nos conectamos ao mundo a partir do nosso corpo e, consequentemente, dos nossos sentidos. Deste modo, nossa percepção seria ao mesmo tempo uma atividade mental e um mecanismo dependente da maneira como nossos corpos interagem com o mundo. Não é só uma questão psicológica, mas física também.

As discussões acerca da fenomenologia da arquitetura foram iniciadas ainda no século XX, a partir de Norberg-Schulz (2008). Para o autor, a fenomenologia é um meio de retorno às coisas e à ideia de que a vida consiste num conjunto de fenômenos concretos. A noção de genius loci, ou espírito do lugar, seria mais do que uma localização abstrata ou um espaço a ser habitado, mas um espaço dotado de uma atmosfera particular, que não considera apenas o caráter funcional da arquitetura. Possui influência do entorno, da dimensão simbólica e tátil das coisas, se aproximando das pessoas. Possui significado. Deste modo, habitar não seria apenas ocupar um espaço, mas conectar coisas, pessoas e situações específicas.

Nessa linha de raciocínio, observa-se que a percepção, assim como todas as minúcias referentes à sensorialidade, tornam-se componentes chaves para a compreensão das ambiências e das atmosferas às quais estamos ligados ou temos contato em diferentes momentos das nossas vidas. No entanto, quando o assunto é o exercício projetual e a criação de espaços com potencialidade para gerar determinadas ambiências, entramos no campo das intenções e da busca por elementos que tenham a capacidade de aguçar nossos sentidos e nos emocionar.

Sob esse prisma, Zumthor (2006) comenta que uma arquitetura de qualidade é aquela capaz de nos envolver e mover-nos. Esse tipo de potencial pode ser experienciado por meio das atmosferas, ou seja, um conjunto de elementos concretos e imateriais, apreendido pelos sentidos, capazes de gerar diferentes impressões aos usuários. Assim sendo, uma série de quesitos pode ser considerada no projeto arquitetônico para a criação de atmosferas: escolha do material e compatibilidade entre eles; objetos e mobiliários; luz, som e temperatura dos espaços; a possibilidade de movimento, a relação entre interior e exterior do edifício e níveis de intimidade proporcionados pelas distâncias entre os elementos.

Hoje já se sabe que a percepção é multissensorial e que nosso corpo trabalha em forma de rede, captando vários estímulos através de diferentes sistemas perceptivos. Levando em conta nossa capacidade de responder a todos eles, temos a habilidade de antecipar a ação quando estamos expostos a sons, cheiros, imagens, etc (PALLASMAA, 2011; DUARTE et. al., 2022). Apesar do caráter multissensorial da percepção, Pallasmaa (2011) discute o domínio da visão sobre os outros sentidos, ressaltando as dificuldades provenientes dessa antiga prática. Para o autor, é provável que a falta humanismo na arquitetura e nas cidades contemporâneas seja consequência do desequilíbrio do sistema sensorial dos usuários, da falta de interesse em considerar o corpo e os sentidos. Se, por um lado, o foco na visão instiga o desenvolvimento de projetos interessantes, por outro dificulta a conexão das pessoas com os espaços. O ser humano não é apenas expectador do mundo, mas pertencente a ele. A experiência, portanto, envolve muito mais do que olhar para as coisas, uma vez que as características dos espaços são medidas também pelos nossos ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos.

Buscando complementar essas questões e reforçar o papel da sensorialidade na experiência arquitetônica, vale citar o estudo conduzido por Neves (2024), centrado nos efeitos dos espaços sobre as pessoas e nos atributos capazes de produzir experiências marcantes. Através de uma fundamentação teórico-metodológica interdisciplinar, a discussão está direcionada para o entendimento de que os outros sentidos, além da visão, devem ser considerados na percepção do meio construído para adotar soluções com esse potencial. Segundo Neves, "(...) embora não seja possível projetar como se darão a vivência da experiência e o envolvimento das pessoas com o meio projetado, é possível projetar atmosferas (...)" (NEVES, 2024, p. 29).

Sendo assim, apoiada em autores que tratam dos sistemas perceptivos humanos e possível relação com elementos arquitetônicos e de design, Neves (2024) destaca alguns caminhos para gerar estímulos interessantes a partir dos projetos:

- Sistema paladar-olfato: em relação ao ambiente, o paladar é sempre dependente do olfato. Ligam-se rapidamente à nossa memória. Odores influenciam nossa avaliação acerca de pessoas e espaços e podemos senti-los a distância, sendo importantes artifícios de projeto.

- Sistema háptico: relaciona-se ao tato, o mais íntimo dos sentidos, pois necessita de proximidade. Responsável por perceber a temperatura e variações climáticas referentes aos ventos e umidade. Materiais, iluminação e cores são importantes quesitos de projeto.

- Sistema básico de orientação: associa nossa postura vertical e o plano horizontal. É responsável pela noção de escala e proporção do ambiente e pelo nosso norteamento espacial, chamado de "sentido de direção". Junto com o sistema háptico, explica

nossa percepção sobre o local, compressão, expansão, subida, descida, noção de tridimensionalidade. Prioriza a visão. No projeto, alguns recursos são utilizados para surpreender o observador, como não revelar toda a vista, inclinar o piso ou torná-lo irregular.

- Sistema auditivo: ressalta a importância dos sons para nos conectar ao mundo e às pessoas. Oferece noção de tempo e espaço. Para o projeto, pode-se considerar a música ambiente, mas também os sons como eco, sons dos passos, sons dos materiais, dentre outros.

- Sistema visual: a visão é o sentido mais enfatizado desde a antiguidade e é o que mais confiamos. Possui conexão com os demais sistemas, pela necessidade de confirmação do que está sendo percebido. Tem sido trabalhado de diversas maneiras no exercício projetual, inclusive quanto aos efeitos de luz e sombra dos edifícios.

A partir da discussão empreendida, em direção à relação com o projeto de arquitetura, questiona-se o que poderia ser caracterizado como ambiência potencial. Baseados na definição de ambiência que prescinde da experiência corporal, consideramos neste artigo que a ambiência potencial é aquela planejada pela reflexão sofisticada do projetista, que abarca por meio de representações gráficas (estáticas e dinâmicas), além de discursos narrativos, a concepção de um ambiente capaz de gerar múltiplas sensações ou uma determinada atmosfera.

3. ABORDAGEM E MÉTODOS DA PESQUISA

Para a seleção dos trabalhos, foram identificados no repositório institucional do curso de AU da Universidade Federal do Rio Grande do Norte aqueles TFG cuja temática principal lidou com a questão da multisensorialidade independente dos usos. A pesquisa foi dividida em duas etapas: (1) leitura e análise dos textos que compõem os memoriais dos projetos e seus processos (2) análise das propostas por meio das representações apresentadas.

Na etapa 1 foram identificados junto aos objetivos dos trabalhos, os principais argumentos para a sua realização. Além disso, foram investigados os principais autores utilizados como referências e como foram estabelecidas relações com a aplicação no projeto. Foram categorizados os estudos de referências, os aspectos ligados ao processo projetual de cada TFG e por fim, analisadas as considerações finais, a fim de apontar a perspectiva dos estudantes quanto à obtenção dos resultados.

A segunda etapa foi aquela na qual, croquis, diagramas, desenhos técnicos e representações com caráter mais artísticos ou compostos por imagens foto realistas foram analisadas a fim de compreender as soluções e as suas ambiências potenciais. Buscou-se também identificar se houveram outros métodos que pudessem ser complementares à apresentação das propostas e que fossem capazes de ampliar o

entendimento sobre os projetos, tais como vídeos. Por meio da abordagem aplicada, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, baseada na leitura e análise documental dos trabalhos[1] de conclusão de curso.

4. ANALISANDO OS TRABALHOS

Como mencionado, a seleção dos trabalhos se deu a partir da identificação de sua temática principal, já que todos buscavam como objetivo principal adotar estratégias ligadas à multisensorialidade em suas propostas. Os usos variaram, sendo um destinado a um ginásio de esportes, outro a um museu e os demais voltados para o uso misto (comércio, lazer e prestação de serviços): centro de moda e um espaço gastronômico.

As justificativas presentes nos memoriais argumentam em prol da necessidade de dotar os espaços de características ambientais capazes de estimular os usuários, influenciando aspectos como formação pessoal; reflexões por meio de experiências imersivas, além de direcionamentos para o consumo. Com isso, os trabalhos estabeleceram relações com os usos pretendidos a partir da definição de seus objetivos.

Em termos de conteúdo, todos os TFG foram sistematizados de modo a apresentar inicialmente a fundamentação teórica sobre os assuntos abordados; as análises de estudos de referência projetuais (na maioria dos casos com usos correlatos); estudos sobre o local de intervenção e as suas condicionantes e, por fim, os processos de projeto e propostas arquitetônicas caracterizadas por meio de memoriais e representações gráficas (pranchas de desenhos técnicos e perspectivas)[2].

Como fundamentação teórica, buscaram respaldo em autores consagrados por obras sobre questões fenomenológicas ligadas à arquitetura. A pesquisa identificou uma variedade de nomes, mas como principais referências presentes em todos os TFG analisados, mais frequentemente, foram citados Pallasmaa (2011), Neves (2024) e Zumthor (2006). Os demais autores são relacionados às temáticas específicas, não havendo uma abordagem expressiva quanto às questões sensoriais ou às estratégias a serem aplicadas nos projetos que foram desenvolvidos. Ou seja, não é perceptível um cruzamento de referenciais teóricos por parte dos estudantes, salvo, em um dos trabalhos quando é tratada a experiência do consumidor em ambientes comerciais[3]. Contudo, por serem trabalhos de graduação, não se espera uma vasta carga teórica ou uma reflexão aprofundada, principalmente devido ao tempo destinado para a elaboração dos estudos, que alcançaram nível de anteprojeto. O

1 Um total de quatro Trabalhos Finais de Graduação, realizados nos semestres de 2019.2, 2022.2, 2023.1 e 2023.2

2 Não foram disponibilizados links de vídeos para apresentações.

3 Trata do provador de loja como um ambiente que, se bem planejado, pode influenciar na decisão de compra de um produto.

que fica evidente é que o referencial teórico é mais usado para argumentar a favor da importância da adoção de estratégias voltadas para a obtenção de ambientes que estimulem os vários sentidos e para justificar a relevância do tema no debate contemporâneo. Com essa característica, de modo geral, os trabalhos abordam os principais conceitos relacionados à sensorialidade e a definição de atmosfera, a partir de Zumthor (2006) e tratam dos sentidos corporais e dos sistemas sensoriais, ressaltando a preponderância da visão sobre os demais sentidos. Como meio de sintetizar informações sobre os sistemas, apresentam exemplos imagéticos a fim de demonstrar como estes se configuram em ambientes, através de materiais, cores e formas.

Em se tratando da pesquisa empírica apresentada, os estudos de referências, considerados relevantes para colaborar com o desenvolvimento da proposta, foram determinados pelos usos correlatos, mas também por interesses particulares dos autores, quer seja por uma identificação pessoal com a forma ou ligada aos aspectos tectônicos e materializadores das soluções. Ainda que sejam mais descritivos que analíticos, a maior parte aconteceu de maneira indireta (sem visita ao edifício). Apenas três estudos de referência (de um total de 12) aconteceram com visitas *in loco.*[4] Foi visto que os autores puderam sintetizar e justificar os seus estudos de referências, indicando sumariamente quais aspectos poderiam ser "aproveitados" e aplicados em suas propostas. Desse modo, conseguiram trazer indicações mais aplicáveis aos seus TFG, fato que não foi percebido em considerações provenientes do embasamento teórico.

Por considerarmos que seria interessante compreender como o processo projetual assumiu a ideia de projetar com foco na multisensorialidade, foram identificadas as estratégias de desenvolvimento das ideias. Desse modo, foi possível enumerar algumas ações comuns aos quatro trabalhos, como a confecção de de painéis conceituais com imagens e/ou palavras que remetessem a desejos e/ ou pertinências; restrições internas ou externas ao projeto (figura 1).

Figura 1. Exemplos de representações que foram utilizadas no processo de projeto: nuvem de palavras, painél-conceito e moodboard.
Fonte: Adaptado de Souza (2019) e Barbosa (2023)

4 O que acreditamos ser fundamental para a experiência dos lugares, sobretudo para trabalhos desse tipo, que buscam valorizar a experiência humana por meio da multissensorialidade.

Desse modo, cada uma das propostas tendeu a apresentar os seus princípios condutores, caracterizado por intenções como permeabilidade visual, estabelecimento de relações com a rua, a importância conferida à escala do pedestre, a criação de pontos focais, exploração da natureza, dos jardins e das espécies vegetais, além das texturas dos materiais e jogos de luz e sombra.

Por meio da análise das soluções propostas, vê-se que as estratégias aplicadas foram elencadas de acordo com os sistemas: paladar- olfato; háptico; básico; auditivo e visual. Ao reunirmos as decisões, vê-se que os sistemas visual e háptico foram os mais beneficiados, por meio de uso de cores, materiais, texturas, luz e sombra, inclusive por meio do uso da vegetação. Deve-se ressaltar que as fachadas e os volumes dos edifícios receberam muita importância, o que se percebe a partir dos textos que tratam dos processos e das imagens que os ilustram (figura 2):

> Os primeiros croquis da proposta mostram que as ideias volumétricas foram surgindo, inicialmente, a partir da fachada principal, devido a sua importância para a primeira impressão percebida pelos usuários, já que será a primeira visual a ser memorizada e deve transmitir uma atmosfera marcante, sendo uma referência na paisagem enquanto permanece integrada ao gabarito do entorno (SOUZA, 2019, p.75)

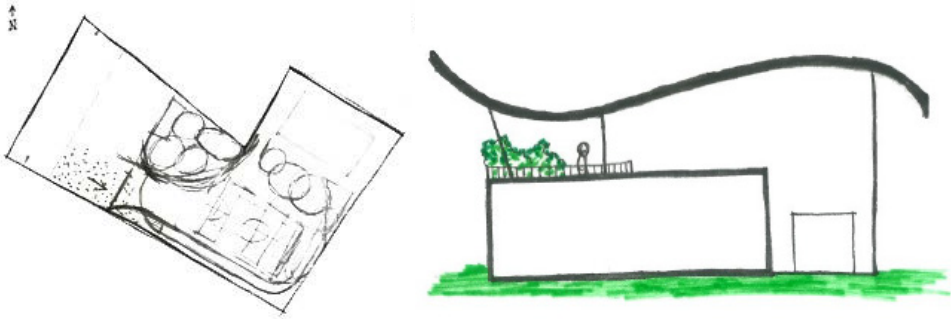


Figura 2. Estudos em plantas-baixas com indicações de zoneamentos e relação com a fachada do ginásio.
Fonte: Adaptado de Souza (2019).

Em menor escala, foram consideradas as estratégias voltadas para o sistema paladar - olfato (uso de aromas); o sistema básico (diferentes escalas, pés-direitos e gabaritos) exemplificada por meio do seguinte trecho do memorial de uma das propostas (figura 3):

> A implantação do projeto é caracterizada pela inserção do Bloco educacional na porção superior do terreno em associação com um café esplanada de contato direto com os transeuntes da Av. Hermes da Fonseca. A passarela gastronômica é localizada também nas proximidades dessa via para permitir um contato maior com a rua e possibilitar a criação de um bolsão sensorial no pátio central. Aos fundos do lote, na porção inferior, localiza-se o restaurante âncora. Essa

disposição foi pensada estrategicamente para que houvesse a elevação gradual da altura do complexo. Além disso, o gabarito ascendente foi uma alternativa selecionada com a finalidade de proporcionar uma escala que não fosse agressiva para o transeunte do passeio, além de realizar o diálogo harmonioso com o edifício ao lado (...) (BARRETO, 2022, p.118).

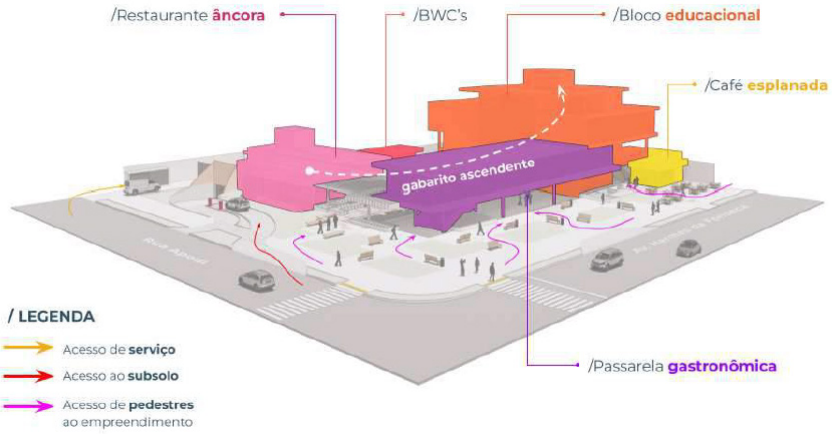


Figura 3. Tratamento do conjunto a partir das diferentes escalas, relação com a rua e usuários.
Fonte: Adaptado de Barreto (2022)

Por último, o sistema auditivo, com apenas duas menções relacionada aos sons dos passos em pisos de materiais diferentes e ao paisagismo: "Em consonância ao sistema auditivo, as estratégias propostas estão relacionadas ao som dos passos ao tocar os diferentes revestimentos de piso propostos e o sonido do vento ao tocar a vegetação" (SILVA, 2023, p.144).

Nota-se no desenvolvimento das propostas, que decisões formais ou funcionais se sobrepõem como indutoras do processo, assim também como o fato de restrições legais relacionadas às legislações específicas como plano diretor e código de obras: prescrições decisivas na influência de diversas tomadas de decisões.

Por fim, vê-se que em suas considerações finais, em todos os trabalhos analisados existe a certeza de que os objetivos foram alcançados. Longe de contrariamos os seus autores, até porque também concordamos que, para o nível de TFG foi possível atender às exigências, deve-se ressaltar, no entanto, que foi curioso notar que apenas em um trabalho, uma das conclusões citou a dificuldade em aplicar estratégias projetuais capazes de atender a todos os sistemas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que o artigo possibilitou uma reflexão que vai além dos trabalhos analisados, tendo em vista que estabelece uma relação com a prática de ensino-aprendizagem em AU, em um momento que precede a formação profissional: o TFG. Dito isso, podem ser realizadas algumas considerações e também lançadas algumas indagações.

Os trabalhos entregam imagens e perspectivas em documentos que descrevem e justificam as decisões ou soluções nos memoriais que acompanham o projeto, valorizando sobretudo estratégias ligadas a aspectos relacionados à aplicação de materiais, cores e texturas (figura 4). Foi visto que os autores mantiveram o domínio do sistema visual em seus projetos, ainda que tenham indicado para essa predominância (PALLASMAA, 2011). Ao mesmo tempo, foi observado que fazem pouco uso de textos narrativos que poderiam colaborar com a antevisão das ambiências, ou possibilitar um "mergulho" por meio das palavras - como um complemento à apresentação do produto ou como técnica associada ao processo criativo.

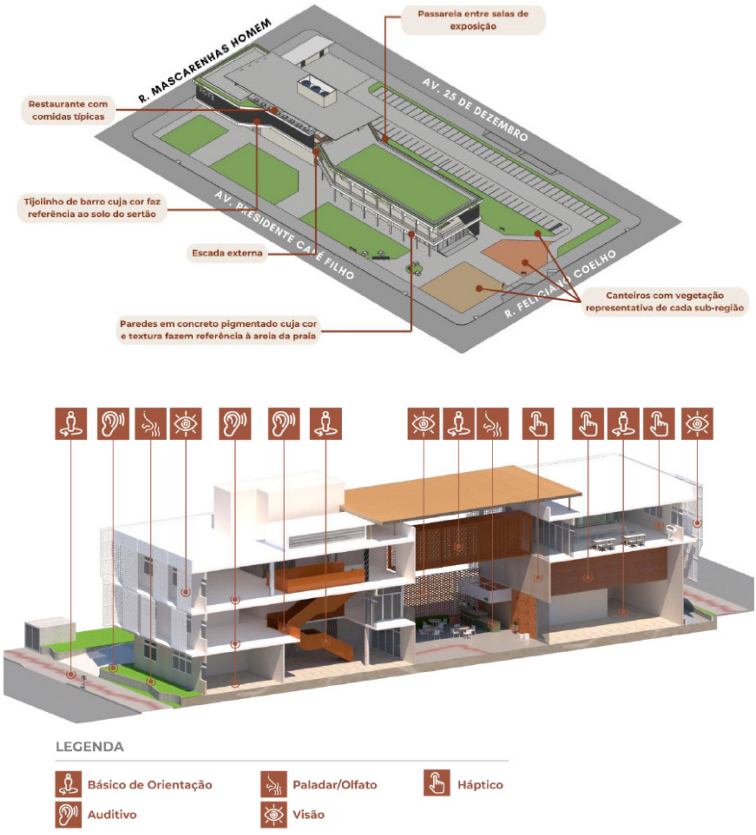


Figura 4. Demonstrações de como os sistemas foram alcançados e de que maneira.
Fonte: Adaptado de Barbosa (2023) e Silva (2023)

Acredita-se que as dificuldades ou fragilidades identificadas decorrem de aspectos pessoais, podendo estar relacionadas ao *background* dos autores e a utilização de estudos de referências projetuais, na maioria das vezes, indiretos. Além disso, o pouco tempo disponível para o desenvolvimento da proposta, levando-se em consideração que os TFG são desenvolvidos em um prazo limitado, pode fazer com que aspectos como a funcionalidade, ou restrições legais recebam maior atenção nas fases de desenvolvimento das propostas.

Sobre a pouca experiência prática, ainda que, de maneira geral, os cursos de AU explorem diversos caminhos metodológicos, práticas e ferramentas, a perspectiva positiva é que, com o passar do tempo e o acúmulo de vivências e repertórios, sobretudo aqueles apreendidos por meio do "se lançar ao mundo", os profissionais possam trabalhar melhor tais questões em seus projetos. Dessa reflexão decorrem questionamentos: como os profissionais da arquitetura lidam com o tema em suas práticas? E na academia? Como investir ainda mais nesse mote, que na verdade é condição *sine qua non* da arquitetura, que impacta a vida das pessoas, com sua diversidade de corpos, olhares e modos de apreender o mundo?

Por fim, reafirmamos a importância que deve ser conferida ao tema durante a formação, o que é fundamental para o despertar da compreensão da arquitetura como um sistema, capaz de impactar diretamente o modo como as pessoas experienciam os espaços e que pode vir a ser aprimorado com o desenvolvimento de tecnologias da informação e de comunicação, capazes de, futuramente, colaborar por meio da realidade virtual com a antecipação de sensações ligadas ao projeto e à obra arquitetônica a partir de maiores possibilidades de imersão virtual.

6. AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de financiamento para participação no evento.

7. BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, B. de M. (2023). Poti: proposta arquitetônica de museu de história e cultura potiguar à luz da arquitetura multissensorial. (Trabalho de Conclusão de Curso), Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BARRETO, N. G. (2022). Quintal: proposta arquitetônica de um centro gastronômico sob os princípios da arquitetura multissensorial. (Trabalho de Conclusão de Curso), Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

DUARTE, C. R. S.; PINHEIRO, E. S.; SILVA, L. J.; MIRANDA, C. (2022). Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio de Janeiro, Rio Books.

DUARTE, C. R. (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. *https://lasc.fau.ufrj.br/artigos/219/ambiencia-por-uma-ciencia-do-olhar-sensivel-no-espaco*

ELALI, G. A. (2009). Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental. Anais do Colóquio Ambiências Compartilhadas. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ.

MERLEAU-PONTY, M. (1994). Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes

NEVES, J. D. (2024). Arquitetura sensorial. Rio de Janeiro: Mapa Lab

NORBERG-SCHULZ, C. (2008). O fenômeno do lugar. Em NESBITT, Kate (Ed.). Uma nova agenda para arquitetura, (pp. 443-461). São Paulo: Cosacnaify

PALLASMAA, J. (2011). Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman.

SANTOS, L. de S. (2019). Movmente centro poliesportivo no bairro do Bom Pastor: arquitetura sensorial integrada ao ambiente escolar (Trabalho de Conclusão de Curso), Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SILVA, C. A. da. (2023). Seridó collab: anteprojeto de um centro de moda sob a ótica das estratégias abordadas na arquitetura multissensorial (Trabalho de Conclusão de Curso), Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

THIBAUD, J.P. (2004). O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. Em TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Ed.), Psicologia e ambiente, (pp. 347-361). São Paulo: EDUC

ZUMTHOR, P (2006). Atmospheres: Architectural Environments Surrouding Objects. Basileia: Birkhauser.

R51

NAVIGATING AMBIANCES: VIDEOGAMES AS A PEDAGOGICAL METHOD FOR TEACHING ARCHITECTURE AND URBANISM INCORPORATING SENSORY AND INTERPRETATIVE ASPECTS OF SPACE

AMBIÊNCIAS NAVEGANTES: VIDEOGAMES COMO MÉTODO PEDAGÓGICO PARA ENSINAR ARQUITETURA E URBANISMO INCORPORANDO ASPECTOS SENSORIAIS E INTERPRETATIVOS DO ESPAÇO

Thiago dos Santos Rangel
Pesquisador / Doutorando
PROARQ / FAU / UFRJ
thiago.rangel@fau.ufrj.br

Regina Mapua Lim
Subject Coordinator Urban Design Postgraduate Programme
Oxford Brookes University
rlim@brookes.ac.uk

Ethel Pinheiro Santana
Dra., Prof. Associada FAU/UFRJ
PROARQ / FAU / UFRJ
ethel@fau.ufrj.br

ABSTRACT
The following paper is part of a critical analysis of a survey conducted at the School of Built Environment at Oxford Brookes University. The survey focused on the use of video games as a teaching method to incorporate sensory and interpretive aspects of space, emphasizing the projective process in the teaching and learning of Architecture, Urbanism, and related areas. Through the questionnaire, we were able to shift the perspective and explore students' perceptions of spaces within videogames and learning in Architecture and Urbanism. The investigation also raised a series of questions that sometimes support previous understandings of virtual space and introduce new possibilities for interpretation at other times.

KEYWORDS: videogames. pedagogy. experience. architecture. ambiances

RESUMO
Esse artigo é parte de uma análise crítica de um questionário realizado na School of Built Environment de Oxford Brookes University sobre o uso de videogames como método pedagógico para a incorporação de aspectos sensoriais e interpretativos do espaço, favorecendo a dinâmica do processo projetivo no ensino-aprendizagem em Arquitetura, Urbanismo e áreas correlatas. A partir deste questionário, foi possível fazer uma inversão de perspectiva e investigar a percepção dos alunos sobre espaços dentro dos videogames e o aprendizado em Arquitetura, Urbanismo. Mais que isto, a investigação trouxe à tona uma série de questões que, as vezes corroboram com o entendimento de espaço virtual prévio e outras vezes apresenta novas possibilidades de leituras.

PALAVRAS-CHAVE: videogames. pedagogia. experiência. arquitetura. ambiências

1. INTRODUÇÃO
Este artigo busca debater alguns dos dados provenientes de uma investigação acerca da experiência dos alunos no mundo virtual dentro dos videogames. Este experimento é parte constante da metodologia de uma pesquisa de doutorado acerca do uso de videogames como método pedagógico para a incorporação de aspectos sensoriais e interpretativos do espaço, favorecendo a dinâmica do processo projetivo no ensino-aprendizagem em Arquitetura e Urbanismo. Para tal, foi proposta a aplicação de um questionário com os alunos da School of Built Environment de Oxford Brookes University, no Reino Unido.

O questionário investigava, dentre outros temas, a possibilidade de percepção de ambiências dentro do mundo dos videogames por parte dos estudantes, ou, ao menos, a percepção de algo similar ao conceito de ambiências. Este parece ser um debate que trás algum nível de polêmica agregada, já que desafia em certos aspectos o conceito clássico de ambiência. Entretanto, a ideia central não é tentar

reconfigurar o que seriam ambiências, mas trazer à tona a percepção dos alunos para estes espaços e entender como isto pode gerar outras leituras espaciais ou mesmo, iniciar um debate sobre a possibilidade de ambiências virtuais.

Inicialmente, vamos começar caracterizando brevemente o conceito de ambiências, falar um pouco sobre a noção de realidade e partir daí para a investigação com os alunos e trazer as avaliações dos resultados e suas possíveis interpretações.

2. AMBIÊNCIAS

As ambiências habitam este "lugar entre", habitam nas relações entre coisas, sensações, pessoas e suas subjetividades e, de modo geral, utilizam o corpo e suas percepções como filtro entre o lugar e o indivíduo.

> A ambiência, nessa abordagem, poderia ser definida como um "pacote" que agrupa não apenas o espaço vivenciado, mas todo o conjunto de dados sensoriais e seus aspectos materiais e imateriais. Ao enumerar algumas definições da palavra ambiência, Augoyard diz que uma das mais correntes é a "atmosfera material e moral que envolve um lugar e uma pessoa" (2004, p. 18). Em outro texto, o autor traz a definição de ambiência como "um plural de pedaços justapostos e cacofônicos capazes de induzir um certo clima a partir de dimensões não visíveis de espaço construído" (AUGOYARD, 2008, p.33), mas, o próprio Jean François Augoyard sublinha que a definição de ambiência é difícil de explicar, mas muito fácil de compreender. (DUARTE *et al.*, 2023, p. 110)

Como dito, as ambiências são complexas de definir, mas fáceis de compreender. É coerente que seja assim, já que, de certo modo, todos nós somos afetados diariamente pelas ambiências nos lugares pelos quais transitamos.

> (...) as ambiências não podem ser resumidas a uma simples soma de dados tangíveis e intangíveis, uma vez que é impossível compreendê-las separadamente de suas características sensíveis (sons, cheiros, luzes etc.), socioculturais (a movimentação das pessoas, o ritmo da cidade) e contextos físicos (o suporte espacial urbano e arquitetônico). Como ressalta Jean-Paul Thibaud (2004) a unidade da ambiência não resulta de uma justaposição de partes distintas "(...) mas de uma manifestação global que nos permite apreender imediatamente a sua totalidade" (THIBAUD, 2004, p.147). Ao penetrarmos em uma ambiência, nós a percebemos como um bloco indivisível, antes mesmo de tomarmos consciência de um ou outro sentido separadamente. De fato, isso se dá porque as ambiências só podem ser compreendidas por meio da experiência do corpo no Lugar. Assim, em uma perspectiva husserliana, pode-se dizer que ambiência e sujeito se fundem por meio da experiência do/no Lugar. É mesmo difícil compreender uma ambiência sem menção à experiência. Ou seja: a descrição de uma experiência se presta muito mais à explicação da noção de ambiência do que frases que teorizam o conceito. (DUARTE *et al.*, 2023, p. 113)

O corpo e a experiência possuem um papel de destaque no entendimento das ambiências. Além disto, podemos perceber também que as ambiências nos acometem integralmente, com todos os nossos sentidos e percepções.

Duarte et al. (2023) vai trazer diversos autores para a conversa e a ideia das ambiências sendo um acúmulo de tudo que ocorre no espaço, dentro e fora de nós, "um pacote" de momentos e interpretações sensoriais do corpo no espaço. A nós, as ambiências soam como em uma espécie de colcha de retalhos em microcosmo. Cada retalho seria um sentido; uma percepção; um elemento do espaço, tangível ou intangível; uma partícula de cultura individual ou coletiva. Todos estes elementos são diferentes em algum nível, mas ao mesmo tempo indissociáveis.

Até aqui, fizemos uma breve caracterização do que são as ambiências, e como elas são um modo de interpretar as relações entre indivíduos e lugares. Em seguida vamos abordar um pouco a noção de realidade.

3. REALIDADES

Vamos começar com uma especulação filosófica. Vamos supor que um dia cheguemos a um desenvolvimento tecnológico onde tudo ao nosso redor será virtual. Um cenário de distopia tecnológica onde vivemos em um corpo isolado e onde tudo que conhecemos é um mundo virtual. Neste cenário tudo o que conhecemos são memórias implantadas ou produzidas dentro do virtual e tudo que sentimos são interpretações cognitivas induzidas. Talvez possamos supor que esta é uma realidade impossível, mas, olhando a nossa realidade agora, com uma grande implementação de realidades virtuais, aumentadas e inteligências artificiais, talvez não pareça uma realidade tão impossível assim. De qualquer forma, não importa tanto se isto pode ou não acontecer, mas o exercício mental em si. O que acontece com o conceito de ambiências nesse cenário? O que acontece com o conceito de ambiências em um mundo que avança a passos largos para a virtualização do indivíduo.

Se um dia chegarmos ao um cenário como este, onde não temos o corpo para mediar o espaço e somos só consciência, o conceito de ambiências desaparece? Ele se altera? Ele sobrevive? Estas parecem pergunta insolúveis por enquanto. Porém, vamos trazer aqui uma perspectiva de realidade que talvez nos ajude a entender um pouco mais sobre esta possibilidade e a ler os resultados do questionário.

Como visto, a ambiência tem como uma de suas premissas o corpo como tradutor da realidade subjetiva. Deste modo, é um conceito que pode ser traduzido para nós através das linguagens que os nossos sentidos decodificam, as nossas noções de realidade e o modo como acessamos estas realidades quando nos defrontamos com um lugar e produzimos uma experiência cognitiva.

Pesquisas recentes sobre a consciência, a filosofia e sobre o uso de realidade virtual (VR[1]) apontam uma série de novas percepções sobre como experimentamos a realidade. Segundo as ciências cognitivas, de modo geral, nós vivemos em uma realidade virtual. Isto decorre do fato de que as experiências fenomênicas que temos da vida são criadas dentro de sistemas nervosos biológicos que elaboram um modelo virtual da realidade experienciada. Para Metzinger (2018) e outros estudiosos, a mente humana cria um modelo interno e esse modelo serve como uma lente através da qual observamos o mundo externo. Chamamos essa lente de consciência e sua função seria a de organizar e simplificar os processos do mundo externo e a partir desse modelo, criar possibilidades de relação entre coisas, dar sentido aos objetos, internalizar objetos como conceitos e os organizar através de uma hierarquia. Metzinger vai chamar isto de representações neurais virtuais, que definem possibilidades, gerando hipóteses sobre causas ocultas de um estímulo sensorial. Por esta razão, esse conteúdo fenomenal, que é um conteúdo mental sobre a realidade, é intrinsecamente virtual. Seria como viver em um estado de sonho perpétuo, que reflete uma perspectiva fenomenológica do mundo numenal[2] e do mundo fenomenal, mas aos quais os mapeamentos mentais são apenas formas de simplificação pra benefício do sistema que os mapeia. Em outros termos, o gerenciamento de economia biológica.

Se isto for verdade, poderíamos revisitar diversos dos conceitos ligados ao corpo e ao espaço, incluindo o de ambiências, fazendo um vínculo com a realidade virtual e, por extensão, com videogames.

Este artigo busca balancear a relação entre corpo, ambiências e videogames. Para tal empreitada, escolhemos a pedagogia como meio no qual estas discussões se dão.

Castro (2012) vai estabelecer que o nosso acesso ao mundo vai configurar o que entendemos como realidade. Em sua visão, aquilo que entendemos como real está subordinado ao acesso a ele, em uma visão mais antropológica da realidade. Já Metzinger (2018) vai configurar a ideia de que toda realidade é virtual, no sentido de que o que chamamos de realidade é sempre uma interpretação mental mediada pelos nossos sentidos e filtrada pela nossa consciência. Assim sendo, o modo como acessamos a realidade vai ter grande influência no modo com a entendemos.

É crucial estabelecer que para nós a noção de corpo é imperativa na relação com ambiências e com a realidade. Porém, o que estamos suscitando aqui é a ideia de que, se estabelecemos os sentidos como filtro entre nós e o que consideramos a realidade, isto cria possibilidades de manipulação dos sentidos e borra a nossa noção de real e abstrato e de real e virtual. Se isto estiver correto, os videogames seriam capazes

1 No original, Virtual Reality. Neste contexto, a realidade definida a partir de um ambiente digital, com auxílio de ferramentas computacionais. Nos interessa também o fato de ser uma tecnologia de simulação de realidade bastante explorada em videogames.

2 Refere-se a algo que existe independentemente do sentido humano. O termo número é geralmente usado em contraste ou em relação ao termo fenômeno, que se refere a qualquer objeto dos sentidos.

de produzir mundos que podem ser interpretados como extensão da realidade ou ao menos análogos a ela. O suficiente para que as experiências vividas dentro destes mundos virtuais possam ser consideradas como experiências significativas também no mundo que chamamos de real.

Não vamos nos alongar sobre este tema, mas o importante é configurar que, como interpretação neural, os sentidos não são confiáveis e podem ser manipulados, manipulando também a nossa relação com a realidade e com as ambiências. Apesar dos videogames ainda estarem se desenvolvendo, o advento de novas tecnologias, sobretudo as de inteligências artificiais, tem criado possibilidades de futuro onde, de fato, será muito difícil, se não impossível, de discernir o real do virtual. Neste cenário, o conceito de ambiências talvez desapareça, mude ou permaneça com está. Ainda não sabemos.

Este não é o tema central desta investigação, mas é uma discussão válida, já que o conceito de ambiências é um dos pilares nos quais a experiência pedagógica que planejamos entender se apoia. Se tudo que trouxemos até agora nos ajuda a entender a fina linha que separa o real do virtual, sobretudo do ponto de vista da neurociência, talvez possamos propor a ideia de que há uma espécie de ambiência virtual ou ambiência navegante, sendo esta, um tipo de ambiência emulada ou ambiência parcial.

Esta talvez seja uma ambiência "sempre inacabada", que navega entre uma ancoragem ao mesmo tempo no real e no virtual, já que é desprovida de parte dos nossos sentidos no mundo real ou que opera nos dois mundos ao mesmo tempo, criando uma certa confusão fenomenológica. Mas, talvez seja bastante coerente para a vida fugidia e complexa que levamos atualmente, onde alguns sentidos são acionados em detrimento de outros (SERRES, 2001), e são colocados como carro-chefe da grande composição sensorial ativada diante dos fenômenos vividos.

> [Não somos somente] sociedades do alarido, da agitação frenética, do barulho caótico e entrópico das gentes, onde o eu morre de nós (SERRES, 2001, p. 284). Não, é preciso a oportuna desconexão, o futuro pertence às ordens contemplativas. E o que nos salvará será a proposição de novas formas de recolhimento que associem solitários e sentidos (MARCONDES FILHO, 2005, p. 11).

Mas, ainda sim, pode ser uma nova forma de Ambiência que vemos ganhar tração, conforme novas tecnologias interferem de forma cada vez mais agressiva na nossa relação com o mundo.

4. ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO

Este questionário continha 21 perguntas, das quais apresentaremos um resumo da parte inicial e um maior detalhamento da parte referente aos conteúdos espaciais.

Obtivemos 73 respondentes entre 18 e 23 anos de idade, coerente com a média etária de quem entra na faculdade e faixa etária com grande interação com videogames. Outras informações referentes aos antecedentes dos alunos incluem o fato de que 78,1% dos respondentes se consideram jogadores de videogames, seja em consoles, computadores ou telefones celulares. Jogam em sua maioria jogos de aventura, jogos de tiro, simuladores e estratégia. Também alegaram jogar primariamente por diversão e para jogar com amigos, demonstrando um forte componente social ao ato de jogar.

Dentre os que não jogam, mais da metade alega que considerariam a possibilidade de começar a jogar. Assim, 89% dos respondentes ou já jogam (76,7%) ou consideram passar a jogar, demonstrando a alta permeabilidade dos videogames neste grupo.

Em relação às atitudes para com a aprendizagem, 74% dos respondentes consideram os videogames uma boa maneira de aprender coisas sobre diferentes ambientes, outras 17,8% alegaram não ter certeza e apenas 8,2% responderam negativamente. Este percentual positivo é bastante equilibrado com o percentual de jogadores, o que demonstra que, em geral, aqueles que jogam também consideram os videogames um bom meio de aprendizado espacial.

Os alunos também alegaram que preferem aprender com métodos que envolvem a prática (89%), com demonstrações (53,4%) e jogando (56,2%)[3]. Nos surpreendeu que mais da metade dos alunos alegaram já utilizar videogames para aprender. O que é relevante considerando que eles são de cursos relacionados ao ambiente construído, como Arquitetura e Urbanismo.

Também foi perguntado se os alunos se sentiriam motivados pela ideia de aprender algo através dos videogames. Para esta pergunta, obtivemos 83,6% de respostas positivas, 6,8% de indiferentes e 9,6% de negativas. Este dado apresenta a alta permeabilidade da ideia de aprender com videogames entre os alunos.

Em seguida, foi perguntado se eles se sentiriam motivados pela ideia de usar videogames para aprender competências aplicáveis à Arquitetura, Urbanismo ou áreas afins. Obtivemos 90,4% de respostas positivas, demonstrando a já esperada manifestação da relação entre videogames e o campo da Arquitetura e Urbanismo. Dizemos já esperada pois esta relação já é cada vez mais notória. De fato, muitos dos programas utilizados para a representação de arquitetura ou vieram dos videogames ou tiveram sua base nos videogames, incluindo a Unreal Engine[4].

3 Esta e outras perguntas ofereciam múltipla escolha, podendo marcar mais de uma opção.

4 Unreal Engine é um motor gráfico, programa de fazer jogos. Atualmente tem se difundido entre os alunos, que tem utilizado para representar projetos de Arquitetura e Urbanismo com possibilidade de incluir uma série de características jogáveis.

A próxima pergunta questionava se os alunos consideravam que os videogames poderiam ser mais engajantes no aprendizado de Arquitetura, Urbanismo ou áreas afins do que outras mídias como texto, áudio ou vídeo. Para esta pergunta, obtivemos 91,8% de respostas positivas, alegando que se sentiriam mais engajados aprendendo com videogames do que com outras mídias. Quanto mais nos aprofundamos nas perguntas relacionadas com aprendizado utilizando videogames, maior a taxa de respondentes que se interessam por esta possibilidade. Neste caso, é visível o reconhecimento do poder de engajamento dos videogames. Os alunos parecem reconhecer que esta capacidade de produzir engajamento pode ser utilizada pedagogicamente em sua área do conhecimento.

A última pergunta relacionada ao aprendizado perguntava quais conhecimentos ou habilidades os alunos acreditavam que poderiam aprender melhor com os videogames. Este foi mais um dado coletado que corrobora com o entendimento de quais tópicos os alunos gostaria de aprender com videogames.

Havia uma expectativa grande de que representações visuais (84,9%) e design (72,6%) dominariam as respostas, como de fato ocorreu. Em geral os videogames ainda são muito reconhecidos por seus "gráficos realistas". A surpresa ficou por conta de ver "meio ambiente e sociedade" com 47,9%. Isto demonstra que apesar do domínio visual, quase metade dos respondentes enxergaram outras possibilidades de interação pedagógica para além da ação "prática". Dizemos prática no sentido de que os videogames são de fato uma possível ferramenta para a prática profissional. inclusive já é bastante comum encontrar cursos de motores gráficos de videogames para aplicação em arquitetura, sobretudo o Unreal Engine, como dito anteriormente. Apesar disto, o fato de meio ambiente e sociedade aparecer de forma consistente demonstra uma boa abertura conceitual no processo.

A partir daqui, vamos abordar as perguntas relacionadas às atitudes para com o mundo lúdico dentro dos jogos, o que aborda as relações espaciais, de experiência, afeto e outras características.

A primeira pergunta deste bloco foi:

- Você considera que videogames ofereçam uma experiência comparável à vida real?

Não, é completamente diferente - **8,2% |** É diferente de algum modo - **24,7% |** É similar de algum modo - **42,5% |** Um é a extensão do outro - **17,8% |** Iguais em muitos modos - **6,8%**

Como dito, este último bloco vai investigar as experiências dos alunos com videogames e suas interpretações espaciais transitando entre real e virtual. Somente com esta primeira pergunta podemos dizer que há um claro desafio às concepções correntes de realidade e virtualidade, incluindo os conceitos abordados de realidade e de ambiências.

O que está em debate aqui não é a invalidação de nenhum conceito. Ao contrário, a ideia é demonstrar que há um mundo novo para ser investigado quando se trata da relação entre realidade e virtualidade em videogames e que podemos identificar um borrão conceitual, algo que ainda não foi definido propriamente e que demanda maior investigação.

Porém, vemos como valioso o simples ato de demonstrar que talvez determinados conceitos não estejam tão delimitados quanto se supõe e que teremos que entender como lidar e compreender essa relação pervasiva entre realidade e virtualidade em um mundo que tem videogames, realidade virtual, realidade aumenta, inteligência artificial e etc.

Sobre a pergunta mais propriamente dita, nos parece impressionante que apenas 8,2% dos respondentes alegaram acreditar que a experiência em videogames seja completamente diferente da do mundo real. Se colocamos em perspectiva o fato de que 78,1% dos respondentes se consideram jogadores, sobrando 21,9% de não jogadores e que apenas 8,2% dos respondentes acreditam que a experiência é completamente diferente. Ainda teremos 13,7% de não jogadores que ainda não tem certeza sobre esta questão.

Seguindo, temos 24,8% alegando que são experiências razoavelmente diferentes, e 67,1% dos entrevistados alegando que a experiência em videogames são ou similares ao mundo real, extensão uma da outra ou iguais em muitos sentidos.

Para nós, estes dados parecem desafiar uma série de preceitos sobre como entendemos a relação entre o mundo real e o mundo dos videogames.

A segunda pergunta deste bloco foi:

- Você acredita que quando está jogando você pode ter uma experiência significativa em relação ao ambiente de jogo que pode ser transferida para sua experiência real?

Sim - **65,8%** | Não tenho certeza - **31,5%** | Não - **2,7%**

Esta pergunta possui duas questões diferentes dentro dela. Ao responder que acreditam que uma experiência significativa em relação ao ambiente de jogo que pode ser transferida para uma experiência real, o respondente também concorda que é possível desenvolver uma experiência significativa no ambiente de jogo.

Corroborando com a pergunta anterior, podemos ver 65,8% dos respondentes alegando serem capazes de perceber essa transferência (que entendemos mais como uma tradução) de experiência entre o mundo dos videogames e o mundo real. Isto tem dois impactos na nossa análise. O primeiro é a confirmação de que esta crença existe e é coerente com os outros dados, o que dá a ela uma maior segurança

científica. A segunda é de ordem pedagógica. Se para a maioria dos respondentes, e por maioria estamos falando dos 97,3% dos respondentes que alegaram que sim ou que não tem certeza, existe a possibilidade de desenvolver experiências significativas no mundo dos videogames em relação ao ambiente, isto corrobora com a aplicação pedagógica do método.

O contrário também é válido. Videogames como método pedagógico já são amplamente estabelecidos, não há razões científicas para questionar isto. O que estamos investigando não é se videogames podem produzir experiências significativas, pois isto é amplamente comprovado. Aliás, esta é uma das características mais básicas de qualquer expressão artística, a capacidade de gerar experiências significativas.

O que está sendo investigado é se os alunos conseguem perceber isto no mundo dentro dos videogames, se conseguem traduzir isto para o mundo real e se esta experiência pode ocorrer especificamente em relação ao ambiente projetado.

Mesmo se consideramos o grande número de 31,5% de pessoas que alegaram não ter certeza, com apenas 2,7% dos respondentes alegando que não, é difícil de desacreditar estas respostas positivas como um indicador forte de que estas experiências de fato ocorrem e que de fato são traduzidas para a realidade dos alunos.

A terceira pergunta deste bloco foi:

- Você acredita que seria capaz de perceber os ambientes/atmosferas de jogo da mesma forma que percebe os ambientes reais?

Sim - **43,8% |** Não tenho certeza - **34,2% |** Não - **21,9%**

Aqui nesta pergunta já temos um arranjo um pouco mais equilibrado. 21,9% dos respondentes acreditam que não seriam capazes de perceber os ambientes/atmosferas do mundo dos videogames da mesma forma que as reais. Isto parece coerente com a nossa pesquisa. Já dissemos diversas vezes que estas experiências não são iguais. A nossa pesquisa busca entender se são análogas ou similares o suficiente para serem significativas, como indicado na pergunta anterior.

Apesar disto, ainda temos a maioria, 43,8% dos respondentes acreditando que sim, que eles são capazes de perceber estas atmosferas da mesma forma. O que nos parece impressionante.

A nós, parece que as respostas chave desta pergunta estão justamente nos que não souberam responder. Com aproximadamente 1/3 dos respondentes, esta parece uma resposta muito coesa, por que de fato é difícil entender claramente como estas experiências se dão. Neste caso, nos parece que a dúvida também é resposta.

Ainda assim, a percepção dos alunos é que. Em geral, ou estas experiências são percebidas do mesmo modo ou ao menos há o benefício da dúvida. Para nós, essa resposta parece ser suficiente para questionar o nosso entendimento de experiência e realidade.

A quarta pergunta deste bloco foi:

- Enquanto jogava, você já sentiu que desenvolveu de algum modo um sentimento de pertencimento, afeição ou vontade de se apropriar de um lugar dentro do jogo?

Sim - **64,4% |** Não tenho certeza - **13,7% |** Não - **21,9%**

Esta pergunta estava investigando dois elementos chave das experiências, o pertencimento e a memória, já que o pertencimento, a apropriação e o afeto, vão passar muito por um processo mnemônico.

Sobre as respostas, continuamos em uma análise similar a anterior, os respondentes que suportam a ideia estão em aproximadamente 2/3, demonstrando uma hegemonia do entrelace entre mundo dos videogames e mundo real. Apesar dos dados apresentarem 21,9% de negativas, o número de positivas aumentou em relação a pergunta anterior, diminuindo o número dos que tinham dúvidas. Podemos dizer com alguma segurança que, ao menos dentro desta realidade, o impacto das experiências gâmicas apresentam uma relevância inegável nas experiências do mundo real.

Isto parecia já estar indicado na nossa abordagem teórica, quando apontamos o papel dos sentidos nas ambiências e falamos um pouco sobre como tem sido cada vez mais difícil confiar nos sentidos no mundo contemporâneo.

Novamente, reiteramos a ideia de que, ao menos por enquanto, nada substitui o corpo no espaço, mas já nos parece inegável a esta altura que existem outras leituras de experiência no espaço físico, em intercessão com o espaço dentro dos videogames.

Também fizemos algumas perguntas abertas aos alunos. Dentre elas, perguntamos quais elementos ambientais eram mais relevantes nas experiências com videogames. Os elementos que mais apareceram nas respostas foram: verossimilhança com o mundo real e nível de detalhes; possibilidade de colaboração; liberdade de exploração e interação com o ambiente jogável; escala e elementos de áudio.

Fazendo uma breve análise, podemos dizer que a questão da verossimilhança apareceu com muita força. Nos parece que isto está muito relacionado novamente com a ideia de que os videogames possuem um grande apelo visual. Outro tema que apareceu bastante foi o som. Em conjunto, podemos entender que isto está diretamente ligado à suspensão da descrença pela manipulação sensorial. Em outras palavras, segundo os respondentes, o senso de imersão está diretamente ligado a

capacidade do jogo de manipular os seus sentidos. Isto é totalmente congruente com o que temos dito ao longo de toda esta análise. Apesar dos sentidos serem elementos chave das ambiências, o resultado do questionário borra um pouco esta avaliação, já que os sentidos também ficam um pouco borrados.

Como definido previamente, as ambiências funcionam como um bloco indivisível, um tipo de habilidade passiva que ocorre mesmo sem a nossa percepção consciente da mesma. Por esta razão, é muito complexo de tentar estabelecer a ideia de que haja ambiências no mundo dentro dos videogames, já que não temos o corpo em *standby* para servir de filtro.

Apesar disto, os resultados do questionário parecem criar um tipo de ruptura entre a descrição da coisa, os elementos componentes da coisa e os meios nos quais a coisa ocorre.

Talvez hajam de fato ambiências dentro dos videogames, talvez não ou talvez haja uma nova forma de experiência espacial mista que se aproxima do entendimento de ambiência, mas que é um outro conceito. Um tipo de ambiência análoga, uma forma de proto-ambiência ou de ambiência parcial.

Como dito, a ideia não é definir exatamente o que é essa coisa, mas, a partir do questionário, podemos compreender que há algo que faz os alunos serem capazes de entender o mundo dentro dos videogames como uma forma de mundo real, mesmo que não exatamente o mundo real.

Para nós, isto parece ser o suficiente. A investigação busca entender não toda experiência, mas sim se ela é significativa o suficiente para seu explorada pedagogicamente para produzir conhecimentos ambientais traduzíveis para o processo projetual. E, até aqui, todos os dados coletados dentro deste pequeno universo nos faz acreditar que é sim significativa e que há a possibilidade de explorar os videogames como ferramenta basilar no ensino de Arquitetura e Urbanismo.

5. BIBLIOGRAFIA

BOGOST, I. (2008). *The Retoric of Video Games. The Ecology of Games: Connecting Youth, Games and Learning.* Cambridge, MA: The MIT Press.

CASTRO, E. V. (2012). "Transformação" na antropologia, transformação da "antropologia". *Mana, 18*(1), 151 - 171. doi:10.1590/S0104-93132012000100006

DUARTE, C. R. (2013). Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. Em J.-P. THIBAUD, *Ambiences en partages: pour une écologie sociale de la ville sensible.* France: métispress.

DUARTE, C. R., MIRANDA, C., PINHEIRO, E., & SILVA, L. d. (2023). *Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências.* Rio de janeiro: Rio Books.

FLUSSER, V. (2011). *Jogos.* Obtido em 10 de Novembro de 2022, de Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia: https://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/15-flusser-vilem/46-jogos.html

FRASCA, G. (2003). *Simulations versus narrative: introduction to ludology.* New York: Routledge.

FREIRE, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HUIZINGA, J. (2000). *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva S.A.

LÉVY, P. (1996). *O que é Virtual?* São Paulo: Editora 34.

MARCONDES FILHO, C. (2005). Michel Serres e os Cinco Sentidos da Comunicação. *Novos Olhares, 16*, 5-19.

METZINGER, T. K. (2018). Why is virtual reality interesting for philosophers? *Frontiers Robotics AI, 5*. doi:10.3389/frobt.2018.00101

NORBERG-SCHULZ, C. (2008). O Fenômeno do Lugar. Em K. NESBITT, *Uma Nova Agenda para a Arquitetura.* São Paulo: Cosac Naify.

PALLASMAA, J. (2013). *A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura.* Porto Alegre: Bookman.

(2024). *Pesquisa Game Brasil 2024*. Go Gamers; SX Group.

RIBEIRO, C. R. (2004). *A dimensão simbólica da arquitetura: parâmetros intangíveis do espaço concreto*. Belo Horizonte: C/Arte.

SERRES, M. (2001). *Os Cinco Sentidos. Filosofia dos corpos misturados.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

TEKINBAS, K. S., & ZIMMERMAN, E. (2004). *Rules of Play: Game Design Fundamentals.* London: The MIT PRESS.

THIBAUD, J.-P. (2004). O ambiente aensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. Em E. TASSARA, & E. e. Rabinovich, *Psicologia e Ambiente* (pp. 347 - 361). São Paulo: EDUC Editora da PUC-SP.

TUAN, Y.-F. (1983). *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência.* (L. d. Oliveira, Trad.) São Paulo: DIFEL.

WHITTON, N. (2010). *Learning With Digital Games: a pratical guide to engaging students in higher education*. Oxford: Routledge.

R51

SELF-REGULATED LEARNING: AMBIANCE IN ARCHITECTURE AND URBANISM EDUCATION

APRENDIZAGEM AUTORREGULADA: A AMBIÊNCIA NO ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Patricia Ceroni Scarabelli
Mestre | Doutoranda PPG-ATC FECFAU
Universidade Estadual de Campinas
p025709@dac.unicamp.br

Cláudio Lima Ferreira
Doutor
Universidade Estadual de Campinas
limacf@unicamp.br

ABSTRACT

The adoption of information and communication technologies (ICTs) has transformed the teaching of Architecture and Urbanism, especially after the restrictions on face-to-face teaching imposed by the SARS-Cov2 pandemic. In this context, self-regulated learning (SRL) emerges as a crucial element, enabling students to plan, monitor, and evaluate their own learning process using cognitive, metacognitive, and motivational strategies. Understanding the concepts of ambience is fundamental to exploring SRL and its influencing factors in an educational environment permeated by digital technologies. The environment, whether physical or virtual, directly impacts students' learning capacity, engagement, and motivation. Based on a literature review of theorists such as Zimmerman, Bandura, and Boruchovitch, this research aims to highlight the importance of self-efficacy and environmental control in the context of SRL. Integrating these elements is essential to create an effective learning environment and promote the full development of students.

KEYWORDS: self-regulated learning. Ambiance. educational environment. architecture education. remote teaching.

RESUMO

A adoção de tecnologias de informação e comunicação (TICs) transformou o ensino de Arquitetura e Urbanismo, especialmente após as restrições ao ensino presencial impostas pela pandemia de SARS-Cov2. Nesse contexto, a aprendizagem autorregulada (ARA) emerge como um elemento crucial, capacitando os estudantes a planejar, monitorar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem utilizando estratégias cognitivas, metacognitivas e motivacionais. Compreender os conceitos de ambiência é fundamental para explorar a ARA e seus fatores influenciadores no contexto educacional permeado pelas tecnologias digitais. O ambiente, seja físico ou virtual, influencia diretamente a capacidade de aprendizado, engajamento e motivação dos estudantes. Partindo de uma revisão da literatura, sobre teóricos, como Zimmerman, Bandura e Boruchovitch , esta pesquisa visa destacar a importância da autoeficácia e do controle do ambiente a partir do conceito da Aprendizagem Autoregulada. Integrar esses elementos é essencial para criar um ambiente de aprendizagem eficaz e promover o desenvolvimento pleno dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem autorregulada. ambiência. ambiente educacional. ensino de arquitetura. ensino remoto.

1. INTRODUÇÃO

No contexto educacional contemporâneo, a aprendizagem autorregulada (ARA) tem sido objeto de crescente interesse e investigação, dada sua relevância para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes. A capacidade de monitorar, regular e controlar o próprio processo de aprendizagem é fundamental para o sucesso acadêmico e profissional, permitindo aos estudantes enfrentar os

desafios do ambiente escolar e além. O estudo apresentado neste artigo tem como embasamento a tese de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da FECFAU-Unicamp e na pesquisa: Ambiências educacionais humanizadas e homeodinâmicas e seus contributos a ensinagem na formação de nível superior, desenvolvida na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo- FECFAU-Unicamp, com fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP e fomento complementar do Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão - FAEPEX- Unicamp.

A compreensão da autorregulação da aprendizagem dentro do contexto da Teoria Social Cognitiva oferece valiosas perspectivas sobre os fatores que influenciam esse processo. A motivação do estudante, suas habilidades e suas crenças sobre a aprendizagem desempenham um papel crucial na autorregulação da aprendizagem (Pintrich, 2004). Estimular a autorregulação da aprendizagem pode não apenas melhorar o desempenho acadêmico dos estudantes, mas também promover mudanças plásticas no cérebro que sustentam a aprendizagem ao longo da vida.

A aplicação da Teoria Social Cognitiva em diferentes ambientes de aprendizagem, como a educação a distância e a formação presencial, tem demonstrado sua relevância e eficácia na compreensão e promoção da aprendizagem autorregulada (Zimmerman, 2011). A inserção de princípios dessa teoria na prática pedagógica em ambientes de aprendizagem pode ajudar na constituição e/ou consolidação de ambiências educacionais que estimulem a autorregulação dos estudantes e promovam seu sucesso acadêmico e profissional.

Este artigo propõe realizar uma primeira aproximação entre o conceito de ambiência educacional e da aprendizagem autorregulada, destacando como os ambientes físicos e virtuais podem influenciar as emoções dos estudantes e, consequentemente, na sua capacidade de autorregulação. Ambientes acolhedores, que oferecem suporte emocional, recursos adequados e oportunidades de interação social, têm o potencial de promover um maior engajamento e eficácia na aprendizagem

Ao compreender melhor os diversos fatores que influenciam a aprendizagem autorregulada, espera-se fornecer insights valiosos aos profissionais envolvidos no processo educacional, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias eficazes de ensino e apoio aos estudantes.

2. APRENDIZAGEM AUTORREGULADA

2.1 Modelos teóricos da Aprendizagem Autorregulada

A aprendizagem autorregulada é um campo vasto e complexo, abordado por diversos modelos teóricos. Entre os mais conhecidos, destacam-se os de Zimmerman, Bandura e Boruchovitch. Zimmerman (1989) define a aprendizagem autorregulada como a capacidade do indivíduo em planejar, monitorar e avaliar seu próprio processo de

aprendizagem, utilizando estratégias cognitivas, metacognitivas e motivacionais. O processo envolve a seleção de metas, o planejamento de ações, a execução de estratégias e a avaliação dos resultados.

Bandura (2008), por sua vez, salienta a importância da autoeficácia na promoção da aprendizagem autorregulada. Segundo ele, a autoeficácia é a crença do indivíduo em sua própria capacidade de executar com êxito uma tarefa ou atividade. Assim, aqueles com alta autoeficácia tendem a utilizar mais estratégias de aprendizagem autorregulada.

Boruchovitch (2007) destaca as crenças de autoeficácia e de controle de ambiente na promoção da aprendizagem autorregulada, sendo que, as crenças de autoeficácia referem-se à crença do indivíduo em sua capacidade de desempenhar com êxito uma tarefa ou atividade, enquanto as crenças de controle de ambiente se referem à crença do indivíduo em sua capacidade de influenciar o ambiente para alcançar seus objetivos de aprendizagem.

Esses modelos enfatizam a importância do processo de autorregulação, da autoeficácia e das crenças de controle de ambiente na promoção da aprendizagem efetiva. Além deles, outros autores também contribuíram com modelos para explicar a aprendizagem autorregulada, como Pintrich e De Groot (1990) e Schunk e Zimmerman (2007).

Paris e Winograd (1990) propuseram o modelo da metacognição e da autorregulação, que considera a interação entre os processos de autorregulação e de metacognição na promoção da aprendizagem efetiva. Pintrich e De Groot (1990) desenvolveram o modelo de processamento da informação e da aprendizagem autorregulada, que considera o papel das estratégias cognitivas e metacognitivas na promoção da aprendizagem autorregulada. Schunk e Zimmerman (2007) propuseram o modelo da socialização da autorregulação, que considera a influência do ambiente social na promoção da aprendizagem autorregulada.

Esses modelos evidenciam a complexidade e multidimensionalidade da aprendizagem autorregulada, que envolve fatores cognitivos, metacognitivos, motivacionais e sociais. Embora autores como Schön, Paulo Freire, Morin e Lent tenham contribuído para a educação e o desenvolvimento humano, suas abordagens não estão diretamente relacionadas aos modelos teóricos de autorregulação da aprendizagem, mas compartilham conceitos.

Por exemplo, Schön (2000) desenvolveu a teoria da reflexão na ação, enfatizando a importância da reflexão sobre a prática profissional para a melhoria contínua do desempenho. Paulo Freire (1994) propôs a pedagogia do oprimido, defendendo a importância da conscientização e da participação crítica dos estudantes no processo de aprendizagem.

Morin (2000) propõe uma abordagem transdisciplinar da educação, considerando a complexidade e a interconexão dos fenômenos educacionais. Lent (1994) desenvolveu a teoria das expectativas de carreira, abordando o papel das crenças e expectativas pessoais na escolha e realização da carreira.

Essas teorias contribuem para a discussão sobre a aprendizagem autorregulada, especialmente na dimensão socioafetiva e na formação de valores e atitudes dos estudantes. Embora essas abordagens não estejam diretamente relacionadas aos modelos teóricos de autorregulação da aprendizagem, os complementam em certos aspectos. A tese baseia-se no modelo teórico de Zimmerman, que enfatiza a autorregulação da aprendizagem como um processo cognitivo-metacognitivo-afetivo.

Zimmerman fornece uma estrutura sólida para a compreensão da aprendizagem autorregulada e pode ser usado para desenvolver estratégias de ensino que promovam a autonomia dos estudantes. Destaca a importância do *feedback,* da motivação e das crenças na autorregulação da aprendizagem, bem como da contextualização da aprendizagem.

2.2 Processos Cognitivos na Aprendizagem Autorregulada

A aprendizagem autorregulada é um processo complexo que envolve uma série de processos cognitivos e metacognitivos, fundamentais para entender como os indivíduos regulam seu próprio processo de aprendizagem. Esses processos são divididos em três fases principais: planejamento, execução e avaliação, conforme proposto por Zimmerman (2011).

Na fase de planejamento, o estudante estabelece metas de aprendizagem, seleciona estratégias apropriadas e faz previsões sobre o desempenho futuro. Isso envolve a motivação do estudante para a tarefa e a avaliação de suas crenças de autoeficácia. Durante esta fase, é essencial que o estudante defina objetivos claros de aprendizagem e elabore planos de ação realistas para alcançar esses objetivos.

Na fase de execução, o estudante coloca em prática as estratégias de aprendizagem selecionadas durante a fase de planejamento. Aqui, o estudante também monitora seu próprio desempenho e identifica quaisquer dificuldades ou erros que precisam ser corrigidos. É o momento de aplicar o planejado na fase anterior e utilizar as estratégias definidas para alcançar os objetivos propostos.

Finalmente, na fase de avaliação, o estudante avalia seu próprio desempenho e reflete sobre sua experiência de aprendizagem. Isso pode envolver a comparação do desempenho atual com as metas de aprendizagem estabelecidas anteriormente, a identificação de problemas ou dificuldades encontradas durante a execução e a reflexão sobre as estratégias de aprendizagem usadas e sua eficácia.

A autorregulação da aprendizagem (ARA) baseada no modelo teórico de Barry Zimmerman, identifica processos específicos em cada etapa. Na fase de planejamento, os processos incluem pré-regulação (antecipação e preparação), onde o estudante motiva-se para a tarefa e avalia suas crenças de autoeficácia. Na fase de execução, os processos envolvem a regulação (execução e controle), com o estudante planejando a tarefa, monitorando seu desempenho e controlando o processo cognitivo. Na fase de avaliação, os processos de pós-regulação incluem autoavaliação, reflexão e ajuste, onde o estudante avalia seu desempenho, reflete sobre sua estratégia e ajusta para tarefas futuras.

Bandura (2008) destaca a importância da autoeficácia na aprendizagem autorregulada, relacionando-a diretamente à motivação, esforço e persistência dos indivíduos em relação à tarefa em questão. A autoeficácia refere-se à crença do indivíduo em sua própria capacidade de executar uma tarefa ou alcançar um objetivo de aprendizagem.

Boruchovitch (2007) ressalta a importância da metacognição na ARA, permitindo ao estudante monitorar, controlar e regular seu próprio processo de aprendizagem. Isso inclui reconhecer pontos fortes e fracos, selecionar estratégias de aprendizagem apropriadas e avaliar o próprio desempenho.

Pintrich e De Groot (1990) também enfatizam processos cognitivos na ARA, como a atenção, memória e resolução de problemas. A atenção é crucial para selecionar e manter o foco na tarefa, enquanto a memória é essencial para reter e recuperar informações relevantes. A resolução de problemas permite identificar e solucionar problemas de forma independente.

O conhecimento declarativo e procedimental desempenha papéis importantes na ARA. O declarativo refere-se ao conhecimento sobre fatos e conceitos, enquanto o procedimental refere-se ao conhecimento sobre como fazer algo. Ambos são essenciais para selecionar, aplicar e monitorar estratégias de aprendizagem.

A resolução de problemas é uma habilidade central na ARA, permitindo ao estudante compreender e solucionar problemas, identificar objetivos, estratégias e recursos para atingir esses objetivos, e monitorar a eficácia das estratégias utilizadas.

Esses processos cognitivos e metacognitivos formam um ciclo de autorregulação, permitindo ao estudante direcionar seus esforços, monitorar seu progresso e fazer ajustes conforme necessário para alcançar seus objetivos de aprendizagem. A compreensão desses processos é fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de ensino e aprendizagem autorregulada em diversos contextos e ambiências educacionais.

3. AMBIÊNCIA E APRENDIZAGEM AUTORREGULADA

3.1 Ambiência física e virtual no contexto do ensino de Arquitetura e Urbanismo

No mundo contemporâneo, o termo ambiência se refere ao conjunto de condições físicas, sociais, culturais, econômicas e políticas que influenciam e moldam as experiências humanas em diferentes contextos. A ambiência engloba tanto os elementos tangíveis quanto os intangíveis que compõem o espaço em que se vive, seja trabalhando, estudando ou se relacionando. É o espaço organizado, animado, acolhedor, humano e resolutivo, que inclui a capacidade do ser humano de se relacionar com e no ambiente, criando condições para tornar estes ambientes saudáveis e agradáveis.

No contexto da arquitetura e urbanismo, a noção de ambiência desempenha um papel crucial, influenciando diretamente a forma como as pessoas percebem, interagem e se relacionam com os espaços construídos. Diversos autores têm contribuído significativamente para o entendimento e aprofundamento dessa temática.

Norberg-Schulz (1980) mergulha na essência da relação entre o ser humano e o ambiente construído, ressaltando como os lugares têm o poder de evocar sensações e emoções particulares. Sua obra lança luz sobre a importância de criar espaços que não apenas sejam funcionais, mas que também ressoem com as experiências humanas, agregando significado e valor à vida cotidiana.

Lynch (1999), por sua vez, concentra-se na percepção e organização mental do ambiente urbano pelos habitantes. Seu trabalho identifica elementos-chave que contribuem para a legibilidade e identidade dos espaços urbanos, destacando a importância da orientação, identificação e vínculo emocional com os lugares na construção de cidades habitáveis e acolhedoras.

Pallasmaa (2005), reconhecido por sua abordagem fenomenológica da arquitetura, explora profundamente a influência da experiência sensorial na compreensão da arquitetura. Ele argumenta que a ambiência física desempenha um papel crucial na forma como percebemos e interpretamos os espaços, influenciando diretamente nossos sentidos e percepções do ambiente construído.

Holl (2000) traz à tona a importância da luz, do espaço e da materialidade na criação de atmosferas arquitetônicas distintas e significativas. Sua obra ressalta como esses elementos podem ser manipulados para gerar sensações e emoções específicas nos usuários, transformando simples edifícios em experiências sensoriais imersivas.

Bachelard (1993), embora não seja estritamente um arquiteto, contribui com uma perspectiva única sobre a relação entre o espaço físico, a imaginação e a experiência humana. Sua obra explora como os ambientes arquitetônicos podem influenciar nossa percepção e memória, moldando nossas experiências e narrativas pessoais.

Ao considerar as contribuições desses autores, torna-se evidente que a compreensão da ambiência na arquitetura e urbanismo vai muito além da funcionalidade e estética dos espaços. Ela engloba a capacidade de criar lugares que ressoem com a experiência humana, despertando emoções, sensações e memórias que enriquecem a vida cotidiana e promovem um senso de pertencimento e identidade com o ambiente construído.

No contexto do ensino de Arquitetura e Urbanismo, a ambiência física e virtual desempenha um papel fundamental na formação dos profissionais e na compreensão das dinâmicas que envolvem o espaço construído. Tanto a ambiência física quanto a virtual são cruciais para proporcionar aos estudantes uma experiência educacional enriquecedora e abrangente, preparando-os para os desafios e demandas da prática arquitetônica e urbanística contemporânea. É importante ressaltar que as fases da aprendizagem autorregulada pode proporcionar um aprendizado mais eficaz, ou não, a partir da ambiência associada ao aprendizado (figura 1).

Figura 1. Fases da Aprendizagem Autorregulada e Ambiências.
Fonte: Elaborada pelos autores. (2024).

A ambiência física, representada pelos elementos tangíveis do ambiente construído, influencia diretamente a experiência sensorial e emocional dos usuários. No contexto educacional, proporcionar aos estudantes uma vivência em espaços físicos bem projetados e adequados não apenas facilita a assimilação do conhecimento, mas também estimula a criatividade e a compreensão das relações entre forma, função e percepção espacial.

Da mesma forma, a ambiência virtual desempenha um papel crucial no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Através de simulações computacionais, realidade virtual e outras tecnologias digitais, os estudantes podem explorar e experimentar diferentes cenários e contextos arquitetônicos, ampliando suas habilidades de análise, projeto e representação. Além disso, a integração de ferramentas virtuais no processo de ensino proporciona aos estudantes uma compreensão mais abrangente das possibilidades e desafios da prática arquitetônica contemporânea, preparando-os para um mercado de trabalho cada vez mais tecnológico e globalizado.

Portanto, tanto a ambiência física quanto a virtual são fundamentais para proporcionar aos estudantes experiências enriquecedoras e estimulantes para uma formação completa e adequada às demandas profissionais e para enfrentar os desafios do mundo real.

3.2 Fatores cognitivos e sociais que influenciam a aprendizagem autorregulada

No contexto da aprendizagem autorregulada, diversos fatores cognitivos e sociais desempenham um papel crucial na forma como os estudantes gerenciam e direcionam seu próprio processo de aprendizagem. A motivação intrínseca, por exemplo, é um desses fatores, representando o interesse pessoal pela tarefa em questão, o que geralmente resulta em maior persistência e desempenho aprimorado.

Outro fator importante é o conhecimento prévio da matéria, que influencia significativamente a compreensão e retenção do novo conteúdo. Quando os estudantes têm um conhecimento prévio sólido sobre o assunto, eles são capazes de fazer conexões mais profundas e significativas com o material novo, facilitando o processo de aprendizagem.

A autoeficácia, ou seja, a crença do estudante em sua própria capacidade de realizar a tarefa, também desempenha um papel fundamental na aprendizagem autorregulada. Estudantes com alta autoeficácia tendem a escolher tarefas mais desafiadoras e investir mais esforço nelas, enquanto aqueles com baixa autoeficácia podem evitar desafios e se sentir menos motivados para realizar a tarefa.

Além disso, a habilidade de estabelecer metas específicas, realistas e desafiadoras, juntamente com a capacidade de manter o foco de atenção na tarefa e gerenciar o tempo de forma eficaz, são aspectos essenciais para uma aprendizagem bem-sucedida. Os estudantes também precisam desenvolver habilidades de monitoramento do próprio progresso, para avaliar continuamente seu desempenho em relação às metas estabelecidas, e regular o próprio esforço de acordo com a dificuldade da tarefa e sua própria capacidade.

Além dos fatores cognitivos, o ambiente de aprendizagem também desempenha um papel significativo. Um ambiente favorável e adequado oferece recursos, informações, apoio e desafios apropriados à tarefa, enquanto um *feedback* efetivo e

apropriado fornece informações relevantes e específicas que ajudam os estudantes a avaliar e corrigir erros.

A colaboração com pares, o apoio social recebido de familiares, amigos, docentes e colegas, bem como a capacidade de lidar com a ansiedade associada à aprendizagem, também influenciam significativamente a motivação e o desempenho dos estudantes.

Portanto, a compreensão e consideração desses diversos fatores cognitivos e sociais, juntamente com a análise do ambiente de aprendizagem, incluindo sua ambiência física e virtual, são essenciais para promover uma aprendizagem autorregulada eficaz e significativa. Ao reconhecer a complexidade e a interação desses elementos, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem que estimulem o crescimento acadêmico e pessoal dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo real com confiança e competência.

3.3 Fatores emocionais que influenciam a aprendizagem autorregulada

Os fatores emocionais desempenham um papel significativo na aprendizagem autorregulada, influenciando diretamente o comportamento e o desempenho dos estudantes. Essas emoções estão intimamente ligadas à ambiência, tanto física quanto virtual, em que ocorre o processo de aprendizagem.

A ansiedade, por exemplo, representa um sentimento de preocupação, tensão ou apreensão diante das tarefas acadêmicas, podendo ser exacerbada por ambientes físicos ou virtuais que não proporcionam conforto ou segurança emocional. Esse estado emocional pode prejudicar a atenção, concentração e desempenho dos estudantes, afetando sua capacidade de autorregulação.

Da mesma forma, a tristeza, caracterizada por sentimentos de desânimo ou desmotivação, pode surgir em resposta a fatores pessoais ou acadêmicos, sendo influenciada pela qualidade do ambiente de aprendizagem. Essa emoção negativa pode impactar negativamente a motivação e a capacidade de autorregulação dos estudantes, diminuindo seu interesse e engajamento nas atividades de aprendizagem. O controle da ambiência, nesse caso, torna-se fundamental para mitigar os efeitos da tristeza no processo de aprendizagem. Ambientes acolhedores, que promovem o apoio emocional, o senso de pertencimento e a conexão interpessoal, podem ajudar os estudantes a lidar com a tristeza de forma mais construtiva. Além disso, estratégias de intervenção no ambiente, como a criação de espaços de relaxamento, a oferta de apoio psicológico e a promoção de atividades de bem-estar emocional, podem contribuir significativamente para o bem-estar emocional dos estudantes e, consequentemente, para a melhoria de seu desempenho acadêmico. Assim, ao considerar a ambiência como um elemento chave na regulação das emoções, as instituições de ensino podem criar ambientes mais propícios ao desenvolvimento integral dos estudantes e à promoção de uma aprendizagem mais eficaz e significativa.

Nesse contexto, a frustração é outra emoção que pode influenciar a aprendizagem autorregulada, surgindo diante de obstáculos ou dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, podendo ser intensificada por ambientes que não oferecem suporte ou recursos adequados para lidar com esses desafios. Esse sentimento de decepção ou insatisfação pode afetar a motivação e a persistência dos estudantes, levando a uma redução do esforço e da eficácia na autorregulação.

Por outro lado, a autoconfiança é um fator emocional positivo que contribui para a autorregulação eficaz dos estudantes e promovida por ambientes que incentivam a autonomia e a autoeficácia desses estudantes. O sentimento de confiança nas próprias habilidades e capacidades acadêmicas influencia a definição de metas desafiadoras e a persistência diante de desafios, promovendo um maior engajamento e sucesso na aprendizagem.

O interesse, caracterizado pela curiosidade, motivação intrínseca e envolvimento emocional com a matéria ou atividade de aprendizagem, também desempenha um papel crucial na autorregulação. Essa emoção estimula a atenção, o esforço e a busca por conhecimento autônomo, aumentando a eficácia da aprendizagem autorregulada. Um ambiente estimulante e motivacional, seja físico ou virtual, é fundamental para um interesse engajado, profundo e duradouro na aprendizagem.

Finalmente, a motivação, impulsionada por ambientes que oferecem desafios significativos e oportunidades de crescimento pessoal, é essencial para o progresso e sucesso acadêmico dos estudantes. Ela representa a vontade, o desejo e a energia direcionados para a realização de uma tarefa ou objetivo acadêmico e é essencial para a aprendizagem autorregulada. Uma motivação intrínseca e duradoura influencia o engajamento, a persistência e a eficácia da autorregulação dos estudantes, impulsionando seu progresso e sucesso acadêmico nas mais diversas ambiências.

Assim, a ambiência, tanto física quanto virtual, desempenha um papel crucial na modulação das emoções dos estudantes e, consequentemente, na eficácia da aprendizagem autorregulada. Ambientes que proporcionam conforto, segurança, suporte e estímulo emocional têm o potencial de promover um engajamento mais positivo e produtivo dos estudantes em seu processo de aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo explorou os diversos aspectos relacionados à aprendizagem autorregulada no contexto acadêmico, destacando a importância de fatores cognitivos, sociais e emocionais na promoção de uma aprendizagem eficaz e significativa. Ao longo da análise, foi possível constatar que a autorregulação não se limita apenas aos processos cognitivos, mas também engloba aspectos emocionais e ambientais (físicos ou virtuais) que influenciam diretamente o comportamento e o desempenho dos estudantes.

Um dos principais destaques deste estudo foi de evidenciar a relevância da ambiência na regulação das emoções dos estudantes. Tanto a ambiência física quanto a virtual desempenham um papel crucial na promoção do bem-estar emocional e na criação de um ambiente propício ao aprendizado. Ambientes acolhedores, que oferecem apoio emocional, recursos adequados e oportunidades de interação social, têm o potencial de aumentar a motivação, o engajamento e a eficácia da autorregulação dos estudantes.

Além disso, evidenciou-se a importância de estratégias de intervenção no ambiente, visando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a promoção do bem-estar dos estudantes. A implementação de programas de apoio psicológico, a criação de espaços de relaxamento e a oferta de atividades de bem-estar emocional podem contribuir significativamente para a melhoria do ambiente de aprendizagem e, consequentemente, para o sucesso acadêmico dos estudantes.

Diante disso, conclui-se que a promoção da aprendizagem autorregulada requer uma abordagem holística, que considere não apenas os aspectos cognitivos, mas também os aspectos emocionais e ambientais. Investir na criação de ambientes de aprendizagem - físicos ou virtuais - favoráveis, que valorizem o bem-estar emocional e promovam o desenvolvimento integral dos estudantes, é essencial para garantir uma educação de qualidade e preparar os alunos para os desafios e demandas do mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, G. (1993). A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes.

BANDURA, A. & AZZI, R. & POLYDORO, S. (2008). Teoria social cognitiva: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed.

Boruchovitch, E. & Santos, A. A. A. (2007). Crenças de autoeficácia de professores de ensino fundamental. Psico-USF, 8(1), 61-69.

FREIRE, P. (1994). Pedagogia do oprimido. 23ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FERRERA, L. F. & SCARABELLI, P.C. & FERREIRA, J. C. (2021). Neuroeducadores: visão transdisciplinar no ensino-aprendizado de projeto. In: Cidades e Representações. Rio de Janeiro: Letra Capital. v. 2, p. 17-39.

HOLL, S. P. (2000). New York: Princeton Architectural Press.

LENT, R. W. (1994). Social cognitive predictors of academic interests and goals in engineering: Utility for women and students at historically black universities. Journal of Counseling Psychology, v. 41, n. 1. p. 25-35.

LYNCH, K. (1999). A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes.

MORIN, E. (2000) Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO.

Norberg-Schulz, C. (1980). Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture. London: Academy Editions.

PALLASMAA, J. (2005). The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses. 2ª ed., London, Academy Press.

PINTRICH, P. R. (2004.). A conceptual framework for assessing motivation and self-regulated learning in college students. Educational Psychology Review, v. 16, n. 4. p. 385-407.

Pintrich, P. R., & De Groot, E. V. (1990). Motivational and self-regulated learning components of classroom academic performance. Journal of Educational Psychology. 82(1), 33-40.

SCHUNK, D. H., & ZIMMERMAN, B. J. (2007). Influencing children's self-efficacy and self-regulation of reading and writing through modeling. Reading & Writing Quarterly. 23(1), 7-25.

SCHÖN, D. A. (2000). Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed.

ZIMMERMAN B. J. & SCHUNKD. H. H. (2011). Self-Regulation of Learning and Performance. Nova York, NY: Routledge.

ZIMMERMAN B. J. (1989). A social cognitive view of self-regulated academic learning. Journal of Educational Psychology, v. 81, n. 3. p. 329-339.

R51

EDUCATIONAL VIRTUAL ENVIRONMENTS: REFLECTIONS ON VIRTUAL DESIGN STUDIOS

AMBIENTES VIRTUAIS EDUCATIVOS: REFLEXÕES SOBRE OS ATELIERS VIRTUAIS DE PROJETO

Maísa Veloso
Doutora, Professora Titular
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
maisa.veloso@ufrn.br

ABSTRACT

This article discusses new forms of interaction in the educational environment in the current context of heavy dependence on digital resources. The concept of "educational virtual environment" is placed in relation to the classic concept of "ambience", whether from the point of view of (re)creations or simulations of real classroom environments, with the help of information and communication technologies. The emphasis is on teaching/learning Architecture and Urbanism Design and the didactic-pedagogical potentials and limits of Virtual Design Studios (VDS) involving collaborative teams from different schools. The experiences of the International Virtual Architectural Design Studio (IVADS) 2021 and 2023, coordinated by Grupo Projetar/UFRN, will be highlighted. In both cases, there was systematic monitoring of the activities and, at the end of them, a self-evaluation by the groups involved. It was concluded about the didactic relevance of carrying out VDS, however, in a complementary way to face-to-face teaching, in which direct experiences and interactions remain essential.

KEYWORDS: teaching. design. architecture. urbanism. virtual environments.

RESUMO

Este artigo discute novas formas de interação no ambiente educacional no contexto atual de forte dependência de recursos digitais. O conceito de "ambiente virtual educativo" é colocado face ao conceito clássico de "ambiência", seja do ponto de vista das (re)criações ou simulações de ambiências reais de sala de aula, com auxílio de tecnologias de informação e comunicação. A ênfase é no ensino/aprendizado do Projeto de Arquitetura e Urbanismo e nos potenciais e limites didático-pedagógicos dos Ateliers Virtuais de Projeto (AVPs) envolvendo equipes colaborativas de diferentes escolas. Serão destacadas as experiências do International Virtual Architectural Design Studio (IVADS) 2021 e 2023, coordenadas pelo Grupo Projetar da UFRN. Em ambos os casos, houve acompanhamento sistemático das atividades e, ao final delas, uma autoavaliação dos grupos envolvidos. Concluiu-se sobre a pertinência didática da realização de AVPs, porém, de maneira complementar ao ensino presencial, em que as vivências e interações diretas permanecem essenciais.

PALAVRAS-CHAVE: ensino. projeto. arquitetura. urbanismo. ambientes virtuais.

1. INTRODUÇÃO

Em sintonia com a discussão desenhada para a Seção 51 (Rio de Janeiro), em especial quanto a uma das questões levantadas na chamada de trabalhos, essa proposta de artigo intenta discutir quais são as novas oportunidades de interação que estão surgindo no ambiente educacional, em uma sociedade cada vez sintonizada e mesmo dependente de recursos digitais. Busca-se fazer o questionamento crítico da utilização ambientes virtuais, sobretudo no meio educacional, o que tem sido cada vez mais frequente nos últimos tempos, não apenas em termos de experiências

didático-pedagógicos (salas de aulas e ateliers virtuais), mas também de congressos, seminários e reuniões científicas realizadas majoritariamente de maneira remota, o que parece perdurar, ainda que alguns de maneira híbrida, no período pós pandemia da COVID-19.

Pretende-se contribuir para uma melhor compreensão dos conceitos de "ambiente virtual educativo" face ao conceito clássico de "ambiência", seja o ponto de vista das (re)criações, (re)invenções ou simulações de ambiências reais de sala de aula e/ou de reuniões acadêmicas, visando a sua humanização, com auxílio de tecnologias de informação e comunicação, notadamente em contextos de crises climáticas, sanitárias, de segurança, dificuldades econômicas e/ou de convívio social, em que esses recursos se tornam essenciais para as interações entre pessoas distantes fisicamente.

A ênfase desta proposta de artigo é no ensino/aprendizado do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, com base em pesquisas desenvolvidas nos últimos anos, financiadas pelo CNPq (Veloso, 2019; 2022), enfocando novas pedagogias do projeto face aos desafios do século XXI e, em especial, os potenciais e os limites didático-pedagógicos dos ateliers virtuais de projeto que envolvem equipes colaborativas de diferentes países e instituições de ensino.

Serão tomadas como bases para análise de casos aplicados as experiências do International Virtual Architectural Design Studio (IVADS) - edições de 2021 e 2023 -, uma parceria das instituições hospedeiras do Seminário Internacional PROJETAR, nestas suas duas últimas edições. A edição de 2021 do IVADS envolveu 5 instituições e foi 100% *on line*. Já a edição de 2023 envolveu 4 escolas de arquitetura e configurou-se como um formato híbrido, com atividades majoritariamente de modo remoto e, em parte, de modo presencial. Em ambos os casos, houve um acompanhamento sistemático desde a concepção dos ateliers e a execução das atividades e programadas e, ao final delas, da autoavaliação realizadas pelos grupos envolvidos.

O artigo está estruturado em 4 seções. Além desta Introdução, discutem-se, na segunda seção, os conceitos de Ambiências e Ambientes Virtuais educativos. Na seção 3, apresentamos a proposta pedagógica dos Ateliers Virtuais de Projeto (IVADS) e as duas experiências até aqui realizadas, envolvendo equipes multinstitucionais. Na seção 4, fazemos reflexões críticas sobre os potenciais e os limites do ensino/aprendizado do Projeto de AU em ambientes exclusivamente virtuais e em ambientes hídridos em que se conjugam atividades presenciais com formas de interações virtuais.

2. AMBIÊNCIAS E AMBIENTES VIRTUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Segundo Thibaud (2012), ambiência é definida como o espaço-tempo experimentado pelos sentidos. Pressupõe a presença do corpo em contato com ambientes, seus cheiros, luzes, texturas e outros elementos que se reconhecem não só pela experiência sensorial, mas também pela memória afetiva dos lugares, reconhecimento que remete à esfera cognitiva (Thibaud & Duarte, 2013).

Trata-se um eixo de pesquisa que estabelece

> [...] conexões transversais entre as formas sensoriais, espaciais e sociais. Assim, a abordagem das ambiências busca se livrar das perspectivas normativas; distingue-se das abordagens excessivamente positivistas e de uma orientação estritamente psicofísica; ela enfatiza a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana (Thibaud, 2012, p.9).

A abordagem presta-se igualmente à compreensão de ambiências arquitetônicas e à definiçao de estratégias de projeto que considerem as relações afetivas entre pessoas e lugares. A noção de Ambiência tem sido utilizada, por exemplo, na concepção de ambientes hospitalares visando sua humanização, com a definição de uma série de atributos necessários para alcançar a qualidade ambiental almejada. O pressuposto é que há relação entre ambiências e comportamento humano (Bestetti, 2014).

Faz-se também presente em estudos que buscam a construção de ambientes educativos mais acolhedores e que auxiliem no processo de ensino-aprendizado. "Ambientes que ensinam" ou "ambientes educativos" são os diversos os espaços que contribuem para o aprendizado do estudante, mesmo fora da escola. Mas é no contexto escolar onde ocorrem as principais vivências e experiências de aprendizado. Neste contexto, a ambiência "sala de aula" torna-se espaço central, embora não exclusivo. Espaços bem ventilados, iluminados, flexíveis, integrados e que "instigam a criatividade", são alguns dos atributos que favorecem a permanência, a atenção e a interação entre professores e alunos (Kowaltowski, 2011) e, por conseguinte, o próprio aprendizado.

No ensino superior em Arquitetura e Urbanismo, tem-se reconhecido a importância das atividades presenciais em sala de aula bem como de experiências extra classe, de arquitetura e cidade vivenciadas, percebidas e sentidas diretamente pelos estudantes. O contato com os ambientes arquitetônicos e urbanos e seus usuários são considerados elementos essenciais à compreensão de suas características e diferentes formas de uso e apropriação identitária.

No entanto, no contexto contemporâneo, não se pode desconsiderar a crescente dependência de recursos tecnológicos e informacionais como meios de pesquisa e

de produção de ambientes, seja por meio de consultas a referências bibliográficas e a projetos e obras de referênncia, a maioria jamais visitados pelos pesquisadores e estudantes, seja por meio de emprego de softwares de auxílio à concepção e ao desenho de edifícios e espaços urbanos. As tecnologias de comunicação e informação (TCIs), com auxílio da *web,* também permitem hoje a interação entre as pessoas fisicamente distantes (embora nem sempre tão distantes), favorecendo a troca de informações e ideias em tempo real. Encontros e reuniões virtuais são cada vez mais frequentes no ambiente corporativo, educacional/científico e social. A pandemia da COVID-19 intensificou e disseminou o uso dessas tecnologias de compartilhamentos e interações remotas, o que parece perdurar no contexto pós-pandêmico, mesmo que associadas a formas presenciais.

Os ambientes virtuais no contexto da educação podem ocorrer sob diversos formatos. Deve-se ressaltar que, no Brasil, a modalidade "Ensino à Distância" (EaD) não é reconhecida pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo como válida para uma formação adequada do profissional que irá atuar neste campo. O "Ensino Remoto" foi uma modalidade muito utilizada durante a situação excepcional ocasionda pela pandemia do novo corona vírus, como uma forma de adaptação emergencial do ensino presencial. Nesse contexto, o atelier de projeto teve que se adequar à nova situação, reinventando a sala de aula e de acompanhamento presencial dos projetos desenvolvidos pelos alunos. Para tanto, foram utilizadas diversas ferramentas de edição de textos e desenhos virtuais compartilhados pela rede de computadores (Miro, Canvas, Sketchpad e outras), além de estratégias de aproximação com a realidade a ser projetada como, por exemplo, a "visita virtual" a espaços e áreas de intervenção projetual, com o auxílio de fotos e vídeos disponívies na internet ou produzidoos pelos docentes, de forma a minimizar as perdas geradas com a falta de contato com os ambientes reais e pessoas.

Há também a modalidade conhecida como "Atelier Virtual de Projeto" (AVP), versão lusófona do termo original em inglês *Virtual Design Studio (VDS),* que remonta ao início dos anos 1990, quando surgiram as primeiras experiências, sendo o projeto acadêmico pioneiro o realizado por Jerzy Wojtowicz, da Universidade de British Columbia/Canadá, o primeiro a utilizar a expressão VDS (Araújo, 2007). Os ateliês virtuais tinham o propósito inicial de reunir professores e discentes de diferentes escolas e culturas para desenvolvimento de projetos colaborativos, em ambientes diversos, utilizando a *web* como meio de interação e os recursos informacionais de auxílio ao projeto, funcionando como verdadeiros intercâmbios culturais à distância.

Em sua pesquisa de doutorado, Araújo (2007) analisa experiências de ateliês virtuais realizadas até então, identificando diferentes formatos, destacando um ponto comum a todos: a simbiose entre o real e o virtual, estando os alunos ao mesmo tempo em um ateliê presencial e à distância, com professores e colegas locais no primeiro caso e com participantes remotos no segundo. Na pesquisa por nós coordenada (Veloso, 2022), foi feito um levantamento de 52 experiências de atelier

virtuais realizadas no Brasil e em outros países-sede. Nela foi constado que a maioria dos AVPs foram, de fato, feitos no formato híbrido, com momentos presenciais e momentos de encontros remotos coletivos. A pandemia da COVID-19 conduziu à realização de ateliers de projeto 100% virtuais, sendo um deles o IVADS 2021, uma experiência avaliada de maneira positiva pelos participantes de 4 escolas distintas, como atividade acadêmica complementar que produziu projetos de muito boa qualidade, como será apresentado a seguir.

Questiona-se, então, se no mundo contemporâneo, fortemente permeado pelas tecnologias digitais, o ambiente virtual interativo que reúne diversas pessoas distantes geograficamente constituiria uma nova forma de "ambiência", ou de simulações de ambiências reais, em que são vivenciadas novas formas de experiências sensoriais? Considera-se que o ambiente virtual educativo que reinventa uma sala de aula ou atelier de projeto é composto por diversos ambientes físicos em que se encontram as pessoas conectadas entre si e que nele elas rebatem/transmitem seus sentimentos e emoções, através de sons, imagens, expressões faciais e outro recursos que procuram minimizar o distanciamento e humanizar o espaço virtual.

Sabe-se que ambientes cinematográficos, sobretudo os reais/naturais, mas também os artificiais, produzidos em estúdios, com auxílio de técnicas sofisticadas de efeitos especiais, podem causar sensações diversas nos espectadores, o que também se relaciona com suas memórias afetivas, seus medos e desejos, e a capacidade de imersão na realidade virtual propiciada pelo cinema. Assim sendo, poderiam ambientes virtuais educativos, construídos a partir de ambientes reais em que se encontram as pessoas conectadas entre si, também gerar sensações agradáveis nos estudantes e motivá-los a desenvolver seus estudos projetos com atenção, interesse e criatividade? Essas experiências poderiam substituir de maneira satisfatória os ambientes educativos presenciais, sobretudo em contextos de distanciamento social imposto por crises sanitárias, climáticas ou de segurança, infelizmente cada vez mais frequentes na atualidade?

Os Ateliers Virtuais Internacionais de Projeto, aqui apresentados como experimentos didáticos aplicados, nos fornecem alguns elementos de resposta e também de questionamentos quanto a essas pontuações.

3. AS EXPERIÊNCIAS DOS ATELIERS VIRTUAIS INTERNACIONAIS DE PROJETO DE ARQUITETURA – IVADS

Os IVADs foram concebidos como oficinas de curta duração que articulam ensino de Projeto de Arquitetura e Urbanismo, pesquisa científica e atividade de extensão, sob a forma um evento internacional. Ao contrário da grande maioria das experiências estudadas no âmbito da referida pesquisa, não se inserem na estrutura formal

de componentes curriculares regularmente oferecidos pelas escolas envolvidas. Caracterizam-se como atividades complementares, enquanto oficinas temporárias de projeto, realizadas majoritariamente de maneira virtual e com caráter vertical, envolvendo estudantes de diversos anos/semestres da formação, e multicultural, diversas regiões e países.

3.1 O IVADS 2021

A primeira edição foi organizada pelo Grupo Projetar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em parceria com o Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Universidade Lisboa (Portugal). Além de professores e estudantes destas duas instituições, também colaboraram com a experiência, por meio de convite, docentes e discentes da Unicamp (Campinas), IFSP (São Paulo) e UFPB (João Pessoa). A carga horária total foi de 30 horas, distribuídas ao longo de nove dias de atividades síncronas e assíncronas, ocorridas entre os dias 23 de novembro e 01 de dezembro de 2021 principalmente em ambientes do Gmeet. Como dito anteriormente, por ter ocorrido durante a pandemia, a atividade foi 100% realizada de maneira virtual.

O IVADS visa promover a interação e a colaboração entre os estudantes e docentes de escolas de arquitetura no âmbito internacional, estimular a multiculturalidade e a criatividade, além de servir como experimento para análise e avaliação do potencial de formas e de ferramentas virtuais aplicáveis aos processos de ensino-aprendizagem em AU. O tema projetual foi relacionado à temática geral do 10º Seminário Projetar – Projetar em Contexto de Crise –, convocando os participantes do atelier a conceberem uma habitação mínima/módulo habitacional emergencial para situações de catástrofe resultantes de alguma crise gerada por condições climáticas, ambientais, por conflitos ou guerras. A decisão por uma determinada situação e a sua área de intervenção exigiria a contextualização e as justificativas para o desenvolvimento da proposta. (Veloso, 2022).

As propostas deveriam ser desenvolvidas por quatro equipes, cada uma composta por seis estudantes das diferentes escolas (total de 24 alunos participantes), sob a supervisão de 3 professores orientadores - um da UFRN, outro da ULisboa e um terceiro de uma das escolas convidadas (total de 12 professores envolvidos). Os meios de representação e de comunicação eram de livre escolha dos grupos. Foi utilizada a estratégia motivacional do concurso de ideias, em que seriam atribuídas aos projetos as classificações de primeiro lugar e até três menções honrosas, como resultado da avaliação de um júri de três especialistas convidados.

O percurso metodológico geral do atelier foi definido pela coordenação pedagógica, com definição do programa, cronograma e produtos básicos a serem apresentados ao final de cada etapa. No entanto, cada equipe de projeto poderia definir internamente seus próprios procedimentos e meios de atingir os produtos fixados. A programação compreendeu palestras relacionadas ao tema, assessorias nos

grupos pelos professores orientadores, desenvolvimento e apresentação de estudos de referência projetuais, proposição de um conceito para a proposta, discussões coletivas, apresentação final a um júri externo (formado por professores que não acompanharam os processos projetuais) e, ao final, a avaliação da experiência.

A experiência foi considerada bem sucedida pelos participantes. Os aspectos positivos destacados foram a atualidade do tema proposto, a dimensão do problema arquitetônico, considerado adequado para o tempo de realização do atelier, assim como as interações profícuas entre os componentes das equipes. As dificuldades foram relacionadas à diferença de fusos horários entre Brasil e Portugal e eventuais limitações de acesso à internet.

Além da palestra de abertura, as quatro propostas resultantes da experiência foram publicadas pelos próprios autores na Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente, edição de janeiro de 2022, com reflexões importantes sobre o processo. Nesse dossiê, podem-se ver também as principais imagens dos projetos (Revista Projetar, 2022).

Foram eles:

- Reconquista da Identidade: abrigos emergenciais para refugiados venezuelanos – desenvolvido por Aléssio Dionisi *et al.* (projeto classificado em primeiro lugar).
- Para Ty: abrigo emergencial para situações de enchentes e alagamentos, por Haziel Lobo *et al*. (menção honrosa);
- Locus da Esperança: projeto de um abrigo regenerativo e adaptativo, de autoria de Lessandro Rosa *et al*. (menção honrosa);
- Entre: proposta de abrigo temporário adaptável, desenvolvida por Camila Resende et al. (menção honrosa).

3.2 O IVADS 2023

A segunda edição do IVADS foi organizada conjuntamente com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estando atrelada à 11ª edição do Seminário Internacional Projetar (João Pessoa, 2023), cuja temática central foi "PROJETAR hoje: Para quem, para quê, como?".

O atelier teve 10 dias de duração, sendo 9 deles com atividades virtuais e um dia com atividades híbridas, presenciais e *on line*, para finalização e apresentação das propostas em João Pessoa, local da intervenção em edificações de valor patrimonial previamente levantadas por estudantes da UFPB. O tema projetual enfocou a concepção de espaços para a economia criativa como ums dos meios para fomentar a requalificação do centro histórico da cidade. As atividades envolveram mais de 60

participantes, entre professores, estudantes de graduação e de pós-graduação de quatro instituições parceiras – UFRN, UFPB (coorganizadoras da atividade), UFPE e ULisboa (colaboradoras).

Além das aulas, ocorreram palestras de convidados nacionais e internacionais, transmitidas ao vivo a todos os interessados pelo canal do Youtube do Grupo Projetar. Os Professores Jorge Cruz Pinto e José Aguiar da Universidade de Lisboa discorreram sobre as questões que envolvem o "Projectar sobre o Patrimônio" e a Professora Ana Clara Giannecchini da UnB proferiu a palestra intitulada "Abandono e subutilização em centros históricos: da leitura da cidade às intervenções em microescala". Para as atividades de projeto, análise dos dados, mapas e levantamentos arquitetônicos previamente fornecidos, concepção e desenvolvimento das propostas, foram formadas 6 equipes mistas com 6 estudantes de graduação e 2 ou 3 monitores de pós-graduação cada, com a orientação de professores das escolas de arquitetura envolvidas (Veloso, 2024).

A proposta metodológica incluiu, além das já mencionadas aulas e palestras sobre os conteúdos trabalhados, a leitura e análise dos edifícios e da área de valor histórico, bem como da realidade socioeconômica e ambiental local, por meio de mapas, imagens aéreas, fotos, vídeos e trabalhos acadêmicos produzidos por professores e alunos da escola de arquitetura de João Pessoa, atividades concentradas na primeira semana. Foram estimuladas, na etapa seguinte, a busca por referências projetuais de intervenções de natureza correlata, definição dos temas de reuso dos edifícios que integram o conjunto edificado enfocado no atelier, conceito do projeto, estratégias e partido de intervenção, o que foi apresentado pelos grupos em meados da segunda semana de trabalhos. Após essa apresentação parcial e comentários dos professores, foram desenvolvidas as propostas finais em nível de estudo preliminar, as quais foram apresentadas na tarde dia 09 de outubro, no Espaço Cultural de João Pessoa, local de realização do 11º Seminário PROJETAR. As pranchas impressas dos projetos ficaram expostas no hall do evento e foram avaliadas por um júri composto por quatro professores convidados, não envolvidos com a oficina.

Os estudantes desta segunda edição também apresentaram suas propostas em dossiê destinado ao IVADS 2023 na seção PRAXIS da Revista PROJETAR em que se podem ver as imagens dos projetos (Revista Projetar, 2024). Foram eles:

- Ilumiaras. Proposta de espaços multifuncionais divididos em três eixos: audiovisual, gastronômico e artesana, desenvolvida por Ana Heloísa Wanderley *et al*. A equipe recebeu os cumprimentos da Comissão Organizadora.

- Enlace Nordestino. Proposta de um centro cultural multifuncional denominado "Entre Nós", com uma escola técnica especializada em madeira, centro de artesanato, um restaurante e um pátio abertos à comunidade, desenvolvida por Amannda de Melo Rodrigues *et al*. A equipe recebeu o primeiro lugar no concurso de ideias fomentado pelo IVADS 2023.

- Amoré. Proposta de uma rede de serviços multidisciplinares voltados para a comunidade local com ateliers, incubadoras, bar, restaurante e um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), desenvolvida por Magnus Pellense *et al.* O projeto da equipe obteve menção honrosa do júri.

- Cardume. Proposta de um centro comunitário multifuncional girando em torno de três polos: moda, restauração e acolhimento infantil (creche), Victor Militão Silva *et al*. O projeto da equipe obteve menção honrosa do júri.

- Viva Varadouro. Proposta de uma rede cultural de economia criativa conjugando funções educacionais (de formação e capacitação da comunidade) e comerciais, desenvolvida por Nathália Moana França *et al.* A equipe recebeu os cumprimentos da Comissão Organizadora.

- Com Certo Ar. Proposta de espaços multifuncionais com oficinas, *coworking,* bar, restaurante, galeria para exposições, apresentações musicais e feria de artesanato, desnvolvida por Rebeca Gameleira *et al.* O projeto da equipe obteve menção honrosa do júri.

As propostas convergiram para as questões sociais locais, ao propor em espaços voltados para a geração de emprego, renda e prestação de serviços às comunidades adjacentes ao conjunto edificado e também para visitantes, focando na formação profissional e criação colaborativa. Houve também notório cuidado com a preservação da paisagem e preexistências históricas.

Na avaliação do júri, foi destacada a qualidade dos projetos apesar do curto tempo para a sua concepção e desenvolvimento. Na autoavaliação realizada internamente nos grupos e, no final, pelos professores participantes, foram destacados: a oportunidade de contato e aprendizado com professores e estudantes de outras escolas, o desafio de projetar um tema atual e para um lugar desconhecido para a grande maioria dos estudantes (sendo para tanto fundamental o trabalho de apoio dos estudantes e professores da UFPB), o concurso de ideias que motivou as equipes a buscar a premiação (ainda que simbólica – livros doados por professores) e o fechamento das atividades de maneira presencial na cidade de João Pessoa, um momento de integração e confraternização entre os que puderam estar presentes. As principais dificuldades assinaladas foram referentes à complexidade do tema (intervenção na preexistência de valor patrimonial), nunca trabalhado anteriormente pela maioria dos estudantes e o curto espaço de tempo para análise, avaliação e síntese dos dados e problemas de projeto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ateliers virtuais aqui apresentados podem ser considerados como espaços de "ensino em aberto", "um ensino em que, mais do que se ensinar o previamente conhecido, deve estimular, tanto nos docentes como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender" (Medeiros e Leite, 2024). Aprender novas formas de ver a realiadade, inclusive. São também espaços de "aprendizagem colaborativa" (Veloso, 2024), em que pessoas que não se conhecem (ou pouco se conhecem) trabalham em equipe para produzir uma solução a determinados problemas de projeto em curto espaço de tempo, devendo os integrantes das equipes definirem suas próprias estratégias e ferramentas de trabalho. Os meios de comunicação remota são essenciais nesse processo.

Com vimos, a avaliação destas experiências foi positiva mas ficaram evidentes algumas limitações. Primeiro, porque que se tratam de exercícios de concepção de ideias de projetos de pequenos e médio porte, sem contato direto e mais aprofundado com os terrenos e as pessoas envolvidas, sem condições, portanto, de serem desenvolvidos em nível de anteprojeto ou projeto executivo, o que pode ser feito pós-atelier virtual, se desejado pelas equipes e comunidades em questão. Em segundo lugar, há limites relacionados ao curto tempo de convivência e de conhecimento interpessoal das equipes, o que restringe certas atividades de discussão e tomadas de decisão. Em um atelier que requer agilidade no processo de formulação dos problemas e de criação, fica evidenciada a necessidade da ação de líderes para resolver impasses e de estudantes mais experientes, que dominam as ferramentas digitais principalmente.

Assim sendo, as experiências analisadas neste artigo confirmam a relevância do uso de meios digitais de comunicação e interação remota no processo de ensino/aprendizado do projeto na contemporaneidade mas, também, da realização de atividades presenciais e sensoriais para melhor entendimento dos espaços analisados/projetados e interação entre as pessoas.

Concluiu-se, então, sobre a pertinência da realização de ateliers virtuais para fins didático-pedagógicos, porém, de maneira complementar ao ensino presencial, em que as vivências dos ambientes e interações mais próximas entre as pesssoas permanecem essenciais.

5. BIBLIOGRAFIA

Amphoux, P; Thibaud, JP; Chelkoff, G (org.). (2004). Ambiances en débat. Bernin, À la Croisée.

Araújo, T. (2007). Projetos Colaborativos. Experiências interculturais na formação do arquiteto. (tese de doutorado). Rio de Janeiro, Proarq/UFRJ.

Bestetti, ML. (2014). Ambiência: espaço físico e comportamento. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 17(3), 601-610. http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083

Kowaltowski, D. (2011). Arquitetura escolar. O projeto do ambiente de ensino. São Paulo, Oficina de Textos.

Medeiros, L; Leite, A. (2024). Sobre um ensino em 'aberto': leituras de um atelier virtual de projeto para o Bairro do Varadouro, João Pessoa-PB. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 203–209.

Disponível em https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/34722. Acesso em: 12 jul. 2024.

Thibaud, JP. (2012). A cidade através dos sentidos. Cadernos Proarq, 18. Proarq/UFRJ.

Thibaud, JP; Duarte, CR (2013). Ambiance: pour une approche sensible de l'espace. Em Thibaud, JP e DUARTE, CR. Ambiances Urbaines en Partage. Genebra: Metis-Presses (pp.21-30).

Veloso, M. Novas Pedagogias do Projeto de Arquitetura e Urbanismo face aos desafios do século XXI, CNPq. Bolsa de Produtividade em Pesquisa, 2019-2021, processo 308931/2018-1.

Veloso, M. (2022). Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura – IVADS 2021. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, *[S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 134–137, 2022. DOI: 10.21680/2448-296X. v7 n1l D27893. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/27893. Acesso em 12 jul. 2024.

Veloso, M. (2024). O Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura – IVADS 2023: uma experiência de aprendizado colaborativo. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, *[S. l.],* v. 9, n. 1, p. 176–185, 2024. DOI: 10.21680/2448-296X. v9 n1 ID35131. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/35131. Acesso em: 12 jul. 2024.

Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente. (2022) v.7, n.1, Edição de Janeiro de 2022. Disponível em https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/issue/view/1184. Acesso em 12 jul. 2024.

Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente. (2024). v.9, n.1, Edição de Janeiro de 2024. Disponível em https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/issue/view/1363. Acesso em 12 jul. 2024.

R51

REPORTS OF A FIELD JOURNAL: AN IMMERSION EXPERIENCE IN MARÉ-RJ THROUGH THE PRACTICE OF CARTOGRAPHY

RELATOS DE UM DIÁRIO DE CAMPO: UMA EXPERIÊNCIA DE IMERSÃO NO BAIRRO MARÉ-RJ ATRAVÉS DA PRÁTICA DA CARTOGRAFIA

Rafael Ferreira Diniz Gomes
Doutor em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / UNIFESO
raffa.arq@gmail.com

ABSTRACT

Cartography is a method formulated by Gilles Deleuze and Félix Guattari (1995) that aims to accompany a process, rather than represent an object. This methodology proposes another logic of investigation: that the researcher sees their own research as something mutable, mainly in the process, and thus does not admit preconceptions about reality. The investigation method in cartography is anchored in the use of devices, that is, fundamental mechanisms for accompanying the production of subjectivity. The field diary represents a device for the cartographer researcher, a trigger for the unfolding of their own research. This article will present three reports contained in the field journal, based on immersion in the Maré neighborhood in Rio de Janeiro, as a device capable of translating multiple realities and subjectivities inscribed in the territory, and the construction of narratives of the field research. From the textual construction, it was possible to observe the production of research in its processuality.

KEYWORDS: cartography. devices. field journal. youth. favelas in Maré-RJ

RESUMO

A cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Tal metodologia propõe outra lógica de investigação: que o pesquisador encare a própria pesquisa como algo mutável, principalmente no processo, por isso não admite predefinições acerca da realidade. O método de investigação na cartografia se ancora na utilização de dispositivos, ou seja, mecanismos fundamentais para o acompanhamento da produção de subjetividade. O diário de campo representa um dispositivo para o pesquisador cartógrafo, um disparador para desdobramento da própria pesquisa. Este artigo vai apresentar três relatos contidos no diário de campo a partir da imersão no bairro Maré-RJ, como um dispositivo capaz de traduzir múltiplas realidades e subjetividades inscritas no território, e a construção de narrativas da pesquisa de campo. A partir da construção textual, foi possível observar a produção da pesquisa na sua processualidade.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia. dispositivos. diário de campo. juventude. favelas da Maré-RJ

1. INTRODUÇÃO

Inquietações relativas à metodologia de pesquisa são recorrentes nos processos de investigação de diversos pesquisadores. De certo modo, de forma bastante simplista, há tradicionalmente uma oposição entre métodos de pesquisas qualitativas e quantitativas. De acordo com Passos et. al (2015) a natureza das pesquisas qualitativas reside nas investigações no campo dos estudos da subjetividade, requer procedimentos mais abertos e inventivos, enquanto as pesquisas quantitativas se adequam bem aos cenários preexistentes, a partir de testes, métodos estatísticos,

questionários, ancorados na busca pela exatidão científica. Tal distinção entre pesquisas com abordagem qualitativa e quantitativa ainda são exíguos, embora fundamentais, quando há o interesse em investigar e acompanhar os processos de produção da realidade. Há cada vez mais um interesse fundamental em construir práticas de pesquisa que unam tanto as descrições qualitativas quanto os dados quantitativos em um método processual, através de uma sintonia entre objeto e método de pesquisa (Passos et. al, 2015).

Nem todas as pesquisas se enquadram em um modelo de investigação pautado na ciência moderna, que possui etapas de pesquisa predefinidas — coleta, análise e discussão de dados — com movimentos sucessivos, dependentes e separados, para chegar a uma meta preestabelecida. Ou seja, quando a partir de uma hipótese levantada sobre o estudo, o pesquisador realiza uma tarefa que se sucede a outra, passo a passo, para chegar a uma conclusão no fim da investigação (Passos e Barros, 2015; Costa, 2019). A investigação dos processos de produção da realidade requer um método de pesquisa que seja capaz de sintonizar com o caráter processual da própria pesquisa. Nesse sentido, os pesquisadores que possuem um especial interesse em investigar o processo da pesquisa têm recorrido ao método da cartografia.

A cartografia, de acordo com Kastrup (2015), é um método de pesquisa proposto por Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1955) que propõe uma investigação com foco no processo da pesquisa, e não na sua representação. De acordo com Barros e Kastrup (2015), sempre que o pesquisador cartógrafo entra em um campo há um processo em curso. A realidade confrontada não é fixa, tampouco pode ser limitada através da abordagem da representação, porque o mundo é subjetivo, bem como a realidade não é simples de ser apreendida (Escóssia e Tedesco, 2015). Para acompanhar os processos em curso, o cartógrafo precisa fazer uma imersão no campo e se envolver com as pessoas e seu território existencial em um movimento contínuo, como o próprio ato de caminhar (Kastrup, 2015; Barros e Kastrup, 2015).

A cartografia possui algumas similaridades e diferenças com a pesquisa etnográfica. De acordo com Caiafa (2007, p. 56), a etnografia é uma metodologia de pesquisa que busca experimentar um estranhamento a partir de um certo grau de afastamento entre o etnógrafo e o meio habitado. “A situação da pesquisa caracteristicamente oferece atrito, e é esse atrito que impulsiona o pensamento, que traz novidade. Essa é a dificuldade que está em jogo no trabalho de campo — não necessariamente as agruras figuradas nos preâmbulos convencionais”. Passos e Eirado (2015, p.123) pontuam talvez uma das diferenças de maior relevância entre a cartografia e a etnografia, que é a dissolução do ponto de vista do observador e os atritos inerentes das experiências vivenciadas pelo cartógrafo, sem hierarquização de discursos e/ou saberes. “A posição paradoxal do cartógrafo corresponde à possibilidade de habitar a experiência sem estar amarrado a nenhum ponto de vista e, por isso, sua tarefa principal é dissolver o ponto de vista do observador sem, no entanto, anular a observação”.

A construção do conhecimento através da cartografia requer a modificação do modo como a atenção é direcionada. Segundo Kastrup (2015, p. 33), "a atenção na cartografia é flutuante, concentrada e aberta ao mesmo tempo, e por isso não há espaço para um tipo de atenção seletiva". De acordo com o conceito de "atenção flutuante", ou seja, uma atenção sem focalização específica, é possível suprimir inclinações pessoais e expectativas em relação ao contexto, e assim conseguir apreender também questões que certamente passariam despercebidas através da seleção prévia de informações. A ideia é que não haja a simples seleção de informações para a coleta de dados, mas sim compreender os elementos, forças, planos e linhas que atuam no processo em curso. Na cartografia os dados são produzidos, e não coletados, desde o início da pesquisa à produção dos textos, até mesmo a publicação dos resultados (Kastrup, 2015).

A cartografia propõe outra lógica de investigação: que o pesquisador encare a própria pesquisa como algo mutável, principalmente no seu processo, por isso não admite predefinições acerca da realidade. A cartografia procura admitir que a produção do conhecimento é efeito da prática da pesquisa, ou seja, o modo de investigação é mais relevante do que o conhecimento prévio que o pesquisador possa ter (Passos e Barros, 2015). Este é objetivo da cartografia: "atentar para as experiências do caminho e evitar predefinições. Trata-se de caminhar para conhecer em vez de conhecer para caminhar, sendo mais como uma trilha do que como um trilho" (Costa, 2019, p. 95).

O processo de pesquisa na cartografia é algo sujeito a constantes modificações e ao seguir e descrever as práticas, é possível ampliar sua complexidade. Cartografar envolve basicamente observar e descrever. Observar, na perspectiva cartográfica, significa estar tão aberto quanto possível. Neste caso, a objetividade não é alcançada pelo suposto distanciamento do objeto de estudo, mas pela multiplicação dos pontos de observação (Costa, 2019). Descrever refere-se à arte de mapear objetos, relações e práticas, e isso é possível através do estudo dos processos. Para Barros e Kastrup (2015, p. 59), "o objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos". Estar atento aos processos permite que possamos avaliar como e quando as nossas abordagens e métodos de pesquisa estão sendo ou não eficazes, onde podemos melhorar e o que podemos evoluir para conseguir construir dados mais condizentes com a realidade.

Como é possível então acompanhar tais processos? Existe algum mecanismo que seja capaz de representar esse movimento de coisas e pessoas característico das situações nas quais mergulhamos nas pesquisas de campo, mas que nem sempre sabemos como lidar? Utilizar determinados procedimentos na pesquisa científica qualitativa de modo geral conduzem ao desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados (Rudio, 1986, p. 114). Tais instrumentos da pesquisa científica tradicional são eficazes quando as investigações se limitam aos produtos, e não necessariamente aos processos. Para a sua eficiência é preciso fazer uma análise do próprio instrumento

em relação à sua aplicação, e isso requer no mínimo uma predefinição de objetivos. O que vou pesquisar? Que território é esse? Quem são seus habitantes? O que fazem? Como se relacionam? Desse modo os resultados são representados de modo objetivo, porque a investigação se dá a partir de categorias fixas, deixando de fora o fluxo processual onde as subjetividades são produzidas. A questão é: como acompanhar os processos e produzir coletivamente o conhecimento através da cartografia?

2. DIÁRIO DE CAMPO: UM DISPOSITIVO DA PESQUISA CARTOGRÁFICA

Quando o método de pesquisa se constrói a partir dos movimentos em cena, é possível captar a subjetividade que permeia as coisas, as pessoas e os lugares. Se a construção do método é plural, ou seja, necessita da atuação conjunta dos elementos, planos e forças, bem como dos atores que compõem uma experiência em investigação, a adoção de instrumentos de coleta de dados não parece ser a melhor tática. é preciso estar atento aos processos de subjetivação. cada caso é um caso e a realidade não é fixa, pelo contrário, é mutável. nesse sentido, de acordo com Kastrup e Barros (2015), não há um modelo de investigação preestabelecido a ser seguido à risca. a cartografia, enquanto método, necessita de dispositivos para funcionar.

De acordo com Foucault (1979), os dispositivos são procedimentos com características mutáveis, que se adaptam mais rapidamente aos diversos movimentos do campo, bem como de seus atores. Para o autor, "um dispositivo responde sempre a uma urgência, que se revela por sua função estratégica ou dominante" (Kastrup e Barros, 2015, p. 77). Para Deleuze (1990) os dispositivos são avessos a qualquer tipo de universalização e aliam-se aos processos de apreensão do novo, são máquinas de fazer ver e falar. Kastrup e Barros (2015, p. 90) afirmam que o método cartográfico requer dispositivos como mecanismos fundamentais para o acompanhamento da produção de subjetividade. "O dispositivo tensiona, movimenta, desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos. Ele é feito de conexões e, ao mesmo tempo, produz outras. Tais conexões não obedecem a nenhum plano predeterminado".

Segundo Alvarez e Passos (2015), para a construção dos dispositivos, a partir da prática da cartografia, é necessário a habitação de um território e um processo de aprendizado do próprio cartógrafo, em um movimento de imersão. Tal aprendizado deve ser construído no próprio processo da pesquisa e para isso, é imprescindível que haja a dissolução de hierarquias perante o objeto de investigação e consequentemente, a modificação de postura do pesquisador. Através de um posicionamento de atenção à espreita, o pesquisador não avalia a experiência e sim vivencia a experiência, e a partir dessa vivência surgem as pistas de como acompanhar processos em curso. Conforme Alvarez e Passos (2015, p. 135) discorrem, "não se trata, portanto, de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com alguém ou algo", logo, a cartografia não é movida por problemas dados de antemão, porque estes muitas vezes não levam ao descobrimento do novo, ou no melhor dos casos, ao encontro do que já era conhecido.

De acordo com Barros e Kastrup (2015), a produção de textos através de anotações ou desenhos em diários de campo é uma prática preciosa na cartografia. Como um dispositivo eficaz, os relatos registrados no diário de campo, de forma simultânea à imersão ou após as atividades realizadas, podem ajudar a construir uma narrativa sobre o objeto de estudo, tanto objetiva quanto coletivamente. O registro dos acontecimentos experienciados, os diálogos, os sentimentos, as interpretações, as expectativas e frustrações durante o processo podem ajudar a acessar informações que a princípio o pesquisador não tenha prestado muita atenção. Para ser mais plural, a prática da escrita deve trazer à tona as concordâncias, as contradições, as dúvidas ou coisas mal-entendidas, os sentimentos, as constatações, sem correr o risco de hierarquizar discursos ou minimizá-los. A produção textual é uma prática fundamental para representar os processos do campo de pesquisa. “Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa” (Barros e Kastrup, 2015, p. 73).

Nesse sentido, acompanhar o processo de produção da realidade através de um diário de campo ganha a função de dispositivo na prática da cartografia, não para concluir a pesquisa ou apresentar os resultados, mas como um subterfúgio para o seu desdobramento. “O diário de campo se apresenta como um desvio metodológico, quando uma alteração da política de pesquisa se impõe a partir das viagens de investigação” (Barros e Passos, 2015, p. 174).

Para exemplificar a utilização do diário de campo como um dispositivo fundamental em uma pesquisa cartográfica, será apresentado neste artigo um dos relatos do pesquisador em seu processo de imersão no Conjunto de Favelas da Maré. Localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, o bairro Maré representa hoje o maior conjunto de favelas da cidade, com mais de 140 mil habitantes distribuídos em um território com cerca de 5 quilômetros de extensão. Situado à margem da Baía de Guanabara, o bairro é margeado por importantes rodovias como a Avenida Brasil, a Linha Amarela e a Linha Vermelha, além de estar posicionado próximo ao Centro, ao lado da Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, do Aeroporto Galeão e próximo à sede da Fiocruz.

O bairro Maré possui características muito diversas devido às diferentes formas de ocupação, período, cultura, povo, identidades, além da sua extensão territorial, o que torna impossível generalizar qualquer definição a respeito. Uma característica que se sobressai é a intensa atividade social nos locais públicos das favelas. Na maioria dos lugares sempre há muita gente circulando nas ruas, nas calçadas, por entre as vielas, seja indo ou voltando do trabalho, ou da escola, seja participando ativamente do comércio local nas diversas lojas, bares, mercados, farmácias, açougues, tendas, entre outros estabelecimentos. Nesse movimento intenso de pessoas, é possível encontrar jovens, adultos, crianças, idosos, comerciantes, trabalhadores, agentes de saúde, membros de ONGs e os traficantes armados.

O principal objetivo da imersão no bairro a partir da prática da cartografia foi construir narrativas sobre o Conjunto de Favelas da Maré, Educação e Cidade, com a juventude local institucionalmente inserida, residente no bairro, para obter pistas e estratégias para a redução das desigualdades educacionais e sociais no contexto local. A partir do entendimento da educação em seu sentido mais amplo de desenvolvimento social baseado na equidade de direitos, a superação das desigualdades educacionais e sociais parte do pressuposto do diálogo de uma Escola Cidadã (Gadotti, 2009), atuante na comunidade. Ou seja, necessita da atuação conjunta dos diversos agentes e atores educativos para o desenvolvimento integral do ser humano e do local onde ele habita. Uma das principais táticas de investigação foi a descrição dos movimentos em campo através de anotações em um diário de campo.

As cenas, diálogos e o aprendizado em campo foram gravados via dispositivos móveis em momentos em que não foi possível fazer anotações simultâneas para análises posteriores, e a produção escrita, através do diário de campo, foi realizada em momentos mais calmos e reflexivos, fazendo emergir os principais questionamentos e angústias das experiências em campo. De qualquer forma, foi a partir da leitura ou escuta dos registros da imersão que foi possível recalcular rotas de pesquisa, fazer paradas, ou alterar movimentos. Por mais que nós pesquisadores tenhamos a tendência de tentar prever acontecimentos, as surpresas e adversidades certamente são mais interessantes. Fazer tais registros pode ser um meio de acessar o imprevisível.

3. RELATOS DO DIÁRIO DE CAMPO — MERGULHANDO NA MARÉ

O processo de imersão no Conjunto de Favelas da Maré foi estruturado a partir da reconstrução dos movimentos em campo através de narrativas contidas no diário de campo, como um dispositivo da pesquisa cartográfica. Basicamente, a construção do texto foi ancorada na vivência e/ou na revisitação das experiências pessoais e coletivas. Por este motivo, o texto será apresentado em primeira pessoa (do singular e do plural) e a linguagem adotada possui um tom particularmente informal. A maior parte da pesquisa empírica foi relatada no diário de campo, de modo que ao final do processo foi possível compreender cronologicamente os movimentos realizados e parcialmente a realidade experienciada no bairro, as relações estabelecidas com as pessoas, os lugares, as coisas, as discordâncias, controvérsias e acordos, entre outros aspectos.

Para este artigo, foi selecionado um dos relatos realizados durante o processo de imersão, registrado no diário de campo, que ratifica o poder deste dispositivo como ferramenta de produção da própria pesquisa. Tal relato, que dentro do contexto da investigação é entendido como cena na construção narrativa da pesquisa, foi a descrição da primeira visita ao bairro. A partir da construção dialógica de tal cena foi possível compreender pouco a pouco o território e ao mesmo tempo ser

impregnado por ele. No entanto, tudo o que foi capturado foram os fragmentos de uma realidade que só foi possível ser traduzida a partir da interação com as pessoas, principalmente com os jovens moradores da Maré.

3.1 Visita ao Museu da Maré, Rio de Janeiro, 03/04/2019, 11:15

Tudo começou através da arte. Fico feliz que tenha sido assim, principalmente na atualidade quando presenciamos inúmeros ataques contra a cultura, contra a arte, contra a liberdade de expressão, de todas as formas, de diversos lados, nesse período de retrocessos. Em pleno século XXI, nos deparamos com discursos que desvalorizam as expressões artísticas em defesa de valores moralistas, familiares e religiosos, com cortes significativos de recursos para o financiamento da educação e de projetos culturais pelo país.

A jornada começou a partir da criação de estratégias para conseguir fazer a imersão nas Favelas da Maré. Houve então a oportunidade de conhecer o bairro através da arte. Devido aos anúncios de eventos culturais realizados pelas redes sociais virtuais, fui informado sobre uma atividade que aconteceria no Museu da Maré — um espaço cultural da região[1]. Esse momento pareceu ser bastante oportuno porque uma das coisas que mais ouvimos quando pretendemos entrar em territórios ditos violentos é "nunca vá desacompanhado" ou "saiba exatamente aonde vai, caso alguém te aborde". Então, visitar o museu tornou-se um motivo para entrar na Maré. Como essa seria a primeira visita, fui acompanhado por um colaborador da pesquisa.

O museu fica localizado na Av. Guilherme Maxwell, na base do Morro do Timbau. Caminhamos pelas imediações do museu, percebendo a intensa vitalidade nas ruas da favela, muitas pessoas caminhando, conversando e um comércio bastante vivo — bares, salões de beleza, barracas, além de muito movimento de automóveis que dividiam o espaço das ruas com os pedestres. O museu fica localizado ao lado de uma igreja evangélica, instalado em um galpão industrial — outrora uma fábrica de transportes marítimos. A sua localização, próxima das vias de grande circulação da cidade, é estratégica do ponto de vista do acesso, como forma de atrair o público externo, ainda muito resistente em conhecer a Maré, sua gente e sua cultura. Mesmo assim o local ainda sofre com o processo de segregação que se faz de fora para dentro.

O museu conta com um conjunto de espaços que se dividem entre área de exposição, uma biblioteca, acervo de documentos históricos e trabalhos acadêmicos sobre a Maré, salas polivalentes para aulas, reuniões e debates, galpões onde são apresentadas

1 O Museu da Maré, fundado no dia oito de maio de 2006, surgiu a partir do desejo dos moradores de terem o seu lugar de memória, um lugar de imersão no passado e de olhar para o futuro, na reflexão sobre as referências dessa comunidade, das suas condições e identidades, de sua diversidade cultural e territorial. <http://www.museudamare.org.br/>. Acesso em 21 fev. 2020.

as exposições, as peças de teatro, danças, atividades corpóreas e que envolvem um grupo maior de pessoas, além do pátio central descoberto, que também é utilizado para algumas atividades.

As ações do museu buscam resgatar a memória, preservação e divulgação da história das favelas da Maré, através de exposições de arte, pesquisa, seminários, oficinas, cursos, contação de histórias, atividades lúdicas e educativas, entre outras formas de resgate e propagação da cultura local. Os trabalhos desenvolvidos no âmbito do museu são direcionados principalmente para os moradores, para que eles possam compreender a sua história, a sua cultura e principalmente para que possam enfrentar determinadas visões deturpadas sobre sua posição social e resgatarem seus direitos cívicos.

Fomos bem recebidos pelos funcionários, que nos indagaram se já havíamos visitado o espaço anteriormente e de onde éramos, para avaliar a abrangência e alcance da instituição fora da Maré. Assim, fomos convidados a visitar as exposições, tanto a permanente quanto a temporária. As anfitriãs foram duas adolescentes estudantes do Ensino Médio, bolsistas de um programa de treinamento e capacitação técnica da FAPERJ[2] e uma funcionária do museu. Passamos primeiramente pela exposição permanente, que procura materializar a história da formação das favelas da Maré, com imagens da comunidade, objetos e vestimentas de antigos moradores, uma réplica de uma moradia na época das palafitas, itens religiosos, depoimentos dos moradores locais e lendas surgidas durante o processo de formação das favelas da região. A exposição temporária, na época, era um tributo à Marielle Franco, uma exposição de retratos e momentos familiares da ex-deputada, símbolo de resistência dos moradores da favela, com técnicas de pintura expostas em quadros.

A visita guiada pelas adolescentes foi muito interessante pois foi possível perceber a qualidade do trabalho desenvolvido nas dependências do museu e o envolvimento da comunidade nas atividades ali desempenhadas. Além de ajudar a desenvolver a comunicação, a oratória, e aprimorar as relações sociais, ajuda também a entender o poder da cultura como agente transformador da sociedade. Estar em contato com as atividades propostas pelo museu pode ativar nos jovens a vontade de desenvolver algumas aptidões artísticas, como pintura, a dança, as artes cênicas, as rodas de capoeira, poesias ou também desenvolver trabalhos de pesquisa e documentação no acervo do museu. Foi possível notar que os espaços da instituição são acolhedores e favoráveis aos encontros, o movimento interno é propício ao uso e a apropriação dos jovens.

Durante a visita procuramos também conversar com as duas estudantes sobre como lidavam com o trabalho no museu e como enxergavam a importância do espaço cultural para os moradores das favelas. Ambas ressaltaram o papel agregador da instituição por conseguir reunir nas suas dependências diversas pessoas, que procuravam um local de encontros mais democrático na Maré, seja para uma atividade

---

2 A Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ - é a agência de fomento à ciência, à tecnologia e à inovação do Estado do Rio de Janeiro.

específica ou para simplesmente conversar. Segundo o relato, o trabalho no museu era gratificante, "um meio de ocupar o tempo com coisas úteis e uma oportunidade de aprender coisas diferentes". Essa visão acerca da instituição reforça o caráter do museu enquanto espaço das possibilidades, dos encontros, das semelhanças e diferenças e de construção de identidades.

Após visitarmos as dependências do museu, fomos levados à sala do acervo para conhecer o arquivo com os trabalhos de pesquisa e documentos históricos, um espaço aberto à comunidade e aos visitantes, pesquisadores e demais interessados em atividades sobre a investigação da história das favelas. Ali mesmo foi possível conversar com uma das professoras de artes cênicas da instituição e fomos convidados para assistir a uma peça de teatro desenvolvida pelos integrantes do grupo Entre Lugares Maré[3], que aconteceria na semana seguinte. Segundo a professora, essa seria uma oportunidade valiosa para aprender mais profundamente sobre a história local, os costumes, as dificuldades presentes no cotidiano do morador de favela, a vulnerabilidade à violência e à marginalização da população mais pobre.

Logo que saímos da instituição, decidimos então caminhar um pouco pelas redondezas e conhecer o entorno. Seguimos em direção às ruas mais próximas para transitar entre as favelas. Procuramos caminhar pela redondeza com certa dose de prudência. Na caminhada cruzamos algumas favelas vizinhas. O trajeto foi tranquilo, sem grandes alterações na percepção dos limites das favelas. Após esse breve percurso, já a noite, decidimos encerrar a atividade de reconhecimento do território e então observamos que o movimento nas ruas havia aumentado progressivamente, provavelmente porque as pessoas estavam voltando do trabalho.

Enfim, a visita ao museu foi importante porque de certa forma abriu as portas do território para que pudéssemos fazer um movimento de imersão inicial. Além das conversas com as pessoas do local e o estreitamento de alguns contatos importantes, saímos de lá com o compromisso do retorno. Estou ansioso!

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DA PESQUISA

Maré é um bairro muito extenso e complexo para ser apreendido em um tempo determinado e por apenas um olhar. Essa pesquisa iniciou de maneira tradicional, ou a partir de concepções da ciência moderna, com intenção de representar os resultados da investigação através do isolamento entre o objeto e o pesquisador, com metodologia previamente controlada. Isso significa dizer que as premissas da pesquisa foram delineadas anteriormente ao processo de imersão no campo, como se este fosse um mero objeto para testar as questões previamente levantadas pelo

3 Companhia de teatro ligada ao Museu da Maré, que busca desenvolver aptidões artísticas de representação, interpretação, literatura, música, criação de roteiro de peças teatrais e direção de arte. O projeto busca valorizar a identidade cultural dos moradores da Maré e atende principalmente adolescentes entre 12 e 18 anos residentes na região.

pesquisador, ou para avaliar a eficácia dos métodos de pesquisa com abordagens específicas. Todavia, com o decorrer do processo, foi possível compreender que os métodos preestabelecidos não permitiriam abranger a complexidade daquela realidade.

Estas questões ficaram mais evidentes quando nos deparamos com qual porção territorial utilizaríamos para testar nossas hipóteses. Ora, é impossível analisar um território tão denso como a Maré, com múltiplas características, modos de vida distintos, relações sociais diversas, com problemas gerais e peculiares, a partir de uma visão descontextualizada como a nossa. Não somos moradores do bairro, não experienciamos o seu cotidiano, portanto não somos capazes de representar o território, bem como suas conexões internas e externas, com a propriedade que um morador, ou até mesmo uma pessoa que vive o dia a dia da região pode fazer. Precisamos nos revestir de muita cautela para fazer esse trabalho, por reconhecer que esse não é o nosso local de fala, portanto, aqui, somos espectadores de um novo campo de possibilidades de aprendizagens com a qual nunca tivemos contato anteriormente.

Não houve a definição de quais lugares poderiam nos oferecer as pistas fundamentais para responder nossos questionamentos porque a noção de território na Maré é complexa, envolve dimensões tanto físicas, quanto simbólicas e é também bastante controversa. No entanto, até chegar a essa conclusão, houve a imersão no bairro, que inicialmente aconteceu de forma gradual e parcial. Diante das inquietações inerentes de uma pesquisa empírica, a partir do método da cartografia, o diário de campo mostrou-se um dispositivo potente que fez emergir sobretudo dúvidas e questionamentos que impulsionaram a própria pesquisa. A partir da imersão em campo foi possível habitar um território que antes não habitávamos, e perceber que existia ali múltiplas realidades, e finalmente entender que não bastava observar e sim vivenciar essas novas realidades para, enfim, tentar compreendê-las, mesmo que de modo parcial.

Enfim, a importância do registro da pesquisa no diário de campo foi a possibilidade de observar e refletir sobre a própria pesquisa na sua processualidade. A partir da produção textual, seja no processo de escrita, ou na leitura final da investigação, foi possível traçar objetivos de pesquisa, resignificá-los, recalcular rotas, entender a mutabilidade inerente de um contexto em constante transformação. Outro aspecto interessante foi aprender a lidar com os imprevistos e as adversidades características das pesquisas empíricas, uma vez que nem sempre foi possível ter acesso a determinados lugares ou alcançar pessoas por questões que escapavam do nosso controle — nesses momentos o diário de campo funcionou como uma espécie de testemunhos das nossas inquietações enquanto pesquisadores, praticantes da cartografia. Outrora, nas nossas próprias anotações, encontramos as respostas para perguntas que emergiram antes, durante e após o período de imersão. O acompanhamento da processualidade nos fez perceber as associações e relações existentes entre os atores daquele coletivo tão complexo e diverso. Se o método da cartografia pretende dar foco ao processo da pesquisa como ação principal, sem dúvidas o diário de campo é um dos dispositivos mais eficazes para tal tarefa.

5. AGRADECIMENTOS

O autor agradece o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da bolsa de doutorado, fundamental para o resultado deste trabalho.

6. BIBLIOGRAFIA

Alvarez, J &; Passos, E (2015). Cartografar é habitar um território existencial. Em E. Passos; V. Kastrup & L. Escóssia (Eds.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 131-149). Porto Alegre: Sulina.

Barros, LP & Kastrup, V (2015). Cartografar é acompanhar processos. Em E. Passos; V. Kastrup & L. Escóssia (Eds.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 52-75). Porto Alegre: Sulina.

Barros, RB & Passos, E (2015). Diário de bordo de uma viagem-intervenção. Em E. Passos; V. Kastrup & L. Escóssia (Eds.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 172-200). Porto Alegre: Sulina.

Caiafa, J (2007). Aventura das cidades. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

Costa, RN (2019). Debaixo do mesmo teto: Prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura.

Deleuze, G & Guattari, F (1995). Mil Platôs. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.

Escóssia, L & Tedesco, S (2015). O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. Em E. Passos; V. Kastrup & L. Escóssia (Eds.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 92-108). Porto Alegre: Sulina.

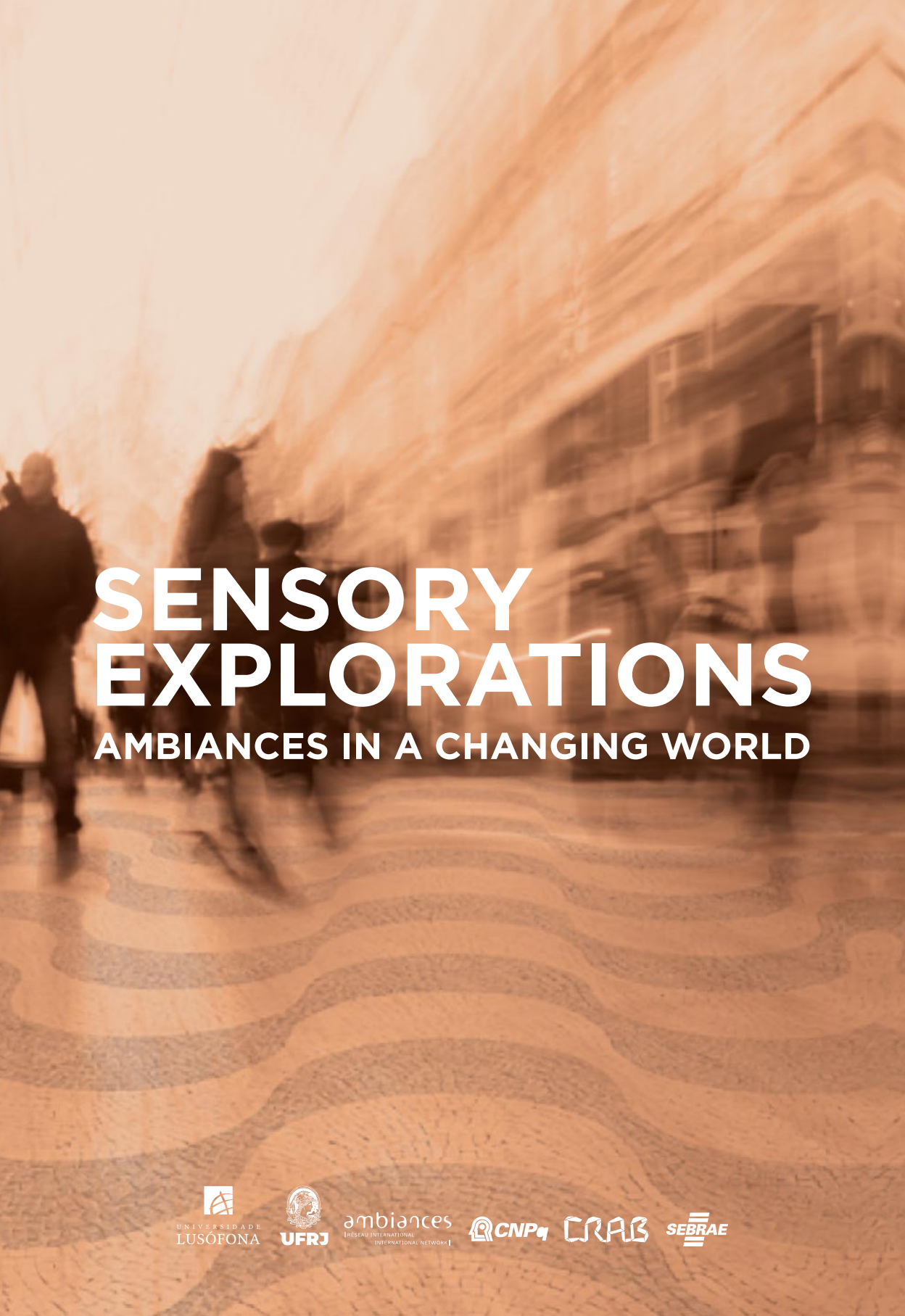
Foucault, M (1979). Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal.

Gadotti, M (2009). Educação integral no Brasil: inovações em processo. São Paulo, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire.

Kastrup, V (2015). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Em E. Passos; V. Kastrup & L. Escóssia (Eds.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 32-51). Porto Alegre: Sulina.

Passos, E & Eirado, A (2015). Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. Em E. Passos; V. Kastrup & L. Escóssia (Eds.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 109-130). Porto Alegre: Sulina.

Rudio, FV (1986). Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 1986. ISBN: 978-85-326-0027-1.



SENSORY EXPLORATIONS

AMBIANCES IN A CHANGING WORLD

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

UFRJ

ambiances
RÉSEAU INTERNATIONAL
INTERNATIONAL NETWORK

CNPq

CRAB

SEBRAE